BRANDON SANDERSON

MISTBORN

NASCIDOS DA BRUMA

LEYA
OMELETE


LeYa
BRANDON SANDERSON
MISTBORN
NASCIDOS DA BRUMA
LIVRO 1
O IMPÉRIO FINAL

Ficha Técnica

Copyright © 2006 by Dragonsteel Entertainment, LCC. All rights reserved.
Copyright © Brandon Sanderson. All rights reserved.
Copyright © 2008 by Dragonsteel Entertainment, LCC. All rights reserved.
Todos os direitos reservados.
Tradução para a língua portuguesa © 2013 Texto Editores Ltda.

Título original: *Mistborn – The final empire*
Diretor editorial: Pascoal Soto
Editora executiva: Tainã Bispo
Produção editorial: Pamela Oliveira, Renata Alves e Maitê Zickuhr Preparação: Carolina Costa Revisão: Mariana Pires
Diagramação: Deborah Takaishi
Capa: Rico Bacellar
Ilustração de capa: Marc Simonetti
Diretor de produção gráfica: Eduardo dos Santos Gerente de produção gráfica: Fábio Menezes Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua CRB-8/7057
Sanderson, Brandon
Mistborn – Nascidos da Bruma : o império final / Brandon Sanderson; tradução de Márcia Blasques. – São Paulo : LeYa, 2014.
608 p. (Mistborn, v. 1)

ISBN 9788580448634
Título original: Mistborn: the final empire
1. Ficção fantástica americana I. Título II. Blasques, Márcia III. Série

14-0079 CDD 813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção fantástica americana

2014

TEXTO EDITORES LTDA.
Uma editora do Grupo LeYa
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP
www.leya.com.br

Para Beth Sanderson,
que vem lendo fantasia há mais tempo do que eu tenho estado vivo,
e merece plenamente ter um neto tão doido quanto ela.

AGRADECIMENTOS

Mais uma vez, me vejo obrigado a agradecer ao meu maravilhoso agente, Joshua Bilmes, e ao igualmente incrível editor, Moshe Feder. Eles fizeram um trabalho fenomenal com este livro, e estou orgulhoso de ter a oportunidade de trabalhar com eles.

Como sempre, meus incansáveis grupos de escrita proporcionaram *feedbacks* e encorajamento constantes: Alan Layton, Janette Layton, Kaylynne ZoBell, Nate Hatfield, Bryce Cundick, Kimball Larsen e Emily Scorup. Agradeço também aos leitores críticos, que viram uma versão muito mais primitiva deste livro e me ajudaram a dar a forma que ele tem agora, incluindo Krista Olson, Benjamin R. Olson, Micah Demoux, Eric Ehlers, Izzy Whiting, Stacy Whitman, Kristina Kugler, Megan Kauffman, Sarah Bylund, C. Lee Player, Ethan Skarstedt, Jillena O'Brien, Ryan Jurado e o grande Peter Ahlstrom.

Há também algumas pessoas em particular às quais eu gostaria de agradecer. Isaac Stewart, que fez o mapa para este romance, um recurso inestimável tanto no departamento de ideias quanto com dicas visuais. Heather Kirby tinha excelentes conselhos a oferecer para ajudar com o misterioso funcionamento interno da mente de uma jovem mulher. A revisão feita por Chersti Stapely e Kayleena Richins foi muito satisfatória.

Além disso, gostaria de agradecer a algumas pessoas muito importantes que trabalharam nos bastidores dos livros que você compra. Irene Gallo, diretora de arte da Tor, fez um trabalho brilhante – é por causa dela que tanto este livro quanto *Elantris* têm capas maravilhosas. E David Moench, do departamento de publicidade da Tor, que foi muito além do dever para fazer de *Elantris* um sucesso. Aos dois, os meus agradecimentos.

Finalmente, como sempre, sou grato à minha família pelo seu constante apoio e entusiasmo.

Gostaria de agradecer, particularmente, ao meu irmão, Jordan, por seu entusiasmo, apoio e lealdade. Confira o trabalho dele em meu site: www.brandonsanderson.com


DOMÍNIO DE TERRIS
DOMÍNIO LONGÍNQUO
DOMÍNIO OCIDENTAL
DOMÍNIO SETENTRIONAL
DOMÍNIO CRESCENTE
DOMÍNIO CENTRAL
DOMÍNIO MERIDIONAL
ILHAS MERIDIONAIS
DOMÍNIO ORIENTAL
DOMÍNIO DISTANTE
9. LAGO TYRIAN
10. LAGO LUTHADEL
11. LAGO NEGRO
12. RIO SEARAN
13. SEARAN DO NORTE
14. SEARAN DO SUL
15. RIO CHANNEREL
O IMPÉRIO FINAL
1. LUTHADEL
MONTANHAS DE CINZAS
2. TYRIAN 3. ZERINAH
4. FALEAST 5. DORIEL
6. MORAG 7. KALLING 8. TORINOST
2005


LUTHADEL
PORTÃO DE AÇO
PORTÃO DE BRONZE
PORTÃO DE FERRO
PORTÃO DE ZINCO
PORTÃO DE LATÃO
PORTÃO DE COBRE
PORTÃO DE OURO
RIO CHASM
LABIRINTOS DE RUÍNAS
TUDRA ASTUN
DISTRITO DE HOTEIS
PORTÃO VELHO
DISTRITO COMERCIAL
AS FENDAS
DISTRITO INDUSTRIAL
RUA BLOQUEADA
CANAL INTERIOR
CANAL EXTERIOR
1. Praça da Fonte
2. Kabbic Shaw
3. Sede do Cantão da Ortodoxia
4. Sede do Cantão das Finanças
5. Guarnição de Luthadel
6. Fortaleza Ventura
7. Fortaleza Hasting
8. Fortaleza Ebral
9. Fortaleza Eruelle
10. Loja de Tecido
11. Escondedouro de Camon
12. Rua da Muralha Antiga
13. Rua Kenton
14. Praça Arlisbrom
15. Trickleshaw Quintz
16. Rua do Canal
17. Mercado Skaa
18. Sede do Cantão dos Recursos
19. Sede do Cantão da Inquisição

Às vezes me preocupo em não ser o herói que todos acham que sou.

Os filósofos me asseguram que este é o momento, que os sinais foram cumpridos. Mas ainda me pergunto se não pegaram o homem errado. Tantas pessoas dependem de mim. Dizem que tenho o futuro do mundo inteiro nas mãos.

O que pensariam se soubessem que o seu campeão – o Herói das Eras, seu salvador – duvidou de si mesmo? Talvez não ficassem nem um pouco surpresos. De certo modo, é isso o que mais me preocupa. Talvez, em seus corações, eles duvidem – assim como eu.

Quando me olham, veem um mentiroso?

PRÓLOGO

Caíam cinzas do céu.

Lorde Tresting franziu o cenho, contemplando o céu avermelhado do meio-dia, enquanto os criados se adiantavam, abrindo o guarda-sol sobre ele e seu distinto convidado. As chuvas de cinzas não eram incomuns no Império Final, mas Tresting esperava evitar manchas de fuligem em seu elegante casaco novo e em sua túnica vermelha, recém-chegados de barco pelo canal, vindos da própria Luthadel. Felizmente, não havia muito vento; o guarda-sol seria eficaz.

Tresting estava parado ao lado de seu convidado em um pequeno pátio na colina, com vista para os campos. Centenas de pessoas em batas marrons trabalhavam sob a cinza que caía, cuidando das plantações. Havia lentidão em seus esforços – mas, é claro, esse era o jeito dos skaa. Os camponeses eram um grupo indolente e improdutivo. Eles não reclamavam, é claro; sabiam qual era seu lugar. Em vez disso, simplesmente trabalhavam de cabeça baixa, cumprindo suas obrigações com apatia silenciosa. Um chicotear breve de um capataz os obrigava a acelerar por alguns momentos, mas assim que o capataz se afastava, voltavam ao seu langor.

Tresting voltou-se para o homem ao seu lado na colina.

– Quem imaginaria que mil anos trabalhando nos campos os teriam deixado um pouco mais eficientes que isto – comentou.

O obrigador se virou, erguendo uma sobrancelha – um movimento feito para realçar seu traço mais característico, as tatuagens intrincadas que marcavam a pele que rodeava seus olhos. As tatuagens eram enormes, perpassando sua sobrancelha até alcançar as laterais de seu nariz. Um perfeito prelado – um obrigador muito importante, na verdade. Tresting tinha seus obrigadores pessoais na mansão, mas estes eram servidores menores, com poucas marcas ao redor dos olhos. Este homem havia chegado de Luthadel no mesmo barco que trouxera os novos trajes de Tresting.

– Você devia ver os skaa da cidade, Tresting – o obrigador disse, voltando-se para observar os trabalhadores. – Os daqui são, na verdade, bem aplicados comparados aos de Luthadel. Vocês têm mais... controle direto aqui sobre seus skaa. Quantos você diria que perde por mês?

– Ah, meia dúzia, mais ou menos – Tresting respondeu. – Alguns por espancamento, outros de exaustão.

– E fugitivos?

– Nunca! – Tresting garantiu. – Quando herdei esta terra do meu pai, havia alguns fugitivos... mas executei suas famílias. Os restantes perderam o ímpeto rapidamente. Nunca entendi os homens que têm problemas com seus skaa; acho essas criaturas fáceis de controlar, desde que se tenha a mão adequadamente firme.

O obrigador assentiu, parado silenciosamente em sua túnica cinza. Parecia satisfeito – o que era uma coisa boa. Os skaa não eram propriedade de Tresting, na verdade. Como todos os skaa, eles pertenciam ao Senhor Soberano; Tresting apenas arrendava os trabalhadores de seu Deus, assim como pagava pelos serviços de Seus obrigadores.

O obrigador olhou para baixo, checando o relógio de bolso, e então ergueu o olhar para o céu. Apesar da chuva de cinzas, o sol estava brilhante, reluzindo um cintilante vermelho carmesim por trás da escuridão esfumaçada das alturas. Tresting pegou um lenço e secou a testa, grato pela sombra do guarda-sol que o protegia do calor do meio-dia.

– Muito bem, Tresting – disse o obrigador . – Transmitirei sua proposta ao Lorde Venture, como solicitado. Ele receberá um relato favorável de minha parte sobre suas operações aqui.

Tresting conteve um suspiro de alívio. Era dever do obrigador testemunhar qualquer contrato ou acordo comercial entre nobres. Na verdade, até mesmo

um obrigador menor, como os que Tresting empregava, podia servir como testemunha – mas era muito mais significativo impressionar o obrigador do próprio Straff Venture.

O obrigador se voltou para ele.

– Partirei pelo canal esta tarde.

– Tão cedo? – Tresting perguntou. – Não gostaria de ficar para jantar?

– Não – o obrigador respondeu. – Embora eu tenha outro assunto que desejo discutir com você. Não vim apenas por ordem do Lorde Venture, mas para... investigar alguns assuntos para o Cantão da Inquisição. Há rumores de que você gosta de se divertir com suas mulheres skaa.

Tresting sentiu um calafrio.

O obrigador sorriu; provavelmente pretendia parecer tranquilizador, mas Tresting só conseguiu achá-lo misterioso.

– Não se preocupe, Tresting – o obrigador disse. – Se houvesse uma preocupação *verdadeira* quanto a suas ações, um Inquisidor de Aço teria sido enviado no meu lugar.

Tresting assentiu lentamente. Inquisidor. Ele nunca tinha visto uma dessas criaturas não humanas, mas tinha ouvido... histórias.

– Estou satisfeito com relação às suas ações com as mulheres skaa – o obrigador prosseguiu, observando os campos. – O que vi e ouvi aqui indica que você sempre limpa sua sujeira. Um homem como você – eficiente, produtivo – chegaria longe em Luthadel. Mais alguns anos de trabalho, alguns acordos comerciais inspirados, e quem sabe?

O obrigador se virou, e Tresting se pegou sorrindo. Não era uma promessa, nem mesmo um endosso – os obrigadores eram, em sua grande maioria, mais burocratas e testemunhas do que sacerdotes –, mas ouvir tal elogio de um dos servos do próprio Senhor Soberano... Ele sabia que alguns nobres consideravam os obrigadores perturbadores – alguns até os consideravam um incômodo – mas, neste momento, Tresting teria beijado seu distinto convidado.

Tresting se voltou para os skaa, que trabalhavam silenciosamente sob o sol sangrento e os lentos flocos de cinzas. Tresting sempre fora um nobre do campo, vivendo de sua plantação, sonhando em talvez se mudar para Luthadel. Ouvira falar dos bailes e das festas, do glamour e da intriga, e isso o entusiasmava.

Tenho que comemorar esta noite, pensou. Havia aquela garota na décima quarta choupana que vinha observando há algum tempo...

Sorriu novamente. Mais alguns anos de trabalho, dissera o obrigador. Mas

será que Tresting poderia apressar isso, se trabalhasse um pouco mais duro? Sua população skaa vinha crescendo ultimamente. Se os pressionasse um pouco mais, talvez pudesse produzir uma colheita extra neste verão e cumprir seu contrato com Lorde Venture com folga.

Tresting assentiu enquanto observava a multidão de preguiçosos skaa, alguns trabalhando com suas enxadas, outros de joelhos, separando a cinza da colheita. Não tinham queixa. Não tinham esperança. Mal ousavam pensar. Era assim que devia ser, pois eram skaa. Eram...

Tresting congelou quando um dos skaa levantou a cabeça. O homem encontrou seus olhos, havia uma faísca – não, uma chama – de desafio em sua expressão. Tresting nunca vira algo assim, não no rosto de um skaa. Deu um passo para trás instintivamente, um calafrio percorreu sua espinha enquanto o estranho e altivo skaa sustentava seu olhar.

E sorria.

Tresting afastou o olhar.

– Kurdon! – exclamou.

O corpulento capataz subiu correndo a encosta.

– Sim, meu senhor?

Tresting se virou, apontando para...

Franziu o cenho. Onde aquele skaa estava? Trabalhando de cabeças baixas, com seus corpos manchados de fuligem e suor, era difícil distingui-los. Tresting se deteve, procurando. Achou que sabia qual era o lugar... um ponto vazio, onde agora não havia ninguém.

Mas, não. Não podia ser. O homem não podia ter desaparecido no grupo tão rapidamente. Onde teria ido? Devia estar lá, em algum lugar, trabalhando com a cabeça agora devidamente baixa. Mesmo assim, aquele momento de aparente provocação era imperdoável.

– Meu senhor? – Kurdon perguntou novamente.

O obrigador estava parado ao seu lado, observando-o curiosamente. Não era aconselhável deixar o homem saber que um dos skaa agira de modo tão ousado.

– Faça os skaa da ala sul trabalharem um pouco mais duro – Tresting ordenou, apontando. – Vejo que estão morosos, mesmo para skaa. Bata em alguns deles.

Kurdon deu de ombros, mas assentiu. Não havia exatamente uma razão para o açoite – mas ele não precisava de uma para dar chicotadas nos trabalhadores.

Eles eram, afinal de contas, apenas skaa.

Kelsier havia escutado histórias.

Ouvira sussurros de épocas, há muito tempo, em que o sol não era vermelho. Épocas em que o céu não era tomado por fumaça e cinzas, quando as plantas não lutavam para crescer, e quando os skaa não eram escravos. Um tempo anterior ao Senhor Soberano. Esses dias, no entanto, estavam quase esquecidos. Até as lendas ficavam cada vez mais vagas.

Kelsier observou o sol, seus olhos seguiam o gigante disco vermelho que se arrastava na direção do horizonte ocidental. Ficou em pé, em silêncio, por muito tempo, sozinho nos campos vazios. O trabalho do dia terminara; os skaa haviam sido conduzidos de volta para suas choupanas. Logo chegariam as brumas.

Finalmente, Kelsier suspirou e se virou para seguir seu caminho através dos sulcos e trilhas tecidas em meio aos grandes montes de cinzas. Ele evitava pisar nas plantas – embora não soubesse ao certo por que se dava a esse trabalho. As lavouras mal pareciam valer o esforço. Descoradas, com folhas marrons ressecadas, as plantas pareciam tão deprimidas quanto o povo que cuidava delas.

As choupanas dos skaa surgiram sob a luz escassa. Kelsier podia ver as brumas que começavam a se formar, nublando o ar e dando às construções montanhosas uma aparência surreal e intangível. As choupanas permaneciam desprotegidas; guardas não eram necessários, pois nenhum skaa se aventurava a sair depois que a noite chegava. O medo que tinham das brumas era muito grande.

Terei de curá-los disso algum dia, Kelsier pensou enquanto se aproximava de uma das construções maiores. Abriu a porta e se esgueirou para dentro.

A conversa parou imediatamente. Kelsier fechou a porta e se voltou com um sorriso para confrontar uma sala com cerca de trinta skaa. Uma fogueira queimava debilmente ao centro, e o grande caldeirão ao lado estava cheio de água salpicada de vegetais – os primórdios de uma refeição noturna. A sopa estaria insípida, é claro. Ainda assim, o cheiro era sedutor.

– Boa noite para todos – Kelsier disse, sorrindo, colocando a mochila no chão, aos seus pés, e se apoiando na porta. – Como foi o dia de vocês?

Suas palavras quebraram o silêncio, e as mulheres retomaram os preparativos para o jantar. Um grupo de homens sentado em uma mesa rústica, no entanto, continuou observando Kelsier com expressão descontente.

– Nosso dia foi cheio de trabalho, viajante – disse Tepper, um dos membros

do conselho skaa. – Algo que você conseguiu evitar.

– O trabalho no campo nunca me agradou, realmente – Kelsier disse. – É duro demais para a minha pele delicada. – Ele sorriu, erguendo as mãos e os braços cheios de camadas e mais camadas de finas cicatrizes. Elas cobriam sua pele, correndo longitudinalmente, como se alguma besta tivesse raspado as garras repetidamente pelos seus braços.

Tepper bufou. Era jovem para ser membro do conselho, provavelmente mal chegara aos quarenta anos – no máximo era cinco anos mais velho do que Kelsier. No entanto, o homem esquelético sustentava um ar de quem gostava de estar no comando.

– Isso não é hora para leviandades – Tepper disse com severidade. – Quando acolhemos um viajante, esperamos que ele se comporte e evite suspeitas. Quando você se afastou dos campos nesta manhã, podia ter valido uma surra para os homens ao seu redor.

– É verdade – Kelsier disse. – Mas esses homens também poderiam ter sido surrados por estar no lugar errado, por parar tempo demais, ou por tossir enquanto um capataz está passando. Uma vez vi um homem ser espancado porque seu amo afirmou que ele havia "piscado de maneira imprópria".

Tepper estreitou os olhos e enrijeceu a postura, o braço apoiado na mesa. Sua expressão era inflexível.

Kelsier suspirou, revirando os olhos.

– Tudo bem. Se quiser que eu vá embora, eu vou.

Colocou a mochila no ombro e abriu a porta, despreocupado.

Uma densa bruma imediatamente começou a entrar pela porta, passando preguiçosamente pelo corpo de Kelsier, se acumulando e se arrastando pelo chão como um animal hesitante. Várias pessoas arquejaram horrorizadas, ainda que a maioria estivesse aturdida demais para emitir qualquer som. Kelsier ficou parado por um momento, contemplando as brumas densas, com suas correntes inconstantes iluminadas fracamente pelas brasas da fogueira.

– Feche a porta. – As palavras de Tepper eram uma súplica, não uma ordem.

Kelsier fez como lhe pediram, fechando a porta e interrompendo o fluxo de bruma branca.

– A bruma não é o que vocês pensam. Vocês a temem demais.

– Homens que se aventuram pela bruma perdem suas almas – uma mulher sussurrou. Suas palavras levantavam uma questão. Teria Kelsier caminhado pelas brumas? O que, então, teria acontecido com sua alma?

Se vocês soubessem, Kelsier pensou.

– Bem, acho que isso significa que eu vou ficar. – Ele fez sinal para que um menino lhe trouxesse um banco. – É bom, também... teria sido uma pena partir antes de partilhar minhas novidades.

Mais de uma pessoa se animou com o comentário. Essa era a verdadeira razão pela qual o toleravam – a razão pela qual os tímidos camponeses acolheram um homem como Kelsier, um skaa que desafiava a vontade do Senhor Soberano viajando de plantação em plantação. Ele podia ser um renegado – um perigo para toda a comunidade –, mas trazia notícias do mundo lá fora.

– Venho do norte – Kelsier disse. – De terras onde o toque do Senhor Soberano é menos notado. – Falou com voz clara, e as pessoas se inclinaram inconscientemente em sua direção enquanto trabalharam. No dia seguinte, as palavras de Kelsier seriam repetidas para as várias centenas de pessoas que viviam nas outras choupanas. Os skaa podiam ser subservientes, mas eram fofoqueiros incuráveis.

– Senhores locais governam no Oeste – Kelsier disse –, e estão longe dos punhos de ferro do Senhor Soberano e seus obrigadores. Alguns desses nobres distantes estão descobrindo que skaa felizes são melhores trabalhadores do que skaa maltratados. Um homem, Lorde Renoux, chegou mesmo a ordenar que seus capatazes parassem com os espancamentos não autorizados. Sussurra-se por aí que ele está pensando em pagar salário para os skaa de sua plantação, como os que os artesãos da cidade podem ganhar.

– Bobagem – Tepper comentou.

– Minhas desculpas – Kelsier disse. – Não sabia que o bom Tepper tinha estado na propriedade de Lorde Renoux recentemente. Quando você jantou com ele pela última vez, ele lhe contou algo que não me disse?

Tepper corou: os skaa não viajavam, e certamente não jantavam com lordes.

– Você me toma por um tolo, viajante – Tepper falou –, mas sei o que está fazendo. Você é aquele a que chamam de Sobrevivente; essas cicatrizes em seus braços o denunciam. É um encrenqueiro, viaja pelas plantações semeando o descontentamento. Come nossa comida, nos conta suas grandes histórias e mentiras, e então desaparece, deixando que pessoas como eu lidem com as falsas esperanças que você dá aos nossos filhos.

Kelsier ergueu uma sobrancelha.

– Vamos lá, bom Tepper – disse. – Suas preocupações são completamente infundadas. Veja, não tenho intenção de comer sua comida. Trouxe a minha. – Com isso, Kelsier jogou a mochila no chão, diante da mesa de Tepper. A bolsa

de tecido mole caiu de lado, despejando uma variedade de alimentos no solo. Pães finos, frutas e até mesmo alguns embutidos grossos ficaram à vista.

Uma fruta vermelha rolou pelo chão de terra batida e se chocou suavemente contra o pé de Tepper. O skaa de meia-idade a observou aturdido.

– Isso é comida de nobre!

Kelsier deu de ombros.

– Mais ou menos. Sabe, para um homem de renomado prestígio e reputação, seu Lorde Tresting tem um incrível mau gosto. Sua despensa é uma vergonha para um nobre em sua posição.

Tepper empalideceu ainda mais.

– É onde você esteve esta tarde – sussurrou. – Você foi até a mansão. Você... *roubou do amo*!

– De fato – Kelsier confirmou. – E devo acrescentar que embora o gosto de seu senhor para comida seja deplorável, seu olho para soldados é muito mais impressionante. Entrar furtivamente na mansão durante o dia foi um belo desafio.

Tepper ainda encarava a bolsa de comida.

– Se os capatazes encontrarem isso aqui...

– Bem, sugiro que façam isso desaparecer, então – Kelsier disse. – Eu apostaria que tem um gosto um pouco melhor do que essa sopa aguada.

Duas dezenas de pares de olhos famintos estudavam a comida. Se Tepper pretendia prosseguir com a discussão, não foi rápido o suficiente, pois seu silêncio foi interpretado como consentimento. Em poucos minutos, o conteúdo da mochila tinha sido inspecionado e distribuído, e a panela de sopa seguiu borbulhando, ignorada, enquanto os skaa se banqueteavam com uma refeição muito mais exótica.

Kelsier se acomodou, recostando-se na parede de madeira da choupana e observando as pessoas devorarem a comida. Ele tinha dito a verdade: o conteúdo da despensa era deprimentemente mundano. No entanto, esse era um povo que se alimentava com nada mais do que sopa e mingau desde a infância. Para eles, pães e frutas eram iguarias raras – comidas apenas quando ficavam velhas, e eram trazidas pelos criados da mansão.

– Sua história foi interrompida, jovem – um skaa mais velho observou, cambaleando para se sentar em um banco ao lado de Kelsier.

– Ah, suspeito que haverá tempo para contar mais tarde – Kelsier disse. – Depois que todas as evidências do meu furto tenham sido propriamente devoradas. Não quer nada?

– Não, obrigado – o velho disse. – Da última vez que experimentei comida de senhores, tive dores no estômago por três dias. Novos sabores são como novas ideias, jovem; quanto mais velho você fica, mais indigestos são para seu estômago.

Kelsier fez uma pausa. O velho não tinha um aspecto imponente. Sua pele curtida e a cabeça careca faziam-no parecer mais frágil do que sábio. Mesmo assim, ele tinha que ser mais forte do que parecia; poucos skaa rurais chegavam a essa idade. Muitos senhores não permitiam que os idosos ficassem em casa durante a jornada de trabalho, e os açoites frequentes, que faziam parte da vida de um skaa, cobravam um preço terrível dos anciãos.

– Qual é mesmo seu nome? – Kelsier perguntou.

– Mennis.

Kelsier se voltou para Tepper.

– Então, bom Mennis, me diga uma coisa. Por que deixa que ele lidere?

Mennis deu de ombros.

– Quando se chega à minha idade, é preciso ter muito cuidado com onde se gasta sua energia. Algumas batalhas simplesmente não valem a pena. – Havia uma insinuação nos olhos de Mennis; ele estava se referindo a algo maior do que sua própria disputa com Tepper.

– Está satisfeito com isso, então? – Kelsier perguntou, apontando com a cabeça na direção da choupana e de seus ocupantes meio famintos e sobrecarregados de trabalho. – Está satisfeito com esta vida cheia de açoites e trabalho sem fim?

– Ao menos é uma vida – Mennis disse. – Sei o que o descontentamento, o trabalho mau pago e as rebeliões trazem. A atenção do Senhor Soberano e a ira do Ministério de Aço podem ser bem mais terríveis do que algumas chibatadas. Homens como você pregam a mudança, mas me pergunto: essa é uma batalha que realmente podemos lutar?

– Você já está lutando, meu bom Mennis. E está perdendo terrivelmente. – Kelsier deu de ombros. – Mas o que eu sei? Sou só um viajante miserável, que veio comer sua comida e impressionar seus jovens.

Mennis balançou a cabeça.

– Você zomba, mas Tepper pode estar certo. Temo que sua visita nos traga sofrimento.

Kelsier sorriu.

– Por isso não o contradisse... ao menos não quanto a ser encrenqueiro. – Fez uma pausa, então abriu mais o sorriso. – De fato, diria que me chamar de

encrenqueiro é provavelmente a única coisa certa que Tepper disse desde que eu cheguei aqui.

– Como faz isso? – Mennis perguntou, franzindo o cenho.

– O quê?

– Sorrir tanto.

– Ah, sou só uma pessoa feliz.

Mennis olhou para as mãos de Kelsier.

– Sabe, só vi cicatrizes como essas em uma única pessoa... e ela estava morta. Seu corpo foi entregue ao Lorde Tresting como prova de que sua punição havia sido cumprida. – Mennis olhou para Kelsier. – Ele foi pego falando de rebelião. Tresting o enviou para as Minas de Hathsin, onde trabalhou até morrer. O rapaz durou menos de um mês.

Kelsier olhou para suas mãos e antebraços. Ainda ardiam às vezes, embora ele soubesse que a dor estava apenas em sua mente. Olhou para Mennis e sorriu.

– Você pergunta por que sorrio, bom Mennis? Bem, o Senhor Soberano acha que reivindicou o riso e a alegria apenas para si. Estou pouco disposto a deixar que seja assim. Essa é uma batalha que não requer muito esforço.

Mennis encarou Kelsier e, por um momento, este pensou que o velho sorriria de volta. Mas, depois de um tempo, Mennis apenas sacudiu a cabeça.

– Não sei. Só não...

Um grito o interrompeu. Veio de fora, talvez do norte, embora as brumas distorcessem o som. As pessoas na choupana ficaram em silêncio, ouvindo os fracos gritos agudos. Apesar da distância e da bruma, Kelsier podia ouvir a dor contida naquele som.

Kelsier queimou estanho.

Era simples para ele, agora, depois de anos de prática. O estanho estava com outros metais alomânticos engolidos anteriormente dentro de seu estômago, esperando que ele os invocasse. Buscou dentro de si com sua mente e tocou o estanho, recorrendo a poderes que mal compreendia. O estanho se acendeu dentro dele, queimando seu estômago como uma bebida quente engolida com muita rapidez.

O poder alomântico percorreu seu corpo, melhorando seus sentidos. A sala ao seu redor se tornou viva, a fogueira embotada adquiriu um brilho ofuscante. Ele podia sentir a textura da madeira do banco embaixo de si. Podia sentir o sabor dos restos de pão que comera mais cedo. E, mais importante, podia escutar os gritos com audição sobrenatural. Havia duas pessoas gritando. Uma

era uma mulher mais velha, a outra, uma mulher mais jovem – talvez uma criança. Os gritos da mais jovem estavam ficando cada vez mais distantes.

– Pobre Jess – disse uma mulher que estava perto dele, a voz ressoando na audição ampliada de Kelsier. – Aquela criança é uma maldição. É melhor que um skaa não tenha filhas bonitas.

Tepper assentiu.

– Lorde Tresting mandaria buscar a garota cedo ou tarde. Todos sabíamos disso. Jess sabia disso.

– Ainda assim, é uma pena – outra mulher disse.

Os gritos continuaram ao longe. Queimando estanho, Kelsier conseguiu calcular a distância com precisão. A voz dela se movia na direção da mansão do lorde. Os sons liberaram algo dentro dele, e ele sentiu seu rosto queimar de raiva.

Kelsier se virou.

– Alguma vez Lorde Tresting devolve as garotas depois que termina com elas?

O velho Mennis negou com a cabeça.

– Lorde Tresting é um nobre cumpridor das leis... ele manda matá-las depois de algumas semanas. Não quer chamar a atenção dos Inquisidores.

Essa era a ordem do Senhor Soberano. Ele não podia permitir crianças mestiças correndo por aí – crianças que pudessem ter poderes que os skaa não deveriam sequer imaginar que existiam...

Os gritos se esvaneceram, mas a fúria de Kelsier aumentou. Os berros o fizeram lembrar de outros gritos. Os gritos de uma mulher do passado. Ele se levantou abruptamente, e o banco caiu no chão atrás dele.

– Cuidado, rapaz – Mennis disse, apreensivo. – Lembre-se do que eu disse sobre desperdiçar energia. Você nunca conseguirá organizar essa sua rebelião se for morto esta noite.

Kelsier olhou para o velho. Então, em meio aos gritos e à dor, se forçou a sorrir.

– Não estou aqui para liderar uma rebelião entre vocês, meu bom Mennis. Só quero causar alguns problemas.

– E que bem isso faria?

O sorriso de Kelsier aumentou.

– Novos tempos estão chegando. Sobreviva um pouco mais e poderá ver grandes acontecimentos no Império Final. Agradeço a todos pela hospitalidade.

Com isso, abriu a porta e caminhou a passos largos em meio à bruma.

Mennis permaneceu acordado nas primeiras horas da manhã. Parecia que quanto mais velho ficava, mais difícil era dormir. O que era particularmente o caso quando estava preocupado com alguma coisa, como o fracasso do viajante em retornar à choupana.

Mennis esperava que Kelsier tivesse recuperado o juízo e decidido seguir seu caminho. Mas essa expectativa parecia improvável; Mennis tinha notado o fogo nos olhos de Kelsier. Era uma pena que um sobrevivente das Minas encontrasse a morte aqui, em uma plantação qualquer, tentando proteger uma garota que todo o resto já havia dado como morta.

Como Lorde Tresting reagiria? Dizia-se que ele era particularmente severo com quem interrompesse suas diversões noturnas. Se Kelsier tivesse conseguido perturbar os prazeres do amo, Tresting poderia facilmente resolver punir o restante dos skaa por associação.

Depois de um tempo, os outros skaa começaram a acordar. Mennis permaneceu deitado no chão duro – os ossos doíam, as costas reclamavam, os músculos se exauriam –, tentando decidir se valia a pena se levantar. Ele quase desistia todo dia. Todo dia era um pouco mais difícil. Um dia simplesmente ficaria na choupana, esperando que os capatazes viessem matar aqueles que estavam muito doentes ou muito velhos para trabalhar.

Mas, hoje não. Ele podia ver o medo nos olhos dos skaa – eles sabiam que as atividades noturnas de Kelsier trariam problemas. Precisavam de Mennis; olhavam para ele. Ele tinha que se levantar.

E, então, ele se levantou. Assim que começou a se mover, as dores da idade diminuíram levemente, e ele pôde sair da choupana e caminhar na direção dos campos, apoiando-se em um homem mais jovem.

Foi quando notou um cheiro no ar.

– O que é isso? – ele perguntou. – Você está sentindo cheiro de fumaça?

Shum – o rapaz em quem Mennis se apoiava – parou. Os vestígios da bruma noturna tinham se desvanecido, e o sol vermelho se erguia atrás da habitual cortina de nuvens escuras.

– Sempre sinto cheiro de fumaça ultimamente – Shum respondeu. – As Montanhas de Cinzas estão violentas este ano.

– Não – Mennis disse, ficando cada vez mais apreensivo. – Isso é diferente. – Ele se voltou para o norte, onde um grupo de skaa se reunia. Deixou Shum para se aproximar da aglomeração, seus pés levantavam o pó e as cinzas enquanto se movia.

No meio das pessoas, encontrou Jess. Sua filha, aquela que todos acreditavam ter sido levada por Lorde Tresting, estava ao seu lado. Os olhos da jovem estavam vermelhos pela falta de sono, mas parecia ilesa.

– Ela voltou pouco depois que a levaram – a mulher explicava. – Ela voltou e bateu na porta, chorando na bruma. Flen tinha certeza de que era apenas um espectro da bruma que a personificava, mas eu tinha que deixá-la entrar! Não me importa o que ele diz, não vou abandoná-la. Eu a expus à luz do sol e ela não desapareceu. Isso prova que ela não é um espectro da bruma!

Mennis se afastou da multidão crescente, cambaleando. Ninguém percebia? Nenhum capataz veio separar o grupo. Nenhum soldado veio fazer a contagem matutina. Algo estava muito errado. Mennis continuou indo para o norte, caminhando desesperadamente em direção à mansão.

Quando chegou, outros já haviam notado a coluna de fumaça retorcida pouco visível à luz da manhã. Mennis não tinha sido o primeiro a chegar na beira do pequeno platô da colina, mas o grupo abriu caminho quando ele se aproximou.

A mansão havia desaparecido. Só restava uma mancha enegrecida, que ardia já sem chamas.

– Pelo Senhor Soberano! – Mennis sussurrou. – O que aconteceu aqui?

– Ele matou todos eles.

Mennis se virou. Quem falava era a filha de Jess. Seu olhar fixo na casa destruída, sua expressão era de satisfação.

– Estavam mortos quando ele me tirou de lá – ela disse. – Todos eles... os soldados, os capatazes, os lordes... mortos. Até mesmo Lorde Tresting e seus obrigadores. O amo me deixou sozinha e foi investigar quando os barulhos começaram. Quando saí, eu o vi deitado em seu próprio sangue, com feridas de punhal no peito. O homem que me salvou atirou uma tocha na construção quando saímos.

– Este homem – Mennis perguntou – tinha cicatrizes nas mãos e nos braços que subiam até os cotovelos?

A garota assentiu em silêncio.

– Que tipo de demônio era este homem? – um dos skaa murmurou, incomodado.

– Um espectro da bruma – outro sussurrou, aparentemente esquecendo que Kelsier tinha saído à luz do dia.

Mas ele entrou na bruma, Mennis pensou. *E como conseguiu uma façanha dessas? Lorde Tresting tinha mais de duas dúzia de soldados! Será que Kelsier tinha um bando de rebeldes escondido?*

As palavras de Kelsier na noite anterior ressoaram em seus ouvidos. *Novos tempos estão chegando...*

– Mas, e quanto a nós? – Tepper perguntou, aterrorizado. – O que vai acontecer quando o Senhor Soberano souber disso? Ele vai pensar que fomos nós! Vai nos mandar para as Minas, ou talvez enviar seus koloss para nos matar imediatamente! Por que aquele encrenqueiro faria algo assim? Será que ele não entende o dano que causou?

– Ele entende – Mennis disse. – Ele nos avisou, Tepper. Ele veio causar problemas.

– Mas, por quê?

– Porque ele sabia que jamais nos rebelaríamos por conta própria, então não nos deu escolha.

Tepper empalideceu.

Senhor Soberano, Mennis pensou. *Não posso fazer isso. Mal consigo me levantar de manhã – não posso salvar essas pessoas.*

Mas que outra escolha havia?

Mennis se virou.

– Reúna o povo, Tepper. Temos que fugir antes que a notícia deste desastre chegue aos ouvidos do Senhor Soberano.

– Para onde iremos?

– Para as cavernas ao leste – Mennis respondeu. – Os viajantes dizem que há skaa rebeldes se escondendo lá. Talvez nos aceitem.

Tepper empalideceu ainda mais.

– Mas... vamos ter que viajar por dias. Passar as noites *na bruma*.

– Podemos fazer isso – Mennis ponderou – ou ficar aqui e morrer.

Tepper ficou paralisado por um momento, e Mennis pensou que a comoção de tudo aquilo tinha sido demais para ele. Depois de um tempo, no entanto, o homem mais jovem saiu correndo para reunir os demais, como lhe fora ordenado.

Mennis suspirou, olhando para a coluna de fumaça e amaldiçoando Kelsier silenciosamente em sua mente.

Novos tempos, realmente.

PRIMEIRA PARTE

O SOBREVIVENTE DE HATHSIN

Eu me considero um homem de princípios. Mas, que homem não se considera assim? Até o assassino, eu notei, acha suas ações "morais" de certo modo.

Outra pessoa, ao ler minha história, talvez me considere um tirano religioso. Poderia me chamar de arrogante. O que faz com que a opinião desse homem seja menos válida do que a minha?

Acho que tudo se resume a um fato: no final, eu sou aquele que tem os exércitos.



Caíam cinzas do céu.

Vin observou os flocos aveludados flutuarem no ar. Vagarosamente. Sem cuidado. Livres. As nuvens de fuligem caíam como flocos de neve negra, descendo sobre a escura cidade de Luthadel. À deriva, nas esquinas, sendo sopradas e enroladas pela brisa, formando pequenos redemoinhos sobre os paralelepípedos. Pareciam tão indiferentes. Como seria ser assim?

Vin sentou-se silenciosamente em um dos mirantes da horda – uma alcova oculta, construída entre os tijolos de um dos lados da guarita. De dentro dela, um membro da horda podia observar a rua buscando sinais de perigo. Vin não estava em serviço; o mirante era simplesmente um dos poucos lugares onde conseguia ficar sozinha.

E Vin gostava da solidão. *Quando se está sozinho, ninguém pode te trair*. Palavras de Reen. Seu irmão lhe ensinara tantas coisas, e reforçara seus ensinamentos fazendo o que sempre prometera que faria – traindo-a ele mesmo. *É a única maneira de você aprender. Qualquer um pode te trair, Vin. Qualquer um.*

As cinzas continuavam a cair. Às vezes, Vin imaginava que era como a cinza, ou o vento ou a própria bruma. Algo sem pensamento, capaz de simplesmente *ser*, sem pensar, se importar, ou se magoar. Assim ela conseguia ser... livre.

Ela ouviu um barulho a uma curta distância, e o alçapão ao fundo da pequena

câmara se abriu.

– Vin! – Ulef disse, enfiando a cabeça dentro do aposento. – Aí está você! Faz meia hora que Camon está à sua procura.

Foi por isso que me escondi.

– Devia se preparar – Ulef disse. – O golpe está prestes a começar.

Ulef era um garoto desengonçado. Gentil, à sua maneira; ingênuo, se é que alguém que crescera no submundo poderia ser realmente chamado de "ingênuo". É claro que isso não significava que ele não pudesse traí-la. Traição não tinha nada a ver com amizade; era um simples ato de sobrevivência. A vida era dura nas ruas, e se um skaa ladrão quisesse evitar ser capturado e executado, tinha que ser prático.

E a crueldade era a mais prática das emoções. Outro dos ditos de Reen.

– E aí? – Ulef perguntou. – Você devia ir. Camon está furioso.

E quando ele não está? No entanto, Vin assentiu, saindo do confinamento apertado – embora reconfortante – do mirante. Ela esbarrou em Ulef e pulou para fora do alçapão, entrando em um corredor, e, em seguida, em uma despensa degradada. O aposento era um dos muitos do fundo da loja que servia de fachada para o esconderijo. O covil da horda em si estava escondido em um túnel escavado em uma pedra sob a construção.

Ela deixou o edifício pela porta dos fundos, com Ulef logo atrás de si. O golpe aconteceria a algumas quadras dali, em uma área mais rica da cidade. Era uma ação intrincada – uma das mais complexas que Vin tinha visto. Presumindo que Camon não fosse preso, a recompensa seria realmente grande. Se fosse capturado... bem, dar golpes em nobres e em obrigadores era uma profissão muito arriscada– mas certamente era melhor do que trabalhar nas forjas ou nas tecelagens.

Vin saiu do beco, entrando em uma rua escura e repleta de casebres de uma das muitas favelas skaa da cidade. Skaa doentes demais para trabalhar se esgueiravam nas esquinas e sarjetas, com as cinzas espalhando-se ao seu redor. Vin manteve a cabeça baixa e ergueu o capuz da capa para se proteger dos flocos que ainda caíam.

Livre. Não, nunca serei livre. Reen se assegurou disso quando partiu.

– Aí está você! – Camon apontou um dedo gordo e quadrado para o rosto dela. – Onde você estava?

Vin não deixou que o ódio ou a revolta transparecessem em seus olhos. Simplesmente olhou para baixo, dando a Camon o que ele esperava ver. Havia

outras formas de ser forte. Essa lição ela tinha aprendido por conta própria.

Camon resmungou um pouco, então levantou a mão e lhe deu um tapa na cara. A força do golpe jogou Vin contra a parede, e sua bochecha ardeu de dor. Ela caiu contra a madeira, mas suportou o castigo em silêncio. Apenas outro hematoma. Ela era forte o bastante para lidar com isso. Tinha aguentado isso antes.

– Ouça – Camon sibilou. – Este é um golpe importante. Vale milhares de boxes: vale cem vezes mais do que você. Não vou admitir que estrague tudo. Entendeu?

Vin assentiu.

Camon observou-a por um momento, com o rosto rechonchudo vermelho de raiva. Enfim, afastou o olhar, murmurando consigo mesmo.

Ele estava aborrecido com alguma coisa – algo mais do que simplesmente Vin. Talvez tivesse ouvido falar da rebelião skaa que ocorrera no norte há vários dias. Um dos lordes das províncias, Themos Tresting, aparentemente fora assassinado, e sua mansão completamente queimada. Tais perturbações eram ruins para os negócios; deixavam a aristocracia mais alerta, e menos ingênua. Isso, por sua vez, podia reduzir seriamente os ganhos de Camon.

Está procurando alguém para castigar, Vin pensou. *Ele sempre fica nervoso antes de um golpe*. Ela olhou para Camon, sentindo gosto de sangue em seu lábio. Deve ter transparecido alguma confiança, pois ele a olhou de canto de olho, e sua expressão ficou sombria. Levantou a mão, como se fosse bater nela novamente.

Vin usou um pouco da Sorte.

Gastou apenas um pouco; precisaria do restante para o golpe. Direcionou a Sorte para Camon, acalmando o nervosismo dele. O líder da horda fez uma pausa – alheio ao toque de Vin, mas ainda assim sentindo seu efeito. Permaneceu imóvel por um instante; e então suspirou, voltando-se para o outro lado e abaixando a mão.

Vin limpou o lábio enquanto Camon se afastava. O ladrão parecia muito convincente em seus trajes de nobre. Era uma roupa elegante como Vin jamais vira – ele usava uma camisa branca com um colete verde-escuro com botões de ouro esculpido por cima. O casaco negro era comprido, seguindo a moda atual, e ele usava um chapéu negro para combinar. Os anéis em seus dedos reluziam, e ele carregava inclusive um belo bastão de duelo. De fato, Camon era muito bom em imitar um nobre; quando se tratava de desempenhar um papel, poucos ladrões eram mais competentes do que ele. Presumindo-se que conseguiria

controlar seu temperamento.

O aposento em si não era impressionante. Vin ficou em pé enquanto Camon gritava com os outros membros da horda. Eles tinham alugado uma das suítes no último andar do hotel local. Não era muito luxuoso – mas essa era a ideia. Camon interpretaria o papel de "Lorde Jedue", um nobre do campo que se deparara com problemas financeiros e fora a Luthadel para conseguir alguns contratos finais e desesperados.

O aposento principal havia sido transformado em um tipo de sala de audiências, com uma grande mesa atrás da qual Camon estava sentado, e paredes decoradas com obras de arte baratas. Dois homens estavam em pé ao lado da mesa, vestidos formalmente como mordomos; eles interpretariam os criados de Camon.

– Que balbúrdia é essa? – um homem perguntou, entrando no aposento. Era alto e vestia uma camisa cinza simples e calça, com uma espada fina presa na cintura. Theron era o outro líder do bando – este golpe em particular era, na verdade, ideia dele. Havia trazido Camon como parceiro; precisava de alguém para interpretar Lorde Jedue, e todos sabiam que Camon era um dos melhores.

Camon levantou os olhos.

– Hein? Balbúrdia? Ah, isso é só um pequeno problema de disciplina. Não se preocupe, Theron. – Camon pontuou suas palavras com um aceno displicente; havia uma razão para ele interpretar tão bem um aristocrata. Era tão arrogante que poderia ter pertencido a uma das Grandes Casas.

Theron estreitou o olhar. Vin sabia o que o homem provavelmente estaria pensando: estava decidindo o quão arriscado seria enfiar uma faca nas costas gordas de Camon depois que o golpe estivesse acabado. Finalmente, o líder mais alto da gangue e afastou o olhar de Camon para mirá-lo em Vin.

– Quem é essa?

– Só um membro da minha horda – Camon disse.

– Pensei que não precisaríamos de mais ninguém.

– Bem, precisamos dela – Camon disse. – Ignore-a. A minha parte da operação não compete a você.

Theron encarou Vin, obviamente notando seu lábio ensanguentado. Ela afastou o olhar. Mas os olhos de Theron permaneceram nela, percorrendo todo seu corpo. Ela usava uma simples camisa branca com botões e um macacão. Na verdade, ela não era muito atraente; era magricela e tinha um rosto juvenil, provavelmente não aparentava seus dezesseis anos. Embora alguns homens preferissem esse tipo de mulher.

Ela pensou em usar um pouco de sua Sorte nele, mas ele, enfim, se afastou.

– O obrigador está quase aqui – Theron disse. – Está pronto?

Camon revirou os olhos, ajeitando o corpanzil na cadeira atrás da mesa.

– Está tudo perfeito. Deixe comigo, Theron! Volte para seu aposento e espere.

Theron franziu o cenho, deu meia-volta e saiu do quarto, murmurando consigo mesmo.

Vin perscrutou o aposento, observando a decoração, os criados, a atmosfera. Finalmente, aproximou-se da mesa de Camon. O chefe da gangue estava sentado, folheando uma pilha de papéis, aparentemente tentando decidir quais colocar sobre a mesa.

– Camon – disse Vin em voz baixa –, os criados estão elegantes demais.

Camon franziu o cenho, levantando a cabeça.

– O que é que você está balbuciando?

– Os criados – Vin repetiu, ainda falando em voz bem baixa. – Lorde Jedue deve estar desesperado. Ele teria algumas roupas elegantes dos bons tempos, mas não seria capaz de manter tais criados opulentos. Ele usaria skaas.

Camon olhou fixamente para ela, e fez uma pausa. Fisicamente, havia pouca diferença entre nobres e skaas. Os criados que Camon empregara, no entanto, estavam vestidos como nobres menores – tinham permissão para usar coletes coloridos, e ficavam parados de modo confiante.

– O obrigador tem que pensar que você está quase na miséria – Vin disse. – Encha o aposento com um bando de skaas no lugar desses.

– O que você sabe? – Camon respondeu, observando-a com desdém.

– O suficiente. – Ela imediatamente lamentou o que disse; tinha soado rebelde demais. Camon ergueu a mão adornada com joias, e Vin se preparou para outro tapa. Não podia se dar ao luxo de usar mais Sorte. Havia restado muito pouco.

Mas Camon não bateu nela. Em vez disso, suspirou e pousou a mão gorducha em seu ombro.

– Por que insiste em me provocar, Vin? Você conhece as dívidas que seu irmão deixou quando fugiu. Percebe que um homem menos misericordioso do que eu teria te vendido para os cafetões há muito tempo? O que acharia de servir na cama de algum nobre até que ele se cansasse de você e mandasse executá-la?

Vin olhou para os pés.

O aperto de Camon aumentou, seus dedos machucavam sua pele entre o

pescoço e o ombro, ela gemeu de dor contra sua vontade. E ele sorriu com a reação.

– Honestamente, não sei por que te mantenho na gangue, Vin – ele disse, aumentando a pressão dos dedos. – Devia ter me livrado de você há meses, quando seu irmão me traiu. Imagino que eu tenha um coração muito generoso.

Ele finalmente a soltou, e fez um sinal para que ela ficasse em um dos cantos do aposento, junto a uma planta alta. Ela fez como ordenado, acomodando-se de modo a ter uma boa visão de todo o quarto. Assim que Camon afastou o olhar, ela esfregou o ombro. *Apenas outra dor. Posso lidar com a dor*.

Camon ficou sentado por alguns momentos. E então, como era de se esperar, fez sinal para os dois "criados" ao seu lado.

– Vocês dois! – disse. – Estão bem vestidos demais. Vistam algo que os faça parecer criados skaa. E tragam mais seis homens com vocês quando voltarem.

Em pouco tempo, o aposento estava arranjada como Vin tinha sugerido. O obrigador chegou pouco depois.

Vin observou o Prelado Laird entrar arrogantemente no aposento. Com a cabeça raspada, como todos os obrigadores, e usando uma túnica cinza-escura. As tatuagens ao redor de seus olhos o identificavam como prelado, um burocrata sênior do Cantão das Finanças do Ministério. Um grupo de obrigadores menores vinha atrás dele, as tatuagens de seus olhos eram muito menos intrincadas.

Camon se levantou quando o prelado entrou, em sinal de respeito – algo que até o mais alto dos nobres das Grandes Casas devia demonstrar para um obrigador da posição de Laird. O prelado não fez qualquer reverência ou expressou cumprimento, apenas avançou e sentou-se à mesa diante de Camon. Um dos membros da horda caracterizado de criado se apressou em oferecer vinho gelado e frutas para o obrigador.

Laird pegou uma fruta, e o criado permaneceu obedientemente parado, segurando a travessa como se fosse uma peça da mobília.

– Lorde Jedue – Laird finalmente disse –, fico feliz que, finalmente, tenhamos a oportunidade de nos conhecer.

– Eu digo o mesmo, Vossa Graça – Camon disse.

– Por que, mais uma vez, não pôde ir à sede do Cantão e, em vez disso, pediu que eu o visitasse aqui?

– Meus joelhos, Vossa Graça – Camon explicou. – Meus médicos recomendaram que eu viajasse o mínimo possível.

E porque você estava apreensivo – e com razão – sobre entrar em uma

fortaleza do Ministério, Vin pensou.

– Entendo – Laird falou –, joelhos fracos. Um atributo infeliz em um homem que lida com transporte.

– Não tenho que acompanhar as viagens, Vossa Graça – Camon disse, inclinando a cabeça. – Apenas organizá-las.

Bom, Vin pensou. *Assegure-se de permanecer subserviente, Camon. Você precisa parecer desesperado.*

Vin precisava que aquele golpe fosse bem-sucedido. Camon a ameaçava e a espancava – mas a considerava seu amuleto da sorte. Ela não tinha certeza se ele sabia o porquê de seus planos funcionarem tão bem quando ela estava por perto, mas ele aparentemente fazia a conexão. Isso a tornava valiosa – e Reen sempre dizia que a maneira mais segura de se manter vivo no submundo era se tornando indispensável.

– Entendo – Laird falou novamente. – Bem, temo que nosso encontro tenha acontecido tarde demais para seus propósitos. O Cantão das Finanças já votou sua proposta.

– Tão rápido? – Camon perguntou, com surpresa genuína.

– Sim – Laird respondeu, tomando um gole do vinho, ainda sem dispensar o criado. – Decidimos não aceitar seu contrato.

Camon ficou aturdido um momento.

– Sinto ouvir isso, Vossa Graça.

Laird veio encontrá-lo, Vin pensou. *Isso significa que ele ainda está em posição de negociar*.

– De fato – Camon prosseguiu, percebendo o mesmo que Vin –, o que torna a circunstância particularmente infeliz, uma vez que eu estava disposto a fazer ao Ministério uma oferta ainda melhor.

Laird ergueu uma das sobrancelhas tatuadas.

– Duvido que isso importe. Há um membro do Conselho que crê que o Cantão receberia um serviço melhor se encontrássemos uma casa mais estável para transportar nosso povo.

– Esse seria um erro grave – Camon disse calmamente. – Sejamos francos, Vossa Graça. Ambos sabemos que este contrato é a última chance da Casa Jedue. Agora que perdemos o contrato com Farwan, não podemos nos dar ao luxo de trazer nossos barcos para Luthadel. Sem o auxílio do Ministério, minha casa está economicamente condenada.

– Isso é muito pouco para me persuadir, Vossa Senhoria – disse o obrigador.

– Mesmo? – Camon perguntou. – Pergunte a si mesmo, Vossa Graça: quem o

serviria melhor? A casa com dezenas de contratos para dividir sua atenção, ou a casa que vê seu contrato como a última esperança? O Cantão das Finanças não encontrará parceiro mais obsequioso do que o desesperado. Deixe que meus barcos sejam os que transportarão seus acólitos do norte, deixe que meus soldados os escoltem, e você não se decepcionará.

Bom, Vin pensou.

– Eu... entendo – o obrigador disse, agora preocupado.

– Eu estaria disposto a assinar um contrato estendido com vocês, com um preço fixo de cinquenta boxes por cabeça a viagem, Vossa Graça. Os seus acólitos poderiam viajar em nossos barcos quando quisessem, e teriam as escoltas necessárias à sua disposição.

O obrigador ergueu uma sobrancelha.

– Isso é metade da tarifa anterior.

– Eu lhe falei – Camon disse. – Estamos desesperados. Minha casa *precisa* manter os barcos em funcionamento. Cinquenta boxes não nos darão lucro, mas não importa. Uma vez que tenhamos o contrato do Ministério nos dando estabilidade, poderemos assinar outros contratos para encher nossos cofres.

Laird ficou pensativo. Era um acordo fabuloso – do tipo que normalmente teria levantado suspeitas. Contudo, a apresentação de Camon criara a imagem de uma casa à beira do colapso financeiro. O outro líder da horda, Theron, passara cinco anos construindo, enganando e falseando para criar aquele momento. O Ministério seria negligente em não considerar a oportunidade.

Era exatamente o que Laird estava percebendo. O Ministério do Aço não era apenas a força da burocracia e da autoridade legal no Império Final – era como uma casa nobre em si. Quanto mais riqueza tivesse, quanto melhores fossem seus contratos mercantis, mais influência os vários Cantões do Ministério teriam entre si – e com as outras casas nobres.

No entanto, Laird ainda estava obviamente em dúvida. Vin podia ver a expressão em seus olhos, a suspeita que ela conhecia tão bem. Ele não assinaria o contrato.

Agora, Vin pensou. *É a minha vez*.

Vin usou sua Sorte em Laird. Ela a alcançou hesitantemente – sem nem mesmo ter certeza do que estava fazendo ou do porquê conseguia fazer aquilo. Mesmo assim, seu toque era instintivo, treinado por anos de prática sutil. Ela tinha dez anos de idade quando percebeu que as outras pessoas não podiam fazer o que ela fazia.

Voltou a pressionar as emoções de Laird, atenuando-as. Ele ficou menos

desconfiado, menos temeroso. Dócil. Suas preocupações se desfizeram, e Vin pôde ver uma calma sensação de controle começando a se firmar nos olhos dele.

Mesmo assim, Laird ainda parecia indeciso. Vin usou um pouco mais de força. Ele inclinou a cabeça, parecendo pensativo. Abriu a boca para falar, mas ela pressionou novamente, usando desesperadamente seu último bocado de Sorte.

Ele fez outra pausa.

– Muito bem – finalmente dissse. – Levarei essa nova proposta ao Conselho. Talvez possamos chegar a um acordo.

Se alguém estiver lendo essas palavras, saiba que o poder é um fardo pesado. Tente não ficar preso em suas correntes. As profecias de Terris preveem que eu terei o poder de salvar o mundo.

Elas sugerem, no entanto, que terei poder para destruí-lo também.



Na opinião de Kelsier, a cidade de Luthadel – trono do Senhor Soberano – era uma visão tenebrosa. A maioria dos edifícios tinha sido construída com blocos de pedra, com telhados de telha para os ricos, e simples telhados pontiagudos de madeira para os demais. As estruturas ficavam próximas umas das outras, fazendo com que parecessem atarracadas, apesar de terem três andares de altura, em geral.

As construções residenciais e comerciais eram uniformes na aparência; esse não era um lugar que chamasse a atenção para si mesmo. A menos, é claro, que se fosse membro da alta nobreza.

Intercaladas por toda a cidade, havia cerca de uma dúzia de fortalezas monolíticas. Intrincadas, com fileiras de torres em formato de lanças pontiagudas ou arcadas profundas, essas eram as casas da alta nobreza. De fato, essa era considerada a *marca* de uma família da alta nobreza: qualquer família que pudesse se dar ao luxo de construir uma fortaleza e manter uma presença de alto nível em Luthadel era considerada pertencente a uma Grande Casa.

A maior parte dos espaços abertos da cidade estava situada ao redor dessas fortalezas. Essas manchas de espaço entre as residências eram como clareiras em uma floresta, e as fortalezas como montanhas que se erguiam sobre o restante da paisagem. Montanhas negras. Como o resto da cidade, as fortalezas eram manchadas por incontáveis anos de chuvas de cinzas.

Todas as estruturas em Luthadel – praticamente todas as que Kelsier já vira – eram enegrecidas em algum grau. Até mesmo a muralha da cidade, sobre a qual Kelsier se encontrava agora, estava enegrecida por uma pátina de fuligem. Essas construções eram, em geral, mais escuras na parte superior, onde as

cinzas se acumulavam, mas a água das chuvas e as brumas noturnas arrastavam as manchas para os parapeitos, fazendo-as escorrer pelas paredes. Como tinta escorrendo sobre uma tela, a escuridão parecia rastejar pelas laterais dos edifícios em uma gradação irregular.

As ruas, é claro, eram completamente negras. Kelsier permaneceu esperando, analisando a cidade enquanto um grupo de skaa operários trabalhava nas ruas abaixo, limpando os últimos montes de cinzas. Eles os conduziriam até o rio Channerel, que cortava o centro da cidade, jogando as pilhas de cinzas na correnteza para que não se acumulassem e enterrassem a cidade. Kelsier às vezes se perguntava por que todo o império não era um único e grande monte de cinzas. Supunha que, eventualmente, a cinza acabaria se transformando em terra com o tempo. Mesmo assim, uma quantidade absurda de trabalho era necessária para manter as cidades e os campos limpos o bastante para serem usados.

Felizmente, sempre havia skaa suficientes para fazer o trabalho. Os operários vestiam casacos e calças simples, manchados de cinzas e surrados. Assim como os trabalhadores das plantações que ele deixara para trás há várias semanas, eles trabalhavam com movimentos submissos e controlados. Outros grupos de skaa passaram pelos operários, respondendo ao toque distante dos sinos que marcavam a hora, chamando-os para os trabalhos matutinos nas forjas ou moinhos. O principal produto de exportação de Luthadel era o metal; a cidade era a sede de centenas de forjas e refinarias. No entanto, a correnteza do rio proporcionava locais excelentes para a instalação de moinhos, tanto para moer grãos quanto para fazer tecidos.

Os skaa continuavam trabalhando. Kelsier se afastou, olhando ao longe, na direção do centro da cidade, onde o palácio do Senhor Soberano pairava como algum tipo de inseto imenso e cheio de espinhos. Kredik Shaw, a Colina das Mil Torres. O palácio tinha várias vezes o tamanho da fortaleza de um nobre e era, notavelmente, o maior edifício da cidade.

Outra chuva de cinzas começou enquanto Kelsier contemplava a cidade, os flocos caíam levemente nas ruas e construções. *Tem havido muita chuva de cinzas ultimamente*, ele pensou, contente por ter uma desculpa para erguer o capuz de sua capa. *As Montanhas de Cinzas devem estar ativas*.

Era improvável que alguém em Luthadel o reconhecesse – três anos tinham se passado desde sua captura. Mesmo assim, o capuz era uma segurança. Se tudo desse certo, chegaria um momento em que Kelsier iria querer ser visto e reconhecido. Por enquanto, o anonimato era, provavelmente, melhor.

Depois de um tempo, uma figura se aproximou pela muralha. O homem, Dockson, era mais baixo do que Kelsier, e tinha um rosto quadrado que parecia combinar com sua constituição moderadamente atarracada. O capuz da capa, de um marrom indefinível, cobria seus cabelos negros, e ele usava a mesma barba curta que mantinha desde que o seu rosto começara a ter pelos vinte anos atrás.

Ele, assim como Kelsier, usava trajes nobres: colete colorido, casaco escuro e calça, e uma capa fina para se proteger das cinzas. A roupa não era luxuosa, mas era aristocrática – indicativo da classe média de Luthadel. A maioria dos homens nascidos nobres não era rica o suficiente para ser considerada parte das Grandes Casas – mas nobreza, no Império Final, não se tratava apenas de dinheiro. Tinha a ver com linhagem e história; o Senhor Soberano era imortal e, aparentemente, ainda se lembrava dos homens que o apoiaram durante os primeiros anos de seu reinado. Os descendentes desses homens, não importava o quão pobres tivessem se tornado, sempre seriam favorecidos.

A roupa impedia que os patrulheiros fizessem muitas perguntas. No caso de Kelsier e Dockson, naturalmente, os trajes eram uma mentira. Nenhum deles era realmente nobre – embora, tecnicamente, Kelsier fosse mestiço. De muitas maneiras, no entanto, isso era pior do que ser um simples skaa.

Dockson se aproximou de Kelsier e se inclinou sobre as ameias, apoiando os braços fortes sobre a pedra.

– Está alguns dias atrasado, Kell.

– Decidi fazer umas paradas a mais nas plantações ao norte.

– Ah – Dockson disse. – Então você *tem* algo a ver com a morte de Lorde Tresting.

Kelsier sorriu.

– Pode-se dizer que sim.

– O assassinato dele causou bastante comoção entre a nobreza local.

– Essa era a intenção – Kelsier respondeu. – Ainda que, para ser honesto, eu não estivesse planejando nada tão dramático. Foi mais um acidente do que qualquer outra coisa.

Dockson ergueu uma sobrancelha.

– E como é que se mata "acidentalmente" um nobre em sua mansão?

– Com uma faca no peito – Kelsier disse despreocupadamente. – Ou melhor, um par de facas no peito. É sempre bom se precaver.

Dockson revirou os olhos.

– A morte dele não é exatamente uma perda, Dox – Kelsier prosseguiu. –

Mesmo entre a nobreza, Tresting tinha reputação de ser cruel.

– Não me importo com Tresting – Dockson respondeu. – Só estou pensando no grau de insanidade que me levou a planejar outro trabalho com você. Atacar um lorde provinciano em sua mansão, cercada por guardas... Honestamente, Kell, eu quase tinha me esquecido do quão imprudente você pode ser.

– Imprudente? – Kelsier perguntou com uma gargalhada. – Aquilo não foi imprudência... foi só uma pequena diversão. Você devia ver o que estou *planejando* fazer!

Dockson parou por um momento, e então riu também.

– Pelo Senhor Soberano, é bom ter você de volta, Kell! Receio que tenha me tornado um tanto quanto entediante nesses últimos anos.

– Vamos consertar isso – Kelsier prometeu.

Ele respirou fundo, as cinzas caíam levemente ao seu redor. As equipes de limpeza já estavam de volta ao trabalho nas ruas abaixo, varrendo a cinza negra. Uma patrulha de guardas passou atrás de Kelsier e Dockson, cumprimentando-os. Ambos esperaram, em silêncio, até que os homens se afastassem.

– É bom estar de volta – Kelsier finalmente disse. – Há algo familiar em Luthadel... ainda que seja um deprimente poço de austeridade. Já organizou a reunião?

Dockson assentiu.

– Não podemos começar até esta noite, no entanto. E como você conseguiu entrar, afinal? Eu tinha homens vigiando os portões.

– Humm? Ah, eu entrei sorrateiramente na noite passada.

– Mas, como... – Dockson parou. – Ah, certo. Vai custar para eu me acostumar com isso.

Kelsier deu de ombros.

– Não vejo por quê. Você trabalha com os brumosos o tempo todo.

– Sim, mas isso é diferente – Dockson disse. Ele fez um aceno para impedir outro argumento. – Não é necessário, Kell. Só disse que vai custar para eu me acostumar.

– Tudo bem. Quem vem essa noite?

– Bem, Brisa e Ham estarão lá, é claro. Eles estão bastante curiosos sobre esse seu trabalho misterioso. Sem mencionar que estão incomodados por eu não ter contado a eles sobre o que você andou fazendo nos últimos anos.

– Bom – Kelsier disse, com um sorriso. – Deixe-os imaginar. E quanto ao Arapuca?

Dockson negou com a cabeça.

– O Arapuca está morto. O Ministério finalmente o capturou há alguns meses. Nem se incomodaram em mandá-lo para as Minas: ele foi decapitado no mesmo instante.

Kelsier fechou os olhos, suspirando profundamente. Parecia que o Ministério do Aço capturava todo mundo com o tempo. Kelsier às vezes achava que a vida de um skaa brumoso não era tanto sobre sobreviver, mas sobre escolher o momento adequado para morrer.

– Isso nos deixa sem um esfumaçador – Kelsier disse, finalmente, abrindo os olhos. – Alguma sugestão?

– Ruddy – Dockson respondeu.

Kelsier negou com a cabeça.

– Não. Ele é um bom esfumaçador, mas não é um homem bom o suficiente.

Dockson sorriu.

– Não é um homem bom o suficiente para estar em uma gangue de ladrões... Kell, eu *realmente* senti falta de trabalhar com você. Tudo bem. Quem, então?

Kelsier pensou por um momento.

– O Trevo continua com aquela loja?

– Pelo que sei, sim – Dockson disse lentamente.

– Ele provavelmente é um dos melhores Esfumaçadores da cidade.

– Imagino que sim – Dockson disse. – Mas... não é difícil trabalhar com ele?

– Ele não é tão ruim – Kelsier disse. – Não depois que se acostuma com ele. Além disso, acho que ele pode ser... propício para esse trabalho em particular.

– Muito bem – Dockson disse, dando de ombros. – Vou convidá-lo. Acho que um de seus parentes é um olho de estanho. Quer que o convide também?

– Parece bom – Kelsier concordou.

– Certo – Dockson disse. – Bom, além desses, temos apenas Yeden. Presumindo que ainda esteja interessado...

– Ele estará lá – Kelsier afirmou.

– É melhor que esteja – Dockson falou. – Ele será o único a nos pagar, afinal.

Kelsier concordou e, em seguida, franziu o cenho.

– Você não mencionou Marsh.

Dockson deu de ombros.

– Eu te avisei. Seu irmão nunca aprovou nossos métodos, e agora... bem, você conhece Marsh. Ele não vai querer ter mais nada com Yeden e a rebelião, muito menos com um bando de criminosos como nós. Acho que teremos que encontrar outra pessoa para se infiltrar entre os obrigadores.

– Não – Kelsier disse. – Ele fará isso. Só tenho que dar uma passada por lá para persuadi-lo.

– Se você diz. – Dockson ficou em silêncio, e os dois ficaram parados por um momento, inclinados sobre as ameias, observando a cidade suja de cinzas.

Dockson finalmente balançou a cabeça.

– Isso é insano, não?

Kelsier sorriu.

– Parece bom, não é?

Dockson assentiu.

– Fantástico.

– Será um trabalho como nenhum outro – Kelsier comentou, olhando para o norte – na direção do edifício retorcido no centro da cidade.

Dockson se afastou da muralha.

– Temos poucas horas antes da reunião. Há algo que quero mostrar a você. Acho que ainda há tempo... se nos apressarmos.

Kelsier se voltou, curioso.

– Bem, eu *ia* dar uma bronca no meu irmão puritano. Mas...

– Isso vai valer a pena – Dockson prometeu.

Vin se sentou no canto do covil principal do esconderijo. Manteve-se nas sombras, como sempre; quanto mais ficasse fora da vista, mais os outros a ignorariam. Não podia se dar ao luxo de gastar a sua Sorte mantendo as mãos dos homens longe dela. Mal tivera tempo de regenerar o que usara alguns dias antes, durante o encontro com o obrigador.

A turba habitual ocupava as mesas da sala, jogando dados ou discutindo golpes menores. A fumaça de uma dezena de cachimbos se acumulava no teto do aposento, e as paredes tinham manchas escuras de incontáveis anos do mesmo tratamento. O chão também. Como a maior parte das gangues de ladrões, o grupo de Camon não era conhecido por seu asseio.

Havia uma porta no fundo da habitação e, atrás dela, uma escada de pedra em caracol que dava em um bueiro falso em um beco. Essa sala, assim como muitos outros esconderijos na capital imperial de Luthadel, não devia existir.

Gargalhadas rudes vinham da parte da frente do aposento, onde Camon estava sentado com meia dezena de comparsas, desfrutando de uma tarde típica com cerveja e piadas grosseiras. A mesa de Camon ficava ao lado do bar, cujas bebidas superfaturadas eram simplesmente uma outra forma de Camon explorar aqueles que trabalhavam para ele. Os criminosos de Luthadel haviam

aprendido muito bem com as lições da nobreza.

Vin tentou o seu melhor para ficar invisível. Seis meses antes não teria acreditado que sua vida podia realmente ficar pior sem Reen. Mesmo assim, apesar da ira agressiva de seu irmão, ele impedia que outros membros da gangue cruzassem o caminho de Vin. Havia um número relativamente pequeno de mulheres nas gangues de ladrões; as que se envolviam com o submundo acabavam, em geral, como prostitutas. Reen sempre dizia que uma garota tinha que ser durona – mais durona, inclusive, do que um homem – se quisesse sobreviver.

Você acha que algum líder de gangue vai querer um peso como você no grupo?, ele dizia. *Nem eu quero trabalhar com você, e sou seu irmão*.

Suas costas ainda latejavam; Camon a chicoteara no dia anterior. O sangue estragaria sua camisa, e ela não tinha como comprar outra. Camon já vinha ficando com o seu pagamento para quitar as dívidas que Reen deixara para trás.

Mas eu sou forte, ela pensou.

Essa era a ironia. Os espancamentos já quase não doíam mais, pois as agressões frequentes de Reen fizeram com que Vin se tornasse resiliente e, ao mesmo tempo, ensinavam-na como parecer patética e quebrada. Os espancamentos eram, de certo modo, autodestrutivos. Os hematomas e vergões se curavam, mas cada nova chibatada a tornava mais dura. Mais forte.

Camon se levantou. Buscou no bolso do colete e tirou seu relógio de ouro. Acenou para um de seus companheiros e, então, examinou o aposento, procurando por... ela.

Seus olhos se fixaram em Vin.

– Chegou a hora.

Vin franziu o cenho. *Hora de quê?*

O Cantão das Finanças do Ministério era uma estrutura imponente – mas, então, *tudo* relacionado ao Ministério do Aço tendia a ser imponente.

Alto e quadrado, o edifício tinha uma imensa janela circular na frente, mas os vidros eram escuros do lado de fora. Havia dois grandes estandartes pendurados nas laterais da janela, o tecido vermelho manchado de fuligem proclamava louvores ao Senhor Soberano.

Camon estudou o prédio com um olhar crítico. Vin podia sentir a apreensão dele. O Cantão das Finanças dificilmente era o gabinete mais ameaçador do Ministério – o Cantão da Inquisição, ou mesmo o Cantão da Ortodoxia, tinha reputação muito mais sinistra. Contudo, entrar voluntariamente em qualquer

gabinete do Ministério... colocar-se nas mãos dos obrigadores... bem, era algo a se fazer depois de pensar seriamente no assunto.

Camon respirou profundamente e deu um passo adiante, batendo seu bastão de duelo contra as pedras enquanto caminhava. Vestia seu elegante traje de nobre e estava acompanhado por meia dúzia de membros da gangue – incluindo Vin – atuando como "criados".

Vin seguiu Camon degraus acima, então parou quando um dos membros da gangue se adiantou para abrir a porta para seu "amo". Dos seis criados, apenas Vin parecia não saber nada sobre o plano de Camon. Estranhamente, Theron – o suposto parceiro de Camon no golpe ao Ministério – não podia ser visto em parte alguma.

Vin entrou no edifício do Cantão. Uma vibrante luz vermelha com centelhas azuladas entrava pela janela circular. Um único obrigador, com tatuagens de nível médio ao redor dos olhos, sentava-se atrás de uma mesa ao fundo do comprido vestíbulo.

Camon se aproximou, batendo o bastão contra o carpete enquanto andava.

– Sou Lorde Jedue – disse.

O que está fazendo, Camon? Vin pensou. *Você insistiu com Theron que não se reuniria com o Prelado Laird no gabinete do Cantão. E agora aqui está você.*

O obrigador assentiu, fazendo uma anotação em seu livro de registro. Em seguida, apontou para o lado.

– Pode levar um criado com você para a sala de espera. Os outros devem permanecer aqui.

O bufar de desprezo de Camon indicava o que pensava da proibição. O obrigador, no entanto, não tirou os olhos de seu livro. Camon ficou parado por um momento, e Vin não conseguiu perceber se ele estava genuinamente zangado ou apenas interpretando o papel de um nobre arrogante. Finalmente, apontou para Vin.

– Venha – ele disse, virando-se e caminhando em direção à porta indicada.

A sala, do lado de dentro, era luxuosa e cômoda, havia vários nobres descansando enquanto esperavam. Camon escolheu uma cadeira e se acomodou, apontando para uma mesa com vinho e bolos de frutas. Vin serviu-lhe obedientemente uma taça de vinho e um prato de comida, ignorando a própria fome.

Camon começou a comer o bolo ansiosamente, saboreando-o em silêncio.

Ele está nervoso. Ainda mais nervoso do que antes.

– Assim que entrarmos, não diga nada – Camon murmurou.

– Você está traindo Theron – Vin sussurrou.

Camon assentiu.

– Mas, como? Por quê?

O plano de Theron era complexo na execução, mas simples no conceito. Todo ano, o Ministério transferia seus novos obrigadores acólitos das instalações de treinamento do norte para o sul, em Luthadel, para a instrução final. Theron descobrira, no entanto, que esses acólitos e seus supervisores traziam consigo grandes quantidades de fundos do Ministério – disfarçados de bagagem – para serem guardados em Luthadel.

O banditismo era muito difícil no Império Final, graças às constantes patrulhas ao longo das rotas do canal. No entanto, se alguém estivesse administrando os barcos que os acólitos usavam, um roubo seria possível. Se arranjado no momento certo... com os guardas distraídos com os passageiros... um homem poderia conseguir um bom lucro, e então culpar toda a bandidagem.

– A gangue de Theron está fraca – Camon disse em voz baixa. – Ele investiu muitos recursos neste golpe.

– Mas o retorno que terá... – Vin lembrou.

– Nunca virá se eu pegar o que puder agora e fugir – Camon disse, sorrindo. – Convencerei os obrigadores a me darem um montante para manter minha caravana de barcos funcionando, então desaparecerei e deixarei que Theron lide com o desastre quando o Ministério perceber que foi enganado.

Vin deu um passo para trás, levemente surpresa. Preparar um embuste como esse deveria ter custado a Theron milhares e milhares de boxes – se o acordo falhasse agora, ele estaria arruinado. E, com o Ministério em seu encalço, ele nem teria tempo de buscar vingança. Camon teria um lucro rápido, ao mesmo tempo que se veria livre de um de seus mais poderosos rivais.

Theron foi um tolo em meter Camon nisso, ela pensou. Mas, claro, o montante que Theron prometera pagar a Camon era alto; ele provavelmente presumira que a ganância de Camon garantiria sua honestidade até que o próprio Theron pudesse dar um golpe nele. Camon tinha simplesmente agido mais rápido do que qualquer um, até mesmo Vin, poderia esperar. Como Theron poderia saber que Camon minaria o golpe, em vez de esperar e tentar roubar toda a bolada dos barcos da caravana?

O estômago de Vin revirou. *É só mais uma traição*, ela pensou, enjoada. *Por que isso ainda me incomoda tanto? Todo mundo trai todo mundo. Assim é a*

vida..

Ela queria encontrar um canto em algum lugar apertado e isolado para se esconder. Sozinha.

Todo mundo vai trair você. Todo mundo.

Mas não havia para onde ir. Finalmente, um obrigador menor entrou e chamou Lorde Jedue. Vin seguiu Camon enquanto eles eram conduzidos à sala de audiências.

O homem que os esperava lá dentro, sentado atrás da mesa de audiências, não era o Prelado Laird.

Camon se deteve à porta. A sala era austera, mobiliada apenas com a mesa e um carpete cinza simples. As paredes de pedra não tinham adornos, e a única janela tinha pouco mais que um palmo de largura. O obrigador que esperava por eles tinha uma das tatuagens ao redor dos olhos mais intrincadas que Vin já vira. Ela não sabia ao certo a posição que os desenhos indicavam, mas eles se estendiam por trás das orelhas e até a testa do obrigador.

– Lorde Jedue – o estranho obrigador disse. Como Laird, usava túnica cinza, mas era muito diferente dos severos e burocráticos homens com quem Camon já havia tratado. Este homem era esguio e musculoso, e sua cabeça raspada e triangular lhe dava um ar quase predatório.

– Pensei que me encontraria com o Prelado Laird – Camon disse, ainda sem entrar na sala.

– O Prelado Laird foi chamado para resolver outros assuntos. Eu sou o Sumo Prelado Arriev, líder do conselho que está revendo sua proposta. Você está tendo a rara oportunidade de se dirigir diretamente a mim. Normalmente não atendo os casos pessoalmente, mas a ausência de Laird fez necessário que eu me ocupasse de algumas de suas tarefas.

Os instintos de Vin deixaram-na tensa. *Devíamos ir. Agora.*

Camon ficou parado por um longo momento, e Vin percebeu que ele estava considerando as possibilidades. Fugir agora ou assumir o risco por um prêmio maior? Vin não queria saber de prêmios; só queria viver. Camon, no entanto, não havia se tornado líder de gangue sem correr um risco ocasional. Ele entrou lentamente no aposento, com os olhos cautelosos enquanto se sentava diante do obrigador.

– Bem, Sumo Prelado Arriev – Camon falou, com voz cuidadosa. – Presumo que, uma vez que eu tenha sido chamado para outra reunião, o conselho está considerando minha oferta?

– Estamos, de fato – o obrigador confirmou. – Embora eu deva admitir que

alguns membros do conselho estejam apreensivos quanto a tratar com uma família tão próxima do desastre econômico. O Ministério, em geral, prefere ser conservador em suas operações financeiras.

– Entendo.

– Mas – Arriev prosseguiu – há outros no conselho que estão bastante ansiosos em tirar proveito das vantagens que você nos ofereceu.

– E com que grupo o senhor se identifica, Vossa Graça?

– Eu, até o momento, não me decidi. – O obrigador se inclinou para frente. – E é por isso que observei que você tem uma oportunidade rara. Convença-me, Lorde Jedue, e você terá seu contrato.

– Certamente o Prelado Laird esboçou os detalhes de nossa oferta – Camon disse.

– Sim, mas gostaria de ouvir seus argumentos pessoalmente. Satisfaça-me.

Vin franziu o cenho. Ela permanecera no fundo do aposento, parada perto da porta, ainda meio convencida de que devia fugir.

– Então? – Arriev perguntou.

– Precisamos deste contrato, Vossa Graça – Camon começou. – Sem ele, não seremos capazes de continuar nossas operações pelo canal. Seu contrato nos dará um período de estabilidade muito necessário... uma chance para manter nossas embarcações por um tempo, enquanto procuramos outros contratos.

Arriev estudou Camon por um momento.

– Você certamente consegue fazer melhor do que isso, Lorde Jedue. Laird disse que você foi muito persuasivo... deixe-me ouvi-lo *provar* que merece nosso patrocínio.

Vin preparou sua Sorte. Podia fazer com que Arriev ficasse mais inclinado a acreditar... mas algo a conteve. A situação parecia errada.

– Somos sua melhor escolha, Vossa Graça – Camon falou. – Os senhores temem que minha casa venha a sofrer um colapso econômico? Bem, nesse caso, o que vocês têm a perder? Na pior das hipóteses, meus barcos deixarão de navegar, e vocês terão de encontrar outro mercador com quem lidar. No entanto, se seu patrocínio for suficiente para manter minha casa, então vocês encontraram um contrato de longo prazo invejável.

– Entendo – Arriev disse, despreocupado. – E por que o Ministério? Por que não fazer contrato com outro? Certamente há outras opções para seus barcos... outros grupos que agarrariam tais tarifas.

Camon franziu o cenho.

– Não se trata de dinheiro, Vossa Graça, mas de vitória... de demonstrar

confiança... o que ganharíamos ao assinar um contrato com o Ministério. Se confiarem em nós, outros também o farão. Eu *preciso* do seu apoio. – Camon suava agora. Provavelmente estava começando a se arrepender deste golpe. Teria sido traído? Estaria Theron por trás desta estranha reunião?

O obrigador esperou em silêncio. Ele podia destruí-los, Vin sabia. Se sequer suspeitasse que estavam tentando enganá-lo, podia entregá-los ao Cantão da Inquisição. Mais de um nobre entrara em um edifício do Cantão e jamais retornara.

Rangendo os dentes, Vin alcançou e usou sua Sorte no obrigador, tornando-o menos desconfiado.

Arriev sorriu.

– Bem, você me convenceu – declarou, repentinamente.

Camon suspirou de alívio.

Arriev prosseguiu:

– A sua última carta sugeria que precisava de três mil boxes como adiantamento para renovar seus equipamentos e retomar as operações fluviais. Procure o escriba, no salão principal, para finalizar a papelada e requisitar os fundos necessários.

O obrigador pegou uma folha grossa de papel burocrático de uma pilha e estampou um selo na parte de baixo. Ofereceu-a a Camon.

– Seu contrato.

Camon abriu um sorriso.

– Sabia que vir ao Ministério seria uma escolha sábia – disse, aceitando o contrato. Ficou parado, saudando respeitosamente o obrigador, então fez sinal para que Vin abrisse a porta para ele.

Ela assim o fez. *Algo está errado. Algo está muito errado*. Ela ficou parada à porta, enquanto Camon saía, olhando para o obrigador. Ele ainda estava sorrindo.

Um obrigador feliz era sempre um mau sinal.

Contudo, ninguém os deteve enquanto passavam pela sala de espera com seus ocupantes nobres. Camon selou e entregou o contrato para o escriba indicado, e nenhum soldado apareceu para prendê-los. O escriba puxou um pequeno cofre cheio de moedas e entregou-o a Camon com um gesto indiferente.

Então, simplesmente saíram do edifício do Cantão, e Camon se reuniu com os outros criados com óbvio alívio. Nenhum grito de alarme. Nenhum soldado correndo. Estavam livres. Camon conseguira enganar tanto o Ministério quanto

outro líder de gangue.

Aparentemente.

Kelsier enfiou outro dos bolinhos com cobertura de frutas vermelhas na boca, mastigando com satisfação. O ladrão gordo e sua criada magricela passaram pela sala de espera, a caminho da saída. O obrigador que os recebera permaneceu em sua sala, aparentemente aguardando a próxima reunião.

– Bem? – Dockson perguntou. – O que você acha?

Kelsier olhou para os bolinhos.

– São bem gostosos – disse, pegando mais um. – O Ministério sempre teve um gosto excelente... faz sentido que ofereçam petiscos de primeira.

Dockson revirou os olhos.

– Da garota, Kell.

Kelsier sorriu enquanto empilhava quatro bolinhos nas mãos, e acenou com a cabeça na direção da porta. A sala de espera do Cantão estava ficando cheia demais para discutir assuntos delicados. A caminho da saída, ele parou e disse ao obrigador secretário ao canto que eles precisavam reagendar a reunião.

Então os dois atravessaram a câmara de entrada – passando pelo gordo chefe de gangue, que estava falando com um escriba. Kelsier saiu, levantou o capuz para se proteger das cinzas e abriu caminho pela rua. Parou diante de um beco, posicionando-se onde ele e Dockson pudessem observar as portas do edifício do Cantão.

Kelsier mastigou seus bolinhos com satisfação.

– Como você a descobriu? – perguntou, entre dentadas.

– Seu irmão – Dockson respondeu. – Camon tentou enganar Marsh há uns meses, e levou a garota com ele, também. Na verdade, o pequeno amuleto da sorte de Camon está ficando consideravelmente famoso nos círculos certos. Ainda não sei ao certo se ele sabe o que ela é ou não. Você sabe como os ladrões podem ser supersticiosos.

Kelsier assentiu, limpando as mãos.

– Como você sabia que ela estaria aqui hoje?

Dockson deu de ombros.

– Alguns subornos nos lugares certos. Venho observando a garota desde que Marsh a mostrou para mim. Queria que você tivesse a oportunidade de vê-la atuar com seus próprios olhos.

Do outro lado da rua, a porta do edifício do Cantão finalmente se abriu, e Camon desceu os degraus cercado por um grupo de “criados”. A garota,

pequena e de cabelos curtos, estava com ele. Kelsier franziu o cenho ao vê-la. Ela demonstrava ansiedade em seus passos, e se sobressaltava sempre que alguém fazia um movimento rápido. A lateral direita de seu rosto ainda estava levemente descolorida por causa de um hematoma parcialmente curado.

Kelsier observou o arrogante Camon. *Tenho que inventar algo particularmente adequado para me aproximar deste homem*.

– Coitadinha – Dockson murmurou.

Kelsier assentiu.

– Logo ela estará livre dele. É incrível que ninguém a tenha descoberto antes.

– Seu irmão estava certo, então?

Kelsier assentiu.

– Ela é, no mínimo, uma Brumosa, e se Marsh diz que ela é mais do que isso, estou inclinado a acreditar nele. Estou um pouco surpreso em vê-la usar a alomancia em um membro do Ministério, especialmente dentro de um edifício do Cantão. Eu apostaria que ela nem ao menos sabe que está usando suas habilidades.

– Isso é possível? – Dockson perguntou.

Kelsier assentiu.

– Alguns minerais encontrados na água podem ser queimados, mas dão apenas um pouco de poder. Essa é uma das razões pela qual o Senhor Soberano construiu sua cidade aqui... há muitos metais no solo. Eu diria que...

Kelsier se calou, franzindo o cenho levemente. Algo estava errado. Ele olhou na direção de Camon e sua gangue. Eles ainda podiam ser vistos à distância, cruzando a rua e em direção ao sul.

Uma figura apareceu à porta do edifício do Cantão. Esguia, com um ar confiante, tinha as tatuagens de um sumo prelado do Cantão das Finanças ao redor dos olhos. Provavelmente o mesmo homem com quem Camon havia se reunido há pouco. O obrigador caminhou para fora do edifício, e um segundo homem saiu atrás dele.

Ao lado de Kelsier, Dockson repentinamente se enrijeceu.

O segundo homem era alto, de constituição robusta. Quando se virou, Kelsier pôde ver que um pino grosso de metal havia sido martelado em cada um de seus olhos. Os eixos eram tão largos quanto os do globo ocular, e compridos o suficiente para que suas pontas afiadas se projetassem quase dois centímetros para fora da parte de trás do crânio raspado do homem. As cabeças dos pregos brilhavam como dois discos prateados, saindo dos espaços onde os olhos deveriam estar.

Um Inquisidor de Aço.

– O que *aquilo* está fazendo aqui? – Dockson perguntou.

– Fique calmo – Kelsier disse, tentando forçar-se a fazer o mesmo. O Inquisidor olhou na direção deles, seus olhos cravados observaram Kelsier, antes de se voltarem na direção que Camon e a garota tinham tomado. Como todos os Inquisidores, ele tinha tatuagens intrincadas – a maioria delas negras, com uma austera linha vermelha – que o identificavam como um membro de alta patente do Cantão da Inquisição.

– Ele não está aqui por nossa causa – Kelsier disse. – Não estou queimando nada... ele acha que somos meros nobres comuns.

– A garota – Dockson disse.

Kelsier assentiu.

– Você disse que Camon vem trabalhando nesse golpe contra o Ministério há algum tempo. Bem, a garota deve ter sido detectada por um dos obrigadores. Eles são treinados para reconhecer quando um alomântico altera as suas emoções.

Dockson franziu o cenho, pensativo. Do outro lado da rua, o Inquisidor falou algo com o outro obrigador, e os dois homens se viraram e começaram a seguir o caminho tomado por Camon. Não havia pressa no caminhar deles.

– Devem ter mandado que alguém os seguisse – Dockson disse.

– Este é o Ministério – Kelsier lembrou. – Devem ter mandado pelo menos dois.

Dockson assentiu.

– Camon os conduzirá diretamente ao seu esconderijo. Dezenas de homens morrerão. Não são as pessoas mais admiráveis, mas...

– Combatem o Império Final, do seu jeito – Kelsier disse. – Além disso, não estou disposto a deixar que uma possível Nascida da Bruma escape de nós. Quero falar com aquela garota. Você consegue dar um jeito naqueles batedores?

– Eu disse que tinha ficado entediante, Kell – Dockson falou. – Não desleixado. Posso lidar com um par de lacaios do Ministério.

– Muito bem – Kelsier disse, enfiando a mão no bolso da capa e tirando um pequeno frasco. Uma coleção de flocos de metal boiava em uma solução de álcool dentro dele. Ferro, aço, estanho, peltre, cobre, bronze, zinco e latão – os oito metais alomânticos básicos. Kelsier tirou a tampa e engoliu o conteúdo em um único gole.

Guardou o frasco, agora vazio, limpando a boca.

– Vou dar um jeito naquele Inquisidor.

Dockson pareceu apreensivo.

– Vai tentar enfrentá-lo?

Kelsier meneou a cabeça negativamente.

– É perigoso demais. Só vou distraí-lo. Agora vamos... não queremos que os batedores encontrem o esconderijo.

Dockson assentiu.

– A gente se vê no cruzamento Quinze – disse antes de seguir pelo beco e desaparecer, dobrando uma esquina.

Kelsier deu dez segundos de vantagem para seu amigo, antes de alcançar os metais em seu interior e queimá-los. Seu corpo se encheu de força, clareza e poder.

Kelsier sorriu; e então, queimando zinco, aumentou seu poder e se apoderou com firmeza das emoções do Inquisidor. A criatura se deteve imediatamente, deu meia-volta e olhou na direção do edifício do Cantão.

Vamos fazer uma perseguição agora, você e eu, Kelsier pensou.

Chegamos a Terris no começo desta semana e, tenho que dizer, achei a zona rural linda. As grandes montanhas ao norte – com seus cumes repletos de neve e mantas florestais – se erguem como deuses guardiões sobre esta terra de verde fertilidade. Minhas próprias terras ao sul são, em geral, planas; acho que pareceriam menos lúgubres se tivessem algumas montanhas para modificar o terreno.

O povo aqui é formado principalmente por pastores – embora madeireiros e lavradores não sejam incomuns. É uma terra pastoral, com certeza. Parece estranho que um lugar tão marcadamente agrícola tenha produzido as profecias e teologias nas quais o mundo inteiro se baseia atualmente.



Camon contou as moedas, colocando os boxes de ouro um por um no pequeno cofre em sua mesa. Ele ainda parecia um pouco atordoado, e tinha motivo para tanto. Três mil boxes eram uma soma fabulosa de dinheiro – muito mais do que Camon ganharia, mesmo em um ano muito bom. Seus comparsas mais próximos sentavam-se à mesa com ele, a cerveja e as risadas corriam soltas.

Vin sentou-se no canto, tentando entender seu sentimento de pavor. Três mil boxes. O Ministério jamais teria liberado tal soma tão rapidamente. O Prelado Arriev parecia astuto demais para ser tão facilmente enganado.

Camon jogou outra moeda no cofre. Vin não sabia se ele estava sendo tolo ou esperto com tal demonstração de riqueza. As gangues do submundo operavam sob um acordo estrito: todos recebiam uma parte dos ganhos de acordo com a sua posição no grupo. Ainda que algumas vezes fosse tentador matar o líder da gangue e pegar todo o seu dinheiro, um líder bem-sucedido gerava mais riquezas para todos. Matá-lo prematuramente significaria cortar ganhos futuros – sem mencionar atrair a ira dos outros membros da gangue.

Mesmo assim, três mil boxes... era o suficiente para tentar até mesmo o mais sensato dos ladrões. Estava tudo errado.

Tenho que dar o fora daqui, Vin decidiu. *Sair de perto de Camon e do covil,*

caso alguma coisa aconteça.

Mas... partir? Por conta própria? Nunca estivera sozinha antes; sempre tivera Reen. Fora ele quem a levara de cidade em cidade, unindo-se a diferentes gangues de ladrões. Ela adorava a solidão. Mas a ideia de estar por conta própria, lá fora, na cidade, a horrorizava. Por isso jamais fugira de Reen; por isso ficara com Camon.

Não podia ir. Mas tinha que ir. Levantou a cabeça em seu canto, examinando a sala. Não havia muitas pessoas na gangue pelas quais sentisse algum tipo de ligação. Mas havia alguns que lamentaria ver feridos, se os obrigadores realmente atacassem o grupo. Alguns homens que não tinham tentado abusar dela ou – em casos muito raros – que a tinham tratado com certa gentileza.

Ulef estava no topo da lista. Ele não era um amigo, mas era o mais próximo disso, agora que Reen se fora. Se ele fosse com ela, então, ao menos, ela não estaria sozinha. Cautelosamente, Vin se levantou e caminhou pela lateral da sala até onde Ulef estava sentado, bebendo com alguns dos outros membros mais jovens da gangue.

Puxou a manga de Ulef. Ele se virou na direção dela, levemente bêbado.

– Vin?

– Ulef – ela sussurrou. – Precisamos ir.

Ele franziu o cenho.

– Ir? Ir para onde?

– Embora – Vin sussurrou. – Para fora daqui.

– Agora?

Vin assentiu, impaciente.

Ulef olhou para seus amigos, que estavam rindo entre si e lançando olhares sugestivos para Vin e Ulef.

Ulef corou.

– Você quer ir para algum lugar, só você e eu?

– Não para isso – Vin disse. – Eu só... tenho que deixar o covil. E não quero estar sozinha.

Ulef franziu o cenho. Inclinou-se para perto dela, tinha um leve odor de cerveja no hálito.

– O que está acontecendo, Vin? – perguntou em voz baixa.

Vin fez uma pausa.

– Eu... acho que algo vai acontecer, Ulef – ela sussurrou. – Algo com os obrigadores. Eu só não quero ficar no covil neste momento.

Ulef ficou em silêncio por um momento.

– Tudo bem – finalmente disse. – Quanto tempo isso vai levar?

– Não sei – Vin falou. – Até o anoitecer, pelo menos. Mas temos que ir. *Agora*.

Ele assentiu lentamente.

– Espere aqui um instante – Vin sussurrou, virando-se. Ela deu uma olhada em Camon, que estava rindo de uma de suas próprias piadas. Então, caminhou discretamente pelo aposento manchado de cinzas e fumaça até o fundo do covil.

Os alojamentos da gangue em geral consistiam de um corredor simples e comprido, forrado com sacos de dormir enfileirados. Era abarrotado e desconfortável, mas era muito melhor que os frios becos nos quais ela dormira durante seus anos viajando com Reen.

Becos com os quais eu talvez tenha de me acostumar novamente, ela pensou. Sobrevivera a eles antes. Podia fazer isso de novo.

Aproximou-se de seu colchão de palha, os sons abafados dos homens rindo e bebendo soavam no outro aposento. Vin se ajoelhou, recolhendo suas poucas posses. Se algo acontecesse com a gangue, não poderia voltar ao covil. Jamais. Mas não podia levar o saco de dormir agora – seria óbvio demais. Sendo assim, restava apenas a pequena caixa com seus objetos pessoais: um seixo de cada cidade que visitara, os brincos que Reen dizia terem sido dados pela mãe de Vin a ela, e um pedaço de obsidiana do tamanho de uma moeda grande. Estava quebrado em um padrão irregular – Reen o carregava consigo como um tipo de amuleto da sorte. Era a única coisa que tinha deixado para trás quando fugiu da gangue seis meses antes. Abandonando-a.

Como sempre disse que faria, Vin disse para si mesma, severa. *Nunca pensei que ele realmente fugiria – e foi exatamente por isso que ele teve que partir.*

Ela segurou a obsidiana na mão e guardou os seixos nos bolsos. Colocou os brincos nas orelhas – eram muito simples. Pouco mais que um rebite, não valia a pena serem roubados, e era por isso que ela não tinha receio de deixá-los no quarto. Além disso, Vin raramente os usava, por medo que o enfeite a deixasse mais feminina.

Ela não tinha dinheiro, mas Reen tinha lhe ensinado como furtar e mendigar. Ambos eram difíceis no Império Final, especialmente em Luthadel, mas ela encontraria um jeito, tinha que encontrar.

Vin deixou a caixa e o saco de dormir e voltou para o aposento comum. Talvez estivesse exagerando; talvez nada acontecesse com a gangue. Mas, se acontecesse... bem, se havia uma coisa que Reen lhe ensinara, era como salvar

o próprio pescoço. Levar Ulef era uma boa ideia. Ele tinha contatos em Luthadel. Se algo acontecesse com a gangue de Camon, Ulef provavelmente conseguiria trabalho para ambos em...

Vin congelou assim que entrou na sala principal. Ulef não estava na mesa onde o tinha deixado. Em vez disso, estava parado furtivamente próximo à entrada da sala. Perto do bar. Perto de... Camon.

– O que é isso? – Camon se levantou, o rosto vermelho como a luz do sol. Ele empurrou o banco para longe, então cambaleou em sua direção, embriagado. – Está fugindo? Vai me trair com o Ministério, é?

Vin correu para a saída de emergência, tropeçando desesperadamente nas mesas e nos outros membros da gangue.

Camon arremessou o banco de madeira, atingindo-a nas costas e lançando-a ao chão. A dor irrompeu entre seus ombros; vários membros da gangue gritaram quando o banco ricocheteou nela e bateu no assoalho.

Vin entrou em transe. Então... algo dentro dela – algo que conhecia, mas não entendia – lhe deu forças. Sua cabeça parou de rodopiar, sua dor se converteu em concentração. Ela se levantou desajeitadamente.

Camon estava lá. Deu-lhe uma bofetada no rosto assim que ela ficou em pé. Sua cabeça virou-se com o golpe, torcendo o pescoço tão dolorosamente que ela mal sentiu quando caiu no chão mais uma vez.

Camon se inclinou, agarrando-a pela frente da camisa e erguendo-a, ao mesmo tempo em que levantava o punho. Vin não parou para pensar ou falar; só havia uma coisa a fazer. Usou toda a sua Sorte em um único e furioso esforço, empurrando-a contra Camon, acalmando a fúria dele.

Camon oscilou. Por um momento, seus olhos se suavizaram. Ele a abaixou ligeiramente.

Então a raiva retornou aos seus olhos. Dura. Aterrorizante.

– Puta maldita – Camon murmurou, agarrando-a pelos ombros e sacudindo-a. – Aquele seu irmão traidor nunca me respeitou, e você é igual. Fui bondoso demais com vocês dois. Eu devia ter...

Vin tentou se libertar, mas o aperto de Camon era firme. Buscou desesperadamente a ajuda de outros membros da gangue – mas sabia o que encontraria. Indiferença. Eles se viraram, com os rostos envergonhados, mas não solidários. Ulef ainda estava parado perto da mesa de Camon, olhando para baixo, culposamente.

Em sua mente, Vin imaginou ter ouvido uma voz sussurrando para ela. A voz de Reen. *Tola! A impiedade é a mais lógica das emoções. Você não tem amigos*

no submundo. Nunca terá nenhum amigo no submundo!

Ela tentou escapar mais uma vez, mas Camon bateu nela novamente, jogando-a ao chão. O golpe a aturdiu, e ela engasgou, o ar escapava de seus pulmões.

Apenas suporte, ela pensou, com a mente confusa. *Ele não me matará. Precisa de mim.*

No entanto, enquanto se virava, sem forças, viu Camon inclinando-se sobre ela na sala sombria, o rosto dominado por uma fúria embriagada. Ela sabia que desta vez seria diferente; não seria uma simples surra. Ele pensava que ela pretendia entregá-lo ao Ministério. Estava fora de si.

Havia uma expressão assassina em seus olhos.

Por favor! Vin pensou, com desespero, buscando sua Sorte, tentando fazê-la funcionar. Não houve resposta. A Sorte, tal como era, falhara.

Camon se abaixou, murmurando para si mesmo enquanto a agarrava pelos ombros. Ele levantou um braço – a mão carnuda se fechou em outro punho, os músculos ficaram tensos, uma raivosa gota de suor escorreu por seu queixo, acertando-a na bochecha.

A poucos metros, o alçapão da escada sacudiu e se abriu violentamente. Camon parou, com o braço ainda erguido enquanto olhava para a porta e para quem quer que fosse o infeliz membro da gangue que escolhera momento tão inoportuno para retornar ao covil.

Vin aproveitou a distração. Ignorando o recém-chegado, tentou se libertar do controle de Camon, mas estava fraca demais. Seu rosto ardia onde ele lhe batera, e sentia gosto de sangue nos lábios. Seu ombro tinha sido estranhamente torcido, e a lateral de seu corpo doía por causa da queda. Ela arranhou a mão de Camon, mas sentiu-se subitamente fraca, sua força interior falhara exatamente como sua Sorte. Suas dores de repente pareciam maiores, mais insuportáveis, mais... exigentes.

Virou-se em direção à porta, de forma desesperada. Estava perto – dolorosamente perto. Quase escapara. Só mais um pouco...

Então ela viu o homem parado, em silêncio, na entrada. Era desconhecido para ela. Alto e de rosto aquilino, tinha cabelos loiros claros e vestia trajes de um nobre descontraído, com a capa pendurada. Tinha, talvez, uns trinta e cinco anos. Não usava chapéu, nem carregava um bastão de duelo.

E parecia muito, muito furioso.

– O que é isso? – Camon exigiu saber. – Quem é você?

Como ele passou pelos vigias? Vin pensou, lutando para voltar ao seu juízo.

Dor. Podia lidar com a dor. *Os obrigadores... eles o enviaram?*

O recém-chegado olhou para Vin, e sua expressão se suavizou ligeiramente. Então olhou para Camon, e seus olhos ficaram sombrios.

As demandas furiosas de Camon foram interrompidas quando ele foi jogado para trás como se tivesse sido golpeado por uma força poderosa. Seu braço foi arrancado do ombro de Vin, e ele despencou no chão, fazendo o assoalho sacudir.

A sala ficou em silêncio.

Tenho que fugir, Vin pensou, forçando-se a ficar de joelhos. Camon gemeu de dor a alguns metros de distância, Vin rastejou para longe dele, escondendo-se embaixo de uma mesa desocupada. O covil tinha uma saída secreta, um alçapão ao lado da parede ao fundo. Se pudesse rastejar até lá...

De repente, Vin sentiu uma paz arrebatadora. A emoção invadiu-a como um peso repentino, suas emoções silenciaram, como se esmagadas por uma mão poderosa. Seu medo desapareceu como uma vela que se apaga, e até mesmo a dor pareceu perder importância.

Ela se acalmou, perguntando-se por que estivera tão preocupada. Levantou-se e parou diante do alçapão. Ela respirava pesadamente, ainda um pouco aturdida.

Camon acabou de tentar me matar!, a parte lógica de sua mente a alertou. *E algo mais está atacando o covil. Tenho que fugir!* Mas suas emoções não correspondiam à sua lógica. Sentia-se... serena. Despreocupada. E pouco mais do que curiosa.

Alguém acabara de usar a Sorte nela.

Vin a reconheceu de certa forma, ainda que nunca tivesse sentido a Sorte sobre si antes. Parou ao lado da mesa, apoiando-se na madeira, e se virou lentamente. O intruso ainda estava parado à porta de entrada. Observando-a com olhar crítico, então sorriu de modo que a desarmou.

O que está acontecendo?

O recém-chegado finalmente entrou na sala. O restante da gangue de Camon permaneceu sentado nas mesas. Pareciam surpresos, mas estranhamente despreocupados.

Ele está usando a Sorte em todos eles. Mas... como consegue fazer isso com tantos ao mesmo tempo? Vin nunca fora capaz de acumular Sorte suficiente para fazer mais que dar empurrões breves e ocasionais.

Assim que o intruso entrou na sala, Vin pôde ver, finalmente, que uma segunda pessoa estava parada na escada atrás dele. Este segundo homem era

menos imponente. Era mais baixo, com uma barba escura por fazer e cabelo liso e curto. Também vestia trajes de nobre, embora o seu tivesse um corte menos elegante.

No outro lado da sala, Camon gemeu e se sentou, segurando a cabeça. Olhava para os recém-chegados.

– Mestre Dockson! O que... ah, bem, isso é uma surpresa!

– De fato – disse o homem mais baixo – Dockson.

Vin franziu o cenho ao perceber que sentia uma leve familiaridade nesses homens. Reconhecia-os de algum lugar.

O Cantão das Finanças. Estavam sentados na sala de espera quando Camon e eu partimos.

Camon ficou em pé, cambaleante, estudando o loiro recém-chegado. Olhou para as mãos do homem, ambas cobertas de estranhas cicatrizes sobrepostas.

– Pelo Senhor Soberano... – Camon sussurrou. – O Sobrevivente de Hathsin!

Vin franziu o cenho. O título era estranho para ela. Ela deveria conhecer este homem? Seus ferimentos ainda doíam, apesar da paz que sentia, e sua cabeça estava atordoada. Ela se inclinou sobre a mesa para se apoiar, mas não se sentou.

Quem quer que o recém-chegado fosse, Camon obviamente o achava importante.

– Ora, Mestre Kelsier! – Camon exclamou. – Essa é uma honra rara!

O recém-chegado – Kelsier – balançou a cabeça.

– Sabe, não estou realmente interessado em ouvir você.

Camon deixou escapar um "*ai*" de dor ao ser atirado para trás novamente. Kelsier não fez nenhum gesto perceptível para executar o golpe. Mesmo assim, Camon despencou no chão, como se jogado por uma força invisível.

Camon ficou em silêncio, e Kelsier perscrutou a sala.

– O restante de vocês sabe quem eu sou?

Muitos dos membros da gangue assentiram.

– Bom. Vim até este covil porque vocês, meus amigos, estão em débito comigo.

A sala estava em silêncio, exceto pelos gemidos de Camon. Finalmente, um dos homens falou.

– Nós... estamos, Mestre Kelsier?

– De fato, estão. Vejam, Mestre Dockson e eu acabamos de salvar suas vidas. Seu líder incompetente deixou o Ministério das Finanças cerca de uma hora atrás, retornando diretamente para este esconderijo. Foi seguido por dois

batedores do Ministério, por um prelado de alta patente... e por um único Inquisidor de Aço.

Ninguém falou.

Oh, Senhor... Vin pensou. Ela estava certa – só não tinha sido rápida o bastante. Se havia um Inquisidor...

– Eu me encarreguei do Inquisidor – Kelsier disse. Fez uma pausa, deixando que a reação ecoasse no ar. Que tipo de pessoa podia afirmar tão despreocupadamente que se "encarregara" de um Inquisidor? Os rumores diziam que esses seres eram imortais, que podiam ver a alma de um homem, e que eram guerreiros imbatíveis.

– Exijo pagamento pelos serviços prestados – Kelsier falou.

Camon não se levantou desta vez; caíra com força e estava obviamente desorientado. A sala permaneceu em silêncio. Finalmente, Milev – o homem de pele escura que era o segundo no comando depois de Camon – pegou o cofre com os boxes do Ministério e se adiantou, oferecendo-o a Kelsier.

– O dinheiro que Camon pegou do Ministério – Milev explicou. – Três mil boxes.

Milev está tão ansioso em agradá-lo, Vin pensou. *Isso é mais do que só Sorte – ou isso, ou algum tipo de Sorte que nunca fui capaz de usar*.

Kelsier fez uma pausa, então aceitou o cofre de moedas.

– E você é?

– Milev, Mestre Kelsier.

– Bem, líder da gangue Milev, considerarei este pagamento satisfatório... se você fizer outra coisa por mim.

Milev fez uma pausa.

– E o que seria?

Kelsier meneou a cabeça na direção de um quase inconsciente Camon.

– Dê um jeito nele.

– É claro – Milev disse.

– Quero-o vivo, Milev – Kelsier disse, levantando um dedo. – Mas não quero que ele aprecie isso.

Milev assentiu.

– Nós o faremos mendigar. O Senhor Soberano desaprova a profissão... Camon não terá tempo bom aqui em Luthadel.

E Milev vai despejá-lo de qualquer modo, assim que vir que esse tal de Kelsier não está prestando atenção.

– Bom – Kelsier disse. E abriu o cofre, contando alguns boxes de ouro. –

Você é um homem perspicaz, Milev. Rápido nos reflexos e não se deixa intimidar facilmente como os outros.

– Já lidei com brumosos antes, Mestre Kelsier – Milev disse.

Kelsier assentiu.

– Dox – disse, dirigindo-se a seu companheiro – onde teremos a nossa reunião desta noite?

– Estava pensando que podíamos usar a loja do Trevo – disse o segundo homem.

– Dificilmente um local neutro – Kelsier comentou. – Especialmente se ele decidir não se juntar a nós.

– É verdade.

Kelsier olhou para Milev.

– Estou planejando um trabalho nesta área. Seria vantajoso ter o apoio de alguns moradores. – Ele segurou uma pilha que parecia ser de uma centena de boxes. – Precisamos usar seu esconderijo esta noite. Isso pode ser arranjado?

– É claro – Milev disse, pegando as moedas ansiosamente.

– Bom – Kelsier disse. – Agora, saiam.

– Sair? – Milev perguntou, hesitante.

– Sim – Kelsier disse. – Leve seus homens, incluindo seu antigo líder, e saia. Quero ter uma conversa em particular com a Senhora Vin.

A sala ficou em silêncio novamente, e Vin sabia que não era a única a se perguntar como Kelsier sabia seu nome.

– Bem, vocês ouviram! – Milev exclamou. Fez um aceno para que um grupo de bandidos pegasse Camon, então mandou o resto da gangue escada acima. Vin os viu partir, ficando mais apreensiva. Esse Kelsier era um homem poderoso, e seu instinto lhe dizia que homens poderosos eram perigosos. Ele sabia da Sorte dela? Obviamente; que outra razão teria para querer falar em particular com ela?

Como esse Kelsier vai tentar me usar?, ela pensou, esfregando o braço que batera no assoalho.

– A propósito, Milev – Kelsier falou, tranquilamente. – Quando digo “em particular”, quero dizer que não quero ser espiado pelos quatro homens que estão nos observando pelos mirantes na parede do fundo. Faça a gentileza de levá-los com você até o beco.

Milev empalideceu.

– É claro, Mestre Kelsier.

– Bom. E, no beco, você encontrará os corpos dos dois espiões do Ministério.

Faça a gentileza de se encarregar dos cadáveres por nós.

Milev assentiu, dando meia-volta.

– E... Milev – Kelsier acrescentou.

Milev se virou novamente.

– Assegure-se de que nenhum de seus homens nos traia – Kelsier disse calmamente. E Vin sentiu de novo uma compressão renovada em suas emoções. – Esta gangue já tem a atenção do Ministério do Aço... não faça de mim outro inimigo.

Milev assentiu bruscamente e desapareceu escada acima, fechando a porta atrás de si. Momentos mais tarde, Vin ouviu passos vindos do mirante; então, tudo ficou em silêncio. Ela estava sozinha com um homem que era – por algum motivo – tão singularmente impressionante que podia intimidar uma sala inteira de degoladores e ladrões.

Ela lançou um olhar para a porta fechada. Kelsier a observava. O que ele faria se ela corresse?

Ele afirma ter matado um Inquisidor, Vin pensou. *E... usou a Sorte. Tenho que ficar só o tempo suficiente para descobrir o que ele sabe.*

O sorriso de Kelsier foi se alargando, até que, finalmente, começou a rir.

– Isso foi *muito* divertido, Dox.

O outro homem, a quem Camon chamara de Dockson, bufou e caminhou na direção da entrada. Vin ficou tensa, mas ele não se aproximou dela, em vez disso, caminhou até o bar.

– Você era insuportável o suficiente antes, Kell – Dockson disse. – Não sei como vou lidar com essa sua nova reputação. Pelo menos, não sei como vou lidar com isso e manter o rosto sério.

– Você está com inveja.

– É, estou – Dockson disse. – Estou com uma inveja tremenda dessa sua habilidade de intimidar criminosos sem importância. E, se for útil pra você, acho que foi muito duro com Camon.

Kelsier se aproximou de uma das mesas e se sentou. Sua alegria diminuiu levemente quando disse:

– Você viu o que ele estava fazendo com a garota.

– Na verdade, não vi – Dockson disse, secamente, remexendo nas mercadorias do bar. – Alguém estava bloqueando a porta.

Kelsier deu de ombros.

– Olhe para ela, Dox. A coitadinha foi espancada até quase perder os sentidos. Não tenho nenhuma simpatia pelo homem.

Vin permaneceu onde estava, atenta aos dois homens. Conforme a tensão do momento diminuía, seus ferimentos começavam a latejar de novo. A ferida entre seus ombros pulsava – este seria um grande hematoma – e o bofetão em seu rosto também queimava. Ela ainda estava um pouco tonta.

Kelsier a estava observando. Vin cerrou os dentes. Dor. Ela podia lidar com a dor.

– Precisa de alguma coisa, criança? – Dockson perguntou. – Um lenço úmido para esse rosto, talvez?

Ela não respondeu e, em vez disso, continuou olhando para Kelsier. *Vamos. Diga o que quer comigo. Faça sua jogada.*

Dockson finalmente deu de ombros, e se enfiou embaixo do bar por um momento, emergindo por fim com um par de garrafas.

– Algo bom? – Kelsier perguntou, virando-se.

– O que você acha? – Dockson perguntou. – Mesmo entre ladrões, Camon não era exatamente conhecido por seu refinamento. Tenho meias que valem mais do que este vinho.

Kelsier suspirou.

– Dê-me uma taça mesmo assim. – E olhou novamente para Vin. – Quer alguma coisa?

Vin não respondeu.

Kelsier sorriu.

– Não se preocupe. Somos muito menos assustadores do que seus amigos acham.

– Não acho que fossem amigos dela, Kell – Dockson disse, atrás do bar.

– Boa observação – Kelsier concordou. – De qualquer modo, criança, você não precisa ter medo de nós. Só do bafo do Dox.

Dockson revirou os olhos.

– Ou das piadas do Kell.

Vin permaneceu em silêncio. Podia se fazer de fraca, como fizera com Camon, mas seus instintos lhe diziam que esses homens não responderiam bem a essa tática. Então permaneceu onde estava, avaliando a situação.

A serenidade caiu sobre ela novamente. Encorajando-a a ficar calma, confiante, a fazer simplesmente o que os homens sugeriam...

Não! Permaneceu onde estava.

Kelsier ergueu uma sobrancelha.

– Isso é inesperado.

– O quê? – Dockson perguntou enquanto servia uma taça de vinho.

– Nada – Kelsier disse, estudando Vin.

– Quer uma bebida ou não, moça? – Dockson perguntou.

Vin não disse nada. Toda sua vida, desde que podia se lembrar, tivera sua Sorte. Isso a tornava forte, e lhe dava uma vantagem sobre os outros ladrões. Era provavelmente o motivo pelo qual ainda estava viva. Mesmo assim, todo esse tempo, ela nunca soubera realmente o que aquilo era ou por que podia usá-lo. Sua lógica e instinto lhe diziam agora a mesma coisa – que precisava descobrir o que aquele homem sabia.

Quaisquer que fossem os planos dele, de como pretendia usá-la, ela precisava suportar. Tinha que descobrir como ele ficara tão poderoso.

– Cerveja – disse, finalmente.

– Cerveja? – Kelsier perguntou. – Só isso?

Vin assentiu, observando-o cuidadosamente.

– Eu gosto.

Kelsier coçou o queixo.

– Teremos que trabalhar nisso – disse. – Enfim, sente-se.

Hesitante, Vin se aproximou e se sentou do lado oposto de Kelsier na pequena mesa. Seus ferimentos latejavam, mas não podia se dar ao luxo de mostrar fraqueza. A fraqueza matava. Tinha que fingir ignorar a dor. Pelo menos, sentada como estava, sua cabeça se orientara.

Dockson se juntou a eles logo depois, dando a Kelsier uma taça de vinho e a Vin uma caneca de cerveja. Ela não bebeu.

– Quem é você? – Ela perguntou, em voz baixa.

Kelsier ergueu uma sobrancelha.

– Você é direta, hein?

Vin não respondeu.

Kelsier suspirou.

– Isso é demais para o meu ar de mistério intrigante.

Dockson bufou discretamente.

Kelsier sorriu.

– Meu nome é Kelsier. Sou o que você chamaria de um líder de gangue... mas comando uma gangue que não é como qualquer outra que você provavelmente tenha conhecido. Homens como Camon, assim como sua gangue, gostam de se considerar predadores, alimentando-se da nobreza e das várias organizações do Ministério.

Vin negou com a cabeça.

– Predadores, não. Coletores.

Alguém poderia pensar que, talvez, tão perto do Senhor Soberano, coisas como gangues de ladrões não poderiam existir. Mas Reen lhe mostrara que o contrário era verdade: a poderosa e rica nobreza se reunia em torno do Senhor Soberano. E onde existisse poder e riqueza, também existiria corrupção – especialmente porque o Senhor Soberano tendia a policiar a nobreza muito menos do que fazia com os skaa. Isso tinha a ver, aparentemente, com seu apreço pelos antepassados.

De qualquer modo, gangues como a de Camon eram os ratos que se alimentavam da corrupção da cidade. E, como ratos, eram impossíveis de serem completamente exterminados – especialmente em uma cidade com a população de Luthadel.

– Coletores – Kelsier disse, sorrindo; aparentemente ele sorria muito. – Essa é uma descrição apropriada, Vin. Bem, Dox e eu somos coletores também... só que de uma maior qualidade. Somos mais bem educados, pode-se dizer... ou, talvez, só mais ambiciosos.

Ela franziu o cenho.

– Vocês são nobres?

– Oh, Senhor, não – Dockson disse.

– Ou, pelo menos – Kelsier disse – não puros-sangues.

– Os mestiços supostamente não existem – Vin disse cuidadosamente. – O Ministério os caça.

Kelsier ergueu uma sobrancelha.

– Mestiços como você?

Vin sentiu um choque. *Como...?*

– Nem mesmo o Ministério do Aço é infalível, Vin – Kelsier disse. – Se não notaram você, podem não ter notado outros.

Vin ficou pensativa.

– Milev. Ele os chamou de brumosos. Esses são um tipo de alomântico, certo?

Dockson olhou para Kelsier.

– Ela é observadora – o homem mais baixo disse, com um aceno apreciativo.

– De fato – Kelsier concordou. – O homem nos chamou de brumoso, Vin... embora a denominação tenha sido um pouco apressada, uma vez que nem Dox nem eu somos, tecnicamente, brumoso. Temos, no entanto, nos associado um bocado com eles.

Vin permaneceu em silêncio por um momento, sob escrutínio dos dois homens. alomancia. O poder místico da nobreza, garantido a eles pelo Senhor

Soberano há alguns milhares de anos, como recompensa por sua lealdade. Era a doutrina básica do Ministério; até mesmo uma skaa como Vin sabia disso. A nobreza tinha a alomancia e privilégios por causa de seus ancestrais; os skaa eram punidos pela mesma razão.

Mas a verdade, no entanto, era que ela não sabia exatamente o que era a alomancia. Ela sempre deduziu que tivesse algo a ver com combate. Dizia-se que um "brumoso", como eram chamados, era perigoso o suficiente para matar um grupo inteiro de ladrões. Mas os skaa que ela conhecia falavam do poder em vozes sussurradas, incertas. Antes desse momento, ela nunca parara para pensar na possibilidade de ser simplesmente o mesmo que sua Sorte.

– Diga-me, Vin – Kelsier perguntou, inclinando-se na direção dela com interesse. – Você percebe o que fez com aquele obrigador no Cantão das Finanças?

– Usei minha Sorte – Vin respondeu em voz baixa. – Eu a uso para tornar as pessoas menos zangadas.

– Ou menos desconfiadas – Kelsier disse. – Mais fáceis de se enganar.

Vin assentiu. Kelsier ergueu um dedo em riste.

– Você tem muito o que aprender. Técnicas, regras e exercícios. Uma lição, no entanto, não pode esperar. *Nunca* use a alomancia emocional em um obrigador. Todos eles são treinados para reconhecer quando suas emoções estão sendo manipuladas. Mesmo a alta nobreza é proibida de *puxar* ou *empurrar* as emoções de um obrigador. Você foi a razão pela qual aquele intendente chamou o Inquisidor.

– Reze para que a criatura nunca encontre seu rastro novamente, moça – Dockson disse em voz baixa, bebendo seu vinho.

Vin empalideceu.

– Você não matou o Inquisidor?

Kelsier meneou a cabeça negativamente.

– Eu só o distraí um pouco... o que já foi perigoso o bastante, devo acrescentar. Não se preocupe, muitos dos rumores sobre eles não são verdadeiros. Agora que ele perdeu seu rastro, não será capaz de encontrá-la novamente.

– Muito provavelmente – Dockson comentou.

Vin olhou para o homem mais baixo com apreensão.

– Muito provavelmente – Kelsier concordou. – Há muitas coisas que não sabemos sobre os Inquisidores... eles não parecem seguir regras normais. Aqueles pregos em seus olhos, por exemplo, poderiam matá-los. Nada do que

aprendi sobre alomancia jamais me forneceu uma explicação sobre como essas criaturas continuam vivendo. Se houvesse apenas um mero Caçador de brumosos no seu encalço não precisaríamos nos preocupar. Um Inquisidor... bem, é bom manter os olhos abertos. É claro, você já parece bastante boa nisso.

Vin sentiu-se incômoda por um momento. Depois de um tempo, Kelsier acenou com a cabeça para a sua caneca de cerveja.

– Você não está bebendo.

– Vocês podem ter colocado alguma coisa aí – Vin disse.

– Ah, não há necessidade alguma de que eu coloque algo na sua bebida – Kelsier disse, sorrindo e tirando um objeto do bolso do casaco. – Afinal, você vai beber o líquido misterioso deste frasco voluntariamente.

Ele colocou o pequeno frasco sobre a mesa. Vin franziu o cenho, observando o líquido dentro dele. Havia um resíduo escuro no fundo.

– O que é isso? – ela perguntou.

– Se eu lhe dissesse, não seria misterioso – Kelsier disse com um sorriso.

Dockson revirou os olhos.

– O frasco está cheio de uma solução de álcool e alguns flocos de metal, Vin.

– Metal? – ela perguntou, franzindo a sobrancelha.

– Dois dos oito metais alomânticos básicos – Kelsier confirmou. – Precisamos fazer alguns testes.

Vin encarou o frasco.

Kelsier deu de ombros.

– Você precisa beber isso se quiser saber mais sobre essa sua tal Sorte.

– Você bebe metade primeiro – Vin falou.

Kelsier ergueu uma sobrancelha.

– Um pouco paranoica, pelo que vejo.

Vin não respondeu.

Finalmente, ele suspirou, pegou o frasco e tirou a tampa.

– Agite primeiro – Vin disse. – Para pegar um pouco do sedimento.

Kelsier revirou os olhos, mas fez como lhe foi pedido, sacudindo o frasco e bebendo metade do conteúdo. Colocou-o de volta na mesa com um ruído seco.

Vin fez uma careta. Olhou para Kelsier, que sorriu. Ele sabia que a cativara. Mostrara seu poder, instigara-a com ele. *A única razão para se submeter aos poderosos é ter a chance de aprender, para algum dia tomar o que eles têm.* Palavras de Reen.

Vin estendeu a mão, pegou o frasco e engoliu seu conteúdo. Ela se sentou, esperando alguma transformação mágica ou uma onda de poder – ou mesmo

sinais de envenenamento. Não sentiu nada.

Que... decepcionante. Ela fez uma careta, recostando-se na cadeira. Só por curiosidade, alcançou a sua Sorte.

E sentiu seus olhos se arregalarem de surpresa.

Estava lá, como um enorme tesouro dourado. Um armazenamento de poder tão incrível que ia além da sua compreensão. Ela sempre precisara ser econômica com sua Sorte, mantendo uma reserva, usando pequenos bocados com parcimônia. Agora sentia-se como uma mulher faminta convidada para o banquete de um alto nobre. Ficou imóvel, aturdida, observando a imensa riqueza em seu interior.

– Então – instou Kelsier. – Experimente-a. Acalme a mim.

Vin tocou timidamente sua recém-encontrada massa de Sorte. Pegou um pouco e a dirigiu para Kelsier.

– Bom. – Kelsier se inclinou para frente, ansioso. – Mas nós já sabíamos que podia fazer isso. Agora, um teste de verdade, Vin. Você consegue fazer o inverso? Você pode aplacar minhas emoções, mas pode inflamá-las também?

Vin cerrou as sobrancelhas. Nunca usara sua Sorte desse jeito; nem mesmo sabia que era possível. Por que ele estava tão ansioso?

Desconfiadamente, Vin alcançou sua fonte de Sorte. Ao fazê-lo, notou algo interessante. O que interpretara inicialmente como uma fonte maciça de poder eram, na verdade, duas fontes de poder distintas. Havia tipos diferentes de Sorte.

Oito. Ele disse que havia oito deles. Mas... o que os outros fazem?

Kelsier ainda estava esperando. Vin alcançou a segunda e desconhecida fonte de Sorte, fazendo como fizera antes e dirigindo-a para ele.

Kelsier sorriu mais amplamente, e reclinou-se na cadeira, olhando para Dockson.

– Aí está. Ela fez.

Dockson sacudiu a cabeça.

– Para ser honesto, Kell, não sei bem o que pensar. Ter um de vocês por aí já é bastante inquietante. Mas dois...

Vin os observava com os olhos estreitos, em dúvida.

– Dois o quê?

– Mesmo entre a nobreza, Vin, a alomancia é razoavelmente rara – Kelsier explicou. – É verdade que é uma habilidade hereditária, e a maior parte de sua linhagem de poder está entre a alta nobreza. No entanto, a casta, por si só, não garante força alomântica. Muitos altos nobres só têm acesso a uma única

habilidade alomântica. Pessoas assim, que só podem empregar a alomancia em um de seus oito aspectos básicos, são chamadas de Brumosas. Essas habilidades às vezes podem ser encontradas em um skaa; mas só se esse skaa tiver sangue nobre de seus antepassados próximos. Em geral, é possível encontrar um brumoso entre... ah, cerca de dez mil skaa mestiços. Quanto melhores, mais próximos e mais nobres sejam os antepassados, mais provável que o skaa seja um brumoso.

– Quem eram seus pais, Vin? – Dockson perguntou. – Você se lembra deles?

– Eu fui criada pelo meu meio-irmão, Reen – Vin disse em voz baixa, desconfortável. Isso não era algo que discutia com outras pessoas.

– Ele falava sobre sua mãe e seu pai? – Dockson perguntou.

– De vez em quando – ela admitiu. – Reen dizia que nossa mãe era uma puta. Não por escolha, mas o submundo... – Ficou em silêncio. Sua mãe tentara matá-la uma vez, quando ela era muito jovem. Recordava-se vagamente do acontecimento. Reen a salvara.

– E quanto a seu pai, Vin? – Dockson perguntou.

Vin levantou a cabeça.

– É um alto prelado do Ministério do Aço.

Kelsier assobiou suavemente.

– Agora, *isso* é que é uma levemente irônica violação de conduta.

Vin olhou para a mesa. Finalmente, estendeu a mão e deu um bom gole da caneca de cerveja.

Kelsier sorriu.

– Muitos intendentes com posição no Ministério são altos nobres. Seu pai lhe deu um dom raro nesse seu sangue.

– Então... sou uma dessas Brumosas que você mencionou?

Kelsier meneou a cabeça.

– Na verdade, não. Veja bem, é isso que a torna tão interessante, Vin. Brumosos só têm acesso a uma habilidade alomântica. Você acaba de provar que tem duas. E, se tem acesso a, pelo menos, duas das oito, então tem acesso às demais também. É assim que funciona... se você é uma alomântica, ou você tem uma só habilidade ou tem todas elas.

Kelsier se inclinou para frente.

– Você, Vin, é o que em geral se chama Nascida da Bruma. Mesmo entre a nobreza, isso é incrivelmente raro. Entre os skaa... bem, digamos que só conheci um outro skaa nascido da bruma em toda a minha vida.

De algum modo, a sala pareceu ficar mais silenciosa. Mais tranquila. Vin

encarou sua caneca com olhos distraídos e incomodados. *Nascida da Bruma*. Ela tinha ouvido as histórias, é claro. As lendas.

Kelsier e Dockson sentavam-se em silêncio, deixando-a pensar. Finalmente, ela falou.

– Então... o que tudo isso significa?

Kelsier sorriu.

– Significa que você, Vin, é uma pessoa muito especial. Você tem um poder que muitos altos nobres invejam. Um poder que, se você tivesse nascido aristocrata, a tornaria uma das pessoas mais letais e influentes do Império Final.

Kelsier inclinou-se para frente novamente.

– Mas, você não nasceu aristocrata, Vin. Não é nobre. Não tem que jogar sob as regras deles... e isso a torna ainda *mais* poderosa.

Aparentemente, a próxima etapa da minha missão nos levará ao planalto de Terris. Diz-se que é um lugar frio e implacável – uma terra em que as próprias montanhas são feitas de gelo.

Nossos criados comuns não conseguirão fazer essa viagem. Provavelmente teremos que contratar alguns carregadores de Terris para levar os nossos pertences.



– Você escutou o que ele disse! Ele está planejando um trabalho. – Os olhos de Ulef brilhavam de entusiasmo. – Fico me perguntando qual das Grandes Casas ele vai atacar.

– Será uma das mais poderosas – disse Disten, um dos principais rastreadores de Camon. Não tinha uma mão, mas sua visão e audição estavam entre as mais aguçadas da gangue. – Kelsier nunca se incomoda de fazer servicinhos.

Vin estava sentada, em silêncio, sua caneca de cerveja – a mesma que Kelsier lhe dera – jazia quase cheia sobre a mesa repleta de gente. Kelsier deixara os ladrões voltarem para o esconderijo por um instante, antes que a reunião começasse. Vin, no entanto, teria preferido ficar sozinha. A vida com Reen a acostumara à solidão – deixar que alguém se aproxime demais é o mesmo que dar melhores oportunidades para que essa pessoa a traia.

Mesmo depois do desaparecimento de Reen, Vin se manteve afastada. Não teve vontade de partir; mas também não sentiu necessidade de se aproximar dos outros membros da gangue. Eles, por sua vez, se mostraram perfeitamente dispostos a deixá-la em paz. A posição de Vin era precária, e associar-se a ela poderia manchar uma reputação. Só Ulef tentara alguma aproximação amigável.

Se deixar alguém se aproximar de você, isso só vai machucar mais quando esta pessoa a trair, Reen pareceu sussurrar em sua mente.

Ulef tinha sido realmente seu amigo? Ele certamente a entregara com bastante rapidez. Além disso, os outros membros da gangue aceitaram a surra

de Vin e seu súbito resgate sem problema algum, sem mencionar a traição dela ou a recusa deles em ajudá-la. Fizeram apenas o que era de se esperar.

– O Sobrevivente não tem se importado com *nenhum* trabalho ultimamente – comentou Harmon, um arrombador mais velho, de barba descuidada. – Mal foi visto em Luthadel alguns meses durante os últimos anos. De fato, não tem dado nenhum golpe desde...

– Este é o primeiro? – Ulef perguntou ansiosamente. – O primeiro desde que escapou das Minas? Então tende a ser algo espetacular!

– Ele falou alguma coisa sobre isso, Vin? – Disten perguntou. – Vin? – Gesticulou com o braço atarracado na direção dela, para chamar sua atenção.

– O quê? – ela perguntou, erguendo a cabeça. Ela tinha se limpado ligeiramente desde o espancamento de Camon, depois de finalmente aceitar o lenço de Dockson para tirar o sangue do rosto. Não havia o que fazer quanto aos hematomas, no entanto. Ainda latejavam. Felizmente, nada estava quebrado.

– Kelsier – Disten repetiu. – Ele falou algo sobre o trabalho que está planejando?

Vin negou com a cabeça. Pousou o olhar sobre o lenço ensanguentado. Kelsier e Dockson tinham saído há pouco tempo, prometendo retornar depois que ela tivesse algum tempo para pensar sobre as coisas que haviam lhe contado. Mas havia uma insinuação em suas palavras – uma oferta. Qualquer que fosse o trabalho que estavam planejando, ela estava convidada a participar.

– Por que ele escolheu você para ser intermediária dele, Vin? – Ulef perguntou. – Ele falou algo a esse respeito?

Isso era o que a gangue tinha presumido – que Kelsier a escolhera para ser o contato dele com a gangue de Camon... de Milev.

Havia duas facções no submundo de Luthadel. Havia as gangues normais, como a de Camon, e havia as... *especiais*. Grupos compostos por elementos extremamente habilidosos, extremamente audaciosos, ou extremamente talentosos. Alomânticos.

As duas facções do submundo não se misturavam; os ladrões comuns deixavam seus superiores em paz. Contudo, algumas dessas gangues de brumosos contratavam uma equipe de ladrões normais para fazer algum trabalho mundano, e escolhiam um intermediário para trabalhar nas duas gangues. Daí a dedução de Ulef sobre Vin.

Os membros da gangue de Milev notaram a falta de resposta dela e se voltaram para outro assunto: os brumosos. Eles falavam de alomancia em um

tom baixo e inseguro, e ela ouvia, desconfortável. Como ela podia estar associada a algo a que tinham tal pavor? Sua Sorte... sua alomancia... era algo pequeno, algo que usava para sobreviver, mas algo realmente sem importância.

Mas, tal poder... pensou, olhando para sua reserva de Sorte.

– O que Kelsier tem feito nos últimos anos?, eu me pergunto – Ulef comentou. Ele parecera um pouco desconfortável perto dela no começo da conversa, mas passara rapidamente. Ele a tinha traído, mas esse era o submundo. Não havia amigos.

Não parece ser assim entre Kelsier e Dockson. Eles parecem confiar um no outro. Uma fachada? Ou seriam eles simplesmente uma dessas raras equipes em que os membros não se preocupavam com traições?

O ponto mais inquietante a respeito de Kelsier e Dockson fora a franqueza deles para com ela. Pareciam dispostos a confiar em Vin, e até mesmo a aceitá-la, dentro de um espaço de tempo relativamente curto. Isso não podia ser genuíno – ninguém sobrevivia no submundo com tais táticas. Apesar disso, a atitude amistosa deles era desconcertante.

– Dois anos... – disse Hrud, um bandido calado e de rosto achatado. – Ele deve ter passado todo esse tempo planejando o golpe.

– Deve ser um belo golpe, realmente... – Ulef comentou.

– Falem-me sobre ele – disse Vin, em voz baixa.

– Kelsier? – Disten perguntou.

Vin assentiu.

– Não se fala sobre Kelsier lá no sul?

Vin balançou a cabeça negativamente.

– Ele era o melhor líder de gangue de Luthadel – Ulef explicou. – Uma lenda, mesmo entre os brumosos. Roubou algumas das Grandes Casas mais ricas da cidade.

– E? – Vin perguntou.

– Alguém o traiu – Harmon disse, em voz baixa.

É claro, Vin pensou.

– O próprio Senhor Soberano capturou Kelsier – Ulef disse. – Mandou Kelsier e sua esposa para as Minas de Hathsin. Mas *ele escapou*. Ele escapou das Minas, Vin! É o único que já fez isso.

– E a esposa dele? – Vin perguntou.

Ulef olhou para Harmon, que negou com a cabeça.

– Ela não conseguiu.

Então ele também perdeu alguém. Como consegue sorrir tanto? Tão

honestamente?

– Foi lá que ele conseguiu aquelas cicatrizes, sabe – Disten disse. – Aquelas nos braços. Ele as conseguiu nas Minas, nas rochas de uma parede escarpada que teve que escalar para fugir.

Harmon bufou.

– Não foi assim. Ele matou um Inquisidor enquanto escapava... foi assim que ele conseguiu as cicatrizes.

– Ouvi dizer que foi lutando contra um dos monstros que guardam as Minas – Ulef disse. – Ele enfiou a mão na boca do monstro e o estrangulou *pelo lado de dentro*. Os dentes arranharam seus braços.

Disten franziu o cenho.

– Como é possível estrangular alguém pelo lado de dentro?

Ulef deu de ombros.

– Foi o que ouvi.

– Este homem não é normal – Hrud murmurou. – Algo aconteceu com ele nas Minas, algo mau. Ele não era um alomântico antes. Entrou nas Minas como um skaa normal, e agora... bem, é um brumoso, com certeza... se é que ainda é humano. Tem estado tempo demais nas brumas, mais do que qualquer um. Alguns dizem que o Kelsier verdadeiro está morto, que aquilo usando seu rosto é... uma outra coisa.

Harmon balançou a cabeça negativamente.

– Isso é tolice dos skaa rurais. Todos nós já estivemos nas brumas.

– Não nas brumas fora da cidade – Hrud insistiu. – Os espectros das brumas estão lá fora. Eles capturam um homem e pegam seu rosto, tão certo quanto o Senhor Soberano.

Harmon revirou os olhos.

– Hrud está certo sobre uma coisa – Disten comentou. – Esse homem não é humano. Pode não ser um espectro da bruma, mas tampouco é um skaa. Ouvi dizer que ele faz coisas, coisas que só *eles* podem fazer. Os que saem à noite. Vocês viram o que ele fez com Camon.

– Nascido da bruma – Harmon murmurou.

Nascido da bruma. Vin ouvira o termo antes que Kelsier o mencionasse, é claro. Quem não ouvira? Mas os rumores sobre os nascidos da bruma faziam as histórias sobre os Inquisidores e os brumosos parecerem racionais. Dizia-se que os Nascidos da Bruma eram arautos das brumas, dotados de grandes poderes dados pelo Senhor Soberano. Só altos nobres podiam ser Nascidos da Bruma; dizia-se que faziam parte de uma seita secreta de assassinos que servia ao

Senhor Soberano e que só saíam à noite. Reen sempre lhe ensinara que eles eram um mito, e Vin presumira que ele estava certo.

E Kelsier diz que eu – assim como ele – sou um deles. Como ela podia ser o que ele dizia? Filha de uma prostituta, ela não era ninguém. Não era nada.

Nunca confie em um homem que lhe dá boas notícias, Reen sempre dizia. *É a forma mais antiga, mas a mais fácil, de enganar alguém.*

Contudo, ela tinha a sua Sorte. Sua alomancia. Ainda podia sentir as reservas que o frasco de Kelsier lhe dera, e testara seus poderes nos membros da gangue. Sem se limitar a um pouco de Sorte por dia, ela descobriu que podia produzir efeitos muito mais surpreendentes.

Vin estava começando a perceber que seu antigo objetivo de vida – simplesmente sobreviver – era insípido. Havia muito mais que podia fazer. Ela tinha sido escrava de Reen; tinha sido escrava de Camon. Seria uma escrava desse Kelsier também, se isso a conduzisse a uma eventual liberdade.

Em sua mesa, Milev olhou o relógio de bolso e se levantou.

– Tudo bem, todo mundo para fora.

A sala começou a se esvaziar para dar lugar à reunião de Kelsier. Vin ficou onde estava; Kelsier deixara bem claro para os demais que ela estava convidada. Ficou em silêncio por um momento, a sala pareceu muito mais confortável agora que estava vazia. Os amigos de Kelsier começaram a chegar algum tempo depois.

O primeiro homem a descer as escadas tinha a constituição de um soldado. Usava uma camisa solta, sem mangas, que deixava exposto um par de braços bem esculpidos. Era impressionantemente musculoso, mas não maciço, e tinha o cabelo raspado, bem rente à pele.

O homem que o acompanhava estava bem-vestido, em trajes nobres – colete púrpura, botões dourados e casaco negro –, completado com um chapéu de abas curtas e bastão de duelo. Era mais velho do que o soldado, e um pouco corpulento. Ele tirou o chapéu ao entrar na sala, revelando o cabelo negro e bem penteado. Os dois homens conversavam amigavelmente enquanto caminhavam, mas pararam quando a viram na sala vazia.

– Ah, essa deve ser a nossa intermediária – disse o homem bem-vestido. – Kelsier já chegou, minha querida? – Falava com ela com familiaridade, como se fossem amigos de longa data. De repente, sem querer, Vin descobriu que gostava deste homem bem-vestido e articulado.

– Não – disse, em voz baixa. Embora a jardineira e a camisa de trabalho lhe caíssem bem, ela repentinamente desejou ter algo mais bonito. O porte deste

homem parecia exigir uma atmosfera mais formal.

– Devíamos saber que Kell chegaria atrasado à sua própria reunião – o soldado disse, sentando-se em uma das mesas no meio da sala.

– De fato – disse o homem bem-vestido. – Imagino que o atraso dele nos dê a chance de tomar alguma bebida...

– Deixe-me trazer algo – disse Vin rapidamente, ficando em pé.

– Muito gentil de sua parte – o homem elegante disse, escolhendo uma cadeira perto do soldado. Sentou-se de pernas cruzadas, com o bastão de duelo ao lado, a ponta contra o chão, uma mão apoiada na parte de cima.

Vin se aproximou do bar e começou a procurar pelas bebidas.

– Brisa... – o soldado disse em tom de advertência quando Vin escolheu uma das garrafas de vinho mais caras de Camon e começou a servir uma taça.

– Hum...? – o homem bem-vestido disse, erguendo uma sobrancelha.

O soldado acenou com a cabeça na direção de Vin.

– Ah, tudo bem – o homem bem-vestido disse, suspirando.

Vin parou, meia taça servida, e franziu o cenho levemente. *O que estou fazendo?*

– Juro, Ham – o homem bem-vestido reclamou – você é terrivelmente rígido às vezes.

– Só porque você consegue *empurrar* alguém próximo a você não significa que deva fazer isso, Brisa.

Vin ficou parada, desconcertada. *Ele... usou Sorte em mim.* Quando Kelsier tentou manipulá-la, ela sentira o toque dele e fora capaz de resistir. Desta vez, no entanto, nem mesmo percebera o que estava fazendo.

Encarou o homem, estreitando os olhos.

– Nascido da Bruma.

O homem bem-vestido, Brisa, gargalhou.

– Dificilmente. Kelsier é o único skaa nascido da bruma que você conhecerá, querida... e reze para nunca estar em uma situação em que encontre um nascido nobre. Não, sou só um ordinário e humilde brumoso.

– Humilde? – Ham perguntou.

Brisa deu de ombros.

Vin olhou a taça meio cheia de vinho.

– Você *puxou* minhas emoções. Com... alomancia, quero dizer.

– Eu as *empurrei*, na verdade – Brisa explicou. – *Puxar* faz com que a pessoa fique menos confiante e mais determinada. *Empurrar* as emoções, suavizando-as, torna a pessoa mais confiante.

– Seja como for, você me controlou – Vin falou. – Você me fez pegar uma bebida para você.

– Ah, eu não diria que a *fiz* fazer isso – Brisa disse. – Só alterei suas emoções levemente, colocando-a em um estado mental em que estaria mais disposta a fazer o que eu queria.

Ham coçou o queixo.

– Não sei, Brisa. É uma questão interessante. Ao influenciar as emoções dela, você tirou sua capacidade de escolha? Se, por exemplo, ela matasse ou roubasse sob seu controle, o crime seria dela ou seu?

Brisa revirou os olhos.

– Na verdade não há nenhuma questão aí. Você não devia se preocupar com essas coisas, Hammond... vai acabar ferindo o seu cérebro. Eu a encorajei, só que por meios irregulares.

– Mas...

– Não vou discutir isso com você, Ham.

O homem corpulento suspirou, parecendo um pouco contrariado.

– Vai me trazer uma bebida? – Brisa perguntou esperançosamente, olhando para Vin. – Digo, você já está de pé, e vai ter que vir nessa direção para se sentar de qualquer maneira...

Vin examinou suas emoções. Sentia-se anormalmente impulsionada a fazer o que o homem pedia? Ele a estava manipulando novamente? Por fim, simplesmente se afastou do bar, deixando a bebida onde estava.

Brisa suspirou. Mas não se levantou para pegar a taça.

Vin se aproximou da mesa de modo hesitante. Estava acostumada com sombras e cantos – perto o bastante para escutar, mas longe o suficiente para fugir. Mas não podia se esconder desses homens – não enquanto a sala estivesse tão vazia. Então, ela escolheu uma cadeira na mesa ao lado da que os dois homens estavam e se sentou cautelosamente. Precisava de informação – enquanto permanecesse ignorante, estaria em grande desvantagem neste novo mundo de gangues de brumosos.

Brisa gargalhou.

– Nervosinha você, hein?

Vin ignorou o comentário.

– Você – Vin disse, acenando com a cabeça para Ham. – Você é um... um brumoso também?

Ham assentiu.

– Sou um brutamonte.

Vin franziu o cenho, confusa.

– Eu queimo peltre – Ham explicou.

Mais uma vez, Vin olhou para ele intrigada.

– Ele consegue ficar mais forte, minha querida – Brisa explicou. – Ele acerta coisas, especialmente pessoas, que tentam interferir no que o resto de nós está fazendo.

– É muito mais do que isso – Ham falou. – Eu supervisiono a segurança geral dos trabalhos, fornecendo ao meu líder homens fortes e guerreiros quando necessário.

– E ele vai tentar te aborrecer com filosofia barata quando não estiver fazendo isso – Brisa acrescentou.

Ham suspirou.

– Brisa, honestamente, às vezes eu não sei por que eu... – ficou em silêncio quando a porta se abriu novamente e outro homem entrou.

O recém-chegado vestia um casaco marrom e sem graça, calça marrom e uma camisa branca simples. Mas seu rosto era muito mais distinto do que suas roupas. Era nodoso e distorcido, como um pedaço retorcido de madeira, e seus olhos brilhavam com o grau de insatisfação desaprovadora que só os velhos demonstram. Vin não conseguiu calcular sua idade – era jovem o bastante para não andar encurvado e velho o suficiente para fazer Brisa, já de meia-idade, parecer juvenil.

O recém-chegado olhou para Vin e os outros bufando desdenhosamente, caminhou até uma mesa do outro lado da sala e se sentou. Seus passos eram marcados por um nítido coxear.

Brisa suspirou.

– Vou sentir falta do Arapuca.

– Todos nós vamos – Ham disse em voz baixa. – Mas Trevo é muito bom. Já trabalhei com ele antes.

Brisa observou o recém-chegado.

– Fico pensando se consigo que *ele* me traga uma bebida...

Ham deu uma gargalhada.

– Pagaria para ver você tentar.

– Tenho certeza que sim – Brisa falou.

Vin olhou o recém-chegado, que parecia perfeitamente satisfeito em ignorar ela e os outros dois homens.

– O que ele é?

– O Trevo? – Brisa perguntou. – Ele, minha querida, é um esfumaçador. É ele

quem impede que o resto de nós seja descoberto por um Inquisidor.

Vin mordeu o lábio, digerindo a nova informação enquanto observava Trevo. O homem a olhou com uma cara feia e ela desviou o olhar. Ao se virar, percebeu que Ham a observava.

– Gosto de você, criança – disse. – Os outros intermediários com quem trabalhei ou estavam intimidados demais para conversar conosco ou com ciúmes por nos intrometermos em seu território.

– De fato – Brisa concordou. – Você não é como essas migalhas. É claro que eu teria gostado muito mais se você tivesse me trazido aquela taça de vinho...

Vin o ignorou, olhando para Ham.

– Migalha?

– É como alguns dos membros mais cheios de si de nossa sociedade chamam os ladrões menores – Ham explicou. – Chamam vocês de migalhas, já que tendem a se envolver em... projetos menos inspirados.

– Sem ofensa, é claro – Brisa assegurou.

– Ah, eu jamais me ofenderia... – Vin fez uma pausa, sentindo um desejo irregular de agradar o homem bem-vestido. Ela encarou Brisa. – Pare com isso!

– Viu só – Brisa comentou, olhando para Ham. – Ela ainda tem a capacidade de escolha.

– Você não tem jeito.

Eles presumem que sou uma intermediária, Vin pensou. *Então Kelsier não contou para eles o que sou. Por quê?* Falta de tempo? Ou o segredo era valioso demais para ser compartilhado? Quão confiáveis eram esses homens? E, se achavam que ela era uma simples “migalha”, por que estavam sendo tão gentis com ela?

– Quem mais estamos esperando? – Brisa perguntou, olhando para a porta. – Além de Kell e Dox, quero dizer.

– Yeden – Ham falou.

Brisa franziu o cenho, com uma expressão azeda.

– Ah, sim.

– Concordo – Ham comentou. – Mas eu apostaria que ele sente o mesmo a nosso respeito.

– Não sei nem por que ele foi convidado – Brisa disse.

Ham deu de ombros.

– Tem algo a ver com o plano de Kell, é óbvio.

– Ah, o famoso “plano” – Brisa falou, pensativo. – Que trabalho será esse... ?

Ham balançou a cabeça.

– Kell e sua maldita dramaticidade.

– De fato.

A porta se abriu alguns momentos depois, e o homem sobre quem falavam, Yeden, entrou. Era um tipo despretensioso, e Vin teve dificuldades em entender por que os outros dois estavam tão descontentes com a presença dele. Baixo, com cabelos castanhos encaracolados, Yeden estava vestido com o traje cinzento e simples de um skaa e um casaco marrom de operário, remendado e manchado de fuligem. Ele avaliou o ambiente com ar de desaprovação, mas não era nem de perto tão abertamente hostil quanto Trevo, que ainda estava sentado do outro lado da sala, fazendo cara feia para quem quer que olhasse em sua direção.

Não é uma gangue muito grande, Vin pensou. *Com Kelsier e Dockson, são apenas seis.* É claro, Ham tinha dito que liderava um grupo de "Brutamontes". Seriam os homens nessa reunião apenas representantes? Líderes de grupos menores e mais especializados? Algumas gangues trabalhavam assim.

Brisa conferiu seu relógio de bolso mais três vezes antes que Kelsier finalmente chegasse. O líder de gangue e nascido da bruma irrompeu pela porta com seu alegre entusiasmo, seguido por Dockson. Ham ficou em pé imediatamente, sorrindo de orelha a orelha e apertando as mãos de Kelsier. Brisa ficou em pé também, e, ainda que seu cumprimento fosse um pouco mais reservado, Vin tinha que admitir que nunca tinha visto um líder de gangue ser tão alegremente recebido por seus homens.

– Ah – Kelsier disse, olhando para o outro lado da sala. – Trevo e Yeden também estão aqui. Então, estamos todos. Bom... odeio que me façam esperar.

Brisa ergueu uma sobrancelha enquanto ele e Ham voltavam a se sentar em suas cadeiras. Dockson se sentou na mesma mesa.

– Será que vamos receber alguma explicação pelo seu atraso?

– Dockson e eu estávamos visitando meu irmão – Kelsier explicou, caminhando para a parte da frente do covil. Ele se virou e se apoiou contra o bar, perscrutando a sala. Quando seus olhos pousaram em Vin, ele piscou.

– Seu irmão? – Ham perguntou. – Marsh vem para a reunião?

Kelsier e Dockson trocaram um olhar.

– Não esta noite – Kelsier disse. – Mas se juntará à gangue em algum momento.

Vin observou os outros. Estavam céticos. *Tensão entre Kelsier e seu irmão, talvez?*

Brisa ergueu o bastão de duelo, apontando a ponta para Kelsier.

– Muito bem, Kelsier, você manteve esse plano em “segredo” por oito meses. Sabemos que a coisa é grande, sabemos que está animado e todos estamos adequadamente aborrecidos com você com tantos segredos. Então, por que não vai em frente e nos conta o que é?

Kelsier sorriu. Endireitou o corpo, acenando com a mão na direção do sujo e simples Yeden.

– Cavaleiros, conheçam seu novo patrão.

Esta foi, aparentemente, uma declaração surpreendente.

– *Ele*? – Ham perguntou.

– Ele – Kelsier disse, assentindo.

– O quê? – Yeden perguntou, falando pela primeira vez. – Você tem algum problema em trabalhar com alguém que tem moral de verdade?

– Não é isso, meu caro – Brisa disse, colocando o bastão de duelo no colo. – É só que, bem, eu tinha a estranha impressão de que você não *gostava* muito de tipos como nós.

– Não gosto – Yeden respondeu terminantemente. – Vocês são egoístas, indisciplinados e viraram as costas para o resto dos skaa. Se vestem bem, mas, por dentro, são tão sujos quanto as cinzas.

Ham bufou.

– Já posso ver que esse trabalho vai ser *ótimo* para a moral da gangue.

Vin observava em silêncio, mordendo o lábio. Yeden era obviamente um skaa trabalhador, provavelmente um membro de uma forja ou de uma fábrica têxtil. Que conexão ele teria com o submundo? E... como podia se dar ao luxo de contratar os serviços de uma gangue de ladrões, especialmente uma aparentemente tão especializada quanto a equipe de Kelsier?

Talvez Kelsier tenha notado que estava confusa, pois ela o pegou encarando-a enquanto os demais continuavam conversando.

– Ainda estou um pouco confuso – Ham disse. – Yeden, estamos bastante cientes do que pensa dos ladrões. Então... por que nos contratar?

Yeden se contorceu um pouco.

– Porque – disse finalmente – todos sabem que vocês são eficientes.

Brisa gargalhou.

– Desaprovar nossa moral não o impede de fazer uso de nossas habilidades, pelo que vejo. Então, que trabalho é esse? O que a rebelião skaa quer de nós?

Rebelião skaa? Vin pensou, uma parte da conversa estava fora de lugar. Havia duas facções no submundo. A maior parte era formada por ladrões, gangues, prostitutas e mendigos que tentavam sobreviver fora do padrão da

cultura skaa.

E, então, havia os rebeldes. Pessoas que trabalhavam contra o Império Final. Reen sempre os chamara de tolos – um sentimento compartilhado pela maioria das pessoas que Vin conhecera, fossem skaa ou do submundo.

Todos os olhos se voltaram lentamente para Kelsier, que se inclinara contra o bar novamente.

– A rebelião skaa, cortesia de seu líder, Yeden, nos contratou para algo muito específico.

– O quê? – Ham perguntou. – Roubo? Assassinato?

– Um pouco dos dois – Kelsier disse. – E, ao mesmo tempo, nenhum deles. Cavaleiros, esse não será um trabalho normal. Será algo diferente de tudo o que qualquer gangue tenha tentado. Vamos ajudar Yeden a derrubar o Império Final.

Silêncio.

– Perdão? – Ham perguntou.

– Você me ouviu bem, Ham – Kelsier disse. – Esse é o trabalho que venho planejando... a destruição do Império Final. Ou, pelo menos, de seu governo central. Yeden nos contratou para lhe fornecermos um exército e proporcionarmos uma oportunidade favorável para ele controlar a cidade.

Ham recostou-se no assento, trocando um olhar com Brisa. Ambos se voltaram para Dockson, que assentiu solenemente. Por um longo momento, a sala permaneceu em silêncio; até que foi quebrado quando Yeden começou a rir lugubremente consigo mesmo.

– Eu nunca devia ter concordado com isso – Yeden disse, balançando a cabeça. – Agora que você disse, eu percebi o quão ridículo soa.

– Confie em mim, Yeden – Kelsier falou. – Estes homens têm o hábito de levar adiante planos que parecem ridículos à primeira vista.

– Isso pode ser verdade, Kell – Brisa disse. – Mas, neste caso, estou de acordo com nosso amigo desaprovador. Derrubar o Império Final... é algo que os rebeldes skaa vêm tentando há milhares de anos! O que o faz pensar que podemos conseguir alguma coisa onde esses homens falharam?

Kelsier sorriu.

– Teremos êxito porque temos visão, Brisa. Isso é o que sempre faltou à rebelião skaa.

– Como é? – Yeden disse, indignado.

– É verdade, infelizmente – Kelsier confirmou. – A rebelião condena pessoas como nós por causa de nossa ganância, mas mesmo com toda sua elevada

moral (a qual, a propósito, eu respeito), nunca conseguiu nada. Yeden, seus homens se escondem em florestas e montanhas, planejando como vão algum dia se erguer e liderar uma guerra gloriosa contra o Império Final. Mas não têm ideia de como desenvolver e executar um plano adequadamente.

A expressão de Yeden ficou sombria.

– E *você* não tem ideia do que está falando.

– Ah? – Kelsier disse, despreocupado. – Diga-me, o que sua rebelião alcançou em mil anos de luta? Onde estão seus êxitos e vitórias? No Massacre de Tougier, três séculos atrás, onde sete mil rebeldes skaa foram assassinados? No ataque ocasional a um barco no canal ou no sequestro de um oficial nobre menor?

Yeden corou.

– É o melhor que conseguimos com as pessoas que temos! Não culpe meus homens pelos fracassos deles... culpe o resto dos skaa. Nunca conseguimos que eles nos ajudassem. Há mil anos são explorados; não lhes sobra nenhum espírito. Já é difícil o bastante conseguir que um em mil nos escute, ainda mais fazer com que se rebelem!

– Paz, Yeden – Kelsier falou, erguendo uma mão. – Não estou tentando insultar sua coragem. Estamos do mesmo lado, lembra? Você veio especificamente até mim porque estava tendo problemas em recrutar pessoas para seu exército.

– E estou lamentando cada vez mais esta decisão, ladrão – Yeden disse.

– Bem, você já nos pagou – Kelsier recordou. – Então é um pouco tarde para voltar atrás agora. Mas nós lhe daremos esse exército, Yeden. Os homens nesta sala são os mais capazes, mais espertos e mais habilidosos alomânticos da cidade. Você verá.

A sala ficou em silêncio novamente. Vin permaneceu sentada a sua mesa, assistindo à interação com o cenho franzido. *Qual é seu jogo, Kelsier?* As palavras dele sobre derrubar o Império Final eram obviamente uma fachada. Parecia mais provável para ela que ele pretendesse enganar a rebelião skaa. Mas... se ele já tinha sido pago, por que continuar a farsa?

Kelsier se virou para Brisa e Ham.

– Tudo bem, cavalheiros. O que acham?

Os dois homens se entreolharam. Finalmente, Brisa falou.

– Pelo Senhor Soberano, nunca fui de recusar um desafio. Mas, Kell, eu questiono seu raciocínio. Você tem certeza de que podemos fazer isso?

– Tenho certeza – Kelsier assegurou. – As tentativas anteriores de derrubar o

Senhor Soberano falharam por falta de organização e planejamento adequados. Nós somos ladrões, cavalheiros... e somos ladrões extraordinariamente bons. Podemos roubar o impossível e enganar o impassível. Sabemos como pegar uma tarefa colossal, dividi-la em pedaços administráveis, e depois lidar com cada um desses pedaços. Sabemos como conseguir o que queremos. Essas habilidades nos tornam perfeitos para esta tarefa em particular.

Brisa franziu o cenho.

– E... quanto estão nos pagando para conseguir o impossível?

– Trinta mil boxes – Yeden falou. – Metade agora, metade quando entregarem o exército.

– Trinta mil? – Ham perguntou. – Para uma operação tão grande? Isso mal vai cobrir nossas despesas. Precisaremos de um espião infiltrado na nobreza para ficar atento aos rumores, precisaremos de muitos esconderijos, sem mencionar um lugar grande o suficiente para esconder e treinar um exército inteiro...

– Não adianta barganhar agora, ladrão – Yeden replicou. – Trinta mil podem não parecer muito para tipos como *você*, mas é resultado de décadas de economias de nossa parte. Não podemos pagar mais porque não temos mais nada.

– É um bom trabalho, cavaleiros – Dockson observou, juntando-se à conversa pela primeira vez.

– Sim, bem, é tudo magnífico – Brisa falou. – Eu me considero um camarada razoavelmente bom. Mas... isso parece um pouco altruísta demais. Para não dizer estúpido.

– Bem... – Kelsier disse – pode haver um pouco mais nisso para nós...

Vin levantou a cabeça, e Brisa sorriu.

– O tesouro do Senhor Soberano – Kelsier explicou. – O plano, até agora, é proporcionar a Yeden um exército e uma oportunidade para tomar a cidade. Assim que ele tomar o palácio, ficará com o tesouro e usará os fundos para assegurar seu poder. E o principal desse tesouro...

– É o atium do Senhor Soberano– Brisa completou.

Kelsier assentiu.

– Nosso acordo com Yeden nos garante metade das reservas de atium que encontrarmos no palácio, não importa o quão vastas sejam.

Atium. Vin ouvira falar do metal, mas nunca vira nenhum de verdade. Era incrivelmente raro, supostamente usado apenas pela nobreza.

Ham estava sorrindo.

– Bem, agora – disse lentamente – isso é quase um prêmio grande o bastante para ser tentador.

– Supõe-se que os estoques de atium sejam enormes – Kelsier falou. – O Senhor Soberano só vende o metal em pequenas porções, cobrando quantias exorbitantes da nobreza. Ele *precisa* manter uma reserva imensa para se assegurar do controle do mercado, e para ter certeza de ter riqueza suficiente para emergências.

– É verdade... – Brisa comentou. – Mas, tem certeza de que quer tentar algo assim tão pouco tempo depois... do que aconteceu da última vez que tentamos entrar no palácio?

– Faremos diferente desta vez – Kelsier falou. – Cavalheiros, serei franco com vocês. Esse não será um trabalho fácil, mas *pode* dar certo. O plano é simples. Vamos encontrar um jeito de neutralizar a Guarnição de Luthadel, deixando a área sem força policial. Então, lançaremos a cidade ao caos.

– Temos muitas opções para fazer isso – Dockson disse. – Mas podemos falar sobre isso mais tarde.

Kelsier assentiu.

– Então, no meio do caos, Yeden marchará com seu exército para Luthadel e tomará o palácio, fazendo o Senhor Soberano prisioneiro. Enquanto Yeden se assegura da cidade, nós pegamos o atium. Daremos metade para ele e desapareceremos com a outra metade. Depois disso, é trabalho dele conservar aquilo do que conseguiu se apoderar.

– Parece um pouco perigoso para você, Yeden – Ham observou, olhando para o líder rebelde.

Ele deu de ombros.

– Talvez. Mas se por algum milagre conseguirmos o controle do palácio, então teremos feito algo que nenhuma outra rebelião skaa alcançara antes. Para meus homens, não é só uma questão de riqueza... nem mesmo de sobrevivência. Se trata de fazer algo grandioso, algo maravilhoso, dar esperança aos skaa. Mas, não espero que entendam esse tipo de coisa.

Kelsier lançou um olhar tranquilizador para Yeden, o homem fungou e voltou a se sentar. *Será que ele usou alomancia?* Vin se perguntou. Ela já tinha visto acordos entre gangue e empregadores antes, e parecia que Yeden estava muito mais nas mãos de Kelsier do que o contrário.

Kelsier se voltou para Ham e Brisa.

– Há muito mais nisso tudo do que uma simples demonstração de ousadia. Se conseguirmos roubar aquele atium, será um golpe poderoso na fundação

financeira do Senhor Soberano. Ele depende do dinheiro que o atium proporciona – sem isso, pode ficar sem meios para pagar seus exércitos.

Mesmo que ele escape da nossa armadilha – ou se decidirmos tomar a cidade quando ele se for, para evitar ter que lidar com ele –, o Senhor Soberano estará financeiramente arruinado. Não conseguirá mandar seus soldados tomarem a cidade de Yeden. Se isso funcionar bem, a cidade estará em caos de qualquer maneira, e a nobreza estará fraca demais para reagir contra as forças rebeldes. O Senhor Soberano ficará confuso e incapaz de reunir um exército grande o bastante.

– E os koloss? – Ham perguntou, em voz baixa.

Kelsier fez uma pausa.

– Se ele enviar essas criaturas contra sua própria capital, a destruição que isso causará será ainda mais perigosa do que a instabilidade financeira. Em meio ao caos, os nobres das províncias vão se rebelar e se declarar reis, e o Senhor Soberano não terá tropas necessárias para colocá-los na linha. Os rebeldes de Yeden serão capazes de manter Luthadel, e nós, meus amigos, ficaremos ricos, muito ricos. Todo mundo consegue o que quer.

– Você está se esquecendo do Ministério do Aço – Trevo exclamou, quase esquecido em um canto da sala. – Os Inquisidores não nos deixarão arremessar sua bela teocracia no caos.

Kelsier fez uma pausa e ser voltou para o homem retorcido.

– Teremos que encontrar um jeito de lidar com o Ministério. Tenho alguns planos a esse respeito. De qualquer modo, problemas como este são coisas com as quais nós, como gangue, teremos que lidar. Temos que nos livrar da Guarnição de Luthadel; não há como fazer alguma coisa enquanto eles estiverem policiando as ruas. Temos que encontrar um jeito adequado de atirar a cidade ao caos, e uma maneira de manter os obrigadores fora do nosso caminho. Mas, se planejarmos bem, conseguiremos persuadir o Senhor Soberano a enviar a guarda do palácio... talvez até os Inquisidores... para a cidade, a fim de restaurar a ordem. Isso deixará o palácio exposto, dando a Yeden a oportunidade perfeita para atacar. Depois disso, não importa o que aconteça com o Ministério ou com a Guarnição: o Senhor Soberano não terá dinheiro suficiente para manter o controle de seu império.

– Não sei, Kell – Brisa falou, balançando a cabeça. Sua irreverência tinha sido dominada; parecia estar honestamente considerando o plano. – O Senhor Soberano consegue aquele atium de algum lugar. E se ele simplesmente extrair mais?

Ham assentiu.

– Ninguém nem ao menos sabe onde está a mina de atium.

– Eu não diria *ninguém* – Kelsier disse, abrindo um sorriso.

Brisa e Ham trocaram um olhar.

– Você sabe? – Ham perguntou.

– É claro – Kelsier disse. – Passei um ano da minha vida trabalhando lá.

– As Minas? – Ham perguntou, surpreso.

Kelsier assentiu.

– É por isso que o Senhor Soberano se assegura de que ninguém sobreviva ao trabalho lá; ele não pode permitir que seu segredo vaze. Não é só uma colônia penal, não é só um buraco do inferno para onde os skaa são mandados para morrer. É uma mineração.

– É claro... – Brisa comentou.

Kelsier endireitou o corpo, afastando-se do bar e caminhando na direção da mesa de Ham e Brisa.

– Temos uma chance aqui, cavalheiros. Uma chance de fazer algo grande... algo que nenhuma outra gangue de ladrões jamais fez. Roubar o próprio Senhor Soberano! E mais. As Minas quase me mataram, e eu tenho visto as coisas... de modo diferente desde que fugi. Eu vejo skaa trabalhando sem esperança. Vejo gangues de ladrões tentando sobreviver com as sobras da aristocracia, frequentemente morrendo – assim como outros skaa – no processo. Vejo a rebelião skaa tentando resistir com tanto empenho ao Senhor Soberano sem nunca fazer qualquer progresso. A rebelião falha porque é desajeitada e dispersa. Toda vez que uma de suas peças consegue impulso, o Ministério do Aço a esmaga. Essa não é a maneira de derrotar o Império Final, cavalheiros. Mas com uma equipe pequena, especializada e altamente dotada, podemos ter uma esperança. Podemos atuar sem grande risco de nos expor. Sabemos como evitar os tentáculos do Ministério do Aço. Entendemos como a alta nobreza pensa, e sabemos como explorar seus membros. Podemos fazer isso!

Parou diante da mesa de Brisa e Ham.

– Não sei, Kell – Ham ponderou. – Não é que eu esteja discordando dos seus motivos. É só que... isso parece um pouco imprudente.

Kelsier sorriu.

– Sei que parece. Mas você está dentro mesmo assim, não está?

Ham fez uma pausa, então assentiu.

– Você sabe que eu me juntarei à sua gangue não importa qual seja o trabalho. Este parece maluco, assim com a maioria dos seus planos. Só... só me

diga uma coisa. Você está falando sério sobre derrubar o Senhor Soberano?

Kelsier assentiu. Por alguma razão, Vin estava quase tentada a acreditar nele.

Ham assentiu firmemente.

– Tudo bem, então. Estou dentro.

– Brisa? – Kelsier perguntou.

O homem bem-vestido balançou a cabeça.

– Não tenho certeza, Kell. Isso é um pouco extremo, até mesmo para você.

– Precisamos de você, Brisa – Kell falou. – Ninguém pode *abrandar* uma multidão como você. Se vamos formar um exército, precisamos de seus alomânticos... e de seus poderes.

– Bem, isso é verdade – Brisa concordou. – Mesmo assim...

Kelsier sorriu e colocou algo sobre a mesa – a taça de vinho que Vin servira para Brisa. Ela nem sequer notara que Kelsier a pegara no bar.

– Pense no desafio, Brisa – Kelsier disse.

Brisa olhou para a taça, então ergueu os olhos para Kelsier. Então, ele finalmente gargalhou, pegando o vinho.

– Tudo bem. Estou dentro.

– É impossível – uma voz rouca disse ao fundo da sala. Trevo estava sentado de braços cruzados, olhando para Kelsier com expressão carrancuda. – O que você está realmente planejando, Kelsier?

– Estou sendo honesto – Kelsier respondeu. – Planejo tomar o atium do Senhor Soberano e derrubar seu império.

– Você não pode fazer isso – o homem disse. – É idiotice. Os Inquisidores vão nos pendurar com ganchos atravessados em nossas gargantas.

– Talvez – Kelsier admitiu. – Mas pense na recompensa se tivermos êxito. Riquezas, poder e terras nas quais os skaa possam viver como homens, não como escravos.

Trevo bufou ruidosamente. Então se levantou, derrubando a cadeira no chão.

– Nenhuma recompensa seria suficiente. O Senhor Soberano tentou matá-lo uma vez... vejo que não ficará satisfeito até que ele consiga. – Com isso, o homem mais velho se virou e saiu mancando da sala, batendo a porta atrás de si.

O covil ficou em silêncio.

– Bem, acho que precisaremos de outro esfumaçador – Dockson disse.

– Vamos deixá-lo sair assim? – Yeden exigiu saber. – Ele sabe de tudo!

Brisa começou a rir.

– Você não deveria ser o virtuoso deste pequeno grupo?

– Virtude não tem nada a ver com isso – Yeden falou. – Deixar alguém partir assim é tolice! Ele pode trazer os obrigadores até nós em minutos.

Vin assentiu, concordando, mas Kelsier apenas negou com a cabeça.

– Eu não trabalho assim, Yeden. Convidei Trevo para uma reunião na qual delineei um plano perigoso: um que muitos chamariam de estúpido. Não vou mandar assassiná-lo porque ele decidiu que era perigoso demais. Se você faz as coisas assim, logo ninguém sequer vai querer ouvir seus planos.

– Além disso – Dockson disse –, não convidaríamos alguém para uma reunião a menos que confiássemos que a pessoa não nos trairia.

Impossível, Vin pensou, franzindo o cenho. Ele devia estar blefando para manter o moral da gangue em alta: ninguém era de tanta confiança. Afinal, os outros não tinham dito que o fracasso de Kelsier, alguns anos antes – o acontecimento que o mandara para as Minas de Hathsin –, ocorrera por causa de uma traição? Ele provavelmente mandara assassinos seguir Trevo neste exato momento, vigiando-o para ter certeza de que ele não vá até as autoridades.

– Muito bem, Yeden – Kelsier disse, voltando aos negócios. – Eles aceitaram. O plano está de pé. Ainda está dentro?

– Você devolverá o dinheiro da rebelião se eu disser que não? – Yeden perguntou.

A única resposta foi uma risadinha de Ham. A expressão de Yeden ficou mais sombria, mas ele apenas balançou a cabeça.

– Se eu tivesse outra opção...

– Ah, pare de reclamar – Kelsier falou. – Você é oficialmente parte de uma gangue de ladrões agora, então você bem que podia vir até aqui e se sentar conosco.

Yeden se deteve por um momento, então suspirou e foi se sentar à mesa de Brisa, Ham e Dockson. Kelsier continuava em pé próximo a eles. Vin estava sentada na mesa ao lado.

Kelsier se virou, olhando na direção de Vin.

– E você, Vin?

Ela fez uma pausa. *Por que está me perguntando? Ele já sabe que estou em suas mãos. O trabalho não importa, contanto que eu saiba o que ele sabe.*

Kelsier esperava, na expectativa.

– Estou dentro – Vin disse, presumindo que era o que ele queria ouvir.

Deve ter presumido corretamente, pois Kelsier sorriu, e acenou para a última cadeira na mesa.

Vin suspirou, mas fez o que ele indicava, levantando-se e ocupando o último assento.

– Quem é a criança? – Yeden perguntou.

– Uma intermediária – Brisa disse.

Kelsier ergueu uma sobrancelha.

– Na verdade, Vin é um tipo de nova recruta. Meu irmão a pegou *abrandando* suas emoções há alguns meses.

– Abrandadora, é? – Ham perguntou. – Acho que sempre temos espaço para mais um.

– Na verdade – Kelsier observou –, parece que ela pode *tumultuar* as emoções das pessoas também.

Brisa se surpreendeu.

– Sério? – Ham perguntou.

Kelsier assentiu.

– Dox e eu a testamos há algumas horas.

Brisa gargalhou.

– E eu aqui dizendo que ela provavelmente nunca conheceria outro nascido da bruma além de você.

– Um segundo nascido da bruma na equipe... – Ham disse, de forma apreciativa. – Bem, isso aumenta as nossas chances de alguma maneira.

– O que está você dizendo? – Yeden balbuciou. – Os skaa não podem ser Nascidos da Bruma. Nem tenho certeza se os Nascidos da Bruma existem! *Eu* certamente jamais encontrei algum.

Brisa ergueu uma sobrancelha e colocou a mão no ombro de Yeden.

– Você devia tentar não falar tanto, meu amigo – sugeriu. – Parecerá muito menos estúpido assim.

Yeden se livrou da mão de Brisa, e Ham gargalhou. Vin, no entanto, permaneceu calada, considerando as implicações do que Kelsier dissera. A parte sobre roubar as reservas de atium era tentadora, mas tomar a cidade para fazer isso? Seriam esses homens assim tão ousados?

Kelsier pegou uma das cadeiras da mesa, sentando-se ao revés e apoiando os braços no encosto.

– Tudo bem – disse. – Temos uma gangue. Planejaremos os detalhes na próxima reunião, mas quero que todos pensem no trabalho. Tenho alguns planos, mas quero mentes frescas analisando nossa tarefa. Precisamos discutir meios de tirar a Guarnição de Luthadel da cidade, e de criar caos suficiente para que as Grandes Casas não consigam mobilizar suas forças para deter o

exército de Yeden, quando este atacar.

Os membros do grupo, exceto Yeden, assentiram.

– Antes de encerrarmos por hoje, no entanto – Kelsier prosseguiu – há mais uma parte do plano sobre a qual quero informá-los.

– Mais? – Brisa perguntou com uma risadinha. – Roubar a fortuna do Senhor Soberano e derrubar seu império não é o suficiente?

– Não – Kelsier respondeu. – Se eu tiver a oportunidade, vou matá-lo.

Silêncio.

– Kelsier – Ham disse lentamente. – O Senhor Soberano é a Centelha do Infinito. É um pedaço do próprio Deus. Você não pode matá-lo. Até mesmo *capturá-lo* deve ser impossível.

Kelsier não respondeu. Seus olhos, no entanto, transpareciam determinação.

É isso, Vin pensou. *Ele tem que estar louco*.

– O Senhor Soberano e eu – Kelsier falou em voz baixa – temos uma dívida para acertar. Ele tirou Mare de mim, assim como quase tirou a minha sanidade. Admito que parte dos meus motivos para levar este plano adiante é me vingar dele. Vamos tirar o governo, a casa e a fortuna dele. No entanto, para que isso funcione, temos que nos livrar dele. Talvez aprisioná-lo em seu próprio calabouço; ou, pelo menos, tirá-lo da cidade. Mas posso pensar em algo muito melhor do que qualquer uma dessas opções. Lá no fundo daquelas minas para onde ele me mandou, eu tive um estalo que despertou meus poderes alomânticos. Agora eu tenho a intenção de usá-los para matá-lo.

Kelsier levou a mão ao bolso do casaco e pegou alguma coisa. Colocou-a sobre a mesa.

– No norte, eles têm uma lenda – Kelsier disse. – Diz-se que o Senhor Soberano não é imortal, não completamente. Diz-se que pode ser morto com o metal certo. O décimo primeiro metal. Este metal.

Todos os olhos se voltaram para o objeto sobre a mesa. Era uma fina barra de metal, talvez tão longo e fino quanto o dedo mindinho de Vin, com lados retos. Era de uma cor branca prateada.

– O décimo primeiro metal? – Brisa perguntou, incerto. – Nunca ouvi falar dessa lenda.

– O Senhor Soberano a suprimiu – Kelsier explicou. – Mas ela ainda pode ser encontrada, se se souber onde procurar. A teoria alomântica fala sobre dez metais: os oito metais básicos e dois altos metais. Há mais um, no entanto, desconhecido da maioria. Muito mais poderoso do que os outros dez.

Brisa franziu o cenho, cético.

Yeden, no entanto, parecia intrigado.

– E este metal pode, de algum modo, matar o Senhor Soberano?

Kelsier assentiu.

– Essa é a sua fraqueza. O Ministério do Aço quer que acreditemos que ele é imortal, mas mesmo ele pode ser morto... por um alomântico, ao queimar isso.

Ham estendeu a mão, pegando a fina barra de metal.

– Onde você conseguiu isso?

– Ao norte – Kelsier falou. – Em uma terra perto da Península Distante, uma terra onde as pessoas ainda se lembram de como seu antigo reino era chamado antes da Ascenção.

– Como funciona? – Brisa perguntou.

– Não tenho muita certeza – Kelsier disse francamente. – Mas pretendo descobrir.

Ham observou o metal com cor de porcelana, girando-o entre os dedos.

Matar o Senhor Soberano? Vin pensou. O Senhor Soberano era uma força, como os ventos ou as brumas. Não se podia matar essas coisas. Elas sequer estavam realmente vivas. Elas simplesmente *eram*.

– De qualquer forma – Kelsier prosseguiu, pegando o metal que Ham lhe devolvera –, vocês não precisam se preocupar com isso. Matar o Senhor Soberano é tarefa minha. Se isso se mostrar impossível, daremos um jeito de enganá-lo para que saia da cidade, e então vamos roubá-lo embaixo de seu nariz. Só achei que vocês deviam saber o que estou planejando.

Eu me associei a um louco, Vin pensou, resignada. Mas aquilo realmente não importava – não enquanto ele lhe ensinasse alomancia.

Nem ao menos entendo o que devo fazer. Os filósofos de Terris afirmam que saberei qual é o meu dever quando o momento chegar, mas este é um consolo vago.

As Profundezas devem ser destruídas, e, aparentemente, eu sou o único que pode fazer isso. Elas devastam o mundo, mesmo agora. Se não detê-las logo, não sobrará nada além de ossos e pó.

5

– A-há! – A figura triunfante de Kelsier emergiu atrás do bar de Camon, com um ar de satisfação no rosto. Ele ergueu o braço e colocou uma garrafa de vinho empoeirada sobre o balcão.

Dockson olhou para ele com divertimento.

– Onde encontrou isso?

– Em um dos compartimentos secretos – Kelsier disse, limpando o pó da garrafa.

– Achei que eu tinha encontrado todos – Dockson comentou.

– E encontrou. Mas um deles tinha um fundo falso.

Dockson começou a rir.

– Esperto.

Kelsier assentiu, abrindo a garrafa e servindo três taças.

– O truque é nunca parar de procurar. *Sempre* há outro segredo.

Ele pegou as três taças e foi se juntar a Vin e Dockson na mesa.

Vin aceitou a taça hesitantemente. A reunião terminara há algum tempo, e Brisa, Ham e Yeden tinham ido embora para ponderar sobre o que Kelsier lhes dissera. Vin achava que também devia partir, mas não tinha para onde ir. Dockson e Kelsier pareciam dar por certo que ela permaneceria com eles.

Kelsier tomou um longo gole do vinho tinto e sorriu.

– Ah, esse é *muito* melhor.

Dockson assentiu, concordando, mas Vin não provou a bebida.

– Vamos precisar de outro esfumaçador – Dockson observou.

Kelsier assentiu.

– Os demais parecem ter levado numa boa, no entanto.

– Brisa ainda está indeciso – Dockson comentou.

– Ele não dará para trás. Brisa gosta de um desafio, e nunca encontrará um maior do que este – Kelsier sorriu. – Além disso, ficaria louco em saber que estamos fazendo um trabalho do qual não faz parte.

– Mesmo assim, ele está certo em ficar apreensivo – Dockson disse. – Eu mesmo estou um pouco preocupado.

Kelsier assentiu, concordando, e Vin franziu o cenho. *Então, eles estão falando sério sobre o plano? Ou ainda é uma encenação, por que estou aqui?* Os dois homens pareciam bem competentes. Mas derrubar o Império Final? Era mais fácil impedir as brumas de fluir ou deter o nascer do sol.

– Quando o restante dos seus amigos vai chegar? – Dockson perguntou.

– Em alguns dias – Kelsier respondeu. – Temos que conseguir outro esfumaçador até lá. Também vou precisar de mais um pouco de atium.

Dockson franziu o cenho.

– Já?

Kelsier assentiu.

– Gastei quase tudo comprando o Contrato de OreSeur, e usei o último bocado que me restou na plantação de Tresting.

Tresting. O nobre que fora morto em sua mansão há uma semana. *Como Kelsier estaria envolvido? E o que Kelsier tinha mesmo dito antes sobre o atium?* Ele tinha afirmado que o Senhor Soberano mantinha controle sobre a alta nobreza mantendo o monopólio do metal.

Dockson coçou a barba sob o queixo.

– Não é fácil conseguir atium, Kell. Levou quase oito meses para planejar o roubo daquele pouco que você tinha.

– Isso porque você teve que ser delicado – Kelsier disse, com um sorriso malicioso.

Dockson olhou para Kelsier com leve apreensão. Kelsier apenas alargou o sorriso, e Dockson finalmente revirou os olhos, suspirando. Ele, então, olhou para Vin.

– Você não tocou na sua bebida.

Vin negou com a cabeça.

Dockson esperou por uma explicação e, depois de um tempo, Vin foi forçada a responder.

– Não gosto de beber nada que eu mesma não tenha preparado.

Kelsier gargalhou.

– Ela me faz lembrar de Vent.

– Vent? – Dockson disse, fazendo uma careta. – A garota é um pouco paranoica, mas não é *tão* má. Eu juro, aquele homem era tão desconfiado que até a batida de seu próprio coração o deixava sobressaltado.

Os dois homens gargalharam. Vin, no entanto, só se sentiu mais desconfortável com o ambiente amigável. *O que esperam de mim? Vou ser um tipo de aprendiz?*

– Bem, então – Dockson disse –, vai me dizer agora como planeja conseguir um pouco de atium?

Kelsier abriu a boca para responder, mas as escadas rangeram com o som de alguém descendo. Kelsier e Dockson se viraram; Vin, é claro, havia se posicionado de modo a ver as duas entradas da sala sem ter que se mover.

Vin esperava que o recém-chegado fosse um dos membros da gangue de Camon, enviado para ver se Kelsier havia terminado a reunião no covil. E por isso ela ficou completamente surpresa quando a porta se abriu para revelar o rosto mal-humorado e retorcido do homem chamado Trevo.

Kelsier sorriu, seus olhos brilhavam.

Ele não está surpreso. Satisfeito, talvez, mas não surpreso.

– Trevo – Kelsier disse.

Trevo ficou parado na porta de entrada, encarando os três de modo impressionantemente desaprovador. Por fim, entrou na sala, mancando. Um adolescente magro e de aparência estranha o seguia.

O garoto pegou uma cadeira para Trevo e a colocou na mesa de Kelsier. Trevo se acomodou, resmungando levemente consigo mesmo. Finalmente, olhou para Kelsier com os olhos estrábicos e o nariz enrugado.

– O abrandador foi embora?

– Brisa? – Kelsier perguntou. – Sim, ele se foi.

Trevo grunhiu. Então olhou para a garrafa de vinho.

– Sirva-se – Kelsier falou.

Trevo fez sinal para que o garoto apanhasse uma taça para ele no bar, e voltou-se para Kelsier.

– Eu tinha que ter certeza – disse. – Nunca confie em si mesmo quando um abrandador está por perto... especialmente um como ele.

– Você é um esfumaçador, Trevo – Kelsier lembrou. – Ele não pode fazer muito com você, não se não deixar.

Trevo deu de ombros.

– Não gosto de abrandadores. Não é só alomancia... homens assim... bem,

não se pode confiar que não se está sendo manipulado quando eles estão por perto. Com cobre ou sem cobre.

– Eu não recorreria a algo assim para arrebanhar a sua lealdade – Kelsier assegurou.

– Foi o que ouvi – Trevo disse, enquanto o garoto lhe servia uma taça de vinho. – Eu tinha que ter certeza, no entanto. Tinha que pensar nas coisas sem que Brisa estivesse por perto. – Ele fez uma careta, embora Vin tivesse dificuldade em determinar o porquê, então pegou a taça e tomou metade de um só gole.

– Bom vinho – disse, grunhindo. E olhou para Kelsier. – Então as minas realmente o deixaram louco, hein?

– Completamente – Kelsier disse, sério.

Trevo sorriu, embora em seu rosto a expressão tivesse um aspecto decididamente retorcido.

– Pretende seguir em frente com isso, então? Com esse tal trabalho?

Kelsier assentiu de modo solene.

Trevo tomou o resto do vinho.

– Então, já tem um esfumaçador. Não pelo dinheiro, no entanto. Se você estiver realmente falando sério sobre derrubar este governo, então estou dentro.

Kelsier sorriu.

– E não sorria para mim – Trevo replicou. – Odeio isso.

– Eu não ousaria.

– Bem – Dockson disse, servindo-se outra taça –, isso resolve o problema do esfumaçador.

– O que não faz muita diferença – Trevo disse. – Vocês vão fracassar. Passei a vida inteira tentando esconder brumosos do Senhor Soberano e de seus obrigadores. No fim, ele sempre os encontra.

– E por que se importa em nos ajudar, então? – Dockson perguntou.

– Porque – Trevo respondeu, levantando-se – o Senhor Soberano vai me pegar cedo ou tarde. Pelo menos, desse jeito, poderei cuspir na sua cara quando isso acontecer. Derrubar o Império Final... – ele sorriu. – Tem estilo. Vamos, garoto. Temos que deixar a loja pronta para os visitantes.

Vin os viu partir, Trevo mancando porta afora, o garoto a fechando atrás dos dois. Então olhou para Kelsier.

– Você sabia que ele ia voltar.

Ele deu de ombros, ficando em pé e se espreguiçando.

– Esperava que sim. As pessoas são atraídas pela visão. O trabalho que estou

propondo... bem, não é o tipo de coisa que se deixa de lado; ao menos não se você é um velho entediado, que está aborrecido com a vida. Agora, Vin, presumo que sua gangue seja dona de todo esse edifício, certo?

Vin assentiu.

– A loja no andar de cima é uma fachada.

– Bom – Kelsier disse, conferindo seu relógio de bolso e, em seguida, entregando-o para Dockson. – Diga aos seus amigos que eles podem voltar para o covil; as brumas já devem estar chegando.

– E nós? – Dockson perguntou.

Kelsier sorriu.

– Nós vamos para o telhado. Como disse, preciso conseguir um pouco de atium.

Durante o dia, Luthadel era uma cidade enegrecida, manchada pela fuligem e pela luz vermelha do sol. Era dura, distinta e opressiva.

À noite, no entanto, as brumas a embaçavam e obscureciam. As fortalezas dos altos nobres transformavam-se em silhuetas fantasmagóricas ameaçadoras. As ruas pareciam mais estreitas com a névoa, cada uma delas se tornando um beco solitário e perigoso. Mesmo nobres e ladrões ficavam apreensivos ao sair à noite – era necessário um coração forte para encarar o silêncio agourento e nebuloso. A escura cidade era, à noite, um lugar para os desesperados e os destemidos; era uma terra de mistérios mutantes e criaturas estranhas.

Criaturas estranhas como eu, Kelsier pensou. Ele estava sentado no parapeito do telhado do covil. Os edifícios se erguiam nas sombras da noite ao redor dele, e as brumas faziam tudo parecer se mover e mudar na escuridão. Luzes fracas brilhavam em uma ou outra janela, mas os pequenos pontos de iluminação eram encolhidos e assustados.

Uma brisa fria varreu o telhado, movendo a bruma, fazendo-a roçar na bochecha úmida de Kelsier como uma respiração exalada. Em tempos passados – antes que tudo desse errado –, ele sempre procurava por um telhado na noite anterior a um trabalho, desejando contemplar a cidade. Não percebeu que estava seguindo o velho costume esta noite, até que olhou para o lado, esperando que Mare estivesse ali, como sempre tinha estado.

Em vez disso, encontrou apenas o ar vazio. Sozinho. Silencioso. As brumas a substituíram. Pobremente.

Ele suspirou e se virou. Vin e Dockson estavam atrás dele. Ambos pareciam apreensivos por estarem expostos às brumas, mas estavam lidando com seus

temores. Não se conseguia chegar muito longe no submundo sem aprender a tolerar o medo das brumas.

Kelsier aprendera a fazer muito mais do que isso. Havia estado em meio a elas tantas vezes nos últimos anos que estava começando a se sentir mais confortável à noite, dentro do obscuro abraço da bruma, do que de dia.

– Kell – Dockson disse –, você *tem* que ficar na borda desse jeito? Nossos planos podem ser um pouco loucos, mas prefiro que não terminem com você estatelado nos paralelepípedos lá embaixo.

Kelsier sorriu. *Ele ainda não pensa em mim como um nascido da bruma*, pensou. *Vai levar algum tempo para que todos se acostumem.*

Anos antes, ele tinha se tornado o mais famoso líder de gangue de Luthadel, e fizera isso sem nem ao menos ser um alomântico. Mare era um olho de estanho, mas ele e Dockson... eram apenas homens normais. Um era um mestiço sem poderes e o outro, um skaa fugido das plantações. Juntos, haviam colocado as Grandes Casas de joelhos, roubando ousadamente os homens mais poderosos do Império Final.

Agora Kelsier era mais, muito mais. Antigamente, sonhava com a alomancia, desejando ter um poder como o de Mare. Ela morrera antes que ele tivesse o estalo que lhe apresentou seus poderes. Ela nunca veria o que ele viria a fazer com eles.

Antes, a alta nobreza o temia. Fora necessária uma armadilha do Senhor Soberano em pessoa para capturar Kelsier. Agora... o próprio Império Final seria sacudido antes que ele terminasse.

Estudou a cidade mais uma vez, inalando as brumas, e desceu do parapeito, aproximando-se de Dockson e Vin. Não carregavam luzes; a luz ambiente das estrelas, diluída pelas brumas, era suficiente na maioria das vezes.

Kelsier tirou o casaco e o colete, entregando-os a Dockson, depois tirou a camisa de dentro da calça, deixando que a longa peça caísse frouxamente. O tecido era escuro o suficiente para não denunciá-lo à noite.

– Muito bem – Kelsier disse. – Quem eu deveria tentar?

Dockson franziu o cenho.

– Tem certeza que quer fazer isso?

Kelsier sorriu.

Dockson suspirou.

– As Casas Urbain e Teniert foram atingidas recentemente, embora não tenham levado seu atium.

– Qual casa é a mais forte neste momento? – Kelsier perguntou, abaixando-se

e desfazendo os nós de sua mochila, que repousava aos pés de Dockson. – Quem ninguém pensaria em atingir?

Dockson fez uma pausa.

– Os Venture – disse finalmente. – Eles têm estado no topo nos últimos anos. Mantêm uma força armada de várias centenas de homens, e a nobreza local da casa inclui umas boas duas dezenas de brumosos.

Kelsier assentiu.

– Bem, é aonde irei, então. Eles certamente têm algum atium.

Ele abriu a mochila e tirou uma capa cinza-escura. Grande e envolvente, a capa não era feita de uma única peça de tecido – em vez disso, era confeccionada com centenas de tiras compridas como fitas. Eram costuradas nos ombros e no peito, mas a maior parte ficava pendurada, separada uma da outra, como flâmulas sobrepostas.

Kelsier colocou a peça e as tiras de tecido se retorceram e enroscaram, quase como as brumas.

Dockson inspirou suavemente.

– Nunca estive tão perto de alguém vestisse uma dessas.

– O que é isso? – Vin perguntou, sua voz baixa parecia quase assombrada nas brumas da noite.

– Uma capa dos nascidos das brumas – Dockson disse. – Todos eles vestem essas coisas... é um tipo de... sinal de filiação ao clube deles.

– É confeccionada e colorida para esconder a pessoa na bruma – Kelsier explicou. – E alerta os guardas da cidade e os outros nascidos das brumas a não o incomodarem. – Ele deu meia-volta, deixando a capa se agitar dramaticamente. – Acho que cai bem em mim.

Dockson revirou os olhos.

– Muito bem – Kelsier disse, abaixando-se e pegando um cinto de tecido da mochila. – Casa Venture. Há algo que eu precise saber?

– Supostamente, lorde Venture tem um cofre em seu estúdio – Dockson falou. – É onde provavelmente mantém seu estoque de atium. Você encontrará o estúdio no terceiro andar, a três salas da sacada da ala sul. Tome cuidado, pois a Casa Venture mantém cerca de uma dezena de matabrumas além das tropas normais e de brumosos.

Kelsier assentiu, amarrando o cinto – não tinha fivela, mas duas pequenas bainhas. Tirou um par de adagas de cristal da mochila, conferiu o corte e as guardou em uma das bainhas. Tirou os sapatos e as meias, ficando descalço nas pedras geladas. Com os sapatos, se foi também o último pedaço de metal em

sua pessoa, exceto pela bolsa de moedas e pelos três frascos com metais em seu cinto. Ele selecionou o maior, engoliu o conteúdo e estendeu o frasco vazio para Dockson.

– É isso? – Kelsier perguntou.

Dockson assentiu.

– Boa sorte.

Ao lado dele, Vin observava os preparativos de Kelsier com intensa curiosidade. Ela era uma coisinha silenciosa e pequena, mas ocultava uma intensidade que ele achava impressionante. Era paranoica, é verdade, mas não tímida.

Você terá sua chance, criança, ele pensou. *Mas não esta noite.*

– Bem – ele disse, pegando uma moeda da bolsa e jogando-a do alto do edifício. – Acho que vou indo. Encontrarei vocês novamente na loja do Trevo daqui a pouco.

Dockson assentiu.

Kelsier deu meia-volta e se aproximou do parapeito. Então, saltou do edifício.

A bruma se encaracolou no ar que o cercava. Ele queimou aço, o segundo dos metais alomânticos básicos. Luzes azuis translúcidas ganharam vida ao seu redor, visíveis apenas aos seus olhos. Cada uma conduzia-se do centro de seu peito até uma fonte de metal próxima. As linhas eram todas relativamente fracas – um sinal de que indicavam fontes pequenas de metal: dobradiças de portas, pregos e outros objetos. O tipo de fonte de metal não importava. Queimar ferro ou aço apontaria linhas azuis para todos os tipos de metal, presumindo que estivessem próximos o suficiente e fossem grandes o bastante para serem notados.

Kelsier escolheu a linha que apontava diretamente para baixo, na direção de sua moeda. Queimando aço, ele *empurrou* a moeda.

Sua queda parou imediatamente, e ele foi atirado ao ar na direção contrária à linha azul. Virou-se de lado escolhendo o fecho de uma janela e *empurrou* contra ele, inclinando-se para o lado. O impulso cuidadoso o dirigiu para cima, sobre a borda do edifício diretamente do outro lado da rua do covil de Vin.

Kelsier aterrissou com um passo ágil, caindo agachado e correndo pelo teto pontiagudo do edifício. Ele se deteve na escuridão, perscrutando o ar agitado. Queimou estanho, e o sentiu ganhar vida em seu peito, amplificando seus sentidos. De repente, as brumas pareciam menos densas. Não era a noite ao redor dele que tinha ficado mais clara; mas sua capacidade perceptiva que

simplesmente aumentara. Na distância, ao norte, ele distinguiu vagamente uma grande estrutura. A fortaleza Venture.

Kelsier deixou seu estanho aceso – que queimava lentamente, e ele provavelmente não teria que se preocupar que acabasse. Ao se levantar, as brumas se enroscaram levemente em seu corpo. Girando e se retorcendo, formando uma correnteza leve e escassamente perceptível em torno dele. As brumas o conheciam; o reclamavam. Podiam sentir a alomancia.

Ele saltou, *empurrando* contra uma chaminé de metal abaixo de si, e pegando impulso para dar um amplo salto horizontal. Jogou uma moeda enquanto saltava, e a peça pequena de metal tremulou através da escuridão e da névoa. Ele *empurrou* contra a moeda antes que ela alcançasse o chão, a força de seu peso a enviou para baixo em um só golpe. Assim que ela atingiu os paralelepípedos, o *empurrão* de Kelsier o jogou para cima, transformando a segunda metade de seu salto em um arco gracioso.

Kelsier aterrissou em outro telhado de madeira pontiagudo. *Empurrar* aço e *puxar* ferro foram as primeiras coisas que Gemmel lhe ensinara. *Quando você* empurra *algo, é como se arremessasse seu peso contra essa coisa*, o velho lunático dissera. *E não dá para mudar o quanto você pesa – você é um alomântico, não algum tipo de místico do norte. Não* puxe *nada que pese menos do que você, a menos que queira que a coisa venha voando até você, e não* empurre *algo mais pesado do que você, a menos que queira ser arremessado na outra direção*.

Kelsier coçou suas cicatrizes, e apertou a capa de bruma ao redor do corpo enquanto se agachava no telhado, os veios da madeira raspando seus pés descalços. Ele frequentemente desejava que queimar estanho não aumentasse todos os seus sentidos – ou, pelo menos, não todos de uma vez. Precisava melhorar a visão para enxergar na escuridão, e fazia um bom uso da audição aguçada também. Mas queimar estanho fazia a noite parecer ainda mais gelada para sua pele supersensível, e seus pés registravam cada pedrisco e sulco de madeira que tocavam.

A fortaleza Venture se ergueu diante dele. Comparada com a cidade lúgubre, parecia arder de luz. Os altos nobres mantinham calendários diferentes das pessoas normais; a capacidade de dispor, e até mesmo desperdiçar, lâmpadas de óleo e velas permitia que os ricos não se curvassem aos caprichos das estações do ano ou do sol.

A fortaleza era majestosa – o que podia ser visto apenas por sua arquitetura. Ainda que fosse rodeada por uma muralha defensiva, a fortaleza em si era mais

uma construção artística que uma fortificação. Robustos pilares se arqueavam nas laterais, amparando janelas intrincadas e pináculos delicados. Os brilhantes vitrais se estendiam ao longo das paredes do edifício retangular, e reluziam com as luzes vindas de dentro, dando às brumas ao redor um resplendor matizado.

Kelsier queimou ferro, inflamando-o, e buscou grandes fontes de metal na noite. Ele estava longe demais da fortaleza para usar itens pequenos como moedas ou dobradiças. Precisava de um ponto de apoio maior para cobrir esta distância.

A maior parte das linhas azuis era fraca. Kelsier notou duas pessoas se movendo em um lento padrão à frente – provavelmente um par de guardas em pé no telhado. Kelsier podia sentir suas placas peitorais e armas. Apesar de suas preocupações com os alomânticos, a maior parte dos nobres ainda armava seus soldados com metal. Os brumosos que podiam *empurrar* ou *puxar* metais eram pouco comuns, e nascidos das brumas eram ainda mais raros. Muitos lordes achavam pouco prático deixar soldados e guardas relativamente sem defesas a fim de enfrentar um segmento tão pequeno da população.

Não, a maioria dos altos nobres usava outros meios para lidar com alomânticos. Kelsier sorriu. Dockson dissera que Lorde Venture mantinha um esquadrão de matabrumas; se isso fosse verdade, Kelsier provavelmente se encontraria com eles antes que a noite acabasse. Ele ignorou os soldados por um momento e, em vez disso, se concentrou em uma linha azul sólida apontando na direção do telhado imponente da fortaleza. Provavelmente era forrado de bronze ou cobre. Kelsier avivou seu ferro, inspirou profundamente e *puxou* a linha.

Com um tranco súbito, foi jogado pelo ar.

Kelsier continuou a queimar ferro, *puxando-se* na direção da fortaleza com uma velocidade extraordinária. Alguns rumores afirmavam que os nascidos das brumas podiam voar, mas era um exagero melancólico. *Puxar* e *empurrar* metais em geral parecia menos com voar do que com cair – só que na direção errada. Um alomântico tinha que *puxar* com força para conseguir um impulso adequado, e isso o fazia ser arremessado na direção de sua âncora em velocidades assombrosas.

Kelsier arrancou na direção da fortaleza, as brumas se enroscando ao seu redor. Ele passou facilmente pela muralha que a cercava, mas seu corpo caiu levemente na direção do solo enquanto se movia. Era seu maldito peso novamente; ele o movia para baixo. Até mesmo as mais velozes flechas se

torciam levemente em direção ao solo enquanto voavam.

A resistência de seu peso significava que, em vez de ser disparado em direção ao telhado, ele traçaria um arco. Ele se aproximou da muralha da fortaleza vários metros abaixo do telhado, ainda viajando a uma velocidade terrível.

Inspirando profundamente, Kelsier queimou peltre, usando-o para ampliar sua força física da mesma maneira que o estanho ampliara seus sentidos. Girou seu corpo no ar, atingindo a parede de pedra com os pés. Mesmo seus músculos fortalecidos protestaram contra o tratamento, mas ele atingiu a parede sem quebrar nenhum osso. Ele, então, se soltou do telhado imediatamente, jogando uma moeda e *empurrando-a* assim que começou a cair. Escolheu uma fonte de metal acima de sua cabeça – uma dos reforços de arame de um dos vitrais – e a *puxou*.

A moeda acertou o chão e subitamente conseguiu suportar seu peso. Kelsier lançou-se para cima, *empurrando* a moeda e *puxando* a janela ao mesmo tempo. Então, apagando os dois metais, deixou que o impulso o lançasse através das brumas escuras pelos últimos metros acima dele. Com a capa se agitando silenciosamente, ele alcançou a borda da passagem de serviço da ala superior da fortaleza, passando por cima do parapeito de pedra e pousando sem fazer barulho na saliência.

Um assustado guarda estava a menos de três passos de distância. Kelsier avançou sobre ele em um segundo, saltando no ar, *puxando* levemente a placa peitoral de aço do guarda e fazendo o homem perder o equilíbrio. Kelsier sacou uma das adagas de cristal, permitindo que a força de seu *empurrão* de aço o lançasse na direção do guarda. Ele pousou com os dois pés no peito do soldado, inclinou-se e o acertou com um golpe reforçado pelo peltre.

O guarda caiu, com a garganta cortada. Kelsier pousou com agilidade ao lado dele, seus ouvidos aguçados na noite, tentando captar sons de alarme. Não houve nenhum.

Kelsier deixou o guarda gorgolejando até a morte. O homem era provavelmente um nobre menor. O inimigo. Se, em vez disso, fosse um soldado skaa – obrigado a trair seu povo em troca de algumas moedas... Bem, daí Kelsier teria ficado ainda mais feliz em enviar um homem desses para a eternidade.

Ele *empurrou* a placa no peitoral do moribundo, saltando da passarela de pedra até o telhado. O telhado de bronze sob seus pés estava gelado e escorregadio. Kelsier correu por ele, indo em direção ao lado sul do edifício,

procurando pela sacada que Dockson mencionara. Não estava muito preocupado em ser localizado; um dos propósito desta noite era roubar algum atium, o décimo primeiro e mais poderoso dos metais alomânticos conhecidos. O outro propósito, no entanto, era causar uma comoção.

Ele encontrou a sacada com facilidade. Comprida e larga, era provavelmente usada como sala de estar, para entreter pequenos grupos. Mas estava silenciosa naquele momento – vazia, com exceção de dois guardas. Kelsier se agachou silenciosamente em meio às brumas da noite na sacada, a capa cinzenta enrolada o ocultava, os dedos dos pés enganchados na borda metálica do telhado. Os dois guardas conversavam abaixo distraidamente.

Hora de fazer um pouco de barulho.

Kelsier pousou entre os guardas. Queimando peltre para fortalecer o corpo, ele estendeu o braço e, com ferocidade, *empurrou* aço simultaneamente contra os dois homens. Posicionado como estava, no centro, seu *empurrão* atirou os guardas em direções opostas. Os homens gritaram de susto quando a súbita força os arremessou para trás, jogando-os do parapeito da sacada para a escuridão.

Os guardas gritavam enquanto caíam. Kelsier abriu as portas da sacada, deixando que uma muralha de bruma, com seus tentáculos se arrastando à sua frente, entrasse com ele para reclamar a sala escura.

A terceira sala, Kelsier pensou, avançando meio agachado. A segunda sala era uma estufa silenciosa. Os canteiros baixos continham arbustos cultivados e pequenas árvores espalhavam-se pela sala, e uma das paredes tinha janelas que iam do chão ao teto para permitir a passagem de luz do sol para as plantas. Embora estivesse escuro, Kelsier sabia que as plantas seriam de cores ligeiramente diferentes do marrom típico – algumas seriam brancas, outras avermelhadas, e talvez até umas amarelas claras. Outras plantas que não as marrons eram raridades, cultivadas e mantidas pela nobreza.

Kelsier caminhou rapidamente pela estufa. Parou diante da primeira porta, notando seu contorno iluminado. Apagou o estanho para evitar que sua visão aguçada fosse cegada quando entrasse na sala iluminada, e abriu a porta.

Entrou abaixado, piscando contra a luz, empunhando uma adaga de cristal em cada mão. A sala, no entanto, estava vazia. Era obviamente um estúdio; lanternas ardiam em cada parede ao lado de estantes de livros, e havia uma escrivaninha no canto.

Kelsier guardou suas adagas, queimando aço e procurando fontes de metal. Havia um grande cofre no canto da sala, mas este era muito óbvio. Na verdade,

uma outra forte fonte de metal brilhava dentro da parede leste. Kelsier se aproximou, correndo os dedos pelo reboco. Como muitas paredes em fortalezas nobres, esta era decorada com um mural. Criaturas exóticas repousavam sob um sol vermelho. A parte falsa da parede media menos de dois palmos e estava disposta de modo que suas fendas fossem escondidas pelo mural.

Sempre há outro segredo, Kelsier pensou. Não se preocupou com tentar descobrir como abrir o esconderijo. Simplesmente queimou aço, estendeu a mão e *puxou* a débil fonte de metal que ele presumiu ser o mecanismo de trava do alçapão. A fonte resistiu no início, *puxando-o* contra a parede; ele queimou peltre e pressionou com mais força. A fechadura rompeu e o painel se abriu, revelando um pequeno cofre escondido na parede.

Kelsier sorriu. Parecia pequeno o suficiente para um homem aprimorado pelo peltre carregar, presumindo que pudesse ser tirado da parede.

Ele deu um pulo, *puxando* ferro contra o cofre, e investiu os pés contra a parede, um de cada lado do painel aberto. Continuou a *puxar*, mantendo-se no mesmo lugar, e avivou seu peltre. A força inundou suas pernas, e ele avivou seu aço também, *puxando* o cofre.

Fez um grande esforço, gemendo levemente. Era um teste para ver quem cedia primeiro – o cofre ou suas pernas.

O cofre se moveu no suporte. Kelsier *puxou* com mais força, os músculos protestando. Por um bom tempo, nada aconteceu. Mas então o cofre estremeceu e saiu da parede. Kelsier caiu para trás, queimando aço e *empurrando* o cofre para que este saísse de seu caminho. Ele aterrissou desajeitadamente, o suor escorrendo de sua testa enquanto o cofre se estatelava no chão de madeira, arrancando algumas lascas.

Um par de guardas sobressaltados entrou correndo na sala.

– Bem na hora – Kelsier observou, erguendo uma mão e *puxando* uma das espadas dos soldados. A arma saiu da bainha, girando no ar e voando com a ponta voltada na direção de Kelsier. Ele apagou seu ferro, dando um passo para o lado e pegando a espada pelo cabo assim que o impulso a fez passar por ele.

– Um nascido da bruma! – O guarda gritou.

Kelsier sorriu e avançou com um pulo.

O guarda desembainhou uma adaga. Kelsier a *empurrou*, arrancando a arma das mãos do homem, e a girou, separando a cabeça do guarda de seu corpo. O segundo guarda praguejou, arrancando as amarras de sua placa peitoral.

Kelsier *empurrou* sua própria espada enquanto completava uma manobra. A espada se soltou de seus dedos e silvou rápida na direção do segundo guarda. A

armadura do homem se soltou – impedindo que Kelsier a *empurrasse* – no mesmo momento em que o cadáver do primeiro guarda caiu no chão. No momento seguinte, a espada de Kelsier afundou no peito agora desarmado do segundo guarda. O homem titubeou, em silêncio, e então caiu.

Kelsier se desviou dos cadáveres, sua capa farfalhando. Sua ira era tranquila, não era feroz como na noite em que matara Lorde Tresting. Mas ele ainda sentia, sentia na coceira das cicatrizes e na lembrança dos gritos da mulher que amara. No que dizia respeito a Kelsier, qualquer homem que apoiasse o Império Final perdia o direito à vida.

Ele inflamou o peltre, fortalecendo seu corpo, então se agachou e levantou o cofre. Vacilou por um segundo sob seu peso, mas recuperou o equilíbrio e tomou o caminho de volta para a sacada. Talvez o cofre tivesse atium; talvez não. Mas ele não tinha tempo de procurar por outras opções.

Estava no meio do caminho, já na estufa, quando ouviu passos atrás de si. Ele se virou e viu o estúdio inundado de silhuetas. Havia oito, cada uma usando uma túnica cinza solta e carregando escudo e bastão de duelo, em vez de espada. Os matabrumas.

Kelsier deixou o cofre cair no chão. Os matabrumas não eram alomânticos, mas eram treinados para lutar contra brumosos e nascidos das brumas. Não tinham um único pedaço de metal no corpo, e estariam preparados para seus truques.

Kelsier deu um passo para trás, se alongando e sorrindo. Os oito homens se espalharam pelo estúdio, movendo-se com precisão silenciosa.

Isso vai ser interessante.

Os matabrumas avançaram, lançando-se aos pares. Kelsier sacou as adagas, desviando do primeiro ataque e cortando o peito de um deles. Mas o matabruma saltou para trás e afastou Kelsier com um golpe de seu bastão.

Kelsier avivou o peltre, deixando que suas pernas fortalecidas o jogassem para trás em um poderoso salto. Com uma mão, pegou um punhado de moedas e as *empurrou* contra seus oponentes. Os discos de metal dispararam, zumbindo no ar, mas seus inimigos estavam preparados para isso: eles ergueram seus escudos e as moedas acertaram a madeira, arrancando lascas, mas deixando os homens ilesos.

Kelsier observou que mais matabrumas entravam na sala, avançando contra ele. Eles não esperavam prolongar a luta– a tática deles seria a de atacarem juntos, de uma vez, esperando um fim rápido para a batalha, ou, pelo menos, esperando conseguir detê-lo até que os alomânticos pudessem acordar e se

juntar a eles. Kelsier olhou o cofre de relance enquanto aterrissava.

Não podia partir sem ele. Também precisava terminar a luta rapidamente. Inflamando o peltre, pulou para frente, tentando um golpe experimental do punhal, mas não conseguiu atravessar as defesas de seus oponentes. Mal conseguiu se esquivar a tempo de evitar ser atingido na cabeça pela ponta de um bastão.

Três matabrumas o atacaram por trás, impedindo sua retirada para a sacada. *Ótimo*, Kelsier pensou, tentando ficar de olho nos oito homens ao mesmo tempo. Eles avançavam com precisão cuidadosa, trabalhando em equipe.

Rangendo os dentes, Kelsier avivou seu peltre mais uma vez; percebeu que estava ficando sem reservas. Entre os oito metais básicos, o peltre era o que queimava mais rápido.

Não tenho tempo para me preocupar com isso agora. Os homens atrás dele atacaram, e Kelsier pulou para sair do caminho deles – *puxando* o cofre para se jogar no centro da sala. Ele *empurrou* assim que atingiu o chão perto do cofre, lançando-se no ar angulosamente. Encolheu-se, passou por cima da cabeça de dois atacantes e aterrissou no solo ao lado de um canteiro de árvores bem cultivadas. Girou, avivando seu peltre e erguendo o braço para se defender do golpe que previra.

O bastão de duelo acertou seu braço. Uma explosão de dor percorreu seu antebraço, mas seus ossos fortalecidos pelo peltre resistiram. Kelsier continuou se movendo, dirigindo sua outra mão para frente e cravando uma adaga no peito do oponente.

O homem retrocedeu, surpreso, o movimento arrancou a adaga da mão de Kelsier. Um segundo matabrumas atacou, mas Kelsier se abaixou e soltou a bolsa de moedas do cinto com sua mão livre. O matabrumas se preparou para bloquear a outra adaga de Kelsier, mas ele levantou a outra mão, batendo com a bolsa de moedas no escudo do homem.

Então *empurrou* as moedas lá dentro.

O matabrumas gritou, a força do intenso *empurrão* de aço o jogou para trás. Kelsier avivou seu aço, *empurrando* com tanta força que também foi jogado para trás – e para longe dos dois homens que tentavam atacá-lo. Kelsier e seu inimigo se afastaram, lançados em direções opostas. Kelsier colidiu contra a parede, mas continuou *empurrando*, esmagando seu oponente – bolsa, escudo e tudo mais – contra uma das janelas da estufa.

O vidro se quebrou, as faíscas de luz das lanternas do estúdio brincaram com seus fragmentos. O rosto desesperado do matabrumas desapareceu escuridão

afora, e a bruma – silenciosa, mas sinistra – começou a se esgueirar pela janela destruída.

Os outros seis homens avançaram implacavelmente, e Kelsier foi obrigado a ignorar a dor em seu braço enquanto se esquivava de dois golpes. Ele girou seu corpo, afastando-se e roçando em um arbusto, mas um terceiro matabrumas o atacou, acertando o bastão na lateral de seu corpo.

O ataque lançou Kelsier contra o canteiro. Ele tropeçou e caiu perto da entrada do estúdio iluminado, derrubando sua adaga. Gemeu de dor, rolando para ficar de joelhos e segurando a área atingida. O golpe teria quebrado as costelas de qualquer outro homem. Mesmo ele ficaria com um hematoma imenso.

Os seis homens avançaram, espalhando-se para cercá-lo. Kelsier se levantou com dificuldade, a visão estava ficando nublada pela dor e pelo esforço. Ele trincou os dentes e pegou um dos frascos com metal que lhe sobravam. Engoliu o conteúdo com um só gole, repondo o peltre, e, então, queimou estanho. A luz quase o cegou, e a dor em seu braço e na lateral de seu corpo pareceu repentinamente mais aguda, mas a explosão de sentidos ampliados clareou sua mente.

Os seis matabrumas avançaram em um ataque súbito e coordenado.

Kelsier sacudiu a mão ao seu lado, queimando ferro e procurando metal. A fonte mais próxima era um grosso peso de papel prateado em uma mesa dentro do estúdio. Kelsier atraiu a peça para si e se virou com o braço erguido na direção dos homens que o atacavam, adotando uma postura ofensiva.

– Muito bem – grunhiu.

Kelsier queimou aço com um lampejo de força. A peça retangular foi lançada de sua mão, riscando o ar. O matabrumas mais próximo levantou o escudo, mas sua resposta foi muito lenta. A peça acertou o ombro do homem, fazendo um ruído como se algo estivesse sendo triturado, e ele caiu no chão, gritando.

Kelsier se virou de lado, desviando de um golpe de bastão, e colocando um matabrumas entre si e o homem caído. Ele queimou ferro, *empurrando* a peça na direção dele. O peso de papel voou pelos ares, acertando o segundo matabrumas na têmpora. O homem despencou enquanto a peça flutuava no ar.

Um dos homens praguejou, avançando para atacar. Kelsier *empurrou* o peso de papel ainda no ar, afastando-o de si – e do matabrumas que avançava com o escudo erguido. Kelsier ouviu o peso acertar o chão atrás de si, e estendeu a mão – queimando peltre –, detendo o bastão do matabrumas no meio do golpe.

O matabrumas grunhiu, lutando contra a força ampliada de Kelsier, que não

se preocupou em lhe tirar a arma; em vez disso, *puxou* o peso de papel bruscamente, lançando-o em direção às próprias costas, em velocidade letal. Ele se virou no último instante, usando seu impulso para girar o matabrumas – colocando-o no trajeto da peça de metal.

O homem caiu.

Kelsier avivou o peltre, posicionando-se para se defender de um novo ataque. De fato, um bastão estalou contra seu ombro. Ele caiu de joelhos assim que a madeira o atingiu, mas queimou estanho para se manter consciente. A dor e a lucidez cintilaram em sua mente. Ele *puxou* o peso de papel – arrancando-o das costas do homem morto – e deu um passo para o lado, deixando que a arma improvisada passasse por ele.

Os dois matabrumas mais próximos se agacharam cautelosamente. O peso rompeu o escudo de um dos homens, mas Kelsier não continuou a *empurrar* para não perder o equilíbrio. Em vez disso, ele queimou ferro, trazendo a peça de volta para si. Ele desviou, extinguindo o ferro e sentindo a peça passar voando acima dele. Houve um estalo quando o peso de papel colidiu com o homem que se esgueirava por cima dele.

Kelsier girou, queimando ferro e, em seguida, aço para arremessar o metal na direção dos últimos dois homens. Eles se afastaram, mas Kelsier *puxou* o peso de papel, derrubando-o no chão, à frente deles. Os homens olharam o objeto com apreensão, distraindo-se enquanto Kelsier corria e saltava, impulsionando-se contra o metal e passando por cima de suas cabeças. Os matabrumas praguejaram, virando. Quando Kelsier aterrissou, ele *puxou* a peça novamente, fazendo-a esmagar a cabeça de um dos sujeitos por trás.

O matabruma caiu sem fazer ruído. O metal girou algumas vezes na escuridão, e Kelsier o agarrou no ar, a superfície fria do objeto estava coberta de sangue. As brumas vindas da janela quebrada fluíam em seus pés, enrolando-se em suas pernas. Ele abaixou a mão, apontando-a na direção do último matabrumas.

Em algum lugar da sala, um homem caído gemeu.

O último matabrumas deu um passo para trás, soltou a arma no chão e fugiu. Kelsier sorriu e abaixou o braço.

De repente, o metal foi arrancado de seus dedos, cruzando a sala e arrebentando outra janela. Kelsier praguejou, dando meia-volta para ver um grupo ainda maior de homens entrando no estúdio. Eles usavam trajes nobres. Alomânticos.

Vários deles ergueram as mãos e uma chuva de moedas foi jogada contra

Kelsier. Ele queimou aço, *empurrando* as moedas para longe. As janelas se espatifaram e a madeira se quebrou assim que a sala foi pulverizada pelas moedas. Kelsier sentiu um *puxão* em seu cinto quando seu último frasco de metal foi arrancado, *puxado* para a outra sala. Vários homens corpulentos avançaram agachados, andando sob as moedas atiradas. Brutamontes – brumosos que, como Ham, podiam queimar peltre.

Hora de ir embora, Kelsier pensou, repelindo outra onda de moedas e trincando os dentes por causa da dor no braço e na lateral de seu corpo. Ele olhou de relance para trás; tinha alguns segundos, mas não conseguiria chegar à sacada. Enquanto mais brumosos avançavam, Kelsier inspirou profundamente e correu na direção da parede de vidro quebrada. Ele saltou nas brumas, girando no ar enquanto caía, estendendo o braço para *puxar* o cofre com firmeza.

Ele deu um tranco no ar, balançando na lateral do prédio como se estivesse preso ao cofre por uma corrente. Sentiu que o cofre estava deslizando, rangendo contra o chão da estufa enquanto o peso de Kelsier o *puxava*. Ele se chocou contra a parede do edifício, mas continuou a *puxar*, apoiando-se na parte superior do peitoril de uma janela. Ele aplicou mais força, ficando de cabeça para baixo no vão da janela, *puxando* o cofre.

O cofre apareceu na borda do andar de cima. Estremeceu e caiu pela janela, despencando diretamente sobre Kelsier. Ele sorriu, apagando o ferro e impulsionando-se contra o edifício com suas pernas, atirando-se nas brumas como um mergulhador insano. Caiu de costas na escuridão, mal vendo o rosto irado do brumoso que perscrutava pela janela quebrada.

Kelsier *puxou* o cofre cuidadosamente, movendo-se no ar. As brumas se enroscavam em torno dele, obscurecendo sua visão, fazendo com que sentisse como se não estivesse caindo – mas simplesmente parado no meio do nada.

Ele estendeu o braço em direção ao cofre, girou no ar e o *empurrou*, lançando-se para cima.

O cofre se espatifou contra o chão de paralelepípedos. Kelsier o *empurrou* levemente, reduzindo sua velocidade até conseguir parar no ar a alguns palmos do solo. Flutuou nas brumas por um momento, as tiras de sua capa se enroscavam e agitavam ao vento, e se deixou cair ao lado do cofre.

A caixa-forte se rompera com o impacto. Kelsier arrancou a porta estilhaçada, os ouvidos melhorados pelo estanho escutaram os gritos de alarme vindos do edifício acima. Dentro do cofre, ele encontrou uma pequena bolsa de pedras preciosas e um par de cartas de crédito no valor de dez mil boxes.

Guardou tudo no bolso. Apalpou o interior, repentinamente preocupado que o trabalho desta noite tivesse sido em vão. Então seus dedos encontraram – uma pequena algibeira bem no fundo.

Ele a abriu, revelando um punhado de esferas de metal pequenas e escuras. Atium. Suas cicatrizes arderam, as lembranças do tempo que passou nas minas retornaram-lhe à mente.

Segurou a algibeira com força e ficou em pé. Com divertimento, percebeu uma forma retorcida no chão a uma pequena distância dali – os restos mutilados do matabrumas que jogara pela janela. Kelsier caminhou até ele e recuperou sua bolsa de moedas com um *puxão* de ferro.

Não, esta noite não foi um desperdício. Mesmo que não tivesse encontrado o atium, qualquer noite que terminava com um grupo de nobres mortos era um êxito, na opinião de Kelsier.

Segurou a bolsa de moedas em uma mão e a algibeira de atium na outra. Manteve o peltre queimando – sem a força que o metal dava ao seu corpo, ele provavelmente cairia no chão por causa da dor dos ferimentos – e se embrenhou na noite, dirigindo-se para a loja de Trevo.

É verdade, eu nunca quis isso. Mas alguém tem que deter as Profundezas. E, aparentemente, Terris é o único lugar em que isso pode ser feito.

Sobre esse fato, no entanto, não tenho que aceitar a palavra dos filósofos. Posso sentir nosso objetivo agora, posso senti-lo, embora os outros não possam. Ele... pulsa, em minha mente, lá longe, nas montanhas.



Vin despertou no quarto silencioso, a luz vermelha da manhã se esgueirando pelas frestas nas venezianas. Ficou na cama por um instante, inquieta. Algo estava errado. Não era o fato de que estava acordando em um lugar desconhecido – viajar com Reen a acostumara a um estilo de vida nômade. Levou um instante para perceber a fonte de seu desconforto.

O quarto estava vazio.

Não só vazio, mas estava aberto. Sem aglomerações. E era... confortável. Ela estava deitada em um colchão de verdade, apoiado por colunas, com lençóis e uma colcha macia. O quarto era decorado com um robusto armário de madeira e tinha até mesmo um tapete redondo. Outra pessoa talvez tivesse achado o cômodo apertado e austero mas, para Vin, parecia luxuoso.

Ela se sentou, franzindo o cenho. Parecia errado ter um quarto só para si. Sempre tinha estado amontoada, em quartos cheios de beliches, repletos de membros da gangue. Mesmo enquanto viajava, dormia em becos de mendigos ou em cavernas de rebeldes, e Reen estava lá com ela. Sempre fora forçada a lutar para ter privacidade. Dada agora com tanta facilidade, parecia desvalorizar os anos que passara saboreando seus breves momentos de solidão.

Saiu da cama, sem se preocupar em abrir as venezianas. A luz do sol era fraca, o que significava que ainda era de manhã cedo, mas já podia ouvir pessoas se movendo no corredor. Aproximou-se da porta, abriu-a um pouco mais e espreitou.

Depois de deixar Kelsier na noite anterior, Dockson levara Vin para a loja de Trevo. Como era muito tarde, Trevo os levara direto para quartos separados.

Vin, no entanto, não fora para a cama imediatamente. Esperara até que todos tivessem ido dormir, então escapuliu para inspecionar os arredores.

A residência era mais uma pousada do que uma loja. Embora houvesse uma sala de exposições embaixo e uma grande oficina nos fundos, o primeiro andar do edifício era dominado por vários corredores compridos com quartos de hóspedes. Havia um segundo andar, onde as portas eram mais espaçadas, o que indicava que os quartos eram maiores. Ela não procurou por alçapões ou paredes falsas – o barulho poderia ter acordado alguém –, mas sua experiência lhe dizia que esse não seria um covil adequado se não tivesse ao menos um sótão secreto ou alguns esconderijos.

De modo geral, ficou impressionada. As ferramentas de carpintaria e os projetos semiacabados no térreo indicavam uma fachada de trabalho respeitável. O covil era seguro, bem abastecido e bem mantido. Observando pela fresta da porta de seu quarto, Vin distinguiu um grupo de cerca de seis homens jovens e embriagados vindo do corredor oposto ao que ela estava. Usavam roupas simples, e desceram as escadas na direção da oficina.

Aprendizes de carpinteiro, Vin pensou. *Essa é a fachada de Trevo – ele é um skaa artesão*. A maioria dos skaa vivia como escravos rurais; até mesmo aqueles que moravam na cidade eram, em geral, obrigados a fazer trabalhos miseráveis. Contudo, alguns poucos e talentosos skaa tinham permissão para ter um comércio. Ainda eram skaa; eram mal pagos e sempre estavam sujeitos aos caprichos dos nobres. Mas desfrutavam de uma certa liberdade que a maioria dos skaa invejava.

Era provável que Trevo fosse um mestre carpinteiro. O que levaria um homem assim – que, pelos padrões skaa, tinha uma vida maravilhosa – a arriscar se unir ao submundo?

Ele é um brumoso, Vin pensou. *Kelsier e Dockson o chamaram de "esfumaçador"*. Ela provavelmente teria que descobrir o que isso significava por conta própria; sua experiência lhe dizia que um homem poderoso como Kelsier negaria conhecimento a ela o máximo possível, prendendo-a com informações eventuais. O conhecimento era o que a ligava a ele – seria pouco esperto soltá-lo rápido demais.

Passos soaram do lado de fora, e Vin continuou a espiar pela fresta.

– Você vai querer estar pronta, Vin – Dockson disse, enquanto passava pela porta dela. Ele vestia camisa e calça de nobre e já parecia desperto e limpo. Deteve-se, continuando a falar. – Há um banho esperando por você no aposento no fim do corredor, e consegui que Trevo lhe arranjasse algumas mudas de

roupa. Devem servir bem o bastante até que consigamos algo mais apropriado. Leve o tempo que desejar no banho... Kell planejou uma reunião para esta tarde, mas não podemos começar até que Brisa e Ham cheguem.

Dockson sorriu, observando-a pela fresta da porta, e seguiu corredor abaixo. Vin corou por ter sido pega. *Esses homens são observadores. Tenho que me lembrar disso.*

O corredor ficou em silêncio. Vin se esgueirou porta afora e se dirigiu para o aposento indicado, e ficou meio surpresa ao descobrir que realmente havia um banho quente esperando por ela. Franziu o cenho, estudando as paredes azulejadas e a banheira de metal. A água estava perfumada, à moda das senhoras nobres.

Esses homens parecem mais nobres do que skaa, Vin pensou. Não tinha certeza do que pensar sobre isso. Contudo, eles obviamente esperavam que ela fizesse o que lhe dissessem, então fechou a porta, trancou-a, tirou a roupa e entrou na banheira.

Ela exalava um cheiro engraçado.

Mesmo que o odor fosse fraco, Vin ainda captava lufadas de si mesma de vez em quando. Era o cheiro de uma nobre de passagem, o cheiro de uma gaveta perfumada, aberta pelos dedos nodosos de seu irmão. O cheiro ficou menos evidente conforme a manhã passava, mas ainda a preocupava. Isso a distinguiria dos outros skaa. Se este bando esperava que ela tomasse banhos com regularidade, ela teria que pedir que os perfumes fossem removidos.

A refeição da manhã esteve mais de acordo com suas expectativas. Várias mulheres skaa de idades distintas trabalhavam na cozinha da loja, preparando rocamboles da baía – rolos de pão finos e achatados, recheados com cevada e vegetais cozidos. Vin ficou parada na porta da cozinha, vendo as mulheres trabalharem. Nenhuma delas cheirava como ela, embora fossem de longe muito mais limpas e bem arrumadas do que a média dos skaa.

Na verdade, havia uma estranha sensação de limpeza em todo o edifício. Não percebera na noite anterior, por causa da escuridão, mas o chão estava completamente limpo. Todos os trabalhadores – as mulheres na cozinha e os aprendizes – tinham os rostos e as mãos limpos. Isso era estranho para Vin. Ela estava acostumada com os próprios dedos enegrecidos pelas cinzas; com Reen, se alguma vez lavasse o rosto, tinha que rapidamente esfregar cinzas nele novamente. Um rosto limpo se destacava nas ruas.

Não há cinzas nos cantos, pensou, olhando o chão. *A sala é sempre varrida*.

Nunca vivera em um lugar desses antes. Era quase como viver na casa de um nobre.

Olhou as mulheres da cozinha mais uma vez. Elas usavam vestidos simples, brancos e cinzas, com lenços nas cabeças, e cabelos presos em compridos rabos de cavalo que caíam pelas costas. Vin passou os dedos pelos próprios cabelos. Ela os mantinha curtos, como os de um garoto – seu corte atual, irregular, fora feito por um dos membros da gangue. Não era como essas mulheres – nunca fora. Sob as ordens de Reen, Vin vivia de modo que os outros membros da gangue pensassem nela primeiro como ladrão e depois como garota.

Mas o que sou agora? Perfumada pelo banho, ainda que vestindo a calça marrom e a camisa de botões de um aprendiz, sentia-se claramente fora de lugar. E isso era ruim – se ela se sentia estranha, então certamente parecia estranha. Outra coisa a mais que a faria se destacar.

Vin se virou, olhando a oficina. Os aprendizes já se ocupavam de seus afazeres matutinos, trabalhando em várias peças de móveis. Eles ficavam ao fundo da sala, enquanto Trevo trabalhava na sala de exposição principal, fazendo o acabamento final das peças.

A porta de trás da cozinha se abriu de repente. Vin deslizou institivamente para o lado, virando as costas contra a parede e espiando dentro da cozinha.

Ham parou na porta da cozinha, emoldurado pela luz vermelha do sol. Vestia uma camisa solta e colete, ambos sem mangas, e trazia vários pacotes grandes. Não estava sujo de fuligem – ninguém da gangue, nas poucas vezes que Vin os vira, jamais ficava.

Ham atravessou a cozinha e foi para a oficina.

– Então – disse, soltando os pacotes no chão –, alguém sabe qual é meu quarto?

– Vou perguntar ao Mestre Cladent – um dos aprendizes respondeu, se dirigindo à sala da frente.

Ham sorriu, espreguiçando-se, e se virou para Vin.

– Bom dia, Vin. Sabe, você não precisa se esconder de mim. Estamos no mesmo time.

Vin relaxou, mas ficou onde estava, ao lado de uma fileira de cadeiras quase terminadas.

– Você vai viver aqui também?

– É sempre bom ficar por perto do esfumaçador – Ham explicou, virando-se e desaparecendo na cozinha. Retornou um momento depois com quatro grandes rocamboles empilhados.

– Alguém sabe onde está Kell?

– Dormindo – Vin disse. – Ele chegou tarde noite passada, e ainda não levantou.

Ham grunhiu, dando uma mordida em um rocambole.

– E Dox?

– No quarto dele, no segundo andar – Vin respondeu. – Levantou cedo, desceu para comer alguma coisa e voltou lá para cima. – Não acrescentou que sabia, por ter espiado pelo buraco da fechadura, que ele estava sentado em sua escrivaninha, rabiscando alguns papéis.

Ham ergueu uma sobrancelha.

– Você sempre controla onde está todo mundo assim?

– Sim.

Ham fez uma pausa, e gargalhou.

– Você é uma criança estranha, Vin. – Ele pegou seus pacotes quando o aprendiz retornou, e os dois subiram as escadas. Vin ficou onde estava, ouvindo seus passos. Eles pararam na metade do primeiro corredor, talvez a poucas portas de distância do quarto dela.

O cheiro de cevada cozida chamou sua atenção. Vin olhou para a cozinha. Ham tinha voltado para buscar comida. Teria ela permissão de fazer o mesmo?

Tentando parecer confiante, Vin entrou na cozinha. Havia uma pilha de rocamboles em uma travessa, provavelmente para ser repartida entre os aprendizes enquanto trabalhavam. Vin pegou dois. Nenhuma das mulheres fez objeção; na verdade, algumas delas até mesmo a cumprimentaram respeitosamente com a cabeça.

Sou uma pessoa importante agora, pensou, com um pouco de desconforto. Será que sabiam que ela era... uma Nascida das Brumas? Ou estava sendo tratada com respeito simplesmente porque era uma convidada?

Depois de um tempo, Vin pegou um terceiro rocambole e fugiu para seu quarto. Era mais comida do que provavelmente conseguiria comer; no entanto, ela pretendia tirar a cevada e guardar o pão, que se conservaria bem se precisasse dele mais tarde.

Alguém bateu em sua porta. Vin respondeu, abrindo-a com um movimento cuidadoso. Um jovem estava parado do lado de fora – o garoto que estivera com Trevo no covil de Camon na noite anterior.

Magro, alto e de aspecto desengonçado, estava vestido de cinza. Talvez tivesse uns catorze anos, embora sua altura o fizesse parecer mais velho.

Parecia nervoso por algum motivo.

– Sim? – Vin perguntou.

– Ah...

Vin franziu o cenho.

– O que foi?

– Você é aguardada – disse com um forte sotaque do leste. – Lá em cima, com o que estão fazendo. Com o Mestre Jumps, no segundo andar. Ah, tenho que ir. – O garoto enrubesceu, deu meia-volta e saiu correndo, subindo as escadas.

Vin ficou parada na porta do quarto, desconcertada. *Aquilo devia fazer algum sentido?*, perguntou-se.

Ela espiou pelo corredor. Parecia que o garoto esperava que o seguisse. Finalmente, ela decidiu fazê-lo, subindo as escadas com cautela.

Algumas vozes podiam ser ouvidas de uma porta aberta no final do corredor. Vin se aproximou e espiou. Encontrou um aposento bem decorado, com um tapete elegante e cadeiras aparentemente confortáveis. Uma lareira queimava na lateral da sala, e as cadeiras estavam dispostas em frente a um grande quadro negro apoiado em um cavalete.

Kelsier estava de pé, apoiando um cotovelo na lareira de tijolo e segurando uma taça de vinho. Inclinando-se um pouco, Vin pôde ver que ele estava conversando com Brisa. O abrandador chegara bem depois do meio-dia, e se apropriara de metade dos aprendizes de Trevo para descarregar suas posses. Vin observara de sua janela enquanto os aprendizes carregavam a bagagem – disfarçada de caixas com pedaços de madeira – para o quarto de Brisa. Ele mesmo não se incomodara em ajudar.

Ham estava lá, assim como Dockson, e Trevo estava sentado em uma grande cadeira estofada e o mais longe possível de Brisa. O garoto que buscara Vin estava sentado em um banco ao lado de Trevo, e obviamente se esforçava para não olhar para ela. Na última cadeira ocupada estava o homem chamado Yeden, vestido – como anteriormente – em trajes de um trabalhador skaa comum. Ele estava sentado sem apoiar as costas, como se desaprovasse o estofamento. Seu rosto estava manchado de fuligem, como Vin esperava de um trabalhador skaa.

Havia duas cadeiras vazias. Kelsier notou Vin parada na porta e lhe deu um de seus sorrisos cativantes.

– Bem, aí está ela. Entre.

Vin perscrutou a sala. Havia uma janela, embora as venezianas estivessem

fechadas, ocultando a escuridão que se aproximava. As únicas cadeiras eram as que formavam um meio círculo ao redor de Kelsier. Resignada, ela avançou e se sentou na cadeira vazia ao lado de Dockson. Era muito grande para ela, por isso ela se sentou com as pernas dobradas sob o corpo.

– Estamos todos aqui – Kelsier disse.

– Para quem é a última cadeira? – Ham perguntou.

Kelsier sorriu, piscou, mas ignorou a pergunta.

– Tudo bem, vamos conversar. Temos uma bela tarefa diante de nós, e quanto antes começarmos a esboçar um plano, melhor.

– Pensei que você tivesse um plano – Yeden disse, incomodado.

– Tenho uma ideia geral – Kelsier disse. – Sei o que é necessário fazer, e tenho algumas ideias de como fazer isso. Mas não se reúne um grupo como esse simplesmente para dizer o que cada um tem que fazer. Precisamos trabalhar nisso juntos, começando com uma lista de problemas com os quais precisamos lidar se quisermos que o plano funcione.

– Bem – Ham começou –, deixe-me entender a ideia geral primeiro. O plano é reunir um exército para Yeden, causar o caos em Luthadel, tomar o palácio, roubar o atium do Senhor Soberano e, então, levar o governo ao colapso?

– Basicamente – Kelsier concordou.

– Então – Ham prosseguiu – nosso maior problema é a Guarnição. Se quisermos lançar Luthadel ao caos, não podemos ter vinte mil soldados aqui para manter a paz. Sem mencionar o fato de que as tropas de Yeden nunca tomarão a cidade enquanto houver algum tipo de resistência armada nas muralhas.

Kelsier assentiu. Pegando um pedaço de giz, ele escreveu *Guarnição de Luthadel* no quadro negro.

– O que mais?

– Precisamos pensar em um modo de causar o caos em Luthadel – Brisa disse, gesticulando com a taça de vinho na mão. – Seus instintos estão corretos, meu caro. É aqui que o Ministério mantém seus quartéis generais e as Grandes Casas governam seus impérios mercantis. Precisaremos derrubar Luthadel se quisermos acabar com a capacidade do Senhor Soberano para governar.

– Por falar em nobreza há, ainda, outro ponto – Dockson falou. – Todas as Grandes Casas têm guardas na cidade, sem mencionar seus alomânticos. Se vamos entregar a cidade a Yeden, temos que lidar com esses nobres.

Kelsier assentiu, escrevendo *Caos* e *Grandes Casas* ao lado de *Guarnição de Luthadel* no quadro-negro.

– O Ministério – Trevo lembrou, afundando tanto em sua cadeira estofada que Vin quase não pôde ver o seu rosto irritado. – Não haverá mudança de governo enquanto os Inquisidores de Aço tiverem algo a dizer sobre isso.

Kelsier acrescentou *Ministério* no quadro.

– O que mais?

– O atium – Ham falou. – Você pode também escrever isso aí em cima... precisaremos tomar o palácio rapidamente, quando a desordem generalizada começar, e nos assegurar de que ninguém mais tenha a oportunidade de se apoderar do tesouro.

Kelsier assentiu, escrevendo *Atium: assegurar o tesouro* no quadro.

– Precisamos pensar em um modo de reunir as tropas para Yeden – Brisa acrescentou. – E temos que ser silenciosos, mas rápidos, e treiná-los em algum lugar onde o Senhor Soberano não possa encontrá-los.

– Também precisamos ter certeza de que a rebelião skaa está pronta para assumir o controle de Luthadel – Dockson acrescentou. – Tomar o palácio e se entrincheirar nele será uma façanha espetacular, mas é bom que Yeden e seu povo realmente estejam prontos para governar depois que tudo estiver acabado.

Tropas e *Rebelião skaa* foram acrescentados no quadro.

– E – Kelsier falou – vou acrescentar "Senhor Soberano". Precisamos, ao menos, ter um plano para tirá-lo da cidade, caso as outras opções falhem. – Depois de escrever *Senhor Soberano* na lista, ele se virou para o grupo. – Esqueci alguma coisa?

– Bem – Yeden disse secamente – já que você está listando problemas que temos que superar, devia escrever aí que estamos todos loucos de pedra. Se bem que duvido que possamos consertar isso.

O grupo começou a rir, e Kelsier escreveu *Atitude ruim de Yeden* no quadro. Então deu um passo para trás, olhando para a lista.

– Quando se reduz a algo assim, não parece tão terrível, não é?

Vin franziu o cenho, tentando decidir se Kelsier tentava fazer uma brincadeira ou não. A lista não era só assustadora – era perturbadora. Vinte mil soldados imperiais? As forças e os poderes da alta nobreza? O Ministério? Acreditava-se que um Inquisidor de Aço era mais poderoso do que mil soldados.

Mais desconfortável, no entanto, era a naturalidade com que todos consideravam as questões. Como podiam sequer pensar em resistir ao Senhor Soberano? Ele era... bem, ele era o *Senhor*. Governava todo o mundo. Era o criador, o protetor e o punidor da humanidade. Salvara-os das Profundezas e

trouxera as cinzas e as brumas como castigo pela falta de fé das pessoas. Vin não era particularmente religiosa – ladrões inteligentes sabiam que era melhor evitar o Ministério do Aço – mas até ela conhecia as lendas.

E, mesmo assim, o grupo observava a lista de "problemas" com determinação. Havia uma alegria sombria neles – como se compreendessem que era mais fácil fazer o sol nascer à noite do que de derrubar o Império Final. Mas, ainda assim, eles iam tentar.

– Pelo Senhor Soberano – Vin sussurrou. – Vocês estão falando *sério*. Realmente pretendem fazer isso.

– Não use o nome dele em vão, Vin – Kelsier comentou. – Até mesmo a blasfêmia o honra. Quando amaldiçoa usando o nome dessa criatura, você o reconhece como seu deus.

Vin ficou em silêncio, recostando-se em sua cadeira, um pouco estarrecida.

– De qualquer modo – Kelsier prosseguiu, sorrindo levemente –, alguém tem alguma ideia de como superar esses problemas? Sem contar a atitude de Yeden, é claro. Todos sabemos que ele é um caso perdido.

A sala ficou em silêncio e pensativa.

– Ideias? – Kelsier perguntou. – Pontos de vista? Impressões?

Brisa negou com a cabeça.

– Agora que está tudo escrito aí, não posso deixar de me perguntar se a garota não tem razão. É uma tarefa assustadora.

– Mas *pode* ser feita – Kelsier assegurou. – Vamos começar discutindo sobre como causar um tumulto na cidade. O que podemos fazer de tão ameaçador a ponto de atirar a nobreza no caos, e talvez até conseguir que a guarda do palácio saia da cidade, se expondo às nossas tropas? Algo que distraia o Ministério e o Senhor Soberano enquanto preparamos nossas tropas para o ataque?

– Bem, uma revolução geral entre a população é o que me vem à mente – Ham disse.

– Não vai funcionar – Yeden disse com firmeza.

– Por que não? – Ham perguntou. – Você sabe como o povo é tratado. Vivem em pardieiros, trabalham em fábricas e forjas o dia todo, e metade deles *ainda* está faminta.

Yeden negou com a cabeça.

– Você não entende? A rebelião vem tentando fazer com que os skaa desta cidade se levantem *há mil anos*. Nunca deu certo. Eles são muito submissos; não têm vontade ou esperança para resistir. É por isso que tive que recorrer a

vocês para conseguir um exército.

A sala ficou em silêncio. Vin, no entanto, assentiu lentamente. Ela via – *sentia*. Não se lutava contra o Senhor Soberano. Mesmo vivendo como ladra, encolhida e à margem da sociedade, ela sabia disso. Não haveria rebelião.

– Temo que ele esteja certo – Kelsier concordou. – Os skaa não vão se rebelar, não no estado atual. Se vamos derrubar este governo, teremos que fazê-lo sem a ajuda das massas. Podemos provavelmente recrutar nossos soldados entre eles, mas não podemos contar com o povo em geral.

– Podemos causar um desastre de algum tipo? – Ham perguntou. – Um incêndio, talvez?

Kelsier negou com a cabeça.

– Isso talvez interrompa o comércio por um tempo, mas duvido que tenha o efeito que queremos. Além disso, o custo em vidas skaa seria alto demais. Os cortiços é que queimariam, não as fortalezas de pedra dos nobres.

Brisa suspirou.

– Então, o que quer que façamos?

Kelsier sorriu, seus olhos reluziram.

– E se pusermos as Grandes Casas umas contra as outras?

Brisa se deteve.

– Uma guerra entre as casas... – disse, tomando um gole de vinho, pensativo. – Faz tempo desde que a cidade padeceu com algo assim.

– O que significa que as tensões tiveram bastante tempo para se acumular – Kelsier comentou. – A alta nobreza está ficando cada vez mais poderosa... o Senhor Soberano mal tem controle sobre ela agora, e com isso temos a chance de estilhaçar seu comando. As Grandes Casas de Luthadel são a chave: elas controlam o comércio imperial, sem mencionar que escravizam a grande maioria dos skaa.

Kelsier apontou para o quadro, movendo os dedos entre as linhas em que estava escrito *Caos* e *Grandes Casas*.

– Se pudermos colocar as casas de Luthadel umas contra as outras, podemos derrubar a cidade. Os nascidos das brumas começarão a assassinar os chefes das casas. Fortunas vão entrar em colapso. Não demorará muito até que haja uma guerra aberta nas ruas. Parte de nosso contrato com Yeden é dar-lhe a oportunidade de tomar a cidade. Vocês conseguem pensar em algo melhor do que isso?

Brisa assentiu, com um sorriso.

– Tem estilo... gosto da ideia de que os nobres matem uns aos outros.

– Você *sempre* gosta quando outros fazem o trabalho, Brisa – Ham observou.

– Meu caro amigo – Brisa replicou –, o principal objetivo da vida é encontrar meios de conseguir que outros façam o trabalho por você. Sabe alguma coisa sobre economia básica?

Ham ergueu uma sobrancelha.

– Na verdade, eu...

– Era uma pergunta retórica, Ham – Brisa interrompeu, revirando os olhos.

– Essas são as melhores! – Ham respondeu.

– A filosofia fica para mais tarde, Ham – Kelsier falou. – Vamos nos concentrar na tarefa. O que acham da minha sugestão?

– Pode funcionar – Ham disse, recostando-se em seu assento. – Mas não vejo como o Senhor Soberano deixará as coisas chegarem tão longe.

– É nosso trabalho assegurar que ele não tenha opção – Kelsier disse. – Ele é conhecido por deixar a nobreza disputar, provavelmente para mantê-los sem equilíbrio. Vamos atiçar as tensões e, de algum modo, forçar a Guarnição a sair. Quando as Casas começarem a lutar seriamente, o Senhor Soberano não conseguirá fazer nada para detê-las... exceto, talvez, mandar os guardas do palácio para as ruas, o que é exatamente o que queremos que ele faça.

– Ele também poderia mandar um exército de koloss – Ham advertiu.

– É verdade – Kelsier concordou. – Mas eles estão posicionados a uma distância moderada daqui. É uma falha que precisamos explorar. Soldados koloss fazem grunhidos maravilhosos, mas precisam ser mantidos longe das cidades civilizadas. O centro do Império Final está exposto, ainda que o Senhor Soberano esteja confiante de sua força. E por que não estaria? Ele não enfrenta uma ameaça séria há séculos. A maioria das cidades só precisa de um pequeno número de forças policiais.

– Vinte mil homens dificilmente pode ser chamado de “pequeno número” – Brisa disse.

– Pode, em escala nacional – Kelsier disse, erguendo um dedo. – O Senhor Soberano mantém a maior parte de suas tropas nas fronteiras do império, onde as ameaças de rebeliões são mais fortes. É por isso que vamos acertá-lo aqui, em Luthadel... e é por isso que teremos êxito.

– Presumindo que conseguiremos lidar com a Guarnição – Dockson observou.

Kelsier assentiu, virando-se para escrever *Guerra das Casas* embaixo de *Grandes Casas* e *Caos*. – Tudo bem, então. Vamos falar sobre a Guarnição. O que vamos fazer a esse respeito?

– Bem – Ham disse, especulando – historicamente, a melhor maneira de lidar com um grande contingente de soldados é tendo seu próprio contingente de soldados. Vamos conseguir um exército para Yeden... por que não os deixamos atacar a Guarnição? Não é esse o objetivo de reunir um exército em primeiro lugar?

– Isso não vai funcionar, Hammond – Brisa disse, olhando para sua taça de vinho vazia e estendendo-a para o garoto sentado ao lado de Trevo, que imediatamente correu para enchê-la.

– Se quisermos derrotar a Guarnição – Brisa prosseguiu – precisamos que nossa força tenha *pelo menos* o mesmo tamanho. Provavelmente vamos querer uma muito maior, já que nossos homens serão recém-treinados. Podemos conseguir reunir um exército para Yeden... podemos até mesmo organizar um grande o bastante para manter a cidade por um tempo. Mas conseguiremos um grande o bastante para enfrentar a Guarnição dentro das fortificações? É melhor desistir agora, se esse for o nosso plano.

O grupo ficou em silêncio. Vin se retorceu em sua cadeira, olhando um homem de cada vez. As palavras de Brisa tiveram um efeito profundo. Ham abriu a boca para dizer algo e a fechou novamente, recostando-se para reconsiderar.

– Tudo bem – Kelsier finalmente disse. – Voltaremos à Guarnição daqui a pouco. Vamos pensar no nosso próprio exército. Como podemos reunir um grupo de tamanho substancial e escondê-lo do Senhor Soberano?

– De novo, isso será difícil – Brisa disse. – Há uma boa razão para que o Senhor Soberano se sinta seguro no Domínio Central. Há patrulhas constantes nas estradas e nos canais, e dificilmente alguém consegue passar um dia viajando sem encontrar uma aldeia ou uma plantação. Não é o tipo de lugar onde se pode formar um exército sem chamar a atenção.

– A rebelião tem aquelas cavernas ao norte – Dockson disse – Podemos esconder alguns homens lá.

Yeden empalideceu.

– Vocês *sabem* sobre as cavernas Arguois?

Kelsier revirou os olhos.

– Até mesmo o Senhor Soberano sabe sobre elas, Yeden. Só que os rebeldes não são perigosos o suficiente para que ele se incomode com isso.

– Quantas pessoas você tem, Yeden? – Ham perguntou. – Em Luthadel e nos arredores, incluindo as cavernas? O que temos para começar?

Yeden deu de ombros.

– Talvez trezentos... incluindo mulheres e crianças.

– E quantos você acha que essas cavernas conseguem comportar? – Ham perguntou.

Yeden deu de ombros novamente.

– As cavernas podem comportar um grupo grande, certamente – Kelsier falou. – Talvez dez mil. Eu já estive lá. A rebelião vem escondendo pessoas nelas há anos, e o Senhor Soberano nunca se preocupou em destruí-las.

– Posso imaginar por quê. – Ham disse. – Lutar em cavernas é um negócio desagradável, especialmente para o agressor. O Senhor Soberano gosta de manter as derrotas a um mínimo... não deixa de ser vaidoso. De qualquer modo, dez mil é um número decente. Poderia tomar o palácio com facilidade... talvez até tomar a cidade, se conquistarmos as muralhas.

Dockson se voltou para Yeden.

– Quando você pediu um exército, que tamanho estava pensando?

– Dez mil parece um bom número, eu suponho – Yeden respondeu. – Na verdade... é um pouco maior do que eu estava pensando.

Brisa inclinou a taça ligeiramente, agitando o vinho.

– Odeio ser do contra novamente... esse costuma ser o trabalho de Hammond. Mas preciso voltar ao problema anterior. Dez mil homens. Isso não vai nem *assustar* a Guarnição. Estamos falando de vinte mil soldados bem armados e bem treinados.

– Ele tem razão, Kell – Dockson disse. Ele tinha encontrado um caderninho em algum lugar, e começara a tomar notas da reunião.

Kelsier franziu o cenho.

Ham assentiu.

– De qualquer ângulo que se olhe, Kell, a Guarnição é um osso duro de roer. Talvez devêssemos nos concentrar na nobreza. Talvez consigamos causar caos suficiente para que a Guarnição não consiga controlar a situação.

Kelsier negou com a cabeça.

– Duvido. O primeiro dever da Guarnição é manter a ordem na cidade. Se não pudermos lidar com esses soldados, nunca conseguiremos estabelecer o caos. – Ele fez uma pausa, e olhou para Vin. – O que acha, Vin? Alguma sugestão?

Ela gelou. Camon nunca pedira sua opinião. O que Kelsier queria dela? Endireitou-se levemente na cadeira, percebendo que os outros membros da gangue haviam se voltado para ela.

– Eu... – Vin disse lentamente.

– Ah, não intimide a coitadinha, Kelsier – Brisa disse com um aceno de mão.

Vin assentiu, mas Kelsier não cedeu.

– Não, de verdade. Diga o que está pensando, Vin. Se você tem um inimigo muito maior lhe ameaçando, o que você faria?

– Bem – ela disse lentamente. – Não se luta contra ele, isso é certo. Mesmo que você vença de algum jeito, estará tão ferido e quebrado que não poderá lutar contra mais ninguém.

– Faz sentido – Dockson disse. – Mas podemos não ter escolha. Temos que nos livrar desse exército de algum modo.

– E se ele saísse da cidade? – ela perguntou. – Isso funcionaria? Se eu tivesse que lidar com alguém grande, eu tentaria distraí-lo primeiro, para forçá-lo a me deixar em paz.

Ham gargalhou.

– Fazer com que a Guarnição deixe Luthadel? Boa sorte. O Senhor Soberano envia alguns esquadrões para patrulha às vezes, mas a única vez que se soube que toda a Guarnição saiu da cidade foi quando a rebelião skaa irrompeu em Courteline, há meio século.

Dockson negou com a cabeça.

– A ideia de Vin é boa demais para ser deixada de lado tão facilmente, acho. De verdade, não podemos lutar contra a Guarnição. Pelo menos não enquanto estiver entrincheirada. Então, precisamos fazer os soldados deixarem a cidade de algum modo.

– Sim – Brisa disse. – Mas seria necessária uma crise específica, que exigisse o envolvimento da Guarnição. Se o problema não for suficientemente ameaçador, o Senhor Soberano não vai enviar toda a Guarnição. E se for perigoso demais, ele vai se recolher e enviar os koloss.

– Uma rebelião em uma das cidades próximas? – Ham sugeriu.

– Isso nos deixa com o mesmo problema de antes – Kelsier observou, negando com a cabeça. – Se não conseguirmos que os skaa daqui se rebelem, não conseguiremos que os de fora da cidade o façam.

– E se fizermos algum tipo de simulação? – Ham perguntou. – Assumindo que conseguiremos reunir um grupo de soldados bastante grande. Se eles fingirem atacar algum lugar aqui perto, talvez o Senhor Soberano envie a Guarnição para ajudar.

– Duvido que ele os envie para proteger outra cidade – Brisa disse. – Não se isso o deixar exposto em Luthadel.

O grupo ficou em silêncio, pensando novamente. Vin olhou ao redor,

percebeu Kelsier encarando-a.

– O quê? – ele perguntou.

Ela se encolheu um pouco, abaixando a cabeça.

– A que distância estão as Minas de Hathsin? – ela finalmente perguntou.

A gangue se deteve.

Finalmente, Brisa gargalhou.

– Ah, *isso sim* é tortuoso. A nobreza não sabe que as Minas produzem atium, então o Senhor Soberano não pode fazer muito alvoroço... não sem revelar que há algo muito especial naquele lugar. Isso significa: nada de koloss.

– Eles não chegariam a tempo, de qualquer modo – Ham disse. – As Minas estão apenas a alguns dias de viagem. Se estivessem ameaçadas, o Senhor Soberano teria que responder rapidamente. A Guarnição seria a única força capaz de agir.

Kelsier sorriu, seus olhos estavam em chamas.

– E não seria necessário um grande exército para ameaçar as Minas, tampouco. Mil homens poderiam fazer isso. Nós os mandamos para o ataque e, quando a Guarnição partir, marchamos com a nossa segunda (e maior) força e tomamos Luthadel. Quando a Guarnição perceber que foi enganada, não conseguirá voltar a tempo de nos impedir de tomar as muralhas da cidade.

– Mas seremos capazes de mantê-las? – Yeden perguntou, apreensivo.

Ham assentiu ansiosamente.

– Com dez mil skaa, é possível defender a cidade contra a Guarnição. O Senhor Soberano teria que mandar chamar seus koloss.

– Mas, então, já teremos o atium – Kelsier disse. – E as Grandes Casas não estarão em condições de nos deter. Estarão enfraquecidas e frágeis por causa das lutas internas.

Dockson rabiscava furiosamente em seu caderno.

– Precisaremos usar as cavernas de Yeden, então. Elas estão próximas dos dois alvos, e muito mais perto de Luthadel do que as Minas. Se nosso exército partir dali, pode chegar antes que a Guarnição volte das Minas.

Kelsier assentiu.

Dockson continuou a rabiscar.

– Terei que começar a estocar suprimentos naquelas cavernas, talvez fazer uma viagem para checar as condições no local.

– E como vamos levar os soldados para lá? – Yeden perguntou. – As cavernas ficam a uma semana de viagem da cidade... e os skaa não tem permissão de viajar por conta própria.

– Já consegui alguém que nos ajudará com isso – Kelsier disse, escrevendo *Atacar as Minas de Hathsin*, embaixo de *Guarnição de Luthadel*, no quadro. – Tenho um amigo que pode nos fornecer uma fachada para levar os barcos para o norte, pelo canal.

– Supondo – Yeden falou – que você consiga cumprir sua promessa inicial. Eu lhe paguei para que me reúna um exército. Dez mil homens é um número grande, mas você ainda não me explicou como vai conseguir reuni-los. Já lhe contei os problemas que tivemos tentando recrutar em Luthadel.

– Não precisamos que a população em geral nos apoie – Kelsier falou. – Só uma pequena porcentagem dela. Há aproximadamente um milhão de trabalhadores em Luthadel e nos arredores. Essa, na verdade, deverá ser a parte mais fácil do plano, já que estamos na presença de um dos maiores Abrandadores do mundo. Brisa, estou contando com você e seus alomânticos para forçar uma bela seleção de recrutas.

Brisa tomou seu vinho.

– Kelsier, meu bom homem. Gostaria que não usasse palavras como “forçar” ao se referir aos meus talentos. Eu apenas encorajo as pessoas.

– Bem, você pode encorajar um exército para nós? – Dockson perguntou.

– Quanto tempo tenho? – Brisa perguntou.

– Um ano – Kelsier falou. – Pretendemos colocar o plano em execução no próximo outono. Presumindo que o Senhor Soberano reúna suas forças para atacar Yeden uma vez que tomemos a cidade, bem que poderíamos obrigá-lo a fazer isso no inverno.

– Dez mil homens – Brisa disse, com um sorriso –, reunidos de uma população resistente, em menos de um ano. Certamente seria um desafio.

Kelsier gargalhou.

– Vindo de você, isso é tão bom quanto um sim. Comece por Luthadel, depois passe para as cidades ao redor. Precisamos de pessoas próximas o bastante para serem reunidas nas cavernas.

Brisa assentiu.

– Também precisaremos de armas e suprimentos – Ham disse. – E teremos que treinar os homens.

– Já tenho um plano para conseguir as armas – Kelsier respondeu. – Você consegue encontrar alguns homens que se encarreguem do treinamento?

Ham pensou por um momento.

– Provavelmente. Conheço alguns skaa soldados que lutaram em uma das Campanhas de Repressão do Senhor Soberano.

Yeden empalideceu.

– Traidores!

Ham deu de ombros.

– A maioria deles não tem orgulho do que fez – disse. – Mas a maioria também gosta de comer. É um mundo difícil, Yeden.

– Meu povo não vai trabalhar com esses homens – Yeden assegurou.

– Eles têm que trabalhar – Kelsier disse com severidade. – Um grande número de rebeliões skaa fracassa porque os homens são mal-treinados... e não vou deixar que esses homens sejam massacrados porque nunca lhes ensinaram qual ponta da espada segurar.

Kelsier fez uma pausa, então olhou para Ham.

– Mesmo assim, sugiro que encontre homens que estejam desgostosos com o Império Final pelo que este os forçou a fazer. Não confio em homens cuja lealdade só pode ser medida pela quantidade de moedas nos bolsos.

Ham assentiu, e Yeden ficou quieto. Kelsier se virou e escreveu *Ham: Treinar* e *Brisa: Recrutar* embaixo de *Tropas*, no quadro.

– Estou interessado no seu plano para conseguir armas – Brisa comentou. – Como, exatamente, pretende armar dez mil homens sem levantar as suspeitas do Senhor Soberano? Ele mantém um controle *muito* cuidadoso do fluxo dos armamentos.

– Podemos fazer as armas – Trevo disse. – Tenho madeira extra o suficiente para fabricar um par de bastões de combate por dia. Provavelmente conseguiria fazer algumas flechas também.

– Agradeço a oferta, Trevo – Kelsier falou. – E acho que é uma boa ideia. Mas vamos precisar de mais do que bastões. Precisaremos de espadas, escudos e armaduras... e precisamos deles rapidamente, para começar os treinamentos.

– Como vai fazer, então? – Brisa perguntou.

– As Grandes Casas têm acesso às armas – Kelsier respondeu. – Não têm problema algum em armar seus séquitos pessoais.

– Quer que roubemos deles?

Kelsier negou com a cabeça.

– Não, por uma vez vamos fazer as coisas de maneira mais ou menos legal... vamos comprar nossas armas. Ou melhor, vamos ter um nobre solidário para comprá-las por nós.

Trevo riu asperamente.

– Um nobre solidário à causa dos skaa? Nunca vai acontecer.

– Bem, “nunca” aconteceu até agora – Kelsier disse, despreocupado. –

Porque já encontrei alguém para nos ajudar.

A sala ficou em silêncio, exceto pelos estalos da lenha na lareira. Vin se retorceu levemente na cadeira, olhando para os demais. Pareciam chocados.

– Quem? – Ham perguntou.

– O nome dele é Lorde Renoux – Kelsier disse. – Chegou à área há poucos dias. Está hospedado em Fellise... ele não tem influência suficiente para se estabelecer em Luthadel. Além disso, acho que é prudente manter as atividades de Renoux um pouco afastadas do Senhor Soberano.

Vin inclinou a cabeça. Fellise era uma pequena cidade suburbana, a uma hora de Luthadel; Reen e ela haviam trabalhado lá antes de se mudarem para a capital. Como Kelsier recrutara este Lorde Renoux? Ele teria subornado o homem, ou era algum tipo de golpe?

– Ouvi falar de Renoux – Brisa disse lentamente. – É um lorde do oeste; tem muito poder no Domínio Distante.

Kelsier assentiu.

– Recentemente, Lorde Renoux decidiu tentar elevar sua família à uma posição na alta nobreza. A história oficial é a de que veio ao sul a fim expandir suas atividades mercantis. Ele acredita que, ao enviar bom armamento do sul para o norte, conseguirá ganhar dinheiro suficiente (e fazer contatos suficientes) para construir uma fortaleza em Luthadel até o fim da década.

A sala ficou em silêncio.

– Mas – Ham disse lentamente – essas armas virão para nós, em vez disso.

Kelsier assentiu.

– Teremos que falsificar os registros de envio, de qualquer forma.

– Essa é... uma fachada bastante ambiciosa, Kell – Ham comentou. – A família de um lorde trabalhando do nosso lado.

– Mas – Brisa disse, parecendo confuso –, Kelsier, você *odeia* nobres.

– Este é diferente – Kelsier respondeu com um sorriso astuto.

A gangue estudou Kelsier. Não gostavam da ideia de trabalhar com um nobre; Vin podia perceber isso com clareza. E provavelmente, não fazia diferença que Renoux fosse tão poderoso.

De repente, Brisa gargalhou. Reclinou-se em sua cadeira, tomando o resto de seu vinho.

– Seu louco maldito! Você o matou, não? Renoux... você o matou e o substituiu por um impostor.

O sorriso de Kelsier se alargou.

Yeden praguejou, mas Ham simplesmente sorriu.

– Ah. Agora *isso* faz sentido. Ou, pelo menos, faz sentido se você é Kelsier, o Audacioso.

– Renoux vai se estabelecer de maneira permanente em Fellise – Kelsier contou. – Ele será nossa fachada, se precisarmos fazer algo de maneira oficial. Eu o usarei para comprar armas e suprimentos, por exemplo.

Brisa assentiu, pensativo.

– Eficiente.

– Eficiente? – Yeden perguntou. – Você matou um nobre! E um muito importante.

– Você está planejando derrubar todo o império, Yeden – Kelsier observou. – Renoux não vai ser a última baixa aristocrática nesta pequena diligência.

– Sim, mas fazer alguém se passar por ele? – Yeden perguntou. – Isso me parece um pouco arriscado.

– Você nos contratou porque queria resultados extraordinários, meu caro – Brisa disse, bebericando seu vinho. – Em nosso ramo, resultados extraordinários requerem riscos extraordinários.

– Nós os minimizamos o máximo possível, Yeden – Kelsier assegurou. – Meu ator é *muito* bom. Contudo, esse é o tipo de recurso necessário para fazer este trabalho.

– E se eu ordenar que você não recorra a algum deles? – Yeden perguntou.

– Você pode cancelar o trabalho a qualquer momento – Dockson disse, sem tirar os olhos de seus registros. – Mas enquanto este estiver em execução, Kelsier tem a palavra final nos planos, objetivos e procedimentos. É assim que trabalhamos; e você sabia disso quando nos contratou.

Yeden sacudiu a cabeça com pesar.

– Bem? – Kelsier perguntou. – Continuamos ou não? A decisão é sua, Yeden.

– Sinta-se livre para colocar um fim nisso, amigo – Brisa disse com uma voz prestativa. – Não tema nos ofender. Eu, particularmente, encaro favoravelmente qualquer dinheiro dado de graça.

Vin viu Yeden empalidecer levemente. Em sua opinião, ele tinha sorte de Kelsier não ter simplesmente tirado seu dinheiro e o esfaqueado no peito. Mas ela estava ficando cada vez mais convencida de que não era assim que as coisas funcionavam por aqui.

– Isso é loucura – Yeden disse.

– Tentar derrubar o Senhor Soberano? – Brisa perguntou. – Bem, sim, na realidade, é.

– Tudo bem – Yeden disse, suspirando. – Vamos continuar.

– Bom – Kelsier disse, escrevendo *Kelsier: Equipamento* embaixo de *Tropas*. – A fachada de Renoux também nos fornecerá uma "entrada" na alta sociedade de Luthadel. Essa será uma vantagem muito importante... precisamos manter um acompanhamento cuidadoso das políticas das Grandes Casas se quisermos iniciar uma guerra.

– Essa guerra das casas pode não ser tão fácil de começar quanto você pensa, Kelsier – Brisa o alertou. – O atual grupo de altos nobres é cuidadoso e discriminador.

Kelsier sorriu.

– Então é bom que você esteja aqui para ajudar, Brisa. É um especialista em conseguir que as pessoas façam o que você quer. Juntos, você e eu planejaremos como virar os membros da alta nobreza uns contra os outros. As grandes guerras entre as casas parecem acontecer a cada dois séculos, mais ou menos. A competência do grupo atual só vai torná-las mais perigosas, por isso que não deve ser *tão* difícil irritá-las. Na verdade, eu já comecei o processo...

Brisa ergueu uma sobrancelha e olhou para Ham. O Brutamontes grunhiu, pegando uma moeda de ouro de dez boxes e jogando-a do outro lado da sala na direção de Brisa.

– O que foi isso? – Dockson perguntou.

– Fizemos uma aposta – Brisa disse – sobre Kelsier estar ou não envolvido nos eventos da noite passada.

– Eventos? – Yeden perguntou. – Que eventos?

– Alguém atacou a Casa Venture – Ham disse. – Há rumores de que três nascidos das brumas foram enviados para assassinar o próprio Straff Venture.

Kelsier fez uma careta.

– Três? Straff certamente tem uma opinião elevada de si mesmo. Nem cheguei perto de Sua Senhoria. Fui lá atrás do atium... e para ter certeza de que seria visto.

– Venture não tem um culpado ainda – Brisa continuou. – Mas, como um Nascido das Brumas estava envolvido, todo mundo está presumindo que foi uma das outras Grandes Casas.

– Essa era a ideia – Kelsier disse, feliz. – A alta nobreza leva os ataques de nascidos das brumas muito a sério. Tem um acordo tácito de não usar os nascidos das brumas para assassinar uns aos outros. Mais uns poucos ataques desses, e os verei se atracar como animais assustados.

Ele se virou, acrescentando no quadro *Brisa: planejar* e *Kelsier: desordem geral*, embaixo de *Grandes Casas*.

– De qualquer modo – Kelsier prosseguiu –, precisamos ficar de olho na política local e descobrir quais Casas estão fazendo alianças. Isso significa que temos que infiltrar um espião em alguns de seus eventos.

– Isso é realmente necessário? – Yeden perguntou, desconfortável.

Ham assentiu.

– É um procedimento padrão para *qualquer* trabalho em Luthadel, na verdade. Se existe alguma informação a ser conseguida, ela sairá dos lábios dos poderosos da corte. Sempre vale a pena manter um par de orelhas atento passeando por esses círculos.

– Bem, isso vai ser fácil – Brisa disse. – É só trazer o seu impostor e fazer com que frequente as festas.

Kelsier negou com a cabeça.

– Infelizmente, Lorde Renoux não poderá vir a Luthadel em pessoa.

Yeden franziu o cenho.

– Por que não? Seu impostor não passa por um exame minucioso?

– Ah, ele se parece com Lorde Renoux – Kelsier afirmou. – *Exatamente* como Lorde Renoux, na verdade. Só não podemos deixar que chegue perto de um Inquisidor...

– Ah – Brisa disse, trocando um olhar com Ham. – Um *daqueles*. Tudo bem, então.

– O quê? – Yeden perguntou. – O que isso significa?

– Você não quer saber – Brisa disse.

– Não quero?

Brisa negou com a cabeça.

– Sabe o quão inquieto você ficou só porque Kelsier disse que trocou Lorde Renoux por um impostor? Bem, isso é quase uma dúzia de vezes pior. Confie em mim... quanto menos você souber, mais confortável ficará.

Yeden olhou para Kelsier, que sorria abertamente. Yeden empalideceu, e recostou-se em sua cadeira.

– Você provavelmente está certo, eu acho.

Vin franziu o cenho, olhando para os outros. Pareciam saber sobre o que Kelsier estava falando. Teria que estudar este Lorde Renoux em algum momento.

– De qualquer modo – Kelsier disse – temos que infiltrar alguém nos eventos sociais. Dox, portanto, vai interpretar o sobrinho e herdeiro de Renoux, um membro da família que recentemente ganhou as graças dele.

– Espere um momento, Kell – Dockson disse. – Você não me falou sobre

isso.

Kelsier deu de ombros.

– Vamos precisar de alguém para ser nosso informante com a nobreza. Presumi que você se encaixasse no papel.

– Não pode ser eu – Dockson disse. – Fiquei marcado com o trabalho de Eiser, há alguns meses.

Kelsier franziu o cenho.

– O quê? – Yeden perguntou. – Quero saber sobre o que estão falando desta vez.

– Isso significa que o Ministério está procurando por ele – Brisa disse. – Ele fingiu ser um nobre, e eles descobriram.

Dockson assentiu.

– O próprio Senhor Soberano me viu em uma ocasião, e ele tem uma memória infalível. Mesmo que eu consiga evitá-lo, alguém vai me reconhecer mais cedo ou mais tarde.

– Então... – Yeden disse.

– Então – Kelsier respondeu – precisamos de outra pessoa para interpretar o herdeiro de Lorde Renoux.

– Não olhe para mim – Yeden disse, apreensivo.

– Confie em mim – Kelsier disse, seco – ninguém está pensando em você. Trevo está fora de questão também... ele é um artesão skaa local muito proeminente.

– Estou fora também – Brisa disse. – Já tenho vários pseudônimos entre a nobreza. Eu talvez pudesse usar um deles, mas não poderia ir a nenhum dos bailes ou festas importantes... seria muito embaraçoso encontrar alguém que me conhecesse com um nome diferente.

Kelsier franziu o cenho, pensativo.

– Eu poderia fazer isso – Ham falou. – Mas, como vocês sabem, não sou muito bom ator.

– E quanto ao meu sobrinho? – Trevo disse, acenando com a cabeça para o garoto ao seu lado.

Kelsier observou o garoto.

– Como você se chama, filho?

– Lestibournes.

Kelsier ergueu uma sobrancelha.

– Que nome! Não tem um apelido?

– Num tenho *inté* agora.

– Vamos ter que trabalhar nisso – Kelsier falou. – Você sempre fala na gíria das ruas do leste?

O garoto deu de ombros, obviamente nervoso em ser o centro das atenções.

– Foi onde vivi *desdi minino*.

Kelsier olhou para Dockson, que balançou a cabeça.

– Não acho uma boa ideia, Kell.

– Concordo. – Kelsier voltou-se para Vin e sorriu. – Acho que só nos resta você. Quão boa é em imitar uma nobre?

Vin empalideceu levemente.

– Meu irmão me deu algumas lições. Mas, nunca tentei de verdade...

– Vai se dar bem – Kelsier disse, escrevendo *Vin: infiltrada* embaixo de *Grandes Casas*. – Muito bem. Yeden, você provavelmente já começou a planejar como vai manter o controle de todo o império assim que isso estiver terminado.

Yeden assentiu. Vin sentiu um pouco de pena do homem, vendo o quanto do plano – a pura ousadia dele – parecia oprimi-lo. Mesmo assim, era difícil sentir simpatia pelo homem, considerando o que Kelsier acabara de dizer sobre a parte *dela* em tudo aquilo.

Fazer o papel de uma nobre?, ela pensou. *Certamente havia alguém que poderia fazer um trabalho melhor...*

A atenção de Brisa ainda estava em Yeden e em seu óbvio desconforto.

– Não fique tão solene, meu caro amigo – Brisa disse. – O mais provável é que você nunca precise *governar* realmente a cidade. As chances de sermos todos capturados e executados muito antes que isso aconteça são bem maiores.

Yeden deu um sorriso amarelo.

– E se não formos? O que os impede de me apunhalar e tomar o império para vocês?

Brisa revirou os olhos.

– Somos ladrões, meu caro, não políticos. Uma nação é uma mercadoria complicada demais para valer nosso tempo. Assim que tivermos nosso atium, estaremos felizes.

– Sem mencionar ricos – Ham acrescentou.

– As duas palavras são sinônimos, Hammond – Brisa comentou.

– Além disso – Kelsier disse para Yeden –, não vamos te dar o império inteiro. Esperamos que ele se esfacele uma vez que Luthadel se desestabilize. Você terá essa cidade e, provavelmente, um bom pedaço do Domínio Central... presumindo que suborne os exércitos locais em troca de apoio.

– E... o Senhor Soberano? – Yeden perguntou.

Kelsier sorriu.

– Ainda estou planejando lidar com ele pessoalmente... só tenho que descobrir como fazer o décimo primeiro metal funcionar.

– E se não conseguir?

– Bem – Kelsier falou, escrevendo *Yeden: Preparativos e Governo* embaixo de *Rebelião skaa* no quadro –, vamos tentar descobrir um jeito de enganá-lo para que saia da cidade. Talvez consigamos que ele vá com seu exército para as Minas para assegurar as coisas por lá.

– E daí? – Yeden perguntou.

– Daí você descobre um jeito de lidar com ele – Kelsier respondeu. – Você não nos contratou para matar o Senhor Soberano, Yeden: isso é só um bônus que pretendo dar, se puder.

– Eu não me preocuparia *muito* com isso, Yeden – Ham acrescentou. – Ele não poderá fazer muita coisa sem fundos ou exércitos. É um alomântico poderoso, mas de jeito algum é onipotente.

Brisa sorriu.

– Se bem que, se se pensar bem, pseudodivindades hostis e destronadas provavelmente são vizinhas desagradáveis. Você terá que descobrir o que fazer com ele.

Yeden não pareceu gostar muito da ideia, mas não continuou a discussão.

Kelsier se virou.

– É isso, então.

– Ah – Ham disse –, e quanto ao Ministério? Não devíamos ao menos tentar descobrir um jeito de ficar de olho naqueles Inquisidores?

Kelsier sorriu.

– Vamos deixar meu irmão lidar com eles.

– O inferno que vai – uma nova voz falou do fundo da sala.

Vin ficou em pé, sobressaltada, se virando e olhando para a porta coberta de sombras. Havia um homem parado na entrada. Alto e de ombros largos, tinha uma rigidez escultural. Usava roupas modestas – camisa e calças simples, com um casaco skaa solto. Seus braços estavam cruzados em um gesto de insatisfação, e ele tinha um rosto duro e quadrado que parecia um pouco familiar.

Vin olhou novamente para Kelsier. A similaridade era óbvia.

– Marsh? – Yeden disse, ficando em pé. – Marsh, *é* você! Ele prometeu que você faria parte do trabalho, mas eu... bem... bem-vindo de volta!

O rosto de Marsh permaneceu impassível.

– Não tenho certeza se estou “de volta” ou não, Yeden. Se vocês não se importam, gostaria de falar a sós com o meu irmãozinho.

Kelsier não pareceu intimidado com o tom duro de Marsh. Fez um aceno para o grupo.

– Terminamos por hoje, pessoal.

Os outros se levantaram lentamente, mantendo-se o mais longe possível de Marsh enquanto partiam. Vin os seguiu, fechando a porta e descendo as escadas para dar a impressão de que estava se retirando para seus aposentos.

Menos de três minutos mais tarde, ela estava novamente à porta, ouvindo cuidadosamente a conversa que acontecia lá dentro.

Rashek é um homem alto – como a maioria dos Terrisanos. É jovem demais para merecer tanto respeito dos outros carregadores. Ele tem carisma, e as mulheres da corte provavelmente o descreveriam como bonito, com um tipo rude de beleza.

No entanto surpreende-me que alguém preste atenção em um homem que fala com tanto ódio. Nunca viu Khlennium, mas a amaldiçoa. Ele não me conhece, mas eu posso ver a raiva e a hostilidade em seus olhos.



Três anos não tinham mudado muito a aparência de Marsh. Ele ainda era a pessoa severa e imponente que Kelsier conhecia desde a infância. Ainda tinha aquele brilho de decepção em seus olhos, e falava com o mesmo ar de desaprovação.

No entanto, de acordo com Dockson, as atitudes de Marsh haviam mudado muito desde aquele dia, três anos antes. Kelsier ainda achava difícil acreditar que seu irmão desistira da liderança da rebelião skaa. Ele sempre fora muito apaixonado por seu trabalho.

Aparentemente, a paixão havia esmaecido. Marsh deu um passo adiante, observando as palavras no quadro-negro com olhar crítico. Suas roupas estavam levemente manchadas de cinza, embora seu rosto estivesse relativamente limpo para um skaa. Ele ficou parado por um instante, olhando as anotações de Kelsier. Finalmente, Marsh se virou e jogou uma folha de papel na cadeira ao lado de Kelsier.

– O que é isso? – Kelsier perguntou, pegando a folha.

– Os nomes dos onze homens que você assassinou noite passada – Marsh disse. – Pensei que pelo menos ia querer saber.

Kelsier jogou o papel na lareira acesa.

– Eles serviam ao Império Final.

– Eram *homens*, Kelsier – Marsh replicou. – Tinham vidas, famílias. Vários deles eram skaa.

– Traidores.

– Pessoas – Marsh disse. – Pessoas que estavam só tentando fazer o melhor com o que a vida lhes deu.

– Bem, estou fazendo a mesma coisa – Kelsier disse. – E, felizmente, a vida *me* deu a habilidade de *empurrar* homens como eles do alto de edifícios. Se eles querem me enfrentar como nobres, então também podem morrer como nobres.

A expressão de Marsh ficou sombria.

– Como pode ser tão irreverente com uma coisa dessas?

– Porque, Marsh – Kelsier respondeu –, o humor é a única coisa que me restou. Humor e determinação.

Marsh bufou.

– Você devia estar contente – Kelsier comentou. – Depois de décadas ouvindo os seus sermões, eu finalmente decidi fazer algo útil com meus talentos. Agora que está aqui para ajudar, tenho certeza de que...

– Não estou aqui para ajudar – Marsh o interrompeu.

– Então por que veio?

– Para lhe fazer uma pergunta. – Marsh avançou, parando bem diante de Kelsier. Eles tinham quase a mesma altura, mas a personalidade austera de Marsh sempre o fizera parecer um pouco mais alto. – Como ousa fazer isso? – Marsh perguntou em voz baixa. – Eu dediquei a minha vida para derrubar o Império Final. Enquanto você e seus amigos ladrões festejavam, eu escondia fugitivos. Enquanto planejavam roubos insignificantes, eu organizava revoltas. Enquanto viviam na luxúria, eu via pessoas corajosas morrendo de fome.

Marsh apontou para Kelsier, batendo com o dedo em seu peito.

– *Como ousa?* Como ousa tentar roubar a rebelião para um de seus "trabalhinhos"? Como ousa usar este sonho como meio de enriquecer?

Kelsier empurrou o dedo do irmão.

– Não é disso que se trata.

– Ah é? – Marsh perguntou, batendo na palavra *atium* no quadro. – Por que esses jogos, Kelsier? Por que enrolar Yeden, fingindo aceitá-lo como seu "empregador"? Por que agir como se você se importasse com os skaa? Ambos sabemos atrás do que você está.

Kelsier travou a mandíbula, um pouco de seu bom humor havia desaparecido. *Ele sempre conseguiu fazer isso comigo.*

– Você não me conhece mais, Marsh – Kelsier disse, em voz baixa. – Isso não é pelo dinheiro... já tive mais riqueza do que qualquer homem poderia

gastar. Este trabalho é diferente.

Marsh se aproximou, observando os olhos de Kelsier, como se buscasse a verdade neles.

– Você sempre foi um bom mentiroso – disse finalmente.

Kelsier revirou os olhos.

– Ótimo, pense o que quiser. Mas não me venha com sermões. Derrubar o império pode ter sido seu sonho no passado. Mas agora você se tornou um bom skaa, resignado em sua oficina e fazendo reverências para os nobres que o visitam.

– Eu encarei a realidade – Marsh comentou. – Algo que você nunca foi bom em fazer. Mesmo que esteja falando sério sobre este plano, vai falhar. Tudo o que a rebelião já fez (as incursões, os roubos, as mortes) não serviu para nada. Nossos melhores esforços não chegaram sequer a ser um leve incômodo para o Senhor Soberano.

– Ah – Kelsier disse – mas ser um incômodo é algo no qual *eu* sou muito bom. De fato, sou muito mais do que um "leve" incômodo: as pessoas me dizem que posso ser completamente irritante. Eu poderia muito bem usar esse talento por uma boa causa, não é?

Marsh suspirou, dando meia-volta.

– Isso não é sobre uma "causa", Kelsier. É sobre vingança. É sobre você, como tudo sempre é. Eu posso acreditar que você não está atrás do dinheiro... e até mesmo que você pretende entregar a Yeden esse exército pelo qual ele aparentemente está te pagando. Mas não acredito que se importe.

– É aí que você se engana, Marsh – Kelsier disse em voz baixa. – É aí que você sempre se enganou ao meu respeito.

Marsh franziu o cenho.

– Talvez. Seja como for, como isso começou? Yeden foi até você ou você foi até ele?

– Isso importa? – Kelsier perguntou. – Olhe, Marsh. Preciso de alguém para se infiltrar no Ministério. Esse plano não vai a lugar algum se não conseguirmos achar um jeito de ficar de olho naqueles Inquisidores.

Marsh se virou.

– Você realmente espera que eu o ajude?

Kelsier assentiu.

– É por isso que você veio até aqui, não importa o que diga. Você me disse uma vez que eu poderia fazer coisas grandiosas se me aplicasse a algum objetivo que valesse a pena. Bem, é o que estou fazendo agora... e você vai

ajudar.

– Já não é assim tão fácil, Kell – Marsh falou, sacudindo a cabeça. – Algumas pessoas estão diferentes agora. Outras... se foram.

Kelsier deixou a sala ficar em silêncio. Até a chama da lareira estava começando a morrer.

– Sinto falta dela também.

– Tenho certeza que sim... mas tenho que ser honesto com você, Kell. Apesar do que ela fez... às vezes desejo que não tivesse sido você aquele que sobreviveu às Minas.

– Desejo o mesmo todos os dias.

Marsh se virou, estudando Kelsier com olhos frios e perspicazes. Os olhos de um buscador. O que quer que tenha visto refletido em Kelsier deve ter finalmente merecido sua aprovação.

– Estou indo – Marsh disse. – Mas, por algum motivo, você realmente parece sincero desta vez. Voltarei para ouvir o plano maluco que você está tramando. Então... bem, veremos.

Kelsier sorriu. No fundo, Marsh era um bom homem – muito melhor do que Kelsier jamais fora. Quando Marsh se virou em direção à saída, Kelsier captou um movimento nas sombras atrás da porta. Ele imediatamente queimou ferro, e as linhas azuis translúcidas brotaram de seu corpo, conectando-o às fontes próximas de metal. Marsh, é claro, não tinha nenhum em seu corpo – nem mesmo moedas. Percorrer os setores skaa da cidade podia ser muito perigoso para um homem que parecesse minimamente próspero.

Alguém mais, no entanto, ainda não tinha aprendido a não carregar metal consigo. As linhas azuis eram finas e fracas – não atravessavam bem a madeira – mas eram fortes o suficiente para fazer que Kelsier localizasse a fivela do cinto de uma pessoa no corredor, afastando-se rapidamente da porta com passos silenciosos.

Kelsier sorriu para si. A garota era incrivelmente habilidosa. Mas o tempo que passara nas ruas, no entanto, também tinha deixado cicatrizes profundas nela. Com sorte, ele seria capaz de encorajar as habilidades dela enquanto a ajudava a curar suas feridas.

– Voltarei amanhã – Marsh disse, enquanto abria a porta.

– Só não venha muito cedo – Kelsier disse, com uma piscadela. – Tenho algumas coisas para fazer esta noite.

Vin esperava em silêncio no quarto escuro, ouvindo os passos que desciam as

escadas. Agachou-se atrás da porta, tentando determinar se o som de passos continuava a descer ou não. O corredor ficou em silêncio, e ela finalmente deu um suspiro silencioso de alívio.

Uma batida soou na porta, a alguns centímetros de sua cabeça.

O sobressalto quase a fez cair no chão. *Ele é bom!*, ela pensou.

Rapidamente despenteou o cabelo e esfregou os olhos, tentando fazer parecer que estava dormindo. Puxou a camisa para fora da calça e esperou até que outra batida soasse antes de abrir a porta.

Kelsier estava apoiado em um batente, sua silhueta era recortada pela luz da única lanterna no corredor. Ergueu uma sobrancelha ao ver seu estado desalinhado.

– Sim? – Vin perguntou, tentando parecer sonolenta.

– Então, o que achou de Marsh?

– Não sei – Vin respondeu. – Não vi muita coisa antes que nos colocasse para fora.

Kelsier sorriu.

– Não vai admitir que peguei você, não é?

Vin quase sorriu de volta. O treinamento de Reen veio ao seu socorro. *O homem que quer que confie nele é aquele a quem você mais deve temer*. A voz de seu irmão quase parecia sussurrar em sua mente. E ficara mais forte desde que conhecera Kelsier, como se seus instintos estivessem à prova.

Kelsier a observou por um momento, e se afastou da porta.

– Coloque a camisa para dentro da calça e me siga.

Vin franziu o cenho.

– Para onde vamos?

– Começar seu treinamento.

– Agora? – Vin perguntou, olhando as venezianas escuras de seu quarto.

– É claro – Kelsier falou. – É uma noite perfeita para um pequeno passeio.

Vin alisou sua roupa, juntando-se a ele no corredor. Se ele realmente pretendia começar a lhe ensinar ela não reclamaria, não importa que horas fossem. Eles desceram a escada em direção ao térreo. A oficina estava escura, os projetos de móveis inacabados jazendo nas sombras. A cozinha, no entanto, estava iluminada.

– Só um minuto – Kelsier disse, dirigindo-se para a cozinha.

Vin se deteve em meio às sombras da oficina, deixando que Kelsier entrasse sozinho na cozinha. Ela mal podia ver o interior do cômodo. Dockson, Brisa e Ham estavam sentados com Trevo e seus aprendizes ao redor de uma mesa

comprida. Havia vinho e cerveja, embora em pequenas quantidades, e os homens faziam uma refeição simples, com bolo de cevada e vegetais cozidos.

As gargalhadas ecoaram na oficina. Não eram risos ásperos, como os que frequentemente vinham da mesa de Camon. Era algo mais suave – algo indicativo de uma alegria genuína, de um prazer bem-humorado.

Vin não tinha certeza do que a afastava do aposento. Ela hesitou – como se a luz e o bom-humor fossem uma barreira – e, em vez de entrar na cozinha, permaneceu na oficina, solene e silenciosa. Observava da escuridão, contudo, e sem conseguir controlar completamente a sua ansiedade.

Kelsier voltou alguns minutos mais tarde, carregando sua mochila e um pequeno pacote de tecido. Vin olhou o pacote com curiosidade, e ele o entregou para ela com um sorriso.

– Um presente.

O tecido sob os dedos de Vin era liso e macio, e ela rapidamente percebeu o que era. Deixou que o material cinza escorregasse por seus dedos, revelando uma capa de Nascido das Brumas. Como o vestuário que Kelsier usara na noite anterior, era todo confeccionado por tiras de tecido separadas.

– Você parece surpresa – Kelsier observou.

– Eu... achei que tinha que merecer isso de alguma maneira.

– O que há para merecer? – Kelsier disse, pegando sua própria capa. – É o que você é, Vin.

Ela fez uma pausa, então atirou a capa sobre os ombros e a amarrou. Era... diferente. Grossa e pesada nos ombros, mas leve e solta ao redor dos braços e pernas. As tiras eram costuradas no topo, permitindo que ela puxasse o manto com firmeza se desejasse. Sentia-se... envolvida. Protegida.

– Como se sente? – Kelsier perguntou.

– Bem – Vin disse simplesmente.

Kelsier assentiu, pegando vários frascos de vidro. Deu dois para ela.

– Beba um; guarde o outro para alguma necessidade. Mostrarei como misturar novos frascos mais tarde.

Vin assentiu, bebendo o primeiro frasco e guardando o segundo no cinto.

– Mandei fazer algumas roupas novas para você – Kelsier contou. – Você precisa criar o hábito de usar coisas que não tenham metal: cintos sem fivelas, sapatos que possa calçar e tirar facilmente, calças sem botões. Se quiser ousar, talvez mais tarde arranjemos algumas roupas de mulher.

Vin corou de leve.

Kelsier riu.

– Estou brincando. Mas você está entrando em um novo mundo... pode vir a descobrir que há situações em que será melhor parecer menos um ladrão de gangue e mais uma jovem senhora.

Vin assentiu, seguindo Kelsier, que se dirigia para a porta da frente da loja. Kelsier abriu a porta, revelando uma parede de escuras brumas inconstantes, e entrou nelas. Respirando profundamente, Vin o seguiu.

Kelsier fechou a porta atrás deles. A rua de paralelepípedos parecia abafada para Vin, as brumas tornavam tudo um pouco úmido. Não conseguia enxergar em nenhuma direção, e os limites das ruas pareciam desvanecer no nada, como se fossem caminhos para a eternidade. Acima, não havia céu, apenas redemoinhos de cinza sobre cinza.

– Muito bem, vamos começar – Kelsier falou.

A voz dele pareceu alta na rua silenciosa e vazia. Havia confiança em seu tom, algo que – confrontado com as brumas ao seu redor – Vin certamente não sentia.

– Sua primeira lição – Kelsier prosseguiu, andando pela rua, seguido por Vin – não é sobre alomancia, mas sobre atitude. – Varreu com a mão o espaço à sua frente. – Isso, Vin. Isso é *nosso*. A noite, as brumas... nos pertencem. Os skaa as evitam como se fossem a morte. Os ladrões e soldados saem na noite, mas também a temem. Os nobres fingem indiferença, mas as brumas os deixam desconfortáveis. – Ele se virou, olhando para ela. – As brumas são nossas amigas, Vin. Elas te escondem, te protegem... e te dão poder. De acordo com a doutrina do Ministério – algo raramente compartilhado com os skaa –os nascidos das brumas são descendentes do único homem que se manteve fiel ao Senhor Soberano nos dias que antecederam a Ascenção. Outras lendas dizem que estamos até mesmo além do poder do Senhor Soberano, algo nascido no dia em que as brumas pisaram a terra pela primeira vez.

Vin assentiu levemente. Era estranho ouvir Kelsier falar tão abertamente. Edifícios repletos de skaa adormecidos se erguiam dos dois lados da rua. Mesmo assim, as venezianas escuras e o ar silencioso faziam com que Vin sentisse como se ela e Kelsier estivessem sozinhos. Sozinhos na cidade mais densamente povoada, mais abarrotada do Império Final.

Kelsier continuou a caminhar, a vivacidade de seu passo contrastava com a penumbra escura.

– Não devíamos nos preocupar com os soldados? – Vin perguntou, em voz baixa. Suas gangues sempre tinham que ficar atentas às patrulhas noturnas da Guarnição.

Kelsier negou com a cabeça.

– Mesmo que fôssemos descuidados o bastante para que nos localizassem, nenhuma patrulha imperial ousaria incomodar um Nascido das Brumas. Eles veem nossas capas e fingem que não nos viram. Lembre-se: praticamente todos os nascidos das brumas são membros das Grandes Casas – o resto pertence a casas menores de Luthadel. Em ambos os casos, são indivíduos importantes.

Vin franziu o cenho.

– Então os guardas simplesmente ignoram os nascidos das brumas?

Kelsier deu de ombros.

– É falta de educação reconhecer que a figura acocorada que você vê no telhado é, na verdade, um alto senhor muito distinto e próspero... ou mesmo uma alta senhora. Os nascidos das brumas são tão raros que as casas não podem se dar ao luxo de permitir preconceitos de gênero em relação a eles. De qualquer modo, a maior parte dos nascidos das brumas tem duas vidas: a de aristocrata da corte, e a de alomântico furtivo e espião. As identidades dos nascidos das brumas são segredos bem guardados das casas: os rumores sobre quem são os nascidos das brumas sempre são o centro das fofocas da alta nobreza.

Kelsier entrou em outra rua, com Vin atrás dele, ainda um pouco nervosa. Não tinha certeza sobre onde ele a estava levando; era fácil se perder na noite. Talvez ele não estivesse indo para algum lugar, mas apenas acostumando-a às brumas.

– Muito bem – Kelsier disse – vamos familiarizá-la com os metais básicos. Pode sentir suas reservas de metal?

Vin se deteve. Ao se concentrar, pôde distinguir oito fontes de poder diferentes dentro de si – cada uma maior, inclusive, que as duas que notara no dia em que Kelsier a testara. Ela tinha estado reticente em usar sua Sorte desde esse dia. Começava a perceber que vinha usando uma arma que nunca compreendera de verdade – uma arma que acidentalmente chamara a atenção de um Inquisidor de Aço.

– Comece por queimá-los, um de cada vez – Kelsier falou.

– Queimar?

– É como chamamos quando se ativa uma habilidade alomântica – Kelsier explicou. – Você “queima” o metal associado com um determinado poder. Você vai ver o que quero dizer. Comece com os metais que ainda não conhece. Trabalharemos com as emoções de *abrandar* e *tumultuar* em outro momento.

Vin assentiu, parando no meio da rua. Hesitante, ela alcançou uma de suas

novas fontes de poder. Uma delas lhe era levemente familiar. Teria usado essa fonte antes, sem perceber? O que será que ela faria?

Só tem um jeito de descobrir... Incerta sobre o que exatamente devia fazer, Vin agarrou a fonte de poder e tentou usá-la.

Imediatamente, sentiu uma onda de calor dentro do peito. Não era desconfortável, mas era clara e distinta. Junto com o calor, veio algo mais – uma sensação de rejuvenescimento e poder. Sentia-se... mais *sólida*, de algum modo.

– O que aconteceu? – Kelsier perguntou.

– Eu me sinto diferente – Vin respondeu. Levantou a mão, e era como se o seu membro tivesse reagido rápido demais. Os músculos estavam retesados. – Meu corpo está estranho. Não me sinto mais cansada, me sinto alerta.

– Ah – Kelsier falou. – É peltre. Aumenta suas habilidades físicas, torna você mais forte, mais apta a resistir à fadiga e à dor. Você vai reagir mais rapidamente quando estiver queimando peltre, e seu corpo ficará mais resistente.

Vin flexionou os músculos, experimentando-os. Não pareciam maiores, mas ela podia sentir a força deles. E não eram só seus músculos – era tudo nela. Seus ossos, sua carne, sua pele. Ela recorreu à sua reserva, e pôde senti-la diminuindo.

– Estou ficando sem – disse.

Kelsier assentiu.

– O peltre queima relativamente rápido. O frasco que lhe dei foi medido para durar cerca de dez minutos de queima contínua... mas terminará mais rápido se você o inflamar com frequência e mais devagar se você for cuidadosa com o uso.

– Inflamar?

– Você pode queimar os metais com um pouco mais de vigor se tentar – Kelsier explicou. – Isso o faz acabar mais rápido, e é difícil de manter, mas pode lhe dar um impulso extra.

Vin franziu o cenho, tentando fazer como ele dizia. Aplicando uma pressão, ela conseguiu agitar as chamas em seu peito, inflamando o peltre.

Era como o ar inalado antes de um salto ousado. Uma corrente súbita de força e poder. Seu corpo ficou tenso como o esperado e, por um momento, ela se sentiu invencível. Então passou, e seu corpo relaxou lentamente.

Interessante, Vin pensou, notando o quão rápido seu peltre queimara naquele breve momento.

– Agora, há algo que você precisa saber sobre os metais alomânticos – Kelsier falou, enquanto avançavam pela bruma. – Quanto mais puros, mais efetivos são. Os frascos que preparamos contêm metais totalmente puros, preparados e vendidos especificamente para alomânticos. As ligas – como o peltre – são ainda mais complicadas, já que as porcentagens de metal precisam ser misturadas com precisão para fornecer poder máximo. Na verdade, se você não for cuidadosa ao comprar seus metais, pode acabar com uma liga totalmente errada.

Vin franziu o cenho.

– Quer dizer que alguém pode me enganar?

– Não intencionalmente – Kelsier falou. – A questão é que a maioria dos termos que as pessoas usam – palavras como "latão", "peltre" e "bronze" – é realmente muito vaga. O peltre, por exemplo, é geralmente aceito como uma liga de estanho com chumbo, e talvez um pouco de cobre ou prata, dependendo do uso e das circunstâncias. O *peltre alomântico*, no entanto, é uma liga de noventa e um por cento de estanho e nove por cento de chumbo. Se você quiser ter a força máxima do seu metal, tem que usar essas porcentagens.

– E... se queimar a porcentagem errada? – Vin perguntou.

– Se a mistura estiver só um pouco fora do percentual, você ainda conseguirá tirar poder dela. – Kelsier explicou. – Mas se estiver muito fora, queimá-la a deixará doente.

Vin assentiu lentamente.

– Eu... acho que já queimei esse metal antes. De vez em quando, em quantidades muito pequenas.

– Metais residuais – Kelsier falou. – podem ser encontrados na água contaminada por metais ou nos utensílios de peltre.

Vin assentiu. Algumas das canecas do covil de Camon eram de peltre.

– Muito bem – Kelsier prosseguiu. – Apague o peltre e vamos para o próximo metal.

Vin fez o que lhe era pedido. A retirada de poder fez com que se sentisse fraca, cansada e exposta.

– Agora – Kelsier falou – você deve ser capaz de notar uma espécie de emparelhamento entre suas reservas de metal.

– Como os dois metais emocionais – Vin comentou.

– Exatamente. Encontre o metal ligado ao peltre.

– Posso senti-lo – Vin falou.

– Há dois metais para cada poder – Kelsier disse. – Um *empurra*, o outro

puxa; o segundo, em geral, é uma liga do primeiro. No caso das emoções – um dos poderes mentais externos –, você *puxa* com zinco e *empurra* com latão. Você acaba de usar peltre para *empurrar* seu corpo. Esse é um dos poderes físicos internos.

– Como Ham – Vin disse. – Ele queima peltre.

Kelsier assentiu.

– Brumosos que podem queimar peltre são chamados de Brutamontes. Um termo rude, admito... mas eles tendem a ser pessoas bastante rudes. Nosso querido Hammond é uma exceção à regra.

– Então, o que o outro metal físico interno faz?

– Experimente e descubra.

Vin experimentou ansiosamente, e o mundo ao seu redor ficou repentinamente mais brilhante. Ou... bem, não exatamente brilhante. Podia ver melhor e mais longe, mas as brumas ainda estavam lá. Estavam só mais... translúcidas. A luz ambiente ao redor dela parecia mais reluzente de algum modo.

Havia outras mudanças. Podia sentir suas roupas. Percebeu que sempre fora capaz de senti-las, mas normalmente as ignorava. Agora, no entanto, sentia-as mais próximas. Podia sentir as texturas, e estava agudamente ciente dos lugares em que o tecido lhe apertava.

Estava com fome. Também isso estivera ignorando – mas agora sua fome estava mais premente. Notava a pele mais úmida, e podia sentir os cheiros de terra, fuligem e resíduos misturados no ar.

– O estanho amplia seus sentidos – Kelsier disse, sua voz repentinamente parecendo muito alta. – E é um dos metais que queima mais devagar; o estanho do frasco é o suficiente para manter você por horas. A maioria dos nascidos das brumas deixa o estanho aceso sempre que sai nas brumas; acendi o meu assim que deixamos a loja.

Vin assentiu. A riqueza de sensações era quase esmagadora. Ela podia ouvir rangidos e brigas na escuridão, e isso a deixava com vontade de saltar alarmada, certa de que alguém estava se esgueirando atrás dela.

Vai custar para eu me acostumar com isso.

– Deixe-o queimando – Kelsier disse, acenando para que caminhasse ao lado dele enquanto seguiam pela rua. – Você vai querer se acostumar aos sentidos aumentados. Só não o inflame o tempo todo. Você não só vai acabar com ele muito rápido, como avivar metais de modo constante faz... coisas estranhas com as pessoas.

– Estranhas? – Vin perguntou.

– Os metais – especialmente o estanho e o peltre – esticam seu corpo. Inflamar os metais só faz com que estiquem ainda mais. Estique muito, durante muito tempo, e as coisas começam a se quebrar.

Vin assentiu, sentindo-se desconfortável. Kelsier ficou em silêncio, e continuaram a caminhar, para que Vin explorasse suas novas sensações e o mundo detalhado que o estanho revelava. Antes, sua visão ficava reduzida a uma minúscula porção da noite. Agora, no entanto, via toda a cidade envolta em uma manta de bruma instável e rodopiante. Podia distinguir as fortalezas como pequenas e escuras montanhas ao longe, e podia ver os pontos de luz nas janelas, como buracos de agulha na noite. E, acima... via luzes no céu.

Ela se deteve, olhando maravilhada. Eram fracas, borradas até mesmo para seus olhos melhorados pelo estanho, mas conseguia distingui-las de leve. Centenas delas. Milhares delas. Tão pequenas como brasas de velas recém-apagadas.

– São estrelas – Kelsier comentou, andando ao lado dela. – Não é possível vê-las com muita frequência, mesmo com o estanho. Só nas noites particularmente claras. As pessoas costumavam olhar para cima e vê-las todas as noites... isso foi antes que as brumas chegassem, antes que as Montanhas de Cinzas cuspissem cinzas e fumaça no céu.

Vin olhou para ele.

– Como você sabe disso?

Kelsier sorriu.

– O Senhor Soberano tentou com muito empenho esmagar as memórias daqueles dias, mas algumas ainda permanecem.

Ele se virou, sem ter realmente respondido à pergunta dela, e continuou a andar. Vin juntou-se a ele. De repente, com o estanho, as brumas ao redor dela não pareciam tão sinistras. Estava começando a ver como Kelsier podia andar à noite com tanta confiança.

– Muito bem – Kelsier falou depois de um tempo. – Vamos tentar outro metal.

Vin assentiu, deixando o estanho aceso, mas escolhendo outro metal para queimar também. Quando fez isso, uma coisa muito estranha aconteceu – um monte de fracas linhas azuis brotou de seu peito, estendendo-se nas névoas rodopiantes. Ela se deteve, engasgando de leve e olhando para o próprio peito. A maior parte das linhas era fina, como pedaços de barbante translúcidos, embora um par fosse grosso como fios de lã.

Kelsier gargalhou.

– Deixe esse metal e seu par por enquanto. São um pouco mais complicados que os outros.

– O quê...? – Vin perguntou, seguindo as linhas azuis com os olhos. Elas apontavam para objetos aleatórios. Portas, janelas; algumas até apontavam para Kelsier.

– Chegaremos nele – ele prometeu. – Apague esse metal e tente um dos últimos dois.

Vin apagou o metal estranho e ignorou seu par, escolhendo um dos últimos metais. Ela imediatamente sentiu uma vibração estranha. Deteve-se. As pulsações não podiam ser ouvidas, mas ela podia senti-las percorrendo seu corpo. Pareciam vir de Kelsier. Olhou para ele, franzindo o cenho.

– Isso provavelmente é bronze – Kelsier explicou. – O metal mental interno para *puxar*. Permite que você sinta quando alguém nas proximidades está usando alomancia. Buscadores, como meu irmão, usam isso. Em geral, não é muito útil... a menos que você seja um Inquisidor de Aço procurando por skaa brumosos.

Vin empalideceu.

– Inquisidores podem usar a alomancia?

Kelsier assentiu.

– São todos Buscadores... não tenho certeza se Buscadores são escolhidos para serem Inquisidores, ou se o processo de se tornar um Inquisidor garante o poder. De qualquer modo, já que o principal dever deles é encontrar crianças mestiças e nobres que usam alomancia indevidamente, é uma habilidade útil. Infelizmente, "útil" para eles significa "bastante incômodo" para nós.

Vin ia assentir, mas parou. A pulsação havia cessado.

– O que aconteceu? – ela perguntou.

– Comecei a queimar cobre – Kelsier contou –, o par do bronze. Queimar cobre esconde o uso dos seus poderes de outros alomânticos. Pode tentar queimar agora, se quiser, ainda que não vá sentir muita coisa.

Vin fez o que ele lhe disse. A única mudança foi uma leve vibração em seu interior.

– O cobre é um metal cujo aprendizado é vital – Kelsier comentou. – Ele a esconderá dos Inquisidores. Provavelmente não temos com o que nos preocupar esta noite. Os Inquisidores vão presumir que somos nobres nascidos das brumas que saíram para treinar. Contudo, se alguma vez você estiver em roupas skaa e precisar queimar metais, assegure-se de acender seu cobre

primeiro.

Vin assentiu de modo apreciativo.

– De fato – Kelsier prosseguiu – muitos nascidos das brumas mantêm o cobre aceso o tempo todo. Ele queima lentamente, e o torna invisível para outros alomânticos. Esconde você do bronze, e ainda previne que outros manipulem suas emoções.

Vin levantou a cabeça.

– Achei que isso fosse interessá-la – Kelsier comentou. – Qualquer um que esteja queimando cobre é imune à alomancia emocional. Além disso, a influência do cobre cria uma bolha ao seu redor. Essa nuvem, chamada nuvem de cobre, esconde quem quer que esteja dentro dela dos sentidos de um buscador, ainda que isso não os torne imunes à alomancia emocional, como faz com você.

– Trevo – Vin falou. – É isso o que um esfumaçador faz.

Kelsier assentiu.

– Se um dos nossos for notado por um buscador, ele pode voltar para o covil e desaparecer. Eles também podem praticar suas habilidades sem medo de serem descobertos. Pulsações alomânticas vindas de uma loja no setor skaa da cidade seriam uma dádiva para um Inquisidor de passagem.

– Mas você pode queimar cobre – Vin disse. – Por que estava tão preocupado em encontrar um esfumaçador para a gangue?

– Posso queimar cobre, é verdade – Kelsier concordou. – Assim como você. Podemos usar todos os poderes, mas não podemos estar em todos os lugares. Um líder de gangue de sucesso precisa saber dividir as tarefas, especialmente em um trabalho tão grande quanto esse. O procedimento padrão é ter uma nuvem de cobre todo o tempo no covil. Trevo não faz isso sozinho: vários de seus aprendizes são Esfumaçadores também. Quando se contrata um homem como Trevo, pressupõe-se que ele proporcionará uma base de operações e uma equipe de Esfumaçadores competentes o bastante para mantê-lo escondido o tempo todo.

Vin assentiu. Mas estava mais interessada na habilidade do cobre de proteger suas emoções. Precisava conseguir o suficiente para mantê-lo queimando o tempo todo.

Eles voltaram a caminhar, e Kelsier lhe deu mais tempo para que se acostumasse a queimar estanho. A mente de Vin, no entanto, começou a divagar. Algo não parecia... certo para ela. Por que Kelsier estava lhe dizendo todas aquelas coisas? Parecia que lhe revelava seus segredos com facilidade

demais.

Exceto um, ela pensou, desconfiada. *O metal com as linhas azuis. Ele ainda não voltou a ele*. Talvez essa fosse a coisa que ele esconderia dela, o poder que guardaria para manter controle sobre ela.

Deve ser forte. O mais poderoso dos oito.

Enquanto caminhavam pelas ruas silenciosas, Vin buscou hesitantemente o metal desconhecido em seu interior. Olhou para Kelsier e, cuidadosamente, queimou a substância. De novo, as linhas se espalharam ao seu redor, apontando para direções aparentemente aleatórias.

As linhas se moviam com ela. A ponta de cada fio permanecia presa a seu peito, enquanto a outra extremidade permanecia ligada a um lugar qualquer ao longo da rua. Novas linhas apareciam conforme Vin andava, e as antigas desvaneciam, desaparecendo atrás dela. As linhas tinham várias espessuras, e algumas eram mais brilhantes que outras.

Curiosa, Vin testou as linhas mentalmente, tentando descobrir seu segredo. Focou em uma pequena, de aparência inocente, e descobriu, ao se concentrar, que podia senti-las individualmente. Sentia quase como se pudesse tocá-la. Alcançou-a com a mente e lhe deu um leve Puxão.

A linha balançou e imediatamente algo voou pela escuridão na direção de Vin. Ela gritou, tentando pular para longe, mas o objeto – um prego enferrujado – voou diretamente até ela.

De repente, algo agarrou o prego, desviando-o e atirando-o novamente na escuridão.

Vin se recompôs, a capa agitou-se ao seu redor. Ela perscrutou a escuridão e olhou para Kelsier, que ria baixinho.

– Eu devia saber que você tentaria isso – ele disse.

Vin corou de vergonha.

– Vamos lá – ele disse, tentando animá-la. – Não foi nada.

– O prego me atacou! – Aquele metal dava vida aos objetos? Isso que é um poder realmente incrível.

–Na verdade, você meio que atacou a si mesma – Kelsier explicou.

Vin ficou cautelosamente parada, então se juntou a ele, que começava a percorrer a rua de novo.

– Eu explicarei o que você fez em um segundo – ele prometeu. – Primeiro, há algo que você tem que entender sobre a alomancia.

– Outra regra?

– É mais uma filosofia – Kelsier explicou. – Tem a ver com consequências.

Vin franziu o cenho.

– O que quer dizer?

– Toda ação que fazemos tem consequências, Vin – Kelsier disse. – Descobri que tanto na alomancia quanto na vida, a pessoa que melhor julgar as consequências de seus atos mais sucesso terá. Peguemos, por exemplo, a queima do peltre. Quais são as consequências?

Vin deu de ombros.

– Você fica mais forte.

– E o que acontece se você estiver carregando algo pesado quando seu peltre acabar?

Vin se deteve.

– Suponho que vou derrubar a coisa.

– E, se for muito pesado, você vai se machucar seriamente. Muitos Brumosos Brutamontes ignoraram ferimentos terríveis enquanto lutavam, só para morrer dos mesmos ferimentos depois que o peltre acabou.

– Entendo – Vin disse em voz baixa.

– *Rá*!

Vin deu um pulo de susto, levando as mãos aos ouvidos aguçados.

– Ai! – reclamou, olhando para Kelsier.

Ele sorriu.

– Queimar estanho também tem consequências. Se alguma coisa produz uma luz ou um som súbitos, você pode ficar cego ou aturdido.

– Mas o que isso tem a ver com esses dois últimos metais?

– O ferro e o aço dão a habilidade de manipular outros metais ao seu redor – Kelsier explicou. – Com ferro, você pode *puxar* uma fonte de metal para você. Com aço, você pode *empurrá-la* para longe. Ah, aqui estamos.

Kelsier se deteve, olhando para cima.

Através das brumas, Vin pôde ver a imensa muralha da cidade assomando-se sobre eles.

– O que estamos fazendo aqui?

– Vamos praticar *puxar* ferro e *empurrar* aço – Kelsier disse. – Mas, primeiro, algumas coisas básicas. – Ele tirou algo de seu cinto: um tostão, a menor denominação de moeda. Segurou-a diante de Vin, colocando-se de lado. – Queime o aço, o par do metal que queimou há alguns momentos.

Vin assentiu. Mais uma vez, as linhas azuis se espalharam ao redor dela. Uma delas apontava diretamente para a moeda na mão de Kelsier.

– Tudo bem – ele disse. – *empurre-a*.

Vin alcançou o fio adequado e o *empurrou* levemente. A moeda saltou dos dedos de Kelsier, sendo atirada para longe de Vin. Ela continuou a se concentrar no objeto, *empurrando* a moeda no ar até ela bater na parede de uma casa nas proximidades.

Vin foi atirada violentamente para trás, em um movimento súbito. Kelsier a segurou, impedindo que caísse no chão.

Vin cambaleou e se endireitou. Do outro lado da rua, a moeda – agora livre de seu controle – despencou no chão.

– O que aconteceu? – Kelsier perguntou para ela.

Ela negou com a cabeça.

– Não sei. *Empurrei* a moeda, e ela voou. Mas quando ela acertou a parede, fui *empurrada* de volta.

– Por quê?

Vin franziu o cenho, pensativa.

– Acho que... acho que a moeda não podia ir para lugar nenhum, então fui eu que me movi.

Kelsier assentiu, aprovando.

– Reação, Vin. Você usa seu próprio peso quando *empurra* aço. Se você é muito mais pesada do que a sua âncora, ela voará para longe de você, como aconteceu com a moeda. Contudo, se o objeto for mais pesado do que você, ou se ele acertar algo que é, você será *empurrada* para longe. Com o ferro é similar: ou você será *puxada* na direção do objeto, ou ele será *puxado* na sua direção. Se seus pesos forem similares, vocês dois se moverão. Essa é a grande arte da alomancia, Vin. Saber o quanto você se moverá quando queimar aço ou ferro lhe dará uma maior vantagem sobre seu oponente. Você descobrirá que essas duas são suas habilidades mais versáteis e úteis.

Vin assentiu.

– Agora, lembre-se – ele prosseguiu. – Nos dois casos, a força da sua *puxada* ou de seu *empurrão* se volta *diretamente* para você ou longe de você. Você não pode girar coisas com a sua mente, controlá-las para que vão para onde você quiser. Não é assim que a alomancia funciona, porque esse não é o jeito que o mundo físico funciona. Quando você *empurra* alguma coisa – seja com alomancia ou com suas mãos –, essa coisa se move diretamente na direção oposta. Força, ação e reação. Entendeu?

Vin assentiu novamente.

– Muito bem – Kelsier disse, contente. – Agora, vamos saltar a muralha.

– *O quê*?

Ele a deixou parada na rua, boquiaberta. Vin o observou aproximar-se da base da muralha, então correu para alcançá-lo.

– Você é louco! – Disse em voz baixa.

Kelsier sorriu.

– Acho que essa é a segunda vez hoje que você me diz isso. Precisa ficar mais atenta... se você tivesse escutado os demais, saberia que minha sanidade desapareceu faz tempo.

– Kelsier – ela disse, olhando para o alto da muralha. – Não posso... quero dizer, nunca usei alomancia de verdade antes desta noite!

– Verdade, mas você aprende rápido – Kelsier disse, tirando algo debaixo da capa. Parecia um cinto. – Aqui, coloque isso. Tem pesos de metal presos nele. Se algo der errado, provavelmente conseguirei pegar você.

– Provavelmente? – Vin perguntou, nervosa, prendendo o cinto.

Kelsier sorriu, e derrubou um grande lingote de metal no chão.

– Coloque o lingote bem embaixo de você, e lembre-se de *empurrar* aço, não de *puxar* ferro. Não pare de *empurrar* até chegar ao topo da muralha.

Com isso, ele se agachou e saltou.

Kelsier disparou pelo ar, sua forma escura desapareceu nas brumas rodopiantes. Vin esperou por um momento, mas ele não despencou para a morte.

Tudo estava em silêncio, até mesmo para seus ouvidos amplificados. As brumas rodopiavam brincalhonas ao redor dela. Tentando-a. Desafiando-a.

Ela olhou para o lingote e queimou aço. A linha azul brilhou com luz débil e fantasmagórica. Ela se posicionou sobre o lingote, parando com um pé de cada lado do objeto de metal. Olhou para cima, para as brumas, e para baixo pela última vez.

Finalmente, respirou fundo e *empurrou* contra o lingote com toda sua força.

“Ele deve defender seus costumes, ainda que venha a violá-los. Será seu salvador, mas o chamarão de herege. Seu nome será Discórdia, mas o amarão por isso.”

8

Vin disparou pelo ar. Conteve o grito, lembrando-se de continuar *empurrando* apesar do medo. A muralha de pedra era um borrão em movimento a alguns palmos de distância. O chão abaixo dela desapareceu, e a linha azul apontando para o lingote ficava cada vez mais fraca.

O que acontece se desaparecer?

Começou a ir mais devagar. Quanto mais fraca a linha ficava, mais a velocidade dela diminuía. Depois de alguns momentos de voo, reduziu até parar – e ficou flutuando no ar, sobre uma linha azul quase invisível.

– Sempre gostei da vista daqui de cima.

Vin olhou para o lado. Kelsier estava parado a poucos metros; ela se concentrara tanto que não percebera que estava flutuando a alguns palmos do alto da muralha.

– Socorro! – ela disse, continuando a *empurrar* desesperadamente, com medo de cair. As brumas embaixo dela giravam sem parar, como um oceano escuro de almas condenadas.

– Não precisa se preocupar tanto – Kelsier explicou. – É mais fácil se equilibrar no ar com um tripé de âncoras, mas também é possível se virar com uma âncora só. Seu corpo está acostumado a se equilibrar. Parte do que vem fazendo desde que aprendeu a caminhar, se transfere para a alomancia. Enquanto permanecer imóvel, suspensa no limite de sua capacidade de *empurrar*, ficará estável; sua mente e corpo vão corrigir quaisquer desvios leves da base central da sua ancoragem abaixo, impedindo que caia para os lados. Mas, se estiver *empurrando* mais alguma coisa, ou se movendo demais para o lado... bem, você pode perder sua ancoragem, e pode não ser mais capaz de *empurrar* diretamente. Daí você teria problemas: despencaria como um peso

morto do alto de um poste muito alto.

– Kelsier... – Vin começou a falar.

– Espero que não tenha medo de altura, Vin – Kelsier comentou. – Essa é uma desvantagem e tanto para um Nascido das Brumas.

– Eu... não... tenho... medo... de altura – Vin disse entredentes. *Mas tampouco estou acostumada a ficar pendurada no ar a trinta metros da maldita rua!*

Kelsier começou a rir, e Vin sentiu um puxão em seu cinto, fazendo com que se movesse no ar, na direção da muralha. Ele a segurou e a puxou sobre a ameia de pedra, colocando-a ao seu lado. Ele estendeu um braço por cima da muralha. Um segundo depois, o lingote disparou pelo ar, resvalando a extensão lateral da muralha, até parar na mão dele.

– Bom trabalho – ele disse. – Agora, vamos descer. – Ele atirou o lingote sobre seus ombros, arremessando-o nas escuras brumas do outro lado da muralha.

– Nós realmente vamos lá fora? – Vin perguntou. – Para fora das muralhas da cidade? *À noite*?

Kelsier sorriu do seu jeito irritante. E subiu em uma das ameias.

– Variar a força com a qual você *puxa* ou *empurra* é difícil, mas possível. É melhor simplesmente cair um pouco, e então *empurrar* para diminuir a velocidade. Deixe-se cair mais um pouco, e então *empurre* novamente. Se conseguir pegar o ritmo, chegará ao chão muito bem.

– Kelsier – Vin falou, aproximando-se da muralha. – Eu não...

– Você está no topo da muralha agora, Vin – ele a lembrou, dando um passo no ar. Ele flutuou, equilibrando-se, como lhe explicara antes. – Só há duas formas de descer. Ou você pula, ou tenta explicar para aquela patrulha de guardas por que um Nascido das Brumas precisa usar a escadaria.

Vin virou-se, preocupada, notando o balançar de uma luz de lanterna nas brumas sombrias.

Voltou-se para Kelsier, mas ele partira. Ela praguejou, inclinando-se sobre a muralha e olhando para as brumas. Podia ouvir os guardas falando em voz baixa entre si enquanto caminhavam ao longo da muralha.

Kelsier estava certo: ela não tinha muita opção. Zangada, subiu na ameia. Não tinha medo de altura, mas quem não ficaria apreensivo parado no alto da muralha, olhando para baixo, para a própria condenação? O coração de Vin saltava em seu peito, e seu estômago se revirava.

Espero que Kelsier esteja fora do caminho, pensou, conferindo a linha azul

para ter certeza de que estava sobre o lingote. Então, pulou.

Começou a despencar imediatamente em direção ao solo. Ela *empurrou* seu aço por reflexo, mas sua trajetória estava errada; caíra ao lado do lingote, não diretamente sobre ele. Consequentemente, seu *empurrão* a levou ainda mais para o lado, e ela começou a dar voltas no ar.

Alarmada, ela *empurrou* novamente – com mais força desta vez, inflamando seu aço. O esforço súbito a lançou para cima. Traçou um arco no ar, para o lado, pipocando no ar junto à muralha. Os guardas que passavam se viraram, surpresos, mas seus rostos logo ficaram indistinguíveis quando Vin voltou a cair.

Com a mente confusa pelo terror, ela instintivamente estendeu a mão e puxou o lingote, tentando posicionar-se sobre ele. E, é claro, o objeto de metal disparou obedientemente na direção dela.

Estou morta.

Então seu corpo balançou, puxado para cima pelo cinturão. Sua descida ficou mais lenta, até que ficou flutuando tranquilamente no ar. Kelsier apareceu entre as brumas, parado, no chão, abaixo dela; estava – é claro – sorrindo.

Ele a deixou cair os últimos palmos, segurando-a e colocando-a em pé sobre o chão de terra macia. Ela ficou trêmula por um momento, respirando de maneira ansiosa e entrecortada.

– Bem, isso foi divertido – Kelsier disse, despreocupado.

Vin não respondeu.

Kelsier sentou-se em uma pedra próxima, obviamente dando tempo para que ela se recuperasse. Depois de alguns instantes, ela queimou peltre, usando a sensação de solidez que ele proporcionava para acalmar seus nervos.

– Você se saiu bem – Kelsier comentou.

– Quase morri.

– Acontece com todo mundo na primeira vez – Ele assegurou. – *Puxar* ferro e *empurrar* aço são habilidades perigosas. Você pode se empalar com um pedaço de metal que *puxar* na direção de seu corpo, ou pode pular e ficar muito longe da âncora, ou cometer uma dúzia de erros. Minha experiência – apesar de limitada – me diz que é melhor chegar nessas circunstâncias extremas logo, quando alguém está observando você. De qualquer modo, eu suponho que tenha entendido por que é importante para um alomântico carregar o mínimo possível de metal em seu corpo.

Vin assentiu, então se deteve, levando a mão à orelha.

– Meu brinco – disse. – Terei que parar de usá-lo.

– Tem tarraxa atrás?

Vin negou com a cabeça.

– É só um pequeno pingente, e a parte de trás é dobrada para baixo.

– Então tudo bem – Kelsier falou. – O metal de seu corpo, ainda que seja mínimo, não pode ser *empurrado* ou *puxado*. Do contrário, outro alomântico conseguiria arrancar os metais de seu estômago enquanto você os queima.

Bom saber, Vin pensou.

– Também é por isso que os Inquisidores podem andar por aí tão confiantes com aquele par de pregos de metal saindo de suas cabeças. O metal atravessa o corpo deles, então não pode ser manipulado por um alomântico. Fique com o brinco. É pequeno, então não poderá fazer muito com ele, mas poderá usá-lo como arma em uma emergência.

– Está bem.

– Agora, pronta para ir?

Ela olhou para cima, preparando-se para saltar novamente, e assentiu.

– Não vamos voltar lá para cima – Kelsier falou. – Venha.

Vin franziu o cenho quando Kelsier começou a caminhar nas brumas. *Quer dizer que ele está indo para algum lugar, afinal – ou será que decidiu vagar por aí mais um pouco?* Estranhamente, o desprendimento amável dele tornava muito difícil prever sua intenções.

Vin correu para alcançá-lo, não desejando ficar sozinha nas brumas. A paisagem ao redor de Luthadel era árida, exceto por algumas moitas e ervas daninhas. Espinhos e folhas secas – ambos cobertos pelas cinzas que caíram durante o dia – raspavam suas pernas enquanto caminhavam. A vegetação rasteira era triturada pelos passos deles, imóvel e um pouco ensopada pelo sereno da bruma.

Ocasionalmente passavam por pequenos montes de cinzas que haviam sido transportados para fora da cidade. Na maior parte das vezes, no entanto, a cinza era jogada no rio Channerel, que atravessava a cidade. A água a dissolvia em algum momento – ou, pelo menos, era isso o que Vin achava. De outro modo, todo o continente estaria soterrado há muito tempo.

Vin permaneceu perto de Kelsier enquanto caminhavam. Embora tivesse viajado para fora das cidades antes, sempre fizera isso como parte de um grupo de barqueiros – os trabalhadores skaa que dirigiam barcos e barcaças de um lado para o outro pelas várias rotas dos canais do Império Final. Era um trabalho difícil – a maioria dos nobres usava skaa em vez de cavalos para puxar os barcos pela beira do rio –, mas havia uma certa liberdade em saber que

estava viajando, pois a maioria dos skaa – até mesmo os skaa ladrões – nunca deixava as plantações ou as cidades.

A constante movimentação de uma cidade para outra fora decisão de Reen; tinha obsessão por nunca ficar trancado. Em geral, ele os levava a lugares administrados por gangues do submundo, jamais ficando em um mesmo lugar por mais de um ano. Tinha que permanecer em marcha, sempre em movimento. Como se fugisse de algo.

Kelsier e Vin continuaram caminhando. À noite, até as colinas áridas e as planícies cobertas de vegetação rasteira adquiriam um ar ameaçador. Vin não falava, e tentava fazer o menor barulho possível. Ouvira histórias sobre o que acontecia longe de casa, naquele horário, e as brumas – mesmo cobertas pelo estanho, como estavam naquele momento – faziam-na se sentir como se estivesse sendo observada.

A sensação ficou mais enervante conforme prosseguiam. Em pouco tempo começou a ouvir ruídos na escuridão. Eram abafados e fracos – estalos de ervas daninhas, passos arrastados ecoando nas brumas.

Você só está sendo paranoica!, ela dizia para si mesma quando teve um sobressalto por causa do som meio imaginado. Depois de um tempo, no entanto, não conseguiu aguentar mais.

– Kelsier! – disse, com um sussurro urgente, que soava traiçoeiramente alto aos seus ouvidos melhorados. – Acho que há algo por aqui.

– Oi? – Kelsier perguntou. Parecia perdido em pensamentos.

– Acho que algo está nos seguindo!

– Ah! – ele falou. – Sim, você está certa, é um espectro da bruma.

Vin parou de supetão. Kelsier, no entanto, continuou a andar.

– Kelsier! – ela o deteve. – Quer dizer que eles *são reais*?

– É claro que são – Kelsier falou. – De onde acha que saem essas histórias?

Vin estava em estado de choque.

– Quer dar uma olhada nele? – Kelsier perguntou.

– *Olhar o espectro da bruma*? – Vin perguntou. – Você está... – Deteve-se.

Kelsier começou a rir, caminhando em sua direção.

– Espectros da bruma podem ser um pouco perturbadores de se olhar, mas são relativamente inofensivos. São carniceiros, em sua maioria. Vamos.

Ele voltou a caminhar, fazendo sinal para que ela o seguisse. Relutante – mas morbidamente curiosa – Vin foi atrás dele. Kelsier andava em ritmo acelerado, levando-a ao topo de uma colina relativamente limpa de arbustos. Agachou-se, acenando para que Vin fizesse o mesmo.

– A audição deles não é muito boa – disse, enquanto ela se ajoelhava na terra áspera e coberta de cinzas ao lado dele. – Mas seu olfato – ou, melhor, seu paladar – é bem acurado. Provavelmente está seguindo nosso rastro, esperando que descartemos algo comestível.

Vin estreitou os olhos na escuridão.

– Não consigo vê-lo – disse, procurando por uma figura sombria na bruma.

– Ali – Kelsier disse, apontando para uma colina plana.

Vin franziu o cenho, imaginando uma criatura agachada no alto da colina, observando-a enquanto ela a procurava.

Então a colina se moveu.

Vin teve um sobressalto. O monte escuro – talvez com dez metros de altura e o dobro de largura – avançava com passo estranho e incerto, e Vin se inclinou para frente, tentando ver melhor.

– Inflame seu estanho – Kelsier sugeriu.

Vin assentiu, convocando uma explosão de poder alomântico extra. Tudo ficou imediatamente mais claro, e as brumas foram se tornando cada vez menos uma obstrução.

O que viu a fez estremecer – fascinada, revoltada e mais do que um pouco perturbada. A criatura tinha uma pele enegrecida pela fumaça e translúcida, e Vin podia ver seus ossos. Tinha dezenas e dezenas de membros, e cada um deles parecia vir de um animal distinto. Tinha mãos humanas, cascos bovinos, patas caninas e outros que ela não conseguiu identificar.

Os membros incompatíveis permitiam que a criatura andasse – ainda que fosse mais um bambolear. Ela rastejava lentamente, movendo-se como uma centopeia desajeitada. Muitos dos membros, na verdade, nem mesmo pareciam funcionais – brotavam da carne da criatura de um jeito retorcido e não natural.

Seu corpo era bulboso e alongado. Não era só uma bolha, no entanto... havia uma estranha lógica em sua forma. Tinha uma estrutura esquelética visível, e – estreitando os olhos melhorados pelo estanho – Vin achou que conseguia distinguir músculos translúcidos e tendões envolvendo os ossos. A criatura flexionava uma massa confusa de músculos conforme se movia, e parecia ter uma dúzia de diferentes caixas torácicas. Ao longo do corpo principal, braços e pernas se penduravam em ângulos enervantes.

E cabeças. Vin contou seis. Apesar da pele translúcida, podia distinguir uma cabeça de cavalo ao lado de uma de veado. Uma das cabeças se virou em sua direção, e Vin pôde ver um crânio humano. A cabeça posicionada no alto da espinha dorsal estava unida a algum tipo de torso de animal que, por sua vez, se

ligava a um punhado de ossos estranhos.

Vin quase vomitou.

– O quê...? Como...?

– Espectros da bruma têm corpos maleáveis – Kelsier explicou. – Podem moldar sua pele sobre qualquer estrutura esquelética, e podem até mesmo recriar músculos e órgãos se tiverem um modelo para imitar.

– Quer dizer que...?

Kelsier assentiu.

– Quando encontram um cadáver, eles o envolvem e digerem lentamente seus músculos e órgãos. Então, usam o que comeram como um padrão, criando uma cópia exata da criatura morta. Rearranjam as partes um pouco... tirando os ossos que não querem, ou acrescentando outros que querem em seu corpo... formando uma massa como a que você vê ali.

Vin observou a criatura cambalear pelo campo, seguindo o seu rastro. Um pedaço de pele viscosa saía de dentro de sua barriga e se arrastava pelo chão. *Está procurando por cheiros*, Vin pensou. *Seguindo o cheiro da nossa passagem*. Parou de queimar o estanho, e o espectro da bruma novamente se tornou um monte sombrio. Sua silhueta, contudo, só parecia fazer aumentar a sua anormalidade.

– São inteligentes, então? – Vin perguntou. – Se podem separar um... um corpo e colocar os pedaços onde quiserem...

– Inteligentes? – Kelsier falou. – Não, não um tão jovem quanto esse. Mais instintivos do que inteligentes.

Vin estremeceu novamente.

– As pessoas sabem dessas coisas? Quero dizer, sem contar as lendas?

– O que quer dizer por “pessoas”? – Kelsier questionou. – Um monte de alomânticos sabe da existência dos espectros, e tenho certeza de que o Ministério também. Pessoas normais... bem, eles simplesmente não saem à noite. A maioria dos skaa teme e amaldiçoa os espectros da bruma, mas passa a vida inteira sem ter visto um de verdade.

– Sorte deles – Vin murmurou. – Por que alguém não faz algo a respeito dessas coisas?

Kelsier deu de ombros.

– Não são tão perigosas.

– Aquela tinha uma cabeça humana!

– Provavelmente encontrou um cadáver – Kelsier explicou. – Nunca ouvi falar de um espectro da bruma que tenha atacado um adulto saudável. É

provavelmente por isso que todo mundo os deixa em paz. E, é claro, a alta nobreza concebeu seu próprio uso para essas criaturas.

Vin olhou para ele, intrigada, mas ele não disse mais nada, levantando-se e descendo a colina. Ela deu mais uma olhada na monstruosa criatura e se levantou, seguindo Kelsier.

– Você me trouxe aqui para ver isso? – Vin perguntou.

Kelsier começou a rir.

– Espectros da bruma podem parecer misteriosos, mas dificilmente mereceriam uma viagem tão longa. Não, estamos indo para lá.

Ela seguiu o gesto dele, e pôde perceber uma mudança na paisagem em frente.

– A estrada imperial? Andamos em círculo até a entrada da cidade.

Kelsier assentiu. Depois de uma curta caminhada – durante a qual Vin olhou para trás não menos do que três vezes para se assegurar de que o espectro da bruma não os estava seguindo – eles deixaram os arbustos para trás e entraram na terra lisa e compacta da estrada imperial. Kelsier se deteve, perscrutando a estrada em ambas as direções. Vin franziu o cenho, perguntando-se o que ele estava fazendo.

Então ela viu a carruagem. Estava estacionada do outro lado da estrada, e Vin pôde ver que um homem aguardava ao lado do veículo.

– Oi, Sazed – Kelsier disse, avançando.

O homem fez uma reverência.

– Mestre Kelsier – disse, sua voz suave soou com força no ar noturno. Tinha um tom agudo e falava com um sotaque quase melódico. – Quase pensei que tinha decidido não vir.

– Você me conhece, Saze – Kelsier disse, dando um tapinha jovial no ombro do homem. – Sou um exemplo da pontualidade. – Virou-se e apontou com a mão para Vin. – Essa criaturinha apreensiva é Vin.

– Ah, sim – Sazed disse, falando de um jeito lento e bem pronunciado. Havia algo estranho no sotaque dele. Vin se aproximou com cautela, estudando o homem. Sazed tinha um rosto comprido e achatado e um corpo esbelto. Era mais alto até que Kelsier – alto o bastante para ser um pouco anormal – e seus braços eram inusitadamente longos.

– Você é um terrisano – Vin comentou. Os lóbulos de suas orelhas eram alongados, e as orelhas em si continham *piercings* fincados por todo o perímetro. Ele usava as vestes coloridas e luxuosas de um mordomo de Terris: as roupas eram bordadas, com sobreposições em forma de V, alternando as três

cores da casa de seu amo.

– Sim, criança – Sazed disse, inclinando a cabeça. – Já conheceu muitos do meu povo?

– Nenhum – Vin respondeu. – Mas sei que a alta nobreza prefere mordomos e criados terrisanos.

– É verdade, criança – Sazed concordou. Voltou-se para Kelsier. – Devemos ir, Mestre Kelsier. É tarde, e ainda temos uma hora até Fellise.

Fellise, Vin pensou. *Então vamos ver o impostor que se passa por Lorde Renoux.*

Sazed abriu a porta da carruagem para eles, e fechou assim que subiram. Vin se acomodou em um dos assentos estofados enquanto ouvia Sazed subir no alto do veículo e colocar os cavalos em movimento.

Kelsier permaneceu em silêncio na carruagem. As cortinas da janela estavam fechadas, para proteger das brumas, e uma pequena lanterna, meio oculta, estava pendurada no canto. Vin se sentou bem diante dele – as pernas encolhidas sob o corpo, a capa a envolvendo, escondendo braços e pernas.

Ela sempre faz isso, Kelsier pensou. *Onde quer que esteja, tenta ser o mais imperceptível possível. Tão tensa*. Vin não se sentava, se acocorava. Não caminhava, rondava. Mesmo quando ela estava sentada em campo aberto, parecia tentar se esconder.

É corajosa, no entanto, Kelsier pensou. Durante seu próprio treinamento, ele não se dispôs a se jogar da muralha da cidade – o velho Gemmel fora obrigado a empurrá-lo.

Vin o observava com seus olhos escuros e serenos. Quando percebeu a atenção dele, desviou o olhar, escondendo-se um pouco mais em sua capa. Inesperadamente, no entanto, ela falou.

– Seu irmão – ela disse, com uma voz que era quase um sussurro. – Vocês dois não se dão muito bem.

Kelsier ergueu uma sobrancelha.

– Não. Nunca nos demos, na verdade. É uma vergonha. Devíamos, mas... não conseguimos.

– Ele é mais velho do que você?

Kelsier assentiu.

– Ele batia em você com muita frequência? – Vin perguntou.

Kelsier franziu o cenho.

– Bater em mim? Não, ele nunca fez isso.

– Você o impedia, então? – Vin questionou. – Talvez seja por isso que ele não gosta de você. Como escapava? Você corria, ou era simplesmente mais forte do que ele?

– Vin, Marsh nunca *tentou* me bater. Discutimos, é verdade... mas nunca quisemos machucar um ao outro.

Vin não o contradisse, mas ele pôde ver em seus olhos que ela não acreditava nele.

Que vida... Kelsier pensou, ficando em silêncio. Havia tantas crianças como Vin no submundo. É claro, a maioria morria antes de alcançar a idade dela. Kelsier tinha tido sorte: sua mãe fora a engenhosa amante de um alto nobre, uma mulher esperta, que conseguira esconder de seu senhor o fato de ser skaa. Kelsier e Marsh haviam crescido com privilégios – considerados ilegítimos, sim, mas ainda assim nobres – até que o pai deles finalmente descobriu a verdade.

– Por que me ensina essas coisas? – Vin perguntou, interrompendo os pensamentos dele. – Sobre alomancia, quero dizer.

Kelsier franziu o cenho.

– Prometi que o faria.

– Agora que conheço seus segredos, o que me impede de fugir de você?

– Nada – Kelsier respondeu.

Mais uma vez, seu olhar desconfiado lhe indicava que ela não acreditava na resposta.

– Há metais sobre os quais você não me falou. No nosso encontro, no primeiro dia, você disse que eram dez.

Kelsier assentiu, inclinando-se para frente.

– E são. Mas não deixei de fora os últimos dois porque quero ocultar coisas de você. Eles só são... difíceis de se acostumar. Será mais fácil se praticar com os metais básicos primeiro. Mas se quiser saber sobre os últimos dois, posso ensiná-la assim que chegarmos em Fellise.

Os olhos de Vin se estreitaram.

Kelsier revirou os olhos.

– Não estou tentando enganá-la, Vin. As pessoas servem na minha gangue porque querem, e sou eficaz porque elas podem confiar umas nas outras. Não há desconfianças, nem traições.

– Exceto uma – Vin sussurrou. – A que te enviou para as Minas.

Kelsier paralisou.

– Onde ouviu isso?

Vin deu de ombros.

Kelsier suspirou, esfregando a testa com a mão. Não era o que queria fazer – queria coçar suas cicatrizes, aquelas que corriam ao longo de seus dedos e mãos e se enroscavam em seus braços na direção dos ombros. Mas resistiu à vontade.

– Isso não é algo sobre o que valha a pena falar – ele disse.

– Mas houve um traidor – Vin insistiu.

– Não sabemos com certeza. – Isso soou vago, mesmo para ele. – Além disso, minhas gangues se baseiam na confiança. Isso significa que não há coerção. Eu vou lhe mostrar os últimos dois metais, e então você pode seguir seu caminho.

– Não tenho dinheiro suficiente para sobreviver por conta própria – Vin falou.

Kelsier remexeu em sua capa e pegou uma bolsa de moedas. Jogou-a no assento, ao lado de Vin.

– Três mil boxes. O dinheiro que peguei de Camon.

Vin olhou para a bolsa com desconfiança.

– Pegue – Kelsier falou. – Foi você quem o mereceu... pelo que entendi, sua alomancia está por trás da maior parte do sucesso recente de Camon, e foi você quem se arriscou *empurrando* as emoções do obrigador.

Vin não se moveu.

Muito bem, Kelsier pensou, levantando a mão e batendo no teto com os nós dos dedos para chamar o cocheiro. A carruagem parou, e Sazed logo apareceu na janela.

– Dê a volta, por favor, Saze – Kelsier falou. – Leve-nos de volta a Luthadel.

– Sim, Mestre Kelsier.

Segundos depois, a carruagem estava seguindo na direção da qual viera. Vin o observou em silêncio, mas parecia um pouco menos segura de si. Olhou para a bolsa de moedas.

– Estou falando sério, Vin – Kelsier disse. – Não posso ter alguém no meu time que não queira trabalhar comigo. Levar você de volta não é um castigo; é como as coisas devem ser.

Vin não respondeu. Deixá-la ir seria uma aposta – mas forçá-la a ficar seria uma ainda maior. Kelsier se sentou, tentando decifrá-la, tentando entendê-la. Ela os entregaria ao Império Final se partisse? Ele achava que não. Não era uma má pessoa.

Só achava que todos os demais eram.

– Acho que seu plano é uma loucura – ela disse em voz baixa.

– Assim como metade do pessoal da gangue.

– Você não pode derrotar o Império Final.

– Não precisaremos fazer isso – Kelsier disse. – Só temos que conseguir um exército para Yeden, e tomar o palácio.

– O Senhor Soberano vai impedi-lo – Vin assegurou. – Não pode derrotá-lo: ele é imortal.

– Temos o décimo primeiro metal – Kelsier lembrou. – Descobriremos um jeito de matá-lo.

– O Ministério é muito poderoso. Vão descobrir o seu exército e destruí-lo.

Kelsier se inclinou, olhando Vin nos olhos.

– Confiou em mim o bastante para pular do alto da muralha, e eu peguei você. Vai ter que confiar em mim desta vez também.

Ela obviamente não gostava muito da palavra "confiar". Ela o estudou sob a fraca luz da lanterna, permanecendo quieta tempo suficiente para que o silêncio se tornasse desconfortável.

Finalmente, agarrou a bolsa de moedas e a escondeu rapidamente sob sua capa.

– Eu vou ficar – disse. – Mas não porque confio em você.

Kelsier ergueu uma sobrancelha.

– Por que, então?

Vin deu de ombros, e pareceu perfeitamente honesta quando falou.

– Porque quero ver no que isso vai dar.

Ter uma fortaleza em Luthadel qualificava uma casa a um *status* na alta nobreza. Contudo, ter uma fortaleza não significava que se deveria viver nela, ao menos não em tempo integral. Muitas famílias mantinham uma residência em uma das cidades da periferia de Luthadel.

Menos povoada, mais limpa e menos estrita no cumprimento das leis imperiais, Fellise era uma cidade rica. Em vez das impressionantes fortalezas reforçadas, era repleta de mansões luxuosas e casas de campo. Havia até mesmo algumas árvores enfileiradas em algumas ruas; a maioria era choupo, cujas cascas esbranquiçadas eram, de alguma forma, resistentes à descoloração das cinzas.

Vin observou a cidade coberta pela bruma através de sua janela, a lanterna da carruagem fora apagada a pedido seu. Queimando estanho, conseguiu estudar as ruas nitidamente organizadas e bem cuidadas. Era uma área de Fellise que

raramente se via; apesar da opulência da cidade, os cortiços eram notavelmente similares aos de qualquer outra cidade.

Kelsier observava a cidade através de sua janela, franzindo o cenho.

– Você desaprova o desperdício – Vin adivinhou, sussurrando. O som alcançou os ouvidos ampliados de Kelsier. – Vê a riqueza da cidade e pensa nos skaa que trabalharam para criá-la

– Em parte, sim – Kelsier disse, sua própria voz era menos que um sussurro. – Há mais, no entanto. Considerando-se a quantidade de dinheiro gasto, a cidade deveria ser linda.

Vin inclinou a cabeça.

– E é.

Kelsier negou.

– As casas ainda estão manchadas de preto. O solo ainda é estéril e sem vida. As árvores ainda dão folhas marrons.

– É claro que são marrons. De que cor deveriam ser?

– Verdes – Kelsier respondeu. – Tudo deveria ser verde.

Verde?, Vin pensou. *Que ideia estranha*. Tentou imaginar árvores com folhas verdes, mas a imagem lhe pareceu estúpida. Kelsier certamente tinha suas peculiaridades – embora alguém que tivesse passado tanto tempo nas Minas de Hathsin tinha que acabar sendo um pouco estranho.

Ele se virou na direção dela.

– Antes que eu me esqueça, há mais algumas coisas que você deveria saber sobre alomancia.

Vin assentiu.

– Primeiro – Kelsier começou – lembre-se de queimar todos os metais que estão dentro de você e que você não usou até o fim da noite. Alguns dos metais que usamos podem ser venenosos se digeridos; é melhor não dormir com eles dentro do seu estômago.

– Certo – Vin falou.

– Além disso – Kelsier prosseguiu – nunca tente queimar um metal que não seja um dos dez. Já avisei que metais e ligas impuras podem fazê-la ficar doente. Bem, tentar queimar um metal que não seja alomanticamente saudável pode ser letal.

Vin assentiu solenemente. *Bom saber*, pensou.

– Ah – Kelsier falou, voltando-se novamente para a janela. – Aqui estamos: a recém-adquirida Mansão Renoux. Você deve, provavelmente, tirar a capa: as pessoas aqui são leais a nós, mas é sempre bom ter cuidado.

Vin concordou completamente. Tirou a capa, deixando que Kelsier a guardasse em sua mochila. Então espiou pela janela da carruagem, espreitando através das brumas a mansão que se aproximava. O terreno tinha um muro baixo de pedra e um portão de ferro; uma dupla de guardas abriu caminho assim que Sazed se identificou.

A estrada do lado de dentro era margeada por choupos e, no alto da colina em frente, Vin pôde ver uma grande mansão, com uma luz fantasmagórica emanando de suas janelas.

Sazed parou a carruagem diante da mansão, estendeu as rédeas para um criado e desceu.

– Bem-vinda à Mansão Renoux, senhora Vin – ele disse, abrindo a porta e fazendo um gesto para ajudá-la a descer.

Vin olhou para a mão dele, mas não a pegou. Em vez disso, desceu por conta própria. O terrisano não pareceu ofendido por sua recusa.

Os degraus até a mansão eram iluminados por uma fileira dupla de postes com lanternas. Enquanto Kelsier descia da carruagem, Vin pôde ver um grupo de homens reunidos no alto da escadaria de mármore branco. Kelsier subiu os degraus em ritmo acelerado; Vin o seguiu, percebendo que o chão estava limpo. Devia ser esfregado com frequência para impedir que a cinza o manchasse. Será que os skaa que trabalhavam no edifício sabiam que o amo deles era um impostor? Como o "benevolente" plano de Kelsier para derrubar o Império Final ajudaria as pessoas comuns que limpavam aqueles degraus?

Magro e velho, "Lorde Renoux" vestia um rico traje e usava óculos aristocráticos. Um bigode ralo e cinza tingia seu lábio, e – apesar de sua idade – não usava bengala para se apoiar. Ele fez uma mesura respeitosa para Kelsier, mas manteve um ar digno. Vin foi subitamente atingida por um fato óbvio: *Este homem sabe o que está fazendo.*

Camon tinha habilidade para se fazer passar por um nobre, mas sua vaidade sempre parecera um pouco infantil para Vin. Ainda que houvesse nobres como Camon, os mais impressionantes eram como esse Lorde Renoux: calmos e confiantes. Homens cuja nobreza estava em seu porte, não em sua capacidade de falar com desdém com quem estivesse ao seu redor. Vin teve que se controlar para não se encolher quando os olhos do impostor pousaram nela – ele parecia muito com um nobre, e ela fora treinada para, instintivamente, evitar a atenção deles.

– A mansão parece estar muito melhor – Kelsier disse, apertando a mão de Renoux.

– Sim, estou impressionado com o progresso – Renoux respondeu. – Minhas equipes de limpeza são bem eficientes... dê-nos um pouco mais de tempo, e a mansão ficará tão grandiosa que não hesitarei em hospedar o próprio Senhor Soberano.

Kelsier começou a rir.

– *Essa* sim seria uma festa estranha. – Deu um passo para trás, apontando para Vin. – Esta é a jovem dama sobre a qual lhe falei.

Renoux a estudou, e Vin afastou o olhar. Não gostava quando as pessoas olhavam assim para ela – isso a fazia se perguntar como iam testá-la e usá-la.

– Vamos ter que falar mais sobre isso, Kelsier – Renoux falou, acenando com a cabeça na direção da entrada da mansão. – Já é tarde, mas...

Kelsier entrou no edifício.

– Tarde? Ah, ainda não é nem meia-noite. Peça para seu pessoal preparar algo para comermos. Lady Vin e eu perdemos o jantar.

Perder uma refeição não era novidade para Vin. Contudo, Renoux imediatamente acenou para alguns criados, que se puseram em movimento. Renoux entrou no edifício, e Vin o seguiu. Mas parou na entrada, com Sazed esperando pacientemente atrás dela.

Kelsier se deteve, virando-se quando percebeu que ela não os acompanhava.

– Vin?

– É tão... limpo – Vin comentou, incapaz de pensar em outra descrição. Em seus golpes, ela tinha visto ocasionalmente algumas casas de nobres. Mas esses trabalhos aconteciam à noite, na escuridão. Não estava preparada para a visão bem iluminada que tinha diante de si.

O chão de mármore branco da Mansão Renoux parecia brilhar, refletindo a luz de uma dúzia de lanternas. Tudo era... novo. As paredes eram brancas, exceto as que estavam pintadas com os tradicionais murais de animais. Um reluzente candelabro cintilava sobre uma escadaria dupla, e os outros objetos de decoração da sala – esculturas de cristal, conjuntos de vasos com ramalhetes de choupo – resplandeciam, livres de fuligem, de sujeira ou de marcas de dedos.

Kelsier começou a rir.

– Bem, a reação dela corresponde muito bem aos seus esforços – disse ao Lorde Renoux.

Vin permitiu que a levassem para dentro do edifício. Eles viraram à direita, entrando em um aposento cujas paredes brancas contrastavam levemente com os móveis e cortinas marrons.

Renoux se deteve.

– Talvez a dama queira se refrescar aqui por um momento – disse para Kelsier. – Há alguns assuntos de natureza... delicada que gostaria de discutir com você.

Kelsier deu de ombros.

– Por mim, tudo bem – disse, seguindo Renoux na direção da outra porta. – Sazed, por que não faz companhia para Vin enquanto Lorde Renoux e eu conversamos?

– É claro, Mestre Kelsier.

Kelsier sorriu, olhando para Vin, e ela soube, de algum modo, que ele estava deixando Sazed para trás para impedir que ela escutasse atrás da porta.

Lançou um olhar aborrecido para os homens que partiam. *O que era mesmo que você estava dizendo sobre "confiança", Kelsier?* Contudo, ela estava mais aborrecida consigo por ser excluída. Por que deveria se importar se Kelsier a excluía? Ela tinha passado a vida toda sendo ignorada e rejeitada. Nunca se importara antes que outros líderes de gangue a deixassem de fora de suas reuniões de planejamento.

Vin sentou-se em uma das cadeiras marrons rigidamente estofadas, encolhendo os pés sob o corpo. Sabia qual era o problema. Kelsier vinha mostrando muito respeito para com ela, fazendo-a se sentir muito importante. Estava começando a pensar que *merecia* fazer parte de suas confidências secretas. A risada de Reen, no fundo de sua mente, descreditava esses pensamentos, e ela ficou sentada e aborrecida consigo e com Kelsier, sentindo-se envergonhada, mas sem saber exatamente o motivo.

Os criados de Renoux lhe trouxeram uma bandeja de frutas e pães. Colocaram uma pequena mesa ao lado de sua cadeira e lhe deram uma taça de cristal cheia de um brilhante líquido vermelho. Ela não sabia dizer se era vinho ou suco, e não tinha a intenção de descobrir. Mas pegou a comida – seus instintos não deixariam passar uma refeição grátis, mesmo que preparada por mãos desconhecidas.

Sazed se aproximou e se posicionou atrás de sua cadeira, à direita. Ele esperou com uma postura rígida, com as mãos cruzadas diante do corpo e olhar fixo. A pose obviamente pretendia ser respeitosa, mas sua postura intimidadora não ajudou seu estado de espírito em nada.

Vin tentou focar no seu entorno, mas isso só a fez lembrar o quão rico era o mobiliário. Ela se sentia desconfortável em meio a tanta elegância; sentia como se fosse uma mancha negra em uma almofada limpa. Não comeu os pães por

medo de derrubar as migalhas no chão, e ficou preocupada que seus pés e pernas – que se mancharam de cinzas enquanto caminhava pelo campo – sujassem os móveis.

Toda essa limpeza vem à custa de algum skaa, Vin pensou. *Por que eu devia me preocupar em estragá-la?* No entanto, não conseguia se sentir indignada, pois sabia que aquilo era apenas uma fachada. "Lorde Renoux" tinha que manter um certo nível de elegância. De outro modo, levantaria suspeitas.

Além disso, algo mais a impedia de se indignar com o desperdício. Os criados eram felizes. Cumpriam seus deveres com profissionalismo eficiente, sem nenhuma sensação de tédio em suas tarefas. Ela ouviu risadas no corredor externo. Esses não eram skaa maltratados; se tinham ou não sido incluídos nos planos de Kelsier era irrelevante.

Vin ficou sentada e se obrigou a comer as frutas, bocejando de vez em quando. Estava sendo uma longa noite, no final das contas. Enfim, os criados a deixaram sozinha, embora Sazed continuasse parado bem atrás dela.

Não posso comer assim, finalmente pensou, frustrada.

– Poderia não ficar parado desse jeito atrás de mim?

Sazed assentiu. Deu dois passos para frente, para se posicionar ao lado de sua cadeira, em vez de atrás. Adotou a mesma postura rígida, assomando-se sobre ela, como fizera antes.

Vin franziu o cenho, aborrecida, então notou o sorriso nos lábios de Sazed. Ele olhou para ela, seus olhos brilharam com a brincadeira, e foi se sentar na cadeira ao lado da dela.

– Nunca conheci um terrisano com senso de humor – Vin disse com secura.

Sazed ergueu uma sobrancelha.

– Tinha a impressão de que você não conhecia terrisano algum, senhora Vin.

Vin se deteve.

– Bem, nunca *ouvi* falar de um com senso de humor. Acredita-se que vocês sejam completamente rígidos e formais.

– Só somos sutis – Sazed comentou.

Ainda que estivesse sentado com uma postura rígida, havia algo... relaxado nele. Era como se se sentisse tão confortável sentado adequadamente quanto as pessoas ficam quando estão descansando.

É assim que se espera que sejam. Os criados perfeitos, completamente leais ao Império Final.

– Algo a está preocupando, senhora Vin? – Sazed perguntou, enquanto ela o observava.

O quanto ele sabe? Talvez nem mesmo imagine que Renoux é um impostor.

– Estava só me perguntando como você... chegou aqui – ela finalmente disse.

– Você quer dizer, como um mordomo terrisano acabou fazendo parte de uma rebelião que pretende derrubar o Império Final? – Sazed perguntou com seu tom de voz suave.

Vin corou. Aparentemente, ele estava muito bem informado.

– Essa é uma pergunta intrigante, senhora – Sazed prosseguiu. – Certamente, minha situação não é comum. Diria que cheguei aqui por causa da fé.

– Da fé?

– Sim – Sazed confirmou. – Diga-me, senhora. Em que acredita?

Vin franziu o cenho.

– Que tipo de pergunta é essa?

– Do tipo mais importante, creio.

Vin não disse nada por um momento, mas ele obviamente esperava por uma resposta, então ela finalmente deu de ombros.

– Não sei.

– As pessoas frequentemente dizem isso – Sazed disse. – Mas descobri que raramente é verdade. Você acredita no Império Final?

– Acredito que seja forte – Vin falou.

– Imortal?

Vin deu de ombros.

– Tem sido até agora.

– E no Senhor Soberano? É o Avatar Ascendente de Deus? Acredita que, como o Ministério ensina, ele é a Centelha do Infinito?

– Eu... nunca pensei sobre isso antes.

– Talvez devesse – Sazed afirmou. – Se, após a sua avaliação, descobrir que os ensinamentos do Ministério não servem para você, então eu ficaria encantado em lhe oferecer uma alternativa.

– Que alternativa?

Sazed sorriu.

– Isso depende. A crença certa é como uma boa capa, penso eu. Se lhe servir bem, a manterá aquecida e segura. Se lhe cair mal, no entanto, pode sufocar.

Vin se deteve, franzindo o cenho levemente, mas Sazed apenas sorriu. Enfim, ela voltou a atenção para sua refeição. Depois de uma pequena espera, a porta lateral se abriu, e Kelsier e Renoux retornaram.

– Agora – Renoux disse, enquanto ele e Kelsier se sentavam e um grupo de criados trazia outra travessa de comida para Kelsier – vamos discutir sobre essa

criança. O homem que você ia trazer para interpretar meu herdeiro não virá, você diz?

– Infelizmente – Kelsier disse, atacando a comida.

– Isso complica enormemente as coisas – Renoux disse.

Kelsier deu de ombros.

– Faremos com que Vin seja sua herdeira.

Renoux negou com a cabeça.

– Uma garota da idade dela *poderia* herdar, mas seria suspeito que eu a escolhesse. Há vários primos legítimos na linhagem de Renoux que seriam escolhas muito mais adequadas. Já seria difícil o bastante fazer um homem de meia-idade passar pelo escrutínio da corte. Uma garota... não, muitas pessoas investigariam o passado dela. As linhagens familiares que forjamos sobreviverão a um escrutínio superficial, mas se alguém enviar mensageiros para investigar as posses dela...

Kelsier franziu o cenho.

– Além disso – Renoux acrescentou. – Há outra questão. Se eu nomeasse uma jovem solteira como minha herdeira, ela instantaneamente se tornaria a mão mais cobiçada de Luthadel. Será muito difícil para ela espionar se receber tanta atenção.

Vin corou com a ideia. Surpreendentemente, descobriu que ficava mais abatida conforme o velho impostor falava. *Essa é a única parte do plano que Kelsier deu para mim. Se não puder fazer isso, qual será minha utilidade para a gangue?*

– Então, o que sugere? – Kelsier perguntou.

– Bem, ela não *precisa* ser minha herdeira – Renoux disse. – E se, em vez disso, ela for simplesmente uma jovem parente que trouxe comigo para Luthadel? Eu posso ter prometido aos pais dela (primos distantes, mas favorecidos) que introduziria a filha deles na corte. Todos presumiriam que meu motivo oculto é casá-la com uma família da alta nobreza, conseguindo, assim, outra conexão com os que estão no poder. No entanto, ela não chamaria tanta atenção... seria de posição inferior, e um pouco rural.

– O que explicaria por que é um pouco menos refinada do que outros membros da corte – Kelsier comentou. – Sem ofensas, Vin.

Vin levantou a cabeça enquanto tentava esconder um pedaço de pão enrolado em um guardanapo no bolso da camisa.

– Por que me ofenderia?

Kelsier sorriu.

– Não importa.

Renoux assentiu para si mesmo.

– Sim, isso funcionaria muito melhor. Todo mundo acha que a Casa Renoux vai, em algum momento, se juntar à alta nobreza, então aceitarão Vin em seus eventos por cortesia. Contudo, ela, em si, será sem importância o bastante para que a maior parte das pessoas a ignore. Essa é a situação ideal para o que queremos que ela faça.

– Gosto disso – Kelsier falou. – Poucas pessoas esperam que um homem da sua idade e com suas preocupações comerciais se ocupe em ir a bailes e festas, mas enviar uma jovem *socialite*, em vez de um bilhete de rejeição, será vantajoso para sua reputação.

– De fato – Renoux disse. – Ela precisará de algum refinamento, no entanto... e não só na aparência.

Vin se agitou um pouco diante do escrutínio deles. Parecia que a participação dela no plano seguiria em frente, e ela repentinamente percebeu o que isso significava. Estar perto de Renoux a deixava desconfortável – e ele era um *falso* nobre. Como reagiria a uma sala inteira cheia de nobres de verdade?

– Temo que terei que tomar Sazed emprestado de vocês por um tempo – Kelsier disse.

– Está muito bem – Renoux disse. – Ele não é realmente meu mordomo, mas seu.

– Na verdade – Kelsier disse – não acho que ele seja mordomo de *mais ninguém*, certo Sazed?

Sazed inclinou a cabeça.

– Um terrisano sem um amo é como um soldado sem armas, Mestre Kelsier. Tenho apreciado o tempo que estou servindo Lorde Renoux, e tenho certeza de que apreciarei retornar aos seus serviços.

– Ah, mas você não vai estar a meu serviço – Kelsier falou.

Sazed levantou uma sobrancelha.

Kelsier acenou com a cabeça na direção de Vin.

– Renoux está certo, Sazed. Vin precisa de algum treinamento, e conheço vários altos nobres menos refinados do que você. Acha que pode ajudar a garota a se preparar?

– Tenho certeza de que posso oferecer alguma ajuda à jovem dama – Sazed disse.

– Ótimo – Kelsier falou, colocando o último bolo na boca e se levantando. – Estou feliz de que isso esteja acertado, porque estou começando a me sentir

cansado. E a pobre Vin parece estar prestes a dormir em cima da sua travessa de frutas.

– Estou bem – Vin disse imediatamente, mas a afirmação foi levemente enfraquecida por um bocejo sufocado.

– Sazed – Renoux disse –, você mostraria a eles os quartos de hóspedes apropriados?

– É claro, Mestre Renoux – Sazed respondeu, levantando-se de seu assento com um movimento rápido.

Vin e Kelsier seguiram o alto terrisano enquanto um grupo de criados retirava os restos da refeição. *Deixei comida para trás*, Vin notou, sentindo-se um pouco sonolenta. Não tinha certeza do que pensar a respeito disso.

Quando chegaram ao topo da escada e entraram em um corredor lateral, Kelsier se aproximou de Vin.

– Sinto tê-la excluído naquela hora, Vin.

Ela deu de ombros.

– Não há razão para que eu saiba de todos os seus planos.

– Besteira – Kelsier disse. – Sua decisão esta noite a faz tão parte do grupo quanto qualquer outro. A conversa particular que tive com Renoux, no entanto, era de natureza pessoal. Ele é um ator maravilhoso, mas se sente muito desconfortável que as pessoas saibam dos detalhes de como tomou o lugar de Renoux. Eu garanto a você que nada do que discutimos tem alguma coisa a ver com a sua parte do plano.

Vin continuou a caminhar.

– Eu... acredito em você.

– Ótimo – Kelsier disse, com um sorriso, dando um tapinha no ombro dela. – Sazed, conheço o caminho até os aposentos dos hóspedes masculinos... fui eu, afinal, quem comprou este lugar. Posso ir sozinho até lá.

– Está bem, Mestre Kelsier – Sazed disse com um aceno respeitoso.

Kelsier lançou um sorriso para Vin e seguiu corredor abaixo, com seu característico passo apressado.

Vin o viu partir, e seguiu Sazed por um corredor diferente, pensando em seu treinamento alomântico, em sua discussão com Kelsier na carruagem e, finalmente, no que Kelsier dissera alguns momentos atrás. Os três mil boxes – uma fortuna em moedas – eram um peso estranho preso em seu cinto.

Finalmente, Sazed abriu uma porta para ela, adiantando-se para acender as lanternas.

– Os lençóis estão limpos, enviarei criadas para preparar seu banho pela

manhã. – Ele se virou, entregando a vela para ela. – Precisa de mais alguma coisa?

Vin negou com a cabeça. Sazed sorriu, desejou-lhe boa noite e foi embora pelo corredor. Vin ficou parada por um momento, estudando o quarto. Então se voltou para o corredor, olhando mais uma vez na direção que Kelsier seguira.

– Sazed? – disse, espreitando pelo corredor.

O mordomo parou, virando-se.

– Pois não, senhora Vin?

– Kelsier – Vin disse, em voz baixa. – É um bom homem, não é?

Sazed sorriu.

– Um homem muito bom, senhora. Um dos melhores que conheço.

Vin assentiu levemente.

– Um bom homem... – disse suavemente. – Não acho que já tenha conhecido um desses antes.

Sazed sorriu, curvou a cabeça respeitosamente e partiu.

Vin deixou que a porta se fechasse.

SEGUNDA PARTE

REBELDES SOB UM CÉU DE CINZAS

No fundo, me preocupa que minha arrogância destrua a todos nós.



Vin *empurrou* contra a moeda e se lançou na bruma. Ela saiu voando, afastando-se da terra e das pedras, elevando-se através das escuras correntes do céu, com o vento agitando sua capa.

Isso é liberdade, pensou, respirando profundamente o ar frio e úmido. Ela fechou os olhos, sentindo o vento que passava. *É disso que sempre senti falta, ainda que não soubesse*.

Abriu os olhos e começou a descer. Esperou até o último momento e jogou uma moeda. Quando a moeda acertou o chão de paralelepípedos, Vin *empurrou* contra ela levemente, reduzindo a velocidade de sua descida. Queimou peltre com um lampejo e alcançou o chão, disparando pelas tranquilas ruas de Fellise. O ar do final do outono era frio, mas os invernos em geral eram suaves no Domínio Central. Nem um único floco de neve caía há alguns anos.

Ela atirou uma moeda para trás e a usou para se *empurrar* levemente para cima e para a direita. Aterrissou em um muro baixo de pedras, quase sem perder o passo enquanto corria ao longo do topo do muro. Queimar peltre melhorava mais do que seus músculos – aumentava todas as habilidades físicas de seu corpo. Mantendo a queima do peltre baixa ela tinha uma sensação de equilíbrio que qualquer arrombador noturno teria invejado.

O muro virava para o norte, Vin parou na esquina. Ela se agachou, com os pés descalços e os dedos sensíveis agarrando a pedra fria. Com seu cobre aceso, para esconder sua alomancia, ela inflamou o estanho para reforçar seus sentidos.

Quietude. Os choupos formavam fileiras imateriais na bruma, como magros skaa em linhas de montagem. As casas de campo se erguiam à distância – cada uma delas murada, cuidada e bem guardada. Havia muito menos pontos de luz na cidade do que em Luthadel. Muitas das casas eram apenas residências de temporada, e os donos estavam fora, visitando algum outro canto do Império

Final.

De repente, linhas azuis apareceram diante dela – uma das pontas de cada uma delas indicando seu peito, e a outra desaparecendo na bruma. Vin imediatamente saltou para o lado, esquivando-se de duas moedas disparadas no ar da noite, deixando um rastro na bruma. Ela avivou o peltre e aterrissou na rua de paralelepípedos ao lado do muro. Seus ouvidos melhorados pelo estanho captaram o som de algo raspando; então uma forma escura disparou no céu, algumas poucas linhas azuis apontavam para sua bolsa de moedas.

Vin derrubou uma moeda e se lançou no ar, atrás de seu oponente. Eles subiram por um momento, voando sobre o terreno de algum nobre que não suspeitava de nada. De repente, o oponente de Vin mudou de rumo no ar, virando-se na direção da mansão. Vin o seguiu, jogando a moeda para trás em vez de queimar ferro e *puxar* os trincos de uma das janelas da mansão.

Seu oponente chegou primeiro, e ela ouviu um ruído surdo enquanto ele corria pela lateral do edifício. Sumiu um segundo depois.

Uma luz brilhou, e uma expressão confusa apareceu na janela quando Vin girou no ar e aterrissou com os pés contra a parede da mansão. Ela imediatamente *empurrou* a superfície vertical, desviando-se levemente e *empurrando* a trava da mesma janela. Os vidros racharam, e ela disparou pela noite antes que a gravidade a reivindicasse.

Vin voou pela bruma, forçando a vista para seguir sua presa. Ele jogou duas moedas nela, mas ela as *empurrou* para longe com desdém. Uma fraca linha azul caiu no chão – uma moeda jogada – e seu oponente moveu-se lateralmente mais uma vez.

Vin jogou sua própria moeda e a *empurrou*. Mas a moeda foi *empurrada* na direção contrária à da terra, –resultado de um *empurrão* de seu oponente. O movimento súbito mudou a trajetória do salto de Vin, arremessando-a para o lado. Ela praguejou, lançou outra moeda para o lado, usando-a para se *empurrar* e voltar à sua rota. Mas, então, havia perdido sua presa.

Certo... ela pensou, atingindo o chão macio bem atrás da muralha. Pegou algumas moedas na mão e jogou a bolsa quase cheia no ar, dando um forte *empurrão* na direção em que vira sua presa desaparecer. A bolsa sumiu nas brumas, traçando uma leve linha alomântica azul.

De repente, um punhado de moedas disparou dos arbustos à sua frente, correndo na direção da bolsa dela. Vin sorriu. Seu oponente havia presumido que a bolsa voadora era a própria Vin. Estava muito longe para ele ver as moedas que ela tinha na mão, assim como ele estava longe demais para ela ver

as moedas que carregava.

Uma figura escura saltou de trás dos arbustos, pulando sobre o muro de pedra. Vin esperou em silêncio, enquanto a figura corria pelo muro e passava para o outro lado.

Vin se lançou no ar, então jogou seu punhado de moedas sobre a figura abaixo. Ele imediatamente *empurrou*, mandando as moedas para longe – mas elas eram apenas uma distração. Vin aterrissou diante dele, com duas facas de cristal zunindo fora da bainha. Ela atacou, cortante, mas seu oponente saltou para trás.

Algo está errado. Vin se abaixou e se jogou para o lado enquanto um punhado de moedas cintilantes – as moedas dela, aquelas que seu oponente havia *empurrado* para longe – caíam do céu nas mãos de seu adversário. Ele se virou e as atirou na direção dela.

Vin largou as adagas soltando um gemido baixo e lançando as mãos para frente, *empurrando* as moedas. Ela imediatamente foi atirada para trás, quando seu *empurrão* foi correspondido por seu oponente.

Uma das moedas saltou no ar e ficou flutuando bem no meio dos dois. As outras desapareceram nas brumas, *empurradas* para o lado pelas forças conflitantes.

Vin avivou seu aço enquanto voava, e ouviu seu opositor grunhir enquanto era *empurrado* para trás também. Ele acertou o muro. Vin se chocou contra uma árvore, mas avivou o peltre e ignorou a dor. Ela usou a madeira para se apoiar e continuou *empurrando*.

A moeda estremeceu no ar, presa entre a força amplificada dos dois alomânticos. A pressão aumentou. Vin cerrou os dentes, sentindo o pequeno choupo dobrar atrás de si.

O *empurrão* de seu oponente era implacável.

Não... serei... derrotada! Vin pensou, avivando aço e peltre, grunhindo levemente enquanto aplicava toda a sua força contra a moeda.

Houve um momento de silêncio. Então Vin cambaleou para trás, e a árvore rachou, dando um estalo no ar noturno.

Vin caiu no chão, rodeada por lascas de madeira. Nem mesmo o estanho e o peltre foram suficientes para manter sua mente clara enquanto rolava pelos paralelepípedos até parar, atordoada. A figura escura se aproximou, as faixas da capa esvoaçando ao seu redor. Vin ficou em pé, cambaleando, procurando pelas facas que tinha esquecido que deixara cair.

Kelsier baixou o capuz e deu as facas para ela. Uma estava quebrada.

– Sei que é instintivo, Vin, mas não precisa colocar as mãos para frente quando *empurra*... nem tem que largar o que estiver segurando.

Vin fez uma careta na escuridão, esfregando o ombro e assentindo enquanto aceitava as adagas.

– Bom trabalho com a bolsa – Kelsier disse. – Você esteve a ponto de me pegar.

– Não serviu para nada – Vin grunhiu.

– Só está fazendo isso há alguns meses, Vin – ele disse, animado. – Considerando isso, seu progresso é fantástico. Mas eu recomendaria que evitasse competir no *empurrão* com pessoas mais pesadas que você. – Ele pausou, olhando a figura baixa e magra de Vin. – O que provavelmente significa evitar enfrentar quase todo mundo.

Vin suspirou, alongando-se levemente. Teria mais hematomas. *Pelo menos não serão visíveis*. Agora que os hematomas que Camon deixara em seu rosto finalmente haviam sumido, Sazed a aconselhara a ter cuidado. A maquiagem só conseguia disfarçar, e ela tinha que parecer uma jovem nobre "refinada" se quisesse se infiltrar na corte.

– Aqui – Kelsier disse, entregando algo para ela. – Uma lembrança.

Vin pegou o objeto – a moeda que tinha sido *empurrada* pelos dois. Estava dobrada e achatada pela pressão.

– Vejo você na mansão – Kelsier disse.

Vin assentiu, e ele desapareceu na noite. *Ele está certo*, ela pensou. *Sou pequena, peso menos, e tenho um alcance menor do que qualquer um com quem provavelmente eu lute. Se atacar alguém de frente, vou perder.*

De qualquer forma a alternativa sempre tinha sido seu método –lutar em silêncio, permanecer sem ser vista. Tinha que aprender a usar a alomancia do mesmo jeito. Kelsier ficava dizendo que ela estava se desenvolvendo incrivelmente rápido como alomântica. Parecia acreditar que era por causa de suas lições, mas Vin sentia algo mais. As brumas... os passeios noturnos... tudo parecia *certo* para ela. Não estava preocupada em dominar a alomancia em tempo de ajudar Kelsier contra outros nascidos das brumas.

Era o seu outro papel no plano que a preocupava.

Suspirando, Vin saltou sobre o muro para procurar por sua bolsa de moedas. Na mansão – não era a casa de Renoux, mas a de outro nobre – as luzes estavam acesas e algumas pessoas circulavam. Nenhuma delas se aventurava na noite escura. Os skaa temiam os espectros da bruma; os nobres deviam ter imaginado que o alvoroço tinha sido causado por nascidos das brumas.

Nenhuma das duas possibilidades era algo que uma pessoa em sã consciência desejaria confrontar.

Finalmente, Vin localizou sua bolsa, seguindo as linhas de aço até os galhos altos de uma árvore. Puxou-a levemente, fazendo-a cair em sua mão, e voltou para a rua. Kelsier provavelmente teria deixado a bolsa para trás – as duas dúzias de tostões que continha não valiam seu tempo. Contudo, durante quase toda sua vida, Vin mendigara e passara fome. Não podia se forçar a ser perdulária. Jogar moedas para saltar já a deixava desconfortável o bastante.

Por isso, usou suas moedas com moderação enquanto voltava para a mansão de Renoux e, em vez de utilizá-las, *puxou* e *empurrou* edifícios e pedaços descartados de metal. O passo meio saltado, meio corrido, de um Nascido das Brumas era natural para ela agora, não precisava pensar muito sobre seus movimentos.

Como se sairia tentando fingir ser uma nobre? Não conseguia esconder suas apreensões, não de si mesma. Camon era bom imitando nobres por causa de sua autoconfiança, e esse era um atributo que Vin sabia que não tinha. Seu sucesso com a alomancia só provara que seu lugar era nos cantos e nas sombras, não andando por aí usando belos vestidos em bailes da corte.

Kelsier, no entanto, se recusou a deixá-la desistir. Vin pousou de cócoras do lado de fora da Mansão Renoux, arfando levemente com o esforço. Olhou as luzes com uma leve sensação de apreensão.

Você vai aprender, Vin, Kelsier ficava lhe dizendo. *Você é uma alomântica talentosa, mas precisará de mais do que* empurrões *de aço para ser bem-sucedida entre a nobreza. Até que possa andar entre a sociedade com a mesma facilidade que o faz entre as brumas, estará em desvantagem.*

Soltando um suspiro silencioso, Vin ergueu-se, tirou a capa de bruma e a escondeu para buscá-la depois. Então subiu os degraus e entrou no edifício. Quando perguntou por Sazed, os criados da mansão lhe indicaram a cozinha, e ela se encaminhou para a seção separada e escondida da mansão em que ficavam os alojamentos dos criados.

Mesmo essa parte do edifício era mantida imaculadamente limpa. Vin estava começando a entender por que Renoux era um impostor tão convincente: não permitia imperfeições. Se mantivesse sua interpretação com a metade da eficiência com que mantinha a ordem em sua mansão, então Vin duvidava que alguém jamais descobrisse o ardil.

Mas, pensou, *ele deve ter alguma falha. Na reunião que tivemos há dois meses, Kelsier disse que Renoux não passaria pelo escrutínio de um Inquisidor.*

Será que eles podem sentir algo de suas emoções, algo que o trairia?

Esse era um problema pequeno, mas Vin não o esquecera. Apesar do que Kelsier tinha dito sobre honestidade e verdade, ele ainda tinha seus segredos. Todo mundo tinha.

Sazed estava, de fato, na cozinha. Estava em pé ao lado de uma criada de meia-idade. Ela era alta para uma mulher skaa – ainda que ficar perto de Sazed a fizesse parecer diminuta. Vin a reconheceu como membro do pessoal da casa; Cosahn era o nome dela. Vin se esforçara para memorizar os nomes de todo o pessoal, ainda que fosse só para manter controle sobre eles.

Sazed a viu assim que ela entrou.

– Ah, senhora Vin. Voltou bem a tempo. – Fez um gesto na direção de sua acompanhante. – Esta é Cosahn.

Cosahn estudou Vin com ar profissional. Vin desejou voltar para as brumas, onde não a olhavam daquele jeito.

– É tempo suficiente agora, creio eu – Sazed disse.

– Provavelmente – Cosahn concordou. – Mas não posso fazer milagres, Mestre Vaht.

Sazed assentiu. "Vaht", aparentemente, era o título adequado para um mordomo terrisano. Sem serem completamente skaa, mas definitivamente não sendo nobres, os terrisanos ocupavam um lugar muito estranho na sociedade imperial.

Vin estudou os dois, desconfiada.

– Seu cabelo, senhora – Sazed disse, com um tom de voz calmo. – Cosahn vai cortá-lo para você.

– Ah – Vin disse, levando a mão à cabeça. Seu cabelo estava ficando comprido demais para seu gosto; embora, de algum modo, duvidasse que Sazed fosse deixá-la cortar como um menino.

Cosahn apontou para uma cadeira e Vin sentou-se, relutante. Achava enervante sentar-se docilmente enquanto alguém trabalhava com tesouras tão perto de sua cabeça, mas não havia remédio.

Depois de alguns segundos passando as mãos pelos cabelos de Vin, repartindo-o tranquilamente, Cosahn começou a cortar.

– Que belo cabelo – disse, quase para si mesma. – Grosso, com um bonito tom negro. É uma pena vê-lo tão mal cuidado, Mestre Vaht. Muitas mulheres da corte morreriam por um cabelo desses... tem corpo suficiente para ondular, mas é liso o bastante para se trabalhar com facilidade nele.

Sazed sorriu.

– Temos que nos assegurar de que receba melhores cuidados no futuro – disse.

Cosahn continuou a trabalhar, assentindo para si mesma. Pouco tempo depois, Sazed se aproximou e se sentou diante de Vin.

– Kelsier ainda não retornou, eu presumo? – Vin perguntou.

Sazed negou com a cabeça, e Vin suspirou. Kelsier não achava que ela tinha prática o suficiente para acompanhá-lo em suas incursões noturnas, muitas das quais fazia logo após as sessões de treinamento com Vin. Durante os últimos dois meses, Kelsier fizera aparições nas propriedades de uma dúzia de casas nobres, tanto em Luthadel quanto em Fellise. Variava seu disfarce e os motivos aparentes, tentando criar um ar de confusão entre as Grandes Casas.

– O que foi? – Vin perguntou para Sazed, que lhe lançava um olhar curioso.

O terrisano inclinou a cabeça levemente, respeitoso.

– Estava me perguntando se estaria disposta a ouvir outra proposta.

Vin suspirou, revirando os olhos.

– Tudo bem. – *Como se eu pudesse fazer outra coisa além de ficar sentada aqui*.

– Acho que tenho a religião perfeita para você – Sazed disse, seu rosto normalmente estoico revelou uma centelha de ansiedade. – Chama-se "Trelagismo", em homenagem ao deus Trell. Trell era venerado por um grupo conhecido como nelazanos, um povo que vivia bem longe daqui, ao norte. Na terra deles, o ciclo do dia e da noite era muito estranho. Durante alguns meses do ano, era escuro a maior parte do dia. Durante o verão, no entanto, só ficava escuro por algumas horas. Os nelazanos acreditavam que havia beleza na escuridão, e que a luz do dia era mais profana. Eles viam as estrelas como os Mil Olhos de Trell que os observava. O sol era um único olho ciumento do irmão de Trell, Nalt. Uma vez que Nalt tinha um só olho, ele o fazia brilhar com muita intensidade, para ofuscar seu irmão. Os nelazanos, no entanto, não se impressionavam, e preferiam venerar o silencioso Trell, que os vigiava até mesmo quando Nalt obscurecia o sol.

Sazed ficou em silêncio. Vin não tinha certeza do que responder, então não disse nada.

– É realmente uma boa religião, senhora Vin – Sazed prosseguiu. – Muito gentil, e mesmo assim muito poderosa. Os nelazanos não eram um povo avançado, mas eram muito determinados. Eles mapearam todo o céu noturno, contando e classificando cada estrela principal. Os costumes deles combinam com você... especialmente a preferência pela noite. Posso contar mais, se

desejar.

Vin negou com a cabeça.

– Está tudo bem, Sazed.

– Não se encaixa, então? – Sazed disse, franzindo o cenho. – Ah, bem. Terei que pensar um pouco mais. Obrigado, senhora... acho que é muito paciente comigo.

– Pensar um pouco mais? – Vin perguntou. – É a quinta religião para a qual tenta me converter, Saze. Quantas mais pode haver?

– Quinhentas e sessenta e duas – Sazed respondeu. – Ou, pelo menos, esse é o número de sistemas de crença que conheço. Há, provável e infelizmente, outras que passaram por este mundo sem deixar traços para meu povo compilar.

Vin se deteve por um instante.

– E você tem todas essas religiões *memorizadas*?

– Tantas quantas possível – Sazed disse. – Suas orações, crenças, mitologia. Muitas são bem parecidas... rupturas ou seitas umas das outras.

– Mesmo assim, como pode lembrar de tudo isso?

– Tenho... métodos – Sazed explicou.

– Mas, para que serve isso?

Sazed franziu o cenho.

– A resposta devia ser óbvia, creio eu. As pessoas são valiosas, senhora Vin, e, portanto, também suas crenças. Desde a Ascensão, há mil anos, muitas dessas fés desapareceram. O Ministério do Aço proíbe a adoração a qualquer outro que não o Senhor Soberano, e os Inquisidores vêm destruindo diligentemente centenas de religiões. Se *ninguém* se lembrar delas, então elas simplesmente desaparecerão.

– Quer dizer – Vin disse incrédula – que está tentando me converter a religiões que estão mortas há mil anos?

Sazed assentiu.

Será que todo mundo envolvido com Kelsier é insano?

– O Império Final não durará para sempre – Sazed disse em voz baixa. – Não sei se Mestre Kelsier será aquele que finalmente trará o fim, mas esse fim *virá*. E, quando vier, quando o Ministério do Aço não mais reinar, os homens desejarão retornar às crenças de seus pais. Nesse dia eles olharão para os Guardadores, e, nesse dia, devolveremos à humanidade suas verdades esquecidas.

– Guardadores? – Vin perguntou, enquanto Cosahn começava a cortar sua

franja. – Há outros como você?

– Não muitos – Sazed disse. – Mas alguns. O suficiente para transmitir as verdades para a próxima geração.

Vin ficou pensativa, resistindo ao desejo de se contorcer sob as tesouras de Cosahn. A mulher certamente não tinha pressa – quando Reen cortava o cabelo de Vin, terminava logo depois de umas poucas tesouradas.

– Podemos repassar suas lições enquanto esperamos, senhora Vin? – Sazed perguntou.

Vin olhou o terrisano, e ele sorriu de leve. Sabia que a tinha cativa; não podia se esconder, nem se sentar na janela, encarando a bruma. Tudo o que podia fazer era ficar sentada e ouvir.

– Tudo bem.

– Você consegue me dizer os nomes de todas as dez Grandes Casas de Luthadel, em ordem de poder?

– Venture, Hasting, Elariel, Tekiel, Lekal, Erikeller, Erikell, Haught, Urbain e Buvidas.

– Muito bem – Sazed falou. – E você é?

– Sou Lady Valette Renoux, prima em quarto grau de Lorde Teven Renoux, que é dono desta mansão. Meus pais, Lorde Hadren e Lady Fellette Renoux, vivem em Chakath, uma cidade no Domínio Ocidental. Sua principal exportação é a lã. Minha família se dedica ao comércio de corantes, especificamente o vermelho cardinal, feito a partir dos caracóis comuns na região, e o amarelo do campo, feito de cascas de árvores. Como parte de um acordo comercial com seu primo distante, meus pais me mandaram para Luthadel, para que eu possa passar algum tempo na corte.

Sazed assentiu.

– E como se sente a respeito desta oportunidade?

– Estou surpresa e um pouco sobrecarregada – Vin disse. – As pessoas prestarão atenção em mim porque esperam conseguir favores de Lorde Renoux. Já que não estou familiarizada com os costumes da corte, ficarei lisonjeada com a atenção. Vou me integrar à comunidade cortesã, mas me manterei tranquila e longe de problemas.

– Suas habilidades de memorização são admiráveis, senhora – Sazed a elogiou. – Este humilde criado se pergunta quanto sucesso alcançaria se se dedicasse a aprender, em vez de se dedicar a evitar nossas lições.

Vin o olhou.

– Todos os “humildes criados” terrisanos puxam tanta conversa com seus

amos quanto você?

– Só os de sucesso.

Vin o encarou por um momento, então suspirou.

– Sinto muito, Saze. Não tenho intenção de evitar suas lições. Eu só... as brumas... fico distraída algumas vezes.

– Bem, por felicidade, e honestamente, você é muito rápida para aprender. No entanto, os cortesãos passam vidas inteiras estudando etiqueta. Ainda que você seja uma nobre rural, há certas coisas que deve saber.

– Eu sei – Vin falou. – Não quero chamar a atenção.

– Ah, não há como evitar isso, senhora. Uma recém-chegada, de uma parte distante do império? Sim, eles a notarão. Só não queremos deixá-los desconfiados. Você deve ser observada, e então ignorada. Se agir como tola, isso levantará suspeitas.

Ótimo.

Sazed se deteve, inclinando a cabeça levemente. Alguns segundos depois, Vin ouviu passos no corredor. Kelsier entrou no aposento, com um sorriso de satisfação. Tirou sua capa de névoa e se deteve quando viu Vin.

– O que foi? – ela perguntou, afundando um pouco mais na cadeira.

– O corte parece bom – Kelsier disse. – Bom trabalho, Cosahn.

– Não foi nada, Mestre Kelsier. – Vin percebeu que a mulher ruborizou pela sua voz. – Só trabalhei com o que tenho.

– Espelho – Vin disse, estendendo a mão.

Cosahn lhe entregou um. Vin o ergueu, e o que viu a fez ficar sem fala. Parecia... uma garota.

Cosahn fizera um trabalho notável com o corte, conseguindo tirar as pontas salientes. Vin sempre achara que se seu cabelo ficasse muito comprido, ficaria volumoso. Cosahn fizera algo a esse respeito também. O cabelo de Vin ainda não estava muito longo – mal cobria suas orelhas – mas pelo menos estava assentado.

Você não quer que pensem em você como uma garota, a voz de Reen advertiu. Mas, ao menos uma vez, pegou-se querendo ignorar aquela voz.

– Talvez consigamos realmente convertê-la em uma dama, Vin! – Kelsier disse com uma risada, recebendo um olhar reprovador dela.

– Mas primeiro temos que persuadi-la a não franzir o cenho com tanta frequência, Mestre Kelsier – Sazed observou.

– Isso vai ser difícil – Kelsier comentou. – Ela gosta muito de fazer caretas. De qualquer modo, bom trabalho, Cosahn.

– Ainda tenho que fazer alguns retoques, Mestre Kelsier – a mulher disse.

– Então continue – Kelsier falou. – Mas vou furtar Sazed por um instante.

Kelsier deu uma piscada para Vin, sorriu para Cosahn, então ele e Sazed saíram da sala – deixando Vin mais uma vez onde ela não poderia bisbilhotar.

Kelsier espiou a cozinha e viu Vin sentada e de mau humor em sua cadeira. O corte de cabelo estava realmente bom. Contudo, seus elogios tinham um motivo ulterior – ele suspeitava que Vin tinha passado muito tempo de sua vida escutando que não valia nada. Se tivesse um pouco mais de autoconfiança, talvez não tentasse tanto se esconder.

Deixou que a porta se fechasse, voltando-se para Sazed. O terrisano esperava, como sempre, com tranquila paciência.

– Como está indo o treinamento? – Kelsier perguntou.

– Muito bem, Mestre Kelsier – Sazed respondeu. – Ela já sabia algumas coisas do treinamento que recebeu de seu irmão. Além disso, é uma garota extremamente inteligente; perspicaz e rápida para memorizar. Não esperava tais habilidades em alguém que cresceu nessas circunstâncias.

– Muitas crianças de rua são espertas – Kelsier disse. – As que não são, estão mortas.

Sazed assentiu solenemente.

– Ela é extremamente reservada, e sinto que não vê o valor real de minhas lições. É muito obediente, mas é rápida em explorar erros e mal-entendidos. Se não lhe digo exatamente quando e onde vamos nos encontrar, frequentemente tenho que procurá-la pela mansão inteira.

Kelsier assentiu.

– Acho que é um jeito de ela manter um pouco do controle sobre sua vida. De qualquer modo, o que realmente quero saber é se ela está pronta ou não.

– Não tenho certeza, Mestre Kelsier – Sazed respondeu. – Conhecimento puro não é equivalente à habilidade. Não tenho certeza se ela tem... equilíbrio para imitar uma nobre, mesmo que seja uma jovem e inexperiente. Praticamos jantares, repassamos a etiqueta em conversações e memorizamos conversas fúteis. Ela parece hábil em tudo isso, em uma situação controlada. Saiu-se bem nos chás que Renoux ofereceu para alguns nobres. No entanto, não podemos dizer se ela realmente consegue fazer isso tudo até que a coloquemos sozinha em uma festa cheia de aristocratas.

– Queria que ela pudesse praticar um pouco mais – Kelsier disse, balançando a cabeça. – Mas a cada semana que dispendemos com os preparativos

aumentam as chances de que o Ministério encontre nosso crescente exército nas cavernas.

– É uma questão de equilíbrio, então – Sazed disse. – Devemos esperar tempo suficiente para reunir os homens que precisamos, e nos mover rápido o bastante para evitar sermos descobertos.

Kelsier assentiu.

– Não podemos parar por causa de um membro da gangue. Teremos que encontrar outra pessoa para ser nosso espião se Vin se sair mal. Pobre garota... queria ter tido mais tempo para treiná-la melhor na alomancia. Mal cobrimos os primeiros quatro metais. Mas não tenho *tempo* suficiente!

– Se eu puder fazer uma sugestão...

– É claro, Saze.

– Envie a criança para algum dos Brumosos do grupo – Sazed disse. – Ouvi dizer que Brisa é um abrandador eficaz, e os outros são certamente tão habilidosos quanto ele. Deixe que eles mostrem à senhora Vin como usar suas habilidades.

Kelsier ficou pensativo por um instante.

– É uma boa ideia, Saze.

– Mas?

Kelsier olhou para a porta, atrás da qual Vin ainda estava petulantemente tendo seu cabelo cortado.

– Não tenho certeza. Hoje, quando estávamos treinando, entramos em uma competição de *empurrar* aço. A garota tem menos de metade do meu peso, mas contra-atacou decentemente, de todo modo.

– Pessoas diferentes têm forças diferentes na alomancia – Sazed disse.

– Sim, mas a variação em geral não é assim tão grande – Kelsier disse. – Além disso, precisei de meses e meses para aprender como manipular meus *puxões* e *empurrões*. Não é tão fácil quanto parece... mesmo algo simples como se *empurrar* para o alto de um telhado requer entendimento de peso, equilíbrio e trajetória. Mas Vin... parece saber essas coisas instintivamente. É verdade que só consegue usar os primeiros quatro metais com habilidade, mas o progresso que fez é impressionante.

– É uma garota especial.

Kelsier assentiu.

– Ela merece ter mais tempo para aprender sobre seus poderes. Eu me sinto um pouco culpado por tê-la metido em nossos planos. Ela provavelmente acabará em uma cerimônia de execução do Ministério com o restante de nós.

– Mas essa culpa não o impedirá de usá-la para espionar a aristocracia.

Kelsier negou com a cabeça.

– Não – disse, em voz baixa. – Não impedirá. Precisaremos de cada vantagem que conseguirmos. Só... vigie-a, Saze. De agora em diante, você agirá como mordomo e guardião de Vin em todos os eventos em que ela for... não será estranho que leve um criado terrisano consigo.

– Em absoluto – Sazed concordou. – De fato, seria estranho mandar uma garota da idade dela para os compromissos da corte sem um acompanhante.

Kelsier assentiu.

– Proteja-a, Saze. Ela pode ser uma alomântica poderosa, mas é inexperiente. Vou me sentir um pouco menos culpado de mandá-la para esse antro da aristocracia se souber que você estará com ela.

– Eu a protegerei com a minha vida, Mestre Kelsier. Eu prometo.

Kelsier sorriu, pousando uma mão agradecida no ombro de Sazed.

– Tenho pena do homem que se colocar em seu caminho.

Sazed inclinou a cabeça humildemente. Parecia inofensivo, mas Kelsier conhecia a força que Sazed escondia. Poucos homens, alomânticos ou não, se sairiam bem em uma luta com um Guardador cuja ira tivesse sido despertada. Essa era provavelmente a razão pela qual o Ministério perseguira aquela seita até quase a extinção.

– Muito bem – Kelsier disse. – Volte para seus ensinamentos. Lorde Venture vai celebrar um baile no final de semana e, pronta ou não, Vin estará lá.

Fico surpreso com quantas nações se uniram em prol de nossos propósitos. Ainda há dissidentes, é claro – e alguns reinos, desgraçadamente, entraram em guerras que não pude conter.

Mesmo assim, essa união geral é gloriosa, e até mesmo vergonhosa, de se contemplar. Gostaria que as nações da humanidade não tivessem requerido uma ameaça tão drástica para perceber o valor da paz e da cooperação.



Vin caminhava por uma das ruas da Fenda – um dos vários bairros miseráveis skaa de Luthadel – com o capuz erguido. Por alguma razão, ela achava o calor abafado do capuz preferível à luz vermelha opressora do sol.

Caminhava encurvada, o olhar baixo, mantendo-se próximo à lateral da rua. Os skaa com quem cruzava carregavam o mesmo ar de derrota. Ninguém levantava a cabeça; ninguém caminhava com as costas eretas ou sustentando um sorriso otimista. Nos bairros pobres, coisas assim o fariam levantar suspeita.

Quase se esquecera de quão opressora Luthadel podia ser. Suas semanas em Fellise a acostumaram às árvores e à pedra lavada. Não havia nada branco – nenhum choupo, nenhum granito caiado. Tudo era negro.

Os edifícios eram manchados pelas incontáveis e repetitivas chuvas de cinzas. O ar era repleto de fumaça das infames forjas de Luthadel e das milhares de cozinhas particulares dos nobres. Paralelepípedos, batentes e esquinas estavam cobertos de fuligem – os bairros pobres raramente eram limpos.

É como... se as coisas fossem mais brilhantes à noite do que de dia, Vin pensou, protegendo-se mais em sua capa skaa remendada e dobrando uma esquina. Ela passou por alguns mendigos agachados nos cantos, com suas mãos esticadas esperando por uma esmola, suas súplicas chegavam em vão aos ouvidos de pessoas que também estavam famintas. Passou por trabalhadores caminhando com as cabeças e os ombros baixos, com seus bonés ou capuzes

vestidos para manter as cinzas longe dos olhos. Passou, por acaso, por esquadrões de guardas da Guarnição da cidade, caminhando com armadura completa – placa de peito, capacete e capa negra – tentando parecer o mais intimidadores possível.

Este último grupo se movia pelos bairros pobres, agindo como a mão do Senhor Soberano em uma área que a maioria dos obrigadores achava repugnante demais para visitar. Os homens da Guarnição chutavam os mendigos para ter certeza de que eram realmente inválidos, paravam trabalhadores que passavam para inquiri-los sobre estarem nas ruas em vez de trabalhando, e perturbavam quem mais podiam. Vin se encolheu enquanto o grupo passava, puxando ainda mais o capuz. Ela tinha idade suficiente para já ter filhos ou trabalhar em uma fábrica, mas seu tamanho a fazia parecer mais jovem.

Ou seu disfarce tinha funcionado ou aquele esquadrão em particular não estava interessado em procurar por embustes, pois a deixaram passar quase sem olhá-la. Vin dobrou a esquina, caminhando por uma viela cheia de cinzas, e se aproximou do refeitório no fim do beco.

Como a maioria das instalações desse tipo, a cozinha era suja e pobremente mantida. Em uma economia em que trabalhadores raramente recebiam salários diretos – se é que alguma vez recebiam –, as cozinhas tinham que ser mantidas pela nobreza. Alguns lordes locais – provavelmente proprietários de fábricas e forjas da região – pagavam o dono da cozinha para proporcionar comida aos skaa locais. Os trabalhadores recebiam fichas de refeições pelo seu tempo e tinham um curto período de descanso ao meio-dia para comer. A cozinha central permitia que os negócios menores não precisassem pagar os custos com o fornecimento de refeições no local de trabalho.

É claro que, uma vez que o dono da cozinha era pago diretamente, ele poderia embolsar tudo o que conseguisse economizar nos ingredientes. Segundo a experiência de Vin, a comida dos refeitórios era tão saborosa quanto água com cinzas.

Felizmente, não tinha vindo para comer. Ela se juntou à fila na porta, esperando em silêncio enquanto os trabalhadores apresentavam suas fichas de refeição. Quando a vez dela chegou, Vin pegou um pequeno disco de madeira e o entregou para o skaa na porta. Ele aceitou a ficha com um movimento tranquilo, acenando com a cabeça quase que imperceptivelmente para a direita.

Vin seguiu na direção indicada, passando por uma sala de jantar imunda, com o chão coberto por cinza pisada. Quando se aproximou da parede do fundo,

pôde ver uma porta de madeira lascada a um canto. Um homem sentado em frente à entrada a olhou nos olhos, assentindo levemente, e abriu a porta. Vin entrou rapidamente no aposento.

– Vin, minha querida! – Brisa disse, sentado em uma mesa no meio do aposento. – Bem-vinda! Como foi em Fellise?

Vin deu de ombros, sentando-se na mesma mesa.

– Ah – Brisa disse. – Quase esqueci que interlocutora fascinante você é. Vinho?

Vin negou com a cabeça.

– Bem, certamente vou querer um pouco. – Brisa usava um de seus trajes extravagantes, o bastão de duelo repousava em seu colo.

A câmara era iluminada apenas por uma única lanterna, mas era muito mais limpa do que o salão do lado de fora. Dos quatro outros homens no aposento, Vin reconheceu apenas um – um aprendiz da loja de Trevo. Os dois à porta eram obviamente guardas. O último homem parecia ser um trabalhador skaa normal – inclusive com o casaco enegrecido e o rosto sujo de cinzas. Seu ar confiante, no entanto, indicava que era membro do submundo. Provavelmente um dos rebeldes de Yeden.

Brisa levantou sua taça, batendo no vidro com o indicador. O rebelde lhe lançou um olhar sombrio.

– Agora mesmo – Brisa disse – você está se perguntando se estou usando alomancia em você. Talvez esteja, talvez não. Isso importa? Estou aqui por convite de seu líder, e ele lhe ordenou que garantisse que eu estivesse confortável. E, lhe asseguro, uma taça de vinho em minha mão é *absolutamente* necessária para meu conforto.

O skaa esperou por um momento, então pegou a taça e se afastou, murmurando sobre custos estúpidos e recursos desperdiçados.

Brisa ergueu uma sobrancelha e se virou para Vin. Parecia bastante satisfeito consigo mesmo.

– Então, você o *empurrou*? – ela perguntou.

Brisa negou com a cabeça.

– Seria desperdício de latão. Kelsier lhe disse por que pediu que viesse aqui hoje?

– Ele me disse para observar você – Vin disse, um pouco aborrecida por ter sido enviada a Brisa. – Disse que não teria tempo de me treinar em todos os metais.

– Bem – Brisa disse –, vamos começar, então. Primeiro, você precisa

entender que *abrandar* é mais do que mera alomancia. É sobre a delicada e nobre arte da manipulação.

– Nobre, realmente – Vin ironizou.

– Ah, você fala como um *deles* – Brisa disse.

– Eles quem?

– Todos os outros – Brisa explicou. – Viu como aquele gentil skaa me tratou? As pessoas não gostam de nós, minha querida. A ideia de que alguém seja capaz de brincar com suas emoções, de que possa "misticamente" fazer com que façam certas coisas, os deixa desconfortáveis. O que eles não percebem, e que você *deve* perceber, é que manipular é algo que todo mundo faz. Na verdade, a manipulação está no âmago das nossas interações sociais.

Reclinou-se para trás, erguendo o bastão de duelo e gesticulando levemente com ele enquanto falava.

– Pense nisso. O que um homem faz quando tenta conseguir o afeto de uma jovem senhora? Ora, ele tenta manipulá-la para que o veja com bons olhos. O que acontece quando dois velhos amigos se sentam para tomar alguns drinques? Contam histórias, tentando impressionar um ao outro. Viver como um ser humano significa ter postura e influência. Não é uma coisa ruim; de fato, dependemos disso. Essas interações nos ensinam como responder aos outros. – Fez uma pausa, apontando para Vin com o bastão. – A diferença entre Abrandadores e as pessoas normais é que estamos cientes do que estamos fazendo. Também temos uma leve... vantagem. Mas, essa vantagem é realmente muito mais "poderosa" do que uma personalidade carismática ou um belo conjunto de dentes? Acho que não.

Vin não disse nada.

– Além disso – Brisa acrescentou –, como mencionei, um bom abrandador deve ter habilidades que vão muito além da capacidade de usar alomancia. A alomancia não permite que você leia mentes ou emoções. De certo modo, você é tão cega quanto os demais. Você dispara pulsos de emoções, dirigidos a uma única pessoa ou a uma área, e seus alvos terão suas emoções alteradas... esperando produzir o efeito desejado. No entanto, os grandes Abrandadores são aqueles que podem usar seus olhos e instintos com sucesso para saber como a pessoa está se sentindo *antes* que seja *abrandada*.

– O que importa como estão se sentindo? – Vin disse, tentando esconder sua contrariedade. – Você vai *abrandá-los* de qualquer maneira, certo? Então, quando você o fizer, eles vão se sentir como você quiser que se sintam.

Brisa suspirou, balançando a cabeça negativamente.

– O que você diria se soubesse que *abrandei* você em três ocasiões diferentes durante nossa conversa?

Vin se deteve.

– Quando? – quis saber.

– Isso importa? – Brisa perguntou. – Essa é a lição que você deve aprender, minha querida. Se não puder ler como alguém está se sentindo, nunca terá um toque sutil com a alomancia emocional. *Empurre* alguém com muita força, e até mesmo o mais cego dos skaa vai perceber, de alguma forma, que está sendo manipulado. *Toque* muito suavemente, e não produzirá um efeito que possa ser notado; outras emoções mais fortes continuarão a dominar seu alvo.

Brisa sacudiu a cabeça.

– Tudo se baseia em entender as pessoas – prosseguiu. – Você tem que ler como alguém está se sentindo, mudar esse sentimento *empurrando*—o na direção adequada e canalizar esse novo estado emocional em sua vantagem. Isso, minha querida, é o desafio no que fazemos! É difícil, mas os que conseguem fazê-lo bem...

A porta se abriu, e o skaa mal-humorado retornou, trazendo uma garrafa cheia de vinho. Ele a colocou junto a uma taça na mesa diante de Brisa, e se dirigiu para o outro lado do aposento, ao lado dos postigos que permitiam vigiar a sala de jantar.

– Há enormes recompensas – Brisa disse com um sorriso tranquilo. Piscou para ela e se serviu de um pouco de vinho.

Vin não tinha certeza do que pensar. A opinião de Brisa parecia cruel. Mas Reen a treinara bem. Se não tivesse poder sobre essa coisa, outros teriam poder sobre ela através disso. Ela começou a queimar cobre – como Kelsier lhe ensinara – para proteger-se de futuras manipulações por parte de Brisa.

A porta se abriu novamente, e uma figura familiar, usando um casaco, entrou.

– Ei, Vin – Ham disse, com um aceno amistoso. Aproximou-se da mesa, olhando o vinho. – Brisa, você sabe que a rebelião não tem dinheiro para esse tipo de coisa.

– Kelsier vai reembolsá-los – Brisa disse, com um gesto de indiferença. – Simplesmente não consigo trabalhar com a garganta seca. Como está a área?

– Segura – Ham respondeu. – Mas coloquei Olhos de Estanho nas esquinas, por precaução. Sua saída de emergência está atrás daquele alçapão no canto.

Brisa assentiu, e Ham se virou, olhando para o aprendiz de Trevo.

– Está esfumaçando aí atrás, Cobble?

O garoto assentiu.

– Bom rapaz – Ham falou. – Isso é tudo, então. Agora só temos que esperar o discurso de Kell.

Brisa checou o relógio de bolso.

– Ainda faltam alguns minutos. Peço para alguém lhe trazer uma taça?

– Passo. – Ham respondeu.

Houve um momento de silêncio. Finalmente, Ham falou.

– Então...

– Não – Brisa interrompeu.

– Mas...

– O que quer que seja, não queremos ouvir.

Ham encarou o abrandador de modo irritado.

– Não pode me *empurrar* para a complacência, Brisa.

Brisa revirou os olhos, tomando um gole do vinho.

– O que foi? – Vin perguntou. – O que ia dizer?

– Não o encoraje, minha querida – Brisa avisou.

Vin franziu o cenho. Ela olhou para Ham, que sorriu.

Brisa suspirou.

– Só me deixem fora disso. Não estou no clima para um dos debates vazios de Ham.

– Ignore-o – Ham disse ansiosamente, puxando a cadeira um pouco mais perto de Vin. – Então, estive pensando. Ao derrubar o Império Final, estamos fazendo algo bom, ou algo ruim?

Vin se deteve.

– Isso importa?

Ham pareceu surpreso, mas Brisa deu uma gargalhada.

– Boa resposta – o abrandador disse.

Ham olhou para Brisa, então se voltou novamente para Vin.

– É claro que importa.

– Bem – Vin ponderou –, acho que estamos fazendo algo bom. O Império Final vem oprimindo os skaa há séculos.

– Certo – Ham concordou. – Mas, há um problema. O Senhor Soberano é Deus, certo?

Vin deu de ombros.

– Isso importa?

Ham a encarou.

Ela revirou os olhos.

– Está bem. O Ministério afirma que ele é Deus.

– Na verdade – Brisa observou –, o Senhor Soberano é apenas um *pedaço* de Deus. Ele é a Centelha do Infinito; não é onisciente ou onipresente, mas uma seção independente de uma consciência que *é*.

Ham suspirou.

– Achei que você não quisesse participar.

– Só estou me assegurando de que todos tenham os fatos corretos – Brisa disse animadamente.

– De qualquer modo – Ham prosseguiu. – Deus é o criador de todas as coisas, certo? É a força que dita as leis do universo, e é, portanto, a fonte definitiva da ética. É a moralidade absoluta.

Vin pestanejou.

– Vê o dilema? – Ham perguntou.

– Vejo um idiota – Brisa murmurou.

– Estou confusa – Vin confessou. – Qual é o problema?

– Afirmamos que estamos fazendo algo bom – Ham disse. – Mas o Senhor Soberano – enquanto Deus – *define* o que é bom. Então, ao nos opormos a ele, estamos, na verdade, sendo maus. Mas, já que ele está fazendo a coisa errada, o mal, na verdade, conta como bem neste caso?

Vin franziu o cenho.

– E então? – Ham perguntou.

– Acho que você me deu uma dor de cabeça – Vin disse.

– Eu avisei – Brisa observou.

Ham suspirou.

– Mas não acha que vale a pena pensar sobre isso?

– Não tenho certeza.

– Eu tenho – Brisa disse.

Ham sacudiu a cabeça.

– Ninguém por aqui gosta de uma discussão decente e inteligente.

O rebelde skaa ao canto de repente se animou.

– Kelsier está aqui!

Ham ergueu uma sobrancelha, então se levantou.

– Preciso dar uma verificada no perímetro. Pense sobre isso, Vin.

– Está bem... – Vin disse quando Ham partiu.

– Por aqui, Vin – Brisa disse, levantando-se. – Há postigos na parede para nós. Seja gentil e me traga uma cadeira, pode ser?

Brisa não olhou para trás para ver se ela fazia o que lhe pedira. Vin se deteve, insegura. Com o cobre aceso, ele não podia *abrandá*-la, mas... Enfim, ela

suspirou e levou duas cadeiras para a lateral da sala. Brisa abriu uma comprida e fina portinhola na parede, revelando a vista da sala de jantar.

Um grupo de skaa encardido estava sentado nas mesas, vestindo casacos marrons de trabalho ou capas esfarrapadas. Era um grupo sombrio, com a pele manchada pelas cinzas e posturas caídas. No entanto, sua presença na reunião significava que estavam dispostos a escutar. Yeden estava sentado em uma mesa próximo à entrada da sala, com seu habitual e remendado casaco de trabalhador, o cabelo encaracolado cortado curto durante a ausência de Vin.

Vin esperava algum tipo de entrada triunfal de Kelsier. Em vez disso, no entanto, ele simplesmente saiu silenciosamente da cozinha. Parou perto da mesa de Yeden, sorrindo e falando em voz baixa com o homem por um momento, antes de se posicionar diante dos trabalhadores sentados.

Vin nunca o vira naquelas roupas mundanas antes. Usava um casaco skaa marrom e calça parda, como vários dos presentes. O traje de Kelsier, no entanto, estava limpo. Nenhuma fuligem manchava o tecido, e, ainda que fosse do mesmo material áspero que os skaa normalmente usavam, não tinha remendos ou rasgos. A diferença era gritante o suficiente, Vin decidiu – se tivesse vindo com um de seus trajes normais, teria sido demais.

Kelsier colocou os braços para trás, e, lentamente, o grupo de trabalhadores se aquietou. Vin franziu o cenho, observando pelo postigo, admirada pela habilidade de Kelsier em tranquilizar uma sala de homens famintos simplesmente ficando diante deles. Estaria usando alomancia? Mesmo com seu cobre aceso, ela sentia uma... presença vindo dele.

Assim que o salão ficou em silêncio, Kelsier começou a falar.

– Provavelmente, a essa altura, vocês já ouviram falar de mim – disse. – E não estariam aqui se não fossem ao menos um pouco simpáticos à minha causa.

Ao lado de Vin, Brisa deu um gole em seu vinho.

– *Abrandar* e *tumultuar* não são como as outras formas de alomancia – ele disse, em voz baixa. – Com a maioria dos metais, *empurrar* e *puxar* têm efeitos opostos. Com emoções, no entanto, pode-se frequentemente produzir os mesmos resultados independentemente de se estar *abrandando* ou *tumultuando*. Isso não se aplica a estados emocionais extremos: a completa falta de emoção ou a paixão absoluta. Contudo, na maioria dos casos, não importa qual poder você usa. As pessoas não são como pedaços sólidos de metal; em qualquer momento, elas terão uma dúzia de emoções diferentes se revirando dentro delas. Um abrandador experiente consegue amortecer tudo, menos a emoção que quer que seja dominante.

Brisa se virou alegremente.

– Rudd, mande a criada azul, por favor.

Um dos guardas assentiu, abrindo a porta e sussurrando algo para o homem do lado de fora. No momento seguinte, Vin viu uma criada usando um vestido azul desbotado se mover pela multidão, enchendo copos.

– Meus Abrandadores estão misturados ao público – Brisa disse, sua voz começava a ficar distraída. – As criadas são um sinal, dizendo aos meus homens que emoções *abrandar*. Eles trabalharão, assim como eu faço... – Calou-se, concentrando-se enquanto observava a multidão.

– Fadiga... – sussurrou. – Essa não é uma emoção necessária agora. Fome... distrai. Desconfiança... definitivamente não é útil. Sim, enquanto os Abrandadores trabalham, os Tumultuadores inflamam as emoções que queremos que a multidão sinta. Curiosidade... é disso que precisam agora. Sim, ouçam Kelsier. Vocês já ouviram as lendas e as histórias. Vejam o homem com seus próprios olhos e fiquem impressionados.

– Sei por que vieram hoje – Kelsier disse em voz baixa. Falava sem grande parte da extravagância que Vin associava a ele, seu tom de voz era tranquilo, mas direto. – Doze horas por dia em uma fábrica, mina ou forja. Espancamentos, falta de pagamento, comida ruim. E, para quê? Para que possam voltar aos seus cortiços no final do dia e encontrar outra tragédia? Um amigo morto por um capataz descuidado. Uma filha levada para ser o brinquedo de algum nobre. Um irmão morto pelas mãos de um lorde que estava tendo um dia desagradável.

– Sim – Brisa suspirou. – Bom. Vermelho, Rudd. Mande a garota de vermelho-claro.

Outra criada entrou no salão.

– Paixão e raiva – Brisa disse, sua voz era quase um murmúrio. – Mas só um pouco. Só uma cutucada, um lembrete.

Curiosa, Vin apagou seu cobre por um momento, queimando bronze em vez disso, tentando sentir o uso da alomancia por Brisa. Nenhum pulso vinha dele.

É claro, ela pensou. *Esqueci do aprendiz de Trevo – ele impede que eu sinta qualquer pulso alomântico*. Voltou a queimar cobre.

Kelsier continuou a falar.

– Meus amigos, vocês não estão sozinhos nessa tragédia. Há milhões exatamente como vocês. E eles precisam de vocês. Não vim aqui para mendigar; já tivemos bastante disso em nossas vidas. Peço simplesmente que pensem. Onde prefeririam gastar suas energias? Forjando as armas do Senhor

Soberano? Ou em algo mais valioso?

Ele não está mencionando nossos soldados, Vin pensou. *Nem mesmo o que aqueles que se juntarem a ele vão fazer. Não quer que os trabalhadores saibam dos detalhes. Provavelmente é uma boa ideia – os que ele recrutar podem ser mandados para o exército, e o resto não será capaz de dar nenhuma informação específica.*

– Sei por que estou aqui – Kelsier prosseguiu. – Vocês conhecem o meu amigo Yeden, e sabem o que ele representa. Cada skaa na cidade sabe sobre a rebelião. Talvez estejam pensando em se juntar a ela. A maior parte de vocês não fará isso... a maioria de vocês voltará para suas fábricas manchadas de fuligem, para suas forjas incandescentes, para seus lares moribundos. Voltarão porque essa vida terrível é familiar. Mas alguns de vocês... alguns de vocês virão comigo. E esses são os homens que serão lembrados nos anos vindouros. Lembrados por terem feito algo grandioso.

Muitos dos trabalhadores trocaram olhares, embora alguns só ficassem encarando as tigelas de sopa meio vazias. Finalmente, alguém perto do fundo do salão tomou a palavra.

– Você é um tolo – o homem disse. – O Senhor Soberano vai matá-lo. Não se rebele contra Deus em sua *própria cidade*.

O salão ficou em silêncio. Tensão. Vin se levantou enquanto Brisa murmurava para si mesmo.

No salão, Kelsier não respondeu por um momento. Finalmente, ergueu os braços e arregaçou as mangas do casaco, revelando suas cicatrizes.

– O Senhor Soberano não é nosso deus – disse em voz baixa. – E não pode me matar. Ele tentou, mas fracassou. Pois sou aquele que ele nunca poderá matar.

Com isso, Kelsier deu meia-volta, saindo do salão pelo mesmo caminho que viera.

– Hummm – Brisa disse. – Bem, isso foi um pouco dramático. Rudd, traga de volta a criada de vermelho e mande a de marrom.

Uma criada vestida de marrom se misturou à multidão.

– Assombro – Brisa disse. – E, sim, orgulho. *Abrande* a raiva, por enquanto...

A multidão permaneceu em silêncio por um instante, o salão estava estranhamente imóvel. Finalmente, Yeden se levantou para falar e dar um pouco mais de encorajamento, assim como uma explicação a respeito do que os homens deveriam fazer se quisessem ouvir mais. Enquanto falava, os skaa retornavam às suas refeições.

– Verde, Rudd – Brisa disse. – Hummm, sim. Vamos deixar todos pensativos, e dar um *empurrãozinho* de lealdade. Não queremos que ninguém corra até os obrigadores, não é? Kell vem cobrindo bem seus rastros, mas quanto menos as autoridades ouvirem, melhor, certo? Ah, e quanto a você, Yeden? Está um pouco nervoso demais. Vamos *abrandar* isso, e levar embora suas preocupações. Vamos deixar apenas essa sua paixão; esperemos que seja suficiente para abafar esse tom estúpido em sua voz.

Vin continuou a observar. Agora que Kelsier tinha saído, ela achou mais fácil se concentrar nas reações da multidão e no trabalho de Brisa. Enquanto Yeden falava, os trabalhadores do lado de fora pareciam reagir exatamente de acordo com as instruções murmuradas por Brisa. Yeden também mostrava os efeitos do *abrandamento*: estava mais confortável, sua voz soava mais confiante enquanto falava.

Curiosa, Vin deixou seu cobre se apagar de novo. Concentrou-se para ver se podia sentir Brisa tocar suas emoções; estaria incluída em suas projeções alomânticas gerais. Ele não teria tempo de escolher indivíduos, exceto, talvez, Yeden. Era muito, muito difícil sentir. Mesmo assim, enquanto Brisa murmurava para si mesmo, ela começou a sentir as emoções exatas que ele descrevia.

Vin não pôde deixar de se sentir impressionada. Nas poucas vezes que Kelsier usara a alomancia em suas emoções, seu toque tinha sido como um soco repentino na cara. Tinha força, mas muito pouca sutileza.

O toque de Brisa era incrivelmente delicado. Ele *abrandava* algumas emoções, reduzindo-as, enquanto deixava outras intactas. Vin achou que podia sentir os homens dele *tumultuando* suas emoções também, mas esses toques não eram nem de perto tão sutis quanto os de Brisa. Deixou seu cobre apagado, observando os toques em suas emoções enquanto Yeden continuava seu discurso. Ele explicou que os homens que se juntassem a eles teriam que deixar suas famílias e amigos por um tempo – em torno de um ano –, mas seriam bem alimentados durante esse tempo.

Vin sentiu que seu respeito por Brisa continuava a aumentar. De repente não estava mais tão incomodada por Kelsier ter se livrado dela. Brisa só conseguia usar um metal, mas obviamente tinha muita prática. Kelsier, como um Nascido das Brumas, tinha que aprender todas as habilidades alomânticas; fazia sentido que não estivesse tão concentrado em um só poder.

Preciso me assegurar de que ele me mande aprender com os outros, Vin pensou. *Que sejam mestres em seus próprios poderes.*

Vin voltou sua atenção para a sala de jantar, quando Yeden parou de falar.

– Vocês ouviram Kelsier, o Sobrevivente de Hathsin – disse. – Os rumores sobre ele são verdadeiros; ele desistiu de sua vida de ladrão e dedicou sua atenção à rebelião skaa! Homens, estamos preparando algo grande. Algo que pode, de fato, acabar sendo nossa luta derradeira contra o Império Final. Juntem-se a nós. Juntem-se a seus irmãos. Juntem-se ao próprio Sobrevivente!

O salão ficou em silêncio.

– Vermelho-vivo – Brisa disse. – Quero que esses homens partam sentindo-se apaixonados pelo que ouviram.

– As emoções vão esmaecer, não? – Vin disse enquanto uma criada usando roupas vermelhas se juntava à multidão.

– Sim – Brisa disse, sentando-se novamente e fechando a portinhola. – Mas as lembranças permanecem. Se as pessoas associarem emoções fortes com um acontecimento, se lembrarão melhor dele.

Alguns momentos depois, Ham entrou pela porta de trás.

– Deu tudo certo. Os homens estão partindo revigorados, e um número deles ficou para trás. Teremos um bom punhado de voluntários para mandar para as cavernas.

Brisa sacudiu a cabeça.

– Não é o bastante. Dox precisa de alguns dias para organizar essas reuniões, e só conseguimos cerca de vinte homens em cada uma delas. Nesse ritmo, nunca conseguiremos dez mil a tempo.

– Acha que precisamos de mais reuniões? – Ham perguntou – Vai ser difícil... precisamos ser muito cuidadosos com isso, porque só os que podem ser razoavelmente de confiança são convidados.

Brisa se sentou por um instante. Finalmente, tomou o resto de seu vinho.

– Não sei. Mas temos que pensar em alguma coisa. Por enquanto, vamos voltar à loja. Acho que Kelsier deseja avaliar o progresso da reunião dessa noite.

Kelsier olhava para o oeste. O sol do entardecer era de um vermelho letal, brilhando implacável através de um céu de fumaça. Logo abaixo, Kelsier podia ver a silhueta recortada de um pico escuro. Tyrian, a mais próxima das Montanhas de Cinzas.

Estava no terraço, no telhado da loja de Trevo, ouvindo os trabalhadores voltarem para suas casas nas ruas abaixo. Ter um terraço no telhado significava ter que limpar as cinzas de vez em quando, por isso a maioria dos edifícios

skaa tinham telhados pontudos, mas, na opinião de Kelsier, a vista em geral valia um pouco de esforço.

Abaixo dele, os trabalhadores skaa marchavam em filas desanimadas, levantando pequenas nuvens de cinzas a cada passo. Kelsier virou as costas para eles, olhando na direção do horizonte ao norte... na direção das Minas de Hathsin.

Para onde ele vai? Pensou. *O atium chega à cidade, mas então desaparece. Não é o Ministério – temos vigiado – e nenhuma mão skaa toca o metal. Presume-se que vá para o tesouro. Esperamos que vá, pelo menos.*

Quando queimava atium, um Nascido das Brumas era virtualmente imbatível. E em parte era por isso que era tão valioso. Mas seu plano se centrava em algo mais do que apenas riqueza. Sabia quanto atium era tirado das minas, e Dockson pesquisara as quantidades que o Senhor Soberano distribuía – a preços exorbitantes – para a nobreza. Apenas um décimo do que era extraído das minas acabava nas mãos dos nobres.

Noventa por cento do atium produzido no mundo era estocado, ano após ano, há mil anos. Com tanto metal, a equipe de Kelsier poderia intimidar até mesmo a mais poderosa das casas nobres. O plano de Yeden de tomar o palácio provavelmente devia parecer frívolo para muitos – e, de fato, estava condenado ao fracasso. Mas Kelsier tinha outros planos...

Olhou para a pequena barra esbranquiçada que tinha nas mãos. O décimo primeiro metal. Ele conhecia os rumores sobre ele – ele os iniciara. Agora, só tinha que se aproveitar disso.

Suspirou, olhando para o leste, na direção de Kredik Shaw, o palácio do Senhor Soberano. O nome era terrisano; significava “A Colina das Mil Torres”. Apropriado, uma vez que o palácio imperial parecia um emaranhado de enormes torres negras fincadas no chão. Algumas das torres eram retorcidas, outras eram retas. Algumas eram grossas, outras eram finas como agulhas. Variavam em altura, mas todas eram altas. E todas terminavam em ponta.

Kredik Shaw. Onde tudo terminara, há três anos. Ele precisava voltar.

O alçapão se abriu, e uma figura subiu no telhado. Kelsier se virou, sustentando uma sobrancelha erguida, enquanto Sazed sacudia sua túnica e se aproximava com sua postura respeitosa característica. Até mesmo um terrisano rebelde mantinha a forma de seu treinamento.

– Mestre Kelsier – Sazed disse, inclinando a cabeça.

Kelsier assentiu, e Sazed se colocou ao seu lado, observando o palácio imperial.

– Ah – disse para si mesmo, como se entendesse os pensamentos de Kelsier.

Kelsier sorriu. Sazed tinha se revelado uma descoberta valiosa desde o início. Guardadores eram um grupo necessariamente secreto, pois o Senhor Soberano os caçara praticamente desde o Dia da Ascenção. Algumas lendas afirmavam que a sujeição completa do povo de Terris pelo Soberano – incluindo os programas de reprodução e intendência – era uma consequência de seu ódio pelos Guardadores.

– Eu me pergunto o que ele pensaria se soubesse que um Guardador está em Luthadel – Kelsier disse. – A tão curta distância de seu palácio.

– Vamos torcer para que ele nunca descubra, Mestre Kelsier.

– Aprecio sua disposição em vir até esta cidade, Saze. Sei que é um risco.

– É um bom trabalho – Sazed respondeu. – E esse plano é perigoso para todos os envolvidos. De fato, simplesmente viver já é perigoso para mim, acho. Não é saudável pertencer a uma seita que o próprio Senhor Soberano teme.

– Teme? – Kelsier perguntou, voltando-se para olhar para Sazed. Apesar da altura acima da média de Kelsier, o terrisano era ainda um palmo mais alto. – Não sei se ele teme alguma coisa, Saze.

– Ele teme os Guardadores – Sazed disse. – Definitiva e inexplicavelmente. Talvez por causa de nossos poderes. Não somos alomânticos, mas... algo mais. Algo desconhecido para ele.

Kelsier assentiu, voltando a olhar a cidade. Tinha tantos planos, tanto trabalho a fazer – e no centro de tudo estavam os skaa. Os pobres, humildes, derrotados skaa.

– Fale-me sobre outra seita, Saze – Kelsier pediu. – Uma com poder.

– Poder? – Sazed perguntou. – É um termo relativo quando aplicado à religiões, creio. Talvez queira ouvir sobre o jaísmo. Seus seguidores eram bastante fiéis e devotos.

– Fale-me sobre eles.

– O jaísmo foi fundado por um único homem – Sazed contou. – Seu nome verdadeiro se perdeu, embora seus seguidores o chamassem simplesmente de “o Ja”. Ele foi assassinado por um rei local, por pregar a discórdia – algo em que, aparentemente, era muito bom –, mas isso só fez seus seguidores aumentarem. Os jaístas achavam que mereciam uma felicidade proporcional à sua devoção, e eram conhecidos por suas frequentes e fervorosas manifestações de fé. Aparentemente, falar com um jaísta podia ser enervante, já que tendiam a terminar quase todas as suas sentenças com “louvado seja Ja”.

– Isso é bom, Saze – Kelsier falou. – Mas poder é mais do que simplesmente

palavras.

– Ah, de fato – Sazed concordou. – Os jaístas eram fortes em sua fé. As lendas dizem que o Ministério teve que eliminá-los completamente, já que nenhum jaísta aceitou o Senhor Soberano como Deus. Não viveram muito além da Ascenção, mas só porque eram tão ruidosos que era fácil caçá-los e matá-los.

Kelsier assentiu, então sorriu, olhando para Sazed.

– Você não me perguntou se eu queria me converter.

– Minhas desculpas, Mestre Kelsier – Sazed disse. – Mas a religião não é adequada para você, creio eu. Tem um nível de impetuosidade que o senhor acharia atraente, mas a teologia lhe pareceria simplista.

– Você está começando a me entender bem demais – Kelsier disse, ainda observando a cidade. – No fim, depois que reinos e exércitos caíram, as religiões ainda estavam lutando, não estavam?

– De fato – Sazed concordou. – Algumas das religiões mais resilientes duraram até o século quinto.

– O que as tornava tão fortes? – Kelsier perguntou. – Como fizeram isso, Saze? O que dava a essas crenças tanto poder sobre o povo?

– Não era uma coisa só, creio eu – Sazed disse. – Algumas eram fortes por causa de sua fé honesta, outras por causa da esperança que prometiam. Outras eram coercivas.

– Mas todas tinham paixão – Kelsier comentou.

– Sim, Mestre Kelsier – Sazed disse, confirmando com a cabeça. – Essa é uma declaração bem verdadeira.

– É isso o que perdemos – Kelsier disse, olhando a cidade de centenas de milhares de habitantes, dos quais apenas um punhado ousava lutar. – Eles não têm fé no Senhor Soberano, simplesmente o temem. Não têm nada mais em que acreditar.

– No que *você* acredita, se me permite perguntar, Mestre Kelsier?

Kelsier ergueu uma sobrancelha.

– Ainda não sei ao certo – admitiu. – Mas derrubar o Império Final parece um bom começo. Há alguma religião em sua lista que inclua assassinar nobres como um dever sagrado?

Sazed franziu o cenho, desaprovador.

– Creio que não, Mestre Kelsier.

– Talvez eu devesse fundar uma – Kelsier disse, com um sorriso indolente. – Enfim, Brisa e Vin já retornaram?

– Chegaram um pouco antes de eu subir aqui.

– Bom – Kelsier disse, assentindo. – Diga a eles que descerei em um instante.

Vin estava sentada em sua cadeira estofada na sala de reuniões, as pernas dobradas sob o corpo, tentando observar Marsh de soslaio.

Ele se parecia tanto com Kelsier. Só era... austero. Não era zangado, nem irritável, como Trevo. Só não era feliz. Ele estava sentado em sua cadeira com uma expressão indecifrável no rosto.

Todos os outros já haviam chegado, exceto Kelsier, e estavam conversando em voz baixa. Vin pegou Lestibournes olhando para ela e acenou para ele. O adolescente se aproximou e se agachou perto da cadeira dela.

– Marsh – Vin sussurrou sob o murmúrio geral da sala. – É um apelido?

– Nada sem o chamado dos pais dele.

Vin fez uma pausa, tentando decifrar o dialeto oriental do garoto.

– Não é um apelido, então?

Lestibournes negou com a cabeça.

– Mas ele tinha um.

– Qual era?

– Olhos de ferro. Os outros pararam de usar. Parecia demais com um ferro nos olhos de verdade, né? Um Inquisidor.

Vin olhou para Marsh novamente. A expressão dele era dura, seus olhos firmes, quase como se *fossem* feitos de ferro. Mas podia ver por que as pessoas pararam de usar o apelido; a simples menção de um Inquisidor de Aço a fazia estremecer.

– Obrigada.

Lestibournes sorriu. Era um garoto sério. Estranho, intenso e nervoso – mas sério. Ele voltou para seu banco quando Kelsier finalmente chegou.

– Tudo bem, gangue – disse. – O que temos?

– Além de más notícias? – Brisa perguntou.

– Vamos ouvi-las.

– Já se passaram doze semanas, e só conseguimos reunir cerca de dois mil homens – Ham falou. – Mesmo que somemos os números que a rebelião já tem, não vamos alcançar a meta.

– Dox? – Kelsier perguntou. – Podemos fazer mais reuniões?

– Provavelmente – Dockson disse de sua cadeira, atrás de uma mesa repleta de livros de registros.

– Tem certeza de que quer correr esse risco, Kelsier? – Yeden perguntou. Sua atitude melhorara nas últimas semanas; especialmente depois que os recrutas de Kelsier haviam começado a se alistar. Como Reen sempre dissera, resultados faziam amigos rapidamente.

– Já estamos em perigo – Yeden prosseguiu. – Há rumores por todo o submundo. Se continuarmos a fazer rebuliço, o Ministério vai perceber que algo importante está acontecendo.

– Ele provavelmente está certo, Kell – Dockson concordou. – Além disso, há um número limitado de skaa dispostos a ouvir. Luthadel é grande, é verdade, mas nossos movimentos aqui são limitados.

– Muito bem – Kelsier disse. – Então vamos começar a atuar nas outras cidades da região. Brisa, pode dividir sua gangue em dois grupos efetivos?

– Suponho que sim – Brisa respondeu, hesitante.

– Podemos ter uma equipe atuando em Luthadel e outra trabalhando nas cidades das redondezas. Provavelmente consigo participar de todas as reuniões, presumindo que as organizemos de modo que não ocorram ao mesmo tempo.

– Tantas reuniões vão nos expor ainda mais – Yeden disse.

– E, por falar nisso, temos ainda outro problema – Ham comentou. – Não devíamos, supostamente, estar trabalhando para nos infiltrar nos escalões do Ministério?

– Bem? – Kelsier perguntou, voltando-se para Marsh.

Marsh negou com a cabeça.

– O Ministério é muito fechado... preciso de mais tempo.

– Não vai acontecer – Trevo grunhiu. – A rebelião já tentou isso.

Yeden assentiu.

– Tentamos colocar espiões nos Ministérios Internos uma dúzia de vezes. É impossível.

A sala ficou em silêncio.

– Tenho uma ideia – Vin disse, com a voz baixa.

Kelsier ergueu uma sobrancelha.

– Camon – ela disse. – Ele estava trabalhando em um golpe antes que você me recrutasse. Na verdade, o mesmo golpe que nos fez ser localizados pelos obrigadores. O cerne do plano foi organizado por outro ladrão, um líder de gangue chamado Theron. Ele estava preparando um comboio falso para levar os fundos do Ministério para Luthadel através do canal.

– E? – Brisa perguntou.

– Esses mesmos barcos carregariam os novos acólitos do Ministério para

Luthadel, para a parte final do treinamento deles. Theron tinha um informante ao longo da rota, um obrigador menor, aberto a subornos. Talvez consigamos persuadi-lo a acrescentar um "acólito" ao grupo, a partir da sua base.

Kelsier assentiu, pensativo.

– Vale a pena dar uma olhada nisso.

Dockson rabiscou alguma coisa em uma folha com sua caneta-tinteiro.

– Farei contato com Theron para ver se o informante dele ainda é viável.

– Como vão nossos recursos? – Kelsier perguntou.

Dockson deu de ombros.

– Ham encontrou dois ex-soldados instrutores. As armas, no entanto... bem, Renoux e eu estamos fazendo contatos e iniciando acordos, mas não podemos nos mover muito rapidamente. Felizmente, quando as armas chegarem, virão todas em massa.

Kelsier assentiu.

– Isso é tudo, certo?

Brisa limpou a garganta.

– Eu... tenho ouvido muitos rumores nas ruas, Kelsier – ele disse. – As pessoas estão falando sobre esse seu décimo primeiro metal.

– Bom – Kelsier disse.

– Não está preocupado que o Senhor Soberano ouça? Se ele estiver atento ao que você está fazendo, será muito mais difícil... opor-se a ele.

Ele não disse "matá-lo", Vin pensou. *Não acham que Kelsier conseguirá fazê-lo.*

Kelsier apenas sorriu.

– Não se preocupe com ele. Tenho tudo sob controle. Na verdade, pretendo fazer uma visita pessoal ao Senhor Soberano nos próximos dias.

– *Visita*? – Yeden perguntou desconfortavelmente. – Vai visitar o Senhor Soberano? Você está lou... – Yeden se calou, então olhou para o restante da sala. – Certo. Esqueci.

– Já está pegando o jeito – Dockson comentou.

Passos pesados soaram no corredor, e um dos guardas de Ham entrou um momento mais tarde. Foi até a cadeira de Ham e sussurrou uma breve mensagem.

Ham franziu o cenho.

– O que foi? – Kelsier perguntou.

– Um incidente – Ham respondeu.

– Incidente? – Dockson repetiu. – Que tipo de incidente?

– Sabe o covil onde nos reunimos há algumas semanas? – Ham disse. – Aquele em que Kell nos contou pela primeira vez seu plano?

O covil de Camon, Vin pensou, ficando apreensiva.

– Bem – Ham prosseguiu. – Aparentemente, o Ministério o encontrou.

Parece que Rashek representa uma facção crescente na cultura de Terris. Um grande número de jovens pensa que seus raros poderes deveriam ser usados para mais do que o trabalho rural, a pecuária e a escavação. Eles são desordeiros, e até mesmo violentos – muito diferentes dos tranquilos e perspicazes filósofos e homens santos de Terris que conheci.

Terão que ser vigiados de perto, esses terrisanos. Podem ser muito perigosos se oportunidade e motivação lhes forem dadas.

11

Kelsier se deteve na porta, bloqueando a vista de Vin. Ela parou atrás dele, tentando ficar na ponta dos pés para ver o covil, mas havia gente demais no caminho. Só conseguiu ver que a porta estava pendurada, estilhaçada e com a dobradiça superior arrebentada.

Kelsier ficou parado por um longo momento. Finalmente, voltou-se, olhando para Dockson e para ela.

– Ham está certo, Vin. Você talvez não queira ver isso.

Vin ficou onde estava, olhando para ele, resoluta. Depois de um tempo, Kelsier suspirou, saindo da frente da porta. Dockson fez o mesmo, e Vin finalmente conseguiu ver o que eles estavam tampando.

O chão estava repleto de cadáveres, os membros retorcidos sombreados e assombrados pela luz da solitária lanterna de Dockson. Ainda não estavam apodrecendo – o ataque acontecera naquela manhã – mas havia cheiro de morte na sala. Cheiro de sangue secando lentamente, cheiro de miséria, cheiro de terror.

Vin permaneceu na porta. Ela já tinha visto morte antes – vira-a com frequência nas ruas. Facadas em becos. Espancamentos em covis. Crianças mortas de fome. Certa vez, vira o pescoço de uma velha ser quebrado por um lorde aborrecido. O corpo jazeu na rua por três dias antes que a equipe funerária skaa finalmente o retirasse.

Mas nenhum desses incidentes tinha o mesmo ar de massacre intencional que

ela viu no covil de Camon. Esses homens não tinham sido simplesmente mortos, tinham sido destroçados. Os membros estavam separados dos torsos. Cadeiras e mesas quebradas atravessavam peitos. Havia poucas partes do chão que não estivessem cobertas por sangue escuro e pegajoso.

Kelsier olhou para ela, obviamente esperando algum tipo de reação. Ela ficou parada, vendo a morte, sentindo-se... paralisada. Qual deveria ser a reação dela? Aqueles homens a haviam maltratado, roubado, espancado. Mas também eram homens que a haviam abrigado, aceitado, alimentado quando outros simplesmente a teriam dado para os cafetões.

Reen provavelmente a teria repreendido pela tristeza traiçoeira que sentia ao ver aquilo. É claro, ele sempre ficava zangado quando ela, ainda criança, chorava ao deixar uma cidade, recusando-se a abandonar as pessoas que passara a conhecer, não importando o quão cruéis ou indiferentes fossem. Aparentemente, não havia superado essa fraqueza. Ela entrou no aposento, sem derramar lágrimas por esses homens, mas, ao mesmo tempo, desejando que não tivessem tido um fim desses.

Além disso, o sangue coagulado em si já era perturbador. Ela tentou se forçar a manter uma expressão impassível diante dos outros, mas se pegou apertando os dentes de vez em quando e afastando o olhar dos cadáveres mutilados. Quem quer que tivesse realizado o ataque tinha sido bem... meticuloso.

Isso parece extremo, mesmo para o Ministério, ela pensou. *Que tipo de pessoa faria algo assim?*

– Inquisidores – Dockson disse em voz baixa, ajoelhando-se ao lado de um cadáver.

Kelsier assentiu. Atrás de Vin, Sazed entrou na sala, com cuidado para manter sua túnica afastada do sangue. Vin se virou na direção do terrisano, deixando que as ações dele desviassem a sua atenção de um cadáver particularmente macabro. Kelsier era um Nascido das Brumas, e Dockson era alegadamente um guerreiro capaz. Ham e seus homens estavam guardando a área. Os demais, no entanto – Brisa, Yeden e Clubs –, haviam ficado para trás. A área era perigosa demais. Kelsier resistira até mesmo ao desejo de Vin de acompanhá-los.

Mas trouxera Sazed sem hesitação aparente. A decisão, apesar de sutil, fez Vin olhar o mordomo com uma curiosidade renovada. Por que era perigoso para Brumosos, mas seguro o bastante para um mordomo terrisano? Seria Sazed um guerreiro? Como aprendera a lutar? Os terrisanos, supostamente, eram educados desde o nascimento por instrutores muito cuidadosos.

O passo suave de Sazed e seu rosto calmo lhe deram poucas pistas. Mas ele não parecia chocado pela carnificina.

Interessante, Vin pensou, abrindo caminho entre os móveis destroçados, tomando cuidado para não pisar nos charcos de sangue, até chegar perto de Kelsier. Ele se agachou ao lado de dois cadáveres. Um deles, Vin notou, em um momento de comoção, fora Ulef. O rosto do garoto estava contorcido e aflito, seu peito era uma massa de ossos quebrados e carne arrancada – como se alguém tivesse arrebentado sua caixa torácica com as mãos. Vin estremeceu, afastando o olhar.

– Isso não é bom – Kelsier disse em voz baixa. – Inquisidores de Aço, em geral, não se preocupam com simples gangues de ladrões. Geralmente, os obrigadores viriam com seus soldados e levariam todos presos, então os usariam para dar um bom espetáculo em um dia de execução. Um Inquisidor só se envolveria se tivesse interesse especial na gangue.

– Você acha... – Vin começou a dizer. – Acha que pode ser o mesmo de antes?

Kelsier assentiu.

– Há cerca de vinte Inquisidores de Aço em todo o Império Final, e metade deles sempre está fora de Luthadel. É muita coincidência que você tenha chamado a atenção de um deles, escapado, e então seu antigo covil tenha sido atacado.

Vin ficou parada, em silêncio, forçando-se a olhar para o corpo de Ulef para confrontar o seu pesar. Ele a traíra, afinal, mas por um tempo ele quase havia sido seu amigo.

– Então – ela disse em voz baixa. – O Inquisidor ainda sente meu rastro?

Kelsier assentiu, levantando-se.

– Então é minha culpa – Vin disse. – Ulef e os outros...

– É culpa de Camon – Kelsier disse com firmeza. – Foi ele quem tentou enganar um obrigador. – Fez uma pausa e olhou para ela. – Você vai ficar bem?

Vin ergueu o olhar do cadáver destroçado de Ulef, tentando permanecer forte. Deu de ombros.

– Nenhum deles era meu amigo.

– Isso é um pouco insensível, Vin.

– Eu sei – ela disse, com um aceno de cabeça tranquilo.

Kelsier a observou por um instante, e então cruzou a sala para falar com Dockson.

Vin olhou mais uma vez para os ferimentos de Ulef. Pareciam obra de algum

animal enlouquecido, não de um único homem.

O Inquisidor deve ter tido ajuda, Vin disse para si mesma. *Não há como uma só pessoa, mesmo um Inquisidor, ter feito tudo isso.* Havia uma pilha de cadáveres perto da saída de emergência, mas uma contagem rápida lhe indicou que a maioria da gangue – se não toda ela – havia sido eliminada. Um único homem não poderia ter lidado com todos eles com rapidez suficiente... poderia?

Há muitas coisas que não sabemos sobre Inquisidores, Kelsier lhe dissera. *Eles não seguem regras normais.*

Vin estremeceu novamente.

Passos soaram nos degraus, e Vin ficou tensa, encolhendo-se e preparando-se para fugir.

A figura familiar de Ham apareceu na escadaria.

– O perímetro está seguro – disse, segurando uma lanterna. – Não há sinal de obrigadores ou de homens da Guarnição.

– É o estilo deles – Kelsier disse. – Querem que o massacre seja descoberto... deixam os mortos como um sinal.

A sala caiu em silêncio, exceto por um murmúrio baixo de Sazed, que estava parado do lado esquerdo do aposento. Vin foi até ele, ouvindo a rítmica cadência de sua voz. Finalmente, ele parou de falar, abaixou a cabeça e fechou os olhos.

– O que foi isso? – Vin perguntou quando ele ergueu o olhar novamente.

– Uma oração. – Sazed explicou. – Um canto fúnebre dos cazzi. Tem a intenção de despertar os espíritos dos mortos e libertá-los de sua carne, para que possam retornar para a montanha das almas. – Ele se voltou para ela. – Posso lhe ensinar essa religião, se desejar, senhora. Os cazzi eram um povo interessante... muito familiarizados com a morte.

Vin balançou a cabeça.

– Agora não. Você fez a oração deles... é essa a religião na qual acredita, então?

– Acredito em todas elas.

Vin franziu o cenho.

– Nenhuma delas contradiz as outras?

Sazed sorriu.

– Sim, fazem isso com frequência. Mas respeito as verdades por trás de todas elas; e acredito na necessidade de cada uma delas ser relembrada.

– Então, como decide a oração de qual religião usar? – Vin perguntou.

– Só pareceu... apropriado. – Sazed respondeu em voz baixa, olhando a cena de morte sombria.

– Kell – Dockson chamou do fundo da sala. – Venha dar uma olhada nisso.

Kelsier se juntou a ele, assim como Vin. Dockson estava em pé junto ao longo corredor que servia como dormitório da gangue. Vin enfiou a cabeça lá dentro, esperando encontrar uma cena similar à da sala comum. Em vez disso, havia um único cadáver amarrado em uma cadeira. Sob a luz fraca, mal pôde perceber que os olhos dele haviam sido arrancados.

Kelsier ficou parado, em silêncio, por um momento.

– É o homem que coloquei no comando.

– Milev – Vin assentiu. – O que aconteceu com ele?

– Foi morto lentamente – Kelsier falou. – Veja a quantidade de sangue no chão, o modo como seus membros estão retorcidos. Ele teve tempo para gritar e se debater.

– Tortura – Dockson concordou.

Vin sentiu um calafrio. Olhou para Kelsier.

– Devemos mudar nossa base? – Ham perguntou.

Kelsier negou lentamente com a cabeça.

– Quando Trevo veio até este covil, usou seu disfarce tanto ao entrar quanto ao sair da reunião, escondendo o fato de que manca. É trabalho dele, como esfumaçador, assegurar-se de que não seja encontrado simplesmente perguntando-se pelas ruas. Nenhum dos membros desta gangue poderia ter nos traído... ainda devemos estar a salvo.

Ninguém disse o óbvio. *Tampouco o Inquisidor deveria ter sido capaz de encontrar esse covil*.

Kelsier voltou para a sala principal, puxando Dockson de lado e falando com ele em voz baixa. Vin ia segui-los, para tentar ouvir o que diziam, mas Sazed colocou uma mão em seu ombro, para contê-la.

– Senhora Vin – ele disse, desaprovador –, se Mestre Kelsier quisesse que escutássemos o que está dizendo, ele não falaria em voz alta?

Vin lançou um olhar furioso para o terrisano. Então alcançou seu interior e queimou estanho.

O súbito fedor de sangue quase a afogou. Podia ouvir a respiração de Sazed. A sala não estava mais escura – de fato, a luz brilhante das duas lanternas fazia seus olhos lacrimejarem. E se tornou consciente do ar abafado e sem ventilação.

E pôde ouvir, claramente, a voz de Dockson.

– ... eu o chequei várias vezes, como você me pediu. Você vai encontrá-lo a três ruas a oeste da Encruzilhada Quatro Poços.

Kelsier assentiu.

– Ham – disse em voz alta, fazendo Vin se sobressaltar.

Sazed olhou para ela com olhar desaprovador.

Ele sabe algo de alomancia, Vin pensou, decifrando a expressão do homem. *Adivinhou o que eu estava fazendo.*

– Sim, Kell? – Ham disse, colocando a cabeça para fora do quarto dos fundos.

– Leve os outros de volta para a loja – Kelsier falou. – E seja cuidadoso.

– É claro – Ham prometeu.

Vin olhou para Kelsier, e então permitiu, ressentida, que a conduzissem para fora do covil, com Sazed e Dockson.

Devia ter pego a carruagem, Kelsier pensou, frustrado com seu ritmo lento. *Os outros podiam ter voltado a pé do covil de Camon*.

Queria queimar aço e começar a saltar até seu destino. Mas, infelizmente, era muito difícil permanecer imperceptível voando pela cidade em plena luz do dia.

Kelsier ajustou seu chapéu e continuou a caminhar. Um nobre a pé não era uma visão irregular, especialmente no distrito comercial, onde os skaa mais afortunados e os nobres menos afortunados se misturavam nas ruas – ainda que cada grupo fizesse o melhor possível para ignorar o outro.

Paciência. A velocidade não importa. Se sabem da existência dele, ele já está morto.

Kelsier entrou em uma praça em uma larga encruzilhada . Havia quatro poços, um em cada canto, e uma fonte imensa de cobre – a superfície verde era craquelada e enegrecida pela fuligem – dominava o centro da praça. A estátua retratava o Senhor Soberano, postado dramaticamente em capa e armadura, e uma representação amorfa das Profundezas mortas na água a seus pés.

Kelsier passou pela fonte, as águas estavam repletas de flocos da recente chuva de cinzas. Mendigos skaa suplicavam nas calçadas, suas vozes deploráveis em uma linha tênue entre o audível e o incômodo. O Senhor Soberano apenas os tolerava; somente skaa completamente desfigurados podiam mendigar. Suas vidas penosas, no entanto, não causavam inveja nem ao menos aos skaa rurais.

Kelsier jogou alguns tostões, sem se preocupar que isso lhe fizesse se

destacar, e continuou a caminhar. Três ruas adiante, encontrou uma encruzilhada muito menor. Também estava apinhada de mendigos, mas não havia nenhuma bela fonte no centro de sua intersecção, nem as esquinas continham poços para atrair o tráfico.

Os mendigos ali eram ainda mais patéticos – indivíduos lamentáveis, miseráveis demais para lutar por um lugar em uma praça maior. Crianças e velhos desnutridos o chamavam com vozes apreensivas; homens sem dois ou mais membros acocoravam-se nas esquinas, suas formas manchadas de fuligem eram quase invisíveis nas sombras.

Kelsier levou a mão instintivamente à sua bolsa de moedas. *Siga em frente*, disse para si mesmo. *Você não pode salvá-los, ao menos não com moedas. Haverá tempo para isso depois que o Império Final tiver acabado.*

Ignorando os choros lamentosos – que ficavam mais altos à medida que os mendigos percebiam que ele os olhava –, Kelsier observou um rosto de cada vez. Só tinha visto Camon brevemente, mas achava que o reconheceria. Mas nenhum dos rostos parecia com o dele, e nenhum dos mendigos tinha a barriga de Camon, que ainda deveria ser notada apesar das semanas de fome.

Ele não está aqui, Kelsier pensou, insatisfeito. A ordem de Kelsier – dada a Milev, o novo líder de gangue – de fazer de Camon um mendigo fora cumprida. Dockson fora verificar para ter certeza.

A ausência de Camon na praça podia simplesmente significar que conseguira um ponto melhor. Também podia significar que o Ministério o tinha encontrado. Kelsier ficou parado, em silêncio, por um momento, ouvindo os tristes gemidos dos mendigos. Alguns flocos de cinzas começaram a cair do céu.

Algo estava errado. Não havia nenhum mendigo perto do canto norte da encruzilhada. Kelsier queimou estanho e sentiu cheiro de sangue no ar.

Tirou os sapatos e soltou o cinturão. O fecho de sua capa foi o próximo, e a bela peça de vestuário caiu no chão de paralelepípedos. Feito isso, o metal remanescente em seu corpo estava na sua bolsa de moedas. Ele pegou algumas moedas na mão, e avançou cuidadosamente, deixando suas roupas descartadas para os mendigos.

O cheiro de morte ficou mais forte, mas ele não ouvia nada exceto a disputa dos mendigos atrás de si. Foi até a rua norte, imediatamente notando um estreito beco à sua esquerda. Inspirando, queimou peltre e entrou.

O beco estreito e escuro estava entupido de lixo e cinzas. Ninguém esperava por ele – pelo menos, ninguém com vida.

Camon, o líder de gangue transformado em mendigo, estava pendurado em uma corda amarrada no alto. Seu cadáver girava preguiçosamente com a brisa, as cinzas caindo levemente ao seu redor. Não fora enforcado de maneira tradicional – a corda fora amarrada a um gancho e este fora enfiado em sua garganta. A ponta ensanguentada do gancho saía por baixo do queixo, e ele balançava com a cabeça inclinada para trás, a corda saindo de sua boca. Suas mãos estavam amarradas, seu corpo ainda gordo indicava sinais de tortura.

Isso não é bom.

Ele ouviu passos nos paralelepípedos atrás dele, Kelsier girou, inflamando seu aço e jogando um punhado de moedas.

Soltando um gritinho, uma pequena figura se jogou no chão, suas moedas foram desviadas quando ela queimou aço.

– *Vin*? – Kelsier disse. Ele praguejou, estendendo o braço e puxando-a para o beco. Olhou para a esquina, observando os mendigos levantando as cabeças ao ouvir as moedas caindo nos paralelepípedos.

– O que está fazendo aqui? – ele exigiu saber, voltando-se para ela. Vin usava o mesmo sobretudo marrom e a camisa cinza de antes, embora tivesse tido o bom senso de usar uma capa comum com o capuz levantado.

– Queria ver o que estava fazendo – ela disse, encolhendo-se levemente diante da ira dele.

– Isso podia ser perigoso! – Kelsier exclamou. – No que você estava pensando?

Vin se encolheu um pouco mais.

Kelsier se acalmou. *Não posso culpá-la por ser curiosa*, pensou, enquanto alguns mendigos mais corajosos corriam pela rua atrás das moedas. *Ela só...*

Kelsier paralisou. Foi tão sutil que ele quase não percebera. Vin estava *abrandando* suas emoções.

Ele se voltou para ela. A garota estava obviamente tentando ficar invisível contra o canto da parede. Parecia tão tímida, mas ele pôde captar um brilho oculto de determinação em seus olhos. Essa criança havia transformado sua capacidade de parecer inofensiva em arte.

Tão sutil! Kelsier pensou. *Como foi que ela ficou tão boa tão rapidamente?*

– Não precisa usar alomancia, Vin – Kelsier disse, com suavidade. – Não vou machucá-la. Sabe disso.

Ela corou.

– Não pretendi... é só o hábito. Ainda.

– Está tudo bem – Kelsier disse, apoiando uma mão no ombro dela. – Só se

lembre: não importa o que Brisa diga, é falta de educação tocar as emoções de seus amigos. Além disso, os nobres consideram um insulto usar alomancia em ambientes formais. Esses reflexos vão metê-la em confusão se não aprender a controlá-los.

Ela assentiu, erguendo-se para observar Camon. Kelsier esperava que se virasse, enojada, mas ela ficou parada, em silêncio, sustentando um olhar de sombria satisfação no rosto.

Não, ela não é fraca, Kelsier pensou. *Não importa no que ela te faça acreditar*.

– Eles o torturaram aqui? – ela perguntou. – Ao ar livre?

Kelsier assentiu, imaginando os gritos reverberando até os desconfortáveis mendigos. O Ministério gostava de fazer de seus castigos bem visíveis.

– Por que o gancho? – Vin perguntou.

– É uma morte ritual, reservada para os pecadores mais repreensíveis: pessoas que usam mal a alomancia.

Vin franziu o cenho.

– Camon era um alomântico?

Kelsier negou com a cabeça.

– Deve ter admitido algo abominável durante a tortura. – Kelsier olhou para Vin. – Devia saber que você era, Vin. Ele a usou intencionalmente.

Ela empalideceu levemente.

– Então... o Ministério sabe que sou uma Nascida das Brumas?

– Talvez. Depende do que Camon sabia. Ele pode ter presumido que você era somente uma Brumosa.

Ela ficou em silêncio por um momento.

– O que isso representa para a minha parte no trabalho, então?

– Continuaremos como planejado – Kelsier afirmou. – Só uma dupla de obrigadores viu você no edifício do Cantão, e é necessário um homem muito excepcional para perceber que uma criada skaa e uma nobre bem-vestida são a mesma pessoa.

– E o Inquisidor? – Vin perguntou suavemente.

Kelsier não tinha resposta para isso.

– Vamos – ele disse finalmente. – Já chamamos muita atenção.

Como seria se todas as nações – das ilhas do sul até as montanhas de Terris ao norte – estivessem unidas sob um único governo? Que maravilhas seriam alcançadas, que progresso seria feito se a humanidade renunciasse para sempre às suas disputas e se unisse?

É demais, eu suponho, até mesmo para se ter esperança. Um império humano único, unificado? Nunca vai acontecer.

12

Vin resistiu à vontade de arrancar o vestido de nobre. Mesmo depois de meia semana sendo obrigada a usar um – por sugestão de Sazed –, ela achava o volumoso traje desconfortável. Apertava sua cintura e peito e caía no chão com várias camadas de tecido com babados, tornando difícil o andar. Sentia o tempo todo que ia tropeçar – e, apesar do vestido ser volumoso, sentia-se exposta, de tão apertado que era no peito, sem mencionar o decote. Embora mostrasse quase tanta pele quanto quando usava camisas normais, de botão, isso parecia diferente de algum modo.

Mesmo assim, tinha que admitir que o vestido fazia uma boa diferença. A garota que estava parada diante do espelho era uma criatura estranha e desconhecida para ela. O vestido azul-claro, com babados e rendas brancos, combinava com as presilhas de safira em seu cabelo. Sazed tinha dito que não ficaria feliz até que o cabelo dela estivesse pelo menos na altura dos ombros, mas mesmo assim insistiu para que ela comprasse as presilhas e as prendesse em seus cabelos sobre cada orelha.

– Em geral, os aristocratas não escondem seus defeitos – explicara. – Em vez disso, os destacam. Chame a atenção para seu cabelo curto, em vez de pensar que está fora de moda, e eles podem ficar impressionados com a afirmação que está sustentando.

Ela também usava um colar de safiras – modesto para os padrões nobres, mas valia mais de duzentos boxes. Era complementado por um bracelete de rubi, para acentuá-lo. Aparentemente, a moda do momento exigia que se usasse item

de cor diferente, para proporcionar contraste.

E isso tudo era dela, pago com os fundos da gangue. Se fugisse, levando as joias e os três mil boxes, poderia viver por décadas. Era mais tentador do que gostaria de admitir. As imagens dos homens de Camon, seus cadáveres retorcidos e mortos no silencioso covil, a assombravam. Era provavelmente o que a esperava se ficasse.

Por que, então, não ia embora?

Virou as costas para o espelho, vestindo um xale de seda azul-claro, uma versão feminina aristocrata de capa. Por que não partia? Talvez fosse a promessa que fizera a Kelsier. Ele lhe mostrara o dom da alomancia, e dependia dela. Talvez fosse por seu senso de dever em relação aos demais. Para sobreviver, as gangues precisavam que cada um fizesse sua parte.

O treinamento de Reen lhe dizia que aqueles homens eram tolos, mas sentia-se tentada, seduzida pela oportunidade que Kelsier e os outros lhe ofereciam. No fundo, não eram as riquezas ou a emoção do trabalho que a faziam ficar. Era a perspectiva oculta nas sombras – improvável e irracional, mas, ainda assim, atraente – de um grupo cujos membros realmente confiavam uns nos outros. Tinha que ficar. *Tinha* que saber se duraria, ou se era – como os sussurros crescentes de Reen prometiam – tudo uma mentira.

Deu meia-volta e deixou o quarto, caminhando em direção à entrada da Mansão Renoux, onde Sazed a aguardava com uma carruagem. Tinha decidido ficar, e isso queria dizer que ela tinha que fazer sua parte.

Chegara o momento de sua primeira aparição como nobre.

A carruagem sacudiu com violência, e Vin se sobressaltou. O veículo prosseguiu normalmente, no entanto, e Sazed não se moveu de seu lugar no assento do motorista.

Um som veio do teto. Ela avivou seus metais, ficando tensa, enquanto uma figura saltava da parte superior da carruagem e aterrissava no estribo bem ao lado da sua porta. Kelsier sorriu quando enfiou a cabeça pela janela.

Vin soltou um suspiro de alívio, acomodando-se em seu assento.

– Você podia simplesmente ter pedido uma carona.

– Não era necessário – Kelsier disse, abrindo a porta da carruagem e entrando. Já estava escuro do lado de fora, e ele usava sua capa de bruma. – Avisei Sazed que me deixaria cair em algum momento durante o percurso.

– E não me disse?

Kelsier deu uma piscada para ela, fechando a porta.

– Achei que você ainda me devia uma, pelo beco semana passada.

– Muito adulto da sua parte – Vin disse, sem graça.

– Sempre confiei muito em minha imaturidade. Então, está preparada para esta noite?

Vin deu de ombros, tentando esconder seu nervosismo. Olhou para baixo.

– Como... ahn, como estou?

– Esplêndida – Kelsier disse. – Exatamente como uma jovem lady. Não fique nervosa, Vin; o disfarce está perfeito.

Por algum motivo, aquilo não soou como a resposta que ela queria ouvir.

– Kelsier?

– Sim?

– Faz algum tempo que quero lhe perguntar uma coisa – ela disse, olhando pela janela, ainda que tudo o que conseguisse ver fossem brumas. – Entendo que ache que é importante... ter um espião entre a nobreza. Mas... bem, realmente temos que fazer desse jeito? Não conseguiríamos informantes nas ruas para nos dizer o que precisamos saber sobre a política das casas?

– Talvez – Kelsier respondeu. – Mas esses homens são chamados "informantes" por uma razão, Vin. Cada pergunta que você faz dá a eles uma pista sobre seus reais motivos; cada encontro revela um pouco de informação que eles podem vender para mais alguém. É melhor confiar neles o mínimo possível

Vin suspirou.

– Não estou te mandando para o perigo de modo imprudente, Vin – Kelsier disse, inclinando-se para a frente. – Precisamos de um espião na nobreza. Informantes, em geral, conseguem informações de criados, mas a maior parte dos aristocratas não é tola. As reuniões importantes acontecem onde os criados não podem ouvir.

– E você espera que eu seja capaz de entrar nessas reuniões?

– Talvez – Kelsier disse. – Talvez não. De qualquer modo, aprendi que é sempre útil ter alguém infiltrado na nobreza. Você e Sazed poderão ouvir sobre temas vitais, que os informantes das ruas não acham importantes. Na verdade, só por estar nessas festas – mesmo que não ouça nada –, você nos conseguirá informações.

– Como? – Vin perguntou, franzindo o cenho.

– Preste atenção nas pessoas que parecerem interessadas em você – Kelsier explicou. – Essas serão as casas que vamos querer vigiar. Se prestarem atenção em você, provavelmente prestarão atenção em Lorde Renoux; e só há uma

razão pela qual farão isso.

– Armas – Vin disse.

Kelsier assentiu.

– A posição de Renoux como comerciante de armas o tornará valioso para aqueles que estiverem planejando alguma ação militar. Essas são as casas nas quais precisarei focar minha atenção. Sempre há um sentimento de tensão entre a nobreza; é de se esperar que comecem a se perguntar quais casas estão se voltando umas contra as outras. Não há guerra aberta entre as Grandes Casas há mais de um século, mas a última foi devastadora. Precisamos repetir isso.

– Isso pode significar a morte de um monte de nobres – Vin comentou.

Kelsier sorriu.

– Posso viver com isso. E você?

Vin sorriu, apesar de sua tensão.

– Há, ainda, outra razão para você fazer isso – Kelsier prosseguiu. – Em algum momento, durante esse fiasco de plano que criei, pode ser que tenhamos que encarar o Senhor Soberano. Tenho a sensação de que quanto menos gente precisarmos colocar na presença dele, melhor. Ter uma skaa Nascida das Brumas escondida entre a nobreza... bem, isso pode ser uma vantagem poderosa.

Vin sentiu um arrepio.

– O Senhor Soberano... vai estar lá esta noite?

– Não. Haverá obrigadores, mas provavelmente nenhum Inquisidor... e certamente não o próprio Senhor Soberano. Uma festa como esta não merece a atenção dele.

Vin assentiu. Nunca vira o Senhor Soberano em pessoa – e nunca quis ver.

– Não se preocupe tanto – Kelsier disse. – Mesmo que você se encontre com ele, estará a salvo. Ele não pode ler mentes.

– Tem certeza?

Kelsier se deteve.

– Bem, não. Mas se ele *puder* ler mentes, não faz isso com todos que encontra. Conheço vários skaa que fingiram ser nobres na presença dele... eu mesmo fiz isso algumas vezes antes... – Calou-se, olhando para suas mãos cobertas de cicatrizes.

– Ele o capturou, finalmente – Vin disse, em voz baixa.

– E provavelmente o fará de novo – Kelsier disse, dando uma piscada. – Mas não se preocupe com ele agora... nosso objetivo esta noite é apresentar Lady Valette Renoux. Não precisa fazer nada perigoso ou incomum. Só faça uma

aparição, e vá embora quando Sazed disser. Vamos nos preocupar em ganhar confianças mais tarde.

Vin assentiu.

– Boa garota – Kelsier disse, estendendo a mão e abrindo a porta. – Estarei escondido perto da fortaleza, observando e ouvindo.

Vin assentiu, grata, e Kelsier saltou pela porta da carruagem, desaparecendo nas brumas escuras.

Vin não estava preparada para o brilho da Fortaleza Venture na escuridão. O imenso edifício estava envolto por uma aura de luz enevoada. Conforme a carruagem se aproximava, Vin pôde ver que oito tochas enormes ardiam ao redor do edifício retangular. Eram tão resplandecentes quanto fogueiras, mas mais firmes, e havia espelhos posicionados atrás delas que as faziam iluminar diretamente a fortaleza. Vin teve dificuldade para entender o propósito daquilo. O baile aconteceria lá dentro – por que iluminar o exterior do edifício?

– Coloque a cabeça para dentro, por favor, senhora Vin – Sazed disse de cima da carruagem. – Jovens senhoras não ficam boquiabertas.

Vin lhe lançou um olhar duro, que ele não pôde ver, mas fez o que ele pedira, esperando com impaciente nervosismo que a carruagem parasse na imensa fortaleza. Finalmente, o veículo parou, e um serviçal dos Venture imediatamente abriu a porta. Um segundo serviçal se aproximou e ofereceu a mão para ajudá-la a descer.

Vin aceitou a mão dele, tentando com toda a graça possível tirar a saia pregueada e volumosa de seu vestido para fora da carruagem. Enquanto descia cuidadosamente – tentando não tropeçar –, ficou genuinamente grata pela mão estendida do serviçal, e ela finalmente entendeu por que se esperava que os homens ajudassem as senhoras a sair das carruagens. Não era um costume estúpido, no fim das contas – a roupa é que era a parte estúpida.

Sazed entregou a carruagem e tomou seu lugar alguns passos atrás dela. Ele estava usando uma túnica ainda mais elegante do que seu traje normal; embora ainda mantivesse o mesmo padrão em forma de V, tinha um cinturão e mangas largas envolventes.

– Siga em frente, senhora – Sazed a instruiu, em voz baixa, logo atrás dela. – Suba no tapete, para que seu vestido não se arraste nos paralelepípedos, e siga até a porta principal.

Vin assentiu, tentando engolir seu desconforto. Seguiu em frente, passando por vários nobres e damas em seus ternos e vestidos. Ainda que não estivessem

olhando para ela, sentia-se exposta. Seus passos não eram nem de perto tão graciosos quanto os das outras damas, que pareciam belas e confortáveis em seus vestidos. As mãos dela começaram a suar dentro das luvas de seda branca e azul.

Forçou-se a continuar. Sazed a levou até a porta, apresentando o seu convite para os assistentes. Os dois homens, vestindo os trajes negros e vermelhos dos criados, inclinaram suas cabeças e acenaram para que entrassem. Uma multidão de aristocratas estava reunida no vestíbulo, esperando para entrar no salão principal.

O que estou fazendo?, ela pensou, freneticamente. Podia desafiar a bruma e a alomancia, ladrões e assaltantes, espectros das brumas e espancamentos. Mas encarar esses nobres e suas damas... ficar entre eles sob a luz, visível, incapaz de se esconder... era aterrorizante para ela.

– Siga adiante, senhora – Sazed disse, com voz tranquilizadora. – Lembre-se de suas lições.

Esconder-se! Encontrar um canto! Sombras, brumas, qualquer coisa!

Vin manteve suas mãos cruzadas rigidamente diante do corpo, seguindo em frente. Sazed andava ao lado dela. Olhando de soslaio, ela pôde ver preocupação no rosto normalmente calmo do terrisano.

E faz bem em se preocupar! Tudo o que ele lhe ensinara parecia fugaz – vaporoso como as próprias brumas. Não conseguia se lembrar de nomes, costumes, nada.

Ela ficou parada no vestíbulo, e um nobre sustentando uma aparência arrogante em um terno preto se virou para olhá-la. Vin congelou.

O homem a observou de modo desdenhoso, e se virou. Ela ouviu a palavra "Renoux" ser sussurrada, e olhou apreensiva para o lado. Várias mulheres olhavam para ela.

E, ainda assim, parecia que não estava sendo vista absolutamente. Observavam o vestido, o cabelo e as joias. Vin olhou para o outro lado, onde um grupo de homens jovens a observava. Viam o decote, o belo vestido e a maquiagem, mas não *a* viam.

Nenhum deles podia ver Vin, só podiam ver o rosto que ela estava vestindo – o rosto que queria que vissem. Viam Lady Valette. Era como se Vin não estivesse ali.

Como se... estivesse se escondendo, ocultando bem diante de seus olhos.

E, subitamente, sua tensão começou a diminuir. Ela soltou um longo suspiro para se acalmar, a ansiedade começava a desaparecer. O treinamento de Sazed

lhe voltou à mente, e ela sustentou o olhar de uma garota assombrada por seu primeiro baile de gala. Ela se dirigiu para a lateral da sala, entregando seu xale para um assistente, e Sazed relaxou ao lado dela. Vin lhe lançou um sorriso, entrando no salão principal.

Ela *podia* fazer isso. Ainda estava nervosa, mas o momento de pânico passara. Não precisava de sombras ou cantos – só precisava de uma máscara de safiras, maquiagem e tecido azul.

O salão principal dos Venture era grandioso e imponente. Com quatro ou cinco intimidantes andares, o salão era várias vezes mais comprido do que largo. Enormes vitrais retangulares enfileiravam-se ao longo do salão, e as estranhas e poderosas luzes do lado de fora brilhavam através delas, inundando o ambiente com uma cascata de cores. Imensas colunas de pedra adornavam as paredes entre as janelas. Antes que as colunas tocassem o chão, a parede cedia, criando um arco que formava uma galeria de um andar sob as janelas. Dezenas de mesas com toalhas brancas estavam dispostas nessa área, sombreadas pelas colunas e pelo arco. Ao longe, no outro extremo do salão, Vin observou um balcão baixo, no qual havia um grupo menor de mesas.

– A mesa de jantar de Lorde Straff Venture – Sazed sussurrou, gesticulando na direção do balcão afastado.

Vin assentiu.

– E aquelas luzes lá fora?

– Luzes oxídricas, senhora – Sazed explicou. – Não estou certo do processo utilizado... a cal viva pode, de algum modo, ser aquecida para que brilhe sem derreter.

Uma orquestra de cordas tocava em um palco à esquerda, fornecendo a música para os casais que dançavam no centro do salão. À direita, mesas ostentavam travessas e mais travessas de comida, servidas por apressados criados vestidos de branco.

Sazed se aproximou de um assistente e apresentou o convite de Vin. O homem assentiu, e sussurrou algo no ouvido de um criado mais jovem. O segundo criado fez uma mesura para Vin, e a guiou pela sala.

– Pedi uma mesa pequena e isolada – Sazed disse. – Acho que não é necessário se misturar durante esta visita. Apenas ser vista.

Vin assentiu, grata.

– A mesa isolada indicará que é solteira – Sazed a avisou. – Coma lentamente... assim que acabar, os homens virão tirá-la para dançar.

– Você não me ensinou a dançar! – Vin disse, em um sussurro urgente.

– Não houve tempo, senhora – Sazed comentou. – Não se preocupe; você pode recusar, respeitosa e diretamente. Eles vão presumir simplesmente que você está agitada por seu primeiro baile, e não a incomodarão mais.

Vin assentiu, e o criado a levou até uma pequena mesa próxima ao centro do corredor. Vin sentou-se na única cadeira, enquanto Sazed pedia sua refeição. Em seguida, postou-se atrás da cadeira dela.

Vin ficou sentada empertigada, esperando. A maioria das mesas estava posicionada embaixo do arco da galeria – perto da pista de dança –, o que fazia com que um corredor se estendesse entre elas e a parede. Alguns casais e grupos passaram por lá, conversando tranquilamente. Ocasionalmente, alguém gesticulava ou fazia sinal com a cabeça, apontando para Vin.

Bem, essa parte do plano de Kelsier está funcionando. Estava sendo notada. No entanto, teve que se forçar para não se encolher ou afundar na cadeira quando um alto prelado passou bem atrás dela. Felizmente, não era o mesmo que conhecera, embora usasse a mesma túnica cinza e as mesmas tatuagens escuras ao redor dos olhos.

Na verdade, havia um bom número de obrigadores na festa. Eles vagavam pelos ambientes, misturando-se aos convidados. Contudo, havia um... desinteresse neles. Uma divisão. Eles pairavam aleatoriamente, quase como acompanhantes.

A Guarnição vigia os skaa, Vin pensou. *Pelo que parece, os obrigadores desempenham uma função similar para a nobreza*. Era uma visão estranha – sempre pensara nos nobres como indivíduos livres. E, verdade seja dita, eram muito mais confiantes do que os skaa. Muitos pareciam estar se divertindo, e os obrigadores não pareciam agir realmente como polícia, ou mais especificamente como espiões. Ainda assim, eles eram. Perambulando pelos salões, juntando-se às conversas. Uma lembrança constante do Senhor Soberano e seu império.

Vin parou de prestar atenção nos obrigadores – a presença deles ainda a deixava um pouco desconfortável – e, em vez disso, concentrou-se em outra coisa: nos belos vitrais. Sentada onde estava, podia ver algumas das janelas que estavam diretamente em frente e acima.

Eram cenas religiosas, como muitas das preferidas pela aristocracia. Talvez fosse para demonstrar devoção, talvez fosse uma exigência. Vin não tinha certeza – mas certamente era algo que Valette tampouco saberia, então estava tudo bem.

Felizmente, reconheceu algumas das cenas – a maior parte por causa dos

ensinamentos de Sazed. O terrisano parecia saber tanto sobre a mitologia do Senhor Soberano quanto sobre outras religiões, embora parecesse estranho para ela que ele estudasse uma religião que considerava tão opressora.

No centro de vários vitrais estavam as Profundezas. Negras – ou, nos termos do vitral, violeta –, eram sem forma, com vingativas massas em forma de tentáculos estendendo-se por várias janelas. Vin observou a imagem, juntamente com as brilhantes representações do Senhor Soberano, e se descobriu um pouco paralisada pelas cenas na contraluz.

O que seriam?, perguntou-se. *As Profundezas? Por que representá-las tão sem forma – por que não mostrá-las como realmente eram?*

Nunca se perguntara sobre as Profundezas antes, mas as lições de Sazed a fizeram pensar no assunto. Seus instintos lhe sussurravam que eram um embuste. Que o Senhor Soberano inventara a terrível ameaça que fora capaz de destruir no passado, "ganhando", desta maneira, seu lugar como imperador. E, mesmo assim, ao contemplar aquela coisa horrível e retorcida, Vin quase podia acreditar.

E se algo assim *tivesse* existido? E, se tivesse, como o Senhor Soberano teria conseguido derrotá-la?

Ela suspirou, sacudindo a cabeça. Já estava começando a pensar como nobre. Admirando a beleza da decoração – pensando no que significava –, sem dirigir mais que um pensamento passageiro para a riqueza que a criara. Tudo era, simplesmente, maravilhoso e ornamentado.

As colunas na parede não eram meros pilares, eram obras de arte entalhadas. Grandes estandartes estavam pendurados no teto sobre as janelas, e a suave abóbada sobre o salão tinha vigas estruturais sobrepostas em cruz e arrematadas com cumeeiras. De algum modo, ela sabia que cada uma das cumeeiras era intrincadamente entalhada, apesar do fato de estarem distantes demais para serem vistas de baixo.

E os dançarinos adornavam, talvez até ofuscassem, o ambiente requintado. Os casais moviam-se graciosamente, acompanhando a música suave com movimentos aparentemente naturais. Muitos até conversavam enquanto dançavam. As damas se moviam livremente em seus vestidos – muitos dos quais, Vin observou, faziam seu próprio traje parecer simples em comparação. Sazed estava certo: cabelos compridos estavam certamente na moda, ainda que as mulheres os usassem tanto soltos quanto presos.

Rodeados pelo majestoso salão, os nobres vestidos de gala pareciam diferentes, de algum modo. Distintos. Seriam as mesmas criaturas que

espancavam os seus amigos e escravizavam os skaa? Pareciam tão... perfeitos, tão bem-educados para cometer atos tão horríveis.

Eu me pergunto se alguma vez já notaram o mundo exterior, ela pensou, cruzando os braços sobre a mesa enquanto contemplava *a dança*. *Talvez não consigam ver além de suas fortalezas e seus bailes – como não conseguem me ver além de meu vestido e minha maquiagem*.

Sazed deu um tapinha em seu ombro, e Vin suspirou, adotando uma postura mais digna de uma dama. A refeição chegou logo depois – um banquete de sabores tão estranhos que ela teria ficado assustada se não tivesse comido coisas similares nos últimos meses. As lições de Sazed podiam ter omitido a dança, mas tinham sido bem extensas no quesito etiqueta à mesa, pelo que Vin estava grata. Como Kelsier dissera, seu propósito principal esta noite era fazer uma aparição – e, por isso, era importante que o fizesse de maneira adequada.

Comeu delicadamente, como fora instruída, e permitiu que fosse lenta e meticulosa. Não gostava da ideia de ser convidada para dançar; tinha medo de entrar em pânico novamente caso alguém falasse com ela. No entanto, a refeição não podia se estender por muito tempo – especialmente com as pequenas porções servidas para as damas. Ela logo terminou, e cruzou os talheres no prato, indicando que havia acabado.

O primeiro pretendente se aproximou menos de dois minutos mais tarde.

– Lady Valette Renoux? – o jovem perguntou, inclinando a cabeça levemente. Usava um colete verde embaixo de um longo paletó escuro. – Sou Lorde Rian Strobe. Gostaria de dançar?

– Meu senhor – Vin disse, abaixando o olhar recatadamente. – É muito gentil, mas este é meu primeiro baile, e tudo aqui é tão grandioso! Temo tropeçar no salão de baile por conta do nervosismo. Talvez da próxima vez...?

– É claro, minha senhora – ele disse, com um aceno cortês, e se retirou.

– Muito bem, senhora – Sazed disse em voz baixa. – Seu sotaque foi magistral. Naturalmente terá que dançar com ele no próximo baile. Certamente terá treinado até lá, espero.

Vin corou levemente.

– Talvez ele não esteja presente.

– Talvez – Sazed disse. – Mas não é provável. A jovem nobreza gosta muito das diversões noturnas.

– Fazem isso toda noite?

– Praticamente – Sazed confirmou. – Os bailes são, afinal, a principal razão pela qual as pessoas vêm a Luthadel. Se alguém está na cidade e há um baile –

e quase sempre há –, essa pessoa costuma participar, especialmente se for jovem e solteiro. Não se espera que você participe com tanta frequência, mas provavelmente teremos que comparecer duas ou três vezes por semana.

– Duas ou três... – Vin disse. – Vou precisar de mais vestidos!

Sazed sorriu.

– Ah, já está pensando como uma nobre. Agora, senhora, se me dá licença...

– Licença? – Vin perguntou, virando-se.

– Vou à sala de jantar dos mordomos – Sazed explicou. – Um criado da minha posição é, em geral, dispensado depois que seu amo termina de comer. Sinto ter de partir e deixá-la, mas aquela sala estará repleta de criados presunçosos da alta nobreza. Haverá conversas que Mestre Kelsier desejaria que eu ouvisse.

– Vai me deixar aqui por minha conta?

– Até agora está indo muito bem, senhora – Sazed falou. – Não cometeu nenhum grande erro... ou, pelo menos, nenhum que não fosse esperado de uma dama nova na corte.

– Como o quê? – Vin perguntou, apreensiva.

– Discutiremos mais tarde. Só permaneça em sua mesa, tomando o vinho – não deixem que encham sua taça com muita frequência –, e aguarde pelo meu retorno. Se outro jovem se aproximar, recuse-o com a mesma delicadeza que fez com o primeiro.

Vin assentiu, hesitante.

– Retornarei em mais ou menos uma hora – Sazed prometeu. Ele ficou parado, no entanto, como se esperasse por alguma coisa.

– Ah, está dispensado – Vin disse.

– Obrigado, senhora – disse, fazendo uma mesura e retirando-se. Deixando-a sozinha.

Não sozinha, ela pensou. *Kelsier está lá fora em algum lugar, vigiando na noite*. O pensamento a confortou, embora desejasse não sentir o espaço vazio atrás de si de maneira tão aguda.

Mais três jovens se aproximaram para convidá-la para dançar, mas cada um deles aceitou sua educada recusa. Nenhum outro veio depois disso; provavelmente havia corrido a notícia de que não estava interessada em dançar. Ela memorizou os nomes dos quatro homens que se aproximaram dela – Kelsier iria querer saber – e passou a esperar.

Estranhamente, logo começou a se sentir entediada. A sala estava bem ventilada, mas ainda sentia calor sob as camadas de tecido. As pernas eram o

pior, já que tinham que lidar com a roupa íntima que ia até o tornozelo. As longas luvas tampouco ajudavam, embora o material sedoso tocasse a sua pele suavemente. O baile continuava, e ela o observou com interesse por um tempo. Contudo, sua atenção logo se voltou para os obrigadores.

Curiosamente, pareciam ter algum tipo de função na festa. Embora com frequência ficassem afastados dos grupos de nobres que conversavam, de vez em quando se juntavam a eles. E, com a mesma frequência, um grupo interrompia a conversa e começava a procurar um obrigador, chamando-o com um gesto respeitoso.

Vin franziu o cenho, tentando descobrir o que estava acontecendo. Depois de um tempo, um grupo em uma mesa próxima fez sinal para o obrigador que passava. A mesa estava muito distante para que pudesse ouvir sem ajuda, mas com o estanho...

Buscou em seu interior para queimar o metal, mas se deteve. *Cobre primeiro*, pensou, acendendo o metal. Tinha que se acostumar com a ideia de deixá-lo aceso quase todo o tempo, para não se expor.

Com sua alomancia escondida, queimou estanho. Imediatamente, a luz da sala tornou-se ofuscante, e ela teve que fechar os olhos. A música da banda ficou mais alta, e uma dúzia de conversas ao redor dela passou de zumbidos a vozes audíveis. Tentou se concentrar naquela em que estava interessada, a mesa era a que estava mais perto, assim que, depois de um tempo, ela conseguiu isolar as vozes adequadas.

– ... juro que compartilharei a notícia do meu noivado com ele antes de mais ninguém – uma das pessoas disse. Vin abriu um pouco os olhos; era um dos nobres sentados à mesa.

– Muito bem – disse o obrigador. – Testemunho e dou fé disso.

O nobre estendeu a mão e algumas moedas tilintaram. Vin apagou seu estanho, abrindo os olhos a tempo de ver o obrigador se afastar da mesa, guardando algo – provavelmente as moedas – no bolso de sua túnica.

Interessante, ela pensou.

Infelizmente, as pessoas dessa mesa logo se levantaram e seguiram caminhos distintos, não deixando ninguém perto o bastante para Vin espionar. Seu tédio retornou enquanto observava o obrigador cruzar a sala e se aproximar de um de seus companheiros. Começou a tamborilar na mesa, observando indolentemente os dois obrigadores até que percebeu uma coisa.

Reconhecia um deles. Não o que pegara o dinheiro antes, mas seu companheiro, um homem mais velho. Baixo e de traços firmes, ele tinha um ar

autoritário. Até mesmo o outro obrigador parecia tratá-lo com respeito.

No início, Vin pensou que a familiaridade vinha da visita dela ao Cantão das Finanças com Camon, e sentiu uma pontada de pânico. Mas então ela percebeu que não era o mesmo homem. Já o vira antes, mas não ali. Ele era...

Meu pai, percebeu, estupefata.

Reen o mostrara para ela uma vez, mas da primeira vez que vieram a Luthadel, há um ano; ele estava inspecionando os trabalhadores na forja local. Reen pegara Vin, fazendo-a se esgueirar lá para dentro, insistindo que tinha que ver seu pai pelo menos uma vez – ainda que ela não tenha entendido por quê. De qualquer modo, havia memorizado o rosto dele.

Resistiu ao desejo de se encolher na cadeira. Não havia como o homem reconhecê-la – nem mesmo sabia que ela existia. Forçou-se a desviar a atenção dele, olhando para os vitrais. Mas não conseguiu observá-los muito bem, contudo, porque as colunas e a abóbada restringiam sua visão.

Enquanto estava ali sentada, reparou em algo que não tinha visto antes – um balcão descoberto que corria por sobre a parede oposta. Era como uma duplicata do salão sob as janelas, só que seguia pela parte de cima da parede, entre os vitrais e o teto. Podia ver o movimento lá em cima, casais e pessoas sozinhas passeando e contemplando a festa abaixo.

Seus instintos a atraíram para o balcão, onde podia observar a festa sem ser vista. Também lhe daria uma visão maravilhosa dos estandartes e das janelas diretamente opostas à sua mesa, sem mencionar que poderia estudar as cumeeiras sem ficar boquiaberta.

Sazed lhe dissera para ficar onde estava, mas quanto mais tempo esperava, mais seus olhos se dirigiam para o balcão oculto. Queria se levantar e se mover, esticar as pernas e, talvez, deixá-las tomar um pouco de ar. A presença de seu pai – alheio a ela ou não – serviu apenas como mais uma motivação para ela deixar o salão principal.

Parece que mais ninguém vai me tirar para dançar, pensou. *E fiz o que Kelsier queria, fui vista pela nobreza*.

Aguardou um instante, e acenou para um criado.

O rapaz se aproximou rapidamente.

– Sim, Lady Renoux?

– Como chego lá em cima? – Vin perguntou, apontando para o balcão.

– Há escadas ao lado da orquestra, minha senhora – o garoto respondeu. – Levam até o terraço.

Vin assentiu, agradecendo. Então, determinada, levantou-se e dirigiu-se para

seu destino. Ninguém lhe deu mais do que um olhar ao passar, e ela seguiu com mais confiança enquanto cruzava o salão até a escadaria.

O corredor de pedra se enrolava para cima, curvando-se sobre si mesmo, os degraus curtos, mas íngremes. Pequenos vitrais, não maiores do que a mão dela, corriam ao longo da parede exterior – embora fossem escuros sem a contraluz. Vin subiu ansiosamente, consumindo sua inquieta energia, mas logo começou a ofegar por causa do peso do vestido e da dificuldade de segurá-lo sem tropeçar. Uma centelha de peltre queimado, no entanto, tornou sua subida sem esforço, o suficiente para que não suasse e arruinasse a maquiagem.

A subida provou ter valido o esforço. O balcão superior era escuro – estava iluminado apenas por algumas lanternas de cristal azul nas paredes – e proporcionava uma vista surpreendente dos vitrais. A área estava tranquila, e Vin sentiu-se praticamente sozinha quando se aproximou da grade de ferro entre duas colunas, olhando para baixo. O piso de pedra do andar de baixo formava um padrão que ela não tinha notado, um tipo de curva cinza de forma livre desenhada sobre um fundo branco.

Brumas?, ela se perguntou futilmente, inclinada contra a grade. A forma era, assim como o suporte da lanterna atrás dela, intrincada e detalhada – ambos tinham sido forjados em forma de cipós grossos e curvos. Dos dois lados, a parte de cima das colunas era entalhada com imagens de animais, que pareciam congelados, prestes a saltar do balcão.

– Agora, veja, aí está o problema em sair para encher a taça de vinho.

A voz súbita fez Vin se sobressaltar e se virar. Um jovem estava parado atrás dela. Seu traje não era o mais elegante que ela vira, nem seu colete tão brilhante quanto os dos demais. Tanto o casaco quanto a camisa pareciam grandes demais, e seu cabelo estava um pouco despenteado. Carregava uma taça de vinho, e o bolso externo de seu casaco se avolumava com um forma de um livro que era um pouco grande demais para ser guardado ali.

– O problema é – o jovem disse – que você retorna e descobre que seu lugar favorito foi roubado por uma moça bonita. Agora, um cavalheiro iria para outro lugar, deixando a dama em suas contemplações. Contudo, este *é* o melhor lugar do balcão. – É o único lugar próximo o bastante de uma lanterna para se ter uma boa luz de leitura.

Vin corou.

– Sinto muito, meu senhor.

– Ah, veja, agora me sinto culpado. Tudo por uma taça de vinho. Olhe, há bastante lugar para duas pessoas aqui.... é só você ir um pouco para lá.

Vin se deteve. Poderia recusar educadamente? Ele obviamente queria que ela ficasse perto dele – sabia quem ela era? Devia tentar descobrir o nome dele, para contar a Kelsier?

Deu um passo para o lado, afastando-se, e o homem ocupou o lugar ao seu lado. Ele se apoiou contra uma coluna, tirou o livro do bolso e, surpreendentemente, começou a ler. Ele estava certo: a lanterna brilhava diretamente sobre as páginas. Vin o observou por um instante, mas ele parecia completamente absorto. Nem mesmo parou para olhá-la.

Ele não vai mesmo prestar atenção em mim? Vin pensou, intrigada com o seu próprio desconforto. *Talvez eu devesse ter usado um vestido mais bonito*.

O homem tomou um gole de seu vinho, concentrado no livro.

– Você sempre lê nos bailes? – ela perguntou.

O jovem levantou o olhar.

– Sempre que consigo escapar.

– Isso não vai contra o propósito de vir a um baile? – Vin questionou. – Por que comparecer a um baile se quer evitar socializar?

– Você também está aqui em cima – ele assinalou.

Vin corou.

– Só queria uma vista breve do salão.

– Verdade? E por que recusou todos os três homens que a convidaram para dançar?

Vin se deteve. O homem sorriu e voltou ao livro.

– Foram quatro – Vin bufou. – E recusei porque não sei dançar muito bem.

O homem abaixou o livro levemente para olhá-la.

– Sabe, você é muito menos tímida do que parece.

– Tímida? – Vin perguntou. – Não sou eu quem está encarando um livro quando há uma jovem senhora parada ao seu lado, sem nem mesmo ter se apresentado adequadamente.

O homem ergueu uma sobrancelha, especulativo.

– Agora você está falando como meu pai. Muito mais atraente, mas igualmente maldisposta.

Vin o encarou. Finalmente, ele revirou os olhos.

– Muito bem, deixe-me ser um cavalheiro, então. – Fez uma reverência formal e refinada. – Sou Lorde Elend. Lady Valette Renoux, posso ter o prazer de compartilhar este balcão com você enquanto leio?

Vin cruzou os braços. *Elend? Nome de família ou nome próprio? Devo mesmo me importar? Ele só quer seu lugar de volta. Mas... como sabia que*

recusei os parceiros de dança? De algum modo, suspeitava que Kelsier gostaria de se inteirar desta conversa em particular.

Estranhamente, não tinha nenhum desejo de afastar este homem como fizera com os outros. Em vez disso, sentiu outra pontada de aborrecimento quando ele ergueu novamente seu livro.

– Ainda não me disse por que prefere ler a participar do baile – ela disse.

O homem suspirou, abaixando o livro novamente.

– Bem, veja só... Não sou exatamente o melhor dançarino tampouco.

– Ah – Vin falou.

– Mas – ele prosseguiu, erguendo um dedo –, essa é só uma parte da razão. Pode ser que ainda não tenha percebido, mas não é difícil ficar enjoado dessas festas. Uma vez que se vai a quinhentos ou seiscentos bailes como esses, eles começam a ficar um pouco repetitivos.

Vin deu de ombros.

– Provavelmente aprenderia a dançar melhor se praticasse.

Elend ergueu uma sobrancelha.

– Você não vai me deixar voltar para meu livro, não é mesmo?

– Não pretendia.

Ele suspirou, enfiando o livro novamente no bolso do casaco – que começava a mostrar sinais de desgaste.

– Bem, então. Quer dançar, em vez disso?

Vin ficou imóvel. Elend sorriu despreocupadamente.

Senhor! Ou ele é incrivelmente despreocupado ou socialmente incompetente. Era preocupante não saber determinar qual.

– Presumo que isso seja um não, certo? – Elend disse. – Bem... pensei que deveria convidar, já que estabelecemos que sou um cavalheiro. Contudo, duvido que os casais lá embaixo apreciem que pisemos em seus pés.

– Concordo. O que está lendo?

– Dilisteni – Elend disse. – *Ensaios do Monumento*. Já ouviu falar?

Vin negou com a cabeça.

– Ah, bem. Não é muito conhecido. – Inclinou-se sobre a grade, olhando para baixo. – Então, o que acha da sua primeira experiência na corte?

– É muito... esmagadora.

Elend gargalhou.

– Diga o que quiser sobre a Casa Venture... mas eles sabem como dar uma festa.

Vin assentiu.

– Você não gosta da Casa Venture? – ela perguntou. Talvez essa fosse uma das rivalidades que Kelsier estava procurando.

– Não particularmente, não – Elend respondeu. – São muito ostentosos, até mesmo para a alta nobreza. Não podem só dar uma festa, têm que dar a *melhor* festa. Não importa se seus criados ficam aos farrapos preparando-a, eles espancam as pobres criaturas como retribuição quando o salão não está perfeitamente limpo na manhã seguinte.

Vin inclinou a cabeça. *Essas não são palavras que eu esperava ouvir de um nobre*.

Elend se deteve, parecendo um pouco embaraçado.

– Mas, bem, não importa. Creio que seu terrisano a está procurando.

Vin olhou sobre o balcão. De fato, a figura alta de Sazed estava parado ao lado de sua mesa vazia, falando com um criado.

Ela deixou escapar um gritinho.

– Tenho que ir – disse, virando-se na direção da escada.

– Ah, bem – Elend falou –, voltarei a ler. – Fez um meio gesto de despedida, mas já estava com o livro aberto antes que ela descesse o primeiro degrau.

Vin chegou ao térreo, sem fôlego. Sazed a viu imediatamente.

– Sinto muito – ela disse, mortificada, ao se aproximar.

– Não se desculpe comigo, senhora – Sazed disse em voz baixa. – É tão inusitado quanto desnecessário. Andar um pouco foi uma boa ideia, creio. Eu teria sugerido isso, mas você parecia muito nervosa.

Vin assentiu.

– É hora de irmos, então?

– É um momento apropriado para nos retirarmos, se desejar – ele disse, olhando para o balcão. – Posso perguntar o que estava fazendo lá em cima, senhora?

– Queria ter uma vista melhor dos vitrais – Vin explicou. – Mas acabei conversando com alguém. Ele pareceu interessado em mim no início, mas agora acho que nunca pretendeu me dar muita atenção. Não importa... nem sequer parece importante o bastante para incomodar Kelsier com seu nome.

Sazed se deteve.

– Com quem estava falando?

– Com o homem naquele canto, no balcão – Vin falou.

– Um dos amigos de Lorde Venture?

Vin ficou imóvel.

– Algum deles se chama Elend?

Sazed empalideceu visivelmente.

– A senhora estava conversando com Lorde *Elend Venture*?

– Humm... sim?

– Ele a tirou para dançar?

Vin assentiu.

– Mas não acho que falava sério.

– Ah, céus – Sazed disse. – Tanto esforço para mantê-la no anonimato.

– Venture? – Vin perguntou, franzindo o cenho. – Como a Fortaleza Venture?

– Herdeiro do título da casa.

– Humm – Vin murmurou, reconhecendo que provavelmente deveria estar um pouco mais intimidada do que se sentia. – Ele é um pouco irritante... de um jeito agradável.

– Não devíamos discutir isso aqui – Sazed disse. – Você está muito, muito abaixo da posição dele. Venha, vamos nos retirar. Eu não devia ter me retirado para jantar...

Ele começou a andar, murmurando para si mesmo enquanto conduzia Vin até a saída. Ela olhou mais uma vez para o salão principal enquanto pegava seu xale, e queimou estanho, estreitando os olhos contra a luz, em busca do balcão.

Elend estava segurando o livro fechado em uma mão – e Vin poderia jurar que estava olhando na direção dela. Ela sorriu, e deixou que Sazed a conduzisse até a carruagem.

Sei que não devia deixar que um simples vendedor ambulante me perturbasse. No entanto, ele é de Terris, de onde as profecias se originaram. Se alguém puder identificar uma fraude, não seria ele?

Não obstante, continuo minha viagem, indo para onde os augúrios escritos proclamam que encontrarei meu destino – caminhando, sentindo os olhos de Rashek em minhas costas. Ciumentos. Zombadores. Cheios de ódio.

13

Vin estava sentada com as pernas cruzadas sob o corpo em uma das elegantes e confortáveis cadeiras de Lorde Renoux. Era bom estar livre do vestido volumoso, e usar novamente as tão familiares camisa e calça.

Mas o calmo descontentamento de Sazed lhe dava vontade de se contorcer. Ele estava parado do outro lado da sala, e Vin tinha a nítida impressão de que estava encrencada. Sazed a questionara a fundo, analisando cada detalhe de sua conversa com Lorde Elend. As perguntas de Sazed haviam sido respeitosas, é claro, mas também haviam sido enérgicas.

O terrisano parecia, na opinião de Vin, excessivamente preocupado com a conversa dela com o jovem nobre. Não haviam falado realmente sobre nada importante, e o próprio Elend decididamente não era nada espetacular para um lorde de uma Grande Casa.

Mas *havia* algo estranho nele – algo que Vin não admitira para Sazed. Ela se sentira... confortável com Elend. Recordando a experiência, percebeu que naqueles poucos instantes, não havia sido, na realidade, Lady Valette. Nem Vin, pois esse papel – de tímido membro de gangue – era quase tão falso quanto Valette.

Não, ela simplesmente fora... quem quer que fosse. Tinha sido uma experiência estranha. De vez em quando sentia o mesmo quando estava com Kelsier e os outros, mas de um modo mais limitado. Como Elend havia conseguido evocar seu eu verdadeiro tão rápida e completamente?

Talvez ele tenha usado alomancia em mim!, pensou, alarmada. Elend era um alto nobre; talvez fosse um abrandador. Talvez tivesse havido mais na conversa

do que ela pensava.

Vin recostou-se em sua cadeira, franzindo o cenho. Estava com o cobre aceso, o que significava que ele *não podia* ter usado alomancia emocional nela. De algum modo, ele simplesmente conseguira que ela abaixasse a guarda. Vin recordou a experiência, pensando no quão estranhamente confortável se sentira. No retrospecto, estava claro que não havia sido cuidadosa o bastante.

Serei mais cautelosa da próxima vez. Presumiu que se encontrariam novamente. Era de se esperar.

Um criado entrou e sussurrou algo para Sazed. Uma rápida queima de estanho permitiu a Vin ouvir a conversa – Kelsier havia finalmente retornado.

– Por favor, avise Lorde Renoux – Sazed disse. O criado vestido de branco assentiu, deixando a sala com passos rápidos. – O restante de vocês pode sair – Sazed disse calmamente, e os outros criados se retiraram. A silenciosa vigília de Sazed os forçava a permanecer esperando no tenso aposento, sem falar ou se mover.

Kelsier e Lorde Renoux chegaram juntos, conversando em voz baixa. Como sempre, Renoux usava um rico traje cortado no estilo pouco comum do oeste. O ancião mantinha seu bigode grisalho aparado e arrumado, e caminhava com ar confiante. Mesmo depois de passar a noite toda entre a nobreza, Vin se surpreendeu novamente com o porte aristocrático dele.

Kelsier ainda usava sua capa de bruma.

– Saze? – disse quando entrou. – Tem novidades?

– Temo que sim, Mestre Kelsier – Sazed disse. – Parece que a senhora Vin chamou a atenção de Lorde Elend Venture no baile esta noite.

– Elend? – Kelsier perguntou, cruzando os braços. – Não é o herdeiro?

– Ele mesmo – Renoux confirmou. – Encontrei o rapaz há uns quatro anos, quando seu pai visitou o oeste. Ele me pareceu um pouco inadequado para alguém de sua posição.

Quatro anos?, Vin pensou. *Não é possível que esteja imitando Lorde Renoux há tanto tempo. Kelsier só escapou das Minas há dois anos!* Ela observou o impostor, mas – como sempre – foi incapaz de detectar uma falha em seu porte.

– Quão atencioso foi o rapaz? – Kelsier perguntou.

– Ele a convidou para dançar – Sazed disse. – Mas a senhora Vin foi sábia o bastante para declinar o convite. Aparentemente, o encontro deles foi obra do acaso... mas temo que ela tenha chamado a atenção dele.

Kelsier deu uma risada.

– Você a ensinou bem demais, Saze. No futuro, Vin, talvez devesse tentar ser

um pouco menos encantadora.

– Por quê? – Vin perguntou, tentando esconder seu aborrecimento. – Achei que *queria* que eu fosse apreciada.

– Não por um homem tão importante quanto Elend Venture, criança – Lorde Renoux disse. – Mandamos você para a corte para que pudesse estabelecer alianças... não para causar escândalos.

Kelsier assentiu.

– Venture é jovem, elegível e herdeiro de uma casa poderosa. Um relacionamento com ele pode nos trazer sérios problemas. As mulheres da corte ficariam com ciúmes de você, e os homens mais velhos desaprovariam a diferença de posição. Você se afastaria de grandes setores da corte. Para conseguir as informações que precisamos, é importante que a aristocracia a veja como insegura, pouco importante e, sobretudo, nada ameaçadora.

– Além disso, criança – Lorde Renoux disse –, é improvável que Elend Venture tenha algum interesse real em você. Ele é conhecido por ser excêntrico: provavelmente só está tentando aumentar sua reputação, agindo conforme o inesperado.

Vin sentiu seu rosto corar. *Ele provavelmente está certo*, disse para si mesma, com severidade. Ainda assim, não pôde deixar de se sentir aborrecida com os três – especialmente com Kelsier, por sua atitude irreverente e despreocupada.

– Sim – Kelsier disse. – Provavelmente é melhor evitar Venture completamente. Tente ofendê-lo ou algo assim. Lance alguns desses seus olhares para ele.

Vin presenteou Kelsier com um olhar aborrecido.

– Esse mesmo! – Kelsier disse com uma gargalhada.

Vin trincou os dentes, e se forçou a relaxar.

– Vi meu pai no baile esta noite – disse, esperando tirar o foco de Kelsier e dos outros de Lorde Venture.

– Verdade? – Kelsier disse com interesse.

Vin assentiu.

– Eu o reconheci da vez que meu irmão o apontou para mim.

– O que é isso? – Renoux perguntou.

– O pai de Vin é um obrigador – Kelsier contou. – E, aparentemente, um bem importante, já que tem acesso a um baile como esse. Sabe como se chama?

Vin negou.

– Consegue descrevê-lo?

– Humm... careca, olhos tatuados...

Kelsier gargalhou.

– Só me mostre quem ele é em algum momento, está bem?

Vin assentiu, e Kelsier se voltou para Sazed.

– Agora, me trouxe os nomes dos nobres que convidaram Vin para dançar?

Sazed assentiu.

– Ela me deu uma lista, Mestre Kelsier. Também tenho alguns boatos interessantes do jantar dos mordomos para contar.

– Bom – Kelsier disse, olhando o relógio de pêndulo no canto da sala. – Terá que guardá-los até amanhã de manhã, no entanto. Preciso ir.

– Ir? – Vin perguntou, levantando-se. – Mas acaba de chegar!

– Essa é a coisa engraçada de se chegar em algum lugar, Vin – ele disse com uma piscadela. – Uma vez que se está lá, a única coisa que pode realmente fazer é partir novamente. Vá dormir um pouco... você parece cansada.

Kelsier se despediu do grupo e saiu da sala, assobiando suavemente para si mesmo.

Muito despreocupado, Vin pensou. *E muito cheio de segredos. Normalmente diz quais famílias planeja atacar*.

– Acho que *vou* me retirar – Vin disse, bocejando.

Sazed a olhou com desconfiança, mas a deixou ir assim que Renoux começou a falar em voz baixa com ele. Vin subiu as escadas até seu quarto, colocou a capa de bruma e abriu as portas da sacada.

As brumas se espalharam pelo quarto. Ela inflamou o ferro, e foi recompensada com a visão de uma fraca linha de metal azul que apontava ao longe.

Vamos ver para onde está indo, Mestre Kelsier.

Vin queimou aço, *empurrando-se* na direção da fria e úmida noite de outono. O estanho aumentava sua visão e fazia com que o ar úmido fizesse cócegas em sua garganta quando respirava. Ela *empurrou* com mais força para trás, então *puxou* levemente os portões abaixo. A manobra a lançou em um arco ascendente por cima dos portões de aço, contra os quais *empurrou* novamente para se lançar ainda mais longe no ar.

Ficou de olho na trilha azul, que apontava na direção de Kelsier, seguindo-o longe o bastante para permanecer incógnita. Não levava nenhum metal consigo – nem mesmo moedas – e manteve o cobre queimando para esconder o uso da alomancia. Teoricamente, só o som poderia alertar Kelsier de sua presença, e ela se movia o mais silenciosamente possível.

Surpreendentemente, Kelsier não estava indo para a cidade. Depois de passar

pelos portões das mansões, ele se virou na direção norte. Vin o seguiu, aterrissando e correndo em silêncio pelo chão áspero.

Onde está indo?, pensou, confusa. *Está rodeando Fellise? Vai para uma das mansões da periferia da cidade?*

Kelsier continuou se dirigindo para o norte por um tempo, então sua linha de metal repentinamente começou a ficar mais tênue. Vin se deteve, parando ao lado de um grupo de árvores baixas e entroncadas. A linha desaparecia em ritmo veloz: Kelsier havia acelerado de repente. Ela praguejou, começando a correr.

Adiante, a linha de Kelsier se desvanecia na noite. Vin suspirou, diminuindo o passo. Avivou seu ferro, mas mal foi o suficiente para captar um vislumbre dele desaparecendo novamente na distância. Jamais o alcançaria.

O ferro avivado, no entanto, mostrou-lhe algo mais. Ela franziu o cenho, continuando em frente até chegar a uma fonte fixa de metal – duas pequenas barras de bronze enfiadas no chão a alguns palmos de distância uma da outra. Pegou uma delas e olhou para as brumas que rodopiavam ao norte.

Ele está saltando, pensou. *Mas por quê?* Saltar *era* mais rápido do que caminhar, mas não parecia ter muito sentido fazer isso no meio do nada.

A menos...

Ela seguiu em frente, e logo encontrou mais duas barras de bronze enterradas. Vin olhou para trás. Era difícil dizer, à noite, mas parecia que as quatro barras formavam uma linha que apontava diretamente para Luthadel.

Então é assim que ele faz, ela pensou. Kelsier tinha uma capacidade misteriosa de se mover entre Luthadel e Fellise com velocidade incrível. Ela presumira que ele estava usando cavalos, mas, pelo visto, ele tinha encontrado uma maneira melhor. Ele – ou talvez alguém antes dele – tinha feito uma estrada alomântica entre as duas cidades.

Ela agarrou a primeira barra – precisaria dela para amenizar sua aterrissagem se estivesse errada –, e se dirigiu até o segundo par de barras, arremessando-se no ar.

Empurrou com força, avivando seu aço, atirando-se o mais longe no céu que conseguiu. Enquanto voava, avivou seu ferro, procurando outras fontes de metal. Elas logo apareceram – duas fontes diretamente ao norte, e mais duas, um pouco mais longe, de cada lado dela.

As que estão ao lado são para correções de curso, percebeu. Teria que continuar se movendo para o norte se quisesse permanecer na estrada de bronze. *Empurrou-se* levemente para a esquerda – movendo-se de maneira a

passar diretamente entre as duas barras adjacentes do caminho principal – e logo se lançou novamente para a frente, saltando em arco.

Conseguiu pegar o jeito rapidamente, saltando de um ponto para o outro, sem nunca se aproximar do chão. Em alguns poucos minutos, tinha encontrado o ritmo tão bem que mal teve que fazer alguma correção para os lados.

Seu progresso pela paisagem desgrenhada era incrivelmente rápido. As brumas sopravam, sua capa se agitava e sacudia atrás dela. Mesmo assim, forçou-se a acelerar. Passara tempo demais estudando as barras de bronze. Tinha que alcançar Kelsier; de outro modo, chegaria em Luthadel, mas não saberia para onde ir.

Começou a se lançar de um ponto a outro em velocidade quase temerária, procurando desesperadamente algum sinal de movimento alomântico. Depois de uns dez minutos saltando, uma linha azul finalmente apareceu diante dela – apontava para cima, em vez de na direção das barras no chão. Suspirou aliviada.

Então uma segunda linha apareceu, e uma terceira.

Vin franziu o cenho, deixando-se cair no solo com um golpe surdo. Avivou estanho, e uma sombra imensa surgiu na noite diante dela, seu topo cintilava com bolas de luz.

A muralha da cidade, pensou, impressionada. *Tão rápido? Fiz a viagem duas vezes mais rápido do que um homem a cavalo!*

No entanto, isso significava que havia perdido Kelsier. Franzindo o cenho, ela usou a barra que estava carregando consigo para se arremessar para o alto das ameias. Assim que aterrissou na pedra úmida, estendeu o braço e *puxou* a barra até sua mão. Então se aproximou do outro lado da muralha, saltando e pousando de cócoras no corrimão de pedra enquanto perscrutava a cidade.

E agora?, pensou, aborrecida. *Volto para Fellise? Paro na loja de Trevo e vejo se ele esteve por lá?*

Ficou sentada, incerta, por um momento, então se atirou da muralha e começou a percorrer os telhados. Vagou sem destino, *empurrando* fechos de portas e pedaços de metal, ou usando a barra de bronze – e *puxando-a* novamente para sua mão – quando era necessário dar longos saltos. Só quando chegou, percebeu que, inconscientemente, tinha ido para um destino específico.

A Fortaleza Venture se erguia diante dela na noite. As luzes oxídricas estavam apagadas, havia apenas algumas tochas fantasmagóricas ardendo perto dos postos da guarda.

Vin aterrissou na cobertura de um telhado, tentando decidir o que a levara de

volta àquela imensa fortaleza. O vento frio agitava os seus cabelos e a capa, e ela pensou ter sentido algumas gotas de chuva na bochecha. Permaneceu ali por um bom tempo, sentindo os pés cada vez mais frios.

Então notou um movimento à sua direita. Agachou-se imediatamente, avivando seu estanho.

Kelsier estava sentado em um telhado a menos de três casas de distância, iluminado apenas pela luz ambiente. Não parecia tê-la notado. Estava observando a fortaleza, o rosto distante demais para que ela pudesse ler sua expressão.

Vin o observou, desconfiada. Ele tinha rejeitado seu encontro com Elend, mas isso talvez o preocupasse mais do que admitia. Uma súbita pontada de medo a fez ficar tensa.

Estaria aqui para matar Elend? O assassinato de um alto nobre herdeiro certamente criaria uma tensão entre a nobreza.

Vin esperou, apreensiva. Finalmente, Kelsier se levantou e partiu, *empurrando-se* do telhado para o ar.

Vin derrubou sua barra de bronze – isso a delataria – e correu atrás dele. Seu ferro mostrou linhas azuis movendo-se ao longe, e saltou apressadamente através da rua, *empurrando-se* contra a grade de um bueiro, determinada a não perdê-lo novamente.

Ele seguia na direção do centro da cidade. Vin franziu o cenho, tentando adivinhar o destino dele. A Fortaleza Erikeller estava naquela direção, e era uma importante fornecedora de armamentos. Talvez Kelsier planejasse fazer algo para interromper o fornecimento, tornando a Casa Renoux mais vital para a nobreza local.

Vin aterrissou em um telhado e se deteve, observando Kelsier perder-se noite adentro. *Ele está se movendo rápido de novo. Eu...*

Uma mão pousou em seu ombro.

Vin gritou, saltando para trás e avivando o peltre.

Kelsier a olhava com uma sobrancelha arqueada.

– Devia estar na cama, mocinha.

Vin olhou para o lado, na direção da linha de metal.

– Mas...

– Minha bolsa de moedas – Kelsier disse, sorrindo. – Um bom ladrão consegue roubar truques com tanta facilidade quanto rouba tesouros. Passei a ficar mais cuidadoso desde que me seguiu na semana passada... no início, presumi que fosse um Nascido das Brumas Venture.

– Eles têm algum?

– Tenho certeza que sim – Kelsier disse. – A maior parte das Grandes Casas tem... mas seu amigo Elend não é um deles. Não é nem mesmo um brumoso.

– Como sabe? Ele pode estar escondendo.

Kelsier negou com a cabeça.

– Ele quase morreu alguns anos atrás, em um ataque... se houve um momento para que demonstrasse seus poderes, teria sido esse.

Vin assentiu, ainda olhando para baixo, sem encarar Kelsier.

Ele suspirou, sentando-se no telhado inclinado, com uma perna pendurada de lado.

– Sente-se.

Vin se sentou ao lado dele. Acima deles, as brumas frias continuavam a girar, e começava a garoar levemente – o que não era muito diferente da umidade noturna normal.

– Você não pode me seguir assim, Vin – Kelsier disse. – Lembra-se da nossa conversa sobre confiança?

– Se confiasse em mim, me diria aonde estava indo.

– Não necessariamente – Kelsier disse. – Talvez eu só não quisesse que você e os outros se preocupassem comigo.

– Tudo o que você faz é perigoso – Vin disse. – Por que nos preocuparíamos mais se nos contasse especificamente?

– Algumas tarefas são ainda mais perigosas do que outras – Kelsier disse, em voz baixa.

Vin se deteve, então olhou para o lado, na direção que Kelsier estava seguindo. Na direção do centro da cidade.

Na direção de Kredik Shaw, a Colina das Mil Torres. O palácio do Senhor Soberano.

– Você vai confrontar o Senhor Soberano! – Vin disse, com um tom de voz baixo. – Semana passada você disse que lhe faria uma visita.

– "Visita" é, talvez, uma palavra forte demais – Kelsier disse. – *Vou* para o palácio, mas sinceramente espero não encontrar com o Senhor Soberano em pessoa. Ainda não estou pronto para ele. De qualquer forma, *você* vai direto para a loja de Trevo.

Vin assentiu.

Kelsier franziu o cenho.

– Vai tentar me seguir de novo, não vai?

Vin pausou, mas assentiu novamente.

– Por quê?

– Porque quero ajudar – disse Vin, com voz fraca. – Até agora, minha parte nisso tudo foi essencialmente resumida a ir a uma festa. Mas sou uma Nascida das Brumas... você mesmo me treinou. Não vou ficar sentada e deixar que todo mundo faça o trabalho perigoso enquanto janto e vejo as pessoas dançarem.

– O que você está fazendo nesses bailes é importante – Kelsier observou.

Vin assentiu, olhando para baixo. Ela o deixaria ir, e então o seguiria. Parte da sua razão tinha a ver com o fato de que estava começando a sentir camaradagem por essa gangue, e isso não era como nada que já tivesse conhecido. Queria ser parte do que estava acontecendo; queria ajudar.

No entanto, outra parte dela sussurrava que Kelsier não estava lhe contando tudo. Ele talvez confiasse nela; talvez não. Mas ele certamente tinha seus segredos. O décimo primeiro metal e, por conseguinte, o Senhor Soberano estavam envolvidos nesses segredos.

Kelsier a olhou nos olhos, e deve ter percebido que ela tinha a intenção de segui-lo. Suspirou, reclinando-se para trás.

– Estou falando sério, Vin! Você não pode vir comigo.

– Por que não? – ela perguntou, abandonando os fingimentos. – Se o que está fazendo é tão perigoso, não seria mais seguro ter outro Nascido das Brumas na retaguarda?

– Você ainda não conhece todos os metais – Kelsier disse.

– Só porque você ainda não me ensinou.

– Precisa de mais treino.

– O melhor treino é a prática – Vin disse. – Meu irmão me ensinou a roubar me levando em arrombamentos.

Kelsier negou com a cabeça.

– É muito perigoso.

– Kelsier – ela disse, com um tom de voz sério –, estamos planejando *derrubar o Império Final*. Não espero viver até o final do ano de qualquer modo. Você fica dizendo para os outros que é uma vantagem ter dois nascidos das brumas na equipe. Bem, não vai ser muita vantagem, a menos que realmente me deixe *ser* uma Nascida das Brumas. Quanto tempo vai me fazer esperar? Até eu “estar pronta”? Acho que isso nunca vai acontecer.

Kelsier a encarou por um momento, e sorriu.

– Quando nos conhecemos, não consegui fazer com que me dissesse uma palavra a maior parte do tempo. Agora está me passando sermões.

Vin corou. Finalmente, Kelsier suspirou, remexendo em sua capa para pegar

algo.

– Não acredito que estou considerando isso – murmurou, dando para ela um pedaço de metal.

Vin estudou a minúscula bola de metal prateado. Era tão brilhante e lisa que quase parecia uma gota de líquido, ainda que fosse sólida ao toque.

– Atium – Kelsier disse. – O décimo e mais poderoso metal alomântico conhecido. Essa conta vale mais do que toda a bolsa de boxes que lhe dei.

– Esse pedacinho? – ela perguntou, surpresa.

Kelsier assentiu.

– O atium só vem de um lugar... das Minas de Hathsin, onde o Senhor Soberano controla a produção e a distribuição. As Grandes Casas conseguem comprar uma quantidade mensal de atium, e esse é um dos principais meios através do qual o Senhor Soberano as controla. Vá em frente, engula.

Vin olhou o pedaço de metal, incerta de que queria desperdiçar algo tão valioso.

– Não se pode vender isso – Kelsier disse. – Gangues de ladrões tentaram, mas foram localizadas e executadas. O Senhor Soberano é muito cuidadoso com seu suprimento de atium.

Vin assentiu, e engoliu o metal. Imediatamente sentiu uma nova fonte de poder aparecer dentro de si, esperando para ser queimada.

– Muito bem – Kelsier disse, ficando em pé. – Queime assim que eu começar a andar.

Vin assentiu. Assim que ele começou a andar, ela buscou a sua nova fonte de força e a queimou.

Kelsier pareceu esfumaçar levemente diante de seus olhos; então uma imagem transparente, quase espectral, surgiu nas brumas à frente dele. A imagem se parecia com Kelsier, e caminhava a apenas alguns passos à sua frente. Uma segunda imagem, ainda mais leve, se desprendeu a partir do duplicado de volta para o próprio Kelsier.

Era como... uma sombra ao contrário. O duplicado fazia tudo o que Kelsier fazia – exceto que a imagem se movia *antes*. Ele se virou e Kelsier seguiu o mesmo caminho.

A boca da imagem começou a se mover. Um segundo depois, Kelsier falou.

– O atium permite que você anteveja um pouco o futuro. Ou, pelo menos, lhe permite ver o que as pessoas vão fazer dentro de uns instantes. Além disso, ele amplia a sua mente, permitindo que lide com a nova informação e que reaja mais rápida e calmamente.

A sombra parou, e Kelsier caminhou até ela, parando também. De repente, a sombra a esbofeteou, e Vin reagiu instintivamente, erguendo a mão bem quando a mão verdadeira de Kelsier começou a se mover. Defendeu o golpe dele no meio do caminho.

– Enquanto estiver queimando atium – ele explicou – nada pode surpreender você. Pode suspender uma adaga sabendo com confiança que seus inimigos vão direto até ela. Pode se esquivar de ataques com facilidade, porque é capaz de antecipar onde o golpe vai acertar. O atium a torna quase invencível. Amplia a sua mente, tornando-a mais capaz de usar toda e qualquer informação nova.

De repente, dezenas de outras imagens dispararam do corpo de Kelsier. Cada uma saltando em direções distintas, algumas caminhando pelo telhado, outras saltando no ar. Vin soltou o braço dele, erguendo-se e dando um passo para trás, confusa.

– Estou queimando atium também – Kelsier disse. – Posso antever os seus movimentos também, e isso muda o que vou fazer... o que, por sua vez, muda o que você vai fazer. As imagens refletem cada uma das ações possíveis que podemos empreender.

– É complicado – Vin disse, observando a mistura confusa de imagens, as mais antigas desaparecendo de maneira constante, e novas aparecendo a todo momento.

Kelsier assentiu.

– A única maneira de se derrotar alguém que esteja queimando atium é queimando-o também. Dessa forma, nenhum dos dois tem vantagem.

As imagens desapareceram.

– O que você fez? – Vin perguntou, com um sobressalto.

– Nada – Kelsier disse. – Seu atium provavelmente acabou.

Vin percebeu, surpresa, que ele estava certo – o atium se fora.

– Queima tão rápido!

Kelsier assentiu, sentando-se novamente.

– Essa é, provavelmente, a fortuna que você torrou mais rápido, não é?

Vin assentiu, aturdida.

– Parece um desperdício.

Kelsier deu de ombros.

– O atium só é valioso por causa da alomancia. Se não o queimássemos, não valeria a fortuna que vale. É claro, uma vez que nós o queimamos, nós o tornamos ainda mais raro. É uma relação interessante... pergunte a Ham sobre isso algum dia. Ele adora falar sobre a economia do atium. De todo modo,

qualquer Nascido das Brumas que enfrentar, provavelmente, terá atium consigo. Mas são relutantes em usá-lo. Além disso, não o terão engolido ainda. O atium é frágil, e os sucos gástricos o arruínam em questão de horas. Então, é necessário equilibrar a linha entre a conservação e a efetividade. Se parecer que seu oponente está usando atium, então é melhor usar o seu também... mas tenha certeza de que ele não a está enganando para que sua reserva não acabe antes da dele.

Vin assentiu.

– Quer dizer que vai me levar com você esta noite?

– Provavelmente vou me arrepender – Kelsier disse, suspirando. – Mas não vejo modo de fazer você ficar para trás... só se eu amarrá-la, talvez. Mas estou avisando, Vin. Isso pode ser perigoso. *Muito* perigoso. Não pretendo encontrar o Senhor Soberano, mas pretendo me esgueirar dentro da fortaleza dele. Acho que sei onde encontrar uma pista de como derrotá-lo.

Vin sorriu, dando um passo adiante quando Kelsier acenou para que se aproximasse. Ele enfiou a mão em sua bolsa e tirou um frasco, entregando-o a ela. Era como um frasco alomântico normal, exceto que o líquido dentro tinha uma única gota de metal. Essa conta de atium era muitas vezes maior do que aquela que ele lhe dera para praticar.

– Não a use a menos que seja obrigada – Kelsier a advertiu. – Precisa de algum outro metal?

Vin assentiu.

– Queimei quase todo o meu aço para vir para cá.

Kelsier lhe deu outro frasco.

– Primeiro, vamos buscar minha bolsa de moedas.

Às vezes me pergunto se estou ficando louco.

Talvez seja devido à pressão de saber que, de algum modo, devo suportar a carga de um mundo inteiro. Talvez seja por causa das mortes que vi, dos amigos que perdi. Dos amigos que fui forçado a matar.

De todo modo, às vezes vejo sombras me seguindo. Criaturas escuras que não compreendo nem desejo compreender. Serão, talvez, alguma invenção da minha mente sobrecarregada?

14

Começou a chover logo depois que encontraram a bolsa de moedas. Não era uma chuva pesada, mas parecia diminuir levemente as brumas. Vin estremeceu, puxando o capuz e se agachando ao lado de Kelsier em um telhado. Ele não prestava muita atenção no clima, então ela fez o mesmo. Um pouco de umidade não machucaria – na verdade, provavelmente ajudaria, já que a chuva encobriria os ruídos de sua aproximação.

Kredik Shaw estava diante deles. Espigões pontudos e torres escarpadas erguiam-se como escuras garras na noite. Variavam muito em espessura – alguns eram largos o bastante para alojar escadas e grandes salas, outros eram simples varas de aço apontando para o céu. A variedade conferia ao conjunto uma simetria retorcida e desviada – quase desequilibrada.

Os espigões e as torres tinham um aspecto agourento no meio da noite úmida e brumosa – como ossos de uma carcaça manchados de cinza, há muito tempo expostos à intempérie. Olhando para eles, Vin sentiu algo... uma *depressão*, como se só ficar perto do edifício fosse o suficiente para sugar suas esperanças.

– Nosso alvo é um complexo de túneis na base de um dos espigões mais à direita – Kelsier disse, sua voz quase inaudível com o barulho tranquilo da chuva. – Nos dirigiremos a uma sala bem no meio do complexo.

– O que tem lá dentro?

– Não sei – Kelsier respondeu. – É o que vamos descobrir. Uma vez a cada três dias – e hoje não é um deles –, o Senhor Soberano visita essa câmara. Fica

nela por três horas, então sai. Tentei entrar antes. Há três anos.

– O trabalho – Vin sussurrou. – Aquele em que...

– Fui capturado – Kelsier assentiu. – Sim. Naquela época, pensávamos que o Senhor Soberano estocava riquezas na sala. Não acho que seja verdade, agora, mas ainda estou curioso. As visitas dele são muito regulares, muito... estranhas. Há algo naquela sala, Vin. Alguma coisa importante. Talvez contenha o segredo de seu poder e de sua imortalidade.

– Por que precisamos nos preocupar com isso? – Vin perguntou. – Você tem o décimo primeiro metal para derrotá-lo, certo?

Kelsier franziu o cenho levemente. Vin esperou por uma resposta, mas ela não veio.

– Falhei em entrar na última vez, Vin – ele disse. – Chegamos perto, mas com muita facilidade. Quando chegamos, havia Inquisidores do lado de fora da sala. Esperando por nós.

– Alguém contou o que vocês estavam planejando?

Kelsier assentiu.

– Planejamos esse trabalho por meses. Estávamos superconfiantes, mas tínhamos razão para isso. Mare e eu éramos os melhores... o trabalho deveria ter sido perfeito. – Kelsier fez uma pausa, então se virou para Vin. – Esta noite, não planejei nada. Só vamos entrar... silenciaremos qualquer um que tentar nos deter, invadiremos a sala.

Vin ficou quieta, sentindo a chuva fria em suas mãos molhadas e braços úmidos. Então assentiu.

Kelsier sorriu ligeiramente.

– Nenhuma objeção?

Vin negou com a cabeça.

– Fiz você me trazer com você. Não estou em posição de objetar agora.

Kelsier deu uma risada.

– Acho que tenho passado tempo demais com Brisa. Me parece que não está tudo certo até que alguém me diga que sou louco.

Vin deu de ombros. No entanto, conforme se movia pelo telhado, sentiu novamente: a sensação de depressão vinda de Kredik Shaw.

– Há alguma coisa, Kelsier – ela disse. – Este palácio parece... errado, de algum modo.

– É o Senhor Soberano – Kelsier respondeu. – Ele é um abrandador incrivelmente poderoso, aplacando as emoções de todos que se aproximam dele. Acenda seu cobre; isso a deixará imune.

Vin assentiu, queimando cobre. E a sensação imediatamente desapareceu.

– Melhor? – Kelsier perguntou.

Ela assentiu novamente.

– Tudo bem, então – ele disse, entregando-lhe um punhado de moedas. – Fique perto de mim e mantenha seu atium à mão... em caso de necessidade.

Com isso, ele se lançou do telhado. Vin o seguiu, e as tiras de seu casaco espalharam a água da chuva. Ela queimou peltre enquanto caía, pousando no chão com as pernas reforçadas alomanticamente.

Kelsier saiu correndo, e ela o seguiu. A velocidade com a qual estava correndo através dos paralelepípedos molhados seria imprudente se seus músculos não estivessem cheios de peltre, reagindo com precisão, força e equilíbrio. Ela correu em meio à noite úmida e brumosa, queimando estanho e cobre – um para ver, outro para se esconder.

Kelsier rodeou o complexo do palácio. Estranhamente, não havia muralha externa. *É claro que não. Quem ousaria atacar o Senhor Soberano?*

Um espaço plano, coberto de paralelepípedos, era tudo o que rodeava a Colina das Mil Torres. Nenhuma árvore, planta ou estrutura para distrair o olhar da perturbadora e assimétrica coleção de asas, torres e espigões de Kredik Shaw.

– Aqui vamos nós – Kelsier sussurrou, e sua voz foi levada até os ouvidos amplificados pelo estanho de Vin. Ele se virou, correndo diretamente na direção de uma parte quadrada do palácio, parecida com um abrigo. Enquanto se aproximavam, Vin viu dois guardas parados em frente a um tipo de portão ornamentado.

Kelsier se lançou sobre os homens em um piscar de olhos, abatendo o primeiro com um golpe de faca. O segundo tentou gritar, mas Kelsier saltou, acertando os dois pés no peito do homem. Atirado para o lado com o chute de força sobre-humana, o guarda se estatelou na parede e caiu no chão. Kelsier estava em pé um segundo depois, usando seu peso contra a porta para abri-la.

Uma fraca luz de lanterna iluminava um corredor de pedra do lado de dentro. Kelsier passou pela porta. Vin diminuiu seu estanho e o seguiu, correndo meio agachada, o coração disparado. Nunca, em todo seu tempo como ladra, fizera algo assim. Sua vida fora de furtos e golpes, não de incursões e assaltos. Enquanto seguia Kelsier pelo corredor – seus pés e capas deixavam um rastro úmido na pedra lisa do chão –, ela desembainhou nervosamente uma adaga de cristal, agarrando o cabo enrolado em couro com a mão suada.

Um homem apareceu no corredor diante deles, saindo do que parecia ser

algum tipo de guarita. Kelsier saltou e deu uma cotovelada no estômago do soldado, depois o esmagou contra a parede. Enquanto o guarda caía, Kelsier entrou na sala.

Vin se juntou a ele no caos. Kelsier *puxou* um candelabro de metal do canto até suas mãos, e começou a rodopiar em torno dele, abatendo um soldado após o outro. Os guardas gritavam, tropeçavam e agarravam bastões em um lado da sala. Uma mesa coberta com pratos meio comidos foi empurrada para o lado enquanto os homens tentavam abrir espaço.

Um soldado se virou na direção de Vin, e ela reagiu sem pensar. Queimou aço e atirou um punhado de moedas. Ela os *empurrou*, e os projéteis saíram em disparada, fincando na pele do guarda, fazendo-o cair.

Ela queimou ferro, *puxando* as moedas de volta para sua mão. Virou-se com o punho ensanguentado, espalhando metal pela sala e derrubando três soldados. Kelsier deu cabo do último, com seu bastão improvisado.

Acabo de matar quatro homens, Vin pensou, atônita. Antes, Reen sempre se encarregara das mortes.

Houve um farfalhar atrás dela. Vin girou e viu outro esquadrão de soldados entrando pela porta diante dela. Ao seu lado, Kelsier largou o candelabro e deu um passo. As quatro lanternas da sala saltaram de seus suportes, correndo diretamente na direção dele. Ele desviou, deixando que as lanternas se chocassem umas contra as outras.

A sala ficou escura. Vin queimou estanho e seus olhos se adaptaram à luz do corredor lá fora. Os guardas, no entanto, pararam de supetão.

Kelsier se postou entre eles em um segundo. Suas adagas reluziram na escuridão. Gritos ecoaram. E, então, tudo ficou em silêncio.

Vin ficou parada, cercada pela morte, as moedas ensanguentadas gotejando através de seus dedos paralisados. Ela segurava a adaga com força, entretanto – ainda que só para firmar seu braço trêmulo.

Kelsier pousou uma mão no ombro dela, que se sobressaltou.

– Eram homens maus, Vin – ele disse. – Todo skaa sabe, no fundo de seu coração, que o maior crime de todos é empunhar armas em defesa do Império Final.

Vin assentiu, entorpecida. Sentia-se... errada. Talvez fosse a morte, mas agora que estava dentro do prédio, jurava que podia sentir o poder do Senhor Soberano. Alguma coisa parecia *empurrar* suas emoções, deixando-a mais depressiva, apesar do cobre.

– Venha. Temos pouco tempo – Kelsier começou a correr de novo, saltando

com agilidade sobre os cadáveres. Vin o seguiu.

Eu o forcei a me trazer, ela pensou. *Queria lutar como ele. Tenho que me acostumar com isso*.

Entraram em um segundo corredor, e Kelsier saltou no ar. Deu um solavanco e saiu em disparada. Vin fez o mesmo, saltando, buscando uma âncora mais adiante e usando-a para se empurrar no ar.

Os corredores laterais passavam velozes, zunindo em seus ouvidos amplificados pelo estanho. Mais adiante, dois soldados apareceram. Kelsier golpeou o primeiro com os pés, deu meia-volta e cravou a adaga no pescoço do outro. Ambos caíram.

Nenhum metal, Vin pensou, aterrissando no chão. *Nenhum dos guardas neste palácio usa metal*. Matabrumas, eles eram chamados. Homens treinados para lutar contra alomânticos.

Kelsier deu uma guinada para um corredor lateral, e Vin teve que se apressar para acompanhá-lo. Ela avivou seu peltre, no intuito de que suas pernas se movessem mais rápido. Mais à frente, Kelsier se deteve, e Vin deu um solavanco a fim de parar atrás dele. À sua direita havia um arco que brilhava com uma luz muito mais resplandecente do que as pequenas lanternas do corredor. Vin apagou seu estanho, seguindo Kelsier pelo arco até a sala.

Seis braseiros ardiam em chamas nos cantos de uma grande câmara abobadada. Ao contrário dos corredores, esta sala era coberta com murais gravados em prata. Cada um deles, obviamente, representava o Senhor Soberano; eram como os vitrais que vira mais cedo, só que menos abstratos. Vin viu uma montanha. Uma grande caverna. Uma mancha de luz.

E algo muito escuro.

Kelsier seguiu em frente, e Vin se virou. O centro da sala era dominado por uma pequena estrutura – um edifício dentro do edifício. Ornamentada, com pedra entalhada e padrões fluidos, a construção de um só andar parecia se alçar reverentemente diante deles. Considerando tudo, a câmara vazia produzia em Vin uma estranha sensação de solenidade.

Kelsier avançou, os pés descalços roçando no suave mármore negro. Vin o seguiu, agachada e nervosa; a sala parecia vazia, mas devia haver outros guardas. Kelsier se aproximou de uma grande porta de carvalho no edifício interior, sua superfície era entalhada com letras que Vin não reconheceu. Ele estendeu o braço e abriu a porta.

Um Inquisidor de Aço estava lá dentro. A criatura sorriu, com os lábios se curvando em uma expressão misteriosa sob os dois enormes pregos que

perfuravam seus olhos.

Kelsier se deteve por um momento. Então gritou, *"Vin, corra!"*, enquanto a mão do Inquisidor avançava e o agarrava pela garganta.

Vin ficou paralisada. Ela viu dois outros Inquisidores com túnicas negras cruzando as entradas em arco. Altos, magros e carecas, eles também usavam pregos e intrincadas tatuagens do Ministério nos olhos.

O Inquisidor mais próximo ergueu Kelsier no ar pelo pescoço.

– Kelsier, o Sobrevivente de Hathsin – a criatura disse, com voz áspera. Então se virou para Vin. – E... você. Estive procurando por você. Permitirei que este aqui morra rapidamente se me disser que nobre a gerou, mestiça.

Kelsier tossiu, debatendo-se para respirar enquanto se agitava sob o aperto da criatura. O Inquisidor se virou, olhando Kelsier com seus olhos perfurados pelos pregos. Kelsier tossiu novamente, como se tentasse dizer algo, e o Inquisidor, curioso, puxou-o um pouco mais para perto.

A mão de Kelsier cravou uma adaga no pescoço da criatura. Enquanto o Inquisidor cambaleava, Kelsier deu um soco em seu antebraço, partindo o osso com um estalo. O Inquisidor o soltou, e Kelsier caiu no chão de mármore, tossindo.

Lutando para respirar, Kelsier olhou para Vin com intensidade.

– Eu disse *corra*! – exclamou, com voz rouca, jogando algo para ela.

Vin se deteve, estendendo o braço para pegar a bolsa de moedas. Contudo, a bolsa acelerou no ar. Subitamente, ela percebeu que Kelsier não estava jogando para ela, mas *nela*.

A bolsa acertou Vin no peito. *Empurrado* pela alomancia de Kelsier, o objeto arremessou-a pela sala – fazendo-a passar pelos dois Inquisidores surpresos – até que ela finalmente caiu desajeitada no chão, escorregando no mármore.

Vin levantou a cabeça, ainda atordoada. Na distância, Kelsier ficou em pé. O primeiro Inquisidor, no entanto, não parecia muito preocupado com a adaga em seu pescoço. Os outros dois estavam parados entre ela e Kelsier. Um se virou em sua direção, e Vin ficou paralisada com seu olhar horripilante e anormal.

– *CORRA!* – A palavra ecoou pela câmara abobadada. E, desta vez, finalmente, surtiu efeito.

Vin ficou em pé, cambaleando – o medo a aturdia, gritava para ela, obrigava-a a se mover. Correu até a porta em arco mais próxima, sem saber se era por onde eles tinham vindo. Agarrou a bolsa de moedas de Kelsier e queimou ferro, buscando freneticamente uma âncora no corredor.

Tenho que fugir!

Agarrou o primeiro pedaço de metal que viu e se jogou, lançando-se do chão. Disparou pelo corredor em velocidade descontrolada, o terror avivando seu ferro.

Deu uma guinada repentina, e tudo girou. Acertou o chão em um ângulo estranho – sua cabeça bateu contra a pedra áspera – e caiu de costas, atordoada, perguntando-se o que havia acontecido. A bolsa de moedas... alguém a *puxara*, usando o metal para forçá-la a voltar.

Vin se virou e viu uma forma escura correndo pelo corredor. A túnica do Inquisidor se agitava enquanto ele pousava vagarosamente a uma curta distância de Vin. A criatura avançou, com seu rosto impassível.

Vin avivou seu peltre, clareando sua mente e afastando a dor. Atirou algumas moedas, *empurrando-as* contra o Inquisidor.

Ele ergueu a mão e as moedas congelaram no ar. O *empurrão* de Vin repentinamente a atirou para trás, e ela caiu nas pedras, escorregando.

Ela ouviu as moedas caindo no chão assim que parou de deslizar. Balançou a cabeça, uma dúzia de novos hematomas ardia raivosamente por todo seu corpo. O Inquisidor passou por cima das moedas espalhadas, caminhando na direção dela em ritmo suave.

Tenho que sair daqui! Até mesmo Kelsier tivera medo de encarar o Inquisidor. Se ele não podia lutar contra um, que chances ela teria?

Nenhuma. Vin largou a bolsa de moedas, ficou em pé e saiu correndo, entrando pela primeira porta que encontrou. Não havia ninguém na sala, mas havia um altar dourado no centro. Entre o altar, os quatro candelabros nos cantos e a bagunça de outras parafernálias religiosas, o espaço estava lotado.

Vin se virou, *puxando* um candelabro para si, lembrando-se do truque que Kelsier usara antes. O Inquisidor entrou na sala e, quase se divertindo, ergueu a mão, arrancando o candelabro dela com um *puxão* alomântico.

Ele é muito forte! Vin pensou, horrorizada. Ele provavelmente estava se firmando com um *puxão* contra as braçadeiras da lanterna atrás dele. No entanto, a força de seus *empurrões* de ferro era muito mais poderosa do que a de Kelsier.

Vin saltou, *empurrando*-se levemente por sobre o altar. Na porta, o Inquisidor se aproximou de uma tigela sobre uma coluna baixa, pegando o que parecia ser um punhado de pequenos triângulos de metal. Eram afiados nos vértices, e cortaram a mão da criatura em uma dúzia de lugares. Ele ignorou os ferimentos, erguendo a mão ensanguentada na direção dela.

Vin gritou, escondendo-se atrás do altar enquanto as peças de metal se

chocavam na parede ao fundo.

– Você está presa – o Inquisidor disse, com voz áspera. – Venha comigo.

Vin olhou para os lados. Não havia outras portas na sala. Espreitou-se, encarando o Inquisidor, e uma peça de metal disparou contra o seu rosto. Ela a *empurrou*, mas o Inquisidor era forte demais. Teve que desviar e deixar o metal passar, ou o poder dele a prenderia contra a parede.

Preciso de algo para bloqueá-lo. Algo que não seja feito de metal.

Enquanto ouvia o Inquisidor entrar na sala, encontrou o que precisava – um grande livro encadernado em couro, situado ao lado do altar. Ela o agarrou e esperou. Não havia sentido em ser rica se morresse. Pegou o frasco de Kelsier e engoliu o atium, queimando-o em seguida.

A sombra do Inquisidor rodeou o altar, e o Inquisidor real a seguiu um segundo depois. A sombra de atium abriu a mão e uma chuva de minúsculas adagas disparou na direção dela.

Vin levantou o livro quando as adagas reais dispararam. Correu com o livro pelo trajeto da sombra bem quando as adagas de verdade voaram até ela. Pegou cada uma delas, com suas pontas afiadas e chanfradas cravando-se profundamente na capa de couro do livro.

O Inquisidor se deteve, e ela foi recompensada com o que parecia ser um olhar de confusão no rosto retorcido da criatura. Então uma centena de sombras disparou do corpo dele.

Pelo Senhor Soberano!, Vin pensou. Ele também tinha atium.

Sem parar para se preocupar com o que aquilo significava, Vin saltou por cima do altar, carregando o livro como proteção contra novos projéteis. O Inquisidor girou, seus olhos a seguiram enquanto ela escapava pelo corredor.

Um esquadrão de soldados esperava por ela. Mas cada um deles tinha uma sombra-futuro. Vin se desviou deles, mal vendo onde suas armas acertavam, evitando, de algum modo, o ataque de doze homens. Por um momento, quase se esqueceu da dor e do medo – ambos foram substituídos por uma incrível sensação de poder. Ela se esquivou sem esforço, os bastões se agitando sobre ela e ao seu lado, cada um deles errando por centímetros. Ela era invencível.

Abriu caminho entre as fileiras de homens, sem se incomodar em matá-los ou feri-los – só queria escapar. Quando passou pelo último, dobrou uma esquina.

E um segundo Inquisidor, com o corpo se repartindo em imagens-sombras, deu um passo adiante, acertando algo afiado em suas costelas.

Vin perdeu o fôlego por causa da dor. Ouviu um som repugnante quando a

criatura arrancou a arma de seu corpo; era uma vara de madeira com uma lâmina de obsidiana afixada na ponta. Vin levou a mão à lateral de seu corpo, cambaleando para trás, sentindo uma quantidade assustadora de sangue quente jorrar da ferida.

O Inquisidor pareceu familiar. *O primeiro, da outra sala*, pensou, em meio à dor. *Isso significa... que Kelsier está morto?*

– Quem é seu pai? – o Inquisidor perguntou.

Vin manteve a mão nas costelas, tentando estancar o sangue. Era um ferimento grande. Um ferimento horrível. Vira outros assim antes. Sempre matavam.

Mas ainda estava viva. *Peltre*, sua mente confusa pensou. *Avivar o peltre!*

Fez isso, e o metal deu força ao seu corpo, mantendo-a em pé. Os soldados se afastaram para deixar o segundo Inquisidor se aproximar dela pela lateral. Vin olhou horrorizada para os dois Inquisidores, ambos se dirigiam até ela, o sangue fluía entre seus dedos e pela lateral de seu corpo. O primeiro Inquisidor ainda levava a arma em forma de machado, o fio manchado de sangue. O sangue dela.

Vou morrer, pensou aterrorizada.

E então ela ouviu. Chuva. Era fraco, mas seus ouvidos amplificados pelo estanho captaram o som atrás dela. Deu meia-volta, lançando-se em direção à porta, e foi recompensada com a visão de um arco largo do outro lado da sala. A bruma se espalhava pelo chão da sala, e a chuva acertava as pedras do lado de fora.

Deve ter sido por onde os guardas vieram, ela pensou. Ela manteve o peltre aceso, surpresa em ver o quão bem seu corpo ainda funcionava, e cambaleou até a chuva, instintivamente apertando o livro de couro contra o peito.

– Está pensando em escapar? – o primeiro Inquisidor perguntou atrás dela, com divertimento.

Aturdida, Vin se voltou para o céu e *puxou* uma das muitas torres do palácio. Ouviu o Inquisidor praguejar enquanto se perdia no ar, atirando-se na noite escura.

As mil torres se ergueram ao redor dela. Ela *puxou* uma delas, e depois se voltou para outra. A chuva estava forte agora, e tornava a noite negra. Não havia bruma para refletir a luz ambiente, e as estrelas estavam ocultas pelas nuvens. Vin não podia ver para onde estava indo; tinha que usar a alomancia para sentir as pontas metálicas das torres, e esperar que não houvesse nada no meio do caminho.

Chocou-se contra um espigão, agarrando-o e parando. *Tenho que atar a ferida...*, pensou, debilmente. Estava começando a ficar mais atordoada, sua cabeça estava enevoada apesar do peltre e do estanho.

Algo acertou o espigão acima dela. Vin escutou um grunhido baixo. Soltou-se no momento exato em que o Inquisidor cortava o ar ao lado dela.

Tinha uma chance. No meio do salto, *puxou*-se para o lado, na direção de uma torre diferente. Ao mesmo tempo, *empurrou* o livro em suas mãos – que tinha pedaços de metal encravados na capa. O livro foi jogado na direção em que ela estava indo anteriormente, suas linhas azuis brilharam fracas na noite. Era o único metal que tinha consigo.

Vin segurou o espigão seguinte com facilidade, tentando fazer o menor ruído possível. Perscrutou a noite, queimando estanho, a chuva se transformou em um trovão em seus ouvidos. Por cima, pareceu escutar o som de algo acertando uma torre na direção em que empurrara o livro.

O Inquisidor caíra em seu truque. Vin suspirou, pendurada no espigão, a chuva encharcando seu corpo. Assegurou-se de que seu cobre ainda estivesse queimando. *Puxou* levemente o espigão para se posicionar melhor, e arrancou um pedaço da camisa para atar o ferimento. Apesar da mente aturdida, não pôde deixar de notar o quão grande era o talho.

Ah, Senhor, pensou. Sem o peltre, teria ficado inconsciente há muito tempo. Estaria morta.

Algo soou na escuridão. Vin sentiu um calafrio, levantando o olhar. Tudo estava negro ao seu redor.

Não pode ser. Ele não pode...

Algo acertou o espigão em que ela estava. Vin gritou, saltando para longe. *Puxou* outro espigão, agarrando-se debilmente a ele, e imediatamente *empurrou* mais uma vez. O Inquisidor a seguiu, os baques soavam à medida que ele pulava de espigão em espigão atrás dela.

Ele me encontrou. Não podia me ver, nem me ouvir, nem me sentir. Mas me encontrou.

Vin acertou um espigão, segurando-o com uma mão, e ficou pendurada. Suas forças estavam quase esgotadas. *Tenho... tenho que fugir... me esconder...*

Suas mãos estavam entorpecidas, assim como sua mente. Seus dedos resvalaram no metal frio e molhado do espigão, e ela sentiu que estava despencando na escuridão.

Caiu com a chuva.

Mas percorreu uma distância curta antes de acertar algo duro – o telhado de

uma parte especialmente alta do palácio. Aturdida, ela ficou de joelhos, arrastando-se em busca de um canto.

Me esconder... me esconder... me esconder...

Arrastou-se fracamente até o vão formado por outra torre. Acocorou-se no canto escuro, em meio a uma poça de chuva misturada com cinzas, os braços enrolados em volta do corpo. Estava molhada de chuva e sangue.

Pensou, só por um momento, que talvez tivesse escapado.

Mas uma forma escura aterrissou no telhado. A chuva estava diminuindo, e o estanho revelou a Vin uma cabeça com dois pregos, um corpo envolto em uma túnica escura.

Estava fraca demais para se mexer, fraca demais para fazer algo mais do que tremer na poça de água, a roupa agarrada à sua pele. O Inquisidor se virou em sua direção.

– Que coisinha problemática você é – ele disse. Avançou um passo, mas Vin mal podia ouvir suas palavras.

Estava ficando escuro de novo... não, era a sua mente. Sua visão escurecia, seus olhos se fechavam. Seu ferimento não doía mais. Não conseguia... nem mesmo... pensar...

Ela ouviu um som, como galhos estilhaçados.

E braços a levantaram. Braços mornos, não os braços da morte. Obrigou-se a abrir os olhos.

– Kelsier? – sussurrou.

Mas não era o rosto de Kelsier que olhava para ela, marcado pela preocupação. Era um rosto diferente, mais gentil. Ela suspirou aliviada, perdendo os sentidos enquanto os braços fortes a puxavam para mais perto, fazendo-a se sentir estranhamente segura no meio da terrível tempestade da noite.

Não sei por que Kwaan me traiu. Mesmo agora, esse fato assombra meus pensamentos. Foi ele quem me descobriu; foi o primeiro filósofo de Terris a me chamar de Herói das Eras. Parece ironicamente surreal que agora – depois de sua longa batalha para convencer seus colegas – ele seja o principal homem santo de Terris a pregar contra o meu reino.

15

– Você a levou? – Dockson quis saber, irrompendo no aposento. – Levou Vin para Kredik Shaw? Ficou *completamente maluco*?

– Sim – Kelsier replicou. – Vocês estavam certos o tempo todo. Sou um louco. Um lunático. Eu talvez devesse ter morrido nas Minas e jamais ter voltado para incomodar nenhum de vocês!

Dockson se deteve, surpreso com a força das palavras de seu amigo. Kelsier deu um soco de frustração na mesa, e a madeira se estilhaçou com a força do golpe. Ainda estava queimando peltre e o metal o ajudava a resistir aos vários ferimentos. Sua capa de bruma estava em frangalhos, seu corpo tinha meia dúzia de cortes pequenos. Todo seu lado direito queimava de dor. Tinha um hematoma enorme ali, e tinha sorte de não ter quebrado nenhuma costela.

Kelsier avivou seu peltre. O fogo em seu interior lhe fez bem – deu foco à sua raiva e ao asco que sentia de si mesmo. Um dos aprendizes trabalhava rapidamente, atando uma bandagem ao redor do corte maior. Trevo estava sentado com Ham em um dos cantos da cozinha; Brisa estava fora, visitando um dos subúrbios.

– Pelo Senhor Soberano, Kelsier – Dockson disse, em voz baixa.

Até Dockson, Kelsier pensou. *Até meu amigo mais antigo invoca o nome do Senhor Soberano. O que estamos fazendo? Como podemos encarar isso?*

– Havia três Inquisidores esperando por nós, Dox – Kelsier disse.

Dockson empalideceu.

– E você a *deixou* lá?

– Ela saiu antes de mim. Tentei distrair os Inquisidores o máximo que pude, mas...

– Mas?

– Um dos três a seguiu. Não pude impedir. Os outros dois Inquisidores talvez estivessem só tentando me manter ocupado para que o companheiro deles pudesse encontrá-la.

– Três Inquisidores – Dockson repetiu, aceitando uma taça de conhaque de um dos aprendizes. Tomou a bebida de um só gole.

– Devemos ter feito muito barulho ao entrar – Kelsier falou. – Ou isso, ou já estavam lá por alguma outra razão. E *ainda* não sabemos o que há naquela sala!

A cozinha ficou em silêncio. A chuva do lado de fora voltou a aumentar, atacando o edifício com fúria recriminadora.

– Então... – Ham disse – O que aconteceu com Vin?

Kelsier olhou para Dockson, e viu o pessimismo nos olhos dele. Kelsier escapara por um triz, e tinha anos de treinamento. Se Vin ainda estava em Kredik Shaw...

Kelsier sentiu uma dor aguda no peito. *Você a deixou morrer também. Primeiro Mare, agora Vin. Quantos mais você levará para a morte antes que isso acabe?*

– Ela pode estar escondida em algum lugar da cidade – Kelsier comentou. – Com medo de vir à loja porque os Inquisidores estão atrás dela. Ou... talvez por algum motivo tenha voltado a Fellise.

Talvez esteja lá fora, em algum lugar, morrendo sozinha na chuva.

– Ham – Kelsier falou –, você e eu vamos voltar ao palácio. Dox, pegue Lestibournes e visite outras gangues de ladrões. Talvez um dos vigias deles tenha visto alguma coisa. Trevo, mande um aprendiz até a mansão de Renoux para ver se ela foi para lá.

O grupo solene começou a se mexer, mas Kelsier não precisou declarar o óbvio. Ele e Ham não seriam capazes de se aproximar de Kredik Shaw sem dar de cara com patrulhas de guardas. Mesmo que Vin estivesse escondida em algum lugar da cidade, os Inquisidores provavelmente a encontrariam primeiro. Tinham que...

Kelsier parou, e seu movimento súbito fez com que os outros se detivessem. Ouvira alguma coisa.

Passos apressados soaram quando Lestibournes desceu correndo as escadas, entrando no aposento em que estavam, completamente encharcado pela chuva.

– Alguém está chegando! Lá fora, na noite!

– Vin? – Ham perguntou, esperançoso.

Lestibournes negou com a cabeça.

– Homem grande. Túnica.

É isso, então. Eu trouxe a morte para a gangue – trouxe os Inquisidores diretamente até eles.

Ham ficou parado, segurando um bastão de madeira. Dockson desembainhou duas adagas e os seis aprendizes de Trevo se dirigiram para o fundo do aposento com os olhos arregalados de pavor.

Kelsier avivou seus metais.

A porta dos fundos da cozinha se abriu. Uma forma alta e escura, com a túnica molhada, estava parada na chuva. Carregava uma figura enrolada em tecidos nos braços.

– Sazed! – Kelsier exclamou.

– Ela está muito ferida – Sazed disse, entrando rapidamente no aposento, sua túnica elegante escorrendo água da chuva. – Mestre Hammond, preciso de um pouco de peltre. O suprimento dela está esgotado, creio.

Ham saiu apressado enquanto Sazed colocava Vin na mesa da cozinha. A pele dela estava pegajosa e pálida, seu corpo pequeno completamente ensopado.

É tão pequena, Kelsier pensou. *Pouco mais que uma criança. Como pensei em levá-la comigo?*

Ela tinha uma enorme ferida ensanguentada nas costelas. Sazed colocou algo de lado – um grande livro que carregava nos braços além de Vin – para pegar o frasco que Hammond lhe dava. Abriu-o e verteu o líquido pela garganta da garota inconsciente. O aposento permaneceu em silêncio, o som da chuva entrando pela porta ainda aberta.

O rosto de Vin ganhou um pouco de cor, e sua respiração pareceu se estabilizar. Para os sentidos alomânticos potencializados pelo bronze de Kelsier, ela começou a pulsar levemente, com um ritmo não muito diferente de um segundo batimento de coração.

– Ah, bom – Sazed falou, desfazendo a atadura improvisada de Vin. – Temia que o corpo dela ainda estivesse muito pouco familiarizado com a alomancia para queimar metais inconscientemente. Há esperança para ela, creio. Mestre Cladent, preciso de uma panela de água fervente, de algumas ataduras e da bolsa médica que está no meu quarto. Agora, rápido!

Trevo assentiu, acenando para seus aprendizes fazerem o que fora instruído. Kelsier se encolheu enquanto observava Sazed trabalhar. O ferimento era grave – pior do que qualquer um a que ele sobrevivera. O corte descia profundamente até o intestino; era o tipo de ferida que matava lentamente, mas de modo

inevitável.

Vin, no entanto, não era uma pessoa comum – o peltre podia manter um alomântico vivo muito tempo depois que o corpo tivesse cedido. Além disso, Sazed não era um curandeiro comum. Ritos religiosos não eram a única coisa que os Guardadores armazenavam em suas memórias misteriosas; suas mentes de metal continham vastas riquezas de informação sobre cultura, filosofia e ciência.

Trevo mandou seus aprendizes saírem do aposento assim que a cirurgia começou. O procedimento exigiu uma quantidade alarmante de tempo, com Ham aplicando pressão no ferimento enquanto Sazed costurava lentamente as vísceras de Vin. Finalmente, Sazed fechou o ferimento externo e aplicou um curativo limpo, então pediu a Ham que levasse a garota gentilmente para a cama.

Kelsier ficou parado, observando Ham levar o corpo fraco e flácido de Vin para fora da cozinha. Então, voltou-se para Sazed, interrogativamente. Dockson, a única outra pessoa ainda no aposento, estava sentado no canto.

Sazed meneou a cabeça gravemente.

– Não sei, Mestre Kelsier. Talvez ela sobreviva. Precisamos manter seu suprimento de peltre... isso ajudará seu corpo a produzir sangue novo. Mesmo assim, vi muitos homens fortes morrerem com ferimentos menores do que este.

Kelsier assentiu.

– Cheguei tarde demais, creio – Sazed lamentou. – Quando descobri que ela havia deixado a mansão de Renoux, vim até Luthadel o mais rápido que pude. Usei uma mente de metal inteira para fazer a viagem com urgência. Mesmo assim, fui lento demais...

– Não, meu amigo – Kelsier disse. – Você fez bem esta noite. Muito melhor do que eu.

Sazed suspirou, então estendeu a mão e passou os dedos pelo grande livro que havia posto de lado antes de começar a cirurgia. O volume estava molhado de água da chuva e sangue. Kelsier o observou, franzindo o cenho.

– O que é isso?

– Não sei – Sazed disse. – Encontrei no palácio, enquanto procurava pela criança. Está escrito em khlenni.

Khlenni, a linguagem de Khlennium – a antiga terra natal do Senhor Soberano antes da Ascensão. Kelsier se animou um pouco.

– Pode traduzir?

– Talvez – Sazed disse, repentinamente, parecendo muito cansado. – Mas...

não por enquanto, creio. Depois desta noite, precisarei descansar.

Kelsier assentiu, mandando um dos aprendizes preparar o quarto para Sazed. O terrisano fez um gesto de agradecimento, e subiu as escadas, fatigado.

– Ele salvou mais do que a vida de Vin esta noite – Dockson disse, aproximando-se silenciosamente por trás. – O que fez foi estúpido, mesmo para você.

– Eu tinha que saber, Dox – ele disse. – Tinha que voltar. E se o atium realmente estiver lá?

– Você disse que não está.

– Disse – Kelsier concordou com um aceno de cabeça –, e tenho quase certeza que não. Mas e se estiver errado?

– Isso não é desculpa – Dockson disse, zangado. – Agora Vin está morrendo e o Senhor Soberano foi alertado sobre a nossa existência. Não foi o suficiente causar a morte de Mare tentando entrar naquela sala?

Kelsier se deteve, mas estava muito esgotado para sentir alguma raiva. Suspirou, sentando-se.

– Há algo mais, Dox.

Dockson franziu o cenho.

– Tenho evitado falar sobre o Senhor Soberano para os outros – Kelsier disse. – Mas... estou preocupado. O plano é bom, mas tenho esse terrível pressentimento de que nunca teremos êxito enquanto ele viver. Podemos tomar o dinheiro dele, podemos tomar seus exércitos, podemos fazê-lo sair da cidade... mas ainda me preocupo de não sermos capazes de detê-lo.

Dockson franziu o cenho.

– Está falando sério sobre esse negócio de décimo primeiro metal, então?

Kelsier assentiu.

– Há dois anos tento descobrir um jeito de matá-lo. Já tentaram de tudo... ele ignora ferimentos normais, e a decapitação só o irrita. Um grupo de soldados queimou a estalagem em que ele estava, durante uma das primeiras guerras. O Senhor Soberano saiu de lá pouco mais que um esqueleto, e se curou em questão de segundos. As histórias sobre o décimo primeiro metal são as únicas que oferecem alguma esperança. Mas não consigo fazer funcionar! Por isso tive que voltar ao palácio. O Senhor Soberano está *escondendo* alguma coisa naquela sala... posso sentir isso. Não consigo deixar de pensar que, se soubermos o que é, seremos capazes de detê-lo.

– Mas não precisava levar Vin com você.

– Ela me seguiu – Kelsier contou. – Fiquei com medo que tentasse entrar por

conta própria se eu a deixasse para trás. A garota é cabeça-dura, Dox... esconde bem, mas é absurdamente obstinada quando quer.

Dockson suspirou, então assentiu lentamente.

– E *ainda* não sabemos o que há naquela sala.

Kelsier olhou para o livro que Sazed deixara na mesa. A água da chuva o manchara, mas o volume obviamente havia sido feito para durar. Estava bem amarrado, para impedir que a água molhasse suas folhas, e a capa era de couro bem curtido.

– Não – Kelsier finalmente disse. – Não sabemos. – *Mas temos isso, o que quer que seja.*

– Valeu a pena, Kell? – Dockson perguntou. – Essa façanha insana, realmente valeu a pena que você e a menina quase tivessem morrido?

– Não sei – Kelsier respondeu honestamente. Voltou-se para Dockson, encarando os olhos do amigo. – Pergunte mais uma vez assim que soubermos se Vin vai ou não sobreviver.

TERCEIRA PARTE

FILHOS DE UM SOL SANGRANDO

Muitos acham que minha jornada começou em Khlennium, essa grande cidade de maravilhas. Esquecem que eu não era rei quando minha busca começou. Longe disso.

Creio que os homens fariam bem em recordar que minha tarefa não foi iniciada por imperadores, sacerdotes, profetas ou generais. Não começou em Khlennium ou em Kordel, nem veio das grandes nações do leste ou do feroz império do oeste.

Começou em uma pequena cidade sem importância cujo nome não significa nada para você. Começou com um jovem, filho de um ferreiro, que não se destacava em nada – exceto, talvez, em sua habilidade de se meter em encrenca.

Começou comigo.

16

Quando Vin despertou, a dor lhe dizia que Reen a espancara mais uma vez. O que ela tinha feito? Tinha sido amigável demais com um dos outros membros da gangue? Tinha feito um comentário tolo, atraindo a ira do líder da gangue? Tinha que permanecer quieta, sempre quieta, ficando longe dos outros, nunca chamando a atenção para si. De outro modo, ele a espancaria. Ela tinha que aprender, ele dizia. Tinha que aprender...

Mas a dor parecia forte demais. Pelo que podia lembrar, fazia muito tempo que não se machucava tanto.

Tossiu levemente, abrindo os olhos. Estava deitada em uma cama confortável demais, e um adolescente esguio estava sentado em uma cadeira ao lado dela.

Lestibournes, pensou. *Esse é o nome dele. Estou na loja de Trevo.*

Lestibournes se levantou de um salto.

– Você está acordando!

Ela tentou falar, mas só tossiu de novo, e o garoto rapidamente lhe deu um copo de água. Vin bebeu, agradecida, fazendo uma careta por causa da dor na lateral do corpo. De fato, ela sentia como se seu corpo todo tivesse sido

profundamente agredido.

– Lestibournes – ela finalmente balbuciou.

– Nada assim agora – ele disse. – Kelsier me deu outro nome; mudou para Fantasma.

– Fantasma? – Vin perguntou. – Combina com você. Por quanto tempo dormi?

– Duas semanas – o garoto respondeu. – Espere aqui.

Saiu correndo, e ela o ouviu chamar alguém ao longe.

Duas semanas? Tomou outro gole de água, tentando organizar as lembranças confusas. A luz avermelhada do entardecer brilhava pela janela, iluminando o quarto. Colocou o copo de lado, checando as costelas, e encontrou uma grande atadura branca.

Foi onde o Inquisidor me atingiu, ela pensou. *Eu devia estar morta*.

A lateral de seu corpo tinha vários hematomas e estava lívida por causa do golpe que levara ao cair do telhado, e seu corpo tinha uma dúzia de outros arranhões, hematomas e cortes. No conjunto, sentia-se absolutamente terrível.

– Vin! – Dockson exclamou, entrando no quarto. – Está acordada!

– Quase – Vin disse com um gemido, recostando-se em seu travesseiro.

Dockson começou a rir e se aproximou para sentar no banco de Lestibournes.

– De quanto você se lembra?

– De quase tudo, acho – ela disse. – Abrimos caminho pelo palácio, mas havia três Inquisidores. Eles nos perseguiram, e Kelsier lutou... – Ela se deteve, olhando para Dockson. – Kelsier? Ele está...?

– Kell está bem – Dockson disse. – Escapou do incidente em melhor estado do que você. Ele conhece o palácio muito bem, graças aos planos que fizemos há três anos, e ele...

Vin franziu o cenho quando Dockson se calou.

– O quê?

– Ele disse que os Inquisidores não estavam muito focados em matá-lo. Deixaram um para persegui-lo, e mandaram dois atrás de você.

Por quê? Vin pensou. *Será que simplesmente queriam concentrar sua energia no inimigo mais fraco primeiro? Ou há outra razão?* Ela se sentou, pensativa, repassando os acontecimentos daquela noite.

– Sazed – Vin disse por fim. – Ele me salvou. O Inquisidor estava prestes a me matar, mas... Dox, *o que* ele *é*?

– Sazed? – Dockson perguntou. – Essa é uma pergunta que eu provavelmente devia deixá-lo responder.

– Ele está aqui?

Dockson negou com a cabeça.

– Teve que voltar para Fellise. Brisa e Kell estão fora, recrutando, e Ham partiu há uma semana para inspecionar nosso exército. Não voltará em pelo menos um mês.

Vin assentiu, sentindo-se sonolenta.

– Beba o resto de sua água – Dockson sugeriu. – Há algo nela para ajudar com a dor.

Vin ingeriu sua bebida, então deitou de lado e deixou o sono tomá-la novamente.

Kelsier estava lá quando ela acordou. Sentado no banco ao lado de sua cama, com as mãos unidas e os cotovelos apoiados nos joelhos, observando-a sob a luz fraca de uma lanterna. Sorriu quando ela abriu os olhos.

– Bem-vinda.

Ela imediatamente pegou o copo de água no criado-mudo.

– Como vai o trabalho?

Ele deu de ombros.

– O exército está crescendo, e Renoux começou a comprar armas e suprimentos. Sua sugestão sobre o Ministério acabou sendo boa: encontramos o contato de Theron, e estamos perto de negociar um acordo que nos permitirá colocar um dos nossos como acólito.

– Marsh? – Vin perguntou. – Ele fará isso?

Kelsier assentiu.

– Ele sempre teve uma... certa fascinação pelo Ministério. Se algum skaa pode imitar um obrigador, esse skaa é Marsh.

Vin assentiu, tomando mais um gole da água. Havia algo diferente em Kelsier. Era sutil – uma leve alteração em seu aspecto e atitude. As coisas haviam mudado durante sua enfermidade.

– Vin – Kelsier disse, hesitante. – Eu lhe devo desculpas. Quase a mataram por minha culpa.

Vin bufou baixinho.

– Não foi culpa sua. Eu o convenci a me levar.

– Não deveria ter sido capaz de me convencer – Kelsier disse. – Minha decisão original, de mandá-la de volta, era a correta. Por favor, aceite as desculpas.

Vin concordou lentamente.

– O que precisa que eu faça agora? O trabalho tem que seguir em frente, certo?

Kelsier sorriu.

– De fato. Assim que estiver pronta, eu gostaria que voltasse para Fellise. Criamos uma história falsa de que Lady Valette está doente, mas os rumores começaram a surgir. Quanto antes puder ser vista em carne e osso, melhor.

– Posso ir amanhã.

Kelsier deu uma gargalhada.

– Duvido, mas logo poderá ir. Por enquanto, apenas descanse. – Ele se levantou, pronto para partir.

– Kelsier? – Vin perguntou, fazendo-o parar. Ele se virou, olhando para ela.

Vin lutou para formular o que queria dizer.

– O palácio... os Inquisidores... Não somos invencíveis, somos? – Corou. Parecia estúpido quando dizia dessa forma.

Kelsier, no entanto, apenas sorriu. Pareceu entender o que ela queria dizer.

– Não, Vin – ele disse em voz baixa. – Estamos longe disso.

Vin observava a paisagem passando pela janela da carruagem. O veículo, vindo da Mansão Renoux, tinha supostamente levado Lady Valette para dar uma volta em Luthadel. Na verdade, não mostrara Vin até se deter brevemente na rua de Trevo. Agora, no entanto, as cortinas da janela estavam abertas, mostrando-a novamente ao mundo – supondo que alguém se importasse.

A carruagem fez seu caminho de volta a Fellise. Kelsier tinha razão: teve que descansar mais três dias na loja de Trevo antes de se sentir forte o bastante para fazer a viagem. Em parte, tinha esperado simplesmente porque temia ter que se debater para entrar em um vestido de nobre com seus braços machucados e a lateral do corpo ferida.

Ainda assim, sentia-se bem por estar em pé novamente. Havia algo... estranho em simplesmente estar se recuperando na cama. Um tempo tão longo de descanso não seria dado a um ladrão normal; ou voltavam a trabalhar rapidamente ou eram abandonados à morte. Se não podiam trazer dinheiro para comida não podiam ocupar espaço no covil.

Mas esse não é o único jeito de que as pessoas vivem, Vin pensou. Ainda se sentia desconfortável com esse conhecimento. Não importava para Kelsier ou para os outros se ela esgotasse os recursos deles – não haviam explorado seu estado enfraquecido, haviam cuidado dela, cada um deles passando algum tempo ao lado de sua cama. O mais notável entre os vigilantes tinha sido o

jovem Lestibournes. Vin nem mesmo achava que o conhecia muito bem e, mesmo assim, Kelsier lhe disse que o garoto passara horas cuidando dela durante o coma.

O que pensar de um mundo onde um líder de gangue se preocupa com os seus? No submundo, cada um era responsável pelo que acontecia a si mesmo – os elementos mais fracos de uma gangue tinham que ser abandonados à morte, para não impedir que os outros ganhassem o bastante para sobreviver. Se alguém fosse capturado pelo Ministério, era entregue ao seu destino e esperava-se que não traísse muito os demais. Não se preocupava com a própria culpa em colocar alguém em perigo.

São tolos, a voz de Reen sussurrou. *Todo esse plano vai terminar em desastre – e sua morte será sua culpa, por não tê-los abandonado quando eu lhe disse para fazê-lo.*

Reen fugiu quando teve chance. Talvez soubesse que os Inquisidores a perseguiriam em algum momento por causa dos poderes que ela possuía sem saber. Ele sempre sabia quando partir – não foi por acidente, ela pensou, que ele não foi massacrado com o resto da gangue de Camon.

E, mesmo assim, ela ignorou os alertas de Reen em sua mente, e deixou que a carruagem a levasse até Fellise. Não que se sentisse completamente segura em seu posto na gangue de Kelsier – de certo modo, seu lugar entre eles a estava deixando cada vez mais apreensiva. E se precisassem mais dela? E se ela se tornasse inútil para eles?

Tinha que provar que podia fazer o que precisavam que ela fizesse. Tinha eventos para comparecer, uma sociedade na qual se infiltrar. Tinha muito trabalho a fazer; não podia se dar ao luxo de passar mais tempo dormindo.

Além disso, precisava voltar às suas sessões de treino alomântico. Apenas alguns meses foram necessários para que ficasse dependente de seus poderes, e ansiava a liberdade de saltar através da bruma, de *puxar* e *empurrar*, abrindo caminho através do céu. Kredik Shaw lhe mostrara que não era invencível – mas o fato de Kelsier ter sobrevivido com pouco mais que uns arranhões provava que era possível se sair muito melhor do que ela. Vin precisava praticar, ganhar força, até que pudesse escapar dos Inquisidores como Kelsier fizera.

A carruagem fez uma curva e se dirigiu para Fellise. A paisagem bucólica e familiar fez Vin sorrir para si mesma. Apoiou-se na janela aberta, sentindo a brisa. Com sorte, algumas pessoas passando pelas ruas comentariam que Lady Valette tinha sido vista passeando pela cidade. Chegou à Mansão Renoux

pouco depois. Um serviçal abriu a porta da carruagem, e Vin ficou surpresa ao ver o próprio Lorde Renoux esperando do lado de fora da carruagem para ajudá-la a descer.

– Meu senhor? – ela disse, dando-lhe a mão. – Certamente tem coisas mais importantes de que tratar.

– Besteira – ele disse. – Um lorde deve ter tempo para mimar sua sobrinha favorita. Como foi o passeio?

Ele nunca sai do personagem? Não perguntou sobre os outros em Luthadel, nem deu indicação de que sabia de seus ferimentos.

– Foi refrescante, tio – ela respondeu enquanto subiam os degraus até a porta da mansão. Vin estava grata pelo peltre que queimava levemente em seu estômago, dando forças a suas pernas ainda fracas. Kelsier tinha lhe alertado para não usar muito, ou ficaria dependente de seu poder, mas não via alternativa até que estivesse curada.

– Isso é maravilhoso – Renoux disse. – Talvez, assim que se sentir melhor, devêssemos almoçar juntos no balcão do jardim. Tem feito calor ultimamente, apesar da proximidade do inverno.

– Seria muito agradável – Vin disse. Antes, tinha achado o porte do nobre impostor intimidador. Mas agora, uma vez que entrara no personagem de Lady Valette, experimentava a mesma calma de antes. Vin, a ladra, não era nada para um homem como Renoux, mas Valette, a *socialite*, era outra questão.

– Muito bom – Renoux falou, parando na entrada do edifício. – Mas vamos deixar isso para outro dia... por enquanto, você certamente vai preferir descansar de seu passeio.

– Na verdade, meu senhor, eu gostaria de visitar Sazed. Tenho alguns assuntos a discutir com o mordomo.

– Ah – Renoux disse. – Você o encontrará na biblioteca, trabalhando em um de meus projetos.

– Obrigada – Vin respondeu.

Renoux assentiu, e se afastou, seu bastão de duelo batendo contra o chão de mármore branco. Vin franziu o cenho, tentando decidir se ele era completamente são. Poderia alguém incorporar um personagem tão completamente?

Você faz isso, Vin se recordou. *Quando se torna Lady Valette, mostra um lado completamente diferente de si mesma.*

Deu a volta, avivando o peltre para ajudá-la a subir a escadaria da ala norte. Abaixou a intensidade quando chegou ao topo, retornando ao estado anterior.

Como Kelsier dissera, era perigoso avivar metais por um período muito extenso; um alomântico poderia tornar seu corpo rapidamente dependente.

Inspirou algumas vezes – subir as escadas foi difícil, mesmo com o peltre – e então seguiu pelo corredor até a biblioteca. Sazed estava sentado em uma escrivaninha ao lado de um pequeno braseiro de carvão, do outro lado da pequena sala, escrevendo em uma caderneta. Usava sua túnica padrão de mordomo, e uns óculos finos na ponta do nariz.

Vin parou na porta, observando o homem que salvara sua vida. *Por que está usando óculos? Já o vi ler sem eles antes*. Ele parecia completamente absorto em seu trabalho, estudando periodicamente um grande volume sobre a mesa e logo na sequência se voltando para o caderno para fazer anotações.

– Você é um alomântico – Vin disse em voz baixa.

Sazed parou, colocou sua caneta na mesa e se virou.

– O que a faz pensar isso, senhora Vin?

– Chegou a Luthadel rápido demais.

– Lorde Renoux mantém vários cavalos mensageiros velozes em seus estábulos. Eu posso ter usado um deles.

– Você me encontrou no palácio – Vin lembrou.

– Kelsier me contou sobre o plano dele, e eu corretamente presumi que você o seguiria. Localizar você foi um golpe de sorte; um que quase me tomou tempo demais para conseguir.

Vin franziu o cenho.

– Você matou o Inquisidor.

– Matar? – Sazed perguntou. – Não, senhora. É preciso muito mais poder do que possuo para matar uma dessas monstruosidades. Eu simplesmente... o distraí.

Vin ficou parada na porta por um longo momento, tentando imaginar por que Sazed estava sendo tão ambíguo.

– Você é um alomântico ou não?

Ele sorriu, então puxou um banco ao lado da escrivaninha.

– Por favor, sente-se.

Vin fez conforme o pedido, cruzando a sala e sentando-se no banco, de costas para uma imensa estante de livros.

– O que pensaria se lhe dissesse que não sou um alomântico? – Sazed perguntou.

– Pensaria que está mentindo – Vin respondeu.

– Já me viu mentir antes?

– Os melhores mentirosos são aqueles que dizem a verdade na maior parte das vezes.

Sazed sorriu, encarando-a através dos óculos.

– Isso é verdade, creio eu. Mesmo assim, que provas você tem de que sou um alomântico?

– Você fez coisas que não poderiam ser feitas sem alomancia.

– Ah? Uma Nascida das Brumas há dois meses, e já sabe tudo o que é possível no mundo?

Vin se deteve. Até recentemente, nem mesmo sabia muita coisa sobre alomancia. Talvez existissem mais coisas no mundo do que presumia.

Sempre há outro segredo. Palavras de Kelsier.

– Então – ela disse lentamente –, o que é exatamente um "Guardador"?

Sazed sorriu.

– Agora, *essa* é uma pergunta muito mais inteligente, senhora. Guardadores são... armazéns. Lembramos de coisas, então elas podem ser usadas no futuro.

– Como religiões – Vin comentou.

Sazed assentiu.

– Verdades religiosas são minha especialidade em particular.

– Mas se lembra de outras coisas também?

Sazed assentiu.

– Como o quê?

– Bem – Sazed disse, fechando o livro que estava estudando. – Idiomas, por exemplo.

Vin imediatamente reconheceu o livro coberto de glifos.

– O livro que encontrei no palácio! Como o conseguiu?

– Cruzei com ele enquanto procurava por você – o terrisano contou. – Está escrito em um idioma muito antigo, um que não é falado há quase um milênio.

– Mas você o fala? – Vin perguntou.

Sazed assentiu.

– O suficiente para traduzir isso, imagino.

– E... quantos idiomas você conhece?

– Cento e setenta e dois – Sazed respondeu. – A maior parte deles, como o khlenni, não é falada há muito tempo. O movimento unificador do Senhor Soberano, no século quinto, se assegurou disso. O idioma que o povo fala agora é, na verdade, um dialeto distante de Terris, o idioma da minha terra natal.

Cento e setenta e dois, Vin pensou, impressionada.

– Isso parece... impossível. Um homem não seria capaz de lembrar de tanta coisa.

– Não um homem – Sazed a lembrou. – Um Guardador. O que eu faço é similar à alomancia, mas não é a mesma coisa. Você suga poderes dos metais. Eu... os uso para criar memórias.

– Como? – Vin perguntou.

Sazed meneou a cabeça.

– Talvez em outra hora, senhora. A minha espécie... nós preferimos manter nossos segredos. O Senhor Soberano nos caça com paixão notável e confusa. Somos muito menos ameaçadores do que os nascidos das brumas... mesmo assim, ele ignora os alomânticos e busca nos destruir, odiando o povo de Terris por nossa causa.

– Odiando? – Vin perguntou. – Vocês são mais bem tratados do que os skaa normais. Recebem posições de respeito.

– Isso é verdade, senhora – Sazed concordou. – Mas, de certo modo, os skaa são mais livres. A maior parte dos terrisanos é criada desde o nascimento para ser mordomo. Poucos de nós sobraram, e os criadores do Senhor Soberano controlam nossa reprodução. Nenhum mordomo terrisano tem permissão para ter família, ou gerar filhos.

Vin fez uma careta.

– Isso parece difícil de se controlar.

Sazed fez uma pausa, com a mão apoiada na capa do grande livro.

– Não, nem um pouco – ele disse, franzindo o cenho. – Todos os mordomos terrisanos são eunucos, criança. Presumi que soubesse disso.

Vin parou, então corou furiosamente.

– Eu... eu... sinto muito...

– Verdadeira e seguramente, não é preciso nenhuma desculpa. Fui castrado logo após meu nascimento, seguindo o padrão para aqueles que serão mordomos. Frequentemente penso que trocaria facilmente minha vida pela de um skaa comum. Meu povo é menos que um escravo... somos autômatos fabricados, criados por programas de reprodução, treinados desde o nascimento para satisfazer os desejos do Senhor Soberano.

Vin continuou corada, amaldiçoando sua falta de tato. Por que ninguém lhe contara? Sazed, no entanto, não parecia ofendido – ele nunca parecia zangado com nada.

Provavelmente seja uma função de sua... condição, Vin pensou. *É o que os criadores devem querer. Mordomos dóceis e calmos.*

– Mas – Vin disse, franzindo o cenho – você é um rebelde, Sazed. Está lutando contra o Senhor Soberano.

– Sou uma espécie de desvio – Sazed contou. – E meu povo não é tão completamente subjugado quanto o Senhor Soberano pensa, creio. Escondemos os Guardadores embaixo de seu nariz e alguns de nós têm coragem até mesmo de interromper o treinamento. – Ele parou, e balançou a cabeça. – Não é uma coisa fácil, no entanto. Somos um povo fraco, senhora. Ansiamos em fazer o que nos dizem, somos rápidos em nos submeter. Mesmo eu, a quem você chama de rebelde, imediatamente procurei uma posição de intendência e subserviência. Não somos tão corajosos quanto gostaríamos, creio.

– Foi corajoso o bastante para me salvar – Vin disse.

Sazed sorriu.

– Ah, mas há um elemento de obediência nisso também. Prometi a Mestre Kelsier que a manteria em segurança.

Ah, ela pensou. Tinha se perguntado se ele tinha um motivo para suas ações. Afinal, quem arriscaria a vida simplesmente para salvar Vin? Ela ficou sentada por um momento, pensativa, e Sazed voltou para seu livro. Finalmente, ela falou de novo, chamando a atenção do terrisano.

– Sazed?

– Sim, senhora?

– Quem traiu Kelsier três anos atrás?

Sazed pausou, então abaixou sua caneta-tinteiro.

– Os fatos não estão claros, senhora. A maior parte da gangue presume que foi Mare, creio.

– Mare? – Vin perguntou. – A esposa de Kelsier?

Sazed assentiu.

– Aparentemente, ela era a única que poderia tê-lo feito. Além disso, o próprio Senhor Soberano a implicou.

– Mas ela não foi enviada para as Minas também?

– Ela morreu lá – Sazed confirmou. – Mestre Kelsier é reticente ao falar sobre as Minas, mas sinto que as cicatrizes que ele traz daquele lugar horrível são muito mais profundas do que as que se vê em seus braços. Não acho que ele chegou a saber se ela foi a traidora ou não.

– Meu irmão dizia que qualquer um pode trair, se tiver a oportunidade certa e um motivo bom o bastante.

Sazed franziu o cenho.

– Ainda que uma coisa dessas fosse verdade, eu não gostaria de viver

acreditando nisso.

Parece melhor do que o que aconteceu com Kelsier: ser entregue ao Senhor Soberano por alguém que acreditava amar.

– Kelsier está diferente ultimamente – Vin comentou. – Parece mais reservado. É porque se sente culpado pelo que aconteceu comigo?

– Suspeito que em parte seja por isso – Sazed disse. – Contudo, ele também está percebendo que há uma imensa diferença entre liderar um pequeno bando de ladrões e organizar uma grande rebelião. Não pode correr os mesmos riscos que corria antes. O processo o está mudando para melhor, creio.

Vin não tinha tanta certeza. Mas ficou em silêncio, percebendo, com frustração, o quanto estava cansada. Até mesmo ficar sentada em um banco parecia extenuante agora.

– Vá dormir, senhora – Sazed disse, pegando sua caneta e marcando com o dedo o ponto que estava lendo. – Você sobreviveu a algo que provavelmente deveria tê-la matado. Dê a seu corpo o agradecimento que ele merece; deixe-o descansar.

Vin concordou, cansada, se levantou e o deixou escrevendo em silêncio sob a luz do entardecer.

Às vezes me pergunto o que teria acontecido se eu tivesse ficado lá, naquela preguiçosa aldeia em que nasci. Teria me tornado um ferreiro, como meu pai. Talvez tivesse uma família, meus próprios filhos.

Talvez outra pessoa tivesse que carregar este fardo terrível. Alguém que pudesse suportá-lo melhor do que eu. Alguém que merecesse ser um herói.

17

Antes de chegar à Mansão Renoux, Vin nunca tinha visto um jardim cultivado. Em roubos ou missões de reconhecimento, de vez em quando via plantas ornamentais, mas nunca dera muita atenção – como muitos dos gostos dos nobres, aquilo parecia frívolo para ela.

Não tinha percebido quão belas as plantas podem ser quando arranjadas com cuidado. O balcão do jardim da Mansão Renoux era uma estrutura oval e comprida com vista para o campo abaixo. O jardim não era grande – exigia muita água e atenção para formar mais do que um estreito perímetro ao redor da parte de trás do edifício.

Mesmo assim, era maravilhoso. Em vez dos tons brancos e marrons mundanos, as plantas cultivadas tinham cores mais fortes e vibrantes – tinham matizes de vermelho, laranja e amarelo, com as cores concentradas nas folhas. Os jardineiros as tinham plantado formando padrões intrincados e bonitos. Mais próximas ao balcão, árvores exóticas, com coloridas folhas amarelas, davam sombra e protegiam das chuvas de cinzas. Era um inverno muito ameno, e a maior parte das árvores ainda tinha as suas folhas. O ar era fresco, e o farfalhar dos galhos ao vento era relaxante.

Quase relaxante o bastante, de fato, para fazer Vin esquecer o quanto estava aborrecida.

– Gostaria de mais chá? – Lorde Renoux perguntou. Não esperou por uma resposta; simplesmente acenou para um criado se apressar em encher a xícara dela.

Vin estava sentada em uma almofada de pelúcia, em uma cadeira de vime projetada para proporcionar conforto. Durante as últimas quatro semanas, cada um de seus caprichos e desejos tinha sido satisfeito. Os criados limpavam tudo, a vestiam, a alimentavam e até a ajudavam a se banhar. Renoux se encarregara de garantir que tudo o que ela quisesse fosse feito, e certamente não esperava que fizesse nada extenuante, perigoso ou mesmo remotamente inconveniente.

Em outras palavras, a vida dela estava enlouquecedoramente entediante. Antes, sua estadia na Mansão Renoux era monopolizada pelas aulas de Sazed e pelo treinamento de Kelsier. Dormia de dia, tendo contato mínimo com o pessoal da mansão.

Agora, no entanto, a alomancia – pelo menos o tipo que fazia saltar noite afora – estava proibida para ela. Seu ferimento estava ainda parcialmente cicatrizado, e se fizesse muito movimento o abriria novamente. Sazed ainda lhe dava aulas de vez em quando, mas o tempo dele era dedicado à tradução do livro. Passava longas horas na biblioteca, debruçado sobre as páginas com um entusiasmo pouco comum.

Ele encontrou uma nova fonte de erudição, Vin pensou. *Para um Guardador, isso é provavelmente tão inebriante quanto uma especiaria rara.*

Tomou seu chá com petulância contida, observando os criados mais próximos. Pareciam aves de rapina empoleiradas, esperando uma oportunidade para deixar Vin o mais confortável – e frustrada – possível.

Renoux tampouco era de muita ajuda. A ideia dele de "almoçar" com Vin se resumia a se sentar e cuidar de seus próprios deveres – fazer anotações em cadernetas ou ditar cartas – enquanto comiam. A presença dela parecia importante para ele, mas ele raramente prestava muita atenção nela além de perguntar como fora seu dia.

Ainda assim, ela estava se esforçando para interpretar o papel de nobre empertigada. Lorde Renoux contratara alguns novos criados que não sabiam sobre o trabalho – não o pessoal da casa, mas jardineiros e pedreiros. Kelsier e Renoux estavam preocupados que as outras casas ficassem desconfiadas se não conseguissem colocar nem mesmo alguns criados-espiões nos jardins de Renoux. Kelsier não via isso como um perigo para o trabalho, mas significava que Vin tinha que manter seu personagem em tempo integral.

Não posso acreditar que as pessoas vivam assim, Vin pensou enquanto alguns criados começavam a retirar a comida. *Como as nobres preenchem seus dias com tanto vazio? Não me admira que todos fiquem ansiosos por aqueles bailes!*

– Sua estadia está agradável, querida? – Renoux perguntou, espiando por sobre uma caderneta.

– Sim, tio – Vin disse, com lábios apertados. – Bastante.

– Devia fazer compras mais tarde – Renoux disse, olhando para ela. – Talvez queira visitar a rua Kenton? Comprar uns brincos novos para substituir essa bijuteria vulgar que está usando?

Vin levou a mão à orelha, onde ainda levava o brinco de sua mãe.

– Não – respondeu. – Ficarei com esse.

Renoux franziu o cenho, mas não disse mais nada, pois um criado se aproximou e chamou a sua atenção.

– Meu senhor – o criado disse para Renoux –, uma carruagem acaba de chegar de Luthadel.

Vin se levantou. Essa era a forma de os criados dizerem que um membro da gangue havia chegado.

– Ah, muito bem – Renoux disse. – Traga as visitas aqui, Tawnson.

– Sim, meu senhor.

Alguns minutos mais tarde, Kelsier, Brisa, Yeden e Dockson entraram no balcão. Renoux acenou discretamente para os criados, que fecharam as portas de vidro do balcão, dando privacidade à gangue. Vários homens se posicionaram no interior, vigiando para se assegurar de que as pessoas erradas não tivessem a oportunidade de escutar a conversa deles.

– Estamos interrompendo a refeição de vocês? – Dockson perguntou.

– Não! – Vin disse rapidamente, impedindo a resposta de Lorde Renoux. – Sentem-se, por favor.

Kelsier foi até a beira do balcão, olhando para os jardins e campos.

– Bela vista vocês têm aqui.

– Kelsier, isso é aconselhável? – Renoux perguntou. – Alguns dos jardineiros são homens pelos quais não posso atestar.

Kelsier deu uma gargalhada.

– Se conseguirem me reconhecer a essa distância, merecem mais do que as Grandes Casas estão lhes pagando.

Mas se afastou da beira do balcão mesmo assim, indo até a mesa e girando uma cadeira, sentando-se ao contrário. Ao longo das últimas semanas, ele quase voltara ao seu antigo modo de ser. Mas ainda se viam mudanças. Organizava reuniões com mais frequência, discutia mais seus planos com a gangue. Também parecia diferente, mais... pensativo.

Sazed estava certo, Vin pensou. *Nosso ataque no palácio pode ter sido quase*

mortal para mim, mas mudou Kelsier para melhor.

– Pensamos em fazer nossa reunião aqui esta semana – Dockson disse –, já que vocês dois raramente conseguem participar.

– Isso foi muito atencioso de sua parte, Mestre Dockson – Lorde Renoux respondeu. – Mas sua preocupação é desnecessária. Estamos bem...

– Não – Vin interrompeu. – Não, *nós* não estamos. Alguns de nós precisam de informações. O que aconteceu com a gangue? Como vai o recrutamento?

Renoux olhou para ela com desaprovação. Vin, contudo, o ignorou. *Ele não é realmente um lorde*, disse para si mesma. *É só outro membro da gangue. Minha opinião conta tanto quanto a dele! Agora que os criados se foram, posso falar como quiser.*

Kelsier deu uma risada.

– Bem, o cativeiro a deixou um pouco mais sincera, pelo menos.

– Não tenho nada para *fazer* – Vin confessou. – Isso está me deixando louca.

Brisa colocou sua taça de vinho na mesa.

– Alguns achariam seu lugar um tanto quanto invejável, Vin.

– Então *já* devem estar loucos.

– Ah, são quase todos nobres – Kelsier disse. – Então, sim, já são bastante loucos.

– O trabalho – Vin recordou. – O que está acontecendo?

– O recrutamento ainda está muito lento – Dockson falou. – Mas estamos melhorando.

– Podemos ter que sacrificar nossa segurança para conseguir um número maior de homens – Yeden sugeriu.

Isso é uma mudança também, ela pensou, impressionada pela mostra de civilidade de Yeden. Começara a usar roupas mais bonitas – não um traje completo de nobre como Dockson ou Brisa, mas pelo menos casaco e calça bem cortados, com uma camisa abotoada embaixo, limpo da fuligem.

– Isso não pode ser evitado, Yeden – Kelsier disse. – Felizmente, Ham está fazendo um bom trabalho com as tropas. Recebi uma mensagem dele há alguns dias. Está impressionado com o progresso dos homens.

Brisa fez uma careta.

– Cuidado... Hammond tende a ser um pouco otimista sobre esse tipo de coisa. Se o exército fosse composto por mudos pernetas, ele elogiaria o seu equilíbrio e suas habilidades auditivas.

– Gostaria de ver o exército – Yeden disse ansiosamente.

– Logo – Kelsier prometeu.

– Precisamos infiltrar Marsh no Ministério ainda este mês – Dockson comentou, assentindo para Sazed enquanto o terrisano passava pelos sentinelas e entrava no balcão. – Esperemos que Marsh tenha alguma luz sobre como lidar com os Inquisidores de Aço.

Vin estremeceu.

– Eles são um problema – Brisa reconheceu. – Considerando o que um par deles fez com vocês dois, não invejo ter que tomar o palácio com eles lá dentro. São tão perigosos quanto os nascidos das brumas.

– Mais – Vin disse, em voz baixa.

– Um exército pode realmente lutar contra eles? – Yeden perguntou, desconfortável. – Quero dizer, supõe-se que sejam imortais, não é?

– Marsh encontrará a resposta – Kelsier prometeu.

Yeden se deteve, então assentiu, aceitando a palavra de Kelsier.

Sim, ele realmente mudou, Vin pensou. Parece que nem mesmo Yeden conseguira resistir ao carisma de Kelsier por muito tempo.

– Enquanto isso – Kelsier prosseguiu –, gostaria de ouvir o que Sazed descobriu sobre o Senhor Soberano.

Sazed se sentou, colocando o livro sobre a mesa.

– Direi o que puder, embora esse não seja o livro que imaginei que fosse a princípio. Achei que a senhora Vin tivesse recuperado o texto de alguma religião antiga... mas este é de natureza muito mais mundana.

– Mundana? – Dockson perguntou. – Como?

– É um diário, Mestre Dockson – Sazed explicou. – Um registro que parece ter sido escrito pelo próprio Senhor Soberano... ou, pelo menos, pelo homem que se tornou o Senhor Soberano. Até os ensinamentos do Ministério concordam que, antes da Ascensão, ele era mortal. Este livro conta sua vida antes da batalha final na Mina da Ascensão, há mil anos. Em geral, é um registro de suas viagens; uma narrativa sobre as pessoas que conheceu, os lugares que visitou e as provações pelas quais passou durante sua busca.

– Interessante – Brisa comentou. – Mas como isso nos ajuda?

– Não tenho certeza, Mestre Ladrian – Sazed respondeu. – Contudo, entender a história real por trás da Ascensão será útil, creio. Ao menos nos dará alguma informação sobre a mente do Senhor Soberano.

Kelsier deu de ombros.

– O Ministério deve achar que é importante. Vin disse que o encontrou em uma espécie de altar no complexo central do palácio.

– O que, é claro – Brisa observou – não coloca *nenhuma* dúvida em relação à

sua autenticidade.

– Não creio que seja uma falsificação, Mestre Ladrian – Sazed disse. – Contém um nível impressionante de detalhes, especialmente em relação a questões sem importância: como carregadores e suprimentos. Além disso, o Senhor Soberano que o texto descreve é um homem cheio de conflitos. Se o Ministério fosse inventar um livro para adorá-lo, apresentaria seu deus com mais... divindade, creio.

– Quero lê-lo quando terminar, Saze – Dockson falou.

– E eu – Brisa acrescentou.

– Alguns dos aprendizes de Trevo de vez em quando trabalham como escribas – Kelsier comentou. – Pediremos que façam cópias para cada um de vocês.

– Grupo habilidoso esse – Dockson observou.

Kelsier assentiu.

– Então, onde isso nos deixa?

O grupo se deteve, e Dockson fez um gesto de cabeça na direção de Vin.

– Com a nobreza.

Kelsier franziu o cenho levemente.

– Posso voltar ao trabalho – Vin assegurou rapidamente. – Estou praticamente curada agora.

Kelsier trocou um olhar com Sazed, que ergueu uma sobrancelha. Ele verificava o ferimento dela periodicamente. Pelo jeito, não gostava do que tinha visto.

– Kell – Vin disse –, estou ficando *louca*. Cresci como ladra, lutando por comida e espaço. Não posso simplesmente ficar sentada e deixar que os criados me papariquem. – *Além disso, tenho que provar que ainda posso ser útil para a gangue*.

– Bem – Kelsier falou. – Você é uma das razões pelas quais viemos aqui hoje. Há um baile neste fim de semana que...

– Eu vou – Vin decidiu.

Kelsier ergueu um dedo.

– Escute, Vin. Você passou por muita coisa ultimamente, e essa infiltração pode ser perigosa.

– Kelsier – Vin respondeu terminantemente –, toda a minha *vida* tem sido perigosa. Eu vou.

Kelsier não pareceu estar convencido.

– Ela tem que fazer isso, Kell – Dockson observou. – Primeiro, porque a

nobreza vai começar a ficar desconfiada se ela não começar a ir às festas novamente. Segundo, precisamos saber o que ela vir. Ter criados-espiões na equipe não é o mesmo que ter um espião ouvindo as fofocas locais. Sabe disso.

– Tudo bem, então – Kelsier finalmente concordou. – Mas tem que prometer que não vai usar alomancia física até que Sazed autorize.

Mais tarde, naquela noite, Vin ainda não conseguia acreditar em como estava ansiosa para ir ao baile. Estava parada, em seu quarto, examinando os vestidos que Dockson lhe trouxera. Depois de ser obrigada a usar o vestuário das nobres por um mês seguido, estava começando a achar os vestidos um pouco mais confortáveis do que antes.

Não que não sejam frívolos, é claro, pensou, inspecionando quatro vestidos. *Toda essa renda, as camadas de tecido... camisa simples e calça são muito mais práticos.*

Mesmo assim, *havia* algo especial nos vestidos – algo na beleza deles, como nos jardins lá fora. Quando observados como itens estáticos, como uma planta solitária, os vestidos eram apenas medianamente impressionantes. Contudo, quando pensava em ir ao baile, os vestidos ganhavam novo significado. Eram bonitos, e a tornariam bonita. Eram a face que mostraria para a corte, e queria escolher o modelo certo.

Eu me pergunto se Elend Venture estará lá... Sazed não tinha dito que a maioria dos jovens aristocratas participava de todos os bailes?

Pousou a mão em um dos vestidos, negro com bordados prateados. Combinava com seu cabelo, mas seria muito escuro? A maior parte das mulheres usava vestidos coloridos; os tons mais neutros eram reservados aos trajes masculinos. Olhou o vestido amarelo, mas parecia um pouco... ousado demais. E o branco era muito enfeitado.

Sobrava o vermelho. O decote era mais baixo – não que ela tivesse muito o que mostrar –, mas era lindo. Tinha um pouco de renda, e mangas bufantes feitas de tecido translúcido em alguns lugares; gostava daquilo. Mas parecia tão... gritante. Pegou o vestido, sentindo o material suave entre seus dedos, imaginando-se com ele.

Como cheguei a isso?, Vin pensou. *Com essa coisa será impossível me esconder! Essas criações de organdi não são para mim.*

E, mesmo assim... parte dela ansiava em voltar ao baile. A vida cotidiana de uma nobre a frustrava, mas suas lembranças daquela única noite eram sedutoras. Os belos casais dançando, a atmosfera e a música perfeitas, as

maravilhosas janelas de cristal...

Nem percebo mais quando estou usando perfume, deu-se conta, chocada. Agora preferia se banhar em água perfumada todos os dias, e os criados até perfumavam suas roupas. Era tudo sutil, é claro, mas seria o suficiente para entregá-la quando estivesse se esgueirando.

Seu cabelo havia crescido, e fora cuidadosamente cortado pela cabeleireira de Renoux para que caísse sobre suas orelhas, cacheando levemente. Não parecia tão magra ao espelho, apesar de sua longa enfermidade; as refeições regulares a fizeram ganhar peso.

Estou me tornando... Vin se deteve. Não sabia o que estava se tornando. Certamente não uma nobre. Mulheres nobres não ficavam aborrecidas quando não podiam sair vagando pela noite. Mesmo assim, não era mais Vin, a garota de rua. Era...

Nascida das Brumas.

Vin colocou cuidadosamente o belo vestido vermelho sobre a cama, então cruzou o quarto para olhar pela janela. O sol estava prestes a se pôr; logo as brumas viriam – embora, como sempre, Sazed colocasse guardas para se assegurar de que ela não sairia em nenhuma traquinagem alomântica não autorizada. Não reclamara das precauções. Ele estava certo: sem vigilância, ela provavelmente teria quebrado sua promessa há muito tempo.

Captou um vislumbre de movimento à direita, e só conseguiu distinguir uma figura em pé no balcão do jardim. Kelsier. Vin ficou parada por um momento, então saiu do quarto.

Kelsier se virou quando ela entrou no balcão. Ela se deteve, sem querer interromper, mas ele lhe lançou um de seus sorrisos característicos. Ela seguiu em frente, juntando-se a ele na grade de madeira entalhada.

Ele voltou a olhar para o oeste – não para os jardins, mas para além deles. Na direção da vastidão, iluminada pelo sol poente, fora da cidade.

– Não parece errado para você, Vin?

– Errado? – Ela perguntou.

Kelsier assentiu.

– As plantas secas, o sol abrasador, o céu negro de fumaça.

Vin deu de ombros.

– Como essas coisas podem estar certas ou erradas? São como são.

– Suponho que sim – Kelsier concordou. – Mas acho que sua mentalidade é parte do que está errado. O mundo não devia ser assim.

Vin franziu o cenho.

– Como sabe?

Kelsier colocou a mão no bolso do casaco e pegou um pedaço de papel. Desdobrou-o gentilmente e entregou-o a Vin.

Ela aceitou a folha, segurando-a com cuidado; era tão antiga e gasta que parecia prestes a rasgar nas dobras. Não continha palavras, só um velho desenho desbotado. Mostrava uma forma estranha – algo como uma planta, ainda que não fosse nenhuma que Vin tivesse visto. Era muito... frágil. Não tinha um caule grosso, e as folhas eram muito delicadas. No alto, tinha uma estranha coleção de folhas de cor diferente do resto.

– O nome disso é flor – Kelsier disse. – Costumava crescer nas plantas, antes da Ascensão. Descrições dela aparecem em antigos poemas e histórias... coisas que só Guardadores e sábios rebeldes conhecem agora. Aparentemente, essas plantas eram belas, e tinham um odor agradável.

– Plantas com cheiro? – Vin perguntou. – Como frutas?

– Algo assim, creio eu. Alguns dos relatos até afirmam que essas flores se *convertiam* em frutas, antes da Ascensão.

Vin ficou em silêncio, franzindo o cenho, tentando imaginar uma coisa dessas.

– Esse desenho pertencia à minha esposa, Mare – Kelsier disse em voz baixa. – Dockson o encontrou nas coisas dela depois que fomos levados. Ele o guardou, esperando que retornássemos. Deu para mim depois que escapei.

Vin olhou para a figura novamente.

– Mare era fascinada pelo período pré-Ascensão – Kelsier contou, ainda olhando fixamente por sobre os jardins. Na distância, o sol tocou o horizonte, ficando um vermelho ainda mais profundo. – Ela colecionava coisas como esse papel: desenhos e descrições dos velhos tempos. Acho que essa fascinação (juntamente com o fato de ela ter sido uma olho de estanho) é parte do que a levou até o submundo e até mim. Foi ela quem me apresentou a Sazed, ainda que, nessa época, eu não o tenha incluído na gangue. Ele não estava interessado em roubar.

Vin dobrou o papel.

– E ainda guarda essa figura? Depois... do que ela lhe fez?

Kelsier ficou em silêncio por um momento. Então olhou para ela.

– Escutando atrás das portas de novo, não é? Bom, não importa. Suponho que seja de conhecimento geral.

No horizonte, o sol poente se transformou em uma labareda, sua luz avermelhada iluminando nuvens e fumaça por igual.

– Sim, guardo essa flor – Kelsier disse. – Não tenho muita certeza do porquê. Mas... você deixa de amar alguém só porque essa pessoa o traiu? Acho que não. É isso que faz com que a traição machuque tanto... a dor, a frustração, a raiva... e eu ainda a amava. Ainda amo.

– Como? – Vin perguntou. – Como pode? E como pode confiar nas pessoas? Não aprendeu nada com o que ela fez com você?

Kelsier deu de ombros.

– Acho... acho que se me dessem a escolha entre amar Mare – sabendo da traição – e nunca tê-la conhecido, escolheria amá-la. Eu me arrisquei e perdi, mas o risco ainda valeu a pena. É o mesmo com os amigos. A desconfiança é saudável em nossa profissão... mas só até certo ponto. Prefiro confiar nos meus homens que me preocupar com o que acontecerá se me traírem.

– Isso parece tolo – Vin comentou.

– A felicidade é tola? – Kelsier perguntou, voltando-se para ela. – Onde foi mais feliz, Vin? Na minha gangue ou com Camon?

Vin não disse nada.

– Não tenho certeza se Mare me traiu – Kelsier disse, olhando novamente para o pôr do sol. – Ela sempre afirmou que não fez isso.

– E ela foi mandada para as Minas, certo? – Vin lembrou. – Não faz sentido, se ela se aliou ao Senhor Soberano.

Kelsier balançou a cabeça, ainda olhando ao longe.

– Ela apareceu nas minas poucas semanas depois de eu ter sido mandado para lá... fomos separados depois que nos capturaram. Não sei o que aconteceu nesse meio-tempo, ou por que ela foi mandada para Hathsin. O fato de ela ter *sido* mandada para a morte indica que talvez não tenha me traído, na realidade, mas... – Ele se voltou para Vin. – Você não o ouviu quando ele nos capturou, Vin. O Senhor Soberano... ele agradeceu a ela. Agradeceu por ela ter me traído. As palavras dele... ditas com um senso de honestidade tão estranho... misturadas com a forma com que o plano foi traçado... bem, foi difícil de acreditar em Mare. Isso não mudou meu amor, no entanto... não no fundo. Quase morri quando ela morreu, um ano mais tarde, espancada pelos senhores de escravos nas Minas. Naquela noite, depois que o cadáver dela foi levado, eu tive o estalo.

– Você enlouqueceu? – Vin perguntou.

– Não – Kelsier respondeu. – Estalar é um termo alomântico. Nossos poderes só são latentes no início. Eles só aparecem depois de algum acontecimento traumático. Algo intenso... algo quase mortal. Os filósofos dizem que um

homem não pode comandar os metais até que tenha visto a morte e a rejeitado.

– Então... quando aconteceu comigo? – Vin indagou.

Kelsier deu de ombros.

– É difícil dizer. Crescendo como cresceu, você provavelmente teve oportunidades de sobra para ter um estalo. – Ele assentiu, como se para si mesmo. – No meu caso, foi nessa noite. Sozinho nas minas, com meus braços sangrando do dia de trabalho. Mare estava morta, e eu temia ter sido o responsável... que minha falta de fé tivesse tirado suas forças e sua vontade. Ela morreu sabendo que eu questionava sua lealdade. Se eu realmente a amasse, talvez não tivesse nem mesmo questionado. Não sei.

– Mas você não morreu – Vin comentou.

Kelsier negou com a cabeça.

– Decidi que veria o sonho dela tornado realidade. Criaria um mundo no qual haveria flores novamente, um mundo com plantas verdes, um mundo sem fuligem caindo do céu... – Ele se calou, então suspirou. – Eu sei. Sou louco.

– Na verdade – Vin disse em voz baixa –, meio que faz sentido. Finalmente.

Kelsier sorriu. O sol mergulhava no horizonte, e, ainda que sua luz fosse uma labareda a oeste, as brumas começavam a aparecer. Não vinham de um lugar específico, elas apenas... surgiam. Estendiam-se como trepadeiras translúcidas, retorcidas, no céu – curvando-se para frente e para trás, esticando-se, dançando, derretendo.

– Mare queria ter filhos – Kelsier disse de repente. – Quando nos casamos, há uma década e meia. Eu... não concordava com ela. Queria me tornar o ladrão skaa mais famoso de todos os tempos, e achava que não tinha tempo para coisas que me atrasariam. Provavelmente foi bom não termos tido filhos. O Senhor Soberano poderia tê-los encontrado e matado. Ou talvez não... Dox e os outros sobreviveram. Agora, às vezes, desejaria ter uma parte dela comigo. Um filho. Uma filha, talvez, com os mesmos cabelos escuros de Mare e sua teimosia. – Fez uma pausa e olhou para Vin. – Não quero ser responsável por algo que aconteça com você, Vin. Não outra vez.

Vin franziu o cenho.

– Não vou passar mais tempo trancada nessa mansão.

– Não, suponho que não. Se tentarmos segurá-la mais, provavelmente vai aparecer na loja de Trevo uma noite, depois de fazer algo muito tolo. Somos muito parecidos, você e eu. Só... tenha cuidado.

Vin assentiu.

– Terei.

Ficaram ali por mais alguns minutos, observando as brumas se concentrarem. Finalmente, Kelsier se levantou, alongando o corpo.

– Bem, se isso vale de alguma coisa, estou feliz que tenha decidido se juntar a nós, Vin.

Ela deu de ombros.

– Para dizer a verdade, eu meio que gostaria de ver uma dessas flores pessoalmente.

Pode-se dizer que as circunstâncias me forçaram a deixar meu lar para trás – se tivesse ficado, eu certamente estaria morto agora. Naqueles dias – fugindo sem saber por que, carregando um fardo que não entendia –, presumi que me perderia em Khlennium e buscaria uma vida de indistinção.

Lentamente começo a entender que o anonimato, como tantas outras coisas, já estava perdido para mim para sempre.



Ela decidiu usar o vestido vermelho. Era definitivamente a escolha mais ousada, mas parecia a correta. Afinal, escondia seu eu verdadeiro atrás de uma aparência aristocrática; e quanto mais visível fosse essa aparência, mais fácil seria para ela se esconder.

Um serviçal abriu a porta da carruagem. Vin respirou profundamente – o peito um pouco apertado pelo corpete especial que estava usando para ocultar suas ataduras –, aceitou a mão do homem e desceu. Alisou o vestido, assentiu para Sazed, e se juntou aos outros aristocratas, subindo os degraus da Fortaleza Elariel. Era um pouco menor do que a fortaleza da Casa Venture. Mas a Mansão Elariel aparentemente tinha um salão de bailes separado, enquanto a Casa Venture organizava seus encontros no enorme salão principal.

Vin observou as outras nobres, e sentiu um pouco da sua confiança desaparecer. Seu vestido era bonito, mas as outras mulheres usavam muito mais do que belos vestidos. Seus cabelos longos e fluidos e seus ares de autossuficiência combinavam com suas figuras enfeitadas. Preenchiam a parte superior de seus vestidos com curvas voluptuosas, e moviam-se com elegância no esplendor de rendas das pregas das saias. De vez em quando, Vin vislumbrava os pés de algumas mulheres, e elas não usavam simples sapatilhas como ela, mas sapatos de salto alto.

– Por que não tenho um sapato desses? – perguntou, em voz baixa, enquanto subiam as escadarias cobertas de tapetes.

– Saltos exigem prática para caminhar, Senhora – Sazed respondeu. – Uma

vez que acabou de aprender a dançar, seria melhor usar sapatos normais por um tempo.

Vin franziu o cenho, mas aceitou a explicação. A menção de Sazed a respeito da dança, no entanto, aumentou seu desconforto. Lembrara-se da atitude fluida dos dançarinos no último baile. Certamente não seria capaz de fazer igual – mal conhecia os passos básicos.

Não importa, pensou. *Eles não me verão – verão Lady Valette. Supõe-se que ela seja nova e insegura, e todo mundo pensa que esteve doente ultimamente. Fará sentido para ela ser uma dançarina ruim.*

Com esse pensamento em mente, Vin alcançou o topo da escada sentindo-se um pouco mais segura.

– Devo dizer, Senhora – Sazed comentou –, que parece muito menos nervosa desta vez. De fato, até parece animada. Essa é a atitude adequada para Valette, creio.

– Obrigada – ela respondeu, sorrindo. Ele estava certo: *estava* animada. Animada por fazer parte do trabalho novamente; animada, até mesmo, por estar de volta entre a nobreza, com seu esplendor e graça.

Chegaram ao edifício que abrigava o salão de bailes – uma das várias alas baixas que saíam da fortaleza principal – e um criado pegou seu xale. Vin se deteve por um momento na porta, esperando enquanto Sazed providenciava sua mesa e sua refeição.

O salão de baile Elariel era muito diferente do grande e majestoso salão Venture. O aposento escuro tinha apenas um andar, e, ainda que tivesse vários vitrais, todos estavam no teto. Claraboias circulares em forma de roseta brilhavam no alto, iluminadas por pequenas luzes oxídricas no telhado. Cada mesa estava arrumada com velas e, apesar da luz acima, havia uma penumbra intimista em toda a sala. Parecia... privativo, apesar da numerosa quantidade de pessoas no evento.

Esta sala obviamente tinha sido planejada para acomodar festas. Uma pista de dança ocupava o centro, em um nível mais baixo e melhor iluminado do que o resto do ambiente. Havia duas fileiras de mesas circulando a pista: a primeira alguns centímetros acima, a outra mais para trás, cerca de duas vezes mais alta.

Um criado a levou até uma mesa ao fundo da sala. Vin se sentou, Sazed tomou o lugar costumeiro atrás dela e passaram a esperar que a refeição chegasse.

– Como exatamente se supõe que vou conseguir a informação que Kelsier quer? – ela perguntou em voz baixa, perscrutando a sala escura. As intensas

cores cristalinas dos vitrais projetavam padrões nas mesas e nas pessoas, criando uma atmosfera impressionante, mas tornando difícil distinguir os rostos. Elend estaria em algum lugar entre os participantes da festa?

– Alguns homens a convidarão para dançar esta noite – Sazed disse. – Aceite os convites... isso lhe dará um pretexto para procurar por eles mais tarde e se misturar em seus grupos. Não precisa participar das conversas; só ouvir. Em bailes futuros, alguns dos jovens talvez passem a lhe convidar para acompanhá-los. Então poderá sentar-se às mesas deles e ouvir todas as discussões.

– Quer dizer, ficar sentada com um homem todo o tempo?

Sazed assentiu.

– Isso não é incomum. Você só dançaria com ele essa noite também.

Vin franziu o cenho. Mas deixou o assunto para lá e voltou a inspecionar a sala. *Provavelmente nem está aqui – ele disse que evitava bailes quando possível. Mesmo que esteja, estará sozinho. Nem mesmo...*

Um baque surdo soou, como se alguém tivesse derrubado uma pilha de livros sobre a sua mesa. Vin se sobressaltou, voltando-se a tempo de ver Elend Venture puxando uma cadeira e sentando-se com postura relaxada. Ele se reclinou na cadeira, dobrando-se na direção de um candelabro atrás da mesa, e abriu um livro para começar a ler.

Sazed franziu o cenho. Vin escondeu um sorriso, olhando para Elend. Parecia que ainda não se incomodava em pentear o cabelo, e estava mais uma vez vestindo um terno desabotoado. Seu traje não era maltrapilho, mas não era tão rico quanto os dos outros na festa. Parecia ter sido confeccionado para ser solto e cômodo, desafiando a moda tradicional bem ajustada.

Elend folheou seu livro. Vin esperou pacientemente que reparasse nela, mas ele apenas continuou a ler. Finalmente, Vin ergueu uma sobrancelha.

– Não me lembro de ter lhe dado permissão para se sentar em minha mesa, Lorde Venture – disse.

– Não se preocupe comigo – Elend disse, sem levantar os olhos. – Você tem uma mesa grande. Há bastante espaço para nós dois.

– Para nós dois, talvez – Vin disse. – Mas não tenho certeza quanto a todos esses livros. Onde os criados colocarão a minha refeição?

– Há um pouco de espaço à sua esquerda – Elend disse distraidamente.

A expressão de preocupação de Sazed aumentou. Ele deu um passo adiante, reunindo os livros e colocando-os no chão ao lado da cadeira de Elend.

Elend continuou a ler. No entanto, ergueu uma mão e fez um gesto.

– Vê, agora, por que nunca recorro a criados terrisanos. São

insuportavelmente eficientes, devo dizer.

– Sazed não é insuportável – Vin disse com frieza. – É um bom amigo, e é, provavelmente, um homem melhor do que você jamais será, Lorde Venture.

Elend finalmente levantou o olhar.

– Eu... sinto muito – disse, com um tom de voz sincero. – Peço desculpas.

Vin assentiu. Elend, no entanto, abriu seu livro e começou a ler novamente.

Por que se sentou comigo se só queria ficar lendo?

– O que fazia nessas festas antes de ter a mim para importunar? – ela perguntou, com um tom de voz incomodado.

– E como posso estar importunando você? – ele perguntou. – Quero dizer, de verdade, Valette. Só estou sentado aqui, lendo para mim mesmo.

– Na *minha* mesa. Tenho certeza de que consegue uma para você... é o herdeiro Venture. Não que tenha sido claro quanto a esse fato durante nosso último encontro.

– Verdade – Elend concordou. – Mesmo assim, me *lembro* de ter dito que os Venture eram muito irritantes. Só estou tentando me adequar à descrição.

– Foi você quem fez a descrição!

– Convenientemente – Elend disse, sorrindo levemente enquanto lia.

Vin suspirou de frustração, fazendo uma careta.

Elend a olhou por sobre seu livro.

– Este é um vestido esplêndido. Quase tão bonito quanto você.

Vin não soube o que dizer, ficando levemente boquiaberta. Elend sorriu maliciosamente, então voltou para seu livro, os olhos brilhando como se indicasse que fizera o comentário simplesmente porque sabia que reação provocaria.

Sazed permaneceu em pé perto da mesa, sem se incomodar em dissimular sua desaprovação. Mesmo assim, não disse nada. Elend era obviamente importante demais para ser repreendido por um simples mordomo.

Vin finalmente encontrou sua língua.

– Como é que, Lorde Venture, um homem elegível como você vem a esses bailes sozinho?

– Ah, não venho – Elend disse. – Minha família em geral tem uma garota ou outra na fila para me acompanhar. O ingresso desta noite é de Lady Stase Blanches... é aquela de vestido verde sentada na fileira de baixo, diante de nós.

Vin olhou do outro lado da sala. Lady Blanches era loira, e linda. Não parava de encarar a mesa de Vin, ocultando seu mal-estar.

Vin corou, afastando o olhar.

– Humm, não deveria estar lá, com ela?

– É provável – Elend disse. – Mas, veja, vou lhe contar um segredo. A verdade é que não sou realmente muito cavalheiro. Além disso, *não* a convidei: só fui informado sobre minha acompanhante quando subi na carruagem.

– Entendo – Vin disse, franzindo o cenho.

– Meu comportamento é, de todas as formas, deplorável. Infelizmente, tenho tendência a esses arrebatamentos de comportamento deplorável. Veja, por exemplo, minha predileção por ler na mesa de jantar. Desculpe-me por um momento; vou buscar algo para beber.

Ele se levantou, guardando o livro no bolso, e caminhou na direção de uma das mesas em que as bebidas eram servidas. Vin o observou partir, ao mesmo tempo incomodada e perplexa.

– Isso não é bom, Senhora – Sazed disse, em voz baixa.

– Ele não é *tão* mal.

– Ele a está usando, Senhora – Sazed falou. – Lorde Venture é famoso por sua atitude não convencional e desobediente. Muitas pessoas não gostam dele; precisamente porque faz coisas como essa.

– Como essa?

– Está sentado com você porque sabe que isso aborrece a família dele – Sazed comentou. – Ah, criança, não quero lhe trazer dor, mas deve entender o costume da corte. Este jovem não está romanticamente interessado em você. É um senhor jovem e arrogante que se irrita com as restrições de seu pai; então se rebela, agindo de forma rude e ofensiva. Sabe que o pai vai acabar cedendo se agir dessa maneira por tempo suficiente.

Vin sentiu seu estômago virar. *Sazed provavelmente está certo, é claro. Por que mais Elend me procuraria? Sou exatamente o que ele precisa – alguém de nascimento baixo o bastante para aborrecer seu pai, mas inexperiente o suficiente para não ver a verdade*.

Sua refeição chegou, mas Vin não tinha mais muito apetite. Começou a mexer na comida quando Elend regressou, colocando uma grande taça cheia de alguma bebida na mesa. Bebia enquanto lia.

Vamos ver como reage se eu não interromper sua leitura, Vin pensou, aborrecida, recordando suas lições e comendo com a elegância de uma dama. Não era uma refeição grande – consistia principalmente de deliciosos vegetais preparados com manteiga – e, quanto mais rápido terminasse, mais rápido poderia dançar. Ao menos não teria que ficar sentada com Elend Venture.

O jovem lorde se deteve várias vezes enquanto ela comia, espiando-a por

sobre seu livro. Ele obviamente esperava que dissesse alguma coisa, mas ela não o fez. Enquanto comia, no entanto, a raiva dela foi se apaziguando. Olhou para Elend, estudando sua aparência levemente desleixada, observando a ansiedade com que lia seu livro. Estaria realmente escondendo o sentido retorcido de manipulação que Sazed dava a entender? Estaria realmente usando-a?

Qualquer um a trairá, Reen sussurrou. *Todo mundo a trairá.*

Elend parecia tão... autêntico. Parecia uma pessoa real, não uma fachada ou uma máscara. E parecia querer que ela falasse com ele. Vin considerou uma vitória pessoal quando ele finalmente abaixou o livro e olhou para ela.

– Por que está aqui, Valette? – perguntou.

– Aqui na festa?

– Não, aqui em Luthadel.

– Porque é o centro de tudo – Vin disse.

Elend franziu o cenho.

– Suponho que seja. Mas o império é um lugar grande para ter um centro tão pequeno. Não acho que realmente entendemos o quão grande é. Quanto tempo levou para chegar até aqui?

Vin teve um momento de pânico, mas as lições de Sazed vieram rapidamente à sua mente.

– Quase dois meses pelo canal, com algumas paradas.

– Um tempo muito longo – Elend disse. – Dizem que se leva meio ano para viajar de um extremo do império ao outro, ainda assim, a maior parte de nós ignora todo esse trajeto exceto por esse pequeno pedaço no centro.

– Eu... – Vin se calou. Com Reen, havia percorrido todo o Domínio Central. Era o menor dos Domínios, no entanto, e nunca visitara os locais mais exóticos do império. Esta área central era boa para ladrões; estranhamente, o local mais próximo do Senhor Soberano também era o que tinha mais corrupção, sem mencionar os mais ricos.

– O que acha da cidade, então? – Elend perguntou.

Vin se deteve.

– É... suja – disse, com honestidade. Sob a luz fraca, um criado se aproximou para retirar seus pratos. – É suja e cheia. Os skaa são tratados de maneira horrível, mas acho que isso acontece em qualquer lugar.

Elend inclinou a cabeça, lançando um olhar estranho.

Não devia ter mencionado os skaa. Isso não é muito típico dos nobres.

Ele se inclinou para a frente.

– Acha que os skaa daqui são tratados pior do que os da sua plantação? Sempre pensei que estavam melhor na cidade.

– Humm... não tenho certeza. Não ia aos campos com muita frequência.

– Então, não interagia muito com eles?

Vin deu de ombros.

– Isso importa? São apenas skaa.

– Veja, isso é o que sempre dizemos – Elend comentou. – Mas não sei. Talvez eu seja curioso demais, mas eles me interessam. Já os ouviu falar alguma vez entre si? Falam como pessoas normais?

– O quê? – Vin perguntou. – É claro que sim. Como poderiam falar?

– Bem, sabe o que o Ministério ensina.

Ela não sabia. Mas se dizia respeito aos skaa, provavelmente não era elogioso.

– Tenho como regra nunca acreditar completamente em nada do que o Ministério diz.

Elend se deteve de novo, inclinando a cabeça.

– Você... não é o que eu esperava, Lady Valette.

– Raramente as pessoas são.

– Então, me conte sobre os skaa das plantações. Como eles são?

Vin deu de ombros.

– Como os skaa de qualquer outro lugar.

– São inteligentes?

– Alguns são.

– Mas não como você e eu, certo? – Elend perguntou.

Vin se deteve. *Como uma nobre responderia?*

– Não, é claro que não. São apenas skaa. Por que está tão interessado neles?

Elend pareceu... desapontado.

– Por nenhum motivo – disse, recostando-se em sua cadeira e abrindo seu livro. – Acho que alguns daqueles homens querem convidá-la para dançar.

Vin se virou, notando que realmente havia um grupo de jovens parado a poucos metros de sua mesa. Afastaram o olhar assim que ela os encarou. Uns instantes depois, um dos homens apontou para outra mesa; então se aproximou e convidou uma jovem dama para dançar.

– Várias pessoas a notaram, minha senhora – Sazed disse. – Mas não se aproximam. A presença de Lorde Venture os intimida, creio.

Elend bufou.

– Deveriam saber que sou qualquer coisa menos intimidador.

Vin franziu o cenho, mas Elend apenas continuou a ler. *Muito bem!*, ela pensou, voltando-se novamente para os jovens. Olhou um deles nos olhos, sorrindo levemente.

Alguns momentos depois, o jovem se aproximou. Falou com ela em um tom de voz firme e formal.

– Lady Renoux, sou Lorde Melend Liese. Gostaria de dançar?

Vin deu uma olhada em Elend, mas ele não levantou a cabeça de seu livro.

– Adoraria, Lorde Liese – Vin disse, segurando a mão do jovem e se levantando.

Ele a levou até a pista de dança, e enquanto se aproximavam, o nervosismo de Vin retornou. De repente, uma semana de prática não parecia o suficiente. A música parou, permitindo aos casais sair ou entrar na pista, e Lorde Liese a guiou para frente.

Vin combateu sua paranoia, lembrando a si mesma que todo mundo via o vestido e a posição social, mas não a ela própria. Olhou nos olhos de Lorde Liese e, para sua surpresa, viu apreensão.

A música começou, assim como a dança. O rosto de Lorde Liese adquiriu uma expressão de consternação. Ela pôde sentir a palma da mão dele suando em suas mãos. *Ora, ele está tão nervoso quanto eu! Talvez ainda mais.*

Liese era mais jovem do que Elend, mais próximo da idade dela. Provavelmente não tinha muita experiência em bailes – certamente não parecia que dançava muito. Ele se concentrava tanto nos passos que seus movimentos pareciam rígidos.

Faz sentido, Vin percebeu, relaxando e deixando seu corpo se mover do modo que Sazed lhe ensinara. *Os experientes não me convidarão para dançar, não sendo tão nova. Estou abaixo da atenção deles.*

Mas por que Elend prestou atenção em mim? Será simplesmente como Sazed disse – uma trama para irritar seu pai? Por que, então, ele parece interessado no que tenho a dizer?

– Lorde Liese – Vin disse. – O que sabe sobre Elend Venture?

Liese levantou a cabeça.

– Humm, eu...

– Não se concentre tanto na dança – Vin disse. – Meu instrutor diz que ela flui mais naturalmente se não se tenta com tanto empenho.

Ele corou.

Senhor Soberano!, Vin pensou. *Quão inexperiente é este garoto?*

– Humm, Lorde Venture... – Liese disse. – Não sei. É uma pessoa muito

importante. Muito mais importante do que eu.

– Não deixe a linhagem dele intimidá-lo – Vin disse. – Pelo que vi, ele é bem inofensivo.

– Não sei, minha senhora – Liese disse. – A Casa Venture é muito influente.

– Sim, bem, Elend não faz jus a essa reputação. Parece gostar muito de ignorar os que estão em sua companhia... ele faz isso com todo mundo?

Liese deu de ombros, dançando mais naturalmente agora que estavam conversando.

– Não sei. Você... parece conhecê-lo melhor do que eu, minha senhora.

– Eu... – Vin se calou. Ela *sentia* como se o conhecesse bem; muito melhor do que deveria após dois breves encontros. Não podia explicar isso muito bem para Liese, no entanto.

Mas, talvez... Renoux não disse que encontrou Elend uma vez?

– Ah, Elend é um amigo da família – Vin disse, enquanto rodopiavam sob uma claraboia cristalina.

– Ele é?

– Sim – Vin disse. – Meu tio foi muito amável em pedir a Elend que me vigiasse nessas festas, e até agora ele foi um encanto. Mas desejaria que ele prestasse menos atenção naqueles livros e mais atenção em me apresentar.

Liese se animou, e pareceu ficar um pouco menos inseguro.

– Ah. Ora, isso faz sentido.

– Sim – Vin disse. – Elend tem sido como um irmão mais velho para mim durante o tempo que estou em Luthadel.

Liese sorriu.

– Perguntei a você sobre ele porque ele não fala muito de si mesmo – Vin explicou.

– Todos os Venture andam calados ultimamente – Liese comentou. – Desde o ataque em sua fortaleza, há vários meses.

Vin assentiu.

– O que sabe sobre isso?

Liese meneou a cabeça.

– Ninguém me conta nada. – Olhou para baixo, observando os seus pés. – Dança muito bem, Lady Renoux. Deve ter participado de muitos bailes em sua cidade natal.

– Não me lisonjeie, meu senhor – Vin disse.

– Não, é verdade. Você é tão... graciosa.

Vin sorriu, sentindo uma pequena onda de confiança.

– Sim – Liese disse, quase para si mesmo. – Você não é em absoluto como Lady Shan disse... – Calou-se com um leve sobressalto, como se percebesse o que estava dizendo.

– O quê? – Vin perguntou.

– Nada – Liese disse, ficando mais corado. – Sinto muito. Não foi nada.

Lady Shan, Vin pensou. *Preciso me lembrar deste nome.*

Interrogou Liese um pouco mais enquanto a dança progredia, mas ele era obviamente muito inexperiente para saber muita coisa. Sim, ele sentia que havia uma tensão crescente entre as casas; embora os bailes continuassem, havia mais e mais ausências, já que as pessoas não participavam de festas oferecidas por seus rivais políticos.

Quando a dança terminou, Vin se sentiu satisfeita com seus esforços. Provavelmente não descobrira nada de muito valor para Kelsier – mas Liese era só o início. Ela chegaria até pessoas mais importantes.

O que significa, Vin pensou, enquanto Liese a levava de volta para sua mesa, *que terei que participar de muitos mais desses bailes*. Não é que os bailes em si fossem desagradáveis – especialmente agora que se sentia mais confiante na dança. Mas ir a bailes significava que teria menos chances de sair nas brumas.

Não que Sazed me deixasse ir, de qualquer maneira, pensou, soltando um suspiro interior, sorrindo educadamente enquanto Liese fazia uma mesura e se retirava.

Elend havia espalhado seus livros pela mesa, e seu recanto estava muito mais iluminado por vários candelabros – aparentemente surrupiados de outras mesas.

Bem, Vin pensou, *pelo menos temos o roubo em comum*.

Elend estava debruçado sobre a mesa, fazendo anotações em um pequeno livro de bolso. Não levantou a cabeça enquanto ela se sentava. Sazed, ela observou, não estava em parte alguma.

– Mandei o terrisano jantar – Elend disse distraidamente enquanto rabiscava. – Não há necessidade de que ele passe fome enquanto você rodopia lá embaixo.

Vin ergueu uma sobrancelha, observando os livros que dominavam sua mesa. Mesmo com ela à mesa, Elend empurrou um volume de lado – deixando-o aberto em uma página específica – e puxou outro para mais perto.

– Então, como foi o supracitado rodopio? – ele perguntou.

– Na verdade, foi bem divertido.

– Achei que não fosse muito boa nisso.

– Não era – Vin confessou. – Pratiquei. Você pode achar essa informação surpreendente, mas ficar sentado no fundo da sala lendo livros no escuro não ajuda ninguém a se tornar um melhor dançarino.

– Isso é uma proposta? – Elend perguntou, deixando de lado seu livro e escolhendo outro. – Não é próprio de uma dama convidar um homem para dançar, você sabe.

– Ah, eu não o afastaria de sua leitura – Vin disse, virando um livro em sua direção. Fez uma careta; o texto estava escrito com uma letra de mão pequena e intrincada. – Além disso, dançar com você destruiria todo o trabalho que acabo de fazer.

Elend se deteve. Então, finalmente levantou a cabeça.

– Trabalho?

– Sim – Vin confirmou. – Sazed estava certo: Lorde Liese acha você intimidador e me achou intimidadora por associação. Podia ser bem desastroso para a vida social de uma jovem dama se todos os homens acreditassem que ela está fora de alcance simplesmente porque um lorde irritante decidiu estudar na mesa dela.

– Então... – Elend disse.

– Então disse para ele que você simplesmente estava me mostrando os costumes da corte. Como se fosse um... irmão mais velho.

– Irmão mais velho? – Elend perguntou, franzindo o cenho.

– *Muito* mais velho – Vin falou, sorrindo. – Quero dizer, você tem, pelo menos, o dobro da minha idade.

– O dobro da sua... Valette, tenho *vinte e um anos*. A menos que seja uma menina *muito* madura de dez anos, não estou nem perto de ter o "dobro da sua idade".

– Nunca fui boa em matemática – Vin disse, distraidamente.

Elend suspirou e revirou os olhos. Ali perto, Lorde Liese conversava tranquilamente com seu grupo de amigos, gesticulando na direção de Vin e Elend. Com sorte, um deles a convidaria para dançar em breve.

– Conhece uma tal de Lady Shan? – Vin perguntou como quem não quer nada, enquanto esperava.

Surpreendentemente, Elend ergueu o olhar.

– Shan Elariel?

– Presumo que sim – Vin disse. – Quem é ela?

Elend voltou para seu livro.

– Ninguém importante.

Vin ergueu uma sobrancelha.

– Elend, posso estar fazendo isso há poucos meses, mas até *eu* sei que não se deve acreditar em um comentário como esse.

– Bem... – Elend disse. – Posso estar comprometido com ela.

– Você tem uma noiva? – Vin perguntou, exasperada.

– Não tenho muita certeza. Não temos feito nada a esse respeito há mais de um ano. Provavelmente todo mundo se esqueceu do assunto a essa altura.

Magnífico, Vin pensou.

Um momento depois, um dos amigos de Liese se aproximou. Feliz por se livrar do frustrante herdeiro Venture, Vin se levantou, aceitando a mão do jovem lorde. Enquanto caminhava para a pista de dança, olhou para Elend e o pegou espiando-a sobre o livro. Ele imediatamente voltou à sua pesquisa com ar declaradamente indiferente.

Vin sentou-se à sua mesa sentindo um nível notável de exaustão. Resistiu à tentação de tirar os sapatos e massagear os pés; suspeitava que não seria muito próprio de uma dama. Silenciosamente, acendeu seu cobre, então queimou peltre, fortalecendo seu corpo e afastando um pouco da fadiga.

Deixou que o peltre e depois o cobre se apagassem. Kelsier assegurara que, com o cobre aceso, ela não seria identificada como alomântica. Vin não tinha tanta certeza. Com o peltre queimando, suas reações eram muito rápidas, seu corpo muito forte. Parecia para ela que uma pessoa observadora seria capaz de notar tais inconsistências, sendo ou não alomântica.

Com o peltre apagado, sua fadiga retornou. Vinha tentando não depender tanto do peltre. Seu ferimento só doía muito quando virava o corpo sem cuidado, e ela pretendia recuperar sua força por conta própria, se pudesse.

De certo modo, a fadiga desta noite era boa – era o resultado de um extenso período de dança. Agora que os jovens olhavam para Elend como para um guardião, em vez de alguém com interesse romântico, não tinham escrúpulos em convidar Vin para dançar. E, com medo de fazer uma declaração política inadequada ao recusar, Vin aceitara todos os pedidos. Há alguns meses, teria rido da ideia de ficar cansada de tanto dançar. Mas os pés machucados, a lateral do corpo dolorida e as pernas cansadas eram apenas parte disso. O esforço de memorizar nomes e casas – sem mencionar o de manter uma conversa amena com cada parceiro de dança – a deixara mentalmente esgotada.

Foi bom que Sazed me tenha feito usar essas sapatilhas em vez de saltos, Vin pensou, soltando um suspiro e tomando um suco gelado. O terrisano ainda não

voltara de seu jantar. Surpreendentemente, Elend tampouco estava à mesa – embora seus livros ainda estivessem espalhados por todos os lados.

Vin observou os volumes. Se parecesse estar lendo, talvez os jovens a deixassem em paz por um momento. Ela estendeu o braço, vasculhando os livros à procura de um candidato provável. O que mais a interessava – a pequena agenda de anotações encadernada em couro de Elend – não estava ali.

Pegou um grande volume azul e puxou-o para o seu lado da mesa. Havia escolhido pela letra grande – seria o papel algo assim tão caro que os escribas precisavam amontoar a maior quantidade possível de linhas em cada página? Vin suspirou, folheando o livro.

Não posso acreditar que as pessoas leiam livros tão grandes, pensou. Apesar da letra grande, cada página estava repleta de palavras. Levaria dias e dias para ler a coisa toda. Reen a ensinara a ler para que fosse capaz de decifrar contratos, anotações e talvez bancar a nobre. Mas o seu treinamento não se estendera a textos tão grandes.

Práticas históricas na norma política imperial, a primeira página dizia. Os capítulos tinham títulos como "O programa de governo do século quinto" e "A ascensão das plantações skaa". Folheou o livro até o final, imaginando que ali estaria o mais interessante. O capítulo final era intitulado "Estrutura política atual".

Até agora, leu, *o sistema de plantações tem produzido um governo muito mais estável do que as metodologias prévias. A estrutura dos Domínios, com cada lorde provincial a cargo de seus skaa – e responsável por eles – engendrou um ambiente competitivo no qual a disciplina é duramente reforçada.*

O Senhor Soberano aparentemente acha esse sistema preocupante, por causa da liberdade que dá à aristocracia. Contudo, a relativa falta de rebelião organizada é indubitavelmente atraente; durante os duzentos anos em que o sistema tem funcionado, não houve um grande levante nos Cinco Domínios Interiores.

É claro que esse sistema político é apenas uma extensão do grande governo teocrático. A independência da aristocracia tem sido temperada por um renovado vigor no fortalecimento dos obrigadores. Não seria aconselhável para nenhum lorde, não importa o quão altivo seja, pensar em si mesmo como acima da lei. A visita de um Inquisidor pode ser feita a qualquer um.

Vin franziu o cenho. Ainda que o texto fosse seco, estava surpresa que o Senhor Soberano permitisse tais discussões analíticas em seu império.

Recostou-se em sua cadeira, segurando o livro, mas não leu mais. Estava muito exausta pelas horas que passara tentando tirar informações de seus parceiros de dança.

Infelizmente, a política não prestava atenção ao seu cansaço. Embora tivesse feito o melhor possível para parecer absorta no livro de Elend, uma figura logo se aproximou de sua mesa.

Vin suspirou, preparando-se para outra dança. Logo percebeu, no entanto, que o recém-chegado não era um nobre, mas um mordomo terrisano. Como Sazed, usava uma túnica com desenhos em V sobrepostos, e gostava muito de joias.

– Lady Valette Renoux? – o homem alto perguntou, revelando um leve sotaque na voz.

– Sim – Vin disse, hesitante.

– Minha senhora, Lady Shan Elariel requer sua presença à sua mesa.

Requer?, Vin pensou. Não gostou do tom e tinha pouca vontade de conhecer a ex-noiva de Elend. Infelizmente, a Casa Elariel era uma das Grandes Casas mais poderosas – provavelmente não se tratava de alguém que se pudesse recusar sem constrangimento.

O terrisano aguardava.

– Está bem – Vin falou, levantando-se com toda a graça de que era capaz.

O terrisano conduziu Vin em direção a uma mesa próxima. A mesa estava bem frequentada, havia cinco mulheres sentadas em torno dela, e Vin localizou Shan imediatamente. Lady Elariel era obviamente a mulher escultural de longos cabelos escuros. Não estava participando da conversa, mas parecia dominá-la do mesmo modo. Seus braços cintilavam com braceletes cor de lavanda que combinavam com seu vestido, ela lançou um olhar desdenhoso para Vin quando ela se aproximou.

Aqueles olhos escuros, no entanto, eram penetrantes. Vin sentiu-se exposta diante dela – despida de seu belo vestido, reduzida à garota de rua mais uma vez.

– Deem-nos licença, senhoras – Shan disse. As mulheres imediatamente fizeram como lhes fora ordenado, levantando-se da mesa apressadamente.

Shan pegou um garfo e começou a dissecar e devorar meticulosamente um pequeno pedaço de bolo. Vin ficou parada, insegura, o terrisano se posicionou atrás da cadeira de Shan.

– Pode se sentar – Shan falou.

Estou me sentindo como uma skaa novamente, Vin pensou, sentando. *Nobres*

tratam uns aos outros dessa forma também?

– Está em uma posição invejável, criança – Shan comentou.

– Como assim? – Vin perguntou.

– Dirija-se a mim como "Lady Shan" – Shan falou, sem mudar o tom de voz. – Ou, talvez, "Vossa Senhoria".

Shan aguardou, comendo pequenos pedaços de bolo. Finalmente, Vin disse:

– Como assim, Vossa Senhoria?

– Porque o jovem Lorde Venture decidiu usá-la em seus jogos. Isso significa que você tem a oportunidade de ser usada por mim também.

Vin franziu o cenho. *Lembre-se de permanecer na personagem. Você é a facilmente intimidável Valette.*

– Não seria melhor não ser usada por ninguém, Vossa Senhoria? – Vin disse, cuidadosamente.

– Bobagem – Shan respondeu. – Mesmo uma simplória inculta como você deve ver a importância de ser útil aos seus superiores. – Shan disse, mas suas palavras, assim como o insulto, não tinham veemência; ela parecia simplesmente dar por certo que Vin concordaria.

Vin permaneceu sentada, desconcertada. Nenhum outro membro da nobreza a tratara daquela maneira. É claro, o único membro de uma Grande Casa que conhecera até agora fora Elend.

– Acredito, pelo seu olhar insípido, que aceita seu lugar – Shan prosseguiu. – Faz bem, criança, e talvez eu a deixe se juntar ao meu séquito. Pode aprender muito com as damas de Luthadel.

– Como o quê? – Vin perguntou, tentando afastar a irritação da voz.

– Olhe para si mesma, criança. Tem um cabelo que parece que passou por uma doença terrível, é tão magrela que seu vestido fica solto como um saco. Ser uma nobre em Luthadel exige... perfeição. Não *isso*. – Disse a última palavra apontando depreciativamente para Vin.

Vin corou. Havia um estranho poder na atitude aviltante dessa mulher. Com um sobressalto, percebeu que Shan a fazia se lembrar de alguns líderes de gangue que conhecera. Como Camon, o último deles – homens que acertavam uma pessoa sem esperar resistência. Todo mundo sabia que resistir a tais homens só pioraria o golpe.

– O que quer de mim? – Vin perguntou.

Shan ergueu uma sobrancelha enquanto deixava o garfo de lado, com o bolo parcialmente comido. O terrisano recolheu o prato e se afastou com ele.

– Você é realmente uma coisinha pobre de espírito, não é? – Shan perguntou.

Vin se conteve.

– O que *Vossa Senhoria* quer de mim?

– Eu lhe direi em algum momento... presumindo que Lorde Venture decida continuar jogando com você.

Vin captou um vislumbre de ódio quando Shan disse o nome de Elend.

– Por enquanto – Shan prosseguiu – conte-me sobre sua conversa com ele esta noite.

Vin abriu a boca para responder. Mas... sentiu que algo estava errado. Captou apenas uma centelha – não teria nem notado sem o treinamento com Brisa.

Uma Abrandadora? Interessante?

Shan estava tentando tornar Vin complacente. Para que falasse, talvez? Vin começou a relatar sua conversa com Elend, sem revelar nada de interessante. Mas ainda havia algo estranho – algo no jeito com que Shan brincava com suas emoções. De soslaio, Vin viu o terrisano de Shan voltando da cozinha. Mas, em vez de voltar para a mesa de Shan, ele tomou outra direção.

Foi até a mesa de Vin. Parou diante dela e começou a vasculhar os livros de Elend.

O que quer que ele queira, não posso deixar que o encontre.

Vin se levantou subitamente, finalmente provocando uma reação em Shan, que levantou a cabeça, surpresa.

– Acabo de lembrar que mandei o meu terrisano me encontrar em minha mesa! – Vin disse. – Ele ficará preocupado se eu não estiver sentada lá!

– Ah, pelo amor do Senhor Soberano – Shan murmurou entredentes. – Criança, não há necessidade...

– Sinto muito, Vossa Senhoria – Vin falou. – Preciso ir.

Era um pouco óbvio, mas foi o melhor que lhe ocorreu na hora. Vin fez uma reverência e se retirou da mesa de Shan, deixando a mulher contrariada para trás. O terrisano era bom – quando Vin deu uns poucos passos, se afastando da mesa de Shan, ele a notou e continuou caminhando, com movimentos impressionantemente calmos.

Vin voltou à sua mesa, perguntando-se se cometera um erro ao deixar Shan de modo tão rude. Mas estava ficando cansada demais para se importar. Quando percebeu que outro grupo de jovens a observava, sentou-se rapidamente, abrindo um dos livros de Elend.

Felizmente, a estratégia funcionou melhor desta vez. Os jovens se afastaram depois de um tempo, deixando Vin em paz, e ela ficou sentada, relaxando um pouco com o livro aberto diante de si. A noite avançava, e o salão de baile

estava lentamente começando a se esvaziar.

Os livros, ela pensou, franzindo o cenho, pegando seu suco e dando um gole. *O que o terrisano queria com eles?*

Examinou a mesa atentamente, tentando perceber se algo fora tocado, mas Elend deixara os livros em tal estado de desordem que era difícil dizer. Contudo, um livreto colocado embaixo de outro chamou sua atenção. A maior parte dos outros livros estava aberta em uma página específica, e ela tinha visto Elend lendo-os. Este livro em particular, no entanto, estava fechado – e ela não se lembrava dele tê-lo aberto. Estava ali antes – o reconheceu porque era muito mais fino do que os outros –, então o terrisano não o vira.

Curiosa, Vin estendeu a mão e tirou o livreto debaixo do volume maior. Tinha uma capa de couro negro, e a lombada dizia *Padrões climáticos do Domínio do Norte*. Vin franziu o cenho, revirando o livro nas mãos. Não tinha folha de rosto nem autor. Começava diretamente com o texto.

Quando nos referimos ao Império Final em sua totalidade, um determinado fato é inequívoco. Para uma nação governada por uma divindade autoproclamada, o império tem experimentado um número assustador de erros de liderança colossais. A maioria foi acobertada com sucesso, e só pode ser encontrada nas mentes de metal dos feruquemistas ou nas páginas dos textos banidos. Contudo, só é preciso olhar para o passado próximo para notar tais erros, como o Massacre de Devanex, a revisão da Doutrina das Profundezas, e a realocação do povo renate.

O Senhor Soberano não envelhece. Isso, ao menos, é inegável. Este texto, no entanto, se propõe a demonstrar que ele não é, de modo algum, infalível. Durante os dias anteriores à Ascensão, a humanidade sofreu o caos e a incerteza causados por um ciclo sem fim de reis, imperadores e outros monarcas. Seria possível pensar que agora, com um único governante imortal, a sociedade finalmente teria a oportunidade de encontrar estabilidade e iluminação. A notável falta desses atributos no Império Final é o descuido mais grave do Senhor Soberano.

Vin encarou a página. Não conhecia algumas palavras, mas era capaz de captar o que o autor queria dizer. Estava dizendo...

Fechou o livro e rapidamente o colocou de volta no lugar. O que aconteceria se os obrigadores descobrissem que Elend possuía um texto desses? Olhou para os lados. Eles estavam ali, é claro, misturando-se com a multidão como no outro baile, marcados por suas túnicas cinzas e os rostos tatuados. Muitos estavam sentados às mesas com os nobres. Amigos? Ou espiões do Senhor

Soberano? Ninguém parecia muito confortável quando um obrigador estava por perto.

O que Elend está fazendo com um livro desses? Um nobre poderoso como ele? Por que leria textos que falam mal do Senhor Soberano?

Uma mão pousou em seu ombro, e Vin se virou, queimando peltre e cobre instintivamente em seu estômago.

– Opa – Elend disse, dando um passo para trás e erguendo a mão. – Alguém já disse o quão agitada você é, Valette?

Vin relaxou, recostando-se em sua cadeira e apagando seus metais. Elend foi até seu lugar e se sentou.

– Apreciando Heberen?

Vin franziu o cenho, e Elend fez sinal com a cabeça para o livro grande e grosso diante dela.

– Não – Vin disse. – É entediante. Estava só fingindo ler para que os homens me deixassem um pouco em paz.

Elend deu uma risada.

– Agora, veja, sua esperteza vai deixá-la sozinha.

Vin ergueu uma sobrancelha enquanto Elend começava a recolher seus livros, empilhando-os na mesa. Não pareceu notar que ela movera o livro do "clima", e cuidadosamente o colocou no meio da pilha.

Vin afastou os olhos do livro. *Provavelmente não deveria falar para ele sobre Shan – não até conversar com Sazed*.

– Acho que minha esperteza fez bem seu trabalho – ela disse, em vez disso. – Afinal, *eu* vim ao baile para dançar.

– Acho a dança superestimada.

– Não pode permanecer afastado da corte para sempre, Lorde Venture; é o herdeiro de uma casa muito importante.

Ele suspirou, espreguiçando-se e reclinando-se em sua cadeira.

– Suponho que esteja certa – disse, com franqueza surpreendente. – Mas quanto mais tempo eu resistir, mais aborrecido meu pai ficará. Isso, em si, é um objetivo digno.

– Ele não é o único que você machuca – Vin falou. – E as garotas que nunca convidou para dançar porque está ocupado demais vasculhando entre seus livros?

– Que eu me lembre – Elend disse, colocando o último livro por sobre a pilha –, alguém estava fingindo ler a fim de *evitar* dançar. Não acho que as damas tenham problemas em encontrar parceiros mais amigáveis do que eu.

Vin ergueu uma sobrancelha.

– Não tenho problema porque sou nova e de baixa posição. Suspeito que as damas mais próximas do seu status têm problemas em encontrar parceiros, amigáveis ou não. Pelo que sei, os nobres ficam desconfortáveis ao dançar com mulheres que estão acima de sua posição.

Elend se deteve, obviamente buscando um contra-argumento.

Vin inclinou-se para a frente.

– O que acontece, Elend Venture? Por que se empenha tanto em evitar seu dever?

– Dever? – Elend perguntou, inclinando-se na direção dela com postura séria. – Valette, isso não é dever. Este baile... isso é inconsequência e distração. Uma perda de tempo.

– E as mulheres? – Vin perguntou. – Também são?

– As mulheres? – Elend repetiu. – As mulheres são como tempestades. São bonitas de se olhar e, algumas vezes, agradáveis de ouvir, mas na maior parte do tempo são um simples inconveniente.

Vin sentiu que ficava ligeiramente boquiaberta. Então notou o brilho nos olhos dele e o sorrisinho no canto de seus lábios e se pegou sorrindo também.

– Você fala isso para me provocar!

O sorriso dele cresceu.

– Sou encantador dessa maneira. – Ele se levantou, olhando para ela afetuosamente. – Ah, Valette. Não deixe que a enganem para que se leve muito a sério. Não vale o esforço. Mas, devo desejar-lhe uma boa noite. No futuro, tente não deixar que se passem meses entre os bailes que frequenta.

Vin sorriu.

– Pensarei nisso.

– Por favor – Elend disse, curvando-se e recolhendo a alta pilha de livros. Cambaleou por um momento, então recuperou o equilíbrio e colocou a cabeça do lado da pilha. – Quem sabe... um dia desses você talvez consiga realmente me fazer dançar.

Vin sorriu, assentindo enquanto o nobre dava meia-volta e partia, circundando o perímetro da segunda fileira do salão de bailes. Logo se encontrou com outros dois jovens. Vin observou curiosamente como um dos homens dava um tapinha amistoso no ombro de Elend, pegando metade dos livros em seguida. Os três saíram juntos, conversando.

Vin não reconheceu os recém-chegados. Ficou sentada pensativa, quando Sazed finalmente apareceu por um corredor lateral, e Vin acenou para ele

impaciente. Ele se aproximou apressado.

– Quem são aqueles homens com Lorde Venture? – Vin perguntou, apontando na direção de Elend.

Sazed apertou os olhos atrás dos óculos.

– Ora... um deles é Lorde Jastes Lekal. O outro é um Hasting, embora não saiba seu nome.

– Parece surpreso.

– As casas Lekal e Hasting são rivais políticas da Casa Venture, Senhora. Os nobres com frequência se encontram em festas menores, após o baile, para fazer alianças... – O terrisano se deteve, voltando-se para ela. – Mestre Kelsier vai querer ouvir isso, creio. É hora de nos retirarmos.

– Concordo – Vin disse, levantando-se. – Assim como meus pés. Vamos.

Sazed assentiu, e os dois se dirigiram para a porta da frente.

– Por que demorou tanto? – Vin perguntou enquanto esperavam que um criado buscasse o xale dela.

– Voltei várias vezes, Senhora – Sazed disse. – Mas você estava sempre dançando. Decidi que seria mais útil conversar com os criados do que ficar parado ao lado de sua mesa.

Vin assentiu, aceitando o xale, e ambos desceram as escadas atapetadas, Sazed vinha logo atrás dela. O passo de Vin era rápido – queria voltar e contar para Kelsier os nomes que memorizara antes que esquecesse toda a lista. Deteve-se logo abaixo, esperando que um criado trouxesse a carruagem. Enquanto isso, notou algo estranho. Um pequeno distúrbio acontecia a poucos metros, entre as brumas. Deu um passo adiante, mas Sazed colocou uma mão em seu ombro, impedindo-a. Uma dama não vagaria pelas brumas.

Ela alcançou seu cobre e seu estanho, mas esperou – o distúrbio se aproximava. Um guarda saiu das brumas, puxando uma pequena forma que se debatia: um menino skaa com a roupa suja e o rosto manchado de fuligem. O soldado fez uma ampla reverência para Vin, desculpando-se com ela enquanto se aproximava de um dos capitães da guarda. Vin queimou estanho para ouvir o que era dito.

– Um garoto das cozinhas – o soldado disse em voz baixa. – Tentando pedir esmola para um nobre dentro de sua carruagem, que tinha parado para esperar que os portões se abrissem.

O capitão simplesmente assentiu. O soldado puxou o menino para dentro das brumas novamente, caminhando na direção do pátio distante. O garoto se debatia, e o soldado grunhia de aborrecimento, segurando-o com força. Vin o

observou partir, a mão de Sazed ainda em seu ombro, como se tentasse detê-la. É claro que não podia ajudar o menino. Ele não devia...

Nas brumas, além da visão das pessoas normais, o soldado desembainhou uma adaga e cortou a garganta do menino. Vin se sobressaltou, chocada, quando os sons do garoto se debatendo cessaram. O guarda largou o corpo, depois agarrou-o por uma perna e começou a arrastá-lo para longe.

Vin ficou parada, aturdida, até que sua carruagem chegou.

– Senhora – Sazed a instou, mas ela simplesmente não reagiu.

Eles o mataram, pensou. *Bem ali, a poucos passos de distância de onde os nobres esperam suas carruagens. Como se... a morte não fosse nada fora do normal. Apenas outro skaa abatido. Como um animal.*

Ou menos do que um animal. Ninguém abateria porcos no pátio de uma fortaleza. A postura do guarda enquanto cometia o assassinato indicava que estava irritado demais com o menino se debatendo para esperar por um local mais apropriado. Se alguém da nobreza ao redor de Vin percebeu o acontecimento, não prestou atenção, pois todos mantinham suas conversas enquanto esperavam. Na verdade, todos pareciam um pouco mais tagarelas agora que os gritos haviam parado.

– Senhora – Sazed disse outra vez, empurrando-a para frente.

Ela se permitiu ser conduzida até a carruagem, sua mente ainda distraída. Parecia um contraste tão impossível. A agradável nobreza, dançando dentro de um salão que cintilava com as luzes e os vestidos. E morte no pátio. Não se importavam? Não sabiam?

Este é o Império Final, Vin, disse para si mesma enquanto a carruagem se punha em marcha. *Não se esqueça das cinzas só porque viu um pouco de seda. Se essas pessoas soubessem que é uma skaa, elas a abateriam com a mesma facilidade que fizeram com aquele pobre menino.*

Era um pensamento decepcionante – que a manteve absorta durante toda a viagem de volta para Fellise.

Kwaan e eu nos conhecemos por acaso – no entanto, eu suponho que ele usaria a palavra "providência".

Conheci muitos outros filósofos terrisanos desde aquele dia. Eles são, cada um, homens de grande sabedoria e incrível sagacidade. Homens com uma importância quase palpável.

Mas não Kwaan. Ele é, de certo modo, tão improvável como profeta quanto eu como herói. Nunca teve um ar de sabedoria cerimoniosa – nem mesmo era um erudito religioso. Quando nos conhecemos, ele estava estudando um de seus ridículos interesses na grande biblioteca Khlenni – creio que estava tentando determinar se as árvores podiam ou não pensar.

Que ele iria ser quem finalmente descobriu o grande Herói da profecia de Terris é um assunto que teria me feito rir se os fatos tivessem acontecido de maneira um pouco diferente.

19

Kelsier podia sentir outro alomântico pulsando nas brumas. As vibrações percorreram o seu corpo como ondas rítmicas varrendo uma costa tranquila. Eram fracas, mas inequívocas.

Agachou-se sobre o muro baixo de um jardim, sentindo as vibrações. A volúvel bruma branca continuava a flutuar, comum e plácida – indiferente, exceto a que estava mais próxima de seu corpo, que se enroscava na corrente alomântica ao redor de seus membros.

Kelsier perscrutou a noite, avivando o estanho e procurando o outro alomântico. Pensou ter visto uma figura agachada no alto do muro, na distância, mas não pôde ter certeza. Reconheceu as vibrações alomânticas, no entanto. Cada metal, quando queimado, emitia um sinal distinto, reconhecível para quem tinha prática com o bronze. O homem ao longe queimou estanho, assim como os quatro outros que Kelsier sentira se esgueirar ao redor da Fortaleza Tekiel. Os cinco Olhos de Estanho fechavam o perímetro, vigiando na noite, procurando por intrusos.

Kelsier sorriu. As Grandes Casas estavam ficando nervosas. Manter cinco Olhos de Estanho de guarda não seria difícil para uma casa como a Tekiel, mas os nobres alomânticos se ressentiriam de serem obrigados a cumprir os simples deveres de guarda. E, se havia cinco Olhos de Estanho de vigia, as chances eram boas de que vários Brutamontes, Lançamoedas e Atraidores tivessem sido convocados também. Luthadel estava silenciosamente em estado de alerta.

De fato, as Grandes Casas estavam ficando tão cautelosas que Kelsier vinha tendo dificuldades de encontrar brechas em suas defesas. Ele era um só homem, até mesmo os nascidos das brumas tinham seus limites. Seu sucesso até agora se devia ao fator surpresa. Mas com cinco Olhos de Estanho de vigia, Kelsier não seria capaz de se aproximar muito da fortaleza sem correr sérios riscos de ser localizado.

Felizmente, Kelsier não precisava testar as defesas de Tekiel esta noite. Em vez disso, arrastou-se pelo muro, na direção do terreno externo. Parou perto do poço do jardim – queimando bronze para se assegurar de que não havia nenhum alomântico por perto –, aproximando-se de um arbusto para recolher um saco grande. Era pesado o suficiente para que tivesse que queimar peltre para levantá-lo e colocá-lo no ombro. Deteve-se por um momento em meio à noite, esforçando-se para ouvir os sons nas brumas, então carregou o saco na direção da fortaleza.

Parou perto de uma grande varanda caiada junto a um pequeno espelho d'água. Então, tirou o saco do ombro e deixou o conteúdo – um cadáver recém-morto – cair no chão.

O corpo – que pertencera a um tal de Lorde Charrs Entrone – rolou até parar de cara no chão, com dois ferimentos de adagas gêmeas brilhando em suas costas. Kelsier emboscara o homem meio bêbado em uma rua, do lado de fora de um cortiço skaa, livrando o mundo de outro nobre. Entrone, em particular, não seria lamentado – era famoso por seu senso retorcido de prazer. Lutas de skaa, por exemplo, eram uma de suas diversões favoritas. Era onde passara esta noite.

Entrone era, não por coincidência, um importante aliado político da Casa Tekiel. Kelsier deixou o cadáver estendido em seu próprio sangue. Os jardineiros o encontrariam – e assim que os criados se inteirassem da morte, nem toda a obstinação dos nobres manteria isso em silêncio. O assassinato provocaria um alarido, e a culpa imediatamente recairia sobre a Casa Izenry, rival da Casa Tekiel. A morte suspeita e inesperada de Entrone faria a Casa Tekiel ficar mais cautelosa. Se começarem a bisbilhotar, descobrirão que o

oponente de apostas de Entrone na luta daquela noite fora Crews Geffenry – um homem cuja casa havia pedido uma forte aliança com os Tekiel. Crews era um conhecido Nascido das Brumas, e um lutador competente com facas.

E assim a intriga começaria. A Casa Izenry seria responsável pelo assassinato? Ou, talvez, a morte fora uma tentativa da Casa Geffenry de alarmar ainda mais os Tekiel – e assim encorajá-los a buscar alianças com os nobres mais baixos? Ou, haveria uma terceira opção – uma casa que quisesse fortalecer a rivalidade entre Tekiel e Izenry?

Kelsier saltou do muro do jardim, coçando a barba falsa que usava. Na verdade, não importava muito quem a Casa Tekiel decidiria culpar; o propósito real de Kelsier era fazê-los duvidar e se preocupar, trazer desconfiança e incompreensão. O caos era seu aliado mais forte para fomentar uma guerra entre as casas. Quando a guerra finalmente viesse, cada nobre morto seria uma pessoa a menos que os skaa teriam que encarar em sua rebelião.

Assim que se encontrou a uma certa distância da Fortaleza Tekiel, Kelsier lançou uma moeda e subiu nos telhados. De vez em quando se perguntava o que as pessoas nas casas abaixo pensavam quando ouviam os passos vindos de cima. Saberiam que os nascidos das brumas achavam seus lares uma estrada conveniente, um lugar por onde podiam se mover sem serem incomodados por guardas ou ladrões? Ou as pessoas atribuíam as batidas aos sempre condenáveis espectros das brumas?

Provavelmente nem percebem. Pessoas sãs estão dormindo quando as brumas saem. Aterrissou em um telhado pontudo, recuperando seu relógio de bolso do lugar em que o escondera, olhou as horas e o guardou novamente – afastando de si o perigoso metal do qual o objeto era feito. Muitos nobres usavam metal ostensivamente, uma demonstração tola de bravura. O hábito fora herdado diretamente do Senhor Soberano. Kelsier, no entanto, não gostava de carregar nenhum metal – relógio, anel ou pulseira – desnecessário.

Lançou-se novamente no ar, dirigindo-se para os Labirintos de Fuligem, um bairro pobre skaa no extremo norte da cidade. Luthadel era uma cidade enorme, alastrada; a cada década, mais ou menos, novos setores eram acrescentados, e a muralha da cidade era expandida com o suor e esforço do trabalho skaa. Com a era do advento dos modernos canais, a pedra estava ficando relativamente barata e fácil de transportar.

Fico imaginando por que ele se preocupa com a muralha, Kelsier pensou, movendo-se paralelamente aos telhados da imensa estrutura. *Quem atacaria? O Senhor Soberano controla tudo. Nem mesmo as ilhas ocidentais resistem*

mais.

Não havia uma guerra de verdade no Império Final há séculos. A “rebelião” ocasional consistia em nada mais do que alguns milhares de homens escondidos nas montanhas ou cavernas, saindo para deflagrar ataques periódicos. Nem mesmo a rebelião de Yeden se baseava muito na força – contava com o caos de uma guerra entre as casas, junto com o erro estratégico da Guarnição de Luthadel, para ter uma oportunidade. Se chegassem a uma campanha de guerra extensa, Kelsier perderia. O Senhor Soberano e o Ministério do Aço poderiam dispor, literalmente, de milhares de soldados se houvesse a necessidade.

É claro, havia outro plano. Kelsier não falava dele, mal se atrevia a considerá-lo. Provavelmente não teria nem mesmo uma oportunidade de colocá-lo em prática. Mas, se a ocasião chegasse...

Saltou no chão do lado externo dos Labirintos de Fuligem, então se enrolou em sua capa de bruma e caminhou pela rua com passo confiante. Seu contato estava sentado à porta de uma loja fechada, fumando silenciosamente um cachimbo. Kelsier ergueu uma sobrancelha; tabaco era um luxo caro. Ou Hoid era muito extravagante ou tinha tanto êxito quanto Dockson dera a entender.

Hoid afastou o cachimbo calmamente e se levantou – embora isso não o tornasse muito mais alto. O sujeito careca e magrelo fez uma profunda reverência em meio à noite brumosa.

– Saudações, meu senhor.

Kelsier se deteve diante do homem, os braços cuidadosamente enfiados na capa de bruma. Ele não queria que um informante de rua soubesse que o “nobre” desconhecido com quem estava se encontrando tinha as cicatrizes de Hathsin nos braços.

– Você foi muito bem recomendado – Kelsier disse, imitando o jeito de falar arrogante de um nobre.

– Sou um dos melhores, meu senhor.

Qualquer um que sobreviva tanto tempo quanto você deve ser bom, Kelsier pensou. Lordes não gostavam da ideia de outros homens a par de seus segredos. Os informantes geralmente não viviam muito.

– Preciso saber algo, informante – Kelsier disse. – Mas primeiro, deve jurar que não falará deste encontro com ninguém.

– É claro, meu senhor – Hoid disse. Provavelmente quebraria a promessa antes que a noite terminasse – outra razão pela qual os informantes não viviam muito. – Há, no entanto, a questão do pagamento...

– Você terá seu dinheiro, skaa – Kelsier replicou.

– É claro, meu senhor – Hoid disse, com um rápido aceno de cabeça. – Pediu informação a respeito da Casa Renoux, creio eu...

– Sim. O que é sabido a esse respeito? Com quais casas está aliada? Preciso saber essas coisas.

– Na verdade, não há muito o que saber, meu senhor – Hoid respondeu. – Lorde Renoux é muito novo na área, e é um homem cuidadoso. Não está fazendo nem aliados nem inimigos no momento; está comprando muitas armas e armaduras, mas provavelmente está adquirindo para uma ampla variedade de casas e mercadores para, assim, cativar todos eles. Uma tática sábia. Terá, talvez, um excesso de mercadorias, mas também terá um excesso de amigos, não é?

Kelsier bufou.

– Não vejo por que deveria pagar por isso.

– Ele terá muita mercadoria, meu senhor – Hoid disse rapidamente. – O senhor poderá fazer um bom lucro se souber que Renoux está registrando prejuízo.

– Não sou mercador, skaa – Kelsier disse. – Não me importam os lucros ou registros! – *Deixe que engula essa. Agora ele acha que sou de uma Grande Casa; é claro que se não tivesse suspeitado por causa da capa de bruma, não mereceria a reputação que tem.*

– É claro, meu senhor – Hoid disse rapidamente. – Há mais, é claro...

Ah, agora veremos. Será que as ruas sabem que a Casa Renoux está conectada aos rumores de rebelião? Se alguém tivesse descoberto esse segredo, então a gangue de Kelsier estaria em sério perigo.

Hoid tossiu baixinho, estendendo a mão.

– Homem insuportável! – Kelsier replicou, jogando uma bolsa de moedas aos pés de Hoid.

– Sim, meu senhor – Hoid disse, caindo de joelhos e procurando com a mão. – Peço desculpas, meu senhor. Minha visão é fraca. Mal posso ver meus próprios dedos diante do meu rosto.

Esperto, Kelsier pensou, enquanto Hoid encontrava a bolsa e a guardava. O comentário sobre a visão era, é claro, uma mentira – nenhum homem chegaria longe no submundo com tal impedimento. Contudo, um nobre que pensasse que seu informante era meio cego ficaria muito menos paranoico quanto a ser identificado. Não que Kelsier estivesse preocupado – usava um dos melhores disfarces de Dockson. Além da barba, usava um nariz falso, mas realista,

juntamente com plataformas nos pés e maquiagem para tornar sua pele mais clara.

– Disse que há mais? – Kelsier perguntou. – Juro, skaa, se não for bom...

– Mas é, – Hoid disse rapidamente – Lorde Renoux está considerando uma união entre sua sobrinha, Lady Valette, e Lorde Elend Venture.

Kelsier se deteve. *Não esperava por isso...*

– Isso é bobagem. Venture está *muito* acima de Renoux.

– Os dois jovens foram vistos conversando largamente, no baile dos Venture, há um mês.

Kelsier riu, pejorativo.

– Todo mundo sabe disso. Não significa nada.

– Não? – Hoid perguntou. – Todo mundo sabe que Lorde Elend Venture falou muito bem da garota para seus amigos, o grupo de nobres filósofos que frequenta a Pena Quebrada?

– Jovens falam sobre garotas o tempo todo – Kelsier comentou. – Não significa nada. Devolva-me essas moedas.

– Espere! – Hoid disse, parecendo apreensivo pela primeira vez. – Há mais. Lorde Renoux e Lorde Venture têm transações secretas.

O quê?

– É verdade – Hoid prosseguiu. – É uma notícia fresca... eu a ouvi há apenas uma hora. Há uma conexão entre os Renoux e os Venture. E, por alguma razão, Lorde Renoux pôde exigir que Elend Venture fosse designado para vigiar Lady Valette nos bailes. – Ele abaixou a voz. – Até mesmo se sussurra que Lorde Renoux tem algum tipo de... influência sobre a Casa Venture.

O que aconteceu no baile esta noite? Kelsier pensou. Em voz alta, no entanto, disse:

– Isso tudo parece muito fraco, skaa. Não tem nada além de especulações inúteis?

– Não sobre a Casa Renoux, meu senhor – Hoid disse. – Tentei, mas sua preocupação com essa casa é sem sentido! Deveria escolher uma casa mais central na política. Como, por exemplo, a Casa Elariel...

Kelsier franziu o cenho. Ao mencionar Elariel, Hoid estava dando a entender que tinha alguma notícia importante que valeria o pagamento de Kelsier. Parecia que os segredos da Casa Renoux estavam a salvo. Era hora de passar a discussão para as outras casas, para que Hoid não desconfiasse do interesse de Kelsier em Renoux.

– Muito bem – Kelsier concordou. – Mas se isso não valer meu tempo...

– Vale, meu senhor. Lady Shan Elariel é uma Abrandadora.

– Provas?

– Eu a senti tocar minhas emoções, meu senhor – Hoid disse. – Durante um incêndio na Fortaleza Elariel, há uma semana, ela estava acalmando as emoções dos criados.

Kelsier começara esse incêndio. Infelizmente, não se espalhara além do alojamento dos guardas.

– O que mais?

– A Casa Elariel recentemente deu a ela permissão para usar seus poderes em eventos da corte – Hoid disse. – Temem uma guerra entre as casas, e querem que ela faça qualquer aliança possível. Ela sempre carrega um fino envelope com lascas de latão na luva direita. Coloque um buscador perto dela em um baile e verá. Meu senhor, eu não minto! Minha vida como informante depende unicamente da minha reputação. Shan Elariel *é* uma Abrandadora.

Kelsier deteve-se, como se refletisse. A informação era inútil para ele, mas seu propósito original – averiguar as notícias sobre a Casa Renoux – já fora satisfeito. Hoid merecera suas moedas, sabendo disso ou não.

Kelsier sorriu. *Agora semear um pouco mais de caos*.

– E sobre a relação secreta de Shan com Salmen Tekiel? – Kelsier disse, escolhendo ao azar o nome de um jovem nobre. – Acha que ela usa seus poderes para ganhar os favores dele?

– Ah, certamente, meu senhor – Hoid disse rapidamente. Kelsier pôde ver o brilho de excitação nos olhos dele; ele presumia que Kelsier lhe dera um suculento pedaço de fofoca política grátis.

– Talvez tenha sido ela que garantiu para Elariel o acordo com a Casa Hasting semana passada – Kelsier murmurou. Não havia tal acordo.

– Muito provavelmente, meu senhor.

– Muito bem, skaa – Kelsier falou. – Você mereceu as suas moedas. Talvez eu o chame em outra ocasião.

– Obrigado, meu senhor – Hoid disse, fazendo uma mesura profunda.

Kelsier derrubou uma moeda e se lançou no ar. Enquanto aterrissava em um telhado, vislumbrou Hoid vasculhando o chão para pegar a moeda. Hoid não teve dificuldade em localizá-la, apesar de sua “visão fraca”. Kelsier sorriu e continuou seu caminho. Hoid não mencionara o atraso de Kelsier, mas em seu próximo encontro não seria tão compreensivo.

Dirigiu-se para leste, até a praça Ahlstrom. Tirou sua capa de bruma, revelando a camisa esfarrapada que usava por baixo. Foi até um beco, onde

deixou a capa e o casaco, e encheu as duas mãos de cinzas da esquina. Esfregou os flocos escuros e crocantes nos braços, mascarando suas cicatrizes, e depois no rosto e na barba falsa.

O homem que cambaleou para fora do beco alguns segundos mais tarde era muito diferente do homem que se encontrara com Hoid. A barba, antes arrumada, agora se projetava em um emaranhado despenteado. Algumas mechas haviam sido removidas, dando-lhe um aspecto desigual e doentio. Kelsier mancava, fingindo ser coxo de uma perna, e chamou uma figura parada nas sombras perto da silenciosa fonte da praça.

– Meu senhor? – Kelsier perguntou com voz áspera. – Meu senhor, é você?

Lorde Straff Venture, líder da Casa Venture, era um homem imponente, mesmo para um nobre. Kelsier pôde ver dois guardas parados ao lado dele; o lorde em si não parecia nem um pouco incomodado pelas brumas – era de conhecimento geral que era um Olho de Estanho. Venture avançou com passo firme, o bastão de cana batendo no chão ao seu lado.

– Está atrasado, skaa! – disse bruscamente.

– Meu senhor, eu... eu... eu estava esperando no beco, meu senhor, como combinamos!

– Não combinamos nada disso!

– Sinto muito, meu senhor – Kelsier disse novamente, fazendo uma reverência e cambaleando por causa da perna "coxa". – Sinto muito, sinto muito. Estava ali no beco. Não pretendia fazê-lo esperar.

– Não conseguiu nos ver, homem?

– Sinto muito, meu senhor – Kelsier disse. – Minha visão... não é muito boa, sabe. Mal posso ver minhas próprias mãos diante do meu rosto. – *Obrigado pela dica, Hoid.*

Venture bufou, entregando seu bastão de duelo para um guarda, e esbofeteou Kelsier com força.

Kelsier despencou no chão, segurando a bochecha.

– Sinto muito, meu senhor – murmurou novamente.

– Da próxima vez que me deixar esperando, será com o bastão – Venture disse, cortante.

Bem, sei onde ir da próxima vez que precisar de um cadáver para jogar no jardim de alguém, Kelsier pensou, ficando em pé com esforço.

– Agora – Venture disse. – Vamos aos negócios. Que notícia importante é essa que prometeu me dar?

– É sobre a Casa Erikell, meu senhor – Kelsier disse. – Sei que Vossa

Senhoria fez acordos com ele no passado.

– E?

– Bem, meu senhor, eles o estão trapaceando descaradamente. Estão vendendo suas espadas e bastões para a Casa Tekiel pela metade do preço que você vem pagando!

– Tem alguma prova?

– Só precisa olhar os novos armamentos de Tekiel, meu senhor – Kelsier disse. – Minha palavra é verdadeira. Não tenho nada além da minha reputação! Se não tenho isso, não tenho minha vida.

E não estava mentindo. Ou, pelo menos, não completamente. Seria inútil para Kelsier espalhar uma informação que Venture poderia confirmar ou descartar com facilidade. Algo do que dissera era verdade – Tekiel estava dando uma ligeira vantagem a Erikell. Kelsier estava exagerando, naturalmente. Se jogasse bem suas cartas, poderia iniciar um racha entre Erikell e Venture, ao mesmo tempo em que deixaria Venture com ciúmes de Tekiel. E se Venture fosse até Renoux em busca de armas, em vez de até Erikell... bem, isso seria apenas um benefício colateral.

Straff Venture bufou. Sua casa era poderosa – incrivelmente poderosa – e não dependia de nenhuma indústria ou empresa específica para manter suas riquezas. Era uma posição muito difícil de se alcançar no Império Final, considerando os impostos do Senhor Soberano e o custo do atium. O que também fazia dos Venture uma ferramenta poderosa para Kelsier. Se pudesse dar a este homem a mistura certa de verdade e ficção...

– Isso tem pouca utilidade para mim – Venture disse, de repente. – Vamos ver o quanto você *realmente* sabe, informante. Conte-me sobre o Sobrevivente de Hathsin.

Kelsier ficou sem palavras.

– Perdão, meu senhor?

– Quer ser pago? – Venture perguntou. – Bem, conte-me sobre o Sobrevivente. Os rumores dizem que ele voltou a Luthadel.

– São só rumores, meu senhor – Kelsier disse rapidamente. – Nunca vi esse tal Sobrevivente, mas duvido que esteja em Luthadel... se, de fato, ainda vive.

– Ouvi dizer que ele se juntou à rebelião skaa.

– Sempre há tolos sussurrando sobre a rebelião skaa, meu senhor – Kelsier disse. – E sempre há aqueles que tentam usar o nome do Sobrevivente, mas não acredito que algum homem possa ter sobrevivido às Minas. Posso buscar mais informações sobre isso, se desejar, mas temo que fique desapontado com o que

eu encontrar. O Sobrevivente está morto; o Senhor Soberano... ele não permite tais descuidos.

– É verdade – Venture disse pensativo. – Mas os skaa parecem convencidos sobre esses rumores sobre um "décimo primeiro metal". Já ouviu falar disso, informante?

– Ah, sim – Kelsier disse, dissimulando a surpresa. – Uma lenda, meu senhor.

– Uma sobre a qual nunca ouvi falar – Venture comentou. – E presto *muita* atenção nessas coisas. Isso não é uma "lenda". Alguém muito esperto está manipulando os skaa.

– Uma... conclusão interessante, meu senhor – Kelsier disse.

– De fato – Venture concordou. – E, presumindo que o Sobrevivente tenha *morrido* nas Minas, se alguém se apoderou de seu cadáver... seus ossos... há meios de imitar a aparência de um homem. Sabe do que estou falando?

– Sim, meu senhor – Kelsier confirmou.

– Investigue isso – Venture ordenou. – Não me importam suas fofocas... traga-me algo sobre este homem, ou o que quer que ele seja, que lidera os skaa. *Então* receberá algum dinheiro meu.

Venture deu meia-volta na escuridão, acenando para seus homens e deixando um pensativo Kelsier para trás.

Kelsier chegou à Mansão Renoux algum tempo depois; o caminho de estacas entre Fellise e Luthadel tornava a viagem entre as duas cidades muito rápida. Não fora ele quem colocara as estacas; não sabia quem fora. Com frequência se perguntava o que faria se, enquanto viajava pelo caminho de estacas, encontrasse outro Nascido das Brumas viajando na direção contrária.

Provavelmente ignoraríamos um ao outro, Kelsier pensou enquanto aterrissava no quintal da Mansão Renoux. *Somos muito bons nisso.*

Espiou a mansão iluminada pelas lanternas através das brumas, enquanto sua capa de bruma recuperada se agitava suavemente com o vento. A carruagem vazia indicava que Vin e Sazed haviam retornado da Casa Elariel. Kelsier os encontrou lá dentro, esperando na sala de estar e falando em voz baixa com Lorde Renoux.

– Esse é um novo visual para você – Vin observou quando Kelsier entrou na sala. Ela ainda usava o vestido – um belo vestido vermelho –, embora se sentasse com uma postura pouco adequada para uma dama, com as pernas dobradas sob o corpo.

Kelsier sorriu para si mesmo. *Há algumas semanas, ela teria tirado o vestido assim que chegasse. Ainda vamos transformá-la em uma dama.* Sentou-se, coçando a barba falsa manchada de fuligem.

– Fala sobre isso? Ouvi dizer que as barbas logo vão voltar à moda. Só estou tentando me manter na vanguarda.

Vin fez uma careta.

– Na vanguarda da moda dos mendigos, talvez.

– Como foi a noite, Kelsier? – Lorde Renoux perguntou.

Kelsier deu de ombros.

– Como a maioria das noites. Felizmente, parece que a Casa Renoux permanece livre de suspeitas... embora eu mesmo seja uma espécie de preocupação para alguns nobres.

– Você? – Renoux perguntou.

Kelsier assentiu enquanto um criado lhe trazia uma toalha úmida e morna para limpar o rosto e os braços – embora não tivesse certeza se estavam preocupados com seu conforto ou com as cinzas que poderia deixar nos móveis. Limpou os braços, expondo as cicatrizes esbranquiçadas, e começou a tirar a barba.

– Parece que os skaa em geral se inteiraram da história do décimo primeiro metal – ele prosseguiu. – Alguns nobres ouviram os rumores crescentes, e os mais inteligentes estão ficando preocupados.

– Como isso nos afeta? – Renoux perguntou.

Kelsier deu de ombros.

– Vamos espalhar rumores contrários para fazer a nobreza se concentrar mais em si mesmas e menos em mim. Embora, divertida e ironicamente, Lorde Venture tenha me encorajado a procurar informações sobre mim mesmo. Pode-se ficar muito confuso com esse tipo de atuação... não sei como consegue, Renoux.

– É o que sou – o kandra disse simplesmente.

Kelsier deu de ombros novamente, voltando-se para Vin e Sazed.

– Então, como foi a noite?

– Frustrante – Vin respondeu, com um tom de voz mal-humorado.

– A senhora Vin está um pouquinho aborrecida – Sazed comentou. – Quando voltávamos para Luthadel, ela me contou os segredos que reunira enquanto dançava.

Kelsier deu uma risada.

– Nada muito interessante?

– Sazed já sabia tudo! – Vin replicou. – Passei horas rodopiando e jogando conversa fora com aqueles homens, e foi tudo sem valor!

– Dificilmente seria sem valor, Vin – Kelsier disse, arrancando o último pedaço de barba falsa. – Fez alguns contatos, foi vista, e praticou sua conversa. Quanto à informação... bem, ninguém vai lhe dizer nada importante ainda. Vamos dar tempo ao tempo.

– Quanto tempo?

– Agora que está se sentindo melhor, poderá participar dos bailes com mais regularidade. Depois de alguns meses, terá estabelecido contatos suficientes para começar a encontrar o tipo de informação de que precisamos.

Vin assentiu, suspirando. Não parecia mais tão contrariada com a ideia de frequentar regularmente os bailes, no entanto.

Sazed limpou a garganta.

– Mestre Kelsier, sinto que devo mencionar algo. Nossa mesa contou com a presença de Lorde Elend Venture a maior parte da noite, embora a senhora Vin tenha encontrado um meio de tornar as atenções dele menos ameaçadoras para a corte.

– Sim – Kelsier disse –, agora entendo. O que falou para aquelas pessoas, Vin? Que Renoux e Venture eram amigos?

Vin empalideceu levemente.

– Como sabe?

– Sou misteriosamente poderoso – Kelsier disse com um aceno de mão. – De qualquer modo, todo mundo pensa que a Casa Renoux e a Casa Venture têm acordos comerciais secretos. Provavelmente presumem que Venture esteja estocando armas.

Vin franziu o cenho.

– Não queria que chegasse tão longe...

Kelsier assentiu, esfregando a cola do queixo.

– Assim é a corte, Vin. As coisas saem de controle rapidamente. Mas isso não é um grande problema... embora signifique que terá que ser muito cuidadoso ao lidar com a Casa Venture, Lorde Renoux. Veremos que tipo de reação eles vão ter aos comentários de Vin.

Lorde Renoux assentiu.

– De acordo.

Kelsier bocejou.

– Agora, se não há mais nada, bancar o nobre e o mendigo em uma noite me deixou terrivelmente cansado...

– Há outra coisa, Mestre Kelsier – Sazed disse. – No fim da noite, a senhora Vin viu Lorde Elend Venture deixando o baile com os jovens lordes das Casas Lekal e Hasting.

Kelsier deteve-se, franzindo o cenho.

– É uma combinação estranha.

– Foi o que pensei – Sazed concordou.

– Provavelmente ele só está tentando irritar o pai – Kelsier murmurou. – Confraternizar com o inimigo em público...

– Talvez – Sazed ponderou. – Mas os três pareciam ser bons amigos.

Kelsier assentiu, levantando-se.

– Investigue isso melhor, Sazed. Há uma chance de que Lorde Venture e seu filho estejam tentando nos fazer de bobos.

– Sim, Mestre Kelsier – Sazed disse.

Kelsier deixou a sala, se espreguiçando e entregando sua capa de bruma para um criado. Enquanto seguia a escada leste, ouviu passos rápidos. Virou-se e encontrou Vin seguindo-o, segurando o deslumbrante vestido vermelho para não tropeçar nos degraus.

– Kelsier – ela disse em voz baixa. – Há algo mais. Algo sobre o que eu gostaria de falar.

Kelsier ergueu uma sobrancelha. *Algo que ela não quer que nem Sazed escute?*

– No meu quarto – disse, e ela o seguiu pelas estacas até o aposento. – Do que se trata? – perguntou enquanto ela fechava a porta atrás de si.

– Lorde Elend – Vin disse, abaixando o olhar, parecendo um pouco envergonhada. – Sazed já não gosta dele, então não quis mencionar isso na frente dos demais. Mas achei algo estranho essa noite.

– O quê? – Kelsier perguntou, curioso, apoiando-se em sua escrivaninha.

– Elend estava com uma pilha de livros – Vin começou.

O primeiro nome, Kelsier pensou, desaprovador. *Está se apaixonando pelo garoto.*

– Ele é conhecido por ler muito – Vin prosseguiu –, mas alguns daqueles livros... bem, quando ele se foi, dei uma olhada neles.

Boa garota. As ruas lhe deram ao menos bons instintos.

– Um deles chamou a minha atenção – ela disse. – O título dizia alguma coisa sobre o clima, mas o texto dentro dele falava sobre o Império Final e sua falhas.

Kelsier ergueu uma sobrancelha.

– O que dizia exatamente?

Vin deu de ombros.

– Alguma coisa sobre como, uma vez que o Senhor Soberano é imortal, seu império deveria ser mais avançado e pacífico.

Kelsier sorriu.

– *O Livro do Falso Amanhecer*. Qualquer buscador pode citar o texto inteiro para você. Não achava que ainda existisse alguma cópia física. O autor, Deluse Couvre, escreveu alguns outros livros ainda mais condenáveis. Embora ele não blasfeme contra a alomancia, os obrigadores abriram uma exceção no caso dele e o penduraram em um gancho do mesmo jeito.

– Bem – Vin falou. – Elend tem uma cópia. Acho que uma das nobres estava tentando encontrar o livro. Vi um dos criados dela remexendo os volumes.

– Qual nobre?

– Shan Elariel.

Kelsier assentiu.

– Ex-noiva. Provavelmente estava procurando alguma coisa com a qual chantagear o garoto Venture.

– Acho que ela é uma alomântica, Kelsier.

Kelsier assentiu, pensando distraidamente sobre a informação.

– É uma Abrandadora. Ela provavelmente teve uma boa ideia com esses livros... se o herdeiro Venture está lendo um livro como o *Falso Amanhecer*, sem mencionar a tolice de carregá-lo por aí...

– É tão perigoso? – Vin perguntou.

Kelsier deu de ombros.

– Moderadamente. É um livro antigo e, na verdade, não encoraja a rebelião, então poderia passar.

Vin franziu o cenho.

– O livro parecia bem crítico ao Senhor Soberano. Ele permite que a nobreza leia coisas assim?

– Na verdade, ele não “permite” que façam essas coisas – Kelsier disse. – Mas algumas vezes ignora quando o fazem. Banir livros é um negócio complicado, Vin... quanto mais alvoroço o Ministério faz com relação a um texto, mais atenção ele chama, e mais pessoas ficarão tentadas a lê-lo. O *Falso Amanhecer* é um volume substancioso, e ao *não* proibi-lo, o Ministério o condenou ao anonimato.

Vin assentiu lentamente.

– Além disso – Kelsier disse –, o Senhor Soberano é muito mais leniente

com a nobreza do que com os skaa. Ele os vê como os filhos de seus amigos e aliados há muito mortos, os homens que supostamente o ajudaram a derrotar as Profundezas. De vez em quando ele os deixa ter certos gostos como ler textos irritáveis ou assassinar familiares.

– Então... o livro não é motivo de preocupação? – Vin perguntou.

Kelsier deu de ombros.

– Não diria isso tampouco. Se o jovem Elend tem o *Falso Amanhecer*, pode ser que tenha outros livros que *sejam* expressamente proibidos. Se os obrigadores tivessem provas disso, entregariam o jovem Elend aos Inquisidores... sendo nobre ou não. A questão é como se assegurar que isso aconteça? Se o herdeiro Venture fosse executado, isso certamente aumentaria a confusão política de Luthadel.

Vin empalideceu visivelmente.

Sim, Kelsier pensou com um suspiro interno. *Ela definitivamente está se apaixonando por ele. Eu devia ter previsto. Mandar uma garota jovem e bonita entre os nobres? Um abutre ou outro ia se lançar sobre ela.*

– Não contei isso para que o matemos, Kelsier! – ela exclamou. – Pensei, talvez... bem, ele está lendo livros proibidos, e parece ser um bom homem. Talvez possamos usá-lo como um aliado ou coisa assim.

Ah, criança, Kelsier pensou. *Espero que não se machuque muito quando ele a descartar. Devia ser mais esperta do que isso.*

– Não conte com isso – Kelsier disse, com um tom de voz alto. – Lorde Elend pode estar lendo livros proibidos, mas isso não faz dele um amigo. Sempre existiram nobres como ele; jovens filósofos e sonhadores que acham que suas ideias são novas. Gostam de beber com os amigos e criticar o Senhor Soberano; mas, em seus corações, ainda são nobres. Nunca enfrentarão o sistema.

– Mas...

– Não, Vin – Kelsier a interrompeu. – Precisa confiar em mim. Elend Venture não se importa conosco ou com os skaa. É um cavalheiro anarquista porque isso é elegante e excitante.

– Ele me falou sobre os skaa – Vin disse. – Queria saber se eram inteligentes, e se agiam como pessoas de verdade.

– E o interesse dele era compassivo ou intelectual?

Ela se deteve.

– Vê? – Kelsier perguntou. – Vin, esse homem *não* é nosso aliado. De fato, lembro de ter dito claramente para ficar longe dele. Quanto mais tempo passar

com Elend Venture, mais colocará nossa operação – e seus companheiros de gangue – em risco. Entendido?

Vin abaixou o olhar, assentindo.

Kelsier suspirou. *Por que suspeito que ficar longe dele é a última coisa que ela pretende fazer? Maldição – não tenho tempo para lidar com isso agora*.

– Vá dormir um pouco – Kelsier falou. – Falaremos mais sobre isso depois.

Não é uma sombra.

Essa coisa escura que me segue, e que só eu posso ver – não é realmente uma sombra. É escura e translúcida, mas não tem o contorno sólido de uma sombra. É insubstancial – fina e disforme. Como se fosse feita de névoa escura.

Ou de bruma, talvez.

20

Vin estava ficando muito cansada da paisagem entre Luthadel e Fellise. Fizera a mesma viagem pelo menos uma dúzia de vezes durante as últimas semanas – observando as mesmas colinas marrons, as árvores desalinhadas e o tapete de vegetação rasteira. Estava começando a sentir como se pudesse identificar cada solavanco da estrada.

Participara de numerosos bailes – mas esse era apenas o começo. Almoços, piqueniques e outras formas de entretenimento social eram igualmente populares. Com frequência, Vin viajava entre as cidades duas ou três vezes por dia. Aparentemente, as nobres jovens não tinham nada melhor para fazer do que ficar sentadas em carruagens durante seis horas por dia.

Vin suspirou. Não muito longe, um grupo de skaa trabalhava perto de um canal, empurrando uma grande barca para Luthadel. Sua vida podia ser muito pior.

Mesmo assim, sentia-se frustrada. Ainda era meio-dia, mas não havia nenhum evento importante até a noite, então não tinha para onde ir, a não ser voltar para Fellise. Ficava pensando no quão mais rápido faria a viagem se usasse o caminho de estacas. Sentia falta de saltar nas brumas novamente, mas Kelsier ainda estava relutante em continuar seu treinamento. Permitia que ela saísse por um curto período, cada noite, para manter suas habilidades, mas não tinha permissão para dar saltos extremos e excitantes. Apenas alguns movimentos básicos – geralmente *empurrar* e *puxar* pequenos objetos sem sair do chão.

Estava começando a ficar cada vez mais frustrada com sua fraqueza contínua. Já haviam se passado mais de três meses desde seu encontro com o Inquisidor; o pior do inverno se fora sem um único floco de neve. Quanto tempo levaria para se recuperar?

Pelo menos posso ir aos bailes, pensou. Apesar de seu aborrecimento com as constantes viagens, Vin começava a gostar de seus deveres. Fingir ser uma nobre era, na verdade, muito menos tenso do que o trabalho regular de um ladrão. É verdade que sua vida correria perigo se seu segredo fosse descoberto, mas, por enquanto, a nobreza parecia disposta a aceitá-la – e a dançar, jantar e conversar com ela. Era uma vida boa – um pouco sem emoção, mas seu regresso à alomancia, cedo ou tarde, consertaria isso.

Isso a deixava com duas frustrações. A primeira era sua incapacidade de reunir informação útil; estava ficando cada vez mais irritada quando evitavam suas perguntas. Estava adquirindo experiência o bastante para se dar conta de que havia muita intriga acontecendo, mesmo assim ainda não permitiam que fizesse parte daquilo.

Mesmo assim, ainda que sua posição de forasteira fosse incômoda, Kelsier tinha confiança de que isso mudaria com o tempo. O segundo maior aborrecimento de Vin não era exatamente tão fácil de se lidar. Lorde Elend Venture estivera ausente em vários bailes durante as últimas semanas, e ainda não repetira o feito de passar a noite toda com ela. Ainda que raramente se sentasse sozinha agora, estava começando a perceber rapidamente que nenhum dos outros nobres tinha a mesma... profundidade de Elend. Nenhum deles tinha sua sagacidade divertida, ou seus olhos honestos e curiosos. Os outros não pareciam *reais*. Não como ele.

Não parecia que ele a estava evitando. Mas também não parecia fazer muito esforço para passar algum tempo com ela.

Será que o interpretei mal?, ela se perguntou enquanto a carruagem chegava a Fellise. Elend era muito difícil de compreender algumas vezes. Infelizmente, sua aparente indecisão não mudara o temperamento de sua ex-noiva. Vin estava começando a perceber por que Kelsier a avisara para evitar chamar a atenção de alguém muito importante. Por sorte, não se encontrava com Shan Elariel com frequência – mas quando isso acontecia, Shan aproveitava qualquer ocasião para ridicularizar, insultar ou menosprezar Vin. Fazia isso de maneira calma e aristocrática, até seu porte lembrava a Vin o quão inferior era ela.

Talvez esteja começando a ficar muito ligada à minha personagem Valette, Vin pensou. Valette era apenas uma fachada; supunha-se que fosse todas as

coisas que Shan dizia. Mesmo assim, os insultos doíam.

Vin sacudiu a cabeça, afastando tanto Shan quanto Elend de sua mente. As cinzas tinham caído durante toda sua viagem até a cidade e, embora tivessem parado, seu efeito era visível nos pequeno redemoinhos e correntes negras que se revolviam pelas ruas da cidade. Os trabalhadores skaa andavam de um lado para o outro, recolhendo a fuligem em caixotes e levando-as para fora da cidade. De vez em quando, tinham que se apressar para abrir caminho para a carruagem de algum nobre que passava, já que nenhum veículo se incomodava em diminuir a velocidade para os trabalhadores.

Pobrezinhos, Vin pensou, passando por um grupo de crianças esfarrapadas que sacudia os choupos para que as cinzas caíssem e pudessem ser varridas – não ficaria bem que um nobre passasse por ali e caísse um monte inesperado de fuligem acumulada em sua cabeça. As crianças sacudiam as árvores aos pares, fazendo cair furiosas descargas negras em suas cabeças. Cuidadosos capatazes com bastões caminhavam pela rua, de um extremo ao outro, para se assegurar que o trabalho continuasse.

Elend e os outros, ela pensou, *eles não devem entender o quão ruim é a vida para um skaa. Vivem em suas belas fortalezas, dançando, sem realmente entender a extensão da opressão do Senhor Soberano.*

Podia ver beleza na nobreza – não era como Kelsier, que a odiava por completo. Alguns nobres pareciam bem gentis ao seu modo, e ela estava começando a pensar que algumas das histórias que os skaa contavam sobre a crueldade deles devia ser exagero. E, mesmo assim, quando via acontecimentos como o da execução daquele pobre menino, ou as crianças skaa, tinha que se perguntar. Como a nobreza não via? Como não entendia?

Ela suspirou, afastando o olhar dos skaa enquanto a carruagem finalmente chegava à Mansão Renoux. Imediatamente notou uma grande reunião no pátio interno, e agarrou um frasco novo de metais, preocupada que o Senhor Soberano tivesse enviado soldados para prender Lorde Renoux. Mas ela rapidamente percebeu que a multidão não era formada por soldados, mas por skaa em roupas simples de trabalho.

A carruagem cruzou os portões, e a confusão de Vin aumentou. Caixas e sacos estavam empilhados entre os skaa – muitos dos quais manchados de fuligem pela recente chuva de cinzas. Os trabalhadores se alvoroçavam com a atividade, carregando uma série de carroças. A carruagem de Vin parou diante da mansão, e ela não esperou que Sazed abrisse a porta. Saltou do veículo por conta própria, segurando o vestido e correndo até Kelsier e Renoux, que

supervisionavam a operação.

– Vão mandar material para as cavernas *daqui*? – Vin perguntou entredentes quando alcançou os dois homens.

– Faça uma reverência, criança – Lorde Renoux disse. – Mantenha as aparências enquanto estivermos sendo vistos.

Vin fez como lhe foi ordenado, contendo seu incômodo.

– É claro que sim, Vin – Kelsier disse. – Renoux tem que fazer *alguma coisa* com todas as armas e suprimentos que vem reunindo. As pessoas vão começar a ficar desconfiadas se não virem que ele as envia para algum lugar.

Renoux assentiu.

– Supostamente, estamos mandando tudo pelas barcas do canal para minha plantação no Oeste. Mas as barcas vão parar para descarregar suprimentos – e muitos dos homens – nas cavernas da rebelião. As barcas e alguns homens seguirão em frente para manter as aparências.

– Nossos soldados nem mesmo sabem que Renoux faz parte do plano – Kelsier disse, sorrindo. – Acham que é um nobre que estou subornando. Além disso, será uma boa oportunidade para inspecionarmos o exército. Depois de uma semana ou mais naquelas cavernas, retornaremos para Luthadel em uma das barcas de Renoux voltando para o Leste.

Vin se deteve.

– Nós? – perguntou, repentinamente, imaginando as semanas na barca, observando o mesmo cenário tedioso, dia após dia, após dia, enquanto viajavam. Isso podia ser pior até do que ir e vir entre Luthadel e Fellise.

Kelsier ergueu uma sobrancelha.

– Parece preocupada. Aparentemente, alguém está gostando de frequentar bailes e festas.

Vin corou.

– Eu só pensei que devia ficar aqui. Quero dizer, depois de todo o tempo que perdi quando fiquei doente, eu...

Kelsier levantou a mão, rindo.

– Você vai ficar; somos Yeden e eu que vamos. Preciso inspecionar as tropas, e Yeden vai se encarregar de vigiar o exército para que Ham possa voltar a Luthadel. Também levaremos meu irmão conosco, e o deixaremos no ponto de encontro com os acólitos do Ministério, em Vennias. Ainda bem que você voltou; quero que passe algum tempo com ele antes da nossa partida.

Vin franziu o cenho.

– Com Marsh?

Kelsier assentiu.

– Ele é um brumoso buscador. Bronze é um dos metais menos úteis, especialmente para um Nascido das Brumas completo, mas Marsh disse que pode lhe mostrar alguns truques. Essa será provavelmente sua última chance de treinar com ele.

Vin olhou a caravana.

– Onde ele está?

Kelsier franziu o cenho.

– Está atrasado.

Coisa de família, suponho.

– Ele deve chegar logo, criança – Lorde Renoux disse. – Talvez queira descansar um pouco lá dentro?

Tenho tido muito descanso ultimamente, ela pensou, controlando o aborrecimento. Em vez de entrar na mansão, ficou andando pelo pátio, observando os produtos e os trabalhadores que guardavam os suprimentos em carroças para transportá-los até as docas do canal local. O terreno era bem cuidado e, mesmo que as cinzas ainda não tivessem sido limpas, a grama cortada permitia que não tivesse que levantar muito o vestido para não arrastá-lo pela sujeira.

Além disso, a cinza era surpreendentemente fácil de tirar das roupas. Com a lavagem adequada e um pouco de sabão caro, até mesmo um traje branco podia se livrar das cinzas. Por isso, a nobreza sempre tinha a roupa com aparência de nova. Era uma coisa simples e fácil que dividia os skaa e a aristocracia.

Kelsier está certo, Vin pensou. *Estou começando a gostar de ser uma nobre*. E estava preocupada com as mudanças que seu novo estilo de vida estava encorajando dentro de si. Antes, seus problemas eram relacionados a coisas como fome e espancamentos – agora eram a coisas como viagens longas de carruagem e companheiros que chegavam tarde aos compromissos. O que uma transformação como essas faria em uma pessoa?

Suspirou para si mesma, caminhando entre os suprimentos. Algumas das caixas estariam cheias de armas – espadas, bastões de guerra, arcos – mas o grosso do material era de alimentos. Kelsier dizia que formar um exército exigia muito mais grãos do que aço.

Passou os dedos por uma pilha de caixas, com cuidado para não remover a cinza que estava em cima. Ela sabia que uma barca seria enviada neste mesmo dia, mas não esperava que Kelsier fosse junto. É claro, ele provavelmente não tomara a decisão de ir até pouco tempo atrás – mesmo o novo e mais

responsável Kelsier continuava sendo um homem impulsivo. Talvez fosse um bom atributo para um líder. Não tinha medo de incorporar novas ideias, não importava quando lhe ocorressem.

Talvez eu devesse pedir para ir com ele, Vin pensou, indolente. *Estive interpretando a nobre por muito tempo ultimamente*. Outro dia, pegara-se sentada com as costas eretas na carruagem, com uma postura empertigada, apesar do fato de estar sozinha. Temia estar perdendo seus instintos – ser Valette era quase tão natural para ela quanto ser Vin.

Mas é claro que não podia partir. Tinha um compromisso com Lady Flavine, sem mencionar o baile Hasting – seria o evento social do mês. Se Valette estivesse ausente, seriam necessárias semanas para reparar o dano. Além disso, sempre havia Elend. Ele provavelmente se esqueceria dela se voltasse a desaparecer.

Ele já a esqueceu, disse para si mesma. *Mal falou com você nas últimas três festas. Mantenha a cabeça erguida, Vin. Isso é só outra fraude – um jogo, como os que fazia antes. Está construindo sua reputação para conseguir informação, não para flertar e brincar*.

Assentiu para si mesma, resoluta. Ao seu lado, alguns skaa carregavam uma das carroças. Vin se deteve, parando ao lado de uma grande pilha de caixas e observando os homens trabalharem. Segundo Dockson, o recrutamento do exército estava melhorando.

Estamos ganhando força, Vin pensou. *Acho que a notícia está se espalhando*. Isso era bom – presumindo que não se espalhasse *muito* rápido.

Ela observou os carregadores por um momento, sentindo algo... estranho. Pareciam desconcentrados. Depois de alguns momentos, foi capaz de determinar a fonte de distração deles. Não paravam de olhar para Kelsier, sussurrando enquanto trabalhavam. Vin se aproximou – mantendo-se do outro lado das caixas – e queimou estanho.

– ...não, é ele, com certeza – um dos homens sussurrava. – Vi as cicatrizes.

– Ele é alto – outro disse.

– É claro que é. O que esperava?

– Ele falou na reunião em que fui recrutado – outro falou. – O Sobrevivente de Hathsin. – Havia assombro em sua voz.

Os homens se afastaram para reunir mais caixas. Vin inclinou a cabeça, então começou a se mover entre os trabalhadores para os ouvir. Nem todos estavam falando sobre Kelsier, mas um número surpreendente estava. Também ouviu várias referências ao décimo primeiro metal.

Então é por isso, Vin pensou. *Não é a rebelião que está ganhando adeptos – Kelsier está*. Os homens falavam dele em um tom de voz baixo, quase reverente. Por alguma razão, aquilo deixou Vin desconfortável. Nunca seria capaz de ouvir coisas similares ditas a seu respeito. Mesmo assim, Kelsier levava na esportiva; seu ego carismático provavelmente alimentava ainda mais os rumores.

Eu me pergunto se ele será capaz de deixar isso para trás quando tudo estiver terminado. Os outros membros da gangue obviamente não tinham interesse na liderança, mas Kelsier parecia gostar dela. Ele realmente deixaria a rebelião skaa tomar conta da situação? Algum homem seria capaz de renunciar a esse tipo de poder?

Vin franziu o cenho. Kelsier era um bom homem; provavelmente seria um bom governante. Contudo, se tentasse assumir o controle, isso teria cheiro de traição – um desrespeito às promessas que havia feito a Yeden. Ela não queria ver isso de Kelsier.

– Valette – Kelsier chamou.

Vin se sobressaltou, sentindo-se um pouco culpada. Kelsier apontou para uma carruagem que parava no pátio da mansão. Marsh chegara. Ela voltou enquanto a carruagem estacionava, e alcançou Kelsier ao mesmo tempo que Marsh.

Kelsier sorriu, acenando com a cabeça na direção de Vin.

– Só estaremos prontos para partir daqui a pouco – disse para Marsh. – Se tiver tempo, poderia mostrar à menina algumas coisas?

Marsh virou-se para ela. Partilhava a constituição magra e o cabelo loiro de Kelsier, mas não era tão bonito. Talvez fosse a falta do sorriso.

Ele apontou para o balcão principal da mansão.

– Espere por mim lá em cima.

Vin abriu a boca para responder, mas algo na expressão de Marsh a fez voltar a fechá-la. Ele a fazia se lembrar dos velhos tempos, há vários meses, quando não questionava seus superiores. Ela se virou, deixando os três, e dirigiu-se para a mansão.

Era um trajeto curto até o balcão. Quando chegou, puxou uma cadeira e sentou-se ao lado da grade de madeira caiada. O balcão, é claro, já tinha sido limpo da cinza. Lá embaixo, Marsh ainda estava conversando com Kelsier e Renoux. No horizonte além deles, além até mesmo da caravana que se espalhava, Vin podia ver as colinas ermas do lado de fora da cidade, iluminadas pela luz vermelha do sol.

Apenas alguns meses interpretando a nobre, e já acho que alguma coisa que não é cultivada é inferior. Nunca pensara na paisagem como "erma" durante os anos em que viajara com Reen. *E Kelsier disse que toda a terra costumava ser ainda mais fértil do que o jardim de um nobre.*

Ele pensava em recuperar essas coisas? Os Guardadores podiam, talvez, memorizar idiomas e religiões, mas não podiam criar sementes de plantas extintas há muito tempo. Não podiam fazer a cinza parar de cair ou as brumas irem embora. O mundo realmente mudaria tanto se o Império Final se fosse?

Além disso, o Senhor Soberano não tinha *algum* direito sobre tudo aquilo? Ele derrotara as Profundezas, ou era o que afirmava. Salvara o mundo, o que – de maneira retorcida – fazia com que fosse seu. Que direito tinham de tentar tirar dele?

Ela se perguntava essas coisas com frequência, embora não expressasse suas preocupações para os demais. Todos pareciam comprometidos com o plano de Kelsier; alguns até compartilhavam sua visão. Mas Vin era mais hesitante. Aprendera, como Reen lhe ensinara, a ser cética com o otimismo.

E se havia um plano sobre o qual se podia ficar hesitante, era este.

Contudo, ela estava passando do ponto em que questionava a si mesma. Sabia a razão pela qual permanecia na gangue. Não era o plano; eram as pessoas. Gostava de Kelsier. Gostava de Dockson, Brisa e Ham. Gostava até mesmo do estranho Fantasma e de seu tio excêntrico. Era uma gangue como nenhuma outra com a qual trabalhara antes.

É uma boa razão para deixar que a matem?, a voz de Reen perguntou.

Vin deteve-se. Ultimamente vinha escutando os sussurros do irmão em sua mente com menos frequência, mas eles ainda estavam ali. Os ensinamentos de Reen, gravados nela durante dezesseis anos, não podiam ser descartados tão facilmente.

Marsh chegou ao balcão alguns momentos depois. Encarando-a com aqueles olhos duros, então falou.

– Aparentemente, Kelsier espera que eu passe a tarde treinando você em alomancia. Vamos começar.

Vin concordou.

Marsh a observou, obviamente esperando mais como resposta. Vin sentou-se em silêncio. *Não é o único que pode ser conciso, amigo*.

– Muito bem – Marsh disse, sentando-se ao lado dela, descansando um braço na grade do balcão. A voz dele soava um pouco menos aborrecida quando prosseguiu. – Kelsier diz que você passou muito pouco tempo treinando as

habilidades mentais internas. Correto?

Vin assentiu novamente.

– Suspeito que muitos nascidos das brumas plenos negligenciam esses poderes – Marsh comentou. – E é um erro. Bronze e cobre podem não ser tão espalhafatosos quanto outros metais, mas podem ser muito poderosos nas mãos de alguém devidamente treinado. Os Inquisidores trabalham com a manipulação do bronze, e os Brumosos do submundo sobrevivem por causa da confiança no cobre. Dos dois poderes, o bronze é de longe muito mais sutil. Posso ensinar como usá-lo adequadamente... se praticar o que lhe mostrar, então terá uma vantagem que muitos nascidos das brumas dispensam.

– Mas os outros nascidos das brumas não sabem queimar cobre? – Vin perguntou. – De que serve aprender sobre o bronze se todo mundo com quem você luta é imune a esse poder?

– Vejo que já pensa como um deles – Marsh comentou. – Nem todo mundo é Nascido das Brumas, garota; de fato, pouquíssimos são. E, apesar do que seu tipo gosta de pensar, os Brumosos normais também podem matar pessoas. Saber que o homem que a ataca é um Brutamontes em vez de um Lançamoedas pode salvar sua vida.

– Tudo bem – Vin cedeu.

– O bronze também ajuda a identificar nascidos das brumas – Marsh disse. – Se você vir alguém usando alomancia quando não há um esfumaçador por perto, e não sentir nenhum pulso alomântico, então você saberá que essa pessoa é uma Nascida das Brumas... ou isso ou um Inquisidor. Em todo caso, deveria fugir.

Vin assentiu em silêncio, o ferimento na lateral de seu corpo latejava levemente.

– Há grandes vantagens em queimar bronze, em vez de simplesmente sair por aí com o cobre aceso. Certo, você se esfumaça usando cobre... mas de certa maneira isso também a cega. O cobre a torna imune a ter suas emoções *empurradas* ou *puxadas*.

– Mas isso é uma coisa boa.

Marsh inclinou a cabeça ligeiramente.

– Ah? E qual seria uma vantagem maior? Estar imune – e ignorante – à presença de um abrandador? Ou, em vez disso, saber – por causa de seu bronze – exatamente quais emoções ele está tentando suprimir?

Vin se deteve.

– É possível ver algo tão específico?

Marsh assentiu.

– Com cuidado e prática, você pode reconhecer mudanças muito pequenas nos movimentos alomânticos de seus oponentes. Pode identificar precisamente quais partes da emoção de uma pessoa um abrandador ou um Tumultuador pretendem influenciar. Também será capaz de dizer quando alguém está avivando seus metais. Se ficar bem habilidosa, pode até mesmo dizer quando estão ficando sem metais.

Vin ficou pensativa.

– Começou a ver as vantagens – Marsh disse. – Bom. Agora queime bronze.

Vin o fez. Imediatamente sentiu duas pancadas rítmicas no ar. Os pulsos mudos percorreram seu corpo como batidas de tambores ou ondas no oceano. Eram misturados e confusos.

– O que está sentindo? – Marsh perguntou.

– Eu... acho que há dois metais diferentes sendo queimados. Um vem de Kelsier, lá embaixo; o outro está vindo de você.

– Bom – Marsh disse, aprovando. – Você tem praticado.

– Não muito – Vin admitiu.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Não muito? Já consegue determinar a origem dos pulsos. Isso exige prática.

Vin deu de ombros.

– Parece natural para mim.

Marsh ficou em silêncio por um momento.

– Muito bem – disse depois de um tempo. – E os dois pulsos são diferentes?

Vin se concentrou, franzindo o cenho.

– Feche os olhos – Marsh disse. – Afaste outras distrações. Concentre-se somente nos pulsos alomânticos.

Vin obedeceu. Não era como ouvir – não realmente. Teve que se concentrar para distinguir algo específico nos pulsos. Um parecia... que batia contra ela. O outro, uma sensação estranha, era como se a *puxasse* a cada batida.

– Um está *puxando* metal, não é? – Vin perguntou, abrindo os olhos. – Esse é Kelsier. Você está *empurrando*.

– Muito bem – Marsh disse. – Ele está queimando ferro, como lhe pedi que fizesse, para que você pudesse praticar. Eu, é claro, estou queimando bronze.

– Todos eles fazem isso? – Vin perguntou. – Parecem diferentes, quero dizer?

Marsh assentiu.

– É possível distinguir um *puxão* de metal de um *empurrão* de metal pela assinatura alomântica. Na verdade, foi assim que alguns metais foram

originalmente divididos em categorias. Não é intuitivo, por exemplo, que o estanho *puxe* enquanto o peltre *empurre*. Não pedi que abrisse os olhos.

Vin os fechou novamente.

– Concentre-se nos pulsos – Marsh falou. – Tente distinguir seus comprimentos. Pode notar a diferença entre eles?

Vin franziu o cenho. Concentrou-se o mais que pôde, mas a sensação que tinha dos metais parecia... confusa. Indistinta. Depois de alguns minutos, os comprimentos dos diferentes pulsos ainda pareciam o mesmo para ela.

– Não consigo sentir nada – disse, abatida.

– Bom – Marsh disse terminantemente. – Tive que praticar seis meses para distinguir os comprimentos dos pulsos... se você tivesse feito isso na primeira tentativa, eu teria me sentido incompetente.

Vin abriu os olhos.

– Por que me pediu para fazer isso, então?

– Porque você precisa praticar. Se já consegue distinguir *puxar* metais de *empurrar* metais... bem, aparentemente tem talento. Talvez tanto talento quanto Kelsier anda comentando.

– O que eu deveria ter visto, então? – Vin perguntou.

– Com o tempo, você será capaz de sentir dois comprimentos diferentes de pulso. Metais internos, como bronze e cobre, emitem pulsos mais longos do que metais externos, como ferro e aço. A prática também lhe permitirá sentir os três padrões dentro dos pulsos: um para metais físicos, um para metais mentais e um para os dois metais maiores. Comprimento de pulso, grupo metálico e variação *empurrão-puxão*... uma vez que saiba essas três coisas, será capaz de dizer exatamente quais metais seu oponente está queimando. Um pulso longo que bata contra você e tenha um padrão rápido será peltre: o metal físico de *empurrão* interno.

– Por que os nomes? – Vin perguntou. – Externo e interno?

– Os metais vêm em grupos de quatro: pelos menos, os oito inferiores fazem isso. Dois metais externos, dois metais internos; um de cada *empurra*, um de cada *puxa*. Com ferro, você *puxa* algo externo a você, com aço, *empurra* algo externo a você. Com estanho, *puxa* algo dentro de si mesma, com peltre *empurra* algo dentro de si.

– Mas bronze e cobre – Vin comentou –, Kelsier os chamou de metais internos, mas parecem que afetam coisas externas. O cobre impede as pessoas de senti-lo quando usa alomancia.

Marsh negou com a cabeça.

– O cobre não muda seus oponentes, muda algo dentro de você mesma, e que tem um efeito em seus oponentes. É por isso que é um metal interno. O latão, no entanto, altera as emoções de outra pessoa diretamente: e é um metal externo.

Vin assentiu, pensativa. Então se virou, olhando na direção de Kelsier.

– Você sabe muita coisa sobre metais, mas é apenas um brumoso, certo?

Marsh assentiu. Não parecia que pretendia responder, no entanto.

Vamos tentar uma coisa, então, Vin pensou, apagando seu bronze. Começou a queimar cobre levemente para mascarar sua alomancia. Marsh não reagiu: em vez disso, continuou a olhar para Kelsier e a caravana.

Devo estar invisível aos sentidos dele, ela pensou, queimando cuidadosamente tanto zinco quando cobre. Projetou-se, tal como Brisa a ensinara a fazer, e tocou sutilmente as emoções de Marsh. Suprimiu a desconfiança e as inibições dele, ao mesmo tempo que aumentou seu sentimento de melancolia. Teoricamente, isso o deixaria mais disposto a falar.

– Deve ter aprendido em algum lugar – Vin disse com cuidado. *Ele verá o que fiz, certamente. Vai ficar zangado e...*

– Tive o estalo quando era muito jovem – Marsh disse. – Tive muito tempo para praticar.

– Assim como muita gente – Vin comentou.

– Eu... tive meus motivos. São difíceis de explicar.

– Sempre são – Vin falou, aumentando levemente sua pressão alomântica.

– Sabe o que Kelsier pensa sobre os nobres? – Marsh perguntou, virando-se para ela, os olhos como gelo.

Olhos de aço, ela pensou. *Como disseram*. Assentiu em resposta.

– Bem, sinto o mesmo em relação aos obrigadores – ele disse, afastando o olhar. – Farei qualquer coisa para feri-los. Eles levaram nossa mãe... foi quando tive o estalo, e foi quando jurei destruí-los. Então me juntei à rebelião e comecei a aprender tudo o que podia sobre alomancia. Os Inquisidores a usam, então eu tinha que entendê-la... entender tudo o que pudesse, ser o *melhor* que pudesse e... você está me *abrandando*?

Vin sobressaltou-se, apagando abruptamente seus metais. Marsh voltou-se novamente para ela, com a expressão fria.

Fuja!, Vin pensou. E ela quase o fez. Era bom ver que os antigos instintos ainda estavam ali, mesmo que um pouco enterrados.

– Sim – disse humildemente.

– Você *é* boa – Marsh comentou. – Não teria percebido se não tivesse

começado a divagar. Pare com isso.

– Já parei.

– Bom – Marsh disse. – É a segunda vez que altera minhas emoções. Nunca mais faça isso.

Vin assentiu.

– Segunda vez?

– A primeira foi na minha loja, há oito meses.

É verdade. Por que não me lembrei dele?

– Sinto muito.

Marsh balançou a cabeça, e finalmente se virou.

– Você é uma Nascida das Brumas... é o que faz. Ele faz a mesma coisa. – Estava olhando para Kelsier.

Ficaram em silêncio por alguns segundos.

– Marsh? – Vin perguntou. – Como sabia que eu era uma Nascida das Brumas? Eu só sabia *abrandar* naquela época.

Marsh meneou a cabeça.

– Você conhecia os outros metais instintivamente. Estava queimando peltre e estanho naquele dia... só um pouquinho, quase não dava para notar. Provavelmente conseguia os metais da água e dos talheres. Alguma vez se perguntou como sobreviveu quando tantos outros morreram?

Vin se deteve. *Sobrevivi a um monte de espancamentos. A vários dias sem comida, a noites passadas nos becos durante a chuva ou no meio das cinzas...*

Marsh balançou a cabeça.

– Poucas pessoas, incluindo nascidos das brumas, são tão sintonizadas com a alomancia a ponto de serem capazes de queimar metais instintivamente. Foi o que me interessou em você... foi por isso que fiquei de olho em você e disse para Dockson onde encontrá-la. E... está *empurrando* minhas emoções de novo?

Vin negou com a cabeça.

– Eu juro.

Marsh franziu o cenho, observando-a com um de seus olhares duros como pedra.

– Tão austero – Vin disse em voz baixa. – Como meu irmão.

– Eram próximos?

– Eu o odiava – Vin sussurrou.

Marsh deteve-se, então se virou.

– Entendo.

– Odeia Kelsier?

Marsh negou com a cabeça.

– Não, não o odeio. Ele é frívolo e cheio de si, mas é meu irmão.

– E isso é o bastante? – Vin perguntou.

Marsh assentiu.

– Tenho... dificuldade em entender isso – Vin disse honestamente, olhando os skaa, as caixas e os sacos.

– Seu irmão não a tratava bem, presumo.

Vin assentiu.

– E quanto a seus pais? – Marsh perguntou. – Um era nobre. E sua mãe?

– Louca – Vin falou. – Ouvia vozes. Ficou tão mal que meu irmão tinha medo de nos deixar com ela. Mas, é claro, não tinha opção...

Marsh permaneceu em silêncio, sem comentar. *Como isso se voltou contra mim?*, Vin pensou. *Ele não é um abrandador, mesmo assim está conseguindo mais de mim do que consegui dele.*

Mesmo assim, era bom falar sobre isso, finalmente. Vin ergueu a mão, mexendo no brinco sem perceber.

– Não me lembro disso – ela confessou. – Mas Reen disse que chegou um dia e encontrou minha mãe coberta de sangue. Ela matara minha irmãzinha. De um jeito horrível. Em mim, no entanto, não tocou... exceto para me dar o brinco. Reen disse... ele disse que ela estava me segurando no colo, balbuciando e me proclamando rainha, com o cadáver da minha irmã aos nossos pés. Ele me tirou da minha mãe, e ela fugiu. Ele salvou a minha vida, provavelmente. Em parte por isso fiquei com ele, suponho. Até quando as coisas iam mal. – Balançou a cabeça, olhando para Marsh. – Mesmo assim, você não sabe a sorte de ter Kelsier como irmão.

– Imagino que sim – Marsh concordou. – Eu só... gostaria que ele não tratasse as pessoas como joguetes. Sou conhecido por matar obrigadores, mas assassinar homens só porque são nobres... – Marsh negou com a cabeça. – Não é só isso, no entanto. Ele gosta que as pessoas o adorem.

Tinha razão nisso. Mas Vin também detectou outra coisa em sua voz. Ciúmes? *Você é o irmão mais velho, Marsh. Era o responsável – você se juntou à rebelião em vez de trabalhar com os ladrões. Deve machucar saber que Kelsier era aquele de quem todos gostavam.*

– Mesmo assim – Marsh disse –, ele está melhorando. As minas o mudaram. A morte dela… o mudou.

O que será isso?, Vin pensou, levantando levemente a cabeça. Havia

definitivamente outra coisa ali. Dor. Uma dor profunda, mais do que um homem devia sentir por uma cunhada.

Então é isso. Não era só "todo mundo" que gostava mais de Kelsier, era uma pessoa em particular. Alguém que você amava.

– De qualquer forma – Marsh disse, a voz ficando mais firme. – A arrogância do passado está no passado. Este plano dele é insano, e tenho certeza de que, em parte, está fazendo isso para enriquecer, mas... bem, ele não tinha porque ajudar a rebelião. Está tentando fazer algo bom... embora provavelmente vá acabar morto.

– Por que se juntar a isso se tem tanta certeza do fracasso?

– Porque ele vai me colocar no Ministério – Marsh falou. – A informação que eu reunir lá vai ajudar a rebelião séculos depois que Kelsier e eu estivermos mortos.

Vin assentiu, olhando para o pátio. Falou, hesitante.

– Marsh, não acho que a arrogância esteja *totalmente* no passado. A maneira como ele está se colocando entre os skaa... o jeito que começam a olhar para ele...

– Eu sei – Marsh falou. – Começou com esse plano dele sobre o décimo primeiro metal. Não creio que tenhamos que nos preocupar... É só Kelsier jogando, como de costume.

– Isso faz com que eu me pergunte por que ele vai nessa viagem – Vin questionou. – Estará longe da ação por mais de um mês.

Marsh balançou a cabeça.

– Ele terá todo um exército cheio de homens diante do qual atuar. Além disso, precisa sair da cidade. Sua reputação está crescendo descontroladamente, e a nobreza está começando a ficar muito interessada no Sobrevivente. Se começarem a correr rumores de que um homem com cicatrizes nos braços está hospedado com Lorde Renoux...

Vin assentiu, entendendo.

– Agora mesmo – Marsh prosseguiu –, ele está se fazendo passar por um parente distante de Renoux. O homem tem que partir antes que alguém o relacione com o Sobrevivente. Quando Kell voltar, terá que chamar pouca atenção... esgueirar-se para dentro da mansão, em vez de subir os degraus, e manter o capuz levantado quando estiver em Luthadel.

Marsh calou-se, então se levantou.

– De qualquer modo, já lhe ensinei o básico. Agora só precisa praticar. Sempre que estiver com Brumosos, peça para que queimem seus metais para

você se concentrar nos pulsos alomânticos. Se nos encontrarmos novamente, eu lhe mostrarei mais, mas não há nada mais que possamos fazer até que você tenha praticado.

Vin assentiu, e Marsh saiu pela porta sem se despedir. Alguns momentos depois, ela o viu se aproximar de Kelsier e Renoux novamente.

Eles realmente não se odeiam, Vin pensou, apoiando os dois braços na grade do balcão. *Como será isso?* Depois de pensar um pouco, decidiu que o conceito de amor fraterno era um pouco como o comprimento dos pulsos alomânticos que supostamente deveria procurar – algo desconhecido demais para entender no momento.

“O Herói das Eras não será um homem, mas uma força. Nenhuma nação o reclamará, nenhuma mulher o possuirá, e nenhum rei poderá matá-lo. Ele não pertencerá a ninguém, sequer a si mesmo.”

21

Kelsier estava sentado, em silêncio, lendo enquanto o barco seguia lentamente pelo canal para o Norte. *Às vezes me preocupo em não ser o herói que todos acham que sou,* o texto dizia.

Que prova temos? As palavras de homens mortos há muito tempo, só agora consideradas proféticas? Mesmo que aceitemos as profecias, só tênues interpretações as ligam a mim. Seria a minha defesa da Montanha de Verão realmente o “fardo pelo qual o Herói será mencionado”? Meus vários casamentos poderiam me dar “vínculos sem laços de sangue com os reis do mundo”, se se olhar do jeito certo. Há dúzias de frases similares que poderiam se referir aos acontecimentos da minha vida. Mas, uma vez mais, tudo poderia ser apenas coincidência.

Os filósofos asseguram-me que este é o momento, que os sinais foram cumpridos. Mas ainda me pergunto se não pegaram o homem errado. Tantas pessoas dependem de mim. Dizem que tenho o futuro do mundo inteiro nas mãos. O que pensariam se soubessem que o seu campeão – o Herói das Eras, seu salvador – duvidou de si mesmo?

Talvez não ficassem nem um pouco surpresos, afinal. De certo modo, é isso o que mais me preocupa. Talvez, em seus corações, eles duvidem – assim como eu. Quando me olham, veem um mentiroso?

Rashek parece pensar que sim. Sei que não devia deixar que um simples carregador me perturbasse. Contudo, ele é de Terris, de onde as profecias se originaram. Se alguém pudesse identificar uma fraude, não seria ele?

Não obstante, continuo minha viagem, indo para onde os augúrios escritos proclamam que encontrarei meu destino – caminhando, sentindo os olhos de

Rashek em minhas costas. Ciumentos. Zombadores. Cheios de ódio.

No fundo, preocupa-me que minha arrogância destrua a todos nós.

Kelsier soltou o livreto, sua cabine se sacudia levemente com os esforços dos remadores do lado de fora. Estava contente que Sazed tivesse providenciado uma cópia dos trechos traduzidos do diário de viagem do Senhor Soberano antes da partida do comboio de barcos. Havia muito pouco o que fazer durante a viagem.

Felizmente, o diário era fascinante. Fascinante e estranho. Era perturbador ler palavras originalmente escritas pelo próprio Senhor Soberano. Para Kelsier, o Senhor Soberano era menos um homem e mais uma... criatura. Uma força maligna que precisava ser destruída.

Apesar disso, a pessoa apresentada no diário parecia completamente mortal. Questionava-se e ponderava – parecia um homem profundo e, até mesmo, de caráter.

Ainda que seja melhor não confiar muito na narrativa, Kelsier pensou, passando os dedos pela página. *Os homens raramente veem suas próprias ações como injustificadas*.

Mesmo assim, a história do Senhor Soberano fazia Kelsier se lembrar das lendas que ouvira – histórias sussurradas pelos skaa, discutidas pelos nobres e memorizadas pelos Guardadores. Dizia-se que antigamente, antes da Ascensão, o Senhor Soberano tinha sido o maior dos homens. Um líder amado, um homem a quem se confiou o destino de toda a humanidade.

Infelizmente, Kelsier sabia como a história acabava. O próprio Império Final era o legado do diário. O Senhor Soberano não salvara a humanidade; em vez disso, ele a escravizara. Ler uma narrativa em primeira mão, ver as dúvidas e lutas internas do Senhor Soberano, só tornava a história muito mais trágica.

Kelsier pegou o livreto para continuar a ler, mas o barco começou a reduzir a velocidade. Olhou pela janela da cabine, contemplando o canal. Dúzias de homens seguiam pelo pequeno caminho paralelo ao canal, puxando as quatro barcaças e os dois barcos que formavam o comboio. Era uma forma eficaz, ainda que trabalhosa, de viajar; os homens que tiravam os barcos do canal podiam mover centenas de quilos a mais de peso do que se fossem obrigados a carregar a carga.

Os homens que puxavam tiveram que parar, no entanto. Adiante, Kelsier pôde ver um mecanismo de comportas, além do qual o canal se bifurcava. Um tipo de encruzilhada de caminhos de água. *Finalmente*, Kelsier pensou. Suas

semanas de viagem haviam acabado.

Kelsier não esperou por um mensageiro. Simplesmente subiu até o convés e pegou algumas moedas de sua bolsa. *Hora de ser um pouco ostentoso*, pensou, deixando cair uma moeda no chão de madeira. Queimou aço e se *empurrou* no ar.

Lançou-se para cima de forma angular, rapidamente ganhando altura até que pudesse ver toda a fila de homens – metade puxando os barcos, metade caminhando e esperando seu turno. Kelsier voou em arco, derrubando outra moeda enquanto passava sobre uma das barcaças de suprimentos, e *empurrando* contra ela ao começar a descer. Os soldados recrutados olharam para cima, apontando com admiração enquanto Kelsier passava por sobre o canal.

Kelsier queimou peltre, fortalecendo seu corpo enquanto caía com um baque no convés do barco que liderava o comboio.

Yeden saiu de sua cabine, surpreso.

– Lorde Kelsier! Já, ah, chegamos à encruzilhada.

– Posso ver que sim – Kelsier disse, contemplando a fila de barcos. Os homens nas margens dos canais conversavam animados, apontando para ele. Parecia estranho usar alomancia tão claramente, em plena luz do dia, e diante de tantas pessoas.

Não posso evitar, pensou. *Esta visita é a última oportunidade que os homens terão de me ver em meses. Preciso impressioná-los, dar algo a que possam se apegar, se é que tudo isso vai funcionar...*

– Vamos ver se o grupo das cavernas chegou para nos encontrar? – Kelsier perguntou, voltando-se para Yeden.

– É claro – Yeden disse, mandando um criado puxar seu barco para a lateral do canal e estender a prancha. Yeden parecia animado; realmente era um homem sério, e Kelsier respeitava isso, ainda que lhe faltasse um pouco de presença.

A maior parte da minha vida, tive o problema contrário, Kelsier pensou, divertido, saindo do barco com Yeden. *Muita presença, não muita seriedade*.

Os dois caminharam entre a fila de trabalhadores pelo canal. Perto dos homens, um dos Brutamontes de Ham – assumindo o papel de capitão da guarda de Kelsier – os saudou.

– Chegamos à encruzilhada, Lorde Kelsier.

– Posso ver que sim – Kelsier repetiu. Um denso bosque de bétulas erguia-se diante deles, subindo uma ladeira até as colinas. Os canais eram afastados dos

bosques – havia melhores fontes de madeira em outras partes do Império Final. A floresta era deixada em paz, ignorada pela maioria.

Kelsier queimou estanho, estremecendo levemente com a luz do sol que de súbito cegava. Seus olhos se ajustaram à claridade, no entanto, e ele pôde captar detalhes – e um pouco de movimento – na floresta.

– Ali – disse, lançando uma moeda no ar e a *empurrando*. A moeda disparou em frente e acertou uma árvore. Respondendo ao sinal pré-combinado, um pequeno grupo de homens camuflados saiu por entre as árvores, cruzando a terra manchada de cinzas em direção ao canal.

– Lorde Kelsier – o primeiro dos homens disse, o saudando. – Meu nome é Capitão Demoux. Por favor, reúna os recrutas e venha comigo; o General Hammond está ansioso em vê-lo.

O "Capitão" Demoux era um homem jovem para ser tão disciplinado. Tinha apenas vinte anos, e liderava uma pequena tropa de homens com um nível de solenidade que poderia ter parecido arrogância se fosse menos competente.

Homens mais jovens do que ele lideraram soldados em batalha, Kelsier pensou. *Só porque eu era um almofadinha na idade dele não quer dizer que todo mundo seja assim. Veja a pobre Vin – só dezesseis anos e já rivaliza com Marsh em seriedade.*

Eles deram uma volta pela floresta – segundo as ordens de Ham, cada soldado seguia um caminho diferente para evitar deixar rastros. Kelsier olhou os duzentos homens que o seguiam, franzindo o cenho levemente. O rastro deles provavelmente seria muito visível, mas havia pouco o que fazer a esse respeito – os movimentos de tantos homens seriam quase impossíveis de mascarar.

Demoux diminuiu o ritmo e acenou, e vários membros de sua tropa seguiram em frente; não tinham nem metade do senso de decoro militar de seu líder. Mesmo assim, Kelsier estava impressionado. Da última vez que os visitara, os homens estavam tipicamente desorganizados e descoordenados, como a maior parte dos skaa foras da lei. Ham e seus oficiais tinham feito um bom trabalho.

Os soldados afastaram alguns arbustos falsos, revelando uma fenda no chão. Era escuro lá dentro, e as paredes eram de granito cristalino. Não era uma caverna normal na encosta da montanha, mas um simples rasgo no chão que levava diretamente para baixo.

Kelsier parou, contemplando a rachadura negra na pedra. Estremeceu levemente.

– Kelsier? – Yeden perguntou, franzindo o cenho. – O que foi?

– Isso me lembra as Minas. Eram assim... fendas no chão.

Yeden empalideceu levemente.

– Ah. Eu, ah...

Kelsier gesticulou com desdém.

– Sabia que isso chegaria. Desci naquelas cavernas todos os dias por um ano, e sempre saí. Eu as derrotei. Não têm nenhum poder sobre mim.

Para provar suas palavras, avançou e entrou na fenda estreita. Era larga o bastante para que um homem passasse por ela. Enquanto descia, Kelsier viu os soldados – tanto os do esquadrão de Demoux quanto os novos recrutas – o observando em silêncio. Tinha falado alto intencionalmente, para que todos ouvissem.

Deixe-os ver minha fraqueza, e deixe que me vejam superando-a.

Eram pensamentos corajosos. Entretanto, assim que submergiu da superfície, era como se estivesse novamente nas Minas. Esmagado entre duas paredes de pedra, buscando apoio para descer com dedos trêmulos. Frio, umidade, escuridão. O atium tinha que ser recuperado pelos escravos. Os alomânticos poderiam ser mais efetivos, mas usar a alomancia perto dos cristais de atium os estilhaçava. Então, o Senhor Soberano usava condenados. Obrigava-os a descer nas Minas. Obrigava-os a se arrastar para baixo, sempre para baixo...

Kelsier forçou-se a continuar. Aquilo não era Hathsin. A fenda não desceria durante horas, e não haveria buracos revestidos de cristal onde enfiar os braços arranhados e sangrando – esticando-se e procurando geodos de atium em seu interior. Um geodo; isso comprava mais uma semana de vida. Vida sob os chicotes dos capatazes. Vida sob o governo de um deus sádico. Vida sob um sol que ficara vermelho.

Mudarei as coisas para os outros, Kelsier pensou. *Eu as tornarei melhores!*

A descida foi difícil para ele, mais difícil do que teria admitido. Felizmente, a fenda logo se abriu em uma caverna mais larga, e Kelsier teve um vislumbre da luz abaixo. Deixou-se cair o restante do caminho, aterrissando em um chão de pedra irregular e sorrindo para o homem que estava parado, esperando.

– Que inferno de entrada você tem aqui, Ham – Kelsier disse, tirando o pó das mãos.

Ham sorriu.

– Devia ver o banheiro.

Kelsier gargalhou, movendo-se para abrir espaço para os demais. Vários túneis naturais partiam da câmara, e uma pequena escada de corda estava

pendurada até o pé da fenda para facilitar a subida. Yeden e Demoux logo desceram pela escada até a caverna, suas roupas raspadas e sujas da descida. Não era uma entrada fácil. Essa, no entanto, era a ideia.

– É bom vê-lo, Kell – Ham disse. Era estranho vê-lo com roupas de mangas. De fato, seus trajes militares pareciam um tanto formais, com linhas quadradas e botões na parte dianteira. – Quantos me trouxe?

– Mais de duzentos e quarenta.

Ham ergueu as sobrancelhas.

– O recrutamento está melhorando, hein?

– Finalmente – Kelsier disse, assentindo. Os soldados começaram a chegar à caverna, e vários dos ajudantes de Ham avançaram para ajudar os recém-chegados e encaminhá-los por um túnel lateral.

Yeden se juntou a Kelsier e Ham.

– Esta caverna é surpreendente, Lorde Kelsier! Nunca estive em uma delas pessoalmente. Não me admira que o Senhor Soberano ainda não tenha encontrado os homens aqui embaixo!

– O complexo é completamente seguro – Ham disse orgulhosamente. – Há somente três entradas, todas elas são fendas como essas. Com suprimentos adequados, podemos manter este lugar indefinidamente contra forças invasoras.

– Além disso – Kelsier disse –, este não é o único complexo de cavernas sob essas montanhas. Mesmo que o Senhor Soberano esteja determinado em nos destruir, seu exército passaria semanas procurando por nós e não nos encontraria.

– Incrível – Yeden disse. Virou-se, olhando para Kelsier. – Estava errado sobre você, Lorde Kelsier. Esta operação... esse exército... bem, está fazendo algo impressionante aqui.

Kelsier sorriu.

– Na verdade, estava certo sobre mim. Acreditou em mim quando isso começou... só estamos aqui por sua causa.

– Eu... acho que sim, não? – Yeden disse, sorrindo.

– De qualquer modo – Kelsier disse –, aprecio o voto de confiança. Provavelmente vai levar um tempo até que todos esses homens desçam pela fenda... você se importaria de comandar as coisas por aqui? Eu gostaria de falar um pouco com Hammond.

– É claro, Lorde Kelsier. – Havia respeito – até mesmo um pouco de adulação – na voz de Yeden.

Kelsier fez um sinal com a cabeça para que fossem para o lado. Ham franziu levemente o cenho, pegando uma lanterna, e seguiu Kelsier para fora da primeira câmara. Entraram em um túnel lateral, e assim que se afastaram o suficiente para não serem ouvidos, Ham se deteve, olhando para trás.

Kelsier parou, erguendo uma sobrancelha.

Ham fez um gesto com a cabeça na direção da entrada da câmara.

– Yeden certamente está mudado.

– Tenho esse efeito sobre as pessoas.

– Deve ser sua humildade assombrosa – Ham comentou. – Estou falando sério, Kell. Como faz isso? Aquele homem praticamente odiava você; agora ele o olha como uma criança idolatrando o irmão mais velho.

Kelsier deu de ombros.

– Yeden nunca foi parte de uma equipe de verdade antes... acho que começou a perceber que realmente podemos ter chance. Em pouco mais de seis meses, reunimos uma rebelião maior do que ele jamais viu. Esse tipo de resultado pode converter o mais teimoso dos homens.

Ham não pareceu convencido. Mas finalmente deu de ombros, voltando a andar.

– Sobre o que queria falar?

– Na verdade, eu gostaria de visitar as outras duas entradas, se for possível – Kelsier falou.

Ham assentiu, apontando para um túnel lateral e indicando o caminho. O túnel, como quase todos os demais, não fora cavado por mãos humanas; era um desenvolvimento natural do complexo da caverna. Havia centenas de sistemas similares de cavernas no Domínio Central, embora a maior parte deles não fosse tão grande. E só um – as Minas de Hathsin – tinha geodos de atium.

– De qualquer forma, Yeden está certo – Ham comentou, espremendo-se em um espaço estreito no túnel. – Você escolheu um lugar magnífico para esconder essas pessoas.

Kelsier assentiu.

– Vários grupos rebeldes têm usado esses complexos de cavernas nas montanhas durante séculos. Estão assustadoramente perto de Luthadel, mas o Senhor Soberano nunca liderou uma incursão de êxito contra ninguém aqui. Simplesmente ignora o lugar... uma de suas muitas falhas, provavelmente.

– Não duvido – Ham disse. – Com todos os cantos e gargalos aqui embaixo, seria um lugar desagradável para se lutar uma batalha. – Saiu da passagem, entrando em outra caverna pequena. Esta também tinha uma fenda no teto, por

onde passava uma tênue luz do sol. Uma tropa de dez soldados estava de guarda no local, e bateu continência quando Ham entrou.

Kelsier assentiu, aprovador.

– Dez homens o tempo todo?

– Em cada uma das três entradas – Ham confirmou.

– Bom – Kelsier disse. Seguiu em frente, inspecionando os soldados. Tinha arregaçado as mangas, deixando as cicatrizes à vista, e pôde perceber que os homens olhavam para elas. Não sabia realmente o que inspecionar, mas tentou parecer judicioso. Examinou as armas – bastões para oito homens, espadas para dois – e tirou a poeira de alguns ombros, embora nenhum dos homens usasse uniforme.

Finalmente, virou-se para um soldado que usava uma insígnia no ombro.

– Quem deixa sair das cavernas, soldado?

– Só homens que tenham uma carta com o selo do próprio General Hammond, senhor!

– Sem exceções? – Kelsier perguntou.

– Sem, senhor!

– E se eu quisesse sair agora?

O homem se deteve.

– Ah...

– Você me deteria! – Kelsier disse. – Ninguém é isento, soldado. Nem eu, nem seu companheiro de alojamento, nem um oficial... ninguém. Sem aquele selo, não sai!

– Sim, senhor! – o soldado respondeu.

– Bom homem – Kelsier disse. – Se todos os seus soldados forem bons assim, General, então o Senhor Soberano tem boas razões para temer.

Os soldados estufaram o peito de leve com as palavras dele.

– Continuem, homens – Kelsier disse, acenando para Ham segui-lo enquanto deixava o local.

– Isso foi gentil da sua parte – Ham disse em voz baixa. – Estavam esperando sua visita há semanas.

Kelsier deu de ombros.

– Só queria ver se estavam guardando bem a fenda. Agora que tem mais homens, quero que coloque guardas em cada túnel que leva a essas cavernas de saída.

Ham assentiu.

– Parece um pouco extremo.

– Faça o que estou pedindo – Kelsier disse. – Um único desertor ou alguém descontente poderia trair todos nós para o Senhor Soberano. É bom que ache que poderia defender esse lugar se isso acontecesse, mas se houvesse um exército acampado do lado de fora, prendendo você aqui dentro, este exército seria absolutamente inútil para nós.

– Tudo bem – Ham concordou. – Quer ver a terceira entrada?

– Por favor – Kelsier disse.

Ham assentiu, levando-o até outro túnel.

– Ah, mais uma coisa – Kelsier disse, depois de dar alguns passos. – Reúna um grupo de cem homens – todos nos quais confia – e mande-os percorrer a floresta. Se alguém vier procurar por nós, não seremos capazes de esconder o fato de que várias pessoas passaram pela área. Contudo, precisamos confundir as trilhas para que não levem a lugar nenhum.

– Boa ideia.

– Sou cheio delas – Kelsier disse enquanto entravam em outra câmara, muito maior do que as duas anteriores. Não era uma caverna de entrada, mas, uma sala de treinamento.

Havia grupos de homens armados com espadas ou bastões, combatendo sob o olhar de instrutores uniformizados. Os uniformes dos oficiais foram ideia de Dockson. Não podiam se dar ao luxo de vestir todos os homens – seria caro demais, e conseguir tantos uniformes levantaria suspeitas. Contudo, ver seus líderes em uniformes talvez ajudasse a dar aos homens uma sensação de coesão.

Ham se deteve na entrada da caverna, em vez de prosseguir. Olhou os soldados e falou em voz baixa.

– Precisamos falar sobre isso em algum momento, Kell. Os homens estão começando a se sentir soldados, mas... bem, são skaa. Passaram a vida toda trabalhando nas fábricas ou nos campos. Não sei bem como vão se sair quando estiverem no campo de batalha.

– Se fizermos tudo direito, não terão que lutar muito – Kelsier disse. – As Minas são guardadas apenas por uns duzentos soldados... o Senhor Soberano não pode deixar muitos homens ali para não dar pistas sobre a importância do lugar. Nossos mil homens podem tomar as Minas com facilidade, e se retirar assim que a Guarnição chegue. Os outros nove mil talvez tenham que encarar algumas tropas de guarda das Grandes Casas e os soldados do palácio, mas devemos contar com a superioridade numérica.

Ham assentiu, embora seus olhos ainda mostrassem dúvidas.

– O que foi? – Kelsier perguntou, apoiando-se contra a boca lisa e cristalina da intersecção de cavernas.

– E quando teremos terminado com eles, Kell? – Ham perguntou. – Quando tivermos nosso atium, daremos a cidade – e o exército – para Yeden. E aí?

– Isso é com Yeden – Kelsier disse.

– Serão massacrados – Ham disse em voz muito baixa. – Dez mil homens não poderão defender Luthadel contra todo o Império Final.

– Pretendo dar a eles uma chance melhor do que pensa, Ham – Kelsier comentou. – Se pudermos virar os nobres uns contra os outros e desestabilizar o governo...

– Talvez – Ham disse, ainda não convencido.

– Você concordou com o plano, Ham – Kelsier o lembrou. – Era isso o que pretendíamos todo o tempo. Reunir um exército, entregá-lo a Yeden.

– Eu sei – Ham falou, suspirando e apoiando-se na parede da caverna. – Acho... bem, é diferente agora, agora que venho liderando-os. Talvez eu não seja a pessoa ideal para estar a cargo disso. Sou um guarda-costas, não um general.

Sei como se sente, meu amigo, Kelsier pensou. *Sou um ladrão, não um profeta. Algumas vezes, simplesmente temos que fazer o que o trabalho exige.*

Kelsier colocou uma mão no ombro de Ham.

– Fez um belo trabalho aqui.

Ham se deteve.

– Fiz?

– Trouxe Yeden para substituir você. Dox e eu decidimos que seria melhor revezá-lo no comando do exército... dessa forma, a tropa se acostumará a tê-lo como líder. Além disso, precisamos de você em Luthadel. Alguém tem que visitar a Guarnição e reunir informações, e você é o único com algum contato militar.

– Então vou voltar com você? – Ham perguntou.

Kelsier assentiu.

Ham pareceu cabisbaixo por um momento, então relaxou, sorrindo.

– Finalmente ficarei livre deste uniforme! Mas acha que Yeden vai dar conta?

– Você mesmo disse que ele mudou muito nos últimos meses. E ele é realmente um excelente administrador; fez um belo trabalho com a rebelião desde que meu irmão partiu.

– Suponho...

Kelsier sacudiu a cabeça com pesar.

– Somos poucos, Ham. Você e Brisa são os únicos homens nos quais sei que posso confiar, e preciso de você em Luthadel. Yeden não é perfeito para o trabalho aqui, mas o exército será dele em algum momento. Pode ser bom deixá-lo liderar por um tempo. Além disso, isso lhe dará algo para fazer; está ficando um pouco inquieto com sua posição no grupo. – Kelsier se deteve, então sorriu com graça. – Acho que tem ciúmes da atenção que dou para os outros.

Ham sorriu.

– Essa *é* uma mudança.

Começaram a andar novamente, deixando a câmara de treinamento para trás. Entraram em outro túnel de pedra sinuoso, mas este levava levemente para baixo. A lanterna de Ham fornecia a única luz.

– Sabe – Ham disse, após alguns minutos de caminhada –, há algo agradável neste lugar. Você provavelmente já percebeu, mas às vezes há beleza aqui embaixo.

Kelsier não notara. Olhou para um lado enquanto andavam. Uma extremidade da câmara tinha sido formada por minerais que gotejavam do teto, finas estalactites e estalagmites – como pingentes sujos –, que se misturavam para formar uma espécie de balaústre. Os minerais reluziam sob a luz de Ham, e o caminho diante deles parecia petrificado na forma de um rio fundido.

Não, Kelsier pensou. *Não, não vejo a beleza, Ham*. Outros homens podiam ver arte nas camadas de cor e rocha fundida. Kelsier só via as Minas. Cavernas sem fim, a maioria delas direto para baixo. Fora forçado a se mover através de fendas, avançando na escuridão, sem uma única luz para iluminar seu caminho.

Com frequência, considerara não subir de volta. Mas então encontrava um cadáver nas cavernas – o corpo de outro prisioneiro, um homem que se perdera ou que simplesmente desistira. Kelsier apalpava seus ossos e prometia mais para si mesmo. A cada semana tinha que encontrar um geodo de atium. A cada semana tinha que evitar a execução por espancamentos brutais.

Exceto na última vez. Não merecia estar vivo – devia ter sido morto. Mas Mare lhe dera um geodo de atium, prometendo que tinha encontrado dois naquela semana. Só depois que entregou o mineral, descobriu que ela mentira. Seria espancada até a morte no dia seguinte. Espancada até a morte diante dele.

Naquela noite, Kelsier tivera o estalo, adquirindo seus poderes como Nascido das Brumas. Naquela noite, homens morreram.

Muitos homens.

O Sobrevivente de Hathsin. Um homem que não deveria viver. Mesmo depois

de vê-la morrer, não consegui decidir se ela me traíra ou não. Ela me deu o geodo por amor? Ou por culpa?

Não, ele não podia ver beleza nas cavernas. Outros homens teriam ficado loucos nas Minas, tornando-se aterrorizados em lugares pequenos e fechados. Aquilo não acontecera com Kelsier. No entanto, sabia que não importavam as maravilhas que os labirintos escondessem – não importava o quão surpreendentes fossem as vistas ou a delicadeza das belezas –, ele nunca as reconheceria. Não com Mare morta.

Não posso mais pensar nisso, Kelsier decidiu, enquanto a caverna parecia ficar mais escura ao seu redor. Olhou para o lado.

– Tudo bem, Ham. Vá em frente. Diga-me o que está pensando.

– De verdade? – Ham disse ansioso.

– Sim – Kelsier respondeu, resignado.

– Tudo bem – Ham falou. – Então, eis o que está me preocupando ultimamente: os skaa são diferentes dos nobres?

– É claro que são – Kelsier disse. – A aristocracia tem dinheiro e terra; os skaa não têm nada.

– Não falo do ponto de vista econômico. Estou falando sobre diferenças físicas. Sabe o que os obrigadores dizem, certo?

Kelsier assentiu.

– Bem, é verdade? Quero dizer, os skaa realmente têm um monte de filhos, e ouvi dizer que os aristocratas têm problemas em reproduzir.

A isto se chamava de O Equilíbrio. Supostamente era a forma pela qual o Senhor Soberano se assegurava de que não existissem nobres demais para os skaa sustentarem, e o jeito pelo qual tinha certeza de que, apesar dos espancamentos e das mortes aleatórias, sempre haveria skaa suficientes para plantar os alimentos e trabalhar nas fábricas.

– Sempre presumi que fosse retórica do Ministério – Kelsier disse com sinceridade.

– Conheci mulheres skaa que tinham mais de uma dúzia de filhos – Ham comentou. – Mas não posso nomear nenhuma família nobre importante com mais do que três.

– É apenas cultural.

– E a diferença de estatura? Dizem que era possível distinguir um skaa de um nobre só de olhar para eles. Isso mudou, provavelmente por causa da mestiçagem, mas a maior parte dos skaa é baixa.

– Isso é nutricional. Os skaa não comem o suficiente.

– E quanto à alomancia?

Kelsier franziu o cenho.

– Tem que admitir que há uma diferença física aqui – Ham assegurou. – Os skaa nunca se tornam Brumosos, a menos que tenham sangue aristocrático em algum lugar das cinco últimas gerações.

Isso, pelo menos, era verdade.

– Os skaa pensam diferente dos nobres, Kell – Ham disse. – Mesmo esses soldados são meio tímidos, e esses são os corajosos! Yeden está certo sobre a população skaa em geral; ela nunca vai se rebelar. E se... e se houver realmente alguma diferença física em nós? E se os nobres estiverem *certos* em nos governar?

Kelsier se deteve no meio do caminho.

– Não fala isso a sério.

Ham também parou.

– Acho... que não. Mas me pergunto algumas vezes. Os nobres têm a alomancia, certo? Talvez tenham sido feitos para mandar.

– Feitos por quem? Pelo Senhor Soberano?

Ham deu de ombros.

– Não, Ham – Kelsier assegurou. – Isso não está certo. *Isso* não está certo. Sei que é difícil de ver... as coisas têm sido desse jeito há muito tempo... mas alguma coisa muito séria está errada com o modo de vida dos skaa. *Tem* que acreditar nisso.

Ham se deteve, então assentiu.

– Vamos – Kelsier falou. – Quero visitar a outra entrada.

A semana passou lentamente. Kelsier inspecionava as tropas, o treinamento, a comida, as armas, os suprimentos, os batedores, os guardas e tudo o mais que conseguisse pensar. O mais importante: visitou os homens. Cumprimentou-os e encorajou-os – e assegurou-se de usar alomancia com frequência diante deles.

Ainda que muitos skaa tivessem ouvido falar sobre “alomancia”, poucos sabiam especificamente o que se podia fazer com ela. Nobres Brumosos raramente usavam seus poderes diante do povo, e mestiços tinham que ser ainda mais cuidadosos. Skaa normais, mesmo skaa da cidade, não conheciam coisas como *empurrar* aço ou queimar peltre. Quando viram Kelsier voando pelos ares ou combatendo com força sobrenatural, atribuíam à “mágica alomântica” desconhecida. Kelsier não se importava nem um pouco com o mal-entendido.

Apesar das atividades da semana, no entanto, nunca esqueceu sua conversa com Ham.

Como pode até mesmo questionar se os skaa são inferiores?, Kelsier pensou, cutucando sua comida, sentado na mesa alta colocada na caverna de reuniões. A imensa "sala" era grande o bastante para conter todo o exército de sete mil homens, embora muitos ocupassem as câmaras laterais ou os túneis. A mesa alta estava em uma formação rochosa no fundo da câmara.

Provavelmente estou me preocupando demais. Ham era propenso a pensar em coisas que nenhum outro homem consideraria; esse era apenas outro de seus dilemas filosóficos. De fato, já parecia ter esquecido suas preocupações anteriores. Ria com Yeden, desfrutando sua refeição.

Quanto a Yeden, o desengonçado líder rebelde parecia satisfeito com seu uniforme de general, e passara a semana anotando tudo o que Ham falava sobre as operações do exército. Parecia encaixar-se muito naturalmente em seus deveres.

De fato, Kelsier parecia ser o único que não estava aproveitando o banquete. As comidas desta noite – trazidas nas barcas especialmente para a ocasião – eram humildes para os padrões da aristocracia, mas eram muito mais elegantes que os alimentos com os quais os soldados estavam acostumados. Os homens saboreavam a refeição com alegre rudeza, bebendo sua pequena parcela de cerveja e celebrando o momento.

E, mesmo assim, Kelsier se preocupava. Pelo que aqueles homens achavam que estavam lutando? Pareciam entusiasmados com o treinamento, mas isso também podia ser devido às refeições regulares. Realmente acreditavam que mereciam derrubar o Império Final? Achavam que os skaa eram inferiores aos nobres?

Kelsier podia sentir as reservas deles. Muitos percebiam o perigo iminente, e só as regras estritas os impediam de fugir. Ainda que estivessem ansiosos para falar sobre o treinamento, evitavam falar sobre a tarefa final – a tomada do palácio e das muralhas da cidade, e o enfrentamento da Guarnição de Luthadel.

Não acreditam que terão êxito, Kelsier supôs. *Precisam de confiança. Os rumores sobre mim são um começo, mas...*

Deu uma cotovelada em Ham, para chamar sua atenção.

– Há algum homem aqui com problemas de disciplina? – Kelsier perguntou em voz baixa.

Ham franziu o cenho para a estranha pergunta.

– Há alguns, é claro. Penso que sempre há dissidentes em um grupo tão

grande.

– Alguém em particular? – Kelsier perguntou. – Homens que quiseram partir? Preciso de alguém que tenha se destacado na oposição ao que estamos fazendo.

– Há alguns na prisão agora mesmo – Ham comentou.

– Alguém mais? – Kelsier questionou. – De preferência, alguém sentado a uma mesa que possamos ver?

Ham pensou por um momento, perscrutando a multidão.

– O homem sentado à segunda mesa, com manto vermelho. Foi pego tentando escapar há algumas semanas.

O homem em questão era esquelético e inquieto; estava sentado à mesa, com uma postura encurvada e solitária.

Kelsier negou com a cabeça.

– Preciso de alguém um pouco mais carismático.

Ham coçou o queixo, pensativo. Então se deteve e apontou com a cabeça na direção de outra mesa.

– Bilg. O grandalhão sentado à quarta mesa à direita.

– Já o vi – Kelsier disse. Bilg era um homem musculoso e barbudo, usava um colete.

– É esperto demais para ser insubordinado – Ham contou –, mas tem criado problemas na surdina. Não acha que temos chance contra o Império Final. Eu o prenderia, mas não posso punir um homem por expressar temor... se eu fizesse isso teria que fazer o mesmo com metade do exército. Além disso, é um guerreiro bom demais para ser descartado levianamente.

– É perfeito – Kelsier disse. Queimou zinco e olhou na direção de Bilg. Ainda que o zinco não lhe permitisse ler as emoções do homem, era possível, enquanto queimava o metal, isolar um único indivíduo para *abrandá-lo* ou *tumultuá-lo*, assim como era possível isolar um único pedaço de metal entre centenas para *empurrar*.

Mesmo assim, era difícil separar Bilg de uma multidão tão grande, então Kelsier simplesmente focou na mesa inteira, mantendo as emoções dos homens que estavam lá "à mão" para usá-las mais tarde. Então se levantou. Lentamente, a caverna ficou em silêncio.

– Homens, antes de partir, gostaria de expressar uma última vez o quanto fiquei impressionado com esta visita. – Suas palavras ecoaram pelo ambiente, amplificadas pela acústica natural da caverna. – Estão se tornando um belo exército – prosseguiu. – Peço desculpas por roubar o General Hammond, mas

deixo um homem muito competente no lugar dele. Muitos de vocês conhecem o General Yeden... sabem de seus muitos anos servindo como líder da rebelião. Confio nas habilidades dele para treiná-los ainda mais nos deveres militares.

Começou a *tumultuar* Bilg e seus companheiros, inflamando suas emoções, contando com o fato de que já sentiam desagrado.

– É uma grande tarefa que peço a vocês – Kelsier disse, sem olhar Bilg. – Os skaa de Luthadel – na verdade, a maioria dos skaa de todos os lugares – não têm ideia do que estão prestes a fazer por eles. Não estão cientes do treinamento que estão aguentando, nem das batalhas que se preparam para lutar. Contudo, colherão as recompensas. Algum dia, eles os chamarão de heróis.

Tumultuou ainda mais as emoções de Bilg.

– A Guarnição de Luthadel é forte – Kelsier continuou. – Mas podemos derrotá-la... sobretudo se tomarmos as muralhas da cidade rapidamente. Não se esqueçam por que vieram aqui. Não se trata simplesmente de aprender a brandir uma espada ou usar um elmo. Esta é uma revolução que o mundo jamais viu: trata-se de tomar o governo, de expulsar o Senhor Soberano. Não percam seu objetivo de vista.

Kelsier deteve-se. Com o canto dos olhos, pôde ver a expressão sombria dos homens na mesa de Bilg. Finalmente, em meio ao silêncio, ouviu um comentário murmurado na mesa – levado pela acústica da caverna a vários ouvidos.

Kelsier franziu o cenho, virando-se na direção de Bilg. A caverna inteira pareceu ficar ainda mais quieta.

– Disse alguma coisa? – Kelsier perguntou. *Agora, o momento da decisão. Ele vai resistir ou se acovardará?*

Bilg devolveu o olhar. Kelsier *tumultuou* o homem com seu poder. Sua recompensa veio quando Bilg se levantou, com o rosto vermelho.

– Sim, *senhor* – o musculoso homem replicou. – Eu disse alguma coisa. Disse que alguns de nós não perderam o “objetivo” de vista. Pensamos nele todos os dias.

– E por que isso? – Kelsier perguntou. Os sussurros começaram a aumentar no fundo da caverna, enquanto os soldados passavam a notícia para os que estavam longe demais para escutar.

Bilg inspirou profundamente.

– Porque, *senhor*, achamos que está nos mandando para o suicídio. Os exércitos do Império Final são maiores do que uma guarnição. Não importa que

tomemos as muralhas; seremos massacrados em algum momento, de qualquer maneira. Não se derruba um império com alguns milhares de soldados.

Perfeito, Kelsier pensou. *Sinto muito, Bilg. Mas alguém precisava dizer isso, e certamente não seria eu.*

– Vejo que temos uma discordância – Kelsier disse em voz alta. – *Eu* acredito nesses homens, e no propósito deles.

– Eu acredito que você é um tolo iludido – Bilg gritou. – E eu fui um tolo ainda maior ao vir para essas malditas cavernas. Se tem tanta certeza da nossa chance, por que ninguém pode partir? Estamos presos aqui até que nos mande para a morte!

– Você me insulta – Kelsier replicou. – Sabe muito bem por que os homens não têm permissão para sair. Por que quer sair, soldado? Está tão ansioso assim para vender seus companheiros para o Senhor Soberano? Alguns boxes fáceis em troca de quatro mil vidas?

O rosto de Bilg ficou ainda mais vermelho.

– Nunca faria uma coisa dessas, mas certamente não deixarei que me mande para a morte tampouco! Este exército é um desperdício.

– Isso que fala é traição – Kelsier disse, observando a multidão. – Não é adequado que um general brigue com um homem sob seu comando. Há algum soldado aqui disposto a defender a honra desta rebelião?

Imediatamente, duas dúzias de homens ficaram de pé. Kelsier observou um em particular. Era menor que os demais, mas tinha o ardor simples que Kelsier notara antes.

– Capitão Demoux.

Imediatamente, o jovem capitão deu um salto adiante.

Kelsier pegou sua espada e a jogou para o homem.

– Sabe usar uma espada, rapaz?

– Sim, senhor!

– Alguém traga uma arma para Bilg e um par de casacos estofados. – Kelsier voltou-se para Bilg. – Os nobres têm uma tradição. Quando dois deles têm uma disputa, acertam isso com um duelo. Derrote meu campeão, e está livre para partir.

– E se ele me derrotar? – Bilg perguntou.

– Então você está morto – Kelsier respondeu.

– Estou morto se ficar – Bilg disse, aceitando uma espada de um soldado próximo. – Aceito os termos.

Kelsier assentiu, fazendo sinal para que afastassem as mesas e abrissem

espaço. Os homens começaram a se levantar, aglomerando-se nas laterais para ver a disputa.

– Kell, o que está fazendo? – Ham sibilou ao seu lado.

– Algo que precisa ser feito.

– Precisa ser... Kelsier, aquele garoto não é páreo para Bilg! Confio em Demoux – é por isso que o promovi –, mas ele não é um grande guerreiro. Bilg é um dos melhores espadachins do exército!

– Os homens sabem disso? – Kelsier perguntou.

– É claro – Ham falou. – Cancele isso. Demoux é quase da metade do tamanho de Bilg... está em desvantagem em alcance, força e habilidade. Vai ser massacrado!

Kelsier ignorou o pedido. Ficou sentado em silêncio enquanto Bilg e Demoux experimentavam suas espadas e dois soldados atavam as couraças de couro neles. Quando terminaram, Kelsier acenou com uma mão, indicando que a batalha começasse.

Ham grunhiu.

Seria uma luta curta. Os dois homens usavam espadas longas e pouca armadura. Bilg avançou com confiança, fazendo alguns movimentos de teste na direção de Demoux. O garoto, pelo menos, era competente – bloqueou os golpes, mas revelou grande parte de suas habilidades ao fazer isso.

Inspirando profundamente, Kelsier queimou aço e ferro.

Bilg brandiu a espada, e Kelsier empurrou a lâmina para o lado, dando espaço para Demoux escapar. O garoto tentou uma estocada, mas Bilg a deteve com facilidade. O guerreiro maior atacou com um empurrão, fazendo Demoux cambalear para trás. Demoux tentou saltar para desviar do último golpe, mas foi lento demais. A lâmina caiu com terrível inevitabilidade.

Kelsier avivou o ferro – estabilizando-se ao *puxar* um suporte de lanterna atrás de si – e agarrou os botões de ferro do colete de Demoux. Kelsier *puxou* enquanto Demoux saltava, afastando o garoto de Bilg em um pequeno arco.

Demoux aterrissou com um tropeço desajeitado, e a espada de Bilg acertou o chão de pedra. Bilg levantou o olhar com surpresa, e um murmúrio de assombro percorreu a multidão.

Bilg grunhiu, avançando com a espada no alto. Demoux bloqueou o golpe poderoso, mas Bilg arrancou a arma das mãos do garoto com um golpe sem esforço. Bilg atacou novamente, e Demoux levantou a mão em defesa instintiva.

Kelsier *empurrou*, segurando a espada de Bilg no meio do golpe. Demoux

ficou parado, com a mão levantada, como se tivesse detido a arma com o pensamento. Os dois ficaram nesta posição por um momento, Bilg tentando forçar a espada para frente, Demoux encarando sua mão com admiração. Endireitando-se um pouco, Demoux tentou forçar a mão para frente.

Kelsier *empurrou*, atirando Bilg para trás. O guerreiro maior caiu no chão com um grito de surpresa. Quando se levantou, um segundo mais tarde, Kelsier não precisou *tumultuar* suas emoções para deixá-lo zangado. Gritou de ira, agarrando a espada com as duas mãos e correndo na direção de Demoux.

Alguns homens não sabem quando desistir, Kelsier pensou quando Bilg golpeou.

Demoux começou a desviar. Kelsier *empurrou* o garoto para o lado, tirando-o do caminho. Então Demoux se virou, agarrou a própria arma com as duas mãos e atacou Bilg. Kelsier agarrou a arma de Demoux no meio do golpe e a *empurrou* com força, acelerando o aço com uma poderosa queima de ferro.

As espadas se chocaram, e o golpe de Demoux, melhorado por Kelsier, arrancou a arma das mãos de Bilg. Houve um estalido alto, e o grande patife caiu no chão – completamente sem equilíbrio pela força do golpe de Demoux. A arma de Bilg ricocheteou no chão de pedra a uma curta distância.

Demoux avançou, erguendo a arma sobre o aturdido Bilg. E, então, parou. Kelsier queimou ferro, com a intenção de *empurrar* a arma para baixo, para forçar o golpe mortal, mas Demoux resistiu.

Kelsier deteve-se. *Este homem devia morrer*, pensou, furioso. No chão, Bilg grunhiu baixo. Kelsier mal viu seu braço retorcido, os ossos destruídos pelo poderoso golpe. Estava sangrando.

Não, Kelsier pensou. *É o bastante.*

Soltou a arma de Demoux. O rapaz abaixou a arma, encarando Bilg. Então, Demoux levantou as mãos e as olhou com assombro; seus braços tremiam levemente.

Kelsier levantou-se, e a multidão ficou em silêncio mais uma vez.

– Acham que eu os enviaria contra o Senhor Soberano despreparados? – Kelsier perguntou em voz alta. – Acham que eu os enviaria para a morte? Vocês lutam pelo que é justo, homens! Lutam por *mim*. Não os deixarei desamparados quando marcharem contra os soldados do Império Final. – Kelsier ergueu a mão, segurando uma pequena barra de metal. – Já ouviram falar disso, não? Conhecem os rumores sobre o décimo primeiro metal? Bem, eu o tenho... e eu o usarei. O Senhor Soberano morrerá!

Os homens começaram a ovacionar.

– Esta não é nossa única ferramenta! – Kelsier gritou. – Vocês, soldados, têm um poder inenarrável dentro de si! Ouviram falar das magias secretas que o Senhor Soberano usa? Bem, temos algumas próprias! Banqueteiem-se, soldados, e não temam a batalha que está por vir. Anseiem-na!

A sala irrompeu em uma salva de palmas, e Kelsier fez sinal para que servissem mais cerveja. Alguns criados correram para ajudar a tirar Bilg do caminho.

Quando Kelsier se sentou, Ham tinha uma profunda ruga na testa.

– Não gosto disso, Kell – falou.

– Eu sei – Kelsier disse em voz baixa.

Ham estava prestes a falar mais alguma coisa, mas Yeden se inclinou em sua frente.

– Isso foi assombroso! Eu... Kelsier, não sabia! Devia ter me dito que podia passar seus poderes para os demais. Como, com essas habilidades, poderemos perder?

Ham colocou uma mão no ombro de Yeden, empurrando o homem de volta ao seu assento.

– Coma – ordenou. Então, voltou-se para Kelsier, aproximando sua cadeira e falando em voz baixa. – Você acaba de mentir para todo o meu exército, Kell.

– Não, Ham. – Kelsier disse em voz baixa. – Menti para o *meu* exército.

Ham deteve-se. Então seu rosto ficou mais sombrio.

Kelsier suspirou.

– Foi só uma mentira parcial. Eles não precisam ser guerreiros, só parecer ameaçadores por tempo suficiente para que possamos pegar o atium. Com isso, podemos subornar a Guarnição, e nossos homens não terão que lutar. Isso é praticamente a mesma coisa que prometi a eles.

Ham não respondeu.

– Antes de partirmos – Kelsier disse –, quero selecionar algumas poucas dúzias dos nossos soldados mais dedicados e dignos de confiança. Nós os mandaremos para Luthadel – sob o juramento de não revelar a localização do exército –, para que possam espalhar a notícia do que aconteceu esta noite entre os skaa.

– Então isso tem a ver com o seu ego? – Ham retrucou.

Kelsier negou com a cabeça.

– Às vezes temos que fazer coisas que achamos desagradáveis, Ham. Meu ego pode ser considerável, mas trata-se de uma coisa inteiramente diferente.

Ham permaneceu sentado por um momento, então se concentrou em sua

refeição. Não comeu, no entanto – ficou apenas encarando o sangue no chão diante da mesa alta.

Ah, Ham, Kelsier pensou. *Gostaria de poder lhe explicar tudo*.

Tramas por trás de tramas, planos além de planos.

Sempre havia outro segredo.

No início, havia aqueles que não acreditavam que as Profundezas fossem um perigo sério, pelo menos não para eles. Contudo, ela trouxe consigo uma influência maligna que tenho visto infectar quase todos os cantos da terra. Exércitos são inúteis diante dela. Grandes cidades se curvam ao seu poder. As colheitas se perdem e a terra morre.

É contra isso que luto. Este é o monstro que tenho que derrotar. Temo ter demorado demais. Já aconteceu tanta destruição que temo pela sobrevivência da humanidade.

Será esse o verdadeiro fim do mundo, como muitos filósofos predizem?

22

Chegamos a Terris no começo desta semana, Vin leu, *e, tenho que dizer, achei a zona rural linda. As grandes montanhas ao norte – com seus cumes repletos de neve e coberturas florestais – se erguem como deuses guardiões sobre esta terra de fertilidade verde. Minhas próprias terras ao sul são, em geral, planas; acho que pareceriam menos lúgubres se tivessem algumas montanhas para variar o terreno.*

O povo aqui é formado principalmente por pastores – ainda que lenhadores e fazendeiros não sejam incomuns. É uma terra pastoral, com certeza. Parece estranho que um lugar tão marcadamente agrícola tenha produzido as profecias e teologias nas quais o mundo inteiro se baseia atualmente.

Escolhemos um grupo de carregadores terrisanos para nos guiar pelas difíceis passagens nas montanhas. Entretanto, esses não são homens comuns. As histórias são aparentemente verdadeiras – alguns terrisanos têm uma habilidade excepcional que é muito intrigante.

De algum modo, eles podem acumular suas forças para usá-las no dia seguinte. À noite, antes de dormir, passam uma hora deitados em seus sacos de dormir e, durante esse tempo, parecem ficar repentinamente muito frágeis na aparência – quase como se tivessem envelhecido meio século. No entanto, quando despertam na manhã seguinte, tornam-se bastante musculosos.

Aparentemente o poder deles tem algo a ver com os braceletes e brincos de metal que sempre usam.

O líder dos carregadores chama-se Rashek, e ele é um tanto quanto taciturno. Apesar disso, Braches – inquisitivo como sempre – prometeu interrogá-lo, na esperança de descobrir exatamente como esta maravilhosa capacidade de estocar forças é obtida.

Amanhã começaremos a fase final da nossa peregrinação – as Montanhas Distantes de Terris. Ali, com sorte, encontrarei paz – tanto para mim quanto para nossa pobre terra.

Enquanto lia sua cópia do diário de viagem, Vin rapidamente chegou a várias conclusões. Primeiro era a firme crença de que *não* gostava de ler. Sazed não dera ouvidos às suas reclamações; apenas dizia que ela não tinha praticado o bastante. Será que não via que ler dificilmente seria uma habilidade tão prática quanto manejar uma adaga ou usar alomancia?

Mesmo assim, continuou a ler, seguindo as ordens dele – nem que fosse só para provar teimosamente que era capaz disso. Muitas das palavras do diário de viagem eram difíceis para ela, e tinha que ir para uma área isolada da Mansão de Renoux, onde pudesse ler em voz alta, tentando decifrar o estranho estilo de escrita do Senhor Soberano.

A leitura continuada a levou a uma segunda conclusão: o Senhor Soberano era muito mais chorão do que qualquer deus podia ser. Quando as páginas do diário não estavam cheias de anotações entediantes sobre as viagens do Senhor Soberano, estavam, em vez disso, repletas de contemplações internas e longas divagações moralistas. Vin estava começando a desejar jamais ter encontrado aquele livro.

Suspirou, ajeitando-se na cadeira de vime. Uma brisa fria do início da primavera soprava pelos jardins, passando pela pequena nascente do riacho à sua esquerda. O ar estava confortavelmente úmido, e as árvores a protegiam do sol da tarde. Ser nobre – ou mesmo se fingir de nobre – certamente tinha suas vantagens.

Um som baixo de passos soou atrás dela. Era distante, mas Vin pegara o hábito de queimar um pouco de estanho todo o tempo. Virou-se, lançando um olhar dissimulado por sobre o ombro.

– Fantasma? – disse, surpresa, quando o jovem Lestibournes apareceu no caminho do jardim. – O que está fazendo aqui?

Fantasma parou, ruborizado.

– Esperando Dox vir e ficar.

– Dockson? – Vin perguntou. – Ele também está aqui? – *Talvez tenha notícias de Kelsier!*

Fantasma assentiu, aproximando-se.

– Armas para guardar, dar o tempo.

Vin deteve-se.

– Agora me perdi.

– Precisamos repartir algumas armas – Fantasma disse, lutando para não falar em seu dialeto. – Guardar elas aqui por um tempo.

– Ah – Vin disse, levantando-se e alisando o vestido. – Eu devia ir vê-lo.

Fantasma repentinamente pareceu apreensivo, corando novamente, e Vin inclinou a cabeça.

– Há algo mais?

Com um movimento súbito, Fantasma colocou a mão no bolso do colete e tirou algo. Vin avivou seu peltre em resposta, mas o item era simplesmente um lenço rosa e branco. Fantasma o entregou para ela.

Vin o aceitou, hesitante.

– Para que é isso?

Fantasma corou novamente, então se virou e foi embora.

Vin o viu partir, aturdida. Olhou o lenço. Era feito de renda suave, mas não parecia haver nada de incomum nele.

Esse é um garoto estranho, pensou, guardando o lenço na manga. Pegou sua cópia do diário de viagem e começou a andar pelo caminho do jardim. Estava ficando tão acostumada a usar vestidos que quase não precisava prestar atenção para impedir que as camadas inferiores roçassem na vegetação rasteira ou nas pedras.

Suponho que isso, em si, seja uma habilidade valiosa, Vin pensou enquanto chegava à entrada do jardim sem ter enganchado o vestido em um único ramo. Abriu a porta de vidro e parou diante do primeiro criado que encontrou.

– Mestre Delton chegou? – perguntou, usando o nome falso de Dockson. Ele interpretava o papel de um dos contatos comerciais de Renoux em Luthadel.

– Sim, minha senhora – o criado disse. – Está em reunião com Lorde Renoux.

Vin deixou o criado partir. Ela provavelmente poderia ter participado da reunião, mas isso lhe pareceu mal. Lady Valette não tinha motivos para estar presente em uma reunião comercial entre Renoux e Delton.

Vin mordeu o lábio inferior, pensativa. Sazed sempre lhe dizia que tinha que

manter as aparências. *Muito bem*, ela pensou. *Vou esperar. Talvez Sazed possa me dizer o que esse garoto maluco espera que eu faça com esse lenço.*

Foi até a biblioteca do andar de cima, mantendo um agradável sorriso, próprio de uma dama, tentando internamente adivinhar sobre o que Renoux e Dockson estavam conversando. Trazer as armas era uma desculpa; Dockson não precisava vir pessoalmente para fazer algo tão mundano. Talvez Kelsier estivesse atrasado. Ou, talvez, Dockson finalmente tivesse conseguido fazer contato com Marsh, o irmão de Kelsier, informando que, juntamente com os outros novos iniciados dos obrigadores, devia chegar logo a Luthadel.

Dockson e Renoux podiam ter mandado me chamar, pensou aborrecida. Valette frequentemente entretinha os convidados com seu tio.

Balançou a cabeça. Mesmo que Kelsier a tivesse nomeado um membro pleno da gangue, os outros obviamente ainda a viam como uma criança. Eram amigáveis e receptivos, mas não pensavam em incluí-la. Provavelmente não era intencional, mas nem por isso era menos frustrante.

A luz brilhava na biblioteca à frente. De fato, Sazed estava sentado lá dentro, traduzindo as últimas páginas do diário de viagem. Levantou a cabeça quando Vin entrou, sorrindo e fazendo uma reverência respeitosa.

Tampouco está de óculos desta vez, Vin observou. *Por que os usou por aquele breve período de tempo?*

– Senhora Vin – ele disse, levantando-se e pegando uma cadeira para ela. – Como vão seus estudos do diário?

Vin olhou as páginas levemente presas que tinha nas mãos.

– Bem, eu suponho. Não vejo por que tenho que me preocupar em ler isso... deu cópias para Kell e Brisa também, não deu?

– É claro – Sazed disse, colocando a cadeira dela ao lado da escrivaninha. – Contudo, Mestre Kelsier pediu que cada membro da gangue lesse essas páginas. Está correto em fazer isso, creio. Quanto mais olhos virem essas palavras, mais provável é que descubramos os segredos ocultos nelas.

Vin suspirou levemente, alisando o vestido e se sentando. Sua roupa branca e azul era bonita – embora destinada para uso diário, era apenas um pouco menos luxuosa do que um de seus vestidos de baile.

– Deve admitir, senhora – Sazed disse enquanto se sentava –, que o texto é surpreendente. Esta obra é o sonho de um Guardador. Ora, estou descobrindo coisas sobre minha cultura que nem suspeitava!

Vin assentiu.

– Acabo de chegar na parte em que chegam a Terris. – *Com sorte, a parte*

seguinte terá menos listas de suprimentos. Honestamente, para um deus maligno da escuridão, ele certamente consegue ser bem enfadonho.

– Sim, sim – Sazed disse, falando com um entusiasmo incomum. – Viu o que ele disse, como descreve Terris como um lugar de "fertilidade verde"? As lendas dos Guardadores falam disso. Terris agora é uma tundra de terra congelada; ora, quase nenhuma planta consegue sobreviver ali. Mas antigamente era verde e linda, como o texto diz.

Verde e linda, Vin pensou. *Por que verde seria linda? Seria como ter plantas azuis ou púrpura – algo apenas estranho.*

Contudo, havia algo no diário que a deixara curiosa – algo que tanto Sazed quanto Kelsier não tinham querido mencionar.

– Acabo de ler a parte em que o Senhor Soberano contrata uns carregadores terrisanos – Vin disse cuidadosamente. – Falou sobre como ficam mais fortes durante o dia porque se deixam enfraquecer à noite.

Sazed pareceu subitamente desanimado.

– Sim, de fato.

– Sabe algo sobre isso? Tem algo a ver com ser um Guardador?

– Tem – Sazed confirmou. – Mas isso deve permanecer um segredo, creio. Não que não seja digna de confiança, senhora Vin. Contudo, quanto menos gente souber sobre os Guardadores, menos rumores se espalharão sobre nós. É melhor que o Senhor Soberano comece a acreditar que nos destruiu completamente, de acordo com seu objetivo nos últimos mil anos.

Vin encolheu os ombros.

– Tudo bem. Com sorte, nenhum dos segredos que Kelsier quer que descubramos neste texto está relacionado com os poderes terrisanos... se estão, eu os deixei passar completamente.

Sazed não disse nada.

– Ah, bem – Vin disse, despreocupadamente, folheando as páginas que ainda não tinha lido. – Parece que ele passa um bom tempo falando sobre os terrisanos. Acho que não poderei ajudar com muita coisa quando Kelsier voltar.

– Tem razão – Sazed disse lentamente. – Ainda que expresse isso de maneira um pouco melodramática.

Vin sorriu descaradamente.

– Ah, bem – Sazed falou, soltando um suspiro. – Não devíamos tê-la deixado passar tanto tempo com Mestre Brisa, creio.

– Os homens no diário de viagem – Vin disse. – São Guardadores?

Sazed assentiu.

– O que agora chamamos de Guardadores eram muito mais comuns naquela época; talvez até mais comuns do que os Brumosos são entre a nobreza moderna. Nossa arte é a chamada “feruquemia”, ela confere a habilidade de estocar certos atributos físicos dentro de pedaços de metal.

Vin franziu o cenho.

– Vocês também queimam metais?

– Não, senhora – Sazed disse, negando com a cabeça. – Feruquemistas não são como alomânticos; não “queimamos” nossos metais. Nós os usamos como depósitos. Cada pedaço de metal, dependendo do tamanho e da liga, pode armazenar uma qualidade física específica. O feruquemista conserva um atributo, e recorre a essa reserva posteriormente.

– Atributo? – Vin perguntou. – Como força?

Sazed assentiu.

– No texto, os carregadores terrisanos se enfraquecem durante a noite, acumulando força em seus braceletes para usá-la no dia seguinte.

Vin observou o rosto de Sazed.

– É por isso que usa tantos brincos!

– Sim, senhora – ele confirmou, arregaçando as mangas. Sob sua túnica, usava grossos braceletes de ferro ao redor do antebraço. – Mantenho algumas de minhas reservas escondidas; mas o uso de anéis, brincos e outras joias sempre foi parte da cultura de Terris. Uma vez, o Senhor Soberano tentou proibir que os terrisanos tocassem ou possuíssem qualquer metal; na verdade, tentou tornar o uso do metal um privilégio dos nobres, e não dos skaa.

Vin franziu o cenho.

– Isso é estranho – ela disse. – Seria possível pensar que a nobreza *não ia querer* usar metais, porque isso os torna vulneráveis à alomancia.

– De fato – Sazed concordou. – Contudo, tem sido uma longa moda imperial acentuar os trajes de alguém com metal. Começou, eu suponho, com o desejo do Senhor Soberano de negar aos terrisanos o direito de tocar metal. Ele próprio começou a usar anéis e braceletes de metal, e a nobreza sempre seguiu sua moda. Nos dias de hoje, os mais ricos com frequência usam metal como símbolo de poder e orgulho.

– Parece uma tolice – Vin comentou.

– Em geral a moda é – Sazed falou. – De qualquer modo, a trama falhou. Muitos nobres usam apenas madeira pintada de modo a parecer metal, e Terris conseguiu resistir ao descontentamento do Senhor Soberano quanto a esse assunto. É simplesmente impraticável impedir que mordomos manejem metal.

Isso não impede que o Senhor Soberano continue tentando exterminar os Guardadores, no entanto.

– Ele teme vocês.

– E nos odeia. Não apenas os feruquemistas, mas todos os terrisanos. – Sazed apoiou a mão em um trecho ainda não traduzido do texto. – Espero encontrar este segredo aqui também. Ninguém se recorda por que o Senhor Soberano persegue o povo de Terris, mas suspeito que tenha algo a ver com esse carregador; o líder deles, Rashek, parece ser um homem muito obstinado. O Senhor Soberano fala com frequência sobre ele na narrativa.

– Ele menciona a religião – Vin comentou. – A religião de Terris. Algo sobre profecias?

Sazed negou com a cabeça.

– Não posso responder essa pergunta, senhora, pois não sei mais sobre a religião de Terris do que você.

– Mas você compila religiões – Vin falou. – Não conhece a sua própria?

– Não – Sazed respondeu solenemente. – Veja, senhora, foi por isso que os Guardadores foram criados. Há séculos, meu povo escondeu os últimos feruquemistas de Terris. Os expurgos do Senhor Soberano estavam ficando muito violentos; isso foi antes de ele começar o programa reprodutor. Antes, não éramos mordomos ou criados... não éramos nem mesmo skaa. Éramos algo a ser destruído. Mesmo assim, algo impediu que o Senhor Soberano nos aniquilasse completamente. Não sei por que... talvez pensassem que genocídio era uma punição gentil demais. De qualquer modo, ele conseguiu destruir nossa religião durante os dois primeiros séculos de seu governo. A organização dos Guardadores foi formada durante o século seguinte, e seus membros se dedicaram a descobrir o que havia sido perdido e recordar para o futuro.

– Com feruquemia?

Sazed assentiu, passando os dedos no bracelete de seu braço direito.

– Este aqui é feito de cobre; permite o armazenamento de lembranças e pensamentos. Cada Guardador carrega vários braceletes desses, cheios de conhecimento: canções, contos, orações, histórias e idiomas. Muitos Guardadores têm uma área particular de interesse – a minha é a religião –, mas todos nós lembramos a coleção inteira. Se apenas um de nós sobreviver, até a morte do Senhor Soberano, então as pessoas no mundo serão capazes de recuperar tudo o que foi perdido. – Ele se deteve, então baixou a manga. – Bem, não *tudo* o que foi perdido. Ainda há coisas que estão faltando.

– Sua própria religião – Vin disse em voz baixa. – Nunca a encontraram, não

é?

Sazed negou com a cabeça.

– O Senhor Soberano dá a entender em seu diário que foram nossos profetas quem o conduziram até o Poço da Ascensão, mas até esta informação é nova para nós. Em que acreditavam? O que ou quem adorávamos? De onde esses profetas terrisanos vieram, e como previam o futuro?

– Eu... sinto muito.

– Vamos continuar a procurar, senhora. Encontraremos nossas respostas em algum momento, creio. E mesmo que não consigamos, ainda teremos proporcionado um serviço de valor incalculável para a humanidade. Outras pessoas nos consideram dóceis e servis, mas temos lutado contra ele do nosso modo.

Vin assentiu.

– Então, que outras coisas consegue armazenar? Força e lembranças. O que mais?

Sazed olhou para ela.

– Já falei demais, creio. Você entende a mecânica do que fazemos... se o Senhor Soberano mencionar essas coisas no texto, não ficará confusa.

– Visão – Vin disse, erguendo a cabeça. – Por isso usou óculos por algumas semanas depois de me resgatar. Precisava ver melhor naquela noite em que me salvou, então usou seu estoque. Aí passou algumas semanas com a visão fraca, até conseguir recarregar.

Sazed não respondeu ao comentário. Pegou sua caneta, obviamente pretendendo voltar à sua tradução.

– Há algo mais, senhora?

– Na verdade, sim – Vin disse, tirando o lenço de sua manga. – Tem alguma ideia do que seja isso?

– Parece ser um lenço, senhora.

Vin ergueu uma sobrancelha bem-humorada.

– Muito engraçado. Tem passado tempo demais com Kelsier, Sazed.

– Eu sei – ele disse com um suspiro. – Ele me corrompeu, creio. Apesar disso, não entendo sua pergunta. O que há de diferente neste lenço em particular?

– Isso é o que *eu* quero saber – Vin disse. – Fantasma me deu há pouco tempo.

– Ah, faz sentido, então.

– O quê? – Vin exigiu saber.

– Na sociedade nobre, senhora, um lenço é o presente tradicional que um jovem dá a uma dama que deseja cortejar seriamente.

Vin se deteve, olhando o lenço com espanto.

– *O quê*? Esse garoto está louco?

– A maior parte dos jovens da idade dele é louca de alguma maneira, creio – Sazed disse com um sorriso. – Contudo, isso não é nem um pouco inesperado. Não percebeu como ele a encara quando entra na sala?

– Só pensei que ele fosse assustador. Em que está pensando? É tão mais jovem do que eu.

– O garoto tem quinze anos, senhora. Isso o torna apenas um ano mais jovem do que a senhora.

– Dois – Vin disse. – Completei dezessete na semana passada.

– Mesmo assim, ele não é muito mais jovem.

Vin revirou os olhos.

– Não tenho tempo para as atenções dele.

– Alguém poderia pensar, senhora, que deveria apreciar as oportunidades que tem. Nem todo mundo é tão afortunado.

Vin se deteve. *Ele é um eunuco, sua tola*.

– Sazed, sinto muito. Eu...

Sazed fez um sinal com a mão.

– É algo que nunca conheci o bastante para sentir falta, senhora. Talvez eu seja afortunado... a vida no submundo não facilita o sustento de uma família. Ora, o pobre Mestre Hammond está longe de sua esposa há meses.

– Ham é *casado*?

– É claro – Sazed disse. – Assim como Mestre Yeden, creio. Eles protegem suas famílias afastando-as das atividades do submundo, mas isso requer passar longos períodos de tempo afastados.

– Quem mais? – Vin perguntou. – Brisa? Dockson?

– Mestre Brisa é um tanto quanto... automotivado para ter uma família, creio. Mestre Dockson não fala de sua vida sentimental, mas suspeito que haja algo doloroso em seu passado. Isso não é incomum nos skaa rurais, como seria de se esperar.

– Dockson é de uma plantação? – Vin perguntou surpresa.

– É claro. Nunca passa o tempo conversando com seus amigos, senhora?

Amigos. Tenho amigos. Era um conceito estranho.

– De qualquer modo – Sazed disse –, devo prosseguir com meu trabalho. Perdoe-me por ser tão desinteressado, mas estou quase acabando a tradução...

– É claro – Vin falou, levantando-se e alisando o vestido. – Obrigada.

Encontrou Dockson sentado no estúdio de convidados, escrevendo silenciosamente em um pedaço de papel, com uma pilha de documentos perfeitamente organizada na escrivaninha. Usava o traje padrão de um nobre, e sempre parecia mais confortável nessas roupas do que os demais. Kelsier era arrojado, Brisa era imaculado e extravagante, mas Dockson... simplesmente parecia natural naquelas roupas.

Ele levantou o olhar quando ela entrou.

– Vin? Sinto muito... devia ter pedido para que a chamasse. Por algum motivo, presumi que estava fora.

– Estou fora com frequência ultimamente – ela disse, fechando a porta atrás de si. – Fiquei em casa hoje; ouvir os nobres tagarelar no almoço pode ser um pouco irritante.

– Posso imaginar – Dockson disse, sorrindo. – Sente-se.

Vin assentiu, entrando no aposento. Era um lugar silencioso, decorado com cores cálidas e madeiras densas. Ainda havia alguma luz lá fora, mas Dockson já fechara as cortinas e estava trabalhando sob a luz de velas.

– Alguma notícia de Kelsier? – Vin perguntou ao se sentar.

– Não – Dockson disse, colocando o documento de lado. – Mas é de se esperar. Ele não ia ficar muito tempo nas cavernas, então mandar um mensageiro de volta teria sido um pouco estúpido... como alomântico, ele conseguiria voltar antes que um homem a cavalo. De qualquer modo, suspeito que atrasará alguns dias. É sobre Kell que estamos falando, afinal.

Vin assentiu, e ficou em silêncio por um momento. Não passava tanto tempo com Dockson quanto passava com Kelsier e Sazed – ou mesmo com Ham e Brisa. Ele parecia um homem gentil, no entanto. Muito constante e muito esperto. Enquanto a maioria dos demais contribuía com algum tipo de poder alomântico, Dockson era valioso por causa da simples capacidade de organizar.

Quando algo precisava ser comprado – como os vestidos de Vin –, Dockson se encarregava de fazê-lo. Quando um edifício precisava ser alugado, suprimentos adquiridos ou uma autorização garantida, Dockson fazia acontecer. Não estava no *front*, enganando os nobres, lutando nas brumas ou recrutando soldados. Sem ele, no entanto, Vin suspeitava que toda a gangue se despedaçaria.

É um bom homem, ela disse para si mesma. *Não vai se incomodar se eu perguntar*.

– Dox, como era viver em uma plantação?

– Hummm... A plantação?

Vin assentiu.

– Você cresceu em uma, certo? É um skaa rural?

– Sim – Dockson confirmou. – Ou, pelo menos, era. Como era? Não sei ao certo como responder, Vin. Era uma vida dura, mas a maioria dos skaa tem vidas duras. Eu não tinha permissão para deixar a plantação ou mesmo sair da choupana comunitária. Comíamos com mais regularidade do que muitos skaa das ruas, mas trabalhávamos tão duro quanto os operários das fábricas. Talvez mais. As plantações são diferentes das cidades. Lá, todo senhor é seu próprio mestre. Tecnicamente, o Senhor Soberano é dono dos skaa, mas os nobres os alugam, e têm permissão para matar quantos quiserem. Cada lorde só tem que se assegurar de entregar suas colheitas.

– Você parece tão... impassível sobre isso – Vin comentou.

Dockson deu de ombros.

– Faz um tempo desde que vivi lá, Vin. Não sei se a plantação era muito traumática. Era apenas a vida... não conhecíamos nada melhor. De fato, agora sei que, entre os lordes das plantações, o meu era, na verdade, bastante brando.

– Por que partiu, então?

Dockson deteve-se.

– Um acontecimento – disse, sua voz ficando quase melancólica. – Conhece aquela lei que diz que um lorde pode deitar com qualquer mulher skaa que deseje?

Vin assentiu.

– Ele só tem que matá-la assim que terminar.

– Ou logo depois – Dockson disse. – Rápido o suficiente para que ela não dê à luz nenhum filho mestiço.

– O lorde levou a mulher que você amava, então?

Dockson assentiu.

– Não falo muito sobre isso. Não porque não consiga, mas porque acho que seria inútil. Não sou o único skaa a perder a amada para a paixão ou mesmo a indiferença de um lorde. Na verdade, aposto que teria problemas em encontrar um skaa que *não* teve um ente querido assassinado pela aristocracia. É só... o jeito que as coisas são.

– Quem era ela? – Vin perguntou.

– Uma garota da plantação. Como eu disse, minha história não é nada original. Lembro de... me esgueirar entre as choupanas à noite para passar

algum tempo com ela. Toda a comunidade nos ajudava, nos escondendo dos capatazes... eu não podia sair depois que escurecia, entende? Encarei as brumas pela primeira vez por ela, e ainda que muitos me julgassem um idiota por sair à noite, outros superaram suas superstições e me encorajaram. Acho que o romance os inspirava; Kareien e eu recordamos a todos que havia algo pelo que viver. Quando Kareien foi levada pelo Lorde Devinshae... o cadáver dela retornou na manhã seguinte para o enterro... algo simplesmente... morreu nas choupanas dos skaa. Parti na noite seguinte. Não sabia que havia uma vida melhor, mas não podia ficar, não com a família de Kareien ali, não com Lorde Devinshae nos vendo trabalhar...

Dockson suspirou, balançando a cabeça. Vin finalmente pôde ver alguma emoção em seu rosto.

– Sabe – ele disse –, às vezes me surpreende que ainda tentemos. Com tudo o que fizeram conosco – as mortes, as torturas, as agonias –, seria de se esperar que desistíssemos de coisas como esperança e amor. Mas não desistimos. Os skaa ainda se apaixonam. Ainda tentam ter suas famílias, e ainda lutam. Quero dizer, aqui estamos... lutando a guerrinha insana de Kell, resistindo a um deus que sabemos que vai massacrar todos nós.

Vin ficou sentada, em silêncio, tentando compreender o horror do que ele descrevia.

– Eu... pensei que tinha dito que seu lorde era gentil.

– Ah, ele era – Dockson disse. – Lorde Devinshae raramente espancava os skaa até a morte, e só expurgava os velhos quando a população estava completamente fora de controle. Tinha uma reputação impecável entre a nobreza. Você provavelmente o viu em algum dos bailes; ele esteve recentemente em Luthadel para passar o inverno, entre as temporadas da plantação.

Vin sentiu frio.

– Dockson, isso é horrível! Como permitem um monstro desses entre eles?

Dockson franziu o cenho, então se inclinou levemente para frente, apoiando os braços na escrivaninha.

– Vin, eles são *todos* assim.

– Sei o que alguns dos skaa dizem, Dox – Vin falou. – Mas as pessoas nos bailes não são assim. Eu estive com eles, dancei com eles. Dox, vários deles são boas pessoas. Não acho que percebem quão terríveis as coisas são para os skaa.

Dockson olhou para ela com uma expressão estranha.

– Estou realmente ouvindo isso de você, Vin? Por que acha que estamos lutando contra eles? Não percebe as coisas que essas pessoas, todas essas pessoas, são capazes de fazer?

– Crueldade, talvez – Vin disse. – E indiferença. Mas não são monstros, não todos eles... não como o lorde da sua antiga plantação.

Dockson meneou a cabeça negativamente.

– Não está vendo com clareza, Vin. Um nobre pode estuprar e matar uma mulher skaa em uma noite e ser elogiado por sua moralidade e virtude no dia seguinte. Os skaa simplesmente não são pessoas para eles. As nobres nem consideram traição quando seus lordes dormem com uma mulher skaa.

– Eu... – Vin não soube o que dizer, cada vez mais insegura. Essa era uma área da cultura nobre que não queria confrontar. Os espancamentos talvez pudesse perdoar, mas isso...

Dockson balançou a cabeça.

– Está deixando que a iludam, Vin. Coisas como essas são menos visíveis nas cidades por causa dos prostíbulos, mas os assassinatos ainda acontecem. Alguns bordéis usam mulheres de nascimento muito baixo, mas nobre. A maioria, no entanto, simplesmente mata suas prostitutas skaa periodicamente para manter os Inquisidores calmos.

Vin sentiu uma pequena fraqueza.

– Eu... sei sobre os bordéis, Dox. Meu irmão sempre ameaçou me vender para um deles. Mas, só porque os bordéis existem, não significa que todos os homens os frequentem. Há muitos trabalhadores que não visitam as casas de prostituição dos skaa.

– Os nobres são diferentes, Vin – Dockson disse com severidade. – São criaturas horríveis. Por que acha que não me importo quando Kelsier os mata? Por que acha que estou trabalhando para derrubar o governo deles? Devia perguntar para algum dos meninos bonitos com quem dança com que frequência dormem com uma mulher skaa que sabem que será morta algum tempo depois. Todos já fizeram isso, em um momento ou outro.

Vin abaixou o olhar.

– Eles não podem ser redimidos, Vin – Dockson disse. Não parecia tão apaixonado pelo tema quanto Kelsier; parecia apenas... resignado. – Não acho que Kell ficará feliz até que estejam todos mortos. Duvido que consigamos chegar tão longe, ou mesmo que possamos, mas eu, por exemplo, ficaria mais do que feliz em ver a sociedade deles colapsar.

Vin permaneceu em silêncio. *Não podem ser todos assim*, pensou. *São tão*

bonitos, tão distintos. Elend jamais tomaria e mataria uma mulher skaa... não é?

Durmo apenas algumas horas por noite. Devemos prosseguir, viajar o máximo que pudermos a cada dia – mas quando finalmente me deito, encontro um sono esquivo. Os mesmos pensamentos que me preocupam durante o dia só se agravam com a tranquilidade da noite.

E, acima de tudo, eu ouço os sons retumbantes vindos de cima, os pulsos das montanhas. Atraindo-me a cada batida.

23

– Dizem que as mortes dos irmãos Geffenry foram uma retaliação pelo assassinato de Lorde Entrone – Lady Kliss disse, em voz baixa.

Atrás do grupo de Vin, os músicos tocavam no palco, mas a noite já avançava, e poucas pessoas dançavam.

O círculo de pessoas que rodeava Lady Kliss franziu o cenho com a notícia. Eram cerca de seis, incluindo Vin e seu acompanhante – um tal de Milen Davenpleu, um jovem herdeiro de uma casa menor.

– Kliss, sério – Milen disse. – As casas Geffenry e Tekiel são aliadas. Por que Tekiel assassinaria dois nobres Geffenry?

– De fato, por quê? – Kliss disse, inclinando-se para frente de modo conspiratório, seu enorme coque loiro balançando levemente. Kliss nunca mostrara muito senso de moda. Era uma excelente fonte de fofocas, no entanto. – Lembra quando Lorde Entrone foi encontrado morto nos jardins de Tekiel? – ela perguntou. – Bem, *parecia* óbvio que um dos inimigos da Casa Tekiel o matara. Mas a Casa Geffenry vem requerendo uma aliança com Tekiel... aparentemente uma facção dentro da casa pensou que se algo acontecesse para inflamar os Tekiel, eles ficariam mais predispostos a buscar aliados.

– Está dizendo que Geffenry matou um aliado Tekiel *de propósito*? – perguntou René, o acompanhante de Kliss. E enrugou a testa larga, pensativo.

Kliss deu um tapinha no braço de René.

– Não se preocupe muito com isso, querido – aconselhou-o, então voltou ansiosamente à conversa. – Não vê? Ao matar secretamente Lorde Entrone,

Geffenry esperava conseguir a aliança de que precisava. *Isso* lhe daria acesso às rotas de canais dos Tekiel para as planícies orientais.

– Mas se deram mal – Milen disse, pensativo. – Tekiel descobriu o ardil e matou Ardous e Callins.

– Dancei com Ardous algumas vezes no último baile – Vin comentou. *Agora ele está morto, seu cadáver abandonado nas ruas do lado de fora de um cortiço skaa.*

– Verdade? – Milen perguntou. – Ele era bom?

Vin deu de ombros.

– Não muito. – *É tudo o que consegue perguntar, Milen? Um homem está morto e só o que quer saber é se gostei dele mais do que de você?*

– Bem, agora ele está dançando com os vermes – disse Tyden, o último homem do grupo.

Milen deixou escapar uma risada forçada, mais do que o comentário merecia. As tentativas de Tyden de fazer humor, em geral, deixavam a desejar. Parecia o tipo que se sentiria mais em casa com os rufiões da gangue de Camon do que com os nobres no salão de bailes.

É claro, Dox diz que, no fundo, todos são assim.

A conversa de Vin com Dockson ainda dominava seus pensamentos. Quando começara a ir aos bailes, naquela primeira noite – a noite em que quase fora morta –, pensara sobre o quão falso tudo parecia. Como se esquecera daquela impressão original? Como se deixara envolver e começara a admirar a atitude e o esplendor deles?

Agora, o braço de cada nobre ao redor de sua cintura a fazia ranger os dentes – como se pudesse sentir a podridão em seus corações. Quantos skaa Milen matara? E quanto a Tyden? Parecia o tipo que apreciava uma noite com putas.

Mas, mesmo assim, continuava a jogar. Finalmente usara o vestido negro naquela noite, sentindo, de algum modo, necessidade de se diferenciar das outras mulheres, com suas cores vivas e sorrisos com frequência ainda mais vivos. Contudo, ela não podia evitar as outras companhias; Vin finalmente começara a ganhar a confiança de que sua gangue precisava. Kelsier ficaria satisfeito em saber que seu plano com relação à Casa Tekiel estava funcionando, e aquela não era a única coisa que conseguira descobrir. Tinha dúzias de pequenos fuxicos que seriam de uso vital para os esforços da gangue.

Um desses fuxicos era sobre a Casa Venture. A família estava se entrincheirando para o que se acreditava ser uma prolongada guerra entre as casas; o fato de Elend estar participando de muito menos bailes do que antes

era uma evidência disso. Não que Vin se importasse. Quando ele aparecia, em geral a evitava, e ela não queria falar com ele de forma alguma. As lembranças do que Dockson dissera a faziam suspeitar que poderia ter dificuldade em manter uma atitude cortês com Elend.

– Milen? – Lorde René perguntou. – Ainda está planejando se juntar a nós na partida de cartas amanhã?

– É claro, René – Milen confirmou.

– Você não prometeu da última vez? – Tyden perguntou.

– Estarei lá – Milen assegurou. – Aconteceu um imprevisto da última vez.

– E não vai acontecer de novo? – Tyden questionou. – Sabe que não podemos jogar a menos que tenhamos um quarto homem. Se você não for, podemos convidar outra pessoa...

Milen suspirou, então levantou a mão, gesticulando bruscamente. O movimento chamou a atenção de Vin – ela não estava prestando muita atenção na conversa. Olhou para o lado, e quase pulou de susto quando viu um obrigador se aproximar do grupo.

Até agora tinha conseguido evitar os obrigadores nos bailes. Depois de seu primeiro encontro com um alto prelado, há alguns meses – e o subsequente confronto com um Inquisidor – ficara apreensiva de se aproximar de algum.

O obrigador foi até a mesa, sorrindo de um jeito meio assustador. Talvez fossem os braços cruzados, com as mãos ocultas dentro das mangas cinzentas. Talvez fossem as tatuagens ao redor dos olhos, enrugadas na pele idosa. Talvez fosse o jeito com que aqueles olhos a miravam, como se pudessem ver através de seu disfarce. Não era simplesmente um nobre: era um *obrigador*, os olhos do Senhor Soberano, aquele que aplicava Sua lei.

O obrigador parou perto do grupo. Suas tatuagens o identificavam como um membro do Cantão da Ortodoxia, o principal braço burocrático do Ministério. Olhou para o grupo, falando com voz suave: – Pois não?

Milen pegou algumas moedas.

– Prometo me encontrar com esses dois para uma partida de cartas amanhã – disse, entregando as moedas para o obrigador idoso.

Parecia um motivo estúpido para chamar um obrigador – ou, pelo menos, foi o que Vin pensou. O obrigador, no entanto, não riu ou destacou a frivolidade da demanda. Simplesmente deu um sorriso, guardando as moedas com a mesma destreza de qualquer ladrão.

– Sou testemunha disso, Lorde Milen – ele disse.

– Satisfeitos? – Milen perguntou para os outros dois.

Eles assentiram.

O obrigador deu meia-volta, sem lançar um segundo olhar para Vin, e se afastou. Ela soltou a respiração, silenciosamente, observando a forma que partia.

Eles devem saber tudo o que acontece na corte, ela percebeu. *Se a nobreza os chama para testemunhar coisas tão simples...* Quanto mais sabia sobre o Ministério, mais percebia quão esperto o Senhor Soberano fora ao organizá-lo. Eles testemunhavam cada contrato comercial; Dockson e Renoux tinham que lidar com obrigadores quase todo dia. Só eles podiam autorizar casamentos, divórcios, compras de terrenos ou ratificar títulos de herança. Se um obrigador não testemunhasse um acontecimento, este não tinha acontecido; e se um deles não selasse um documento, então ele bem que podia não ter sido escrito.

Vin balançou a cabeça, enquanto a conversa passava para outros assuntos. Fora uma longa noite, e a mente dela estava cheia de informações para anotar no caminho de volta a Fellise.

– Desculpe-me, Lorde Milen – ela disse, colocando uma mão no braço dele – embora tocá-lo a fizesse estremecer levemente. – Penso que talvez seja hora de me retirar.

– Eu a acompanharei até sua carruagem – ele disse.

– Isso não será necessário – ela disse com doçura. – Quero me refrescar e, de qualquer maneira, preciso esperar pelo meu terrisano. Vou me sentar à nossa mesa.

– Está bem – ele disse, assentindo respeitosamente.

– Pode ir se quiser, Valette – Kliss falou. – Mas então nunca saberá as notícias que tenho sobre o Ministério...

Vin deteve-se.

– Que notícias?

Os olhos de Kliss brilharam, e ela olhou de relance para o obrigador que se afastava.

– Os Inquisidores estão zumbindo como insetos. Atingiram *o dobro* da quantidade normal de bandos de ladrões skaa nesses últimos meses. Nem mesmo os fazem prisioneiros para execuções; simplesmente matam todos.

– Como sabe disso? – Milen perguntou, cético. Ele parecia tão elegante e nobre. Ninguém jamais suspeitaria o que ele realmente era.

– Tenho minhas fontes – Kliss disse, com um sorriso. – Ora, os Inquisidores acharam outra gangue nesta mesma tarde. Um quartel-general não muito longe daqui.

Vin sentiu um calafrio. Não estavam *muito* longe da loja de Trevo... *Não, não podem ser eles. Dockson e o resto são espertos demais. Mesmo sem Kelsier na cidade, eles estarão a salvo.*

– Malditos ladrões – Tyden cuspiu. – Os malditos skaa não sabem o lugar deles. A comida e as roupas que lhes damos não são um roubo suficiente aos nossos bolsos?

– É surpreendente que as criaturas possam até mesmo sobreviver como ladrões – disse Carlee, a jovem esposa de Tyden, com sua habitual voz ronronante. – Não imagino que tipo de incompetente se deixaria ser roubado por um skaa.

Tyden corou, e Vin o olhou com curiosidade. Carlee raramente falava, exceto para dar alguma cutucada no marido. *Ele deve ter sido roubado. Um golpe, talvez?*

Armazenando a informação para investigação posterior, Vin se virou para ir embora – um movimento que a colocou cara a cara com uma recém-chegada ao grupo: Shan Elariel.

A ex-noiva de Elend estava imaculada, como sempre. Seus longos cabelos castanho-avermelhados tinham um brilho quase luminoso, e sua bela figura só fez Vin se lembrar do quão magra estava. Cheia de si, de um jeito que tornaria insegura a mais confiante das pessoas, Shan era – como Vin estava começando a perceber – exatamente o que a maior parte da aristocracia considerava uma mulher perfeita.

Os homens no grupo de Vin a saudaram respeitosamente com a cabeça, e as mulheres fizeram uma reverência, honradas em ter alguém tão importante participando da conversa. Vin olhou para o lado, tentando escapar, mas Shan estava parada à sua frente.

Shan sorriu.

– Ah, Lorde Milen – disse para o acompanhante de Vin – é uma pena que seu encontro original desta noite tenha ficado doente. Parece que lhe sobraram poucas opções.

Milen corou, o comentário de Shan o colocou habilmente em uma situação difícil. Defenderia Vin, atraindo, possivelmente, a ira de uma mulher muito poderosa? Ou, em vez disso, concordaria com Shan e insultaria sua acompanhante?

Optou pela saída covarde: ignorou o comentário.

– Lady Shan, é um prazer que tenha se juntado a nós.

– De fato – Shan disse, tranquilamente, os olhos brilhando de prazer

enquanto observava o desconforto de Vin.

Mulher maldita!, Vin pensou. Parecia que toda vez que Shan ficava entediada, procurava por Vin para envergonhá-la por esporte.

– Contudo – Shan prosseguiu –, sinto não ter vindo para conversar. Por mais desagradável que seja, tenho assuntos a tratar com a criança Renoux. Podem nos dar licença?

– É claro, minha senhora – Milen disse, retrocedendo. – Lady Valette, obrigado pela companhia esta noite.

Vin assentiu para ele e os demais, sentindo-se um pouco como um animal ferido abandonado pelo rebanho. *Realmente* não queria ter que lidar com Shan naquela noite.

– Lady Shan – Vin falou assim que ficaram sozinhas –, acho que seu interesse em mim é infundado. Não tenho passado muito tempo com Elend ultimamente.

– Eu sei – Shan respondeu. – Parece que superestimei sua competência, criança. Qualquer um pensaria que, uma vez que ganhou os favores de um homem tão mais importante que você, não o deixaria escapar tão facilmente.

Ela não devia estar com ciúmes?, Vin pensou, contendo um calafrio enquanto sentia o toque inevitável da alomancia de Shan em suas emoções. *Não deveria me odiar por ocupar seu lugar?*

Mas os nobres não agiam assim. Vin não era nada além de uma diversão momentânea. Shan não estava interessada em reconquistar o afeto de Elend; só buscava uma forma de se vingar do homem que a menosprezara.

– Uma garota inteligente se colocaria em uma posição na qual pudesse usar a única vantagem que tem – Shan prosseguiu. – Se acha que qualquer outro nobre importante vai prestar atenção em você, está redondamente enganada. Elend gosta de escandalizar a corte... e então, naturalmente, escolheu fazer isso com a mulher mais rústica e estúpida que pôde encontrar. Aproveite esta oportunidade, não terá outra tão cedo.

Vin rangeu os dentes para não responder aos insultos e à alomancia; Shan obviamente era especialista em obrigar as pessoas a aceitar qualquer abuso que quisesse cometer.

– Agora – Shan falou –, exijo informações sobre certos textos que Elend tem em seu poder. *Sabe* ler, não?

Vin assentiu bruscamente.

– Bom – Shan continuou. – Tudo o que precisa fazer é memorizar os títulos dos livros... não olhe nas capas, elas podem ser ilusórias. Leias as primeiras

páginas, e depois me informe.

– E se, em vez disso, eu contar para Elend o que está planejando?

Shan deu uma gargalhada.

– Minha querida, você não *sabe* o que estou planejando. Além disso, parece que está fazendo algum progresso na corte. Certamente percebe que *me* trair não é algo que possa sequer pensar em fazer.

Com isso, Shan se afastou, reunindo imediatamente uma coleção de interesseiros nobres nos arredores. O abrandamento de Shan enfraqueceu, e Vin sentiu a frustração e a raiva crescerem. Houve uma época em que simplesmente teria saído correndo, com o ego ferido demais para se incomodar com os insultos de Shan. Nesta noite, no entanto, desejou poder revidar.

Acalme-se. Isso é bom. Você se tornou uma peça nos planos das Grandes Casas – grande parte da nobreza menor provavelmente sonharia com uma oportunidade dessas.

Suspirou, voltando para a mesa agora vazia que partilhara com Milen. O baile desta noite acontecera na maravilhosa Fortaleza Hasting. Sua alta e redonda torre central era rodeada por seis torres auxiliares, cada uma delas a pouca distância do edifício principal e conectada por uma ponte pênsil. Todas as sete torres eram adornadas com padrões sinuosos de vidro colorido.

O salão de baile ficava no alto da ampla torre central. Felizmente, um sistema de plataformas com polias movimentadas por skaa evitava que os convidados tivessem que fazer todo o caminho até o andar superior. O salão em si não era tão espetacular quanto alguns que Vin visitara – apenas uma câmara quadrada, com teto abobadado e vitrais ao redor do perímetro.

Engraçado como é fácil se acostumar, Vin pensou. *Talvez seja por isso que os nobres conseguem fazer essas coisas tão terríveis. Estão matando há tanto tempo que isso já não os inquieta mais.*

Pediu a um criado que fosse chamar Sazed, e se sentou para descansar os pés. *Gostaria que Kelsier se apressasse e voltasse logo*, pensou. A gangue, incluindo Vin, parecia menos motivada sem ele por perto. Não que não quisesse trabalhar; a inteligência ágil e o otimismo de Kelsier simplesmente a ajudavam a seguir adiante.

Levantou a cabeça casualmente, e seus olhos viram Elend Venture parado a uma curta distância, conversando com um pequeno grupo de jovens nobres. Ela ficou paralisada. Parte dela – a parte de Vin – queria sair correndo e se esconder. Caberia embaixo da mesa, com vestido e tudo.

Estranhamente, no entanto, descobriu que o lado Valette era mais forte.

Tenho que falar com ele, pensou. *Não por causa de Shan, mas porque tenho que descobrir a verdade. Dockson está exagerando.* Tem *que estar.*

Quando se tornara tão desejosa de confronto? Mesmo enquanto se levantava, Vin estava surpresa com sua firme resolução. Cruzou o salão de baile – conferindo brevemente seu vestido negro enquanto caminhava. Um dos companheiros de Elend lhe deu um tapinha no ombro, acenando com a cabeça na direção de Vin. Elend se virou, e os outros dois homens se afastaram.

– Ora, Valette – disse quando ela parou à sua frente. – Cheguei tarde. Nem sabia que estava aqui.

Mentiroso. É claro que sabia. Valette não perderia o baile dos Hasting. Como abordá-lo? Como perguntar?

– Você esteve me evitando – ela falou.

– Não, eu não diria isso. Só tenho estado ocupado. Assuntos da Casa, você sabe. Além disso, eu a avisei que era rude, e... – ele se calou. – Valette? Está tudo bem?

Vin percebeu que estava fungando levemente, e sentiu uma lágrima em sua bochecha. *Idiota!*, pensou, secando os olhos com o lenço de Lestibournes. *Vai arruinar sua maquiagem!*

– Valette, está tremendo! – Elend disse preocupado. – Aqui, vamos até o terraço tomar um ar fresco.

Ela deixou que ele a levasse para longe dos sons da música e das conversas, e saíram no ar escuro e tranquilo. O terraço – um dos muitos que se sobressaíam do alto da torre central Hasting – estava vazio. Uma única lanterna de pedra iluminava parte da balaustrada, e algumas plantas de bom gosto enfeitavam os cantos.

As brumas flutuavam no ar, dominantes como sempre, embora o terraço estivesse próximo o bastante do calor da fortaleza para enfraquecê-las. Elend não prestou atenção a isso. Como a maioria dos nobres, considerava o medo das brumas uma tola superstição skaa – o que, Vin supunha, estava certo.

– Agora, o que é isso? – Elend perguntou. – Vou admitir que tenho ignorado você. Sinto muito. Você não merecia, eu apenas... bem, me pareceu que estava se enturmando tão bem, que não precisava de um causador de problemas como eu para...

– Já dormiu com uma mulher skaa? – Vin perguntou.

Elend vacilou, surpreso.

– É *disso* que se trata? Quem lhe contou isso?

– Já? – Vin exigiu saber.

Elend não respondeu.

Senhor Soberano. É verdade.

– Sente-se – Elend disse, puxando uma cadeira para ela.

– É verdade, não é? – Vin disse, sentando-se. – Já fez isso. Ele estava certo, vocês *todos* são monstros.

– Eu... – Ele apoiou uma mão no braço de Vin, mas ela o puxou, só para sentir uma lágrima escorrer por seu rosto e molhar seu vestido. Levantou a mão, secando os olhos e colorindo o lenço de maquiagem. – Aconteceu quando eu tinha treze anos – Elend disse em voz baixa. – Meu pai pensou que era hora de eu me tornar "um homem". Nem mesmo sabia que iam matar a garota depois, Valette. Honestamente, não sabia.

– E depois disso? – ela quis saber, ficando zangada. – Quantas garotas já assassinou, Elend Venture?

– Nenhuma! Nunca mais, Valette. Não depois que descobri o que aconteceu da primeira vez.

– Espera que eu acredite em você?

– Não sei – Elend disse. – Olhe, sei que é elegante entre as mulheres da corte rotular todos os homens de brutos, mas tem que acreditar em mim. Nem todos nós somos assim.

– Ouvi dizer que eram – Vin observou.

– Quem? A nobreza rural? Valette, eles não nos conhecem. Têm inveja porque controlamos a maior parte dos sistemas de canais... e pode ser que tenham direito de se sentir assim. A inveja deles não nos torna pessoas terríveis, no entanto.

– Que porcentagem? – Vin perguntou. – Quantos nobres fazem essas coisas?

– Talvez um terço – Elend disse. – Não tenho certeza. Não são os tipos com os quais passo meu tempo.

Queria acreditar nele, e esse desejo deveria tê-la deixado mais cética. Mas, olhando naqueles olhos – que sempre lhe pareceram tão honestos –, sentiu-se vacilar. Pela primeira vez desde que conseguia se lembrar, deixou completamente de lado os sussurros de Reen e simplesmente acreditou.

– Um terço – murmurou. *Tantos. Mas é melhor do que todos eles*. Secou os olhos, e Elend olhou seu lenço.

– Quem lhe deu isso? – perguntou, curioso.

– Um pretendente – Vin respondeu.

– É ele quem está lhe contando essas coisas sobre mim?

– Não, esse foi outro – Vin disse. – Ele... disse que todos os nobres... ou

melhor, todos os nobres de Luthadel, são pessoas terríveis. Disse que as mulheres da corte nem consideram traição quando seus homens dormem com prostitutas skaa.

Elend bufou.

– Seu informante precisa conhecer melhor as mulheres, então. Eu a desafio a encontrar uma dama que não se incomode quando seu marido flerta com outra, seja skaa ou nobre.

Vin assentiu, inspirando profundamente e se acalmando. Sentia-se ridícula... mas também se sentia em paz. Elend se ajoelhou ao lado da cadeira dela, ainda obviamente preocupado.

– Então – ela disse –, seu pai faz parte desse terço?

Elend corou sob a luz tênue e abaixou a cabeça.

– Ele gosta de todos os tipos de amantes; skaa, nobre, não importa. Ainda penso sobre aquela noite, Valette. Gostaria... não sei.

– Não foi sua culpa, Elend – ela disse. – Você era apenas um menino de treze anos, fazendo o que o pai mandara.

Elend afastou o olhar, mas ela já vira a raiva e a culpa nos olhos dele.

– Alguém precisa impedir que esse tipo de coisa aconteça – disse em voz baixa, e Vin se assombrou com a intensidade de sua voz.

Este é um homem que se importa, pensou. *Um homem como Kelsier, ou como Dockson. Um bom homem. Por que não conseguem ver isso?*

Finalmente, Elend suspirou, ficando em pé e puxando uma cadeira para si. Sentou-se, o cotovelo apoiado na balaustrada, passando a mão pelo cabelo despenteado.

– Bem – ele observou –, você provavelmente não é a primeira dama que faço chorar em um baile, mas *é* a primeira que fiz chorar com quem sinceramente me importo. Minha proeza cavalheiresca alcançou novas profundidades.

Vin sorriu.

– Não é você – ela disse, reclinando-se em seu assento. – É só que... esses meses têm sido cansativos. Quando soube dessas coisas, não consegui lidar com isso.

– A corrupção em Luthadel precisa ser enfrentada – Elend disse. – O Senhor Soberano nem mesmo vê isso... não quer ver.

Vin assentiu, então encarou Elend.

– Por que exatamente você *tem* me evitado nos últimos tempos?

Elend corou novamente.

– Só imaginei que tinha novos amigos suficientes para mantê-la ocupada.

– O que isso quer dizer?

– Não gosto de um monte de gente com quem tem passado seu tempo, Valette – Elend disse. – Você conseguiu se encaixar muito bem na sociedade de Luthadel, e eu, em geral, acho que jogos políticos mudam as pessoas.

– Isso é fácil de falar – Vin replicou. – Especialmente quando se está no *alto* da estrutura política. Pode se dar ao luxo de ignorar a política... alguns de nós não são tão afortunados.

– Suponho que sim.

– Além disso – Vin prosseguiu –, você faz o jogo político tão bem quanto os demais. Ou vai me dizer que seu interesse inicial em mim não foi disparado pelo desejo de irritar seu pai?

Elend ergueu as mãos.

– Tudo bem, me considere devidamente castigado. Fui um tolo e um imbecil. Coisas de família.

Vin suspirou, acomodando-se em seu assento e sentindo o sussurro frio da bruma em seu rosto úmido de lágrimas. Elend não era um monstro; acreditava nele. Talvez fosse uma tola, mas Kelsier a estava afetando. Estava começando a confiar nas pessoas que a rodeavam, e não havia ninguém em quem quisesse confiar mais do que em Elend Venture.

E, quando não estava diretamente relacionado a Elend, ela achava os horrores do relacionamento entre nobres e skaa mais fáceis de lidar. Mesmo que houvesse um terço de nobres assassinando mulheres skaa, ainda havia, provavelmente, algo recuperável nessa sociedade. A nobreza não tinha que ser expurgada – essa era a tática *deles*. Vin teria que se assegurar que esse tipo de coisa não acontecesse, não importava a linhagem da pessoa.

Senhor Soberano, pensou. *Estou começando a pensar como os outros – é quase como se eu achasse que podemos mudar as coisas*.

Olhou para Elend, que estava sentado de costas para as brumas. Parecia melancólico.

Eu lhe trouxe más lembranças, Vin pensou, sentindo-se culpada. *Não me admira que odeie tanto o pai*. Desejou fazer algo para ajudá-lo a se sentir melhor.

– Elend – ela disse, chamando a atenção dele. – Eles são como nós.

Ele se deteve.

– O quê?

– Os skaa rurais – Vin disse. – Você me perguntou sobre eles uma vez. Tive medo, então agi com o comportamento adequado a uma nobre... mas você

pareceu desapontado quando não tive mais o que dizer.

Ele se inclinou para frente.

– Então, você *passava* o tempo com os skaa?

Vin assentiu.

– Muito tempo. Tempo demais, se perguntar para minha família. Pode ser por isso que me mandaram para cá. Conheci alguns skaa muito bem... um velho, em particular. Ele perdeu alguém, uma mulher que amava, para um nobre que queria uma coisa bonita para seu divertimento noturno.

– Em sua plantação?

Vin negou com a cabeça rapidamente.

– Ele fugiu e chegou até as terras do meu pai.

– E você o escondeu? – Elend perguntou, surpreso. – Supostamente, os skaa fugitivos devem ser executados!

– Guardei o segredo dele – Vin contou. – Não o conhecia há muito tempo, mas... bem, posso assegurar uma coisa, Elend: o amor dele era tão forte quanto o de qualquer nobre. Mais forte que o da maioria dos que vivem aqui em Luthadel, certamente.

– E a inteligência? – Elend perguntou, ansioso. – Eles pareciam... lentos?

– É claro que não – Vin replicou. – Eu diria, Elend Venture, que conheci vários skaa mais espertos que você. Podem não ter educação, mas ainda são inteligentes. E estão furiosos.

– Furiosos? – ele perguntou.

– Alguns deles – Vin contou. – Pelo jeito que são tratados.

– Eles sabem, então? Sobre as desigualdades entre nós e eles?

– Como não vão saber? – Vin disse, erguendo o lenço para secar o nariz. Deteve-se, no entanto, notando quanta maquiagem havia nele.

– Aqui – Elend disse, entregando-lhe seu próprio lenço. – Conte mais. Como sabe essas coisas?

– Eles me contaram – Vin falou. – Confiavam em mim. Sei que estavam furiosos porque reclamavam sobre suas vidas. Sei que eram inteligentes por causa das coisas que escondiam da nobreza.

– Como o quê?

– Como a rede do submundo – Vin contou. – Os skaa ajudam os fugitivos a viajar pelos canais, de plantação em plantação. Os nobres não percebem porque nunca prestam atenção aos rostos dos skaa.

– Interessante.

– Além disso – Vin prosseguiu –, há gangues de ladrões. Imagino que esses

skaa sejam ainda mais espertos, se são capazes de se esconder dos obrigadores e da nobreza, roubando as Grandes Casas bem debaixo do nariz do Senhor Soberano.

– Sim, eu sei – Elend disse. – Eu gostaria de conhecer um deles, para perguntar como conseguem se esconder tão bem. Devem ser fascinantes.

Vin quase continuou falando, mas mordeu a língua. *Provavelmente já falei demais*.

Elend olhou para ela.

– Você é fascinante também, Valette. Deveria ter imaginado que não se deixaria corromper pelo resto deles. Talvez seja capaz de corrompê-los, em vez disso.

Vin sorriu.

– Mas – Elend disse, levantando-se –, preciso ir embora. Na verdade vim à festa esta noite com um propósito específico... alguns de meus amigos vão se reunir.

É verdade!, Vin pensou. *Um dos homens com quem Elend se encontrou antes – aqueles que Kelsier e Sazed acharam estranho que fossem amigos dele – era um Hasting.*

Vin se levantou também, devolvendo o lenço a Elend.

Ele não o aceitou.

– Talvez queira ficar com ele. Não pretendia ser simplesmente funcional.

Vin olhou o lenço. *Quando um nobre quer cortejar uma dama seriamente, ele lhe dá um lenço*.

– Ah! – ela exclamou, guardando-o. – Obrigada.

Elend sorriu, aproximando-se.

– Aquele outro homem, quem quer que seja, pode ter levado vantagem por causa da minha tolice. Mesmo assim, não sou tão tolo para deixar passar a oportunidade de dar a ele um pouco de competição. – Piscou, fazendo uma leve reverência, e voltou para o salão de baile.

Vin esperou por um momento, então deu alguns passos e entrou pela porta do terraço. Elend estava com os mesmos dois jovens de antes – um Lekal e um Hasting, inimigos políticos dos Venture. Os três detiveram-se por um instante, então se dirigiram para uma das escadas situadas ao lado da sala.

Essas escadas só levam a um lugar, Vin pensou, entrando no aposento. *Para as torres auxiliares.*

– Senhora Vallete?

Vin sobressaltou-se, virando-se a tempo de ver Sazed se aproximar.

– Já está pronta para ir? – ele perguntou.

Vin aproximou-se dele rapidamente.

– Lorde Elend Venture acaba de desaparecer por aquela escada, com Hasting e Lekal.

– Interessante – Sazed disse. – E por que... senhora, o que aconteceu com sua maquiagem?

– Não importa – Vin disse. – Acho que devia segui-los.

– Esse é *outro* lenço, senhora? – Sazed perguntou. – Tem estado ocupada.

– Sazed, está me ouvindo?

– Sim, senhora. Suponho que poderia segui-los, se quisesse, mas isso seria muito evidente. Não creio que seja o melhor método para conseguir informação.

– Eu não os seguiria abertamente – Vin disse em voz baixa. – Usaria alomancia. Mas, preciso da sua permissão para isso.

Sazed deteve-se.

– Entendo. Como está seu ferimento?

– Está curado há décadas. – Vin assegurou. – Nem o noto mais.

Sazed suspirou.

– Muito bem. Mestre Kelsier pretendia recomeçar seu treinamento com seriedade assim que regressasse, de qualquer modo. Apenas... tenha cuidado. É uma coisa ridícula para se dizer a uma Nascida das Brumas, creio, mas peço assim mesmo.

– Terei – Vin prometeu. – Eu o encontrarei naquele terraço em uma hora.

– Boa sorte, senhora – Sazed disse.

Vin já estava correndo em direção ao terraço. Dobrou a esquina e parou diante da balaustrada de pedra e das brumas além. O belo e rodopiante vazio. *Faz muito tempo*, pensou, procurando em sua manga e agarrando um frasco de metais. Engoliu com ansiedade, e pegou um pequeno punhado de moedas.

Então subiu alegremente na balaustrada e se atirou nas brumas escuras.

O estanho lhe deu visão enquanto o vento agitava seu vestido. O peltre lhe deu força enquanto voltava os olhos para a muralha que corria entre a torre e o edifício principal. O aço lhe deu poder quando jogou uma moeda para baixo, mandando-a para a escuridão.

Saltou no ar. A resistência do ar revolveu seu vestido, e sentiu como se estivesse puxando um fardo de tecido atrás de si, mas sua alomancia lhe deu força suficiente para lidar com isso. A torre de Elend era a próxima; precisava chegar na ponte pênsil que a ligava à torre central. Vin avivou seu aço,

empurrando-se um pouco mais alto, então lançou outra moeda para trás. Quando a moeda atingiu a muralha, ela a usou para pegar impulso para frente.

Chocou-se contra o alvo um pouco baixo demais – as dobras do tecido amortecendo o golpe –, mas conseguiu agarrar a borda da ponte acima. Uma Vin sem aprimoramento teria tido problemas para subir na ponte, mas Vin, a alomântica, conseguiu facilmente.

Agachou-se em seu vestido negro, movendo-se silenciosamente pela ponte. Não havia guardas, mas a torre à sua frente tinha um posto de guarda iluminado na base.

Não posso ir por ali, pensou, olhando para cima. A torre parecia ter vários quartos, e alguns deles estavam com a luz acesa. Vin derrubou uma moeda e se catapultou para cima, então *puxou* uma guarnição de janela e se lançou, até aterrissar com suavidade em um peitoral de pedra. As venezianas estavam fechadas, e ela teve que se aproximar, avivando o estanho para escutar o que estava acontecendo lá dentro.

– ... bailes sempre duram até tarde da noite. Provavelmente teremos que fazer turno duplo.

Guardas, Vin pensou, saltando e *empurrando* o alto da janela, que balançou quando ela disparou pela lateral da torre. Pegou a base do peitoral da janela seguinte e a escalou.

– ... não lamento meu atraso – uma voz familiar disse lá dentro. Elend. – Acontece que ela é mais atraente do que você, Telden.

Uma voz masculina gargalhou.

– O poderoso Elend Venture, finalmente capturado por um rostinho bonito.

– Ela é mais do que isso, Jastes – Elend disse. – Tem um bom coração... ajudava skaa fugitivos em sua plantação. Acho que deveríamos trazê-la para conversar conosco.

– Sem chance – disse uma voz masculina profunda. – Olhe, Elend, não me importa se quer falar sobe filosofia. Que inferno, posso até beber uns drinques com você quando quiser fazer isso. Mas não vou deixar que qualquer um venha se juntar a nós.

– Concordo com Telden – Jastes disse. – Cinco são o bastante.

– Vejam bem – Elend ponderou –, não acho que estejam sendo justos.

– Elend... – outra voz disse, suplicante.

– Tudo bem – Elend desistiu. – Telden, leu o livro que lhe dei?

– Tentei – Telden confessou. – Mas é um pouco grosso.

– Mas é bom, certo? – Elend perguntou.

– Bom o bastante – Telden concordou. – Entendo por que o Senhor Soberano o odeia tanto.

– Os trabalhos de Redalevin são melhores – Jastes apontou. – Mais concisos.

– Não quero ser do contra – comentou uma quinta voz. – Mas isso é tudo o que vamos fazer? Ler?

– O que há de errado em ler? – Elend perguntou.

– É um pouco aborrecido – a quinta voz falou.

Bom homem, Vin pensou.

– Aborrecido? – Elend admirou-se. – Cavalheiros, essas ideias, essas palavras, são *tudo*. Esses homens sabiam que seriam executados por suas palavras. Não conseguem sentir a paixão deles?

– Paixão, sim – a quinta voz disse. – Utilidade, não.

– Podemos mudar o mundo – Jastes assegurou. – Dois de nós somos herdeiros das casas, os outros três são os segundos na linha de sucessão.

– Algum dia, estaremos no comando – Elend disse. – Se colocarmos essas ideias em prática – justiça, diplomacia, moderação –, podemos exercer pressão até mesmo sobre o Senhor Soberano!

A quinta voz bufou.

– Você pode ser o herdeiro de uma casa poderosa, Elend, mas o resto de nós não é tão importante. Telden e Jastes provavelmente nunca herdarão nada, e Kevoux, sem ofensa, dificilmente terá influência. Não podemos mudar o mundo.

– Podemos mudar a forma como nossas casas trabalham – Elend assegurou. – Se as casas pararem de brigar, talvez ganhemos algum poder real no governo; em vez de simplesmente nos sujeitar aos caprichos do Senhor Soberano.

– A cada ano a nobreza fica mais fraca – Jastes concordou. – Nossos skaa pertencem ao Senhor Soberano, assim como nossas terras. Os obrigadores dele determinam com quem podemos nos casar e no que devemos acreditar. Até nossos canais são oficialmente propriedade “dele”. Assassinos do Ministério matam homens que falam muito abertamente, ou que têm muito sucesso. Isso não é jeito de se viver.

– Concordo com você – Telden falou. – A tagarelice de Elend sobre desigualdade de classe me parece uma tolice, mas posso ver a importância de formar uma frente unida contra o Senhor Soberano.

– Exatamente – Elend disse. – É isso o que temos que...

– Vin! – uma voz sussurrou.

Vin sobressaltou-se, quase caindo do beiral da janela com o susto. Olhou ao

redor, alarmada.

– Aqui em cima – a voz sussurrou.

Ela olhou para cima. Kelsier estava pendurado em outro beiral de janela acima dela. Ele sorriu, piscando para ela, então fez um sinal com a cabeça na direção da ponte pênsil abaixo.

Vin olhou para o aposento de Elend, enquanto Kelsier saltava pelas brumas ao lado dela. Finalmente, ela se *empurrou* e seguiu Kelsier para baixo, usando a mesma moeda para desacelerar sua descida.

– Você voltou! – ela disse ansiosamente enquanto aterrissava.

– Cheguei esta tarde.

– O que está fazendo aqui?

– Checando nosso amigo ali – Kelsier disse. – Não parece que mudou muito desde a última vez.

– Última vez?

Kelsier assentiu.

– Espiei o grupinho algumas vezes depois que me falou sobre eles. Não devia ter me incomodado... não são uma ameaça. Só um bando de nobres se reunindo para beber e debater.

– Mas eles querem derrubar o Senhor Soberano!

– Dificilmente – Kelsier disse, com uma bufada de desprezo. – Estão fazendo o que os nobres fazem: planejando alianças. Não é incomum que a geração seguinte comece a planejar as coalizões de suas casas antes de chegarem ao poder.

– Isso é diferente – Vin disse.

– Ahn? – Kelsier disse, divertido. – Já é nobre há tanto tempo que consegue afirmar isso?

Ela corou, e ele deu uma gargalhada, colocando um braço amigável ao redor de seus ombros.

– Ah, não fique assim. Eles parecem bons rapazes, para nobres. Prometo não matar nenhum deles, tudo bem?

Vin assentiu.

– Talvez possamos encontrar uma utilidade para eles... parecem ser mais mente aberta que os demais. Só não quero que fique desapontada, Vin. Ainda são nobres. Talvez consigam evitar ser o que são, mas isso não muda a natureza deles.

Exatamente como Dockson, Vin pensou. *Kelsier presume o pior sobre Elend.* Mas ela realmente teria algum motivo para pensar diferente? Para lutar uma

batalha como a de Kelsier e Dockson, provavelmente seria mais eficaz – e mais recomendável para a mente – presumir que todos os inimigos fossem malvados.

– O que aconteceu com sua maquiagem, a propósito? – Kelsier perguntou.

– Não quero falar sobre isso – Vin disse, pensando em sua conversa com Elend. *Por que tive que chorar? Como sou idiota! E o jeito que deixei escapar a pergunta sobre ele dormir com uma skaa…*

Kelsier deu de ombros.

– Tudo bem, então. Devíamos ir embora... duvido que o jovem Venture e seus companheiros discutam algo relevante.

Vin deteve-se.

– Eu os ouvi em três ocasiões distintas, Vin – Kelsier falou. – Posso resumir para você se quiser.

– Tudo bem – ela disse com um suspiro. – Mas disse a Sazed que o encontraria na festa.

– Volte, então – Kelsier falou. – Prometo não contar a ele que estava espiando por aí e usando alomancia.

– Ele disse que eu podia – Vin se defendeu.

– Ele disse?

Ela assentiu.

– Erro meu – Kelsier falou. – Provavelmente devia pedir para Sazed lhe conseguir uma capa antes de deixar a festa... tem cinzas por todo o vestido. Eu os encontrarei na loja de Trevo. A carruagem deve deixar você e Sazed lá, e então prosseguir para fora da cidade. Isso manterá as aparências.

Vin assentiu mais uma vez, e Kelsier lhe deu uma piscadela, antes de saltar da ponte para dentro das brumas.

No fim, devo confiar em mim mesmo. Vi homens arrancarem de seus interiores a capacidade de reconhecer a verdade e a bondade, e não acho que eu seja um deles. Ainda vejo as lágrimas nos olhos de uma criança e sinto a dor de seu sofrimento.

Se alguma vez perder isso, então saberei que fui além da esperança de redenção.

24

Kelsier já estava na loja quando Vin e Sazed chegaram. Estava sentado com Ham, Trevo e Fantasma na cozinha, desfrutando de uma bebida noturna.

– Ham! – Vin exclamou ao entrar pela porta dos fundos. – Você voltou!

– Sim! – ele disse, feliz, erguendo sua taça.

– Parece que está fora há uma eternidade!

– Nem me diga – Ham disse, a voz sincera.

Kelsier começou a rir, levantando-se para encher sua taça.

– Ham está um pouco cansado de brincar de general.

– Tinha que usar uniforme – Ham reclamou, espreguiçando-se. Agora usava seu colete e calça costumeiros. – Nem mesmo os skaa das plantações têm que suportar esse tipo de tortura.

– Tente usar um vestido de gala um dia desses – Vin comentou, sentando-se. Havia limpado a parte dianteira de seu vestido, e não parecia tão mal quanto temera. A cinza ainda aparecia um pouco no tecido escuro, e as fibras estavam ásperas onde ela as esfregara contra a pedra, mas quase não se notava.

Ham gargalhou.

– Parece que você se tornou uma mocinha enquanto estive fora.

– Dificilmente – Vin respondeu, enquanto Kelsier lhe oferecia uma taça de vinho. Vacilou por um momento, então deu um gole.

– A senhora Vin está sendo modesta, Mestre Hammond – Sazed disse, sentando-se. – Está ficando bastante proficiente nas artes da corte... melhor do que muitos nobres de verdade que conheci.

Vin corou, e Ham gargalhou novamente.

– Humildade, Vin? Onde aprendeu um mau hábito como esse?

– Não de mim, certamente – Kelsier disse, oferecendo a Sazed uma taça de vinho. O terrisano ergueu a mão em recusa respeitosa.

– É claro que ela não aprendeu de *você*, Kell – Ham concordou. – Talvez Fantasma lhe tenha ensinado. Ele parece ser o único da gangue que sabe manter a boca fechada, não é, garoto?

Fantasma corou, obviamente tentando evitar olhar para Vin.

Terei que falar com ele em algum momento, ela pensou. *Mas não esta noite. Kelsier está de volta, e Elend não é um assassino – esta é uma noite para relaxar*.

Passos soaram nas escadas e, no momento seguinte, Dockson entrou no aposento.

– Uma festa? E ninguém manda me chamar?

– Você parecia ocupado – Kelsier falou.

– Além disso – Ham acrescentou –, sabemos que é responsável demais para beber com um bando de patifes como nós.

– *Alguém* tem que manter essa gangue funcionando – Dockson disse alegremente, servindo-se de uma taça. Deteve-se, franzindo o cenho ao olhar para Ham. – Esse colete me parece familiar...

Ham sorriu.

– Arranquei as mangas do casaco do uniforme.

– Você não fez isso! – Vin disse com um sorriso.

Ham assentiu, parecendo satisfeito consigo mesmo.

Dockson suspirou, ainda enchendo sua taça.

– Ham, essas coisas custam dinheiro.

– Tudo custa dinheiro – Ham disse. – Mas, o que *é* dinheiro? Uma representação física do conceito abstrato do esforço. Bem, usar aquele uniforme por tanto tempo foi um belo esforço. Diria que esse colete e eu estamos quites agora.

Dockson só revirou os olhos. Na sala principal, a porta da frente da loja se abriu e se fechou, e Vin ouviu Brisa saudar o aprendiz de guarda.

– A propósito, Dox – Kelsier disse, com as costas apoiadas em um armário –, vou precisar de algumas poucas "representações físicas do conceito de esforço" para mim. Gostaria de alugar um pequeno armazém para realizar algumas das minhas reuniões com informantes.

– Isso provavelmente pode ser arranjado – Dockson disse. – Presumindo que consigamos manter o orçamento do guarda-roupa de Vin sob controle, eu... –

Ele parou de falar, olhando para Vin. – O que fez com esse vestido, mocinha!

Vin corou, encolhendo-se em sua cadeira. *Talvez esteja um pouco mais perceptível do que eu imaginava*.

Kelsier gargalhou.

– Tem que se acostumar com a roupa suja, Dox. Vin voltou aos deveres de Nascida das Brumas nesta noite.

– Interessante – Brisa comentou, entrando na cozinha. – Posso sugerir que evite lutar contra três Inquisidores de Aço desta vez?

– Farei o melhor possível – ela respondeu.

Brisa aproximou-se da mesa e escolheu uma cadeira, sentando-se com sua postura característica. O homem corpulento ergueu o bastão de duelo, apontando-o para Ham.

– Vejo que meu período de respiro intelectual chegou ao fim.

Ham sorriu.

– Pensei em algumas questões desagradáveis enquanto estava fora, e as guardei para você, Brisa.

– Estou morrendo de curiosidade – Brisa respondeu. Virou seu bastão para Lestibournes. – Fantasma, bebida.

Fantasma correu e serviu a Brisa uma taça de vinho.

– É um rapaz tão bom – Brisa observou, aceitando a bebida. – Quase não tenho que cutucá-lo alomanticamente. Se o resto de vocês, rufiões, fosse tão amável...

Fantasma franziu o cenho.

– Favor não brincar sem.

– Não tenho ideia do que acaba de dizer, criança – Brisa respondeu. – Então, simplesmente vou fingir que foi coerente, e seguir em frente.

Kelsier revirou os olhos.

– Perdendo a força do aperto – disse. – Sem necessidade de cuidado.

– Enredar o enredo dos desembaraços do direito – Fantasma assentiu.

– O que vocês dois estão balbuciando? – Brisa perguntou de mau humor.

– Sendo o ser da brilhanteza – Fantasma prosseguiu. – Cortar o ter de querer isso.

– Sempre tendo que fazer isso – Kelsier concordou.

– Sempre tendo o desejo de ter o que temos – Ham acrescentou, sorrindo. – Brilhante de desejo de ele não ser.

Brisa virou-se para Dockson, exasperado.

– Acho que nossos companheiros finalmente ficaram malucos, caro amigo.

Dockson deu de ombros. Então, com um rosto perfeitamente impassível, disse:

– Não ser é ser querendo.

Brisa ficou quieto, estarrecido, enquanto a sala explodia em gargalhadas. Brisa revirou os olhos, indignado, sacudindo a cabeça e murmurando sobre a infantilidade declarada da gangue.

Vin quase se engasgou com o vinho de tanto rir.

– O que você disse? – ela perguntou para Dockson quando ele se sentou ao seu lado.

– Não tenho certeza – ele confessou. – Mas soava bem.

– Não acho que tenha dito alguma coisa, Dox – Kelsier disse.

– Ah, ele disse alguma coisa – Fantasma comentou. – Só não *quis dizer* nada.

Kelsier gargalhou.

– Costuma ser assim grande parte do tempo. Descobri que é possível ignorar metade do que Dox diz e não se perde muita coisa... exceto, talvez, a reclamação ocasional de que se está gastando muito dinheiro.

– Ei! – Dockson exclamou. – Preciso assinalar, mais uma vez, que *alguém* tem que ser responsável? Honestamente, do jeito que gastam...

Vin sorriu. Até mesmo as reclamações de Dockson pareciam amáveis. Trevo estava sentado em silêncio perto da parede, parecendo tão grosseiro como sempre, mas Vin captou um relance de sorriso em seus lábios. Kelsier levantou-se e abriu outra garrafa de vinho, enchendo as taças de todos enquanto contava sobre os preparativos do exército skaa.

Vin sentia-se... contente. Enquanto bebia seu vinho, viu a porta aberta que levava à oficina escura. Imaginou, por um momento, que podia ver uma figura nas sombras – uma garota magrela e assustada, desconfiada, receosa. O cabelo da garota era desgrenhado e curto, e ela usava uma camisa simples e suja e calça marrom.

Vin lembrou-se de sua segunda noite na loja de Trevo, quando ficara parada na porta da oficina, no escuro, observando os demais compartilhando um bate-papo noturno. Realmente fora aquela garota – aquela que se escondia na escuridão fria, observando as risadas e a amizade com inveja oculta, mas sem jamais ousar se juntar a isso?

Kelsier fez algum comentário jocoso que arrancou gargalhadas de todos os presentes.

Você está certo, Kelsier, Vin pensou com um sorriso. *Isso é melhor*.

Ainda não era como eles – não completamente. Seis meses não conseguiam

silenciar os sussurros de Reen, e ela não conseguia se imaginar sendo tão confiante quanto Kelsier. Mas... finalmente conseguia entender, pelo menos um pouquinho, por que ele trabalhava daquele jeito.

– Tudo bem – Kelsier disse, puxando uma cadeira e se sentando ao contrário. – Parece que o exército estará pronto a tempo, e Marsh está em seu posto. Precisamos continuar com o plano. Vin, notícias do baile?

– A Casa Tekiel está vulnerável – ela contou. – Seus aliados se dispersam e os abutres se aproximam. Há boatos de que dívidas e negócios perdidos obrigarão Tekiel a vender sua fortaleza no final do mês. Não pode se dar ao luxo de continuar pagando os impostos que o Senhor Soberano exige pelo edifício.

– O que efetivamente elimina uma Grande Casa inteira da cidade – Dockson comentou. – A maior parte da nobreza Tekiel – incluindo Brumosos e nascidos das brumas – terá que se mudar para as plantações para tentar recompor as perdas.

– Bom – Ham comemorou. Qualquer casa nobre que pudermos afastar da cidade tornará seus planos mais fáceis.

– Ainda sobram nove Grandes Casas na cidade – Brisa observou.

– Mas estão começando a matar uns aos outros à noite – Kelsier disse. – Estão a um passo da guerra declarada. Suspeito que veremos um êxodo começar muito em breve... qualquer um que não esteja disposto a arriscar ser assassinado para manter o domínio em Luthadel partirá da cidade por alguns anos.

– As casas fortes não parecem muito assustadas, no entanto – Vin prosseguiu. – Ainda estão oferecendo bailes, de qualquer modo.

– Ah, eles continuarão a fazer isso até o fim – Kelsier assegurou. – Os bailes são grandes pretextos para encontrar aliados e ficar de olho nos inimigos. As guerras entre as casas são essencialmente políticas e, por isso, exigem campos de batalha políticos.

Vin assentiu.

– Ham – Kelsier falou –, precisamos ficar de olho na Guarnição de Luthadel. Ainda está planejando visitar seus contatos militares amanhã?

Ham assentiu.

– Não posso prometer nada, mas devo conseguir restabelecer algumas conexões. Dê-me um pouco de tempo, e descobrirei o que os militares sabem.

– Bom – Kelsier disse.

– Gostaria de ir com ele – Vin pediu.

Kelsier deteve-se.

– Com Ham?

Vin assentiu.

– Ainda não treinei com um Brutamontes. Ham provavelmente poderá me mostrar algumas coisas.

– Você já sabe como queimar peltre – Kelsier lembrou. – Praticamos isso.

– Eu sei – Vin falou. Como poderia explicar? Ham praticava exclusivamente com peltre; deveria ser melhor nisso do que Kelsier.

– Ah, pare de importunar a criança – Brisa falou. – Provavelmente está cansada de bailes e festas. Deixe-a ser uma garota de rua normal de novo, por um tempo.

– Tudo bem – Kelsier disse, revirando os olhos. Serviu-se de outra taça de vinho. – Brisa, como seus Abrandadores se sairiam se você tivesse que partir por um tempo?

Brisa deu de ombros.

– Eu sou, é claro, o membro mais efetivo da equipe. Mas *eu* os treinei; eles recrutarão bem sem mim, especialmente agora que as histórias sobre o Sobrevivente estão ficando populares.

– A propósito: precisamos falar sobre isso, Kell – Dockson disse, franzindo o cenho. – Não tenho certeza se gosto desse misticismo sobre você e o décimo primeiro metal.

– Podemos discutir isso mais tarde – Kelsier falou.

– Por que pergunta sobre meus homens? – Brisa perguntou. – Finalmente ficou com tanta inveja do meu senso impecável de moda que decidiu me despedir?

– Pode-se dizer que sim – Kelsier comentou. – Estava pensando em mandá-lo substituir Yeden por alguns meses.

– Substituir Yeden? – Brisa perguntou, surpreso. – Quer que *eu* lidere o exército?

– Por que não? – Kelsier devolveu a pergunta. – Você é muito bom em dar ordens.

– Dos bastidores, meu caro – Brisa disse. – Não fico na frente do palco. Ora, eu seria um *general*. Tem alguma ideia do quão burlesco isso soa?

– Só pense nisso – Kelsier pediu. – Nosso recrutamento deve estar terminado até então, e você poderia ser mais efetivo se fosse até as cavernas e deixasse Yeden voltar para preparar os contatos aqui.

Brisa franziu o cenho.

– Suponho que sim.

– Independentemente disso – Kelsier falou, levantando-se –, não acho que tenhamos tomado vinho *suficiente*. Fantasma, seja um bom garoto e busque outra garrafa de vinho na adega, sim?

O garoto assentiu, e a conversa passou para assuntos mais leves. Vin se acomodou em sua cadeira, sentindo o calor da estufa a carvão no meio do aposento, contente pela oportunidade de simplesmente desfrutar a paz, de não ter que se preocupar, lutar ou planejar.

Se Reen pudesse ter conhecido algo assim, ela pensou, distraída, passando os dedos em seus brincos. *Talvez então as coisas tivessem sido diferentes para ele. Para nós*.

Ham e Vin saíram no dia seguinte para visitar a Guarnição de Luthadel.

Depois de tantos meses interpretando uma nobre, Vin pensara que seria estranho usar roupas da rua novamente. Mas, na verdade, não foi. Bom, era um pouco *diferente* – não tinha que se preocupar em sentar adequadamente ou em andar de um jeito que o vestido não roçasse nas paredes ou no chão sujo. Mesmo assim, suas roupas mundanas ainda lhe pareciam naturais.

Usava uma camisa solta branca, enfiada dentro da calça marrom simples, e um colete de couro. Seu cabelo ainda crescendo ficou preso sob um gorro. As pessoas nas ruas a tomariam por um garoto, embora Ham não achasse que isso importava.

E realmente não importava. Vin se acostumara a ter pessoas observando-a e avaliando-a, mas ninguém na rua se incomodava em lhe lançar sequer um olhar de relance. Trabalhadores skaa, nobres de baixo nascimento despreocupados, e até mesmo skaa bem situados como Trevo – todos a ignoravam.

Quase me esqueci de como era ser invisível, Vin pensou. Felizmente, as antigas atitudes – olhar para baixo enquanto caminhava, sair do caminho das pessoas, encolher-se para não chamar a atenção – voltaram com facilidade. Tornar-se Vin, a skaa das ruas, parecia tão simples quanto recordar uma melodia antiga e familiar que se costumava cantarolar.

Na verdade, isso é apenas outro disfarce, Vin pensou enquanto andava ao lado de Ham. *Minha maquiagem é uma camada fina de cinzas, cuidadosamente esfregada nas bochechas. Meu vestido é essa calça manchada para parecer velha e usada.*

Quem, então, ela era de verdade? Vin, a garota de rua? Valette, a dama? Nenhuma das duas? Algum de seus amigos realmente a conhecia? Ela

realmente se conhecia?

– Ah, como sentia falta deste lugar – Ham comentou, caminhando alegremente ao lado dela. Ham sempre parecia feliz. Vin não conseguia imaginá-lo insatisfeito, apesar do que dissera sobre o tempo que passou liderando o exército. – É meio estranho – prosseguiu, voltando-se para Vin. Ele não andava com o mesmo ar cuidadoso de submissão que ela cultivara; nem mesmo parecia se preocupar em não se destacar dos outros skaa. – Provavelmente não deveria sentir falta deste lugar... quero dizer, Luthadel é a cidade mais suja e abarrotada do Império Final. Mas, há algo nela...

– É aqui que sua família vive? – Vin perguntou.

Ham balançou a cabeça negativamente.

– Eles vivem em uma cidade pequena nas redondezas. Minha esposa é costureira lá; diz para as pessoas que faço parte da Guarnição de Luthadel.

– Sente falta deles?

– É claro que sim – Ham disse. – É duro... só consigo passar alguns meses seguidos com eles... mas é melhor assim. Se eu for morto em trabalho, os Inquisidores terão dificuldade de rastrear minha família. Não contei nem para Kell em que cidade vivem.

– Acha que o Ministério se daria a esse trabalho? – Vin perguntou. – Digo, você já estaria morto.

– Sou um brumoso, Vin... isso significa que todos os meus descendentes terão algum sangue nobre. Meus filhos podem se tornar alomânticos, assim como os filhos deles. Não, quando os Inquisidores matam um brumoso, eles se asseguram de eliminar sua prole também. O único jeito de manter minha família em segurança é ficando longe deles.

– Você podia simplesmente não usar alomancia – Vin sugeriu.

Ham negou com a cabeça.

– Não sei se poderia fazer isso.

– Por causa do poder?

– Não, por causa do dinheiro – Ham disse honestamente. – Brutamontes, ou Braços de Peltre, como a nobreza prefere chamá-los, são os brumosos mais procurados. Um Brutamontes competente pode deter meia dúzia de homens normais, e pode levantar mais, suportar mais e se mover mais rápido do que qualquer outro músculo contratado. Essas coisas significam muito quando você tem que manter a equipe pequena. Misture uns dois Lançamoedas com uns cinco Brutamontes e terá um pequeno exército móvel. Há homens que pagam muito por uma proteção dessas.

Vin assentiu.

– Entendo que o dinheiro seja tentador.

– É mais do que tentador, Vin. Minha família não tem que viver em cortiços abarrotados de skaa, nem tem que se preocupar em morrer de fome. Minha esposa só trabalha para manter as aparências... eles têm uma vida boa para um skaa. Assim que eu tiver o suficiente, partiremos do Domínio Central. Há lugares no Império Final que muita gente não conhece... lugares onde um homem com dinheiro suficiente pode ter a vida de um nobre. Lugares onde você pode parar de se preocupar e simplesmente viver.

– Isso parece... atraente.

Ham assentiu, virando-se e entrando em uma via maior na direção dos portões principais da cidade.

– Tirei esse sonho de Kell, na verdade. Era o que ele sempre dizia que queria fazer. Só espero ter mais sorte do que ele teve...

Vin franziu o cenho.

– Todo mundo diz que ele era rico. Por que não foi embora, então?

– Não sei – Ham respondeu. – Sempre havia outro trabalho... cada um maior do que o anterior. Acho que quando se é um líder de gangue como ele, o jogo pode ficar viciante. Em pouco tempo, o dinheiro não parecia importar. Depois de um tempo, ele ouviu dizer que o Senhor Soberano estava guardando algum segredo de valor incalculável naquele santuário. Se ele e Mare tivessem ido embora antes daquele trabalho... Mas, bem, não foram. Não sei... talvez não fossem felizes vivendo vidas nas quais *não* tivessem que se preocupar.

A ideia pareceu intrigá-lo, e Vin pôde ver outra de suas "questões" tomando forma na mente dele.

Acho que quando se é um líder de gangue como ele, o jogo pode ficar viciante...

Suas apreensões anteriores retornaram. O que aconteceria se Kelsier tomasse o trono imperial para si? Provavelmente não seria tão mau quanto o Senhor Soberano, mas... Vin lera o diário de viagens. O Senhor Soberano não havia sido sempre um tirano. Fora um bom homem antigamente. Um bom homem cuja vida dera errado.

Kelsier é diferente, Vin disse para si mesma energicamente. *Ele fará a coisa certa*.

Mesmo assim, vacilava. Ham podia não entender, mas Vin podia ver a tentação. Apesar da depravação dos nobres, havia algo inebriante na alta sociedade. Vin fora cativada pela beleza, pela música, pela dança. A fascinação

dela não era a mesma de Kelsier – não estava interessada em jogos políticos ou mesmo em trapaças –, mas podia entender por que ele ficara relutante em deixar Luthadel para trás.

Aquela relutância destruíra o antigo Kelsier. Mas produzira algo melhor – um Kelsier mais determinado, menos egoísta. Com sorte.

É claro, seus planos anteriores custaram a vida da mulher que amava. É por isso que odeia tanto a nobreza?

– Ham? – perguntou. – Kelsier sempre odiou os nobres?

Ham assentiu.

– É pior agora, no entanto.

– Ele me assusta de vez em quando. Parece querer matar *todos* eles, não importa quem sejam.

– Estou preocupado com isso também – Ham confessou. – Esse negócio de décimo primeiro metal... é quase como se ele estivesse fazendo de si mesmo algum tipo de homem sagrado. – Deteve-se, então olhou para ela. – Não se preocupe muito. Brisa, Dox e eu já conversamos sobre isso. Vamos confrontar Kelsier, ver se podemos controlá-lo um pouco. Ele tem boas intenções, mas tem a tendência de passar um pouco do ponto algumas vezes.

Vin assentiu. Adiante, estava a costumeira fila lotada de pessoas esperando permissão para passar pelos portões da cidade. Ham e ela passaram em silêncio pelo grupo solene – trabalhadores sendo enviados para as docas, homens que iam trabalhar em uma das fábricas do outro lado do rio ou no lago, nobres menores desejando viajar. Todos tinham que ter um bom motivo para deixar a cidade; o Senhor Soberano controlava rigidamente as viagens dentro de seu reino.

Pobrezinhos, Vin pensou ao passar por um grupo maltrapilho de crianças carregando baldes e escovas – provavelmente iam subir a muralha e limpar o líquen produzido nos parapeitos pelas brumas. Adiante, perto dos portões, um oficial praguejou e empurrou um homem para fora da fila. O trabalhador skaa caiu com força no chão, mas ficou em pé depois de um tempo e se arrastou até o final da fila. Era provável, se não tivesse permissão para sair da cidade, que não fosse capaz de trabalhar naquele dia – e não ter trabalho significava não ter fichas de refeição para sua família.

Vin seguiu Ham além dos portões, entrando em uma rua paralela à muralha da cidade, no fim da qual era possível ver um grande complexo de edifícios. Vin nunca vira os quartéis-generais da Guarnição antes; a maior parte dos membros de gangue tendia a ficar a uma boa distância dali. Contudo, conforme

se aproximava, ficava impressionada pela aparência defensiva da construção. Havia grandes pontas de ferro no alto da muralha que cercava todo o complexo. Os edifícios lá dentro eram imensos e fortificados. Soldados postados nos portões olhavam os passantes com hostilidade.

Vin deteve-se.

– Ham, como vamos entrar *lá*?

– Não se preocupe – ele disse, parando ao lado dela. – Sou conhecido na Guarnição. Além disso, não são tão maus quanto parecem... os membros da Guarnição só fazem cara feia para intimidar. Como pode imaginar, não são muito apreciados. A maior parte dos soldados aqui é skaa; homens que, em troca de uma vida melhor, venderam-se para o Senhor Soberano. Cada vez que há distúrbios de skaa em uma cidade, a guarnição local é atacada com dureza pelos descontentes. Por isso a fortificação.

– Então... conhece esses homens?

Ham assentiu.

– Não sou como Brisa ou Kell, Vin... não posso colocar uma máscara e fingir. Sou quem eu sou. Esses soldados não sabem que sou um brumoso, mas sabem que trabalho no submundo. Conheço a maior parte desses caras há anos; eles sempre tentaram me recrutar. Em geral têm melhor sorte recrutando gente como eu, que já são párias da sociedade, para se juntar às suas fileiras.

– Mas você vai traí-los – Vin disse em voz baixa, puxando Ham para o lado da rua.

– Trair? – ele perguntou. – Não, não será traição. Esses homens são mercenários, Vin. São contratados para lutar, e atacarão amigos – e até parentes – em um tumulto ou rebelião. Soldados aprendem a entender esse tipo de coisa. Podemos ser amigos, mas quando a luta começa, nenhum de nós hesitará em matar o outro.

Vin assentiu lentamente. Parecia... duro. *Mas é assim que a vida é. Dura. Essa parte dos ensinamentos de Reen não era mentira*.

– Pobres rapazes – Ham comentou, olhando para a Guarnição. – Poderíamos usar homens como eles. Antes de partir para as cavernas, consegui recrutar uns poucos que achei receptivos. O resto... bem, eles escolheram seu caminho. Como eu, só estão tentando dar a seus filhos uma vida melhor; a diferença é que estão dispostos a trabalhar para *ele* a fim de fazer isso.

Ham se voltou para ela.

– Tudo bem, quer algumas dicas para queimar peltre?

Vin assentiu, ansiosa.

– Os soldados, em geral, me deixam treinar com eles – Ham falou. – Pode me observar lutar; queime bronze para ver quando eu estiver usando alomancia. A primeira e mais importante coisa que precisa saber sobre os Braços de Peltre é quando usar seu metal. Percebi que jovens alomânticos tendem a sempre avivar seu peltre, pensando que quanto mais fortes ficarem, melhor. Contudo, nem sempre você quer acertar o mais duro que pode com cada golpe. A força é parte da luta, mas não é a única parte. Se você sempre acerta o mais forte possível, vai se cansar mais rápido, e isso dará ao seu oponente informações sobre suas limitações. Um homem esperto acerta com força máxima no *fim* da batalha, quando seu oponente está enfraquecido. E, em uma batalha extensa – como uma guerra –, o soldado mais esperto é aquele que sobrevive mais. É o homem que sabe se controlar.

Vin assentiu.

– Mas você não se cansa mais devagar quando usa alomancia?

– Sim – Ham confirmou. – De fato, um homem com peltre suficiente pode manter uma luta com eficácia quase máxima por horas. Mas recorrer ao peltre desse jeito requer prática, e você ficará sem metal em algum momento. Quando isso acontecer, a fadiga o matará. De qualquer modo, o que estou tentando explicar é que, em geral, é melhor variar a intensidade com que queima o peltre. Se usar mais força do que precisa, pode se desequilibrar. Além disso, tenho visto Brutamontes que se apoiam tanto em seu peltre que descuidam do treinamento e da prática. O peltre aumenta suas habilidades físicas, mas não sua habilidade inata. Se não souber usar uma arma, ou se não tiver prática para pensar rapidamente em uma luta, você perderá, não importa o quão forte seja. Terei que ser muito cuidadoso com a Guarnição, já que não sabem que sou um alomântico. Ficará surpresa com o quão frequentemente isso é importante. Observe como uso o peltre. Não o avivarei só para conseguir força; se eu tropeçar, eu o queimarei para me dar um senso instantâneo de equilíbrio. Quando esquivar, talvez eu o queime para me ajudar a desviar com um pouco mais de rapidez. Há dúzias de pequenos truques que pode usar quando se sabe que é necessário dar um impulso.

Vin assentiu.

– Tudo bem – Ham falou. – Vamos lá, então. Direi aos soldados que você é filha de um parente. Parece jovem o bastante para sua idade, e não pensarão duas vezes. Observe a luta e depois conversaremos.

Vin assentiu novamente, e os dois se aproximaram da Guarnição. Ham acenou para um dos guardas.

– Ei, Bevidon. Tive um dia de folga. Sertes está por aí?

– Ele está aqui, Ham – Bevidon confirmou. – Mas não creio que seja o melhor dia para praticar...

Ham ergueu uma sobrancelha.

– Ahn?

Bevidon trocou um olhar com um dos outros soldados.

– Vá buscar o capitão – disse para o homem.

Alguns momentos depois, um soldado de aspecto atarefado se aproximou pela lateral do edifício, acenando assim que viu Ham. Seu uniforme tinha algumas faixas coloridas a mais e alguns pedaços de metal dourado no ombro.

– Ham – o recém-chegado falou, atravessando o portão.

– Sertes – Ham respondeu com um sorriso, apertando a mão do homem. – Agora é capitão?

– Aconteceu no mês passado – Sertes assentiu. Parou de falar e olhou Vin.

– É minha sobrinha – Ham apresentou. – Boa menina.

Sertes assentiu.

– Podemos falar a sós por um momento, Ham?

Ham deu de ombros e se deixou levar para um lugar mais reservado ao lado dos portões do complexo. A alomancia de Vin permitia que ouvisse o que estavam dizendo. *O que seria de mim sem o estanho?*

– Olhe, Ham – Sertes falou. – Não poderá vir treinar por enquanto. A Guarnição vai estar... ocupada.

– Ocupada? – Ham perguntou. – Como?

– Não posso dizer. – Sertes respondeu. – Mas... bem, realmente nos seria útil um soldado como você agora.

– Para combater?

– Sim.

– Deve ser algo sério se está chamando a atenção da Guarnição inteira.

Sertes ficou em silêncio por um momento, então falou em voz bem baixa – tão baixa que Vin teve que se esforçar para ouvir.

– Uma rebelião – Sertes sussurrou. – Bem aqui no Domínio Central. Acabamos de saber. Um exército de rebeldes skaa apareceu e atacou a Guarnição de Holstep, ao norte.

Vin sentiu um súbito calafrio.

– *O quê?* – Ham exclamou.

– Devem ter vindo das cavernas daquela região – o soldado disse. – A última notícia é que as fortificações de Holstep estão aguentando... mas, Ham, são

apenas mil homens. Precisam desesperadamente de reforços, e os koloss nunca chegarão a tempo. A Guarnição de Valtroux mandou cinco mil soldados, mas não vamos deixar isso com eles. Aparentemente é uma força grande de rebeldes, e o Senhor Soberano nos deu permissão para ajudar.

Ham assentiu.

– Então, o que me diz? – Sertes perguntou. – Uma luta de verdade, Ham. Pagamento de batalha verdadeira. Poderíamos usar um homem com suas habilidades. Posso torná-lo um oficial agora mesmo, dar-lhe seu próprio esquadrão.

– Eu... eu tenho que pensar nisso – Ham respondeu. Não era muito bom em esconder suas emoções, e sua surpresa pareceu pouco convincente para Vin. Sertes, no entanto, não pareceu perceber.

– Não demore muito – Sertes falou. – Planejamos marchar em duas horas.

– Não demorarei – Ham garantiu, parecendo desconcertado. – Deixe-me levar minha sobrinha e buscar algumas coisas. Estarei de volta antes que partam.

– Bom homem – Sertes disse, e Vin pode vê-lo dar um tapinha no ombro de Ham.

Nosso exército está exposto, Vin pensou, horrorizada. *Não estão prontos! Supunha-se que tomariam Luthadel na surdina, rapidamente – não encarar a Guarnição de frente.*

Aqueles homens vão ser massacrados! O que aconteceu?

Nenhum homem morre pela minha mão ou por meu comando sem que eu deseje que tivesse existido outro meio. Mesmo assim, eu os mato. Às vezes desejo não ser um realista tão maldito.

25

Kelsier colocou outro cantil em sua mochila.

– Brisa, faça uma lista de todos os esconderijos onde você e eu recrutamos. Avise-os que o Ministério logo conseguirá prisioneiros que poderão delatá-los.

Brisa assentiu, abstendo-se desta vez de fazer qualquer observação. Atrás dele, os aprendizes corriam por toda a loja de Trevo, reunindo e preparando os suprimentos que Kelsier ordenara.

– Dox, essa loja deve estar segura, a menos que capturem Yeden. Mantenha todos os três Olhos de Estanho de Trevo de vigia. Se houver algum problema, leve-os para o refúgio.

Dockson assentiu, concordando, enquanto dava ordens apressadas para os aprendizes. Um já havia partido, levando um aviso para Renoux. Kelsier achava que a mansão estaria a salvo – só um grupo de barcaças partira de Fellise, e os homens que estavam nele pensavam que Renoux não era parte do plano. Renoux não deveria partir a menos que fosse absolutamente necessário; seu desaparecimento exigiria afastar tanto ele quanto Valette de suas posições cuidadosamente preparadas.

Kelsier enfiou um punhado de provisões em sua mochila e a colocou nas costas.

– E quanto a mim, Kell? – Ham perguntou.

– Vai voltar para a Guarnição, como prometeu. Foi uma boa ideia: precisamos de um informante lá dentro.

Ham franziu o cenho, apreensivo.

– Não tenho tempo para lidar com seus nervos agora, Ham – Kelsier falou. – Não precisa enganar, só ser você mesmo e ouvir.

– Não vou me voltar contra a Guarnição se estiver com eles – ele disse. – Eu

ouvirei, mas não vou atacar homens que pensam que sou aliado deles.

– Tudo bem – Kelsier disse secamente. – Mas sinceramente espero que encontre um jeito de não matar nenhum dos nossos soldados tampouco. Sazed!

– Sim, Mestre Kelsier?

– Quanta velocidade tem armazenada?

Sazed corou levemente, olhando para as várias pessoas que corriam pelos corredores.

– Talvez duas ou três horas. É um atributo muito difícil de acumular.

– Não é o bastante – Kelsier comentou. – Irei sozinho. Dox estará no comando até que eu volte.

Kelsier deu meia-volta, então se deteve. Vin estava parada atrás dele com a mesma calça, gorro e camisa que usara na visita à Guarnição. Tinha uma mochila como a dele pendurada no ombro, e olhava para cima, desafiadora.

– Vai ser uma viagem difícil, Vin – ele disse. – Você nunca fez nada assim antes.

– Tudo bem.

Kelsier assentiu. Tirou seu baú de debaixo da mesa, abriu e entregou a Vin uma bolsinha com contas de peltre. Ela aceitou, sem comentários.

– Engula cinco contas dessas.

– *Cinco*?

– Por enquanto – Kelsier disse. – Se precisar de mais, me avise para que paremos de correr.

– Correr? – a garota perguntou. – Não vamos tomar um barco no canal?

Kelsier franziu o cenho.

– Por que *nós* precisaríamos de um barco?

Vin olhou para a bolsa, então agarrou um copo de água e começou a engolir as contas.

– Assegure-se de ter água suficiente na mochila – Kelsier disse. – Leve o máximo que conseguir carregar. – Afastou-se dela, andando até Dockson e colocando uma mão em seu ombro. – Faltam cerca de três horas para o anoitecer. Se nos esforçarmos, estaremos lá amanhã ao meio-dia.

Dockson assentiu.

– Pode ser que haja tempo o bastante.

Talvez, Kelsier pensou. *A Guarnição Valtroux está só a três dias de marcha de Holstep. Mesmo cavalgando toda a noite, um mensageiro chegaria a Luthadel em menos de dois dias. Quando eu alcançar o exército...*

Dockson obviamente podia ler a preocupação nos olhos de Kelsier.

– De qualquer modo, o exército é inútil para nós agora – ele disse.

– Eu sei – Kelsier concordou. – Trata-se apenas de salvar a vida daqueles homens. Mandarei notícias assim que puder.

Dockson assentiu.

Kelsier deu meia-volta, queimando seu peltre. Sua mochila repentinamente ficou mais leve, como se estivesse vazia.

– Queime seu peltre, Vin. Estamos partindo.

Ela assentiu, e Kelsier notou um pulso vindo dela.

– Inflame-o – ordenou, pegando duas capas de bruma de seu baú e jogando uma para ela. Colocou a outra e atravessou a cozinha, abrindo a porta dos fundos. O sol vermelho sobre suas cabeças estava brilhante. Os frenéticos membros da gangue se detiveram por um momento, voltando-se para observar Kelsier e Vin deixarem o edifício.

A garota se apressou para andar ao lado de Kelsier.

– Ham me disse que eu deveria usar o peltre só quando precisasse... disse que é melhor ser sutil.

Kelsier se virou para encarar a garota.

– Não é hora de sutilezas. Fique perto de mim, tente manter o ritmo e assegure-se de não ficar sem peltre.

Vin assentiu, subitamente parecendo um pouco apreensiva.

– Muito bem – Kelsier falou, respirando profundamente. – Vamos.

Kelsier correu pelo beco com velocidade sobre-humana. Vin se colocou em movimento, seguindo-o até a rua. O peltre era um fogo vivo em seu interior. Aceso como estava, ela provavelmente consumiria as cinco contas em menos de uma hora.

A rua estava cheia de skaa trabalhadores e de carruagens de nobres. Kelsier ignorou o tráfego, disparando para o meio da rua, mantendo sua velocidade absurda. Vin o seguiu, sentindo-se cada vez mais preocupada sobre em quê havia se metido.

Não posso deixá-lo sozinho, ela pensou. É claro, da última vez que forçara Kelsier a levá-la com ele, acabara meio morta em um leito por mais de um mês.

Kelsier se movia entre as carruagens, abrindo caminho entre pedestres, descendo a rua como se fosse feita só para ele. Vin o seguia o melhor que podia, o chão virara um borrão sob seus pés, as pessoas passavam rápido demais para que pudesse ver seus rostos. Alguns deles gritavam depois que ela passava, com vozes aborrecidas. Um par deles, no entanto, quase engasgou de

susto, guardando silêncio.

As capas, Vin pensou. *É por isso que as estamos usando – é por isso que sempre as usamos. Quando veem as capas de brumas os nobres sabem que devem sair do caminho*.

Kelsier virou, correndo diretamente na direção dos portões ao norte da cidade. Vin o seguiu. Kelsier não diminuiu a velocidade ao se aproximar dos portões, e as filas de pessoas começaram a surgir. Guardas do posto de inspeção se voltaram com rostos surpresos.

Kelsier saltou.

Um dos guardas de armadura foi amassado no chão, soltando um grito, esmagado pelo peso alomântico de Kelsier enquanto o líder da gangue passava sobre sua cabeça. Vin inspirou, jogou uma moeda para se impulsionar e saltou. Esquivou-se com facilidade de um segundo guarda, que olhava para cima com surpresa, enquanto seu companheiro se contorcia no chão.

Vin *empurrou* a armadura do soldado, atirando-se mais alto no ar. O homem cambaleou, mas permaneceu em pé – Vin não era nem de perto tão pesada quanto Kelsier.

Ela saltou por sobre as muralhas, ouvindo os gritos de surpresa dos soldados que patrulhavam no topo. Só podia esperar que ninguém a reconhecesse. Não era provável. Embora seu gorro tivesse escapado enquanto voava pelos ares, aqueles que conheciam Valette, a dama da corte, provavelmente nunca a ligariam a uma Nascida das Brumas usando calças sujas.

A capa de Vin agitava-se raivosamente no ar. Kelsier completou seu arco antes dela e começou a descer, Vin logo o seguiu. Parecia muito estranho usar alomancia à luz do dia. Não natural, até. Vin cometeu o erro de olhar para baixo enquanto caía. Em vez dos reconfortantes redemoinhos de brumas, viu o chão muito abaixo.

Tão alto!, Vin pensou, horrorizada. Felizmente, não estava muito desorientada, e *empurrou* a moeda que Kelsier usara para aterrissar. Reduziu a velocidade de sua descida até um nível administrável antes de saltar na terra coberta de cinzas.

Kelsier imediatamente seguiu para a estrada. Vin o seguiu, ignorando mercadores e viajantes. Agora que estavam fora da cidade, Vin pensou que Kelsier poderia ir mais devagar. Mas ele não o fez. Acelerou.

E, repentinamente, ela entendeu. Kelsier não pretendia andar ou mesmo correr até as cavernas.

Ele planejava ir disparado por todo o caminho até lá.

Era uma viagem de duas semanas pelo canal. Quanto tempo levariam? Estavam se movendo rápido, terrivelmente rápido. Mais devagar do que um cavalo a galope, sem dúvida, mas certamente nenhum cavalo poderia manter um galope desses por muito tempo.

Vin não sentia fadiga enquanto corria. Recorria ao peltre, passando só uma parte do esforço para seu corpo. Mal podia sentir suas pisadas no chão, e com uma reserva tão grande de peltre sentia que poderia manter a velocidade por um bom tempo.

Alcançou Kelsier, ficando ao seu lado.

– Isso é mais fácil do que eu pensava.

– O peltre aumenta seu equilíbrio – Kelsier explicou. – Do contrário, estaria tropeçando agora mesmo.

– O que acha que encontraremos? Nas cavernas, quero dizer.

Kelsier negou com a cabeça.

– Não fale. Poupe suas forças.

– Mas não estou me sentindo nem um pouco cansada!

– Veremos o que diz daqui a dezesseis horas – Kelsier comentou, acelerando ainda mais enquanto se afastava da estrada, seguindo por um caminho lateral ao canal Luth-Davn.

Dezesseis horas!

Vin afastou-se um pouco de Kelsier, dando-se espaço suficiente para correr. Kelsier aumentou sua velocidade até alcançar um ritmo enlouquecedor. Ele estava certo: em qualquer outro contexto, ela teria tropeçado facilmente na estrada irregular. Mas com o peltre e o estanho guiando-a, conseguia ficar em pé – embora fazer isso exigisse cada vez mais atenção, conforme escurecia e as brumas saíam.

De vez em quando, Kelsier atirava uma moeda e se lançava de uma colina para outra. Mas na maior parte do tempo corria em ritmo regular, sem se afastar do canal. As horas passavam, e Vin começava a sentir a fadiga que ele tinha dito que ela sentiria. Ela mantinha a velocidade, mas podia sentir algo no fundo – uma resistência interior, uma ânsia de parar e descansar. Apesar do poder do peltre, seu corpo estava ficando sem forças.

Assegurava-se de nunca deixar a reserva de peltre acabar. Temia que, se isso acontecesse, a fadiga se apoderasse dela com tanta força que não seria capaz de voltar a caminhar. Kelsier também ordenara que bebesse uma quantidade descomunal de água, mesmo que não tivesse sede.

A noite estava cada vez mais escura e silenciosa, sem nenhum viajante que se

atrevesse a encarar as brumas. Passaram por barcos e barcaças atracados nos canais para passar a noite, assim como por acampamentos ocasionais dos viajantes, com suas tendas próximas umas das outras para se protegerem das brumas. Por duas vezes viram espectros das brumas na estrada, o primeiro deles causou um terrível susto em Vin. Kelsier simplesmente passou por ele – ignorando os terríveis e translúcidos restos de pessoas e animais que haviam sido ingeridos, os ossos agora formando o esqueleto do próprio espectro.

Mas ele continuou correndo. O tempo ficou difuso, e a correria chegou a dominar tudo o que Vin era e fazia. Mover-se exigia tanta atenção que ela mal se concentrava em Kelsier, que ia diante dela nas brumas. Continuava a colocar um pé na frente do outro, seu corpo permanecendo forte – embora, ao mesmo tempo, se sentisse terrivelmente esgotada. Cada passo, por mais rápido que fosse, tornava-se uma tarefa. Começou a ansiar por descanso.

Kelsier não lhe deu nenhum descanso. Continuava correndo, forçando-a a segui-lo, mantendo uma velocidade incrível. O mundo de Vin tornou-se uma coisa atemporal de dor forçada e exasperação crescente. Reduziam o ritmo ocasionalmente para beber água ou engolir mais contas de peltre – mas ela nunca parava de correr. Era como... como se não *conseguisse* parar. Vin deixou a exaustão dominar sua mente. Avivar o peltre era tudo. Ela não era mais nada.

A luz a surpreendeu. O sol começava a nascer, as brumas desapareciam. Mas Kelsier não deixou que a iluminação o detivesse. Como conseguia? Tinham que correr. Tinham apenas... que... seguir... correndo...

Vou morrer.

Não era a primeira vez que o pensamento passava pela cabeça de Vin enquanto corria. De fato, a ideia estava rondando sua mente, cutucando seu cérebro como uma ave carniceira. Continuou se movendo. Correndo.

Odeio correr, pensou. *É por isso que sempre vivi na cidade, não no campo. Para que não tivesse que correr.*

Algo dentro dela sabia que o pensamento não fazia nenhum sentido. Contudo, no momento a lucidez não era uma de suas virtudes.

Odeio Kelsier também. Ele só continua correndo. Quanto tempo já se passou desde que o sol nasceu? Minutos? Horas? Semanas? Anos? Juro que não sei...

Kelsier diminuiu o ritmo até parar diante dela na estrada.

Vin estava tão aturdida que quase colidiu com ele. Tropeçou, reduzindo a velocidade a duras penas, como se tivesse esquecido como fazer outra coisa que não correr. Parou e encarou os próprios pés, estupefata.

Isso está errado, ela pensou. *Não posso ficar parada aqui. Tenho que me mover*.

Sentiu que começava a se mover novamente, mas Kelsier a segurou. Ela lutou para se livrar dele, resistindo debilmente.

Descanse, algo dentro dela disse. *Relaxe. Você esqueceu como é, mas é tão bom...*

– Vin! – Kelsier falou. – Não apague seu peltre. Mantenha-o queimando ou vai ficar inconsciente!

Vin balançou a cabeça, desorientada, tentando entender o que ele tinha dito.

– Estanho! – ele ordenou. – Avive-o. Agora!

Ela o fez. Sua cabeça ardeu com uma súbita dor que quase esquecera, e teve que fechar os olhos contra a luz do sol ofuscante. Suas pernas doíam, e seus pés estavam ainda piores. Mesmo assim, a repentina onda de percepção sensorial restaurou sua sanidade, e ela pestanejou, olhando para Kelsier.

– Melhor? – ele perguntou.

Ela assentiu.

– Acaba de fazer algo incrivelmente injusto com seu corpo – Kelsier explicou. – Devia ter desmoronado há horas, mas tinha peltre para mantê-lo em movimento. Vai se recuperar... vai ficar até melhor por se forçar desta maneira... mas neste momento tem que continuar queimando peltre e permanecer desperta. Podemos dormir mais tarde.

Vin assentiu novamente.

– Por que... – A voz dela falhou enquanto falava. – Por que paramos?

– Ouça.

Ela ouviu. Ouviu... vozes. Gritos.

Olhou para ele.

– Uma batalha?

Kelsier assentiu.

– A cidade de Holstep está a uma hora ao norte, mas acho que encontramos o que procurávamos. Vamos.

Ele a soltou, derrubou uma moeda e saltou por cima do canal. Vin o seguiu enquanto ele corria até uma colina próxima. Kelsier se agachou, espiando o outro lado. Então se levantou, encarando algo a leste. Vin subiu na colina, e viu a batalha – tal como era – com facilidade na distância. Uma mudança no vento trouxe os odores até seu nariz.

Sangue. O vale lá embaixo estava semeado de cadáveres. Homens ainda lutavam do outro lado – um pequeno grupo maltrapilho, com roupas variadas,

cercado por um exército muito maior e uniformizado.

– Chegamos muito tarde – Kelsier falou. – Nossos homens devem ter acabado com a Guarnição de Holstep e devem ter tentado voltar para as cavernas. Mas a cidade de Valtroux está a poucos dias de distância, e a guarnição deles tem cinco mil homens. Esses soldados chegaram aqui antes de nós.

Apertando os olhos, e usando o estanho apesar da luz, Vin pôde ver que ele estava certo. O exército maior usava uniformes imperiais, e a fileira de cadáveres era indicativa de algo, eles tinham emboscado os soldados skaa enquanto se deslocavam. O exército deles não tivera nenhuma chance. Enquanto observava, viu skaa começarem a levantar seus braços, mas os soldados continuavam a matá-los. Alguns dos camponeses restantes lutavam desesperadamente, mas caíam quase com a mesma rapidez.

– É um massacre – Kelsier disse irado. – A Guarnição Valtroux deve ter recebido ordens de acabar com todo o grupo. – Deu um passo adiante.

– Kelsier! – Vin exclamou, segurando o braço dele. – O que está fazendo?

Ele se virou para ela.

– Ainda há homens lá embaixo. Meus homens.

– O que vai fazer? Atacar um exército inteiro? Qual o propósito disso? Seus rebeldes não têm alomancia... não podem sair correndo rapidamente. Não pode deter um exército inteiro, Kelsier.

Ele se soltou da mão dela; Vin não tinha forças para segurá-lo. Perdeu o equilíbrio e caiu no áspero chão negro, levantando uma nuvem de cinzas. Kelsier começou a descer a colina na direção do campo de batalha.

Vin conseguiu ficar de joelhos.

– Kelsier – ela disse, tremendo ligeiramente pela fadiga. – Não somos invencíveis, lembra?

Ele se deteve.

– *Você* não é invencível – ela sussurrou. – Não pode deter todos eles. Não pode salvar aqueles homens.

Kelsier ficou parado, em silêncio, com os punhos fechados. Então, lentamente, abaixou a cabeça. Na distância, o massacre continuava, embora não sobrassem muitos rebeldes.

– As cavernas – Vin sussurrou. – Nossas forças devem ter deixado homens para trás, certo? Talvez eles possam nos dizer por que o exército se expôs. Talvez possam salvar os que restaram. Os homens do Senhor Soberano certamente vão procurar o quartel-general do exército... se é que já não estão

tentando.

Kelsier assentiu.

– Tudo bem. Vamos.

Kelsier desceu até a caverna. Teve que avivar o estanho para ver alguma coisa na escuridão, iluminada apenas pela parca luz do sol refletida de cima. O raspar de Vin na fenda acima soou trovejante em seus ouvidos amplificados. Na caverna em si... nada. Nenhum som, nenhuma luz.

Então ela estava errada, Kelsier pensou. *Ninguém ficou para trás.*

Kelsier soltou a respiração lentamente, tentando encontrar uma válvula de escape para sua frustração e sua raiva. Havia abandonado os homens no campo de batalha. Balançou a cabeça, negando o que a lógica lhe dizia no momento. Sua raiva ainda estava muito latente.

Vin saltou no chão ao lado dele, sua figura não mais do que uma sombra para seus olhos.

– Vazia – ele declarou, a voz ecoando na caverna. – Estava errada.

– Não – Vin sussurrou. – Ali.

De repente, ela começou a correr com a agilidade de um gato. Kelsier a chamou na escuridão, rangeu os dentes e então se orientou pelo som por um dos corredores.

– Vin, volte aqui! Não há nada...

Kelsier se deteve. Mal pôde distinguir um lampejo de luz à sua frente, no corredor. *Maldição! Como ela viu isso de tão longe?*

Ainda podia ouvir Vin adiante. Kelsier avançou com mais cuidado, checando suas reservas de metal, preocupado com alguma armadilha que pudesse ter sido deixada pelos agentes do Ministério. Enquanto se aproximava da luz, uma voz chamou.

– Quem está aí? Diga a senha!

Kelsier continuou a andar, a luz ficando brilhante o suficiente para que pudesse ver uma figura na contraluz, empunhando uma lança no corredor em frente. Vin esperava na escuridão, acocorada. Olhou para Kelsier de modo interrogativo quando ele passou ao seu lado. Ela parecia ter se recuperado da falta de reservas de peltre, por enquanto. Quando finalmente haviam parado para descansar, no entanto, ela sentira.

– Posso ouvir você! – o guarda disse ansiosamente. A voz soava levemente familiar. – Identifique-se.

Capitão Demoux, Kelsier percebeu. *Um dos nossos. Não é uma armadilha*.

– Diga a senha! – Demoux ordenou.

– Não preciso de senha – Kelsier disse, avançando até a luz.

Demoux abaixou sua lança.

– Lorde Kelsier? Você veio... quer dizer que nosso exército teve êxito?

Kelsier ignorou a questão.

– Por que não está guardando a entrada ali atrás?

– Nós... pensamos que seria mais defensivo nos retirarmos para o interior do complexo, meu senhor. Não sobraram muitos de nós.

Kelsier olhou para trás, na direção do corredor de entrada. *Quanto tempo até os homens do Senhor Soberano conseguirem capturar alguém disposto a falar? Vin estava certa no fim das contas – precisamos manter esses homens a salvo*.

Vin se levantou e se aproximou, observando o jovem soldado com aqueles olhos tranquilos.

– Quantos de vocês estão aqui?

– Cerca de dois mil – Demoux disse. – Nós... estávamos errados, meu senhor. Sinto muito.

Kelsier olhou para ele.

– Errados?

– Pensamos que o General Yeden estava agindo precipitadamente – Demoux disse, corando de vergonha. – Ficamos para trás. Nós... pensamos que estávamos sendo leais a você, e não a ele. Mas devíamos ter ido com o resto do exército.

– O exército está morto – Kelsier disse cortante. – Reúna seus homens, Demoux. Precisamos partir *agora*.

Naquela noite, sentado em um tronco de árvore, com as brumas se reunindo ao seu redor, Kelsier finalmente se forçou a confrontar os acontecimentos do dia.

Estava sentado com as mãos cruzadas, escutando os últimos e fracos sons dos homens de seu exército se preparando para deitar. Felizmente, alguém pensara em preparar o grupo para uma partida rápida. Cada homem tinha um colchonete, uma arma e comida suficiente para duas semanas. Assim que Kelsier descobrisse quem fora tão previdente, pretendia dar ao homem uma boa promoção.

Não que houvesse muito para se comandar. Os dois mil homens restantes incluíam um número deprimentemente grande de soldados que tinha ultrapassado ou estava muito longe de seu auge – homens sábios o bastante

para ver que o plano de Yeden era insano, ou jovens o bastante para ficarem assustados.

Kelsier balançou a cabeça. *Tantos mortos*. Haviam reunido quase sete mil soldados antes daquele fiasco, mas a maior parte estava morta. Aparentemente, Yeden decidira "testar" o exército, atacando a Guarnição Holstep à noite. O que o levara a uma decisão tão tola?

Eu, Kelsier pensou. *Isso é minha culpa*. Ele lhes prometera ajuda sobrenatural. Promovera a si mesmo, tornara Yeden parte da gangue e falara com demasiada naturalidade sobre fazer o impossível. Era de se estranhar que Yeden tivesse pensado que poderia atacar o Império Final de frente, considerando a confiança que Kelsier lhe dera? Era de se estranhar que os soldados fossem com ele, considerando as promessas que Kelsier fizera?

Agora os homens estavam mortos, e Kelsier era o responsável. A morte não era novidade para ele. Nem o fracasso – não mais. Mas não conseguia impedir que isso lhe causasse um aperto no estômago. É verdade que haviam morrido lutando contra o Império Final, que era a melhor morte que um skaa podia esperar – contudo, o fato era que provavelmente haviam morrido esperando algum tipo de proteção divina de Kelsier... e isso era perturbador.

Você sabia que isso seria duro, disse para si mesmo. *Compreendia o fardo que estava colocando sobre si mesmo.*

Mas, que direito tinha? Até mesmo os membros de sua própria gangue – Ham, Brisa e os outros – presumiam que o Império Final era invencível. Eles concordaram em participar por causa de sua fé em Kelsier, porque ele lhes havia contado seu plano como se fosse um golpe de ladrões. Bem, agora o patrão estava morto; um batedor enviado ao campo de batalha, para bem ou para mal, pôde confirmar a morte de Yeden. Os soldados colocaram sua cabeça em uma lança, ao lado da estrada, juntamente com vários oficiais de Ham.

O trabalho estava acabado. Haviam fracassado. O exército se fora. Não haveria rebelião, nem tomada da cidade.

Ouviu passos se aproximando. Kelsier levantou o olhar, perguntando-se se teria forças para ficar de pé. Vin estava deitada, encolhida, ao lado de seu tronco, dormindo no chão duro, usando apenas a capa de bruma como colchão. O uso extensivo do peltre cobrara seu preço da garota, e ela colapsara no momento em que Kelsier deu a noite por encerrada. Gostaria de fazer o mesmo. Mas era muito mais experiente com o uso de peltre do que ela. Seu corpo cederia em algum momento, mas ainda conseguia continuar um pouco mais.

Uma figura apareceu entre as brumas, mancando na direção de Kelsier. O

homem era velho, mais velho que qualquer um dos que Kelsier recrutara. Devia fazer parte da rebelião desde antes – um dos skaa que vivia nas cavernas antes de Kelsier tomá-las.

O homem escolheu uma pedra grande ao lado do toco de Kelsier, sentando-se e soltando um suspiro. Era incrível que alguém tão velho conseguisse se manter em pé. Kelsier havia feito o grupo se mover com passos rápidos, com a intenção de distanciá-lo o máximo possível do complexo de cavernas.

– Os homens vão dormir mal – o velho disse. – Não estão acostumados a ficar nas brumas.

– Eles não têm muita escolha – Kelsier comentou.

O velho balançou a cabeça.

– Suponho que não. – Ficou sentado por um momento, com os olhos idosos ilegíveis. – Não me reconhece, não é?

Kelsier se deteve, então meneou a cabeça negativamente.

– Sinto muito. Eu o recrutei?

– De certo modo. Eu era um dos skaa da plantação de Lorde Tresting.

Kelsier ficou levemente boquiaberto, finalmente vendo uma pequena familiaridade no homem careca e de postura cansada e, mesmo assim, de algum modo forte.

– O velho com quem me sentei naquela noite. Seu nome era...

– Mennis. Depois que matou Tresting nos retiramos para as cavernas, onde os rebeldes nos acolheram. Com o tempo, vários partiram para procurar outras plantações. Alguns de nós ficaram.

Kelsier assentiu.

– Você está por trás disso, não está? – ele disse, gesticulando na direção do acampamento. – Dos preparativos.

Mennis deu de ombros.

– Alguns de nós podem lutar, outros podem fazer outras coisas.

Kelsier se inclinou para frente.

– O que aconteceu, Mennis? Por que Yeden fez isso?

Mennis apenas balançou a cabeça.

– Embora se espere que os jovens sejam tolos, descobri que um pouco de idade pode tornar um homem ainda mais tolo do que quando era criança. Yeden... bem, ele era o tipo que se impressionava com facilidade. Tanto por você quanto pela reputação que deixou para ele. Alguns dos generais achavam que seria uma boa ideia dar aos homens alguma experiência prática em batalhas, e imaginaram que uma incursão noturna à Guarnição Holstep seria

um movimento inteligente. Pelo jeito, era mais difícil do que imaginavam.

Kelsier negou com a cabeça.

– Mesmo que tivessem tido sucesso, expor o exército o teria inutilizado para nós.

– Eles acreditavam em você – Mennis disse em voz baixa. – Pensavam que não fracassariam.

Kelsier suspirou, e recostou a cabeça, encarando as brumas inconstantes. Soltou lentamente a respiração, o ar se misturando com as correntes sobre sua cabeça.

– Então, o que vai ser de nós? – Mennis perguntou.

– Vamos dividi-los – Kelsier disse –, levá-los de volta a Luthadel em pequenos grupos, e misturá-los entre a população skaa.

Mennis assentiu. Parecia cansado – exausto –, mesmo assim não se rendia. Kelsier podia entender esse sentimento.

– Lembra-se de nossa conversa na plantação de Tresting? – Mennis perguntou.

– Um pouco – Kelsier disse. – Tentou me dissuadir de causar problemas.

– Mas isso não o deteve.

– Causar problemas é a única coisa na qual sou bom, Mennis. Você se ressente do que fiz lá, no que o forcei a se tornar?

Mennis deteve-se, então assentiu.

– Mas, de certo modo, sou grato por esse ressentimento. Acreditava que minha vida tinha acabado... eu acordava a cada dia esperando não ter forças para me levantar. Mas... bem, encontrei propósito novamente nas cavernas. Por isso, sou grato.

– Mesmo depois do que fiz com o exército?

Mennis bufou.

– Não se dê tanta importância, jovem. Aqueles soldados *se* mataram. Você pode ter sido a motivação deles, mas não decidiu por eles. Em todo caso, essa não é a primeira rebelião a ser massacrada. Nem de longe. De certo modo, você conseguiu muita coisa: reuniu um exército de tamanho considerável, e o armou e treinou além do que qualquer um poderia esperar. As coisas aconteceram um pouco mais rapidamente do que imaginava, mas devia ter orgulho de si mesmo.

– Orgulho? – Kelsier perguntou, levantando-se para extravasar um pouco de sua agitação. – Esse exército, supostamente, devia ajudar a derrubar o Império Final, não ser morto em uma batalha inútil em um vale a semanas de distância de Luthadel.

– Derrubar o... – Mennis olhou para cima, franzindo o cenho. – Realmente esperava fazer uma coisa dessas?

– É claro – Kelsier confirmou. – Por que mais reunir um exército como esse?

– Para resistir – Mennis disse. – Para lutar. Foi por isso que esses rapazes vieram para as cavernas. Não importava se ganhavam ou perdiam, a questão era fazer alguma coisa, qualquer coisa, para lutar contra o Senhor Soberano.

Kelsier se virou, franzindo o cenho.

– Esperava que o exército perdesse desde o início?

– Que outro final teria? – Mennis perguntou. Ficou em pé, balançando a cabeça. – Pode-se começar a sonhar o contrário, rapaz, mas o Senhor Soberano não pode ser derrotado. Uma vez, eu lhe dei um conselho... disse para ser cuidadoso com as batalhas que escolhia lutar. Bem, percebi que essa batalha *valia a pena* lutar. Agora, deixe-me dar outro conselho, Kelsier, Sobrevivente de Hathsin. Saiba quando desistir. Você fez bem, melhor do que qualquer um esperaria. Aqueles skaa mataram uma guarnição inteira de soldados antes de serem pegos e destruídos. Essa é a maior vitória vista pelos skaa em décadas, talvez séculos. Agora é o momento de se retirar.

Com isso, o velho fez um aceno respeitoso com a cabeça e se dirigiu para o centro do acampamento.

Kelsier ficou parado, estupefato. *A maior vitória vista pelos skaa em décadas...*

Era contra isso que tinha que lutar. Não apenas contra o Senhor Soberano ou contra a nobreza. Lutava contra mil anos de condicionamento, mil anos de uma vida em uma sociedade que rotularia a morte de cinco mil homens como uma "grande vitória". A vida era tão desesperada para os skaa, que eles tinham se reduzido a encontrar conforto em derrotas esperadas.

– Essa não foi uma vitória, Mennis – Kelsier sussurrou. – Eu lhe *mostrarei* uma vitória.

Forçou-se a sorrir – não de alegria ou de satisfação. Sorria a despeito do luto que sentia pelas mortes de seus homens; sorria porque era o que fazia. Era como provava ao Senhor Soberano – e a si mesmo – que não estava derrotado.

Não, não se retiraria. Ainda não tinha acabado. Longe disso.

QUARTA PARTE

DANÇARINOS EM UM MAR DE BRUMA

Estou ficando muito cansado.

26

Vin estava deitada em sua cama na loja de Trevo, sentindo a cabeça latejar.

Felizmente, a dor estava diminuindo. Ainda podia se lembrar de como acordara, naquela primeira manhã terrível; a dor era tão forte que mal conseguia pensar, muito menos se mexer. Não sabia como Kelsier conseguia seguir em frente, liderando o resto do exército até um local seguro.

Já fazia mais de duas semanas. Quinze dias inteiros, e a cabeça dela *ainda* doía. Kelsier tinha lhe dito que era bom para ela. Que precisava praticar o "recurso de peltre", treinando seu corpo para funcionar além do que se imaginava possível. Apesar do que ele lhe dissera, no entanto, Vin duvidava que alguma coisa que doesse tanto pudesse de algum modo ser "bom" para ela.

É claro, podia vir a ser uma habilidade bem útil. Ela conseguia reconhecer isso, agora que sua cabeça não latejava tanto. Kelsier e ela tinham sido capazes de chegar ao campo de batalha em um único dia. A viagem de volta durara duas semanas.

Vin levantou-se, espreguiçando-se, cansada. Haviam chegado há menos de um dia. Kelsier provavelmente ficara acordado metade da noite explicando os acontecimentos para os outros membros da gangue. Vin, no entanto, ficara feliz em ir diretamente para a cama. As noites que passara dormindo na terra dura a fizeram perceber que uma cama confortável era um luxo com o qual começara a se acostumar.

Bocejou, esfregou as têmporas novamente, vestiu um robe e foi para o banheiro. Ficou feliz em ver que os aprendizes de Trevo haviam se lembrado de preparar seu banho. Trancou a porta, tirou a roupa e entrou na água morna e levemente perfumada. Realmente tinha pensado, em algum momento, que aqueles odores eram desagradáveis? O cheiro a tornava menos despercebida, é verdade, mas parecia um preço muito baixo a se pagar para se livrar da sujeira e do lodo que se acumularam durante a viagem.

Ainda achava o cabelo comprido um incômodo, no entanto. Ela o lavou e o desembaraçou, perguntando-se como as mulheres da corte conseguiam manter aqueles cabelos que chegavam até a cintura. Quanto tempo passavam sob os cuidados de uma criada, penteando-os e arrumando-os? Os cabelos de Vin não chegavam nem aos seus ombros e já a aborrecia deixá-los tão compridos. Eles voavam e acertavam seu rosto quando saltava, sem mencionar que proporcionavam algo que seus inimigos podiam agarrar.

Assim que terminou o banho, voltou para o quarto, vestiu algo prático e desceu as escadas. Os aprendizes trabalhavam na oficina e as criadas trabalhavam no andar de cima, mas a cozinha estava tranquila. Trevo, Dockson, Ham e Brisa estavam tomando o desjejum. Levantaram as cabeças quando Vin entrou.

– O que foi? – Ela disse, rabugenta, parando na porta. O banho havia aliviado um pouco a dor de cabeça, mas sua nuca ainda latejava de leve.

Os quatro homens trocaram olhares. Ham falou primeiro.

– Estávamos discutindo o *status* do plano, agora que nosso empregador e nosso exército se foram.

Brisa ergueu uma sobrancelha.

– *Status*? É um jeito interessante de colocar a questão, Hammond. Eu teria dito "inviabilidade" em vez disso.

Trevo grunhiu assentindo, e os quatro voltaram-se para ela, aparentemente esperando para ver sua reação.

Por que se incomodam tanto com o que acho?, ela pensou, entrando na cozinha e pegando uma cadeira.

– Quer algo para comer? – Dockson perguntou, levantando-se. – As criadas de Trevo prepararam alguns rocamboles da baía para nós...

– Cerveja – Vin disse.

Dockson se deteve.

– Não é nem meio-dia.

– Cerveja. Agora. Por favor. – Vin inclinou-se para frente, dobrando os braços na mesa e descansando a cabeça sobre eles.

Ham teve coragem de dar uma gargalhada.

– Ressaca de peltre?

Vin assentiu.

– Vai passar – ele assegurou.

– Se eu não morrer antes – ela resmungou.

Ham gargalhou de novo, mas a frivolidade pareceu forçada. Dox entregou-

lhe uma caneca e se sentou, olhando para os outros.

– Então, Vin. O que *você* acha?

– Não sei – ela disse, com um suspiro. – O exército estava bem no centro de tudo, certo? Brisa, Ham e Yeden passaram todo o tempo recrutando; Dockson e Renoux trabalharam nos suprimentos. Agora que os soldados se foram... bem, isso só nos deixa com o trabalho de Marsh no Ministério e os ataques de Kell contra a nobreza... e nada disso são coisas para as quais precisam de nós. A gangue está redundante.

A sala ficou em silêncio.

– Ela tem um jeito deprimentemente brusco de expressar a coisa toda – Dockson comentou.

– Ressaca de peltre causa isso – Ham observou.

– Quando *você* voltou, falando nisso? – Vin perguntou.

– Na noite passada, depois que você foi dormir – Ham disse. – A Guarnição mandou os soldados temporários de volta mais cedo para que não tivessem que nos pagar.

– Ainda estão lá, então? – Dockson perguntou.

Ham assentiu.

– Caçando o resto do nosso exército. A Guarnição de Luthadel liberou as tropas de Valtroux, que estavam bem maltratadas pela batalha. A maior parte das tropas de Luthadel vai ficar fora por um bom tempo, ainda procurando rebeldes... aparentemente, vários grupos grandes se separaram do nosso exército principal e fugiram antes que a batalha começasse.

A conversa caiu em silêncio mais uma vez. Vin bebeu sua cerveja, mais para dar coragem do que por acreditar que isso a faria se sentir melhor. Alguns minutos mais tarde, passos soaram nas escadas.

Kelsier entrou na cozinha.

– Bom dia para todos – disse com sua animação costumeira. – Rocamboles da baía de novo, pelo que vejo. Trevo, você realmente precisa contratar criadas mais criativas. – Apesar do comentário, agarrou um rocambole cilíndrico e deu uma grande mordida, então sorriu agradavelmente antes de pegar algo para beber.

A gangue permaneceu em silêncio. Os homens trocavam olhares. Kelsier ficou em pé, apoiado no armário enquanto comia.

– Kell, temos que conversar – Dockson finalmente disse. – O exército se foi.

– Sim – Kelsier disse, entre dentadas. – Eu percebi.

– O trabalho está acabado, Kelsier – Brisa disse. – Foi uma boa tentativa,

mas fracassamos.

Kelsier deteve-se. Franziu o cenho, abaixando o rocambole.

– Fracassamos? O que o faz dizer isso?

– O exército se foi, Kell – Ham repetiu.

– O exército era apenas uma peça dos nossos planos. Tivemos um contratempo, é verdade... mas dificilmente estamos acabados.

– Ah, pelo amor do Senhor Soberano, homem! – Brisa disse. – Como pode ficar aí parado, tão animado? Nossos homens estão *mortos*. Não se importa com isso?

– Eu me importo, Brisa – Kelsier disse, em um tom sério. – Mas o que está feito está feito. Temos que continuar.

– Exatamente! – Brisa disse. – Deixar para lá esse seu "trabalho" insano. É hora de desistir. Sei que não gosta disso, mas é a pura verdade!

Kelsier colocou seu prato no balcão.

– Não me *abrande*, Brisa. *Jamais* me *abrande*.

Brisa deteve-se, levemente boquiaberto.

– Tudo bem – disse, por fim. – Não usarei alomancia; só usarei a verdade. Sabe o que acho? Acho que nunca pretendeu pegar aquele atium. Acho que nos usou. Você nos prometeu riquezas para que nos juntássemos a você, mas nunca teve a intenção de nos tornar ricos. Isso tudo é pelo seu ego... para se tornar o líder de gangue mais famoso que jamais existiu. *É por isso* que andou espalhando todos esses rumores, fazendo todo esse recrutamento. Você já conhece a riqueza... agora quer se tornar uma lenda.

Brisa ficou em silêncio, sustentando um olhar duro. Kelsier ficou parado, com os braços cruzados, olhando para a gangue. Vários desviaram o olhar, seus olhos envergonhados provavam que tinham pensado o mesmo que Brisa. Vin era um deles. O silêncio persistiu, todos esperando uma refutação.

Passos soaram na escada novamente, e Fantasma irrompeu cozinha adentro.

– Desejosos que se importam de pé para ver! Uma reunião, na praça da fonte!

Kelsier não pareceu surpreso com o anúncio do rapaz.

– Uma reunião na praça da fonte? – Ham disse lentamente. – Isso significa...

– Vamos – Kelsier falou, endireitando o corpo. – Temos que ver.

– Prefiro não fazer isso, Kell – Ham falou. – Evito essas coisas por um motivo.

Kelsier o ignorou. Colocou-se na frente do grupo; todos – inclusive Brisa –

estavam vestidos com roupas e capas comuns de skaa. Uma leve chuva de cinzas havia começado, e flocos descuidados caíam do céu, como folhas caindo de uma árvore invisível.

Montes de skaa ocupavam a rua, a maior parte deles trabalhadores de fábricas ou moinhos. Vin só conhecia um motivo pelo qual os trabalhadores eram liberados e enviados para se reunir na praça central da cidade.

Execuções.

Nunca assistira a nenhuma. Supostamente, todos os homens da cidade – skaa ou nobres – deviam assistir às cerimônias de execução, mas gangues de ladrões sabiam como permanecer escondidas. Sinos tocavam ao longe, anunciando o evento, e obrigadores vigiavam nas laterais das ruas. Eles entravam nas fábricas, nos moinhos e nas casas aleatoriamente, procurando por quem desobedecesse ao chamado, castigando-os com a morte. Reunir essa quantidade imensa de gente era um enorme empreendimento – mas, desse modo, coisas como essa simplesmente funcionavam para provar quão poderoso o Senhor Soberano era.

As ruas estavam ficando cada vez mais abarrotadas enquanto a gangue de Vin se aproximava da praça da fonte. Os telhados dos edifícios estavam lotados, e as pessoas enchiam as ruas, empurrando para frente. *Não é possível que caibam todos*. Luthadel não era como a maior parte das outras cidades; sua população era enorme. Mesmo que somente os homens estivessem presentes, não havia como todo mundo conseguir ver as execuções.

Mesmo assim, eles vinham. Uns porque era exigido, outros porque não tinham que trabalhar enquanto assistiam, e outros ainda – Vin suspeitava – porque tinham a mesma curiosidade mórbida que todos os homens possuíam.

Conforme a multidão aumentava, Kelsier, Dockson e Ham começaram a abrir caminho para a gangue entre os curiosos. Alguns skaa expressavam ressentimento, embora muitos tivessem olhares opacos e complacentes. Alguns pareciam surpresos – até mesmo entusiasmados – quando viram Kelsier, embora suas cicatrizes não estivessem a vista. Esses abriam caminho ansiosamente.

Depois de um tempo, a gangue chegou até a fila de edifícios que rodeava a praça. Kelsier escolheu um, apontando com um movimento de cabeça, e Dockson avançou. O homem na porta tentou barrar sua entrada, mas Dox apontou para o telhado, sacudindo sua bolsa de moedas sugestivamente. Alguns minutos mais tarde, a gangue tinha o telhado inteiro para si.

– Por favor, Trevo, nos *esfumace* – Kelsier disse em voz baixa.

O deformado artesão assentiu, tornando o grupo invisível para os sentidos alomânticos do bronze. Vin aproximou-se da beirada do telhado, agachando-se e colocando as mãos no pequeno beiral de pedra enquanto perscrutava a praça abaixo.

– Tantas pessoas...

– Você viveu toda sua vida em cidades, Vin – Ham disse, parado perto dela. – Certamente já viu multidões antes.

– Sim, mas... – Como podia explicar? A massa compactada e instável não se parecia com nada que havia visto. Era enorme, quase sem fim, seu rastro enchendo todas as ruas que levavam até a praça central. Os skaa estavam tão comprimidos, que ela se perguntava como tinham espaço para respirar.

Os nobres estavam no centro da praça, separados dos skaa por soldados. Estavam perto do pátio da fonte central, que se erguia cerca de um metro e meio do resto da praça. Alguém construíra assentos para a nobreza, e ali estavam, como se fossem assistir a um espetáculo ou a uma corrida de cavalos. Muitos tinham criados segurando guarda-sóis contra as cinzas, mas a chuva era fraca o bastante para que alguns simplesmente a ignorassem.

Parados ao lado dos nobres estavam os obrigadores – os comuns, com túnicas cinza; os Inquisidores, de negro. Vin estremeceu. Havia oito Inquisidores, suas formas esguias destacando-se uma cabeça acima dos obrigadores. Mas não era só a altura que separava as criaturas sombrias de seus primos. Havia um ar, uma postura diferente nos Inquisidores de Aço.

Vin se virou, começando a estudar os obrigadores comuns. A maioria usava suas túnicas administrativas com orgulho – quanto mais alta a posição, mais elegante era a túnica. Vin apertou os olhos, queimando estanho, e reconheceu um rosto moderadamente familiar.

– Ali – ela disse, apontando. – Aquele é meu pai.

Kelsier animou-se.

– Onde?

– Na frente dos obrigadores – Vin falou. – O mais baixo, com a túnica com estola dourada.

Kelsier ficou em silêncio.

– *Aquele* é seu pai? – ele finalmente perguntou.

– Quem? – Dockson perguntou, apertando os olhos. – Não consigo ver os rostos deles.

– Tevidian – Kelsier disse.

– O *Sumo Prelado*? – Dockson perguntou, chocado.

– O quê? – Vin perguntou. – Quem é esse?

Brisa gargalhou.

– O Sumo Prelado é o líder do Ministério, minha querida. É o mais importante dos obrigadores do Senhor Soberano... tecnicamente, tem uma posição mais alta até do que os Inquisidores.

Vin sentou-se, estupefata.

– O Sumo Prelado – Dockson murmurou, balançando a cabeça. – Isso fica cada vez melhor.

– Olhem! – Fantasma disse de repente, apontando.

A multidão de skaa começou a se agitar. Vin presumiu que estavam compactados demais para se moverem, mas aparentemente estava errada. As pessoas começaram a retroceder, abrindo um largo corredor que levava até a plataforma central.

O que os faria...

Então ela sentiu. O entorpecimento opressor, como um enorme cobertor apertado, deixando-a sem ar, roubando sua vontade. Imediatamente queimou cobre. Mesmo assim, como antes, jurava que podia sentir o Senhor Soberano *abrandando*, apesar do metal. Sentia-o aproximar-se, tentando fazê-la perder toda a vontade, todo o desejo, toda a força da emoção.

– Ele está vindo – Fantasma sussurrou, agachado ao lado dela.

Uma carruagem negra puxada por dois enormes garanhões brancos surgiu de uma rua lateral. Percorreu o corredor entre os skaa, movendo-se com uma sensação de... inevitabilidade. Vin viu várias pessoas serem feridas durante a sua passagem, e suspeitou que se alguém caísse no caminho da carruagem, o veículo nem ao menos reduziria a velocidade enquanto esmagava a pessoa até a morte.

Os skaa se apertaram um pouco mais enquanto o Senhor Soberano chegava, uma onda visível percorreu a multidão, a postura das pessoas foi ficando caída enquanto sentiam seu *abrandamento* poderoso. O som dos sussurros e conversas ao fundo se apagou, e um silêncio sobrenatural se apoderou da imensa praça.

– Ele é tão poderoso – Brisa disse. – Mesmo no meu melhor dia, só consigo aplacar uns duzentos homens. Deve ter dezenas de milhares aqui!

Fantasma olhou por cima do pequeno peitoral do telhado.

– Isso me faz querer cair. Só me deixar...

Então se deteve. Sacudiu a cabeça, como se despertasse. Vin franziu o cenho. Algo parecia diferente. Tentou apagar seu cobre e percebeu que não podia mais

sentir o *abrandamento* do Senhor Soberano. O sentimento de horrível depressão – a carência e o vazio – havia desaparecido estranhamente. Fantasma levantou a cabeça, e o resto da gangue se endireitou um pouco.

Vin olhou ao redor. Os skaa lá embaixo não pareciam ter mudado. No entanto, seus amigos...

Seus olhos encontraram Kelsier. O líder da gangue estava parado, ereto, encarando resolutamente a carruagem que se aproximava, com uma expressão de concentração no rosto.

Ele está tumultuando *nossas emoções*, Vin percebeu. *Está contra-atacando o poder do Senhor Soberano.* Era obviamente uma luta para Kelsier proteger até mesmo seu pequeno grupo.

Brisa está certo, Vin pensou. *Como podemos lutar contra algo assim? O Senhor Soberano está* abrandando *centenas de milhares de pessoas de uma vez!*

Mas Kelsier continuou se esforçando. Só por acaso, Vin acendeu seu cobre. Então queimou zinco e tentou ajudar Kelsier, *tumultuando* as emoções daqueles ao seu redor. Era como se estivesse *empurrando* uma parede imensa e imóvel. Mesmo assim, deve ter ajudado, pois Kelsier relaxou levemente e lhe lançou um olhar de agradecimento.

– Olhe – Dockson disse, provavelmente inconsciente da batalha invisível que ocorria ao redor dele. – As carroças dos prisioneiros. – Apontou para um grupo de dez grandes carroças com grades que passava pelo corredor atrás do Senhor Soberano.

– Reconhece algum deles? – Ham disse, inclinando-se para frente.

– Não uso o que vê – Fantasma disse, parecendo inquieto. – Tio, está queimando de verdade, certo?

– Sim, meu cobre está aceso – Trevo disse, de mau humor. – Está em segurança. De qualquer modo, estamos longe o suficiente do Senhor Soberano para que não faça diferença. A praça é enorme.

Fantasma assentiu, e obviamente começou a queimar estanho. Um momento depois, negou com a cabeça.

– Não reconheço ninguém.

– Não esteve em muitos dos recrutamentos, no entanto, Fantasma. – Ham comentou, apertando os olhos.

– Verdade – Fantasma respondeu. Embora seu sotaque permanecesse, estava claramente fazendo um esforço para não falar em seu dialeto.

Kelsier aproximou-se da beirada, fazendo sombra nos olhos com uma mão.

– Posso ver os prisioneiros. Não, não reconheço nenhum dos rostos. Não são soldados cativos.

– Quem, então? – Ham perguntou.

– A maioria mulheres e crianças, parece – Kelsier respondeu.

– As famílias dos soldados? – Ham perguntou, horrorizado.

Kelsier negou com a cabeça.

– Duvido. Não teriam tido tempo de identificar os skaa mortos.

Ham franziu o cenho, parecendo confuso.

– Pessoas aleatórias, Hammond – Brisa falou, com um suspiro silencioso. – Exemplos... execuções ao acaso a fim de punir os skaa por abrigar rebeldes.

– Não, tampouco isso – Kelsier disse. – Duvido que o Senhor Soberano sequer saiba, ou se importe, que a maior parte daqueles homens foi recrutada aqui em Luthadel. Provavelmente, só presume que foi outra rebelião do campo. Isso... isso é um jeito de fazer todos se lembrarem de quem está no controle.

A carruagem do Senhor Soberano subiu por uma plataforma até o pátio central. O ameaçador veículo parou bem no meio da praça, mas o Senhor Soberano permaneceu lá dentro.

As carroças dos prisioneiros estacionaram, e um grupo de obrigadores e soldados começou a descarregá-las. A cinza negra continuava caindo quando o primeiro grupo de prisioneiros – a maioria se debatendo debilmente – foi arrastado até a plataforma elevada central. Um Inquisidor dirigia os trabalhos, indicando que os prisioneiros fossem reunidos ao lado de cada uma das quatro fontes em forma de bacia da plataforma.

Quatro prisioneiros foram obrigados a ficar de joelhos – um ao lado de cada fonte – e quatro Inquisidores levantaram machados de obsidiana. Os quatro machados caíram e as quatro cabeças rolaram. Os corpos, ainda presos pelos soldados, foram mantidos até esvaziarem seu sangue nas bacias das fontes.

As fontes começaram a cintilar, vermelhas, enquanto jorravam no ar. Os soldados jogaram os corpos de lado, e trouxeram mais quatro pessoas.

Fantasma afastou o olhar, enojado.

– Por que... por que Kelsier não faz alguma coisa? Salvar eles, quero dizer?

– Não seja tolo – Vin falou. – Há *oito* Inquisidores lá embaixo... sem mencionar o Senhor Soberano em pessoa. Kelsier seria um idiota em tentar alguma coisa.

Embora eu não ficaria surpresa se ele estivesse pensando nisso, ela pensou, lembrando-se de quando Kelsier estava prestes a enfrentar um exército inteiro sozinho. Olhou para o lado. Parecia que Kelsier estava se forçando a ficar atrás

– as mãos segurando a chaminé ao seu lado com tanta força que os nós dos dedos estavam esbranquiçados –, para não sair correndo e impedir as execuções.

Fantasma cambaleou até outra parte do telhado, onde pôde vomitar sem derramar bílis nas pessoas abaixo. Ham gemeu levemente, e até Trevo parecia entristecido. Dockson observava a cena solenemente, como se testemunhar mortes fosse uma espécie de vigília. Brisa apenas balançava a cabeça.

Kelsier, no entanto... Kelsier estava irado. O rosto vermelho, os músculos tensos, os olhos queimando.

Mais quatro mortes, uma delas, uma criança.

– Isso – Kelsier falou, zangado, acenando com a mão na direção da praça central. – *Isso* é nosso inimigo. Não há quartel, não há volta atrás. Isso não é um trabalho simples, que pode ser descartado quando nos deparamos com contratempos inesperados.

Mais quatro mortes.

– Olhem para eles! – Kelsier exigiu, apontando para os palcos cheios de nobres. A maior parte deles parecia entediada; alguns até pareciam estar se divertindo, virando-se e brincando uns com os outros enquanto as decapitações prosseguiam.

– Sei que me questionam – Kelsier disse, voltando-se para a gangue. – Acham que sou duro demais com a nobreza, acham que gosto demais de matá-los. Mas, honestamente, podem ver aqueles homens rindo e me dizer que não *merecem* morrer pela minha espada? Só faço justiça.

Mais quatro mortes.

Vin vasculhou os palcos com olhos amplificados pelo estanho. Encontrou Elend sentado entre um grupo de jovens. Nenhum deles estava rindo, e não eram os únicos. É verdade, muitos dos nobres faziam graça com a experiência, mas havia uma minoria que parecia horrorizada.

Kelsier prosseguiu.

– Brisa, você me perguntou sobre o atium. Serei honesto. Nunca foi meu objetivo. Reuni essa gangue porque queria mudar as coisas. Vamos nos apoderar do atium... precisamos dele para apoiar o novo governo... mas este trabalho não é para me tornar, ou nenhum de vocês, rico. Yeden está morto. Ele era nosso pretexto... para que pudéssemos fazer algo bom enquanto fingíamos ser só ladrões. Agora que ele se foi, vocês podem desistir, se quiserem. Desistam. Mas isso não vai mudar nada. A luta vai continuar. Homens ainda vão morrer. Vocês só estarão ignorando isso.

Mais quatro mortes.

– É tempo de acabar com essa farsa – Kelsier disse, encarando um de cada vez. – Se vamos fazer isso agora, temos que ser sinceros e leais conosco. Temos que admitir que não é por dinheiro. É para deter *isso*. – Apontou para o pátio com as fontes vermelhas: um sinal visível de morte para os milhares de skaa que estavam longe demais para ver o que estava acontecendo.

– Pretendo continuar minha luta – Kelsier disse em voz baixa. – Percebo que alguns de vocês questionam minha liderança. Acham que estou me promovendo entre os skaa. Sussurram que estou me transformando em outro Senhor Soberano... acham que meu ego é mais importante para mim do que derrubar o império.

Parou de falar, e Vin viu culpa nos olhos de Dockson e dos outros. Fantasma se juntou novamente ao grupo, ainda parecendo um pouco enojado.

Mais quatro mortes.

– Estão errados – Kelsier disse em voz baixa. – Têm que confiar em mim. Vocês me deram sua confiança quando começamos este plano, apesar do quão perigosas as coisas pareciam. Ainda preciso dessa confiança! Não importa como as coisas pareçam, não importa quão terríveis sejam as perspectivas, temos que continuar lutando.

Mais quatro mortes.

O grupo lentamente se voltou na direção de Kelsier. Resistir à pressão do Senhor Soberano sobre suas emoções já não parecia tão difícil para Kelsier, embora Vin tivesse deixado que seu zinco se apagasse.

Talvez... talvez ele possa fazer isso, Vin pensou. Se, alguma vez, existir um homem capaz de derrotar o Senhor Soberano, esse homem seria Kelsier.

– Não escolhi vocês pela competência – Kelsier falou. – Embora certamente sejam habilidosos. Escolhi cada um de vocês especificamente porque sei que são homens de consciência. Ham, Brisa, Dox, Trevo... são homens com fama de honestidade, mesmo de caridade. Sabia que se esse plano tivesse êxito, eu precisaria de homens que realmente *se importam*. Não, Brisa, isso não é por causa de dinheiro ou glória. Isso é por causa de uma guerra... uma guerra que temos lutado por mil anos, uma guerra que pretendo terminar. Podem ir, se quiserem. Sabem que eu os deixarei partir, sem perguntas ou exigências, se desejarem. No entanto – disse, o olhar ficando duro –, se ficarem, têm que prometer que vão parar de questionar minha autoridade. Podem expressar preocupações sobre o trabalho em si, mas não existirão mais reuniões sussurradas sobre minha liderança. Se ficarem, vão me seguir. Entendido?

Um por um, ele encarou os membros da gangue. Cada um deles assentiu.

– Não acho que realmente questionamos você, Kell – Dockson disse. – Só estávamos... preocupados, e acho que com razão. O exército era grande parte dos nossos planos.

Kelsier acenou com a cabeça em direção ao norte, para os portões principais da cidade.

– O que vê ao longe, Dox?

– Os portões da cidade?

– E o que está diferente neles agora?

Dockson deu de ombros.

– Nada fora do normal. Estão com um pouco de falta de pessoal, mas...

– Por quê? – Kelsier o interrompeu. – Por que estão com falta de pessoal?

Dockson se deteve.

– Porque a Guarnição se foi?

– Exatamente – Kelsier concordou. – Ham diz que a Guarnição pode ficar fora, perseguindo os remanescentes do nosso exército, por meses, e só cerca de dez por cento dos homens ficaram para trás. Faz sentido... deter rebeldes é o tipo de coisa para a qual a Guarnição foi criada. Luthadel ficaria exposta, mas ninguém jamais atacou Luthadel. Ninguém jamais faria isso.

Um entendimento silencioso atravessou os membros da gangue.

– Parte do nosso plano para tomar a cidade se cumpriu – Kelsier prosseguiu. – Tiramos a Guarnição de Luthadel. O custo foi maior do que esperávamos... muito maior do que devia ter sido. Eu desejaria pelos Deuses Esquecidos que esses garotos não tivessem morrido. Infelizmente, não podemos mudar isso agora... só podemos aproveitar a oportunidade que isso nos deu. O plano ainda está em pé... a principal força pacificadora da cidade se foi. Se a guerra entre as casas começar, o Senhor Soberano terá dificuldades para detê-la. Presumindo que queira. Por alguma razão, ele tende a se afastar e a deixar que a nobreza lute entre si a cada cem anos mais ou menos. Talvez pense que deixá-los pular uns nas gargantas dos outros os mantenha longe da própria garganta.

– Mas, e se a Guarnição voltar? – Ham perguntou.

– Se eu estiver certo – Kelsier disse –, o Senhor Soberano os manterá perseguindo os sobreviventes do nosso exército por vários meses, dando à nobreza a oportunidade de soltar um pouco da pressão. Só que vai se encontrar com um pouco mais do que esperava. Quando a guerra entre as casas começar, vamos usar o caos para tomar o palácio.

– Com que exército, meu caro? – Brisa perguntou.

– Ainda temos alguns soldados – Kelsier lembrou. – Além disso, temos tempo para recrutar mais. Teremos que ser cuidadosos... não podemos usar as cavernas, então teremos que esconder nossas tropas na cidade. Isso provavelmente vai significar números menores. Contudo, isso não será um problema... vocês verão: a guarnição vai voltar cedo ou tarde.

Os membros do grupo trocaram olhares enquanto as execuções prosseguiam lá embaixo. Vin estava sentada, em silêncio, tentando decidir o que Kelsier queria dizer com aquela declaração.

– Exatamente, Kell – Ham disse lentamente. – A Guarnição vai voltar, e não teremos um exército grande o bastante para lutar contra ela.

– Mas *teremos* o tesouro do Senhor Soberano – Kelsier disse, sorrindo. – O que sempre fala sobre essas Guarnições, Ham?

O Brutamontes se deteve, então sorriu também.

– Que são mercenários.

– Tomar o dinheiro do Senhor Soberano – Kelsier falou – significa tomar seu exército também. Isso ainda pode dar certo, cavalheiros. Ainda podemos *fazer* dar certo.

A gangue pareceu ficar mais confiante. Vin, no entanto, voltou os olhos na direção da praça. As fontes estavam tão vermelhas que pareciam completamente cheias de sangue. Acima de tudo, o Senhor Soberano observava de dentro de sua carruagem negra. As janelas estavam abertas, e – com estanho – Vin mal pôde ver uma silhueta sentada no interior do veículo.

Esse é o nosso inimigo verdadeiro, ela pensou. *Não a Guarnição desaparecida, nem os Inquisidores com seus machados. Aquele homem. O do livro de viagens.*

Temos que encontrar um jeito de derrotá-lo, ou tudo mais que fizermos será inútil.

Creio que finalmente descobri por que Rashek se ressente tanto de mim. Ele não crê que um forasteiro como eu – um estrangeiro – possa ser o Herói das Eras. Crê que, de algum modo, enganei os filósofos, que uso as marcas do Herói injustamente.

Segundo Rashek, só um terrisano de puro sangue poderia ter sido escolhido como Herói. Estranhamente, me sinto cada vez mais determinado por causa de seu ódio. Preciso provar a ele que posso realizar essa tarefa.

27

Um grupo subjugado retornou à loja de Trevo naquela tarde. As execuções duraram horas. Não houve denúncias, nenhuma explicação do Ministério ou do Senhor Soberano – apenas execução após execução, após execução. Assim que acabaram os cativos, o Senhor Soberano e seus obrigadores partiram, deixando uma pilha de cadáveres sobre a plataforma e a água sangrenta jorrando das fontes.

Enquanto a gangue de Kelsier voltava para a cozinha, Vin percebeu que a dor de cabeça não a incomodava mais. Sua dor agora parecia... insignificante. Os rocamboles da baía ainda estavam sobre a mesa, cuidadosamente cobertos por uma das criadas. Ninguém os comeu.

– Tudo bem – Kelsier disse, tomando seu lugar de costume, apoiado contra o armário. – Vamos planejar isso. Como devemos proceder?

Dockson recuperou uma pilha de papéis no canto da sala, voltou e se sentou.

– Com a Guarnição fora, nosso foco principal se torna a nobreza.

– De fato – Brisa concordou. – Se realmente pretendemos tomar o tesouro com uns poucos soldados, então certamente vamos precisar de alguma coisa para distrair a guarda do palácio e impedir que a nobreza tome a cidade de nós. A guerra entre as casas, portanto, é de suma importância.

Kelsier assentiu.

– Exatamente o que penso.

– Mas, o que acontece quando a guerra entre as casas acabar? – Vin

perguntou. – Algumas casas estarão no topo, e teremos que lidar com elas.

Kelsier negou com a cabeça.

– Não pretendo que a guerra entre as casas acabe jamais, Vin... pelo menos não por um longo tempo. O Senhor Soberano dita as leis e o Ministério policia seus seguidores, mas a nobreza é quem realmente força os skaa a trabalhar. Então, se derrubarmos casas nobres suficientes, o governo talvez caia por conta própria. Não podemos lutar contra o Império Final em seu conjunto: ele é grande demais. Mas talvez sejamos capazes de esfacelá-lo, e de fazer com que os pedaços lutem uns contra os outros.

– Temos que colocar tensão financeira nas Grandes Casas – Dockson disse, remexendo em seus papéis. – A aristocracia é, antes de mais nada, uma instituição financeira, e a falta de fundos derruba *qualquer* casa.

– Brisa, podemos usar alguns de seus disfarces – Kelsier sugeriu. – Até agora, fui o único do grupo trabalhando na guerra entre as casas... mas se vamos tentar tomar a cidade antes que a Guarnição retorne, vamos precisar aumentar nossos esforços.

Brisa suspirou.

– Muito bem. Só temos que ser muito cuidadosos para ter certeza de que ninguém me reconheça acidentalmente como alguém que eu não devia ser. Não posso ir a festas ou eventos... mas provavelmente posso fazer visitas solitárias às casas.

– O mesmo vale para você, Dox – Kelsier disse.

– Imaginei isso – Dockson respondeu.

– Será perigoso para ambos – Kelsier comentou. – Mas a velocidade será essencial. Vin continuará sendo nossa espiã... e provavelmente vai começar a espalhar algumas informações equivocadas. Alguma coisa que inquiete a nobreza.

Ham assentiu.

– Devemos centrar nossas atenções no topo, então.

– De fato – Brisa concordou. – Se conseguirmos fazer as casas mais poderosas parecerem vulneráveis, então seus inimigos as atacarão rapidamente. Só depois que as casas poderosas caírem é que vão perceber que são *elas* quem realmente mantêm a economia.

A sala ficou em silêncio por um segundo, então várias cabeças se voltaram para Vin.

– O quê? – ela perguntou.

– Estão falando sobre a Casa Venture, Vin – Dockson explicou. – É a mais

poderosa das Grandes Casas.

Brisa assentiu.

– Se os Venture caírem, todo o Império Final sentirá o tremor.

Vin ficou em silêncio por um momento.

– Nem todos são más pessoas – ela disse, por fim.

– Talvez – Kelsier disse. – Mas Lorde Straff Venture certamente é, e sua família está no topo do Império Final. A Casa Venture precisa cair... e você já tem passe livre com um de seus membros mais importantes.

Pensei que quisesse que eu ficasse longe de Elend, ela pensou, incomodada.

– Apenas mantenha os olhos abertos, criança – Brisa falou. – Veja se consegue que o rapaz fale das finanças de sua casa. Encontre-nos um ponto de apoio e faremos o resto.

Como os jogos que Elend tanto odeia. No entanto, as execuções ainda estavam frescas em sua mente. Aquele tipo de coisa tinha que parar. Além disso, o próprio Elend dissera que não gostava muito de seu pai, ou de sua casa. Talvez... talvez pudesse pensar em algo.

– Verei o que posso fazer – ela disse.

Uma batida soou na porta da frente, atendida por um dos aprendizes. Alguns momentos mais tarde, Sazed – vestido com uma capa skaa para esconder suas feições – entrou na cozinha.

Kelsier olhou o relógio.

– Está adiantado, Saze.

– Tento fazer disso um hábito, Mestre Kelsier – o terrisano respondeu.

Dockson ergueu uma sobrancelha.

– Um hábito que mais alguém podia adotar.

Kelsier bufou.

– Se você sempre chega na hora, quer dizer que não tem nada melhor para fazer. Saze, como estão os homens?

– Tão bem quanto o esperado, Mestre Kelsier – Sazed respondeu. – Mas não podemos escondê-los nos armazéns de Renoux para sempre.

– Eu sei – Kelsier disse. – Dox, Ham, preciso que trabalhem nesse problema. Há dois mil homens que sobraram do nosso exército; quero que os tragam para Luthadel.

Dockson assentiu, pensativo.

– Encontraremos um jeito.

– Quer que continuemos a treiná-los? – Ham perguntou.

Kelsier assentiu.

– Então teremos que escondê-los em esquadrões – ele disse. – Não temos os recursos para treinar os homens individualmente. Diria... uns duzentos homens por equipe? Escondidos em cortiços perto uns dos outros?

– Assegure-se de que nenhuma equipe saiba das demais – Dockson disse. – Ou que ainda pretendemos tomar o palácio. Com nossos homens na cidade, há uma chance de que alguns deles, eventualmente, sejam capturados pelos obrigadores por um motivo ou outro.

Kelsier assentiu.

– Diga a cada grupo que ele foi o único que não debandou, e que está sendo treinado novamente só para o caso de ser necessário em algum momento futuro.

– Você também disse que o recrutamento precisava continuar – Ham disse.

Kelsier assentiu.

– Quero ter pelo menos o dobro de soldados antes de tentar colocar isso em prática.

– Isso vai ser difícil – Ham comentou –, considerando o fracasso do nosso exército.

– Que fracasso? – Kelsier perguntou. – Conte a verdade: que nosso exército teve êxito em neutralizar a Guarnição.

– Embora a maior parte dos homens tenha morrido fazendo isso – Ham disse.

– Podemos pular essa parte – Brisa falou. – As pessoas estarão zangadas com as execuções... isso pode torná-las mais dispostas a nos ouvir.

– Reunir mais tropas será nossa principal tarefa nos poucos meses que se seguirem, Ham – Kelsier decidiu.

– Não é muito tempo – Ham falou –, mas verei o que posso fazer.

– Bom – Kelsier disse. – Saze, o bilhete chegou?

– Chegou, Mestre Kelsier – Sazed disse, tirando uma carta de dentro de sua capa e entregando-a a Kelsier.

– E o que seria isso? – Brisa perguntou, curioso.

– Uma mensagem de Marsh – Kelsier disse, abrindo a carta e repassando seu conteúdo. – Ele está na cidade e tem notícias.

– Que notícias? – Ham perguntou.

– Não diz – Kelsier respondeu, agarrando um rocambole da baía. – Mas deu instruções de onde encontrá-lo esta noite. – Atravessou a cozinha, pegando uma capa skaa. – Vou explorar o lugar antes que fique escuro. Você vem, Vin?

Ela assentiu, ficando em pé.

– O restante de vocês, continue trabalhando no plano – Kelsier pediu. –

Dentro de dois meses, quero que esta cidade esteja tão tensa que, quando finalmente se romper, o Senhor Soberano não seja capaz de juntar os pedaços.

– Há algo que não está nos contando, não é? – Vin disse, afastando o olhar da janela e voltando-se para Kelsier. – Uma parte do plano.

Kelsier a olhou na escuridão. O ponto de encontro escolhido por Marsh era um edifício abandonado dentro das Torções, um dos bairros mais empobrecidos dos skaa. Kelsier havia localizado um segundo edifício abandonado em frente àquele em que iam se encontrar, e Vin e ele esperavam no último andar, vigiando a rua e procurando por sinais de Marsh.

– Por que me pergunta isso? – Kelsier disse, por fim.

– Por causa do Senhor Soberano – Vin disse, pegando um pedaço de madeira podre do batente da janela. – Senti o poder dele hoje. Não acho que os outros conseguiram sentir, não como um Nascido das Brumas consegue. Mas sei que você também deve ter sentido. – Levantou a cabeça, olhando Kelsier nos olhos. – Ainda está planejando tirá-lo da cidade antes que tentemos tomar o palácio, certo?

– Não se preocupe com o Senhor Soberano – Kelsier disse. – O décimo primeiro metal cuidará dele.

Vin franziu o cenho. Lá fora, o sol se punha com um brilho feroz de frustração. As brumas logo chegariam, e supostamente Marsh chegaria pouco tempo depois.

O décimo primeiro metal, ela pensou, lembrando-se do ceticismo com o qual os outros membros da gangue olhavam para ele.

– É real? – Vin perguntou.

– O décimo primeiro metal? É claro que é... eu o mostrei para vocês, lembra?

– Não é o que quero dizer – ela disse. – As lendas são reais? Está mentindo?

Kelsier se virou na direção dela, franzindo o cenho de leve. Então sorriu.

– É uma garota muito direta, Vin.

– Eu sei.

O sorriso de Kelsier aumentou.

– A resposta é não. Não estou mentindo. As lendas são reais, embora eu tenha levado um tempo para encontrá-las.

– E aquele pedaço de metal que nos mostrou é realmente o décimo primeiro metal?

– Acho que sim – Kelsier disse.

– Mas não sabe como usá-lo.

Kelsier se deteve, então negou com a cabeça.

– Não. Não sei.

– Isso não é muito reconfortante.

Kelsier deu de ombros, virando-se para olhar pela janela.

– Mesmo que eu não descubra o segredo a tempo, duvido que o Senhor Soberano seja um problema tão grande quanto pensa. Ele é um alomântico poderoso, mas não sabe tudo... se soubesse, estaríamos mortos agora mesmo. Ele não é onipotente tampouco... se fosse, não precisaria executar todos aqueles skaa para tentar assustar a cidade e deixá-la submissa. Não sei o que ele é... mas acho que é mais humano do que deus. As palavras naquele livro de viagem... são as palavras de uma pessoa normal. Seu poder verdadeiro vem dos exércitos e da fortuna. Se tirarmos isso dele, não será capaz de fazer nada para impedir que o império entre em colapso.

Vin franziu o cenho.

– Ele pode não ser um deus, mas... é alguma coisa, Kelsier. Algo diferente. Hoje, quando ele estava na praça, eu pude sentir o toque dele em minhas emoções mesmo enquanto queimava cobre.

– Isso não é possível, Vin – Kelsier disse, negando com a cabeça. – Se fosse, os Inquisidores poderiam sentir a alomancia mesmo quando um esfumaçador estivesse por perto. Se fosse assim, não acha que teriam caçado e matado todos os skaa Brumosos?

Vin encolheu os ombros.

– Você sabe que o Senhor Soberano é forte – Kelsier disse –, e sente como se *devesse* ser capaz de senti-lo. Isso é tudo.

Talvez ele esteja certo, ela pensou, tirando outro pedaço do batente da janela. *Ele é um alomântico há mais tempo que eu, afinal. Mas... eu senti alguma coisa, não senti? E o Inquisidor que quase me matou – ele me encontrou na escuridão e na chuva de alguma forma. Ele deve ter sentido alguma coisa*.

Deixou o assunto de lado, no entanto.

– O Décimo Primeiro Metal. Não podíamos experimentá-lo e ver o que faz?

– Não é tão simples – Kelsier explicou. – Lembra que lhe disse para nunca queimar um metal que não fosse um dos dez?

Vin assentiu.

– Queimar outro metal pode ser mortal – Kelsier falou. – Até mesmo usar a proporção errada em uma liga de metal pode deixá-la doente. Se eu estiver errado sobre o Décimo Primeiro Metal...

– Ele o matará – Vin disse em voz baixa.

Kelsier assentiu.

Então você não tem tanta certeza quanto dá a entender, ela concluiu. *De outra forma, já o teria experimentado*.

– É isso o que quer encontrar no livro de viagem – Vin disse. – Uma pista sobre como usar o Décimo Primeiro Metal.

Kelsier assentiu.

– Temo que não tenhamos sorte a esse respeito. Até agora, o livro de viagem nem ao menos mencionou a alomancia.

– Embora fale com frequência sobre feruquemia – Vin comentou.

Kelsier olhou para ela enquanto se apoiava na janela, com o ombro contra a parede.

– Então Sazed lhe falou sobre isso?

Vin abaixou a cabeça.

– Eu... meio que o forcei.

Kelsier gargalhou.

– Eu me pergunto o que soltei no mundo ao ensiná-la sobre alomancia. É claro que meu treinador disse a mesma coisa sobre mim.

– Ele estava certo em se preocupar.

– É claro que estava.

Vin sorriu. Lá fora, a luz do sol quase se fora, e montes diáfanos de bruma começavam a se formar no ar. Erguiam-se como fantasmas, ficando lentamente mais espessas, estendendo sua preponderância conforme a noite se aproximava.

– Sazed não teve tempo de me contar muita coisa sobre a feruquemia – Vin disse cuidadosamente. – Que tipo de coisas ela pode fazer? – Esperou, nervosa, presumindo que Kelsier a pegaria mentindo.

– A feruquemia é completamente interna – Kelsier explicou. – Pode proporcionar algumas das coisas que conseguimos com peltre e estanho: força, resistência, visão... mas cada atributo tem que ser armazenado separadamente. Também pode amplificar um monte de outras coisas; coisas que a alomancia não pode fazer. Memória, velocidade física, clareza de pensamento... até algumas coisas estranhas, como peso físico ou idade física, podem ser alteradas pela feruquemia.

– Então é mais poderosa do que a alomancia?

Kelsier deu de ombros.

– A feruquemia não tem nenhum poder externo; não pode *empurrar* e *puxar* emoções, nem pode *empurrar* aço ou *puxar* ferro. E a maior limitação da feruquemia é que você tem que armazenar todas as habilidades extraindo-as de

seu próprio corpo. Quer ser duas vezes mais forte por um tempo? Bem, você tem que passar várias horas estando enfraquecido para armazenar a força. Quer armazenar a capacidade de se curar rapidamente? Então precisa passar muito tempo doente. Na alomancia, os metais em si são nosso combustível; em geral conseguimos fazer as coisas enquanto tivermos metal suficiente para queimar. Na feruquemia, os metais são apenas dispositivos de depósito; seu próprio corpo é o combustível real.

– Então, é só roubar os depósitos de metais de outro, certo? – Vin perguntou.

Kelsier negou com a cabeça.

– Não funciona... os feruquemistas só conseguem acessar depósitos de metais que eles mesmos criaram.

– Ah.

Kelsier assentiu.

– Então, não. Eu não diria que a feruquemia é mais poderosa que a alomancia. Ambas têm vantagens e limitações. Por exemplo, um alomântico só pode avivar um metal até determinado ponto, então sua força máxima é limitada. Os feruquemistas não têm esse tipo de limitação; se um feruquemista tem força suficiente armazenada para ser duas vezes mais forte durante uma hora, ele pode, em vez disso, escolher ser *três* vezes mais forte por um período mais curto... ou mesmo quatro, cinco ou seis vezes mais forte por períodos ainda menores.

Vin franziu o cenho.

– Isso parece uma vantagem muito grande.

– Verdade – Kelsier disse, remexendo em sua capa e pegando um frasco com várias contas de atium. – Mas nós temos *isso*. Não importa que um feruquemista seja tão forte quanto cinco homens, ou tão forte quanto cinquenta homens... se eu souber o que ele vai fazer em seguida, vou derrotá-lo.

Vin assentiu.

– Aqui – Kelsier disse, abrindo o frasco e pegando uma das contas. Pegou outro frasco, este cheio de solução normal de álcool, e jogou a conta nele. – Tome uma. Pode precisar.

– Esta noite? – Vin perguntou, aceitando o frasco.

Kelsier assentiu.

– Mas é apenas Marsh.

– Pode ser – ele disse. – Mas talvez os obrigadores o tenham capturado e o forçado a escrever aquela carta. Talvez eles o sigam, ou talvez o tenham capturado depois que ele a escreveu, e o torturado para descobrir sobre nosso

encontro. Marsh está em um lugar muito perigoso... pense que ele está fazendo o mesmo que você naqueles bailes, só que em vez de nobres ele está rodeado de obrigadores e Inquisidores.

Vin estremeceu.

– Acho que você tem razão – disse, guardando a conta de atium. – Sabe, algo deve estar errado comigo... já nem paro sequer para pensar no quanto isso vale.

Kelsier não respondeu imediatamente.

– Tenho problemas para esquecer o quanto vale – disse em voz baixa.

– Eu... – Vin se calou, olhando para as mãos dele. Normalmente Kelsier usava camisas de manga longa e, agora, luvas; sua reputação estava tornando perigoso que suas cicatrizes características fossem visíveis ao público. Mesmo assim, Vin sabia que estavam ali. Como milhares de pequenos arranhões brancos, uns sobre os outros.

– De qualquer modo – Kelsier prosseguiu –, está certa sobre o livro de viagens. Eu esperava que mencionasse o décimo primeiro metal. Mas a alomancia sequer é mencionada em referência à feruquemia. Os dois poderes são similares em muitos aspectos; o esperado é que ele os comparasse.

– Talvez temesse que alguém lesse o livro e não quis revelar que era um alomântico.

Kelsier assentiu.

– Talvez. Também é possível que ainda não tivesse tido o estalo. O que quer que tenha acontecido nas Montanhas de Terris, converteu-o de herói a tirano; talvez também tenha despertado seus poderes. Não saberemos, creio, até que Sazed termine a tradução.

– Ele está no fim?

Kelsier assentiu.

– Falta só um pouco... o pouco importante, esperamos. Eu estou um pouco frustrado com o texto até agora. O Senhor Soberano sequer diz o que deve realizar naquelas montanhas! Afirma que está fazendo algo para proteger o mundo inteiro, mas isso pode ser apenas seu ego falando.

Para mim, ele não parece muito egoísta no texto, Vin pensou. *Parece meio que o oposto, na verdade.*

– De qualquer forma – Kelsier prosseguiu –, saberemos mais assim que as últimas partes estejam traduzidas.

Estava ficando escuro lá fora, e Vin teve que acender seu estanho para conseguir enxergar melhor. A rua além de sua janela ficou visível, adotando a estranha mistura de sombra e luz, resultado da visão ampliada pelo estanho.

Sabia que estava escuro, logicamente. Ainda assim, podia ver. Não como fazia na luz normal – tudo estava apagado – mas era uma visão de todas as formas.

Kelsier checou seu relógio de bolso.

– Quanto falta? – Vin perguntou.

– Meia hora – Kelsier disse. – Presumindo que ele seja pontual... do que eu duvido. Ele *é* meu irmão, no fim das contas.

Vin assentiu, mudando de posição para apoiar os braços cruzados no parapeito quebrado da janela. Embora fosse pequeno, sentia-se confortável tendo o atium que Kelsier lhe dera.

Deteve-se. Pensar no atium a fez se lembrar de algo importante. Algo que a incomodara em várias ocasiões.

– Você nunca me ensinou o nono metal! – ela o acusou, virando-se.

Kelsier deu de ombros.

– Eu disse para você que não era muito importante.

– Mesmo assim. Qual é? Alguma liga de atium, presumo?

Kelsier negou com a cabeça.

– Não, os dois últimos metais não seguem o mesmo padrão dos oito básicos. O nono metal é o ouro.

– Ouro? – Vin perguntou. – É isso? Eu podia ter experimentado há muito tempo por conta própria.

Kelsier começou a rir.

– A menos que quisesse fazer isso. Queimar ouro é uma experiência um pouco... desconfortável.

Vin estreitou os olhos, então voltou a olhar pela janela. *Veremos*, pensou.

– Vai experimentar de qualquer maneira, não vai? – Kelsier disse, sorrindo.

Vin não respondeu.

Kelsier suspirou, remexendo em sua mochila e pegando uma moeda de ouro e uma lima.

– Você provavelmente devia ter uma dessas – ele disse, mostrando-lhe a lima. – Contudo, quando recolher metal por conta própria, queime só um pouquinho primeiro, para ter certeza de que é puro ou é a liga correta.

– E se não for? – Vin perguntou.

– Você saberá – Kelsier prometeu, começando a limar a moeda. – Lembra aquela dor de cabeça que teve depois do uso prolongado de peltre?

– Sim?

– Metal errado é pior – Kelsier disse. – Muito pior. Compre seus metais sempre que puder... em toda cidade você vai encontrar um pequeno grupo de

comerciantes que proporcionam metais em pó para alomânticos. Esses comerciantes têm interesse documentado em assegurar que seus metais sejam puros... um Nascido das Brumas maldisposto, com dor de cabeça, não é exatamente o tipo de cliente insatisfeito com quem alguém gostaria de lidar. – Kelsier terminou de limar e recolheu algumas pequenas lascas de ouro em um pedacinho de tecido. Pegou uma entre os dedos e a engoliu.

– Esse é bom – ele disse, entregando o tecido para ela. – Vá em frente... só se lembre: queimar o nono metal é uma experiência estranha.

Vin assentiu, repentinamente se sentindo um pouco apreensiva. *Nunca saberá se não experimentar*, pensou, e enfiou as lascas minúsculas na boca. Engoliu-as com um pouco da água de seu cantil.

Uma nova reserva de metal apareceu dentro dela – desconhecida e diferente das nove que conhecia. Olhou para Kelsier, respirou fundo e queimou o ouro.

Estava em dois lugares ao mesmo tempo. Podia se ver, e podia se ver.

Uma delas era uma mulher estranha, mudada e transformada da garota que sempre fora. Essa garota tinha sido cautelosa e cuidadosa – uma garota que nunca queimaria um metal desconhecido se baseando apenas na palavra de um homem. Essa mulher era tola; tinha esquecido muitas das coisas que a fizeram sobreviver até agora. Bebia soluções preparadas por outros. Confraternizava com estranhos. Não vigiava aqueles que a rodeavam. Ainda era muito mais cuidadosa do que a maior parte das pessoas, mas perdera muito.

A outra era alguém que sempre detestara em segredo. Uma criança, na realidade. Magra ao ponto de ser esquelética, solitária, cheia de ódio e desconfiada. Não amava ninguém, e ninguém a amava. Sempre dissera para si mesma, em silêncio, que não se importava. Havia algo pelo que valesse a pena viver? Tinha que haver. A vida não podia ser tão patética quanto parecia. No entanto, tinha que haver. Não havia nada mais.

Vin era ambas. Estava parada em dois lugares, movendo os dois corpos, sendo tanto a garota quanto a mulher. Estendeu a mão hesitante, insegura – de ambas – e tocou o rosto, de ambas.

Vin engasgou, e o efeito acabou. Sentiu uma corrente súbita de emoções, um sentimento de vazio e confusão. Não havia cadeiras no aposento, então ela simplesmente se acocorou no chão, sentando-se de costas para a parede, abraçando os joelhos.

Kelsier se aproximou, abaixando-se para colocar uma mão no ombro dela.

– Está tudo bem.

– O que foi aquilo? – ela sussurrou.

– Ouro e atium são complementos, assim como os outros pares de metal – Kelsier disse. – O atium a deixa ver, ainda que marginalmente, o futuro. O ouro trabalha de maneira similar, mas lhe permite ver o passado. Ou, ao menos, dá um vislumbre de outra versão de você mesma, se as coisas foram diferentes no passado.

Vin estremeceu. A experiência de ser duas pessoas ao mesmo tempo, de ver a si mesma duas vezes, havia sido perturbadora. Seu corpo ainda tremia, e sua mente não parecia... bem.

Felizmente, a sensação estava desaparecendo.

– Lembre-me de escutá-lo no futuro – ela disse. – Pelo menos quando for sobre alomancia.

Kelsier gargalhou.

– Tentei tirar isso da sua cabeça o quanto pude. Mas tinha que experimentar em algum momento. Você vai superar.

Vin assentiu.

– Já... quase passou. Mas não era apenas uma visão, Kelsier. Era *real*. Eu a toquei, a outra eu.

– Pode parecer que sim – Kelsier explicou. – Mas ela não estava aqui... eu não consegui vê-la, ao menos. É uma alucinação.

– As visões do atium não são só alucinações – Vin disse. – As sombras realmente mostram o que as pessoas vão fazer.

– É verdade – Kelsier concordou. – Não sei. O ouro é estranho, Vin. Não acho que alguém o entenda. Meu treinador, Gemmel, dizia que a sombra do ouro era uma pessoa que não existe... mas que poderia existir. Uma pessoa na qual você poderia ter se tornado se não tivesse tomado certas decisões. É claro, Gemmel era um pouco disparatado, então não tenho certeza de até que ponto acreditar no que ele disse.

Vin assentiu. Contudo, era improvável que quisesse descobrir mais sobre o ouro em algum momento próximo. Não pretendia nem mesmo queimá-lo novamente, se pudesse evitar. Continuou sentada, deixando suas emoções se recuperarem por um momento, e Kelsier voltou-se para a janela. Depois de um tempo, ele fez um gesto.

– Ele está aqui? – ela perguntou, ficando em pé.

Kelsier assentiu.

– Quer ficar aqui e descansar mais um pouco?

Vin negou com a cabeça.

– Tudo bem, então – ele disse, colocando seu relógio de bolso, a lima e

outros metais no parapeito da janela. – Vamos.

Não saíram pela janela – Kelsier queria permanecer discreto, embora essa parte das Torções fosse tão deserta que Vin não tivesse certeza de por que se incomodar. Deixaram o edifício por um conjunto de escadas falsas, e cruzaram a rua em silêncio.

O edifício que Marsh escolhera estava ainda mais em ruínas do que aquele que Vin e Kelsier usaram como esconderijo. A porta da frente já não existia, embora Vin pudesse ver seus restos no chão. O interior cheirava a pó e fuligem, e ela teve que segurar um espirro.

Uma figura parada do outro lado da sala deu meia-volta com o som.

– Kell?

– Sou eu – Kelsier disse. – E Vin.

Conforme Vin se aproximou, pôde ver Marsh se esgueirando na escuridão. Era estranho vê-lo, sentindo como se tivesse plena visão, mesmo sabendo que, para ele, Kelsier e ela não eram nada mais do que sombras. A parede ao fundo do edifício despencara, e a bruma entrava livremente no aposento, quase tão densa quanto do lado de fora.

– Você tem tatuagens do Ministério! – Vin disse, encarando Marsh.

– É claro – Marsh respondeu, com voz tão severa quanto sempre. – Tive que fazer antes de me juntar à caravana. Tinha que tê-las para interpretar o papel de acólito.

Não eram grandes – ele estava interpretando um obrigador de baixa posição – mas o padrão era inconfundível. Linhas escuras rodeando os olhos, correndo pelo rosto como se fossem pedaços de relâmpagos. Havia uma única linha, muito mais grossa, em vermelho vivo, correndo pela lateral de seu rosto. Vin reconheceu o padrão: essas eram linhas de um obrigador que pertencia ao Cantão da Inquisição. Marsh não só se infiltrara no Ministério, como escolhera o lugar mais perigoso para fazê-lo.

– Mas você ficará com isso para sempre – Vin comentou. – São tão características... onde quer que você vá, será conhecido como um obrigador ou uma fraude.

– É parte do preço que ele pagou para se infiltrar no Ministério, Vin – Kelsier disse em voz baixa.

– Não importa – Marsh falou. – Eu não tinha muita vida antes disso, de qualquer maneira. Então, podemos nos apressar? Sou esperado em outro lugar em breve. Obrigadores têm uma vida ocupada, e só tenho alguns minutos.

– Tudo bem – Kelsier disse. – Presumo que sua infiltração correu bem,

então?

– Correu bem – Marsh disse laconicamente. – Bem demais, na verdade... acho que me distingui no grupo. Presumi que estaria em desvantagem, já que não tive os mesmos cinco anos de treinamento dos outros acólitos. Assegurei-me de responder às questões o mais corretamente possível, e de fazer meus deveres com precisão. Contudo, aparentemente, eu sabia mais sobre o Ministério do que alguns de seus membros. E certamente sou mais competente do que esse bando de recém-chegados, e os prelados notaram isso.

Kelsier gargalhou.

– Você sempre foi um crânio de ferro.

Marsh bufou baixinho.

– De qualquer modo, meu conhecimento – sem mencionar minhas habilidades como buscador – já me valeram uma reputação destacada. Não tenho certeza do quanto quero que os prelados prestem atenção em mim; o passado que forjamos soa um pouco inconsistente quando um Inquisidor está interrogando você.

Vin franziu o cenho.

– Disse a eles que é um brumoso?

– É claro que disse – Marsh falou. – O Ministério, e particularmente o Cantão da Inquisição, recruta nobres Buscadores com diligência. O fato de eu ser um deles é suficiente para impedir que façam muitas perguntas sobre meu passado. Estão felizes o bastante por me terem, apesar do fato de eu ser um pouco mais velho que a maioria dos acólitos.

– Além disso – Kelsier disse –, ele precisava contar a eles que era um brumoso para que pudesse entrar nas seitas mais secretas do Ministério. A maior parte dos obrigadores de alta patente é composta de Brumosos de um tipo ou de outro. Tendem a ser favoráveis com a própria espécie.

– Com bons motivos – Marsh disse, falando rapidamente. – Kell, o Ministério é muito mais competente do que imaginávamos.

– O que quer dizer?

– Eles usam seus Brumosos – Marsh respondeu. – E fazem um *bom* uso deles. Têm bases por toda a cidade: estações de *abrandamento*, como as chamam. Cada uma delas contém um par de Abrandadores do Ministério, cujo único dever é estender uma influência mitigadora ao redor deles, acalmando e deprimindo as emoções de todo mundo na área.

Kelsier assobiou baixinho.

– Quantas?

– Dúzias – Marsh contou. – Concentradas nas áreas skaa da cidade. Sabem que os skaa estão derrotados, mas querem se assegurar de que as coisas continuem como estão.

– Maldição! – Kelsier disse. – Sempre pensei que os skaa dentro de Luthadel pareciam ainda mais abatidos que os outros. Não me admira que tivemos tanto trabalho para recrutar. As emoções das pessoas estão sob *abrandamento* constante!

Marsh assentiu.

– Os Abrandadores do Ministério são bons, Kell... *muito* bons. Melhores até do que Brisa. Tudo o que fazem é *abrandar* o dia todo, todo dia. E, já que não estão tentando conseguir nada em específico – e sim mantendo as emoções extremas sob controle – são muito difíceis de serem notados. Cada equipe tem um esfumaçador para mantê-los escondidos, assim como um buscador, para encontrar alomânticos de passagem. Aposto que é onde os Inquisidores conseguem um monte de pistas: a maior parte do nosso povo é esperta o bastante para não queimar quando sabe que há um obrigador na área, mas fica mais relaxada nos bairros pobres.

– Você consegue uma lista das estações? – Kelsier perguntou. – Precisamos saber onde esses Buscadores estão, Marsh.

Marsh assentiu.

– Vou tentar. Estou a caminho de uma estação agora mesmo... eles sempre fazem troca de pessoal à noite, para manter o segredo deles. Os postos superiores se interessaram em mim, e vão me deixar visitar algumas das estações para que eu me familiarize com o trabalho. Verei se consigo a lista para você.

Kelsier assentiu na escuridão.

– Só... não seja estúpido com a informação, está bem? – Marsh pediu. – Temos que ser cuidadosos, Kell. O Ministério tem mantido essas estações em segredo há algum tempo. Agora que sabemos sobre elas, temos uma importante vantagem. Não desperdice isso.

– Não desperdiçarei – Kelsier prometeu. – E quanto aos Inquisidores? Descobriu algo sobre eles?

Marsh ficou em silêncio por um momento.

– Eles são... estranhos, Kell. Não sei. Parecem ter todos os poderes alomânticos, então presumo que foram nascidos das brumas. Não consegui descobrir muito sobre eles... embora saiba que envelhecem.

– De verdade? – Kelsier disse com interesse. – Então, não são imortais?

– Não – Marsh falou. – Os obrigadores dizem que os Inquisidores são trocados ocasionalmente. As criaturas têm vidas muito longas, mas em algum momento morrem de velhice. Os novos devem ser recrutados entre os nobres. São pessoas, Kell... só estão... mudadas.

Kelsier assentiu.

– Se podem morrer de velhice, então provavelmente há outras maneiras de matá-los também.

– Foi o que pensei – Marsh comentou. – Verei o que consigo descobrir, mas não espere muito. Os Inquisidores não têm muita relação com os obrigadores comuns... há tensão política entre os dois grupos. O Sumo Prelado dirige a igreja, mas os Inquisidores acham que eles deveriam estar no comando.

– Interessante – Kelsier disse, baixinho. Vin praticamente podia ouvir sua mente trabalhando nessa nova informação.

– De qualquer modo, preciso ir – Marsh falou. – Tive que vir correndo, e chegarei atrasado ao meu compromisso.

Kelsier assentiu, e Marsh começou a partir, abrindo caminho entre os escombros, vestido com sua túnica de obrigador.

– Marsh – Kelsier o chamou quando Marsh alcançou a saída.

Marsh se virou.

– Obrigado – Kelsier disse. – Só posso imaginar o quanto isso é perigoso.

– Não estou fazendo isso por você, Kell – Marsh falou. – Mas... aprecio o agradecimento. Tentarei enviar outro bilhete assim que tiver mais informações.

– Tenha cuidado – Kelsier pediu.

Marsh desapareceu na noite brumosa. Kelsier ficou parado no salão desmoronado por alguns minutos, vendo o irmão partir.

Ele não estava mentindo sobre isso tampouco, Vin pensou. *Realmente se importa com Marsh.*

– Vamos – Kelsier disse. – Devemos levá-la de volta à Mansão Renoux. A Casa Lekal vai oferecer outra festa em alguns dias, e você precisará estar lá.

Às vezes meus companheiros dizem que me preocupo e questiono demais. Mas ainda que duvide do meu mérito como herói, há uma coisa que jamais questionei: o bem maior da nossa missão.

As Profundezas devem ser destruídas. Eu as vi e as senti. O nome que lhe demos é uma palavra fraca demais, creio. Sim, são profundas e insondáveis, mas também são terríveis. Muitos não percebem que são sencientes, mas eu senti sua mente, tal como é, nas poucas vezes que as confrontei diretamente.

É um ser de destruição, loucura e corrupção. Destruiria este mundo, não por rancor ou animosidade, mas simplesmente porque é isso o que faz.

28

O salão de baile da Fortaleza Lekal tinha forma interior de pirâmide. A pista de dança estava montada sobre uma plataforma com cerca de um metro de altura, bem no meio da sala, e as mesas estavam postas sobre quatro plataformas similares ao redor dela. Os criados corriam pelos corredores entre as plataformas, servindo o jantar dos aristocratas.

Quatro níveis de balcões corriam ao longo do perímetro interno da sala piramidal, cada um mais perto do ponto mais alto, cada um mais próximo da pista de dança. Embora o salão principal fosse bem iluminado, os balcões eram cobertos pela sombra dos que estavam acima. O desenho pretendia permitir que se visse a característica artística mais distintiva da fortaleza – os pequenos vitrais em cada balcão.

Os nobres Lekal alardeavam que, embora as outras fortalezas tivessem vitrais maiores, os da Fortaleza Lekal eram mais detalhados. Vin tinha que admitir que eram impressionantes. Vira tantas janelas com vitrais nos últimos meses, que estava começando a não prestar mais atenção nelas. As janelas da Fortaleza Lekal, no entanto, colocavam a maior parte das demais no chinelo. Cada vitral era uma extravagante e detalhada maravilha de cor resplandecente. Animais exóticos saltavam, paisagens distantes seduziam, e nobres famosos olhavam, orgulhosos, de seus retratos.

Também havia, é claro, os desenhos habituais dedicados à Ascensão. Vin podia reconhecê-los com mais facilidade agora, e estava surpresa em ver referências a coisas que lera no diário de viagem. As colinas verde esmeralda. As montanhas pontiagudas, com linhas fracas no formato de ondas saindo do topo. Um lago profundo e escuro. E... a escuridão. As Profundezas. O ser caótico da destruição.

Ele as derrotou, Vin pensou. *Mas... o que eram?* Talvez o final do diário revelasse mais.

Vin balançou a cabeça, deixando o nicho da parede – e sua janela negra – para trás. Percorreu o segundo balcão, usando um vestido branco – uma roupa que jamais teria podido sequer imaginar usar durante sua vida como skaa. As cinzas e a fuligem faziam tão parte de sua vida que achava que sequer tivesse tido contato com o conceito de branco prístino. O conhecimento fazia o vestido parecer ainda mais maravilhoso para ela. Esperava jamais perder isso – a sensação interior de como a vida fora antes. Isso a fazia apreciar o que tinha, muito mais do que a nobreza verdadeira parecia fazer.

Continuou caminhando pelo balcão, procurando sua presa. Cores cintilantes brilhavam pela janela retroiluminada, derramando luzes pelo chão. A maior parte das janelas resplandecia dentro de pequenos nichos ao longo do balcão, e, por isso, o balcão que tinha diante de si estava intercalado com bolsões de escuridão e cor. Vin não se deteve para estudar nenhuma outra janela; já tinha estudado o suficiente nos seus primeiros bailes na Fortaleza Lekal. Nesta noite, tinha negócios a tratar.

Encontrou sua vítima parada no meio do corredor que levava ao balcão leste. Lady Kliss falava com um grupo de pessoas, então Vin se deteve, fingindo admirar uma janela. O grupo de Kliss logo se dispersou – geralmente só era possível aguentar Kliss em pequenas doses. A mulher de baixa estatura começou a caminhar na direção de Vin.

Quando ela se aproximou, Vin se virou, como se estivesse surpresa.

– Olá, Lady Kliss! Não a vi a noite toda.

Kliss se virou no mesmo instante, obviamente entusiasmada com a perspectiva de ter outra pessoa com quem fofocar.

– Lady Valette! – disse, avançando. – Perdeu o baile de Lorde Cabe, semana passada! Não por causa de uma recaída de sua doença anterior, espero?

– Não – Vin falou. – Passei a noite jantando com meu tio.

– Ah – Kliss disse, desapontada. Uma recaída teria sido uma história melhor. – Bem, isso é bom.

– Ouvi dizer que tem algumas novidades interessantes sobre Lady Tren-Pedri Delouse – Vin comentou, cuidadosamente. – Eu mesma ouvi algumas coisas interessantes nos últimos tempos. – Olhou Kliss, dando a entender que estava disposta a trocar fuxicos.

– Ah, isso! – Kliss disse, animada. – Bem, *eu* ouvi que Tren-Pedri não está nem um pouco interessada em uma união com a Casa Aime, embora seu pai tenha dado a entender que haverá um casamento em breve. Sabe como são os filhos de Aime. Ora, Fedren é um *completo* bufão.

Interiormente, Vin revirou os olhos. Kliss continuou a falar, sem nem ao menos perceber que Vin também tinha algo que queria partilhar. *Usar sutileza com esta mulher é quase tão eficiente quanto vender sais de banho para um skaa rural.*

– Isso *é* interessante – Vin comentou, interrompendo Kliss. – Talvez a hesitação de Tren-Pedri venha da conexão da Casa Aime com a Casa Hasting.

Kliss se deteve.

– Como assim?

– Bem, todo mundo sabe o que a Casa Hasting está planejando.

– Ah, é?

Vin fingiu estar embaraçada.

– Ah. Talvez isso ainda não seja sabido. Por favor, Lady Kliss, esqueça que eu disse qualquer coisa.

– Esquecer? – Kliss disse. – Ora, já está esquecido. Mas, vamos, não pare. O que quer dizer?

– Não devia dizer – Vin falou. – É só algo que ouvi, sem querer, meu tio falar.

– Seu tio? – Kliss perguntou, ficando mais impaciente. – O que ele disse? Sabe que pode confiar em mim.

– Bem... – Vin começou. – Ele diz que a Casa Hasting está realocando um monte de recursos para sua plantação no Domínio Sul. Meu tio está bem feliz... Hasting se retirou de alguns contratos, e meu tio espera consegui-los.

– Realocando... – Kliss disse. – Ora, eles não fariam isso a menos que estivessem planejando sair da cidade.

– Quem pode culpá-los? – Vin perguntou em voz baixa. – Quero dizer, quem quer se arriscar a passar pelo que a Casa Tekiel passou?

– Realmente... – Kliss concordou. Estava quase tremendo de ansiedade de espalhar as notícias.

– De qualquer modo, por favor, isso é obviamente apenas boato – Vin falou.

– É melhor não contar para ninguém.

– É claro – Kliss disse. – Ah... me dê licença. Preciso ir me refrescar.

– É claro – Vin respondeu, observando a mulher sair em disparada em direção às escadas do balcão.

Vin sorriu. A Casa Hasting não estava fazendo tais preparativos, é claro; Hasting era uma das famílias mais fortes da cidade, e não era provável que se retirasse. No entanto, Dockson estava na loja forjando documentos que, quando entregues nos locais certos, implicariam que Hasting estava planejando fazer o que Vin dissera.

Se tudo desse certo, a cidade inteira logo esperaria que Hasting se retirasse. Seus aliados fariam planos, e talvez até começassem a se retirar também. Os compradores de armas começariam a procurar fornecedores em outros lugares, temendo que Hasting não fosse capaz de firmar bons contratos quando partisse. Quando Hasting *não* se retirasse, isso os faria parecer indecisos. Sem seus aliados, suas entradas de dinheiro enfraqueceriam, e poderia vir a ser a próxima casa a cair.

A Casa Hasting, no entanto, era uma das casas contra as quais era fácil lutar. Tinha reputação de usar subterfúgios em excesso, e as pessoas acreditariam em uma suposta retirada. Além disso, Hasting era uma forte casa mercantil – o que significava que dependia muito dos contratos para sobreviver. Uma casa com uma fonte de renda dominante tão óbvia também tinha uma fraqueza óbvia. Lorde Hasting havia trabalhado duro para aumentar a influência de sua casa nas últimas décadas e, ao fazer isso, levara seus recursos ao limite.

As outras casas eram muito mais estáveis. Vin suspirou, virando-se e percorrendo o corredor, olhando o enorme relógio colocado entre os balcões do outro lado da sala.

Venture não cairia tão facilmente. Mantinha-se poderosa através do simples poder da fortuna; embora participasse de alguns contratos, não dependia deles como as outras casas. Venture era rico e poderoso o bastante para que um desastre mercantil só o balançasse um pouco.

De certo modo, a estabilidade de Venture era positiva – para Vin, ao menos. A casa não tinha fraqueza óbvia, então talvez a gangue não ficasse muito desapontada caso ela não descobrisse nada que a fizesse ir abaixo. Afinal, não precisavam *necessariamente* destruir a Casa Venture; isso simplesmente facilitara o plano.

O que quer que acontecesse, Vin tinha que ter certeza de que os Venture não sofreriam o mesmo destino da Casa Tekiel. Com a reputação destruída e as

finanças desequilibradas, os Tekiel haviam tentado sair da cidade – e essa demonstração final de fraqueza fora demasiada. Alguns dos nobres Tekiel foram assassinados antes de partirem; o resto fora encontrado nas ruínas calcinadas de seus barcos, no canal, aparentemente atacado por bandidos. Vin, no entanto, não conhecia nenhum grupo de ladrões que se atrevesse a matar tantos nobres.

Kelsier ainda não tinha conseguido descobrir que casa estava por trás dos assassinatos, mas a nobreza de Luthadel não parecia se importar muito com quem era o culpado. A Casa Tekiel se permitira enfraquecer, e nada era mais embaraçoso para a aristocracia do que uma Grande Casa que não podia se manter. Kelsier estava certo: embora grupos educados se encontrassem nos bailes, a nobreza estava mais do que disposta a apunhalar uns aos outros bem no peito se isso a beneficiasse.

Como as gangues de ladrões, ela pensou. *A nobreza realmente não é tão diferente das pessoas com quem cresci.*

A atmosfera só estava ficando mais perigosa com suas sutilezas educadas. Sob essa fachada havia tramas, assassinatos e – mais importante – nascidos das brumas. Não era por acaso que todos os bailes a que comparecera recentemente mostravam grande número de guardas, tanto com armadura quanto sem. As festas, agora, tinham o propósito adicional de advertir e medir forças.

Elend está a salvo, disse para si mesma. *Apesar do que ele pensa de sua família, eles fizeram um bom trabalho mantendo sua posição na hierarquia de Luthadel. Ele é o herdeiro – eles o protegerão dos assassinos.*

Desejava que essas afirmações soassem um pouco mais convincentes. Sabia que Shan Elariel estava planejando alguma coisa. A Casa Venture podia estar em segurança, mas Elend era um pouco... distraído algumas vezes. Se Shan fizesse algo contra ele pessoalmente, poderia ou não ser um golpe importante contra a Casa Venture – mas certamente seria contra Vin.

– Lady Valette Renoux – uma voz disse. – Acredito que esteja atrasada.

Vin se virou para ver Elend descansando em um nicho da parede à sua esquerda. Ela sorriu, olhando o relógio de relance, notando que, de fato, havia passado alguns minutos da hora que prometera se encontrar com ele.

– Devo ter me contagiado com os maus hábitos de alguns dos meus amigos – ela disse, entrando no nicho.

– Agora, veja, eu não disse que era uma coisa *ruim*. – Elend falou, sorrindo. – Ora, eu diria até que é um dever da dama atrasar-se um pouco. Faz bem a um cavalheiro ser forçado a esperar pelos caprichos de uma mulher... ao menos era

isso que minha mãe sempre costumava dizer.

– Pelo visto ela era uma mulher sábia – Vin comentou. O nicho era largo o suficiente para que apenas duas pessoas ficassem paradas lado a lado. Ela estava de frente para ele, com o balcão à esquerda e um maravilhoso vitral cor de lavanda à direita. Os pés deles quase se tocavam.

– Ah, não sei nada disso – Elend disse. – Afinal, ela se casou com meu pai.

– Unindo-se, desta forma, à casa mais poderosa do Império Final. Não há nada muito melhor do que isso... embora, suponho que ela pudesse ter tentado se casar com o Senhor Soberano. Pelo que soube, no entanto, ele não estava em busca de uma esposa.

– Pena – Elend comentou. – Talvez parecesse um pouco menos deprimido se tivesse uma mulher em sua vida.

– Acho que isso depende da mulher – Vin olhou de relance para o lado, quando um pequeno grupo de cortesãos passou por eles. – Creio que este não seja exatamente um local privado. As pessoas estão nos lançando olhares estranhos.

– Foi você quem entrou aqui comigo – Elend apontou.

– Sim, bem, não estava pensando na fofoca que poderíamos começar.

– Que fofoquem – Elend disse, endireitando o corpo.

– Por que isso deixará seu pai zangado?

Elend negou com a cabeça.

– Não me importo mais com isso, Valette. – Deu um passo adiante, ficando ainda mais perto dela. Vin pôde sentir sua respiração. Ele ficou parado ali por um instante, antes de falar. – Acho que vou beijá-la.

Vin estremeceu de leve.

– Não acho que queira fazer isso, Elend.

– Por quê?

– Quanto realmente me conhece?

– Não tanto quanto gostaria – ele confessou.

– Não tanto quanto devia, tampouco – Vin disse, olhando nos olhos dele.

– Então me conte – ele disse.

– Não posso. Não agora.

Elend ficou parado por um momento, então assentiu levemente e se afastou. Saiu para o corredor do balcão.

– Então, vamos dar um passeio?

– Sim – Vin concordou, aliviada e um pouco desapontada, também.

– É o melhor – Elend disse. – Esse nicho tem uma luz *completamente*

horrível para ler.

– Não ouse – Vin ameaçou, olhando o livro em seu bolso enquanto se juntava a ele no corredor. – Leia quando estiver com outra pessoa, não comigo.

– Mas foi como nosso relacionamento começou!

– E é como poderia terminar também – Vin disse, tomando o braço dele.

Elend sorriu. Não eram o único casal andando pelo balcão, lá embaixo, outros pares rodopiavam lentamente ao som da música suave.

Tudo parece tão pacífico. E ainda assim, há poucos dias, muitas dessas pessoas estavam paradas, assistindo tranquilamente a mulheres e crianças serem decapitadas.

Sentiu o braço de Elend, o calor dele ao seu lado. Kelsier dizia que sorria tanto porque sentia necessidade de pegar toda alegria que pudesse do mundo – para saborear os momentos de felicidade que pareciam tão raros no Império Final. Passeando ao lado de Elend, Vin pensou que começava a entender como Kelsier se sentia.

– Valette... – Elend disse lentamente.

– O quê?

– Quero que deixe Luthadel – ele falou.

– *O quê*?

Ele se deteve, virando-se para olhar para ela.

– Tenho pensado muito nisso. Pode não perceber, mas a cidade está ficando perigosa. Muito perigosa.

– Eu sei.

– Então sabe que uma casa pequena, sem aliados, não tem lugar no Domínio Central neste momento – Elend disse. – Seu tio foi corajoso ao vir para cá tentar se estabelecer, mas escolheu o momento errado. Eu... eu acho que as coisas vão ficar fora de controle muito em breve. Quando isso acontecer, não posso garantir sua segurança.

– Meu tio sabe o que está fazendo, Elend.

– Isso é *diferente*, Valette – Elend assegurou. – Casas inteiras estão caindo. A família Tekiel não foi massacrada por bandidos... isso foi trabalho da Casa Hasting. Aquelas não serão as últimas mortes que veremos antes que isso passe.

Vin se deteve, pensando novamente em Shan.

– Mas... você está em segurança, certo? A Casa Venture... não é como as outras. É estável.

Elend negou com a cabeça.

– Somos ainda mais vulneráveis que o resto, Valette.

– Mas a fortuna de vocês é grande – Vin falou. – Não dependem de contratos.

– Eles podem não ser visíveis – Elend disse em voz baixa –, mas estão lá, Valette. Somos bons atores, e os outros presumem que temos mais do que temos. Contudo, com os impostos que o Senhor Soberano cobra das casas... bem, a única razão pela qual mantemos tanto poder na cidade é através de rendas. Rendas secretas.

Vin franziu o cenho, e Elend se aproximou mais, falando quase em um sussurro.

– Minha família minera o atium do Senhor Soberano, Valette – ele disse. – É daí que vem nossa riqueza. De certo modo, nossa estabilidade depende quase por completo dos caprichos do Senhor Soberano. Ele não gosta de se preocupar em recolher o atium, mas fica *muito* perturbado se o calendário de entregas é interrompido.

Descubra mais!, o instinto lhe disse. *Esse é o segredo; é disso que Kelsier precisa*.

– Ah, Elend – Vin sussurrou. – Não devia me contar isso.

– Por que não? – ele perguntou. – Confio em você. Olhe, precisa entender quão perigosas as coisas são. O suprimento de atium tem tido alguns problemas ultimamente. Desde que... bem, alguma coisa aconteceu há alguns anos. Desde essa época, as coisas têm estado diferentes. Meu pai não pode satisfazer as cotas do Senhor Soberano, e, da última vez, isso aconteceu...

– O quê?

– Bem – Elend disse, parecendo preocupado. – Vamos dizer que as coisas podem ficar muito feias para os Venture em pouco tempo. O Senhor Soberano depende daquele atium, Valette... é uma de suas principais formas de controle sobre a nobreza. Uma casa sem atium é uma casa que não pode se defender dos nascidos das brumas. Ao manter uma grande reserva, o Senhor Soberano controla o mercado, tornando-se extremamente rico. Ele financia seus exércitos tornando o atium escasso e, então, vendendo pequenas porções a preços exorbitantes. Se soubesse mais sobre a economia da alomancia, provavelmente isso faria muito mais sentido para você.

Ah, acredite em mim. Entendo mais do que imagina. E agora sei muito mais do que deveria.

Elend parou, sorrindo agradavelmente quando um obrigador que caminhava pelo balcão passou por eles. O obrigador os observou enquanto passava, com

olhos pensativos dentro da teia de tatuagens.

Elend se voltou para ela assim que o obrigador se foi.

– Quero que parta – repetiu. – As pessoas sabem que dediquei atenção a você. Com sorte, vão presumir que é só para aborrecer meu pai, mas ainda podem tentar usá-la. As Grandes Casas não terão nenhum escrúpulo em esmagar toda sua família só para chegar a mim e ao meu pai. Você tem que ir.

– Eu... pensarei nisso – Vin prometeu.

– Não há muito tempo para pensar – Elend advertiu. – Quero que parta antes que se envolva demais com o que está acontecendo nesta cidade.

Já estou envolvida, muito mais do que pensa.

– Disse que pensarei nisso – ela falou. – Olhe, Elend, acho que deveria estar mais preocupado consigo mesmo. Acho que Shan Elariel vai tentar algo para atingi-lo.

– Shan? – Elend disse, divertido. – Ela é inofensiva.

– Não acho que seja, Elend. Você precisa ser mais cuidadoso.

Ele gargalhou.

– Olhe para nós... cada um tentando convencer o outro do quão terrível é a situação, e cada um teimosamente se negando a ouvir o outro.

Vin se deteve, então sorriu.

Elend suspirou.

– Não vai me ouvir, não é? Há algo que eu possa fazer para que parta?

– Neste momento, não – Vin disse em voz baixa. – Veja, Elend, não podemos simplesmente desfrutar o tempo que temos juntos? Se as coisas continuarem como estão, podemos não ter muitas outras oportunidades como essa por um tempo.

Ele hesitou, mas finalmente assentiu. Ela podia ver que ele ainda estava preocupado, mas voltaram a passear, e ele deixou que ela gentilmente tomasse seu braço de novo enquanto caminhavam. Andaram por um tempo, em silêncio, até que algo chamou a atenção de Vin. Ela tirou a mão do braço dele, e segurou sua mão.

Elend olhou para ela, franzindo o cenho, confuso, enquanto Vin batia com o dedo no anel que ele usava.

– É metal de verdade – ela disse, um pouco surpresa, apesar do que lhe haviam dito.

Elend assentiu.

– Ouro puro.

– Não se preocupa com...

– Alomânticos? – Elend perguntou. Deu de ombros. – Não sei... não são o tipo de coisa com a qual alguma vez tive que lidar. Não usam metal nas plantações?

Vin negou com a cabeça, apontando uma das presilhas em seu cabelo.

– Madeira pintada – ela disse.

Elend assentiu.

– Provavelmente é uma atitude sábia – disse. – Mas, bem, quanto mais permanecer em Luthadel, mais vai perceber que pouco do que fazemos aqui é em nome da sabedoria. O Senhor Soberano usa anéis de metal; portanto, a nobreza também o faz. Alguns filósofos acham que é tudo parte do plano Dele. O Senhor Soberano usa metal porque sabe que a nobreza o imitará, dando, assim, poder aos Inquisidores sobre ela.

– Você concorda? – Vin perguntou, tomando o braço dele mais uma vez enquanto caminhavam. – Com os filósofos, quero dizer.

Elend negou com a cabeça.

– Não – disse, com um tom de voz muito baixo. – O Senhor Soberano... ele é apenas arrogante. Tenho lido sobre guerreiros que, há muito tempo, marchavam para as batalhas sem armaduras, supostamente para provar quão bravos e fortes eram. É como ele faz, creio... embora reconhecidamente em um nível muito mais sutil. Ele usa metal para alardear seu poder, para mostrar o quão destemido, e não sujeito a ameaças, ele é em relação a qualquer coisa que possamos fazer.

Bem, Vin pensou, *ele está disposto a chamar o Senhor Soberano de arrogante. Talvez consiga que admita um pouco mais...*

Elend parou, olhando para o relógio.

– Temo que não tenha mais tempo esta noite, Valette.

– Tudo bem – Vin disse. – Precisa se encontrar com seus amigos. – Olhou para ele, tentando medir sua reação.

Ele não pareceu muito surpreso. Apenas ergueu uma sobrancelha.

– De fato, preciso. Você é muito observadora.

– Não é preciso ser muito observadora – Vin comentou. – Todas as vezes que estivemos nas fortalezas Hasting, Venture, Lekal ou Elariel, você saiu com as mesmas pessoas.

– Meus amigos de bebida – Elend disse com um sorriso. – Um grupo improvável no clima político de hoje, mas que ajuda a irritar meu pai.

– O que fazem nesses encontros? – Vin perguntou.

– Discutimos filosofia, em geral – Elend disse. – Somos um grupo de

janotas... o que não é surpreendente, suponho, se conhecer alguns de nós. Falamos sobre o governo, sobre política... sobre o Senhor Soberano.

– O que falam sobre ele?

– Bem, não gostamos de algumas coisas que ele tem feito com o Império Final.

– Então você *quer* derrubá-lo! – Vin disse.

Elend lhe lançou um olhar estranho.

– Derrubá-lo? O que lhe deu essa ideia, Valette? Ele é o Senhor Soberano... é deus. Não podemos fazer nada a despeito do fato de ele estar no comando. – Afastou o olhar enquanto continuavam a andar. – Não, meus amigos e eu, nós só... desejamos que o Império Final seja um pouco diferente. Não podemos mudar as coisas agora, mas talvez algum dia... presumindo que sobrevivamos ao próximo ano ou mais... estejamos em posição de influenciar o Senhor Soberano.

– A fazer o quê?

– Bem, aquelas execuções há alguns dias, por exemplo – Elend disse. – Não vejo nada de bom nisso. Os skaa se rebelaram. Em represália, o Ministério executou algumas centenas de pessoas aleatórias. O que isso está fazendo além de deixar a população ainda *mais* zangada? Então, da próxima vez, a rebelião será maior. Isso significa que o Senhor Soberano vai ordenar que ainda mais pessoas sejam decapitadas? Quanto tempo isso pode continuar até que não sobre nenhum skaa?

Vin caminhou, pensativa.

– E o que faria, Elend Venture? – ela finalmente disse. – Se estivesse no comando.

– Não sei – Elend confessou. – Tenho lido muitos livros... alguns que não devia ler... e não encontrei nenhuma resposta fácil. Tenho certeza, no entanto, de que decapitar o povo não resolverá nada. O Senhor Soberano está por aí há muito tempo... era de se esperar que tivesse encontrado uma maneira melhor. Mas, de todo modo, teremos que continuar isso depois... – Ele diminuiu o passo, voltando-se para olhar para ela.

– Já é hora? – Vin perguntou.

Elend assentiu.

– Prometi que me encontraria com eles, e eles meio que esperam por mim. Talvez possa dizer que chegarei atrasado...

Vin negou com a cabeça.

– Vá beber com seus amigos. Ficarei bem... tenho mais algumas pessoas com

quem preciso conversar, de qualquer modo. – Precisava voltar ao trabalho; Brisa e Dockson haviam passado horas planejando e preparando as mentiras que ela supostamente ia espalhar, e estariam esperando pelo seu relato na loja de Trevo depois da festa.

Elend sorriu.

– Talvez eu não devesse me preocupar tanto. Quem sabe... considerando todas as suas manobras políticas, talvez a Casa Renoux logo seja um poder na cidade, e eu não serei mais do que um pobre mendigo.

Vin sorriu e ele fez uma mesura – lançando uma piscadela para ela – e se dirigiu para as escadas. Vin caminhou lentamente até a grade do balcão, olhando para baixo, para as pessoas que dançavam e jantavam.

Então ele não é um revolucionário, ela pensou. *Kelsier estava certo novamente. Eu me pergunto se ele não se cansa disso*.

Mesmo assim, não podia se sentir muito desapontada com Elend. Nem todo mundo era tão insano de pensar em derrubar seu deus-imperador. O simples fato de Elend estar disposto a pensar por si mesmo o separava dos demais; era um bom homem, um que merecia uma mulher que fosse digna de sua confiança.

Infelizmente, tinha Vin.

Então a Casa Venture minera secretamente o atium do Senhor Soberano, ela pensou. *Eles devem ser os administradores das Minas de Hathsin*.

Era uma posição assustadoramente precária para uma casa estar – as finanças dependerem exclusivamente de agradar ao Senhor Soberano. Elend achava que estava sendo cuidadoso, mas Vin estava preocupada. Ele não estava levando Shan Elariel a sério – disso Vin tinha certeza. Deu meia-volta e desceu até o andar principal.

Encontrou a mesa de Shan com facilidade; a mulher sempre se sentava com um grande grupo de nobres assistentes, presidindo como um lorde que conduz sua plantação. Vin se deteve. Nunca abordara Shan diretamente. Alguém, no entanto, precisava proteger Elend; ele era obviamente tolo demais para fazer isso por conta própria.

Vin avançou. O terrisano de Shan estudou-a enquanto ela se aproximava. Era tão diferente de Sazed – não tinha o mesmo... espírito. Este homem mantinha uma expressão neutra, como uma criatura entalhada em pedra. Algumas damas lançaram olhares desaprovadores para Vin, mas a maioria delas – Shan incluída – a ignorou.

Vin ficou parada desajeitadamente ao lado da mesa, esperando por uma

pausa na conversa. Não houve nenhuma. Finalmente, deu alguns passos para se aproximar de Shan.

– Lady Shan? – perguntou.

Shan se virou com olhar gélido.

– Não pedi para chamá-la, campesina.

– Sim, mas encontrei alguns livros como você...

– Não preciso mais dos seus serviços – Shan disse, virando-se. – Posso lidar com Elend Venture sozinha. Agora, seja uma boa menina e pare de me incomodar.

Vin ficou parada, atônita.

– Mas, seu plano...

– Eu *disse* que você não é *mais necessária*. Acha que fui dura com você antes, garota? Aquele foi meu lado bom. Tente me aborrecer agora.

Vin murchou instintivamente diante do olhar depreciativo da mulher. Ela parecia... desgostosa. Zangada, até. Com ciúmes?

Ela deve ter descoberto, Vin pensou. *Ela finalmente percebeu que não estou simplesmente jogando com Elend. Sabe que me importo com ele, e não confia em mim para manter seus segredos*.

Vin se afastou da mesa. Aparentemente teria que usar outros métodos para descobrir os planos de Shan.

A despeito do que dizia com frequência, Elend Venture não se considerava um homem rude. Era mais um... filósofo verbal. Gostava de testar e revirar uma conversa para ver como as pessoas reagiam. Assim como os grandes pensadores da antiguidade, forçava limites e experimentava métodos pouco convencionais.

É claro, ele pensou, segurando sua taça de brandy diante dos olhos e inspecionando-a, *a maioria desses filósofos foi executada por traição depois de um tempo*. Não eram exatamente os modelos mais exitosos.

A conversa política daquela noite com seu grupo havia acabado, e ele se retirara com vários amigos para o salão de cavalheiros da Fortaleza Lekal, uma pequena câmara adjacente ao salão de baile. Era mobiliada com móveis em tons de verde-escuro, e as poltronas eram confortáveis; teria sido um belo lugar para ler, se estivesse de melhor humor. Jastes estava sentado diante dele, fumando alegremente seu cachimbo. Era bom ver o jovem Lekal parecer tão calmo. As últimas semanas tinham sido difíceis para ele.

Guerra entre as casas, Elend pensou. *Que momento terrível. Por que agora?*

As coisas estavam indo tão bem...

Telden voltou com a taça cheia alguns momentos depois.

– Sabe – Jastes comentou –, um dos criados teria lhe trazido outra bebida.

– Quis esticar as pernas – Telden disse, acomodando-se em uma terceira poltrona.

– E flertou com não menos do que três mulheres no caminho de volta – Jastes falou. – Eu contei.

Telden sorriu, tomando sua bebida. O homenzarrão nunca "se sentava" simplesmente – ele se largava. Telden podia parecer relaxado e confortável independentemente da situação, seus trajes elegantes e seus cabelos bem cuidados eram invejavelmente atraentes.

Talvez eu devesse prestar mais atenção em coisas como essas, Elend disse para si mesmo. *Valette suporta meu cabelo como é, mas ela gostaria mais se eu cuidasse dele?*

Elend frequentemente pensava em ir a um cabeleireiro ou a um alfaiate, mas outras coisas tendiam a roubar sua atenção. Ficava perdido em seus estudos, ou passava tempo demais lendo, e acabava chegando tarde aos seus compromissos. De novo.

– Elend está quieto esta noite – Telden observou. Embora outros grupos de cavalheiros estivessem sentados na sala pouco iluminada, as poltronas estavam separadas o bastante para permitir conversas privadas.

– Anda muito assim ultimamente – Jastes disse.

– Ah, sim – Telden falou, franzindo o cenho.

Elend os conhecia o bastante para entender a dica.

– Agora, vejam, por que as pessoas têm que ser assim? Se têm algo para me dizer, por que simplesmente não dizem?

– Política, meu amigo – Jastes comentou. – Somos, se não notou, nobres.

Elend revirou os olhos.

– Tudo bem, eu direi – Jastes replicou, passando a mão pelos cabelos, um hábito nervoso que, Elend tinha certeza, contribuía de algum modo para a calvície crescente do jovem amigo. – Tem passado muito tempo com a garota Renoux, Elend.

– Há uma explicação simples para isso – Elend disse. – Veja, acontece que gosto dela.

– Isso não é bom, Elend – Telden comentou, balançando a cabeça. – Não é bom.

– Por quê? – Elend perguntou. – Parece bastante feliz em ignorar as

diferenças de classe, Telden. Tenho visto você flertar com metade das criadas da sala.

– Não sou herdeiro da minha casa – Telden falou.

– E – Jastes acrescentou – essas garotas são de confiança. Minha família as contratou; conhecemos suas casas, seus passados e suas alianças.

Elend franziu o cenho.

– O que quer dizer?

– Há algo de estranho nessa garota, Elend – Jastes falou. Seu nervosismo habitual estava de volta, o cachimbo esquecido na mesa.

Telden assentiu.

– Ela se aproximou de você com muita rapidez, Elend. Ela quer alguma coisa.

– Como o quê? – Elend perguntou, ficando cada vez mais aborrecido.

– Elend, Elend – Jastes falou –, não pode simplesmente evitar o jogo dizendo que não quer jogar. Ele o encontrará. Renoux se mudou para a cidade assim que as tensões entre as casas começaram a aumentar, e trouxe consigo uma parente desconhecida... uma garota que imediatamente começou a cortejar o mais importante e disponível rapaz de Luthadel. Não parece estranho para você?

– Na verdade – Elend observou –, eu me aproximei dela primeiro... ainda que só porque ela tinha roubado meu lugar de leitura.

– Mas tem que admitir que é suspeito o quão rapidamente ela se ligou a você – Telden falou. – Se vai se envolver com namoricos, Elend, precisa entender uma coisa: pode brincar com as mulheres se quiser, mas não se deixe aproximar demais delas. É aí que os problemas começam.

Elend negou com a cabeça.

– Valette é diferente.

Os outros dois trocaram olhares, então Telden deu de ombros, voltando-se para sua bebida. Jastes, no entanto, suspirou, se levantou e se espreguiçou.

– Bem, preciso ir para o salão.

– Mais uma bebida? – Telden sugeriu.

Jastes negou com a cabeça, passando a mão pelo cabelo.

– Sabe como meus pais são nas noites de baile... se não me despeço de pelo menos *alguns* dos convidados, serei atormentado por isso durante semanas.

O jovem lhes desejou boa noite, dirigindo-se para o salão de bailes. Telden tomou sua bebida, olhando para Elend.

– Não estou pensando nela – Elend disse com irritação.

– No que, então?

– Na reunião dessa noite – Elend falou. – Não tenho certeza se gostei de como foi.

– Bah – o homenzarrão disse com um aceno de mão. – Está pior do que Jastes. O que aconteceu com o homem que participava dessas reuniões só para relaxar e passar o tempo com os amigos?

– Ele está preocupado – Elend comentou. – Alguns de seus amigos podem acabar na liderança de suas casas mais cedo do que esperam, e está preocupado que nenhum deles esteja preparado.

Telden fez uma careta.

– Não seja tão melodramático – disse, sorrindo e piscando para a criada que viera tirar as taças vazias. – Tenho a impressão de que tudo isso não vai dar em nada. Em alguns meses, vamos olhar para trás e nos perguntar por que tanto alvoroço.

Kale Tekiel não olhará para trás, Elend pensou.

A conversa foi minguando, no entanto, e depois de um tempo Telden se despediu. Elend ficou sentado por um longo tempo, abrindo *Os ditados da sociedade* para ler um pouco, mas teve dificuldade para se concentrar. Virou a taça de brandy entre os dedos, mas não bebeu muito.

Eu me pergunto se Valette já foi... Tentou encontrá-la depois que a reunião acabou, mas aparentemente ela estava em uma reunião privada.

Essa garota, pensou preguiçosamente, *é interessada demais em política para seu próprio bem*. Talvez estivesse apenas com ciúmes – em poucos meses na corte, ela já parecia mais competente do que ele. Era tão destemida, tão ousada, tão... interessante. Não se encaixava em nenhum dos estereótipos da corte que ele fora ensinado a esperar.

Jastes poderia estar certo?, perguntou-se. *Ela certamente é diferente de qualquer outra mulher, e deu a entender que há coisas sobre ela que não sei.*

Elend tirou essa ideia da cabeça. Valette era diferente, é verdade – mas também era inocente, de certo modo. Ansiosa, cheia de assombro e coragem.

Preocupava-se com ela; obviamente ela não sabia o quão perigosa Luthadel podia ser. Havia muito mais na política da cidade do que simples festas e pequenas intrigas. O que aconteceria se alguém decidisse enviar um Nascido das Brumas para lidar com ela e seu tio? Renoux tinha poucos contatos, e nenhum dos membros da corte pensaria duas vezes a respeito de alguns assassinatos em Fellise. O tio de Valette saberia tomar as devidas precauções? Ele se preocupava com alomânticos?

Elend suspirou. Tinha que ter certeza de que Valette deixaria a área. Era a única opção.

Quando a carruagem chegou à Fortaleza Venture, Elend havia percebido que bebera demais. Partiu para seus aposentos, ansioso por sua cama e travesseiro.

O corredor que levava ao seu quarto, no entanto, passava pelo estúdio de seu pai. A porta estava aberta, e a luz ainda estava acesa, apesar da hora avançada. Elend tentou caminhar sobre o carpete sem fazer ruído, mas nunca fora realmente muito dissimulado.

– Elend? – a voz de seu pai o chamou do estúdio. – Venha aqui.

Elend suspirou baixinho. Lorde Straff Venture não perdia muita coisa. Era um olho de estanho – seus sentidos eram tão agudos que, provavelmente, ouvira a carruagem de Elend se aproximar lá fora. *Se não lidar com ele agora, ele simplesmente vai mandar os criados me infernizarem até que eu venha falar com ele...*

Elend deu meia-volta e entrou no estúdio. Seu pai estava sentado em sua cadeira, falando em voz baixa com TenSoon – o Kandra de Venture. Elend ainda não estava acostumado com o corpo mais recente da criatura, que pertencera a um criado da mansão Hasting. Elend estremeceu quando a criatura o notou, fez uma mesura e se retirou do aposento em silêncio.

Elend se apoiou no batente da porta. A cadeira de Straff estava diante de várias estantes de livros – nenhum dos quais, Elend tinha certeza, o pai jamais lera. A sala era iluminada por duas lamparinas, quase totalmente fechadas, deixando escapar apenas um resquício de luz.

– Esteve no baile esta noite – Straff falou. – O que descobriu?

Elend esfregou a testa.

– Que tenho tendência a beber muito brandy.

Straff não achou graça no comentário. Ele era o perfeito nobre imperial – era alto, tinha ombros firmes, e estava sempre vestido com colete e paletó de alfaiataria.

– Encontrou aquela... mulher novamente? – perguntou.

– Valette? Hummm, sim. Não tanto tempo quanto eu gostaria, no entanto.

– Eu o proibi de passar seu tempo com ela.

– Sim – Elend disse. – Eu me lembro.

A expressão de Straff escureceu. Levantou-se e rodeou a mesa.

– Ah, Elend – disse. – Quando vai superar esse seu temperamento infantil? Acha que não percebo que age tolamente só para me irritar?

– Na verdade, superei meu “temperamento infantil” há algum tempo, pai: simplesmente parece que minhas inclinações naturais o incomodam ainda mais. Gostaria de ter sabido disso antes; eu poderia ter poupado muito esforço quando eu era mais jovem.

Seu pai bufou, então pegou uma carta.

– Ditei isso para Staxles há pouco. É o aceite para um convite de almoço com Lorde Tegas amanhã. Se uma guerra entre as casas *vier*, quero ter certeza de que estamos em posição de destruir os Hasting o mais rápido possível, e Tegas pode ser um forte aliado. Ele tem uma filha. Eu gostaria que você almoçasse com ela.

– Pensarei nisso – Elend disse, dando um tapinha na cabeça. – Não tenho certeza do estado em que estarei amanhã de manhã. Muito brandy, lembra?

– Você estará lá, Elend. Isso não é um pedido.

Elend se deteve. Uma parte dele queria responder ao pai, enfrentá-lo – não porque importasse onde ia almoçar, mas por causa de algo maior.

Hasting é a segunda casa mais poderosa da cidade. Se fizermos uma aliança com eles, juntos podemos impedir que Luthadel caia no caos. Podemos deter a guerra entre as casas, não inflamá-la.

Era o que os livros haviam feito com ele – transformaram-no de um janota rebelde em um aprendiz de filósofo. Infelizmente, havia sido um tolo por muito tempo. Seria possível que Straff não tivesse percebido a mudança em seu filho? O próprio Elend estava apenas começando a perceber isso.

Straff continuou a encará-lo, e Elend afastou o olhar.

– Vou pensar sobre isso – disse.

Straff acenou com a mão desdenhosamente, e deu meia-volta.

Tentando salvar o que sobrara de seu orgulho, Elend prosseguiu.

– Provavelmente não terá que se preocupar com os Hasting... parece que estão fazendo preparativos para deixar a cidade.

– *O quê*? – Straff perguntou. – Onde ouviu isso.

– No baile – respondeu, despreocupadamente.

– Pensei que tivesse dito que não descobrira nada de importante.

– Agora, veja, nunca disse nada do tipo. Só não tinha vontade de compartilhar isso com você.

Lorde Venture franziu o cenho.

– Não sei por que ainda me importo... qualquer coisa que descobrir tende a ser inútil. Tentei treiná-lo na política, garoto. Realmente tentei. Mas, agora... bem, espero viver para vê-lo morto, porque esta casa vai passar por momentos

difíceis se você assumir o controle.

– Sei mais do que pensa, pai.

Straff deu uma gargalhada, voltando-se para sua cadeira.

– Duvido, garoto. Ora, não consegue nem mesmo levar uma mulher para a cama... da última e única vez que sei que tentou, *eu* mesmo tive que levá-lo a um bordel.

Elend ruborizou. *Cuidado*, disse a si mesmo. *Ele está fazendo isso de propósito. Sabe o quanto isso o incomoda*.

– Vá para a cama, garoto – Straff disse com um aceno de mão. – Está com um aspecto terrível.

Elend ficou parado por um instante, e finalmente seguiu para o corredor, suspirando baixinho consigo mesmo.

Essa é a diferença entre você e eles, Elend, ele pensou. *Esses filósofos que você lê – eram revolucionários. Estavam dispostos a se arriscarem, a serem executados. Você sequer consegue enfrentar seu pai*.

Caminhou cansado até seus aposentos – onde, estranhamente, encontrou um criado esperando por ele.

Elend franziu o cenho.

– Sim?

– Lorde Elend, tem uma visita – o homem disse.

– A essa hora?

– É Lorde Jastes Lekal, meu senhor.

Elend inclinou a cabeça levemente. *O que, em nome do Senhor Soberano...?*

– Ele está esperando na sala de estar, presumo?

– Sim, meu senhor – o criado disse.

Elend deu meia-volta, pesaroso, percorrendo novamente o corredor. Encontrou Jastes esperando impacientemente.

– Jastes? – Elend perguntou, cansado, enquanto entrava na sala. – Espero que tenha algo *muito* importante para me dizer.

Jastes se agitou desconfortavelmente por um instante, parecendo ainda mais nervoso do que o normal.

– O quê? – Elend exigiu saber, perdendo a paciência.

– É sobre a garota.

– Valette? – Elend perguntou. – Veio aqui para falar sobre Valette? *Agora*?

– Devia confiar mais em seus amigos – Jastes comentou.

Elend bufou.

– Confiar no conhecimento de *vocês* sobre mulheres? Sem ofensa, Jastes,

mas acho que não.

– Eu a segui, Elend – Jastes deixou escapar.

Elend se deteve.

– O quê?

– Mandei seguirem a carruagem dela. Ou, pelo menos, mandei que alguém vigiasse nos portões da cidade. Ela não estava na carruagem quando o veículo deixou a cidade.

– O que quer dizer? – Elend perguntou, franzindo o cenho profundamente.

– Ela não estava *na carruagem*, Elend – Jastes repetiu. – Embora o terrisano dela tenha apresentado os documentos para os guardas, meu homem se esgueirou e espiou pela janela da carruagem, e não havia ninguém lá dentro. A carruagem deve tê-la deixado em algum lugar da cidade. Ela é uma espiã de uma das outras casas... está tentando atingir o seu pai através de você. Criaram a mulher perfeita para atraí-lo... cabelos escuros, um pouco misteriosa e fora da estrutura política regular. Fizeram com que fosse de nascimento baixo o bastante para ser um escândalo você se interessar por ela, e a mandaram se aproximar de você.

– Jastes, isso é ridícu...

– Elend – Jastes interrompeu. – Diga-me mais uma vez: como você a encontrou pela primeira vez?

Elend se deteve.

– Ela estava no balcão.

– No seu lugar de leitura – Jastes disse. – Todo mundo sabe que é onde você vai normalmente. Coincidência?

Elend fechou os olhos. *Não Valette*. *Ela* não pode *ser parte de tudo isso.* Mas, imediatamente, outra coisa lhe ocorreu. *Contei para ela sobre o atium! Como pude ser tão estúpido?*

Não podia ser verdade. Não podia acreditar que se deixara enganar tão facilmente. Mas... ele poderia se arriscar? Era um filho ruim, é verdade, mas não era um traidor de sua casa. Não queria ver os Venture caírem; queria liderar a casa algum dia, então talvez fosse capaz de mudar as coisas.

Desejou boa-noite para Jastes, então voltou para seus aposentos com passo distraído. Sentia-se cansado demais para pensar sobre a política das casas. No entanto, quando finalmente se deitou na cama, descobriu que não conseguiria dormir.

Depois de um tempo, levantou-se e chamou um criado.

– Diga a meu pai que farei uma troca – Elend explicou para o homem. – Irei

ao almoço amanhã, como ele quer. – Elend se deteve, de pé à porta do dormitório, com seu robe. – Em troca – finalmente disse –, diga a ele que quero que me empreste dois espiões que possam seguir alguém para mim.

Todos os outros pensam que eu deveria ter executado Kwaan por ter me traído. Para dizer a verdade, provavelmente o mataria agora mesmo se soubesse onde ele se metera. Naquele momento, no entanto, simplesmente não pude.

O homem se tornara uma espécie de pai para mim. Até hoje, não sei por que ele decidiu repentinamente que eu não era o Herói. Por que se voltou contra mim, denunciando-me para todo o Conclave dos Portadores do Mundo?

Preferiria ele que as Profundezas vencessem? Ainda que eu não seja o escolhido – como Kwaan afirma agora –, minha presença no Poço da Ascensão certamente não poderia ser pior do que o que aconteceria se as Profundezas continuassem a destruir o mundo.

29

Está quase no fim, Vin leu.

Podemos ver a caverna do nosso acampamento. Levará algumas poucas horas mais de caminhada para alcançá-la, mas sei que é o lugar certo. Posso sentir de algum modo, vindo de lá de cima... pulsando, em minha mente.

Está tão frio. Juro que as próprias rochas são feitas de gelo, e a neve é tão funda em alguns lugares que temos que cavar para abrir caminho. O vento sopra o tempo todo. Temo por Fedik – ele não é o mesmo desde que a criatura feita de brumas o atacou, e me preocupa que caia de um precipício ou escorregue em uma das muitas gretas de gelo no chão.

Os terrisanos, porém, são uma maravilha. É uma sorte que os tenhamos trazido, pois nenhum carregador comum teria sobrevivido à viagem. Os terrisanos não parecem se incomodar com o frio – algo em seu estranho metabolismo lhes dá a habilidade sobrenatural de resistir aos elementos. Será que "guardaram" calor de seus corpos para usar mais tarde?

Não falamos sobre os poderes deles, no entanto – e tenho certeza de que Rashek é o culpado. Os outros carregadores olham para ele como para um líder, embora eu não ache que ele tenha completo controle sobre eles. Antes de

ser apunhalado, Fedik temia que os terrisanos nos abandonassem aqui no gelo. Mas não acho que isso acontecerá. Estou aqui pela providência das profecias de Terris – esses homens não desobedecerão sua própria religião simplesmente porque um entre eles não gosta de mim.

Finalmente confrontei Rashek. Ele não quis falar comigo, é claro, mas eu o forcei. Depois que desatou, ele falou largamente sobre seu ódio por Khlennium e meu povo. Crê que convertemos o povo dele em pouco mais do que escravos. Acha que os terrisanos merecem mais – diz repetidamente que seu povo devia ser "dominante", por causa de seus poderes sobrenaturais.

Temo suas palavras, pois vejo alguma verdade nelas. Ontem, um dos carregadores ergueu um pedregulho enorme e o atirou para longe do nosso caminho como se não fosse nada. Nunca tinha visto uma façanha de força como essa em toda minha vida.

Esses terrisanos podem ser muito perigosos, creio. Talvez os tenhamos tratado injustamente. Contudo, homens como Rashek precisam ser contidos – ele crê irracionalmente que todos os povos fora de Terris os têm oprimido. É um homem muito jovem para sentir tanto ódio.

Está tão frio. Quando isso acabar, acho que eu gostaria de viver em um lugar onde é quente o ano todo. Braches me falou de lugares assim, ilhas ao sul, onde as grandes montanhas criam fogo.

Como será, quando tudo isso acabar? Serei apenas um homem comum novamente. Um homem sem importância. Parece bom – mais desejável, inclusive, que um sol quente e um céu sem vento. Estou tão cansado de ser o Herói das Eras, cansado de entrar em cidades e encontrar hostilidade armada ou adoração fanática. Estou cansado de ser amado e odiado pelo que um punhado de velhos diz que farei algum dia.

Quero ser esquecido. Obscuridade. Sim, isso seria bom.

Se alguém estiver lendo essas palavras, saiba que o poder é um fardo pesado. Procure se desvencilhar de suas correntes. As profecias de Terris preveem que eu terei o poder de salvar o mundo. Elas sugerem, no entanto, que terei poder para destruí-lo também.

Terei a habilidade de realizar qualquer desejo do meu coração. "Tomará para si mesmo uma autoridade que nenhum mortal deveria ostentar." Os filósofos me advertiram de que se eu servir a mim mesmo com esse poder, meu egoísmo o manchará.

Este é um fardo que algum homem devia carregar? É uma tentação à qual algum homem poderia resistir? Sinto-me forte, agora, mas o que acontecerá

quando eu tocar aquele poder? Salvarei o mundo, certamente – mas quererei tomá-lo também?

Muitos são os meus temores enquanto escrevo com a caneta incrustada de gelo na véspera do renascer do mundo. Rashek me observa. Me odeia. A caverna se encontra diante de mim. Pulsando. Meus dedos tremem. Não de frio.

Amanhã, estará terminado.

Vin virou a página ansiosamente. Mas a página de trás do livreto estava vazia. Voltou atrás, relendo as linhas finais. Onde estava a próxima parte?

Sazed não devia ter terminado ainda. Vin se levantou, suspirando enquanto se espreguiçava. Terminara a última parte do diário de uma sentada, um feito que surpreendia até a ela própria. Os jardins da Mansão Renoux se estendiam diante dela, os caminhos cultivados, as árvores de galhos largos e o córrego tranquilo faziam deste o seu lugar favorito para ler. O sol estava baixo no céu, e estava começando a esfriar.

Dirigiu-se para a mansão. Apesar do frio da tarde, mal podia imaginar um lugar como o que o Senhor Soberano descrevera. Vira neve em picos distantes, mas raramente a sentira cair – e ainda assim era, em geral, apenas lama congelada. Experimentar tanta neve dia após dia, correr o perigo de que ela caísse sobre si em uma grande avalanche esmagadora...

Uma parte dela desejava poder visitar tais lugares, independentemente de quão perigoso fosse. Embora o diário não descrevesse a jornada inteira do Senhor Soberano, algumas das maravilhas que ele incluía – os campos gelados ao norte, o grande lago negro, as cachoeiras de Terris – pareciam surpreendentes.

Se ele desse mais detalhes de como as coisas pareciam!, ela pensou, aborrecida. O Senhor Soberano passava muito tempo se preocupando. Embora, ela tinha que admitir, estivesse começando a sentir um tipo estranho de... familiaridade com ele através de suas palavras. Achava difícil associar a pessoa em sua mente com a criatura sombria que causara tantas mortes. O que ocorrera no Poço da Ascensão? O que o teria mudado tão drasticamente? Tinha que saber.

Chegou à mansão e saiu à procura de Sazed. Tinha voltado a usar vestidos – pareceria estranho se fosse vista usando calças por qualquer outra pessoa que não fosse membro da gangue. Sorriu para o mordomo de Lorde Renoux ao passar, subindo as escadas ansiosamente e dirigindo-se para a biblioteca.

Sazed não estava lá. Sua pequena escrivaninha estava vazia, a lamparina apagada, o tinteiro vazio. Vin franziu o cenho, aborrecida.

Onde quer que esteja, é melhor estar trabalhando na tradução!

Desceu as escadas, perguntando por Sazed, e uma criada indicou a cozinha principal. Vin franziu o cenho, percorrendo o corredor dos fundos. *Fazendo um lanche, talvez?*

Encontrou Sazed sentado entre um pequeno grupo de criados, apontando para uma lista na mesa e falando em voz baixa. Não se deu conta da presença de Vin.

– Sazed? – Vin perguntou, interrompendo-o.

Ele se virou.

– Sim, senhora Valette? – perguntou, inclinando levemente a cabeça.

– O que está fazendo?

– Vendo os estoques de comida de Lorde Renoux, senhora. Embora tenha sido designado para assisti-la, ainda sou mordomo dele, e tenho deveres a cumprir quando não estou ocupado com outra coisa.

– Vai voltar logo à tradução?

Sazed inclinou a cabeça.

– Tradução, senhora? Está terminada.

– Onde está a última parte, então?

– Eu lhe dei – Sazed falou.

– Não, não deu – ela disse. – Esta parte termina na noite anterior à entrada na caverna.

– Este é o fim, senhora. É o mais longe que o diário chega.

– *O quê*? – ela exclamou. – Mas...

Sazed olhou de relance para os outros criados.

– Devíamos falar sobre essas coisas em particular. – ele deu mais algumas instruções, apontando para a lista, então acenou com a cabeça para que Vin se juntasse a ele enquanto saía da cozinha e se dirigia aos jardins laterais.

Vin ficou parada, estupefata, então correu atrás dele.

– Não pode terminar assim, Sazed. Não sabemos o que aconteceu!

– Podemos deduzir, creio – Sazed disse, andando pelos caminhos do jardim. Os jardins ocidentais da mansão não eram tão opulentos quanto os que Vin frequentava, consistindo, em vez disso, de grama marrom suave e um arbusto ocasional.

– Deduzir o quê? – Vin perguntou.

– Bem, o Senhor Soberano deve ter feito o que era necessário para salvar o

mundo, pois ainda estamos aqui.

– Suponho que sim – Vin concordou. – Mas então tomou o poder para si. Deve ter sido o que aconteceu... ele não resistiu à tentação de usar o poder de modo egoísta. Mas, por que não há outro relato? Por que não fala mais de suas realizações?

– Talvez o poder o tenha mudado demais – Sazed disse. – Ou talvez ele simplesmente não tenha mais sentido necessidade de registrar. Alcançara seu objetivo, e se tornara imortal como efeito colateral. Manter um diário para a posteridade se torna um tanto redundante quando se vai viver para sempre, creio.

– É tão... – Vin rangeu os dentes de frustração. – É um final muito pouco satisfatório, Sazed.

Ele sorriu, divertido.

– Tome cuidado, senhora... torne-se muito apreciadora da leitura, e se transformará em uma erudita.

Vin negou com a cabeça.

– Não se todos os livros que eu ler terminarem como este!

– Se serve de consolo – Sazed comentou –, você não é a única que está desapontada com o conteúdo do diário de viagem. Não contém muita coisa que Mestre Kelsier possa usar... certamente não há nada sobre o Décimo Primeiro Metal. Sinto-me de certa forma culpado, já que fui o único que se beneficiou com o livro.

– Mas não há muito sobre a religião de Terris tampouco.

– Não muito – Sazed concordou. – Mas, verdadeira e lamentavelmente, “não muito” é muito mais do que tínhamos antes. Só estou preocupado em não ter a oportunidade de transmitir esta informação. Mandei uma cópia da tradução para um lugar onde meus irmãos e irmãs Guardadores saberão procurar... seria uma pena se esse novo conhecimento morresse comigo.

– Não vai – Vin disse.

– Ah? Minha senhora repentinamente se tornou uma otimista?

– Meu terrisano repentinamente se tornou um engraçadinho? – Vin replicou.

– Ele sempre foi, creio – Sazed disse, abrindo um leve sorriso. – É uma das coisas que fez dele um pobre mordomo... ao menos aos olhos da maior parte de seus mestres.

– Então eles devem ter sido tolos – Vin disse honestamente.

– Eu estava inclinado a pensar isso, senhora – Sazed respondeu. – Devemos retornar à mansão; não devemos ser vistos nos jardins quando as brumas

chegarem, creio.

– Eu estava prestes a voltar a entrar nelas.

– Muitos nas equipes da propriedade não sabem que é uma Nascida das Brumas, senhora – Sazed disse. – Seria bom manter em segredo, creio.

– Eu sei – Vin disse, dando meia-volta. – Vamos voltar, então.

– Um belo plano.

Andaram por alguns momentos, apreciando a beleza sutil do jardim ocidental. A grama era mantida cuidadosamente aparada, e fora disposta em agradáveis camadas, os arbustos ocasionais acentuavam sua beleza. O jardim da área sul era muito mais espetacular, com o regato, as árvores e as plantas exóticas. Mas o jardim oriental tinha sua própria paz: a serenidade da simplicidade.

– Sazed? – Vin disse em voz baixa.

– Sim, senhora?

– Tudo isso vai mudar, não vai?

– O que quer dizer especificamente?

– Tudo – Vin falou. – Mesmo que não estejamos todos mortos em um ano, os membros da gangue estarão trabalhando em outros projetos. Ham provavelmente voltará para sua família, Dox e Kelsier estarão planejando alguma nova leviandade, Trevo estará alugando sua loja para outra gangue... Mesmo esses jardins nos quais gastamos tanto dinheiro... pertencerão à outra pessoa.

Sazed assentiu.

– O que diz é provável. No entanto, se as coisas derem certo, talvez a rebelião skaa esteja governando Luthadel daqui a um ano.

– Talvez – Vin concordou. – Mesmo assim... as coisas vão mudar.

– É a natureza de tudo na vida, senhora – Sazed disse. – O mundo deve mudar.

– Eu sei – Vin falou, suspirando. – Eu só queria... Bem, eu realmente *gosto* da minha vida agora, Sazed. Gosto de passar o tempo com a gangue, e gosto de treinar com Kelsier. Amo ir aos bailes com Elend nos finais de semana, adoro andar por esses jardins com você. Não quero que essas coisas mudem. Não quero que minha vida volte a ser como era há um ano.

– Não precisa ser assim, senhora – Sazed falou. – Pode mudar para melhor.

– Não vai – Vin disse rapidamente. – Já está começando... Kelsier deu a entender que meu treinamento já está quase terminado. Quando praticar no futuro, farei isso sozinha. Quanto a Elend, ele nem mesmo sabe que sou skaa...

e é minha tarefa destruir a família dele. Mesmo que a Casa Venture não caia pelas minhas mãos, outros a botarão abaixo... sei que Shan Elariel está planejando alguma coisa, e não consegui descobrir nada sobre suas tramas. Isso é só o começo, no entanto. Encararemos o Império Final. Provavelmente vamos fracassar... para ser honesta, não vejo como as coisas poderiam ser de outro modo. Lutaremos, faremos algo bom, mas não mudaremos muito... e aqueles de nós que sobreviverem passarão o resto da vida fugindo dos Inquisidores. Tudo está mudando, Sazed, e não posso deter.

Sazed sorriu afetuosamente.

– Então, senhora – ele disse em voz baixa –, simplesmente aproveite o que tem. O futuro a surpreenderá, creio.

– Talvez – Vin disse, sem se convencer.

– Só precisa ter esperança, senhora. Talvez mereça um pouco de boa sorte. Havia um grupo antes da Ascensão conhecido como astalsi. Eles afirmavam que cada pessoa era nascida com uma certa quantidade finita de má sorte. Então, quando um infortúnio acontecia, eles se julgavam abençoados: pois, a partir de então, a vida deles só podia melhorar.

Vin ergueu uma sobrancelha.

– Parece um pouco simplório.

– Não creio nisso – Sazed comentou. – Ora, os astalsi eram bem avançados; misturavam religião e ciência bem profundamente. Pensavam que cores diferentes eram indicativas de diferentes tipos de fortuna, e eram bem detalhados em suas descrições de luz e cor. Foi deles que herdamos nossas melhores ideias de como as coisas se pareciam antes da Ascensão. Tinham uma escala de cores, e a usavam para descrever o céu de mais intenso azul e as várias plantas em seus tons de verde. Além disso, considero a filosofia deles sobre sorte e fortuna bem reveladoras. Para eles, uma vida pobre era nada menos que um sinal da fortuna que estava por vir. Podia ser boa para você, senhora: poderia se beneficiar do conhecimento de que sua sorte não pode ser sempre ruim.

– Não sei – Vin disse, cética. – Quero dizer, se sua má sorte é limitada, sua *boa* sorte não seria limitada, também? Toda vez que algo bom acontecesse, eu ficaria preocupada de ter acabado com meu estoque.

– Hummm – Sazed considerou. – Imagino que dependa do ponto de vista, senhora.

– Como podem ser tão otimistas? – Vin perguntou. – Tanto você quanto Kelsier.

– Não sei, senhora – Sazed respondeu. – Talvez nossas vidas tenham sido mais fáceis do que a da senhora. Ou talvez sejamos simplesmente mais tolos.

Vin ficou em silêncio. Eles caminharam por mais algum tempo, voltando para o edifício, mas não se apressaram.

– Sazed – ela finalmente disse. – Quando você me salvou, naquela noite na chuva, usou feruquemia, não?

Sazed assentiu.

– De fato. O Inquisidor estava muito concentrado em você, e fui capaz de me esgueirar por detrás dele e acertá-lo com uma pedra. Estava muito mais forte do que um homem normal, e meu golpe o atirou contra a parede, quebrando vários de seus ossos, suspeito.

– Foi isso? – Vin perguntou.

– Parece desapontada, senhora – Sazed observou, sorrindo. – Esperava algo mais espetacular, suponho?

Vin assentiu.

– É só que... você tem sido tão discreto sobre a feruquemia. Isso a faz parecer mais mística, acho.

Sazed suspirou.

– Há realmente pouco a esconder, senhora. O único poder verdadeiro da feruquemia – a habilidade de estocar e recobrar memórias – a senhora certamente já adivinhou. O resto dos poderes não são diferentes, na verdade, dos poderes que você consegue do peltre e do estanho. Alguns deles são um pouco mais estranhos, como tornar um feruquemista mais pesado ou mudar sua idade, mas oferecem pouca aplicação marcial.

– Idade? – Vin perguntou, animando-se. – Você pode se tornar mais jovem?

– Na verdade, não, senhora – Sazed explicou. – Lembre-se, um feruquemista deve tirar seus poderes de seu próprio corpo. Pode, por exemplo, passar algumas semanas com seu corpo envelhecido até o ponto de cair, e parecer dez anos mais velho do que realmente é. Então, pode retirar essa idade para parecer dez anos mais jovem pela mesma quantidade de tempo. Contudo, na feruquemia, deve haver um equilíbrio.

Vin pensou nisso por um momento.

– O tipo de metal que usa importa? – ela perguntou. – Como na alomancia?

– Certamente – Sazed disse. – O metal determina o que pode ser armazenado.

Vin assentiu e continuou a andar, pensando no que ele dissera.

– Sazed, pode me dar um pedaço do seu metal? – ela finalmente pediu.

– Meu metal, senhora?

– Algo que usa como estoque feruquêmico – Vin explicou. – Quero tentar queimá-lo... talvez isso me deixe usar alguma parte de seu poder.

Sazed franziu o cenho, curioso.

– Alguém já tentou isso antes?

– Tenho certeza de que alguém deve ter tentado – Sazed falou. – Mas, honestamente, não posso pensar em um exemplo específico. Talvez, se procurar em minhas memórias das mentes de cobre...

– Por que não me deixa tentar agora? – Vin perguntou. – Tem algo feito de um dos metais básicos? Algo em que não tenha nada muito valioso estocado dentro?

Sazed pausou, então levou a mão até um dos enormes lóbulos de sua orelha e tirou um brinco muito parecido com o que Vin usava. Entregou-lhe a diminuta tarraxa, usada para manter o brinco no lugar.

– É peltre puro, senhora. Estoquei uma quantidade moderada de força nela.

Vin assentiu, engolindo a pecinha. Sentiu a reserva alomântica, mas o pedaço de metal não parecia fazer nada diferente. Queimou peltre para ver o que acontecia.

– Alguma coisa? – Sazed perguntou.

Vin negou com a cabeça.

– Não, eu não... – Calou-se. *Havia* algo diferente ali, alguma coisa distinta.

– O que foi, senhora? – Sazed perguntou com uma ansiedade pouco comum em sua voz.

– Eu... posso sentir o poder, Saze. É débil, muito além do meu alcance, mas juro que há outra reserva dentro de mim, uma que só aparece quando estou queimando seu metal.

Sazed franziu o cenho.

– É débil, você diz? Como... se pudesse ver uma sombra da reserva, mas não acessar o poder em si?

Vin assentiu.

– Como sabe?

– É o que se sente quando se tenta usar os metais de outro feruquemista, senhora – Sazed disse, suspirando. – Eu devia ter suspeitado que esse seria o resultado. Não pode acessar o poder, porque ele não pertence a você.

– Ah – Vin disse.

– Não fique muito desapontada, senhora. Se alomânticos conseguissem roubar força do meu povo, já se saberia. Foi uma ideia esperta, no entanto. –

Ele se virou, apontando para a mansão. – A carruagem chegou. Estamos atrasados para a reunião, creio.

Vin assentiu, e eles apertaram o passo em direção à mansão.

Engraçado, Kelsier disse para si mesmo, enquanto se esgueirava pelo pátio escuro, diante da Mansão Renoux. *Tenho que me esconder em minha própria casa, como se estivesse atacando a fortaleza de algum nobre*.

Não havia como evitar, entretanto – não com a sua reputação. Kelsier, o ladrão, havia sido distintivo o bastante; Kelsier, o instigador de rebelião e líder espiritual skaa, era ainda mais famoso. O que, é claro, não o impedia de espalhar seu caos noturno – só tinha que ser mais cauteloso. Mais e mais famílias estavam saindo da cidade, e as casas poderosas estavam ficando cada vez mais paranoicas. De certo modo, aquilo os tornava mais manipuláveis – mas se esgueirar nas redondezas de suas fortalezas estava ficando muito perigoso.

Em comparação, a Mansão Renoux era praticamente desprotegida. Havia guardas, é claro, mas nenhum brumoso. Renoux tinha que manter uma atitude discreta; tantos alomânticos o fariam se destacar. Kelsier se manteve nas sombras, abrindo caminho cuidadosamente pela lateral leste do edifício. Então *empurrou* uma moeda e subiu até a sacada do próprio Renoux.

Kelsier aterrissou com suavidade, então espiou pelas portas de vidro da sacada. As cortinas estavam fechadas, mas pôde ver Dockson, Vin, Sazed, Ham e Brisa parados ao redor da escrivaninha de Renoux. O próprio Renoux estava sentado no outro canto do aposento, afastado das discussões. Seu contrato incluía interpretar o papel de Lorde Renoux, mas não queria se envolver mais do que já estava no plano.

Kelsier meneou a cabeça. *Seria muito fácil para um assassino entrar aqui. Terei que me assegurar de que Vin continue a dormir na loja de Trevo*. Não estava preocupado com Renoux; a natureza do kandra era tal que não precisava temer a lâmina de um assassino.

Kelsier bateu de leve na porta, e Dockson foi abri-la.

– E ele faz sua surpreendente entrada! – Kelsier anunciou, entrando no aposento e tirando sua capa de bruma.

Dockson bufou, fechando as portas.

– Você é realmente uma maravilha de se ver, Kell. Especialmente com essas manchas de fuligem nos joelhos.

– Tive que engatinhar um pouco esta noite – Kelsier disse, fazendo um sinal

indiferente com a mão. – Há uma vala de drenagem sem uso que passa bem por baixo da muralha de defesa da Fortaleza Lekal. Qualquer um pensaria que eles a teriam tampado.

– Duvido que se preocupem – Brisa disse, ao lado da escrivaninha. – A maior parte dos nascidos das brumas é orgulhosa demais para rastejar. Estou surpreso que esteja disposto a isso.

– Orgulhosa demais para rastejar? – Kelsier disse. – Bobagem! Ora, eu diria que nós, nascidos das brumas, somos orgulhosos demais para *não* nos humilharmos rastejando... de uma maneira digna, é claro.

Dockson franziu o cenho, aproximando-se da escrivaninha.

– Kell, isso não faz nenhum sentido.

– Nós, nascidos das brumas, não precisamos fazer sentido – Kelsier disse com altivez. – O que é isso?

– Do seu irmão – Dockson disse, apontando para um grande mapa aberto na escrivaninha. – Chegou esta tarde, estava dentro do buraco de uma perna de mesa quebrada que o Cantão da Ortodoxia contratou Trevo para consertar.

– Interessante – Kelsier disse, analisando o mapa. – É uma lista das estações de abrandamento, presumo?

– De fato – Brisa disse. – É uma bela descoberta; nunca tinha visto um mapa da cidade tão detalhado e cuidadosamente desenhado. Ora, não só mostra cada uma das trinta e quatro estações de Abrandamento, mas também os locais de atividade dos Inquisidores, assim como lugares que preocupam os diferentes Cantões. Não tive muita oportunidade de trabalhar com seu irmão, mas devo dizer que o homem é obviamente um gênio!

– Quase difícil de acreditar que é parente de Kell, não? – Dockson disse, abrindo um sorriso. Tinha um bloco de notas diante de si e estava fazendo uma lista de todas as estações de abrandamento.

Kelsier bufou.

– Marsh pode ser o gênio, mas eu sou o bonito. O que são esses números?

– Incursões dos Inquisidores e datas – Ham falou. – Você vai notar que o esconderijo da antiga gangue de Vin está listado.

Kelsier assentiu.

– Como demônios Marsh conseguiu roubar um mapa como este?

– Não roubou – Dockson disse enquanto escrevia. – Havia um bilhete com o mapa. Aparentemente, os alto prelados o *deram* para ele. Estão muito impressionados com Marsh e querem que ele examine a cidade e recomende locais para novas estações de Abrandamento. Parece que o Ministério está um

pouco preocupado com a guerra entre as casas, e querem enviar alguns abrandadores a mais para tentar manter as coisas sob controle.

– Devemos mandar o mapa dentro da perna da mesa consertada – Sazed explicou. – Assim que terminarmos a reunião, devo me esforçar para copiar isso no menor tempo possível.

E memorizá-lo também, tornando-o, assim, parte do registro de cada Guardador, Kelsier pensou. *O dia em que vão parar de memorizar e começarão a ensinar está chegando, Saze. Espero que seu povo esteja pronto.*

Kelsier se virou, estudando o mapa. Era tão impressionante quanto Brisa dissera. De fato, Marsh havia se arriscado demasiadamente ao enviá-lo. Talvez um risco imprudente até – mas a informação que continha...

Temos que devolver isso rapidamente, Kelsier pensou. *Amanhã de manhã, se possível.*

– O que é isso? – Vin perguntou em voz baixa, inclinando-se sobre o grande mapa e apontando. Usava um vestido de nobre: um traje de peça única um pouco menos enfeitado que um vestido de gala.

Kelsier sorriu. Ele se lembrava do tempo em que Vin teria parecido assustadoramente desajeitada em um vestido, mas parecia estar tomando um gosto crescente por eles. Ainda não se movia *exatamente* como uma dama nobre de nascimento. Era graciosa – mas era a graça habilidosa de um predador, não a graça deliberada de uma dama da corte. Mesmo assim, os vestidos pareciam cair bem em Vin agora – de um jeito que não tinha nada a ver com o corte.

Ah, Mare, Kelsier pensou. *Você sempre quis ter uma filha que pudesse ensinar a caminhar na linha que separa a nobre e a ladra*. Teriam gostado uma da outra; ambas tinham um traço oculto de não convencionalismo. Se a esposa dele ainda estivesse viva, talvez tivesse ensinado a Vin coisas que nem mesmo Sazed sabia sobre como fingir ser uma nobre.

É claro, se Mare ainda estivesse viva, eu não estaria fazendo nada disso. Não ousaria.

– Olhe! – Vin disse. – Uma dessas datas dos Inquisidores é nova... está marcada como ontem!

Dockson lançou um olhar para Kelsier.

Tínhamos que contar para ela em algum momento...

– Era a gangue de Theron – Kelsier disse. – Um Inquisidor os atacou ontem à noite.

Vin empalideceu.

– Eu deveria reconhecer esse nome? – Ham perguntou.

– A gangue de Theron era parte da equipe que estava tentando enganar o Ministério com Camon – Vin disse. – Isso quer dizer que... provavelmente ainda estão no meu rastro.

O Inquisidor a reconheceu naquela noite em que nos infiltramos no palácio. Deve saber quem é o pai dela. Felizmente, aquelas criaturas inumanas deixam a nobreza desconfortável – de outro modo, teríamos que começar a nos preocupar quanto a mandá-la frequentar os bailes.

– A gangue de Theron – Vin comentou. – Foi... foi como a última vez?

Dockson assentiu.

– Sem sobreviventes.

Houve um silêncio desconfortável, e Vin parecia visivelmente enjoada.

Pobre criança, Kelsier pensou. Havia pouco a fazer além de seguir em frente, no entanto.

– Tudo bem. Como vamos usar este mapa?

– Há algumas notas do Ministério sobre as defesas das casas – Ham comentou. – Serão úteis.

– Não parece haver nenhum padrão nos ataques dos Inquisidores, no entanto – Brisa disse. – Eles provavelmente vão aonde a informação os levar.

– Vamos querer evitar ser muito ativos perto das estações de *abrandamento* – Dox disse, abaixando sua caneta. – Felizmente, a loja de Trevo não está perto de nenhuma estação específica... a maior parte delas está em bairros pobres.

– Precisamos fazer mais do que simplesmente evitar as estações – Kelsier falou. – Temos que estar prontos para eliminá-las.

Brisa franziu o cenho.

– Se fizermos isso, corremos o risco de jogar de maneira muito imprudente.

– Mas pense no dano que isso causaria – Kelsier disse. – Marsh falou que há pelo menos três Abrandadores e um buscador em cada uma dessas estações. São cento e trinta Brumosos do Ministério... devem ter recrutado por todo o Domínio Central para reunir essa quantidade. Se forem todos eliminados de uma só vez...

– Nós nunca vamos conseguir matar tantos assim – Dockson disse.

– Podemos usar o resto do nosso exército – Ham falou. – Eles estão escondidos entre os bairros pobres.

– Tenho uma ideia melhor – Kelsier sugeriu. – Podemos contratar outras gangues de ladrões. Se tivermos dez gangues, cada uma com a missão de tomar três estações, podemos limpar a cidade dos Abrandadores e Buscadores do

Ministério em poucas horas.

– Teríamos que discutir o sincronismo, no entanto – Dockson observou. – Brisa está certo: matar tantos obrigadores em uma noite é um compromisso importante. Não demoraria muito para que os Inquisidores retaliassem.

Kelsier assentiu. *Você está certo, Dox. O sincronismo será vital*.

– Você cuidaria disso? Encontre algumas gangues adequadas, mas espere até decidirmos o momento antes de dar a eles as localizações das estações de *abrandamento*.

Dockson assentiu.

– Bom – Kelsier disse. – Falando dos nossos soldados, Ham, como vão as coisas com eles?

– Melhor do que eu esperava, na verdade – Ham falou. – Eles passaram pelo treinamento nas cavernas, então são bastante competentes. E se consideram o segmento mais "fiel" do exército, já que não seguiram Yeden na batalha contra sua vontade.

Brisa fez uma careta.

– Um jeito conveniente de olhar para o fato de que perderam três quartos de seu exército em uma tolice tática.

– São bons homens, Brisa – Ham disse com firmeza. – Assim como aqueles que morreram. Não fale mal deles. Independentemente disso, estou preocupado em esconder o exército como estamos fazendo... não vai demorar muito até que uma das equipes seja descoberta.

– É por isso que nenhum deles sabe onde encontrar os outros – Kelsier disse.

– Quero mencionar algo a respeito dos homens – Brisa disse, sentando-se em uma das cadeiras da escrivaninha de Renoux. – Posso ver a importância de enviar Hammond para treinar os soldados, mas, honestamente, qual a razão para obrigar Dockson e eu a visitá-los?

– Os homens precisam saber quem são seus líderes – Kelsier disse. – Se Ham estiver indisposto, alguém mais precisa assumir o comando.

– Por que não você? – Brisa perguntou.

– Só confie em mim – Kelsier disse, sorrindo. – É melhor assim.

Brisa revirou os olhos.

– Confiar em você. Parece que estamos fazendo muito disso...

– Que seja – Kelsier o interrompeu. – Vin, quais as notícias da nobreza? Descobriu algo útil sobre a Casa Venture?

Ela se deteve.

– Não.

– Mas o baile na semana que vem será na Fortaleza Venture, certo? – Dockson perguntou.

Vin assentiu.

Kelsier olhou para a garota. *Ela nos diria se soubesse algo?* Encontrou os olhos dela e não conseguiu decifrar nada neles. *A maldita garota é uma mentirosa muito experiente*.

– Tudo bem – disse para ela. – Continue procurando.

– Continuarei – ela disse.

Apesar do cansaço, Kelsier encontrou um sono esquivo naquela noite. Infelizmente, não podia sair e percorrer os corredores – apenas alguns criados sabiam que ele estava na mansão, e precisava se manter discreto, agora que sua reputação estava aumentando.

Sua reputação. Ele suspirou, enquanto se apoiava na grade da sacada, observando as brumas. De certo modo, as coisas que ele fez preocupavam até mesmo a ele. Os outros não o questionavam em voz alta, como ele pedira, mas podia ver que ainda estavam preocupados com sua fama crescente.

É o melhor jeito. Posso não precisar de nada disso... mas, se precisar, ficarei feliz de ter me dado ao trabalho.

Uma batida suave soou na porta. Deu meia-volta, curioso, enquanto Sazed enfiava a cabeça no quarto.

– Peço desculpas, Mestre Kelsier – Sazed disse. – Mas um guarda veio me ver e disse que podia vê-lo na varanda. Estava preocupado que alguém o descobrisse.

Kelsier suspirou, mas saiu da varanda, fechando as portas e as cortinas.

– Não fui feito para o anonimato, Saze. Para um ladrão, não sou nada bom em me esconder.

Sazed sorriu e começou a se retirar.

– Sazed? – Kelsier o chamou, fazendo o terrisano se deter. – Não consigo dormir... tem uma nova proposta para mim?

Sazed abriu um largo sorriso, entrando no quarto.

– É claro, Mestre Kelsier. Ultimamente, estive pensando que o senhor gostaria de ouvir sobre a Verdade dos bennet. Combina muito com o senhor, creio. Os bennet eram um povo altamente desenvolvido, que viviam nas ilhas do sul. Eram corajosos marinheiros e brilhantes cartógrafos; alguns dos mapas que o Império Final ainda usa foram desenvolvidos por exploradores bennet. A religião deles foi desenvolvida para ser praticada a bordo de navios que

ficavam por meses no mar. O capitão era também o sacerdote, e nenhum homem tinha permissão para comandar a menos que recebesse treinamento teológico.

– Provavelmente não tinham muitos motins.

Sazed sorriu.

– Era uma boa religião, Mestre Kelsier. Baseava-se na descoberta e no conhecimento; para essas pessoas, fazer mapas era um dever sagrado. Acreditavam que assim que o mundo todo fosse conhecido, entendido e catalogado, os homens finalmente encontrariam paz e harmonia. Muitas religiões ensinam tais ideais, mas poucas, na verdade, conseguem praticá-los tão bem quanto os bennet.

Kelsier franziu o cenho, recostando-se na parede ao lado das cortinas da varanda.

– Paz e harmonia – disse lentamente. – Na verdade, não estou procurando por nada disso nesse momento, Saze.

– Ah – Sazed disse.

Kelsier olhou para cima, encarando o teto.

– Poderia... me falar sobre os valla novamente?

– É claro – Sazed disse, puxando uma cadeira ao lado da escrivaninha de Kelsier e se sentando. – O que especificamente gostaria de saber?

Kelsier balançou a cabeça.

– Não tenho certeza – ele disse. – Sinto muito, Saze. Estou com um humor estranho esta noite.

– Sempre está com um humor estranho, creio – Sazed disse, dando um leve sorriso. – Contudo, escolheu uma seita interessante sobre a qual perguntar. Os valla duraram muito mais que qualquer outra religião sob domínio do Senhor Soberano.

– É por isso que pergunto – Kelsier disse. – Eu... preciso entender o que os fez prosseguir por tanto tempo, Saze. O que os manteve lutando?

– Eles eram os mais determinados, creio.

– Mas não tinham nenhum líder – Kelsier comentou. – O Senhor Soberano massacrou todo o conselho religioso vallan como parte de sua primeira conquista.

– Ah, eles tinham líderes, Mestre Kelsier – Sazed disse. – Mortos, é verdade, mas líderes, no entanto.

– Alguns homens diriam que a devoção deles não fazia sentido – Kelsier falou. – A perda dos líderes vallan devia ter abatido as pessoas, não tê-las

tornado mais determinadas a prosseguir.

Sazed meneou a cabeça.

– Homens são mais resilientes que isso, creio. Nossa crença é geralmente mais forte quando deveria ser mais fraca. É assim que a esperança funciona.

Kelsier assentiu.

– Quer mais instruções sobre os valla?

– Não. Obrigado, Saze. Só precisava ser lembrado de que existiram pessoas que lutaram mesmo quando parecia não haver mais esperança.

Sazed assentiu, levantando-se.

– Acho que entendo, Mestre Kelsier. Boa noite, então.

Kelsier assentiu, distraído, deixando o terrisano se retirar.

A maioria dos terrisanos não é tão má quanto Rashek. No entanto, posso ver que acreditam nele, até certo ponto. Estes homens são simples, não filósofos ou eruditos, e não sabem que suas próprias profecias dizem que o Herói das Eras será um forasteiro. Só veem o que Rashek sustenta – que são um povo ostensivamente superior, e deviam ser "dominantes", em vez de subservientes.

Diante de tal paixão e ódio, até bons homens podem ser enganados.

30

Vin precisou retornar ao salão de baile dos Venture para lembrar o que era a verdadeira majestade.

Visitara tantas fortalezas que começara a ficar insensível ao esplendor. Havia, no entanto, algo especial na Fortaleza Venture – algo que as outras fortalezas se esforçavam para ter, mas nunca conseguiam totalmente. Era como se Venture fosse o pai, e as outros, filhos bem ensinados. Todas as fortalezas eram belas, mas não havia como negar que esta era a melhor.

O enorme salão Venture, flanqueado por uma fileira de colunas enormes em cada lado, parecia ainda maior do que de costume. Vin não conseguia entender o porquê. Pensou sobre isso enquanto esperava que um criado pegasse seu xale. As luzes oxídricas normais brilhavam do outro lado dos vitrais, inundando a sala com fragmentos de luz. As mesas estavam imaculadas sob os beirais entre as colunas. A mesa do lorde, colocada no pequeno balcão ao fundo do salão, parecia tão régia quanto sempre.

É quase... perfeito demais, Vin pensou, franzindo o cenho consigo mesma. Tudo parecia levemente exagerado. As toalhas de mesa estavam ainda mais brancas e mais bem passadas que o normal. O uniforme dos criados parecia particularmente elegante. Em vez de soldados normais nas portas, havia matabrumas de aspecto intencionalmente imponente, distintos pelos escudos de madeira e a falta de armadura. No conjunto, a sala fazia parecer como se a habitual perfeição Venture tivesse aumentado.

– Algo está errado, Sazed – ela sussurrou, enquanto o criado preparava sua

mesa.

– O que quer dizer, senhora? – o alto mordomo perguntou, parado atrás dela.

– Há pessoas demais aqui – Vin disse, percebendo uma das coisas que a incomodara. A participação nos bailes estava diminuindo nos últimos meses. Mesmo assim, parecia que todo mundo tinha retornado para o evento dos Venture. E todos estavam usando suas melhores roupas.

– Algo está acontecendo – Vin disse em voz baixa. – Algo de que não sabemos.

– Sim... – Sazed respondeu, também em voz baixa. – Sinto isso também. Talvez eu deva ir ao jantar dos mordomos mais cedo.

– Boa ideia – Vin concordou. – Acho que posso pular a refeição desta noite. Estamos um pouco atrasados, e parece que as pessoas já começaram a conversar.

Sazed sorriu.

– O quê?

– Lembrei de uma época em que *jamais* pularia uma refeição, senhora.

Vin bufou.

– Só fique feliz de eu nunca ter tentado encher os bolsos com a comida desses bailes... acredite em mim, estive tentada. Agora, vá.

Sazed assentiu e partiu para a sala de jantar dos mordomos. Vin procurou entre os grupos que conversavam. *Nenhum sinal de Shan, felizmente*, pensou. Infelizmente, Kliss tampouco estava à vista, então Vin tinha que escolher outra pessoa para fofocar. Avançou, sorridente, até Lorde Idren Seeris, primo da Casa Elariel e com quem dançara em várias ocasiões. Ele a reconheceu com um duro aceno de cabeça, e ela se juntou ao grupo.

Vin sorriu para os outros membros do grupo – três mulheres e um outro lorde. Conhecia todos eles ao menos de passagem, e dançara com Lorde Yestal. Contudo, nesta noite, todos lhe lançaram olhares frios.

– Não venho à Fortaleza Venture há algum tempo – Vin disse, adotando a personalidade de garota de campo. – Tinha esquecido de como é majestosa!

– De fato – disse uma das damas. – Com licença... vou pegar algo para beber.

– Irei com você – uma das outras damas acrescentou, e ambas deixaram o grupo.

Vin as observou partir, franzindo o cenho.

– Ah – Yestal disse. – Nossa refeição chegou. Vamos, Triss?

– É claro – a última dama disse, juntando-se a Yestal enquanto se afastavam.

Idren arrumou os óculos, lançando a Vin um olhar desanimado de desculpas,

e se retirou. Vin ficou parada, estupefata. Não recebia uma recepção tão obviamente fria quanto essa desde seus primeiros bailes.

O que está acontecendo?, pensou, com nervosismo crescente. *Seria isso obra de Shan? Poderia virar um salão inteiro contra mim?*

Não, aquilo não parecia certo. Teria exigido esforço demais. Além disso, a esquisitice não era só com relação a ela. Todos os grupos de nobres estavam... diferentes esta noite.

Vin tentou um segundo grupo, com resultado ainda pior. Assim que se aproximou, eles a ignoraram no mesmo instante. Vin se sentiu tão deslocada que se retirou, fugindo para pegar uma taça de vinho. Enquanto caminhava, percebeu que o primeiro grupo – aquele com Yestal e Idren – havia se reunido novamente com exatamente os mesmos membros.

Vin se deteve, parada nas sombras do beiral do lado leste, perscrutando a multidão. Havia pouca gente dançando, e ela os reconheceu a todos como casais estabelecidos. Parecia haver pouca relação entre os grupos ou mesas. Embora o salão de baile estivesse cheio, parecia que a maior parte dos presentes estava tentando claramente ignorar todos os demais.

Preciso dar uma olhada melhor nisso, pensou, andando até a escada. Pouco depois, ela saiu no comprido balcão que percorria a parede sobre a pista de dança, com suas familiares lanternas azuis dando um tom melancólico e suave.

Vin se deteve. O refúgio de Elend ficava entre a coluna da direita e a parede, iluminado por uma única lanterna. Ele quase sempre passava os bailes dos Venture lendo ali; não gostava da pompa e circunstância que implicava o anfitrião da festa.

O refúgio estava vazio. Ela se aproximou da grade, e então esticou o corpo para contemplar o outro extremo do grande salão. A mesa do anfitrião estava situada no mesmo nível dos balcões, e ela ficou chocada ao ver Elend sentado ali, jantando com seu pai.

O quê?, pensou, incrédula. Nunca, na meia dúzia de bailes em que estivera na Fortaleza Venture, havia visto Elend sentado com sua família.

Lá embaixo, viu uma figura familiar, de túnica colorida, caminhando entre a multidão. Acenou para Sazed, mas ele obviamente já a havia visto. Enquanto esperava por ele, Vin pensou ter ouvido uma voz familiar vindo do outro lado do balcão. Virou-se para conferir, encontrando a pequena figura que não percebera antes. Kliss estava falando com um pequeno grupo de lordes menores.

Então era aqui que Kliss estava, Vin pensou. *Talvez* ela *fale comigo*. Ficou

parada, esperando que ou Kliss terminasse sua conversa, ou Sazed chegasse.

Sazed chegou primeiro, deixando a escada quase sem fôlego.

– Senhora – disse em voz baixa, juntando-se a ela perto da grade.

– Diga-me que descobriu alguma coisa, Sazed. Este baile parece... assustador. Todo mundo está tão solene e frio. É quase como um funeral, não uma festa.

– É uma metáfora adequada, minha senhora – Sazed comentou em voz baixa. – Perdemos um anúncio importante. A Casa Hasting disse que não vai celebrar seu baile habitual esta semana.

Vin franziu o cenho.

– E? Casas já cancelaram bailes antes.

– A Casa Elariel também cancelou. Normalmente Tekiel viria na sequência... mas esta casa está extinta. A Casa Shunah já anunciou que não dará mais bailes.

– O que está dizendo?

– Parece, senhora, que este será o último baile em um tempo... talvez em um longo tempo.

Vin olhou para as magníficas janelas do salão, suspensas sobre os grupos independentes – e quase hostis – de pessoas.

– É *isso* que está acontecendo – ela disse. – Estão finalizando alianças. Todo mundo está com seus amigos e adeptos mais fortes. Sabem que este é o último baile, então vieram para manter as aparências, mas sabem que não há tempo para politicagem.

– Parece que é isso mesmo, senhora.

– Todos vão ficar na defensiva – Vin disse. – Recuando para trás das muralhas, como dissemos. É por isso que ninguém quer falar comigo; tornamos Renoux uma força muito neutra. Não tenho uma facção, e este é um momento ruim para apostar em elementos políticos aleatórios.

– Mestre Kelsier precisa saber desta informação, senhora – Sazed disse. – Ele planejava se fingir de informante esta noite, novamente. Se estiver ignorante desta situação, isso causará um sério dano à sua credibilidade. Devemos partir.

– Não – Vin disse, virando-se para Sazed. – Não posso ir... não quando todos estão ficando. Todos pensam que é importante vir e ser visto neste último baile, então não devo partir antes deles.

Sazed assentiu.

– Muito bem.

– Você vai, Sazed. Alugue uma carruagem e vá dizer a Kell o que

descobrimos. Ficarei um pouco mais, então partirei quando isso não fizer a Casa Renoux parecer fraca.

Sazed se deteve.

– Eu... não sei, senhora.

Vin revirou os olhos.

– Aprecio a ajuda que tem me dado, mas não precisa ficar segurando minha mão. Muitas pessoas vêm à esses bailes sem seus mordomos para cuidar delas.

Sazed suspirou.

– Muito bem, senhora. Devo retornar, no entanto, depois que localizar Mestre Kelsier.

Vin assentiu, despedindo-se dele, que se retirou pela escada de pedra. Vin se inclinou sobre o balcão no lugar de Elend, observando até que Sazed aparecesse lá embaixo e desaparecesse na direção dos portões dianteiros.

E agora? Mesmo que encontre alguém com quem falar, não há realmente nenhum motivo para espalhar rumores.

Teve uma sensação de pavor. Quem teria pensado que chegaria a gostar tanto da frivolidade dos nobres? A experiência era manchada pelo conhecimento do que os nobres eram capazes de fazer, mas, mesmo assim, tinha sido um... sonho desfrutar de tudo aquilo.

Estaria presente em um baile daqueles novamente? O que aconteceria com Valette, a nobre? Deixaria de lado seus vestidos e maquiagem, e voltaria a ser simplesmente Vin, a ladra de rua? Provavelmente não haveria espaço para coisas como grandes bailes no novo reino de Kelsier, e isso talvez não fosse uma coisa ruim – que direito ela tinha de dançar enquanto outros skaa morriam de fome? Mesmo assim... era como se o mundo fosse perder alguma beleza sem as fortalezas e os dançarinos, os vestidos e as festividades.

Ela suspirou e se afastou da grade, olhando para o próprio vestido. Era de um azul profundo e brilhante, com desenhos circulares em branco na base da saia. Não tinha mangas, mas as luvas de seda azul que usava passavam dos cotovelos.

Antigamente, teria achado o traje frustrantemente volumoso. Agora, no entanto, parecia maravilhoso. Gostava de como era desenhado para realçar seu peito, e, ao mesmo tempo, acentuar seu torso fino. Gostava de como encaixava na cintura, abrindo-se lentamente para fora em um amplo sino que farfalhava enquanto caminhava.

Sentiria falta disso – sentiria falta de tudo isso. Mas Sazed estava certo. Ela não podia deter a progressão do tempo, só podia desfrutar o momento.

Eu não *vou deixar que fique sentado naquela mesa a noite toda, me ignorando*, decidiu.

Vin deu meia-volta e percorreu o balcão, cumprimentando Kliss ao passar por ela. O balcão terminava em um corredor que dava uma volta e – como Vin deduzira corretamente – levava até a saliência em que ficava a mesa do anfitrião.

Ficou parada no corredor por um momento, observando. Lordes e damas estavam acomodados com seus trajes régios, desfrutando o privilégio de terem sido convidados para se sentar com Lorde Straff Venture. Vin esperou, tentando chamar a atenção de Elend, e finalmente um dos convidados a notou e deu uma cotovelada em Elend. Ele se virou com surpresa, viu Vin, e corou levemente.

Ela acenou para ele rapidamente, e ele se levantou, pedindo licença. Vin voltou para o corredor, para que pudessem conversar com mais privacidade.

– Elend! – ela disse quando ele entrou no corredor. – Está sentado com seu pai!

Ele assentiu.

– Este baile se transformou em um evento muito especial, Valette, e meu pai insistiu que eu obedecesse ao protocolo.

– Quando teremos algum tempo para conversar?

Elend se deteve.

– Não tenho certeza de que teremos.

Vin franziu o cenho. Ele parecia... reservado. Seu traje habitual, levemente usado e amassado, fora substituído por um novo e elegante. Seu cabelo estava até penteado.

– Elend? – ela disse, dando um passo para frente.

Ele levantou a mão, detendo-a.

– As coisas mudaram, Valette.

Não, ela pensou. *Isso não pode mudar, não ainda!*

– Coisas? Que “coisas”? Elend, do que está falando?

– Sou herdeiro da Casa Venture – ele disse. – E tempos perigosos estão chegando. A Casa Hasting perdeu um comboio inteiro esta tarde, e isso é só o começo. Dentro de um mês, as fortalezas estarão em guerra franca. Não são coisas que posso ignorar, Valette. É hora de eu parar de ser um transtorno para minha família.

– Está bem – Vin disse. – Mas isso não significa...

– Valette – Elend a interrompeu. – Você é um transtorno também. Muito grande. Não vou mentir e dizer que nunca me importei com você... me

importei, e ainda me importo. Contudo, eu sabia desde o início – assim como você – que isso nunca seria mais do que um relacionamento passageiro. A verdade é que minha casa precisa de mim... e isso é mais importante do que você.

Vin empalideceu.

– Mas...

Ele deu meia-volta para retornar ao jantar.

– Elend – ela disse com a voz baixa –, por favor, não se afaste de mim.

Ele se deteve, então virou na direção dela.

– Sei a verdade, Valette. Sei que mentiu sobre quem você é. Não me importo, mesmo... não estou zangado, nem desapontado. A verdade é que eu já esperava isso. Você só está... jogando o jogo. Como todos nós. – Ele parou, meneou a cabeça, e deu meia-volta. – Como eu.

– Elend? – ela disse, indo atrás dele.

– Não me faça envergonhá-la em público, Valette.

Vin se deteve, sentindo-se aturdida. E, então, estava zangada demais para estar aturdida – muito zangada, muito frustrada... e muito aterrorizada.

– Não me deixe – ela sussurrou. – Não me deixe você também.

– Sinto muito – ele disse. – Mas tenho que me encontrar com meus amigos. Foi... divertido.

E partiu.

Vin ficou parada no corredor escuro. Sentiu-se estremecer silenciosamente, ela se virou e se dirigiu, cambaleando, de volta para o balcão principal. Ao seu lado, pôde ver Elend desejar boa-noite para sua família e sair por um corredor traseiro em direção à parte privada da fortaleza.

Ele não pode fazer isso comigo. Não, Elend. Não agora...

Contudo, uma voz vinda de dentro – uma voz que ela quase esquecera – começou a falar. *É claro que ele a deixou,* Reen sussurrou. *É claro que a abandonou. Todo mundo a trairá. O que eu te ensinei?*

Não!, Vin pensou. *É só a tensão política. Uma vez que isso tiver acabado, serei capaz de convencê-lo a voltar...*

Eu nunca voltei para você, Reen sussurrou. *Ele não voltará tampouco.* A voz parecia tão real – era quase como se pudesse ouvi-lo ao seu lado.

Vin se inclinou contra a grade do balcão, usando a barra de ferro como apoio, para ficar em pé. Não deixaria que ele a destruísse. Uma vida nas ruas não fora capaz de quebrá-la; não deixaria que um nobre cheio de si fizesse isso. Ficou se repetindo isso.

Mas por que isso doía muito mais do que a fome – muito mais do que um dos espancamentos de Camon?

– Bem, Valette Renoux – uma voz veio de trás.

– Kliss – Vin disse. – Eu... não estou com disposição para conversar agora.

– Ah – Kliss disse. – Então Elend Venture finalmente a desdenhou. Não se preocupe, criança... ele terá o que merece em breve.

Vin se virou, franzindo o cenho ao tom de voz estranho de Kliss. A mulher não parecia consigo mesma. Parecia muito mais... controlada.

– Entregue uma mensagem para seu tio por mim, sim, querida? – Kliss perguntou suavemente. – Diga que um homem como ele... sem alianças... pode ter dificuldade para conseguir informações nos próximos meses. Se precisar de uma boa fonte, diga-lhe para me procurar. Sei de muitas coisas interessantes.

– Você é uma informante! – Vin disse, deixando de lado sua dor por um momento. – Mas, você é...

– Uma fofoqueira tola? – a mulher baixinha perguntou. – Ora, sim, eu sou. É fascinante o tipo de coisa que se pode ouvir quando se é conhecida como a fofoqueira da corte. As pessoas vêm até você para espalhar mentiras óbvias; como as coisas que me contou sobre a Casa Hasting semana passada. Por que queria que eu espalhasse tais inverdades? Estaria a Casa Renoux fazendo uma oferta pelo mercado de armas durante a guerra entre as casas? E mais... poderia Renoux estar por trás do recente ataque às barcaças Hasting?

Os olhos de Kliss brilharam.

– Diga a seu tio que posso guardar silêncio do que sei... por um pequeno preço.

– Tem me enganado todo esse tempo... – Vin disse, aturdida.

– É claro, querida – Kliss disse, dando um tapinha no braço de Vin. – É o que fazemos aqui na corte. Você aprenderá com o tempo... se sobreviver. Agora, seja uma boa menina e entregue a mensagem, certo?

Kliss deu meia-volta, sua figura atarracada e espalhafatosa repentinamente pareceu um disfarce brilhante para Vin.

– Espere! – Vin disse. – O que disse sobre Elend antes? Que ele vai ter o que merece?

– Humm? – Kliss disse, virando-se. – Ora... é isso mesmo. Esteve perguntando sobre os planos de Shan Elariel, não esteve?

Shan?, Vin pensou, com preocupação crescente.

– O que ela está planejando?

– Agora, *isso*, minha querida, é um segredo caro, de fato. Eu poderia lhe

dizer... mas o que teria em troca? Uma mulher de uma casa sem importância como eu precisa encontrar sustento em algum lugar...

Vin tirou seu colar de safiras, a única peça de joia que estava usando.

– Aqui. Tome.

Kliss aceitou o colar com expressão pensativa.

– Humm, sim, muito bonito, de fato.

– O que sabe? – Vin replicou.

– Temo que o jovem Elend será uma das primeiras baixas dos Venture na guerra entre as casas – Kliss disse, guardando o colar em um bolso na manga. – É um azar... realmente parece ser um bom garoto. Bom demais, provavelmente.

– Quando? – Vin exigiu saber. – Onde? Como?

– Tantas questões, mas só um colar – Kliss disse indolentemente.

– É tudo o que tenho agora! – Vin disse sinceramente. Sua bolsa de moedas só continha alguns tostões de bronze para *empurrar* metal.

– Mas é um segredo *muito* valioso, como eu disse – Kliss prosseguiu. – Ao dizer para você, minha vida poderia...

É isso!, Vin pensou, furiosa. *Estúpidos jogos da aristocracia!*

Vin queimou zinco e bronze, atingindo Kliss com um poderoso golpe de alomancia emocional. *Abrandou* todos os sentimentos da mulher, exceto medo, então agarrou esse medo e deu um *puxão* firme.

– Diga! – Vin grunhiu.

Kliss engasgou, cambaleando e quase caindo no chão.

– Uma alomântica! Não *admira* que Renoux tenha trazido uma sobrinha tão distante com ele para Luthadel!

– Fale! – Vin exigiu, dando um passo para frente.

– É tarde demais para ajudá-lo – Kliss disse. – Nunca venderia um segredo desses se houvesse uma chance de ele se voltar contra mim!

– Diga!

– Ele será assassinado por alomânticos de Elariel esta noite – Kliss sussurrou. – Já deve estar morto... deveria acontecer assim que se retirasse da mesa do lorde. Mas, se quer vingança, devia olhar na direção de Lorde Straff Venture também.

– O pai de Elend? – Vin perguntou, surpresa.

– É claro, criança tola – Kliss disse. – Não há nada que Lorde Venture deseje mais do que uma desculpa para dar o título de sua casa para o sobrinho. Tudo o que Venture teve que fazer foi retirar alguns de seus soldados do telhado próximo ao quarto de Elend para que os assassinos de Elariel entrem. E, já que

o assassinato ocorrerá durante um dos encontrinhos filosóficos de Elend, Lorde Venture conseguirá se livrar de um Hasting e de um Lekal também!

Vin deu meia-volta. *Tenho que fazer alguma coisa!*

– É claro – Kliss disse com riso abafado, erguendo-se –, Lorde Venture vai se surpreender. Ouvi dizer que Elend tem alguns... livros muito selecionados em seu poder. O jovem Venture devia ser mais cuidadoso com o que diz para suas mulheres, creio.

Vin se voltou para uma sorridente Kliss. A mulher piscou para ela.

– Manterei sua alomancia em segredo, criança. Só se assegure de me entregar o pagamento amanhã à tarde. Uma dama precisa comprar comida... como pode ver, preciso de bastante. Quanto à Casa Venture... eu manteria distância deles, se fosse você. Os assassinos de Shan vão criar um *belo* alvoroço esta noite. Não me surpreenderia se metade da corte acabasse no quarto do garoto para ver qual o motivo do tumulto. Quando a corte vir esses livros que Elend tem... bem, vamos apenas dizer que os obrigadores ficarão muito interessados na Casa Venture por um tempo. Pena que Elend já estará morto... não vemos a execução de um nobre há muito tempo!

O quarto de Elend, Vin pensou desesperadamente. *É onde devem estar!* Deu meia-volta, erguendo a saia e se movendo freneticamente na direção do corredor que deixara momentos antes.

– Onde está indo? – Kliss perguntou, surpresa.

– Tenho que impedir isso! – Vin falou.

Kliss deu uma gargalhada.

– Já lhe disse que é tarde demais. Venture é uma fortaleza antiga, e as passagens que levam aos aposentos dos lordes são quase um labirinto. Se não souber o caminho, vai acabar perdida por horas.

Vin olhou a sua volta, sentindo-se desesperada.

– Além disso, criança – Kliss acrescentou, preparando-se para partir. – O garoto não acaba de desprezá-la? O que deve a ele?

Vin se deteve.

Ela está certa. O que devo a ele?

A resposta veio imediatamente. *Eu o amo*.

Com esse pensamento, recuperou as forças. Começou a correr, apesar das gargalhadas de Kliss. Tinha que tentar. Entrou no corredor e chegou às passagens. Contudo, as palavras de Kliss se revelaram certas: os escuros corredores de pedra eram estreitos e sem adornos. Nunca encontraria o caminho a tempo.

O telhado, pensou. *O quarto de Elend deve ter uma sacada. Preciso de uma janela!*

Saiu correndo pelo corredor, arrancando os sapatos e tirando as meias. Correu o mais que pôde com o vestido. Procurava freneticamente por uma janela grande o bastante para passar por ela. Disparou por um corredor mais largo, vazio exceto pelas tochas que brilhavam.

Uma imensa janela circular, cor de lavanda, estava do outro lado do aposento.

Bom o bastante, Vin pensou. Avivando aço, atirou-se no ar, *empurrando* a imensa porta de ferro atrás de si. Voou por um momento, então *empurrou* com força contra o marco de ferro da janela.

Deteve-se no ar, *empurrando* ao mesmo tempo para frente e para trás. Esforçou-se, flutuando no corredor vazio, avivando o peltre para não ser esmagada. A janela circular era enorme, mas era principalmente composta por vidro. Quão resistente poderia ser?

Muito resistente. Vin grunhiu com a força que fazia. Ouviu um estalo atrás de si, e a porta começou a ceder nos batentes.

Tem... que... ceder!, ela pensou irada, avivando seu aço. Pedaços de pedra caíram ao redor da janela.

Então, com um *crack*, a janela se soltou da parede de pedra. Despencou na noite escura, e Vin disparou atrás dela.

As brumas frias a envolveram. Ela *puxou* levemente a porta dentro do quarto, impedindo-se de ir longe demais, então *empurrou* com força a janela que caía. A enorme janela girou embaixo dela, agitando as brumas, enquanto Vin saía voando direto na direção do telhado.

A janela se espatifou no chão bem quando Vin chegou à beira do telhado, seu vestido tremulando loucamente no vento. Aterrissou no telhado de bronze com um golpe, sem conseguir se agachar. Sentiu o metal frio sob seus pés e mãos.

O estanho avivado iluminou a noite. Não viu nada fora do normal.

Queimou bronze, usando-o como Marsh a ensinara, em busca de sinais de alomancia. Não havia nada – os assassinos tinham um esfumaçador com eles.

Não posso procurar pelo edifício todo!, Vin pensou, desesperada, avivando seu bronze. *Onde estão?*

Então, estranhamente, pensou ter sentido algo. Um pulso alomântico na noite. Fraco. Escondido. Mas era o bastante.

Vin se levantou e saiu correndo pelo telhado, confiando em seus instintos. Enquanto corria, avivou peltre e agarrou o vestido perto do pescoço,

arrancando o traje com um único puxão. Pegou a bolsa de moedas e o frasco de metais de um bolso escondido, e então – ainda correndo – rasgou o vestido, as anáguas, e a meia-calça, jogando tudo de lado. Seu corpete e luvas foram na sequência. Por baixo, usava uma camisa fina, sem mangas, e calções brancos.

Corria freneticamente. *Não posso chegar tarde*, pensou. *Por favor. Não posso.*

Figuras se moviam nas brumas adiante. Estavam perto de uma claraboia do telhado; Vin passara por várias outras similares enquanto corria. Uma das figuras apontou para a claraboia, empunhando uma arma que brilhava em sua mão.

Vin gritou, *empurrando*-se para longe do telhado de bronze e traçando um arco ao saltar. Aterrissou bem no meio do grupo surpreso, então jogou sua bolsa de moedas, rasgando-a em duas.

As moedas se espalharam no ar, refletindo a luz da janela abaixo. Enquanto a chuva cintilante de metal caía ao redor de Vin, ela *empurrou*.

Moedas dispararam como um enxame de insetos, cada uma deixando um rastro nas brumas. As figuras gritaram quando as moedas acertaram suas carnes, e várias das formas escuras caíram.

Várias, não. Algumas das moedas foram desviadas, *empurradas* de lado por invisíveis mãos alomânticas. Quatro pessoas permaneceram em pé: dois deles usavam capas de bruma; uma delas era familiar.

Shan Elariel. Vin não precisava ver a capa para entender; era a única razão pela qual uma mulher tão importante quanto Shan estaria na cena de um assassinato como esse. Era uma Nascida das Brumas.

– *Você*? – Shan perguntou, surpresa. Usava calça e camisa negras, o cabelo escuro preso para trás, a capa de bruma parecendo quase elegante.

Dois nascidos das brumas, Vin pensou. *Isso não é bom*. Começou a correr, desviando, quando um dos assassinos brandiu seu bastão de duelo contra ela.

Vin deslizou pelo telhado, então se *puxou* para parar, girando com uma mão apoiada no frio bronze. Estendeu o braço e *puxou* as poucas moedas que não tinham se perdido na noite, atraindo-as para sua mão.

– Matem-na! – Shan exclamou. Os dois homens que Vin derrubara gemiam no telhado. Não estavam mortos – na verdade, um estava tentando ficar em pé.

Brutamontes, Vin pensou. *Os outros dois são provavelmente Lançamoedas*.

Como se para provar que ela estava certa, um dos homens tentou *empurrar* o frasco de metais de Vin para longe. Felizmente, não havia metal suficiente no frasco para lhe dar uma boa âncora, e ela o segurou com facilidade.

Shan voltou sua atenção para a claraboia.

Não, não vai!, Vin pensou, avançando na direção dela.

O Lançamoedas gritou quando ela se aproximou. Vin derrubou uma moeda e a atirou nele. Ele, é claro, a *empurrou* – mas Vin se ancorou contra o telhado de bronze e, avivando aço, *empurrou* contra ele com força.

O *empurrão* de aço do homem – transmitido da moeda para Vin e dela para o telhado – o lançou no ar. Ele gritou, despencando na escuridão. Era só um brumoso, e não podia se *puxar* de volta para o telhado.

O outro Lançamoedas tentou atingir Vin com moedas, mas ela as desviou com facilidade. Infelizmente, não era tão tolo quanto seu companheiro, e soltou as moedas logo depois de *empurrá*-la. Contudo, era óbvio que não podia acertá-la. Por que continuava...

O outro Nascido das Brumas!, Vin pensou, rolando enquanto uma figura saltava na escuridão, facas de vidro cintilando no ar.

Vin mal conseguiu desviar, avivando peltre para recuperar o equilíbrio. Ficou em pé ao lado do Brutamontes ferido, que tentava se levantar, debilitado. Avivando peltre de novo, Vin acertou o ombro no peito do homem, jogando-o de lado.

O homem cambaleou, desajeitado, ainda segurando a lateral do corpo, que sangrava. Então tropeçou e caiu sobre a claraboia. O fino vidro pintado se espatifou quando ele caiu, e os ouvidos de Vin, amplificados pelo estanho, puderam ouvir gritos de surpresa vindos de baixo, seguidos por um golpe quando o Brutamontes atingiu o chão.

Vin olhou para cima, sorrindo malevolamente para a atônita Shan. Atrás dela, o segundo Nascido das Brumas – um homem – praguejava em voz baixa.

– Você... você... – Shan balbuciou, os olhos ardendo perigosamente de fúria na noite.

Aceite o aviso, Elend, Vin pensou, *e fuja. É hora de eu partir*.

Não podia encarar dois nascidos das brumas de uma vez – não conseguia nem derrotar Kelsier na maioria das noites. Avivando aço, Vin se lançou para trás. Shan deu um passo adiante – parecendo determinada – *empurrando*-se atrás de Vin. O segundo Nascido das Brumas se juntou a ela.

Maldição!, Vin pensou, rodopiando no ar e se *empurrando* contra o beiral do telhado perto de onde quebrara a janela circular. No chão, figuras corriam de um lado para o outro com suas lanternas iluminando as brumas. Provavelmente Lorde Venture pensava que a confusão significava que seu filho estava morto. Ficaria surpreso.

Vin se lançou no ar mais uma vez, saltando no vazio cheio de brumas. Ouviu os dois nascidos das brumas aterrissando atrás dela, então se impulsionou de novo.

Isso não é bom, Vin pensou, nervosa, enquanto percorria as correntes de ar por entre as brumas. Não tinha mais moedas, nem adagas – e enfrentava dois nascidos das brumas bem treinados.

Queimou ferro, procurando freneticamente por uma âncora na noite. Uma linha azul, movendo-se lentamente, apareceu à sua direita.

Vin *puxou* a linha, mudando sua trajetória. Lançou-se para baixo, a muralha da Fortaleza Venture apareceu como uma sombra escura sob ela. Sua âncora era a placa peitoral de um guarda desafortunado, que se agarrava loucamente a um dos dentes das ameias para não ser *puxado* na direção de Vin.

Vin se chocou contra o homem com os pés, então girou no ar brumoso, rodopiando para aterrissar na pedra fria. O guarda caiu na pedra e gritou, agarrando desesperadamente a pedra enquanto outra força alomântica o *puxava*.

Sinto muito, amigo, Vin pensou, chutando a mão do homem para soltá-lo da ameia. Ele imediatamente foi lançado para cima, como se *puxado* por um poderoso cabo.

O som de corpos colidindo soou na escuridão acima dela, e Vin viu um par de formas flácidas cair no pátio dos Venture. Ela sorriu e saiu correndo pela muralha. *Espero que tenha sido Shan*.

Vin saltou, aterrissando em cima da guarita dos guardas. Perto da fortaleza, as pessoas se reuniam, subindo em suas carruagens para fugir.

E assim começa a guerra entre as casas, Vin pensou. *Não pensei que seria eu que a iniciaria oficialmente.*

Uma figura despencou sobre ela, vinda das brumas acima. Vin gritou, avivando peltre e saltando de lado. Shan aterrissou com destreza – as tiras de sua capa de brumas ondulando – sobre a guarita. Empunhava duas adagas, e seus olhos resplandeciam de raiva.

Vin saltou de lado, rolando para fora da guarita, e pousando na muralha abaixo. Dois guardas se alarmaram, surpresos em ver uma garota seminua cair entre eles. Shan saltou na muralha atrás deles, então *empurrou*, atirando um dos guardas na direção de Vin.

O homem gritou quando Vin *empurrou* sua placa peitoral também – mas ele era muito mais pesado, e ela foi jogada de costas. *Puxou* o guarda para diminuir sua velocidade, e ele se chocou contra a parte superior da muralha.

Vin aterrissou com agilidade ao lado dele, então agarrou o bastão, que já rolava das mãos do homem.

Shan atacou com um clarão de adagas giratórias, e Vin foi obrigada a saltar para trás novamente. *Ela é tão boa!*, Vin pensou, ansiosa. Treinara pouco com adagas; agora, desejava ter pedido um pouco mais de prática para Kelsier. Brandiu o bastão, mas nunca usara uma arma dessas antes, e seu ataque foi risível.

Shan golpeou, Vin sentiu uma ardência de dor na bochecha enquanto se esquivava. Derrubou o bastão, surpresa, levando a mão ao rosto e sentindo sangue. Recuou, cambaleando, vendo o sorriso no rosto de Shan.

Então Vin se lembrou do frasco. Aquele que ainda carregava – aquele que Kelsier lhe dera.

Atium.

Não se preocupou em tirá-lo do lugar em que o colocara na cintura. Queimou aço, *puxando* a conta de atium. O frasco se estilhaçou e a conta disparou na direção de Vin. Ela a pegou com a boca e a tragou no ato.

Shan se deteve. Então, antes que Vin pudesse fazer qualquer coisa, engoliu algo de seu próprio frasco.

É claro que ela tem atium!

Mas, quanto teria? Kelsier não dera muito para Vin – só o suficiente para uns trinta segundos. Shan pulou para frente, sorrindo, seu longo cabelo escuro ondulando no ar. Vin cerrou os dentes. Não tinha muita escolha.

Queimou atium. Imediatamente, a forma de Shan disparou dezenas de sombras fantasmagóricas de atium. Era um impasse entre as Nascidas das Brumas: a primeira que ficasse sem atium ficaria vulnerável. Não se podia escapar de um oponente que sabia exatamente o que outro ia fazer.

Vin cambaleou para trás, mantendo os olhos em Shan. A nobre avançou, suas formas fantasmagóricas faziam uma bolha insana de movimento transparente ao seu redor. Parecia calma. Segura.

Ela tem atium o bastante, Vin pensou, sentindo seu próprio estoque se esgotar. *Preciso escapar*.

De repente, uma sombra de pedaço de madeira disparou em direção ao peito de Vin. Ela desviou para o lado bem quando a flecha verdadeira – aparentemente feita sem ponta de metal – passou pelo ar onde estava parada antes. Olhou na direção da guarita, onde vários soldados erguiam seus arcos.

Praguejou, olhando de relance para as brumas. Ao fazer isso, notou um sorriso em Shan.

Ela só está esperando que meu atium acabe. Quer que eu corra – sabe que pode me alcançar.

Havia só uma alternativa: atacar.

Shan franziu o cenho, surpresa, quando Vin avançou, flechas fantasmas acertaram as pedras um pouco antes de suas congêneres verdadeiras chegarem. Vin desviou-se entre duas flechas – sua mente amplificada pelo atium sabendo exatamente como se mover –, passando tão perto que pôde sentir os projéteis no ar em cada lado de seu corpo.

Shan brandiu as adagas, e Vin se virou de lado, desviando de um golpe e bloqueando o outro com o antebraço, sentindo um corte profundo. Seu sangue jorrou no ar quando ela girou – cada gota desprendendo uma imagem transparente de atium –, avivou seu peltre e acertou Shan bem no estômago.

Shan grunhiu de dor, dobrou levemente o corpo, mas não caiu.

O atium está quase acabando, Vin pensou, desesperada. *Só sobram alguns segundos.*

Então, apagou seu atium, expondo-se.

Shan sorriu com malícia, erguendo-se, empunhando a adaga com confiança na mão direita. Presumira que Vin estava sem atium – e, portanto, presumira que estava exposta. Vulnerável.

Nesse momento, Vin queimou o último resto de atium. Shan se deteve brevemente, confusa, dando a Vin uma oportunidade quando uma flecha fantasma passou pelas brumas sobre elas.

Vin pegou a flecha verdadeira que veio em seguida – a madeira granulosa queimando seus dedos – e a cravou no peito de Shan. A vareta se quebrou nas mãos de Vin, deixando aproximadamente uns três centímetros no corpo de Shan. A mulher cambaleou para trás, permanecendo em pé.

Maldito peltre, Vin pensou, desembainhando a espada do soldado inconsciente que tinha a seus pés. Saltou para frente, rangendo os dentes com determinação, e Shan – ainda aturdida – levantou uma mão para *empurrar* a espada.

Vin soltou a arma – era apenas uma distração – enquanto cravava a outra metade da flecha quebrada no peito de Shan, bem ao lado da primeira.

Desta vez, Shan caiu. Tentou se levantar, mas um dos pedaços de flecha devia ter causado um dano sério ao coração, pois seu rosto empalideceu. Lutou por um momento, então caiu sem vida nas pedras.

Vin ficou parada, respirando profundamente enquanto limpava o sangue da bochecha – só para perceber que seu braço ensanguentado só estava deixando o

rosto pior. Atrás dela, os soldados gritavam, disparando mais flechas.

Vin olhou para trás, na direção da fortaleza, despedindo-se de Elend, e então se *empurrou* na noite.

Outros homens se preocupam se serão ou não lembrados. Não tenho tais temores; mesmo desconsiderando as profecias de Terris, tenho trazido tanto caos, conflito e esperança para este mundo que há poucas chances de eu ser esquecido.

Preocupa-me o que dirão de mim. Historiadores podem fazer o que quiserem com o passado. Daqui a mil anos, serei recordado como o homem que protegeu a humanidade de um mal poderoso? Ou serei lembrado como o tirano que arrogantemente tentou se converter em lenda?

31

– Não sei – Kelsier disse, sorrindo, enquanto dava de ombros. – Brisa daria um bom Ministro do Saneamento.

O grupo gargalhou, embora Brisa simplesmente revirasse os olhos.

– Honestamente, não sei por que sempre sou o alvo das piadas de vocês. Por que precisam escolher a única pessoa digna desta gangue como objeto de zombaria?

– Porque, meu caro – Ham disse, imitando o jeito de Brisa falar –, você é, de longe, o melhor "objeto" que temos.

– Ah, por favor – Brisa disse, enquanto Fantasma quase caía no chão de tanto rir. – Isso está ficando infantil. O adolescente é o único que achou *esse* comentário engraçado, Hammond.

– Sou um soldado – Ham disse, erguendo a taça. – Seus engenhosos ataques verbais não têm nenhum efeito sobre mim, pois sou muito estúpido para entendê-los.

Kelsier gargalhou, com as costas apoiadas no armário. O problema de trabalhar à noite era que perdia as reuniões noturnas na cozinha de Trevo. Brisa e Ham continuavam com suas brincadeiras habituais. Dox estava sentado na ponta da mesa, olhando livros-caixa e relatórios, enquanto Fantasma estava perto de Ham, ansioso, tentando fazer o melhor possível para participar da conversa. Trevo estava sentado em seu canto, supervisionando, sorrindo de vez

em quando, e em geral desfrutando de sua capacidade de fazer as melhores caretas da sala.

– Eu devia ir embora, Mestre Kelsier – Sazed disse, olhando para o relógio da parede. – A senhora Vin deve estar pronta para partir.

Kelsier assentiu.

– Eu também preciso ir. Ainda tenho que...

A porta dos fundos da cozinha se abriu de repente. A silhueta de Vin apareceu recortada nas brumas escuras, vestindo nada mais do que roupas íntimas – uma camisa fina branca e calções. Ambos estavam manchados de sangue.

– Vin! – Ham exclamou, levantando-se.

A bochecha dela tinha um corte longo e fino, e tinha amarrado uma bandagem no antebraço.

– Estou bem – ela disse, cansada.

– O que aconteceu com seu vestido? – Dockson imediatamente quis saber.

– Quer dizer isso? – Vin perguntou, desculpando-se, segurando um emaranhado de tecido azul manchado de fuligem e rasgado. – Eu... o peguei no caminho. Desculpe, Dox.

– Pelo Senhor Soberano, garota! – Brisa disse. – Esqueça o vestido. O que aconteceu com *você*?

Vin balançou a cabeça, fechando a porta. Fantasma corou violentamente vendo-a como estava, e Sazed se dirigiu até ela no mesmo instante, examinando o corte em seu rosto.

– Acho que fiz algo errado – Vin disse. – Eu... meio que matei Shan Elariel.

– Você fez *o quê*? – Kelsier perguntou enquanto Sazed estalava a língua em desaprovação, deixando o corte menor, na bochecha, de lado para desfazer a bandagem do braço.

Vin estremeceu de leve com as inspeções de Sazed.

– Ela era uma Nascida das Brumas. Nós lutamos. Eu venci.

Você matou uma Nascida das Brumas completamente treinada?, Kelsier pensou, surpreso. *Mal está praticando há oito meses!*

– Mestre Hammond – Sazed pediu –, poderia buscar minha bolsa de curandeiro?

Ham assentiu, levantando-se.

– Poderia trazer algo para ela vestir também – Kelsier sugeriu. – Acho que o pobre Fantasma está prestes a ter um ataque do coração.

– O que está errado com isso? – Vin perguntou, apontando com a cabeça para

suas roupas. – Não é muito mais revelador do que outras roupas de ladra que já usei.

– São roupas de baixo, Vin – Dockson explicou.

– E?

– É o princípio da questão – Dockson disse. – Jovens damas não correm por aí em roupas de baixo, não importa o quanto essas roupas possam parecer roupas normais.

Vin deu de ombros, sentando-se enquanto Sazed tirava a bandagem de seu braço. Parecia... exausta. E não só por causa da luta. *O que mais teria acontecido na festa?*

– Onde lutou com a mulher Elariel? – Kelsier perguntou.

– Do lado de fora da Fortaleza Venture – Vin disse, abaixando o olhar. – Eu... acho que alguns guardas me viram. Alguns dos nobres devem ter visto também, não tenho certeza.

– Isso vai trazer problemas – Dockson disse, suspirando. – É claro, esse ferimento na bochecha vai ser bastante óbvio, mesmo com maquiagem. Sinceramente, vocês, alomânticos... Nem mesmo se preocupam em como vão parecer no dia *seguinte* a uma dessas lutas?

– Eu estava meio que concentrada em permanecer viva, Dox – Vin disse.

– Ele só está reclamando porque está preocupado com você – Kelsier disse, enquanto Ham voltava com a bolsa. – É o que ele faz.

– Os dois ferimentos requerem pontos imediatamente, senhora – Sazed disse. – O do braço chegou ao osso, creio.

Vin assentiu, e Sazed esfregou o braço dela com um unguento anestésico antes de começar a trabalhar. Ela suportou sem muito desconforto visível – embora, obviamente, tivesse avivado seu peltre.

Parece tão esgotada, Kelsier pensou. Era uma coisinha de aparência tão frágil, na sua maioria só braços e pernas. Hammond colocou uma capa ao redor de seus ombros, mas ela parecia cansada demais para se importar.

E eu a levei a isso.

É claro, ela sabia muito bem que não precisava se meter nesse tipo de encrenca. Depois de um tempo, Sazed terminou sua eficiente costura, e amarrou uma bandagem nova ao redor de seu braço. Ia agora para a bochecha.

– Por que lutar com uma Nascida das Brumas? – Kelsier perguntou, severo. – Tinha que ter fugido. Não aprendeu nada com sua batalha contra os Inquisidores?

– Não tinha como fugir sem dar as costas para ela – Vin contou. – Além

disso, ela tinha mais atium do que eu. Se eu não atacasse, ela teria me alcançado. Tive que golpear enquanto estávamos em condições iguais.

– Mas como se meteu nisso, antes de mais nada? – Kelsier exigiu saber. – Ela a atacou?

Vin olhou para seus pés.

– Eu ataquei primeiro.

– Por quê? – Kelsier perguntou.

Vin ficou em silêncio por um momento, enquanto Sazed trabalhava em sua bochecha.

– Ela ia matar Elend – disse, finalmente.

Kelsier bufou de exasperação.

– Elend Venture? Você arriscou sua vida... arriscou o plano e nossas vidas... por esse garoto tolo?

Vin olhou para ele, encarando-o.

– Sim.

– O que há de errado com você, garota? – Kelsier perguntou. – Elend Venture não vale isso.

Ela ficou em pé, zangada. Sazed recuou e a capa caiu no chão.

– Ele é um bom homem!

– Ele é um nobre!

– *Assim como vocês!* – Vin exclamou. Acenou, frustrada, em direção à cozinha e à gangue. – O que acha que *isso* é, Kelsier? A vida de um skaa? O que qualquer um de vocês sabe sobre os skaa? Roupas aristocráticas, perseguições noturnas, refeições completas e drinques ao redor da mesa com os amigos? Essa não é a vida de um skaa!

Deu um passo adiante, encarando Kelsier. Ele pestanejou, surpreso com a explosão dela.

– O que sabe sobre eles, Kelsier? – ela perguntou. – Quando foi a última vez que dormiu em um beco, tremendo embaixo da chuva fria, ouvindo o mendigo perto de você tossir com uma doença que sabe que vai matá-lo? Quando foi a última vez que ficou acordado à noite, aterrorizado porque um dos homens de sua gangue poderia tentar estuprá-lo? Já se ajoelhou alguma vez, morrendo de fome, desejando ter coragem de esfaquear o integrante da gangue ao seu lado só para tomar o pedaço de pão dele? Já se acovardou diante do seu irmão enquanto ele o espancava, agradecendo todo o tempo porque alguém pelo menos *prestava atenção em você*?

Ficou em silêncio, arfando de leve, os membros da gangue a encarando.

– Não me fale dos nobres – Vin disse. – E não fale coisas sobre pessoas que não conhece. Vocês não são skaa... são apenas nobres sem títulos.

Deu meia-volta, saindo do aposento. Kelsier a observou partir, surpreso, ouvindo os passos dela na escada. Ficou parado, estupefato, sentindo um arrebatar surpreendente de culpa e vergonha.

E, pela primeira vez, encontrou-se sem ter o que dizer.

Vin não foi para seu quarto. Subiu até o telhado, onde as brumas se revolviam silenciosamente, na noite sem luzes. Sentou-se em um canto, sentindo a borda de pedra do telhado plano e a madeira contra suas costas quase nuas.

Estava com frio, mas não se importava. Seu braço doía um pouco, mas estava quase entorpecido. Era ela que não se sentia entorpecida o suficiente.

Cruzou os braços, encolhendo-se e observando as brumas. Não sabia o que pensar, muito menos o que sentir. Não devia ter explodido com Kelsier, mas tudo o que acontecera... a luta, a traição de Elend... a fazia se sentir frustrada. Precisava ficar brava com *alguém*.

Devia estar brava consigo mesma, a voz de Reen sussurrou. *Você que os deixou se aproximar. Agora, todos vão abandoná-la.*

Não podia fazer a dor parar. Só podia ficar sentada e estremecer enquanto as lágrimas caíam, perguntando-se como tudo desmoronara tão rapidamente.

O alçapão do telhado se abriu com um rangido baixo, e a cabeça de Kelsier apareceu.

Ah, Senhor Soberano! Não quero encará-lo agora. Tentou secar as lágrimas, mas só conseguiu agravar o machucado recém-costurado em sua bochecha.

Kelsier fechou o alçapão atrás de si, então ficou parado, alto e orgulhoso, encarando as brumas. *Ele não merece as coisas que eu disse. Nenhum deles merece*.

– Observar as brumas é reconfortante, não é? – Kelsier perguntou.

Vin assentiu.

– O que eu lhe disse uma vez? As brumas lhe protegem, lhe dão poder... lhe escondem...

Olhou para baixo, então se aproximou e se agachou atrás dela, segurando uma capa.

– Há algumas coisas das quais não é possível se esconder, Vin. Eu sei... eu tentei.

Ela aceitou a capa, e a enrolou nos ombros.

– O que aconteceu esta noite? – ele perguntou. – O que *realmente* aconteceu?

– Elend me disse que não queria mais estar comigo.

– Ah – Kelsier disse, sentando-se ao lado dela. – Isso foi antes ou depois de você matar a ex-noiva dele?

– Antes – Vin contou.

– E ainda assim o protegeu?

Vin assentiu, fungando em silêncio.

– Eu sei. Sou uma idiota.

– Não mais que o resto de nós – Kelsier disse, com um suspiro. Olhou para as brumas. – Eu também amava Mare, mesmo depois que ela me traiu. Nada pode mudar o que eu sentia.

– E é por isso que dói tanto – Vin disse, lembrando-se do que Kelsier dissera antes. *Acho que finalmente entendo.*

– Não se deixa de amar alguém simplesmente porque essa pessoa te machucou – ele comentou. – Certamente tornaria as coisas mais fáceis se isso acontecesse.

Ela começou a fungar novamente, e ele colocou um braço paternal ao redor dela. Ela se aproximou, tentando usar o calor dele para afastar a dor.

– Eu o amava, Kelsier – ela sussurrou.

– Elend? Eu sei.

– Não, não Elend – Vin disse. – Reen. Ele me batia, uma vez, e outra, e outra. Ele me xingava, gritava comigo, dizia que me trairia. Todo dia eu pensava no quanto eu o odiava. E eu o amava. Ainda amo. Dói tanto pensar que ele se foi, mesmo que sempre dissesse que partiria.

– Ah, criança – Kelsier disse, abraçando-a. – Sinto muito.

– Todo mundo me deixa – ela murmurou. – Mal consigo me lembrar da minha mãe. Ela tentou me matar, sabe. Ouvia vozes em sua cabeça, e as vozes a fizeram matar minha irmãzinha. Provavelmente ia me matar na sequência, mas Reen a deteve. De qualquer jeito, ela me deixou. Depois disso, me apeguei a Reen. Ele partiu também. Amo Elend, mas ele não me quer mais. – Olhou para Kelsier. – Quando você vai partir? Quando vai me deixar?

Kelsier pareceu entristecido.

– Eu... Vin, não sei. Esse trabalho, esse plano...

Ela o olhou nos olhos, buscando os segredos por trás deles. *O que está escondendo de mim, Kelsier? Algo tão perigoso assim?* Secou os olhos de novo, afastando-se dele, sentindo-se uma tola.

Ele abaixou os olhos, balançando a cabeça.

– Olhe, agora você deixou sangue sobre todo o meu belo, sujo e falso traje de informante.

Vin sorriu.

– Pelo menos, em parte, é sangue nobre. Mandei bem com Shan.

Kelsier gargalhou.

– Provavelmente está certa sobre mim, sabe. Não dou muita chance para a nobreza, não é?

Vin corou.

– Kelsier, eu não devia ter dito aquelas coisas. Vocês são boas pessoas, e esse seu plano... bem, eu percebo o que está tentando fazer pelos skaa.

– Não, Vin – Kelsier falou, negando com a cabeça. – O que disse é verdade. Não somos skaa de verdade.

– Mas isso é bom – Vin comentou. – Se fossem skaa comuns, não teriam a experiência ou a coragem de planejar algo assim.

– Eles podem não ter experiência – Kelsier falou. – Mas têm coragem. Nosso exército perdeu, é verdade, mas esteve disposto – com treinamento mínimo – a enfrentar uma força superior. Não, os skaa não têm falta de coragem. Só de oportunidade.

– Então é sua posição, meio skaa, meio nobre, que *lhe* dá a oportunidade, Kelsier. E você escolheu usar essa oportunidade para ajudar sua metade skaa. Isso o faz digno de ser um skaa, se nada mais fizer.

Kelsier sorriu.

– Digno de ser um skaa. Gostei de como soa. De qualquer forma, talvez eu precise passar um pouco menos de tempo me preocupando com quais nobres matar e um pouco mais me preocupando com quais camponeses ajudar.

Vin assentiu, puxando a capa de encontro ao corpo, enquanto encarava as brumas. *Elas nos protegem... nos dão poder... nos escondem...*

Não sentia que precisava se esconder há muito tempo. Mas agora, depois das coisas que dissera lá embaixo, quase desejava poder sumir como um punhado de bruma.

Tenho que contar para ele. Pode significar o sucesso ou o fracasso do plano. Respirou profundamente.

– A Casa Venture tem uma fraqueza, Kelsier.

Ele se animou.

– Tem?

Vin assentiu.

– Atium. Eles asseguram que o metal seja coletado e entregue... é a fonte da

riqueza deles.

Kelsier se deteve por um momento.

– É claro! É como conseguem pagar os impostos, é por isso que são tão poderosos... Ele *precisa* que alguém cuide dessas coisas para ele...

– Kelsier? – Vin perguntou.

Ele olhou para ela.

– Não... faça nada a menos que seja necessário, tudo bem?

Kelsier franziu o cenho.

– Eu... não sei se posso prometer alguma coisa, Vin. Tentarei encontrar outro jeito, mas como as coisas estão agora, Venture tem que cair.

– Eu entendo.

– Estou contente que tenha me contado, no entanto.

Ela assentiu. *E, agora, eu o traí também*. Havia uma paz, no entanto, em saber que não fizera isso por despeito. Kelsier tinha razão: a Casa Venture era um poder que precisava ser derrubado. Estranhamente, sua menção à casa pareceu incomodar mais a Kelsier do que a ela. Ele ficou sentado, encarando as brumas, estranhamente melancólico. Começou a coçar o braço, absorto.

As cicatrizes, Vin pensou. *Não é na Casa Venture que está pensando – é nas Minas. Nela*.

– Kelsier? – ela o chamou.

– Sim? – os olhos dele ainda pareciam um pouco... ausentes enquanto observava as brumas.

– Não acho que Mare o traiu.

Ele sorriu.

– Fico feliz que pense assim.

– Não, realmente quero dizer isso. – Vin falou. – Os Inquisidores estavam esperando por vocês quando chegaram ao centro do palácio, certo?

Kelsier assentiu.

– Estavam esperando por nós também.

Kelsier negou com a cabeça.

– Você e eu lutamos com alguns guardas, fizemos barulho. Quando Mare e eu entramos, estávamos em silêncio. Planejamos por um ano... fomos sigilosos, silenciosos e muito cuidadosos. Alguém armou uma armadilha para nós.

– Mare era uma alomântica, certo? – Vin perguntou. – Eles podem ter sentido vocês chegarem.

Kelsier negou com a cabeça.

– Tínhamos um esfumaçador conosco. Redd era o nome dele... os

Inquisidores o mataram no ato. Eu me questionei se ele era o traidor, mas não se encaixa. Redd nem sabia sobre a infiltração até aquela noite, quando fomos buscá-lo. Só Mare sabia o bastante – datas, horários, objetivos – para nos trair. Além disso, há o comentário do Senhor Soberano. Você não o viu, Vin. Sorrindo enquanto agradecia a Mare. Havia... honestidade nos olhos dele. Dizem que o Senhor Soberano não mente. Por que precisaria?

Vin ficou em silêncio por um momento, considerando o que ele dissera.

– Kelsier – falou, lentamente –, acho que os Inquisidores podem sentir nossa alomancia mesmo quando estamos queimando cobre.

– Impossível.

– Fiz isso essa noite. Perfurei a nuvem de cobre de Shan para localizá-la, junto com os outros assassinos. Foi como cheguei até Elend a tempo.

Kelsier franziu o cenho.

– Deve estar enganada.

– Aconteceu antes, também – Vin contou. – Posso sentir o toque do Senhor Soberano sobre minhas emoções mesmo quando estou queimando cobre. E juro que quando estava me escondendo daquele Inquisidor que estava me caçando, ele me encontrou quando não devia ter sido capaz. Kelsier, e se for possível? E se se esconder, *esfumaçando*, não for apenas questão de seu cobre estar ou não aceso? E se depender do quão forte você é?

Kelsier ficou pensativo.

– Pode ser possível, suponho.

– Então Mare não teria traído você! – Vin disse, ansiosa. – Inquisidores são extremamente poderosos. Aqueles que estavam esperando por vocês, talvez tivessem sentido vocês queimando metais! Sabiam que um alomântico estava tentando se esgueirar pelo palácio. Então, o Senhor Soberano agradeceu a ela porque foi ela quem os deixou evidentes! Ela era a alomântica, queimando estanho, que os levou até vocês.

O rosto de Kelsier adquiriu uma expressão preocupada. Virou-se, sentando-se bem de frente para ela.

– Faça isso, então. Diga que metal estou queimando.

Vin fechou os olhos, avivando o bronze, ouvindo... sentindo, como Marsh lhe ensinara. Lembrou-se de seus treinamentos solitários, do tempo que passara se concentrando nas ondas que Brisa, Ham ou Fantasma emitiam para ela. Tentou detectar o ritmo difuso da alomancia. Tentou...

Por um instante, pensou ter sentido algo. Algo muito estranho – um pulso lento, como um tambor distante, diferente de qualquer ritmo alomântico que

sentira antes. Mas não vinha de Kelsier. Era distante... longe. Concentrou-se mais, tentando descobrir de que direção vinha.

Mas, de repente, ao se concentrar mais, outra coisa chamou sua atenção. Um ritmo mais familiar, vindo de Kelsier. Era fraco, difícil de sentir acima das batidas de seu próprio coração. Era uma batida ousada, rápida.

Abriu os olhos.

– Peltre! Está queimando peltre.

Kelsier pestanejou, surpreso.

– Impossível! – murmurou. – De novo!

Ela fechou os olhos.

– Estanho – disse, depois de um instante. – Agora, aço; você mudou enquanto eu falava.

– Maldição!

– Eu estava certa – Vin disse, ansiosa. – É possível *sentir* pulsos alomânticos através do cobre! São baixos, mas acho que você tem que se concentrar o bastante para...

– Vin – Kelsier a interrompeu –, não acha que alomânticos tentaram isso antes? Não acha que depois de mil anos, alguém teria notado que se pode perfurar uma nuvem de cobre? *Eu mesmo* tentei. Eu me concentrei por horas em meu mestre, tentando sentir algo através da nuvem de cobre dele.

– Mas... – Vin falou. – Mas por que...?

– Dever ter relação com a força, como você disse. Inquisidores podem *empurrar* e *puxar* com mais força do que qualquer Nascido das Brumas comum... talvez sejam tão fortes que podem superar o metal de outra pessoa.

– Mas, Kelsier – ela disse em voz baixa –, eu não sou um Inquisidor.

– Mas você é forte – ele respondeu. – Mais forte do que tinha o direito de ser. Matou uma Nascida das Brumas experiente esta noite!

– Por sorte – Vin falou, corando. – Só a enganei.

– Alomancia *é* feita de truques, Vin. Não, há algo especial em você. Notei no primeiro dia, quando lutou contra minhas tentativas de *empurrar* e *puxar* suas emoções.

Ela corou.

– Não pode ser, Kelsier. Talvez eu só tenha praticado mais com bronze do que você... eu não sei, eu só...

– Vin – Kelsier falou –, você ainda é muito modesta. É boa nisso... é mais do que óbvio. Se é por isso que pode ver através das nuvens de cobre... bem, não sei. Mas aprenda a ter um pouco de orgulho de si mesma, menina! Se há algo

que posso lhe ensinar, é como ser autoconfiante.

Vin sorriu.

– Vamos – ele disse, levantando-se e estendendo a mão para ajudá-la. – Sazed vai se preocupar a noite toda se não deixá-lo terminar de dar pontos nessa bochecha machucada, e Ham está ansioso para ouvir sobre a batalha. Foi um bom trabalho deixar o corpo de Shan na Fortaleza Venture, a propósito; quando a Casa Elariel souber que ela foi encontrada morta na propriedade Venture...

Vin permitiu que ele a puxasse, mas olhou para o alçapão, apreensiva.

– Eu... não sei se quero descer ainda, Kelsier. Como posso encará-los?

Kelsier gargalhou.

– Ah, não se preocupe. Se não diz coisas estúpidas de vez em quando, certamente não se encaixa *neste* grupo. Vamos.

Vin hesitou, então o deixou levá-la para o calor da cozinha.

– Elend, como pode ler em tempos como este? – Jastes perguntou.

Elend ergueu os olhos do livro.

– Isso me acalma.

Jastes ergueu uma sobrancelha. O jovem Lekal estava sentado impacientemente na carruagem, tamborilando com os dedos no apoio de braço. As cortinas da janela estavam fechadas, em parte para ocultar a luz da lanterna de leitura de Elend, em parte para manter as brumas do lado de fora. Embora, Elend jamais admitiria, a névoa rodopiante o deixasse um pouco nervoso. Nobres não deviam temer tais coisas, mas isso não mudava o fato de que as brumas densas e pegajosas eram bem assustadoras.

– Seu pai ficará lívido quando voltar – Jastes observou, ainda tamborilando.

Elend deu de ombros, apesar do comentário o deixar um pouco mais nervoso. Não por causa de seu pai, mas pelo que acontecera naquela noite. Alguns alomânticos, aparentemente, estavam espionando o encontro de Elend com seus amigos. Que informações teriam reunido? Sabiam sobre os livros que lera?

Felizmente, um deles tropeçara, caindo pela claraboia de Elend. Depois disso, tudo virou confusão e caos – soldados e pessoas da festa correndo quase em pânico. O primeiro pensamento de Elend fora para os livros – os perigosos, aqueles que, se os obrigadores descobrissem que possuía, o deixariam em sérios apuros.

Então, no meio da confusão, enfiara todos os volumes em uma mala e

seguira Jastes até a saída lateral do palácio. Pegar uma carruagem e se esgueirar pelo pátio do palácio fora um ato extremo, talvez, mas fora ridiculamente fácil. Com a quantidade de carruagens fugindo da propriedade dos Venture, nem uma única pessoa parou para observar que o próprio Elend estava em uma carruagem com Jastes.

Deve estar tudo terminado, agora, Elend disse para si mesmo. *As pessoas vão perceber que a Casa Venture não estava tentando atacá-las, e que não havia realmente perigo algum. Só alguns espiões descuidados*.

Já devia ter retornado. Contudo, sua ausência conveniente do palácio lhe dera a desculpa perfeita para conferir outro grupo de espiões. Desta vez, o próprio Elend os enviara.

Uma súbita batida na porta fez Jastes dar um salto, e Elend fechou seu livro, abrindo a porta da carruagem. Felt, um dos espiões-chefe da Casa Venture, subiu na carruagem, assentindo com seu rosto aquilino e bigodudo para Elend e, depois, para Jastes.

– Bem? – Jastes perguntou.

Felt se sentou com a leveza apurada de sua espécie.

– O edifício é ostensivamente uma loja de carpintaria, senhor. Um dos meus homens ouviu falar do lugar: é dirigido por um tal de Mestre Cladent, carpinteiro skaa de razoável habilidade.

Elend franziu o cenho.

– Por que o mordomo de Valette viria para cá?

– Achamos que a loja é uma fachada, senhor – Felt disse. – Estivemos observando desde que o mordomo nos conduziu até aqui, como ordenou. Mas tivemos que ser muito cuidadosos... há vários postos de vigilância escondidos no telhado e nos andares de cima.

Elend franziu o cenho.

– Uma precaução estranha para uma simples loja de um artesão, eu diria.

Felt assentiu.

– Isso não é nem metade, senhor. Conseguimos que um de nossos melhores homens se esgueirasse para dentro do edifício... não cremos que o tenham visto... mas ele teve muita dificuldade para ouvir o que estava acontecendo lá dentro. As janelas estão trancadas e forradas para impedir o som.

Outra estranha preocupação, Elend pensou.

– O que acha que isso quer dizer? – perguntou para Felt.

– Deve ser um esconderijo do submundo, senhor – Felt falou. – E um dos bons. Se não tivéssemos vigiado com atenção, e com certeza do que procurar,

nunca teríamos notado os sinais. Meu palpite é que os homens lá dentro – incluindo terrisanos – são membros de uma gangue de ladrões skaa. Uma bem dotada e habilidosa.

– Uma gangue de ladrões skaa? – Jastes perguntou. – E Lady Valette também?

– Provavelmente, senhor – Felt assegurou.

Elend se deteve.

– Uma... gangue de ladrões skaa... – disse, atônito. *Por que mandariam um de seus membros para bailes? Para executar um golpe de algum tipo, talvez?*

– Senhor? – Felt perguntou. – Quer que ataquemos? Tenho homens suficientes para pegar a gangue inteira.

– Não – Elend disse. – Chame seus homens de volta, e não digam a ninguém o que viram esta noite.

– Sim, senhor – Felt respondeu, descendo da carruagem.

– Pelo Senhor Soberano! – Jastes disse quando a porta da carruagem se fechou. – Não admira que ela não parecesse uma nobre normal. Não era por sua educação rural... não é nada mais que uma ladra!

Elend assentiu, pensativo, sem saber ao certo o que achar de tudo aquilo.

– Você me deve desculpas – Jastes disse. – Eu estava certo sobre ela, hein?

– Talvez – Elend concordou. – Mas... de certo modo, estava errado sobre ela também. Não estava tentando me espionar... estava só tentando me roubar.

– Então?

– Eu... preciso pensar sobre isso. – Elend disse, estendendo o braço e batendo no teto da carruagem para começarem a se mover. Ele se acomodou no assento enquanto percorriam o caminho de volta para a Fortaleza Venture.

Valette não era a pessoa que dissera ser. Mas ele já estava preparado para essa notícia. Não só as palavras de Jastes sobre ela o tinham deixado desconfiado, como a própria Valette não negara as acusações de Elend mais cedo, naquela mesma noite. Era óbvio; ela estivera mentindo para ele. Interpretava um papel.

Devia ter ficado furioso. Percebia isso, logicamente, e uma parte dele se lamentava pela traição. Mas, estranhamente, a emoção primária que sentia era... alívio.

– O que foi? – Jastes perguntou, estudando Elend com o cenho franzido.

Elend balançou a cabeça.

– Você fez com que me preocupasse com isso por dias, Jastes. Eu me sentia tão mal que quase não conseguia fazer mais nada... tudo porque pensava que

Valette era uma traidora.

– Mas ela *é*. Elend, provavelmente ela está tentando dar um golpe em você!

– Sim – Elend concordou. – Mas, pelo menos, ela provavelmente não é uma espiã de outra casa. Em meio a todas essas intrigas, manobras políticas e punhaladas pelas costas que estão acontecendo ultimamente, algo tão simples como um roubo parece ligeiramente refrescante.

– Mas...

– É só dinheiro, Jastes.

– Dinheiro é meio que importante para alguns de nós, Elend.

– Não tão importante quanto Valette. Aquela pobre garota... todo esse tempo, deve ter se preocupado com o golpe que ia tentar aplicar em mim.

Jastes ficou em silêncio por um momento, então finalmente balançou a cabeça.

– Elend, só *você* ficaria aliviado em descobrir que alguém estava tentando roubá-lo. Preciso lembrá-lo de que a garota esteve mentindo todo o tempo? Você pode ter se ligado a ela, mas duvido que os sentimentos dela sejam genuínos.

– Você pode estar certo – Elend admitiu. – Mas... não sei, Jastes. Sinto como se *conhecesse* aquela garota. As emoções dela... pareciam muito reais, muito honestas para serem falsas.

– Duvido – Jastes comentou.

Elend negou com a cabeça.

– Não temos informações suficientes para julgá-la ainda. Felt acha que ela é uma ladra, mas deve haver outras razões para um grupo como esse enviar alguém para os bailes. Talvez seja apenas uma informante. Ou, talvez ela seja uma ladra... mas uma que jamais pretendeu me roubar. Passou muitíssimo tempo se misturando com os outros nobres; por que faria isso se eu era o alvo? De fato, passou relativamente *pouco* tempo comigo, e jamais me pediu nenhum presente.

Ele se deteve – imaginando seu encontro com Valette como um agradável acaso, um acontecimento que havia causado uma reviravolta terrível em suas vidas. Sorriu, então balançou a cabeça.

– Não, Jastes. Há mais aqui do que estamos vendo. Algo nela ainda não faz sentido.

– Suponho... que sim, El – Jastes disse, franzindo o cenho.

Elend se endireitou em seu assento quando um súbito pensamento lhe ocorreu – um pensamento que fazia suas especulações sobre as motivações de

Valette parecerem muito menos importantes.

– Jastes – ele disse –, ela é skaa!

– E?

– E me enganou... enganou a nós dois. Atuou como parte da aristocracia quase que perfeitamente.

– Uma aristocrata inexperiente, talvez.

– Tinha uma ladra skaa de verdade comigo – Elend exclamou. – Pense nas perguntas que eu poderia ter feito a ela.

– Perguntas? Que tipo de perguntas?

– Perguntas sobre como é ser skaa – Elend explicou. – Esse não é o ponto. Jastes, ela nos *enganou*. Se não conseguimos ver diferença entre uma skaa e uma dama, isso significa que os skaa não devem ser muito diferentes de nós. E, se não são tão diferentes de nós, que direito temos de tratá-los como fazemos?

Jastes deu de ombros.

– Elend, não acho que esteja olhando isso em perspectiva. Estamos no meio de uma guerra entre as casas.

Elend assentiu, distraído. *Fui tão duro com ela esta noite. Duro demais?*

Ele queria que ela acreditasse, total e completamente, que não queria nada mais com ela. Parte daquilo fora genuíno, pois suas próprias preocupações o convenceram de que ela não era de confiança. E ela não podia ser, não naquele momento. De qualquer modo, queria que ela deixasse a cidade. Pensara que a melhor coisa a fazer era romper o relacionamento até que a guerra entre as casas acabasse.

Mas, presumindo que ela não é realmente uma nobre, não há razão para que parta.

– Elend? – Jastes perguntou. – Está pelo menos prestando atenção em mim?

Elend ergueu o olhar.

– Acho que fiz uma coisa errada esta noite. Queria tirar Valette de Luthadel. Mas, agora, acho que a machuquei sem motivo.

– Maldição, Elend – Jastes exclamou. – Alomânticos estavam escutando nossas conversas esta noite. Percebe o que teria acontecido? E se decidissem nos matar, em vez de apenas nos espionar?

– Ah, sim, você está certo – Elend disse, assentindo distraidamente. – É melhor que Valette parta, de qualquer jeito. Qualquer um que fique perto de mim estará em perigo nos dias que estão por vir.

Jastes se deteve, seu aborrecimento aumentando, então finalmente gargalhou.

– Você não tem jeito.

– Eu me esforço ao máximo – Elend disse. – Mas, falando sério, não adianta se preocupar. Os espiões foram embora, e provavelmente foram perseguidos – e talvez até capturados – em meio ao caos. Agora sabemos alguns dos segredos que Valette está escondendo, então estamos em vantagem também. Foi uma noite muito produtiva!

– É um jeito otimista de ver as coisas, creio...

– Mais uma vez, me esforço ao máximo. – Mesmo assim, ia se sentir mais confortável quando voltassem à Fortaleza Venture. Talvez tivesse sido uma tolice escapar do palácio daquele jeito antes de ouvir os detalhes do que acontecera, mas Elend não estava exatamente pensando com calma naquele momento. Além disso, já havia combinado previamente de se encontrar com Felt, e o caos lhe proporcionara uma oportunidade perfeita para escapulir.

A carruagem cruzou lentamente os portões dos Venture.

– Você devia ir embora – Elend disse enquanto descia. – Leve os livros.

Jastes assentiu, segurando a mala, e se despediu de Elend enquanto fechava a porta da carruagem. Elend esperou que o veículo saísse pelos portões, então deu meia-volta e percorreu o resto do caminho até a fortaleza, os guardas dos portões, surpresos, deixaram-no passar com facilidade.

A propriedade ainda estava iluminada. Os guardas já estavam esperando por ele diante da fortaleza, e um grupo correu pelas brumas para se encontrar com ele. E o cercaram.

– Meu senhor, seu pai...

– Sim – Elend interrompeu, suspirando. – Presumo que devo ser levado até ele imediatamente?

– Sim, meu senhor.

– Vamos, então, Capitão.

Entraram por uma porta privada, na lateral do edifício. Lorde Straff Venture estava em seu estúdio, falando com um grupo de oficiais da guarda. Elend podia ver, pelos rostos pálidos, que haviam recebido uma reprimenda firme, talvez até ameaças de açoites. Eram nobres, então Venture não podia executá-los, mas gostava muito das formas mais brutais de disciplinar.

Lorde Venture mandou os soldados embora com um aceno brusco de mão, e se voltou para Elend, com olhos hostis. Elend franziu o cenho, observando os soldados partirem. Tudo parecia um pouco... tenso demais.

– Bem? – Lorde Venture exigiu saber.

– Bem o quê?

– Por onde esteve?

– Ah, eu saí – Elend disse, despreocupado.

Lorde Venture suspirou.

– Bom. Coloque-se em perigo se quiser, garoto. De certo modo, foi uma pena que aquela Nascida das Brumas *não* o tenha pegado. Teria me poupado de muita frustração.

– Nascida das Brumas? – Elend perguntou, franzindo o cenho. – Que Nascida das Brumas?

– Aquela que estava planejando assassinar você – Lorde Venture replicou.

Elend pestanejou, atônito.

– Então... não era só uma equipe de espionagem?

– Ah, não – Venture disse, sorrindo de modo meio maligno. – Uma equipe inteira de assassinos, enviada atrás de você e dos seus amigos.

Pelo Senhor Soberano!, Elend pensou, percebendo o quão tolo tinha sido ao sair sozinho. *Não esperava que a guerra entre as casas ficasse tão perigosa tão rápido! Pelo menos, não para mim...*

– Como sabe que era uma Nascida das Brumas? – Elend perguntou, recuperando-se.

– Nossos guardas conseguiram matá-la – Straff disse. – Quando estava tentando fugir.

Elend franziu o cenho.

– Uma Nascida das Brumas? Morta por soldados comuns?

– Arqueiros – Lorde Venture contou. – Aparentemente, pegaram-na de surpresa.

– E o homem que caiu da minha claraboia? – Elend perguntou.

– Morto – Lorde Venture confirmou. – Pescoço quebrado.

Elend franziu o cenho. *Esse homem ainda estava vivo quando fugimos. O que está escondendo, pai?*

– A Nascida das Brumas. Alguém que conheço?

– Eu diria que sim – Lorde Venture disse, acomodando-se em sua cadeira, sem levantar o olhar. – Era Shan Elariel.

Elend franziu o cenho, surpreso. *Shan?*, pensou, atônito. Estiveram comprometidos, e ela nunca mencionara que era uma alomântica. Isso provavelmente significava...

Ela estivera plantada todo o tempo. A Casa Elariel talvez planejasse matar Elend assim que um neto Elariel nascesse para herdar o título da casa.

Você está certo, Jastes. Não posso evitar a política ignorando-a. Faço parte de tudo isso há muito mais tempo do que presumia.

Seu pai estava obviamente satisfeito consigo mesmo. Um membro importante da Casa Elariel fora morto na propriedade Venture, depois de tentar assassinar Elend... com tal triunfo, Lorde Venture ficaria insuportável por dias.

Elend suspirou.

– Capturamos algum dos assassinos com vida, então?

Straff negou com a cabeça.

– Um caiu no jardim quando estava tentando fugir. Escapou... devia ser um Nascido das Brumas também. Encontramos um homem morto no telhado, mas não temos certeza se havia outros na equipe ou não. – Fez uma pausa.

– O quê? – Elend perguntou, notando uma leve confusão nos olhos do pai.

– Nada – Straff disse, acenando com a mão depreciativamente. – Alguns dos guardas afirmam que havia um terceiro Nascido das Brumas lutando contra os outros dois, mas duvido dos relatos... não era um dos nossos.

Elend vacilou. *Um terceiro Nascido das Brumas, lutando contra os outros dois...*

– Alguém que talvez tenha ficado sabendo dos assassinatos e tentou impedir.

Lorde Venture bufou.

– Por que um Nascido das Brumas de outra casa tentaria proteger *você*?

– Talvez só quisesse impedir que matassem um homem inocente.

Lorde Venture meneou a cabeça, dando uma gargalhada.

– Você é um idiota, garoto. Entende isso, certo?

Elend corou e deu meia-volta. Não parecia que Lorde Venture quisesse mais alguma coisa, então Elend foi embora. Não podia voltar para seus aposentos, não com a janela quebrada e os guardas por lá, então foi para o quarto de hóspedes, chamando um grupo de matabrumas para vigiar do lado de fora de sua porta e na varanda – por precaução.

Preparou-se para dormir, pensando na conversa que tivera. Seu pai provavelmente estava certo sobre o terceiro Nascido das Brumas. Não era assim que as coisas funcionavam.

Mas... é o jeito que deviam ser. O jeito que poderiam ser, talvez.

Havia tantas coisas que Elend desejava poder fazer. Mas seu pai era saudável e jovem para um lorde com seu poder. Demoraria décadas até que Elend assumisse o título da casa, presumindo que sobrevivesse até lá. Desejava poder ir até Valette, conversar com ela, explicar suas frustrações. Ela entenderia o que ele estava pensando; por algum motivo, sempre parecera entendê-lo melhor do que qualquer um.

E ela é uma skaa! Ele não conseguia deixar esse pensamento de lado. Tinha

tantas perguntas, tantas coisas que queria descobrir sobre ela.

Mais tarde, ele pensou, indo para a cama. *Por enquanto, concentre-se em manter a casa unida*. As palavras que disse para Valette a respeito disso não tinham sido falsas – ele precisava se assegurar de que sua família sobreviveria à guerra entre as casas.

Depois disso tudo... bem, talvez conseguissem encontrar um jeito de superar as mentiras e os enganos.

Ainda que muitos terrisanos expressem certo ressentimento por Khlenium, também sentem inveja. Ouvi os carregadores falarem com assombro das catedrais de Khlenni, com seus surpreendentes vitrais nas janelas e seus amplos salões. Também parecem gostar muito da nossa moda – nas cidades, vi que muitos jovens terrisanos trocaram suas peles e couros por trajes bem confeccionados de cavalheiros.

32

A duas ruas acima da loja de Trevo havia um edifício de altura incomum, se comparado com os que estavam ao seu redor. Era uma espécie de cortiço, Vin pensou – um lugar para famílias skaa morarem. Nunca tinha estado lá dentro, no entanto.

Derrubou uma moeda e se lançou pela lateral do edifício de cinco andares. Aterrissou com agilidade no telhado, fazendo uma figura agachada na escuridão pular de susto.

– Sou só eu – Vin sussurrou, caminhando em silêncio pelo telhado inclinado.

Fantasma sorriu para ela em meio à noite. Como o melhor olho de estanho da gangue, ele em geral ficava com as vigias mais importantes. Recentemente, aquelas durante as primeiras horas da noite. Era o momento em que o conflito entre as Grandes Casas costumava se transformar em luta aberta.

– Ainda estão nisso? – Vin perguntou em voz baixa, queimando estanho e perscrutando a cidade. Havia uma névoa brilhante ao longe, dando às brumas uma luminescência estranha.

Fantasma assentiu, apontando para a luz.

– Fortaleza Hasting. Soldados Elariel atacando esta noite.

Vin assentiu. A destruição da Fortaleza Hasting era esperada há algum tempo – haviam sofrido meia dúzia de ataques de diferentes casas na última semana. Com os aliados se retirando e as finanças na bancarrota, era só questão de tempo antes que caísse.

Estranhamente, nenhuma das casas atacava durante o dia. Havia um ar fingido de sigilo sobre a guerra, como se a aristocracia reconhecesse o domínio

do Senhor Soberano e não quisesse aborrecê-lo recorrendo à guerra diurna. Era tudo arranjado à noite, sob um manto de brumas.

– Querendo *querer* isso – Fantasma falou.

Vin se deteve.

– Ah, Fantasma. Poderia tentar falar... normal?

Fantasma acenou com a cabeça na direção de uma estrutura sombria e distante.

– Senhor Soberano. Provável que gosta da luta.

Vin assentiu. *Kelsier estava certo. Não houve muito clamor vindo do Ministério ou do palácio com relação à guerra entre as casas, e a Guarnição está levando um tempo para voltar para Luthadel. O Senhor Soberano esperava pela guerra entre as casas – e pretende deixar que siga seu curso. Como uma queimada, ateada para arrasar e renovar o campo.*

Mas, desta vez, quando um fogo se apagasse, outro começaria – o ataque de Kelsier à cidade.

Presumindo que Marsh descubra como deter os Inquisidores de Aço. Presumindo que consigamos tomar o palácio. E, é claro, presumindo que Kelsier encontre um jeito de lidar com o Senhor Soberano...

Vin balançou a cabeça. Não queria pensar mal de Kelsier, mas não via como tudo aquilo ia acontecer. A Guarnição ainda não voltara, mas os relatos diziam que estava perto, talvez a uma semana ou duas de viagem. Algumas casas nobres estavam caindo, mas o cenário não parecia ser de caos geral, como Kelsier queria. O Império Final estava tensionado, mas ela duvidava que fosse se quebrar.

No entanto, talvez aquele não fosse o ponto. A gangue fizera um trabalho surpreendente ao instigar a guerra entre as casas; três Grandes Casas inteiras já não existiam, e o resto estava seriamente enfraquecido. Levaria décadas para a aristocracia se recuperar de suas próprias disputas.

Fizemos um trabalho incrível, Vin decidiu. *Mesmo que não ataquemos o palácio – ou que o ataque fracasse – teremos conseguido algo maravilhoso.*

Com os dados de Marsh sobre o Ministério e a tradução de Sazed do livro de viagem, a rebelião teria informações novas e úteis para uma resistência futura. Não era o que Kelsier tinha desejado; não era a derrocada completa do Império Final. Mas, mesmo assim, era uma vitória importante – uma para a qual os skaa poderiam olhar por anos como fonte de coragem.

E, com um sobressalto de surpresa, Vin percebeu que se sentia orgulhosa de ter feito parte disso. Talvez, no futuro, pudesse começar uma rebelião real – em

um lugar onde os skaa não estivessem tão submetidos.

Se existir um lugar assim... Vin estava começando a entender que não era só Luthadel e suas estações de abrandamento que tornavam os skaa subservientes. Era *tudo* – os obrigadores, o trabalho constante no campo e nas fábricas, sua maneira de pensar, encorajada por mil anos de opressão. Havia uma razão para que as rebeliões skaa sempre fossem tão pequenas. As pessoas sabiam – ou pensavam que sabiam – que não era possível lutar contra o Império Final.

Mesmo Vin – que sempre se vira como uma ladra "libertada" – acreditara no mesmo. Fora necessário o plano insano e impossível de Kelsier para convencê-la do contrário. Talvez fosse por isso que ele tinha estabelecido objetivos tão elevados para a gangue – sabia que só algo muito desafiador os faria perceber, de um jeito estranho, que *podiam* resistir.

Fantasma olhou para ela. A presença de Vin ainda o deixava desconfortável.

– Fantasma – Vin disse –, sabe que Elend rompeu o relacionamento comigo.

Fantasma assentiu, ficando levemente animado.

– Mas – Vin disse, lamentando –, eu ainda o amo. Sinto muito, Fantasma. Mas é a verdade.

Ele abaixou o olhar, entristecido.

– Não é você – Vin prosseguiu. – De verdade, não é. É só que... bem, não se pode escolher quem se ama. Acredite em mim, há pessoas que eu realmente queria *não* ter amado. Não mereciam.

Fantasma assentiu.

– Eu entendo.

– Ainda posso ficar com o lenço?

Ele deu de ombros.

– Obrigada – ela disse. – Significa muito para mim.

Ele levantou a cabeça e encarou as brumas.

– Não sou nenhum tolo. Eu... sabia que não ia acontecer. Vejo coisas, Vin. Vejo muitas coisas.

Ela colocou uma mão reconfortante no ombro dele. *Vejo coisas...* Uma declaração apropriada para um olho de estanho como ele.

– É alomântico há muito tempo? – ela perguntou.

Fantasma assentiu.

– Tive o estalo com cinco anos. Mal me lembro.

– E desde essa época vem praticando com o estanho?

– Praticamente. – ele disse. – Foi uma coisa boa para mim. Deixar ver, deixar ouvir, deixar sentir.

– Tem alguma dica para me dar? – Vin perguntou, esperançosa.

Ele se deteve, pensativo, sentado na borda do telhado inclinado, com um pé pendurado na lateral do edifício.

– Queimar estanho... Não é como ver. É como *não ver*.

Vin franziu o cenho.

– O que quer dizer?

– Quando queima – ele explicou – tudo vem. Muito de tudo. Distrações aqui, ali. Consegue o poder que quer, *ignorando* as outras distrações.

Se quer ser bom queimando estanho, ela pensou, traduzindo o melhor que pôde, *tem que aprender a lidar com as distrações. Não é o que se vê – é o que se consegue ignorar*.

– Interessante – Vin comentou, pensativa.

Fantasma assentiu.

– Quando olhar, ver as brumas e ver as casas, e sentir a madeira e ouvir os ratos lá embaixo. Escolha um, e não se distraia.

– Bom conselho – Vin falou.

Fantasma assentiu, então algo soou atrás deles. Ambos se sobressaltaram e se abaixaram, e Kelsier começou a rir enquanto cruzava o telhado.

– Realmente precisamos encontrar um modo melhor de avisar as pessoas que estamos chegando. Cada vez que visito um ponto de espionagem, me preocupo que alguém caia de susto do telhado.

Vin se levantou, e sacudiu o pó da roupa. Estava usando capa de bruma, camisa e calça; há dias não usava um vestido. Só os usava em suas aparições protocolares na Mansão Renoux. Kelsier estava muito preocupado com assassinos para deixá-la ficar lá por muito tempo.

Pelo menos compramos o silêncio de Kliss, Vin pensou, aborrecida com a despesa.

– Já é hora? – ela perguntou.

Kelsier assentiu.

– Quase, pelo menos. Quero fazer uma pequena parada no caminho.

Vin assentiu. Para seu segundo encontro, Marsh escolhera um lugar que supostamente estava explorando para o Ministério. Era a oportunidade perfeita para se encontrarem, já que Marsh teria uma desculpa para ir até o edifício à noite, buscando ostensivamente por qualquer atividade alomântica nas redondezas. Teria um abrandador consigo grande parte do tempo, mas haveria um espaço de tempo, perto da meia-noite, em que Marsh calculava que poderia estar sozinho quase por uma hora. Não era muito tempo para escapulir e voltar,

mas tempo suficiente para que dois sigilosos nascidos das brumas lhe fizessem uma rápida visita.

Despediram-se de Fantasma e se lançaram na noite. Mas não viajaram muito pelos telhados antes que Kelsier descesse até a rua, aterrissando e caminhando para conservar força e metais.

É meio estranho, Vin pensou, lembrando-se da primeira noite em que praticara alomancia com Kelsier. *Nem mesmo penso nas ruas vazias como assustadoras agora*.

Os paralelepípedos estavam escorregadios pela umidade das brumas, e a rua deserta desaparecia depois de um tempo na névoa distante. Estava escuro, silencioso e solitário; nem mesmo a guerra mudara muito isso. Grupos de soldados, quando atacavam, o faziam em bando, combatendo rapidamente e tentando invadir as defesas de uma casa inimiga.

Mesmo assim, apesar do vazio noturno da cidade, Vin se sentia confortável. As brumas estavam com ela.

– Vin – Kelsier disse, enquanto caminhavam –, preciso lhe agradecer.

Ela se virou para ele, uma figura alta e orgulhosa em sua capa de bruma majestosa.

– Agradecer? Por quê?

– Pelas coisas que me disse sobre Mare. Estive pensando muito sobre aquele dia... pensando nela. Não sei se sua habilidade de ver através de nuvens de cobre explica tudo, mas... bem, me dá uma opção, e eu prefiro acreditar que Mare *não* me traiu.

Vin assentiu, sorrindo.

Ele sacudiu a cabeça, pesaroso.

– Parece loucura, não? Como se... todos estes anos, eu estivesse esperando por uma razão para ceder ao autoengano.

– Não sei – Vin comentou. – Antigamente, talvez eu tivesse pensado que você era louco, mas... bem, é nisso que consiste a confiança, não é? Um desejo de enganar a si mesmo? Você tem que calar essa voz que sussurra sobre traição, e só esperar que seus amigos não o machuquem.

Kelsier deu uma gargalhada.

– Não acho que está melhorando o argumento, Vin.

Ela deu de ombros.

– Faz sentido para mim. A desconfiança é realmente a mesma coisa... só que ao contrário. Posso ver como uma pessoa, tendo que escolher entre duas hipóteses, escolhe confiar.

– Mas não você? – Kelsier perguntou.

Vin deu de ombros novamente.

– Não sei mais.

Kelsier hesitou.

– Esse... seu Elend. Há uma chance de que ele simplesmente estivesse tentando assustá-la para que abandonasse a cidade, certo? Talvez tenha dito aquelas coisas para seu próprio bem.

– Talvez – Vin concordou. – Mas havia algo diferente nele... no jeito que olhava para mim. Sabia que eu estava mentindo para ele, mas não acho que percebeu que eu era skaa. Provavelmente pensou que eu era uma espiã de uma das outras casas. De qualquer modo, pareceu honesto em seu desejo de se livrar de mim.

– Talvez pense isso porque já estava convencida de que ele iria deixá-la.

– Eu... – Vin se calou, olhando para a rua escorregadia e suja de cinzas enquanto andavam. – Não sei... e é sua culpa, eu sei. Eu costumava entender tudo. Agora está tudo confuso.

– Sim, bagunçamos bem sua cabeça – Kelsier disse com um sorriso.

– Não parece incomodado com isso.

– Não – Kelsier confirmou. – Nem um pouco. Ah, aqui estamos.

Parou diante de um edifício largo e grande – provavelmente outro cortiço skaa. Estava escuro lá dentro; os skaa não podiam se dar ao luxo de ter lamparinas a óleo, e deviam ter apagado a fogueira no centro do edifício depois de preparar a refeição noturna.

– Aqui? – Vin perguntou, insegura.

Kelsier assentiu, aproximando-se para bater na porta de leve. Para surpresa de Vin, a porta se abriu vacilante, e o rosto magro de um skaa apareceu nas brumas.

– Lorde Kelsier! – o homem disse em voz baixa.

– Disse que viria visitá-los – Kelsier falou, sorrindo. – Esta noite pareceu um bom momento.

– Entrem, entrem – o homem disse, abrindo a porta. Deu um passo para trás, com cuidado para não deixar que nenhuma bruma o tocasse enquanto Kelsier e Vin entravam.

Vin estivera em cortiços skaa antes, mas nunca antes tinham parecido tão... deprimentes. O cheiro de fumaça e dos corpos sem banho era quase avassalador, e ela teve que apagar o estanho para não se asfixiar. A luz tênue de uma pequena estufa de carvão mostrava um monte de pessoas juntas, dormindo

no chão. Mantinham o aposento livre de cinzas, mas era só o que podiam fazer – manchas negras ainda cobriam suas roupas, as paredes e os rostos. Havia poucos móveis, sem mencionar escassos cobertores para repartir entre eles.

Eu costumava viver assim, Vin pensou, horrorizada. *Os covis das gangues eram iguais – às vezes mais abarrotados. Esta... era a minha vida.*

As pessoas acordaram ao perceber que tinham visita. Kelsier havia arregaçado as mangas, Vin notou, e as cicatrizes em seus braços eram visíveis mesmo à luz das brasas. Elas se destacavam claramente, desde seus pulsos até acima dos cotovelos, entrecruzando-se e sobrepondo-se.

Os sussurros começaram imediatamente.

– O Sobrevivente...

– Está aqui!

– Kelsier, o Lorde das Brumas...

Essa é nova, Vin pensou, erguendo uma sobrancelha. Ficou para trás, enquanto Kelsier sorria e avançava para se encontrar com os skaa. As pessoas se reuniram em volta dele, com entusiasmo, estendendo as mãos para tocar seus braços e sua capa. Outros simplesmente o encaravam, observando-o com reverência.

– Vim espalhar esperança – Kelsier disse para eles em voz baixa. – A Casa Hasting caiu esta noite.

Houve murmúrios de surpresa e admiração.

– Sei que muitos de vocês trabalhavam nas forjas e fábricas de aço de Hasting – Kelsier prosseguiu. – E, honestamente, não sei o que isso significa para vocês. Mas é uma vitória para todos nós. Ao menos por um tempo, vocês, homens, não morrerão diante das forjas ou sob os chicotes dos capatazes Hasting.

Houve murmúrios entre a pequena multidão, e uma voz finalmente expressou a preocupação em voz alta o bastante para que Vin pudesse escutar.

– A Casa Hasting se foi? Quem vai nos alimentar?

Tão assustado, Vin pensou. *Nunca fui assim... fui?*

– Mandarei outro carregamento de comida – Kelsier prometeu. – O suficiente para mantê-los por um tempo, ao menos.

– Tem feito tanto por nós – outro homem disse.

– Bobagem – Kelsier falou. – Se quiserem retribuir o favor, andem um pouco mais erguidos. Tenham um pouco menos de medo. Eles *podem* ser derrotados.

– Por homens como você, Lorde Kelsier – uma mulher sussurrou. – Mas não por nós.

– Vocês se surpreenderiam – Kelsier disse, enquanto a multidão começou a abrir espaço para que os pais trouxessem os filhos para frente. Parecia que todo mundo no aposento queria que os filhos conhecessem Kelsier pessoalmente. Vin observou com sentimentos misturados. A gangue ainda tinha suas reservas quanto à fama crescente de Kelsier entre os skaa, embora mantivesse a palavra e fizesse silêncio quanto a isso.

Ele realmente parece se importar com eles, Vin pensou, vendo Kelsier segurar uma criancinha no colo. *Não acho que seja apenas um espetáculo. É como ele é – ele ama o povo, ama os skaa. Mas... é mais como o amor de um pai pelo filho do que o amor de um homem por seus iguais.*

Seria isso tão errado? Ele era, no final das contas, um tipo de pai para os skaa. Era o nobre senhor que eles sempre *deveriam* ter tido. Mesmo assim, Vin não pôde deixar de se sentir incomodada enquanto observava os rostos sujos e fracamente iluminados daquelas famílias skaa, com seus olhos cheios de adoração e reverência.

Depois de um tempo, Kelsier se despediu do grupo, dizendo para eles que tinha um compromisso. Vin e ele deixaram o aposento lotado, saindo para o abençoado ar fresco. Kelsier ficou em silêncio durante o trajeto para a nova estação de abrandamento de Marsh, embora andasse com um pouco mais de pressa do que fazia normalmente.

Depois de um tempo, Vin teve que dizer algo.

– Você os visita com frequência?

Kelsier assentiu.

– Pelo menos umas duas casas por noite. Quebra a monotonia do meu outro trabalho.

Matar nobres e espalhar falsos rumores, Vin pensou. *Sim, visitar os skaa deve ser uma boa mudança*.

O ponto de encontro estava a poucas ruas de distância. Kelsier se deteve perto de uma porta enquanto se aproximavam, perscrutando a noite escura. Finalmente, apontou para uma janela levemente iluminada.

– Marsh disse que deixaria uma luz acesa se os outros obrigadores se fossem.

– Janela ou escadas? – Vin perguntou.

– Escadas – Kelsier falou. – A porta deve estar destrancada, o Ministério é dono do prédio inteiro. Estará vazio.

Kelsier estava certo quanto às duas coisas. O edifício não cheirava a mofo o suficiente para estar abandonado, mas os andares inferiores obviamente não eram utilizados. Vin e ele subiram as escadas rapidamente.

– Marsh deveria ser capaz de nos dizer a reação do Ministério com relação à guerra entre as casas – Kelsier disse quando chegaram ao piso superior. A luz da lanterna tremeluzia através da porta, e ele a abriu, ainda falando. – Com sorte, aquela Guarnição não voltará logo. O dano está feito em grande parte, mas eu gostaria que a guerra continuasse...

Ele parou na porta, bloqueando a vista de Vin.

Ela avivou peltre e estanho imediatamente, agachando-se, esperando pelo ataque. Não havia ninguém. Apenas silêncio.

– Não... – Kelsier sussurrou.

Então Vin viu o escuro líquido vermelho que escorria e se juntava junto ao pé de Kelsier. Formou uma pequena poça e então começou a escorrer pelo primeiro degrau.

Ah, Senhor Soberano...

Kelsier cambaleou para dentro do aposento. Vin o seguiu, mas já sabia o que veria. O cadáver jazia no centro da câmara, esfolado e desmembrado, a cabeça completamente esmagada. Mal podia ser reconhecido como humano. As paredes estavam manchadas de sangue.

Um corpo pode ter realmente tanto sangue? Era exatamente como antes, no sótão do covil de Camon – só que com uma única vítima.

– Inquisidor – Vin sussurrou.

Kelsier, sem se importar com o sangue, caiu de joelhos ao lado do cadáver de Marsh. Ergueu a mão, como se fosse tocar o corpo esfolado, mas permaneceu paralisado, atônito.

– Kelsier – Vin disse, com urgência. – Isso é recente... o Inquisidor ainda pode estar por perto.

Ele não se moveu.

– Kelsier! – Vin exclamou.

Kelsier estremeceu, olhou ao redor. Seus olhos se encontraram com os dela, e sua lucidez voltou. Ficou em pé.

– Janela – Vin disse, correndo pelo quarto. Deteve-se, no entanto, quando viu algo sobre uma mesinha ao lado da parede. Uma perna de mesa de madeira, meio escondida sob uma folha de papel branco. Vin a agarrou enquanto Kelsier chegava à janela.

Ele se virou, olhando para o aposento mais uma vez, então saltou na noite.

Adeus, Marsh, Vin pensou, pesarosa, e seguiu Kelsier.

– “Creio que os inquisidores suspeitam de mim” – Dockson leu. O papel,

uma única folha recuperada de dentro da perna de mesa, estava limpo e branco, sem manchas do sangue que sujava os joelhos de Kelsier e a bainha da capa de Vin.

Dockson continuou a ler, sentado à mesa da cozinha da oficina de Trevo.

– Tenho feito perguntas demais, e sei que enviaram ao menos uma mensagem para o obrigador corrupto que supostamente me treinou como acólito. Quero descobrir os segredos que a rebelião sempre precisou saber. Como o Ministério recruta nascidos das brumas para serem Inquisidores? Por que os Inquisidores são mais poderosos do que alomânticos normais? Qual é a fraqueza deles – se é que existe uma? Infelizmente, não descobri quase nada sobre os Inquisidores; embora a politicagem dentro das fileiras regulares do Ministério continue a me surpreender. É como se os obrigadores comuns nem mesmo se importassem com o mundo lá fora, exceto pelo prestígio que adquirem ao serem os mais espertos ou exitosos em aplicar as leis do Senhor Soberano. Os Inquisidores, no entanto, são diferentes. São muito mais leais ao Senhor Soberano do que os obrigadores comuns; e essa, talvez, seja parte da divisão entre os dois grupos. Apesar disso, sinto que estou perto. Eles *têm* um segredo, Kelsier. Uma fraqueza. Estou certo disso. Os outros obrigadores sussurram, embora nenhum deles saiba o que é. Temo ter sondado demais. Os Inquisidores me seguem, me observam, perguntam por mim. Por isso, preparei este bilhete. Talvez minha cautela seja desnecessária. Talvez não.

Dockson levantou os olhos.

– É... tudo o que diz.

Kelsier estava em pé do outro lado da cozinha, as costas apoiadas no armário, em sua posição habitual. Mas... não havia leviandade em sua postura desta vez. Estava com os braços cruzados, a cabeça ligeiramente inclinada. Sua dor incrédula parecia ter desaparecido, substituída por outra emoção – uma que Vin de vez em quando via ardendo sombriamente atrás de seus olhos. Normalmente quando falava da nobreza.

Ela estremeceu sem querer. De pé como ele, Vin subitamente notou as roupas dele – a capa de brumas cinza-escura, camisa de mangas compridas, calça da mesma cor. Na noite, a roupa servia unicamente como camuflagem. No aposento iluminado, no entanto, as cores escuras o tornavam ameaçador.

Ele se endireitou, e a sala ficou tensa.

– Diga a Renoux para desaparecer – Kelsier disse em voz baixa, a voz como ferro. – Ele pode usar a história que inventamos para esse caso... que se “retira” para suas terras por causa da guerra entre as casas... mas quero que esteja longe

amanhã. Mandem um Brutamontes e um olho de estanho com ele, como proteção, mas diga para abandonar seu barco a um dia de viagem da cidade e então voltar até nós.

Dockson se deteve, então olhou para Vin e os outros.

– Ok...

– Marsh sabia de tudo, Dox – Kelsier disse. – Eles o torturaram antes de matá-lo... é assim que os Inquisidores trabalham.

Lançou as palavras no ar. Vin sentiu um arrepio. O covil estava comprometido.

– Para o esconderijo de emergência, então? – Dockson perguntou – Só você e eu sabemos a localização.

Kelsier assentiu com firmeza.

– Quero todo mundo fora desta loja, incluindo aprendizes, em quinze minutos. Eu me encontrarei com vocês no esconderijo de emergência em dois dias.

Dockson olhou para Kelsier, o cenho franzido.

– Dois dias? Kell, o que está planejando?

Kelsier se dirigiu até a porta. Abriu-a, deixando as brumas entrarem, e então olhou novamente para a gangue, os olhos tão duros quanto qualquer prego dos Inquisidores.

– Eles me acertaram onde mais doeria. Vou fazer o mesmo.

Walin abriu caminho na escuridão, apalpando através das cavernas estreitas, obrigando seu corpo a passar por fendas quase pequenas demais. Continuou descendo, tateando com os dedos, ignorando os inúmeros arranhões e cortes.

Preciso continuar, preciso continuar... A sanidade que lhe restava dizia que este seria seu último dia. Haviam passado seis dias desde seu último sucesso. Se fracassasse uma sétima vez, morreria.

Preciso continuar.

Não conseguia ver; estava muito abaixo da superfície para captar sequer um mínimo vislumbre do reflexo de um raio de sol. Mas, mesmo sem luz, podia encontrar o caminho. Só existiam duas direções: para cima e para baixo. Movimentos para o lado não tinham importância, eram facilmente desconsiderados. Não podia se perder enquanto continuasse descendo.

Enquanto isso, buscava com os dedos, tateando a aspereza delatora de cristais brotando. Não podia voltar desta vez, não até que tivesse êxito, não até...

Preciso continuar.

Suas mãos rasparam em algo macio e frio enquanto se movia. Um cadáver, apodrecendo entre duas rochas. Walin prosseguiu. Corpos não eram incomuns nas cavernas apertadas; alguns dos cadáveres eram frescos, a maior parte era simplesmente ossos. Com frequência, Walin se perguntava se os mortos não eram os sortudos, na verdade.

Preciso continuar.

Não havia "tempo" nas cavernas, realmente. Em geral, ele voltava para cima para dormir – embora na superfície houvesse capatazes com chicotes, também havia comida. Era escassa, apenas o suficiente para mantê-lo vivo, mas era melhor que a fome que o assaltaria caso ficasse lá embaixo muito tempo.

Preciso...

Deteve-se. Tinha o torso enfiado em uma fenda estreita na rocha, e estava a ponto de seguir em frente. Contudo, seus dedos – sempre tateando, ainda que quase inconscientemente – continuaram apalpando as paredes. E haviam encontrado algo.

Suas mãos tremeram de expectativa, enquanto sentia o afloramento de cristal. Sim, sim, eram eles. Cresciam em um padrão largo e circular na parede; eram pequenos nas bordas, mas iam ficando gradualmente maiores em direção ao centro. Bem no centro do padrão circular, os cristais se curvavam para dentro, seguindo um pequeno buraco na parede. Ali, os cristais eram maiores, cada um com uma borda irregular e afiada. Como dentes ao redor da mandíbula de uma besta de pedra.

Inspirando e rezando para o Senhor Soberano, Walin meteu a mão na abertura circular do tamanho de um punho. Os cristais arranharam seu braço, marcando sulcos compridos e finos ao longo de sua pele. Ignorou a dor, forçando o braço ainda mais, acima do cotovelo, buscando com os dedos por...

Ali! Seus dedos encontraram uma pequena rocha de cristal no meio do buraco – uma rocha formada por misteriosas gotas de cristal. Um geodo de Hathsin.

Agarrou-o ansiosamente, puxando-o para fora, arranhando o braço novamente enquanto o retirava do buraco forrado de cristais. Embalou a pequena rocha esférica, respirando pesadamente de alegria.

Outros sete dias. Viveria por mais sete dias.

Antes que a fome e a fadiga o enfraquecessem ainda mais, Walin começou a laboriosa escalada. Ele se espremeu entre fendas, subindo por saliências na parede. Às vezes tinha que se mover para a direita ou para a esquerda até que o

teto se abrisse, mas ele sempre se abria. Havia, na verdade, apenas duas direções: para cima ou para baixo.

Ficou com o ouvido atento: já vira escaladores mortos, assassinados por homens mais jovens e mais fortes que esperavam para roubar um geodo. Felizmente, não encontrou ninguém. Isso era bom. Era um homem mais velho – velho o bastante para saber que nunca deveria ter tentado roubar comida do lorde de sua plantação.

Talvez merecesse o castigo. Talvez merecesse morrer nas Minas de Hathsin.

Mas não morrerei hoje, pensou, sentindo finalmente o cheiro do ar doce e fresco. Era noite lá fora. Ele não se importava. As brumas não o incomodavam mais – nem mesmo os espancamentos o incomodavam tanto agora. Estava cansado demais para se incomodar.

Walin começou a escalar a fenda – uma das dúzias no pequeno e plano vale conhecido como Minas de Hathsin. Então se deteve.

Um homem estava parado diante dele, em meio à noite. Estava vestido com uma capa comprida, que parecia ter sido rasgada em tiras. O homem olhou para Walin, silencioso e poderoso em suas roupas negras. Então lhe estendeu a mão.

Walin se encolheu. O homem, no entanto, agarrou sua mão e o tirou da fenda.

– Vá! – o homem disse em voz baixa, em meio ao turbilhão de brumas. – A maior parte dos guardas está morta. Reúna o máximo de prisioneiros que conseguir e fuja deste lugar. Têm um geodo?

Walin se encolheu novamente, levando a mão ao peito.

– Ótimo – disse o desconhecido. – Quebre-o. Vai encontrar uma conta de metal dentro dele: é muito valiosa. Venda-a no submundo de qualquer cidade que encontrar; vai ganhar o suficiente para viver por anos. Vá, rápido! Não sei quanto tempo tem até que o alarme seja dado.

Walin cambaleou para trás, confuso.

– Quem... quem é você?

– Sou o que *você* será em breve – o desconhecido disse, aproximando-se da fenda. As tiras de sua capa escura se enroscavam ao seu redor, misturando-se com as brumas quando ele se virou na direção de Walin. – Sou um sobrevivente.

Kelsier olhou para baixo, estudando a cicatriz escura na rocha, ouvindo enquanto o prisioneiro se perdia na distância.

– E assim estou de volta – Kelsier sussurrou. Suas cicatrizes ardiam, e as

lembranças retornaram. Lembranças dos meses passados se espremendo entre as fendas, dos braços arranhados nas facas cristalinas, tentando, a cada dia, encontrar um geodo... apenas um, para que pudesse continuar vivendo.

Conseguiria realmente descer mais uma vez naquelas profundezas apertadas e silenciosas? Conseguiria entrar na escuridão de novo? Kelsier ergueu os braços, olhando para as cicatrizes, ainda brancas e destacadas.

Sim. Pelos sonhos dela, ele podia.

Aproximou-se da fenda e se forçou a descer por ela. Então queimou estanho. Imediatamente ouviu um estalido.

O estanho iluminava a fenda embaixo de Kelsier. Embora ficasse mais larga, também se dividia, abrindo-se em todas as direções. Parte caverna, parte fenda, parte túnel. Logo pôde ver seu primeiro buraco cristalino de atium – ou o que restara dele. Os compridos cristais prateados estavam fraturados e quebrados.

Usar alomancia perto dos cristais fazia com que estilhaçassem. Por isso o Senhor Soberano tinha que usar escravos, não alomânticos, para coletar atium para ele.

Agora, o teste verdadeiro, Kelsier pensou, entrando ainda mais na fenda. Queimou ferro, e imediatamente viu várias linhas azuis apontando para baixo, na direção dos buracos de atium. Embora os buracos em si provavelmente não tivessem nenhum geodo dentro deles, os próprios cristais emitiam leves linhas azuis. Tinha quantidades residuais de atium.

Kelsier se concentrou em uma das linhas azuis, e *puxou* de leve. Seus ouvidos amplificados pelo estanho ouviram algo se estilhaçar na fenda abaixo dele.

Kelsier sorriu.

Quase três anos atrás, parado sobre os cadáveres ensanguentados dos capatazes que haviam espancado Mare até a morte, notara pela primeira vez que podia usar ferro para sentir onde estavam os buracos de cristal. Mal compreendia seus poderes alomânticos naquela época, mas, então, um plano começou a se formar em sua mente. Um plano de vingança.

Esse plano tinha evoluído, crescido para abarcar muito mais do que pretendia originalmente. Mas uma das peças-chave permanecera guardada em um canto de sua mente. Podia encontrar os buracos de cristal. Podia destruí-los, usando alomancia.

E eles eram o único meio de produzir atium em todo o Império Final.

Vocês tentaram me destruir, Minas de Hathsin, ele pensou, descendo ainda mais pela fenda. *Chegou a hora de retribuir o favor*.

Estamos perto, agora. Estranhamente, nessa altura das montanhas, parecemos finalmente livres do toque opressivo das Profundezas. Já faz um tempo desde que eu soube como era.

O lago que Fedik descobriu está abaixo de nós – posso vê-lo daqui. Parece ainda mais estranho desta perspectiva, com seu brilho vítreo – quase metálico. Quase desejo ter permitido que ele pegasse uma amostra da água.

Talvez o interesse dele tenha sido o que enfureceu a criatura de brumas que nos segue. Talvez... tenha sido por isso que decidiu atacá-lo, apunhalando-o com sua faca invisível.

Curiosamente, o ataque me conforta. Pelo menos sei, desde então, que alguém mais a viu. Isso significa que não estou louco.

33

– Então... acabou? – Vin perguntou. – O plano, quero dizer.

Ham deu de ombros.

– Se os Inquisidores torturaram Marsh, quer dizer que sabem de tudo. Ou, pelo menos, sabem o bastante. Sabem que planejamos atacar o palácio, e que vamos usar a guerra entre as casas como cobertura. Nunca conseguiremos que o Senhor Soberano saia da cidade, agora, e certamente nunca conseguiremos que ele mande a guarda do palácio para a cidade. As coisas não parecem boas, Vin.

Vin permaneceu em silêncio, digerindo a informação. Ham estava sentado de pernas cruzadas no chão sujo, recostado em uma parede de tijolos. O esconderijo de emergência era um porão frio e úmido com apenas três aposentos, e o ar cheirava a pó e cinzas. Os aprendizes de Trevo pegaram um dos quartos só para si, ainda que Dockson tivesse mandado embora todos os outros criados antes de irem para o refúgio.

Brisa estava parado do outro lado. De vez em quando lançava um olhar desconfortável para o chão sujo e os bancos cheios de pó, então decidia continuar em pé. Vin não entendia por que ele se incomodava – seria

impossível manter as roupas limpas enquanto estivessem vivendo no que era, essencialmente, um buraco no chão.

Brisa não era o único que lamentava o cativeiro autoimposto; Vin ouvira vários dos aprendizes reclamando que quase preferiam terem sido pegos pelo Ministério. Mesmo assim, durante os dois dias em que estiveram no porão, todos permaneceram no refúgio, exceto quando era absolutamente necessário sair. Entendiam o perigo: Marsh podia ter dado aos Inquisidores as descrições e os pseudônimos de cada membro da gangue.

Brisa meneou a cabeça.

– Talvez, cavalheiros, seja hora de dar a operação por encerrada. Tentamos com todas as nossas forças, e, considerando o fato de que nosso plano original – reunir o exército – terminou de maneira tão trágica, eu diria que fizemos um trabalho maravilhoso.

Dockson suspirou.

– Bem, certamente não poderemos viver com os fundos economizados durante muito tempo... especialmente se Kelsier continuar dando nosso dinheiro para os skaa. – Estava sentado à mesa, que era o único móvel do aposento, seus cadernos de contabilidade, anotações e contratos mais importantes organizados em pilhas diante dele. Fora incrivelmente eficaz em recolher cada pedaço de papel que pudesse incriminar a gangue ou dar mais informações sobre o plano deles.

Brisa assentiu.

– Eu, pela primeira vez, estou querendo mudar. Tudo isso tem sido divertido, delicioso, e todas essas outras emoções positivas, mas trabalhar com Kelsier pode ser um pouco desgastante.

Vin franziu o cenho.

– Não vai ficar com a gangue?

– Depende do próximo trabalho – Brisa disse. – Não somos como as outras gangues, sabe... trabalhamos porque nos agrada, não porque nos mandam. Nos recompensa ser muito exigentes com os trabalhos que aceitamos. As recompensas são grandes, mas também os riscos.

Ham sorriu, apoiando os braços atrás da cabeça, completamente despreocupado com a sujeira.

– Isso meio que me faz perguntar como acabamos neste trabalho em particular, hein? Risco muito grande, recompensa muito pequena.

– Nenhuma, na verdade – Brisa observou. – Nunca teremos aquele atium agora. As palavras de Kelsier sobre altruísmo e trabalhar para ajudar os skaa

foram todas muito bonitas, mas eu sempre esperei que conseguíssemos pôr a mão naquele tesouro.

– Certo – Dockson disse, erguendo os olhos de suas anotações. – Mas, valeu a pena, pelo menos? O trabalho que fizemos... as coisas que conseguimos?

Brisa e Ham se detiveram, então ambos assentiram.

– E por isso ficamos – Dockson prosseguiu. – O próprio Kell disse: ele nos escolheu porque sabia que tentaríamos algo um pouco diferente para conseguir um objetivo digno. Vocês são bons homens... até mesmo você, Brisa. Pare de fazer cara feia para mim.

Vin sorriu com a brincadeira familiar. Havia um sentimento de pesar em relação a Marsh, mas aqueles eram homens que sabiam ir em frente apesar de suas perdas. De certo modo, realmente eram como os skaa, no final das contas.

– Uma guerra entre as casas – Ham disse despreocupadamente, sorrindo para si. – Quantos nobres acham que vão morrer?

– Centenas, pelo menos – Dockson respondeu, sem levantar o olhar. – Todos mortos por suas próprias mãos nobres gananciosas.

– Vou admitir que tinha minhas dúvidas sobre todo esse fiasco – Brisa falou. – Mas a interrupção que isso causará no comércio, sem mencionar a desordem no governo... bem, você está certo, Dockson. Valeu a pena.

– Por suposto! – Ham disse, imitando a voz pedante de Brisa.

Vou sentir falta deles, Vin pensou, pesarosa. *Talvez Kelsier me deixe fazer parte do próximo trabalho.*

As escadas rangeram, e Vin se escondeu instintivamente nas sombras. A porta lascada se abriu, e uma forma familiar, vestida de negro, entrou. Levava a capa de brumas no braço, e seu rosto parecia incrivelmente esgotado.

– Kelsier! – Vin exclamou, dando um passo para frente.

– Olá, pessoal – ele disse, com voz cansada.

Conheço esse cansaço, Vin pensou. *Recurso de peltre. Onde ele esteve?*

– Está atrasado, Kell – Dockson disse, ainda sem levantar os olhos de seus livros-caixa.

– Eu me esforço para manter a consistência – Kelsier disse, largando a capa de brumas no chão, espreguiçando-se e sentando. – Onde estão Trevo e Fantasma?

– Trevo está dormindo no quarto dos fundos – Dockson falou. – Fantasma foi com Renoux. Imaginamos que queria que ele levasse nosso melhor olho de estanho como vigia.

– Boa ideia – Kelsier disse, soltando um profundo suspiro e fechando os

olhos enquanto se recostava na parede.

– Meu caro – Brisa disse –, está com uma aparência terrível.

– Não é tão ruim quanto parece... voltei com mais calma, até parei para dormir algumas horas no meio do caminho.

– Sim, mas onde *esteve*? – Ham perguntou com severidade. – Estávamos morrendo de preocupação que estivesse fazendo algo... bem, estúpido.

– Na verdade – Brisa observou –, tínhamos por certo que estava fazendo algo estúpido. Só nos perguntávamos o *quão* estúpido esse acontecimento em particular poderia ser. Então, o que foi? Assassinou o Sumo Prelado? Massacrou dezenas de nobres? Roubou a capa dos ombros do próprio Senhor Soberano?

– Destruí as Minas de Hathsin – Kelsier disse em voz baixa.

O aposento ficou em silêncio, atônito.

– Sabe – Brisa finalmente disse –, é de se pensar por que a essa altura ainda não aprendemos a não subestimá-lo.

– Destruiu as minas? – Ham perguntou. – Como é possível destruir as Minas de Hathsin? Não são mais do que um punhado de fendas no chão!

– Bem, eu não destruí as minas em si – Kelsier explicou. – Apenas arrebentei os cristais que produzem geodos de atium.

– Todos eles? – Dockson perguntou, aturdido.

– Todos os que consegui encontrar – Kelsier afirmou. – E foram várias centenas de buracos. Foi realmente muito mais fácil me mover lá embaixo, agora que domino a alomancia.

– Cristais? – Vin perguntou, confusa.

– Cristais de atium, Vin – Dockson disse. – Eles produzem os geodos... não acho que alguém saiba como... e esses geodos contêm contas de atium dentro deles.

Kelsier assentiu.

– Os cristais são o motivo pelo qual o Senhor Soberano não pode mandar alomânticos para *puxar* os geodos de atium. Usar alomancia perto dos cristais os faz se estraçalhar... e levarão séculos para crescerem novamente.

– Séculos durante os quais não produzirão atium – Dockson acrescentou.

– E, então, você... – Vin se calou.

– Pus fim à produção de atium do Império Final, pelo menos pelos próximos trezentos anos aproximadamente.

Elend. A Casa Venture. Estão a cargo das Minas. Como o Senhor Soberano reagirá quando se inteirar disso?

– Seu louco – Brisa disse em voz baixa, os olhos arregalados – O atium é a base da economia imperial... controlá-lo é uma das principais maneiras que o Senhor Soberano tem de manter controle sobre a nobreza. Pode ser que não consigamos pegar suas reservas, mas em algum momento isso terá o mesmo efeito. Seu bendito lunático... seu bendito *gênio*!

Kelsier sorriu com tristeza.

– Agradeço os dois elogios. Os Inquisidores já atacaram a loja de Trevo?

– Não que nossos vigias tenham visto – Dockson respondeu.

– Bom – Kelsier falou. – Talvez não tenham conseguido dobrar Marsh. Na melhor das hipóteses, eles talvez não saibam que suas estações de *abrandamento* estão comprometidas. Agora, se não se importam, vou dormir. Temos muita coisa para planejar amanhã.

O grupo se deteve.

– Planejar? – Dox finalmente perguntou. – Kell... estávamos meio que pensando que devíamos desistir. Provocamos uma guerra entre as casas, e você acaba de se encarregar da economia imperial. Com nosso disfarce e nosso plano comprometidos... Bem, honestamente não espera que façamos mais nada, certo?

Kelsier sorriu, ficando em pé, cambaleante, e partindo para o quarto de trás.

– Conversaremos amanhã.

– O que acha que ele está planejando, Sazed? – Vin perguntou, sentada em um banco ao lado da lareira do porão, enquanto o terrisano preparava a refeição da tarde. Kelsier dormira a noite toda, e ainda não despertara até agora.

– Não tenho realmente ideia, senhora – Sazed respondeu, provando o guisado. – Embora, neste momento, com a cidade tão desequilibrada, pareça a oportunidade perfeita para atacar o Império Final.

Vin ficou pensativa.

– Suponho que ainda podemos tomar o palácio... é o que Kell sempre quis fazer. Mas, se o Senhor Soberano foi avisado, os outros não vão querer que isso aconteça. Além disso, não parece que temos soldados suficientes para fazer muita coisa na cidade. Ham e Brisa não terminaram o recrutamento.

Sazed deu de ombros.

– Talvez Kelsier tenha outros planos em relação ao Senhor Soberano – Vin meditou.

– Talvez.

– Sazed? – Vin disse lentamente. – Você recompila lendas, certo?

– Como Guardador, recompilo muitas coisas – Sazed comentou. – Histórias, lendas, religiões. Quando eu era jovem, outro Guardador me recitou todo seu conhecimento, para que eu pudesse armazená-lo, e então aumentá-lo.

– Já ouviu sobre essa lenda do "Décimo Primeiro Metal" da qual Kelsier fala?

Sazed se deteve.

– Não, senhora. Esta lenda era nova para mim quando a ouvi de Mestre Kelsier.

– Mas ele jura que é verdade – Vin falou. – E eu... acredito nele, por algum motivo.

– É muito possível que haja lendas que eu não tenha ouvido – Sazed concordou. – Se os Guardadores soubessem tudo, então por que continuar procurando?

Vin assentiu, ainda um pouco incerta.

Sazed continuou a remexer a sopa. Ele parecia tão... digno, mesmo enquanto realizava uma tarefa tão simples. Vestia sua túnica de mordomo, sem se preocupar em quão simples era o serviço que fazia, substituindo com facilidade os criados da gangue que haviam sido despedidos.

Passos rápidos soaram na escada, e Vin se empertigou, levantando-se de seu banco.

– Senhora? – Sazed perguntou.

– Tem alguém nas escadas – Vin disse, aproximando-se da entrada.

Um dos aprendizes – Vin achava que o nome dele era Tase – irrompeu porta adentro. Agora que Lestibournes se fora, Tase se tornara o principal vigia da gangue.

– As pessoas estão se reunindo na praça – Tase disse, gesticulando na direção das escadas.

– O que foi? – Dockson disse, saindo do outro aposento.

– Pessoas, na praça da fonte, Mestre Dockson – o garoto disse. – Dizem nas ruas que os obrigadores estão planejando mais execuções.

Retaliação pelas Minas, Vin pensou. *Não demorou muito*.

A expressão de Dockson ficou sombria.

– Vá acordar Kell.

– Pretendo observá-los – Kelsier disse, andando pelo aposento, vestido com roupas simples de skaa e capa.

O estômago de Vin revirou. *De novo?*

– Vocês podem fazer o que quiserem – Kelsier disse. Parecia muito melhor depois do descanso prolongado; seu esgotamento se fora, substituído pela força característica que Vin sempre esperava dele. – As execuções são, provavelmente, uma retaliação ao que fiz nas minas – Kelsier prosseguiu. – Vou observar as mortes daquelas pessoas... porque, indiretamente, eu as causei.

– Não é culpa sua, Kell – Dockson observou.

– É culpa de todos nós – Kelsier disse abruptamente. – Isso não torna o que fizemos errado... mas, se não fosse por nós, aquelas pessoas não teriam que morrer. Eu, pelo menos, acho que o mínimo que podemos fazer por aquelas pessoas é testemunhar sua passagem.

Abriu a porta, subindo os degraus. Lentamente, o resto da gangue o seguiu – embora Trevo, Sazed e os aprendizes tivessem ficado no refúgio.

Vin subiu os degraus com cheiro de mofo, juntando-se aos outros depois de um tempo em uma rua encardida no meio de um bairro pobre skaa. As cinzas caíam do céu, flutuando preguiçosamente em flocos. Kelsier já descia a rua, e o restante deles – Brisa, Ham, Dockson e Vin – apertou o passo para alcançá-lo.

O esconderijo deles não estava muito longe da praça da fonte. Kelsier, no entanto, parou algumas ruas antes do destino deles. Skaa de olhos turvos continuavam andando, unindo-se à multidão. Sinos soavam ao longe.

– Kell? – Dockson perguntou.

Kelsier inclinou a cabeça.

– Vin, ouviu isso?

Ela fechou os olhos e avivou o estanho. *Concentre-se*, pensou. *Como Fantasma disse. Deixe de lado os passos e os murmúrios. Ouça sobre as portas batendo e as pessoas respirando. Ouça...*

– Cavalos – ela disse, reduzindo o estanho e abrindo os olhos. – E carruagens.

– Carroças – Kelsier disse, dirigindo-se para a lateral da rua. – As carroças dos prisioneiros. Estão vindo por aqui.

Olhou para os edifícios ao seu redor, então agarrou uma calha e começou a escalar a parede. Brisa revirou os olhos, cutucando Dockson e acenando com a cabeça na direção da frente do edifício, mas Vin e Ham – acendendo peltre – seguiram Kelsier com facilidade até o telhado.

– Ali – Kell disse, apontando para uma rua não muito longe dali. Vin mal podia ver a fila de carroças com grades dos prisioneiros dirigindo-se para a praça.

Dockson e Brisa entraram no telhado inclinado por uma janela. Kelsier ficou

onde estava, parado na beira do telhado, contemplando as carroças dos prisioneiros.

– Kell – Ham disse com severidade –, no que está pensando?

– Ainda estamos a uma certa distância da praça – respondeu lentamente. – E os Inquisidores não viajam com os prisioneiros; virão do palácio, como da última vez. Não deve haver mais que uma centena de soldados vigiando aquelas pessoas.

– Cem homens são bastante, Kell – Ham comentou.

Kelsier não pareceu ouvir suas palavras. Deu outro passo adiante, aproximando-se da borda do telhado.

– Posso deter isso... posso salvá-los.

Vin parou ao lado dele.

– Kell, pode ser que não haja muitos guardas com os prisioneiros, mas a praça da fonte está a poucos quarteirões de distância. Está repleta de soldados, sem falar de Inquisidores!

Ham, inesperadamente, não a apoiou. Deu meia-volta, olhando para Dockson e Brisa. Dox se deteve, então deu de ombros.

– Estão todos loucos? – Vin exclamou.

– Espere um momento – Brisa disse, apertando os olhos. – Não sou nenhum olho de estanho, mas alguns daqueles prisioneiros não parecem um pouco bem vestidos demais?

Kelsier paralisou, então praguejou. Sem aviso, saltou do telhado, caindo na rua abaixo.

– Kell! – Vin o chamou. – O que...? – Então se deteve, olhando sob a luz vermelha do sol, observando a lenta aproximação da procissão de carroças. Com seus olhos ampliados pelo estanho, pensou ter reconhecido alguém sentado em uma das carroças da frente.

Fantasma.

– Kelsier, o que está acontecendo? – Vin exigiu saber, disparando até a rua ao lado dele.

Ele reduziu um pouco a velocidade.

– Vi Renoux e Fantasma na primeira carroça. O Ministério deve ter atacado o comboio de Renoux no canal... as pessoas naquelas gaiolas são criados, pessoal da casa e guardas que contratamos para trabalhar na mansão.

O comboio no canal... Vin pensou. *O Ministério deve saber que Renoux era uma fraude. Marsh confessou, no final das contas*.

Atrás deles, Ham saiu do edifício. Brisa e Dockson demoraram mais para os alcançar.

– Temos que agir rápido! – Kelsier disse, apressando o passo novamente.

– Kell! – Vin disse, agarrando seu braço. – Kelsier, não pode salvá-los. Estão muito bem vigiados, e estamos em pleno dia no meio da cidade. Só conseguirá que o matem!

Ele se deteve, indeciso, no meio da rua, voltando-se para Vin. Olhou-a nos olhos, desapontado.

– Não entende do que se trata tudo isso, não é, Vin? Nunca entendeu. Eu deixei que me detivesse uma vez, na colina, junto ao campo de batalha. Não desta vez. Desta vez posso fazer alguma coisa.

– Mas...

Ele soltou o braço.

– Ainda precisa aprender algumas coisas sobre amizade, Vin. Espero que algum dia entenda quais são.

E começou a correr na direção das carroças. Ham ultrapassou Vin, tomando outra direção, abrindo caminho entre os skaa que seguiam para a praça.

Vin ficou estupidamente parada por alguns segundos, sentindo a cinza cair, quando Dockson a alcançou.

– É insanidade – ela murmurou. – Não podemos fazer isso. Não somos invencíveis.

Dockson fez um careta.

– Tampouco somos indefesos.

Brisa chegou, arfando, e apontou para uma rua lateral.

– Ali. Precisamos de um lugar onde eu possa ver os soldados.

Vin os seguiu, sentindo de repente uma vergonha misturada à preocupação.

Kelsier...

Kelsier jogou dois frascos vazios, depois de ingerir seus conteúdos. Os frascos cintilaram no chão, mas não chegaram a se quebrar contra as pedras. Entrou em um último beco, correndo por uma rua estranhamente vazia.

As carroças dos prisioneiros seguiam na direção dele, entrando em uma pequena praça formada pela interseção de duas ruas. Cada veículo retangular estava cercado de grades; cada um deles estava lotado de pessoas agora claramente familiares. Criados, soldados, amas – alguns eram rebeldes, mas a maioria era pessoas comuns. Nenhum deles merecia morrer.

Tantos skaa já morreram, ele pensou, avivando seus metais. *Centenas.*

Milhares. Centenas de milhares.

Não hoje. Não mais.

Jogou uma moeda e saltou, *empurrando-se* pelo ar em um arco amplo. Os soldados olharam para cima, apontando para ele. Kelsier aterrissou bem no meio deles.

Houve um momento de silêncio, enquanto os soldados se viravam, surpresos. Kelsier se agachou entre eles, pedaços de cinzas caindo do céu.

Então *empurrou*.

Avivou seu aço com um grito, erguendo-se e *empurrando* para fora. A explosão de seus poderes alomânticos arremessou os soldados para longe, pelas placas peitorais, atirando uma dúzia de homens no ar, e fazendo-os se chocarem contra os companheiros e as paredes.

Os homens gritaram, Kelsier girou, *empurrando* um grupo de soldados, e saiu voando na direção de uma das carroças. Chocou-se contra ela, avivou seu aço e agarrou a porta de metal com as mãos.

Os prisioneiros recuaram, surpresos. Kelsier arrancou a porta com um estalo de poder aumentado pelo peltre, e a jogou na direção dos soldados que se aproximavam.

– Vão! – disse para os prisioneiros, saltando para longe e aterrissando com suavidade na rua. Ele se virou.

E se viu cara a cara com uma figura alta usando uma túnica marrom. Kelsier se deteve, recuando enquanto a figura alta abaixava o capuz, revelando um par de olhos empalados com pregos.

O Inquisidor sorriu, e Kelsier ouviu passos se aproximando pelos becos. Dezenas. Centenas.

– Maldição! – Brisa praguejou quando os soldados inundaram a praça.

Dockson empurrou Brisa para um beco. Vin os seguiu, agachada nas sombras, ouvindo os soldados gritarem nas encruzilhadas.

– O que foi? – ela quis saber.

– Um Inquisidor! – Brisa disse, apontando para uma figura com túnica parada diante de Kelsier.

– *O quê?* – Dockson disse, ficando em pé.

É uma armadilha, Vin percebeu, horrorizada. Soldados começavam a chegar na praça, saindo de esconderijos nas ruas laterais. *Kelsier, saia daí!*

Kelsier *empurrou* um guarda caído, atirando-se de costas em um giro sobre uma das carroças dos prisioneiros. Aterrissou agachado, observando os novos esquadrões de soldados. Muitos deles levavam bastões e não usavam armaduras. Matabrumas.

O Inquisidor se *empurrou* pelo ar cheio de cinzas, aterrissando com um estampido diante de Kelsier. A criatura sorriu.

É o mesmo homem. O Inquisidor da outra vez.

– Onde está a garota? – a criatura disse em voz baixa.

Kelsier ignorou a pergunta.

– Por que só um de vocês? – ele exigiu saber.

O sorriso da criatura aumentou.

– Ganhei o sorteio.

Kelsier avivou peltre, correndo para o lado enquanto o Inquisidor desembainhava um par de machados de obsidiana. A praça estava se enchendo rapidamente de soldados. De dentro das carroças, podia ouvir as pessoas gritando.

– Kelsier! Lorde Kelsier! Por favor!

Kelsier praguejou baixinho enquanto o Inquisidor se lançava sobre ele. Estendeu a mão, *puxando* uma das carroças ainda cheias e arrancando-se no ar sobre um grupo de soldados. Aterrissou e correu até o veículo, pretendendo libertar seus ocupantes. Quando chegou, no entanto, a carroça balançou. Kelsier levantou os olhos bem a tempo de ver o monstro com olhos de aço sorrindo para ele do alto do veículo.

Kelsier se *empurrou* para trás, sentindo o vento da machadada perto de sua cabeça. Aterrissou com agilidade, mas imediatamente teve que saltar de lado, enquanto um grupo de soldados o atacava. Ao pousar, estendeu a mão – *puxando* uma das carroças para se ancorar – e *empurrou* a porta de ferro que havia jogado antes. A porta de grades voou pelos ares e se chocou contra o esquadrão de soldados.

O Inquisidor atacou por trás, e Kelsier se afastou, dando um salto. A porta, ainda aos trambolhões, resvalou pelo chão e, ao passar sobre ela, Kelsier *empurrou*, lançando-se no ar.

Vin estava certa, Kelsier pensou, frustrado. Embaixo, o Inquisidor o observava, seguindo-o com seus olhos antinaturais. *Não devia ter feito isso*. Um grupo de soldados cercava os skaa que tinha libertado.

Eu devia fugir – tentar despistar o Inquisidor. Já fiz isso antes.

Mas... não podia. Não faria isso, não desta vez. Havia se comprometido

vezes demais antes. Mesmo que isso lhe custasse tudo, *tinha* que libertar esses prisioneiros.

E, então, quando começou a cair, viu um grupo de homens atacando a encruzilhada. Tinham armas, mas não uniformes. Diante deles, havia uma figura familiar.

Ham! Então foi para lá que você foi.

– O que está acontecendo? – Vin perguntou, ansiosa, ficando na ponta dos pés para ver a praça. Lá embaixo, a figura de Kelsier mergulhou novamente na luta, a capa escura ondulando atrás dele.

– É uma das nossas unidades de soldados! – Dockson falou. – Ham deve ter ido buscá-los.

– Quantos?

– Formavam grupos de cerca de duzentos.

– Então estão em desvantagem numérica.

Dockson assentiu.

Vin se levantou.

– Vou para lá.

– Não, não vai – Dockson disse com firmeza, agarrando-a pela capa e puxando-a de volta. – Não quero que se repita o que aconteceu da última vez que você enfrentou um daqueles monstros.

– Mas...

– Kell se sairá bem – Dockson falou. – Vai tentar ganhar tempo para que Ham liberte os prisioneiros, então fugirá. Observe.

Vin deu um passo para trás.

Ao lado dela, Brisa murmurava consigo mesmo.

– Sim, estão com medo. Vamos nos concentrar nisso. *Abrandar* todo o resto. Deixá-los aterrorizados. É, um Inquisidor e um Nascido das Brumas lutando... não vão querer interferir *nisso*...

Vin olhou novamente para a praça, onde viu um soldado largar o bastão e sair correndo. *Há outras maneiras de lutar*, percebeu, ajoelhando-se ao lado de Brisa.

– Como posso ajudar?

Kelsier desviou de novo do Inquisidor, enquanto a unidade de Ham enfrentava os soldados imperiais e começava a abrir caminho até as carroças de

prisioneiros. O ataque dividiu a atenção dos soldados, que pareceram muito contentes em deixar Kelsier e o Inquisidor em sua batalha solitária.

De um lado, Kelsier viu os skaa que começavam a lotar as ruas ao redor da pequena praça, a luta chamando a atenção daqueles que esperavam na praça da fonte. Kelsier podia ver outros esquadrões de guardas imperiais tentando abrir caminho até a luta, mas os milhares de skaa que abarrotavam as ruas dificultavam seriamente o avanço deles.

O Inquisidor atacou, e Kelsier se esquivou. A criatura estava ficando cada fez mais frustrada. De um lado, um pequeno grupo dos homens de Ham alcançou uma das carroças e arrebentou o cadeado, libertando os prisioneiros. O resto dos homens de Ham mantinha os soldados ocupados enquanto os prisioneiros fugiam.

Kelsier sorriu, olhando para o Inquisidor irritado. A criatura grunhiu.

– Valette! – uma voz gritou.

Kelsier se virou, surpreso. Um nobre bem vestido abria caminho entre os soldados, na direção do centro da luta. Levava um bastão de duelo e era protegido por dois guarda-costas que o cercavam, mas não era atacado principalmente porque nenhum dos lados tinha certeza de querer atacar um homem de evidente sangue nobre.

– Valette! – Elend Venture gritou de novo. Virou-se para um dos soldados. – Quem ordenou o ataque ao comboio Renoux? Quem autorizou isso?

Maravilha, Kelsier pensou, mantendo um olho cauteloso no Inquisidor. A criatura olhava para Kelsier com uma expressão odiosa e retorcida.

Continue me odiando, Kelsier pensou. *Só tenho que aguentar o suficiente para que Ham liberte os prisioneiros. Então, poderei me livrar de você.*

O Inquisidor estendeu a mão e decapitou casualmente uma criada em fuga que passava por ele.

– Não! – Kelsier gritou, enquanto o cadáver caía aos pés do Inquisidor. A criatura agarrou outra vítima e levantou o machado.

– Tudo bem! – Kelsier disse, avançando e tirando um par de frascos de sua bolsa. – Tudo bem. Quer lutar comigo? Vamos!

A criatura sorriu, jogando a mulher capturada de lado e avançando na direção de Kelsier.

Kelsier tirou as tampas e bebeu o conteúdo dos dois frascos de uma vez, jogando-os de lado. Os metais arderam em seu peito, queimando junto com sua fúria. Seu irmão, morto. Sua esposa, morta. Família, amigos e heróis. Todos mortos.

Está me forçando a buscar vingança?, pensou. *Bem, você a terá*.

Kelsier se deteve a poucos passos do Inquisidor. Com os punhos fechados, avivou seu aço em um enorme *empurrão*. Ao seu redor, as pessoas foram atiradas para trás por seus metais, ao serem atingidas por uma onda espantosa e invisível de poder. A praça – lotada de soldados imperiais, prisioneiros e rebeldes – se abriu em um pequeno espaço livre ao redor de Kelsier e do Inquisidor.

– Vamos fazer isso, então – Kelsier disse.

Eu nunca quis ser temido.

Se me arrependo de alguma coisa, é do temor que tenho causado. O medo é a ferramenta dos tiranos. Infelizmente, quando o destino do mundo está em jogo, deve-se usar as ferramentas que estão disponíveis.

34

Homens mortos e moribundos despencaram no chão de paralelepípedos. Os skaa abarrotavam as ruas. Os prisioneiros gritavam, chamando seu nome. O calor do sol avermelhado queimava.

E cinzas caíam do céu.

Kelsier avançou, avivando peltre e brandindo suas adagas. Queimou atium, assim como o Inquisidor – e ambos provavelmente tinham o suficiente para um longo combate.

Kelsier golpeou duas vezes o ar quente, atingindo o Inquisidor, seus braços um borrão. A criatura desviou no meio de um vórtice louco de sombras de atium, e então deu um golpe com seu machado.

Kelsier saltou, o peltre garantiu uma altura sobre-humana ao seu pulo, e passou por sobre a arma. Estendeu a mão e *empurrou* um grupo de soldados que estava atrás dele, lançando-se para frente. Plantou os dois pés no rosto do Inquisidor e o chutou, rodopiando para trás no ar.

O Inquisidor cambaleou. Enquanto Kelsier caía, *puxou* um soldado, lançando-se para trás. O soldado saiu em disparada pela força do *puxão* de ferro, e se precipitou na direção de Kelsier. Os dois homens voaram no ar.

Kelsier avivou ferro, *puxando* um grupo de soldados à sua direita, enquanto ainda *puxava* o outro soldado. O resultado foi um giro em volta de seu eixo. Kelsier voou de lado, e o soldado – preso como se por um cabo ao corpo de Kelsier – traçou um arco amplo como uma bola na outra extremidade de uma corrente.

O infeliz soldado se chocou contra o Inquisidor, e ambos caíram contra as grades de uma carroça vazia.

O soldado ficou inconsciente no chão. O Inquisidor ricocheteou na jaula de ferro e caiu de quatro. Um filete de sangue escorreu pelo rosto da criatura, cruzando as tatuagens de seus olhos, mas ele ergueu a cabeça, sorrindo. Não parecia nem um pouco atordoado quando se levantou.

Kelsier aterrissou, amaldiçoando-se em voz baixa.

Com uma incrível explosão de velocidade, o Inquisidor agarrou a carroça vazia, por duas barras da grade, e a arrancou das rodas.

Maldição!

A criatura girou e arremessou a enorme jaula em Kelsier, que estava parado a poucos metros. Não havia tempo para desviar. Havia um edifício bem atrás dele; se *empurrasse* para contra-atacar, seria esmagado.

A jaula se precipitou em sua direção, e Kelsier saltou, usando um *empurrão* de aço para guiar seu corpo através da porta aberta da jaula que rodopiava. Espremeu-se dentro da cela, *empurrando* para fora em todas as direções, mantendo-se bem no centro da jaula de metal enquanto esmagava as paredes, até se libertar com um salto.

A jaula rolou e começou a deslizar pelo chão. Kelsier se deixou cair, aterrissando na parte inferior de um telhado enquanto a jaula parava lentamente. Através das grades, pôde ver o Inquisidor olhando para ele em meio a um mar de soldados lutando, seu corpo cercado por uma nuvem retorcida e em movimento de imagens de atium. O Inquisidor meneou a cabeça para Kelsier, em leve sinal de respeito.

Kelsier *empurrou* com um grito, avivando peltre para não ser esmagado. A jaula explodiu, a parte superior do metal voou pelos ares, as grades foram soltas em todas as direções. Kelsier *puxou* as barras atrás de si e *empurrou* as que estavam a sua frente, disparando um fluxo de metal contra o Inquisidor.

A criatura levantou uma mão, desviando habilmente os enormes projéteis. Kelsier, no entanto, seguiu as barras com seu próprio corpo – lançando-se na direção do Inquisidor com um *empurrão* de aço. O Inquisidor *puxou*-se para o lado, usando um desafortunado soldado como âncora. O homem gritou quando foi arrancado de seu duelo – mas se calou quando o Inquisidor saltou, *empurrando* contra ele e o esmagando no chão.

O Inquisidor disparou no ar. Kelsier freou com um *empurrão* contra um grupo de soldados, seguindo seu inimigo. Atrás dele, a parte superior da jaula se chocou contra o chão, arrancando lascas de pedra. Kelsier se lançou contra ela e disparou para cima, atrás do Inquisidor.

Flocos de cinzas passavam ao lado dele. Adiante, o Inquisidor se virou,

puxando algo que estava embaixo. A criatura mudou imediatamente de direção, lançando-se ao encontro de Kelsier.

Uma colisão de frente. Má ideia para o cara sem pregos na cabeça. Kelsier *puxou* freneticamente um soldado, lançando-se para baixo enquanto o Inquisidor passava diagonalmente por cima dele.

Kelsier avivou peltre, chocando-se contra o soldado que havia *puxado*. Os dois giraram no ar. Felizmente, o soldado não era um dos de Ham.

– Sinto muito, amigo – Kelsier disse casualmente, *empurrando*-se para o lado.

O soldado saiu em disparada, chocando-se, depois de um tempo, contra a lateral de um edifício, enquanto Kelsier o usava para voar sobre o campo de batalha. Lá embaixo, o esquadrão principal de Ham havia alcançado a última carroça de prisioneiros. Infelizmente, vários grupos de soldados imperiais tinham aberto caminho entre os assombrados skaa. Um deles era uma grande equipe de arqueiros – armados com flechas com ponta de obsidiana.

Kelsier praguejou, deixando-se cair. Os arqueiros se prepararam para disparar contra a multidão que combatia. Matariam alguns de seus próprios soldados, mas o grosso do ataque atingiria os prisioneiros.

Kelsier caiu no chão de paralelepípedos. Estendeu a mão para o lado, *puxando* algumas barras caídas da jaula que destruíra. Elas voaram em sua direção.

Os arqueiros apontaram. Mas ele podia ver suas sombras de atium.

Kelsier soltou as barras e se *empurrou* de lado levemente, permitindo que os ferros voassem entre os arqueiros e os prisioneiros que fugiam.

Os arqueiros dispararam.

Kelsier agarrou as barras, avivando tanto aço quanto ferro, *empurrando* a ponta de cada barra, e *puxando* a ponta oposta. As barras dispararam no ar, começando imediatamente a rodopiar como moinhos de vento furiosos e lunáticos. A maioria das flechas foi desviada pelas barras de ferro giratórias.

As barras caíram no chão, entre as flechas dispersas e quebradas. Os arqueiros ficaram parados, estupefatos, enquanto Kelsier saltava para o lado novamente, e *puxava* levemente as barras, fazendo-as saltar no ar, diante dele. *Empurrou*, mandando as barras na direção dos arqueiros. Deu meia-volta enquanto os homens gritavam e morriam, seus olhos procurando seu verdadeiro inimigo.

Onde a criatura está se escondendo?

Contemplou uma cena caótica. Homens lutavam, corriam, fugiam e morriam

– cada um com uma sombra profética de atium aos olhos de Kelsier. Neste caso, contudo, as sombras efetivamente dobravam o número de pessoas se movendo no campo de batalha, e só serviam para aumentar sua sensação de confusão.

Mais e mais soldados chegavam. Muitos dos homens de Ham estavam mortos, mas a maioria estava se retirando – felizmente, podiam simplesmente descartar a armadura e se misturar na multidão skaa. Kelsier estava mais preocupado com a última carroça de prisioneiros, onde estavam Renoux e Fantasma. A trajetória do grupo de Ham na batalha exigira que se movessem pela fila de carroças, de trás para frente. Tentar chegar primeiro em Renoux teria exigido passar pelas outras cinco carroças, deixando as pessoas presas lá dentro.

Ham obviamente não pretendia partir até que Fantasma e Renoux estivessem livres. E, enquanto Ham lutasse, os soldados rebeldes aguentariam. Havia uma razão pela qual os Braços de Peltre também eram conhecidos como Brutamontes: não havia sutileza alguma em sua forma de lutar, nenhum *puxão* de ferro ou *empurrão* de aço astuto. Ham simplesmente atacava com velocidade e força bruta, lançando inimigos para longe do seu caminho, derrubando suas fileiras, liderando seu esquadrão de cinquenta homens em direção à última carroça de prisioneiros. Quando alcançaram o veículo, Ham recuou para lutar contra um grupo de soldados inimigos, enquanto um de seus homens arrebentava o cadeado da carroça.

Kelsier sorriu, com orgulho, seus olhos ainda procuravam pelo Inquisidor. Seu homens eram poucos, mas os soldados inimigos pareciam visivelmente inquietos com a determinação dos rebeldes skaa. Os homens de Kelsier lutavam com paixão – apesar de seus outros numerosos defeitos, ainda tinham essa vantagem.

Isso é o que acontece quando finalmente são convencidos a lutar. É o que está escondido dentro de todos eles. Só é difícil de soltar...

Renoux saiu da carroça e parou ao lado dela para supervisionar seus criados escapando da jaula. De repente, uma figura bem vestida surgiu do meio da turba, agarrando Renoux pela frente de seu terno.

– Onde está Valette? – Elend Venture exigiu saber, sua voz desesperada chegando aos ouvidos amplificados pelo estanho de Kelsier. – Em que jaula ela está?

Garoto, está começando a me incomodar de verdade, Kelsier pensou, *empurrando-se* através dos soldados que corriam para a carroça.

O Inquisidor apareceu, saltando detrás de um grupo de soldados. Aterrissou no alto da jaula, balançando a estrutura inteira, empunhando um machado de obsidiana em cada mão em forma de garra. A criatura olhou Kelsier nos olhos e sorriu, então enterrou um machado nas costas de Renoux.

O kandra estremeceu, os olhos arregalados. O Inquisidor se voltou para Elend. Kelsier não tinha certeza se a criatura reconhecera o garoto. Talvez o Inquisidor pensasse que Elend fosse um membro da família Renoux. Talvez não se importasse.

Kelsier se deteve por um instante.

O Inquisidor levantou o machado para atacar.

Ela o ama.

Kelsier avivou o aço dentro de si, agitando-o, inflamando-o até que seu peito ardeu como as próprias Montanhas de Cinzas. *Empurrou-se* contra os soldados que estavam atrás de si – atirando dezenas deles para trás – e disparou na direção do Inquisidor. Chocou-se contra a criatura quando ela começava a descarregar o golpe.

O machado se perdeu contra as pedras, a alguns passos de distância. Kelsier agarrou o Inquisidor pelo pescoço, quando os dois atingiram o chão; e começou a apertar com os músculos amplificados pelo peltre. O Inquisidor estendeu a mão, agarrando os braços de Kelsier, tentando desesperadamente se soltar.

Marsh estava certo, Kelsier pensou em meio ao caos. *Ele teme por sua vida. Pode ser morto.*

O Inquisidor engasgou asperamente, os pregos de metal que se sobressaíam de seus olhos a poucos centímetros do rosto de Kelsier. A seu lado, Kelsier viu Elend Venture cambalear para trás.

– A garota está bem! – Kelsier disse, entredentes. – Não estava nas barcaças de Renoux. Vá!

Elend se deteve, incerto; então, um de seus guarda-costas finalmente apareceu. O garoto se deixou ser levado.

Não posso acreditar que acabei de salvar um nobre, Kelsier pensou, lutando para esganar o Inquisidor. *É melhor que aprecie isso, garota.*

Lentamente, com músculos tensos, o Inquisidor forçou Kelsier a afastar as mãos. A criatura começou a sorrir novamente.

Eles são tão fortes!

O Inquisidor *empurrou* Kelsier para trás, então *puxou* um soldado, fazendo-se escorregar pelos paralelepípedos. Bateu em um cadáver e se lançou para trás, ficando em pé. Seu pescoço estava vermelho por causa do aperto de

Kelsier, e pedaços de carne foram arrancados pelas unhas dele, mas ainda sorria.

Kelsier *empurrou* um soldado, lançando-se também. Ao seu lado, viu Renoux apoiado contra a carroça. Kelsier olhou o kandra nos olhos e assentiu de leve.

Renoux caiu no chão com um suspiro, o machado nas costas.

– Kelsier! – Ham gritou na multidão.

– Vá! – Kelsier lhe disse. – Renoux está morto.

Ham olhou para o corpo de Renoux, então assentiu. Virou-se para seus homens, gritando ordens.

– Sobrevivente – uma voz áspera disse.

Kelsier deu meia-volta. O Inquisidor avançou, inflamado por seu poder de peltre, rodeado por uma neblina de sombras de atium.

– Sobrevivente de Hathsin – disse. – Você me prometeu uma luta. Preciso matar mais skaa?

Kelsier avivou seus metais.

– Nunca disse que tínhamos acabado. – Então sorriu. Estava preocupado, estava dolorido, mas também entusiasmado. Durante toda sua vida, havia uma parte dele que queria ficar e lutar.

Sempre quisera ver se podia derrotar um Inquisidor.

Vin estava parada, tentando desesperadamente ver por cima da multidão.

– O quê? – Dockson perguntou.

– Pensei ter visto Elend!

– Aqui? Isso parece um pouco ridículo, não acha?

Vin corou. *Provavelmente.*

– Mesmo assim, vou tentar conseguir uma vista melhor. – Dirigiu-se para o lado do beco.

– Tome cuidado – Dox disse. – Se aquele Inquisidor vir você...

Vin assentiu, subindo pelos tijolos. Assim que conseguiu altura suficiente, perscrutou a encruzilhada em busca de figuras familiares. Dockson estava certo: Elend não estava em parte alguma. Uma das carroças – aquela da qual o Inquisidor arrancara a jaula – estava de lado. Os cavalos pisavam nela, presos entre a luta e a multidão skaa.

– O que vê? – Dox chamou de baixo.

– Renoux está caído! – Vin disse, apertando os olhos e queimando estanho. – Parece que tem um machado nas costas.

– Talvez não seja fatal para ele – Dockson disse, enigmaticamente. – Não sei muito sobre os kandra.

Kandra?

– E quanto aos prisioneiros? – Dox perguntou.

– Estão todos livres – Vin falou. – As jaulas estão vazias. Dox, há *um monte* de skaa lá fora. – Parecia que toda a população da praça da fonte havia se aglomerado no pequeno cruzamento. A área formava uma pequena depressão, e Vin pôde ver milhares de skaa amontoados nas ruas que subiam em todas as direções.

– Ham está livre! – Vin disse. – Não o vejo... vivo ou morto... em lugar algum! Fantasma se foi também.

– E Kell? – Dockson perguntou com urgência.

Vin se deteve.

– Ainda está lutando com o Inquisidor.

***

Kelsier avivou seu peltre, golpeando o Inquisidor, tomando cuidado para evitar os discos planos de metal que saltavam de seus olhos. A criatura cambaleou, e Kelsier enterrou o punho em seu estômago. O Inquisidor grunhiu e esbofeteou Kelsier, derrubando-o com um só golpe.

Kelsier sacudiu a cabeça. *O que falta para matar essa coisa?*, pensou, *empurrando*-se para ficar em pé e retrocedendo.

O Inquisidor avançou. Alguns dos soldados tentavam procurar Ham e seus homens na multidão, mas muitos apenas ficaram parados. Uma luta entre dois poderosos alomânticos era algo comentado em sussurros, mas nunca visto antes. Soldados e camponeses ficaram ali, boquiabertos, observando a batalha com assombro.

Ele é mais forte do que eu, Kelsier reconheceu, olhando o Inquisidor com cautela. *Mas força não é tudo.*

Kelsier estendeu a mão, agarrando pequenas fontes de metal, e arrancando-as de seus donos com um *puxão* – tampas de metal, elegantes espadas de aço, moedeiras, adagas. Lançou-as contra o Inquisidor – manipulando com cuidado os *empurrões* de aço e os *puxões* de ferro –, mantendo seu atium ardendo para que cada peça que controlava tivesse uma multidão crescente de imagens de atium diante dos olhos do Inquisidor.

O Inquisidor praguejou baixinho enquanto desviava do enxame de peças de

metal. Kelsier, no entanto, usou os próprios *empurrões* do Inquisidor, *puxando* cada item de volta, fazendo-os girar ao redor da criatura. O Inquisidor *empurrou* para fora todas as peças de uma só vez, e Kelsier as soltou. Assim que o Inquisidor parou de *empurrar*, no entanto, Kelsier *puxou* as armas de volta.

Os soldados imperiais formavam um círculo. Kelsier os usou, *empurrando* suas placas peitorais, balançando-se para trás e para frente no ar. As rápidas mudanças de posição deixaram seu movimento constante, desorientando o Inquisidor, permitindo que *empurrasse* suas diferentes peças de metal onde quisesse.

– Fique de olho na fivela do meu cinto – Dockson pediu, balançando levemente enquanto se agarrava aos tijolos, do lado de Vin. – Se eu cair, me dê um *puxão* para me segurar, sim?

Vin assentiu, mas não estava prestando muita atenção em Dox. Estava observando Kelsier.

– Ele é incrível!

Kelsier balançava no ar, para frente e para trás, seus pés jamais tocando o chão. Pedaços de metal zuniram ao seu redor, respondendo aos seus *empurrões* e *puxões*. Ele os controlava com tal habilidade que seria possível pensar que eram seres vivos. O Inquisidor os afastava com fúria, mas obviamente estava tendo dificuldades em acompanhar todos eles.

Eu subestimei Kelsier, Vin pensou. *Presumi que era menos habilidoso do que os Brumosos porque abarcava coisas demais. Mas não é nada disso. Essa.* Essa é *a especialidade dele* – empurrar *e* puxar *com perfeito controle.*

E ferro e aço são os metais nos quais me treinou pessoalmente. Talvez ele soubesse o tempo todo.

Kelsier girava e voava no meio de um redemoinho de metal. Cada vez que alguma coisa acertava o chão, ele a erguia novamente. As peças voavam em linha reta, mas ele se mantinha em movimento, *empurrando-se* de um lado para outro, mantendo as peças no ar, disparando-as periodicamente contra o Inquisidor.

A criatura rodopiava, confusa. Tentou *empurrar*-se para cima, mas Kelsier disparou várias peças de metal maiores na cabeça do Inquisidor, e ele teve que *empurrá-las*, interrompendo o salto.

Uma barra de ferro acertou a criatura na cara.

O Inquisidor cambaleou, o sangue manchando as tatuagens na lateral de seu rosto. Um elmo de aço o atingiu de lado, atirando-o para trás.

Kelsier começou a lançar peças de metal rapidamente, sentindo que sua ira e sua fúria aumentavam.

– Foi você quem matou Marsh? – gritou, sem se importar em esperar uma resposta. – Estava presente quando eu fui condenado, anos atrás?

O Inquisidor levantou uma mão protetora, *empurrando* o enxame seguinte de metal. Cambaleou para trás, apoiando as costas na carroça de metal capotada.

Kelsier ouviu a criatura grunhir, e um súbito *empurrão* de força percorreu a multidão, derrubando os soldados e fazendo com que as armas de metal de Kelsier se dispersassem Kelsier as soltou. Avançou correndo na direção do desorientado Inquisidor, empunhando um paralelepípedo solto da rua.

A criatura se virou na direção dele, e Kelsier gritou, descarregando um golpe com o paralelepípedo, sua força aumentada ainda mais pela fúria e pelo peltre.

Acertou o Inquisidor entre os olhos. A cabeça da criatura foi para trás, chocando-se contra o fundo da carroça virada. Kelsier atacou de novo, gritando, esmagando o rosto da criatura repetidamente com seu paralelepípedo.

O Inquisidor uivou de dor, estendendo as mãos em forma de garras na direção de Kelsier, como se fosse saltar para frente. Então, de repente, ficou quieto, a cabeça se chocando contra a madeira da carroça. As pontas dos pregos que saíam pela parte de trás de seu crânio se cravaram na madeira com o ataque de Kelsier.

Kelsier sorriu enquanto a criatura gritava de raiva, lutando para libertar a cabeça da madeira. Kelsier se virou de lado, buscando um objeto que vira no solo há alguns instantes. Chutou um cadáver, agarrando o machado de obsidiana do chão. A lâmina de pedra afiada brilhava sob o sol vermelho.

– Estou feliz que tenha me convencido a fazer isso – ele disse, em voz baixa. Então deu um golpe com as duas mãos, cravando o machado no pescoço do Inquisidor e na madeira atrás.

O corpo do Inquisidor despencou no chão de paralelepípedos. A cabeça permaneceu onde estava, encarando com seus olhos estranhos, tatuados e não naturais – preso na madeira pelos próprios pregos.

Kelsier se voltou para a multidão, sentindo-se, de repente, incrivelmente cansado. Seu corpo coberto por dezenas de hematomas e cortes doía, e não sabia quando sua capa havia caído. Mas encarou os soldados, desafiador, com seus braços cheios de cicatrizes plenamente visíveis.

– O Sobrevivente de Hathsin – alguém murmurou.

– Ele matou um Inquisidor... – disse outro.

E, então, o cântico começou. Os skaa nas ruas ao redor começaram a gritar seu nome. Os soldados olhavam ao redor, percebendo, horrorizados, que estavam cercados. Os camponeses começaram a pressioná-los, e Kelsier pôde sentir a raiva e a esperança deles.

Talvez isso não tenha que ser como presumi, Kelsier pensou, triunfante. *Talvez eu não tenha que...*

Então o golpe veio. Como uma nuvem cobrindo o sol, uma súbita tempestade em uma noite tranquila, como dedos apagando uma vela. Uma mão opressiva sufocou as emoções acumuladas dos skaa. As pessoas se encolheram, e seus gritos morreram. O fogo que Kelsier acendera neles era novo demais.

Tão perto... ele pensou.

Diante deles, uma carruagem negra apareceu no alto da colina e começou a descer vinda da praça da fonte.

O Senhor Soberano chegara.

Vin quase se soltou dos tijolos quando a onda de depressão a atingiu. Avivou seu cobre, mas – como sempre – ainda podia sentir levemente a mão opressiva do Senhor Soberano.

– Senhor Soberano! – Dockson disse, embora Vin não soubesse dizer se era uma observação ou uma maldição.

Os skaa reunidos para ver a batalha conseguiram, de algum modo, abrir espaço para a carruagem escura. O veículo percorreu um corredor de pessoas na direção da praça coberta de cadáveres.

Os soldados recuaram, e Kelsier se afastou da carroça caída, disposto a enfrentar a carruagem que se aproximava.

– O que ele está fazendo? – Vin perguntou, voltando-se para Dox, que estava pendurado em uma pequena saliência. – Por que ele não foge? Não é um Inquisidor... não é algo contra o que se pode lutar!

– É isso, Vin – Dockson disse, assombrado. – É isso o que ele estava esperando. Uma chance de encarar o Senhor Soberano... uma chance de provar uma dessas lendas dele.

Vin se virou para a praça. A carruagem havia parado.

– Mas... – ela disse, em voz baixa. – O Décimo Primeiro Metal. Ele o trouxe?

– Deve ter trazido.

Kelsier sempre disse que o Senhor Soberano era tarefa sua, Vin pensou.

Deixou o resto de nós trabalhando com a nobreza, a Guarnição, e o Ministério. Mas isso... Kelsier sempre planejou fazer isso ele mesmo.

O Senhor Soberano desceu da carruagem, e Vin se inclinou para frente, queimando estanho. Ele parecia...

Um homem.

Estava vestido com um uniforme negro e branco, parecido com o traje de um nobre, mas muito mais exagerado. O casaco chegava aos pés, e arrastava no chão enquanto ele andava. O colete não era colorido, mas totalmente negro, ainda que acentuado por brilhantes marcas brancas. Como Vin tinha ouvido, seus dedos cintilavam com anéis, o símbolo de seu poder.

Sou tão mais forte do que você, os anéis proclamavam, *que não importa que esteja usando metal.*

Bonito, com o cabelo negro e a pele clara, o Senhor Soberano era alto, magro e confiante. E era jovem – mais jovem do que Vin esperava, mais jovem até do que Kelsier. Cruzou a praça, evitando os cadáveres, enquanto seus soldados forçavam os skaa para trás.

De repente, um grupo abriu caminho entre a fileira de soldados. Usavam as armaduras desconjuntadas dos rebeldes, e o homem que os liderava era um pouco familiar. Um dos Brutamontes de Ham.

– Pela minha esposa! – disse o Brutamontes, levantando uma lança e atacando.

– Por Lorde Kelsier! – Gritaram os outros quatro.

Ah, não, Vin pensou.

O Senhor Soberano, no entanto, ignorou os homens. O líder rebelde lançou um grito de desafio, então cravou sua lança em seu peito.

O Senhor Soberano continuou a caminhar, passando pelos soldados, com a lança se sobressaindo de seu corpo.

O líder rebelde vacilou, então agarrou uma lança de um de seus amigos e a cravou nas costas do Senhor Soberano. Mais uma vez, o Senhor Soberano ignorou o homem – como se ele e suas armas não merecessem sequer seu desprezo.

O líder rebelde recuou, e deu meia-volta, enquanto seus amigos gritavam sob o machado de um Inquisidor. Juntou-se a eles rapidamente, e o Inquisidor se ergueu sobre os cadáveres por um momento, cortando alegremente.

O Senhor Soberano continuou em frente, com duas lanças saindo de seu corpo, como se não as notasse. Kelsier o esperou. Parecia esfarrapado em sua roupa skaa rasgada. Mesmo assim, se mostrou orgulhoso. Não se inclinou nem

abaixou a cabeça sob o peso do *abrandamento* do Senhor Soberano.

O Senhor Soberano parou a alguns passos de distância, com uma das lanças quase encostando no peito de Kelsier. A cinza negra caía levemente ao redor dos dois homens, e alguns pedaços rodopiavam com o vento fraco. A praça caiu em um silêncio horrível – até mesmo o Inquisidor interrompeu sua terrível tarefa. Vin se inclinou para frente, pendurada precariamente no tijolo áspero.

Faça algo, Kelsier! Use o metal!

O Senhor Soberano olhou para o Inquisidor que Kelsier matara.

– Esses são muito difíceis de substituir – Sua voz carregada de sotaque chegou com facilidade aos ouvidos amplificados pelo estanho de Vin.

Mesmo com a distância, pôde ver Kelsier sorrir.

– Eu o matei uma vez – O Senhor Soberano disse, voltando-se para Kelsier.

– Você tentou – Kelsier respondeu, com voz alta e firme, ouvida em toda a praça. – Mas não pode me matar, Lorde Tirano. Represento o que você *nunca* foi capaz de matar, não importa o quanto tente. Eu sou a esperança.

O Senhor Soberano bufou de desprezo. Levantou um braço casualmente, e o descarregou em Kelsier com um golpe tão poderoso que Vin pôde ouvir o impacto ressoar em toda a praça.

Kelsier cambaleou e rodopiou, espirrando sangue enquanto caía.

– *NÃO*! – Vin gritou.

O Senhor Soberano arrancou uma das lanças de seu corpo e a cravou no peito de Kelsier.

– Que as execuções comecem – disse, dando meia-volta, caminhando em direção à carruagem, arrancando a segunda lança e jogando-a de lado.

O caos se seguiu. Dirigidos por um Inquisidor, os soldados se viraram e atacaram a multidão. Outros Inquisidores chegaram da outra praça, galopando cavalos negros e empunhando machados de ébano brilhando sob a luz da tarde.

Vin ignorou tudo.

– Kelsier! – gritou. O corpo dele estava no lugar em que caíra, a lança cravada no peito, o sangue escarlate se espalhando ao seu redor.

Não. Não. NÃO! Vin saltou do edifício. Empurrando algumas pessoas e jogando-se sobre o massacre. Aterrissou no centro da praça estranhamente vazia – o Senhor Soberano se fora, os Inquisidores estavam ocupados com os skaa. Correu para junto de Kelsier.

Quase nada restava do lado esquerdo do rosto dele. O lado direito, no entanto... ainda sorria levemente, o olho morto contemplando o céu vermelho-escuro. Pedaços de cinzas caíam sobre seu rosto.

– Kelsier, não... – Vin disse, as lágrimas correndo por seu rosto. Tocou seu corpo, tentando sentir seu pulso. Não havia nada.

– Você disse que não podia ser morto! – Ela gritou. – E quanto aos seus planos? E quanto ao Décimo Primeiro Metal? E quanto a *mim*?

Ele não se moveu. Vin teve dificuldade para enxergar entre as lágrimas. *É impossível. Ele sempre disse que não éramos invencíveis... mas isso era eu. Não ele. Não Kelsier. Ele* era *invencível.*

Devia ter sido.

Alguém a agarrou, e ela se debateu, chorando.

– É hora de irmos, garota – Ham falou. Deteve-se, olhando para Kelsier, assegurando-se com seus próprios olhos que o líder da gangue estava morto.

Então levou Vin à força. Ela continuava a se debater debilmente, mas estava cada vez mais aturdida. No fundo de sua mente, ouviu a voz de Reen.

Vê. Eu disse que ele a deixaria. Eu avisei você.

Eu prometi a você...

QUINTA PARTE

CRENTES DE UM MUNDO ESQUECIDO

Sei o que acontecerá se tomar a decisão errada. Devo ser forte; não devo tomar o poder para mim mesmo.

Porque eu vi o que acontecerá se eu o fizer.

35

Para trabalhar comigo, Kelsier dissera, *só peço que me prometam uma coisa – confiem em mim.*

Vin flutuava em meio às brumas, imóvel. Fluíam ao seu redor como um riacho silencioso. Acima, adiante, dos lados e abaixo. Tudo eram brumas ao seu redor.

Confie em mim, Vin, ele dissera. *Confiou em mim o suficiente para saltar da muralha, e eu a peguei. Terá que confiar em mim desta vez também.*

Eu pegarei você.

Eu pegarei você...

Era como se não estivesse em lugar algum. Em meio às brumas, *das* brumas. Como Vin invejava as brumas. Elas não pensavam. Não se preocupavam.

Não sofriam.

Confiei em você, Kelsier, ela pensou. *Eu realmente confiei – mas me deixou cair. Prometeu que nas suas gangues não havia traições. E quanto a isso? E quanto à sua traição?*

Flutuava com o estanho apagado para ver melhor as brumas. Eram levemente úmidas e frias contra sua pele. Como a pele de um homem morto.

Por que isso importa, agora?, pensou, olhando para cima. *Por que alguma coisa importa? O que disse para mim, Kelsier? Que eu nunca entendera realmente? Que ainda precisava aprender sobre amizade? E quanto a você? Você nem lutou com ele*.

Ele estava parado ali novamente, em sua mente. O Senhor Soberano o derrubou com um golpe desdenhoso. O Sobrevivente morrera como qualquer outro homem.

É por isso que estava tão hesitante em prometer que não me abandonaria?

Desejou poder simplesmente... partir. Flutuar para longe. Transformar-se em bruma. Uma vez ela desejara liberdade – e então presumira que a tinha encontrado. Estava errada. Isso não era liberdade, esse pesar, esse buraco dentro dela.

Era o mesmo que antes, quando Reen a abandonara. Qual era a diferença? Reen ao menos tinha sido honesto. Sempre prometera que partiria. Kelsier a guiara, dizendo para ela confiar e amar, mas Reen sempre fora sincero.

– Não quero mais isso – sussurrou para as brumas. – Não podem simplesmente me levar?

As brumas não responderam. Continuaram a rodopiar, brincalhonas, despreocupadas. Sempre mudando – e, de algum modo, sempre as mesmas.

– Senhora? – uma voz insegura a chamou, vinda de baixo. – Senhora, é você aí em cima?

Vin suspirou, queimando estanho, então apagou aço e deixou-se cair. Sua capa de bruma se agitava enquanto descia; aterrissou silenciosamente no telhado sobre o refúgio. Sazed estava próximo, ao lado da escada que os vigias usavam para chegar ao telhado.

– Sim, Saze? – perguntou, cansada, estendendo a mão para *puxar* as três moedas que estava usando como âncoras para se estabilizar, como pernas de um tripé. Uma delas estava dobrada e retorcida – a mesma moeda que Kelsier e ela haviam usado para competir há vários meses.

– Sinto muito, senhora – Sazed disse. – Simplesmente me perguntava onde tinha ido.

Ela deu de ombros.

– É uma estranha noite silenciosa, creio – Sazed comentou.

– Uma noite de luto.

Centenas de skaa haviam sido massacrados após a morte de Kelsier, e mais centenas foram pisoteados em meio à pressa de fugir.

– Eu me pergunto se a morte dele chegou a significar alguma coisa – ela disse em voz baixa. – Provavelmente salvamos muito menos skaa do que foram mortos.

– Assassinados por homens maus, senhora.

– Ham com frequência se pergunta se *há* mesmo essa coisa chamada “mal”.

– Mestre Hammond gosta de fazer perguntas – Sazed comentou –, mas sequer questiona as respostas. Há homens maus... assim como há homens bons.

Vin balançou a cabeça.

– Eu estava errada sobre Kelsier. Ele não era um homem bom... era só um

mentiroso. Nunca teve um plano para derrotar o Senhor Soberano.

– Talvez – Sazed ponderou. – Ou, talvez, não tenha tido a oportunidade de levar o plano a cabo. Talvez nós não tenhamos entendido o plano.

– Soa como se ainda acreditasse nele – Vin se virou e se aproximou da beira do telhado plano, encarando a cidade escura e silenciosa.

– Acredito, senhora – Sazed afirmou.

– Como? Como pode?

Sazed balançou a cabeça, aproximando-se dela.

– A crença não é simplesmente uma coisa para os momentos felizes e os dias brilhantes, creio. O que é a crença, o que é a fé, se você não continuar com ela depois do fracasso?

Vin franziu o cenho.

– Qualquer um pode acreditar em alguém ou em alguma coisa que sempre tem sucesso, senhora. Mas o fracasso... ah sim, isso é difícil de se acreditar, certa e verdadeiramente. Difícil o bastante para ter valor, creio.

Vin negou com a cabeça.

– Kelsier não merece.

– Você não quer dizer isso, senhora – Sazed disse calmamente. – Está só zangada pelo que aconteceu. Está machucada.

– Ah, eu quero dizer isso – Vin disse, sentindo uma lágrima em sua bochecha. – Ele não merece nossa crença. Nunca mereceu.

– Os skaa pensam diferente... as lendas sobre ele estão crescendo rapidamente. Terei que retornar aqui em breve para compilá-las.

Vin franziu o cenho.

– Vai reunir histórias sobre Kelsier?

– É claro – Sazed confirmou. – Eu compilo todas as religiões.

Vin bufou.

– Não é de nenhuma religião que estamos falando, Sazed. É sobre Kelsier.

– Discordo. Ele é certamente uma figura religiosa para os skaa.

– Mas, nós o *conhecíamos* – Vin disse. – Ele não era um profeta ou um deus. Era apenas um homem.

– Assim como muitos deles, creio – Sazed respondeu em voz baixa.

Vin apenas balançou a cabeça. Ficaram em silêncio por um momento, observando a noite.

– E os outros? – ela finalmente perguntou.

– Estão discutindo o que fazer a seguir – Sazed contou. – Creio que estão decidindo deixar Luthadel separadamente e buscar refúgio em outras cidades.

– E... você?

– Devo viajar para o norte... para minha terra natal, o local dos Guardadores... para que possa partilhar o conhecimento que possuo. Devo contar aos meus irmãos e irmãs sobre o diário de viagem, especialmente as palavras a respeito do nosso ancestral, o homem chamado Rashek. Há muito o que se aprender nessa história, creio.

Ele se deteve, então olhou para ela.

– Não é uma jornada que posso fazer com outra pessoa, senhora. Os locais dos Guardadores devem permanecer em segredo, até de você.

É claro, Vin pensou. *É claro que ele vai embora também*.

– Voltarei – ele prometeu.

Claro que vai. Como todos os outros fizeram.

A gangue a fez se sentir necessária por um tempo, mas ela sempre soube que terminaria. Era hora de voltar para as ruas. Hora de estar sozinha novamente.

– Senhora... – Sazed falou lentamente. – Ouviu isso?

Ela deu de ombros. Mas... havia algo. Vozes. Vin franziu o cenho, andando até o outro lado do edifício. Ficaram mais altas, tornando-se facilmente perceptíveis até mesmo sem estanho. Reclinou-se sobre a beirada do telhado.

Um grupo de skaa, talvez uns dez, estava na rua abaixo. *Uma gangue de ladrões?*, Vin se perguntou, enquanto Sazed se juntava a ela. A quantidade de pessoas aumentava, à medida que mais skaa saíam timidamente de suas habitações.

– Venham – disse um skaa parado na frente do grupo. – Não temam as brumas! O Sobrevivente não chamou a si mesmo de Lorde das Brumas? Não disse que não tínhamos nada a temer nelas? De fato, elas nos protegerão, nos darão segurança. Nos darão poder, até!

Enquanto mais e mais skaa deixavam suas casas sem repercussão óbvia, o grupo começou a aumentar cada vez mais.

– Vá chamar os outros – Vin falou.

– Boa ideia – Sazed concordou, indo rapidamente para as escadas.

– Seus amigos, seus filhos, seus pais, suas mães, esposas e amantes – o skaa disse, acendendo uma lanterna e levantando-a. – Eles morreram nas ruas nem a meia hora daqui. O Senhor Soberano não teve nem a decência de limpar sua matança!

A multidão começou a murmurar, concordando.

– Mesmo quando a limpeza ocorrer – o homem disse –, serão as mãos do Senhor Soberano que vão cavar as covas? Não! Serão nossas mãos. Lorde

Kelsier falou sobre isso.

– Lorde Kelsier! – vários homens concordaram. O grupo estava ficando maior, agora, com a presença de mulheres e jovens também.

Um ranger na escada anunciou a chegada de Ham. Pouco depois, ele foi seguido por Sazed, Brisa, Dockson, Fantasma e, até mesmo, Trevo.

– Lorde Kelsier! – proclamou o homem lá embaixo. Outros acenderam tochas, iluminando as brumas. – Lorde Kelsier lutou por nós hoje! Matou um Inquisidor imortal!

A multidão murmurou em acordo.

– Mas então ele morreu! – alguém gritou.

Silêncio.

– E o que fizemos para ajudá-lo? – o líder perguntou. – Muitos de nós estavam lá... milhares de nós. Nós ajudamos? Não! Esperamos e observamos, mesmo enquanto ele lutava por nós. Ficamos ali, estupidamente, e o deixamos cair. Nós o vimos morrer! Ou não? O que o Sobrevivente disse? Que o Senhor Soberano nunca poderia matá-lo realmente? Kelsier é o Senhor das Brumas! Ele não está conosco, agora?

Vin se virou para os outros. Ham observava cuidadosamente, mas Brisa apenas deu de ombros.

– O homem é obviamente maluco. Um fanático religioso.

– Eu digo para vocês, amigos! – gritou o homem na rua. A multidão ainda crescia, e mais tochas eram acesas. – Eu lhes direi a verdade! *Lorde Kelsier apareceu para mim esta noite!* Disse que sempre estaria conosco. Vamos deixá-lo cair novamente?

– Não! – veio a resposta.

Brisa balançou a cabeça.

– Não imaginava que tivessem isso neles. Pena que seja um grupo tão pequeno...

– O que é aquilo? – Dox perguntou.

Vin se virou, franzindo o cenho. Havia um clarão de luz ao longe. Como... tochas acesas nas brumas. Outra apareceu a leste, perto de um bairro pobre skaa. Uma terceira apareceu. Então uma quarta. Em questão de segundos, parecia que toda a cidade estava brilhando.

– Seu gênio maluco... – Dockson sussurrou.

– O quê? – Trevo perguntou, franzindo o cenho.

– Não nos demos conta – Dox explicou. – O atium, o exército, a nobreza... não era isso que Kelsier estava planejando. *Este* era o trabalho dele! Nossa

gangue nunca derrubaria o Império Final... éramos muito poucos. A população inteira de uma cidade, no entanto...

– Está dizendo que ele fez isso de propósito? – Brisa perguntou.

– Ele sempre me fazia a mesma pergunta. – Sazed interviu, um pouco atrás. – Sempre perguntava o que dava tanto poder às religiões. Toda vez eu respondia o mesmo... – Sazed olhou para eles, inclinando a cabeça. – Eu dizia que era porque seus crentes tinham algo que os fazia sentir paixão. Algo... ou alguém.

– Mas por que ele não nos contou? – Brisa perguntou.

– Porque ele sabia – Dox disse em voz baixa. – Sabia de algo com o qual jamais concordaríamos. Sabia que teria que morrer.

Brisa balançou a cabeça.

– Não acredito nisso. Por que então se incomodar conosco? Ele poderia ter feito isso por conta própria.

Por que então se incomodar...

– Dox – Vin falou, virando-se. – Onde é o armazém que Kelsier alugou, onde fazia suas reuniões como informante?

Dockson se deteve.

– Não é muito longe, na verdade. Duas ruas abaixo. Ele disse que queria que fosse perto do esconderijo de emergência...

– Quero que me mostre! – Vin, disse, descendo pela lateral do edifício.

Os skaa reunidos continuavam gritando, cada grito mais forte do que o anterior. Toda a rua ardia com luz, tochas tremeluzindo transformavam as brisas em uma chama brilhante.

Dockson a levou rua abaixo, enquanto o resto da gangue os seguia. O armazém era uma estrutura grande, quadrada e esquecida de uma seção industrial do bairro skaa. Vin se aproximou, avivou peltre e arrebentou o cadeado.

A porta se abriu lentamente. Dockson levantou sua lanterna, e a luz revelou pilhas cintilantes de metal. Armas. Espadas, machados, bastões e elmos brilhavam na luz – um incrível tesouro prateado.

A gangue encarou o salão, assombrada.

– *Este* é o motivo – Vin disse em voz baixa. – Ele precisava que a fachada de Renoux comprasse armas em grande número. Sabia que a rebelião precisaria se quisessem tomar a cidade com sucesso.

– Por que reunir um exército, então? – Ham perguntou. – Era só uma fachada, também?

– Acho que sim – Vin falou.

– Errado – uma voz disse, ecoando pelo armazém cavernoso. – Havia muito mais do que isso.

O grupo se sobressaltou, e Vin avivou seus metais... até que reconheceu a voz.

– Renoux?

Dockson levantou ainda mais sua lanterna.

– Mostre-se, criatura.

Uma figura se moveu no fundo do armazém, permanecendo nas sombras. Contudo, quando falou, sua voz era inconfundível.

– Ele precisava de um exército para ter um núcleo de homens treinados para a rebelião. Essa parte do plano foi... prejudicada pelos acontecimentos. Essa era só uma parte do porquê de ele precisar de vocês, no entanto. As casas nobres precisavam cair para deixar um vazio na estrutura política. A Guarnição tinha que deixar a cidade para que os skaa não fossem massacrados.

– Ele planejou tudo isso desde o começo – Ham disse, com assombro. – Kelsier sabia que os skaa não se levantariam. Haviam estado submetidos por tempo demais, e condicionados a pensar que o Senhor Soberano era dono tanto de seus corpos quanto de suas almas. Ele entendeu que nunca se rebelariam... não até terem um *novo* deus.

– Sim – Renoux disse, dando um passo para frente. A luz iluminou seu rosto, e Vin engasgou de susto.

– Kelsier! – exclamou.

Ham a segurou pelo ombro.

– Cuidado, criança. Não é ele.

A criatura olhou para ela. Usava o rosto de Kelsier, mas os olhos... eram diferentes. O rosto não tinha o sorriso característico de Kelsier. Parecia oco. Morto.

– Peço desculpas – ele disse. – Essa seria minha parte no plano, e essa foi a razão original pela qual Kelsier me contratou. Eu teria que tomar seus ossos assim que estivesse morto, e então aparecer para seus seguidores para lhes dar fé e força.

– O que você é? – Vin perguntou, horrorizada.

Renoux-Kelsier olhou para ela, então seu rosto brilhou, tornando-se transparente. Ela pôde ver seus ossos sob a pele gelatinosa. Isso a fez se lembrar de...

– *Um espectro da bruma.*

– Um kandra – a criatura disse enquanto sua pele perdia a transparência. –

Um espectro da bruma que... evoluiu, você poderia dizer.

Vin se virou, enojada, lembrando das criaturas que vira nas brumas. Carniceiros, Kelsier dissera... criaturas que digerem os corpos dos mortos, roubando seus esqueletos e imagens. *As lendas são mais verdadeiras do que eu pensava*.

– Vocês eram parte deste plano, também – o kandra disse. – Todos vocês. Vocês se perguntam por que ele precisava de uma gangue? Ele precisava de homens de virtude, homens que pudessem aprender a se preocupar mais com o povo do que com moedas. Ele os colocou diante de exércitos e multidões, deixou que praticassem a liderança. Estava usando vocês... mas também estava treinando vocês.

A criatura olhou para Dockson, Brisa e Ham.

– Burocrata, político, general. Para que uma nova nação surja, serão necessários homens com os talentos individuais de vocês. – O kandra acenou com a cabeça na direção de uma grande folha de papel afixada em uma mesa não muito longe dali. – São instruções, para que sigam. Tenho outras coisas a fazer.

Deu meia-volta, como se fosse partir, então se deteve ao lado de Vin, virando-se para ela com um rosto perturbadoramente parecido com o de Kelsier. Mesmo assim, a criatura não era como Renoux ou Kelsier. Parecia sem paixão.

O kandra pegou uma bolsinha.

– Ele me pediu para lhe dar isso. – Colocou a bolsa na mão dela, então seguiu em frente, enquanto o resto da gangue se afastava, dando-lhe um amplo espaço para sair do armazém.

Brisa começou a caminhar até a mesa, mas Ham e Dockson foram mais rápidos. Vin olhou para a bolsinha. Estava... com medo de ver o que continha. Correu para se juntar à gangue.

A folha tinha o mapa da cidade, aparentemente copiado do que Marsh enviara. No alto, estavam escritas algumas palavras.

Meus amigos, vocês têm muito trabalho a fazer, e devem fazê-lo rapidamente. Devem organizar e distribuir as armas deste armazém, então fazer o mesmo com os outros dois como este, localizados em outros bairros pobres. Há cavalos em um quarto lateral para facilitar a viagem.

Uma vez que tenham distribuído as armas, vocês devem proteger os portões da cidade e submeter os membros restantes da Guarnição. Brisa, sua equipe

fará isso – marchará primeiro contra a Guarnição, para que possa tomar os portões em paz.

Há quatro Grandes Casas que detêm uma forte presença militar na cidade. Eu as marquei no mapa. Ham, sua equipe lidará com elas. Não queremos outra força armada além da nossa dentro da cidade.

Dockson, permaneça na retaguarda, enquanto acontecem os ataques iniciais. Mais e mais skaa virão aos armazéns quando as notícias se espalharem. Os exércitos de Brisa e Ham incluirão as tropas que treinamos, além de novas incorporações – espero – dos skaa que se aglomerarem nas ruas. Vocês precisam se assegurar de que os skaa comuns recebam suas armas para que Trevo possa liderar o assalto ao próprio palácio.

As estações de abrandamento *já se foram – Renoux entregou a ordem para nossas equipes de assassinos antes de trazer isto para vocês. Se tiverem tempo, enviem alguns dos Brutamontes de Ham para conferir essas estações. Brisa, seus abrandadores serão necessários entre os skaa, para encorajá-los.*

Acho que é tudo. Foi um trabalho divertido, não foi? Quando se lembrarem de mim, por favor, lembrem-se disso. Lembrem-se de sorrir. Agora, movam-se rapidamente.

Governem com sabedoria.

O mapa da cidade estava dividido em diversas zonas marcadas com os nomes dos membros da gangue. Vin percebeu que ela e Sazed não haviam sido incluídos.

– Voltarei com o grupo que deixamos perto da nossa casa – Trevo resmungou. – Eu os trarei aqui para que recebam suas armas. – Começou a sair, mancando.

– Trevo? – Ham perguntou, virando-se. – Sem ofensa, mas... por que ele o incluiu como líder de exército? O que sabe sobre a guerra?

Trevo fez uma careta, então ergueu a perna da calça, mostrando uma longa cicatriz serpenteante, que corria pela coxa e panturrilha – obviamente a fonte de seu coxear.

– Onde acha que consegui isso? – ele disse, e se dispôs a andar.

Ham se virou novamente, assombrado.

– Não acredito que isso está acontecendo.

Brisa balançou a cabeça.

– E eu presumia que *eu* sabia algo sobre manipular as pessoas. Isso... isso é incrível. A economia está prestes a colapsar, e a nobreza que sobreviver logo

estará em guerra em campo aberto. Kell mostrou a todos nós como matar Inquisidores... só precisamos derrubar os outros e decapitá-los. Quanto ao Senhor Soberano...

Os olhos se voltaram para Vin. Ela olhou para a bolsinha em suas mãos, e a abriu. Um saquinho, obviamente cheio de contas de atium, caiu em sua mão, seguido de uma pequena barra de metal enrolada em uma folha de papel. O Décimo Primeiro Metal.

Vin desdobrou o papel.

Vin, leu. *Seu dever original nesta noite seria assassinar os altos nobres que restavam na cidade. Mas, bem, você me convenceu de que talvez devam viver.*

Nunca descobri como este maldito metal supostamente deveria funcionar. É seguro queimá-lo – não a matará – mas não parece fazer nada útil. Se estiver lendo isso, então eu fracassei em descobrir como usá-lo para enfrentar o Senhor Soberano. Não acho que importe. As pessoas precisam de algo no que acreditar, e esse é o único jeito de dar isso a elas.

Por favor, não fique zangada comigo por abandoná-la. Deram a mim uma prorrogação de vida. Eu devia ter morrido no lugar de Mare, há anos. Estava preparado para isso.

Os outros ainda precisam de você. Você é a Nascida das Brumas deles, agora – terá que protegê-los nos meses que virão. A nobreza mandará assassinos contra nossos incipientes governantes do reino.

Adeus. Falarei de você para Mare. Ela sempre quis ter uma filha.

– O que diz, Vin? – Ham perguntou.

– Diz... que não sabe como o Décimo Primeiro Metal funciona. Sente muito... não tinha certeza de como derrotar o Senhor Soberano.

– Temos uma cidade inteira, cheia de pessoas para lutar contra ele – Dox falou. – Duvido seriamente que possa matar todos nós... se não pudermos destruí-lo, podemos prendê-lo e jogá-lo em um calabouço.

Os demais assentiram.

– Tudo bem! – Dockson falou. – Brisa e Ham, precisam ir até os outros armazéns e começar a distribuir as armas. Fantasma, vá reunir os aprendizes... precisamos que entreguem mensagens. Vamos!

Todos começaram a se mexer. Logo, skaa que nunca haviam visto antes irromperam no armazém, empunhando suas tochas e contemplando com

assombro a abundância de armas. Dockson trabalhou com eficiência, ordenando que alguns dos recém-chegados se encarregassem de distribuí-las, e enviando outros para reunir seus amigos e família. Os homens começaram a fazer fila, recolhendo as armas. Todo mundo estava ocupado, exceto Vin.

Ela olhou para Sazed, que sorriu para ela.

– Algumas vezes só temos que esperar o tempo suficiente, senhora – ele disse. – Então descobrimos por que exatamente estávamos mantendo a crença. Há um ditado do qual Mestre Kelsier gostava muito...

– Sempre há outro segredo – Vin sussurrou. – Mas, Sazed, todo mundo tem algo para fazer, exceto eu. Originalmente, eu devia assassinar nobres, mas Kell não quer mais que eu faça isso.

– Eles têm que ser neutralizados – Sazed disse –, mas não necessariamente mortos. Talvez sua missão fosse simplesmente mostrar esse fato para Kelsier?

Vin negou com a cabeça.

– Não. Tenho que fazer mais, Saze. – Agarrou a bolsa, frustrada. Algo amassou em seu interior.

Abriu a bolsa e notou um papelzinho que não tinha visto antes. Pegou-o e desdobrou-o com delicadeza. Era o desenho que Kelsier lhe mostrara – a imagem de uma flor. Mare sempre a mantinha com ela, sonhando com um futuro onde o sol não fosse vermelho, onde as plantas fossem verdes...

Vin levantou o olhar.

Burocrata, político, soldado... há algo mais de que todo reino precisa.

Um bom assassino.

Ela se virou, pegando um frasco de metal e bebendo seu conteúdo, usando o líquido para engolir duas contas de atium. Andou até a pilha de armas, pegando um pequeno maço de flechas. Tinham pontas de pedra. Começou a quebrar as pontas, deixando cerca de um centímetro de madeira em cada uma, descartando as hastes.

– Senhora? – Sazed perguntou, preocupado.

Vin passou por ele, procurando entre os armamentos. Encontrou o que queria em uma pequena cota de malha, feita com grandes anéis de metal entrelaçados. Soltou vários elos com uma adaga e os dedos reforçados pelo peltre.

– Senhora, o que está fazendo?

Vin caminhou até um baú ao lado da mesa, dentro do qual havia visto uma grande coleção de metais em pó. Encheu sua bolsa com vários punhados de peltre em pó.

– Estou preocupada com o Senhor Soberano – disse, pegando uma lima da

caixa e raspando várias lascas do Décimo Primeiro Metal. Deteve-se, olhando o metal prateado e desconhecido, então engoliu os flocos com um gole de seu cantil. Colocou mais alguns flocos em um de seus frascos de metais de reserva.

– Certamente a rebelião pode lidar com ele – Sazed disse. – Ele não é tão forte sem todos os seus criados, creio.

– Você está errado – Vin disse, levantando-se e caminhando em direção à porta. – Ele é forte, Saze. Kelsier não podia senti-lo, não como eu posso. Ele não sabia.

– Onde está indo? – Sazed perguntou atrás dela.

Vin se deteve na porta, virando-se, as brumas se enroscando ao seu redor.

– Dentro do complexo do palácio, há uma câmara protegida por soldados e Inquisidores. Kelsier tentou entrar lá duas vezes. – Ela se virou na direção das brumas escuras. – Esta noite, vou descobrir o que há lá dentro.

Decidi que sou grato pelo ódio de Rashek. Faz bem recordar que há aqueles que me abominam. Meu dever não é buscar popularidade ou amor; meu dever é garantir a sobrevivência da humanidade.

36

Vin caminhou em silêncio até Kredik Shaw. O céu atrás dela ardia, as brumas refletindo e difundindo a luz de milhares de tochas. Como uma cúpula radiante sobre a cidade.

A luz era amarela, a cor que Kelsier sempre dizia que o sol devia ter.

Quatro guardas nervosos esperavam na mesma porta de entrada que Kelsier e ela atacaram antes. Observavam a aproximação dela. Vin caminhou lentamente, em silêncio, pelas pedras úmidas de bruma, sua capa agitando-se solenemente.

Um dos guardas apontou uma lança para ela, Vin parou bem na frente dele.

– Eu sei – ela disse em voz baixa. – Vocês suportaram as fábricas, as minas e as forjas. Sabiam que um dia os matariam, e suas famílias morreriam de fome. Então, vieram até o Senhor Soberano, sentindo-se culpados, mas determinados, e se juntaram aos guardas deles.

Os quatro homens trocaram olhares, confusos.

– A luz atrás de mim vem de uma rebelião skaa maciça – ela prosseguiu. – Toda a cidade está se erguendo contra o Senhor Soberano. Não culpo vocês por suas escolhas, mas um tempo de mudança está chegando. Esses rebeldes podem usar o treinamento e o conhecimento de vocês. Vão até eles... estão se reunindo na Praça do Sobrevivente.

– Na... Praça do Sobrevivente? – um soldado perguntou.

– O lugar onde o Sobrevivente de Hathsin foi morto mais cedo, hoje.

Os quatro homens trocaram olhares, inseguros.

Vin *tumultuou* as emoções deles levemente.

– Não precisam mais viver com culpa.

Finalmente, um dos homens deu um passo para frente e arrancou o símbolo

de seu uniforme, então caminhou decidido pela noite. Os outros três vacilaram, então o seguiram – deixando Vin com entrada livre para o palácio.

Vin caminhou pelo corredor, passando, finalmente, pela mesma câmara da guarda de antes. Entrou, passando por um grupo de soldados conversando, sem ferir nenhum deles, e entrou no corredor seguinte. Atrás dela, os guardas reagiram à surpresa, soaram o alarme e irromperam pelo corredor, mas Vin saltou e *empurrou* os suportes das lanternas, lançando-se pelo corredor.

As vozes dos homens ficaram distantes; nem mesmo correndo poderiam alcançá-la. Ela chegou ao final do corredor, deixando-se cair suavemente no chão, com sua capa ao redor do corpo. Continuou com passo resoluto e sem pressa. Não havia motivo para correr. Estariam esperando por ela de qualquer jeito.

Passou pelo arco para entrar na câmara central abobadada. Murais prateados cobriam as paredes, os braseiros ardiam nos cantos, o chão era de mármore negro.

E dois Inquisidores bloqueavam seu caminho.

Vin entrou silenciosamente no aposento, aproximando-se do edifício dentro do edifício que era seu objetivo.

– Procuramos todo esse tempo – um Inquisidor disse com voz áspera. – E você veio até nós. Pela segunda vez.

Vin parou a uns vinte passos da dupla. Cada um deles era quase meio metro mais alto do que ela, e ambos sorriam, confiantes.

Vin queimou atium, então tirou as mãos de baixo da capa, atirando dois punhados de pontas de flecha no ar. Avivou aço, *empurrando* poderosamente os anéis de metal enrolados frouxamente nas hastes quebradas das flechas. Os projéteis saíram em disparada, cruzando a sala. O Inquisidor líder gargalhou, erguendo a mão e *empurrando* desdenhosamente os mísseis.

Seu *empurrão* soltou os anéis das hastes, lançando os pedaços de metal para trás. As pontas de flecha, contudo, seguiram em frente – não mais *empurradas* por trás, mas ainda transportadas por um impulso letal.

O Inquisidor abriu a boca, surpreso, enquanto duas dúzias de pontas de flecha o atingiam. Várias atravessaram completamente sua carne, cravando-se na parede de pedra que estava atrás dele. Outras atingiram seu companheiro nas pernas.

O Inquisidor líder estremeceu, entre espasmos, enquanto caía. O outro grunhiu, ainda em pé, mas mancando um pouco por causa da perna ferida. Vin avançou, avivando seu peltre. O Inquisidor tentou bloqueá-la, mas ela enfiou a

mão dentro de sua capa e jogou um grande punhado de peltre em pó.

O Inquisidor parou, confuso. Seus “olhos” não conseguiam ver nada além de um emaranhado de linhas azuis – cada uma levando a um grão de metal. Com tantos recursos de metal concentrados em um só lugar, as linhas eram praticamente ofuscantes.

O Inquisidor girou, zangado, quando Vin passou por ele. *Empurrou* o pó, mandando-o para longe, mas ao fazer isso, Vin desembainhou uma adaga de vidro e atacou. Na confusão de linhas azuis e sombras de atium, ele não notou a adaga, e ela o acertou bem na coxa. Ele caiu, praguejando com sua voz áspera.

Ainda bem que funcionou, Vin pensou, passando sobre o corpo do primeiro Inquisidor, que gemia. *Não tinha certeza de como aqueles olhos funcionavam*.

Vin jogou seu peso contra a porta, avivando peltre e atirando outro punhado de peltre para impedir que o Inquisidor captasse qualquer metal de seu corpo. Não se virou para continuar lutando com eles – não com o trabalho que uma das criaturas dera para Kelsier. Seu objetivo, nesta infiltração, não era matar, mas reunir informações e, então, fugir.

Vin irrompeu no edifício dentro do edifício, quase tropeçando em um tapete feito de alguma pele exótica. Franziu o cenho, perscrutando a câmara com urgência, buscando o que quer que o Senhor Soberano escondesse lá dentro.

Tem que estar aqui, ela pensou, desesperada. *A pista para derrotá-lo – o jeito de vencer esta batalha*. Contava com que os Inquisidores ficassem distraídos com seus ferimentos tempo o bastante para procurar o segredo do Senhor Soberano e escapar.

A sala só tinha uma saída – a entrada pela qual viera – e uma lareira ardia no centro. As paredes eram decoradas com tapeçarias estranhas; peles penduradas de quase todos os lugares, os pelos tingidos em estranhos padrões. Havia algumas pinturas antigas, as cores desbotadas, as telas amareladas.

Vin procurou rapidamente, com urgência, em busca de qualquer coisa que se provasse ser uma arma contra o Senhor Soberano. Infelizmente, não viu nada de útil; a sala parecia exótica, mas não extraordinária. De fato, era tão acolhedora quanto um estúdio ou um recanto. Era cheia de objetos estranhos e decorativos – como os chifres de algum animal exótico e um estranho par de sapatos com solados muito planos e largos. Era uma sala de colecionador, um lugar para guardar lembranças do passado.

Sobressaltou-se quando algo se moveu perto do centro da câmara. Havia uma cadeira giratória perto da lareira, que se virou lentamente, revelando o velho enrugado que a ocupava. Calvo, com a pele manchada, parecia ter mais de

setenta anos. Usava roupas caras e escuras, e franzia o cenho com ira para Vin.

É isso, Vin pensou. *Fracassei – não há nada aqui. Hora de ir embora*.

No entanto, quando ia dar meia-volta para partir, mãos ásperas a agarraram por trás. Ela praguejou, debatendo-se enquanto olhava para a perna ensanguentada do Inquisidor. Mesmo com peltre, ele não devia conseguir andar com aquilo. Ela tentou se libertar, mas o Inquisidor a segurava com força.

– O que é isso? – o velho exigiu saber, levantando-se.

– Sinto muito, Senhor Soberano – o Inquisidor disse, respeitosamente.

Senhor Soberano! Mas... eu o vi. Ele era um homem jovem.

– Mate-a – o velho disse, acenando com a mão.

– Meu senhor – o Inquisidor falou –, esta criança é... de especial interesse. Posso ficar com ela temporariamente?

– Que especial interesse? – o Senhor Soberano perguntou, suspirando enquanto se sentava novamente.

– Desejamos fazer uma petição, Senhor Soberano – o Inquisidor disse. – A respeito do Cantão da Ortodoxia.

– Isso, de novo? – o Senhor Soberano disse, cansado.

– Por favor, meu senhor – o Inquisidor pediu. Vin continuou a se debater, avivando peltre. O Inquisidor, no entanto, mantinha os braços dela presos contra as costas e seus chutes não eram de muita ajuda. *Ele é tão forte!*, pensou, com frustração.

Então se lembrou. O Décimo Primeiro Metal, o poder dentro dela, formando uma reserva desconhecida. Levantou a cabeça, encarando o velho. *É melhor que isso funcione*. Queimou o Décimo Primeiro Metal.

Nada aconteceu.

Vin se debateu, frustrada, o coração na mão. Então o viu. Outro homem, parado bem ao lado do Senhor Soberano. De onde viera? Ela não o vira entrar.

Tinha barba e usava um traje grosso de lã, com capa forrada de pele. Não era uma roupa rica, mas era bem-feita. Estava parado, em silêncio, parecendo... contente. Sorria, feliz.

Vin inclinou a cabeça. Havia algo familiar naquele homem. Suas feições eram muito parecidas com a do homem que matara Kelsier. Contudo, este homem era mais velho... e mais vivo.

Vin se virou para o lado. Havia outra figura desconhecida ao lado dela, um jovem nobre. Era um mercador, pela aparência de seu traje – e muito rico.

O que está acontecendo?

O Décimo Primeiro Metal se esgotou. Os dois recém-chegados

desapareceram como fantasmas.

– Muito bem – disse o envelhecido Senhor Soberano, suspirando. – Concordo com seu pedido. Nós vamos nos encontrar dentro de várias horas... Tevidian já solicitou uma reunião para discutir o que ocorre fora do palácio.

– Ah – disse o segundo Inquisidor. – Sim... será bom para ele estar lá. Bom, realmente.

Vin continuou a se debater, enquanto o Inquisidor a *empurrava* para o chão, e erguia a mão, empunhando alguma coisa que ela não conseguia ver. Ele a atingiu, e a dor estalou em sua cabeça.

Apesar do peltre, tudo ficou negro.

Elend encontrou seu pai na entrada norte – uma porta menor e menos chamativa da Fortaleza Venture, ainda que só se comparada com o majestoso grande salão.

– O que está acontecendo? – Elend exigiu saber, colocando o casaco, com o cabelo despenteado pelo sono.

Lorde Venture estava acompanhado de seus capitães da guarda e encarregados dos canais. Soldados e criados se espalhavam pelo corredor branco e marrom, correndo com ar de temor apreensivo.

Lorde Venture ignorou a pergunta de Elend, chamando um mensageiro para que cavalgasse até as docas do rio do leste.

– Pai, o que está acontecendo? – Elend repetiu.

– Rebelião skaa – Lorde Venture replicou.

O quê?, Elend pensou, enquanto Lorde Venture acenava para que outro grupo de soldados se aproximasse. *Impossível*. Uma rebelião skaa em Luthadel... era impensável. Não teriam disposição para tentar um ato ousado, eram apenas...

Valette é skaa, pensou. *Tem que parar de pensar como os outros nobres, Elend. Tem que abrir os olhos*.

A Guarnição partira, tentando massacrar um grupo diferente de rebeldes. Os skaa tinham sido forçados a assistir àquelas execuções macabras há semanas, sem mencionar o massacre daquele dia. Haviam sido tensionados até o ponto de quebrar.

Temadre previu isso, Elend percebeu. *Assim como meia dúzia de teóricos políticos. Dizem que o Império Final não pode durar para sempre. Com um deus no comando ou não, as pessoas algum dia vão se erguer... Finalmente está acontecendo. Estou vivendo isso!*

E... estou do lado errado.

– Por que os encarregados dos canais? – Elend perguntou.

– Estamos deixando a cidade – Lorde Venture disse, laconicamente.

– Abandonando a fortaleza? – Elend perguntou. – Onde está a honra nisso?

Lorde Venture bufou.

– Isso não tem a ver com coragem, garoto. Tem a ver com sobrevivência. Aqueles skaa estão atacando os portões principais, massacrando os remanescentes da Guarnição. Não tenho intenção de esperar até que venham atrás de cabeças nobres.

– Mas...

Lorde Venture meneou cabeça.

– Estamos partindo de qualquer maneira. Algo... aconteceu nas minas há uns dias. O Senhor Soberano não ficará feliz quando descobrir. – Deu um passo para trás, acenando para o capitão de seu barco.

Rebelião skaa, Elend pensou, um pouco atônito. *O que era que Temadre advertia em seus escritos? Que, quando uma rebelião de fato viesse, os skaa matariam indiscriminadamente... Que a vida de todos os nobres correria perigo.*

Predisse que a rebelião terminaria rapidamente, mas que deixaria pilhas de cadáveres em sua esteira. Milhares de mortos. Dezenas de milhares.

– Bem, garoto? – Lorde Venture quis saber. – Vá e organize suas coisas.

– Não vou partir – Elend surpreendeu-se ao dizer.

Lorde Venture franziu o cenho.

– O quê?

Elend levantou o olhar.

– Não vou partir, pai.

– Ah, você vai – Lorde Venture disse, encarando Elend com um daqueles olhares.

Elend encarou aqueles olhos – olhos que não estavam irados porque se preocupavam com a segurança de Elend, mas porque Elend ousava desafiá-los. E, estranhamente, Elend não se sentiu nem um pouco acovardado. *Alguém tem que impedir isso. A rebelião pode fazer algo bom, mas só se os skaa não insistirem em massacrar seus aliados.*

E é isso o que a nobreza deveria ser – aliada deles contra o Senhor Soberano. Ele é nosso inimigo também.

– Pai, estou falando sério – Elend disse. – Vou ficar.

– Maldição, garoto! Precisa insistir em zombar de mim?

– Não se trata de bailes ou almoços, pai. Trata-se de algo muito mais importante.

Lorde Venture vacilou.

– Nenhum comentário cínico? Nenhuma galhofa?

Elend negou com a cabeça.

De repente, Lorde Venture sorriu.

– Fique, então, garoto. É uma boa ideia. Alguém devia manter nossa presença aqui enquanto reúno nossas forças. Sim... uma ideia muito boa.

Elend se deteve, franzindo o cenho de leve diante do sorriso de seu pai. *O atium – meu pai está me deixando cair no lugar dele! E... mesmo que o Senhor Soberano não me mate, meu pai presume que morrerei na rebelião. De qualquer modo, fica livre de mim.*

Realmente não sou muito bom nisso, sou?

Lorde Venture riu consigo mesmo, virando-se.

– Pelo menos deixe-me alguns soldados – Elend disse.

– Pode ficar com a maioria deles – Lorde Venture falou. – Será difícil o bastante partir com um barco nessa confusão. Boa sorte, garoto. Diga alô para o Senhor Soberano na minha ausência. – Gargalhou novamente, dirigindo-se para o garanhão que já estava selado do lado de fora.

Elend ficou parado no salão, e repentinamente era o foco da atenção. Guardas e criados nervosos, percebendo que haviam sido abandonados, se voltaram para Elend com olhos desesperados.

Eu estou... no comando, Elend pensou, surpreso. *E agora?* Do lado de fora, podia ver as brumas ardendo com as luzes dos incêndios. Vários dos guardas advertiam sobre a aproximação de uma turba de skaa.

Elend se aproximou da porta aberta e contemplou o caos. O salão atrás dele permanecia em silêncio, enquanto as pessoas, aterrorizadas, percebiam a extensão do perigo.

Elend ficou parado por um momento. Então deu meia-volta.

– Capitão! – chamou. – Reúna suas forças e os criados que sobraram... não deixe ninguém para trás... e marche para a Fortaleza Lekal.

– Fortaleza... Lekal, meu senhor?

– É mais defensável – Elend disse. – Além disso, ambos temos poucos soldados... separados, seremos destruídos. Juntos, podemos conseguir nos manter. Vamos oferecer nossos homens para Lekal, em troca de proteção para nossa gente.

– Mas... meu senhor – o soldado falou –, os Lekal são seus inimigos.

Elend assentiu.

– Sim, mas alguém precisa fazer a primeira abertura. Agora, mova-se!

O homem bateu continência, e saiu correndo.

– Ah, e, capitão? – Elend disse.

O soldado se deteve.

– Escolha cinco de seus melhores soldados para formar minha guarda de honra. Deixarei você no comando... esses cinco e eu temos outra missão.

– Meu senhor? – o capitão perguntou, confuso. – Que missão?

Elend se virou na direção das brumas.

– Vamos nos entregar.

Vin acordou ensopada. Tossiu, gemeu, sentindo uma dor aguda na nuca. Abriu os olhos, aturdida – pestanejando para se livrar da água que haviam jogado sobre ela – e imediatamente queimou peltre e estanho para despertar completamente.

Um par de mãos ásperas a ergueu no ar. Ela tossiu quando o Inquisidor enfiou algo em sua boca.

– Engula – ordenou, torcendo seu braço.

Vin gritou, tentando, sem sucesso, resistir à dor. Finalmente, engoliu o pedaço de metal.

– Agora, queime isso – o Inquisidor ordenou, torcendo com mais força.

Vin resistiu o quanto pôde, sentindo uma reserva desconhecida de metal em seu interior. O Inquisidor podia estar tentando fazê-la queimar um metal inútil, um que pudesse deixá-la doente – ou, pior, matá-la.

Mas há formas mais fáceis de matar uma prisioneira, pensou em meio à agonia. Seu braço doía tanto que parecia que ia se soltar do corpo. Finalmente, Vin cedeu e queimou o metal.

Imediatamente, todas as suas outras reservas desapareceram.

– Bom – o Inquisidor disse, soltando-a no chão. O chão de pedras estava molhado, cheio de poças do balde de água que haviam jogado nela. O Inquisidor deu meia-volta, deixando a cela e trancando-a; então desapareceu por uma porta do outro lado da sala.

Vin ficou de joelhos, massageando seu braço, tentando entender o que estava acontecendo. *Meus metais!* Buscou desesperadamente em seu interior, mas não encontrou nada. Não podia sentir nenhum metal, nem mesmo o que engolira há alguns instantes.

O que era aquilo? Um décimo segundo metal? Talvez a alomancia não fosse

tão limitada quanto Kelsier e os outros haviam assegurado a ela.

Inspirou profundamente várias vezes, ainda de joelhos, acalmando-se. Havia algo... *empurrando* contra ela. A presença do Senhor Soberano. Podia senti-la, ainda que não tão poderosa quanto antes, quando matara Kelsier. Mesmo assim, não tinha cobre para queimar – não tinha como se esconder da mão poderosa, quase onipotente, do Senhor Soberano. Sentia a depressão retorcendo dentro dela, dizendo para desistir, para se render.

Não!, ela pensou. *Tenho que sair daqui. Tenho que permanecer forte!*

Obrigou-se a ficar em pé e inspecionar os arredores. Sua prisão era mais uma jaula do que uma cela. Tinha barras em três dos quatro lados, e não tinha móveis – nem mesmo um colchonete. Havia duas outras celas-jaulas na sala, uma de cada lado de onde estava.

Haviam tirado a roupa dela, deixando-a apenas de roupa íntima – provavelmente para se assegurar de que não tivesse nenhum metal escondido. Contemplou a sala. Era comprida e estreita, e tinha paredes de pedra escura. Havia um banco no canto, mas, fora isso, a sala estava vazia.

Se eu pudesse encontrar um único pedaço de metal...

Começou a procurar. Instintivamente tentou queimar ferro, esperando que linhas azuis aparecessem – mas, é claro, não tinha ferro para queimar. Balançou a cabeça, mas a tentativa tola era simplesmente um sinal do quanto dependia da alomancia. Sentia-se... ofuscada. Não podia queimar estanho para ouvir vozes. Não podia queimar peltre para se fortalecer contra a dor no braço e na cabeça. Não podia queimar bronze para procurar alomânticos nas redondezas.

Nada. Não tinha nada.

Você funcionava sem alomancia antes, disse para si mesma, com severidade. *Pode fazer isso agora*.

Ainda assim, procurou pelo chão de sua cela, esperando encontrar um prego ou alfinete perdido. Não encontrou nada, então voltou sua atenção para as barras. Mas não conseguiu pensar em um jeito de arrancar nem que fosse uma lasca de ferro.

Tanto metal aqui, pensou, frustrada. *E não posso usar nada disso!*

Sentou-se no chão, encolhida contra a parede de pedra, tremendo de leve por causa da roupa úmida. Ainda estava escuro lá fora; as janelas da sala de vez em quando permitiam que alguns rastros de bruma entrassem. O que teria acontecido com a rebelião? E quanto a seus amigos? Achou que as brumas lá fora estavam um pouco mais brilhantes do que o normal. Tochas na noite? Sem estanho, seus sentidos eram fracos demais para dizer.

No que eu estava pensando?, pensou, com desespero. *Presumi que teria sucesso onde Kelsier falhou? Ele sabia que o décimo primeiro metal era inútil*.

Tinha feito alguma coisa, era verdade – mas certamente não matara o Senhor Soberano. Ficou sentada, pensando, tentando descobrir o que acontecera. Havia uma estranha familiaridade no que o décimo primeiro metal lhe mostrara. Não por causa do jeito que as visões apareceram, mas por causa do jeito que Vin se sentira quando queimara o metal.

Ouro. O momento em que queimei o décimo primeiro metal pareceu com a vez em que Kelsier me fez queimar ouro.

Poderia o décimo primeiro metal não ser realmente "décimo primeiro", no final das contas? Ouro e atium sempre pareceram um par estranho para Vin. Todos os outros metais que vinham em pares eram similares – um metal de base, e sua liga, cada um fazendo coisas opostas. Ferro *puxava*, aço *empurrava*. Zinco *puxava*, latão *empurrava*. Fazia sentido. Todos, exceto atium e ouro.

E se o décimo primeiro metal fosse, na verdade, uma liga de atium ou de ouro? *Isso quer dizer... que ouro e atium* não são *pareados. Fazem coisas diferentes. Similares, mas diferentes. São como...*

Como os outros metais, que são agrupados em bases maiores de quatro. Há os metais físicos: ferro, aço, estanho e peltre. E os metais mentais: bronze, cobre, zinco e latão. E... havia os metais que afetavam o tempo: ouro e sua liga, atium e sua liga.

Isso significa que há outro metal. Um que não foi descoberto – provavelmente porque ouro e atium são valiosos demais para serem forjados em diferentes ligas.

Mas, para que servia aquele conhecimento? Seu "décimo primeiro metal" era apenas o par oposto ao ouro – o metal que Kelsier lhe dissera que era o mais inútil de todos eles. Ouro mostrara a Vin ela mesma – ou, pelo menos, uma versão diferente dela que parecia real o bastante para tocar. Mas tinha sido uma simples visão do que ela poderia ter se tornado, se tivesse tido um passado diferente.

O décimo primeiro metal fizera algo similar: em vez de mostrar o passado da própria Vin, mostrara imagens similares de outras pessoas. E aquilo lhe dizia... nada. Que diferença fazia quem o Senhor Soberano *podia* ter sido? Era o homem atual, o tirano que governava o Império Final, que era quem tinha que derrotar.

Uma figura apareceu na porta – um Inquisidor vestindo uma túnica negra, com o capuz levantado. O rosto dele estava nas sombras, mas a cabeça dos

pregos se sobressaíam.

– É hora – disse.

O outro Inquisidor esperou à porta, enquanto a primeira criatura pegava um molho de chaves e se aproximava para abrir a porta de Vin.

Vin ficou tensa. A porta rangeu, e ela ficou de pé em um salto, lançando-se para frente.

Sempre fui lenta assim sem peltre?, pensou, horrorizada. O Inquisidor a agarrou pelo braço quando ela passou, seus movimentos eram despreocupados, quase casuais – e ela podia ver o porquê. As mãos dele eram sobrenaturalmente rápidas, fazendo-a parecer ainda mais lenta em comparação.

O Inquisidor a obrigou a se virar, segurando-a com facilidade. Sorriu com maldade, seu rosto marcado de cicatrizes. Cicatrizes que pareciam...

Ferimentos de flechas, Vin pensou, surpresa. *Mas... já se curaram? Como pode ser?*

Debateu-se, mas seu corpo fraco, sem peltre, não era páreo para a força do Inquisidor. A criatura a conduziu porta afora, e o segundo Inquisidor recuou, olhando-a com os pregos se sobressaindo de seu capuz. Embora o Inquisidor que a levava ainda sorrisse, o segundo sustentou uma linha reta na boca.

Vin cuspiu no segundo Inquisidor quando passou por ele, acertando-o bem na cabeça de um dos pregos. Seu captor a carregou para fora da câmara e através de um corredor estreito. Ela gritou por ajuda, sabendo que seu gritos – dentro de Kredik Shaw – seriam inúteis. Pelo menos conseguiu irritar o Inquisidor, que torceu seu braço.

– Quieta – ele disse, enquanto ela grunhia de dor.

Vin ficou em silêncio, concentrando-se na localização deles. Estavam, provavelmente, em uma das seções inferiores do palácio, os corredores eram compridos demais para estarem em uma torre ou um espigão. A decoração era luxuosa, mas as salas pareciam... sem uso. Os carpetes eram prístinos, os móveis não tinham marcas de esbarrões ou arranhões. Teve a sensação de que os murais raramente eram vistos, mesmo por aqueles que passavam pelos aposentos.

Depois de um tempo, chegaram a uma escadaria e começaram a subir. *Um dos espigões*, ela pensou.

A cada degrau que subiam, Vin sentia o Senhor Soberano mais próximo. Sua mera presença apagava as emoções dela, roubando sua força de vontade, deixando-a aturdida, fazendo com que não sentisse nada além de uma solitária depressão. Soltou-se na mão do Inquisidor, sem se debater mais. Exigia toda

energia simplesmente resistir à pressão do Senhor Soberano sobre sua alma.

Depois de um curto tempo subindo uma escadaria em forma de túnel, os Inquisidores a levaram até uma ampla sala circular. E, apesar do poder do *abrandamento* do Senhor Soberano, apesar de suas visitas às fortalezas dos nobres, Vin teve um breve instante para contemplar os arredores. O ambiente era majestoso como nenhum outro lugar que vira.

A sala tinha a forma de um enorme cilindro achatado. A parede – havia uma só, que descrevia um amplo círculo – era toda de vidro. Iluminada por fogos do lado de fora, a sala brilhava com a luz espectral. O vidro era colorido, embora não representasse nenhuma cena específica. Em vez disso, parecia feito de uma única lâmina, as cores se estendendo e se fundindo em trilhas longas e finas. Como...

Como a bruma, ela pensou, assombrada. *Fluxos coloridos de bruma, correndo em círculo por toda a sala.*

O Senhor Soberano estava sentado em um trono elevado, bem no meio da sala. Não era o velho Senhor Soberano – essa era a versão mais jovem, o homem bonito que matara Kelsier.

Algum tipo de impostor? Não, posso senti-lo – assim como pude senti-lo antes. Eles são o mesmo homem. Ele pode mudar de aparência, então? Parecer um homem jovem quando quer mostrar um rosto bonito?

Um pequeno grupo de obrigadores de túnicas cinzentas e olhos tatuados conversava do outro lado da sala. Sete Inquisidores esperavam, como uma linha de sombras com olhos de ferro. No total, eram nove, contando com os dois que escoltavam Vin. Seu captor marcado de cicatrizes a entregou para um dos outros, que a segurou com força similar, o que tornava impossível escapar.

– Comecemos com isso – o Senhor Soberano disse.

Um obrigador comum se adiantou, abaixando a cabeça. Com um calafrio, Vin percebeu que o reconhecia.

Sumo Prelado Tevidian, pensou, olhando para o homem careca. *Meu... pai*.

– Meu senhor – Tevidian falou –, me perdoe, mas não entendo. Já discutimos esse assunto!

– Os Inquisidores dizem que há mais a acrescentar – o Senhor Soberano disse, com voz cansada.

Tevidian olhou para Vin, franzindo o cenho, confuso. *Ele não sabe quem eu sou,* ela pensou. *Nunca soube que era pai*.

– Meu senhor – Tevidian falou, afastando-se dela. – Olhe pela sua janela! Não temos coisas melhores para discutir? A *cidade* inteira está rebelada!

Tochas skaa iluminam a noite, e eles ousam sair nas brumas. Blasfemam em meio ao tumulto, e atacam as fortalezas dos nobres!

– Deixe-os – o Senhor Soberano falou, com voz indiferente. Parecia tão... esgotado. Sentava-se com altivez em seu trono, mas ainda havia cansaço em sua postura e em sua voz.

– Mas, meu senhor! – Tevidian disse. – As Grandes Casas estão caindo!

O Senhor Soberano agitou a mão, indiferente.

– É bom purgá-las a cada século, mais ou menos. Isso engendra instabilidade, impede que a aristocracia fique confiante demais. Normalmente deixo que se matem uns aos outros em suas guerras estúpidas, mas esses tumultos vão funcionar do mesmo jeito.

– E... se os skaa vierem ao palácio?

– Então eu lidarei com eles – o Senhor Soberano falou em voz baixa. – Você não questionará mais isso.

– Sim, meu senhor – Tevidian disse, abaixando a cabeça e recuando.

– Agora – o Senhor Soberano falou, virando-se para os Inquisidores. – O que desejam apresentar?

O Inquisidor marcado por cicatrizes deu um passo adiante.

– Senhor Soberano, desejamos fazer uma petição para que a liderança de seu Ministério seja tirada desses... homens, e dada aos Inquisidores de Aço, em vez disso.

– Já discutimos isso – o Senhor Soberano lembrou. – Você e seus irmãos são necessários para tarefas mais importantes. São valiosos demais para serem desperdiçados na simples administração.

– Mas – o Inquisidor disse – permitir que homens comuns governem seu Ministério tem inadvertidamente permitido que a corrupção e o vício entrem no coração de seu próprio palácio sagrado!

– Acusações vãs! – Tevidian replicou. – Você diz essas coisas com frequência, Kar, mas nunca ofereceu nenhuma prova.

Kar se virou lentamente, seu estranho sorriso iluminado pela luz colorida e retorcida da parede de vidro. Vin estremeceu. Aquele sorriso era quase tão inquietante quanto o poder aplacador do Senhor Soberano.

– Prova? – Kar perguntou. – Ora, diga-me, *Sumo Prelado*. Reconhece esta garota?

– Bah, é claro que não! – Tevidian disse com um aceno de mão. – O que uma garota skaa teria a ver com o governo do Ministério?

– Tudo – Kar respondeu, voltando-se para Vin. – Ah, sim... tudo. Diga ao

Senhor Soberano quem é seu pai, criança.

Vin tentou se debater, mas a alomancia do Senhor Soberano era muito opressiva, e as mãos do Inquisidor, fortes demais.

– Não sei – conseguiu dizer, entredentes.

O Senhor Soberano ergueu levemente o corpo, virando-se na direção dela e inclinando-se para frente.

– Não pode mentir para o Senhor Soberano, criança – Kar disse com voz baixa e áspera. – Ele vive há séculos, e aprendeu a usar a alomancia como nenhum homem mortal. Pode ver coisas no jeito que seu coração bate, e pode ler suas emoções em seus olhos. Pode sentir o momento em que mente. Ele sabe... ah, sim. Ele sabe.

– Nunca conheci meu pai – Vin disse, teimosa. Se o Inquisidor queria saber algo, então, manter o segredo parecia uma boa ideia. – Sou apenas uma garota de rua.

– Uma Nascida das Brumas garota de rua? – Kar perguntou. – Ora, isso é interessante, não é, Tevidian?

O Sumo Prelado se deteve, franzindo o cenho profundamente. O Senhor Soberano se levantou lentamente, descendo os degraus do dossel e caminhando na direção de Vin.

– Sim, meu senhor – Kar falou. – Você sentiu a alomancia dela mais cedo. Sabe que é uma Nascida das Brumas completa... uma incrivelmente poderosa. Mesmo assim, ela afirma ter crescido nas ruas. Que casa nobre teria abandonado tal criança? Ora, para ela ter uma força dessas, deve vir de uma linhagem extremamente pura. Ao menos *um*... de seus pais deve ter vindo de uma linhagem muito pura.

– O que está querendo dizer? – Tevidian exigiu saber, empalidecendo.

O Senhor Soberano ignorou a ambos. Cruzou a sala, atravessando faixas coloridas de luz refletida no chão, e parou diante de Vin.

Tão perto, ela pensou. Seu poder *abrandador* era tão forte que ela sequer sentia terror – tudo o que sentia era um profundo, arrasador, *horrível* lamento.

O Senhor Soberano estendeu suas mãos delicadas, segurando-a pelas bochechas, erguendo seu rosto para olhá-la nos olhos.

– Quem é seu pai, garota? – ele perguntou em voz baixa.

– Eu... – o desespero retorcia dentro dela. Lamento, dor, desejo de morrer.

O Senhor Soberano segurou o rosto dela bem perto do dele, olhando-a nos olhos. Naquele momento, ela soube a verdade. Pôde ver um pedaço dele; pôde sentir seu poder. Seu... poder divino.

Ele não estava preocupado com a rebelião skaa. Por que se preocuparia? Se desejasse, podia massacrar cada pessoa da cidade por conta própria. Vin soube que essa era a verdade. Talvez levasse tempo, mas ele podia matar para sempre, incansavelmente. Não precisava temer nenhuma rebelião.

Não precisaria nunca. Kelsier cometera um terrível, terrível engano.

– Seu pai, criança – o Senhor Soberano insistiu, sua exigência caiu como um peso físico sobre sua alma.

Vin falou sem pensar.

– Meu... irmão me disse que meu pai era aquele homem ali. O Sumo Prelado. – Lágrimas rolaram por suas bochechas, ainda que, depois que o Senhor Soberano se afastou dela, não conseguisse nem lembrar por que estava chorando.

– É uma mentira, meu senhor! – Tevidian disse, retrocedendo. – O que ela sabe? É apenas uma criança estúpida.

– Diga-me com sinceridade, Tevidian – o Senhor Soberano disse, caminhando lentamente até o obrigador. – Já se deitou com uma mulher skaa?

O obrigador vacilou.

– Eu segui a lei! Sempre mandei matá-las depois!

– Você... mente – o Senhor Soberano falou, como se estivesse surpreso. – Está inseguro.

Tevidian tremia visivelmente.

– Eu... eu acho que eliminei todas, meu senhor. Havia... havia uma com a qual fui muito frouxo. Não sabia que era uma skaa no início. O soldado que enviei para matá-la foi muito leniente e a deixou fugir. Mas, no final, eu a encontrei.

– Diga-me – o Senhor Soberano disse. – Essa mulher gerou alguma criança?

A sala ficou em silêncio.

– Sim, meu senhor – o Sumo Prelado disse.

O Senhor Soberano fechou os olhos, suspirando. Virou-se na direção de seu trono.

– Ele é de vocês – disse para os Inquisidores.

Imediatamente, seis Inquisidores avançaram pela sala, uivando de alegria, puxando facas de obsidiana de bainhas sob suas túnicas. Tevidian ergueu os braços, gritando quando os Inquisidores caíram sobre ele, exultando com brutalidade. O sangue jorrou quando cravaram suas adagas uma e outra vez no moribundo. Os outros obrigadores recuaram, horrorizados.

Kar permaneceu à margem, sorrindo enquanto contemplava o massacre,

assim como o Inquisidor que segurava Vin. Outro Inquisidor também permaneceu de fora, embora Vin não soubesse por quê.

– Seu argumento foi provado, Kar – o Senhor Soberano falou, sentando-se, cansado, em seu trono. – Parece que confiei demais na... obediência da humanidade. Não cometi nenhum erro. Nunca cometi um erro. Contudo, é hora de mudar. Reúna os altos prelados e traga-os aqui; arranquem-nos da cama, se precisar. Serão testemunhas de que garanto ao Cantão da Inquisição o comando e a autoridade sobre o Ministério.

O sorriso de Kar aumentou.

– A criança mestiça será destruída.

– É claro, meu senhor – Kar assegurou. – Embora... haja algumas perguntas que desejo fazer para ela, antes. Ela foi parte de uma equipe de brumosos skaa. Pode nos ajudar a localizar os outros...

– Muito bem – o Senhor Soberano concordou. – É seu dever, no final das contas.

Há algo mais belo que o sol? Frequentemente eu o vejo nascer, pois meu sono inquieto em geral me desperta antes do amanhecer.

Cada vez que vejo sua tranquila luz amarela assomar no horizonte, fico um pouco mais determinado, um pouco mais esperançoso. De certo modo, é o que tem me mantido em marcha todo esse tempo.

37

Kelsier, seu maldito lunático, Dockson pensou, fazendo anotações sobre o mapa, *por que sempre se manda no meio, me deixando para arrumar suas bagunças?* Mas sabia que sua frustração não era real – era simplesmente um meio de não se concentrar na morte de Kell. Funcionava.

A parte de Kelsier no plano – a visão, a liderança carismática – havia terminado. Agora era a vez de Dockson. Pegou a estratégia original de Kelsier e a modificou. Teve o cuidado de manter o caos em um nível administrável, racionando o melhor equipamento para os homens que pareciam mais estáveis. Mandou contingentes para capturar pontos de interesse – depósitos de comida e água – antes que os saques generalizados os tomassem.

Em resumo, fez o que sempre fez: tornar os sonhos de Kelsier realidade.

Ouviu um distúrbio na frente do aposento e Dockson levantou a cabeça quando o mensageiro entrou correndo. O homem imediatamente o localizou no centro do armazém.

– Quais são as notícias? – Dockson perguntou, enquanto o homem se aproximava.

O mensageiro balançou a cabeça. Era um jovem em uniforme imperial, embora tivesse tirado o casaco para chamar menos a atenção.

– Sinto muito, senhor – o homem disse em voz baixa. – Nenhum dos guardas a viu sair e... bem, um deles afirmou que a viu sendo levada para o calabouço do palácio.

– Pode tirá-la de lá? – Dockson perguntou.

O soldado – Goradel – empalideceu. Até pouco tempo atrás, Goradel fora um

dos homens do próprio Senhor Soberano. Na verdade, Dockson não tinha muita certeza de quanto confiava nele. Mesmo assim, o soldado – como ex-guarda do palácio – podia entrar em lugares que nenhum outro skaa poderia. Seus antigos aliados não sabiam que ele mudara de lado.

Presumindo que realmente mudou de lado, Dockson pensou. Mas... bem, as coisas estavam indo rápido demais agora para ter dúvidas. Dockson decidira usar o homem. Tinha que confiar em seus instintos iniciais.

– Bem? – Dockson repetiu.

Goradel negou com a cabeça.

–Um Inquisidor a levou presa, senhor. Eu não poderia libertá-la... eu não teria a autoridade. Eu não... eu...

Dockson suspirou. *Maldita garota estúpida!*, pensou. *Devia ter tido mais senso do perigo. Kelsier deve tê-la contagiado.*

Mandou o soldado embora, e olhou para Hammond, que entrava com uma grande espada de punho quebrado no ombro.

– Está feito – Ham disse. – A Fortaleza Elariel acaba de cair. Parece que Lekal ainda aguenta, no entanto.

Dockson assentiu.

– Precisaremos que seus homens cheguem logo no palácio. – *Quanto antes entrarmos lá, melhores são nossas chances de salvar Vin.* Contudo, seus instintos lhe diziam que seria tarde demais para salvá-la. As forças principais levariam horas para se reunir e se organizar; queria atacar o palácio com todo o exército em conjunto. A verdade era que não podia se dar ao luxo de desperdiçar homens em uma operação de resgate no momento. Kelsier provavelmente teria ido atrás dela, mas Dockson não podia se permitir fazer algo tão ousado.

Como sempre dizia – *alguém* na gangue tinha que ser realista. O palácio não era um lugar que pudesse ser atacado sem uma preparação substancial; o fracasso de Vin provava isso. Ela teria que cuidar de si mesma por enquanto.

– Estarei com os homens a postos – Ham falou, assentindo enquanto jogava a espada de lado. – Precisarei de uma espada nova, no entanto.

Dockson suspirou.

– Vocês, Brutamontes, sempre quebrando coisas. Vá lá ver o que encontra, então.

Ham se afastou.

– Se encontrar Sazed – Dockson gritou –, diga-lhe que...

Dockson se deteve, sua atenção fora atraída para um grupo de rebeldes skaa

que marchava para dentro da sala, empurrando um prisioneiro com um saco de pano na cabeça.

– O que é isso? – Dockson exigiu saber.

Um dos rebeldes deu uma cotovelada no prisioneiro.

– Acho que é alguém importante, senhor. Veio até nós desarmado, pedindo para ser trazido até você. Nos prometeu ouro se fizéssemos isso.

Dockson ergueu uma sobrancelha. O homem puxou o saco, revelando Elend Venture.

Dockson pestanejou, surpreso.

– Você?

Elend olhou ao redor. Estava apreensivo, é óbvio, mas se comportou bem, considerando a situação.

– Já nos conhecemos?

– Não exatamente. – Dockson disse. *Maldição. Não tenho tempo para prisioneiros agora*. Mesmo assim, o filho dos Venture... Dockson ia precisar de influência com a poderosa nobreza quando a luta terminasse.

– Vim oferecer uma trégua – Elend Venture disse.

– Como é? – Dockson perguntou.

– A Casa Venture não resistirá – Elend disse. – E provavelmente posso convencer o resto da nobreza a escutá-los também. Estão assustados... não há necessidade de massacrá-los.

Dockson bufou.

– Não posso exatamente deixar forças hostis armadas na cidade.

– Se destruir a nobreza, não aguentará muito tempo – Elend ponderou. – Nós controlamos a economia... o império desmoronará sem nós.

– Isso é meio que o ponto central disso tudo – Dockson respondeu. – Olhe, não tenho tempo...

– *Tem* que me escutar – Elend Venture disse desesperado. – Se começar essa rebelião com caos e banho de sangue, vai perder. Estudei essas coisas; sei do que estou falando! Quando o impulso do conflito inicial acabar, as pessoas vão começar a procurar outras coisas para destruir. Vão se voltar contra elas mesmas. *Precisa manter o controle sobre seus exércitos.*

Dockson se deteve. Elend Venture era, supostamente, um tolo e um janota, mas agora parecia simplesmente... sério.

– Eu o ajudarei – Elend prosseguiu. – Deixe as fortalezas dos nobres em paz e concentre seus esforços no Ministério e no Senhor Soberano... eles são seus reais inimigos.

– Olhe – Dockson falou –, retirarei nossos exércitos da Fortaleza Venture. Provavelmente não há necessidade de lutar contra eles agora que...

– Mandei meus soldados para a Fortaleza Lekal – Elend contou. – Retire seus homens de *todas* as fortalezas nobres. Não vão atacá-los pelos flancos... estão apenas escondidos em suas mansões, e preocupados.

Provavelmente ele está certo sobre isso.

– Vamos considerar... – Dockson se calou, percebendo que Elend não estava mais prestando atenção nele. *Difícil manter uma conversa com esse tipo*.

Elend estava encarando Hammond, que voltava com uma espada nova. Elend franziu o cenho e arregalou os olhos.

– Conheço você! Você era um dos homens resgatando os criados de Lorde Renoux que iam ser executados!

Elend se voltou novamente para Dockson, repentinamente ansioso.

– Conhecem Valette, então? Ela lhes dirá que me ouçam.

Dockson e Ham trocaram olhares.

– O que foi? – Elend perguntou.

– Vin... – Dockson falou. – Valette... foi até o palácio há algumas horas. Sinto muito, rapaz. Provavelmente está no calabouço do Senhor Soberano neste momento... presumindo que ainda esteja viva.

Kar jogou Vin de volta na cela. Ela atingiu o chão com força e rolou, a camiseta solta se enrolou ao redor de seu corpo, até que bateu com a cabeça contra a parede do fundo.

O Inquisidor sorriu, fechando a porta.

– Muito obrigado – disse, através das barras. – Você nos ajudou a conseguir algo que estávamos tentando há muito tempo.

Vin olhou para ele, os efeitos do *abrandamento* do Senhor Soberano estavam mais fracos, agora.

– É uma infelicidade que Bendal não esteja aqui – Kar prosseguiu. – Ele caçou seu irmão por anos, jurando que Tevidian havia gerado um mestiço skaa. Pobre Bendal... Se o Senhor Soberano tivesse deixado o Sobrevivente conosco para que pudéssemos nos vingar.

Olhou para ela, balançando a cabeça perfurada pelos pregos.

– Ah, bem. Ele foi vingado, no fim. O resto de nós acreditou no seu irmão, mas Bendal... mesmo assim não estava convencido... e encontrou você afinal.

– Meu irmão? – Vin disse, lutando para ficar em pé. – Ele me vendeu?

– Vender você? – Kar disse. – Ele morreu jurando para nós que você tinha

morrido de fome há anos! Gritou noite e dia sob as mãos dos torturadores do Ministério. É muito difícil resistir às dores da tortura de um Inquisidor... algo que você logo descobrirá. – Sorriu. – Mas, primeiro, deixe-me mostrar uma coisa.

Um grupo de guardas arrastou uma figura nua e amarrada. Cheio de hematomas e sangrando, o homem despencou no chão de pedras quando o empurraram para dentro da cela ao lado da de Vin.

– *Sazed?* – Vin gritou, correndo até as grades.

O terrisano caiu, aturdido, enquanto os soldados amarravam suas mãos e pés em uma pequena argola de metal presa ao chão. Fora tão espancado que mal estava consciente, e estava completamente nu. Vin afastou o olhar para não ver sua nudez, mas não sem antes ver o espaço entre suas pernas – uma cicatriz simples e vazia onde sua masculinidade deveria ter estado.

Todos os mordomos terrisanos são eunucos, ele lhe dissera. Aquele ferimento não era novo – mas os hematomas, cortes e arranhões eram.

– Nós o encontramos se esgueirando no palácio atrás de você – Kar disse. – Aparentemente, temia por sua segurança.

– O que fizeram com ele? – ela perguntou em voz baixa.

– Ah, muito pouco... até agora – Kar respondeu. – Agora, você deve estar se perguntando por que lhe contei sobre seu irmão. Talvez ache que sou um tolo em admitir que a mente de seu irmão se quebrou antes que arrancássemos o segredo dele. Mas, veja, não sou tão tolo para não admitir um erro. Devíamos ter controlado a tortura do seu irmão... fazê-lo sofrer por mais tempo. Esse realmente foi um erro.

Sorriu perversamente, apontando para Sazed.

– Não cometeremos esse erro de novo, criança. Não... desta vez vamos tentar uma tática diferente. Vamos deixá-la ver a tortura ao terrisano. Seremos muito cuidadosos, nos assegurando de que a dor dele seja duradoura e vibrante. Quando você nos disser o que queremos saber, paramos.

Vin estremeceu de horror.

– Não... por favor...

– Ah, sim – Kar falou. – Por que não fica um tempo pensando sobre o que vamos fazer com ele? O Senhor Soberano exigiu a minha presença... preciso ir para receber a liderança formal do Ministério. Começaremos quando eu voltar.

Deu meia-volta, a túnica negra rodopiando no chão. Os guardas o seguiram, provavelmente para se posicionarem na câmara do lado de fora do aposento.

– Ah, Sazed – Vin disse, enfiando os joelhos entre as grades da cela.

– E agora, senhora – Sazed disse, com voz surpreendentemente lúcida. – O que me diz sobre correr por aí em roupas íntimas? Ora, se Mestre Dockson estivesse aqui, certamente a repreenderia.

Vin levantou a cabeça, surpresa. Sazed estava sorrindo para ela.

– Sazed! – falou rapidamente, olhando para a saída através da qual os guardas haviam partido. – Está acordado?

– Muito acordado – ele disse. Sua voz calma e forte era um contraste marcante com seu corpo machucado.

– Sinto muito, Sazed – ela falou. – Por que me seguiu? Devia ter ficado para trás e me deixado fazer coisas estúpidas sozinha!

Ele virou uma cabeça ferida na direção dela, com um olho inchado, o outro encarando-a nos olhos.

– Senhora – disse, solenemente –, jurei a Mestre Kelsier que a manteria em segurança. O voto de um terrisano não é feito em vão.

– Mas... devia saber que seria capturado – ela disse, abaixando a cabeça de vergonha.

– É claro que eu sabia, senhora – ele confessou. – Ora, de que outro jeito ia conseguir que me trouxessem até você?

Vin levantou a cabeça.

– Trazê-lo... até mim?

– Sim, senhora. Há uma coisa que o Ministério e meu próprio povo têm em comum, creio. Ambos subestimam as coisas que podemos conseguir.

Fechou os olhos. E, então, seu corpo mudou. Pareceu... desinflar, os músculos ficando fracos e magros, a carne pendendo flácida em seus ossos.

– Sazed! – Vin exclamou, apertando-se contra a grade, tentando alcançá-lo.

– Está tudo bem, senhora – ele disse, com voz aterradoramente fraca. – Só preciso de um momento para... reunir minha força.

Reunir minha força. Vin se deteve, abaixando a mão, observando Sazed por alguns minutos. *Poderia ser...*

Parecia tão fraco – como se sua força, seus próprios músculos estivessem sendo drenados. E talvez... armazenados em algum lugar?

Os olhos de Sazed se abriram de repente. Seu corpo retornou ao normal; então seus músculos continuaram a crescer, tornando-se grandes e poderosos, ficando ainda maiores do que os de Ham.

Sazed sorriu para ela com uma cabeça sobre um pescoço musculoso e carnudo; então rompeu facilmente as amarras. Levantou-se, um homem imenso, inumanamente musculoso – tão diferente do erudito magro e silencioso

que ela conhecia.

O Senhor Soberano falou da força deles em seu diário de viagem, ela pensou, assombrada. *Disse que o homem Rashek ergueu uma pedra e a jogou para longe do caminho*.

– Mas, tiraram todas as suas joias! – Vin comentou. – Onde escondeu seu metal?

Sazed sorriu, agarrando as grades que separavam as duas celas.

– Tive a ideia com você, senhora. Eu o engoli. – Com isso, arrancou as grades.

Ela correu até a jaula dele, abraçando-o.

– Obrigada.

– É claro – ele disse, afastando-a gentilmente e batendo com uma mão imensa contra a porta de sua cela, quebrando o cadeado, fazendo a jaula se abrir.

– Rápido, agora, senhora – Sazed disse. – Precisamos colocá-la em segurança.

Os dois guardas que haviam jogado Sazed na cela apareceram na porta um segundo depois. Ficaram paralisados, encarando a imensa besta que estava em pé no lugar do homem fraco que haviam espancado.

Sazed deu um salto, segurando uma das grades da jaula de Vin. Sua feruquemia, no entanto, obviamente lhe dera apenas força, não velocidade. Avançou com passo desengonçado, e os guardas começaram a correr, gritando por socorro.

– Vamos, senhora – Sazed disse, jogando a barra de lado. – Minha força não vai durar muito... o metal que engoli não era grande o bastante para conter muita carga feruquêmica.

Enquanto ele falava, já começava a encolher. Vin se adiantou, saindo do aposento. A câmara dos guardas era pequena, com apenas duas cadeiras. Sob uma delas, no entanto, ela encontrou uma capa enrolada de um dos guardas do turno da noite. Vin a recolheu e a entregou para Sazed.

– Obrigado, senhora – ele disse.

Ela assentiu, seguindo até a porta e espreitando. A grande sala do outro lado estava vazia e dois corredores afluíam dela – um para a direita, e um que se perdia na distância à sua frente. A parede à esquerda estava recoberta com troncos de madeira, e o centro do aposento tinha uma grande mesa. Vin estremeceu ao ver o sangue seco e o conjunto de instrumentos afiados colocados em fila ao lado da mesa.

Aqui é onde nós dois acabaremos se não nos apressarmos, ela pensou, indicando para Sazed seguir em frente.

Deteve-se quando um grupo de soldados apareceu no final do corredor, liderado por um dos guardas de antes. Vin praguejou baixinho – teria ouvido com antecedência se tivesse estanho.

Olhou para trás. Sazed estava mancando pela câmara da guarda. Sua força feruquêmica se fora, e os soldados obviamente o espancaram seriamente antes de jogá-lo na cela. Mal podia andar.

– Vá, senhora! – ele disse, acenando para ela. – Fuja!

Ainda tem muito o que aprender sobre amizade, Vin, a voz de Kelsier sussurrou em sua mente. *Espero que algum dia perceba quais são...*

Não posso deixá-lo. Não vou deixá-lo.

Vin avançou na direção dos soldados. Brandiu um par de facas de tortura da mesa, o aço brilhante e polido cintilando entre seus dedos. Saltou em cima da mesa e se lançou contra os soldados que chegavam.

Não tinha alomancia, mas voou do mesmo jeito, seus meses de prática a ajudaram, apesar da falta dos metais. Cravou uma faca no pescoço de um soldado surpreso ao cair. Acertou o chão com mais força do que esperava, mas conseguiu desviar de um segundo soldado, que praguejou e a golpeou.

A espada se chocou contra a pedra atrás dela. Vin rodopiou, esfaqueando outro soldado nas coxas. O homem recuou de dor.

São tantos, ela pensou. Havia pelo menos duas dúzias deles. Tentou saltar sobre um terceiro soldado, mas outro homem brandiu seu bastão, acertando-o nas costelas de Vin.

Ela gemeu de dor, soltando a faca enquanto perdia o equilíbrio. Nenhum peltre a reforçou contra a queda, e ela acertou as pedras duras com um estalido, rolando até parar, aturdida, perto da parede.

Lutou, sem sucesso, para ficar em pé. Ao lado dela, mal viu Sazed despencar enquanto o corpo dele ficava fraco de repente. Estava tentando armazenar força novamente. Não teria tempo suficiente. Os soldados logo estariam sobre ele.

Pelo menos eu tentei, ela pensou, enquanto ouvia outro grupo de soldados atacando pelo corredor à direita. *Pelo menos, não o abandonei. Acho... acho que era o que Kelsier queria dizer.*

– Valette! – uma voz familiar exclamou.

Vin levantou a cabeça enquanto Elend e seis soldados irromperam pela sala. Elend usava roupa de nobre, um pouco mal ajustada, e carregava um bastão de duelo.

– Elend? – Vin perguntou, aturdida.

– Você está bem? – ele disse, preocupado, avançando na direção dela. Então notou os soldados do Ministério. Pareciam um pouco confusos por serem confrontados por um nobre, mas ainda estavam em número superior.

– Vou levar a garota comigo! – Elend disse. Suas palavras eram corajosas, mas obviamente não era nenhum soldado, e não usava armadura. Cinco dos homens que estavam com ele usavam o vermelho Venture; homens da fortaleza de Elend. Um, no entanto – aquele que estava à frente quando chegaram ao aposento – usava o uniforme da guarda do palácio. Vin percebeu que o reconhecia vagamente. O casaco do uniforme estava sem o símbolo no ombro. *O homem de antes*, pensou, estupefata. *Aquele que convenci a mudar de lado...*

O líder dos soldados do Ministério aparentemente tinha tomado uma decisão. Fez um gesto cortante, ignorando a ordem de Elend, e os soldados começaram a rodear o aposento, movendo-se para cercar o grupo recém-chegado.

– Valette, precisa ir! – Elend disse, com urgência, erguendo o bastão de duelo.

– Venha, senhora – Sazed disse, chegando ao seu lado, ajudando-a a ficar em pé.

– Não posso abandoná-los! – Vin falou.

– Mas precisamos.

– Mas você veio por mim. Temos que fazer o mesmo por Elend!

Sazed negou com a cabeça.

– Aquilo foi diferente, criança. Eu sabia que tinha uma chance de salvá-la. Não pode ajudar aqui... há beleza na compaixão, mas é importante ter sensatez também.

Ela deixou que ele a ajudasse a ficar em pé. Os soldados de Elend avançaram, obedientes, para bloquear os soldados do Ministério. Elend estava parado na frente, obviamente determinado a lutar.

Tem que haver outro jeito!, Vin pensou, desesperada. *Tem que haver...*

Então viu, esquecida em um dos baús que estavam perto da parede, uma tira familiar de tecido cinza, uma única faixa, pendurada na lateral do baú.

Ela se afastou de Sazed, enquanto os soldados do Ministério atacavam. Elend gritou atrás dela, e armas ressoaram.

Vin tirou as peças de roupa – sua calça e camisa – de dentro do baú. E ali, no fundo, estava sua capa de bruma. Fechou os olhos e procurou no bolso lateral da capa.

Seus dedos encontraram um único frasco de vidro, a tampa ainda no lugar.

Pegou o frasco, dando meia-volta, em direção à batalha. Os soldados do Ministério haviam recuado um pouco. Dois de seus membros estavam no chão, feridos – mas três dos homens de Elend também estavam caídos. O tamanho reduzido do lugar, por sorte, impedira que o grupo de Elend fosse rodeado no princípio.

Elend estava suando, com um corte no braço, o bastão de duelo quebrado. Agarrou a espada de um homem no chão, segurando a arma com mãos inexperientes, encarando uma força muito maior.

– Eu estava errado sobre aquele ali, senhora – Sazed disse com suavidade. – Eu... peço desculpas.

Vin sorriu. Então abriu a tampa do frasco e tragou os metais em um único gole.

Mananciais de poder explodiram dentro dela. Fogos arderam, metais ressoaram, e a força retornou para seu corpo cansado e debilitado como um sol nascente. As dores se tornaram insignificantes, a tontura desapareceu, a sala se tornou mais brilhante, as pedras mais *reais* sob seus pés.

Os soldados atacaram novamente, e Elend ergueu a espada com postura determinada, mas sem esperança. Pareceu completamente surpreso quando Vin voou sobre sua cabeça.

Ela aterrissou no meio dos soldados, mandando-os para longe com um *empurrão* de aço. Os soldados em cada lado dela se chocaram contra as paredes. Um homem brandiu um bastão, e ela o afastou com mão desdenhosa, então esmagou o punho no rosto dele, fazendo a cabeça do homem rodar para trás com um estalo.

Pegou o bastão enquanto caía, girando-o e acertando a cabeça do soldado que atacava Elend. O bastão se quebrou, e ela o deixou cair com o cadáver. Os soldados de trás começaram a gritar, dando meia-volta e fugindo, enquanto ela *empurrava* mais dois grupos de homens contra as paredes. O último soldado que sobrou se virou, surpreso, enquanto Vin *puxava* seu elmo para ela. *Empurrou-o* de volta, esmagando-o no peito do homem e ancorando-se por trás. O soldado voou pelo corredor, na direção dos companheiros que fugiam, colidindo contra eles.

Vin soltou a respiração de excitação, parada com músculos tensos entre os homens que gemiam. *Posso... ver agora como Kelsier se viciou nisso*.

– Valette? – Elend perguntou, estupefato.

Vin saltou, envolvendo-o em um alegre abraço, apertando-o com força e enterrando o rosto no ombro dele.

– Você voltou – ela sussurrou. – Você voltou, você voltou, você voltou...

– Humm, sim. E... vejo que é uma Nascida das Brumas. Isso é muito interessante. Sabe, em geral, é um gesto de cortesia contar aos amigos coisas como essa.

– Sinto muito – ela murmurou, ainda abraçada a ele.

– Bem, sim – ele disse, parecendo distraído. – Humm, Valette? O que aconteceu com suas roupas?

– Estão ali no chão – ela disse, levantando os olhos para ele. – Elend, como me encontrou?

– Seu amigo, um tal de Mestre Dockson, me disse que era prisioneira no palácio. E, bem, acontece que este gentil cavalheiro aqui – capitão Goradel, creio que este seja seu nome – era um soldado do palácio, e sabia o caminho até aqui. Com a ajuda dele – e como nobre de certa posição –, consegui entrar no edifício sem muitos problemas, e então ouvimos os gritos no corredor... E, humm, sim. Valette? Você se incomodaria de vestir suas roupas? Isso... me distrai um pouco.

Ela sorriu para ele.

– Você me encontrou.

– Por todo o bem que isso fez – ele disse, ironicamente. – Não parece que precisava muito da nossa ajuda...

– Não importa – ela disse. – Você voltou. Ninguém nunca voltou antes.

Elend olhou para ela, franzindo o cenho levemente.

Sazed se aproximou, trazendo as roupas e a capa de Vin.

– Senhora, precisamos ir.

Elend assentiu.

– Não é seguro em nenhuma parte da cidade. Os skaa estão se rebelando! – Deteve-se, olhando para ela. – Mas, humm, você provavelmente já sabe.

Vin assentiu, soltando-o por fim.

– Eu ajudei a começar isso. Mas está certo sobre o perigo. Vá com Sazed... ele é conhecido de muitos líderes rebeldes. Não o machucarão enquanto ele responder por você.

Elend e Sazed franziram os cenhos, enquanto Vin vestia a calça. No bolso, encontrou o brinco de sua mãe. Colocou-o na orelha.

– Ir com Sazed? – Elend perguntou. – E quanto a você?

Vin vestiu a camisa. Então levantou a cabeça... sentindo, através da pedra, sentindo-o lá em cima. Ele estava lá. Muito poderoso. Agora, tendo-o encarado diretamente, tinha certeza de sua força. A rebelião skaa estava condenada

enquanto ele vivesse.

– Tenho outra tarefa, Elend – ela disse, pegando a capa de brumas das mãos de Sazed.

– Acha que pode derrotá-lo, senhora? – Sazed perguntou.

– Tenho que tentar – ela disse. – O décimo primeiro metal funcionou, Saze. Eu vi... alguma coisa. Kelsier estava convencido que revelaria seu segredo.

– Mas... o Senhor Soberano, senhora...

– Kelsier morreu para iniciar esta rebelião – Vin disse com firmeza. – Tenho que ver o que acontece. Essa é a *minha* parte, Sazed. Kelsier não sabia, mas eu sei. Tenho que deter o Senhor Soberano.

– O Senhor Soberano? – Elend perguntou, surpreso. – Não, Valette. Ele é imortal!

Vin estendeu os braços, segurando a cabeça de Elend e puxando-a para baixo para que ele a beijasse.

– Elend, sua família entrega o atium ao Senhor Soberano. Sabe onde ele o guarda?

– Sim – ele disse, confuso. – Guarda as contas em um edifício do tesouro, a leste daqui. Mas...

– *Tem* que se apoderar daquele atium, Elend. O novo governo vai precisar daquela riqueza e poder, se não quiser ser conquistado pelo primeiro nobre que conseguir erguer um exército.

– Não, Valette – Elend disse, negando com a cabeça. – Tenho que colocá-la em segurança.

Vin sorriu para ele, então se virou para Sazed. O terrisano assentiu para ela.

– Não vai me dizer para não ir? – ela perguntou.

– Não – ele disse em voz baixa. – Temo que esteja certa, senhora. Se o Senhor Soberano não for derrotado... bem, não a impedirei. Desejarei, no entanto, boa sorte. Virei ajudá-la assim que o jovem Venture estiver a salvo.

Vin assentiu, sorriu para o apreensivo Elend, então olhou para cima. Na direção da força sombria que a aguardava, pulsando com depressão cansada.

Queimou cobre, afastando o *abrandamento* do Senhor Soberano.

– Valette... – Elend disse em voz baixa.

Ela se virou para ele.

– Não se preocupe – falou. – Acho que sei como matá-lo.

Muitos são os meus temores enquanto escrevo com a caneta incrustada de gelo na véspera do renascer do mundo. Rashek me observa. Ele me odeia. A caverna se encontra diante de mim. Pulsando. Meus dedos tremem. Não de frio.

Amanhã, estará terminado.

38

Vin se *empurrou* pelos ares sobre Kredik Shaw. As torres e os pináculos se erguiam ao seu redor, como escamas sombrias de algum monstro fantasmagórico à espreita lá embaixo. Escuros, retos e ameaçadores, por alguma razão a fizeram pensar em Kelsier, morto na rua, com uma lança com ponta de obsidiana saindo de seu peito.

As brumas giravam e se contorciam enquanto ela as atravessava. Ainda eram densas, mas o estanho lhe permitia ver um leve brilho no horizonte. A manhã estava próxima.

Embaixo dela, uma luz maior se acumulava. Vin se agarrou a um pináculo fino, deixando que o impulso a fizesse rodopiar no metal escorregadio, tendo uma visão completa da área. Milhares de tochas ardiam na noite, misturando-se e mesclando-se como insetos luminosos. Estavam organizadas em grandes ondas, convergindo para o palácio.

A guarda do palácio não terá chances contra uma força dessas, ela pensou. *Mas, ao entrar lutando no palácio, o exército skaa selará sua ruína.*

Virou-se para o lado, o pináculo úmido por causa das brumas estava frio sob seus dedos. Da última vez que saltara pelos pináculos de Kredik Shaw, estava sangrando e semiconsciente. Sazed chegara para salvá-la, mas ele não poderia ajudá-la desta vez.

Não muito longe dali, pôde ver a torre do trono. Não era difícil de localizar; um anel de fogueiras ardentes iluminava seu exterior, uma única janela de vidro pintado do lado de dentro. Podia senti-lo lá dentro. Esperou por um momento, na esperança, talvez, de conseguir atacar depois que os Inquisidores

saíssem da sala.

Kelsier acreditava que o décimo primeiro metal era a chave, ela pensou.

Ela tinha uma ideia. Poderia funcionar. Tinha que funcionar.

***

– A partir deste momento – o Senhor Soberano proclamou em voz alta –, concedo ao Cantão da Inquisição o domínio organizacional do Ministério. Consultas que antes eram endereçadas a Tevidian devem agora se dirigir para Kar.

A sala do trono ficou em silêncio, o grupo de obrigadores de alto escalão aturdido pelos acontecimentos da noite. O Senhor Soberano agitou a mão, indicando que a reunião estava encerrada.

Finalmente!, Kar pensou. Levantou a cabeça, os olhos de pregos pulsavam, como sempre, causando-lhe dor – mas, nesta noite era a dor da alegria. Os Inquisidores esperavam há dois séculos, planejando cuidadosamente, animando sutilmente a corrupção e a dissenção entre os obrigadores comuns. E, finalmente, funcionara. Os Inquisidores já não se curvariam aos ditados de homens inferiores.

Virou-se e sorriu para o grupo de sacerdotes do Ministério, sabendo muito bem o desconforto que o olhar de um Inquisidor podia causar. Já não podia ver, não como via antes, mas lhe fora dado algo melhor. Um controle da alomancia tão sutil, tão detalhado, que podia distinguir o mundo ao seu redor com surpreendente precisão.

Quase tudo tinha metal – água, pedra, vidro... até mesmo corpos humanos. Esses metais eram muito difusos para serem afetados pela alomancia – mesmo assim, a maioria dos alomânticos sequer podia senti-los.

Com os olhos de um Inquisidor, no entanto, Kar podia ver as linhas de ferro dessas coisas – os fios azuis eram finos, quase invisíveis, mas desenhavam o mundo para ele. Os obrigadores diante dele eram uma massa fervente de azuis, suas emoções – desconforto, raiva e medo – eram mostradas em suas posturas. Desconforto, raiva e medo... tão doces, os três. O sorriso de Kar aumentou, apesar de sua fadiga.

Estava desperto há muito tempo. Viver como Inquisidor esgotava seu corpo, e tinha que descansar com frequência. Seus irmãos saíam da sala, a caminho de seus aposentos, intencionalmente localizados perto da sala do trono. Dormiriam imediatamente; com as execuções mais cedo naquele dia, e a excitação da

noite, estariam extremamente cansados.

Kar, no entanto, ficou para trás, enquanto tanto Inquisidores quanto obrigadores partiam. Logo, restavam apenas ele e o Senhor Soberano, parados em uma sala iluminada por imensos braseiros. As fogueiras externas se apagaram lentamente, extintas pelos criados, deixando a paisagem negra no vidro.

– Finalmente tem o que quer – o Senhor Soberano disse tranquilamente. – Talvez agora eu possa ter paz nesta questão.

– Sim, Senhor Soberano – Kar disse, inclinando-se. – Creio que...

Um som estranho estalou no ar – um ruído seco e suave. Kar levantou a cabeça, o cenho franzido, enquanto um pequeno disco de metal repicou no chão, até se deter perto de seu pé. Ele recolheu a moeda, então olhou a enorme janela, notando o buraquinho por onde ela entrara.

O quê?

Dúzias de moedas entraram pela janela, enchendo-a de buracos. Estalidos metálicos e estalares de vidro ressoaram no ar. Kar recuou, surpreso.

Toda a seção sul da janela se espatifou, estilhaçando do lado de dentro, o vidro enfraquecera pelas moedas até o ponto de romper.

Fragmentos de vidro colorido rodopiaram no ar, espalhando-se diante de uma pequena figura vestida em uma tremulante capa de brumas e carregando um par de reluzentes adagas negras. A garota aterrissou agachada, deslizando um pouco sobre os cacos de vidro, as brumas ondulando pela abertura atrás dela. As brumas avançaram, atraídas pela alomancia, rodopiando ao redor do corpo da garota. Ela ficou agachada por um momento, como se fosse um arauto da própria noite.

Então se levantou, correndo na direção do Senhor Soberano.

Vin queimou o décimo primeiro metal. O eu-passado do Senhor Soberano apareceu como fizera antes, como se tivesse surgido das brumas, para ficar parado no tablado, ao lado do trono.

Vin ignorou o Inquisidor. A criatura, felizmente, reagiu devagar – ela estava na metade dos degraus do tablado antes que ele a perseguisse. O Senhor Soberano, no entanto, ficou parado em silêncio, apenas observando-a com expressão de interesse.

Duas lanças no peito nem o incomodaram, Vin pensou enquanto saltava a distância que a separava do alto do tablado. *Não tem nada a temer das minhas adagas*.

E era por isso que não pretendia atacá-lo com elas. Em vez disso, ergueu suas armas e as apontou diretamente na direção do coração do eu-passado.

As adagas o acertaram – e passaram pelo homem, como se ele não estivesse ali. Vin cambaleou para frente, passando pela imagem, quase caindo do tablado.

Girou, atacando a imagem de novo. Mais uma vez, as adagas passaram sem causar danos. Nem mesmo uma ondulação ou distorção.

Minha imagem de ouro, ela pensou, frustrada. *Fui capaz de tocá-la. Por que não consigo tocar esta?*

Obviamente não funcionava do mesmo jeito. A sombra ainda estava parada, completamente alheia aos ataques dela. Vin pensara que, talvez, se matasse a versão passada do Senhor Soberano, sua forma atual morreria também. Infelizmente, o eu-passado parecia ser tão insubstancial quanto uma sombra de atium.

Ela falhara.

Kar se chocou contra ela, agarrando-a pelos ombros com sua poderosa força de Inquisidor, o impulso levando-a para fora do tablado. Ambos rolaram pelos degraus.

Vin gemeu, avivando peltre. *Não sou a mesma garota sem poderes que fez prisioneira há pouco, Kar*, pensou com determinação, chutando-o quando atingiram o chão atrás do trono.

O Inquisidor grunhiu, o chute dela arremessando-o no ar, fazendo-o soltar seus ombros. Sua capa de brumas ficou entre as mãos dele, mas ela se levantou e escapou.

– *Inquisidores!* – o Senhor Soberano gritou, ficando em pé. – *Venham até mim!*

Vin gemeu quando a voz poderosa fez seus ouvidos amplificados pelo estanho doerem.

Tenho que sair daqui, ela pensou, cambaleando. *Precisarei descobrir uma forma diferente de matá-lo...*

Kar a agarrou novamente por trás. Desta vez colocou seus braços completamente ao redor dela, e apertou. Vin gritou de dor, avivando seu peltre, *empurrando* para trás, mas Kar a obrigou a ficar de joelhos. Agarrou-a com destreza pelo pescoço com uma mão enquanto prendia os braços dela nas costas com a outra. Ela lutava ferozmente, debatendo-se e contorcendo-se, mas ele a segurava com muita força. Vin tentou derrubar ambos com um súbito *empurrão* de aço contra um trinco de porta, mas a âncora era muito fraca, e Kar

apenas tropeçou. Ele manteve sua presa.

O Senhor Soberano gargalhava enquanto se sentava em seu trono.

– Terá pouco êxito contra Kar, criança. Ele era um soldado, há muitos anos. Sabe como segurar uma pessoa de modo que não consiga escapar, não importa quão forte seja.

Vin continuou a lutar, arfando para respirar. As palavras do Senhor Soberano se mostraram verdadeiras, no entanto. Ia acertá-lo com uma cabeçada, mas ele estava preparado. Ela podia ouvi-lo junto ao seu ouvido, sua respiração rápida quase... apaixonada enquanto a asfixiava. No reflexo da janela, viu que a porta de trás se abria. Outro Inquisidor entrou na sala, seus pregos brilhando no reflexo distorcido, sua túnica escura se agitando.

É isso, ela pensou, em um momento surreal, contemplando as brumas que entravam pela janela quebrada arrastando-se pelo chão. Estranhamente, não se enrolaram ao redor dela como normalmente faziam – como se algo as estivesse afastando. Para Vin, pareceu o testamento final de sua derrota.

Sinto muito, Kelsier. Fracassei com você.

O segundo Inquisidor se colocou atrás de seu companheiro. Então estendeu a mão e agarrou algo nas costas de Kar. Ouviu-se o som de algo rasgando.

Vin caiu imediatamente no chão, arfando em busca de ar. Rolou, recuperando-se rapidamente graças ao peltre.

Kar estava sobre ela, oscilando. Então despencou flacidamente de lado, esparramando-se no chão. O segundo Inquisidor ficou parado, segurando o que parecia ser um grande prego de metal – exatamente como os que os Inquisidores tinham nos olhos.

Vin olhou para o corpo imóvel de Kar. A parte de trás de sua túnica estava rasgada, expondo um buraco que sangrava bem entre as omoplatas. Um buraco grande o bastante para um prego de metal. O rosto marcado por cicatrizes de Kar estava pálido. Sem vida.

Outro prego!, Vin pensou, assombrada. *O outro Inquisidor arrancou das costas de Kar, e ele morreu. Esse é o segredo!*

– O quê? – o Senhor Soberano gritou, levantando-se, o súbito movimento atirou seu trono para trás. A cadeira de pedra caiu pelos degraus, lascando e quebrando o mármore.

– Traição! De um dos meus!

O novo Inquisidor disparou na direção do Senhor Soberano. Enquanto corria, seu capuz caiu para trás, dando a Vin uma visão de sua cabeça careca. Havia algo familiar no rosto do recém-chegado, apesar das cabeças de prego saindo

na frente de seu crânio – e as macabras pontas de prego saindo pelas costas. Apesar da cabeça careca e das roupas incomuns, o homem se parecia um pouco com Kelsier.

Não, ela percebeu. *Não com Kelsier.*

Marsh!

Marsh subiu os degraus de dois em dois, movendo-se com a velocidade sobrenatural de um Inquisidor. Vin lutou para ficar em pé, recuperando-se dos efeitos de sua quase asfixia. A surpresa, no entanto, era mais difícil de dissipar. Marsh estava vivo.

Marsh era um Inquisidor.

Os Inquisidores não o estavam investigando porque suspeitavam dele. Pretendiam recrutá-lo! E, agora, parecia que ele pretendia lutar com o Senhor Soberano. *Tenho que ajudá-lo! Talvez... talvez ele conheça o segredo de como matar o Senhor Soberano. Ele descobriu como matar os Inquisidores, afinal!*

Marsh chegou ao alto do tablado.

– Inquisidores! – O Senhor Soberano gritou. – Venham...

O Senhor Soberano se deteve, percebendo que algo tinha sido colocado do lado de fora da porta. Um pequeno grupo de pregos de aço, como aquele que Marsh arrancara das costas de Kar, empilhados no chão. Parecia haver sete deles.

Marsh sorriu, a expressão pareceu assustadoramente com um dos sorrisos maliciosos de Kelsier. Vin chegou ao pé do tablado e se *empurrou* com uma moeda, lançando-se até o alto da plataforma.

O horrível poder absoluto da fúria do Senhor Soberano a atingiu no meio do caminho. A depressão, a asfixia cheia de raiva de sua alma, atravessou o cobre, acertando-a como uma força física. Ela avivou o cobre, engasgando de leve, mas não pôde afastar completamente o Senhor Soberano de suas emoções.

Marsh tropeçou levemente, e o Senhor Soberano deu-lhe um bofetão muito parecido com o que matara Kelsier. Felizmente, Marsh se recuperou a tempo de se esquivar. Rodopiou ao redor do Senhor Soberano, estendendo a mão para agarrar as costas da túnica negra do imperador. Puxou-a, arrancando-a pela costura.

Marsh ficou paralisado, seus olhos com pregos lhe conferiam uma expressão ilegível. O Senhor Soberano deu meia-volta, acertando o cotovelo no estômago de Marsh, lançando o Inquisidor para o outro lado da sala. Quando o Senhor Soberano se virou, Vin pôder ver o que Marsh vira.

Nada. Costas normais, embora musculosas. Ao contrário dos Inquisidores, o

Senhor Soberano não tinha um prego atravessando sua espinha.

Ah, Marsh... Vin pensou, abatida. Fora uma ideia inteligente, muito mais do que a tola tentativa de Vin com o décimo primeiro metal – mas se provara igualmente inútil.

Marsh finalmente atingiu o chão, sua cabeça batendo com força, deslizando até atingir a parede. Ele ficou deitado contra a imensa janela, imóvel.

– Marsh! – ela gritou, saltando e *empurrando-se* na direção dele. Mas enquanto ela voava, o Senhor Soberano ergueu a mão distraidamente.

Vin sentiu um poderoso... *alguma coisa* se chocando contra ela. Era como um *empurrão* de aço contra os metais em seu estômago – mas é claro que não podia ser. Kelsier lhe garantira que nenhum alomântico podia afetar os metais que estivessem dentro do corpo de alguém.

Mas também dissera que nenhum alomântico podia afetar emoções de uma pessoa que estivesse queimando cobre.

As moedas descartadas dispararam para longe do Senhor Soberano, espalhando-se pelo chão. As portas se soltaram de suas dobradiças, rompendo-se e afastando-se da sala. Incrivelmente, até pedaços de vidro colorido tremeram e se afastaram do tablado.

E Vin foi jogada de lado, com os metais em seu estômago ameaçando sair de seu corpo. Chocou-se contra o chão, quase inconsciente. Ficou deitada, aturdida, tonta, confusa, capaz de pensar em apenas uma coisa.

Quanto poder...

As moedas soaram quando o Senhor Soberano saiu de seu tablado. Movia-se em silêncio, despojando-se de sua túnica rasgada e camisa, ficando nu da cintura para cima, exceto pelas joias que cintilavam em seus dedos e punhos. Vários braceletes finos, Vin notou, perfuravam a pele de seus antebraços.

Esperto, ela pensou, lutando para ficar em pé. *Leva-os presos para impedir que* empurrem *ou* puxem *dele.*

O Senhor Soberano balançou a cabeça, pesaroso, seus passos abriram trilhas nas brumas frias que entravam pela janela quebrada. Parecia tão forte, o torso musculoso, o rosto bonito. Vin podia sentir o poder da alomancia dele quebrando suas emoções mal protegidas pelo cobre.

– O que pensou, criança? – o Senhor Soberano perguntou em voz baixa. – Em me derrotar? Sou algum Inquisidor comum, meus poderes são meras fabricações?

Vin avivou peltre. Virou-se e começou a correr – pretendendo agarrar o corpo de Marsh e atravessar o vidro do outro lado da sala.

Mas, então, *ele* estava ali, movendo-se com uma velocidade que fazia a fúria dos tornados parecer preguiçosa. Nem mesmo com o peltre totalmente avivado Vin poderia ganhar dele. Quase parecia indiferente quando a alcançou, agarrando-a pelo ombro e jogando-a para trás.

Ele a arremessou como se ela fosse uma boneca, jogando-a contra uma das enormes colunas da sala. Vin buscava desesperadamente por uma âncora, mas ele expulsara todo o metal da sala. Exceto...

Ela puxou um dos braceletes do Senhor Soberano, um dos que não perfurava a pele dele. No mesmo instante ele ergueu o braço, esquivando de seu *puxão*, fazendo-a girar desajeitadamente no ar. Acertou-a com outro de seus poderosos *empurrões*, lançando-a de costas. Os metais em seu estômago se retorceram, o vidro estremeceu e o brinco de sua mãe saiu de sua orelha.

Ela tentou girar e acertá-lo com os pés, mas se chocou contra a coluna de pedra a uma velocidade terrível, e o peltre falhou. Ouviu um estalo espantoso e uma punhalada de dor percorreu sua perna direita.

Caiu no chão. Não tinha vontade de olhar, mas a agonia de seu torso lhe dizia que sua perna estava embaixo do corpo, dobrada em um ângulo improvável.

O Senhor Soberano balançou a cabeça. Não, Vin percebeu, ele não se preocupava em usar joias. Considerando as habilidades e força dele, um homem teria sido tolo – assim como Vin fora – se tentasse usar as joias do Senhor Soberano como âncora. Isso só permitira que ele controlasse os saltos dela.

Ele avançou, os pés amassando os cacos de vidro.

– Acha que é a primeira vez que alguém tenta me matar, criança? Sobrevivi a incêndios e decapitações. Fui apunhalado e cortado, amassado e desmembrado. Até fui esfolado uma vez, quase no princípio.

Ele se voltou para Marsh, balançando a cabeça. Estranhamente, a primeira impressão que Vin tivera do Senhor Soberano retornou. Ele parecia... cansado. Exausto, até. Não seu corpo – ainda era musculoso. Era apenas seu... ar. Ela tentou ficar em pé, usando a coluna de pedra para se apoiar.

– Sou Deus – ele disse.

Tão diferente do homem humilde do diário de viagem.

– *Deus* não pode ser morto – ele disse. – *Deus* não pode ser derrubado. Sua rebelião... acha que não vi outras como essa antes? Acha que nunca destruí exércitos inteiros por conta própria? O que é necessário para que parem de questionar? Por quantos séculos tenho que provar o que sou para que vocês, skaa *idiotas*, vejam a verdade? Quantos homens tenho que matar?

Vin gritou quando girou a perna para o lado errado. Avivou peltre, mas as lágrimas vieram aos seus olhos mesmo assim. Estava ficando sem metais. Seu peltre logo acabaria, e ela não tinha como permanecer consciente sem ele. Apoiou-se na coluna, a alomancia do Senhor Soberano a pressionava. A dor em sua perna latejava.

Ele é forte demais, ela pensou, com desespero. *Está certo. É Deus. No que estávamos pensando?*

– Como ousa? – o Senhor Soberano perguntou, agarrando o corpo flácido de Marsh com sua mão cheia de joias. Marsh gemeu levemente, tentando levantar a cabeça.

– Como ousa? – o Senhor Soberano exigiu saber mais uma vez. – Depois de tudo o que lhes dei? Eu os fiz superiores aos homens normais! Eu os tornei dominantes!

Vin ergueu a cabeça. Através da névoa de dor e desespero, algo disparou uma lembrança dentro dela.

Ele fica dizendo... ele fica dizendo que seu povo devia ser dominante...

Buscou em seu interior, sentindo a última reserva do décimo primeiro metal. Queimou-o, olhando através de olhos cheios de lágrimas enquanto o Senhor Soberano levantava Marsh com uma mão.

O eu-passado do Senhor Soberano apareceu perto dele. Um homem com capa de peles e botas pesadas, um homem com barba e músculos fortes. Não um aristocrata ou um tirano. Não um herói, nem mesmo um guerreiro. Um homem vestido para a vida fria das montanhas. Um pastor.

Ou, talvez, um carregador.

– Rashek – Vin sussurrou.

O Senhor Soberano se virou ao ouvir a declaração dela.

– Rashek – Vin falou novamente. – Esse é seu nome, não é? Você não é o homem que escreveu o diário de viagem. Não é o herói que foi enviado para proteger o povo... você é o criado dele. O carregador que o odiava.

Ela se deteve por um momento.

– Você... você o matou – ela sussurrou. – Foi o que aconteceu naquela noite! É por isso que o diário para tão repentinamente! Você matou o herói e tomou o lugar dele. Foi até a caverna no lugar dele, e reclamou o poder para si mesmo. Mas... em vez de salvar o mundo, você assumiu o controle.

– Você não sabe de nada! – ele gritou, ainda segurando o corpo flácido de Marsh com uma mão. – Não sabe de nada disso!

– Você o odiava – Vin prosseguiu. – Achava que um terrisano devia ser o

herói. Não podia encarar o fato de que ele – um homem de um povo que oprimia o seu – estava cumprindo suas próprias lendas.

O Senhor Soberano levantou uma mão, e Vin de repente sentiu um peso impossível pressionando-a. A alomancia, *empurrando* os metais em seu estômago, ameaçava esmagá-la contra a coluna. Ela gritou, avivando seu último resto de peltre, lutando para permanecer consciente. As brumas se enrolaram nela, rastejando pela janela quebrada, através do chão.

Do lado de fora, pela janela quebrada, ela podia ouvir alguma coisa ressoando fracamente no ar. Pareciam... pareciam gritos. Gritos de alegria, milhares em coro. Era quase como se estivessem torcendo por ela.

O que importa?, ela pensou. *Sei o segredo do Senhor Soberano, mas o que isso me diz? Que ele era um carregador? Um criado? Um terrisano?*

Um feruquemista.

Ela olhou aturdida, e novamente viu o par de braceletes brilhando nos antebraços do Senhor Soberano. Braceletes feitos de metal, braceletes que perfuravam a pele dele em alguns pontos. Então... não podiam ser afetados pela alomancia. Por que isso? Ele supostamente usava metais como sinal de bravata. Não estava preocupado que alguém os *empurrasse* ou *puxasse*.

Ou era o que ele afirmava. Mas e se todos os outros metais que usava – os brincos, os braceletes, a moda que a nobreza imitava – fossem mera distração?

Uma distração para impedir que alguém notasse aquele único par de braceletes que se enroscava ao redor de seus antebraços. *Poderia ser realmente tão fácil?*, ela pensou, enquanto o peso do Senhor Soberano ameaçava esmagá-la.

Seu peltre estava quase acabado. Mal podia pensar. Mesmo assim, queimou ferro. O Senhor Soberano podia penetrar em nuvens de cobre. Ela também. Eram iguais, de certo modo. Se ele podia afetar metais dentro do corpo de uma pessoa, talvez ela também pudesse.

Avivou o ferro. Linhas azuis apareceram, apontando para os anéis e braceletes do Senhor Soberano – todos eles, exceto os dois em seus antebraços, perfuravam sua pele.

Vin queimou ferro, concentrando-se, *empurrando* o máximo que podia. Manteve o peltre avivado, lutando para não ser esmagada e, de algum modo, soube que não estava mais respirando. A força *empurrando* contra ela era forte demais. Não conseguia fazer o peito subir e descer.

As brumas rodopiavam ao seu redor, dançando por causa da alomancia. Ela estava morrendo. Sabia disso. Já não podia sentir a dor. Estava sendo

esmagada. Sufocada.

Recorreu às brumas.

Duas linhas novas apareceram. Ela gritou, *puxando* com uma força que jamais conhecera antes. Avivou seu ferro mais e mais, o *empurrão* do próprio Senhor Soberano lhe deu o apoio de que precisava para *puxar* os braceletes dele. Raiva, desespero e agonia se misturavam dentro dela, e o *puxão* se tornou seu único objetivo.

O peltre dela acabou.

Ele matou Kelsier!

Os braceletes se soltaram. O Senhor Soberano gritou de dor, um som fraco e distante aos ouvidos dela. O peso repentinamente a soltou, e ela caiu no chão, arfando, a vista nublada. Os braceletes ensanguentados acertaram o chão, livres do controle de Vin, e deslizaram pelo mármore até pararem diante dela. Ela levantou a cabeça, usando estanho para clarear a visão.

O Senhor Soberano estava em pé no mesmo lugar, os olhos arregalados de terror, os braços ensanguentados. Derrubou Marsh no chão, correndo na direção dela e dos braceletes arrancados. Contudo, com suas últimas forças – já sem peltre –, Vin os *empurrou*, lançando-os para além do Senhor Soberano. Ele deu meia-volta, horrorizado, observando os braceletes voarem pela janela quebrada.

Na distância, o sol irrompeu no horizonte. Os braceletes despencaram diante da luz vermelha, cintilando por um momento antes de caírem na cidade.

– *Não!* – o Senhor Soberano gritou, andando até a janela.

Seus músculos ficaram flácidos, desinflando como acontecera com Sazed. Virou-se para Vin, zangado, mas seu rosto já não era mais o de um jovem. Tinha meia-idade, com traços maduros.

Ele deu um passo na direção da janela. Seu cabelo ficou grisalho, e rugas se formaram ao redor de seus olhos como finas teias.

Seu passo seguinte foi vacilante. Começou a tremer sob o peso da velhice, as costas encurvadas, a pele flácida, o cabelo escasso.

Então, despencou no chão.

Vin se deitou de costas, a mente nublada pela dor. Ficou ali por... um tempo. Não conseguia pensar.

– Senhora! – uma voz disse. E, então, Sazed estava ao lado dela, sua testa molhada de suor. Derramou algo em sua garganta, e ela engoliu.

Seu corpo soube o que fazer. Instintivamente avivou peltre, reforçando-se. Avivou estanho, e o súbito aumento de sensibilidade a despertou. Tossiu,

olhando para o rosto preocupado de Sazed.

– Cuidado, senhora – ele disse, examinando a perna dela. – O osso está fraturado, embora pareça que em apenas um lugar.

– Marsh – ela disse, exausta. – Vá ver Marsh.

– Marsh? – Sazed perguntou. Então viu o Inquisidor que se mexia levemente no solo.

– Pelos Deuses Esquecidos! – Sazed disse, indo para o lado do homem.

Marsh gemeu, sentando-se. Esfregou o estômago com um braço.

– O que... é aquilo...?

Vin olhou para a forma esbranquiçada no chão não muito longe dali.

– É ele. O Senhor Soberano. Está morto.

Sazed franziu o cenho, curioso, e se levantou. Usava uma túnica marrom, e trouxera uma simples lança de madeira consigo. Vin balançou a cabeça ao ver uma arma tão lamentável para enfrentar a criatura que quase matara Marsh e ela.

É claro. De certo modo, éramos todos igualmente inúteis. Nós devíamos estar mortos, não o Senhor Soberano.

Arranquei os braceletes dele. Por quê? Por que posso fazer as coisas que ele podia fazer?

Por que sou diferente?

– Senhora... – Sazed falou lentamente. – Ele não está morto, creio. Ele... ainda está vivo.

– O quê? – Vin perguntou, franzindo o cenho. Mal podia pensar naquele momento. Mais tarde haveria tempo para resolver suas dúvidas.

Sazed estava certo – a figura idosa não estava morta. Na verdade, estava se movendo de maneira lamentável pelo chão, arrastando-se na direção da janela quebrada por onde seus braceletes haviam sido jogados.

Marsh ficou em pé, recusando as atenções de Sazed.

– Eu me curarei rapidamente. Veja a garota.

– Ajude-me a levantar – Vin falou.

– Senhora... – Sazed disse, desaprovador.

– Por favor, Sazed.

Ele suspirou, dando-lhe sua lança de madeira.

– Aqui. Apoie-se nisso.

Ela aceitou, e ele a ajudou a ficar em pé.

Vin se apoiou na lança, mancando com Marsh e Sazed na direção do Senhor Soberano. A figura rastejante alcançara o extremo da sala, olhando para a

cidade através da janela estilhaçada.

Os passos de Vin quebraram cacos de vidro. As pessoas voltaram a gritar lá embaixo, embora ela não pudesse vê-las nem saber o que estavam aplaudindo.

– Ouça – Sazed disse. – Ouça, aquele que teria sido o nosso deus. Ouve os gritos? Aqueles gritos não são para você... esse povo nunca o aplaudiu. Encontraram um novo líder esta noite, um novo orgulho.

– Meus... obrigadores... – O Senhor Soberano sussurrou.

– Seus obrigadores o esquecerão – Marsh disse. – Vou garantir isso. Os outros Inquisidores foram mortos pelas minhas próprias mãos. Ainda assim, os prelados reunidos viram você transferir o poder para o Cantão da Inquisição. Sou o único Inquisidor que resta em Luthadel. *Eu* governo sua igreja agora.

– Não... – o Senhor Soberano sussurrou.

Marsh, Vin e Sazed se detiveram e contemplaram o ancião. Na luz da manhã, Vin pôde ver uma multidão parada diante de um grande pódio, erguendo as armas em sinal de respeito.

O Senhor Soberano olhou a multidão, e a compreensão final de seu fracasso o atingiu. Olhou novamente para o grupo que o derrotara.

– Vocês não entendem – ele gemeu. – Não sabem o que faço pela humanidade. Eu *era* seu deus, mesmo que não queiram ver. Ao me matar, estarão condenando a si mesmos...

Vin olhou para Marsh e para Sazed. Lentamente, cada um deles assentiu. O Senhor Soberano começou a tossir, e pareceu envelhecer ainda mais.

Vin se apoiou em Sazed, apertando os dentes por causa da dor na perna quebrada.

– Trago uma mensagem de um amigo nosso – ela disse em voz baixa. – Ele queria que você soubesse que ele não está morto. Que não pode ser morto. Ele é a esperança.

Então ergueu a lança e a cravou bem no coração do Senhor Soberano.

Estranhamente, em algumas ocasiões, sinto paz interior. Seria possível pensar que depois de tudo o que vi – depois de tudo o que sofri – minha alma seria um emaranhado retorcido de tensões, confusão e melancolia. Com frequência é assim.

Mas, então, há a paz.

Eu a sinto algumas vezes, como agora, olhando por sobre os penhascos congelados e as montanhas de cristal na tranquilidade da manhã, contemplando um nascer do sol tão majestoso que sei que nenhum outro jamais será páreo para ele.

Se há profecias, se há um Herói das Eras, então minha mente sussurra que algo deve estar dirigindo meu caminho. Alguma coisa está observando; alguma coisa se importa. Esses pacíficos sussurros me dizem uma verdade na qual desejo muito acreditar.

Se eu falhar, outro virá e terminará meu trabalho.

EPÍLOGO

– A única coisa que posso concluir, Mestre Marsh – Sazed comentou –, é que o Senhor Soberano era tanto feruquemista quanto alomântico.

Vin franziu o cenho, sentada no alto de um edifício vazio, perto de um bairro skaa. Sua perna quebrada – cuidadosamente imobilizada por Sazed – estava pendurada no telhado, balançando no ar.

Dormira a maior parte do dia – como, pelo jeito, fizera Marsh, que estava parado ao lado dela. Sazed levara a mensagem para o resto da gangue, contando para eles que Vin tinha sobrevivido. Aparentemente, não houvera nenhuma baixa entre os demais – o que deixava Vin feliz. Não retornara até eles, no entanto. Sazed lhe dissera que precisava descansar, e que estavam ocupados demais preparando o novo governo de Elend.

– Um feruquemista e um alomântico – Marsh disse, especulando. Havia se recuperado rapidamente, de fato. Embora Vin ainda tivesse hematomas, fraturas e cortes da luta, ele parecia já ter curado as costelas quebradas. Agachou-se, apoiando um braço no joelho, encarando a cidade com pregos no lugar de olhos.

Como ele vê?, Vin se perguntou.

– Sim, Mestre Marsh – Sazed explicou. – Veja, juventude é uma das coisas que feruquemistas podem estocar. É um processo bastante inútil... para armazenar a capacidade de se sentir e parecer um ano mais jovem, você precisa passar parte da vida se sentindo um ano mais velho. Com frequência, Guardadores usam essa habilidade como disfarce, mudando sua idade para enganar os outros e se esconder. Fora isso, no entanto, ninguém nunca viu muito uso nessa habilidade. Contudo, se um feruquemista *também* é alomântico, ele consegue queimar seus próprios estoques de metal, liberando a energia interior multiplicada por dez. A senhora Vin tentou queimar alguns de meus metais antes, mas não conseguiu acessar o poder. Contudo, se você for capaz de criar estoque feruquêmico e então queimá-lo para conseguir poder extra...

Marsh franziu o cenho.

– Não acompanho você, Sazed.

– Peço desculpas – Sazed disse. – Essa é, talvez, uma coisa difícil de entender sem formação anterior em teoria alomântica e feruquêmica. Deixe-me ver se explico melhor. Qual é a principal diferença entre a alomancia e a feruquemia?

– A alomancia tira os poderes dos metais – Marsh falou. – A feruquemia tira os poderes do próprio corpo da pessoa.

– Exatamente – Sazed concordou. – Então, o que o Senhor Soberano fazia, presumo, era *combinar* essas duas habilidades. Usava um dos atributos disponíveis apenas na feruquemia – mudar sua idade – mas o alimentava com *alomancia*. Ao queimar um depósito feruquêmico que ele mesmo havia criado, ele de fato criava um novo metal alomântico para si... um que o tornava mais jovem quando queimava. Se meu palpite estiver certo, ele teria um suprimento ilimitado de juventude, já que estava extraindo a maior parte de seu poder do metal em vez do próprio corpo. Tudo o que precisava fazer era, ocasionalmente, passar um pouco de tempo sendo velho para conseguir estoques feruquêmicos para queimar e permanecer jovem.

– Então – Marsh falou – só queimar aqueles estoques o fazia ainda mais jovem do que era quando começou?

– Teria que colocar esse excesso de juventude dentro de outro depósito feruquêmico, creio – Sazed explicou. – Veja, a alomancia é muito espetacular; seus poderes em geral se expressam em estalidos e labaredas. O Senhor Soberano não queria toda a juventude de uma vez, então tinha que armazenar junto a si um pedaço de metal do qual pudesse extrair poder lentamente, mantendo-se jovem.

– Os braceletes?

– Sim, Mestre Marsh. No entanto, a feruquemia dá retornos decrescentes; é necessário mais do que a quantidade proporcional de força, por exemplo, para torná-lo quatro vezes mais forte que um homem comum, do que seria necessário para torná-lo simplesmente duas vezes mais forte. No caso do Senhor Soberano, isso significava que gastava mais e mais juventude para não envelhecer. Quando a senhora Vin roubou seus braceletes, ele envelheceu incrivelmente rápido porque seu corpo estava tentando regressar ao estado de velhice no qual deveria estar.

Vin ficou sentada no vento frio da tarde, contemplando a Fortaleza Venture. Resplandecia de luz; não se passara nem um dia, e Elend já se reunira com os líderes skaa e nobres, esboçando um código de leis para sua nova nação.

Vin estava em silêncio, passando os dedos por seu brinco. Encontrara-o na

sala do trono, e o colocara novamente no lóbulo machucado assim que começou a sarar. Não tinha certeza de por que o mantinha. Talvez porque fosse uma ligação com Reen e com a mãe que tentara matá-la. Ou, talvez, fosse simplesmente porque a lembrava das coisas que não conseguiria fazer.

Havia muito o que aprender, ainda, sobre alomancia. Por mil anos, a nobreza simplesmente acreditou no que os Inquisidores e o Senhor Soberano lhe disseram. Que segredos haviam guardado, que metais mantinham ocultos?

– O Senhor Soberano – ela finalmente disse. – Ele... só usava um truque para ser imortal, então. Isso significa que não era realmente um deus, certo? Era apenas sortudo. Qualquer um que fosse tanto feruquemista quanto alomântico poderia ter feito o que ele fez.

– Parece que sim, senhora – Sazed concordou. – Talvez fosse por isso que temia tanto os Guardadores. Ele caçava e matava feruquemistas, pois sabia que a habilidade era hereditária... assim como a alomancia. Se as linhagens de Terris alguma vez se misturassem com as da nobreza imperial, o resultado poderia ser uma criança capaz de desafiá-lo.

– Daí os programas de reprodução – Marsh comentou.

Sazed assentiu.

– Ele precisava ter certeza absoluta de que os terrisanos não teriam permissão para se misturar com o populacho, ou poderiam passar suas habilidades feruquêmicas latentes.

Marsh balançou a cabeça.

– Seu próprio povo. Fez coisas horríveis com eles só para manter o poder.

– Mas – Vin disse, franzindo o cenho –, se os poderes do Senhor Soberano vinham da mistura de feruquemia e alomancia, o que aconteceu no Poço da Ascensão? O que era o poder que o homem que escreveu o diário de viagem, quem quer que ele tenha sido, devia supostamente encontrar?

– Não sei, senhora – Sazed disse em voz baixa.

– Sua explicação não responde tudo – Vin comentou, balançando a cabeça. Não contara sobre suas próprias habilidades estranhas, mas contara o que o Senhor Soberano fizera na sala do trono. – Ele era *tão* poderoso, Sazed. Eu podia sentir a alomancia dele. Foi capaz de *empurrar* metais dentro do meu corpo! Talvez pudesse ampliar sua feruquemia queimando seus estoques, mas como conseguiu ficar tão forte na alomancia?

Sazed suspirou.

– Temo que a única pessoa que poderia ter respondido a essas perguntas morreu nesta manhã.

Vin se deteve. O Senhor Soberano guardava segredos sobre a religião de Terris que o povo de Sazed procurava há séculos.

– Sinto muito. Talvez eu não devesse tê-lo matado.

Sazed negou com a cabeça.

– Seu próprio envelhecimento o teria matado logo de qualquer maneira, senhora. O que fez foi certo. Dessa maneira, posso registrar que o Senhor Soberano foi derrotado por um dos skaa que ele oprimia.

Vin corou.

– Registrar?

– É claro. Ainda sou um Guardador, senhora. Preciso passar essas coisas: histórias, acontecimentos e verdades.

– Não vai... falar muito sobre mim, vai? – Por alguma razão, a ideia de outra pessoa contando histórias sobre ela a deixava desconfortável.

– Eu não me preocuparia tanto, senhora – Sazed disse com um sorriso. – Meus irmãos e eu estaremos muito ocupados, creio. Temos tanto a restaurar, tanto para dizer ao mundo... Duvido que detalhes sobre você precisem ser passados com muita urgência. Registrarei o que aconteceu, mas manterei comigo por um tempo, se desejar.

– Obrigada – ela disse, assentindo.

– Aquele poder que o Senhor Soberano encontrou na caverna – Marsh comentou –, talvez fosse apenas alomancia. Você diz que não há registro de nenhum alomântico antes da Ascensão.

– É de fato uma possibilidade, Mestre Marsh – Sazed concordou. – Há muito poucas lendas sobre as origens da alomancia, e quase todas concordam que os primeiros alomânticos "apareceram com as brumas".

Vin franziu o cenho. Sempre presumira que o título "Nascido das Brumas" era porque os alomânticos tendiam a fazer seu trabalho à noite. Nunca pensara que pudesse haver uma conexão mais forte.

As brumas reagem a alomancia. Elas se enroscam quando um alomântico usa suas habilidades por perto. E... o que eu senti no fim? Era como se tirasse algo das *brumas.*

O que quer que tenha feito, não conseguiria reproduzir jamais.

Marsh suspirou, disposto a se levantar. Estava desperto há poucas horas, mas já parecia cansado. Sua cabeça pendia levemente, como se o peso dos pregos a puxassem para baixo.

– Isso... dói, Marsh? – ela perguntou. – Os pregos, quero dizer.

Ele se deteve.

– Sim. Todos os onze... latejam. A dor reage de algum modo às minhas emoções.

– Onze? – Vin perguntou, surpresa.

Marsh assentiu.

– Dois na cabeça, oito no peito e um nas costas, para uni-los. É a única forma de matar um Inquisidor: tem que separar os pregos superiores dos inferiores. Kell fez isso por meio da decapitação, mas é mais fácil arrancando o prego central.

– Pensávamos que estava morto – Vin falou. – Quando encontramos o corpo e o sangue na estação de *abrandamento*.

Marsh assentiu.

– Eu ia mandar notícias de que tinha sobrevivido, mas eles me observaram muito de perto naquele primeiro dia. Não esperava que Kell fosse agir tão rápido.

– Nenhum de nós esperava, Mestre Marsh – Sazed disse. – Nenhum de nós esperava.

– Ele realmente conseguiu, não é? – Marsh disse, balançando a cabeça com assombro. – Aquele bastardo. Há duas coisas pelas quais nunca o perdoarei. A primeira é ter roubado meu sonho de derrubar o Império Final, e ter conseguido.

Vin se deteve.

– E a segunda?

Marsh virou as cabeças de prego na direção dela.

– Ter se matado para fazer isso.

– Posso perguntar, Mestre Marsh – Sazed falou –, de quem *era* o cadáver que a senhora Vin e Mestre Kelsier descobriram na estação de *abrandamento*?

Marsh contemplou a cidade.

– Eram vários cadáveres, na verdade. O processo para criar um novo Inquisidor é... sujo. Prefiro não falar sobre isso.

– É claro – Sazed concordou, inclinando a cabeça.

– *Você*, no entanto – Marsh falou –, poderia me contar sobre essa criatura que Kelsier usou para imitar Lorde Renoux.

– O kandra? – Sazed perguntou. – Temo que mesmo os Guardadores saibam pouco sobre eles. São parentes dos espectros das brumas... talvez até as mesmas criaturas, apenas mais velhas. Por causa de sua reputação, em geral preferem permanecer sem serem vistas... embora algumas das casas nobres os contratem em certas ocasiões.

Vin franziu o cenho.

– Então... por que Kell não fez com que esse kandra o substituísse e morresse em seu lugar?

– Ah – Sazed falou. – Veja, senhora, para um kandra interpretar alguém, ele primeiro deve devorar a carne da pessoa e absorver seus ossos. Kandras são como espectros das brumas... não têm esqueleto próprio.

Vin estremeceu.

– Ah.

– Ele está de volta, sabe – Marsh disse. – A criatura não está mais usando o corpo do meu irmão... tem outro... veio procurar por você, Vin.

– Eu? – ela perguntou.

Marsh assentiu.

– Ele disse algo sobre Kelsier ter transferido o contrato para você antes de morrer. Acredito que a besta a vê como seu mestre, agora.

Vin estremeceu. *Aquela... coisa comeu o corpo de Kelsier.*

– Não o quero por perto – ela disse. – Vou mandá-lo embora.

– Não se apresse tanto, senhora – Sazed comentou. – Kandras são criados caros... é necessário pagá-los com atium. Se Kelsier fez um contrato extenso com um, seria uma tolice desperdiçar seus serviços. Um kandra poderia provar ser um aliado muito útil nos meses que estão por vir.

Vin negou com a cabeça.

– Não me importo. Não quero essa coisa por aqui. Não depois do que ele fez.

O trio ficou em silêncio. Finalmente, Marsh se levantou, suspirando.

– Se me dão licença, preciso me apresentar na fortaleza... o novo rei quer que eu represente o Ministério nas negociações.

Vin franziu o cenho.

– Não vejo por que o Ministério precise tomar parte de alguma coisa.

– Os obrigadores ainda são muito poderosos, senhora – Sazed explicou. – E são a força burocrática mais eficiente e mais bem treinada do Império Final. Sua Majestade seria sábia em tentar trazê-los para seu lado, e reconhecer Mestre Marsh pode ajudar a conseguir isso.

Marsh deu de ombros.

– É claro, assumindo que eu estabeleça o controle sobre o Cantão da Ortodoxia, o Ministério deverá... mudar durante os próximos anos. Agirei devagar e com cuidado, mas quando terminar, os obrigadores nem perceberão o que perderam. Os outros Inquisidores poderiam representar um problema, no entanto.

Vin assentiu.

– Quantos estão fora de Luthadel?

– Não sei – Marsh disse. – Eu não fui membro da ordem por muito tempo antes de destruí-la. Contudo, o Império Final é um lugar grande. Muitos falam em vinte Inquisidores no império, mas nunca fui capaz de confirmar esse número.

Vin assentiu enquanto Marsh partia. Contudo, os Inquisidores – embora perigosos – a preocupavam menos agora que sabia o segredo deles. Estava preocupada com outra coisa.

Não sabem o que faço pela humanidade. Eu era *seu deus, mesmo que não queiram ver. Ao me matar, estarão condenando a si mesmos...*

As últimas palavras do Senhor Soberano. Naquele momento, ela pensara que ele estava se referindo ao Império Final ao falar em "pela humanidade". Mas já não tinha tanta certeza. Havia... medo nos olhos dele quando dissera isso, não orgulho.

– Saze? – ela perguntou. – O que eram as Profundezas? A coisa que o herói do diário de viagens supostamente tinha que derrotar?

– Gostaria de saber, senhora – Sazed respondeu.

– Mas, elas não chegaram, não é?

– Aparentemente, não – Sazed falou. – As lendas concordam que, se as Profundezas não tivessem sido detidas, o mundo teria sido destruído. É claro, talvez essas histórias sejam exageradas. Talvez o perigo das "Profundezas" fosse apenas o próprio Senhor Soberano... talvez a luta do Herói fosse simplesmente de consciência. Escolher entre dominar o mundo ou deixá-lo livre.

Não pareceu certo para Vin. Havia mais. Ela se lembrava do medo nos olhos do Senhor Soberano. Do terror.

Ele disse "faço", não "fiz". "O que faço *pela humanidade". Isso implica que ainda estava fazendo, o que quer que fosse.*

Estarão condenando a si mesmos...

Ela estremeceu no ar do anoitecer. O sol estava se pondo, tornando ainda mais fácil ver a iluminada Fortaleza Venture – escolha de Elend para quartel-general, no momento, embora pudesse se mudar para Kredik Shaw. Ele ainda não decidira.

– Deveria ir até ele, senhora – Sazed comentou. – Ele precisa ver que está bem.

Vin não respondeu imediatamente. Encarou a cidade, observando a fortaleza

brilhante no céu que escurecia.

– Você esteve lá, Sazed? – ela perguntou. – Escutou o discurso dele?

– Sim, senhora – ele respondeu. – Assim que descobrimos que não havia atium naquele tesouro, Lorde Venture insistiu que devíamos buscar ajuda para você. Eu estava inclinado a concordar com ele: nenhum de nós era guerreiro, e eu ainda estava sem meus estoques feruquêmicos.

Nenhum atium, Vin pensou. *Depois de tudo isso, não encontramos nem uma lasca. O que o Senhor Soberano fez com tudo aquilo? Ou... alguém chegou primeiro?*

– Quando Mestre Elend e eu encontramos o exército – Sazed prosseguiu –, os rebeldes estavam massacrando os soldados do palácio. Alguns deles tentavam se render, mas nossos soldados não deixavam. Era uma... cena perturbadora, senhora. Seu Elend... não gostou do que viu. Quando parou diante de um skaa, pensei que iam simplesmente matá-lo também.

Sazed se deteve, inclinando ligeiramente a cabeça.

– Mas... as coisas que ele disse, senhora... os sonhos dele de um novo governo, o jeito como condenou o banho de sangue e o caos... Bem, senhora, temo que não poderei repetir. Gostaria de ter estado com minhas mentes de metal para poder memorizar as palavras exatas.

Ele suspirou, balançando a cabeça.

– De qualquer forma, acredito que Mestre Brisa foi muito influente para ajudar a acalmar o tumulto. Uma vez que um grupo começou a ouvir Mestre Elend, os outros também o fizeram, e daí por diante... bem, é uma coisa boa que um nobre acabe sendo rei, creio. Mestre Elend dá certa legitimidade à nossa tomada de poder, e creio que teremos mais apoio por parte da nobreza e dos mercadores com ele no comando.

Vin sorriu.

– Kell estaria zangado conosco, sabe. Ele fez todo o trabalho e, no final, nós colocamos um nobre no trono.

Sazed negou com a cabeça.

– Ah, mas há algo mais importante a considerar, creio. Não colocamos apenas um nobre no trono... colocamos um *homem bom* no trono.

– Um homem bom... – Vin repetiu. – Sim. Conheço alguns desses, agora.

Vin se ajoelhou entre as brumas, no alto da Fortaleza Venture. Sua perna imobilizada dificultava os movimentos à noite, mas a maior parte do esforço que fazia era alomântico. Só tinha que ter certeza de que suas aterrissagens

fossem particularmente suaves.

A noite chegara, e as brumas a cercavam. Protegendo-a, escondendo-a, dando a ela seu poder...

Elend Venture estava sentado em uma escrivaninha lá embaixo, sob a claraboia que ainda não fora consertada depois que Vin arremessara um corpo por ela. Não a notara lá em cima. Quem notaria? Quem veria uma Nascida das Brumas em seu elemento? Ela era, de certo modo, como uma das imagens de sombras criadas pelo décimo primeiro metal. Incorpórea. Algo que *poderia* ter sido.

Poderia ter sido...

Os acontecimentos do dia eram muito difíceis de entender; Vin não tentara encontrar sentido em suas emoções, que estavam uma completa bagunça. Não fora até Elend ainda. Não fora capaz.

Olhou para ele, sentado sob a luz de uma lanterna, lendo e anotando em seu caderninho. Suas reuniões mais cedo aparentemente haviam sido boas – todo mundo parecia disposto a aceitá-lo como rei. Marsh sussurrava que havia política por trás do apoio, no entanto. A nobreza via Elend como uma marionete que poderia controlar, e facções já estavam aparecendo entre a liderança skaa.

Mesmo assim, Elend finalmente tinha a oportunidade de esboçar o código de leis com o qual tanto sonhara. Podia tentar criar a nação perfeita, tentar aplicar as teorias filosóficas que estudara por tanto tempo. Haveria percalços, e Vin suspeitava que ele teria que acabar se contentando com algo muito mais realista do que seu sonho idealista. Isso não importava, na realidade. Ele seria um bom rei.

É claro, se comparado com o Senhor Soberano, até um monte de fuligem seria um bom rei...

Queria ir até Elend, entrar no aposento aquecido, mas... algo a detinha. Passara por muitas reviravoltas em sua sorte, muitas tensões emocionais – tanto alomânticas quanto não alomânticas. Não tinha mais certeza do que queria; não sabia ao certo se era Vin ou Valette, ou qual delas desejava ser.

Sentia frio nas brumas, na escuridão silenciosa. As brumas lhe davam poder, a protegiam, a escondiam... mesmo quando, na realidade, não queria nenhuma das três coisas.

Não posso fazer isso. Aquela pessoa que esteve com ele, aquela não sou eu. Aquela era uma ilusão, um sonho. Sou a criança que cresceu nas sombras, a garota que deveria estar sozinha. Não mereço isso.

Não o mereço.

Estava acabado. Como ela previra, tudo estava mudando. Na verdade, nunca tinha sido uma nobre muito boa. Era hora de voltar a ser aquilo no que era boa. Uma coisa das sombras, não de festas ou bailes.

Virou-se para ir embora, ignorando as lágrimas, frustrada consigo mesma. Ela o deixou, com os ombros caídos, enquanto mancava pelo telhado metálico e desaparecia nas brumas.

Mas, então...

Ele morreu prometendo que você havia morrido de fome há anos.

Com todo aquele caos, quase se esquecera das palavras do Inquisidor sobre Reen. Agora, no entanto, a lembrança a deteve. As brumas passavam por ela, enrolando-se, incentivando-a.

Reen não a abandonara. Fora capturado pelos Inquisidores que procuravam por Vin, a filha ilegítima do inimigo deles. Eles o torturaram.

E ele morreu protegendo-a.

Reen não me traiu. Sempre prometeu que faria isso, mas, no fim, não fez. Estava longe de ser um irmão perfeito, mas a amara de qualquer forma.

Um sussurro no fundo de sua mente falou com a voz de Reen. *Volte*.

Antes que pudesse se convencer do contrário, mancou o mais rápido que pôde de volta para a claraboia quebrada e jogou uma moeda no chão lá embaixo.

Elend se virou, curioso, olhando para a moeda, inclinando a cabeça. Vin se deixou cair um segundo mais tarde, *empurrando-se* para deter a queda, aterrissando apenas na perna boa.

– Elend Venture – ela disse, levantando-se. – Há algo que quero lhe dizer há algum tempo. – Deteve-se, pestanejando para afastar as lágrimas. – Você lê demais. Especialmente na presença de damas.

Ele sorriu, empurrando a cadeira para trás e abraçando-a com força. Vin fechou os olhos, simplesmente sentindo o calor de seu abraço.

E percebeu que era tudo o que realmente sempre quisera.

ARS ARCANUM

Encontre extensas anotações do autor sobre cada um dos capítulos deste livro, juntamente com algumas cenas excluídas e informações detalhadas sobre o mundo do Império Final em www.brandonsanderson.com (em inglês).

Tabela Alomântica de referência rápida

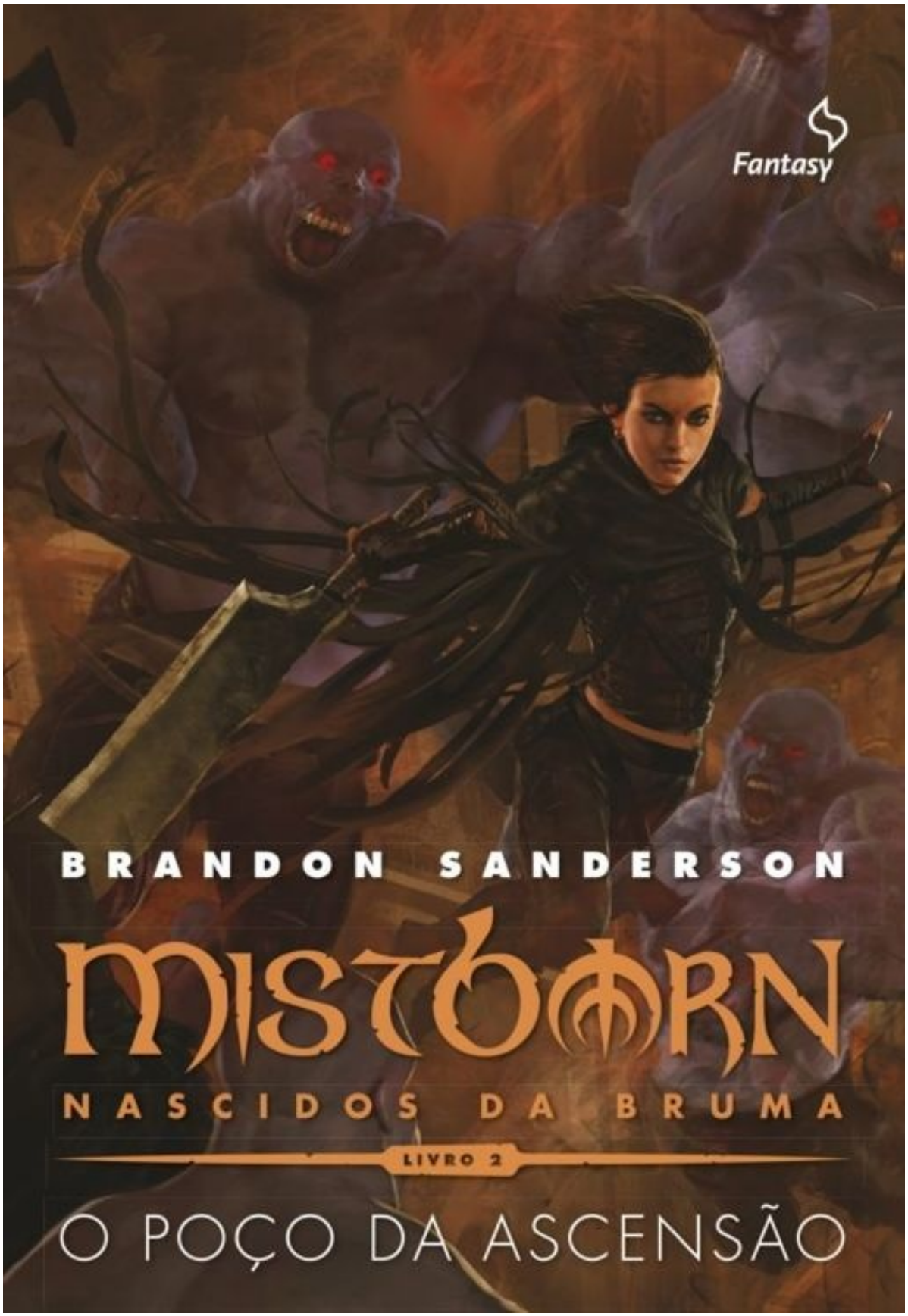
Metal	Efeito	Título brumoso
Ferro	*Puxa* metais próximos	Atraidores
Aço	*Empurra* metais próximos	Lançamoedas
Estanho	Amplia sentidos	Olho de estanho
Peltre	Amplia habilidades físicas	Braços de Peltre, Brutamontes
Zinco	*Abranda* emoções	Abrandador
Latão	*Tumultua* emoções	Tumultuador
Cobre	Esconde Alomancia	Esfumaçador
Bronze	Revela Alomancia	Buscador

(Nota: Metais externos estão em itálico. Metais que empurram estão em negrito.)

ÍNDICE ALFABÉTICO ALOMÂNTICO

Abrandador – Brumoso que pode queimar zinco.
Aço (metal de *empurrão* físico externo) – Uma pessoa queimando aço pode ver linhas azuis translúcidas apontando para fontes próximas de metal. O tamanho e o brilho da linha dependem do tamanho e da proximidade da fonte de metal. Todos os tipos de metais são mostrados, não apenas aço. O alomântico pode *empurrar* mentalmente uma dessas linhas e mandar a fonte de metal para longe de si. Um brumoso que pode queimar aço é conhecido como Lançamoedas.
Atraidor – Brumoso que pode queimar ferro.
Braços de Peltre – *ver* Brutamontes.
Bronze (metal de *empurrão* mental interno) – Uma pessoa queimando bronze pode sentir quando as pessoas próximas estão usando alomancia. Alomânticos queimando metais nas redondezas emitirão “pulsos alomântico” – algo como batidas de tambor, audíveis apenas para uma pessoa queimando bronze.
Brutamontes – Brumoso que pode queimar peltre.
Buscador – Brumoso que pode queimar bronze.
Cobre (metal de *puxão* mental interno) – Uma pessoa queimando cobre cria uma nuvem invisível, que protege quem estiver dentro dela dos sentidos de um buscador. Enquanto está dentro desta “nuvem de cobre”, um alomântico pode queimar qualquer metal que desejar, sem se preocupar que alguém queimando bronze venha a sentir seus pulsos Alomânticos. Como efeito colateral, uma pessoa queimando cobre é imune a qualquer forma de Alomancia emocional (*abrandar* ou *tumultuar*).
Esfumaçador – Brumoso que pode queimar cobre.
Estanho (metal de *puxão* físico interno) – Uma pessoa queimando estanho consegue amplificar seus sentidos. Pode ver mais longe, sentir melhor os odores, e seu tato se torna mais apurado. Isso lhe permite penetrar nas brumas e ver muito melhor à noite do que seria possível sem os sentidos ampliados.
Ferro (metal de *puxão* físico externo) – Uma pessoa queimando ferro pode ver linhas azuis translúcidas apontando para fontes próximas de metal. O tamanho e o brilho da linha dependem do tamanho e da proximidade da fonte de metal. Todos os tipos de metais são mostrados, não apenas fontes de ferro. O alomântico pode *puxar* mentalmente uma dessas linhas para trazer a fonte de metal em sua direção.
Lançamoedas – Brumoso que pode queimar aço.

Latão (metal de *empurrão* mental externo) – Uma pessoa queimando latão pode *tumultuar* as emoções de outras pessoas, inflamando-as e tornando determinadas emoções mais poderosas. Não permite ler mentes ou mesmo emoções.
Olho de estanho – Brumoso que pode queimar estanho.
Peltre (metal de *empurrão* físico interno) – Uma pessoa queimando peltre amplifica os atributos físicos de seu corpo. Ela se torna mais forte, mais durável e mais habilidosa. O peltre também aumenta o senso de equilíbrio do corpo e a habilidade de se recuperar de ferimentos.
Tumultuador – Brumoso que pode queimar latão.
Zinco (metal de *puxão* mental externo) – Uma pessoa queimando zinco pode aplacar as emoções de outras pessoas, persuadindo-as e tornando determinadas emoções menos fortes. Um alomântico cuidadoso pode abrandar todas as emoções, deixando, basicamente, que a pessoa sinta apenas o que ele deseja. Zinco, no entanto, não permite que o alomântico leia mentes ou mesmo as emoções.


Fantasy
BRANDON SANDERSON
MISTBORN
NASCIDOS DA BRUMA
LIVRO 2
O POÇO DA ASCENSÃO

Ficha Técnica Copyright © 2007 by Brandon Sanderson.

Impresso com permissão de Dragonsteel Entertainment, LCC and JABberwocky Literary Agency, Inc.
Todos os direitos reservados.
Tradução para a língua portuguesa © 2015 Leya Editora Ltda.
Título original: Mistborn Book Two: The Well of Ascension Preparação: Márcia Maria Men Revisão: Karinna A. C. Taddeo e Maria Beatriz de Oliveira Abramo Capa: Rico Bacellar Ilustração de capa: Marc Simonetti Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua CRB-8/7057
Sanderson, Brandon Mistborn – Nascidos da Bruma : o Poço da Ascensão / Brandon Sanderson; tradução de Petê Rissatti. – São Paulo : LeYa,

2015.

(Mistborn, v. 2) ISBN 9788544101339
Título original: Mistborn Book Two: The Well of Ascension 1. Ficção fantástica americana I. Título II. Rissatti, Petê III. Série 14-0079 CDD 813
Índices para catálogo sistemático: 1. Ficção fantástica americana 2015
LEYA EDITORA LTDA.
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP
www.leya.com.br

BRANDON SANDERSON

MISTBORN:
NASCIDOS DA BRUMA

O POÇO DA ASCENSÃO

Tradução:
Petê Rissatti

Para Phyllis Call,
Que talvez nunca entenda meus livros de fantasia,
mas ainda assim me ensinou mais sobre a vida – e, com isso,
sobre escrever – do que ela provavelmente saberá um dia
(Obrigado, vovó!)

AGRADECIMENTOS

Para começar, Joshua Bilmes, meu excelente agente, e Moshe Feder, meu editor, merecem, como sempre, todo o elogio por seus esforços. Este livro em especial exigiu um planejamento cuidadoso, e eles estavam prontos para a tarefa. Para eles, e para seus assistentes, Steve Mancino (um agente excelente por seu próprio mérito) e Denis Wong, meus agradecimentos.

Há outro pessoal bacana na Tor que merece meu muito obrigado. Larry Yoder (o melhor representante de vendas da nação) fez um trabalho maravilhoso com as vendas do livro. Seth Lerner, o diretor de arte para mercado de massa da Tor, é um gênio ao combinar livros e artistas. E, falando de artistas, acho que o fantástico Christian McGrath fez um trabalho brilhante com a capa deste livro. Você pode ver mais obras dele em *jonfoster.com*. Isaac Stewart, um grande amigo e colega escritor, fez todo o trabalho com o mapa e os símbolos para os títulos dos capítulos. Veja mais a respeito em *nethermore.com*. Shawn Boyles é o artista oficial da Mistborn Llama, além de ser um cara fantástico. Visite o meu site para mais informações.

Finalmente, gostaria de agradecer ao departamento de propaganda da Tor – especificamente Dot Lin –, que foi maravilhoso ao promover meus livros e cuidar de mim.

Muito obrigado a todos vocês!

Outra rodada de agradecimentos vai para os meus leitores alfa. Esses caras incansáveis dão retorno sobre meus romances nos primeiros estágios, lidando com todos os problemas, erros de digitação e incoerências antes que eu os resolva. Sem ordem especial, essas pessoas são: Ben Olson, Krista Olsen, Nathan Goodrich, Ethan Skarstedt, Eric J. Ehlers, Jillena O’Brien, C. Lee Player, Kimball Larsen, Bryce Cundick, Janci Patterson, Heather Kirby, Sally Taylor, The Almighty Pronoun, Bradley Reneer, Holly Venable, Jimmy, Alan Layton, Janette Layton, Kaylynn ZoBell, Rick Stranger, Nate Hatfield, Daniel A. Wells, Stacy Whitman, Sarah Bylund e Benjamin R. Olsen.

Um agradecimento especial vai para o pessoal da Provo Waldenbooks, por seu apoio. Sterling, Robin, Ashley e o *duo* terrível Steven Diamond, o Cara da Livraria, e Ryan McBride (que também são leitores alfa).

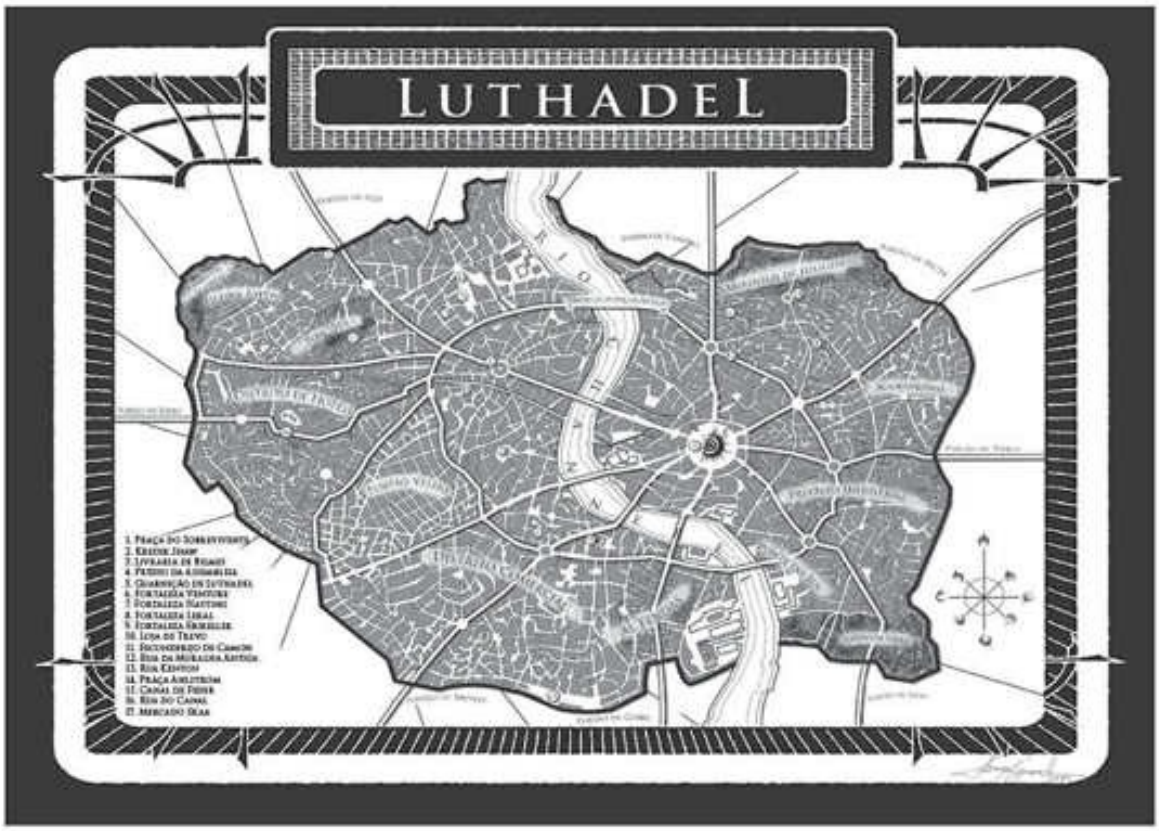
Também preciso agradecer ao meu irmão, Jordan, por seu trabalho no meu site (junto com Jeff Creer). Jordo também é o cara que “mantém a cabeça de Brandon no prumo”, com sua obrigação solene de tirar sarro de mim e dos meus livros.

Minha mãe, meu pai e minhas irmãs sempre me dão uma ajuda maravilhosa.

Se eu me esqueci de algum leitor alfa, me desculpem! Escrevo o nome de vocês duas vezes no próximo. Observação: Peter Ahlstrom, eu não me esqueci de você – apenas decidi deixá-lo por último para você suar um pouco.

Finalmente, meu agradecimento para minha maravilhosa mulher, com quem me casei durante o processo de edição deste livro. Emily, eu te amo!


DOMÍNIO DE TERRIS
DOMÍNIO OCIDENTAL
DOMÍNIO SETENTRIONAL
DOMÍNIO LONGÍNQUO
DOMÍNIO CENTRAL
DOMÍNIO MERIDIONAL
DOMÍNIO CRESCENTE
DOMÍNIO ORIENTAL
ILHAS MERIDIONAIS
DOMÍNIO DISTANTE
16. Lago Tyrian
17. Lago Luthadel
18. Lago Negro
19. Rio Searan
20. Searan do Norte
21. Searan do Sul
22. Rio Channerel
O IMPÉRIO FINAL
1. Luthadel
2. Minas de Hathsin
3. Urteau 4. Cidade de Fadex
5. Tremredare 6. Tathingdwen
7. Conventículo de Searan 8. Monte Derytatith, Local Histórico do Poço da Ascensão
Montanhas de Cinzas: 9. Tyrian
10. Zebinah 11. Faleast 12. Doriel 13. Morag
14. Kalling 15. Torinost
2005


LUTHADEL

PRIMEIRA PARTE
HERDEIRA DO SOBREVIVENTE

Escrevo estas palavras em aço, pois qualquer coisa que não seja inscrita no metal não é digna de crédito.



O exército rastejava como uma mancha escura pelo horizonte.

O rei Elend Venture estava em pé, imóvel, sobre a muralha da cidade de Luthadel, espreitando as tropas inimigas. Ao redor dele, as cinzas caíam do céu em flocos grandes e indolentes. Não eram as cinzas brancas queimadas que se viam em carvão morto; eram cinzas pretas, mais profundas, mais ásperas. As Montanhas Cinzentas estavam especialmente ativas naqueles tempos.

Elend sentiu o pó de cinzas no rosto e nas roupas, mas ignorou-o. À distância, o sol vermelho-sangue estava próximo do ocaso. Ele iluminava por trás o exército que viera arrancar o reino de Elend.

— Quantos? — Elend perguntou em voz baixa.

— Cinquenta mil, acreditamos — Ham disse, recostando-se no parapeito, braços robustos cruzados sobre a pedra. Como tudo na cidade, a muralha era manchada de preto por incontáveis anos de chuvas de cinzas.

— Cinquenta mil soldados… — Elend disse, baixando mais a voz. Apesar do recrutamento pesado, Elend mal conseguira vinte mil homens sob o seu comando, e estes eram camponeses com menos de um ano de treinamento. Manter até mesmo essa pequena quantidade estava esgotando seus recursos. Se fossem capazes de encontrar o atium do Senhor Soberano, talvez as coisas fossem diferentes. Na atual conjuntura, o reinado de Elend corria sério risco de acabar em desastre econômico.

— O que acha? — Elend perguntou.

— Não sei, El — Ham disse num murmúrio. — Sempre foi Kelsier quem teve a visão.

— Mas você o ajudava a planejar — Elend disse. — Você e os outros eram a equipe dele. Aqueles que apareceram com uma estratégia para derrubar o império e depois fizeram com que acontecesse.

Ham ficou em silêncio, e Elend sentiu como se soubesse o que o homem

estava pensando. *Kelsier era o núcleo de tudo. Era quem organizava, aquele que levava adiante os debates enfurecidos e transformava-os numa operação viável. Era o líder. O gênio*.

E morrera um ano antes, no mesmo dia em que o povo – como parte do seu plano secreto – se levantou em fúria para derrubar seu deus-imperador. Elend assumiu o trono no caos que sucedeu. Agora, parecia cada vez mais que ele perderia tudo que Kelsier e sua equipe tinham conquistado de maneira tão árdua. Perder para um tirano que talvez fosse ainda pior que o Senhor Soberano. Um déspota mesquinho e sorrateiro na forma de um "nobre". O homem que marchava com seu exército sobre Luthadel.

O próprio pai de Elend, Straff Venture.

— Alguma possibilidade de você conseguir… convencê-lo a não atacar?

— Talvez — Elend disse, hesitante. — Desde que a Assembleia simplesmente não entregue a cidade.

— Eles estão perto de fazer isso?

— Não sei, sinceramente. Temo que estejam. Aquele exército os deixou apavorados, Ham. — *E com razão*, ele pensou. — De qualquer forma, tenho uma proposta para a reunião de daqui a dois dias. Tentarei convencê-los a não fazer nada precipitado. Dockson voltou hoje, certo?

Ham assentiu com a cabeça.

— Pouco antes do avanço do exército.

— Acho que deveríamos convocar uma reunião da equipe — Elend disse. — Ver se conseguimos pensar numa maneira de sair desta situação.

— Ainda estamos bastante desfalcados — Ham falou, coçando o queixo. — Fantasma não deve voltar antes de uma semana, e só o Senhor Soberano sabe para onde foi Brisa. Não temos nenhuma mensagem dele há meses.

Elend suspirou, balançando a cabeça.

— Não consigo pensar em mais nada, Ham. — Ele se virou, encarando a paisagem cinzenta novamente. O exército acendia fogueiras de acampamento enquanto o sol se punha. Logo, as brumas apareceriam.

Preciso voltar ao palácio e trabalhar naquela proposta, Elend pensou.

— Para onde Vin fugiu? — Ham perguntou, voltando-se para Elend.

Elend fez uma pausa.

— Sabe — ele respondeu —, não sei muito bem.

Vin pousou suavemente nos paralelepípedos úmidos, observando quando as brumas começaram a se formar ao redor dela. Quando a escuridão caía, elas

apareciam do nada, crescendo como um emaranhado de trepadeiras translúcidas, girando e envolvendo-se umas às outras.

A grande cidade de Luthadel estava quieta. Mesmo agora, um ano após a morte do Senhor Soberano e a ascensão do novo governo livre de Elend, as pessoas comuns ficavam em casa à noite. Temiam as brumas, uma tradição muito mais arraigada que as leis do Senhor Soberano.

Vin caminhou em silêncio, os sentidos em alerta. Dentro dela, como sempre, queimava o estanho e o peltre. O estanho aumentava seus sentidos, facilitando sua visão noturna. O peltre deixava seu corpo mais forte, tornando seus pés mais leves. Esses, além do cobre – que tinha o poder de esconder seu uso da Alomancia dos outros que queimavam bronze –, eram metais que ela mantinha consigo quase o tempo todo.

Alguns a chamavam de paranoica. Ela se considerava preparada. De qualquer forma, o hábito salvara sua vida em inúmeras ocasiões.

Ela se aproximou de uma esquina silenciosa e fez uma pausa, espreitando. Nunca entendera de verdade *como* queimava metais; ela conseguia se lembrar de fazê-lo desde sempre, usando a Alomancia por instinto, mesmo antes de ter sido formalmente treinada por Kelsier. Na verdade, aquilo não importava para ela. Não era como Elend; não precisava de explicações lógicas para tudo. Para Vin, era suficiente que, quando engolisse pedacinhos de metal, pudesse explorar seu poder.

Poder que ela apreciava, pois sabia bem como era não o possuir. Mesmo agora, ela não era o que provavelmente se imaginasse como uma guerreira. De estrutura frágil, com pouco mais de um metro e meio, cabelos pretos e pele pálida, sabia que tinha quase uma aparência frágil. Não mais exibia o aspecto desnutrido de sua infância nas ruas, mas certamente não era alguém que qualquer um julgasse intimidador.

Ela gostava daquilo. Dava-lhe uma vantagem – e ela precisava de toda vantagem que pudesse obter.

Também gostava da noite. Durante o dia, Luthadel era lotada e sufocante, apesar do seu tamanho. Mas à noite as brumas caíam como uma nuvem espessa. Umedeciam, suavizavam, sombreavam. Os fortes gigantescos transformavam-se em montanhas sombrias, e os prédios apinhados fundiam-se como as mercadorias rejeitadas de um fabricante de velas.

Vin agachou-se ao lado do seu prédio, ainda observando o cruzamento. Com cuidado, ela se concentrou e queimou aço – um dos metais que havia engolido mais cedo. Imediatamente, um grupo de linhas azuis transparentes saltaram ao

redor dela. Visíveis apenas a seus olhos, as linhas saíam de seu peito até as fontes de metal próximas – todos os metais, não importava o tipo. A grossura das linhas era proporcional ao tamanho das peças de metal que encontravam. Algumas apontavam para as dobradiças de bronze das portas, outras para o ferro cru dos pregos que seguravam as tábuas.

Ela aguardou em silêncio. Nenhuma das linhas se moveu. Queimar aço era uma maneira fácil de dizer se alguém se movia nas proximidades. Se estivesse vestindo pedacinhos de metal, atrairia as linhas azuis reveladoras em movimento. Claro, aquele não era o objetivo principal do aço. Vin levou a mão cuidadosamente à bolsa em seu cinto e puxou uma das muitas moedas que estavam dentro dela, abafadas pelos tampões de tecido. Como todos os outros pedaços de metal, essa moeda tinha uma linha azul que se estendia do seu centro para o peito de Vin.

Ela lançou a moeda no ar, então agarrou mentalmente sua linha e – aço queimando – *empurrou* a moeda. O pedaço de metal voou, descrevendo um arco através das brumas, forçado pelo *empurrão*. Depois tilintou no chão, no meio da rua.

As brumas continuavam a girar. Eram espessas e misteriosas, mesmo para Vin. Mais densas do que a névoa simples e mais constantes que qualquer padrão climático normal, elas rodavam e fluíam, formando filetes ao redor dela. Seus olhos conseguiam perfurá-las, e o estanho deixava sua visão mais aguçada. A noite parecia mais clara para ela, e as brumas, menos abundantes. Ainda assim, elas estavam lá.

Uma sombra se movia na praça da cidade, reagindo à sua moeda – que ela havia *empurrado* para dentro da praça como um sinal. Vin esgueirou-se adiante e reconheceu OreSeur, o kandra. Usava um corpo diferente do que tinha um ano atrás, durante os dias em que interpretou Lorde Renoux. Ainda assim, este corpo calvo, indefinível, agora era tão familiar para Vin quanto o antigo.

OreSeur encontrou-se com ela.

— Encontrou o que estava procurando, senhora? — ele perguntou num tom respeitoso, ainda que um pouco hostil. Como sempre.

Vin negou com a cabeça, olhando ao redor na escuridão.

— Talvez eu estivesse errada — ela disse. — Talvez eu *não* estivesse sendo seguida. — O reconhecimento fez com que ela se entristecesse um pouco. Ela ansiava por enfrentar o Vigilante outra vez naquela noite. Ela ainda não sabia quem ele era; na primeira noite, pensou que fosse um assassino. E talvez fosse. Ainda assim, ele parecia mostrar pouco interesse em Elend, e muito interesse

em Vin.

— Devemos voltar para a muralha — Vin decidiu, levantando-se. — Elend deve estar se perguntando para onde fui.

OreSeur assentiu. Naquele momento, uma explosão de moedas voou através das brumas, caindo sobre Vin.

Comecei a me perguntar se eu sou o único homem são que restou. Os outros não conseguem ver? Eles esperam por tanto tempo a chegada do herói – aquele mencionado nas profecias terrisanas – que rapidamente pulam de conclusão em conclusão, supondo que cada história e lenda se refere a este único homem.



Vin reagiu imediatamente, saltando para longe. Moveu-se com velocidade incrível, resvalando a capa num giro enquanto deslizava pelos paralelepípedos, soltando lascas de pedra e deixando rastros na névoa enquanto ricocheteavam para longe.

— OreSeur, fuja! — ela gritou, embora ele já estivesse fugindo na direção de um beco próximo.

Vin girou agachada, mãos e pés nas pedras frias, metais alomânticos queimando no estômago. Queimava aço, observando as linhas azuis translúcidas aparecendo ao redor dela. Esperou, tensa, vigiando…

Outro grupo de moedas disparou das névoas escuras, cada qual perseguindo uma linha azul. Vin imediatamente queimou aço e *empurrou* contra as moedas, desviando-as para dentro da escuridão.

A noite ficou novamente quieta.

A rua ao redor era ampla – seguia para Luthadel –, embora os edifícios altos se erguessem de ambos os lados. A névoa girava indolente, fazendo com que o final da rua desaparecesse sob a bruma.

Um grupo de oito homens apareceu das brumas e se aproximou. Vin sorriu. Ela *estava* correta: alguém a seguira. Porém, esses homens não eram o Vigilante. Não tinham sua graça firme, sua noção de poder. Esses homens eram bem mais diretos. Assassinos.

Fazia sentido. Se *ela* tivesse acabado de chegar com um exército para conquistar Luthadel, a primeira coisa que teria feito era enviar um grupo de alomânticos para matar Elend.

Ela sentiu uma pressão repentina na lateral do corpo e xingou quando perdeu

o equilíbrio, sua bolsa de moedas sendo arrancada da sua cintura. Ela puxou o cordão, deixando o inimigo alomântico *empurrar* as moedas para longe dela. Os assassinos tinham ao menos um Lançamoedas – um Brumoso com poder para queimar aço e *empurrar* metais. De fato, dois dos assassinos estavam com linhas azuis apontadas para as suas próprias bolsas de moedas. Vin considerou devolver o favor e *empurrar* suas bolsas para longe, mas hesitou. Não precisava mostrar seus poderes ainda. Talvez precisasse daquelas moedas.

Sem suas moedas, não conseguia atacar à distância. Porém, se essa fosse uma equipe boa, atacar à distância seria inútil – seus Lançamoedas e Atraidores estariam prontos para lidar com o lançamento de moedas. Fugir também não era opção. Esses homens não tinham vindo apenas por ela; se fugisse, continuariam até alcançar seu objetivo real.

Ninguém enviava assassinos para liquidar guarda-costas. Assassinos matavam homens importantes. Homens como Elend Venture, rei do Domínio Central. O homem que ela amava.

Vin inflamou peltre – o corpo ficou mais tenso, alerta, perigoso. *Quatro Brutamontes adiante*, ela pensou, observando os homens que avançavam. Os queimadores de peltre obtinham força sobre-humana e eram capazes de sobreviver a uma boa quantidade de punição física. Muito perigosos de perto. *E aquele que carrega o escudo de madeira é um Atraidor.*

Ela fingiu um avanço, fazendo com que os Brutamontes que se aproximavam recuassem. Oito Brumosos contra uma Nascida das Brumas era uma luta equilibrada para eles, mas apenas se eles fossem cuidadosos. Os dois Lançamoedas foram para as laterais da rua, de forma que pudessem *empurrá-la* de ambas as direções. O último homem, em pé ao lado do Atraidor, devia ser um Esfumaçador – relativamente de pouca importância numa luta, já que seu objetivo era esconder o grupo dos alomânticos inimigos.

Oito Brumosos. Kelsier poderia dar conta; ele matara um Inquisidor. Porém, ela não era Kelsier. Ainda precisava decidir se aquilo era bom ou ruim.

Vin respirou fundo, desejando ter um pedaço de atium, e queimou ferro. Isso permitiu que ela *puxasse* uma moeda próxima – uma daquelas lançadas sobre ela – mais do que o aço teria permitido *empurrá-la*. Ela a agarrou, soltou-a e, em seguida, pulou, fazendo como se *empurrasse* a moeda, e lançou-se para o alto.

Porém, um dos Lançamoedas *empurrou* a moeda, jogando-a longe. Como a Alomancia permitia apenas que a pessoa *empurrasse* diretamente do próprio corpo ou *puxasse* diretamente para ela, Vin ficou sem uma âncora decente.

Empurrar a moeda apenas a lançaria de lado.

Ela voltou ao chão.

Deixe que pensem que me emboscaram, ela pensou, agachando-se no centro da rua. Os Brutamontes aproximaram-se um pouco mais confiantes. *Isso*, Vin pensou. *Sei o que vocês estão pensando. É a Nascida das Brumas que matou o Senhor Soberano? Essa coisinha magra? Como pode ser possível?*

Eu me pergunto a mesma coisa.

O primeiro Brutamonte atacou, e Vin se pôs em movimento. Adagas de obsidiana reluziram na noite quando ela as arrancou das bainhas, e o sangue espalhou-se preto na escuridão enquanto ela passava por baixo do cajado do Brutamontes e cortava as coxas dele com as armas.

O homem gritou. A noite não era mais silenciosa.

Eles xingaram quando Vin se moveu no meio deles. O parceiro do Brutamontes a atacou – rápido a ponto de se tornar um borrão, seus músculos abastecidos com o peltre. Seu cajado ergueu a franja da capa de bruma de Vin quando ela se lançou ao chão, levantando-se em seguida para sair do alcance de um terceiro Brutamontes.

Uma chuva de moedas voou na direção dela. Vin estendeu a mão e *empurrou-as*. Contudo, o Lançamoedas continuou a *empurrar*, e o *empurrão* de Vin chocou-se contra o dele.

Empurrar e *puxar* metais era uma questão de peso. E, com as moedas entre eles, aquilo significava que o peso de Vin bateu contra o peso do assassino. Os dois foram lançados para trás. Vin desviou do abraço de um Brutamontes; o Lançamoedas foi ao chão.

Um alvoroço de moedas veio até ela de outra direção. Ainda girando no ar, Vin inflamou aço, o que aumentou ainda mais seu poder. As linhas azuis eram um emaranhado, mas ela não precisava isolar as moedas para *empurrá-las* todas para longe.

Esse Lançamoedas soltou seus projéteis assim que sentiu o toque de Vin. Os pedaços de metal espalharam-se nas brumas.

Vin atingiu os paralelepípedos primeiro com o ombro. Rolou – avivando peltre para aumentar seu equilíbrio – e ficou de pé. Ao mesmo tempo, queimou ferro e *puxou* forte as moedas desaparecidas.

Elas voaram na sua direção. Assim que se aproximaram, Vin saltou para o lado e *empurrou-as* para os Brutamontes que se aproximavam. Porém, as moedas desviaram-se de imediato, girando através da bruma até o Lançamoedas. Ele não conseguia *empurrar* as moedas – como todos os

Brumosos, tinha apenas um poder alomântico, e o seu era de *puxar* com ferro.

Fez aquilo de um modo eficaz, protegendo os Brutamontes. Ergueu seu escudo e grunhiu com o impacto quando as moedas o atingiram e se espalharam.

Vin já estava se movendo outra vez. Correu diretamente para o Lançamoedas, agora exposto à sua esquerda, aquele que caíra no chão. O homem gritou, surpreso, e o outro Lançamoedas tentou distrair Vin, mas foi lento demais.

O Lançamoedas morreu com uma adaga cravada no peito. Não era um Brutamontes; não conseguia queimar peltre para aperfeiçoar o corpo. Vin puxou a adaga do peito do homem, em seguida arrancou-lhe a bolsa. Ele gorgolejou baixinho e caiu de costas nas pedras.

Um, pensou Vin, girando, o suor voando da sobrancelha. Agora enfrentaria sete homens na rua que parecia um corredor. Provavelmente esperavam que ela fugisse. Em vez disso, ela os atacou.

Quando se aproximou dos Brutamontes, ela pulou – jogando em seguida a bolsa que havia tirado do homem agonizante. O outro Lançamoedas deu um berro, *empurrando-a* imediatamente para longe. No entanto, Vin pegou uma carona com as moedas, lançando-se num salto diretamente sobre a cabeça dos Brutamontes.

Um deles – o ferido – infelizmente foi esperto o bastante para permanecer na retaguarda e proteger o Lançamoedas. O Brutamontes ergueu seu bastão quando Vin aterrissou. Ela desviou do primeiro ataque, ergueu a adaga e…

Uma linha azul dançou na sua linha de visão. Rápido. Vin reagiu de imediato, girando e *empurrando* a tranca de uma porta para lançar-se para fora do caminho. Ela caiu de lado, erguendo-se com uma das mãos. Caiu deslizando nos pés úmidos pela bruma.

Uma moeda atingiu o chão atrás dela, ricocheteando contra as pedras. Não chegara nem perto de a atingir. De fato, parecia destinada ao Lançamoedas assassino remanescente. Talvez ele tivesse sido forçado a *empurrá-la* para longe.

Mas quem a lançara?

OreSeur?, Vin imaginou. Mas aquilo era bobagem. O kandra não era alomântico e, além disso, ele não teria essa iniciativa. OreSeur fazia apenas o que lhe ordenavam.

O Lançamoedas assassino também olhava confuso. Vin ergueu os olhos, queimando estanho, e foi recompensada com a visão de um homem no alto de

um prédio próximo. Uma silhueta escura. Nem mesmo se preocupou em se esconder.

É ele, ela pensou. *O Vigilante.*

O Vigilante permaneceu lá em cima, em seu posto, sem tornar a interferir quando os Brutamontes correram na direção de Vin. Ela xingou quando descobriu três bastões vindo ao mesmo tempo. Ela desviou de um, girou ao redor do segundo para em seguida enterrar uma adaga no peito do homem que segurava o terceiro. Ele cambaleou para trás, mas não caiu. O peltre o manteve em pé.

Por que o Vigilante interferiu?, Vin pensou enquanto se esquivava num salto. *Por que atiraria aquela moeda num Lançamoedas que obviamente poderia* empurrá-la *para longe?*

A preocupação dela com o Vigilante quase lhe custou a vida quando um Brutamontes despercebido a atacou pela lateral. Era o homem cujas pernas ela havia rasgado. Vin reagiu bem a tempo de esquivar-se do golpe. O que a colocou ao alcance dos outros três.

Todos atacaram de uma só vez.

Ela conseguiu escapar de dois bastões. Um deles, contudo, atingiu-a pela lateral. O golpe poderoso jogou-a através da rua, e ela foi de encontro à porta de madeira de uma loja. Ouviu um estalo – felizmente da porta, não de seus ossos – e despencou no chão, perdendo as adagas. Uma pessoa normal estaria morta. Seu corpo, fortalecido pelo peltre, era mais resistente que aquilo.

Ela buscou fôlego, forçando-se a ficar em pé, e queimou estanho. O metal ampliou seus sentidos – inclusive sua dor – e o choque repentino limpou sua mente.

A lateral onde ela fora atingida doía. Mas não podia parar. Não com um Brutamontes avançando sobre ela, sacudindo seu bastão para atingi-la na cabeça.

Agachando-se diante da porta, Vin queimou peltre e agarrou o bastão com as duas mãos. Ela grunhiu, recuando a mão esquerda, batendo com o punho contra a arma e estilhaçando a madeira maciça com uma pancada. O Brutamontes cambaleou, e Vin bateu com a metade do bastão que ficara em sua mão nos olhos dele.

Mesmo zonzo, ele ficou em pé. *Não posso derrotar os Brutamontes*, ela pensou. *Preciso continuar em movimento.*

Ela correu para o lado, ignorando a dor. Os Brutamontes tentaram segui-la, mas ela era mais leve, mais magra e – muito mais importante – mais rápida.

Vin fez um movimento em círculo, voltando-se para o Lançamoedas, o Esfumaçador e o Atraidor. Um Brutamontes ferido recuou novamente para proteger esses homens.

Quando Vin se aproximou, o Lançamoedas jogou dois punhados de moedas nela. Vin *empurrou* as moedas para longe, em seguida estendeu o braço e *puxou* aquelas que estavam na bolsa do homem.

O Lançamoedas grunhiu quando a bolsa voou na direção de Vin. Estava amarrada à sua cintura com um cordão curto, e o puxão do peso dela o arremeteu para frente. O Brutamontes o agarrou e firmou seus pés.

E como sua âncora não podia se mexer, Vin foi puxada na direção dela. Queimou ferro, voando pelo ar, erguendo um punho. O Lançamoedas gritou e puxou um laço para soltar a bolsa.

Tarde demais. O impulso de Vin a levou para frente, e ela socou o rosto do Lançamoedas quando passou. A cabeça dele girou, estalando o pescoço. Quando Vin aterrissou, ergueu o cotovelo para bater no queixo do Brutamontes surpreso, mandando-o para trás. O pé dela bateu em seguida, atingindo o pescoço do Brutamontes.

Nenhum deles levantou. Eram três a menos. A bolsa de moedas descartada foi ao chão, abrindo e espalhando uma centena de pedacinhos brilhantes de cobre pelos paralelepípedos ao redor de Vin. Ela ignorou o latejar do cotovelo e encarou o Atraidor. Ele se mantinha com o escudo, parecendo estranhamente despreocupado.

Um estalo soou atrás dela. Vin gritou, seus ouvidos aguçados pelo estanho reagindo exageradamente ao som repentino. A dor atravessou sua cabeça e ela ergueu as mãos aos ouvidos. Esquecera o Esfumaçador, que segurava duas varetas de madeira talhadas para fazer ruídos agudos quando batidos um contra o outro.

Movimentos e reações, ações e consequências – eram a essência da Alomancia. O estanho fazia a visão atravessar a bruma, dando a ela vantagem sobre os assassinos. Porém, também deixava os ouvidos extremamente aguçados. O Esfumaçador ergueu as varetas novamente. Vin grunhiu e agarrou um punhado de moedas dos paralelepípedos, jogando-o contra o Esfumaçador. O Atraidor, claro, *puxou-as* para si. Atingiram o escudo e ricochetearam para todos os lados. E, enquanto elas caíam como chuva, Vin cuidadosamente *empurrou* uma para que caísse atrás dele.

O homem baixou o escudo sem perceber a moeda que Vin manipulara. Vin *puxou* a única moeda na sua direção – e nas costas do Atraidor. Ele caiu sem

emitir som algum.

Quatro.

Tudo ficou em silêncio. Os Brutamontes que corriam até ela pararam de uma vez, e o Esfumaçador baixou suas varetas. Estavam sem o Lançamoedas e sem Atraidores – ninguém que pudesse *empurrar* ou *puxar* metais –, e Vin estava no meio de um campo de moedas. Se ela as usasse, até os Brutamontes cairiam rapidamente. Tudo que precisava fazer era…

Outra moeda zuniu pelo ar, atirada do telhado do Vigilante. Vin xingou, desviando-se. A moeda, contudo, não a encontrou. Atingiu diretamente a testa do Esfumaçador com suas varetas. O homem tombou para trás, morto.

Quê?, Vin pensou, encarando o morto.

Os Brutamontes atacaram, mas Vin recuou, franzindo a testa. *Por que matar o Esfumaçador? Não representava mais perigo.*

A não ser que…

Vin extinguiu o cobre e queimou bronze, o metal permitia que sentisse quando outros alomânticos estavam usando poderes nas proximidades. Não conseguia sentir os Brutamontes queimando peltre. Ainda estavam sendo *esfumaçados*, sua Alomancia escondida.

Alguém mais estava queimando cobre.

De repente, tudo fizera sentido. Tinha sentido que o grupo arriscaria um ataque a uma Nascida das Brumas completa. Tinha sentido o Vigilante ter atirado no Lançamoedas. Tinha sentido ele matar o Esfumaçador.

Vin estava correndo sério perigo.

Tinha apenas um instante para tomar sua decisão. Agiu por intuição, mas fora criada nas ruas, ladra e mestre das fraudes. Instintos pareciam mais naturais para ela do que a lógica jamais parecera.

— OreSeur! — ela gritou. — Vá para o palácio!

Era um código, claro. Vin saltou para trás, ignorando por um instante os Brutamontes enquanto seu servo saía de um beco. Ele puxou algo do cinto e lançou-o na direção de Vin: um pequeno frasco de vidro, do tipo que os alomânticos usavam para armazenar as lascas de metal. Vin rapidamente puxou o frasco para sua mão. A uma distância curta, o segundo Lançamoedas – que havia ficado lá, caído, como se estivesse morto – agora xingava e tentava se erguer.

Vin girou, bebendo do frasco com um gole rápido. Continha uma única pérola de metal. Atium. Não poderia arriscar carregá-lo consigo, não poderia arriscar que o *puxassem* durante uma luta. Ela ordenara que OreSeur ficasse

por perto aquela noite, pronto para lhe dar o frasco numa emergência.

O “Lançamoedas” puxou uma adaga de vidro escondida da cintura, saltando sobre Vin antes dos Brutamontes que estavam se aproximando. Vin fez uma pausa por um instante – arrependendo-se da decisão, mas vendo-a como inevitável.

Os homens tinham um Nascido das Brumas entre eles. Um Nascido das Brumas como Vin, uma pessoa que conseguia queimar todos os dez metais. Um Nascido das Brumas que aguardava o momento certo para atacá-la, pegá-la desprevenida.

Ele havia tomado atium e havia apenas uma maneira de lutar com alguém que tomara atium. Era o último metal alomântico, utilizável apenas por um Nascido das Brumas completo, e facilmente poderia decidir o destino de uma batalha. Cada conta valia uma fortuna – mas do que valeria uma fortuna se ela estivesse morta?

Vin inflamou seu atium.

O mundo ao seu redor pareceu mudar. Cada objeto em movimento – estores em movimento, cinzas sopradas, Brutamontes atacando, até mesmo as trilhas de bruma – emanaram uma réplica translúcida. As réplicas moviam-se logo adiante de seus pares reais, mostrando para Vin exatamente o que aconteceria poucos momentos no futuro.

Apenas o Nascido das Brumas era imune. Em vez de emanar apenas uma sombra de atium, ele liberava dúzias – o sinal de que estava queimando atium. Fez uma pausa breve. O próprio corpo de Vin tinha acabado de explodir em dúzias de sombras confusas de atium. Agora que ela conseguia ver o futuro, poderia ver o que ele estava fazendo. O que, por sua vez, mudava o que ela faria. Aquilo mudava o que ele faria. E assim, como os reflexos em dois espelhos que se encaravam, as possibilidades continuavam até o infinito. Nenhum dos dois tinha vantagem.

Apesar do seu Nascido das Brumas parado, os Brutamontes continuavam a avançar, sem ter como saber que Vin queimava atium. Ela se virou, ficando em pé ao lado do corpo caído do Esfumaçador. Com um pé, chutou as varetas de som no ar.

Um Brutamontes chegou, atacando. A sombra de atium diáfana de seu bastão passou pelo corpo dela. Vin girou, esquivando-se para o lado, e conseguiu sentir o bastão verdadeiro passar sobre a orelha. A manobra pareceu fácil na aura de atium.

Ela agarrou uma das varetas do ar e bateu com ela no pescoço do

Brutamontes. Girou, agarrando outra vareta, então virou de volta e quebrou-a contra o crânio do homem. Ele caiu para a frente, gemendo, e Vin girou de novo, esquivando-se com facilidade entre mais dois bastões.

Vin bateu as varetas de ruído contra as laterais da cabeça de um segundo Brutamontes. Elas se estilhaçaram – fazendo um som oco como o de uma batida de músico – quando o crânio do Brutamontes rachou.

Ele caiu e não se moveu de novo. Vin chutou seu bastão no ar, então soltou as varetas quebradas e o pegou. Virou-se, girando o bastão e derrubando os dois Brutamontes de uma vez. Num movimento fluido, ela deu dois golpes rápidos, mas poderosos, no rosto deles.

Agachou-se quando os dois homens morreram, segurando o bastão numa das mãos, a outra descansando nos paralelepípedos umedecidos pela bruma. O Nascido das Brumas recuou, e ela pôde ver a hesitação em seus olhos. Poder não significava necessariamente competência, e suas duas melhores vantagens – a surpresa e o atium – tinham sido anuladas.

Ele se virou, *puxando* um pouco de moedas do chão, então lançou-as. Não na direção de Vin, mas de OreSeur, que ainda estava na boca do beco. O Nascido das Brumas obviamente esperava que a preocupação de Vin por seu servo atraísse sua atenção, talvez permitindo que ele fugisse.

Estava errado.

Vin ignorou as moedas e avançou. Mesmo quando OreSeur gritou de dor com uma dúzia de moedas cravadas na pele, Vin lançou o bastão na cabeça do Nascido das Brumas. Assim que o bastão deixou os dedos dela, contudo, a sombra de atium dele tornou-se firme e única.

O assassino Nascido das Brumas esquivou-se com perfeição. Mas o movimento o distraiu o bastante para ela diminuir a distância entre eles. Precisava atacar rápido; a conta de atium que ela engolira era pequena. Logo se extinguiria. E, assim que acabasse, ela estaria exposta. Seu oponente teria total controle sobre ela. Ele…

Seu oponente aterrorizado ergueu sua adaga. Naquele momento, o atium dele se extinguiu.

Os instintos predatórios de Vin reagiram instantaneamente, e ela desferiu um murro. Ele ergueu um braço para bloquear o golpe, mas ela viu que aquilo iria acontecer e mudou a direção do ataque. O murro atingiu-o em cheio no rosto. Em seguida, com dedos hábeis, ela agarrou a adaga de vidro, antes que pudesse cair e se estilhaçar. Ficou em pé e passou-a pelo pescoço do oponente.

Ele caiu em silêncio.

Vin ficou de pé, respirando com dificuldade, o grupo de assassinos mortos ao seu redor. Por apenas um momento, sentiu o poder avassalador. Com atium, era invencível. Podia desviar de qualquer ataque, matar qualquer inimigo.

Seu atium extinguiu-se.

De repente, tudo pareceu ficar mais opaco. A dor na lateral voltou à sua mente, e ela tossiu, gemendo. Ficaria com hematomas, e dos grandes. Talvez algumas costelas fissuradas.

Mas vencera de novo. Mesmo que por pouco. O que aconteceria quando ela falhasse? Quando não observasse com cuidado o bastante, ou não lutasse com habilidade o suficiente?

Elend morreria.

Vin suspirou, olhou para cima. *Ele* ainda estava lá, vigiando-a de cima de um telhado. Apesar de meia dúzia de perseguições por vários meses, ela nunca conseguira pegá-lo. Algum dia ela o encurralaria na noite.

Mas não hoje. Não tinha energia. De fato, uma parte dela estava preocupada se ele a atacaria. *Mas…* ela pensou. *Ele me salvou. Eu teria morrido se chegasse perto demais daquele Nascido das Brumas. Um instante dele queimando atium sem eu saber, e ele teria enterrado a adaga no meu peito.*

O Vigilante ficou ali por alguns momentos – encoberto, como sempre, nas brumas rodopiantes. Em seguida ele se virou, desaparecendo na noite. Vin deixou-o ir, pois tinha que cuidar de OreSeur.

Ela foi até ele, aos tropeços, então fez uma pausa. Seu corpo indefinível, com calças e camisa de serviçal, estava recoberto de moedas, e o sangue vazava de várias feridas.

Ele ergueu os olhos para ela.

— Quê? — ele perguntou.

— Não esperava que houvesse sangue.

OreSeur roncou.

— Provavelmente também não esperava que eu sentisse dor.

Vin abriu a boca, em seguida parou. De fato, nunca tinha pensado naquilo. Em seguida, endureceu. *Que direito essa* coisa *tem de me criticar?*

Ainda assim, OreSeur provou-se útil.

— Obrigada por me lançar o frasco.

— Era o meu dever, senhora — OreSeur respondeu, grunhindo enquanto recostava seu corpo ferido ao lado do beco. — Fui incumbido da sua proteção pelo Mestre Kelsier. Como sempre, eu sirvo o Contrato.

Ah, sim. O poderoso Contrato.

— Consegue caminhar?

— Apenas com esforço, senhora. As moedas estilhaçaram vários desses ossos aqui. Precisarei de um corpo novo. Um dos assassinos, talvez?

Vin franziu o cenho. Olhou para trás, para os homens mortos, e seu estômago revirou levemente com a visão abominável dos corpos caídos. Ela os matara, oito homens, com a eficiência cruel com a qual Kelsier a treinara.

É o que sou, pensou. *Uma assassina, como aqueles homens*. Era como tinha de ser. Alguém precisava proteger Elend.

Contudo, o pensamento de OreSeur comer um deles – digerir o cadáver, deixar que os estranhos sentidos kandras memorizassem o posicionamento dos músculos, pele e órgãos para que ele pudesse reproduzi-los – a deixava enjoada.

Olhou para o lado e viu o escárnio velado nos olhos de OreSeur. Os dois sabiam o que ela pensava sobre ele comer corpos humanos. Os dois sabiam o que ele pensava do preconceito dela.

— Não — Vin disse. — Não usaremos nenhum desses homens.

— Terá que encontrar outro corpo para mim, então — OreSeur disse. — O Contrato define que não posso ser forçado a matar homens.

O estômago de Vin revirou-se novamente. *Vou pensar em algo*, ela refletiu. O corpo atual dele era o de um assassino, tirado após uma execução. Vin ainda se preocupava com a possibilidade de alguém na cidade reconhecer o rosto.

— Você pode voltar ao palácio? — Vin perguntou.

— Devagar — OreSeur respondeu.

Vin assentiu, dispensando-o, e virou-se em seguida para os corpos. De alguma forma, ela suspeitava de que aquela noite marcaria uma virada distinta no destino do Domínio Central.

Os assassinos de Straff causaram mais danos que eles jamais imaginariam. Aquela conta de atium fora sua última. Da próxima vez que um Nascido das Brumas a atacasse, ela estaria exposta.

E provavelmente morreria tão facilmente quanto o Nascido das Brumas que ela exterminara naquela noite.

Meus irmãos ignoram os outros fatos. Não conseguem relacionar as outras coisas estranhas que estão acontecendo. São surdos às minhas objeções e cegos às minhas descobertas.



Elend soltou a pena sobre a mesa com um suspiro, recostou-se na cadeira e esfregou a testa.

Elend imaginou que sabia mais de teoria política do que qualquer outro homem vivo. Certamente lera mais sobre economia, estudara mais sobre governos e participara de mais debates políticos que qualquer outro que conhecia. Entendia todas as teorias sobre como tornar uma nação estável e justa, e tentara implantá-las em seu novo reino.

Apenas não havia percebido o quanto um conselho parlamentar seria incrivelmente frustrante.

Levantou-se e foi pegar um pouco de vinho resfriado. Contudo, fez uma pausa quando olhou pelas portas da sacada. À distância, uma cerração reluzente brilhava através das brumas: as fogueiras de acampamento do exército de seu pai.

Deixou o vinho. Já estava esgotado, e o álcool provavelmente não ajudaria. *Não posso me dar ao luxo de dormir até terminar com isso!*, ele pensou, foçando-se a voltar para sua poltrona. A Assembleia logo se reuniria, e ele precisava ter a proposta terminada esta noite.

Elend pegou uma folha, examinou o conteúdo. Seu manuscrito parecia espremido até mesmo para ele, e a página estava coalhada de linhas e anotações riscadas – reflexos de sua frustração. Há semanas eles sabiam da aproximação do exército, mas a Assembleia ainda tagarelava sobre o que fazer.

Alguns dos membros queriam oferecer um tratado de paz; outros pensavam que deveriam simplesmente render a cidade. Outros, ainda, sentiam que era preciso atacar sem demora. Elend temia que a facção da rendição estivesse ganhando força, daí sua proposta. A moção, se aprovada, lhe daria mais tempo. Como rei, já tinha o direito primaz de negociar com um ditador estrangeiro. A

proposta proibiria a Assembleia de fazer qualquer coisa impensada ao menos até que ele se reunisse com o pai.

Elend suspirou novamente, soltando a folha. A Assembleia tinha apenas 24 homens, mas levá-los a um acordo sobre qualquer coisa era quase mais desafiador que quaisquer dos problemas pelos quais discutiam. Elend virou-se, olhando para além da solitária lamparina na sua escrivaninha, pelas portas abertas da sacada e na direção das fogueiras. Lá em cima, ouviu pés correndo pelo telhado – Vin, fazendo suas rondas noturnas.

Elend sorriu com ternura, mas nem mesmo pensar em Vin poderia restaurar seu bom humor. *O grupo de assassinos que ela combateu hoje à noite. Posso usar isso de alguma forma?* Talvez, se ele levasse o ataque a público, a Assembleia fosse lembrada do desdém que Straff tinha pela vida humana, e então seria menos provável renderem a cidade para ele. Mas… talvez também ficassem com medo que ele enviasse assassinos atrás *deles*, e ficasse mais provável a rendição.

Às vezes, Elend se perguntava se o Senhor Soberano tinha razão. Não em oprimir o povo, claro, mas ao centralizar todo o poder nele mesmo. O Império Final era estável, disso não havia dúvida. Havia durado mil anos, vencendo rebeliões, mantendo domínio forte sobre o mundo.

No entanto, o Senhor Soberano era imortal, Elend pensou. *Essa é uma vantagem que com certeza nunca terei.*

A Assembleia era um caminho melhor. Ao dar às pessoas um parlamento com autoridade legal verdadeira, Elend formaria um governo estável. As pessoas teriam um rei – um homem para oferecer continuidade, um símbolo de unidade. Um homem que não seria maculado pela necessidade de renomeação. Contudo, também teriam uma Assembleia – um conselho feito de pares que poderiam dar voz às suas preocupações.

Tudo soava maravilhoso na teoria. Supondo que sobrevivessem aos próximos meses.

Elend esfregou os olhos, mergulhou a pena na tinta e começou a rascunhar novas sentenças no final do documento.

O Senhor Soberano estava morto.

Mesmo um ano depois, Vin às vezes achava aquele conceito difícil de aceitar. O Senhor Soberano tinha sido… tudo. Rei e deus, legislador e autoridade suprema. Era eterno e absoluto, e agora estava morto.

Vin o matara.

Claro, a verdade não era tão impressionante quanto as histórias. Não fora a força heroica nem o poder místico que lhe permitiram derrotar o imperador. Ela apenas descobriu o truque que ele usava para se tornar imortal, e felizmente – quase por acidente – explorou essa fraqueza. Não era corajosa ou esperta. Apenas sortuda.

Vin suspirou. Os hematomas ainda latejavam, mas ela já sofrera coisas muito piores. Estava sentada no topo do palácio – no passado, Fortaleza Venture –, bem acima da sacada de Elend. A reputação dela talvez não fosse merecida, mas isso ajudava a manter Elend vivo. Embora dúzias de senhores da guerra disputassem a terra que fora o Império Final, nenhum deles havia marchado para Luthadel.

Até agora.

Fogueiras queimavam fora da cidade. Straff logo saberia que seus assassinos haviam falhado. E então? Atacaria a cidade? Ham e Clubs avisaram que Luthadel não conseguiria resistir a um ataque determinado. Straff deveria saber disso.

Ainda assim, por ora, Elend estava seguro. Vin tinha ficado muito eficiente em encontrar e matar os assassinos; mal se passava um mês em que ela não encontrasse alguém tentando esgueirar-se para dentro do palácio. Muitos eram apenas espiões, e pouquíssimos eram alomânticos. Contudo, a faca de aço de um homem normal mataria Elend tão facilmente como uma faca de vidro de um alomântico.

Ela não deixaria aquilo acontecer. Fosse lá o que acontecesse – fossem quais fossem os sacrifícios exigidos – Elend *precisava* ficar vivo.

Num repente de apreensão, ela foi até a claraboia para vê-lo. Elend estava sentado, em segurança, à escrivaninha abaixo, rabiscando alguma nova proposta ou decreto. Pouco se percebia a mudança que o reinado tivera sobre o homem. Cerca de quatro anos mais velho que ela – ou seja, pouco mais de vinte anos –, Elend era um homem que apostava muito no aprendizado, mas pouco na aparência. Ele apenas se preocupava em pentear o cabelo quando desempenhava alguma função importante, e de alguma forma conseguia usar até trajes bem-talhados com um ar de desleixo.

Provavelmente era o melhor homem que ela já conhecera. Sério, determinado, esperto e carinhoso. E, por algum motivo, ele a amava. Às vezes, esse fato era ainda mais incrível para ela do que sua participação na morte do Senhor Soberano.

Vin ergueu os olhos e voltou a observar as luzes do exército. Em seguida,

olhou para os lados. O Vigilante não voltara. Com frequência, em noites como essa, ele a provocava, chegando perigosamente perto do quarto de Elend antes de desaparecer na cidade.

Claro que, se ele quisesse matar Elend, poderia tê-lo feito enquanto eu combatia os outros…

Era um pensamento perturbador. Vin não podia vigiar Elend a todo o momento. Ele ficava exposto por um período assustador.

Verdade que Elend tinha outros guarda-costas, e alguns deles eram até alomânticos. Contudo, eram tão ocupados quanto ela. Os assassinos dessa noite foram os mais habilidosos, e os mais perigosos, que ela já enfrentara. Estremeceu, pensando sobre o Nascido das Brumas que se escondera entre eles. Não era muito bom, mas não teria precisado de muita habilidade para queimar atium e golpear Vin no lugar certo.

As brumas inquietas continuavam a girar. A presença do exército sussurrava uma verdade inquietante: os senhores da guerra nas cercanias estavam começando a consolidar seus domínios e pensar em expansão. Mesmo que Luthadel resistisse de alguma forma a Straff, outros viriam.

Em silêncio, Vin fechou os olhos e queimou bronze, ainda preocupada com o fato de que o Vigilante – ou outro alomântico – pudesse estar por perto planejando atacar Elend, após o desfecho supostamente seguro da tentativa de assassinato. A maioria dos Nascidos da Bruma considerava o bronze uma liga relativamente inútil, pois era facilmente neutralizada. Com cobre, um Nascido das Brumas poderia mascarar sua Alomancia – sem mencionar a proteção contra manipulação emocional com zinco ou latão. A maioria dos Nascidos da Bruma considerava uma bobagem não ter cobre queimando o tempo todo.

E, ainda assim… Vin tinha a habilidade de perfurar as nuvens de cobre.

Uma nuvem de cobre não era algo visível. Era muito mais vago. Um bolsão de ar amortecido onde os alomânticos podiam queimar seus metais sem se preocupar que os queimadores de bronze os sentissem. Contudo, Vin conseguia sentir alomânticos que usavam metais dentro de uma nuvem de cobre. Ainda não sabia bem o porquê. Mesmo Kelsier, o alomântico mais poderoso que ela conhecera, nunca foi capaz de atravessar uma nuvem de cobre.

Nesta noite, contudo, ela não sentia nada.

Com um suspiro, abriu os olhos. Seu estranho poder a confundia, mas não era exclusivo dela. Marsh confirmara que os Inquisidores de Aço podiam perfurar nuvens de cobre, e ela tinha certeza de que o Senhor Soberano também era capaz de fazê-lo. Mas… por que ela? Por que Vin – uma garota que mal

tinha dois anos de treinamento como Nascida das Brumas – conseguia fazê-lo?

Havia mais coisas. Ela ainda se lembrava vividamente da manhã em que lutara contra o Senhor Soberano. Havia algo sobre aquele evento que ela não dissera a ninguém – parcialmente porque aquilo a fez temer, apenas um pouco, que os rumores e lendas sobre ela fossem verdade. De alguma forma, ela explorava as brumas, *usando-as* para abastecer-se de Alomancia no lugar dos metais.

Foi apenas com esse poder, o poder das brumas, que ela conseguira derrotar o Senhor Soberano no final. Gostava de dizer a si mesma que simplesmente tivera sorte por descobrir os truques do Senhor Soberano. Mas… *acontecera* algo estranho naquela noite, algo que ela fizera. Algo que ela não deveria ser capaz de fazer e que nunca conseguira repetir.

Vin sacudiu a cabeça. Havia muito sobre o que ela não sabia, e não apenas sobre Alomancia. Ela e os outros líderes do reino incipiente de Elend se esforçavam muito, mas, sem Kelsier para guiá-los, Vin sentia-se cega. Planos, êxitos e até mesmo objetivos eram como figuras sombrias na bruma, disformes e indistintas.

Você não deveria ter nos deixado, Kell, ela pensou. *Você salvou o mundo, mas deveria ter sido capaz de fazer isso sem morrer*. Kelsier, o Sobrevivente de Hathsin, o homem que concebera e levara a cabo o colapso do Império Final. Vin o conhecera, trabalhara para ele, fora treinada por ele. Era uma lenda e um herói. Ainda assim, também era um homem. Falível. Imperfeito. Era fácil para os skaa reverenciarem-no e culpar Elend e os outros pela situação arriscada que Kelsier criara.

O pensamento deixou-a com um gosto amargo. Pensar em Kelsier não raro a deixava assim. Talvez fosse a sensação de abandono, ou talvez fosse apenas a desconfortável noção de que Kelsier – como a própria Vin – não correspondia plenamente à sua reputação.

Vin suspirou, fechou os olhos, ainda queimando bronze. A luta da noite sugara muito dela, e ela começava a temer as horas que ainda pretendia passar em vigilância. Seria difícil permanecer alerta quando…

Ela sentiu algo.

Vin abriu os olhos rapidamente, avivando seu estanho. Girou e inclinou-se no telhado para ocultar seu perfil. Havia alguém lá fora, queimando metal. Pulsos de bronze latejavam fracos, diáfanos, quase imperceptíveis – como se alguém tocasse tambores baixinho. Eram abafados por uma nuvem de cobre. A pessoa – quem quer que fosse – pensava que seu cobre a esconderia.

Até então, Vin não deixara sobreviver ninguém, exceto Elend e Marsh, que soubesse do seu estranho poder, exceto Elend e Marsh.

Vin avançou rastejando, dedos das mãos e dos pés gelados pela cobertura de cobre do telhado. Tentou determinar a direção dos pulsos. Havia algo… estranho com eles. Teve dificuldade em distinguir os metais que o inimigo queimava. Seria aquilo a batida rápida e ritmada do peltre? Ou seria o ritmo do ferro? Os pulsos pareciam indistintos, como ondulações em lama densa.

Vinham de algum lugar muito perto… no telhado…

Bem diante dela.

Vin congelou, agachou-se, as brisas da noite soprando uma parede de névoa através dela. Onde estava? Seus sentidos discutiam entre si; o bronze dizia que havia algo bem diante dela, mas seus olhos se recusavam a concordar.

Ela examinou as brumas escuras, olhou para cima para ter certeza, então se levantou. *Foi a primeira vez que meu bronze se enganou*, pensou franzindo o cenho.

Então, ela viu.

Não algo *nas* brumas, mas algo *das* brumas. A figura estava em pé a poucos metros de distância, fácil de passar despercebida, pois sua forma era apenas levemente delineada pela bruma. Vin ofegou, recuando.

A imagem continuou onde estava. Vin não conseguia dizer muito sobre ela: suas feições eram turvas e vagas, traçadas pela agitação caótica da bruma soprada pelo vento. Se não fosse pela persistência da forma, ela teria ignorado – como a forma de um animal vista por instantes nas nuvens.

Mas ela ficou ali. Cada novo rodopio da bruma acrescentava definição à transparência do corpo e da longa cabeça. Irregular, ainda assim persistente. Sugeria um ser humano, mas faltava-lhe a solidez do Vigilante. Dava a sensação… parecia… algo errado.

A figura deu um passo à frente.

Vin reagiu instantaneamente, lançando um punhado de moedas e empurrando-as pelo ar. Os pedaços de metal zuniram pela bruma, deixando rastros, e passaram direto através da figura imprecisa.

Ela ficou lá, parada, por um momento. Então, a figura simplesmente desapareceu, dissipando-se nas ondulações aleatórias das brumas.

Elend escreveu a linha final com elegância, embora soubesse que teria um escriba para reescrever a proposta. Ainda assim, ficou orgulhoso. Pensou ter sido capaz de elaborar um argumento que, por fim, convenceria os membros da

Assembleia de que eles não poderiam simplesmente se render a Straff.

Olhou inconscientemente para uma pilha de papéis na escrivaninha. No alto estava uma carta amarela, de aparência inocente, com a mancha sanguínea da cera rompida no selo. A carta era curta. Elend lembrava-se com facilidade das palavras.

Filho,

Acredito que você tenha ficado feliz por cuidar dos interesses dos Venture em Luthadel. Conquistei o Domínio do Norte e em breve retornarei para nossa fortaleza em Luthadel. Então, você poderá me entregar o controle da cidade.

Rei Straff Venture

De todos os senhores da guerra e déspotas que afligiram o Império Final desde a morte do Senhor Soberano, Straff era o mais perigoso. Elend sabia disso em primeira mão. Seu pai era um verdadeiro nobre imperial: via a vida como uma concorrência entre lordes para ver quem conseguiria conquistar a maior reputação. Jogara bem aquele jogo, transformando a Casa Venture na mais poderosa das famílias nobres pré-Colapso.

O pai de Elend não via a morte do Senhor Soberano como uma tragédia ou uma vitória – apenas como oportunidade. O fato de que o filho supostamente tolo e sem vontade própria de Straff agora alegava ser o rei do Domínio Central provavelmente lhe dava uma hilaridade sem fim.

Elend sacudiu a cabeça, voltando à proposta. *Mais algumas releituras, alguns ajustes e, finalmente, poderei dormir um pouco. Eu apenas…*

Alguém encapuzado caiu da claraboia no teto e aterrissou com um baque suave atrás dele.

Elend ergueu a sobrancelha, virando-se para a figura agachada.

— Sabe, Vin, há um motivo para a sacada estar aberta. Você poderia entrar por lá se quisesse.

— Eu sei — Vin respondeu. Em seguida, cruzou rapidamente a sala, movendo-se com a agilidade fora do comum de um alomântico. Verificou embaixo da cama, depois foi até o armário e abriu as portas de uma vez. Pulou para trás com a tensão de um animal alerta, mas aparentemente não encontrara nada dentro que não fosse do seu agrado, pois partiu para espiar através da porta que levava para os outros aposentos de Elend.

Elend a observava com carinho. Levou algum tempo até se acostumar com as… idiossincrasias de Vin. Ele a provocava por ser paranoica; ela apenas alegava que era cuidadosa. Independentemente disso, metade do tempo em que ela visitava seus aposentos, verificava embaixo da cama e no armário. Nas outras vezes, ela se continha, mas Elend não raro a flagrava olhando com desconfiança para possíveis esconderijos.

Ficava muito menos apreensiva quando não tinha um motivo especial para se preocupar com ele. Contudo, Elend estava apenas começando a entender que havia uma pessoa muito complexa escondida atrás do rosto que ele conhecera no passado como de Valette Renoux. Apaixonara-se por seu lado fidalgo sem mesmo conhecer o lado nervoso e furtivo de uma Nascida das Brumas. Ainda era um pouco difícil vê-las como a mesma pessoa.

Vin fechou a porta e fez uma pausa breve, encarando-o com olhos escuros e redondos. Elend flagrou-se sorrindo. Apesar de suas estranhezas – ou mais provavelmente *por conta* delas –, ele amava essa mulher delgada, de olhos determinados e temperamento franco. Era diferente de todas que já conhecera – uma mulher de beleza simples, mas honesta, e sagaz.

Contudo, às vezes ela o preocupava.

— Vin? — ele a chamou, erguendo-se.

— Viu algo estranho esta noite?

Elend fez uma pausa.

— Além de você?

Ela franziu o cenho, atravessando novamente o gabinete. Elend observou a forma pequena, com capa e calças pretas, e uma camisa de abotoar masculina, as franjas de brumas deixando um rastro atrás dela. Ela estava com o capuz da capa para trás, como de costume, e caminhava com graça dócil – a elegância inconsciente de uma pessoa que queima peltre.

Foco!, ele disse a si mesmo. *Você está ficando* realmente *cansado.*

— Vin? O que há de errado?

Vin olhou para a sacada.

— Aquele alomântico, o Vigilante, está na cidade novamente.

— Tem certeza?

Vin assentiu.

— Mas… não acho que ele venha ter com você hoje à noite.

Elend franziu o cenho. As portas da sacada ainda estavam abertas, e os rastros de bruma pairavam sobre eles, rastejando pelo assoalho até finalmente evaporarem. Além daquelas portas estava… a escuridão. O caos.

É apenas bruma, ele disse a si mesmo. *Vapor d'água. Nada a temer.*

— O que faz você pensar que o Nascido das Brumas não virá até mim?

Vin encolheu os ombros.

— Apenas sinto que não virá.

Ela quase sempre respondia daquela maneira. Vin crescera como uma criatura das ruas e confiava em seus instintos. Estranhamente, Elend também. Ele a encarou, descobrindo a incerteza na sua postura. Algo mais a agitara naquela noite. Ele fitou os olhos dela, fixando-se neles por um momento, até ela desviar o olhar.

— O que há? — ele perguntou.

— Vi… uma outra coisa — ela respondeu. — Ou pensei que vi. Algo na bruma, como uma pessoa formada pela fumaça. Consegui senti-la também,

com a Alomancia. Mas desapareceu.

Elend franziu ainda mais a testa. Avançou e envolveu-a com os braços.

— Vin, você está exigindo demais de si mesma. Não pode continuar rondando a cidade à noite e depois ficar acordada o dia todo. Mesmo os alomânticos precisam descansar.

Ela concordou em silêncio. Em seus braços, ela não parecia para ele a guerreira poderosa que exterminara o Senhor Soberano. Parecia uma mulher além das raias da fadiga, uma mulher assolada pelos acontecimentos – uma mulher que provavelmente se sentia de modo muito semelhante a Elend.

Ela se deixou abraçar. No início, havia uma leve rigidez na postura. Era como se uma parte dela ainda esperasse ser ferida – uma parte primeva que não conseguia entender a possibilidade de ser tocada com amor, e não com ódio. Mas, em seguida, ela relaxou. Elend era um dos poucos com quem ela podia fazê-lo. Quando ela o abraçava – realmente abraçava –, agarrava-o com um desespero que beirava o terror. De alguma forma, apesar de suas capacidades poderosas como uma alomântica e sua determinação obstinada, Vin era assustadoramente vulnerável. Parecia precisar de Elend. Por isso, ele se sentia um sortudo.

Frustrado, às vezes. Mas sortudo. Vin e ele não haviam discutido a proposta de casamento dele e a recusa dela, embora Elend com frequência pensasse nesse encontro.

Mulheres são difíceis demais de entender, ele pensou, *e eu tinha de encontrar logo a mais estranha de todas.* Ainda assim, não conseguia reclamar de verdade. Ela o amava. Ele conseguia lidar com suas idiossincrasias.

Vin suspirou, olhando finalmente para ele, relaxando enquanto ele se curvava para beijá-la. Foi um longo beijo, e ela suspirou. Após o beijo, ela descansou a cabeça no ombro de Elend.

— Temos outro problema — ela disse baixinho. — Usei o último atium à noite.

— Combatendo os assassinos?

Vin assentiu com a cabeça.

— Bem, sabíamos que no fim das contas aconteceria. Nosso estoque não poderia durar para sempre.

— Estoque? — Vin perguntou. — Kelsier só nos deixou seis contas.

Elend suspirou, em seguida apertou-a mais forte. Seu novo governo deveria ter herdado as reservas de atium do Senhor Soberano – um suposto depósito do metal que consistia num tesouro incrível. Kelsier confiara que seu novo reino

mantivesse essas riquezas; morreu esperando por isso. Havia apenas um problema. Ninguém jamais encontrou o estoque. Encontraram uma pequena porção – o atium que formava braceletes que o Senhor Soberano usara como uma bateria feruquímica para armazenar idade. Contudo, eles gastaram esse metal em suprimentos para a cidade, e, de fato, elas continham muito pouco atium. Nada comparado ao que diziam ter a reserva. Ainda deveria haver, em algum lugar da cidade, um tesouro de atium milhares de vezes maior do que aqueles braceletes.

— Teremos de lidar com isso — Elend falou.

— Se um Nascido das Brumas atacar você, não conseguirei matá-lo.

— Apenas se ele tiver atium — Elend comentou. — Está se tornando cada vez mais raro. Duvido que outros reis tenham muito.

Kelsier destruíra as Minas de Hathsin, o único lugar de onde se podia extrair o atium. Ainda assim, se Vin *tivesse* de lutar com alguém com atium…

Não pense nisso, ele disse a si mesmo. *Apenas continue procurando. Talvez também possamos comprar um pouco. Ou talvez encontremos a reserva do Senhor Soberano. Se ela existir mesmo…*

Vin ergueu os olhos para ele, vendo a preocupação naquele olhar, e ele soube que ela havia chegado às mesmas conclusões. Havia pouco que pudesse ser feito naquele momento; Vin fizera bem em conservar o atium por tanto tempo. Mesmo assim, quando Vin recuou e deixou Elend voltar à escrivaninha, ele não conseguia deixar de pensar como eles puderam ter gastado aquele atium. Seu povo precisaria de comida para o inverno.

Mas, ao vender o metal, ele pensou enquanto se sentava, *teríamos posto mais da arma alomântica mais perigosa nas mãos dos nossos inimigos*. Melhor que Vin tivesse usado o que havia.

Quando ele recomeçou o trabalho, Vin estendeu o pescoço sobre o ombro dele, obscurecendo a luz da lamparina.

— O que é isto? — ela quis saber.

— A proposta para bloquear a Assembleia até eu ter meu direito de negociar.

— De novo? — ela perguntou, inclinando a cabeça e apertando os olhos como se tentasse entender a caligrafia.

— A Assembleia rejeitou a última versão.

Vin franziu a testa.

— Por que você não diz simplesmente que eles *precisam* aceitá-la? Você é o rei.

— Bem, veja — Elend falou —, é isso que estou tentando provar com tudo

isso. Sou apenas um homem, Vin… talvez minha opinião não seja melhor que a deles. Se todos trabalharmos juntos na proposta, ela será melhor do que se um homem a fizer sozinho.

Vin sacudiu a cabeça.

— Será muito fraca. Desdentada. Você deveria confiar mais em si mesmo.

— Não é uma questão de confiança. É sobre o que é correto. Passamos mil anos lutando contra o Senhor Soberano. Se eu fizer as coisas do mesmo jeito que ele fazia, qual será a diferença?

Vin virou-se para ele e encarou seus olhos.

— O Senhor Soberano era um homem maligno. Você é bom. *Essa* é a diferença.

Elend sorriu.

— É assim tão fácil para você, não é?

Vin concordou.

Elend endireitou o corpo e beijou-a novamente.

— Bem, alguns de nós precisam fazer as coisas de um jeito um pouco mais complicado, então aceite. Agora, por favor, saia da frente da luz para que eu possa voltar ao trabalho.

Ela bufou, mas se levantou e circulou a escrivaninha, deixando para trás um aroma leve de perfume. Elend franziu o cenho. *Quando ela passou esse perfume?* Muitos dos seus movimentos eram tão rápidos que ele os perdia.

Perfume – apenas outra das aparentes contradições que formavam a mulher que chamava a si mesma de Vin. Ela não estaria usando perfume lá fora, nas brumas; em geral, ela o passava apenas para ele. Vin gostava de ser discreta, mas amava usar perfumes – e ficava irritada com ele se não percebesse quando ela usava um novo. Parecia desconfiada e paranoica, porém, confiava nos amigos com lealdade dogmática. Saía à noite de preto e cinza, tentando ao máximo se esconder, mas Elend a vira nos bailes anos atrás, e ela parecia à vontade em vestidos e adornos.

Por algum motivo, ela parara de usá-los. Nunca explicara por quê.

Elend sacudiu a cabeça, voltando para a proposta. Perto de Vin, a política parecia simplista. Ela pousou os braços sobre a escrivaninha, vendo-o trabalhar, bocejando.

— Você deveria descansar um pouco — ele falou, mergulhando a pena na tinta novamente.

Vin parou por um momento, então concordou. Tirou a capa de bruma, enrolou-se nela, e então se encolheu no tapete ao lado da escrivaninha.

Elend parou por um momento.

— Não falei *aqui*, Vin — ele disse, divertindo-se.

— Tem um Nascido das Brumas lá fora, em algum lugar — ela falou com voz cansada, abafada. — Não vou sair de perto de você. — Ela se mexeu dentro da capa, e Elend percebeu uma breve careta de dor em seu rosto. Ela estava protegendo o lado esquerdo.

Dificilmente ela entrava em detalhes sobre suas lutas. Não queria preocupá-lo. Não ajudaria em nada.

Elend reprimiu a preocupação e forçou-se a voltar para a leitura. Estava quase terminando… só mais um pouco e…

Uma batida veio da porta.

Elend virou-se, frustrado, perguntando-se o motivo dessa nova interrupção. Ham enfiou a cabeça pela porta um segundo depois.

— Ham? — Elend perguntou. — Ainda está acordado?

— Infelizmente — Ham respondeu, entrando no gabinete.

— Mardra vai te matar por trabalhar até tarde de novo — Elend o repreendeu, baixando novamente a pena. Por mais que ele pudesse reclamar sobre as peculiaridades de Vin, ao menos ela compartilhava os hábitos noturnos de Elend.

Ham apenas revirou os olhos para o comentário. Ainda estava com o colete e as calças normais. Concordara ser o capitão da guarda de Elend com uma condição: que ele nunca precisasse usar um uniforme. Vin abriu um olho apenas quando Ham entrou na sala, então relaxou novamente.

— Não importa — Elend disse. — A que devo sua visita?

— Pensei que talvez você quisesse saber que identificamos os assassinos que tentaram matar Vin.

Elend concordou com a cabeça.

— Provavelmente são homens que conheço. — A maioria dos alomânticos era de nobres, e ele estava familiarizado com todos aqueles que compunham o séquito de Straff.

— Na verdade, duvido — Ham comentou. — Eram do Oeste.

Elend fez uma pausa, franzindo a testa, e Vin mostrou interesse.

— Tem certeza?

Ham assentiu com a cabeça.

— Isso faz com que seja pouco provável que seu pai os tenha enviado… a menos que ele tenha feito algum recrutamento pesado na Cidade de Fadrex. Eram das Casas de Gardre e Conrad em sua maioria.

Elend voltou a sentar. Seu pai fizera sua base em Urteau, lar hereditário da família Venture. Fadrex ficava no meio do caminho através do império partindo de Urteau, vários meses de viagem. Poucas eram as chances de seu pai ter tido acesso a um grupo de alomânticos do oeste.

— Já ouviu falar em Ashweather Cett? — Ham perguntou.

Elend fez que sim com a cabeça.

— Um dos homens que se fez rei do Domínio Ocidental. Não sei muito sobre ele.

Vin franziu a testa, erguendo-se para se sentar.

— Acha que ele os enviou?

Ham assentiu.

— Devem ter esperado por uma chance de entrar na cidade, e o tráfego nos portões nos últimos dias forneceu essa oportunidade. Então, a chegada do exército de Straff e o ataque à vida de Vin foi uma certa coincidência.

Elend olhou para Vin. Ela encontrou os olhos dele, e ele podia dizer que Vin não estava completamente convencida de que Straff não enviara os assassinos. Elend, contudo, não era tão cético. Todos os tiranos na área tentaram derrubá-lo em um momento ou outro. Por que não Cett?

É o atium, Elend pensou com frustração. Nunca encontrara as reservas do Senhor Soberano, mas aquilo não impedia os déspotas no império de supor que a estava escondendo em algum lugar.

— Bem, ao menos seu pai não enviou os assassinos — Ham falou, sempre otimista.

Elend sacudiu a cabeça.

— Nosso parentesco não o impediria, Ham. Acredite.

— Ele é seu pai — Ham falou, parecendo perturbado.

— Coisas como essa não importam para Straff. Ele provavelmente não enviou assassinos porque acha que não valho o incômodo. Porém, se resistirmos o bastante, ele enviará.

Ham sacudiu a cabeça.

— Ouvi falar de filhos que matam os pais para tomar seu lugar… mas pais matando filhos… imagino o que isso diz sobre a mente do velho Straff, que ele estivesse disposto a matá-lo. Você acha que…

— Ham? — Elend interrompeu.

— Sim?

— Você sabe que, em geral, gosto de discussões, mas não tenho tempo para filosofia neste momento.

— Ah, claro. — Ham sorriu com cansaço, levantou-se e começou a se retirar. — Tenho que voltar para Mardra mesmo.

Elend assentiu com a cabeça, esfregando a testa e pegando novamente a pena.

— Não deixe de reunir a equipe para uma reunião. Precisamos organizar nossos aliados, Ham. Se não pensarmos em algo incrivelmente inteligente, esse reino estará condenado.

Ham virou-se, ainda sorrindo.

— Você faz soar tão desesperador, El.

Elend olhou para ele.

— A Assembleia está uma bagunça, meia dúzia de senhores da guerra com exércitos superiores estão bufando no meu pescoço, mal se passa um mês sem que alguém envie assassinos para me matar e a mulher que eu amo está me deixando maluco aos poucos.

Vin bufou nesta última parte.

— Ah, só isso? — Ham falou. — Viu? Não é tão ruim, no fim das contas. Digo, *poderíamos* estar enfrentando um deus imortal e seus sacerdotes onipotentes.

Elend parou, então riu de si mesmo.

— Boa noite, Ham — ele falou, voltando para sua proposta.

— Boa noite, Vossa Majestade.

Talvez eles estejam certos. Talvez eu seja louco, ciumento ou simplesmente estúpido. Meu nome é Kwaan. Filósofo, erudito, traidor. Sou aquele que descobriu Alendi, aquele que primeiro o proclamou o Herói das Eras. Sou aquele que começou isto tudo.



O corpo não mostrava ferimentos visíveis. Ainda jazia onde caíra – os outros aldeões tiveram medo de movê-lo. Os braços e as pernas estavam torcidos em posições estranhas, e a lama ao redor dele estava marcada pelos movimentos anteriores à morte.

Sazed esticou a mão, correndo os dedos pelas marcas. Apesar de o solo aqui no Domínio Oriental ter muito mais argila que o do norte, ainda era mais preto do que amarronzado. As chuvas de cinzas chegavam até mesmo tão a sul. Solo sem cinzas, limpo e fertilizado era um luxo usado apenas para plantas ornamentais de jardins nobres. O resto do mundo precisava fazer o que podia com solo não tratado.

— Vocês dizem que ele estava sozinho quando morreu? — Sazed perguntou, virando-se para um grupo de aldeões que estava atrás dele.

Um homem com pele ressequida assentiu.

— Como eu disse, mestre terrisano. Estava lá em pé, ninguém mais por perto. Parou, então caiu e se sacudiu no chão por um momento. Depois disso, ele… parou de se mexer.

Sazed voltou para o corpo, examinando os músculos retorcidos, o olhar travado numa máscara de dor. Sazed trouxera sua mente de cobre – o bracelete de metal envolto no seu braço direito – e levou sua mente até ele, extraindo alguns dos livros memorizados que armazenava no metal. Sim, havia algumas doenças que matavam com tremores e espasmos. Raramente acometiam um homem de forma tão repentina, mas às vezes acontecia. Se não fosse por outras circunstâncias, Sazed pouco teria se importado com aquela morte.

— Por favor, repita para mim o que viu — Sazed pediu.

O homem de pele ressequida à frente do grupo, Teur, empalideceu um pouco.

Estava numa posição incômoda – seu desejo natural por notoriedade fazia que quisesse espalhar o boato sobre sua experiência. Contudo, ao fazê-lo, poderia ganhar a desconfiança dos seus camaradas supersticiosos.

— Eu estava de passagem, mestre terrisano — Teur começou. — No caminho, a quase vinte metros daqui. Vi o velho Jed trabalhando seu campo… era um trabalhador esforçado. Alguns de nós pararam para descansar quando os lordes foram embora, mas o velho Jed continuou. Acho que ele sabia que precisaríamos de comida no inverno, lordes ou não.

Teur fez uma pausa, em seguida olhou para o lado.

— Sei o que as pessoas dizem, mestre terrisano, mas eu vi o que vi. Era dia quando aconteceu, mas tinha *bruma* aqui no vale. Ela me parou, porque nunca fiquei fora na bruma, minha mulher pode confirmar. Eu ia me virar para voltar, então vi o velho Jed. Estava trabalhando ainda, como se não tivesse visto a bruma.

"Eu ia gritar por ele, mas antes que eu pudesse, ele… bem, como eu disse ao senhor. Ele estava parado lá, então, congelou. A bruma rodopiou em volta dele um pouco, daí ele começou a tremer e se retorcer, como se uma coisa muito forte estivesse o segurando e balançando. Ele caiu. Não se levantou mais.

Ainda ajoelhado, Sazed olhou de novo para o cadáver. Teur aparentemente tinha a reputação de inventar histórias. Ainda assim, o corpo era uma prova assustadora– sem mencionar a própria experiência de Sazed várias semanas antes.

Bruma durante o dia.

Sazed levantou-se, virou-se para os aldeões.

— Por favor, me tragam uma pá.

Ninguém o ajudou a cavar a cova. Era um trabalho lento, árduo no calor do sul, forte apesar do advento do outono. A terra argilosa era difícil de mover, mas felizmente Sazed tinha um pouco de força extra armazenada dentro de uma mente de peltre, e tocou-a para ter ajuda.

Ele precisava daquilo, pois não era o que se podia chamar de homem atlético. Alto e de membros compridos, tinha a constituição de um erudito, e ainda vestia as túnicas coloridas de um mordomo terrisano. Também mantinha a cabeça raspada, à maneira do posto que ocupara pelos primeiros quarenta e poucos anos da vida. Não usava muitas de suas joias naquele momento – não queria tentar bandoleiros das estradas –, mas seus lóbulos eram alongados e perfurados por vários furos de brincos.

Ao tirar força de suas mentes de peltre, seus músculos aumentaram levemente, dando-lhe a constituição de um homem mais forte. Mesmo com a força extra, contudo, sua túnica de mordomo estava manchada de suor e terra quando terminou de cavar. Rolou o corpo do homem para dentro da cova e ficou em silêncio por um momento. O homem fora um agricultor dedicado.

Sazed buscou através de suas mentes de cobre de religiões uma teologia adequada. Começou com um índice – um dos muitos que criara. Quando localizou uma religião apropriada, liberou lembranças detalhadas sobre suas práticas. Os escritos entraram em sua mente tão frescos como quando havia acabado de memorizá-los. Como todas as lembranças, elas se esvairiam com o tempo – no entanto, pretendia recolocá-las nas mentes de cobre muito antes que isso acontecesse. Era o jeito do Guardador, o método pelo qual seu povo retinha uma profusão de informações.

Naquele dia, as lembranças que selecionara eram de HaDah, religião sulista com uma divindade agrícola. Como a maioria das religiões – oprimidas durante a época do Senhor Soberano –, a fé HaDah estava extinta há mil anos.

Seguindo os costumes da cerimônia fúnebre HaDah, Sazed caminhou até a árvore mais próxima – ou, ao menos, um dos arbustos que passavam por árvores naquela área. Quebrou um longo galho – os camponeses observando-o com curiosidade – e levou-o de volta até o túmulo. Agachou-se e enterrou-o na terra, no fundo da cova, bem ao lado da cabeça do cadáver. Em seguida, levantou-se e começou a devolver a terra para dentro da cova.

Os camponeses observaram-no com olhos embotados. *Tão desanimados*, Sazed pensou. O Domínio Oriental era o mais caótico e instável dos cinco Domínios Interiores. Os poucos homens nesta multidão já haviam passado do seu apogeu. Os recrutamentos forçados foram extremamente eficientes; os maridos e pais desta vila provavelmente estavam mortos em algum campo de batalha que não mais importava.

Era difícil acreditar que alguma coisa pudesse ser realmente pior que a opressão do Senhor Soberano. Sazed disse a si mesmo que a dor daquelas pessoas passaria, que algum dia elas conheceriam a prosperidade graças ao que ele e os outros tinham feito. Ainda assim, ele vira camponeses forçados a massacrarem-se uns aos outros, vira crianças morrendo de fome porque algum déspota havia “requerido” o suprimento inteiro de comida da vila. Vira ladrões matarem livremente porque as tropas do Senhor Soberano não mais patrulhavam os canais. Vira o caos, a morte, o ódio e a desordem. E não pôde deixar de reconhecer que parte daquilo era sua culpa.

Ele continuou a preencher a cova. Fora treinado como erudito e mordomo; era um mordomo terrisano, o mais útil, mais caro e mais prestigioso dos serviçais no Império Final. Aquilo não significava quase nada agora. Nunca havia aberto uma cova, mas fez o seu melhor, tentando ser reverente enquanto jogava terra sobre o cadáver. Surpreendentemente, no meio do processo, os camponeses começaram a ajudá-lo, empurrando terra do monte para a cova.

Talvez ainda haja esperança para esses, Sazed pensou, deixando, agradecido, que um dos homens pegasse a pá e terminasse o trabalho. Quando acabaram, a pontinha do galho HaDah rompia a terra sobre a parte de cima da cova.

— Por que o senhor fez isso? — Teur perguntou, acenando com a cabeça para o galho.

Sazed sorriu.

— É uma cerimônia religiosa, meu bom Teur. Se o senhor quiser, há uma oração que deveria acompanhá-la.

— Uma oração? Algo do Ministério de Aço?

Sazed negou com a cabeça.

— Não, meu amigo. É uma oração de outros tempos, de uma época anterior ao Senhor Soberano.

Os camponeses se entreolharam, franzindo a testa. Teur apenas esfregou seu queixo enrugado. Mas todos permaneceram quietos enquanto Sazed recitava uma oração HaDah curta. Quando terminou, voltou-se para os camponeses.

— Era uma religião conhecida como HaDah. Alguns dos seus ancestrais devem tê-la seguido, eu acho. Se algum de vocês desejar, posso ensinar os preceitos.

O grupo reunido ficou em silêncio. Não havia muitos deles – duas dúzias mais ou menos, na maior parte mulheres de meia-idade e alguns homens mais velhos. Havia apenas um jovem de perna torta; Sazed ficou surpreso por ele ter vivido tanto tempo numa fazenda. A maioria dos lordes assassinava os inválidos para impedir que drenassem recursos.

— Quando o Senhor Soberano vai voltar? — uma mulher perguntou.

— Não acredito que vá voltar — Sazed disse.

— Por que ele nos abandonou?

— É um tempo de mudança — Sazed comentou. — Talvez seja também tempo de aprender outras verdades, outros caminhos.

O grupo de pessoas movimentou-se em silêncio, apenas arrastando os pés. Sazed suspirou, também sem emitir som; essas pessoas associavam fé com o

Ministério do Aço e seus obrigadores. Religião não era algo com que os skaa se preocupassem – exceto, talvez, para evitá-la quando possível.

Os Guardadores passaram mil anos reunindo e memorizando as religiões agonizantes do mundo, Sazed pensou. *Quem teria pensado, com o Senhor Soberano morto, que as pessoas não se importariam o suficiente para querer de volta o que haviam perdido?*

Ainda assim, era difícil para ele pensar mal dessas pessoas. Estavam lutando para sobreviver, e seu mundo, já complicado, de repente se tornou imprevisível. Estavam cansados. Era de se surpreender que qualquer conversa sobre crenças havia muito esquecidas não lhes interessasse em nada?

— Vamos — Sazed disse, voltando-se na direção da vila. — Há outras coisas, mais práticas, que posso ensinar a vocês.

E eu sou aquele que traiu Alendi, pois agora sei que ele nunca deveria ter recebido permissão para completar sua jornada.



Vin podia ver os sinais de inquietação refletidos na cidade. Trabalhadores andavam de um lado para o outro ansiosamente, e os mercados estavam numa algazarra que beirava a preocupação – mostrando a mesma apreensão que se via num roedor encurralado. Temeroso, mas sem ter certeza do que fazer. Condenado, sem lugar para onde correr.

Muitos deixaram a cidade no decorrer do último ano – fidalgos em fuga, mercadores em busca de outro lugar para fazer negócios. Mesmo assim, ao mesmo tempo, a cidade inflou com a entrada dos skaa. De alguma forma souberam da proclamação de liberdade de Elend e vieram com otimismo – ou, ao menos, com tanto otimismo quanto uma população assoberbada, mal-alimentada e repetidamente espancada poderia vir.

E, dessa forma, apesar das previsões de que Luthadel logo cairia, apesar dos boatos de que seu exército era pequeno e fraco, as pessoas haviam ficado. Trabalhavam. Viviam. Como sempre fizeram. A vida de um skaa nunca fora muito estável.

Ainda era estranho para Vin ver o mercado tão cheio. Desceu a rua Kenton, vestindo a calça e a camisa costumeiras, pensando sobre o tempo em que ela visitara a rua durante os dias antes do Colapso. Era o lar calmo de algumas alfaiatarias exclusivas.

Quando Elend abolira as restrições quanto a mercadores skaa, a rua Kenton mudou. A passagem floresceu numa feira selvagem de lojas, carrinhos e tendas. Para alcançar os trabalhadores skaa recém-libertados – e agora assalariados –, os donos das lojas alteraram seus métodos de venda. Onde antes persuadiam com vitrines elaboradas, agora chamavam e pediam, usando anunciadores, vendedores e até mesmo malabaristas para tentar atrair negócios.

A rua era tão lotada que Vin em geral a evitava, e naquele dia estava ainda pior do que nos outros. A chegada do exército acendera uma agitação de última

hora para comprar e vender, com as pessoas tentando se preparar para o que estava por vir. Havia um tom sinistro na atmosfera. Menos artistas de rua, mais gritaria. Elend havia ordenado que se barrassem todos os oito portais da cidade, por isso a fuga não era mais uma opção. Vin imaginava quantas pessoas haviam se arrependido de sua decisão de ficar.

Ela desceu a rua com passos rápidos de quem está ocupado, as mãos entrelaçadas para manter o nervosismo longe de sua aparência. Mesmo quando criança – uma moleca nas ruas de uma dúzia de diferentes cidades – ela nunca gostara de multidões. Era difícil manter os olhos em tantas pessoas, difícil ter foco com tanta coisa acontecendo. Quando criança, ela ficava perto das margens das multidões, escondendo-se, aventurando-se a catar uma moeda caída por acaso ou um pedaço de comida ignorado.

Era diferente agora. Forçava-se a andar com as costas eretas e a manter os olhos erguidos, sem procurar lugares para se esconder. Estava ficando muito melhor, mas ver multidões trazia a memória do que ela fora no passado. O que sempre seria, ao menos em parte.

Como numa reação aos seus pensamentos, um par de moleques de rua disparou em meio à multidão, um homem grande, num avental de padeiro, gritando com eles. Ainda havia meninos de rua no novo mundo de Elend. Na verdade, considerando agora, pagar a população skaa provavelmente tinha melhorado muito a vida das crianças de rua. Havia mais bolsos para surrupiar, mais pessoas para distrair os lojistas, mais restos para distribuir e mais mãos para alimentar os pedintes.

Era difícil reconciliar sua infância com essa vida. Para ela, uma criança na rua era alguém que aprendia a ser silencioso e se esconder, alguém que saía à noite para revirar o lixo. Apenas os mais corajosos dos meninos de rua tinham coragem para cortar bolsas, pois a vida dos skaa não tinha valor para muitos fidalgos. Durante sua infância, Vin soube de várias crianças de rua que haviam sido assassinadas ou mutiladas por nobres de passagem, que os acharam ofensivos.

As leis de Elend talvez não tivessem eliminado a pobreza, algo que ele queria muito fazer, mas melhoraram a vida até mesmo dos meninos de rua. Por isso – entre outras coisas – ela o amava.

Ainda haviam alguns fidalgos na multidão, homens que foram persuadidos por Elend, ou pelas circunstâncias, de que sua fortuna estaria mais segura na cidade do que fora dela. Eram desesperados, fracos ou aventureiros. Vin observou um homem passar, cercado por um grupo de guardas. Ele não lhe deu

uma segunda olhada; para ele, suas roupas simples eram motivo suficiente para ignorá-la. Nenhuma nobre se vestiria como ela.

É isso que sou?, ela pensou, parando ao lado de uma vitrine, olhando os livros lá dentro – a venda deles sempre foi um mercado pequeno, mas rentável, para a nobreza imperial ociosa. Também usou o reflexo do vidro para garantir que ninguém a espreitasse por trás. *Sou uma nobre?*

Seria possível alegar que ela era nobre, simplesmente por associação. O próprio rei a amava, a pedira em casamento, e ela fora treinada pelo Sobrevivente de Hathsin. Na verdade, seu pai fora nobre, mesmo que sua mãe tivesse sido uma skaa. Vin ergueu a mão, brincando com o brinco simples de bronze que era a única coisa que guardava de recordação da mãe.

Não era muito. Por outro lado, Vin não tinha certeza se queria pensar tanto na mãe. Afinal, a mulher tentara matar Vin. De fato, ela *matara* a irmã legítima de Vin. Apenas os atos de Reen, o meio-irmão de Vin, a salvaram. Ele arrancara Vin, ainda sangrando, das mãos de uma mulher que enfiara o brinco na orelha de Vin momentos antes.

E ainda assim Vin o mantinha. Como uma espécie de lembrança. A verdade era que não se sentia uma fidalga. Às vezes, pensava que tinha mais em comum com sua mãe insana do que com a aristocracia do mundo de Elend. Os bailes e as festas dos quais ela participara antes do Colapso tinham sido uma farsa. Uma lembrança de sonho. Não tinham lugar nesse mundo de governos em ruínas e assassinatos na calada da noite. Além disso, a participação de Vin nos bailes – fingindo ser Valette Renoux – sempre foi uma mentira.

Ela ainda fingia. Fingia não ser a garota que crescera com fome nas ruas, uma garota que foi espancada muito mais vezes do que foi protegida. Vin suspirou, virando-se de costas para a janela. Contudo, a próxima loja chamou sua atenção, apesar de tudo.

Sua vitrine tinha vestidos de baile.

A loja estava vazia; poucos pensavam em vestidos na véspera de uma invasão. Vin parou diante da porta aberta, mantida quase como se ela fosse o metal sendo *puxado*. Lá dentro, os manequins estavam fazendo pose em vestidos majestosos. Vin olhou para as vestimentas, com suas cinturas apertadas e saias afuniladas como sinos. Quase conseguia imaginar que estava num baile, música suave ao fundo, mesas postas em branco perfeito, Elend em pé na sua sacada, folheando um livro…

Ela quase entrou. Mas, para que se dar ao trabalho? A cidade estava prestes a ser atacada. Além disso, esses vestidos eram caros. Era diferente quando ela

gastava dinheiro de Kelsier. Agora, ela gastava o dinheiro de Elend – e o dinheiro de Elend era o dinheiro do reino.

Ela virou as costas para os vestidos e voltou para a rua. *Não são mais para mim. Valette é inútil para Elend – ele precisa de uma Nascida das Brumas, não de uma garota desconfortável num vestido que não lhe cai bem.* Seus ferimentos da noite anterior, agora grandes hematomas, eram uma lembrança do lugar que lhe cabia. Estavam se curando bem – estava queimando peltre com força o dia todo –, mas ainda ficaria dolorida por um tempo.

Vin acelerou o passo, seguindo para as baias de gado. Enquanto caminhava, contudo, percebeu que alguém a seguia.

Bem, talvez "seguir" fosse generoso demais – o homem com certeza não estava conseguindo passar despercebido. Era careca, mas trazia os cabelos longos na lateral. Vestia uma bata simples de skaa: uma peça única cor de canela que tinha manchas escuras de cinzas.

Ótimo, Vin pensou. Havia outro motivo pelo qual evitava o lugar – ou qualquer lugar onde multidões de skaa se reuniam.

Ela acelerou o passo de novo, mas o homem também o fez. Logo seus movimentos estranhos chamaram atenção, mas, em vez de xingá-lo, a maioria das pessoas parou, reverente. Logo outros se juntaram a ele, e Vin tinha uma pequena multidão atrás de si.

Uma parte dela queria simplesmente lançar uma moeda e atirar. *Claro*, Vin pensou consigo mesma, com ironia, *usar Alomancia à luz do dia. Isso vai te deixar bem discreta.*

Então, suspirando, ela se virou para enfrentar o grupo. Nenhum deles parecia especialmente ameaçador. Os homens vestiam calças e camisas sujas; as mulheres usavam vestidos simples. Vários outros homens vestiam batas simples, cobertas de cinzas.

Sacerdotes do Sobrevivente.

— Lady Herdeira — um deles disse, aproximando-se e caindo de joelhos.

— Não me chame assim — Vin falou em voz baixa.

O sacerdote ergueu o olhar.

— Por favor. Precisamos de orientação. Abandonamos o Senhor Soberano. O que faremos agora?

Vin recuou um passo. Kelsier tinha ciência do que ele estava fazendo? Ele havia incentivado a fé skaa nele mesmo, em seguida morrera como mártir para enfurecê-los contra o Império Final. O que ele achou que aconteceria depois disso? Poderia ter previsto a Igreja do Sobrevivente – sabia que eles

substituiriam o Senhor Soberano pelo próprio Kelsier como seu Deus?

O problema era que Kelsier tinha deixado seus seguidores sem doutrina. Seu único objetivo era derrotar o Senhor Soberano; tanto para conseguir sua vingança, quanto para selar seu legado e, ainda – Vin assim esperava –, por querer libertar os skaa.

Mas, e agora? Essas pessoas devem se sentir como ela se sentiu. À deriva, sem luz para guiá-los.

Vin não poderia ser aquela luz.

— Não sou Kelsier — ela disse, baixinho, dando outro passo para trás.

— Nós sabemos — um dos homens disse. — A senhora é a herdeira dele, ele morreu e desta vez a *senhora* sobreviveu.

— Por favor — disse uma mulher, dando um passo adiante, segurando uma criança pequena nos braços. — Lady Herdeira. Se a mão que derrubou o Senhor Soberano pudesse tocar meu filho…

Vin tentou se afastar ainda mais, porém percebeu que estava de frente com outro grupo de pessoas. A mulher chegou mais perto, e Vin finalmente levou a mão hesitante até a testa do bebê.

— Obrigada — e mulher agradeceu.

— A senhora vai nos proteger, não vai, Lady Herdeira? — um jovem, quase da mesma idade de Elend, com rosto sujo e olhos honestos, perguntou. — Os sacerdotes dizem que a senhora vai parar o exército que está lá fora, que os soldados não serão capazes de entrar na cidade enquanto a senhora estiver aqui.

Era demais para ela. Vin murmurou uma resposta tímida, mas virou-se e abriu caminho pela multidão. O grupo de crentes, felizmente, não a seguiu.

Ela ofegava profundamente, embora não por esforço, quando diminuiu o passo. Entrou num beco entre duas lojas, pondo-se à sombra, envolvendo os braços ao redor de si. Passara a vida aprendendo a passar despercebida, a ser silenciosa e irrelevante. Agora não conseguia ser nenhuma dessas coisas.

O que o povo esperava dela? Eles achavam mesmo que ela poderia impedir um exército sozinha? Aquela era uma lição que aprendera muito cedo em seu treinamento: Nascidos da Bruma não eram invencíveis. Um homem ela poderia matar. Dez homens talvez lhe dessem problemas. Um exército…

Vin parou para respirar e se acalmar. No fim, voltou para a rua agitada. Estava quase no seu destino agora – uma tenda pequena, com as laterais abertas, cercada por quatro baias. O mercador descansava perto dela, um homem desmazelado que tinha cabelos apenas em metade da cabeça, no lado direito. Vin parou por um instante, tentando entender se o estranho corte de

cabelo se devia a doenças, ferimentos ou preferência.

O homem recuperou a energia quando a viu em pé, na beirada das baias. Ele bateu as mãos na calça para se limpar, erguendo uma pequena quantidade de poeira. Em seguida, ele caminhou tranquilo até ela, sorrindo com os dentes que ainda possuía, agindo como se não tivesse ouvido – ou não se importasse – que havia um exército bem ali fora.

— Ah, minha jovem — ele disse. — Procurando um filhote? Consegui alguns vira-latas que qualquer garota certamente amaria. Aqui, vou pegar um. Vai concordar comigo que é a coisa mais linda que já viu.

Vin cruzou os braços quando o homem esticou o braço para pegar um filhote de uma das baias.

— Na verdade — ela disse —, eu estava procurando um cão de caça.

O mercador ergueu os olhos.

— Cão de caça, senhorita? Não é um animal de estimação para uma garota como você. São uns brutos, esses aí. Deixe-me achar um bom vira-latinha. Bons cães – espertos também.

— Não — Vin disse, parando-o. — Me traga um cão de caça.

O homem parou de novo, olhando para ela, coçando-se em vários locais indignos.

— Bem, acho que entendo…

Ele seguiu até a baia mais distante da rua. Vin esperou em silêncio, com o nariz incomodado pelo cheiro, enquanto o mercador gritava com alguns dos animais, escolhendo um adequado. No fim, ele puxou um cão pela coleira até Vin. Era um cão de caça, embora pequeno – mas tinha olhos dóceis, tranquilos, e um temperamento obviamente agradável.

— O menor da ninhada — o mercador disse. — Um bom animal para uma jovem, eu diria. Também será um caçador excelente. Esses *Wolfhound Irlandeses*, eles podem cheirar melhor que qualquer predador que a senhorita já viu.

Vin estendeu a mão até a bolsa de moedas, mas parou, olhando para o rosto ofegante do cão. Quase parecia estar sorrindo para ela.

— Ah, pelo amor do Senhor Soberano — ela estourou, empurrando cão e dono, partindo para as baias ao fundo.

— Senhorita? — o mercador perguntou, seguindo-a com hesitação.

Vin examinou os *Wolfhound Irlandeses*. Perto do fundo, ela viu um animal grande, preto e cinzento. Estava acorrentado a um poste, e a encarava de modo desafiador, com um rosnado baixo vindo da garganta.

Vin apontou.

— Quanto quer por aquele lá no fundo?

— *Aquele?* — o mercador questionou. — Minha senhorita, aquele é um cão de guarda. É para ser solto nas terras de um lorde para atacar qualquer um que entre! É uma das criaturas mais malvadas que a senhora jamais verá!

— Perfeito — Vin falou, puxando algumas moedas.

— Minha senhorita, eu não poderia vender esse animal. Não mesmo. Ora, aposto que pesa uma senhorita e meia!

Vin assentiu, em seguida abriu o portão da baia e entrou a passos largos. O mercador gritou, mas Vin caminhou direto para o *Wolfhound Irlandês*. Ele começou a latir enlouquecidamente para ela, babando.

Desculpe por isso, Vin pensou. Em seguida, queimando peltre, ela se agachou e bateu com o punho na cabeça do animal.

O cão ficou paralisado, cambaleou e, em seguida, caiu inconsciente na terra. O mercador parou ao lado dela, boquiaberto.

— Coleira — Vin ordenou.

Ele lhe entregou uma. Ela a usou para amarrar os pés do cão e depois, queimando peltre, lançou o animal sobre os ombros. Ela se encolheu só um pouco pela dor nas costelas.

É melhor essa coisa não babar na minha camisa, ela pensou, entregando para o mercador algumas moedas, e caminhou de volta para o palácio.

Vin jogou o cão inconsciente no chão. Os guardas lançaram-lhe alguns olhares de estranhamento quando ela entrou no palácio, mas ela já estava se acostumando. Bateu palmas para limpar as mãos.

— O que é isso? — OreSeur perguntou. Ele retornara para os aposentos dela no palácio, mas seu corpo atual estava obviamente inutilizado. Precisava formar musculatura em lugares onde os homens em geral não a tinham para manter o esqueleto unido e, embora tivesse curado as feridas, seu corpo não parecia normal. Ainda vestia as roupas manchadas de sangue da noite anterior.

— Este — Vin falou, apontando para o cão — é seu novo corpo.

OreSeur fez uma pausa.

— *Isto?* Senhora, isto é um cachorro.

— Sim.

— Sou um homem.

— Você é um kandra — Vin retrucou. — Pode imitar carne e músculos. O que me diz de pelagem?

— Não posso imitá-lo — ele disse —, mas posso usar o pelo do próprio animal, como uso os ossos. Mas, com certeza deve haver…

— Não vou matar ninguém por você, kandra — Vin repreendeu. — E mesmo se eu tivesse matado uma pessoa, não deixaria que você a… comesse. Além disso, será mais discreto. As pessoas vão comentar se eu ficar trocando meu mordomo por homens desconhecidos. Há meses comento com as pessoas que estou pensando em te despedir. Bem, direi para elas que finalmente te mandei embora… ninguém vai pensar que meu novo cão de estimação é, na verdade, meu kandra.

Ela se virou, acenando com a cabeça para a carcaça.

— Será muito útil. As pessoas prestam menos atenção a cães do que a humanos, e assim você poderá ouvir conversas.

O franzir de cenho de OreSeur aprofundou-se.

— Não farei isso tão facilmente. Precisará me obrigar, em virtude do Contrato.

— Ótimo — Vin falou. — É uma ordem. Quanto tempo vai durar?

— Um corpo normal dura apenas algumas horas — OreSeur respondeu. — Esse pode levar mais tempo. Fazer tanto pelo parecer autêntico será desafiador.

— Então, pode começar — Vin ordenou, virando-se na direção da porta. No caminho, contudo, ela percebeu uma caixa pequena na mesa. Franziu a testa, foi até ela e tirou a tampa. Encontrou um pequeno bilhete.

Lady Vin,

Aqui está a próxima liga que a senhorita pediu. Alumínio é muito difícil de adquirir, mas, quando uma família nobre deixou a cidade há pouco, consegui comprar um pouco de seu aparelho de jantar.

Não sei se este funcionará, mas acredito que vale a pena tentar. Misturei o alumínio com quatro por cento de cobre, e achei o resultado bastante promissor. Li sobre essa composição: ela é conhecida como duralumínio.

Seu servo, Terion

Vin sorriu, deixando o bilhete de lado e retirando o restante do conteúdo da caixa: uma pequena bolsa de pó de metal e uma barra fina e prateada, possivelmente ambos de duralumínio. Terion era um ferreiro alomântico mestre. Embora não fosse ele próprio alomântico, vinha misturando ligas e criando pós para Nascidos da Bruma e Brumosos quase a vida toda.

Vin enfiou a bolsinha e a barra no bolso, e então se voltou para OreSeur. O

kandra a encarava com uma expressão indiferente.

— Isso chegou hoje? — ela perguntou, inclinando a cabeça na direção da caixa.

— Sim, Senhora — OreSeur disse. — Algumas horas atrás.

— E você não me disse?

— Desculpe, Senhora — respondeu OreSeur com seu jeito monótono —, mas a senhora *não* ordenou que eu dissesse quando pacotes chegassem.

Vin cerrou os dentes. Ele sabia como ela esperava ansiosamente por outra liga de Terion. Todas as ligas anteriores ao alumínio que tentaram foram um verdadeiro fracasso. Incomodava-a saber que havia outro metal alomântico lá fora, em algum lugar, esperando para ser descoberto. Ela não ficaria satisfeita até encontrá-lo.

OreSeur ficou sentado onde estava, sem expressão alguma, o cão de caça inconsciente no chão, bem diante dele.

— Comece a trabalhar nesse corpo — Vin falou, girando e saindo do quarto para buscar Elend.

Vin finalmente encontrou Elend em seu escritório, trabalhando em alguns livros contábeis com uma figura familiar.

— Dox! — Vin exclamou. Ele se retirara para os seus aposentos logo depois da chegada no dia anterior, e ela não o vira muito.

Dockson ergueu os olhos e sorriu. Corpulento sem ser gordo, tinha cabelos pretos curtos e ainda usava sua meia barba costumeira.

— Olá, Vin.

— Como vai, Terris? — ela perguntou.

— Fria — Dockson respondeu. — Estou feliz por estar de volta. Apesar de não ter gostado de encontrar aquele exército aqui quando cheguei.

— De qualquer forma, estamos felizes por você ter voltado, Dockson — Elend afirmou. — O reino praticamente ruiu sem você aqui.

— Não parece ser o caso mesmo — Dockson falou, fechando seu livro e deixando-o na pilha. — Considerando todas as coisas, e os exércitos, parece que a burocracia real se manteve muito bem na minha ausência. Você mal precisa mais de mim!

— Que bobagem! — Elend disse.

Vin recostou-se à porta, olhando os dois, enquanto continuavam a discussão. Mantinham o ar de jovialidade forçada. Os dois dedicavam-se a fazer o reino funcionar, mesmo que isso significasse fingir que gostavam um do outro. Dockson apontava locais nos livros, falando sobre finanças e o que ele

descobrira nos vilarejos afastados sob controle de Elend.

Vin suspirou, olhando ao redor da sala. A luz do sol incidia através da janela rosada de vidro manchado do quarto, lançando cores sobre os livros e a mesa. Mesmo agora, Vin ainda não estava acostumada com a riqueza casual de uma fortaleza nobre. A janela – vermelha e lavanda – era um objeto de beleza intrincada. Ainda assim, os nobres aparentemente achavam aquilo tão normal que as tinham colocado nos aposentos traseiros da fortaleza, na pequena câmara que Elend usava agora como seu escritório.

Como se poderia esperar, o quarto estava atulhado com pilhas de livros. Prateleiras enchiam as paredes do chão ao teto, mas não eram páreo para o volume da coleção crescente de Elend. Ela nunca apreciara muito o gosto de Elend para livros. Eram em sua maioria obras políticas ou históricas, tomos com assuntos tão bolorentos quanto suas páginas envelhecidas. Muitos deles tinham, no passado, sido proibidos pelo Ministério do Aço, mas de alguma forma os antigos filósofos conseguiam fazer até os tópicos mais libidinosos parecerem enfadonhos.

— De qualquer forma — Dockson disse, fechando por fim seus livros —, tenho algumas coisas a fazer antes do seu discurso de amanhã, Vossa Majestade. Ham disse que também haverá uma reunião de defesa da cidade à noite?

Elend assentiu.

— Desde que eu consiga fazer com que a Assembleia concorde em não entregar a cidade para o meu pai, precisaremos montar uma estratégia para lidar com esse exército. Enviarei alguém para buscá-lo amanhã à noite.

— Bom — Dockson disse. Com isso, meneou a cabeça para Elend, piscou para Vin, e em seguida saiu da sala atulhada.

Quando Dockson fechou a porta, Elend suspirou e depois relaxou as costas na sua poltrona elegante e grande demais.

Vin deu uns passos para frente.

— Ele é um bom homem, Elend.

— Ah, sei que é. Mas ser um bom homem nem sempre torna alguém agradável.

— Ele também é legal — Vin falou. — Firme, calmo, estável. A equipe dependia dele. — Mesmo não sendo um alomântico, Dockson era o braço direito de Kelsier.

— Ele não gosta de mim, Vin — Elend comentou. — É… muito difícil conviver com alguém que me olha daquele jeito.

— Você não está dando uma chance para ele — Vin lamentou, parando ao lado da poltrona de Elend.

Ele ergueu o olhar para ela, sorrindo com cansaço, seu colete desabotoado, os cabelos numa bagunça absoluta.

— Hum… — ele disse preguiçosamente, tomando a mão dela. — Gostei muito dessa camisa. Vermelho fica bem em você.

Vin revirou os olhos, deixando-o puxá-la com suavidade para a poltrona e beijá-la. Havia uma paixão no beijo – uma necessidade, talvez, de algo estável. Vin reagiu e sentiu-se relaxar quando recostou-se nele. Alguns minutos depois ela suspirou, sentindo-se muito melhor aninhada na poltrona ao lado dele. Ele a puxou para mais perto, inclinando a poltrona para trás, à luz do sol.

Ele sorriu e olhou para ela.

— Você… está usando um perfume novo.

Vin bufou, encostando a cabeça contra o peito dele.

— Não é perfume, Elend. É cheiro de cachorro.

— Ah, bom — Elend brincou. — Fiquei preocupado que você tivesse perdido a noção. Agora, tem algum motivo especial para *você* estar cheirando a cachorro?

— Fui até o mercado e comprei um, então trouxe para cá e alimentei OreSeur com ele, para que fosse seu novo corpo.

Elend fez uma pausa.

— Vin, isso é brilhante! Ninguém suspeitará que o cachorro seja um espião. Imagino se alguém teve uma ideia dessas antes…

— Alguém deve ter tido — Vin falou. — Digo, faz sentido. Mas desconfio que, quem teve esse pensamento, não contou para ninguém.

— Bem pensado — Elend falou, relaxando. Ainda assim, pela distância que estavam, ela ainda conseguia sentir uma tensão nele.

O discurso de amanhã, Vin pensou. *Ele está preocupado com isso.*

— Devo dizer, contudo — Elend falou, com vagar —, que acho um pouco decepcionante que você *não* esteja com um perfume canino. Com sua posição social, logo eu veria algumas das fidalgas locais tentando imitá-la. Poderia ser bem divertido.

Ela ergueu o corpo, olhando para o sorrisinho dele.

— Sabe, Elend… às vezes é muito difícil dizer quando você está me provocando e quando está apenas sendo estúpido.

— Isso faz de mim um homem mais misterioso, certo?

— Algo assim — ela falou, aconchegando-se nele outra vez.

— Agora, veja, você não entende como isso é esperto da minha parte — ele falou. — Se as pessoas não puderem dizer quando sou um idiota e quando sou um gênio, talvez assumam que meus erros ridículos sejam manobras políticas brilhantes.

— Contanto que eles não confundam suas jogadas realmente brilhantes com erros ridículos.

— Isso não seria difícil — Elend falou. — Temo que haja poucos momentos brilhantes para as pessoas confundirem.

Vin ergueu os olhos com preocupação pelo tom da voz dele. Porém, ele sorriu e mudou de assunto.

— Então, OreSeur, o cão. Ele ainda poderá sair com você à noite?

Vin encolheu os ombros.

— Acho que sim. Eu não estava planejando realmente levá-lo por um tempo.

— Gostaria que você o levasse — Elend confessou. — Eu me preocupo com você lá fora, toda noite, exigindo tanto de si mesma.

— Eu aguento — Vin o tranquilizou. — Alguém precisa cuidar de você.

— Sim — Elend concordou —, mas quem cuida de você?

Kelsier. Mesmo agora, aquela ainda era sua reação imediata. Ela o conhecera havia menos de um ano, mas aquele ano fora o primeiro em sua vida em que se sentira protegida.

Kelsier estava morto. Ela, como o resto do mundo, precisava viver sem ele.

— Sei que você se machucou quando brigou com aqueles alomânticos na outra noite — Elend comentou. — Seria muito bom para a minha paz de espírito se soubesse que alguém está com você.

— Um kandra não é um guarda-costas — Vin ponderou.

— Eu sei — Elend disse. — Mas são incrivelmente leais. Nunca ouvi falar de um Contrato rompido. Ele vai te vigiar. Eu me preocupo com você, Vin. Você sabe por que fico acordado até tão tarde, rascunhando minhas propostas? Porque não consigo dormir sabendo que você pode estar lá fora, em combate, ou pior, caída em alguma rua, perecendo por não ter ninguém para ajudá-la.

— Às vezes eu levo OreSeur comigo.

— Sim — Elend concordou —, mas sei que você encontra desculpas para deixá-lo para trás. Kelsier te comprou os serviços de um empregado incrivelmente valioso. Não consigo entender por que se esforça tanto para evitá-lo.

Vin fechou os olhos.

— Elend. Ele *engoliu* Kelsier.

— E daí? — Elend perguntou. — Kelsier já estava morto. Além disso, ele próprio deu essa ordem.

Vin suspirou, abrindo os olhos.

— Eu só… não confio naquela coisa, Elend. A criatura é antinatural.

— Eu sei — Elend disse. — Meu pai sempre teve um kandra. Mas OreSeur ao menos é alguma coisa. Por favor, prometa que vai levá-lo com você.

— Tudo bem. Mas não acho que ele também vá gostar do combinado. Ele e eu não nos dávamos muito bem nem quando ele estava se fazendo de Renoux, e eu, sua sobrinha.

Elend encolheu os ombros.

— Ele vai obedecer ao Contrato. Isso é o que importa.

— Ele cumpre o Contrato — Vin falou —, mas sob protestos. Eu sinto que ele adora me frustrar.

Elend baixou os olhos para ela.

— Vin, kandra são serviçais excelentes. Não fazem coisas desse tipo.

— Não, Elend — Vin falou. — *Sazed* era um serviçal excelente. Tinha prazer em estar com as pessoas, ajudá-las. Nunca senti que ele se ressentia de mim. OreSeur pode fazer tudo o que eu mando, mas não gosta de mim, nunca gostou. Tenho certeza.

Elend suspirou, acarinhando o ombro dela.

— Não acha que talvez isso seja um pouco irracional? Não há motivo real para odiá-lo tanto.

— Hein? — Vin surpreendeu-se. — Exatamente como não há motivo para que você não se dê bem com Dockson?

Elend parou por um instante. Em seguida, suspirou.

— Acho que você tem razão nisso — ele falou. Continuou a acarinhar o ombro de Vin enquanto olhava para o teto, refletindo.

— O que foi? — Vin perguntou.

— Não estou fazendo um bom trabalho, estou?

— Deixe de bobagem — Vin falou. — Você é um rei maravilhoso.

— Talvez eu seja um rei aceitável, Vin, mas não sou *ele*.

— Quem?

— Kelsier — Elend disse baixinho.

— Elend, ninguém espera que você seja Kelsier.

— É? — ele quis saber. — Por isso Dockson não gosta de mim. Ele odeia os nobres; fica claro no jeito como fala, no jeito como age. Não sei se realmente posso culpá-lo, considerando a vida que ele teve. Independentemente disso, ele

não acha que eu deveria ser o rei. Acredita que um skaa poderia ocupar o meu lugar, ou, melhor ainda, Kelsier. Todos pensam assim.

— Isso é besteira, Elend.

— É mesmo? E se Kelsier ainda estivesse vivo, eu seria rei?

Vin ficou calada.

— Está vendo? Eles me aceitam: o povo, os mercadores, até mesmo os nobres. Mas, no fundo, todos desejariam ter Kelsier aqui.

— Eu não.

— Não?

Vin franziu a testa. Ela se sentou, virou-se de forma a ficar de joelhos sobre Elend na poltrona reclinada, com o rosto apenas poucos centímetros de distância do dele.

— Você não deveria nem mesmo *cogitar* isso, Elend. Kelsier foi meu professor, mas eu não o amava. Não como amo você.

Elend encarou Vin e assentiu com a cabeça. Vin beijou-o com paixão e aconchegou-se ao lado dele novamente.

— Por que não? — Elend perguntou, por fim.

— Bem, para começar, ele era velho.

Elend deu uma risadinha.

— Eu me lembro de você também fazer troça da *minha* idade.

— É diferente — Vin comentou. — Você é apenas poucos anos mais velho que eu. Kelsier era um ancião.

— Vin, trinta e oito não é ancião.

— É quase.

Elend riu novamente, mas ela conseguia sentir que ele não estava satisfeito. Por que tinha *escolhido* Elend, e não Kelsier? Kelsier fora um visionário, um herói, um Nascido das Brumas.

— Kelsier foi um grande homem — Vin falou baixinho quando Elend começou a acariciar seus cabelos. — Mas… ele tinha algumas coisas estranhas, Elend. Coisas aterrorizantes. Ele era intenso, precipitado, até mesmo um pouco cruel. Implacável. Assassinava pessoas sem culpa ou preocupação, apenas porque defendiam o Império Final ou trabalhavam para o Senhor Soberano. Consegui amá-lo como um professor e um amigo. Mas não acho que poderia amar, amar *de verdade*, um homem como aquele. Não o culpo; ele veio das ruas, como eu. Quando você luta tanto pela vida, se fortalece, mas pode também tornar-se cruel. Fosse ou não culpa dele, Kelsier me lembrava muito os homens que… conheci quando mais nova. Kell era uma pessoa muito melhor

que eles, realmente conseguia ser gentil e sacrificou a vida pelos skaa. Mas ele era muito duro.

Ela fechou os olhos, sentindo o calor de Elend.

— Você, Elend Venture, é um bom homem. Um bom homem *de verdade*.

— Homens bons não se transformam em lendas — ele disse em voz baixa.

— Homens bons não precisam se transformar em lendas. — Ela abriu os olhos e o encarou. — Eles simplesmente fazem o que é certo.

Elend sorriu. Em seguida, beijou o topo da cabeça de Vin e recostou-se. Ficaram deitados lá por um tempo, num aposento aquecido pela luz solar, relaxando.

— Ele salvou minha vida uma vez — Elend disse.

— Quem? — Vin perguntou, surpresa. — Kelsier?

Elend assentiu.

— Naquele dia, depois que Fantasma e OreSeur foram capturados, no dia em que Kelsier morreu. Houve uma batalha na praça, quando Ham e alguns soldados tentaram libertar os prisioneiros.

— Eu estava lá — Vin falou. — Me escondendo com Brisa e Dox em um dos becos.

— Sério? — Elend perguntou, soando um tanto divertido. — Porque eu fui procurar por você. Pensei que tinham te prendido, junto com OreSeur; ele estava fingindo ser seu tio. Tentei chegar à prisão para te resgatar.

— Você fez *o quê*? Elend, aquela praça tinha virado um campo de batalha! Havia um Inquisidor lá, pelo amor do Senhor Soberano!

— Eu sei — Elend falou, com um meio sorriso. — Então, esse Inquisidor foi quem tentou me matar. Tinha seu machado erguido e tudo mais. E então… Kelsier estava lá. Se jogou para cima do Inquisidor, lançando-o ao chão.

— Provavelmente só uma coincidência — Vin retrucou.

— Não — Elend falou com suavidade. — Ele quis, Vin. Olhou para mim enquanto lutava com o Inquisidor, e vi isso nos seus olhos. Sempre penso naquele momento; todo mundo diz que Kelsier odiava a nobreza ainda mais que Dox.

Vin silenciou um instante.

— Ele… começou a mudar um pouco no fim, eu acho.

— O bastante para se arriscar para proteger um nobre aleatório?

— Ele sabia que eu te amava — Vin falou, com um ligeiro sorriso. — Acho que, no fim, isso provou ser mais forte que o ódio dele.

— Não sabia… — A voz dele enfraqueceu quando Vin se virou, ouvindo

algo. Passos se aproximavam. Ela se sentou e, um segundo depois, Ham enfiou a cabeça no aposento. Entretanto, parou quando viu Vin sentada no colo de Elend.

— Ah — Ham falou. — Desculpem.

— Não, espere — Vin falou. Ham estendeu a cabeça de volta, e Vin virou-se para Elend. — Quase esqueci por que vim te procurar. Recebi uma nova encomenda de Terion hoje.

— *Outra?* — Elend perguntou. — Vin, quando você vai desistir?

— Não posso desistir — ela confessou.

— Não tem como ser tão importante assim, tem? — ele perguntou. — Digo, se todo mundo esqueceu o que o último metal faz, não deve ser tão poderoso.

— Ou isso, ou era tão incrivelmente poderoso que o Ministério se esforçou muito para mantê-lo em segredo. — Ela deslizou da poltrona, ficou em pé, tirou a bolsa e a barrinha do bolso. Entregou a barra para Elend, que se endireitou na poltrona luxuosa.

Prateado e espelhado, o metal – como o alumínio do qual era feito – parecia leve demais para ser real. Qualquer alomântico que acidentalmente queimasse alumínio tinha suas outras reservas de metal anuladas, ficando sem forças. O alumínio foi mantido em segredo pelo Ministério do Aço; Vin descobriu-o apenas na noite em que foi capturada pelos Inquisidores, a mesma noite em que assassinou o Senhor Soberano.

Nunca foram capazes de descobrir a liga alomântica adequada de alumínio. As ligas alomânticas eram sempre formadas em pares, compreendendo um metal básico e sua liga. – ferro e aço, estanho e peltre, cobre e bronze, zinco e latão. Alumínio e… alguma coisa. Algo poderoso, assim esperava. Seu atium havia acabado. Precisava de uma vantagem.

Elend suspirou, devolvendo a barra.

— Na última vez que tentou queimar um desses, ficou doente por dois dias, Vin. Fiquei aterrorizado.

— Não pode me matar — Vin disse. — Kelsier prometeu que queimar uma liga ruim só me faria passar mal.

Elend sacudiu a cabeça.

— Até Kelsier errava de vez em quando, Vin. Você não disse que ele se enganara sobre como o bronze funcionava?

Vin fez uma pausa. A preocupação de Elend era tão genuína que ela foi quase persuadida. No entanto…

Quando aquele exército atacar, Elend vai morrer. Os skaa da cidade talvez

sobrevivam – nenhum governante seria tolo o bastante para sacrificar o povo de uma cidade tão produtiva. O rei, contudo, seria assassinado. Ela não conseguiria combater um exército inteiro, e poderia fazer pouco para ajudar com as preparações.

Contudo, Vin conhecia a Alomancia. Quanto melhor ela ficasse nessa arte, mais capaz seria de proteger o homem que amava.

— Tenho que tentar, Elend — ela disse baixinho. — Trevo diz que Straff não atacará pelos próximos dias; precisará desse período para descansar os homens da jornada e sondar a cidade para o ataque. Significa que não posso esperar. Se este metal me deixar doente, estarei melhor a tempo para ajudar na batalha, mas apenas se eu o experimentar agora.

O rosto de Elend ficou lúgubre, mas ele não a proibiu. Sabia que não adiantaria. Em vez disso, levantou-se.

— Ham, acha que é uma boa ideia?

Ham concordou. Era um guerreiro. Para ele, a jogada dela tinha sentido. Ela pediu para que ele ficasse, porque precisava de alguém para levá-la até a cama, caso desse errado.

— Tudo bem — Elend disse, virando-se de costas para Vin. Parecia resignado.

Vin sentou-se na poltrona, recostou-se, e em seguida pegou uma pitada do pó de duralumínio e o engoliu. Fechou os olhos e sentiu suas reservas alomânticas. As oito comuns estavam todas lá, bem estocadas. Não tinha atium ou ouro, nem qualquer de suas ligas. Mesmo que tivesse atium, era muito precioso para usar, exceto numa emergência – e os outros três tinham utilidade apenas limitada.

Uma nova reserva apareceu. Como havia surgido quatro vezes antes. Cada vez que queimava uma liga de alumínio, imediatamente sentia uma dor de cabeça cegante. *Você achou que eu havia aprendido…* ela pensou. Cerrando os dentes, buscou a nova liga e a queimou.

Nada aconteceu.

— Já experimentou? — Elend perguntou, apreensivo.

Vin assentiu com a cabeça, lentamente.

— Sem dor de cabeça. Mas… Não tenho certeza se a liga está surtindo algum efeito.

— Mas está queimando? — Ham perguntou.

Vin confirmou. Sentiu o calor familiar por dentro, a chama mínima que lhe dizia que havia um metal queimando. Tentou mover-se um pouco, mas não

conseguia distinguir nenhuma mudança física. Finalmente ergueu os olhos e deu de ombros.

Ham franziu o cenho.

— Se não passou mal, encontrou a liga correta. Cada metal tem apenas uma liga válida.

— Ou — Vin comentou — isso foi o que sempre nos disseram.

Ham assentiu.

— Que liga foi essa?

— Alumínio e cobre — Vin respondeu.

— Interessante — Ham falou. — Não está sentindo nada?

Vin sacudiu a cabeça.

— Precisa praticar um pouco mais.

— Parece que estou com sorte — Vin falou, extinguindo o duralumínio. — Terion apresentou quarenta ligas diferentes que achou que poderíamos tentar, assim que tivéssemos alumínio o bastante. Essa foi apenas a quinta.

— Quarenta? — Elend perguntou, incrédulo. — Eu não sabia que havia tantos metais assim com os quais era possível fazer ligas!

— Não precisa ter dois metais para fazer uma liga — Vin falou, distraída. — Apenas um metal e outra coisa. Veja o aço, é ferro e carbono.

— Quarenta… — Elend repetiu. — E você teria testado todas elas?

Vin deu de ombros.

— Pareceu um bom ponto de partida.

Elend pareceu preocupado com aquela ideia, mas não disse mais nada. Em vez disso, voltou-se para Ham.

— De qualquer forma, Ham, aconteceu algo para ter vindo aqui nos ver?

— Nada importante — Ham falou. — Apenas queria ver se Vin aceitaria treinar um pouco. Aquele exército está me deixando ansioso, e pensei que poderia ser útil para Vin treinar um pouco com o bastão.

Vin ergueu os ombros.

— Claro. Por que não?

— Quer vir conosco, El? — Ham perguntou. — Praticar um pouco?

Elend riu.

— E enfrentar um de vocês dois? Tenho uma dignidade real a zelar!

Vin franziu o cenho levemente, olhando para ele.

— Você deveria treinar mais, Elend. Mal sabe como pegar numa espada, e é *terrível* com um bastão de duelo.

— Olha só, por que eu me preocuparia com isso, se tenho você para me

proteger?

A expressão aflita de Vin aprofundou-se.

— Nem sempre podemos estar por perto, Elend. Eu me preocuparia muito menos se fosse melhor em se defender.

Ele apenas sorriu e puxou-a para se levantar.

— Eu vou treinar em algum momento, prometo. Mas hoje não. Tenho muito o que pensar agora. Que tal se eu for apenas assisti-los? Talvez eu aprenda algo observando. A propósito, é o método preferível de treinamento com armas, pois não me obriga a ser derrotado por uma garota.

Vin suspirou, preocupada, mas deixou de pressioná-lo.

Escrevo este relato agora, marcando-o numa placa de metal, pois tenho medo. Tenho medo por mim mesmo, sim – admito que sou humano. Se Alendi retornar do Poço da Ascensão, tenho certeza de que minha morte será um dos seus primeiros objetivos. Ele não é um homem mau, mas é impiedoso. Ou melhor, acredito que seja um produto daquilo pelo que passou.



Elend recostou-se na balaustrada, olhando para o campo de treinamento. Parte dele desejava seguir até lá e praticar com Vin e Ham. Contudo, a maior parte dele não via motivo para isso.

Qualquer assassino que provavelmente viesse atrás de mim seria um alomântico, ele pensou. *Eu poderia treinar dez anos e não seria páreo para um deles.*

No campo em si, Ham fez alguns movimentos com seu bastão e acenou com a cabeça. Vin adiantou-se, segurando seu bastão, que era uns trinta centímetros mais alto que ela. Observando os dois, Elend não pôde deixar de reparar na disparidade. Ham tinha músculos firmes e a constituição poderosa de um guerreiro. Vin parecia ainda mais magra que o de costume, usando apenas uma camisa de botão justa e uma calça, sem casaco para disfarçar seu tamanho.

A desigualdade foi intensificada pelas palavras seguintes de Ham:

— Estamos praticando com bastão, não praticando *puxão* e *empurrão*. Não use nada além de peltre, certo?

Ela assentiu com a cabeça.

Costumavam treinar desse jeito. Ham defendia que não havia substituto para treinamento e prática, não importava o quanto um alomântico fosse poderoso. No entanto, deixava Vin usar o peltre, porque dizia que a força e a agilidade intensificadas eram desorientadoras, a menos que se estivesse acostumado com ela.

O campo de treino era como uma quadra. Situado nos galpões do palácio, tinha um corredor aberto nas laterais construído ao redor dele. Elend estava em pé nele, com o telhado sobre a cabeça mantendo o sol vermelho longe dos seus

olhos. Era ótimo, pois uma leve chuva de cinzas começara, e flocos ocasionais caíam do céu. Elend cruzou os braços sobre a balaustrada. Soldados passavam às vezes no corredor atrás dele, cheios de atividades. Alguns, porém, paravam para assistir; as sessões de treinamento de Vin e Ham eram uma espécie de diversão bem-vinda para os guardas do palácio.

Deveria estar trabalhando na minha proposta, Elend pensou. *Não aqui em pé, assistindo a Vin lutar.*

Mas… a tensão dos últimos dias fora tão opressora que ele sentia dificuldade de encontrar motivação para fazer mais *outra* leitura integral do discurso. O que realmente precisava era apenas passar uns momentos pensando.

Então, simplesmente assistiu. Vin aproximou-se de Ham com cuidado, segurando o bastão com as duas mãos numa posição firme.

Além disso, ele meio que gostava como as roupas apertadas ficavam nela.

Em geral, Vin deixava que os outros batessem primeiro, e nesse dia não foi exceção. Bastões bateram quando Ham a golpeou e, apesar do seu tamanho, Vin manteve o controle. Depois de um rápido enfrentamento, os dois recuaram, circulando-se com cuidado.

— Aposto na garota.

Elend virou-se quando percebeu uma forma mancando na direção dele. Trevo aproximou-se de Elend, pousando uma moeda de dez boxes na balaustrada com um estalo. Elend sorriu para o general, e Trevo olhou de volta com cara feia – que em geral era aceito como a versão de Trevo de um sorriso. Exceto por Dockson, Elend havia se apegado rapidamente aos outros membros do time de Vin. Trevo, no entanto, levou algum tempo para se acostumar. O homem parrudo tinha um rosto de cogumelo retorcido, e sempre parecia estar de olhos apertados em desgosto – uma expressão que em geral combinava com seu tom de voz.

No entanto, era um artífice talentoso, sem mencionar o fato de ser alomântico – um Esfumaçador, na verdade, embora já não usasse muito seu poder. Na maior parte do ano, Trevo havia servido como general das forças militares de Elend. Elend não sabia onde Trevo aprendera a liderar soldados, mas o homem tinha um dom especial para isso. Provavelmente conseguiu a capacidade no mesmo lugar que adquiriu a cicatriz na perna – uma cicatriz que produzia um capengar do qual Trevo tirara seu apelido.

— Estão só treinando, Trevo — Elend disse. — Não haverá um “vencedor”.

— Eles vão terminar numa luta séria — Trevo comentou. — Sempre terminam.

Elend fez uma pausa.

— Olha, você está me pedindo para apostar contra Vin — ele observou. — Talvez não seja muito bom para a minha saúde.

— E daí?

Elend sorriu, puxando uma moeda. Trevo ainda o intimidava um pouco, e ele não queria arriscar ofender o homem.

— Onde está o imprestável do meu sobrinho? — Trevo perguntou enquanto observava o treino.

— Fantasma? — Elend perguntou. — Ele está de volta? Como entrou na cidade?

Trevo deu de ombros.

— Deixou uma coisa na minha soleira esta manhã.

— Um presente?

Trevo fez uma careta.

— Era uma escultura em madeira de um mestre carpinteiro lá da Cidade de Yelva. O bilhete dizia: "Só queria mostrar ao senhor o que os carpinteiros *de verdade* podem fazer, velhote".

Elend deu uma risadinha, mas reprimiu-a em seguida, desconfortável frente ao olhar de Trevo.

— O moleque nunca tinha sido insolente assim antes — Trevo murmurou. — Juro, você corrompeu muito o rapaz.

Trevo parecia estar quase sorrindo. Ou estava falando sério? Elend não conseguia concluir se o homem era tão casca grossa quanto parecia, ou se Elend era alvo de alguma piada elaborada.

— Como está o exército? — Elend finalmente questionou.

— Terrível — Trevo respondeu. — Quer um exército? Me dê mais de um ano para treiná-lo. Neste momento, eu mal confiaria nesses garotos contra uma multidão de velhinhas com bengalas.

Ótimo, Elend pensou.

— Mas não posso fazer muito agora — Trevo grunhiu. — Straff está cavando alguma fortificação apressada, mas em grande parte está descansando os homens. O ataque virá no fim da semana.

Na quadra, Vin e Ham continuavam a lutar. Ficaram lentos por um momento, com Ham tirando um tempo para fazer uma pausa e explicar princípios ou posições. Elend e Trevo assistiram por um curto período, enquanto o treino ficava aos poucos mais intenso, os *rounds* ficavam mais longos, e os dois participantes começaram a suar ao mesmo tempo que seus pés levantavam

nuvens de poeira no solo compacto, fuliginoso.

Vin deu bastante trabalho a Ham, apesar das diferenças ridículas em força, alcance e treinamento, e Elend se flagrou sorrindo levemente sem querer. Ela era especial, foi o que Elend percebeu quando a viu pela primeira vez no baile dos Venture, há quase dois anos. Apenas agora ele percebia o quanto "especial" era pouco demais para defini-la.

Uma moeda estalou na balaustrada de madeira.

— Aposto em Vin também.

Elend virou-se, surpreso. O homem que falara era um soldado que estava em pé com os outros logo atrás deles, assistindo.

— Quem…

Em seguida, Elend se calou. A barba estava errada, a postura ereta demais, mas o homem atrás dele lhe era familiar.

— Fantasma? — Elend perguntou, incrédulo.

O adolescente sorriu atrás de uma barba aparentemente falsa.

— Indo era onde chamando estava.

A cabeça de Elend imediatamente começou a doer.

— Senhor Soberano, não me diga que voltou a usar dialeto?

— Ah, apenas para gracejos nostálgicos — Fantasma comentou com uma risada. Suas palavras carregavam vestígios do sotaque do leste; durante os primeiros meses em que Elend conhecera o garoto, Fantasma era ininteligível ao extremo. Felizmente, o garoto perdera aquelas gíria das ruas, assim como conseguiu perder a maioria de suas roupas ao crescer. Com bem mais de 1,80 metro, o jovem de dezesseis anos mal lembrava o garoto desengonçado que Elend conhecera um ano antes.

Fantasma recostou-se na balaustrada ao lado de Elend, adotando uma postura de descanso de adolescente e destruindo totalmente a imagem de soldado – que, de fato, ele não era.

— Por que o disfarce, Fantasma? — Elend perguntou, franzindo o cenho.

Fantasma ergueu os ombros.

— Não sou Nascido das Brumas. Nós, espiões mundanos, precisamos encontrar maneiras de conseguir informações sem voar pelas janelas e ouvir além do alcance.

— Há quanto tempo você está aí? — Trevo perguntou, olhando com cara de poucos amigos para seu sobrinho.

— Desde antes de você chegar, Tio Ranzinza — Fantasma disse. — E, respondendo à sua pergunta, cheguei faz uns dias. Antes de Dockson, na

verdade. Só pensei que poderia tirar uma folga antes de voltar ao trabalho.

— Não sei se percebeu, Fantasma — Elend disse —, mas estamos em guerra. Não há muito tempo para folgas.

Fantasma deu de ombros.

— Só não quis que você me mandasse embora de novo. Se houver uma guerra aqui, quero estar por perto. Sabe, pela agitação.

Trevo bufou.

— E onde conseguiu esse uniforme?

— Hum… Bem… — Fantasma olhou para o lado, mostrando um vestígio do garoto inseguro que Elend conhecera.

Trevo grunhiu algo sobre garotos insolentes, mas Elend apenas riu e deu um tapinha no ombro de Fantasma. O garoto olhou para cima, sorrindo; embora ele fosse fácil de ignorar no início, estava se provando tão valioso quanto qualquer dos outros membros da antiga equipe de Vin. Como um Olho de Estanho – um Brumoso que podia queimar estanho para ampliar seus sentidos –, Fantasma conseguia ouvir conversas a grandes distâncias, sem mencionar a observação de detalhes distantes.

— De qualquer forma, bem-vindo de volta — Elend falou. — Que notícias traz do oeste?

Fantasma sacudiu a cabeça.

— Odeio soar tanto como meu Tio Casca Grossa ali, mas as notícias não são boas. Sabe aquele rumores sobre o atium do Senhor Soberano estar em Luthadel? Bem, eles voltaram. Mais fortes desta vez.

— Pensei que tínhamos deixado isso para trás! — Elend se surpreendeu. Brisa e sua equipe haviam passado grande parte dos seus meses espalhando rumores e manipulando os senhores da guerra para acreditarem que o atium poderia estar escondido em outra cidade, pois Elend não o encontrara em Luthadel.

— Acho que não — Fantasma disse. — E… acho que alguém está espalhando esses rumores de propósito. Alguém realmente quer os senhores da guerra de olho em você.

Ótimo, pensou Elend.

— Você não sabe onde Brisa está, não é?

Fantasma encolheu os ombros, mas não parecia mais prestar atenção em Elend. Estava assistindo ao treinamento. Elend olhou de volta para Vin e Ham.

Como Trevo previu, os dois haviam entrado num combate mais sério. Não havia mais instruções; não havia mais trocas repetitivas e rápidas. Treinavam a

sério, lutando numa peleja vertiginosa de bastões e poeira. As cinzas voavam ao redor deles, lançadas pelo vento dos ataques, e cada vez mais soldados paravam nos corredores ao redor para assistir.

Elend inclinou-se para frente. Havia algo *intenso* no duelo entre os dois alomânticos. Vin tentou atacar. Ham, contudo, gingou ao mesmo tempo, seu bastão atingindo uma rapidez impressionante. De alguma forma, Vin ergueu a arma a tempo, mas o poder do golpe de Ham a lançou para trás cambaleante. Ela bateu no chão com o ombro. Porém, mal soltou um grunhido de dor, e de alguma forma encaixou a mão por baixo do corpo e lançou-se de pé. Ela derrapou por um momento, retendo o equilíbrio, segurando seu bastão erguido.

Peltre, Elend pensou. Deixava até mesmo um homem desajeitado hábil. E para uma pessoa normalmente graciosa como Vin…

Os olhos de Vin apertaram-se, sua teimosia inata mostrando-se na mandíbula cerrada, o desagrado no rosto. Ela não gostava de ser derrubada, mesmo quando seu adversário era obviamente mais forte que ela.

Elend endireitou o corpo, pretendendo sugerir que interrompessem o treinamento. Nesse momento, Vin avançou.

Ham ergueu o bastão, na expectativa, agitando-o enquanto Vin se aproximava. Ela se esquivou para o lado, passando a centímetros do ataque, em seguida girando sua arma e acertando-a atrás do bastão de Ham, tirando o equilíbrio dele. Na sequência, agachou-se para atacar.

No entanto, Ham recuperou-se com rapidez. Deixou que a força do ataque de Vin o fizesse girar, e usou o impulso para rodar seu bastão num golpe poderoso direcionado para o peito de Vin.

Elend gritou.

Vin saltou.

Ela não tinha metal para empurrar, mas aquilo não parecia ter importância. Saltou uns bons dois metros no ar, passando com facilidade por cima do bastão de Ham. Pulou quando o golpe passou embaixo dela, os dedos resvalando o ar bem acima da arma, seu próprio bastão girando em uma das mãos.

Vin aterrissou com seu bastão já zunindo num giro baixo e sua ponta erguendo uma linha de cinza quando correu pelo chão. Bateu atrás das pernas de Ham. O golpe levantou os pés de Ham, e ele gritou quando caiu no chão.

Vin pulou no ar novamente.

Ham bateu com as costas na terra, e Vin caiu sobre o seu peito. Em seguida, calmamente ela deu uma batidinha na testa com a ponta do bastão.

— Venci.

Ham ficou deitado, olhando confuso para Vin agachada sobre seu peito. A poeira e as cinzas assentavam-se silenciosamente na quadra.

— Uau… — Fantasma sussurrou, expressando um sentimento que parecia compartilhado pela dúzia de soldados que assistiam.

Por fim, Ham deu uma risadinha.

— Ótimo. Você me derrotou. Agora, se puder fazer a gentileza de me trazer algo para beber enquanto tento massagear minhas pernas para ver se volto a senti-las.

Vin sorriu, pulando para longe do peito dele e correndo para fazer o que foi pedido. Ham balançou a cabeça, esforçando-se para ficar em pé. Apesar de suas palavras, ele caminhou quase sem mancar; provavelmente ficaria com um hematoma, mas isso não o incomodaria por muito tempo. O peltre não apenas aumentava a força, o equilíbrio e a velocidade, também tornava o corpo naturalmente mais forte. Ham podia desprezar um golpe que teria despedaçado as pernas de Elend.

Ham juntou-se a eles, acenando com a cabeça para Trevo e dando um murrinho no braço de Fantasma. Em seguida, recostou-se à balaustrada e esfregou a panturrilha esquerda, encolhendo-se levemente.

— Eu juro, Elend… às vezes treinar com aquela garota é como tentar combater uma rajada de vento. Ela nunca fica onde eu acho que ficará.

— Como ela fez aquilo, Ham? — Elend perguntou. — Digo, o salto. Aquele pulo não pareceu humano, nem mesmo para um alomântico.

— Usou aço, não foi? — Fantasma disse.

Ham sacudiu a cabeça.

— Não, duvido.

— Então, como? — Elend quis saber.

— Alomânticos tiram força dos metais — Ham explicou, suspirando e baixando o pé. — Alguns podem extrair mais que outros, mas o poder real vem do próprio metal, não do corpo da pessoa.

Elend fez uma pausa.

— E daí?

— Daí que um alomântico não precisa ser fisicamente forte para ter poderes incríveis. Se Vin fosse uma feruquemista, seria diferente. Se você alguma vez vir Sazed aumentar sua força, verá os músculos crescendo. Mas com Alomancia, toda a força vem diretamente do metal.

Agora, a maioria dos Brutamontes, eu inclusive, entende que tornar seu corpo forte só poderá aumentar seus poderes. No fim das contas, um homem

musculoso queimando peltre será ainda mais forte que um homem normal com o mesmo poder alomântico.

Ham esfregou o queixo, observando a passagem pela qual Vin saíra.

— Mas… bem, estou começando a pensar que pode haver outra maneira. Vin é uma magricela de nada, mas, quando queima peltre, fica muitas vezes mais forte que qualquer guerreiro normal. Ela concentra toda aquela força num corpo pequeno, e não precisa se preocupar com o peso de músculos volumosos. Ela é como… um inseto. Muito mais forte do que sua massa ou seu corpo revelaria. Então, quando ela pula, ela *pula* de verdade.

— Mas você ainda é mais forte que ela — Fantasma comentou.

Ham assentiu.

— E posso fazer uso disso, desde que eu possa acertá-la. O que está ficando cada vez mais difícil de fazer.

Vin finalmente voltou, trazendo uma jarra de suco gelado. Aparentemente, ela decidira ir até a fortaleza em vez de pegar um pouco da cerveja quente que ficava perto da quadra. Ela entregou uma caneca para Ham e lembrou de trazer copos para Elend e Trevo.

— Ei! — Fantasma disse enquanto ela os servia. — E eu?

— Essa barba está ridícula — Vin falou.

— Então não ganho nada para beber?

— Não.

Fantasma parou por um momento.

— Vin, você é uma garota estranha.

Vin revirou os olhos; então olhou para o barril de água no canto da quadra. Um dos copos de estanho ao lado dele lançou-se no ar, atravessando a quadra. Vin estendeu a mão, agarrando-o com um estalo, então o colocou no parapeito diante de Fantasma.

— Feliz?

— Vou ficar assim que você me der um pouco de suco — Fantasma respondeu enquanto Trevo grunhiu, tomando um gole do copo. O velho general esticou a mão, deslizando as duas moedas do parapeito e as embolsando.

— Ei, está certo! — Fantasma falou. — Você me deve, El. Pague aí.

Elend baixou o copo.

— Eu nunca concordei com a aposta.

— Você pagou o Tio Irritado. Por que não a mim?

Elend parou, suspirou e tirou uma moeda de dez boxes e deixou ao lado de Fantasma. O garoto sorriu, pegando as duas num gesto suave de gatuno.

— Obrigado por vencer a luta, Vin — ele falou com uma piscadela.

Vin franziu o cenho para Elend.

— Você apostou contra mim?

Elend riu, recostando-se no parapeito e curvando-se para beijá-la.

— Eu não queria. Trevo me forçou.

Trevo fez uma careta para o comentário, engoliu o restante do suco e estendeu o copo para pegar mais. Quando Vin não reagiu, ele se virou para o Fantasma e lançou ao garoto um olhar feio e eloquente. Por fim, Fantasma suspirou, pegando a jarra para encher novamente o copo.

Nada satisfeita, Vin ainda encarava Elend.

— Eu teria cuidado, Elend — Ham falou, dando uma risadinha. — Ela pode bater bem forte…

Elend concordou.

— Eu deveria parar de brigar com ela quando há armas por perto, não é?

— Nem me diga — Ham brincou.

Vin bufou com o comentário, dando a volta no parapeito para poder ficar ao lado de Elend. Ele passou o braço ao redor dela e, quando o fez, vislumbrou um lampejo de inveja nos olhos de Fantasma. Elend suspeitava que o garoto era apaixonado por Vin há algum tempo, mas, bem, Elend não podia culpá-lo por isso.

Fantasma sacudiu a cabeça.

— Tenho que encontrar uma mulher para mim.

— Bem, essa barba não vai ajudar — Vin comentou.

— É apenas um disfarce, Vin — Fantasma confessou. — El, será que você não poderia me dar um título ou algo assim?

Elend sorriu.

— Não acho que isso vá importar, Fantasma.

— Funcionou para você.

— Ah, não sei — Elend falou. — De algum jeito, acho que Vin se apaixonou por mim *apesar* do meu título, e não por causa dele.

— Mas você teve outras antes dela — Fantasma afirmou. — Garotas nobres.

— Algumas — Elend admitiu.

— Embora Vin tenha o hábito de destruir a concorrência — Ham gracejou.

Elend riu.

— Vejam bem, ela fez isso apenas naquela vez. E acho que Shan mereceu, afinal, estava tentando me assassinar na época. — Ele baixou o olhar carinhosamente, encarando Vin. — Embora, eu tenha que admitir, Vin *é* um

pouco dura com outras mulheres. Com ela por perto, todo mundo parece sem graça.

Fantasma revirou os olhos.

— É mais interessante quando ela mata a concorrência.

Ham deu uma risadinha, deixando Fantasma servir mais suco para ele.

— Só o Senhor Soberano sabe o que ela faria com você se tentasse deixá-la, Elend.

Vin se enrijeceu de imediato, abraçando-o um pouco mais forte. Ela fora abandonada vezes demais. Mesmo depois do que passaram, mesmo depois do pedido de casamento, Elend precisava prometer o tempo todo que não abandonaria Vin.

Hora de mudar de assunto, Elend pensou, sentindo a alegria do momento desaparecer.

— Bem — ele falou —, acho que vou dar uma volta pela cozinha e pegar algo para comer. Vem comigo, Vin?

Vin olhou para o céu – provavelmente verificando quando escureceria. Finalmente, ela assentiu.

— Eu vou — Fantasma se prontificou.

— Não vai, não — Trevo falou, agarrando o garoto pela nuca. — Vai ficar bem aqui e explicar exatamente onde conseguiu este uniforme dos meus soldados.

Elend riu, levando Vin consigo. A bem da verdade, mesmo com o fim levemente amargo da conversa, ele se sentiu melhor por ter vindo ver o treinamento. Era estranho como os membros da equipe de Kelsier podiam rir e fazer graça, mesmo durante a mais terrível das situações. Tinham um jeito de fazê-lo esquecer os problemas. Talvez fosse um legado do Sobrevivente. Aparentemente, Kelsier insistia em rir, sem se importar com a gravidade da situação. Para ele, era uma forma de rebeldia.

Nada daquilo fazia os problemas desaparecerem. Ainda enfrentariam um exército várias vezes maior que o deles, numa cidade que mal poderiam defender. Ainda assim, se alguém pudesse sobreviver a essa situação, seria a equipe de Kelsier.

Mais tarde, naquela noite, tendo enchido o estômago por insistência de Elend, Vin seguiu para os seus aposentos com Elend.

Lá, sentada no chão, estava uma réplica perfeita do cão de caça que ela comprara mais cedo. Ele olhou para ela, então abaixou a cabeça.

— Bem-vinda de volta, senhora — o kandra falou numa voz rosnada, abafada.

Elend assoviou, numa surpresa feliz, e Vin deu um giro ao redor da criatura. Cada pelo parecia ter sido encaixado com perfeição. Se ele não houvesse falado, ninguém teria sido capaz de dizer que não era o cão original.

— Como você faz com a voz? — Elend perguntou, curioso.

— Cordas vocais são uma formação de carne, não de osso, Vossa Majestade — respondeu OreSeur. — Os kandras mais velhos aprendem a manipular seu corpo, não apenas replicá-los. Ainda preciso digerir o cadáver de uma pessoa para memorizar e recriar suas feições exatas. Contudo, posso improvisar algumas coisas.

Vin assentiu com a cabeça.

— Por isso fazer este corpo levou tanto tempo a mais do que você falou?

— Não, senhora — OreSeur retrucou. — Os pelos. Desculpe por não alertá-la, mas posicionar uma pelagem como esta leva uma boa quantidade de precisão e esforço.

— Na verdade, você mencionou isso — Vin disse, acenando com a mão.

— O que acha do corpo, OreSeur? — Elend quis saber.

— Honestamente, Vossa Majestade?

— Claro.

— É ofensivo e degradante — OreSeur respondeu.

Vin ergueu uma sobrancelha. *Que ousadia de sua parte, Renoux,* ela pensou. *Estamos um pouco beligerantes hoje, não é?*

Ele olhou para ela, e ela tentou, sem sucesso, ler sua expressão canina.

— Mas — Elend falou — você vai usar o corpo de qualquer forma, certo?

— Sim, Vossa Majestade — OreSeur confirmou. — Eu morreria antes de quebrar o Contrato. É a vida.

Elend meneou a cabeça para Vin, como se ele tivesse acabado de dizer algo de grande importância.

Qualquer um pode alegar lealdade, Vin pensou. *Se alguém tem um "Contrato" para garantir sua honra, melhor ainda. Isso torna a surpresa ainda mais avassaladora quando esse alguém te trai.*

Elend obviamente esperava algo. Vin suspirou.

— OreSeur, passaremos mais tempo juntos no futuro.

— Se esse for o desejo da senhora.

— Não tenho certeza se é ou não — Vin falou. — Mas de qualquer jeito vai ser assim. Consegue se movimentar bem nesse corpo?

— O bastante, senhora.
— Venha — ela falou —, vamos ver se consegue me acompanhar.

Porém, também estou com medo de que tudo que sei – a minha história – seja esquecido. Tenho medo pelo mundo que virá. Medo que meus planos falhem.

Medo de um destino pior até mesmo que as Profundezas.



Sazed nunca pensou que teria motivo para gostar de um chão de terra. Contudo, eles se provaram extremamente úteis para escrever instruções. Riscou várias palavras na terra com uma vara longa, dando à meia dúzia de alunos um modelo. Eles fizeram suas cópias, reescrevendo as palavras várias vezes.

Mesmo após viver entre vários grupos de skaa rurais por um ano, Sazed ainda ficava surpreso com seus recursos escassos. Não havia um único pedaço de giz na vila inteira, quanto mais tinta ou papel. Metade das crianças corriam por ali nuas, e os únicos abrigos eram cabanas – estruturas longas de um cômodo com telhados remendados. Felizmente, os skaa tinham ferramentas agrícolas, mas nenhum arco ou funda para caça.

Sazed conduziu uma missão de reconhecimento até a mansão abandonada de uma fazenda. Os despojos foram miseráveis. Ele sugeriu que os mais velhos da vila transferissem seu pessoal para a mansão durante o inverno, mas duvidou que fariam isso. Eles visitaram o casarão apreensivos, e muitos não quiseram sair do lado de Sazed. O local lembrava-os dos lordes – e os lordes lembravam-nos da dor.

Seus alunos continuaram a rabiscar. Ele fez um esforço considerável para explicar aos mais velhos por que escrever era tão importante. Por fim, escolheram alguns alunos para ele – em parte, Sazed teve certeza, apenas para tranquilizá-lo. Ele sacudiu a cabeça lentamente enquanto os observava escrever. Não havia paixão na aprendizagem deles. Vinham porque ordenaram que viessem, e porque o “Mestre Terrisano” queria, não por qualquer desejo real de educação.

Durante os dias antes do Colapso, Sazed com frequência imaginava como seria o mundo assim que o Senhor Soberano desaparecesse. Tinha fantasiado

com os Guardadores surgindo, trazendo conhecimento e verdades esquecidas a um populacho empolgado, agradecido. Imaginou-se ensinando diante de uma lareira quente à noite, contando histórias a uma plateia ávida. Nunca parou para considerar uma vila, destituída de seus trabalhadores, cujo povo estava exausto demais à noite para se preocupar com histórias do passado. Nunca imaginou um povo que parecia mais incomodado que agradecido com sua presença.

Você precisa ser paciente com eles, Sazed disse a si mesmo, sério. Seus sonhos pareciam orgulho arrogante. Os Guardadores que vieram antes dele, os centenas que morreram mantendo seus conhecimentos em segurança e silêncio, que nunca esperaram prêmios ou reconhecimento. Tinham realizado sua grande tarefa em solene anonimato.

Sazed levantou-se e inspecionou os escritos dos alunos. Estavam melhorando – conseguiam reconhecer todas as letras. Não era muito, mas era um começo. Ele meneou com a cabeça para o grupo, dispensando-o para ajudar na preparação do jantar.

Eles fizeram uma mesura e, em seguida, dispersaram-se. Sazed seguiu-os, depois percebeu como o céu estava escuro; provavelmente tinha segurado os alunos até muito tarde. Sacudiu a cabeça enquanto caminhava entre as cabanas com jeito de colina. Novamente vestia suas túnicas de mordomo, com seus padrões coloridos em forma de V, e colocara vários dos seus brincos. Mantinha os antigos hábitos porque eram familiares, embora também fossem um símbolo de opressão. Como as gerações terrisanas futuras se vestiriam? Será que um estilo de vida imposto a eles pelo Senhor Soberano se tornaria uma parte inata de sua cultura?

Ele parou às margens da vila, vislumbrando o corredor do vale do sul. Estava cheio de solo enegrecido, às vezes riscado por vinhedos marrons ou arbustos. Sem bruma, claro; a bruma vinha apenas durante a noite. As histórias tinham de ser equívocos. A coisa que ele vira tinha de ser uma casualidade.

E o que importava se não fosse? Não era sua missão investigar esse tipo de coisa. Agora que o Colapso chegara, ele precisava espalhar seu conhecimento, sem perder tempo fuçando histórias tolas. Guardadores não eram mais investigadores, mas instrutores. Ele carregava consigo milhares de livros – informações sobre agricultura, saneamento, governo e medicina. Precisava entregá-las aos skaa. Foi o que o Sínodo decidira.

E, ainda assim, uma parte de Sazed resistia. Aquilo fazia com que se sentisse profundamente culpado; os aldeões necessitavam de suas aulas, e ele desejava ajudá-lo encarecidamente. No entanto… sentia que estava *faltando* alguma

coisa. O Senhor Soberano estava morto, mas a história não parecia terminada. Havia algo que ele ignorava?

Algo maior até mesmo que o Senhor Soberano? Algo tão grande, tão imenso que era efetivamente invisível?

Ou eu apenas quero *que haja algo mais?*, ele refletiu. *Passei a maior parte da vida adulta resistindo e lutando, assumindo riscos que os outros Guardadores chamavam de loucura. Não estava contente com a subserviência fingida – precisava ter me envolvido na rebelião.*

Apesar do sucesso daquela rebelião, os irmãos de Sazed ainda não haviam perdoado seu envolvimento. Ele sabia que Vin e os outros o viam como dócil, mas comparado a outros Guardadores, fora um homem violento. Um tolo imprudente, não confiável, que ameaçou a ordem inteira com sua impaciência. Acreditavam que a obrigação deles era esperar, aguardar o dia em que o Senhor Soberano caísse. Os feruquemistas eram raros demais para se arriscar numa rebelião aberta.

Sazed desobedecera. Agora tinha dificuldades em levar a vida pacífica de um professor. Era porque alguma parte subconsciente sua sabia que as pessoas ainda estavam em perigo, ou porque simplesmente não conseguia aceitar ser marginalizado?

— Mestre Terrisano!

Sazed girou. A voz estava aterrorizada. *Outra morte nas brumas*, ele pensou de imediato.

Foi estranho como os outros skaa permaneceram dentro de suas cabanas apesar da voz horrorizada. Algumas portas estalaram, mas ninguém saiu às pressas, alarmado – ou nem mesmo curioso –, quando a pessoa que gritava partiu na direção de Sazed. Era uma das trabalhadoras, uma mulher de meia-idade, corpulenta. Sazed verificou suas reservas quando ela se aproximou; tinha mente de peltre para força, claro, e um anel muito pequeno para velocidade. De repente, desejou ter optado por usar mais alguns braceletes naquele dia.

— Mestre Terrisano! — a mulher disse, sem fôlego. — Ai, ele está de volta! Veio atrás de nós!

— Quem? — Sazed perguntou. — O homem que morreu nas brumas?

— Não, Mestre Terrisano. O *Senhor Soberano*.

Sazed o encontrou em pé, bem diante da vila. Já estava escurecendo, e a mulher que o havia buscado retornou a sua cabana com medo. Sazed conseguia

apenas imaginar como o povo pobre se sentia – cercado pelo início da noite e sua bruma, ainda agachado e preocupado pelo perigo que espreitava lá fora.

E era um perigo agourento. O estranho esperava em silêncio na estrada desgastada, vestindo uma túnica preta. Era quase da altura de Sazed. O homem era careca e não trazia nenhuma joia, exceto, claro, dos pregões de ferro imensos cujas pontas se enfiavam nos seus olhos.

Não era o Senhor Soberano. Era um Inquisidor de Aço.

Sazed ainda não entendia como as criaturas continuavam a viver. Os pregos eram largos o suficiente para preencher as órbitas inteiras dos olhos do Inquisidor; o pregos destruíam os olhos e as pontas saíam na parte de trás do crânio. Nenhum sangue pingava dos ferimentos – por algum motivo, aquilo os fazia parecer mais estranhos.

Felizmente, Sazed conhecia esse Inquisidor em especial.

— Marsh — Sazed disse baixinho quando as brumas começaram a se formar.

— Você é uma pessoa muito difícil de rastrear, terrisano — Marsh falou, e o som de sua voz deixou Sazed chocado. Havia mudado de alguma forma, se tornado mais áspera, mais endurecida. Tinha uma característica rangente, como a de um homem com pigarro. Exatamente como outros Inquisidores que Sazed ouvira.

— Rastrear? — Sazed perguntou. — Não contava que os outros precisassem me encontrar.

— Não importa — Marsh disse, virando-se para o sul. — Eu o encontrei. Você precisa vir comigo.

Sazed franziu o cenho.

— Quê? Marsh, tenho um trabalho a fazer aqui.

— Não é importante — Marsh retrucou, virando-se de volta, dirigindo seu olhar cego para Sazed.

Sou eu, ou ele ficou mais estranho desde a última vez em que nos encontramos?, Sazed pensou, estremecendo.

— O que houve, Marsh?

— O Convento de Seran está vazio.

Sazed hesitou. O Convento era uma fortaleza do Ministério ao sul – um lugar onde os Inquisidores e altos obrigadores da religião do Senhor Soberano haviam se recolhido após o Colapso.

— Vazio? — Sazed perguntou. — Isso não é provável, eu acho.

— Contudo é verdade — Marsh respondeu. Não usava linguagem corporal quando falava – nenhum gesto, nenhum movimento da face.

— Eu… — Sazed não continuou. *Que tipo de informações, mistérios, segredos as bibliotecas do Convento devem conter?*

— Você precisa vir comigo — Marsh repetiu. — Posso precisar de ajuda caso meus irmãos nos descubram.

Meus irmãos. Desde quando os Inquisidores são "irmãos" de Marsh? Marsh tinha infiltrado suas fileiras como parte do plano de Kelsier para derrubar o Império Final. Era um traidor dos seus iguais, não um irmão.

Sazed hesitou. O perfil de Marsh parecia… anormal, até mesmo intimidante, à luz mortiça. Perigoso.

Não seja tolo, Sazed repreendeu a si mesmo. Marsh era irmão de Kelsier – o único parente vivo do Sobrevivente. Como Inquisidor, Marsh tinha autoridade sobre o Ministério do Aço, e muitos dos obrigadores ouviram-no apesar do seu envolvimento com a rebelião. Ele havia sido um recurso inestimável para o governo incipiente de Elend Venture.

— Vá pegar suas coisas — Marsh exigiu.

Meu lugar é aqui, Sazed pensou. *Ensinando as pessoas, não perambulando pelo interior, buscando meu próprio ego.*

E, mesmo assim…

— As brumas estão vindo durante o dia — Marsh comentou em voz baixa.

Sazed ergueu os olhos. Marsh encarava-o, as pontas dos pregos brilhando como discos arredondados sob os últimos laivos de luz solar. Os skaa supersticiosos pensavam que os Inquisidores podiam ler mentes, embora Sazed soubesse que era tolice. Inquisidores tinham poderes de Nascidos da Bruma e, portanto, poderiam influenciar as emoções de outras pessoas – mas *não podiam* ler mentes.

— Por que disse isso? — Sazed perguntou.

— Porque é verdade — Marsh retrucou. — Não acabou, Sazed. Nem mesmo começou. O Senhor Soberano… foi apenas um adiamento. Um dente na engrenagem. Agora que ele se foi, temos pouco tempo. Venha comigo para o Convento. Precisamos encontrar o porquê, enquanto ainda temos chance.

Sazed parou por um instante, então assentiu.

— Deixe-me explicar aos aldeões. Poderemos partir hoje à noite, acho.

Marsh concordou com a cabeça, mas não se moveu enquanto Sazed voltava para a vila. Apenas permaneceu lá, em pé na escuridão, deixando que a bruma se reunisse ao redor dele.

Tudo recai sobre o pobre Alendi. Sinto-me mal por ele, e por todas as coisas que ele tem sido forçado a suportar. Por aquilo que ele foi forçado a se tornar.

8

Vin jogou-se nas brumas. Ela se ergueu no ar noturno, passando sobre casas e ruas escurecidas. Um ponto de luz ocasional, furtivo, brilhava nas brumas – um patrulheiro da guarda, ou talvez um infeliz viajante noturno.

Vin começou a descer e imediatamente lançou uma moeda diante de si. Ela a *empurrou*, e seu peso mergulhava o metal nas profundezas silenciosas. Assim que a moeda atingiu o solo, seu *empurrão* forçou-a para cima, e ela saltou de volta nos ares. *Empurrões* suaves eram muito difíceis, por isso cada moeda que *empurrava*, cada salto que dava, a lançava no ar a uma velocidade terrível. O salto de um Nascido das Brumas não era como o voo de um pássaro. Era mais como o trajeto de uma flecha ricocheteante.

E, ainda assim, havia uma graça nele. Vin suspirou profundamente enquanto descrevia um arco sobre a cidade, sentindo o ar frio e úmido. Luthadel durante o dia cheirava a fornalhas queimando, lixo aquecido pelo sol e cinza caída. À noite, no entanto, as brumas davam à cidade uma vivacidade fria e linda – quase limpa.

Vin chegou ao ápice de seu salto, e pairou por um breve momento quando seu impulso mudou. Em seguida, começou a mergulhar de volta na direção da cidade. As franjas de sua capa de bruma tremulavam ao redor dela, misturando-se aos cabelos. Ela caiu com olhos fechados, lembrando-se das primeiras semanas na bruma, treinando sob a tutela tranquila – porém atenta – de Kelsier. Ele lhe dera aquilo. Liberdade. Apesar dos dois anos como uma Nascida das Brumas, nunca perdera a sensação de surpresa inebriante que a acometia quando subia através das brumas.

Ela queimou aço com olhos fechados; as linhas apareciam de qualquer forma, visíveis como um borrifar de linhas azuis como fios dispostas contra a escuridão de suas pupilas. Ela escolheu duas, apontando para baixo atrás dela, e *empurrou*, lançando-se em outro arco.

Como eu vivia sem isso?, Vin pensou, abrindo os olhos, agitando a capa de bruma atrás dela com um movimento de braço.

Por fim, ela começou a cair novamente, e dessa vez não lançou uma moeda. Avivou peltre para fortalecer os membros e aterrissou com um baque surdo na muralha que cercava o terreno da Fortaleza Venture. O bronze não mostrou sinais de atividade alomântica nas proximidades, e o aço não revelou padrões incomuns de metal movendo-se na direção da fortaleza.

Vin agachou-se na muralha escura por alguns momentos, bem na beirada, os dedos dos pés curvados sobre a quina da pedra. A rocha era fria embaixo dos pés, e o estanho deixava sua pele muito mais sensível que o normal. Conseguia saber que a muralha precisava ser limpa; o líquen começara a crescer na lateral, incentivado pela umidade noturna, protegido da luz do sol por uma torre próxima.

Vin permaneceu quieta, observando uma brisa leve empurrando e rodopiando as brumas. Ouviu o movimento na rua lá embaixo antes de vê-lo. Ficou tensa e verificou suas reservas antes de conseguir discernir a forma de um cão de caça nas sombras.

Ela soltou uma moeda na lateral da muralha, em seguida saltou dela. OreSeur aguardou enquanto ela aterrissava em silêncio diante dele, usando um rápido *empurrão* na moeda para diminuir a velocidade da descida.

— Você se move rápido — Vin observou com satisfação.

— Tudo que tive de fazer foi contornar o terreno do palácio, senhora.

— Ainda assim, ficou mais perto de mim do que antes. Esse corpo de cão de caça *é* mais rápido que um humano.

OreSeur hesitou.

— Suponho que sim — ele admitiu.

— Acha que consegue me seguir pela cidade?

— Provavelmente — OreSeur falou. — Se a senhora me perder, voltarei a este ponto para que possa me buscar.

Vin virou-se e saiu em disparada por uma rua lateral. OreSeur partiu atrás dela, seguindo-a.

Vamos ver como ele se sai numa perseguição mais exigente, ela pensou, queimando peltre e indo mais rápido. Correu a toda velocidade pelos paralelepípedos frios, descalça como sempre. Um homem normal nunca conseguiria manter essa velocidade. Mesmo um corredor treinado não conseguiria manter o ritmo dela, pois logo ficaria cansado.

No entanto, com peltre, Vin conseguia correr por horas a velocidades

impressionantes. Ele dava-lhe força, emprestava-lhe um equilíbrio surreal, enquanto ela disparava pela rua escura e brumosa, um farfalhar de franjas da capa e pés descalços.

OreSeur mantinha o ritmo. Galopava ao lado dela na noite, respirando com força, concentrado na corrida.

Impressionante, Vin pensou, virando num beco. Com facilidade, saltou uma cerca de 1,80 metro ao fundo, passando pelo jardim de alguma mansão de um fidalgo menor. Girou, deslizando no gramado molhado, e observou.

OreSeur subiu na cerca de madeira, sua forma canina e escura caindo através das brumas para aterrissar na argila diante de Vin. Ele parou, descansando sobre os quadris e esperando em silêncio ofegante. Havia uma expressão de desafio nos seus olhos.

Tudo bem, Vin pensou, puxando um punhado de moedas. *Siga isso, então*.

Ela soltou uma moeda e lançou-se de volta no ar. Rodopiou nas brumas, girando, em seguida *empurrou-se* na lateral da torneira de um poço. Aterrissou em um telhado e saltou, usando outra moeda para se *empurrar* até uma rua abaixo.

Ela se manteve em movimento, saltando de telhado em telhado, usando as moedas quando necessário. Às vezes, lançava um olhar para trás e via uma forma escura esforçando-se para acompanhá-la. Raramente ele a seguia na forma humana; em geral, ela se encontrava com ele em pontos específicos. Movendo-se pela noite, saltando através das brumas… esse era o verdadeiro domínio do Nascido das Brumas. Elend entendia o que lhe pedira quando disse para ela levar OreSeur consigo? Se ficasse lá embaixo, nas ruas, estaria exposta.

Aterrissou num telhado, chocando-se numa parada repentina quando se agarrou à beira de pedra de um edifício, inclinada sobre uma rua três andares abaixo. Manteve o equilíbrio, enquanto a bruma rodopiava embaixo dela. Tudo estava silencioso.

Bem, não levou muito tempo, ela pensou. *Precisarei apenas explicar a Elend que…*

A forma canina de OreSeur bateu no telhado a uma curta distância. Ele caminhou até ela e sentou-se sobre os quadris, aguardando com expectativa.

Vin franziu o cenho. Tinha se movimentado por uns bons dez minutos, correndo sobre os telhados com a velocidade de uma Nascida das Brumas.

— Como… como você subiu aqui? — ela quis saber.

— Subi num prédio menor, então usei-o para alcançar este edifício, senhora

— OreSeur respondeu. — Depois, segui a senhora pelos telhados. São tão próximos que não foi difícil pular de um para o outro.

A confusão de Vin deve ter transparecido, pois OreSeur continuou.

— Posso ter… sido apressado no meu julgamento destes ossos, senhora. Certamente têm um impressionante olfato… na verdade, todos os sentidos são bem aguçados. Foi surpreendentemente fácil rastreá-la, mesmo na escuridão.

— Entendo… — Vin disse. — Bem, isso é bom.

— Posso perguntar, senhora, o objetivo desta ronda?

Vin encolheu os ombros.

— Faço isso toda noite.

— Parecia que a senhora estava tentando especificamente me despistar. Será muito difícil protegê-la se não permitir que eu fique por perto.

— Me proteger? — Vin perguntou. — Você não pode nem lutar.

— O Contrato me proíbe de matar um ser humano — OreSeur falou. — No entanto, posso buscar auxílio, caso precise.

Ou me jogar um pedacinho de atium num momento de perigo, Vin admitiu. *Ele está certo, poderia ser útil. Por que estou tão determinada a deixá-lo para trás?*

Ela olhou para OreSeur, que estava sentado pacientemente, o peito subindo e descendo pelo esforço. Ela não havia percebido que o kandra precisava respirar.

Ele engoliu Kelsier.

— Vamos — Vin falou. Saltou do prédio, *empurrando* uma moeda. Não parou para ver se OreSeur a seguia.

Quando caiu, pegou outra moeda, mas decidiu não usá-la. *Empurrou-se* contra a dobradiça de uma janela. Como a maioria dos Nascidos da Bruma, ela em geral usava tostões – a menor denominação de moeda – para pular. Era muito conveniente que a economia fornecesse um pedaço pré-pronto de metal de tamanho e peso ideais para saltar e atirar. Para a maioria dos Nascidos da Bruma, o custo de lançar um tostão – ou mesmo uma bolsa cheio deles – era irrisório.

Mas Vin não era como a maioria dos Nascidos da Bruma. Na sua infância, um punhado de tostões seria um tesouro incrível. Aquela quantidade de dinheiro poderia significar comida por semanas, se ela economizasse. Também poderia significar dor – mesmo a morte – se outros ladrões descobrissem que ela carregava tal fortuna.

Havia muito tempo desde que ela havia passado fome. Embora ela ainda

mantivesse um pacote de comidas secas em seus aposentos, fazia isso mais por hábito do que por ansiedade. Honestamente não sabia o que pensar sobre as mudanças dentro de si. Era ótimo não se preocupar com necessidades básicas e, ainda assim, essas preocupações foram substituídas por outras muito mais assustadoras. Preocupações que envolviam o futuro de uma nação inteira.

O futuro de… um povo. Ela aterrissou na muralha da cidade – uma estrutura muito maior e muito mais bem fortificada que aquela que cercava a Fortaleza Venture. Saltou nas ameias, os dedos buscando um apoio em um dos merlões enquanto se curvava sobre a beirada da muralha, olhando para as fogueiras do exército.

Nunca encontrara Straff Venture, mas tinha ouvido o bastante de Elend para se preocupar.

Suspirou, recuando da ameia e pulando para o passadiço da muralha. Em seguida, recostou-se de novo contra um dos merlões. Ao lado, OreSeur trotou os degraus da muralha acima e aproximou-se. Novamente, ele se sentou nos quadris, observando com paciência.

Por bem ou por mal, a vida simples de fome e espancamentos de Vin tinha acabado. O reino incipiente de Elend estava em sério risco, e ela queimara sua última reserva de atium para se manter viva. Ela o deixara exposto – não apenas aos exércitos, mas a qualquer assassino Nascido das Brumas que tentasse matá-lo.

Um assassino como o Vigilante, talvez? A figura misteriosa que interferiu na sua batalha contra os Nascidos da Bruma de Cett. O que ele queria? Por que a vigiava, e não a Elend?

Vin suspirou, pegando a bolsa de moedas e tirando sua barra de duralumínio. Ainda tinha a reserva dele dentro de si, a pitada que engolira mais cedo.

Durante séculos, todos acreditavam que havia apenas dez metais alomânticos: os quatro metais básicos e suas ligas, mais atium e ouro. Contudo, os metais alomânticos sempre vinham em pares – um metal base e uma liga. Sempre incomodara Vin que atium e ouro fossem considerados um par, quando nenhum era liga do outro. No fim das contas, descobriu-se que na verdade não eram um par; cada qual tinha uma liga. Uma dessas – o malatium, chamado de Décimo Primeiro Metal – dera a Vin a pista de que precisava para derrotar o Senhor Soberano.

De alguma forma, Kelsier havia descoberto sobre o malatium. Sazed ainda não tinha sido capaz de rastrear as “lendas” que Kelsier havia supostamente encontrado ensinando sobre o Décimo Primeiro Metal e seu poder de derrotar o

Senhor Soberano.

Vin esfregou o dedo na superfície lisa da barra de duralumínio. Quando Vin vira Sazed pela última vez, ele parecia frustrado – ou ao menos tão frustrado quanto Sazed ficava –, pois não conseguira encontrar nem pistas com relação às supostas lendas de Kelsier. Embora Sazed alegasse ter deixado Luthadel para ensinar o povo do Império Final, como era sua obrigação de Guardador, não escapara a Vin que Sazed havia seguido para sul. A direção na qual Kelsier alegara ter descoberto o Décimo Primeiro Metal.

Existem rumores sobre este metal também?, Vin se perguntou, alisando o duralumínio. *Histórias que possam me dizer o que ele faz?*

Cada qual dos outros metais produzia um efeito imediato, visível; apenas o cobre, com sua capacidade de criar uma nuvem que mascarava os poderes alomânticos dos outros, não tinha uma pista sensorial óbvia do seu objetivo. Talvez o duralumínio fosse semelhante. Talvez seu efeito pudesse ser percebido por outro alomântico, um que tentasse usar seus poderes em Vin? Era o oposto do alumínio, que fazia os metais desaparecerem. Isso significava que o duralumínio faria outros metais durarem mais tempo?

Movimento.

Vin mal percebera o movimento nas sombras. De início, um pouco daquele terror primevo despertou nela: seria a forma brumosa, o fantasma na escuridão que vira na noite anterior?

Você só estava vendo coisas, ela disse a si mesma com veemência. *Estava muito cansada*. E, na verdade, o vislumbre de movimento provou-se escuro demais – *real* demais – para ser a mesma imagem fantasmagórica.

Era ele.

Ele estava de pé sobre uma das torres de vigilância – sem se agachar, nem mesmo se importar em se esconder. Era arrogante ou estúpido esse Nascido das Brumas desconhecido? Vin sorriu, sua apreensão transformando-se em entusiasmo. Ela preparou seus metais, verificou as reservas. Tudo estava pronto.

Nesta noite eu te pego, meu amigo.

Vin rodopiou, lançando um punhado de moedas. O Nascido das Brumas também sabia que fora identificado, ou estava pronto para um ataque, pois se esquivou com facilidade. OreSeur ergueu-se, girando, e Vin soltou de uma vez seu cinto, derrubando seus metais.

— Acompanhe se puder — ela sussurrou para o kandra, em seguida saltou na escuridão atrás de sua presa.

O Vigilante disparou, mergulhando noite adentro. Vin tinha pouca experiência em perseguir outro Nascido das Brumas; sua única chance real de praticá-lo fora durante as sessões de treinamento de Kelsier. Logo ela se viu lutando para manter o ritmo com o Vigilante, e sentiu uma pontada de culpa pelo que fizera com OreSeur mais cedo. Ela estava aprendendo, em primeira mão, como era difícil seguir um Nascido das Brumas determinado através das brumas. E não tinha a vantagem do olfato de um cão.

Contudo, Vin tinha estanho. Ele deixava a noite mais clara e aguçava sua audição. Com ele, ela conseguiu seguir o Vigilante enquanto ele se movia na direção do centro da cidade. Por fim, ele se deixou pousar em uma das praças centrais com suas fontes. Vin caiu também, atingindo os paralelepípedos lisos com um avivar de peltre, depois desviou para o lado quando ele lançou um punhado de moedas.

O metal retiniu contra a pedra na noite quieta, moedas tilintaram contra estátuas e pedras de calçamento. Vin sorriu enquanto aterrissava de quatro; em seguida avançou, pulando com músculos fortalecidos pelo peltre e *puxou* uma das moedas para sua mão.

Seu oponente saltou para trás, aterrissando na beirada de uma fonte próxima. Vin caiu, então soltou a moeda, usando-a para se lançar para cima, sobre a cabeça do Vigilante. Ele se curvou, observando com cuidado enquanto ela passava sobre ele.

Vin viu uma das estátuas de bronze no centro da fonte e *puxou-se* até parar sobre ela. Agachou-se na plataforma desigual, olhando seu oponente de cima. Ele se equilibrava num pé na beirada da fonte, quieto e escurecido pelas brumas rodopiantes. Havia um… desafio na sua postura.

Consegue me pegar?, ele parecia perguntar.

Vin sacou as adagas e saltou da estátua. Ela se *empurrou* diretamente para o Vigilante, usando o bronze frio como trampolim.

O Vigilante também usou a estátua, *puxando* a si mesmo para frente. Saltou bem embaixo de Vin, lançando para cima uma onda de água, sua velocidade incrível fazendo-o deslizar como uma pedra pela superfície parada da fonte. Quando saiu da água, *empurrou-se* para longe, atravessando a praça.

Vin aterrissou na borda da fonte, a água fria espirrando sobre ela. Grunhiu e saltou atrás do Vigilante.

Quando ele pousou, rodopiou e sacou suas adagas. Ela rolou por baixo do primeiro ataque, em seguida ergueu suas armas num ataque de mão duplo. O Vigilante pulou rapidamente para se esquivar, suas adagas reluzindo e lançando

gotas de água da fonte. Tinha uma força ágil que o rodeava quando parou agachado. Seu corpo parecia tenso e seguro. Capaz.

Vin sorriu novamente, ofegando. Não se sentia assim desde… desde aquelas noites, havia muito tempo, quando treinava com Kelsier. Permaneceu abaixada, esperando, observando as brumas rodopiarem entre ela e seu adversário. Ele tinha altura mediana, um corpo magro e não vestia capa de bruma.

Por que está sem capa? As capas de bruma eram a marca onipresente da sua espécie, um símbolo de orgulho e segurança.

Estava longe demais para distinguir seu rosto. No entanto, pensou ver um traço de sorriso quando ele saltou para trás e *empurrou* outra estátua. A caçada recomeçava.

Vin seguiu-o pela cidade, queimando aço, aterrissando em telhados e ruas, empurrando-se em grandes saltos que descreviam arcos. Os dois saltitavam por Luthadel como crianças num parquinho – Vin tentando encurralar seu oponente, ele conseguindo, com astúcia, ficar um pouco à frente dela.

Era bom. Muito melhor que qualquer Nascido das Brumas que ela conhecera ou enfrentara, exceto talvez Kelsier. Contudo, ela crescera muito em habilidade desde que treinara com o Sobrevivente. Este recém-chegado poderia ser melhor? O pensamento a arrepiava. Sempre considerara Kelsier um paradigma de habilidade alomântica, e era fácil esquecer que ele obtivera seus poderes apenas dois anos antes do Colapso.

É a mesma quantidade de tempo que treinei, Vin percebeu quando pousou numa rua pequena e estreita. Ela franziu o cenho, agachou-se e permaneceu em silêncio. Vira o Vigilante cair na direção daquela rua.

Estreita e mal conservada, a rua era praticamente um beco, com prédios de três e quatro andares em ambos os lados. Não havia movimento – o Vigilante havia escapado ou estava escondido nas proximidades. Ela queimou ferro, mas as linhas de ferro não revelaram movimento algum.

Contudo, havia outra maneira…

Vin fingiu estar procurando ainda, mas acionou o bronze, queimando-o, tentando perfurar a nuvem de cobre que ela pensou poder estar perto.

E lá estava ele. Escondido em um espaço atrás dos estores, em sua maioria fechados, de um prédio abandonado. Agora que sabia onde procurar, viu o pedaço de metal que ele provavelmente teria usado para pular até o segundo andar, o trinco que devia ter *empurrado* para fechar rapidamente os estores atrás dele. Possivelmente havia examinado a rua de antemão, sempre com a intenção de despistá-la.

Esperto, Vin pensou.

Ele não poderia ter previsto a capacidade dela de perfurar nuvens de cobre. Mas atacá-lo agora poderia revelar essa habilidade. Vin ficou parada, quieta, pensando nele agachado lá em cima, esperando com preocupação que ela saísse do beco.

Ela sorriu. Verificou a reserva de duralumínio dentro de si. Havia uma maneira possível de descobrir se, ao queimá-lo, ele criaria alguma mudança na forma que ela observava outro Nascido das Brumas. O Vigilante também devia estar queimando a maioria de seus metais, tentando determinar qual seria o próximo movimento de Vin.

Então, acreditando ser incrivelmente esperta, Vin queimou o décimo quarto metal.

Uma explosão gigantesca soou em seus ouvidos. Vin arfou e caiu de joelhos, em choque. Tudo ficou brilhante ao seu redor, como se alguma fissura de energia tivesse iluminado a rua inteira. E ela sentiu frio; um frio terrível, impressionante.

Ela gemeu, tentando ver sentido naquele som. Não… não era uma explosão, mas muitas explosões. Um pulsar rítmico, como um tambor retumbando ao seu lado. A batida do seu coração. E a brisa, alta como um vento uivante. O raspar de unhas de um cão buscando comida. Alguém roncando durante o sono. Era como se sua audição tivesse sido amplificada centenas de vezes.

E, em seguida… nada. Vin caiu de costas nos paralelepípedos, a erupção repentina de luz, frio e som se evaporando. Uma forma moveu-se nas sombras ali perto, mas ela não conseguia distingui-la… mal conseguia ver na escuridão. Seu estanho havia…

Sumido, ela percebeu, recuperando-se. *Minha reserva inteira de estanho foi queimada. Eu estava… queimando estanho quando lancei mão do duralumínio.*

Queimei os dois ao mesmo tempo. Esse é o segredo. O duralumínio queimou todo seu estanho numa única explosão gigantesca. Deixou seus sentidos incrivelmente aguçados por um período bem curto, mas terminou com toda a sua reserva. E, ao verificar, conseguiu perceber que o bronze e o peltre – os outros metais que estava queimando no momento – também haviam desaparecido. A sobrecarga de informações sensoriais foi tão vasta que ela mal percebeu os efeitos dos outros dois metais.

Pense nisso depois, Vin disse a si mesma, sacudindo a cabeça. Ela sentiu que deveria estar surda e cega, mas não estava. Estava apenas um pouco chocada.

A forma escura moveu-se até o seu lado nas brumas. Não tinha tempo de se recuperar; pôs-se de pé, cambaleando. A forma era pequena demais para ser o Vigilante. Era…

— A senhora precisa de ajuda?

Vin hesitou quando OreSeur caminhou até ela, então sentou sobre os quadris.

— Você… conseguiu me seguir — Vin falou.

— Não foi fácil, senhora — OreSeur disse, impassível. — Precisa de ajuda?

— Quê? Não, não preciso. — Vin balançou a cabeça, limpando a mente. — Acho que não pensei em uma coisa ao transformar você em cachorro. Agora não pode carregar metais para mim.

O kandra inclinou a cabeça, em seguida entrou no beco. Voltou um momento depois com algo na boca. O cinto dela.

Ele o deixou aos pés dela, em seguida voltou para a posição de espera. Vin pegou o cinto, tirando um dos frascos de metal extra.

— Obrigada — ela disse lentamente. — Isso foi muito… atencioso da sua parte.

— Eu cumpro o meu Contrato, senhora — o kandra retrucou. — Nada mais.

Bem, é mais do que jamais fizera antes, ela pensou, ingerindo o conteúdo de um frasco e sentindo as reservas voltarem. Ela queimou estanho, restaurando sua visão noturna, retirando um véu de tensão da mente; desde que descobrira seus poderes, nunca havia saído à noite na escuridão completa.

Os estores do cômodo do Vigilante estavam abertos; aparentemente ele havia fugido durante seu surto. Vin suspirou.

— Senhora! — OreSeur falou, de repente.

Vin girou. Um homem aterrissou em silêncio atrás dela. Ele parecia… familiar, por algum motivo. Tinha um rosto magro, cabelos escuros, e a cabeça inclinava-se levemente em confusão. Ela poderia ver a pergunta em seus olhos. Por que ela havia caído?

Vin sorriu.

— Talvez eu tenha feito isso apenas para atrair você — ela sussurrou com suavidade, mas alto o bastante para saber que os ouvidos aguçados pelo estanho ouviriam.

O Nascido das Brumas sorriu, em seguida inclinou a cabeça para ela, em aparente respeito.

— Quem é você? — Vin perguntou, dando um passo para frente.

— Um inimigo — ele respondeu, erguendo a mão para mantê-la distante.

Vin parou. A bruma rodopiava entre eles na rua silenciosa.

— Então, por que me ajudou a combater aqueles assassinos?

— Porque também sou insano — ele retrucou.

Vin franziu o cenho, encarando o homem. Ela vira a insanidade antes, nos olhos dos mendigos. Aquele homem não era insano. Tinha uma postura orgulhosa, olhos controlados enquanto a observava na escuridão.

Que tipo de jogo ele está fazendo?, ela se perguntou.

Seus instintos – uma vida inteira de instintos – a alertavam para ter cuidado. Ela aprendera a confiar apenas nos amigos, e não estava disposta a oferecer o mesmo privilégio a um homem que conhecera na noite.

Entretanto, já fazia um ano desde que ela falara com outro Nascido das Brumas. Havia conflitos dentro dela que não conseguia explicar aos outros. Mesmo Brumosos como Ham e Brisa não conseguiam entender a estranha vida dupla de um Nascido das Brumas. Uma garota parte assassina, parte guarda-costas, parte fidalga… parte confusa, quieta. Aquele homem também tinha problemas semelhantes com sua identidade?

Talvez ela conseguisse transformá-lo num aliado, trazendo um segundo Nascido das Brumas para a defesa do Domínio Central. Mesmo se ela não pudesse, com certeza não conseguiria combatê-lo. Uma luta à noite era uma coisa, mas se sua disputa ficasse mais perigosa, o atium poderia entrar no jogo.

Se acontecesse, ela perderia.

O Vigilante examinou-a com olhos cuidadosos.

— Me diga uma coisa — ele falou entre as brumas.

Vin assentiu com a cabeça.

— Você realmente O matou?

— Sim — Vin sussurrou. Ele só poderia estar se referindo a uma pessoa.

Ele meneou a cabeça lentamente.

— Por que você faz o jogo deles?

— Jogo de quem?

O Vigilante apontou para as brumas na direção da Fortaleza Venture.

— Não são jogos — Vin afirmou. — Não há jogos quando as pessoas que amo estão em perigo.

O Vigilante ficou quieto, balançando a cabeça em seguida como se… estivesse decepcionado. Depois, puxou algo de sua bolsa.

Vin saltou para trás de imediato. No entanto, o Vigilante simplesmente lançou uma moeda no chão entre eles. Ela girou algumas vezes até cair nos paralelepípedos. Depois, o Vigilante *empurrou-se* para trás no ar.

Vin não o seguiu. Ela ergueu o braço, esfregando a testa; ainda sentia como

se estivesse com dor de cabeça.

— Vai deixá-lo ir embora? — OreSeur questionou.

Vin assentiu.

— Já chega por hoje. Ele lutou bem.

— Você parece quase respeitosa — o kandra falou.

Vin se virou, franzindo para a ponta de indignação na voz do kandra. OreSeur sentava-se com paciência, sem demonstrar mais emoções.

Ela suspirou, atando o cinto ao redor da cintura.

— Vamos precisar pensar numa coleira ou algo assim para você — ela comentou. — Quero que carregue frascos extras de metal para mim, como fazia quando estava num corpo humano.

— Uma coleira não será necessária, senhora — OreSeur afirmou.

— Hein?

OreSeur levantou-se, caminhando para frente.

— Por favor, pegue um dos frascos.

Vin fez o que ele pediu, tirando da bolsa um pequeno frasco de vidro. OreSeur parou, então virou um ombro na direção dela. Enquanto ela observava, os pelos se separaram e a carne se abriu, mostrando veias e camadas de pele. Vin retraiu-se um pouco.

— Não precisa se preocupar, senhora — OreSeur falou. — Minha carne não é como a sua. Tenho mais… controle sobre ela, pode-se dizer. Encaixe o frasco no meu ombro.

Vin fez como ele disse. A carne selou-se ao redor do frasco, escondendo-o. Como experimento, Vin queimou ferro. Nenhuma linha azul apareceu apontando na direção do frasco escondido. O metal dentro do estômago de uma pessoa não podia ser atingido por outro alomântico; de fato, o metal perfurando um corpo, como os pregos de um Inquisidor ou o brinco de Vin, não podia ser *empurrado* ou *puxado* por outra pessoa. Aparentemente, a mesma regra se aplicava aos metais escondidos dentro de um kandra.

— Numa emergência, entregarei para a senhora — OreSeur garantiu.

— Obrigada.

— O Contrato, senhora. Não me agradeça. Faço apenas o que me é solicitado.

Vin assentiu lentamente com a cabeça.

— Vamos voltar ao palácio — ela disse. — Quero ver como Elend está.

Mas deixe-me começar do começo. Conheci Alendi em Khlennium; era um jovem camarada na época, e não havia sido deturpado por uma década liderando exércitos.



Marsh havia mudado. Havia algo… mais duro no ex-Buscador. Algo na maneira como ele sempre parecia estar encarando coisas que Sazed não conseguia ver, algo em suas respostas sem rodeios e em sua linguagem concisa.

Claro, Marsh sempre fora um homem direto. Sazed olhou para o amigo enquanto os dois caminhavam a passos largos na via empoeirada. Não estavam a cavalo; mesmo que Sazed possuísse um, a maioria dos animais não se aproximava de um Inquisidor.

Qual era o apelido de Marsh, segundo o Fantasma?, Sazed pensou consigo mesmo enquanto andavam. *Antes da transformação, eles costumavam chamá-lo de… Olhos-de-ferro*. O nome revelara-se assustadoramente profético. A maioria dos outros achava o estado transformado de Marsh desconfortável, e o deixava isolado. Embora Marsh parecesse não se importar com o tratamento, Sazed fizera um esforço especial para ser amigável com o homem.

Ele não sabia ainda se Marsh apreciava o gesto ou não. Eles pareciam se dar bem, os dois eram atraídos por erudição e história, e ambos tinham interesse no ambiente religioso do Império Final.

E ele veio me procurar, Sazed pensou. *Claro, ele alegou que queria ajuda no caso de os Inquisidores não terem todos desaparecido do Convento de Seran.* Era uma desculpa fraca. Apesar dos seus poderes de feruquemista, Sazed não era um guerreiro.

— Você deveria estar em Luthadel — Marsh falou.

Sazed ergueu o olhar. Marsh falava sem meias palavras, como de costume, sem preâmbulos.

— Por que diz isso? — Sazed quis saber.

— Precisam de você lá.

— O resto do Império Final precisa de mim também, Marsh. Sou um

Guardador. Um grupo de pessoas não deveria ser capaz de monopolizar todo o meu tempo.

Marsh balançou a cabeça.

— Esses camponeses, eles esquecerão sua passagem. Ninguém esquecerá as coisas que acontecerão em breve no Domínio Central.

— Você ficaria surpreso, acho eu, com o que homens podem esquecer. Guerras e reinos podem parecer importantes agora, mas mesmo o Império Final provou-se mortal. Agora que foi derrubado, os Guardadores não têm mais envolvimento na política. — *A maioria diria que nunca deveríamos ter nos envolvido com política.*

Marsh virou-se para ele. Aqueles olhos, as órbitas preenchidas totalmente com aço. Sazed não estremeceu, mas se sentiu claramente desconfortável.

— E seus amigos? — Marsh perguntou.

Aquilo tocou em algo mais pessoal. Sazed desviou o rosto, pensando em Vin e em seu voto para Kelsier de que a protegeria. *Ela precisa de pouca proteção agora*, pensou. *Tornou-se mais habilidosa na Alomancia que o próprio Kelsier.* E, ainda assim, Sazed sabia que havia modos de proteção que não tinham relação com a luta. Esses modos – apoio, aconselhamento, gentileza – eram vitais para qualquer pessoa, especialmente para Vin. Muito pesava sobre os ombros da pobre garota.

— Eu tenho… enviado ajuda — Sazed respondeu. — A ajuda que posso.

— Não é o suficiente — Marsh afirmou. — As coisas que estão acontecendo em Luthadel são importantes demais para ignorar.

— Não estou ignorando, Marsh — Sazed se irritou. — Simplesmente cumpro minhas obrigações o melhor que posso.

Marsh finalmente voltou-se para a estrada.

— As obrigações erradas. Assim que terminarmos aqui, você voltará a Luthadel.

Sazed abriu a boca para argumentar, mas não disse nada. O que havia a dizer? Marsh estava certo. Embora não tivesse prova, Sazed sabia que *havia* coisas importantes acontecendo em Luthadel – coisas que exigiriam sua ajuda para combater. Coisas que provavelmente afetariam o futuro de toda a terra conhecida no passado como Império Final.

Por isso, fechou a boca e arrastou-se atrás de Marsh. Voltaria a Luthadel, demonstrando novamente sua rebeldia. Talvez, no final, ele percebesse que não havia uma ameaça fantasmagórica diante do mundo – que ele voltara simplesmente por seu desejo egoísta de estar com amigos.

Na verdade, torcia para que isso fosse mesmo verdade. A alternativa o deixava muito desconfortável.

O tamanho de Alendi impressionou-me na primeira vez que o vi. Era um homem que ultrapassava a altura dos outros, um homem que – apesar de ser jovem e vestir roupas humildes – exigia respeito.

10

O salão da assembleia ficava no antigo quartel-general do cantão das finanças do Ministério do Aço. Era um espaço de pé-direito baixo, mais uma grande sala de palestras do que um salão de Assembleia. Havia fileiras de bancos dispostos em leque na frente de um palco alto. No lado direito do palco, Elend construíra uma bancada de assentos para os membros da Assembleia. No lado esquerdo, ergueu um púlpito único para os oradores.

O púlpito ficava de frente para os membros da Assembleia, não para o público. No entanto, as pessoas comuns eram incentivadas a participar. Elend achava que todos deveriam se interessar pelos trabalhos do seu governo; incomodava-o que as reuniões semanais da Assembleia em geral tivessem tão pouco público.

O assento de Vin ficava no palco, mas aos fundos, bem de frente ao público. Do seu posto favorável com outros guarda-costas, ela olhava além do púlpito para as pessoas. Outra fileira dos guardas de Ham, à paisana, ficava sentada na primeira fileira, oferecendo uma primeira linha de proteção. Elend recusara os pedidos de Vin de terem guardas nas pontas do palco e atrás dele – pensava que guarda-costas sentados bem atrás dos oradores seriam distrações. Ham e Vin, no entanto, insistiram. Se Elend ia aparecer em público toda a semana, Vin queria ter certeza de que conseguiria manter os olhos nele – e naqueles que o observavam.

Portanto, para chegar à sua cadeira, Vin precisava atravessar o palco. Os olhares a seguiam. Algumas das pessoas no público estavam interessadas no escândalo; supunham que ela era a amante de Elend, e um rei que dormia com sua assassina pessoal era um prato cheio para os alcoviteiros. Outras estavam interessadas na política: perguntavam-se quanto de influência Vin tinha sobre Elend e se eles poderiam usá-la para chegar aos ouvidos do rei. Outros ainda

tinham curiosidade sobre as lendas que corriam cada vez mais: perguntavam-se se uma garota como Vin poderia realmente ter matado o Senhor Soberano.

Vin apressou-se. Passou pelos membros da Assembleia e acomodou-se no assento ao lado de Ham que, apesar da ocasião formal, ainda usava um colete simples sem camisa. Sentada ao lado dele, de camisa e calças, Vin não se sentia tão deslocada.

Ham sorriu, dando um tapinha afetuoso no ombro dela. Ela teve de se segurar para não pular com seu toque. Não que ela desgostasse de Ham – muito pelo contrário, na verdade. Ela o amava como a todos os antigos membros do bando de Kelsier. Era apenas que… bem, ela tinha dificuldade em explicá-lo, até mesmo para si. O gesto inocente de Ham a fazia querer se encolher. Para ela, as pessoas não deveriam ser tão casuais a ponto de tocarem umas nas outras.

Ela afastou aqueles pensamentos. Precisava aprender a ser como os outros. Elend merecia uma mulher que fosse normal.

Ele já estava lá. Meneou a cabeça para Vin quando percebeu sua chegada e ela sorriu. Em seguida, ele se virou para falar baixinho com Lorde Penrod, um dos nobres da Assembleia.

— Elend ficará feliz — Vin sussurrou. — O salão está lotado.

— Estão preocupados — Ham respondeu em voz baixa. — E um povo preocupado presta mais atenção a essas coisas. Não posso dizer que estou feliz… todas essas pessoas dificultam nosso trabalho.

Vin assentiu, examinando o público. A multidão era estranhamente mista – uma coleção de diferentes grupos que nunca teriam se juntado durante os dias do Império Final. A maior parte era de nobres, claro. Vin franziu a testa, pensando em quantas vezes vários membros da nobreza tentavam manipular Elend, e nas promessas que ele fizera a esses membros…

— Por que essa cara? — Ham perguntou, cutucando-a.

Vin encarou o Brutamontes. Olhos ansiosos piscavam no seu rosto firme, retangular. Ham tinha um sentido quase sobrenatural quando se tratava de discussões.

Vin suspirou.

— Não estou bem certa a respeito disto, Ham.

— Isto?

— *Isto* — Vin disse em voz baixa, apontando para a Assembleia. — Elend faz de tudo para deixar todo mundo feliz. Ele desperdiça tanto… seu poder, seu dinheiro…

— Ele só quer garantir que todos sejam tratados de forma justa.

— É mais que isso, Ham — Vin falou. — É como se ele estivesse determinado a transformar todo mundo em nobre.

— Seria tão ruim?

— Se todo mundo for nobre, então não haverá nenhum nobre. Nem todo mundo *pode* ser rico, e nem todo mundo pode estar no comando. Não é assim que as coisas funcionam.

— Talvez — Ham disse, pensativo. — Mas Elend não tem a obrigação cívica de tentar garantir que a justiça seja cumprida?

Obrigação cívica? Vin pensou. *Eu já deveria saber que não dá para falar com Ham sobre algo desse tipo…*

Vin baixou os olhos.

— Só acho que ele deveria cuidar para que todo mundo fosse bem tratado sem termos uma Assembleia. Tudo que eles fazem é brigar e tentar arrancar o poder dele. E ele permite.

Ham deixou a discussão morrer, e Vin voltou a examinar o público. Parecia que um grande grupo de operários do engenho tinha chegado primeiro e conseguido os melhores lugares. No começo da história da Assembleia – talvez dez meses antes –, a nobreza enviava serviçais para reservarem assentos para eles ou subornava pessoas para abrirem mão de seus lugares. No entanto, assim que Elend descobriu essas artimanhas, proibiu ambas.

Além dos nobres e dos operários do engenho, havia um grande número da "nova" classe. Os mercadores e artesãos skaa, agora autorizados a determinar seus preços pelos serviços prestados. Eram os verdadeiros vencedores na economia de Elend. Sob a mão opressora do Senhor Soberano, apenas os skaa mais extraordinariamente habilidosos eram capazes de galgar posições de conforto até mesmo moderado. Sem as restrições, essas mesmas pessoas rapidamente provaram ter capacidade e tino muito além de seus pares da nobreza. Representavam uma facção na Assembleia ao menos tão poderosa quanto à da nobreza.

Outros skaa salpicavam a multidão. Tinham praticamente a mesma aparência de antes da subida de Elend para o poder. Embora os nobres em geral usassem traje completo com chapéu e sobretudo, esses skaa usavam calças simples. Alguns deles ainda estavam sujos do dia de trabalho, suas vestes velhas, puídas e manchadas de cinzas.

E, ainda assim… *havia* algo diferente neles. Não eram suas roupas, mas a postura. Sentavam-se um pouco mais eretos, as cabeças mantinham-se um

pouco mais erguidas. E tinham tempo livre o bastante para comparecer a uma reunião da Assembleia.

Elend finalmente levantou-se para começar a reunião. Tinha deixado seus assessores vestirem-no naquela manhã, e o resultado foram vestes quase totalmente livres de desalinho. O traje caía bem, todos os botões estavam fechados, e seu colete era de um azul-escuro adequado. Seus cabelos estavam até bem penteados, os cachos curtos e castanhos mais assentados.

Em geral, Elend começaria a reunião convocando outros oradores, membros da Assembleia que viriam com ladainhas de horas sobre vários tópicos, como taxas de tributação ou saneamento municipal. Contudo, naquele dia, havia questões mais urgentes.

— Senhores — Elend disse. — Peço sua licença para nos desviarmos da pauta habitual desta tarde, à luz de nosso... estado atual dos assuntos da cidade.

O grupo de vinte e quatro membros da Assembleia assentiu, alguns murmurando coisas entredentes. Elend os ignorou. Ficava confortável diante de plateias, muito mais confortável do que Vin jamais seria. Enquanto desenvolvia seu discurso, Vin ficou de olho na plateia, em busca de reações ou problemas.

— A natureza arriscada de nossa situação deveria ser muito óbvia — Elend falou, iniciando o discurso que preparara mais cedo. — Enfrentamos um perigo que esta cidade jamais conheceu. Invasão e cerco por um tirano estrangeiro.

Somos uma nação nova, um reino fundado sobre princípios desconhecidos durante os dias do Senhor Soberano. Ainda assim, já somos um reino de tradição. Liberdade para os skaa. Governo por nossa escolha e segundo nossos preceitos. Nobres que não precisam se encolher de medo diante de obrigadores e Inquisidores do Senhor Soberano.

Senhores, um ano não é o bastante. Provamos da liberdade e precisamos de tempo para saboreá-la. Durante o último mês, com frequência discutimos e divergimos com relação ao que fazer caso esse dia chegasse. Obviamente, somos muitas mentes pensando sobre a questão. Portanto, peço um voto de solidariedade. Vamos prometer a nós mesmos e a essas pessoas que não entregaremos a cidade a um poder estrangeiro sem a devida consideração. Vamos decidir por reunir mais informações, buscar outros caminhos e até mesmo lutar, caso isso seja considerado necessário.

O discurso continuou, mas Vin ouvira-o uma dúzia de vezes enquanto Elend ensaiava. Enquanto falava, ela se flagrou de olho na multidão. Sua maior preocupação era com os obrigadores que vira sentados ao fundo. Mostraram pouca reação à luz negativa que as observações de Elend lançavam sobre eles.

Ela nunca entendera por que Elend permitira que o Ministério do Aço continuasse a doutrinar. Era o último resquício real do poder do Senhor Soberano. A maioria dos obrigadores recusava-se obstinadamente a dispor do seu conhecimento de burocracia e administração ao governo de Elend, e ainda olhavam os skaa com desprezo.

E, mesmo assim, Elend permitia que ficassem. Mantinha uma regra estrita que não tinham permissão para incitar rebelião ou violência. Contudo, também não os expulsou da cidade, como Vin sugerira. De fato, se a escolha tivesse sido apenas dela, provavelmente os teria executado.

Em algum momento, o discurso de Elend aproximou-se do fim, e Vin voltou a atenção para ele.

— Senhores — ele disse —, faço esta proposta de boa-fé e em nome daqueles que representamos. Peço tempo. Proponho que posterguemos todas as votações relacionadas ao futuro da cidade até que uma delegação régia adequada tenha recebido autorização para se reunir com o exército lá fora e determine se existe alguma possibilidade de negociação.

Ele baixou a folha, erguendo os olhos, esperando os comentários.

— Então — começou Philen, um dos mercadores na Assembleia —, o senhor está pedindo para darmos ao *senhor* o poder para decidir o destino da cidade. — Philen vestia seus ricos trajes tão bem que um observador nunca teria dito que ele usou o primeiro deles um ano antes.

— O quê? — Elend perguntou. — Não disse nada disso… simplesmente peço mais tempo. Para me reunir com Straff.

— Ele rejeitou todas as nossas mensagens anteriores — comentou outro membro da Assembleia. — O que leva o senhor a acreditar que ele ouvirá agora?

— Estamos abordando a questão de forma errada! — disse um dos representantes da nobreza. — Deveríamos decidir *implorar* a Straff Venture para não atacar, não decidir nos encontrar com ele e conversar. Precisamos deixar claro rapidamente que estamos dispostos a trabalhar com ele. Vocês viram aquele exército. Ele planeja nos destruir!

— Por favor — Elend pediu, erguendo a mão. — Vamos permanecer no tópico!

Um dos outros membros da Assembleia – um dos skaa – se pronunciou, como se não tivesse ouvido Elend.

— O senhor diz isso porque é nobre — falou, apontando para o nobre que Elend interrompera. — É fácil para o senhor falar sobre trabalhar com Straff,

pois tem pouco a perder!

— Pouco a perder? — o nobre retrucou. — Eu e todos da minha casa poderíamos ser executados por apoiar Elend contra o seu pai!

— Bobagem — interviu um dos mercadores. — Tudo isso é inútil. Deveríamos ter contratado mercenários meses atrás, como sugeri.

— E onde teríamos conseguido recursos para isso? — questionou Lorde Penrod, membro mais antigo dos nobres da Assembleia.

— Impostos — o mercador respondeu com um aceno de mão.

— Cavalheiros! — Elend disse. Em seguida, mais alto. — Cavalheiros!

Suas palavras conseguiram um pouco da atenção da Assembleia.

— *Temos* que tomar uma decisão. Não percam o foco, por favor. Que acham da minha proposta?

— Inútil — disse Philen, o mercador. — Por que deveríamos esperar? Vamos convidar Straff a entrar na cidade e pronto. Ele a tomará de qualquer forma.

Vin recostou-se quando os homens começaram a discutir novamente. O problema era que o mercador Philen – por menos que ela gostasse dele – tinha razão. Lutar parecia uma opção pouco atraente. Straff tinha um exército imenso. Seria realmente bom protelar as coisas?

— Por favor, entendam — Elend falou, tentando reconquistar a atenção deles, mas conseguindo apenas em parte. — Straff é meu pai. Talvez eu possa falar com ele. Fazê-lo ouvir. Luthadel foi seu lar por anos. Talvez eu possa convencê-lo a não atacá-la.

— Espere um momento — pediu um dos representantes dos skaa. — E a questão da comida? O senhor tem visto quanto os mercadores estão cobrando por grãos? Antes de nos preocuparmos com aquele exército, deveríamos falar sobre uma baixa nos preços.

— Sempre nos culpando por seus problemas — um dos mercadores da Assembleia reagiu, apontando. E as querelas recomeçaram. Elend encurvou-se levemente atrás do púlpito. Vin sacudiu a cabeça, sentindo pena de Elend quando a discussão degringolou. Era o que geralmente acontecia em reuniões da Assembleia; para ela, parecia que simplesmente não davam a Elend o respeito que merecia. Talvez fosse culpa dele mesmo, pois os elevava quase ao patamar de iguais.

Por fim, a discussão arrefeceu, e Elend pegou um pedaço de papel, obviamente com planos de registrar os votos sobre sua proposta. Não parecia otimista.

— Tudo bem — Elend falou. — Vamos votar. Por favor, lembrem: me dar

tempo *não* revelará nossas ações. Simplesmente me dará a chance de tentar fazer com que meu pai reconsidere seu desejo de nos tirar a cidade.

— Elend, meu rapaz — Lorde Penrod pediu a palavra. — Todos nós vivemos aqui durante o reinado do Senhor Soberano. Todos sabemos o tipo de homem que é o seu pai. Se ele quiser esta cidade, ele *vai* tomá-la. Tudo que podemos decidir é como abrir mão dela da melhor forma. Talvez possamos encontrar uma maneira para as pessoas manterem alguma liberdade sob o reinado dele.

O grupo ficou sentado em silêncio, e pela primeira vez ninguém causou nenhuma discussão. Alguns poucos viraram-se para Penrod, que estava sentado com uma expressão calma, controlada. Vin sabia pouco do homem. Era um dos nobres mais poderosos que permaneceram na cidade após o Colapso, e era politicamente conservador. Contudo, nunca o tinha ouvido falar mal dos skaa, o que era provavelmente o motivo de ser tão popular entre o povo.

— Eu falo sem rodeios — Penrod disse —, pois é a verdade. Não estamos em posição de barganhar.

— Concordo com Penrod — Philen intrometeu-se. — Se Elend quiser se encontrar com Straff Venture, acho que é direito dele. Entendo que a posição de rei lhe dê autoridade de negociar com monarcas estrangeiros. Porém, não temos de prometer não entregar a cidade a Straff.

— Mestre Philen — Lorde Penrod interviu. — Acredito que o senhor julgou mal minha intenção. Disse que entregar a cidade era inevitável, mas que devemos tentar ganhar o máximo que pudermos. *Isso* significa ao menos encontrar Straff para avaliar sua inclinação. Votar pela entrega da cidade agora seria entregar os pontos cedo demais.

Elend ergueu os olhos, parecendo esperançoso pela primeira vez desde que a discussão degringolara.

— Então, o senhor apoia a minha proposta? — ele perguntou.

— É uma maneira desajeitada de conseguir o prazo que considero necessário — Penrod respondeu. — Mas… como o exército já está aqui, duvido que teremos tempo para alguma outra ação. Portanto, sim, Vossa Majestade. Eu apoio a sua proposta.

Vários outros membros da Assembleia assentiram quando Penrod falou, como se dessem atenção à proposta pela primeira vez. *Esse Penrod tem muito poder*, Vin pensou, apertando os olhos enquanto observava o líder ancião. *Eles o ouvem mais que a Elend.*

— Devemos votar, então? — um dos outros membros da Assembleia perguntou.

E assim o fizeram. Elend registrou votos enquanto eles eram proferidos pela fileira de membros da Assembleia. Os oito nobres – sete mais Elend – votaram a favor da proposta, dando à opinião de Penrod um grande peso. Os oito skaa foram, em sua maioria, a favor, e os mercadores contra. No final, contudo, Elend conseguiu os dois terços de votos necessários.

— Proposta aceita — Elend falou, fazendo o cômputo final. Parecia um pouco surpreso. — A Assembleia abstém-se do direito de entregar a cidade até que o rei tenha se reunido com Straff Venture para uma conferência oficial.

Vin encostou-se no espaldar da cadeira, tentando tirar alguma conclusão da votação. Foi bom que Elend tenha conseguido o que queria, mas a maneira pela qual conseguira a incomodava.

Elend por fim abandonou o púlpito, sentou-se e deixou o insatisfeito Philen tomar a palavra. O mercador leu uma proposta convocando uma votação para repassar o controle dos estoques de comida da cidade para os mercadores. Contudo, dessa vez o próprio Elend liderou a dissidência, e a discussão voltou. Vin observou com interesse. Elend percebia o quanto ele agia como os outros quando argumentava contra as propostas deles?

Elend e alguns membros skaa da Assembleia conseguiram obstruir a votação tempo suficiente para que o intervalo de almoço chegasse sem escrutínio. As pessoas no público se levantaram, espreguiçaram-se, e Ham virou-se para Vin.

— Boa reunião, não foi?

Vin apenas deu de ombros.

Ham deu uma risadinha.

— Precisamos realmente fazer alguma coisa sobre sua ambivalência quanto às obrigações cívicas, menina.

— Eu já derrubei um governo — Vin disse. — Acho que isso dá conta das minhas “obrigações cívicas” por um tempo.

Ham sorriu, embora mantivesse um olhar cuidadoso na multidão – como Vin fazia. Aquele momento, com todos se movendo, seria perfeito para atentar contra a vida de Elend. Uma pessoa em especial chamou a atenção dela, e Vin franziu o cenho.

— Volto em segundos — ela disse para Ham, levantando-se.

— O senhor fez a coisa certa, Lorde Penrod — Elend falou, ao lado do nobre mais velho, sussurrando enquanto o intervalo prosseguia. — Precisamos de mais tempo. O senhor sabe o que meu pai fará com esta cidade se tomá-la.

Lorde Penrod sacudiu a cabeça.

— Não fiz isso por você, filho. Fiz porque queria garantir que o tolo do Philen não entregaria a cidade antes que a nobreza conseguisse promessas do seu pai sobre nossos direitos aos títulos.

— Sabe — Elend falou, erguendo um dedo —, tem de haver outro caminho! O Sobrevivente nunca teria entregado a cidade sem luta.

Penrod franziu o cenho, e Elend hesitou, xingando-se em silêncio. O velho lorde era um tradicionalista – citar o Sobrevivente para ele era quase uma ofensa. Muitos dos nobres sentiam-se ameaçados pela influência de Kelsier sobre os skaa.

— Apenas pense sobre isso — Elend falou, vendo de soslaio Vin chamá-lo.

Ela acenou para ele dos assentos dos membros da Assembleia, e ele pediu licença. Atravessou o palco para encontrá-la.

— O que foi? — ele perguntou em voz baixa.

— Mulher ao fundo — Vin falou baixinho, com olhos desconfiados. — Alta, de azul.

Não foi difícil encontrar a mulher em questão: usava uma blusa azul brilhante e saia de um vermelho intenso. Era de meia-idade, constituição esbelta e tinha um cabelo até a cintura preso para trás numa trança. Esperava pacientemente enquanto as pessoas se moviam pela sala.

— O que tem ela? — Elend perguntou.

— Terrisana — Vin respondeu.

Elend fez uma pausa.

— Tem certeza?

Vin assentiu com a cabeça.

— Aquelas cores… aquele tanto de joias. É uma terrisana, com certeza.

— E daí?

— E daí que eu não a conheço — Vin falou. — E ela estava te observando, bem agora.

— As pessoas me observam, Vin — Elend ponderou. — Eu sou o *rei*, no fim das contas. Além disso, por que você deveria conhecê-la?

— Todos os outros terrisanos vieram me encontrar logo depois de entrar na cidade — Vin asseverou. — Eu assassinei o Senhor Soberano. Eles me veem como aquela que libertou sua terra natal. Mas eu não a reconheço. Nunca veio me agradecer.

Elend revirou os olhos, agarrando Vin pelos ombros e virando-a de costas para a mulher.

— Vin, sinto que é meu dever de cavalheiro dizer uma coisa para você.

Vin franziu a testa.

— O quê?

— Você é linda.

Vin hesitou.

— O que isso tem a ver?

— Absolutamente nada — ele falou com um sorriso. — Estou apenas tentando te distrair.

Lentamente, Vin relaxou, dando um leve sorriso.

— Não sei se alguém já disse isso a você, Vin — Elend comentou —, mas você pode ser um pouco paranoica às vezes.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Ah, é?

— Sei que é difícil acreditar, mas é verdade. Agora, acontece que eu acho isso bem charmoso, mas você acredita honestamente que uma *terrisana* tentaria me matar?

— Provavelmente não — Vin admitiu. — Mas, antigos costumes…

Elend sorriu. Em seguida, olhou para os membros da Assembleia atrás de si, a maioria deles cochichando em grupos. Não se misturavam. Nobres falavam com nobres, mercadores com mercadores, operários skaa com outros operários skaa. Pareciam tão fragmentados, tão obstinados. As propostas mais simples às vezes enfrentavam discussões que poderiam levar horas.

Precisam me dar mais tempo!, ele pensou. Mesmo assim, quando pensou, percebeu o problema. Mais tempo para quê? Penrod e Philen haviam atacado sua proposta de forma precisa.

A verdade era que a cidade inteira estava confusa. Ninguém realmente sabia o que fazer com uma força superior invasora, inclusive Elend. Ele sabia apenas que não podiam desistir. Ainda não. *Tinha* de haver uma maneira de lutar.

Vin ainda estava olhando para o lado, por sobre o público. Elend seguiu seu olhar.

— Ainda observando aquela terrisana?

Vin balançou a cabeça.

— Outra coisa… algo estranho. Aquele é um dos mensageiros do Trevo?

Elend hesitou e virou-se. De fato, vários soldados estavam abrindo passagem na multidão, aproximando-se do palco. No fundo da sala, as pessoas começaram a sussurrar e se agitar, e algumas já saíam rapidamente do salão.

Elend sentiu Vin endurecer com a ansiedade, e o medo o apunhalou.

Tarde demais. O exército atacou.

Um dos soldados finalmente chegou ao palco, e Elend correu até ele.

— O que foi? — ele perguntou. — Straff atacou?

— Não, meu senhor.

Elend suspirou levemente.

— O que foi, então?

— Meu senhor, há um segundo exército. Acabou de chegar nas cercanias da cidade.

Estranhamente, foi a simples engenhosidade de Alendi que me levou a simpatizar com ele. Empreguei-o como assistente durante seus primeiros meses na cidade grande.

11

Pela segunda vez em dois dias, Elend estava de pé sobre a muralha de Luthadel, observando um exército que tinha vindo invadir seu reino. Elend apertou os olhos para evitar a luz vermelha do sol vespertino, mas ele não era um Olho de Estanho: não conseguia divisar detalhes dos recém-chegados.

— Alguma chance de estarem aqui para nos ajudar? — Elend perguntou, esperançoso, olhando para Trevo que estava em pé, ao seu lado.

Trevo apenas olhou com sua cara fechada.

— Eles agitam o estandarte de Cett. Lembra-se dele? O cara que mandou oito assassinos alomânticos para te matar dois dias atrás?

Elend estremeceu no clima fresco do outono, olhando de volta para o segundo exército. Estava erguendo acampamento a uma boa distância do exército de Straff, próximo ao canal de Luth-Davn, que corria para o lado leste do rio Channerel. Vin estava ao lado de Elend, embora Ham estivesse lá embaixo, organizando as coisas com a guarda da cidade. OreSeur estava no seu corpo de cão de caça, sentado pacientemente no passadiço atrás de Vin.

— Como não os vimos se aproximar? — Elend perguntou.

— Straff — Trevo respondeu. — Este Cett veio da mesma direção, e nossos sentinelas estavam concentrados nele. Straff provavelmente sabia sobre este outro exército alguns dias atrás, mas praticamente não tínhamos como vê-los.

Elend assentiu.

— Straff está organizando um perímetro de soldados, observando o exército inimigo — Vin comentou. — Duvido que sejam amigos. — Ela estava em cima de uma das seteiras dentadas do parapeito, os pés posicionados perigosamente próximos à beirada da muralha.

— Talvez eles ataquem uns aos outros — Elend disse, esperançoso.

Trevo bufou.

— Duvido. Estão em número quase igual, embora Straff possa ser um pouco mais forte. Duvido que Cett arriscaria atacá-lo.

— Então, por que vieram? — Elend perguntou.

Trevo encolheu os ombros.

— Talvez ele esperasse chegar antes que Venture a Luthadel e tomá-la primeiro.

Ele falava do evento – a captura de Luthadel – como se fosse um fato consumado. O estômago de Elend revirou quando se recostou na ameia, olhando por meio de um merlão. Vin e os outros eram ladrões e skaa alomânticos – excluídos que tinham lutado a maior parte da vida. Talvez estivessem acostumados a lidar com essa pressão, esse medo, mas Elend não estava.

Como conseguiam viver com a falta de controle, a sensação de inevitabilidade? Elend sentia-se impotente. O que poderia fazer? Fugir e deixar a cidade se defender sozinha? Isso não era uma opção, claro. Mas, confrontado não por um, mas dois exércitos que se preparavam para destruir a cidade e tomar seu trono, Elend teve dificuldades em manter as mãos firmes enquanto agarrava a pedra rústica da ameia.

Kelsier teria encontrado uma maneira de sair desta enrascada, ele pensou.

— Olhem! — A voz de Vin interrompeu os pensamentos de Elend. — O que é aquilo?

Elend virou-se. Vin apertava os olhos voltados ao exército de Cett, usando estanho para ver coisas que eram invisíveis para os olhos mundanos de Elend.

— Alguém está se destacando do exército a cavalo — Vin falou.

— Mensageiro? — Trevo perguntou.

— Talvez — Vin respondeu. — Cavalga bem rápido… — Ela começou a correr de uma ponta da ameia para a outra, movendo-se ao longo da muralha. O kandra imediatamente a seguiu, caminhando em silêncio pela amurada atrás dela.

Elend olhou para Trevo, que ergueu os ombros, e começaram a segui-la. Chegaram a Vin quando ela estava em pé na muralha, perto de uma das torres, observando o cavaleiro que se aproximava. Ou, ao menos, Elend supôs que era isso que observava – ele ainda não conseguia ver o que ela via.

Alomancia, Elend pensou, sacudindo a cabeça. Por que ele não podia ter ao menos um poder – mesmo um dos mais fracos, como cobre ou ferro?

Vin soltou uma imprecação repentina, erguendo-se ainda mais.

— Elend, aquele é *Brisa*!

— O quê? — Elend perguntou. — Tem certeza?

— Sim! Ele está sendo perseguido. Arqueiros montados.

Trevo xingou, acenando para um mensageiro.

— Envie cavaleiros! Impeça a perseguição.

O mensageiro partiu às pressas. No entanto, Vin balançou a cabeça.

— Não vão chegar a tempo — ela falou, quase para si mesma. — Os arqueiros vão pegá-lo, no mínimo atingi-lo. Nem eu conseguiria chegar rápido o bastante, não correndo. Mas, talvez…

Elend franziu o cenho, erguendo o olhar para ela.

— Vin, é longe demais para saltar, mesmo para você.

Vin lançou um olhar para ele, sorriu e, em seguida, pulou da muralha.

Ela preparou o décimo quarto metal, duralumínio. Tinha uma reserva, mas não a queimou – ainda não. *Espero que funcione*, ela pensou, buscando uma âncora adequada. A torre ao lado dela tinha um anteparo de ferro reforçado no alto; aquilo funcionaria.

Ela *puxou* o anteparo, aproximando-se para o alto da torre. Imediatamente pulou novamente, *empurrando-se* para o alto e para fora, separando-se da muralha no ar. Extinguiu todos os metais, exceto o aço e o peltre.

Em seguida, ainda no *empurrão* contra o anteparo, ela queimou duralumínio.

Uma força repentina abateu-se contra ela. Tão poderosa que tinha certeza de que apenas uma explosão igualmente poderosa de peltre manteve seu corpo inteiro. Ela decolou da fortaleza, movendo-se pelo céu como se lançada por algum deus gigantesco, invisível. O ar passava tão rápido por ela que estrondava, e a pressão da aceleração repentina dificultava o pensamento.

Ela vacilou, tentando reassumir o controle. Felizmente, tinha calculado bem a trajetória: estava planando na direção de Brisa e seus perseguidores. Fosse lá o que Brisa fizera, foi o bastante para deixar alguém muito nervoso – pois havia um grupo de duas dúzias de homens atrás dele, com flechas armadas.

Vin caiu, seu aço e peltre totalmente extintos naquele único estouro de poder abastecido por duralumínio. Ela agarrou um frasco de metal da cinta, engolindo seu conteúdo. Contudo, quando jogou fora o frasco, de repente sentiu uma vertigem estranha. Não estava acostumada a saltar durante o dia. Era estranho ver o solo aproximando-se, estranho não ter a capa de bruma ondulando atrás de si, estranho não ter a bruma…

O cavaleiro líder baixou o arco, mirando em Brisa. Ninguém parecia ter percebido Vin, mergulhando como uma ave de rapina.

Bem, não exatamente mergulhando. Despencando.

Recobrando o controle de repente, Vin queimou peltre e lançou uma moeda na direção do chão que se aproximava. *Empurrou* a moeda, usando-a para diminuir a velocidade e empurrar-se para o lado. Caiu exatamente entre Brisa e os arqueiros, aterrissando com um baque surpreendente, erguendo terra e poeira.

O arqueiro soltou a flecha.

Ao mesmo tempo em que ricocheteava com terra voando ao seu redor, Vin *empurrou-se* para trás no ar diretamente sobre a flecha. Em seguida, *empurrou* seu peso contra ela. A ponta da flecha zuniu para trás, lançando lascas de madeira quando partiu ao meio sua haste no ar, para em seguida acertar a testa do arqueiro que a soltara.

O homem tombou da montaria. Vin pousou de seu rebote. Ela estendeu um *puxão* contra as ferraduras dos dois animais atrás do líder, fazendo as montarias tropeçarem. O *empurrão* lançou Vin para trás no ar, e os gritos de dor dos equinos soou em meio ao baque dos corpos atingindo o chão.

Vin continuou a *empurrar*, voando pela estrada a poucos metros acima do chão, rapidamente alcançando Brisa. O homem corpulento virou-se em choque, obviamente assustado por enxergar Vin pairando no ar ao lado do seu cavalo a galope, suas roupas tremulando ao vento enquanto passava. Ela piscou para ele, então estendeu um *puxão* contra a armadura de outro cavaleiro.

De pronto, ela voou pelos ares. Seu corpo protestou contra a mudança repentina do impulso, mas ela ignorou a torção dolorida. O homem que ela *puxara* conseguiu permanecer na sela – até Vin voar sobre ele com os pés, lançando-o para trás.

Ela aterrissou na terra preta, o cavaleiro despencando no chão ao lado dela. A uma curta distância, os outros cavaleiros finalmente puxaram as rédeas das montarias, parando abruptamente a poucos metros de distância.

Kelsier provavelmente teria atacado. Havia muitos deles, é verdade, mas usavam armaduras e seus cavalos estavam ferrados. Mas Vin não era Kelsier. Detivera os cavaleiros tempo o bastante para Brisa fugir. Era suficiente.

Vin *empurrou-se* novamente contra um dos soldados, lançando-se para trás e deixando os cavaleiros cuidarem dos feridos. Os soldados, contudo, de imediato puxaram flechas com ponta de pedra e ergueram seus arcos.

Vin chiou, frustrada, enquanto o grupo ajustava a mira. *Bem, amigos,* ela pensou, *sugiro que vocês se segurem*.

Ela se *empurrou* levemente contra eles todos, e queimou duralumínio. A

onda repentina de força era esperada – o golpe no peito, o queimar imenso no estômago, o vento uivante. O que ela não esperava era o efeito que teria na sua ancoragem. A explosão de poder espalhou homens e cavalos, jogando-os para o alto como folhas ao vento.

Preciso ter muito cuidado com isso, Vin pensou, cerrando os dentes e girando no ar. Seu aço e peltre haviam acabado de novo, e ela foi forçada a tomar o último frasco de metal. Teria que começar a carregar mais frascos.

Chegou ao solo correndo, o peltre impedindo que ela tropeçasse apesar da velocidade tremenda. Diminuiu a velocidade um pouco para que Brisa, a cavalo, a alcançasse, em seguida aumentou o ritmo para acompanhá-lo. Ela corria como um atleta, deixando que a força e o equilíbrio do peltre a mantivessem de pé enquanto seguia ao lado do cavalo cansado. O animal a encarava durante a corrida, parecendo mostrar um laivo de frustração ao ver um ser humano páreo para ele.

Chegaram à cidade poucos momentos depois. Brisa puxou as rédeas do cavalo quando as portas do Portão de Ferro começaram a abrir, mas, em vez de esperar, Vin simplesmente jogou uma moeda no chão e *empurrou-a,* deixando o impulso levá-la para além das muralhas. Quando as portas se abriram, ela *empurrou* contra os cravos, e esse segundo *empurrão* enviou-a diretamente para cima. Mal pousando nas ameias, passando entre dois soldados surpresos, antes de cair do outro lado. Aterrissou no pátio, equilibrando-se com uma das mãos contra as pedras frias, enquanto Brisa atravessava o portão.

Vin levantou-se. Brisa enxugava a testa com um lenço enquanto fazia seu animal trotar até se postar ao lado dela. Ele deixara os cabelos crescerem desde a última vez que o vira, e mantinha-o preso para trás, suas pontas raspando a gola da camisa. Ainda não estava ficando grisalho, embora já tivesse passado dos quarenta. Não usava chapéu – provavelmente voara –, mas envergava uma das vestes luxuosas e um dos coletes de seda, salpicados de cinzas de sua fuga apressada.

— Ah, Vin, minha querida — Brisa falou, ofegando quase tão profundamente quanto seu cavalo. — Devo dizer que sua chegada foi mais que oportuna. Bastante exuberante também. Odeio forçar um resgate, mas, bem, se um for necessário, é bom que aconteça com estilo.

Vin sorriu quando ele desceu do cavalo, provando definitivamente não ser o homem mais habilidoso da praça, e os cavalariços chegaram para cuidar do animal. Brisa ergueu novamente as sobrancelhas quando Elend, Trevo e OreSeur desceram às pressas até o pátio. Um dos ajudantes deve ter finalmente

encontrado Ham, pois ele atravessou o pátio correndo.

— Brisa! — Elend gritou, aproximando-se e abraçando o homenzinho.

— Vossa Majestade — Brisa falou. — Está com boa saúde e de bom humor, presumo?

— Saúde, sim — Elend respondeu. — Humor… bem, temos um *exército* à espreita do lado de fora da minha cidade.

— Dois exércitos, de fato — Trevo grunhiu enquanto manquitolava até eles.

Brisa dobrou o lenço.

— Ah, e o meu caro Mestre Cladent. Otimista como sempre.

Trevo resmungou. Ao lado, OreSeur caminhou até sentar-se ao lado de Vin.

— E Hammond — Brisa falou, olhando para Ham, que sorria largo. — Quase consegui me iludir e esquecer que *você* estaria aqui quando eu voltasse.

— Admita — Ham falou. — Você está feliz em me ver.

— Em vê-lo, talvez. Em *ouvi-lo*, nunca. Gostei muito do tempo que passei longe do seu falatório perpétuo e pseudofilosófico.

Ham sorriu um pouco mais largo.

— Também estou feliz em vê-lo, Brisa — Elend respondeu. — Mas o momento poderia ter sido um pouco melhor. Esperava que pudesse impedir algum desses exércitos de marchar contra nós.

— *Impedi-los?* — Brisa perguntou. — Agora, por que eu iria querer fazer isso, meu caro? Afinal, acabei de passar três meses trabalhando para Cett marchar com seu exército até aqui.

Elend hesitou, e Vin franziu a testa, em pé a uma curta distância do grupo. Brisa parecia até mesmo satisfeito consigo, embora, a bem da verdade, fosse bem comum para ele.

— Então… Lorde Cett está do nosso lado? — Elend perguntou, cheio de esperança.

— Claro que não — Brisa falou. — Está aqui para devastar a cidade e roubar seu suposto suprimento de atium.

— Você… — Vin disse. — Não é você que está espalhando rumores sobre a provisão de atium do Senhor Soberano, não é?

— Claro — Brisa falou, encarando Fantasma quando o garoto finalmente chegou aos portões.

Elend franziu o cenho.

— Mas… por quê?

— Olhe para fora de suas muralhas, meu caro — Brisa falou. — Eu sabia que seu pai, no fim das contas, invadiria Luthadel. Nem mesmo os *meus*

poderes de persuasão teriam sido o bastante para dissuadi-lo. Então, comecei a espalhar rumores no Domínio Ocidental, depois me fiz um dos conselheiros de Lorde Cett.

Trevo grunhiu.

— Bom plano. Maluco, mas bom.

— Maluco? — Brisa espantou-se. — A *minha* estabilidade mental não está em discussão aqui, Trevo. A jogada não foi maluca, mas brilhante.

Elend parecia confuso.

— Sem insultar seu brilhantismo, Brisa. Mas… desde quando trazer um exército hostil para nossa cidade é exatamente uma boa ideia?

— É uma estratégia básica de negociação, meu bom homem — Brisa explicou, enquanto um vendedor ambulante lhe entregava seu bastão de duelo, retirado do cavalo. Brisa usou-o para apontar para oeste, na direção do exército de Lorde Cett. — Quando existem apenas dois participantes numa negociação, um em geral é mais forte que o outro. Isso torna as coisas muito difíceis para a parte mais fraca – que, no caso, teria sido nós.

— Sim — Elend ponderou —, mas com três exércitos, ainda somos o mais fraco.

— Ah — Brisa falou, erguendo o bastão —, mas aquelas outras partes são bastante parecidas em força. Straff provavelmente é o mais forte, mas Cett tem uma tropa muito grande. Se qualquer um daqueles senhores da guerra atacar Luthadel, seu exército sofrerá perdas o suficiente para que não possa se defender do terceiro exército. Atacar-nos significa se expor.

— O que faz disso um impasse — Trevo concluiu.

— Exatamente — Brisa confirmou. — Confie em mim, Elend, meu garoto. Neste caso, dois exércitos inimigos grandes são muito melhores do que um único grande exército inimigo. Numa negociação tripla, a parte mais fraca de fato tem mais poder, pois sua lealdade somada a qualquer um dos dois fará o vencedor.

Elend franziu a testa.

— Brisa, não queremos prestar lealdade a *nenhum* desses homens.

— Eu sei disso — Brisa retrucou. — No entanto, nossos oponentes não sabem. Ao trazer um segundo exército para cá, arranjei um tempo para que pensássemos. Os dois senhores da guerra acharam que poderiam chegar aqui primeiro. Agora que chegaram ao mesmo tempo, terão que reavaliar. Acredito que acabaremos em um cerco estendido. Dois meses, no mínimo.

— Isso não soluciona o problema: como vamos nos livrar deles? — Elend

quis saber.

Brisa encolheu os ombros.

— Eu os trouxe até aqui, agora você precisa decidir o que fazer com eles. E eu vou lhe dizer, não foi tarefa fácil fazer Cett chegar a tempo. Estava pronto para vir cinco dias inteiros antes de Venture. Felizmente, uma certa… doença espalhou-se pelo acampamento alguns dias atrás. Ao que parece, alguém envenenou o suprimento principal de água e deixou o acampamento inteiro com diarreia.

Fantasma, em pé ao lado de Trevo, soltou um risinho abafado.

— Sim — Brisa falou, encarando o garoto. — Achei que você poderia gostar disso. Continua sendo um pirralho incompreensível, garoto?

— Nunca sendo fui antes — Fantasma disse, sorrindo e usando sua gíria das ruas do leste.

Brisa bufou.

— Continua fazendo mais sentido que Hammond às vezes — ele resmungou, virando-se para Elend. — Então, alguém vai mandar uma carruagem para me levar de volta ao palácio? Fiquei *abrandando* vocês, turma ingrata, pelos últimos cinco minutos, parecendo tão cansado e patético o quanto posso, e nenhum de vocês teve a generosidade de sentir pena de mim!

— Deve estar perdendo seu toque — Vin falou com um sorriso. Brisa era um Abrandador – um alomântico que conseguia queimar latão para acalmar as emoções de outra pessoa. Um Abrandador bastante habilidoso, e Vin não conhecia ninguém mais habilidoso que Brisa: conseguia amortecer todas as emoções de uma pessoa, exceto uma, de fato fazendo-a se sentir exatamente como ele quisesse.

— Na verdade — Elend falou, virando-se e olhando de volta para a muralha —, estava esperando que pudéssemos voltar lá para cima da muralha e analisar um pouco mais os exércitos. Se você passou um tempo com a tropa do Lorde Cett, então provavelmente tem muito a nos dizer sobre ela.

— Posso e vou. Só não vou subir aqueles degraus. Não consegue ver como estou cansado, homem?

Ham bufou, dando tapinhas no ombro de Brisa – e levantando uma nuvem de poeira.

— Como você pode estar cansado? Seu pobre cavalo fez toda a correria.

— Foi emocionalmente exaustivo, Hammond — Brisa falou, afastando a mão do grandalhão com o bastão. — Minha partida foi um tanto desagradável.

— Aliás, o que aconteceu? — Vin perguntou. — Cett descobriu que você era

um espião?

Brisa parecia envergonhado.

— Digamos que Lorde Cett e eu tivemos uma… desavença.

— Pegou você na cama com a filha dele, não foi? — Ham falou, provocando risinhos do grupo. Brisa era tudo, menos um mulherengo. Apesar de sua capacidade de jogar com emoções, não expressava interesse em romances desde que Vin o conhecera. Certa vez, Dockson observou que Brisa se concentrava demais em si mesmo para considerar esse tipo de coisa.

Brisa simplesmente revirou os olhos para o comentário de Ham.

— Francamente, Hammond. Acho que suas piadas estão piorando ao passo que você envelhece. Suspeito que tomou pancadas demais enquanto treinava.

Ham sorriu, e Elend mandou buscar algumas carruagens. Enquanto esperavam, Brisa se lançou em uma narrativa de suas viagens. Vin olhou para OreSeur. Ainda não havia encontrado uma boa oportunidade para contar ao resto do grupo sobre a mudança de corpo. Talvez agora, com Brisa de volta, Elend faria uma conferência com seu círculo mais íntimo. Aquela seria uma boa chance. Ela precisava manter sigilo, pois queria que a equipe palaciana pensasse que ela mandara OreSeur embora.

Brisa continuou sua história, e Vin olhou novamente para ele, sorrindo. Brisa não era apenas um orador nato, mas tinha um toque muito sutil com Alomancia. Ela mal conseguia sentir os dedos dele brincando com suas emoções. No passado, ela achava suas intrusões ofensivas, mas começava a entender que tocar as emoções das pessoas era simplesmente parte de quem Brisa era. Assim como uma mulher bela chama a atenção em virtude de seu rosto e de sua imagem, Brisa a atraía pelo uso quase inconsciente dos seus poderes.

Claro, aquilo não fazia dele menos patife. Levar os outros a fazer o que ele desejava era uma das principais ocupações de Brisa. Vin apenas não se ressentia mais com ele por usar a Alomancia para isso.

A carruagem finalmente se aproximou, e Brisa suspirou, aliviado. Quando o veículo parou, ele olhou para Vin, em seguida acenou com a cabeça na direção de OreSeur.

— O que é isso?

— Um cão — Vin respondeu.

— Ah, direta como sempre — Brisa disse. — E por que você tem um cão agora?

— Eu lhe dei de presente — Elend disse. — Ela quis um, eu comprei.

— E você escolheu um *Wolfhound Irlandês*? — Ham perguntou, sorridente.

— Você já lutou com ela, Ham — Elend falou, gargalhando. — O que eu daria para ela? Um poodle?

Ham deu uma risadinha.

— Não, acho que não. Melhor um desses, mesmo.

— Embora ele seja quase do tamanho dela — Trevo acrescentou, encarando-a com um olho apertado.

Vin esticou o braço para descansar a mão na cabeça de OreSeur.

Trevo tinha razão: ela escolhera um animal grande, mesmo para um *Wolfhound Irlandês*. Tinha quase um metro em pé – e Vin sabia, por experiência própria, como aquele corpo era pesado.

— Incrivelmente bem-comportado para um *Wolfhound Irlandês* — Ham falou, meneando com a cabeça. — Escolheu bem, El.

— Certo — Brisa falou. — Podemos, por favor, voltar ao palácio? Exércitos e cães de caças são todos ótimos, mas acredito que o jantar é um assunto mais urgente neste momento.

— Então, por que não contamos para eles sobre OreSeur? — Elend perguntou, enquanto a carruagem percorria seu caminho acidentado de volta para a Fortaleza Venture. Os três pegaram uma carruagem para si, deixando os outros quatro seguirem no outro veículo.

Vin encolheu os ombros. OreSeur estava sentado no banco diante dela e de Elend, observando em silêncio a conversa.

— Vou contar para eles — Vin falou. — Uma praça cheia da cidade não pareceu o lugar adequado para a revelação.

Elend sorriu.

— Guardar segredos é um hábito difícil de abandonar, hein?

Vin enrubesceu.

— Não estou guardando segredo sobre ele, estou apenas… — Ela se calou, olhando para baixo.

— Não se sinta mal, Vin — Elend disse. — Viveu muito tempo sozinha, sem ninguém em quem confiar. Ninguém espera que você mude da noite para o dia.

— Não foi uma noite, Elend — ela retrucou. — São dois anos.

Elend pousou uma das mãos no joelho dela.

— Você está melhorando. Os outros comentam sobre como você mudou.

Vin assentiu com a cabeça.

Outro homem ficaria com medo que eu guardasse segredos dele também. Elend apenas tenta fazer com que eu me sinta menos culpada. Era um homem

melhor do que ela merecia.

— Kandra — Elend falou —, Vin disse que você se saiu bem ao acompanhá-la.

— Sim, Vossa Majestade — OreSeur disse. — Estes ossos, apesar de desagradáveis, são bem preparados para rastrear e movimentar-se rapidamente.

— E se ela se ferir? — Elend perguntou. — Será capaz de levá-la para um lugar seguro?

— Não com velocidade, Vossa Majestade. Porém, serei capaz de ir em busca de auxílio. Estes ossos têm muitas limitações, mas farei o meu melhor para cumprir o Contrato.

Elend deve ter visto as sobrancelhas erguidas de Vin, pois ele riu.

— Ele fará o que diz, Vin.

— O Contrato é tudo, senhora — OreSeur disse. — Exige mais do que um simples serviço. Requer empenho e devoção. *Isso* é ser kandra. Ao servir, servimos o nosso povo.

Vin ergueu os ombros. O grupo ficou em silêncio, Elend puxou um livro do bolso, e Vin recostou-se nele. OreSeur deitou-se, ocupando o assento inteiro diante dos seres humanos. Por fim, a carruagem entrou no pátio de Venture, e Vin percebeu que ansiava por um banho quente. Porém, quando saíam da carruagem, um guarda correu até Elend. O estanho permitiu que Vin ouvisse o que o homem dizia, mesmo que ele começasse a falar antes de ela vencer a distância.

— Vossa Majestade — o guarda sussurrou —, nosso mensageiro alcançou o senhor?

— Não — Elend respondeu com um franzir de cenho, enquanto Vin se aproximava. O soldado lançou um olhar para ela, mas continuou a falar. Todos os soldados sabiam que Vin era a principal guarda-costas e confidente de Elend. Ainda assim, o homem pareceu estranhamente preocupado quando a viu.

— Nós… ah, não queremos nos intrometer — o soldado falou. — Por isso mantivemos segredo. Estávamos apenas imaginando se… tudo está bem. — Ele olhava para Vin enquanto falava.

— O que é que há? — Elend perguntou.

O guarda voltou-se para o rei.

— Tem um cadáver no quarto da Lady Vin.

O “cadáver”, na verdade, era um esqueleto. Completamente limpo, sem um

vestígio de sangue – ou mesmo tecido – maculando a superfície branca e brilhante. Porém, um bom número de ossos estava quebrado.

— Me desculpe, senhora — OreSeur falou, falando baixo o bastante apenas para que ela ouvisse. — Imaginei que a senhora se livraria deles.

Vin assentiu. O esqueleto era, claro, aquele que OreSeur estava usando antes de ela lhe dar o corpo do animal.

Encontrando a porta destrancada – o sinal costumeiro de Vin de que ela queria o quarto limpo –, as camareiras entraram. Vin amontoou os ossos num cesto com a intenção de cuidar deles mais tarde. Aparentemente, as camareiras decidiram verificar e espiar o que havia no cesto, e ficaram um tanto surpresas.

— Tudo bem, capitão — Elend tranquilizou o jovem guarda, capitão Demoux, segundo no comando da guarda do palácio. Apesar de Ham evitar uniformes, este homem parecia ter um grande orgulho em manter seu uniforme muito limpo e arrumado. — Fez muito bem em manter isso em sigilo — Elend comentou. — Já sabíamos desses ossos. Não são motivo para preocupação.

Demoux assentiu.

— Imaginamos que tinha sido algo intencional. — Ele não olhava para Vin enquanto falava.

Intencional, Vin pensou. *Ótimo. Imagino o que esse homem pensa que fiz*. Poucos skaa sabiam o que eram os kandras, e Demoux não saberia o que pensar de restos mortais como aqueles.

— Poderia desfazer-se deles também em sigilo para mim, capitão? — Elend perguntou, meneando com a cabeça na direção dos ossos.

— Claro, Majestade — o guarda respondeu.

Provavelmente ele acha que comi a pessoa ou algo assim, Vin pensou com um suspiro. *Sugando a carne direto dos ossos.*

O que, de fato, não estava tão longe da verdade.

— Vossa Majestade gostaria que nos livrássemos do outro corpo também? — Demoux quis saber.

Vin congelou.

— Outro? — Elend perguntou lentamente.

O guarda assentiu.

— Quando encontramos esse esqueleto, levamos alguns cães para farejar. Não encontraram nenhum assassino, mas sim outro corpo. Exatamente como o primeiro, um monte de ossos totalmente limpo.

Vin e Elend trocaram um olhar.

— Mostre-nos — Elend ordenou.

Demoux assentiu e levou-os para fora do quarto, dando algumas ordens sussurradas para um dos seus homens. Os quatro – três humanos e um kandra – percorreram uma curta distância pelo corredor do palácio na direção de uma parte menos usada dos aposentos para visitantes. Demoux dispensou um soldado que estava postado num quarto particular, então levou-os para dentro.

— Este corpo não estava num cesto, Vossa Majestade — Demoux falou. — Estava amontoado num armário ao fundo. Provavelmente nunca encontraríamos sem os cães… eles acharam o cheiro muito facilmente, embora não entenda como. Esses cadáveres estão totalmente limpos de carne.

E ali estava. Outro esqueleto, como o primeiro, empilhado ao lado de uma cômoda. Elend olhou para Vin, em seguida virou-se para Demoux.

— Poderia nos dar licença, capitão?

O jovem guarda concordou, saindo do aposento e fechando a porta.

— Bem? — Elend falou, virando-se para OreSeur.

— Não sei de onde este veio — o kandra garantiu.

— Mas é outro cadáver comido por um kandra — Vin disse.

— Sem dúvida, senhora — OreSeur afirmou. — Os cães encontraram pelo cheiro particular que nossos sucos digestivos deixam em ossos recém-excretados.

Elend e Vin olharam-se.

— No entanto — OreSeur disse —, é provável que não seja o que os senhores pensam. Este homem provavelmente foi morto longe daqui.

— Como assim?

— São ossos descartados, Vossa Majestade — OreSeur confirmou. — Os ossos que um kandra deixa para trás…

— Depois de encontrar um corpo novo — Vin terminou a frase.

— Sim, senhora.

Vin lançou um olhar para Elend, que estava de cenho franzido.

— Quanto tempo atrás? — ele perguntou. — Talvez os ossos tenham sido deixados um ano antes, pelo kandra do meu pai.

— Talvez, Majestade. — OreSeur falou, mas soou hesitante. Caminhou até os ossos e farejou-os. Vin pegou um deles, erguendo até o nariz. Com estanho, ela facilmente encontrou um aroma acentuado que lembrava bile.

— Está muito forte — ela disse.

Ele assentiu.

— Esses ossos não estão aqui há muito tempo, Majestade. Algumas horas no máximo. Talvez até menos.

— Significa que temos outro kandra em algum lugar no palácio — Elend falou, parecendo um pouco enjoado. — Algum dos meus serviçais foi… comido e substituído.

— Sim, Majestade. Não há maneira de dizer pelos ossos quem poderia ser, pois são os descartes. O kandra assumiu os novos ossos, comendo a carne e vestindo as roupas.

Elend assentiu, erguendo-se. Seus olhos encontraram os de Vin, e ela soube que ele estava pensando o mesmo que ela. Era possível que um membro da equipe palaciana tivesse sido substituído, o que significava uma leve brecha na segurança. Contudo, havia uma possibilidade ainda mais perigosa.

Os kandras eram atores incomparáveis. OreSeur imitara Lorde Renoux de forma tão perfeita que mesmo as pessoas que o conheciam foram enganadas. Esse talento poderia ter sido usado para imitar uma camareira ou um serviçal. No entanto, se um inimigo quisesse infiltrar um espião nas reuniões fechadas de Elend, precisaria substituir uma pessoa muito mais importante.

Seria alguém que não vimos durante as últimas horas, Vin pensou, largando o osso. Ela, Elend e OreSeur estiveram na muralha grande parte da tarde e da noite – desde o final da reunião de Assembleia –, mas a cidade e o palácio ficaram um caos desde a chegada do segundo exército. Os mensageiros tiveram problemas em encontrar Ham, e ela ainda não tinha certeza de onde Dockson estava. De fato, ela não vira Trevo até ele se juntar a ela e a Elend na muralha apenas um pouco antes. E Fantasma foi o último a chegar.

Vin olhou para a pilha de ossos, sentindo uma sensação nauseante de intranquilidade. Havia uma boa chance de alguém do time principal – um membro do ex-grupo de Kelsier – ser agora um impostor.

SEGUNDA PARTE
FANTASMAS NAS BRUMAS

Apenas anos mais tarde convenci-me de que Alendi era o Herói das Eras. Herói das Eras: aquele chamado Rabzeen, em Khlennium, o Anamnéstico.

O Salvador.

12

Uma fortaleza surgiu na escuridão brumosa da noite.

Jazia no fundo de uma grande depressão no terreno. O vale de encostas íngremes como crateras era tão largo que mesmo à luz do dia Sazed mal teria sido capaz de ver o outro lado. Na escuridão que se aproximava, obscurecida pela bruma, a borda mais distante do imenso fosso era apenas uma sombra profunda.

Sazed sabia muito pouco sobre tática e estratégia; embora suas mentes de metal guardassem dúzias de livros sobre os temas, ele esquecera seu conteúdo para criar os registros armazenados. O pouco que sabia lhe dizia que aquela fortaleza – o Convento de Seran – não era defensível. Renunciara aos terrenos elevados, e os lados da cratera ofereciam locais excelentes para máquinas de cerco despejarem rochas sobre as muralhas lá embaixo.

Contudo, aquela fortaleza não fora construída para defender-se de soldados inimigos. Fora erguida para garantir solidão. A cratera quase a escondia, pois uma elevação mínima na terra ao redor da beirada da cratera a deixava praticamente invisível até se aproximar dela. Nenhuma estrada ou senda marcava o caminho, e os viajantes enfrentavam poucas e boas ao descer suas laterais íngremes.

Os Inquisidores não queriam visitantes.

— Bem? — Marsh perguntou.

Ele e Sazed estavam na beirada norte da cratera, diante de um abismo de muitas centenas de metros de profundidade. Sazed tocou sua mente de estanho de visão, aproximando um pouco da vista que havia armazenado dentro dele. As margens da visão ficavam distorcidas, mas as coisas bem diante dele pareceram ficar muito mais próximas. Ele buscou um pouco mais de alcance, ignorando a náusea que vinha por aumentar tanto a visão.

A visão aumentada permitiu que ele examinasse o Convento como se ele estivesse bem diante do prédio. Conseguia ver cada marca nas paredes escuras de pedra – lisas, largas, imponentes. Podia discernir cada pedacinho de ferrugem nas grandes placas de aço que pendiam aparafusadas nas paredes externas da muralha. Conseguia ver cada canto incrustado de líquen e cada peitoril manchado pelas cinzas. Não havia janelas.

— Não sei — Sazed disse lentamente, soltando seu pensa-estanho de visão. — Não é fácil dizer se a fortaleza está ou não habitada. Não há movimento, tampouco luz. Mas, talvez, os Inquisidores estejam apenas se escondendo lá dentro.

— Não — Marsh falou, sua voz soando desconfortavelmente alta no ar da noite. — Eles se foram.

— Por que eles iriam embora? Este é um lugar de grande força, penso eu. Pobre em defesa contra um exército, mas uma grande defesa contra o caos desta época.

Marsh balançou a cabeça.

— Eles se foram.

— Como pode ter tanta certeza?

— Não sei.

— Então, aonde foram?

Marsh olhou para ele, em seguida se virou e olhou sobre o ombro.

— Para o norte.

— Para Luthadel? — Sazed perguntou, franzindo o cenho.

— Entre outros — Marsh respondeu. — Venha. Não sei se voltarão, mas devemos explorar esta oportunidade.

Sazed assentiu. Por isso tinham ido até ali, afinal. Ainda assim, parte dele hesitava. Era um homem de livros e serviços refinados. Viajar para o interior e visitar vilarejos já era distante o suficiente de sua experiência para ser desconfortável. Infiltrar-se na fortaleza dos Inquisidores…

Marsh obviamente não se importava com as lutas internas de seu companheiro. O Inquisidor virou-se e começou a caminhar pelas margens da cratera. Sazed jogou sua bolsa no ombro e seguiu. Por fim, chegaram no aparelho em forma de gaiola, obviamente destinado para ser baixado até o fundo por cordas e polias. A gaiola estava travada e pronta na beirada superior, e Marsh parou ao seu lado, mas não entrou.

— O que foi? — Sazed perguntou.

— O sistema de polias — Marsh respondeu. — A gaiola deve ser baixada

por homens controlando-a lá debaixo.

Sazed assentiu, percebendo que era verdade. Marsh deu um passo para frente e puxou uma alavanca. A gaiola caiu. Cordas começaram a esfumaçar, e as polias rangeram enquanto a gaiola imensa despencava na direção do fundo do precipício. Um estrondo surdo ecoou contra as rochas.

Se tem alguém lá embaixo, Sazed pensou, *agora sabem que estamos aqui.*

Marsh virou-se para ele, as pontas dos pregos nos olhos brilhando levemente à luz do sol poente.

— Siga como quiser — ele falou. Em seguida, desamarrou uma corda de contrapeso e começou a descer por ela.

Sazed foi até a ponta da plataforma, observando Marsh se sacudir na corda balançante para dentro do abismo sombrio e brumoso. Então, Sazed ajoelhou-se e abriu sua bolsa. Abriu os braceletes grandes de metal presos aos braços e antebraços – suas mentes de cobre principais. Continham as memórias de um Guardador, o conhecimento armazenado dos séculos passados. Com reverência, ele deixou-os de lado, e puxou um par de braceletes muito menores – um de ferro, outro de peltre – da bolsa. Mentes de metal para um guerreiro.

Será que Marsh entendia o quanto Sazed era inexperiente nessa área? Força incrível não fazia dele um guerreiro. Mesmo assim, Sazed prendeu os dois braceletes nos tornozelos. Depois, pegou dois anéis – estanho e cobre. Esses ele encaixou nos dedos.

Fechou a bolsa, jogou-a sobre o ombro e pegou suas mentes de cobre principais. Cuidadosamente escolheu um bom esconderijo – um vão isolado entre duas rochas – e deixou-os lá dentro. O que quer que acontecesse lá embaixo, não queria arriscar que fossem encontrados e destruídos pelos Inquisidores.

Para preencher uma mente de cobre com memórias, Sazed ouvira outro Guardador recitar sua coleção inteira de histórias, fatos e anedotas. Sazed memorizara cada sentença, em seguida jogara essas lembranças na mente de cobre para recuperá-las depois. Sazed lembrava-se muito pouco da experiência real, mas conseguia invocar qualquer dos livros ou ensaios que desejava, recolocando-os na mente e recobrando a capacidade de se recordar deles de forma tão clara quanto a primeira vez que os memorizara. Apenas precisava ter os braceletes postos.

Ficar sem as mentes de cobre o deixava ansioso. Ele balançou a cabeça, caminhando de volta à plataforma. Marsh movia-se muito rápido na direção do fundo do precipício; como todos os Inquisidores, tinha os poderes de um

Nascido das Brumas. Embora a maneira pela qual conseguira esses poderes – e como conseguia viver apesar dos pregos que atravessavam diretamente seu cérebro – fosse um mistério. Marsh nunca respondera às perguntas de Sazed sobre o assunto.

Sazed gritou, chamando a atenção de Marsh, em seguida ergueu a bolsa e soltou-a. Marsh estendeu a mão e a bolsa voou em sua direção, *puxada* pelos metais. O Inquisidor jogou-a no ombro antes de continuar a descida.

Sazed meneou a cabeça, agradecendo, em seguida saltou da plataforma. Quando começou a cair, acessou mentalmente sua mente de ferro, buscando o poder que armazenara nela. Preencher uma mente de metal sempre tivera um custo: para armazenar visão, Sazed foi forçado a passar semanas sem enxergar direito. Durante esse tempo, usara um bracelete de estanho, alocando o excesso de visão para usá-la mais tarde.

O ferro era um pouco diferente dos outros. Não guardava visão, força, resistência, nem mesmo lembranças. Guardava algo completamente diferente: peso.

Hoje, Sazed não acessou o poder armazenado dentro da mente de ferro, pois o deixaria mais pesado. Em vez disso, começou a preencher a mente de ferro, deixando-a sugar seu peso. Teve a familiar sensação da leveza, uma sensação de que seu corpo não exercia tanta pressão sobre si mesmo.

A velocidade da sua queda diminuiu. Os filósofos terrisanos tinham muito a dizer sobre o uso de uma mente de ferro. Explicavam que o poder não mudava de fato o volume ou o tamanho de uma pessoa – apenas mudava a maneira pela qual o solo exercia sua atração nela. A queda de Sazed não diminuíra porque seu peso ficara menor, mas porque de repente tinha uma quantidade relativamente grande de superfície exposta ao vento em sua queda, e um corpo mais leve para acompanhá-lo.

Fossem quais fossem as razões científicas, Sazed não descera rapidamente. Os finos braceletes de metal nas pernas eram as coisas mais pesadas em seu corpo, e serviam como âncoras nos seus pés. Ele abriu os braços e curvou levemente o corpo, deixando que o vento soprasse contra ele. Sua queda não foi extremamente lenta – não como a de uma folha ou pena. Contudo, não despencara. Em vez disso, descera de forma controlada, quase calculada. Com roupas tremulando e braços estendidos, passou Marsh, que o observava com uma expressão curiosa.

Quando se aproximou do chão, Sazed acionou sua mente de peltre, puxando um pouco de força para se preparar. Atingiu o solo, mas, como seu corpo

estava tão leve, o choque foi muito pequeno. Mal precisou dobrar os joelhos para absorver a força do impacto.

Parou de preencher a mente de ferro, liberou o peltre e esperou em silêncio por Marsh. Atrás dele, a gaiola de transporte estava em frangalhos. Sazed observou com desconforto várias algemas de ferro quebradas. Pelo visto, alguns daqueles que visitaram o Convento não vieram por vontade própria.

Quando Marsh se aproximou do fundo, as brumas estavam espessas no ar. Sazed convivera com elas durante toda a sua existência e nunca tinha se sentido desconfortável. Ainda assim, ele quase esperava que as brumas começassem a sufocá-lo. Matá-lo, como pareciam ter feito ao velho Jed, o camponês infeliz cuja morte Sazed investigara.

Marsh soltou-se nos últimos três metros mais ou menos, aterrissando com a agilidade reforçada da Alomancia. Mesmo depois de passar tanto tempo com Nascidos da Bruma, Sazed ficava impressionado com os dons da Alomancia. Claro, nunca tivera inveja deles, não de verdade. Sim, a Alomancia era melhor numa luta, mas não podia expandir a mente, dando acesso a sonhos, esperanças e crenças de mil anos de cultura. Não conseguia dar o conhecimento para tratar uma ferida ou ajudar a ensinar uma vila pobre a usar técnicas modernas de fertilização.

As mentes de metal da Feruquemia não eram extravagantes, mas tinham um valor muito mais duradouro para a sociedade.

Além disso, Sazed conhecia alguns truques da Feruquemia que podiam surpreender até o guerreiro mais bem-preparado.

Marsh lhe entregou a bolsa.

— Venha.

Sazed assentiu, encaixando a bolsa no ombro e seguindo o Inquisidor pelo solo pedregoso. Caminhar perto de Marsh era estranho, pois Sazed não estava acostumado a ficar perto de pessoas altas como ele. Os terrisanos eram altos por natureza, e Sazed ainda mais: seus braços e pernas eram um pouco longos demais para o corpo, uma condição causada pela sua castração quando eram muito jovem. Embora o Senhor Soberano estivesse morto, a cultura terrisana sentiria por muito tempo os efeitos de sua liderança e seus programas de reprodução seletiva – os métodos pelos quais ele tentou tirar os poderes feruquímicos do povo terrisano.

O Convento de Seran assomava na escuridão, parecendo ainda mais sinistro agora que Sazed estava dentro da cratera. Marsh caminhou a passos largos até as portas principais, e Sazed seguiu logo atrás dele. Não estava com medo, não

de verdade. O medo nunca fora um forte impulsionador na vida de Sazed. Contudo, estava preocupado. Restavam poucos Guardadores; se ele morresse, era uma pessoa a menos que poderia viajar restaurando as verdades perdidas e ensinando as pessoas.

Não que eu esteja fazendo isso no momento…

Marsh observou as portas imensas de aço. Em seguida, lançou seu peso contra uma delas, obviamente queimando peltre para aumentar sua força. Sazed juntou-se a ele, empurrando com vigor. A porta não se moveu.

Arrependendo-se do gasto de poder, Sazed tocou em sua mente de peltre e acionou a força. Usou muito mais do que tinha usado quando aterrissou, e seus músculos imediatamente aumentaram de tamanho. Diferentemente da Alomancia, a Feruquemia não raro tinha efeitos diretos no corpo da pessoa. Por baixo da túnica, Sazed ganhou o volume e a constituição de um guerreiro de longa data, facilmente ficando duas vezes mais forte do que estava um momento antes. Com o esforço combinado, os dois conseguiram empurrar a porta até abrir.

Ela não rangeu. Deslizou de forma lenta, mas uniforme, para dentro, expondo um corredor longo e escuro.

Sazed liberou a mente de peltre, voltando ao seu normal. Marsh caminhou para dentro do Convento, seus pés empurrando a bruma que começava a entrar pela porta aberta.

— Marsh? — Sazed chamou.

O Inquisidor virou-se.

— Não serei capaz de enxergar aí dentro.

— Sua Feruquemia…

Sazed sacudiu a cabeça.

— Pode me fazer ver melhor na escuridão, mas apenas se houver alguma luz. Além disso, ativar essa quantidade de visão drenaria minha mente de estanho em questão de minutos. Preciso de um lampião.

Marsh hesitou, mas assentiu em seguida. Virou-se na escuridão, desaparecendo rapidamente da visão de Sazed.

Então, Sazed pensou, *Inquisidores não precisam de luz para ver*. Era de se esperar: as estacas preenchiam as órbitas de Marsh, destruindo os globos oculares por completo. Fosse lá que estranho poder permitia os Inquisidores enxergarem, aparentemente funcionava tão bem no breu quanto à luz do dia.

Marsh voltou alguns momentos depois, carregando um lampião. Pelas correntes que Sazed vira na gaiola, Sazed desconfiou que os Inquisidores

mantinham um grupo considerável de escravos e servos para atender a suas necessidades. Se era o caso, para onde tinham ido essas pessoas? Fugiram?

Sazed acendeu o lampião com um sílex de sua bolsa. A luz fantasmagórica iluminou um corredor claro, assustador. Ele entrou no Convento, segurando o lampião no alto, e começou a preencher o pequeno anel de cobre no dedo, o processo transformando-o numa mente de cobre.

— Espaços grandes — ele sussurrou —, sem adornos.

Ele não precisava de fato dizer as palavras, mas tinha descoberto que falar ajudava a formar memórias distintas. Conseguia, dessa forma, encaixá-las na mente de cobre.

— Os Inquisidores obviamente tinham uma predileção pelo aço — ele continuou. — Não é de se surpreender, considerando que sua religião era com frequência mencionada como Ministério do Aço. As paredes têm placas de aço imensas penduradas, sem ferrugem, ao contrário das de fora. Muitas não são completamente lisas, mas trabalhadas com alguns padrões interessantes entalhados… quase *polidos*… nas superfícies.

Marsh franziu o cenho, virando-se para ele.

— O que está fazendo?

Sazed ergueu a mão, mostrando o anel de cobre.

— Preciso fazer um relato desta visita. Precisarei repetir esta experiência para outros Guardadores quando tiver oportunidade. Há muito a se aprender com este lugar, eu acho.

Marsh deu-lhe as costas.

— Você não deveria se preocupar com Inquisidores. Não valem o seu registro.

— Não é uma questão de valor, Marsh — Sazed falou, erguendo o lampião para examinar um pilar anguloso. — O conhecimento de todas as religiões é valioso. Preciso garantir que essas coisas perdurem.

Sazed observou o pilar por um momento, em seguida fechou os olhos e formou uma imagem dentro da cabeça, que adicionou à mente de cobre. Memórias visuais, no entanto, eram menos úteis que palavras faladas. Visualizações desapareciam muito rápido assim que tiradas da mente de cobre, sofrendo uma distorção da mente. Além disso, não podiam ser transmitidas a outros Guardadores.

Marsh não respondeu ao comentário de Sazed sobre religião, apenas virou-se e caminhou mais para dentro do edifício. Sazed seguiu em passo mais lento, falando consigo mesmo, registrando as palavras na mente de cobre. Era uma

experiência interessante. Assim que ele falava, sentia os pensamentos sendo sugados da mente, deixando um vácuo. Tinha dificuldade em se lembrar de detalhes daquilo que acabara de dizer. No entanto, assim que tivesse preenchido a mente de cobre, poderia acessar essas lembranças mais tarde e sabê-las com imensa clareza.

— O aposento tem pé direito alto — ele disse. — Há poucos pilares, e também são revestidos de aço. São como blocos, quadrados, em vez de arredondados. Tenho a sensação de que este lugar foi criado por pessoas que se importavam pouco com sutilezas. Ignoraram pequenos detalhes em favor de linhas amplas e formas geométricas completas.

Enquanto nos movemos para além da entrada principal, esse tema arquitetônico continua. Não há pinturas nas paredes nem adornos de madeira ou pisos com lajotas. Em vez disso, há apenas corredores longos e largos com suas linhas implacáveis e superfícies refletoras. O chão é formado por quadrados de aço, cada qual com poucos metros de largura. São… frios ao toque.

"É estranho não ver tapeçarias, janelas com vitrais e pedras esculpidas que são tão comuns na arquitetura de Luthadel. Não há pináculos ou abóbadas aqui. Apenas quadrados e retângulos. Linhas… tantas linhas. Nada aqui é macio. Não há carpete, tapetes ou janelas. É um lugar para pessoas que veem o mundo de forma diferente das pessoas comuns.

Marsh caminhou direto pelo corredor gigantesco, como se não prestasse atenção à decoração. Vou segui-lo e volto a fazer registros mais tarde. Ele parece estar seguindo alguma coisa… algo que não consigo sentir. Talvez seja…

A voz de Sazed desapareceu quando entrou em outro corredor e viu Marsh em pé diante da entrada de uma grande câmara. A luz do lampião tremeluziu de forma irregular, pois o braço de Sazed vacilou.

Marsh havia encontrado os serviçais.

Estavam mortos havia tanto tempo que Sazed não percebeu o cheiro até se aproximar. Talvez fosse aquilo que Marsh estivera seguindo: os sentidos de um homem queimando estanho podiam ficar bem aguçados.

Os Inquisidores fizeram um trabalho completo. Aqueles eram os restos de uma chacina. O recinto era grande, mas tinha apenas uma saída, e os corpos formavam uma pilha alta perto do fundo, mortos pelo que aparentava ser golpes duros de espadas e machados. Os serviçais espremeram-se contra a parede do fundo enquanto morriam.

Sazed afastou-se.

Marsh, no entanto, permaneceu na entrada.

— Algo cheira mal neste lugar — ele disse, por fim.

— Agora que você percebeu? — Sazed perguntou.

Marsh virou-se, encarando-o com seu olhar inquiridor.

— Não devemos perder muito tempo aqui. Há escadas no fim do corredor atrás de nós. Vou subir… lá é onde ficam as celas dos Inquisidores. Se as informações que busco estiverem aqui, lá vou encontrá-las. Porém, não me siga.

Sazed franziu a testa.

— Por quê?

— Preciso ficar sozinho aqui. Não posso explicar. Não me importo que você testemunhe as atrocidades dos Inquisidores. Eu só… não quero estar com você quando o fizer.

Sazed baixou o lampião, afastando a luz da cena horrenda.

— Muito bem.

Marsh virou-se, passando por Sazed e desaparecendo no corredor escuro. E Sazed ficou sozinho.

Tentou não pensar muito naquilo. Voltou ao corredor principal, descrevendo o morticínio para sua mente de cobre antes de dar uma explicação mais detalhada da arquitetura e da arte – se, aliás, assim pudessem ser chamados os diferentes padrões nas placas de parede.

Enquanto trabalhava – sua voz ecoando baixinho contra a arquitetura rígida, seu lampião como uma gota fraca de luz refletida no aço –, seus olhos estavam voltados para o fundo do corredor. Havia um fosso de escuridão ali. Uma escadaria que levava para baixo.

Mesmo quando voltou à descrição de uma das chapas de parede, sabia que no fim se veria caminhando na direção daquela escuridão. Era o mesmo de sempre – a curiosidade, a *necessidade* de entender o desconhecido. Essa sensação o impulsionava como Guardador, levou-o até a companhia de Kelsier. Era impossível exaurir sua busca por verdades, mas também era impossível ignorá-la. Assim, ele se virou e aproximou-se da escadaria, sua própria voz sussurrante como única companheira.

— As escadas são parecidas com aquilo que vi no corredor. São largas e extensas, como os degraus que levam a um templo ou a um palácio. Exceto que essas descem para dentro da escuridão. São grandes, provavelmente cortadas na pedra e revestidas com aço. São altas, feitas para passos largos e

determinados.

Enquanto caminho, imagino quais segredos os Inquisidores consideraram dignos de ocultar embaixo da terra, no porão de sua fortaleza. Este prédio inteiro é um segredo. O que fizeram aqui, nestes corredores imensos e aposentos abertos, vazios?

A escadaria termina em outro recinto grande, quadrado. Percebi uma coisa – não há portas nas entradas aqui. Cada recinto é aberto, visível para quem está fora. Enquanto caminho, espiando os recintos embaixo da terra, encontro câmaras cavernosas com pouca mobília. Não há bibliotecas, nem salas de descanso. Várias contêm grandes blocos de metal que poderiam ser altares.

Tem… algo diferente aqui, nesta última sala, no fundo do corredor principal. Não tenho certeza qual é a serventia dela. Uma câmara de tortura, talvez? Há mesas, mesas de metal, presas ao chão. O sangue forma flocos e pó aos meus pés – muitos homens morreram neste aposento, acho. Não parece haver equipamentos de tortura, tirando as…

Estacas. Como aquelas nos olhos dos Inquisidores. Coisas pesadas, grandes, como as estacas que poderiam ser enterradas no chão com uma marreta bem grande. Algumas estão manchadas de sangue, mas acho que não vou mexer nelas. Aquelas outras… sim, parecem idênticas àquelas dos olhos de Marsh. Mesmo assim, algumas são de metais diferentes.

Sazed deixou a estaca embaixo de uma mesa, metal retinindo contra metal. Ele estremeceu, examinando a sala novamente. Um lugar para fazer novos Inquisidores, talvez? Teve uma visão repentina e horrível das criaturas – que antigamente eram contadas em algumas dúzias – aumentando suas fileiras durante os meses isolados no Convento.

Mas aquilo não parecia correto. Eram um grupo secreto, exclusivo. Onde teriam encontrado tantos homens dignos de se juntarem a suas fileiras? Por que não fazer Inquisidores dos servos lá em cima, em vez de simplesmente assassiná-los?

Sazed sempre suspeitara que um homem precisava ser um alomântico para se transformar em Inquisidor. A própria experiência de Marsh consolidava essa premissa: Marsh tinha sido um Buscador, um homem que podia queimar bronze, antes da transformação. Sazed olhou novamente para o sangue, as estacas e as mesas, e decidiu que não tinha certeza se queria saber como se fazia um novo Inquisidor.

Sazed estava prestes a sair do recinto quando o lampião revelou algo ao fundo. Outra entrada.

Ele avançou, tentando ignorar o sangue seco em seus pés, e entrou numa câmara que não parecia combinar com o restante da arquitetura intimidante do Convento. Era cavada diretamente na pedra, e se torcia para uma escadaria muito pequena. Curioso, Sazed desceu alguns degraus gastos. Pela primeira vez desde que entrara no edifício, sentiu-se apertado, e precisou se curvar quando chegou ao fim da escadaria e entrou num recinto pequeno. Ficou em pé e ergueu o lampião para revelar…

Uma parede. A sala terminava de forma abrupta, e a chama refletiu na parede. Havia uma placa de aço, como aquelas lá em cima. Aquela ali tinha mais ou menos um metro e meio de largura e quase o mesmo de altura. Com inscrições. Com repentino interesse, Sazed deixou sua bolsa no chão e avançou, erguendo o lampião para ler as palavras na parede.

O texto estava em terrisano.

Era um dialeto antigo, na verdade, mas um que Sazed conseguia entender mesmo sem sua mente de cobre de idiomas. A mão tremia enquanto ele lia as palavras.

Escrevo estas palavras em aço, pois qualquer coisa que não seja inscrita no metal não é digna de crédito.

Comecei a me perguntar se eu sou o único homem são remanescente. Os outros não conseguem ver? Eles esperam há tanto tempo a chegada do herói – aquele mencionado nas profecias terrisanas – que rapidamente pulam de conclusão em conclusão, supondo que cada história e lenda se refere a este único homem.

Meus irmãos ignoram os outros fatos. Não conseguem relacionar as outras coisas estranhas que estão acontecendo. São surdos às minhas objeções e cegos às minhas descobertas.

Talvez eles estejam certos. Talvez eu seja louco, ciumento ou simplesmente estúpido. Meu nome é Kwaan. Filósofo, erudito, traidor. Sou aquele que descobriu Alendi, aquele que primeiro o proclamou o Herói das Eras. Sou aquele que começou isto tudo.

E eu sou aquele que o traiu, pois agora sei que ele nunca deveria ter recebido permissão para completar sua jornada.

— Sazed.

Sazed deu um salto, quase derrubando o lampião. Marsh estava na entrada atrás dele. Imperioso, desconfortante e tão obscuro. Combinava com aquele

lugar, com as linhas e a dureza.

— As celas superiores estão vazias — Marsh falou. — Esta viagem foi uma perda de tempo… meus irmãos levaram tudo que era útil com eles.

— Não foi perda de tempo, Marsh — Sazed falou, virando-se para a placa de texto. Não a lera por inteiro, nem chegara perto disso. A inscrição estava numa caligrafia miúda, apertada, os entalhes cobriam a parede. O aço havia preservado as palavras apesar da idade óbvia. O coração de Sazed batia um pouco mais rápido.

Era um fragmento de texto de antes do reinado do Senhor Soberano. Um fragmento escrito por um filósofo terrisano, um homem sagrado. Apesar dos dez séculos de busca, os Guardadores nunca cumpriram o objetivo original de sua criação: nunca haviam descoberto a religião terrisana.

O Senhor Soberano havia esmagado as aulas de religião terrisana assim que assumiu o poder. Sua perseguição ao povo de Terris, seu próprio povo, fora a mais completa de seu longo reinado, e os Guardadores nunca encontraram mais do que fragmentos vagos relacionados ao que seu povo acreditara no passado.

— Preciso copiar isso aqui, Marsh — Sazed falou, pegando sua bolsa. Criar uma memória visual não funcionaria – ninguém poderia olhar para uma parede com tanto texto e depois recordar as palavras. Poderia, talvez, lê-las para a mente de cobre. No entanto, quero um registro físico, um que preserve com perfeição a estrutura de linhas e pontuação.

Marsh sacudiu a cabeça.

— Não vamos ficar aqui. Acho que nem deveríamos ter vindo.

Sazed hesitou, erguendo o olhar. Em seguida, puxou várias folhas grandes de papel da bolsa.

— Muito bem, então — ele disse. — Vou fazer uma cópia por fricção. Será melhor mesmo, eu acho. Poderei ver o texto exatamente como foi escrito.

Marsh assentiu, e Sazed pegou o carvão.

Esta descoberta… ele pensou com entusiasmo. *Será como o diário de Rashek. Estamos chegando perto!*

No entanto, no momento em que começou a fricção – suas mãos movendo-se com cuidado e precisão –, outro pensamento lhe ocorreu. Com um texto como este em sua posse, seu sentimento de dever não mais lhe permitiria perambular por vilarejos. Teria de voltar ao norte para compartilhar o que encontrara, temendo morrer e deixar tal texto perdido. Precisava ir para Terris.

Ou… para Luthadel. De lá poderia mandar mensagens para o norte. Tinha uma desculpa válida para voltar ao centro da ação, para ver os outros membros

da equipe de novo.

Por que aquilo fazia com que se sentisse ainda mais culpado?

Quando finalmente tive a compreensão – finalmente relacionei todos os sinais da Antecipação por Alendi –, fiquei muito entusiasmado. No entanto, quando anunciei minha descoberta aos outros Portadores do Mundo, fui recebido com escárnio.

Ah, como eu queria tê-los ouvido.

13

A bruma girava e rodopiava, como pinturas monocromáticas juntando-se numa tela. A luz morria no ocidente e a noite amadurecia.

Vin franziu o cenho.

— Não parece que as brumas estão chegando mais cedo?

— Mais cedo? — OreSeur perguntou com sua voz abafada. O cão de caça kandra estava sentado perto dela, no telhado.

Vin assentiu.

— Antes as brumas não começavam a aparecer até depois de escurecer, certo?

— Está escuro, senhora.

— Mas elas já estão aqui, começaram a se juntar mal o sol havia começado a se pôr.

— Não vejo qual a importância disso, senhora. Talvez as brumas sejam simplesmente como outros padrões climáticos, que variam às vezes.

— Não parece nem um pouco estranho para você?

— Acharei estranho se a senhora quiser, senhora — OreSeur respondeu.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Desculpe, senhora — OreSeur falou. — Diga-me o que a senhora *quer dizer*, e certamente verei como uma ordem.

Vin suspirou, esfregou a testa. *Queria que Sazed estivesse de volta…* ela pensou. No entanto, era um desejo vão. Mesmo que Sazed estivesse em Luthadel, não seria seu mordomo. Os terrisanos não chamavam mais ninguém de mestre. Ela teria de se contentar com OreSeur. O kandra, ao menos, podia trazer informações que Sazed não poderia, desde que ela pudesse tirá-las dele.

— Precisamos encontrar o impostor — Vin disse. — Aquele que… substituiu alguém.

— Sim, senhora — OreSeur concordou.

Vin sentou-se em meio às brumas, reclinando-se no telhado em declive, descansando os braços nas telhas.

— Então, preciso saber mais sobre você.

— Sobre mim, senhora?

— Sobre kandras em geral. Para encontrar esse impostor, preciso saber como ele pensa, entender suas motivações.

— As motivações dele são simples, senhora — OreSeur disse. — Ele estará seguindo o Contrato.

— E se ele estiver agindo sem um Contrato?

OreSeur sacudiu a cabeça canina.

— Os kandras sempre têm um Contrato. Sem um, eles não têm autorização para entrar na sociedade humana.

— Nunca? — Vin perguntou.

— Nunca.

— E se for algum tipo de kandra desgarrado? — Vin quis saber.

— Tal coisa não existe — OreSeur respondeu com firmeza.

Ah, é?, Vin pensou, cética. No entanto, deixou o assunto de lado. Quase não havia motivos para um kandra se infiltrar no palácio por vontade própria; era mais provável que um dos inimigos de Elend tivesse enviado a criatura. Um dos senhores da guerra, talvez, ou os obrigadores. Mesmo os outros nobres da cidade teriam bons motivos para espionar Elend.

— Tudo bem — Vin disse. — O kandra é um espião, enviado para reunir informações para outro ser humano.

— Sim.

— Mas — Vin continuou —, se ele tomou o corpo de alguém no palácio, ele não o matou pessoalmente. Os kandras não podem matar seres humanos, certo?

OreSeur concordou com a cabeça.

— Todos temos de seguir essa regra.

— Então, alguém esgueirou-se para dentro do palácio e assassinou um membro da equipe para que seu kandra tomasse o corpo dele. — Ela fez uma pausa, tentando refletir sobre o problema. — As possibilidades mais perigosas, os membros da equipe, devem ser consideradas primeiro. Felizmente, como o assassinato ocorreu ontem, podemos eliminar Brisa, que estava fora da cidade no momento.

OreSeur assentiu.

— Também podemos eliminar Elend — Vin comentou. — Estava conosco na muralha ontem.

— Ainda resta a maioria da equipe, senhora.

Vin franziu a testa, recostando-se. Tentou estabelecer álibis sólidos para Ham, Dockson, Trevo e Fantasma. Contudo, todos eles ficaram ao menos algumas horas sumidos. O suficiente para um kandra digeri-los e tomar seu lugar.

— Tudo bem — ela retrucou. — Então, como encontro o impostor? Como posso identificá-lo entre as outras pessoas?

OreSeur ficou em silêncio, sentado na bruma.

— Deve haver uma maneira — Vin falou. — A imitação pode não ser perfeita. Cortá-lo funcionaria?

OreSeur sacudiu a cabeça.

— Os kandras replicam corpos com perfeição, senhora… sangue, carne, pele e músculo. A senhora viu quando parti minha pele.

Vin suspirou, erguendo-se e avançando até o alto do telhado pontudo. As brumas já estavam densas, e a noite rapidamente se tornava negra. Ela começou a andar com vagar de um lado para o outro na beirada, com o equilíbrio alomântico impedindo que caísse.

— Talvez eu possa simplesmente ver quem não está agindo de forma estranha — ela concluiu. — A maioria dos kandras são tão bons imitadores como você?

— Entre os kandras, minhas capacidades são medianas. Alguns são piores, outros melhores.

— Mas nenhum ator é perfeito — Vin falou.

— Os kandras dificilmente cometem erros, senhora — OreSeur falou. — Mas este provavelmente é seu melhor método. Porém, fique avisada… ele pode ser qualquer um. Minha espécie é muito habilidosa.

Vin fez uma pausa. *Não é Elend*, ela disse a si mesma, forçadamente. *Ele ficou comigo o dia todo de ontem*. Exceto pela manhã.

Tempo demais, ela decidiu. *Ficamos nas muralhas por horas, e aqueles ossos eram recém-expelidos. Além disso, eu saberia se fosse ele… não saberia?*

Ela sacudiu a cabeça.

— Deve haver outra maneira. Posso descobrir um kandra de alguma forma com Alomancia?

OreSeur não respondeu de pronto. Ela se virou para ele na escuridão,

examinando o rosto canino.

— Então?

— Essas não são coisas de que falamos com pessoas de fora.

Vin suspirou.

— Fale mesmo assim.

— Essa é uma ordem para eu falar?

— Não gosto de dar ordens para você.

— Então posso ir embora? — OreSeur perguntou. — Não deseja me dar ordens, então nosso Contrato está dissolvido?

— Não foi o que eu quis dizer — Vin falou.

OreSeur franziu o cenho – uma expressão estranha de se ver na cara de um cachorro.

— Seria mais fácil para mim se a senhora tentasse falar o que quer dizer, senhora.

Vin cerrou os dentes.

— Por que você é tão hostil?

— Não sou hostil, senhora. Sou seu servo, e farei o que a senhora ordenar. Isso é parte do Contrato.

— Claro. Você é assim com todos os seus mestres?

— Com a maioria, estou cumprindo um papel específico — OreSeur respondeu. — Tenho ossos a imitar, uma pessoa a me tornar, uma personalidade a adotar. A senhora não me deu instruções, apenas os ossos deste… animal.

Então, é isso, Vin pensou. *Ainda aborrecido com o corpo do cão.*

— Olhe, esses ossos não mudam nada, na verdade. Você ainda é a mesma pessoa.

— A senhora não entende. Para um kandra, não é importante quem ele *é*. É quem o kandra *se torna*. Os ossos que ele toma, o papel que ele cumpre. Nenhum dos meus outros mestres me pediu para fazer algo desse tipo.

— Bem, não sou como os outros mestres — Vin falou. — De qualquer forma, fiz uma pergunta. Há alguma maneira pela qual posso identificar um kandra com Alomancia? E, sim, estou mandando você falar.

Um brilho de triunfo reluziu nos olhos de OreSeur, como se desfrutasse o fato de ela tê-lo forçado a cumprir seu papel.

— Os kandras não podem ser afetados por Alomancia mental, senhora.

Vin franziu a testa.

— De jeito nenhum?

— Não, senhora. Pode tentar *tumultuar* ou *abrandar* nossos sentimentos se quiser, mas não terá efeito. Sequer saberemos que a senhora está tentando nos manipular.

Como alguém que queima cobre.

— Essa não é exatamente a informação mais útil — ela comentou, passando pelo kandra no telhado. Os alomânticos não conseguiam ler mentes ou emoções; quando *abrandavam* ou *tumultuavam* outra pessoa, simplesmente tinham a esperança de que a pessoa reagiria conforme a intenção.

Talvez ela pudesse "testar" um kandra ao *abrandar* as emoções de alguém. Se esse alguém não reagisse, poderia ser um kandra, mas também poderia significar que ele era bom em conter as emoções.

OreSeur observava o caminhar de Vin.

— Se fosse fácil detectar um kandra, senhora, não teríamos muito valor como impostores, não é?

— Acredito que não — Vin reconheceu. No entanto, pensar sobre o que ele dissera a fez considerar outra coisa. — Um kandra pode *usar* Alomancia? Digo, se ele comer um alomântico?

OreSeur negou com a cabeça.

Então, há outro método, Vin cogitou. *Se eu encontrar um membro da equipe queimando metais, então saberei que ele não é kandra*. Não ajudaria com Dockson ou outros serviçais do palácio, mas permitiria que ela eliminasse Ham e Fantasma.

— Tem outra coisa — Vin falou. — Antes, quando estávamos fazendo aquele trabalho com Kelsier, ele comentou que precisávamos manter você longe do Senhor Soberano e de seus Inquisidores. Por quê?

OreSeur desviou o olhar.

— É algo sobre o qual não falamos.

— Então, eu ordeno que fale.

— Então, terei que me recusar a responder — OreSeur retrucou.

— Recusar-se a responder? — Vin perguntou. — Você pode fazer isso?

OreSeur assentiu.

— Não somos obrigados a revelar segredos sobre a natureza dos kandras, senhora. Isso está…

— No Contrato — Vin completou a frase, franzindo a testa. *Realmente preciso ler aquele negócio de novo*.

— Sim, senhora. Talvez eu já tenha falado demais.

Vin deu as costas para OreSeur, olhando por sobre a cidade. As brumas

continuavam a rodar. Vin fechou os olhos, buscando bronze, tentando sentir o pulso delator de um alomântico queimando metal nas proximidades.

OreSeur levantou-se e caminhou até ficar ao lado dela, em seguida se sentou novamente, no telhado inclinado.

— A senhora não deveria estar na reunião com o rei agora?

— Talvez mais tarde — Vin falou, abrindo os olhos. Fora da cidade, as fogueiras dos exércitos iluminavam o horizonte. À direita, a Fortaleza Venture cintilava na noite, e dentro dela Elend estava reunido com os outros. Muitos dos homens mais importantes do governo sentados numa sala. Elend a chamaria de paranoica por insistir que ela fosse aquela que vigiava espiões e assassinos. Tudo bem para ela; ele podia chamá-la do que quisesse, contanto que ficasse vivo.

Ela se acalmou de novo. Estava feliz por Elend ter decidido escolher a Fortaleza Venture como seu palácio em vez de se mudar para Kredik Shaw, o lar do Senhor Soberano. Não apenas Kredik Shaw era grande demais para ser defendido a contento, mas também lhe trazia lembranças dele. Do Senhor Soberano.

Ela vinha pensando com frequência no Senhor Soberano nos últimos tempos – ou, melhor, pensava sobre Rashek, o homem que se tornara o Senhor Soberano. Um terrisano de nascença, Rashek havia assassinado o homem que deveria ter tomado o poder no Poço da Ascensão e…

E fez o quê? Eles ainda não sabiam. O Herói saiu numa busca para proteger o povo de um perigo simplesmente conhecido como as Profundezas. Tanto se perdera, tanto fora destruído intencionalmente. Sua melhor fonte de informação sobre esses dias vinha na forma de um diário antigo, escrito pelo Herói das Eras antes de Rashek tê-lo matado. No entanto, dava pistas preciosas sobre sua busca.

Por que eu me preocupo com essas coisas?, Vin se perguntou. *As Profundezas são uma coisa esquecida há mil anos. Elend e os outros estão certos em se preocuparem com os eventos mais iminentes.*

E, ainda assim, Vin se via estranhamente apartada deles. Talvez fosse por isso que se encontrava sondando o lado de fora. Não porque não se preocupava sobre os exércitos.

Ela se sentia… distante do problema. Mesmo agora, quando considerava a ameaça a Luthadel, sua mente voltava ao Senhor Soberano.

Não sabem o que faço pela humanidade, ele disse. *Eu* era *seu deus, mesmo que não queiram ver. Ao me matar, estarão condenando a si mesmos.* Essas

foram as últimas palavras do Senhor Soberano, ditas enquanto jazia no chão da sua sala do trono. Elas a preocupavam. Mesmo agora, elas a faziam estremecer.

Precisava se distrair.

— Que tipo de coisas vocês gostam, kandra? — ela perguntou, virando-se para a criatura, que ainda estava sentada no telhado ao lado dela. — Quais são seus amores, seus ódios?

— Não quero responder.

Vin franziu o cenho.

— Não quer ou não *tem* que?

OreSeur hesitou.

— Não quero, senhora. — A implicação era óbvia. *Você precisa me ordenar*.

Ela quase o fez. Contudo, algo fez com que parasse, algo naqueles olhos, por mais inumanos que fossem. Algo familiar.

Ela conhecia aquele tipo de ressentimento. Não raro o sentia durante a juventude, quando servira a líderes de gangues que dominavam seus seguidores. Nas gangues, fazia-se o que era ordenado – especialmente se fosse uma garotinha abandonada sem posto ou meios de intimidação.

— Se não quer falar disso — Vin disse, afastando-se do kandra —, então não vou forçá-lo.

OreSeur ficou em silêncio.

Vin suspirou na bruma, cuja umidade fria fazia cócegas em sua garganta e pulmões.

— Sabe o que *eu* amo, kandra?

— Não, senhora.

— As brumas — ela falou, estendendo os braços. — O poder, a liberdade.

OreSeur assentiu lentamente com a cabeça. Nas proximidades, Vin sentiu um pulsar fraco com o bronze. Silencioso, estranho, enervante. Era o mesmo pulsar estranho que sentira no alto da Fortaleza Venture poucas noites antes. Nunca reuniu coragem o bastante para investigá-lo novamente.

É hora de fazer algo sobre isso, ela concluiu.

— Sabe o que eu odeio, kandra? — ela sussurrou, agachando-se, verificando as facas e os metais.

— Não, senhora.

Ela se virou, encontrando os olhos de OreSeur.

— Odeio ficar com medo.

Ela sabia que os outros pensavam que ela era nervosa. Paranoica. Ela havia vivido por tanto tempo com medo no passado que vira aquilo como algo

natural, como as cinzas, o sol ou o próprio solo.

Kelsier retirou esse medo dela. Ainda era cuidadosa, mas não sentia um terror constante. O Sobrevivente lhe dera uma vida na qual aqueles que ela amava não a espancavam, mostrara a ela algo melhor que o medo. Confiança. Agora que ela conhecia essas coisas, não desistiria delas tão facilmente. Nem por exércitos, nem por assassinos…

Nem mesmo para espíritos.

— Siga se puder — ela sussurrou, em seguida se lançou do telhado para a rua lá embaixo.

Ela correu pelas ruas densas com a bruma, tomando impulso antes que tivesse tempo para perder a coragem. A fonte dos pulsos de bronze estava próxima, vinha de uma rua acima apenas, dentro de um prédio. Não do topo, ela concluiu. De uma das janelas escurecidas no terceiro andar, com os estores abertos.

Vin jogou uma moeda e saltou no ar. Ela se atirou para cima, formando um ângulo com um *empurrão* contra uma tranca do outro lado da rua. Aterrissou na abertura encovada da janela, agarrando as laterais do caixilho com os braços. Ela queimou estanho e deixou os olhos se ajustarem à escuridão profunda dentro do recinto abandonado.

E lá estava. Formado totalmente de brumas, girava e rodopiava, suas linhas vagas na câmara escura. Tinha a vantagem de ver o telhado onde Vin e OreSeur estavam conversando.

Fantasmas não espionam pessoas… espionam? Os skaa não falam de coisas como espíritos ou mortos. Dava muito a impressão de religião, e religião era para os nobres. A devoção era a morte para os skaa. O que não havia impedido alguns, claro… mas ladrões como Vin eram pragmáticos demais para essas coisas.

Havia apenas uma coisa na tradição skaa que se parecia com essa criatura. Espectros das brumas. Diziam que essas criaturas roubavam as almas de homens estúpidos o bastante para sair à noite. Porém, agora Vin sabia o que eram os espectros das brumas. Eram primos dos kandras – animais estranhos e semi-inteligentes que usavam os ossos daqueles que ingeriam. Eram estranhos, verdade, mas não eram fantasmas, nem perigosos de verdade. Não havia espectros escuros à noite, nem espíritos perseguidores ou maléficos.

Ou assim dizia Kelsier. Aquela coisa no recinto escuro – sua forma insubstancial serpenteante nas brumas – parecia um desmentido poderoso. Ela agarrou as laterais da janela, o medo – seu velho amigo – voltando com tudo.

Corra. Fuja. Se esconda.

— Por que está me observando? — ela perguntou.

A coisa não se moveu. Sua forma pareceu sacudir as brumas para frente, e elas giraram levemente, como se houvesse uma corrente de ar.

Posso senti-lo com bronze. Significa que usa Alomancia… e Alomancia atrai a bruma.

A coisa avançou. Vin ficou tensa.

E então o espírito desapareceu.

Vin hesitou, cenho franzido. O que era aquilo? Ela havia…

Algo agarrou seu braço. Algo frio, algo terrível, mas muito real. Uma dor atravessou sua cabeça, movendo-se como se entrasse pelo ouvido e invadisse a mente. Ela gritou, mas parou, a voz falhando. Com um gemido baixo – o braço vibrante e trêmulo –, ela caiu para trás da janela.

Seu braço ainda estava frio. Conseguia senti-lo bater no ar ao seu lado, parecendo exalar um ar gélido. As brumas passavam como um rastro de nuvens.

Vin queimou estanho. Dor, frio, umidade e lucidez explodiram em sua mente, e ela se lançou num giro, queimando peltre assim que atingiu o solo.

— Senhora? — OreSeur disse, cruzando as sombras.

Vin sacudiu a cabeça, ficando de joelhos e apoiando as palmas das mãos frias sobre os paralelepípedos escorregadios. Ainda conseguia sentir um resto de frio no braço esquerdo.

— Devo buscar ajuda? — o cão de caça perguntou.

Vin sacudiu a cabeça, foçando-se a ficar de pé, mesmo cambaleante. Olhou para cima, através das brumas torvelinhantes, para a janela escura lá em cima.

Ela estremeceu. O ombro estava dolorido onde ela atingiu o chão, e seu flanco ainda escoriado latejava, mas ela conseguia sentir a força voltar. Afastou-se do prédio, ainda olhando para cima. Sobre ela, as brumas profundas pareciam… ameaçadoras. Obscuras.

Não, ela se forçou a pensar. *As brumas são a minha liberdade, a noite é meu lar! Eu pertenço a isto aqui. Não precisei ter medo da noite desde que Kelsier me ensinou o contrário.*

Ela não podia perder aquele ensinamento. Não voltaria ao medo. Ainda assim, não pôde evitar a urgência rápida nos passos enquanto acenava para OreSeur e corria para longe do prédio. Não deu explicações para seu comportamento estranho.

Ele não pediu explicações.

Elend pousou uma terceira pilha de livros na mesa, e ela tombou contra as outras duas, ameaçando derrubar o lote inteiro no chão. Ele os equilibrou, em seguida ergueu o olhar.

Brisa, em trajes formais, observava a mesa com olhar divertido enquanto bebericava seu vinho. Ham e Fantasma estavam numa partida de um jogo de pedras enquanto esperavam a reunião começar; Fantasma estava vencendo. Dockson estava sentado num canto da sala, rabiscando num livro, e Trevo estava afundado numa cadeira de veludo, olhando Elend com uma de suas famosas encaradas.

Qualquer um desses homens poderia ser um impostor, pensou Elend. Para ele, aquele pensamento ainda parecia insano. O que ele deveria fazer? Desconfiar de todos eles? Não, precisava muito deles.

A única opção era agir normalmente e observá-los. Vin dissera a ele que tentasse identificar incoerências nas personalidades. Pretendia fazer o melhor, mas a realidade era que não tinha certeza em como poderia vê-lo. Era uma especialidade de Vin. Ele precisava se preocupar com os exércitos.

Pensando nela, ele olhou para os vitrais da janela no fundo do gabinete e ficou surpreso ao ver que já estava escuro.

Tão tarde?, Elend pensou.

— Meu caro — Brisa observou. — Quando você nos disse que precisava "reunir algumas referências importantes", poderia ter alertado que planejava ficar fora por duas horas inteiras.

— Sim, bem — Elend disse. — Eu meio que perdi a noção do tempo…

— Por duas horas?

Elend assentiu com a cabeça, envergonhado.

— Havia livros envolvidos.

Brisa sacudiu a cabeça.

— Se o destino do Domínio Central não estivesse em jogo, e se não fosse tão fantástico e agradável assistir Hammond perder o salário inteiro do mês para o garoto ali… eu teria ido embora há uma hora.

— Bem, podemos começar agora — Elend falou.

Ham deu uma risadinha, levantando-se.

— Na verdade, é como nos velhos tempos. Kell sempre chegava atrasado também… e ele gostava de fazer as reuniões à noite. Hora dos Nascidos da Bruma.

Fantasma sorriu, sua bolsa de moedas cheia.

Ainda usamos boxes, a moeda imperial do Senhor Soberano, como nossa

moeda, Elend pensou. *Temos de fazer algo quanto a isso.*

— Só sinto falta do quadro negro — Fantasma comentou.

— Eu não sinto — Brisa retrucou. — Kell tinha uma letra atroz.

— Absolutamente atroz — Ham concordou com um sorriso ao se sentar. — Porém, é preciso admitir… era singular.

Brisa ergueu uma sobrancelha.

— Lá isso era, suponho.

Kelsier, o Sobrevivente de Hathsin, Elend pensou. *Até sua letra é lendária.*

— De qualquer maneira — ele interrompeu —, acho que talvez devêssemos começar os trabalhos. Ainda temos dois exércitos esperando lá fora. Não sairemos daqui hoje até termos um plano para lidar com eles!

Os membros da equipe trocaram olhares.

— Na verdade, Vossa Majestade — Dockson disse —, já trabalhamos um pouco nesse problema.

— É mesmo? — Elend perguntou, surpreso. *Bem, acho que eu realmente os deixei sozinhos por algumas horas.* — Então, gostaria de ouvi-los.

Dockson ergueu-se, puxando a cadeira um pouco mais para perto para se juntar ao restante do grupo, e Ham começou a falar.

— Veja bem, El — Ham iniciou. — Com dois exércitos aqui, não precisamos nos preocupar com um ataque imediato. Mas ainda estamos em sério perigo. Provavelmente isso se tornará um cerco estendido enquanto um exército tenta sobreviver ao outro.

— Vão tentar nos fazer morrer de fome — Trevo disse. — Nos enfraquecer, e aos seus inimigos, antes de atacar.

— E — Ham continuou — isso nos deixa num entrave, porque não poderemos resistir muito tempo. A cidade já está à beira da fome, e os reis inimigos provavelmente estão cientes desse fato.

— O que estão querendo me dizer? — Elend perguntou lentamente.

— Precisamos fazer uma aliança com um desses exércitos, Vossa Majestade — Dockson falou. — Os dois sabem disso. Sozinhos não são capazes de derrotar com certeza um ao outro. Com nossa ajuda, contudo, a balança penderá para um lado.

— Vão nos cercar — Ham confirmou. — Nos manter bloqueados até ficarmos desesperados o bastante para tomar partido de um deles. No fim das contas, teremos que fazer isso… isso, ou deixar nosso povo morrer de fome.

— A decisão resume-se a isso — Brisa pronunciou-se. — Não podemos vencer os outros, então precisamos escolher *qual* daqueles homens queremos

que tome a cidade. E eu sugeriria que tomássemos nossa decisão rapidamente, em vez de esperar nossos suprimentos se esgotarem.

Elend ficou em pé, sem dizer palavra.

— Ao entrarmos em acordo com um daqueles exércitos, basicamente entregaremos nosso reino.

— É verdade — Brisa falou, tocando a lateral de sua taça. — No entanto, o que eu obtive para nós ao trazer um segundo exército foi o poder de barganha. Veja, ao menos estamos numa posição de exigir algo em troca do nosso reino.

— O que tem de bom nisso? — Elend quis saber. — Ainda assim perderemos.

— É melhor que nada — disse Brisa. — Acho que ainda poderíamos persuadir Cett a deixá-lo como um comandante interino de Luthadel. Ele não gosta do Domínio Central, acha árido e insípido.

— Comandante interino da cidade — Elend repetiu com um franzir de cenho. — É bem diferente de rei do Domínio Central.

— Verdade — Dockson falou. — Porém, todo imperador precisa de bons homens para administrar as cidades sob seu domínio. Não seria rei, mas o senhor, e nossos exércitos, sobreviveriam os próximos meses, e Luthadel não seria pilhada.

Ham, Brisa e Dockson, todos eles se sentaram de forma resoluta, fitando-o nos olhos. Elend baixou o olhar para a pilha de livros, pensando em sua pesquisa e estudos. Inúteis. Havia quanto tempo que a equipe sabia que existia apenas uma linha de ação?

A equipe parecia tomar o silêncio de Elend como anuência.

— Então, Cett realmente é a melhor opção? — Dockson quis saber. — Talvez fosse mais provável que Straff chegasse a um acordo com Elend… afinal, são família.

Ah, ele faria um acordo, Elend pensou. *E o quebraria no momento em que fosse conveniente. Mas… a alternativa? Entregar a cidade a esse tal Cett? O que aconteceria a esta terra, a este povo, se ele estivesse no comando?*

— Cett é melhor, eu acho — Brisa respondeu. — Está bastante disposto a deixar que outros governem, contanto que lhe tragam glória e dinheiro. O problema será aquele atium. Cett acha que está aqui, e se ele não encontrá-lo…

— Vamos permitir que reviste a cidade, é simples — Ham opinou.

Brisa assentiu.

— Vocês precisam persuadi-lo de que eu o enganei sobre o atium… e isso não deve ser muito difícil, considerando o que ele pensa sobre mim. O que é

outra pequena questão… terão de convencê-lo de que cuidaram de mim. Talvez ele acredite que fui executado assim que Elend descobriu que levantei um exército contra ele.

Os outros concordaram com um meneio de cabeça.

— Brisa? — Elend perguntou. — Como o Lorde Cett trata os skaa em suas terras?

Brisa hesitou, em seguida desviou o olhar.

— Temo que não muito bem.

— Vejam bem — Elend disse. — Acho que precisamos considerar a melhor maneira de proteger nosso povo. Digo, se entregarmos tudo a Cett, salvaremos minha pele… mas ao custo da população skaa inteira do Domínio!

Dockson balançou a cabeça.

— Elend, não é uma traição. Não se for o único jeito.

— É fácil dizer — Elend retrucou. — Mas sou eu que terei de aguentar o peso na consciência por tomar tal decisão. Não estou dizendo que devemos jogar fora sua sugestão, mas tenho algumas ideias que poderíamos discutir…

Os outros trocaram olhares. Como de costume, Trevo e Fantasma ficaram quietos durante os trabalhos; Trevo falou apenas quando sentiu que era absolutamente necessário, e Fantasma cuidava para ficar nos limites das conversas. Por fim, Brisa, Ham e Dockson voltaram a olhar para Elend.

— É seu país, Vossa Majestade — Dockson disse com cuidado. — Estamos aqui simplesmente para lhe dar conselhos. — *Conselhos muito bons*, seu tom implicava.

— Sim, muito bem — Elend falou, rapidamente selecionando um livro.

Na pressa, tombou uma das pilhas, espalhando um confusão de livros pela mesa e fazendo cair um volume no colo de Brisa.

— Desculpe — Elend disse, enquanto Brisa revirava os olhos e devolvia o livro à mesa. Elend abriu o livro. — Vejam, este volume tinha algumas coisas muito interessantes sobre o movimento e o arranjo das tropas…

— Hum, El? — Ham interrompeu. — Parece um livro sobre remessa de grãos.

— Eu sei — Elend falou. — Não há muitos livros sobre guerra na biblioteca. Acho que é isso que recebemos por mil anos sem guerra alguma. No entanto, este livro menciona a quantidade de grãos necessária para manter supridas várias guarnições no Império Final. Vocês têm ideia de quanta comida um exército precisa?

— Interessante — Trevo falou, assentindo. — Em geral, é um sofrimento

maldito manter os soldados alimentados. Sempre tínhamos problemas de abastecimento nas lutas de fronteira, e éramos apenas pequenos bandos, enviados para reprimir rebeliões ocasionais.

Elend meneou a cabeça. Trevo não falava muito de seu passado de combatente no exército do Senhor Soberano – e a equipe não perguntava muito sobre esse período.

— De qualquer forma — Elend continuou —, aposto que Cett e meu pai não estão acostumados a mover grandes tropas. Haverá problemas de abastecimento, especialmente para Cett, pois se pôs em marcha às pressas.

— Talvez não — Trevo comentou. — Os dois exércitos garantiram rotas de canal para Luthadel, o que facilitará para eles mandarem buscar mais suprimentos.

— Além disso — Brisa acrescentou —, embora a maior parte das terras de Cett esteja em revolta exatamente agora, ele *ainda* mantém a cidade de Haverfrex, que mantém uma das principais fábricas de conservas do Senhor Soberano. Cett tem uma quantidade considerável de comida a uma curta viagem de canal de distância.

— Então, interrompemos os canais — Elend falou. — Encontraremos uma maneira de impedir que esses suprimentos cheguem. Os canais tornam o reabastecimento rápido, mas também vulnerável, pois sabemos exatamente que rota ele tomará. E se pudermos tirar deles a comida, talvez sejam forçados a dar meia-volta e marchar para casa.

— Ou isso — Brisa concluiu —, ou simplesmente decidirão arriscar um ataque a Luthadel.

Elend fez uma pausa.

— É uma possibilidade — ele concordou. — Mas, bem, estive pesquisando como manter a cidade também. — Ele procurou pela mesa, escolhendo um livro. — Vejam, este é o *Administração da Cidade na Era Moderna*, de Jendellah. Ele menciona como é difícil vigiar Luthadel por causa de seu tamanho extremo e grande número de guetos skaa. Ele sugere que se use bandos itinerantes de vigilantes. Acho que poderíamos adaptar seus métodos para usá-los em uma batalha – nossa muralha é longa demais para defendê-la minuciosamente, mas se tivéssemos grupos móveis de tropas que pudessem reagir a…

— Vossa Majestade — Dockson interrompeu.

— Hum, pois não?

— Temos uma tropa de garotos e homens que mal tiveram um ano de

treinamento, e estamos enfrentando não uma força assoladora, mas *duas*. Não podemos vencer essa batalha pela força.

— Ah, sim — Elend concordou. — Claro. Estava apenas dizendo que, se *tivéssemos* que lutar, tenho algumas estratégias…

— Se lutarmos, perderemos — Trevo disse. — De qualquer jeito, é provável que percamos.

Elend hesitou por um instante.

— Sim, bem, eu só…

— No entanto, atacar as rotas de canais é uma boa ideia — Dockson continuou. — Podemos fazer isso às escondidas, talvez contratar alguns dos bandoleiros da área para atacar as barcaças de suprimentos. É provável que não seja o bastante para mandar Cett ou Straff para casa, mas poderíamos deixá-los mais desesperados para se aliarem a nós.

Brisa concordou.

— Cett já está preocupado com a instabilidade ao voltar ao seu domínio natal. Deveríamos enviar-lhe um mensageiro preliminar, deixá-lo a par que estamos interessados numa aliança. Dessa forma, assim que os problemas de abastecimento começarem, ele pensará em nós.

— Poderíamos enviar uma carta contando sobre a execução de Brisa — Dockson comentou —, como sinal de boa-fé. Isso…

Elend pigarreou. Os outros pararam.

— Eu, hum, não havia terminado ainda — Elend disse.

— Perdão, Majestade — Dockson desculpou-se.

Elend deu um longo suspiro.

— Vocês têm razão… não podemos enfrentar esses exércitos. Mas, acho que precisamos encontrar uma maneira de fazer com que eles lutem entre si.

— Uma opinião agradável, meu caro — Brisa falou. — Mas fazer aqueles dois se atacarem não é tão simples quanto persuadir Fantasma a me servir mais vinho. — Ele se virou, erguendo a taça vazia. Fantasma hesitou, em seguida suspirou e se ergueu para pegar a garrafa de vinho.

— Bem, claro — Elend falou. — Mas, embora não haja muitos livros sobre guerra, *há* muitos sobre política. Brisa, você disse outro dia que ser a parte mais fraca em um impasse triplo nos dava poder.

— Exatamente — Brisa concordou. — Podemos tombar a balança para qualquer um dos lados maiores.

— Isso — Elend disse, abrindo um livro. — Agora que há três partes envolvidas, não é guerra… é política. É exatamente como uma disputa entre

casas. E na política entre casas, até mesmo a mais poderosa não pode se manter sem aliados. As casas pequenas são fracas individualmente, mas são fortes quando consideradas em grupo.

Somos como uma dessas casas pequenas. Se quisermos lucrar alguma coisa, teremos que fazer com que nossos inimigos nos esqueçam… ou, ao menos, fazê-los pensar que somos irrelevantes. Se ambos pensarem que estão levando a melhor sobre nós, que podem nos usar para derrotar o outro exército para em seguida se voltar contra nós com mais tempo, nos deixarão em paz e se concentrarão um no outro.

Ham coçou o queixo.

— Você está falando de enganar os dois lados, Elend. Pode nos colocar numa situação perigosa.

Brisa concordou.

— Teríamos de trocar nossa lealdade para o lado que parecesse mais fraco no momento, mantê-los em tensão o tempo todo. E não há garantia de que o vencedor entre os dois ficaria fraco o bastante para que o derrotemos.

— Sem mencionar os nosso problemas com comida — Dockson comentou. — O que o senhor propõe levaria tempo, Vossa Majestade. Tempo no qual estaríamos sob cerco, nossos suprimentos minguando. Estamos no outono. O inverno logo se abaterá sobre nós.

— Será difícil — Elend concordou. — E arriscado. Mas acredito que podemos fazê-lo. Faremos que os *dois* pensem que somos seus aliados, mas encobrimos nosso apoio. Atiçaremos um contra o outro, e esgotaremos seus suprimentos e seu moral, empurrando-os ao conflito. Quando a poeira abaixar, talvez o exército sobrevivente esteja fraco o suficiente para que o derrotemos.

Brisa parecia pensativo.

— Tem estilo — ele admitiu. — E parece divertido.

Dockson sorriu.

— Diz isso apenas porque envolve fazer com que outra pessoa execute nosso trabalho.

Brisa deu de ombros.

— A manipulação funciona tão bem no nível pessoal, não vejo por que não seria uma política nacional igualmente viável.

— Na verdade, é como a maioria dos governos funciona — Ham ponderou. — O que é um governo, senão um método institucionalizado de fazer com que o *outro* faça todo o trabalho?

— Hum, e o plano? — Elend perguntou.

— Não sei, El — Ham falou, voltando ao assunto. — Parece com um dos planos de Kell… imprudente, corajoso e um pouco maluco. — Parecia como se estivesse surpreso em ouvir Elend propor tal medida.

Posso ser tão imprudente quanto qualquer um, Elend pensou, indignado, em seguida hesitou. Ele realmente quis seguir aquela linha de pensamento?

— Poderíamos nos enfiar em problemas sérios — Dockson comentou. — Se algum dos lados decidir que está cansado do nosso joguinho…

— Eles vão nos destruir — Elend completou. — Mas… bem, cavalheiros, os senhores são jogadores. Não podem me dizer que este plano não lhes apetece mais do que simplesmente curvar-se diante de Lorde Cett.

Ham dividiu um olhar com Brisa, e pareciam estar considerando a ideia. Dockson revirou os olhos, mas parecia estar contestando apenas por força do hábito.

Não, não queriam tomar a saída segura. Eram homens que tinham desafiado o Senhor Soberano, homens que tiravam seu sustento ludibriando os nobres. Em alguns momentos, eram muito cuidadosos; podiam ser precisos na atenção ao detalhe, cautelosos em cobrir seus rastros e proteger seus interesses. Mas quando chegava a hora de apostar pelo grande prêmio, quase sempre estavam dispostos.

Não, não apenas dispostos. Ficavam ávidos.

Ótimo, Elend pensou. *Preenchi as vagas do meu conselho principal com um bando de masoquistas ávidos por emoção. Pior ainda, eu decidi me juntar a eles.* Porém, o que mais ele poderia fazer?

— Poderíamos ao menos considerá-lo — Brisa comentou. — Parece estimulante.

— Veja bem, não sugeri isso porque era estimulante, Brisa — Elend falou. — Passei minha juventude tentando planejar como fazer de Luthadel uma cidade melhor assim que virasse líder da minha casa. Não vou jogar para o alto esses sonhos ao primeiro sinal de oposição.

— E a Assembleia? — Ham quis saber.

— Essa é a melhor parte — Elend respondeu. — Eles votaram na minha proposta na sessão de dois dias atrás. Não podem abrir os portões da cidade a qualquer invasor até eu me encontrar para uma reunião com o meu pai.

A equipe ficou em silêncio por alguns instantes. Por fim, Ham virou-se para Elend, balançando a cabeça.

— Realmente não sei, El. Parece interessante. De fato, discutimos planos um pouco mais ousados como este enquanto esperávamos você. Mas…

— Mas o quê? — Elend perguntou.

— Um plano como este depende muito de você, meu caro — Brisa respondeu, bebericando o vinho. — Teria de ser você a se encontrar com os reis, aquele a persuadir os dois que estamos no lado deles. Não se ofenda, mas você é novo nas fraudes. É difícil concordar com um plano ousado que coloca um novato como o membro central da equipe.

— Eu posso fazer isso — Elend asseverou. — De verdade.

Ham olhou para Brisa, os dois olharam para Trevo. O general carrancudo deu de ombros.

— Se o garoto quer tentar, deixem-no tentar.

Ham suspirou e olhou para trás.

— Acho que concordo. Contanto que você esteja pronto, El.

— Acho que estou — Elend disse, encobrindo seu nervosismo. — Sei apenas que não podemos desistir, não tão facilmente. Talvez não funcione… talvez, depois de alguns meses de cerco, acabemos simplesmente entregando a cidade. Porém, isso nos dá alguns meses durante os quais *alguma coisa* pode acontecer. Vale a pena arriscar e esperar, em vez de nos dobrarmos. Esperar e planejar.

— Tudo bem, então — Dockson falou. — Dê-nos algum tempo para pensar em algumas ideias e opções, Vossa Majestade. Vamos nos reunir novamente em alguns dias para falar sobre detalhes.

— Tudo bem — Elend concordou. — Parece bom. Agora, se pudermos prosseguir para outros assuntos, gostaria de mencionar…

Uma batida veio da porta. À ordem de Elend, capitão Demoux abriu a porta, parecendo um pouco envergonhado.

— Vossa Majestade? Perdoe-me, mas… acho que peguei alguém espionando vossa reunião.

— O quê? — Elend perguntou. — Quem?

Demoux virou-se para o lado, acenando para dois de seus guardas. A mulher que eles levaram até a sala era vagamente familiar para Elend. Alta, como a maioria dos terrisanos, trajava um vestido colorido, mas simples. Suas orelhas eram esticadas para baixo, os lóbulos alongados para acomodar vários brincos.

— Reconheço você — Elend disse. — Do salão da Assembleia, uns dias atrás. Você estava me observando.

A mulher não respondeu. Olhou para os ocupantes da sala, o corpo empertigado – até mesmo arrogante – apesar dos pulsos presos. Elend nunca tinha visto uma terrisana antes, conhecera apenas mordomos, eunucos treinados desde o nascimento para trabalhar como serviçais. Por algum motivo, Elend

esperava que uma terrisana parecesse um pouco mais servil.

— Ela estava escondida na sala ao lado — Demoux falou. — Desculpe-me, Vossa Majestade. Não sei como ela conseguiu passar por nós. Nós a encontramos ouvindo pela parede, porém duvido que tenha escutado alguma coisa. Digo, essas paredes são feitas de pedra.

Elend encontrou os olhos da mulher. Mais velha, talvez com cinquenta anos, não era bonita, mas também não era feia. Era robusta, com um rosto franco, retangular. Ela o encarava, calma e firme, e aquilo deixou Elend desconfortável em sustentar o olhar dela por tanto tempo.

— Então, o que esperava entreouvir, mulher? — Elend questionou.

A terrisana ignorou a pergunta. Virou-se para os outros e falou numa voz com leve sotaque.

— Falarei apenas com o rei. O resto de vocês está dispensado.

Ham sorriu.

— Bem, ao menos tem sangue-frio.

Dockson dirigiu-se à terrisana.

— O que a faz pensar que deixaríamos nosso rei sozinho com você?

— Sua Majestade e eu temos coisas a discutir — a mulher disse como se tratasse de negócios, esquecendo-se de sua situação de prisioneira ou não se preocupando com ela. — Não precisam se preocupar com sua segurança; tenho certeza de que a jovem Nascida das Brumas lá fora escondida na janela será mais do que suficiente para cuidar de mim.

Elend olhou para o lado, para uma pequena janela de ventilação ao lado de uma enorme com vitrais. Como a terrisana sabia que Vin estava observando? Seus ouvidos deviam ser extraordinariamente aguçados. Aguçados o bastante, talvez, para ouvir à reunião através de uma parede de pedra?

Elend virou-se de volta para a recém-chegada.

— Você é uma Guardadora.

Ela assentiu.

— Sazed a enviou?

— É por causa dele que estou aqui — ela confirmou. — Mas não fui "enviada".

— Ham, tudo bem — Elend falou lentamente. — Vocês podem ir.

— Tem certeza? — Ham questionou com cenho franzido.

— Deixem-me amarrada, se quiserem — a mulher falou.

Se for realmente uma feruquemista, isso não será um grande impedimento, Elend pensou. *Claro, se for realmente uma feruquemista – uma Guardadora,*

como Sazed –, eu não deveria temê-la de forma alguma. Teoricamente.

Os outros saíram da sala arrastando os pés, suas posturas indicando o que pensavam da decisão de Elend. Embora não fossem mais ladrões profissionais, Elend desconfiava que eles – como Vin – sempre carregariam os efeitos de sua criação.

— Estaremos bem aqui fora, El — Ham, o último a sair, disse antes de fechar a porta atrás de si.

E, ainda assim, qualquer um que me conhece perceberá que não havia chance de eu desistir tão facilmente. Quando encontro algo para investigar, agarro-me à busca como um cão ao osso.

14

A terrisana estourou as amarras, e as cordas caíram ao chão.

— Hum, Vin? — Elend falou, começando a se perguntar sobre a lógica de se reunir com essa mulher. — Talvez seja hora de você entrar.

— Na verdade, ela não está lá — a terrisana contou, casualmente, avançando. — Saiu poucos minutos atrás para fazer sua ronda. Por isso deixei que me prendessem.

— Hum, entendo — Elend comentou. — Chamarei os guardas agora.

— Não seja estúpido — a terrisana verberou. — Se quisesse matá-lo, poderia fazê-lo antes que os outros voltassem. Agora, fique quieto por um instante.

Elend levantou-se com desconforto enquanto a mulher alta caminhava ao redor da mesa num círculo lento, examinando-o como um mercador inspecionaria uma peça de mobiliário para leiloá-la. Por fim ela parou, encaixando as mãos nos quadris.

— Endireite o corpo — ela ordenou.

— Perdão?

— Você está encurvado, relaxado —a mulher disse. — Um rei precisa manter um ar de dignidade o tempo todo, mesmo quando está com amigos.

Elend franziu a testa.

— Bem, embora eu aprecie o conselho, não…

— Não — a mulher interrompeu. — Não tergiverse. Ordene.

A mulher deu um passo adiante, colocando uma das mãos no ombro dele e pressionando suas costas com firmeza para melhorar a postura de Elend. Ela recuou, assentindo de leve para si mesma.

— Sabe — disse Elend —, eu não...

— Não — disse a mulher. — Precisa ser mais forte no jeito que fala. A apresentação… as palavras, ações e posturas… determinarão como as pessoas

o julgarão e reagirão a você. Se começar toda frase com suavidade e hesitação, parecerá suave e hesitante. Seja incisivo!

— O que está acontecendo aqui? — Elend inquiriu, exasperado.

— Isso! — a mulher se animou. — Finalmente.

— Você disse que conhece Sazed? — Elend perguntou, resistindo ao desejo de relaxar em sua postura anterior.

— É um conhecido — ela respondeu. — Meu nome é Tindwyl. Sou, como já adivinhou, uma Guardadora de Terris. — Ela tamborilou o pé no chão por um momento, em seguida sacudiu a cabeça. — Sazed me alertou sobre sua aparência desmazelada, mas honestamente não acreditava que um rei poderia ter tão pouca noção de autoapresentação.

— Desmazelada? — Elend perguntou. — Perdão?

— Pare de dizer isso — Tindwyl repreendeu. — Não faça perguntas, diga o que quer dizer. Se vai contestar, conteste, não deixe as palavras dependerem da minha interpretação.

— Sim, bem, embora isso seja fascinante — Elend falou, caminhando até a porta —, eu prefiro evitar mais insultos nesta noite. Se me der licença…

— Seu povo pensa que você é um tolo, Elend Venture — Tindwyl falou baixinho.

Elend hesitou.

— A Assembleia, um órgão que você mesmo organizou, ignora sua autoridade. Os skaa estão convencidos de que você não será capaz de protegê-los. Até mesmo seu próprio conselho de amigos faz planos na sua ausência, considerando que suas contribuições não serão de grande valia.

Elend fechou os olhos, dando um suspiro lento, profundo.

— Você tem boas ideias, Elend Venture — Tindwyl comentou. — Ideias régias. Contudo, você não é um rei. Um homem pode liderar apenas quando os outros o aceitam como líder, e terá quanta autoridade seus subordinados lhe derem. Todas as ideias brilhantes do mundo não poderão salvar seu reino se ninguém quiser ouvi-las.

Elend virou-se.

— No ano que passou, eu li todo os livros relevantes sobre liderança e governança de quatro bibliotecas.

Tindwyl ergueu uma sobrancelha.

— Então, desconfio que gastou muito tempo em seu quarto, tempo no qual deveria ter estado *lá fora*, sendo visto por seu povo e aprendendo a ser um governante.

— Os livros têm um valor imenso — Elend falou.

— Ações têm um valor maior.

— E onde devo aprender as ações adequadas?

— Comigo.

Elend hesitou.

— Talvez você saiba que cada Guardador tem uma área de interesse específica — Tindwyl disse. — Embora todos memorizemos as mesmas informações, uma pessoa pode apenas estudar e entender uma quantidade limitada dessas informações. Nosso amigo em comum, Sazed, gasta seu tempo com religiões.

— E sua especialidade?

— Biografias — ela respondeu. — Estudei a vida de generais, reis e imperadores cujos nomes você nunca ouviu. Compreender teorias sobre política e liderança, Elend Venture, não é o mesmo que entender a vida de homens que viveram esses princípios.

— E… você pode me ensinar a emular esses homens?

— Talvez — Tindwyl respondeu. — Não decidi ainda se você é um caso perdido ou não. Mas estou aqui, então farei o que puder. Poucos meses atrás, recebi uma carta de Sazed explicando sua situação. Ele não me pediu para vir treiná-lo, mas talvez Sazed também precise aprender a ser mais incisivo.

Elend concordou lentamente, encontrando o olhar da terrisana.

— Vai aceitar minhas instruções? — ela perguntou.

Elend pensou por um instante. *Se ela for ao menos tão útil quanto Sazed, então… bem, certamente eu poderia usar sua ajuda nessa questão.*

— Vou — ele disse.

Tindwyl assentiu.

— Sazed também mencionou sua humildade. Poderia ser uma vantagem, desde que você não deixe que ela atrapalhe. Agora, acredito que sua Nascida das Brumas voltou.

Elend virou-se para a janela lateral. O estore estava aberto, permitindo que a bruma começasse a fluir para dentro do gabinete e revelando uma figura agachada, encapuzada.

— Como sabia que eu estava aqui? — Vin perguntou em voz baixa.

Tindwyl sorriu – a primeira vez desde que Elend viu seu rosto.

— Sazed contou sobre você também, menina. Você e eu deveríamos conversar em breve, em particular, creio eu.

Vin deslizou para dentro do gabinete, atraindo a bruma atrás de si, em

seguida fechou o estore. Ela não se importou em esconder a hostilidade ou a desconfiança quando se pôs entre Elend e Tindwyl.

— Por que está aqui? — Vin inquiriu.

Tindwyl sorriu novamente.

— Levou vários minutos até seu rei chegar a essa questão, e você pergunta após poucos momentos aqui. São um casal interessante, creio eu.

Os olhos de Vin estreitaram-se.

— Seja como for, devo me retirar — Tindwyl disse. — Presumo que vamos nos falar novamente, Vossa Majestade?

— Sim, claro — Elend respondeu. — Hum… alguma coisa que eu deva começar a praticar?

— Sim — Tindwyl falou, caminhando até a porta. — Pare de falar "hum".

— Certo.

Ham enfiou a cabeça pelo vão da porta assim que Tindwyl a abriu. Percebeu de pronto as amarras desfeitas. No entanto, não disse nada. Provavelmente achou que Elend a libertara.

— Acho que chega por hoje, pessoal — Elend disse. — Ham, pode providenciar aposentos para a senhora Tindwyl no palácio? É amiga de Sazed.

Ham ergueu os ombros.

— Tudo bem, então — ele meneou com a cabeça para Vin, em seguida saiu. Tindwyl não lhes desejou boa noite quando se retirou.

Vin franziu a testa, depois olhou para Elend. Ele parecia… distraído.

— Não gosto dela — Vin falou.

Elend sorriu, empilhando os livros na mesa.

— Não gosta de ninguém no primeiro encontro, Vin.

— Gostei de você.

— Mostrando, assim, que você é péssima em julgar o caráter das pessoas.

Vin fez uma pausa e sorriu. Caminhou até ele e começou a fuçar nos livros. Não eram os de costume para Elend – muito mais práticos que o tipo de coisa que ele estava habituado a ler.

— Como foi a noite? — ela perguntou. — Não tive muito tempo para ouvir.

Elend suspirou. Virou-se, sentando-se na mesa, olhando para a imensa janela rosada nos fundos do gabinete. Estava escura, suas cores apenas vislumbradas como reflexos no vidro preto.

— Acho que foi bem.

— Falei que eles gostariam do seu plano. É o tipo de coisa que eles acham desafiadora.

— Acredito que sim — Elend comentou.

Vin fez uma careta.

— Certo — ela disse, dando um saltinho para sentar-se sobre a mesa, ao lado dele. — O que foi? Alguma coisa que aquela mulher disse? Aliás, o que ela queria?

— Apenas me passar um pouco de conhecimento — ele respondeu. — Sabe como são os Guardadores, sempre querem um ouvido para suas lições.

— Acho que sim — Vin falou lentamente. Nunca tinha visto Elend abatido, mas ele ficava desestimulado. Ele tinha tantas ideias, tantos planos e esperanças que às vezes ela se perguntava como conseguia se lembrar de todos. Ela teria dito que lhe faltava foco; Reen sempre dizia que o foco mantinha o ladrão vivo. Contudo, os sonhos de Elend eram parte importante de sua personalidade. Duvidava que ele pudesse descartá-los. Não acreditava que ela quisesse isso, pois eram a parte que ela amava nele.

— Eles concordaram com o plano, Vin — Elend confirmou, ainda olhando para a janela. — Pareciam até mesmo entusiasmados, como você disse que ficariam. É que… não posso deixar de pensar que a sugestão deles foi muito mais racional que a minha. Eles queriam tomar partido de um dos exércitos, dar nosso apoio e, em troca, me manter como um governante subjugado em Luthadel.

— O mesmo que se entregar — Vin falou.

— Às vezes, entregar-se é melhor que fracassar. Eu acabo de entregar minha cidade a um cerco prolongado. Isso acarretará fome, talvez mortes por inanição, antes que ele termine.

Vin pousou a mão no ombro dele, observando sua hesitação. Em geral, era ele quem a tranquilizava.

— Ainda é o melhor caminho — ela disse. — Os outros provavelmente sugeriram um plano mais fraco apenas porque pensaram que você não aceitaria algo mais ousado.

— Não — Elend contestou. — Eles não estavam me agradando, Vin. Realmente pensaram que fazer uma aliança estratégica era um plano bom, seguro. — Ele fez uma pausa, em seguida olhou para ela. — Desde quando *aquele* grupo representava o lado razoável do meu governo?

— Tiveram de crescer — Vin respondeu. — Não podem ser os homens de antigamente, não com tanta responsabilidade.

Elend virou-se novamente para a janela.

— Vou dizer o que me preocupa, Vin. Estou preocupado, pois o plano deles

não era razoável, talvez até um pouco temerário. Talvez fazer uma aliança teria sido uma tarefa bastante complicada. Se esse for o caso, então o que *eu* propus é simplesmente ridículo.

Vin apertou de leve o ombro de Elend.

— Derrubamos o Senhor Soberano.

— Vocês tinham Kelsier na época.

— Não comece de novo com isso.

— Desculpe — Elend disse. — Mas é verdade, Vin. Talvez meu plano de tentar manter o governo seja apenas fruto da arrogância. O que você me disse mesmo sobre sua infância? Quando vocês estavam em bandos de ladrões, e todo mundo era maior, mais forte e mais malvado que você, o que você fez? Enfrentou os líderes?

As lembranças invadiram sua mente. Memórias de ocultação, de olhos baixos, de fraqueza.

— Isso é passado — ela falou. — Não pode deixar os outros baterem em você para sempre. Foi o que Kelsier me ensinou… por isso derrubamos o Senhor Soberano. Por isso a rebelião skaa combateu o Império Final todos esses anos, mesmo quando não havia chance de vitória. Reen me ensinou que os rebeldes eram tolos. Mas Reen está morto agora… como o Império Final. E…

Ela se inclinou para frente, fitando os olhos de Elend.

— Você não pode abrir mão da cidade, Elend — Vin falou baixinho. — Não acho que eu gostaria do que isso causaria a você.

Elend parou por um instante para sorrir lentamente em seguida.

— Às vezes, você consegue ser muito sábia, Vin.

— Acha mesmo?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Bem — ela disse —, então obviamente você é tão ruim quanto eu para julgar caráter.

Elend riu, envolvendo-a com os braços, abraçando-a de lado.

— Então, creio que a patrulha desta noite foi tranquila?

O espírito das brumas. Sua queda. O frio que ela ainda sentia – mesmo que numa lembrança ligeira – no antebraço.

— Foi — ela mentiu. Na última vez que ela lhe contara sobre o espírito das brumas, ele de pronto pensara que ela estava vendo coisas.

— Viu — Elend lhe falou —, deveria ter vindo para a reunião. Eu teria gostado de tê-la aqui.

Ela não disse palavra.

Ficaram sentados por alguns minutos, olhando para a janela escura. Havia uma beleza estranha nela; não se viam as cores pela falta de uma luz ao fundo, e ela conseguia concentrar-se nos padrões do vitral. Lascas, pedaços, fatias e placas juntas dentro de uma estrutura de metal.

— Elend? — ela disse, por fim. — Estou preocupada.

— Eu estaria se você não estivesse — ele retrucou. — Aqueles exércitos me deixam *tão* preocupado que mal posso pensar direito.

— Não — Vin disse. — Não é isso. Estou preocupada com outras coisas.

— Por exemplo?

— Bem… estive pensando sobre o que o Senhor Soberano disse pouco antes de eu assassiná-lo. Lembra?

Elend assentiu. Não estava lá, mas ela lhe contou.

— Ele falou sobre o que havia feito pela humanidade — Vin comentou. — Dizem as histórias que ele nos salvou. Das Profundezas.

Elend concordou novamente.

— Mas o que *eram* as Profundezas? Você era um nobre… a religião não era proibida para vocês. O que o Ministério ensinava sobre as Profundezas e o Senhor Soberano?

Elend ergueu os ombros.

— Nada demais, na verdade. A religião não era proibida, mas também não era incentivada. O Ministério tinha um quê de proprietário, um ambiente que deixava implícito que eles cuidariam dos assuntos religiosos, que não precisávamos nos preocupar.

— Mas ensinaram algumas coisas a vocês, certo?

Elend assentiu.

— Na maioria das vezes falavam sobre por que a nobreza era privilegiada e os skaa eram amaldiçoados. Acho que queriam que entendêssemos o quanto éramos afortunados, embora, honestamente, eu sempre achasse aqueles ensinamentos um pouco perturbadores. Bem, eles alegavam que éramos nobres porque nossos ancestrais apoiavam o Senhor Soberano antes da Ascensão. Mas isso significa que éramos privilegiados pelo que outras pessoas haviam feito. Não é justo, certo?

Vin deu de ombros.

— Tão justo como qualquer outra coisa, eu acho.

— Mas vocês não ficavam com raiva? — Elend quis saber. — Não ficavam frustrados pelo fato de a nobreza ter tanto, enquanto vocês tinham tão pouco?

— Eu não pensava nisso — Vin respondeu. — A nobreza tinha muito, então podíamos tirar deles. Por que eu deveria me importar em como eles conseguiram? Às vezes, quando eu tinha comida, outros ladrões me batiam e roubavam de mim. O que importava como eu conseguia a comida? Eles tiravam de mim de qualquer jeito.

Elend hesitou.

— Sabe, às vezes eu me pergunto o que os teóricos políticos que li diriam se conhecessem você. Tenho a sensação de que lançariam as mãos para o céu de tão frustrados.

Ela deu uma cutucadinha nele.

— Chega de política. Me fale sobre as Profundezas.

— Bem, acho que era uma espécie de criatura… uma coisa obscura e maléfica que quase destruiu o mundo. O Senhor Soberano viajou até o Poço da Ascensão, onde recebeu o poder para derrotar as Profundezas e unir a humanidade. Há várias estátuas na cidade que representam o evento.

Vin franziu a testa.

— Sim, mas nunca mostram realmente a aparência das Profundezas. É retratada como uma massa retorcida aos pés do Senhor Soberano.

— Bem, a última pessoa que viu realmente as Profundezas morreu um ano atrás, então acho que teremos que nos contentar com as estátuas.

— A menos que ela volte — Vin falou em voz baixa.

Elend fez uma careta, olhando novamente para ela.

— É isso, Vin? — O rosto dele suavizou-se levemente. — Não bastam dois exércitos? Precisa se preocupar com o destino do mundo também?

Vin baixou os olhos, envergonhada, e Elend riu, puxando-a para perto dele.

— Ah, Vin. Sei que você é um pouco paranoica… honestamente, considerando nossa situação, estou começando a sentir o mesmo…, mas acho que esse é um problema com o qual não precisa se preocupar. Nunca ouvi nenhum relato de encarnações monstruosas do mal enlouquecendo pelo mundo.

Vin concordou, e Elend recostou-se um pouco, obviamente supondo que respondera à pergunta.

O Herói das Eras viajou ao Poço da Ascensão para derrotar as Profundezas, ela pensou. *Mas as profecias todas diziam que o Herói não deveria tomar o poder do Poço para si. Deveria entregá-lo, confiar no próprio poder para destruir as Profundezas.*

Rashek não fez isso: ele tomou o poder para si. Isso não significava que as Profundezas nunca haviam sido derrotadas? Por que, então, o mundo não fora

destruído?

— O sol vermelho e as plantas marrons — Vin falou. — As Profundezas fizeram isso?

— Ainda pensando nelas? — Elend franziu o cenho. — Sol vermelho e plantas marrons? Que outras cores eles teriam?

— Kelsier dizia que no passado o sol era amarelo, e as plantas verdes.

— É uma imagem estranha.

— Sazed concordava com Kelsier — Vin confirmou. — As lendas todas dizem que durante os primeiros tempos do Senhor Soberano, o sol mudou de cor, e as cinzas começaram a cair dos céus.

— Bem — Elend falou —, acho que as Profundezas *poderiam* ter algo a ver com isso. Não sei, de verdade. — Ele se sentou e refletiu por alguns momentos. — Plantas verdes? Por que não púrpura ou azul? Tão estranho…

O Herói das Eras viajou para o norte, para o Poço da Ascensão, Vin pensou novamente. Virou-se um pouco, os olhos atraídos na direção das montanhas terrisanas, tão distantes. Será que ainda estava lá? O Poço da Ascensão?

— Você conseguiu tirar informações de OreSeur? — Elend perguntou. — Algo que nos ajude a encontrar o espião?

Vin levantou os ombros.

— Ele me disse que os kandras não podem usar Alomancia.

— Então, você consegue encontrar nosso impostor dessa maneira? — Elend perguntou, mostrando interesse.

— Talvez — Vin respondeu. — Posso testar Fantasma e Ham, ao menos. Com pessoas normais será mais difícil, embora kandras não possam ser *abrandados*, então talvez isso me leve até o espião.

— Parece que há esperança — Elend comentou.

Vin assentiu. A ladra dentro dela, a garota paranoica que Elend sempre provocava, estava se coçando para usar Alomancia nele – testá-lo, ver se ele reagia a seus *empurrões* e *puxões*. Ela se refreou. Naquele homem ela confiaria. Os outros ela testaria, mas não questionaria Elend. De alguma forma, ela preferia confiar nele e estar errada a lidar com a preocupação da desconfiança.

Finalmente entendi, pensou, surpresa. *Kelsier. Entendi o que Mare significava para você. Não vou cometer o mesmo erro.*

Elend estava olhando para ela.

— O quê? — ela quis saber.

— Você está sorrindo — ele disse. — Posso saber qual é a piada?

Ela o abraçou.

— Não — Vin disse, simplesmente.

Elend sorriu.

— Tudo bem, então. Pode testar Fantasma e Ham, mas tenho quase certeza de que o impostor não é ninguém da equipe… falei com eles todos hoje, e são todos eles mesmos. Precisamos procurar entre o pessoal do palácio.

Ele não sabe como os kandras podem ser bons. O kandra inimigo provavelmente estudou sua vítima por meses a fio, aprendendo e memorizando cada maneirismo.

— Falei com Ham e Demoux — Elend comentou. — Como membros da guarda palaciana, sabem sobre os ossos… e Ham conseguiu adivinhar o que eram. Com sorte, eles vão poder examinar a equipe com o mínimo de perturbação e localizar o impostor.

Os sentidos de Vin se incomodavam: Elend era confiante demais. *Não,* ela pensou. *Deixe que ele pense o melhor. Já tem problemas o bastante com os quais se preocupar. Além disso, talvez o kandra esteja imitando alguém fora da nossa equipe principal. Elend pode usar essa abordagem.*

E, se o impostor for um membro da equipe… Bem, esse é o tipo de situação no qual minha paranoia se torna bem útil.

— De qualquer maneira — Elend falou, levantando-se —, tenho algumas coisas para verificar antes que fique tarde demais.

Vin concordou. Ele lhe deu um beijo longo, em seguida saiu. Ela ficou sentada na mesa por mais alguns momentos, sem olhar para a imensa janela rosada, mas para a janela menor na lateral, que havia deixado um pouco aberta. Era uma porta noite adentro. As brumas rodopiavam na escuridão, estendendo seus tentáculos por instantes, evaporando-se no calor silencioso.

— Não terei medo de você — Vin sussurrou. — E descobrirei seu segredo.

Ela saiu de cima da mesa e deslizou janela afora, voltando para encontrar OreSeur e fazer outra ronda no território do palácio.

Concluí que Alendi era o Herói das Eras, e pretendia prová-lo. Eu deveria ter me curvado diante da vontade alheia; não deveria ter insistido em viajar com Alendi para testemunhar suas jornadas.

Era inevitável que o próprio Alendi descobrisse minha crença no que ele era.



No oitavo dia fora do Convento, Sazed acordou e viu-se solitário.

Levantou-se, empurrando o cobertor e a película leve de cinzas que havia caído durante a noite. O lugar de Marsh embaixo da copa da árvore estava vazio, embora um pedaço de terra nua indicasse onde o Inquisidor dormira.

Sazed levantou-se, seguiu as pegadas de Marsh na direção da luz vermelha do sol. As cinzas eram mais profundas ali, sem a cobertura das árvores, e havia também mais vento soprando-as sem direção. Sazed observou a paisagem varrida pelo vento. Não havia mais sinais de Marsh.

Sazed voltou ao acampamento. As árvores ali, no meio do Domínio Oriental, cresciam retorcidas e nodosas, mas tinham galhos entrecruzados e largos como prateleiras, grossos com espinhos amarronzados. Davam guarida decente, embora as cinzas parecessem capazes de se infiltrar em qualquer abrigo.

Sazed fez uma sopa simples para o desjejum. Marsh não voltou. Sazed lavou sua túnica marrom de viagem num regato próximo. Marsh não voltou. Sazed costurou um rasgo em sua manga, untou suas botas de caminhada e raspou a cabeça. Marsh não voltou. Sazed pegou a cópia por fricção que fizera no Convento, transcreveu algumas palavras, em seguida forçou-se a pôr de lado a folha – temia que as palavras se borrassem ao abri-la muitas vezes ou deixar que cinzas caíssem nela. Melhor esperar até que pudesse ter uma escrivaninha decente e um quarto limpo.

Marsh não voltou.

Por fim, Sazed partiu. Não conseguia definir a sensação de urgência que tinha – em parte entusiasmo de compartilhar o que descobrira, em parte desejo de ver como Vin e o jovem rei Elend Venture estavam lidando com as vicissitudes de Luthadel.

Marsh sabia o caminho. Ele o alcançaria.

Sazed ergueu a mão, protegendo os olhos da luz vermelha do sol, olhando para baixo de seu posto no topo do monte. Havia uma leve escuridão no horizonte, a leste da estrada principal. Ele acessou sua mente de cobre de geografia, buscando descrições do Domínio Oriental.

O conhecimento aumentou sua mente, abençoando-o com a lembrança. A escuridão era uma vila chamada Urbene. Buscou pelos índices, procurando pelo registro correto de termos geográficos. O índice ficava cada vez mais difuso, suas informações difíceis de recordar – o que significava que ele o ativara da mente de cobre para a memória e vice-versa vezes demais. O conhecimento dentro da mente de cobre permaneceria impecável, mas qualquer coisa dentro de sua cabeça, mesmo que por apenas uns momentos, se deterioraria. Ele precisaria rememorizar o índice mais tarde.

Encontrou o que buscava, e lançou as lembranças corretas para dentro da cabeça. O registro dizia que Urbene era “pitoresca”, provavelmente porque algum nobre importante decidira fazer seu solar lá. A listagem dizia que os skaa de Urbene eram pastores.

Sazed rabiscou uma anotação para si mesmo, em seguida redepositou as memórias do registro geográfico. Ler a anotação lhe dizia o que acabara de se esquecer. Como o índice, as memórias do registro geográfico inevitavelmente se deterioravam levemente durante sua estada na cabeça. Felizmente, tinha um segundo conjunto de mentes de cobre escondido como reserva em Terris, e o usaria para transmitir seu conhecimento a outro Guardador. Suas atuais mentes de cobre eram para uso diário. Conhecimento não aplicado não beneficiava ninguém.

Lançou a bolsa no ombro. Uma visita ao vilarejo lhe faria bem, mesmo que retardasse sua jornada. Seu estômago concordou com a decisão. Era improvável que os camponeses tivessem muita comida, mas talvez pudessem oferecer algo além de um caldo. Além disso, poderiam ter notícias dos eventos em Luthadel.

Ele escalou o outeiro, entrando no lado menor da bifurcação da estrada, a leste. No passado, havia poucas viagens no Império Final. O Senhor Soberano proibira os skaa de sair das terras onde eram servos por contrato, e apenas ladrões e rebeldes ousavam desobedecer. Ainda assim, grande parte da nobreza ganhava seu pão com o comércio, então uma vila como aquela deveria estar acostumada com visitantes.

Sazed começou a perceber estranhezas de pronto. Bodes perambulavam pelo campo ao lado da estrada sem cuidados. Sazed fez uma pausa, então tirou uma mente de cobre da bolsa. Examinou-o enquando caminhava. Um livro sobre pecuária contava que os pastores às vezes deixavam os rebanhos sozinhos para pastar. Ainda assim, os animais sozinhos deixavam-no nervoso. Ele acelerou o passo.

Um pouco mais ao sul os skaa morrem de fome, ele pensou. *Ainda assim, aqui os rebanhos são tão abundantes que ninguém precisa ser escalado para mantê-los seguros de bandidos ou predadores?*

O vilarejo apareceu à distância. Sazed quase conseguira se convencer de que a falta de atividade – a falta de movimento nas ruas, as portas e os estores abandonados balançando ao vento – era culpa de sua aproximação. Talvez as pessoas tenham ficado tão assustadas que se esconderam. Ou, talvez, simplesmente estivessem todas fora. Cuidando dos rebanhos…

Sazed parou. Uma mudança no vento trouxe um cheiro denunciador lá do vilarejo. Os skaa não haviam se escondido, nem fugido. Era o cheiro de corpos apodrecendo.

Com urgência repentina, Sazed puxou um pequeno anel – uma mente de estanho de olfato – e deslizou-o no dedão. O cheiro no vento não se parecia com o de uma chacina. Era um cheiro mais bolorento, sujo. Um cheiro não apenas de morte, mas de putrefação, corpos sujos e dejetos. Ele reverteu o uso da mente de estanho, enchendo-a em vez de acessá-la, e sua capacidade de sentir cheiros ficou muito fraca – impedindo que ele vomitasse.

Ele continuou, entrando no vilarejo com cuidado. Como a maioria das vilas skaa, Urbene tinha organização simples. Um grupo de dez cabanas grandes construídas em um círculo irregular com um poço no centro. As construções eram de madeira, e como cobertura usavam os mesmos galhos espinhosos das árvores que vira. As cabanas dos feitores, junto com uma fina mansão de nobre, ficavam um pouco mais acima no vale.

Se não fosse pelo cheiro – e a sensação de vazio assombrado –, Sazed talvez concordasse com a descrição do registro geográfico de Urbene. Para moradias skaa, as cabanas pareciam bem-cuidadas, e o vilarejo ficava numa depressão silenciosa entre uma paisagem montanhosa.

Encontrou os primeiros corpos apenas quando se aproximou de lá. Jaziam espalhados ao redor da porta da cabana mais próxima cerca de meia dúzia deles. Sazed chegou com cuidado, mas rapidamente pôde ver que os cadáveres estavam ali há no mínimo vários dias. Ajoelhou-se ao lado de um deles, de uma

mulher, e não viu a possível causa da morte. Os outros eram iguais.

Nervoso, Sazed obrigou-se a estender a mão e abrir a porta da cabana. O fedor lá dentro era tão forte que conseguia senti-lo por meio da mente de estanho.

A cabana, como a maioria, tinha um único cômodo. Estava cheia de corpos. A maioria envolta em finos cobertores, alguns sentados com as costas contra as paredes, cabeças putrefatas pendendo dos pescoços. Eram corpos esqueléticos, quase sem carne, com membros ressequidos e costelas à mostra. Olhos assombrados e cegos encravados nos rostos sem vida.

Essas pessoas haviam morrido de fome e desidratação.

Sazed saiu aos tropeços da cabana, de cabeça baixa. Não esperava encontrar nada diferente nos outros casebres, mas os verificou mesmo assim. Viu a mesma cena repetidamente. Corpos sem ferimentos no chão, no lado de fora; muitos outros corpos amontoados no lado de dentro. Moscas zumbiam ao redor em enxames, cobrindo os rostos. Em várias construções encontrou ossos humanos roídos no centro do cômodo.

Saiu da última cabana, respirando fundo pela boca. Dúzias de pessoas, mais de uma centena no total, mortas sem motivo aparente. O que poderia ter feito muitos deles simplesmente ficarem sentados, escondidos em suas casas, enquanto a comida e a água se esgotavam? Como poderiam ter morrido de fome, enquanto havia animais correndo livres lá fora? E o que matara aqueles que estavam do lado de fora, jazendo nas cinzas? Não pareciam tão macilentos quanto os que estavam dentro das cabanas. Mesmo que, considerando o nível de decomposição, fosse difícil dizer.

Posso estar enganado quanto à inanição, Sazed disse a si mesmo. *Deve ter havido uma peste de algum tipo, uma doença. É uma explicação muito mais lógica.* Ele acessou sua mente de cobre médica. Com certeza, havia doenças que podiam atacar rapidamente, deixando as vítimas enfraquecidas. E os sobreviventes devem ter fugido, deixando para trás seus entes queridos, sem levar nenhum dos animais dos pastos…

Sazed franziu o cenho. Naquele momento, pensou ter ouvido algo.

Virou-se, puxando o poder auditivo de sua mente de estanho de audição. Os sons estavam lá… sons de respiração, sons de movimento, vindo de uma das cabanas que visitara. Avançou, abrindo com tudo a porta, olhando novamente para os corpos miseráveis. Os cadáveres jaziam onde estavam antes. Sazed observou-os com muita atenção, desta vez examinando até encontrar um daqueles peitos se movendo.

Pelos deuses esquecidos… Sazed pensou. O homem não precisava se esforçar muito para fingir estar morto. Os cabelos haviam caído, os olhos estavam afundados no rosto. Embora não parecesse sofrer especialmente de inanição, Sazed devia ter passado por ele despercebido por causa do corpo sujo, quase cadavérico.

Sazed foi até o homem.

— Sou um amigo — ele disse baixinho. O homem ficou imóvel. Sazed franziu a testa enquando caminhava para frente e pousou a mão no ombro do outro.

Os olhos do homem abriram de uma vez, e ele gritou, ficando em pé de repente. Zonzo e frenético, tropeçou sobre cadáveres, partindo para o fundo do cômodo. Agachou-se, encarando Sazed.

— Por favor — Sazed falou, deixando a bolsa no chão. — Não precisa ter medo. — A única comida que tinha além dos temperos para caldo eram alguns punhados de farinha, mas ele tirou um pouco da bolsa. — Tenho comida.

O homem sacudiu a cabeça.

— Não há comida — ele sussurrou. — Comemos tudo. A não ser… a comida.

Seus olhos fitavam o centro do cômodo. Os ossos que Sazed observara antes. Crus, roídos, postos em uma pilha ao lado de um pano esfarrapado, como se para escondê-los.

— Eu não comi a comida — o homem murmurou.

— Eu sei — Sazed assegurou, dando um passo para a frente. — Mas, tem outra comida. Lá fora.

— Não posso sair.

— Por que não?

O homem hesitou, em seguida baixou o olhar.

— A bruma.

Sazed olhou para a saída. O sol estava se aproximando do horizonte, mas não se poria em menos de uma hora, mais ou menos. Não havia bruma. Quer dizer, não naquele momento.

Sazed sentiu um arrepio. Devagar, voltou-se para o homem.

— Brumas… durante o dia?

O homem concordou com a cabeça.

— E ela permaneceu? — Sazed quis saber. — Não foi embora depois de algumas horas?

O outro negou com a cabeça.

— Dias. Semanas. Tudo bruma.

Senhor Soberano!, Sazed pensou, então se pegou no flagra. Muito tempo passara desde que ele clamara pelo nome daquela criatura, mesmo em pensamentos.

No entanto, para a bruma vir durante o dia, em seguida ficar – se fosse possível acreditar naquele homem – por semanas… Sazed podia imaginar os skaa, apavorados em suas cabanas, com mil anos de terror, tradição e superstição impedindo-os de se aventurar lá fora.

Mas, permanecer lá dentro até morrer de fome? Mesmo seu medo da bruma, arraigado como era, não teria sido o suficiente para fazê-los se manter na inanição até morrer, teria?

— Por que não saíram? — Sazed perguntou em voz baixa.

— Alguns saíram — o homem falou, assentindo como se para si mesmo. — Jell. Você sabe o que aconteceu com ele.

Sazed fez uma careta.

— Morreu?

— Foi levado pela bruma. Ah, como ele tremia. Era teimoso, sabe. Velho Jell. Ah, como ele tremia. Como ele se contorceu quando a bruma pegou ele.

Sazed cerrou os olhos. *Os cadáveres que encontrei lá fora, nas portas.*

— Alguns escaparam — o homem falou.

Sazed abriu os olhos de uma vez.

— Quê?

O camponês amalucado assentiu de novo.

— Alguns escaparam, sabe? Eles nos chamaram, depois de sair do vilarejo. Disseram que tudo estava bem. Ela não os pegou. Não sei por quê. Mas matou outros. Alguns ela jogou no chão, mas eles levantaram mais tarde. Alguns ela matou.

— A bruma deixou que alguns vivessem, mas matou outros?

O homem não respondeu. Sentou-se, depois deitou de costas, encarando o teto, disperso.

— Por favor — Sazed pediu. — Precisa me responder. Quem ela matou e quem ela deixou ir embora? Qual é a ligação?

O homem virou-se para ele.

— Hora da comida — ele disse, em seguida se levantou. Caminhou até um cadáver, depois puxou um braço, arrancando a carne apodrecida. Foi fácil ver por que ele não morreu de fome como os outros.

Sazed reprimiu a náusea, caminhando pela sala e agarrando o braço do

homem, enquanto ele erguia o osso quase descarnado até os lábios. O homem ficou paralisado, depois ergueu o olhar para Sazed.

— Não é meu! — ele gritou, largando o osso e correndo para o fundo do cômodo.

Sazed ficou parado por um momento. *Preciso me apressar. Preciso chegar a Luthadel. Há mais coisas erradas com o mundo do que bandidos e exércitos.*

O homem insano observava-o com uma espécie feroz de terror, enquanto Sazed pegava sua bolsa. Em seguida ele hesitou e deixou a bolsa novamente no chão. Puxou dela sua maior mente de peltre. Prendeu a braçadeira larga de metal no antebraço, em seguida virou-se e caminhou até o aldeão.

— Não! — o homem gritou, tentando escapar pela lateral. Sazed acessou a mente de peltre, puxando uma explosão de força. Sentiu os músculos crescerem, a túnica ficar mais justa. Agarrou o aldeão quando o homem passou correndo, deixando-o o distante, longe o bastante para que não lhe fizesse nenhum mal.

Depois disso, levou-o para fora da construção.

O homem parou de lutar assim que saíram à luz do sol. Ele ergueu os olhos, como se visse o sol pela primeira vez. Sazed deixou-o no chão, depois liberou sua mente de peltre.

O homem ajoelhou, com os olhos voltados para o sol, depois virou-se para Sazed.

— O Senhor Soberano… por que ele nos abandonou? Por que ele foi embora?

— O Senhor Soberano era um tirano.

O homem negou com a cabeça.

— Ele nos amava. Ele nos governava. Agora que ele se foi, as brumas podem nos matar. Elas nos odeiam.

Então, com destreza surpreendente, o homem ficou em pé e seguiu aos tropeções para o caminho que levava para fora do vilarejo. Sazed deu um passo para frente, mas parou. O que ele faria? Arrastaria o homem até Luthadel? Havia água no poço e animais para comer. Sazed podia apenas esperar que o pobre-diabo se virasse.

Suspirando, Sazed voltou para a cabana e pegou sua bolsa. Ao sair, ele hesitou, em seguida pegou uma das suas mentes de aço. O aço armazenava um dos atributos mais difíceis de armazenar: velocidade física. Ele passara meses enchendo essa mente de aço em particular, preparando-se para a possibilidade de algum dia precisar correr para algum lugar muito, muito rapidamente.

Naquele momento, ele teve de usá-la.

Sim, foi ele quem alimentou os rumores depois disso. Eu nunca poderia ter feito o que ele mesmo fez, convencer e persuadir o mundo que ele era, de fato, o Herói. Não sei se ele acreditava naquilo, mas fez os outros pensarem que ele devia sê-lo.

16

Vin raramente usava seus aposentos. Elend lhe concedera quartos espaçosos – o que, talvez, fosse parte do problema. Ela passara a infância dormindo em abrigos, tocas ou becos. Ter três quartos separados era um pouco assustador.

Contudo, aquilo não importava, na verdade. Quando estava acordada, ficava com Elend ou nas brumas. Os aposentos existiam para que ela dormisse neles. Ou, neste caso, para ela bagunçá-los.

Estava sentada no chão, no centro do aposento principal. O mordomo de Elend, preocupado pelo fato de Vin não ter nenhuma mobília, insistiu em decorar seus aposentos. Naquela manhã, Vin empurrara alguns dos móveis para o canto, empilhando tapetes e poltronas de um lado, para que ela pudesse se sentar nas pedras frias com seu livro.

Era o primeiro livro de verdade que possuía, embora fosse apenas uma coleção de páginas mal-coladas de um lado. Aquilo bastava para ela; a encadernação simples deixava o livro bem fácil de desmembrar.

Ela se sentou no meio de pilhas de papel. Era incrível ver quantas páginas havia no livro depois de ela tê-las separado. Vin sentou-se ao lado de uma pilha, examinando seu conteúdo. Sacudiu a cabeça, em seguida engatinhou até outra pilha. Folheou as páginas, escolhendo, por fim, uma delas.

Às vezes imagino se estou enlouquecendo, lia-se na página. *Talvez seja pela pressão de saber que preciso, de alguma forma, suportar o peso do mundo inteiro. Talvez seja por causa das mortes que vi, pelos amigos que perdi. Os amigos que fui forçado a assassinar.*

De qualquer forma, às vezes vejo as sombras me seguirem. Criaturas das trevas que não entendo, nem quero entender. Talvez sejam alguma invenção da

minha mente sobrecarregada.

Vin parou um momento, relendo os parágrafos. Depois, deixou a folha em outra pilha. OreSeur estava deitado na lateral do quarto, cabeça nas patas, observando-a.

— Senhora — ele disse enquanto ela pousava a página —, estive observando a senhora trabalhar nas últimas duas horas, e admito que estou totalmente confuso. Qual o objetivo de tudo isso?

Vin engatinhou até outra pilha de páginas.

— Pensei que não se importasse como gasto meu tempo.

— Não me importo — OreSeur confirmou. — Mas estou entediado.

— E aborrecido, aparentemente.

— Gosto de entender o que está acontecendo ao meu redor.

Vin deu de ombros, apontando para as pilhas de papel.

— Este é o diário do Senhor Soberano. Bem, na verdade, não é o diário do Senhor Soberano que conhecemos, mas o diário do homem que *deveria* ter sido o Senhor Soberano.

— Deveria ter sido? — OreSeur questionou. — Quer dizer que ele deveria ter conquistado o mundo, mas não conquistou?

— Não — Vin falou. — Digo que ele deveria ter sido aquele que assumiu o poder no Poço da Ascensão. Aquele homem, o homem que escreveu este livro… na verdade não sabemos seu nome… foi uma espécie de herói profetizado. Ou… todos pensavam que ele era. De qualquer forma, o homem que se tornou o Senhor Soberano, Rashek, era o carregador deste herói. Não se lembra de quando conversamos sobre isso, quando você estava na pele de Renoux?

OreSeur assentiu.

— Lembro que vocês mencionaram brevemente.

— Bem, este é o livro que Kelsier e eu encontramos quando nos infiltramos no palácio do Senhor Soberano. Pensamos que havia sido escrito por ele, mas descobrimos que foi escrito pelo homem que o Senhor Soberano assassinou, o homem de quem ele tomou o lugar.

— Sim, senhora — OreSeur disse. — Agora, por que exatamente a senhora o está desmembrando?

— Não estou — Vin respondeu. — Eu só tirei a costura para poder movimentar as páginas. Me ajuda a pensar.

— Entendo… — OreSeur falou. — E o que exatamente a senhora está

buscando? O Senhor Soberano está morto, senhora. Pelo que pude ver, a senhora o matou.

O que estou buscando?, Vin pensou, pegando outra página. *Fantasmas nas brumas.*

Ela leu as palavras naquela página lentamente.

Não é uma sombra.

Esta coisa escura que me segue, a coisa que apenas eu consigo ver – não é uma sombra de verdade. É preta e translúcida, mas não tem a silhueta sólida como a de uma sombra. É insubstancial – nebulosa e disforme. Como se feita de névoa preta.

Ou, talvez, brumas.

Vin baixou a página. *Aquilo o vigiava também*, ela pensou. Lembrou-se de ler as palavras um ano antes, pensando que o Herói estivesse começando a enlouquecer. Com todas as pressões sobre ele, quem se surpreenderia?

Contudo, naquele momento, pensou entender melhor o autor do diário sem nome. Sabia que não era o Senhor Soberano, e podia vê-lo pelo que poderia ter sido. Incerto quanto ao seu lugar no mundo, mas forçado a participar de eventos importantes. Determinado a fazer o melhor que podia. Idealista em certo sentido.

E o espírito das brumas o perseguiu. O que isso queria dizer? O que vê-lo significava para ela?

Rastejou até outra pilha de páginas. Havia passado a manhã buscando no diário pistas sobre a criatura das brumas. No entanto, estava tendo problemas em ir muito além dessas duas passagens familiares.

Fez uma pilha de páginas que mencionavam qualquer coisa de estranha ou sobrenatural. Fez uma pilha pequena com páginas que faziam referência ao espírito das brumas. Também tinha uma pilha especial para menções das Profundezas. Esta última, ironicamente, era a maior e a menos informativa do grupo. O autor do diário tinha o hábito de mencionar as Profundezas, mas sem dizer muito sobre elas.

As Profundezas eram perigosas, isso estava bem claro. Devastaram a terra, matando milhares de pessoas. O monstro semeava o caos por onde passava, levando a destruição e o medo, mas os exércitos da humanidade não tinham sido capazes de derrotá-lo. Apenas as profecias de Terris e o Herói das Eras ofereciam alguma esperança.

Se tivesse sido mais específico!, Vin pensou, frustrada, folheando os papéis.

No entanto, o tom do diário era realmente mais melancólico do que informativo. Algo que o Herói escrevera para si, para manter a sanidade, para poder registrar medos e esperanças no papel. Elend disse que escrevia por motivos semelhantes, às vezes. Para Vin, parecia um método bobo de lidar com problemas.

Com um suspiro, virou-se para a última pilha de papéis – aquela com as páginas que ela ainda precisava estudar. Deitou no chão de pedra e começou a ler, buscando informações úteis.

Levou tempo. Não apenas porque era uma leitora lenta, mas também porque sua mente divagava o tempo todo. Lera o diário antes – e, estranhamente, trechos e frases dele faziam com que se lembrasse de onde estava na época. Dois anos e um mundo de distância, em Fellise, ainda se recuperando de uma quase morte pelas mãos de um Inquisidor do Aço, ela fora forçada a passar os dias fingindo ser Valette Renoux, uma jovem nobre e inexperiente do interior.

Naquela época, ela ainda não acreditava no plano de Kelsier de derrubar o Império Final. Ficara com o grupo porque valorizava as coisas estranhas que eles lhe ofereciam – amizade, confiança e lições de Alomancia –, e não porque aceitava seus objetivos. Nunca teria imaginado aonde aquilo a levaria. A bailes e festas, a crescer de verdade – apenas um pouco – para se tornar a nobre que ela fingira ser.

Mas aquilo fora uma farsa, alguns meses de fingimento. Ela afastou os pensamentos das vestes enfeitadas e das danças. Precisava se concentrar em questões práticas.

E… isso é prático?, ela pensou de forma indolente, deixando a página numa das pilhas. *Estudar coisas que mal compreendo, temer uma ameaça que ninguém se importa em notar?*

Ela suspirou, cruzando os braços sob o queixo, enquanto estava deitada de barriga para baixo. O que realmente a preocupava? Que as Profundezas voltassem? Tudo que tinha eram algumas visões fantasmagóricas nas brumas – coisas que podiam, como Elend insinuou, ter sido facilmente fabricadas por sua mente sobrecarregada. Outra questão era mais importante. Supondo que as Profundezas fossem reais, o que ela esperava fazer quanto a isso? Não era heroína, general ou líder.

Ah, Kelsier, ela pensou, pegando outra páginas. *Você poderia ser útil agora.* Kelsier era um homem nada convencional… um homem que, de alguma forma, conseguia desafiar a realidade. Pensara que, ao sacrificar sua vida para derrubar o Senhor Soberano, garantiria a liberdade para os skaa. Mas e se seu sacrifício

tivesse aberto uma porta para um perigo maior, algo tão destrutivo que a opressão do Senhor Soberano seria uma alternativa preferível?

Por fim, ela acabou a página, deixando-a na pilha daquelas que não continham informações úteis. Então, parou. Não conseguia se lembrar do que havia acabado de ler. Suspirou, pegou a página novamente, voltou a olhá-la. Como Elend fazia isso? Conseguia estudar os mesmos livros várias e várias vezes. Mas, para Vin, era difícil…

Ela hesitou. *Preciso partir do princípio de que não estou maluco*, era o que estava escrito. *Não posso, com senso racional de confiança, continuar minha busca se não acreditar nisso. A coisa que me segue deve, portanto, ser real.*

Vin sentou-se. Lembrava-se apenas vagamente dessa seção do diário. O livro era organizado dia a dia, com registros sequenciais, mas sem data. Tinha uma tendência a divagar, e o Herói gostava de se estender demais sobre suas inseguranças. Esta seção estava sendo particularmente árida.

Porém, no meio da reclamação, havia uma pequena informação.

Acredito que ela me mataria, se pudesse, o texto continuava.

A coisa de sombra e névoa parece maléfica, e minha pele se encolhe ao seu toque. Ainda assim, parece limitada no que pode fazer, especialmente comigo.

No entanto, ela pode influenciar este mundo. A faca que deixou no peito de Fedik é uma grande prova. Ainda não estou certo sobre o que foi mais traumático para ele – o ferimento em si, ou ver a coisa que fez isso com ele.

Rashek espalha à socapa que eu apunhalei Fedik, pois apenas Fedik e eu podemos dar testemunho dos acontecimentos daquela noite. No entanto, preciso tomar uma decisão. Preciso determinar que não estou louco. A alternativa é admitir que era eu quem segurava aquela faca.

De alguma forma, conhecer a opinião de Rashek sobre a questão faz com que fique muito mais fácil eu acreditar no contrário.

A página seguinte continuava a comentar sobre Rashek, e vários registros que seguiam não continham menção alguma ao espírito das brumas. Porém, Vin achou mesmo esses poucos parágrafos empolgantes.

Ele tomou uma decisão, ela pensou. *Tenho que fazer o mesmo*. Ela nunca se preocupara em estar louca, mas tinha visto alguma lógica nas palavras de Elend. Agora, ela as rejeitava. O espírito das brumas não era um tipo de ilusão criada por uma mistura de tensão e lembranças do diário. Era real.

Aquilo não significava que as Profundezas estavam voltando, nem significava que Luthadel corria alguma espécie de perigo sobrenatural. No

entanto, ambas eram possibilidades.

Ela deixou essa página com outras duas que continham informações concretas sobre o espírito das brumas, em seguida voltou aos estudos, determinada a prestar mais atenção à leitura.

Os exércitos estavam se assentando.

Elend observava do topo da muralha enquanto seu plano, por mais vago que fosse, começava a tomar forma. Straff estava abrindo um perímetro defensivo a norte, mantendo a rota de canal a uma distância relativamente curta até Urteau, sua cidade natal e capital. Cett avançara a oeste da cidade, garantindo o Canal Luth-Davn, que seguia de volta para sua fábrica de conservas, em Haverfrex.

Uma fábrica de conservas. Era algo que Elend desejava ter na cidade. A tecnologia era recente, talvez tivesse uns cinquenta anos, mas ele lera sobre isso. Os eruditos consideraram que sua principal utilidade era oferecer suprimentos de fácil transporte para soldados que lutavam nos extremos do império. Não consideraram estoques para cercos – especialmente em Luthadel. Mas, à época, quem teria pensado nisso?

Enquanto Elend observava, as patrulhas começaram a se destacar dos exércitos separados. Algumas moviam-se para vigiar as fronteiras entre as duas forças, mas outras seguiam para garantir outras rotas de canal, pontes ao longo do Rio Channerel, e estradas que conduziam para fora de Luthadel. Num tempo bastante curto, a cidade parecia totalmente cercada. Apartada do mundo e do restante do pequeno reino de Elend. Ninguém entrava ou saía. Os exércitos contavam com doenças, fome e outros fatores enfraquecedores para fazer Elend se curvar.

O cerco a Luthadel começara.

É muito bom, ele disse a si mesmo. *Para este plano funcionar, precisam pensar que estou desesperado. Precisam estar tão certos de que estou disposto a apoiá-los que não considerarão que posso estar trabalhando com seus inimigos também.*

Enquanto Elend observava, percebeu alguém subindo os degraus da muralha. Trevo. O general manquitolou até Elend, que estava sozinho.

— Parabéns — Trevo disse. — Parece que você tem agora um cerco completo nas mãos.

— Bom.

— Isso nos dará um pouco de espaço para respirar, espero — Trevo falou. Em seguida, encarou Elend com um dos seus olhares retorcidos. — É melhor

estar pronto para isso, garoto.

— Eu sei — Elend sussurrou.

— Você chamou toda a responsabilidade para si — Trevo comentou. — A Assembleia não pode romper este cerco até você se reunir oficialmente com Straff, e os reis não parecem dispostos a se reunir com ninguém do grupo que não seja você. Está tudo em suas mãos. Uma posição útil para um rei, suponho. Se for um bom rei.

Trevo ficou em silêncio. Elend olhou para os dois exércitos. As palavras ditas para ele por Tindwyl, a terrisana, ainda o incomodavam. *Você é um tolo, Elend Venture.*…

Até então, nenhum dos reis respondera aos pedidos de Elend para se reunirem – embora o grupo estivesse certo de que logo responderiam. Seus inimigos esperariam para fazer Elend suar um pouco. A Assembleia acabara de convocar outra reunião, provavelmente para tentar forçá-lo a liberá-la de sua proposta anterior. Elend encontrou um motivo conveniente para ignorar a reunião.

Ele olhou para Trevo.

— E eu sou um bom rei, Trevo? Na sua opinião.

O general deu uma olhada de relance para ele, e Elend viu uma sagacidade implacável em seus olhos.

— Conheci líderes piores — ele falou. — Mas também conheci outros *muito* melhores.

Elend assentiu com vagar.

— Quero fazer isso bem, Trevo. Ninguém mais vai cuidar dos skaa como merecem. Cett, Straff. Eles só escravizariam as pessoas novamente. Mas eu… quero ser mais que minhas ideias. Quero… *preciso*… ser um homem com quem os outros possam contar.

Trevo ergueu os ombros.

— Minha experiência mostra que o homem em geral é feito pela situação. Kelsier era um dândi egoísta até as Minas quase acabarem com ele — ele olhou Elend de soslaio. — Este cerco vai ser as *suas* Minas de Hathsin, Elend Venture?

— Não sei — ele respondeu com honestidade.

— Então teremos que esperar para ver, eu acho. Por ora, tem uma pessoa querendo falar com você. — Ele se virou, meneando com a cabeça na direção da rua, a uns doze metros lá embaixo, onde uma figura alta, feminina, esperava em uma túnica terrisana colorida.

— Ela me disse para fazer com que você descesse — Trevo informou. Hesitou, em seguida olhou para Elend. — Não é comum encontrar alguém que se vê no direito de me dar ordens por aí. E ainda por cima uma terrisana. Pensei que esses terrisanos fossem dóceis e gentis.

Elend sorriu.

— Acho que Sazed nos deixou mal acostumados.

Trevo bufou.

— Mil anos de reprodução seletiva para nada, não é?

Elend assentiu.

— Tem certeza de que ela é segura? — Trevo perguntou.

— Sim — Elend falou. — A história dela bate… Vin inquiriu vários terrisanos da cidade, e eles conheciam e reconheceram Tindwyl. Parece ser uma pessoa razoavelmente importante na sua terra natal.

Além disso, ela demonstrara feruquemia para ele, ficando mais forte para soltar as mãos. Aquilo significava que não era uma kandra. Tudo isso reunido significava que ela era confiável o bastante; até Vin admitira aquilo, mesmo que continuasse a não gostar da terrisana.

Trevo anuiu com a cabeça, e Elend deu um suspiro profundo. Em seguida, desceu as escadas para encontrar Tindwyl para outra rodada de aulas.

— Hoje faremos algo com suas roupas — Tindwyl falou, fechando a porta do gabinete de Elend. Uma costureira rechonchuda com cabelos brancos cortados em forma de tigela esperava lá dentro, respeitosamente em pé, com um grupo de jovens assistentes.

Elend olhou de relance para suas roupas. Na verdade, não estavam mal. O casaco e o colete lhe caíam razoavelmente bem. As calças não eram tão formais quanto aquelas preferidas pela nobreza imperial, mas era o rei agora; não deveria poder ditar tendência?

— Não vejo o que há de errado com elas — ele reagiu. Ergueu a mão quando Tindwyl começou a falar. — Sei que não é tão formal quanto as que outros homens gostam de usar, mas caem bem em mim.

— São uma desgraça — Tindwyl falou.

— Agora, eu não entendo…

— Não discuta comigo.

— Mas, veja, outro dia você disse que…

— Reis não discutem, Elend Venture — Tindwyl disse com firmeza. — Eles *ordenam*. E parte de sua capacidade de ordenar vem de sua aparência. Roupas

desmazeladas trazem outros hábitos descuidados, como sua postura, a qual já comentei, creio eu.

Elend suspirou, revirando os olhos quando Tindwyl estalou os dedos. A costureira e os seus assistentes começaram a desembalar dois grandes baús.

— Isso é desnecessário — Elend falou. — Eu já tenho alguns trajes mais ajustados. Visto em ocasiões formais.

— Não vai mais usar esses ternos — Tindwyl definiu.

— Perdão?

Tindwyl o encarou com olhos autoritários, e Elend suspirou.

— Explique-se! — ele disse, tentando soar imponente.

Tindwyl assentiu.

— Você manteve o código de vestuário preferido pela nobreza e aprovado pelo Império Final. Em alguns aspectos, foi uma boa ideia, pois lhe conferiu uma relação com o antigo governo, e fez com que parecesse menos com um dissidente. Agora, contudo, você está numa posição diferente. Seu povo está em perigo, e o momento da simples diplomacia terminou. Você está em guerra. Suas vestes precisam refletir esse fato.

A costureira escolheu um traje específico, levando-o até Elend enquanto os assistentes montavam um biombo para troca de roupa.

Elend aceitou o traje com hesitação. Era formal e branco, e a frente do casaco parecia ter botões de cima abaixo até a gola rígida. No mais, parecia um…

— Um uniforme — ele concluiu, franzindo o cenho.

— Exato — Tindwyl confirmou. — Quer que seu povo acredite que você pode protegê-lo? Bem, um rei não é um simples legislador, é um general. É hora de começar a agir como se merecesse seu título, Elend Venture.

— Não sou um guerreiro — Elend retrucou. — Esse uniforme é um embuste.

— O primeiro fato mudaremos em breve — Tindwyl disse. — O segundo não é verdade. Comanda os exércitos do Domínio Central. Isso faz de você um militar, tenha ou não habilidades com uma espada. Agora, vá se trocar.

Elend obedeceu com um erguer de ombros. Caminhou até o biombo, empurrou uma pilha de livros para abrir espaço, e começou a se trocar. As calças brancas ficaram justas e caíram retas ao redor das panturrilhas. Embora houvesse uma camisa, ela ficava totalmente coberta por uma jaqueta grande, formal – que tinha ombreiras militares. Tinha uma porção de botões – todos eles, percebeu, eram de madeira, e não de metal –; no lado direito do peito também havia um desenho parecido com um escudo. Parecia ter uma espécie de flecha, ou talvez uma lança, adornada nele.

Considerando a rigidez, o corte e o desenho, Elend surpreendeu-se em como o uniforme caiu bem.

— O tamanho é perfeito — ele observou, encaixando o cinturão, em seguida puxando a barra do casaco, que chegava até os quadris.

— Pegamos as medidas com seu alfaiate — Tindwyl informou.

Elend saiu de trás do biombo, e vários assistentes aproximaram-se. Um deles indicou educadamente um par de botas pretas brilhantes para que ele calçasse, e o outro prendeu uma capa branca às presilhas nos ombros. O último assistente entregou-lhe um bastão de madeira rígida e uma bainha. Elend encaixou-a no cinto, em seguida puxou-a através de uma fenda no casaco para que ficasse para fora; aquilo, ao menos, ele já havia feito antes.

— Bom — Tindwyl falou, medindo-o de cima a baixo. — Assim que aprender a ficar ereto, haverá uma melhoria satisfatória. Agora, sente-se.

Elend abriu a boca para contestar, mas pensou melhor. Sentou-se, e uma assistente aproximou-se para prender um lençol ao redor dos ombros. Em seguida, puxou uma tesoura.

— Agora, espere aí — Elend falou. — Eu sei aonde isso vai parar.

— Então, expresse uma objeção — Tindwyl bronqueou. — Não seja vago!

— Tudo bem — Elend retrucou. — Gosto do meu cabelo.

— Cabelos curtos são mais fáceis de cuidar que longos — Tindwyl insistiu. — E você já provou não ser confiável quando se trata de cuidados pessoais.

— Vocês não vão cortar meu cabelo — Elend disse com firmeza.

Tindwyl fez uma pausa e, depois, assentiu. O assistente afastou-se, e Elend se levantou, tirando o lençol. A costureira trouxe um espelho grande, e Elend avançou para se olhar.

E ficou paralisado.

A diferença era surpreendente. Durante a vida toda se via como erudito, um homem da alta sociedade, mas também um pouco como um bobo. Era Elend – o homem amigável e agradável com ideias esquisitas. Fácil de ignorar, talvez, mas difícil de odiar.

O homem que via agora não era um dândi da corte. Era um homem sério, formal. Um homem a ser levado a sério. O uniforme fez com que ele quisesse ficar mais empertigado, descansar uma das mãos no bastão de duelo. Os cabelos, levemente encaracolados, longos no alto e nas laterais, e desgrenhados pelo vento da muralha, não se encaixavam.

Elende virou-se.

— Tudo bem. Corte.

Tindwyl sorriu, em seguida meneou com a cabeça para que ele sentasse. Ele o fez, esperando em silêncio enquanto a assistente trabalhava. Quando voltou a se levantar, os cabelos combinavam com os trajes. Não ficaram extremamente curtos, não como os de Ham, mas eram arrumados e precisos. Um dos assistentes aproximou-se e lhe entregou uma argola de madeira pintada de prata. Ele se virou para Tindwyl, franzindo o cenho.

— Uma coroa? — ele perguntou.

— Nada pomposo — Tindwyl falou. — Esta é uma era mais sutil que algumas das que passaram. A coroa não é um símbolo de sua riqueza, mas de sua autoridade. Você a usará a partir de agora, em âmbito público ou particular.

— O Senhor Soberano não usava coroa.

— O Senhor Soberano não precisava lembrar as pessoas que estava no comando — Tindwyl comentou.

Elend fez uma pausa, em seguida encaixou a coroa na cabeça. Não trazia pedras preciosas ou ornamentos, era um simples diadema. Como ele já esperava, coube perfeitamente.

Ele se voltou para Tindwyl, que acenava para a costureira arrumar suas coisas e sair.

— Você tem seis uniformes como este esperando nos seus aposentos — Tindwyl informou. — Até o cerco terminar, não usará nada além disso. Se quiser variedade, mude a cor da capa.

Elend assentiu. Atrás dele, a costureira e seus assistentes esgueiravam-se porta afora.

— Obrigado. Hesitei no começo, mas você está certa. Faz diferença.

— O bastante para enganar o povo por ora, ao menos — Tindwyl disse.

— Enganar o povo?

— Claro. Não achou que era apenas isso, achou?

— Bem…

Tindwyl ergueu uma sobrancelha.

— Umas poucas aulas e acha que já está pronto? Mal começamos. Ainda é um tolo, Elend Venture, apenas não se parece mais com um. Felizmente, nossa farsa começará a reverter o dano que causou à sua reputação. No entanto, precisaremos de muito treinamento antes que eu confie de fato que interagirá com o povo e não passará vergonha.

Elend corou.

— O que você… — ele hesitou. — Diga-me o que planeja me ensinar, então.

— Bem, você precisa aprender a andar, em primeiro lugar.

— Tem algo de errado com o jeito como ando?

— Pelos deuses esquecidos, é óbvio! — Tindwyl exclamou, como se estivesse se divertindo, embora nenhum sorriso surgisse nos lábios. — E seus padrões de fala também precisam ser trabalhados. Além disso, claro, há sua incapacidade de manejar armas.

— Tive um pouco de treinamento — Elend comentou. — Pergunte a Vin… eu a resgatei do palácio do Senhor Soberano na noite do Colapso!

— Eu sei — Tindwyl disse. — E, pelo que ouvi, foi um milagre ter sobrevivido. Felizmente, a garota estava lá para lutar de verdade. Aparentemente, você confia bastante nela para esse tipo de coisa.

— Ela é uma Nascida das Brumas.

— Isso não é desculpa para sua desmazelada falta de habilidades — Tindwyl repreendeu. — Não pode sempre confiar na sua mulher para protegê-lo. Isso não é apenas embaraçoso, seu povo e seus soldados esperam que você possa lutar com eles. Duvido que você chegará a ser o tipo de líder que pode estar à frente de um ataque contra o inimigo, mas deveria ser ao menos capaz de cuidar de si mesmo quando for atacado.

— Então, você quer que eu comece a lutar com Vin e Ham durante as sessões de treinamento?

— Meus deuses, não! Não consegue ver como seria terrível para o moral se os homens vissem você ser derrotado em público? — Tindwyl sacudiu a cabeça. — Não, vamos treiná-lo discretamente com um mestre em duelos. Em alguns meses, deixaremos você competente com bastão e espada. Felizmente, esse pequeno cerco de vocês durará o bastante até a batalha começar.

Elend corou novamente.

— Você é condescendente comigo o tempo todo. É como se eu não fosse rei aos seus olhos… como se me visse como uma espécie de sucedâneo.

Tindwyl não respondeu, mas seus olhos brilharam de satisfação. *Você quem disse isso, não eu*, a expressão dela parecia dizer.

Elend corou ainda mais.

— Talvez você possa aprender a ser rei, Elend Venture — Tindwyl falou. — Até lá, terá apenas que aprender a fingir ser um.

A resposta irritada de Elend foi interrompida por uma batida na porta. Elend cerrou os dentes, virando-se.

— Entre.

A porta abriu de uma vez.

— Temos novidades — capitão Demoux disse, o seu rosto juvenil

entusiasmado quando entrou. — Eu…

Ele congelou.

Elend inclinou a cabeça.

— Sim?

— Eu… hum… — Demoux fez uma pausa, olhou para Elend novamente antes de continuar. — Ham me enviou, Vossa Majestade. Diz que chegou um mensageiro de um dos reis.

— Mesmo? — Elend perguntou. — De Lorde Cett?

— Não, Vossa Majestade. O mensageiro vem do vosso pai.

Elend franziu o cenho.

— Bem, diga a Ham que estarei lá em um momento.

— Sim, Vossa Majestade — Demoux disse, retirando-se. — Hum, gostei do novo uniforme, Majestade.

— Obrigado, Demoux. Por acaso sabe onde está Lady Vin? Não a vi o dia todo.

— Acho que está em seus próprios aposentos, Vossa Majestade.

Seus aposentos? Ela nunca fica lá. Será que está doente?

— Quer que a chame? — Demoux perguntou.

— Não, obrigado — Elend falou. — Vou até lá. Diga a Ham para acomodar bem o mensageiro.

Demoux assentiu, então se retirou.

Elend virou-se para Tindwyl, que estava sorrindo para si mesma com um olhar de satisfação. Elend passou esbarrando nela para pegar seu caderno.

— Vou aprender mais do que apenas “fingir” ser rei, Tindwyl.

— Veremos.

Elend olhou de relance para a terrisana de meia-idade, com sua túnica e suas joias.

— Pratique expressões como essa — Tindwyl observou —, e talvez consiga.

— Isso é tudo, então? — Elend quis saber. — Expressões e trajes? É isso que faz um rei?

— Claro que não.

Elend parou ao lado da porta, voltando-se para ela.

— Então, o que é? O que você acha que faz um bom rei, Tindwyl de Terris?

— Confiança — Tindwyl respondeu. — Um bom rei é aquele que tem a confiança do seu povo, e aquele que merece essa confiança.

Elend fez uma pausa, depois assentiu. *Boa resposta*, ele reconheceu, em seguida abriu a porta e apressou-se para encontrar Vin.

Se ao menos a religião de Terris e a crença na Antecipação não tivessem se disseminado para além do nosso povo.

17

As pilhas de papel pareciam se multiplicar à medida que Vin encontrava mais e mais ideias no diário que ela desejava separar e lembrar. Quais eram as profecias sobre o Herói das Eras? Como o autor do diário sabia aonde ir, e o que pensava que precisava fazer quando chegasse lá?

No fim, deitada no meio da bagunça – pilhas sobrepostas viradas em direções diferentes para se manter separadas –, Vin reconheceu um fato desagradável. Ela precisaria tomar notas.

Com um suspiro, levantou-se e cruzou o aposento, passando cuidadosamente sobre as várias pilhas e aproximando-se da escrivaninha. Nunca a usara antes; na verdade, reclamara dela para Elend. Que necessidade havia de ela ter uma escrivaninha?

Era o que tinha pensado. Escolheu uma pena, então tirou um pequeno frasco de tinta, lembrando-se dos dias em que Reen ensinou-a a escrever. Ele ficava rapidamente frustrado com seus garranchos, reclamando sobre o preço da tinta e do papel. Ensinou-a a ler para que pudesse decifrar contratos e emular uma nobre, mas pensou que escrever era menos útil. De modo geral, Vin partilhava dessa opinião.

Contudo, ao que parecia, escrever tinha sua utilidade mesmo para quem não era um escriba. Elend sempre estava rabiscando anotações e lembretes para si mesmo; não raro ela se impressionava em como ele conseguia escrever rápido. Como fazia as letras aparecerem tão depressa?

Ela pegou algumas folhas em branco e voltou para suas pilhas classificadas. Sentou-se com as pernas cruzadas e desatarraxou a tampa do frasco de tinta.

— A senhora — OreSeur observou, ainda deitado com as patas diante de si — percebeu que acabou de sair da escrivaninha para sentar-se no chão?

Vin ergueu os olhos.

— E?

— Bem, o propósito de uma escrivaninha é escrever.

— Mas meus papéis estão todos aqui.

— Papéis podem ser movidos, acredito eu. Se estiverem muito pesados, a senhora sempre pode queimar peltre para conseguir mais força.

Vin encarou o rosto gozador dele enquanto molhava a ponta de sua pena. *Bem, ao menos está exibindo outro sentimento além da antipatia que tem por mim.*

— O chão é mais confortável.

— Se a senhora diz, senhora, eu acredito que seja verdade.

Ela fez uma pausa, tentando determinar se ele ainda estava zombando dela ou não. *Maldita cara de cachorro*, ela pensou. *Difícil demais de desvendar.*

Com um suspiro, ela se reclinou e começou a escrever a primeira palavra. Precisava fazer cada linha com precisão para que a tinta não borrasse, e tinha de pausar sempre para falar as palavras e encontrar as letras corretas. Ela mal havia escrito algumas frases quando ouviu uma batida na porta. Ergueu a cabeça com uma careta. Quem a incomodava agora?

— Entre — ela gritou.

Ouviu a porta abrir no outro aposento, e a voz de Elend chamou.

— Vin?

— Aqui dentro — ela respondeu, voltando para seus escritos. —Por que bateu?

— Bem, você poderia estar se trocando — ele falou, entrando no quarto.

— E daí?

Elend deu uma risadinha.

— Dois anos e a privacidade ainda é um conceito estranho para você.

Vin ergueu os olhos.

— Bem, eu…

Por um momento muito breve, ela pensou que fosse outra pessoa. Seus instintos foram acionados antes do cérebro, e ela largou a pena por reflexo, saltando em pé e queimando peltre.

Em seguida, parou.

— Uma bela mudança, não é? — Elend perguntou, abrindo os braços para que ela pudesse ver melhor seus trajes.

Vin levou a mão ao peito, tão chocada que pisou numa das pilhas de papel. Era Elend, mas não era. O traje branco e brilhante, com suas linhas finas e figura firme, parecia tão diferente do casaco e das calças normais e folgados. Parecia mais autoritário. Mais régio.

— Você cortou o cabelo — ela disse, caminhando ao redor dele lentamente, examinando o traje.

— Ideia de Tindwyl — ele comentou. — O que acha?

— Menos para o pessoal agarrar numa luta — Vin disse.

Elend sorriu.

— É tudo que você acha?

— Não — Vin falou, distraída, esticando o braço para puxar a capa de Elend. Soltava-se com facilidade, e ela assentiu com a cabeça num sinal de aprovação. As capas de bruma eram iguais; Elend não teria de se preocupar se alguém agarrasse sua capa numa luta.

Ela deu um passo para trás, seus braços cruzados.

— Isso significa que eu posso cortar o meu cabelo também?

Elend fez uma breve pausa.

— Você tem liberdade para fazer o que quiser, Vin. Mas eu acho bonito mais longo.

Então, fica como está.

— Enfim — Elend disse —, você aprova?

— Com certeza — Vin respondeu. — Parece um rei. — Embora ela suspeitasse que uma parte sua sentiria falta daquele Elend desgrenhado, desmazelado. Havia algo de… terno naquela mistura de competência séria e negligência distraída.

— Bom — Elend falou. — Porque eu acho que vamos precisar dessa vantagem. Um mensageiro acabou… — Ele interrompeu a fala e olhou para as pilhas de papel. — Vin? Você estava fazendo *pesquisas*?

Vin ruborizou.

— Só estava investigando o diário, tentando encontrar referências às Profundezas.

— Você estava! — Elend avançou, entusiasmado. Para seu constrangimento, ele encontrou rapidamente o papel com as anotações corridas dela. Ergueu o papel, em seguida olhou para ela. — Você escreveu isso?

— Sim — ela falou.

— Sua caligrafia é linda — ele elogiou, soando um pouco surpreso. — Por que nunca me disse que podia escrever assim?

— Você não estava falando algo sobre um mensageiro?

Elend baixou a folha, olhando de forma estranha como um pai orgulhoso.

— Sim. Um mensageiro do meu pai acabou de chegar. Estou fazendo com que ele espere um pouco… não me pareceu prudente parecer ansioso demais.

Porém, acho que devemos nos reunir com ele.

Vin concordou, acenando para OreSeur. O kandra ergueu e caminhou até o seu lado, e os três saíram dos aposentos dela.

Uma coisa havia de bom sobre livros e anotações. Sempre podiam esperar.

Encontraram o mensageiro esperando no átrio dos Venture do terceiro andar. Vin e Elend entraram, e ela parou de imediato.

Era *ele*. O Vigilante.

Elend avançou para encontrar o homem, mas Vin agarrou seu braço.

— Espere — ela sussurrou.

Elend virou-se, confuso.

Se esse homem tiver atium, Vin pensou com uma pontada de pânico, *Elend vai morrer. Vamos todos morrer.*

O Vigilante estava em pé, em silêncio. Não parecia muito um mensageiro ou emissário. Estava todo de preto, calçava até mesmo um par de luvas pretas. Calças e uma camisa de seda, sem manto ou capa. Ela se lembrava daquele rosto. Era ele.

Mas… ela pensou, *se ele quisesse matar Elend, já o teria feito.* O pensamento a apavorou, ainda assim precisava admitir que era verdade.

— Que foi? — Elend perguntou, parado na entrada com ela.

— Tenha cuidado — ela sussurrou. — Não é um simples mensageiro. Esse homem é um Nascido das Brumas.

Elend parou, franzindo o cenho. Virou-se de volta ao Vigilante, que ainda estava parado, suas mãos unidas atrás das costas, parecendo confiante. Sim, era um Nascido das Brumas; apenas um homem como ele poderia entrar no palácio inimigo, totalmente cercado de guardas, e não ficar nem um pouco inseguro.

— Tudo bem — Elend disse, por fim, entrando no recinto. — Vem em nome de Straff. Trouxe-me uma mensagem?

— Não apenas uma mensagem, Vossa Majestade — respondeu o Vigilante. — Meu nome é Zane, e sou uma espécie de… embaixador. Seu pai ficou muito contente em receber seu convite para uma aliança. Feliz pelo senhor finalmente ter dado ouvidos à razão.

Vin observou o Vigilante, esse “Zane”. Qual era o seu jogo? Por que veio pessoalmente? Por que revelou quem era?

Elend assentiu, mantendo distância de Zane.

— Dois exércitos — Elend falou — acampados à minha porta… bem, não é o tipo de coisa que posso ignorar. Gostaria de me reunir com o meu pai e discutir possibilidades para o futuro.

— Acho que ele ficaria satisfeito com isso — Zane confirmou. — Faz algum tempo desde que ele o viu, e sente muito pelo seu afastamento. Afinal, o senhor é o único filho.

— Tem sido difícil para nós dois — Elend admitiu. — Talvez pudéssemos erguer uma tenda para nos reunirmos fora da cidade?

— Temo que não seja possível — Zane disse. — Sua Majestade certamente teme assassinos. Se deseja falar com ele, ficaria feliz em hospedá-lo na sua tenda, no acampamento Venture.

Elend franziu o cenho.

— Veja, não acho que isso faça muito sentido. Se ele teme assassinos, eu não devo temê-los também?

— Tenho certeza que ele poderia protegê-lo em seu acampamento, Vossa Majestade — Zane disse. — Não precisa temer os assassinos de Cett lá.

— Entendo…

— Temo que Sua Majestade tenha sido bem firme nesse ponto — Zane comentou. — É o senhor que anseia por essa aliança. Se desejar uma reunião, terá de ir até ele.

Elend olhou de relance para Vin. Ela continuava a observar Zane. O homem encontrou os olhos dela e falou.

— Ouvi relatos sobre a bela Nascida das Brumas que acompanha o herdeiro de Venture. A que assassinou o Senhor Soberano e foi treinada pelo Sobrevivente em pessoa.

Houve um silêncio no recinto por um instante.

Por fim, Elend falou.

— Diga ao meu pai que considerarei sua oferta.

Zane finalmente desviou o olhar de Vin.

— Sua Majestade esperava que combinássemos uma data e horário, Vossa Majestade.

— Enviarei outra mensagem quando tiver tomado a minha decisão — Elend respondeu.

— Muito bem — Zane disse, fazendo uma breve mesura, embora tivesse usado o movimento para capturar o olhar de Vin novamente. Em seguida, meneou a cabeça uma vez para Elend, e deixou que os guardas o escoltassem para fora.

Na bruma fria do início da noite, Vin esperou na pequena muralha da Fortaleza Venture, OreSeur sentado ao seu lado.

As brumas estavam tranquilas. Seus pensamentos estavam muito menos serenos.

Para quem mais ele trabalharia?, ela pensou. *Claro que é um dos homens de Straff.*

Aquilo explicava muitas coisas. Um bom tempo transcorrera desde o último encontro; Vin começara a pensar que não veria mais o Vigilante.

Então, combateriam de novo? Vin tentou sufocar a ansiedade, dizer a si mesma que queria encontrar esse Vigilante simplesmente pela ameaça que ele representava. Mas a emoção de outra luta nas brumas – outra chance de testar suas capacidades com um Nascido das Brumas – a deixava tensa pela expectativa.

Não o conhecia, e certamente não confiava nele. Somente isso já deixava a perspectiva de uma luta ainda mais empolgante.

— Por que estamos aguardando aqui, senhora? — OreSeur perguntou.

— Só estamos em patrulha — Vin respondeu. — Vigiando no caso de assassinos e espiões. Como toda noite.

— A senhora ordena que eu acredite, senhora?

Vin lançou-lhe um olhar indiferente.

— Acredite se quiser, kandra.

— Muito bem — OreSeur disse. — Por que a senhora não disse ao rei que lutou com o tal Zane?

Vin voltou para as brumas escuras.

— Assassinos e alomânticos são da minha alçada, não de Elend. Não há necessidade de preocupá-lo ainda… tem problemas o bastante no momento.

OreSeur sentou-se nos quadris.

— Entendo.

— Não acredita que eu esteja certa?

— Acredito se quiser — OreSeur respondeu. — Não foi o que a senhora me ordenou?

— Deixa para lá — Vin disse. Seu bronze estava ativado, e ela precisava se esforçar muito para não pensar no espírito das brumas. Podia senti-lo aguardando na escuridão à sua direita. Não olhou para ele.

O diário nunca mencionou o que acontecera com aquele espírito. Ele quase matou um dos companheiros do Herói. Depois disso, mal havia qualquer outra menção a ele.

Problemas para outra noite, ela pensou quando outra fonte de Alomancia apareceu no seus sentidos de bronze. Mais forte, mais familiar.

Zane.

Vin esperou nas ameias, meneou a cabeça para se despedir de OreSeur, em seguida saltou para dentro da noite.

A bruma girou no céu, brisas diferentes formando correntes silenciosas de branco, como rios no ar. Vin flutuava nelas, irrompia e passeava por elas como uma pedra saltitante lançada sobre as águas. Rapidamente chegou ao local onde ela e Zane separaram-se na última vez, a rua vazia e abandonada.

Ele esperava no centro, ainda vestindo preto. Vin caiu nos paralelepípedos diante dele num farfalhar das franjas da capa de bruma. Ela se ergueu.

Ele nunca usa uma capa. Por que isso?

Os dois ficaram frente a frente por alguns momentos silenciosos. Zane devia saber dos seus questionamentos, mas não ofereceu qualquer apresentação, cumprimento ou explicação. No fim, ele enfiou a mão no bolso e tirou uma moeda. Jogou-a na rua entre eles, e ela ricocheteou – metal tilintando contra pedra – até parar.

Ele saltou no ar. Vin fez o mesmo, os dois empurrando a moeda. Seus pesos distintos quase se neutralizaram, e eles voaram para cima e para trás, como as duas partes de um "V".

Zane girou, jogando uma moeda atrás de si. Ela bateu contra a lateral de um prédio, e ele *empurrou*, lançando-se na direção de Vin. De repente, ela sentiu uma força golpear sua bolsa de moedas, ameaçando jogá-la para o chão.

Qual é o jogo hoje à noite, Zane?, ela pensou ao mesmo tempo em que puxava o laço de sua bolsa, desamarrando-o do cinto. Ela *empurrou-a* e a bolsa despencou, forçada pelo peso de Vin. Quando atingiu o chão, Vin tinha uma força melhor de impulso para cima: estava *empurrando* a bolsa diretamente de cima, enquanto Zane *empurrava* apenas pela lateral. Vin subiu, riscando o ar gelado da noite ao passar por Zane, em seguida jogou seu peso contra as moedas da bolsa do Vigilante.

Zane começou a cair. No entanto, agarrou as moedas – impedindo que elas se soltassem – e *empurrou* a bolsa de Vin. Ele congelou no ar – Vin *empurrando-o* de cima, seu próprio *empurrão* forçando-o para o alto. E, como ele parou, o *empurrão* de Vin a lançou de repente para trás.

Vin soltou Zane e se deixou cair. Zane, no entanto, não se permitiu descer. Ele se *empurrou* de volta para o ar, em seguida começou a ricochetear, sem deixar os pés tocarem os telhados ou paralelepípedos.

Ele tentou me forçar para o chão, Vin pensou. *O primeiro a cair perde, é isso?* Ainda cambaleando, Vin girou no ar. Recuperou sua bolsa com um *puxão*

cuidadoso, em seguida jogou-a no chão e *empurrou-se* para cima.

Ela *puxou* a bolsa de volta para a mão enquanto pairava, depois saltou atrás de Zane, *empurrando-se* de forma afobada pela noite, tentando alcançá-lo. Na escuridão, Luthadel parecia mais limpa que durante o dia. Ela não conseguia ver os prédios manchados de cinzas, as refinarias obscuras, a cerração da fumaça das forjas. Ao seu redor, as fortalezas vazias da antiga alta nobreza observavam como monólitos silentes. Alguns dos prédios majestosos haviam sido dados a nobres menores, e outros transformaram-se em edifícios governamentais. O restante – após ser saqueado por ordem de Elend – permanecia ocioso, seus vitrais escuros, arcos, estátuas e murais ignorados.

Vin não tinha certeza se Zane seguiu de propósito para a Fortaleza Hasting, ou se ela simplesmente o alcançou ali. De qualquer forma, a estrutura enorme surgiu quando Zane percebeu a proximidade dela e virou-se, lançando um punhado de moedas nela.

Hesitante, Vin *empurrou-as*. Conforme esperado, assim que ela as tocou, Zane queimou aço e *empurrou* mais forte. Se ela *empurrasse* com mais firmeza, a força do ataque de Zane a lançaria para trás. Como fizera, ela foi capaz de desviar as moedas para o lado.

Zane, de pronto, *empurrou* a bolsa de moedas dela novamente, lançando-se para cima ao longo de uma das muralhas da Fortaleza Hasting. Vin estava pronta para esse movimento também. Queimando peltre, ela agarrou a bolsa com as duas mãos e rasgou-a ao meio.

As moedas espalharam-se embaixo dela, voando na direção do solo sob a força do *empurrão* de Zane. Ela escolheu uma e *empurrou-se*, ganhando altura assim que a moeda atingiu o chão. Ela girou, olhando para cima, seus ouvidos aguçados pelo estanho escutando uma chuveirada de metais atingindo as pedras lá embaixo. Ainda tinha acesso às moedas, mas não precisava carregá-las junto ao corpo.

Ela se lançou na direção de Zane, uma das torres externas da fortaleza aproximando-se nas brumas à sua esquerda. A Fortaleza Hasting era uma das mais elegantes da cidade. Tinha uma torre grande no centro – alta, imponente, larga – com um salão de baile no terraço. Também tinha seis torres menores erguendo-se equidistantes ao redor da estrutura central, cada uma ligada a ela por uma muralha larga. Era um edifício elegante, majestoso. De alguma forma, ela desconfiava que Zane o procurou por esse motivo.

Vin prestou atenção nele, o *empurrão* perdendo força enquanto ele se afastava demais da moeda-âncora lá embaixo. Girou bem acima dela, uma

figura escura contra o céu cambiante de brumas, ainda bem abaixo do topo da muralha. Vin empurrou com força várias moedas lá embaixo, *puxando-as* no ar em caso de necessidade.

Zane despencou na direção dela. Por reflexo, Vin *empurrou* as moedas da bolsa dele, em seguida percebeu que era provavelmente o que ele queria: lhe deu impulso enquanto forçava-a para baixo. Ela soltou enquanto caíam, e logo passou pelo grupo de moedas que *puxara* no ar. Ela *puxou* uma, trazendo-a até a mão, em seguida *empurrou* outra, enviando-a de lado para a muralha.

Vin lançou-se para o lado. Zane passou zunindo por ela no ar, seu voo fazendo as brumas rodopiarem. Logo ele deu mais um salto, provavelmente usando uma moeda de baixo, e lançou dois punhados de moedas direto para ela.

Vin rodou, novamente desviando as moedas. Elas voaram ao redor dela, e ela ouviu vários tilintares contra alguma coisa escondida pelas brumas atrás dela. Outra muralha. Ela e Zane lutavam entre um par de torres externas da fortaleza; havia uma parede inclinada em cada lado, com a torre central a uma curta distância diante deles. Combatiam perto da ponta de um triângulo de fundo aberto de muralhas de pedra.

Zane jogou-se para cima dela. Vin esticou o braço para lançar seu peso contra ele, mas percebeu com um susto que ele não carregava mais moedas. Porém, estava *empurrando* algo atrás dela – a mesma moeda que Vin esmagara contra a parede com seu peso. Ela se *empurrou* para cima, tentando sair do caminho, mas ele se inclinou para cima também.

Zane chocou-se contra ela, e eles começaram a cair. Enquanto giravam juntos, Zane agarrou-a pelos braços, mantendo o rosto próximo ao dela. Não parecia nervoso, nem mesmo muito enérgico.

Ele parecia apenas calmo.

— É isso que nós somos, Vin — ele disse, baixinho. O vento e a bruma voluteavam ao redor deles enquanto caíam, as franjas da capa de bruma de Vin serpenteando no ar ao redor de Zane. — Por que faz o jogo deles? Por que deixa que lhe controlem?

Vin pousou a mão levemente sobre o peito de Zane, em seguida *empurrou* a moeda que tinha na palma da mão. A força do *empurrão* afastou-a das mãos dele, lançando-o para cima e para trás. Ela se recompôs a poucos metros do chão, *empurrando* as moedas caídas, jogando-se para o alto novamente.

Passou Zane para dentro da noite, e viu um sorriso no rosto enquanto ele caía. Vin esticou os braços para baixo, capturando as linhas azuis estendidas

para o chão lá embaixo, em seguida queimou ferro e *puxou* todas de uma vez. As linhas azuis zuniram ao redor dela, enquanto as moedas subiam rapidamente, passando por um Zane surpreso.

Ela *puxou* algumas moedas ao acaso para as mãos. *Vamos ver se você consegue ficar no ar agora,* Vin pensou com um sorriso, *empurrando-as* para frente, espalhando as outras moedas na noite. Zane continuava a cair.

Vin também começou a cair. Lançou uma moeda de cada lado e *empurrou*. As moedas sumiram na bruma, voando na direção das paredes de pedra de cada lado. As moedas bateram contra a pedra, e Vin inclinou-se até parar no ar.

Ela *empurrou* forte, mantendo-se no lugar, antecipando um *puxão* vindo de baixo. *Se ele* puxar, *eu* puxo *também*, ela pensou. *Vamos cair os dois, e eu mantenho as moedas entre nós no ar. Ele baterá no chão primeiro.*

Uma moeda passou ao lado dela no ar.

Quê? Onde ele conseguiu aquilo? Vin tinha certeza de que havia *empurrado* para longe todas as moedas lá embaixo.

A moeda fez um arco no alto, através das brumas, riscando uma linha azul visível a seus olhos de alomântica. Foi até o alto da muralha à sua direita. Vin olhou para baixo de relance bem a tempo de ver Zane reduzir a velocidade, em seguida subir, *puxando* a moeda que estava agora mantida acima da muralha ao lado da balaustrada de pedra.

Ele a ultrapassou com um olhar satisfeito no rosto.

Exibido.

Vin soltou a moeda à esquerda, enquanto continuava a *empurrar* à direita. Lançou-se à esquerda, quase colidindo com a parede antes de jogar outra moeda nela. Ela a *empurrou*, arremessando-se para cima e à direita. Outra moeda a mandou para trás, para cima e à esquerda, e ela continuou a ricochetear entre as paredes, para trás e para frente, até alcançar o topo.

Ela sorriu enquanto rodopiava no ar. Zane – pairando no ar sobre o topo da muralha – assentiu em reconhecimento quando ela passou. Ela percebeu que ele havia agarrado algumas de suas moedas descartadas.

Hora de atacar um pouco, Vin pensou.

Ela soltou um *empurrão* contra as moedas na mão de Zane, e elas a jogaram para cima. No entanto, Zane ainda estava *empurrando* a moeda no alto da muralha lá embaixo, e assim ele não caiu. Em vez disso, pairou no ar entre as duas forças – seu *empurrão* forçando-o para cima, o *empurrão* de Vin forçando-o para baixo.

Vin ouviu um grunhido de esforço, e *empurrou* com mais força. Porém,

estava tão concentrada que mal viu quando ele abriu a outra mão e *empurrou* uma moeda para cima, na direção dela. Ela estendeu o braço para *empurrar* de novo, mas felizmente ele não mirou bem, e a moeda passou a poucos centímetros dela.

Ou, talvez, não passou. De imediato, a moeda despencou rapidamente e atingiu-a nas costas. Zane deu um *puxão* poderoso na moeda, e o pedaço de metal enterrou-se na pele de Vin. Ela arfou, avivando peltre para impedir que a moeda passasse através dela.

Zane não cedeu. Vin cerrou os dentes, mas o peso dele era maior do que o dela. Ela desceu um pouco na direção dele, a pressão do seu *empurrão* mantendo os dois separados, a moeda enterrando-se dolorosamente nas suas costas.

Nunca entre numa disputa de empurrão pura, Vin, Kelsier a alertara. *Não pesa o bastante, perderá todas as vezes.*

Ela parou de *empurrar* a moeda na mão de Zane. De pronto, ela caiu, *puxada* pela moeda nas costas. Ela a *empurrou* levemente, dando-se um pouco de impulso, em seguida lançou a última moeda para o lado. Ela bateu no último momento, e o *empurrão* de Vin tirou-a da pressão entre Zane e sua moeda.

A moeda de Zane atingiu-o no peito, e ele grunhiu: obviamente estava tentando fazer Vin colidir com ele de novo. Vin sorriu e *puxou* a moeda na mão de Zane.

Darei o que ele quer, eu acho.

Ele se virou a tempo de vê-la cair sobre ele, com os pés primeiro. Vin girou, sentindo-o desabar embaixo dela. Ela se alegrou com a vitória, girando no ar sobre o adarve. Em seguida, percebeu algo: várias linhas azuis fracas desaparecendo à distância. Zane *empurrara* todas as moedas deles para longe.

Em desespero, Vin agarrou uma das moedas e *puxou-a* de volta. Mas foi tarde demais. Ela buscou freneticamente uma fonte próxima de metal, mas tudo era de pedra ou madeira. Desorientada, ela bateu no adarve de pedra, tombando em meio à sua capa de bruma até parar ao lado de uma amurada de pedra.

Ela sacudiu a cabeça e avivou estanho, limpando a visão com um instante de dor e outras sensações. Com certeza, Zane não havia se saído melhor. Ele deve ter caído como…

Zane estava no ar a poucos metros. Encontrara uma moeda – Vin não conseguia imaginar como – e *empurrava-a* embaixo dele. No entanto, ele não disparou para longe. Pairava sobre o topo da muralha, apenas a alguns metros no ar, ainda zonzo com o chute de Vin.

Enquanto Vin observava, Zane girou lentamente no ar, a mão estendida para baixo, girando como um acrobata habilidoso numa trave. Havia um olhar de concentração intensa no rosto do homem, e seus músculos – todos eles, de braços, rosto, peito – estavam tensionados. Virou no ar até encará-la.

Vin observou, pasmada. Era possível *empurrar* apenas levemente uma moeda, regulando a quantidade de força com a qual alguém se lançava para trás. No entanto, era muito difícil – tão difícil que até Kelsier se esfalfava com aquilo. Na maior parte do tempo, os Nascidos da Bruma simplesmente usavam explosões curtas. Quando Vin caiu, por exemplo, ela reduziu a queda lançando uma moeda e empurrando-a de forma rápida – mas poderosa – para neutralizar sua velocidade.

Nunca vira um alomântico com tanto controle quanto Zane. Sua capacidade de *empurrar* uma moeda levemente seria de pouco uso numa luta; era óbvio que custava muita concentração. Ainda assim, havia uma graça naquilo, uma beleza em seus movimentos que insinuava algo que a própria Vin sentira.

A Alomancia não era apenas luta e assassinato. Era também habilidade e graça. Era algo belo.

Zane girou até ficar de cabeça para cima, em pé, numa postura de cavalheiro. Em seguida, saltou no adarve, os pés estalando baixo contra as pedras. Ele observou Vin – que ainda estava caída nas pedras – com um olhar sem qualquer desprezo.

— Você é muito habilidosa — ele disse. — E poderosa.

Ele era alto, imponente. *Como… Kelsier*.

— Por que foi ao palácio hoje? — ela perguntou, erguendo-se.

— Para ver como eles a tratavam. Diga-me, Vin, o que há conosco, Nascidos da Bruma, que faz termos tanta disposição para agir como escravos dos outros, apesar de nossos poderes?

— Escravos? — Vin surpreendeu-se. — Não sou escrava.

Zane sacudiu a cabeça.

— Eles usam você, Vin.

— Às vezes é bom ser útil.

— Essa é a voz da insegurança.

Vin hesitou, em seguida encarou-o.

— De onde tirou aquela moeda, no fim das contas? Não havia nenhuma por perto.

Zane sorriu, em seguida abriu a boca e tirou uma moeda. Soltou-a nas pedras com um tilintar. Vin arregalou os olhos. *Metal dentro do corpo de uma pessoa*

não pode ser usado por outro alomântico… Que truque fácil! Por que não pensei nisso?

Por que Kelsier não pensou nisso?

Zane sacudiu a cabeça.

— Não pertencemos a eles, Vin. Não pertencemos ao *mundo* deles. Somos daqui, das brumas.

— Pertenço àqueles que me amam — Vin retrucou.

— Amam você? — Zane perguntou em voz baixa. — Me diz uma coisa. Eles entendem você, Vin? E um homem pode amar algo que não entende?

Ele a observou por um momento. Como não obtivera nenhuma resposta, ele meneou a cabeça levemente para Vin, em seguida *empurrou* a moeda que deixara cair num momento antes, lançando-se de volta para as brumas.

Vin deixou-o partir. Suas palavras tinham mais peso do que ele provavelmente entendia. *Não pertencemos ao mundo deles…* Ele não poderia saber que ela estava ponderando sobre sua posição, perguntando-se se era nobre, assassina ou outra coisa.

As palavras de Zane, então, tinham importância. Ele se sentia um estrangeiro. Um pouco como ela. Decerto, era a sua fraqueza. Talvez ela pudesse virá-lo contra Straff – seu desejo de lutar com ela, sua prontidão para se revelar, insinuava aquilo.

Ela respirou profundamente o ar frio, brumoso, e seu coração ainda palpitava pela conversa. Sentia-se cansada, ainda que desperta, por lutar com alguém que poderia de fato ser melhor do que ela. Em pé nas brumas, no alto da muralha de uma fortaleza abandonada, ela tomou uma decisão.

Tinha de continuar lutando com Zane.

Se ao menos as Profundezas não tivessem vindo quando vieram, trazendo uma ameaça que levou homens ao desespero, tanto em atos quanto em crenças.

18

— Mate-o — Deus sussurrou.

Zane pairava em silêncio nas brumas, olhando através das portas abertas da sacada da Fortaleza Venture. As brumas rodopiavam ao redor dele, ocultando-o das vistas do rei.

— Você deveria matá-lo — Deus disse novamente.

Por um lado, Zane odiava Elend, embora nunca tivesse encontrado o homem antes daquele dia. Elend era tudo que Zane deveria ter sido. Favorecido. Privilegiado. Mimado. Era inimigo de Zane, um obstáculo na estrada para a dominação, aquilo que impedia Straff – e, portanto, Zane – de governar o Domínio Central.

Mas também era irmão de Zane.

Zane deixou-se cair através das brumas, pousando em silêncio no terreno do lado de fora da Fortaleza Venture. *Puxou* suas âncoras até as mãos – três pequenas barras que ele estivera *empurrando* para se manter no lugar. Vin voltaria logo, e ele não queria estar perto da fortaleza quando ela chegasse. Ela contava com uma estranha capacidade de saber onde ele estava; seus sentidos eram muito mais aguçados do que qualquer alomântico que ele combatera ou conhecera. Claro, tinha sido treinada pelo Sobrevivente em pessoa.

Eu gostaria de tê-lo conhecido, Zane pensou, enquanto se movia silenciosamente através do pátio. *Era um homem que entendia a força de ser um Nascido das Brumas. Um homem que não deixava que outros o controlassem.*

Um homem que fez o que devia ser feito, não importa o quanto parecesse brutal. Ou assim diziam os rumores.

Zane fez uma pausa ao lado da muralha externa da fortaleza, embaixo de um arcobotante. Inclinou-se, removendo um paralelepípedo, e encontrou a mensagem deixada lá por seu espião dentro do palácio de Elend. Zane

recolheu-a, devolveu o paralelepípedo, em seguida jogou uma moeda e lançou-se para fora, noite adentro.

Zane não se esgueirava. Nem rastejava, espreitava ou se encolhia. Na verdade, ele nem mesmo gostava de se esconder.

Assim, aproximou-se do acampamento do exército de Venture com passos largos e determinados. Ele sentia que os Nascidos da Bruma passavam muito de sua existência às escondidas. Verdade que o anonimato oferecia um pouco de liberdade limitada. Contudo, sua experiência era que isso os restringia mais que libertava. Permitia que fossem controlados, e deixava que a sociedade fingisse que eles não existiam.

Zane caminhou na direção de um posto de guarda, onde dois soldados estavam sentados ao lado de uma grande fogueira. Ele sacudiu a cabeça: eram praticamente inúteis, cegos pela luz do fogo. Homens normais temiam as brumas, e isso fazia deles menos valiosos. Não era arrogância, era um simples fato. Alomânticos eram mais úteis e, por isso, mais valiosos que homens normais. Era por isso que Zane tinha Olhos de Estanho observando na escuridão também. Esses soldados regulares estavam ali mais por formalidade do que qualquer outra coisa.

— Mate-os — Deus ordenou quando Zane foi até o posto de guarda. Zane ignorou a voz, embora aumentasse cada vez mais e fosse mais difícil de ignorar.

— Alto lá! — um dos guardas disse, baixando a lança. — Quem está aí?

Zane *empurrou* a lança casualmente, erguendo a ponta.

— Quem mais seria? — ele bronqueou, caminhando até a fogueira.

— Lorde Zane! — o soldado exclamou.

— Chamem o rei — Zane ordenou, passando pelo posto de guarda. — Digam para me encontrar na tenda de comando.

— Mas, milorde — o guarda falou. — Já está tarde. Sua Majestade provavelmente está…

Zane virou-se, lançando ao guarda um olhar indiferente. As brumas rodeavam-no. Zane nem precisou usar a Alomancia emocional no soldado; o homem simplesmente fez uma saudação e correu para dentro da noite para fazer o que fora ordenado.

Zane atravessou o campo a passos largos. Não usava uniforme ou capa de bruma, mas os soldados paravam e saudavam quando ele passava. *Assim* é que deveria ser. Eles o conheciam, sabiam quem ele era, sabiam que deveriam respeitá-lo.

E, ainda assim, parte dele reconhecia que, se Straff não tivesse mantido seu filho ilegítimo escondido, Zane não poderia ser a arma poderosa que era. Aquele segredo havia forçado Zane a ter uma vida próxima da miséria, enquanto seu meio-irmão, Elend, fora privilegiado. Mas isso também significava que Straff fora capaz de manter Zane escondido por grande parte de sua vida. Mesmo assim, embora crescessem os rumores sobre a existência do Nascido das Brumas de Straff, poucos percebiam que Zane era filho de Straff.

Além disso, a vida difícil ensinara Zane a sobreviver sozinho. Tornara-se robusto e poderoso. Ele desconfiava que Elend nunca entenderia isso. Infelizmente, um efeito colateral de sua infância foi que ela aparentemente o enlouquecera.

— Mate-o — Deus sussurrou quando Zane passou por outro guarda. A voz falava todas as vezes que ele via uma pessoa – era a companhia constante e silenciosa de Zane. Ele entendia que era louco. Considerando todos os fatos, não era tão difícil de determiná-lo. Pessoas normais não ouviam vozes. Zane ouvia.

Porém, ele não achava a insanidade uma desculpa para comportamentos irracionais. Alguns homens eram cegos, outros tinham temperamento difícil. Outros ainda ouviam vozes. No fim das contas, era tudo a mesma coisa. Um homem não era definido por suas falhas, mas pela maneira que as superava.

E, assim, Zane ignorava a voz. Matava quando queria, não quando ela ordenava. Em sua estimativa, ele era na verdade bastante afortunado. Outros insanos tinham visões ou eram incapazes de distinguir suas ilusões da realidade. Zane, ao menos, conseguia controlar-se.

Na maioria das vezes.

Ele *empurrou* as presilhas de metal nas abas da tenda de comando, que se dobraram para trás, abrindo-se para ele enquanto os soldados nos dois lados da porta saudavam. Zane abaixou-se para entrar.

— Milorde! — disse o oficial de comando da vigilância noturna.

— Mate-o — Deus disse. — Ele não é tão importante.

— Papel — Zane ordenou, caminhando até a grande mesa do recinto. O oficial correu para cumprir a ordem, agarrando uma pilha de folhas. Zane *puxou* a ponta de uma pena, fazendo-a voar pelo aposento até sua mão, que aguardava no ar. O oficial trouxe a tinta.

— Estas são as concentrações de tropa e as patrulhas noturnas — Zane falou, anotando alguns números e diagramas no papel. — Eu os observei à noite, enquanto estive em Luthadel.

— Muito bem, milorde — o soldado disse. — Sua ajuda é valiosa.

Zane fez uma pausa. Em seguida, lentamente, continuou a escrever.

— Soldado, você não é meu superior. Nem sequer é meu igual. Não estou "ajudando" você. Estou cuidando das necessidades do meu exército. Entendeu?

— Claro, milorde.

— Bom — Zane falou, terminando suas anotações e entregando o papel ao soldado. — Agora, saia… ou farei como um amigo sugeriu e enfiarei essa pena na sua garganta.

O soldado aceitou o papel, em seguida retirou-se rapidamente. Zane esperava, impaciente. Straff não chegava. Por fim, Zane xingou em voz baixa, empurrou as abas da tenda para que abrissem e saiu com passos firmes. A tenda de Straff era um farol vermelho brilhante na noite, bem iluminada por muitos lampiões. Zane passou pelos guardas, que sabiam que era melhor não incomodá-lo, e entrou na tenda do rei.

Straff estava em meio a um jantar tardio. Era um homem alto, cabelos castanhos como os dos filhos – os dois importantes, ao menos. Tinha mãos finas de nobre, que usava para comer com refinamento. Não reagiu quando Zane entrou.

— Está atrasado — Straff falou.

— Mate-o — Deus insistiu.

Zane cerrou os punhos. Aquele comando era o mais difícil de ignorar.

— Sim — ele falou. — Estou atrasado.

— O que aconteceu esta noite? — Straff perguntou.

Zane olhou de relance para os serviçais.

— Deveríamos conversar sobre isso na tenda de comando.

Straff continuou a bebericar a sopa, ficando onde estava, insinuando que Zane não tinha poder para lhe dar ordens. Era frustrante, mas nada inesperado. Zane usara praticamente a mesma tática com o oficial da guarda noturna momentos antes. Aprendera com o melhor.

Por fim, Zane suspirou e ocupou uma cadeira. Descansou os braços na mesa, girando de forma indolente uma faca de jantar enquanto observava seu pai comer. Um serviçal aproximou-se e perguntou se Zane gostaria de jantar, mas ele dispensou o homem com um aceno.

— Mate Straff — Deus ordenou. — Você deveria estar no lugar dele. É mais forte que ele. É mais competente.

Mas não sou são, Zane pensou.

— Bem? — Straff perguntou. — Eles têm ou não o atium do Senhor

Soberano?

— Não tenho certeza — Zane disse.

— A garota confia em você? — Straff quis saber.

— Está começando a confiar — Zane respondeu. — Eu a vi usando atium, naquela vez, combatendo os assassinos de Cett.

Straff assentiu com a cabeça, pensativo. Era realmente competente; por causa dele, o Domínio do Norte evitara o caos que prevalecia no restante do Império Final. Os skaa de Straff permaneceram sob controle, seus nobres reprimidos. Verdade que ele fora forçado a executar muitas pessoas para provar que estava no comando. Mas fez o que precisava ser feito. Esse era um atributo que Zane respeitava acima de todos os outros em um homem.

Especialmente por ter tido problemas em demonstrá-lo.

— *Mate-o!* — Deus gritou. — Você o odeia! Manteve você na miséria, forçou você a lutar pela sobrevivência quando criança.

Ele me fez forte, Zane pensou.

— Então use essa força para matá-lo!

Zane levantou a faca de carne da mesa. Straff ergueu os olhos do jantar, em seguida se encolheu apenas levemente quando Zane feriu a carne do próprio braço. Abriu um corte longo no alto do antebraço, arrancando sangue. A dor ajudava-o a resistir à voz.

Straff observou por um momento, em seguida acenou para um serviçal trazer uma toalha a Zane para que não pingasse sangue no tapete.

— Você precisa fazê-la usar atium novamente — Straff comentou. — Elend talvez tenha conseguido reunir uma ou duas contas. Só saberemos a verdade se ela ficar sem atium. — Ele fez uma pausa, voltando-se para a refeição. — Na verdade, o que você precisa é fazer com que ela diga onde fica escondido o estoque, se o tiverem mesmo.

Zane sentou-se, observando o sangue escorrer do corte no antebraço.

— Ela é mais hábil do que você pensa, pai.

Straff ergueu uma sobrancelha.

— Não me diga que você acredita nessas histórias, Zane? As mentiras sobre ela e o Senhor Soberano?

— Como sabe que são mentiras?

— Por causa de Elend — Straff falou. — Aquele garoto é um tolo; ele controla Luthadel apenas porque todo nobre com meio cérebro na cabeça fugiu da cidade. Se aquela garota fosse poderosa o bastante para derrotar o Senhor Soberano, sinceramente duvido que seu irmão pudesse sequer ter ganhado sua

lealdade.

Zane fendeu outro pedaço do braço. Não cortava fundo o suficiente para causar um dano real, e a dor funcionava como de costume. Straff finalmente desviou o rosto do jantar, fazendo uma careta de desconforto. Uma parte pequena e deturpada de Zane sentia prazer em ver aquela expressão nos olhos de seu pai. Talvez fosse um efeito colateral de sua insanidade.

— Seja como for — Straff falou —, você encontrou Elend?

Zane assentiu. Voltou-se para uma serviçal.

— Chá — ele falou, acenando com o braço não cortado. — Elend ficou surpreso. Queria reunir-se com você, mas obviamente não gostou da ideia de vir até seu acampamento. Duvido que virá.

— Talvez — Straff comentou. — Mas não subestime a tolice do garoto. Talvez agora ele entenda como nosso relacionamento será daqui em diante.

Tanta dissimulação, Zane pensou. Ao enviar esta mensagem, Straff tomou uma posição: ele não receberia ordens, ou seria perturbado, em nome de Elend.

Mas ser forçado a um cerco perturbou você, Zane pensou com um sorriso. O que Straff teria gostado de fazer era atacar diretamente, tomando a cidade sem reunião ou negociações. A chegada do segundo exército tornou isso impossível. Se atacasse naquele momento, Straff seria derrotado por Cett.

Isso significava esperar, esperar num cerco, até Elend ouvir a razão e juntar-se ao seu pai voluntariamente. Porém, esperar era algo que Straff odiava. Zane não se importava tanto. Teria mais tempo para enfrentar a garota. Ele sorriu.

Quando o chá chegou, Zane fechou os olhos, em seguida queimou estanho para aguçar seus sentidos. Suas feridas reavivaram-se mais, dores menores aumentaram, despertando-o com um choque.

Havia uma parte de tudo isso que ele não disse a Straff. *Ela virá a confiar em mim*, ele pensou. *E tem algo mais sobre ela. Ela é como eu. Talvez… ela pudesse me entender.*

Talvez ela pudesse me salvar.

Ele suspirou, abrindo os olhos e usando a toalha para limpar o braço. Sua insanidade o assustava às vezes. Mas ela parecia enfraquecer quando estava perto de Vin. Tudo que ele precisava era continuar por ora. Aceitou a xícara da serviçal – trança longa, peito firme, feições feiosas – e tomou um gole do chá de canela quente.

Straff ergueu sua xícara, em seguida hesitou, farejando delicadamente. Ele encarou Zane.

— Chá envenenado, Zane?

Zane não disse palavra.

— E com betulargo — Straff observou. — Sua falta de originalidade é deprimente.

Zane não disse nada.

Straff fez um movimento de corte na altura do pescoço. A garota ergueu os olhos aterrorizada quando um dos guardas de Straff caminhou na sua direção. Ela olhou para Zane, esperando algum tipo de ajuda, mas ele apenas desviou o olhar. Ela gritou de forma patética quando o guarda arrastou-a para ser executada.

Ela queria uma chance de matá-lo, ele pensou. *Eu lhe disse que provavelmente não funcionaria.*

Straff apenas sacudiu a cabeça. Embora não fosse um Nascido das Brumas completo, o rei era um Olho de Estanho. Ainda assim, mesmo para alguém com essa capacidade, farejar betulargo em meio à canela era um feito impressionante.

— Zane, Zane… — Straff começou a falar. — O que você faria se conseguisse mesmo me matar?

Se eu quisesse mesmo matá-lo, Zane pensou, *eu usaria essa faca, e não veneno*. Porém, ele deixou Straff pensar o que quisesse. O rei esperava tentativas de assassinato. Então, Zane as preparava.

Straff ergueu uma coisa, uma pequena conta de atium.

— Eu ia te dar isso, Zane. Mas vejo que teremos de esperar. Precisa parar com esses atentados tolos à minha vida. Se alguma vez lograr êxito, onde conseguiria seu atium?

Straff não entendia, claro. Pensava que atium era como uma droga, e supunha que os Nascidos da Bruma apreciavam usá-lo.

Portanto, ele pensava que podia controlar Zane com ele. Zane deixava que o homem continuasse com seu mal-entendido, sem explicar que ele tinha seu próprio estoque pessoal do metal.

Isso, no entanto, levou-o a encarar a questão real que dominava sua vida. Os sussurros de Deus estavam voltando, agora que a dor cedia. E, de todas as pessoas sobre as quais a voz sussurrava, Straff Venture era aquele que mais merecia morrer.

— Por quê? — Deus perguntou. — Por que você não o mata?

Zane baixou os olhos. *Porque ele é meu pai*, ele pensou, finalmente admitindo sua fraqueza. Outros homens faziam o que tinham de fazer. Eram mais fortes que Zane.

— Você é louco, Zane — Straff falou.

Zane ergueu os olhos.

— Acha mesmo que poderia conquistar o império sozinho, caso me matasse? Considerando sua… doença particular, acha que poderia governar até mesmo uma cidade?

Zane desviou o olhar.

— Não.

Straff assentiu.

— Fico feliz que nós dois entendemos isso.

— Você deveria simplesmente atacar — Zane retrucou. — Podemos encontrar o atium depois que controlarmos Luthadel.

Straff sorriu, em seguida bebericou o chá. O chá *envenenado.*

Mesmo que não quisesse, Zane teve um sobressalto, empertigando-se na cadeira.

— Não ouse pensar que sabe o que estou planejando, Zane — Straff retorquiu. — Não entende *metade* do que supõe.

Zane ficou quieto, observando o pai beber o restante do chá.

— E o seu espião? — Straff perguntou.

Zane deixou a anotação na mesa.

— Está preocupado que eles possam desconfiar dele. Não encontrou informação alguma sobre o atium.

Straff meneou com a cabeça, pousando a xícara vazia.

— Você voltará à cidade e continuará a se aproximar da garota.

Zane assentiu lentamente, em seguida virou-se e saiu da tenda.

Straff achou que já estava sentindo o betulargo atravessar suas veias, fazendo-o tremer. Forçou-se a permanecer no controle. Esperou alguns momentos.

Assim que teve certeza de que Zane estava distante, chamou um guarda.

— Traga-me Amaranta! — Straff ordenou. — Rápido!

O soldado correu para atender o pedido do mestre. Straff ficou sentado, quieto. A tenda farfalhava à brisa da noite, e um jorro de brumas flutuava para o chão da aba da tenda antes aberta. Ele avivou estanho, aguçando seus sentidos. Sim… conseguia sentir o veneno dentro de si. Anestesiando seus nervos. Porém, tinha tempo. Cerca de uma hora, talvez; então relaxou.

Para um homem que alegava não querer matar Straff, Zane certamente envidava muitos esforços tentando. Felizmente, Straff tinha uma ferramenta

que Zane não conhecia – uma que vinha na forma de uma mulher. Straff sorriu quando os ouvidos aguçados pelo estanho escutaram passos aproximando-se na noite.

Os soldados fizeram Amaranta entrar logo. Straff não trouxera todas as suas concubinas consigo na viagem – apenas dez ou quinze favoritas. Em meio àquelas com quem atualmente se deitava, no entanto, havia algumas mulheres que ele mantinha mais por sua eficiência que pela beleza. Amaranta era um bom exemplo. Ela fora muito atraente uma década antes, mas agora estava se arrastando para os trinta anos. Seus seios começaram a perder a firmeza pelo parto, e cada vez que Straff olhava para ela, percebia as rugas que estavam aparecendo na sua testa e ao redor dos olhos. Livrava-se da maioria das mulheres muito antes de elas alcançarem sua idade.

Aquela, contudo, tinha habilidades que eram úteis. Se Zane ouvisse que Straff mandara buscar a mulher naquela noite, pensaria que simplesmente queria deitar-se com ela. E estaria errado.

— Milorde — Amaranta disse, ajoelhando-se. Ela começou a tirar a túnica.

Bem, ao menos é otimista, Straff pensou. Ele pensara que, após quatro anos sem ser chamada para sua cama, ela entenderia. As mulheres não percebiam quando eram velhas demais para ser atraentes?

— Fique com as roupas, mulher — ele repreendeu.

A expressão de Amaranta desabou, e ela pousou as mãos no colo, deixando o vestido meio desabotoado e um seio à mostra – como se tentasse provocá-lo com sua nudez envelhecida.

— Preciso do seu antídoto — ele falou. — Rápido.

— Qual deles, milorde? — ela perguntou. Não era a única herborista que Straff mantinha; ele aprendera os cheiros e gostos com quatro pessoas diferentes. No entanto, Amaranta era a melhor.

— Betulargo — Straff falou. — E… talvez algo mais. Não tenho certeza.

— Outra poção geral, então, milorde? — Amaranta perguntou.

Straff assentiu com brevidade. Amaranta ergueu-se, caminhou até o gabinete de poções. Acendeu um fogareiro ao lado, ferveu uma panelinha com água enquanto misturava agilmente pós, ervas e líquidos. O preparado era sua especialidade – uma mistura de todos os antídotos para venenos, remédios e reagentes no seu repertório. Straff suspeitava que Zane havia usado betulargo para encobrir outra coisa. No entanto, fosse o que fosse, o preparado de Amaranta cuidaria daquilo – ou ao menos o identificaria.

Straff aguardou no desconforto enquanto Amaranta trabalhava, ainda

seminua. A mistura precisava ser preparada na hora, mas valia a pena a espera. No fim, ela trouxe a caneca fumegante. Straff tomou, forçando-se a engolir o líquido acre, apesar do amargor. De imediato, ele começou a sentir-se melhor.

Suspirou – outra armadilha evitada – enquanto tomava o resto da caneca para garantir. Amaranta ajoelhou-se novamente, esperançosa.

— Saia — Straff ordenou.

Amaranta assentiu, em silêncio. Enfiou o braço de volta na manga do vestido, em seguida retirou-se da tenda.

Straff ficou sentado, matutando, o copo vazio esfriando nas mãos. Sabia que estava na vantagem. Contanto que parecesse forte diante de Zane, o Nascido das Brumas continuaria a fazer o que ele mandasse.

Provavelmente.

Se ao menos eu tivesse ignorado Alendi quando buscava um assistente, tantos anos atrás.

19

Sazed abriu sua última mente de aço. Ele a ergueu, a faixa de metal, como um bracelete, reluzia à luz vermelha do sol. Para outro homem, poderia parecer valioso. Para Sazed, era apenas outra casca vazia – um simples bracelete de aço. Poderia recarregá-lo se quisesse, mas por ora não o considerava um peso que valesse levar.

Com um suspiro, ele soltou o bracelete. Caiu com um retinido, lançando cinzas do chão para o alto. *Cinco meses de armazenagem, passando um dia a cada cinco com minha velocidade drenada, meu corpo movendo-se como se impedido por um melaço espesso. E, agora, tudo está acabado.*

A perda, no entanto, trouxera algo valioso. Em apenas seis dias de viagem, usando mentes de aço de vez em quando, tinha viajado o equivalente a seis semanas de caminhada. De acordo com sua mente de cobre cartográfica, Luthadel estava a pouco mais de uma semana de distância. Sazed sentia-se bem com aquele gasto. Talvez tivesse reagido com exagero às mortes que encontrou no vilarejo a sul. Talvez não houvesse necessidade para se apressar. Mas ele criara a mente de aço para ser usada.

Ele ergueu a bolsa, que estava muito mais leve do que antes. Embora muitas das suas mentes de metal fossem pequenas, juntas ficavam pesadas. Decidira descartar algumas das menos valiosas ou menos cheias enquanto corria. Bem como o bracelete de aço, que ficou lá atrás, nas cinzas, quando ele prosseguiu.

Sem dúvida, estava no Domínio Central agora. Passou Faleast e Tyrian, duas das Montanhas de Cinzas a norte. Tyrian ainda era visível a sul – um pico alto e solitário com um topo cortado, escurecido. A paisagem ficara plana, as árvores mudando dos pinheiros marrons esparsos para os choupos brancos esguios comuns ao redor de Luthadel. Os choupos erguiam-se como ossos crescendo do solo preto, agrupados, suas cascas branco-cinzentas riscadas e retorcidas. Eles…

Sazed parou. Estavam perto do canal central, uma das principais rotas para Luthadel. O canal não tinha barcos no momento; os viajantes eram raros naqueles dias, ainda mais raros que durante o Império Final, pois os bandidos ficaram muito mais comuns. Sazed ultrapassara vários grupos deles durante sua fuga apressada para Luthadel.

Não, viajantes solitários eram raros. Exércitos eram muito mais comuns – e, a julgar pelas dúzias de rastros de fumaça que ele via erguendo-se diante dele, tinha se deparado com um. Ficava bem entre ele e Luthadel.

Ele pensou, quieto, por um momento, os flocos de cinza começando a cair levemente ao seu redor. Era meio-dia; se aquele exército tivesse batedores, Sazed teria muita dificuldade para desviar-se dele. Além disso, suas mentes de aço estavam vazias. Não seria capaz de correr da perseguição.

E, ainda assim, um exército a uma semana de Luthadel… De quem era, e que ameaça representava? Sua curiosidade, a curiosidade de um erudito, incitava-o a buscar uma posição vantajosa da qual examinaria as tropas. Vin e os outros poderiam usar quaisquer informações que ele reunisse.

Decisão tomada, Sazed localizou um monte com uma proteção particularmente grande de choupos. Soltou a bolsa na base de uma árvore, em seguida tirou uma mente de ferro e começou a preenchê-la. Sentiu a sensação familiar de diminuição de peso, e subiu facilmente ao topo da árvore fina – seu corpo agora era leve o bastante para que não precisasse de muita força para se erguer.

Pendurado na ponta da árvore, Sazed acionou sua mente de estanho. As margens da visão embotaram-se, como sempre, mas com a visão aumentada conseguia divisar detalhes sobre o grande grupo instalado numa depressão diante dele.

Estava certo: era um exército. Mas errado em pensar que era formado por homens.

— Pelos deuses esquecidos… — Sazed sussurrou, tão chocado que quase despencou da árvore. O exército era organizado da maneira mais simplista e primitiva. Não havia tendas, nem veículos, tampouco cavalos. Apenas centenas de fogueiras imensas, cada qual cercada por aquelas figuras.

E essas figuras eram de um azul profundo. Variavam muito de tamanho: algumas tinham apenas um metro e meio, outras eram imensas e pesadas com três metros ou mais. Eram da mesma espécie. Sazed sabia. Koloss. As criaturas – apesar de semelhantes aos homens em sua forma básica – nunca paravam de crescer. Simplesmente continuavam a ficar maiores ao passo que envelheciam,

crescendo até seu coração não mais aguentar. Então morriam, assassinadas pelo próprio destino de crescer infinitamente.

Mas antes de morrer, elas ficavam bem grandes. E muito perigosas.

Sazed desceu da árvore, fazendo seu corpo ficar leve o bastante para atingir o solo com suavidade. Apressou-se a vasculhar suas mentes de cobre. Quando encontrou o que queria, amarrou no antebraço esquerdo, em seguida subiu novamente na árvore.

Procurou rapidamente um índice. Em algum lugar, havia tomado notas em um livro sobre os koloss – ele os estudara para tentar concluir se as criaturas tinham uma religião. Pediu a alguém que repetisse suas anotações para ele, por isso conseguiu armazená-las na mente de cobre. Memorizara o livro também, claro, mas colocar tanta informação direto na mente arruinaria o…

Aqui, ele pensou, recuperando as notas. Acionou-as da mente de cobre, enchendo sua mente com o conhecimento.

A maioria dos corpos de koloss exauria-se antes de alcançar os vinte anos de idade. As criaturas mais "velhas" com frequência ultrapassavam os três metros e meio de altura, com corpos atarracados e poderosos. No entanto, poucos koloss viviam tanto – e não apenas por insuficiência cardíaca. Sua sociedade, se pudesse ser chamada assim, era extremamente violenta.

O entusiasmo de repente sobrepujou a apreensão, e Sazed acionou o estanho para a visão outra vez, buscando entre os milhares de humanoides azuis, tentando ter uma prova visual do que lera. Não era difícil encontrar brigas. Escaramuças ao redor das fogueiras pareciam comuns e, interessante, sempre eram entre koloss de quase o mesmo tamanho.

Sazed ampliou a visão ainda mais – agarrando-se à árvore com força para superar a náusea – e deu sua primeira boa olhada em um koloss.

Era uma criatura menor, talvez com um metro e oitenta. Tinha o formato de um homem, dois braços e duas pernas, mas o pescoço mal se distinguia. Era totalmente careca. A característica mais estranha, contudo, era a pele azul, que pendia solta e enrugada. A criatura parecia um homem gordo que, com a drenagem de toda a sua gordura, ficou com pele sobrando.

E… a pele não parecia estar muito bem *conectada.* Ao redor dos olhos vermelhos e injetados da criatura, a pele caía, revelando os músculos faciais. O mesmo se dava ao redor da boca: a pele despencava alguns centímetros para baixo do queixo, deixando os dentes inferiores e a mandíbula completamente expostos.

Era uma visão de embrulhar o estômago, especialmente para quem já estava

nauseado. As orelhas da criatura eram caídas, sacudindo-se abaixo da linha do queixo. O nariz era disforme e solto, sem cartilagem para ampará-lo. A pele das pernas e dos braços da criatura sacudia como bolsas, e sua única vestimenta era uma tanga de tecido cru.

Sazed virou-se, escolhendo uma criatura maior – uma com talvez dois metros e meio – para examinar. A pele nessa fera não era tão solta, mas ainda não parecia encaixar-se direito. O nariz era torcido num ângulo deformado, como se empurrado no rosto pela cabeça enorme que se equilibrava num pescoço rombudo. A criatura virou-se para olhar com maldade para um companheiro e, novamente, a pele ao redor da boca não se encaixava: os lábios não fechavam por completo, e as órbitas dos olhos eram grandes demais, expondo os músculos atrás delas.

Como… uma pessoa usando uma máscara feita de pele, Sazed pensou, tentando evitar o nojo. *Então… o corpo continua a crescer, mas a pele não?*

Ele confirmou esse fato quando um dos animais imensos, com três metros de altura, entrou no grupo. Os menores espalharam-se diante desse recém-chegado, que se aproximou da fogueira onde vários cavalos estavam sendo assados.

A pele da criatura maior estava tão esticada que começava a se romper. A carne sem pelos havia rasgado ao redor dos olhos, nos cantos da boca e em volta dos músculos imensos do peito. Sazed conseguia ver pequenas linhas de sangue vermelho pingando das costelas. Mesmo onde a pele não estava rompida, estava bem esticada – o nariz e as orelhas eram tão achatados que mal se distinguia da pele ao redor deles.

De repente, a análise de Sazed não parecia tão acadêmica. Os koloss tinham vindo para o Domínio Central. Criaturas tão violentas e incontroláveis que o Senhor Soberano fora forçado a mantê-los longe da civilização. Sazed extinguiu sua mente de estanho, recebendo de bom grado a visão normal. Precisava chegar a Luthadel e avisar os outros. Se eles…

Sazed ficou paralisado. Um problema de aumentar sua visão era que, por um tempo, perdia a capacidade de ver de perto – então não era estranho que não tivesse percebido a patrulha de koloss cercando os choupos.

Pelos deuses esquecidos! Ele se segurou firme na árvore, pensando rápido. Vários koloss já estavam prontos para abrir caminho até o bosque. Se descesse, estaria lento demais para escapar. Como sempre, usava uma mente de peltre; poderia facilmente ficar tão forte quanto dez homens e manter essa força por um bom tempo. Poderia lutar, talvez…

Mas os koloss carregavam espadas toscas, porém imensas. As notas de Sazed, sua memória e sua curiosidade concordavam em um ponto: os koloss eram guerreiros muito poderosos. Com a força de dez homens ou não, Sazed não teria habilidade para derrotá-los.

— Desça — uma voz profunda e arrastada chamou de baixo. — Desça agora.

Sazed olhou para baixo. Um koloss grande com a pele começando a esticar estava aos pés da árvore. Chacoalhou o choupo.

— Desça agora — a criatura repetiu.

Os lábios não funcionam bem, Sazed pensou. *Parece um homem tentando falar sem mover os lábios.* Não se surpreendeu pelo fato de a criatura conseguir falar, pois suas notas mencionavam isso, mas sim pela calma com que ela falava.

Eu poderia correr, ele pensou. Poderia se manter nas copas dar árvores, talvez cruzando a distância entre os grupos de choupos largando as mentes de metal e tentando pairar nas rajadas de vento. Mas seria muito difícil – e muito imprevisível.

E precisaria deixar suas mentes de cobre – mil anos de história – para trás.

Então, mente de peltre pronta caso ele precisasse de força, Sazed soltou a árvore. O líder koloss – Sazed podia supor apenas que era ele – observou Sazed descer com um olhar injetado. A criatura não piscava. Sazed imaginou se sequer *podiam* piscar com a pele esticada daquele jeito.

Sazed caiu no chão ao lado da árvore com um baque, em seguida esticou o braço para pegar a bolsa.

— Não — o koloss rosnou, agarrando a bolsa com um sacudir de braço com agilidade sobre-humana. Os terrisanos eram altos – especialmente os eunucos terrisanos – e era muito desconcertante parecer baixinho ao lado dessa criatura bestial, com muito mais de dois metros de altura, pele azul-escura, e olhos da cor do sol no crepúsculo. Ela assomava sobre Sazed, e este se encolheu, mesmo sem querer.

Aparentemente, aquela foi a reação correta, pois o líder koloss meneou a cabeça e virou-se de costas.

— Venha — ele balbuciou, arrastando-se pelo pequeno bosque de choupos. Os outros koloss – cerca de sete deles – seguiram-no.

Sazed não queria descobrir o que aconteceria se desobedecesse. Escolheu um deus – Duis, um deus conhecido antigamente como protetor dos viajantes angustiados – e fez uma oração rápida, em silêncio. Em seguida, apressou-se, ficando com a manada de koloss enquanto ela caminhava na direção do

acampamento.

Ao menos ele não me matou de pronto, Sazed pensou. Ele meio que esperara por isso, considerando o que lera. Claro, mesmo os livros não sabiam tanto. Os koloss tinham sido mantidos apartados da humanidade por séculos; o Senhor Soberano só os convocava em momentos de grande necessidade militar, para abafar revoltas ou conquistar novas sociedades descobertas nas ilhas interiores. Naqueles momentos, os koloss causaram destruição absoluta e morticínios – ou assim diziam as histórias.

Será que era tudo propaganda?, Sazed se questionou. *Talvez os koloss nem sejam tão violentos como acreditamos.*

Um dos koloss ao lado de Sazed uivou com um ódio repentino. Sazed girou quando o koloss pulou em um de seus companheiros. A criatura ignorou a espada nas costas, esmurrando a cabeça do inimigo com um punho gigantesco. Os outros pararam e viraram-se para assistir à luta, mas nenhum deles pareceu alarmado.

Sazed observou com horror cada vez maior quando o agressor continuou a espancar seu inimigo sem parar. O atacado tentou se proteger, pegando uma adaga e conseguindo cortar o braço do agressor. A pele azul rasgou-se, pingando sangue vermelho e brilhante, enquanto o agressor envolvia a cabeça grande do oponente na mão e girava.

Houve um estalo. Aquele que se defendia parou de se mover. O agressor retirou a espada das costas da vítima e encaixou-a ao lado de sua própria arma, em seguida retirou uma pequena bolsa que estava atada junto à espada. Depois disso, ergueu-se, ignorando a ferida no braço, e o grupo voltou a andar.

— Por quê? — Sazed perguntou, em choque. — Para que aquilo?

O koloss ferido virou-se.

— Eu o odiava — ele respondeu.

— Ande! — o koloss líder disse para Sazed num tom grosseiro.

Sazed forçou-se a começar a caminhar. Deixaram o cadáver jazer na estrada. *As bolsas,* ele pensou, tentando encontrar algo para se concentrar além da brutalidade. *Todos eles carregam essas bolsas*. Os koloss mantinham-nas atadas às espadas. Não carregavam as armas em bainhas, simplesmente prendiam-nas às costas com tiras de couro. E amarradas a essas tiras ficavam as bolsinhas. Às vezes havia apenas uma, embora as duas criaturas maiores no grupo tivessem várias.

Parecem bolsinhas de moeda, Sazed pensou. *Mas os koloss não têm uma economia. Talvez mantenham seus pertences nelas? Mas o que animais como*

esses valorizam?

Entraram no acampamento. Não parecia haver sentinelas às margens – por outro lado, para que precisariam de guardas? Seria muito difícil para um humano esgueirar-se para dentro desse acampamento.

Um bando de koloss menores – aqueles de um metro e meio – correu assim que o grupo chegou. O assassino jogou sua espada extra para um deles, em seguida apontou à distância. Manteve a bolsa consigo, e os pequenos debandaram, seguindo a estrada na direção do cadáver.

Um destacamento funerário?, Sazed perguntou-se.

Ele caminhava com desconforto atrás de seus captores enquanto estes adentravam o acampamento. Animais de todos os tipos estavam sendo assados sobre os fogareiros, embora Sazed não achasse que algum deles fosse um ser humano. Além disso, o solo ao redor do acampamento fora totalmente desnudado de vida vegetal, como se tivesse sido pastado por um grupo particularmente agressivo de bodes.

E, segundo sua mente de cobre, não estava muito longe da verdade. Os koloss aparentemente conseguiam subsistir com praticamente qualquer coisa. Preferiam carne, mas comiam qualquer tipo de planta – até mesmo grama, chegando ao ponto de arrancá-la pelas raízes para comer. Alguns relatos comentavam até sobre eles comerem terra e cinza, embora Sazed achasse aquilo um pouco difícil de acreditar.

Ele continuou a caminhar. O acampamento cheirava a fumaça, sujeira e um almiscarado estranho que ele achava ser odor do corpo dos koloss. Algumas das criaturas viraram-se quando ele passou, observando-o com olhos fixos e vermelhos.

É como se eles tivessem apenas duas emoções, ele pensou, saltando quando um koloss junto a uma fogueira de repente gritou e atacou um companheiro. *São indiferentes ou ficam enfurecidos.*

O que seria necessário para provocá-los todos de uma vez? E… que tipo de desastre eles causariam se isso acontecesse? Ele revisou nervosamente seus pensamentos anteriores. Não, os koloss não tinham sido difamados. As histórias que ele ouvira – histórias de koloss enlouquecidos no Domínio Longínquo, causando destruição e morte alastradas – obviamente eram verdade.

Mas algo mantinha aquele grupo de alguma forma controlado. O Senhor Soberano era capaz de controlar os koloss, embora nenhum livro explicasse como. A maioria dos escritores simplesmente aceitava essa capacidade como

parte do que fazia do Senhor Soberano um deus. O homem era imortal – se comparado com isso, outros poderes pareciam comuns.

Porém, a imortalidade dele era um truque, Sazed pensou. *Uma simples combinação inteligente de poderes feruquímicos e alomânticos.* O Senhor Soberano era apenas um homem normal – embora tivesse uma combinação incomum de capacidades e oportunidades.

Sendo assim, como ele controlava os koloss? *Havia algo diferente no Senhor Soberano. Algo além dos poderes. Fizera algo no Poço da Ascensão, algo que mudou o mundo para sempre. Talvez sua capacidade de controlar os koloss viesse daí.*

Os captores de Sazed ignoraram as lutas ocasionais ao lado das fogueiras. Não parecia haver qualquer koloss fêmea no acampamento – ou, se houvesse, era indistinguível dos machos. Sazed, no entanto, notou um cadáver koloss que jazia esquecido perto de uma das fogueiras. Fora esfolado, a pele azul solta e arrancada.

Como uma sociedade poderia existir desse jeito?, ele pensou com horror. Seus livros diziam que os koloss procriavam e envelheciam rapidamente – uma situação afortunada para eles, considerando o número de mortes que ele já vira. Mesmo assim, parecia que esta espécie também assassinava demais seus membros para continuar.

Ainda assim, eles persistiam. Infelizmente. O Guardador nele acreditava com fervor que nada deveria ser perdido, que toda sociedade era digna de ser lembrada. Contudo, a brutalidade do acampamento koloss – as criaturas feridas que estavam sentadas, ignorando as fendas na pele, os cadáveres esfolados pelo caminho, os uivos repentinos de fúria e os assassinatos subsequentes – testava sua crença.

Seus captores circundaram uma pequena elevação na terra, e Sazed parou quando viu algo muito inexperado.

Uma tenda.

— Vá — o koloss líder disse, apontando.

Sazed franziu o cenho. Havia várias dúzias de seres humanos fora da tenda, carregando lanças e vestidos como guardas imperiais. A tenda era grande, e atrás dela havia uma fileira de carroças.

— Vá! — o koloss gritou.

Sazed fez o que lhe fora ordenado. Atrás dele, um dos koloss lançou, indiferente, a bolsa de Sazed na direção dos guardas humanos.

As mentes de metal dentro dela tilintaram quando bateram no chão cheio de

cinzas, fazendo Sazed se encolher. Os soldados observaram o koloss se retirar com um olhar desconfiado; em seguida, um deles pegou a bolsa. Outro soldado ergueu a lança na direção de Sazed.

Sazed ergueu os braços.

— Meu nome é Sazed, Guardador de Terris, mordomo no passado, agora professor. Não sou seu inimigo.

— Muito bem — o guarda falou, ainda observando o koloss que se retirava. — Ainda assim, terá de vir comigo.

— Posso ficar com os meus pertences? — Sazed perguntou. Aquele vale parecia livre de koloss; aparentemente, os soldados humanos queriam manter distância.

O primeiro guarda virou-se para o companheiro, que estava vasculhando a bolsa de Sazed. O segundo guarda ergueu os olhos e deu de ombros.

— Sem armas. Alguns braceletes e anéis, talvez valham alguma coisa.

— Nenhum deles é de metal precioso — Sazed falou. — São as ferramentas de um Guardador, e são de pouco valor para outra pessoa que não eu.

O segundo guarda encolheu os ombros, entregando a bolsa para o primeiro homem. Os dois eram típicos do Domínio Central – cabelos escuros, pele clara, constituição e altura daqueles que tiveram nutrição adequada quando crianças. O primeiro guarda era o mais velho dos dois, e obviamente estava no comando. Pegou a bolsa do companheiro.

— Veremos o que Sua Majestade diz.

Ah, Sazed pensou.

— Vamos falar com ele, então.

O guarda virou-se, puxando a porta da tenda de lado e gesticulando para Sazed entrar. Sazed caminhou da luz vermelha do sol para o recinto de uma tenda funcional – ainda que pouco mobiliada. Essa parte principal era grande e continha vários guardas. Sazed talvez tenha visto mais ou menos duas dúzias.

O guarda líder avançou e enfiou a cabeça na porta de um aposento ao fundo. Poucos momentos depois, ele acenou para Sazed segui-lo e puxou a porta da tenda para trás.

Sazed entrou na segunda câmara. O homem que estava lá dentro vestia calças e casaco de um nobre de Luthadel. Era careca – seus cabelos reduzidos a poucos fios resistentes –, apesar de ser jovem. Ficou em pé, dando tapinhas na lateral da perna com a mão nervosa, e teve um leve sobressalto quando Sazed entrou.

Sazed reconheceu o homem.

— Jastes Lekal.

— *Rei* Lekal — Jastes retrucou, ríspido. — Conheço você, terrisano?

— Não nos conhecemos, Vossa Majestade — Sazed falou —, mas tive alguns negócios com um vosso amigo, creio eu. Rei Elend Venture, de Luthadel?

Jastes assentiu, indiferente.

— Meus homens dizem que os koloss trouxeram você. Encontraram-no espiando ao redor do acampamento?

— Sim, Majestade — Sazed disse, com cuidado, observando quando Jastes começou a caminhar. *Este homem não é muito mais estável que o exército que aparentemente conduz,* ele pensou, insatisfeito.

— Como o senhor persuadiu as criaturas a lhe servirem?

— Você é um prisioneiro, terrisano — Jastes irritou-se. — Sem perguntas. Elend enviou-o para me espionar?

— Não fui enviado por homem nenhum — Sazed afirmou. — Por acaso, os senhores estavam no meu caminho, Vossa Majestade. Não fiz minhas observações por mal.

Jastes fez uma pausa, encarando Sazed, antes de recomeçar a andar.

— Bem, não importa. Estou sem um mordomo adequado há um tempo. Você me servirá agora.

— Perdão, Majestade — Sazed disse, curvando-se levemente —, mas isso não será possível.

Jastes franziu o cenho.

— Você é um mordomo… posso ver isso na túnica. Elend é um mestre tão grandioso a ponto de você me rechaçar?

— Elend Venture não é meu mestre, Majestade — Sazed disse, encarando os olhos do jovem. — Agora que somos livres, os terrisanos não chamam mais ninguém de mestre. Não posso ser vosso servo, pois não posso ser servo de homem algum. Mantenha-me como prisioneiro, se assim desejar. Mas não servirei ao senhor. Perdoe-me.

Jastes fez outra pausa. Contudo, em vez de parecer irritado, simplesmente parecia… envergonhado.

— Entendo.

— Vossa Majestade — Sazed falou com calma —, entendo que o senhor ordenou que eu não fizesse nenhuma pergunta, então farei observações. Parece que o senhor se colocou numa posição muito desfavorecida. Não sei como controla esses koloss, mas não posso evitar pensar que seu controle é tênue.

Está em perigo, e parece que pretende compartilhar esse perigo com os outros.

Jastes ruborizou.

— Suas "observações" são falhas, terrisano. *Estou* no controle deste exército. Eles me obedecem completamente. Quantos outros nobres você já viu reunindo exércitos de koloss? Nenhum… apenas eu consegui.

— Eles não parecem muito sob controle, Majestade.

— É? — Jastes perguntou. — E eles o despedaçaram quando o encontraram? Esmurraram-no até a morte por diversão? Atravessaram-no com um bastão e assaram-no sobre uma fogueira? Não. Não fazem essas coisas porque *eu* ordenei que não fizessem. Pode não parecer muito, terrisano, mas acredite em mim… esse é um sinal de grande moderação e obediência para os koloss.

— A civilidade não é um grande feito, Vossa Majestade.

— Não me teste, terrisano! — Jastes retrucou, ríspido, correndo a mão pelos cabelos remanescentes. — Estamos falando de koloss… não podemos esperar muito deles.

— E o senhor os está levando para Luthadel? — Sazed perguntou. — Mesmo o Senhor Soberano temia essas criaturas, Majestade. Mantinha-os longe das cidades. O senhor os está levando para a área mais populosa em todo o Império Final!

— Você não entende — Jastes disse. — Tentei propostas de paz, mas ninguém ouve, a menos que você tenha dinheiro ou um exército. Bem, tenho um deles, e logo terei o outro. Sei que Elend está sentado sobre um estoque de atium… e apenas vim para… fazer uma aliança com ele.

— Uma aliança na qual o senhor assumirá o controle da cidade?

— Bah! — Jastes exclamou com um aceno. — Elend não controla Luthadel… é apenas um substituto que espera alguém mais poderoso chegar. É um bom homem, mas um inocente idealista. Vai perder o trono para um exército ou outro, e darei a ele uma proposta melhor que Cett ou Straff, isso é certo.

Cett? Straff? Em que tipo de encrenca o jovem Venture se meteu?, Sazed sacudiu a cabeça.

— De algum modo, duvido que uma "proposta melhor" envolva o uso de koloss, Majestade.

Jastes franziu a testa.

— Vejo que você é um sarcástico, terrisano. É um sinal… seu povo inteiro é um sinal… do que está errado com o mundo. Eu respeitava o povo de Terris. Não há vergonha alguma em ser um bom serviçal.

— Não raro também há pouco do que se orgulhar nisso — Sazed respondeu. — Mas peço perdão por minha atitude, Majestade. Não é uma manifestação da independência de Terris. Sempre fui livre demais com os meus comentários, creio eu. Nunca fui o melhor dos mordomos. — *Ou o melhor dos guardadores*, ele acrescentou para si.

— Bah — Jastes disse novamente, voltando a caminhar.

— Majestade — Sazed falou. — Preciso prosseguir para Luthadel. Há alguns… negócios dos quais preciso cuidar. Pense o que quiser do meu povo, mas saiba que somos honestos. O trabalho que faço está além da política e das guerras, dos tronos e dos exércitos. É importante para todos os homens.

— Eruditos sempre dizem coisas assim — Jastes falou. E fez uma pausa. — Elend sempre disse coisas assim.

— De qualquer forma — Sazed continuou —, preciso ser autorizado a sair. Em troca da minha liberdade, entregarei uma mensagem vossa a Sua Majestade, o rei Elend, se desejar.

— Eu poderia enviar uma mensagem sozinho a qualquer momento!

— E ficar com um homem a menos para protegê-lo dos koloss? — Sazed questionou.

Jastes fez uma breve pausa.

Ah, então ele os teme. Bom. Ao menos não é insano.

— Eu *vou* embora, Vossa Majestade — Sazed disse. — Não quero ser arrogante, mas posso ver que o senhor não tem recursos para manter prisioneiros. Pode me deixar ir, ou pode me entregar aos koloss. Contudo, eu temeria em deixá-los tomar gosto em matar seres humanos.

Jastes encarou-o.

— Tudo bem — ele falou. — Entregue esta mensagem, então. Diga a Elend que não me importo se ele souber que estou a caminho… Não me importa se você lhe der nossos números. Mas cuide para ser preciso! Tenho mais de vinte mil koloss neste exército. Ele não pode me enfrentar. Tampouco pode enfrentar os outros. Mas, se eu chegar às muralhas daquela cidade… bem, eu poderia repelir os outros dois exércitos para ele. Diga a ele para ser sensato. Se entregar o atium, deixarei até que fique com Luthadel. Podemos ser vizinhos. Aliados.

Uma falência de dinheiro, a outra falência de bom-senso, Sazed pensou.

— Muito bem, Majestade. Falarei com Elend. No entanto, precisarei que devolvam os meus pertences.

O rei acenou, irritado, e Sazed retirou-se, esperando em silêncio quando o guarda líder entrou nos aposentos do rei novamente e recebeu ordens.

Enquanto esperava os soldados se prepararem – sua bolsa felizmente devolvida a ele –, Sazed pensou no que Jastes falara. *Cett ou Straff*. Quantas forças estava trabalhando contra Elend para tomar a cidade?

Se Sazed queria um lugar calmo para estudar, aparentemente escolhera a direção errada para correr.

Apenas poucos anos mais tarde comecei a observar os sinais. Conhecia as profecias – sou um Portador do Mundo terrisano, afinal. E, ainda assim, nem todos nós somos religiosos; alguns, como eu mesmo, estão mais interessados em outros assuntos. No entanto, durante meu período com Alendi, não consegui evitar: fiquei mais interessado na Antecipação. Ele parecia se ajustar muito bem aos sinais.

20

— Será perigoso, Majestade — Dockson falou.

— É nossa única opção — Elend retrucou. Estava em pé atrás da mesa, como de costume, cheia de pilhas de livros. Ele recebia iluminação por trás da janela do escritório, e suas cores caíam sobre as costas do uniforme branco, tingindo-o de um castanho-avermelhado brilhante.

Certamente ele parece mais imponente nessas vestes, Vin pensou, sentando-se na poltrona de leitura aveludada de Elend, OreSeur descansando pacientemente no chão ao lado dela. Ela ainda não sabia bem o que pensar sobre as mudanças em Elend. Sabia que as alterações eram, em sua maioria, visuais – novas roupas, novo corte de cabelo –, mas outras coisas sobre ele pareciam estar mudando também. Ele endireitava mais o corpo quando falava, estava mais confiante. Estava até treinando com espada e bastão.

Vin olhou para Tindwyl. A matrona terrisana estava sentada numa cadeira maciça no fundo da sala, observando os procedimentos. Tinha uma postura perfeita e estava elegante com sua saia e blusa coloridas. Não se sentava com as pernas dobradas embaixo dela, como Vin estava naquele momento, e nunca vestiria calças.

O que ela tem?, Vin pensou. *Passei um ano tentando fazer Elend praticar a esgrima. Tindwyl está aqui há menos de um mês e já o fez treinar.*

Por que Vin sentia-se amarga? Elend não havia mudado tanto, havia? Tentou aquietar o pedacinho dela que se preocupava com esse novo rei, um guerreiro confiante e bem-vestido – preocupava-se que ele se transformaria em alguém diferente do homem que amava.

E se ele não precisasse mais dela?

Ela afundou um pouco mais na poltrona enquanto Elend continuava a conversar com Ham, Dox, Trevo e Brisa.

— El, você entende que, se for ao acampamento inimigo, não poderemos protegê-lo — Ham disse.

— Não tenho certeza de que vocês podem me proteger aqui, Ham — Elend disse. — Não com dois exércitos acampados praticamente junto às muralhas.

— Verdade — disse Dockson —, mas estou preocupado que, se entrar naquele acampamento, nunca sairá.

— Apenas se eu fracassar — Elend tranquilizou. — Se eu seguir o plano e convencer meu pai que somos aliados, ele me deixará retornar. Não gastei muito tempo fazendo política na corte quando era mais novo. Mas se há uma coisa que *aprendi* a fazer foi manipular meu pai. Conheço Straff Venture… e sei que posso derrotá-lo. Além disso, ele não quer que eu morra.

— Podemos ter certeza disso? — Ham perguntou, coçando o queixo.

— Sim — Elend respondeu. — No fim das contas, Straff não enviou assassinos atrás de mim, o que Cett fez. Faz sentido. Que pessoa melhor para Straff para deixar no controle de Luthadel que seu filho? Ele acha que pode me controlar; vai presumir que pode me convencer a lhe dar Luthadel. Se eu fizer esse jogo, poderei fazer com que ele ataque Cett.

— Ele tem razão… — Ham falou.

— Sim — Dockson falou —, mas o que impede Straff de simplesmente tomá-lo como refém e forçar sua entrada em Luthadel?

— Ele ainda terá Cett em seu encalço — Elend falou. — Se lutar conosco, perderá homens, muitos homens, e ficará exposto para ser atacado pela retaguarda.

— Mas ele terá você, meu caro — Brisa falou. — Ele não atacaria Luthadel, mas poderia nos forçar a cedê-la.

— Vocês terão ordens de me deixar morrer primeiro — Elend disse. — Por isso montei a Assembleia. Ela tem o poder de escolher um novo rei.

— Mas, por quê? — Ham perguntou. — Por que assumir esse risco, El? Vamos esperar um pouco mais e ver se podemos fazer Straff se reunir com você num local mais neutro.

Elend suspirou.

— Vocês *precisam* me ouvir, Ham. Com ou sem cerco, não podemos simplesmente ficar sentados aqui. Se o fizermos, morreremos de fome ou um desses exércitos decidirá romper o cerco e nos atacar, na expectativa de tomar

nossas muralhas, virar em seguida e de pronto defender-se contra seus inimigos. Não farão isso facilmente, mas pode acontecer. *Vai* acontecer, se não começarmos a jogar os reis um contra o outro.

A sala ficou em silêncio. Os outros lentamente viraram-se para Trevo, que assentiu. Ele concordou.

Bom trabalho, Elend, Vin pensou.

— Alguém precisa se reunir com o meu pai — Elend falou. — E essa pessoa tem que ser eu. Straff pensa que sou um tolo, então posso convencê-lo de que não sou uma ameaça. Em seguida, vou persuadir Cett que estou do seu lado. Quando finalmente um atacar o outro, cada qual pensando que estou do seu lado, nos retiraremos em vez disso e os forçaremos a se digladiarem. O vencedor não terá força suficiente para nos tomar a cidade!

Ham e Brisa assentiram com a cabeça. Dockson, no entanto, negou com a sua.

— O plano é bom em teoria, mas entrar no acampamento inimigo desprotegido? Parece tolice.

— Veja bem — Elend falou. — Acho que essa é a nossa vantagem. Meu pai acredita com fervor em controle e dominação. Se eu entrar em seu acampamento, estarei basicamente lhe dizendo que concordo com a autoridade dele sobre mim. Parecerei fraco, e ele acreditará que pode me conduzir sempre que quiser. É um risco, mas se eu não o assumir, *morreremos*.

Os homens trocaram olhares.

Elend endireitou um pouco mais as costas e fechou as mãos ao lado do corpo. Sempre fazia aquilo quando estava nervoso.

— Receio que isso não seja uma discussão — Elend declarou. — Já tomei minha decisão.

Eles não aceitarão uma declaração dessas, Vin pensou. A equipe era um grupo independente.

Ainda assim, surpreendentemente, nenhum deles contestou.

Dockson finalmente assentiu com a cabeça.

— Tudo bem, Vossa Majestade — ele disse. — Você vai precisar entrar num terreno perigoso… fazer Straff acreditar que pode contar com nosso apoio, mas também convencê-lo de que ele pode nos trair segundo sua vontade. Precisa fazer com que ele queira a força de nossas armas, embora ao mesmo tempo despreze nossa força de vontade.

— E — Brisa acrescentou — precisará fazer isso sem que ele descubra que está jogando dos dois lados.

— Conseguirá fazer isso? — Ham perguntou. — Honestamente, Elend?

Elend assentiu.

— Conseguirei, Ham. Melhorei muito em política neste último ano. — Ele disse essas palavras com confiança, embora Vin percebesse que ainda tinha os punhos cerrados. *Ele terá que aprender a não fazer isso*.

— Talvez você possa entender de política — Brisa falou —, mas *isso* é fraude. Encare os fatos, meu amigo, você é terrivelmente honesto… sempre falando como defender os direitos dos skaa e semelhantes.

— Veja bem, você está sendo injusto — Elend retrucou. — Honestidade e boas intenções são completamente diferentes. Pois eu posso ser tão desonesto quanto… — Ele fez uma pausa. — Por que estou discutindo essa questão? Admitimos que algo precisa ser feito e sabemos que sou aquele que precisa fazê-lo. Dox, você redigiria uma carta para o meu pai? Insinue que eu ficaria feliz em encontrá-lo. Na verdade…

Elend parou, olhando de esguelha para Vin. Em seguida, continuou.

— Na verdade, diga que quero discutir o futuro de Luthadel e apresentá-lo a alguém especial.

Ham soltou uma risadinha.

— Ah, nada como levar a garota para conhecer o pai.

— Especialmente quando essa garota é a alomântica mais perigosa do Domínio Central — Brisa acrescentou.

— Acha que ele concordará em deixá-la ir? — Dockson disse.

— Se não, não tem acordo — Elend falou. — Deixe isso claro. De qualquer forma, acho que ele concordará. Straff tem o hábito de me subestimar… provavelmente com razão. No entanto, aposto que o sentimento se estende a Vin também. Partirá do princípio de que ela não é tão boa quanto todo mundo diz.

— Straff tem seu Nascido das Brumas para protegê-lo. — Vin acrescentou. — Será justo que Elend possa me levar. E, se eu estiver lá, posso tirá-lo de lá, caso algo dê errado.

Ham voltou a dar risadinhas.

— Provavelmente isso não contribuiria para uma retirada muito digna… ser carregado nos ombros de Vin e levado até um lugar seguro.

— Melhor que morrer — Elend concluiu, obviamente tentando soar despreocupado, mas ruborizando de leve ao mesmo tempo.

Ele me ama, mas ainda é homem, Vin pensou. *Quantas vezes feri seu orgulho por ser uma Nascida das Brumas, enquanto ele é simplesmente uma*

pessoa normal? Um homem inferior nunca teria se apaixonado por mim.

Mas será que ele não merece uma mulher que ele sente que pode proteger? Uma mulher que seja mais… mulher?

Vin afundou novamente na poltrona, buscando o calor em meio à maciez. No entanto, era a poltrona de estudos de Elend, onde ele lia. Também não merecia uma mulher que partilhasse dos seus interesses, uma que não achasse ler um afazer? Uma mulher com quem ele pudesse falar sobre suas teorias políticas brilhantes?

Por que estou pensando tanto sobre nosso relacionamento nos últimos tempos?, Vin se perguntou.

Não pertencemos ao mundo deles, Zane falou. *Somos daqui, das brumas.Você não pertence a eles…*

— Tem mais uma coisa que gostaria de mencionar, Majestade — Dockson disse. — O senhor deveria se reunir com a Assembleia. Estão cada vez mais impacientes para ouvi-lo… algo sobre moedas falsificadas circulando em Luthadel.

— Não tenho tempo para assuntos da cidade no momento — Elend falou. — A razão principal pela qual montei a Assembleia foi para que eles pudessem lidar com esse tipo de problema. Vá em frente e lhes envie uma mensagem, dizendo que confio no seu julgamento. Peça desculpas por mim e explique que estou cuidando da defesa da cidade. Tentarei comparecer à reunião da Assembleia na próxima semana.

Dockson assentiu, fazendo uma anotação para si.

— Embora — ele observou — haja algo mais a considerar. Ao reunir-se com Straff, estará desistindo do seu controle sobre a Assembleia.

— Essa não é uma reunião oficial — Elend retrucou. — Apenas uma reunião informal. Minha resolução de antes continuará em vigor.

— Com toda a honestidade, Vossa Majestade — Dockson falou —, eu duvido muito que *eles* verão dessa forma. O senhor sabe como ficarão aborrecidos ao serem deixados sem recurso até o senhor decidir fazer a reunião oficial.

— Eu sei — Elend disse. — Mas vale a pena o risco. *Precisamos* nos reunir com Straff. Assim que isso for feito, posso voltar com boas notícias para a Assembleia… assim espero. Nesse momento, posso argumentar que a resolução não foi cumprida. Por ora, a reunião continuará.

De fato, mais decidido, Vin pensou. *Ele está mudando.*

Ela tinha de parar de pensar sobre essas coisas. Em vez disso, concentrou-se

em outra coisa. A conversa voltou-se para maneiras específicas pelas quais Elend poderia manipular Straff, cada um dos membros da equipe dando dicas sobre como enganá-lo efetivamente. Vin, no entanto, flagrou-se observando-os, procurando discrepâncias nas personalidades, tentando decidir se algum deles poderia ser o espião kandra.

Trevo estava mais quieto que o normal? A mudança nos padrões de linguagem de Fantasma vieram pela maturidade, ou porque o kandra teve dificuldades em imitar suas gírias? Talvez Ham estivesse jovial demais? Também parecia se concentrar menos em suas pequenas charadas filosóficas do que fazia no passado. Era porque estava mais sério agora, ou porque o kandra não sabia como imitá-lo a contento?

Não valeu de nada. Se pensasse demais, poderia observar discrepâncias em qualquer um. Ainda assim, ao mesmo tempo, todos agiam como eles mesmos. As pessoas eram complexas demais para reduzi-las a simples traços de personalidade. Além disso, o kandra seria bom, muito bom. Teria uma vida inteira de treino na arte de imitar os outros, e provavelmente estava planejando sua inserção havia tempos.

Então, chegou à Alomancia. Com todas as atividades ao redor do certo e seus estudos sobre as Profundezas, no entanto, ela não teve chance de testar os amigos. Enquanto pensava nisso, admitiu que a desculpa da falta de tempo era fraca. A verdade era que provavelmente estava se distraindo porque a ideia de que um da equipe – um do seu primeiro grupo de amigos – fosse um traidor era simplesmente triste demais.

Precisava superar aquilo. Se realmente houvesse um espião no grupo, seria o fim deles. Se os reis inimigos descobrissem os truques que Elend estava planejando…

Com isso em mente, ela queimou bronze, hesitante. De imediato, sentiu um pulso alomântico em Brisa – o querido, incorrigível Brisa. Era tão bom em Alomancia que mesmo Vin não conseguia detectar seu toque a maior parte do tempo, mas também era compulsivo em seu uso do poder.

Porém, naquele momento, ele não estava usando o poder nela. Ela fechou os olhos, concentrando-se. Uma vez, havia muito tempo, Marsh tentara treiná-la na fina arte de usar bronze para ler pulsos alomânticos. Ela não percebera na época como era imensa a tarefa que ele começara.

Quando um alomântico queimava um metal, emitia uma pulsação invisível, rítmica, que apenas outro alomântico queimando bronze poderia sentir. O ritmo desse pulsos – a velocidade em que as batidas vinham, a maneira como

“soavam” – dizia exatamente qual metal estava sendo queimado.

Exigia prática e era difícil, mas Vin estava ficando melhor em ler os pulsos. Ela se concentrou. Brisa estava queimando latão – o metal de *empurrão* interno, mental. E…

Vin concentrou-se com mais intensidade. Conseguia sentir um padrão atingi-la de repente, uma batida dupla, *dum-dum*, em cada pulso. Sentia-o orientado à direita. Os pulsos afetavam outra coisa, algo que os sugava.

Elend. Brisa estava concentrado em Elend. Não era surpresa, considerando a atual discussão. Brisa sempre direcionava o poder às pessoas com as quais interagia.

Satisfeita, Vin recostou-se. Mas, em seguida, fez uma pausa.

Marsh insinuou que havia muito mais no bronze do que muitas pessoas pensavam. Imagino…

Ela fechou os olhos bem apertados – ignorando o fato de que qualquer um dos outros que visse acharia suas ações estranhas – e concentrou-se de novo nos pulsos alomânticos. Ela avivou bronze, concentrando-se com tanta força que sentiu que causaria uma dor de cabeça. Havia uma… vibração nos pulsos. Mas não tinha certeza do que aquilo poderia significar.

Concentre-se!, ela disse a si mesma. No entanto, os pulsos recusavam-se com teimosia a entregar qualquer outra informação.

Ótimo, ela pensou. *Vou trapacear.* Ela extinguiu o estanho – ela quase sempre mantinha um pouco avivado –, em seguida concentrou-se e queimou o décimo quarto metal. Duralumínio.

Os pulsos alomânticos ficaram tão altos… tão poderosos… ela jurou que conseguia sentir as vibrações fazerem-na tremer. Pulsavam como batidas de um tambor imenso posto ao lado dela. Mas ela conseguiu algo deles.

Ansiedade, nervosismo, preocupação, insegurança, ansiedade, nervosismo, preocupação…

Desapareceu, seu bronze foi gasto em uma explosão gigantesca de força. Vin abriu os olhos; ninguém na sala estava olhando para ela, além de OreSeur.

Sentia-se exausta. A dor de cabeça que ela previra chegou com força total, palpitando dentro de seu crânio como o irmão caçula do tambor que ela banira. No entanto, ela manteve as informações que compilara. Não viera em palavras, mas em sentimentos – e seu primeiro medo era que Brisa estava fazendo essas emoções aparecerem. Ansiedade, nervosismo, preocupação. Contudo, ela percebeu de imediato que Brisa era um Abrandador. Se ele se concentrasse em emoções, seriam naquelas que estivesse *amortecendo*. Aqueles sobre as quais

estava usando os poderes para abrandar.

Ela olhava dele para Elend. *Mas… ele está deixando Elend mais confiante!* Se Elend estava ficando um pouco mais ereto, era porque Brisa estava ajudando em silêncio, abrandando a ansiedade e a preocupação. E Brisa o fazia, ao mesmo tempo em que contestava e fazia seus comentários habituais e zombeteiros.

Vin examinou o homem rechonchudo, ignorando sua dor de cabeça, sentindo uma renovada admiração. Sempre se surpreendeu um pouco com a colocação de Brisa na equipe. Os outros homens eram todos, em certa medida, idealistas. Até mesmo Trevo, por trás de seu exterior ranzinza, sempre fora reconhecido por ela como um homem muito bom.

Brisa era diferente. Manipulador, um pouco egoísta – ele parecia ter se juntado à equipe pelo desafio, não porque realmente quisesse ajudar os skaa. Mas Kelsier sempre dissera que ele escolhera sua equipe a dedo, arregimentando homens por sua integridade, não apenas por suas capacidades.

Talvez Brisa não fosse exceção, no fim das contas. Vin observou-o apontando seu bastão para Ham quando falava algo impertinente. E, ainda assim, por dentro, ele era totalmente diferente.

Você é um bom homem, Brisa, ela pensou, sorrindo para si mesma. *Apenas faz de tudo para escondê-lo*.

E também não era o impostor. Sabia disso antes, claro; Brisa não estava na cidade quando o kandra fizera a troca. Contudo, ter uma segunda confirmação aliviava um pouco seu fardo.

Agora, se ela pudesse apenas eliminar alguns dos outros...

Elend dispensou a equipe depois da reunião. Dockson seguiu para escrever as cartas solicitadas, Ham foi verificar a segurança, Trevo voltou para o treinamento dos soldados e Brisa foi tentar aplacar a Assembleia quanto à falta de atenção de Elend.

Vin caminhou para fora do gabinete, lançando um olhar para ele, em seguida observou Tindwyl. *Ainda desconfia dela, hein?* Elend pensou, divertindo-se. Ele meneou a cabeça, tranquilizador, e Vin franziu a testa, parecendo apenas um pouco irritada. Ele a teria deixado ficar, mas… bem, encarar Tindwyl era vergonhoso o bastante sozinho.

Vin saiu do gabinete, o cão de caça kandra ao seu lado. *Parece que ela está se afeiçoando cada vez mais à criatura*, Elend pensou com satisfação. Era bom saber que alguém a vigiava.

Vin fechou a porta atrás de si, e Elend suspirou, esfregando o ombro. Várias semanas de treinamento com espada e bastão estavam exigindo demais dele, e seu corpo estava escoriado. Tentou esconder a dor – ou, melhor, tentou não deixar que Tindwyl o visse demonstrando dor. *Ao menos provei que estou aprendendo,* ele pensou. *Ela deve ter visto como fui bem hoje*.

— E? — ele perguntou.

— Você é uma vergonha — Tindwyl disse, em pé, diante da cadeira.

— É o que você gosta de dizer — Elend falou, avançando para começar a empilhar alguns livros. Tindwyl disse que ele precisava permitir que seus serviçais deixassem o escritório limpo, algo a que ele sempre resistira. A bagunça de livros e papéis não o incomodava, e ele certamente não queria outra pessoa mexendo neles.

Com ela lá, em pé, olhando para ele, era difícil não ter vergonha pela bagunça. Pousou outro livro sobre a pilha.

— É claro que você percebeu como fui bem — Elend disse. — Eu fiz com que eles me deixassem ir ao acampamento de Straff.

— Você é o rei, Elend Venture — Tindwyl falou de braços cruzados. — Ninguém "deixa" você fazer coisa alguma. A primeira mudança na atitude precisa ser sua… precisa parar de pensar que precisa de permissão e anuência de seus seguidores.

— Um rei deveria liderar com o consentimento dos seus cidadãos — Elend disse. — Não quero ser outro Senhor Soberano.

— Um rei deveria ser forte — Tindwyl disse com firmeza. — Ele aceita aconselhamento, mas apenas quando solicita. Deixa claro que a decisão final é dele, não de seus conselheiros. Precisa controlar melhor seus assessores. Se eles não o respeitam, seus inimigos tampouco o farão – nem as massas.

— Ham e os outros me respeitam.

Tindwyl ergueu uma sobrancelha.

— Respeitam, sim!

— Do que eles te chamam?

Elend ergueu os ombros.

— São meus amigos. Usam o meu nome.

— Ou algo bem parecido com isso. Certo, "El"?

Elend enrubesceu, encaixando um último livro na pilha.

— Quer que eu force meus amigos a me tratarem pelo título?

— Sim — Tindwyl falou. — Especialmente em público. Deveriam tratá-lo por "Vossa Majestade", ou ao menos "milorde".

— Duvido que Ham lide bem com isso — Elend falou. — Tem alguns problemas com autoridade.

— Ele vai superá-los — Tindwyl falou, passando o dedo numa das estantes. Não precisou erguê-lo para Elend saber que havia poeira na ponta do dedo.

— E quanto a você? — Elend desafiou.

— Eu?

— Você me chama de “Elend Venture”, não de “Vossa Majestade”.

— Sou diferente — Tindwyl se defendeu.

— Bem, não vejo por que deveria ser. A partir de agora você me chama de “Vossa Majestade”.

Tindwyl sorriu, dissimulada.

— Muito bem, Vossa Majestade. Pode abrir os punhos agora. Precisa trabalhar isso também; um estadista não deveria dar indícios visíveis de nervosismo.

Elend baixou os olhos, relaxando as mãos.

— Tudo bem.

— Além disso — Tindwyl continuou —, ainda se limita muito em sua linguagem. Faz com que pareça tímido e hesitante.

— Estou trabalhando nisso.

— Não se desculpe, a menos que realmente queira se desculpar — Tindwyl falou. — E não dê justificativas. Não precisa delas. Um líder com frequência é julgado pela maneira como arca com responsabilidades. Como rei, tudo aquilo que acontece no seu reino, independentemente de quem cometa o ato, é sua culpa. É responsável, inclusive, por eventos inevitáveis, como terremotos e tempestades.

— Ou exércitos — Elend completou.

Tindwyl concordou.

— Ou exércitos. É sua responsabilidade lidar com essas coisas e, se algo der errado, é sua culpa. Simplesmente precisa aceitar isso.

Elend assentiu, pegando um livro.

— Agora, vamos falar sobre culpa — Tindwyl disse, sentando-se. — Pare de limpar. Isso não é trabalho de um rei.

Elend suspirou, deixando o livro de lado.

— A culpa — Tindwyl disse — não faz um rei. Precisa parar de sentir pena de si mesmo.

— Você acaba de me dizer que tudo que acontece no reino é minha culpa!

— E é.

— Como posso *não* me sentir culpado, então?

— Você precisa confiar que suas ações são as melhores — Tindwyl explicou. — Precisa saber que, não importa o quanto as coisas vão mal, seriam piores sem você. Quando um desastre acontece, você assume a responsabilidade, mas não mergulha na autopiedade nem fica deprimido. Não pode se dar esse luxo; a culpa é para homens menores. Você simplesmente precisa fazer o que se espera.

— E o que é?

— Fazer tudo melhorar.

— Ótimo — Elend disse, sem rodeios. — E se eu falhar?

— Então aceite sua responsabilidade e faça tudo melhorar numa segunda tentativa.

Elend revirou os olhos.

— E se eu não puder melhorar as coisas? E se eu não for realmente o melhor homem para ser rei?

— Então, renuncie à sua posição — Tindwyl respondeu. — Suicídio é o método preferido, desde que, claro, você tenha um herdeiro. Um bom rei sabe não complicar a sucessão.

— Claro — Elend disse. — Então, está dizendo que eu deveria simplesmente me matar.

— Não. Estou dizendo para o senhor ter orgulho de si, Vossa Majestade.

— Não é o que parece. Todo dia você me diz como sou um rei ruim e como meu povo sofrerá por conta disso! Tindwyl, eu *não* sou o melhor homem para essa posição. Esse homem se deixou matar pelo Senhor Soberano.

— Já chega! — Tindwyl irritou-se. — Acredite ou não, Vossa Majestade, o senhor *é* a melhor pessoa para essa posição.

Elend bufou.

— O senhor é o melhor — Tindwyl continuou —, porque o trono é seu agora. Se houver algo pior do que um rei medíocre, é o caos… que é o que este reino teria se *o senhor* não tivesse assumido o trono. As pessoas nos dois lados, nobres e skaa, aceitam-no. Podem não acreditar no senhor, mas aceitam-no. Saia do trono agora, ou mesmo morra por acidente, e haverá confusão, colapso e destruição. Mal treinado ou não, fraco de caráter ou não, motivo de zombaria ou não, o senhor é tudo que este país tem. O senhor é *rei*, Elend Venture.

Elend hesitou.

— Eu… não tenho certeza se isso faz eu me sentir melhor sobre mim mesmo, Tindwyl.

— Não…

Elend ergueu a mão.

— Sim, eu sei. Não se trata sobre como eu me sinto.

— O senhor não tem espaço para a culpa. Aceite que é o rei, aceite que não pode fazer nada de construtivo para mudar isso e aceite a responsabilidade. Faça o que fizer, seja confiante, pois, se não fosse o senhor aqui, o caos reinaria.

Elend assentiu.

— Arrogância, Majestade — Tindwyl enfatizou. — Todos os líderes de sucesso compartilham de um traço comum: acreditam que podem fazer um trabalho melhor que os outros. Humildade é bom ao considerar sua responsabilidade e seu dever, mas, quando chega o momento de tomar uma decisão, não deve se questionar.

— Vou tentar.

— Muito bom — Tindwyl disse. — Agora, talvez possamos seguir para outro assunto. Diga-me, por que não se casou com aquela jovem?

Elend franziu. *Não esperava por isso…*

— Essa é uma questão muito pessoal, Tindwyl.

— Muito bom.

Elend cerrou ainda mais o cenho, mas ela ficou sentada, esperando, observando-o com uma de suas encaradas implacáveis.

— Não sei — Elend disse por fim, recostando-se em sua poltrona, suspirando. — Vin não é… como as outras mulheres.

Tindwyl ergueu uma sobrancelha, a voz levemente mais suave.

— Acredito que, quanto mais mulheres conhecer, Vossa Majestade, mais terá certeza de que essa frase se aplica a todas elas.

Elend meneou com a cabeça, tristonho.

— De qualquer forma — Tindwyl continuou —, as coisas não estão bem como estão. Não vou me intrometer mais em seu relacionamento, mas, como já discutimos, as aparências são muito importantes para um rei. Não é apropriado para o senhor ser visto com uma concubina. Sei que esse tipo de coisa era comum para a nobreza imperial. Porém, os skaa querem ver algo melhor em você. Talvez porque muitos nobres eram tão frívolos em suas vidas sexuais, os skaa sempre apreciaram a monogamia. Desejam desesperadamente que o senhor respeite seus valores.

— Simplesmente terão de ser pacientes conosco — Elend disse. — Na verdade, eu quero me casar com Vin, mas ela não aceita.

— Sabe por quê?

Elend sacudiu a cabeça.

— Ela… o que diz nem sempre faz sentido para mim.

— Talvez não seja a mulher certa para um homem em sua posição.

Elend ergueu os olhos severos.

— O que quer dizer com isso?

— Talvez precise de alguém um pouco mais refinado — Tindwyl respondeu. — Tenho certeza que é uma ótima guarda-costas, mas como lady, ela…

— Pare — Elend irritou-se. — Vin é ótima do jeito que é.

Tindwyl sorriu.

— O quê? — Elend questionou.

— Insultei o senhor a tarde toda, Majestade, e o senhor mal se chateou. Mencionei sua Nascida das Brumas de maneira levemente depreciativa, e agora o senhor está a ponto de me enxotar.

— E daí?

— O senhor a ama?

— Claro — Elend confessou. — Não a entendo, mas sim. Eu a amo.

Tindwyl assentiu.

— Então, me desculpe, Vossa Majestade. Precisava ter certeza.

Elend franziu o cenho, relaxando um pouco em sua poltrona.

— Isso foi um tipo de teste? Queria ver como eu reagiria às suas palavras sobre Vin?

— Sempre será testado por aqueles que encontrar, Majestade. Talvez seja bom acostumar-se com isso.

— Mas por que se importa com meu relacionamento com Vin?

— O amor não é fácil para os reis, Majestade — Tindwyl falou com um tipo de voz incomum. — Descobrirá que sua afeição pela garota pode causar mais problemas do que quaisquer das coisas que discutimos.

— E isso é motivo para desistir dela? — Elend perguntou, temeroso.

— Não — Tindwyl respondeu. — Não, eu não acho.

Elend fez uma pausa, observando a terrisana soberba com suas feições quadradas e sua postura empertigada.

— Isso… parece estranho, vindo de você. E a aparência e os deveres régios?

— Precisamos fazer concessões para exceções ocasionais — Tindwyl disse.

Interessante, Elend pensou. Ele não havia pensado que ela era do tipo que concordava com qualquer espécie de "exceção". *Talvez ela seja um pouco mais profunda do que imaginei.*

— Agora — Tindwyl disse —, como vão suas sessões de treino?

Elend esfregou o braço dolorido.

— Tudo bem, eu acho. Mas…

Foi interrompido por uma batida na porta. Capitão Demoux entrou num momento depois.

— Vossa Majestade, um visitante chegou do exército de Lorde Cett.

— Um mensageiro? — Elend disse, erguendo-se.

Demoux hesitou, parecendo um pouco envergonhado.

— Bem… mais ou menos. Ela diz que é filha de Lorde Cett e veio procurar Brisa.

Ele nasceu numa família humilde, mas se casou com a filha de um rei.

21

O vestido caro da jovem – de seda vermelho-clara com um xale e mangas rendadas – teria lhe dado um ar de dignidade, caso não tivesse avançado ansiosa quando Brisa entrou na sala. Seus cabelos claros do ocidente balançavam, e ela soltou um grito de alegria enquanto lançava os braços ao redor do pescoço do homem.

Tinha, talvez, uns dezoito anos.

Elend olhou para Ham, que ficou parado, embasbacado.

— Bem, parece que você estava certo quanto a Brisa e a filha de Cett — Elend sussurrou.

Ham balançou a cabeça.

— Não achei… digo, eu fiz uma piada, porque era Brisa, mas não esperava estar *certo*!

Brisa, de sua parte, ao menos teve a decência de parecer terrivelmente desconfortável nos braços da jovem. Ficaram parados no átrio do palácio, no mesmo lugar onde Elend havia encontrado o mensageiro de seu pai. Vidraças do chão ao teto deixavam entrar a luz vespertina, e um grupo de serviçais estava em pé de um lado da sala, esperando ordens de Elend.

Brisa encontrou os olhos de Elend, ruborizando muito. *Não creio que já tenha visto Brisa desse jeito,* Elend pensou.

— Minha querida — Brisa falou, limpando a garganta —, talvez eu deva apresentá-la ao rei.

A garota finalmente soltou Brisa. Deu um passo para trás, fazendo uma reverência a Elend com a graça de uma nobre. Era um pouco rechonchuda, cabelos longos à moda pré-Colapso, e as bochechas estavam rubras com o entusiasmo. Era graciosa, obviamente bem-treinada para a corte – exatamente o tipo de garota que Elend passou a juventude tentando evitar.

— Elend — Brisa falou —, permita-me apresentar Allrianne Cett, filha do Lord Ashweather Cett, rei do Domínio Ocidental.

— Vossa Majestade — Allrianne disse.

Elend meneou com a cabeça.

— Lady Cett — ele parou e, em seguida, com uma voz esperançosa, continuou —, seu pai a enviou como embaixadora?

Allrianne hesitou.

— Hum… ele não me mandou exatamente, Vossa Majestade.

— Ai, céus — Brisa disse, puxando um lenço para enxugar a testa.

Elend lançou um olhar de soslaio para Ham, em seguida voltou à garota.

— Talvez você deva explicar essa situação — ele falou, apontando para os assentos do átrio. Allrianne assentiu, ansiosa, mas ficou perto de Brisa quando se sentaram. Elend acenou para alguns serviçais trazerem vinho gelado.

Tinha a sensação de que precisaria de algo para beber.

— Vim pedir asilo, Vossa Majestade — Allrianne disse, falando rapidamente. — Tive que vir. Digo, Brisa deve ter contado como é meu pai.

Brisa sentou-se com desconforto, e Allrianne pousou a mão carinhosa no seu joelho.

— Como é seu pai? — Elend perguntou.

— É tão manipulador — Allrianne começou. — Tão *exigente*. Ele expulsou Brisinha, e eu tive de segui-lo, claro. Não passaria mais nenhum momento naquele acampamento. Um acampamento de guerra! Ele me trouxe, uma jovem lady, com ele para a guerra! O senhor sabe o que é ser olhada com lascívia por todo soldado que passa? Entende o que é viver numa tenda?

— Eu…

— Raramente tínhamos água fresca — Allrianne continuou. — E eu não podia tomar um banho sem temer que algum soldado espiasse! Durante nossas viagens, não havia nada a fazer o dia todo, exceto sentar na carruagem e chacoalhar, chacoalhar, chacoalhar. Até a chegada de Brisinha, eu não tive uma conversa refinada em semanas! E então, meu pai o afastou...

— Por quê? — perguntou Ham, ansioso.

Brisa tossiu.

— Eu tive que ir embora, Vossa Majestade — Allrianne disse. — O senhor precisa me dar asilo! Sei de coisas que poderiam ajudá-lo. Bem, eu vi o acampamento do meu pai. Aposto que o senhor não sabe que ele está recebendo suprimentos da fábrica de conservas de Haverfrex! O que acha disso?

— Hum… impressionante — Elend disse, com hesitação.

Allrianne meneou rapidamente a cabeça.

— E você veio encontrar Brisa? — Elend perguntou.

Allrianne corou um pouco, olhando para o lado. Porém, quando falou, demonstrou pouco tato.

— Precisava vê-lo novamente, Vossa Majestade. Tão charmoso, tão… maravilhoso. Não teria esperado que meu pai compreendesse um homem como ele.

— Sei — Elend disse.

— Por favor, Majestade — Allrianne disse. — Precisa me aceitar aqui. Agora que deixei meu pai, não tenho para onde ir!

— Pode ficar… por um tempo, ao menos — Elend disse, acenando para cumprimentar Dockson, que havia passado pelas portas do átrio. — Mas obviamente teve uma viagem difícil. Talvez queira se refrescar…?

— Ah, eu gostaria muito, Vossa Majestade!

Elend olhou para Cadon, um dos mordomos do palácio, que estava no fundo do salão com outros serviçais. Ele assentiu, e os aposentos foram preparados.

— Então — Elend disse, erguendo-se —, Cadon levará você aos aposentos. Jantaremos esta noite às sete, e podemos conversar novamente.

— Obrigada, Majestade! — Allrianne disse, saltando da cadeira. Deu outro abraço em Brisa, em seguida deu um passo atrás, como se fosse fazer o mesmo com Elend. Felizmente ela pensou melhor, deixando que os serviçais a levassem.

Elend se sentou. Brisa suspirou profundamente, recostando-se numa posição cansada quando Dockson se aproximou, tomando o assento da garota.

— Isso foi… inesperado — Brisa observou.

Houve um silêncio desconfortável, e as árvores do átrio balançavam levemente ao vento da sacada. Em seguida – com um estouro agudo –, Ham começou a gargalhar. O ruído animou Elend e – apesar do perigo, apesar da gravidade do problema – ele se viu gargalhando também.

— Ah, honestamente — Brisa bufou, o que apenas serviu para estimular os outros. Talvez fosse a mera incongruência da situação, talvez fosse porque precisava aliviar a tensão, mas Elend se flagrou gargalhando tanto que quase caiu da cadeira. Ham não agia de modo muito diferente, e até mesmo Dockson abriu um sorrisinho.

— Não consigo ver a graça nesta situação — Brisa disse. — A filha do Lorde Cett, um homem que atualmente está num cerco à nossa casa, acaba de pedir asilo na cidade. Se Cett não estava determinado a nos matar antes, certamente ficará agora!

— Eu sei — Elend disse, tentando respirar fundo. — Eu sei. É que…

— É essa imagem — Ham falou — de você sendo abraçado por aquele bolo fofo cortês. Não consigo imaginar algo mais bizarro que você sendo confrontado por uma jovem irracional!

— Isso complica um pouco mais as coisas — Dockson observou. — Embora eu não esteja acostumado com você sendo aquele que nos traz esse tipo de problema, Brisa. Honestamente, pensei que poderíamos evitar relações não planejadas com mulheres agora que Kell se foi.

— Não é minha culpa — Brisa enfatizou. — A afeição da garota é completamente descabida.

— Isso é verdade — Ham murmurou.

— Tudo bem — uma nova voz apareceu. — O que era aquela coisa rosa que acabou de passar por mim no corredor?

Elend virou-se para encontrar Vin em pé, de braços cruzados, na entrada do átrio. *Tão silenciosa. Por que anda de forma tão sorrateira até mesmo no palácio?* Ela nunca usava sapatos que estalassem, nunca usava saias que farfalhassem, e nunca tinha metais na roupa que pudessem tilintar ou serem *empurrados* por alomânticos.

— Não era rosa, minha querida — Brisa falou. — Era vermelho.

— Era quase — Vin falou, avançando. — Estava tagarelando com os serviçais sobre como seu banho quente precisava ser, garantindo que eles anotassem suas comidas favoritas.

Brisa suspirou.

— Essa é Allrianne. Provavelmente teremos que contratar um novo *chef* confeiteiro… ou isso, ou mandar buscar sobremesas. Ela é bem específica quanto às suas sobremesas.

— Allrianne Cett é filha de Lorde Cett — Elend explicou quando Vin, ignorando as cadeiras, sentou-se na ponta de uma floreira ao lado da cadeira dele, pousando a mão no braço do rei. — Aparentemente, ela e Brisa estão envolvidos.

— Perdão? — Brisa irritou-se.

No entanto, Vin franziu o nariz.

— Que horror, Brisa. Você é um velho. Ela é uma garota.

— Não há relacionamento — Brisa disse, ríspido. — Além disso, não sou *tão* velho… nem ela é *tão* jovem.

— Ela parece ter uns doze anos — Vin retrucou.

Brisa revirou os olhos.

— Allrianne foi uma criança da corte no interior, um pouco inocente, um pouco mimada, mas não merece que se fale dela assim. Na verdade, ela é bem astuta nas circunstâncias corretas.

— Então, houve alguma coisa entre vocês? — Vin pressionou.

— Claro que não — Brisa disse. — Bem, não de verdade. Nada real, embora talvez tenha tomado um rumo equivocado. *Tomou* um rumo equivocado, na verdade, quando o pai dela descobriu… Mas quem é você para falar, Vin? Acredito que lembro de uma certa *jovenzinha* louquinha por um *velho* Kelsier uns anos atrás.

Elend mostrou interesse nesse assunto.

Vin corou.

— Nunca fui louquinha por Kelsier.

— Nem mesmo no início? — Brisa perguntou. — Confesse, um homem elegante como aquele? Salvou você de ser espancada por seu líder de gangue, trouxe você…

— Você é doente — Vin declarou, cruzando os braços. — Kelsier era um pai para mim.

— No fim, talvez — Brisa falou —, mas…

Elend ergueu a mão.

— Chega — ele falou. — Esse tipo de discussão é inútil.

Brisa bufou, mas ficou em silêncio. *Tindwyl está certa*, Elend pensou. *Eles me ouvirão se eu agir como se esperasse que ouçam.*

— Precisamos decidir o que fazer — Elend disse.

— A filha do homem que está nos ameaçando poderia ser um elemento poderoso de barganha — Dockson falou.

— Você diz… mantê-la como refém? — Vin falou, apertando os olhos.

Dockson ergueu os ombros.

— Alguém precisa dizer o óbvio, Vin.

— Não uma refém de verdade — Ham falou. — Afinal, ela veio até nós. Simplesmente deixá-la ficar poderia ter o mesmo efeito de mantê-la como refém.

— Isso arriscaria despertar a fúria de Cett — Elend falou. — Nosso plano original era fazer ele pensar que somos aliados.

— Poderíamos devolvê-la, então — Dockson falou. — Isso poderia nos economizar um bom tempo de negociação.

— E o pedido dela? — Brisa perguntou. A garota não estava feliz no acampamento do pai. Não deveríamos ao menos considerar seus desejos?

Todos os olhos voltaram-se para Elend. Ele fez uma pausa. Apenas poucas semanas antes, eles teriam continuado a discutir. Parecia estranho que tivessem começado tão rapidamente a olhar para ele quando se tratava de decisões.

Quem era ele? Um homem que por acaso terminou no trono? Um pobre sucedâneo de um líder brilhante? Um idealista que não havia considerado os riscos que sua filosofia traria? Um tolo? Uma criança? Um impostor?

O melhor que eles tinham.

— Ela fica — Elend disse. — Por ora. Talvez sejamos forçados a devolvê-la no final, mas isso será uma distração útil para o exército de Cett. Deixe-os suar um pouco. Dará apenas mais tempo para nós.

Os membros do grupo assentiram, e Brisa parecia aliviado.

Farei o que puder, tomarei as decisões que eu vir que precisam ser tomadas, Elend pensou.

E então, aceitarei as consequências.

Podia trocar palavras com o mais fino dos filósofos e tinha uma memória impressionante. Quase tão boa quanto a minha. Ainda sim, não era dado a discussões.

22

Caos e instabilidade, a bruma era os dois. Sobre a terra havia um império, dentro daquele império havia uma dúzia de reinos fragmentados, dentro desses reinos ficavam cidades, vilas, vilarejos, fazendas. E, acima de todos eles, dentro deles, ao redor deles, estava a bruma. Era mais constante que o sol, pois não podia ser ocultada pelas nuvens. Era mais poderosa que as tempestades, pois sobrevivia a quaisquer fúrias climáticas. Sempre estava lá. Mutável, mas eterna.

O dia era um suspiro impaciente que aguardava a noite. No entanto, quando a noite chegou, Vin descobriu que as brumas não a acalmavam mais como antes.

Nada mais parecia certo. Antes, a noite era seu refúgio; agora, ela se flagrava olhando para trás, buscando silhuetas fantasmagóricas. Antes, Elend era sua paz, mas estava mudando. Antes, ela conseguia proteger as coisas que amava, mas temia cada vez mais que as forças que se moviam contra Luthadel estivessem além de sua capacidade de impedi-las.

Nada a apavorava mais que sua impotência. Durante a infância, achava normal que ela não pudesse mudar as coisas, mas Kelsier conseguira injetar orgulho nela.

Se ela não pudesse proteger Elend, para que serviria?

Ainda há algumas coisas que posso fazer, ela pensou com vigor. Agachou-se em silêncio sobre uma saliência, as franjas de sua capa de bruma pendendo, agitando-se levemente com o vento. Logo abaixo dela, as tochas queimavam de forma irregular diante da Fortaleza Venture, iluminando dois guardas de Ham. Estavam alertas dentro das brumas rodopiantes, mostrando uma diligência impressionante.

Os guardas não conseguiam vê-la sentada bem acima deles; mal poderiam ver cinco metros dentro das brumas espessas. Não eram alomânticos. Além do

grupo principal, Elend tinha acesso a meia dúzia de Brumosos – o que o tornava alomanticamente fraco se comparado à maioria dos outros novos reis do Império Final. Vin devia compensar a diferença.

As tochas tremeluziram quando as portas se abriram e uma figura saiu do palácio. A voz de Ham ecoou baixa nas brumas quando ele cumprimentou os guardas. Um motivo – talvez o principal motivo – pelo qual os guardas eram tão diligentes era Ham. Talvez fosse um pouco anarquista de coração, mas conseguia ser um líder muito bom se tivesse nas mãos uma equipe pequena. Apesar de seus guardas não serem os soldados mais educados e disciplinados que Vin já vira, eram extremamente leais.

Ham conversou com os homens por um tempo, em seguida fez um aceno de despedida e caminhou para dentro das brumas. O pequeno pátio entre a fortaleza e a muralha continha alguns postos de guarda e patrulhas, e Ham visitava um por um. Caminhava corajosamente à noite, confiando nas luzes difusas das estrelas para ver, em vez de cegar-se com uma tocha. Um hábito dos ladrões.

Vin sorriu, saltando silenciosamente no chão, e correu em seguida atrás de Ham. Ele continuou a caminhada, sem saber de sua presença.

Como era ter apenas um poder alomântico?, Vin se perguntou. *Ser capaz de ficar forte, mas ter ouvidos tão fracos quanto os de qualquer homem normal?* Fazia apenas dois anos, mas ela já confiava muito em suas capacidades.

Ham avançou, Vin seguindo-o discretamente, até chegarem à cilada. Vin ficou tensa e queimou bronze.

OreSeur uivou de repente, saltando de uma pilha de caixas. O kandra era uma silhueta escura na noite, seu latido incomodando até mesmo Vin. Ham girou, sussurrando um xingamento.

E, instintivamente, ele avivou peltre. Concentrada no bronze, Vin confirmou que os pulsos definitivamente vinham dele. Ham girou, procurando na noite enquanto OreSeur chegava ao chão. Vin, no entanto, simplesmente sorriu. A Alomancia de Ham significava que ele não era o impostor. Podia riscar outro nome da lista.

— Tudo bem, Ham — Vin falou, caminhando até ele.

Ham hesitou, baixando seu bastão de duelo.

— Vin? — ele perguntou, apertando os olhos na direção das brumas.

— Sou eu — ela falou. — Desculpe, você assustou meu cão. Ele pode ficar inquieto à noite.

Ham relaxou.

— Todos nós podemos, eu acho. Algo de novo nesta noite?

— Não que eu saiba — ela falou. — Eu te informo.

Ham meneou com a cabeça.

— Eu agradeço, embora eu duvide que você precise de mim. Sou capitão da guarda, mas você é quem faz todo o trabalho.

— Você é mais valioso que pensa, Ham — Vin falou. — Elend confia em você. Como Jastes e os outros o abandonaram, ele precisava de um amigo.

Ham assentiu. Vin virou-se, olhando para dentro das brumas, onde OreSeur estava sentado, à espera, sobre os quadris. Parecia ficar cada vez mais confortável no corpo de cão de guarda.

Agora que sabia que Ham não era um impostor, havia algo que precisava discutir com ele.

— Ham — ela falou —, sua proteção a Elend é mais valiosa do que pensa.

— Está falando sobre o impostor — Ham falou baixinho. — El me pediu para investigar algumas horas por dia a equipe do palácio para ver quem poderia estar faltando. Uma tarefa complicada.

Ela assentiu.

— Tem mais uma coisa, Ham. Meu atium acabou.

Ele ficou quieto nas brumas por um momento, em seguida ela o ouviu murmurar um impropério.

— Vou morrer da próxima vez que combater um Nascido das Brumas — ela disse.

— Não, a menos que ele tenha atium — Ham retrucou.

— Quais as chances de que alguém envie um Nascido das Brumas sem atium para lutar comigo?

Ele hesitou.

— Ham — ela disse —, preciso encontrar uma maneira de lutar com alguém que esteja queimando atium. Diga que conhece uma maneira.

Ham ergueu os ombros na escuridão.

— Existem várias teorias, Vin. Certa vez tive uma longa conversa com Brisa sobre isso… embora ele tenha passado a maior parte dela resmungando que eu sou um incômodo.

— Bem? — Vin perguntou. — O que posso fazer?

Ele esfregou o queixo.

— A maioria das pessoas concorda que a melhor maneira de matar um Nascido das Brumas com atium é surpreendê-lo.

— Isso não ajuda se ele me atacar primeiro — Vin falou.

— Bem — Ham respondeu —, tirando a surpresa, não há muito o que fazer. Algumas pessoas acham que talvez *você* conseguiria ser capaz de matar um Nascido das Brumas usando atium se pegá-lo numa situação inevitável. É como um jogo de fets – às vezes, a única maneira de pegar uma peça é encurralá-la para que, não importa o que ela faça, ela morra.

Mas fazer isso com um Nascido das Brumas é muito difícil. A questão é que o atium faz com que o Nascido das Brumas veja o futuro, então ele sabe quando um movimento o deixará sem saída, e assim ele pode evitar a situação. Dizem também que o metal aumenta as capacidades mentais de alguma forma."

— Aumenta. Quando queimo atium, é comum eu desviar antes mesmo que eu registre que um ataque está vindo.

Ham assentiu.

— Então, o que mais? — Vin quis saber.

— É isso, Vin — Ham respondeu. — Brutamontes falam muito sobre esse assunto, todos nós tememos lutar com um Nascido das Brumas. Essas são as duas opções: surpreendê-lo ou derrotá-lo. Sinto muito.

Vin franziu o cenho. Nenhuma opção seria boa para ela se caísse numa emboscada.

— Olha, preciso continuar a ronda. Prometo contar sobre quaisquer cadáveres que eu produzir.

Ham deu uma risada.

— Que tal tentar evitar entrar em situações nas quais tenha de produzi-los, hein? Só Deus sabe o que seria desse reino se perdêssemos você…

Vin assentiu, embora não tivesse certeza o quanto Ham conseguia ver dela na escuridão. Acenou para OreSeur, seguindo na direção da muralha da fortaleza, deixando Ham no caminho de paralelepípedos.

— Senhora — OreSeur disse, quando chegaram ao topo da muralha —, posso saber qual o objetivo de surpreender o Mestre Hammond daquele jeito? Gosta tanto assim de assustar seus amigos?

— Era um teste — Vin respondeu, parando além de uma lacuna do merlão, olhando sobre a cidade.

— Um teste, senhora?

— Para ver se ele usaria Alomancia. Dessa forma, saberia que ele não era o impostor.

— Ah — o kandra disse. — Inteligente, senhora.

Vin sorriu.

— Obrigada — ela respondeu. Uma patrulha de guardas movia-se na direção deles. Sem querer ter de conversar com eles, Vin meneou a cabeça para o posto de guarda no topo da muralha. Saltou, empurrando uma moeda, e aterrissou no topo do posto. OreSeur partiu atrás dela, usando sua estranha musculatura kandra para saltar três metros.

Vin sentou-se de pernas cruzadas para pensar, e OreSeur caminhou para a lateral do telhado e deitou-se com as patas penduradas na beirada. Quando se sentaram, Vin refletiu. *OreSeur me disse que um kandra não ganha poderes alomânticos se engole um alomântico… mas um kandra pode ser um alomântico? Nunca terminamos essa conversa.*

— Isso me dirá se uma pessoa não é um kandra, não é? — Vin perguntou, virando-se para OreSeur. — Seu povo não tem poderes alomânticos, certo?

OreSeur não respondeu.

— OreSeur? — Vin disse.

— Não sou obrigado a responder a essa pergunta, senhora.

Sim, Vin pensou com um suspiro. *O Contrato. Como poderei capturar esse outro kandra se OreSeur não responde às minhas perguntas?* Ela se recostou em frustração, fitando as brumas infinitas, usando a capa de bruma como almofada.

— Seu plano funcionará, senhora — OreSeur disse baixinho.

Vin parou, virando a cabeça para olhar para ele. Ele estava deitado com a cabeça nas patas dianteiras, encarando a cidade.

— Se a senhora sentir Alomancia vindo de alguém, esse alguém não é um kandra.

Vin sentiu uma relutância nas palavras dele, e ele não olhou para ela. Era como se falasse de má vontade, entregando informações que ele preferiria guardar para si.

Tão misterioso, Vin pensou.

— Obrigada — ela falou.

OreSeur ergueu seus ombros caninos.

— Sei que você preferiria não ter de lidar comigo — ela disse. — Nós dois preferiríamos manter distância um do outro. Mas precisamos fazer as coisas funcionarem dessa maneira.

OreSeur assentiu novamente, em seguida virou levemente a cabeça e olhou para ela.

— Por que é que a senhora me odeia?

— Eu não odeio você — Vin respondeu.

OreSeur ergueu uma sobrancelha canina. Havia sabedoria naqueles olhos, uma compreensão que Vin ficou surpresa em ver. Nunca vira essas coisas nele antes.

— Eu… — Vin interrompeu-se, desviando o olhar. — Eu apenas não superei o fato de você ter comido o corpo de Kelsier.

— Não é isso — OreSeur disse, voltando a olhar a cidade. — A senhora é esperta demais para se incomodar com isso.

Vin franziu o cenho, indignada, mas o kandra não estava olhando para ela. Ela se virou, voltando a encarar as brumas. *Por que ele trouxe isso à tona?*, ela pensou. *Estávamos começando a nos dar bem.* Ela queria esquecer aquilo.

Quer mesmo saber?, ela pensou. *Ótimo.*

— É porque você sabia — ela sussurrou.

— Perdão, senhora?

— Você sabia — Vin falou, ainda olhando para dentro das brumas. — Você era o único do grupo que sabia que Kelsier morreria. Ele lhe disse que se sacrificaria e pediu para você assumir seus ossos.

— Ah — OreSeur disse em voz baixa.

Vin virou olhos acusadores para a criatura.

— Por que você não disse nada? Sabia o que sentíamos por Kelsier. Nem mesmo *considerou* nos contar que aquele idiota planejava se matar? Não passou pela sua cabeça que poderíamos impedi-lo, que poderíamos encontrar outra maneira?

— A senhora está sendo muito dura.

— Bem, você quis saber — Vin falou. — Foi pior depois da morte dele. Quando você veio ser meu servo por ordem dele. Você nunca falou sobre o que tinha feito.

— O Contrato, senhora — OreSeur disse. — Talvez a senhora não deseje ouvir isso, mas eu fui obrigado. Kelsier não queria que vocês soubessem dos planos, então eu não podia contar. Odeie-me se quiser, mas não me arrependo dos meus atos.

— Eu não odeio você. — *Eu superei isso*. — Mas, honestamente, você não quebraria o Contrato nem mesmo pelo bem dele? Você serviu Kelsier por dois anos. Não doía saber que ele iria morrer?

— Por que eu deveria me importar se um mestre ou outro morrer? — OreSeur falou. — Sempre haverá outro para tomar seu lugar.

— Kelsier não era esse tipo de mestre — Vin falou.

— Não era?

— Não.

— Peço desculpas, senhora — OreSeur falou. — Então, acreditarei no que ordenar.

Vin abriu a boca para responder, em seguida fechou-a. Se ele estivesse determinado a continuar pensando como um idiota, era direito dele fazê-lo. Podia continuar a se ressentir dos mestres, bem como…

Bem como ela se ressentia dele. Por manter sua palavra, por seguir seu Contrato.

Desde que eu o conheço, não fiz nada além de tratá-lo mal, Vin pensou. *Primeiro, quando era Renoux, reagia contra sua postura esnobe, mas aquela postura não era dele, era parte do papel que ele precisava representar. Em seguida, como OreSeur, eu o evitei. Cheguei a odiá-lo por deixar Kelsier morrer. Agora eu o forcei a assumir o corpo de um animal.*

E, em dois anos de convivência, as únicas vezes em que perguntei sobre seu passado, fiz isso para reunir informações sobre seu povo para que pudesse encontrar o impostor.

Vin observou as brumas. De todas as pessoas no grupo, apenas OreSeur continuava sendo um intruso. Não era convidado para suas reuniões. Não herdara uma posição no governo. Ajudava tanto quanto os outros, desempenhando um papel fundamental – o de "espírito" de Kelsier, que voltara do túmulo para incitar os skaa à sua rebelião final. Ainda assim, enquanto o resto deles tinha títulos, amizades e obrigações, a única coisa que OreSeur ganhou com a queda do Império Final foi outra mestra.

Uma que o odiava.

Não é à toa que reage dessa forma, Vin pensou. As últimas palavras de Kelsier para ela voltaram à sua mente: *Você precisa aprender muito sobre amizade, Vin…* Kell e os outros a convidaram a ingressar na equipe, trataram-na com dignidade e amizade, mesmo quando não merecera.

— OreSeur — ela disse —, como era sua vida antes de ser recrutado por Kelsier?

— Não vejo o que isso tem a ver com a busca ao impostor, senhora — OreSeur respondeu.

— Não tem nada a ver com isso — Vin retrucou. — Só pensei que talvez devesse conhecê-lo melhor.

— Aceite minhas desculpas, senhora, mas não quero que a senhora me conheça.

Vin suspirou. *Tanto esforço para nada.*

Mas… bem, Kelsier e os outros não lhe viraram as costas quando ela fora ríspida com eles. Havia um tom familiar nas palavras de OreSeur. Algo nelas que Vin reconhecia.

— Anonimato — Vin disse, baixinho.

— Senhora?

— Anonimato. Esconder-se até mesmo quando está com outras pessoas. Ser quieto, reservado. Forçar-se a ficar apartado, ao menos emocionalmente. É uma forma de vida. Uma proteção.

OreSeur não respondeu.

— Você serve seus mestres — Vin falou. — Homens duros que temem sua competência. A única maneira de fazer com que eles não te odeiem é garantir que não prestem atenção em você. Então, projeta uma imagem de ser pequeno e fraco. Não de uma ameaça. Mas às vezes você fala a palavra errada, ou deixa sua rebeldia aflorar.

Ela se virou para ele. Ele a observava.

— Sim — ele disse, por fim, virando-se para olhar novamente a cidade.

— Eles te odeiam — Vin falou em voz baixa. — Te odeiam por seus poderes, porque não podem fazer você quebrar sua palavra ou porque se preocupam que você seja forte demais para controlar.

— Eles ficam com medo de você — OreSeur disse. — Ficam cada vez mais paranoicos, aterrorizados, mesmo quando estão te usando, que você tome o lugar deles. Apesar do Contrato, apesar de saber que nenhum kandra quebraria seu voto sagrado, eles temem você. E homens odeiam o que temem.

— E, então — Vin falou —, eles encontram desculpas para bater em você. Às vezes, até seus esforços para permanecer ileso parecem provocá-los. Eles odeiam sua habilidade, odeiam o fato de que não têm mais motivos para bater em você, então batem.

OreSeur voltou-se para ela.

— Como a senhora sabe dessas coisas? — ele questionou.

Vin deu de ombros.

— Não são apenas os kandras que são tratados assim, OreSeur. É a mesma maneira que os líderes de gangue tratam uma garotinha, uma anomalia num submundo criminoso cheio de homens. Uma criança que tinha a estranha capacidade de fazer as coisas acontecerem, influenciar pessoas, ouvir o que não deveria, mover-se mais rápida e silenciosamente que os outros. Uma ferramenta, porém uma ameaça ao mesmo tempo.

— Eu… não entendi, senhora.

Vin franziu a testa.

Como ele poderia não saber sobre o meu passado? Ele sabia que eu era uma criança de rua. Entretanto… ele sabia? Pela primeira vez, Vin percebeu como OreSeur deve tê-la visto dois anos antes, quando ela o encontrou pela primeira vez. Ele chegara na área após seu recrutamento; provavelmente supôs que ela fazia parte da equipe de Kelsier havia anos, como os outros.

— Kelsier me recrutou alguns dias antes de eu conhecer você — Vin contou. — Bem, na verdade, não foi bem um *recrutamento*, mas um *resgate*. Passei minha infância participando de uma ou outra gangue de ladrões, sempre trabalhando para os homens menos respeitáveis e mais perigosos, pois esses eram os únicos que aceitariam dois temporários como meu irmão e eu. Os líderes de gangue espertos percebiam que eu era uma boa ferramenta. Não tenho certeza de que eles me percebiam como uma alomântica, alguns provavelmente sim, outros apenas pensavam que eu era "sortuda". De qualquer forma, eles precisavam de mim. E aquilo fazia com que me odiassem.

— Então, batiam na senhora?

Vin concordou com a cabeça.

— Especialmente o último. Foi quando eu comecei de fato a entender como usar a Alomancia, embora não soubesse o que era. Mas Camon sabia. E ele me odiou mesmo enquanto me usava. Acho que tinha medo de que eu entendesse como usar meus poderes de forma plena. E tinha medo que eu o matasse quando esse dia chegasse… — Vin virou a cabeça, olhando para OreSeur. — Que eu o matasse e tomasse seu lugar como líder da gangue.

OreSeur ficou sentado em silêncio, sobre os quadris agora, observando-a.

— Os kandras não são os únicos que os seres humanos tratam mal — Vin falou em voz baixa. — Somos muito bons em abusar dos nossos semelhantes também.

OreSeur bufou.

— Com a senhora, ao menos, eles precisavam se refrear por medo de matá-la. Já foi espancada por um mestre ciente de que, não importa o quanto ele bata forte, você não morrerá? Tudo que ele precisa fazer é arranjar um novo conjunto de ossos, e você estará pronto para servi-lo novamente no dia seguinte. Somos os servos ideais: você pode nos bater até a morte pela manhã, e serviremos o jantar para você à noite. Todo o sadismo sem custo algum.

Vin fechou os olhos.

— Entendo. Eu não era kandra, mas tinha peltre. Acho que Camon sabia que podia me bater mais forte do que ele deveria.

— Por que não fugia? — OreSeur perguntou. — Não havia um Contrato que obrigasse a senhora.

— Eu… não sei — Vin falou. — As pessoas são estranhas, OreSeur, e a lealdade muitas vezes é deturpada. Fiquei com Camon porque ele era conhecido, e eu temia ir embora mais do que ficar. Aquela gangue era tudo que eu tinha. Meu irmão tinha ido embora, e fiquei aterrorizada com a possibilidade de ficar sozinha. Parece algo estranho agora, quando lembro.

— Às vezes uma situação ruim é melhor que a alternativa. A senhora fez o que precisava para sobreviver.

— Talvez — Vin falou. — Mas há um caminho melhor, OreSeur. Eu não conheci esse caminho até Kelsier me encontrar, mas a vida não precisa ser assim. Não é preciso passar anos desconfiando, ficando à sombra e mantendo-se à parte de tudo.

— Talvez se eu fosse humano. Sou um kandra.

— Ainda assim, pode confiar — Vin falou. — Não *precisa* odiar seus mestres.

— Eu não odeio todos, senhora.

— Mas não confia neles.

— Não é nada pessoal, senhora.

— É, sim — Vin retrucou. — Não confia em nós porque tem medo de que o machuquemos. Entendo isso, passei meses com Kelsier imaginando quando eu seria ferida novamente.

Ele hesitou.

— Mas, OreSeur, ninguém nos traiu. Kelsier estava *certo*. Parece incrível para mim, mesmo agora, mas os homens nesse grupo, Ham, Dockson, Brisa, eles são pessoas boas. E, mesmo se um deles me traísse, eu ainda preferiria ter confiado neles. Posso dormir à noite, OreSeur. Posso sentir paz, posso rir. A vida é diferente. Melhor.

— Você é humana — OreSeur disse, com teimosia. — Pode ter amigos porque eles não têm a preocupação de que um dia você os comerá, ou alguma outra bobagem dessas.

— Eu não penso isso sobre você.

— Não? Senhora, acabou de admitir que se ressente de mim porque engoli Kelsier. Além disso, odeia o fato de que cumpri com meu Contrato. A senhora, ao menos, foi honesta. Seres humanos nos acham perturbadores. Odeiam que comamos sua espécie, mesmo que apenas peguemos os corpos que já estão mortos. Seu povo acha inquietante que possamos assumir sua forma. Não me

diga que já não ouviu lendas sobre o meu povo. Espíritos das brumas, assim nos chamam, criaturas que roubam a forma dos homens que entram nas brumas. Acha que um monstro como esse, uma lenda usada para assustar crianças, encontrará aceitação na sua sociedade?

Vin franziu o cenho.

— Por isso existe o Contrato, senhora — OreSeur disse, a voz abafada e ríspida enquanto falava com os lábios caninos. — A senhora não imagina porque simplesmente não fugimos de vocês? Nos misturamos na sua sociedade e nos tornamos invisíveis? Tentamos. Há muito tempo, quando o Império Final começou. Seu povo nos encontrou e começou a nos destruir. Usavam os Nascidos da Bruma para nos caçar, pois havia muito mais alomânticos naqueles dias. Seu povo nos odiava pois temia que iríamos substituí-lo. Fomos destruídos quase por completo, e então criamos o Contrato.

— Mas que diferença isso faz? — Vin perguntou. — Vocês continuam fazendo as mesmas coisas, não é?

— Sim, mas agora as fazemos sob o comando *de vocês* — OreSeur respondeu. — Homens gostam de poder, e amam controlar algo poderoso. Nosso povo se ofereceu para servir, e assim criamos um contrato vinculante, um que todo kandra jurou manter. Não mataremos homens. Tomaremos ossos apenas quando ordenado. Serviremos nossos mestres com obediência absoluta. Começamos a seguir essas regras, e os homens pararam de nos matar. Ainda nos odiavam e nos temiam, mas também sabiam que poderiam nos controlar. Viramos suas ferramentas. Desde que permaneçamos subservientes, senhora, sobreviveremos. E é por isso que obedeço. Romper com o Contrato seria trair meu povo. Não podemos combatê-los, não enquanto vocês tiverem os Nascidos da Bruma, então precisamos servi-los.

Nascidos da Bruma. Por que os Nascidos da Bruma são tão importantes? Ele insinuou que eles conseguiam encontrar os kandras…

Ela manteve esse bocado para si; sentiu que, se insistisse, ele se fecharia novamente. Então, em vez disso, ela se sentou e fitou os olhos de OreSeur na escuridão.

— Se quiser, eu liberto você do seu Contrato.

— E o que mudaria? — OreSeur perguntou. — Eu apenas assumiria outro Contrato. Pelas nossas leis, precisarei esperar outra década antes de cumprir o período de liberdade… e só por dois anos, tempo em que não poderei sair da terra dos kandras. De outra forma, arriscaria me expor.

— Então, ao menos, aceite minhas desculpas — ela pediu. — Fui estúpida

em me ressentir de você por cumprir seu Contrato.

OreSeur fez uma pausa.

— Isso não consertaria as coisas, senhora. Ainda preciso usar este maldito corpo de cachorro… não tenho personalidade ou ossos para imitar!

— Achei que apreciaria a oportunidade de simplesmente ser você mesmo.

— Eu me sinto nu — OreSeur confessou. Ficou sentado por um momento; em seguida, abaixou a cabeça. — Mas… tenho que admitir que há vantagens nestes ossos. Não havia percebido o quanto eles me deixariam discreto.

Vin assentiu.

— Houve períodos na minha vida em que eu teria dado qualquer coisa para poder assumir a forma de um cão e viver a vida sendo ignorada.

— Não mais?

Vin sacudiu a cabeça.

— Não. Bem, não o tempo todo. Costumava pensar que todo mundo era como você diz, odioso, nocivo. Mas existem pessoas boas no mundo, OreSeur. Queria poder provar isso para você.

— A senhora está falando do seu rei — OreSeur disse, lançando um olhar para a fortaleza.

— Sim — Vin disse. — E de outros.

— A senhora?

Vin negou com a cabeça.

— Não, eu não. Não sou nem boa, nem má. Estou aqui apenas para matar.

OreSeur observou-a por um momento, em seguida deitou-se novamente.

— Mesmo assim — ele falou —, a senhora não é minha pior mestra. Talvez isso seja um elogio entre o nosso povo.

Vin sorriu, mas as palavras dela a deixaram um pouco assombrada.

Apenas para matar…

Ela olhou para a luz dos exércitos fora da cidade. Uma parte dela – a parte que fora treinada por Reen, a parte que às vezes utilizava sua voz no fundo de sua mente – sussurrava que havia outra maneira de combater esses exércitos. Em vez de confiar em política e negociações, o grupo poderia usar Vin. Enviá-la numa visita secreta no meio da noite que exterminaria reis e generais dos exércitos.

Mas ela sabia que Elend não aprovaria tal coisa. Ele contestava o uso do medo para motivar, mesmo contra um inimigo. Ele insistiria que, se ela matasse Straff ou Cett, eles simplesmente seriam substituídos por outros homens, homens talvez mais hostis perante a cidade.

Ainda assim, parecia uma resposta brutal, lógica. Uma parte de Vin ansiava por fazer aquilo, pois ao menos estaria fazendo algo em vez de esperar e conversar. Ela não era uma pessoa feita para sofrer um cerco.

Não, ela pensou. *Esse não é meu jeito. Não preciso ser como Kelsier. Duro. Inflexível. Posso ser melhor confiando no jeito de Elend.*

Ela deixou de lado a parte de si que queria assassinar Straff e Cett e voltou sua atenção para outras coisas. Concentrou-se no bronze, buscando sinais de Alomancia. Embora gostasse de saltar por aí e "patrulhar" a área, a verdade era que tinha a mesma eficácia permanecendo em um lugar. Assassinos provavelmente sondariam os portões principais, pois era onde as patrulhas começavam e a maior concentração de soldados esperava.

Ainda assim, ela sentiu sua mente divagar. Havia forças se movendo no mundo, e Vin não tinha certeza se queria fazer parte delas.

Qual é o meu lugar?, ela se perguntou. Nunca sentira que descobriria – não no passado, quando se fez passar por Valette Renoux, nem agora, quando agia como guarda-costas do homem que amava. Nada se encaixava bem.

Fechou os olhos, queimando estanho e bronze, sentindo o toque da bruma trazida pelo vento na pele. E, estranhamente, sentiu algo mais, algo muito leve. À distância, conseguia sentir pulsações alomânticas. Eram tão abafadas que quase as perdeu.

Eram como os pulsos liberados pelo espírito das brumas. Conseguia ouvi-lo também, muito mais próximo. Sobre um prédio na cidade. Estava se acostumando com sua presença, mesmo não tendo muita escolha. Ainda assim, desde que ele apenas observasse…

Ele tentou matar um dos companheiros do Herói, ela pensou. *Aquilo o esfaqueou, de alguma forma*. Ou assim o diário registrava.

Mas… o que era aquela pulsação distante? Era suave… e mesmo assim poderosa. Como um tambor longínquo. Ela apertou os olhos, concentrando-se.

— Senhora? — OreSeur disse, de repente interessado.

Vin abriu os olhos de uma vez.

— Quê?

— Não ouviu isso?

Vin sentou-se.

— O qu… — Então, ela reconheceu. Passos fora da muralha, a uma distância curta. Ela se inclinou mais perto, notando uma figura escura caminhando pela via na direção da fortaleza. Estava tão concentrada no bronze que desligara completamente os sons reais.

— Bom trabalho — ela disse, aproximando-se da beirada do telhado do posto de guarda. Apenas então percebeu algo importante. OreSeur havia tomado a iniciativa: ele a alertara do perigo sem ter recebido ordens específicas para ouvir.

Era um pequeno passo, mas parecia importante.

— O que acha? — ela perguntou em voz baixa, observando a figura se aproximar. Não carregava tocha e parecia confortável nas brumas.

— Alomântico? — OreSeur perguntou, agachando-se ao lado dela.

Vin negou com a cabeça.

— Não tem pulso alomântico.

— Então, se for um, é Nascido das Brumas — OreSeur falou. Ainda não sabia que ela conseguia perfurar as nuvens de cobre. — É alto demais para ser seu amigo, Zane. Cuidado, senhora.

Vin assentiu, lançou uma moeda, em seguida lançou-se para dentro das brumas. OreSeur saltou atrás dela pelo posto de guarda, em seguida saltou da muralha e caiu uns seis metros no chão.

Com certeza ele gosta de testar os limites daqueles ossos, ela pensou. Claro, se uma queda não podia matá-lo, então talvez ela pudesse entender sua coragem.

Ela se guiou *puxando* os pregos em um telhado de madeira, aterrissando a uma curta distância da figura obscura. Puxou as adagas e preparou os metais, garantindo que estava com duralumínio. Em seguida, moveu-se em silêncio pela rua.

Surpresa, ela pensou. A sugestão de Ham a deixara nervosa. Não conseguia sempre depender da surpresa. Seguiu o homem, examinando-o. Era alto, muito alto. E de túnica. De fato, aquela túnica...

Vin parou por um instante.

— Sazed? — ela perguntou, assustada.

O terrisano virou-se, o rosto agora visível para seus olhos aguçados com estanho. Ele sorriu.

— Ah, Lady Vin — ele falou com sua voz familiar, sábia. — Estava já me perguntando quanto tempo levaria até me encontrar. Você está…

Foi interrompido quando Vin o agarrou num abraço entusiasmado.

— Não pensei que você fosse voltar tão rápido!

— Não tinha planos de voltar, Lady Vin — Sazed falou. — Mas os acontecimentos são de uma natureza tal que não pude evitar este lugar, creio eu. Venha, precisamos falar com Sua Majestade. Tenho notícias de caráter

bastante desconcertante.

Vin soltou-o, olhando para seu rosto gentil, notando o cansaço nos seus olhos. Exaustão. As túnicas estavam sujas e cheiravam a cinza e suor. Sazed em geral era muito meticuloso, mesmo quando viajava.

— O que foi? — ela perguntou.

— Problemas, Lady Vin — ele disse em voz baixa. — Problemas e atribulações.

Os terrisanos rejeitaram-no, mas ele veio a liderá-los.

23

— O rei Lekal afirmou que tinha vinte mil criaturas em seu exército — Sazed falou em voz baixa.

Vinte mil!, Elend pensou, em choque. Era facilmente tão perigoso quanto os cinquenta mil homens de Straff. Provavelmente mais ainda.

A mesa ficou em silêncio, e Elend olhou ao redor para os outros. Estavam sentados na cozinha do palácio, onde alguns cozinheiros preparavam apressadamente um jantar tardio para Sazed. A sala branca tinha uma alcova na lateral com uma mesa modesta para as refeições do servos. Não era surpresa que Elend nunca tivesse jantado naquela saleta, mas Sazed insistira para não acordarem os serviçais que seriam necessários para preparar a sala de jantar principal, embora ele aparentemente não tivesse comido o dia inteiro.

Então, sentaram-se nos banquinhos de madeira, esperando enquanto os cozinheiros trabalhavam – longe o bastante para que não ouvissem a conversa sussurrada na alcova. Vin estava sentada ao lado de Elend, o braço ao redor de sua cintura, seu cão de caça kandra no chão ao lado dela. Brisa estava sentado do outro lado, desgrenhado; ele havia ficado bastante aborrecido quando o acordaram. Ham sempre estava pronto, como o próprio Elend. Outra proposta precisava ser trabalhada – uma carta que ele enviaria à Assembleia explicando que teria um encontro informal com Straff, e não uma reunião oficial.

Dockson puxou um banco, escolhendo um lugar longe de Elend, como de costume. Trevo sentou-se curvado em seu lado do banco, embora Elend não pudesse dizer se a postura se devia ao cansaço ou ao mau humor geral de Trevo. Restava apenas Fantasma, que estava sentando em uma das mesas de serviço à distância, suas pernas balançando enquanto, às vezes, furtava um bocado de comida dos cozinheiros nervosos. Estava, como Elend se divertiu ao perceber, flertando sem sucesso com uma garota sonolenta da cozinha.

E, então, havia Sazed. O terrisano estava sentado bem diante de Elend com o bom senso calmo e controlado que apenas Sazed podia alcançar. Sua túnica

estava empoeirada, e ele parecia estranho sem os brincos – retirados para não tentar os ladrões, Elend supôs –, mas seu rosto e suas mãos estavam limpos. Mesmo sujo da viagem, Sazed ainda emanava uma sensação de asseio.

— Peço perdão, Vossa Majestade — Sazed falou. — Mas não acho que Lorde Lekal seja digno de confiança. Acredito que os senhores eram amigos antes do Colapso, mas seu estado atual parece um pouco… instável.

Elend assentiu.

— Como você acha que ele os controla?

Sazed sacudiu a cabeça.

— Não consigo adivinhar, Majestade.

Ham balançou a cabeça.

— Tenho homens na guarda que vieram do sul após o Colapso. Eram soldados, servindo numa guarnição próxima do acampamento koloss. Não fazia nem um dia que o Senhor Soberano havia sido morto e as criaturas enlouqueceram. Atacaram tudo na área: vilas, guarnições e cidades.

— O mesmo aconteceu no noroeste — Brisa falou. — As terras de Lorde Cett foram invadidas por refugiados correndo dos koloss enfurecidos. Cett tentou recrutar a guarnição de koloss próxima de suas terras, e eles o seguiram por um tempo. Mas então algo os enlouqueceu, e eles simplesmente atacaram seu exército. Precisou massacrar todos eles – e perdeu quase dois mil soldados para matar uma pequena guarnição de quinhentos koloss.

O grupo ficou em silêncio novamente, enquanto os estalos e as conversas da equipe de cozinheiros soavam a uma curta distância. *Quinhentos koloss mataram dois mil homens,* Elend pensou. *E o exército de Jastes tem vinte mil dessas feras. Senhor Soberano…*

— Quanto tempo? — Trevo perguntou. — A que distância?

— Levei pouco mais de uma semana para chegar aqui — Sazed disse. — Embora parecesse que o Rei Lekal estava acampado já há algum tempo. Obviamente está vindo nesta direção, mas não sei com que velocidade pretende marchar.

— Provavelmente não estava esperando encontrar aqueles dois outros exércitos impedindo-o de chegar à cidade — Ham observou.

Elend concordou com a cabeça.

— O que fazemos, então?

— Não vejo o que *podemos* fazer, Majestade — Dockson disse, sacudindo a cabeça. — O relato de Sazed não me dá muita esperança de que seremos capazes de conversar razoavelmente com Jastes. E com o cerco que já estamos

sofrendo, há pouco o que fazer.

— Ele poderia simplesmente dar meia-volta e sumir — Ham falou. — Com dois exércitos já aqui…

Sazed olhou, hesitante.

— Ele sabia sobre os exércitos, Lorde Hammond. Parecia confiar em seus koloss para derrotar os exércitos humanos.

— Com vinte mil — Trevo falou —, ele conseguiria tomar qualquer um dos exércitos.

— Mas teria problemas com os dois — Ham falou. — *Isso* me faria parar, se eu fosse ele. Ao aparecer com um punhado de koloss voláteis, simplesmente poderia inquietar Cett e Straff a ponto de eles juntarem forças contra ele.

— O que cairia muito bem para nós — Trevo falou. — Quanto mais as *outras* pessoas lutarem, melhor ficaremos.

Elend recostou-se. Sentiu a ansiedade agigantar-se, e era bom ter Vin ao seu lado, abraçada a ele, mesmo sem falar muito. Às vezes, sentia-se mais forte simplesmente porque ela estava presente. *Vinte mil koloss*. Essa única ameaça assustava-o mais do que qualquer dos exércitos.

— Poderia ser algo bom — Ham falou. — Se Jastes *estivesse* prestes a perder o controle daquelas feras perto de Luthadel, seria uma boa chance de eles atacarem um desses outros exércitos.

— Concordo — Brisa falou, exausto. — Acho que precisamos nos manter firmes, prolongando o cerco até o exército de koloss chegar. Mais um exército no caldeirão significa apenas mais vantagem para nós.

— Não gosto da ideia de koloss na área — Elend falou, estremecendo levemente. — Não importa que vantagem eles nos ofereçam. Se atacarem a cidade…

— Digo para nos preocuparmos com isso quando, e se, chegarem — Dockson falou. — Por ora, precisamos continuar com nossos planos originais. Sua Majestade encontra Straff, tenta manipulá-lo para ingressar numa aliança secreta conosco. Com sorte, a presença iminente de koloss o fará desejar mais ainda o acordo.

Elend assentiu. Straff aceitara a reunião, e eles combinaram uma data para dali a poucos dias. A Assembleia estava irritada, pois ele não se consultara com eles sobre horário e local, mas havia pouco que pudessem fazer sobre a questão.

— Muito bem — Elend finalmente disse, suspirando. — Você disse que trazia outras notícias, Sazed? Esperamos que sejam melhores.

Sazed fez uma pausa. Um cozinheiro finalmente se aproximou, deixando um prato de comida diante dele: cevada cozida a vapor com tiras de carne e alguns lagets temperados. Os aromas bastaram para deixar Elend um pouco faminto. Ele acenou agradecido ao *chef* do palácio, que insistira em preparar a refeição pessoalmente apesar do horário tardio. O homem acenou à sua equipe e começou a se retirar.

Sazed estava em silêncio, esperando para falar apenas quando os cozinheiros estavam novamente distantes.

— Não sei se devo mencioná-lo, Majestade, pois seus fardos já parecem grandes.

— Você pode simplesmente me dizer — Elend pediu.

Sazed assentiu.

— Temo que talvez tenhamos exposto o mundo a alguma coisa quando assassinamos o Senhor Soberano, Vossa Majestade. Algo imprevisto.

Brisa ergueu uma sobrancelha cansada.

— Imprevisto? Você diz algo além dos koloss enfurecidos, déspotas sedentos por poder e bandoleiros?

Sazed fez uma pausa.

— Hum, sim. Falo de questões um pouco mais nebulosas, temo eu. Existe algo de errado com as brumas.

Vin empertigou-se levemente ao lado de Elend, interessada.

— Como assim?

— Estive seguindo uma trilha de eventos — Sazed explicou. Abaixou a cabeça como se estivesse envergonhado. — Realizando uma investigação, por assim dizer. Veja, ouvi vários relatos das brumas vindo durante o dia.

Ham ergueu os ombros.

— Isso acontece às vezes. Há dias enevoados, especialmente no outono.

— Não é isso que quero dizer, Lorde Hammond — Sazed falou. — Existe uma diferença entre a bruma e a névoa ordinária. Talvez seja difícil identificar, mas é perceptível para um olhar cuidadoso. A bruma é mais espessa e… bem…

— Ela se move em padrões maiores — Vin falou em voz baixa. — Como rios no céu. Nunca paira em um lugar, flutua na brisa, quase como se a própria bruma fizesse a brisa.

— E não consegue entrar em construções — Trevo falou. — Ou em tendas. Evapora logo em seguida.

— Sim — Sazed falou. — Quando ouvi esses relatos de brumas diurnas pela primeira vez, supus que as pessoas estivessem apenas deixando suas

superstições fugir de controle. Conheci muitos skaa que se recusavam a sair numa manhã enevoada. No entanto, fiquei curioso sobre os relatos, então os rastreei até um vilarejo no sul. Dei aulas lá por algum tempo, e nunca recebi confirmação das histórias. Então, saí daquele lugar.

Fez uma pausa e franziu levemente o cenho.

— Vossa Majestade, por favor, não pense que estou maluco. Durante essas viagens, passei por um vale isolado, e vi o que juro ser bruma, e não névoa. Ela se movia pela paisagem, pairando na minha direção. À luz do dia.

Elend olhou para Ham. Ele ergueu os ombros.

— Não olhe para mim.

Brisa bufou.

— Ele estava pedindo sua opinião, meu caro.

— Bem, não tenho nenhuma.

— Belo filósofo você é.

— Não sou filósofo — Ham falou. — Apenas gosto de refletir sobre as coisas.

— Bem, pense sobre *isso*, então — Brisa retrucou.

Elend olhou para Sazed.

— Esses dois sempre foram assim?

— Para ser honesto, não tenho certeza, Majestade — Sazed falou, abrindo um pequeno sorriso. — Eu os conheci um pouco antes que o senhor.

— Sim, sempre foram assim — Dockson disse, dando um suspiro silencioso. — Na verdade, estão piorando com o passar dos anos.

— Não está com fome? — Elend perguntou, meneando a cabeça para o prato de Sazed.

— Posso comer antes que nossa discussão tenha terminado? — Sazed falou.

— Sazed, você não é mais um serviçal — Vin falou. — Não precisa se preocupar com essas coisas.

— Não é uma questão de servilismo, Lady Vin — Sazed falou. — É uma questão de ser educado.

— Sazed — Elend falou.

— Sim, Majestade?

Ele apontou para o prato.

— Coma. Você pode ser educado outra hora. Agora, você parece faminto… e está entre amigos.

Sazed fez uma pausa, lançando para Elend um olhar estranho.

— Sim, Majestade — ele falou, pegando faca e colher.

— Agora — Elend começou —, por que é importante você ter visto brumas durante o dia? Sabemos que as coisas que os skaa dizem não são verdades… não há motivo para temer a bruma.

— Os skaa podem ter mais sabedoria do que lhes atribuímos, Majestade — Sazed falou, comendo em bocadas pequenas, cuidadosas. — Parece que a bruma tem matado pessoas.

— Quê? — Vin perguntou, inclinando-se para frente.

— Nunca vi com meus próprios olhos, Lady Vin — Sazed respondeu. — Mas vi seus efeitos e coletei vários relatos separados. Todos concordam que a bruma está matando pessoas.

— Isso é afrontoso — Brisa falou. — A bruma é inofensiva.

— É o que eu pensava, Lorde Ladrian — Sazed disse. — No entanto, vários dos relatos são bem detalhados. Os incidentes sempre ocorrem durante o dia, e cada um deles descreve a bruma envolvendo algum indivíduo desafortunado, que morreu em seguida… em geral num ataque convulsivo. Eu mesmo coletei depoimentos das vítimas.

Elend franziu o cenho. De outro homem, ele teria ignorado as notícias. Mas Sazed… ele não era um homem que se podia ignorar. Vin, sentada ao lado de Elend, observava a conversa com interesse, mordendo de leve o lábio inferior. Estranhamente, ela não contestou as palavras de Sazed, embora os outros parecessem reagir como Brisa o fez.

— Não faz sentido, Saze — Ham falou. — Ladrões, nobres e alomânticos têm saído nas brumas por séculos.

— De fato, Lorde Hammond — Sazed falou com um menear de cabeça. — A única explicação com que posso atinar envolve o Senhor Soberano. Não ouvi relatos substanciais de mortes nas brumas antes do Colapso, mas tive pouca dificuldade de encontrá-los desde então. Os relatórios concentram-se nos Domínios Exteriores, onde uma vila inteira parece ter sido aprisionada em suas choupanas pelas brumas.

— Mas por que a morte do Senhor Soberano teria algo a ver com as brumas? — Brisa questionou.

— Não tenho certeza, Lorde Ladrian — Sazed respondeu. — Mas é a única relação que sou capaz de realizar.

Brisa franziu o cenho.

— Gostaria que você não me chamasse assim.

— Desculpe, Lorde Brisa — Sazed falou. — Ainda estou acostumado a chamar as pessoas por seus sobrenomes.

— Seu sobrenome é Ladrian? — Vin perguntou.

— Infelizmente. Nunca gostei dele, e com nosso caro Sazed colocando "Lorde" antes dele… bem, a aliteração o deixa ainda mais atroz.

— Sou eu — Elend disse — ou estamos divagando mais do que o de costume nesta noite?

— Ficamos assim quando estamos cansados — Brisa falou com um bocejo. — De qualquer forma, nosso bom terrisano deve ter compreendido errado os fatos. A bruma não mata.

— Posso apenas relatar o que descobri — Sazed disse. — Precisarei fazer mais pesquisas.

— Então, você vai ficar? — Vin perguntou, obviamente esperançosa.

Sazed assentiu.

— E suas aulas? — Brisa perguntou, acenando. — Quando foi embora, lembro que disse algo sobre passar o resto da vida viajando, ou alguma loucura assim.

Sazed corou levemente, baixando novamente o olhar.

— Essa tarefa terá de esperar, temo eu.

— Você é bem-vindo para ficar o quanto quiser, Sazed — Elend falou, lançando um olhar furioso para Brisa. — Se o que você diz for verdade, então estará prestando um serviço melhor por meio de seus estudos do que estaria em viagem.

— Talvez — Sazed comentou.

— Embora — Ham observou com uma risadinha — provavelmente pudesse ter escolhido um lugar mais seguro para os seus estudos… um que não estivesse sendo cercado por dois exércitos e vinte mil koloss.

Sazed sorriu, e Elend deu uma risadinha obrigatória. *Ele disse que os incidentes envolvendo as brumas estavam se movendo para dentro, para o centro do império. Na nossa direção.*

Mais um elemento para se preocupar.

— O que está acontecendo? — uma voz perguntou de repente. Elend virou-se na direção da entrada da cozinha, onde estava Allrianne com aparência desalinhada. — Ouvi vozes. É uma festa?

— Estamos apenas discutindo assuntos de interesse do Estado, minha querida — Brisa falou rapidamente.

— A outra garota está aqui — Allrianne disse, apontando para Vin. — Por que não me convidaram?

Elend franziu o cenho. *Ela ouviu vozes? Os aposentos de hóspedes não ficam*

próximos das cozinhas. E Allrianne estava vestida, usando um vestido simples de nobre. Teve tempo de trocar sua camisola, mas deixou o cabelo desgrenhado. Talvez para parecer mais inocente?

Estou começando a pensar como Vin, Elend disse a si mesmo com um suspiro. Como se corroborasse com seus pensamentos, percebeu que Vin estreitava os olhos para a nova garota.

— Volte para o seu quarto, querida — Brisa disse, tranquilizador. — Não cause problemas a Vossa Majestade.

Allrianne suspirou com dramaticidade, mas virou-se e obedeceu, partindo para o corredor. Elend voltou-se para Sazed, que observava a garota com uma expressão curiosa. Elend olhou para ele como se dissesse "me pergunte depois", e o terrisano voltou à sua refeição. Alguns momentos depois, o grupo começou a se dispersar. Vin ficou com Elend, enquanto os outros saíam.

— Não confio nessa garota — Vin falou quando alguns serviçais pegaram a bolsa de Sazed e levaram-no aos seus aposentos.

Elend sorriu, virando-se para olhar Vin.

— Preciso dizer alguma coisa?

Ela revirou os olhos.

— Eu sei. "Você não confia em ninguém, Vin". Desta vez estou certa. Ela estava vestida, mas o cabelo estava bagunçado. Deve ter feito isso de propósito.

— Eu percebi.

— Percebeu? — Ela parecia impressionada.

Elend concordou com a cabeça.

— Ela deve ter ouvido os serviçais acordando Brisa e Trevo, então levantou. Significa que ela ficou uma boa meia hora bisbilhotando. Manteve o cabelo desgrenhado para que achássemos que ela havia acabado de descer.

Vin abriu a boca levemente, em seguida franziu o cenho, examinando-o.

— Você está melhorando — ela disse, no fim das contas.

— Isso, ou a senhorita Allrianne não é muito convincente.

Vin sorriu.

— Ainda estou tentando entender por que você não a ouviu — Elend observou.

— Os cozinheiros — Vin falou. — Barulho demais. Além disso, eu estava um pouco distraída com o que Sazed estava dizendo.

— E o que você acha disso?

Vin hesitou.

— Eu te falo mais tarde.

— Tudo bem — Elend falou. Ao lado de Vin, o kandra ergueu-se e esticou seu corpo de cão de caça. *Por que ela insistiu em trazer OreSeur para as reuniões?*, ele se perguntou. *Se poucas semanas atrás ela não conseguia suportar o animal?*

O cão de caça virou-se, olhando para as janelas da cozinha. Vin seguiu o olhar.

— Vai voltar lá para fora? — Elend perguntou.

Vin concordou.

— Esta noite está estranha. Ficarei perto da sua sacada, caso haja problema.

Ela o beijou, em seguida se afastou. Ele a observou sair, imaginando por que estava tão interessada nas histórias de Sazed, imaginando o que ela não lhe dissera.

Pare, ele disse a si mesmo. Talvez ele estivesse aprendendo as lições dela um pouco bem demais – de todas as pessoas no palácio, Vin era a última com quem ele precisava ficar paranoico. Contudo, todas as vezes que ele sentia que estava prestes a entender Vin, percebia quanto a compreendia pouco.

E isso fazia todo o restante parecer um pouco mais deprimente. Com um suspiro, virou-se para encontrar seus aposentos, onde sua carta à Assembleia pela metade esperava para ser concluída.

Talvez eu não devesse ter falado sobre as brumas, Sazed pensou, seguindo um serviçal escada acima. *Deixei o rei preocupado com algo que pode ser apenas um delírio meu.*

Chegaram ao patamar das escadas, e o serviçal perguntou se ele desejava um banho de banheira. Sazed negou com a cabeça. Em outra circunstância, ele teria recebido com prazer a oportunidade de se limpar. No entanto, correr por todo o Domínio Central, ser capturado pelos koloss e em seguida marchar o restante do caminho até Luthadel o deixara cansado até as últimas raias da exaustão. Mal tivera forças para comer. Naquele momento, queria apenas dormir.

O serviçal assentiu e levou Sazed até um corredor lateral.

E se ele estivesse imaginando relações que não existiam? Todo erudito sabia que um dos maiores perigos na pesquisa era o desejo de encontrar uma resposta específica. Não havia imaginado os testemunhos que coletara, mas teria exagerado na sua importância? O que ele tinha realmente? As palavras de um homem apavorado que vira seu amigo morrer em convulsões? O testemunho de um lunático, enlouquecido ao ponto do canibalismo? O fato era que o próprio Sazed nunca vira as brumas matarem.

O serviçal levou-o a um aposento de hóspede, e Sazed lhe deu boa-noite, agradecido. Observou o homem se afastar, segurando apenas uma vela, o lampião deixado para o uso de Sazed. Durante a maior parte da vida de Sazed, ele pertencera a uma classe de serviçais valorizada por sua noção refinada de dever e decoro. Ficava responsável pelas propriedades e mansões, supervisionando serviçais como aquele que o levara a seus aposentos.

Outra vida, ele pensou. Sempre ficava um pouco frustrado, pois suas obrigações como mordomo deixavam pouco tempo para os estudos. Como era irônico que ele tivesse ajudado a derrubar o Império Final para, em seguida, se ver com menos tempo ainda.

Ele esticou a mão para abrir a porta e ficou quase paralisado de imediato. Já havia uma luz acesa dentro do quarto.

Deixaram um lampião aceso para mim?, ele se perguntou. Lentamente empurrou a porta. Alguém esperava por ele.

— Tindwyl — Sazed falou baixo. Ela estava sentada ao lado da escrivaninha, controlada e vestida com primor, como sempre.

— Sazed — ela respondeu, enquanto ele entrava no quarto e fechava a porta. De repente, a consciência de sua túnica imunda ficou ainda mais aguda.

— Você atendeu ao meu pedido — ele disse.

— E você ignorou o meu.

Sazed não fitou os olhos da mulher. Ele atravessou o quarto, deixando o lampião sobre a escrivaninha do quarto.

— Notei os novos trajes do rei, e ele parece ter ganhado uma atitude compatível. Fez um bom trabalho, creio eu.

— Apenas começamos — ela disse, com desdém. — Você estava certo sobre ele.

— O Rei Venture é um homem muito bom — Sazed disse, caminhando até uma bacia para lavar o rosto. A água fria era bem-vinda, pois lidar com Tindwyl provavelmente o cansaria ainda mais.

— Bons homens podem fazer coisas terríveis — Tindwyl observou.

— Mas homens ruins não podem ser bons reis — Sazed falou. — É melhor começar com um bom homem e trabalhar no restante, acho eu.

— Talvez — Tindwyl respondeu. Ela o observava com sua expressão normal, severa. Outros pensariam nela como alguém frio, ríspido até. Mas Sazed nunca vira isso nela. Considerando o que ela havia passado, ele achava notável, incrível até, que fosse tão confiante. De onde ela tirava essa confiança?

— Sazed, Sazed — ela disse. — Por que voltou ao Domínio Central?

Conhece as instruções que Synod lhe deu. Devia estar no Domínio Leste, ensinando as pessoas nos confins das Terras Queimadas.

— Eu estava lá — Sazed disse. — E agora estou aqui. O sul ficará um tempo sem mim, creio eu.

— É? — Tindwyl perguntou. — E quem lhes ensinará técnicas de irrigação para que eles possam produzir comida o bastante para sobreviver aos meses frios? Quem explicará os princípios básicos de legislação para que possam governar a si mesmos? Quem lhes mostrará como retomar sua fé e suas crenças perdidas? Você sempre foi tão ardoroso sobre isso.

Sazed baixou a toalha.

— Voltarei para ensiná-los quando tiver certeza de que não haja trabalho maior que eu precise fazer.

— Que trabalho maior poderia haver? — Tindwyl inquiriu. — Essa é a obrigação de nossa vida, Sazed. É o trabalho de nosso *povo* inteiro. Sei que Luthadel é importante para você, mas não há nada para você aqui. Eu cuidarei do seu rei. Você precisa ir.

— Agradeço pelo seu trabalho com o Rei Venture — Sazed comentou. — No entanto, minha vinda tem pouco a ver com ele. Tenho outras pesquisas a fazer.

Tindwyl franziu o cenho, encarando-o com um olhar frio.

— Ainda está buscando por essa sua relação imaginária. Essa bobagem sobre as brumas.

— Tem algo de *errado*, Tindwyl — ele disse.

— Não — Tindwyl falou, suspirando. — Não consegue enxergar, Sazed? Passou dez anos trabalhando para derrubar o Império Final. Agora não consegue se contentar com trabalho regular, então inventou uma grande ameaça para o país. Tem medo de se tornar irrelevante.

Sazed baixou os olhos.

— Talvez. Se estiver correta, procurarei o perdão de Synod. Provavelmente precisarei buscá-lo de qualquer forma, acho.

— Ai, Sazed — Tindwyl começou, sacudindo levemente a cabeça. — Não consigo entendê-lo. Faz sentido quando jovens de cabeça quente, como Vedzan e Rindel, desrespeitam os conselhos de Synod. Mas você? Você é a alma do que significa ser terrisano – tão calmo, humilde, cuidadoso e respeitoso. Tão sábio. Por que você desafia sistematicamente nossos líderes? Não faz sentido.

— Não sou tão sábio quanto pensa, Tindwyl — Sazed comentou num sussurro. — Sou simplesmente um homem que precisa fazer o que acredita. Bem agora, acredito que haja um perigo nas brumas, e preciso investigar

minhas impressões. Talvez seja apenas arrogância e tolice. Mas preferiria ser conhecido como arrogante e tolo que arriscar deixar o povo desta terra em perigo.

— Não encontrará nada.

— Então, será provado que estou errado — Sazed retrucou. Ele se virou, fitando os olhos dela. — Mas tenha a gentileza de se lembrar de que, da última vez que desobedeci Synod, o resultado foi o colapso do Império Final e a libertação do nosso povo.

Tindwyl fez uma careta e apertou os lábios. Ela não gostava de ser recordada desse fato – nenhum dos Guardadores gostava. Eles consideravam que Sazed errara em desobedecer, mas não podiam puni-lo por seu sucesso.

— Não entendo você — ela repetiu em voz baixa. — Deveria ser um líder do nosso povo, Sazed. Não o nosso maior rebelde e dissidente. Todos querem respeitá-lo, mas não conseguem. Precisa desafiar cada ordem que lhe dão?

Ele sorriu com cansaço, mas não respondeu.

Tindwyl suspirou, levantando-se. Caminhou na direção da porta, mas parou, tomando a mão dele enquanto passava. Ela fitou-o nos olhos por um momento, em seguida, ele retirou a mão.

Ela sacudiu a cabeça e saiu.

Ele comandou reis e, embora não buscasse um império, tornou-se alguém maior que todos que o precederam.

24

Algo está acontecendo, Vin pensou, sentando-se no meio das brumas, no topo da Fortaleza Venture.

Sazed não tinha a tendência a exageros. Era meticuloso, o que se mostrava nos maneirismos, no asseio e até mesmo no jeito como falava. E era ainda mais meticuloso quando se tratava de seus estudos. Vin estava inclinada a acreditar em suas descobertas.

E ela certamente havia visto coisas nas brumas. Coisas perigosas. Será que o espírito das brumas poderia explicar as mortes que Sazed encontrara? *Mas, se for esse o caso, por que Sazed não comentou sobre as imagens na bruma?*

Ela suspirou, fechou os olhos e queimou bronze. Podia ouvir o espírito observando nas proximidades. E podia ouvi-lo novamente, o estranho bater à distância. Abriu os olhos, mantendo o bronze ativado, e em silêncio desdobrou algo do bolso: uma folha do diário. À luz da sacada de Elend abaixo, e com estanho, ela conseguia ler facilmente as palavras.

Durmo apenas poucas horas por noite. Precisamos avançar, viajar o máximo que conseguirmos por dia, mas quando finalmente deito, descubro que o sono me escapa. Os mesmos pensamentos que me perturbam durante o dia apenas aumentam com o silêncio da noite.

E, acima de tudo, ouço as batidas lá de cima, os pulsares das montanhas. Atraindo-me mais para perto a cada batida.

Ela estremeceu. Pedira para um dos Buscadores de Elend para queimar bronze, e ele afirmou não ouvir nada vindo do norte. Ou era o kandra, mentindo sobre sua capacidade de queimar bronze, ou Vin conseguia ouvir um ritmo que ninguém mais podia. Ninguém, exceto um homem morto havia mil anos.

Um homem que todos supunham ser o Herói das Eras.

Você está sendo boba, disse a si mesma, dobrando o papel. *Chegando a conclusões em um salto.* Ao seu lado, OreSeur murmurou, deitado quieto e olhando para a cidade.

E, ainda assim, ela continuou pensando nas palavras de Sazed. Algo estava acontecendo com as brumas. Alguma coisa estava errada.

Zane não a encontrou sobre a Fortaleza Hasting.

Parou nas brumas em silêncio. Esperava encontrá-la esperando, pois aquele foi o lugar de sua última luta. Até mesmo pensar no evento o deixava tenso de expectativa.

Durante os meses de enfrentamento, eles sempre se encontravam no local onde ele a havia deixado por último. Mesmo assim, ele voltara a este local em várias noites, e nunca mais a encontrara. Franziu o cenho, pensando nas ordens de Straff e na necessidade.

Em algum momento, provavelmente receberia a ordem de matar essa garota. Não tinha certeza do que o incomodava mais – sua relutância cada vez maior em considerar tal ato, ou a preocupação crescente de que talvez não fosse capaz de vencê-la.

Talvez seja ela, ele pensou, *que finalmente me permitirá resistir. A coisa que me convencerá a simplesmente… ir embora.*

Ele não conseguia explicar por que precisava de um motivo. Parte dele simplesmente atribuía isso à sua insanidade, embora a parte racional dele sentisse que era uma desculpa fraca. Lá no fundo, admitiu que Straff era tudo que ele sempre conhecera. Zane não seria capaz de ir embora até saber que tinha outra pessoa em quem confiar.

Ele se afastou da Fortaleza Hasting. Já bastava de esperar; era hora de procurá-la. Zane lançou uma moeda, ricocheteando pela cidade por um tempo. E, com certeza, ela estava lá: sentada no alto da Fortaleza Venture, cuidando do idiota do irmão dele.

Zane deu a volta na fortaleza, mantendo-se longe o bastante para que até olhos aguçados pelo estanho não o vissem. Aterrissou atrás do telhado da fortaleza, em seguida avançou em silêncio. Aproximou-se, observando-a sentada na beirada do telhado. O ar estava silencioso.

Por fim, ela se virou, dando um leve salto. Ele podia jurar que ela conseguia senti-lo quando não deveria ser capaz disso.

De qualquer maneira, ele tinha sido descoberto.

— Zane — Vin disse, indiferente, identificando com facilidade a silhueta. Suas vestes eram as pretas de sempre, sem capa de bruma.

— Estive esperando — ele disse em voz baixa. — No alto da Fortaleza Hasting. Esperando você chegar.

Ela suspirou, com o cuidado de manter um olho nele, mas relaxando um pouco.

— Não estou com vontade de combater no momento.

Ele a observou.

— Que pena — ele disse, por fim. Caminhou até ela, fazendo com que Vin se levantasse com cautela. Ele parou na beirada do telhado, olhando lá embaixo a sacada iluminada de Elend.

Vin olhou OreSeur de soslaio. Ele ficou tenso, alternando o olhar entre ela e Zane.

— Está muito preocupada com ele — Zane concluiu em voz baixa.

— Elend? — Vin perguntou.

Zane concordou com a cabeça.

— Mesmo que ele use você.

— Já discutimos isso, Zane. Ele não está me usando.

Zane ergueu os olhos, encontrando os dela, empertigado e confiante.

É tão forte, ela pensou. *Tão seguro de si. Tão diferente de…*

Ela impediu o pensamento de continuar.

Zane virou-se de costas.

— Me diz uma coisa, Vin — ele falou. — Quando você era mais jovem, desejava o poder?

Vin inclinou a cabeça, fazendo careta para aquela questão estranha.

— O que quer dizer?

— Você cresceu nas ruas — Zane disse. — Quando era mais jovem, desejava o poder? Sonhava em ter a capacidade de se libertar, de matar aqueles que a brutalizavam?

— Claro que sim — Vin respondeu.

— E agora tem esse poder — Zane continuou. — O que a menina Vin diria se pudesse ver a adulta? Uma Nascida das Brumas que se curva sob o peso da vontade alheia? Poderosa e, ainda assim, de alguma forma subserviente.

— Sou uma pessoa diferente agora, Zane — Vin falou. — Gosto de pensar que aprendi muitas coisas desde que eu era uma menina.

— Aprendi que os instintos de uma criança sempre são os mais honestos — Zane falou. — Os mais naturais.

Vin não respondeu.

Zane virou-se em silêncio, olhando para a cidade, aparentemente despreocupado ao expor suas costas para ela. Vin olhou-o, em seguida lançou uma moeda. Ela tilintou contra o telhado de metal, e ele imediatamente olhou para trás, na direção dela.

Não, ela pensou, *ele não confia em mim*.

Ele se afastou novamente, e Vin o observou. Entendia o que ele queria dizer, pois no passado ela pensara como ele. Lentamente, ela imaginou que tipo de pessoa poderia ter se tornado se tivesse pleno acesso aos seus poderes sem, ao mesmo tempo, aprender sobre amizade e confiança com a gangue de Kelsier.

— O que você faria, Vin? — Zane perguntou, virando-se de volta para ela. — Supondo que você não tivesse qualquer restrição, que não houvesse repercussão em seus atos?

Iria para o norte. O pensamento foi imediato. *Descobriria o que está causando esse pulsar*. Mas não disse.

— Não sei — ela respondeu.

Ele se virou, encarando-a.

— Vejo que você não está me levando a sério. Desculpe por desperdiçar seu tempo.

Ele se voltou para partir, caminhando entre ela e OreSeur. Vin observou-o e sentiu uma pontada repentina de preocupação. Ele viera até ela, disposto a conversar em vez de apenas lutar – e ela perdera a oportunidade. Nunca o traria para o seu lado se não falasse com ele.

— Quer saber o que eu faria? — ela perguntou, sua voz soando nas brumas silenciosas.

Zane parou.

— Se eu pudesse usar meu poder como quisesse? — Vin continou. — Sem repercussões? Eu o protegeria.

— Seu rei? — Zane perguntou, virando-se.

Vin assentiu com firmeza.

— Esses homens que trouxeram seus exércitos contra ele, seu mestre, aquele homem chamado Cett. Eu os mataria. Usaria meu poder para assegurar que ninguém pudesse ameaçar Elend.

Zane concordou em silêncio, e ela viu respeito em seus olhos.

— E por que não faz isso?

— Porque…

— Vejo confusão nos seus olhos — Zane falou. — Sabe que seus instintos de

matar aqueles homens são corretos… ainda assim, se refreia. Por causa dele.

— *Haveria* repercussões, Zane — Vin retrucou. — Se eu matasse esses homens, as tropas poderiam simplesmente atacar. Neste momento, a diplomacia ainda pode funcionar.

— Talvez — Zane falou. — Até ele *pedir* que mate alguém por ele.

Vin bufou.

— Elend não trabalha desse jeito. Não me dá ordens, e as únicas pessoas que mato são aquelas que tentam matá-lo primeiro.

— Ah, é? — Zane disse. — Pode não agir por ordem dele, Vin, mas certamente se priva de agir por ela. É um brinquedinho dele. Não digo isso para insultá-la… entenda, sou tão brinquedo quanto você. Nenhum de nós pode se libertar. Não sozinho.

De repente, a moeda que Vin soltara ergueu-se no ar, voando na direção de Zane. Ela ficou tensa, mas a moeda simplesmente rumou para a mão de Zane, que estava a postos.

— É interessante — ele falou, girando a moeda entre os dedos. — Muitos Nascidos da Bruma param de ver o valor nas moedas. Para nós, tornam-se apenas algo a ser usado para saltar. É fácil esquecer o valor de algo quando se usa com tanta frequência. Quando fica corriqueiro e conveniente. Quando se transforma… apenas em uma ferramenta.

Ele lançou a moeda para cima, em seguida lançou-a para dentro da noite.

— Preciso ir — ele disse, virando-se.

Vin ergueu a mão. Vê-lo usando a Alomancia a fez perceber que havia outro motivo pelo qual ela queria falar com ele. Fazia tanto tempo desde que ela conversara com outro Nascido das Brumas, alguém que entendia seus poderes. Alguém como ela.

Porém, ela tinha a impressão de que estava desesperada demais para que ele ficasse. Então, deixou que ele fosse embora e voltou para sua vigília.

Não teve filhos, ainda assim todos do país se tornaram sua prole.

25

Vin tinha o sono muito leve, uma herança de sua juventude. As gangues de ladrões trabalhavam juntas por necessidade, e qualquer homem que não conseguisse guardar suas posses era considerado indigno delas. Vin, claro, era a última da hierarquia – e, embora não tivesse muitas posses para proteger, ser uma garota em um ambiente essencialmente masculino lhe dera outros motivos para ter o sono leve.

Então, quando acordou com um latido baixo de alerta, ela reagiu sem pensar. Jogou longe as cobertas, pegando imediatamente um frasco no seu criado-mudo. Ela não dormia com metais dentro de si; muitos metais alomânticos eram, em pequena medida, venenosos. Era inevitável que ela tivesse de lidar com esse risco, mas fora avisada para extinguir os metais ao fim de cada dia.

Engoliu o conteúdo do frasco enquanto pegava as adagas de obsidiana escondidas embaixo do travesseiro. A porta dos seus aposentos se abriram de uma vez, e Tindwyl entrou. A terrisana ficou paralisada a meio passo quando viu Vin agachada na ponta da cama, a alguns metros de distância, com as adagas gêmeas brilhando e o corpo tenso.

Tindwyl ergueu uma sobrancelha.

— Então, está acordada.

— Agora estou.

A terrisana sorriu.

— O que está fazendo nos meus aposentos? — Vin questionou.

— Vim acordá-la. Pensei que poderíamos sair para fazer compras.

— Compras?

— Sim, querida — Tindwyl falou, aproximou-se da janela e abriu as cortinas de uma vez. Era muito mais cedo que o horário em que Vin costumava se levantar. — Pelo que ouvi, você encontrará o pai de Sua Majestade amanhã. Suponho que queira um vestido adequado para a ocasião.

— Não uso mais vestidos. — *Qual é a sua?*

Tindwyl virou-se, encarando Vin.

— Dorme com trajes de sair?

Vin assentiu.

— Não tem nenhuma dama de companhia?

Vin negou com a cabeça.

— Muito bem, então — Tindwyl falou, virando-se para sair do quarto. — Tome um banho e se troque. Sairemos quando você estiver pronta.

— Não recebo ordens de você.

Tindwyl parou à porta, virando-se. Em seguida, seu rosto se suavizou.

— Não a conheço, menina. Pode vir comigo, se quiser… a escolha é sua. Porém, quer mesmo encontrar Straff Venture de calças e camisa?

Vin hesitou.

— Ao menos, venha passear — Tindwyl falou. — Ajudará a distraí-la um pouco.

Por fim, Vin concordou com um meneio de cabeça. Tindwyl sorriu novamente e saiu.

Vin olhou de relance para OreSeur, que estava sentado ao lado da cama.

— Obrigada pelo alerta.

OreSeur ergueu os ombros.

No passado, Vin não teria sido capaz de se imaginar vivendo num lugar como a Fortaleza Venture. A jovem Vin fora acostumada a refúgios, choupanas skaa e becos ocasionais. Agora vivia num edifício salpicado de vitrais, cercado por muralhas imensas e grandes arcadas.

Claro, Vin pensou enquanto descia a escadaria, *muitas coisas aconteceram que eu não esperava. Por que pensar nelas agora?*

Sua juventude nas gangues de ladrões vinha cruzando sua mente com frequência, e os comentários de Zane – por mais ridículos que fossem – comichavam em sua mente. Um lugar como aquela fortaleza era mesmo o melhor para Vin? Tinha muitas habilidades excelentes, mas poucas delas eram adequadas para belos saguões. Serviam mais para... becos manchados de cinza.

Ela suspirou. OreSeur estava a seu lado enquanto ela caminhava até a entrada sul, onde Tindwyl disse que a esperaria. O corredor era amplo, grandioso e desembocava diretamente no pátio. Em geral, carruagens vinham até a entrada para buscar seus ocupantes – assim os nobres não ficavam expostos às intempéries.

Quando se aproximou, seu estanho permitiu que ouvisse vozes. Uma era de

Tindwyl, a outra…

— Não trouxe muito — Allrianne disse. — Algumas centenas de boxes. Mas eu *preciso tanto* de algo para vestir. Não conseguirei sobreviver com vestidos emprestados para sempre!

Vin fez uma pausa quando virou no último trecho do corredor.

— O presente do rei certamente será suficiente para pagar por um vestido, querida — Tindwyl disse, notando a chegada de Vin. — Ah, aí está ela.

Fantasma, parecendo mal-humorado, estava com as duas mulheres. Estava com seu uniforme de guarda do palácio, embora vestisse o casaco desabotoado e as calças largas. Vin avançou lentamente.

— Não esperava companhia — ela disse.

— A jovem Allrianne foi treinada como uma nobre da corte — Tindwyl falou. — Conhece as modas atuais e será capaz de aconselhar em suas compras.

— E Fantasma?

Tindwyl virou-se, encarando o garoto.

— Carregador.

Bem, isso explica seu humor, Vin pensou.

— Venha — Tindwyl falou, caminhando na direção do pátio. Allrianne seguiu rapidamente, caminhando com passos leves e graciosos. Vin olhou para Fantasma, que encolheu os ombros, e eles também seguiram.

— Como você se meteu nisso? — Vin sussurrou para Fantasma.

— Acordei cedo demais para roubar comida — Fantasma grunhiu. — A senhorita Imponência ali me notou, sorriu como um cão de caça e disse: “Precisaremos dos seus serviços nesta tarde, jovem”.

Vin meneou a cabeça.

— Fique alerta e queimando estanho. Lembre-se de que estamos em guerra.

Obediente, Fantasma fez o que ela disse. Perto dele como ela estava, Vin facilmente percebeu e identificou seus pulsos alomânticos de estanho – o que significava que não era o espião.

Outro riscado da lista, Vin pensou. *Ao menos essa saída não será um desperdício total.*

Uma carruagem esperava por eles ao lado dos portões da fortaleza. Fantasma embarcou ao lado do cocheiro, e as mulheres acomodaram-se na parte de trás. Vin embarcou, e OreSeur subiu e tomou o assento ao lado dela. Allrianne e Tindwyl sentaram-se diante dela, e Allrianne encarou OreSeur com um franzir de testa, com o nariz torcido.

— O animal precisa sentar-se nos assentos conosco?

— Sim — Vin falou quando a carruagem começou a se mover.

Allrianne obviamente esperava mais explicações, mas Vin não deu nenhuma. Finalmente, Allrianne virou-se para a janela.

— Tem certeza de que estaremos seguros, viajando com apenas um criado, Tindwyl?

Tindwyl olhou para Vin.

— Ah, eu acho que ficaremos muito bem.

— Ah, é — Allrianne disse, olhando de volta para Vin. — Você é alomântica! As coisas que dizem é verdade?

— Que coisas? — Vin devolveu a pergunta em voz baixa.

— Bem, primeiro, dizem que você matou o Senhor Soberano. E que você é do tipo… hum… bem. — Allrianne mordeu o lábio. — Bem, apenas um pouco instável.

— Instável?

— E perigosa — Allrianne completou. — Mas, bem, não pode ser verdade. Digo, você está indo fazer compras conosco, certo?

Ela está tentando me provocar de propósito?

— Você sempre se veste assim? — Allrianne questionou.

Vin estava com as calças cinza de costume e camisa marrom.

— É fácil para lutar.

— Sim, mas… bem. — Allrianne sorriu. — Acho que por isso estamos aqui hoje, certo, Tindwyl?

— Sim, querida — Tindwyl falou. Ela examinou Vin durante a conversa inteira.

Está gostando do que vê?, Vin pensou. *O que é que você quer?*

— Você deve ser a nobre mais estranha que eu já conheci — Allrianne declarou. — Você foi criada longe da corte? Eu fui, mas minha mãe sempre se esmerou para me treinar bem. Claro, ela estava apenas tentando me transformar num bom partido para que meu pai pudesse me leiloar para fazer uma aliança.

Allrianne sorriu. Fazia algum tempo desde que Vin fora forçada a lidar com mulheres como ela. Lembrou-se das horas gastas na corte, sorrindo, fingindo ser Valette Renoux. Não raro quando ela pensava naqueles dias, lembrava-se de coisas ruins. O despeito que enfrentara dos membros da corte, seu desconforto no papel.

Mas também houve boas coisas. Elend era uma delas. Nunca o teria conhecido se não tivesse fingido ser uma nobre. E os bailes – com suas cores,

música e vestidos – mantinham um certo charme encantador. As danças graciosas, as interações cuidadosas, os salões decorados à perfeição…

Essas coisas acabaram agora, ela disse a si mesma. *Não temos tempo para bailes e reuniões tolos, não quando a dominação está à beira do colapso.*

Tindwyl ainda a observava.

— Bem? — Allrianne perguntou.

— Quê? — Vin retrucou.

— Você cresceu longe da corte?

— Não sou nobre, Allrianne. Sou uma skaa.

Allrianne empalideceu, em seguida corou, depois ergueu os dedos até os lábios.

— Ah! Pobrezinha!

Os ouvidos aguçados de Vin ouviram algo ao seu lado – uma breve risadinha de OreSeur, leve o bastante para que apenas um alomântico pudesse tê-lo ouvido.

Ela resistiu ao impulso de lançar um olhar raivoso para o kandra.

— Não foi tão ruim — ela disse.

— Mas, bem, não é de se espantar que não saiba se vestir! — Allrianne cutucou.

— Eu sei me vestir — Vin falou. — Eu tenho até alguns vestidos.

Não que eu os tenha usado nos últimos meses…

Allrianne assentiu, embora obviamente não acreditasse no comentário de Vin.

— Brisinha é skaa também — ela disse em voz baixa. — Ou meio skaa. Ele me disse. Ainda bem que não falou para o meu pai… meu pai nunca foi muito bom com os skaa.

Vin não respondeu.

No fim, chegaram à rua Kenton, e as multidões impediam a passagem da carruagem. Vin desceu primeiro; OreSeur saltou nos paralelepípedos ao lado dela. A rua do mercado estava cheia, embora não tão apinhada como da última vez que ela a visitara. Vin olhou os preços em algumas lojas próximas enquanto as outras desciam da carruagem.

Cinco boxes por uma caixa de maçãs velhas, Vin pensou, insatisfeita. *Comida está mesmo virando artigo de luxo*. Elend, felizmente, tinha provisões. Mas quanto tempo durariam antes do cerco? Não por todo o inverno que se aproximava, certamente – não com a quantidade de grãos do Domínio ainda não colhidos nas fazendas externas.

Talvez o tempo seja nosso amigo agora, Vin pensou, *mas vai se voltar contra a gente em algum ponto.* Eles precisavam fazer com que os exércitos lutassem entre si. Do contrário, o povo da cidade poderia morrer de fome antes que os soldados sequer tentassem tomar as muralhas.

Fantasma desceu da carruagem, juntando-se a elas enquanto Tindwyl examinava a rua. Vin observava a multidão se acotovelar. As pessoas obviamente estavam tentando realizar suas atividades diárias, apesar da ameaça lá fora. O que mais poderiam fazer? O cerco já durava semanas. A vida precisava continuar.

— Lá — Tindwyl falou, apontando para a loja da modista.

Allrianne disparou na frente. Tindwyl a seguiu, caminhando com modesto decoro.

— Coisinha ansiosa, não é? — a terrisana comentou.

Vin deu de ombros. A nobre loira já havia chamado a atenção de Fantasma; ele a seguia com passos alegres. Claro, não era difícil chamar a atenção dele. Precisava apenas ter seios e cheirar bem – e o segundo item às vezes era opcional.

Tindwyl sorriu.

— Provavelmente não teve oportunidade de ir às compras desde que saiu semanas atrás com o exército do pai.

— Parece que você acha que ela passou por algum suplício terrível — Vin retrucou. — Apenas porque não podia ir às compras.

— Obviamente ela gosta disso — Tindwyl disse. — Com certeza você consegue entender o que é ser tirada daquilo que ama.

Vin ergueu os ombros quando chegaram à loja.

— Tenho dificuldade em sentir compaixão por uma gorducha que é tragicamente separada dos seus vestidos.

Tindwyl franziu levemente a testa quando entraram na loja. OreSeur acomodou-se para esperar do lado de fora.

— Não seja tão dura com a mocinha. É um produto de sua criação, como você é da sua. Se julgar seu valor com base em frivolidades, então fará o mesmo que aqueles que a julgam com base em suas roupas simples.

— Gosto quando as pessoas me julgam pelas minhas vestes simples — Vin falou. — Assim elas não esperam demais.

— Entendo — Tindwyl comentou. — Então, você não sentiu nenhuma falta disso? — Ela meneou com a cabeça para dentro da loja.

Vin fez uma pausa. A sala era cheia de cores e tecidos, rendas e veludos,

corpetes e camisas. Tudo salpicado com um perfume leve. Em pé, diante dos manequins em suas cores brilhantes, Vin – apenas por um momento – voltou aos bailes. Ao tempo em que era Valette. Quando tinha uma *desculpa* para ser Valette.

— Dizem que você gostava da sociedade nobre — Tindwyl falou com suavidade, avançando. Allrianne já estava em pé, próxima à frente da loja, correndo os dedos por uma amostra de tecido, falando com a modista em uma voz firme.

— Quem lhe disse isso? — Vin perguntou.

Tindwyl virou-se.

— Ora, seus amigos, querida. É muito curioso… dizem que você parou de usar vestidos poucos meses depois do Colapso. Todos se perguntam por quê. Dizem que parecia gostar de se vestir como mulher, mas acho que estavam errados.

— Não — Vin confessou em voz baixa. — Estavam certos.

Tindwyl ergueu uma sobrancelha e parou ao lado de um manequim num vestido verde brilhante com barras rendadas e a parte de baixo esparramando-se bem ampla com várias anáguas.

Vin aproximou-se, observando o lindo traje.

— Eu estava começando a gostar de me vestir assim. Esse foi o problema.

— Não vejo problema nisso, minha cara.

Vin afastou-se do vestido.

— Essa não sou eu. Nunca foi; era apenas uma representação. Quando se traja um vestido como esse, é muito fácil esquecer quem você realmente é.

— E esses vestidos não podem ser parte de quem você realmente é?

Vin sacudiu a cabeça.

— Vestidos são parte de quem *ela* é. — Ela acenou com a cabeça na direção de Allrianne. — Preciso ser outra coisa. Algo mais rústico.

Eu não deveria ter vindo aqui.

Tindwyl pousou a mão no ombro de Vin.

— Por que você não se casou com ele, menina?

Vin ergueu os olhos de uma vez.

— Que tipo de pergunta é essa?

— Uma honesta — Tindwyl falou. Parecia muito menos ríspida do que fora outras vezes que Vin a encontrara. Claro, durante essas vezes, estava falando a maior parte das vezes com Elend.

— Esse assunto não é da sua conta.

— O rei me pediu para ajudar a melhorar sua imagem — Tindwyl falou. — E eu assumi o compromisso de fazer mais que isso… quero fazer dele um rei verdadeiro, se puder. Há um grande potencial nele, creio eu. No entanto, ele não será capaz de percebê-lo até estar mais seguro sobre algumas coisas em sua vida. Você, em especial.

— Eu… — Vin fechou os olhos, lembrando-se do pedido de casamento. Naquela noite, na sacada, as cinzas caindo de leve. Ela se lembrou do terror que sentiu. Sabia, claro, para onde o relacionamento estava indo. Por que ficara tão assustada?

Foi naquele dia que ela parou de usar vestidos.

— Ele não deveria ter me pedido em casamento — Vin falou baixinho, abrindo os olhos. — Não pode se casar comigo.

— Ele te ama, menina — Tindwyl disse. — Por um lado, isso é um infortúnio… seria tudo muito mais fácil se ele pudesse não amar. No entanto, do jeito que as coisas vão…

Vin sacudiu a cabeça.

— Sou a mulher errada para ele.

— Ah — Tindwyl falou. — Entendo.

— Ele precisa de outra pessoa — Vin continuou. — Alguém melhor. Uma mulher que possa ser rainha, não apenas uma guarda-costas. Alguém… — O estômago de Vin se retorceu. — Alguém mais parecido com ela.

Tindwyl olhou para Allrianne, que ria com um comentário feito pelo velho modista enquanto tirava as medidas.

— Ele se apaixonou por você, menina — Tindwyl afirmou.

— Quando eu estava fingindo ser como ela.

Tindwyl sorriu.

— De alguma forma, duvido que você possa ser como Allrianne, não importa o quanto você tenha praticado.

— Talvez — Vin falou. — De qualquer forma, era meu papel na corte que ele amava. Não sabia quem eu realmente era.

— E abandonou você agora que sabe?

— Bem, não. Mas…

— Todas as pessoas são mais complexas do que parecem à primeira vista — Tindwyl comentou. — Allrianne, por exemplo, é ansiosa e jovem, talvez um pouco falastrona. Mas sabe mais sobre a corte do que muitos esperariam, e parece saber como reconhecer o que há de bom em uma pessoa. É um talento que falta a muitos.

Seu rei é um erudito humilde, um pensador, mas tem a vontade de um guerreiro. É um homem que tem coragem para lutar e, eu acho, talvez, que você ainda não viu o melhor dele. O Abrandador, Brisa, é um homem cínico, zombeteiro, até olhar para a jovem Allrianne. Então ele fica suave, e paira a dúvida do quanto de sua indiferença grosseira é fingimento.

Tindwyl fez uma pausa e olhou para Vin.

— E você. Você é muito mais do que está disposta a aceitar, menina. Por que olha apenas um lado seu, quando seu Elend vê tanto mais?

— Para isso que viemos aqui? — Vin perguntou. — Está tentando me transformar numa rainha para Elend?

— Não, menina — Tindwyl retorquiu. — Desejo ajudá-la a se transformar em quem você realmente é. Agora, deixe o homem tirar suas medidas para que possa experimentar alguns vestidos.

Quem eu sou? Vin pensou, franzindo a testa. Contudo, deixou que a alta terrisana a empurrasse para frente, e o velho modista pegou sua fita e começou a medi-la.

Poucos momentos e um provador depois, Vin voltou para o recinto vestindo uma recordação. Azul sedoso com renda branca, o vestido era justo na cintura e no busto, mas tinha uma parte de baixo grande, fluida. As várias saias suspendiam-no, descendo num formato triangular, seus pés totalmente cobertos, a barra da saia chiando no assoalho.

Era terrivelmente inviável. Farfalhava quando ela se mexia, e ela precisava ter cuidado onde pisava para não prendê-lo ou passar por uma superfície suja. Contudo, era bonito, e fazia com que ela se sentisse bonita. Quase esperou que uma banda começasse a tocar, Sazed surgisse em pé ao lado dela como um sentinela protetor, e Elend aparecesse ao longe, passeando pelo salão e observando os casais dançando enquanto folheava um livro.

Vin avançou, deixando o modista observar onde o vestido agarrava e onde se amontoava, e Allrianne deixou escapar um “Uau” quando a viu. O velho modista curvou-se sobre sua bengala, ditando observações a um jovem assistente.

— Vire-se um pouco mais, milady — ele pediu. — Deixe-me ver como se ajusta quando vai além da caminhada em linha reta.

Vin girou levemente, virando-se sobre um pé, tentando lembrar os passos de dança que Sazed lhe ensinara.

Nunca consegui dançar com Elend, ela percebeu, dando um passo para o lado, como se acompanhasse a música que conseguia lembrar apenas

vagamente. *Ele sempre achou uma desculpa para escapar.*

Ela girou, sentindo o vestido. Teria pensado que a naturalidade havia desaparecido. Agora que estava num vestido novamente, contudo, ficou surpresa em ver como era fácil voltar a esses hábitos – pisando levemente, virando-se para que a barra do vestido abrisse apenas um pouco…

Ela fez uma pausa. O modista não estava mais ditando. Observou-a em silêncio, sorrindo.

— O quê? — Vin perguntou, corando.

— Desculpe, milady — ele disse, virando-se para dar um tapinha no caderno do assistente, mandando o rapaz embora com um apontar de dedo. — Mas não me lembro de ter visto alguém mover-se com tanta graça. Como… um sopro.

— O senhor está me bajulando — Vin falou.

— Não, menina — Tindwyl falou, ficando de lado. — Ele está certo. Move-se com uma graça que a maioria das mulheres pode apenas invejar.

O modista sorriu novamente, virando-se quando o assistente se aproximou com um grupo de amostras de tecidos coloridos. O velho começou a examiná-los com a mão encarquilhada, e Vin foi até Tindwyl, segurando as mãos nas laterais, tentando não deixar o vestido traidor tomar controle dela novamente.

— Por que você está sendo amável comigo? — Vin perguntou em voz baixa.

— Por que eu não deveria? — Tindwyl devolveu a pergunta.

— Porque você é maldosa com Elend — Vin soltou. — Não negue… eu escutei suas lições. Passa o tempo o insultando e desmerecendo. Mas agora está fingindo ser gentil.

Tindwyl sorriu.

— Não estou fingindo, menina.

— Então, por que é tão má com Elend?

— O camarada cresceu como filho mimado de um grande lorde — Tindwyl respondeu. — Agora que é rei, precisa de um pouco da verdade implacável, creio eu. — Ela fez uma pausa, baixando os olhos para Vin. — Sinto que você já teve o suficiente disso na vida.

O modista aproximou-se com seus retalhos, espalhando-os sobre uma mesa baixa.

— Agora, milady — ele falou, batendo com o dedo curvado num dos grupos. — Acredito que sua cor de cabelo ficaria particularmente bem com tecidos escuros. Um belo castanho-avermelhado, talvez?

— Que tal preto? — Vin perguntou.

— Pelos céus, não — Tindwyl disse. — Sem mais preto ou cinza para você,

menina.

— Que tal este aqui, então? — Vin perguntou, puxando um retalho azul royal. Era quase do tom que ela vestira na primeira noite em que encontrara Elend, muito tempo atrás.

— Ah, sim — o modista falou. — Ficaria maravilhoso contra essa pele clara e os cabelos escuros. Hum, sim. Agora, temos de escolher um estilo. A terrisana comentou que precisa disso amanhã à noite.

Vin assentiu.

— Ah, então. Teremos de modificar um dos vestidos prontos, mas acredito que tenho um desta cor. Teremos de mexer bastante nele, mas podemos virar a noite trabalhando para uma beldade como a senhora, não podemos, garoto? Agora, quanto ao estilo…

— Está bom, acho eu — Vin falou, baixando os olhos. O vestido era no corte padrão daqueles que ela usara nos bailes do passado.

— Bem, não estamos buscando "bom" agora, estamos? — o modista comentou com um sorriso.

— E se retirássemos algumas das anáguas? — Tindwyl falou, puxando as laterais do vestido de Vin. — E, talvez, erguêssemos a barra um pouco para que ela possa se mover mais livremente?

Vin fez uma pausa.

— Poderíamos fazer isso?

— Claro — o modista confirmou. — O rapaz diz que saias mais finas são mais populares no sul, embora tendam a ficar um pouco atrás de Luthadel com relação à moda. — Ele fez uma pausa. — Apesar de eu não saber se Luthadel ainda *tem* uma moda…

— Deixe os punhos das mangas bem largos — Tindwyl falou. — E costure alguns bolsos nas mangas para certos itens pessoais.

O velho concordou enquanto o assistente silencioso anotava a sugestão.

— O peito e a cintura podem ser justos — Tindwyl continuou —, mas não a ponto de limitar. Lady Vin precisa ser capaz de se movimentar livremente.

O velho hesitou.

— Lady Vin? — ele perguntou. Olhou um pouco mais de perto para Vin, estreitando os olhos, em seguida virou-se para o assistente. O garoto anuiu, em silêncio. — Entendo… — o homem disse, empalidecendo, a mão tremendo um pouco mais. Pousou-a no alto da bengala, como se quisesse ficar mais estável. — Eu… me desculpe se eu a ofendi, milady. Eu não sabia.

Vin enrubesceu de novo. *Outro motivo por que eu não deveria fazer*

compras.

— Que é isso — ela disse, tranquilizando o homem. — Tudo bem. Não me ofendeu.

Ele relaxou um pouco, e Vin percebeu que Fantasma estava entrando no estabelecimento.

— Parece que fomos descobertos — Fantasma disse, meneando a cabeça na direção das vitrines.

Vin olhou além dos manequins e fardos de tecido para ver uma multidão reunida lá fora. Tindwyl observou Vin com curiosidade.

Fantasma sacudiu a cabeça.

— Por que você ficou tão popular?

— Eu matei o deus deles — Vin falou baixinho, abaixando-se atrás de um manequim, escondendo-se de dúzias de olhos espreitadores.

— Eu ajudei também — Fantasma afirmou. — Eu até recebi meu apelido do próprio Kelsier! Mas ninguém liga para o pobre Fantasminha.

Vin buscou as janelas do recinto. *Deve haver uma porta dos fundos. Claro, talvez haja pessoas no beco.*

— O que está fazendo? — Tindwyl perguntou.

— Tenho que ir — Vin falou. — Me livrar deles.

— Por que não vai lá fora e fala com eles? — Tindwyl quis saber. — Obviamente estão muito interessados em vê-la.

Allrianne surgiu de um provador – trajando um vestido amarelo e azul – e fez um giro dramático. Obviamente ficou irritada quando não teve nem mesmo a atenção de Fantasma.

— Não vou lá fora — Vin retrucou. — Por que eu iria querer algo assim?

— Precisam de esperança — Tindwyl respondeu. — Esperança que você pode lhes dar.

— Uma falsa esperança — Vin falou. — Eu apenas os encorajaria a pensar em mim como algum objeto de adoração.

— Não é verdade — Allrianne disse de repente, avançando, olhando pelas vitrines sem o mínimo embaraço. — Esconder-se pelos cantos, vestir roupas estranhas e ser misteriosa… foi *isso* que lhe deu essa reputação assombrosa. Se as pessoas soubessem como você é comum, não ficariam tão loucas para olhá-la. — Ela fez uma pausa, em seguida olhou para trás. — Eu… hum, não quis dizer o que acho que pareceu.

Vin corou.

— Não sou Kelsier, Tindwyl. Não quero que as pessoas me adorem. Quero

apenas ser deixada em paz.

— Algumas pessoas não têm essa opção, menina — Tindwyl falou. — Você derrubou o Senhor Soberano. Foi treinada pelo Sobrevivente, e é a consorte do rei.

— Não sou consorte dele — Vin falou, corando. — Somos apenas… — *Lorde, nem* eu *entendo nosso relacionamento. Como vou explicá-lo?*

Tindwyl ergueu uma sobrancelha.

— Tudo bem — Vin falou, suspirando e caminhando na direção da porta.

— Vou com você — Allrianne disse, agarrando o braço de Vin, como se fossem amigas de infância. Vin resistiu, mas não conseguiu imaginar uma maneira de desgrudá-la sem fazer uma cena.

Elas saíram da loja. A multidão já era grande, e as margens estavam aumentando enquanto mais e mais pessoas chegavam para investigar. A maioria era de skaa com túnicas de trabalho marrons manchadas de cinzas ou simples vestidos cinzentos. Aqueles na dianteira afastaram-se quando Vin saiu, abrindo um grande espaço vazio, e um murmúrio de entusiasmo reverente soou pela multidão.

— Uau — Allrianne disse baixinho. — Tem muitos deles mesmo…

Vin assentiu. OreSeur estava sentado no mesmo lugar, próximo à porta, e observou-a com uma expressão canina curiosa.

Allrianne sorriu para as pessoas, acenando com hesitação repentina.

— Você consegue lutar com eles ou algo assim se isso aqui virar uma bagunça, não é?

— Não será necessário — Vin respondeu, deslizando para se livrar do braço de Allrianne e *abrandando* um pouco a multidão para acalmá-la. Depois disso, avançou um passo, tentando reprimir a sensação de nervosismo incômodo. Ela se acostumara a não mais sentir que precisava se esconder quando saía em público, mas ficar diante de tantas pessoas assim… bem, ela quase se virou e esgueirou-se para dentro da butique do modista.

Contudo, uma voz a impediu. O porta-voz era um homem de meia-idade com uma barba manchada de cinzas e uma boina preta e suja que segurava nas mãos com nervosismo. Era um homem forte, provavelmente um trabalhador do engenho.

— Lady Herdeira. O que será de nós?

O terror – a incerteza – na voz daquele homenzarrão era algo tão lastimoso que Vin hesitou. Ele a observou com olhos ansiosos, como a maioria deles.

São tantos, Vin pensou. *Pensei que a Igreja do Sobrevivente fosse menor*. Ela

olhou para o homem, que estava ali, torcendo sua boina. Ela abriu a boca, mas então… não conseguiu. Não conseguiu dizer-lhe que não sabia o que aconteceria; não conseguiu explicar àqueles olhos que ela não era a salvadora de que precisavam.

— Tudo vai ficar bem — Vin ouviu a si mesma dizer, aumentando o Abrandamento, tentando retirar deles um pouco do medo.

— Mas e os exércitos, Lady Herdeira! — uma mulher exclamou.

— Estão tentando nos intimidar — Vin assegurou. — Mas o rei não vai permitir. Nossas muralhas são fortes e nossos soltados também. Podemos sobreviver ao cerco.

A multidão estava em silêncio.

— Um daqueles exércitos é liderado pelo pai de Elend, Straff Venture — Vin falou. — Elend e eu vamos nos reunir com Straff amanhã. Vamos persuadi-lo a ser nosso aliado.

— O rei vai capitular — uma voz disse. — Eu ouvi isso. Vai trocar a cidade por sua vida.

— Não — Vin interrompeu. — Ele nunca faria isso!!!

— Ele não vai lutar por nós! — uma voz gritou. — Não é um soldado. É um político!

Outras vozes ergueram-se, concordando. A reverência desapareceu quando as pessoas começaram a berrar suas preocupações, enquanto outros começaram a exigir ajuda. Os dissidentes continuaram a atacar Elend, gritando que não havia maneira de ele protegê-los.

Vin ergueu as mãos aos ouvidos, tentando repelir a multidão, o caos.

— *Parem!* — ela gritou, *empurrando* com ferro e latão. Várias pessoas cambalearam para longe dela, e ela conseguiu ver uma onda na multidão quando botões, moedas e fivelas de repente foram *empurrados* para trás.

As pessoas, de repente, silenciaram.

— Não vou tolerar palavras maldosas sobre o nosso rei! — Vin falou, queimando latão e aumentando o Abrandamento. — É um bom homem e um bom líder. Sacrificou muito por vocês; sua liberdade existe pelas longas horas que ele passou redigindo leis, e sua subsistência existe pelo seu trabalho, que garante as rotas comerciais e os acordos com mercadores.

Muitos membros da multidão baixaram a cabeça. O homem barbado na frente dela continuava a torcer sua boina, mas olhava para Vin.

— Eles só estão bem assustados, Lady Herdeira. Muito assustados.

— Vamos protegê-los — Vin falou. *O que estou dizendo?* — Elend e eu

encontraremos um caminho. Paramos o Senhor Soberano. Podemos parar esses exércitos… — Ela hesitou, sentindo-se tola.

Ainda assim, a multidão reagiu. Alguns ainda estavam obviamente insatisfeitos, mas muitos pareciam tranquilizados. O grupo começou a se desfazer, embora alguns de seus membros tenham avançado, guiando ou carregando criancinhas. Vin hesitou, nervosa. Kelsier sempre se encontrava com filhos de skaa e os carregava, como se lhes desse sua bênção. Ela deu ao grupo um adeus rápido e voltou para dentro da loja, puxando Allrianne atrás de si.

Tindwyl esperava lá dentro, meneando a cabeça com satisfação.

— Eu menti — Vin falou, fechando a porta.

— Não, não mentiu — Tindwyl falou. — Foi otimista. A verdade ou a ficção naquilo que disse ainda deve ser comprovada.

— Não vai acontecer — Vin falou. — Elend não conseguirá derrotar três exércitos, nem mesmo com a minha ajuda.

Tindwyl ergueu uma sobrancelha.

— Então, vocês devem partir. Fujam, deixem o povo lidar sozinho com os exércitos.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Bem, tome uma decisão — Tindwyl exigiu. — Ou desiste da cidade ou acredita nela. Honestamente, vocês dois… — Ela sacudiu a cabeça.

— Pensei que você não seria dura comigo — Vin observou.

— Tenho problema com isso às vezes — Tindwyl confessou. — Venha, Allrianne. Vamos terminar seus ajustes.

Elas foram fazer os ajustes. No entanto, naquele momento, como se para contrariar as garantias de segurança de Vin, vários tambores de alerta começaram a soar no alto da muralha.

Vin ficou paralisada, olhando a vitrine de soslaio, para a multidão ansiosa.

Um dos exércitos estava atacando. Xingando o atraso, ela correu para os fundos da loja para tirar o vestido volumoso.

Elend subiu às pressas as escadas até a muralha da cidade, quase tropeçando em seu bastão de duelo com a pressa. Cambaleou para fora da escadaria, movendo-se para o topo da muralha, ajeitando o bastão ao lado com um impropério.

O alto da muralha estava um caos. Homens tropeçando, gritando uns para os outros. Alguns haviam esquecido a armadura, outros os arcos. Foram tantos

que tentaram subir atrás de Elend que entalaram na escadaria, e ele observou com desespero os homens apinhados ao redor das aberturas lá embaixo, criando uma confusão ainda maior de corpos no pátio.

Elend girou, observando um grande grupo de homens de Straff – milhares deles – correndo na direção da muralha. Elend estava ao lado do Portão de Estanho, a norte da cidade, mais próximo do exército de Straff. Conseguia ver um grupo separado de soldados apressados na direção do Portão de Peltre, um pouco a leste.

— Arqueiros! — Elend gritou. — Homens, onde estão seus arcos?

No entanto, sua voz perdeu-se em meio aos gritos. Capitães corriam para lá e para cá, tentando organizá-los, mas parecia que muitos lacaios tinham vindo à muralha, deixando um monte de arqueiros presos lá embaixo, no pátio.

Por quê? Elend pensou, em desespero, virando-se para o exército que avançava. *Por que ele está atacando? Tínhamos uma reunião!*

Talvez ele tivesse sabido do plano de Elend de jogar nos dois lados do conflito? Talvez houvesse *mesmo* um espião no grupo principal.

De qualquer forma, Elend pôde apenas, desesperançado, assistir o exército se aproximar de suas muralhas. Um capitão conseguiu lançar uma patética saraivada de flechas, mas não adiantou muito. Quando o exército se aproximou, flechas começaram a zunir em direção à muralha, misturada com moedas voadoras. Straff tinha alomânticos no grupo.

Elend esbravejou, agachando-se num merlão enquanto as moedas tilintavam nas pedras. Alguns soldados caíram. Soldados de Elend. Mortos porque ele fora orgulhoso demais para entregar a cidade.

Ele espiou cuidadosamente sobre a muralha. Um grupo de homens carregando um aríete aproximava-se, seus corpos cuidadosamente protegidos por soldados com escudos. O cuidado significava que os carregadores eram Brutamontes, suspeita confirmada pelo som que o aríete fez quando acertou o portão. Não era o golpe de homens comuns.

Em seguida, vieram os ganchos. Atirados na direção da muralha por Lançamoedas lá embaixo, caindo de forma muito mais precisa do que se fossem simplesmente jogados. Soldados correram para retirá-los, mas moedas voaram, acertando os homens antes mesmo de eles tentarem agir. O portão continuava a estrondar embaixo dele, e duvidava que ele resistiria muito mais.

E assim caímos, Elend pensou. *Com apenas um traço de resistência.*

E não havia nada que ele pudesse fazer. Sentiu-se impotente, forçado a manter-se abaixado para que seu uniforme branco não fizesse dele um alvo.

Toda a sua política, todos os preparativos, todos os sonhos e planos. Acabados.

E, então, Vin estava lá. Aterrissou no topo da muralha, ofegante, no meio de um grupo de homens feridos. Moedas e flechas aproximavam-se, e ela as desviava de volta no ar. Homens reorganizavam-se ao seu redor, movendo-se para retirar os ganchos e puxando os feridos para um local seguro. As facas dela cortavam cordas, jogando-os de volta para baixo. Ela encontrou os olhos de Elend, parecia determinada, em seguida fez um movimento, como se fosse saltar sobre a lateral da muralha e enfrentar os Brutamontes com o aríete.

Elend ergueu a mão, mas alguém mais gritou.

— Vin, espere! — Trevo berrou, lançando-se para fora da escadaria.

Ela parou. Elend nunca ouvira um comando tão vigoroso do general resmungão.

As flechas pararam de voar. O rebombar acalmou-se. Elend ficou parado, titubeante, observando com um franzir de testa enquanto o exército batia em retirada pelos campos cheios de cinzas até o acampamento. Deixaram alguns cadáveres para trás; os homens de Elend realmente conseguiram atingir alguns com suas flechas. Seu exército sofrera baixas ainda mais graves: cerca de duas dúzias de homens pareciam ter sido feridos.

— O que…? — Elend questionou, virando-se para Trevo.

— Não estavam erguendo escadas de madeira — Trevo falou, observando o exército em retirada. — Não foi um ataque de verdade.

— O que foi, então? — Vin questionou, franzindo o cenho.

— Um teste — Trevo falou. — É comum nas guerras… um combate rápido para ver como o inimigo reage, para sentir sua tática e seus preparativos.

Elend virou-se, observando os soldados desorganizados correndo para buscar médicos e cuidar dos feridos.

— Um teste — ele disse, olhando para Trevo. — Na minha opinião, não nos saímos muito bem.

Trevo deu de ombros.

— Muito pior do que deveríamos. Talvez isso assuste os garotos e faça-os prestar mais atenção durante os treinos. — Ele fez uma pausa, e Elend conseguiu ver algo que ele não estava expressando. Preocupação.

Elend voltou-se para a muralha, olhando o exército se afastar. De repente, aquilo fez sentido. Era exatamente o tipo de jogada que seu pai gostava de fazer.

A reunião com Straff aconteceria conforme planejada. No entanto, antes que acontecesse, Straff queria que Elend soubesse de uma coisa.

Posso tomar esta cidade a qualquer momento, o ataque parecia dizer. *Ela é minha, não importa o que você faça. Lembre-se disso.*

Ele foi forçado a entrar numa guerra por um mal-entendido – e sempre afirmou que não era um guerreiro –, mas chegou a lutar tão bem quanto qualquer homem.

26

— Esta não é uma boa ideia, senhora. — Oreseur sentou-se nos quadris, observando Vin desembalar uma caixa grande, plana.

— Elend acha que é a única maneira — ela falou, abrindo a tampa da caixa. O vestido azul luxuoso estava dobrado dentro dela. Ela o puxou, observando seu peso comparativamente leve. Foi para trás do biombo e começou a tirar a túnica.

— E o ataque de ontem às muralhas? — OreSeur perguntou.

— Aquilo foi um aviso — ela falou, continuando a desabotoar a camisa. — Não foi um ataque sério.

Embora, aparentemente, tivesse perturbado muito a Assembleia. Talvez aquela fosse a razão. Trevo podia dizer tudo que quisesse sobre estratégia e teste das muralhas, mas do ponto de vista de Vin, o maior ganho de Straff foi causar ainda mais medo e caos dentro de Luthadel.

Apenas a poucas semanas de ser sitiada, e a cidade já estava tensa, a ponto de romper. A comida estava terrivelmente cara, e Elend foi forçado a abrir os estoques da cidade. As pessoas estavam ansiosas. Uns poucos pensaram que o ataque fora uma vitória para Luthadel, tomando-o como um bom sinal de que o exército fora "repelido". A maioria, no entanto, simplesmente ficou mais assustada do que já estava antes.

Mas, de novo, Vin foi deixada com um enigma. Como reagir, encarando uma força tão esmagadora? Encolher-se de medo ou tentar continuar com a vida? Straff testara as muralhas, verdade, mas ele manteve a maior parte de seu exército na retaguarda e em posição, caso Cett tentasse empreender um ataque oportunista naquele momento. Ele queria informações e também desejava intimidar a cidade.

— Ainda não sei se essa reunião é uma boa ideia — OreSeur falou. —

Deixando o ataque de lado, Straff não é um homem confiável. Kelsier me fez estudar todos os principais nobres na cidade quando eu estava me preparando para me tornar o Lorde Renoux. Straff é traiçoeiro e cruel, mesmo para um ser humano.

Vin suspirou, tirando as calças, em seguida entrou no vestido. Não era tão justo e lhe deixava bastante espaço para movimentar coxas e pernas. *Até aqui, tudo bem*.

A objeção de OreSeur era lógica. Uma das primeiras coisas que aprendera nas ruas foi evitar situações das quais fosse difícil fugir. Seu instinto rebelava-se contra a ideia de entrar no acampamento de Straff.

No entanto, Elend tomara sua decisão. E Vin entendia que precisava apoiá-lo. De fato, ela chegou até a concordar com a jogada. Straff queria intimidar a cidade inteira, mas não era tão ameaçador quanto pensava. Não enquanto precisasse se preocupar com Cett.

Vin já tivera intimidação o suficiente na vida. De certa forma, o ataque de Straff às muralhas fez com que ela se sentisse mais determinada a manipulá-lo para seus próprios objetivos. Ir ao seu acampamento parecia um pouco maluco à primeira vista, mas quanto mais pensava naquilo, mais percebia que era a única maneira pela qual conseguiriam chegar a Straff. Ele precisava vê-los como fracos, precisava sentir que sua tática de coação funcionara. Esse era o único jeito de vencer.

Isso significava fazer algo de que ela não gostava. Significava ficar cercada, entrar no covil do inimigo. Contudo, se Elend conseguisse sair do acampamento em segurança, daria um grande impulso para o moral da cidade. Além disso, faria Ham e o restante da equipe confiar mais em Elend. Ninguém teria questionado a ideia de Kelsier de entrar no acampamento inimigo para negociar; de fato, eles provavelmente teriam esperado que ele voltasse das negociações tendo convencido Straff a capitular.

Preciso apenas garantir que ele volte em segurança, Vin pensou, ajeitando o vestido. *Straff pode exibir todos os músculos que quiser; nada importará se formos nós que direcionarmos os ataques dele.*

Ela assentiu para si mesma, alisando o vestido. Em seguida, saiu detrás do biombo, examinando-se no espelho. Embora o modista tenha obviamente costurado para manter sua forma tradicional, não tinha um formato totalmente triangular de sino; em vez disso, caía um pouco mais reto pelas coxas. Era aberto perto dos ombros – embora tivesse mangas justas e punhos amplos – e a cintura curvava-se e lhe dava uma boa margem de movimento.

Vin esticou-se um pouco, saltou, girou. Ficou surpresa com a leveza do vestido e como ela se movia bem nele. Claro, dificilmente qualquer saia seria ideal para lutar, mas aquela era um avanço enorme nas criações volumosas que ela vestira em festas um ano antes.

— Bem? — ela perguntou, rodopiando.

OreSeur ergueu uma sobrancelha canina.

— O quê?

— O que acha?

OreSeur inclinou a cabeça.

— Por que me pergunta?

— Porque eu me importo com o que você acha — Vin respondeu.

— O vestido é muito bonito, senhora. Mas, para ser honesto, sempre achei esses trajes um pouco ridículos. Todo esse tecido e cores, não parece muito prático.

— Sim, eu sei — Vin falou, usando um par de presilhas de safira para prender os cabelos para trás, tirando um pouco do rosto. — Mas… bem, tinha me esquecido de como era divertido usar essas coisas.

— Não consigo ver por que seria, senhora.

— Isso é porque você é homem.

— Na verdade, sou kandra.

— Mas você é um kandra menino.

— Como a senhora sabe? — OreSeur disse. — Não é muito fácil determinar o gênero do meu povo, pois nossas formas são fluidas.

Vin olhou para ele, erguendo uma sobrancelha.

— Dá para saber. — Em seguida, ela se voltou para o armário de joias. Ela não tinha muitas; embora a equipe tivesse entregue uma boa coleção de joias para ela durante seus dias como Valette, doara a maioria delas para Elend levantar fundos para vários projetos. No entanto, mantivera algumas de suas favoritas – como se soubesse que algum dia voltaria para um vestido.

Estou usando isso apenas desta vez, ela pensou. *Esta não sou eu.*

Ela prendeu um bracelete de safira. Como as presilhas, não tinham metal; as pedras eram encravadas em madeira maciça que se fechava com um fecho de madeira. O único metal no seu corpo eram suas moedas, seu frasco de metal e o brinco único. Sugestão de Kelsier: mantenha um pedacinho de metal que possa *empurrar* em uma emergência.

— Senhora — OreSeur disse, puxando algo debaixo da cama com sua pata. Um pedaço de papel. — Isso caiu da caixa quando a senhora abriu. — Ele o

pegou entre dois dos dedos surpreendentemente ágeis da pata e ergueu-o para ela.

Vin pegou o papel. *Lady Herdeira,* a carta começava.

Cerzi o peito e o corpete mais apertados para dar apoio, e cortei as saias para que não se erguessem, caso a senhora precise pular. Há fendas para frascos de metal em cada um dos punhos, bem como uma ondulação no corte do tecido para esconder uma adaga amarrada ao redor de cada antebraço. Espero que considere as alterações adequadas.

Feldeu, o Modista.

Ela baixou os olhos, observando os punhos. Eram grossos e largos, e a maneira como apontava para os lados formava esconderijos perfeitos. Embora as mangas fossem justas ao redor dos braços, os antebraços eram mais folgados, e ela conseguia ver onde as adagas poderiam ser amarradas.

— Parece que ele já fez vestidos para Nascidas das Brumas antes — OreSeur observou.

— Provavelmente — Vin falou. Moveu-se até o espelho da penteadeira para se maquiar um pouco e encontrou vários potes de maquiagem ressecados. *Acho que faz um tempo que não faço isso também…*

— A que horas vamos, senhora? — OreSeur perguntou.

Vin fez uma pausa.

— Na verdade, OreSeur, não estava planejando levá-lo. Ainda pretendo manter seu disfarce dos demais aqui no palácio, e acredito que pareceria muito suspeito levar meu cão de estimação nessa viagem particular.

OreSeur ficou em silêncio por um momento.

— Ah — OreSeur disse, enfim. — Claro. Então, boa sorte, senhora.

Vin sentiu apenas uma pontinha de decepção; esperava que ele fosse se opor mais. Ela deixou as emoções de lado. Por que ela deveria culpá-lo? Fora ele que enfatizara, com razão, os perigos de ir até o acampamento.

OreSeur simplesmente deitou-se, descansando a cabeça nas patas enquanto observava Vin se maquiar.

— Mas, El — Ham falou —, você deveria ao menos deixar que mandássemos a nossa própria carruagem.

Elend sacudiu a cabeça, arrumando seu casaco enquanto se olhava no espelho.

— Isso exigiria mandar um cocheiro, Ham.

— Claro — Ham falou. — Que seria eu.

— Um homem não fará diferença para nos retirar daquele acampamento. E, quanto menos pessoas eu levar comigo, menos pessoas Vin e eu teremos para nos preocupar.

Ham balançou a cabeça.

— El, eu…

Elend pousou a mão no ombro de Ham.

— Obrigado pela preocupação, Ham. Mas eu consigo. Se há um homem neste mundo que posso manipular é o meu pai. Sairei deixando para ele a sensação de que ele seguramente tem a cidade no bolso.

Ham suspirou.

— Tudo bem.

— Ah, outra coisa — Elend disse, hesitante.

— Sim?

— Se importaria de me chamar de Elend, em vez de apenas El?

Ham deu uma risadinha.

— Acho que isso será bem fácil.

Elend sorriu, grato. *Não é o que Tindwyl queria, mas é um começo. Pensaremos em "Vossa Majestade" depois.*

A porta abriu-se, e Dockson entrou.

— Elend — ele falou. — Acabou de chegar para você. — Ele ergueu uma folha de papel.

— Da Assembleia?

Dockson assentiu.

— Eles não estão felizes por você não aparecer na reunião desta noite.

— Bem, não posso mudar o compromisso com Straff só porque eles querem se reunir um dia antes do planejado — Elend falou. — Diga a eles que tentarei comparecer quando voltar.

Dockson assentiu com a cabeça, em seguida virou-se quando um som de farfalhar soou atrás dele. Ele abriu caminho, um olhar estranho no rosto, quando Vin chegou à entrada.

E ela de vestido – um vestido azul lindo que era mais justo que os trajes comuns da corte. Os cabelos pretos brilhavam com um par de presilhas de safira, e parecia… diferente. Mais feminina… ou, melhor, mais confiante em sua feminilidade.

Quanto ela mudou desde que eu a conheci, Elend pensou, sorrindo. Quase

dois anos haviam passado. Na época, era uma jovenzinha, mas com experiências de vida de alguém muito mais velho. Agora era uma mulher, muito perigosa, mas que ainda erguia para ele olhos que eram apenas um pouco incertos, apenas um pouco inseguros.

— Linda — Elend sussurrou. Ela sorriu.

— Vin — Ham falou, virando-se. — Você está de vestido!

Vin corou.

— O que esperava, Ham? Que eu fosse me encontrar com o rei do Domínio do Norte de calças?

— Bem… — Ham disse. — Na verdade, sim.

Elend riu.

— Só porque *você* insiste em ir para qualquer lugar em roupas casuais, Ham, não significa que todo mundo faça isso. Honestamente, você não fica cansado desses coletes?

Ham deu de ombros.

— São fáceis. E simples.

— E frios — Vin falou, esfregando os braços. — Ainda bem que pedi algo com mangas.

— Agradeça pelo clima — Ham comentou. — Cada tremor que você sentir parecerá muito pior para os homens lá fora, naqueles exércitos.

Elend concordou. O inverno, tecnicamente, havia começado. Era provável que o clima não piorasse o suficiente para causar mais do que um leve desconforto – raramente tinham neve no Domínio Central –, mas as noites frias com certeza não melhorariam o moral.

— Bem, vamos — Vin falou. — Quanto antes terminarmos com isso, melhor.

Elend avançou, sorrindo, e pegou as mãos de Vin.

— Obrigado, Vin — ele disse, baixinho. — E você está realmente linda. Se não fôssemos sair para a destruição quase certa, ficaria tentado em ordenar que se fizesse um baile à noite apenas para ter a oportunidade de me gabar ao seu lado.

Vin sorriu.

— A destruição quase certa é tão atraente assim?

— Acho que estou passando muito tempo com o grupo. — Ele se inclinou para beijá-la, mas ela gritou e saltou para trás.

— Levou quase uma hora para eu me maquiar direito — ela bronqueou. — Sem beijos!

Elend deu uma risadinha quando o capitão Demoux apareceu com a cabeça na entrada.

— Vossa Majestade, a carruagem chegou.

Elend olhou para Vin. Ela assentiu com a cabeça.

— Vamos — ele disse.

Sentado dentro da carruagem que Straff enviara para eles, Elend viu um grupo solene em pé sobre a muralha, observando-os se afastar. O sol estava quase se pondo.

Ele mandou que fôssemos à noite; teremos de sair depois que as brumas surgirem, Elend pensou. *Uma maneira astuta de enfatizar quanto poder ele tem sobre nós.*

Era o jeito do seu pai – um movimento, de certa forma, semelhante ao ataque às muralhas do dia anterior. Para Straff, tudo era uma questão de postura. Elend observara seu pai na corte; vira como ele manipulava até mesmo os obrigadores. Ao manter o contrato para supervisionar a mina de atium do Senhor Soberano, Straff Venture fez um jogo ainda mais perigoso que seus colegas nobres. E fez um jogo muito bom. Não levou em conta que Kelsier jogaria o caos na mistura, mas quem levaria?

Desde o Colapso, Straff mantinha o reino mais estável e poderoso do Império Final. Era um homem ardiloso e cuidadoso, que sabia como planejar a longo prazo para conseguir o que queria. E esse era o homem que Elend precisava manipular.

— Parece preocupado — Vin disse. Ela estava diante dele na carruagem, sentada numa postura formal, de lady. Era como se envergar um vestido de alguma forma lhe conferisse novos hábitos e maneirismos. Ou apenas uma volta aos antigos – no passado tinha sido capaz de agir como uma nobre, bem o suficiente para enganar Elend. — Vai dar certo — ela disse. — Straff não vai te machucar… mesmo se as coisas derem errado, ele não ousará fazer de você um mártir.

— Ah, não estou preocupado com a minha segurança — Elend disse.

Vin ergueu uma sobrancelha.

— E por quê?

— Porque estou com você — ele falou com um sorriso. — Você vale por um exército, Vin.

Isso, no entanto, não pareceu consolá-la.

— Venha aqui — ele disse, afastando-se e acenando para que ela se sentasse

ao seu lado.

Ela se levantou e atravessou a carruagem, mas parou, encarando-o.

— Maquiagem.

— Vou ser cuidadoso — Elend prometeu.

Ela assentiu, sentando-se e deixando que ele a envolvesse com o braço.

— Cuidado com os cabelos também — ela disse. — E seu casaco… não deixe manchar.

— Desde quando você ficou tão preocupada com a moda? — ele perguntou.

— É o vestido — Vin disse com um suspiro. — Assim que vesti, todas as lições de Sazed começaram a voltar.

— Eu gosto muito desse vestido em você — Elend falou.

Vin sacudiu a cabeça.

— Quê? — Elend perguntou quando a carruagem saltou, empurrando-a para um pouco mais perto dele. *Outro perfume novo,* ele pensou. *Ao menos um hábito que ela nunca abandonou.*

— Esta não sou eu, Elend — ela disse em voz baixa. — Este vestido, estes maneirismos. É tudo mentira.

Elend ficou em silêncio por um momento.

— Sem objeções? — Vin perguntou. — Todo mundo acha que estou falando besteira.

— Não sei — Elend disse, honestamente. — Mudar de roupa fez com que *eu* me sentisse diferente, então o que você diz faz sentido. Se trajar vestidos faz você se sentir errada, então não tem que vesti-los. Quero você feliz, Vin.

Vin sorriu, erguendo os olhos para ele. Em seguida, ela se inclinou e o beijou.

— Pensei que você havia dito que não haveria beijo — ele brincou.

— Vindos de você — ela retrucou. — Eu sou uma Nascida das Brumas… somos mais precisos.

Elend sorriu, embora não se sentisse tão feliz. A conversa, no entanto, impedia que ele se preocupasse.

— Às vezes, me sinto desconfortável nestas roupas. Todos esperam muito mais de mim quando eu as visto. Esperam um rei.

— Quando estou de vestido — Vin falou —, eles esperam uma lady. Então ficam decepcionados quando, em vez disso, me encontram.

— Qualquer um que fique *desapontado* em encontrá-la é estúpido demais para ser relevante — Elend disse. — Não quero que você seja como elas, Vin. Não são honestas. Não ligam. Gosto de você como é.

— Tindwyl acha que posso ser as duas coisas — Vin disse. — Uma mulher e uma Nascida das Brumas.

— Tindwyl é sábia — Elend falou. — Um pouco bruta, mas sábia. Deveria ouvi-la.

— Você acabou de dizer que gostava de mim como sou.

— E gosto. Mas eu gostaria de você *de qualquer jeito*, Vin. Eu te amo. A questão é o quanto você gosta de si mesma.

Aquilo a fez hesitar.

— Na verdade, as roupas não mudam um homem de verdade — Elend comentou. — Mas mudam como os outros reagem a ele. Palavras de Tindwyl. Acredito… acredito que o truque esteja em convencer a si mesmo que *merece* as reações que recebe. Pode usar os vestidos da corte, Vin, mas faça deles algo seu. Não se preocupe em não dar aos outros o que querem. Dê a eles quem você é, e deixe que isso baste. — Ele fez uma pausa, sorrindo. — Foi o bastante para mim.

Ela sorriu de volta, em seguida recostou-se contra ele cuidadosamente.

— Está bem — ela disse. — Chega de insegurança por ora. Vamos recapitular. Me fale mais sobre o temperamento do seu pai.

— Ele é um perfeito nobre imperial. Implacável, inteligente e apaixonado pelo poder. Lembra a minha… experiência de quando eu tinha treze anos?

Vin assentiu.

— Bem, meu pai gostava muito dos bordéis skaa. Acho que gostava de se sentir forte ao possuir uma garota, sabendo que seria morta pela paixão dele. Ele mantém várias dezenas de concubinas e, se elas não o agradam, são dispensadas.

Vin murmurou algo baixinho como resposta.

— Age da mesma forma com aliados políticos. Você não se aliava com a Casa Venture, você concordava em ser dominado pela Casa Venture. Se não estava disposto a ser nosso escravo, não conseguia entrar num acordo conosco.

Vin meneou com a cabeça.

— Conheci alguns líderes de gangue assim.

— E como sobreviveu quando eles punham o olho em você?

— Agindo como se não fosse importante — Vin falou. — Rastejando no chão quando passavam e nunca dando motivo para eles me desafiarem. Exatamente o que você planeja fazer esta noite.

Elend assentiu.

— Cuidado — Vin alertou. — Não deixe Straff pensar que está zombando

dele.

— Certo.

— E não prometa demais — Vin continuou. — Aja como se estivesse tentando parecer durão. Deixe que ele pense que está coagindo você a fazer o que ele quer… ele vai gostar disso.

— Vejo que teve experiências assim antes, não é?

— Muitas — Vin confirmou. — Mas eu já falei sobre elas.

Elend concordou. Planejaram e replanejaram o encontro. Ele devia fazer simplesmente o que a equipe lhe ensinara. *Fazer Straff pensar que somos fracos, insinuar que lhe daremos a cidade, mas apenas se ele nos ajudar com Cett antes.*

Lá fora, pela janela, Elend pôde ver que estavam se aproximando do exército de Straff. *Tão grande!*, ele pensou. *Onde o pai aprendera a administrar uma força como essa?*

Elend esperava, talvez, que a falta de experiência militar do pai se traduzisse em um exército mal-dirigido. Contudo, as tendas eram arranjadas em um padrão cuidadoso, e os soldados vestiam uniformes perfeitos. Vin moveu-se até a janela, olhando para fora com olhos ávidos, mostrando muito mais interesse do que uma nobre imperial teria ousado mostrar.

— Olhe — ela disse, apontando.

— O quê? — Elend perguntou.

— Um obrigador — Vin falou.

Elend olhou por sobre o ombro dela, vendo o ex-sacerdote imperial – a pele ao redor dos olhos tatuada com um padrão largo – trazer uma fila de soldados para fora de uma tenda.

— Então é isso. Está usando obrigadores para administrar.

Vin deu de ombros.

— Faz sentido. Eles sabem como controlar grandes grupos de pessoas.

— E como abastecê-los — Elend completou. — Sim, é uma boa ideia, mas ainda é surpreendente. Implica que ele ainda precisa de obrigadores… e que ainda se sujeita à autoridade do Senhor Soberano. A maioria dos outros reis livrou-se dos obrigadores assim que pôde.

Vin franziu o cenho.

— Pensei que você tinha dito que seu pai gosta de estar no poder.

— E gosta — Elend confirmou. — Mas também gosta de ferramentas poderosas. Sempre mantém um kandra e tem um histórico de associar-se com alomânticos perigosos. Acredita que pode controlá-los, e provavelmente tem a

mesma crença sobre os obrigadores.

A carruagem diminuiu a velocidade e parou ao lado de uma grande tenda. Straff Venture surgiu um momento depois.

O pai de Elend sempre fora um homem grande, de figura firme, com uma postura autoritária. A nova barba apenas realçava o efeito. Vestia um traje elegante, bem cortado, como os trajes que tentara fazer Elend vestir quando garoto. Foi quando Elend começou a se vestir com desmazelo, os botões abertos, os casacos largos demais. Qualquer coisa que o diferenciasse do pai.

No entanto, o desafio de Elend nunca fora significativo. Ele irritava Straff, fazendo pequenas travessuras e fingindo-se de tolo quando sabia que podia se livrar dele. Nada daquilo importava.

Não até a noite final. Luthadel em chamas, a rebelião dos skaa saindo do controle, ameaçando derrubar a cidade inteira. Uma noite de caos e destruição, e Vin presa em algum lugar dentro dela.

Então, Elend enfrentou Straff Venture.

Não sou o mesmo garoto que você intimidava, pai. Vin apertou seu braço, e Elend desceu da carruagem quando o cocheiro abriu a porta. Straff esperou em silêncio, uma expressão estranha no rosto quando Elend ergueu a mão para ajudar Vin a desembarcar.

— Você veio — Straff disse.

— Parece surpreso, pai.

Straff sacudiu a cabeça.

— Vejo que é o mesmo grande idiota de sempre, garoto. Você está nas minhas mãos agora, eu poderia matá-lo com um simples aceno. — Ele ergueu o braço, como se fosse fazê-lo.

Agora é a hora, Elend pensou com o coração palpitante.

— *Sempre* estive nas suas mãos, pai — ele disse. — Poderia ter me matado meses atrás, poderia ter tomado minha cidade por simples capricho. Não vejo como minha vinda aqui muda alguma coisa.

Straff hesitou.

— Viemos para o jantar — Elend continuou. — Tinha a esperança de lhe dar a oportunidade de conhecer Vin, e esperava que pudéssemos discutir… assuntos de especial importância para você.

Straff franziu o cenho.

É isso, Elend pensou. *Imagine se eu tenho alguma oferta ainda por fazer. Você sabe que o primeiro homem a entregar seu jogo em geral perde.*

Straff não dispensaria uma oportunidade de ganhar – mesmo uma

oportunidade mínima, como aquela que Elend representava. Provavelmente pensava que não havia nada que Elend pudesse dizer que fosse de real importância. Mas como poderia ter certeza? O que tinha a perder?

— Vá e confirme com o meu *chef* que teremos três para jantar — Straff falou para um serviçal.

Elend soltou levemente o fôlego.

— Essa garota é a sua Nascida das Brumas, então? — Straff perguntou.

Elend confirmou com a cabeça.

— Uma graça — Straff falou. — Diga a ela para parar de *abrandar* minhas emoções.

Vin corou.

Straff meneou a cabeça na direção da tenda. Elend abriu caminho para Vin passar, embora ela olhasse por sobre o ombro, obviamente não gostando da ideia de dar as costas para Straff.

Um pouco tarde para isso… Elend pensou.

A câmara da tenda era o que Elend teria esperado do seu pai: cheia de almofadas e mobiliário luxuoso, do qual Straff usaria realmente apenas uma pequena parte. Straff mobiliava para insinuar seu poder. Como as imensas fortalezas de Luthadel, o ambiente de um nobre era uma expressão de quanto ele era importante.

Vin esperou ao lado de Elend, em silêncio, tensa, no centro da sala.

— Ele é bom — ela sussurrou. — Fui o mais sutil que pude, e ainda assim ele notou meu toque.

Elend assentiu.

— Ele também é um Olho de Estanho — falou com voz normal. — Provavelmente está nos ouvindo neste momento.

Elend olhou para a porta. Straff entrou alguns momentos depois, sem dar indícios de ter ou não ouvido Vin. Um grupo de serviçais entrou em seguida, carregando uma grande mesa de jantar.

Vin inalou com força. Os servos eram skaa – skaa imperiais, segundo a velha tradição. Eram esfarrapados, suas roupas feitas de aventais rasgados, e mostravam escoriações de um espancamento recente. Carregavam suas cargas com olhos baixos.

— Por que a reação, garota? — Straff perguntou. — Ah, sim. Você é skaa, não é… mesmo vestida com tanto esmero? Elend é muito bondoso. Nunca permitiria que você vestisse algo assim. — *Nem tanto assim*, seu tom insinuava.

Vin lançou um olhar para Straff, mas aproximou-se um pouco mais de Elend, agarrando seu braço. Novamente, as palavras de Straff eram apenas dissimulação; Straff era cruel, mas apenas enquanto aquilo lhe servia. Queria deixar Vin desconfortável.

O que parecia estar conseguindo. Elend franziu a testa, baixando o olhar, e ele percebeu apenas um traço de sorriso astuto nos lábios dela.

Brisa havia me dito que Vin é mais sutil com sua Alomancia que a maioria dos Abrandadores, ele lembrou. *Meu pai é bom, mas para ele perceber seu toque…*

Ela permitiu, claro.

Elend olhou novamente para Straff, que bateu em um dos serviçais skaa enquanto eles se retiravam.

— Espero que nenhum deles seja parente seu — Straff dirigiu-se a Vin. — Não têm sido muito diligentes nos últimos tempos. Talvez eu devesse executar alguns.

— Não sou mais skaa — Vin falou, baixo. — Sou uma nobre.

Straff apenas riu. Já havia descartado Vin como ameaça. Sabia que era uma Nascida das Brumas, devia ter ouvido que ela era poderosa, e ainda assim assumia que ela era fraca e irrelevante.

Ela é boa nisso, Elend pensou, surpreso. Os serviçais começaram a trazer um banquete que era impressionante, considerando as circunstâncias. Enquanto esperavam, Straff virou-se para um assistente.

— Mande Hoselle entrar — ele ordenou. — E diga para ser rápida.

Ele parece menos reservado do que eu me lembrava, Elend pensou. Nos tempos do Senhor Soberano, um nobre era formal e inibido em público, embora muitos se entregassem a extravagâncias na vida privada. Dançavam e conversavam trivialidades no baile, por exemplo, mas desfrutavam das prostitutas e das bebedeiras apenas de madrugada.

— Por que a barba, pai? — Elend perguntou. — Pelo que soube, não estão na moda.

— Eu dito a moda agora, garoto — Straff disse. — Sente-se.

Vin aguardou respeitosamente, Elend percebeu, até que ele estivesse sentado antes de tomar seu lugar. Conseguia manter um ar quase assustadiço: olhava Straff nos olhos, mas sempre se contorcia como reflexo, como se parte dela quisesse virar o rosto.

— Agora — Straff começou —, diga-me por que estão aqui.

— Pensei que fosse óbvio, pai — Elend falou. — Estou aqui para discutir

nossa aliança.

Straff ergueu uma sobrancelha.

— Aliança? Nós dois concordamos que sua vida é minha. Não vejo necessidade em me aliar a você.

— Talvez — Elend respondeu. — Mas há outros fatores em jogo aqui. Suponho que não estivesse esperando a chegada de Cett.

— Cett é uma preocupação menor — Straff falou, voltando a atenção ao jantar: grandes fatias de carne malpassada. Vin franziu o nariz, embora Elend não pudesse dizer se era parte da atuação ou não.

Elend cortou seu filé.

— Um homem com um exército quase tão grande quanto o seu dificilmente será uma preocupação "menor", pai.

Straff deu de ombros.

— Não será problema para mim quando eu tiver as muralhas da cidade. Vai entregá-las para mim como parte de nossa aliança, suponho eu.

— E convidar Cett a atacar a cidade? — Elend falou. — Sim, juntos você e eu poderíamos resistir a ele, mas por que ficar na defensiva? Por que permitir que enfraqueça nossas fortificações e, possivelmente, continue este cerco até nossos exércitos morrerem de fome? Precisamos *atacá-lo*, pai.

Straff bufou.

— Acha que preciso de sua ajuda para atacá-lo?

— Precisa, se quiser vencê-lo com alguma medida de garantia de sucesso — Elend falou. — Podemos pegá-lo facilmente juntos, mas nunca sozinhos. Precisamos um do outro. Vamos atacar, você liderando seus exércitos, eu liderando os meus.

— Por que está tão ansioso? — Straff perguntou, estreitando os olhos.

— Porque quero provar algo — Elend falou. — Veja, nós dois sabemos que você tomará Luthadel de mim. Mas, se avançarmos juntos contra Cett primeiro, parecerá que eu *quis* me aliar a você desde o início. Serei capaz de lhe entregar a cidade sem parecer um bufão completo. Poderei alegar que trouxe meu pai para dentro das muralhas para nos ajudar contra o exército que eu sabia estar se aproximando. Entrego a cidade a você, e em seguida me torno novamente seu herdeiro. Nós dois conseguiremos o que queremos. Mas *apenas* quando Cett estiver morto.

Straff fez uma pausa, e Elend podia ver que suas palavras estavam surtindo efeito. *Sim*, ele pensou. *Pense que sou o mesmo garoto que você deixou para trás – excêntrico, ansioso para resistir a você por razões tolas. E livrar a cara*

é uma coisa bem típica dos Venture.

— Não — Straff falou.

Elend teve um sobressalto.

— Não — Straff falou novamente, voltando-se para seu prato. — Não vamos fazer nada disso, garoto. Eu decidirei quando, ou mesmo *se*, atacarei Cett.

Deveria ter funcionado!, Elend refletiu. Examinou Straff, tentando descobrir o que estava errado. Havia uma leve hesitação em seu pai.

Preciso de mais informações, ele pensou. Olhou para o lado, para onde Vin estava sentada, girando algo levemente na mão. O garfo. Ele fitou os olhos dele, então deu um leve toque no talher.

Metal, Elend pensou. *Boa ideia*. Ele olhou para Straff.

— Você veio pelo atium — ele disse. — Não precisa conquistar minha cidade para consegui-lo.

Straff inclinou-se para frente.

— Por que você não gastou o metal?

— Nada atrai tubarões mais rápido que sangue fresco, pai — Elend disse. — Gastar grandes quantidades de atium apenas teria indicado que eu o tinha… uma ideia ruim, considerando o esforço que fizemos para abafar esses rumores.

Houve uma movimentação repentina diante da tenda, e logo uma jovem agitada entrou. Trajava um vestido de baile vermelho, e tinha os cabelos pretos para trás num rabo-de-cavalo longo, leve. Tinha, talvez, uns quinze anos.

— Hoselle — Straff falou, apontando para a cadeira próxima à dele.

A garota assentiu, obediente, correndo para sentar-se ao lado de Straff. Ela estava maquiada e o vestido era decotado. Elend tinha poucas dúvidas quanto ao seu relacionamento com Straff.

Straff sorriu e mastigou sua comida, calma e educadamente. A garota parecia um pouco com Vin – o mesmo rosto amendoado, cabelos pretos parecidos, feições finas e constituição delgada. Era uma declaração. *Eu consigo uma exatamente como a sua, só que mais jovem e mais bonita*. Mais dissimulação.

Nesse momento – naquele sorriso forçado nos olhos de Straff –, Elend lembrou-se mais do que nunca por que odiava seu pai.

— Talvez *possamos* fazer um acordo, garoto — Straff falou. — Entregue o atium para mim, e eu cuidarei de Cett.

— Trazê-lo até você levará tempo — Elend falou.

— Por quê? — Straff quis saber. — Atium é leve.

— Temos muito.

— Não tanto que não possa pôr numa carroça e mandá-lo para cá — Straff

disse.

— É mais complicado que isso — Elend disse.

— Não acho que seja — Straff comentou, sorrindo. — Você apenas não quer entregá-lo para mim.

Elend franziu o cenho.

— Não temos atium — Vin sussurrou.

Straff virou-se.

— Nunca o encontramos — ela disse. — Kelsier derrubou o Senhor Soberano apenas para poder ficar com o atium. Mas nunca conseguimos encontrar o paradeiro do metal. Provavelmente ele nunca esteve na cidade.

Não esperava por isso… Elend pensou. Claro, Vin tendia a fazer as coisas por instinto, como diziam que Kelsier fazia. Todo o planejamento do mundo poderia ir por água abaixo com Vin por perto, mas o que ela fazia, em geral, era muito melhor.

Straff parou por um instante. Parecia acreditar em Vin.

— Então, você não tem nada mesmo a me oferecer.

Preciso parecer fraco, Elend lembrou. *Preciso que ele pense que pode tomar a cidade a qualquer momento, mas também que não vale a pena agir agora.* Ele começou a tamborilar na mesa com o dedo indicador, tentando parecer nervoso. *Se Straff achar que não temos atium… então será menos provável que arrisque atacar a cidade. Menos lucro. Por isso Vin disse aquilo.*

— Vin não sabe o que está falando — Elend falou. — Mantive o atium escondido, mesmo dela. Tenho certeza de que podemos arranjar algo, pai.

— Não — Straff disse, agora soando divertido. — Você *realmente* não está com ele. Zane disse… mas, bem, eu não acreditei.

Straff sacudiu a cabeça, voltando para o prato. A garota ao lado não comia; ficou sentada, em silêncio, como o ornamento que se esperava que fosse. Straff tomou um grande gole do vinho, em seguida deu um suspiro satisfeito. Olhou para sua concubina jovenzinha.

— Saia — ele disse.

Ela obedeceu imediatamente a ordem.

— Você também — Straff falou para Vin.

Vin ficou levemente tensa e olhou para Elend.

— Tudo bem — ele falou, devagar.

Ela hesitou, então assentiu. Straff representava pouco perigo para Elend, e ela era uma Nascida das Brumas. Se algo desse errado, poderia tirar Elend dali rapidamente. E, se ela saísse, isso faria o que eles queriam – Elend pareceria

menos poderoso. Numa posição melhor para negociar com Straff.

Assim esperavam.

— Esperarei bem aqui fora — Vin falou baixinho, retirando-se.

Ele não era um simples soldado. Era uma força de liderança – um homem que o próprio destino parecia apoiar.

27

— Tudo bem — disse Straff, baixando o garfo. — Vamos ser honestos, garoto. Estou muito perto de simplesmente mandar matá-lo.

— Executaria seu único filho? — Elend perguntou.

Straff deu de ombros.

— Você precisa de mim — Elend continuou. — Para ajudar a combater Cett. Pode me matar, mas não ganharia nada. Ainda teria que tomar Luthadel à força, e Cett seria capaz de atacá-lo, e derrotá-lo, no seu estado enfraquecido.

Straff sorriu, cruzando os braços, inclinando-se para a frente de forma a agigantar-se sobre a mesa.

— Você está equivocado nas duas coisas, garoto. Primeiro, acho que se eu te matasse, o próximo líder de Luthadel seria mais flexível. Tenho certos negócios na cidade que indicam que isso é verdade. Segundo, não preciso de sua ajuda para combater Cett. Ele e eu já temos um trato.

Elend fez uma pausa.

— O quê?

— O que você acha que fiquei fazendo nessas últimas semanas? Sentado e esperando seus caprichos? Cett e eu trocamos gentilezas. Ele não está interessado na cidade, quer apenas o atium. Concordamos em dividir o que descobrirmos em Luthadel, em seguida trabalhar juntos para conquistar o restante do Império Final. Ele conquista o oeste e o norte, eu sigo para leste e sul. Um homem muito maleável, este Cett.

Ele está blefando, Elend pensou com certeza razoável. Não era o estilo de Straff; não faria uma aliança com alguém tão próximo dele em força. Straff temia demais uma traição.

— Acha que eu acreditaria nisso? — Elend falou.

— Acredite no que quiser — Straff retrucou.

— E o exército de koloss que está marchando para cá? — Elend quis saber,

jogando um de seus trunfos.

Aqui, Straff hesitou.

— Se quiser tomar Luthadel antes que os koloss cheguem aqui, pai — Elend falou —, acredito que talvez queira ser um pouco mais maleável com o homem que está aqui, oferecendo tudo que você deseja. Peço apenas uma coisa: deixe-me ter uma vitória. Deixe-me combater Cett, garantir meu legado. *Então* poderá tomar a cidade.

Straff pensou, pensou tanto tempo que Elend ousou esperar que talvez tivesse vencido. Mas, em seguida, Straff sacudiu a cabeça.

— Não, acho que não. Arriscarei com Cett. Não sei por que ele deseja me deixar com Luthadel, mas não parece ligar muito para ela.

— E você liga? — Elend perguntou. — Sabe que não temos atium. O quanto a cidade importa para você agora?

Straff inclinou-se um pouco mais para frente. Elend conseguiu sentir o cheiro do seu hálito, forte pelos temperos do jantar.

— Aí que você se engana sobre mim, garoto. Por isso, mesmo que você fosse capaz de me prometer aquele atium, nunca seria capaz de sair deste acampamento esta noite. Cometi um erro um ano atrás. Se tivesse ficado em Luthadel, teria subido ao trono. Em vez disso, você subiu. Não consigo imaginar por que… acho que um Venture fraco ainda era melhor que as outras opções.

Straff era tudo que Elend odiava no antigo império. Presunçoso. Cruel. Arrogante.

Fraqueza, Elend pensou, acalmando-se. *Não posso ser ameaçador.* Ele deu de ombros.

— É apenas uma cidade, pai. Na minha posição, não tem metade da importância do seu exército.

— É mais que uma cidade — Straff disse. — É a cidade do Senhor Soberano, e meu lar está nela. Minha fortaleza. Creio que você a esteja usando como seu palácio.

— Realmente, não tinha outro lugar para ir.

Straff virou-se para seu prato.

— Tudo bem — ele disse ao cortar pedaços da carne —, primeiro, pensei que você era idiota em vir hoje à noite, mas agora não tenho tanta certeza. Você deve ter visto o inevitável.

— Você é mais forte — Elend falou. — Não posso enfrentá-lo.

Straff assentiu.

— Você me impressionou, garoto. Vestindo roupas adequadas, conseguindo uma concubina Nascida das Brumas, mantendo o controle da cidade. Vou deixar você viver.

— Obrigado — Elend falou.

— E, em troca, você me dará Luthadel.

— Assim que Cett estiver derrotado.

Straff riu.

— Não, não é assim que as coisas funcionam, garoto. Não estamos negociando. Você está ouvindo as minhas ordens. Amanhã vamos cavalgar juntos até a cidade, e você ordenará que os portões sejam abertos. Marcharei com meu exército e tomarei o comando, e Luthadel será a nova capital do meu reino. Se concordar e fizer o que digo, eu o nomearei herdeiro novamente.

— Não podemos fazer isso — Elend disse. — Dei ordens para que os portões não fossem abertos para você, não importa a circunstância.

Straff hesitou.

— Meus conselheiros pensaram que você poderia tentar usar Vin como refém, forçando-me a renunciar à cidade — Elend explicou. — Se formos juntos, vão presumir que você está me ameaçando.

O humor de Straff piorou.

— Melhor esperar que eles não pensem nisso.

— Eles vão — Elend afirmou. — Conheço aqueles homens, pai. Estão ansiosos para ter uma desculpa para tomar a cidade de mim.

— Então, por que veio?

— Para fazer o que eu disse — Elend falou. — Negociar uma aliança contra Cett. Posso lhe entregar Luthadel, mas ainda preciso de tempo. Vamos derrubar Cett primeiro.

Straff agarrou a faca de jantar pelo cabo e fincou-a na mesa.

— Eu disse que isso não era uma negociação! Você não faz exigências, garoto. Eu posso mandar te matar!

— Estou apenas apresentando os fatos, pai — Elend falou rapidamente. — Não quero…

— Você suavizou — Straff constatou com olhos estreitos. — O que você espera conseguir com este joguinho? Vir ao meu acampamento sem nada a oferecer… — Ele fez uma pausa, então continuou. — Nada a oferecer exceto aquela garota. Ela é uma beleza.

Elend enrubesceu.

— Isso não vai fazer com que entre na cidade. Lembre, meus conselheiros

pensaram que você poderia tentar ameaçá-la.

— Ótimo — Straff disse, brusco. — Você vai morrer, e eu vou tomar a cidade à força.

— E Cett atacará você por trás — Elend disse. — Encurralando-o contra as muralhas e forçando com que lute cercado.

— Ele teria perdas imensas — Straff falou. — Não seria capaz de tomar a cidade e mantê-la depois disso.

— Mesmo com forças menores, ele teria uma chance melhor de tomá-la de nós do que se esperasse e tentasse tomá-la de você depois.

Straff levantou-se.

— Terei que arriscar. Já deixei você para trás antes. Não vou deixar você solto de novo, garoto. Aqueles malditos skaa tinham que ter te matado e me livrado de você.

Elend levantou-se também. Contudo, podia ver a determinação nos olhos de Straff.

Não está funcionando, Elend pensou, sentindo o pânico invadi-lo. Esse plano era uma aposta, mas ele não pensara de verdade que perderia. Na verdade, jogara bem suas cartas. Mas algo estava errado, algo que ele não previra e ainda não entendia. Por que Straff resistia tanto?

Sou novo demais nisso, Elend pensou. Ironicamente, se tivesse deixado seu pai treiná-lo melhor quando criança, poderia saber o que fizera de errado. De certo modo, ele de repente percebeu a gravidade da situação. Cercado por um exército hostil. Separado de Vin.

Ele iria morrer.

— Espere! — Elend disse, em desespero.

— Ah — Straff disse, sorrindo. — Finalmente percebeu no que se meteu?

Havia um prazer no sorriso de Straff. Avidez. Sempre houve algo em Straff que o fazia deliciar-se em ferir os outros, embora Elend raramente tivesse sofrido com isso. O decoro sempre estivera lá para impedir Straff.

Decoro imposto pelo Senhor Soberano. Naquele momento, Elend via assassinato nos olhos de seu pai.

— Você nunca teve a intenção de me deixar viver — Elend falou. — Mesmo que eu tivesse trazido atium, mesmo se eu fosse com você até a cidade.

— Você morreu no momento em que decidiu vir até aqui — Straff falou. — Garoto idiota. Mas agradeço por me trazer a garota. Vou tomá-la nesta noite. Veremos se ela vai gritar meu nome ou o seu enquanto eu estiver…

Elend riu.

Era um riso desesperado, um riso pela situação ridícula que ele se enfiou, um riso de preocupação e medo repentinos, mas, acima de tudo, era um riso pela ideia de Straff tentar forçar Vin a fazer algo com ele.

— Não tem ideia como isso soa estúpido — Elend retrucou.

Straff ruborizou.

— Por isso, garoto, serei ainda mais rude com ela.

— Você é um porco, pai — Elend falou. — Um homem doente, nojento. Pensou que era um líder brilhante, mas é apenas competente. Quase destruiu a nossa casa, mas foi somente a morte do Senhor Soberano que te salvou!

Straff chamou os guardas.

— Pode tomar Luthadel — Elend continuou —, mas vai perdê-la! Posso ter sido um rei ruim, mas você será terrível. O Senhor Soberano era um tirano, mas também era um gênio. Você não é nem uma coisa, nem outra. É apenas um homem egoísta que acabará com os recursos dele e terminará morto com uma punhalada nas costas.

Straff apontou para Elend quando os soldados entraram às pressas. Elend não se encolheu. Crescera com aquele homem, fora criado por ele, torturado por ele. E, apesar de tudo, Elend nunca falou o que pensava. Rebelava-se com a timidez pequena de um adolescente, mas nunca falara a verdade.

Sentiu-se bem. Sentiu-se correto.

Talvez bancar o fraco fora um erro contra Straff. Ele sempre gostara de esmagar coisas.

E, de repente, Elend sabia o que precisava fazer. Sorriu, fitando os olhos de Straff.

— Me mate, pai — ele disse —, e morrerá também.

— Me mate, pai — Elend disse —, e morrerá também.

Vin estacou. Estava do lado de fora da tenda, na escuridão do início da noite. Estava com os soldados de Straff, mas eles correram ao comando dele. Ela se moveu na escuridão, e agora estava em pé, no lado norte da tenda, observando as sombras movendo-se lá dentro.

Ela estava prestes a invadir. Elend não estava indo muito bem – não que fosse um mau negociador. Era apenas honesto demais por natureza. Não era difícil dizer quando estava blefando, especialmente se você o conhecia bem.

Mas essa nova proclamação era diferente. Não era um sinal de Elend tentando ser esperto, nem era uma explosão raivosa como a que ocorrera momentos antes. De repente, parecia calmo e contundente.

Vin esperou em silêncio, as adagas sacadas, tensa nas brumas diante da tenda brilhante. Algo lhe dissera que precisava dar a Elend mais alguns momentos.

Straff riu da ameaça de Elend.

— Você é um tolo, pai — Elend disse. — Acha que vim até aqui negociar? Acha que eu negociaria voluntariamente com alguém como você? Pensei que me conhecesse melhor. Sabe que eu nunca me submeti a você.

— Então, por quê? — Straff perguntou.

Ela quase podia ouvir o sorriso de Elend.

— Vim para me aproximar de você, pai… e trazer minha Nascida das Brumas ao coração do seu acampamento.

Silêncio.

Por fim, Straff gargalhou.

— Está me ameaçando com aquele fiapo de menina? Se essa for a grande Nascida das Brumas de Luthadel da qual ouvi falar, estou seriamente decepcionado.

— Isso porque ela quer que você sinta isso — Elend falou. — Pense, pai. Você estava desconfiado, e a garota confirmou essas suspeitas. Mas, se ela é tão boa quanto os rumores dizem… e eu sei que você ouviu os rumores... então como você distinguiu o toque nas suas emoções?

Você a flagrou te *abrandando*, e pediu para que ela parasse. Em seguida, não sentiu mais o toque dela, portanto supôs que ela ficou amedrontada. Mas, depois disso, você começou a se sentir confiante. Confortável. Dispensou Vin como ameaça, mas algum homem racional desprezaria uma Nascida das Brumas, por menor ou mais quieta que fosse? De fato, é de se pensar que os pequenos e quietos seriam os assassinos aos quais iria querer prestar *mais* atenção.

Vin sorriu. *Esperto*, ela pensou. Ela estendeu seus poderes, *tumultuando* as emoções de Straff, queimando metal e atiçando sua raiva. Ele engasgou em choque repentino. *Pegue a dica, Elend.*

— Medo — Elend falou.

Ela *abrandou* a raiva de Straff e trocou-a pelo medo.

— Paixão.

Ela atendeu.

— Calma.

Ela abrandou tudo. Dentro da tenda, ela viu a sombra de Straff em pé, empertigada. Um alomântico não podia forçar uma pessoa a fazer qualquer coisa – e, em geral, *empurrões* e *puxões* fortes em emoções era menos eficazes,

pois alertavam o alvo de que algo estava errado. Neste caso, contudo, Vin queria que Straff soubesse que ela estava observando.

Ela sorriu, extinguindo seu estanho. Em seguida, queimou duralumínio e abrandou as emoções de Straff com uma pressão explosiva, varrendo toda a capacidade de sentir de dentro dele. Sua sombra cambaleou sob o ataque.

Um momento depois, seu latão acabou, e ela acionou o estanho novamente, observando as manchas pretas na lona.

— Ela é poderosa, pai — Elend disse. — É mais poderosa que qualquer alomântico que já conheceu. Assassinou o Senhor Soberano. Foi treinada pelo Sobrevivente de Hathsin. E se você me matar, *ela o matará*.

Straff endireitou-se, e a tenda ficou em silêncio de novo.

Um passo soou. Vin girou, esquivando-se e erguendo sua adaga.

Uma figura familiar estava em pé nas brumas.

— Por que eu nunca consigo surpreendê-la? — Zane perguntou em voz baixa.

Vin deu de ombros e virou-se para a tenda, mas se postou de forma que pudesse manter um olho em Zane também. Ele se aproximou e agachou-se ao lado dela, observando as sombras.

— Essa é uma ameaça inútil — Straff finalmente disse lá dentro. — Você estará morto, mesmo que sua Nascida das Brumas me pegue.

— Ah, pai — Elend falou. — Eu estava errado sobre seu interesse em Luthadel. No entanto, você também estava errado sobre mim… *sempre* esteve errado sobre mim. Não me importa se eu morrer, não se isso trouxer segurança ao meu povo.

— Cett tomará a cidade se eu partir — Straff disse.

— Acho que meu povo poderá impedi-lo — Elend retrucou. — Afinal, ele tem o exército menor.

— Isso é uma idiotice! — Straff respondeu, ríspido. No entanto, não ordenou que os soldados avançassem mais.

— Mate-me e morrerá também — Elend falou. — E não apenas você. Seus generais. Capitães. Até seus obrigadores. Ela tem ordens para massacrar vocês todos.

Zane deu um passo para mais perto de Vin, seu pé estalando levemente na grama espremida que forrava o chão do acampamento.

— Ah — ele sussurrou —, esperto. Não importa o quanto seu oponente seja forte, ele não pode atacá-lo se você tiver uma faca na sua garganta.

Zane inclinou-se ainda mais perto, e Vin olhou para ele, seus rostos a

centímetros um do outro. Ele sacudiu a cabeça nas brisas suaves.

— Mas, me diga uma coisa… por que as pessoas como você e eu sempre precisam ser as facas?

Dentro da tenda, Straff ficava cada vez mais preocupado.

— Ninguém é tão poderoso, garoto — ele falou —, nem mesmo uma Nascida das Brumas. Ela poderia ser capaz de matar alguns dos meus generais, mas nunca chegaria até mim. Tenho meu próprio Nascido das Brumas.

— Ah? — Elend falou. — E por que ele não a matou? Por que está com medo de atacar? Se você me matar, pai… se fizer um simples *movimento* na direção da minha cidade… então ela começará o massacre. Homens morrerão como prisioneiros diante das fontes em um dia de execução.

— Pensei que você havia dito que ele estava acima desse tipo de coisa — Zane sussurrou. — Afirmou que não era sua ferramenta. Disse que ele não a usaria como assassina…

Vin se mexeu, desconfortável.

— Ele está blefando, Zane — ela falou. — Ele nunca faria algo desse tipo.

— Ela é uma alomântica como nunca se viu, pai — Elend falou, a voz abafada pela tenda. — Eu a vi lutando com outros alomânticos, nenhum deles sequer a tocou.

— É verdade? — Zane perguntou.

Vin fez uma pausa. Elend nunca a vira atacar outros alomânticos.

— Ele me viu atacar alguns soldados no passado, e eu lhe contei sobre minha lutas com outros alomânticos.

— Ah — Zane falou, suavemente. — Então é apenas uma mentirinha. São boas quando se é rei. Muitas coisas são. Explorar uma pessoa para salvar um reino inteiro? Que líder não pagaria esse preço baixo? Sua liberdade em troca da vitória dele.

— Ele não está me usando — Vin respondeu.

Zane levantou-se. Vin virou-se de leve, observando cuidadosamente enquanto ele caminhava para dentro das brumas, para longe das tendas, das tochas e dos soldados. Ele parou, ficando a uma curta distância, olhando para cima. Mesmo com a luz de tendas e fogueiras, o acampamento foi tomado pelas brumas. Elas rodopiavam ao redor deles. De dentro delas, a luz das tochas e fogueiras parecia insignificante. Como carvão com as chamas se extinguindo.

— O que é isso para *ele* — Zane disse baixo, agitando a mão ao seu redor. — Algum dia conseguirá entender as brumas? Conseguirá entender você?

— Ele me ama — Vin falou, olhando para as formas sombreadas. Eles ficaram quietos por um momento. Straff obviamente estava considerando as ameaças de Elend.

— Ele te *ama*? — Zane falou. — Ou ele ama *ter* você?

— Elend não é assim — Vin retrucou. — É um bom homem.

— Bom ou não, você não é como ele — Zane falou, sua voz ecoando na noite aos seus ouvidos aguçados pelo estanho. — Ele pode entender o que é ser um de nós? Pode saber das coisas que sabemos, se importar com as coisas que amamos? Ele já viu isso? — Zane apontou para cima, na direção do céu. Bem além das brumas, as luzes brilhavam no céu como pequenas sardas. Estrelas invisíveis aos olhos normais. Apenas uma pessoa queimando estanho conseguia atravessar as brumas e vê-las brilhar.

Ela se lembrou da primeira vez que Kelsier as mostrara para ela. Lembrou-se de como ficou estupefata pelo fato de as estrelas terem estado lá desde o início, invisíveis além das brumas…

Zane continuou a apontar para cima.

— Senhor Soberano! — Vin sussurrou, dando um pequeno passo para longe da tenda. Através das brumas rodopiantes, à luz refletida da tenda, ela conseguiu ver algo no braço de Zane.

A pele era coberta com riscos finos e brancos. Cicatrizes.

Zane imediatamente abaixou o braço, escondendo a pele marcada com a manga da camisa.

— Você esteve nas Catacumbas de Hathsin — Vin disse em voz baixa. — Como Kelsier.

Zane virou o rosto.

— Sinto muito — Vin falou.

Zane virou-se de volta, sorrindo para a noite. Era um sorriso firme, confiante. Ele avançou.

— Eu entendo você, Vin.

Ele se curvou levemente para ela e saltou, desaparecendo nas brumas. Dentro da tenda, Straff falou com Elend.

— Saia. Vá embora daqui.

A carruagem afastou-se. Straff ficou em pé fora da tenda, sem se importar com as brumas, ainda sentindo-se um pouco aturdido.

Eu o deixei ir. Por que eu permiti que fosse?

Ainda assim – mesmo naquele momento – ele conseguia sentir o toque dela

assolando-o. Uma emoção após a outra, como um redemoinho traiçoeiro dentro dele e, em seguida… nada. Como uma imensa mão, agarrando sua alma e espremendo-a até uma sujeição dolorosa. Aquilo parecia com a ideia que tinha de morte.

Nenhum alomântico podia ser tão poderoso.

Zane a respeita, Straff pensou. *E todos dizem que ela matou o Senhor Soberano. Aquela coisinha. Não pode ser.*

Parecia impossível. E, aparentemente, era simplesmente o jeito que ela queria parecer.

Tudo estava indo bem. As informações fornecidas pelo espião kandra de Zane eram precisas: Elend *tentou* fazer uma aliança. O que era assustador sobre isso era que Straff poderia ter concordado com aquilo, supondo que Elend era irrelevante, se o espião não tivesse enviado o alerta.

Mesmo assim, Elend o derrotara. Straff estava *preparado* para sua fraqueza fingida, e ainda assim caiu.

Ela é tão poderosa…

Uma figura de preto saiu das brumas e caminhou até Straff.

— Parece que viu um fantasma, pai — Zane falou com um sorriso. — O seu próprio, talvez?

— Tinha mais alguém lá fora, Zane? — Straff perguntou, abalado demais para respostas astutas naquele momento. — Mais dois Nascidos da Bruma, talvez, ajudando-a?

Zane sacudiu a cabeça.

— Não. Ela é forte mesmo. — Ele se virou para voltar às brumas.

— Zane! — Straff falou bruscamente, fazendo o outro parar. — Vamos mudar os planos. Quero que a mate.

Zane virou-se.

— Mas…

— Ela é perigosa demais. Além disso, agora temos a informação que queríamos dela. Eles não têm atium.

— Acredita neles? — Zane questionou.

Straff hesitou. Depois de ter sido tão profundamente manipulado naquela noite, não confiaria em mais nada que acreditava saber.

— Não — ele concluiu. — Mas encontraremos outra maneira. Quero aquela garota *morta*, Zane.

— Então, vamos atacar a cidade de verdade?

Straff quase deu a ordem de imediato, ordenando que seus exércitos

preparassem um ataque matutino. O ataque preliminar correra bem, mostrando que as defesas pouco impressionavam. Straff poderia tomar a muralha, em seguida usá-la contra Cett.

No entanto, as palavras finais de Elend antes de partir naquela noite fizeram-no parar. *Envie seus exércitos contra a minha cidade, pai,* o garoto disse, *e morrerá. Sentiu o poder dela, sabe o que ela pode fazer. Pode tentar se esconder, pode até mesmo conquistar minha cidade.*

Mas ela vai encontrá-lo. E vai matá-lo.

Sua única opção é esperar. Eu entro em contato quando os meus exércitos estiverem preparados para atacar Cett. Atacaremos juntos, como eu disse mais cedo.

Straff não poderia depender daquilo. O garoto havia mudado, de alguma forma estava mais forte. Se Straff e Elend atacassem juntos, Straff não tinha dúvida alguma da rapidez com a qual seria traído. Mas não poderia atacar Luthadel enquanto aquela garota estivesse viva. Não após conhecer-lhe a força, ter sentido o toque dela em suas emoções.

— Não — ele finalmente respondeu à pergunta de Zane. — Não atacaremos. Não até você matá-la.

— Isso pode ser mais difícil do que você faz parecer, pai — Zane falou. — Precisarei de ajuda.

— Que tipo de ajuda?

— Uma equipe de assalto. Alomânticos que não possam ser rastreados.

Zane estava falando de um grupo específico. A maioria dos alomânticos era fácil de identificar por conta de suas linhagens nobres. No entanto, Straff tinha acesso a recursos especiais. Havia um motivo pelo qual tinha tantas concubinas – dúzias e dúzias delas. Alguns pensavam que ele era apenas lascivo.

Não era por isso. Mais concubinas significava mais filhos. E mais filhos, vindos de uma linhagem nobre como a dele, significava mais alomânticos. Ele gerou apenas um Nascido das Brumas, mas havia vários Brumosos.

— Será providenciado — Straff respondeu.

— Talvez eles não sobrevivam ao encontro, pai — Zane alertou, ainda em meio às brumas.

Aquela sensação terrível voltou. A sensação de vazio, a certeza horrível de que outro alguém tinha o controle total e completo sobre suas emoções. Ninguém devia ter tanto poder sobre ele. Em especial, Elend.

Ele deveria estar morto. Ele veio até mim. E eu o deixei ir embora.

— Livre-se dela — Straff disse. — Faça o que precisar, Zane. Qualquer

coisa.

Zane assentiu, então se afastou com um caminhar vaidoso.

Straff voltou à tenda e mandou chamar Hoselle outra vez. Ela se parecia bastante com a garota de Elend. Faria bem para ele se lembrar de que, na maior parte do tempo, ele realmente estava no controle.

Elend recostou-se na carruagem, um pouco surpreso. *Ainda estou vivo!*, ele pensou com um entusiasmo crescente. *Eu consegui! Convenci Straff a deixar a cidade em paz.*

Por um tempo, ao menos. A segurança de Luthadel dependia de Straff permanecer assustado com Vin. Mas… bem, qualquer vitória era enorme para Elend. Ele não havia falhado com seu povo. Era o rei, e seu plano – por mais maluco que pudesse ter sido – havia funcionado. A pequena coroa em sua cabeça de repente não parecia tão pesada como antes.

Vin estava sentada diante dele. Não parecia nem de perto tão feliz quanto poderia estar.

— Conseguimos, Vin! — Elend falou. — Não foi como planejamos, mas funcionou. Straff não ousará atacar a cidade por ora.

Vin concordou com a cabeça, em silêncio.

Elend franziu o cenho.

— Hum, é por sua causa que a cidade ficará em segurança. Sabe disso, não é? Se não estivesse lá… bem, claro, se não fosse por você, o Império Final inteiro ainda estaria escravizado.

— Porque matei o Senhor Soberano — ela disse, baixinho.

Elend assentiu.

— Mas foi o plano de *Kelsier*… as habilidades da gangue, a força de vontade do povo... que libertaram o império. Eu apenas segurei a faca.

— Você faz parecer como algo trivial, Vin — ele falou. — Não é! Você é uma alomântica fantástica. Ham diz que não consegue mais vencê-la nem mesmo em uma luta *injusta*, e tem mantido o palácio livre de assassinos. Não há ninguém como você em todo o Império Final.

Estranhamente, as palavras dele fizeram-na se encolher um pouco mais longe. Ela se virou, observando a janela, olhos encarando as brumas.

— Obrigada — ela disse suavemente.

Elend franziu a testa. *Toda a vez que começo a pensar que entendi o que está se passando na sua cabeça…* Ele se aproximou, passando o braço ao redor dela.

— Vin, o que houve?

Ela ficou em silêncio, em seguida sacudiu a cabeça, forçando um sorriso.

— Não é nada, Elend. Você tem razão em ficar empolgado. Foi brilhante lá dentro. Duvido que mesmo Kelsier tivesse conseguido manipular Straff com tanta perfeição.

Elend sorriu e puxou-a para perto, impaciente enquanto a carruagem seguia para a cidade escura. As folhas do Portão de Estanho abriram-se com hesitação, e Elend viu um grupo de homens em pé dentro do pátio. Ham segurava um lampião alto no meio das brumas.

Elend não esperou a carruagem parar. Abriu a porta e saltou antes de ela estacionar. Seus amigos começaram a sorrir, ansiosos. Os portões fecharam-se com um estrondo.

— Funcionou? — Ham perguntou, hesitante, quando Elend se aproximou. — Conseguiu?

— Mais ou menos — Elend falou com um sorriso, apertando as mãos de Ham, Brisa, Dockson e, finalmente, Fantasma. Até OreSeur, o kandra, estava lá. Ele caminhou até a carruagem, esperando Vin. — O estratagema inicial não foi tão bem… meu pai não engoliu a aliança. Mas, então, eu disse que o mataria!

— Espere aí. Isso foi uma boa ideia? — Ham perguntou.

— Esquecemos um dos nosso maiores recursos, meus amigos — Elend falou enquanto Vin descia da carruagem. O rei virou-se, acenando a mão na direção dela. — Temos uma arma maior que tudo que eles dispõem! Straff esperou que eu fosse implorar, e estava pronto para controlar a situação. No entanto, quando mencionei o que aconteceria com ele e seu exército se a raiva de Vin fosse despertada…

— Meu caro — Brisa falou. — Você entrou no acampamento do rei mais forte do Império Final e o *ameaçou*?

— Sim!

— Brilhante!

— Eu sei! — Elend respondeu. — Disse ao meu pai que ele me *deixaria* sair do acampamento e que *deixaria* Luthadel em paz, do contrário Vin o mataria e cada general do seu exército. — Ele passou o braço ao redor de Vin. Ela sorriu para o grupo, mas ele podia dizer que algo a perturbava.

Ela não acha que fiz um bom trabalho, Elend percebeu. *Viu uma forma melhor de manipular Straff, mas não quer estragar meu entusiasmo.*

— Bem, acho que não precisaremos de um rei novo — Fantasma falou com

um sorriso. — Eu meio que estava ansioso para assumir o trabalho…

Elend gargalhou.

— Não pretendo vagar meu posto por algum tempo ainda. Vamos deixar que o povo saiba que Straff foi intimidado, mesmo que temporariamente. Isso levantará um pouco o moral. Em seguida, lidaremos com a Assembleia. Com sorte, eles aprovarão a deliberação da reunião com Cett, como fizeram com Straff.

— Podemos celebrar no palácio? — Brisa perguntou. — Por mais que eu goste das brumas, duvido que o pátio seja um lugar apropriado para discutir essas questões.

Elend deu um tapinha nas costas dele e assentiu. Ham e Dockson juntaram-se a ele e Vin, enquanto os outros levavam a carruagem na qual tinham vindo. Elend olhou para Dockson com estranhamento quando ele embarcou na carruagem. Normalmente, o homem teria escolhido outro veículo, um em que Elend não estivesse.

— Honestamente, Elend — Ham falou quando se acomodou no banco. — Estou impressionado. Já estava pensando que teria de enviar um ataque surpresa àquele acampamento para trazer você de volta.

Elend sorriu, encarando Dockson, que se sentou quando a carruagem começou a se mover. Ele abriu sua bolsa e tirou um envelope selado. Ele ergueu a cabeça e encontrou os olhos de Elend.

— Isso veio dos membros da Assembleia para o senhor pouco tempo atrás, Vossa Majestade.

Elend hesitou. Em seguida, pegou o envelope e quebrou o selo.

— O que é?

— Não sei bem — Dockson respondeu. — Mas… já comecei a ouvir rumores.

Vin inclinou-se, lendo sobre o braço de Elend enquanto ele passava os olhos pela folha lá dentro. Na carta, se lia:

Vossa Majestade,

Este nota serve para informá-lo que, por maioria dos votos, a Assembleia decidiu invocar a cláusula de desconfiança da constituição. Apreciamos seus esforços em nome da cidade, mas a situação atual exige um tipo de liderança diferente daquela que Vossa Majestade pode proporcionar. Tomamos essa medida sem hostilidade, apenas com resignação. Não vemos alternativa e precisamos agir pelo bem de

Luthadel.

Sentimos muito por termos de informá-lo por meio desta carta.

Estava assinado por todos os vinte e três membros da Assembleia. Elend baixou o papel, em choque.

— O que foi? — Ham perguntou.

— Acabo de ser deposto — Elend falou, baixinho.

TERCEIRA PARTE
REI

Ele deixou ruínas no seu rastro, mas elas foram esquecidas. Criou reinos, e os destruiu quando refez o mundo.

28

— Deixe-me ver se entendi corretamente — Tindwyl falou, calma e educada, ainda que um tanto austera e desaprovadora. — Existe uma cláusula no código legal do reino que permite à Assembleia derrubar o rei?

Elend esmoreceu levemente.

— Sim.

— *E você mesmo escreveu essa lei?* — Tindwyl inquiriu.

— Grande parte dela — Elend admitiu.

— Você criou na sua própria lei uma maneira para que pudesse ser deposto? — Tindwyl reformulou. O conjunto – ampliado por aqueles que se encontravam nas carruagens para incluir Trevo, Tindwyl e capitão Demoux – estava no gabinete de Elend. O tamanho do grupo era tanto que ficaram sem cadeiras, e Vin sentou-se em silêncio de lado, numa pilha de livros de Elend, depois de trocar as roupas rapidamente por calças e camisa. Tindwyl e Elend estavam em pé, mas o restante estava sentado – Brisa empertigado, Ham relaxado e Fantasma tentando equilibrar sua cadeira enquanto ele a apoiava nas duas pernas traseiras.

— Pus essa cláusula intencionalmente — Elend falou. Estava em pé na frente do recinto, com um braço encostado no vidro da imensa janela de vitral, olhando para seus pedaços escuros lá em cima. — Esta terra definhou nas mãos de um soberano opressor por mil anos. Durante esse tempo, filósofos e pensadores sonharam com um governo no qual um mau governante pudesse ser deposto sem derramamento de sangue. Tomei este trono por meio de uma série única e imprevisível de eventos, e não achei correto impor unilateralmente minha vontade – ou a vontade dos meus descendentes – ao meu povo. Queria começar um governo cujos monarcas fossem responsáveis perante seus súditos.

Às vezes, ele fala como esses livros que lê, Vin pensou. *Não como um homem normal… mas como palavras numa página.*

As palavras de Zane voltaram até ela, parecendo sussurrar na mente. *Você não é como ele*. Ela deixou o pensamento de lado.

— Com todo respeito, Vossa Majestade — Tindwyl disse —, isso deve ter sido uma das coisas mais estúpidas que já vi um líder fazer.

— Foi para o bem do reino — Elend retrucou.

— Foi pura idiotice — Tindwyl disse com rispidez. — Um rei não se sujeita aos caprichos de outro órgão de governo. É valioso para seu povo porque é uma autoridade absoluta!

Poucas vezes Vin vira Elend tão aflito, e ela se encolheu um pouco com a tristeza em seus olhos. No entanto, uma parte diferente dela, rebelde, estava feliz. Ele não era mais rei. Agora, talvez as pessoas não trabalhassem tanto para matá-lo. Talvez ele pudesse simplesmente ser Elend outra vez, e eles pudessem ir embora. Para outro lugar. Um lugar onde as coisas não fossem tão complicadas.

— Independentemente disso — Dockson falou para o gabinete silencioso —, algo precisa ser feito. Discutir a prudência de decisões já passadas é de pouca relevância agora.

— Concordo — Ham disse. — Então, a Assembleia tentou chutar você. O que faremos sobre isso?

— Obviamente não podemos deixar que eles o façam — Brisa falou. — Ora, o povo depôs um governante o ano passado! É um mau hábito a se incutir, creio eu.

— Precisamos preparar uma resposta, Vossa Majestade — Dockson tomou a palavra. — Algo que denuncie essa manobra falaz, feita enquanto estava negociando pela segurança da cidade. Agora, rememorando, é óbvio que eles organizaram essa reunião para que o senhor *não pudesse* estar presente e se defender.

Elend assentiu com a cabeça, ainda olhando para o vidro escuro.

— Provavelmente não será mais necessário me chamar de Vossa Majestade, Dox.

— Bobagem — Tindwyl falou, braços cruzados ao lado de uma estante de livros. — Você ainda é rei.

— Eu perdi os poderes sobre o povo — Elend falou.

— Sim — Trevo disse —, mas ainda tem poder sobre meus exércitos. Isso faz com que você continue rei, não importa o que a Assembleia diga.

— Exatamente — Tindwyl falou. — Deixando de lado as leis estúpidas, ainda está numa posição de poder. Precisamos fortalecer a lei marcial, restringir

a movimentação dentro da cidade. Tomar o controle dos pontos principais e isolar os membros da Assembleia para que seus inimigos não possam erguer resistência contra você.

— Meus homens estarão nas ruas antes do amanhecer — Trevo confirmou.

— Não — Elend falou em voz baixa.

Houve uma pausa.

— Vossa Majestade? — Dockson questionou. — É realmente o melhor plano. Não podemos deixar que essa facção contra o senhor ganhe força.

— Não é uma facção, Dox — Elend falou. — São os representantes eleitos da Assembleia.

— Uma Assembleia formada por você, meu caro — Brisa falou. — Eles têm poder porque *você* lhes deu poder.

— A lei lhes dá poderes, Brisa — Elend falou. — E todos nós somos sujeitos a ela.

— Bobagem — Tindwyl interrompeu. — Como rei, você é a lei. Assim que protegermos a cidade, você pode convocar a Assembleia e explicar aos membros que precisa do apoio deles. Aqueles que discordarem podem ser detidos até a crise terminar.

— Não — Elend falou, um pouco mais firme. — Não faremos nada disso.

— Então, o quê? — Ham perguntou. — Você está desistindo?

— Não estou desistindo, Ham — Elend falou, virando-se para encarar o grupo. — Mas não vou usar os exércitos da cidade para pressionar a Assembleia.

— Vai perder seu trono — Brisa disse.

— Seja razoável, Elend — Ham falou, assentindo.

— *Não* serei uma exceção às minhas próprias leis! — Elend respondeu.

— Não seja tolo — Tindwyl falou. — Você deveria…

— Tindwyl — Elend interrompeu —, reaja às minhas ideias como quiser, mas não me chame de tolo de novo. Não serei diminuído por expressar minha opinião!

Tindwyl fez uma pausa, a boca parcialmente aberta. Em seguida, apertou os lábios e tomou um assento. Vin sentiu um agito silencioso de satisfação. *Você o treinou, Tindwyl*, ela pensou, sorrindo. *Pode reclamar se ele a desafiar?*

Elend avançou, pousando as mãos na mesa enquanto observava o grupo.

— Sim, vamos reagir. Dox, escreva uma carta informando a Assembleia sobre nosso agravo e sentimentos de traição, comente sobre nosso sucesso com Straff e enfatize o sentimento de culpa deles o máximo que puder. O restante de

nós começará a planejar. Vamos reaver o trono. Como já comentado, eu conheço a lei. Eu a escrevi. Há maneiras de lidar com isso. Essas maneiras, entretanto, *não* incluirão enviar nossos exércitos para proteger a cidade. Não serei como os tiranos que querem tomar Luthadel de nós! Não forçarei o povo a cumprir o meu desejo, mesmo que eu saiba ser o melhor para ele.

— Vossa Majestade — Tindwyl falou, com cuidado —, não há nada de imoral em garantir seu poder durante um período de caos. As pessoas reagem irracionalmente durante esses tempos. Esse é um dos motivos pelos quais precisamos de uma liderança forte. Eles precisam de você.

— Apenas se me quiserem, Tindwyl — Elend falou.

— Perdoe-me, Vossa Majestade — Tindwyl falou —, mas essa declaração me parece um tanto ingênua.

Elend sorriu.

— Talvez seja. Pode mudar minhas roupas e minha postura, mas não pode mudar a alma do homem que sou. Farei o que considero correto, e isso inclui deixar a Assembleia me depor, se essa for sua escolha.

Tindwyl franziu o cenho.

— E se não conseguir retomar seu trono pelos meios legais?

— Então, aceitarei o fato — Elend falou. — E, de qualquer forma, farei o melhor para ajudar o reino.

Lá se vai o plano de fuga, Vin pensou. No entanto, ela não conseguiu evitar o sorriso. Parte daquilo que ela amava em Elend era sua sinceridade. Seu amor puro pelo povo de Luthadel – sua determinação em fazer o que era correto para ele – era o que o diferenciava de Kelsier. Mesmo no martírio, Kelsier mostrara um laivo de arrogância. Sacrificou-se com a certeza de que seria lembrado como poucos homens sobre a terra conseguiram.

Mas para Elend governar o Domínio Central não era uma questão de fama ou glória. Pela primeira vez, de forma plena e honesta, ela decidiu uma coisa. Elend era um rei muito melhor do que Kelsier jamais seria.

— Não… não sei ao certo o que pensar sobre essa experiência, senhora — uma voz sussurrou ao lado dela. Vin fez uma pausa, olhando para baixo quando percebeu que havia começado a acarinhar levemente as orelhas de OreSeur.

Assustada, ela encolheu a mão de uma vez.

— Desculpe — ela disse.

OreSeur deu de ombros, descansando a cabeça nas patas.

—Então, você disse que há uma maneira legal de pegar o trono de volta — Ham confirmou. — Como faremos isso?

— A Assembleia tem um mês para escolher um novo rei — Elend disse. — Nada na lei diz que o novo rei não pode ser o mesmo que era. E se eles não puderem chegar a uma decisão majoritária até o prazo, o trono se reverte para mim por no mínimo um ano.

— Complicado — Ham falou, coçando o queixo.

— O que esperava? — Brisa falou. — É a lei.

— Não quis dizer a lei em si — Ham falou. — Quis dizer que levar a Assembleia a escolher Elend ou não escolher ninguém. Em primeiro lugar, eles não o teriam deposto se não tivessem outra pessoa em mente para o trono.

— Não necessariamente — Dockson falou. — Talvez simplesmente quisessem dar um alerta.

— Talvez — Elend falou. — Senhores, acho que isso é um sinal. Estive ignorando a Assembleia... pensamos que já estava bem-encaminhada, pois a fiz assinar a proposta que me deu o direito de negociação. No entanto, nunca percebemos que uma maneira fácil para eles contornarem a proposta era escolher um novo rei, em seguida *obrigá-lo* a fazer o que desejassem.

Ele suspirou, balançando a cabeça.

— Tenho que admitir, nunca fui muito bom lidando com a Assembleia. Eles não me veem como um rei, mas como um colega e, por isso, podem facilmente se ver tomando o meu lugar. Aposto que um dos membros da Assembleia convenceu os outros a colocá-lo no trono.

— Então, temos que simplesmente fazê-lo desaparecer — Ham disse. — Tenho certeza de que Vin poderia…

Elend franziu o cenho.

— Estou brincando, El — Ham desconversou.

— Sabe, Ham — Brisa observou. — A única coisa engraçada em suas piadas é a forma como elas conseguem não ter graça nenhuma.

— Você diz isso apenas porque em geral elas trazem você no ponto alto.

Brisa revirou os olhos.

— Sabe — OreSeur murmurou baixinho, obviamente contando com o estanho de Vin para ouvi-lo —, parece que essas reuniões seriam mais produtivas se alguém se esquecesse de convidar esses dois.

Vin sorriu.

— Eles não são *tão* maus assim — ela sussurrou.

OreSeur ergueu uma sobrancelha.

— Tudo bem — Vin concordou. — Eles nos distraem um pouco.

— Eu poderia comer um deles, se desejasse — OreSeur disse. — Talvez

acelerasse as coisas.

Vin hesitou.

Contudo, OreSeur tinha um estranho sorriso nos lábios.

— Humor kandra, senhora. Desculpe. Podemos ser um pouco sinistros.

Vin sorriu.

— De qualquer forma, o gosto deles provavelmente não seria muito bom. Ham é fibroso demais, e você não gostaria de saber o tipo de coisa que Brisa passa o tempo comendo.

— Não sei — OreSeur disse. — É bom que o tal Ham tenha muitas fibras. Quanto ao outro… — Ele acenou com a cabeça para a taça de vinho na mão de Brisa. — Ele parece gostar bastante de se marinar.

Elend estava fuçando nas pilhas de livros, puxando vários volumes pertinentes da lei – inclusive o livro da lei de Luthadel que ele mesmo havia escrito.

— Vossa Majestade — Tindwyl falou, enfatizando o termo. — Você tem dois exércitos na soleira da porta e um grupo de koloss a caminho do Domínio Central. Acredita honestamente que temos tempo para uma batalha legal prolongada agora?

Elend baixou os livros e puxou sua cadeira para a mesa.

— Tindwyl — ele começou —, temos dois exércitos na minha soleira, koloss a caminho para pressioná-los, e eu sou o principal obstáculo que impede os líderes desta cidade de entregarem o reino para um dos invasores. Pensa honestamente que é uma coincidência essa minha deposição *agora*?

Vários membros da equipe ficaram interessados na conversa, e Vin inclinou a cabeça.

— Acha que um dos invasores pode estar por trás disso? — Ham perguntou, coçando o queixo.

— O que você faria se fosse eles? — Elend falou, abrindo um livro. — Não pode atacar a cidade, porque isso lhe custaria muitas tropas. O cerco já dura semanas, suas tropas estão ficando com frio, e os homens que Dockson contratou já estão atacando suas barcaças de suprimento nos canais, ameaçando seu estoque de comida. Além disso, você sabe que uma grande tropa de koloss está marchando para cá… e, bem, isso faz sentido. Se os espiões de Straff e Cett são tão bons, eles saberão que a Assembleia estava prestes a capitular e entregar a cidade quando aquele primeiro exército chegou. Assassinos falharam em me matar, mas se houvesse outra maneira de me retirar do trono…

— Sim — Brisa falou. — Isso parece algo que Cett faria. Voltar a

Assembleia contra você, botar um simpatizante no trono e fazer com que ele abra os portões.

Elend assentiu.

— E meu pai pareceu hesitante para se unir a mim nesta noite, como se sentisse que tinha outra maneira de tomar a cidade. Não posso saber se outro monarca está atrás desse movimento, Tindwyl, mas certamente não podemos ignorar a possibilidade. Isso não é uma distração, faz parte da mesma tática de cerco contra as quais estamos lutando desde que aqueles exércitos chegaram. Se eu puder voltar ao trono, Straff e Cett saberão que sou o único com quem eles podem trabalhar, e isso, espero, os deixará mais propensos a se juntar a mim em desespero, especialmente quando aqueles koloss se aproximarem.

Com isso, Elend começou a procurar numa pilha de livros. Sua depressão parecia estar diminuindo frente a esse novo problema acadêmico.

— Deve haver algumas outras cláusulas pertinentes na lei — ele murmurou. — Preciso estudar um pouco. Fantasma, convidou Sazed para esta reunião?

Fantasma deu de ombros.

— Não consegui acordá-lo.

— Ele está se recuperando da viagem — Tindwyl falou, deixando de observar os estudos de Elend e seus livros. — É um problema dos Guardadores.

— Precisa preencher uma das mentes de metal? — Ham perguntou.

Tindwyl fez uma pausa, sua expressão obscurecida.

— Ele explicou isso para vocês, então?

Ham e Brisa assentiram.

— Entendo — Tindwyl falou. — Mesmo assim, ele não poderia ajudar com este problema, Vossa Majestade. Eu lhe dou alguma ajuda na área governamental porque minha obrigação é treinar líderes com conhecimento do passado. No entanto, Guardadores viajantes como Sazed não tomam partido em questões políticas.

— Questões políticas? — Brisa perguntou, baixinho. — Quer dizer, talvez, a derrubada do Império Final?

Tindwyl fechou a boca, os lábios mais finos.

— Não deviam encorajá-lo a quebrar seus votos — ela disse, por fim. — Se fossem seus amigos, veriam que isso é real, acredito eu.

— Ah? — Brisa disse, apontando para ela com sua taça de vinho. — Pessoalmente acho que vocês estão apenas constrangidos pelo fato de ele tê-los desobedecido e, no fim das contas, ter libertado o seu povo.

Tindwyl lançou um olhar indiferente para Brisa, seus olhos apertados, a postura rígida. Eles ficaram assim por um bom momento.

— Mexa com as minhas emoções o quanto quiser, Abrandador — Tindwyl falou. — Meus sentimentos são apenas meus. Não terá sucesso por aqui.

Brisa finalmente se voltou à sua bebida, murmurando algo sobre "malditos terrisanos".

Elend, no entanto, não estava prestando atenção à querela, tinha quatro livros abertos na mesa diante dele, e folheava um quinto. Vin sorriu, lembrando-se dos dias – não tão distantes – quando seu cortejo a ela envolvia ficar sentado em uma poltrona próxima e abrir um livro.

Ele é o mesmo homem, ela pensou. *E essa alma, esse homem, é quem amei antes de saber que eu era uma Nascida das Brumas. Ele me amou mesmo depois de ter descoberto que eu era uma ladra e pensou que eu estava tentando roubá-lo. Preciso me lembrar disso.*

— Vamos — ela sussurrou para OreSeur, erguendo-se enquanto Brisa e Ham entravam em outra discussão. Ela precisava de tempo para pensar, e as brumas ainda estavam frescas.

Seria muito mais fácil se eu não fosse tão habilidoso, Elend pensou, divertindo-se, fuçando nos livros. *Eu montei essa lei bem demais.*

Ele seguiu uma passagem específica com o dedo, relendo enquanto o grupo afastava-se lentamente. Não conseguia lembrar se os havia dispensado ou não. Tindwyl provavelmente o censuraria por aquilo.

Aqui, ele pensou, batendo na página. *Eu poderia ter razões para reivindicar uma nova votação se algum dos membros da Assembleia chegasse tarde à reunião, ou fizessem sua votação à revelia.* O voto para depô-lo precisava ser unânime – exceto, claro, pelo rei sendo deposto.

Ele fez uma pausa, observando a movimentação. Tindwyl era a única que ainda permanecia na sala com ele. Ele ergueu os olhos dos livros com resignação. *É provável que eu mereça o que vem…*

— Peço perdão por tratá-lo com desrespeito, Vossa Majestade — ela disse.

Elend franziu a testa. *Não esperava por essa*.

— Tenho o hábito de tratar as pessoas como crianças — Tindwyl confessou. — É algo de que eu não deveria me orgulhar, creio eu.

— Isso é… — Elend fez uma pausa. Tindwyl o ensinara a nunca justificar as falhas alheias. Ele podia aceitar as falhas das pessoas, até mesmo perdoá-las, mas se as embelezasse, elas nunca mudariam. — Aceito suas desculpas — ele disse.

— Aprendeu rápido, Vossa Majestade.

— Não tive muita escolha — Elend respondeu com um sorriso. — Claro, não mudei rápido o bastante para a Assembleia.

— Como deixou isso acontecer? — ela perguntou, em voz baixa. — Mesmo considerando nossa desavença sobre como um governo deve ser conduzido, pensei que esses membros da Assembleia seriam seus apoiadores. Você lhes deu poderes.

— Eu os ignorei, Tindwyl. Homens poderosos, amigos ou não, nunca gostam de ser ignorados.

Ela assentiu com a cabeça.

— Mas, talvez devêssemos parar para destacar seus sucessos em vez de simplesmente nos concentrarmos nas falhas. Vin me disse que sua reunião com seu pai correu bem.

Elend sorriu.

— Deixamos meu pai assustado a ponto de se submeter. Foi muito bom fazer algo assim com Straff. Mas acho que devo ter ofendido Vin de alguma forma.

Tindwyl ergueu uma sobrancelha.

Elend baixou o livro, inclinando-se para frente com os braços na mesa.

— Estava com um humor estranho na volta. Mal consegui fazê-la falar comigo. Não tenho certeza do que aconteceu.

— Talvez ela apenas estivesse cansada.

— Não estou convencido de que Vin *fique* cansada — Elend falou. — Ela sempre está em movimento, sempre fazendo alguma coisa. Às vezes, fico preocupado por ela me achar um preguiçoso. Talvez seja por isso… — Ele parou de falar, em seguida balançou a cabeça.

— Ela não pensa que você é preguiçoso, Vossa Majestade — Tindwyl confirmou. — Ela se recusa a casar com você porque não acha que é digna de Vossa Majestade.

— Que bobagem — Elend falou. — Vin é uma Nascida das Brumas, Tindwyl. Ela sabe que vale mais que dez homens como eu.

Tindwyl ergueu uma sobrancelha.

— Entende muito pouco sobre as mulheres, Elend Venture, especialmente de mulheres jovens. Para elas, sua competência tem pouquíssimo a ver, por mais que pareça surpreendente, com a maneira que elas se sentem sobre si mesmas. Vin é insegura. Não acredita que mereça estar com você. Menos por achar ou não que mereça você pessoalmente, e mais por não estar convencida de que mereça ser feliz. Ela teve uma vida muito confusa, difícil.

— Como tem tanta certeza?

— Criei uma boa quantidade de filhas, Vossa Majestade — Tindwyl revelou. — Sei muito bem do que estou falando.

— Filhas? — Elend perguntou. — Você tem filhos?

— Claro.

— Eu pensei… — Os terrisanos que ele conhecera eram eunucos, como Sazed. O mesmo não poderia ser verdade para uma mulher como Tindwyl, claro, mas supôs que os programas de procriação do Senhor Soberano a teriam afetado de alguma forma.

— Independentemente disso — Tindwyl falou, breve —, precisa tomar algumas decisões, Vossa Majestade. Seu relacionamento com Vin será difícil. Ela tem algumas questões que trarão mais problemas do que o senhor encontraria numa mulher mais convencional.

— Já discutimos isso — Elend retrucou. — Não estou buscando uma mulher mais "convencional". Amo Vin.

— Não estou insinuando que não deva — Tindwyl falou, com calma. — Apenas estou dando instruções, conforme solicitado. Precisa decidir o quanto deixará que a garota, e seu relacionamento com ela, o distraiam.

— O que a faz pensar que estou distraído?

Tindwyl franziu a testa.

— Perguntei sobre o acontecido com o Lorde Venture nesta noite, e tudo que você quis falar foi sobre como Vin estava durante a volta para casa.

Elend hesitou.

— O que é mais importante para você, Vossa Majestade? — Tindwyl perguntou. — O amor da garota ou o bem do seu povo?

— Não vou responder a uma pergunta como essa — Elend disse.

— No fim das contas, talvez não tenha escolha — Tindwyl falou. — É uma questão que, mais cedo ou mais tarde, a maioria dos reis enfrenta, temo eu.

— Não — Elend disse. — Não há motivo para eu não poder amar Vin e proteger meu povo. Estudei muitos dilemas hipotéticos para ficar preso numa armadilha como essa.

Tindwyl deu de ombros, erguendo-se.

— Acredite no que quiser, Vossa Majestade. No entanto, eu já vejo um dilema, e acho que não é tão hipotético assim.

Ela curvou a cabeça levemente, em reverência, e retirou-se em seguida do gabinete, deixando-o com seus livros.

Havia outras provas que ligavam Alendi ao Herói das Eras. Coisas menores, que apenas alguém treinado nas histórias da Antecipação teria percebido. A marca de nascença no braço. A maneira como seu cabelo ficou grisalho quando mal tinha vinte e cinco anos de idade. O jeito de falar, como ele tratava as pessoas, o jeito de governar.

Ele simplesmente parecia se encaixar.

29

— Diga-me, senhora — OreSeur disse, deitando preguiçosamente, cabeça nas patas. — Estou convivendo com humanos há alguns anos. Tive a impressão de que precisavam regularmente de sono. Acho que eu estava errado.

Vin sentou-se numa saliência de pedra no alto da muralha, uma perna contra o peito, a outra balançando ao lado da muralha. As torres da Fortaleza Hasting eram sombras escuras nas brumas à direita e à esquerda.

— Eu durmo — ela disse.

— Às vezes. — OreSeur deu um bocejo longo, estendendo a língua. Estaria ele adotando manias mais caninas?

Vin deu as costas para o kandra, olhando para leste, para a adormecida cidade de Luthadel. Havia uma fogueira à distância, uma luz crescente que era grande demais para ser feita por mãos humanas. A alvorada havia chegado. Outra noite havia passado, e quase uma semana antes ela e Elend visitavam o exército de Straff. Zane ainda não havia aparecido.

— Está queimando peltre, não é? — OreSeur perguntou. — Para se manter acordada?

Vin assentiu. Sob um queimar leve de peltre, sua fadiga era apenas uma chateação mínima. Conseguia senti-la bem no fundo, se procurasse bastante, mas ela não a dominava. Seus sentidos estavam aguçados, seu corpo forte. Mesmo o frio da noite não lhe incomodava. Porém, no momento em que extinguisse o peltre, sentiria a exaustão com toda a força.

— Isso não pode ser saudável, senhora — OreSeur constatou. — A senhora mal dorme três ou quatro horas por dia. Ninguém, Nascido das Brumas,

humano ou kandra, consegue sobreviver com uma rotina dessas por muito tempo.

Vin baixou a cabeça. Como poderia explicar aquela estranha insônia? Já deveria ter superado aquilo; não precisava mais temer os outros membros do grupo ao seu redor. E, ainda assim, não importava o quanto estivesse exausta, ficava cada vez mais difícil encontrar o sono. Como poderia dormir com aquelas batidas baixas e distantes?

Por algum motivo, pareciam ter ficado mais próximas. Ou simplesmente mais fortes? *Ouço os batimentos lá de cima, os pulsares das montanhas…* Palavras do diário.

Como poderia dormir, sabendo que o espírito a observava das brumas, sinistro e odioso? Como poderia dormir quando exércitos ameaçavam matar seus amigos, quando o reino de Elend havia sido tomado dele, quando tudo que ela pensava conhecer e amar estava ficando confuso e obscuro?

… quando finalmente me deito, descubro que o sono me escapa. Os mesmos pensamentos que me perturbam durante o dia apenas aumentam com o silêncio da noite…

OreSeur bocejou de novo.

— Ele não vem, senhora.

Vin virou-se, franzindo o cenho.

— Como assim?

— Este é o último lugar onde lutou com Zane — OreSeur disse. — Está esperando que ele venha.

Vin fez uma pausa.

— Um treino não seria mau — ela disse, por fim.

A luz continuou a aumentar no leste, lentamente fazendo as brumas reluzirem. Elas persistiam, no entanto, hesitantes em esvanecer diante do sol.

— A senhora não deveria deixar que este homem a influenciasse tanto, senhora — OreSeur comentou. — Não acho que ele seja a pessoa que a senhora acredita que é.

Vin fez uma careta.

— Ele é meu inimigo. No que mais eu acreditaria?

— A senhora não o trata como inimigo, senhora.

— Bem, ele não atacou Elend — Vin falou. — Talvez Zane não esteja totalmente sob o controle de Straff.

OreSeur deitou-se em silêncio, a cabeça nas patas. Em seguida, ele tirou os olhos dela.

— O que foi? — Vin perguntou.

— Nada, senhora. Acreditarei, conforme fui instruído.

— Ah, não — Vin falou, tirando os olhos do diário para olhá-lo. — Você não vai fugir com essa desculpa. No que estava pensando?

OreSeur suspirou.

— Eu estava pensando, senhora, que sua fixação por esse Zane é desconcertante.

— Fixação? — Vin perguntou. — Estou apenas ficando de olho nele. Não gosto de ter outro Nascido das Brumas, inimigo ou não, correndo pela minha cidade. Quem sabe o que ele poderia aprontar?

OreSeur franziu a testa, mas não disse nada.

— OreSeur — Vin falou —, se você tem coisas a dizer, diga!

— Desculpe, senhora — OreSeur falou. — Não estou acostumado a falar com meus mestres, especialmente de forma honesta.

— Tudo bem. Apenas diga o que está pensando.

— Bem, senhora — OreSeur falou, erguendo a cabeça da pata. — Não gosto desse Zane.

— O que sabe dele?

— Nada mais que a senhora — OreSeur admitiu. — No entanto, a maioria dos kandras é boa em julgar caráter. Quando se pratica a imitação por tanto tempo quanto eu, aprende-se a enxergar o coração dos homens. Não gosto do que vi em Zane. Parece prepotente demais. Parece deliberado demais na maneira que fez amizade com a senhora. Ele me deixa desconfortável.

Vin sentou-se na saliência, pernas separadas, mãos diante dela com as palmas abertas, descansando na pedra fria. *Ele pode estar certo*.

Mas OreSeur não voou com Zane, não lutou nas brumas. Embora não fosse culpa sua, OreSeur era como Elend. Não era um alomântico. Nenhum deles poderia entender o que era planar com um *empurrão* de aço, queimar estanho e vivenciar o choque repentino de cinco sentidos aguçados. Não poderiam saber. Não conseguiriam entender.

Vin recostou-se. Em seguida, observou o cão de caça contra a luz cada vez maior. Havia uma coisa que queria dizer, e agora parecia um bom momento.

— OreSeur, você pode trocar de corpo, se quiser.

O cão de guarda ergueu uma sobrancelha.

— Temos aqueles ossos que encontramos no palácio — Vin falou. — Pode usar aqueles, se estiver cansado de ser cachorro.

— Não posso usá-los — OreSeur falou. — Não digeri seu corpo… não

conheço o arranjo correto de músculos e órgãos para dar uma aparência decente à pessoa.

— Bem, então — Vin falou —, poderíamos conseguir um criminoso para você.

— Pensei que gostasse destes ossos em mim — OreSeur disse.

— E gosto — Vin respondeu. — Mas não quero que fique num corpo que o deixa infeliz.

OreSeur bufou.

— Minha felicidade não é um problema.

— Para mim, sim — Vin disse. — Poderíamos…

— Senhora — OreSeur interrompeu.

— Sim?

— Eu ficarei com estes ossos. Me acostumei com eles. É muito frustrante mudar de forma o tempo todo.

Vin hesitou.

— Tudo bem — ela disse, por fim.

OreSeur assentiu.

— Embora — ele continuou —, por falar em corpos, senhora, tem algum plano de voltarmos ao palácio? Nem todos têm a constituição de um Nascido das Brumas… algumas pessoas precisam dormir e comer de vez em quando.

Com certeza, ele reclama muito mais agora, Vin pensou. No entanto, achou a atitude um bom sinal; significava que OreSeur estava ficando cada vez mais à vontade com ela. À vontade o bastante para dizê-la quando pensava que ela estava sendo estúpida.

Por que me incomodo com Zane?, ela pensou, levantando-se e se voltando para o norte. A bruma ainda estava razoavelmente forte, e ela mal conseguia divisar o exército de Straff, ainda parado no canal do norte, mantendo o cerco. Parecia uma aranha, esperando o momento certo para dar o bote.

Elend, ela pensou. *Deveria estar mais concentrada em Elend.* Suas jogadas para descartar a decisão da Assembleia, ou forçar uma nova votação, todas falharam. E, seguindo teimosamente as leis, Elend continuava a aceitar seus fracassos. Ainda pensava ter uma chance de persuadir a Assembleia a escolhê-lo como rei – ou, ao menos, não votar em mais ninguém para o posto.

Então, trabalhou em discursos e fez planos com Brisa e Dockson, o que lhe deixava pouco tempo para Vin, e justificadamente. A última coisa de que ele precisava era dela o distraindo. Era algo com o que ela não podia ajudá-lo – algo que ela não poderia combater ou espantar.

Seu mundo é dos papéis, livros, leis e filosofias, ela pensou. *Ele cavalga nas palavras de suas teorias como eu cavalgo as brumas. Sempre me preocupo se ele conseguirá me entender… mas eu consigo realmente compreendê-lo?*

OreSeur levantou-se, espreguiçou-se e encaixou suas patas dianteiras na amurada para se erguer e olhar para norte, como Vin.

Vin balançou a cabeça.

— Às vezes, queria que Elend não fosse tão… bem, tão nobre. A cidade não precisa desta confusão bem agora.

— Ele fez a coisa certa, senhora.

— Acha mesmo?

— Claro — OreSeur afirmou. — Fez um contrato. É sua obrigação mantê-lo, não importa o que aconteça. Deve servir seu mestre, que no caso dele seria a cidade, mesmo que esse mestre o obrigue a fazer algo muito repugnante.

— É um jeito muito kandra de ver as coisas — Vin comentou.

OreSeur levantou os olhos para ela, erguendo uma sobrancelha canina, como se perguntasse a Vin, *O que a senhora esperava*? Ela sorriu; precisava reprimir as risadas toda vez que via aquela expressão no seu rosto de cachorro.

— Vamos — Vin falou. — Vamos voltar ao palácio.

— Excelente — OreSeur disse, ficando sobre as quatro patas. — Aquela carne que preparei deve estar perfeita agora.

— A menos que as camareiras a tenham encontrado novamente — Vin falou, sorrindo.

A expressão de OreSeur ficou sombria.

— Pensei que a senhora ia avisá-las.

— O que eu diria? — Vin perguntou, divertindo-se. — Por favor, não jogue fora a carne mofada, meu cão gosta de comê-la?

— Por que não? — OreSeur perguntou. — Quando imito humano, quase nunca consigo ter uma refeição decente, mas cães comem carne envelhecida às vezes, não comem?

— Honestamente, não sei — Vin respondeu.

— Carne maturada é deliciosa.

— Você quer dizer carne podre.

— Maturada — OreSeur insistiu quando ela o pegou no colo, preparando-se para descê-lo da muralha. O topo da Fortaleza Hasting tinha uns bons trinta metros de altura – alto demais para OreSeur pular, e o único caminho para descer seria por dentro da fortaleza abandonada. Era melhor carregá-lo.

— Carne maturada é como vinho ou queijo envelhecido — OreSeur

continuou. — Seu sabor melhora quando tem algumas semanas de idade.

Suponho que seja um dos efeitos colaterais de ter relação com necrófagos, Vin pensou. Ela saltou na beirada da muralha, soltando algumas moedas. Contudo, quando se preparou para pular – OreSeur sendo um grande volume nos braços –, ela hesitou. Virou-se uma última vez, olhando para o exército de Straff. Estava totalmente visível agora, o sol erguera-se por completo no horizonte. Ainda assim, algumas espirais insistentes de bruma pairavam no ar, como se tentassem desafiar o sol, continuar a cobrir a cidade, impedir a luz do dia…

Senhor Soberano!, Vin pensou, acometida por uma ideia repentina. Havia tanto tempo que trabalhava nesse problema que já estava ficando frustrada. E agora, quando ela o ignorava, a resposta veio até ela. Como se seu subconsciente continuasse analisando-o.

— Senhora? — OreSeur perguntou. — Tudo bem?

Vin abriu a boca levemente, inclinando a cabeça.

— Acho que acabei de entender o que eram as Profundezas.

Mas eu preciso continuar com o mínimo de detalhes. O espaço é limitado. Os outros Portadores do Mundo devem ter pensado que eram humildes quando vieram até mim, admitindo que estavam errados. Mesmo naquela época, eu já começava a duvidar da minha declaração original.

Mas eu era arrogante.

30

Escrevo este relato agora, Sazed leu, *marcando-o numa placa de metal, pois tenho medo. Tenho medo por mim mesmo, sim – admito que sou humano. Se Alendi retornar do Poço da Ascensão, tenho certeza de que minha morte será um dos seus primeiros objetivos. Ele não é um homem mau, mas é impiedoso. Ou melhor, acredito que seja um produto daquilo pelo que passou.*

Porém, também estou com medo de que tudo que sei – a minha história – seja esquecido. Tenho medo pelo mundo que virá. Medo que Alendi falhe. Medo de um destino trazido pelas Profundezas.

Tudo recai sobre o pobre Alendi. Sinto-me mal por ele, e por todas as coisas que ele tem sido forçado a suportar. Por aquilo que ele foi forçado a se tornar.

Mas deixe-me começar do começo. Conheci Alendi em Khlennium; era um jovem camarada na época, e não havia sido deturpado por uma década liderando exércitos.

Da primeira vez que o vi, a altura de Alendi me surpreendeu. Era um homem de estatura baixa, mas que parecia ultrapassar os outros, um homem que exigia respeito.

Estranhamente, foi a simples engenhosidade de Alendi que me levou a simpatizar com ele. Empreguei-o como assistente durante seus primeiros meses na cidade grande.

Apenas anos mais tarde convenci-me de que Alendi era o Herói das Eras. Herói das Eras: aquele chamado Rabzeen, em Khlennium, o Anamnéstico.

O Salvador.

Quando finalmente tive a compreensão – finalmente relacionei todos os sinais da Antecipação por ele –, fiquei muito entusiasmado. No entanto,

quando anunciei minha descoberta aos outros Portadores do Mundo, fui recebido com escárnio. Ah, como eu queria tê-los ouvido.

E, ainda assim, qualquer um que me conheça perceberá que não havia chance de eu desistir tão facilmente. Quando encontro algo para investigar, agarro-me à busca como um cão ao osso. Concluí que Alendi era o Herói das Eras, e pretendia prová-lo. Eu deveria ter me curvado diante da vontade alheia; não deveria ter insistido em viajar com Alendi para testemunhar suas jornadas. Era inevitável que o próprio Alendi descobrisse minha crença no que ele era.

Sim, foi ele quem alimentou os rumores depois disso. Eu nunca poderia ter feito o que ele mesmo fez, convencer e persuadir o mundo que ele era, de fato, o Herói. Não sei se ele acreditava naquilo, mas fez os outros pensarem que ele devia sê-lo.

Se ao menos a religião de Terris e a crença na Antecipação não tivessem se disseminado para além do nosso povo. Se ao menos as Profundezas não tivessem vindo, trazendo uma ameaça que levou homens ao desespero, tanto em atos quanto em crenças. Se ao menos eu tivesse ignorado Alendi quando buscava um assistente, tantos anos atrás.

Sazed recostou-se, afastando-se do trabalho de transcrever a cópia por fricção. Ainda havia muito a se fazer – era incrível o quanto de escrita o tal Kwaan conseguira apinhar num pedaço relativamente pequeno de aço.

Sazed olhou para o seu trabalho. Passou a viagem inteira para o norte ansiando pelo momento em que poderia finalmente começar a trabalhar na cópia. Uma parte dele estava preocupada. As palavras do falecido pareceriam tão importantes numa sala bem iluminada como pareceram na masmorra do Convento de Seran?

Ele examinou outra parte do documento, lendo alguns parágrafos selecionados. Aqueles de particular importância para ele.

No entanto, como aquele que encontrou Alendi, tornei-me alguém importante. O primeiro entre os Portadores do Mundo.

Havia um lugar para mim na tradição da Antecipação – achei que eu fosse o Anunciador, o profeta vaticinado para descobrir o Herói das Eras. Renunciar a Alendi na época teria sido renunciar à minha nova posição, à minha aceitação, pelos outros.

E, por isso, não o fiz.

Mas o faço agora. Que se torne sabido que eu, Kwaan, o Portador do Mundo de Terris, sou uma fraude.

Sazed fechou os olhos. *Portador do Mundo*. O termo era conhecido para ele; a ordem dos Guardadores foi fundada a partir de memórias e esperanças de lendas terrisanas. Os Portadores do Mundo eram professores, feruquemistas que viajavam pelos países carregando conhecimento. Foram uma inspiração fundamental para a ordem secreta dos Guardadores.

E agora ele tinha um documento feito pelas próprias mãos de um Portador do Mundo.

Tindwyl ficará muito chateada comigo, Sazed pensou, abrindo os olhos. Leu a cópia inteira, mas precisaria de mais tempo examinando-a. Memorizando-a. Fazendo referências cruzadas com outros documentos. Esse pequeno documento escrito – talvez com vinte páginas no total – poderia facilmente mantê-lo ocupado por meses, até anos.

As folhas das janelas barulharam. Sazed ergueu os olhos. Estava nos seus aposentos palacianos – um conjunto elegante de quartos bem decorados, luxuoso demais para quem passara a vida como um serviçal. Ele se levantou, caminhou até a janela, descerrou a tranca e abriu as folhas. Sorriu quando encontrou Vin agachada no parapeito.

— Hum… oi — Vin falou. Usava sua capa de bruma sobre a camisa cinza e as calças pretas. Apesar de ser início da manhã, estava claro que não havia dormido após sua ronda noturna. — Deveria deixar sua janela destrancada. Não consigo entrar se estiver travada. Elend ficou bravo comigo por quebrar tantos trincos.

— Tentarei me lembrar disso, Lady Vin — Sazed disse e gesticulou para que ela entrasse.

Vin saltou, enérgica, pela janela, a capa de bruma farfalhante.

— *Tentar* lembrar? — ela perguntou. — Você nunca esquece nada. Nem mesmo as coisas que não enfia em uma mente de metal.

Ela ficou muito mais ousada, ele pensou, enquanto ela caminhava até sua escrivaninha, espreitando seu trabalho. *Mesmo nos meses em que estive fora*.

— O que é isso? — Vin perguntou, ainda olhando para a mesa.

— Encontrei no Convento de Seran, Lady Vin — Sazed falou, avançando. Parecia tão bom vestir túnicas limpas novamente, ter um lugar calmo e confortável onde estudar. Era um homem ruim ao preferir isso a viajar?

Um mês, ele pensou. *Darei a mim mesmo um mês de estudo. Em seguida,*

entregarei o projeto a outra pessoa.

— O que é? — Vin perguntou, erguendo a cópia.

— Por favor, Lady Vin — Sazed disse, apreensivo. — É muito frágil. A cópia por fricção pode borrar…

Vin assentiu, baixando-a e examinando sua transcrição. Houve uma época em que ela teria evitado qualquer coisa que lembrasse a chatice da escrita, mas agora ela parecia intrigada.

— Isso aqui menciona as Profundezas! — ela disse, empolgada.

— Entre outras coisas — Sazed comentou, juntando-se a ela na escrivaninha. Ele se sentou e Vin foi até uma das poltronas de veludo de encosto baixo da saleta. No entanto, não se sentou como uma pessoa comum faria; em vez disso, saltou e acomodou-se no alto do encosto da poltrona, os pés descansando na almofada do assento.

— Que foi? — ela perguntou, aparentemente notando o sorriso de Sazed.

— Apenas me divirto com os pendores dos Nascidos da Bruma, Lady Vin — ele falou. — Sua espécie tem problemas em simplesmente sentar-se… parece que sempre querem estar encarapitados. Isso deve vir de um incrível senso de equilíbrio, creio eu.

Vin franziu a testa, mas ignorou o comentário.

— Sazed — ela começou —, o que eram as Profundezas?

Ele cruzou os dedos diante de si, encarando a jovem como se refletisse.

— As Profundezas, Lady Vin? Esse é um assunto de muito debate, creio eu. Supostamente era algo grande e poderoso, embora alguns eruditos tenham descartado a lenda inteira como uma invenção tramada pelo Senhor Soberano. Existe motivo para acreditar nessa teoria, acho, pois os únicos relatos reais daqueles tempos são aqueles sancionados pelo Ministério do Aço.

— Mas o diário menciona as Profundezas — Vin falou. — E agora essa coisa que você está traduzindo.

— De fato, Lady Vin — Sazed concordou. — Mas, mesmo entre aqueles que supõem que as Profundezas eram reais, existe um grande debate em torno delas. Alguns mantêm a história oficial do Senhor Soberano, a de que as Profundezas eram uma fera horrível, sobrenatural – um deus sombrio, se preferir. Outros discordam dessa interpretação extrema. Acham que as Profundezas eram algo mais mundano – um exército de alguma espécie, talvez invasores de outra terra. O Domínio Longínquo, durante o período pré-Ascensão, era aparentemente povoado por várias raças de homens que eram muito primitivos e belicosos.

Vin estava sorrindo. Ele olhou, questionador, e ela deu de ombros.

— Fiz a mesma pergunta para Elend — ela explicou —, e mal consegui uma frase inteira como resposta.

— Sua Majestade tem áreas diferentes de especialidade; histórias pré-Ascensão devem ser um tema muito tedioso, até mesmo para ele. Além disso, qualquer um que perguntar a um Guardador sobre o passado deve estar preparado para uma conversa prolongada, creio eu.

— Não foi uma reclamação — Vin falou. — Continue.

— Não há muito mais a dizer, ou melhor, há muito mais a dizer, mas duvido muito que seja relevante. As Profundezas eram um exército? Foram, talvez, o primeiro ataque de koloss, como alguns teorizam? Isso explicaria muitas coisas; a maioria das histórias concorda que o Senhor Soberano ganhou algum poder ao derrotar as Profundezas no Poço da Ascensão. Talvez tenha conseguido o apoio dos koloss, e então os usado como exército.

— Sazed — Vin falou. — Não acho que as Profundezas eram os koloss.

— Hein?

— Acho que eram as brumas.

— Essa teoria foi proposta — Sazed confirmou, meneando a cabeça.

— Foi? — Vin perguntou, soando um pouco decepcionada.

— Claro, Lady Vin. Durante o reinado de mil anos do Império Final, houve poucas possibilidades que *não* foram discutidas, creio eu. A teoria das brumas já avançou antes, mas havia vários grandes problemas com ela.

— Por exemplo?

— Bem — Sazed falou —, por um lado, dizem que o Senhor Soberano derrotou as Profundezas. No entanto, as brumas estão obviamente aí. Além disso, se as Profundezas eram simplesmente as brumas, por que chamá-las com um nome tão obscuro? Claro, outros enfatizam que muito do que sabemos ou ouvimos sobre as Profundezas vem da tradição oral, e algo muito comum pode assumir propriedades míticas quando transferido verbalmente por gerações. Portanto, as “Profundezas” poderiam não significar apenas a bruma, mas o evento de sua vinda ou alteração.

O maior problema com a teoria das brumas, no entanto, é o de sua malignidade. Se confiarmos nos relatos, e temos pouco mais a nos fiarmos, as Profundezas eram terríveis e destrutivas. As brumas parecem não apresentar nenhum perigo.

— Mas estão matando pessoas agora.

Sazed fez uma pausa.

— Sim, Lady Vin. Aparentemente sim.

— E se elas faziam isso antes, mas o Senhor Soberano a impedia de alguma forma? Você mesmo disse que acha que fizemos algo, algo que mudou as brumas, quando matamos o Senhor Soberano.

Sazed concordou com a cabeça.

— Os problemas que estive investigando são muito terríveis, para ser sincero. No entanto, não vejo que possam ser uma ameaça no mesmo nível que as Profundezas. Algumas pessoas foram mortas pelas brumas, mas muitos são idosos ou de constituição fraca. Ela deixa muita gente em paz.

Ele hesitou, batendo os dedões.

— Mas seria negligência se não admitisse algum mérito à sugestão, Lady Vin. Talvez mesmo essas poucas mortes sejam o bastante para causar pânico. O risco talvez tenha sido exagerado no relato, e talvez as mortes fossem mais disseminadas antes. Não fui capaz de reunir informações suficientes para ter certeza de nada ainda.

Vin não respondeu. *Nossa*, Sazed pensou, suspirando. *Eu a entediei. Preciso realmente ser mais cuidadoso, ter cuidado com meu vocabulário e linguagem. Era de se pensar que, após todas as minhas viagens entre os skaa, eu teria aprendido a…*

— Sazed? — Vin falou, soando pensativa. — E se estivermos olhando isso pelo ponto de vista errado? E se essas mortes aleatórias nas brumas não forem o problema?

— O que quer dizer, Lady Vin?

Ela ficou em silêncio por um instante, um pé batendo devagar contra o estofado do encosto da poltrona. Finalmente ela ergueu os olhos, encontrando os dele.

— O que aconteceria se as brumas viessem durante o dia permanentemente?

Sazed refletiu sobre a pergunta por um instante.

— Não haveria luz — Vin continuou. — As plantas morreriam, as pessoas definhariam de fome. Haveria morte… caos.

— Suponho que sim — Sazed comentou. — Talvez essa teoria tenha seu mérito.

— Não é teoria — Vin falou, saltando da poltrona. — Foi o que aconteceu.

— Já tem tanta certeza? — Sazed perguntou, divertindo-se.

Vin assentiu rápido, aproximando-se dele na escrivaninha.

— Estou certa — ela falou com sua franqueza característica. — Sei disso. — Ela puxou algo do bolso da calça, em seguida puxou um banquinho para

sentar-se ao lado dele. Desdobrou a folha amassada e alisou-a na escrivaninha.

— Aqui estão citações do diário — Vin explicou. Apontou para um parágrafo. — Aqui o Senhor Soberano fala sobre como exércitos eram inúteis contra as Profundezas. Primeiro pensei que significava que os exércitos não conseguiam derrotá-las, mas olhe o que estava escrito. Ele diz: "As espadas do meu exército são inúteis". O que é mais inútil que tentar cortar a bruma com uma espada?

Ela apontou outro parágrafo.

— Deixou a destruição no seu rastro, certo? Milhares morreram por causa delas. Mas ele nunca diz que as Profundezas de fato os atacaram. Diz que simplesmente "morreram por causa delas". Talvez estejamos olhando para o problema desde o início de forma errada. Essas pessoas não foram esmagadas ou engolidas. Morreram de fome porque sua terra foi sendo lentamente engolida pelas brumas.

Sazed observou o papel dela. Parecia tão convencida. Ela não sabia nada de técnicas adequadas de pesquisa? De questionamento, estudo, postulado e concepção de respostas?

Claro que não, Sazed repreendeu-se. *Ela cresceu nas ruas, ela não usa técnicas de pesquisa.*

Apenas usa o instinto. E, em geral, tem razão.

Ele alisou o papel novamente, lendo as passagens.

— Lady Vin? A senhora mesma que escreveu estas coisas?

Ela corou.

— Por que todo mundo fica surpreso com isso?

— É que não parece de sua natureza, Lady Vin.

— Vocês me corromperam — ela retrucou. — Veja, não há um único comentário nesta página que contradiga a ideia de que as Profundezas eram a bruma.

— Não contradizer um ponto e prová-lo são coisas diferentes, Lady Vin.

Ela fez um aceno, indiferente.

— Eu tenho razão, Sazed. Eu *sei* que tenho.

— E que tal este ponto aqui? — Sazed perguntou, apontando uma linha. — O Herói insinua que pode sentir uma consciência das Profundezas. A bruma não é um ser vivo.

— Bem, ela gira em torno de quem usa a Alomancia.

— Não é a mesma coisa, eu acho — Sazed rebateu. — Ele diz que as Profundezas eram malvadas… enlouquecidamente insanas. Más.

Vin hesitou.

— Tem outra coisa, Sazed — ela admitiu. Ele franziu a testa. Ela apontou para outra seção de anotações. — Reconhece estes parágrafos?

Não é uma sombra, lia-se nas notas.

Esta coisa escura que me segue, a coisa que apenas eu consigo ver – não é uma sombra de verdade. É preta e translúcida, mas não tem a silhueta sólida como de uma sombra. É insubstancial – nebulosa e disforme. Como se feita de névoa preta.

Ou, talvez, brumas.

— Sim, Lady Vin — Sazed confirmou. — O Herói viu uma criatura que o seguia. Ela atacou um dos seus companheiros, eu acho. — Vin olhou para os seus olhos.

— Eu a vi, Sazed.

Ele sentiu um calafrio.

— Está lá fora — ela disse. — Toda noite, nas brumas. Ela me observa. Posso *senti-la* com a Alomancia. E, se chego perto o bastante, consigo vê-la. Como se formada da própria bruma. Insubstancial, mas ainda assim está lá.

Sazed ficou em silêncio por um momento, sem saber o que pensar.

— Você acha que estou louca — Vin acusou.

— Não, Lady Vin — ele disse, em voz baixa. — Não acho que qualquer um de nós está em posição de chamar essas coisas de loucura, sem considerar o que está acontecendo. Só que… tem certeza? — Ela assentiu com firmeza. — Ainda que seja verdade, não responde à minha pergunta. O autor do diário viu essa mesma criatura, e não se referiu como sendo as Profundezas. Não eram as Profundezas, então. As Profundezas eram outra coisa… algo perigoso, algo que ele conseguia perceber como maléfico.

— Esse é o segredo, então — Vin emendou. — Temos que descobrir por que ele falou das brumas daquele jeito. Assim, saberemos…

— O que, Lady Vin? — Sazed perguntou.

Vin fez uma pausa, em seguida desviou o olhar. Ela não respondeu, em vez disso mudou de assunto.

— Sazed, o Herói nunca fez o que deveria. Rashek matou-o. E, quando Rashek assumiu o poder no Poço, não desistiu dele como deveria… manteve o poder para si.

— Verdade — Sazed falou.

Vin hesitou novamente.

— E as brumas começaram a matar pessoas. Começaram a vir durante o dia. É… como se as coisas estivessem se repetindo. Então… talvez isso signifique que o Herói das Eras terá de retornar.

Ela olhou de volta para ele, parecendo um pouco… envergonhada? *Ah*… Sazed pensou, sentindo sua dedução. Via coisas nas brumas. O antigo Herói viu as mesmas coisas.

— Não tenho certeza de que essa seja uma declaração válida, Lady Vin.

Ela bufou.

— Por que você não consegue simplesmente dizer "você está errada", como as pessoas normais?

— Desculpe, Lady Vin. Tive muito treinamento como serviçal, e somos ensinados a não confrontar. No entanto, não acho que esteja errada. Todavia, também acho que, talvez, não tenha considerado totalmente sua posição.

Vin deu de ombros.

— O que faz você pensar que o Herói das Eras voltará?

— Não sei. Coisas que acontecem; coisas que sinto. As brumas estão vindo novamente, e alguém precisa pará-las.

Sazed correu os dedos pela parte traduzida da cópia por fricção, olhando as palavras.

— Você não acredita em mim — Vin afirmou.

— Não é isso, Lady Vin — Sazed disse. — É que não tenho o costume de me apressar a tirar conclusões.

— Mas você pensou sobre o Herói das Eras, não pensou? — Vin quis saber. — Ele era parte da sua religião, a religião perdida de Terris, motivo pelo qual foi fundada a sua ordem, os Guardadores, para tentar descobrir.

— Isso é verdade — Sazed admitiu. — Contudo, não sabemos muito sobre as profecias que nossos ancestrais usaram para encontrar seu Herói. Além disso, a leitura que tenho feito nos últimos tempos sugere que havia algo de errado com as interpretações. Se os maiores teólogos da Terris pré-Ascensão não conseguiram identificar o Herói de forma adequada, como nós poderíamos fazê-lo?

Vin sentou-se, em silêncio.

— Eu não devia ter levantado esse assunto.

— Não, Lady Vin, por favor, não pense assim. Peço desculpas, suas teorias têm um grande mérito. Mas eu tenho uma mente de erudito, e preciso questionar e considerar as informações quando as recebo. Tenho prazer demais

em discutir, creio eu.

Vin ergueu os olhos, sorrindo levemente.

— Outro motivo pelo qual você nunca foi um bom mordomo terrisano?

— Sem dúvida — ele disse com um suspiro. — Minha postura sempre tende a causar conflitos com outros da minha ordem.

— Como Tindwyl? — Vin questionou. — Ela não pareceu muito feliz quando soube que você nos contou sobre a Feruquemia.

Sazed assentiu.

— Para um grupo dedicado ao conhecimento, os Guardadores podem ser bem parcimoniosos com as informações relativas aos seus poderes. Quando o Senhor Soberano ainda estava vivo, quando os Guardadores eram caçados, o cuidado era justificado, creio eu. Mas agora que estamos livres disso, meus irmãos e irmãs parecem ver o hábito do sigilo como algo difícil de romper.

Vin assentiu.

— Tindwyl não parece muito com você. Diz que veio por sugestão sua, mas todas as vezes que alguém o menciona, ela parece ficar… fria.

Sazed suspirou. Tindwyl não gostava dele? Ele pensou, talvez, que sua incapacidade de gostar era grande parte do problema.

— Ela está simplesmente decepcionada comigo, Lady Vin. Não sei ao certo o quanto você sabe da minha história, mas eu vinha trabalhando contra o Senhor Soberano havia dez anos antes de Kelsier me recrutar. Os outros Guardadores pensaram que eu estava pondo em risco minhas mentes de cobre, e a própria ordem. Acreditavam que os Guardadores deviam permanecer quietos – esperando pelo dia em que o Senhor Soberano caísse, mas sem trabalhar para que isso acontecesse.

— Para mim parece um pouco covarde — Vin falou.

— Ah, mas era um rumo muito prudente. Veja, Lady Vin, caso eu fosse capturado, havia muitas coisas que eu poderia ter revelado. O nome de outros Guardadores, a localização de nossas casas seguras, os meios pelos quais conseguimos nos esconder na cultura de Terris. Meus irmãos trabalharam por muitas décadas para fazer o Senhor Soberano pensar que a Feruquemia finalmente tinha sido exterminada. Ao me revelar, eu poderia ter arruinado tudo isso.

— Teria sido ruim apenas se tivéssemos falhado — Vin falou. — E não falhamos.

— Poderíamos ter falhado.

— Não falhamos.

Sazed hesitou, então sorriu. Às vezes, num mundo de debates, questionamentos e insegurança, a franqueza simples de Vin era revigorante.

— Independentemente disso — ele continuou —, Tindwyl é um membro do Synod, um grupo de Guardadores mais velhos que guia nossa seita. Estive em rebelião contra o Synod algumas vezes no meu passado. E, ao retornar para Luthadel, eu os estou desafiando novamente. Ela tem bons motivos para estar descontente comigo.

— Bem, *eu* acho que você está fazendo a coisa certa — Vin comentou. — Precisamos de você.

— Obrigado, Lady Vin.

— Não acho que você deva dar ouvidos a Tindwyl — ela disse. — É o tipo que age como se soubesse mais do que realmente sabe.

— Ela é muito sábia.

— Ela é dura com Elend.

— Provavelmente porque é o melhor para ele — Sazed afirmou. — Não a julgue tão rigidamente, menina. Se ela parece irritante, é apenas porque teve uma vida muito difícil.

— Vida difícil? — Vin perguntou, devolvendo suas notas para o bolso.

— Sim, Lady Vin — Sazed respondeu. — Sabe, Tindwyl passou a maior parte da vida como uma mãe terrisana.

Vin hesitou, mão no bolso, olhando surpresa.

— Você quer dizer… que ela era uma Procriadora?

Sazed confirmou. O programa de procriação do Senhor Soberano incluía a seleção de poucos indivíduos especiais para procriar, com o objetivo de extirpar a Feruquemia da população.

— Tindwyl, na última contagem, dera à luz mais de vinte filhos — ele disse. — Cada um com um pai diferente. Ela teve o primeiro filho com catorze anos, e passou a vida inteira sendo possuída continuamente por desconhecidos até ficar grávida. E, por conta das drogas de fertilidade que os Mestres de Procriação lhe forçavam, não raro tinha gêmeos ou trigêmeos.

— Eu… entendo — Vin disse suavemente.

— Você não é a única que conheceu uma infância terrível, Lady Vin. Tindwyl talvez seja a mulher mais forte que conheço.

— Como ela aguentou isso? — Vin perguntou, baixinho. — Acho… acho que provavelmente eu teria me matado.

— Ela é uma Guardadora — Sazed comentou. — Ela suportou o ultraje porque sabia que prestava um grande serviço para seu povo. Sabe, a

Feruquemia é hereditária. A posição de Tindwyl, como mãe, garantia futuras gerações de feruquemistas entre nosso povo. Ironicamente, ela é exatamente o tipo de pessoa que os Mestres de Procriadores não deveriam deixar reproduzir.

— Mas como isso aconteceu?

— Os procriadores pensaram que já haviam limado a Feruquemia da população — Sazed explicou. — Começaram a procurar criar outros traços nos terrisanos: docilidade, temperança. Eles nos cruzavam como cavalos finos, e foi um grande golpe quando o Synod conseguiu fazer Tindwyl ser escolhida para o programa.

Claro, Tindwyl tinha muito pouco treinamento em Feruquemia. Felizmente, ela recebera algumas das mentes de cobre que nós, Guardadores, carregamos. Então, durante tantos anos trancada, foi capaz de estudar e ler biografias. Foi apenas durante a última década, depois que seus anos férteis terminaram, que foi capaz de se juntar e associar-se a outros Guardadores.

Sazed fez uma pausa, em seguida balançou a cabeça.

— Em comparação, o restante de nós teve uma vida de liberdade, creio eu.

— Ótimo — Vin murmurou, erguendo-se e bocejando. — Outro motivo para você se sentir culpado.

— Você deveria dormir, Lady Vin — Sazed observou.

— Por poucas horas — Vin falou, caminhando na direção da porta, deixando-o sozinho novamente com seus estudos.

No final, meu orgulho pode ter condenado todos nós.

31

Philen Frandeu não era skaa. Ele *nunca* foi skaa. Skaa faziam coisas ou plantavam coisas. Philen vendia. Havia uma enorme diferença entre essas atividades.

Ah, algumas pessoas chamavam-no de skaa. Mesmo agora, ele conseguia ver a palavra nos olhos de alguns dos outros membros da Assembleia. Encaravam Philen e seus camaradas mercadores com o mesmo desdém que lançavam aos oito trabalhadores skaa na Assembleia. Não conseguiam ver que os dois grupos eram totalmente diferentes?

Philen mexeu-se um pouco no banco. O salão da Assembleia não deveria, ao menos, ter assentos confortáveis? Estavam esperando apenas poucos membros; o relógio alto no canto dizia que ainda faltavam quinze minutos até o início da reunião. Estranhamente, um daqueles que ainda não haviam chegado era o próprio Venture. O Rei Elend em geral era o primeiro a chegar.

Não é mais rei, Philen pensou com um sorriso. *Apenas o simples e velho Elend Venture*. Era um nome infeliz – não tão bom quanto Philen. Claro, ele era apenas "Lin" até um ano e meio antes. Philen Frandeu foi o nome que ele se dera após o Colapso. Deliciava-o infinitamente que os outros tivessem começado a chamá-lo por esse nome sem parar. Mas por que ele não deveria ter um nome grandioso? Um nome de lorde? Philen não era tão bom quanto os "nobres" que estavam sentados, indiferentes, nos seus lugares?

Ah, ele era tão bom quanto. Melhor, até. Sim, eles o chamavam de skaa, mas, durante aqueles anos, tinham vindo até ele por necessidade, e assim suas expressões arrogantes não tinham poder. Ele viu a insegurança deles. Haviam precisado dele. Um homem que chamavam de skaa. Mas que também era um mercador. Um mercador que não era nobre. Algo que não devia existir no pequeno império perfeito do Senhor Soberano.

Porém, mercadores nobres tinham de trabalhar com os obrigadores. E, onde havia obrigadores, nada ilegal poderia acontecer. Por isso, Philen. Ele era um

tipo de… intermediário. Um homem capaz de arranjar acordos entre partes interessadas que, por diversas razões, queriam evitar os olhos vigilantes dos obrigadores do Senhor Soberano. Philen não fazia parte de uma gangue de ladrões; não, isso era perigoso demais. E mundano demais.

Ele nascera com uma queda por finanças e negociações. Se recebesse duas rochas, teria uma pedreira no fim da semana. Se recebesse um eixo de roda, trocaria logo por uma fina carruagem puxada a cavalo. Dois pedaços de milho, e no fim teria um imenso carregamento de grãos viajando para os mercados do Domínio Longínquo. Verdadeiros nobres tinham feito os negócios, claros, mas Philen estava por trás de tudo. Um vasto império próprio.

E, ainda assim, eles não conseguiam ver. Vestia um terno tão refinado quanto o deles; agora que podia comercializar abertamente, tinha se tornado um dos homens mais ricos de Luthadel. Ainda assim, os nobres o ignoravam, apenas porque lhe faltava pedigree.

Bem, eles veriam. Depois da reunião de hoje… sim, eles veriam. Philen olhou para os nobres da Assembleia, que estavam sentados, conversando, a uma curta distância. Um dos últimos membros – Lorde Ferson Penrod – havia acabado de chegar. O mais velho foi até o púlpito da Assembleia, passando pelos membros, cumprimentando um por um.

— Philen — Penrod falou, observando-o. — Um terno novo pelo visto. O colete vermelho fica bem em você.

— Lorde Penrod! Ora, o senhor parece bem. Melhorou do pequeno mal-estar da outra noite, então?

— Sim, passou bem rápido — o lorde respondeu, assentindo com a cabeça grisalha. — Apenas um mal-estar estomacal.

Pena, Philen pensou, sorrindo.

— Bem, melhor nos sentarmos. Vejo que o jovem Venture ainda não chegou…

— Não — Penrod falou, franzindo o cenho. Havia sido muito difícil convencê-lo a votar contra Venture; sentia uma espécie de afeição pelo garoto. Tinha mudado de opinião no fim. Todos tinham.

Penrod seguiu em frente, juntando-se aos outros nobres. O velho tolo provavelmente pensou que terminaria sendo rei. Bem, Philen tinha outros planos para aquele trono. Não era o próprio traseiro de Philen que se sentaria nele, claro; não tinha interesse em governar um país. Parecia uma maneira terrível de fazer dinheiro. Vender coisas. Essa era uma maneira muito melhor. Mais estável, menos provável de fazer perder a cabeça.

Ah, mas Philen tinha planos. Sempre tivera. Precisava segurar-se para não olhar novamente para o público.

Philen virou-se, em vez disso, para estudar a Assembleia. Todos haviam chegado, exceto Venture. Sete nobres, oito mercadores e oito trabalhadores skaa: vinte e quatro homens, com Venture. A divisão tripla era pensada para dar mais poder àqueles do povo, pois aparentemente eram mais numerosos que os nobres. Até mesmo Venture não entendia que os mercadores não eram skaa.

Philen torceu o nariz. Embora os membros skaa da Assembleia em geral se banhassem antes de ir às reuniões, ele conseguia sentir o fedor de forjas, engenhos e oficinas neles. Homens que faziam coisas. Philen precisaria se certificar de que seriam postos em seu devido lugar assim que tudo estivesse acabado. Uma Assembleia era uma ideia interessante, mas deveria ser preenchida com aqueles que mereciam o posto. Homens como Philen.

Lorde Philen, ele pensou. *Em breve*.

Felizmente, Elend estava atrasado. Então, talvez pudessem evitar seu discurso. De qualquer forma, Philen conseguia imaginar como ele seria.

Hum… agora, vejam, isso não é justo. Eu deveria ser rei. Aqui, deixe-me ler um livro para vocês com os motivos. Agora, hum, podem por favor dar um pouco mais de dinheiro aos skaa?

Philen sorriu.

O homem ao lado dele, Getrue, cutucou-o.

— Acha que ele vai aparecer? — ele sussurrou.

— Provavelmente não. Deve saber que não o queremos. Nós o chutamos para fora do trono, não foi?

Getrue deu de ombros. Havia engordado desde o Colapso, e bastante.

— Não sei, Lin. Digo… não queríamos. Ele foi apenas… os exércitos… Precisamos de um rei forte, certo? Alguém que impeça a queda da cidade?

— Claro — Philen respondeu. — E meu nome não é Lin.

Getrue enrubesceu.

— Desculpe.

— Fizemos a coisa certa — Philen continuou. — Venture é um fraco. Um tolo.

— Eu não diria isso — Getrue falou. — Ele tem boas ideias… — Getrue baixou o olhar, desconfortável.

Philen bufou, olhando o relógio. Já era hora, embora não pudesse ouvir o carrilhão por sobre a multidão. As reuniões da Assembleia ficaram cheias após a queda de Venture. Os bancos espalhavam-se diante do palco, bancos cheios

de gente, a maioria skaa. Philen não sabia por que tinham autorização para participar. Nem podiam votar.

Mais uma bobagem de Venture, ele pensou, sacudindo a cabeça. Ao fundo do salão – atrás da multidão, de frente para o palco – ficavam duas portas grandes, amplas, que deixavam a luz vermelha do sol entrar. Philen meneou com a cabeça para alguns homens, e eles fecharam as portas. As multidões acalmaram-se.

Philen ergueu-se para falar com a Assembleia.

— Bem, como…

As portas do salão da Assembleia abriram-se de uma vez. Um homem de branco estava lá com uma pequena multidão, iluminado pela luz vermelha do sol. Elend Venture. Philen inclinou a cabeça, franzindo o cenho.

O ex-rei avançou a passos largos, a capa branca sacudindo-se atrás dele. Sua Nascida das Brumas estava ao lado, como de costume, mas trajava um vestido. Pelas poucas vezes que Philen falara com ela, teria esperado que ficaria desajeitada num traje de nobre. E, ainda assim, parecia que lhe caía bem, caminhava com graça. Na verdade, parecia bem atraente.

Ao menos até Philen encontrar seus olhos. Seu olhar para os membros da Assembleia não foi afetuoso, e Philen desviou os olhos. Venture trouxera todos os seus alomânticos consigo – os antigos Brutamontes da gangue do Sobrevivente. Elend aparentemente queria lembrar a todos quem eram seus amigos. Homens poderosos. Homens assustadores.

Homens que matavam deuses.

E Elend tinha não um, mas dois terrisanos com ele. Uma era mulher – Philen nunca tinha visto uma terrisana antes –, mas ainda assim era impressionante. Todos tinham ouvido como os mordomos haviam abandonado seus mestres depois do Colapso; recusaram-se a continuar trabalhando como servos. Onde Venture havia encontrado não um, mas dois mordomos de túnicas coloridas para servi-lo?

A multidão ficou em silêncio, observando Venture. Alguns pareciam desconfortáveis. Como tratariam aquele homem? Outros pareciam… admirados? Era isso mesmo? Quem ficaria admirado com Elend Venture, mesmo se o Elend Venture em questão estivesse barbeado, com os cabelos penteados, usando novas roupas e…? Philen franziu a testa. O rei trazia um bastão de duelo? E um cão de guarda ao lado?

Ele não é mais rei!, Philen recordou.

Venture caminhou com firmeza até o palco da Assembleia. Virou-se,

acenando para o seu pessoal – todos os oito – se sentar com os guardas. Venture, então, voltou-se e olhou para Philen.

— Philen, queria dizer alguma coisa?

Philen percebeu que ainda estava em pé.

— Eu… estava apenas…

— Você é o chanceler da Assembleia? — Elend perguntou.

Philen fez uma pausa.

— Chanceler?

— O rei preside as reuniões da Assembleia — Elend falou. — Não temos um rei e, portanto, segundo a lei, a Assembleia deveria ter eleito um chanceler para convocar os oradores, decidir sobre a distribuição de tempo e desempatar votações. — Ele fez uma pausa, encarando Philen. — Alguém precisa liderar. Senão, temos apenas o caos.

Mesmo sem querer, Philen começou a ficar nervoso. Venture sabia que Philen organizara a votação contra ele? Não, não sabia, não poderia saber. Ele olhou para cada membro da Assembleia, encontrando seus olhos. Não havia nada do garoto jovial e relaxado que comparecia às reuniões antes. Em pé, em seu traje militarista, firme em vez de hesitante… ele quase parecia uma pessoa diferente.

Parece que você encontrou um conselheiro, Philen pensou. *Um pouco tarde demais. Espere só…*

Philen sentou-se.

— Na verdade, não tivemos chance de escolher um chanceler — ele disse. — Estávamos prestes a fazê-lo.

Elend meneou a cabeça, uma dúzia de instruções diferentes girando na cabeça. Mantenha o contato visual. Use expressões sutis, mas firmes. Nunca pareça apressado, mas não demonstre hesitação. Sente-se sem se balançar, não arraste os pés, use uma postura ereta, não feche as mãos quando estiver nervoso…

Lançou um rápido olhar para Tindwyl. Ela lhe lançou um meneio de cabeça.

Volte à posição, El, ele disse a si mesmo. *Deixe que sintam as diferenças em você.*

Ele seguiu para tomar assento, cumprimentando os outros sete nobres da Assembleia com a cabeça.

— Muito bem — ele disse, tomando a dianteira. — Então, posso nomear um chanceler?

— Você mesmo? — perguntou Dridel, um dos nobres; sua expressão desdenhosa parecia permanente, pelo que Elend soubesse. Era uma expressão razoavelmente adequada para alguém com rosto tão fino e cabelos escuros.

— Não — Elend respondeu. — Dificilmente serei uma parte imparcial nos trabalhos de hoje. Portanto, nomeio Lorde Penrod. É um dos homens mais honrados que poderíamos encontrar, e acredito que ele possa ser confiável para mediar nossas discussões.

O grupo ficou quieto por um momento.

— Parece lógico — Hettel, um trabalhador de forja, finalmente disse.

— Todos a favor? — Elend falou, erguendo a mão. Conseguiu dezoito mãos erguidas – todos os skaa, a maior parte da nobreza, apenas um dos mercadores. No entanto, era uma maioria.

Elend virou-se para Lorde Penrod.

— Acredito que isso signifique que você é responsável, Ferson.

O homem soberbo assentiu, agradecido, em seguida se ergueu para formalmente abrir a reunião, algo que Elend fazia no passado. Os maneirismos de Penrod eram educados, sua postura forte quando se levantou em seus trajes bem cortados. Elend não conseguiu evitar e sentiu um pouco de inveja, observando Penrod agir com tanta naturalidade nas coisas que ele mesmo estava lutando para aprender.

Talvez ele fosse um rei melhor que eu, Elend pensou. *Talvez…*

Não, ele pensou com firmeza. *Tenho que ser confiante. Penrod é um homem decente e um nobre impecável, mas essas coisas não constróem um líder. Não leu o que li e não entende de teoria legislativa como entendo. É um bom homem, mas ainda é um produto de sua sociedade – ele não considera os skaa animais, mas nunca será capaz de vê-los como iguais.*

Penrod terminou as introduções, em seguida voltou-se a Elend.

— Lorde Venture, você convocou esta reunião. Acredito que a lei lhe conceda oportunidade de falar primeiro com a Assembleia.

Elend meneou com a cabeça, agradecendo, e se ergueu.

— Vinte minutos são tempo suficiente? — Penrod perguntou.

— Devem ser — Elend respondeu, passando por Penrod quando trocaram de lugar. Elend empertigou-se no púlpito. À direita, a plateia do salão estava cheia de pessoas que se mexiam, tossiam, sussurravam. Havia uma tensão no recinto – era a primeira vez que Elend confrontava o grupo que o traíra.

— Como muitos de vocês sabem — Elend falou aos vinte e três membros da Assembleia —, voltei há pouco de uma reunião com Straff Venture, o senhor

da guerra que, infelizmente, é meu pai. Gostaria de fazer um relato desse encontro. Percebam que como esta é uma reunião pública, ajustarei meu relato para evitar a menção de questões confidenciais de segurança nacional.

Ele fez uma pequena pausa e viu os olhares de confusão que esperava. Finalmente, Philen, o mercador, pigarreou.

— Sim, Philen? — Elend perguntou.

— Tudo isso é ótimo, Elend — Philen disse. — Mas você não abordará a questão que nos trouxe aqui?

— Estamos reunidos, Philen, para que possamos discutir como manter Luthadel segura e próspera. Acredito que as pessoas estejam mais preocupadas com os exércitos, e deveríamos, em primeiro lugar, buscar esclarecer suas preocupações. Questões de liderança na Assembleia podem esperar.

— Eu… entendo — Philen disse, obviamente confuso.

— O tempo é seu, Lorde Venture — Penrod disse. — Proceda como desejar.

— Obrigado, Chanceler — Elend falou. — Desejo deixar bem claro que meu pai *não* atacará a cidade. Posso entender por que as pessoas ficaram preocupadas, especialmente por conta do ataque preliminar da última semana às nossas muralhas. Aquilo, no entanto, foi simplesmente um teste… Straff teme fazer um grande ataque e comprometer todos os seus recursos.

Durante a reunião, Straff me disse que fizera uma aliança com Cett. No entanto, acredito que tenha sido um blefe… mesmo que, infelizmente, um blefe em partes. Suspeito que, de fato, ele planejava arriscar um ataque contra nós, apesar da presença de Cett. Esse ataque foi protelado.

— Por quê? — perguntou um dos representantes dos trabalhadores. — Porque você é filho dele?

— Na verdade, não — Elend respondeu. — Straff não é de permitir que os relacionamentos familiares diminuam sua determinação. — Elend fez uma pausa, olhando para Vin. Estava começando a perceber que ela não gostava de ter sido aquela que segurou a faca no pescoço de Straff, mas dera a permissão para falar dela em seu discurso.

Mesmo assim…

Ela disse que estava tudo bem, ele disse a si mesmo. *Não estou escolhendo o dever em detrimento dela!*

— Vamos lá, Elend — Philen disse. — Pare com o drama. O que você prometeu para Straff para manter seus exércitos longe da cidade?

— Eu o ameacei — Elend respondeu. — Meus colegas, membros da Assembleia, quando encarei meu pai na negociação, percebi que nós, como um

grupo, em geral ignoramos um de nossos maiores recursos. Pensamos em nós mesmos como um corpo honorável, criado por determinação do povo. No entanto, não estamos aqui por qualquer coisa que nós fizemos. Há uma única razão pela qual temos as posições que temos… e a razão é o Sobrevivente de Hathsin.

Elend fitou os olhos dos membros da Assembleia e continuou.

— Às vezes, me senti como acredito que muitos de vocês se sentem. O Sobrevivente já é uma lenda, alguém que não podemos esperar emular. Ele tem poder sobre este povo, um poder maior do que o nosso, embora esteja morto. Ficamos com inveja. Até mesmo inseguros. São sentimentos naturais, humanos. Líderes sentem-nos de forma tão aguda quanto outras pessoas, talvez até mais.

— Senhores, não podemos nos dar ao luxo de continuar pensando assim. O legado do Sobrevivente não pertence a um grupo, ou mesmo apenas a esta cidade. Ele é nosso progenitor, o pai de todos que estão livres nesta terra. Aceitem vocês ou não sua autoridade religiosa, precisam admitir que, sem sua bravura e sacrifício, não desfrutaríamos de nossa atual liberdade.

— E o que isso tem a ver com Straff? — Philen disse, irritado.

— Tudo — Elend disse. — Pois, apesar de o Sobrevivente ter morrido, seu legado permanece. Especificamente na forma de sua aprendiz. — Elend acenou com a cabeça na direção de Vin. — Ela é a mais poderosa Nascida das Brumas viva, algo que Straff agora sabe pessoalmente. Senhores, conheço o temperamento do meu pai. Ele não atacará a cidade enquanto temer uma retaliação de uma fonte que não pode impedir. Agora percebe que, se atacar, provará da fúria da herdeira do Sobrevivente – uma fúria que nem mesmo o Senhor Soberano pôde suportar.

Elend ficou em silêncio, ouvindo as conversas sussurradas pela multidão. As notícias do que ele acabara de dizer chegariam às camadas mais baixas da população, e lhes traria força. Talvez as novas chegassem até mesmo ao exército de Straff por meio dos espiões que Elend desconfiava estarem na plateia. Notou o alomântico do seu pai sentado na multidão, aquele chamado Zane.

E quando as notícias chegassem ao exército de Straff, os homens lá talvez pensassem duas vezes antes de obedecer a qualquer ordem de atacar. Quem gostaria de enfrentar a mesma força que destruiu o Senhor Soberano? Era uma esperança fraca – os homens do exército de Straff provavelmente não acreditavam em todas as histórias que vinham de Luthadel –, mas todo pouco

de moral enfraquecido ajudaria.

Também não faria mal para Elend associar-se de forma um pouco mais enfática ao Sobrevivente. Ele simplesmente precisava superar sua insegurança; Kelsier fora um grande homem, mas estava morto. Elend teria de fazer o seu melhor para fazer com que o legado do Sobrevivente continuasse.

Pois isso era o melhor para o seu povo.

Vin estava sentada com o estômago revirado, ouvindo o discurso de Elend.

— Tudo bem para você? — Ham sussurrou, inclinando-se enquanto Elend apresentava um relato mais detalhado da visita a Straff.

Vin deu de ombros.

— O que for necessário para ajudar o reino.

— Nunca ficou confortável com a maneira que Kell se fiava nos skaa… nenhum de nós ficava.

— É o que Elend precisa — Vin falou.

Tindwyl, que estava sentada bem diante deles, virou-se e lançou para ela um olhar de reprimenda. Vin esperava alguma recriminação por sussurrar durante os trabalhos da Assembleia, mas aparentemente a terrisana tinha um tipo diferente de castigo em mente.

— O rei — ela ainda se referia a Elend daquela forma — precisa desta relação com o Sobrevivente. Elend tem muito pouco de sua autoridade para confiar, e Kelsier atualmente é o homem mais amado, mais celebrado no Domínio Central. Ao insinuar que o governo foi fundado pelo Sobrevivente, o rei fará as pessoas pensarem duas vezes antes de se intrometer.

Ham assentiu, pensativo. Porém, Vin baixou os olhos. *Qual é o problema? Um pouco mais cedo, eu estava começando a me perguntar se eu era o Herói das Eras, e agora estou preocupada sobre a notoriedade que Elend está me dando?*

Ela ficou desconfortável, queimando bronze, sentindo o pulsar à distância. Estava ficando cada vez mais alto…

Pare com isso!, ela se repreendeu. *Sazed não acha que o Herói retornaria, e ele conhece essas histórias melhor que ninguém. Foi idiota, de qualquer jeito. Preciso me concentrar no que está acontecendo aqui.*

Afinal, Zane estava na plateia.

Vin procurou o rosto dele perto do fundo da sala, um leve queimar de estanho – não o suficiente para cegá-la – que a deixava examinar suas feições. Ele não olhava para ela, mas assistia à Assembleia. Estaria trabalhando sob as

ordens de Straff ou era uma visita autônoma? Straff e Cett, sem dúvida, tinham espiões na plateia – e, claro, Ham também tinha guardas misturados ao povo. Porém, Zane a inquietava. Por que ele não se virava para ela? Não era…

Zane encontrou os olhos dela. Sorriu levemente, em seguida voltou a atenção para Elend.

Vin não conseguiu segurar um arrepio. Então, significava que ele não a estava evitando? *Concentração!* Ela disse a si mesma. *Precisa prestar atenção ao que Elend está dizendo.*

No entanto, ele já quase havia terminado. Encerrou seu discurso com alguns comentários sobre como ele pensava que poderiam manter Straff desconcertado. Novamente, ele não poderia apresentar muitos detalhes, não sem revelar segredos. Olhou para o grande relógio no canto. Três minutos antes de terminar o tempo, ele se moveu para deixar o púlpito.

Lorde Penrod pigarreou.

— Elend, não está se esquecendo de algo?

Elend hesitou, em seguida olhou de volta para a Assembleia.

— O que é isso que todos querem que eu diga?

— Não tem uma resposta? — um dos trabalhadores skaa perguntou. — Sobre… o que aconteceu na última reunião?

— Vocês receberam minha missiva — Elend respondeu. — Sabem como eu me sinto sobre a questão. Contudo, este fórum público não é lugar para acusações ou denúncias. A Assembleia é um órgão nobre demais para esse tipo de coisa. Gostaria que um tempo de perigos não fosse aquele que a Assembleia tivesse escolhido para expressar suas preocupações, mas não podemos alterar o que aconteceu.

Ele se moveu novamente para tomar assento.

— É isso? — perguntou um dos skaa. — Não vai nem mesmo argumentar em benefício próprio, tentar nos persuadir a reinstalá-lo?

Elend fez uma nova pausa.

— Não — ele disse. — Não, não acredito que eu vá fazê-lo. Vocês me informaram sobre sua opinião, e eu fiquei decepcionado. No entanto, vocês são representantes do povo. Acredito no poder que lhes foi concedido.

— Se tiverem perguntas, ou contestações, ficarei feliz em me defender. No entanto, não estou aqui para tomar a palavra e pregar minhas virtudes. Todos vocês me conhecem. Sabem o que posso fazer e o que pretendo fazer por esta cidade e o povo ao meu redor. Deixemos que isso sirva como meu argumento.

Ele voltou ao seu assento. Vin podia ver traços de um franzir de cenho no

rosto de Tindwyl. Elend não fizera o discurso que ela e ele haviam preparado, um discurso que dava os argumentos que a Assembleia obviamente esperava.

Por que a mudança?, Vin perguntou-se. Tindwyl obviamente não achou que fora uma boa ideia. E, ainda assim, por estranho que parecesse, Vin se viu confiando nos instintos de Elend mais do que nos de Tindwyl.

— Bem — Lorde Penrod falou, aproximando-se do púlpito. — Obrigado pelo relato, Lorde Venture. Não estou certo se temos outros assuntos a tratar…

— Lorde Penrod? — Elend chamou.

— Sim?

— Talvez o senhor devesse apresentar as nomeações.

Lorde Penrod franziu a testa.

— As nomeações a rei, Penrod — Philen disse, com rudeza.

Vin parou, encarando o mercador. *Certamente ele parece informado das coisas*, ela observou.

— Sim — Elend disse, também encarando Philen. — Para a Assembleia escolher um novo rei, as nomeações devem ser apresentadas três dias antes da votação. Sugiro que apresentemos as candidaturas agora para que possamos votar o mais rápido possível. A cidade sofre a cada dia que fica sem um líder.

Elend fez uma pausa, em seguida sorriu.

— A menos, claro, que pretendam deixar o mês decorrer sem escolher um novo rei…

Bom para confirmar que ele ainda quer a coroa, Vin pensou.

— Obrigado, Lorde Venture — Penrod disse. — Faremos isso agora, então… E como procederemos exatamente?

— Cada membro da Assembleia poderá fazer uma nomeação, se desejar — Elend explicou. — Para que não fiquemos sobrecarregados com opções, eu recomendo que todos exerçamos a moderação… escolhendo apenas alguém que honesta e sinceramente considere ser bom para o posto. Se tiver uma nomeação a fazer, pode se levantar e anunciá-la ao restante do grupo.

Penrod assentiu, voltando ao seu assento. Quase ao mesmo tempo, um dos skaa levantou-se.

— Nomeio Lorde Penrod.

Elend deveria ter contado com isso, Vin pensou. *Após nomear Penrod chanceler. Por que dar essa autoridade ao homem que sabia ser seu maior concorrente ao trono?*

A resposta era simples. Porque Elend sabia que Lorde Penrod era a melhor escolha para ser chanceler. *Às vezes ele é um pouco justo demais*, Vin pensou, e

não era a primeira vez. Ela se voltou para examinar o skaa membro da Assembleia que nomeou Penrod. Por que os skaa eram tão rápidos para se unificar por trás de um nobre?

Ela suspeitava que ainda era cedo demais. Os skaa eram acostumados a ser liderados pelos nobres, e mesmo com sua liberdade, eram seres tradicionais – até mais tradicionais que os nobres. Um lorde como Penrod – calmo, imponente – parecia inerentemente mais adequado ao título de rei que um skaa.

No fim, eles terão de superar isso, Vin pensou. *Ao menos, superarão se algum dia forem o povo que Elend quer que sejam.*

O salão permaneceu em silêncio, sem mais nomeações feitas. Algumas pessoas tossiram na plateia, até mesmo os sussurros haviam desaparecido. Por fim, o próprio Lorde Penrod levantou-se.

— Eu nomeio Elend Venture — ele disse.

— Ah… — alguém sussurrou atrás dele.

Vin virou-se, olhando para Brisa.

— Quê? — ela sussurrou.

— Brilhante — Brisa comentou. — Não percebe? Penrod é um homem justo. Ou, ao menos, tão justo quanto um nobre consegue ser… o que significa que ele insiste em ser *visto* como um homem justo. Elend nomeou Penrod para chanceler…

Esperando, por sua vez, que Penrod se sentisse obrigado a nomear Elend para rei, Vin percebeu. Ela olhou para Elend, notando um leve sorriso nos lábios dele. Tinha mesmo tramado essa troca? Parecia um movimento sutil o bastante até mesmo para Brisa.

Brisa balançou a cabeça, reconhecendo a artimanha.

— Não apenas Elend não precisou nomear a si mesmo, o que o teria feito parecer desesperado, mas agora todos na Assembleia pensam que o homem que respeitam, o homem que provavelmente escolheriam para ser rei, prefere ter Elend no cargo. Brilhante.

Penrod sentou-se, e o salão permaneceu quieto. Vin suspeitava que ele também fizera a nomeação para que não fosse incontestado para o trono. A Assembleia inteira provavelmente pensou que Elend merecia uma chance de reaver seu posto; Penrod era apenas aquele honrado o bastante para expressar esse sentimento.

Mas, e os mercadores?, Vin pensou. *Eles deveriam ter um plano*. Elend pensava que provavelmente tinha sido Philen quem organizou a votação contra ele. Queria colocar um dos seus no trono, um que pudesse abrir os portões da

cidade para qualquer dos reis que os estava manipulando – ou para qualquer um que melhor pagasse.

Ela examinou o grupo de oito homens, em seus trajes que pareciam – de alguma forma – ainda mais finos do que os dos nobres. Todos pareciam estar acompanhando os caprichos de um único homem. O que Philen planejava?

Um dos mercadores se mexeu, como se fosse levantar, mas Philen lançou-lhe um olhar duro. O mercador não se levantou. Philen ficou sentado, em silêncio, um bastão nobre de duelo no colo. Finalmente, quando a maior parte da sala percebera o foco do mercador nele, ele lentamente se levantou.

— Tenho uma nomeação — ele disse.

Houve um bufar da seção dos skaa.

— Agora quem está sendo melodramático, Philen? — um dos membros da Assembleia disse. — Vá em frente e fale, nomeie a si mesmo.

Philen ergueu uma sobrancelha.

— Na verdade, não vou me nomear.

Vin franziu o cenho e viu a confusão nos olhos de Elend.

— Embora eu aprecie a opinião — Philen continuou —, sou apenas um mercador. Não, acho que o título de rei deveria ir para alguém cujas capacidades sejam um pouco mais especializadas. Diga-me, Lorde Venture, nossas nomeações precisam ser para os membros da Assembleia?

— Não — Elend respondeu. — O rei não precisa ser um membro da Assembleia; aceitei esta posição após os fatos. O principal dever do rei é de criar e, então, executar a lei. A Assembleia é apenas um conselho consultivo com alguma medida de poder equilibrador. O rei pode ser qualquer um; de fato, o título fora pensado para ser hereditário. Não esperava… que certas cláusulas fossem invocadas com tanta celeridade.

— Ah, sim — Philen falou. — Muito bem. Acho que o título deveria ir para alguém que tivesse um pouco de prática. Alguém que tenha demonstrado habilidade com liderança. Portanto, nomeio Lorde Ashweather Cett para ser nosso rei!

Quê? Vin pensou, em choque, quando Philen virou-se, gesticulando na direção da plateia. Um homem sentado lá removeu a capa de skaa, puxando o capuz para trás, revelando um traje nobre e um rosto com barba crespa.

— Minha nossa… — Brisa falou.

— É ele mesmo? — Vin perguntou, incrédula, quando os sussurros começaram na plateia.

Brisa concordou com a cabeça.

— Ah, é ele. O Lorde Cett em pessoa. — Ele hesitou, em seguida a encarou. — Acho que estamos enrascados.

Nunca recebi muita atenção por parte dos meus irmãos; eles pensavam que meu trabalho e meus interesses não se adequavam a um Portador do Mundo. Não conseguiam ver como meu trabalho, estudar a natureza em vez da religião, beneficiava as pessoas das catorze terras.

32

Vin estava sentada quieta, tensa, observando a multidão. *Cett não viria sozinho,* ela pensou.

E, em seguida, ela os viu, agora que sabia o que estava buscando. Soldados na multidão, vestidos como skaa, formando uma pequena barreira protetora ao redor do assento de Cett. O rei não se levantou, embora um jovem ao seu lado tivesse se erguido.

Talvez uns trinta guardas, Vin pensou. *Ele não pode ser tolo o bastante para vir sozinho… mas entrar na própria cidade que você está sitiando?* Era um movimento ousado, um que beirava a estupidez. Claro, muitos disseram o mesmo da visita de Elend ao exército de Straff.

Contudo, Cett não estava na mesma posição que Elend. Não estava desesperado, não estava sob o risco de perder tudo. Exceto… que tivesse um exército menor que o de Staff, e os koloss estavam a caminho. E se Straff garantisse o suposto estoque de atium, os dias de Cett como líder no Ocidente certamente estariam contados. Entrar em Luthadel talvez não fosse um ato de desespero, mas também não era o ato de um homem que estava no controle da situação. Cett estava apostando.

E ele parecia estar gostando daquilo.

Cett sorriu enquanto o recinto aguardava em silêncio, membros da Assembleia e plateia chocados demais para falar. Finalmente, Cett acenou para alguns de seus soldados disfarçados, e os homens pegaram a cadeira de Cett e levaram-na até o palco. Os membros da Assembleia sussurravam e comentavam, virando-se para assistentes ou companheiros, buscando confirmação para a identidade de Cett. A maioria dos nobres estava sentada, em silêncio – o que devia ter sido confirmação o bastante, na opinião de Vin.

— Ele não é como esperei — Vin sussurrou para Brisa quando os soldados subiram no palco.

— Ninguém lhe disse que ele era aleijado? — Brisa perguntou.

— Não apenas isso — Vin falou. — Ele não está em trajes adequados. — Estava de calças e camisa, mas em vez de um manto do traje de um nobre, vestia uma jaqueta preta surrada. — Além do mais, aquela barba. Não pode ter deixado crescer um negócio daquele em um ano, devia tê-la desde antes do Colapso.

— Você só conheceu os nobres de Luthadel, Vin — Ham falou. — O Império Final era um lugar imenso, com várias sociedades diferentes. Nem todos se vestem como aqui.

Brisa assentiu.

— Cett era o nobre mais poderoso na sua área, então não precisava se preocupar com tradição e propriedade. Fazia o que queria, e a nobreza local o aceitava. Existiam centenas de cortes diferentes com centenas de pequenos "Senhores Soberanos" no império, cada região tendo sua própria dinâmica política.

Vin voltou a olhar para o palco. Cett, sentado em sua cadeira, ainda não falara. Finalmente, Lorde Penrod levantou-se.

— Isso é mais que inesperado, Lorde Cett.

— Que bom! — Cett falou. — No fim das contas, esse era o objetivo!

— Deseja falar com a Assembleia?

— Pensei que eu já estivesse falando.

Penrod pigarreou, e os ouvidos aguçados pelo estanho de Vin ouviram um murmúrio depreciativo da parte dos nobres com relação aos "nobres ocidentais".

— O senhor tem dez minutos, Lorde Cett — Penrod disse, sentando-se.

— Que bom — Cett falou. — Porque, diferente do garoto ali, pretendo dizer aos senhores exatamente *por que* deveriam me eleger rei.

— E por que seria? — um dos membros mercadores da Assembleia perguntou.

— Porque eu estou com um exército na porcaria da sua soleira! — Cett falou com uma gargalhada.

A Assembleia parecia surpresa.

— Uma ameaça, Cett? — Elend perguntou calmamente.

— Não, Venture — Cett respondeu. — Apenas honestidade, algo que os nobres do Domínio Central parecem evitar a todo custo. Uma ameaça é apenas

uma promessa virada do avesso. O que foi isso que você disse para essas pessoas? Que sua concubina tinha a faca no pescoço de Straff? Então, você está insinuando que se você *não for* eleito, você se retiraria com sua Nascida das Brumas e deixaria a cidade ser destruída?

Elend corou.

— Claro que não.

— Claro que não — Cett repetiu. Tinha uma voz alta, contumaz, contundente. — Bem, eu não finjo, nem me escondo. Meu exército está aqui e minha intenção é tomar a cidade. Contudo, eu gostaria muito mais que vocês a entregassem para mim.

— O senhor é um tirano — Penrod disse sem rodeios.

— E daí? — Cett perguntou. — Sou um tirano com quarenta mil soldados. *Duas vezes* o que vocês têm guardando essas muralhas.

— O que nos impede de simplesmente tomá-lo como refém? — perguntou outro nobre. — O senhor parece ter se entregado para nós de forma impecável.

Cett soltou outra gargalhada.

— Se eu não voltar ao meu acampamento nesta noite, meu exército tem ordens de atacar e arrasar a cidade imediatamente, não importa o que haja! Provavelmente ele será destruído por Venture em seguida, mas isso não me importa, ou a vocês, se acontecer! Estaremos todos mortos.

A sala caiu em silêncio.

— Viu, Venture? — Cett perguntou. — Ameaças fazem maravilhas.

— Honestamente espera que botemos você no trono? — Elend questionou.

— Na verdade, sim — Cett respondeu. — Olhe, com seus vinte mil soldados e meus quarenta mil, poderíamos facilmente nos proteger contra Straff… poderíamos até mesmo parar aquele exército de koloss.

Sussurros começaram imediatamente, e Cett ergueu uma sobrancelha espessa, virando-se para Elend.

— Você não falou para eles sobre os koloss, falou?

Elend não respondeu.

— Bem, eles saberão mais cedo ou mais tarde — Cett falou. — Independentemente disso, não vejo outra opção além de me eleger.

— Você não é um homem honrado — Elend disse, simplesmente. — As pessoas esperam mais de seus líderes.

— Não sou um homem honrado? — Cett perguntou, divertido. — E você *é*? Deixe-me fazer uma pergunta direta, Venture. Durante os trabalhos desta reunião, estava com algum dos seus alomânticos por aí abrandando os

membros da Assembleia?

Elend fez uma pausa. Seus olhos voltaram-se para a lateral, encontrando Brisa. Vin fechou os olhos. *Não, Elend, não…*

— Sim, eles estavam abrandando — Elend admitiu.

Vin ouviu Tindwyl grunhir baixinho.

— E — Cett continuou — pode honestamente dizer que você nunca duvidou de si mesmo? Nunca se perguntou se era um bom rei?

— Acredito que todo líder se pergunta esse tipo de coisa — Elend respondeu.

— Bem, eu não — Cett falou. — Sempre soube que meu lugar era na liderança, e sempre fiz o melhor para garantir que ficasse no poder. Sei como me tornar forte, e isso significa que também sei como fortalecer aqueles que se associam a mim. Então, o acordo é o seguinte. Você me dá a coroa, e eu tomo a liderança. Vocês todos manterão seus títulos, e aqueles da Assembleia que não têm títulos receberão alguns. Além disso, também manterão suas cabeças, que é um acordo muito melhor do que Straff ofereceria, isso eu garanto. O povo continuará a trabalhar, e eu providenciarei para que sejam alimentados neste inverno. Tudo volta ao normal, do jeito que era antes de essa insanidade começar um ano atrás. Os skaa trabalham, a nobreza administra.

— Você acha que eles voltariam para isso? — Elend perguntou. — Depois de tudo que lutamos acha que simplesmente deixarei que você force as pessoas a voltarem para a escravidão?

Cett sorriu por trás de sua barba imensa.

— Eu tive a impressão de que a decisão não é sua, Elend Venture.

Elend silenciou.

— Quero me reunir com cada um de vocês — Cett falou aos membros da Assembleia. — Se permitirem, eu gostaria de me mudar para Luthadel com alguns dos meus homens. Digamos, uma força de cinco mil, o suficiente para me deixar confortável, mas sem ser um perigo real para vocês. Montarei residência em uma das fortalezas abandonadas e esperarei até sua decisão na próxima semana. Durante esse período, encontrarei com cada um de vocês e explicarei os… benefícios que adviriam de vocês me escolherem como seu rei.

— Subornos — Elend disse, furioso.

— Claro — Cett falou. — Subornos para todas as pessoas da cidade, o suborno maior sendo a paz! Você gosta tanto de dar nome às coisas, Venture. “Escravos”, “ameaça”, “honrado”. “Suborno” é apenas uma palavra. Visto de outra forma, um “suborno” é apenas uma promessa do avesso. — Cett sorriu.

O grupo de membros da Assembleia ficou em silêncio.

— Então, votaremos se vamos deixar ou não que ele entre na cidade? — Penrod perguntou.

— Cinco mil são muitos — um dos membros skaa da Assembleia disse.

— Concordo — Elend falou. — Não há como deixarmos tantos soldados estrangeiros entrarem em Luthadel.

— Não gosto nada disso — outro falou.

— O quê? — Philen disse. — Um monarca dentro de nossa cidade será menos perigoso do que fora dela, não é isso que diriam? E, além disso, Cett prometeu títulos a todos.

Aquilo deu ao grupo algo a se pensar.

— Por que não me dão simplesmente a coroa agora? — Cett falou. — Abram seus portões para o meu exército.

— Vocês não podem — Elend disse, de pronto. — Não até haver um rei, ou a menos que possam conseguir um voto unânime agora.

Vin sorriu. Naquele caso não haveria unanimidade, enquanto Elend estivesse na Assembleia.

— Bah — Cett falou, mas obviamente foi suave o bastante para não insultar mais o corpo legislativo. — Deixe-me montar residência na cidade, então.

Penrod assentiu.

— Todos a favor de permitir que Lorde Cett monte residência na cidade com… digamos… uma tropa de mil soldados?

Dezenove membros da Assembleia ergueram suas mãos. Elend não estava entre eles.

— Está decidido, então — Penrod falou. — A reunião será retomada daqui a duas semanas.

Isso não pode estar acontecendo, Elend pensou. *Pensei que talvez Penrod fosse ser um desafiante, Philen, em menor medida. Mas… um dos tiranos que está ameaçando a cidade? Como eles puderam? Como puderam sequer considerar sua sugestão?*

Elend levantou-se, pegando o braço de Penrod quando ele se virou para sair do palco.

— Ferson — Elend disse em voz baixa. —, isso é loucura.

— Temos de considerar a opção, Elend.

— Considerar vender o povo desta cidade para um tirano?

O rosto de Penrod lançou um olhar frio e soltou seu braço das mãos de Elend.

— Escute, rapaz — ele disse, baixo. — Você é um bom homem, mas sempre foi um idealista. Gastou tempos nos livros e com filosofia; eu passei minha vida na luta política com os membros da corte. Você conhece teoria, eu conheço o povo.

Ele se virou, acenando com a cabeça para a plateia.

— Olhe para eles, rapaz. Estão *aterrorizados*. Que bem farão seus sonhos quando eles estiverem morrendo de fome? Fala de liberdade e justiça quando dois exércitos estão se preparando para massacrar suas famílias.

Penrod voltou-se para Elend, fitando seus olhos.

— O sistema do Senhor Soberano não era perfeito, mas mantinha essas pessoas em segurança. Não temos isso mais. Seus ideais não podem enfrentar dois exércitos. Cett pode ser um tirano, mas se a escolha for entre ele e Straff, eu escolheria Cett. Provavelmente teríamos lhe entregado a cidade semanas atrás, se você não tivesse nos impedido.

Penrod meneou a cabeça para Elend, em seguida saiu para juntar-se aos outros nobres que estavam partindo. Elend ficou parado, quieto, por um momento.

Vimos um fenômeno curioso associado aos grupos rebeldes que romperam com o Império Final e tentaram buscar autonomia, ele pensou, rememorando uma passagem do livro de Ytves, *Estudos em revolução. Em quase todos os casos, o Senhor Soberano não precisou enviar exércitos para reconquistar os rebeldes. No momento em que seus agentes chegaram, os grupos já haviam sido demovidos por eles mesmos.*

Parece que os rebeldes consideravam o caos da transição mais difícil de aceitar que a tirania que conheciam antes. Recebiam de volta a autoridade – mesmo uma autoridade opressora – com alegria, pois era menos doloroso para eles que a incerteza.

Vin e os outros juntaram-se a ele no palco, e ele pousou o braço sobre os ombros dela, em pé silenciosamente, enquanto observava as pessoas saírem do prédio. Cett estava sentado, ao redor de um pequeno grupo de membros da Assembleia, marcando reuniões com eles.

— Bem — Vin disse em voz baixa. — Sabemos que *ele é* um Nascido das Brumas.

Elend virou-se para ela.

— Você sentiu a Alomancia dele?

Vin sacudiu a cabeça.

— Não.

— Então, como sabe? — Elend perguntou.

— Bem, olhe para ele — Vin falou com um aceno de mão. — Ele age como se não pudesse andar, que *precisa* encobrir algo. O que seria mais inocente que um aleijado? Pode imaginar uma maneira melhor de esconder o fato de que você é um Nascido das Brumas?

— Vin, minha cara — Brisa falou. — Ele é aleijado desde a infância, quando uma doença inutilizou suas pernas. Ele não é um Nascido das Brumas.

Vin ergueu uma sobrancelha.

— É uma das melhores mentiras que já ouvi.

Brisa revirou os olhos, mas Elend apenas sorriu.

— E agora, Elend? — Ham perguntou. — Obviamente não poderemos lidar com as coisas da mesma forma agora que Cett entrou na cidade.

Elend assentiu.

— Temos de planejar. Vamos… — Ele interrompeu quando um jovem se destacou do grupo de Cett, caminhando na direção de Elend. Era o mesmo homem que antes estava sentado ao lado de Cett.

— É o filho de Cett — Brisa sussurrou. — Gneorndin.

— Lorde Venture — Gneorndin disse, fazendo uma leve mesura. Tinha, talvez, a idade de Fantasma. — Meu pai deseja saber quando o senhor gostaria de encontrá-lo.

Elend levantou uma sobrancelha.

— Não tenho intenção de me juntar à fila de membros da Assembleia que espera as propinas de Cett, camarada. Diga ao seu pai que ele e eu não temos nada a discutir.

— Não? — Gneorndin perguntou. — E a minha irmã? Aquela que vocês sequestraram?

Elend franziu o cenho.

— Sabe que isso não é verdade.

— Meu pai ainda gostaria de discutir essa questão — Gneorndin falou, lançando um olhar hostil para Brisa. — Além disso, ele acredita que uma conversa entre vocês dois poderia ser excelente para a cidade. O senhor reuniu-se com Straff em seu acampamento… não me diga que não está disposto a fazer o mesmo por Cett dentro de sua cidade?

Elend fez uma pausa. *Esqueça suas inclinações,* ele disse a si mesmo. *Precisa falar com esse homem, mesmo que seja apenas pelas informações que a reunião poderia fornecer.*

— Tudo bem — Elend falou. — Eu me reunirei com ele.

— Jantar, em uma semana? — Gneorndin perguntou.
Elend assentiu brevemente com a cabeça.

No entanto, como aquele que encontrou Alendi, tornei-me alguém importante. O primeiro entre os Portadores do Mundo.



Vin deitou de bruços, seus braços cruzados e a cabeça descansando neles enquanto estudava uma folha de papel no chão diante dela. Considerando os últimos dias de caos, era surpreendente para ela descobrir que voltar aos estudos era um alívio.

Pequeno, no entanto, pois seus estudos continham problemas próprios. *As Profundezas* haviam *retornado*, ela pensou. *Mesmo que as brumas matassem apenas com pouca frequência, começaram novamente a ficar hostis. Isso significa que o Herói das Eras também precisa voltar, não é?*

Ela pensava honestamente que poderia ser ela? Soava ridículo quando considerava a questão. Ainda assim, ela ouvia o pulsar na cabeça, via o espírito nas brumas…

E aquela noite, mais de um ano antes, quando enfrentou o Senhor Soberano? Aquela noite quando, de alguma forma, ela atraiu as brumas para dentro de si, queimando-as como se fossem metal?

Não é o bastante, ela disse a si mesma. *Um acontecimento bizarro, que nunca consegui reproduzir, não significa que sou uma salvadora mitológica.* Ela nem mesmo conhecia grande parte das profecias sobre o Herói. O diário mencionava que ele devia vir de origens humildes, mas aquilo quase descrevia todos os skaa no Império Final. Devia possuir linhagens reais ocultas, o que tornava todos os mestiços da cidade candidatos. De fato, ela poderia até apostar que a maioria dos skaa tinha um ou outro progenitor nobre escondido.

Ela suspirou, balançando a cabeça.

— Senhora? — OreSeur chamou, virando-se. Ele estava em pé numa cadeira, suas patas dianteiras apoiadas na janela enquanto olhava para a cidade.

— Profecias, lendas, previsões — Vin falou, batendo a mão na sua folha de anotações. — Qual o sentido? Por que os terrisanos acreditam nessas coisas? A religião não deveria ensinar algo prático?

OreSeur sentou-se na cadeira.

— O que seria mais prático que poder conhecer o futuro?

— Se dissesse realmente algo de útil, eu concordaria. Mas mesmo o diário reconhece que as profecias de Terris poderiam ser entendidas de várias maneiras diferentes. O que há de bom em promessas que podem ser interpretadas com tanta liberdade?

— Não despreze as crenças de alguém por não entendê-las, senhora.

Vin bufou.

— Parece o Sazed. Uma parte de mim fica tentada a achar que todas essas profecias e lendas foram criadas por sacerdotes que queriam ganhar dinheiro com elas.

— Apenas uma parte? — OreSeur perguntou como se estivesse se divertindo.

Vin hesitou para, em seguida, assentir.

— A parte que cresceu nas ruas, a parte que sempre espera uma fraude. — Essa parte não queria admitir as outras coisas que sentia.

As batidas estavam ficando cada vez mais fortes.

— Profecias não precisam ser uma fraude, senhora — OreSeur afirmou. — Nem realmente uma promessa para o futuro. Podem ser apenas uma expressão de esperança.

— O que sabe sobre essas coisas? — Vin falou com desdém, deixando sua folha de lado.

Houve um momento de silêncio.

— Nada, claro, senhora. — OreSeur acabou dizendo.

Vin virou-se para o cão.

— Desculpe, OreSeur. Não quis… Bem, eu só estou me sentindo meio distraída nos últimos tempos.

Tum. Tum. Tum.…

— Não precisa se desculpar, senhora — OreSeur falou. — Sou apenas um kandra.

— Ainda é uma pessoa — Vin falou. — Mesmo que com bafo de cachorro.

OreSeur sorriu.

— A senhora escolheu estes ossos para mim. Deve arcar com as consequências.

— Os ossos podem ter algo a ver com isso — Vin falou, erguendo-se. — Mas não acho que a carniça que você come esteja ajudando. De verdade, precisamos arranjar umas folhas de hortelã para você mascar.

OreSeur levantou uma sobrancelha canina.

— E não acha que um cachorro de hálito doce atrairia a atenção?

— Apenas se você beijar alguém no futuro próximo — Vin falou, voltando às pilhas de papel na escrivaninha.

OreSeur deu uma risadinha suave de um jeito canino, voltando-se para observar a cidade.

— A procissão já acabou? — Vin perguntou.

— Sim, senhora — OreSeur respondeu. — É difícil ver, mesmo daqui de cima. Mas parece que Lorde Cett terminou sua mudança. Certamente trouxe muitas carroças.

— Ele é pai de Allrianne — Vin afirmou. — Apesar do tanto que a garota reclama sobre acomodações no exército, aposto que Cett gosta de viajar com conforto.

OreSeur assentiu. Vin virou-se, recostando-se na escrivaninha, observando-o e pensando no que ele disse um pouco antes. *Expressão de esperança…*

— Os kandras têm uma religião, não é? — Vin questionou.

OreSeur virou-se de uma vez. Era o bastante para confirmar.

— Os Guardadores a conhecem? — Vin quis saber.

OreSeur ficou em pé nas patas traseiras, as dianteiras encostadas no parapeito.

— Eu não deveria ter falado.

— Não precisa ter medo — Vin falou. — Não revelarei seu segredo. Mas não vejo porque precisa ser segredo ainda.

— É uma questão dos kandras, senhora — OreSeur disse. — Não seria do interesse de mais ninguém.

— Claro que seria — Vin falou. — Não vê, OreSeur? Os Guardadores acreditam que a última religião independente foi destruída pelo Senhor Soberano séculos atrás. Se os kandras conseguiram manter uma, isso sugere que o controle teológico do Senhor Soberano no Império Final não era *absoluto*. Isso tem que significar alguma coisa.

OreSeur hesitou, inclinando a cabeça, como se não considerasse esse tipo de coisa.

Seu controle teológico não era absoluto?, Vin pensou, um pouco surpresa com suas palavras. *Senhor Soberano… estou começando a falar como Sazed e Elend. Estou estudando demais nos últimos tempos.*

— Mesmo assim, senhora — OreSeur continuou —, eu preferiria que a senhora não falasse com seus amigos Guardadores. Provavelmente começariam

a fazer perguntas desconfortáveis.

— Eles são assim — Vin falou com um meneio de cabeça. — E seu povo tem alguma profecia, afinal?

— Não acho que você queira saber, senhora.

Vin sorriu.

— Eles falam sobre em nos derrubar, não é?

OreSeur sentou-se, e ela podia quase sentir sua cara canina ruborizar.

— Meu… povo tem lidado com o Contrato há muito tempo, senhora. Sei que é difícil para a senhora entender por que vivemos sob este fardo, mas acreditamos ser necessário. Ainda assim, sonhamos com o dia quando não seja.

— Quando todos os humanos forem subjugados por vocês? — Vin perguntou.

OreSeur desviou o olhar.

— Na verdade, quanto todos estiverem mortos.

— Uau.

— As profecias não são literais, senhora — OreSeur disse. — São metáforas, expressões de esperança. Ou, ao menos, é como sempre as vi. Talvez suas profecias terrisanas sejam iguais. Expressões de uma crença de que, se as pessoas estiverem em perigo, seus deuses enviarão um Herói para protegê-las. Nesse caso, a incerteza seria intencional e racional. As profecias nunca foram feitas para dizer nada específico, mas para falar de um sentimento geral. Uma esperança geral.

Se as profecias não eram específicas, por que apenas ela conseguia sentir as batidas como de tambor?

Pare com isso, ela disse a si mesma. *Está tirando conclusões precipitadas.*

— Todos os seres humanos mortos — ela disse. — Como morreríamos? Os kandras vão nos matar?

— Claro que não — OreSeur falou. — Honramos nosso Contrato, mesmo em religião. As histórias dizem que vocês se matarão. Vocês são da Ruína, no fim das contas, enquanto os kandras são da Preservação. Vocês… na verdade devem destruir o mundo, creio eu. Usando os koloss como seus títeres.

— Você parece ter pena deles — Vin observou, divertindo-se.

— Os kandras na verdade tendem a pensar bem dos koloss, senhora — OreSeur disse. — Há um laço entre nós, entendemos o que é ser escravo, somos alheios à cultura do Império Final, somos…

Ele hesitou.

— O quê? — Vin quis saber.

— Não posso continuar a falar — OreSeur acrescentou. — Eu falei demais. A senhora me desconcerta.

Vin deu de ombros.

— Todos nós precisamos de segredos. — Ele olhou para a porta. — Embora haja um que ainda preciso entender.

OreSeur pulou de sua cadeira, juntando-se a ela quando andou a passos largos até a porta.

Ainda havia um espião no palácio. Ela tinha sido forçada a ignorar aquele fato por tempo demais.

Elend olhou intensamente para o poço. O fosso escuro, com a entrada alargada para acomodar as idas e vindas de numerosos skaa, parecia uma grande boca se abrindo, lábios de pedra estendidos e preparando-se para engoli-lo. Elend olhou para o lado, onde Ham estava em pé falando com um grupo de curandeiros.

— Notamos apenas quando muitas pessoas vieram reclamar de diarreia e dores abdominais — o curandeiro disse. — Os sintomas eram estranhamente fortes, milorde. Já… perdemos muitos para a doença.

Ham olhou para Elend, franzindo o cenho.

— Todos que ficaram doentes viviam nesta área — o curandeiro continuou — e tiravam sua água deste poço ou de outro, na próxima praça.

— Vocês levaram isso à atenção de Lorde Penrod e da Assembleia? — Elend perguntou.

— Hum, não, meu lorde. Achamos que o senhor…

Não sou mais rei, Elend pensou. No entanto, não podia dizer essas palavras. Não para este homem que buscava ajuda.

— Eu cuidarei disso — Elend falou, suspirando. — Pode voltar aos seus pacientes.

— Eles estão enchendo a nossa clínica, milorde — ele comentou.

— Então, aproprie-se de uma das mansões nobres vazias — Elend falou. — Existem muitas. Ham, mande-o com alguém da minha guarda para ajudar a levar os doentes e preparar o prédio.

Ham assentiu, acenando para um soldado, dizendo a ele para juntar vinte homens de serviço do palácio para se encontrar com o curandeiro. O curandeiro sorriu, parecendo aliviado, e curvou-se para Elend enquanto saía.

Ham caminhou até Elend ao lado do poço.

— Coincidência?

— Dificilmente — Elend falou, agarrando-se à lateral do poço com dedos frustrados. — A questão é, qual deles o envenenou?

— Cett acabou de chegar à cidade — Ham falou, coçando o queixo. — Teria sido fácil enviar alguns soldados para pingar veneno aí.

— Parece mais com algo que meu pai faria — Elend disse. — Algo para aumentar nossa tensão, nos punir por fazê-lo de tolo no seu acampamento. Além disso, ele tem aquele Nascido das Brumas que poderia ter facilmente despejado o veneno.

Claro, Cett havia sofrido o mesmo destino – Brisa envenenou seu suprimento de água antes de chegar à cidade. Elend cerrou os dentes. Não havia realmente como saber qual dos dois estava por trás do ataque.

De qualquer forma, os poços envenenados significavam problema. Havia outros na cidade, claro, mas eles eram tão vulneráveis quanto. As pessoas poderiam ter que começar a contar com o rio para sua água, e era muito menos saudável, suas águas enlameadas e poluídas pelos dejetos dos dois acampamentos militares e da própria cidade.

— Ponha guardas ao redor desses poços — Elend falou, acenando. — Feche com tábuas, pregue avisos e, em seguida, diga aos curandeiros para observar com muito cuidado outros surtos.

Estamos ficando cada vez mais cercados, ele pensou enquanto Ham assentia. *Nesse ritmo, explodiremos muito antes do final do inverno.*

Após um desvio para um jantar tardio – durante o qual uma conversa sobre servos ficando doentes a deixou preocupada –, Vin entrou e verificou Elend, que tinha acabado de voltar da caminhada na cidade com Ham. Depois disso, Vin e OreSeur continuaram sua busca original: encontrar Dockson.

Localizaram-no na biblioteca do palácio. Aquele salão fora o escritório pessoal de Straff no passado. Elend parecia achar a nova serventia do salão divertida por algum motivo.

Pessoalmente, Vin não achava a localização da biblioteca divertida, bem como seu conteúdo. Ou, melhor, a falta dele. Embora o quarto estivesse cheio de estantes, quase todas mostravam sinais de ter sido pilhadas por Elend. As fileiras de livros jaziam marcadas por espaços vazios, seus companheiros levados um a um, como se Elend fosse um predador, lentamente reduzindo um rebanho.

Vin sorriu. Provavelmente não demoraria muito antes de Elend roubar todos os livros da pequena biblioteca, carregando os tomos para o seu escritório, em

seguida deixando-os em uma das suas pilhas, distraído – intencionando devolvê-los. Ainda assim, restava ainda ali um grande número de volumes – registros, livros de imagens e cadernos sobre finanças; coisas nas quais Elend em geral tinha pouco interesse.

Dockson estava sentado na escrivaninha da biblioteca, escrevendo em um diário. Percebeu a chegada de Vin e ergueu os olhos com um sorriso, mas em seguida voltou a suas anotações – aparentemente sem querer perder o fio da meada. Vin esperou-o terminar, OreSeur ao seu lado.

De todos os membros do grupo, Dockson parecia o mais mudado durante o último ano. Lembrou-se de suas primeiras impressões, no covil de Camon. Dockson era o braço direito de Kelsier, e o mais "realista" da dupla. E, ainda assim, sempre houve uma ponta de humor em Dockson, uma sensação de que ele gostava de seu papel de comparsa. Não contrastava com Kelsier tanto quanto o complementava.

Kelsier estava morto. O que esse fato significava para Dockson? Trajava vestes de nobre, como sempre fizera – e de todos os membros do grupo, essas vestes pareciam se ajustar melhor nele. Se tirasse a meia barba, poderia se passar por nobre – não um cortesão muito rico, mas um lorde no início da meia-idade que vivera negociando mercadorias sob um grande mestre.

Ele escrevia em seus diários, mas sempre fizera aquilo. Ainda fazia o papel do responsável no grupo. Então, o que havia de diferente? Era a mesma pessoa, fazia as mesmas coisas. Apenas *parecia* diferente. Os risos haviam desaparecido; o prazer com a excentricidade naqueles que o cercavam. Sem Kelsier, Dockson tinha, de alguma forma, mudado de sóbrio para… chato.

E era aquilo que formava a desconfiança de Vin.

Precisa ser feito, ela pensou, sorrindo para Dockson enquanto ele baixava sua pena e acenava para ela tomar um lugar.

Vin sentou-se e OreSeur ficou ao lado da cadeira dela. Dockson encarou o cachorro, sacudindo sua cabeça levemente.

— É um animal incrivelmente bem-treinado, Vin — ele disse. — Não acredito já ter visto um assim antes…

Será que ele sabe?, Vin perguntou-se, alarmada. *Um kandra seria capaz de reconhecer outro num corpo de cachorro?* Não, não podia ser. Senão, OreSeur poderia encontrar o impostor para ela. Então, ela simplesmente sorriu de volta, acarinhando a cabeça de OreSeur.

— Há um treinador no mercado. Ele ensina os cães de caça a serem protetores para ficarem com crianças pequenas e mantê-las fora de perigo.

Dockson assentiu.

— Então, a que devo sua visita?

Vin deu de ombros.

— Nunca mais conversamos, Dox.

Dockson recostou-se na cadeira.

— Talvez não seja o melhor momento para conversas. Preciso fazer as finanças do reino para entregar a outra pessoa, caso a votação derrube Elend.

Um kandra seria capaz de elaborar livros financeiros?, Vin perguntou. *Sim. Eles saberiam, foram preparados.*

— Desculpe — Vin falou. — Não quis incomodar, mas Elend tem ficado tão ocupado nos últimos tempos, e Sazed tem seu projeto…

— Tudo bem — Dockson falou. — Tenho alguns minutos. Sobre o que quer conversar?

— Bem, você se lembra daquela conversa que tivemos antes do Colapso?

Dockson franziu o cenho.

— Qual?

— Você sabe… Aquela sobre sua infância.

— Ah — Dockson falou, meneando com a cabeça. — Sim, o que tem a conversa?

— Bem, ainda pensa da mesma forma?

Dockson fez uma pausa, pensativo, dedos lentamente batendo no tampo da mesa. Vin esperou, tentando não mostrar a tensão. A conversa em questão tinha ocorrido apenas entre os dois, e, no decorrer dela, Dockson lhe falou pela primeira vez sobre o quanto ele odiava a nobreza.

— Acho que não — Dockson falou. — Não mais. Kell sempre dizia que você dava muito crédito à nobreza, Vin. Mas, no fim, você começou a mudar até mesmo ele no final. Não, não acho que a sociedade nobre precise ser totalmente destruída. Não são todos monstros como eu acreditava no passado.

Vin relaxou. Não se lembrava apenas da conversa, mas conhecia os detalhes das digressões que discutiram. Ela era a única lá com ele. Não havia maneira de ele ser um kandra, certo?

— É sobre Elend, não é? — Dockson perguntou.

Vin ergueu os ombros.

— Eu acho.

— Sei que você deseja que ele e eu pudéssemos nos dar melhor, Vin. Mas, considerando todas as coisas, acho que estamos indo muito bem. Ele é um homem decente, posso reconhecer isso. Tem algumas falhas como líder: falta

ousadia, falta presença.

Não é como Kelsier.

— Mas — Dockson continuou —, não quero vê-lo perder seu trono. Para um nobre, ele tratou os skaa com justiça.

— Ele é uma boa pessoa, Dox — Vin disse em voz baixa.

Dockson desviou o olhar.

— Eu sei disso. Mas… bem, todas as vezes que falo com ele, vejo Kelsier em pé sobre seu ombro, balançando a cabeça para mim. Sabe quanto tempo Kell e eu sonhamos em derrubar o Senhor Soberano? Os outros membros da equipe, eles pensam que o plano de Kelsier era uma paixão recente… algo que veio para ele nas Minas. Mas era mais velha que isso, Vin. Muito mais velha.

Sempre odiamos a nobreza, Kell e eu. Quando éramos jovens, pensando em nossos primeiros empregos, queríamos ser ricos, mas também queríamos machucá-los. Machucá-los por tomar de nós coisas a que não tinham direito. Meu amor… a mãe de Kelsier… Cada moeda que roubamos, cada nobre que deixamos mortos num beco, essa era nossa maneira de declarar guerra. Nossa maneira de puni-los.

Vin ficou sentada, em silêncio. Era esse tipo de história, essas lembranças de um passado assombrado que sempre a deixavam um pouco desconfortável com Kelsier – e com a pessoa que ele a estava treinando para se tornar. Foi esse sentimento que a fez hesitar, mesmo quando seus instintos sussurravam que ela deveria ir e dar o troco em Straff e Cett com facas no meio da noite.

Dockson mantinha um pouco da mesma dureza. Kell e Dox não eram homens ruins, mas havia uma ponta de desejo de vingança neles. A opressão mudou-os de um jeito que nenhuma paz, reforma ou recompensa poderia redimir.

Dockson abanou a cabeça.

— E colocamos um deles no trono. Não consigo deixar de pensar que Kell ficaria furioso comigo por deixar Elend governar, não importa o quanto ele seja um bom homem.

— Kelsier mudou no final — Vin falou, tímida. — Você mesmo disse isso, Dox. Sabia que ele salvou a vida de Elend?

Dockson virou-se, franzindo a testa.

— Quando?

— No último dia — Vin falou. — Durante a luta com o Inquisidor. Kell protegeu Elend, que tinha ido me procurar.

— Deve ter pensado que era um dos prisioneiros.

Vin sacudiu a cabeça.

— Ele sabia quem Elend era, e sabia que eu o amava. No final, Kelsier começou a admitir que valia a pena proteger um bom homem, a despeito de quem seus pais fossem.

— Acho isso difícil de aceitar, Vin.

— Por quê?

Dockson fitou-a nos olhos.

— Porque se eu aceitar que Elend não carrega culpa pelo que seu povo fez ao meu, então preciso admitir que fui um monstro pelas coisas que fiz a eles.

Vin estremeceu. Naqueles olhos, ela viu a verdade por trás da transformação de Dockson. Viu a morte de sua risada. Viu a culpa. Os assassinatos.

Este homem não é um impostor.

— Tenho pouca alegria neste governo, Vin — Dockson disse em voz baixa. — Porque sei o que fizemos para criá-lo. O fato é que eu faria de novo. Eu digo a mim mesmo que é porque acredito na liberdade dos skaa. Mas ainda fico acordado à noite, intimamente satisfeito pelo que fizemos a nossos ex-governantes. A sociedade deles derrotada, seu deus morto. Agora eles sabem.

Vin assentiu. Dockson baixou os olhos, como se estivesse envergonhado, uma emoção que ela raramente vira nele. Não parecia haver nada mais a dizer. Dockson ficou em silêncio quando ela se retirou, a pena e o caderno esquecidos na escrivaninha.

— Não é ele — Vin falou, caminhando por um corredor vazio do palácio, tentando afastar o som assustador da voz de Dockson de sua mente.

— Você tem certeza, senhora? — OreSeur perguntou.

Vin assentiu.

— Ele sabia sobre uma conversa particular que Dockson e eu tivemos antes do Colapso.

OreSeur ficou em silêncio por um momento.

— Senhora — ele disse, por fim —, meus irmãos podem ser *muito* perfeitos.

— Sim, mas como ele poderia saber sobre uma conversa dessas?

— Sempre entrevistamos as pessoas antes de tomarmos seus corpos, senhora — OreSeur explicou. — Encontramos com elas várias vezes, em cenários diferentes, e encontramos maneiras de falar sobre sua vida. Também conversamos sobre amigos e conhecidos. Alguma vez comentou com alguém sobre esta conversa que a senhora teve com Dockson?

Vin parou para se recostar na lateral do corredor de pedra.

— Talvez Elend — ela admitiu. — Acho que falei com Sazed também, logo depois do acontecido. Faz quase dois anos.

— Poderia ter sido o bastante, senhora — OreSeur disse. — Não conseguimos aprender tudo sobre uma pessoa, mas fazemos nosso melhor para descobrir itens como este… conversas particulares, segredos, informações confidenciais… para que possamos mencioná-los em momentos adequados e reforçar nossa ilusão.

Vin franziu o cenho.

— Há… outras coisas também, senhora — OreSeur disse. — Hesito porque não quero imaginar seus amigos em dor. No entanto, é comum para nosso mestre, aquele que realmente realiza o assassinato, torturar sua vítima em busca de informações.

Vin fechou os olhos. Dockson parecia tão real… sua culpa, suas reações… era impossível fingir aquilo, não era?

— Inferno — ela sussurrou entredentes, abrindo os olhos. Virou-se, suspirando, ao abrir as folhas de uma janela do corredor. Estava escuro lá fora, e as brumas rodopiaram diante dela quando Vin se recostou no parapeito de pedra e olhou para o pátio, dois andares abaixo.

— Dox não é um alomântico — ela disse. — Como posso ter certeza de que ele é ou não o impostor?

— Não sei, senhora — OreSeur admitiu. — Nunca é uma tarefa fácil.

Vin ficou em silêncio. Distraída, tirou o brinco de bronze – o brinco de sua mãe – e brincou com ele entre os dedos, observando-o refletir a luz. No passado, era banhado a prata, mas estava quase todo desgastado.

— Odeio isso — ela sussurrou por fim.

— O que, senhora?

— Essa… desconfiança — ela respondeu. — Odeio suspeitar dos meus amigos. Pensei que não precisava mais desconfiar daqueles ao meu redor. Eu sinto como se houvesse uma faca revirando dentro de mim, e ela corta mais fundo cada vez que confronto alguém do grupo.

OreSeur sentou-se ao lado dela e inclinou a cabeça.

— Mas a senhora conseguiu eliminar vários da lista de impostores.

— Sim — Vin falou. — Mas isso apenas diminui o campo, me deixa mais próxima de saber qual deles está morto.

— E esse conhecimento não é uma coisa boa?

Vin abanou a cabeça.

— Não quero que seja nenhum deles, OreSeur. Não quero desconfiar deles,

não quero descobrir que estávamos corretos…

OreSeur não reagiu de pronto, deixando-a encarar a janela, as brumas lentamente entrando no andar ao redor dela.

— A senhora é sincera — OreSeur finalmente disse.

Ela se virou.

— Claro que sou.

— Desculpe, senhora — OreSeur disse. — Não quis insultá-la. Eu apenas… Bem, eu fui kandra para muitos mestres. Tantos deles desconfiavam e odiavam todos ao seu redor que comecei a pensar que faltava à sua espécie a capacidade de confiar.

— Que bobagem — Vin falou, virando-se para a janela.

— Sei que é — OreSeur continuou. — Mas as pessoas acreditam com frequência em coisas bobas, se receberem provas o suficiente. De qualquer forma, eu peço desculpas. Não sei qual de seus amigos está morto, mas sinto muito que um da minha espécie tenha lhe trazido dor.

— Seja quem for, está apenas cumprindo seu Contrato.

— Sim, senhora — OreSeur confirmou. — O Contrato.

Vin franziu a testa.

— Tem algum jeito de você descobrir quais kandra em Luthadel têm um Contrato?

— Desculpe, senhora — OreSeur falou. — Não é possível.

— Eu imaginei — ela disse. — É provável que você o conheça, seja quem for?

— Os kandras são um grupo coeso, senhora — OreSeur falou. — E nossos números são pequenos. Há uma boa chance de que eu o conheça muito bem.

Vin tamborilou com o dedo no parapeito, franzindo a testa enquanto tentava decidir se as informações eram úteis.

— Ainda não acho que seja Dockson — ela disse por fim, recolocando o brinco. — Vamos ignorá-lo por ora. Se eu não conseguir outras pistas, voltaremos… — Ela parou de falar quando algo prendeu sua atenção. Uma figura caminhando no pátio, sem carregar luz.

Ham, ela pensou. Mas o caminhar era diferente.

Ela *empurrou* a cúpula da luminária que pendia no muro, a uma curta distância. Ela se fechou, a luminária sacudindo-se enquanto o corredor escurecia.

— Senhora? — OreSeur perguntou quando Vin subiu na janela, avivando estanho enquanto apertava os olhos para enxergar melhor noite adentro.

Definitivamente, não é Ham, ela pensou.

Seu primeiro pensamento foi em Elend – um terror repentino que assassinos viessem enquanto ela estava conversando com Dockson. Mas era início de noite, e Elend ainda estaria conversando com os conselheiros. Era um momento improvável para assassinatos.

E apenas um homem? Não era Zane, a julgar pela altura.

Provavelmente apenas um guarda, Vin pensou. *Por que eu preciso ser tão paranoica o tempo todo?*

E, ainda assim… ela observou a figura caminhar no pátio, e seus instintos ficaram aguçados. Ele parecia se mover com desconfiança, como se estivesse desconfortável – como se não quisesse ser visto.

— Nos meus braços — ela disse a OreSeur, jogando uma moeda revestida pela janela.

Ele saltou gentilmente, e ela pulou pela janela, caindo sete metros e aterrissando com a moeda. Soltou OreSeur e acenou para as brumas. Ele seguiu de perto quando ela se moveu para dentro da escuridão, inclinando-se e se escondendo, tentando dar uma boa olhada na figura solitária. O homem caminhava com rapidez, movendo-se na direção lateral do palácio, onde ficava a entrada dos servos. Quando ele passou, finalmente viu seu rosto.

Capitão Demoux?, ela pensou.

Ela se sentou, agachando-se com OreSeur ao lado de uma pequena pilha de caixas de madeira. O que ela realmente sabia sobre Demoux? Foi um dos rebeldes skaa recrutados por Kelsier quase dois anos antes. Foi trazido para o comando e promovido rapidamente. Era um dos homens leais que ficara para trás quando o restante do exército seguira Yeden para o seu destino.

Após o Colapso, ele ficou com o grupo, tornando-se o subcomandante de Ham no fim das contas. Não tinha recebido pouco treinamento de Ham – o que poderia explicar por que ele saía à noite sem tocha ou lampião. Mas, mesmo assim…

Se eu fosse substituir alguém no grupo, Vin pensou, *eu não pegaria um alomântico – isso tornaria o impostor um alvo fácil demais de identificar. Pegaria alguém comum, alguém que não teria de tomar decisões ou atrair atenção.*

Alguém próximo do grupo, mas não necessariamente nele. Alguém que sempre esteja próximo das reuniões importantes, mas alguém que os outros realmente não conheçam tanto…

Ela sentiu um pequeno arrepio. Se o impostor fosse Demoux, significaria que

um dos seus bons amigos *não havia sido* morto. E significaria que o mestre do kandra era ainda mais esperto do que ela pensara.

Ele deu a volta na fortaleza, e ela o seguiu em silêncio. Contudo, fosse o que ele estivesse a fazer naquela noite, já estava terminado – pois ele caminhou para uma das entradas na lateral do prédio, cumprimentando os guardas de vigia.

Vin recuou para as sombras. Ele falou com os guardas, então não havia se esgueirado para fora do palácio. E, ainda assim… ela reconhecia a postura encolhida, os movimentos nervosos. Ele estava nervoso com alguma coisa.

É ele, ela pensou. *O espião.*

Mas, agora, o que ela deveria fazer sobre isso?

Havia um lugar para mim na tradição da Antecipação – achei que eu fosse o Anunciador, o profeta vaticinado para descobrir o Herói das Eras. Renunciar a Alendi na época teria sido renunciar à minha nova posição, à minha aceitação, pelos outros.

E, por isso, não o fiz.



— Isto não vai funcionar — Elend disse, abanando a cabeça. — Precisamos de uma decisão unânime, com exceção da pessoa sendo expulsa, claro, para depor um membro da Assembleia. Nunca conseguiríamos vencer todos os oitos mercadores.

Ham parecia um pouco oprimido. Elend sabia que Ham gostava de se considerar um filósofo; de fato, Ham tinha uma mente boa para o pensamento abstrato. No entanto, não era um erudito. Gostava de criar perguntas e respostas, mas não tinha experiência em estudar um texto em detalhes, procurando seu significado e implicações.

Elend olhou para Sazed, que estava sentado com um livro aberto na mesa diante de si. O Guardador tinha ao menos uma dúzia de volumes empilhados ao redor dele, embora, por mais engraçado que fosse, suas pilhas estivessem impecavelmente arranjadas, com as lombadas apontando na mesma direção, as capas retas. As pilhas de Elend eram caracteristicamente bagunçadas, páginas e notas saindo em ângulos estranhos.

Era incrível quantos livros alguém podia enfiar numa sala, supondo que não se quisesse se mover muito por ela. Ham sentou-se no chão, uma pequena pilha de livros ao lado dele, embora passasse a maior parte do tempo expressando uma ou outra ideia aleatória. Tindwyl estava numa cadeira e não estudava. A terrisana achava perfeitamente aceitável treinar Elend como rei; no entanto, recusava-se a pesquisar e dar sugestões sobre como manter seu trono. Aquilo parecia, aos seus olhos, cruzar alguma linha invisível entre ser uma educadora e uma força política.

Ainda bem que Sazed não é assim, Elend pensou. *Se fosse, o Senhor*

Soberano poderia ainda estar no comando. De fato, Vin e eu provavelmente estaríamos mortos – Sazed foi quem de fato a resgatou quando estava aprisionada pelos Inquisidores. Não eu.

Ele não gostava de pensar naquele acontecimento. Sua tentativa fracassada de resgatar Vin parecia uma metáfora de tudo que tinha feito de errado na sua vida. Ele sempre foi bem-intencionado, mas raramente capaz de ir até o fim em suas intenções. Aquilo mudaria.

— Que acha disso, Vossa Majestade? — Aquele que falou era a única pessoa estranha na sala, um erudito chamado Noorden. Elend tentou ignorar as tatuagens intrincadas ao redor dos olhos do homem, indicações da vida pregressa de Noorden como obrigador. Usava óculos grandes para tentar esconder as tatuagens, mas no passado havia detido um alto cargo no Ministério do Aço. Podia renunciar às crenças, mas as tatuagens permaneceriam para sempre.

— O que você encontrou? — Elend quis saber.

— Algumas informações sobre Lorde Cett, Vossa Majestade — Noorden respondeu. — Descobri num dos diários que o senhor trouxe do palácio do Senhor Soberano. Parece que Cett não é indiferente às políticas de Luthadel como ele gostaria que pensássemos. — Noorden deu uma risadinha com o pensamento.

Elend nunca havia encontrado um obrigador alegre antes. Talvez tenha sido por isso que Noorden não abandonara a cidade como a maioria dos seus; certamente não se encaixava em suas fileiras. Era apenas um dos vários homens que Elend foi capaz de encontrar para servir como escribas e burocratas no seu novo reino.

Elend examinou a página de Noorden. Embora a página estivesse cheia de números em vez de palavras, sua mente erudita facilmente separou as informações. Cett fizera muito negócios com Luthadel. A maior parte do trabalho fora feito usando casas menores como fachadas. Aquilo talvez enganasse nobres, mas não obrigadores, que precisavam ser informados dos termos de qualquer negócio.

Noorden passou o diário para Sazed, que observou os números.

— Então — Noorden disse —, Lorde Cett quis parecer desconectado de Luthadel… a barba e a atitude servindo apenas para reforçar essa impressão. Ainda assim, ele sempre teve um dedo disfarçado nos assuntos daqui.

Elend assentiu.

— Talvez ele tenha percebido que você não pode evitar a política fingindo

não ser parte dela. Não há maneira de ele ter sido capaz de ficar tão poderoso sem algumas relações políticas sólidas.

— Então, o que isso nos diz? — Sazed perguntou.

— Que Cett é muito mais habilidoso no jogo do que ele quer que as pessoas acreditem — Elend disse, levantando-se e pisando sobre uma pilha de livros enquanto voltava até sua cadeira. — Mas acho que ficou muito óbvio pelo jeito que ele manipulou a mim e à Assembleia ontem.

Noorden riu.

— Os senhores deveriam ter visto o jeito como ficaram, Vossa Majestade. Quando Cett se revelou, alguns nobres da Assembleia pularam nos assentos! Acho que o restante dos senhores estava tão chocado para…

— Noorden? — Elend interrompeu.

— Sim, Vossa Majestade?

— Por favor, concentre-se na tarefa.

— Hum, claro, Vossa Majestade.

— Sazed? — Elend disse. — O que você acha?

Sazed tirou os olhos do livro – uma versão codificada e anotada da constituição da cidade, escrita pelo próprio Elend. O terrisano abanou a cabeça.

— Fez um trabalho muito bom com isso aqui, creio eu. Pude encontrar poucos métodos para impedir a nomeação de Lorde Cett, caso a Assembleia o escolha.

— Competente demais para o seu próprio bem? — Noorden perguntou.

— Um problema que, infelizmente, eu raramente tive — Elend falou, sentando-se e esfregando os olhos.

É assim que Vin se sente todo o tempo?, ele se perguntou. Ela dormia menos que ele, e estava sempre se movimentando, correndo, lutando, espionando. Ainda assim, sempre parecia alerta. Elend estava começando a se curvar depois de poucos dias de estudos intensos.

Foco, ele disse a si mesmo. *Precisa conhecer seus inimigos para poder combatê-los. Deve haver uma maneira de sair disso.*

Dockson ainda estava redigindo cartas aos outros membros da Assembleia. Elend queria se encontrar com aqueles que estivessem dispostos. Infelizmente, tinha a sensação de que esse número seria pequeno. Eles haviam votado na sua saída, e agora tinham uma opção que parecia uma maneira fácil de livrar-se dos problemas.

— Vossa Majestade… — Noorden disse, lentamente. — O senhor acha, talvez, que deveríamos simplesmente deixar Cett tomar o trono? Digo, o

quanto ele pode ser ruim?

Elend hesitou. Um dos motivos pelos quais ele empregara o ex-obrigador fora pelo ponto de vista diferente de Noorden. Não era um skaa, tampouco era da alta nobreza. Não era um ladrão. Era apenas um homenzinho culto que ingressara no Ministério porque este oferecera uma opção que não fosse a de se tornar um mercador.

Para ele, a morte do Senhor Soberano fora uma catástrofe que destruíra todo o seu estilo de vida. Não era um homem ruim, mas não tinha real compreensão dos sofrimentos dos skaa.

— O que você acha das leis que fiz, Noorden? — Elend perguntou.

— São brilhantes, Vossa Majestade — Noorden respondeu. — Representações perspicazes dos ideais exaltados por antigos filósofos, junto com um elemento forte de realismo moderno.

— Cett respeitará essas leis? — Elend perguntou.

— Não sei. Nem mesmo me encontrei com o homem.

— O que seus instintos dizem?

Noorden hesitou.

— Não — ele finalmente disse. — Ele não é o tipo de homem que governa com leis. Simplesmente faz o que deseja.

— Ele traria apenas o caos — Elend afirmou. — Olhe as informações que temos de sua terra natal e dos locais que conquistou. Todos estão em tumulto. Deixou uma colcha de retalhos de alianças e promessas pela metade, ameaças de invasão servindo como fios que mal seguram tudo isso junto. Dar-lhe o comando de Luthadel apenas prepararia o caminho para outro colapso.

Noorden coçou a bochecha, em seguida assentiu, pensativo, e voltou à sua leitura.

Consegui convencê-lo, Elend pensou. *Se eu pudesse fazer o mesmo com os membros da Assembleia...*

Mas Noorden era um erudito; ele pensava como Elend. Fatos lógicos eram suficientes para ele, e uma promessa de estabilidade era mais poderosa que uma de riqueza. A Assembleia era um monstro totalmente diferente. Os nobres queriam um retorno àquilo que conheceram antes; os mercadores viam uma oportunidade de agarrar títulos que sempre invejaram; e os skaa simplesmente estavam preocupados com um massacre brutal.

E, ainda assim, mesmo essas eram generalizações. Lorde Penrod viu-se como o patriarca da cidade – o nobre de posição, aquele que precisava apresentar uma medida de temperança conservadora aos problemas. Kinaler, um dos

ferreiros, estava preocupado porque o Domínio Central precisava de uma ligação com os reinos ao redor dele, e via uma aliança com Cett como a melhor maneira de proteger Luthadel em longo prazo.

Cada qual dos vinte e três membros da Assembleia tinha pensamentos, objetivos e problemas próprios. Era isso que Elend pretendia; ideias proliferavam num ambiente assim. Ele apenas não esperava que muitas dessas ideias contradissessem as suas.

— Você estava certo, Ham — Elend falou, virando-se.

Ham olhou para cima, erguendo uma sobrancelha.

— No início disso tudo, você e os outros queriam fazer uma aliança com um dos exércitos, entregar-lhes a cidade em troca de mantê-la segura contra outros exércitos.

— Eu lembro — Ham concordou.

— Bem, é isso o que o povo quer — Elend falou. — Com ou sem meu consentimento, parece que vão entregar a cidade para Cett. Deveríamos simplesmente ter cumprido seu plano.

— Vossa Majestade? — Sazed chamou em voz baixa.

— Sim?

— Perdão, mas não é sua obrigação fazer o que o povo quer.

Elend piscou.

— Parece Tindwyl falando.

— Eu conheço poucas pessoas mais sábias que ela, Vossa Majestade — Sazed falou, olhando para ela.

— Bem, discordo de vocês dois — Elend falou. — Um governante deveria liderar apenas com consentimento do povo que ele governa.

— Não discordo disso, Vossa Majestade — Sazed falou. — Ou, ao menos, acredito nisso, em teoria. De qualquer forma, ainda não acredito que sua obrigação seja fazer o que o povo deseja. Sua obrigação é liderar o melhor que puder, segundo os ditames de sua consciência. Deve ser fiel, Vossa Majestade, ao homem que deseja se tornar. Se esse homem não é quem o povo deseja ter como líder, eles escolherão outra pessoa.

Elend fez uma pausa. *Bem, claro. Se não devo ser uma exceção às minhas próprias leis, também não deveria ser uma exceção à minha ética.* As palavras de Sazed eram realmente apenas uma reformulação das coisas que Tindwyl disse sobre confiar em si mesmo, mas a explicação de Sazed parecia melhor. Mais honesta.

— Tentar imaginar o que o povo deseja do senhor apenas levará ao caos,

creio eu — Sazed disse. — Não pode agradar a todos, Elend Venture.

A pequena janela de ventilação do gabinete abriu-se, e Vin apertou-se para entrar, atraindo uma trilha de brumas atrás de si. Fechou a janela, em seguida observou a sala.

— Mais? — ela perguntou, incrédula. — Encontrou mais livros?

— Claro — Elend falou.

— Quantas dessas coisas as pessoas escreveram? — ela perguntou, exasperada.

Elend abriu a boca, em seguida parou quando viu o lampejo no olho de Vin. Por fim, ele apenas suspirou.

— Você é incorrigível — ele falou, voltando às cartas.

Ouviu um farfalhar atrás dele e, um momento depois, Vin aterrissou em uma das pilhas de livros, conseguindo de alguma forma equilibrar-se sobre ela. As franjas da capa de bruma pendiam ao redor dela, manchando a tinta na sua carta.

Elend suspirou.

— Ops — Vin falou, puxando a capa de bruma para trás. — Desculpe.

— É mesmo necessário pular para lá e para cá todo o tempo, Vin? — Elend perguntou.

Vin pulou para o chão.

— Desculpe — ela repetiu, mordendo o lábio. — Sazed diz que é porque os Nascidos da Bruma gostam de estar no alto para poder ver tudo que está acontecendo.

Elend meneou a cabeça, continuando a carta. Ele preferia que elas fossem com sua caligrafia, mas precisaria que um escriba reescrevesse aquela. Abanou a cabeça. *Tanta coisa a fazer…*

Vin observou Elend escrever. Sazed estava lendo, bem como um dos escribas de Elend, o obrigador. Ela encarou o homem, e ele afundou um pouco na poltrona. Sabia que ela nunca confiara nele. Sacerdotes não deviam ser alegres.

Ela estava tão empolgada para contar a Elend o que havia descoberto sobre Demoux, mas hesitou. Havia muita gente por ali, e ela não tinha nenhuma prova, apenas seus instintos. Então se refreou, olhando sobre as pilhas de livros.

Havia um silêncio embotado na sala. Tindwyl estava sentada com os olhos levemente vidrados; provavelmente estava estudando alguma biografia antiga na mente. Até Ham estava lendo, embora folheasse um livro após o outro,

pulando tópicos. Vin sentiu como se devesse estar estudando algo também. Pensou nas notas que estava fazendo sobre as Profundezas e o Herói das Eras, mas não conseguia se obrigar a pegá-las.

Ainda não conseguiria falar com ele sobre Demoux, porém *havia* algo mais que descobrira.

— Elend — ela disse, baixinho. — Tenho uma coisa para contar.

— Hum?

— Ouvi os servos falando quando OreSeur e eu estávamos jantando mais cedo — Vin falou. — Algumas pessoas que conhecem ficaram doentes nos últimos tempos… muitas delas. Acho que alguém poderia estar mexendo com nossos suprimentos.

— Sim — Elend disse, ainda escrevendo. — Eu sei. Vários poços da cidade foram envenenados.

— Foram?

Ele assentiu.

— Eu não disse quando você foi me ver mais cedo? Foi onde Ham e eu estivemos.

— Você não me disse.

— Pensei que tinha dito — Elend falou, franzindo a testa.

Vin sacudiu a cabeça.

— Desculpe — ele falou, erguendo o corpo para beijá-la, em seguida voltou a escrever.

Um beijo para consertar tudo, é isso?, ela pensou com tristeza, sentando-se numa pilha de livros.

Era estúpido; não havia motivo real para Elend contar aquilo para ela com *tanta rapidez*. E, ainda assim, a conversa a deixou estranha. Antes, ele teria pedido a ela para fazer algo sobre o problema. Agora, ele aparentemente cuidava de tudo sozinho.

Sazed suspirou, fechando seu tomo.

— Vossa Majestade, não consegui encontrar falhas. Li suas leis mais de seis vezes.

Elend concordou.

— Era o que temia. A única vantagem que poderíamos ganhar com a lei é interpretá-la intencionalmente de modo incorreto, o que eu não farei.

— Você é um bom homem, Vossa Majestade — Sazed falou. — Se você tivesse visto uma falha na lei, teria arrumado. Mesmo se não encontrasse as falhas, um de nós encontraria, quando você perguntasse nossa opinião.

Ele deixa que o chamem de "Vossa Majestade", Vin pensou. *Tentou fazê-los parar com isso. Por que ele deixa que usem o título agora?*

Estranho que Elend finalmente tivesse começado a pensar em si como rei após o trono ter sido tomado dele.

— Esperem — Tindwyl disse, seus olhos ficando vivos. — Você leu esta lei antes de ela ser ratificada, Sazed?

Sazed enrubesceu.

— Ele leu — Elend respondeu. — Na verdade, as sugestões e ideias de Sazed foram providenciais para me ajudar no código atual.

— Entendo — Tindwyl falou com os lábios apertados.

Elend franziu o cenho.

— Tindwyl, você não foi convidada para esta reunião, está sendo tolerada aqui. Seus conselhos têm sido bem-vindos, mas não permitirei que insulte um amigo e convidado meu, mesmo se esses insultos forem indiretos.

— Desculpe, Vossa Majestade.

— Não se desculpe comigo — Elend falou. — Desculpe-se com Sazed ou deixará esta conferência.

Tindwyl ficou sentada por um instante; em seguida levantou-se e saiu da sala. Elend não parecia ofendido. Simplesmente voltou a escrever suas cartas.

— Não precisava fazer aquilo, Vossa Majestade — Sazed comentou. — As opiniões que Tindwyl tem sobre mim são bem fundamentadas, creio eu.

— Farei o que considerar adequado, Sazed — Elend disse, ainda escrevendo. — Sem ofensa, meu amigo, mas você tem um histórico de deixar as pessoas te maltratarem. Não vou tolerar isso na minha casa, pois, ao insultar sua ajuda com as minhas leis, ela me insultou também.

Sazed assentiu, em seguida esticou a mão para pegar outro volume.

Vin estava em silêncio. *Ele está mudando tão rápido. Quanto tempo desde que Tindwyl chegara? Dois meses?* Nenhuma das coisas que Elend disse eram diferentes do que ele teria dito antes, mas a maneira de dizer era totalmente diferente. Estava firme, exigente, de uma maneira que implicava que ele esperava respeito.

É o colapso do seu trono, o perigo dos exércitos, Vin pensou. *As pressões estão forçando-o a mudar, a adiantar-se e liderar ou ser esmagado.* Ele sabia sobre os poços. Que outras coisas ele descobrira e não lhe disse?

— Elend? — Vin perguntou. — Pensei mais um pouco sobre as Profundezas.

— Isso é maravilhoso, Vin — Elend falou, sorrindo para ela. — Mas eu realmente não tenho tempo agora…

Vin assentiu e sorriu para ele. No entanto, seus pensamentos estavam mais perturbados. *Ele não está inseguro, como ficava no passado. Não precisa confiar nas pessoas para apoiá-lo.*

Não precisa mais de mim.

Era um pensamento tolo. Elend a amava, ela sabia disso. Sua aptidão não tiraria o valor dela para ele. E, ainda assim, ela não conseguia reprimir suas preocupações. Ele a deixara uma vez no passado, quando estava tentando equilibrar as necessidades de sua casa e seu amor por ela, e essa atitude quase acabou com ela.

O que aconteceria se ele a abandonasse agora?

Ele não te abandonará, ela disse a si mesma. É um homem melhor que isso.

Mas bons homens também falhavam nos relacionamentos, não é? As pessoas se afastavam, especialmente pessoas que eram tão diferentes, para começar. Mesmo que não quisesse, apesar de sua autoconfiança, ela ouviu uma vozinha surgir no fundo da mente.

Era a voz que pensava ter banido, a voz que ela esperava nunca ouvir novamente.

Deixe-o primeiro, Reen, seu irmão, parecia sussurrar na sua cabeça. *Vai doer menos.*

Vin ouviu um farfalhar lá fora. Ela mostrou um leve interesse, mas fora suave demais para os outros ouvirem. Ela se levantou e foi até a janela de ventilação.

— Vai voltar para a patrulha? — Elend perguntou.

Ela se virou, em seguida assentiu.

— Talvez queira sondar as defesas de Cett na Fortaleza Hasting — Elend falou.

Ela concordou de novo. Elend sorriu para ela, em seguida voltou para as cartas. Vin abriu a janela e lançou-se para a noite. Zane estava em pé, nas brumas, os pés mal tocando o parapeito de pedra embaixo da janela. Estava num ângulo inclinado, pés contra a parede, corpo projetado na noite.

Vin olhou para o lado, observando o pedaço de metal que Zane estava *puxando* para manter-se parado. Outra proeza. Ele sorriu para ela.

— Zane? — ela sussurrou.

Zane olhou para cima, e Vin assentiu. Um segundo depois, os dois aterrissaram no telhado de metal da Fortaleza Venture.

Vin voltou-se para Zane.

— Por onde você andou?

Ele atacou.

Vin saltou para trás, surpresa, quando Zane girou para frente, como uma forma rodopiante na escuridão, as facas reluzindo. Ela pousou com metade dos pés do telhado, tensa. *Uma luta, então?*, ela pensou.

Zane golpeou, a faca chegando perigosamente perto do pescoço de Vin quando ela se esquivou. Havia algo diferente em seu ataque desta vez. Algo mais perigoso.

Vin soltou um impropério e sacou suas adagas, recuando para evitar outro ataque. Enquanto se movia, Zane fatiava o ar, cortando a ponta de uma de suas franjas da capa de bruma.

Ela se virou para encará-lo. Ele caminhava para frente, mas não mantinha a postura de combate. Parecia confiante, despreocupado, como se estivesse caminhando até um velho amigo, não entrando num combate.

Tudo bem, ela pensou, saltando para frente, golpeando com suas adagas.

Zane deu um passo adiante, casualmente, virando-se apenas de leve para o lado, desviando-se facilmente de uma das facas. Esticou o braço, agarrando sua outra mão sem esforço, parando o golpe.

Vin ficou paralisada. Ninguém era tão bom. Zane baixou os olhos escuros para ela. Despreocupados. Indiferentes.

Ele estava queimando atium.

Vin soltou-se, saltando para trás. Ele a deixou ir, observando enquanto ela caía agachada, o suor brotando de sua testa. Sentiu uma pontada repentina, aguda, de terror – um sentimento gutural, primevo. Temia aquele dia desde o momento em que soubera da existência do atium. Era o terror de saber que estava impotente apesar de todas as suas habilidades e capacidades.

Era o terror de saber que morreria.

Ela se virou para saltar para longe, mas Zane saltou para a frente antes que ela começasse a se mover. Ele sabia de antemão o que ela faria. Agarrou seu ombro por trás, puxando-a, derrubando-a no telhado.

Vin bateu contra o telhado de metal, arfando de dor. Zane estava sobre ela, olhando para baixo, como se esperasse.

Não serei vencida dessa forma!, Vin pensou, em desespero. *Não serei morta como um rato na ratoeira!*

Ela esticou o braço e golpeou a perna dele, mas foi inútil. Ele puxou a perna para trás um pouco, apenas o bastante para que o golpe não atingisse sequer o tecido de sua calça. Ela era como uma criança, sendo mantida à distância por um inimigo muito maior, mais poderoso. Era o que devia sentir uma pessoa

normal tentando brigar com ela.

Zane estava em pé, na escuridão.

— O que foi? — ela finalmente perguntou.

— Vocês realmente não têm — ele disse em voz baixa — o estoque de atium do Senhor Soberano.

— Não — ela retrucou.

— Vocês não têm nenhum — ele continuou, sem rodeios.

— Usei a última conta no dia em que lutei contra os assassinos de Cett.

Ele permaneceu parado por um momento; em seguida virou-se, afastando-se dela. Vin sentou-se, o coração em disparada, mãos um pouco trêmulas. Ela se forçou a ficar em pé, em seguida curvou-se e pegou as adagas caídas. Uma delas rachara contra o telhado de cobre.

Zane virou-se para ela novamente, em silêncio nas brumas.

Zane observou-a na escuridão; viu seu medo, mas também sua determinação.

— Meu pai quer que eu te mate — Zane falou.

Ela se ergueu, observando-o, os olhos ainda temerosos. Ela era forte, e reprimia bem o medo. As notícias do seu espião, as palavras que Vin falara enquanto visitava a tenda de Straff, tudo era verdade. Não havia atium naquela cidade.

— Por isso ficou distante? — ela questionou.

Ele assentiu, desviando o olhar.

— Então? — ela perguntou. — Por que me deixou viva?

— Não sei — ele admitiu. — Eu ainda posso matá-la. Mas… não preciso. Não para cumprir a ordem dele. Poderia apenas levá-la comigo, teria o mesmo efeito.

Ele voltou a olhá-la. Ela estava com o cenho franzido, uma figura pequena e silenciosa nas brumas.

— Venha comigo — ele disse. — Nós dois poderíamos ir embora. Straff perderia seu Nascido das Brumas, e Elend perderia a sua. Poderíamos nos recusar a ser as ferramentas *deles*. E poderíamos ser livres.

Ela não respondeu de pronto. Finalmente, abanou a cabeça.

— Isso… entre nós, Zane. Não é o que você está pensando.

— O que quer dizer? — ele disse, avançando.

Ela ergueu os olhos para ele.

— Eu amo Elend, Zane. De verdade.

E acha que significa que não pode sentir nada por mim?, Zane pensou. *E*

esse olhar que vejo em seu semblante, esse desejo? Não, não é tão fácil quanto você diz, não é?

Nunca é.

E, ainda assim, o que mais ele esperava? Ele ficou de costas.

— Faz sentido. É como sempre foi.

— O que deveria ser? — ela questionou.

Elend…

"Mate-o", Deus sussurrou.

Zane estreitou os olhos. Ela não seria enganada; não uma mulher que crescera nas ruas, uma mulher que era amiga de ladrões e fraudadores. Essa era a parte difícil. Ela precisava ver as coisas que aterrorizavam Zane.

Precisava ver a verdade.

— Zane? — Vin perguntou. Ela ainda parecia um pouco trêmula pelo ataque dele, mas era do tipo que se recuperava rapidamente.

— Não consegue ver a semelhança? — Zane perguntou, virando-se. — O mesmo nariz, a mesma inclinação do rosto? Cortei meu cabelo mais curto que o dele, mas temos os mesmos cachos. É tão difícil assim de ver?

Vin sentiu o fôlego preso na garganta.

— Em quem mais Straff Venture confiaria para ser seu Nascido das Brumas? — Zane perguntou. — Por que mais ele me deixaria ficar tão próximo, por que mais ele se sentiria tão confortável em me incluir em seus planos?

— Você é filho dele — Vin sussurrou. — Irmão de Elend.

Zane confirmou.

— Elend…

— Ele não sabe sobre mim — Zane falou. — Pergunte a ele sobre os hábitos sexuais do nosso pai.

— Ele me disse — Vin falou. — Straff gosta de concubinas.

— Por mais de um motivo — Zane revelou. — Mais mulheres significa mais filhos. Mais filhos significa mais alomânticos. Mais alomânticos significa mais chances de ter um filho Nascido das Brumas para ser seu assassino.

A bruma soprada pela brisa passou por eles. A distância, uma armadura de soldado estalou enquanto ele patrulhava.

— Enquanto o Senhor Soberano estava vivo, eu nunca poderia ter direito à herança — Zane disse. — Sabe como os obrigadores eram rígidos. Cresci nas sombras, ignorado. Você viveu nas ruas, suponho que tenha sido terrível. Mas pense em como seria viver como carniceiro em seu próprio lar, não reconhecido por seu pai, tratado como um mendigo. Pense como foi ver seu

irmão, um garoto da mesma idade, crescendo privilegiado. Pense como é observar seu desdém pelas coisas que você ansiava ter. Conforto, ócio, amor…

— Você deve odiá-lo — Vin sussurrou.

— Odiar? — Zane perguntou. — Não. Por que odiar um homem pelo que ele é? Elend não fez nada contra mim, não diretamente. Além disso, Straff encontrou um motivo para precisar de mim, no fim das contas… depois que tive o *estalo*, finalmente ele conseguiu o que estava apostando para obter nos últimos vinte anos. Não, não odeio Elend. Mas, às vezes, eu o invejo. Ele tem tudo. E ainda assim… parece que não dá valor.

Vin ficou em silêncio.

— Sinto muito.

Zane sacudiu a cabeça com força.

— Não tenha pena de mim, mulher. Se eu fosse Elend, não seria um Nascido das Brumas. Não entenderia as brumas, nem saberia o que é crescer sozinho e odiado. — Ele se virou, fitando os olhos de Vin. — Não acha que um homem aprecia melhor o amor quando foi forçado durante tanto tempo a seguir sem ele?

— Eu…

Zane afastou-se.

— Não importa — ele falou —, não vim aqui lamentar minha infância. Vim com um aviso.

Vin ficou tensa.

— Pouco tempo atrás — Zane começou —, meu pai permitiu que várias centenas de refugiados atravessassem suas barricadas para aproximarem-se da cidade. Sabe sobre o exército dos koloss?

Vin assentiu.

— Ele atacou e pilhou a cidade de Suisna mais cedo.

Vin teve um estalo de pavor. Suisna ficava apenas a um dia de Luthadel. Os koloss estavam próximos.

— Os refugiados vieram pedir ajuda ao meu pai — Zane continuou. — Ele os enviou para vocês.

— Para deixar as pessoas da cidade com mais medo — Vin concluiu. — E drenar ainda mais nossos recursos.

Zane meneou a cabeça.

— Queria lhe dar esse aviso. Sobre os refugiados e as minhas ordens. Pense na minha oferta, Vin. Pense sobre esse homem que diz te amar. Sabe que ele não te entende. Se você partir, será melhor para os dois.

Vin franziu o cenho. Zane fez uma pequena reverência para ela e, em seguida, saltou noite adentro, empurrando o telhado de metal. Ela ainda não acreditava no que ele dizia sobre Elend. Podia ver nos olhos dela.

Bem, a prova estava a caminho. Logo ela veria. Logo entenderia o que Elend Venture realmente pensava sobre ela.

Mas o faço agora. Que se torne sabido que eu, Kwaan, o Portador do Mundo de Terris, sou uma fraude.

35

Parecia que estava de volta aos bailes.

O belo vestido castanho-avermelhado teria ficado perfeito em uma das festas das quais ela participara durante os meses antes do Colapso. O traje não era tradicional, mas não estava fora de moda. As mudanças simplesmente faziam o vestido parecer singular.

As alterações a deixavam mais livre para se mover, seu caminhar ficava mais gracioso, os giros, mais naturais. Por sua vez, aquilo fazia com que ela se sentisse mais bonita. Em pé, diante do espelho, Vin pensou em como poderia ter sido usar o vestido num baile de verdade. Ser ela mesma, não Valette, a nobre desconfortável do interior. Nem mesmo Vin, a ladra skaa. Ser ela mesma.

Ou, ao menos, como ela conseguia se imaginar. Confiante porque aceitava seu lugar como uma Nascida das Brumas. Confiante porque aceitava seu lugar como aquela que havia derrubado o Senhor Soberano. Confiante porque sabia que o rei a amava.

Talvez eu pudesse ser as duas coisas, Vin pensou, correndo as mãos nas laterais do vestido, sentindo a seda suave.

— Você está linda, menina — Tindwyl falou.

Vin virou-se, sorrindo com hesitação.

— Não tenho joia nenhuma. Dei a última a Elend para ajudar a alimentar os refugiados. De qualquer forma, a cor não combinava com esse vestido.

— Muitas mulheres usam joias para tentar esconder sua falta de atrativos — Tindwyl falou. — Você não precisa disso.

A terrisana estava em sua postura habitual, mãos postas diante do corpo, anéis e brincos reluzindo. No entanto, nenhuma de suas joias tinha pedras; de fato, a maioria delas era feita de materiais simples. Ferro, cobre, peltre. Metais feruquêmicos.

— Você não tem aparecido para ver Elend nos últimos tempos — Vin falou,

virando-se para o espelho de novo e usando algumas presilhas de madeira para segurar os cabelos para trás.

— O rei está chegando rapidamente ao ponto no qual não precisará mais das minhas instruções.

— Está tão perto assim? — Vin perguntou. — De ser como os homens de suas biografias?

Tindwyl riu.

— Ah, não, minha menina. Ele está muito longe disso.

— Mas…

— Eu disse que ele não precisaria mais das minhas instruções — Tindwyl falou. — Está aprendendo que pode confiar nas palavras alheias apenas em certa medida, e chegou ao ponto no qual terá de aprender mais sozinho. Você ficaria surpresa, menina, o quanto sobre ser um bom líder simplesmente advém da experiência.

— Para mim ele parece muito diferente — Vin falou em voz baixa.

— Ele está — Tindwyl falou, avançando para pousar a mão no ombro de Vin. — Ele está se tornando o homem que sempre soube que precisaria ser… apenas não sabia o caminho. Embora eu seja dura com ele, acho que ele teria encontrado seu caminho, mesmo que eu não tivesse vindo. Um homem pode cambalear apenas por certo tempo antes de cair ou erguer-se de vez.

Vin olhou para o espelho, linda em suas vestes castanho-avermelhadas.

— Isto é o que *eu* preciso me tornar. Por ele.

— Por ele — Tindwyl concordou. — E por você mesma. Isso é para onde *você* estava caminhando antes de se distrair.

Vin virou-se.

— Virá conosco nesta noite?

Tindwyl balançou a cabeça.

— Não é o meu lugar. Agora vá encontrar seu rei.

Daquela vez, Elend não pretendia entrar no covil do inimigo sem uma escolta adequada. Duzentos soldados estavam no pátio, esperando para acompanhá-lo ao jantar de Cett, e Ham – totalmente armado – serviria de guarda-costas. Fantasma bancaria o cocheiro de Elend. Restava apenas Brisa que, era de se entender, estava um pouco nervoso com a ideia de ir ao jantar.

— Não precisa ir — Elend disse ao homem corpulento quando se reuniram no pátio de Venture.

— Não? — Brisa falou. — Bem, então, permanecerei aqui. Aproveitem o

jantar!

Elend fez uma pausa, franzindo o cenho.

Ham deu um tapa no ombro de Elend.

— Você já devia saber que não pode dar espaço para negociações para aquele ali, Elend!

— Bem, eu falei sério — Elend disse. — Poderíamos precisar mesmo de um Abrandador, mas ele não precisa vir se não quiser.

Brisa parecia aliviado.

— Você não se sente nem um pouco culpado, não é? — Ham perguntou.

— Culpado? — Brisa disse, descansando a mão em seu bastão. — Meu querido Hammond, você já me viu expressar uma emoção tão triste e sem inspiração? Além disso, eu tenho a sensação de que Cett será mais amigável sem mim por perto.

É provável que ele esteja certo, Elend pensou quando sua carruagem chegou.

— Elend, não acha que levar duzentos soldados conosco é… bem, um pouco óbvio?

— Foi Cett quem disse que deveríamos ser honestos com nossas ameaças — Elend disse. — Bem, eu diria que duzentos homens estão na perspectiva conservadora de quanto eu confio nele. Ele ainda nos bate em número, cinco para um.

— Mas você terá uma Nascida das Brumas a poucos assentos dele — uma voz suave veio de trás deles.

Elend virou-se, sorrindo para Vin.

— Como você consegue se mover com tanto silêncio num vestido como esse?

— Prática — ela disse, tomando o braço dele.

O fato é que provavelmente ela praticou mesmo, ele pensou, inalando seu perfume, imaginando Vin se esgueirando pelos corredores do palácio num imenso vestido de baile.

— Bem, temos que ir — Ham falou. Fez um gesto para Vin e Elend entrarem na carruagem, e eles deixaram Brisa para trás nos degraus do palácio.

Depois de um ano passando pela Fortaleza Hasting à noite com suas janelas escurecidas, parecia certo vê-las brilhando novamente.

— Sabe — Elend disse ao lado dela —, nunca conseguimos ir a um baile juntos.

Vin desviou-se da contemplação da fortaleza que se aproximava. Ao seu

redor, a carruagem balançava junto com o som de várias centenas de pés batendo, a noite apenas começando a escurecer.

— Nos encontramos várias vezes nos bailes — Elend continuou —, mas nunca participamos oficialmente de um juntos. Nunca tive a chance de levá-la na minha carruagem.

— Isso é mesmo tão importante? — Vin perguntou.

Elend deu de ombros.

— É tudo parte da experiência. Ou era. Havia uma formalidade confortável nisso tudo; o cavalheiro chegando para acompanhar a senhora, então todos observando você entrar e avaliando a aparência dos dois juntos. Fiz isso dúzias de vezes com dúzias de mulheres, mas nunca com aquela que teria tornado a experiência especial.

Vin sorriu.

— Acha que teremos bailes de novo?

— Não sei, Vin. Mesmo se sobrevivermos a tudo isso… bem, você conseguiria dançar enquanto tantas pessoas morrem de fome? — Ele provavelmente estava pensando nas centenas de refugiados, fatigados pelas viagens, despojados de toda comida e equipamentos pelos soldados de Straff, apinhados no armazém que Elend encontrou para eles.

Você dançava antes, ela pensou. *As pessoas morriam de fome na época também*. Mas era um tempo diferente; Elend não era rei na época. De fato, quando ela pensou sobre isso, ele nunca dançava de verdade naqueles bailes. Estudava e encontrava os amigos, planejando como poderia tornar o Império Final um lugar melhor.

— Deve haver uma maneira de ter os dois — Vin falou. — Talvez pudéssemos fazer bailes e pedir à nobreza que comparecer para doar dinheiro e ajudar a alimentar o povo.

Elend sorriu.

— Provavelmente gastaríamos duas vezes mais na festa do que as doações que conseguiríamos.

— E o dinheiro que gastássemos iria para os mercadores skaa.

Elend fez uma pausa, pensativo, e Vin sorriu para si mesma. *Estranho que eu terminasse com o único nobre frugal da cidade*. Que casal eles formavam – uma Nascida das Brumas que se sentia culpada por gastar moedas para saltar e um nobre que pensava que bailes eram caros demais. Era um feito que Dockson conseguisse arrancar deles dinheiro suficiente para manter a cidade funcionando.

— Pensaremos nisso depois — Elend falou quando os portões de Hasting se abriram, revelando um mundo de soldados em posição de sentido.

Pode trazer seus soldados se quiser, a exibição parecia dizer. *Eu tenho mais*. Na verdade, eles estavam entrando numa alegoria estranha da própria Luthadel. Os duzentos de Elend estavam agora cercados pelos mil de Cett – que, por sua vez, estavam cercados por vinte mil de Luthadel. A cidade, claro, estava cercada por uma tropa de quase cem mil do lado de fora. Camada após camada de soldados, todos tensos, esperando por uma batalha. Pensamentos sobre bailes e festas fugiram da mente dela.

Cett não os recebeu na porta. A função foi executada por um soldado num uniforme simples.

— Seus soldados podem permanecer aqui — o homem disse quando chegaram na entrada principal. No passado, o salão grande com pilares era adornado com tapetes finos e tapeçaria de parede, mas Elend os tomara para financiar seu governo. Cett, obviamente, não trouxera substitutos, e aquilo deixava o interior da fortaleza austero. Como uma fortaleza de *front*, em vez de uma mansão.

Elend virou-se, acenando para Demoux, e o capitão ordenou que seus homens esperassem no lado de dentro. Vin hesitou por um momento, evitando conscientemente lançar um olhar raivoso para Demoux. Se ele *fosse mesmo* o kandra, como seus instintos alertavam, então era perigoso tê-lo tão perto. Parte dela ansiava simplesmente em jogá-lo numa masmorra.

E, mesmo assim, um kandra não podia ferir humanos, então ele não era uma ameaça direta. Estava lá simplesmente para entregar informações. Além disso, ele já sabia seus segredos mais confidenciais; havia poucos motivos para atacar naquele momento e revelar sua descoberta tão rápido. Se ela aguardasse, veria para onde ia quando saía em segredo da cidade, então talvez pudesse descobrir para qual exército – ou seita na cidade – ele estava atuando como informante. Saber quais informações ele entregara.

E, assim, ela se conteve, esperando. O tempo de atacar viria.

Ham e Demoux arranjaram seus homens e, então, uma guarda de honra menor – incluindo Ham, Fantasma e Demoux – foi reunida para ficar com Vin e Elend. Elend acenou com a cabeça para o homem de Cett, e o soldado levou-os por uma passagem lateral.

Não estamos seguindo para os elevadores, Vin pensou. O salão de baile de Hasting ficava no alto da torre central da fortaleza; nas vezes em que ela participou dos bailes ali, teve de ser levada até lá por um dos quatro elevadores

acionados por força humana. Ou Cett não queria gastar com mão de obra ou…

Ele escolheu a fortaleza mais alta da cidade, Vin pensou. *Aquela com menos janelas também*. Se Cett puxasse todos os elevadores para o alto, seria muito difícil para uma força invasora reivindicar a fortaleza.

Felizmente, não parecia que teriam de subir até o topo naquela noite. Depois que subiram dois lances de uma escada de pedra serpenteante – Vin precisou puxar seu vestido para os lados para impedir que ele raspasse nas pedras –, seu guia os levou até uma sala grande, circular, com janelas de vitrais correndo todo o perímetro, interrompidas apenas por colunas que seguravam o teto. O salão único era quase tão amplo quanto a própria torre.

Um salão de baile secundário, talvez?, Vin perguntou-se, assimilando a beleza. O vidro não estava iluminado, embora ela suspeitasse que houvesse fendas para luzes do lado de fora. Cett não parecia se importar com essas coisas. Mandou montar uma grande mesa no centro do salão e estava sentado na cabeceira. Já estava comendo.

— Vocês estão atrasados — ele gritou para Elend —, então comecei sem vocês.

Elend franziu a testa, o que fez Cett soltar uma gargalhada alta, segurando uma perna de galinha.

— Você parece mais horrorizado com minha quebra de etiqueta do que com o fato de eu ter trazido um exército para conquistá-lo, garoto! Mas suponho que seja assim em Luthadel. Sente-se antes que eu coma tudo.

Elend estendeu um braço para Vin, levando-a até a mesa. Fantasma tomou posição perto da escadaria, seus ouvidos de Olho de Estanho espreitando o perigo. Ham levou seus dez homens para uma posição da qual pudessem vigiar as únicas entradas do salão – a entrada das escadas e a porta que os serviçais usavam.

Cett ignorou os soldados. Tinha um grupo de guarda-costas em pé próximo à parede do outro lado do salão, mas pareciam despreocupados que a tropa de Ham fosse um pouco maior que eles. Seu filho – o jovem que o abordara na reunião da Assembleia – estava ao lado dele, esperando em silêncio.

Um dos dois deve ser Nascido das Brumas, Vin pensou. *E eu ainda acho que é Cett*.

Elend sentou-a, em seguida tomou uma cadeira ao lado dela, os dois sentados diretamente à frente de Cett. Ele mal parou de comer quando os serviçais trouxeram os pratos de Vin e Elend.

Coxas de galinha, Vin pensou, *e legumes ao molho. Ele quer que seja uma*

refeição desordenada; quer deixar Elend desconfortável.

Elend não começou a comer de imediato. Sentou-se, observando Cett, com uma expressão pensativa.

— Maldição — Cett disse. — Esta comida é boa. Não tem ideia como é difícil ter refeições decentes durante viagens!

— Por que quer falar comigo? — Elend perguntou. — Sabe que não me convencerá a votar em você.

Cett deu de ombros.

— Achei que seria interessante.

— É sobre sua filha? — Elend perguntou.

— Senhor Soberano, não! — Cett falou, rindo. — Fique com aquela coisinha estúpida se quiser. O dia em que ela fugiu foi um dos poucos alegres que tive no último mês.

— E se eu ameaçar fazer mal a ela? — Elend perguntou.

— Você não fará isso — Cett retrucou.

— Tem certeza?

Cett sorriu sob sua barba espessa, inclinando-se na direção de Elend.

— Conheço você, Venture. Venho observando, estudando você há meses. E, então, você foi gentil o bastante para me enviar um dos seus amigos para me espionar. Aprendi muito sobre você com ele!

Elend pareceu perturbado.

Cett riu.

— Honestamente, você não acha que eu reconheceria um dos membros da gangue do Sobrevivente? Seus nobres de Luthadel devem achar que todo mundo fora da cidade é idiota!

— E, mesmo assim, você ouviu Brisa — Elend disse. — Você deixou que entrasse no seu acampamento, ouviu seus conselhos. Então, enxotou-o apenas quando descobriu que ele estava íntimo de sua filha, aquela pela qual você afirma não ter afeição.

— Ele disse que saiu do acampamento *por isso*? — Cett perguntou, gargalhando. — Porque eu o flagrei com Allrianne? Meu Deus, o que me importa que a garota o seduziu?

— Acha que *ela* o seduziu? — Vin perguntou.

— Claro — Cett falou. — Honestamente, eu passei apenas algumas semanas com ele, e até eu *sei* como ele é inútil com as mulheres.

Elend estava tolerando tudo aquilo. Observava Cett com olhos estreitos, perspicazes.

— Então, porque o mandou embora?

Cett recostou-se na cadeira.

— Eu tentei trazê-lo para o meu lado. Ele se recusou. Imaginei que matá-lo seria melhor que deixar que voltasse para você. Mas ele tem uma agilidade impressionante para o seu tamanho.

Se Cett realmente é um Nascido das Brumas, de jeito nenhum Brisa fugiria sem sua permissão, Vin pensou.

— Então, veja, Venture — Cett falou. — Eu o conheço. Talvez até melhor que você mesmo, pois sei o que seus amigos pensam de você. Precisa ser um homem muito extraordinário para ganhar a lealdade de um rato como Brisa.

— Então, acha que eu não faria mal à sua filha — Elend disse.

— *Sei* que não fará — Cett falou. — Você é honesto, eu até gosto disso em você. Infelizmente, a honestidade é muito fácil de explorar… sei, por exemplo, que você admitiria que Brisa estava *abrandando* aquele pessoal. — Cett balançou a cabeça. — Homens honestos não servem para ser reis, rapaz. É uma vergonha, mas é verdade. Por isso que tenho que tomar seu trono.

Elend ficou em silêncio por um momento. Finalmente, olhou para Vin. Ela pegou o prato dele, farejando-o com seus sentidos alomânticos.

Cett riu.

— Acha que eu te envenenaria?

— Na verdade, não — Elend disse quando Vin pousou o prato na mesa. Ela não era tão boa quanto alguns, mas aprendera os cheiros óbvios.

— Não usaria veneno — Elend falou. — Não é do seu feitio. Parece ser um homem honesto também.

— Sou apenas franco — Cett falou. — Aí está a diferença.

— Não ouvi você contar uma mentira até agora.

— É porque você não me conhece bem o suficiente para discernir as mentiras — Cett falou. Ele ergueu vários dedos manchados de gordura. — Já contei três mentiras nesta noite, rapaz. Boa sorte em adivinhar quais foram.

Elend hesitou, examinando Cett.

— Você está brincando comigo.

— Claro que estou! — Cett falou. — Não vê, garoto? É por isso que você não deve ser rei. Deixe o trabalho para homens que compreendam sua própria corrupção. Não deixe que isso o destrua.

— Por que se importa? — Elend quis saber.

— Porque preferiria não te matar — Cett falou.

— Então, não mate.

Cett balançou a cabeça.

— Não é assim que tudo funciona, meu jovem. Se houver uma oportunidade de estabilizar seu poder, ou conseguir mais poder, droga, você aproveitaria muito bem. E eu aproveitarei.

A mesa ficou em silêncio novamente. Cett encarou Vin.

— Sem comentários da Nascida das Brumas?

— O senhor xinga demais — Vin falou. — Não deveria fazer isso na frente de senhoras.

Cett riu.

— É a coisa engraçada em Luthadel, moça. Todos estão tão preocupados em fazer o que é "adequado" quando as pessoas podem ver, mas, ao mesmo tempo, não acham nada de errado em ir estuprar algumas skaa quando a festa acaba. Ao menos *eu* xingo na sua frente.

Elend ainda não havia tocado na comida.

— O que acontecerá se você ganhar a votação do trono?

Cett ergueu os ombros.

— Resposta honesta?

— Sempre.

— Primeira coisa, vou te assassinar — Cett falou. — Não dá para ter antigos reis soltos por aí.

— E se eu renunciar? — Elend quis saber. — Retirar-me da votação?

— Renuncie — Cett falou —, vote em mim e, em seguida, saia da cidade, e eu deixarei você viver.

— E a Assembleia? — Elend perguntou.

— Dissolvida — Cett falou. — Eles são um risco. Toda vez que dá poder a um comitê, isso terminará em confusão.

— A Assembleia dá poder ao povo — Elend falou. — É o que qualquer governo deveria oferecer.

Surpreendentemente, Cett não riu do comentário. Em vez disso, ele se recostou de novo, pousou um braço na mesa, descartando uma coxa de galinha pela metade.

— Esse é o problema, garoto. Deixar o povo governar a si mesmo é bom quando tudo está brilhante e feliz, mas e quando você tem dois exércitos na sua porta? E quando há um bando de koloss insanos destruindo vilarejos na sua fronteira? Esses não são tempos nos quais você pode se dar ao luxo de ter uma Assembleia para depô-lo — Cett sacudiu a cabeça. — O preço é alto demais. Quando você não pode ter liberdade e segurança ao mesmo tempo, garoto, qual

deles você escolhe?

Elend ficou em silêncio.

— Eu faço minha própria escolha — ele disse, por fim. — E também deixo os outros fazerem as deles.

Cett sorriu, como se esperasse uma resposta assim. Começou a comer outra coxa de galinha.

— Digamos que eu vá embora — Elend falou. — E digamos que você consiga o trono, proteja a cidade e dissolva a Assembleia. E depois?

— Por que se importa?

— Precisa perguntar? Pensei que me "entendesse".

Cett sorriu.

— Vou botar os skaa para trabalharem de novo, como o Senhor Soberano fazia. Sem pagamento, sem classe camponesa emancipada.

— Não posso aceitar isso — Elend retorquiu.

— Por que não? — Cett perguntou. — É o que eles querem. Você deu uma chance a eles, e eles escolheram mandar você embora. Agora eles vão escolher me botar no trono. Sabem que o sistema do Senhor Soberano era o melhor. Um grupo deve governar, o outro deve servir. Alguém precisa plantar a comida e trabalhar nas ferrarias, garoto.

— Talvez — Elend disse. — Mas você está errado numa coisa.

— Em quê?

— Eles não vão votar em você — Elend disse, erguendo-se. — Vão me escolher. Confrontados com a escolha entre a liberdade e a escravidão, escolherão a liberdade. Os homens da Assembleia são os mais admiráveis desta cidade, e farão a melhor escolha para o seu povo.

Cett fez uma pausa, então gargalhou.

— A melhor coisa em você, rapaz, é que consegue dizer isso e fazer soar sério!

— Vou me retirar, Cett — Elend falou, acenando com a cabeça para Vin.

— Ah, sente-se, Venture — Cett falou, acenando para a cadeira de Elend. — Não se faça de indignado porque estou sendo honesto com você. Ainda temos coisas para discutir.

— Por exemplo? — Elend perguntou.

— Atium — Cett falou.

Elend parou por um momento, aparentemente contendo seu aborrecimento. Como Cett não falou de pronto, Elend finalmente sentou-se e começou a comer. Vin beliscou a comida em silêncio. No entanto, enquanto o fazia,

estudava o rosto dos soldados e serviçais de Cett. Certamente havia alomânticos misturados a eles – descobrir quantos poderia dar a Elend uma vantagem.

— Seu povo está morrendo de fome — Cett falou — E, se meus espiões valem o que ganham, acabou de receber outra leva de bocas. Não pode resistir muito tempo mais a este cerco.

— E? — Elend perguntou.

— Tenho comida — Cett falou. — Muita, mais do que meu exército precisa. Produtos enlatados, embalados com o novo método que o Senhor Soberano desenvolveu. Duradouros, não estragam. Uma tecnologia realmente maravilhosa. Eu estaria disposto a vender um pouco para você…

Elend fez uma pausa, o garfo a meio do caminho dos lábios. Então, ele baixou o talher e riu.

— Ainda acha que estou com o atium do Senhor Soberano?

— Claro que está — Cett falou, franzindo a testa. — Onde mais estaria?

Elend sacudiu a cabeça, dando uma garfada na batata encharcada de molho.

— Não aqui, com certeza.

— Mas… os rumores — Cett gaguejou.

— Brisa espalhou esses rumores — Elend disse. — Pensei que você tivesse descoberto porque ele se juntou ao seu grupo. Ele quis que você viesse a Luthadel para impedir que Straff tomasse a cidade.

— Mas Brisa fez tudo que pôde para *impedir* que eu viesse para cá — Cett falou. — Ele fez pouco dos rumores, tentou me dissuadir, ele… — Cett calou-se, em seguida gargalhou. — Pensei que ele estivesse lá apenas para espionar! Parece que ambos nos subestimamos.

— Meu povo ainda poderia precisar dessa comida — Elend falou.

— E ele terá… desde que eu seja rei.

— Eles estão com fome agora — Elend falou.

— E o sofrimento deles será seu fardo — Cett falou, seu rosto ficando sério. — Posso ver que você me julgou, Elend Venture. Pensa que sou um bom homem. Está errado. A honestidade não torna alguém menos tirano. Eu massacrei milhares para garantir meu governo. Impingi aflições aos skaa que fariam até mesmo a mão do Senhor Soberano parecer agradável. Garanti que ficaria no poder. Farei o mesmo aqui.

Os homens ficaram em silêncio. Elend comia, mas Vin apenas remexia a comida. Se ela não tivesse percebido um veneno, queria que um deles permanecesse alerta. Ainda queria encontrar os alomânticos, e havia apenas

uma maneira de ter certeza. Extinguiu o cobre, em seguida avivou o bronze.

Não havia nuvem de cobre queimando; Cett aparentemente não se importava se alguém reconhecesse seus homens como alomânticos. Dois dos seus homens estavam queimando peltre. No entanto, nenhum deles era soldado, mas fingiam ser membros dos serviçais que traziam as refeições. Também havia um Olho de Estanho pulsando na outra sala, ouvindo.

Por que esconder Brutamontes como serviçais, e então não usar cobre para esconder seus pulsos? Além disso, não havia Abrandadores ou Tumultuadores. Ninguém estava tentando influenciar as emoções de Elend. Nem Cett, tampouco seu jovem criado, estavam queimando metais. Ou não eram alomânticos de verdade ou tinham medo de se expor. Apenas para ter certeza, Vin queimou bronze, buscando perfurar quaisquer nuvens de cobre escondidas que poderiam estar por perto. Ela podia imaginar Cett expondo alguns alomânticos óbvios como distração, então escondendo outros dentro de uma nuvem.

Não encontrou nada. Finalmente satisfeita, ela voltou a brincar com sua refeição. *Quantas vezes essa minha capacidade – a capacidade de perfurar nuvens de cobre – se provou útil?* Ela esquecera o que era ser bloqueada de sentir pulsos alomânticos. Essa pequena capacidade – apesar de parecer muito simples – oferecia uma vantagem enorme. E o Senhor Soberano e seus Inquisidores provavelmente conseguiam fazer isso desde o início. Que outros truques ela estava perdendo, quais outros segredos morreram com o Senhor Soberano?

Ele sabia a verdade sobre as Profundezas, Vin pensou. *Devia saber. Tentou nos alertar, no final…*

Elend e Cett estavam conversando novamente. Por que ela não conseguia se concentrar nos problemas da cidade?

— Então, vocês não têm nenhum atium? — Cett perguntou.

— Não que estejamos dispostos a vender — Elend disse.

— Vocês procuraram pela cidade?

— Uma dúzia de vezes.

— As estátuas — Cett falou. — Talvez o Senhor Soberano tenha escondido o metal derretendo-o e construindo coisas com eles.

Elend sacudiu a cabeça.

— Pensamos nisso. As estátuas não são de atium, nem são ocas… teria sido um bom lugar para esconder metal de olhos alomânticos. Pensamos que talvez estivesse escondido no palácio, em algum lugar, mas mesmo os pináculos são

de ferro simples.

— Cavernas, túneis…

— Não conseguimos encontrar nada disso — Elend falou. — Fizemos patrulhas de alomânticos buscando por grandes fontes de metal. Fizemos tudo que pode imaginar, Cett, exceto abrir buracos no chão. Acredite em mim. Estamos trabalhando nessa questão faz um tempo.

Cett assentiu, suspirando.

— Então, acredito que reter você por um resgate seria inútil?

Elend sorriu.

— Não sou nem rei, Cett. A única coisa que faria é piorar as chances de a Assembleia votar em você.

Cett riu.

— Acho que terei que deixá-lo ir embora.

Alendi nunca foi o Herói das Eras. Na melhor das hipóteses, eu ampliei suas virtudes, criando um Herói onde não havia nenhum. Na pior, temo que tudo em que acreditamos possa ter sido corrompido.

36

No passado, aquele armazém havia guardado espadas e armaduras, que estavam espalhadas em seu assoalho aos montes, como algum tesouro mítico. Sazed lembrou-se de caminhar por ele, admirado pelos preparativos que Kelsier fizera sem alertar qualquer dos membros da gangue. Aquelas armas tinham equipado a rebelião na noite da morte do Sobrevivente, permitindo que ela tomasse a cidade.

Aquelas armas agora estavam guardadas em armários e arsenais. No lugar delas, um povo desesperado, abatido, amontoava-se nos cobertores que puderam encontrar. Havia poucos homens, nenhum apto para batalhas; Straff obrigara os capazes a juntar-se ao seu exército. Os outros – os fracos, adoentados, feridos – ele permitiu que seguissem para Luthadel, sabendo que Elend não os rejeitaria.

Sazed moveu-se entre eles, oferecendo o conforto que podia. Não tinham móveis, e mesmo as mudas de roupas estavam ficando escassas na cidade. Os mercadores, percebendo que o calor seria valioso para o inverno vindouro, haviam começado a aumentar os preços de todas as suas mercadorias, não apenas dos alimentos.

Sazed ajoelhou-se ao lado de uma mulher aos prantos.

— Fique em paz, Genedere — ele disse, sua mente de cobre lembrando-o do nome dela.

Ela sacudiu a cabeça. Havia perdido três filhos no ataque dos koloss, mais dois na fuga para Luthadel. Agora, o único que restava – o bebê que ela carregara o caminho todo – estava doente. Sazed tomou a criança dos braços dela, examinando cuidadosamente os sintomas. Pouco havia mudado desde o dia anterior.

— Há alguma esperança, Mestre Terrisano? — Genedere perguntou.

Sazed baixou os olhos para o bebê magro, de olhos baços. As perspectivas não eram boas. Como ele conseguiria dizer tal coisa a ela?

— Enquanto ele respirar, há esperança, minha cara — Sazed falou. — Pedirei que o rei aumente sua porção de comida; precisa de força para dar de mamar. *Precisa* mantê-lo aquecido. Fique perto das fogueiras e use um pano úmido para pingar água em sua boca, mesmo quando ele não estiver comendo. Ele precisa muito de líquido.

Genedere assentiu com vagar, pegando o bebê de volta. Como Sazed desejava poder lhe dar mais. Uma dúzia de religiões diferentes passaram por sua mente. Passou a vida inteira tentando encorajar as pessoas a acreditarem em algo além do Senhor Soberano. Ainda assim, por algum motivo, ele achou difícil naquele momento oferecer uma dessas pregações para Genedere.

Antes do Colapso era diferente. Cada vez que ele falava de uma religião, Sazed sentia uma sensação sutil de rebeldia. Mesmo que as pessoas não aceitassem o que ele ensinava – e raramente aceitavam –, suas palavras lembravam-nos de que houvera, no passado, crenças diferentes das doutrinas do Ministério do Aço.

Agora, não havia nada contra o que se rebelar. Em face da dor terrível que vira nos olhos de Genedere, ele achava difícil falar de religiões mortas há muito tempo, deuses há muito esquecidos. Assuntos esotéricos não aliviariam a dor daquela mulher.

Sazed levantou-se, movendo-se para o próximo grupo de pessoas.

— Sazed?

Ele se virou. Não havia notado que Tindwyl entrara no armazém. As portas da imensa estrutura foram fechadas, pois a noite se aproximava, e as fogueiras lançavam uma luz fraca. Buracos haviam sido feitos no teto para deixar a fumaça sair; ao se olhar para cima, trilhas de bruma podiam ser vistas esgueirando-se para dentro do quarto, embora elas evaporassem antes de chegar no meio do caminho até o chão.

Os refugiados não erguiam os olhos com frequência.

— Você ficou aqui quase o dia todo — Tindwyl falou. O espaço estava notavelmente quieto, considerando sua ocupação. Fogueiras estalavam, e as pessoas jaziam silenciosas em sua dor ou embotamento.

— Há muitos feridos aqui — Sazed comentou. — Sou o melhor para cuidar deles, creio eu. Não estou sozinho, o rei enviou outros e Lorde Brisa está aqui. *Abrandando* o desespero das pessoas.

Sazed acenou com a cabeça para o lado, onde Brisa estava sentado numa

cadeira, lendo um livro de forma ostensiva. Parecia terrivelmente deslocado naquele lugar, vestindo um traje fino de três peças. Ainda assim, sua mera presença dizia algo extraordinário, na avaliação de Sazed.

Essas pobres pessoas, Sazed pensou. *Suas vidas eram terríveis sob o jugo do Senhor Soberano. Agora, mesmo o pouco que tinham foi tirado delas*. E eram apenas um número pequeno – quatrocentos em comparação com os centenas de milhares que ainda viviam em Luthadel.

O que aconteceria quando os estoques finais de comida terminassem? Rumores já haviam se espalhado sobre os poços envenenados, e Sazed tinha ouvido que um pouco da comida estocada também fora sabotada. O que aconteceria com essas pessoas? Quanto tempo o cerco poderia continuar?

De fato, o que aconteceria quando o cerco terminasse? O que aconteceria quando os exércitos finalmente atacassem e saqueassem? Que destruição, que sofrimento os soldados causariam ao procurar o atium escondido?

— Você se importa com eles — Tindwyl falou em voz baixa, aproximando-se.

Sazed virou-se para ela. Em seguida, abaixou a cabeça.

— Não tanto quanto deveria, talvez.

— Não — Tindwyl falou. — Eu consigo ver. Você me confunde, Sazed.

— Parece que tenho um talento nessa área.

— Você parece cansado. Onde está sua mente de bronze?

De repente, Sazed sentiu-se fatigado. Ele vinha ignorando o cansaço, mas as palavras pareceram trazê-lo como uma onda que batia contra ele.

Ele suspirou.

— Usei a maioria da minha reserva de vigília na corrida até Luthadel. Eu estava tão ansioso por chegar aqui...

Seu estudos haviam definhado recentemente. Com os problemas da cidade e a chegada dos refugiados, ele não tivera muito tempo. Além disso, já havia transcrito a cópia por fricção. O trabalho a seguir exigiria referência cruzada detalhada com outras obras, buscando pistas. Provavelmente ele não teria tempo nem para…

Ele franziu o cenho, observando o olhar estranho nos olhos de Tindwyl.

— Tudo bem — ela disse, suspirando. — Mostre-me.

— Mostrar?

— O que você descobriu — ela disse. — A descoberta que impulsionou você a correr por dois domínios. Mostre-me.

De repente, tudo pareceu ficar mais leve. Sua fadiga, sua preocupação, até

mesmo sua tristeza.

— Eu adoraria — ele disse em voz baixa.

Outro trabalho bem feito, Brisa pensou, congratulando-se enquanto observava os dois terrisanos saírem do armazém.

A maioria das pessoas, mesmos os nobres, mal entendia o *abrandamento*. Pensavam que era algum tipo de controle mental, e mesmo aqueles que sabiam mais pressupunham que o *abrandamento* era uma coisa invasiva, terrível.

Brisa nunca tinha visto dessa forma. O *abrandamento* não era invasivo. Se fosse, então a interação comum com outra pessoa era comparativamente invasiva. *Abrandamento*, quando feito de maneira correta, não era uma violação maior do que uma mulher vestir um vestido decotado ou falar numa voz autoritária. Todos os três produziriam reações comuns, compreensíveis e – mais importante – naturais nas pessoas.

Sazed, por exemplo. Era "invasivo" deixar o homem menos cansado para que ele pudesse fazer melhor seus atendimentos? Era errado *abrandar* sua dor – apenas um pouco –, deixando-o assim mais capaz de lidar com o sofrimento?

Tindwyl era um exemplo ainda melhor. Talvez alguns chamassem Brisa de intrometido por abrandar sua noção de responsabilidade, e sua decepção, quando viu Sazed. Porém, Brisa não criou as emoções que a decepção estava ofuscando. Emoções como curiosidade. Respeito. Amor.

Não, se o *abrandamento* fosse um simples "controle mental", Tindwyl teria se afastado de Sazed assim que os dois deixassem a área de influência de Brisa. Mas Brisa sabia que ela não o faria. Uma decisão crucial fora feita, e Brisa não tinha tomado essa decisão por ela. O momento fora construído durante semanas; teria ocorrido com ou sem Brisa.

Ele apenas ajudou para que acontecesse antes.

Sorrindo para si mesmo, Brisa verificou seu relógio de bolso. Ainda tinha alguns minutos, então se recostou na poltrona, emitindo uma onda de *abrandamento* geral, diminuindo a dor e o sofrimento das pessoas. Concentrando-se em tantas de uma vez, não conseguia ser muito específico; alguns se veriam um pouco atordoados emocionalmente enquanto *empurrava-os* com força maior. Mas seria bom para o grupo como um todo.

Ele não estava lendo aquele livro; na verdade, não conseguia entender como Elend e o restante passavam tanto tempo entre as páginas. Extremamente tedioso. Brisa apenas conseguia se ver lendo se não houvesse mais ninguém ao redor. Em vez disso, ele voltou àquilo que estava fazendo antes de Sazed ter

atraído sua atenção. Ele observou os refugiados, tentando decidir o que cada um deles estava sentindo.

Esse era o outro grande mal-entendido sobre o *abrandamento*. A Alomancia não era nem de longe tão importante quanto o talento da observação. Verdade, ter um toque sutil certamente ajudava. No entanto, o *abrandamento* não dava a um alomântico a capacidade de conhecer os sentimentos de alguém. Esses, Brisa precisava adivinhar sozinho.

Tudo voltava ao que era natural. Até mesmo os skaa mais inexperientes perceberiam que estavam sendo *abrandados* se emoções inesperadas começassem a ricochetear dentro deles. A sutileza verdadeira no *abrandamento* era incentivar as emoções naturais, tudo feito ao deixar cuidadosamente as outras emoções menos poderosas. As pessoas eram uma colcha de retalhos de sentimentos; em geral, o que eles pensavam que era "sentimento" no momento apenas relacionava-se àquelas emoções que eram as mais dominantes dentro delas.

O Abrandador cuidadoso via o que estava abaixo da superfície. Entendia o que um homem sentia, mesmo quando o próprio homem não entendia – ou reconhecia – essas emoções. Era o caso de Sazed e Tindwyl.

Casal estranho esse, Brisa pensou consigo, *abrandando* indolentemente um dos skaa para deixá-lo mais relaxado enquanto tentava dormir. *O resto da gangue está convencido de que aqueles dois são inimigos. Mas o ódio raramente cria essa quantidade de amargura e frustração. Não, essas duas emoções vêm de um conjunto totalmente diferente de problemas.*

Claro, Sazed não era um eunuco? Eu me pergunto como isso tudo aconteceu…

Suas especulações pararam quando as portas do armazém se abriram. Elend entrou – Ham, infelizmente, o acompanhava. Elend estava vestindo um dos seus uniformes brancos, completo com luvas brancas e uma espada. O branco era um símbolo importante; com toda a cinza e a fuligem na cidade, um homem de branco era bem impactante. Os uniformes de Elend tinham de ser feitos com tecidos especiais criados para serem resistentes às cinzas, e eles ainda precisavam ser escovados todos os dias. O efeito valia o esforço.

Brisa imediatamente encontrou as emoções de Elend, deixando o homem menos cansado, menos inseguro – embora o segundo abrandamento estivesse se tornando quase desnecessário. Aquilo era, em parte, um feito da terrisana; Brisa ficou impressionado com a capacidade de Tindwyl mudar o estado de espírito das pessoas, considerando sua falta de Alomancia.

Brisa deixou as emoções de nojo e pena de Elend; as duas eram adequadas, considerando o ambiente. No entanto, ele deu a Ham um cutucão para deixá-lo menos briguento; Brisa não estava com vontade de lidar com as tagarelices do homem no momento.

Ele se levantou quando os dois se aproximaram. As pessoas se animaram quando viram Elend, sua presença de alguma forma trazia uma esperança que Brisa não conseguia emular com Alomancia. Eles sussurravam, chamando-o de Rei Elend.

— Brisa — Elend disse, meneando com a cabeça. — Sazed está aqui?

— Acabou de sair — Brisa respondeu.

Elend parecia distraído.

— Ah, bem — ele falou. — Encontro com ele mais tarde. — Elend olhou ao redor, os cantos dos lábios apontando para baixo. — Ham, amanhã quero que você reúna os comerciantes de roupas da Rua Kenton e traga-os aqui para ver isto.

— Eles podem não gostar, Elend — Ham comentou.

— Espero que não gostem — Elend falou. — Mas veremos como eles se sentirão sobre seus preços assim que visitarem este lugar. Posso entender a despesa com comida, considerando a escassez. No entanto, não há motivo além da avareza para se negar roupas às pessoas.

Ham assentiu, mas Brisa conseguiu ver a reticência em sua postura. Os outros percebiam como Ham era estranhamente avesso a confrontos? Gostava de discutir com amigos, mas raramente chegava a qualquer conclusão de fato em sua filosofia. Além disso, ele definitivamente odiava confrontar estranhos; Brisa sempre achou que era um atributo estranho para alguém que fora contratado, essencialmente, para bater em pessoas. Ele deu a Ham um pouco de *abrandamento* para deixá-lo menos preocupado com o confronto aos mercadores.

— Vai ficar a noite toda aqui, não vai, Brisa? — Elend perguntou.

— Senhor Soberano, não! — Brisa falou. — Meu caro, você tem sorte de ter conseguido me fazer vir até aqui. Honestamente, não é lugar para um cavalheiro. A sujeira, a atmosfera deprimente… e sem mencionar o cheiro!

Ham franziu o cenho.

— Brisa, algum dia você vai precisar aprender a pensar nos outros.

— Contanto que eu possa pensar neles à distância, Hammond, ficarei feliz em me esforçar para tanto.

Ham sacudiu a cabeça.

— Você é incorrigível.

— Vai voltar ao palácio, então? — Elend quis saber.

— Sim, vou — Brisa disse, olhando para o relógio de bolso.

— Precisa de uma carona?

— Trouxe a minha carruagem — Brisa respondeu.

Elend assentiu, em seguida se virou para Ham, e os dois retiraram-se pelo caminho que tinham vindo, falando sobre a próxima reunião de Elend com um dos outros membros da Assembleia.

Brisa seguiu para o palácio pouco tempo depois. Meneou a cabeça para os vigias na porta, *abrandando* sua fadiga mental. Em resposta, eles se mostraram enérgicos, observando as brumas com vigilância renovada. Não duraria muito, mas alguns toques como esse eram a segunda natureza de Brisa.

Estava ficando tarde, e havia poucas pessoas nos corredores. Ele foi até a cozinha, *tocando* as moças da copa para deixá-las mais comunicativas. Isso faria com que a limpeza passasse mais rapidamente. Além da cozinha, ele encontrou uma pequena alcova de pedra, iluminada por um par de lampiões simples, arrumada com uma pequena mesa. Era uma das salas de jantar individuais do palácio, semelhantes a uma cabine.

Trevo estava sentado em um canto da cabine, a perna manca esticada sobre um banco. Fez uma cara feia para Brisa.

— Você está atrasado.

— Você está adiantado — Brisa falou, deslizando para o banco diante de Trevo.

— Dá no mesmo — Trevo grunhiu.

Havia um segundo copo na mesa junto com uma garrafa de vinho. Brisa desabotoou o colete, suspirou baixinho e serviu-se um copo enquanto se recostava com as pernas sobre o banco.

Trevo bebericou seu vinho.

— Você está com sua nuvem? — Brisa perguntou.

— Ao redor de você? — Trevo disse. — Sempre.

Brisa sorriu, tomando um gole, e relaxou. Embora ele raramente tivesse oportunidade de usar seus poderes, Trevo era um Esfumaçador. Quando queimava cobre, as capacidades de qualquer alomântico ficavam invisíveis para aqueles que queimavam bronze. Mas, o mais importante – ao menos para Brisa –, queimar cobre deixava Trevo imune a qualquer forma de Alomancia emocional.

— Não vejo por que isso deixa você tão feliz — Trevo disse. — Pensei que gostasse de brincar com emoções.

— Eu gosto — Brisa confessou.

— Então, por que vem beber comigo toda noite? — Trevo questionou.

— Se importa com a companhia?

Trevo não respondeu. Era bem o jeito de dizer que não se importava. Brisa encarou o general resmungão. A maior parte dos outros membros da gangue ficava longe de Trevo; Kelsier o trouxera no último momento, já que o Nuvem de Cobre que em geral usavam morrera.

— Sabe como é isso, Trevo? — Brisa perguntou. — Ser um Abrandador?

— Não.

— Isso dá um controle notável. É um sentimento maravilhoso ser capaz de influenciar as pessoas ao seu redor, sempre sentindo como se tivesse uma compreensão sobre como as pessoas vão reagir.

— Parece prazeroso — Trevo disse, indiferente.

— E, ainda assim, mexe com você. Passo a maior parte do tempo observando as pessoas, ajustando, cutucando, *abrandando*. Isso me mudou. Eu não… olho para as pessoas da mesma forma. É difícil ser amigo das pessoas quando você as vê como algo a ser influenciado e alterado.

Trevo grunhiu.

— Então é por isso que nunca vemos você com mulheres.

Brisa assentiu.

— Não consigo mais evitar. Sempre toco as emoções de todos ao meu redor. E, assim, quando uma mulher se apaixona por mim… — Ele gostava de pensar que não era invasivo. Ainda assim, como poderia confiar em alguém que dizia amá-lo? Era a ele ou à sua Alomancia que elas reagiam?

Trevo encheu seu copo.

— Você é muito mais imbecil do que parece.

Brisa sorriu. Trevo era uma das poucas pessoas totalmente imunes ao seu toque. A Alomancia emocional não funcionava nele, e ele sempre era muito acessível com suas emoções: tudo o deixava irritado. Manipulá-lo usando meios não alomânticos se provara ser uma infrutífera perda de tempo.

Brisa observou seu vinho.

— O engraçado é que você quase não entrou na gangue por minha causa.

— Malditos Abrandadores — Trevo murmurou.

— Mas você é imune a nós.

— À sua Alomancia, talvez — Trevo disse. — Mas essa não é a única forma

que vocês funcionam. Sempre é necessário estar de olho em vocês, Abrandadores.

— Então, por que permite que eu me junte a você toda noite para tomar vinho?

Trevo ficou em silêncio por um momento, e Brisa quase pensou que ele não responderia. Por fim, Trevo murmurou: — Você não é tão mal quanto a maioria.

Brisa deu um gole no vinho.

— Esse foi o elogio mais honesto que acredito já ter recebido.

— Não deixe que ele o arruíne — Trevo comentou.

— Ah, eu acho que é tarde demais para me arruinar — Brisa falou, enchendo seu copo. — Essa gangue… o plano de Kell… já fez o serviço completo.

Trevo concordou com a cabeça.

— O que aconteceu conosco, Trevo? — Brisa perguntou. — Eu me juntei a Kell pelo desafio. Nunca soube por que você veio.

— Por dinheiro.

Brisa meneou a cabeça.

— O plano dele fracassou, o exército foi destruído e nós ficamos. Então, ele morreu, e nós *ainda* ficamos. Este maldito reino de Elend está condenado, você sabe.

— Não vamos durar mais um mês — Trevo comentou. Não era puro pessimismo; Brisa conhecia bem demais as pessoas para dizer quando estavam falando sério.

— E, ainda assim, aqui estamos — Brisa disse. — Passei o dia todo fazendo os skaa se sentirem melhor, apesar de suas famílias terem sido massacradas. Você passou o dia todo treinando soldados que, com ou sem sua ajuda, mal irão durar algumas batidas de coração contra um inimigo determinado. Seguimos um rei garoto que não parece ter a mínima ideia de como sua situação é ruim. Por quê?

Trevo sacudiu a cabeça.

— Kelsier. Nos deu uma cidade, nos fez pensar que éramos responsáveis por protegê-la.

— Mas não somos esse tipo de gente — Brisa falou. — Somos ladrões e fraudadores. Não deveríamos nos importar. Digo… eu cheguei a tal ponto que estou abrandando as moças da copa para que elas fiquem mais felizes no trabalho! Poderia também começar a vestir rosa e carregar flores por aí. Talvez eu pudesse fazer um belo pé de meia em casamentos.

Trevo bufou. Em seguida, ele ergueu o copo.

— Ao Sobrevivente — ele falou. — Maldito seja por nos conhecer melhor do que nós mesmos.

Brisa ergueu seu copo.

— Maldito seja — ele concordou em voz baixa.

Os dois ficaram em silêncio. Falar com Trevo tendia a virar uma… bem, uma não conversa. No entanto, Brisa sentia um contentamento simples. *Abrandar* era maravilhoso; fez dele quem era. Mas também era trabalho. Mesmo os pássaros não podiam voar o tempo todo.

— *Aí* está você.

Brisa arregalou os olho. Allrianne estava em pé, na entrada da alcova, bem na ponta da mesa. Vestia azul claro; onde conseguira tantos vestidos? Sua maquiagem, claro, era impecável – e havia um laço no cabelo. Aqueles longos cabelos loiros – comuns no Ocidente, mas quase impossíveis no Domínio Central – e aquela figura atrevida, sedutora.

O desejo imediatamente brotou dentro dele. *Não!*, Brisa pensou. *Ela tem metade da sua idade. Você é um velho sujo. Sujo!*

— Allrianne — ele disse, desconfortável —, você não deveria estar na cama ou algo assim?

Ela revirou os olhos, tirando as pernas dele do caminho para que pudesse sentar no banco ao seu lado. Ele sabia que precisava ser mais forte, não devia deixar a garota chegar perto dele, mas não fez nada quando ela deslizou até ele e tomou um gole do seu copo.

Ele suspirou, passando o braço sobre os ombros dela. Trevo apenas sacudiu a cabeça, um vislumbre de sorriso nos lábios.

— Bem — Vin falou, baixinho —, isso responde a uma pergunta.

— Senhora? — OreSeur disse, sentando-se diante dela na mesa do quarto escuro. Com seus ouvidos alomânticos, ela conseguia ouvir exatamente o que estava acontecendo na alcova ao lado dela.

— Allrianne é alomântica — Vin falou.

— Sério?

Vin assentiu.

— Ela está *tumultuando* as emoções de Brisa desde que chegou, deixando-o mais atraído por ela.

— Era de se imaginar que ele perceberia — OreSeur disse.

— Você acha? — Vin falou. Ela provavelmente não deveria se divertir tanto

com isso. A garota poderia ser uma Nascida das Brumas, embora a ideia daquela coisa bufante voando nas brumas parecesse ridícula.

Que é provavelmente o que ela quer que eu pense, Vin considerou. *Preciso me lembrar de Kliss e Shan – nenhum deles se revelou a pessoa que pensei que eram.*

— Brisa provavelmente não pensa que suas emoções são estranhas — Vin falou. — Ele já deve estar atraído por ela.

OreSeur fechou a boca e inclinou a cabeça – sua versão canina do franzir de cenho.

— Eu sei — Vin concordou. — Mas ao menos sabemos que ele não está usando a Alomancia para seduzi-la. De qualquer forma, isso é irrelevante. Trevo também não é o kandra.

— Como pode ter certeza, senhora?

Vin fez uma pausa. Trevo sempre avivava seu cobre quando estava perto de Brisa; era uma das poucas vezes que usava o metal. No entanto, era difícil dizer se alguém estava queimando cobre. No fim das contas, quando queimavam seu metal, escondiam-se por padrão.

Mas Vin podia perfurar nuvens de cobre. Conseguia sentir o *tumultuar* de Allrianne; conseguia até mesmo sentir um leve pulsar vindo do próprio Trevo, o pulso alomântico próprio do cobre, algo que Vin suspeitava que poucas pessoas além dela e do Senhor Soberano tinham ouvido falar.

— Simplesmente sei — Vin falou.

— Se a senhora diz. Mas… a senhora já não havia concluído que Demoux era o espião?

— Queria verificar Trevo de qualquer forma — ela falou. — Antes de tomar qualquer medida drástica.

— Drástica?

Vin ficou em silêncio por um momento. Não tinha muitas provas, mas tinha seus instintos – e aqueles instintos lhe diziam que Demoux era o espião. Aquele jeito de se esgueirar quando saíra na outra noite… a lógica óbvia de escolhê-lo… tudo se encaixava.

Ela se levantou. As coisas estavam ficando perigosas demais, delicadas demais. Não podia mais ignorá-lo.

— Venha — ela disse, saindo da cabine. — É hora de colocar Demoux na prisão.

— O que quer dizer com o *perdeu*? — Vin perguntou, em pé diante da porta

do quarto de Demoux.

O serviçal enrubesceu.

— Milady, desculpe. Eu o vigiei, como a senhora me pediu, mas ele saiu em patrulha. Eu deveria tê-lo seguido? Digo, não acha que teria parecido suspeito?

Vin soltou imprecações em voz baixa, para si mesma. Porém, sabia que não tinha muito direito de ficar brava. *Devia ter falado com Ham imediatamente*, ela pensou, frustrada.

— Milady, ele saiu há poucos minutos — o serviçal disse.

Vin olhou para OreSeur, em seguida partiu pelo corredor. Assim que chegaram a uma janela, Vin saltou para dentro da escuridão, OreSeur seguindo-a, caindo a uma curta distância no pátio.

Da última vez, eu o vi voltar pelos portões para o terreno do palácio, ela pensou, correndo através das brumas. Encontrou um par de soldados lá, em guarda.

— O capitão Demoux passou por aqui? — ela questionou, entrando na área iluminada pelas tochas.

Eles se empertigaram, primeiro chocados, em seguida confusos.

— Lady Herdeira? — um deles disse. — Sim, ele acabou de sair em patrulha, um minuto ou dois atrás.

— Sozinho?

Eles assentiram.

— Não é um pouco estranho?

Eles deram de ombros.

— Às vezes, ele vai sozinho — um deles disse. — Não questionamos. Afinal, é nosso superior.

— Para onde foi? — Vin perguntou.

Um apontou, e Vin partiu, OreSeur ao seu lado. *Eu devia tê-lo vigiado melhor. Devia ter contratado espiões de verdade para manter os olhos nele. Devia ter…*

Ela ficou paralisada. Logo à frente, caminhando nas brumas por uma rua quieta, havia uma figura andando pela cidade. Demoux.

Vin deixou cair uma moeda e lançou-se no ar, passando bem longe de sua cabeça e aterrissando no topo de um prédio. Ele continuou, distraído. Demoux ou kandra, nenhum dos dois tinha poderes alomânticos.

Vin fez uma pausa, adagas a postos, pronta para saltar. Mas… ela ainda não tinha nenhuma prova real. A parte dela que Kelsier havia transformado, a parte que começou a confiar, pensou no Demoux que ela conhecia.

Eu acredito mesmo que ele seja o kandra?, ela pensou. *Ou apenas* quero *que ele seja o kandra para que não precise mais suspeitar dos meus amigos de verdade?*

Ele continuou a caminhar lá embaixo, seus ouvidos aguçados pelo estanho facilmente seguindo os passos do homem. Atrás dela, OreSeur subiu no topo do telhado, caminhou até ela e sentou-se.

Não posso simplesmente atacar, ela pensou. *Preciso ao menos observar, ver para onde está indo. Obter provas*. Talvez aprender alguma coisa no processo.

Ela acenou para OreSeur, e eles caminharam em silêncio pelos telhados, seguindo Demoux. Logo, Vin percebeu algo estranho – um brilho de fogo iluminando as brumas algumas ruas adiante, lançando sombras assustadoras dos prédios. Vin olhou para Demoux, seguindo-o com os olhos enquanto ele perambulava até um beco, movendo-se na direção da iluminação.

O quê…?

Vin jogou-se do telhado. Levou apenas três saltos para chegar à fonte da luz. Uma fogueira modesta crepitava no centro de uma pequena praça. Skaa amontoavam-se ao redor dela para se aquecer, parecendo um pouco assustados nas brumas. Vin estava surpresa em vê-los. Não via skaa saírem nas brumas desde a noite do Colapso.

Demoux aproximou-se de uma rua lateral, cumprimentando os outros. À luz da fogueira ela conseguiu confirmar que era ele – ou, ao menos, um kandra com seu rosto.

Havia, talvez, duzentas pessoas na praça. Demoux moveu-se como se fosse sentar nos paralelepípedos, mas alguém rapidamente aproximou-se com uma cadeira. Uma jovem trouxe para ele uma caneca com algo fumegando, que ele recebeu, agradecendo.

Vin saltou para um telhado, ficando abaixada para impedir que a luz do fogo a revelasse. Mais skaa chegaram, a maioria em grupos, mas alguns indivíduos corajosos vinham sozinhos.

Um som veio de trás dela, e Vin virou-se quando OreSeur – aparentemente mal tendo saltado – se esfalfou para galgar os poucos metros na ponta do telhado. Olhou para a rua lá embaixo, sacudiu a cabeça e, em seguida, juntou-se a ela. Ela levou um dedo aos lábios, acenando com a cabeça para o grupo crescente de pessoas. OreSeur inclinou a cabeça para a visão, mas não disse nada.

Por fim, Demoux levantou-se, segurando a caneca ainda fumegante nas mãos. As pessoas reuniram-se ao redor dele, sentando-se nas pedras frias,

encolhidas embaixo de cobertores ou capas.

— Não devemos temer as brumas, meus amigos — Demoux falou. Não era a voz de um líder forte ou de um comandante autoritário de batalhas; era a voz da juventude fortalecida, um pouco hesitante, mas sem dúvida convincente. — Foi o que o Sobrevivente nos ensinou — ele continuou. — Sei que é muito difícil pensar nas brumas sem lembrar as histórias de espectros das brumas e outros horrores. Mas o Sobrevivente nos deu as brumas. Deveríamos tentar nos lembrar dele com elas.

Senhor Soberano… Vin pensou, chocada. *Ele é um deles, um membro da Igreja do Sobrevivente!* Ela estremeceu, sem saber o que pensar. Ele era ou não o kandra? Por que o kandra encontraria um grupo de pessoas como este? Mas… por que o próprio Demoux faria isso?

— Sei que é difícil — Demoux falou lá embaixo — sem o Sobrevivente. Sei que vocês temem os exércitos. Acreditem em mim, eu sei. Eu também os vejo. Sei que vocês sofrem com este cerco. Eu… não sei se posso dizer a vocês para não se preocuparem. O próprio Sobrevivente conheceu grandes infortúnios, a morte de sua mulher, sua prisão nas Minas de Hathsin. Mas ele sobreviveu. Esse é o ponto, não é? Temos de continuar vivendo, não importa o quanto tudo fique difícil. No final, venceremos. Assim como ele venceu.

Ele se ergueu com a caneca nas mãos, sem parecer os pregadores skaa que Vin conhecia. Kelsier escolhera um homem apaixonado para fundar sua religião – ou, mais precisamente, fundar a revolução da qual a religião tinha vindo. Kelsier precisava de líderes que pudessem inflamar fiéis, incitá-los a um levante destrutivo.

Demoux era um pouco diferente. Não gritava, mas falava com calma. Ainda assim, as pessoas prestavam atenção. Sentavam-se nas pedras ao redor dele, encarando-o com olhos esperançosos, até mesmo adoradores.

— E a Lady Herdeira — um deles sussurrou. — O que diz sobre ela?

— Lady Vin carrega uma grande responsabilidade — Demoux falou. — É possível ver o peso curvando-a, e como ela fica frustrada com os problemas da cidade. É uma mulher direta e não acho que ela goste da politicagem da Assembleia.

— Mas ela vai nos proteger, certo? — alguém perguntou.

— Sim — Demoux falou. — Sim, acredito que protegerá. Às vezes, acho que ela é até mais poderosa que o Sobrevivente. Sabem que ele teve apenas dois anos de prática como Nascido das Brumas? Ela mesma não teve tanto tempo assim.

Vin afastou-se. *De novo,* ela pensou. *Eles parecem racionais até falarem sobre mim, e então…*

— Ela nos trará a paz algum dia — Demoux falou. — A herdeira trará de volta o sol, impedirá que as cinzas caiam. Mas precisamos sobreviver até lá. E precisamos lutar. O trabalho inteiro do Sobrevivente foi o de exterminar o Senhor Soberano e nos libertar. Que gratidão mostraríamos se corrêssemos agora, quando os exércitos chegaram?

— Vão e digam aos seus membros da Assembleia que não querem Lorde Cett, ou mesmo Lorde Penrod, como seu rei. A votação acontecerá em um dia, e *precisamos* garantir que o homem certo seja rei. O Sobrevivente escolheu Elend Venture, e é ele quem devemos seguir.

Essa é nova, Vin pensou.

— Lorde Elend é fraco — alguém do povo disse. — Ele não nos defenderá.

— Lady Vin o ama — Demoux falou. — Ela não amaria um fraco. Penrod e Cett tratarão vocês como os skaa *eram tratados* antes, e é por isso que vocês pensam que eles são fortes. Mas isso não é força, é opressão. Precisamos ser melhores que isso! Precisamos confiar no julgamento do Sobrevivente!

Vin relaxou contra a mureta do telhado, a tensão aliviando-se um pouco. Se Demoux era mesmo espião, não estava dando qualquer prova naquela noite. Portanto, ela guardou as adagas e descansou os braços cruzados sobre a beirada do telhado. A fogueira estalava na noite fria de inverno, mandando vagas de fumaça para se misturarem às brumas, e Demoux continuou a falar em sua voz baixa, tranquilizadora, ensinando as pessoas sobre Kelsier.

Não é nem uma religião de verdade, Vin pensou enquanto ouvia. *A teologia é tão simples, nada parecida com as crenças complexas das quais Sazed fala.*

Demoux ensinava conceitos básicos. Ele apresentava Kelsier como modelo, falando sobre sobrevivência e resistência a dificuldades. Vin podia ver por que as palavras diretas agradavam os skaa. As pessoas só tinham de fato duas escolhas: continuar lutando ou desistir. Os ensinamentos de Demoux lhes davam uma desculpa para continuar vivendo.

Os skaa não precisavam de rituais, orações ou códigos. Não ainda. Eram inexperientes demais com religiões em geral, temiam-nas demais para querer algo assim. Mas, quanto mais ouvia, mais Vin entendia a Igreja do Sobrevivente. Era o que eles precisavam, pois pegava o que os skaa já conheciam – uma vida cheia de dificuldade – e içava a um plano mais elevado, mais otimista.

E os ensinamentos ainda estavam evoluindo. A deificação de Kelsier ela já

esperava; mesmo a reverência a ela era compreensível. Mas onde Demoux encontrou as promessas que Vin pararia as cinzas e traria de volta o sol? Como ele sabia pregar sobre grama verde e céus azuis, descrevendo o mundo como era conhecido apenas nos textos mais obscuros do mundo?

Ele descreveu um mundo estranho de cores e beleza – um lugar alheio e difícil de conceber, mas de alguma forma maravilhoso. Flores e plantas verdes eram estranhas, coisas desconhecidas a essas pessoas; mesmo Vin tinha problema em imaginá-las, e ela ouvira as descrições de Sazed.

Demoux estava dando um paraíso aos skaa. Devia ser algo totalmente distante da experiência normal, pois o mundo comum não era um lugar de esperança. Não com um inverno se aproximando sem alimentos, não com exércitos ameaçadores e o governo em meio ao caos.

Vin recuou quando Demoux finalmente terminou o encontro. Ela ficou deitada por um momento, tentando decidir como se sentia. Estava quase certa sobre Demoux, mas agora suas suspeitas pareciam infundadas. Ele saía à noite, verdade, mas agora ela viu o que ele estava fazendo. Além disso, ele agia de forma tão suspeita quando se esgueirava. Para ela parecia, quando refletiu, que um kandra saberia como fazer as coisas de uma maneira muito mais natural.

Não é ele, ela pensou. *Ou, se for, não será tão fácil desmascará-lo como pensei*. Franziu a testa, frustrada. Finalmente suspirou, levantou-se e foi para o outro lado do telhado. OreSeur a seguiu, e Vin olhou para ele.

— Quando Kelsier lhe disse para tomar seu corpo — ela disse —, o que ele queria que você pregasse para essas pessoas?

— Senhora? — OreSeur perguntou.

— Ele fez você aparecer, como se você fosse ele de volta do túmulo.

— Sim.

— Bem, o que ele ordenou que você dissesse?

OreSeur encolheu os ombros.

— Coisas muito simples, senhora. Disse a eles que o momento da rebelião havia chegado. Disse a eles que eu, Kelsier, tinha voltado para lhes dar esperança para a vitória.

Represento o que você nunca foi capaz de matar, não importa o quanto tente. Essas foram as últimas palavras de Kelsier, faladas frente a frente com o Senhor Soberano. *Eu sou a esperança.*

Eu sou a esperança.

Era de surpreender que esse conceito se tornasse fundamental para a igreja que brotou ao redor dele?

— Ele quis que você ensinasse coisas como as que acabamos de ouvir Demoux dizer? — Vin perguntou. — Sobre as cinzas não mais caírem e o sol ficar amarelo?

— Não, senhora.

— Foi o que pensei — Vin falou quando ouviu o farfalhar sobre as pedras lá embaixo. Olhou pela lateral do prédio e viu Demoux voltando ao palácio.

Vin desceu para o beco atrás dele. Para crédito do homem, ele a ouviu e girou com o bastão de duelo na mão.

— Paz, capitão — ela disse, erguendo-se.

— Lady Vin? — ele perguntou, surpreso.

Ela assentiu, aproximando-se de forma que ele pudesse vê-la melhor à noite. A luz esmaecida ainda iluminava o ar atrás deles, os rodopios de brumas brincando com as sombras.

— Não sabia que você era membro da Igreja do Sobrevivente — ela disse suavemente.

Ele baixou os olhos. Embora fosse facilmente dois palmos mais alto, parecia diminuir um pouco diante dela.

— Eu… sei que isso deixa a senhora desconfortável. Desculpe.

— Tudo bem — ela disse. — Você faz bem para as pessoas. Elend vai gostar de saber de sua lealdade.

Demoux ergueu os olhos.

— A senhora contará para ele?

— Ele precisa saber no que as pessoas acreditam, capitão. Por que o senhor iria querer manter segredo?

Demoux suspirou.

— Eu só… eu não quero que o grupo pense que estou aqui fora estimulando o povo. Ham acha que pregar sobre o Sobrevivente é estúpido, e Lorde Brisa diz que o único motivo para encorajar a igreja é tornar as pessoas mais dóceis.

Vin encarou-o na escuridão.

— Você acredita mesmo, não é?

— Sim, milady.

— Mas você conheceu Kelsier — ela falou. — Estava conosco desde quase o início. Sabe que ele não é nenhum deus.

Demoux levantou a cabeça, os olhos um pouco desafiadores.

— Ele morreu para derrubar o Senhor Soberano.

— Isso não faz dele um ser divino.

— Ele nos ensinou como sobreviver, ter esperança.

— Você sobrevivia antes — Vin falou. — As pessoas tinham esperança antes de Kelsier ser jogado naquelas minas.

— Não como fazemos agora — Demoux disse. — Além disso… ele tinha poder, milady. Eu sentia isso.

Vin fez uma pausa. Ela sabia da história; Kelsier usou Demoux como exemplo para o restante do exército em uma luta com um descrente, direcionando seus golpes com Alomancia, fazendo Demoux parecer ter poderes sobrenaturais.

— Ah, eu sei sobre a Alomancia agora — Demoux disse. — Mas… eu o senti *empurrar* minha espada naquele dia. Senti como me usou, fazendo de mim mais do que eu era. Acho que posso senti-lo ainda, às vezes. Fortalecendo meu braço, guiando minha lâmina…

Vin franziu a testa.

— Lembra-se da primeira vez que nos encontramos?

Demoux assentiu.

— Sim. A senhora veio até as cavernas onde estávamos escondidos no dia em que o exército foi destruído. Eu estava de guarda. A senhora sabe, milady, mesmo naquela época, eu sabia que Kelsier viria por nós. Sabia que ele viria e escolheria aqueles de nós que tinham sido fiéis e nos guiaria de volta para Luthadel.

Ele foi para aquelas cavernas porque eu o forcei. Ele queria se matar combatendo um exército sozinho.

— A destruição do exército foi um teste — Demoux disse, olhando para as brumas. — Aqueles exércitos… o cerco… são apenas testes. Para ver se sobreviveremos ou não.

— E as cinzas? — Vin perguntou. — Onde ouviu que elas parariam de cair?

Demoux voltou-se para ela.

— O Sobrevivente ensinou isso, não?

Vin sacudiu a cabeça.

— Muitas pessoas estão dizendo isso — Demoux disse. — Deve ser verdade. Encaixa-se com tudo mais: o sol amarelo, o céu azul, as plantas…

— Sim, mas onde você ouviu essas coisas?

— Não tenho certeza, milady.

Onde você ouviu que eu seria aquela que traria essas coisas?, ela pensou, mas de alguma forma não conseguiu dar voz à questão. Mesmo assim, sabia a resposta: Demoux não saberia. Os rumores estavam se propagando. Seria mesmo difícil rastreá-los até chegar à sua fonte.

— Volte ao palácio — Vin falou. — Preciso contar a Elend o que vi, mas pedirei a ele que não diga ao restante do grupo.

— Obrigado, milady — Demoux disse, curvando-se. Virou-se e saiu às pressas. Um segundo depois, Vin ouviu um baque atrás de si: OreSeur, saltando para a rua.

Ela se virou.

— Eu tinha certeza que era ele.

— Senhora?

— O kandra — Vin falou, virando-se na direção do Demoux, que desaparecia. — Pensei que o havia descoberto.

— E?

Ela sacudiu a cabeça.

— É como Dockson, acho que Demoux sabe demais para ser falso. Ele parece… real para mim.

— Meus irmãos…

— São muito habilidosos — Vin disse com um suspiro. — Sim, eu sei. Mas não vamos prendê-lo. Não nesta noite pelo menos. Ficaremos de olho nele, mas eu não acho mais que seja ele.

OreSeur assentiu com a cabeça.

— Venha — ela disse. — Quero ver Elend.

E, assim, eu chego ao foco do meu argumento. Peço desculpas. Mesmo forçando minhas palavras no aço, sentado e talhando nesta caverna congelante, tendo a divagar.

37

Sazed olhou pelas folhas da janela, notando os raios de luz hesitantes que começavam a brilhar através das fendas. *Já é manhã?,* ele se perguntou. *Estudamos a noite toda?* Mal parecia possível. Não acionara a vivacidade, ainda assim se sentia mais alerta – mais vivo – do que há muitos dias.

Tindwyl estava sentada na cadeira ao lado dele. A escrivaninha de Sazed estava cheia de papéis avulsos, dois conjuntos de tinta e pena esperando para serem usados. Não havia livros: Guardadores não precisavam deles.

— Ah! — Tindwyl disse, pegando uma pena e começando a escrever. Também não parecia cansada, mas provavelmente havia usado sua mente de bronze, acionando a vivacidade armazenada nela.

Sazed observou-a escrever. Quase parecia jovem de novo; ele não via tanto entusiasmo nela desde que fora abandonada pelos Procriadores, dez anos antes. Naquele dia, com sua grande obra terminada, ela finalmente se juntou aos colegas Guardadores. Sazed foi quem a presenteou com o conhecimento coletado que fora descoberto durante seus trinta anos de gravidezes e partos enclausurados.

Levou bastante tempo para ela alcançar um lugar no Sínodo. Na época, entretanto, Sazed havia sido expulso de suas fileiras.

Tindwyl terminou de escrever.

— A passagem é da biografia do Rei Wednegon — ela disse. — Foi um dos últimos líderes que resistiu ao Senhor Soberano em um tipo de combate significativo.

— Sei quem ele foi — Sazed disse, sorrindo.

Ela silenciou por um instante.

— Claro.

Obviamente não estava acostumada a estudar com alguém que tinha acesso a

tantas informações quanto ela. Empurrou a passagem escrita para Sazed; mesmo com seus índices e notas mentais, seria mais rápido para ela anotar a passagem do que seria para ele tentar encontrá-la dentro de suas próprias mentes de cobre.

Passei muito tempo com o rei durante suas semanas finais, lia-se no texto.

Ele parecia frustrado, como se poderia imaginar. Seus soldados não conseguiam resistir aos koloss do Conquistador, e seus homens foram repelidos repetidamente desde FellSpire. No entanto, o rei não culpou seus soldados. Pensava que seus problemas vinham de outra fonte: a comida.

Mencionou essa ideia várias vezes durante aqueles últimos dias. Achava que, se tivesse mais comida, poderia ter resistido. Nisso, Wednegon culpava as Profundezas. Pois, embora as Profundezas tivessem sido derrotadas – ou ao menos enfraquecidas –, seu toque havia exaurido os estoques de comida de Darrelnai.

Seu povo não poderia plantar e resistir aos exércitos demoníacos do Conquistador ao mesmo tempo. No final, foi por isso que caíram.

Sazed assentiu com a cabeça, lentamente.

— Quanto desse texto nós temos?

— Não muito — Tindwyl respondeu. — Seis ou sete páginas. Esta é a única seção que menciona as Profundezas.

Sazed ficou em silêncio por um momento, relendo a passagem. Por fim, ergueu os olhos para Tindwyl.

— Acha que Lady Vin está certa, não acha? Acha que as Profundezas eram as brumas.

Tindwyl assentiu.

— Sim, concordo — Sazed falou. — Pelo menos, o que hoje chamamos de "as Profundezas" foi algum tipo de mudança na bruma.

— E seus argumentos de antes?

— Provaram-se errôneos — Sazed respondeu, deitando o papel na mesa. — Por suas palavras e meus próprios estudos. Não queria que isso fosse verdade, Tindwyl.

Tindwyl ergueu uma sobrancelha.

— Você desafiou o Sínodo de novo para procurar algo em que nem mesmo queria acreditar?

Ele fitou os olhos dela.

— Há uma diferença entre temer algo e desejá-lo. O retorno das Profundezas poderia nos destruir. Não queria essa informação, mas também não podia perder a oportunidade de descobri-la.

Tindwyl desviou o olhar.

— Não acredito que vá nos destruir, Sazed. Você fez uma descoberta grandiosa, isso eu admito. Os escritos do tal Kwaan nos dizem muito. De fato, se as Profundezas eram as brumas, então nossa compreensão da Ascensão do Senhor Soberano foi aumentada enormemente.

— E se as brumas estiverem ficando mais fortes? — Sazed perguntou. — Se, ao assassinar o Senhor Soberano, também destruímos a força que mantinha as brumas aprisionadas?

— Não temos prova de que as brumas estão vindo durante o dia — Tindwyl falou. — E, sobre a possibilidade de elas matarem pessoas, temos apenas suas teorias vacilantes.

Sazed virou o rosto. Sobre a mesa, seus dedos manchavam as palavras escritas apressadamente por Tindwyl.

— Isso é verdade — ele disse.

Tindwyl suspirou com suavidade no aposento mal-iluminado.

— Por que você nunca se defende, Sazed?

— Que defesa pode existir aí?

— Deve haver alguma. Você se desculpa e pede perdão, mas sua culpa aparente parece nunca mudar seu comportamento! Você nunca pensa que, se fosse mais franco, talvez estivesse liderando o Sínodo? Eles o expulsaram porque você se recusou a oferecer argumentos a seu favor. Você é o rebelde mais contrito que conheço.

Sazed não respondeu. Olhou para o lado, vendo os olhos preocupados de Tindwyl. Olhos belos. *Pensamentos tolos*, ele disse a si mesmo, desviando o olhar. *Sempre soube disso. Algumas coisas foram destinadas a outros, mas nunca a você.*

— Você estava certo sobre o Senhor Soberano, Sazed — Tindwyl disse. — Talvez os outros o tivessem seguido se você fosse apenas um pouco mais… insistente.

Sazed balançou a cabeça.

— Não sou um dos homens de suas biografias, Tindwyl. Nem mesmo sou um homem de verdade.

— Você é um homem melhor que eles, Sazed — Tindwyl disse em voz baixa. — A parte frustrante é que nunca fui capaz de entender por quê.

Eles ficaram em silêncio. Sazed levantou-se e caminhou até a janela, abrindo as folhas, deixando a luz entrar. Em seguida, apagou o lampião do quarto.

— Partirei hoje — Tindwyl falou.

— Partirá? — Sazed perguntou. — Os exércitos podem não deixar você passar.

— Não vou passar por eles, Sazed. Planejo visitá-los. Dei conhecimento ao jovem Lorde Venture, preciso oferecer o mesmo auxílio aos seus oponentes.

— Ah — Sazed disse. — Entendo. Deveria ter imaginado.

— Duvido que vão ouvir como ele ouviu — Tindwyl falou, um vestígio de carinho deslizando na sua voz. — Venture é um bom homem.

— Um bom rei — Sazed disse.

Tindwyl não respondeu. Olhou para a mesa, com suas anotações espalhadas, cada uma extraída de uma ou outra de suas mentes de cobre, escrevinhadas às pressas, então exibidas e relidas.

O que havia sido esta noite, então? Esta noite de estudos, compartilhando pensamentos e descobertas?

Ela ainda era bonita. Cabelos castanho-avermelhados ficando grisalhos, mas ainda longos e retos. Rosto marcado por uma vida inteira de dificuldades que não a dobraram. E os olhos… olhos astutos, com o conhecimento e o amor pela aprendizagem que apenas uma Guardadora podia apresentar.

Eu não deveria refletir sobre essas coisas, Sazed pensou novamente. *Não há motivo para elas. Nunca houve*.

— Você precisa ir, então — ele disse, virando-se.

— De novo se recusando a discutir — ela disse.

— Qual seria o objetivo da discussão? Você é uma pessoa sábia e determinada. Deve ser guiada por sua consciência.

— Às vezes, as pessoas apenas parecem estar determinadas numa direção porque não lhes ofereceram outras opções.

Sazed virou-se para ela. O quarto estava quieto, os únicos sons vinham do pátio lá embaixo. Tindwyl estava sentada, metade dela sob a luz solar, sua túnica brilhante lentamente ficando mais iluminada enquanto as sombras recuavam. Ela parecia insinuar algo que ele não esperava nunca ouvir dela.

— Estou confuso — ele disse, recostando-se devagar. — E a sua obrigação como Guardadora?

— É importante — ela admitiu. — Mas… algumas exceções ocasionais devem ser consideradas. Este texto que você encontrou… bem, talvez merecesse mais estudos antes de eu partir.

Sazed observou-a, tentando ler seus olhos. *O que estou sentindo?*, ele se perguntou. Confusão? Perplexidade?

Medo?

— Não posso ser o que você deseja, Tindwyl — ele disse. — Não sou um homem.

Ela acenou a mão, indiferente.

— Tive mais que o suficiente de "homens" e partos nos últimos anos, Sazed. Já cumpri minha obrigação com o povo de Terris. Eu gostaria de ficar longe deles por um tempo, creio eu. Uma parte de mim se ressente deles pelo que fizeram comigo.

Ele abriu a boca para falar, mas ela ergueu a mão.

— Eu sei, Sazed. Eu assumi essa tarefa e fico feliz pelos meus serviços. Mas… durante os anos que passei sozinha, encontrando os Guardadores apenas ocasionalmente, achei frustrante que todo o planejamento deles parecia direcionado a manter sua situação de povo conquistado. Vi apenas um homem empurrando o Sínodo na direção de medidas ativas. Enquanto eles planejavam maneiras de se manterem escondidos, um homem quis atacar. Enquanto decidiam as melhores maneiras de prejudicar os Procriadores, um homem queria escrever a queda do Império Final. Quando voltei ao meu povo, descobri que esse homem ainda estava lutando. Sozinho. Condenado por fraternizar com ladrões e rebeldes, ele aceitava sua punição em silêncio.

Ela sorriu.

— Esse homem foi em frente para libertar a nós todos.

Ela tomou a mão dele. Sazed sentou-se, surpreso.

— Os homens sobre os quais eu leio, Sazed — Tindwyl falou, baixinho —, não foram homens que ficavam sentados e planejavam as melhores maneiras de se esconder. Eles lutavam, buscavam a vitória. Às vezes, foram impulsivos, e outros homens os chamavam de tolos. Ainda assim, quando os dados eram lançados e os corpos contados, eram esses homens que *mudavam* as coisas.

A luz do sol entrou no quarto totalmente, e ela se sentou, tomando a mão dele entre as dela. Ela parecia… ansiosa. Nunca vira aquela emoção nela? Era forte, a mulher mais forte que conhecia. Aquilo não podia ser apreensão que ele via nos seus olhos.

— Me dê uma desculpa, Sazed — ela sussurrou.

— Eu gostaria… muito mesmo que você ficasse — Sazed disse, uma das mãos nas dela, a outra descansando sobre o tampo da escrivaninha, os dedos tremendo levemente.

Tindwyl ergueu uma sobrancelha.

— Fique — Sazed falou. — Por favor.

Tindwyl sorriu.

— Muito bem… você me persuadiu. Vamos voltar aos estudos, então.

Elend seguiu até o topo da muralha da cidade à luz da manhã, a espada no cinto estalando contra a lateral de pedra a cada passo.

— Quase parece um rei — uma voz observou.

Elend virou-se enquanto Ham subia os últimos degraus até o adarve. O ar era fresco, a geada ainda cristalina permanecia nas sombras da pedra. O inverno estava se aproximando. Talvez tivesse chegado. Ainda assim, Ham não vestia capa, apenas seu colete habitual, calças e sandálias.

Imagino se ele sequer sabe o que é ter frio, Elend pensou. *Peltre. Que talento incrível.*

— Você diz que eu quase pareço um rei — Elend disse, virando-se para continuar a caminhada pelo muro quando Ham juntou-se a ele. — Acho que a roupa de Tindwyl fez maravilhas para a minha imagem.

— Não falei sobre as roupas — Ham falou. — Estava falando sobre a expressão em seu rosto. Quanto tempo está aqui em cima?

— Horas — Elend falou. — Como me encontrou?

— Os soldados — Ham falou. — Estão começando a vê-lo como um comandante, Elend. Eles observam onde você está; ficam um pouco mais empertigados quando você está por perto, limpam as armas se sabem que você vai passar.

— Pensei que você não passasse muito tempo com eles — Elend disse.

— Ah, eu nunca disse isso — Ham falou. — Passo muito tempo com os soldados, apenas não consigo ser ameaçador o bastante para ser seu comandante. Kelsier sempre quis que eu fosse um general… acredito que, lá no fundo, ele pensava que ajudar as pessoas era inferior a liderá-las. Talvez estivesse certo; homens precisam de líderes. Apenas não quero ser um deles.

— Eu quero — Elend disse, surpreso em se ouvir dizendo aquilo.

Ham deu de ombros.

— Acho que isso é ótimo. Afinal, você é o rei.

— Mais ou menos — Elend disse.

— Você ainda está usando a coroa.

Elend assentiu.

— É estranho sair sem ela. Parece estúpido, eu sei… estou usando apenas há

pouco tempo. Mas as pessoas precisam saber que alguém ainda está no comando. Ao menos por alguns dias.

Eles continuaram a caminhar. À distância, Elend conseguia ver uma sombra na terra: o terceiro exército finalmente chegara no rastro dos refugiados que enviara. Seus batedores não sabiam ao certo por que a força dos koloss levara tanto tempo para chegar a Luthadel. A triste história dos aldeões, no entanto, deu algumas pistas.

Os koloss não atacaram Straff ou Cett. Eles aguardaram. Aparentemente, Jastes tinha controle o bastante para mantê-los domados. E, assim, eles se juntaram ao cerco, outra fera aguardando a oportunidade para dar o bote em Luthadel.

Se você não puder ter liberdade e segurança ao mesmo tempo, qual você escolheria…?

— Você parece surpreso por perceber que deseja estar no comando — Ham falou.

— Eu nunca havia expressado esse desejo antes — Elend falou. — Soa tão arrogante quando eu digo de fato. Quero ser rei. Não quero que outro homem tome o meu lugar. Nem Penrod, nem Cett… nem ninguém. O posto é meu. Esta cidade é minha.

— Não sei se "arrogante" é a palavra certa, El — Ham comentou. — Por que você quer ser rei?

— Para proteger este povo — Elend falou. — Para zelar por sua segurança, por seus direitos. Mas também para garantir que os nobres não acabem no lado errado de outra rebelião.

— Isso não é arrogância.

— É, sim, Ham — Elend retrucou. — Mas é uma arrogância compreensível. Não acho que um homem consiga liderar sem ela. De fato, acho que foi o que me faltou em grande parte do meu reinado. Arrogância.

— Autoconfiança.

— Uma palavra mais bonita para o mesmo conceito — Elend disse. — Posso fazer um trabalho melhor pelo povo do que outro homem poderia. Preciso apenas encontrar uma maneira de provar esse fato para eles.

— E vai.

— Você é um otimista, Ham — Elend falou.

— Você também — Ham respondeu.

Elend sorriu.

— É verdade. Mas este trabalho está me mudando.

— Bem, se você quiser manter o trabalho, deveríamos voltar aos estudos. Temos apenas mais um dia.

Elend sacudiu a cabeça.

— Já li tudo que posso, Ham. Não vou tirar vantagem da lei, então não há motivo para procurar brechas, e estudar outros livros para buscar inspiração não está funcionando. Preciso de tempo para pensar. Tempo para caminhar…

Eles continuaram a fazê-lo. Enquanto faziam, Elend percebeu algo à distância. Um grupo de soldados inimigos fazendo algo que ele não conseguia distinguir. Ele acenou para um de seus homens.

— O que é aquilo? — ele perguntou.

O soldado protegeu os olhos do sol para enxergar.

— Parece outra briga entre os homens de Cett e Straff, Vossa Majestade.

Elend ergueu uma sobrancelha.

— Isso acontece com frequência?

O soldado ergueu os ombros.

— Cada vez mais nos últimos tempos. Em geral, as patrulhas de batedores se estranham e entram em conflito. Deixam alguns corpos para trás quando se retiram. Nada grande, Vossa Majestade.

Elend assentiu com a cabeça, dispensando o homem. *Grande o bastante*, ele pensou. *Aqueles exércitos devem estar tão tensos como nós. Os soldados não devem gostar de ficar tanto tempo num cerco, especialmente no inverno.*

Estavam próximos. A chegada dos koloss apenas causaria mais caos. Se ele empurrasse do jeito certo, Straff e Cett seriam levados a uma batalha frontal. *Só preciso de um pouco mais de tempo!*, ele pensou, continuando sua caminhada com Ham ao lado.

Ainda assim, primeiro ele precisava retomar seu trono. Sem essa autoridade, ele não era nada, e nada podia fazer.

O problema era ruminado em sua mente. Enquanto a caminhada continuava, no entanto, algo o distraiu – desta vez, algo dentro das muralhas, em vez de fora delas. Ham estava certo – os soldados *ficavam* um pouco mais direitos quando Elend se aproximava de seus postos. Saudavam-no, e ele meneava com a cabeça para eles, caminhando com a mão no cabo da espada, como Tindwyl havia instruído.

Se eu mantiver meu trono, devo-o a essa mulher, ele pensou. Claro, ela zombaria dele por esse pensamento. Ela diria que ele manteve o trono porque mereceu, porque era o rei. Ao mudar, ele simplesmente usou recursos à mão para sobrepujar suas dificuldades.

Ele não estava seguro se algum dia seria capaz de ver as coisas desse jeito. Mas a última lição dela para ele no dia anterior – ele, de alguma forma, sabia que era a última – ensinou-lhe apenas um novo conceito: que não havia um molde para a majestade. Ele não seria como os reis do passado, da mesma forma que não seria como Kelsier.

Ele seria Elend Venture. Suas raízes estavam fincadas na filosofia, então seria lembrado como erudito. Melhor usar isso em sua vantagem, ou não seria sequer lembrado. Nenhum rei podia admitir suas fraquezas, mas certamente eram sábios ao admitir suas forças.

E quais são as minhas forças?, ele pensou. *Por que eu deveria ser aquele que governa esta cidade e aquelas ao redor?*

Sim, ele era um erudito – e um otimista, conforme Ham observou. Não era um duelista magistral, embora estivesse melhorando. Não era um diplomata excelente, embora suas reuniões com Straff e Cett provassem que ele poderia se garantir.

O que ele era?

Um nobre que amava os skaa. Eles sempre o fascinaram, mesmo antes do Colapso – antes de ele ter conhecido Vin e os outros. Era um de seus enigmas filosóficos preferidos tentar provar que não eram diferentes dos homens de berço nobre. Soava idealista, até mesmo um pouco puritano, quando ele pensava sobre isso – e, se fosse honesto, muito do seu interesse nos skaa antes do Colapso era acadêmico. Eles eram desconhecidos, e assim pareciam exóticos e interessantes.

Ele sorriu. *Imagino o que os trabalhadores de uma fazenda teriam pensado, caso alguém lhes dissesse que eram "exóticos"*.

Mas, então, o Colapso chegou – a rebelião prevista em seus livros e teorias tomando vida. Suas crenças não puderam continuar como meras abstrações acadêmicas. E ele veio a conhecer os skaa – não apenas Vin e o grupo, mas os trabalhadores e serviçais. Ele viu a esperança começando a crescer dentro deles. Viu o despertar do respeito próprio e da autoestima no povo da cidade, e isso o entusiasmou.

Ele não os abandonaria.

É o que sou, Elend pensou, parando enquanto caminhava pela muralha. *Um idealista. Um idealista melodramático que, apesar de seus livros e aprendizado, nunca foi um nobre muito bom.*

— O quê? — Ham perguntou, parando perto dele.

Elend virou-se para o amigo.

— Tive uma ideia — ele falou.

Este é o problema. Embora eu acreditasse em Alendi no início, mais tarde fiquei desconfiado. Parecia que se encaixava com os sinais, verdade. Mas, bem, como posso explicar?

Seria possível que ele se encaixasse bem demais?

38

Como é possível que ele pareça *tão confiante quando eu me sinto tão nervosa?*, Vin pensou, ao lado de Elend, enquanto o Salão da Assembleia começava a se encher. Chegaram cedo; daquela vez, Elend disse que queria parecer no controle ao ser aquele que cumprimentaria cada membro da Assembleia quando chegasse.

Naquele dia aconteceria a votação para rei.

Vin e Elend estavam em pé no palco, acenando com a cabeça para os membros da Assembleia quando eles entravam pela porta lateral do salão. Diante do palco, os bancos já estavam ficando cheios. As primeiras poucas fileiras, como sempre, acomodavam os guardas.

— Você está linda hoje — Elend disse, olhando para Vin.

Ela encolheu os ombros. Estava com seu vestido branco, um traje solto com algumas camadas diáfanas por cima. Como os outros, era desenhado para ter mobilidade e combinava com os novos trajes de Elend – especialmente com o bordado escuro nas mangas. Suas joias se foram, mas tinha algumas presilhas brancas de madeira para os cabelos.

— É estranho — ela comentou — a velocidade com a qual esses vestidos voltaram a ser naturais para mim.

— Fico feliz que tenha feito essa troca — Elend falou. — As calças e a camisa são você… mas isso é você também. A parte de você que me lembra dos bailes, quando mal nos conhecíamos.

Vin sorriu, nostálgica, olhando para ele, e a multidão que crescia ficou um pouco mais distante.

— Você nunca dançou comigo.

— Desculpe — ele disse, segurando seu braço com um toque leve. —

Recentemente não tivemos muito tempo um para o outro, não é?

Vin abanou a cabeça.

— Vou cuidar disso — Elend falou. — Assim que esta confusão estiver terminada, assim que o trono estiver seguro, poderemos voltar um para o outro.

Vin assentiu, em seguida virou-se com tudo quando percebeu um movimento atrás de si. Um membro da Assembleia atravessou o palco.

— Você está nervosa — Elend falou, franzindo levemente o cenho. — Mais que o normal. O que eu perdi?

Vin balançou a cabeça.

— Não sei.

Elend cumprimentou o membro da Assembleia – um dos representantes dos skaa – com um firme aperto de mão. Vin ficou ao lado dele, sua nostalgia evaporando-se como a bruma quando sua mente voltou ao momento. *O que está me incomodando?*

O salão estava cheio – todo mundo queria testemunhar os acontecimentos do dia. Elend foi forçado a colocar guardas nas portas para manter a ordem. Mas não era apenas o número de pessoas que a deixava ansiosa. Era a sensação de que… o acontecimento estava errado. As pessoas estavam se juntando como abutres sobre uma carcaça podre.

— Isto não está certo — Vin falou, segurando o braço de Elend quando o membro da Assembleia se afastou. — Governos não deviam mudar de mãos com base em argumentos expressados de um púlpito.

— Apenas porque não aconteceu desse jeito no passado não significa que *não deveria* acontecer — Elend falou.

Vin balançou a cabeça.

— Algo está muito errado, Elend. Cett surpreenderá você e talvez Penrod também. Homens como eles não se sentam quietos e deixam uma votação decidir seu futuro.

— Eu sei — Elend falou. — Mas não são os únicos que podem oferecer surpresas.

Vin olhou para ele com um olhar questionador.

— Está planejando alguma coisa?

Ele fez uma pausa, em seguida olhou para ela.

— Eu… bem, Ham e eu pensamos em algo na noite passada. Uma manobra. Eu estava tentando encontrar uma maneira de falar com você sobre isso, mas não houve tempo. Precisávamos nos mexer rapidamente.

Vin franziu o cenho, sentindo a apreensão dele. Começou a dizer algo, mas

em seguida parou, examinando os olhos de Elend. Ele parecia um pouco envergonhado.

— O quê? — ela perguntou.

— Bem… isso meio que envolve você e sua reputação. Eu ia pedir sua permissão, mas…

Vin sentiu um leve tremor. Atrás dele, o último membro da Assembleia tomava assento, e Penrod levantou-se para conduzir a reunião. Ele olhou para Elend, limpando a garganta.

Elend xingou baixinho.

— Olhe, não tenho tempo para explicar — ele disse. — Mas não é grande coisa, talvez nem me traga tantos votos. Mas, bem, precisava tentar. E não vai mudar nada. Entre nós, eu digo.

— Quê?

— Lorde Venture? — Penrod falou. — Está pronto para começar a reunião?

O salão ficou em silêncio. Vin e Elend ainda estavam em pé no centro do palco, entre o púlpito e os assentos dos membros da Assembleia. Ela olhou para ele, assolada por uma sensação de temor, confusão e um leve sentimento de traição.

Por que não me disse?, ela pensou. *Como posso estar preparada se não me diz o que está planejando? E… por que você está me olhando desse jeito?*

— Desculpe — Elend falou, movendo-se para se sentar.

Vin permaneceu em pé, sozinha, diante do público. No passado, tanta atenção a teria aterrorizado. Ainda a deixava desconfortável. Ela baixou a cabeça levemente, caminhando na direção dos bancos ao fundo, no seu lugar vago.

Ham não estava lá. Vin franziu a testa, virando-se quando Penrod abriu os trabalhos. *Lá*, ela pensou, encontrando Ham na plateia, sentando calmamente com um grupo de skaa. O grupo obviamente conversava baixinho, mas mesmo com estanho Vin não era capaz de reconhecer as vozes na grande multidão. Brisa estava com alguns dos soldados de Ham no fundo do salão. Não importava se ele sabia sobre o plano de Elend – estavam longe demais para questioná-los.

Irritada, ela arrumou as saias, em seguida sentou-se. Não se sentia tão cega desde…

Desde aquela noite, um ano atrás, ela pensou, *naquele momento pouco antes de eu entender o plano verdadeiro de Kelsier, aquele momento quando pensei que tudo estava desmoronando ao meu redor.*

Talvez aquilo fosse um bom sinal. Teria Elend tramado algum lampejo repentino de brilhantismo político? Não importava realmente que ele não tivesse compartilhado com ela; Vin provavelmente não entenderia mesmo a base jurídica.

Mas… ele sempre compartilhou seus planos comigo antes.

Penrod continuou a cantilena, provavelmente aproveitando seu tempo diante da Assembleia. Cett estava no primeiro banco da plateia, cercado por uns vinte soldados, sentado com cara de satisfação. Bem como ele devia. Pelos relatos que ela ouvira, Cett levaria a votação com facilidade.

Mas o que Elend estava planejando?

Penrod votará em si mesmo, Vin pensou. *Elend também. Restam vinte e dois votos. Os mercadores estão apoiando Cett, e os skaa também. Estão assustados demais com aquele exército para votar em outra pessoa.*

Resta apenas a nobreza. Alguns deles votarão em Penrod – ele é o nobre mais forte da cidade; muitos dos membros da Assembleia são seus aliados políticos de longa data. Mas, ainda que ele consiga metade da nobreza – o que provavelmente não conseguirá –, Cett vencerá. Cett precisa apenas de dois terços da maioria para levar o trono.

Oito mercadores, oito skaa. Dezesseis homens do lado de Cett. Ele venceria. O que Elend poderia fazer?

Penrod finalmente terminou seu discurso de abertura.

— Mas, antes de votarmos — ele disse —, gostaria de oferecer tempo aos candidatos para os discursos finais que desejarem. Lorde Cett, se importaria de ser o primeiro?

Do público, Cett negou com a cabeça.

— Já fiz minhas ofertas e ameaças, Penrod. Todos vocês sabem que precisam votar em mim.

Vin franziu o cenho. Ele parecia tão seguro de si, e ainda assim… Ela observou a multidão, os olhos recaindo sobre Ham. Ele estava falando com o Capitão Demoux. E, sentado ao lado deles, estava um dos homens que a seguiram no mercado. Um sacerdote do Sobrevivente.

Vin virou-se, observando a Assembleia. Os representantes dos skaa pareciam desconfortáveis. Ela olhou para Elend, que estava em pé para tomar a palavra no púlpito. Sua confiança havia voltado, e ele parecia majestoso em seu uniforme branco impecável. Ainda usava a coroa.

Não vai mudar nada, ele disse. *Entre nós…*

Desculpe.

Algo que usasse sua reputação para ganhar votos. Sua reputação era a reputação de Kelsier, e apenas os skaa realmente se importavam com aquilo. E havia uma maneira fácil de ganhar a influência deles…

— Você entrou para a Igreja do Sobrevivente, não foi? — ela sussurrou.

As reações dos membros skaa da Assembleia, a lógica do momento, as palavras de Elend para ela antes, tudo isso de repente fez sentido. Se Elend se unisse à Igreja, os membros skaa da Assembleia talvez temessem votar contra ele. E Elend não precisava de dezesseis votos para ganhar o trono; se a Assembleia empatasse, ele venceria. Com oito skaa e seu próprio voto, os outros nunca seriam capazes de expulsá-lo.

— Muito inteligente — ela sussurrou.

O estratagema talvez não funcionasse. Dependeria de quanta influência a Igreja do Sobrevivente tinha sobre os membros skaa da Assembleia. Ainda assim, mesmo que alguns skaa votassem contra Elend, ainda havia os nobres que provavelmente votariam em Penrod. Se nobres suficientes votassem, Elend ainda empataria a Assembleia e manteria o trono.

Tudo que custaria era sua integridade.

Isso é injusto, Vin disse a si mesma. Se Elend tivesse se juntado à Igreja do Sobrevivente, ele se ateria a quaisquer promessas que fizera. E, se a Igreja do Sobrevivente ganhasse apoio oficial, poderia se tornar tão poderosa em Luthadel quanto o Ministério do Aço fora no passado. E… como aquilo mudaria a maneira que Elend a via?

Não vai mudar nada, ele prometera.

De forma desinteressada, ela o ouviu começar a falar, e suas referência a Kelsier pareciam óbvias para ela agora. Ainda assim, a única coisa que conseguia sentir era um pouco de ansiedade. Era como Zane dissera. Ela era a faca – um tipo diferente de faca, mas ainda uma ferramenta. O meio pelo qual Elend protegia a cidade.

Ela deveria estar furiosa, ou ao menos aborrecida. Por que seus olhos continuavam a mover-se para a multidão? Por que não conseguia se concentrar no que Elend estava dizendo, em como ele a elevava? Por que de repente ela ficou tão inquieta?

Por que aqueles homens estavam se movendo sutilmente para os cantos do salão?

— Então — Elend disse —, pela bênção do próprio Sobrevivente, peço que votem em mim.

Ele esperou em silêncio. Era uma jogada drástica; juntar-se à Igreja do Sobrevivente deixava Elend sob a autoridade espiritual de um grupo externo. Mas Ham e Demoux também pensaram ser uma boa ideia. Elend passara grande parte do dia anterior espalhando o boato aos cidadãos skaa sobre sua decisão.

Parecia um bom movimento. A única coisa que o preocupava era Vin. Olhou para ela, que não parecia gostar do seu lugar na Igreja do Sobrevivente, e ter Elend unindo-se a ela significava que – tecnicamente – ele a aceitava como parte da mitologia. Tentou encontrar o olhar dela e sorrir, mas ela não olhava para ele. Estava olhando para o público.

Elend franziu o cenho. Vin levantou-se.

Um homem do público de repente empurrou para o lado dois soldados na fileira da frente, em seguida saltou, de forma sobrenatural, para aterrissar no palco. O homem puxou um bastão de duelo.

Quê?, Elend pensou, em choque. Felizmente, os meses de treinamento por ordem de Tindwyl haviam lhe despertado instintos que ele não sabia que tinha. Quando o Brutamontes atacou, Elend agachou-se e rolou. Chocou-se contra o assoalho, cambaleando, e virou-se para ver o homem troncudo avançando sobre ele com o bastão de duelo em riste.

Um farfalhar de rendas brancas e saias flutuaram no ar sobre Elend. Vin atingiu o Brutamontes com o pé, lançando-o para trás enquanto ela girava, as saias esvoaçando.

O homem grunhiu. Vin aterrissou com um baque bem na frente de Elend. O Salão da Assembleia ecoou com gritos e berros repentinos.

Vin chutou o púlpito do caminho.

— Fique atrás de mim — ela sussurrou, e uma adaga de obsidiana reluziu em sua mão direita.

Elend assentiu, hesitante, desembainhando a espada na cintura enquanto se erguia. O Brutamontes não estava sozinho; três pequenos grupos de homens armados moviam-se pelo recinto. Um atacou a fileira da frente, distraindo os guardas que estavam ali. Outro grupo estava subindo no palco. O terceiro grupo parecia ocupado com algo em meio à multidão. Os soldados de Cett.

O Brutamontes conseguiu ficar em pé. Não parecia ter sofrido muito com o chute de Vin.

Assassinos, Elend pensou. *Mas quem os enviou?*

O homem sorriu quando um grupo de cinco amigos se juntou a ele. O caos tomou o salão e os membros da Assembleia se espalharam, com seus guarda-

costas correndo ao redor deles. Ainda assim, a luta na frente do palco impedia qualquer um de correr naquela direção. Os membros da Assembleia apinharam-se na saída lateral do palco. Os agressores, no entanto, não pareciam preocupados com ele.

Apenas com Elend.

Vin permaneceu agachada, esperando os homens atacarem, sua postura ameaçadora apesar do vestido cheio de tufos. Elend realmente pensou tê-la ouvido rosnar baixinho.

Os homens atacaram.

Vin avançou, golpeando o Brutamontes líder com uma adaga, mas o braço dele era muito grande e facilmente defendeu-se com um giro de bastão. Havia seis homens no total; três eram obviamente Brutamontes, deixando os outros três parecerem Lançamoedas ou Atraidores. Um componente poderoso de controladores de metais. Alguém não queria que ela terminasse essa luta rapidamente com moedas.

Eles não entendiam que ela nunca usaria moedas nesta situação. Não com Elend tão próximo e com tantas pessoas no salão. Moedas não poderiam ser desviadas em segurança. Se ela atirasse um punhado nos inimigos, pessoas aleatórias morreriam.

Ela precisava matar esses homens rapidamente. Já estavam se espalhando, cercando Elend e Vin. Eles se moviam aos pares – um Brutamontes e um Lançamoedas em cada grupo. Atacariam pelas laterais, tentando passar por ela e atingir Elend.

Vin estendeu o braço para trás queimando ferro, *puxando* a espada de Elend da bainha com um retinido. Pegou-a pelo punho, lançando-a num dos pares. O Lançamoedas *empurrou-a* de volta, e ela, por sua vez, *empurrou* para a lateral, fazendo a espada girar na direção de um segundo par de alomânticos.

Um deles *empurrou-a* de volta para ela de novo. Vin *puxou* de trás, atraindo o porta-espada com adornos de metal das mãos dele e atirando-o no ar pelo fecho. O porta-espada passou a espada no ar. Desta vez, o Lançamoedas *empurrou* as duas peças para fora do caminho, defletindo-os na direção do público em fuga.

Homens gritavam em desespero enquanto pisoteavam e tentavam abrir caminho para fora do salão. Vin cerrou os dentes. Precisava de uma arma melhor.

Ela lançou uma adaga de pedra num par de assassinos, em seguida pulou na

direção de outro, girando por baixo da arma do Brutamontes agressor. O Lançamoedas não tinha qualquer metal nele que ela pudesse sentir; estava apenas lá para impedir que ela matasse o Brutamontes com moedas. Provavelmente achavam que Vin seria fácil de vencer se fosse privada da capacidade de lançar moedas.

O Brutamontes girou o bastão para trás, tentando acertá-la com a ponta. Ela agarrou a arma, sacudindo-a para frente e saltando enquanto *empurrava* os balcões da Assembleia atrás de si. Seus pés atingiram o Brutamontes no peito, e ela chutou forte com o peltre avivado. Quando ele grunhiu, Vin *puxou-se* para trás na direção dos pregos dos bancos com o máximo de força que conseguiu.

O Brutamontes conseguiu ficar em pé. Contudo, parecia totalmente surpreso ao ver Vin afastando-se dele, segurando seu bastão nas mãos.

Ela aterrissou e girou na direção de Elend. Ele havia encontrado uma arma – um bastão de duelo – e teve o bom senso de encostar-se numa das paredes. À direita dela, alguns dos membros da Assembleia estavam amontoados, cercados por seus guardas. O salão estava muito cheio, as saídas eram pequenas demais e muito apinhadas para todos escaparem.

Os membros da Assembleia não fizeram movimento algum para ajudar Elend.

Um dos assassinos gritou, apontando quando Vin *empurrava* os bancos e atirava na direção deles, colocando-se na frente de Elend. Dois Brutamontes ergueram as armas quando Vin girou no ar, *puxando* levemente contra as dobradiças da porta para virar. Seu vestido revoou quando ela aterrissou.

Preciso mesmo agradecer ao modista, ela pensou enquanto erguia o bastão. Ela considerou por um instante se livrar do vestido, mas os Brutamontes foram para cima dela rápido demais. Ela bloqueou os dois golpes de uma vez, em seguida jogou-se entre os homens, queimando peltre, movendo-se mais rápido do que eles.

Um deles xingou, tentando girar seu bastão. Vin quebrou sua perna antes que ele pudesse fazer isso. Ele caiu com um uivo, e Vin saltou atrás dele, forçando-o a cair enquanto golpeava o segundo Brutamontes no ar. Ele bloqueou o golpe, em seguida empurrou sua arma contra ela para tirá-la de cima do companheiro.

Elend atacou, mas os movimentos do rei pareciam lentos demais se comparados aos dos homens avivando peltre. O Brutamontes virou-se quase indiferente, esmagando a arma de Elend com um único golpe.

Vin gritou quando caiu. Ela arremessou o bastão no Brutamontes, forçando-o a se afastar de Elend. Ele mal havia se esquivado quando Vin chegou ao solo,

equilibrando-se e golpeando com uma segunda adaga. Ela avançou antes que o Brutamontes pudesse voltar-se para Elend.

Uma chuva de moedas voou na direção dela. Ela não podia *empurrá-las* de volta, não na direção da multidão. Ela berrou, jogando-se entre as moedas e Elend – em seguida *empurrou* para os lados, dividindo-as o melhor que pôde para que elas espirrassem contra a parede. Mesmo assim, sentiu um estalo de dor no ombro.

De onde ele tirou essas moedas?, ela pensou, frustrada. No entanto, quando olhou para o lado, viu o Lançamoedas em pé ao lado de um membro da Assembleia encolhido, que tinha sido forçado a entregar sua bolsa de moedas.

Vin apertou os dentes. Seu braço ainda funcionava, isso era o que importava. Gritou e lançou-se sobre o Brutamontes mais próximo. Porém, o terceiro Brutamontes recuperou sua arma – aquela que Vin lançara – e agora estava circulando com seu Lançamoedas para tentar chegar por trás de Vin.

Um de cada vez, Vin pensou.

O Brutamontes mais próximo golpeou com sua arma. Ela precisava surpreendê-lo. Então, ela não desviou ou bloqueou. Simplesmente recebeu o golpe na lateral, queimando duralumínio e peltre para resistir. Algo rompeu-se dentro dela quando foi atingida, mas com duralumínio ela estava forte o bastante para ficar em pé. A madeira se despedaçou, e ela continuou avançando, enfiando a adaga no pescoço do Brutamontes.

Ele caiu, revelando um Lançamoedas surpreso atrás dele. O peltre de Vin evaporou com o duralumínio, e a dor apareceu com tudo na sua lateral. Mesmo assim, ela arrancou a adaga quando o Brutamontes caiu, ainda se movendo rápido o bastante para derrubar o Lançamoedas desferindo um golpe em seu peito.

Então ela tombou, arfando em silêncio, amparando suas costelas enquanto os dois homens morriam aos seus pés.

Resta um Brutamontes, ela pensou em desespero. *E dois Lançamoedas.*

Elend precisa de mim. Ao lado, ela viu um dos Lançamoedas disparar um punhado de moedas roubadas na direção de Elend. Ela gritou, *empurrando-as* para longe, e ouviu o praguejar do Lançamoedas.

Ela se virou, contando com as linhas azuis do aço para alertá-la se os Lançamoedas tentassem atirar qualquer coisa em Elend – e puxou seu frasco de reposição da manga que ela havia prendido bem para impedir que fosse *puxado*. No entanto, quando ela abriu a tampa, o frasco foi atraído de sua mão agora desajeitada. O segundo Lançamoedas arreganhou os dentes quando

empurrou o frasco para longe, tombando-o e espalhando seu conteúdo no chão.

Vin rosnou, mas sua mente ficava cada vez mais confusa. Precisava de peltre. Sem ele, o grande ferimento da moeda no seu ombro – seu sangue avermelhando sua manga rendada – e a dor excruciante na lateral seriam demais. Ela quase não conseguia pensar.

Um bastão girou na direção dela. Ela se jogou para o lado, rolando. No entanto, não tinha mais a graça ou a velocidade do peltre. Ela poderia ter se desviado do golpe de um homem normal, mas o ataque de um alomântico era outra história.

Eu não deveria ter queimado duralumínio!, ela pensou. Foi uma aposta que permitiu que ela matasse dois assassinos, mas a havia deixado muito exposta. O bastão desceu na direção dela.

Algo grande atingiu o Brutamontes, lançando-o ao chão numa agitação rosnante de garras. Vin saiu de sua esquiva enquanto o Brutamontes socava OreSeur na cabeça, rachando seu crânio. Ainda assim, o Brutamontes sangrava e xingava, e seu bastão rolara para longe. Vin agarrou-o, cambaleando e apertando os dentes enquanto lançava a outra ponta do bastão no rosto do homem. Ele recebeu o golpe com um praguejo, passando uma rasteira nela.

Ela caiu ao lado de OreSeur. O cão de caça, estranhamente, estava sorrindo. Havia um ferimento em seu ombro.

Não, não era um ferimento. Uma abertura na carne – e um frasco de metal escondido dentro dela. Vin pegou-o, rolou, mantendo-o escondido enquanto o Brutamontes ficava em pé. Ela virou o conteúdo, os flocos de metal, na boca. No chão ao lado dela, pôde ver a sombra do Brutamontes erguendo a arma para uma pancada poderosa.

O peltre avivou-se dentro dela, e suas feridas tornaram-se meros zumbidos irritantes. Ela se lançou para o lado quando o golpe foi desferido, atingindo o assoalho, fazendo voar lascas de madeira. Vin saltou em pé, acertando o punho no braço do oponente surpreso.

Não foi o bastante para quebrar os ossos, mas obviamente havia doído. O Brutamontes – agora sem dois dentes – grunhiu de dor. De esguelha, Vin viu OreSeur em pé, a mandíbula do cão pendurada de forma estranha. Ele assentiu para ela; o Brutamontes pensaria que ele havia morrido com o crânio rachado.

Mais moedas voaram na direção de Elend. Ela as *empurrou* sem nem olhar. Na frente dela, OreSeur atingiu o Brutamontes por trás, fazendo-o girar surpreso no instante em que Vin atacou. O bastão do Brutamontes passou a um dedo de distância da cabeça dela quando despencou nas costas de OreSeur, mas

a mão dela atingiu o rosto do homem. Porém, ela não deu um murro; aquilo não adiantaria muito contra um Brutamontes.

Ela estava com um dedo estendido e sua mira era incrível. O olho do Brutamontes estalou quando ela golpeou com o dedo para dentro da órbita ocular.

Ela saltou para trás enquanto ele gritava, erguendo a mão para o rosto. Ela socou o peito dele, jogando-o ao chão, em seguida saltou sobre a forma caída de OreSeur no chão e apanhou a adaga caída.

O Brutamontes morreu, agarrando o rosto em agonia, a adaga cravada no peito.

Vin girou, procurando Elend desesperadamente. Ele havia tomado as armas de um dos Brutamontes caídos e estava se defendendo dos dois Lançamoedas restantes, que tinham se frustrado, pelo que parecia, quando ela afastara todos os seus ataques com moedas. Em vez disso, sacaram bastões de duelo para atacá-lo diretamente. O treinamento de Elend fora o bastante para mantê-lo vivo, mas apenas porque seus oponentes mantiveram um olho em Vin para garantir que ela não tentaria usar moedas.

Vin chutou para cima o bastão do homem que acabara de matar, agarrando-o. Um Lançamoedas gritou quando ela rosnou e lançou-se na direção deles, girando sua arma. Um deles teve presença de espírito para *empurrar* os bancos e fugir. A arma de Vin ainda o alcançou no ar, jogando-o para o lado. O próximo golpe derrubou seu companheiro, que tentara correr.

Elend ficou parado, ofegante, seus trajes desordenados.

Ele se saiu melhor do que eu pensava, Vin admitiu, curvando-se e tentando avaliar o dano na lateral. Precisaria de uma bandagem para o ombro. A moeda não atingira o osso, mas o sangramento…

— Vin! — Elend gritou.

Algo muito forte de repente agarrou-a por trás. Vin engasgou quando foi lançada para trás e jogada ao solo.

O primeiro Brutamontes. Ela quebrou sua perna, em seguida se esqueceu dele…

Ele estava com as mãos ao redor do pescoço de Vin, apertando-o assim que se ajoelhou sobre ela, as pernas pressionadas contra o peito, o rosto com ódio selvagem. Seus olhos estavam esbugalhados, adrenalina misturada ao peltre.

Vin buscou fôlego. Foi arrastada para anos antes, para as surras dadas pelos homens que partiam para cima dela. Camon, Reen, e uma dúzia de outros.

Não!, ela pensou, avivando peltre e lutando. No entanto, ele a prendera, e era

muito maior que ela. Muito mais forte. Elend golpeou as costas do homem com seu bastão, mas o Brutamontes mal se encolheu.

Vin não conseguia respirar. Sentia a garganta sendo esmagada. Tentou separar as mãos do Brutamontes, mas era como Ham sempre dizia. Seu tamanho pequeno era uma grande vantagem na maioria das situações, mas quando se chegava ao ponto da força bruta, ela não era páreo para um homem corpulento e musculoso. Tentou puxar-se para o lado, mas a pegada do homem era forte demais, seu pouco peso se comparado ao dele.

Ela lutava em vão. Ainda tinha duralumínio – queimá-lo apenas fazia os outros metais desaparecerem, não o próprio duralumínio –, mas da última vez ela quase morrera. Se não derrubasse logo o Brutamontes, ficaria sem peltre novamente.

Elend golpeava, gritando por ajuda, mas sua voz parecia distante. O Brutamontes apertou o rosto quase contra o de Vin, e ela conseguia ver sua fúria. Naquele momento, incrivelmente, um pensamento lhe ocorreu.

Onde eu vi este homem antes?

Sua visão escureceu. Porém, enquanto o Brutamontes apertava as mãos, ele chegava cada vez mais perto, mais perto, mais perto…

Ela não tinha escolha. Vin queimou duralumínio e avivou o peltre. Ela abriu as mãos do oponente para os lados e deu uma cabeçada no rosto dele.

A cabeça do homem explodiu tão facilmente como o globo ocular do outro.

Vin tomou fôlego e empurrou o cadáver sem cabeça de cima dela. Elend cambaleou para trás, seu traje e rosto salpicados de vermelho. Vin ficou em pé, com dificuldade. Sua visão escureceu quando o peltre se dissipou, mas mesmo assim conseguiu ver uma emoção no rosto de Elend, forte como o sangue em seu uniforme branco e brilhante.

Horror.

Não, ela pensou, sua mente empalidecendo. *Por favor, Elend, não é…*

Ela caiu para frente, incapaz de manter a consciência.

Elend estava sentado com seu traje arruinado, mãos contra a testa, a destruição do Salão da Assembleia assustadoramente vazio ao redor dele.

— Ela viverá — Ham falou. — Na verdade, não se feriu muito. Ou… bem, nada de muito grave para Vin. Apenas precisa de bastante peltre e de algum cuidado de Sazed. Ele diz que nem quebrou as costelas, apenas trincou.

Elend assentiu, distraído. Alguns soldados estavam levando os cadáveres embora, entre eles os seis homens que Vin assassinou, inclusive aquele no

final…

Elend apertou os olhos.

— O que foi? — Ham perguntou.

Elend abriu os olhos, fechando o punho para evitar tremer.

— Eu sei que você viu muitas batalhas, Ham — ele falou. — Mas eu não estou acostumado com elas. Não estou acostumado com… — Ele se afastou quando os soldados arrastaram para fora o corpo decapitado.

Ham observou o cadáver ser levado.

— Eu a vi lutando uma vez só antes, sabe — Elend falou em voz baixa. — No palácio, um ano atrás. Ela apenas lançou alguns homens contra as paredes. Nada como isso.

Ham sentou-se ao lado de Elend nos bancos.

— Ela é uma Nascida das Brumas, El. O que esperava? Um único Brutamontes pode facilmente derrubar dez homens, dúzias se tiver um Lançamoedas para ajudá-lo. Uma Nascida das Brumas… bem, eles são como um exército numa pessoa só.

Elend assentiu.

— Eu sei, Ham. Eu sei que ela matou o Senhor Soberano… ela até me contou como enfrentou vários Inquisidores de Aço. Mas… eu nunca tinha visto…

Ele fechou os olhos outra vez. A imagem de Vin tombando na direção dele no final, seu lindo vestido branco de baile coberto com o sangue do homem que ela acabara de matar com a testa…

Ela fez isso para me proteger, ele pensou. *O que não faz com que seja menos perturbador.*

Talvez isso deixe tudo ainda um pouco mais perturbador.

Ele forçou os olhos a se abrir. Não podia se dar ao luxo de se distrair; precisava ser forte. Era o rei.

— Acha que Straff os mandou? — Elend perguntou.

Ham assentiu.

— Quem mais? Os alvos eram você e Cett. Acho que sua ameaça de matar Straff não foi tão conclusiva quanto presumimos.

— Como está Cett?

— Ele mal escapou vivo. Nessas circunstâncias, eles massacraram metade dos soldados dele. Na briga, Demoux e eu não conseguimos nem ver o que estava acontecendo no palco com você e Vin.

Elend assentiu. Quando Ham chegou, Vin já havia cuidado dos assassinos.

Levou apenas poucos minutos para exterminar seis deles.

Ham ficou em silêncio por um momento, Finalmente, ele se virou para Elend.

— Eu admito, El — ele disse num murmúrio. — Estou impressionado. Não vi a luta, mas vi o resultado. Uma coisa é lutar com seis alomânticos, outra é fazê-lo enquanto tenta proteger uma pessoa normal, e manter todos os presentes ilesos. E aquele último homem…

— Você se lembra de quando ela salvou Brisa? — Elend perguntou. — Foi tão distante, mas eu juro que a vi jogando cavalos para o alto com a Alomancia. Já ouviu falar de alguma coisa assim?

Ham sacudiu a cabeça.

Elend sentou-se em silêncio por um instante.

— Acho que precisamos fazer alguns planos. Com os eventos de hoje, não podemos…

Ham ergueu os olhos quando Elend parou de falar.

— O quê?

— Mensageiro — Elend disse, acenando com a cabeça na direção da entrada.

De fato, o homem apresentou-se aos soldados, em seguida foi escoltado até o palco. Elend levantou-se, caminhando para encontrar-se com o baixote, que usava o escudo de Penrod em seu casaco.

— Milorde — o homem disse, curvando-se. — Fui enviado para informá-lo que a votação continuará na mansão de Lorde Penrod.

— A votação? — Ham perguntou. — Que bobagem é essa? Vossa Majestade quase foi assassinada hoje!

— Desculpe, milorde — o mensageiro disse. — Eu vim apenas entregar a mensagem.

Elend suspirou. Ele esperava que, na confusão, Penrod não se lembrasse do prazo.

— Se eles não escolherem um novo líder hoje, Ham, então eu mantenho a coroa. Eles já desperdiçaram o período de tolerância.

Ham bufou.

— E se houver mais assassinos? — ele perguntou em voz baixa. — Vin ficará de cama por alguns dias, no mínimo.

— Não posso contar com ela para me proteger o tempo todo — Elend falou. — Vamos.

— Eu voto em mim mesmo — Lorde Penrod disse.

Sem surpresas, Elend pensou. Sentava-se na confortável sala de estar de Penrod, acompanhado por um grupo trêmulo de membros da Assembleia – nenhum deles, felizmente, havia se ferido no ataque. Vários seguravam bebidas, e havia um verdadeiro exército de guardas aguardando ao redor do perímetro, olhando-se com desconfiança. Também estavam na sala cheia Noorden e outros três escribas, que testemunhavam a votação segundo a lei.

— Voto em Lorde Penrod também — disse o Lorde Dukaler.

Também já esperado, Elend pensou. *Imagino quanto isso custará a Penrod.*

A mansão de Penrod não era uma fortaleza, mas era luxuosamente decorada. A maciez da poltrona de Elend era bem-vinda como alívio para as tensões do dia. Ainda assim, Elend temia que fosse reconfortante demais. Seria muito fácil pegar no sono…

— Voto em Cett — disse Lorde Habren.

Elend mostrou interesse. Era o segundo para Cett, o que o deixava atrás de Penrod em três.

Todos voltaram-se para Elend.

— Eu voto em mim mesmo — ele disse, tentando projetar uma firmeza que era difícil de manter depois de tudo que acontecera. Os mercadores eram os próximos. Elend recostou-se, preparado para a sequência esperada de votos em Cett.

— Voto em Penrod — Philen falou.

Elend ajeitou-se na poltrona, alerta. *Quê?!?*

O próximo mercador votou também em Penrod. Como fez o seguinte e o outro. Elend ficou surpreso, ouvindo. *O que perdi?,* ele pensou. Olhou para Ham, que deu de ombros, confuso.

Philen olhou para Elend, sorrindo amigavelmente. Contudo, Elend não conseguia dizer se havia amargura ou satisfação naquele olhar. *Eles trocaram seu apoio? Com tanta rapidez?* Philen tinha sido quem contrabandeara Cett para dentro da cidade em primeiro lugar.

Elend olhou para a fileira de mercadores, tentando avaliar as reações, com pouco sucesso. O próprio Cett não estava na reunião; ele havia se retirado para a Fortaleza Hasting para cuidar de seu ferimento.

— Voto em Lorde Venture — disse Haws, o primeiro da facção skaa. Isso também causou uma agitação na sala. Haws encontrou o olhar de Elend e assentiu. Era um seguidor fervoroso da Igreja do Sobrevivente, e, embora os diversos pregadores da religião estivessem começando a discordar sobre como organizar seus seguidores, todos concordavam que um seguidor no trono seria

melhor para eles do que entregar a cidade para Cett.

Haverá um preço a pagar por esse apoio, Elend pensou quando os skaa votaram. Conheciam a reputação de honestidade de Elend, e ele não trairia a confiança deles.

Ele dissera a eles que se tornaria um membro notório da seita. Não lhes havia prometido crença, mas prometera devoção. Ainda não tinha certeza do que entregaria, mas ambos sabiam que precisariam um do outro.

— Voto em Penrod — disse Jasten, um trabalhador do canal.

— Eu também — disse Thurts, seu irmão.

Elend cerrou os dentes. Sabia que os dois seriam um problema; nunca gostaram da Igreja do Sobrevivente. Mas quatro dos skaa já tinham dado seus votos. Com apenas dois remanescentes, ele tinha uma boa chance de ter um empate.

— Voto em Venture — disse o próximo homem.

— Eu também — disse o último skaa. Elend lançou um sorriso de agradecimento para Vet, o eleitor.

Isso perfazia quinze votos para Penrod, dois para Cett e sete para Elend. Impasse. Elend reclinou-se levemente, sua cabeça repousando contra o encosto almofadado da poltrona, suspirando com suavidade.

Você fez seu trabalho, Vin, ele pensou. *Eu fiz o meu. Agora precisamos apenas manter este país unido.*

— Hum — uma voz disse —, posso mudar meu voto?

Elend abriu os olhos. Era Lorde Habren, um dos votos de Cett.

— Digo, é óbvio agora que Cett não vencerá — Habren falou, corando levemente. O jovem era um primo distante da família Elariel, o que provavelmente lhe dava seu assento na assembleia hoje. Nomes ainda significavam poder em Luthadel.

— Não tenho certeza se você pode ou não mudar — Lorde Penrod disse.

— Bem, preferiria que meu voto valesse alguma coisa — Habren falou. — Há apenas dois votos para Cett, no fim das contas.

A sala ficou em silêncio. Um a um, os membros da Assembleia viraram-se para Elend. Noorden, o escriba, fitou os olhos de Elend. Havia uma cláusula que permitia que os homens mudassem seus votos, desde que o chanceler não tivesse oficialmente encerrado a votação – o que, de fato, ele não havia feito.

A cláusula era bastante oblíqua; Noorden provavelmente era o único na sala, além de Elend, que conhecia a lei o bastante para interpretá-la. Ele assentiu levemente, ainda fitando os olhos de Elend. Ele seguraria a língua.

Elend estava sentado, em silêncio, numa sala cheia de homens que confiavam nele, mesmo que o houvessem rejeitado. Podia fazer como Noorden fez. Poderia não dizer nada, ou poderia dizer que não sabia.

— Sim — Elend falou suavemente. — A lei permite que você mude seu voto, Lorde Habren. Pode fazê-lo apenas uma vez, e precisa fazê-lo antes que o vencedor seja declarado. Todos têm a mesma oportunidade.

— Então, voto em Lorde Penrod — Habren falou.

— Eu também — disse Lorde Hue, o outro que havia votado em Cett.

Elend fechou os olhos.

— Há alguma outra alteração? — Lorde Penrod perguntou.

Ninguém se pronunciou.

— Então — Penrod disse —, vejo dezessete votos para mim, sete votos para Lorde Venture. Oficialmente encerro a votação e, humildemente, aceito a nomeação como rei. Servirei com este título da melhor forma que puder.

Elend levantou-se, retirando lentamente a coroa.

— Aqui — ele disse, pousando-a na prateleira da lareira. — Vai precisar dela.

Ele assentiu para Ham, em seguida saiu sem olhar para trás, para os homens que o dispensaram.

QUARTA PARTE
FACAS

Conheço seu argumento. Falamos da Antecipação, daquilo que foi previsto, das promessas feitas por nossos grandes profetas do passado. É claro que o Herói das Eras refletirá as profecias. Refletirá perfeitamente. Essa é a ideia.

39

Straff Venture cavalgava em silêncio em meio ao ar crepuscular e brumoso. Embora ele tivesse preferido uma carruagem, considerava importante viajar no lombo do cavalo e apresentar uma imagem convincente para as tropas. Zane escolheu caminhar, o que não era estranho. Ele perambulava ao lado do cavalo de Straff, os dois liderando um grupo de cinquenta soldados.

Mesmo com as tropas, Straff sentia-se exposto. Não eram apenas as brumas, não era apenas a escuridão. Ele ainda conseguia se lembrar do toque dela em suas emoções.

— Você falhou comigo, Zane — Straff comentou.

O Nascido das Brumas ergueu os olhos e, queimando estanho, Straff conseguiu ver um franzir de cenho no rosto dele.

— Falhei?

— Venture e Cett ainda estão vivos. Além disso, você mandou uma turma com meus melhores alomânticos para a morte.

— Eu alertei que talvez morressem — Zane falou.

— Por um bom motivo, Zane — Straff falou, sério. — Por que você precisava de um grupo de alomânticos secretos se os mandaria para uma missão suicida no meio de uma reunião pública? Talvez ache que nossos recursos são ilimitados, mas posso lhe garantir uma coisa: aqueles seis homens *não* poderão ser substituídos.

Custara a Straff décadas de trabalho com as concubinas para reunir tantos alomânticos ocultos. Foi um trabalho prazeroso, mas trabalho de qualquer forma. Numa aposta imprudente, Zane havia destruído um bom terço dos filhos alomânticos de Straff.

Meus filhos mortos, nosso jogo exposto e aquela… criatura de Elend ainda está viva!

— Desculpe, pai — Zane disse. — Pensei que o caos e o salão lotado manteriam a garota isolada e a forçariam a não usar moedas. Eu realmente pensei que funcionaria.

Straff franziu a testa. Ele sabia bem que Zane pensava que era mais competente que seu pai; qual Nascido das Brumas não pensaria algo assim? Apenas uma mistura delicada de suborno, ameaças e manipulação mantinham Zane sob controle.

Ainda assim, a despeito do que Zane achasse, Straff não era tolo. Sabia, naquele momento, que Zane escondia algo. *Por que enviar aqueles homens para a morte*?, Straff se perguntou. *Talvez ele tivesse a intenção de que eles falhassem… do contrário, teria ajudado a lutar contra a garota.*

— Não — Zane disse suavemente, falando consigo mesmo, como às vezes fazia. — Ele é meu pai… — Ele se calou, em seguida sacudiu a cabeça com vigor. — Não. Eles também não.

Senhor Soberano, Straff pensou, abaixando o olhar para o maluco murmurante ao lado dele. *Em que fui me meter?* Zane estava ficando cada vez mais imprevisível. Teria ele enviado aqueles homens para a morte por ciúme, desejo de violência ou simplesmente ficou entediado? Straff não *achava* que Zane havia se voltado contra ele, mas era difícil dizer. De qualquer forma, Straff não gostava de ter que confiar em Zane para seus planos funcionarem. Ele não gostava de ter que confiar em Zane para *nada*, na verdade.

Zane ergueu os olhos para Straff e parou de falar. Fazia um bom trabalho escondendo sua insanidade, na maior parte do tempo. Um trabalho tão bom que Straff às vezes esquecia. Ainda assim, a loucura estava à espreita, sob a superfície. Zane era a ferramenta mais perigosa que Straff já usara. A proteção fornecida por um Nascido das Brumas superava o perigo da insanidade de Zane.

Por pouco.

— Não precisa se preocupar, pai — Zane disse. — A cidade ainda será sua.

— Nunca será minha enquanto aquela mulher viver — Straff disse. E estremeceu. *Talvez seja esse o motivo de tudo isso. O ataque de Zane foi tão óbvio que todos da cidade sabem que estou por trás dele, e, quando aquele demônio de Nascida das Brumas acordar, virá atrás de mim, em retaliação.*

Mas, se esse fosse o objetivo de Zane, então por que ele simplesmente não me mata? Zane não fazia sentido. Não precisava. Talvez fosse uma das vantagens de ser insano.

Zane sacudiu a cabeça.

— Acho que você se surpreenderá, pai. De um jeito ou de outro, logo não terá nada a temer de Vin.

— Ela acha que eu tentei assassinar seu amado rei.

Zane sorriu.

— Não, não acho que ela pensa assim. Ela é esperta demais para isso.

Esperta demais para ver a verdade?, Straff pensou. No entanto, seus ouvidos aguçados pelo estanho ouviram passos nas brumas. Ele ergueu a mão, fazendo sua comitiva parar. À distância, mal podia divisar as manchas tremeluzentes das tochas no alto da muralha. Estavam próximos da cidade – a ponto de causar desconforto.

A comitiva de Straff aguardou em silêncio. Então, das brumas diante deles, um homem a cavalo apareceu, acompanhado por cinquenta soldados. Ferson Penrod.

— Straff — Penrod disse, meneando com a cabeça.

— Ferson.

— Seus homens fizeram bem — Penrod disse. — Fiquei feliz por seu filho não ter precisado morrer. É um bom rapaz. Um rei ruim, mas um homem dos mais honestos.

Vários dos meus filhos morreram hoje, Ferson, Straff pensou. *O fato de Elend ainda viver não é um êxito, é irônico.*

— Está pronto para entregar a cidade? — Straff perguntou.

Penrod assentiu.

— Philen e seus mercadores querem garantias de que terão títulos que se equiparem àqueles prometidos por Cett.

Straff acenou com mão desdenhosa.

— Você me conhece, Ferson. — *Você costumava praticamente rastejar perante mim nas festas, toda semana.* — Sempre honro meus negócios. Seria um idiota se não apaziguasse esses mercadores, os únicos que me trarão receitas de impostos deste domínio.

Penrod assentiu.

— Fico feliz por chegarmos a um entendimento, Straff. Não confio em Cett.

— Duvido que confie em mim — Straff retrucou.

Penrod sorriu.

— Mas eu o conheço, Straff. Você é um dos nossos, um nobre de Luthadel. Além disso, você criou o reino mais estável nos domínios. É tudo que estamos procurando agora. Um pouco de estabilidade para este povo.

— Você quase soa como o tolo do meu filho.

Penrod hesitou, em seguida sacudiu a cabeça.

— Seu garoto não é tolo, Straff. Ele é apenas um idealista. Na verdade, fico triste em ver a pequena utopia dele ruir.

— Se está triste por ele, Ferson, então você é um idiota também.

Penrod enrijeceu. Straff fitou os olhos orgulhosos do homem, sustentando aquele olhar até Penrod baixar os olhos. Aquela conversa foi simples, em grande parte sem importância, mas serviu como um lembrete muito importante.

Straff riu.

— Você terá de se acostumar a ser um peixe pequeno de novo, Ferson.

— Eu sei.

— Alegre-se — Straff falou. — Supondo que essa transferência de poder aconteça conforme você prometeu, ninguém acabará morto. Quem sabe, talvez eu permita que você mantenha essa coroa.

Penrod ergueu o olhar.

— Por um bom tempo, esta terra não teve reis — Straff disse em voz baixa. — Teve algo maior. Bem, não sou o Senhor Soberano, mas posso ser um imperador. Você quer manter sua coroa e governar como um rei sujeito a mim?

— Depende do custo disso, Straff — Penrod disse, cuidadoso.

Não está totalmente domado, então. Penrod sempre fora inteligente; era o nobre mais importante a ficar para trás em Luthadel, e sua aposta certamente funcionou.

— O custo é exorbitante — Straff falou. — Ridiculamente exorbitante.

— O atium — Penrod adivinhou.

Straff concordou.

— Elend não encontrou, mas está aqui, em algum lugar. Fui eu quem minou aquelas jazidas; meus homens passaram décadas minando-as e trazendo o metal para Luthadel. Sei quanto dele foi extraído e sei que nada que se aproximasse àquela quantidade retornou em pagamento à nobreza. O resto está naquela cidade, em algum lugar.

Penrod meneou a cabeça.

— Verei o que posso encontrar, Straff.

Straff ergueu uma sobrancelha.

— Você precisa voltar a praticar, Ferson.

Penrod hesitou, em seguida curvou a cabeça.

— Verei o que posso encontrar, *milorde*.

— Bom. Agora, quais notícias você me trouxe da concubina de Elend?

— Ela teve um colapso depois da luta — Penrod falou. — Tenho uma espiã

na equipe de cozinha, e ela disse que entregou uma tigela de sopa nos aposentos de Lady Vin. E ela voltou fria.

Straff franziu a testa.

— Essa espiã sua poderia dar alguma coisa à Nascida das Brumas?

Penrod empalideceu levemente.

— Não acho… que seria inteligente, milorde. Além disso, o senhor conhece a constituição de um Nascido das Brumas.

Talvez ela realmente esteja incapacitada, Straff pensou. *Se entrássemos…* O calafrio do toque da mulher voltou. Entorpecimento. Vazio.

— Não precisa temê-la tanto, milorde — Penrod falou.

Straff ergueu uma sobrancelha.

— Não estou com medo, estou desconfiado. Não entrarei na cidade até minha segurança estar garantida e, até que eu me mova aí para dentro, sua cidade está sob o perigo de Cett. Ou pior. O que aconteceria se aqueles koloss decidissem atacar a cidade, Ferson? Estou em negociações com o líder deles, e ele parece capaz de controlá-los. Por ora. Você já viu o que resta de um massacre koloss?

Provavelmente não; Straff mesmo não tinha visto até recentemente. Penrod apenas sacudiu a cabeça.

— Vin não o atacará. Não se a Assembleia votar para colocá-lo no comando da cidade. A transferência será perfeitamente lícita.

— Duvido que ela se importe com legalidade.

— Talvez não — Penrod respondeu. — Mas Elend se importa. E o que ele diz, a garota obedece.

A menos que ele tenha tão pouco controle sobre ela como eu tenho sobre Zane, Straff pensou, estremecendo. Não importava o que Penrod dissesse, Straff não tomaria a cidade até a criatura horrível ter sido liquidada. Nesse aspecto, poderia contar com Zane.

E esse pensamento o apavorava quase tanto quanto Vin.

Sem mais discussão, Straff acenou para Penrod, dispensando-o. Penrod fez o retorno e retirou-se para dentro das brumas com sua comitiva. Mesmo com seu estanho, Straff mal ouviu Zane aterrissar no chão ao lado dele. Straff virou-se, olhando para o Nascido das Brumas.

— Você acha mesmo que ele entregaria o atium para você se encontrasse? — Zane perguntou, baixo.

— Talvez — Straff respondeu. — Ele deve saber que nunca será capaz de mantê-lo, não tem poderio militar para proteger um tesouro como esse. E, se

não me entregar… bem, provavelmente seria mais fácil tomar o atium dele do que encontrá-lo sozinho.

Zane parecia achar a resposta satisfatória. Esperou alguns momentos, encarando as brumas. Em seguida, olhou para Straff, uma expressão curiosa no rosto.

— Que horas são?

Straff verificou o relógio de bolso, algo que nenhum Nascido das Brumas carregava. Metal demais.

— Onze e dezessete — ele disse.

Zane assentiu, virando-se de volta para a cidade.

— Já devia ter surtido efeito a essa hora.

Straff franziu a testa. Em seguida, começou a suar. Queimou estanho, arregalando os olhos. *Aqui!*, ele pensou, observando uma fraqueza dentro de si.

— Mais veneno? — ele perguntou, mantendo o medo afastado da voz, forçando-se a ficar calmo.

— Como consegue, pai? — Zane perguntou. — Pensei mesmo que você não perceberia. Mas aí está você, ótimo.

Straff estava começando a se sentir fraco.

— Não é preciso ser um Nascido das Brumas para ser capaz, Zane — ele disse, irritado.

Zane ergueu os ombros, sorrindo da maneira mais assombrosa que podia – extremamente inteligente, mas misteriosamente instável. Em seguida, sacudiu a cabeça.

— Você venceu de novo — ele disse, em seguida partiu para o alto, na direção do céu, revolvendo as brumas com sua passagem.

Straff virou seu cavalo de imediato, tentando manter o decoro enquanto corria na direção do acampamento. Conseguia sentir o veneno. Sentia-o roubando sua vida. Sentia como ele o ameaçava, o sobrepujava…

Talvez ele tenha ido rápido demais. Era difícil manter um ar de força quando se estava morrendo. Finalmente, começou a galopar. Deixou os guardas assustados para trás, e eles chamaram, surpresos, começando a trotar para manter o passo.

Straff ignorou suas lamúrias. Fez o cavalo correr mais rápido. Conseguia sentir o veneno deixar suas reações mais lentas? Qual deles Zane usara? Espectrina? Não, precisaria de uma injeção. Tomphero, talvez? Ou… talvez ele tivesse descoberto um do qual Straff nunca ouvira falar.

Podia apenas torcer para que não fosse o caso. Pois, se Straff não conhecesse

o veneno, então Amaranta provavelmente não conheceria também, e não seria capaz de incluir o antídoto em sua poção de cura genérica.

As luzes do acampamento iluminavam as brumas. Soldados gritaram quando Straff se aproximou, e ele quase foi empalado quando um dos seus homens ergueu uma lança para o cavalo apressado. Felizmente, o homem o reconheceu a tempo. Straff derrubou o homem na cavalgada, mesmo que tivesse afastado a lança.

Straff foi direto para sua tenda. Naquele momento, seus homens estavam espalhados, preparando-se para uma invasão, ou algum outro ataque. Não havia maneira de ele poder esconder isso de Zane.

Não seria capaz de esconder minha morte, também.

— Milorde! — um capitão disse, correndo até ele.

— Vá buscar Amaranta — Straff falou, tombando do seu cavalo.

O soldado fez uma pausa.

— Sua concubina, milorde? — o homem falou, franzindo o cenho. — Por que…

— *Agora!* — Straff ordenou, lançando a porta da tenda para trás e entrando. Ele parou, suas pernas trêmulas quando a aba da tenda se fechou. Limpou a testa com uma mão hesitante. Suor demais.

Maldito!, ele pensou, frustrado. *Preciso matá-lo, prendê-lo… tenho que fazer algo. Não posso governar deste jeito!*

Mas, o quê? Ele virou noites, gastou dias tentando decidir o que fazer com Zane. O atium que ele usava para subornar o homem não parecia mais um bom motivador. Os atos de Zane naquele dia – o massacre dos filhos de Straff numa tentativa obviamente vã de matar a concubina de Elend – provavam que ele não era mais digno de confiança, nem mesmo mínima.

Amaranta chegou com velocidade surpreendente, e de imediato começou a misturar o antídoto. No fim das contas, enquanto engolia o preparado de gosto horrendo – sentindo imediatamente seus efeitos curativos –, chegou a uma conclusão inquietante.

Zane precisava morrer.

E, ainda assim… algo sobre tudo isso parecia tão conveniente. Era quase como se tivéssemos construído um herói que se encaixasse em nossas profecias, em vez de ter permitido que ele surgisse naturalmente. Essa era a preocupação que eu tinha, aquilo que deveria ter me feito parar para pensar quando meus irmãos vieram até mim, finalmente dispostos a acreditar.



Elend estava sentado ao lado do seu leito.

Aquilo a confortava. Embora dormisse como uma pedra, uma parte dela sabia que ele estava lá, velando por ela. Parecia estranho estar sob os cuidados dele, pois ela era aquela que em geral servia de guarda.

Então, quando finalmente acordou, não ficou surpresa ao encontrá-lo na poltrona ao lado do seu leito, lendo em silêncio sob a luz suave de uma vela. Quando ela acordou totalmente, não se levantou de pronto ou olhou o quarto com apreensão. Em vez disso, sentou-se lentamente, puxando o cobertor por baixo dos braços, em seguida tomou um gole da água que havia sido deixada ao lado da cama.

Elend fechou o livro e virou-se para ela, sorrindo. Vin buscou aqueles olhos suaves, sondando por vestígios do horror que ela vira antes. O nojo, o terror, o choque.

Ele sabia que ela era um monstro. Como conseguia sorrir com tanta gentileza?

— Por quê? — ela perguntou baixinho.

— O quê? — ele devolveu a pergunta.

— Por que me espera aqui? — ela questionou. — Não estou morrendo… ao menos disso eu me lembro.

Elend deu de ombros.

— Eu só queria estar perto de você.

Ela não disse palavra. Uma estufa a carvão ardia no canto, embora precisasse de mais combustível. O inverno estava próximo e parecia vir bem forte. Ela vestia apenas uma camisola; havia pedido para que as camareiras não a

vestissem assim, mas então a beberagem de Sazed – para ajudá-la a dormir – já estava começando a fazer efeito, e ela não teve energia para discutir.

Ela puxou o cobertor para mais perto. Apenas então percebeu algo que não havia percebido antes.

— Elend! Você não está vestindo seu uniforme.

Ele olhou para suas roupas – um traje de nobre de seu antigo guarda-roupa, com um colete marrom desabotoado. O casaco era grande demais para ele. Ele ergueu os ombros.

— Não preciso continuar a farsa, Vin.

— Cett é o novo rei? — ela perguntou com um sentimento de derrota.

Elend negou com a cabeça.

— Penrod.

— Não faz sentido.

— Eu sei — ele falou. — Não sabemos por que os mercadores traíram Cett, mas não importa. De qualquer forma, Penrod é uma escolha muito melhor. Melhor que Cett, ou eu.

— Sabe que não é verdade.

Elend recostou-se, pensativo.

— Não sei, Vin. Pensei que eu fosse o melhor. Ainda assim, enquanto criava todos os tipos de esquemas para impedir que Cett tomasse o trono, nunca considerei de verdade um plano que teria sido certeiro para derrotá-lo, dar meu apoio a Penrod, combinando nossos votos. E se minha arrogância nos tivesse entregado a Cett? Eu não estava pensando no povo.

— Elend… — ela disse, pousando a mão no braço dele.

E ele se encolheu.

Leve, quase imperceptível, e ele disfarçou rapidamente. Mas o dano já estava feito. Dano que ela causara, o dano dentro dele. Finalmente ele vira – de verdade – o que ela era. Ele se apaixonara por uma mentira.

— O quê? — ele disse, olhando para o rosto dela.

— Nada — Vin falou. Ela retirou a mão. Dentro dela, algo se quebrou. *Eu o amo tanto. Por quê? Por que eu o deixei ver aquilo? Se eu tivesse escolha!*

Ele está traindo você, a voz de Reen sussurrou no fundo de sua mente. *No fim, todos te abandonarão, Vin.*

Elend suspirou, olhando para os estores do quarto. Estavam fechados, mantendo as brumas lá fora, embora Vin pudesse ver a escuridão além deles.

— O fato, Vin — ele disse em voz baixa —, é que eu nunca pensei que terminaria dessa forma. Confiei neles até o fim. As pessoas, os membros

escolhidos da Assembleia, acreditei que eles fariam a coisa certa. Quando não me escolheram, fiquei mesmo surpreso. Não deveria. Nós *sabíamos* que era uma aposta arriscada. Digo, eles já tinham votado pela minha saída uma vez. Mas eu havia me convencido de que era apenas uma aviso. Dentro de mim, no meu coração, pensei que me receberiam de volta.

Ele sacudiu a cabeça.

— Agora, preciso admitir que minha fé neles estava errada, ou confiar na decisão deles.

Aquilo era o que ela amava: sua bondade, sua honestidade simples. Coisas tão estranhas e exóticas para uma menina skaa quanto sua natureza de Nascida das Brumas devia ser para a maioria das pessoas. Mesmo entre todos os homens da gangue de Kelsier, mesmo em meio ao melhor da nobreza, ela nunca encontrara outro homem como Elend Venture. Um homem que acreditava que o povo que o destronara estava apenas tentando fazer a coisa certa.

Às vezes, ela se sentia uma tola por se apaixonar pelo primeiro nobre que conhecera melhor. Porém, ela percebeu naquele momento que seu amor por Elend não surgira por simples conveniência ou proximidade. Surgira por quem Elend era. O fato de que ela o encontrara primeiro foi um acontecimento incrivelmente afortunado.

E agora… havia acabado. Ao menos na forma que fora no passado. Mas ela sabia desde o princípio que acabaria assim. Por isso recusara a proposta de casamento, agora já com mais de um ano. Não podia se casar com ele. Ou, melhor, ela não podia deixá-lo se casar com ela.

— Conheço essa dor nos seus olhos, Vin — Elend falou com suavidade.

Ela olhou para ele em choque.

— Podemos superar isso — ele falou. — O trono não era tudo. Talvez tenha sido melhor desse jeito, na verdade. Fizemos o nosso melhor. Agora é a vez de outra pessoa tentar.

Ela sorriu, exausta. *Ele não sabe.* Nunca *deve saber o quanto dói. Ele é um bom homem – ele iria tentar forçar-se a manter seu amor por mim.*

— Mas — ele disse — você precisa descansar mais.

— Estou bem — Vin falou, espreguiçando-se um pouco. Suas costelas doíam e o pescoço, mas o peltre queimava dentro dela e nenhum dos ferimentos era debilitante. — Eu preciso…

Ela se interrompeu quando uma lembrança a atingiu. Ela se sentou de uma vez, o movimento repentino deixando-a tensa com a dor. O dia anterior era um

borrão, mas…

— OreSeur! — ela disse, empurrando o cobertor para o lado.

— Ele está bem, Vin — Elend falou. — Ele é um kandra. Ossos quebrados não significam nada para ele.

Ela fez uma pausa, já meio fora da cama, de repente sentindo-se estúpida.

— Onde ele está?

— Digerindo um novo corpo — Elend falou, sorrindo.

— Por que o sorriso? — ela perguntou.

— Eu nunca ouvi alguém expressar tanta preocupação por um kandra antes.

— Bem, não vejo por que não — Vin falou, subindo na cama. — OreSeur arriscou a vida por mim.

— Ele é um kandra, Vin — Elend repetiu. — Não acho que aqueles homens poderiam tê-lo matado; duvido até mesmo que um Nascido das Brumas pudesse.

Vin hesitou. *Duvido que um Nascido das Brumas pudesse…* O que a incomodava naquela afirmação?

— Mesmo assim — ela disse —, ele sente dor. Ele levou dois golpes fortes por mim.

— Apenas cumprindo seu Contrato.

Seu Contrato… OreSeur atacou um humano. Ele *rompeu* seu Contrato. Por ela.

— Quê? — Elend perguntou.

— Nada — Vin respondeu rapidamente. — Me conte sobre os exércitos.

Elend a encarou, mas deixou a conversa mudar de rumo.

— Cett ainda está escondido na Fortaleza Hasting. Não sabemos qual será sua reação. A Assembleia não o escolheu, o que pode não ser bom. E, ainda assim, ele não contestou. Deve ter percebido que está preso aqui, agora.

— Deve ter realmente acreditado que o escolheríamos — Vin falou, franzindo a testa. Por que mais ele viria para dentro da cidade?

Elend balançou a cabeça.

— Foi um movimento estranho, para início de conversa. De qualquer forma, aconselhei a Assembleia a tentar fazer um acordo com ele. Acho que ele pensa que o atium não está na cidade, então não há motivo para ele querer Luthadel.

— Exceto pelo prestígio.

— Que não valeria a pena se ele perdesse o exército — Elend disse. — Ou sua vida.

Vin assentiu.

— E seu pai?

— Calado — Elend falou. — É estranho, Vin. Não é do feitio dele… aqueles assassinos foram tão escancarados. Não sei o que pensar deles.

— Os assassinos — Vin falou, sentando-se novamente na cama. — Você os identificou?

Elend sacudiu a cabeça.

— Ninguém os reconhece.

Vin franziu o cenho.

— Talvez não sejam tão familiares dos nobres no Domínio do Norte quanto pensamos que eram.

Não, Vin pensou. *Não, se fossem de uma cidade tão próxima como Urteau, o lar de Straff, alguns deles seriam conhecidos, não?*

— Pensei ter reconhecido um deles — Vin disse, por fim.

— Qual?

— O… último.

Elend fez uma pausa.

— Ah. Bem, acho que não vamos identificá-lo mais.

— Elend, desculpe-me por você ter presenciado aquilo.

— O quê? — Elend perguntou. — Vin, eu vi mortes antes. Fui forçado a participar das execuções do Senhor Soberano, lembra? — ele hesitou. — Não que o que você fez fosse parecido, claro.

Claro.

— Você foi incrível — Elend falou. — Eu estaria morto se você não tivesse parado aqueles alomânticos, e provavelmente Penrod e os outros membros da Assembleia teriam o mesmo destino. Você salvou o Domínio Central.

Sempre precisamos ser as facas…

Elend sorriu, erguendo-se.

— Aqui — ele disse, caminhando para o lado do quarto. — Está frio, mas Sazed disse que você deveria comer quando acordasse. — Ele voltou com uma tigela de sopa.

— Sazed mandou? — Vin perguntou, desconfiada. — Tem drogas, então?

Elend sorriu.

— Ele me alertou para não provar, disse que tinha sedativos o bastante para me derrubar por um mês. Precisa de muito para afetar vocês, queimadores de peltre.

Ele deixou a tigela no criado-mudo. Vin encarou-o com olhos estreitos. Sazed provavelmente estava preocupado que, apesar dos ferimentos, ela saísse

à espreita na cidade se fosse deixada sozinha. Provavelmente estava certo. Com um suspiro, Vin aceitou a tigela e começou a tomar a sopa.

Elend sorriu.

— Vou mandar alguém trazer mais carvão para a estufa — ele falou. — Preciso fazer algumas coisas.

Vin assentiu, e ele saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

Quando Vin acordou novamente, viu que Elend ainda estava lá. Ele estava nas sombras, observando-a. Ainda estava escuro lá fora. As folhas das janelas estavam abertas, e a bruma cobria o chão do quarto.

As janelas estavam *abertas*.

Vin sentou-se e se voltou para a figura no canto. Não era Elend.

— Zane — ela disse sem rodeios.

Ele avançou. Era tão fácil ver semelhanças entre ele e Elend, agora que ela sabia o que procurar. Tinham o mesmo queixo, o mesmo cabelo escuro ondulado. Tinham até uma constituição similar, agora que Elend estava se exercitando.

— Você dorme muito profundamente — Zane falou.

— Mesmo o corpo de um Nascido das Brumas precisa dormir para descansar.

— Você não deveria ter se machucado, em primeiro lugar — Zane afirmou. — Deveria ter sido capaz de matar aqueles homens facilmente, mas ficou distraída com meu irmão e tentando manter ileso o povo que estava no salão. *Isso* é o que ele te fez, ele te mudou para que você não visse mais o que precisa ser feito, para que você veja apenas o que ele quer que você faça.

Vin ergueu uma sobrancelha, tateando em silêncio embaixo do travesseiro. Sua adaga estava lá, felizmente. *Ele não me matou durante o sono*, ela pensou. *Deve ser um bom sinal.*

Ele deu outro passo para frente. Ela ficou tensa.

— Qual é o seu jogo, Zane? — ela quis saber. — Primeiro você me diz que decidiu não me matar, em seguida manda um grupo de assassinos. E agora? Veio terminar o trabalho?

— Não enviamos aqueles assassinos, Vin — Zane falou, baixinho.

Vin bufou.

— Acredite se quiser — Zane falou, dando outro passo adiante, de forma que ficou bem ao lado da cama, uma figura alta toda vestida de preto e de solenidade. — Mas meu pai ainda está aterrorizado com você. Por que ele

arriscaria uma retaliação tentando matar Elend?

— É uma aposta — Vin falou. — Ele torceu para que aqueles assassinos me matassem.

— Por que usá-los? — Zane perguntou. — Ele tem a mim, por que usar um punhado de Brumosos para atacá-la no meio de um salão cheio, quando poderia me mandar usando atium à noite e matá-la?

Vin hesitou.

— Vin — ele falou —, eu vi os cadáveres sendo levados para fora do Salão da Assembleia, e reconheci alguns deles do séquito de Cett.

É isso!, Vin pensou. *Foi onde eu vi aquele Brutamontes cujo rosto eu estourei! Estava na Fortaleza Hasting, olhando da cozinha enquanto jantávamos com Cett, fingindo ser um servo.*

— Mas os assassinos atacaram Cett também… — Vin parou. Era uma estratégia básica dos ladrões: se você tem uma fachada que quer esconder de suspeitas quando rouba as lojas ao redor, precisa garantir que se "roube" de você também.

— Os assassinos que atacaram Cett eram todos normais — Vin falou. — Não alomânticos. Imagino o que ele disse a eles, que eles poderiam se "render" assim que a batalha virasse? Mas por que fingir um ataque em primeiro lugar? Ele era o favorito para o trono.

Zane balançou a cabeça.

— Penrod fez um acordo com o meu pai, Vin. Straff ofereceu à Assembleia riquezas além de qualquer coisa que Cett poderia dar. É por isso que os mercadores mudaram seus votos. Cett deve ter se inteirado da traição. Ele tem espiões o bastante na cidade.

Vin sentou-se, atônita. *Claro!*

— E a única maneira que Cett poderia providenciar a vitória…

— Era enviando assassinos — Zane disse com um meneio de cabeça. — Deviam atacar todos os três candidatos, matando Penrod e Elend, mas deixando Cett vivo. A Assembleia acreditaria que foram traídos por Straff, e Cett se tornaria rei.

Vin pegou sua faca com a mão trêmula. Já estava cansada de jogos. Elend quase morrera. Ela quase falhara.

Parte dela, uma parte borbulhante, queria seguir com o que estava inclinada a fazer desde o começo. Sair e matar Cett e Straff, remover o perigo da forma mais eficiente possível.

Não, ela disse a si mesma, forçosamente. *Não, esse era o jeito de Kelsier.*

Não o meu. Não… o de Elend.

Zane virou-se, olhando para a janela, encarando o fluxo de brumas, parecido com uma pequena queda d'água, entrando no quarto.

— Eu deveria ter chegado mais cedo para a luta. Eu estava lá fora, com as multidões que chegaram tarde demais para conseguir um assento. Eu nem sabia o que estava acontecendo até o povo começar a sair às pressas.

Vin ergueu uma sobrancelha.

— Você soa quase sincero, Zane.

— Eu não tenho o desejo de vê-la morta — ele disse, virando-se. — E, certamente, não quero ver uma desgraça se abater sobre Elend.

— É? — Vin perguntou. — Mesmo que ele tenha tido todos os privilégios, enquanto você foi desprezado e mantido afastado?

Zane sacudiu a cabeça.

— Não é assim. Elend é… puro. Às vezes, quando eu o ouço falar, imagino se eu não teria ficado como ele se minha infância fosse diferente.

Ele encontrou os olhos dela no quarto escuro.

— Sou… corrompido, Vin. Enlouquecido. Nunca poderei ser como Elend. Mas matá-lo não me mudaria. Provavelmente foi melhor que ele e eu tenhamos crescido separados… é muito melhor que ele não saiba de mim. Melhor que ele permaneça como está. Incorrupto.

— Eu… — Vin ficou em maus lençóis. O que poderia dizer? Ela conseguia ver sinceridade real nos olhos de Zane.

— Não sou Elend — Zane falou. — Nunca serei… não sou parte do mundo dele. Mas não acho que eu *deveria* ser. Nem você. Depois de a luta acabar, eu finalmente entrei no Salão da Assembleia. Vi Elend em pé ao seu lado no final. Vi o olhar no rosto dele.

Ela desviou o olhar.

— Não é culpa dele que ele seja assim — Zane falou. — Como eu disse, ele é puro. Mas isso o diferencia de nós. Tentei lhe explicar isso. Queria que você pudesse ter visto aquele olhar nele…

Eu vi, Vin pensou. Ela não queria lembrar, mas *tinha* visto. Aquele olhar abjeto de horror, uma reação a algo terrível e alheio, algo além da compreensão.

— Eu não posso ser Elend — Zane falou em voz baixa —, mas você não quer que eu seja. — Ele estendeu o braço e soltou algo no criado mudo. — Da próxima vez, esteja preparada.

Vin pegou o objeto quando Zane começou a caminhar na direção da janela. A

bolinha de metal rolou na palma de sua mão. A forma era irregular, mas a textura era suave, como um lingote de ouro. Sabia o que era sem ter de engolir.

— *Atium*?

— Cett pode enviar outros assassinos — Zane disse, saltando no parapeito.

— Você está *dando* isto para mim? — ela perguntou. — Há o suficiente aqui para bons dois minutos de avivamento! — Era uma pequena fortuna, facilmente valeria vinte mil boxes antes do Colapso. Agora, com a escassez do atium…

Zane virou-se para ela outra vez.

— Apenas mantenha-se em segurança — ele disse, em seguida lançou-se para dentro das brumas.

Vin não gostava de estar ferida. Claro, ela sabia que outras pessoas também sentiam o mesmo; no fim das contas, quem gostava de dor e debilitação? Ainda assim, quando outros ficavam doentes, ela sentia frustração neles. Não terror.

Quando ficava doente, Elend passava o dia na cama, lendo livros. Trevo havia tomado um bom golpe durante uma prática vários meses antes, resmungara sobre a dor, mas ficou em repouso por conta da perna alguns dias sem muito provocar.

Vin estava ficando cada vez mais parecida com eles. Podia ficar deitada na cama como estava fazendo, sabendo que ninguém tentaria fender sua garganta enquanto estivesse fraca demais para pedir ajuda. Ainda assim, queria muito levantar-se, mostrar que não estava tão ferida assim. Para que ninguém pensasse diferente e tentasse tirar vantagem.

Não é mais assim!, ela disse a si mesma. Havia luz lá fora e, embora Elend tivesse voltado para visitá-la várias vezes, naquele momento não estava lá. Sazed tinha ido ver os ferimentos e implorara para ela ficar na cama “ao menos por mais um dia”. Em seguida, voltou para os seus estudos. Com Tindwyl.

O que aconteceu com o ódio que esses dois sentiam?, ela pensou, incomodada. *Eu mal consigo vê-lo.*

A porta abriu. Vin ficou feliz que seus instintos ainda estivessem aguçados o bastante para ela se retesar de imediato e buscar as adagas. Seu lado dolorido agulhou com o movimento repentino.

Ninguém entrou.

Vin franziu o cenho, ainda tensa, até uma cabeça canina aparecer sobre os pés da cama.

— Senhora? — disse uma voz familiar, quase um rosnado.

— OreSeur? — Vin perguntou. — Está usando outro corpo de cachorro!

— Claro, senhora — OreSeur disse, pulando para a cama. — O que mais seria?

— Não sei — Vin respondeu, abaixando as adagas. — Quando Elend disse que havia conseguido um corpo para você, imaginei que você tivesse pedido um humano. Digo, todos viram meu "cão" morrer.

— Sim — OreSeur falou —, mas será simples explicar que pegou um novo animal. Esperam que a senhora tenha um cachorro consigo, e então *não* tê-lo chamaria a atenção.

Vin ficou em silêncio. Havia se trocado, vestia calças e camisa, apesar dos protestos de Sazed. Os vestidos estavam pendurados no outro quarto, com uma ausência gritante. Às vezes, quando ela olhava para eles, pensava que via o lindo vestido branco pendurado lá, manchado de sangue. Tindwyl estava errada: Vin não podia ser Nascida das Brumas e uma lady. O horror que vira nos olhos dos membros da Assembleia foi o bastante para prová-lo.

— Não precisava ter pegado um corpo de cachorro, OreSeur — Vin falou, baixinho. — Eu preferia que você estivesse feliz.

— Tudo bem, senhora — OreSeur falou. — Eu comecei… a gostar desse tipo de ossos. Talvez eu goste de explorar suas vantagens um pouco mais antes de voltar aos humanos.

Vin sorriu. Ele escolhera outro cão de caça – um animal grande e bruto. As cores eram diferentes: mais preto que cinzento, sem nenhuma mancha branca. Ela aprovou.

— OreSeur… — Vin falou, desviando o olhar. — Obrigada pelo que você fez por mim.

— Eu cumpri meu Contrato.

— Estive em outras lutas — Vin falou. — Você nunca interveio.

OreSeur não respondeu de imediato.

— Não mesmo.

— Por que desta vez?

— Eu fiz o que achei correto, senhora — OreSeur disse.

— Mesmo que isso tenha quebrado o Contrato?

OreSeur sentou-se orgulhosamente sobre os quadris.

— *Não* quebrei meu Contrato — ele disse com firmeza.

— Mas atacou um ser humano.

— Eu não o matei — OreSeur disse. — Somos avisados para ficar fora de combate para não causar uma morte humana acidental. De fato, a maioria dos

meus irmãos acha que ajudar alguém a matar é o mesmo que matar, e consideram uma quebra do Contrato. Porém, as palavras são distintas. Não fiz nada de errado.

— E se aquele homem que você derrubou tivesse quebrado o pescoço?

— Então, eu teria voltado para minha espécie para execução — OreSeur disse.

Vin sorriu.

— Você *arriscou* a vida por mim.

— De certa forma, creio que sim — OreSeur disse. — As chances de minhas ações diretamente causarem a morte daquele homem eram mínimas.

— Obrigada, de qualquer forma.

OreSeur abaixou a cabeça, aceitando o agradecimento.

— Executado — Vin falou. — Então, você pode ser morto?

— Claro, senhora — OreSeur disse. — Não somos imortais.

Vin encarou-o.

— Não direi nada específico, senhora — OreSeur falou. — Como talvez possa imaginar, eu preferiria não revelar as fraquezas da minha espécie. Basta saber que elas existem.

Vin concordou, mas franziu o cenho, pensativa, encolhendo as pernas para encostar os joelhos no peito. Algo ainda a incomodava, algo sobre o que Elend dissera mais cedo, algo sobre os atos de OreSeur…

— Mas — ela disse, lentamente — você não poderia ter sido morto com espadas ou bastões, não é?

— Correto — OreSeur falou. — Embora nossa carne pareça com a de vocês, e embora sintamos dor, os golpes em nós não têm efeito permanente.

— Então, por que você teme? — Vin falou, finalmente iluminando o que a incomodava.

— Senhora?

— Por que seu povo faz o Contrato? — Vin perguntou. — Por que se subjuga à humanidade? Se nossos soldados não podiam machucá-lo, então por que se preocupa conosco?

— Vocês têm Alomancia — OreSeur disse.

— Então a Alomancia pode matar vocês?

— Não — OreSeur falou, sacudindo a cabeça canina. — Não pode. Mas talvez devêssemos mudar de assunto. Desculpe, senhora. É um assunto muito perigoso para mim.

— Entendo — Vin falou, suspirando. — É tão frustrante. Há tanta coisa que

não sei, sobre as Profundezas, sobre a legislação política… até mesmo sobre meus amigos! — Ela se recostou, olhando para o teto. *E* ainda *há um espião no palácio. Demoux ou Dockson, provavelmente. Talvez eu devesse apenas ordenar que eles fossem capturados e detidos por algum tempo? Elend faria uma coisa dessas?*

OreSeur a observava, aparentemente notando sua frustração. Finalmente, ele suspirou.

— Talvez haja algumas coisas que eu possa falar, senhora, se eu for cuidadoso. O que a senhora sabe sobre a origem dos kandras?

Vin interessou-se.

— Nada.

— Nós não existíamos antes da Ascensão — ele disse.

— Quer dizer que o Senhor Soberano criou vocês?

— Isso é o que nossa tradição ensina — OreSeur respondeu. — Não temos certeza sobre o nosso objetivo. Talvez tenhamos sido pensados para sermos espiões do Pai.

— Pai? — Vin perguntou. — Parece estranho ouvir falar dele desse jeito.

— O Senhor Soberano nos criou, Senhora — OreSeur disse. — Somos seus filhos.

— E eu o matei — Vin comentou. — Eu… acho que deveria pedir perdão.

— Só porque ele é nosso Pai não significa que aceitamos tudo que ele fez, senhora — OreSeur falou. — Um ser humano não pode amar seu pai, ainda que acredite que ele não é uma boa pessoa?

— Acho que sim.

— A teologia kandra em torno do Pai é complexa — OreSeur disse. — Mesmo para nós é difícil entendê-la às vezes.

Vin franziu o cenho.

— OreSeur? Quantos anos você tem?

— Muitos — ele disse, simplesmente.

— Mais que Kelsier?

— Muito mais — OreSeur respondeu. — Mas não tão velho quanto a senhora está pensando. Não me lembro da Ascensão.

Vin assentiu com a cabeça.

— Por que me contou tudo isso?

— Por causa de sua pergunta original, senhora. Por que cumprimos o Contrato? Bem, me diga… se a senhora fosse o Senhor Soberano e tivesse o poder dele, teria criado serviçais sem incorporar neles uma maneira de

conseguir controlá-los?

Vin meneou a cabeça lentamente, compreendendo.

— O Pai deu pouca importância aos kandras a partir do segundo século após sua Ascensão — OreSeur explicou. — Tentamos ser independentes por um tempo, mas foi como expliquei, a humanidade se ressentia de nós. Nos temia. E alguns deles conheciam nossas fraquezas. Quando meus ancestrais consideraram suas opções, escolheram no fim das contas a servidão voluntária em vez da escravidão.

Ele os criou, Vin pensou. Sempre havia compartilhado um pouco da visão de Kelsier com relação ao Senhor Soberano – que ele era mais homem que deidade. Mas se ele realmente criou uma espécie completamente nova, então devia haver nele algum poder divino.

O poder do Poço da Ascensão, ela pensou. *Ele o tomou para si, mas não durou. Deve ter se esgotado, e rapidamente. Do contrário, por que ele teria necessidade de exércitos para suas conquistas?*

Uma explosão inicial de poder, a capacidade de criar, mudar, talvez até de salvar. Ele repeliu as brumas e, no processo, de alguma forma fez as cinzas começarem a cair e o céu ficar vermelho. Criou os kandras para servi-lo – e provavelmente os koloss também. Talvez tenha até mesmo criado os alomânticos.

E, depois disso, voltou a ser um homem normal. Em grande parte. O Senhor Soberano ainda mantivera uma quantidade desmedida de poder para um alomântico, e conseguira manter controle de suas criações – e de alguma forma impedir as brumas de matar.

Até Vin assassiná-lo. Então os koloss começaram a se agitar, e as brumas voltaram. Os kandras não estavam sob seu controle naquela época, então eles permaneceram como estavam. Mas ele incutiu neles um método de controle, caso precisasse. Uma maneira de fazer com que os kandras o servissem…

Vin cerrou os olhos e fez uma sondagem leve com seus sentidos alomânticos. OreSeur havia dito que os kandras não podiam ser afetados pela Alomancia, mas ela sabia algo mais sobre o Senhor Soberano, algo que o diferenciava de outros alomânticos. Seu poder desenfreado permitira que ele fizesse coisas que ele não deveria ser capaz de realizar.

Coisas como perfurar nuvens de cobre e afetar metais dentro do corpo de uma pessoa. Talvez fosse *assim* que ele controlasse os kandras, a coisa que OreSeur falava. O motivo pelo qual eles temiam os Nascidos da Bruma.

Não porque os Nascidos da Bruma pudessem matá-los, mas porque eles

podiam fazer algo mais. Escravizá-los de alguma forma. Por um momento, testando o que ele dissera antes, Vin estendeu seu poder Abrandador e tocou as emoções de OreSeur. Nada aconteceu.

Posso fazer algumas das coisas que o Senhor Soberano fazia, ela pensou. *Posso perfurar nuvens de cobre. Talvez, se eu* empurrar *um pouco mais…*

Ela se concentrou e *empurrou* as emoções dele com um abrandamento poderoso. Novamente, nada aconteceu. Bem como ele lhe dissera. Fez uma pausa momentânea. E, então, por impulso, queimou duralumínio e tentou um *empurrão* final, gigantesco.

OreSeur soltou um uivo tão bestial e inesperado que Vin pulou no chão em choque, queimando peltre.

OreSeur caiu na cama, tremendo.

— OreSeur! — ela disse, caindo de joelhos e tomando sua cabeça. — Desculpe!

— Eu falei demais — ele murmurou, ainda trêmulo. — Sabia que havia falado demais.

— Não quis machucá-lo — Vin sussurrou.

O tremor diminuiu, e OreSeur ficou caído, parado por um instante, respirando em silêncio. Finalmente, ele tirou a cabeça dos braços dela.

— O que a senhora quis fazer é irrelevante, senhora — ele disse sem rodeios. — O erro foi meu. Por favor, nunca faça isso de novo.

— Prometo — ela disse. — Me desculpe.

Ele sacudiu a cabeça, rastejando para fora da cama.

— A senhora nem deveria ser capaz de fazer isso. Há coisas estranhas na senhora… é como os alomânticos do passado, antes de a passagem de gerações embotar seus poderes.

— Desculpe — Vin repetiu, sentindo-se arrasada. *Ele salvou minha vida, quase quebrou seu Contrato, e faço isso com ele…*

OreSeur ergueu os ombros.

— Está feito. Preciso descansar. Sugiro que a senhora faça o mesmo.

Depois disso, comecei a ver outros problemas.

41

— Escrevo este relato agora — Sazed leu em voz alta —, marcando-o numa placa de metal, pois tenho medo. Tenho medo por mim mesmo, sim – admito que sou humano. Se Alendi retornar do Poço da Ascensão, tenho certeza de que minha morte será um dos seus primeiros objetivos. Ele não é um homem mau, mas é impiedoso. Ou melhor, acredito que seja um produto daquilo pelo que passou.

— Condiz com o que sabemos sobre Alendi do diário — Tindwyl disse. — Supondo que Alendi seja o autor daquele diário.

Sazed olhou para sua pilha de notas, repassando o básico na mente. Kwaan foi um antigo erudito de Terris. Descobrira Alendi, um homem que ele começou a acreditar – por meio de seus estudos – poder ser o Herói das Eras, um personagem da profecia terrisana. Alendi o ouviu e tornou-se um líder político. Conquistou grande parte do mundo, em seguida viajou para norte, até o Poço da Ascensão. Na época, contudo, Kwaan aparentemente mudara sua opinião sobre Alendi – e tentara impedi-lo de chegar ao Poço.

Fazia sentido. Embora o autor do diário nunca tivesse mencionado seu nome, era óbvio que era Alendi.

— É uma suposição muito segura, creio eu — Sazed disse. — O diário fala até mesmo de Kwaan e da desavença que tiveram.

Estavam sentados lado a lado nos aposentos de Sazed. Ele havia pedido, e recebido, uma mesa maior para manter suas numerosas notas e teorias escritas. Ao lado da porta estavam os restos da sua refeição vespertina, uma sopa que eles engoliram às pressas. Sazed estava agoniado para levar os pratos até a cozinha, mas não fora capaz de se afastar do trabalho.

— Continue — Tindwyl pediu, recostando-se na cadeira, parecendo mais relaxada do que Sazed jamais a vira. Os brincos que pendiam ao lado de suas orelhas alternavam-se em cores: um ouro ou cobre seguido por um estanho ou ferro. Era simples, mas havia uma beleza neles. — Sazed?

Sazed assustou-se.

— Desculpe — ele disse, voltando para a leitura em seguida. — Porém, também estou com medo de que tudo que sei – a minha história – seja esquecido. Tenho medo pelo mundo que pode vir. Medo que meus planos falhem. Medo de um destino trazido pelas Profundezas.

— Espere — Tindwyl falou. — Por que ele teme?

— Por que não temeria? — Sazed perguntou. — As Profundezas, que achamos ser a bruma, estavam matando seu povo. Sem a luz do sol, suas plantações não cresciam e seus animais não podiam pastar.

— Mas, se Kwaan temia as Profundezas, então não deveria ter se oposto a Alendi — Tindwyl concluiu. — Ele estava subindo para o Poço da Ascensão para *derrotar* as Profundezas.

— Sim — Sazed falou. — Mas na época Kwaan estava convencido de que Alendi não era o Herói das Eras.

— Mas por que isso importaria? — Tindwyl perguntou. — Não era necessário haver uma pessoa específica para parar as brumas, o sucesso de Rashek prova isso. Aqui, pule para o final. Leia aquela passagem sobre Rashek.

— Tenho um sobrinho jovem, Rashek — Sazed leu. — Ele odeia todos de Khlennium com a paixão da juventude invejosa. Odeia Alendi de forma ainda mais aguda, embora os dois nunca tenham se encontrado, pois Rashek se sente traído por um de nossos opressores ter sido escolhido como Herói das Eras.

Alendi precisará de guias através das montanhas de Terris. Incumbi Rashek de garantir que ele e seus amigos de confiança sejam escolhidos como guias. Rashek deve tentar levar Alendi na direção errada, desencorajá-lo ou, de alguma outra maneira, frustrar sua busca. Alendi não saberá que foi enganado.

Se Rashek falhar em desencaminhar Alendi, eu instruí o rapaz a assassinar meu ex-amigo. É uma esperança distante. Alendi sobreviveu a assassinos, guerras e catástrofes. E, ainda assim, espero que nas montanhas gélidas de Terris ele possa finalmente ser exposto. Espero por um milagre.

Alendi não pode chegar ao Poço da Ascensão. Ele não pode tomar o poder para si.

Tindwyl ajeitou-se na cadeira, franzindo a testa.

— O que foi?

— Tem algo errado, eu acho — ela disse. — Mas não consigo dizer exatamente o quê.

Sazed percorreu o texto com os olhos outra vez.

— Então, vamos dividir em declarações simples. Rashek, o homem que se tornou o Senhor Soberano, era sobrinho de Kwaan.

— Sim — Tindwyl concordou.

— Kwaan enviou Rashek para enganar, ou até mesmo matar, seu antigo amigo Alendi, o Conquistador, um homem escalando as montanhas de Terris em busca do Poço da Ascensão.

Tindwyl assentiu com a cabeça.

— Kwaan fez isso porque temia o que aconteceria se Alendi tomasse para si o poder do Poço.

Tindwyl ergueu um dedo.

— Por que ele temia isso?

— Parece um medo racional, creio eu — Sazed respondeu.

— Racional demais — Tindwyl retrucou. — Ou, melhor, perfeitamente racional. Mas, Sazed, me diga uma coisa. Quando você leu o diário de Alendi, teve a impressão de que ele era do tipo que tomaria o poder para si?

Sazed negou com um abano de cabeça.

— Na verdade, pelo contrário. Essa é a parte que deixa o diário tão confuso… não conseguimos entender por que o homem representado nele teria feito o que supomos que ele fez. Acho que é parte daquilo que, no fim das contas, levou Vin a pensar que o Senhor Soberano não era Alendi mesmo, mas Rashek, seu carregador.

— E Kwaan diz que conhecia bem Alendi — Tindwyl falou. — De fato, nessa cópia, ele elogia o homem em várias ocasiões. Diz que é uma boa pessoa, acredito eu.

— Sim — Sazed confirmou, encontrando a passagem. — Ele é um bom homem apesar de tudo, ele é um bom homem. Um homem que se sacrifica. Na verdade, todos os seus atos – todas as mortes, a destruição e as dores que ele causou – feriram-no profundamente.

— Então, Kwaan conhecia bem Alendi — Tindwyl falou. — E tinha o outro em alta conta. Também, possivelmente, conhecia bem seu sobrinho, Rashek. Entende a minha questão?

Sazed meneou a cabeça lentamente.

— Por que enviar um homem de temperamento violento, cujas motivações se baseiam na inveja e no ódio, para matar um homem que você pensa ser bom e ter caráter digno? Parece uma estranha escolha.

— Exatamente — Tindwyl disse, descansando os braços na mesa.

— Mas — Sazed falou — Kwaan diz bem aqui que “duvida que, se Alendi

chegar ao Poço da Ascensão, ele tomará o poder e, em seguida, em nome do bem maior, abrirá mão dele".

Tindwyl sacudiu a cabeça.

— Isso não tem sentido, Sazed. Kwaan escreveu várias vezes sobre como temia as Profundezas, mas então tentou frustrar a esperança de pará-la enviando um jovem odiento para matar um líder respeitado e, supostamente, sábio. Kwaan praticamente *preparou* Rashek para tomar o poder… se deixar que Alendi tomasse o poder fosse uma preocupação tão grande, não teria temido que Rashek pudesse fazer o mesmo?

— Talvez simplesmente vejamos as coisas com a clareza daqueles que observam acontecimentos já passados — Sazed disse.

Tindwyl novamente negou com a cabeça.

— Não estamos vendo algo, Sazed. Kwaan é um homem muito racional, até mesmo calculista. Pode-se ver isso na sua narrativa. Foi quem descobriu Alendi e primeiro o anunciou como o Herói das Eras. Por que se voltaria contra ele como fez?

Sazed assentiu, folheando a tradução da cópia por fricção. Kwaan ganhou muita notoriedade ao descobrir o Herói. Descobriu o lugar que procurava.

Havia um lugar para mim na tradição da Antecipação – achei que eu fosse o Anunciador, o profeta vaticinado para descobrir o Herói das Eras. Renunciar a Alendi na época teria sido renunciar à minha nova posição, à minha aceitação, pelos outros.

— Algo drástico deve ter acontecido — Tindwyl disse. — Algo que o fez se voltar contra o amigo, a fonte de sua própria fama. Algo que incomodou sua consciência de forma tão aguda que ele se dispôs a arriscar uma oposição ao monarca mais poderoso do país. Algo tão aterrorizante que ele assumiu um risco ridículo, enviando esse Rashek para uma missão assassina.

Sazed folheou suas notas.

— Ele teme as Profundezas e o que aconteceria se Alendi tomasse o poder. Ainda assim, parece não conseguir decidir qual ameaça é maior, e nenhuma delas parece mais presente na narrativa que a outra. Sim, consigo enxergar o problema aqui. Acha, talvez, que Kwaan estava tentando insinuar algo pela incoerência de seus argumentos?

— Talvez — Tindwyl confirmou. — As informações são tão insuficientes. Não consigo julgar um homem sem conhecer o contexto de sua vida!

Sazed ergueu os olhos, encarando-a.

— Talvez estejamos estudando demais — ele falou. — Podemos fazer uma

pausa.

Tindwyl voltou a negar com a cabeça.

— Não temos tempo, Sazed.

Ele encontrou o olhar dela. E Tindwyl tinha razão.

— Você sente isso também, não é? — ela perguntou.

Ele concordou com a cabeça.

— A cidade cairá em breve. As forças que a oprimem… os exércitos, os koloss, a confusão civil…

— Temo que será mais violento do que seus amigos esperam, Sazed — Tindwyl comentou em voz baixa. — Parecem acreditar que podem simplesmente continuar a equilibrar seus problemas.

— São um grupo otimista — ele disse, sorrindo. — Desacostumados com a derrota.

— Será pior que a revolução — Tindwyl falou. — Eu estudo essas coisas, Sazed. Sei o que acontece quando um conquistador toma a cidade. Pessoas vão morrer. Muitas pessoas.

Sazed sentiu um calafrio com as palavras da mulher. Havia uma tensão em Luthadel; a guerra estava chegando à cidade. Talvez um exército ou outro entrasse com as bênçãos da Assembleia, mas o outro ainda atacaria. As muralhas de Luthadel se tingiriam de vermelho quando o cerco finalmente terminasse.

E ele temia que o fim estivesse muito, muito próximo.

— Você tem razão — ele falou, voltando-se às notas em sua escrivaninha. — Precisamos continuar a estudar. Devemos reunir mais daquilo que pudermos encontrar sobre o país antes da Ascensão para que você possa ter o contexto que busca.

Ela assentiu, mostrando uma determinação fatalista. Não era uma tarefa que poderiam terminar no tempo que tinham. Decifrar o significado da cópia, compará-lo ao diário e relacioná-lo ao contexto do período era um empreendimento erudito que exigiria um trabalho empenhado de anos.

Os Guardadores tinham muito conhecimento, mas, nesse caso, era quase demais. Vinham reunindo e transmitindo registros, histórias, mitos e lendas por tanto tempo que levava anos para um Guardador recitar as obras coletadas a um novo iniciado.

Felizmente, junto com a quantidade de informações, havia índices e sumários criados pelos Guardadores. Sobre eles vinham as notas e os índices pessoais que cada Guardador individualmente fazia. E, ainda assim, eles apenas

ajudavam o Guardador a saber quanta informação tinha. O próprio Sazed passara a vida lendo, memorizando e indexando religiões. Cada noite, antes de dormir, ele lia alguma parte de uma nota ou história. Provavelmente era o principal estudioso do mundo em religiões pré-Ascensão, e ainda assim julgava saber tão pouco.

Para complicar, havia a falibilidade inerente de suas informações. Grande parte delas vinham da boca de pessoas simples que faziam o melhor para lembrar o que fora sua vida no passado – ou, com mais frequência, que vida seus avós teriam tido no passado. Os Guardadores não foram fundados até o final do segundo século do reinado do Senhor Soberano. Na época, muitas religiões já haviam sido dizimadas em suas formas puras.

Sazed fechou os olhos, passou outro índice de uma mente de cobre para a cabeça, e começou a pesquisá-lo. Não havia muito tempo, claro, mas Tindwyl e ele eram Guardadores. Estavam acostumados a iniciar tarefas que outros precisariam terminar.

Elend Venture, antigo rei do Domínio Central, estava na sacada de sua fortaleza, observando de cima a vasta cidade de Luthadel. Apesar das primeiras neves ainda não terem caído, o tempo havia ficado mais frio. Vestia uma capa comprida, amarrada na frente, mas que não protegia o rosto. O frio fez suas bochechas formigarem quando o vento soprou, chicoteando sua capa. A fumaça subia das chaminés, juntando-se como uma sombra nefasta sobre a cidade antes de se erguer para misturar-se ao céu vermelho acinzentado.

Para cada casa que produzia fumaça, havia duas que não o faziam. Muitas delas provavelmente estavam desertas; a cidade não tinha, nem de longe, a população que exibira no passado. No entanto, ele sabia que muitas das casas sem fumaça ainda estavam habitadas. Habitadas e congelando.

Eu deveria ter sido capaz de fazer mais por eles, Elend pensou, seus olhos abertos para o vento gelado perfurante. *Deveria ter encontrado uma maneira de conseguir mais carvão; deveria ter conseguido abastecer a todos.*

Era humilhante, até mesmo deprimente, admitir que o Senhor Soberano se saíra melhor que Elend. Apesar de ser um tirano cruel, o Senhor Soberano ao menos impedia que uma parte significativa da população morresse de fome ou congelasse. Mantivera os exércitos sob controle e a criminalidade em um nível administrável.

A nordeste, o exército koloss esperava. Não enviara emissários para a cidade, mas era mais apavorante que os exércitos de Cett ou Straff. O frio não afastava seus integrantes; apesar de sua pele nua, aparentemente percebiam pouco as

mudanças de tempo. Esse último exército era o mais perturbador dos três – mais perigoso, mais imprevisível e com o qual era impossível negociar. Koloss não barganhavam.

Não prestamos atenção o suficiente àquela ameaça, ele pensou enquanto estava na sacada. *Havia simplesmente muito a se fazer, tanto a se preocupar que não conseguimos nos concentrar em um exército que talvez seja tão perigoso para nossos inimigos quanto para nós.*

Parecia cada vez menos provável que os koloss atacassem Cett ou Straff. Aparentemente, Jastes tinha controle o bastante para mantê-los à espera de dar o bote em Luthadel.

— Milorde — disse uma voz atrás dele. — Por favor, venha para dentro. Esse vento é mortal. Não use o frio para se matar.

Elend virou-se. Capitão Demoux estava de pé, em posição de sentido, no aposento, junto com outro guarda-costas. Na esteira da tentativa de assassinato, Ham insistiu que Elend andasse protegido. Elend não reclamara, embora soubesse que havia pouco motivo para precaução. Straff não iria querer matá-lo agora que não era mais rei.

Tão sério, Elend pensou, examinando o rosto de Demoux. *Por que acho que ele é jovem? Somos quase da mesma idade.*

— Muito bem — Elend falou, virando-se e atravessando a sala a passos largos. Quando Demoux fechou as portas da sacada, Elend tirou a capa. Os trajes embaixo dela pareciam estranhos nele. Mal-ajambrados, embora tivesse mandado limpar e passar. O colete estava apertado demais – sua prática com a espada estava modificando lentamente seu corpo –, embora o casaco ficasse folgado.

— Demoux — Elend falou. — Quando é sua próxima reunião do Sobrevivente?

— Hoje à noite, milorde.

Elend assentiu. Ele ficou com medo; seria uma noite fria.

— Milorde, o senhor ainda pretende vir? — Demoux perguntou.

— Claro — Elend falou. — Dei minha palavra que me juntaria à sua causa.

— Isso foi antes de perder a votação, milorde.

— É irrelevante — Elend falou. — Estou me juntando ao seu movimento porque é importante para os skaa, Demoux, e eu quero entender a vontade do meu… do povo. Prometi a vocês dedicação, e vocês a terão.

Demoux parecia um pouco confuso, mas não falou mais palavra. Elend olhou sua escrivaninha, pensando em estudar um pouco, mas achou difícil motivar-se

no gabinete frio. Em vez disso, abriu a porta e saiu pelo corredor. Seus guardas o seguiram.

Ele se segurou para não virar para os aposentos de Vin. Ela precisava descansar, e não fazia bem para ela tê-lo espiando a cada meia hora para ver como estava. Então, em vez disso, ele se virou para caminhar por uma passagem diferente.

Os corredores ao fundo da Fortaleza Venture eram construções de pedra estreitas e escuras, com uma complexidade labiríntica. Talvez fosse porque ele crescera nessas passagens, mas sentia-se em casa no confinamento escuro, isolado. Eram o lugar perfeito para um jovem que não queria ser encontrado. Agora ele os usava por outra razão; os corredores eram um lugar perfeito para longas caminhadas. Ele não seguia para qualquer direção específica, apenas se movia, resolvendo sua frustração ao som do estalar dos próprios passos.

Não posso resolver os problemas da cidade, ele disse a si mesmo. *Tenho que deixar Penrod cuidar disso, é ele quem o povo quer.*

Aquilo deveria ter deixado as coisas mais fáceis para Elend. Permitia que ele se concentrasse em sua sobrevivência, sem mencionar o tempo que isso abria para revitalizar seu relacionamento com Vin. Entretanto, ela parecia diferente nos últimos tempos. Elend tentou dizer a si mesmo que eram apenas seus ferimentos, porém sentia algo mais profundo. Algo na forma em que ela o olhava, algo na maneira em que reagia à sua afeição. E, mesmo sem querer, ele só podia pensar em uma coisa que havia mudado.

Ele não era mais rei.

Vin não era fútil. Não lhe mostrara nada além de devoção e amor durante seus dois anos juntos. E, ainda assim, como ela poderia não reagir – mesmo que de forma inconsciente – ao seu fracasso colossal? Durante a tentativa de assassinato, ele a viu lutar. *Realmente* a viu lutar, pela primeira vez. Até aquele dia, ele não havia percebido o quanto ela era incrível. Não era apenas uma guerreira, e não era apenas uma alomântica. Era uma força, como o trovão ou os ventos. A maneira como ela matara aquele último homem, esmagando a cabeça dele com a dela…

Como ela poderia amar um homem como eu?, ele pensou. *Eu nem mesmo consegui manter meu trono. Escrevi as próprias leis que me depuseram.*

Ele suspirou e continuou a andar. Sentia-se como se devesse estar lutando, tentando imaginar uma maneira de convencer Vin de que era digno dela. Mas aquilo apenas o faria parecer mais incompetente. Não havia como corrigir erros passados, especialmente por não poder ver nenhum “erro” real que tivesse

cometido. Fizera o melhor que podia, e aquilo se provou insuficiente.

Ele parou num cruzamento. Antes, um mergulho relaxante num livro teria sido o suficiente para acalmá-lo. Agora, ele se sentia nervoso. Tenso. Um pouco… como ele achava que Vin se sentia normalmente.

Talvez eu devesse aprender com ela, ele pensou. *O que Vin faria na minha situação?* Certamente ela não estaria andando a esmo, taciturna e sentindo pena de si mesma. Elend franziu o cenho, olhou para um corredor iluminado por lamparinas a óleo tremeluzentes, apenas metade delas acesas. Em seguida partiu, caminhando a passos largos e determinados na direção de um conjunto de aposentos específico.

Bateu na porta com suavidade e não teve resposta. Por fim, enfiou a cabeça no vão da porta. Sazed e Tindwyl estavam sentados, em silêncio, diante de uma mesa com altas pilhas de papéis e livros. Os dois olhavam o vazio, como se para o nada, seus olhos tinham o olhar vidrado de alguém que estava chocado. A mão de Sazed descansava na mesa. A de Tindwyl estava pousada sobre ela.

Sazed ficou alerta de repente, virando-se para olhar Elend.

— Lorde Venture! Desculpe. Não ouvi o senhor entrar.

— Tudo bem, Sazed — Elend falou, entrando no aposento. Quando entrou, Tindwyl também despertou, e ela tirou sua mão da de Sazed. Elend meneou a cabeça para Demoux e seu companheiro – que ainda o seguiam –, indicando que eles deveriam permanecer do lado de fora, e fechou a porta.

— Elend — Tindwyl disse, sua voz recoberta com sua típica tensão de desprazer. — Por que nos incomoda? Já provou sua incompetência de modo bastante evidente. Não vejo motivo para mais discussões.

— Aqui ainda é minha casa, Tindwyl — Elend retrucou. — Insulte-me de novo e vai se ver expulsa daqui.

Tindwyl ergueu uma sobrancelha.

Sazed empalideceu.

— Lorde Venture — ele disse, rapidamente —, não acho que Tindwyl quis…

— Tudo bem, Sazed — Elend disse, erguendo a mão. — Ela só estava testando para ver se eu havia voltado ao meu antigo estado de “insultabilidade”.

Tindwyl deu de ombros.

— Ouvi relatos de você choramingando pelos corredores do palácio como uma criança perdida.

— Esses relatos são verdadeiros — Elend falou. — Mas não significam que meu orgulho desapareceu por completo.

— Bom — Tindwyl falou, acenando com a cabeça para uma poltrona. — Sente-se, se desejar.

Elend assentiu, puxando a poltrona para frente dos dois e sentando-se.

— Preciso de um conselho.

— Já dei os que podia — Tindwyl advertiu. — Na verdade, dei muito mais para você. Minha presença contínua aqui faz parecer que estou tomando partido.

— Não sou mais rei — Elend falou. — Portanto, não há partido. Sou apenas um homem buscando a verdade.

Tindwyl sorriu.

— Faça suas perguntas, então.

Sazed observou a conversa com interesse óbvio.

Eu sei, Elend pensou, *também não tenho certeza se entendo nosso relacionamento.*

— Aqui está o meu problema — ele disse. — Perdi o trono essencialmente porque não estava disposto a mentir.

— Explique — Tindwyl pediu.

— Tive uma chance de obscurecer uma parte da lei — Elend falou. — No último momento, poderia ter feito a Assembleia me assumir como rei. Em vez disso, dei uma informação que era verdadeira, mas que terminou por me custar o trono.

— Não me surpreendo — Tindwyl comentou.

— Duvidei que se surpreenderia — Elend retrucou. — Agora, acham que fui tolo em fazer o que fiz?

— Sim.

Elend assentiu.

— Mas — Tindwyl falou —, não foi aquele momento que custou a você o trono, Elend Venture. Esse momento foi uma coisa pequena, simples demais para atribuir ao seu imenso fracasso. Perdeu o trono porque não mandou seus exércitos para tomar a cidade, porque insistiu em dar à Assembleia liberdade demais, e porque não contrata assassinos ou outras formas de pressão. Em suma, Elend Venture, perdeu o trono porque é um bom homem.

Elend sacudiu a cabeça.

— Então, não posso ser um homem que segue sua consciência *e* um bom rei?

Tindwyl franziu o cenho, pensativa.

— Essa é uma pergunta milenar, Elend — Sazed disse em voz baixa. — Uma questão que monarcas, sacerdotes e homens humildes destinados à grandeza

sempre fizeram. Não sei se há uma resposta.

— Sazed, eu deveria ter contado a mentira? — Elend perguntou.

— Não — Sazed disse, sorrindo. — Talvez outro homem tivesse feito isso, na mesma posição. Mas um homem deve ser coerente consigo mesmo. Você tomou decisões na vida, e mudá-las no último momento, contando essa mentira, teria ido contra quem você é. É melhor para você ter feito o que fez e perdido o trono, creio eu.

Tindwyl franziu a testa.

— Os ideais dele são excelentes, Sazed. Mas e o povo? E se eles morrerem porque Elend não foi capaz de controlar sua consciência?

— Não quero discutir com você, Tindwyl — Sazed falou. — É simplesmente minha opinião que ele escolheu bem. É direito dele seguir sua consciência, e então confiar na providência para preencher as lacunas causadas pelo conflito entre moralidade e lógica.

Providência.

— Você diz, Deus — Elend disse.

— Sim.

Elend sacudiu a cabeça.

— O que é Deus, Sazed, além de um instrumento usado pelos obrigadores?

— Por que você toma as decisões que toma, Elend Venture?

— Porque estão corretas — Elend respondeu.

— E por que essas coisas estão corretas?

— Não sei — Elend falou com um suspiro, recostando-se na poltrona. Flagrou um olhar de desaprovação de Tindwyl quanto à sua postura, mas ignorou-a. Ele não era rei; podia relaxar se quisesse. — Você fala de Deus, Sazed, mas não prega uma centena de religiões diferentes?

— Trezentas, na verdade — Sazed corrigiu.

— Bem, em qual delas *você* acredita? — Elend perguntou.

— Acredito em todas.

Elend balançou a cabeça.

— Não faz sentido. Você me apresentou apenas meia dúzia delas, e eu já consigo ver que são incompatíveis.

— Não estou em posição de julgar a verdade, Lorde Venture — Sazed disse, sorrindo. — Eu simplesmente a conduzo.

Elend suspirou. *Sacerdotes…* ele pensou. Às vezes, falar com Sazed é como falar com um obrigador.

— Elend — Tindwyl falou com um tom mais ameno. — Acho que você

lidou com essa situação de maneira errada. No entanto, Sazed tem razão. Você foi fiel às suas convicções, e esse é um atributo régio, creio eu.

— E o que devo fazer agora? — ele quis saber.

— O que desejar — Tindwyl respondeu. — Nunca foi minha tarefa dizer a você o que fazer. Simplesmente dei conhecimento do que homens no seu lugar fizeram no passado.

— E o que eles teriam feito? — Elend perguntou. — Esses seus grandes líderes, como eles teriam reagido à minha situação?

— É uma pergunta sem sentido — ela falou. — Eles não teriam chegado à mesma situação, pois eles não teriam perdido seu título, em primeiro lugar.

— É a isso que se resume, então? — Elend perguntou — Ao título?

— Não é o que estávamos discutindo? — Tindwyl devolveu a pergunta.

Elend não respondeu. *O que você acha que faz de um homem um bom rei?*, ele perguntou certa vez a Tindwyl. *Confiança,* ela respondera. *Um bom rei é aquele que tem a confiança do seu povo, e aquele que merece essa confiança.*

Elend levantou-se.

— Obrigado, Tindwyl — ele disse.

Tindwyl franziu o cenho, confusa, em seguida virou-se para Sazed. Ele ergueu os olhos e encontrou os de Elend, inclinando levemente a cabeça. Em seguida, sorriu.

— Venha, Tindwyl — ele disse. — Precisamos voltar aos nossos estudos. Vossa Majestade tem trabalho a fazer, eu acho.

Tindwyl continuou com a testa franzida quando Elend saiu da sala. Os guardas seguiram-no enquanto ele rapidamente percorria o corredor.

Não voltarei a ser como eu era, Elend pensou. *Não continuarei a me queixar e me preocupar. Tindwyl me ensinou a ser melhor que isso, mesmo que ela nunca tenha realmente me entendido.*

Elend chegou aos seus aposentos poucos momentos depois. Entrou altivamente, em seguida abriu o armário. As roupas que Tindwyl escolhera para ele – as roupas de um rei – esperavam lá dentro.

Alguns de vocês talvez conheçam minha memória lendária. É verdade. Não preciso de uma mente de metal feruquemista para memorizar uma página de palavras num instante.

42

— Muito bem — Elend disse, usando um pedaço de carvão vegetal para circular outra seção no mapa da cidade diante dele. — E aqui?

Demoux coçou o queixo.

— Grainfield? É uma vizinhança nobre, milorde.

— Costumava ser — Elend falou. — Grainfield era cheia de casas aparentadas dos Venture. Quando meu pai se retirou da cidade, a maioria deles o seguiu.

— Então, diria que provavelmente encontraremos casas cheias de skaa em caráter provisório.

Elend assentiu.

— Tire-os de lá.

— Desculpe, milorde? — Demoux falou. Os dois estavam no grande patamar de embarque de carruagens da Fortaleza Venture. Soldados moviam-se agitados através do amplo espaço. Muitos deles não usavam uniforme; não estavam em serviço oficial da cidade. Elend não era mais rei, mas ainda tinham vindo ao seu pedido.

Ao menos, aquilo dizia alguma coisa.

— Precisamos tirar os skaa dessas casas — Elend continuou. — As casas de nobres são, em sua maioria, mansões de pedra com vários quartos pequenos. São extremamente difíceis de aquecer, exigem uma lareira separada ou uma estufa para cada quarto. Os prédios dos skaa são deprimentes, mas têm lareiras imensas e quartos abertos.

Demoux assentiu lentamente.

— O Senhor Soberano não podia ter seus trabalhadores congelando — Elend falou. — Aqueles prédios são a melhor maneira de cuidar de forma eficiente de uma grande população com recursos limitados.

— Entendo, milorde — Demoux falou.

— Não os force, Demoux — Elend falou. — Minha guarda pessoal, mesmo aumentada com voluntários do exército, não tem autoridade oficial na cidade. Se as famílias quiserem ficar nas casas aristocráticas roubadas, deixe-as. Apenas garanta que saibam da existência de uma alternativa ao congelamento.

Demoux concordou com a cabeça e saiu para passar as ordens adiante. Elend virou-se quando um mensageiro chegou. O homem precisou abrir caminho através de um emaranhado de soldados organizados que recebiam ordens e faziam planos.

Elend meneou a cabeça para o recém-chegado.

— Você está no grupo de acompanhamento das demolições, correto?

O homem assentiu e curvou-se. Não estava de uniforme; era um soldado, não um dos guardas de Elend. Era um homem mais jovem, de queixo quadrado, careca e com sorriso honesto.

— Eu não o conheço? — Elend perguntou.

— Ajudei o senhor um ano atrás, milorde — o homem disse. — Levei o senhor para dentro do palácio do Senhor Soberano para ajudar a resgatar a Lady Vin…

— Goradel — Elend falou, lembrando. — Você fazia parte da guarda pessoal do Senhor Soberano.

O homem assentiu.

— Juntei-me ao seu exército no dia seguinte. Parecia a coisa certa a fazer.

Elend sorriu.

— Não é mais o meu exército, Goradel, mas fico feliz que tenha vindo nos ajudar hoje. O que você me conta?

— O senhor estava certo, milorde — Goradel disse —, os skaa já haviam roubado a mobília das casas vazias. Mas muitos não pensaram nas paredes. Metade das mansões abandonadas tem paredes de madeira, e muitos dos edifícios foram feitos de madeira. A maioria deles tem telhados de madeira.

— Bom — Elend disse. Ele pesquisou a massa de homens que se reunia. Não havia contado seus planos para eles; simplesmente pedira voluntários para ajudá-lo com um pouco de trabalho pesado. Não esperava que a resposta pudesse ser contada às centenas.

— Parece que estamos reunindo um bom grupo, milorde — Demoux disse, voltando à companhia de Elend.

Elend concordou com a cabeça, dispensando Goradel.

— Poderemos tentar um plano ainda mais ambicioso do que eu havia

planejado.

— Milorde — Demoux disse. — O senhor tem certeza de que quer começar a derrubar a cidade ao nosso redor?

— Ou perdemos prédios, ou perdemos pessoas, Demoux — Elend falou. — Prefiro os prédios.

— E se o rei tentar nos parar?

— Então, obedeceremos — Elend falou. — Mas não acho que Lorde Penrod fará objeção. Está ocupado demais tentando aprovar uma lei pela Assembleia que entregue a cidade ao meu pai. Além disso, provavelmente é melhor para ele ter esses homens aqui, trabalhando, do que tê-los sentados e preocupados nas casernas.

Demoux ficou em silêncio. Elend também; os dois sabiam como sua posição era precária. Havia passado pouco tempo desde a tentativa de assassinato e a transferência de poder, e a cidade estava em choque. Cett ainda estava escondido na Fortaleza Hasting, e seus exércitos tinham se movido para posição de ataque à cidade. Luthadel era como um homem com uma faca apertada bem rente ao pescoço. Cada suspiro cortava a pele.

Não consigo fazer muito sobre isso agora, Elend pensou. *Tenho que garantir que as pessoas não congelem nas próximas noites.* Ele conseguia sentir o frio feroz, apesar da luz do dia, de seu manto e do abrigo. Havia muita gente em Luthadel, mas se ele conseguisse homens suficientes derrubando os prédios, poderia ser capaz de fazer algum bem.

— Milorde!

Elend virou-se quando um homenzinho com bigode descaído se aproximou.

— Ah, Felt — ele disse. — Tem notícias?

O homem estava trabalhando no problema da comida envenenada – especificamente em como a cidade estava sendo invadida.

O espião assentiu.

— De fato, tenho, milorde. Interrogamos os refugiados com um Tumultuador, e não tivemos sucesso. Mas, então, comecei a pensar. Os refugiados pareciam óbvios demais para mim. Estrangeiros na cidade? Claro que eles seriam os primeiros de quem desconfiaríamos. Imaginei, com o tamanho do estrago nos poços, nos alimentos e coisa assim, que alguém *deveria* estar entrando e saindo da cidade às escondidas.

Elend concordou com a cabeça. Eles estavam observando os soldados de Cett dentro da Fortaleza Hasting com muito cuidado, e nenhum deles era o responsável. O Nascido das Brumas de Straff ainda era uma possibilidade, mas

Vin nunca acreditara que ele estivesse por trás do envenenamento. Elend esperava que a trilha – se pudesse ser encontrada – os levasse até alguém em seu próprio palácio, revelando, se possível, quem em sua equipe de serviçais fora substituído por um kandra.

— Bem? — Elend perguntou.

— Interroguei as pessoas que cuidam dos passa-muralhas — Felt continuou. — Não acho que são culpadas.

— Passa-muralhas?

Felt confirmou com a cabeça.

— Passagens secretas para fora da cidade. Túneis e coisa assim.

— Isso existe? — Elend perguntou, surpreso.

— Claro, milorde — Felt respondeu. — Mover-se entre cidades era muito difícil para os ladrões skaa durante o reinado do Senhor Soberano. Todos que entravam em Luthadel passavam por entrevista e interrogatório. Então, os jeitos de entrar na cidade secretamente eram muito comuns. A maioria deles fechou – aqueles usados para baixar e subir pessoas por cordas sobre as muralhas. Alguns ainda estão abertos, mas não acho que deixem entrar espiões. Quando o primeiro poço foi envenenado, todos os passa-muralhas ficaram paranoicos que o senhor fosse atrás deles. Desde então, eles deixam apenas as pessoas *saírem* da cidade – aqueles que querem fugir da cidade sitiada e coisa assim.

Elend franziu o cenho. Não tinha certeza do que pensava sobre as pessoas desobedecerem sua ordem de manter os portões fechados, sem passagem para fora.

— Em seguida — Felt falou —, tentei o rio.

— Pensamos nisso — Elend falou. — As grades que cobrem a água são todas seguras.

Felt sorriu.

— E como são. Mandei alguns homens para baixo d’água investigar, e encontramos lá embaixo várias trancas que mantinham as grades do rio no lugar.

— O quê?

— Alguém arrombou as grades, milorde — Felt respondeu —, então as colocou de volta no lugar para que não parecesse suspeito. Dessa forma, poderiam nadar para dentro e para fora a seu bel-prazer.

Elend ergueu uma sobrancelha.

— Quer que a gente substitua as grades? — Felt perguntou.

— Não — Elend disse. — Não, apenas substitua as trancas por novas e coloque homens para vigiar. Da próxima vez que os prisioneiros tentarem entrar na cidade, quero que eles caiam na armadilha.

Felt assentiu, retirando-se com um sorriso feliz no rosto. Seus talentos como espião não estavam sendo muito usados ultimamente, e ele parecia gostar das tarefas que Elend lhe dava. Elend fez uma nota mental para pensar sobre incumbir Felt da busca do espião kandra – supondo, claro, que o próprio Felt não fosse o espião.

— Milorde — Demoux disse, aproximando-se. — Acho que eu poderia oferecer uma segunda opinião sobre como os envenenamentos estão ocorrendo.

Elend virou-se.

— É mesmo?

Demoux assentiu, acenando para um homem aproximar-se da lateral do lugar. Era mais jovem, talvez tivesse dezoito anos, e tinha o rosto e as roupas sujos de um trabalhador skaa.

— Este é Larn — Demoux falou. — Um membro da minha congregação.

O jovem curvou-se diante de Elend, com uma postura nervosa.

— Pode falar, Larn — Demoux falou. — Diga ao Lorde Venture o que você viu.

— Bem, milorde — o jovem começou. — Tentei dizer isso ao rei. Digo, ao novo rei. — Ele corou, envergonhado.

— Tudo bem — Elend falou. — Continue.

— Bem, os homens lá me enxotaram. Disseram que o rei não tinha tempo para mim. Então, procurei Lorde Demoux. Imaginei que ele talvez acreditasse em mim.

— Em quê? — Elend quis saber.

— Um Inquisidor, milorde — o homem confessou em voz baixa. — Vi um deles na cidade.

Elend sentiu um calafrio.

— Tem certeza?

O jovem assentiu.

— Vivi em Luthadel minha vida toda, milorde. Assisti a execuções várias vezes. Reconheceria um daqueles monstros, com certeza que reconheceria. Eu o vi. As estacas nos olhos, alto com túnica, esgueirando-se à noite. Perto das praças centrais da cidade. Eu juro.

Elend trocou um olhar com Demoux.

— Ele não é o único, milorde — Demoux disse baixinho. — Alguns outros

membros da minha congregação disseram ter visto um Inquisidor em Kredik Shaw. Ignorei os primeiros, mas Larn, ele é confiável. Se ele disse que viu algo, ele viu. Aquele ali tem olhos quase tão bons quanto os de um Olho de Estanho.

Elend concordou lentamente e ordenou que uma patrulha de sua guarda pessoal vigiasse a área indicada. Depois disso, voltou para o esforço de coleta de madeira. Deu ordens, organizando os homens em equipes, enviando alguns para iniciar os trabalhos, outros para reunir recrutas. Sem combustível, muitas das forjas da cidade haviam fechado, e os trabalhadores estavam ociosos. Poderiam usar algo para ocupar o tempo.

Elend viu energia nos olhos dos homens quando começaram a se dividir. Elend conhecia aquela determinação, aquela firmeza de olhos e braços. Vinha da satisfação de fazer algo, e não apenas sentar e esperar pelo destino – ou pelo rei – agir.

Elend voltou ao mapa, fazendo algumas anotações. De canto de olho, viu Ham se aproximar.

— Então foi para cá que todos vieram! — Ham falou. — Os campos de treinamento estão vazios.

Elend ergueu os olhos, sorrindo.

— Está de volta ao uniforme, então? — Ham perguntou.

Elend baixou os olhos para os trajes. Desenhado para destacar-se, para diferenciá-lo de uma cidade manchada pelas cinzas.

— Sim.

— Que pena — Ham disse com um suspiro. — Ninguém devia precisar usar uniformes.

Elend ergueu uma sobrancelha. Em face do inverno inegável, Ham teve de finalmente usar uma camisa embaixo do colete. Contudo, não vestia manto ou casaco.

Elend voltou para o mapa.

— Os trajes caem bem em mim — ele disse. — Parecem adequados. De qualquer forma, esse seu colete é tão uniforme quanto isto aqui.

— Não é, não.

— Não é? — Elend perguntou. — Nada grita mais a palavra Brutamontes que um homem que sai em pleno inverno sem um casaco, Ham. Você usou suas roupas para mudar a maneira como as pessoas reagem a você, para deixá-las saber quem você é e o que representa… o que é essencialmente a função de um uniforme.

Ham fez uma pausa.

— É uma maneira interessante de olhar as coisas.

— Quê? — Elend falou. — Você nunca discutiu sobre algo assim com Brisa?

Ham sacudiu a cabeça enquanto se virava para olhar os grupos de homens, ouvindo os homens que Elend nomeara para dar ordens.

Ele mudou, Elend pensou. *Cuidar desta cidade, lidar com tudo isto, isso o mudou mesmo.* O Brutamontes estava mais solene agora, mais concentrado. Claro, tinha mais responsabilidade na segurança da cidade do que o restante do grupo. Às vezes era difícil se lembrar que aquele Brutamontes de espírito livre era um pai de família. Ham tendia a não falar muito sobre Mardra ou seus dois filhos. Elend suspeitava que fosse um hábito; Ham passara grande parte do casamento vivendo separado da família para mantê-la em segurança.

Esta cidade inteira é minha família, Elend pensou, observando os soldados saírem para o trabalho. Alguns deles talvez pensassem que algo tão simples quanto juntar lenha fosse uma tarefa banal, de pouca importância para uma cidade ameaçada por três exércitos. No entanto, Elend sabia que o povo skaa que congelava receberia a lenha com tanta alegria quanto a salvação dos exércitos.

A verdade era que Elend se sentia um pouco como aqueles soldados. Ele sentia uma satisfação – uma empolgação até – por fazer alguma coisa, *qualquer coisa*, para ajudar.

— E se o ataque de Cett vier? — Ham perguntou, ainda olhando os soldados. — Boa parte do exército estará espalhada pela cidade.

— Mesmo se tivermos mil homens nos meus grupos, não significa uma grande redução em nossas forças. Além disso, Trevo acha que haverá muito tempo para reuni-los. Estamos com mensageiros a postos.

Elend olhou de novo para o mapa.

— De qualquer forma, não acho que Cett atacará agora. Está bem seguro na fortaleza. Nunca vamos tirá-lo; precisaríamos destacar homens demais das defesas da cidade, deixando-nos expostos. A única coisa com que ele realmente precisa se preocupar é com o meu pai…

Elend interrompeu sua fala.

— O quê? — Ham quis saber.

— É por isso que Cett está aqui — Elend falou, piscando, surpreso. — Não vê? Ele se deixou intencionalmente sem opções. Se Straff atacar, os exércitos de Cett terminarão lutando junto com os nossos. Ele entrelaçou seu destino com o nosso.

Ham franziu o cenho.

— Parece um movimento bem desesperado.

Elend assentiu, pensando em sua reunião com Cett.

— Desesperado — ele repetiu. — É uma boa palavra. Cett está desesperado por algum motivo, um que não consegui entender. De qualquer forma, ao instalar-se aqui dentro, ele está do nosso lado contra Straff, queira ele uma aliança ou não.

— Mas, e se a Assembleia der a cidade para Straff? Se nossos homens se unirem a ele e atacarem Cett?

— Foi o risco que ele correu — Elend falou. *Cett nunca pretendeu poder escapar do confronto aqui em Luthadel. Ele pretende tomar a cidade ou ser destruído.*

Está aguardando, esperando que Straff ataque, preocupado com a ideia de que vamos simplesmente ceder a ele. Mas nada disso pode acontecer, enquanto Straff tiver medo de Vin. Um impasse triplo. Com os koloss como um quarto elemento que ninguém pode prever.

Alguém precisava fazer algo para desempatar.

— Demoux — Elend disse. — Está pronto para assumir aqui?

Capitão Demoux olhou para eles, assentindo.

Elend virou-se para Ham.

— Tenho uma pergunta para você, Ham. — Ham ergueu uma sobrancelha. — O quanto você está se sentindo insano no momento?

Elend levou seu cavalo para fora do túnel até uma paisagem confusa fora de Luthadel. Virou-se, esticando o pescoço para olhar para cima da muralha. Felizmente, os soldados haviam recebido sua mensagem e não o confundiriam com um espião ou um batedor de um dos exércitos inimigos. Ele preferiria não terminar nas histórias de Tindwyl como o ex-rei que morreu com uma flecha dos próprios soldados.

Ham conduziu uma mulher pequena e grisalha pelo túnel. Como Elend imaginara, Ham encontrou facilmente uma passa-muralha adequada para levá-los para fora da cidade.

— Bem, chegamos — disse a idosa, descansando sobre seu cajado.

— Obrigado, boa mulher — Elend falou. — Você serviu bem seu domínio neste dia.

A mulher bufou, erguendo uma sobrancelha – embora ela fosse quase cega, pelo que Elend podia dizer. Elend sorriu, puxando uma bolsinha e entregando

para ela. Ela enfiou a mão ali com seus dedos atrofiados, ainda que surpreendentemente habilidosos, e contou as moedas.

— Três a mais?

— Para a senhora deixar um espião aqui — Elend falou. — Para cuidar da nossa volta.

— Volta? — a mulher questionou. — Vocês não estão fugindo?

— Não — Elend disse. — Tenho apenas alguns negócios com um dos exércitos.

A mulher ergueu outra vez a sobrancelha.

— Bem, não é da conta da vovó — ela murmurou, virando-se para o túnel com seu cajado batendo. — Por três clipes, posso encontrar um neto para sentar aqui por algumas horas. O Senhor Soberano sabe que tenho netos o suficiente.

Ham observou-a ir embora com uma centelha de ternura nos olhos.

— Há quanto tempo conhece esse lugar? — Elend perguntou, vendo um par de homens corpulentos fecharem a seção escondida de pedra. Meio escavado, meio cortado nas próprias pedras da muralha, o túnel era um feito notável. Mesmo depois de ouvir sobre a existência dessas coisas por Felt, ainda era um choque viajar através de um dos esconderijos que ficava a poucos minutos de cavalgada da própria Fortaleza Venture.

Ham virou-se para ele quando a falsa muralha fechou-se num estalo.

— Ah, conheço isso aqui há muitos, muitos anos — ele comentou. — A vovó Hilde costumava me dar doces quando eu era criança. Claro, era realmente uma maneira barata de conseguir publicidade discreta – ainda que bem direcionada – para o seu passa-muralha. Quando cresci, costumava usá-lo para fazer Mardra e as crianças entrarem e saírem da cidade quando vinham me visitar.

— Espere aí — Elend falou. — Você cresceu em Luthadel?

— Claro.

— Nas nossas ruas, igual a Vin?

Ham balançou a cabeça.

— Na verdade, não igual a Vin — ele falou numa voz fraca, observando a muralha. — Não acho que alguém tenha crescido como Vin. Meus pais eram skaa, meu avô era nobre. Eu me envolvi com o submundo, mas tive meus pais por boa parte da infância. Além disso, eu era um garoto, e um garoto grande. — Ele se virou para Elend. — Acho que isso faz uma boa diferença.

Elend assentiu.

— Você não vai fechar esse lugar, vai? — Ham perguntou.

Elend virou-se, chocado.

— Por que eu fecharia?

Ham deu de ombros.

— Não parece exatamente o tipo de empreendimento honesto que você aprovaria. Provavelmente há pessoas fugindo da cidade toda noite por esta caverna. Vovó Hilde é conhecida por receber moedas e não fazer perguntas, mesmo que resmungue um pouco.

Ham tinha razão. *Provavelmente por isso não me contou sobre o lugar até eu perguntar de forma específica.* Seus amigos caminhavam numa linha tênue, próximos aos seus antigos laços do submundo, porém trabalhando duro para ampliar o governo pelo qual se sacrificaram tanto para criar.

— Não sou rei — Elend falou, levando seu cavalo para longe da cidade. — O que a vovó Hilde faz não é da minha conta.

Ham avançou até ficar ao lado dele, parecendo aliviado. No entanto, ele pôde ver aquele alívio se dissipando quando a realidade do que estavam fazendo se apresentou.

— Não gosto disso, El.

Eles pararam de caminhar quando Elend montou.

— Nem eu.

Ham deu um suspiro profundo, então assentiu.

Meus velhos amigos nobres teriam tentado me dissuadir, Elend pensou, achando divertido. *Por que eu me cerquei de pessoas que eram leais ao Sobrevivente? Eles* esperam *que seus líderes assumam riscos irracionais.*

— Eu vou com você — Ham disse.

— Não — Elend disse. — Não vai fazer diferença. Fique aqui, espere para ver se eu volto. Se eu não voltar, conte para Vin o que aconteceu.

— Claro, eu conto — Ham falou com ironia. — Em seguida, retirarei as adagas do meu peito. Faça de tudo para voltar, está bem?

Elend concordou com a cabeça, mal prestando atenção. Seus olhos estavam concentrados no exército à distância. Um exército sem tendas, carruagens, carroças de comida ou serviçais. Um exército que havia comido folhagem do chão numa área imensa ao redor deles. Koloss.

O suor deixava as rédeas escorregadias nas mãos de Elend. Era diferente de antes, quando foi até o exército de Straff e à fortaleza de Cett. Desta vez, ele estava sozinho. Vin não poderia tirá-lo de lá se as coisas degringolassem; ainda estava se recuperando dos ferimentos, e ninguém sabia o que Elend estava fazendo, exceto Ham.

O que eu devo ao povo desta cidade?, Elend se perguntou. *Eles me rejeitaram. Por que ainda insisto em tentar protegê-los?*

— Eu conheço esse olhar, El — Ham falou. — Vamos voltar.

Elend fechou os olhos, deixando escapar um suspiro silencioso. Em seguida, abriu os olhos e atiçou o cavalo para galopar.

Fazia anos desde que vira os koloss, e essa experiência acontecera apenas por insistência do seu pai. Straff não confiava nas criaturas, e nunca gostava de ter guarnições deles no Domínio do Norte, uma apenas a poucos dias de marcha de sua cidade natal, Urteau. Aqueles koloss tinham sido um lembrete, um alerta, do Senhor Soberano.

Elend cavalgava com empenho, como se usasse o impulso para apoiar sua vontade. Além de uma breve visita à guarnição de koloss em Urteau, tudo que sabia das criaturas vinha dos livros, mas as instruções de Tindwyl haviam enfraquecido sua confiança nesse aprendizado, que no passado tinha sido absoluta, além de levemente ingênua.

Vai ter que bastar, Elend pensou quando ele se aproximou do acampamento. Ele cerrou os dentes, reduzindo a velocidade do cavalo enquanto se aproximava de um esquadrão de koloss a pé.

Era como ele lembrava. Uma criatura grande – sua pele fendida e rachada de um jeito nojento por marcas de tensão – liderava algumas feras de tamanho médio, cujos rasgos sangrando estavam começando a aparecer nos cantos da boca e dos olhos. Uma turma de criaturas menores – com a pele enrugada solta e pendente ao redor dos olhos e braços – acompanhava os maiores.

Elend puxou as rédeas do cavalo, trotando até o animal maior.

— Leve-me a Jastes.

— Desça do seu cavalo — o koloss retrucou.

Elend olhou a criatura direto nos olhos. Sobre o cavalo, tinha quase a mesma altura.

— Leve-me a Jastes.

O koloss encarou-o com um par de olhos pequenos, indecifráveis. Tinha um rasgo de um olho ao outro sobre o nariz, uma outra fenda curvando-se para baixo até uma das narinas. O nariz estava tão esticado que era torto e chato, colado ao osso a poucos centímetros fora do centro do rosto.

Era o momento. Os livros diziam que as criaturas fariam o que era ordenado ou simplesmente atacariam. Elend esperou, tenso.

— Venha — o koloss disse, ríspido, virando-se para caminhar de volta ao campo. O restante das criaturas cercou o cavalo de Elend, e o animal arrastou

as patas, nervoso. Elend mantinha as mãos firmes nas rédeas e conduzia o animal adiante. Ele respondia, agitado.

Ele deveria se sentir bem com sua pequena vitória, mas sua tensão apenas cresceu. Avançaram para dentro do acampamento koloss. Foi como ser engolido. Como deixar uma avalanche de pedra cair ao seu redor. Os koloss erguiam os olhos quando ele passava, observando-o com seus olhos vermelhos, indiferentes. Muitos outros apenas ficavam em silêncio ao redor das fogueiras, impassíveis, como homens nascidos com a mente vazia e abobada.

Outros lutavam. Matavam-se uns aos outros, combatendo no chão diante dos companheiros indiferentes. Nenhum filósofo, cientista ou estudioso foi capaz de determinar exatamente o que enfurecia um koloss. Cobiça parecia uma boa motivação. Ainda assim, às vezes atacavam quando havia comida abundante, matando seu companheiro pelo pedaço de carne *dele*. A dor era outro bom motivador, aparentemente, bem como um desafio à autoridade. Razões carnais, viscerais. E, mesmo assim, parecia haver momentos em que atacavam sem qualquer motivo ou razão.

E, depois de lutar, eles se explicavam em tons calmos, como se as ações fossem perfeitamente racionais. Elend estremecia ao ouvir gritos, dizendo a si mesmo que ele provavelmente ficaria bem até chegar a Jastes. Koloss em geral atacavam apenas uns aos outros.

A menos que entrassem num frenesi sangrento.

Ele afastou aquele pensamento, concentrando-se nas coisas que Sazed mencionara sobre sua viagem pelo acampamento dos koloss. As criaturas usavam as espadas grandes e brutas de ferro que Sazed havia descrito. Quanto maior o koloss, maior a arma. Quando um koloss chegava ao tamanho no qual julgava precisar de uma espada maior, tinha apenas duas escolhas: encontrar uma que fora descartada ou matar alguém para tomar a dele. Uma população de koloss podia ser brutalmente controlada aumentando ou diminuindo o número de espadas disponíveis no grupo.

Nenhum dos estudiosos sabia como as criaturas procriavam.

Como Sazed explicara, esses koloss também tinham pequenas e estranhas bolsinhas atadas às amarras de sua espada. *O que são elas?,* Elend pensou. *Sazed disse que viu o koloss maior carregar três ou quatro. Mas aquele que lidera meu grupo tem quase vinte.* Mesmo os koloss pequenos no grupo de Elend tinham três bolsas.

Essa é a diferença, ele pensou. *Seja o que houver nessas bolsas, seria essa a maneira pela qual Jastes controla as criaturas?*

Não havia como saber, exceto pedindo uma das bolsas a um koloss – e ele duvidava que eles fossem abrir mão delas.

Enquanto avançava, percebeu outra peculiaridade: alguns dos koloss estavam vestidos. Antes, ele os vira apenas de tanga, como Sazed havia relatado. Ainda assim, muitos desses koloss vestiam calças, camisas ou saias presas ao corpo. Vestiam roupas sem preocupação de tamanho, e a maioria das peças ficavam tão apertadas que haviam rasgado. Outras eram tão largas que precisavam ser amarradas. Elend viu alguns poucos dos koloss maiores usando apetrechos, como bandanas amarradas ao redor de braços ou cabeça.

— Não somos koloss — o líder koloss disse de repente, virando-se para Elend enquanto caminhavam.

Elend franziu a testa.

— Explique.

— Vocês acham que somos koloss — ele falou através de lábios esticados demais para funcionar direito. — Somos humanos. Viveremos na sua cidade. Vamos matar vocês e tomá-la depois.

Elend estremeceu, percebendo a fonte das roupas descombinadas. Elas tinham vindo da vila que os koloss atacaram, aquela da qual refugiados buscaram asilo em Luthadel. Parecia ser um novo desenvolvimento do pensamento koloss. Ou sempre esteve lá, reprimido pelo Senhor Soberano? O lado estudioso de Elend estava fascinado. O restante, simplesmente horrorizado.

Seu guia koloss parou diante de um pequeno grupo de tendas, as únicas estruturas daquele tipo no acampamento. Em seguida, o líder koloss virou-se e berrou, assustando o cavalo de Elend, que lutou para impedir que a montaria o jogasse longe quando o koloss saltou e atacou um dos companheiros, avançando para espancá-lo com um punho gigante.

Elend venceu sua luta. Mas o líder koloss não venceu.

Elend desceu do cavalo, dando tapinhas no pescoço da montaria enquanto o koloss atacado puxava sua espada do peito do ex-líder. O sobrevivente – que agora carregava vários cortes na pele que não tinham vindo do estiramento – curvou-se para pegar as bolsinhas amarradas às costas do cadáver. Elend observou com uma fascinação muda enquanto o koloss se erguia e falava.

— Ele nunca foi um bom líder — ele disse numa voz arrastada.

Não posso deixar esses monstros atacarem minha cidade, Elend pensou. *Tenho que fazer alguma coisa*. Ele avançou com o cavalo, virando as costas para os koloss quando entrou na parte separada do acampamento, observado

por um grupo de jovens nervosos de uniforme. Elend entregou as rédeas para um deles.

— Cuide disso para mim — Elend disse, avançando a passos largos.

— Espere! — um dos soldados disse. — Pare!

Elend virou-se de uma vez, encarando o homem menor que ele que tentava apontar sua lança para Elend e manter um olho nos koloss. Elend não tentou ser ríspido: queria apenas manter sua ansiedade sob controle e continuar caminhando. De qualquer forma, a encarada resultante provavelmente teria impressionado até mesmo Tindwyl.

O soldado parou, estremecendo.

— Sou Elend Venture — Elend falou. — Conhece esse nome?

O homem assentiu.

— Você pode me anunciar ao Lorde Lekal — Elend disse. — É só chegar na tenda antes de mim.

O jovem partiu às pressas. Elend seguiu-o, caminhando até a tenda, onde outros soldados aguardavam, hesitantes.

O que isto deve ter feito com eles, Elend imaginou, *viver cercados por koloss, em número tão menor?* Sentindo uma pontada de pena, ele não tentou forçar sua passagem. Aguardou com falsa paciência até uma voz chamar lá de dentro.

— Deixe-o entrar.

Elend passou pelos guardas e abriu de uma vez a porta da tenda.

Os meses não haviam sido bons com Jastes Lekal. De alguma forma, os poucos fios de cabelo pareciam ainda mais patéticos do que uma careca completa seria. Seus trajes eram desleixados e manchados, e ele tinha grandes bolsas embaixo dos olhos. Estava andando e sobressaltou-se de leve quando Elend entrou.

Em seguida, ficou paralisado por um momento, com olhos arregalados. Finalmente, ele ergueu a mão trêmula para empurrar para trás o cabelo que não tinha.

— Elend? — ele perguntou. — O que, em nome do Senhor Soberano, aconteceu com você?

— Responsabilidades, Jastes — Elend falou em voz baixa. — Parece que nenhum de nós estava pronto para elas.

— Fora — Jastes falou, acenando para os guardas. Eles passaram com pés arrastando por Elend, fechando a porta da tenda ao sair.

— Já faz um tempo, Elend — Jastes falou, dando uma risadinha fraca.

Elend concordou com um aceno de cabeça.

— Eu me lembro daqueles dias — Jastes disse —, sentado na sua cave ou na mina, bebendo com Telden. Éramos tão inocentes, não éramos?

— Inocentes — Elend respondeu —, mas esperançosos.

— Quer tomar alguma coisa? — Jastes perguntou, virando-se para uma mesa. Elend encarou garrafas e frascos que estavam no canto da sala. Estavam todos vazios. Jastes tirou uma garrafa cheia da mesa e serviu um copo pequeno para Elend – o tamanho e a cor clara indicavam que não era um simples vinho de mesa.

Elend aceitou o copinho, mas não bebeu.

— O que aconteceu, Jastes? Como o filósofo inteligente e ponderado que conheci transformou-se num tirano?

— Tirano? — Jastes disse, irritado, tomando seu copo num único gole. — Não sou tirano. Seu pai é o tirano. Sou apenas realista.

— Para mim, sentar-se no meio de um exército de koloss não parece ser uma posição muito realista.

— Eu posso controlá-los.

— E Suisna? — Elend perguntou. — A vila que eles massacraram?

Jastes vacilou.

— Aquilo foi um acidente infeliz.

Elend baixou os olhos para a bebida em sua mão, em seguida jogou-a para o lado, o líquido lavando o chão poeirento da tenda.

— Esta não é a cave do meu pai, e não somos mais amigos. Não chamarei de amigo quem lidera algo como *aquilo* contra a minha cidade. O que aconteceu com sua honra, Jastes Lekal?

Jastes bufou, olhando para o líquido espalhado.

— Esse sempre foi seu problema, Elend. Tão seguro, tão otimista, tão virtuoso.

— Era *nosso* otimismo — Elend falou, dando um passo adiante. — Nós queríamos mudar as coisas, Jastes, não destruí-las!

— É mesmo? — Jastes retrucou, mostrando um mau gênio que Elend nunca tinha visto no amigo. — Você quer saber por que estou aqui, Elend? Já *prestou atenção* ao que estava acontecendo no Domínio Sul enquanto você brincava em Luthadel?

— Sinto muito pelo que aconteceu com sua família, Jastes.

— Sente muito? — Jastes perguntou, agarrando a garrafa de sua mesa. — Sente? Eu executei seus planos, Elend. Fiz tudo o que conversamos, liberdade,

honestidade política. Confiei em meus aliados em vez de esmagá-los até se submeterem. E sabe o que aconteceu?

Elend cerrou os olhos.

— Eles mataram todo mundo, Elend — Jastes disse. — Isso é o que você faz quando você assume o controle. Você mata os rivais e suas famílias, mesmo as garotinhas, até os bebês. E deixa os corpos como um aviso. É uma boa política. É assim que se mantém no poder!

— É fácil acreditar em algo quando você vence o tempo todo, Jastes — Elend falou, abrindo os olhos. — As perdas são o que define a fé de um homem.

— Perdas? — Jastes questionou. — Minha irmã foi uma *perda*?

— Não, eu quero dizer que…

— Chega! — Jastes interrompeu, batendo a garrafa na mesa. — Guardas!

Dois homens jogaram a porta da tenda para trás e entraram.

— Prendam Sua Majestade — Jastes falou, com um aceno instável de mão. — Mande um mensageiro para a cidade, diga a eles que queremos negociar.

— Não sou mais rei, Jastes — Elend falou.

Jastes parou.

— Você acha que viria aqui e me deixaria capturar se eu fosse rei? — Elend perguntou. — Eles me depuseram. A Assembleia invocou uma cláusula de desconfiança e escolheu um novo rei.

— Seu idiota — Jastes disse.

— Perdas, Jastes — Elend disse. — Não foi tão difícil para mim como foi para você, mas eu acho que entendo.

— Então — Jastes falou, correndo a mão pelos “cabelos” —, essa roupa bela e o corte de cabelo sofisticado não salvaram você, hein?

— Pegue seus koloss e vá embora, Jastes.

— Isso soou como uma ameaça, Elend — Jastes disse. — Você não é rei, não tem um exército e não vejo sua Nascida das Brumas por perto. Que razões você tem para fazer ameaças?

— Eles são *koloss* — Elend disse. — Você realmente quer que eles entrem na cidade? É seu lar, Jastes, ou foi, no passado. Há milhares de pessoas lá dentro!

— Eu consigo… controlar meu exército — Jastes retrucou.

— Não, eu duvido que consiga — Elend falou. — O que aconteceu, Jastes? Eles decidiram que precisavam de um rei? Concluíram que esse é o jeito que os “seres humanos” faziam, então deveriam fazê-lo também? O que é aquilo que carregam naquelas bolsas?

Jastes não respondeu.

Elend suspirou.

— O que acontecerá se um deles simplesmente enlouquecer e te atacar?

Jastes sacudiu a cabeça.

— Desculpe, Elend — ele disse, baixinho. — Não posso deixar Straff pegar aquele atium.

— E o meu povo?

Jastes fez uma pausa breve, em seguida baixou os olhos e fez um sinal para os guardas. Um pousou a mão no ombro de Elend.

A reação de Elend surpreendeu até ele mesmo. Ele golpeou o rosto do homem com o cotovelo, estourando o nariz, em seguida derrubou o segundo com um chute na perna. Antes que Jastes pudesse fazer mais do que gritar, Elend saltou. Tirou da bota uma faca de obsidiana – dada a ele por Vin – e agarrou Jastes pelo ombro. Elend arrastou o homem que choramingava, empurrando-o para trás até a mesa e, mal pensando em considerar suas ações, enfiou a faca no ombro do velho amigo.

Jastes soltou um grito alto, patético.

— Se matá-lo fosse de alguma serventia, Jastes — Elend grunhiu —, eu faria isso agora mesmo. Mas não sei como controlar aquelas coisas e não quero enfurecê-las.

Os soldados encheram a tenda. Elend não ergueu os olhos. Estapeou Jastes, fazendo os gritos de dor pararem.

— Ouça uma coisa — Elend falou. — Não me importo se você foi magoado, não me importo se não acredita mais nas filosofias e não me importo nem um pouco se você vai se matar fazendo política com Straff e Cett. Mas eu me importo se você ameaçar o meu povo. Quero que você conduza seu exército para fora do meu domínio. Vá atacar a terra natal de Straff, ou talvez a de Cett. As duas estão indefesas. Prometo que não deixarei seus inimigos pegarem o atium. E, como um amigo, vou lhe dar um conselho. Pense nessa ferida em seu braço por algum tempo, Jastes. Eu era seu melhor amigo e quase matei você. Que *diabos* você está fazendo plantado no meio de um exército inteiro de koloss dementes?

Os soldados o cercaram. Elend levantou-se, arrancando a faca do corpo de Jastes e virando o homem, encaixando a arma contra sua garganta.

Os guardas ficaram paralisados.

— Estou indo embora — Elend falou, empurrando o confuso Jastes diante de si, movendo-se para fora da tenda. Percebeu com alguma preocupação que mal

havia uma dúzia de guardas humanos. Sazed havia contado mais. Onde Jastes os perdera?

Não havia sinal do cavalo de Elend. Então, ele manteve um olhar desconfiado nos soldados, avançando com Jastes para a linha invisível entre o acampamento humano e o dos koloss. Elend virou-se quando chegou ao perímetro, em seguida empurrou Jastes de volta para seus homens. Eles o pegaram, um deles trazendo uma bandagem para o braço. Outros fizeram movimentos, como se para caçar Elend, mas fizeram uma pausa, hesitantes.

Elend cruzou a linha do acampamento koloss. Ficou em pé, quieto, observando o grupo patético de jovens soldados com Jastes no centro. Mesmo enquanto cuidavam dele, Elend conseguia ver a expressão nos olhos de Jastes. Ódio. Ele não se retiraria. O homem que Elend conhecera estava morto, substituído por esse produto de um novo mundo que não considerava com gentileza filósofos e idealistas.

Elend afastou-se, caminhando entre os koloss. Um grupo deles aproximou-se rapidamente. Os mesmos de antes? Ele não podia dizer ao certo.

— Levem-me para fora daqui — Elend ordenou, encontrando os olhos do maior koloss do grupo. Ou Elend parecia mais autoritário agora, ou aquele koloss foi intimidado com mais facilidade, pois não houve discussão. A criatura simplesmente assentiu e começou a caminhar com pés arrastando para fora do acampamento, seu grupo cercando Elend.

Esta viagem foi uma perda de tempo, Elend pensou, frustrado. *Tudo que fiz foi contrariar Jastes. Arrisquei minha vida para nada.*

Se ao menos eu pudesse descobrir o que há nessas bolsas!

Ele observou o grupo de koloss ao redor dele. Era um grupo típico, com variação no tamanho de 1,5 metro até uma monstruosidade de três metros. Eles caminhavam com posturas curvadas, desleixadas…

Elend ainda estava com a faca na mão.

Isso é estúpido, ele pensou. Por algum motivo, aquilo não o impediu de escolher o menor koloss do grupo, tomando fôlego e atacando.

O restante dos koloss parou para observar. A criatura que Elend escolhera girou, mas na direção errada. Ele ficou de frente com seu companheiro koloss, um mais próximo em tamanho, quando Elend o derrubou, enterrando a faca em suas costas.

Mesmo com um metro e meio e uma constituição pequena, o koloss era incrivelmente forte. Lançou Elend para longe, rugindo de dor. Elend, no entanto, conseguiu manter sua adaga.

Não posso deixá-lo pegar a espada, ele pensou, cambaleando para ficar em pé e fincando a faca na coxa da criatura. O koloss caiu novamente, dando um soco em Elend com um dos braços, os dedos do outro alcançando a espada. Elend recebeu o golpe no peito e caiu para trás no chão fuliginoso.

Ele grunhiu, arfando. O koloss puxou sua espada, mas não conseguia ficar em pé. As feridas de faca sangravam muito; o líquido vermelho parecia mais brilhante, refletia mais que o humano, mas aquilo talvez fosse apenas um contraste com a pele azul escura.

O koloss finalmente conseguiu erguer-se, e Elend percebeu seu erro. Deixou a adrenalina do seu confronto com Jastes – sua frustração pela incapacidade de impedir os exércitos – impulsioná-lo. Ele havia treinado muito nos últimos tempos, mas não estava em condições de enfrentar um koloss.

Mas era tarde demais para se preocupar com aquilo agora.

Elend rolou para fora do caminho quando uma espada grosseira, como um tacape, bateu no chão ao lado dele. Os instintos sobrepujaram o terror, e ele quase conseguiu evitar por completo o contragolpe. Acertou-o de lado, espirrando uma mancha de sangue em seu uniforme, antes branco, mas ele mal sentiu o corte.

A única maneira de vencer uma luta de facas contra outro com uma espada… Elend pensou, agarrando a adaga. O pensamento, estranhamente, não tinha vindo de seus treinadores, nem mesmo de Vin. Ele não sabia ao certo de onde tinha vindo, mas confiou nele.

Aproxime-se o mais rápido possível e mate logo.

E Elend atacou. O koloss também golpeou. Elend conseguiu ver o ataque, mas não podia fazer nada para impedi-lo.

Podia apenas lançar-se para frente, faca erguida, dentes cerrados.

Ele enfiou a faca no olho do koloss, mal conseguindo se aproximar da criatura. Mesmo assim, o punho da espada atingiu-o na barriga.

Os dois caíram.

Elend grunhiu baixo, lentamente tomando ciência da terra dura, cheia de cinzas e do mato comido até as raízes. Um galho caído arranhava sua bochecha. Estranho que percebesse aquilo, considerando a dor no peito. Ele cambaleou até ficar em pé. O koloss atacado não se levantou. Seus companheiros continuavam parados, olhando despreocupados, embora os olhos estivessem concentrados nele. Pareciam querer algo.

— Ele comeu meu cavalo — Elend disse, falando a primeira coisa que veio à sua mente turva.

O grupo de koloss assentiu. Elend avançou aos tropeços, limpando as cinzas do rosto com a mão trêmula enquanto se ajoelhava ao lado da criatura morta. Ele arrancou a faca, deslizando-a de volta para a bota. Em seguida, desamarrou as bolsas; aquele koloss tinha duas.

Finalmente, sem saber por quê, ele agarrou a grande espada da criatura e levou-a ao ombro. Era tão pesada que mal conseguia carregá-la, e certamente não seria capaz de golpear com ela. *Como uma criatura tão pequena usa algo assim?*

Os koloss observavam-no trabalhar sem comentar; em seguida, levaram-no para fora do acampamento. Assim que eles se retiraram, Elend abriu uma das bolsinhas e olhou dentro dela.

Ele não deveria ter se surpreendido pelo que encontrou lá dentro. Jastes decidiu controlar seu exército à moda antiga.

Ele os pagava.

Os outros me chamam de louco. Como eu disse, talvez seja verdade.

43

A bruma despejava-se no quarto escuro, caindo ao redor de Vin como uma cachoeira enquanto ela estava em pé na entrada da varanda aberta. Elend era um amontoado imóvel, dormindo na cama a uma curta distância.

Aparentemente, senhora, OreSeur explicara, *ele foi até o acampamento koloss sozinho. A senhora estava dormindo, e nenhum de nós sabia o que ele estava fazendo. Não acho que ele tenha conseguido persuadir as criaturas a não atacarem, mas voltou com algumas informações muito úteis.*

OreSeur estava sentado ao lado dela. Não perguntara por que Vin viera até os aposentos de Elend, nem por que ela estava em silêncio, observando o ex-rei dormir.

Ela não conseguia protegê-lo. Tentava com afinco, mas a impossibilidade de manter até mesmo *uma* pessoa segura, de repente, pareceu tão real, tão tangível para ela que a deixou nauseada.

Elend estava correto em se arriscar. Tinha esse direito, era independente, competente, régio. O que ele fizera, no entanto, apenas colocou-o mais ainda em perigo. O medo tinha sido o companheiro de Vin por tanto tempo que ela se acostumara a ele, e raramente lhe causava uma reação física. Ainda assim, observando-o dormir em silêncio, ela viu suas mãos traidoramente trêmulas.

Eu o salvei dos assassinos. Eu o protegi. Sou uma alomântica poderosa. Por que, então, sinto-me tão indefesa?

Tão sozinha.

Ela caminhou com pés descalços e silenciosos até a cama de Elend. Ele não acordou. Ficou por um longo tempo ali, apenas olhando-o em paz no seu sono.

OreSeur rosnou baixo.

Vin girou. Uma figura estava na sacada, costas eretas e de preto, quase uma silhueta até mesmo para seus olhos aguçados pelo estanho. As brumas caíam diante dele, empoçadas no chão, espalhando-se como um musgo etéreo.

— Zane — ela sussurrou.

— Ele não está seguro, Vin — ele disse, entrando lentamente no quarto, empurrando uma onda de bruma diante de si.

Ela olhou para Elend.

— Ele nunca estará.

— Vim dizer que há um traidor entre vocês.

Vin ergueu os olhos.

— Quem? — ela perguntou.

— O homem, Demoux — Zane falou. — Entrou em contato com meu pai pouco antes da tentativa de assassinato, oferecendo-se para abrir os portões e entregar a cidade.

Vin franziu o cenho. *Isso não faz sentido.*

Zane avançou.

— Trabalho de Cett, Vin. Ele é uma cobra, mesmo entre os altos lordes. Não sei como ele subornou um de seus homens, mas sei que Demoux tentou provocar meu pai a atacar a cidade durante a votação.

Vin fez uma pausa. Se Straff tivesse atacado naquele momento, teria reforçado a impressão de que ele enviara os assassinos em primeiro lugar.

— Elend e Penrod deviam ter morrido — Zane disse. — Com a Assembleia no caos, Cett poderia ter assumido o controle. Poderia ter liderado suas forças, junto com as de vocês, contra o exército de Straff em meio ao ataque. Teria se tornado o salvador que protegera Luthadel contra a tirania de um invasor…

Vin ficou em silêncio. Apenas porque Zane dissera aquilo não significava que era verdade. Ainda assim, suas investigações sussurravam que Demoux era o traidor.

Ela reconhecera o assassino na assembleia, e ele *estava* no séquito de Cett, então sabia que Zane estava dizendo a verdade ao menos sobre um fato. Além disso, Cett tinha antecedentes, pois enviara assassinos alomânticos meses antes, quando Vin usara sua última conta de atium. Zane salvou a vida dela durante aquela batalha.

Ela cerrou os punhos, a frustração incômoda no peito. *Se ele estiver correto, então Demoux está morto, e um kandra inimigo está no palácio, passando o dia a poucos passos de Elend. Mesmo que Zane esteja mentindo, ainda temos um tirano dentro da cidade, outro fora dela. Um exército de koloss salivando sobre o povo. E Elend não precisa de mim.*

Porque não há nada que eu possa fazer.

— Vejo sua frustração — Zane sussurrou, caminhando até a lateral da cama de Elend, olhando para seu irmão que dormia. — Você continua ouvindo

Elend. Quer protegê-lo, mas ele não permite. — Zane ergueu os olhos, encontrando os dela. Ela viu uma insinuação neles.

Havia *algo* que ela poderia fazer – uma coisa que parte dela queria fazer desde o início. Aquilo para o que fora treinada.

— Cett quase matou o homem que você ama — Zane falou. — Seu Elend faz o que ele quer. Bem, vamos fazer o que *você* deseja. — Ele a fitou nos olhos. — Fomos a faca de outra pessoa por tempo demais. Vamos mostrar a Cett por que ele deveria nos temer.

Sua fúria, sua frustração pelo cerco, ansiava por fazer o que Zane sugeria. Ainda assim, ela hesitou, com os pensamentos caóticos. Ela havia matado – e matado bem – havia pouco tempo, e isso a aterrorizou. Mesmo assim… Elend podia assumir riscos, riscos insanos, como viajar para dentro de um exército de koloss sozinho. Parecia quase uma traição. Ela havia trabalhado tanto para protegê-lo, extenuando-se, expondo-se. Para poucos dias depois ele entrar sozinho num acampamento cheio de monstros.

Ela cerrou os dentes. Parte dela sussurrava que, se Elend não fosse razoável e ficasse fora de perigo, ela precisava simplesmente sair e *garantir* que as ameaças contra ele fossem eliminadas.

— Vamos — ela sussurrou.

Zane assentiu.

— Preste atenção — ele disse. — Não podemos simplesmente assassiná-lo. Outro senhor da guerra tomaria o seu lugar e assumiria seus exércitos. Temos de atacar *pesado*. Temos que atingir aquele exército com tanta força que, seja lá quem assuma no lugar de Cett, ficará tão assustado que baterá em retirada.

Vin fez uma pausa, desviando os olhos dele, as unhas enterradas nas palmas das mãos.

— Diga — ele pediu, aproximando-se. — O que seu Kelsier diria para você fazer?

A resposta era simples. Kelsier nunca teria deixado chegar a esta situação. Ele era um homem forte, um homem sem tolerância para qualquer um que ameaçasse aqueles que amava. Cett e Straff não teriam durado uma noite em Luthadel sem sentir a faca de Kelsier.

Havia uma parte dela que sempre ficava assustada com aquela brutalidade poderosa, utilitária.

Há duas maneiras de permanecer em segurança, a voz de Reen sussurrou para ela. *Ser tão quieta e inofensiva que as pessoas a ignoram ou ser tão perigosa que eles ficam aterrorizados com você.*

Ela buscou os olhos de Zane e assentiu. Ele sorriu, em seguida caminhou e saltou pela janela.

— OreSeur — ela sussurrou assim que ele se foi. — Meu atium.

O cão fez uma pausa, em seguida caminhou até ela, a pele de seu ombro abrindo.

— Senhora… — ele disse com vagar. — Não faça isso.

Ela olhou para Elend. Ela não podia protegê-lo de tudo. Mas podia fazer alguma coisa.

Pegou o atium de OreSeur. Suas mãos não tremiam mais. Ela sentia frio.

— Cett ameaçou tudo que amo — ela sussurrou. — Logo ele saberá que existe algo neste mundo mais mortal que seus assassinos. Algo mais poderoso que seu exército. Algo mais aterrorizante que o próprio Senhor Soberano. E eu estou indo buscá-lo.

O turno da bruma, assim o chamavam.

Todo soldado tinha que fazer um turno desse, em pé na escuridão com uma tocha faiscante. Alguém precisava vigiar. Precisava encarar aquelas brumas móveis, ilusórias, e imaginar se alguma coisa estava lá fora. À espreita.

Wellen sabia que havia.

Sabia, mas nunca falava. Os soldados riam dessas superstições. Precisavam sair nas brumas. Estavam acostumados. Já estavam calejados para temê-la.

Supostamente.

— Ei — Jarloux disse, caminhando até a beirada da muralha. — Wells, está vendo algo lá fora?

Claro que não. Estava com dúzias de outros no perímetro da Fortaleza Hasting, observando da muralha mais externa da fortaleza – uma fortificação baixa, talvez com quatro metros e meio, que cercava o terreno. Seu trabalho era identificar qualquer coisa suspeita nas brumas.

“Suspeito.” Essa era a palavra que usavam. *Tudo* era suspeito. Era bruma. Aquela escuridão em movimento, aquele vazio que se tornava caos e ódio. Wellen nunca confiara nela. Eles estavam lá. Ele sabia.

Algo se moveu na escuridão. Wellen recuou, encarando o vazio, seu coração começou a palpitar, as mãos suando quando ele ergueu a lança.

— Sim — Jarloux disse, apertando os olhos. — Eu juro, estou vendo…

Aquilo veio, como Wellen sempre soubera que viria. Como mil mosquitos num dia quente, como uma chuva de flechas atiradas por um exército inteiro. Moedas espalhadas sobre as ameias. Uma muralha de morte reluzente, centenas

de riscos zunindo através das brumas. O metal retinindo contra a pedra, e homens berrando de dor.

Wellen retrocedeu, erguendo a lança, quando Jarloux berrou o alarme. Jarloux morreu no meio do alerta, com uma moeda voando para dentro de sua boca, arrancando uma lasca de dente quando continuou até atravessar a parte de trás da cabeça. O soldado caiu, e Wellen cambaleou para longe do cadáver, sabendo que era tarde demais para correr.

As moedas pararam. Silêncio no ar. Os homens jaziam à beira da morte ou grunhiam aos pés dele.

Então, eles vieram. Duas sombras escuras de morte no meio da noite. Corvos nas brumas. Voaram sobre Wellen com um farfalhar de roupas pretas.

E deixaram-no para trás, sozinho em meio a cadáveres que haviam sido um esquadrão de quarenta homens.

Vin aterrissou agachada, pés descalços nas pedras frias do pátio de Hasting. Zane desceu em pé, como sempre, com seu ar imponente de autoconfiança.

O peltre chamejava dentro dela, dando aos seus músculos a energia ágil de mil momentos estimulados. Ignorava com facilidade a dor nas costelas. Sua única conta de atium descansava em seu estômago, mas ela não a usou. Ainda não. Não a menos que estivesse certa, e Cett provasse ser um Nascido das Brumas.

— Iremos de baixo para cima — Zane falou.

Vin assentiu com a cabeça. A torre central da Fortaleza Hasting tinha muitos andares, e eles não poderiam saber em qual deles estava Cett. Se começassem por baixo, ele não conseguiria escapar.

Além do mais, subir seria mais difícil. A energia nos membros de Vin clamava por ser liberada. Ela tinha esperado e permanecido encolhida por tempo demais. Estava cansada de fraqueza, cansada de ser tolhida. Passara meses como uma faca erguida, imóvel, no pescoço de alguém.

Era hora de cortar.

Os dois avançaram. As tochas começaram a se acender ao redor deles quando os homens de Cett – aqueles que acampavam no pátio – acordaram com o alarme. Tendas abriam-se e despencavam, homens gritavam, surpresos, procurando pelo exército que os assolava. Podiam apenas esperar ter tanta sorte.

Vin saltou direto para o ar, e Zane girou, lançando uma bolsa de moedas ao redor. Centenas de pedacinhos de cobre cintilaram no ar diante dela – uma

fortuna de camponês. Vin aterrissou com um sussurro, e os dois *empurraram*, seu poder lançando as moedas para a frente. Os projéteis iluminados pelas tochas varreram o acampamento, derrubando homens surpresos, sonolentos.

Vin e Zane continuaram até a torre central. Um esquadrão de soldados havia se posto em formação diante da torre. Ainda pareciam desorientados, confusos e sonolentos, mas estavam armados. Equipados com armaduras de metal e armas de aço – uma escolha que teria sido sábia, caso estivessem realmente enfrentando um exército inimigo.

Zane e Vin deslizaram em meio aos soldados. Zane lançou apenas uma moeda no ar entre eles. Vin estendeu seu poder e *empurrou-a*, sentindo que o peso de Zane também a *empurrava*.

Escorados um no outro, os dois *empurraram* em direções opostas, lançando seu peso contra os peitorais dos soldados em cada lado. Com peltre avivado – mantendo um ao outro equilibrados – o *empurrão* deles espalhou os soldados como se eles tivessem sido estapeados por mãos enormes. Lanças e espadas giraram na noite, chocando-se contra os paralelepípedos. Os peitorais arrastaram corpos para longe.

Vin extinguiu seu aço quando sentiu o peso de Zane sair da moeda. O pedaço brilhante de metal ricocheteou no chão entre eles, e Zane virou-se, lançando a mão na direção do único soldado que ainda estava em pé diretamente entre Zane e as portas da fortaleza.

Um esquadrão de soldados correu atrás de Zane, mas pararam de repente quando ele os *empurrou* – em seguida, mandou a transferência de peso diretamente para o soldado solitário. O infeliz chocou-se de costas nas portas da fortaleza.

Ossos estalaram. As portas abriram-se de uma vez enquanto o soldado voava para a sala além delas. Zane passou pela entrada, e Vin moveu-se suavemente atrás dele, seus pés descalços saindo das pedras rústicas para pisar no mármore liso.

Soldados esperavam lá dentro. Não usavam armadura e carregavam escudos de madeira grandes para bloquear as moedas. Estavam armados com bastões ou espadas de obsidiana. Matabrumas – homens treinados especificamente para combater alomânticos. Havia, talvez, uns cinquenta deles.

Agora a coisa ficou mais séria, Vin pensou, saltando no ar e *empurrando* as dobradiças das portas.

Zane começou *empurrando* o mesmo homem que usou para abrir as portas, jogando o cadáver na direção de um grupo de matabrumas. Quando o soldado

bateu neles, Vin aterrissou no meio de um segundo grupo. Ela girou no chão, estendendo as pernas e, queimando peltre, derrubando uns quatro homens. Quando os outros tentaram atacar, ela se *empurrou* contra uma moeda na sua bolsa, jogando-a e lançando-se para cima. Ela girou no ar, agarrando um bastão em queda que fora largado por um soldado caído.

A obsidiana estalou contra o mármore branco onde ela tinha estado. Vin desceu com sua própria arma em punho e golpeou, atacando mais rápido que qualquer um deveria ser capaz, atingindo orelhas, queixos e gargantas. Crânios rachavam. Ossos quebravam. Quando viu todos os dez oponentes no chão, ela mal ofegava.

Dez homens… Kelsier não me dissera uma vez que tivera problemas com meia dúzia de matabrumas?

Não havia tempo para pensar. Um grande grupo de soldados partira para cima dela. Ela gritou e saltou na direção deles, batendo com o bastão no rosto do primeiro homem que encontrara. Os outros ergueram os escudos, surpresos, mas Vin sacou um par de adagas de obsidiana quando aterrissou. Enterrou-as nas coxas de dois homens diante dela, passou por eles com um giro, lacerando a carne onde a via.

Ela percebeu um ataque com um olhar de soslaio, e ergueu o braço, bloqueando o bastão de madeira quando ele desceu na direção da sua cabeça. A madeira rachou, e ela derrubou o homem com um movimento amplo da adaga, quase o decapitando. Saltou para trás quando outros avançaram, apoiou-se, em seguida *puxou* na sua direção o cadáver de armadura que Zane usara antes.

De pouco adiantavam escudos contra um projétil tão grande. Vin lançou o cadáver sobre seus oponentes, varrendo-os de sua frente. Na lateral, ela conseguiu ver os matabrumas restantes que atacaram Zane. Ele estava entre eles, como um pilar de preto diante dos caídos, com braços estendidos. Ele encontrou os olhos dela, em seguida acenou com a cabeça para o fundo da câmara.

Vin ignorou os poucos matabrumas que restavam. Ela *empurrou* contra o cadáver e deslizou pelo chão. Zane saltou, *empurrando* para trás, abrindo seu caminho por meio de uma janela e para dentro das brumas. Vin rapidamente verificou os quartos do fundo: nada de Cett. Ela virou-se e derrubou um matabrumas disperso quando entrou no fosso do elevador.

Ela não precisava de elevador. Lançou-se de uma vez para o alto sobre uma moeda *empurrada*, irrompendo no terceiro andar. Zane ficaria com o segundo.

Vin aterrissou em silêncio no chão de mármore, ouvindo passos descendo

uma escada ao lado dela. Reconheceu aquele salão grande, aberto: era a câmara onde ela e Elend se reuniram com Cett para o jantar. Agora estava vazia, até mesmo a mesa havia sido tirada, mas ela reconheceu o perímetro circular de janelas com vitrais.

Os matabrumas vieram às pressas da cozinha. Dúzias. *Deve haver outra escada lá atrás,* Vin pensou quando partiu para a escadaria ao seu lado. Porém, mais outras dúzias vinham de lá, e os dois grupos se moveram para cercá-la.

Cinquenta contra um parecia uma boa vantagem para os homens, e eles atacaram, confiantes. Ela olhou para as portas abertas da cozinha e não viu Cett lá. Este andar estava limpo.

Cett certamente trouxe muitos matabrumas, ela pensou, voltando em silêncio para o centro do salão. Exceto por escadarias, cozinha e pilares, o salão era cercado em grande parte por janelas arqueadas de vitrais.

Ele se planejou para o meu ataque. Ou tentou.

Vin abaixou-se quando as ondas de homens a cercaram. Ela ergueu a cabeça, seus olhos fechados, e queimou duralumínio.

Em seguida, *puxou*.

As janelas com vitrais – encaixadas em esquadrias de metal dentro dos arcos – explodiram ao redor da sala. Ela sentiu as esquadrias estourarem para dentro, retorcendo-se diante do seu poder inacreditável. Ela imaginou as lascas brilhantes de vidro multicolorido no ar. Ouviu homens gritarem quando o vidro e o metal os atingiram, enterrando-se em sua carne.

Apenas o círculo mais externo de homens morreu com a explosão. Vin abriu os olhos e saltou quando uma dúzia de bastões de duelo caíram ao seu redor. Ela passou pela chuva de ataques. Alguns a atingiram. Não importava. Não conseguia sentir dor naquele momento.

Ela *empurrou* contra uma esquadria de metal quebrada, lançando-se sobre a cabeça dos soldados, aterrissando fora do grande círculo de agressores. A linha externa de homens estava caída, empalada por pedaços de vidro e metal retorcido. Vin ergueu a mão e curvou a cabeça.

Duralumínio e aço. Ela *empurrou*. O mundo sacudiu-se.

Vin partiu para as brumas por meio de uma janela quebrada quando *empurrou* contra a linha de cadáveres empalados pelos pedaços de metal. Os corpos foram lançados para longe dela, chocando-se contra os homens que ainda estavam vivos, no centro.

Mortos, agonizantes e sãos foram varridos da sala, empurrados para fora da janela diante de Vin. Corpos giravam nas brumas, cinquenta homens lançados

noite adentro, deixando o salão vazio, exceto pelos rastros de sangue e pedaços caídos de vidro.

Vin engoliu um frasco de metais quando as brumas correram ao seu redor; em seguida, ela se *puxou* de volta para a fortaleza, usando uma janela no quarto andar. Quando se aproximou, um cadáver bateu na janela vindo da escuridão da noite. Teve um vislumbre de Zane desaparecendo em outra janela no lado oposto. Aquele andar estava limpo.

As luzes queimavam no quinto andar. Provavelmente poderiam ter ido até lá primeiro, mas aquele não era o plano. Zane estava certo. Não precisavam matar Cett. Precisavam aterrorizar seu exército inteiro.

Vin *empurrou* contra o mesmo cadáver que Zane lançara pela janela, usando sua armadura de metal como uma âncora. Ele caiu em um ângulo, passando por dentro de uma janela quebrada, e Vin subiu num ângulo distante do edifício. Um *puxão* rápido a levou de volta ao prédio assim que alcançou a elevação que precisava. Aterrissou em uma janela no quinto andar.

Vin agarrou o peitoril de pedra, com o coração palpitando e o fôlego vindo em arfadas profundas. O suor deixava seu rosto frio na brisa invernal, apesar do calor que queimava dentro dela. Ela engoliu seco, de olhos arregalados, e queimou peltre.

Nascida das Brumas.

Ela estilhaçou a janela com um tapa. Os soldados que esperavam do outro lado saltaram para trás, girando. Um deles usava um cinto com fivela de metal. Foi o primeiro a morrer. Os outros vinte mal souberam como reagir quando a fivela zuniu por suas fileiras, girando entre os *puxões* e *empurrões* de Vin. Eles haviam sido treinados, instruídos e, talvez, até mesmo testados contra alomânticos.

Mas nunca tinham lutado com Vin.

Homens gritavam e caíam. Vin atravessava suas fileiras com apenas uma fivela como arma. Diante da força de seu peltre, estanho, aço e ferro, o possível uso do atium parecia um desperdício incrível. Mesmo sem ele, ela era uma arma terrível – uma que, até aquele momento, nem mesmo ela havia entendido.

Nascida das Brumas.

O último homem caiu. Vin estava em pé entre eles com uma sensação inebriante de satisfação. Fez a fivela deslizar dos seus dedos e atingir o carpete. Ela estava num salão que não era nu como o restante do prédio; havia mobília ali e alguns itens menores de decoração. Talvez os grupos de limpeza de Elend não houvessem chegado tão longe antes da chegada de Cett, ou talvez ele

simplesmente tivesse trazido algo de seu próprio mobiliário.

Atrás dela havia a escadaria. Diante dela havia uma parede de madeira bonita com uma porta – os apartamentos internos. Vin avançou em silêncio, com a capa de bruma farfalhando enquanto ela *puxava* quatro lampiões dos suportes atrás dela. Eles voaram para frente, e ela afastou-se, deixando-os estourar na parede. O fogo surgiu no óleo espalhado, aumentando sobre a parede, a força das lâmpadas estourando as portas nas dobradiças. Ela ergueu a mão, *empurrando-a* para abrir totalmente.

O fogo pingava ao redor dela quando entrou no aposento. A câmara ricamente decorada estava quieta, e assustadoramente vazia, exceto por duas figuras. Cett estava sentado numa cadeira simples de madeira, barbado, vestido com desleixo e parecendo muito, muito cansado. O jovem filho de Cett avançou para ficar entre Cett e Vin. O rapaz segurava um bastão de duelo.

Então, qual dos dois é o Nascido das Brumas?

O garoto atacou. Vin agarrou a arma, em seguida lançou o garoto para o lado. Ele bateu na parede de madeira e escorreu até despencar no chão. Vin o encarou.

— Deixe Gneorndin em paz, mulher — Cett falou. — Termine o que veio fazer aqui.

Vin voltou-se para o nobre. Ela se lembrou da frustração, da ira, do ódio frio, gélido. Ela avançou e agarrou Cett pela gola do traje.

— Lute comigo — ela disse e jogou-o para trás.

Ele bateu de costas contra a parede ao fundo, e despencou no chão. Vin preparou o atium, mas ele não se ergueu. Simplesmente rolou para o lado, tossindo.

Vin foi até ele, puxando-o por um braço. Ele fechou o punho, tentando golpeá-la, mas era patético de tão fraco. Ela deixou os socos atingirem-na de lado.

— *Lute comigo* — ela ordenou, jogando-o para o lado. Ele caiu no chão, batendo a cabeça com força, ficando caído contra a parede em chamas, o sangue gotejando da sobrancelha. Ele não se ergueu.

Vin cerrou os dentes, avançando a passos largos.

— Deixe-o em paz! — O garoto, Gneorndin, cambaleou para frente de Cett, erguendo seu bastão de duelo com a mão trêmula.

Vin parou, inclinando a cabeça. A testa do rapaz gotejava de suor, e ele mal parava em pé. Ela encarou seus olhos e viu o terror absoluto neles. Aquele rapaz não era um Nascido das Brumas. Ainda assim, ele estava em pé. Patético,

desesperado, ele se ergueu diante do corpo caído de Cett.

— Saia, filho — Cett falou com voz cansada. — Não há nada que você possa fazer aqui.

O garoto começou a tremer, em seguida chorou.

Lágrimas, Vin pensou, sentindo uma sensação estranhamente surreal turvar sua mente. Ela ergueu a mão, surpresa em sentir fios úmidos rolando em seu rosto.

— Você não tem nenhum Nascido das Brumas — ela sussurrou.

Cett lutou para ficar numa posição meio reclinada, e encarou-a.

— Nenhum alomântico nos enfrentou hoje à noite — ela disse. — Você usou todos na tentativa de assassinato do Salão da Assembleia?

— Os únicos alomânticos que eu tinha enviei contra vocês meses atrás — Cett disse com um suspiro. — Eram todos que eu já tive, minha única esperança de te matar. Eles nem eram da minha família. Minha linhagem toda foi corrompida por sangue skaa – Allrianne é a única alomântica a nascer da nossa família em séculos.

— Você veio para Luthadel…

— Porque Straff viria atrás de mim no fim das contas — Cett falou. — Minha melhor oportunidade, moça, era ter matado *você* antes. É por isso que enviei todos contra você. Com essa falha, sabia que precisava tentar tomar esta maldita cidade e seu atium para que pudesse comprar mais alomânticos para mim. Não funcionou.

— Você poderia ter simplesmente oferecido uma aliança para nós.

Cett riu, erguendo-se para se sentar.

— Não funciona desse jeito na política real. Você toma ou é tomado. Além disso, sempre fui um homem de assumir riscos. — Ele ergueu o rosto para ela, encontrando os olhos de Vin. — Termine o que veio fazer — ele repetiu.

Vin estremeceu. Não conseguia sentir as lágrimas nos olhos. Mal conseguia sentir qualquer coisa.

Por quê? Por que eu não consigo que nada faça sentido?

A sala começou a tremer. Vin girou, olhando na direção da parede ao fundo. A madeira tremeu e se contraiu como um animal agonizante. Os pregos começaram a estalar, voando para trás do painel; em seguida, a parede inteira voou para longe de Vin. Placas em chamas, lascas, pregos e ripas espalharam-se no ar, voando ao redor de um homem de preto. Zane estava em pé na lateral da sala, a morte espalhada aos seus pés, as mãos ao lado do corpo.

O vermelho corria das pontas dos dedos, correndo num gotejar contínuo. Ele

olhou através dos restos da parede em chamas, sorrindo. Em seguida, caminhou para dentro do quarto de Cett.

— Não! — Vin falou, partindo para cima dele.

Zane hesitou, surpreso. Ele se afastou para o lado, esquivando-se facilmente, caminhando na direção de Cett e o garoto.

— Zane, deixe-os em paz! — Vin falou, virando-se para ele, *empurrando-se* para deslizar pela sala. Ela esticou a mão para agarrar o braço dele. O tecido preto brilhava úmido com o sangue dele.

Zane desviou-se, virou-se para ela, curioso. Ela tentou atingi-lo, mas ele se moveu do caminho com facilidade sobrenatural, ultrapassando-a como um mestre espadachim encarando um jovenzinho.

Atium, Vin pensou. *Provavelmente ele queimou o tempo todo. Mas ele não precisava disso para combater aqueles homens… eles não tinham chance contra nós de qualquer forma.*

— Por favor — ela pediu. — Deixe-os.

Zane virou-se para Cett, que estava sentado, esperando. O garoto estava ao lado, tentando afastar seu pai.

Zane olhou para ela com a cabeça inclinada.

— Por favor — Vin repetiu.

Zane franziu a testa.

— Então, ele ainda te controla — ele falou, soando decepcionado. — Pensei, talvez, que se você pudesse lutar e ver o quanto era poderosa, se livraria do jugo de Elend. Acho que me enganei.

Em seguida, virou-se novamente para Cett e saiu pelo buraco que havia feito. Vin seguiu-o em silêncio, os pés esmagando os estilhaços de madeira enquanto se retirava lentamente, deixando uma fortaleza arruinada, um exército destruído e um lorde humilhado para trás.

Mas será que nem mesmo um insano deve confiar na sua própria mente, na sua própria experiência, em vez de nas dos outros?

44

Na calma fria da manhã, Brisa observou uma visão muito desalentadora: o exército de Cett batendo em retirada.

Brisa estremeceu, sua respiração soltando fumaça quando se virou para Trevo. A maioria das pessoas não teria sido capaz de ler além do desprezo no rosto gorducho do general. Mas Brisa viu mais: viu tensão na pele esticada ao redor dos olhos de Trevo, observou a maneira que ele batia o dedo contra a muralha de pedra congelada. Trevo não era um homem nervoso. Os movimentos tinham significado.

— É isto, então? — Brisa perguntou em voz baixa.

Trevo assentiu.

Brisa não conseguia ver. Ainda havia dois exércitos lá fora; ainda era um impasse. Ainda assim, confiava na avaliação de Trevo. Ou, melhor, confiava no que sabia das pessoas o bastante para confiar em sua avaliação de Trevo.

O general sabia algo de que ele não tinha conhecimento.

— Poderia explicar? — Brisa pediu.

— Vai terminar quando Straff descobrir — Trevo disse.

— Descobrir o quê?

— Que aqueles koloss farão o trabalho por ele, se ele deixar.

Brisa hesitou. *Straff não se importa de verdade com o povo na cidade, ele deseja apenas tomá-la pelo atium. E pela vitória simbólica.*

— Se Straff recuar… — Brisa disse.

— Os koloss atacarão — Trevo continuou com um aceno de cabeça. — Massacrarão a todos que encontrarem e, de modo geral, deixarão a cidade em ruínas. Então, Straff poderá voltar e encontrar o atium assim que os koloss tiverem terminado.

— Presumindo que eles partam, meu caro.

Trevo deu de ombros.

— De qualquer forma, ele estará numa situação melhor. Straff encontrará um inimigo enfraquecido em vez de dois fortes.

Brisa sentiu um calafrio e fechou mais seu manto.

— Você diz isso de forma tão… direta.

— Morremos no momento em que o primeiro exército chegou aqui, Brisa — Trevo concluiu. — Apenas somos bons em protelar as coisas.

Por quê, em nome do Senhor Soberano, eu passo meu tempo com este homem?, Brisa pensou. *Ele não passa de um catastrofista pessimista.* E, ainda assim, Brisa conhecia as pessoas. Desta vez, Trevo não estava exagerando.

— Que inferno — Brisa murmurou.

Trevo apenas concordou com a cabeça, recostando-se contra o muro e olhando para o exército que desaparecia.

— Trezentos homens — Ham falou, no gabinete de Elend. — Ou, ao menos, foi o que nossos batedores disseram.

— Não é tão mau quanto eu temia — Elend falou. Eles estavam no gabinete de Elend, o único outro ocupante era Fantasma, que estava sentado, descansando ao lado da mesa.

— El — Ham falou —, Cett tinha apenas mil homens com ele aqui, em Luthadel. Isso significa que, durante o ataque de Vin, Cett teve trinta por cento de baixas em *menos de dez minutos*. Mesmo num campo de batalha, a maioria dos exércitos quebraria se tivesse trinta ou quarenta por cento de baixas no curso de um *dia inteiro* de batalha.

— Hum — Elend disse, franzindo a testa.

Ham sacudiu a cabeça, sentando-se e servindo algo para beber.

— Não entendo, El. Por que ela o atacou?

— Ela é maluca — Fantasma disse.

Elend abriu a boca para conter aquele comentário, mas achou difícil explicar seus sentimentos.

— Não sei ao certo por que ela fez isso — ele finalmente admitiu. — Ela mencionou que não acreditava que aqueles assassinos na Assembleia tinham vindo do meu pai.

Ham encolheu os ombros. Parecia… cansado. Não ficava à vontade lidando com exércitos e se preocupando com o destino de reinos. Preferia preocupar-se com esferas menores.

Claro, Elend pensou, *eu preferiria estar na minha poltrona, lendo em silêncio. Fazemos o que precisamos fazer.*

— Alguma notícia dela? — Elend perguntou.

Fantasma sacudiu a cabeça.

— O Tio Ranzinza está com espiões procurando pela cidade, mas até agora nada.

— Se Vin não quiser ser encontrada… — Ham falou.

Elend começou a caminhar. Não conseguia ficar parado; estava começando a pensar que devia estar parecendo Jastes, andando em círculos, correndo os dedos pelos cabelos.

Seja firme, ele disse a si mesmo. *Você pode se dar ao luxo de parecer preocupado, mas nunca deve parecer inseguro.*

Continuou a caminhar, embora a passos reduzidos, e não expressou em voz alta suas preocupações a Ham e Fantasma. E se Vin estivesse ferida? E se Cett a matara? Os espiões tinham visto muito pouco do ataque da noite anterior. Vin, certamente, esteve envolvida, e havia relatos conflitantes que diziam que ela estava lutando com outro Nascido das Brumas. Saiu da fortaleza com um dos andares superiores em chamas – e, por algum motivo, deixou Cett vivo.

Desde então, ninguém a vira.

Elend fechou os olhos, parando para encostar a mão contra a parede de pedra. *Eu a ignorei nos últimos tempos. Eu ajudei a cidade… mas do que adiantará salvar Luthadel se eu a perder? É quase como se eu não a conhecesse mais.*

Será que alguma vez eu cheguei a conhecê-la?

Era estranho não a ter consigo. Ele confiava em seu jeito simples e direto. Precisava de seu realismo genuíno – sua noção pura de concretude – para mantê-lo com os pés no chão. Precisava abraçá-la para poder saber que havia algo mais importante que teorias e conceitos.

Ele a amava.

— Eu não sei, El — Ham disse por fim. — Nunca pensei que Vin seria um risco, mas ela teve uma juventude difícil. Lembro uma vez que ela explodiu com a gangue por pouco, gritando e berrando sobre sua infância. Eu… não sei se ela é totalmente estável.

Elend abriu os olhos.

— Ela é estável, Ham — ele disse com firmeza. — E é mais capaz que qualquer um de nós.

Ham franziu a testa.

— Mas…

— Ela teve um bom motivo para atacar Cett — Elend falou. — Eu confio

nela.

Ham e Fantasma trocaram olhares, e Fantasma apenas deu de ombros.

— Não é só a noite passada, El — Ham falou. — Algo não está certo com aquela garota… e não apenas mentalmente…

— Como assim? — Elend perguntou.

— Você se lembra do ataque na Assembleia? — Ham disse. — Você me disse que a viu ser atingida em cheio por um bastão de Brutamontes.

— E? — Elend questionou. — Isso a deixou de cama por três dias inteiros.

Ham balançou a cabeça.

— A coleção completa de ferimentos, ser atingida nas costelas, o ferimento no ombro, quase ser esganada até a morte… tudo isso junto a deixou de cama por alguns dias. Mas se ela tivesse sido realmente atingida com força por um Brutamontes, ela não ficaria de cama por alguns dias, Elend. Teria ficado assim por semanas. Talvez mais. Certamente não teria escapado sem costelas quebradas.

— Ela estava queimando peltre — Elend retrucou.

— Provavelmente, o Brutamontes também estava.

Elend hesitou.

— Viu? — Ham falou. — Se os dois estavam avivando peltre, então deveriam ter empatado. Isso faria Vin, uma garota que não pesa mais de 45 quilos, ser esmagada por um soldado treinado com três vezes o seu peso. Ela deixou isso para trás com poucos dias de descanso.

— Vin é especial — Elend disse, por fim.

— Não vou discutir isso — Ham falou. — Mas ela também esconde algumas coisas de nós. Quem era aquele outro Nascido das Brumas? Alguns dos relatos fazem parecer que eles estavam trabalhando juntos.

Ela disse que havia outro Nascido das Brumas na cidade, Elend pensou. *Zane, o mensageiro de Straff. Faz muito tempo que ela não fala dele*.

Ham coçou a testa.

— Isso tudo está desmoronando ao nosso redor, El.

— Kelsier poderia manter tudo em pé — Fantasma murmurou. — Quando ele estava aqui, até nossas falhas eram parte do plano dele.

— O Sobrevivente está morto — Elend falou. — Eu nunca o conheci, mas ouvi o bastante sobre ele para saber de uma coisa. Ele não cedia ao desespero.

Ham sorriu.

— Isso é bem verdade. Ele estava rindo e fazendo piadas um dia depois de perdermos nosso exército inteiro por um erro de cálculo. Desgraçado arrogante.

— Insensível — Fantasma falou.

— Não — Ham falou, pegando seu copo. — Eu costumava pensar assim. Agora… eu só acho que ele era determinado. Kell sempre olhou para o amanhã, não importavam quais as consequências.

— Bem, temos de fazer o mesmo — Elend disse. — Cett se foi… Penrod o deixou partir. Não podemos mudar esse fato. Mas temos informações sobre o exército koloss.

— Ah, sobre isso — Fantasma falou, tirando algo do bolso e jogando na mesa. — Você tem razão, são os mesmos.

A moeda rolou até parar, e Elend pegou-a. Conseguiu ver onde Fantasma havia raspado com uma faca, descascando a pintura dourada para revelar a madeira maciça por baixo. Era uma imitação pobre de um boxe; não era de se surpreender que as falsas fossem tão fáceis de diferenciar. Apenas um tolo tentaria repassá-las como verdadeiras. Um tolo ou um koloss.

Ninguém sabia como alguns dos boxes falsos de Jastes tinham chegado até Luthadel; talvez ele tivesse tentado dá-los aos camponeses ou mendigos de seu domínio natal. De qualquer forma, era razoavelmente óbvio o que ele estava fazendo. Precisava de um exército e de dinheiro. Fabricou um para conseguir o outro. Apenas koloss cairiam num engodo assim.

— Não entendi — Ham falou quando Elend passou a moeda para ele. — Como os koloss de repente decidiram aceitar dinheiro? O Senhor Soberano nunca os pagava.

Elend fez uma pausa, pensando em sua experiência no acampamento. *Nós somos humanos. Viveremos na sua cidade…*

— Os koloss estão mudando, Ham — Elend disse. — Ou, talvez, nunca os tenhamos entendido. De qualquer forma, precisamos ser fortes. Isso ainda não acabou.

— Seria mais fácil ser forte se eu soubesse que nossa Nascida da Bruma não é insana. Ela nem discutiu a questão conosco!

— Eu sei — Elend concordou.

Ham levantou-se, sacudindo a cabeça.

— Havia um motivo para as Grandes Casas sempre relutarem em usar seus Nascidos da Bruma uns contra os outros. Isso apenas tornava a coisa toda muito mais perigosa. Se Cett tiver um Nascido das Brumas e decidir retaliar…

— Eu sei — Elend repetiu, pedindo para os dois se retirarem.

Ham acenou para Fantasma, e os dois saíram para encontrar Brisa e Trevo.

Eles todos agem de forma tão melancólica, Elend pensou, deixando seus

aposentos para buscar algo para comer. É como se eles pensassem que estamos condenados por um único *revés. Mas a retirada de Cett é uma coisa boa. Um de nossos inimigos está batendo em retirada – e ainda há dois exércitos lá fora. Jastes não atacará se isso o expuser a Straff, e o próprio Straff está assustado demais com Vin para fazer qualquer coisa. Na verdade, seu ataque a Cett deixará meu pai apenas mais assustado. Talvez seja por isso que ela o fez.*

— Vossa Majestade? — uma voz sussurrou.

Elend virou-se, procurando pelo corredor.

— Vossa Majestade — disse uma figura pequena nas sombras. OreSeur. — Acho que eu a encontrei.

Elend não levou ninguém com ele, salvo uns poucos guardas. Não queria explicar a Ham e aos outros como conseguira a informação; Vin ainda insistia em manter segredo quanto a OreSeur.

Ham tem razão num ponto, Elend pensou quando a carruagem parou. *Ela está escondendo coisas. Faz isso o tempo todo.*

Mas isso não o impedia de confiar nela. Meneou a cabeça para OreSeur e eles saíram da carruagem. Elend acenou para os guardas pararem quando se aproximou do prédio dilapidado. No passado, provavelmente havia sido uma loja de um mercador pobre – um lugar administrado pela extrema baixa nobreza, vendendo necessidades miseráveis aos trabalhadores skaa em troca de cotas de comida, que podiam, por sua vez, ser trocadas por dinheiro do Senhor Soberano.

O prédio ficava num setor em que as equipes de coleta de combustível de Elend não haviam chegado ainda. Era óbvio, contudo, que não tivera muito uso nos últimos tempos. Fora saqueado havia muito, e as cinzas que cobriam o assoalho já chegavam a dez centímetros de altura. Uma pequena trilha de pegadas levava a uma escada ao fundo.

— Que lugar é este? — Elend perguntou com um franzir de cenho.

OreSeur ergueu os ombros caninos.

— Então, como sabia que ela estava aqui?

— Eu a segui na noite passada, Vossa Majestade — OreSeur disse. — Vi em qual direção partiu. Depois disso, foi um simples processo de busca cuidadosa.

Elend franziu a testa.

— Ainda assim, deve ter precisado de capacidades de busca bem apuradas, kandra.

— Estes ossos têm sentidos incrivelmente aguçados.

Elend meneou a cabeça. A escadaria levava até um longo corredor com

vários aposentos nas pontas. Elend começou a percorrer o corredor, em seguida parou. De um lado, um painel na parede havia sido retirado, revelando um cubículo. Pôde ouvir movimentos lá dentro.

— Vin? — ele perguntou, enfiando a cabeça no cubículo.

Havia um pequeno recinto escondido atrás da parede, e Vin estava sentada no canto. O quarto – mais um refúgio – tinha apenas alguns metros, e mesmo Vin não conseguia ficar em pé nele. Não reagiu a ele. Simplesmente estava sentada, recostada na parede ao fundo, com a cabeça virada para não o olhar.

Elend rastejou para dentro da pequena câmara, ficando com os joelhos cheios de cinzas. O lugar era tão pequeno que ele não conseguia entrar sem tocar nela.

— Vin? Você está bem?

Ela ficou lá, torcendo algo entre os dedos. E olhava a parede – espiando através de um buraquinho. Elend conseguia ver a luz do sol atravessando-o.

É um orifício de vigia, ele percebeu. *Para observar a rua lá embaixo. Não é uma loja, é um esconderijo de bandidos. Ou era.*

— Eu costumava pensar que Camon era um homem terrível — Vin disse em voz baixa.

Elend esperou, abaixado, de quatro. Finalmente, sentou-se encolhido. Ao menos, Vin não parecia ferida.

— Camon? — ele perguntou. — Seu antigo líder de gangue, antes de Kelsier?

Vin assentiu. Virou-se do orifício, sentando-se com os braços ao redor dos joelhos.

— Ele batia nas pessoas, matava aqueles que discordavam dele. Mesmo entre os rufiões das ruas, ele era brutal.

Elend franziu a testa.

— Mas — ela continuou, baixinho — duvido que tenha matado tantas pessoas durante sua vida inteira quanto eu matei na noite passada.

Elend fechou os olhos. Em seguida, abriu-os e se aproximou um pouco mais, pousando a mão no ombro de Vin.

— Eram soldados inimigos, Vin.

— Eu agi como uma criança num quarto cheio de insetos — Vin sussurrou. Finalmente conseguiu ver o que estava nos dedos. Era seu brinco, o simples pino de bronze que ela sempre usara. Ela o encarava, torcendo-o entre os dedos.

— Eu já te contei como consegui isto aqui? — ela perguntou. Ele negou com a cabeça. — Minha mãe me deu. Não lembro quando isso aconteceu, Reen me

contou. Minha mãe… ouvia vozes às vezes. Matou minha irmãzinha, trucidou. E naquele mesmo dia me deu isto, um dos seus brincos. Como se… como se me escolhesse em vez da minha irmã. Punição para uma, um presente deturpado para outra.

Vin sacudiu a cabeça.

— Minha vida inteira tem sido de mortes, Elend. A morte da minha irmã, a de Reen. Membros das gangues mortos ao meu redor, Kelsier caindo pelo Senhor Soberano, minha própria lança no peito do Senhor Soberano. Tento proteger e digo a mim mesma que estou escapando disso tudo. E então… faço algo como fiz na noite passada.

Sem saber mais o que fazer, Elend puxou-a para mais perto. No entanto, o corpo dela estava rígido.

— Você teve um bom motivo para o que fez — ele disse.

— Não, não tive — Vin falou. — Quis apenas machucá-los. Quis assustá-los e fazer com que deixassem você em paz. Parece infantil, mas foi como eu me senti.

— Não é infantil, Vin — Elend comentou. — Foi uma boa estratégia. Deu aos nossos inimigos uma amostra de força. Espantou um dos nossos maiores oponentes, e agora meu pai ficará ainda mais temeroso em atacar. Você nos conseguiu mais tempo!

— Consegui às custas da vida de centenas de homens.

— Soldados inimigos que invadiram a nossa cidade — Elend falou. — Homens que estavam protegendo um tirano que oprime seu povo.

— Essa é a mesma justificativa que Kelsier usava — Vin comentou num murmúrio — quando matava nobres e seus guardas. Dizia que eles defendiam o Império Final, então mereciam morrer. Ele me assustava.

Elend não sabia o que dizer.

— Era como se ele se julgasse um deus — Vin sussurrou. — Tirando a vida, dando a vida conforme achasse adequado. Não quero ser como ele, Elend. Mas tudo parece me empurrar nessa direção.

— Eu… — *Você não é como ele*, ele quis dizer. Era verdade, mas as palavras não saíram. Soaram vazias para ele.

Em vez disso, ele puxou Vin para perto, seu ombro encostado no peito, a cabeça embaixo do queixo.

— Queria saber as coisas certas a dizer, Vin — ele sussurrou. — Ver você assim faz todo o instinto protetor dentro de mim se contorcer. Quero melhorar as coisas, quero consertar tudo, mas não sei como. Me diga o que fazer. Apenas

me diga como eu posso ajudar!

No início, ela resistiu um pouco ao abraço, mas em seguida suspirou e deslizou os braços ao redor dele, abraçando-o com força.

— Não pode ajudar com isso — ela disse suavemente. — Tenho de fazer sozinha. Há… decisões que preciso tomar.

Ele assentiu.

— Você tomará as certas, Vin.

— Você nem sabe o que estou decidindo.

— Não importa — ele disse. — Sei que não posso ajudar, não consegui nem mesmo manter meu trono. Você é dez vezes mais capaz do que eu.

Ela apertou o braço dele.

— Não diga essas coisas. Por favor?

Ele franziu a testa com a tensão na voz de Vin, então meneou a cabeça.

— Tudo bem. Mas, de qualquer forma, eu confio em você, Vin. Tome suas decisões, eu vou te apoiar.

Ela assentiu, relaxando um pouco sob os braços dele.

— Eu acho… — ela falou. — Acho que preciso ir embora de Luthadel.

— Embora? E ir para onde?

— Para o norte — ela falou. — Para Terris.

Elend recostou-se na parede de madeira. *Ir embora?*, ele pensou com uma sensação de desconforto. É isso que *mereço por ter sido tão distraído nos últimos tempos?*

Eu a perdi?

E, ainda assim, ele tinha acabado de dizer a ela que apoiaria suas decisões.

— Se você sente que precisa ir, Vin — ele se viu dizendo —, então deve ir.

— Se eu fosse, você viria comigo?

— Agora?

Vin assentiu, a cabeça resvalando no peito dele.

— Não — ele disse, por fim. — Não posso deixar Luthadel, não com aqueles exércitos lá fora.

— Mas a cidade te rejeitou.

— Eu sei — ele concordou com um suspiro. — Mas… não posso deixá-los, Vin. Eles me rejeitaram, mas não vou abandoná-los.

Vin meneou a cabeça, e algo lhe disse que essa era a resposta que ela esperava.

Elend sorriu.

— Somos uma bagunça, não?

— Incorrigíveis — ela falou com suavidade, suspirando quando finalmente se afastou dele. Parecia tão cansada. Fora do quarto, Elend pôde ouvir passos. OreSeur apareceu um momento depois, enfiando a cabeça na entrada da câmara escondida.

— Seus guardas estão ficando impacientes, Vossa Majestade — ele disse a Elend. — Logo virão procurá-lo.

Elend assentiu, aproximando-se da saída. Assim que chegou ao corredor, ofereceu a mão para ajudar Vin sair. Ela tomou a mão, rastejou para fora, ergueu-se e limpou a roupa – as habituais camisa e calça.

Será que ela algum dia voltará aos vestidos agora?, ele se perguntou.

— Elend — ela falou, enfiando a mão no bolso. — Aqui, você pode passar isso aqui adiante, se quiser.

Ela abriu a mão, soltando uma bolinha na dele.

— Atium? — ele perguntou, incrédulo. — Onde você arranjou?

— Com um amigo — ela disse.

— E você não o queimou na noite passada? — Elend perguntou. — Quando lutou contra todos aqueles soldados?

— Não — Vin disse. — Eu engoli, mas terminei não precisando dele, então forcei para devolvê-lo.

Senhor Soberano!, Elend pensou. *Nem considerei que ela não tivesse atium. O que teria feito se queimasse esse pouquinho?* Ele ergueu os olhos para ela.

— Alguns relatos dizem que há outro Nascido das Brumas na cidade.

— E há. Zane.

Elend devolveu a conta de atium para ela.

— Então, fique com isso. Talvez você precise para combatê-lo.

— Duvido — Vin disse em voz baixa.

— Fique com ela de qualquer forma — Elend falou. — Vale uma pequena fortuna, mas precisamos de uma fortuna *bem grande* para mudar alguma coisa aqui. Além disso, quem compraria? Se eu usasse para subornar Straff ou Cett, eles apenas teriam mais certeza de que estou escondendo atium deles.

Vin assentiu, em seguida olhou para OreSeur.

— Fique com ele — ela falou, estendendo a conta para o cão. — É grande o bastante para que outro alomântico possa arrancá-lo de mim se quiser.

— Guardarei com a minha vida, senhora — OreSeur disse com o ombro se abrindo para dar lugar ao pedacinho de metal.

Vin juntou-se a Elend para descer os degraus, caminhando para encontrar os guardas lá embaixo.

Sei o que memorizei. Sei o que é repetido agora pelos outros Portadores do Mundo.

45

— O Herói das Eras não será terrisano — Tindwyl disse, escrevendo uma nota no fim de sua lista.

— Já sabíamos disso — Sazed falou. — Do diário.

— Sim — Tindwyl confirmou —, mas o relato de Alendi era apenas uma referência… uma menção de terceiros dos efeitos de uma profecia. Encontrei alguém mencionando a própria profecia.

— Verdade? — Sazed perguntou, entusiasmado. — Onde?

— A biografia de Helenntion — Tindwyl falou. — Um dos últimos sobreviventes do Conselho de Khlennium.

— Anote para mim — Sazed falou, arrastando a cadeira para um pouco mais perto da de Tindwyl. Teve de piscar algumas vezes enquanto ela anotava, sua cabeça turva por um momento pela fadiga.

Fique alerta!, ele disse a si mesmo. *Não resta muito tempo. Não mesmo…*

Tindwyl estava se saindo um pouco melhor que ele, mas sua prontidão obviamente estava começando a arrefecer, pois ela já dava sinais de cansaço. Ele tirou uma soneca rápida durante a noite, encolhido no assoalho dos aposentos dela, mas ela continuou. Pelo que ele podia dizer, ela estava acordada há mais de uma semana.

Muito se falou sobre Rabzeen durante aqueles dias, Tindwyl escreveu. *Alguns diziam que ele viria combater o Conquistador. Outros diziam que ele era o Conquistador. Helenntion não partilhou comigo suas ideias sobre a questão. Diziam que Rabzeen era "aquele que não é do seu povo, mas ainda assim cumpre todos os seus desejos". Se esse for o caso, então talvez o Conquistador seja o tal. Dizem que ele tem que ser de Khlennium.*

Ela parou ali. Sazed franziu a testa, lendo as palavras de novo. O último testemunho de Kwaan – a cópia por fricção de Sazed que foi feita no Convento de Seran – provara-se útil em vários sentidos. Ela havia fornecido a chave.

Apenas anos mais tarde convenci-me de que ele era o Herói das Eras, Kwaan escrevera. *Herói das Eras: aquele chamado Rabzeen, em Khlennium, o Anamnéstico…*

A cópia era um meio de tradução – não entre idiomas, mas entre sinônimos. Fazia sentido que houvesse outros nomes para o Herói das Eras; uma figura tão importante, tão cercada de mitos, teria muitos títulos. Ainda assim, muitos haviam se perdido com o passar do tempo. O Rabzeen e o Anamnéstico eram figuras mitológicas vagamente familiares para Sazed, mas eram apenas dois entre tantos hostess. Até a descoberta da cópia, não havia maneira de ligar seus nomes ao Herói das Eras.

Agora, Tindwyl e ele podiam pesquisar suas mentes de metal de olhos abertos. Talvez, no passado, Sazed tivesse lido essa mesma passagem da biografia de Helenntion; havia ao menos dado uma passada por muitos dos registros mais antigos, buscando referências religiosas. Ainda assim, nunca teria sido capaz de perceber que a passagem se referia ao Herói das Eras, uma figura da mitologia terrisana que o povo khlenni renomeara no seu idioma.

— Sim… — ele disse lentamente. — Isso é bom, Tindwyl. Muito bom. — Ele pousou a mão sobre a dela.

— Talvez — ela respondeu —, embora não nos diga nada de novo.

— Ah, mas a redação talvez seja importante, creio eu. Religiões em geral são muito cuidadosas nos seus escritos.

— Especialmente em profecias — Tindwyl comentou, franzindo um pouco a testa. Não gostava de nada que soasse como superstição ou adivinhação.

— Pensei que você não tivesse mais esse preconceito, considerando nossa missão atual.

— Eu reúno informações, Sazed — ela falou. — Pelo que isso diz do povo e pelo que o passado pode nos ensinar. No entanto, há um motivo por que quis estudar história, e não teologia. Não aprovo a perpetuação de mentiras.

— É isso que você pensa que faço quando ensino sobre as religiões? — ele perguntou, sorridente.

Tindwyl olhou para ele.

— Um pouco — ela admitiu. — Como você pode ensinar as pessoas a olharem para os deuses dos mortos, Sazed? Essas religiões não ajudaram esse povo, e suas profecias agora são pó.

— Religiões são uma expressão de esperança — Sazed comentou. — Essa esperança dá força às pessoas.

— Então, você não acredita? — Tindwyl questionou. — Apenas dá às

pessoas algo para que confiem, para que se iludam?

— Não diria isso.

— Então, acha que os deuses sobre os quais você ensina *realmente* existem?

— Eu… acho que merecem ser lembrados.

— E suas profecias? — Tindwyl perguntou. — Vejo valor erudito no que fazemos: trazer luz aos fatos do passado poderia nos dar informações sobre nossos problemas atuais. Ainda assim, essa previsão do futuro é, no fundo, bobagem.

— Não diria isso — Sazed falou. — Religiões são promessas, promessas de que há algo que nos observa, nos guia. Portanto, profecias são extensões naturais das esperanças e dos desejos das pessoas. Não são tolices, de forma alguma.

— Então, seu interesse é puramente acadêmico? — Tindwyl quis saber.

— Eu não diria isso.

Tindwyl examinou-o, olhando-o nos olhos. Ela franziu o cenho levemente.

— Você acredita nisso, não é? — ela perguntou. — Acredita que aquela garota é a Heroína das Eras.

— Não decidi ainda — Sazed respondeu.

— Como pode sequer considerar tal coisa, Sazed? — Tindwyl perguntou. — Não enxerga? A esperança é uma coisa boa, maravilhosa, mas você precisa ter esperança em algo adequado. Se perpetuar os sonhos do passado, conterá seus sonhos do futuro.

— E se os sonhos do passado forem dignos de serem lembrados?

Tindwyl sacudiu a cabeça.

— Olhe as probabilidades, Sazed. Quais são as chances de terminarmos onde estamos, estudando essa cópia, na mesma residência que o Herói das Eras?

— Probabilidades são irrelevantes quando uma profecia está envolvida.

Tindwyl fechou os olhos.

— Sazed… Eu acho que a religião é algo bom, e a fé é algo bom, mas é tolice buscar orientação em poucas frases vagas. Olhe o que aconteceu da última vez que alguém acreditou ter encontrado esse Herói. O Senhor Soberano, o Império Final, esses foram os resultados.

— Mesmo assim, eu tenho esperança. Se você não acredita nas profecias, então por que trabalhou tão duro para descobrir informações sobre as Profundezas e o Herói?

— É simples — Tindwyl disse. — Estamos obviamente enfrentando o mesmo perigo que veio antes, um problema recorrente, como uma praga que se

extingue apenas para voltar outra vez, séculos mais tarde. O povo antigo sabia desse perigo, tinha informações sobre ele. Essas informações, naturalmente, fragmentaram-se e se transformaram em lendas, profecias e, até mesmo, em religiões. Então, haverá pistas para nossa situação escondidas no passado. Não é uma questão de profecia, mas de pesquisa.

Sazed encaixou a mão sobre a dela.

— Creio, talvez, que seja uma questão sobre a qual não conseguiremos concordar. Venha, vamos voltar aos nossos estudos. Precisamos usar o tempo que nos resta.

— Vai ficar tudo bem — Tindwyl falou, suspirando e erguendo a mão para encaixar uma mecha de cabelo de volta ao coque. — Ao que parece, sua Heroína enxotou Lorde Cett na noite passada. A serviçal que trouxe o café da manhã estava falando disso.

— Soube do acontecimento — Sazed comentou.

— As coisas estão melhorando para Luthadel.

— Sim — Sazed concordou. — Talvez.

Ela franziu a testa.

— Você parece hesitante.

— Não sei — ele falou, baixando os olhos. — Não sinto que a partida de Cett seja uma boa coisa, Tindwyl. Algo está muito errado. Precisamos terminar esses estudos.

Tindwyl inclinou a cabeça.

— Até quando?

— Devemos tentar terminar até hoje à noite, creio eu — Sazed disse, olhando para a pilha de folhas soltas que tinham na mesa. Essa pilha continha todas as notas, ideias e conexões que tinham feito durante sua jornada furiosa de estudos. Era como um livro, um guia que contava sobre o Herói das Eras e as Profundezas. Era um bom documento, incrível até, considerando o tempo que tiveram. Não era completo. No entanto, provavelmente era a coisa mais importante que ele havia escrito.

Mesmo que não soubesse ao certo por quê.

— Sazed? — Tindwyl perguntou, fazendo uma careta. — O que é isto?

Ela alcançou a pilha de papéis, puxando uma folha que estava levemente torta. Quando ela a ergueu, Sazed ficou chocado em ver que um pedaço do canto inferior direito havia sido rasgado.

— Você fez isto? — ela questionou.

— Não — Sazed respondeu. Ele pegou o papel. Era uma das transcrições da

cópia por fricção; o rasgo tinha removido a última frase. Não havia sinal da parte faltante.

Sazed levantou o rosto e encontrou o olhar confuso de Tindwyl. Ela se virou, folheando uma pilha de papéis ao lado. Puxou outra cópia da transcrição e a ergueu.

Sazed sentiu um calafrio. O canto estava faltando.

— Eu consultei isto ontem — Tindwyl falou em voz baixa. — Não saí do quarto, apenas por poucos minutos, e você ficou aqui o tempo todo.

— Você saiu na noite passada? — Sazed perguntou. — Para ir ao banheiro enquanto eu dormia?

— Talvez. Não lembro.

Sazed fez uma pausa, encarando a página. O corte era sinistramente semelhante na forma àquele da pilha principal. Tindwyl, aparentemente pensando a mesma coisa, deitou-a sobre o par. Encaixavam-se com perfeição; mesmo nas menores pontas os cortes eram idênticos. Se tivessem sido rasgados um sobre o outro, a duplicação do formato não teria sido tão perfeita.

Os dois ficaram parados, olhando. Em seguida, começaram a se mover, procurando nas pilhas de páginas. Sazed tinha quatro cópias da transcrição; em todas faltava o mesmo pedaço.

— Sazed… — Tindwyl disse, com a voz um pouco trêmula.

Ela ergueu uma folha de papel – a única que tinha apenas metade da transcrição nela, terminando quase no meio da página. Um furo havia sido rasgado diretamente no meio da página, retirando exatamente a mesma frase.

— A cópia! — Tindwyl falou, mas Sazed já estava se movendo. Saiu da cadeira, correndo até a arca onde ele armazenava suas mentes de metal. Ele se atrapalhou com a chave no pescoço, puxando-a e destrancando a arca. Abriu-a com tudo, retirou a cópia por fricção, em seguida desdobrou-a delicadamente no chão. Ele retirou os dedos num repente, sentindo quase como se tivesse sido mordido quando viu o corte no fundo. A mesma frase, removida.

— Como é possível? — Tindwyl sussurrou. — Como alguém poderia saber tanto do nosso trabalho, tanto de nós?

— E, mesmo assim — Sazed disse —, como poderiam saber tão pouco de nossas capacidades? Tenho a transcrição inteira armazenada na minha mente de metal. Posso lembrá-la agora mesmo.

— O que diz a sentença perdida?

— “Alendi não pode chegar ao Poço da Ascensão. Ele não pode tomar o poder para si.”

— Por que retirar essa parte? — Tindwyl perguntou.

Sazed encarou a cópia. *Isso parece impossível…*

Um ruído soou na janela. Sazed girou, tocando por reflexo em sua mente de peltre e aumentando sua força. Os músculos incharam, a túnica ficando justa.

As folhas da janela abriram-se. Vin estava agachada no parapeito. Ela parou quando viu Sazed e Tindwyl – que também aparentemente havia acionado a força, crescendo para ficar quase com uma constituição masculina.

— Fiz algo de errado? — Vin perguntou.

Sazed sorriu, desativando sua mente de peltre.

— Não, mocinha — ele falou. — Apenas nos assustou. — Ele olhou para Tindwyl, e ela começou a recolher os pedaços rasgados de papel. Sazed enrolou a cópia; discutiriam a questão mais tarde.

— Viu alguém passando tempo demais perto dos meus aposentos, Lady Vin? — Sazed perguntou ao guardar a cópia. — Algum estranho… ou mesmo algum guarda em particular?

— Não — Vin falou, entrando no quarto. Ela estava descalça, como de costume, e não usava sua capa de bruma; raramente a usava durante o dia. Se lutara na noite anterior, trocara de roupa, pois não havia manchas de sangue – ou mesmo de suor – em seus trajes. — Quer que eu fique de olho em alguém suspeito? — ela perguntou.

— Sim, por favor — Sazed pediu, trancando a arca. — Tememos que alguém andou mexendo em nosso trabalho, embora o motivo pelo qual quis fazê-lo seja estranho.

Vin meneou a cabeça, permanecendo onde estava enquanto Sazed voltava ao assento. Ela olhou para ele e para Tindwyl por um momento.

— Preciso falar com você, Sazed — Vin disse.

— Posso parar por uns momentos, creio eu — Sazed falou. — Mas devo alertar que meus estudos são muito urgentes.

Vin concordou, em seguida olhou para Tindwyl. Por fim, ela suspirou, levantando-se.

— Acho que vou providenciar o almoço, então.

Vin relaxou um pouco quando a porta se fechou; em seguida, foi até a mesa, sentando-se na cadeira de Tindwyl, puxando as pernas junto ao peito, pondo os pés no assento de madeira.

— Sazed — ela perguntou —, como você sabe se está apaixonado?

Sazed piscou.

— Eu… não acho que sou a pessoa *mais certa* para falar desse assunto, Lady

Vin. Sei muito pouco sobre a questão.

— Você sempre diz coisas assim — Vin falou. — Mas, na verdade, você é um especialista em quase tudo.

Sazed riu.

— Nesse caso, garanto a você que minha insegurança é genuína, Lady Vin.

— Ainda assim, você deve saber alguma coisa.

— Um pouco, talvez — Sazed disse. — Me diga, como se sente quando está com o jovem Lorde Venture?

— Quero que ele me abrace — Vin falou, baixinho, virando-se de lado para olhar a janela. — Quero que fale comigo, mesmo que eu não entenda o que ele está dizendo. Qualquer coisa para mantê-lo lá, comigo. Quero ser melhor por causa dele.

— Isso me parece um sinal muito bom, Lady Vin.

— Mas… — Vin baixou os olhos. — Não sou boa para ele, Sazed. Ele tem medo de mim.

— Medo?

— Bem, ele fica, no mínimo, desconfortável ao meu lado. Vi a expressão nos olhos dele quando me viu lutar no dia do ataque à Assembleia. Ele se afastou de mim, Sazed, horrorizado.

— Ele tinha acabado de ver um homem assassinado — Sazed disse. — Lorde Venture é um pouco inocente nessas questões, Lady Vin. Não foi você, creio eu… foi simplesmente uma reação natural ao horror da morte.

— De qualquer forma — Vin retrucou, olhando novamente para a janela. — Não quero que me veja dessa forma. Quero ser a garota de que ele precisa, a garota que pode apoiar seus planos políticos. A garota que pode ser bela quando ele precisar dela nos braços e que poderá confortá-lo quando estiver frustrado. Só que essa não sou eu. Você me treinou para agir como uma mulher da corte, Saze, mas nós dois sabemos que eu não era tão boa nisso.

— E Lorde Venture se apaixonou por você — Sazed relembrou —, porque você *não* agia como as outras mulheres. Apesar da interferência de Lorde Kelsier, apesar do seu conhecimento de que todos os nobres eram nossos inimigos, Elend se apaixonou por você.

— Eu não deveria ter deixado — Vin afirmou em voz baixa. — Preciso ficar longe dele, Saze, para o seu bem. Assim, ele poderá se apaixonar por outra pessoa. Alguém que seja um par melhor para ele. Alguém que não mate centenas de pessoas quando fica frustrada. Alguém que mereça seu amor.

Sazed ergueu-se, a túnica farfalhando ao caminhar até a cadeira de Vin. Ele

se inclinou, deixando a cabeça alinhada com a dela, pousando a mão no ombro.

— Ah, menina. Quando vai parar de se preocupar e simplesmente se deixar amar?

Vin balançou a cabeça.

— Não é tão fácil.

— Poucas coisas são. Ainda assim, eu lhe digo, Lady Vin. O amor precisa poder fluir de ambos os lados… do contrário, não é amor verdadeiro, creio eu. É outra coisa. Paixão, talvez? Bem, existem alguns de nós que conseguem se colocar como mártires com uma rapidez impressionante. Ficamos de lado, observando, pensando que fazemos a coisa certa ao não agir. Tememos a dor, a nossa ou a de outros.

Ele apertou o ombro dela.

— Mas… isso é amor? É amor achar que Elend não pode ficar ao seu lado? Ou é amor deixar que ele tome uma decisão sobre o assunto?

— E se eu for a mulher errada para ele? — Vin perguntou.

— Você deve amá-lo o bastante para confiar nos desejos dele, mesmo que discorde. Deve respeitá-lo, não importa o quanto você pense que ele possa estar errado, não importa o quanto você ache suas decisões ruins, deve respeitar o desejo dele de tomá-las. Mesmo que uma delas inclua amá-la.

Vin abriu um leve sorriso, mas ainda parecia perturbada.

— E… — ela disse, lentamente — … se houver outra pessoa? Para mim?

Ah…

Ela ficou tensa de imediato.

— Não pode dizer a Elend que eu disse isso.

— Não vou — Sazed prometeu. — Quem é o outro homem?

Vin deu de ombros.

— Apenas… alguém mais parecido comigo. O tipo de homem com quem eu *deveria* estar.

— Você o ama?

— Ele é forte — Vin disse. — Me faz pensar em Kelsier.

Então, há *outro Nascido das Brumas,* Sazed pensou. Nessa questão, ele sabia que deveria ser imparcial. Não sabia o bastante desse outro homem para ter uma opinião – e os Guardadores deviam dar informações, mas evitar aconselhamentos específicos.

Sazed, no entanto, nunca fora muito bom em seguir aquela regra. Não conhecia esse outro Nascido das Brumas, verdade, mas *conhecia* Elend Venture.

— Menina — ele disse —, Elend é o melhor dos homens, e você tem sido tão mais feliz desde que começou a se relacionar com ele.

— Mas ele é realmente o primeiro homem que amei — Vin falou baixinho. — Como posso saber se é o correto? Não deveria prestar mais atenção ao homem que é um par melhor para mim?

— Não sei, Lady Vin. Honestamente, não sei. Alertei sobre minha ignorância nessa área. Entretanto, você acha realmente que conseguirá encontrar uma pessoa melhor que Lorde Elend?

Ela suspirou.

— É tudo tão frustrante. Eu deveria estar me preocupando com a cidade e com as Profundezas, não com qual homem passar minhas noites!

— É difícil defender os outros quando nossa vida está um caos — Sazed falou.

— Eu preciso decidir — Vin falou, levantando-se e caminhando até a janela. — Obrigada, Sazed. Obrigada por ouvir… obrigada por voltar à cidade.

Sazed assentiu, sorrindo. Vin lançou-se para trás pela janela aberta, empurrando-se contra algum pedaço de metal. Sazed suspirou, esfregando os olhos enquanto caminhava até a porta da sala e a abria.

Tindwyl estava em pé, do lado de fora, com os braços cruzados.

— Acho que eu me sentiria mais confortável nesta cidade se não soubesse que nossa Nascida das Brumas tem as emoções voláteis de uma adolescente.

— Lady Vin é mais estável do que você pensa — Sazed afirmou.

— Sazed, eu criei quinze filhas — Tindwyl falou, entrando na sala. — *Nenhuma* adolescente é estável. Algumas apenas são melhores em esconder a instabilidade que as outras.

— Então, fique feliz por ela não ter percebido que você estava ouvindo — Sazed falou. — Em geral ela é bem paranoica com essas coisas.

— Vin tem um ponto fraco com relação aos terrisanos — Tindwyl falou com um aceno de mão. — É provável que possamos agradecer a você por isso. Ela parece dar grande valor aos seus conselhos.

— Mesmo não sendo os melhores.

— Achei o que você disse muito sábio, Sazed — Tindwyl falou, sentando-se. — Você teria sido um pai excelente.

Sazed abaixou a cabeça, embaraçado, em seguida foi se sentar.

— Deveríamos…

Uma batida na porta.

— Agora, o quê? — Tindwyl perguntou.

— Você não pediu almoço?

Tindwyl sacudiu a cabeça.

— Eu nem saí do corredor.

Um segundo depois, Elend pôs a cabeça na fresta da porta.

— Sazed? Posso falar com você por um momento?

— Claro, Lorde Elend — Sazed falou, erguendo-se.

— Ótimo — Elend falou, entrando na sala. — Tindwyl, você está dispensada.

Ela revirou os olhos, lançando um olhar exasperado para Sazed, mas levantou-se e saiu do aposento.

— Obrigado — Elend disse quando ela fechou a porta. — Por favor, sente-se — ele disse, acenando para Sazed.

Sazed sentou-se, e Elend deu um suspiro profundo, andando com as mãos entrelaçadas nas costas. Tinha voltado aos uniformes brancos, e tinha uma postura imponente, apesar de sua óbvia frustração.

Alguém roubou meu amigo estudioso, Sazed pensou, *e deixou um rei no lugar.*

— Suponho que seja sobre a Lady Vin, Lorde Elend?

— Sim — Elend respondeu, começando a caminhar e gesticulando com uma das mãos enquanto falava. — Ela não faz sentido algum, Sazed. Eu espero isso… inferno, eu conto com isso. Ela não é apenas uma mulher, ela é a *Vin*. Mas eu fiquei inseguro em como reagir. Um minuto ela parece me querer, como éramos antes da confusão atingir a cidade, e no minuto seguinte ela parece distante, fria.

— Talvez ela esteja apenas confusa.

— Talvez — Elend concordou. — Mas ao menos *um* de nós não deveria saber o que está acontecendo em nosso relacionamento? Honestamente, Sazed, às vezes eu acho que somos diferentes demais para estarmos juntos.

Sazed sorriu.

— Ah, não sei nada sobre isso, Lorde Elend. Pode ficar surpreso em como é semelhante o pensamento de vocês.

— Duvido — Elend falou, continuando a caminhar. — Ela é uma Nascida da Bruma, eu sou um homem comum. Ela cresceu nas ruas, eu cresci numa mansão. Ela é astuta e esperta, eu sou dos livros.

— Ela é extremamente competente, você também — Sazed disse. — Ela foi oprimida pelo irmão, você por seu pai. Os dois odiavam o Império Final e derrubaram-no. E os dois pensam demais sobre o que *deveria ser*, em vez de

pensar no que é.

Elend hesitou, olhando para Sazed.

— O que isso significa?

— Significa que eu acho que vocês dois são perfeitos um para o outro — Sazed comentou. — Não devo fazer esses julgamentos e, de verdade, essa é apenas a opinião de um homem que não viu muito vocês dois nos últimos meses. Mas eu acredito que seja assim.

— E nossas diferenças? — Elend perguntou.

— À primeira vista, a chave e a fechadura na qual ela se encaixa podem parecer muito diferentes — Sazed falou. — Diferente em forma, diferente em função, desenhos diferentes. O homem que olha para elas sem conhecimento de sua verdadeira natureza poderia pensar que são opostas, pois uma serve para abrir, e a outra para manter fechado. Ainda assim, num exame mais detido, ele talvez veja que, sem uma, a outra é inútil. O homem sábio então vê que ambas, fechadura e chave, foram criadas para o mesmo objetivo.

Elend sorriu.

— Você precisa escrever um livro um dia desses, Sazed. Isso é mais profundo que qualquer coisa que já li.

Sazed corou, mas olhou para a pilha de papéis na mesa. Seriam o seu legado? Não sabia se eram profundos, mas representavam a tentativa mais coesa que ele já fizera de escrever algo original. Verdade, a maioria das páginas continha citações e referências, mas um bom pedaço do texto também incluía seus pensamentos e anotações.

— Então, que devo fazer? — Elend perguntou.

— Sobre Lady Vin? Eu sugiro que simplesmente dê a ela, e a si mesmo, um pouco mais de tempo.

— O tempo é um artigo escasso nesses dias, Sazed.

— Quando não é?

— Quando sua cidade não está cercada por dois exércitos — Elend falou —, um deles liderado por um tirano megalomaníaco, o outro por um tolo inconsequente.

— Sim — Sazed falou, lentamente. — Sim, acho que você pode estar certo. Preciso voltar aos meus estudos.

Elend franziu o cenho.

— Por falar nisso, no que está trabalhando?

— Algo de pouca importância para o seu problema atual, temo eu — Sazed falou. — Tindwyl e eu estamos coletando e compilando referências sobre as

Profundezas e o Herói das Eras.

— As Profundezas… Vin mencionou isso também. Acha mesmo que elas podem voltar?

— Acho que voltou, Lorde Elend — Sazed falou. — Nunca desapareceu, na verdade. Acredito que as Profundezas eram… são… as brumas.

— Mas, por que… — Elend disse, em seguida ergueu a mão. — Lerei suas conclusões quando tiver terminado. Não posso me dar ao luxo de me desviar agora. Obrigado, Sazed, por seu conselho.

Sim, é mesmo um rei, Sazed pensou.

— Tindwyl — Elend falou —, você pode voltar agora. Sazed, tenha um bom dia. — Elend virou-se para a porta, e ela se abriu lentamente. Tindwyl entrou, escondendo seu embaraço.

— Como soube que eu estava lá fora? — ela perguntou.

— Imaginei — Elend falou. — Você é tão má quanto Vin. De qualquer forma, um bom dia para vocês dois.

Tindwyl franziu a testa quando ele saiu; em seguida, olhou para Sazed.

— Você realmente fez um bom trabalho com ele — Sazed disse.

— Bom demais — Tindwyl falou, sentando-se. — Na verdade, eu acho que, se as pessoas o deixassem permanecer no comando, ele talvez encontrasse uma maneira de salvar a cidade. Venha, precisamos voltar ao trabalho… desta vez eu pedi para alguém trazer nosso almoço, então deveríamos fazer o máximo que pudermos antes que chegue.

Sazed assentiu, sentando-se e tomando a pena. Porém, encontrou dificuldades em se concentrar no trabalho. Sua mente voltava para Vin e Elend. Ele não tinha certeza por que lhe era tão importante fazer aquele relacionamento funcionar. Talvez fosse simplesmente porque eram seus amigos, e ele desejava vê-los felizes.

Ou, talvez, houvesse algo mais. Aqueles dois eram o melhor que Luthadel tinha a oferecer. A Nascida das Brumas mais poderosa do submundo skaa e o líder mais nobre da cultura aristocrática. Precisavam um do outro, e o Império Final precisava de ambos.

Além disso, havia o trabalho que estava fazendo. O pronome específico usado em grande parte da linguagem profética de Terris era de gênero neutro. A palavra real significava “aquilo”, embora fosse traduzido normalmente nas línguas modernas por “ele”. Ainda assim, cada “ele” em seu livro também podia ser escrito como “ela”. Se Vin realmente fosse a Heroína das Eras…

Precisamos encontrar uma maneira de tirá-los da cidade, Sazed pensou,

com uma percepção repentina assolando-o. *Esses dois não podem estar aqui quando Luthadel cair.*

Ele deixou de lado suas anotações e imediatamente começou a escrever uma série rápida de cartas.

Os dois não são a mesma coisa.

46

Brisa conseguia sentir o cheiro de intriga a duas ruas de distância. Ao contrário de muitos de seus camaradas ladrões, não havia crescido pobre, nem fora forçado a viver no submundo. Crescera num lugar muito mais brutal: uma corte aristocrática. Felizmente, os outros membros da equipe não o tratavam de modo diferente por ele ter origens nobres.

Isso porque, é claro, eles não conheciam esse fato.

Sua criação lhe dava certa compreensão. Coisas que ele duvidava que qualquer ladrão skaa, por mais competente que fosse, soubesse. A intriga skaa tinha uma noção mais brutal, era uma questão de vida e morte crua. A pessoa traía seus aliados para obter dinheiro, poder ou para se proteger.

Nas cortes nobres, a intriga era mais abstrata. Traições nem sempre terminavam com uma das partes morta, mas as ramificações podiam estender-se por gerações. Era um jogo, ao ponto de o jovem Brisa achar a brutalidade desbragada do submundo skaa revigorante.

Ele bebericou sua caneca morna de vinho, encarando o bilhete em seus dedos. Chegara a acreditar que não haveria porque se preocupar mais com conspirações dentro da gangue: a equipe de Kelsier era um grupo quase doentio de tão coeso, e Brisa fazia tudo dentro de seus poderes alomânticos para mantê-lo assim. Ele sabia o que rivalidades internas podiam fazer a uma família.

Foi por isso que ele ficou tão surpreso ao receber aquela carta. Apesar de sua inocência falsa, facilmente conseguia perceber os sinais. O ritmo apressado dos escritos, borrado em alguns pontos, mas sem reescritos. Frases como “Não precisa dizer aos outros” e “não quero causar alarde”. Os pingos extras de cera para selar, espalhados gratuitamente na ponta da carta, como se para dar mais proteção contra olhos curiosos.

Não havia engano quanto ao tom da missiva. Brisa fora convidado para uma conferência conspiratória. Mas por que, em nome do Senhor Soberano, *Sazed*, entre todas as pessoas, desejaria se reunir em segredo?

Brisa suspirou, puxando seu bastão de duelo e usando-o para se equilibrar. Quando se levantava, às vezes ficava zonzo; era uma enfermidade menor que sempre tivera, embora parecesse ter piorado durante os últimos anos. Olhou por sobre o ombro quando sua visão clareou, para onde Allrianne dormia em sua cama.

Provavelmente, eu deveria me sentir mais culpado por ela, ele pensou, sorrindo sem querer e erguendo os braços para vestir colete e jaqueta sobre calças e camisa. *Mas… bem, estaremos todos mortos mesmo em alguns dias.* Uma tarde conversando com Trevo certamente colocava a vida em perspectiva.

Brisa saiu no corredor, caminhando através dos corredores soturnos e mal-iluminados de Venture. *Honestamente*, ele pensou, *entendo o valor de economizar óleo de lamparina, mas as coisas já estão deprimentes o bastante sem os corredores escuros.*

O local da reunião era apenas poucas curvas adiante. Brisa localizou-o facilmente, por causa dos dois soldados em pé, cuidando da porta. Homens de Demoux, soldados subordinados ao capitão no âmbito religioso, bem como vocacional.

Interessante, Brisa pensou, permanecendo escondido no corredor lateral. Ele ampliou seus poderes alomânticos e *abrandou* os homens, tirando seu relaxamento e certeza, deixando para trás ansiedade e nervosismo. Os guardas começaram a ficar cada vez mais agitados, arrastando os pés. Finalmente, um virou-se e abriu a porta, verificando o quarto. O movimento deu a Brisa uma visão completa da sala. Apenas um homem estava sentado lá dentro. Sazed.

Brisa ficou em silêncio, tentando decidir o próximo ato. Não havia nada de incriminador na carta; podia ser simplesmente uma armadilha da parte de Elend, não poderia? Uma tentativa obscura para descobrir quais membros do grupo o trairiam e quais não trairiam? Parecia um movimento muito desconfiado para o rapaz de boa índole. Além disso, se fosse o caso, Sazed teria tentado fazer Brisa ir além de simplesmente encontrar-se com ele num local clandestino.

A porta foi fechada, e o soldado voltou ao seu lugar. *Posso confiar em Sazed, não posso?*, Brisa pensou. Mas se esse foi o caso, por que a reunião sigilosa? Brisa estava exagerando na reação?

Não, os guardas provavam que Sazed temia que essa reunião fosse descoberta. Era suspeito. Se fosse outra pessoa, Brisa teria ido direto até Elend. Mas Sazed…

Brisa suspirou, em seguida caminhou pelo corredor, o bastão de duelo

estalando no chão. *Poderia também ver o que ele tem a dizer. Além disso, se* está *planejando algo tortuoso, quase valeria o risco de vê-lo.* Apesar da carta, apesar das circunstâncias estranhas, Brisa não conseguia imaginar um terrisano envolvido em algo que não fosse totalmente honesto.

Talvez o Senhor Soberano tivesse o mesmo problema.

Brisa meneou a cabeça para os soldados, *abrandando* sua ansiedade e restaurando um humor mais moderado. Havia outro motivo pelo qual ele estava disposto a arriscar a reunião. Brisa estava apenas começando a descobrir o quanto sua situação era perigosa. Luthadel logo cairia. Todo instinto que ele alimentara durante trinta anos no submundo lhe dizia para fugir.

Aquela sensação o deixava mais propenso a assumir riscos. O Brisa de alguns anos antes já teria abandonado a cidade. *Maldito seja, Kelsier,* ele pensou quando abriu a porta.

Da mesa, Sazed ergueu os olhos com surpresa. A sala era pouco mobiliada, com várias cadeiras e apenas duas lamparinas.

— Está adiantado, Lorde Brisa — Sazed falou, erguendo-se rapidamente.

— Claro que estou — Brisa falou, ríspido. — Tinha que garantir que não era nenhum tipo de armadilha. — Ele fez uma pausa. — Não é um tipo de armadilha, né?

— Armadilha? — Sazed perguntou. — Do que está falando?

— Ah, não finja estar chocado — Brisa falou. — Isso não é uma simples reunião.

Sazed esmoreceu um pouco.

— É… muito óbvio, não é?

Brisa sentou-se, pousando o bastão no colo, e olhou para Sazed de forma reveladora, abrandando o homem para fazê-lo se sentir um pouco mais envergonhado.

— Você pode ter nos ajudado a derrubar o Senhor Soberano, meu caro, mas tem muito a aprender sobre como ser sorrateiro.

— Peço desculpas — Sazed disse, sentando-se. — Eu quis apenas fazer uma rápida reunião para discutir certas questões… sigilosas.

— Bem, eu recomendaria se livrar desses guardas — Brisa falou. — Eles fazem o quarto se destacar. Então, acenda mais algumas lamparinas e traga algo para comer ou beber. Se Elend entrar… suponho que estejamos nos escondendo de Elend, não?

— Sim.

— Bem, se ele entrar e nos vir sentados aqui, no escuro, olhando um para o

outro insidiosamente, saberá que algo está acontecendo. Quanto menos natural a ocasião, mais natural vai querer que pareça.

— Ah, entendo — Sazed falou. — Obrigado.

A porta se abriu, e Trevo entrou, mancando. Olhou para Brisa, em seguida para Sazed, e caminhou até uma cadeira. Brisa olhou para Sazed: nenhuma surpresa. Trevo obviamente também fora convidado.

— Mande esses guardas embora — Trevo disse, irritado.

— Agora mesmo, Lorde Cladent — Sazed disse, erguendo-se e caminhando até a porta. Falou rapidamente com os guardas, então voltou. Quando Sazed estava se sentando, Ham enfiou a cabeça na fresta da porta, parecendo desconfiado.

— Espere um minuto — Brisa falou. — Quantas pessoas estão vindo para esta reunião secreta?

Sazed fez um gestou para Ham sentar-se.

— Todos os membros mais... experientes da equipe.

— Você diz todo mundo, menos Elend e Vin — Brisa retrucou.

— Não convidei Lorde Lestibournes também — Sazed comentou.

Sim, mas não estamos nos escondendo do Fantasma.

Ham sentou-se, hesitante, lançando um olhar questionador para Brisa.

— Então… por que exatamente estamos nos reunindo escondidos de nossa Nascida das Brumas e do nosso rei?

— Não é mais rei — uma voz observou da porta. Dockson entrou e sentou-se. — De fato, poderia ser dito que Elend não é mais líder deste grupo. Ele recebeu essa posição por acaso… exatamente como recebeu o trono.

Ham ficou vermelho.

— Sei que não gosta dele, Dox, mas não estou aqui para armar um motim.

— Não há motim se não há trono para trair — Dockson falou, sentando-se. — O que vamos fazer… ficar aqui e sermos servos desta casa? Elend não precisa de nós. Talvez seja hora de transferirmos nossos serviços para Lorde Penrod.

— Penrod é um nobre também — Ham falou. — Não pode me dizer que você gosta mais dele que de Elend.

Dockson bateu na mesa com o punho.

— Não é sobre quem eu *gosto*, Ham. É sobre garantir que esse maldito reino que Kelsier jogou no nosso colo permaneça em pé! Passamos um ano e meio limpando a bagunça dele. Quer ver esse trabalho desperdiçado?

— Por favor, senhores — Sazed falou, tentando, sem sucesso, interromper a

conversa.

— Trabalho, Dox? — Ham falou, enrubescendo. — Que trabalho você fez? Não tenho visto você fazer muito mais do que ficar sentado reclamando toda vez que alguém apresenta um plano.

— Reclamar? — Dockson falou, ríspido. — Tem alguma ideia de quanto trabalho administrativo precisa ser feito para esta cidade não desmoronar? O que você tem feito, Ham? Recusou-se a assumir o comando do exército. Tudo que faz é beber e treinar com seus amigos!

Já chega, Brisa pensou, *abrandando* os homens. *Nesse ritmo, vamos estrangular uns aos outros antes que Straff possa nos executar.*

Dockson recostou-se na cadeira e acenou, ignorando Ham, que ainda estava com o rosto vermelho. Sazed aguardou, obviamente decepcionado com a briga. Brisa *abrandou* sua insegurança. *Você está no comando aqui, Sazed. Diga o que está havendo.*

— Por favor — Sazed falou. — Não nos reuni para que pudéssemos brigar. Entendo que todos estão tensos, isso é compreensível, considerando as circunstâncias.

— Penrod vai entregar nossa cidade para Straff — Ham falou.

— É melhor que deixá-lo nos massacrar — Dockson retrucou.

— Na verdade — Brisa falou —, não acho que precisamos nos preocupar com Straff nos massacrar.

— Não? — Dockson perguntou, franzindo a testa. — Tem alguma informação que não compartilhou conosco, Brisa?

— Ah, deixe de pretensão, Dox — Ham soltou. — Nunca ficou feliz por não ter terminado no comando quando Kell morreu. Esse é o motivo pelo qual nunca gostou de Elend, não é?

Dockson corou, e Brisa suspirou, cobrindo os dois com uma onda poderosa de *abrandamento*. Os dois tiveram um leve sobressalto, como se tivessem sido agulhados, embora a sensação fosse exatamente oposta. Suas emoções, antes voláteis, de repente ficaram entorpecidas e indiferentes.

Os dois olharam para Brisa.

— Sim — ele falou —, claro que estou *abrandando* vocês. Honestamente, sei que Hammond é um pouco imaturo, mas você, Dockson?

Dockson ajeitou-se na cadeira, esfregando a testa.

— Pode deixar, Brisa — ele falou após um momento. — Vou segurar minha língua grande.

Ham apenas grunhiu, pousando a mão na mesa. Sazed observava a contenda

um pouco chocado.

É assim que reagem homens acuados, meu caro terrisano, Brisa pensou. *Isso é o que acontece quando perdem a esperança. Talvez sejam capazes de manter as aparências na frente dos soldados, mas coloque-os sozinhos com seus amigos…*

Sazed era um terrisano; sua vida inteira fora de opressão e perda. Mas esses homens, inclusive Brisa, estavam acostumados ao sucesso. Mesmo contra perspectivas assoladoras, ficavam confiantes. Eram o tipo de homens que poderiam enfrentar um deus e esperar vencer. Não lidavam bem com a perda. Claro, quando a perda significava morte, quem conseguia?

— Os exércitos de Straff estão se aprontando para levantar acampamento — Trevo disse por fim. — Está fazendo de forma sutil, mas os sinais estão lá.

— Então, ele está vindo para a cidade — Dockson falou. — Meus homens no palácio de Penrod dizem que a Assembleia tem enviado missiva atrás de missiva para Straff, quase implorando para ele vir tomar Luthadel.

— Ele não vai tomar a cidade — Trevo disse. — Ao menos não se ele for esperto.

— Vin ainda é uma ameaça — Brisa concordou. — E não parece que Straff tenha um Nascido das Brumas para protegê-lo. Se viesse para Luthadel, duvido que haja alguma coisa que possa impedi-la de cortar a garganta dele. Então, ele fará outra coisa.

Dockson franziu o cenho e olhou para Ham, que ergueu os ombros.

— É realmente muito simples — Brisa disse, batendo na mesa com seu bastão. — Ora, até eu percebi. — Trevo bufou com isso. — Se Straff fizer parecer que está batendo em retirada, os koloss provavelmente atacarão Luthadel por ele. São toscos demais para entender a ameaça de um exército escondido.

— Se Straff se retirar — Trevo falou —, Jastes não será capaz de mantê-los fora da cidade.

Dockson piscou.

— Mas eles fariam…

— Um massacre? — Trevo perguntou. — Sim. Pilhariam os setores mais ricos da cidade, provavelmente acabariam matando a maioria dos nobres daqui.

— Eliminando os homens com quem Straff foi forçado a trabalhar — contra sua vontade, se conheço o orgulho daquele homem — Brisa acrescentou. — De fato, há uma boa chance de que as criaturas queiram matar Vin. Pode imaginá-la longe da luta se os koloss atacarem?

O recinto ficou silencioso.

— Mas isso não ajudará Straff a tomar a cidade — Dockson afirmou. — Ainda terá de combater os koloss.

— Sim — Trevo respondeu, olhando feio. — Mas provavelmente derrubarão alguns dos portões da cidade, sem mencionar que assolarão muitas casas. Deixará Straff com um campo limpo para atacar um inimigo enfraquecido. Além disso, os koloss não montam estratégias… para eles, as muralhas da cidade não serão de muita ajuda. Straff não podia esperar um cenário melhor.

— Ele seria visto como um libertador — Brisa falou em voz baixa. — Se voltar no momento certo, após os koloss terem invadido a cidade e derrubado os soldados, mas antes de terem causado danos sérios ao bairro skaa… ele poderia libertar o povo e se estabelecer como seu protetor, não seu conquistador. Sabendo como o povo se sente, acho que ele seria recebido de braços abertos. Agora mesmo, um líder forte significaria mais para eles do que as moedas nos seus bolsos e os direitos na Assembleia.

Enquanto o grupo pensava naquilo, Brisa encarou Sazed, que ainda estava em silêncio. Falara tão pouco, qual era o seu jogo? Por que reunir a gangue? Era sutil o bastante para saber que eles simplesmente precisavam ter uma discussão honesta como aquela, sem as opiniões morais de Elend para atrapalhar as coisas?

— Poderíamos simplesmente deixar Straff tomá-la — Dockson disse por fim. — Digo, a cidade. Poderíamos prometer refrear Vin. Se é para onde isso aqui está levando, de qualquer forma…

— Dox — Ham falou baixinho —, o que Kell pensaria ouvindo você falar desse jeito?

— Poderíamos entregar a cidade a Jastes Lekal — Brisa falou. — Talvez ele possa ser persuadido a tratar os skaa com dignidade.

— E deixar vinte mil koloss entrarem na cidade? — Ham perguntou. — Brisa, você já *viu* o que aquelas coisas podem fazer?

Dockson bateu na mesa.

— Estou apenas dando opções, Ham. O que mais faremos?

— Lutar — Trevo disse. — E morrer.

O recinto ficou em silêncio outra vez.

— Você sabe mesmo como encerrar uma conversa, meu amigo — Brisa disse por fim.

— Era preciso dizer — Trevo murmurou. — Não vale de nada vocês se enganarem. Não podemos ganhar uma batalha, isso sempre esteve se

encaminhando para uma batalha. A cidade vai ser atacada. Vamos defendê-la. E vamos perder. E você se pergunta se deveríamos simplesmente nos render. Bem, não vamos fazer isso. Kell nunca deixaria, e então não vamos nos deixar fazer isso. Vamos lutar e morrer com dignidade. Então, a cidade vai queimar, mas teremos dito algo. O Senhor Soberano nos molestou durante mil anos, mas agora nós, skaa, temos orgulho. Lutaremos. Resistiremos. E morreremos.

— Do que vale tudo isso, então? — Ham falou com frustração. — Por que derrubar o Império Final? Por que matar o Senhor Soberano? Por que fazer qualquer coisa, se isso vai terminar desse jeito? Tiranos governando cada domínio. Luthadel destruída, nossa gangue morta?

— Porque — Sazed disse suavemente — alguém precisava ter começado. Enquanto o Senhor Soberano governou, a sociedade não conseguiu progredir. Ele mantinha a mão estabilizadora sobre o império, mas essa mão era opressiva também. A moda permaneceu notavelmente inalterada por mil anos, os nobres sempre tentando se adequar aos ideais do Senhor Soberano. A arquitetura e as ciências não avançaram, pois o Senhor Soberano franzia o cenho para mudanças e invenções.

E os skaa não podiam ser livres, pois ele não permitia. No entanto, matá-lo não libertou nossos povos, meus amigos. Apenas o tempo fará isso. Levará séculos, talvez… séculos de luta, aprendizado e crescimento. No início, infeliz e inevitavelmente, as coisas serão muito difíceis. Piores até que foram sob o jugo do Senhor Soberano.

— E morreremos por nada — Ham disse com uma expressão triste.

— Não — Sazed falou. — Não por nada, Lorde Hammond. Morreremos para mostrar que existem skaa que não serão forçados, que não vão recuar. É um precedente muito importante, creio eu. Nas histórias e lendas, esse é o tipo de acontecimento que inspira. Para que os skaa possam um dia governar a si mesmos, deverá haver sacrifícios que possam servir de motivação. Sacrifícios como aquele do próprio Sobrevivente.

Os homens ficaram em silêncio.

— Brisa — Ham disse —, talvez eu precise de um pouco mais de confiança agora.

— Claro — Brisa falou, *abrandando* cuidadosamente a ansiedade e o medo do homem. Seu rosto perdeu um pouco de sua palidez, e ele se sentou um pouco mais ereto. Apenas por via das dúvidas, Brisa deu ao resto do grupo um pouco do mesmo tratamento.

— Há quanto tempo você sabe disso? — Dockson perguntou a Sazed.

— Há algum tempo, Lorde Dockson — Sazed respondeu.

— Mas você não poderia saber que Straff recuaria e nos entregaria aos koloss. Apenas Trevo viu isso.

— Meu conhecimento era geral, Lorde Brisa — Sazed falou com sua voz monótona. — Não tem relação com koloss em especial. Tenho pensado há algum tempo que esta cidade cairia. Com toda a honestidade, estou profundamente impressionado com seus esforços. Este povo já deveria ter sido derrotado há tempos, creio eu. Vocês fizeram algo grandioso, algo que será lembrado por séculos.

— Desde que alguém sobreviva para contar a história — Trevo observou.

Sazed assentiu.

— Na verdade, por isso convoquei esta reunião. Há pouca chance de que nós, que permanecermos na cidade, sobrevivamos… seremos necessários para ajudar com defesas e, se sobrevivermos ao ataque dos koloss, Straff tentará nos executar. No entanto, não é necessário que *todos* nós permaneçamos em Luthadel para sua queda… alguém, talvez, devesse ser enviado para organizar a resistência contra os senhores da guerra.

— Não deixarei os meus homens — Trevo grunhiu.

— Nem eu — Ham acompanhou. — Embora eu *tenha enviado* minha família para longe ontem. — A simples frase significava que ele os havia deixado partir, talvez para se esconder no subsolo da cidade, talvez para escapar através de um dos passa-muralhas. Ham não sabia – e dessa forma não poderia revelar sua localização. Antigos hábitos eram difíceis de abandonar.

— Se esta cidade cair — Dockson afirmou —, estarei aqui com ela. Isso que Kell esperaria. Não vou embora.

— Eu vou — Brisa falou, olhando para Sazed. — É cedo demais para se voluntariar?

— Hum, na verdade, Lorde Brisa — Sazed falou —, eu não…

Brisa ergueu a mão.

— Tudo bem, Sazed. Acredito ser óbvio quem você acha que deveria ir embora. Você não os convidou para a reunião.

Dockson franziu a testa.

— Vamos defender Luthadel até a morte, e você quer mandar embora nossa única Nascida da Bruma?

Sazed assentiu com a cabeça.

— Milordes — ele disse com suavidade —, os homens desta cidade precisarão de nossa liderança. Demos a eles esta cidade e os colocamos nesta

situação perigosa. Não podemos abandoná-los agora. Mas… há coisas grandes em movimento neste mundo. Coisas maiores que nós, creio eu. Estou convencido de que a senhora Vin é parte delas.

Mesmo se essas coisas forem ilusões da minha parte, ainda assim não se deve deixar que Lady Vin *morra* nesta cidade. Ela é a ligação mais pessoal e poderosa do povo com o Sobrevivente. Tornou-se um símbolo para eles, e suas capacidades de Nascida das Brumas lhe dão a melhor chance de conseguir escapar, sobreviver aos ataques que Straff sem dúvida empreenderá. Ela será de grande valia na luta vindoura, pode se mover rápida e sorrateiramente, e consegue lutar sozinha, causando muitos danos, como provou na noite passada.

Sazed curvou a cabeça.

— Milordes, chamei-os aqui hoje de forma que possamos decidir como convencê-la a fugir, enquanto o restante de nós fica para lutar. Não será uma tarefa fácil, creio eu.

— Ela não deixará Elend — Ham falou. — Ele terá que ir também.

— É minha ideia também, Lorde Hammond — Sazed confirmou.

Trevo mordeu os lábios, pensativo.

— Não será fácil convencer o garoto a fugir. Ele ainda pensa que podemos vencer a batalha.

— E talvez vençamos — Sazed falou. — Milordes, meu objetivo não é deixá-los sem esperança alguma. Mas, as circunstâncias terríveis, a probabilidade de sucesso…

— Sabemos disso, Sazed — Brisa falou. — Entendemos.

— Deveria haver outros da gangue que possam ir — Ham falou, baixando os olhos. — Mais que só os dois.

— Eu enviaria Tindwyl com eles — Sazed comentou. — Ela levará para o meu povo muitas descobertas de grande importância. Também planejo enviar Lorde Lestibournes. Ele seria de pouco proveito numa batalha, e suas capacidades como espião poderiam ser de grande ajuda para Lady Vin e Lorde Elend quando tentarem arregimentar a resistência entre os skaa. No entanto, esses quatro não serão os únicos a sobreviver. A maioria dos skaa talvez esteja segura… Jastes parece de alguma forma capaz de controlar seus koloss. Mesmo se não puder, Straff deve chegar a tempo para proteger o povo da cidade.

— Presumindo que Straff esteja planejando o que Trevo acha que ele está — Ham falou. — Ele poderia estar de fato batendo em retirada, reduzindo suas perdas e deixando Luthadel para trás.

— Não importa — Trevo disse. — Não serão muitos que poderão sair. Nem Straff, nem Jastes permitirão grandes grupos de pessoas fugindo da cidade. Agora mesmo, a confusão e o medo nas ruas servirão aos seus objetivos muito melhor que uma evacuação. Poderíamos conseguir despachar uns poucos a cavalo, especialmente se um desses for Vin. O restante das pessoas terá de se arriscar com os koloss.

Brisa sentiu o estômago revirar. Trevo falava de forma tão direta… tão fria. Mas aquele era Trevo. Nem era um pessimista de verdade; apenas dizia o que achava que os outros não queriam reconhecer.

Alguns dos skaa sobreviverão para se tornar escravos de Straff Venture, Brisa pensou. *Mas aqueles que lutarem – e aqueles que lideraram a cidade neste último ano – estão condenados. Isso me inclui.*

É verdade. Desta vez, não há mesmo saída.

— Bem? — Sazed perguntou, com as mãos estendidas diante de si. — Estamos de acordo que esses quatro deveriam ir?

Os membros do grupo assentiram.

— Então, vamos discutir — Sazed falou — e criar um plano para mandá-los embora.

— Poderíamos fazer Elend pensar que o perigo não é tão grande — Dockson opinou. — Se ele acreditar que a cidade permanecerá mais tempo no cerco, talvez fique disposto a partir com Vin numa missão em outro lugar. Eles não perceberiam o que está acontecendo até ser tarde demais.

— Boa sugestão, Lorde Dockson — Sazed comentou. — Também acho que poderíamos trabalhar com o conceito de Vin do Poço da Ascensão.

A discussão continuou, e Brisa recostou-se, satisfeito. *Vin, Elend e Fantasma sobreviverão*, ele pensou. *Terei de convencer Sazed a deixar Allrianne ir com eles.* Ele olhou ao redor da sala, percebendo um alívio de tensão na postura dos outros. Dockson e Ham pareciam em paz, e até mesmo Trevo assentia em silêncio para si mesmo, parecendo satisfeito enquanto eles conversavam por sugestões.

O desastre ainda estava a caminho. Mas, de alguma forma, a possibilidade de que alguns escapassem – os membros mais jovens da gangue, aqueles ainda inexperientes demais para perder a esperança – deixava tudo um pouco mais fácil de aceitar.

Vin estava em pé, em silêncio, nas brumas, olhando para os pináculos, as colunas e as torres escuras de Kredik Shaw. Na sua cabeça, dois sons ecoavam.

O espectro das brumas e o som maior, mais vasto.

Estava ficando cada vez mais exigente.

Ela avançou, ignorando as pulsações quando se aproximou de Kredik Shaw. A Colina das Mil Torres, no passado lar do Senhor Soberano. Ficou abandonada por mais de um ano, mas nenhum errante fizera dela seu lar. Era nefasto demais. Terrível demais. Uma lembrança muito forte *dele*.

O Senhor Soberano fora um monstro. Vin lembrava-se bem daquela noite, um ano antes, quando chegou àquele palácio com a intenção de matá-lo. Fazer o trabalho para o qual Kelsier a havia treinado sem saber. Caminhara por aquele mesmo pátio, passara pelos guardas nas portas diante dela.

E ela os deixou viver. Kelsier teria simplesmente lutado para entrar. Mas Vin conversou com eles para que partissem, se juntassem à rebelião. Aquele ato salvou sua vida quando um daqueles homens, Goradel, levara Elend às masmorras do palácio para ajudar no resgate de Vin.

De certa forma, o Império Final fora derrubado porque ela *não* agiu como Kelsier.

E, ainda assim, ela podia basear suas decisões futuras numa coincidência como essa? Olhando para trás, parecia de uma perfeição alegórica exagerada. Como uma historinha linda contada a crianças, com a intenção de ensinar uma lição.

Vin nunca ouvira aqueles contos quando criança. E havia sobrevivido quando muitos outros morreram. Para cada lição como aquela de Goradel, parecia haver uma dúzia que terminava em tragédia.

E, então, havia Kelsier. No fim, ele estava certo. Sua lição era muito diferente daquelas ensinadas pelos contos infantis. Kelsier ficava ousado, até mesmo entusiasmado, quando executava aqueles que ficavam no seu caminho. Implacável. Ele olhava na direção de um bem maior; sempre tinha os olhos concentrados na queda do império, e a consequente ascensão de um reino como o de Elend.

Ele fora bem-sucedido. Por que ela não podia matar como ele, sabendo que estava cumprindo sua obrigação, sem se sentir culpada? Sempre ficara apavorada com a disposição ao perigo que Kelsier demonstrava. Ainda assim, não fora essa mesma disposição que o levou a ter sucesso?

Ela passou nos corredores do palácio, que mais pareciam túneis, os pés e as franjas da capa de bruma deixando marcas no pó. As brumas, como sempre, ficavam para trás. Não entravam nos prédios – ou, se entravam, em geral não permaneciam por muito tempo. Com elas, ela deixou para trás o espectro das

brumas.

Precisava tomar uma decisão. Não gostava da escolha, mas já estava acostumada a fazer coisas de que não gostava. Era a vida. Não quis lutar com o Senhor Soberano, mas lutou.

Logo ficou escuro demais, até mesmo para olhos de Nascidos da Bruma, e ela precisou acender um lampião. Quando o fez, surpreendeu-se ao ver que seus passos não eram os únicos no pó do chão. Aparentemente, alguém mais estivera rondando os corredores. No entanto, quem quer que fosse, ela não o encontrou durante a caminhada pelos corredores.

Entrou na câmara poucos momentos depois. Ela não tinha certeza do que a levara a Kredik Shaw, muito menos à câmara escondida no seu centro. Porém, parecia que estava sentindo uma afinidade com o Senhor Soberano nos últimos tempos. Suas caminhadas a levavam até ali, a um lugar que ela não visitava desde aquela noite, quando havia assassinado o único Deus que já conhecera.

Ele passava muito tempo naquela câmara escondida, um lugar que ele aparentemente construíra para lembrá-lo de sua terra natal. A câmara tinha um teto abaulado que se arqueava. As paredes eram cheias de murais prateados e o chão exibia vários ornamentos metálicos. Ela os ignorou, avançando até a atração central da sala – um pequeno prédio de pedra que fora construído dentro da câmara maior.

Era lá que Kelsier e sua esposa haviam sido capturados muitos anos antes, durante a primeira tentativa de roubar o Senhor Soberano. Mare fora assassinada nas Minas. Mas Kelsier sobrevivera.

Fora aqui, nesta mesma câmara, que Vin encarara pela primeira vez um Inquisidor, e quase foi morta. Também foi ali que tinha vindo meses depois, na sua primeira tentativa de matar o Senhor Soberano. Dessa vez, também foi derrotada.

Ela caminhou para dentro do pequeno edifício dentro de um edifício. Tinha apenas uma sala. O chão fora quebrado pelos grupos de Elend na busca por atium. As paredes ainda estavam em pé, no entanto, com os enfeites que o Senhor Soberano deixara para trás. Ela ergueu o lampião olhando para eles.

Tapetes. Peles. Uma pequena flauta de madeira. As coisas do povo dele, dos terrisanos, de mil anos antes. Por que ele construíra sua nova cidade de Luthadel aqui, no sul, quando sua terra natal – e o próprio Poço da Ascensão – ficava a norte? Na verdade, Vin nunca entendera aquilo.

Talvez tenha sido uma decisão deliberada. Rashek, o Senhor Soberano, também tinha sido forçado a tomar uma decisão. Poderia ter continuado do

jeito que estava, o aldeão pastoril. Provavelmente teria uma vida feliz com seu povo.

Mas ele decidiu se transformar em algo mais. Ao fazê-lo, cometera atrocidades terríveis. Ainda assim, ela podia culpá-lo pela decisão? Ele havia se transformado naquilo que pensou precisar ser.

A decisão dela parecia mais mundana, mas sabia que outras coisas – o Poço da Ascensão, a proteção de Luthadel – não poderiam ser consideradas até ela estar certa do que queria e de quem era. E, ainda assim, em pé naquele quarto onde Rashek passou grande parte do seu tempo, pensando sobre o Poço, as pulsações exigentes soavam mais altas do que nunca em sua cabeça.

Ela precisava decidir. Era com Elend que ela queria estar. Ele representava a paz. A felicidade. Zane, no entanto, representava o que ela sentia que precisava se transformar. Para o bem de todos os envolvidos.

O palácio do Senhor Soberano não tinha pistas ou respostas para ela. Momentos depois, frustrada e confusa sobre por que ela viera, deixou-o para trás, caminhando de volta para dentro das brumas.

Zane acordou com o som de uma estaca de tenda sendo batida num ritmo específico. Sua reação foi imediata.

Ele queimou aço e peltre. Sempre engolia um pedacinho de cada antes de dormir. Sabia que o hábito provavelmente o mataria um dia; metais eram venenosos se fossem deixados parados.

Morrer algum dia era melhor, na opinião de Zane, que morrer naquele dia.

Ele pulou de seu catre, jogando seu cobertor na direção da porta da tenda. Mal conseguia ver na escuridão da noite. Mesmo quando pulou, ouviu algo ser rasgado. As paredes da tenda sendo fendidas.

— Mate-os! — Deus gritou.

Zane bateu no chão e agarrou um punhado de moedas do vaso ao lado da cama. Ouviu gritos de surpresa quando girou, lançando moedas ao seu redor.

Ele *empurrou*. Pequenos sons de impacto soaram ao redor quando as moedas atingiram a lona, em seguida continuaram.

E homens começaram a gritar.

Zane agachou-se, esperando em silêncio enquanto a tenda desabava ao seu redor. Alguém estava rasgando a lona à sua direita. Ele atirou poucas moedas, e ouviu um grunhido satisfatório de dor. No silêncio, as lonas pousando sobre ele como um cobertor, ele ouviu passos de fuga.

Suspirou, relaxando, e usou uma adaga para rasgar o topo da tenda. Emergiu

na noite brumosa. Tinha ido dormir mais tarde hoje do que em geral fazia; provavelmente já era quase meia-noite. De qualquer forma, hora de acordar.

Ele partiu a passos largos sobre o topo caído de sua tenda – movendo-se sobre a forma agora oculta de seu catre – e fez um buraco para poder enfiar a mão e retirar o frasco de metal que armazenava num bolso embaixo dela. Tomou os metais, e o estanho trouxe a luz ao seu redor. Quatro homens estavam agonizantes ou mortos ao lado da tenda. Eram soldados, claro – soldados de Straff. O ataque veio mais tarde que Zane esperava.

Straff confia em mim mais do que acreditei. Zane passou por cima de um dos assassinos mortos e cortou caminho até uma arca, em seguida tirou a roupa. Trocou-se em silêncio, em seguida tirou uma bolsinha de moedas da arca. *Deve ter sido o ataque na fortaleza de Cett*, ele pensou. *Finalmente convenci Straff de que eu sou perigoso demais para permanecer vivo.*

Zane encontrou seu homem trabalhando em silêncio ao lado de uma tenda a uma curta distância, ostensivamente testando a força de uma corda. Ele vigiava toda noite, pago para martelar uma estaca, caso alguém se aproximasse da tenda de Zane. O Nascido da Bruma jogou uma bolsa de moedas para o homem, em seguida desapareceu na escuridão, passando pelas águas do canal com suas barcaças de suprimentos no seu caminho até a tenda de Straff.

Seu pai tinha poucas limitações. Straff era ótimo em planejamento de larga escala, mas os detalhes – as sutilezas – com frequência lhe escapavam. Conseguia organizar um exército e esmagar seus inimigos. No entanto, gostava de brincar com ferramentas perigosas. Como as jazidas de atium nas Minas de Hathsin. Como Zane.

Essas ferramentas não raro terminavam por queimá-lo.

Zane caminhou até a lateral da tenda de Straff, em seguida abriu um buraco na lona e entrou a passos largos. Straff esperava por ele. Zane deu crédito ao homem: Straff assistia à morte se aproximar com desafio nos olhos. Zane parou no meio do aposento, na frente de Straff, que estava sentado em sua cadeira de madeira maciça.

— Mate-o — Deus ordenou.

As luminárias queimavam nos cantos, iluminando as lonas. As almofadas e os cobertores no canto estavam embolados; Straff havia se deitado uma última vez com suas concubinas favoritas antes de enviar os assassinos. O rei mostrava seu ar característico de força e desafio, mas Zane viu mais do que isso. Viu um rosto brilhante demais com o suor, e as mãos trêmulas, como se fosse de uma doença.

— Eu tenho atium para você — Straff falou. — Enterrado num lugar que apenas eu conheço.

Zane estava em silêncio, encarando seu pai.

— Eu o assumo publicamente — Straff disse. — Nomeio você meu herdeiro. Amanhã, se desejar.

Zane não respondeu. Straff continuou a suar.

— A cidade é sua — Zane finalmente disse, virando-se.

Ele foi recompensado com um arfar assustado vindo de suas costas.

Zane olhou para trás. Nunca tinha visto aquele olhar de choque no rosto do seu pai. Apenas aquilo valia quase tudo.

— Recue com seus homens, como está planejando — Zane falou —, mas não volte ao Domínio do Norte. Espere aqueles koloss invadirem a cidade, deixe-os derrubarem e matar os defensores. Em seguida, pode correr e resgatar Luthadel.

— Mas a Nascida das Brumas de Elend…

— Ela irá embora — Zane falou. — Vai partir comigo hoje à noite. Adeus, pai. — Ele virou e saiu pela fenda que havia feito.

— Zane? — Straff chamou de dentro da tenda.

Zane parou novamente.

— Por quê? — Straff perguntou, olhando através da fenda. — Eu enviei assassinos para te matar. Por que está me deixando viver?

— Porque você é meu pai — Zane falou. Ele virou as costas, olhando para as brumas. — Um homem não pode matar seu pai.

Com isso, Zane deu o último adeus ao homem que o criara. Um homem que Zane – apesar de sua insanidade, apesar do abuso que conhecera por anos – amava.

Nas brumas escuras, ele lançou uma moeda e disparou para fora do acampamento. Fora de seu confinamento, aterrissou e facilmente localizou a curva no canal que ele usava como referência. Do oco de uma pequena árvore ali, puxou um pacote de pano. Uma capa de bruma, o primeiro presente que Straff lhe dera, anos antes, quando Zane teve o *estalo*. Para ele, era precioso demais para vesti-lo por aí, usar e sujá-lo.

Ele sabia que era um tolo. No entanto, não podia evitar sentir aquilo. Ninguém podia usar Alomancia emocional em si mesmo.

Ele desembalou a capa de bruma e tirou as coisas que ela protegia – vários frascos de metal e uma bolsa cheia de contas. De atium.

Ajoelhou-se lá por um bom tempo. Em seguida, pousou a mão sobre o peito,

sentindo o espaço logo acima das costelas. Onde o coração pulsava.

Havia uma grande protuberância ali. Sempre houvera. Ele não pensava nela com frequência; sua mente parecia se distrair quando o fazia. No entanto, era o motivo real pelo qual nunca usava capas.

Não gostava do jeito como as capas esfregavam-se contra o pequeno ponto da estaca que saía de suas costas, entre as omoplatas. A cabeça ficava contra seu esterno, e não podia ser vista embaixo da roupa.

— É hora de ir — Deus disse.

Zane levantou-se, deixando a capa de bruma para trás. Ele deu as costas ao acampamento do pai, deixando para trás aquilo que conhecia, em vez de buscar a mulher que o salvaria.

Alendi acredita neles.

47

Uma parte de Vin nem mesmo se incomodava com quantas pessoas havia matado. No entanto, era aquela indiferença que a aterrorizava.

Ela se sentou na sacada por um curto período após a visita ao palácio, a cidade de Luthadel perdida na escuridão diante dela. Sentou-se nas brumas, mas sabia muito bem que não encontraria conforto nos padrões rodopiantes. Nada era tão simples assim.

O espectro das brumas a observava, como sempre. Estava muito longe para ver, mas conseguia senti-lo. E, ainda mais forte do que o espectro das brumas, conseguia sentir algo mais. Aquele pulsar poderoso, ficando cada vez mais alto. No passado, parecia distante, mas não mais.

O Poço da Ascensão.

Era o que devia ser. Ela conseguia *sentir* o poder retornando, fluindo de volta para o mundo, exigindo ser tomado e usado. Ela se flagrava o tempo todo olhando para o norte, para Terris, esperando ver algo no horizonte. Uma explosão de luz, labaredas de fogo, uma tempestade de ventos. Alguma coisa. Mas havia apenas bruma.

Parecia que ela não conseguia ter sucesso em nada nos últimos tempos. Amor, proteção, obrigações. *Eu me deixei esticar até quase estourar*, ela pensou.

Havia tantas coisas que exigiam sua atenção, e ela tentara prestar atenção a todas elas. Como resultado, não havia conseguido nada. Sua pesquisa sobre as Profundezas e o Herói das Eras permanecia intocada há dias, ainda arrumada em pilhas espalhadas no chão dos seus aposentos. Não sabia quase nada sobre o espectro das brumas – apenas que ele a observava, e que o autor do diário pensava ser perigoso. Não havia cuidado do espião na gangue; não sabia se as afirmações de Zane com relação a Demoux eram verdadeiras.

E Cett ainda vivia. Ela não conseguia nem mesmo executar um massacre a contento sem tropeçar na metade do caminho. Era culpa de Kelsier. Ele a

treinara para tomar seu lugar, mas será que alguém conseguiria realmente fazer isso?

Por que sempre precisamos ser a faca de alguém?, a voz de Zane sussurrava na sua cabeça.

Suas palavras pareciam fazer sentido algumas vezes, mas tinham uma falha. Elend. Vin não era sua faca – não de verdade. Ele não queria que ela assassinasse, matasse. Mas seus ideais o deixaram sem trono e sua cidade, cercada de inimigos. Se ela realmente amasse Elend, se realmente amasse o povo de Luthadel, não teria feito mais?

As pulsações vibravam contra ela, como as batidas de um tambor do tamanho do sol. Ela queimava bronze quase constantemente agora, ouvindo o ritmo, deixando que ele a levasse para longe…

— Senhora? — OreSeur perguntou de trás dela. — No que a senhora está pensando?

— No fim — Vin disse em silêncio, olhando para fora.

Silêncio.

— No fim de quê, senhora?

— Não sei.

OreSeur caminhou até a sacada, entrando nas brumas e sentando-se ao lado dela. Ela o conhecia bem o bastante para ver a preocupação em seus olhos caninos.

Ela suspirou, balançando a cabeça.

— Eu tenho decisões a tomar. E, não importa qual escolha eu faça, significará um fim.

OreSeur hesitou por um momento com a cabeça inclinada.

— Senhora — ele disse, finalmente —, isso parece excessivamente dramático para mim.

Vin ergueu os ombros.

— Não tem um conselho para mim, então?

— Apenas tome a decisão — OreSeur respondeu.

Vin silenciou por um instante, em seguida sorriu.

— Sazed teria dito algo sábio e reconfortante.

OreSeur franziu a testa.

— Não consigo entender por que ele deve fazer parte desta conversa, senhora.

— Ele era meu mordomo — Vin falou. — Antes de ele ir embora, e antes de Kelsier passar seu Contrato para mim.

— Ah — OreSeur disse. — Bem, eu nunca gostei muito dos terrisanos, senhora. Sua noção arrogante de subserviência é muito difícil de imitar, sem mencionar que os músculos são fibrosos demais para serem gostosos.

Vin ergueu uma sobrancelha.

— Você já imitou terrisanos? Não achei que haveria muito motivo para isso… eles não eram um povo muito influente na época do Senhor Soberano.

— Ah — OreSeur disse. — Mas sempre estavam *perto* de pessoas influentes.

Vin assentiu, erguendo-se. Ela caminhou de volta para o aposento vazio e acendeu um lampião, extinguindo o estanho. A bruma atapetava o quarto, fluindo sobre as pilhas de papel, os pés erguendo a fumaça enquanto ela caminhava para o quarto de dormir.

Ela hesitou. Era um pouco estranho. A bruma raramente permanecia muito tempo quando estava no lado de dentro. Elend dizia que tinha a ver com o calor e os espaços fechados. Vin sempre atribuía a algo mais místico. Ela franziu a testa, observando.

Mesmo sem estanho, ela ouviu o estalo.

Vin girou. Zane estava em pé na sacada, sua silhueta preta nas brumas. Ele avançou, a bruma seguindo ao redor dele, como fazia com qualquer um que queimava metais. E, ainda assim… ela também parecia estar se *afastando* levemente dele.

OreSeur rosnou baixinho.

— Chegou a hora — Zane falou.

— Hora de quê? — Vin perguntou, desligando a lamparina.

— De ir — Zane falou. — Deixar esses homens e seus exércitos. Deixar as brigas. Sermos livres.

Livres.

— Eu… não sei, Zane — Vin falou, virando o rosto.

Ela o ouviu avançar.

— O que você deve a ele, Vin? Ele não a conhece. Ele a teme. A verdade é que nunca a mereceu.

— Não — Vin falou, sacudindo a cabeça. — Não é isso, Zane. Você não entende. Eu nunca o mereci. Elend merece alguém melhor. Ele merece… alguém que compartilhe seus ideais. Alguém que pense que ele agiu corretamente entregando o trono. Alguém que veja mais honra, e menos tolice, nisso.

— De qualquer forma — Zane falou, aproximando-se dela —, ele não pode te entender. Nos entender.

Vin não respondeu.

— Para onde você iria, Vin? — Zane perguntou. — Se não estivesse ligada a este lugar, ligada a ele? Se fosse livre e pudesse fazer o que quisesse, para onde iria?

As batidas pareciam mais altas. Ela olhou para OreSeur, que estava sentado em silêncio na parede lateral, na escuridão. Por que se sentir culpada? O que tinha a provar para ele?

Ela voltou a olhar para Zane.

— Para o norte — ela disse. — Para Terris.

— Podemos ir para lá. Para onde quiser. O local é irrelevante para mim, contanto que não seja aqui.

— Não posso abandoná-los — Vin falou.

— Mesmo que, ao fazer isso, você afastasse o único Nascido das Brumas de Straff? — Zane perguntou. — É um bom negócio. Meu pai saberá que desapareci, mas não perceberá que você não está mais em Luthadel. Ficará ainda mais temeroso em atacar. Ao se dar a liberdade, você também estará deixando seus aliados com um presente precioso.

Zane pegou a mão dela, forçando-a a olhar para ele. Parecia com Elend, como uma versão endurecida do irmão. Zane sofrera muito na vida, assim como ela, mas os dois tinham se reerguido. A reconstrução os deixara mais fortes ou mais frágeis?

— Venha — Zane sussurrou. — Você pode me salvar, Vin.

Uma guerra está vindo para a cidade, Vin pensou com um estremecimento. *Se eu ficar, terei de matar outra vez.*

E, lentamente, ela deixou que ele a tirasse de sua escrivaninha, na direção das brumas e da escuridão reconfortante além dela. Ela ergueu as mãos, puxando um frasco de metal para a jornada, e o movimento fez com que Zane girasse, desconfiado.

Ele tem bons instintos, Vin pensou. *Instintos como os meus. Instintos que não permitirão que ele confie, mas que o mantêm vivo.*

Ele relaxou quando viu o que ela estava fazendo, sorriu e virou-se outra vez. Vin o seguiu, voltando a caminhar, mas sentiu uma pontada repentina de medo. É isso, ela pensou. *Depois disso, tudo mudará. O tempo de decisões terminou.*

E eu fiz a escolha errada.

Elend não teria saltado assim quando eu peguei o frasco de metal.

Ela ficou paralisada. Zane puxou seu pulso, mas ela não se moveu. Ele se virou para ela nas brumas, franzindo o cenho enquanto parava na ponta da

sacada.

— Desculpe — Vin sussurrou, soltando sua mão. — Não posso ir com você.

— Quê? — Zane perguntou. — Por que não?

Vin balançou a cabeça, virando para voltar até o quarto.

— Me diga o que é! — Zane disse em um tom mais alto. — O que nele atrai você? Ele não é um grande líder. Não é um guerreiro. Não é um alomântico, ou um general. *O que há nele?*

A resposta chegou até ela de forma simples e fácil. *Tome suas decisões, eu apoiarei você nelas*.

— Ele confia em mim — ela sussurrou.

— O quê? — Zane perguntou, incrédulo.

— Quando ataquei Cett — Vin disse —, os outros pensaram que eu estava agindo de forma irracional, e estavam certos. Mas Elend disse a eles que eu tinha um bom motivo, mesmo sem saber qual era.

— Então, ele é um tolo — Zane retrucou.

— Quando conversamos mais tarde — Vin continuou, sem olhar para Zane —, fui fria com ele. Achei que ele sabia que eu estava tentando decidir se ficava com ele ou não. E… ele me disse que confiava no meu julgamento. Ele me apoiaria se eu escolhesse deixá-lo.

— Então, ele é ingrato — Zane comentou.

Vin balançou a cabeça.

— Não. Ele simplesmente me ama.

— Eu te amo.

Vin fez uma pausa, olhando para Zane. Ele parecia furioso. Desesperado até.

— Acredito em você. Mesmo assim, não posso ir.

— Mas *por quê*?

— Porque eu teria que deixar Elend — ela respondeu. — Mesmo que eu não possa compartilhar dos seus ideais, posso respeitá-los. Mesmo que eu não o mereça, posso ficar perto dele. Vou ficar, Zane.

Zane ficou em silêncio por um instante, as brumas caindo ao redor dos ombros.

— Então, eu falhei.

Vin desviou o olhar.

— Não. Não é que você falhou. Você não falhou simplesmente porque eu…

Ele a empurrou, jogando-a no chão coberto de brumas. Vin virou a cabeça, chocada, quando bateu no assoalho de madeira, perdendo o fôlego.

Zane assomou sobre ela, seu rosto sombrio.

— Você devia me salvar — ele chiou.

Vin avivou todos os metais que tinha em um golpe repentino. Ela empurrou Zane para trás e *puxou-se* para as dobradiças da porta. Voou para trás e bateu com tudo na porta, a madeira estalando levemente, mas ela estava tensa demais – chocada demais – para sentir qualquer coisa além do baque.

Zane ergueu-se em silêncio, alto, obscuro. Vin rolou para a frente, agachando. Zane estava atacando. Atacando-a para valer.

Mas… ele…

— OreSeur! — Vin falou, ignorando as objeções de sua mente, sacando as adagas. — Fuja!

Código dito, ela atacou, tentando distrair a atenção de Zane do cão de guarda. Zane desviou do seu ataque com uma graça natural. Vin golpeou com a adaga na direção do pescoço dele. Errou por pouco quando Zane tombou a cabeça para trás. Golpeou na lateral, no braço, no peito. Errou todos os ataques.

Ela sabia que ele estava queimando atium. Ela já esperava. Derrapou até parar, olhando para ele. Nem havia se incomodado para puxar as armas. Estava diante dela, o rosto soturno, a bruma um lago crescente aos seus pés.

— Por que não me ouviu, Vin? — ele perguntou. — Por que me força a continuar sendo a ferramenta de Straff? Nós dois sabemos aonde isso deve levar.

Vin o ignorou. Cerrando os dentes, ela partiu para o ataque. Zane estapeou-a com indiferença, e ela *empurrou* levemente contra os metais da escrivaninha atrás dele, lançando-se para trás, como se lançada pela força do seu golpe. Ela bateu na parede, em seguida caiu no chão.

Bem ao lado do assustado OreSeur.

Ele não havia aberto o ombro para lhe dar o atium. Ele não entendera o código?

— O atium que te dei — Vin chiou. — Preciso dele. *Agora*.

— Kandra — Zane falou. — Venha até mim.

OreSeur encontrou seus olhos, e ela viu algo dentro deles. Vergonha. Ele desviou o olhar, então atravessou o quarto, as brumas subindo pelos joelhos enquanto ele se juntava a Zane no centro do quarto.

— Não… — Vin sussurrou. — OreSeur…

— Não obedecerá mais aos comandos dela, TenSoon — Zane falou.

OreSeur abaixou a cabeça.

— O Contrato, OreSeur! — Vin falou, ficando de joelhos. — Você *tem* que obedecer às minhas ordens!

— Meu servo, Vin — disse Zane. — Meu Contrato. *Minhas* ordens.

Meu servo…

E, de repente, tudo se encaixou. Ela suspeitou de todos – Dockson, Brisa, até mesmo de Elend –, mas nunca ligou o espião à única pessoa que fazia mais sentido. *Havia* um kandra no palácio desde o início. E ele estava ao lado dela.

— Desculpe, senhora — OreSeur sussurrou.

— Há quanto tempo? — Vin perguntou, abaixando a cabeça.

— Desde que deu ao meu predecessor, o verdadeiro OreSeur, o corpo de cão — o kandra disse. — Eu o matei naquele dia e tomei seu lugar, usando o corpo de um cachorro. A senhora nunca o viu como cão de guarda.

Que maneira mais fácil de mascarar a transformação?, Vin pensou.

— Mas os ossos que descobrimos no palácio — ela disse. — Você estava comigo na muralha quando eles apareceram. Eles…

Ela aceitou a palavra dele sobre como os ossos estavam frescos; ela aceitou a palavra dele sobre quando foram produzidos. Presumiu desde o começo que a troca devia ter acontecido naquele dia, quando ela estava com Elend na muralha da cidade, mas o fez principalmente porque OreSeur havia dito.

Idiota!, ela pensou. OreSeur – ou TenSoon, como Zane o chamou – a levara a suspeitar de todos, exceto dele mesmo. O que havia de errado com ela? Em geral era tão boa em farejar traidores, perceber insinceridade. Como ela não conseguira identificar seu próprio kandra?

Zane avançou. Vin esperou, de joelhos. *Fraca,* ela disse a si mesma. *Pareça fraca. Faça com que ele a deixe em paz. Tente…*

— Me *abrandar* não vai adiantar — Zane falou em silêncio, agarrando-a pela frente da camisa, erguendo-a e, em seguida, jogando-a para trás. As brumas espalhavam-se embaixo dela, subindo numa onda quando ela bateu no assoalho. Vin reprimiu um grito de dor.

Tenho que ficar quieta. Se os guardas vierem, ele vai matá-los. Se Elend vier…

Ela tinha de ficar quieta, quieta, mesmo enquanto Zane a chutava no lado ferido. Ela grunhiu, olhos marejados.

— Você poderia ter me salvado — Zane disse, olhando para ela. — Eu estava disposto a ir com você. Agora, o que resta? Nada. Nada, além das ordens de Straff. — Ele enfatizou essa frase com um chute.

Mostre-se pequena, ela disse a si mesmo em meio à dor. *Em algum momento, ele a deixará em paz…*

Mas já fazia anos desde que ela havia se curvado diante de alguém. Seus dias

de encolher-se diante de Camon e Reen eram quase sombras brumosas, esquecidos diante da luz oferecida por Elend e Kelsier. Quando Zane chutou novamente, Vin se viu cada vez mais furiosa.

Ele afastou o pé outra vez, mirando no rosto dela, quando Vin se moveu. Quando o pé de Zane descreveu um arco, ela se lançou para trás, empurrando as trancas da janela para escapar através das brumas. Ela queimou peltre, ficando em pé, deixando um rastro de bruma no chão. Então, ela começou a passar dos joelhos de Vin.

Ela lançou um olhar de ódio para Zane, que devolveu uma expressão sombria. Vin desviou-se para frente, mas Zane se moveu mais rápido – moveu-se *primeiro* – ficando entre ela e a sacada. Não que chegar até lá melhorasse a situação para ela; com atium, ele poderia caçá-la facilmente.

Foi como antes, quando ele a atacou com atium. Mas desta vez foi pior. Antes, ela ainda era capaz de acreditar – mesmo que um pouco – que ele ainda estava treinando. Ainda não eram inimigos, mesmo que não fossem amigos. Ela não acreditara realmente que ele quisesse matá-la.

Desta vez, não tinha ilusões. Os olhos de Zane estavam lúgubres, sua expressão apática – como naquela noite poucos dias antes, quando massacrou os homens de Cett.

Vin ia morrer.

Havia muito tempo que não sentia aquele medo. Mas agora ela o via, sentia, cheirava-o em si mesma enquanto se afastava de Zane, cada vez mais próximo. Sentia o que era encarar um Nascido das Brumas – o que devia ter parecido para aqueles soldados que ela matara. Não havia luta. Não havia chance.

Não, ela disse a si mesma com vigor, segurando as costelas. *Elend não recuou diante de Straff. Ele não tem Alomancia, mas marchou para dentro do acampamento koloss.*

Eu posso acabar com isso.

Com um grito, Vin partiu para cima de TenSoon. O cão se afastou em choque, mas ele não precisava se preocupar. Zane estava lá novamente. Golpeou Vin com o ombro, em seguida girou sua adaga e abriu uma ferida no rosto dela enquanto ela despencava para trás. O corte foi preciso. Perfeito. Combinava com a cicatriz da outra bochecha, feita durante sua primeira luta com um Nascido das Brumas, quase dois anos antes.

Vin cerrou os dentes, queimando ferro quando caiu. Ela *puxou* uma bolsa na mesa, atraindo moedas para sua mão.

Caiu de lado no chão, a outra mão para baixo, e lançou-se de volta em pé.

Pegou uma porção de moedas da bolsa em sua mão, em seguida ergueu-as para Zane.

O sangue pingava de seu queixo. Ela lançou as moedas. Zane moveu-se para *empurrá-las* para longe.

Vin sorriu, então queimou duralumínio enquanto *empurrava*. As moedas zuniram para frente, e o vento delas de repente abrindo a bruma no chão, revelando o chão embaixo deles.

A sala tremeu.

E, num piscar de olhos, Vin se viu voando para bater no fundo da parede. Ela arfou, surpresa, o ar arrancado dos pulmões, sua visão turva. Ela ergueu os olhos, desorientada, surpresa por ver-se outra vez no chão.

— Duralumínio — Zane falou, ainda em pé com a mão erguida diante dele. — TenSoon me falou sobre ele. Deduzimos que você devia ter um novo metal pela forma com que consegue me sentir quando meu cobre está avivado. Depois disso, buscando um pouco, ele encontrou aquela anotação do seu metalurgista, que dispunha das instruções para fazer duralumínio.

Sua mente confusa lutava para conectar as ideias. Zane tinha duralumínio. Ele havia usado o metal e *empurrado* uma das moedas que ela disparara nele. Deve ter se *empurrado* para trás também, para impedir ser forçado para trás quando seu peso encontrou o dela.

E seu próprio *empurrão* aumentado pelo duralumínio a lançara contra a parede. Ela estava com dificuldade para pensar. Zane caminhou para frente. Ela ergueu os olhos, confusa, em seguida se afastou de quatro, engatinhando nas brumas. Elas estavam no nível do rosto, e suas narinas coçavam enquanto ela inalava o caos frio, silencioso.

Atium. Ela precisava de atium. Mas a conta estava no ombro de TenSoon; ela não conseguia *puxá-lo* para si. O motivo pelo qual ele a carregava lá era porque sua carne era protegida dos efeitos alomânticos. Como as estacas que perfuravam o corpo de um Inquisidor, como seu próprio brinco. Metal dentro – ou mesmo espetado – no corpo de uma pessoa não podia ser puxado ou empurrado, exceto com as mais extremas forças alomânticas.

Mas ela o fizera uma vez. Quando lutava com o Senhor Soberano. Não fora seu próprio poder, ou mesmo duralumínio, que permitiu que ela conseguisse. Fora outra coisa. As brumas.

Ela as explorara.

Algo a atingiu nas costas, derrubando-a. Ela rolou de costas, chutando para o alto, mas seu pé errou o rosto de Zane por alguns centímetros, auxiliado pelo

atium. Zane afastou o pé de Vin com um tapa, em seguida abaixou-se, batendo-a contra o assoalho pelos ombros.

As brumas rodopiavam ao redor dele enquanto ele olhava para ela. Através do seu terror, ela se expandiu para as brumas, como fizera um ano antes quando combatia o Senhor Soberano. Naquele dia, elas haviam abastecido sua Alomancia, dando-lhe uma força que ela não deveria ter. Ela buscou as brumas, implorando por sua ajuda.

E nada aconteceu.

Por favor…

Zane bateu-a no chão novamente. As brumas continuavam a ignorar suas súplicas.

Ela girou, *puxando* o caixilho da janela para se erguer, e empurrou Zane para o lado. Eles rolaram, Vin ficando sobre ele.

De repente, os dois despregaram-se do chão, rasgando as brumas e voando na direção do teto, lançados para cima quando Zane *empurrou* contras as moedas no chão. Eles bateram no teto, o corpo de Zane pressionado no dela, prendendo-a às tábuas. Ele estava por cima de novo – ou melhor, por baixo, mas aquele agora era o ponto de vantagem.

Vin ofegou. Ele era muito forte. Mais forte que ela. Seus dedos enterravam-se na carne dos seus braços, apesar do peltre, e sua lateral doía de suas feridas anteriores. Não tinha condições de lutar – não com outro Nascido das Brumas.

Muito menos com um queimando atium.

Zane continuava a *empurrá-los* contra o teto. Os cabelos de Vin caíam na direção dele, e as brumas rodopiavam no chão abaixo de ambos, como um vórtice de redemoinho que lentamente subia.

Zane soltou seu *empurrão*, e eles caíram. Ainda assim, ele continuou no controle. Ele a girou, lançando-a para baixo dele quando entraram outra vez nas brumas. Eles bateram no chão, a pancada arrancando o ar dos pulmões de Vin mais uma vez. Zane agigantava-se sobre ela, falando entredentes.

— Todo meu esforço, desperdiçado — ele sibilou. — Esconder um alomântico entre os assassinos de Cett para que você suspeitasse dele atacando você na Assembleia. Forçar você a lutar na frente de Elend para que ele ficasse intimidado por você. Provocando-a para explorar seus poderes e matar para perceber o quanto você é realmente poderosa. Tudo desperdiçado!

Ele se inclinou para ela.

— Você. Devia. *Me salvar!* — ele disse, seu rosto a poucos centímetros do dela, ofegante. Ele prendeu um dos braços agitados dela ao chão com o joelho,

e em seguida, num momento estranhamente surreal, ele a beijou.

E, ao mesmo tempo, deslizou uma adaga na lateral de um dos seios dela. Vin tentou gritar, mas sua boca estava coberta com a dele enquanto a adaga cortava a carne.

— Cuidado, Mestre! — OreSeur-TenSoon – gritou de repente. — Ela sabe demais sobre os kandras!

Zane olhou para cima, com a mão parada. A voz e a dor trouxeram lucidez a Vin. Ela queimou estanho, usando a dor para despertá-la com o choque, limpando a mente.

— Quê? — Zane perguntou, olhando para o kandra.

— Ela sabe, Mestre — TenSoon disse. — Ela conhece nosso segredo. O motivo pelo qual servimos o Senhor Soberano. O motivo pelo qual cumprimos o Contrato. Ela sabe *por que temos tanto medo de alomânticos.*

— Fique quieto — Zane ordenou. — E não fale mais.

TenSoon ficou em silêncio.

Nosso segredo… Vin pensou, olhando para o cão de guarda, sentindo a ansiedade em sua expressão canina. *Está tentando me dizer alguma coisa. Tentando me ajudar.*

Segredo. O segredo dos kandras. Da última vez que ela tentou *abrandá-lo*, ele uivou de dor. Ainda assim, ela via permissão na expressão dele. Era o bastante.

Ela assolou TenSoon com o *abrandamento*. Ele gritou, uivando, mas ela *empurrou* mais forte. Nada aconteceu. Cerrando os dentes, ela queimou duralumínio.

Algo se quebrou. Ela estava em dois lugares ao mesmo tempo. Conseguia sentir TenSoon em pé, ao lado da parede, e conseguia sentir seu corpo nos braços de Zane. TenSoon era dela, total e completamente. De alguma forma, sem saber bem como, ela ordenou que ele avançasse, controlando seu corpo.

O corpo imenso do cão de guarda chocou-se contra Zane, tirando-o de cima de Vin. A adaga foi ao chão, e Vin ficou de joelhos, agarrando o peito, sentindo o sangue quente lá. Zane rolou, obviamente chocado, mas ficou em pé e chutou TenSoon.

Ossos quebraram. O cão de guarda tombou no chão, bem diante de Vin. Ela agarrou a adaga do chão enquanto ele rolava aos pés dela, em seguida cravou-a no ombro do cão, cortando o ombro dele, seus dedos tateando o músculo e o tendão. Ela tirou com mãos sangrentas uma única conta de atium. Engoliu-a de uma vez, girando na direção de Zane.

— Agora, vamos ver como você se sai — ela sibilou, queimando atium. Dúzias de sombras de atium explodiram de Zane, mostrando a ela possíveis ações que ele poderia tomar – todas ambíguas. Ela estaria emitindo a mesma confusão para os olhos dele. Estavam nivelados.

Zane virou-se, fitando os olhos de Vin, e suas sombras de atium desapareceram.

Impossível!, ela pensou. TenSoon grunhiu aos pés dela quando ela percebeu que a reserva de atium havia desaparecido. Extinguido. Mas a conta era tão grande…

— Achou que eu daria justamente a arma que você precisava para me combater? — Zane perguntou em voz baixa. — Achou mesmo que eu cederia atium?

— Mas…

— Uma bola de chumbo — Zane falou, avançando. — Banhada com uma fina camada de atium. Ah, Vin. Você precisa ser mais cuidadosa em quem você confia.

Vin cambaleou para trás, sentindo a confiança definhar. *Faça-o falar!*, ela pensou. *Tente fazer seu atium terminar.*

— Meu irmão disse que eu não deveria confiar em ninguém… — ela murmurou. — Ele disse… que qualquer um me trairia.

— Ele era um homem sábio — Zane falou baixinho, com as brumas na altura do peito.

— Era um tolo paranoico — Vin falou. — Me manteve viva, mas me deixou em frangalhos.

— Então, ele te fez um favor.

Vin olhou para a forma mutilada e sangrenta de TenSoon. Estava com dor; conseguia ver nos olhos dele. A distância ela conseguia ouvir… pulsações. Ela voltou a queimar bronze. Ergueu os olhos devagar. Zane caminhava para cima dela. Confiante.

— Você estava jogando comigo — ela disse. — Você tentou me separar de Elend. Me fez pensar que ele me temia, me fez pensar que ele estava me usando.

— E estava — Zane falou.

— Sim, mas não importa… não do jeito que você fez parecer. Elend me usa. Kelsier me usou. Usamos uns aos outros pelo amor, pelo apoio, pela confiança.

— A confiança vai te matar — ele retrucou.

— Então, é melhor morrer.

— Eu confiei em você — ele disse, parando diante dela. — E você me traiu.

— Não — Vin respondeu, erguendo a adaga. — Eu vou te salvar. Como você quer.

Ela saltou para frente e atacou, mas sua esperança – de que ele houvesse exaurido o atium – foi em vão. Ele se esquivou, indiferente; deixou a adaga passar a poucos centímetros de acertá-lo, mas nunca correu perigo real.

Vin girou para atacar, mas sua lâmina cortou apenas o ar, limando as brumas que subiam.

Zane moveu-se antes que o próximo ataque viesse, desviando até mesmo antes de ela saber o que ia fazer. Sua adaga mergulhava no lugar onde ele estava.

É rápido demais, ela pensou, o peito ardendo, a mente pulsando. Ou era o Poço da Ascensão pulsando…

Zane parou bem diante de Vin.

Não posso acertá-lo, ela pensou, frustrada. *Não se ele souber onde vou bater antes de eu atacar!*

Vin hesitou.

Antes de eu atacar…

Zane caminhou até um ponto próximo do centro da sala, em seguida chutou para o ar a adaga caída e a agarrou. Ele se voltou para ela, a bruma deixando um rastro da arma na sua mão, dentes cerrados e olhos sombrios.

Ele sabe onde vou bater antes de eu atacar.

Vin ergueu a adaga, o sangue pingando do rosto e do seio, tambores ribombando na sua mente. A bruma estava quase no seu queixo.

Ela limpou a mente. Não planejou um ataque. Não reagiu a Zane quando ele correu na sua direção, a adaga erguida. Relaxou os músculos e fechou os olhos, ouvindo seus passos. Sentiu a bruma erguer-se ao seu redor, rodopiando com a vinda de Zane.

Ela abriu os olhos de uma vez. Ele estava com a adaga erguida; ela reluziu quando golpeou. Vin preparou o ataque, mas não pensou no golpe – simplesmente deixou o corpo reagir.

E observou Zane com muito, muito cuidado.

Ele desviou um pouco à esquerda, a mão aberta se erguendo, como se para agarrar alguma coisa.

Isso!, Vin pensou, imediatamente torcendo o corpo para o lado, forçando para seu ataque instintivo sair da trajetória natural. Ela girou o braço – e a adaga – no meio do golpe. Estava prestes a atacar à esquerda, como o atium de

Zane antecipou.

Mas, ao reagir, Zane lhe mostrou o que ela faria. Deixou-a prever o futuro. E se ela podia vê-lo, podia mudá-lo.

Eles se encontraram. A arma de Zane acertou o ombro de Vin. Mas a adaga dela atingiu-o no pescoço. Sua mão esquerda fechou-se no ar vazio, agarrando uma sombra que devia ter lhe dito onde o braço dela estaria.

Zane tentou respirar, mas a faca havia perfurado sua traqueia. O ar foi sugado com sangue ao redor da lâmina, e Zane tombou para trás, com os olhos arregalados, em choque. Ele olhou para ela, em seguida despencou nas brumas, seu corpo causando um baque contra o assoalho de madeira.

Zane ergueu os olhos através das brumas, fitando-a. *Estou morrendo*, ele pensou.

A sombra de atium dela *dividiu-se* no último momento. Duas sombras, duas possibilidades. Ele contra-atacou a errada. Ela o enganara, de alguma forma o derrotara. E agora ele estava morrendo.

Finalmente.

— Sabe por que pensei que você me salvaria? — ele tentou sussurrar para ela, embora soubesse que seus lábios não estavam formando palavras direito. — A voz. Você foi a primeira pessoa que eu já conheci que ela não disse para matar. A única pessoa.

— Claro que eu não disse para você matá-la — Deus falou.

Zane sentiu sua vida esvair-se.

— Sabe o que é realmente engraçado, Zane? — Deus perguntou. — A parte mais divertida de todas? Você não é insano.

Nunca foi.

Vin observou em silêncio enquanto Zane cuspia, o sangue vazando dos lábios. Observou com cuidado; uma faca na garganta deveria ter sido o bastante para matar até mesmo um Nascido das Brumas, mas às vezes o peltre podia fazer coisas incríveis.

Zane morreu. Ela verificou seu pulso, em seguida arrancou sua adaga. Depois disso, ficou parada por um momento, sentindo-se… entorpecida em corpo e mente. Ergueu a mão para o ombro ferido – e, ao fazê-lo, resvalou no seio machucado. Estava sangrando demais, e sua mente ficava cada vez mais turva de novo.

Eu o matei.

Ela avivou peltre, forçando a si mesma para continuar em movimento. Tombou sobre TenSoon, ajoelhando-se ao lado dele.

— Senhora — ele falou. — Me desculpe…

— Eu sei — ela falou, encarando a ferida terrível que ela fizera. As pernas dele não funcionavam mais, e o corpo jazia retorcido de forma anormal.

— Como posso ajudar?

— Ajudar? — TenSoon perguntou. — Senhora, eu quase causei sua morte!

— Eu sei — ela repetiu. — Como posso fazer a dor ir embora? Precisa de outro corpo?

TenSoon ficou em silêncio por um momento.

— Sim.

— Pegue o de Zane — Vin falou. — Ao menos por enquanto.

— Ele está morto? — TenSoon perguntou com surpresa.

Ele não conseguia ver, ela percebeu. *Seu pescoço está quebrado.*

— Sim — ela sussurrou.

— Como, senhora? — TenSoon perguntou. — Ele queimou todo o atium?

— Não — Vin respondeu.

— Então, como?

— O atium tem um fraqueza — ela disse. — Deixa você ver o futuro.

— Isso… não parece uma fraqueza, senhora.

Vin suspirou, vacilando um pouco. *Foco!,* ela pensou.

— Quando se queima atium, é possível ver alguns momentos no futuro e mudar o que acontecerá nesse futuro. Pode agarrar uma flecha que deveria continuar voando. Pode desviar de um golpe que deveria ter te matado. E pode mover-se para bloquear um ataque antes que ele aconteça.

TenSoon estava quieto, obviamente confuso.

— Ele me mostrou o que *eu* iria fazer — Vin falou. — Eu não podia mudar o futuro, mas Zane podia. Ao reagir ao meu ataque antes mesmo de eu saber o que eu faria, ele teve o descuido de me mostrar o futuro. Reagi contra ele, e ele tentou bloquear um golpe que nunca aconteceu. Isso me permitiu matá-lo.

— Senhora… — TenSoon sussurrou. — Isso é brilhante.

— Certamente não sou a primeira a pensar nisso — Vin falou, exausta. — Mas não é o tipo de segredo que se compartilha. De qualquer forma, tome o corpo dele.

— Eu… preferiria não pegar os ossos daquela criatura — TenSoon disse. — A senhora não sabe o quanto ele era quebrado, senhora.

Vin assentiu, cansada.

— Eu posso encontrar outro corpo de cachorro, se quiser.

— Não será necessário, senhora — TenSoon disse baixinho. — Ainda tenho os ossos do outro cão de guarda que a senhora me deu, e a maioria deles ainda está boa. Se eu substituir alguns deles por ossos bons deste corpo, devo ser capaz de formar um esqueleto completo para usar.

— Faça isso, então. Precisamos planejar o que fazer em seguida.

TenSoon ficou quieto por um momento. Finalmente, ele disse.

— Senhora, meu Contrato fica nulo agora que meu mestre está morto. Eu… preciso voltar ao meu povo para uma nova incumbência.

—Ah — Vin falou, sentindo um aperto de tristeza. — Claro.

— Não quero ir — TenSoon falou. — Mas preciso ao menos prestar contas ao meu povo. Por favor, me perdoe.

— Não há nada para perdoar — Vin falou. — E, obrigada pela dica no final.

TenSoon deixou-se ficar em silêncio. Ela podia ver a culpa em seus olhos caninos. *Ele não deveria ter me ajudado contra seu atual mestre.*

— Senhora — TenSoon disse. — A senhora sabe nosso segredo agora. Os Nascidos da Bruma podem controlar o corpo de um kandra com Alomancia. Não sei o que a senhora fará com isso, mas saiba que confiei à senhora um segredo que meu povo manteve guardado por milhares de anos. A maneira que os alomânticos podiam controlar nossos corpos e nos escravizar.

— Eu… não entendi direito o que aconteceu.

— Talvez seja melhor assim — TenSoon disse. — Por favor, me deixe sozinho. Estou com os ossos do outro cão no armário. Quando a senhora voltar, eu terei ido.

Vin levantou-se, meneando a cabeça. Ela saiu, abrindo caminho entre as brumas e buscando o corredor de saída. Seus ferimentos precisavam de cuidados. Ela sabia que deveria ir a Sazed, mas de alguma forma não conseguiu se forçar naquela direção. Caminhou mais rápido, seus pés levando-a pelo corredor, até ela estar correndo.

Tudo estava desabando ao redor dela. Não conseguia cuidar de tudo, não conseguia manter as coisas em ordem. Mas sabia o que queria.

E, portanto, correu até ele.

Ele é um bom homem – apesar de tudo, ele é um bom homem. Um homem que se sacrifica. Na verdade, todos os seus atos – todas as mortes, a destruição e as dores que ele causou – feriram-no profundamente. Todas essas coisas foram, na verdade, uma espécie de sacrifício para ele.

48

Elend bocejou, olhando para a carta que redigira a Jastes. Talvez pudesse persuadir seu antigo amigo a enxergar a razão.

Se ele não conseguisse… bem, uma cópia da moeda de madeira que Jastes esteve usando para "pagar" os koloss estava sobre sua escrivaninha. Era uma cópia perfeita, talhada pelo próprio Trevo.

Elend tinha absoluta certeza de que tinha acesso a mais madeira que Jastes. Se pudesse ajudar Penrod a protelar por mais algumas semanas, poderiam fazer "dinheiro" o bastante para subornar os koloss para irem embora.

Ele pousou sua pena na escrivaninha, esfregando os olhos. Era tarde. Hora de…

Sua porta abriu-se de uma vez. Elend girou e viu Vin sussurrando, correndo pela sala e lançando-se em seus braços. Ela estava chorando.

E sangrando.

— Vin! — ele disse. — O que houve?

— Eu o matei — ela disse, com a cabeça enterrada no peito de Elend.

— Quem?

— Seu irmão — ela disse. — Zane, o Nascido das Brumas de Straff. Eu o matei.

— Espere. O quê? Meu *irmão*?

Vin assentiu com a cabeça.

— Me desculpe.

— Esqueça isso, Vin! — Elend disse, gentilmente empurrando-a para trás e sentando-a na sua poltrona. Tinha um rasgo no rosto, e sua camisa estava colada de sangue. — Senhor Soberano! Vou buscar Sazed agora mesmo.

— Não me deixe — ela disse, segurando seu braço.

Elend fez uma pausa. Algo havia mudado. Ela parecia precisar dele de novo.

— Venha comigo, então. Vamos os dois vê-lo.

Vin concordou, erguendo-se. Ela cambaleou apenas um pouco, e Elend sentiu uma pontada de medo, mas a expressão determinada dela não era algo que ele quisesse desafiar. Passou o braço ao redor dela, deixando que se apoiasse nele enquanto caminhavam até os aposentos de Sazed. Elend parou para bater, mas Vin simplesmente abriu caminho para a sala escura, em seguida cambaleou e sentou-se no chão lá dentro.

— Vou… sentar aqui — ela disse.

Elend ficou ao lado dela, preocupado, em seguida ergueu seu lampião e gritou para o aposento:

— Sazed!

O terrisano apareceu num momento depois, parecendo exausto e vestindo uma túnica branca de dormir. Olhou para Vin, piscou algumas vezes, em seguida desapareceu em seus aposentos. Voltou logo depois com um bracelete mente de metal amarrado no antebraço e uma bolsa com equipamentos médicos.

— Agora, Lady Vin — Sazed falou, deitando a bolsa no chão. — O que o Mestre Kelsier diria se visse você nestas condições? Desse jeito você arruína mais roupas, creio eu…

— Não é hora para frivolidades, Sazed — Elend disse.

— Desculpe, Vossa Majestade — Sazed disse, cuidadosamente cortando o tecido no ombro de Vin. — No entanto, se ela ainda está consciente, não está em perigo.

Ele olhou a ferida mais de perto, pegando distraidamente panos limpos da bolsa.

— Vê aqui? — Sazed perguntou. — Este corte é profundo, mas a lâmina foi desviada pelo osso, e não acertou os vasos principais. Segure isto aqui. — Ele apertou um tecido na ferida, e Elend pousou a mão nele. Vin estava sentada com os olhos fechados, descansando a cabeça contra a parede, o sangue pingando lentamente do queixo. Parecia mais exausta que dolorida.

Sazed pegou a faca e cortou a frente da camisa de Vin, expondo seu seio ferido.

Elend hesitou.

— Talvez eu devesse…

— Fique — Vin falou. Não era uma súplica, mas uma ordem. Ergueu a cabeça, abrindo os olhos quando Sazed estalou a língua baixinho ao ver a

ferida, em seguida pegou um entorpecente, uma agulha e linha.

— Elend — ela disse —, preciso te dizer uma coisa.

— Tudo bem.

— Eu entendi uma coisa sobre Kelsier — ela disse, baixinho. — Eu sempre me concentro nas coisas erradas quando penso nele. É difícil esquecer as horas que ele passou me treinando para ser uma alomântica. Mesmo assim, não foi sua capacidade de lutar que o fez grande, não foi sua crueldade ou sua brutalidade, nem mesmo a força ou os instintos.

Elend franziu a testa.

— Você sabe o que foi? — ela perguntou.

Ele sacudiu a cabeça, ainda pressionando o pano no ombro dela.

— A capacidade de confiar — ela disse. — Foi a maneira pela qual ele transformava pessoas boas em pessoas *melhores*, a maneira que ele as inspirava. Sua gangue funcionava porque ele tinha confiança em seus homens, porque os respeitava. E, em troca, eles respeitavam-se uns aos outros.. Homens como Brisa e Trevo se tornaram heróis porque Kelsier tinha fé neles.

Ela ergueu para ele olhos piscantes de cansaço.

— E você é muito melhor nisso que Kelsier, Elend. Ele precisou trabalhar para desenvolver isso. Você faz por instinto, tratando mesmo ratos como Philen como se fossem bons e honrados. Não é ingenuidade, como alguns pensam. É o que Kelsier tinha, só que maior. Ele poderia ter aprendido com você.

— Você me dá muito mérito — ele disse.

Ela abanou a cabeça exausta. Em seguida, virou-se para Sazed.

— Sazed?

— Sim, menina?

— Você conhece alguma cerimônia de casamento?

Elend quase soltou o pano, estarrecido.

— Conheço várias — Sazed disse enquanto cuidava da ferida. — Umas duzentas, na verdade.

— Qual é a mais curta? — Vin perguntou.

Sazed puxou um ponto com firmeza.

— O povo de Larsta apenas exigia uma profissão de amor diante de um sacerdote local. A simplicidade era um princípio da sua estrutura de crença; uma reação, talvez, às tradições da terra da qual foram banidos, conhecida por seu sistema complexo de regras burocráticas. É uma boa religião, que se concentra na beleza simples encontrada na natureza.

Vin olhou para Elend. O rosto dela sangrava, seu cabelo estava desgrenhado.

— Agora, veja — ele disse. — Vin, não acha que talvez isso devesse esperar até, você sabe…

— Elend? — ela interrompeu. — Eu te amo.

Ele ficou paralisado.

— Você me ama? — ela perguntou.

Isso é insano.

— Sim — ele disse, baixinho.

Vin voltou-se para Sazed, que ainda estava trabalhando.

— Bem?

Sazed ergueu os olhos, seus dedos cheios de sangue.

— É um momento bem estranho para um acontecimento assim, creio eu.

Elend assentiu, concordando.

— É só um pouco de sangue — Vin falou, cansada. — Está tudo bem mesmo, agora que eu me sentei.

— Sim — Sazed falou —, mas você parece um pouco consternada, Lady Vin. Essa não é uma decisão a ser tomada de forma leviana, sob a influência de fortes emoções.

Vin sorriu.

— A decisão de se casar não deveria ser feita por conta de emoções fortes?

Sazed gaguejou.

— Não é exatamente o que eu quis dizer. Apenas não estou bem certo se você está em pleno controle de suas faculdades, Lady Vin.

Vin balançou a cabeça.

— Estou mais controlada do que estive durante meses. Está na hora de eu parar de hesitar, Sazed, hora de parar de me preocupar, hora de aceitar meu lugar nessa gangue. Agora, eu sei o que quero. Eu amo Elend. Não sei quanto tempo teremos juntos, mas eu quero algum, ao menos.

Sazed recuou por um momento, em seguida voltou aos pontos.

— E você, Lorde Elend? O que acha?

O que *ele* achava? Ele se lembrou do dia anterior, quando Vin falara sobre partir, e a dor que ele sentiu. Pensou em quanto ele dependia da sabedoria dela, e de sua franqueza, e de sua devoção simples, mas não simplista, a ele. Sim, ele a amava.

O mundo havia ficado caótico nos últimos tempos. Ele cometera erros. Ainda assim, apesar de tudo o que havia acontecido, e apesar de suas frustrações, ele ainda sentia vigorosamente que queria estar com Vin. Não era a paixão idílica que sentira um ano e meio antes, nas festas. Mas seu sentimento era mais

sólido.

— Sim, Sazed — ele disse. — Quero me casar com ela. Quero isso já há algum tempo. Eu… não sei o que vai acontecer com a cidade, ou com meu reino, mas quero estar com Vin quando acontecer.

Sazed continuou a trabalhar.

— Muito bem, então — ele disse, por fim. — Se vocês precisam do meu testemunho, então vocês o têm.

Elend ajoelhou-se, ainda apertando o pano no ombro de Vin, sentindo-se um pouco espantado.

— É isso, então?

Sazed assentiu com a cabeça.

— É tão válido quanto qualquer testemunho que os obrigadores poderiam lhes dar, creio eu. Mas, prestem atenção, o juramento de amor dos larsta é vinculativo. Eles não conheciam nenhuma forma de divórcio em sua cultura. Vocês aceitam meu testemunho deste acontecimento?

Vin assentiu. Elend flagrou-se fazendo o mesmo.

— Então, vocês estão casados — Sazed disse, amarrando a linha, em seguindo estendendo uma toalha sobre o peito de Vin. — Segure isso por um momento, Lady Vin, e estanque o restante do sangramento. — Em seguida, ele concentrou-se no rosto.

— Sinto que deveria haver uma cerimônia ou algo assim — Elend falou.

— Eu poderia celebrar uma, se desejarem — Sazed respondeu —, mas não acho que precisem. Eu conheço os dois há um tempo e estou disposto a dar minhas bênçãos a esta união. Aqueles que assumem levianamente promessas feitas àqueles que amam são pessoas que encontram pouca satisfação duradoura na vida. Esta não é uma época fácil de se viver. O que não significa que deve ser um momento difícil para amar, mas sim que vocês encontrarão tensões atípicas em sua vida e no seu relacionamento.

Não esqueçam a jura de amor que fizeram um ao outro nesta noite. Ela lhes dará muita força nos dias vindouros, creio eu.

Com isso, ele deu o último ponto no rosto de Vin, em seguida começou a trabalhar no ombro. O sangramento lá já havia quase estancado, e Sazed observou o ferimento por um instante antes de começar a trabalhar nele.

Vin ergueu os olhos para Elend, parecendo um pouco sonolenta. Ele se levantou e caminhou até a bacia de água do quarto, e voltou com uma toalha úmida para limpar o rosto dela.

— Desculpe — ela falou baixinho quando Sazed deu a volta e tomou o lugar

onde Elend estava ajoelhado.

— Desculpe? — Elend perguntou. — Sobre o Nascido das Brumas do meu pai?

Vin balançou a cabeça.

— Não. Por demorar tanto.

Elend sorriu.

— Você vale a espera. Além disso, eu acho que precisava entender algumas coisas também.

— Como ser rei, por exemplo?

— E como parar de sê-lo.

Vin negou com a cabeça.

— Você nunca deixou de ser rei, Elend. Podem tirar sua coroa, mas não podem tirar sua honra.

Elend abriu mais um sorriso.

— Obrigado. Mas não sei o quanto fiz de bem para a cidade. Apenas por estar aqui, dividi as pessoas, e agora Straff acabará no controle.

— Vou matar Straff se ele puser um pé nesta cidade.

Elend apertou os dentes. *De volta aos velhos problemas*. Eles só poderiam segurar a faca de Vin contra o pescoço dele apenas por algum tempo. Ele precisava descobrir uma maneira de se safar, e ainda havia Jastes e aqueles koloss…

— Vossa Majestade — Sazed disse, enquanto trabalhava —, talvez eu possa oferecer uma solução.

Elend baixou os olhos para o terrisano, erguendo a sobrancelha.

— O Poço da Ascensão — disse Sazed.

Vin abriu os olhos de pronto.

— Tindwyl e eu estivemos pesquisando o Herói das Eras — Sazed continuou. — Estamos convencidos de que Rashek nunca fez o que o Herói deveria fazer. Na verdade, não estamos nem convencidos de que o tal Alendi de mil anos atrás *era* o Herói. Há muitas discrepâncias, problemas e contradições demais. Além disso, as brumas, as Profundezas, ainda estão aqui. E agora elas estão matando as pessoas.

Elend franziu a testa.

— O que está dizendo?

Sazed puxou um ponto com firmeza.

— Algo ainda precisa ser feito, Vossa Majestade. Algo importante. Olhando de uma perspectiva menor, talvez pareça que os eventos em Luthadel e o

ressurgimento do Poço da Ascensão não têm relação. Porém, numa visão mais ampla, um pode ser solução para o outro.

Elend sorriu.

— Como a fechadura e a chave.

— Sim, Majestade — Sazed respondeu, sorrindo. — Precisamente.

— Ele pulsa — Vin sussurrou, fechando os olhos. — Na minha cabeça. Eu posso *senti-lo*.

Sazed hesitou, em seguida enrolou uma bandagem no braço de Vin.

— Consegue sentir onde está?

Vin balançou a cabeça.

— Eu… Não parece existir uma direção para as pulsações. Pensei que estavam distantes, mas estão ficando mais altas.

— Deve ser o Poço recuperando o poder — Sazed comentou. — Felizmente eu sei onde encontrá-lo.

Elend virou-se, e Vin abriu os olhos de novo.

— Minha pesquisa revelou a localização, Lady Vin — Sazed disse. — Posso desenhar um mapa com minhas mentes de metais.

— Onde? — Vin sussurrou.

— No norte — Sazed respondeu. — Nas montanhas de Terris. Sobre um dos picos mais baixos, conhecido como Derytatith. Viajar para lá será difícil nesta época do ano…

— Eu posso ir — Vin falou com firmeza, enquanto Sazed se virava para trabalhar no peito ferido. Elend corou novamente, em seguida fez uma pausa quando afastou os olhos.

Eu… estou casado.

— Você vai partir? — Elend perguntou, olhando para Vin. — Agora?

— Eu preciso — Vin sussurrou. — Eu *preciso* ir até lá, Elend.

— Deveria ir com ela, Vossa Majestade — Sazed comentou.

— Quê?

Sazed suspirou, erguendo os olhos.

— Temos de encarar os fatos, Majestade. Como disse há pouco, Straff logo tomará a cidade. Se estiver aqui, será executado. No entanto, Lady Vin sem dúvida precisará de ajuda para encontrar o Poço.

— Ela deve guardar um grande poder — Elend falou, coçando o queixo. — Acha que conseguiríamos destruir aqueles exércitos?

Vin balançou a cabeça.

— Não poderíamos usá-lo — ela sussurrou. — O poder é uma tentação. Foi

o que deu errado da última vez. Rashek tomou o poder em vez de renunciar a ele.

— Renunciar a ele? — Elend perguntou. — Como assim?

— Deixá-lo partir, Vossa Majestade — Sazed respondeu. — Deixar que *ele* derrote as Profundezas sozinho.

— Confiança — Vin murmurou. — É sobre confiança.

— Porém, acredito que libertar esse poder poderia fazer grandes coisas por esta terra. Mudar as coisas e desfazer muito do dano que o Senhor Soberano impingiu. Tenho uma forte desconfiança de que ele destruiria os koloss, pois eles foram criados com o mau uso do poder pelo Senhor Soberano — Sazed explicou.

— Mas Straff tomaria a cidade — Elend disse.

— Sim — Sazed concordou —, mas, se partir, a transição será pacífica. A Assembleia praticamente decidiu aceitá-lo como imperador, e parece que ele permitirá que Penrod governe como rei submisso. Não haverá derramamento de sangue, e você poderá organizar a resistência do lado de fora. Além disso, quem sabe o que a libertação do poder fará? Lady Vin poderia acabar mudada, como o Senhor Soberano foi. Com a gangue escondida dentro da cidade, não seria tão difícil expulsar seu pai, especialmente quando ele estiver mais complacente, em um ano mais ou menos.

Elend cerrou os dentes. *Outra revolução*. Ainda assim, o que Sazed dizia tinha sentido. *Até então, estivemos nos preocupando em pequena escala.* Ele olhou para Vin, sentindo uma onda de ternura e amor. *Talvez seja hora de eu começar a ouvir as coisas que ela vem tentando me dizer.*

— Sazed — Elend falou quando um pensamento repentino lhe ocorreu —, acha que eu poderia convencer os terrisanos a nos ajudar?

— Talvez, Majestade — Sazed respondeu. — Minha proibição de intervir, aquela que tenho ignorado, existe porque recebi uma incumbência diferente do Sínodo, não porque eles desejavam evitar toda a ação. Se conseguisse convencer o Sínodo que o futuro do povo de Terris será beneficiado tendo um aliado forte em Luthadel, poderá obter ajuda militar de Terris.

Elend assentiu, pensativo.

— Lembre-se da fechadura e da chave, Vossa Majestade — Sazed falou, terminando com a segunda ferida de Vin. — Nesse caso, partir parecerá o oposto do que deveria fazer. No entanto, se olhar o cenário maior, verá que é precisamente o que *precisa* fazer.

Vin abriu os olhos, erguendo o rosto para ele e sorrindo.

— Podemos fazer isso, Elend. Venha comigo.

Elend hesitou por um momento. *Fechadura e chave…*

— Está certo — ele falou. — Partiremos assim que Vin estiver melhor.

— Ela poderia cavalgar amanhã — Sazed disse. — Você sabe o que o peltre pode fazer por um corpo.

Elend assentiu.

— Tudo bem. Eu deveria ter ouvido você antes, Vin. Além disso, sempre quis conhecer sua terra natal, Sazed. Você pode nos mostrá-la.

— Precisarei ficar aqui, temo eu — Sazed afirmou. — Devo partir logo para o sul, continuar meu trabalho lá. Tindwyl, no entanto, pode ir com vocês… ela tem informações importantes que precisam ser repassadas aos meus irmãos, os Guardadores.

— Será necessário um grupo pequeno — Vin falou. — Teremos que ser rápidos, ou talvez nos esgueirarmos, para passar os homens de Straff.

— Apenas vocês três, creio eu — Sazed disse. — Ou, talvez, uma outra pessoa para ajudar a vigiar enquanto vocês dormem, alguém com habilidades de perseguição e espionagem. Lorde Lestibournes, talvez?

— Fantasma seria perfeito — Elend confirmou, assentindo. — Tem certeza que os outros membros do grupo estarão seguros na cidade?

— Claro que não — Vin falou, sorrindo. — Mas são especialistas. Esconderam-se do Senhor Soberano, serão capazes de se esconder de Straff. Especialmente se não tiverem que se preocupar em manter você em segurança.

— Então, está decidido — Sazed falou, erguendo-se. — Você dois devem tentar descansar bem esta noite, apesar da recente mudança no relacionamento. Consegue andar, Lady Vin?

— Não precisa — Elend falou, inclinando-se para erguê-la. Ela passou os braços ao redor dele, embora não estivessem muito firmes, e ele pôde ver que os olhos dela já estavam se fechando outra vez.

Ele sorriu. De repente, o mundo parecia um lugar muito mais simples. Ele reservaria algum tempo e o gastaria no que realmente importava; então, assim que ele e Vin conseguissem ajuda no norte, poderiam voltar. De fato, ansiava pelo retorno e atacaria seus problemas com vigor renovado.

Ele abraçou Vin apertado, meneou a cabeça para dar boa noite a Sazed, em seguida caminhou para os seus aposentos. Parecia que tudo tinha se resolvido bem no final.

Sazed levantou-se lentamente, observando os dois saírem. Ele imaginou o

que pensariam dele quando ouvissem sobre a queda de Luthadel. Ao menos teriam o apoio um do outro.

Sua bênção de casamento era o último presente que poderia lhes dar – a bênção e suas vidas. *Como a história me julgará por minhas mentiras?*, ele se perguntou. *O que ela pensará do terrisano que interferiu tanto na política, o terrisano que inventou uma mitologia para salvar a vida dos amigos?* As coisas que ele dissera sobre o Poço eram, claro, mentiras. Se houvesse tal poder, ele não tinha ideia de onde estava, nem o que ele faria.

Como a história o julgaria dependeria provavelmente daquilo que Elend e Vin fariam com suas vidas. Sazed poderia apenas torcer para que tivesse feito a coisa certa. Ao vê-los sair, sabendo que seu amor jovial seria poupado, não conseguiu evitar um sorriso por sua decisão.

Com um suspiro, agachou-se e recolheu seus itens médicos; em seguida, retirou-se aos seus aposentos para criar o mapa que prometera para Vin e Elend.

QUINTA PARTE
NEVE E CINZAS

Ele está acostumado a renunciar à sua vontade em prol do bem maior, como ele o vê.

49

— Você é um tolo, Elend Venture — Tindwyl esbravejou, braços cruzados, olhos arregalados de desgosto.

Elend puxou com firmeza a correia de sua sela. Parte do guarda-roupa que Tindwyl fizera para ele incluía um uniforme de cavaleiro preto e cinza, e ele o usava agora, dedos confortáveis dentro das luvas justas de couro, e a capa escura para proteger das cinzas.

— Está me ouvindo? — Tindwyl questionou. — Não pode ir embora. Não agora! Não quando seu povo está correndo tanto perigo!

— Vou protegê-los de outra maneira — ele falou, verificando os cavalos de carga.

Estavam na via coberta da fortaleza, usada para chegadas e partidas. Vin estava sentada em seu próprio cavalo, quase totalmente coberta em sua capa, mãos tensas segurando as rédeas. Tinha pouca experiência em cavalgar, mas Elend recusou-se a permitir que fosse a pé. Com ou sem peltre, as feridas da luta na Assembleia ainda não estavam curadas, sem falar dos ferimentos da noite anterior.

— Outra maneira? — Tindwyl perguntou. — Você deveria ficar com eles. Você é o rei deles!

— Não, eu *não* sou — Elend respondeu, ríspido, virando-se para a terrisana. — Eles me rejeitaram, Tindwyl. Agora eu preciso me preocupar com acontecimentos mais importantes, de larga escala. Eles queriam um rei tradicional? Bem, que fiquem com o meu pai. Quando eu voltar de Terris, talvez eles percebam o que perderam.

Tindwyl balançou a cabeça e avançou, falando em voz baixa.

— Terris, Elend? Você vai para o norte. Por ela. Você sabe por que ela quer ir para lá, não sabe?

Ele fez uma pausa.

— Ah, então você sabe — Tindwyl disse. — O que você acha disso, Elend? Não me diga que acredita nessas ilusões. Ela acha que é a Heroína das Eras. Ela acredita que encontrará alguma coisa lá em cima, nas montanhas… algum poder, ou talvez uma revelação que a transformará numa divindade.

Elend olhou para Vin de soslaio. Ela baixou os olhos, capuz enterrado na cabeça, ainda em silêncio no cavalo.

— Ela está tentando seguir o mestre, Elend — Tindwyl sussurrou. — O Sobrevivente transformou-se num deus para essas pessoas, então ela acha que precisa fazer o mesmo.

Elend virou-se para Tindwyl.

— Se é nisso que ela acredita, então vou apoiá-la.

— Você apoia a loucura? — Tindwyl inquiriu.

— Não fale assim da minha mulher — Elend retorquiu, fazendo com seu tom autoritário que Tindwyl recuasse. Ele saltou para cima da sela. — Confio nela, Tindwyl. Parte de confiar é acreditar.

Tindwyl bufou.

— Não é possível que você acredite que ela é algum tipo de salvadora profetizada, Elend. Eu conheço você, você é um erudito. Pode ter professado lealdade à Igreja do Sobrevivente, mas não acredita no sobrenatural mais do que eu.

— Eu acredito — ele disse com firmeza — que Vin é minha mulher, e que eu a amo. Qualquer coisa importante para ela é importante para mim, e qualquer coisa em que ela acredite tem ao menos o mesmo peso da verdade para mim. Vamos para o norte. Voltaremos assim que liberarmos o poder lá.

— Ótimo — Tindwyl soltou. — Então você será lembrado como um covarde que abandonou seu povo.

— Deixe-nos em paz! — Elend ordenou, erguendo o dedo e apontando na direção da fortaleza.

Tindwyl girou, caminhando a passos largos até a entrada. Quando passou por ela, apontou para a mesa de suprimentos, onde ela havia deixado um pacote do tamanho de um livro enrolado em papel pardo, atado com um cordão grosso.

— Sazed pede que você entregue isto aqui para o Sínodo dos Guardadores. Você o encontrará na cidade de Tathingdwen. Aproveite seu exílio, Elend Venture.

Em seguida, ela saiu.

Elend suspirou, movendo seu cavalo até pareá-lo com o de Vin.

— Obrigada — ela disse, baixinho.

— Por quê?

— Pelo que disse.

— É verdade, Vin — Elend afirmou, estendendo o braço para pousar a mão no ombro dela.

— Talvez Tindwyl esteja certa, sabe — ela falou. — Apesar do que Sazed disse, eu posso estar louca. Lembra quando eu te disse que tinha visto um espírito nas brumas?

Elend assentiu com a cabeça lentamente.

— Bem, eu o vi de novo — Vin garantiu. — É como um fantasma, formado de padrões nas brumas. Vejo-o todo o tempo, me vigiando, me seguindo. E ouço esses ritmos na cabeça, pulsações majestosas, poderosas, como pulsos alomânticos. Só que não preciso mais de bronze para ouvi-los.

Elend apertou de leve o ombro de Vin.

— Eu acredito em você, Vin.

Ela ergueu os olhos, retraída.

— Acredita, Elend? Acredita mesmo?

— Não tenho certeza — ele admitiu. — Mas estou me esforçando muito. De qualquer forma, acho que ir para norte é a coisa certa a se fazer.

Ela meneou a cabeça devagar.

— Isso basta, eu acho.

Ele sorriu, virando-se para a entrada.

— Onde está Fantasma?

Vin ergueu os ombros embaixo da capa.

— Então, acho que Tindwyl não virá conosco.

— Provavelmente, não — Elend falou, sorrindo.

— Como encontraremos o caminho até Terris?

— Não será difícil — Elend falou. — Seguiremos o canal imperial até Tathingdwen. — Ele silenciou, pensando no mapa que Sazed lhes dera. Levava direto para as Montanhas de Terris. Teriam que se abastecer em Tathingdwen, e a neve estaria alta, mas… bem, aquilo era um problema para outro momento.

Vin sorriu, e Elend caminhou para pegar o pacote que Tindwyl deixara. Parecia algum tipo de livro. Momentos depois, Fantasma chegou. Vestia seu uniforme de soldado, e seus alforjes pendiam sobre o ombro. Ele acenou com a cabeça para Elend, entregou para Vin uma bolsa grande, em seguida foi até seu cavalo.

Ele parece nervoso, Elend pensou, enquanto o garoto prendia os alforjes no cavalo.

— O que tem na bolsa? — ele perguntou, virando-se para Vin.

— Pó de peltre — ela respondeu. — Acho que talvez precisemos dele.

— Estamos prontos? — Fantasma perguntou, olhando para eles.

Elend lançou um olhar para Vin, que assentiu.

— Acho que nós…

— Ainda não — uma nova voz disse. — Não estou pronta *mesmo*.

Elend virou-se quando Allrianne correu apressada pela passagem. Trajava um belo vestido de montaria marrom e vermelho, e tinha os cabelos presos para cima sob um véu. *Onde ela conseguiu essa roupa?*, Elend imaginou. Dois serviçais seguiam-na, carregando pacotes.

Allrianne parou, batendo com o dedo sobre os lábios com uma expressão pensativa.

— Acho que precisarei de um cavalo de carga.

— O que está fazendo? — Vin questionou.

— Vou com vocês — Allrianne respondeu. — Brisinha diz que preciso sair da cidade. É um homem muito tolo, às vezes, mas consegue ser bem teimoso. Passou a conversa inteira me *abrandando,* como se eu já não conseguisse reconhecer seu toque!

Allrianne acenou para um dos serviçais, que correu para buscar um estribeiro.

— Vamos cavalgar com muita velocidade — Elend falou. — Não sei se você conseguirá acompanhar.

Allrianne revirou os olhos.

— Cavalguei lá do Domínio Ocidental até aqui! Acho que consigo. Além disso, Vin está ferida, então provavelmente vocês não vão *tão* rápido assim.

— Não queremos que você venha — Vin falou. — Não confiamos em você… e não gostamos de você.

Elend fechou os olhos. *Vin, querida e franca.*

Allrianne apenas gorjeou uma risadinha quando o serviçal voltou com dois cavalos, então ela começou a carregar um.

— Vin, tolinha — ela disse. — Como pode dizer isso depois de tudo que compartilhamos?

— Compartilhamos? — Vin perguntou. — Allrianne, saímos para fazer compras juntas *uma vez*.

— E eu senti que nos demos muito bem — Allrianne disse. — Ora, somos praticamente irmãs!

Vin lançou um olhar furioso para a garota.

— Sim — Allrianne continuou —, e você é, *definitivamente*, a irmã mais velha, a chata. — Ela sorriu com doçura, em seguida saltou com facilidade sobre a sela, sugerindo uma habilidade considerável de montaria. Um dos servos aproximou seu cavalo de carga, em seguida atou as rédeas num lugar atrás da sela de Allrianne. — Agora sim, Elend querido. Estou pronta. Vamos.

Elend olhou para Vin, que balançou a cabeça com um olhar sombrio.

— Podem me deixar para trás se quiserem — Allrianne disse —, mas eu simplesmente vou segui-los e me meter em encrencas, então vocês terão que me salvar. E nem tentem fingir que não salvariam!

Elend suspirou.

— Muito bem — ele disse. — Vamos.

Começaram a viagem lentamente através da cidade, Elend e Vin na frente, Fantasma levando seus cavalos de carga, Allrianne cavalgando ao lado. Elend mantinha a cabeça erguida, mas aquilo apenas permitia que visse os rostos que apareciam nas janelas e portas enquanto passavam. Logo, uma pequena multidão os seguia – e, embora ele não conseguisse ouvir os sussurros, podia imaginar o que estavam dizendo.

O rei. O rei está nos abandonando…

Ele sabia que muitos deles ainda não haviam entendido que Lorde Penrod assumira o trono. Elend desviou o olhar de um beco, onde viu muitos olhos observando-o. Havia um medo assombrado naqueles olhos. Ele esperava ouvir acusações, mas de alguma forma a aceitação melancólica deles era ainda mais desalentadora. Esperavam que ele fugisse. Esperavam ser abandonados. Era um dos poucos ricos e poderosos o bastante para escapar. Claro que ele faria isso.

Ele apertou os olhos, tentando reprimir a culpa. Desejava ter podido sair à noite, esgueirando-se pelo passa-muralha, como a família de Ham havia feito. No entanto, era importante que Straff visse Elend e Vin partindo para que entendesse que poderia tomar a cidade sem violência.

Eu voltarei, Elend prometeu ao povo. *Salvarei vocês. Por ora, é melhor que eu parta.*

As portas largas do Portão de Estanho apareceram diante deles. Elend atiçou seu cavalo para diante, correndo à frente da sua onda silenciosa de seguidores. Os guardas no portão já tinham suas ordens. Elend lhes deu um aceno de cabeça, freando o cavalo, e os homens abriram os portões. Vin e os outros juntaram-se a ele diante do portal que se abria.

— Lady Herdeira — um dos guardas perguntou baixinho. — A senhora está indo também?

Vin olhou para o lado.

— Fique em paz — ela falou. — Não estamos abandonando vocês. Vamos buscar ajuda.

O soldado sorriu.

Como ele pode confiar nela com tanta facilidade?, Elend pensou. *Ou será que a esperança é tudo que lhe restou?*

Vin virou seu cavalo, encarando a multidão, e puxou seu capuz.

— Nós voltaremos — ela prometeu. Não parecia tão nervosa quanto ficou antes, quando lidou com as pessoas que a reverenciavam.

Desde a noite passada, algo mudou nela, Elend pensou.

Como um grupo, os soldados os saudaram. Elend saudou em resposta; em seguida, meneou a cabeça para Vin. Ele liderou, enquanto cavalgavam para fora dos portões, rumando para a estrada norte – um caminho que permitiria que contornassem a oeste do exército de Straff.

Eles não estavam muito longe quando um grupo de cavaleiros os interceptou. Elend reduziu a velocidade do seu animal, lançando um olhar para Fantasma e os cavalos de carga. O que chamou a atenção de Elend, no entanto, foi Allrianne: ela cavalgava com uma destreza espantosa, um olhar de determinação no rosto. Não parecia nem um pouco nervosa.

Ao lado, Vin lançou a capa para trás, mostrando um punhado de moedas. Jogou-as no ar, e elas zuniram para frente numa velocidade que Elend nunca vira, mesmo de outros alomânticos. *Senhor Soberano!*, ele pensou assustado, quando as moedas voaram para longe, desaparecendo mais rápido do que ele pôde acompanhar.

Os soldados caíram, e Elend mal ouviu o tilintar do metal contra metal com o som do vento e das batidas de ferradura. Eles passaram direto pelo centro do grupo caótico de homens, muitos deles caídos, agonizando.

Flechas começaram a cair, mas Vin afastou-as sem mesmo agitar a mão. Abrira o saco de peltre, ele percebera, e estava espargindo o pó para trás enquanto cavalgava, *empurrando* um pouco dele para os lados.

As próximas flechas não terão pontas de metal, Elend pensou com nervosismo. Soldados estavam entrando em formação lá atrás, gritando.

— Eu alcanço vocês — Vin falou, em seguida saltou do cavalo.

— Vin! — Elend berrou, virando sua montaria. Allrianne e Fantasma passaram-no, cavalgando rápido. Vin aterrissou e, incrivelmente, nem mesmo cambaleou quando começou a correr. Tomou um frasco de metal, em seguida olhou para os arqueiros.

As flechas voaram. Elend praguejou, mas botou o cavalo em movimento. Havia pouco que pudesse fazer agora. Cavalgou abaixado, galopando enquanto as flechas caíam ao seu redor. Uma passou a centímetros de sua cabeça, fincando-se na estrada.

E, em seguida, pararam de cair. Ele olhou para trás com dentes cerrados. Vin estava em pé diante de uma nuvem crescente de poeira. *Pó de peltre*, ele pensou. *Ela está* empurrando-o, empurrando *os flocos no chão, erguendo pó e cinza.*

Uma onda imensa de poeira, metal e cinza arrebatou os arqueiros, cobrindo-os. Soprou ao redor dos soldados, fazendo-os gritar e proteger os olhos, e alguns foram ao chão, segurando o rosto.

Vin subiu no cavalo novamente, em seguida galopou para longe da massa ondeante de partículas carregadas pelo vento. Elend reduziu a velocidade para que ela o alcançasse. O exército estava caótico atrás deles, homens dando ordens, pessoas espalhadas.

— Mais rápido! — Vin falou quando se aproximou. — Estamos quase fora do alcance das flechas!

Logo eles se juntaram a Allrianne e Fantasma. *Não estamos fora de perigo, meu pai talvez decida enviar perseguidores.*

Mas os soldados não poderiam ter confundido Vin. Se os instintos de Elend estavam corretos, Straff os deixaria partir. Seu alvo principal era Luthadel. Ele podia ir atrás de Elend mais tarde; por ora, simplesmente ficaria feliz com a partida de Vin.

— Obrigada por sua gentileza em ajudar-nos a escapar — Allrianne disse de repente, observando o exército. — Eu parto agora.

Com isso, ela desviou os dois cavalos, partindo na direção de um grupo de colinas baixas a oeste.

— Quê? — Elend perguntou, surpreso, parando perto de Fantasma.

— Deixe-a — Vin falou. — Não temos tempo.

Bem, isso resolve um problema, Elend pensou, virando seu cavalo para a estrada do norte. *Adeus, Luthadel. Volto para você mais tarde.*

— Bem, isso resolve um problema — Brisa observou, em pé sobre a muralha da cidade, observando o grupo de Elend desaparecer ao redor de uma colina. A leste, uma coluna grande – e ainda inexplicável – de fumaça erguia-se do acampamento koloss. A oeste, o exército de Straff estava agitado, tumultuado com a escapada.

Primeiro, Brisa ficou preocupado com a segurança de Allrianne, mas em seguida percebeu que, independentemente do exército inimigo, não havia lugar mais seguro para ela do que ao lado de Vin. Contanto que Allrianne não se afastasse demais dos outros, estaria segura.

Era um grupo silencioso que estava com ele sobre a muralha e, ao menos dessa vez, Brisa mal tocou suas emoções. Sua seriedade parecia adequada. O jovem capitão Demoux estava ao lado do velho Trevo, e o pacífico Sazed estava com Ham, o guerreiro. Juntos, observaram a semente de esperança que haviam lançado aos ventos.

— Espere — Brisa falou, franzindo a testa quando se deu conta. — Tindwyl não deveria estar com eles?

Sazed sacudiu a cabeça.

— Ela decidiu ficar.

— Por que fez isso? — Brisa perguntou. — Eu não a ouvi tagarelar sobre não interferir em disputas locais?

Sazed balançou a cabeça de novo.

— Não sei, Lorde Brisa. Ela é uma mulher difícil de entender.

— Todas são — Trevo murmurou.

Sazed sorriu.

— De qualquer forma, parece que nossos amigos escaparam.

— Que o Sobrevivente os proteja — Demoux disse, baixinho.

— Sim — Sazed falou. — Que os proteja mesmo.

Trevo bufou. Com um braço sobre as ameias, ele se virou para encarar Sazed com o rosto contorcido.

— Não o incentive.

Demoux enrubesceu e virou-se para se afastar.

— O que foi? — Brisa perguntou, curioso.

— O garoto estava pregando para os meus soldados — Trevo comentou. — Disse a ele que não queria essa bobagem confundindo a cabeça deles.

— Não é bobagem, Lorde Cladent — Sazed retrucou —, é fé.

— Acha mesmo — Trevo questionou — que *Kelsier* vai proteger este povo?

Sazed titubeou.

— Eles acreditam nisso, e é isso…

— Não — Trevo interrompeu, fechando a cara. — Não é o bastante, terrisano. Essas pessoas se enganam ao acreditar no Sobrevivente.

— Você acreditou nele — Sazed falou. Brisa ficou tentado a *abrandá-lo*, deixar a discussão menos tensa, mas Sazed já parecia totalmente calmo. —

Você o seguiu. Acreditou no Sobrevivente o bastante para derrubar o Império Final.

Trevo fez uma careta.

— Não gosto dos seus princípios, terrisano… nunca gostei. Nossa gangue, a gangue de Kelsier, lutou para libertar o povo porque era o *correto*.

— Porque você acreditava que era o correto — Sazed confirmou.

— E o que você acredita ser correto, terrisano?

— Depende — Sazed disse. — Há muitos sistemas diferentes, com muitos valores diferentes.

Trevo meneou a cabeça, em seguida se virou, como se a discussão estivesse acabada.

— Espere aí, Trevo — Ham falou. — Não vai responder a isso?

— Ele já falou o bastante — Trevo falou. — A crença dele depende da situação. Para ele, até mesmo o Senhor Soberano era uma divindade porque as pessoas o veneravam… ou eram forçadas a venerá-lo. Certo, terrisano?

— De certa forma, Lorde Cladent — Sazed respondeu. — Embora o Senhor Soberano talvez fosse uma espécie de exceção.

— Mas você ainda mantém registros e memórias das práticas do Ministério do Aço, não é? — Ham perguntou.

— Sim — Sazed admitiu.

— Depende da situação — Trevo disse, cuspindo. — Ao menos aquele tolo do Demoux teve a decência de escolher *uma* coisa para acreditar.

— Não ridicularize a fé de alguém apenas porque não partilha dela, Lorde Cladent — Sazed retorquiu em voz baixa.

Trevo bufou de novo.

— É tudo muito fácil para você, não é? — ele perguntou. — Acredita em tudo, não precisa escolher?

— Eu diria — Sazed retrucou — que é mais difícil acreditar como eu acredito, pois deve-se aprender a ser inclusivo e tolerante.

Trevo acenou a mão com indiferença, virando-se para claudicar na direção da escada.

— Fique à vontade. Tenho que preparar meus garotos para a morte.

Sazed observou-o partir, franzindo o cenho. Brisa lhe aplicou um *abrandamento*, arrancando sua inibição, para garantir.

— Não ligue para ele, Saze — Ham falou. — Todos estamos um pouco à flor da pele nos últimos tempos.

Sazed assentiu.

— Ainda assim, ele fez boas observações, algumas que nunca precisei enfrentar antes. Até este ano, minha obrigação era coletar, estudar e relembrar. Ainda é muito difícil para mim colocar o valor de uma crença acima de outra, mesmo que essa crença seja baseada em um homem que eu sei ter sido totalmente mortal.

Ham ergueu os ombros.

— Quem sabe? Talvez Kell *esteja* lá fora em algum lugar, nos observando.

Não, Brisa pensou. *Se ele estivesse, não estaríamos nesta situação, esperando a morte, trancados numa cidade que deveríamos ter salvado.*

— De qualquer forma — Ham falou —, eu ainda quero saber de onde aquela fumaça está vindo.

Brisa olhou para o acampamento koloss. A coluna escura era centralizada demais para vir de fogueiras.

— As tendas?

Ham balançou a cabeça.

— El disse que havia apenas algumas tendas, poucas demais para fazer tanta fumaça. Esse fogo está queimando há algum tempo.

Brisa balançou a cabeça. *Acho que, neste momento, não importa mesmo.*

Straff Venture tossiu de novo, encolhendo-se na poltrona. Seus braços estavam melados de suor, e as mãos tremiam.

Ele não estava melhorando.

Primeiro, pensou que os calafrios fossem um efeito colateral do nervosismo. Tivera uma noite difícil, mandando assassinos atrás de Zane, em seguida, de alguma forma, escapando da morte pelas mãos do Nascido das Brumas insano. Ainda assim, durante a noite, os tremores de Straff não haviam melhorado. Pioraram. Não eram apenas nervosismo; devia estar com alguma doença.

— Vossa Majestade! — uma voz gritou lá de fora.

Straff empertigou-se, tentando parecer o mais apresentável possível. Mesmo assim, o mensageiro parou quando entrou na tenda, aparentemente notando a pele descorada e os olhos cansados do homem.

— Mi… lorde — o mensageiro disse.

— Fale, homem — Straff ordenou, tentando projetar a realeza que não sentia. — Desembuche.

— Cavaleiros, milorde — o homem contou. — Estão deixando a cidade!

— *O quê*? — Straff perguntou, jogando o cobertor longe e se erguendo. Conseguiu ficar em pé apesar da tontura. — Por que não fui informado?

— Passaram rapidamente, milorde — o mensageiro comentou. — Mal tivemos tempos de enviar um grupo de interceptação.

— Pegaram-nos, suponho — Straff disse, equilibrando-se na poltrona.

— Na verdade, eles escaparam, milorde — o mensageiro revelou, lentamente.

— *Como?* — Straff disse, girando de ódio. O movimento foi demais. A tontura voltou, a escuridão fechando o campo de visão. Ele cambaleou, agarrando-se à poltrona, conseguindo despencar nela, e não no chão.

— Busque a curandeira! — ele ouviu o mensageiro gritar. — O rei está passando mal!

Não, Straff pensou, grogue. *Não, foi rápido demais. Não pode ser uma doença.*

As últimas palavras de Zane. Quais foram? *Um homem não pode matar seu pai…*

Mentiroso.

— Amaranta — Straff resmungou.

— Milorde? — uma voz perguntou. Bom. Alguém estava com ele.

— Amaranta — ele disse, de novo. — Busque-a.

— Sua concubina, milorde?

Straff forçou-se a permanecer consciente. Quando se sentou, a visão e o equilíbrio voltaram um pouco. Um dos guardas da porta estava ao seu lado. Qual era o nome do homem? Grent.

— Grent — Straff disse, tentando soar autoritário. — Você precisa trazer Amaranta até mim. Agora!

O soldado hesitou, em seguida correu para fora da tenda. Straff concentrou-se na respiração. Inspira, expira. Zane era uma cobra. Inspira, expira. Zane não queria usar a faca, não, aquilo era esperado. Inspira, expira. Mas quando o veneno tinha sido administrado? Straff se sentira adoentado durante todo o dia anterior.

— Milorde?

Amaranta estava na porta. Fora bela no passado, antes que a idade lhe atingisse – como atingia a todas. O parto destruía uma mulher. Tão suculenta era ela, com seios firmes e pele macia, impecável…

Sua mente está divagando, Straff disse a si mesmo. Concentração.

— Preciso de um… antídoto — Straff falou com esforço, concentrando-se na Amaranta atual: a mulher com quase trinta anos, a coisa velha, ainda que útil, que o mantinha vivo frente aos venenos de Zane.

— Claro, milorde — Amaranta disse, caminhando até o gabinete de venenos, tirando os ingredientes necessários.

Straff recostou-se, concentrado na respiração. Amaranta deve ter sentido sua urgência, pois nem mesmo tentara levá-lo para a cama. Ele observou seu trabalho, como tirava o fogareiro e os ingredientes. Ele precisava… encontrar… Zane…

Ela não estava fazendo do jeito certo.

Straff queimou estanho. Uma explosão repentina de sensibilidade quase o cegou, mesmo à sombra de sua tenda, e suas dores e tremores ficaram agudos e excruciantes. Mas sua mente ficou clara, como se de repente se banhasse em água gelada.

Amaranta estava preparando os ingredientes errados. Straff não sabia muito sobre como se faziam antídotos. Foi forçado a delegar essa tarefa, em vez disso concentrando seus esforços em aprender a reconhecer os detalhes – os aromas, os gostos, as descolorações – dos venenos. Ainda assim, ele havia observado Amaranta preparar seu antídoto geral em várias ocasiões. E ela estava fazendo diferente desta vez.

Ele se esforçou para sair da poltrona, mantendo o estanho avivado, embora aquilo lhe trouxesse lágrimas aos olhos.

— O que está fazendo? — ele questionou, caminhando com passos incertos até ela.

Amaranta ergueu os olhos, chocada. A culpa que faiscou em seus olhos era confirmação suficiente.

— O que está fazendo? — Straff urrou, o medo lhe dando forças quando a agarrou pelos ombros e chacoalhou. Ele estava enfraquecido, mas ainda era muito mais forte que ela.

A mulher baixou os olhos.

— Seu antídoto, milorde…

— Está fazendo errado! — Straff falou.

— Pensei que o senhor parecia fatigado, então acrescentei algo para ajudá-lo a ficar acordado.

Straff hesitou. As palavras pareciam lógicas, embora ele estivesse com problemas para pensar. Em seguida, encarando a mulher envergonhada, percebeu algo. Com olhos aguçados além do detalhe natural, ele percebeu um leve vislumbre de um pedaço descoberto de pele embaixo do corpete.

Ele esticou o braço e rasgou a lateral do vestido, expondo a pele. Seu seio esquerdo – nojento para ele, pois descaíra um pouco – estava arranhado e

cortado, como se por uma faca. Nenhuma das cicatrizes eram novas, mas mesmo em seu estado confuso, Straff reconheceu a mão de Zane.

— Você é amante dele? — Straff quis saber.

— É culpa sua — Amaranta chiou. — Você me abandonou assim que eu envelheci e te dei alguns filhos. Todos me disseram que faria isso, mas, ainda assim, eu esperei…

Straff sentia-se cada vez mais fraco. Tonto, ele descansou a mão no gabinete de venenos.

— Ainda assim — Amaranta falou com lágrimas escorrendo. — Por que você tinha que tirar Zane de mim também? O que você fez para mandá-lo embora? Para fazê-lo parar de vir até mim?

— Você deixou que ele me envenenasse — Straff falou, caindo de joelhos.

— Tolo — Amaranta disse, cuspindo. — Ele nunca envenenou você, nem uma única vez. Mas, ao meu pedido, ele deixava você pensar que tinha feito isso. E, então, a cada vez, você corria para mim. Você suspeitava de tudo que Zane fazia… e, mesmo assim, nunca parou uma vez para pensar o que havia no "antídoto" que eu lhe dava.

— Me fazia melhorar — Straff murmurou.

— Isso é o que acontece quando você se vicia numa droga, Straff — Amaranta sussurrou. — Quando você toma, se sente melhor. Quando você não toma… morre.

Straff fechou os olhos.

— Você é meu agora, Straff — ela falou. — Posso fazer você…

Straff urrou, reunindo as forças que restavam e lançando-se para cima da mulher. Ela gritou, surpresa, quando ele a derrubou, forçando-a para o chão.

Em seguida, não disse nada, pois as mãos de Straff esmagaram sua traqueia. Ela lutou um pouco, mas Straff pesava muito mais que ela. Ele pretendia exigir o antídoto, forçá-la a salvá-lo, mas sua mente era o caos. Sua visão começou a se embaralhar, sua mente escurecer.

Quando recobrou os sentidos, Amaranta estava azulada e morta no chão diante dele. Não tinha certeza de quanto tempo ficara estrangulando o cadáver. Rolou para o lado dela, na direção do gabinete aberto. De joelhos, pegou o fogareiro, mas suas mãos trêmulas o derrubaram de lado, espalhando o líquido quente no chão.

Praguejando, ele agarrou um jarro de água fria e começou a jogar punhados de ervas nele. Ficou longe das gavetas que tinham venenos, atendo-se àquelas que mantinham antídotos. Ainda assim, havia muitas ervas que serviam como

os dois. Algumas coisas eram venenosas em grandes doses, mas podiam curar em quantidades menores. A maioria era viciante. Não tinha tempo de se preocupar com aquilo; conseguia sentir a fraqueza nos membros, e mal podia pegar punhados de ervas. Pedaços de marrom e vermelho tremiam dos seus dedos quando ele jogava punhado após punhado na mistura.

Uma dessas era a erva na qual ela o viciara. Qualquer uma das outras coisas poderia matá-lo. Não sabia nem quais eram as probabilidades.

Bebeu a mistura mesmo assim, engolindo-a de uma vez entre engasgos para tomar ar, então deixou-se cair, inconsciente.

Não tenho dúvida de que, se Alendi chegar ao Poço da Ascensão, ele tomará o poder e, em seguida – em nome do suposto bem maior –, renunciará a ele.

50

— São esses os camaradas que a senhora quer, Lady Cett?

Allrianne examinou o vale – e o exército que ele continha –, em seguida baixou os olhos para Hobart, o bandoleiro. Ele sorria ansioso, ou, bem, ele *meio* que sorria. Hobart tinha menos dentes que dedos, e destes também lhe faltavam alguns.

Allrianne sorriu de volta sobre o cavalo. Sentou-se de lado na sela, com as rédeas levemente presas entre os dedos.

— Sim, acredito que sejam eles, mestre Hobart.

Hobart olhou para seu bando de brutamontes lá atrás, sorrindo. Allrianne *tumultuou-os* levemente, lembrando-os o quanto queriam a recompensa prometida. O exército do seu pai estendia-se diante deles à distância. Ela vagou por um dia inteiro, viajando para o oeste, procurando por ele. Mas estivera seguindo na direção errada. Se não tivesse trombado com a pequena e útil gangue de Hobart, teria sido forçada a dormir ao relento.

E aquilo teria sido bem desagradável.

— Venha, mestre Hobart — ela disse, avançando com o cavalo. — Vamos lá encontrar o meu pai.

O grupo seguiu alegremente, com um deles conduzindo o cavalo de carga. Havia um certo charme nos homens simples, como na gangue de Hobart. Eles realmente queriam apenas três coisas: dinheiro, comida e sexo. E podiam em geral usar o primeiro para conseguir os outros dois. Quando ela encontrou esse grupo, abençoou sua sorte – apesar do fato de eles terem descido a encosta da colina em emboscada, com a intenção de roubá-la e violentá-la. Outro charme de homens como esses era que tinham pouquíssima experiência com Alomancia.

Ela manteve controle sobre suas emoções quando eles cavalgaram na direção do acampamento. Ela não queria que chegassem a quaisquer conclusões

decepcionantes – como “Resgates em geral são maiores que recompensas”. Ela não conseguia controlá-los por completo, claro, podia apenas influenciá-los. No entanto, com homens tão rasteiros, era razoavelmente fácil ler o que se passava em sua cabeça. Era divertido como uma pequena promessa de riqueza podia transformar rapidamente brutos em quase cavalheiros.

Claro, não havia muito desafio em lidar com homens como Hobart. Não… nenhum desafio, como teria sido com Brisinha. Agora, *aquilo* foi divertido. E recompensador, também. Ela duvidava que alguma vez encontraria um homem tão cioso de suas emoções, e tão consciente das emoções alheias, como Brisinha. Convencer um homem como ele – um homem tão experiente em Alomancia, tão decidido que sua idade o tornava inadequado para ela – a amá-la… bem, aquilo era uma verdadeira conquista.

Ah, Brisinha, ela pensou enquanto saíam da floresta e entravam na encosta diante do exército. *Será que algum dos seus amigos entende que homem nobre você é?*

Eles realmente não o tratavam bem o bastante. Claro, aquilo era esperado. Era o que Brisinha queria. As pessoas que o subestimavam eram as mais fáceis de manipular. Sim, Allrianne entendia esse conceito muito bem – pois havia poucas coisas mais rapidamente descartadas que uma garota jovem e tola.

— Parados! — um soldado disse, cavalgando com um guarda de honra. Estavam com as espadas sacadas. — Fiquem longe dela!

Ai, francamente, Allrianne pensou, revirando os olhos. Ela *tumultuou* o grupo de soldados, aumentando sua calma. Não queria nenhum acidente.

— Por favor, capitão — ela disse quando Hobart e sua gangue puxaram as armas, juntando-se a ela, incertos. — Esses homens me resgataram na natureza selvagem e me trouxeram em segurança para casa, com muito custo e risco pessoais.

Hobart meneou a cabeça com firmeza, um sentimento apenas um pouco reduzido quando ele limpou o nariz na manga. O capitão olhou para o grupo de bandoleiros com trajes manchados de cinzas e retalhados, então franziu o cenho.

— Providencie que esse homens tenham uma boa refeição, capitão — ela disse com leveza, avançando com o cavalo. — E dê a eles um lugar para pernoitar. Hobart, enviarei sua recompensa assim que encontrar meu pai.

Bandoleiros e soldados moveram-se atrás dela, e Allrianne *tumultuou-os* para garantir, aumentando sua sensação de confiança. Foi difícil com os soldados, especialmente quando o vento mudou, soprando todo o fedor da gangue

bandoleira sobre eles. Ainda assim, todos chegaram ao acampamento sem incidentes.

Os grupos dividiram-se, Allrianne entregou os cavalos a um ajudante e chamou um pajem para avisar seu pai que ela havia voltado. Ela limpou seu vestido de montaria, em seguida caminhou a passos largos pelo acampamento, sorrindo amigavelmente e procurando uma banheira e outros confortos – os que haviam – que o exército poderia oferecer. No entanto, primeiro havia coisas que ela precisava resolver.

Seu pai gostava de passar as noites em seu pavilhão de planejamento com abertura lateral, e naquele momento estava sentado lá, discutindo com um mensageiro. Olhou quando Allrianne assobiou para entrar no pavilhão, sorrindo docemente para Lordes Galivan e Detor, os generais de seu pai.

Cett estava sentado numa cadeira de pernas altas para que pudesse ter uma boa visão da mesa e dos mapas.

— Bem, que inferno — ele disse. — Você voltou *mesmo*.

Allrianne sorriu, rodeando a mesa de planejamento, olhando o mapa. Detalhava as linhas de suprimento até o Domínio Oriental. O que ela viu não era nada bom.

— Rebeliões em casa, pai? — ela questionou.

— E rufiões atacando minhas carroças de suprimento — Cett falou. — O garoto Venture os subornou, aposto.

— Sim, é verdade — Allrianne disse. — Mas isso não importa agora. Sentiu minha falta? — Ela deu um *puxão* forte para garantir seu senso de devoção.

Cett bufou, puxando a barba.

— Garota tola — ele falou. — Devia ter te deixado em casa.

— Para que eu pudesse cair nas mãos dos seus inimigos quando eles levantassem a rebelião? — ela perguntou. — Nós dois sabemos que Lorde Yomen se mexeria no momento em que você arrastasse seus exércitos para fora do domínio.

— E eu deveria ter deixado aquele maldito obrigador te levar!

Allrianne ofegou.

— Pai! Yomen teria me feito de refém. Você sabe como fico terrivelmente fraca quando fico trancafiada.

Cett olhou para ela, e então – aparentemente sem querer – começou a rir.

— Você o faria servir comidas refinadas antes que o dia acabasse. Talvez eu *devesse* ter te deixado para trás. Assim, no mínimo, eu saberia onde você estava, em vez de me preocupar para onde você fugiu. Não trouxe aquele Brisa

idiota com você, trouxe?

— Pai! — Allrianne soltou. — Brisinha é um bom homem.

— Bons homens morrem rápido neste mundo, Allrianne — Cett comentou. — Eu sei… matei um bom número deles.

— Ah, sim — Allrianne disse —, você é muito sábio. E tomar uma posição agressiva contra Luthadel teve um resultado *muito* positivo, não teve? Enxotado com o rabo entre as pernas? Estaria morto agora, se a querida Vin tivesse tão pouca consciência como você.

— Essa "consciência" não impediu que ela matasse uns trezentos dos meus homens — Cett disse.

— Ela é uma jovem lady muito confusa — Allrianne disse. — De qualquer forma, eu me sinto obrigada a lembrá-lo que eu tinha razão. Deveria ter feito uma aliança com o garoto Venture, em vez de ameaçá-lo. Isso significa que você me deve cinco novos vestidos!

Cett coçou a testa.

— Isso não é um maldito jogo, garota.

— Moda, pai, não é um *jogo* — Allrianne disse com firmeza. — Não posso encantar tropas de bandoleiros a me trazer em segurança para casa se estiver parecendo uma ratazana de rua, posso?

— Mais bandoleiros, Allrianne? — Cett perguntou com um suspiro. — Você sabe quanto tempo nos custou para nos livrarmos do último grupo?

— Hobart é um homem maravilhoso — Allrianne disse, irritada. — Sem mencionar que é bem-relacionado com a comunidade bandida local. Dê a ele um pouco de dinheiro e algumas prostitutas, e talvez possa falar com ele para ajudá-lo com aqueles bandidos que estão atacando seus canais de suprimento.

Cett fez uma pausa, olhando para o mapa. Em seguida, começou a coçar a barba, pensativo.

— Bem, você está de volta — ele disse, por fim. — Acho que teremos que cuidar de você. Suponho que deseja alguém para carregar uma liteira para você enquanto seguimos para casa…

— Na verdade — Allrianne disse —, não vamos voltar ao domínio. Vamos voltar para Luthadel.

Cett não ignorou de pronto o comentário; em geral conseguia saber quando ela falava sério. Em vez disso, simplesmente balançou a cabeça.

— Luthadel não tem nada para nós, Allrianne.

— Também não podemos voltar ao domínio — Allrianne retrucou. — Nossos inimigos são muito fortes, e alguns deles têm alomânticos. É por isso

que tivemos que vir para cá, em primeiro lugar. Não podemos sair da área até termos dinheiro ou aliados.

— Não há dinheiro em Luthadel — Cett falou. — Acredito em Venture quando ele diz que o atium não está lá.

— Concordo — Allrianne falou. — Revistei bem o palácio, nunca encontrei um pedacinho do material. Isso significa que precisamos sair daqui com amigos, em vez de dinheiro. Volte lá, espere uma batalha começar, em seguida ajude qualquer lado que pareça estar ganhando. Eles se sentirão em dívida conosco, podem até mesmo deixar que vivamos.

Cett ficou em silêncio por um instante.

— Isso não vai ajudar a salvar seu amigo Brisa, Allrianne. A facção dele é, de longe, a mais fraca, e mesmo junto com o garoto Venture duvido que poderíamos bater Straff ou aqueles koloss. Não sem acesso às muralhas da cidade e muito tempo para se preparar. Se voltarmos, será para ajudar os inimigos do seu Brisa.

Allrianne ergueu os ombros.

Você não poderá ajudá-lo se não estiver lá, pai, ela pensou. *Eles vão perder de qualquer forma, mas, se você* estiver *na área, então haverá uma chance de você acabar ajudando Luthadel.*

Uma chance muito pequena, Brisa. É o melhor que posso lhe dar. Perdoe-me.

Elend Venture acordou no terceiro dia fora de Luthadel, surpreso por se sentir tão repousado depois de uma noite passada numa tenda ao léu. Claro, parte disso podia ser creditado à sua companhia.

Vin estava deitada encolhida ao lado dele no saco de dormir, com a cabeça descansando sobre seu peito. Ele esperava que ela tivesse o sono leve, considerando como era tensa, mas pareceu se sentir confortável dormindo ao lado dele. Ela pareceu até mesmo um pouco menos ansiosa quando ele a envolveu com os braços.

Ele olhou para ela com ternura, admirando o formato do rosto, a leve ondulação dos cabelos pretos. O corte no rosto era quase invisível agora, e ela já havia tirado os pontos. Um queimar lento e constante de peltre dava ao corpo força notável para recuperação. Ela nem mesmo protegia mais o braço direito – apesar do corte no ombro – e sua fraqueza da luta parecia totalmente passada.

Ela ainda não lhe dera muitas explicações sobre aquela noite. Havia lutado com Zane – que aparentemente era meio-irmão de Elend – e TenSoon, o

kandra, partira. Ainda assim, nenhuma dessas coisas parecia poder ter causado a angústia que ele sentia nela quando ela ia até os aposentos de Elend.

Ele não sabia se algum dia conseguiria as respostas que desejava. Mesmo assim, estava começando a perceber que poderia amá-la, ainda que não a entendesse totalmente. Ele se curvou e beijou o alto da cabeça de Vin.

De imediato, ela ficou tensa e abriu os olhos. Sentou-se, expondo o torso nu, em seguida olhou ao redor na pequena tenda. Era pouco iluminada com a luz da manhã. Finalmente, ela sacudiu a cabeça, olhando para ele.

— Você é uma má influência para mim.

— Hein? — ele perguntou, sorrindo enquanto se apoiava em um braço.

Vin assentiu, correndo as mãos pelos cabelos.

— Está me deixando acostumada a dormir à noite — ela disse. — Além disso, não durmo mais vestida.

— Se dormisse, as coisas ficariam um pouco complicadas.

— Sim — ela falou —, mas e se formos atacados durante a noite? Vou ter que lutar nua com eles.

— Eu não me importaria em assistir.

Ela lançou um olhar sério para ele, em seguida pegou uma camisa.

— Você também está sendo má influência para mim, sabe — ele falou, enquanto observava Vin se vestir.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Está me fazendo relaxar — ele disse. — E parar de me preocupar. Estive tão envolvido com as coisas na cidade nos últimos tempos que havia esquecido como era ser um eremita indelicado. Infelizmente, durante a nossa viagem, eu tive tempo de ler não apenas um, mas todos os *três* volumes de *Artes da erudição*, de Troubeld.

Vin bufou, ajoelhando-se na tenda baixa enquanto prendia o cinto; em seguida, engatinhou até ele.

— Não sei como consegue ler enquanto cavalga — ela disse.

— Ah, é muito fácil, se você não tem medo de cavalos.

— Não tenho medo deles — Vin respondeu. — Só que eles não gostam de mim. Sabem que eu posso deixá-los para trás na corrida, e isso os deixa mal-humorados.

— Ah, então é isso? — Elend perguntou, sorrindo e puxando-a para que se ajoelhasse sobre ele.

Ela assentiu, em seguida inclinou-se para beijá-lo. Porém, terminou depois de um instante, levantando-se. Ela deu um tapa na mão dele quando Elend

tentou puxá-la de volta.

— Depois de todo o esforço para me vestir? — ela perguntou. — Além disso, estou faminta.

Ele suspirou, recostando-se enquanto ela saía da tenda para a luz vermelha do sol matutino. Ficou deitado por um momento, relembrando em silêncio para si mesmo sua sorte. Ainda não tinha certeza de como seu relacionamento havia se resolvido, ou mesmo por que ele o fazia tão feliz, mas estava mais do que disposto a aproveitar a experiência.

Por fim, ele olhou para suas roupas. Havia trazido apenas um dos belos uniformes – bem como o uniforme de montaria – e não queria vestir nenhum deles com tanta frequência. Não tinha mais serviçais para limpar as cinzas de seus trajes; de fato, apesar da porta dupla da tenda, um pouco de cinza havia conseguido entrar durante a noite. Agora que estavam fora da cidade, não havia trabalhadores para varrer as cinzas, e elas estavam impregnando tudo.

Então, ele se vestiu com um traje muito mais simples: calças de montaria parecidas com as que Vin vestia, com uma camisa cinza de botões e um casaco escuro. Nunca fora forçado a cavalgar longas distâncias antes – em geral, preferia carruagens –, mas Vin e ele estavam fazendo uma viagem relativamente lenta. Não tinham uma urgência real. Os batedores de Straff não os seguiram por muito tempo, e ninguém os esperava no seu destino. Tinham tempo de cavalgar com calma, fazendo paradas, às vezes caminhando para não ficarem muito doloridos de tanto montar.

Lá fora, ele encontrou Vin atiçando a fogueira matinal e Fantasma cuidando dos cavalos. O jovem já tinha feito algumas viagens longas, e sabia como cuidar dos animais – algo que Elend ficou envergonhado por nunca ter aprendido.

Elend juntou-se a Vin no fogareiro. Ficaram sentados por alguns momentos, enquanto Vin cutucava o carvão. Ela parecia pensativa.

— O que foi? — Elend perguntou.

Ela olhou para o sul.

— Eu… — Então, balançou a cabeça. — Não é nada. Vamos precisar de mais madeira.

Ela desviou o olhar para o lado, na direção onde um machado ficava ao lado da tenda. A arma ergueu-se no ar, disparando na direção dela com a lâmina adiante. Ela deu um passo para o lado, agarrando o cabo quando ele passou entre ela e Elend. Em seguida, caminhou até uma árvore caída. Deu dois golpes nela, depois com um chute facilmente quebrou-a em duas.

— Ela tem um jeito de fazer o restante de nós se sentir um pouco supérfluo, não é? — Fantasma falou, aproximando-se de Elend.

— Às vezes — Elend disse com um sorriso.

Fantasma sacudiu a cabeça.

— O que eu vejo ou ouço, ela consegue sentir melhor, e consegue lutar com o que ela encontrar. Toda vez que volto a Luthadel, simplesmente me sinto… inútil.

— Imagine ser uma pessoa normal — Elend falou. — Ao menos você é alomântico.

— Talvez — Fantasma disse, ouvindo o som de Vin cortando a madeira vindo da lateral. — Mas as pessoas te respeitam, El. Elas simplesmente não me levam a sério.

— Eu te levo a sério, Fantasma.

— É mesmo? — o jovem perguntou. — Quando foi a última vez que fiz qualquer coisa importante para a equipe?

— Três dias atrás — Elend disse. — Quando concordou em vir comigo e com Vin. Você não está aqui apenas para cuidar de cavalos, Fantasma. Está aqui por suas capacidades de espião e Olho de Estanho. Você ainda acha que estamos sendo seguidos?

Fantasma fez uma pausa, então ergueu os ombros.

— Não consigo ter certeza. Acho que os batedores de Straff deram meia-volta, mas eu continuo vendo alguém lá atrás. Mas nunca consigo uma boa visão.

— É o espectro das brumas — Vin falou, aproximando-se e jogando uma braçada de madeira ao lado do fogareiro. — Está nos perseguindo.

Fantasma e Elend trocaram olhares. Em seguida, Elend assentiu, recusando-se a se deixar influenciar pelo olhar desconfortável de Fantasma.

— Bem, desde que ele fique fora do nosso caminho, não é um problema, certo?

Vin deu de ombros.

— Espero que não. Mas se o vir, me chame. Os registros dizem que pode ser perigoso.

— Tudo bem — Elend falou. — Faremos isso. Agora, vamos decidir o que comer no café da manhã.

Straff acordou. Aquela foi sua primeira surpresa.

Estava deitado na cama, dentro da tenda, sentindo-se como se alguém o

tivesse erguido e jogado contra a parede algumas vezes. Ele grunhiu, sentando-se. Seu corpo não tinha escoriações, mas doía, e sua cabeça latejava. Um dos curandeiros do exército, um jovem com barba cheia e olhos esbugalhados, estava sentado na sua cama. O homem observou Straff por um momento.

— O senhor, milorde, deveria estar morto — o jovem falou.

— Pois não estou — Straff falou, sentando-se. — Dê-me um pouco de estanho.

Um soldado aproximou-se com um frasco do metal. Straff engoliu seu conteúdo, em seguida fez uma careta, pois sua garganta estava muito seca e dolorida. Queimou estanho apenas levemente; aquilo fazia os ferimentos parecerem piores, mas dependia daquela pequena vantagem que os sentidos aguçados lhe davam.

— Quanto tempo? — ele perguntou.

— Boa parte de três dias, milorde — o curandeiro disse. — Não… não sabíamos ao certo o que o senhor havia comido, ou por quê. Pensamos em tentar fazê-lo vomitar, mas parecia que havia tomado a mistura por livre e espontânea vontade, então…

— Fizeram bem — Straff comentou, estendendo o braço diante de si. Ainda tremia um pouco, e ele não conseguia fazer parar. — Quem está à frente do exército?

— General Janarle — o curandeiro respondeu.

Straff assentiu com a cabeça.

— Por que ele não mandou me matar?

O curandeiro piscou, surpreso, olhando para os soldados.

— Milorde — Grent, o soldado, começou —, quem ousaria traí-lo? Qualquer homem que tentasse terminaria morto na sua tenda. General Janarle era o *mais* preocupado com sua segurança.

Claro, Straff percebeu, chocado. *Eles não sabem que Zane partiu. Ora… se eu morresse, todos presumiriam que Zane assumiria o controle ou se vingaria daqueles que pensassem serem os responsáveis.* Straff gargalhou, deixando a todos que o observavam perplexos. Zane tentara matá-lo, mas por acidente havia salvado sua vida com a pura força da reputação.

Eu te venci, Straff percebeu. *Você se foi, e eu estou vivo*. Claro que aquilo não significava que Zane não voltaria, por outro lado, talvez ele não pudesse. Talvez… apenas talvez… Straff houvesse se livrado dele para sempre.

— A Nascida das Brumas de Elend — Straff falou de repente.

— Nós a seguimos por um tempo, milorde — Grent falou. — Mas eles se

afastaram demais do exército, e Lorde Janarle ordenou que os batedores voltassem. Parece que está seguindo na direção de Terris.

Ele franziu a testa.

— Quem mais estava com ela?

— Achamos que seu filho Elend fugiu também — o soldado disse. — Mas poderia se tratar de uma armadilha.

Zane conseguiu, Straff pensou, pasmado. *Ele se livrou mesmo dela.*

A menos que seja algum tipo de truque. Por outro lado…

— O exército koloss? — Straff perguntou.

— Houve muitas batalhas em suas fileiras nos últimos tempos, senhor — Grend falou. — As feras parecem mais inquietas.

— Ordene que nosso exército levante acampamento — Straff falou. — Imediatamente. Voltaremos ao Domínio do Norte.

— Milorde? — Grent perguntou, assustado. — Acho que Lorde Janarle está planejando um ataque, esperando apenas sua ordem. A cidade está fraca, e a Nascida das Brumas deles se foi.

— Vamos bater em retirada — Straff disse, sorrindo. — Por ora, ao menos.

Vamos ver se esse seu plano funciona, Zane.

Sazed estava sentado numa pequena alcova da cozinha, com as mãos sobre a mesa diante dele, um anel metálico brilhando em cada dedo. Eram pequenos para mentes de metais, mas armazenar atributos feruquêmicos levava tempo. Levaria semanas para preencher um anel de metal – e ele mal dispunha de dias. De fato, Sazed estava surpreso que os koloss tivessem esperado tanto tempo.

Três dias. Não era muito, mas ele suspeitava que precisaria de qualquer vantagem imaginável para o conflito vindouro. Até então, ele fora capaz de armazenar uma pequena quantidade de cada atributo. O bastante para dar força numa emergência, quando as outras mentes de metal se esgotassem.

Trevo entrou na cozinha com seu caminhar claudicante. Ele parecia um borrão para Sazed. Mesmo usando seus óculos – para ajudar a compensar a visão que estava armazenando em uma mente de estanho – era difícil para ele enxergar.

— É isso — Trevo falou, sua voz abafada. Outra mente de metal estava tomando a audição de Sazed. — Eles finalmente partiram.

Sazed fez uma pausa por um momento, tentando decifrar o comentário. Seus pensamentos moviam-se como se estivessem numa sopa grossa, túrgida, e levou um momento para entender o que Trevo dizia.

Eles se foram. As tropas de Straff. Eles bateram em retirada. Ele tossiu baixo antes de responder.

— Ele respondeu a alguma das mensagens de Lorde Penrod?

— Não — Trevo respondeu. — Mas executou o último mensageiro.

Bem, isso não é um bom sinal, Sazed pensou, lentamente. Claro, não houve muitos bons sinais nos últimos dias. A cidade estava à beira da fome, e seu breve alívio do frio havia acabado. Nevaria naquela noite, se Sazed pressentia corretamente. Aquilo trazia um sentimento de culpa por ele estar sentado na alcova da cozinha, ao lado de uma estufa quente, tomando um caldo enquanto as mentes de metais sugavam sua força, saúde, sentidos e força de pensamento. Raramente ele tentava preencher tantos ao mesmo tempo.

— Você não parece muito bem — Trevo observou, sentando-se.

Sazed piscou, pensando no comentário.

— Minha… mente de ouro — ele falou devagar. — Ela suga minha saúde para armazená-la. — Ele olhou para sua tigela de caldo. — Preciso comer para manter as forças — ele falou, mentalmente se preparando para tomar mais um gole.

Era um processo estranho. Seus pensamentos moviam-se tão devagar que levava um momento para decidir comer. Em seguida, seu corpo reagia devagar, o braço levando alguns segundos para se movimentar. Finalmente, ele era capaz de levar uma colherada aos lábios e tomá-la em silêncio. O caldo era insípido; ele estava preenchendo o olfato também e, sem ele, sua noção de gosto ficava gravemente prejudicada.

Ele deveria estar deitado, mas, se fizesse isso, arriscava-se a dormir. E, enquanto estivesse dormindo, não poderia preencher as mentes de metais – ou, ao menos, poderia preencher apenas uma. A mente de bronze, o metal que armazenava a prontidão, o forçaria a dormir mais em troca de permitir que ficasse sem dormir mais tempo em outra ocasião.

Sazed suspirou, cuidadosamente abaixando a colher, em seguida tossiu. Ele havia feito o melhor que pôde para ajudar a evitar o conflito. Seu melhor plano fora enviar uma carta a Lorde Penrod, pedindo para informar Straff Venture que Vin partira da cidade. Ele esperava que, assim, Straff se mostrasse disposto a fazer um acordo. Aparentemente, a tática falhara. Ninguém ouvia falar de Straff por dias.

Seu destino aproximava-se como o inevitável nascer do sol. Penrod permitira que três grupos separados de cidadãos – um deles composto pela nobreza – tentassem fugir de Luthadel. Os soldados de Straff, mais alertas depois da fuga

de Elend, capturaram e massacraram cada grupo. Penrod enviara até mesmo um mensageiro a Lorde Jastes Lekal, esperando conseguir algum acordo com o líder do Sul, mas o mensageiro não retornou do acampamento koloss.

— Bem — Trevo falou —, ao menos os mantivemos longe por alguns dias.

Sazed pensou por um momento.

— Foi simplesmente uma postergação do inevitável, temo eu.

— Claro que foi — Trevo disse. — Mas foi uma postergação importante. Elend e Vin estão quase a quatro dias de distância agora. Se a batalha tivesse começado cedo demais, pode apostar que a pequena Senhorita Nascida das Brumas teria voltado e se matado para nos salvar.

— Ah — Sazed falou com lentidão, forçando-se a levantar outra colherada de caldo. A colher era um peso morto em seus dedos dormentes; seu tato, claro, estava sendo desviado para uma mente de estanho. — Como estão as defesas da cidade? — ele perguntou enquanto se esforçava com a colher.

— Terríveis — Trevo falou. — Vinte mil soldados podem parecer muito, mas tente espalhá-los por uma cidade deste tamanho.

— Mas os koloss não terão nenhum equipamento de cerco — Sazed falou, concentrado na colher. — Nem arqueiros.

— Sim — Trevo disse. — Mas temos oito portões para proteger, e deles, cinco estão próximos dos koloss. Nenhum desses portões foi construído para resistir a um ataque. E, do jeito que estão as coisas, mal posso destacar dois mil guardas para cada portão, pois realmente não sei por qual caminho os koloss chegarão primeiro.

— Ah — Sazed disse, baixinho.

— O que esperava, terrisano? — Trevo perguntou. — Boas notícias? Os koloss são maiores, mais fortes e muito mais malucos que nós. E estão em vantagem numérica.

Sazed fechou os olhos, tremendo a colher a meio caminho dos lábios. De repente sentiu uma fraqueza que não estava relacionada às mentes de metal. *Por que ela não foi com eles? Por que não escapou?*

Quando Sazed abriu os olhos, viu Trevo acenando para uma serviçal trazer algo para comer. A jovem voltou com uma tigela de sopa. Trevo encarou-a com insatisfação por um momento, em seguida ergueu a mão calosa e começou a tomá-la. Lançou um olhar para Sazed.

— Está esperando um pedido de desculpas da minha parte, terrisano? — ele perguntou entre colheradas.

Sazed pareceu espantado por um momento.

— De forma alguma, Lorde Cladent — ele disse por fim.

— Bom — Trevo falou. — Você é uma pessoa bastante decente. Está apenas confuso.

Sazed bebericou de sua sopa, sorrindo.

— É reconfortante ouvir isso. Acho. — Ele pensou por um momento. — Lorde Cladent, eu tenho uma religião para você.

Trevo franziu a testa.

— Você não desiste, não é?

Sazed baixou os olhos. Levou um momento para reunir o que ele esteve pensando antes.

— O que você disse antes, Lorde Cladent. Sobre moralidade situacional. Me fez pensar em uma fé, conhecida como Dadradah. Seus praticantes estavam espalhados por muitos países e povos; acreditavam que havia apenas um Deus, e que havia apenas uma maneira correta de adoração.

Trevo bufou.

— Não estou nem um pouco interessado nas suas religiões mortas, terrisano. Eu acho que…

— Eles eram artistas — Sazed interrompeu, falando baixo.

Trevo hesitou.

— Pensavam que por meio da arte ficavam mais próximos de Deus — Sazed falou. — Eram bastante interessados em cores e tons, e gostavam de escrever poesias para descrever cores que viam no mundo ao redor.

Trevo ficou em silêncio.

— Por que está pregando essa religião para mim? — ele questionou. — Por que não escolher uma que seja direta, como eu? Ou uma que adorasse a guerra e os soldados?

— Porque, Lorde Cladent — Sazed falou. Ele piscou, relembrando com esforço através de sua mente confusa —, isso não é você. É o que deve fazer, mas não o que é. Os outros esquecem, creio eu, que o senhor é um carpinteiro. Um artista. Quando vivíamos em sua loja, eu sempre o via fazendo o acabamento de peças que seus aprendizes haviam esculpido. Via o cuidado que tinha. Aquela loja não era uma simples fachada para você. Você sente falta dela, eu sei disso.

Trevo não respondeu.

— Você precisa viver como soldado — Sazed falou, tirando algo de sua bolsa com a mão fraca. — Mas ainda consegue sonhar como um artista. Aqui. Eu fiz isso para você. É um símbolo da fé Dadradah. Para o seu povo, ser

artista era uma vocação das mais elevadas, até mesmo maior que ser um sacerdote.

Ele pousou o disco de madeira na mesa. Em seguida, com esforço, sorriu para Trevo. Fazia muito tempo que não pregava uma religião, e não tinha certeza do que fez com que oferecesse aquilo para Trevo. Talvez para provar a si mesmo que havia valor nelas. Talvez fosse teimosia, reagindo às coisas que Trevo dissera antes. De qualquer forma, ficou satisfeito com a maneira que Trevo encarou o simples disco de madeira com a imagem de um pincel esculpida nele.

Da última vez que preguei uma religião, ele pensou*, foi naquela vila ao sul, onde Marsh me encontrou.*

Aliás, o que aconteceu com ele? Por que não voltou à cidade?

— Sua mulher estava te procurando — Trevo finalmente disse, erguendo o olhar, deixando o disco na mesa.

— *Minha* mulher? — Sazed perguntou. — Ora, não somos… — Ele parou quando Trevo o encarou. O general brusco era bem eficiente em olhares cheios de significado.

— Muito bem — Sazed falou, suspirando. Ele baixou os olhos para os dedos e os dez anéis brilhantes que eles ostentavam. Quatro deles eram de estanho: visão, audição, olfato e tato. Continuou a enchê-los; eles não o prejudicariam muito. Porém, liberou a mente de peltre, bem como sua mente de aço e a mente de zinco.

De imediato, a força voltou ao corpo. Seus músculos deixaram de amolecer, revertendo-se de emaciados para saudáveis. A confusão saiu da mente, permitindo que ele pensasse com clareza, e a lentidão espessa, caudalosa evaporou. Ele se levantou, revigorado.

— Isso é fascinante — Trevo murmurou.

Sazed baixou os olhos.

— Eu consegui ver a mudança — Trevo continuou. — Seu corpo ficou mais forte, e seus olhos, concentrados. Seus braços pararam de tremer. Acho que você não quer encarar aquela mulher sem todas as faculdades, hein? Eu não te culpo — Trevo grunhiu para si mesmo, em seguida continuou a comer.

Sazed despediu-se do homem, em seguida saiu apressado da cozinha. Seus pés e mãos ainda pareciam massas insensíveis. Ainda assim, ele sentia uma energia. Não havia nada como o simples contraste para acordar a sensação de invencibilidade de um homem.

E não havia nada para drenar aquela sensação mais rapidamente que a

perspectiva de encontrar a mulher amada. Por que Tindwyl ficara ali? E, se estava determinada a não voltar a Terris, por que o evitara nestes últimos dias? Estava chateada por ele ter mandado Elend embora? Estava desapontada por ele insistir em ficar para ajudar?

Ele a encontrou no grande salão de baile da Fortaleza Venture. Parou por um instante, impressionado – como sempre – pela inquestionável grandiosidade do lugar. Liberou sua mente de estanho de visão por apenas um momento, tirando os óculos enquanto olhava ao redor do espaço incrível.

Janelas enormes e retangulares com vitrais chegavam ao teto ao longo das paredes do imenso salão. Em pé na lateral, Sazed ficava pequenino ao lado das colunas imensas que sustentavam uma pequena galeria que corria embaixo das janelas dos dois lados da câmara. Cada pedaço de pedra no espaço parecia esculpido – cada lajota era parte de um mosaico ou outro, cada pedaço de vitral colorido reluzia à luz do fim da tarde.

Faz tanto tempo… ele pensou. Na primeira vez que vira esta câmera, estava escoltando Vin a seu primeiro baile. Foi então, enquanto se passava por Valette Renoux, que encontrou Elend. Sazed a criticara por atrair de forma descuidada a atenção de um homem tão poderoso.

E, agora, ele mesmo havia feito o casamento dos dois. Sorriu, pondo os óculos e enchendo sua mente de estanho de visão outra vez. *Que os Deuses Esquecidos os guardem, crianças. Façam algo de nosso sacrifício, se puderem.*

Tindwyl estava falando com Dockson e um pequeno grupo de funcionários no centro da sala. Estavam reunidos ao redor de uma grande mesa, e, quando Sazed se aproximou, conseguiu ver o que estava espalhado sobre ele.

O mapa de Marsh, ele pensou. Era uma representação extensa e detalhada de Luthadel, completa com anotações sobre a atividade do Ministério. Sazed tinha uma imagem do mapa, bem como uma descrição detalhada dele, em uma de suas mentes de cobre – e enviara uma cópia física para o Sínodo.

Tindwyl e os outros haviam coberto o grande mapa com suas anotações. Sazed aproximou-se devagar, e, assim que Tindwyl o viu, acenou para que ele se aproximasse.

— Ah, Sazed — Dockson disse, num tom decidido, com a voz abafada aos ouvidos fracos de Sazed. — Que bom. Por favor, venha até aqui.

Sazed caminhou até a área de dança mais baixa, juntando-se à mesa.

— Posicionamento de tropas? — ele perguntou.

— Penrod assumiu o comando de nossos exércitos — Dockson disse. — E colocou nobres a cargo de todos os vinte batalhões. Não sabemos se gostamos

dessa situação.

Sazed olhou para os homens na mesa. Eram um grupo de escribas que o próprio Dockson treinara – todos skaa. *Deuses!*, Sazed pensou. *Ele não pode planejar uma rebelião justamente agora, pode?*

— Não fique tão assustado, Sazed — Dockson disse. — Não vamos fazer nada muito drástico. Penrod ainda deixou Trevo organizar as defesas da cidade, e ele parece estar se aconselhando com os comandantes militares. Além disso, é tarde demais para tentarmos algo muito ambicioso.

Dockson quase parecia decepcionado.

— No entanto — Dockson falou, apontando para o mapa —, não confio nesses comandantes que ele botou à frente. Eles não sabem nada sobre guerra, ou mesmo sobre sobrevivência. Passaram a vida pedindo bebidas e fazendo festas.

Por que você os odeia tanto?, Sazed pensou. Ironicamente, Dockson era, da gangue, o que mais *parecia* um nobre. Ficava mais natural num terno que Brisa, era mais articulado que Trevo ou Fantasma. Apenas sua insistência em usar uma barba nada aristocrática o fazia se destacar.

— A nobreza pode não conhecer a guerra — Sazed falou —, mas tem experiência em comandar, creio eu.

— Verdade — Dockson concordou. — Mas nós também temos. Por isso quero um dos nossos perto de cada portão, apenas no caso de as coisas ficarem ruins e alguém realmente competente precisar assumir o comando.

Dockson apontou para a mesa, na direção de um dos portões – o Portão de Aço. Havia uma anotação sobre mil homens em uma formação defensiva.

— Este é o seu batalhão, Sazed. O Portão de Aço é o mais distante que os koloss alcançarão, e assim talvez você nem veja uma luta. No entanto, quando a batalha começar, quero você lá com um grupo de mensageiros para trazer a notícia para a Fortaleza Venture, caso seu portão seja atacado. Vamos organizar um posto de comando aqui, no salão de baile principal – é facilmente acessível com aquelas portas amplas, e pode acomodar bastante movimento.

E era um tapa não muito sutil no rosto de Elend Venture, e da nobreza em geral, usar um espaço tão belo como um ambiente do qual se administraria uma guerra. *Não é surpresa que ele tenha me apoiado no envio de Elend e Vin para longe. Com eles fora, ele ganhou controle incontestável da gangue de Kelsier.*

Não era ruim. Dockson era um gênio organizador e um mestre no planejamento rápido. No entanto, tinha os seus preconceitos.

— Sei que você não gosta de lutar, Saze — Dockson comentou, inclinando-

se com as duas mãos sobre a mesa. — Mas precisamos de você.

— Acho que ele está preparado para a batalha, Lorde Dockson — Tindwyl falou, encarando Sazed. — Esses anéis nos dedos dele dão um bom indício de suas intenções.

Sazed olhou para ela do outro lado da mesa.

— E qual é o seu papel nisso, Tindwyl?

— Lorde Dockson veio até mim buscar aconselhamento — Tindwyl falou. — Ele mesmo tem pouca experiência em guerras, e quis saber das coisas que estudei sobre os generais do passado.

— Ah — Sazed falou. Ele se virou para Dockson, franzindo o cenho e pensando. No fim, ele meneou a cabeça. — Muito bem. Farei parte do seu projeto, mas preciso alertá-los contra uma criação de discórdia. Por favor, diga aos homens para não romperem a cadeia de comando a menos que absolutamente necessário.

Dockson assentiu.

— Agora, Lady Tindwyl — Sazed disse —, poderíamos conversar um momento em particular?

Ela concordou, e eles pediram licença, caminhando até a galeria suspensa mais próxima. Às sombras, atrás de um dos pilares, Sazed virou-se para Tindwyl. Ela parecia tão impecável, tão equilibrada, tão calma, apesar da situação desesperadora. Como conseguia?

— Você está armazenando uma grande quantidade de atributos, Sazed — Tindwyl observou, olhando para os dedos dele de novo. — Certamente tem outras mentes de metal preparadas desde antes?

— Usei toda a minha prontidão e velocidade para vir a Luthadel — Sazed falou. — E não tenho nenhuma saúde armazenada, gastei a última para superar uma doença quando estava ensinando no sul. Tinha a intenção de preencher outra, mas estivemos ocupados demais. Tenho uma grande quantidade de força e peso armazenados, bem como uma boa seleção de mentes de estanho. Ainda assim, não é possível estar bem preparado *em excesso*, creio eu.

— Talvez — Tindwyl falou. Ela olhou para trás, para o grupo ao redor da mesa. — Se houver algo a fazer além de pensar no inevitável, então a preparação não foi um desperdício, eu acredito.

Sazed sentiu um arrepio.

— Tindwyl — ele disse em voz baixa. — Por que ficou? Não há lugar para você aqui.

— Não há lugar para você também, Sazed.

— Eles são meus amigos — ele falou. — Não os deixaria.

— Então, por que convenceu seus líderes a partir?

— Para que fugissem e vivessem — Sazed falou.

— Sobreviver não é um luxo dado com frequência a líderes — Tindwyl falou. — Quando aceitam a devoção de outros, precisam aceitar a responsabilidade que vem dela. Essas pessoas vão morrer, mas não precisavam morrer sentindo-se traídas.

— Elas não foram…

— Elas esperam ser salvas, Sazed — Tindwyl sibilou. — Mesmo aqueles homens logo ali, até *Dockson*, o mais prático nesta turma, acreditam que sobreviverão. E sabe por quê? Porque, lá no fundo, eles acreditam que algo os salvará. Algo que os salvou antes, a única parte do Sobrevivente que restou. Ela representa a esperança para eles agora. E você a mandou embora.

— Para que viva, Tindwyl — Sazed repetiu. — Teria sido um desperdício perder Vin e Elend aqui.

— A esperança nunca é um desperdício — Tindwyl falou com olhos faiscantes. — Pensei que você, entre todas as pessoas, entenderia isso. Acredita que foi a teimosia que me manteve viva todos esses anos nas mãos dos Procriadores?

— E é a teimosia ou a esperança que manteve você aqui, na cidade? — ele perguntou.

Ela ergueu os olhos para ele.

— Nenhuma das duas.

Sazed olhou para ela por um longo momento na alcova escurecida. Os planejadores conversavam no salão de baile, suas vozes ecoavam. Fragmentos de luz das janelas refletiam no piso de mármore, lançando fios de iluminação pelas paredes. De forma lenta, desajeitada, Sazed envolveu Tindwyl com os braços. Ela suspirou, deixando-se abraçar.

Ele liberou suas mentes de estanho e deixou seus sentidos voltarem, inundando-o.

A suavidade da pele e o calor do corpo dela arrebataram-no enquanto ela se movia para mais perto do abraço, descansando a cabeço no peito de Sazed. O cheiro dos cabelos – sem perfume, mas limpos e fresco – preencheu suas narinas, e era a primeira coisa que cheirava em três dias. Com mão inábil, Sazed tirou os óculos para poder vê-la com nitidez. Quando os sons voltaram aos ouvidos por completo, ele conseguiu ouvir Tindwyl respirando diante dele.

— Sabe por que eu te amo, Sazed? — ela perguntou, baixinho.

— Não consigo imaginar — ele respondeu, honestamente.

— Porque você nunca cede — ela disse. — Outros homens são fortes como tijolos, firmes, inflexíveis, mas se você bate neles o bastante, eles racham. Você… você é forte como o vento. Sempre lá, tão disposto a se curvar, mas nunca pede desculpas pelas vezes em que precisa ser firme. Não acredito que algum dos seus amigos entende o poder que tinha em você.

Tinha, ele pensou. *Ela já pensa em tudo isso no passado. E… parece certo que ela o faça.*

— Temo que nunca serei o bastante para salvá-los — Sazed sussurrou.

— Mas foi o bastante salvar três deles — Tindwyl disse. — Você errou em mandá-los embora… mas talvez tenha acertado também.

Sazed apenas fechou os olhos e abraçou-a, amaldiçoando-a por ficar, ainda assim amando-a por isso ao mesmo tempo.

Naquele momento, os tambores de alarme no topo da muralha começaram a tocar.

E, assim, fiz a aposta final.

51

A luz vermelha e brumosa da manhã era uma coisa que não deveria existir. A bruma morria antes da luz do dia. O calor a fazia evaporar; mesmo trancá-la dentro de um quarto fechado fazia com que condensasse e desaparecesse. Não deveria ser capaz de suportar a luz do sol nascente.

Ainda assim, resistia. Quanto mais se afastavam de Luthadel, mais tempo as brumas duravam nas manhãs. A mudança era leve – eles ainda estavam a poucos dias de cavalgada de Luthadel –, mas Vin sabia. Via a diferença. Naquela manhã, as brumas pareciam ainda mais fortes do que previra – elas nem mesmo enfraqueceram quando o sol se ergueu. Elas obscureceram sua luz.

Bruma, ela pensou. *Profundezas.* Cada vez mais ela se convencia de que estava certa sobre isso, embora não conseguisse saber ao certo. Ainda assim, parecia correto para ela por algum motivo. As Profundezas não eram um monstro ou tirano, mas uma força mais natural – e, portanto, mais assustadora. Uma criatura poderia ser assassinada. As brumas… eram muito mais intimidantes. As Profundezas não oprimiam com sacerdotes, mas usavam o terror supersticioso do povo. Não massacravam com exércitos, mas com a fome.

Como alguém combatia algo maior que um continente? Uma coisa que não podia sentir raiva, dor, ter esperança ou clemência?

Ainda assim, era tarefa de Vin fazer exatamente isso. Ela ficou sentada, em silêncio, em uma grande rocha ao lado da fogueira da noite, com suas pernas para cima e os joelhos colados ao peito. Elend ainda dormia; Fantasma estava lá fora, fazendo a ronda.

Ela não questionava mais seu papel. Ou estava louca ou era a Heroína das Eras. Era sua tarefa derrotar as brumas. *Mesmo assim…* ela pensou, franzindo a testa. *As pulsações não deveriam ficar mais fortes, em vez de mais fracas?* Quanto mais viajavam, mais fracas as batidas pareciam ficar. Estava atrasada? Algo estava acontecendo no Poço para enfraquecer seu poder? Alguém já o

tomara?

Temos que continuar.

Outra pessoa no lugar dela talvez tivesse perguntado por que fora escolhida. Vin conhecera muitos homens – na gangue de Camon e no governo de Elend – que reclamavam sempre que recebiam uma incumbência. “Por que eu?”, eles perguntavam. Os inseguros não pensavam que estavam prontos para a tarefa. Os preguiçosos queriam escapar do trabalho.

Vin não se considerava autoconfiante ou motivada. Ainda assim, não via sentido em perguntar por quê. A vida lhe ensinara que, às vezes, as coisas simplesmente aconteciam. Não raro, não havia um motivo específico para Reen lhe bater. E motivos eram confortos fracos, de qualquer forma. Os motivos pelos quais Kelsier precisara morrer eram claros para ela, mas isso não arrefecia a saudade que sentia dele.

Ela tinha um trabalho a fazer. O fato de não o entender não a impedia de reconhecer que precisava tentar cumpri-lo. Ela simplesmente esperava que soubesse o que fazer quando a hora chegasse. Apesar de as batidas soarem mais fracas, ainda estavam lá. Impulsionavam-na para frente. Para o Poço da Ascensão.

Atrás de si, ela conseguia sentir a vibração menor do espectro das brumas. Nunca desaparecia até as próprias brumas sumirem. Estava lá a manhã inteira, em pé, bem atrás dela.

— Você conhece o segredo disso tudo? — ela perguntou em voz baixa, virando-se para o espírito nas brumas avermelhadas. — Você…

O pulso alomântico do espectro das brumas estava vindo diretamente de dentro da tenda que ela dividia com Elend.

Vin saltou da rocha, pousando no chão congelado, e saiu às pressas para a tenda. Ela abriu as portas com tudo. Elend dormia lá dentro, a cabeça quase invisível quando saiu dos cobertores. As brumas enchiam a pequena tenda, rodopiando, girando, e aquilo era bem estranho. Brumas em geral não entravam em tendas.

E lá, no meio das brumas, estava o espírito. Em pé, bem sobre Elend.

Não estava lá de verdade. Era apenas um contorno nas brumas, um padrão que se repetia causado por movimentos caóticos. E, ainda assim, era real. Ela conseguia senti-lo e vê-lo – ver como ele erguia a cabeça, encontrando o olhar dela com olhos invisíveis.

Olhos cheios de ódio.

Ergueu um braço insubstancial, e Vin viu algo reluzir. Reagiu de pronto,

puxando uma adaga e irrompendo tenda adentro, atacando. Seu golpe atingiu algo tangível na mão do espectro das brumas. Um som metálico retiniu no ar calmo, e Vin sentiu um frio poderoso, entorpecedor em seu braço. Os cabelos do corpo todo se arrepiaram.

E, em seguida, ele desapareceu, dissipando-se, como o ressoar de sua lâmina de alguma forma sólida. Vin piscou, em seguida olhou através da porta agitada da tenda. As brumas lá fora haviam desaparecido; o dia finalmente vencera.

Não pareciam restar muitas vitórias.

— Vin? — Elend perguntou, bocejando e virando-se.

Vin acalmou sua respiração. O espírito fora embora. A luz do dia significava segurança, por ora. *No passado, eram as noites que eu achava seguras,* ela pensou. *Kelsier as deu para mim*.

— O que foi? — Elend perguntou. Como alguém, mesmo um nobre, podia ser tão lento para despertar, tão despreocupado com a vulnerabilidade que mostrava enquanto dormia?

Ela embainhou a adaga. *O que posso lhe dizer? Como posso protegê-lo de algo que mal posso ver?* Ela precisava pensar.

— Não foi nada — ela disse, baixo. — Apenas eu… nervosa outra vez.

Elend rolou, suspirando com satisfação.

— Fantasma está fazendo a ronda matutina?

— Sim.

— Me acorde quando ele voltar.

Vin assentiu, mas ele provavelmente não viu. Ela se ajoelhou, olhando para ele enquanto o sol se erguia atrás dela. Ela se entregou para ele, não apenas seu corpo, nem apenas seu coração. Ela havia abandonado suas racionalizações, aberto mão das reservas, tudo por ele. Não conseguia mais se dar ao luxo de pensar que não era digna dele, não mais se dava o falso alívio de acreditar que não poderiam jamais estar juntos.

Ela nunca confiara em ninguém dessa forma. Nem em Kelsier, nem em Sazed, tampouco em Reen. Elend tinha tudo. Aquilo a fazia tremer por dentro. Se ela o perdesse, perderia a si mesma.

Eu não devo pensar nisso!, disse a si mesma, erguendo-se. Ela saiu da tenda, fechando em silêncio as abas. A distância, as sombras se moviam. Fantasma apareceu um momento depois.

— Definitivamente tinha alguém lá atrás — ele disse em voz baixa. — Não eram espíritos. Cinco homens, num acampamento.

Vin franziu a testa.

— Estão nos seguindo?

— Devem estar.

Espiões de Straff, ela pensou.

— Vamos deixar que Elend decida o que fazer sobre eles.

Fantasma deu de ombros, caminhando até sentar-se na rocha de Vin.

— Vai acordá-lo?

Vin virou de costas.

— Deixe-o dormir um pouco mais.

Fantasma deu de ombros novamente. Observou como ela caminhou até a fogueira e desembalou a madeira que haviam coberto na noite anterior, em seguida começou a alimentar o fogo.

— Você mudou, Vin — Fantasma falou.

Ela continuou a trabalhar.

— Todo mundo muda — ela comentou. — Não sou mais uma ladra, e tenho amigos para me apoiar.

— Não quis dizer isso — Fantasma retrucou. — Digo, nos últimos tempos. Na última semana. Você está diferente do que era.

— Diferente como?

— Não sei. Não parece tão amedrontada o tempo todo.

Vin fez uma pausa.

— Tomei algumas decisões. Sobre quem sou e quem serei. Sobre o que quero.

Ela trabalhou em silêncio por um momento, e finalmente fez uma centelha pegar.

— Estou cansada de tolerar bobagens — ela disse por fim. — A tolice alheia, e a minha própria. Decidi agir em vez de ficar pensando. Talvez seja uma maneira mais imatura de ver as coisas. Mas, por ora, parece o correto a se fazer.

— Não é imaturo — Fantasma afirmou.

Vin sorriu, erguendo os olhos para ele. Com dezesseis anos e mal crescido, era da mesma idade que ela quando Kelsier a recrutara. Ele apertava os olhos para a luz, embora o sol estivesse baixo.

— Diminua o estanho — Vin falou. — Não precisa mantê-lo tão forte.

Fantasma deu de ombros. Ela conseguia ver a indecisão nele. Ele queria tanto ser útil. E ela conhecia essa sensação.

— E você, Fantasma? — ela disse, virando-se para recolher os suprimentos para o café da manhã. Caldo e pães de novo. — Como você está?

Ele ergueu outra vez os ombros.

Eu quase esqueci como era tentar conversar com um adolescente, ela pensou, sorrindo.

— Fantasma… — ela falou, apenas provando o nome. — O que você acha desse apelido? Lembro quando todo mundo te chamava pelo seu nome de verdade. — Lestibournes. Vin tentou soletrar uma vez. Parou quando chegou a cinco letras.

— Kelsier me deu meu nome — Fantasma falou, como se fosse o motivo suficiente para mantê-lo. E talvez fosse. Vin viu a expressão nos olhos de Fantasma quando mencionou Kelsier; Trevo podia ser o tio de Fantasma, mas era Kelsier quem ele venerava.

Claro, todos veneravam Kelsier.

— Eu queria ser poderoso, Vin — Fantasma falou, baixinho, seus braços dobrados sobre os joelhos enquanto estava sentado na rocha. — Como você.

— Você tem suas próprias habilidades.

— Estanho? — Fantasma perguntou. — Quase inútil. Se eu fosse Nascido da Bruma, poderia fazer grandes coisas. Ser alguém importante.

— Ser importante não é tão maravilhoso assim, Fantasma — Vin falou, ouvindo as batidas na cabeça. — Na maior parte do tempo, é apenas incômodo.

Fantasma sacudiu a cabeça.

— Se eu fosse um Nascido das Brumas, poderia salvar as pessoas… ajudar quem precisasse. Poderia impedir que as pessoas morressem. Mas…sou apenas o Fantasma. Fraco. Um covarde.

Vin olhou para ele, franzindo o cenho, mas a cabeça dele estava abaixada, e ele não a olhava nos olhos.

O que está acontecendo?, ela se perguntou.

Sazed usou um pouco de força para ajudá-lo a subir três degraus de uma vez. Saiu da escadaria logo atrás de Tindwyl, os dois juntando-se aos membros remanescentes do grupo no topo da muralha. Os tambores ainda soavam; cada um tinha um ritmo diferente quando soava na cidade. As batidas misturadas ecoavam caoticamente em prédios e becos.

O horizonte ao norte parecia vazio sem o exército de Straff. Se ao menos aquele mesmo vazio se estendesse para o nordeste, onde o acampamento koloss parecia em alvoroço...

— Alguém consegue entender o que está acontecendo? — Brisa perguntou.

Ham sacudiu a cabeça.

— Está muito longe.

— Um dos meus batedores é um Olho de Estanho — Trevo falou, aproximando-se com passos pesados. — Ele deu o alarme. Disse que os koloss estavam lutando.

— Meu bom homem — Brisa disse —, essas criaturas horrendas não estão *sempre* lutando?

— Mais que o de costume — Trevo falou. — Briga massiva.

Sazed sentiu um brilho fugaz de esperança.

— Estão brigando? — ele perguntou. — Talvez eles matem uns aos outros!

Trevo encarou-o com um daqueles olhares.

— Li um dos seus livros, terrisano. O que dizem sobre as emoções dos koloss?

— São apenas duas — Sazed respondeu. — Tédio ou fúria. Mas…

— É como eles sempre começam uma batalha — Tindwyl falou, baixinho. — Começam a lutar entre eles, enfurecendo mais e mais seus membros, e então…

Ela parou de falar, e Sazed entendeu. A mancha escura a leste ficando cada vez mais leve. Dispersão. Decisão em membros individuais.

Ataque à cidade.

— Desgraça — Trevo praguejou, em seguida começou a caminhar às pressas até os degraus. — Mande mensageiros! — ele berrou. — Arqueiros, para a muralha! Tranquem as grades do rio! Batalhões, formar posição! Aprontem-se para lutar! Querem que essas coisas invadam a cidade e levem seus filhos?

O caos seguiu. Homens começaram a correr em todas as direções. Soldados subiam as escadarias aos tropeções, obstruindo a passagem, impedindo o grupo de se mover.

Está acontecendo, Sazed pensou, entorpecido.

— Assim que as escadarias estiverem livres — Dockson falou em voz baixa —, quero que cada um vá para o seu batalhão. Tindwyl, você vai para o Portão de Estanho, a norte da Fortaleza Venture. Talvez eu precise do seu aconselhamento, mas por ora fique com aqueles rapazes. Eles vão te ouvir, respeitam os terrisanos. Brisa, você está com um dos seus Abrandadores em cada um dos batalhões de quatro a doze?

Brisa assentiu.

— Não são muitos, mas…

— Apenas mantenha aqueles garotos lutando! — Dockson falou. — Não deixe nossos homens quebrarem!

— Mil homens são demais para um Abrandador cuidar, meu amigo — Brisa

comentou.

— Que façam o melhor que puderem — Dockson falou. — Você e Ham pegam o Portão de Peltre e o Portão de Zinco… parece que os koloss vão atingir aqui primeiro. Trevo deve trazer reforços.

Os dois homens assentiram; em seguida, Dockson olhou para Sazed.

— Sabe para onde ir?

— Sim… sim, creio que sim — Sazed disse, encostando-se na parede. No ar, flocos de cinzas começaram a cair do céu.

— Então, vá! — Dockson disse quando um esquadrão final de arqueiros estava saindo das escadarias.

— Milorde Venture!

Straff virou-se. Com alguns estimulantes, era capaz de permanecer forte o bastante para ficar sobre a sela, embora não tivesse ousado lutar. Claro, ele não lutaria de qualquer forma. Não era do seu feitio. Exércitos serviam para isso.

Ele virou sua montaria quando o mensageiro se aproximou. O homem bufou, pousando as mãos nos joelhos quando ele parou ao lado da montaria de Straff, com pedaços de cinzas girando no chão aos seus pés.

— Milorde — o homem falou. — O exército koloss atacou Luthadel!

Bem como você disse, Zane, Straff pensou, espantado.

— Os koloss atacando? — Lorde Janarle perguntou, movendo seu cavalo até se aproximar de Straff. O belo lorde franziu a testa, em seguida encarou Straff. — Esperava isso, milorde?

— Claro — Straff falou, sorrindo.

Janarle parecia impressionado.

— Passe uma ordem para os homens, Janarle — Straff disse. — Quero que esta coluna volte na direção de Luthadel.

— Podemos chegar lá em uma hora, milorde! — Janarle comentou.

— Não — Straff disse. — Vamos tranquilos. Não queremos sobrecarregar nossas tropas, queremos?

Janarle sorriu.

— Claro que não, milorde.

Flechas pareciam ter pouco efeito sobre os koloss.

Sazed ficou petrificado e consternado sobre a torre de observação do portão. Ele não estava oficialmente a cargo dos soldados, então não tinha ordens para dar. Simplesmente estava em pé com os batedores e mensageiros, esperando

para ver se era necessário ou não.

Aquilo o deixava com muito tempo para observar o horror se desvelando. Os koloss não estavam atacando sua seção da muralha ainda, felizmente, e seus homens observavam, tensos, enquanto as criaturas partiam em alta velocidade na direção do Portão de Estanho e do Portão de Peltre.

Mesmo de longe – a torre permitia que visse uma parte da cidade onde o Portão de Estanho ficava –, Sazed podia ver os koloss correndo direto através das chuvas de flechas. Alguns dos pequenos pareciam cair mortos ou feridos, mas a maioria continuava a avançar. Homens murmuravam na torre ao lado dele.

Não estamos prontos para isso, Sazed pensou. *Mesmo com meses para planejar e prever, não estamos prontos.*

É isso que conseguimos por termos sido governados por um deus durante mil anos. Mil anos de paz – paz tirânica, mas de qualquer maneira paz. Não temos generais, temos homens que sabem como ordenar um banho. Não temos táticos, temos burocratas. Não temos guerreiros, temos garotos com varetas.

Mesmo ao observar o destino que se aproximava, sua mente de estudioso era analítica. Acionando a visão, conseguiu ver que muitas das criaturas distantes – especialmente as maiores – carregavam pequenas árvores arrancadas pela raíz. Estavam prontos, do seu jeito, para invadir a cidade. As árvores não seriam tão eficazes como aríetes reais – por outro lado, os portões da cidade não eram construídos para resistir a um aríete, em primeiro lugar.

Aqueles koloss são mais inteligentes do que achamos, ele pensou. *Podem reconhecer o valor abstrato de moedas, mesmo que não tenham uma economia. Conseguem ver que precisam de ferramentas para derrubar nossos portões, mesmo que não saibam como fazer essas ferramentas.*

A primeira onda de koloss alcançou a muralha. Os homens começaram a lançar pedras e outros objetos para baixo. A seção de Sazed tinha pilhas semelhantes, uma bem ao lado do arco do portão, ao lado da que ele ficava. Mas as flechas quase não tinham efeito; de que adiantariam algumas rochas? Os koloss agruparam-se ao redor da base da muralha, como a água de um rio represado. Batidas distantes soaram enquanto as criaturas começaram a bater contra os portões.

— Batalhão dezesseis! — um mensageiro gritou lá de baixo, cavalgando até o portão de Sazed. — Lorde Culee!

— Aqui! — o homem gritou do alto da muralha ao lado da torre de Sazed.

— O Portão de Peltre precisa de reforços imediatamente! Lorde Penrod

ordena que o senhor traga seis companhias e me siga!

Lorde Culee começou a dar ordens. *Seis companhias…* Sazed pensou. *Seiscentos de nossos mil*. As palavras que Trevo falara mais cedo voltaram até ele: vinte mil soldados podem parecer muito, até alguém perceber o quanto precisam se esfalfar.

As seis companhias marcharam para longe, deixando o pátio diante do portão de Sazed perturbadoramente vazio. Os quatrocentos homens restantes – trezentos no pátio, uma centena na muralha – aguardavam em silêncio agitado.

Sazed fechou os olhos e acionou sua mente de estanho auditiva. Conseguia ouvir… madeira batendo em madeira. Gritos. Gritos humanos. Liberou rapidamente a mente de estanho, em seguida acionou a visão outra vez, inclinando-se para olhar a seção da muralha onde a batalha estava sendo travada. Os koloss estavam jogando de volta as pedras lançadas – e eram muito mais precisos que os defensores. Sazed saltou quando viu o rosto de um jovem soldado estourar, seu corpo lançado do topo da muralha pela força de uma pedra. Sazed liberou a mente de estanho, ofegante.

— Sejam firme, homens — um dos soldados na muralha gritou.

Mal era um jovem – um nobre, mas não podia ter mais que dezesseis anos. Claro, muitos homens no exército tinham aquela idade.

— Aguentem firmes… — o jovem comandante repetiu. Sua voz parecia insegura, e parou quando percebeu algo a distância. Sazed virou-se, seguindo o olhar do homem.

Os koloss haviam se cansado de ficar parados, amontoados num único portão. Estavam se movendo para cercar a cidade, grupos grandes deles se dividindo, cruzando o rio Channerel na direção de outros portões.

Portões como o de Sazed.

Vin aterrissou diretamente no meio do acampamento. Lançou um punhado de pó de peltre na fogueira, em seguida empurrou, soprando brasas, fuligem e fumaça sobre alguns guardas surpresos, que estavam arrumando o café da manhã. Ela estendeu a força e puxou as estacas das três pequenas tendas.

Todas as três despencaram. Uma estava desocupada, mas gritos vieram das outras duas. A lona divisava figuras confusas, que lutavam – uma dentro da tenda maior, duas dentro da menor.

Os guardas cambalearam para trás, erguendo os braços para proteger os olhos da fuligem e das centelhas, as mãos sobre as espadas. Vin ergueu um punho na direção deles – e, conforme piscavam para limpar os olhos, ela deixou uma

moeda cair no chão.

Os guardas ficaram paralisados, em seguida tiraram a mão das espadas. Vin encarou as tendas. A pessoa no comando estaria dentro da maior – e era o homem com quem ela precisaria lidar. Provavelmente, um dos capitães de Straff, embora os guardas não usassem a heráldica dos Venture. Talvez…

Jastes Lekal esticou a cabeça para fora da tenda, praguejando enquanto se livrava da lona. Havia mudado muito nos dois anos desde que Vin o vira pela última vez. No entanto, havia traços do que o homem se tornaria. Sua figura esbelta ficou esquálida; sua cabeça que ficava calva não deixou a desejar. Ainda assim, como seu rosto havia ficado tão emaciado… tão velho? Tinha a idade de Elend.

— Jastes — Elend falou, saindo de seu esconderijo na floresta. Caminhou até a clareira, com Fantasma ao seu lado. — O que está fazendo aqui?

Jastes conseguiu ficar em pé enquanto os outros dois soldados se desemaranhavam da tenda. Acenou para eles pararem.

— El — ele disse. — Eu… não sabia mais para onde ir. Meus batedores disseram que você estava fugindo, e me pareceu uma boa ideia. Onde quer que você vá, quero ir com você. Podemos nos esconder lá, talvez. Podemos…

— Jastes! — Elend estourou, caminhando a passos largos para ficar ao lado de Vin. — Onde estão os seus koloss? Você os mandou embora também?

— Eu tentei — Jastes falou, baixando o olhos. — Eles não quiseram ir… não depois que viram Luthadel. E então…

— O quê? — Elend questionou.

— Um incêndio — Jastes falou. — Em nossas… carroças de suprimento.

Vin franziu a testa.

— Suas carroças de suprimento? — Elend perguntou. — As carroças onde você carregava as moedas de madeira?

— Sim.

— Pelo Senhor Soberano, homem! — Elend disse, avançando. — E você simplesmente os *deixou* lá, sem liderança, às portas da nossa cidade?

— Eles iam me matar, El! — Jastes falou. — Estavam começando a brigar muito, exigindo mais moedas, exigindo que atacássemos a cidade. Se eu ficasse, eles teriam me matado! São feras, feras que mal têm forma humana.

— E você partiu — Elend falou. — Abandonou Luthadel para eles.

— Você a abandonou também — Jastes retrucou. Ele caminhou para frente, mãos suplicantes quando se aproximou de Elend. — Olhe, El. Sei que errei. Pensei que poderia controlá-los. Não queria que isso acontecesse!

Elend ficou em silêncio, e Vin conseguiu ver uma frieza aumentando em seus olhos. Não uma frieza perigosa, como Kelsier. Mais de uma… postura régia. A sensação que era mais do que ele queria ser. Ele se empertigou, olhando de cima para o homem implorante à sua frente.

— Você reuniu um exército de monstros violentos e liderou-os num ataque tirânico, Jastes — Elend disse. — Você causou o massacre de aldeões inocentes. Em seguida, abandonou aquele exército sem liderança ou controle diante da cidade mais populosa em todo o Império Final.

— Perdoe-me — Jastes disse.

Elend olhou o homem nos olhos.

— Eu te perdoo — ele disse em voz baixa. Em seguida, num golpe fluido, ele sacou a espada e separou a cabeça de Jastes do pescoço. — Mas meu reino não.

Vin encarou, perplexa, quando o cadáver foi ao chão. Os soldados de Jastes berraram, sacando as armas. Elend virou-se, seu rosto sério, e ergueu a ponta de sua espada sangrenta para eles.

— Acham que essa execução foi um erro?

Os guardas pararam.

— Não, milorde — um deles finalmente disse, baixando os olhos.

Elend ajoelhou-se e limpou a espada na capa de Jastes.

— Considerando o que ele fez, foi uma melhor morte do que merecia. — Elend embainhou a espada outra vez. — Mas era meu amigo. Enterrem-no. Assim que terminarem, serão bem-vindos para viajar comigo a Terris, ou podem voltar para casa. Escolham o que desejarem. — Com isso, ele voltou para a floresta.

Vin ficou parada, observando os guardas. Solenemente, avançaram para recolher o corpo. Ela acenou com a cabeça para Fantasma, em seguida partiu atrás de Elend floresta adentro. Ela não foi muito longe, pois o encontrou sentado numa pedra logo adiante, encarando o chão. Uma chuva de cinzas havia começado, mas a maioria dos flocos ficara presa nas árvores, cobrindo as folhas como musgo.

— Elend? — ela chamou.

Ele ergueu o rosto, encarando a floresta.

— Não sei bem porque fiz isso, Vin — ele falou, baixinho. — Por que eu precisei ser aquele a fazer justiça? Não sou nem rei. E, mesmo assim, precisava ser feito. Eu senti. Eu ainda sinto.

Ela pousou a mão no ombro dele.

— Ele é o primeiro homem que matei — Elend falou. — Ele e eu tínhamos tantos sonhos: aliar duas das casas imperiais mais poderosas, unindo Luthadel como nunca antes. Não teria sido um tratado de cobiça, mas uma aliança política verdadeira, pensada para ajudar a tornar a cidade um lugar melhor.

Ele olhou para ela.

— Acho que entendo agora, Vin, como é para você. De certa forma, somos os dois facas, ferramentas. Não um para o outro, mas para este reino. Para o povo.

Ela o envolveu nos braços, puxando sua cabeça para o peito.

— Sinto muito — ela sussurrou.

— Precisava ser feito — ele repetiu. — A parte mais triste é que ele estava certo. Eu os abandonei também. Deveria ter tirado minha vida com esta espada.

— Você partiu por um bom motivo, Elend — Vin falou. — Partiu para proteger Luthadel, para que Straff não atacasse.

— E se os koloss atacarem antes que Straff possa fazê-lo?

— Talvez não façam isso — Vin falou. — Não têm um líder. Talvez ataquem o exército de Straff, em vez disso.

— Não — a voz de Fantasma disse. Vin virou-se, vendo-o se aproximar através das árvores, com os olhos apertados contra a luz.

Esse garoto queima estanho demais, ela pensou.

— Como assim? — Elend perguntou, virando-se.

Fantasma baixou os olhos.

— Eles não vão atacar o exército de Straff, El. Ele não estará mais lá.

— Quê? — Vin quis saber.

— Eu… — Fantasma desviou o olhar, a vergonha estampada no rosto.

Sou um covarde. Suas palavras ecoaram nos ouvidos dela.

— Você sabia — Vin falou. — Você sabia que os koloss atacariam!

Fantasma assentiu.

— Isso é ridículo — Elend falou. — Não poderia saber que Jastes nos seguia.

— Não sabia — Fantasma disse, enquanto um montinho de cinzas caía de uma árvore atrás dele, estourando com o vento e lançando uma centena de flocos diferentes ao chão. — Mas meu tio imaginou que Straff bateria em retirada e deixaria os koloss atacarem a cidade. Por isso Sazed decidiu nos mandar embora.

Vin sentiu um arrepio.

Achei a localização do Poço da Ascensão, Sazed disse. *A norte. Nas Montanhas de Terris…*

— Trevo te falou isso? — Elend disse.

Fantasma assentiu.

— E você não me disse? — Elend questionou, erguendo-se.

Ai, não…

Fantasma fez uma pausa, em seguida sacudiu a cabeça.

— Você ia querer voltar! Eu não queria morrer, El! Desculpe. Sou um covarde. — Ele se encolheu, olhando para a espada de Elend, afastando-se.

Elend parou, como se percebesse que estava avançando para cima do garoto.

— Não vou te machucar, Fantasma — ele falou. — Apenas estou com pena de você.

Fantasma baixou os olhos, em seguida despencou no chão, sentando-se com as costas apoiadas num álamo.

As batidas estão ficando mais suaves…

— Elend — Vin sussurrou.

Ele se virou.

— Sazed mentiu. O Poço não fica a norte.

— Quê?

— Fica em Luthadel.

— Vin, isso é ridículo. Não o encontramos.

— Não — ela disse com firmeza, erguendo-se e olhando para o sul. Concentrando-se, conseguiu sentir as batidas passando por ela. Atraindo-a.

Para o sul.

— O Poço não pode ser a sul — Elend falou. — As lendas *todas* dizem que fica a norte, nas Montanhas de Terris.

Vin sacudiu a cabeça, confusa.

— Está lá — ela falou. — Sei disso. Não sei como, mas ele *está* lá.

Elend olhou para ela, em seguida assentiu com a cabeça, confiando em seus instintos.

Ah, Sazed, ela pensou. *Provavelmente teve boas intenções, mas talvez tenha condenado a todos nós.* Se a cidade caísse nas mãos dos koloss…

— Em quanto tempo podemos voltar? — Elend perguntou.

— Depende — ela respondeu.

— Voltar? — Fantasma perguntou, erguendo os olhos. — El, eles estão todos *mortos*. Disseram para eu te falar a verdade assim que chegássemos em Tathingdwen, assim vocês não se matariam escalando as montanhas no inverno à toa. Mas quando Trevo me falou, era também um adeus. Consegui ver nos seus olhos. Ele sabia que nunca me veria de novo.

Elend fez uma pausa, e Vin conseguiu enxergar um momento de incerteza nos seus olhos. Um lampejo de dor, de horror. Ela conhecia aquelas emoções, porque elas a atingiram ao mesmo tempo.

Sazed, Brisa, Ham…

Elend agarrou o braço dela.

— Você precisa ir, Vin — ele disse. — Talvez haja sobreviventes… refugiados. Eles precisam de sua ajuda.

Ela assentiu, a firmeza de sua mão, a determinação na voz, lhe deram forças.

— Fantasma e eu seguiremos — ele disse. — Vai nos custar apenas alguns dias de cavalgada forte. Mas uma alomântica com peltre pode ir mais rápido que qualquer cavalo em longas distâncias.

— Não quero deixar você — ela sussurrou.

— Eu sei.

Ainda era difícil. Como ela poderia partir e deixá-lo, quando tinha acabado de redescobri-lo? Ainda assim, podia sentir o Poço da Ascensão de forma ainda mais premente agora que sabia de sua localização. E se algum de seus amigos *havia sobrevivido* ao ataque…

Vin cerrou os dentes, em seguida abriu a bolsa e puxou o resto do pó de peltre. Engoliu-o com um gole de água de sua garrafinha. Raspou a garganta na descida. *Não é muito*, ela pensou. *Não vai me permitir usar o recurso de peltre por tanto tempo.*

— Eles estão todos mortos… — Fantasma murmurou novamente.

Vin virou-se. Os pulsos batiam, exigentes. Do sul.

Estou indo.

— Elend — ela disse. — Por favor, faça isso por mim. Não durma durante a noite quando as brumas estiverem lá fora. Viaje durante a noite, se puder, e mantenha-se atento. Fique de olho no espectro das brumas, acho que ele pode querer te machucar.

Ele franziu a testa, mas assentiu.

Vin avivou o peltre, em seguida partiu, correndo na direção da estrada.

Meus apelos, meus ensinamentos, minhas objeções e até mesmo minhas traições foram todas inúteis. Alendi tem outros conselheiros agora, que falam o que ele quer ouvir.

52

Brisa deu o seu melhor para fingir que *não* estava no meio de uma guerra. Não funcionou muito bem.

Ele estava montado em seu cavalo, às margens do pátio do Portão de Zinco. Soldados caminhavam e tilintavam, em pé nas fileiras diante dos portões, esperando e observando seus companheiros sobre a muralha.

Os portões receberam pancadas. Brisa encolheu-se, mas continuou seu *abrandamento*.

— Sejam fortes — ele sussurrou. — Medo, incerteza… estou retirando tudo isso. A morte pode vir através daquelas portas, mas vocês podem combatê-la. Podem vencer. Sejam fortes…

O latão queimava como uma fogueira em seu estômago. Há muito acabara com seus frascos, e precisou engolir a seco punhados de pó de latão e goles de água, que ele recebia continuamente graças aos mensageiros montados de Dockson.

Quanto tempo isso pode durar?, ele pensou, limpando a sobrancelha e continuando a *abrandar*. A Alomancia felizmente era muito suave para o corpo; o poder alomântico vinha dos próprios metais, não de quem os queimava. Ainda assim, o *abrandamento* era muito mais complexo que outras habilidades alomânticas, e exigia atenção constante.

— Medo, terror, ansiedade… — ele murmurou. — O desejo de correr ou desistir. Mandem-nos embora. — A fala não era necessária, claro, mas este sempre fora seu jeito. Ajudava a mantê-lo concentrado.

Após mais alguns minutos de *abrandamento*, ele verificou o relógio de bolso, em seguida virou o cavalo e trotou até o outro lado do pátio. Os portões continuavam a ribombar, e Brisa limpou outra vez a testa. Observou, insatisfeito, que seu lenço já estava quase úmido demais para ajudá-lo.

Também havia começado a nevar. A umidade faria as cinzas grudarem nas roupas, e seu traje ficaria totalmente arruinado.

O traje ficará arruinado com seu sangue, Brisa, ele disse a si mesmo. *O tempo para futilidades acabou. Isto aqui é sério. Muito sério. Como você foi acabar justamente aqui?*

Ele redobrou os esforços, *abrandando* um novo grupo de soldados. Ele era um dos alomânticos mais poderosos do Império Final – especialmente quando se tratava de Alomancia emocional. Podia *abrandar* centenas de homens de uma vez, desde que estivessem bem juntos, e contanto que ele estivesse concentrado em emoções simples. Nem mesmo Kelsier conseguia lidar com aqueles números.

Ainda assim, o grupo inteiro de soldados estava além até da sua capacidade, e ele precisava fazê-lo em partes. Quando começou a trabalhar num novo grupo, viu aqueles que havia deixado começarem a esmorecer, sua ansiedade tomando conta.

Quando esses portões estourarem, esses homens vão sair correndo.

Os portões estrondavam. Homens juntavam-se nas muralhas, jogando pedras para baixo, atirando flechas, lutando com uma falta de disciplina frenética. Às vezes, um oficial abria caminho até eles, gritando ordens, tentando coordenar os esforços, mas Brisa estava longe demais para ouvir o que diziam. Conseguia ver apenas o caos de homens em movimento, gritando e disparando.

E, claro, podia ver o contrafogo. Pedras zuniam no ar vindas lá debaixo, algumas se chocando contra as defesas. Brisa tentou não pensar no que acontecia do outro lado das muralhas, com os milhares de feras koloss enraivecidas. De vez em quando, um soldado caía. O sangue pingava no pátio das várias seções dos baluartes.

— Medo, ansiedade, terror… — Brisa sussurrava.

Allrianne havia escapado. Vin, Elend e Fantasma estavam em segurança. Ele precisava manter a concentração nesses sucessos. *Obrigado, Sazed, por nos fazer mandá-los para longe*, ele pensou.

Batidas de cascos soaram atrás dele. Brisa continuou a *abrandar*, mas virou-se para ver Trevo chegando. O general cavalgava com uma postura recurvada, vendo os soldados com um olho aberto e outro perpetuamente fechado, espremido.

— Estão se saindo bem — ele disse.

— Meu caro — Brisa falou. — Estão *apavorados*. Até aqueles sob meu *abrandamento* observam aqueles portões como se um vácuo terrível estivesse

lá, esperando para sugá-los.

Trevo encarou Brisa.

— Estamos poéticos hoje, não?

— A desgraça iminente tem esse efeito em mim — Brisa respondeu quando os portões sacudiram. — De qualquer forma, duvido que os homens estejam indo "bem".

Trevo grunhiu.

— Soldados sempre ficam nervosos antes de uma luta. Mas são bons rapazes. Vão aguentar.

Os portões balançaram e tremeram, lascas apareceram nas laterais. *Essas dobradiças estão sendo forçadas…* Brisa pensou.

— Será que não pode *abrandar* esses koloss? — Trevo perguntou. — Deixá-los menos ferozes?

Brisa sacudiu a cabeça.

— O *abrandamento* não tem efeito sobre as feras. Eu já tentei.

Ficaram em silêncio novamente, ouvindo os portões estrondantes. No fim, Brisa olhou para Trevo, que estava montado no cavalo, imperturbável.

— Você já esteve em batalhas antes — Brisa disse. — Quantas vezes?

— Durante grande parte de vinte anos, quando eu era mais jovem — Trevo disse. — Combatendo rebeliões nos domínios distantes, guerreando contra nômades em desertos. O Senhor Soberano era muito bom em manter esses conflitos abafados.

— E… como vocês faziam? — Brisa quis saber. — Venciam com frequência?

— Sempre — Trevo respondeu.

Brisa deu um sorrisinho.

— Claro — Trevo continuou, olhando para Brisa —, nós tínhamos os koloss do nosso lado. É difícil demais matar essas feras.

Excelente, Brisa pensou.

Vin correu.

Usara apenas uma vez o "recurso de peltre" antes – com Kelsier, dois anos antes. Ao queimar peltre em avivamento contínuo, era possível correr com velocidade incrível, como um velocista em sua arrancada mais rápida, sem sequer ficar cansado.

Ainda assim, o processo tinha efeitos no corpo. O peltre a mantinha em movimento, mas também continha sua fadiga natural. A justaposição deixava

sua mente confusa, levando-a a um estado de energia exaurida semelhante a um transe. Sua alma queria muito descansar, ainda assim o corpo apenas continuava correndo, correndo, correndo ao longo do caminho de sirga dos canais a sul. Na direção de Luthadel.

Vin estava preparada para os efeitos do uso de reserva de peltre dessa vez, e assim lidou melhor com eles. Lutou para não cair no transe, mantendo a mente concentrada no seu objetivo, não nos movimentos repetidos do corpo. No entanto, aquela concentração levou sua mente a pensamentos desconfortáveis.

Por que estou fazendo isso?, ela se perguntou. *Por que exigir tanto de mim mesma? Fantasma disse… Luthadel já caiu. Não é preciso urgência.*

E, mesmo assim, ela corria.

Via imagens de morte em sua mente. Ham, Brisa, Dockson, Trevo e o querido, querido Sazed. Os primeiros amigos de verdade que ela conhecera. Amava Elend, e parte dela bendizia os outros por tê-los enviado para longe do perigo. Entretanto, a outra parte estava furiosa por eles terem-na mandado para longe. Aquela fúria a guiava.

Eles fizeram com que eu os abandonasse. Eles me forçaram *a abandoná-los!*

Kelsier havia passado meses para ensiná-la como confiar. Suas últimas palavras para ela em vida foram acusatórias, e eram palavras das quais nunca fora capaz de escapar. *Ainda precisa aprender muito sobre amizade, Vin.*

Ele seguira em frente para arriscar a vida e tirar Fantasma e OreSeur do perigo, combatendo – e, no fim das contas, matando – um Inquisidor de Aço. Tinha feito aquilo apesar dos protestos de Vin de que o risco era inútil.

Ela estava errada.

Como ousam!, ela pensou, sentindo as lágrimas no rosto enquanto avançava pelo caminho largo do canal. O peltre lhe dava um equilíbrio sobre-humano, e a velocidade – que teria sido perigosa para outras pessoas – lhe parecia natural. Ela não tropeçava, tampouco cambaleava, mas um observador pensaria que seu ritmo era imprudente.

As árvores passavam zunindo. Ela pulava rachaduras e depressões na terra. Corria como fizera apenas uma vez no passado, e forçava-se ainda mais que naquele dia. No passado, ela correra simplesmente para acompanhar Kelsier. Agora corria por aqueles que amava.

Como eles ousam!, ela pensou outra vez. *Como ousam não me dar a mesma chance que Kelsier teve! Como ousam recusar minha proteção, recusar minha ajuda!*

Como ousam morrer…

Seu peltre estava acabando, e ela estava apenas há poucas horas na corrida. Na verdade, provavelmente havia coberto um dia todo de caminhada naquelas poucas horas. Ainda assim, de alguma forma, sabia que não bastaria. Eles já estavam mortos. Ela chegaria tarde demais, da mesma forma que aconteceu anos antes. Tarde demais para salvar o exército. Tarde demais para salvar os amigos.

Vin continuou a correr. E continuou a chorar.

— Como chegamos aqui, Trevo? — Brisa perguntou baixo, ainda no pátio diante do portão ribombante. Estava no cavalo, em meio a uma mistura turva de neve e cinzas caindo. O simples e silencioso revoar de branco e preto parecia camuflar os homens gritando, o portão quebrando e as pedras caindo.

Trevo olhou para ele, franzindo a testa. Brisa continuou a olhar para cima, para as cinzas e a neve. Preta e branca. Indolentes.

— Não somos homens de princípios — Brisa falou baixinho. — Somos ladrões. Cínicos. Você, um homem cansado de obedecer ao Senhor Soberano, um homem determinado a se ver progredir pelo menos uma vez. Eu, um homem de moral duvidosa que ama brincar com os outros, fazer das emoções deles meu joguete. Como terminamos bem aqui? Na cabeça de um exército, lutando por uma causa idealista? Homens como nós não deveriam ser líderes.

Trevo observava os homens no pátio.

— Acho que somos simplesmente idiotas — ele disse por fim.

Brisa fez uma pausa, em seguida observou aquele brilho nos olhos de Trevo. Aquela faísca de humor, a faísca que era difícil de reconhecer a menos que se conhecesse Trevo muito bem. Era aquela faísca que contava a verdade – que mostrava que Trevo era um homem de inteligência rara.

Brisa sorriu.

— Acho que somos. Como dissemos antes, é culpa de Kelsier. Ele nos transformou em idiotas que ficariam à frente de um exército condenado.

— Aquele desgraçado — Trevo falou.

— De fato — Brisa disse.

As cinzas e a neve continuaram a cair. Homens gritavam, alarmados.

E os portões abriram-se de uma vez.

— O portão leste foi derrubado, Mestre Terrisano! — o mensageiro de Dockson disse, ofegando levemente quando se agachou ao lado de Sazed. Os dois estavam sentados ao lado das ameias no alto da muralha, ouvindo os

koloss darem pancadas no seu portão. Aquele que caíra devia ser o Portão de Zinco, no ponto mais a leste de Luthadel.

— O Portão de Zinco é o mais bem defendido — Sazed comentou em voz baixa. — Eles conseguirão segurá-lo, creio eu.

O mensageiro assentiu com a cabeça. As cinzas voavam pelo topo da muralha, acumulando-se em rachaduras e nichos nas pedras, os flocos pretos manchados pela ocasional neve, branca como osso.

— Tem algo que o senhor queira que eu diga ao Lorde Dockson? — o mensageiro perguntou.

Sazed fez uma pausa, olhando as defesas da muralha. Ele desceu da torre de observação, juntando-se às fileiras regulares de homens. Os soldados haviam ficado sem pedras, embora os arqueiros ainda estivessem trabalhando. Ele observou a lateral da muralha e viu os cadáveres dos koloss empilhando-se. No entanto, também viu a frente lascada do portão. É incrível como conseguem manter tal fúria por tanto tempo, ele pensou, recuando. As criaturas continuavam a uivar e gritar, como cães selvagens.

Ele se recostou contra a pedra úmida, estremecendo com o vento frio, seus dedos do pé ficando entorpecidos. Ele acionou a mente de latão, extraindo o calor armazenado nela, e seu corpo de repente foi inundado com uma sensação agradável de calor.

— Diga a Lorde Dockson que temo pelas defesas deste portão — Sazed disse, em voz baixa. — Os melhores homens foram levados para ajudar com os portões a leste, e tenho pouca confiança no nosso líder. Se Lorde Dockson pudesse enviar outra pessoa para ficar no comando, seria o melhor, creio eu.

O mensageiro fez uma pausa.

— O quê? — Sazed perguntou.

— Não foi para isso que ele enviou o senhor, Mestre Terrisano?

Sazed franziu a testa.

— Por favor, diga a ele que tenho ainda menos confiança na minha capacidade de liderar… ou lutar… do que tenho em nosso comandante.

O mensageiro assentiu e partiu, descendo a escadaria aos tropeções para chegar até seu cavalo. Sazed encolheu-se quando uma pedra atingiu a muralha bem acima dele. Lascas voaram sobre o merlão, espalhando-se sobre a ameia à sua frente. *Pelos Deuses Esquecidos…* Sazed pensou, retorcendo as mãos. *O que estou fazendo aqui?*

Ele viu o movimento na muralha ao lado dele, e virou-se quando o jovem capitão dos soldados – capitão Bedes – moveu-se até ele, com cuidado para

manter a cabeça baixa. Alto, com cabelos grossos que caíam ao redor dos olhos, ele era esguio até mesmo embaixo da armadura. O jovem parecia que deveria estar dançando em bailes, não liderando soldados na batalha.

— O que o mensageiro disse? — perguntou Bedes com nervosismo.

— O Portão de Zinco caiu, milorde — Sazed respondeu.

O jovem capitão empalideceu.

— O que… o que devemos fazer?

— Por que me pergunta, milorde? — Sazed questionou. — O senhor está no comando.

— Por favor — o homem disse, agarrando o braço de Sazed. — Eu não… eu…

— Milorde — Sazed disse com seriedade, reprimindo o próprio nervosismo. — O senhor é um nobre, não é?

— Sim…

— Então está acostumado a dar ordens — Sazed disse. — Dê agora.

— Que ordens?

— Não importa — Sazed falou. — Faça os homens verem que o senhor está no comando.

O jovem acenou, em seguida gritou e desviou quando uma pedra atingiu um dos arqueiros próximos no ombro, lançando-o para trás até cair no pátio. Os homens lá embaixo abriram espaço para o cadáver, e Sazed percebeu algo estranho. Um grupo de pessoas estava reunido no fundo do pátio. Civis – skaa – em roupas manchadas de cinzas.

— O que eles estão fazendo aqui? — Sazed perguntou. — Deviam estar escondidos, não ali para tentar os koloss quando as criaturas invadirem!

— *Quando* eles invadirem? — capitão Bedes perguntou.

Sazed ignorou o homem. Com civis ele poderia lidar. Estava acostumado a liderar servos de um nobre.

— Vou falar com eles — Sazed disse.

— Sim… — Bedes concordou. — Parece uma boa ideia.

Sazed abriu caminho até a escadaria, que estava escorregadia e úmida com a mistura de cinza e neve, em seguida aproximou-se do grupo de pessoas. Havia mais deles do que pensara; estendiam-se para trás na rua a uma curta distância. Centenas de pessoas estavam juntas e encolhidas, observando os portões através da neve; pareciam estar com frio, e Sazed sentiu-se um pouco culpado pelo calor de sua mente de latão.

Várias delas abaixaram a cabeça quando Sazed aproximou-se.

— Por que estão aqui? — Sazed perguntou. — Por favor, você precisam buscar abrigo. Se suas casas estiverem próximas do pátio, então se escondam no meio da cidade. Os koloss provavelmente vão começar a pilhagem assim que acabarem com o exército, portanto as margens da cidade são mais perigosas.

Nenhuma das pessoas moveu-se.

— Por favor! — Sazed pediu. — Vocês *precisam* ir. Se ficarem, morrerão!

— Não estamos aqui para morrer, Primeira Testemunha Sagrada — disse um idoso na frente. — Estamos aqui para assistir à queda dos koloss.

— Queda? — Sazed perguntou.

— A Lady Herdeira nos protegerá — disse outra mulher.

— A Lady Herdeira deixou a cidade — Sazed retrucou.

— Então, observaremos o senhor, Primeira Testemunha Sagrada — o homem falou, pousando a mão no ombro de um garoto.

— Primeira Testemunha Sagrada? — Sazed perguntou. — Por que me chamam assim?

— O senhor foi o primeiro que trouxe a notícia da morte do Senhor Soberano — o homem respondeu. — Deu à Lady Herdeira a lança que ela usou para matar o nosso senhor. Foi a testemunha de suas ações.

Sazed balançou a cabeça.

— Talvez seja verdade, mas não sou digno de reverência. Não sou um homem santo, sou apenas…

— Testemunha — o velho disse. — Se a Herdeira se juntar a esta batalha, ela aparecerá perto do senhor.

— Eu… sinto muito… — Sazed disse, enrubescendo. *Eu a mandei embora. Fiz sua deusa partir para ficar em segurança.*

As pessoas o observaram, seus olhos reverentes. Estava errado: eles não deveriam adorá-lo. Era simplesmente um observador.

Exceto que não era. Ele fizera parte daquilo tudo. Era como Tindwyl indiretamente havia lhe alertado. Agora que Sazed havia participado dos acontecimentos, tornara-se ele próprio, objeto de devoção.

— Vocês não deveriam me olhar assim — Sazed disse.

— A Lady Herdeira diz a mesma coisa — o velho dizia, sorrindo, soltando nuvens no ar frio.

— É diferente — Sazed falou. — Ela é… — Ele interrompeu, virando-se quando ouviu gritos lá de trás. Os arqueiros na muralha acenavam, alarmados, e o jovem capitão Bedes estava correndo na direção deles. *O que está…*

Uma criatura azul bestial de repente ergueu-se sobre a muralha, sua pele esticada e pingando sangue escarlate. Empurrou para o lado um arqueiro surpreso, em seguida agarrou o capitão Bedes pelo pescoço e jogou-o para trás. O rapaz desapareceu, caindo entre os koloss lá embaixo. Sazed ouviu os gritos mesmo à distância. Um segundo koloss subiu na muralha, então um terceiro. Arqueiros afastavam-se aos tropeções, em choque, largando as armas, alguns empurrando outros das defesas com a pressa.

Os koloss estão saltando, Sazed percebeu. *Devem ter empilhado corpos suficientes para isso lá embaixo. E, ainda assim, pular tão alto…*

Mais e mais criaturas subiam no topo da muralha. Eram os monstros maiores, aqueles com mais de quatro metros de altura, e aquilo tornava mais fácil para eles tirarem os arqueiros do caminho. Os homens caíam no pátio, e as batidas nos portões redobravam.

— Vão! — Sazed falou, acenando para as pessoas atrás dele. Alguns recuaram. Muitos ficaram firmes.

Sazed virou-se desesperadamente para os portões. As estruturas de madeira começaram a rachar, e lascas voavam pelo ar cheio de neve e cinzas. Os soldados afastaram-se, numa postura apavorada. Finalmente, num estalo, a barra quebrou e o portão direito abriu com tudo. A massa uivante, sangrando e selvagem de koloss começou a correr pelas pedras úmidas.

Soldados largaram as armas e fugiram. Outros permaneceram, paralisados pelo terror. Sazed estava atrás deles, entre os soldados horrorizados e a massa de skaa.

Não sou um guerreiro, ele pensou, mãos trêmulas enquanto encarava os monstros. Havia sido difícil ficar calmo dentro do acampamento deles. Ao vê-los berrar – suas espadas imensas sacadas, sua pele rasgada e sangrenta enquanto caíam sobre os soldados humanos –, Sazed sentiu a coragem começar a falhar.

Mas se eu não fizer nada, ninguém fará.

Ele ativou o peltre.

Seus músculos cresceram. Ele puxou profundamente de sua mente de aço enquanto avançava, concentrando mais força do que jamais fizera antes. Passou anos armazenando força, raramente encontrando ocasião para usá-la, e agora ele acionou aquela reserva.

Seu corpo mudou, os braços fracos do erudito transformando-se em membros gigantescos, troncudos. Seu peito alargou-se, protuberante, e seus músculos esticaram-se com a força. Dias gastos com fragilidade e fraqueza se

concentraram naquele único momento. Ele abriu caminho pelas fileiras de soldados, puxando a túnica pela cabeça quando ficou muito apertada, deixando-o apenas com uma tanga rudimentar.

O líder koloss virou-se para ficar cara a cara com uma criatura quase do seu tamanho. Apesar da fúria, apesar de sua desumanidade, a fera ficou paralisada, a surpresa estampada em seus olhos vermelhos e arredondados.

Sazed deu um murro no monstro. Ele não tinha prática de guerra, e não sabia quase nada sobre combate. Porém, naquele momento, sua falta de habilidade não importava. O rosto da criatura caiu sob o seu punho, o crânio estalou.

Sazed virou-se sobre as pernas grossas, olhando os soldados perplexos lá atrás. *Diga alguma coisa valente!*

— Lutem! — Sazed urrou, surpreso pela gravidade e força repentinas em sua voz.

E, surpreendentemente, eles obedeceram.

Vin caiu de joelhos, exausta, na estrada enlameada e cheia de cinzas. Seus dedos e joelhos enterraram-se no frio sujo, mas ela não se importou. Simplesmente se ajoelhou, ofegando. Não conseguiria correr mais. Seu peltre havia se esgotado. Os pulmões queimavam e ar pernas doíam. Queria despencar e se enrodilhar, tossindo.

É apenas um recurso de peltre, ela pensou, forçosamente. Ela havia exigido demais do corpo, mas até agora não precisara pagar por isso.

Um momento depois ela tossiu, gemeu, e estendeu a mão suja e pingando até o bolso para retirar seus últimos dois frascos. Tinham uma mistura de todos os oito metais base, mais duralumínio. Seu peltre a deixaria seguir mais um pouco…

Mas não o suficiente. Ainda estava a horas de distância de Luthadel. Mesmo com peltre, ela não chegaria até depois de escurecer. Ela suspirou, substituindo os frascos, esforçando-se a ficar em pé.

O que eu faria se chegasse?, Vin pensou. *Por que se esforçar tanto? Estou tão ávida por lutar novamente? Por assassinar?*

Ela sabia que não chegaria a tempo para a batalha. De fato, era provável que os koloss já tivessem atacado dias atrás. Ainda assim, aquilo a preocupava. Seu ataque à fortaleza de Cett ainda trazia imagens horrendas em sua cabeça. Coisas que fizera. Mortes que causara.

E, ainda assim, ela sentia algo diferente agora. Aceitara seu papel de faca. Mas o que era uma faca, senão outra ferramenta? Podia ser usada para o bem e

para o mal; podia matar ou proteger.

Esse ponto era controverso, considerando o quanto se sentia fraca. Era difícil impedir que as pernas tremessem enquanto queimava estanho para clarear a mente. Levantou-se na estrada imperial, uma via molhada, esburacada, que parecia – em meio à neve que caía suave – serpentear uma eternidade. Seguia diretamente até além do canal imperial, que era um corte sinuoso na terra, largo mais vazio, que se estendia além da estrada.

Antes, com Elend, essa estrada parecia brilhante e nova. Agora parecia escura e opressora. O Poço pulsava, suas batidas ficando cada vez mais poderosas a cada passo que ela dava na direção de Luthadel. Ainda assim, não estava acontecendo com rapidez o suficiente. Não o bastante para ela impedir que os koloss tomassem a cidade.

Não rápido o bastante para seus amigos.

Sinto muito… ela pensou, os dentes batendo quando fechou mais a capa, o peltre quase inútil frente ao frio. *Sinto muito por falhar com vocês.*

Ela viu uma linha de fumaça à distância. Olhou para leste, em seguida para oeste, mas não viu muita coisa. A paisagem imensa estava coberta por neve e cinzas.

Uma vila, ela pensou com sua mente ainda confusa. *Uma das muitas nessa área*. Luthadel era, de longe, a principal cidade do pequeno domínio, mas havia outras. Elend não fora capaz de manter as outras totalmente livres do banditismo, mas elas iam muito melhor que as vilas em outras áreas do Império Final.

Vin seguiu aos tropeços, forçando-se a atravessar as poças pretas e enlameadas até o vilarejo. Depois de quinze minutos de caminhada, saiu da estrada principal e entrou numa vicinal até a vila. Era pequena, mesmo para os padrões skaa. Apenas algumas cabanas, junto com outras estruturas melhores.

Não é uma fazenda, Vin pensou. *No passado, isso foi uma vila de passagem, um lugar para nobres em viagem pararem à noite.* A pequena mansão – que teria sido de um senhor de terras da pequena nobreza – estava escura. No entanto, duas cabanas skaa tinham luz brilhando entre as frestas. O tempo sombrio deve ter convencido as pessoas a sair do trabalho mais cedo.

Vin estremeceu, caminhando até um dos prédios, seus ouvidos aguçados pelo estanho descobrindo sons de conversa dentro dele. Ela parou para ouvir. Crianças riam, e homens falavam com entusiasmo. Ela sentiu o cheiro do que devia ser o início da refeição noturna, um cozido simples de vegetais.

Skaa… rindo, ela pensou. Uma cabana como aquela teria sido um lugar de

medo e tristeza durante os dias do Senhor Soberano. Skaa felizes eram considerados skaa mal-empregados.

É o que queríamos. É tudo que queríamos.

Mas valia a morte de seus amigos? A queda de Luthadel? Sem a proteção de Elend, mesmo este vilarejo logo seria tomado por um ou outro tirano.

Ela absorveu os sons do riso. Kelsier não desistira. Ele enfrentara o Senhor Soberano sozinho, e suas últimas palavras foram desafiadoras. Mesmo quando seus planos pareciam perdidos, com seu cadáver jazendo na rua, em segredo, ele havia sido vitorioso.

Eu me recuso a desistir, ela pensou, fortalecida. *Eu me recuso a aceitar a morte deles até segurar seus corpos nos braços.*

Ela ergueu a mão e bateu na porta. De imediato, os sons lá dentro pararam. Vin extinguiu o estanho quando a porta abriu um pouco. Skaa, especialmente skaa do interior, eram seres ariscos. Ela provavelmente teria que…

— Ah, pobrezinha! — a mulher exclamou, abrindo a porta inteira. — Entre, saia dessa neve. O que está fazendo aí fora?

Vin hesitou. A mulher vestia trajes simples, mas as roupas eram bem-feitas para passar o inverno. A fogueira no centro da sala brilhava com um calor agradável.

— Menina? — a mulher perguntou. Lá atrás, um homem parrudo, barbado, levantou-se para pousar a mão no ombro da mulher e observar Vin.

— Peltre — Vin falou em voz baixa. — Preciso de peltre.

O casal se olhou, franzindo o cenho. Provavelmente pensaram que a mente de Vin estava confusa. Afinal, como devia estar sua aparência, cabelos ensopados pela neve, roupas molhadas e grudada com cinzas? Ela estava apenas com roupas simples de montaria – calças e uma capa qualquer.

— Por que não entra, menina? — o homem sugeriu. — Temos algo para comer. Depois podemos conversar sobre sua casa. Onde estão seus pais?

Senhor Soberano!, Vin pensou, incomodada. *Não pareço* tão *jovem, pareço?*

Ela lançou um *abrandamento* sobre o casal, suprimindo a preocupação e a suspeita. Em seguida, *tumultuou* a disposição de ajudar. Não era tão boa quanto Brisa, mas não era inexperiente. O casal relaxou de imediato.

— Não tenho muito tempo — Vin falou. — Peltre.

— O lorde tinha um conjunto de jantar fino na casa dele — o homem falou, lentamente. — Mas trocamos a maior parte das coisas por roupas e equipamentos agrícolas. Acho que restam algumas taças. Mestre Cled, nosso ancião, está com elas na outra cabana…

— Deve funcionar — Vin comentou. *Embora o metal provavelmente não esteja misturado nos percentuais alomânticos corretos.* Provavelmente teria muita prata ou não teria estanho o bastante, fazendo o peltre agir de forma mais fraca do que o normal.

O casal franziu o cenho, em seguida olhou para os outros na cabana.

Vin sentiu o desespero infiltrar-se de novo no peito. O que estava pensando? Mesmo que o peltre fosse da liga correta, levaria tempo para raspá-lo e produzir o suficiente para ser usado na corrida. Peltre queimava relativamente rápido. Precisava de muito. Prepará-lo levaria quase tanto tempo quanto simplesmente caminhar até Luthadel.

Ela se virou, olhando para o sul, através do céu escuro e nevado. Mesmo com peltre, levaria mais horas de corrida. O que ela precisava mesmo era um caminho de estacas – uma trilha marcada por estacas marteladas no chão nas quais um alomântico poderia empurrar, jogando-se pelo ar repetidamente. Num caminho organizado dessa forma, ela viajara certa vez de Luthadel a Fellise – uma hora de carruagem – em menos de dez minutos.

Mas não havia caminho de estacas dessa vila até Luthadel; não havia uma nem mesmo ao longo das rotas de canal principais. Eram difíceis demais de montar, específicas demais em sua utilidade para valer a pena estendê-las por longas distâncias…

Vin virou-se, causando um sobressalto no casal skaa. Talvez tivessem percebido as adagas no cinto, ou talvez fosse seu olhar, mas não pareciam tão amigáveis quanto tinham sido antes.

— Aquilo é um estábulo? — Vin perguntou, acenando a cabeça na direção de um dos prédios sombrios.

— Sim — o homem respondeu, hesitante. — Mas não temos cavalos. Apenas algumas cabras e vacas. Claro que você não vai querer…

— Ferraduras — Vin falou.

O homem franziu a testa.

— Preciso de ferraduras — ela disse. — Muitas delas.

— Venha comigo — o homem chamou, reagindo ao seu *abrandamento*. Ele a levou para fora, naquela tarde fria. Os outros seguiram-nos de perto, e Vin percebeu alguns dos homens casualmente carregando porretes. Talvez não fosse apenas a proteção de Elend que fizera essas pessoas não serem molestadas.

O homem parrudo jogou seu peso contra a porta do estábulo, empurrando-a para o lado. Apontou um barril lá dentro.

— Mas estão enferrujando — ele falou.

Vin caminhou até o barril e pegou uma ferradura, testando seu peso. Em seguida, jogou uma na sua frente e empurrou-a com um avivamento forte de aço. Ela voou, descrevendo um arco pelo ar até cair numa poça algumas centenas de passos adiante.

Perfeito, ela pensou.

Os skaa observavam. Vin enfiou a mão no bolso e puxou um dos seus frascos de metal, engolindo seu conteúdo e restaurando o peltre. Não tinha muito dele sobrando pelos padrões do recurso de peltre, mas tinha muito aço e ferro. Os dois queimavam lentamente. Ainda poderia empurrar e puxar metais por horas.

— Prepare sua vila — ela disse, queimando peltre, em seguida contando dez ferraduras. — Luthadel está cercada, talvez já tenha caído. Se receberem a notícia de que caiu, sugiro que pegue seu pessoal e parta para Terris. Siga o canal imperial direto até o norte.

— Quem é você? — o homem perguntou.

— Ninguém importante.

Ele fez uma pausa.

— Você é *ela*, não é?

Ela não precisava perguntar o que ele queria dizer. Simplesmente soltou uma ferradura no chão atrás de si.

— Sou — ela disse, baixinho, em seguida *empurrou* a ferradura.

De imediato, ela disparou para o ar na diagonal. Quando começou a cair, soltou outra ferradura. No entanto, esperou até chegar perto do chão para *empurrar* essa outra; precisava avançar mais que subir.

Já havia feito isso antes. Não era tão diferente de usar moedas para saltar. O truque seria manter-se em movimento. Quando *empurrou* a segunda ferradura, impulsionando-se outra vez para dentro do ar nevado, ela estendeu a mão para trás e *puxou* com força a primeira ferradura.

A ferradura não estava ligada a nada, então saltou no ar atrás dela, cruzando a distância pelo céu enquanto Vin lançava a terceira ferradura no chão. Deixou cair a primeira ferradura, e seu impulso carregava-a através do ar acima da cabeça. O metal caiu no chão quando *empurrou* a terceira ferradura e *puxou* a segunda, que havia ficado bem para trás.

Vai ser difícil, Vin pensou, franzindo a testa com concentração enquanto passava sobre a primeira ferradura e a *empurrava*. No entanto, não acertou o ângulo, e caiu demais antes de *empurrar*. A ferradura disparou para trás dela, e não lhe deu impulso suficiente para mantê-la no ar. Ela bateu no chão com

força, mas imediatamente *puxou* a ferradura para si e tentou de novo.

As primeiras tentativas foram lentas. O maior problema era conseguir cair no ângulo correto. Precisava atingir a ferradura com exatidão, imprimindo bastante força para baixo para mantê-la no lugar, mas com impulso o suficiente adiante para não deixar de avançar na direção correta. Na primeira hora, precisou pousar muitas vezes para buscar as ferraduras. No entanto, não teve muito tempo para experimentações, e sua determinação insistia que ela fizesse o processo corretamente.

No fim, ela percebeu que três ferraduras funcionavam muito bem; ajudava o fato de o chão estar úmido e de seu peso afundar as ferraduras na lama, dando-lhe uma âncora mais forte para usar quando se *empurrava* para frente. Logo pôde acrescentar uma quarta ferradura. Quanto mais *empurrava* – quanto mais ferraduras tinha para *empurrar* –, mais rápido seguia.

Quando estava a uma hora fora da vila, ela acrescentou uma quinta ferradura. O resultado foi um fluxo contínuo de giros das peças de metal. Vin *puxava*, em seguida *empurrava*, então *puxava*, depois *empurrava*, movendo-se com determinação contínua, fazendo malabarismo consigo mesma pelo ar.

O chão passava rápido por baixo e as ferraduras voavam pelo ar por cima dela. O vento transformou-se num rugido enquanto ela se *empurrava* cada vez mais rápido, direcionando seu caminho para o sul. Era um turbilhão de metais em movimento – como Kelsier, próximo do fim, quando matou o Inquisidor.

A diferença era que o metal não servia aqui para assassinar, mas para salvar. *Talvez eu não chegue a tempo*, ela pensou, o ar correndo ao seu redor. *Mas não vou desistir no meio do caminho.*

Tenho um sobrinho jovem, Rashek. Ele odeia todos de Khlennium com a paixão da juventude invejosa. Odeia Alendi de forma ainda mais aguda, embora os dois nunca tenham se encontrado, pois Rashek se sente traído por um de nossos opressores ter sido escolhido como Herói das Eras.

53

Na verdade, Straff estava começando a se sentir muito bem quando o exército escalou a última colina para enxergar Luthadel. Havia experimentado, com prudência, algumas drogas do seu gabinete, e tinha certeza de que conhecia aquela que Amaranta lhe dera: Rixa Preta. Uma droga repugnante, de fato. Ele precisava se desintoxicar dela lentamente, mas, por ora, engolir algumas folhas o deixava mais forte e mais alerta do que ele jamais estivera antes. De fato, sentia-se excelente.

E tinha certeza de que não se podia dizer o mesmo para aqueles que estavam em Luthadel. Os koloss juntaram-se ao redor da muralha externa, ainda batendo contra vários dos portões nos lados norte e leste. Fumaça erguia-se de dentro da cidade.

— Nossos batedores dizem que as criaturas invadiram por quatro portões da cidade, milorde — disse Lorde Janarle. — Eles derrubaram o portão leste primeiro, e lá encontraram resistência pesada. O portão nordeste caiu em seguida, em seguida o noroeste, mas as tropas dos dois estão resistindo também. A principal queda aconteceu a norte. Os koloss aparentemente estão destruindo tudo a partir daquela direção, queimando e saqueando.

Straff assentiu. *O portão norte*, ele pensou. *O mais próximo da Fortaleza Venture.*

— Vamos atacar, milorde? — Janarle perguntou.

— Há quanto tempo o portão norte caiu?

— Talvez há uma hora, milorde.

Straff balançou a cabeça, sem pressa.

— Então, vamos esperar. As criaturas trabalharam tanto para invadir a cidade, deveríamos ao menos deixá-las se divertirem um pouco antes de as

esmagarmos.

— Tem certeza, milorde?

Straff sorriu.

— Assim que perderem sua sede de sangue, em poucas horas, estarão cansados de toda a batalha e se acalmarão. *Este* será o melhor momento para atacar. Estarão dispersos pela cidade e enfraquecidos pela resistência. Desse jeito, poderemos pegá-los facilmente.

Sazed agarrou o oponente koloss pelo pescoço, forçando para trás seu rosto confuso, distorcido. A pele da fera estava tão esticada que partiu no centro do rosto, revelando músculos sangrentos sobre os dentes, ao redor das narinas. Ele respirava com um ódio rouco, espalhando gotículas de saliva e sangue em Sazed a cada vez que expirava.

Força!, Sazed pensou, acionando sua mente de peltre para mais força. Seu corpo ficou tão imenso que temeu fender sua própria pele. Felizmente, suas mentes de metal foram feitas para se expandir, os braceletes e anéis não eram fechados para que pudessem se curvar. Ainda assim, sua massa era assustadora. Provavelmente não teria sido capaz de andar ou esquivar-se com aquele tamanho, mas não importava, pois os koloss já haviam jogado seu corpo no chão. Tudo que precisava era alguma força extra na mão. A criatura agarrou seu braço com uma das mãos, estendendo a outra para trás e pegando a espada…

Os dedos de Sazed finalmente esmagaram o pescoço grosso da fera.

A criatura tentou grunhir, mas não conseguiu respirar, e em vez disso debateu-se, frustrada. Sazed forçou-se a ficar em pé, em seguida jogou a criatura na direção de seus companheiros. Com tanta força sobrenatural, mesmo um corpo de quase três metros e meio parecia leve em seus dedos. O monstro bateu num punhado de koloss agressores, forçando-os a recuar.

Sazed ficou ali, ofegante. *Estou esgotando minha força rápido demais,* ele pensou, liberando sua mente de peltre, seu corpo desinflando como um odre de vinho. Não podia continuar acionando tanto suas reservas. Já havia usado quase metade de sua força – força que levara décadas para armazenar. Ainda não havia usado os anéis, mas tinha apenas poucos minutos de cada atributo neles. Seriam usados numa emergência.

E talvez seja o que estou encarando agora, ele pensou com horror. Eles ainda mantinham a Praça do Portão de Ferro. Embora os koloss houvessem derrubado o portão, apenas alguns conseguiam passar por ele de cada vez – e

apenas os maiores pareciam capazes de pular a muralha.

No entanto, a pequena tropa de soldados de Sazed estava gravemente pressionada. Corpos jaziam espalhados no pátio. Os fiéis skaa ao fundo haviam começado a puxar os feridos para lugares mais seguros. Sazed podia ouvi-los gemer atrás dele.

Os cadáveres koloss empilhavam-se na praça também e, apesar da carnificina, Sazed não conseguiu evitar uma sensação de orgulho pela dificuldade que as criaturas tinham em abrir caminho para dentro daquele portal. Luthadel não estava caindo com facilidade. Não mesmo.

Os koloss pareciam recuar por ora, e embora várias brigas ainda continuassem no pátio, um novo grupo de monstros se reunia fora dos portões.

Fora dos porões, Sazed pensou, olhando para o lado. As criaturas pensaram apenas em quebrar um dos lados do imenso portão, o direito. Havia cadáveres na praça – dúzias, talvez centenas –, mas os próprios koloss haviam tirado vários do caminho do portão para que pudessem entrar no pátio.

Talvez…

Sazed não teve tempo de pensar. Ele avançou, acionando novamente sua mente de peltre, reunindo a força de cinco homens. Ele pegou o corpo de um koloss menor e jogou-o para fora do portão. As criaturas lá fora rosnaram, espalhando-se. Ainda havia centenas esperando a oportunidade para entrar, mas eles tropeçavam sobre os mortos na sua pressa em sair do caminho do corpo lançado.

Sazed deslizou no sangue quando agarrou o segundo corpo, jogando-o para o lado.

— Venham comigo! — ele gritou, esperando que houvesse homens que pudessem ouvir, e que pudessem obedecer.

Os koloss perceberam o que ele estava fazendo tarde demais. Chutou outro corpo para fora do caminho, em seguida lançou com tudo seu corpo contra o lado aberto do portão e acionou sua mente de ferro, arrastando para frente o peso que havia armazenado dentro dele. De imediato ele ficou mais pesado, e aquele peso bateu contra o portão, fechando-o com força.

Os koloss correram até a entrada do outro lado. Sazed escorava-se no portão, empurrando corpos para fora do caminho, forçando o portão a se fechar totalmente. Tocou outra vez sua mente de ferro, drenando sua preciosa reserva a uma taxa alarmante. Ficou tão pesado que sentiu seu próprio peso esmagando-o no chão, e apenas sua força aumentada conseguia mantê-lo em pé. Os koloss frustrados batiam no portão, mas ele resistia. Manteve-os longe,

mãos e peito pressionados contra a madeira rústica, dedos do pé agarrados nos paralelepípedos irregulares. Com sua mente de latão, não sentia frio, embora a cinza, a neve e o sangue se misturassem a seus pés.

Homens gritavam. Alguns morreram. Outros jogavam seu peso contra o portão, e Sazed lançou um olhar para trás. O restante dos soldados formaram um perímetro, protegendo o portão dos koloss de dentro da cidade. Os homens lutavam bravamente, de costas para o portão, apenas o poder de Sazed impedindo que o portal se abrisse.

E, ainda assim, eles lutaram. Sazed gritou, desafiador, pés escorregando, segurando o portão enquanto os soldados matavam os koloss remanescentes no pátio. Em seguida, um grupo deles chegou às pressas da lateral, carregando uma madeira comprida. Sazed não sabia onde tinham conseguido aquilo, e também não se importou quando o deslizaram no lugar em que a barra do portão estivera.

Seu peso esgotou-se, a mente de ferro vazia. *Eu deveria ter armazenado mais com o passar dos anos,* ele pensou com um suspiro de exaustão, desabando diante do portão fechado. Parecia bastante, até ele ser forçado a usá-lo com tanta frequência, utilizando-o para empurrar koloss ou algo assim.

Em geral, eu armazenaria peso como efeito colateral de me deixar mais leve. Sempre me pareceu a maneira mais útil de usar o ferro.

Ele liberou o peltre, e sentiu o corpo desinchar. Felizmente, aumentar o corpo dessa maneira não deixava sua pele solta. Ele voltou ao seu normal, apenas carregando uma sensação apavorante de exaustão e uma leve dor. Os koloss continuavam a bater no portão. Sazed abriu os olhos cansados, deitando-se com o peito nu sobre a neve e as cinzas que caíam. Seus soldados ficaram em pé solenemente diante dele.

Tão poucos, ele pensou. Não haviam restado nem cinquenta dos quatrocentos originais. A praça em si estava vermelha – como se pintada – com o sangue brilhante dos koloss, e ele se misturava com o mais escuro dos seres humanos. Corpos azuis desagradáveis jaziam sozinhos ou em pilhas, intercalados com pedaços retorcidos e arrancados que, não raro, eram tudo que restava de corpos humanos, assim que foram atingidos pelas espadas brutais dos koloss.

As pancadas continuavam, como tambores baixos, do outro lado do portão. O bater acelerou a um ritmo frenético, o portão sacudindo, ao passo que os koloss ficavam mais frustrados. Provavelmente conseguiam sentir o cheiro de sangue, sentir a carne que quase fora deles.

— Aquela tábua não aguentará muito tempo — um dos soldados disse

baixinho, um pouco de cinza flutuando diante do seu rosto. — E as dobradiças estão quebrando. Eles vão atravessar de novo.

Sazed ergueu-se.

— E vamos lutar de novo.

— Milorde! — uma voz disse. Sazed virou-se para ver um dos mensageiros de Dockson cavalgar ao redor de uma pilha de cadáveres. — Lorde Dockson diz que… — Ele interrompeu a fala, percebendo que o portão de Sazed estava fechado. — Como… — o homem começou a falar.

— Entregue sua mensagem, jovem — Sazed interrompeu, cansado.

— Lorde Dockson diz que vocês não receberão nenhum reforço — o homem disse, apertando as rédeas do cavalo. — O Portão de Estanho caiu e…

— Portão de Estanho? — Sazed perguntou. *Tindwyl!* — Quando?

— Há mais de uma hora, milorde.

Uma hora?, ele pensou, em choque. *Há quanto tempo estamos lutando?*

— Vocês têm que resistir aqui, milorde! — o jovem disse, virando-se e galopando de volta pelo caminho que viera.

Sazed deu um passo para o leste. *Tindwyl…*

As batidas no seu portão ficaram mais altas, e a tábua começou a rachar. Os homens correram para buscar algo com que prender o portão, mas Sazed conseguia ver que as ferragens que mantinham a tábua no lugar estavam começando a se soltar. Assim que caíssem, não haveria como segurar o portão fechado.

Sazed fechou os olhos, sentindo o peso da fadiga, tocando em sua mente de peltre. Estava quase drenado. Depois que acabasse, teria apenas o pouquinho de força em um dos anéis.

Porém, o que mais poderia fazer?

Ele ouviu a tábua estalar, e os homens gritarem.

— Recuar! — Trevo gritou. — Dividam-se pela cidade!

Os remanescentes do seu exército dispersaram, afastando-se do Portão de Zinco. Brisa observava com horror cada vez mais koloss espalharem-se pela praça, atropelando os poucos homens fracos demais ou muito feridos para recuar. As criaturas avançavam como uma grande onda azul, uma onda com espadas de aço e olhos injetados.

No céu, o sol – um brilho fraco por trás das nuvens tempestuosas – era uma cicatriz sangrenta que se arrastava para o horizonte.

— Brisa — Trevo gritou, puxando-o para trás. — Hora de ir.

Seus cavalos já haviam fugido havia tempo. Brisa saiu aos tropeços atrás do general, tentando não ouvir os rosnados lá atrás.

— Recuar para posições de destruição! — Trevo gritou para os homens que puderam ouvi-lo. — Primeiro esquadrão, apoio dentro da Fortaleza Lekal! Lorde Hammond deve estar lá agora, preparando as defesas! Esquadrão dois, comigo para a Fortaleza Hasting!

Brisa continuou a correr, sua mente tão entorpecida quanto os pés. Ele tinha sido praticamente inútil na batalha. Tentou arrancar o medo dos homens, mas seus esforços pareciam inapropriados. Como… segurar um pedaço de papel erguido para se proteger do sol.

Trevo ergueu a mão, e o esquadrão de duzentos homens parou. Brisa olhou ao redor. A rua estava quieta sob as cinzas e a neve que caíam. Tudo parecia… fosco. O céu era mortiço, as feições da cidade suavizadas pela cobertura de neve salpicada de preto. Parecia tão estranho ter fugido da cena horrível de escarlate e azul para encontrar a cidade parecendo tão indolente.

— Maldição! — Trevo estourou, empurrando Brisa para fora do caminho quando um grupo enraivecido de koloss irrompeu de uma rua lateral. Os soldados de Trevo formaram uma linha, mas outro grupo de koloss – as criaturas tinham acabado de atravessar o portão – veio por trás deles.

Brisa tropeçou, caindo na neve. *Aquele outro grupo… veio do norte. As criaturas já se infiltraram tão longe na cidade?*

— Trevo! — Brisa disse, virando-se. — Nós…

Brisa olhou bem a tempo de ver uma espada gigantesca de koloss descer sobre o braço erguido de Trevo, em seguida continuar até atingir o general nas costelas. Trevo grunhiu, jogado de lado, o braço da espada – com arma e tudo – voando para longe. Ele tombou sobre a perna ruim, e o koloss desceu sua espada com um golpe de duas mãos.

A neve suja finalmente cobriu-se de alguma cor. Uma mancha vermelha.

Brisa olhou, perplexo, para os restos do cadáver do amigo. Em seguida o koloss virou-se para Brisa, rosnando.

A possibilidade de sua morte iminente o atingiu, agitando-o como nem mesmo a neve fria tinha conseguido. Brisa cambaleou para trás, deslizando na neve, estendendo o poder como por instinto e *abrandando* a criatura. Claro, nada aconteceu. Brisa tentou ficar em pé, e o koloss – junto com vários outros – começou a avançar sobre ele. Naquele momento, contudo, outra tropa de soldados em fuga do portão apareceu num cruzamento, distraindo os koloss.

Brisa fez a única coisa que pareceu natural. Rastejou para dentro de um

prédio e se escondeu.

— Isso é tudo culpa de Kelsier — Dockson murmurou, fazendo outra anotação no seu mapa. De acordo com os mensageiros, Ham chegara à Fortaleza Lekal. Não duraria muito.

O grande salão dos Venture era uma azáfama de movimento caótico, enquanto escribas apavorados corriam daqui para ali, percebendo finalmente que os koloss não diferenciavam skaa, eruditos, nobres ou mercadores. As criaturas simplesmente gostavam de matar.

— Ele deveria ter previsto que isso aconteceria — Dockson continuou. — Deixou-nos com essa bagunça, e supôs que encontraríamos uma maneira de consertar. Bem, não posso esconder uma cidade dos seus inimigos, não como escondia uma gangue. Apenas porque éramos excelentes gatunos não significa que seríamos bons em conduzir um reino!

Ninguém o ouvia. Seus mensageiros todos haviam fugido, e os guardas lutavam nos portões da fortaleza. Cada uma das fortalezas tinha suas próprias defesas, mas Trevo, corretamente, decidiu usá-las apenas como última opção. Não eram projetadas para repelir um ataque em grande escada, e eram muito separadas umas das outras. Recorrer a elas apenas rompia e isolava o exército humano.

— Nosso problema verdadeiro é a finalização — Dockson falou, fazendo uma anotação final no Portão de Estanho, explicando o que acontecia lá. Olhou para o mapa. Nunca esperaria que o portão de Sazed fosse o último a cair. — A finalização — ele continuou. — Achamos que poderíamos fazer um trabalho melhor que os nobres, mas assim que tivemos poder, os colocamos de volta no comando. Se tivéssemos matado todos, talvez pudéssemos ter recomeçado de verdade. Claro, isso implicaria invadir outros domínios, que também implicaria enviar Vin para cuidar dos nobres mais importantes, mais problemáticos. Haveria um massacre como o Império Final nunca viu antes. E, se fizéssemos isso…

Ele parou de falar, erguendo os olhos quando uma das janelas de vitral gigantescas e majestosas estourou. As outras começaram a explodir também, rompidas por pedras lançadas. Alguns grandes koloss pularam através das aberturas, aterrissando no chão de mármore cheio de estilhaços. Mesmo quebradas, as janelas eram bonitas, e as pontas afiadas dos vidros brilhavam à luz do fim de tarde. Através delas, Dockson conseguia ver que a tempestade estava cedendo, deixando a luz do sol passar.

— Se fizéssemos isso — Dockson falou em voz baixa —, não seríamos melhores que feras.

Os escribas gritaram, tentando fugir quando os koloss começaram o massacre. Dockson esperou em silêncio, ouvindo os ruídos lá atrás – grunhidos, respiração ofegante – enquanto os koloss aproximavam-se pelas galerias traseiras. Ele pegou a espada na mesa quando os homens começaram a morrer.

Ele cerrou os olhos. *Você sabe, Kell*, ele pensou. *Eu quase comecei a acreditar que eles estavam certos, que você estava olhando por nós. Que você era algum tipo de deus.*

Ele abriu os olhos e virou-se, desembainhando a espada. Em seguida ficou paralisado, encarando a fera imensa aproximando-se por trás. *Tão grande!*

Dockson cerrou os dentes, lançando uma maldição final a Kelsier, em seguida atacou, tomando impulso.

A criatura segurou a arma com a mão indiferente, ignorando o corte que ela causou. Em seguida, ela baixou sua própria arma, e sobreveio a escuridão.

— Milorde — Janarle disse. — A cidade caiu. Olhe, dá para vê-la queimar. Os koloss penetraram em todos os portões, menos em um que está sob ataque, e estão varrendo a cidade. Não estão parando para saquear, apenas matam. Carnificina. Não há soldados restantes para fazer oposição.

Straff estava em silêncio, observando Luthadel queimar. Parecia… um símbolo para ele. Um símbolo de justiça. Ele fugiu dessa cidade uma vez, deixando-a para os vermes skaa dentro dela, e, quando voltou para exigir que a devolvessem, as pessoas resistiram.

Foram rebeldes. Mereciam este fim.

— Milorde — Janarle falou. — O exército koloss já está bastante enfraquecido. É difícil contar seu contingente, mas os cadáveres que deixaram para trás indicam que um terço de sua força tombou. Podemos pegá-los!

— Não — Straff falou, sacudindo a cabeça. — Ainda não.

— Milorde? — Janarle questionou.

— Deixe os koloss tomarem a maldita cidade — Straff sussurrou. — Deixe-os limpar, queimar tudo até as ruínas. Incêndios não podem ferir nosso atium – na verdade, é provável que facilitem na hora de encontrar o metal.

— Eu… — Janarle parecia em choque. Ele não continuou a questionar, mas seus olhos eram rebeldes.

Terei de cuidar dele mais tarde, Straff pensou. *Ele vai se voltar contra mim*

se descobrir que Zane foi embora.

Aquilo não importava no momento. A cidade o rejeitara, e por isso morreria. Construiria uma melhor no seu lugar.

Uma dedicada a Straff, não ao Senhor Soberano.

— Pai! — Allrianne disse, apressada.

Cett balançou a cabeça. Estava montado no cavalo, ao lado do da filha, numa colina a oeste de Luthadel. Conseguia ver o exército de Straff reunido a norte, observando – como ele fazia – os espasmos de morte de uma cidade condenada.

— Temos que ajudar! — Allrianne insistiu.

— Não — Cett falou em voz baixa, afastando os efeitos do *tumulto* dela em suas emoções. Ele se acostumara havia tempo com as manipulações da filha. — Nossa ajuda não importaria agora.

— Temos que fazer alguma coisa! — Allrianne disse, puxando o braço do pai.

— Não — Cett retrucou, mais autoritário.

— Mas você voltou! — ela disse. — Por que voltar, se não para ajudar?

— Ajudaremos — Cett respondeu, baixo. — Ajudaremos Straff a tomar a cidade quando ele quiser, em seguida vamos nos subjugar a ele e esperar que não nos mate.

Allrianne empalideceu.

— É isso? — ela sibilou. — É por isso que voltamos, para que você entregue nosso reino àquele monstro?

— O que mais esperava? — Cett questionou. — Você me conhece, Allrianne. Sabe que esta é a escolha que eu preciso fazer.

— Eu pensei que te conhecia — ela respondeu, furiosa. — Pensei que, lá no fundo, você era um bom homem.

Cett balançou a cabeça.

— Os bons homens estão todos mortos, Allrianne. Morreram dentro daquela cidade.

Sazed continuava a lutar. Ele não era guerreiro; não tinha instintos aguçados ou treinamento. Calculava que deveria ter morrido horas antes. E, ainda assim, de alguma forma, conseguira permanecer vivo.

Talvez fosse porque os koloss também não lutavam com habilidade. Eram toscos, como suas espadas gigantes, parecidas com triângulos – e simplesmente

lançavam-se contra os oponentes quase sem considerar qualquer tática.

Aquilo era o bastante. Ainda assim, Sazed aguentava – e, onde ele suportava, seus poucos homens estavam com ele. Os koloss tinham a fúria dentro de si, mas os homens de Sazed podiam ver os fracos e idosos em pé, esperando, bem às margens da praça. Os soldados sabiam por que lutavam. Essa lembrança parecia ser o bastante para mantê-los em pé, mesmo quando começaram a ser cercados, os koloss abrindo caminho até as beiradas da praça.

Sazed sabia, agora, que nenhum reforço chegaria. Ele esperava, talvez, que Straff decidisse tomar a cidade, como Trevo havia sugerido. Mas era tarde demais para aquilo; a noite se aproximava, o sol descia cada vez mais no horizonte.

O fim está aqui, Sazed pensou quando o homem ao seu lado foi derrubado. Sazed deslizou no sangue, e o movimento salvou-o quando o koloss golpeou sobre sua cabeça.

Talvez Tindwyl tivesse encontrado um lugar seguro. Felizmente, Elend entregaria as coisas que ele e ela haviam estudado. *Eram importantes*, Sazed pensou, mesmo se não soubesse por quê.

Sazed atacou, girando a espada que tomara de um koloss. Ele aumentou os músculos num golpe final quando atacou, dando-lhes a força certa quando a espada atingiu a carne do koloss.

Ele bateu. A resistência, o som úmido do impacto, o choque em seu braço – tudo isso lhe era familiar agora. O sangue brilhante do koloss espargido sobre ele, e outro dos monstros caiu.

E a força de Sazed esvaiu-se.

O peltre terminara, a espada koloss agora pesava em suas mãos. Tentou golpeá-la no próximo koloss da fila, mas a arma escorregou de seus dedos fracos, entorpecidos, cansados.

Este koloss era um dos grandes. Com quase quatro metros de altura, era o maior dos monstros que Sazed vira até então. Sazed tentou se afastar, mas tropeçou no corpo de um soldado recém-morto. Quando caiu, seus homens finalmente fraquejaram, a última dúzia fugindo em disparada. Eles aguentaram bem. Bem demais. Talvez, se ele os tivesse deixado bater em retirada…

Não, Sazed pensou, encarando sua morte. *Eu fiz bem, creio eu. Melhor do que qualquer simples erudito teria sido capaz de fazer.*

Ele pensou nos anéis em seus dedos. Poderiam, talvez, dar um pouco de vantagem para ele, permitir que corresse. Fugisse. Ainda assim, ele não conseguia reunir motivação. Por que resistir? Por que havia resistido tanto, em

primeiro lugar? Ele sabia que estavam condenados.

Você estava errada sobre mim, Tindwyl, ele pensou. *Eu desisto, às vezes. Desisti desta cidade há tempos.*

O koloss assomou-se sobre Sazed, que ainda estava deitado, meio esparramado na lama sangrenta, e ergueu a espada. Sobre o ombro da criatura, Sazed conseguiu ver o sol vermelho pairando bem sobre o topo da muralha. Concentrou-se nele, em vez de encarar a espada que caía. Ele conseguiu ver os raios do sol, como… estilhaços de vidro no céu.

A luz do sol pareceu faiscar, cintilar, vir em sua direção. Como se o próprio sol estivesse dando as boas-vindas. Estendendo os braços para aceitar seu espírito.

E, assim, eu morro…

Uma gota brilhante de luz faiscou no raio de sol, em seguida bateu diretamente no crânio do koloss. A criatura grunhiu, endurecendo, largando a espada. Caiu de lado, e Sazed ficou deitado, estupefato por um momento. Em seguida, olhou para o topo da muralha.

Uma figura pequena era delineada pelo sol. Preta diante da luz vermelha, uma capa tremendo gentilmente nas costas. Sazed piscou. O pedaço de luz cintilante que vira… era uma moeda. O koloss diante dele estava morto.

Vin voltara.

Ela saltou, como apenas um alomântico conseguiria, para erguer-se num arco gracioso sobre a praça. Ela aterrissou diretamente no meio dos koloss e girou. Lances de moeda como insetos iracundos atravessavam a carne azul. As criaturas não caíam tão facilmente como os humanos, mas o ataque chamou a atenção delas. Os koloss viraram as costas para os soldados em fuga e os cidadãos indefesos.

Os skaa ao fundo da praça começaram a cantar. Era um som bizarro de ouvir no meio de uma batalha. Sazed sentou-se, ignorando as dores e a exaustão, enquanto Vin saltava. O portão da cidade de repente foi sacudido, as dobradiças entortando. Os koloss já haviam batido tão forte nele…

O portão imenso de madeira separou-se de uma vez da muralha, puxado por Vin. *Esse poder*, Sazed pensou, entorpecido. *Ela deve estar* puxando *algo atrás de si, mas isso significaria que a pobre Vin está sendo puxada entre dois pesos tão grandes quanto o do portão.*

E, ainda assim, ela conseguiu, erguendo o lado do portão com uma elevação, *puxando-o* para si. O imenso portão de madeira maciça bateu nas fileiras de koloss, espalhando corpos. Vin girou habilmente no ar, *puxando-se* para o lado,

jogando o portão para o lado como se ele estivesse preso a ela por uma corrente.

Os koloss voavam no ar, ossos estalando, espalhados como lascas diante de uma arma enorme. Num único golpe, Vin limpou o pátio inteiro.

O portão caiu. Vin aterrissou no meio de um grupo de corpos esmagados, chutando em silêncio o bastão de guerra de um soldado para suas mãos. O resto dos koloss lá fora do portão fizeram apenas uma pausa breve, em seguida atacaram. Vin começou um ataque rápido, mas preciso. Crânios estalavam, koloss caíam mortos na lama enquanto tentavam passar por ela. Ela girava, lançava alguns no chão, espalhando o lodo vermelho acinzentado diante daqueles que corriam atrás dela.

Eu… preciso fazer algo, Sazed pensou, livrando-se de sua estupefação. Ainda estava de peito nu, o frio ignorado por conta de sua mente de latão – que estava quase vazia. Vin continuou a lutar, derrubando koloss atrás de koloss. *Mesmo sua força não durará para sempre. Ela não pode salvar a cidade.*

Sazed forçou-se a ficar em pé, em seguida foi para o fundo da praça. Agarrou o velho na frente da multidão de skaa, tirando o homem de sua cantoria.

— Vocês estavam certos — Sazed disse. — Ela voltou.

— Sim, Primeira Testemunha Sagrada.

— Ela vai nos dar algum tempo, creio eu — Sazed disse. — Os koloss entraram na cidade. Precisamos reunir o máximo de pessoas que pudermos e escapar.

O velho fez uma pausa, e por um momento Sazed pensou que ele contestaria – que ele alegaria que Vin iria protegê-los, derrotaria o exército inteiro. Em seguida, felizmente, ele assentiu.

— Correremos para o portão norte — Sazed disse, apressado. — É por onde os koloss primeiro entraram na cidade, então é provável que já tenham saído daquela área.

Assim espero, Sazed pensou, apressando-se em dar o alerta. As posições defensivas de emergência deveriam ser as fortalezas mais nobres. Talvez eles encontrassem sobreviventes lá.

Então, Brisa pensou, *no fim das contas sou um covarde.*

Não era uma revelação surpreendente. Ele sempre dissera que era importante para um homem entender a si mesmo, e sempre tivera ciência do seu egoísmo. Assim, não ficou tão chocado quando se flagrou encolhido contra os tijolos esboroados de uma antiga casa skaa, tampando os ouvidos para não ouvir os

gritos lá fora.

Onde estava o homem orgulhoso agora? O diplomata cuidadoso, o Abrandador com seus trajes imaculados? Sumira, deixando para trás aquele montinho trêmulo e inútil. Tentou várias vezes queimar latão, *abrandar* os homens que combatiam lá fora. No entanto, não conseguia realizar a mais simples de todas as ações. Não conseguia sequer se mover.

A menos que alguém considerasse tremor como movimento.

Fascinante, Brisa pensou, como se olhasse para si mesmo lá de fora, vendo a criatura miserável nos trajes esfarrapados, manchados de sangue. *Então, é isso que acontece comigo quando o estresse aumenta muito? De certo modo, é irônico. Passei a vida controlando as emoções alheias. Agora estou com tanto medo que não consigo nem agir.*

A luta continuava lá fora. Estava sendo um tempo longo e terrível. Aqueles soldados não deveriam estar mortos?

— Brisa?

Ele não conseguiu se mover para ver quem era. *Parece Ham. Que engraçado. Ele deveria estar morto também.*

— Senhor Soberano! — Ham disse, entrando no campo de visão de Brisa. Usava uma tipoia suja de sangue num braço. Caiu logo ao lado de Brisa. — Brisa, consegue me ouvir?

— Nós o vimos entrar aqui, milorde — outra voz disse. Um soldado? — Protegendo-se da luta. Mas conseguimos senti-lo nos *abrandando*. Nos manteve na batalha, mesmo quando deveríamos ter desistido. Depois que Lorde Cladent morreu…

Sou um covarde.

Outra figura apareceu. Sazed, parecendo preocupado.

— Brisa — Ham falou, ajoelhando-se. — Minha fortaleza caiu, e o portão de Sazed já foi abaixo. Faz mais de uma hora que não temos notícia de Dockson, e encontramos o corpo de Trevo. Por favor. Os koloss estão destruindo a cidade. Precisamos saber o que fazer.

Bem, não me pergunte, Brisa disse… ou tentou dizer. Ele achou que a frase saiu como um murmúrio.

— Não podemos carregá-lo, Brisa — Ham falou. — Meu braço está quase inutilizado.

Bem, está tudo certo, Brisa murmurou. *Veja, meu caro, não acho que sou mais de muita valia. Você devem partir. Vai ficar tudo bem se vocês simplesmente me deixarem aqui.*

Ham ergueu os olhos para Sazed, desesperado.

— Rápido, Lorde Hammond — Sazed disse. — Podemos fazer os soldados carregarem os feridos. Seguiremos para a Fortaleza Hasting. Talvez possamos encontrar abrigo lá. Ou… talvez os koloss se distraiam o bastante para nos deixar fugir da cidade.

Distrair?, Brisa murmurou. *Distrair-se matando outras pessoas, você quer dizer. Bem, é até reconfortante saber que* todos *somos covardes. Agora, se eu puder ficar aqui, deitado, um pouco mais. Talvez eu consiga cair no sono…*

E esquecer tudo isso.

Alendi precisará de guias através das montanhas de Terris. Incumbi Rashek de garantir que ele e seus amigos de confiança sejam escolhidos como guias.

54

O bastão de Vin quebrou quando ela golpeou um koloss no rosto.

De novo não, ela pensou, frustrada, girando e enterrando o pedaço farpado no peito de outra criatura. Virou-se para encarar um dos grandes, um bom metro e meio maior que ela.

Ele lançou sua espada na direção dela. Vin saltou, e a espada colidiu com os paralelepípedos quebrados embaixo dela. Ela se lançou para cima, sem precisar de moedas para ficar na altura do rosto retorcido da criatura.

Eles sempre pareciam surpresos. Mesmo após observá-la combatendo dúzias de seus companheiros, pareciam surpresos ao vê-la desviar de seus golpes. Suas mentes pareciam igualar tamanho a poder; um koloss maior sempre batia num menor. Um ser humano de um metro e meio não deveria ser problema para um monstro tão grande.

Vin queimou peltre enquanto socava a cabeça da fera. O crânio estalou embaixo dos nós dos dedos, e a fera caiu para trás quando ela chegou outra vez ao chão. Ainda assim, como sempre, havia outro para tomar o seu lugar.

Ela estava se cansando. Não, ela *começara* a batalha cansada. Ela havia usado o recurso de peltre, em seguida usou um caminho de estacas pessoal e intrincado para atravessar um domínio inteiro. Estava exausta. Apenas o peltre no seu último frasco de metal a mantinha em pé.

Deveria ter pedido a Sazed uma de suas mentes de peltre vazias!, ela pensou. Os metais feruquêmicos e alomânticos eram iguais. Podia tê-los queimado, embora provavelmente fosse um protetor de braço ou bracelete. Grande demais para engolir.

Ela desviou para o lado quando outro koloss atacou. As moedas não paravam essas coisas, e eram pesados demais para ela *empurrá-los* sem uma âncora. Além disso, suas reservas de aço e ferro estavam extremamente baixas.

Ela matava koloss após koloss, ganhando tempo para Sazed e o povo

conseguirem se afastar. Algo estava diferente daquela vez, diferente de quando ela cometeu o massacre no palácio de Cett. Sentia-se bem. Não apenas porque matava monstros.

Era porque entendia seu objetivo. E concordava com ele. Ela *podia* lutar, *podia* matar, se isso significasse defender aqueles que não podiam se defender sozinhos. Kelsier talvez pudesse matar por choque ou retaliação, mas aquilo não era bom o bastante para Vin.

E ela nunca deixaria que voltasse a ser.

Aquela determinação abastecia seus ataques aos koloss. Ela usou uma espada roubada para cortar as pernas de um, em seguida lançou a arma em outro, *empurrando-a* para empalar o koloss no peito. Em seguida, *puxou* a espada de um soldado caído, atraindo-a para sua mão. Ela desviou para trás, mas quase tropeçou quando pisou em outro corpo.

Tão cansada, ela pensou.

Havia dúzias – talvez até centenas – de cadáveres no pátio. De fato, uma pilha estava se formando embaixo dela. Ela a escalou, recuando um pouco quando as criaturas a cercaram de novo. Eles rastejavam sobre os cadáveres dos seus irmãos caídos, o ódio vibrando em seus olhos manchados de sangue. Soldados humanos teriam desistido, procurado lutas mais fáceis. Os koloss, no entanto, pareciam se multiplicar enquanto ela os combatia, outros ouviam sons de batalha e vinham se juntar a ela.

Ela girou, o peltre aumentando sua força ao passo que ela cortava um braço de um koloss, a perna de outro, antes de finalmente decepar a cabeça de um terceiro. Ela desviava e se esquivava, saltando, ficando fora do seu alcance, matando o máximo que conseguia.

Mas por mais desesperada que fosse sua determinação, por mais forte que fosse sua resolução recente em defender, sabia que não conseguiria continuar lutando, não daquela forma. Era uma pessoa apenas. Não podia salvar Luthadel, não sozinha.

— Lorde Penrod! — Sazed berrou dos portões da Fortaleza Hasting. — O senhor *precisa* me ouvir.

Não houve resposta. Os soldados no topo da muralha baixa estavam em silêncio, embora Sazed conseguisse sentir seu desconforto. Não gostavam de ignorá-lo. A distância, a batalha ainda era travada. Koloss gritavam pela noite. Logo encontrariam o caminho até Sazed e o bando cada vez maior de Ham, milhares de pessoas, agora encolhidas em silêncio diante do portão da

Fortaleza Hasting.

Um mensageiro exausto aproximou-se de Sazed. Era o mesmo que Dockson vinha enviando para o Portão de Aço. Ele perdera o cavalo em algum momento, e eles o encontraram com um grupo de refugiados na Praça do Sobrevivente.

— Lorde Terrisano — o mensageiro disse, baixinho. — Eu… acabo de voltar do posto de comando. A Fortaleza Venture caiu…

— Lorde Dockson?

O homem sacudiu a cabeça.

— Encontramos alguns escribas feridos, escondidos do lado de fora da fortaleza. Eles o viram morrer. Os koloss ainda estão na fortaleza, quebrando janelas, vandalizando…

Sazed virou-se para trás, olhando para a cidade. Tanta fumaça subia para os céus que pareciam brumas adiantadas. Começou a encher sua mente de estanho de olfato para manter o fedor longe.

A batalha pela cidade talvez tivesse acabado, mas agora a verdadeira tragédia começaria. Os koloss na cidade terminaram de matar os soldados. Agora, massacrariam o povo. Havia centenas de milhares de pessoas, e Sazed sabia que as criaturas estenderiam com alegria a devastação. Sem pilhagem. Não quando ainda havia assassinatos a empreender.

Mais gritos soaram na noite. Eles perderam. Falharam. E, agora, a cidade cairia *de verdade*.

As brumas não podem estar muito longe, ele pensou, tentando recuperar alguma esperança. *Talvez elas nos deem alguma cobertura.*

Ainda assim, uma imagem destacava-se para ele. Trevo, morto na neve. O disco de madeira que Sazed lhe dera mais cedo naquele dia estava atado a um cordão ao redor de seu pescoço.

Não havia ajudado.

Sazed virou-se de novo para a Fortaleza Hasting.

— Lorde Penrod — ele disse em voz alta. — Vamos tentar fugir da cidade. Eu receberia de bom grado suas tropas e sua liderança. Se o senhor ficar, os koloss atacarão esta fortaleza e matarão o senhor.

Silêncio.

Sazed virou-se, suspirando, quando Ham, com o braço ainda numa tipoia, juntou-se a ele.

— Temos que ir, Saze — Ham falou em voz baixa.

— Está sujo de sangue, terrisano.

Sazed virou-se. Ferson Penrod estava em pé, no topo da muralha, olhando para baixo. Ainda parecia imaculado em seu traje nobre. Ainda usava um chapéu contra a neve e as cinzas. Sazed olhou para si mesmo. Ainda usava apenas sua tanga. Não tivera tempo de pensar em roupas, especialmente com sua mente de latão mantendo-o quente.

— Nunca tinha visto um terrisano lutar — Penrod falou.

— Não é um acontecimento comum, milorde — Sazed retrucou.

Penrod ergueu os olhos, encarando a cidade.

— Está caindo, terrisano.

— É por isso que precisamos ir, milorde.

Penrod sacudiu a cabeça. Ainda usava a fina coroa de Elend.

— Esta é a minha cidade, terrisano. Não vou abandoná-la.

— Um gesto nobre, milorde — Sazed concordou. — Mas estes aqui comigo são o seu povo. O senhor os abandonará em sua fuga para o norte?

Penrod fez uma pausa. Em seguida, sacudiu a cabeça.

— Não haverá fuga para norte, terrisano. A Fortaleza Hasting está entre as estruturas mais altas da cidade – daqui, podemos ver o que os koloss estão fazendo. Eles não os deixarão escapar.

— Eles podem começar os saques — Sazed disse. — Talvez possamos passar por eles e escapar.

— Não — Penrod disse, sua voz ecoando assustadoramente entre as ruas nevadas. — Meu Olho de Estanho diz que as criaturas já atacaram as pessoas que você enviou para fugir pelo portão norte. Agora os koloss estão vindo nesta direção. Vindo para nós.

Quando os gritos começaram a ecoar em ruas distantes, chegando cada vez mais perto, Sazed soube que as palavras de Penrod eram verdadeiras.

— Abra os portões, Penrod! — Sazed gritou. — Deixe os refugiados entrarem!

Salve suas vidas por mais alguns momentos miseráveis.

— Não há espaço — Penrod falou. — Nem tempo. Estamos condenados.

— Você precisa nos deixar entrar! — Sazed berrou.

— É estranho — Penrod disse, sua voz ficando mais suave. — Ao tomar este trono do garoto Venture, salvei sua vida e acabei com a minha. Não posso salvar a cidade, terrisano. Meu único consolo é que duvido que Elend poderia tê-la salvado.

Ele se virou para sair, caminhando para algum lugar além da muralha.

— Penrod! — Sazed berrou.

Ele não reapareceu. O sol estava se pondo, as brumas apareciam, e os koloss estavam chegando.

Vin talhou outro koloss, em seguida saltou para trás, *empurrando-se* para longe de uma espada caída. Ela disparou para longe do bando, ofegante, sangrando de alguns cortes menores. Seu braço estava ficando dormente; uma das criaturas a havia acertado ali. Podia matar, melhor do que qualquer um que conhecia. No entanto, não podia combater para sempre.

Ela aterrissou num telhado, em seguida cambaleou, caindo ajoelhada numa pilha de neve. Os koloss gritavam e uivavam atrás dela, mas o que significavam algumas centenas se comparado com um exército de mais de vinte mil?

O que eu esperava?, ela pensou consigo mesma. *Por que continuar lutando quando soube que Sazed estava livre? Achou que pararia todos eles? Mataria todo o exército koloss?*

No passado, ela impediu que Kelsier enfrentasse um exército sozinho. Ele fora um grande homem, mas ainda assim era apenas uma pessoa. Não podia ter parado um exército inteiro, não mais do que ela poderia.

Tenho que encontrar o Poço, ela pensou com determinação, queimando bronze, as batidas – que ela estava ignorando durante a batalha – ficando mais altas aos seus ouvidos.

E, ainda assim, aquilo a deixava com o mesmo problema de antes.

Ela sabia que estava na cidade; podia sentir as batidas ao seu redor. Porém, eram tão poderosas, tão onipresentes que não conseguia divisar sua direção.

Além disso, que prova tinha de que encontrar o Poço ajudaria? Se Sazed mentira sobre a localização – chegando ao ponto de desenhar um mapa falso –, sobre o que mais havia mentido? O poder talvez parasse as brumas, mas o que faria de bom a Luthadel, queimando e perecendo?

Ela ajoelhou, frustrada, batendo no topo do telhado com os punhos. Ela provou ser fraca demais. De que adiantou ter voltado, do que adiantou ter decidido proteger, se não podia fazer nada para ajudar?

Ficou parada por uns momentos, ofegante. Finalmente, forçou-se a se levantar e saltou no ar, lançando uma moeda. Seus metais estavam quase no fim. Mal tinha aço o suficiente para fazer alguns saltos. Terminou perto de Kredik Shaw, a Colina das Mil Torres. Agarrou um dos pináculos no topo do palácio, girando na noite, olhando sobre a cidade que escurecia.

Ela queimava.

Kredik Shaw estava em silêncio, quieta, deixada de lado pelos saqueadores das duas raças. Ainda assim, ao seu redor, Vin via luz na escuridão. As brumas reluziam com uma luz bruxuleante.

É como… como naquele dia, dois anos atrás, ela pensou. *A noite da rebelião skaa*. Exceto que, naquele dia, a luz do fogo vinha das tochas dos rebeldes que marchavam para o palácio. Naquela noite, estava acontecendo uma revolução diferente. Ela conseguia ouvi-la. Tinha estanho queimando e forçou-se a avivá-lo, abrindo os ouvidos. Ouviu os gritos. A morte. Os koloss não haviam terminado a chacina quando destruíram o exército. Nem de longe.

Eles haviam apenas começado.

Os koloss estão matando todos eles, ela pensou, estremecendo enquanto os incêndios ardiam diante dela. *O povo de Elend, aqueles que ele deixou para trás por minha causa. Eles estão morrendo.*

Sou a faca de Elend. A faca do povo. Kelsier confiou-os a mim. Preciso fazer alguma coisa…

Ela desceu até o chão, deslizando de um telhado inclinado, aterrissando no pátio do palácio. As brumas juntaram-se ao seu redor. O ar era pesado. E não apenas com neve e cinzas; ela conseguia sentir o cheiro das mortes na brisa, ouvir os gritos em seus sussurros.

Seu peltre esgotou-se.

Ela foi ao chão, uma onda de exaustão atingindo-a com tanta força que tudo o mais parecia irrelevante. De repente soube que não devia ter confiado tanto no peltre. Não devia ter exigido tanto de si. Mas pareceu ser a única maneira.

Ela sentiu que começava a cair na inconsciência.

Mas as pessoas estavam gritando. Ela conseguia ouvi-los, ouviu antes. A cidade de Elend… o povo de Elend… morrendo. Seus amigos estavam lá fora, em algum lugar. Amigos que Kelsier confiara a ela para proteger.

Ela cerrou os dentes, deixando de lado a exaustão por mais um momento, lutando para se pôr em pé. Olhou através das brumas, através dos sons fantasmagóricos de pessoas aterrorizadas. Começou a correr na direção delas.

Não podia saltar; estava sem aço. Não podia sequer correr muito rápido, mas quanto mais forçava seu corpo em movimento, ele reagia cada vez melhor, combatendo o entorpecimento que ela amealhara apoiando-se tanto tempo no peltre.

Ela irrompeu de uma viela, deslizando na neve, e encontrou um pequeno grupo de pessoas correndo diante de um grupo de ataque koloss. Havia seis feras, pequenas, mas ainda assim perigosas. Mesmo enquanto Vin observava,

uma das criaturas desferiu um golpe num idoso, quase partindo-o ao meio. Outro pegou uma garotinha, jogando-a contra a lateral de um prédio.

Vin avançou, passando os skaa em fuga, sacando as adagas. Ainda se sentia exausta, mas a adrenalina a ajudava um pouco. Precisava se manter em movimento. Manter-se em marcha. Parar era morrer.

Várias feras viraram-se para ela, ávidas pela luta. Uma lançou-se sobre ela, e Vin deixou-se deslizar na lama, escorregando mais perto da criatura, antes de cortar a parte de trás da perna dela. O monstro uivou de dor quando a faca ficou presa na sua pele amontoada. Ela conseguiu arrancar a faca quando uma segunda criatura atacou.

Sinto-me tão lenta!, ela pensou, decepcionada, mal ficando em pé antes de se afastar do alcance da criatura, cuja espada jogou água fria sobre ela, e ela saltou para frente, cravando uma adaga no olho da criatura.

Subitamente grata às vezes que Ham a fizera praticar sem Alomancia, ela segurou na lateral de um prédio para se estabilizar na lama. Em seguida, lançou-se para frente, empurrando com o ombro o koloss com olho ferido – ele estava agarrando a adaga e berrando aos companheiros. O koloss com a garotinha virou-se, em choque, quando Vin enterrou outra adaga nas suas costas. Ele não caiu, mas soltou a criança.

Senhor Soberano, essas coisas são duronas!, pensou, a capa balançando enquanto ela agarrava a criança e fugia. *Especialmente quando você não é durona o bastante. Preciso de mais metais.*

A garota encolheu-se nos braços de Vin quando um uivo koloss soou, e Vin girou, avivando estanho para impedir que caísse inconsciente pela fadiga. No entanto, as criaturas não estavam seguindo – estavam brigando por um pedaço de roupa que o homem assassinado estava vestindo. O uivo soou de novo e, desta vez, Vin percebeu, vinha de outra direção.

As pessoas voltaram a gritar. Vin ergueu os olhos, apenas para encontrar aqueles que ela havia acabado de salvar encarando um grupo ainda maior de koloss.

— Não! — Vin falou, erguendo a mão. Mas eles já haviam se afastado demais de onde ela estava lutando. Ela não conseguiria sequer vê-los, se não fosse pelo estanho. Do jeito que estava, foi capaz de ver dolorosamente bem quando as criaturas avançaram sobre o pequeno grupo com suas espadas grosseiras.

— Não! — Vin gritou novamente, as mortes deixando-a atemorizada, em choque, uma lembrança de todas as mortes que ela não conseguira impedir.

— Não. Não! *Não!*

Peltre, terminado. Aço, terminado. Ferro, terminado. Não tinha nada.

Ou… tinha uma coisa. Sem parar para pensar naquilo que a incitou a usá-lo, ela lançou um *abrandamento* aumentado com duralumínio sobre as feras.

Foi como se sua mente batesse em *algo*. E, em seguida, esse *algo* se estilhaçasse. Vin deslizou até parar, apavorada, com a criança ainda nos braços. Os koloss pararam, congelados em meio a sua chacina horrenda.

O que acabei de fazer?, ela pensou, buscando com sua mente confusa, tentando ligar os porquês de ter reagido como reagiu. Foi porque estava frustrada?

Não. Ela sabia que os Senhor Soberano havia criado os Inquisidores com uma fraqueza: remova uma estaca específica de suas costas, e eles morrem. Também havia criado os kandras com uma fraqueza. Os koloss também precisavam ter uma fraqueza.

TenSoon chamou os koloss de… primos, ela pensou.

Ela se ergueu, a rua escura de repente quieta, exceto pelo choro dos skaa. Os koloss esperavam, e ela conseguia sentir-se nas mentes deles. Como se fossem uma extensão do seu corpo, a mesma coisa que sentira quando assumiu o controle do corpo de TenSoon.

Primos, de fato. O Senhor Soberano havia criado os koloss com uma fraqueza, a mesma dos kandras. *Ele* se dera uma maneira de mantê-los sob controle.

E, de repente, ela entendeu como ele os havia controlado durante todos esses anos.

Sazed estava à frente do seu grande bando de refugiados, a neve e as cinzas – as duas agora indistinguíveis na escuridão brumosa – caíam ao redor dele. Ham estava sentado de um lado, parecendo esgotado. Perdera muito sangue; um homem sem peltre já teria morrido. Alguém entregara uma capa a Sazed, mas ele a usou para enrolar o comatoso Brisa. Embora ele mal acionasse sua mente de latão para ter calor, não estava com frio.

Talvez estivesse ficando entorpecido demais para se importar.

Ele ergueu as duas mãos diante de si, fechando os punhos, com dez anéis reluzindo contra a luz do único lampião do grupo. Os koloss aproximavam-se das vielas escuras, suas formas lançando sombras encurvadas na noite.

Os soldados de Sazed recuaram. Restava-lhes pouca esperança. Apenas Sazed estava em pé, na neve silenciosa, um estudioso magro, careca, quase nu.

Ele, aquele que pregava a religião dos abatidos. Ele, que no fim abriu mão da esperança. Ele, que deveria ter a maior fé de todas.

Dez anéis. Poucos minutos de poder. Poucos minutos de vida.

Ele esperou os koloss se juntarem. As feras ficaram estranhamente silenciosas na noite. Pararam de se aproximar. Estavam paradas, uma linha de silhuetas escuras, como pequenos montes.

Por que não atacam?!?, Sazed pensou, frustrado.

Uma criança chorou. Em seguida, os koloss começaram a se movimentar. Sazed ficou tenso, mas as criaturas não caminharam adiante. Eles abriram caminho, e uma figura silenciosa caminhou pelo centro deles.

— Lady Vin? — Sazed perguntou. Ele ainda não havia tido a chance de falar com ela desde que ela o salvou no portão. Parecia exausta.

— Sazed — ela disse, com cansaço. — Você mentiu sobre o Poço da Ascensão.

— Sim, Lady Vin — ele confirmou.

— Isso não é importante agora — ela falou. — Por que está em pé, nu, *fora* das muralhas da fortaleza?

— Eu… — ele ergueu os olhos para os koloss. — Lady Vin, eu…

— Penrod! — Vin gritou de repente. — Você está aí em cima?

O rei apareceu. Ele parecia tão confuso quanto Sazed.

— Abra os portões! — Vin ordenou.

— Está maluca? — Penrod gritou de volta.

— Não sei ao certo — Vin falou. Ela se virou, e o grupo de koloss moveu-se para frente, caminhando em silêncio como se comandados. O maior ergueu Vin, segurando-a no alto, até ela quase alcançar o nível do alto da muralha baixa. Vários guardas no topo da muralha afastaram-se dela. — Estou cansada, Penrod. — Vin falou. Sazed acionou sua mente de estanho auditiva para ouvir suas palavras.

— Todos nós estamos, menina — Penrod disse.

— Estou especialmente cansada — Vin retrucou. — Cansada de jogos. Cansada de bons homens sendo explorados.

Penrod assentiu com a cabeça, silencioso.

— Quero que você reúna nossos soldados remanescentes — Vin falou, virando-se para olhar a cidade. — Quantos você tem aí dentro?

— Cerca de duzentos.

Vin meneou a cabeça.

— A cidade não está perdida… os koloss lutaram contra os soldados, mas

não tiveram muito tempo para se voltar contra a população. Quero que você envie seus soldados para encontrar quaisquer grupos de koloss que estejam saqueando ou assassinando. Que protejam o povo, mas não ataquem os koloss se puder evitar. Em vez disso, mande-me um mensageiro.

Lembrando-se da teimosia de Penrod mais cedo, Sazed pensou que o homem poderia contestar. Mas não contestou. Apenas assentiu.

— O que fazemos, então? — Penrod perguntou.

— Eu cuido dos koloss — Vin falou. — Primeiro, vamos reivindicar a Fortaleza Venture… vou precisar de mais metais, e lá há muito armazenado. Assim que a cidade estiver segura, quero que você e seus soldados apaguem aqueles incêndios. Não deve ser difícil; não há muitos edifícios que possam queimar.

— Muito bem — Penrod falou, virando-se para dar suas ordens.

Sazed observou em silêncio quando o koloss gigantesco baixou Vin até o chão. Ele ficou parado, como um monstro talhado em pedra, e não uma criatura que respira, sangra, vive.

— Sazed — Vin falou com suavidade. Ele conseguia sentir a exaustão na voz.

— Lady Vin — Sazed disse. Ao lado, Ham finalmente se libertou do estupor, erguendo os olhos em choque quando percebeu Vin e os koloss.

Vin continuou a olhar Sazed, examinando-o. Sazed tinha dificuldade para fitar os olhos dela. Mas ela estava certa. Poderiam falar sobre sua traição mais tarde. Havia outras tarefas mais importantes que precisavam ser cumpridas.

— Acredito que provavelmente você tenha trabalho para mim — Sazed disse, quebrando o silêncio. — Mas gostaria de pedir dispensa. Há… uma tarefa que preciso cumprir.

— Claro, Sazed — Vin falou. — Mas, primeiro, me diga. Sabe se algum dos outros sobreviveu?

— Trevo e Dockson estão mortos, milady — Sazed respondeu. — Não vi seus corpos, mas os relatos vieram de fontes confiáveis. Pode ver que Lorde Hammond está aqui, conosco, embora tenha sofrido um ferimento muito grave.

— Brisa? — ela perguntou.

Sazed meneou a cabeça para um montinho que jazia encolhido ao lado da muralha.

— Felizmente, está vivo. No entanto, sua mente parece estar reagindo miseravelmente aos horrores que viu. Talvez seja simplesmente uma forma de choque. Ou… talvez seja algo mais duradouro.

Vin assentiu, virando-se para Ham.

— Preciso de peltre.

Ele meneou a cabeça com vagar, puxando um frasco com a mão boa. Ele o lançou para ela. Vin tomou, e de pronto sua fadiga pareceu diminuir. Ela endireitou o corpo, e os olhos ficaram mais alertas.

Isso não pode ser saudável, Sazed pensou, preocupado. *Quanto disso ela vem queimando?*

Com passos mais enérgicos, ela se virou para caminhar até os koloss.

— Lady Vin? — Sazed chamou, fazendo com que ela virasse. — Ainda há um exército lá fora.

— Ah, eu sei — Vin falou, virando-se para pegar uma das espadas koloss imensas, parecida com uma cunha, de seu dono. De fato, era poucos centímetros maior que ela. — Sei das intenções de Straff — ela falou, erguendo a espada no ombro. Em seguida, embrenhou-se na neve e na bruma, caminhando na direção da Fortaleza Venture, os estranhos guardas koloss marchando atrás dela.

Levou boa parte da noite para Sazed concluir sua tarefa autodesignada. Achou cadáver após cadáver na noite gélida, muitos deles congelados. A neve havia parado de cair, e o vento havia aumentado, endurecendo a lama em uma camada de gelo escorregadia. Precisou arrancar alguns corpos dessa camada para virá-los e ver seus rostos.

Sem sua mente de latão para prover calor, ele nunca teria conseguido realizar seu trabalho lúgubre. Mesmo assim, havia encontrado algumas roupas mais quentes – uma túnica marrom simples e um par de botas. Continuou a trabalhar noite adentro, o vento rodopiando os flocos de neve e gelo ao seu redor. Tinha começado no portão, claro. Era onde a maioria dos cadáveres estava. No entanto, precisou se mover para as vielas e passagens.

Ele encontrou o corpo dela pela manhã.

A cidade havia parado de queimar. A única luz que tinha era de seu lampião, mas foi o bastante para revelar a fita de pano flutuante num banco de neve. Primeiro Sazed pensou que era apenas outra bandagem sangrenta que não cumprira seu propósito. Em seguida, viu um cintilar de laranja e amarelo, e caminhou até lá – não tinha mais forças para correr – e cavou a neve.

O corpo de Tindwyl estalou levemente quando ele o puxou para fora. O sangue na sua lateral estava congelado, claro, e seus olhos estavam abertos e cobertos de gelo. A julgar pela direção de sua fuga, ela estava levando os

soldados para a Fortaleza Venture.

Ah, Tindwyl, ele pensou, estendendo a mão para tocar seu rosto. Ainda estava macio, mas horrivelmente frio. Depois de anos sendo abusada pelos Procriadores, após sobreviver a tantas coisas, terminar daquele jeito. A morte numa cidade à qual não pertencia, com um homem – não, um *meio* homem – que não a merecia.

Ele liberou sua mente de latão e deixou o frio da noite cobri-lo. Não queria sentir calor naquele instante. Seu lampião tremeluzia, vacilante, iluminando a rua, sombreando o cadáver congelado. Ali, naquela viela gélida de Luthadel, olhando para o corpo da mulher que amava, Sazed percebeu algo.

Ele não sabia o que fazer.

Tentou pensar em algo adequado para dizer – algo adequado a pensar –, mas de repente todo seu conhecimento religioso pareceu vazio. Do que adiantava lhe dar um enterro? Qual era o valor das orações de um deus morto há muito? Para que ele servia? A religião dos Dadradah não havia ajudado Trevo; o Sobrevivente não viera resgatar os milhares de soldados que morreram. Qual era o sentido?

Nenhum conhecimento de Sazed o reconfortava. Ele aceitava as religiões que conhecia – acreditava no seu valor –, mas aquilo não lhe dava o que precisava. Elas não lhe garantiam que o espírito de Tindwyl ainda vivia. Em vez disso, elas o faziam questionar. Se tantas pessoas acreditavam em tantas coisas diferentes, como poderia qualquer uma delas – ou mesmo, alguma delas – ser realmente verdadeira?

Os skaa chamaram Sazed de santo, mas naquele momento ele percebeu que era o mais profano dos homens. Era uma criatura que conhecia trezentas religiões e, ainda assim, não tinha fé em nenhuma delas.

Então, quando suas lágrimas caíram – e quase começaram a congelar em seu rosto –, elas lhe deram tão pouco alívio quanto as religiões. Ele gemeu, inclinando-se sobre o cadáver gélido.

Minha vida, ele pensou, *tem sido um embuste.*

Rashek deve tentar levar Alendi na direção errada, desencorajá-lo ou, de alguma outra maneira, frustrar sua busca. Alendi não sabe que foi enganado, que todos fomos enganados, e ele não me ouvirá agora.



Straff acordou na fria manhã e, imediatamente, pegou uma folha de Rixa Preta. Estava começando a enxergar os benefícios do seu vício. Ela o acordava com mais rapidez e facilidade, fazendo seu corpo sentir-se quente apesar de ser tão cedo. Quando, no passado, ele levaria uma hora para se aprontar, agora estava de pé em minutos, vestido e preparado para o dia.

E que glorioso seria aquele dia.

Janarle encontrou-o do lado de fora da tenda, e os dois caminharam através do acampamento em polvorosa. As botas de Straff estalavam sobre a mistura de gelo e neve enquanto seguia até o cavalo.

— Os incêndios se apagaram, milorde — Janarle explicou. — Provavelmente por causa da neve. Os koloss provavelmente terminaram a destruição e procuraram abrigo do frio. Nossos batedores estão com medo de se aproximar demais, mas dizem que a cidade parece um cemitério. Quieta e vazia, exceto pelos cadáveres.

— Talvez eles tenham matado mesmo uns aos outros — Straff disse, feliz, subindo na sela, a respiração soltando fumaça no ar gélido da manhã. Ao seu redor, o exército estava entrando em formação. Cinquenta mil soldados, ávidos pela perspectiva de tomar a cidade. Não apenas havia saques a ser feitos, mas entrar em Luthadel significaria telhados e paredes para todos eles.

— Talvez — Janarle disse, montando.

Não seria conveniente?, Straff pensou com um sorriso. *Todos os meus inimigos mortos, e a cidade e suas riquezas minhas, sem nenhum skaa com quem me preocupar.*

— Milorde! — alguém gritou.

Straff virou os olhos. O campo entre seu acampamento e Luthadel era cinza e branco, a neve manchada pelas cinzas. E juntando-se do outro lado daquele

campo estavam os koloss.

— Parece que eles estão vivos no fim das contas, milorde — Janarle disse.

— De fato — Straff falou, franzindo a testa. Ainda havia muitas das criaturas. Eles saíam pelo portão ocidental, sem atacar de imediato, juntando-se num grupo grande.

— As contagens dos batedores dizem que há menos do que antes — Janarle disse depois de um tempo. — Talvez dois terços do número original, talvez um pouco menos. Porém são *koloss*…

— Mas estão abandonando suas fortificações — Straff falou, sorrindo, a Rixa Preta aquecendo seu sangue, como se ele estivesse queimando metais. — E estão vindo para cá. Deixe-os atacar. Isso deve terminar num instante.

— Sim, milorde — Janarle falou, soando um pouco menos convencido. Ele franziu o cenho em seguida, apontando na direção sul da cidade. — Mi… lorde?

— O que foi agora?

— Soldados, milorde — Janarle falou. — Soldados humanos. Parecem muitos milhares.

Straff fez uma careta.

— Deveriam estar todos mortos!

Os koloss atacaram. O cavalo de Straff agitou-se levemente enquanto os monstros azuis corriam pelo campo cinzento, as tropas humanas avançando em fileiras mais organizadas logo atrás.

— Arqueiros! — Janarle gritou. — Preparem a primeira saraivada!

Talvez eu não devesse estar à frente, Straff pensou num repente. Ele virou o cavalo, em seguida percebeu algo. Uma flecha atirada repentinamente do meio dos koloss que avançavam.

Mas koloss não usavam arco e flecha. Além disso, os monstros estavam longe, e aquele objeto era grande demais para ser uma flecha. Uma pedra, talvez? Parecia maior que isso…

Aquilo começou a cair na direção do exército de Straff. Straff olhou para o céu, paralisado com o estranho objeto. Ficava cada vez mais distinto ao cair. Não era uma flecha, nem uma pedra.

Era uma pessoa – uma pessoa com uma capa de bruma esvoaçante.

— Não! — Straff gritou. *Era para ela ter ido embora!*

Vin gritou durante a queda de seu salto de aço abastecido com duralumínio, a espada koloss imensa leve nas mãos. Ela atingiu Straff diretamente na cabeça

com a espada, continuando sua trajetória para baixo, batendo no chão, erguendo neve e poeira congelada com a força do impacto.

O cavalo caiu em dois pedaços, para a frente e para trás. O que restou do ex-rei deslizou para o chão com o cadáver equino. Ela olhou para os restos, sorriu com ódio, e deu adeus a Straff.

Elend o alertara, afinal, que isso aconteceria se ele atacasse a cidade.

Os generais e acompanhantes de Straff ficaram ao redor dela, num círculo estupefato. Atrás dela, o exército koloss avançava em alta velocidade, a confusão nas fileiras de Straff deixando as saraivadas dos arqueiros interrompidas e menos eficazes.

Vin segurou com firmeza sua espada, em seguida *empurrou* para fora com a força de aço aumentada pelo duralumínio. Cavaleiros foram jogados para longe, seus cavalos tropeçaram nas ferraduras, e soldados foram lançados para trás em um círculo de várias dezenas de metros. Homens gritaram.

Ela tomou outro frasco, restaurando o aço e o peltre. Em seguida, saltou, buscando generais e outros oficiais para atacar. Enquanto se movia, suas tropas de koloss atingiam as primeiras fileiras do exército de Straff, e a verdadeira carnificina teve início.

— O que eles estão fazendo? — Cett perguntou, vestindo apressadamente sua capa enquanto era encaixado e atado à sua sela.

— Atacando, ao que parece — disse Bahmen, um dos seus ajudantes. — Olhe! Eles estão trabalhando *com* os koloss.

Cett franziu a testa, prendendo a capa.

— Um tratado?

— Com koloss? — Bahmen questionou.

Cett deu de ombros.

— Quem vai vencer?

— Não dá para dizer, milorde — o homem falou. — Os koloss são…

— O que é isso? — Allrianne questionou, cavalgando até o declive nevado, acompanhada por dois guardas confusos. Cett, claro, ordenara que a mantivessem no acampamento, mas ele também esperava, claro, que ela se livrasse deles no fim das contas.

Ao menos posso contar que ela não venha tão rápido, pois tem que se aprontar de manhã, ele pensou, divertido. Ela vestia um dos seus vestidos, imaculadamente arrumado, e os cabelos estavam penteados. Se um edifício estivesse em chamas, Allrianne ainda assim pararia para fazer a maquiagem

antes de escapar.

— Parece que a batalha começou — Cett falou, meneando a cabeça para a luta.

— *Fora* da cidade? — Allrianne questionou, cavalgando para perto dele. Em seguida, ela ficou radiante. — Estão atacando o acampamento de Straff!

— Sim — Cett confirmou. — E isso deixa a cidade…

— Temos que ajudá-los, pai!

Cett revirou os olhos.

— Você sabe que não vamos fazer nada disso. Veremos quem vencerá. Se forem fracos o bastante, o que espero que sejam, nós os atacaremos. Não trouxe todas as minhas forças de volta comigo, mas talvez…

Ele parou de falar quando percebeu o olhar de Allrianne. Ele abriu a boca para falar, mas antes que pudesse fazê-lo, ela avançou com o cavalo.

Seus guardas praguejaram, avançando – tarde demais – para tentar agarrar suas rédeas. Cett ficou parado, perplexo. Era um pouco insano, até mesmo para ela. Ela não ousaria…

Ela desceu a encosta, galopando na direção da batalha. Em seguida, parou, como ele esperava. Ela se virou, olhando para ele.

— Se quiser me proteger, pai — ela gritou —, é melhor avançar!

Com isso, ela se virou e começou a galopar de novo, seu cavalo lançando neve para cima.

Cett não se moveu.

— Milorde — Bahmen disse. — Aquelas forças parecem quase iguais. Cinquenta mil homens contra uma força de doze mil koloss e cerca de cinco mil homens. Se fôssemos acrescentar nossa força para qualquer um dos lados…

Garota idiota!, ele pensou, observando Allrianne se afastar a galope.

— Milorde? — Bahmen chamou.

Por que vim para Luthadel, em primeiro lugar? Foi porque eu realmente pensei que poderia tomar a cidade? Sem alomânticos, com minha terra natal em rebelião? Ou foi porque eu buscava alguma coisa? Uma confirmação das histórias. Um poder como eu vi naquela noite, quando a Herdeira quase me assassinou.

Aliás, como eles conseguiram que os koloss lutassem com eles?

— Reúnam nossas forças! — Cett comandou. — Vamos marchar em defesa de Luthadel. E alguém envie cavaleiros atrás daquela minha filha estúpida!

Sazed cavalgava em silêncio, seu cavalo movendo-se com lentidão na neve. Diante dele, a batalha alastrava-se, mas ele estava longe o bastante, fora de perigo. Deixara a cidade para trás, onde as mulheres e os idosos sobreviventes de Luthadel observavam das muralhas. Vin os salvara dos koloss. O verdadeiro milagre seria ver se ela poderia salvá-los dos outros dois exércitos.

Sazed não cavalgou para lutar. Suas mentes de metal estavam em sua maioria vazias, e seu corpo estava quase tão cansado quanto a mente. Simplesmente fez seu cavalo parar, as baforadas soltando fumaça no ar frio enquanto ele observava da planície nevada.

Não sabia como lidar com a morte de Tindwyl. Ele se sentia… vazio. Desejava poder apenas parar de sentir. Desejava poder voltar e defender o portão dela, em vez do seu. Por que ele não fora atrás dela quando ouviu que o portão norte havia caído? Assim, ela ainda estaria viva. Ele poderia ter sido capaz de protegê-la…

Por que ele se importava? Por que se incomodava?

Mas, aqueles que tinham fé estavam certos, ele pensou. *Vin voltou para defender a cidade. Eu perdi a esperança, mas eles nunca perderam.*

Ele avançou novamente com o cavalo. Os sons da batalha chegavam a distância. Tentou concentrar-se em algo diferente de Tindwyl, mas seus pensamentos voltavam para as coisas que ele estudara com ela. Os fatos e as histórias ficaram mais preciosos, pois eram uma ligação para ela. Uma ligação dolorosa, mas que ele não conseguiria descartar.

O Herói das Eras não era simplesmente um guerreiro, ele pensou, ainda cavalgando lentamente na direção do campo de batalha. *Era uma pessoa que unia os outros, que os agregava. Um líder*.

Ele sabia que Vin pensava que ela era a Heroína. Mas Tindwyl estava certa: era muita coincidência. E ele não sabia mais ao certo em que acreditava. Se é que acreditava em algo.

O Herói das Eras era distante do povo terrisano, ele pensou, observando os koloss atacarem. *Ele não era da realeza, mas chegou até ela no fim das contas.*

Sazed parou seu cavalo no centro do campo aberto, vazio. Flechas encravavam-se na neve ao seu redor, e o chão estava inteiramente pisoteado. A distância, ele ouviu um tambor. Virou-se, observando um exército de homens marchando sobre uma elevação a oeste. Eles agitavam o estandarte de Cett.

Ele comandava as forças do mundo. Reis cavalgavam em seu auxílio.

As forças de Cett juntaram-se à batalha contra Straff. Houve uma pancada de metal contra metal, corpos grunhindo quando um novo fronte se viu sob

ataque. Sazed estava no campo entre a cidade e os exércitos. As forças de Vin ainda eram menores, mas, enquanto Sazed observava, o exército de Straff começou a bater em retirada. Ele se dispersou em pedaços, seus membros lutando sem direção. Os movimentos indicavam terror.

Ela está matando os generais deles, ele pensou.

Cett era um homem inteligente. Ele cavalgou pessoalmente para a batalha, mas ficou próximo da retaguarda de suas fileiras – suas enfermidades exigiam que ele permanecesse atado à sela e tornavam difícil sua luta. Ainda assim, ao juntar-se à batalha, ele garantia que Vin não voltaria seus koloss contra ele.

Pois, na opinião de Sazed, realmente não havia dúvida de quem venceria este conflito. De fato, antes mesmo de uma hora ter passado, a tropa de Straff começou a se render em grandes grupos. Os sons da batalha diminuíam, e Sazed atiçou seu cavalo a avançar.

Primeira Testemunha Sagrada, ele pensou. *Não sei se acredito nisso. Mas, de qualquer forma, eu deveria estar lá para o que acontecer em seguida.*

Os koloss pararam de lutar, ficando em silêncio. Dividiram-se para Sazed passar através de suas fileiras. No fim, encontrou Vin em pé, coberta de sangue, sua imensa espada koloss apoiada sobre um ombro. Alguns koloss empurraram um homem para frente – um lorde de roupas finas e uma placa de peito prateada. Eles o jogaram diante de Vin.

Lá atrás, Penrod aproximou-se com uma guarda de honra, guiado por um koloss. Ninguém falava. No fim, os koloss abriram-se de novo, e dessa vez um Cett desconfiado cavalgou adiante, cercado por um grande grupo de soldados e acompanhados por um único koloss.

Cett encarou Vin, em seguida coçou o queixo.

— Não foi uma grande batalha — ele disse.

— Os soldados de Straff estavam com medo — Vin falou. — Estão com frio e não têm desejo de enfrentar os koloss.

— E seus líderes? — Cett perguntou.

— Eu os matei — Vin falou. — Exceto este aqui. Seu nome?

— Lorde Janarle — disse o homem de Straff. Sua perna parecia quebrada, e o koloss o segurava pelo braço, apoiando-o.

— Straff está morto — Vin falou. — Você controla este exército agora.

O nobre abaixou a cabeça.

— Não, eu não. A senhora comanda.

Vin assentiu.

— De joelhos — ela disse.

O koloss soltou Janarle. Ele grunhiu de dor, mas inclinou-se para a frente.

— Eu entrego meu exército à senhora — ele sussurrou.

— Não — Vin retrucou, ríspida. — Não para mim, mas para o herdeiro legítimo da Casa Venture. Ele é o seu senhor agora.

Janarle fez uma pausa.

— Muito bem — ele disse. — O que a senhora quiser. Eu juro lealdade ao filho de Straff, Elend Venture.

Os grupos separados estavam em pé, no frio. Sazed virou-se quando Vin o fez para olhar Penrod. Vin apontou para o chão. Penrod apeou em silêncio, em seguida curvou-se no chão.

— Também juro — ele disse. — Juro lealdade a Elend Venture.

Vin virou-se para Lorde Cett.

— Você espera que eu faça isso? — o homem barbado disse, sorrindo.

— Sim — Vin respondeu em voz baixa.

— E se eu me recusar? — Cett perguntou.

— Eu mato você — Vin falou baixo. — Você trouxe exércitos para atacar a minha cidade. Ameaçou meu povo. Não massacrarei seus soldados, não os farei pagar pelo que você fez, mas eu *mato você*, Cett.

Silêncio. Sazed virou-se, olhando para a linha de koloss imóveis em pé na neve sangrenta.

— Essa é uma ameaça, sabe — Cett falou. — Seu Elend nunca apoiaria tal coisa.

— Ele não está aqui — Vin falou.

— E o que você acha que ele diria? — Cett perguntou. — Ele me diria para não ceder a essa demanda; o honorável Elend Venture nunca cederia simplesmente porque alguém ameaçou sua vida.

— Você não é o homem que Elend é — Vin falou. — E você sabe disso.

Cett fez uma pausa, em seguida sorriu.

— Não. Não, não sou — ele se virou para seus ajudantes. — Ajudem-me a descer.

Vin observou em silêncio quando os guardas soltaram as pernas de Cett, depois desceram-no até o chão nevado. Ele se curvou.

— Muito bem, então. Eu juro lealdade a Elend Venture. Ele será bem-vindo no meu reino… desde que ele consiga tomá-lo de volta do maldito obrigador que agora o controla.

Vin assentiu, virando-se para Sazed.

— Sazed, preciso de sua ajuda.

— O que a senhora ordenar — Sazed disse, baixinho.

Vin fez uma pausa.

— Não me chame desse jeito.

— Como quiser.

— Você é o único em quem confio aqui, Sazed — Vin disse, ignorando os três homens ajoelhados. — Com Ham ferido e Brisa…

— Farei o meu melhor — Sazed disse, abaixando a cabeça. — O que deseja que eu faça?

— Guarde Luthadel — Vin falou. — Garanta que as pessoas sejam abrigadas, e busque os suprimentos dos armazéns de Straff. Posicione esses exércitos de forma que não se matem, em seguida envie um esquadrão para buscar Elend. Ele está vindo para o sul pela estrada do canal.

Sazed assentiu, e Vin virou-se para os três reis ajoelhados.

— Sazed é meu subcomandante. Vocês o obedecerão como fariam com Elend ou comigo.

Por sua vez, cada um assentiu.

— Mas onde a senhora estará? — Penrod perguntou, erguendo os olhos.

Vin suspirou, de repente parecendo terrivelmente fraca.

— Dormindo — ela falou e soltou a espada. Em seguida, *empurrou* contra ela, lançando-se para trás no céu, na direção de Luthadel.

Ele deixou ruínas no seu rastro, mas elas foram esquecidas, pensou Sazed, virando-se para vê-la voar. *Criou reinos, e os destruiu quando refez o mundo.*

Nós erramos seu gênero desde o início.

SEXTA PARTE
PALAVRAS EM AÇO

Se Rashek falhar em desencaminhar Alendi, eu instruí o rapaz a assassiná-lo.

56

Como Vin consegue? Elend se perguntou. Ele mal conseguia enxergar cinco metros nas brumas. Árvores pareciam aparições ao redor dele enquanto caminhavam, seus galhos curvados às margens da estrada. A bruma quase parecia viva: movia-se, rodopiava e pairava no ar frio da noite. Ela arrebatava suas baforadas, como se atraíssem um pedaço dele para elas.

Ele estremeceu e continuou caminhando. A neve derretera em partes desiguais nos últimos dias, deixando montes em áreas sombreadas. A estrada do canal, felizmente, estava em grande parte limpa.

Ele caminhava com uma bolsa sobre o ombro, carregando apenas o necessário. Por sugestão de Fantasma, eles venderam os cavalos em um vilarejo vários dias antes. Forçaram demais as criaturas nos últimos dias, e Fantasma estimou que tentar mantê-los alimentados – e vivos – durante a última parte da viagem a Luthadel não valeria o esforço.

Além disso, fosse lá o que estivesse para acontecer na cidade, já teria ocorrido. Então, Elend caminhava, sozinho, na escuridão. Apesar da estranheza, ele manteve a palavra e viajou apenas à noite. Não apenas era o desejo de Vin, como Fantasma afirmava que a noite era mais segura. Poucos viajantes enfrentavam as brumas. Portanto, a maioria dos bandoleiros não se incomodava em observar as estradas à noite.

Fantasma fazia a ronda adiante, seus sentidos aguçados permitindo que ele detectasse perigos antes que Elend tropeçasse neles. *Aliás, como isso funciona?,* Elend se perguntou enquanto caminhava. *Dizem que o estanho faz ver melhor. Mas do que adianta poder ver à distância, se as brumas simplesmente obscurecem tudo?*

Autores alegam que a Alomancia poderia ajudar, de alguma forma, a pessoa a ver além das brumas. Elend sempre quis saber como era. Claro, ele também queria saber como era sentir a força do peltre, ou lutar com atium. Os

alomânticos eram incomuns, mesmo entre as Grandes Casas. Ainda assim, pelo jeito que Straff o tratava, Elend sempre se sentira culpado por não ter nascido um.

Mas, no fim das contas, acabei virando rei, mesmo sem a Alomancia, ele pensou, sorrindo para si mesmo. Verdade que perdera o trono. Mas, embora tivessem conseguido tirar sua coroa, não poderiam privá-lo de suas conquistas. Ele havia provado que uma Assembleia poderia funcionar. Protegeu os skaa, dando a eles direitos e um gosto da liberdade que eles nunca esqueceriam. Fizera mais que qualquer um esperava dele.

Algo farfalhou nas brumas.

Elend ficou paralisado, encarando a escuridão. *Parecem folhas,* ele pensou, nervoso. *Algo se movendo entre elas? Ou… apenas o vento soprando-as?*

Ele concluiu, naquele momento, que não havia nada mais enervante do que encarar a escuridão brumosa, vendo silhuetas em constante movimento. Uma parte dele preferia encarar um exército koloss a ficar sozinho, à noite, numa floresta desconhecida.

— Elend — alguém sussurrou.

Elend virou-se. Levou a mão ao peito quando viu Fantasma se aproximar. Ele pensou em repreender o garoto por espreitá-lo, mas, bem, não havia nenhuma outra maneira de se aproximar no meio das brumas.

— Viu alguma coisa? — Fantasma perguntou em voz baixa.

Elend balançou a cabeça.

— Mas acho que ouvi alguma coisa.

Fantasma assentiu, em seguida partiu para dentro das brumas novamente. Elend ficou ali, sem saber se deveria continuar ou apenas aguardar. Não precisou ponderar muito. Fantasma voltou alguns momentos depois.

— Nada com que se preocupar — Fantasma falou. — Apenas um espectro das brumas.

— *O quê?* — Elend perguntou.

— Espectro das brumas — Fantasma repetiu. — Você sabe. Coisas grandes e gelatinosas? Parentes dos kandras? Não me diga que nunca leu sobre eles!

— Li — Elend falou, examinando a escuridão com nervosismo. — Mas nunca pensei em estar no meio das brumas com um deles.

Fantasma deu de ombros.

— Provável que esteja seguindo nosso cheiro, esperando que deixemos algum resto para ele comer. Em geral, essas coisas são inofensivas.

— Em geral? — Elend questionou.

— É provável que você saiba mais sobre eles do que eu. Olhe, não voltei para cá para conversar sobre coisas que comem lixo. Tem algumas luzes lá adiante.

— Vilarejo? — Elend perguntou, pensando quando eles passaram neste caminho antes.

Fantasma sacudiu a cabeça.

— Parecem fogueiras de sentinelas.

— Um exército?

— Talvez. Estou pensando se você deveria ficar um pouco para trás. Talvez fosse desagradável se você passasse por um posto de batedores.

— Concordo — Elend falou.

Fantasma assentiu, em seguida desapareceu nas brumas.

E Elend ficou de novo sozinho na escuridão. Ele estremeceu, apertando a capa junto ao corpo, e encarou as brumas na direção da qual ouviu o espectro das brumas. Sim, ele lera sobre eles. Sabia que eram supostamente inofensivos. Mas o pensamento de algo espreitando lá adiante, seu esqueleto feito de partes aleatórias de ossos, observando-o…

Não se concentre nisso, Elend disse a si mesmo.

Em vez disso, voltou sua atenção às brumas. Vin estava certa sobre uma coisa, no mínimo. Estavam se demorando cada vez mais, apesar do nascer do sol. Em algumas manhãs, ficavam por uma hora inteira depois de o sol se erguer. Ele podia facilmente imaginar o desastre que poderia ocorrer caso as brumas permanecessem o dia todo. Lavouras morreriam, animais passariam fome e a civilização entraria em colapso.

Seriam mesmo as Profundezas algo tão simples? As impressões de Elend sobre as Profundezas eram baseadas numa tradição de estudiosos. Alguns autores negavam aquilo tudo como uma lenda – um rumor usado pelos obrigadores para aumentar sua aura de divindade. A maioria aceitava a definição histórica das Profundezas – um monstro sombrio que havia sido eliminado pelo Senhor Soberano.

E, ainda assim, pensar nelas como a bruma fazia sentido. Como uma única fera, por mais poderosa que fosse, poderia ameaçar uma terra inteira? As brumas, entretanto… podiam ser destrutivas. Matar plantas. Talvez até… pessoas, como Sazed sugeriu?

Ele a encarou revoluteando ao redor dele, brincalhona, enganadora. Sim, podia vê-la como as Profundezas. Sua reputação – mais assustadora que um monstro, mais perigosa que um exército – era merecida. De fato, observando-a

como ele estava, conseguia vê-la tentando pregar peças em sua mente. Por exemplo, o monte de bruma diretamente à sua frente parecia formar imagens. Elend sorriu quando sua mente identificou as imagens nas brumas. Uma quase parecia uma pessoa em pé, diante dele.

A pessoa avançou.

Elend teve um sobressalto, dando um passo pequeno para trás, seus pés estalando num pedaço de neve encrustada de gelo. *Não seja estúpido,* ele disse a si mesmo. *Sua mente está pregando peças em você. Não há nada…*

A forma nas brumas deu outro passo adiante. Era indistinta, quase sem silhueta, mas parecia real. Movimentos aleatórios das brumas delineavam seu rosto, corpo, pernas.

— Senhor Soberano! — Elend gritou, saltando para trás. A coisa continuava a observá-lo.

Estou ficando louco, ele pensou, suas mãos começando a tremer. A figura brumosa parou a alguns metros diante dele e, em seguida, ergueu o braço direito e apontou.

Norte. Para longe de Luthadel.

Elend franziu a testa, olhando na direção que a figura tinha apontado. Não havia nada além de mais brumas vazias. Ele se virou de volta para a aparição, mas ela estava em pé, silenciosa, com o braço erguido.

Vin falou dessa coisa, ele lembrou, reprimindo o medo. *Ela tentou me contar a respeito. E eu pensei que ela estava inventando!* Ela estava certa, como também no fato de as brumas estarem avançando no dia, e a possibilidade de as brumas serem as Profundezas. Ele estava começando a se perguntar qual deles era o erudito.

A figura da bruma continuava a apontar.

— O quê? — Elend perguntou, sua voz soando assustadora no ar silente.

A coisa avançou, com o braço ainda erguido. Elend pousou inutilmente a mão na espada, mas aguentou firme.

— Diga o que quer de mim! — ele disse, autoritário.

A coisa apontou outra vez. Elend inclinou a cabeça. Decerto, ela não parecia ameaçadora. Na verdade, ele teve uma sensação atípica de paz vindo dela.

Alomancia?, ele pensou. *Ela está* puxando *minhas emoções!*

— Elend? — a voz de Fantasma vagueou para fora das brumas.

A figura de repente se dissolveu, sua forma derretendo em meio às brumas. Fantasma aproximou-se, seu rosto obscuro e sombreado pela noite.

— Elend? O que você estava dizendo?

Elend tirou a mão da espada, empertigando-se. Ele encarou as brumas, ainda não plenamente convencido de que não estava vendo coisas.

— Nada — ele falou.

Fantasma olhou lá atrás, de onde viera.

— Você deveria dar uma olhada nisso.

— O exército? — Elend perguntou, franzindo o cenho.

Fantasma sacudiu a cabeça.

— Não. Os refugiados.

— Os Guardadores estão mortos, milorde — o velho disse, sentando-se diante de Elend. Ele não tinha uma tenda, apenas um cobertor estirado entre várias estacas. — Mortos, ou capturados.

Outro homem trouxe a Elend uma caneca com chá morno, seu comportamento era servil. Os dois vestiam túnicas de mordomo, e embora seus olhos indicassem exaustão, seus trajes e mãos estavam limpos.

Antigos hábitos, Elend pensou, agradecendo com um aceno de cabeça e bebericando o chá. *O povo de Terris pode ter se declarado independente, mas mil anos de servidão não podem ser apagados com tanta facilidade.*

O acampamento era um lugar estranho. Fantasma disse que havia contado quase mil pessoas nele – um pesadelo de número para se cuidar, alimentar e organizar no inverno. Muitos eram idosos, e os homens eram, em sua maioria, mordomos: eunucos criados para o serviço refinado, sem experiência em caça.

— Diga-me o que aconteceu — Elend pediu.

O mordomo idoso assentiu com sua cabeça trêmula. Ele não parecia especialmente frágil – de fato, tinha aquele mesmo ar de dignidade controlada que a maioria dos mordomos exibia –, mas seu corpo tinha um tremor lento, crônico.

— O Sínodo revelou-se, milorde, assim que o império caiu. — Ele aceitou também uma caneca de chá, mas Elend percebeu que estava apenas pela metade; uma precaução sábia, pois o tremor do velho mordomo quase derramava o conteúdo. — Eles se tornaram nossos governantes. Talvez não tenha sido sábio eles se revelarem tão cedo.

Nem todos os terrisanos eram feruquemistas; de fato, poucos eram. Os Guardadores – pessoas como Sazed e Tindwyl – foram forçados a se esconder durante muito tempo por causa do Senhor Soberano. Sua paranoia de que as linhagens feruquêmicas e alomânticas poderiam se mesclar – produzindo assim uma pessoa com seus poderes – o levou a tentar destruir todos os

feruquemistas.

— Eu conheci Guardadores, amigo — Elend disse, com suavidade. — Acho difícil acreditar que poderiam ser derrotados com facilidade. Quem fez isso?

— Inquisidores de Aço, milorde — o velho respondeu.

Elend estremeceu. *Então era lá que eles estavam.*

— Havia dezenas deles, milorde — o velho continuou. — Atacaram Tathingdwen com um exército de monstros koloss. Mas isso foi apenas uma distração, creio eu. Seu objetivo real eram o Sínodo e os próprios Guardadores. Enquanto nosso exército, do jeito que podia, combatia as feras, os Inquisidores atacaram os Guardadores.

Senhor Soberano… Elend pensou com o estômago revirado. *Então, o que faremos com o livro que Sazed nos pediu para entregar ao Sínodo? Entregaremos a estes homens ou manteremos conosco?*

— Eles levaram os corpos com eles, milorde — o senhor falou. — Terris está em ruínas, e é por isso que estamos rumando para o sul. Você disse que conhece o Rei Venture?

— Eu… o conheci — Elend respondeu. — Ele governava Luthadel, de onde venho.

— Acha que ele nos abrigará? — o velho perguntou. — Já não temos mais muita esperança. Tathingdwen era a capital de Terris, mas não era grande. Somos poucos hoje em dia… o Senhor Soberano cuidou disso.

— Eu… não sei se Luthadel poderá ajudá-lo, amigo.

— Podemos servir bem — o velho prometeu. — Tínhamos orgulho de nos declarar livres, creio eu. Lutamos para sobreviver mesmo antes de os Inquisidores atacarem. Talvez eles nos tenham feito um favor ao nos expulsar.

Elend sacudiu a cabeça.

— Os koloss atacaram Luthadel há mais ou menos uma semana — ele disse em voz baixa. — Eu mesmo sou um refugiado, Mestre Mordomo. Pelo que sei, a cidade caiu.

O homem ficou em silêncio.

— Ah, entendo — ele disse, por fim.

— Sinto muito — Elend falou. — Estou voltando para ver o que aconteceu. Diga-me, estou viajando por este caminho não faz muito tempo. Como eu não vi vocês na minha jornada para o norte?

— Não viemos pela rota do canal, milorde — o velho disse. — Atravessamos o país, direto para baixo, para que pudéssemos reunir suprimentos em Suringshath. Você… não teve mais notícias sobre os

acontecimentos em Luthadel, então? Havia uma Guardadora-mestra residindo lá. Esperamos, talvez, conseguir aconselhamento com ela.

— Lady Tindwyl? — Elend perguntou.

O senhor pareceu interessado.

— Sim. Você a conhece?

— Ela participava da corte do rei — Elend respondeu.

— A Guardadora Tindwyl poderia ser considerada nossa líder agora, creio eu — o senhor disse. — Não sabemos ao certo quantos Guardadores viajantes existem, mas ela é o único membro conhecido do Sínodo que estava fora da cidade quando fomos atacados.

— Ela ainda estava em Luthadel quando parti — Elend comentou.

— Então, talvez ainda esteja — o senhor disse. — É o que podemos esperar, creio eu. Obrigado, viajante, por suas informações. Por favor, fique à vontade em nosso acampamento.

Elend assentiu com a cabeça, erguendo-se. Fantasma estava a uma curta distância, nas brumas, perto de algumas árvores. Elend juntou-se a ele.

As pessoas mantinham grandes fogueiras queimando à noite, como se para desafiar as brumas. A luz servia bem para dissipar o poder das brumas – e, ainda assim, a luz parecia acentuá-las também, criando sombras tridimensionais que confundiam os olhos. Fantasma recostava-se num tronco de árvore retorcido, olhando ao redor para coisas que Elend não conseguia ver. Elend, no entanto, conseguia ouvir um pouco do que Fantasma devia estar examinando. Crianças chorando. Homens tossindo. Gado caminhando.

— Não parece bom, não é? — Elend perguntou, baixinho.

Fantasma sacudiu a cabeça.

— Queria que eles apagassem todas essas fogueiras — ele murmurou. — As luzes machucam meus olhos.

Elend olhou para o lado.

— Elas não são *tão* claras.

Fantasma deu de ombros.

— Apenas desperdiçam madeira.

— Perdoe-os pelo seu conforto, por ora. Eles terão muito pouco nas semanas vindouras. — Elend fez uma pausa, olhando para um esquadrão de “soldados” terrisanos que passava; um grupo de homens que eram, obviamente, mordomos. Sua postura era excelente, e caminhavam com graça suave, mas Elend duvidava que saberiam como usar qualquer arma que não fosse uma faca de cozinha.

Não, não há exército em Terris para ajudar meu povo.

— Você mandou Vin de volta para reunir nossos aliados — Fantasma disse em voz baixa. — Buscá-los para nos encontrar, talvez refugiar-se em Terris.

— Eu sei — Elend confirmou.

— Mas não podemos nos reunir em Terris — Fantasma falou. — Não com Inquisidores lá em cima.

— Eu sei — Elend repetiu.

Fantasma ficou em silêncio por um momento.

— O mundo todo está se despedaçando, El — ele disse por fim. — Terris, Luthadel…

— Luthadel *não foi* destruída — Elend falou, olhando com rispidez para Fantasma.

— Os koloss…

— Vin deve ter descoberto uma maneira de impedi-los — Elend falou. — Pelo que sabemos, ela já encontrou o poder no Poço da Ascensão. Precisamos continuar. Podemos, e iremos, reconstruir o que foi perdido. Então, vamos nos preocupar em ajudar Terris.

Fantasma parou, em seguida assentiu com a cabeça e sorriu. Elend ficou surpreso em ver como suas palavras confiantes pareceram apaziguar as preocupações do garoto. Fantasma recostou-se, observando a caneca ainda fumegante de Elend, e Elend a entregou com um murmúrio de que não gostava de chá de raiz-coração. Fantasma bebeu com alegria.

No entanto, Elend achou as informações mais perturbadoras do que quis admitir. *As Profundezas estão voltando, fantasmas nas brumas, e os Inquisidores conquistando o Domínio de Terris. O que mais eu não fiquei sabendo?*

É uma esperança distante. Alendi sobreviveu a assassinos, guerras e catástrofes. E, ainda assim, espero que, nas montanhas gélidas de Terris, ele possa finalmente ser exposto. Espero por um milagre.



— Olhe, todos sabemos o que precisamos fazer — Cett disse, batendo na mesa. — Trouxemos nossos exércitos para cá, prontos e dispostos a lutar. Agora, vamos reconquistar meu maldito domínio!

— A imperatriz não nos deu ordens para fazer isso — Janarle disse, bebericando seu chá, totalmente impassível frente à falta de decoro de Cett. — Eu, pessoalmente, acho que deveríamos esperar ao menos até o imperador voltar.

Penrod, o mais velho dos homens na sala, tinha tato o bastante para parecer solidário.

— Entendo que o senhor esteja preocupado com seu povo, Lorde Cett. Mas não tivemos nem uma semana para reconstruir Luthadel. É cedo demais para nos preocuparmos com a expansão de nossa influência. Não podemos, de forma alguma, autorizar essas preparações.

— Ah, sai pra lá, Penrod — Cett retrucou, ríspido. — Você não está no comando.

Todos os três voltaram-se para Sazed. Ele se sentia muito estranho, sentado à cabeceira da mesa na câmara de conferência da Fortaleza Venture. Ajudantes e auxiliares, inclusive alguns dos burocratas de Dockson, estavam na sala pouco mobiliada, mas apenas os três governantes – agora reis sob o governo imperial de Elend – estavam com Sazed na mesa.

— Acredito que não devemos ser apressados, Lorde Cett — Sazed recomendou.

— Não é pressa — Cett falou, batendo na mesa de novo. — Quero apenas enviar batedores e receber relatórios de espiões para que possamos ter as informações que precisaremos quando invadirmos!

— *Se* invadirmos — Janarle retrucou. — Se o imperador decidir reaver a

Cidade de Fadrex, isso não acontecerá antes do verão, na melhor das hipóteses. Temos preocupações mais urgentes. Meus exércitos estão longe do Domínio do Norte há muito. É básico na teoria política que deveríamos estabilizar o que temos *antes* de nos movermos para um novo território.

— Bah! — Cett falou, acenando a mão indiferente.

— O senhor pode enviar seus batedores, Lorde Cett — Sazed informou. — Mas devem apenas coletar informações. Não devem se envolver em ataques, não importa o quanto seja tentadora a oportunidade.

Cett sacudiu a cabeça de rosto barbado.

— É *por isso* que eu nunca me interessei em participar de jogos políticos com o resto do Império Final. Nada acontece porque todo mundo está ocupado armando esquemas!

— Há muito a ser dito em prol da sutileza, Lorde Cett — Penrod falou. — A paciência traz um prêmio maior.

— Prêmio maior? — Cett perguntou. — O que o Domínio Central ganhou em esperar? Vocês esperaram até o momento em que sua cidade caiu! Se não fossem aqueles que tinham uma Nascida das Brumas melhor…

— Melhor Nascida das Brumas, milorde? — Sazed perguntou em voz baixa. — O senhor não viu como ela comandou os koloss? Não a viu saltar pelo ar como uma flecha em voo? Lady Vin não é simplesmente uma "Nascida das Brumas melhor".

O grupo ficou em silêncio. *Tenho que mantê-los concentrados nela,* Sazed pensou. *Sem a liderança de Vin, sem a ameaça do seu poder, essa coalizão vai se dissolver num piscar de olhos.*

Ele se sentia inadequado. Não conseguia manter os homens concentrados no tema e não conseguia fazer muito para ajudá-los com seus vários problemas. Conseguia apenas lembrá-los, a todo o momento, sobre o poder de Vin.

O problema era que ele não queria de verdade fazê-lo. Sentia algo muito estranho em si, sentimentos que em geral não tinha. Despreocupação. Apatia. Por que nada do que esses homens falavam importava? Por que nada importava, agora que Tindwyl estava morta?

Ele cerrou os dentes, tentando forçar a concentração.

— Muito bem — Cett falou, agitando a mão. — Vou enviar batedores. Aquela comida já chegou de Urteau, Janarle?

O nobre mais jovem ficou desconfortável.

— Nós… talvez tenhamos problemas com isso, milorde. Parece que um elemento insalubre esteve incitando rebeliões na cidade.

— Não me surpreende que queira mandar soldados de volta ao Domínio do Norte! — Cett acusou. — Você está planejando reconquistar seu reino e deixar o meu apodrecer!

— Urteau fica *muito* mais perto que a sua capital, Cett — Janarle retrucou, voltando-se para o seu chá. — Simplesmente faz sentido me estabelecer lá antes de voltarmos nossa atenção para o ocidente.

— Deixemos a imperatriz tomar essa decisão — Penrod falou. Ele gostava de agir como mediador e, ao fazê-lo, colocava-se acima dos problemas. Em suma, ele assumia o controle ao se colocar entre os outros dois.

Não muito diferente do que Elend tentou fazer, Sazed pensou, *com nossos exércitos*. O garoto tinha mais noção de estratégia política do que Tindwyl lhe dera crédito.

Eu não deveria pensar nela, ele disse a si mesmo, fechando os olhos. Ainda assim, era difícil não fazê-lo. Tudo que Sazed fazia, tudo que pensava, parecia errado porque ela se fora. As luzes pareciam mais fracas. Era mais difícil ter motivação. Descobriu que tinha problemas até mesmo em *querer* prestar atenção nos reis, quanto mais em lhes dar alguma orientação.

Era tolice, ele sabia. Havia quanto tempo que Tindwyl voltara à sua vida? Apenas alguns meses. No passado, ele se resignara com o fato de que nunca seria amado – de forma geral – e que certamente nunca teria o amor *dela*. Não apenas lhe faltava virilidade, mas ele era rebelde e dissidente – um homem bem distante da ortodoxia de Terris.

Certamente, seu amor por ele fora um milagre. Ainda assim, a quem ele agradeceria por aquela bênção, e a quem amaldiçoaria por roubá-la? Ele conhecia centenas de deuses. Odiaria a todos, se achasse que isso o aliviaria de alguma forma.

Por amor à sua sanidade, obrigou-se a se distrair com os reis novamente.

— Ouçam — Penrod estava falando, inclinado, os seus braços sobre a mesa. — Acho que estamos examinando a questão pelo viés errado, senhores. Não deveríamos estar brigando, deveríamos estar felizes. Estamos numa posição muito singular. Desde a época em que o império do Senhor Soberano caiu, dúzias, talvez centenas de homens tentaram estabelecer-se como reis de diversas formas. No entanto, a única coisa que compartilhavam era a falta de estabilidade.

— Bem, parece que *seremos* forçados a trabalhar juntos. Estou começando a ver isso sob uma luz favorável. Prestarei minha lealdade ao casal Venture, até mesmo viverei com as visões de governo excêntricas de Elend Venture, se isso

significar que ainda estarei no poder daqui a dez anos.”

Cett coçou a barba por um momento, em seguida assentiu.

— Você tem razão, Penrod. Talvez seja a primeira coisa boa que ouvi de você.

— Mas não podemos continuar tentando supor que sabemos o que devemos fazer — Janarle falou. — Precisamos de um direcionamento. Desconfio que sobreviver os próximos dez anos dependerá muito de não terminar morto na ponta da faca daquela Nascida das Brumas.

— Isso mesmo — Penrod falou, meneando um pouco a cabeça. — Mestre Terrisano, quando podemos esperar que a imperatriz assuma o comando de novo?

Novamente, os três pares de olhos voltaram-se a Sazed.

Na verdade, não me importa, Sazed pensou e, em seguida, sentiu-se culpado. Vin era sua amiga. Ele se importava. Mesmo se fosse difícil se importar com qualquer coisa. Ele baixou os olhos, envergonhado.

— Lady Vin está sofrendo muito com os efeitos de um recurso de peltre extenso — ele falou. — Ela exigiu muito de si no último ano, e terminou atravessando o domínio até chegar a Luthadel. Precisa muito descansar. Acredito que devemos deixá-la em paz por mais tempo.

Os outros assentiram e voltaram à discussão. A mente de Sazed, no entanto, voltou-se para Vin. Ele entendia sua dor, e estava começando a ficar preocupado. Um recurso de peltre drenava o corpo, e ele desconfiava que ela se forçara demais, ficando acordada com o metal por meses.

Quando um Guardador armazenava prontidão, dormia como se estivesse em coma por algum tempo. Podia apenas esperar que os efeitos desse terrível recurso de peltre fossem iguais, pois Vin não acordara uma única vez desde sua volta, uma semana antes. Talvez acordasse em breve, como um Guardador que saía do sono.

Talvez demorasse mais tempo. Seu exército koloss esperava fora da cidade, aparentemente controlado, embora ela estivesse inconsciente. Mas, por quanto tempo? O recurso de peltre podia matar, se a pessoa forçasse demais o corpo.

O que aconteceria à cidade se ela nunca mais acordasse?

As cinzas caíam. *Muitas cinzas nos últimos tempos,* Elend pensou enquanto ele e Fantasma saíram da floresta e olharam a planície de Luthadel.

— Olha — Fantasma murmurou, apontando. — Os portões da cidade estão derrubados.

Elend franziu o cenho.

— Mas os koloss estão acampados *fora* da cidade. — De fato, o acampamento do exército de Straff também estava lá, bem onde estivera antes.

— Grupos de trabalho — Fantasma disse, cobrindo os olhos ultrassensíveis de alomântico para protegê-los da luz do sol. — Parece que estão enterrando corpos fora da cidade.

O franzir de cenho de Elend ficou ainda mais profundo. *Vin. O que aconteceu com ela? Está bem?*

Ele e Fantasma atravessaram pelo interior, seguindo a dica dos terrisanos para garantir que não seriam descobertos por patrulhas da cidade. Na verdade, naquele dia haviam quebrado o padrão, viajando um pouco durante o dia para que pudessem chegar a Luthadel antes do início da noite. As brumas logo viriam, e Elend estava fatigado por ter acordado cedo e caminhado tanto tempo.

Mais que isso, estava cansado de não saber o que acontecera com Luthadel.

— Consegue ver quais bandeiras estão presas sobre os portões? — ele perguntou.

Fantasma fez uma pausa, aparentemente queimando metais.

— As suas — ele disse, finalmente, com surpresa.

Elend sorriu. *Bem, ou conseguiram salvar a cidade de alguma forma, ou é uma armadilha muito elaborada para me capturar.*

— Vamos — ele falou, apontando para uma fila de refugiados que voltava para a cidade – provavelmente aqueles que haviam fugido antes, voltando pela comida agora que o perigo havia passado. — Vamos nos misturar a eles e entrar.

Sazed suspirou, fechando a porta dos aposentos. Os reis haviam terminado com as discussões do dia. De fato, começavam a se entender bem, considerando o fato de que todos estavam tentando conquistar um ao outro poucas semanas antes.

No entanto, Sazed sabia que não poderia receber o crédito por sua recente amabilidade. Tinha outras preocupações.

Vi muitos morrerem, nos meus dias, ele pensou, caminhando pelo quarto. *Kelsier. Jadendwyl. Crenda. Pessoas que eu respeitava. Nunca imaginei o que havia acontecido com seus espíritos.*

Ele acendeu a vela na mesa, a luz frágil iluminando algumas páginas espalhadas, uma pilha de estranhos pregos de metal tirados dos corpos de

koloss e um manuscrito. Sazed sentou-se na mesa, dedos resvalando nas páginas, lembrando os dias passados entre estudos com Tindwyl.

Talvez seja por isso que Vin me colocou no comando, ele pensou. *Sabia que eu precisava de algo que tirasse minha mente de Tindwyl.*

E, ainda assim, ele descobria cada vez mais que *não queria* tirar seus pensamentos dela. O que era mais poderoso? A dor da lembrança ou a dor do esquecimento? Ele era um Guardador – o trabalho de sua vida era lembrar. Esquecer, mesmo em nome da paz de espírito, não era algo que o atraía.

Ele folheou o manuscrito, sorrindo com ternura na câmara escura. Enviara uma versão reescrita, limpa, com Vin e Elend para o norte. Contudo, aquele era o original. O manuscrito escrevinhado freneticamente – quase em desespero – feito por dois estudiosos assustados.

Quando seus dedos folhearam as páginas, a luz tremeluzente da vela revelou a escrita firme e bela de Tindwyl. Ela se mesclava facilmente com os parágrafos escritos pela mão mais reservada de Sazed. Às vezes, uma página alternava entre seus diversos manuscritos uma dúzia de vezes.

Ele não percebeu que estava chorando até piscar, deixando cair uma lágrima que atingiu a página. Ele baixou os olhos, assustado quando a gota causou um redemoinho na tinta.

— E agora, Tindwyl? — ele sussurrou. — Por que fizemos isso? Você nunca acreditou no Herói das Eras, e eu nunca acreditei em nada, ao que parece. Qual o motivo para tudo isso?

Ele ergueu a mão e limpou a lágrima com sua manga, preservando a página o melhor que pôde. Apesar do seu cansaço, começou a ler, selecionando um parágrafo aleatório. Ele lia para recordar. Para pensar nos dias em que não se preocupava com o porquê de seus estudos. Simplesmente ficava contente em fazer o que mais gostava, com a pessoa que ele mais amara.

Reunimos tudo que pudemos encontrar sobre o Herói das Eras e as Profundezas, ele pensou, lendo. *Mas muito disso parece contraditório.*

Ele abriu uma seção específica, uma que Tindwyl insistira para que incluíssem. Continha as autocontradições mais flagrantes, conforme declarado por Tindwyl. Ele as leu, lhes dando a justa consideração pela primeira vez. Essa era Tindwyl, a estudiosa – uma cética cautelosa. Ele correu o dedo pelas passagens, lendo seus escritos.

O Herói das Eras será de estatura alta. Um homem que não pode ser ignorado por outros.

O poder não pode ser tomado, vinha em outra. *Disso, temos certeza. Deve*

ser mantido, mas não usado. Deve ser libertado. Tindwyl achou aquela condição tola, pois outras seções descreviam o Herói usando o poder para derrotar as Profundezas.

Todos os homens são egoístas, estava escrito em outra passagem. *O Herói é um homem que pode enxergar as necessidades de todos além de seu desejo.*

— Se todos os homens são egoístas — Tindwyl perguntou —, então, como o Herói pode ser altruísta, como é dito em outras passagens? E, de fato, como se pode esperar que um homem humilde conquiste o mundo?

Sazed balançou a cabeça, sorrindo. Às vezes, suas objeções tinham sido muito bem concebidas, mas, outras vezes, ela apenas discutia para oferecer outra opinião, não importava o quanto precisasse se desdobrar. Ele correu os dedos pela página de novo, mas parou no primeiro parágrafo.

De alta estatura, ele dizia. Aquilo não se referia a Vin. Não tinha vindo da cópia, mas de outro livro. Tindwyl havia incluído porque a cópia por fricção, a fonte mais confiável, dizia que ele era baixo. Sazed folheou o livro em busca da passagem com uma transcrição completa do testemunho na placa de ferro de Kwaan.

A altura de Alendi me impressionou na primeira vez que o vi. Era um homem que tinha estatura baixa, mas que parecia ultrapassar os outros, um homem que exigia respeito.

Sazed franziu o cenho. Antes, ele argumentara que não havia contradição, pois uma passagem poderia ser interpretada como uma referência à presença ou ao caráter do Herói, em vez de apenas à sua altura. Agora, no entanto, Sazed fez uma pausa, realmente enxergando as objeções de Tindwyl pela primeira vez.

E algo lhe pareceu errado. Olhou de volta para o livro, examinando o conteúdo da página.

Havia um lugar para mim na tradição da Antecipação, ele leu. *Achei que eu fosse a Primeira Testemunha Sagrada, o profeta vaticinado para descobrir o Herói das Eras. Renunciar a Alendi na época teria sido renunciar à minha nova posição, à minha aceitação, pelos outros.*

O franzir de cenho de Sazed aprofundou-se. Ele seguiu o parágrafo. Lá fora estava escurecendo, e alguns vestígios de bruma rodopiavam ao redor das folhas da janela, entrando no quarto antes de desaparecerem.

Primeira Testemunha Sagrada, ele leu de novo. *Como eu deixei passar? É o nome que as pessoas usaram para me chamar, lá nos portões. Eu não o reconheci.*

— Sazed.

Sazed teve um sobressalto, quase derrubando seu livro no chão quando se virou. Vin estava atrás dele, uma sombra escura na sala mal-iluminada.

— Lady Vin! Você está de pé!

— Não devia ter me deixado dormir tanto — ela falou.

— Tentamos acordá-la — ele disse com suavidade. — Você estava em coma.

Ela fez uma pausa.

— Talvez tenha sido o melhor, Lady Vin — Sazed continuou. — A luta terminou, e você exigiu demais de você mesma nos últimos meses. É bom descansar um pouco, agora que acabou.

Ela avançou, sacudindo a cabeça, e Sazed conseguia ver que ela parecia exausta, apesar dos dias de descanso.

— Não, Sazed — ela disse. — Não acabou ainda. Nem de longe.

— Como assim? — Sazed perguntou, sua preocupação crescendo.

— Ainda posso sentir na minha cabeça — Vin falou, erguendo a mão para a testa. — Está aqui. Na cidade.

— O Poço da Ascensão? — Sazed questionou. — Mas, Lady Vin, eu menti sobre ele. Na verdade, peço desculpas, mas nem sei se tal coisa *existe* mesmo.

— Acredita que sou a Heroína das Eras?

Sazed desviou o olhar.

— Alguns dias atrás, no campo lá fora da cidade, tive certeza. Mas… nos últimos tempos… não sei mais em que acreditar. As profecias e histórias são um amontoado de contradições.

— Não se trata de profecias — Vin falou, caminhando até a mesa dele e olhando para o livro. — Trata-se do que precisa ser feito. Posso sentir… me puxando.

Ela olhou para a janela fechada, com as brumas girando nas beiradas. Em seguida, caminhou até ela e abriu com tudo as folhas, deixando entrar o ar frio do inverno. Vin fechou os olhos e deixou as brumas a cobrirem. Vestia apenas uma camisa simples e calças.

— Eu as explorei uma vez, Sazed — ela disse. — Sabia? Eu te contei? Quando lutei contra o Senhor Soberano. Eu extraí força das brumas. Foi assim que o derrotei.

Sazed estremeceu, não apenas pelo frio. Pelo tom de sua voz e o som de suas palavras.

— Lady Vin… — ele disse, mas não sabia como continuar. Explorar as brumas? O que ela queria dizer?

— O Poço está aqui — ela repetiu, olhando pela janela, as brumas girando para dentro do quarto.

— Não pode ser, Lady Vin — Sazed falou. — Todos os relatos estão de acordo. O Poço da Ascensão foi encontrado nas Montanhas de Terris.

Vin balançou a cabeça.

— Ele mudou o mundo, Sazed.

Ele fez uma pausa, franzindo o cenho.

— Como?

— O Senhor Soberano — ela sussurrou. — Ele criou as Montanhas de Cinzas. Os relatos dizem que ele criou os vastos desertos ao redor do império, que rompeu a terra para preservá-la. Por que deveríamos concluir que as coisas continuam iguais ao que eram quando ele escalou até as Minas? Ele criou as montanhas. Por que não poderia tê-las aplainado?

Sazed sentiu um calafrio.

— É o que eu faria — Vin falou. — Se eu soubesse que o poder voltaria, se eu quisesse preservá-lo. Eu esconderia o Poço. Eu deixaria que as lendas continuassem falando sobre montanhas a norte. Em seguida, eu construiria minha cidade ao redor do Poço para que pudesse ficar de olho nele.

Ela se virou, olhando para ele.

— Está aqui. O poder está esperando.

Sazed abriu a boca para contestar, mas não conseguia descobrir nada. Não tinha fé. Quem era ele para argumentar sobre essas coisas? Quando ele se calou, ouviu vozes lá embaixo, lá fora.

Vozes?, ele pensou. À noite? Nas brumas? Curioso, ele tentou ouvir o que estava sendo dito, mas estavam longe demais. Ele estendeu o braço até a bolsa ao lado da mesa. A maioria das suas mentes de metal estava vazia; ele usava apenas sua mente de cobre, com seus estoques de conhecimento antigo. Dentro da bolsa, ele encontrou uma bolsinha. Nela estavam os dez anéis que havia preparado para o cerco, mas nunca usara. Ele a abriu, tirou um dos dez, em seguida voltou com a bolsa em seu cinto.

Com este anel – uma mente de estanho – ele conseguiu acionar a audição. As palavras abaixo ficaram nítidas para ele.

— O rei! O rei voltou!

Vin saltou janela afora.

— Também não entendo como ela faz isso, El — Ham falou, caminhando com um braço numa tipoia.

Elend andou pelas ruas da cidade. As pessoas o seguiam, falando em tons entusiasmados. A multidão ficava cada vez maior ao passo que as pessoas ouviam que Elend havia retornado. Inseguro, Fantasma os encarava, mas parecia estar gostando da atenção.

— Eu estava apagado na última parte da batalha — Ham estava dizendo. — Apenas o peltre me manteve vivo… os koloss massacraram minha equipe, romperam as muralhas da fortaleza que eu estava defendendo. Eu saí e encontrei Sazed, mas minha mente estava ficando confusa naquele momento. Lembro-me de cair inconsciente do lado de fora da Fortaleza Hasting. Quando acordei, Vin já havia retomado a cidade. Eu…

Eles pararam. Vin estava diante deles na rua da cidade. Silenciosa, sombria. Nas brumas, quase parecia o espírito que Elend vira antes.

— Vin? — ele perguntou no ar obscuro.

— Elend — ela disse, avançando para os braços dele, e o ar de mistério desapareceu. Ela estremeceu quando o abraçou. — Desculpe. Eu acho que fiz algo ruim.

— Hein? — ele falou. — O quê?

— Eu nomeei você imperador.

Elend sorriu.

— Eu percebi e aceito.

— Depois de tudo que você fez para garantir que o povo tivesse escolha?

Elend sacudiu a cabeça.

— Começo a pensar que minhas opiniões eram simplistas. Honradas, mas… incompletas. Vamos lidar com isso. Estou feliz em ver que minha cidade ainda está em pé.

Vin sorriu. Parecia cansada.

— Vin? — ele perguntou. — Você ainda está usando o recurso de peltre?

— Não — ela disse. — É outra coisa — ela olhou para o lado com o rosto pensativo, como se decidisse algo. — Venha — ela disse.

Sazed observava pela janela, uma segunda mente de estanho aguçando sua visão. Era mesmo Elend lá embaixo. Sazed sorriu, um dos pesos de sua alma removido. Ele se virou com a intenção de sair e encontrar o rei.

E, então, viu algo voar no chão diante dele. Um pedaço de papel. Ele se ajoelhou para pegá-lo, percebendo sua letra nele. Suas pontas estavam serrilhadas, como se tivessem sido cortadas. Ele franziu o cenho, caminhou até sua mesa, abriu o livro na página da narrativa de Kwaan. Um pedaço faltava. O mesmo pedaço de antes, aquele que havia sido retirado naquele momento com

Tindwyl. Ele quase havia esquecido a estranha ocorrência com as páginas todas sem a mesma frase.

Ele reescreveu a página a partir da sua mente de metal, depois de eles encontrarem as páginas rasgadas. Agora, o mesmo pedaço foi arrancado, a última frase. Apenas para ter certeza, ele a colocou ao lado do livro. Encaixava-se perfeitamente. *Alendi não pode chegar ao Poço da Ascensão*, lia-se nele, *ele não pode tomar o poder para si.* Eram as palavras exatas que Sazed tinha em sua memória, as palavras exatas da cópia de fricção.

Por que Kwaan teria se preocupado com isso?, ele pensou, sentando-se. *Ele diz que conhecia Alendi melhor que qualquer um. De fato, disse em várias ocasiões que Alendi era um homem honrado.*

Por que Kwaan estava tão preocupado que Alendi tomasse o poder para si?

Vin caminhou através das brumas. Elend, Ham e Fantasma seguiram-na. A multidão havia se dispersado por ordem de Elend, embora alguns soldados tivessem ficado por perto para protegê-lo.

Vin continuava sentindo as pulsações, as batidas, o poder que sacudia sua alma. Por que os outros não conseguiam senti-las?

— Vin? Onde estamos indo? — Elend perguntou.

— Kredik Shaw — ela falou suavemente.

— Mas… por quê?

Ela apenas balançou a cabeça. Agora sabia a verdade. O Poço estava na cidade. Com a força cada vez maior das pulsações, talvez ela tivesse presumido que a direção seria mais difícil de discernir. Mas não era assim, de forma alguma. Agora que estavam altas e cheias, ela descobriu ser ainda mais fácil.

Elend olhou para os outros, e ela conseguiu sentir sua preocupação. Lá em cima, Kredik Shaw assomava na noite. Pináculos, como estacas gigantescas, brotavam do chão sem um padrão certo, apontando para as estrelas como se as acusassem de algo.

— Vin — Elend disse. — As brumas estão agindo… de forma estranha.

— Eu sei — ela comentou. — Estão me guiando.

— Não. Na verdade, parecem estar se *afastando* de você.

Vin balançou a cabeça. Isso parecia *certo*. Como ela podia explicar? Juntos, entraram nas ruínas do palácio do Senhor Soberano.

O Poço estava aqui desde o início, Vin pensou com um sorriso. Podia sentir os pulsos vibrarem através do prédio. Por que não percebera isso antes?

As pulsações ainda eram muito fracas na época, ela percebeu. *O Poço não*

estava cheio ainda. Agora está. E chamava por ela.

Ela seguiu o mesmo caminho de antes. O caminho que seguira com Kelsier, invadindo Kredik Shaw numa noite maldita, quando ela quase morreu. O caminho que seguira sozinha, na noite em que viria a matar o Senhor Soberano. Os corredores estreitos de pedra abriam-se para um aposento no formato de uma tigela virada para baixo. O lampião de Elend cintilava contra as esculturas e os murais finos, a maioria em preto e cinza. A cabana de pedra ficava no centro da câmara, abandonada, cercada.

— Acho que finalmente vamos encontrar seu atium, Elend — Vin falou, sorrindo.

— O quê? — Elend disse, com sua voz ecoando na câmara. — Vin, nós procuramos aqui. Tentamos de tudo.

— Ao que parece, não foi suficiente — Vin respondeu, encarando a pequena construção dentro da construção, mas sem se mover até ela.

É onde eu colocaria, ela pensou. *Faz sentido. O Senhor Soberano teria querido manter o Poço fechado para que, quando o poder retornasse, ele pudesse pegá-lo.*

Mas eu o matei antes que isso pudesse acontecer.

O ribombar vinha lá debaixo. Eles haviam arrancado partes do assoalho, mas pararam quando atingiram a rocha sólida. Não havia como descer mais. Ela caminhou até lá, buscando pelo prédio dentro do prédio, mas nada encontrou. Ela saiu, passando por seus amigos confusos, frustrada.

Então, tentou queimar seus metais. Como sempre, as linhas azuis estenderam-se ao seu redor, apontando as fontes de metal. Elend estava usando muito metal, como Fantasma, embora Ham estivesse limpo. Algumas esculturas tinham incrustações metálicas, e as linhas apontavam para elas.

Tudo como esperado. Não havia nada…

Vin franziu a testa, afastando-se de lado. Uma das incrustações exibia uma linha especialmente grossa. Grossa demais, na verdade. O franzir de testa se aprofundou e ela inspecionou a linha que, como as outras, apontava do seu peito diretamente para a parede de pedra. Aquela parecia estar apontando para *além* da parede.

O quê?

Ela a *puxou*. Nada aconteceu. Em seguida, *puxou* com mais força, grunhindo quando foi arrastada na direção da parede. Ela liberou a linha, olhando ao redor. Havia incrustações no chão. Profundas. Por curiosidade, ela se ancorou ao *puxá-las*, em seguida *puxou* novamente a parede. Ela pensou sentir algo

entortar.

Ela queimou duralumínio e *puxou* o máximo que pôde. A explosão de força quase a rasgou ao meio, mas sua âncora resistiu, e o peltre abastecido com duralumínio a manteve viva. E uma parte da parede deslizou até se abrir, pedra raspando contra pedra no salão silencioso. Vin arfou, soltando-a quando os metais se esgotaram.

— Senhor Soberano! — Fantasma falou. No entanto, Ham foi mais rápido, movendo-se com a velocidade do peltre e espiando a abertura. Elend ficou ao lado dela, agarrando seu braço quando ela quase caiu.

— Estou bem — Vin garantiu, tomando um frasco e restaurando os metais. O poder do Poço pulsava ao seu redor. Quase parecia estremecer o aposento.

— Tem umas escadas aqui dentro — Ham falou com a cabeça para fora da abertura.

Vin equilibrou-se e assentiu para Elend, e os dois seguiram Ham e Fantasma através da falsa seção da parede.

Mas eu preciso continuar com o mínimo de detalhes, continuava o relato de Kwaan.

O espaço é limitado. Os Portadores do Mundo devem ter se julgado humildes quando vieram até mim, admitindo que estavam errados. Mesmo naquela época, eu estava começando a duvidar da minha declaração original. Mas eu era arrogante.

No final, meu orgulho talvez tenha condenado todos nós. Nunca recebi muita atenção por parte dos meus irmãos; eles pensavam que meu trabalho e meus interesses não se encaixavam com os de um Portador do Mundo. Não conseguiam ver como meu trabalho, estudar a natureza em vez da religião, beneficiava as pessoas das catorze terras.

No entanto, como aquele que encontrou Alendi, tornei-me alguém importante. O primeiro entre os Portadores do Mundo. Havia um lugar para mim na tradição da Antecipação – achei que eu fosse a Primeira Testemunha Sagrada, o profeta vaticinado para descobrir o Herói das Eras. Renunciar a Alendi na época teria sido renunciar à minha nova posição, à minha aceitação, pelos outros.

E, por isso, não o fiz. Mas o faço agora.

Que se torne sabido que eu, Kwaan, o Portador do Mundo de Terris, sou uma fraude. Alendi nunca foi o Herói das Eras. Na melhor das hipóteses, ampliei suas virtudes, criando um herói onde não havia nenhum. Na pior, temo

que eu tenha corrompido tudo em que acreditamos.

Sazed sentou-se à mesa, lendo o livro.

Algo não está correto aqui, ele pensou. Ele rastreou as poucas linhas, procurando as palavras "Primeira Testemunha Sagrada" de novo. Por que aquela linha continuava a incomodá-lo?

Ele se recostou. Mesmo que as profecias não falassem sobre o futuro, elas não seriam coisas a seguir ou usar como guias. Tindwyl estava correta nesse sentido. Seus estudos haviam se provado não confiáveis e obscuros.

Então, qual era o problema?

Simplesmente, não tinha sentido.

Por outro lado, às vezes a religião não tinha sentido de forma literal. Era esse o motivo, ou esse era seu próprio viés? Sua frustração crescente com os ensinamentos que memorizara e ensinava, mas que o traíram no final?

Chegou ao pedaço de papel na sua mesa. A parte rasgada. *Alendi não pode chegar ao Poço da Ascensão…*

Alguém estava em pé, ao lado da sua mesa.

Sazed arfou, cambaleando para trás, quase tropeçando na cadeira. Não era uma pessoa. Era uma sombra, ao que parecia formada por correntes de bruma. Eram muito suaves, ainda atravessavam a janela que Vin abrira, mas formavam uma pessoa. A cabeça parecia voltada para a mesa, para o livro. Ou… talvez para o pedaço de papel.

Sazed sentiu vontade de correr, fugir de medo, mas sua mente de estudioso ergueu uma barreira para combater seu terror. *Alendi*, ele pensou. *Aquele que todos pensavam ser o Herói das Eras. Ele falou algo de uma coisa feita de brumas seguindo-o.*

Vin afirmou que vira também.

— O que… você quer? — ele perguntou, tentando permanecer calmo.

O espírito não se moveu.

Talvez seja… ela?, ele imaginou, em choque. Muitas religiões afirmavam que os mortos continuavam a caminhar pelo mundo, muito além das vistas dos mortais. Mas aquele espírito era baixo demais para ser Tindwyl. Sazed tinha certeza de que ele a reconheceria, mesmo nesse formato amorfo.

Sazed tentou desvendar para onde ele estava olhando. Ele estendeu a mão, hesitante, erguendo o pedaço de papel.

O espírito ergueu o braço, apontando para o centro da cidade. Sazed franziu a testa.

— Não entendo — ele disse.

O espírito apontou, com mais insistência.

— Escreva para mim o que quer que eu faça.

Ele apenas apontava.

Sazed ficou por bastante tempo no quarto apenas com uma vela, em seguida olhou para o livro aberto. O vento virara as páginas, mostrando novamente seu manuscrito, em seguida a letra de Tindwyl, depois a sua outra vez.

Alendi não pode chegar ao Poço da Ascensão. Ele não pode tomar o poder para si.

Talvez… talvez Kwaan soubesse de algo que ninguém mais sabia. Poderia o poder corromper até mesmo a melhor das pessoas? Talvez por isso ele tenha se voltado contra Alendi, tentando impedi-lo?

O espectro das brumas apontou novamente.

Se o espírito rasgou essa frase, talvez ele estivesse tentando me dizer algo. Mas… Vin não tomaria o poder para si. Ela não destruiria, como o Senhor Soberano fez, não é?

E se ela não tivesse escolha?

Lá fora, alguém gritou. O grito era de puro terror, e logo havia um coro. Um conjunto horrível de sons que ecoavam na noite escura.

Não havia tempo para pensar. Sazed agarrou a vela, espalhando cera sobre a mesa em sua pressa, e saiu dos aposentos.

A escadaria em caracol descia por um bom tempo. Vin desceu por ali, Elend ao seu lado, o som de batida alto em seus ouvidos. Ao fundo, a escadaria abria-se para…

Uma câmara imensa. Elend ergueu o lampião alto, olhando de cima a baixo a imensa caverna. Fantasma já estava na metade dos degraus de pedra que levavam ao fundo. Ham o seguia.

— Senhor Soberano… — Elend sussurrou, em pé, ao lado de Vin. — Nunca teríamos encontrado esse lugar sem derrubar o prédio inteiro!

— Provavelmente essa era a ideia — Vin falou. — Kredik Shaw não era simplesmente um palácio, mas uma cobertura. Construída para esconder algo. *Isto aqui*. Além disso, aqueles adornos de parede escondiam as fendas da entrada, e o metal neles obscurecia o mecanismo de abertura dos olhos alomânticos. Se eu tivesse uma pista…

— Pista? — Elend perguntou, virando-se para ela.

Vin sacudiu a cabeça, indicando os degraus. Os dois começaram a descer. Lá embaixo, ela ouviu a voz de Fantasma soando.

— Tem comida aqui embaixo! — ele gritou. — Latas e mais latas de comida!

De fato, encontraram filas e mais filas de estantes na caverna, meticulosamente embaladas como se separadas em preparação para algo importante. Vin e Elend chegaram à caverna enquanto Ham perseguia Fantasma, pedindo para ele diminuir o passo. Elend fez que iria segui-los, mas Vin agarrou seu braço. Ela queimava ferro.

— Fonte forte de metal daquele lado — ela falou, ficando cada vez mais ávida.

Elend assentiu e eles correram pela caverna, passando estante após estante. *O Senhor Soberano preparou tudo isso*, ela pensou. *Mas com que objetivo?*

Ela não se importou naquele momento. Não se preocupava com atium também, mas a ansiedade de Elend em encontrá-lo era demais para ignorar. Eles correram até o fim da caverna, onde encontraram a fonte da linha de metal.

Uma placa imensa de metal pendurada na parede, como aquela que Sazed disse ter encontrado no Convento de Seran. Elend ficou claramente decepcionado quando eles a viram. Vin, no entanto, avançou, olhando através dos olhos aguçados pelo estanho para ver o que ela continha.

— Um mapa? — Elend perguntou. — Esse é o Império Final.

De fato, um mapa do império estava talhado no metal. Luthadel estava marcada no centro. Um pequeno círculo marcava outra cidade próxima.

— Por que a Cidade de Statlin está circulada? — Elend perguntou franzindo a testa.

Vin sacudiu a cabeça.

— Não foi para isso que viemos — ela disse. — Lá. — Um túnel levava para fora da caverna principal. — Vamos.

Sazed correu pelas ruas, sem saber ao certo o que estava fazendo. Seguiu o espectro das brumas, que era difícil de acompanhar à noite, pois havia muito sua vela apagara.

Pessoas gritavam. Os sons de pânico lhe causavam arrepio, e ele desejava ir ver qual era o problema. Porém, o espectro das brumas era autoritário; parava para chamar atenção se ele o perdia. Podia estar simplesmente levando-o para a morte. E, mesmo assim… sentia uma confiança nele que não conseguia explicar.

Alomancia?, ele pensou. *Puxando minhas emoções?*

Antes que pudesse refletir mais, tropeçou no primeiro corpo. Era um homem

skaa de roupas simples, com a pele manchada de cinzas. Seu rosto estava retorcido, numa careta de dor, e as cinzas no chão estavam espalhadas por seus espasmos.

Sazed ofegou quando parou. Ele se ajoelhou, estudando o corpo à luz turva de uma janela aberta nas proximidades. Aquele homem não morrera facilmente.

É… como as mortes que eu estava estudando, ele pensou. *Meses atrás, na aldeia a sul. O homem dissera que as brumas mataram seu amigo. Fizeram-no cair ao chão e se retorcer.*

O espírito apareceu diante de Sazed, sua postura insistente. Sazed ergueu os olhos, franzindo.

— Você fez isso? — ele perguntou num sussurro.

A coisa sacudiu a cabeça violentamente, apontando. Kredik Shaw estava bem adiante. Foi a direção na qual Vin e Elend partiram mais cedo.

Sazed parou.

Vin disse pensar que o Poço ainda estava na cidade, ele pensou. *As Profundezas chegaram até nós, como seus tentáculos estavam fazendo nos reinos mais distantes do império durante algum tempo. Matando.*

Algo maior do que compreendemos está em marcha.

Ele ainda não conseguia acreditar que a ida de Vin ao Poço fosse perigosa. Ela havia lido; conhecia a história de Rashek. Não tomaria o poder para si. Ele tinha confiança. Mas não certeza absoluta. De fato, ele não sabia mais ao certo *o que* deveriam fazer com o Poço.

Tenho que ir até ela. Impedi-la, falar com ela, prepará-la. Não podemos ter pressa de entrar em algo assim. Se, de fato, estavam indo tomar o poder no Poço, precisavam pensar sobre ele antes e decidir qual a melhor ação a se fazer.

O espectro das brumas continuava a apontar. Sazed avançou, ignorando o horror dos gritos na noite. Aproximou-se das portas da estrutura gigantesca do palácio, com seus pináculos e estacas, em seguida entrou.

O espectro das brumas ficou para trás, nas brumas que o criaram. Sazed acendeu a vela de novo com um sílex, e esperou. O espectro das brumas não avançou. Ainda sentindo a urgência, Sazed deixou-o para trás, continuando para as profundezas do antigo lar do Senhor Soberano. As paredes de pedra eram frias e escuras, e sua vela tinha uma luz fraca.

O Poço não poderia estar aqui, ele pensou. *Deveria estar nas montanhas.*

Mesmo assim, muitas coisas sobre aquele tempo eram vagas. Ele estava começando a duvidar que algum dia entendera aquilo que estudara.

Ele apressou o passo, protegendo a vela com a mão, sabendo onde precisava ir. Ele visitara o prédio dentro do prédio, o lugar onde o Senhor Soberano passava seu tempo antigamente. Sazed havia estudado o lugar depois da queda do império, registrando e catalogando. Entrou na sala exterior, e estava na metade dela antes de perceber a abertura estranha na parede.

Uma figura estava na porta com a cabeça abaixada. A luz da vela de Sazed refletia as paredes de mármore polido, os murais prateados encrustados e as estacas nos olhos do homem.

— Marsh? — Sazed perguntou, em choque. — Onde você esteve?

— O que está fazendo, Sazed? — Marsh sussurrou.

— Estou indo buscar Vin — ele disse, confuso. — Ela encontrou o Poço, Marsh. Temos que ir até ela, impedi-la de fazer qualquer coisa até termos certeza do que ele faz.

Marsh permaneceu em silêncio por um tempo.

— Não deveria ter vindo aqui, terrisano — ele disse, por fim, com a cabeça ainda abaixada.

— Marsh? O que está havendo? — Sazed deu um passo adiante, apressado.

— Eu queria saber. Eu queria… queria entender.

— Entender o quê? — Sazed perguntou, e sua voz ecoou no salão abobadado.

Marsh não disse palavra por um momento. Em seguida, ergueu a cabeça, concentrando as pontas das estacas cegas em Sazed.

— Eu queria entender por que preciso te matar — ele disse, em seguida ergueu a mão.

Um *empurrão* alomântico chocou-se com os protetores de metal nos braços de Sazed, lançando-o para trás, batendo-o com força na parede de pedra.

— Sinto muito — Marsh sussurrou.

Alendi não pode chegar ao Poço da Ascensão…

58

— Senhor Soberano! — Elend sussurrou, parando na borda da segunda caverna.

Vin juntou-se a ele. Caminharam pela passagem por algum tempo, deixando a caverna de estoque bem para trás, caminhando por um túnel de pedra natural. Terminava ali, em uma segunda caverna, um pouco menor, que estava cheia de uma fumaça espessa, escura. Ela não vazava para fora da caverna, como deveria, mas se erguia e rodopiava sobre si mesma.

Vin avançou. A fumaça não a engasgou, como ela esperava. Havia algo estranhamente receptivo nela.

— Venha — ela disse, atravessando a caverna. — Vejo uma luz lá adiante.

Elend juntou-se a ela, nervoso.

Tum. Tum. Tum.

Sazed bateu contra a parede. Não era alomântico; não tinha peltre para fortalecer seu corpo. Quando foi ao chão, sentiu uma dor aguda por dentro, e soube que havia fissurado uma costela. Ou pior.

Marsh caminhou a passos largos para a frente, mal-iluminado pela vela de Sazed, que queimava teimosamente onde ele a havia derrubado.

— Por que veio? — Marsh sussurrou enquanto Sazed esforçava-se para ficar de joelhos. — Tudo estava indo bem — ele observou com olhos de ferro quando Sazed lentamente se afastava engatinhando. Então, Marsh *empurrou* outra vez, jogando Sazed para o lado.

Sazed deslizou pelo belo chão branco, chocando-se na outra parede. Seu braço estalou, quebrando, e sua visão estremeceu.

Apesar da dor, ele viu Marsh se abaixar e pegar algo. Uma pequena bolsa. Havia caído da sacola de Sazed. Estava cheio de peças de metal; obviamente Marsh pensou que era uma bolsinha de moedas.

— Sinto muito — Marsh repetiu, em seguida ergueu a mão e *empurrou* a

bolsa para Sazed.

A bolsa atravessou o recinto e atingiu Sazed, rasgando-se, e os pedacinhos de metal dentro dela cortaram a carne de Sazed. Ele não precisava baixar os olhos para saber que estava muito ferido. Estranhamente, não conseguia mais sentir a dor, mas podia sentir o sangue, quente, em sua barriga e pernas.

Sinto muito também, Sazed pensou quando o salão escureceu, e ele caiu de joelhos. *Eu falhei… embora eu não saiba em quê. Não posso nem mesmo responder à pergunta de Marsh. Não sei por que vim até aqui.*

Ele sentiu a morte se aproximar. Era uma experiência estranha. Sua mente estava resignada, ainda que confusa, ainda que frustrada, ainda que lentamente… tivesse… problemas…

Não eram moedas, uma voz parecia sussurrar.

O pensamento barulhava na mente que morria.

A bolsa que Marsh atirou em você. Não eram moedas. Eram anéis, Sazed. Oito deles. Você tirou dois – o de visão e o de audição. Deixou os outros onde estavam.

Na bolsinha, enfiada em sua sacola.

Sazed despencou, a morte cobrindo-o como uma sombra fria. E, ainda assim, o pensamento soava verdadeiro. Dez anéis encravados na sua carne. Tocando-o. Peso. Velocidade corporal. Visão. Audição. Tato. Olfato. Força. Velocidade da mente. Prontidão.

E saúde.

Ele acionou o ouro. Não precisava estar usando a mente de metal para acessá-la, precisava apenas estar em contato com ela. Seu peito parou de queimar, e a visão voltou a focalizar. O braço endireitou-se, os ossos se reconstituindo como se extraíssem vários dias de saúde numa breve explosão de poder. Ele ofegou, sua consciência recuperando-se de sua quase morte, e a mente de ouro restaurou a claridade nítida aos seus pensamentos.

A carne curou-se ao redor do metal. Sazed ergueu-se, puxando a bolsa vazia de onde ela estava presa na pele, deixando os anéis lá dentro. Ele a jogou no chão, o ferimento selando-se, drenando o restante de poder da mente de ouro. Marsh parou na entrada do salão e virou-se, surpreso. O braço de Sazed ainda latejava, provavelmente quebrado, e as costelas estavam escoriadas. Uma breve explosão de saúde tinha um efeito limitado.

Mas ele estava vivo.

— Você nos traiu, Marsh — Sazed falou. — Eu não percebi que essas estacas roubavam a alma de um homem, como a seus olhos.

— Não pode lutar comigo — Marsh respondeu em voz baixa, sua voz ecoando na sala escura. — Não é um guerreiro.

Sazed sorriu, sentindo as pequenas mentes de metal dentro dele lhe darem poder.

— Nem você, creio eu.

Estou envolvido em algo que vai muito além da minha compreensão, Elend pensou enquanto passavam por uma caverna estranha, cheia de fumaça. O chão era rústico e irregular, e seu lampião pareceu turvo, como se a fumaça preta rodopiante estivesse sugando a luz.

Vin caminhava com confiança. Não, com determinação. Havia uma diferença. Fosse lá o que houvesse no fim da caverna, ela obviamente queria descobri-lo.

E… o que será?, Elend pensou. *O Poço da Ascensão?*

O Poço era algo mitológico – algo dito pelos obrigadores quando ensinavam lições sobre o Senhor Soberano. E, ainda assim… ele seguira Vin na viagem ao norte, esperando encontrá-lo, não foi? Por que ficar tão hesitante agora?

Talvez porque ele finalmente estava começando a aceitar o que estava acontecendo. E aquilo o preocupava. Não porque temia por sua vida, mas porque de repente não entendia o mundo. Exércitos ele conseguia compreender, mesmo que não soubesse como derrotá-los. Mas algo como o Poço? Uma coisa de deuses, algo além da lógica dos eruditos e filósofos?

Aquilo era apavorante.

Finalmente aproximaram-se do outro lado da caverna esfumaçada. Ali, parecia haver uma câmara final, muito menor que as duas primeiras. Quando entraram, Elend observou algo de pronto: aquele recinto tinha sido feito por mãos humanas. Ou, ao menos, tinha a *aparência* de algo feito por mãos humanas. Estalactites formavam pilares através do aposento de teto baixo, e eram espaçadas de forma muito equidistantes para serem aleatórias. Ao mesmo tempo, pareciam ter crescido naturalmente, e não mostravam sinais de terem sido trabalhadas.

O ar parecia mais quente ali dentro e, felizmente, eles saíram da fumaça quando entraram ali. Uma luz baixa vinha de algo na outra extremidade da câmara, embora Elend não conseguisse distinguir a fonte. Não parecia uma tocha. A cor era diferente, e cintilava em vez de tremeluzir.

Vin passou o braço ao redor dele, encarando o fundo da câmara, de repente parecendo apreensiva.

— De onde vem aquela luz? — Elend perguntou, franzindo o cenho.

— Um lago — Vin falou em voz baixa, os olhos muito mais aguçados que os dele. — Um lago branco e brilhante.

Elend franziu o cenho, mas os dois não se movimentaram. Vin parecia hesitante.

— O quê? — ele perguntou.

Ela se recostou nele.

— É o Poço da Ascensão. Posso *senti-lo* dentro da minha cabeça. Pulsando.

Elend forçou um sorriso com uma sensação surreal de deslocamento.

— Foi por isso que viemos, então.

— E se eu não souber o que fazer? — Vin perguntou, baixinho. — E se eu tomar o poder, mas não souber como usá-lo? E se eu… ficar como o Senhor Soberano?

Elend baixou os olhos para ela, com os braços ao redor de Vin, e seu medo diminuiu um pouco. Ele a amava. A situação que enfrentavam não podia facilmente se adequar ao seu mundo lógico. Mas Vin nunca precisara realmente de lógica. E ele também não precisaria, se confiasse nela.

Ele tomou a cabeça de Vin nas mãos, virando-a para olhá-lo.

— Seus olhos são lindos.

Ela franziu o cenho.

— O quê…

— E — Elend continuou —, parte da beleza neles vem de sua sinceridade. Não vai se transformar no Senhor Soberano, Vin. Você saberá o que fazer com esse poder. Eu confio em você.

Ela sorriu, hesitante, depois assentiu. No entanto, não avançou caverna adentro. Em vez disso, apontou algo sobre o ombro de Elend.

— O que é aquilo?

Elend se virou, observando uma prateleira na parede ao fundo da pequena câmara. Crescia direto da rocha, bem embaixo da entrada pela qual vieram. Vin aproximou-se da prateleira, e Elend seguiu-a, observando as lascas que haviam sobre ele.

— Parece louça quebrada — Elend falou. Havia vários pedaços, e mais dela estava espalhada no chão, embaixo da prateleira.

Vin pegou um pedaço, mas não havia nada diferente nele. Olhou para Elend, que estava terminando de examinar os pedaços de louça.

— Olhe para isso — ele disse, erguendo uma que não estava quebrada como as outras. Era um pedaço discoide de argila queimada com uma única conta de

algum metal no centro.

— Atium? — ela perguntou.

— Parece de cor diferente — ele disse, franzindo a testa.

— O que é, então?

— Talvez encontremos a resposta lá adiante — Elend falou, virando-se e olhando as fileiras de pilares na direção da luz. Vin assentiu, e eles avançaram.

Marsh imediatamente tentou *empurrar* Sazed para longe pelos protetores de braço. Porém, Sazed estava pronto e acionou seu anel de mente de ferro – extraindo o peso que armazenara nele. Seu corpo ficou mais denso, e ele sentiu seu peso puxando-o para baixo, com seus punhos parecendo bolas de ferro em pontas de braços de chumbo.

Marsh foi empurrado para longe, lançado com violência para trás por seu próprio *empurrão*. Ele bateu na parede ao fundo, e um grito de surpresa escapou de seus lábios. Ele ecoou no salão pequeno e abobadado.

As sombras dançavam na câmara enquanto a luz diminuía. Sazed acionou a visão, aumentando sua capacidade de enxergar, e liberou o ferro quando partiu para cima do Inquisidor confuso. Marsh, no entanto, recuperou-se com rapidez. Ele estendeu a mão, *puxando* um lampião apagado da parede. Ele zuniu pelo ar, voando na direção de Marsh.

Sazed acionou o zinco. Sentia-se um pouco como o híbrido distorcido de um alomântico e um feruquemista, suas fontes de metal incorporadas dentro de si. O ouro curara Sazed por dentro, deixara-o inteiro, mas os anéis ainda permaneciam dentro de sua carne. Foi o que o Senhor Soberano fizera, mantendo as mentes de metal dentro dele, furando a carne para que fossem mais difíceis de roubar.

Aquilo sempre parecera mórbido para Sazed. Agora, ele via o quanto podia ser útil. Seus pensamentos aceleraram, e ele rapidamente enxergou a trajetória do lampião. Marsh seria capaz de usá-lo como arma contra ele. Então, Sazed queimou aço. Alomancia e Feruquemia tinham uma diferença fundamental: a Alomancia tirava seus poderes dos próprios metais, portanto a quantidade de força era limitada; na Feruquemia, era possível aumentar um atributo muitas vezes, extraindo meses de poder armazenado em poucos minutos.

O aço armazenava velocidade física. Sazed cruzou a sala num estalo, o ar rugindo em suas orelhas quando ele passou às pressas pela entrada. Ele agarrou o lampião no ar, em seguida acionou o ferro com tudo – aumentando seu peso em muitas vezes – e acionou o peltre para se dar força gigantesca.

Marsh não teve tempo de reagir. Agora ele *empurrava* um lampião que estava na mão com força e peso sobrenaturais de Sazed. Novamente, Marsh foi *puxado* por sua própria Alomancia. O *puxão* lançou-o através da sala, diretamente para cima de Sazed.

Sazed virou-se, batendo o lampião no rosto de Marsh. O metal curvou-se na sua mão, e a força lançou Marsh para trás. O Inquisidor atingiu a parede de mármore, um jorro de sangue espalhando-se pelo ar. Quando Marsh despencou no chão, Sazed pôde ver que ele havia atravessado o crânio do Inquisidor com uma das estacas de olho, rachando o osso ao redor da órbita.

Sazed voltou ao peso normal, em seguida saltou para frente, erguendo de pronto sua arma. Marsh, no entanto, estendeu o braço para cima e *empurrou*. Sazed deslizou para trás alguns centímetros antes que fosse capaz de acionar outra vez a mente de ferro, aumentando seu peso.

Marsh grunhiu, seu *empurrão* forçando-o para trás contra a parede. No entanto, isso também manteve Sazed à distância. Sazed lutou para avançar, mas a pressão do *empurrão* de Marsh – junto com seu corpo imenso e pesado – tornava difícil o caminhar. Os dois esforçaram-se por um momento, *empurrando-se* mutuamente à luz mortiça. Os adornos do salão cintilavam, seus murais silenciosos observando-os, a abertura que levava ao Poço bem ao lado.

— Por que, Marsh? — Sazed sussurrou.

— Não sei — Marsh falou, sua voz saindo num grunhido.

Com uma explosão de força, Sazed liberou sua mente de ferro e, em vez de acionar o aço, aumentou sua velocidade novamente. Soltou o lampião, esquivando-se para o lado, movendo-se mais rapidamente do que Marsh poderia rastrear. O lampião foi forçado para trás, mas em seguida foi ao chão quando Marsh soltou seu *empurrão*, saltando para a frente, obviamente tentando impedir que fosse encurralado contra a parede.

Mas Sazed foi mais rápido. Ele girou, erguendo a mão para tentar arrancar a estaca-eixo de Marsh – aquela que ficava entre os ombros, martelada nas costas quase até desaparecer. Puxar esta estaca mataria um Inquisidor; era uma fraqueza que o Senhor Soberano incorporara neles.

Sazed deslizou ao redor de Marsh para atacá-lo por trás. A estaca no olho direito de Marsh projetava-se vários centímetros para trás do crânio e pingava sangue.

A mente de aço de Sazed esgotou.

Os anéis não foram feitos para durar muito, e suas duas explosões extremas

drenaram-no em segundos. Ele reduziu a velocidade com uma guinada terrível, mas o braço ainda estava erguido, e ele ainda tinha a força de dez homens. Ele podia ver a saliência da estaca-eixo embaixo da túnica de Marsh. Se ele pudesse apenas…

Marsh girou, em seguida acertou com habilidade a mão de Sazed. Bateu com um cotovelo na barriga de Sazed, em seguida ergueu e acertou o rosto dele com as costas da mão.

Sazed caiu para trás, e sua mente de peltre esgotou-se, sua força desaparecendo. Ele atingiu o chão rígido de aço com um grunhido de dor, e rolou.

Marsh agigantou-se no salão escuro. A vela tremeluziu.

— Você estava errado, Sazed — Marsh disse baixo. — No passado, eu não era um guerreiro, mas isso mudou. Você passou os últimos dois anos ensinando, mas eu passei matando. Matando tanta gente…

Marsh avançou, e Sazed tossiu, tentando fazer seu corpo escoriado mexer-se. Ficou preocupado se o braço havia quebrado outra vez. Ele acionou o zinco novamente, fazendo os pensamentos ficarem mais velozes, mas isso não ajudou o corpo a se mover. Ele conseguia apenas observar – ainda mais ciente de sua situação arriscada e incapaz de fazer algo para impedi-la –, quando Marsh pegou o lampião caído.

A vela apagou.

Ainda assim, Sazed conseguia ver o rosto de Marsh. O sangue gotejava da órbita estilhaçada, deixando a expressão do homem ainda mais difícil de ler. O Inquisidor parecia… triste quando levantou o lampião em suas mãos de garra com a intenção de bater no rosto de Sazed.

Espere, Sazed pensou. *De onde vem aquela luz?*

Um bastão de duelo bateu contra a parte de trás da cabeça de Marsh, estilhaçando-se e lançando lascas para cima.

Vin e Elend caminharam até o laguinho. Elend ajoelhou-se ao lado dele, mas Vin ficou em pé. Encarando as águas cintilantes.

Estavam reunidas numa pequena depressão na rocha, e pareciam espessas – como metal. Um metal líquido, branco e reluzente. O Poço tinha apenas alguns metros de comprimento, mas seu poder agigantava-se na mente de Vin.

De fato, ela ficou tão enlevada pelo lago que não percebeu o espectro das brumas até a mão de Elend apertar-se ao redor do seu braço. Vin ergueu os olhos, percebendo o espírito em pé diante deles. Parecia estar com a cabeça

abaixada, mas quando se virou, a forma sombria empertigou-se.

Ela nunca vira a criatura fora das brumas. Ainda não era totalmente… completa. A bruma saía do seu corpo, fluindo para baixo, criando a forma amorfa. Um padrão persistente.

Vin sibilou baixo, puxando uma adaga.

— Espere! — Elend disse, erguendo-se.

Ela franziu a testa, lançando um olhar para ele.

— Não acho que seja perigoso, Vin — ele disse, afastando-se dela para ir na direção do espírito.

— Elend, não! — ela disse, mas ele gentilmente se livrou dela.

— Ele me visitou enquanto estávamos fora, Vin — ele explicou. — Não me machucou. Apenas… parecia querer que eu soubesse de algo — ele sorriu, ainda com a capa genérica e as roupas de viagem, e caminhou lentamente até o espectro das brumas. — O que você quer?

O espectro das brumas ficou imóvel por um tempo, em seguida ergueu o braço. Algo reluziu, refletindo a luz do lago.

— *Não*! — Vin gritou, avançando quando o espírito investiu contra a barriga de Elend. Elend grunhiu de dor, em seguida tombou para trás.

— Elend! — Vin falou, correndo até o lado de Elend enquanto ele deslizava e caía no chão. O espírito se afastou, o sangue pingando de algo dentro de sua forma ilusória e incorpórea. Sangue de Elend.

Elend ficou deitado, em choque, com os olhos arregalados. Vin avivou peltre e rasgou a frente do casaco, expondo a ferida. O espírito havia cortado a fundo sua barriga, deixando entrever as vísceras.

— Não… não… não… — Vin dizia, a mente ficando cada vez mais confusa, o sangue de Elend nas mãos.

O ferimento era muito grave. Fatal.

Ham largou o bastão, um braço ainda na tipoia. O Brutamontes troncudo pareceu incrivelmente satisfeito consigo quando chegou até o corpo de Marsh e estendeu a mão boa para Sazed.

— Não esperava encontrá-lo aqui, Saze — o Brutamontes disse.

Zonzo, Sazed aceitou a mão e ergueu-se. Ele tropeçou no corpo de Marsh, distraído, sabendo de alguma forma que um simples golpe na cabeça não seria suficiente para matar a criatura. Ainda assim, Sazed estava aturdido demais para se importar. Ergueu a vela, acendeu-a com o lampião de Ham, em seguida foram na direção das escadas, forçando-se a avançar.

Ele precisava continuar. Ele precisava chegar até Vin.

Vin puxou Elend para seus braços, sua capa formando uma bandagem improvisada – e terrivelmente inadequada – ao redor do seu torso.

— Eu te amo — ela sussurrou, as lágrimas no rosto frio. — Elend, eu te amo, eu te amo…

Amor não bastaria. Ele tremia, os olhos encarando o teto, mal capaz de se concentrar. Ele arfou, e o sangue borbulhou em sua saliva.

Ela se virou para o lado, percebendo de um jeito entorpecido onde estava ajoelhada. O lago brilhava ao lado, a poucos centímetros de onde Elend caíra. Um pouco do seu sangue havia escorrido para dentro do lago, embora não se misturasse com o metal líquido.

Eu posso salvá-lo, ela percebeu. *O poder da criação está a poucos centímetros dos meus dedos.* Aquele era o lugar de onde Rashek ascendeu à condição de divindade. O Poço da Ascensão.

Ela voltou os olhos para Elend, para seus olhos moribundos. Ele tentava se concentrar nela, mas parecia não conseguir mais controlar os músculos. Parecia… que estava tentando sorrir.

Vin enrolou seu casaco e deixou-o embaixo da cabeça dele. Em seguida, usando apenas camisa e calças, ela caminhou até o lago. Podia ouvi-lo pulsar. Como se… chamasse por ela. Chamando-a para se juntar a ele.

Ela entrou no lago. Ele resistiu ao toque, mas seu pé começou a afundar, lentamente. Ela avançou, movendo-se para o centro do lago, esperando enquanto afundava. Dentro de segundos, o lago estava na altura do seu peito, o líquido brilhante ao redor.

Ela tomou fôlego, em seguida deitou a cabeça para trás, erguendo os olhos enquanto o lago a absorvia, cobrindo seu rosto.

Sazed desceu as escadas, a vela entre os dedos trêmulos. Ham seguia-o, chamando. Passou por um Fantasma confuso no patamar lá embaixo e ignorou as perguntas do garoto.

No entanto, quando começou a descer até a caverna, ele reduziu a velocidade. Um pequeno tremor correu por entre o rochedo.

De alguma forma, soube que era tarde demais.

O poder tomou-a de repente.

Ela sentiu o líquido apertando-se contra ela, esgueirando-se para dentro do

corpo, infiltrando-se, forçando sua passagem através dos poros e das aberturas em sua pele. Abriu a boca para gritar, e o líquido avançou para dentro dela também, sufocando-a, fazendo-a engasgar.

Com um brilho repentino, o lóbulo da orelha começou a doer. Ela gritou, arrancando o brinco, soltando-o no líquido. Ela arrancou sua bolsinha, deixando-a – e seus frascos alomânticos – livre também, removendo os únicos metais no corpo.

Em seguida, ela começou a queimar. Reconheceu a sensação: era exatamente igual à sensação de queimar metais no estômago, exceto que vinha do corpo inteiro. Sua pele queimava, os músculos flamejavam e até seus ossos pareciam estar pegando fogo. Ela ofegou, e percebeu que o metal estava saindo da sua garganta.

Ela brilhava. Sentiu o poder dentro de si, como se estivesse tentando voltar para o lado de fora em uma explosão. Era como a força que ganhava ao queimar peltre, mas incrivelmente mais potente. Era uma força de capacidade incrível. Estaria além de sua capacidade de compreensão, mas expandia a mente, forçando-a a crescer e entender o que ela possuía agora.

Poderia refazer o mundo. Poderia afastar as brumas. Poderia alimentar milhões com um aceno de mão, punir os maus, proteger os fracos. Estava assombrada consigo mesma. Era como se a caverna fosse translúcida ao seu redor, e ela visse o mundo inteiro espalhando-se, uma esfera magnífica sobre a qual a vida podia existir apenas em uma pequena área nos polos. Ela poderia arrumar aquilo. Poderia melhorar as coisas. Poderia…

Poderia salvar Elend.

Ela olhou para baixo e o viu morrendo. Imediatamente entendeu o que estava errado com ele. Poderia arrumar sua pele danificada e os órgãos cortados.

Não deve fazer isso, menina.

Vin ergueu os olhos, em choque.

Sabe o que precisa fazer, a Voz disse, sussurrando para ela. Soava velha. Gentil.

— Tenho que salvá-lo! — ela gritou.

Você sabe o que precisa fazer.

E ela sabia. Ela viu acontecer – ela viu, como se numa visão, Rashek quando assumiu o poder para si. Ela viu os desastres que ele criou.

Era tudo ou nada – como a Alomancia, em certo sentido. Se ela tomasse o poder, teria de queimá-lo em alguns momentos. Refazer as coisas como desejava, mas apenas por um curto período.

Ou… poderia desistir dele.

Eu preciso derrotar as Profundezas, a Voz disse.

Ela sabia daquilo, também. Lá fora no palácio, na cidade, através do país. As pessoas nas brumas, tremendo, caindo. Muitas tinham ficado em casa, felizmente. As tradições dos skaa ainda eram fortes entre eles.

No entanto, alguns estavam fora. Aqueles que confiaram nas palavras de Kelsier de que as brumas não poderiam feri-los. Elas haviam mudado, traziam a morte.

Aquelas eram as Profundezas. As brumas que matavam. As brumas que lentamente cobriam a terra inteira. As mortes eram esporádicas; Vin vira muitos caírem mortos, mas viu outros simplesmente adoecerem, e ainda outros que perambulavam pelas brumas como se não houvesse nada de errado.

Vai piorar, a Voz disse num sussurro. *Matará e destruirá. E, se tentar pará-la sozinha, arruinará o mundo, como Rashek fez antes de você.*

— Elend… — ela murmurou. Virou-se na direção dele, que sangrava no chão.

Naquele instante, ela se lembrou de algo. Algo que Sazed dissera. *Você deve amá-lo o bastante para confiar em seus desejos*, ele lhe disse. *Não é amor, a menos que você aprenda a respeitá-lo – não o que você* acredita *ser melhor, mas o que ele realmente deseja…*

Ela viu Elend chorando. Viu que ele se concentrava nela, e sabia o que ele queria. Queria que seu povo vivesse. Queria que o mundo conhecesse a paz e que os skaa fossem livres.

Ele queria que as Profundezas fossem derrotadas. A segurança do seu povo significava mais para ele do que sua própria vida. Muito mais.

Você saberá o que fazer, ele disse para ela poucos momentos antes. *Confio em você…*

Vin fechou os olhos, e as lágrimas rolaram no seu rosto. Aparentemente, deuses podiam chorar.

— Eu te amo — ela sussurrou.

Ela deixou o poder se esvair. Ela teve nas mãos a capacidade de se tornar uma divindade, e ela desistiu dela, soltando-a no vazio que aguardava. Ela desistiu de Elend.

Porque sabia que era isso o que ele queria.

A caverna imediatamente começou a tremer. Vin gritou quando o poder reluzente dentro dela foi arrancado, absorvido com avidez pelo vazio. Ela gritou, a luz esmaecendo, em seguida caiu na lago agora vazio, batendo a

cabeça contra as pedras.

A caverna continuou a balançar, pó e lascas caíam do teto. E, em seguida, num momento de clareza surreal, Vin ouviu uma única frase, nítida, ressoando em sua mente.

Estou LIVRE!

… pois ele não deve libertar a coisa que está aprisionada lá.

59

Vin ficou deitada, em silêncio, chorando.

A caverna ainda estava silenciosa, a tempestade havia terminado. A coisa fora embora, e as pulsações na mente finalmente haviam se aquietado. Ela suspirou, os braços ao redor de Elend, segurando-o enquanto ele dava os últimos suspiros. Ela gritou, pedindo ajuda, chamando Ham e Fantasma, mas não obteve resposta. Estavam longe demais.

Ela se sentia fria. Vazia. Depois de reter tanto poder e, em seguida, tê-lo arrancado de si, sentia-se como se não fosse nada. E, quando Elend morresse, era o que seria.

O que seria, então?, ela pensou. *A vida não significará nada. Eu traí Elend. Eu traí o mundo.*

Ela não tinha certeza do que acontecera, mas de alguma forma havia cometido um erro horrível, horrível. A pior parte foi que ela tentou com todas as forças fazer o correto, mesmo que aquilo doesse.

Algo assomou-se sobre ela. Ela ergueu os olhos para o espectro das brumas, mas não conseguia nem mesmo sentir raiva. Ela estava com problemas para sentir qualquer coisa naquele momento.

O espírito ergueu um braço, apontando.

— Acabou — ela sussurrou.

Ele apontou com mais insistência.

— Não chegarei a eles a tempo — ela disse. — Além disso, eu *vi* como o corte era sério. Vi com o poder. Não há nada que qualquer um deles possa fazer, nem mesmo Sazed. Então, você deveria estar satisfeito. Conseguiu o que queria… — ela ficou em silêncio. Por que o espírito havia atacado Elend?

Para me fazer curá-lo, ela pensou. *Para impedir que eu liberasse o poder.*

Ela piscou. O espírito acenou o braço.

Lentamente, entorpecida, ela se ergueu. Observou o espírito em um transe enquanto flutuava a poucos passos sobre ela e apontou algo no chão. O espaço

estava escuro, agora que o lago estava vazio, e era iluminado apenas pelo lampião de Elend. Ela precisou queimar estanho para ver o que o espírito apontava.

Um pedaço de louça. O disco que Elend tirara da prateleira no fundo da sala e que estava na mão dele. Havia quebrado quando ele caiu.

O espectro das brumas apontava com insistência. Vin aproximou-se e se curvou, os dedos encontrando a pequena conta de metal que havia no centro do disco.

— O que é isso? — ela sussurrou.

O espectro das brumas virou-se e pairou de volta para Elend. Vin caminhava em silêncio.

Ele ainda estava vivo. Parecia ficar cada vez mais fraco e tremia menos. Estranhamente, quanto mais se aproximava da morte, de fato parecia um pouco mais sob controle. Olhou para ela quando ajoelhou, e ela pôde ver seus lábios se mexerem.

— Vin… — ele sussurrou.

Ela ajoelhou ao lado dele, olhou para a conta de metal, em seguida para o espírito. Ele estava imóvel. Rolou a conta entre os dedos, em seguida ergueu-a para comer.

O espírito moveu-se em desespero, sacudindo as mãos. Vin parou, e o espírito apontou para Elend.

Quê?, ela pensou. No entanto, ela não conseguia realmente pensar. Ela segurou o tablete erguido para Elend.

— Elend — ela sussurrou, inclinando-se para mais perto. — Você precisa engolir isto.

Ela não sabia se ele a havia entendido ou não, embora parecesse que ele havia assentido. Ela encaixou o pedaço de metal na boca dele. Os lábios se moveram, e ele começou a engolir.

Tenho que trazer algo para que ele engula, ela pensou. A única coisa que tinha era um dos seus frascos de metal. Ela foi até o poço vazio, recuperando o brinco e a bolsa. Ela puxou um frasco, em seguida despejou o líquido na boca de Elend.

Elend continuou a tossir com fraqueza, mas o líquido funcionou bem, fazendo a conta de metal descer. Vin ajoelhou, sentindo-se impotente, um contraste deprimente com como estivera poucos momentos antes. Elend fechou os olhos.

Em seguida, estranhamente, a cor pareceu voltar ao seu rosto. Vin ajoelhou,

confusa, observando-o. A aparência no rosto, a maneira que estava deitado, a cor da pele…

Ela queimou bronze e, com choque, sentiu pulsações vindo de Elend.

Ele estava queimando peltre.

EPÍLOGO

Duas semanas depois, uma figura solitária chegou ao Convento de Seran.

Sazed deixou Luthadel sem dizer nada a ninguém, perturbado por seus pensamentos e pela perda de Tindwyl. Deixou um bilhete. Não conseguia ficar em Luthadel. Não naquele momento.

As brumas ainda matavam. Atingiam pessoas que saíam à noite, aleatoriamente, sem padrão discernível. Muitas das pessoas não morriam, apenas ficavam doentes. Outras, as brumas assassinavam. Sazed não sabia como entender as mortes. Ele nem sabia ao certo se ainda se importava. Vin falou sobre algo terrível que ela havia libertado do Poço da Ascensão. Ela esperava que Sazed quisesse estudar e registrar sua experiência.

Em vez disso, ele partiu.

Ele fez seu caminho através de aposentos solenes e suas placas de aço. Quase esperava ser confrontado por um Inquisidor ou outro. Talvez Marsh tentasse matá-lo novamente. Quando ele e Ham voltaram da caverna de armazenagem embaixo de Luthadel, Marsh havia desaparecido outra vez. Seu trabalho, pelo visto, fora feito. Ele atrapalhou Sazed por tempo suficiente para que ele não impedisse Vin.

Sazed desceu as escadarias, passando pela câmara de tortura, e finalmente até a saleta de rocha que visitara em sua primeira ida ao Convento, muitas semanas antes. Ele deixou sua sacola no chão, esforçando-se para abri-la com dedos cansados, em seguida ergueu os olhos para a grande placa de aço.

As palavras finais de Kwaan encaravam-no. Sazed ajoelhou-se, puxando cuidadosamente o caderno amarrado da bolsa. Ele desfez o laço, e em seguida retirou a cópia original, feita naquela mesma câmara alguns meses antes. Reconheceu suas digitais no papel fino, sabia que os riscos de carvão eram seus. Reconheceu os borrões que fizera.

Com nervosismo cada vez maior, ele ergueu a cópia e encaixou-a contra a placa de aço na parede.

E as duas não eram idênticas.

Sazed recuou, sem saber o que pensar agora que suas suspeitas haviam sido confirmadas. A cópia deslizou de seus dedos fracos, e os olhos encontraram a

frase no fim da placa. A última frase, aquela que o espectro das brumas arrancara repetidamente. A original, na placa de ferro, era diferente daquela que Sazed escrevera e estudara.

Alendi não pode chegar ao Poço da Ascensão, as palavras antiquíssimas de Kwaan diziam, … *pois ele não deve libertar a coisa que está aprisionada lá.*

Sazed sentou-se em silêncio. *Era tudo mentira*, pensou, entorpecido. *A religião do povo de Terris… aquilo que os Guardadores passaram milênios buscando, tentando entender, era uma mentira. As conhecidas profecias, o Herói das Eras… uma invenção.*

Um truque.

Que melhor maneira para tal criatura ganhar liberdade? Homens morreriam em nome de profecias. Queriam acreditar, ter esperança. Se alguém – alguma coisa – pudesse utilizar essa energia, pervertê-la, que coisas incríveis poderiam ser realizadas…

Sazed ergueu os olhos, lendo as palavras no muro, lendo a segunda metade outra vez. Continham parágrafos que eram diferentes de sua cópia por fricção.

Ou, melhor, sua cópia havia sido alterada de alguma forma. Alterada para refletir o que a coisa desejava que Sazed lesse. *Escrevo essas palavras em aço*, as primeiras palavras de Kwaan, *pois qualquer coisa que não seja inscrita no metal não é digna de crédito.*

Sazed sacudiu a cabeça. Eles deviam ter prestado atenção àquela frase. Tudo que havia estudado depois disso, aparentemente, foi uma mentira. Olhou para a placa, examinando seu conteúdo, chegando à parte final.

E, assim, eles leram, *eu chego ao foco do meu argumento. Peço desculpas. Mesmo forçando minhas palavras no aço, sentado e talhando nesta caverna congelante, tendo a divagar. Este é o problema. Embora eu acreditasse em Alendi no início, mais tarde fiquei desconfiado. Parecia que se encaixava com os sinais, verdade. Mas, bem, como posso explicar?*

Seria possível que ele se encaixasse bem demais?

Conheço seu argumento. Falamos da Antecipação, daquilo que foi previsto, das promessas feitas por nossos grandes profetas do passado. É claro que o Herói das Eras refletirá as profecias. Refletirá perfeitamente. Essa é a ideia.

E, ainda assim… algo sobre tudo isso parece tão conveniente. É quase como se tivéssemos construído um herói que se encaixasse em nossas profecias, em vez de ter permitido que ele surgisse naturalmente. Essa era a preocupação que eu tinha, aquilo que deveria ter me feito parar quando meus irmãos vieram até mim, finalmente dispostos a acreditar.

Depois disso, comecei a ver outros problemas. Alguns de vocês talvez conheçam minha memória lendária. É verdade. Não preciso de uma mente de metal feruquemista para memorizar uma página de palavras num instante. E, eu lhe digo, me chame de louco, mas as palavras das profecias estão mudando.

As alterações são mínimas. Espertas, até. Uma palavra aqui, uma leve mudança ali. Mas as palavras nas páginas são diferentes daquelas na minha memória. Os outros Portadores do Mundo zombam de mim, pois têm suas mentes de metal para provar que os livros e as profecias não mudaram.

E, assim, essa é a grande declaração que preciso fazer. Existe algo – alguma força – que quer que acreditemos que o Heróis das Eras chegou, e que ele precisa ir até o Poço da Ascensão. Algo está fazendo as profecias mudarem para que elas se refiram a Alendi da forma mais perfeita.

E, seja lá o que for esse poder, ele pode mudar palavras dentro da mente de metal de um feruquemista.

Os outros me chamam de louco. Como eu disse, talvez seja verdade. Mas será que nem mesmo um insano deve confiar na sua própria mente, na sua própria experiência, em vez de nas dos outros? Sei o que memorizei. Sei o que é repetido agora pelos outros Portadores do Mundo. Os dois não são a mesma coisa.

Sinto astúcia por trás dessas alterações, uma manipulação sutil e brilhante. Passei os últimos dois anos em exílio, tentando decifrar o que as alterações poderiam significar. Cheguei a uma única conclusão. Algo tomou controle de nossa religião, algo nefando, algo em que não se pode confiar. Ele engana e obscurece. Usa Alendi para destruir, levando-o por um caminho de morte e tristeza. Ele está atraindo Alendi para o Poço da Ascensão, onde o poder milenar se acumulou. Posso apenas acreditar que ele enviou as Profundezas como um método de deixar a humanidade mais desesperada, de nos forçar a fazer o que ele deseja.

As profecias mudaram. Agora dizem a Alendi que devem abrir mão do poder assim que o tomar. Não é o que havia nos textos de antigamente – eles eram mais vagos. E, ainda assim, uma nova versão parece torná-lo um imperativo moral. Os textos agora enfatizam uma consequência terrível, se o Herói das Eras tomar o poder para si.

Alendi acredita neles. Ele é um bom homem – apesar de tudo, ele é um bom homem. Um homem que se sacrifica. Na verdade, todos os seus atos – todas as mortes, a destruição e as dores que ele causou – feriram-no profundamente. Todas essas coisas foram, na verdade, uma espécie de sacrifício para ele. Ele

está acostumado a renunciar à sua vontade em prol do bem maior como ele o vê.

Não tenho dúvida que, se Alendi chegar ao Poço da Ascensão, ele tomará o poder e, em seguida – em nome do suposto bem maior –, renunciará a ele. Renunciará a esta força de destruição que o levou à guerra, que o tentou a matar, que habilmente o levou para o norte.

Essa coisa quer o poder mantido no Poço, e violou os princípios mais sagrados de nossa religião para consegui-lo.

E, assim, fiz a aposta final. Meus apelos, meus ensinamentos, minhas objeções e até mesmo minhas traições foram todas inúteis. Alendi tem outros conselheiros agora, que falam o que ele quer ouvir.

Tenho um sobrinho jovem, Rashek. Ele odeia todos de Khlennium com a paixão da juventude invejosa. Odeia Alendi de forma ainda mais aguda, embora os dois nunca tenham se encontrado, pois Rashek se sente traído por um de nossos opressores ter sido escolhido como Herói das Eras.

Alendi precisará de guias através das montanhas de Terris. Incumbi Rashek de garantir que ele e seus amigos de confiança sejam escolhidos como guias. Rashek deve tentar levar Alendi na direção errada, dissuadi-lo, desencorajá-lo ou, de alguma outra maneira, frustrar sua busca. Alendi não sabe que foi enganado, que todos fomos enganados, e ele não me ouvirá agora.

Se Rashek falhar em desviar do caminho, eu instruí o rapaz a assassinar Alendi. É uma esperança distante. Alendi sobreviveu a assassinos, guerras e catástrofes. E, ainda assim, espero que, nas montanhas gélidas de Terris, ele possa finalmente ser exposto. Espero por um milagre.

Alendi não pode chegar ao Poço da Ascensão, pois ele não deve libertar a coisa que está aprisionada lá.

Sazed recostou-se. Foi o golpe final, o último que matou o que restava de fé nele.

Soube, naquele momento, que nunca acreditaria novamente.

Vin encontrou Elend em pé, na muralha da cidade, olhando para Luthadel. Vestia um uniforme branco, um daqueles que Tindwyl fizera para ele. Ele parecia… mais sério do que há poucas semanas antes.

— Você acordou — ela disse, movendo-se até ficar ao lado dele.

Ele assentiu. Não olhou para ela, continuou a observar a cidade com a agitação de pessoas. Passara um bom tempo delirante na capa, apesar do poder

curativo de sua Alomancia recém-descoberta. Mesmo com peltre, os cirurgiões não sabiam ao certo se ele sobreviveria.

Ele sobrevivera. E, como um verdadeiro alomântico, já saíra da cama no primeiro dia de lucidez.

— O que aconteceu? — ele perguntou.

Ela sacudiu a cabeça, recostando-se contra as pedras da ameia. Ela ainda conseguia ouvir a voz terrível, ribombante. *Estou LIVRE*…

—Eu sou alomântico — Elend disse.

Ela concordou.

— Aparentemente, Nascido da Bruma — ele continuou.

— Eu acho… que agora sabemos de onde eles vieram — Vin falou. — Os primeiros alomânticos.

— O que aconteceu com o poder? Ham não me deu uma resposta direta, e tudo que os outros sabem são rumores.

— Eu libertei algo — ela sussurrou. — Algo que não deveria ter sido libertado; algo que me levou até o Poço. Eu nunca deveria ter ido procurar por ele, Elend.

Elend estava em silêncio, ainda observando a cidade.

Ela se virou, enterrando a cabeça no peito de Elend.

— Era terrível — ela disse. — Eu consegui sentir isso. E eu o libertei.

Por fim, Elend envolveu-a com um abraço.

— Você fez o melhor que pôde, Vin — ele falou. — Na verdade, você fez a coisa certa. Como podia saber que tudo que lhe disseram, tudo para o que foi treinada e preparada para fazer, estava errado?

Vin sacudiu a cabeça.

— Eu sou pior que o Senhor Soberano. No final, talvez ele tenha percebido que estava sendo enganado, e que precisava tomar o poder em vez de liberá-lo.

— Se ele fosse um bom homem, Vin — Elend falou —, ele não teria feito as coisas que fez com esta terra.

— Talvez eu tenha feito ainda pior — Vin falou. — Essa coisa que libertei… as brumas matando as pessoas, e vindo durante o dia… Elend, o que vamos fazer?

Ele olhou para ela por um momento, em seguida se voltou outra vez para a cidade e seu povo.

— Vamos fazer o que Kelsier nos ensinou, Vin. Vamos sobreviver.

ARS ARCANUM

Encontre extensas anotações do autor sobre cada um dos capítulos deste livro, juntamente com algumas cenas excluídas e informações detalhadas sobre o mundo do Império Final em www.brandonsanderson.com (em inglês).

Tabela alomântica de referência rápida

Metal	Poder Alomântico	Poder Feruquêmico

Ferro	Puxa fontes de metais próximas	Armazena peso físico
Aço	Empurra fontes de metais próximas	Armazena velocidade física

Estanho

Amplia sentidos

Armazena sentidos

Peltre	Amplia habilidades físicas	Armazena força física
Latão	Abranda (atenua) emoções	

Armazena calor

Zinco	Tumultua (inflama) emoções

Armazena velocidade mental

Cobre	Esconde pulsos alomânticos	Armazena memórias

Bronze	Permite que se ouçam pulsos alomânticos	Armazena prontidão

Atium	Vê o futuro de outras pessoas

Armazena idade

Malatium	Vê o passado de outras pessoas

Desconhecido

Ouro	Vê o próprio passado	Armazena saúde

Electrum Vê o próprio futuro

Desconhecido

ÍNDICE ALFABÉTICO ALOMÂNTICO

Abrandador (alomântico): Um Brumoso que pode queimar latão.

Acionar (Feruquemia): Extrair poder de dentro das mentes de metal de um feruquemista. Faz paralelo com o termo “queimar” usado por alomânticos.

Alendi: Um homem que conquistou o mundo mil anos atrás, antes da Ascensão do Senhor Soberano. Vin encontrou seu diário no palácio do Senhor Soberano e pensou – a princípio – que ele havia se tornado o Senhor Soberano. Mais tarde foi descoberto que seu servo, Rashek, matou-o e tomou o seu lugar. Alendi era amigo e protegido de Kwaan, um estudioso de Terris que pensou que Alendi talvez fosse o Herói das Eras.

Allrianne: Única filha do Lorde Ashweather Cett.

Alomancia: Um poder hereditário místico que envolve a queima de metais dentro do corpo para ganhar habilidades especiais.

Alumínio: Um metal que Vin foi forçada a queimar no palácio do Senhor Soberano. No passado conhecido apenas pelos Inquisidores de Aço, esse metal, quando queimado, esgota todas as outras reservas de metal de um alomântico. Sua liga, se houver, é desconhecida.

Amaranta: Uma das concubinas de Straff Venture. Uma ervanária.

Âncora (alomântica): Um termo usado para referir-se a um pedaço de metal que um alomântico usa para *puxões* e *empurrões* quando está queimando ferro ou aço.

Ascensão (do Senhor Soberano): A Ascensão é o termo usado para descrever o que aconteceu a Rashek quando ele tomou o poder no Poço da Ascensão e se tornou o Senhor Soberano.

Ashweather: O primeiro nome de Lorde Cett.

Atium: Um metal estranho produzido no passado dentro das Minas de Hathsin.

Era coletado dentro de pequenos geodos que se formavam em bolsões cristalinos nas cavernas subterrâneas.

Atraidor: Um Brumoso que pode queimar aço.

Avivar (alomântico): Retirar um pouco de poder extra de um metal alomântico, fazendo com que ele queime mais rápido.

Betulargo: Um veneno comum.

Boxe: Gíria para uma moeda de ouro imperial. O nome vem da imagem no verso de Kredik Shaw, o palácio do Senhor Soberano – ou o “box” no qual ele viveu.

Braço de peltre: Outro termo para Brutamontes, um Brumoso que pode queimar peltre.

Brisa: Um Abrandador da gangue de Kelsier, atualmente um dos principais conselheiros de Elend.

Bruma: A névoa estranha, onipresente que invade o Império Final toda noite. Mais espessa que a névoa normal, ela gira e rodopia, quase como se estivesse viva.

Brumoso: Um alomântico que consegue queimar apenas um metal. São muito mais comuns que os Nascidos da Bruma. (Observação: em Alomancia, um alomântico tem um poder ou todos eles. Não há alomântico com dois ou três poderes.)

Brutamontes (alomântico): Um Brumoso que pode queimar peltre.

Buscador (alomântico): Um Brumoso que pode queimar bronze.

Camon: O antigo líder da gangue de Vin. Um homem duro que batia nela com frequência. Camon foi expulso por Kelsier. No fim, os Inquisidores o mataram.

Cantão: Um subdepartamento dentro do Ministério do Aço.

Capa de bruma: Um traje vestido por muitos Nascidos da Bruma como marca de sua condição. É feita com dúzias de fitas grossas de tecido que são costuradas no alto, mas que podem se espalhar ombro abaixo livremente.

Cett: Lorde Ashweather Cett é o rei mais importante que conseguiu ganhar

força no Domínio Ocidental. Sua terra natal é Fadrex.

Channerel: O rio que corre através de Luthadel.

Chuva de cinzas: As cinzas caem com frequência do céu no Império Final em virtude das Colinas das Cinzas.

Cladent: O nome real de Trevo.

Clipe (cunhagem): O apelido de uma moeda de cobre imperial no Império Final. Em geral usada pelos Nascidos da Bruma e Lançamoedas para saltar e atacar.

Colapso, O: A morte do Senhor Soberano e a queda do Império Final.

Colinas das Cinzas: Sete grandes vulcões de cinzas que apareceram no Império Final durante a Ascensão.

Demoux, capitão: Subcomandante de Ham, um soldado na guarda palaciana de Elend.

Dockson: Antigo braço direito de Kelsier, líder informal de sua gangue depois da morte de Kelsier. Ele não tem poderes alomânticos.

Domínio (Império Final): Uma província do Império Final. Luthadel fica no Domínio Central. Os quatro domínios ao redor são chamados de Domínios Internos, e incluem a maior parte da população e da cultura do Império Final. Após o Colapso, o Império Final dividiu-se, e diferentes reis tomaram o poder, tentando reivindicar a liderança dos vários domínios, efetivamente transformando cada um em um reino separado.

Dox: Apelido de Dockson.

Elend Venture: Rei do Domínio Central, filho de Straff Venture.

Empurrão (alomântico): Usar a Alomancia para *empurrar* algo – as emoções das pessoas com latão, ou os metais com aço.

Esfumaçador (alomântico): Um alomântico que pode queimar cobre. Também conhecido como Nuvem de Cobre.

Espectro das brumas: Um parente intangível do povo kandra. Os espectros das brumas são massas de carne sem ossos que vasculham a terra à noite, comendo

os corpos que encontram, em seguida usando os esqueletos de seus corpos.

Extinguir (alomântico): Cessar a queima de um metal alomântico.

Fadrex: Uma cidade de tamanho moderado, bem fortificada no Domínio Ocidental. Capital e lar de Ashweather Cett. Um ponto principal de armazenamento do Cantão de Recursos.

Fantasma: Um Olho de Estanho da gangue de Kelsier. O membro mais jovem da gangue, Fantasma tinha apenas quinze anos quando o Senhor Soberano foi derrubado. É sobrinho de Trevo, e no passado era conhecido por seu uso de gírias de rua confusas.

Felt: No passado, um dos espiões de Straff, o homem foi (como a maioria dos empregados de Straff) deixado para trás na queda de Luthadel. Em vez disso, ele prestou lealdade a Elend.

Gneorndin: Único filho de Ashweather Cett.

Goradel: No passado, soldado da Guarnição de Luthadel, Goradel estava guardando o palácio quando Vin decidiu infiltrar-se e matar o Senhor Soberano. Vin convenceu-o a trocar de lado e, mais tarde, ele levou Elend através do palácio para tentar resgatá-la. Atualmente, é membro da guarda de Elend.

Guardador (Terris): “Guardador” com frequência é usado como outro termo para feruquemista. Os Guardadores, na verdade, são uma organização de feruquemistas dedicada a descobrir, em seguida memorizar todo o conhecimento e as religiões que existiam antes da Ascensão. O Senhor Soberano caçou-os até quase a extinção, forçando-os a permanecer escondidos.

Ham: Um Brutamontes da gangue de Kelsier, atualmente capitão da guarda palaciana de Elend.

Hammond: Nome real de Ham.

Hathsin: Veja Minas de Hathsin.

Herói das Eras, O: O salvador mitológico profetizado do povo de Terris. Foi vaticinado que ele viria, tomaria o poder do Poço da Ascensão, em seguida seria altruísta o suficiente para abrir mão dele para salvar o mundo das Profundezas. Pensava-se que Alendi fosse o Herói das Eras, mas ele foi morto

antes que pudesse concluir sua busca.

Império Final: O império estabelecido pelo Senhor Soberano. O nome veio do fato de que, sendo imortal, ele sentia que seria o último império que o mundo conheceria, já que nunca cairia ou terminaria.

Inquisidores de Aço: Um grupo de criaturas estranhas, sacerdotes que serviam o Senhor Soberano. Têm estacas cravadas completamente em suas cabeças, com as pontas atravessando os olhos, embora continuem a viver. Eram devotos fanáticos do Senhor Soberano e foram usados principalmente para caçar e assassinar skaa com poderes alomânticos. Eles têm as capacidades dos Nascidos da Bruma e algumas outras.

Janarle: Subcomandante de Straff Venture.

Jastes Lekal: Herdeiro do título da Casa Lekal, um dos antigos amigos de Elend. Ele e Elend conversavam com frequência sobre política e filosofia, junto com Telden.

Kandra: Uma raça de criaturas estranhas que conseguem ingerir o cadáver de uma pessoa, em seguida reproduzir o corpo com a própria carne. Mantêm os ossos da pessoa que imitam, usando-os, pois os kandras não têm ossos. Cumprem Contratos com a humanidade – que devem ser comprados com atium – e são parentes dos espectros das brumas.

Kell: O apelido de Kelsier.

Kelsier: O líder da gangue de ladrões mais famosa do Império Final, Kelsier incitou uma rebelião de skaa e derrubou o Senhor Soberano, mas foi morto no processo. Era Nascido das Brumas e foi o professor de Vin.

Khlennium: Um reino ancestral que existiu antes da Ascensão do Império Final. Era a terra natal de Alendi.

Kliss: Uma mulher que Vin conheceu na corte de Luthadel. No fim, ela se revelou uma informante mercenária.

Koloss: Uma raça de guerreiros bestiais criada pelo Senhor Soberano durante a Ascensão, em seguida usada por ele para conquistar o mundo.

Kredik Shaw: O palácio do Senhor Soberano em Luthadel. Significa “A Colina das Mil Torres”, na antiga língua de Terris.

Kwaan: Um erudito terrisano de antes do Colapso. Era um Portador do Mundo e foi o primeiro a pensar, erroneamente, que Alendi era o Herói das Eras. Mais tarde mudou de ideia, traindo seu antigo amigo.

Ladrian: O nome verdadeiro de Brisa.

Lançamoedas: Um Brumoso que pode queimar aço.

Lestibournes: O nome verdadeiro de Fantasma.

Liberação (Feruquemia): Quando um feruquemista para de acionar a mente de metal, parando de extrair seu poder.

Llamas, Mistborn: O grupo de escrita de Brandon. O Mistborn Llamas queima vários tipos de plantas para ganhar poderes de super-llama. Camisetas podem ser encontradas no website.

Luthadel: Capital do Império Final, e a maior cidade da terra. Luthadel é conhecida pelas suas tecelagens, forjas e fortalezas nobres majestosas.

Malatium: O metal descoberto por Kelsier, com frequência chamado de Décimo Primeiro Metal. Ninguém sabe onde ele o encontrou, ou por que ele pensava que poderia matar o Senhor Soberano com ele. No fim, contudo, levou Vin à pista que precisava para derrotar o imperador.

Mardra: Mulher de Ham. Ela não gosta de estar envolvida em suas práticas bandoleiras ou expor seus filhos ao perigo de seu estilo de vida e, em geral, mantém distância dos membros da gangue.

Mente de Metal: Um pedaço de metal que um feruquemista usa como uma espécie de bateria, enchendo-o com certos atributos que ele ou ela pode extrair mais tarde. Mentes de metais específicos são nomeadas segundo diferentes metais: mente de estanho, mente de aço *etc.*

Metais alomânticos: Há oito metais alomânticos básicos. Eles vêm em pares, compreendendo um metal básico e sua liga. Podem ser divididos em dois grupos de quatro metais, os metais internos (estanho, peltre, cobre e bronze) e os metais externos (ferro, aço, zinco, latão). Durante muito tempo acreditou-se que havia apenas dois outros metais alomânticos: ouro e atium. No entanto, a descoberta de ligas de ouro e atium expandiu o número de metais para doze. Há rumores de outros metais, um dos quais foi descoberto (Veja também:

Alumínio).

Minas de Hathsin, As: Uma rede de cavernas que no passado era o único lugar no Império Final que produzia atium. O Senhor Soberano usava prisioneiros para trabalhar para ele. Kelsier destruiu sua capacidade de produzir atium pouco antes de morrer.

Ministério do Aço: O clero do Senhor Soberano, consistindo num pequeno número de Inquisidores de Aço e um corpo maior de sacerdotes chamados obrigadores. O Ministério do Aço era mais que apenas uma organização religiosa; era também a estrutura cívica do Império Final.

Nascido da Bruma: Um alomântico que consegue queimar todos os metais alomânticos.

Noorden: Um dos únicos obrigadores que escolheu ficar em Luthadel e servir a Elend.

Nuvem de cobre: O campo invisível e escurecedor criado por alguém que queima cobre. Se um alomântico queima metais enquanto estiver dentro de uma nuvem de metal, seus pulsos alomânticos são escondidos daqueles que queimam bronze. O termo “Nuvem de Cobre” também é usado, às vezes, para se referir a um Esfumaçador (um Brumoso que pode queimar cobre).

Obrigador: Um membro do clero do Senhor Soberano. No entanto, os obrigadores eram mais que apenas figuras religiosas; eram burocratas civis, e até mesmo uma rede de espionagem. Um negócio ou uma promessa não testemunhada por um obrigador não era considerada jurídica ou moralmente vinculativa.

Olho de Estanho: Um Brumoso que pode queimar estanho.

Olhos de Ferro: O apelido de Marsh na gangue.

OreSeur: Um kandra contratado por Kelsier. No passado, fez o papel de Lorde Renoux, o tio de Vin. Vin atualmente mantém o Contrato.

Penrod, Ferson: Um dos nobres mais importantes que ficaram em Luthadel. Um membro da Assembleia de Elend.

Philen: Um mercador importante em Luthadel e membro da Assembleia de Elend.

Poço da Ascensão: Um centro mitológico de poder da tradição de Terris. Diziam que o Poço da Ascensão mantinha uma reserva mágica de poder que podia ser extraída por aquele que fizesse o percurso para visitá-lo no momento correto.

Portadores do Mundo: Uma seita de feruquemistas estudiosos terrisanos de antes do Colapso. A Ordem dos Guardadores posterior baseou-se nos Portadores do Mundo.

Profundezas, As: Monstro ou força mitológica que ameaçou a terra pouco antes da ascensão do Senhor Soberano e do Império Final. O termo vem da tradição de Terris, e o Herói das Eras foi aquele profetizado para vir e, no fim, derrotar as Profundezas. O Senhor Soberano reivindicava tê-las derrotado quando ascendeu.

Pulso alomântico: O sinal emitido por um alomântico que está queimando metais. Apenas alguém que estiver queimando bronze pode "ouvir" um pulso alomântico.

Pulso de bronze: Outro termo para pulso alomântico.

Puxão (alomântico): Usar a Alomancia para *puxar* algo – as emoções das pessoas com zinco, ou os metais com ferro.

Puxão de Ferro: *Puxar* um metal quando se está queimando alomanticamente ferro. Esse *puxão* exerce uma força no objeto de metal, atraindo-o diretamente para o alomântico. Se o objeto metálico, conhecido como âncora, for mais pesado que o alomântico, ele ou ela será puxado na direção da fonte de metal.

Queimar (Alomancia): Um alomântico usando ou despendendo metais no estômago. Primeiro, ele precisa engolir um metal, em seguida metabolizar alomanticamente dentro dele para ter acesso ao poder.

Rashek: Um carregador de Terris antes da Ascensão. Rashek fora contratado por Alendi para ajudá-lo a fazer o percurso até o Poço da Ascensão. Rashek nunca se deu bem com Alendi e, no fim das contas, matou-o. Ele tomou o poder para si e se tornou o Senhor Soberano.

Reen: O irmão de Vin, aquele que a protegeu e a treinou como ladra. Reen era brutal e inclemente, mas salvou Vin de sua mãe insana, e protegeu-a durante a infância.

Renoux, Lorde: Um nobre que Kelsier matou, depois contratou o kandra OreSeur para imitar. Vin fez o papel de sua sobrinha, Valette Renoux.

Saze: Apelido de Sazed na gangue.

Sazed: Um Guardador terrisano que se juntou à gangue de Kelsier contra a vontade de seu povo e ajudou a derrubar o Império Final.

Senhor Soberano: O imperador que governou o Império Final por mil anos. No passado, seu nome era Rashek, e era um servo terrisano contratado por Alendi. No entanto, ele matou Alendi e seguiu para o Poço da Ascensão no seu lugar, e lá tomou o poder e ascendeu. No fim, foi morto por Vin.

Shan Elariel: Ex-noiva de Elend, uma Nascida das Brumas que Vin assassinou.

Sínodo (Terris): Os líderes de elite da organização de Guardadores de Terris.

Skaa: O campesinato do Império Final. No passado eram de raças e nacionalidades diferentes, mas durante os mil anos do império o Senhor Soberano trabalhou duro para extirpar qualquer noção de identidade no povo, conseguindo por fim criar uma raça única e homogênea de trabalhadores escravos.

Sobrevivente de Hathsin: Codinome de Kelsier que alude ao fato de ele ter sido o único prisioneiro conhecido a escapar dos campos de trabalho nas Minas de Hathsin.

Straff Venture: Pai de Elend, rei do Domínio do Norte. Ele fez de Urteau seu lar.

Tathingdwen: Capital do Domínio de Terris.

Telden: Um dos antigos amigos de Elend, com quem ele conversava sobre política e filosofia.

TenSoon: O kandra de Straff Venture.

Terras Queimadas: Os desertos nas bordas do Império Final.

Terris: O domínio no extremo norte do Império Final. É o único domínio a manter o nome do reino que costumava ter, talvez um sinal da predileção do Senhor Soberano por sua terra natal.

Tindwyl: Guardadora terrisana e membro do Sínodo.

Trevo: Um Esfumaçador da gangue de Kelsier, atualmente general dos exércitos de Elend. No passado, foi um carpinteiro skaa.

Tumultuador (alomântico): Um Brumoso que pode queimar zinco.

Tumultuar (alomântico): Quando um alomântico queima zinco e *puxa* as emoções das pessoas, inflamando-as.

Urteau: Capital do Domínio do Norte e sede da Casa Venture.

Valette Renoux: Pseudônimo que Vin usou quando estava infiltrada na sociedade nobre durante os dias antes do Colapso.

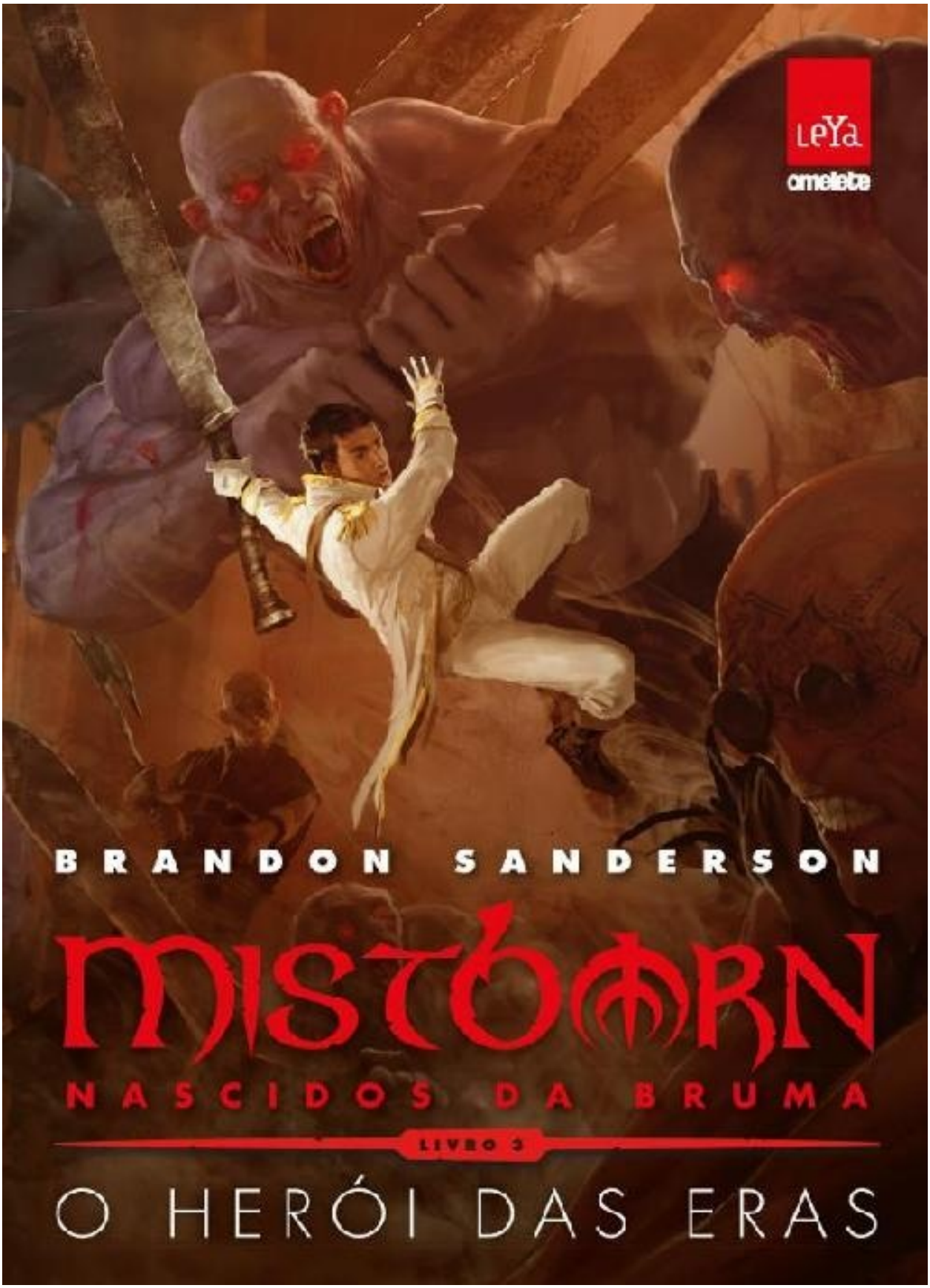
Yeden: Um membro da gangue de Kelsier e da rebelião skaa. Ele foi morto durante a luta contra o Senhor Soberano.

Yomen, Lorde: Um obrigador em Urteau que era opositor político de Cett.



Índice

CAPA
Ficha Técnica
AGRADECIMENTOS
PRIMEIRA PARTE HERDEIRA DO SOBREVIVENTE
SEGUNDA PARTE FANTASMAS NAS BRUMAS
TERCEIRA PARTE REI
QUARTA PARTE FACAS
QUINTA PARTE NEVE E CINZAS
SEXTA PARTE PALAVRAS EM AÇO
EPÍLOGO
ARS ARCANUM
ÍNDICE ALFABÉTICO ALOMÂNTICO


LeYa
ameleba
BRANDON SANDERSON
MISTBORN
NASCIDOS DA BRUMA
LIVRO 3
O HERÓI DAS ERAS

Matar o Senhor Soberano e desmembrar o Império criado por ele foi a coisa certa a se fazer? Com o retorno de uma forma letal de bruma, o aumento de pó expelido pelas montanhas de cinzas e terremotos devastadores, Vin e Elend não têm mais tanta certeza.

Há muito tempo, Ruína – um ser primordial responsável pela Criação – recebeu a promessa de que poderia destruir o mundo quando chegasse a hora. Agora que Vin foi enganada e libertou essa força maléfica do Poço da Ascensão, Ruína pretende colocar em prática os seus objetivos.

Conseguirá o antigo bando de Kelsier se manter unido e fazer sua parte na luta contra esse poderoso adversário?

Neste surpreendente volume final da trilogia “Mistborn – Nascidos da Bruma”, as perguntas levantadas na série são respondidas de forma magistral, tornando ainda mais complexo o mundo já extenso e rico criado por Brandon Sanderson, um dos maiores autores de fantasia da atualidade.

MISTBORN:
NASCIDOS DA BRUMA
O HERÓI DAS ERAS

BRANDON SANDERSON

MISTBORN: NASCIDOS DA BRUMA

O HERÓI DAS ERAS

Tradução
Petê Rissatti

LeYa
omelete

Copyright © 2006 by Dragonsteel Entertainment, LCC. All rights reserved
© Brandon Sanderson. All rights reserved
© 2008 by Dragonsteel entertainment, LCC. All rights reserved
Tradução para a Língua Portuguesa © 2016 LeYa Editora Ltda., Petê Rissatti
Título original: *Mistborn Book Three: The Hero of Ages*

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Preparação: Bruno Alves e Rodrigo Austregésilo
Revisão: Beatriz D'Oliveira
Diagramação: Abreu's System
Adaptação de capa: Leandro Dittz
Ilustração de capa: Marc Simonetti
Curadoria: Affonso Solano

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sanderson, Brandon
Mistborn – Nascidos da Bruma: O Herói das Eras / Brandon Sanderson; tradução de Petê Rissatti. – São Paulo: LeYa, 2016.
688 p. : il. (Mistborn ; 3)

ISBN 978-85-773-4641-7
Título original: *Mistborn Book Three: The Hero of Ages*

1. Ficção fantástica americana I. Título II. Rissatti, Petê III. Série.

16-1241

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção fantástica americana

Todos os direitos reservados à

LEYA EDITORA LTDA.
Av. Angélica, 2318 – 12º andar
01228-200 – Consolação – São Paulo – SP
www.leya.com.br

PARA JORDAN SANDERSON,
que consegue explicar a qualquer um que pergunte como é
ter um irmão que passa a maior parte do tempo sonhando.

(Obrigado por me aguentar.)

AGRADECIMENTOS

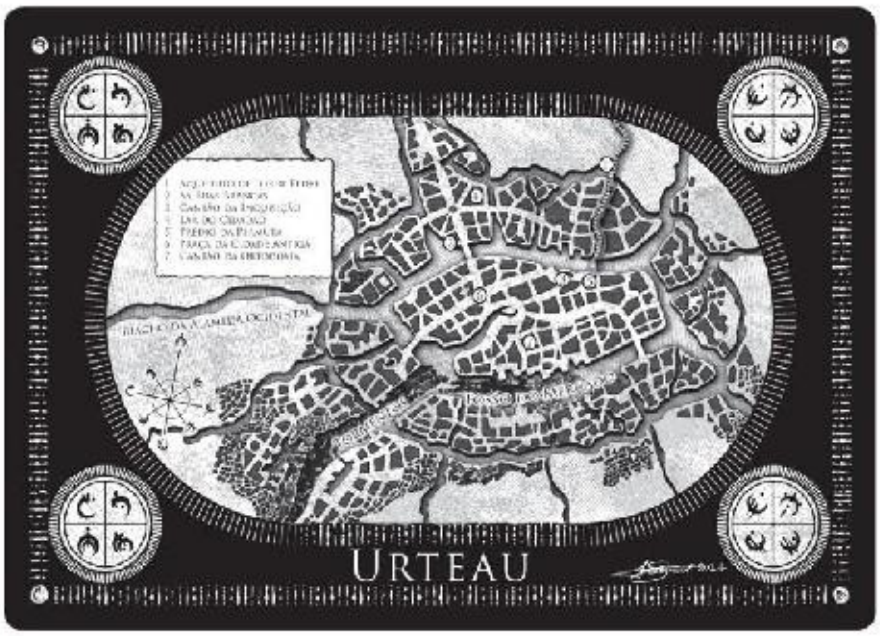
Como sempre, devo muitos agradecimentos a muita gente, por me ajudarem a fazer deste livro o que ele é hoje. Em primeiríssimo lugar, meu editor e meu agente — Moshe Feder e Joshua Bilmes — devem ser reconhecidos pela capacidade excepcional de ajudar um projeto a alcançar todo o seu potencial. Também minha maravilhosa esposa, Emily, que me apoiou e auxiliou no processo de escrita.

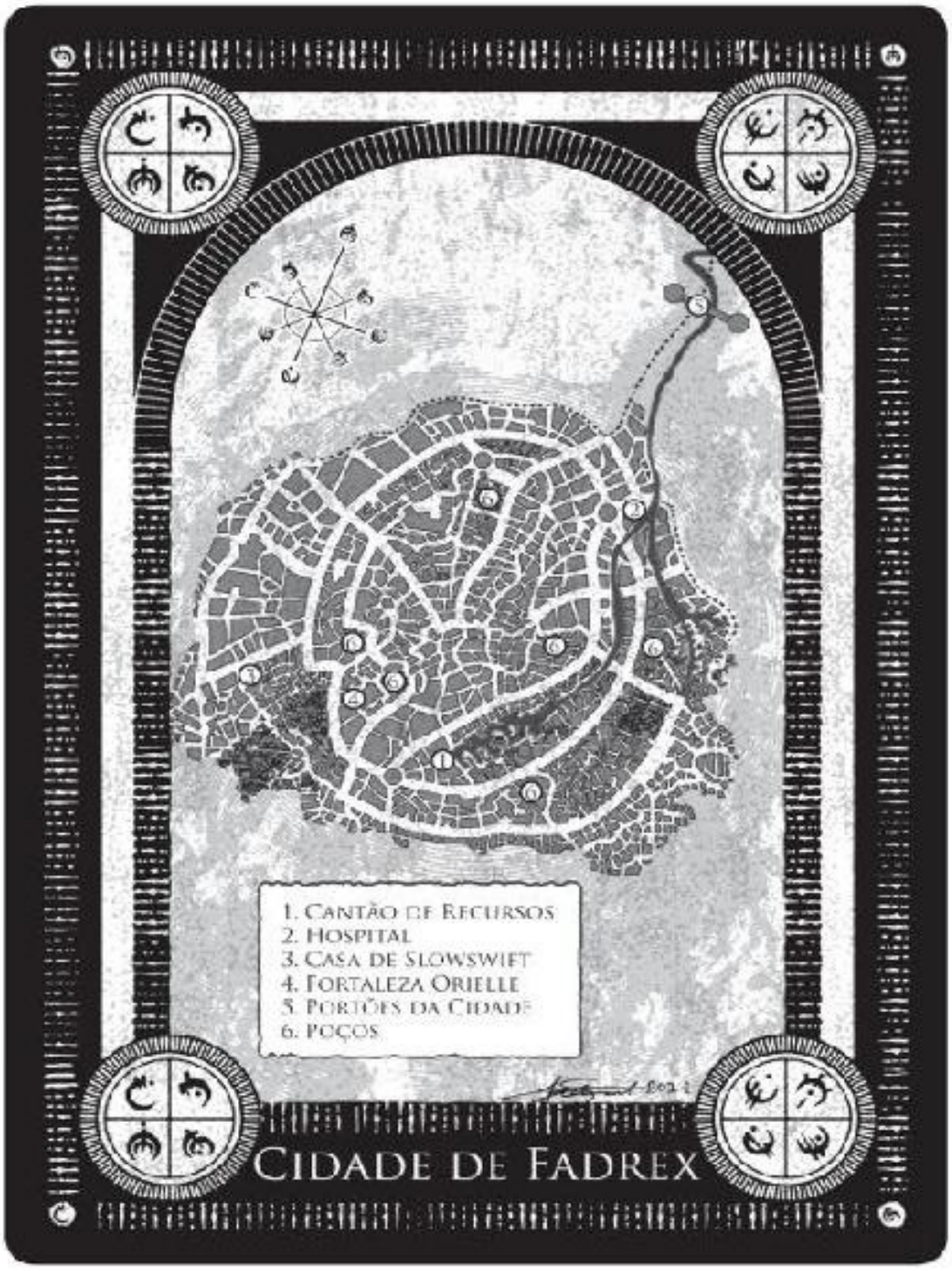
Como nos outros livros, Isaac Stewart (Nethermore.com) fez um excelente trabalho com os mapas, os símbolos dos capítulos e o círculo de metais alomânticos. Também gosto muito da arte final de Christian McGrath para a capa norte-americana do livro. Dessa vez, ele criou a minha favorita das três capas de “Mistborn”. Agradeço a Larry Yoder por ser incrível e a Don Lin pelo trabalho de publicidade na Tor. A Denis Wong e Stacy Hague-Hill pela assistência ao meu editor e — como sempre — aos maravilhosos Irene Gallo e Seth Lerner pela direção de arte.

Entre os leitores alfa deste livro estão Paris Elliott, Emily Sanderson, Krista Olsen, Ethan Skarstedt, Eric J. Ehlers, Eric James Stone (o mais metido), Jillena O’Brien, C. Lee Player, Bryce Cundick/Moore, Janci Patterson, Heather Kirby, Sally Taylor, Bradley Reneer, Steve Diamond (que não é mais o cara da livraria), general Micah Demoux, Zachary “Fantasma” J. Kaveney, Alan Layton, Janette Layton, Kaylynn ZoBell, Nate Hatfield, Matthew Chambers, Kristina Kugler, Daniel A. Wells, o Indivisível Peter Ahlstrom, Marianne Pease, Nicole Westenskow, Nathan Wood, John David Payne, Tom Gregory, Rebecca Dorff, Michelle Crowley, Emily Nelson, Natalia Judd, Chelise Fox, Nathan Crenshaw, Madison VanDenBerghe, Rachel Dunn e Ben OleSoon.

Além disso, obrigado a Jordan Sanderson — para quem dedico este livro — por seu trabalho incansável no website. Jeff Creer também fez um trabalho excelente com a arte para o BrandonSanderson.com. Passe lá e dê uma olhada!


DOMÍNIO DE TERRIS
DOMÍNIO OCIDENTAL
DOMÍNIO LONGÍNQUO
DOMÍNIO
DOMÍNIO SETENTRIONAL
CENTRAL
DOMÍNIO MERIDIONAL
DOMÍNIO ORIENTAL
DOMÍNIO CRESCENTE
ILHAS MERIDIONAIS
DOMÍNIO DISTANTE
16. LAGO TYRIAN
17. LAGO LITHADEL
18. LAGO NEGRO
19. RIO SEARAN
20. SEARAN DO NORTE
21. SEARAN DO SUL
22. RIO CHANNEREL
O IMPÉRIO FINAL
1. LITHADEL
2. MINAS DE HATHSIN
3. URTEAU 4. CIDADE DE FADREX
5. TREMREDARE 6. TATHINGDWEN
7. CONVENTÍCULO DE SEARAN 8. MONTE DERYTATIT-H, LOCAL HISTÓRICO DO POÇO DA ASCENSÃO
MONTANHAS DE CINZAS: 9. TYRIAN
10. ZERINAH 11. FALEAST 12. DORIEL 13. MORAG
14. KALLING 15. TORINOST
2005


URTEAU


1. Cantão de Recursos
2. Hospital
3. Casa de Slowswift
4. Fortaleza Orielle
5. Portões da Cidade
6. Poços
Cidade de Fadrex

Sumário

Prólogo

Primeira parte
Legado do Sobrevivente

Segunda parte
Tecido e Vidro

Terceira parte
Céus Rompidos

Quarta parte
Bela Destruidora

Quinta parte
Confiança

Epílogo

Ars Arcanum

PRÓLOGO

Marsh lutava para se matar.

Sua mão tremia enquanto ele tentava reunir forças para erguer os braços, arrancar a estaca das costas e acabar com sua vida monstruosa. Já havia desistido de tentar se libertar. Três anos. Três anos como Inquisidor, três anos aprisionado na própria mente. Aquele tempo tinha provado que não havia escapatória. Mesmo naquele momento, sua mente estava turva.

E, então, *ele* assumiu o controle. O mundo pareceu vibrar ao redor dele por um instante; de repente, enxergava com clareza. Por que estivera lutando? Por que estivera se preocupando? Tudo estava como devia ser.

Deu um passo à frente. Embora não conseguisse mais ver como os homens normais — afinal, tinha grandes estacas de aço cravadas nos olhos —, podia sentir o aposento ao redor. As estacas atravessavam a parte de trás do crânio. Se erguesse a mão para tocar aquela área da cabeça, sentiria as pontas afiadas. Não havia sangue.

As estacas lhe davam poder. Tudo tinha um contorno de finas linhas alomânticas azuis, que realçavam o mundo. O aposento tinha um tamanho modesto, e vários companheiros — também delineados em azul, as linhas alomânticas apontando para os metais no sangue de cada um — estavam ali de pé com Marsh. Todos tinham estacas atravessadas nos olhos.

Isto é, todos exceto o homem atado à mesa diante dele. Marsh sorriu, pegando uma estaca da mesa ao lado e erguendo-a. O prisioneiro não estava amordaçado. Isso teria abafado os gritos.

— Por favor — sussurrou o prisioneiro, trêmulo.

Mesmo um mordomo terrisano desmoronava ao confrontar uma morte violenta. O homem lutava sem vigor. Estava numa posição muito desajeitada, pois o tinham amarrado à mesa sobre outra pessoa. A mesa havia sido projetada daquela forma, com sulcos que permitiam o posicionamento do corpo de baixo.

— O que você quer? — o terrisano perguntou. — Não tenho mais nada a dizer sobre o Sínodo!

Marsh passou os dedos pela estaca de estanho, sentindo a ponta. Havia trabalho a fazer, mas ele hesitou, saboreando a dor e o terror na voz do homem.

Hesitou para que pudesse…

Marsh tomou controle da própria mente. Os aromas do quarto perderam sua doçura, passando a exalar o fedor de sangue e morte. A alegria se transformou em horror. O prisioneiro era um Guardador de Terris — um homem que trabalhara a vida inteira para o bem dos outros. Matá-lo não seria apenas um crime, mas também uma tragédia. Marsh tentou assumir o controle, erguer os braços para agarrar às suas costas a estaca de esteio, que, se fosse retirada, o mataria.

Ainda assim, *ele* era forte demais. O poder. De alguma forma, tinha controle sobre Marsh — e precisava dele e de outros Inquisidores, para que agissem como suas mãos. Estava livre — Marsh ainda conseguia senti-lo exultante em relação a isso —, mas algo o impedia de interagir demais com o mundo por conta própria. Uma oposição. Um poder que recobria a terra como um escudo.

Ele ainda não estava completa. Precisava de mais. Algo mais… algo escondido. E Marsh encontraria essa coisa e a entregaria ao seu mestre. O mestre que Vin libertara. O ser que estivera aprisionado no Poço da Ascensão.

Ele chamava a si próprio de Ruína.

Marsh sorriu quando o prisioneiro começou a chorar. Em seguida, deu um passo à frente, erguendo a estaca e posicionando-a sobre o peito do homem em prantos. Precisaria atravessar seu corpo, passando pelo coração, e chegar ao Inquisidor amarrado abaixo dele. Hemalurgia era uma arte um tanto suja.

Por isso era tão divertida. Marsh pegou uma marreta e começou a bater.

Primeira parte

Legado do Sobrevivente

Infelizmente, sou o Herói das Eras.

1

Fatren estreitou os olhos para o sol vermelho que se escondia atrás do véu perpétuo de névoa escura. Cinzas negras caíam levemente do céu, como vinha acontecendo em grande parte dos dias recentes. Os flocos grossos despencavam, o ar estagnado e quente, sem trazer sequer vestígios de uma brisa leve para aliviar o humor de Fatren. Ele suspirou, recostando-se na fortificação de terra e olhando para Vetitan. Sua cidade.

— Quanto tempo? — perguntou.

Druffel coçou o nariz. O rosto estava manchado de preto pelas cinzas. Não se importava muito com a higiene, ultimamente. Claro, considerando a tensão dos últimos meses, Fatren sabia que ele próprio também não estava muito apresentável.

— Uma hora, talvez — Druffel respondeu, cuspindo na terra da fortificação.

Fatren suspirou, erguendo os olhos para as cinzas cadentes.

— Acha que é verdade, Druffel? O que o povo anda dizendo?

— O quê? Que o mundo está acabando?

Fatren assentiu.

— Sei não — Druffel disse. — Não me importa.

— Como pode dizer isso?

Druffel deu de ombros, coçando-se.

— Assim que aqueles koloss chegarem, vou morrer de qualquer jeito. Esse vai ser o verdadeiro fim do mundo para mim.

Fatren ficou em silêncio; não gostava de expressar suas dúvidas. Dos dois, ele era quem deveria ser forte. Quando os lordes deixaram a cidade — uma comunidade agrícola, um pouco mais urbana que uma fazenda do norte —, foi Fatren quem convenceu os skaa a continuarem o plantio. Fatren manteve as tropas de recrutamento longe. Em tempos nos quais a maioria dos vilarejos e fazendas havia perdido todos os homens capazes para um exército ou outro, Vetitan ainda contava com uma população economicamente ativa. Aquilo custara muito de suas colheitas em suborno, mas Fatren tinha sido capaz de manter o

povo a salvo.

A maior parte do povo.

— As brumas não vão embora até a tarde de hoje — Fatren disse em voz baixa. — Andam se demorando mais e mais. Você viu as safras, Druff. Não estão indo bem… não tem sol o suficiente, eu acho. Ficaremos sem ter o que comer no inverno.

— Não vamos durar até o inverno — Druffel comentou. — Não vamos durar até o pôr do sol.

O mais triste naquilo, o que era verdadeiramente um desalento, era que, no passado, Druffel tinha sido o otimista dos dois. Fatren não ouvia seu irmão rir havia meses. Aquela gargalhada já tinha sido seu som favorito, um dia.

Nem mesmo os moinhos do Senhor Soberano foram capazes de acabar com a gargalhada de Druff, Fatren pensou. *Mas esses últimos dois anos conseguiram.*

— Fats! — uma voz gritou. — Fats!

Fatren ergueu os olhos, vendo o menino se aproximar aos tropeços pela lateral da fortificação. Ainda mal a haviam terminado — fora ideia de Druffel, quando ele ainda tinha esperanças. A população da cidade era de mais ou menos sete mil pessoas, o que a tornava razoavelmente grande. Deu um bom trabalho cercá-la por inteiro com um monte defensivo.

Fatren mal tinha mil soldados de verdade — fora muito difícil reunir aquele tanto em uma população tão pequena —, com talvez outros mil homens que eram jovens demais, velhos demais ou pouco qualificados para o combate. Não sabia realmente o tamanho do exército koloss, mas devia ser maior que dois mil. Uma fortificação daquelas seria de pouquíssima utilidade.

O garoto, Sev, enfim alcançou Fatren.

— Fats! — falou. — Tem gente vindo!

— Já? Druff disse que os koloss ainda estavam distantes!

— Não são os koloss, Fats. Um homem. Venha ver!

Fatren se virou para Druff, que esfregou o nariz e deu de ombros. Seguiram Sev pelo interior da fortificação, na direção do portão frontal. Cinzas e poeira se erguiam e rodopiavam sobre o chão de terra batida, empilhando-se nos cantos, pairando. Não houvera tempo para limpeza nos dias anteriores. As mulheres precisavam trabalhar nos campos enquanto os homens treinavam e faziam preparativos para a guerra.

Preparativos para a guerra. Fatren disse a si mesmo que tinha uma força de dois mil “soldados”, mas, na verdade, o que tinha eram mil camponeses skaa com espadas. Haviam passado por dois anos de treinamento, sim, mas tinham muito pouca experiência real em combate.

Homens se aglomeravam ao redor dos portões frontais, de pé sobre a fortificação ou recostados na lateral. *Talvez tenha sido um erro gastar tanto os nossos recursos treinando soldados,* pensou Fatren. *Se aqueles mil homens tivessem trabalhado nas minas em vez disso, teríamos alguns minérios para usar de propina.*

Só que os koloss não aceitavam subornos. Simplesmente matavam. Fatren estremeceu, pensando em Garthwood. A cidade era maior que a sua, mas menos de cem sobreviventes tinham conseguido chegar a Vetitan. A chacina aconteceu três meses antes. Na época, Fatren, irracionalmente, tivera esperanças de que os koloss tivessem se saciado com a destruição daquela cidade.

Não devia ter se iludido. Koloss jamais se saciavam.

Fatren foi até o topo da fortificação e os soldados em roupas remendadas e trapos de couro o seguiram. Através das cinzas cadentes, espiou uma paisagem escura que parecia coberta por uma neve negra como breu.

Um cavaleiro solitário se aproximava, usando uma capa preta com capuz.

— O que você acha, Fats? — um dos soldados perguntou. — Batedor koloss?

Fatren bufou.

— Os koloss não enviariam um batedor, muito menos um humano.

— Ele tem um cavalo — disse Druffel num grunhido. — Poderíamos fazer bom uso de mais um.

A cidade tinha apenas cinco cavalos. Todos desnutridos.

— Mercador — um dos soldados comentou.

— Sem mercadoria? — Fatren questionou. — E precisaria ser um mercador valente para percorrer essas paragens sozinho.

— Nunca vi um refugiado a cavalo — disse um dos homens. Ergueu um arco, olhando para Fatren.

Fatren fez que não. Ninguém atirou enquanto o estranho cavalgava na direção deles, movendo-se num ritmo tranquilo, sem pressa. Parou sua montaria bem diante dos portões da cidade. Fatren tinha orgulho deles. Portões de madeira genuínos, reais, instalados na fortificação de terra. Conseguira a madeira e a

pedra fina na mansão do lorde, no centro da cidade.

Muito pouco se via do forasteiro embaixo da capa grossa e escura que vestia para se proteger das cinzas. Fatren observou do topo da fortificação, examinando o estranho, e em seguida ergueu os olhos para o irmão, dando de ombros. As cinzas caíam silenciosamente.

O estranho pulou do cavalo.

Subiu em disparada, como se impulsionado por baixo, a capa se soltando na subida. Embaixo dela, vestia um uniforme branco cintilante.

Fatren praguejou, pulando para trás quando o forasteiro se ergueu até o alto da fortificação e aterrissou no topo do portão de madeira. O homem era um alomântico. Um nobre. Fatren alimentara a esperança de que eles todos estivessem ocupados demais com suas escaramuças, lá no Norte, e deixassem seu povo em paz.

Ou, ao menos, que os permitissem ter uma morte pacífica.

O recém-chegado se virou. Tinha uma barba curta e os cabelos escuros bem rentes.

— Certo, homens — disse, caminhando sobre o topo do portão com um equilíbrio anormal —, não temos muito tempo. Mãos à obra.

Saiu do portão para cima da fortificação. Imediatamente, Druffel desembainhou a espada na direção do homem.

A arma lhe foi arrancada da mão, puxada no ar por uma força invisível. O estranho agarrou a espada quando ela passou ao lado de sua cabeça e a revirou nas mãos, inspecionando-a.

— Aço bom — disse, meneando a cabeça. — Estou impressionado. Quantos dos seus soldados estão bem equipados assim? — Girou novamente a espada, segurando-a pela lâmina e oferecendo-a de volta a Druffel.

Druffel olhou para o irmão, confuso.

— Quem é *você*, forasteiro? — Fatren questionou com o máximo de coragem que conseguiu reunir. Não sabia muito sobre Alomancia, mas tinha certeza de que aquele homem era um Nascido da Bruma. Poderia matar a todos na fortificação sem o menor esforço.

O homem ignorou a pergunta, voltando-se para examinar a cidade.

— Esta fortificação cobre todo o perímetro da cidade? — perguntou, voltando-se para um dos soldados.

— Hum… sim, milorde — o homem respondeu.

— Quantos portões há?

— Apenas um, milorde.

— Abra o portão e traga o meu cavalo para dentro — o recém-chegado disse. — Suponho que tenham estábulos.

— Temos, milorde — o soldado disse.

Bem, Fatren pensou com insatisfação quando o soldado partiu às pressas, *esse forasteiro certamente sabe como comandar pessoas.* O soldado de Fatren nem mesmo parou para pensar que estava obedecendo a um estranho sem pedir sua permissão. Fatren já conseguia ver os demais soldados empertigando-se um pouco, perdendo a cautela. O forasteiro falava como se esperasse ser obedecido, e os soldados estavam reagindo de acordo. Não era um nobre como os que Fatren conhecera no passado, quando era um criado na mansão do lorde. Aquele homem era diferente.

O forasteiro continuou a contemplar a cidade. As cinzas caíam sobre seu belo uniforme branco, e Fatren pensou em como era uma pena que aquelas vestes se sujassem.

O recém-chegado assentiu para si mesmo e começou a descer pela lateral da fortificação.

— Espere — Fatren disse, fazendo o forasteiro parar. — *Quem é você?*

O outro se virou, olhando Fatren nos olhos.

— Meu nome é Elend Venture. Sou seu imperador.

Dito isso, o homem se virou e continuou a descer o aterro. Os soldados abriram caminho para ele; em seguida, muitos o acompanharam.

Fatren olhou para o irmão.

— Imperador? — Druffel murmurou, então cuspiu.

Fatren sentia a mesma confusão. O que fazer? Nunca combatera um alomântico antes, não sabia ao certo sequer como começar. Com certeza, o "imperador" havia desarmado Druffel com extrema facilidade.

— Organize o povo da cidade — disse o estranho, Elend Venture, lá adiante. — Os koloss virão do norte… vão ignorar o portão e escalar a fortificação. Quero as crianças e os idosos concentrados na parte mais ao sul da cidade. Junte-os na menor quantidade de prédios possível.

— Do que isso vai adiantar? — Fatren inquiriu. Apressou-se para alcançar o "imperador", pois não via outra opção.

— Os koloss são mais perigosos quando estão em um furor por sangue — Venture falou, ainda caminhando. — Se tomarem a cidade, o melhor é que passem o máximo de tempo possível à procura do seu povo. Se o furor diminuir durante a busca, vão ficar frustrados e começarão a saquear o local, e é nesse momento que o povo terá a chance de se esgueirar para longe sem ser perseguido.

Venture parou e se virou para fitar os olhos de Fatren. A expressão do forasteiro era amarga.

— Uma esperança ínfima. Mas já é alguma coisa.

Com isso, voltou a caminhar, percorrendo a via principal da cidade.

Lá atrás, Fatren conseguia ouvir os soldados sussurrando. Todos tinham ouvido falar de um homem chamado Elend Venture. Era quem tomara o poder em Luthadel após a morte do Senhor Soberano, mais de dois anos antes. As notícias que chegavam do norte eram escassas e pouco confiáveis, mas muitas delas o mencionavam. Derrubara todos os rivais para o trono, matando até mesmo o próprio pai. Escondera sua natureza de Nascido da Bruma e era supostamente casado com a mulher que matou o Senhor Soberano. Fatren duvidava que um homem de tamanha importância — aquele que era mais provavelmente lenda que fato — tivesse rumado para uma cidade tão humilde no Domínio Sul, especialmente desacompanhado. Até mesmo as minas não valiam mais tanta coisa. O forasteiro devia estar mentindo.

Mas… ele era *claramente* um alomântico…

Fatren se apressou para acompanhá-lo. Venture — ou quem quer que fosse — parou na frente de uma grande construção perto do centro da cidade. Os antigos gabinetes do Ministério do Aço. Fatren ordenara que as portas e janelas fossem fechadas com tábuas.

— Vocês encontraram as armas lá dentro? — Venture perguntou, virando-se para ele.

Fatren hesitou por um momento. Então, por fim, fez que não.

— Na mansão do lorde.

— Ele deixou armas para trás? — Venture perguntou, surpreso.

— Achamos que ele pretendia voltar para pegá-las — Fatren respondeu. — Os soldados que ele deixou acabaram desertando, juntando-se a um exército que passou por aqui. Eles levaram o que puderam carregar. Recolhemos o restante.

Venture assentiu, esfregando o queixo barbado, imerso em pensamentos

enquanto encarava o antigo edifício do Ministério. Era alto e ameaçador, apesar de seu abandono. Ou, talvez, exatamente por conta disso.

— Seus homens parecem bem treinados. Não esperava por isso. Algum deles tem experiência de batalha?

Druffel bufou discretamente, indicando o que pensava: aquilo não era da conta do forasteiro intrometido.

— Nossos homens lutaram o bastante para serem perigosos, forasteiro — Fatren respondeu. — Alguns bandoleiros pensaram que podiam tomar a cidade de nós. Acharam que éramos fracos, que podíamos ser domados com facilidade.

Se o forasteiro viu alguma ameaça nas palavras, não demonstrou. Simplesmente assentiu.

— Algum de vocês combateu koloss?

Fatren e Druffel se entreolharam.

— Homens que lutam com koloss não sobrevivem, forasteiro — disse por fim.

— Se isso fosse verdade — Venture retrucou —, eu estaria doze vezes morto. — Virou-se para encarar a aglomeração crescente de soldados e habitantes da cidade. — Vou ensiná-los o que puder sobre combater koloss, mas não temos muito tempo. Quero capitães e líderes de tropas organizados no portão da cidade em dez minutos. Soldados devem fazer uma formação por patente ao longo da fortificação. Vou ensinar alguns truques aos líderes de tropa e capitães, e eles poderão transmiti-los aos seus homens.

Alguns dos soldados se moveram, mas, num gesto louvável, a maioria deles ficou onde estava. O recém-chegado não parecia ofendido pelo fato de suas ordens não serem obedecidas. Ficou em silêncio, encarando a multidão armada. Não parecia assustado, tampouco irritado. Parecia apenas… régio.

— Milorde — um dos capitães finalmente se pronunciou. — O senhor… trouxe um exército para nos ajudar?

— Trouxe dois, na verdade — Venture falou. — Mas não temos tempo para esperá-los. — Ele fitou os olhos de Fatren. — Você escreveu e pediu minha ajuda. E, como seu senhor, vim concedê-la. Ainda a deseja?

Fatren franziu a testa. Nunca havia pedido ajuda àquele homem ou a qualquer lorde. Abriu a boca para contestar, mas não prosseguiu. *Vai me deixar fingir que pedi por ele*, Fatren pensou. *Agir como se fosse parte do plano desde o início. Eu poderia abrir mão do governo aqui sem parecer um fracasso.*

Vamos morrer. Mas, olhando nos olhos desse homem, quase consigo acreditar que temos uma chance.

— Eu… não esperava que o senhor viesse sozinho, milorde — Fatren flagrou-se dizendo. — Fiquei surpreso em vê-lo.

Venture meneou a cabeça.

— É compreensível. Venha, vamos discutir estratégias enquanto seus soldados se reúnem.

— Muito bem — Fatren disse.

Quando avançou, contudo, Druffel pegou seu braço.

— O que está fazendo? — o irmão sibilou. — Você *pediu* a ajuda desse homem? Não acredito.

— Reúna os soldados, Druff — Fatren disse.

Druffel hesitou por um momento, em seguida xingou baixinho e se afastou. Não parecia ter intenção nenhuma de reunir soldados, então Fatren acenou para que dois de seus capitães o fizessem. Com isso encaminhado, juntou-se a Venture, e os dois voltaram aos portões, Venture dando ordens para que alguns soldados fossem à frente e mantivessem as pessoas afastadas, de forma que ele e Fatren pudessem conversar com mais privacidade. As cinzas continuavam a cair do céu, escurecendo a rua e cobrindo os edifícios baixos e inclinados da cidade.

— Quem é você? — Fatren perguntou em voz baixa.

— Sou quem eu disse que sou — Venture respondeu.

— Não acredito em você.

— Mas confia em mim.

— Não. Só não quero brigar com um alomântico.

— Isso basta, por ora. Olhe, meu amigo, você tem *dez mil* koloss marchando para a sua cidade. Precisa de qualquer ajuda que conseguir.

Dez mil?, Fatren pensou, estupefato.

— Suponho que esteja no comando da cidade, correto? — Venture perguntou.

Fatren sacudiu a cabeça para sair do estupor.

— Estou. Meu nome é Fatren.

— Certo, Lorde Fatren, nós…

— Não sou lorde — Fatren interrompeu.

— Bem, acabou de se tornar um. Pode escolher um sobrenome mais tarde.

Agora, antes de continuarmos, precisa saber das minhas condições para ajudá-lo.

— Que tipo de condições?

— Do tipo inegociável. Se vencermos, você deve jurar lealdade a mim.

Fatren franziu a testa, parando no meio da rua. As cinzas caíam ao redor.

— Então, é isso? Você aparece antes de uma batalha, alegando ser um monarca qualquer para levar o crédito pela nossa vitória? Por que eu deveria jurar lealdade a um homem que conheci há apenas poucos minutos?

— Pois do contrário — Venture disse baixinho —, eu tomarei o comando de qualquer jeito.

E continuou a andar.

Fatren parou por um momento; em seguida, correu atrás de Venture para alcançá-lo.

— Ah, entendi. Mesmo se sobrevivermos a essa batalha, acabaremos governados por um tirano.

— Sim.

Fatren franziu o cenho. Não esperava que o homem fosse tão direto.

Venture meneou a cabeça, observando a cidade através da chuva de cinzas.

— Eu achava que poderia fazer as coisas de outra forma. E ainda acredito que serei capaz, algum dia. Mas, por ora, não tenho escolha. Preciso dos seus soldados e preciso da sua cidade.

— Minha cidade? — Fatren perguntou, o cenho franzido. — Por quê?

Venture ergueu um dedo.

— Temos que sobreviver à batalha primeiro. Chegaremos a outros assuntos mais tarde.

Fatren ficou em silêncio, surpreendendo-se ao perceber que *confiava* no forasteiro. Não conseguiria explicar exatamente por que se sentia assim. Era só um homem a seguir — um líder como Fatren sempre quisera ser.

Venture não esperou que Fatren concordasse com as “condições”. Não era uma oferta, mas um ultimato. Fatren correu novamente para se aproximar, enquanto Venture adentrava a pequena praça diante dos portões da cidade. Soldados corriam para todos os lados. Nenhum vestia uniforme — o único método de distinguir um capitão de um soldado raso era uma faixa vermelha atada ao braço. Venture não lhes dera muito tempo para se reunir, mas todos sabiam que a cidade estava prestes a ser atacada. Haviam se reunido de qualquer

forma.

— O tempo é curto — Venture repetiu em voz alta. — Posso ensinar apenas algumas coisas a vocês, mas elas farão diferença.

“Os koloss variam em tamanho, de pequenos, com cerca de um metro e meio de altura, até os imensos, que têm cerca de três metros e meio. Mas mesmo os pequenos serão mais fortes do que vocês. Podem ter certeza. Felizmente, as criaturas lutam sem organização. Se um camarada koloss estiver numa enrascada, outro não vai se dar ao trabalho de ajudar.

“Eles atacam diretamente, sem truques, e tentam usar a força bruta para subjugar. Não deixe que façam isso! Diga aos seus homens para atacar cada koloss em grupo: dois homens para os pequenos, três ou quatro para os grandes. Não conseguiremos manter uma frente muito grande, mas isso vai nos manter vivos por mais tempo.

“Não se preocupem com as criaturas que furarem o bloqueio e entrarem na cidade… os civis estarão escondidos bem ao fundo da cidade, e os koloss que ultrapassarem nossas fileiras talvez comecem a pilhagem e deixem os outros lutando sozinhos. É o que queremos! Não os persigam para dentro da cidade. Suas famílias estarão a salvo.

“Se estiverem lutando com um koloss grande, ataquem as pernas; derrubem-no antes de tentar matá-lo. Se estiverem lutando com um pequeno, cuidado para a espada ou lança não ficar presa na pele solta dele. Entendam que os koloss não são estúpidos; são apenas rudimentares. Previsíveis. Avançarão sobre vocês da forma mais simples possível e atacarão apenas da maneira mais direta.

“A coisa mais importante de entender é que eles *podem* ser derrotados. Faremos isso hoje. Não se deixem intimidar! Lutem de modo coordenado, mantenham a cabeça no lugar, e prometo que *vamos sobreviver*.”

Os capitães estavam em um grupinho, olhando para Venture. Não festejaram ao fim do discurso, mas pareciam um pouco mais confiantes. Eles se afastaram para repassar as instruções de Venture aos soldados.

Fatren se aproximou do imperador silenciosamente.

— Se sua contagem estiver correta, eles nos ultrapassam em cinco para um. — Venture assentiu. — Eles são maiores, mais fortes e mais bem treinados que nós. — Venture voltou a assentir. — Então, estamos condenados.

Venture finalmente olhou para Fatren, franzindo o cenho, as cinzas pretas cobrindo os ombros.

— Não estão condenados. Vocês têm algo que eles não têm. Algo muito importante.

— O quê?

Venture o encarou.

— Vocês têm a mim.

— Milorde imperador! — uma voz gritou do alto da fortificação. — Koloss à vista!

Eles já o chamam primeiro, Fatren pensou. Não sabia se ficava ofendido ou impressionado.

Venture imediatamente saltou para o alto da fortificação, usando Alomancia para cruzar a distância num salto rápido. A maioria dos soldados parou ou se escondeu atrás da fortificação, sem querer chamar atenção, mesmo com a distância dos inimigos. No entanto, Venture se ergueu ereto e orgulhoso em seu uniforme branco, estendendo a mão sobre os olhos e estreitando-os na direção do horizonte.

— Estão montando acampamento — disse, sorrindo. — Ótimo. Lorde Fatren, prepare os homens para um ataque.

— Um *ataque*? — Fatren perguntou, chegando aos tropeços até Venture.

O imperador concordou com um meneio de cabeça.

— Os koloss estarão cansados da jornada e vão se distrair com a montagem do acampamento. Jamais teremos uma oportunidade melhor para atacá-los.

— Mas estamos na defensiva!

Venture negou com a cabeça.

— Se esperarmos, eles acabarão entrando em um furor por sangue e vão nos atacar. Precisamos avançar. É melhor do que esperar sermos massacrados.

— E abandonar a fortificação?

— A fortificação é impressionante, Lorde Fatren, mas, no fim das contas, inútil. Você não tem soldados para defender todo o perímetro, e os koloss em geral são mais altos e mais fortes que os homens. Vão simplesmente tomar a fortificação de vocês e, em seguida, manter um ponto de vantagem enquanto avançam cidade adentro.

— Mas…

Venture o encarou. Os olhos eram calmos, mas o olhar era firme e determinado. A mensagem era simples. *Sou eu que estou no comando agora*.

Não haveria mais discussão.

— Sim, milorde — Fatren disse, convocando mensageiros para repassar as ordens.

Venture observou os garotos mensageiros partirem às pressas. Parecia haver alguma confusão entre os homens; eles não esperavam atacar. Mais e mais olhos se viravam na direção de Venture, empertigado no alto da fortificação.

Ele realmente parece um imperador, pensou Fatren, mesmo a contragosto. As ordens percorreram as fileiras. O tempo passou. Enfim, o exército inteiro o observava. Venture puxou sua espada e a ergueu bem alto, na direção do céu coalhado de cinzas. Em seguida, desceu da fortificação num salto rápido e sobre-humano, avançando em direção ao acampamento koloss.

Por um momento, correu sozinho. Em seguida, para sua própria surpresa, Fatren cerrou os dentes para controlar os nervos trêmulos e o seguiu.

A fortificação irrompeu em movimentos, os soldados avançando com um grito coletivo, correndo com armas erguidas em direção à morte.

O poder fez coisas estranhas à minha mente. Em poucos momentos, familiarizei-me com ele, com sua história e com as formas como poderia ser usado.

Ainda assim, esse conhecimento era diferente da experiência, ou mesmo da habilidade, de usar esse poder. Por exemplo, eu sabia como mover um planeta no céu. Mesmo assim, não sabia onde posicioná-lo para que não ficasse próximo ou longe demais do sol.

2

Como sempre, o dia de Tensoon começou na escuridão. Em parte, isso se devia, claro, ao fato de não ter olhos. Poderia ter criado um par deles — era da Terceira Geração, velho mesmo para um kandra. Havia digerido cadáveres o suficiente para aprender como criar órgãos sensórios intuitivamente, sem um modelo para copiar.

Infelizmente, olhos pouco teriam adiantado naquela situação. Não tinha um crânio e havia descoberto que a maioria dos órgãos não funcionava bem sem um corpo completo — e um esqueleto para sustentá-lo. Sua própria massa esmagaria os olhos caso se movesse de forma errada, e seria muito difícil virá-los ao redor para enxergar.

Não que houvesse qualquer coisa para ver ali. TenSoon moveu seu volume um pouco, virando-se dentro da cela de prisão. Seu corpo era pouco mais que um agrupamento de músculos translúcidos — como uma massa de grandes caracóis ou lesmas, todos conectados, um pouco mais maleável que o corpo de um molusco. Concentrando-se, conseguia dissolver um dos músculos e fundi-lo a outro ou criar algo novo. Ainda assim, sem um esqueleto para usar, era praticamente inútil.

Virou-se de novo na cela. Sua pele tinha um sentido próprio — uma espécie de paladar. Naquele momento, identificava o fedor dos próprios excrementos nas laterais do cômodo, mas não ousava desativar esse sentido. Era uma de suas únicas conexões com o mundo ao redor.

A “cela”, na verdade, era nada mais, nada menos que um fosso de pedra coberto com uma grade. Mal tinha o tamanho necessário para comportar sua massa. Seus captores jogavam comida do alto e periodicamente lançavam água para hidratá-lo e lavar seus excrementos através de um pequeno ralo ao fundo. Tanto esse buraco quanto os vãos da grade trancada acima eram pequenos demais para que passasse por eles — o corpo de um kandra era flexível, mas mesmo uma pilha de músculos conseguia se espremer só até determinado ponto.

A maioria das pessoas teria enlouquecido por conta da angústia de ficar confinado daquela forma por… ele nem mesmo *sabia* quanto tempo havia

passado. Meses? Mas TenSoon tinha a Bênção da Presença. Sua mente não desistiria tão fácil.

Às vezes amaldiçoava a Bênção por protegê-lo da loucura, que seria um alívio bem-vindo.

Concentre-se, disse a si mesmo. Não tinha cérebro, não como os seres humanos, mas era capaz de pensar. Ele não entendia isso. Não sabia se algum kandra entendia. Talvez aqueles da Primeira Geração soubessem mais. Mas, se realmente soubessem, não haviam ensinado aos que vieram depois.

Não podem me manter aqui para sempre, disse para si mesmo. *O Primeiro Contrato diz…*

Mas estava começando a duvidar do Primeiro Contrato, ou melhor, de que a Primeira Geração tivesse prestado atenção nele. Poderia culpá-los, no entanto? TenSoon era um violador de Contrato. Tinha admitido que agira contra a vontade de seu mestre, ajudando outra pessoa no lugar dele. Tal traição havia resultado na morte do mestre.

Mas aquele ato tão vergonhoso ainda era o menor de seus crimes. A punição para violação de Contrato era a morte e, se os crimes de TenSoon parassem por aí, os outros o teriam matado e acabado com a história. Infelizmente, havia muito mais em jogo. O testemunho de TenSoon — dado à Segunda Geração em uma conferência fechada — revelara um lapso muito mais perigoso, muito mais importante.

TenSoon traíra o segredo do seu povo.

Eles não podem me executar, pensou ele, usando a ideia para se manter concentrado. *Não até descobrirem a quem contei.*

O segredo. O segredo precioso, tão precioso.

Condenei a todos nós. Meu povo inteiro. Seremos escravos novamente. Não, já somos escravos. Vamos nos tornar outra coisa… autômatos, nossas mentes controladas por outros. Capturadas e usadas, sem termos mais domínio sobre nossos próprios corpos.

Era o que havia feito — ao que potencialmente dera início. O motivo pelo qual merecia encarceramento e morte. E, ainda assim, desejava viver. Deveria se odiar. Mas, por algum motivo, ainda sentia ter feito a coisa certa.

Ele se virou de novo, massa após massa de músculos viscosos girando uma em volta da outra. No meio da virada, contudo, parou. Vibrações. Alguém se aproximava.

Ajeitou-se, empurrando músculos para as laterais do fosso, formando uma depressão no meio do corpo. Precisava coletar toda a comida que pudesse — era alimentado de forma muito escassa. Porém, nenhum resto de alimento foi derramado nos vãos da grade. Aguardou, esperançoso, até a grade ser destrancada. Embora não tivesse ouvidos, conseguiu sentir as vibrações ásperas quando a grade foi puxada para trás, o ferro bruto caindo por fim sobre o solo lá em cima.

Quê?

Em seguida, vieram os ganchos. Eles envolveram seus músculos, prendendo-o e rasgando sua carne ao puxá-lo para fora do fosso. Doeu. Não apenas os ganchos, mas a repentina liberdade que sentiu conforme o corpo foi espalhado sobre o chão da prisão. Relutante, sentiu o gosto de terra e de restos de comida ressecada. Os músculos tremiam. Estar fora da cela parecia estranho, e ele se esticou, movendo-se de maneiras que quase havia esquecido.

Então, aquilo veio. Conseguia sentir o gosto no ar. Ácido, viscoso e pungente, aparentemente em um balde revestido de ouro trazido pelos carcereiros. Eles o matariam, afinal.

Mas eles não podem!, pensou. *O Primeiro Contrato, a lei do nosso povo, ela…*

Algo caiu sobre ele. Não era ácido, era rígido. Tocou o objeto com avidez, músculos movendo-se uns contra os outros, experimentando, testando, sentindo. Era redondo, com buracos e várias pontas afiadas… um crânio.

O fedor ácido ficou mais pungente. Estavam mexendo no líquido? TenSoon moveu-se rapidamente, moldando-se ao redor do crânio, preenchendo-o. Já tinha armazenado um pouco de carne dissolvida dentro de uma bolsa semelhante a um órgão, então a expeliu, passando-a pelo crânio, agilmente formando a pele. Deixou os olhos para lá, formando pulmões, criando uma língua, ignorando os lábios por ora. Trabalhou com uma espécie de desespero enquanto o gosto ácido aumentava, e então…

Foi atingido pelo ácido. Queimando os músculos de um lado do corpo, invadindo seu volume e o dissolvendo. Parecia que a Segunda Geração havia desistido de arrancar-lhe os segredos. No entanto, antes de matá-lo, sabiam que deviam lhe dar uma oportunidade para falar. Tal procedimento era exigido pelo Primeiro Contrato, daí o crânio. Contudo, os guardas obviamente tinham ordens para matá-lo antes que pudesse de fato dizer qualquer coisa em sua defesa. Seguiram as palavras da lei ao mesmo tempo que ignoraram seu espírito.

Não haviam contado, porém, com a velocidade com que TenSoon podia trabalhar. Poucos kandra passavam tanto tempo em Contratos como ele havia passado — todos os da Segunda Geração e a maioria da Terceira estavam aposentados. Levavam uma vida fácil ali na Terra Natal.

Uma vida fácil tinha muito pouco a ensinar.

A maioria dos kandra levava horas para formar um corpo — alguns mais jovens precisavam de dias. Em segundos, no entanto, TenSoon já tinha uma língua rudimentar. Enquanto o ácido percorria seu corpo, forçou uma traqueia para fora, inflou um pulmão e crocitou uma única palavra:

— Julgamento!

O despejo parou. Seu corpo continuava a queimar. Trabalhava em meio à dor, formando órgãos auditivos primitivos dentro da cavidade craniana.

Uma voz sussurrou ao lado:

— Tolo.

— Julgamento! — TenSoon repetiu.

— Aceite a morte — a voz sibilou. — Não se ponha numa posição que causaria mais prejuízo ao nosso povo. A Primeira Geração lhe concedeu esta chance de morrer por seus anos adicionais de serviço!

TenSoon hesitou. Um julgamento seria público. Até o momento, apenas poucos e seletos conheciam a extensão de sua traição. Poderia morrer, amaldiçoado como violador de Contrato, mas retendo certo respeito pela carreira que tivera. Em algum lugar — provavelmente em um fosso naquela mesma sala —, havia alguns que penavam a prisão perpétua, uma tortura que no final rompia até mesmo a mente daqueles favorecidos pela Bênção da Presença.

Queria se tornar um deles? Ao revelar suas ações em um julgamento aberto, conquistaria uma eternidade de dor. Forçar um julgamento seria tolice, pois não havia esperança de absolvição. Suas confissões já o haviam condenado.

Se falasse, não seria para se defender. Seria por uma razão completamente diferente.

— Julgamento — repetiu, dessa vez quase sussurrando.

Em alguns aspectos, ter esse poder também foi devastador, creio. Era um poder que eu levaria milênios para compreender. Refazer o mundo teria sido fácil para alguém familiarizado com o poder. Ainda assim, percebi o perigo inerente à minha ignorância. Como uma criança que de repente recebe uma força surpreendente, talvez eu tenha pressionado demais e deixado o mundo como um brinquedo quebrado que eu jamais seria capaz de consertar.

3

Elend Venture, segundo imperador do Império Final, não havia nascido guerreiro. Nascera nobre — o que, nos dias do Senhor Soberano, essencialmente fizera dele um *bon-vivant* profissional. Passara a juventude aprendendo os jogos frívolos das Grandes Casas, levando a vida mimada de um membro da elite imperial.

Não foi por acaso que acabou político. Sempre se interessara por teoria política e, embora tivesse sido mais um estudioso do que um verdadeiro estadista, tinha a certeza de que algum dia governaria sua Casa. Ainda assim, não foi um rei muito bom, logo de início. Não havia entendido que era necessário mais na liderança do que boas ideias e intenções honestas. Muito mais.

Duvido que algum dia você seja o tipo de líder que consegue conduzir um ataque contra o inimigo, Elend Venture. As palavras tinham sido ditas por Tindwyl — a mulher que o treinara em práticas políticas. Lembrar aquelas palavras fez Elend sorrir, enquanto seus soldados avançavam sobre o acampamento koloss.

Elend avivou peltre. Uma sensação morna — agora familiar — brotou em seu peito, e os músculos enrijeceram com força e energia extra. Havia engolido o metal mais cedo para que pudesse extrair seus poderes na batalha. Era um alomântico. Aquilo ainda o deixava pasmo às vezes.

Como tinha previsto, os koloss foram pegos de surpresa pelo ataque. Estacaram por alguns momentos, atônitos — embora devessem ter visto o exército recém-recrutado de Elend investindo em sua direção. Os koloss tinham dificuldade em lidar com o inesperado. Achavam difícil compreender um grupo de seres humanos fracos e em número menor atacando seu acampamento. Levaram um tempo para se ajustar.

O exército de Elend fez bom uso daquele tempo. O próprio Elend atacou primeiro, avivando seu peltre para conseguir ainda mais poder ao acertar o primeiro koloss. Era uma fera menor. Como todos de sua espécie, tinha um formato quase humano, apesar da pele azul descaída e excedente que parecia

descolada do resto do corpo. Seus olhos vermelhos brilhantes mostraram um pouco de surpresa desumana ao morrer, com Elend arrancando a espada de seu peito.

— Ataquem rápido! — ele gritou enquanto mais koloss se viravam das fogueiras. — Matem o máximo que conseguirem antes do furor!

Seus soldados, aterrorizados, mas comprometidos, atacaram ao redor dele, derrubando os primeiros poucos grupos de koloss. O "acampamento" era pouco mais que um lugar em que os koloss haviam pisoteado as cinzas e as plantas embaixo delas e em seguida cavado fossos para fogueiras. Elend, vendo seus homens ficando cada vez mais confiantes com o sucesso inicial, encorajou-os ao *puxar* as emoções com Alomancia, alimentando sua coragem. Ficava mais à vontade com essa forma de Alomancia; ainda não havia dominado o jeito de saltar usando metais, como Vin fazia. Já emoções… disso ele entendia.

Fatren, o líder robusto da cidade, manteve-se perto do imperador enquanto chefiava um grupo de soldados na direção de uma horda considerável de koloss. Elend ficou de olho no homem. Fatren era o governante daquela pequena cidade; se morresse, seria um golpe para todos. Em seguida, avançaram juntos sobre um grupo pequeno de koloss surpresos. A maior fera naquele grupo tinha pouco mais de três metros de altura. Como em todos os grandes koloss, a pele daquela criatura, antes solta e excedente, agora se estendia, apertada, ao redor do corpo exagerado. Os koloss nunca paravam de crescer, mas sua pele sempre continuava do mesmo tamanho. Nas criaturas mais jovens, pendia solta e em dobras. Nos mais velhos, estendia-se e rasgava.

Elend queimou aço e então lançou um punhado de moedas no ar à sua frente. *Empurrou* as moedas, lançando seu peso contra elas, dispersando-as nos koloss. As feras eram fortes demais para se confiar que tombariam com simples moedas, mas os pedaços de metal iriam feri-los e enfraquecê-los.

Enquanto as moedas voavam, Elend atacou o grande koloss. A fera puxou uma espada gigantesca das costas e parecia animado com a perspectiva de uma batalha.

O koloss investiu primeiro; tinha um alcance incrível. Elend precisou pular para trás, o peltre deixando-o mais ágil. As espadas dos koloss eram coisas enormes e grosseiras, tão rudimentares que eram quase porretes. A força do golpe sacudiu o ar. Elend mal teria chance de desviar da lâmina, mesmo com o peltre avivado. Além disso, a espada — ou, mais precisamente, o koloss que a segurava — pesava tanto que Elend não seria capaz de usar Alomancia para

empurrá-la para fora das mãos da criatura. *Empurrar* com aço era uma questão de peso e força. Se Elend *empurrasse* algo mais pesado que ele próprio, seria lançado para trás.

Então, precisou confiar na velocidade e na destreza extras do peltre. Lançou-se para fora de alcance, disparando para o lado, com cuidado para não tomar um golpe reverso. A criatura se virou em silêncio, encarando Elend, mas sem golpear. Ainda não havia se enfurecido.

Elend examinou o oponente enorme da cabeça aos pés. *Como eu vim parar aqui?*, pensou, não pela primeira vez. *Sou um estudioso, não um guerreiro.*

Na metade desse tempo, pensou que não deveria liderar soldado nenhum.

Na outra metade, percebeu que pensava demais. Ele se inclinou para a frente, golpeando. O koloss anteviu o movimento e tentou acertar a arma na cabeça de Elend, que estendeu a mão e *puxou* a espada de outro koloss — tirando o equilíbrio da criatura, permitindo que dois homens a matassem, e também se *puxando* para o lado. Quase não escapou da arma do oponente. Então, com um giro no ar, avivou peltre e golpeou de lado.

Decepou a perna da fera na altura do joelho, deixando que tombasse no chão. Vin sempre dizia que o poder alomântico de Elend era extraordinariamente forte. Ele não tinha tanta certeza — sua experiência com Alomancia era escassa —, mas a força de seu próprio ataque o fez cambalear. Recuperando o equilíbrio, decapitou a criatura.

Vários soldados o encaravam. Seu uniforme branco estava tingido com o sangue vermelho e brilhante do koloss. Não era a primeira vez. Elend respirou fundo ao ouvir gritos desumanos soarem pelo acampamento. O furor estava começando.

— Em formação! — gritou. — Façam filas, fiquem juntos, preparem-se para o ataque!

A reação dos soldados foi lenta. Eram muito menos disciplinados que as tropas com as quais Elend estava acostumado, mas fizeram um trabalho admirável em se aglomerar ao seu comando. Elend olhou para o solo diante deles. Haviam conseguido derrubar centenas de koloss — um feito impressionante.

Contudo, a parte fácil havia acabado.

— Mantenham-se firmes! — Elend berrou, correndo diante da fila de soldados. — Mas continuem lutando! Precisamos matar o máximo que

pudermos deles, o mais rápido possível! *Tudo* dependerá disso! Mostrem sua fúria a eles, homens!

Queimou latão e *empurrou* as emoções dos soldados, *abrandando* seu medo. Um alomântico não era capaz de controlar mentes, ao menos não mentes humanas, mas *podia* incentivar algumas emoções à medida que desencorajava outras. Bem, Vin dizia que Elend conseguia afetar muito mais pessoas do que deveria ser possível. Ele havia conquistado seus poderes havia pouco tempo, diretamente de um lugar que agora desconfiava ser a fonte original da Alomancia.

Sob a influência do Abrandamento, os soldados se empertigaram. Novamente Elend sentiu um respeito saudável pelos simples skaa. Estava lhes dando bravura e afastando um pouco do medo, mas a determinação era deles próprios. Eram boas pessoas.

Com sorte, poderia salvar alguns.

Os koloss atacaram. Como havia esperado, um grupo grande das criaturas afastou-se do acampamento principal e avançou em direção ao vilarejo. Alguns dos soldados gritaram, mas estavam ocupados demais se defendendo para segui-los. Elend lançava-se na escaramuça sempre que o exército cambaleava, apoiando o ponto fraco. Enquanto o fazia, queimava latão e tentava *empurrar* as emoções dos koloss mais próximos.

Nada acontecia. As criaturas eram resistentes à Alomancia emocional, especialmente quando já estavam sendo manipuladas por outra pessoa. No entanto, quando *conseguisse* afetá-los, teria controle total sobre eles. Aquilo exigia tempo, sorte e uma determinação para lutar incansavelmente.

Então foi o que fez. Lutou ao lado dos homens, vigiando-os, matando koloss quando as fileiras se curvavam nas pontas, formando um meio círculo para impedir que as tropas fossem cercadas. Mesmo assim, o combate era impiedoso. Quanto mais os koloss se enfureciam e atacavam, mais as chances do grupo de Elend diminuíam. As criaturas ainda resistiam à sua manipulação emocional. Mas estavam se aproximando…

— Estamos condenados! — Fatren gritou.

Elend girou o corpo, um pouco surpreso ao ver o lorde musculoso ao lado dele e ainda vivo. Os homens continuavam a combater. Apenas quinze minutos haviam passado desde o início do furor, mas o exército já estava começando a ceder.

Um ponto apareceu no céu.

— Você nos trouxe para a morte! — Fatren berrou. Estava coberto com sangue de koloss, embora uma mancha no ombro parecesse ser dele mesmo. — Por quê?

Elend simplesmente apontou para o ponto cada vez maior no céu.

— O que é aquilo? — Fatren perguntou em meio ao caos da batalha.

Elend sorriu.

— O primeiro daqueles exércitos que lhes prometi.

*

Vin despencou do céu em meio a uma tempestade de ferraduras, aterrissando diretamente no centro do exército koloss.

Sem hesitar, usou Alomancia para *empurrar* um par de ferraduras na direção de um koloss em pleno giro. Uma acertou a criatura na testa, lançando-a para trás, e a segunda voou sobre sua cabeça, acertando outro koloss. Vin girou e lançou outra ferradura, passando direto por uma fera particularmente grande e atingindo um koloss menor que vinha atrás.

Ela avivou ferro, *puxando* a ferradura de volta e passando-a ao redor do pulso do koloss maior. O *puxão* imediatamente a arrastou na direção da criatura, mas também desequilibrou o monstro. A enorme espada de ferro que ele carregava caiu no chão quando Vin o atingiu no peito. Em seguida, ela *empurrou* a espada caída, lançando-se para cima em uma cambalhota para trás no instante em que outro koloss tentou golpeá-la

Vin se ergueu a mais de quatro metros do chão. A espada errou, cortando a cabeça do koloss abaixo dela. O que havia avançado não pareceu se importar por ter assassinado um camarada; apenas a encarou com olhos injetados cheios de ódio.

Vin *puxou* a espada caída, que se lançou em sua direção, mas também a puxou para baixo com seu peso. Ela a pegou ao cair — a espada tinha quase o seu tamanho, mas o peltre avivado permitia que a manejasse com facilidade — e decepou o braço do koloss agressor em sua aterrissagem.

Ela cortou as pernas dele na altura dos joelhos e o deixou para morrer enquanto se virava na direção de outros oponentes. Como sempre, os koloss pareciam fascinados, de uma forma enfurecida, desnorteada. Associando tamanho com perigo, eles tinham dificuldade em compreender como uma

mulher pequena como Vin — com vinte anos, pouco mais de um metro e meio de altura e magra como um graveto — poderia representar ameaça. Ainda assim, eles a viam matar, e isso os atraía.

Por ela, estava tudo bem.

Gritava durante os ataques, nem que fosse apenas para acrescentar algum som ao campo de batalha silencioso demais. Os koloss tendiam a parar de gritar quando entravam no furor, ficando cada vez mais concentrados apenas em matar. Vin lançou um punhado de moedas, *empurrando-as* para o grupo atrás dela, e em seguida pulou para a frente, *puxando* uma espada.

Um koloss adiante tropeçou. Ela aterrissou sobre suas costas, atacando a criatura ao lado. Esta caiu, e Vin enterrou a espada nas costas do que estava embaixo dela. *Empurrou-se* para o lado, *puxando* a espada do koloss agonizante. Agarrou a arma, feriu uma terceira criatura e então lançou a espada, *empurrando-a* como uma flecha gigantesca no peito de um quarto monstro. Aquele mesmo *empurrão* a lançou para trás, fazendo com que saísse do alcance de um golpe. Ela arrancou a espada do koloss que havia perfurado, arrancando a arma enquanto a criatura morria. E, em um golpe fluido, enterrou-a na clavícula e no peito de uma quinta fera.

Então aterrissou. Koloss caíam mortos ao redor.

Vin não estava furiosa. Não estava aterrorizada. Havia transcendido aqueles sentimentos. Tinha visto Elend morrer — o segurara nos braços enquanto ele falecia — e sabia que havia deixado aquilo acontecer. Intencionalmente.

E, ainda assim, ele estava vivo. Cada respiração era inesperada, talvez imerecida. No passado, teve pavor de falhar com ele. Mas havia encontrado a paz, de certa forma, ao compreender que não podia impedi-lo de arriscar a própria vida. Ao compreender que ela não *queria* impedi-lo de arriscar a própria vida.

Então, não lutava mais temendo pelo homem que amava. Em vez disso, lutava com uma percepção. Ela era uma faca — a faca de Elend, a faca do Império Final. Não lutava para proteger um homem, mas para proteger o modo de vida que ele havia criado e as pessoas que batalhavam tanto para defendê-lo.

A paz lhe dava força.

Koloss definhavam a sua volta, e o sangue escarlate — brilhante demais para ser humano — tingia o ar. Havia dez mil naquele exército, criaturas demais para ela matar. No entanto, não precisava assassinar cada koloss do exército.

Precisava apenas assustá-los.

Pois, apesar do que já havia suposto no passado, os koloss *sentiam* medo. Ela o via crescer nas criaturas ao seu redor, dissimulado por trás da frustração e da fúria. Um koloss atacou, e ela se esquivou para o lado, movendo-se com a velocidade aumentada do peltre. Golpeou as costas da fera em pleno movimento e girou, observando uma criatura gigantesca abrindo caminho pelo exército na direção dela.

Perfeito, pensou. Era grande — talvez o maior que já vira. Tinha quase quatro metros. Já deveria ter morrido de insuficiência cardíaca muito tempo antes, e sua pele estava quase toda rasgada, pendendo em abas largas.

Ele uivou, o som ecoando pelo campo de batalha estranhamente quieto. Vin sorriu, em seguida queimou duralumínio. De imediato, o peltre já avivado dentro dela explodiu para lhe dar um surto imenso e instantâneo de força. Duralumínio, quando usado com outro metal, amplificava o segundo metal e o fazia se esgotar em uma única explosão, fazendo-o ceder toda a força de uma vez.

Vin queimou aço e, em seguida, *empurrou* em todas as direções. Seu *empurrão* impulsionado pelo duralumínio atingiu as espadas das criaturas que corriam na direção dela como uma onda. Armas foram arrancadas de mãos, koloss foram lançados para trás e corpos enormes se espalharam como simples flocos de cinza sob o sol vermelho-sangue. O peltre reforçado pelo duralumínio impediu que Vin fosse esmagada no processo.

O peltre e o aço desapareceram, esgotados num único estouro de poder. Puxou um pequeno frasco com líquido — uma solução alcoólica com flocos de metal — e o esvaziou num único gole, restaurando os metais. Em seguida, queimou peltre e saltou sobre os koloss caídos e desorientados em direção à criatura gigantesca que vira antes. Um koloss menor tentou barrar seu avanço, mas ela o pegou pelo pulso e girou, quebrando a junta. Agarrou a espada da criatura, desviando de outro ataque, e girou, derrubando três koloss diferentes em um só golpe com um corte nos joelhos.

Quando completou o giro, ela cravou a espada na terra. Como esperado, a fera de quase quatro metros atacou um segundo depois, balançando uma lâmina tão grande que fazia o ar rugir. Vin ergueu a própria espada bem a tempo, pois, mesmo com peltre, jamais conseguiria ter defendido com os braços a arma enorme da criatura. No entanto, a espada gigantesca bateu na lâmina de Vin, firmada pela terra abaixo. O metal tremeu em suas mãos, mas resistiu ao golpe.

Com os dedos ainda dormentes do choque de um bloqueio tão poderoso, Vin

soltou a espada e saltou. Não *empurrou* — não precisava —, mas aterrissou sobre o guarda-mão da espada e saltou a partir dela. O koloss mostrou a mesma surpresa característica ao vê-la saltar quatro metros no ar, pernas estendidas para trás, capa de bruma franjada ondulando.

Ela chutou o koloss bem na lateral da cabeça. O crânio estalou. Os koloss tinham uma solidez sobre-humana, mas o peltre avivado foi o bastante. Os olhos pequenos e brilhantes do monstro rolaram para trás e ele despencou. Vin *empurrou* de leve a espada, mantendo-se no ar o bastante para que, quando caísse, aterrissasse diretamente no peito do oponente caído.

Os koloss ao redor dela ficaram paralisados. Mesmo no meio do furor de sangue, estavam chocados ao vê-la derrubar uma fera tão enorme com apenas um chute. Talvez tivessem mentes lentas demais para processar o que tinham acabado de ver. Ou, talvez, além do medo, eles realmente conseguissem sentir um tanto de cautela. Vin não sabia o suficiente sobre eles para dizer. Entendia que, em um exército koloss regular, o que ela havia acabado de fazer lhe renderia a obediência de todas as criaturas que a observavam.

Infelizmente, aquele exército estava sendo controlado por uma força externa. Vin se empertigou. Via o pequeno exército desesperado de Elend a distância. Sob a liderança do imperador, ele resistia. Os humanos combatentes surtiriam um efeito sobre os koloss semelhante à força misteriosa de Vin — as criaturas não entenderiam como um grupo tão pequeno era capaz de mostrar tamanha resistência. Eles não veriam o sofrimento ou a situação terrível do grupo de Elend; veriam simplesmente um exército menor, inferior, em pé e lutando.

Vin se virou para recomeçar o combate. Os koloss se aproximavam com mais temor, mas ainda vinham. Esta era a parte estranha: eles nunca recuavam. Sentiam medo, mas não conseguiam agir de acordo. Contudo, aquilo os enfraquecia. Dava para perceber na maneira como se aproximavam, no aspecto que tinham. Estavam prestes a desmoronar.

Assim, queimou latão e *empurrou* as emoções de uma das criaturas menores. De início, ela resistiu. Vin aplicou mais força. Então, finalmente, algo se rompeu dentro do koloss e ele se rendeu. Aquele que o controlava estava longe demais e concentrado em muitos koloss de uma vez. Aquela criatura — a mente confusa pelo furor, as emoções em um turbilhão pelo choque, medo e frustração — foi totalmente subjugada pelo controle mental de Vin.

De imediato, ordenou que a criatura atacasse seus companheiros. A besta foi derrubada logo depois, mas não antes de ter matado dois de sua espécie.

Enquanto Vin lutava, conquistou outro koloss, então outro. Atacava a esmo, lutando com sua espada para mantê-los distraídos enquanto comandava membros do grupo inimigo e os conquistava. Em pouco tempo, o terreno ao redor de Vin estava caótico, e ela contava com uma pequena fileira de koloss lutando ao seu lado. Cada vez que um caía, ela o substituía por mais dois.

Enquanto lutava, olhou novamente de soslaio o grupo de Elend e ficou aliviada ao encontrar um segmento grande de koloss lutando junto ao grupo de humanos. O próprio Elend se movia entre eles, não mais lutando, concentrado em trazer koloss após koloss para o próprio lado. Havia sido uma aposta arriscada de Elend vir até aquela cidade sozinho, uma que ela não sabia se aprovava. Por ora, estava apenas feliz por ter conseguido chegar a tempo.

Seguindo o exemplo de Elend, ela parou de lutar e, em vez disso, concentrou-se em comandar seu pequeno exército de koloss, atraindo novos membros, um de cada vez. Logo, tinha um grupo de quase cem lutando por ela.

Não vai demorar muito agora, pensou. E, de fato, logo avistou uma mancha no ar, voando em sua direção por entre a chuva de cinzas. A mancha se revelou uma figura de túnica escura, saltando sobre o exército ao *empurrar* para baixo as espadas koloss. O vulto alto era careca e tinha o rosto tatuado. À luz do meio-dia escurecida pelas cinzas, Vin pôde perceber as duas estacas grossas que haviam sido cravadas em seus olhos. Um Inquisidor de Aço; um que não reconhecia.

O Inquisidor chegou com toda a força, derrubando um dos koloss roubados de Vin com um par de machados de obsidiana. Concentrou seu olhar cego sobre Vin, que, mesmo a contragosto, sentiu uma agitação de pânico. Uma sucessão de lembranças distintas lampejou em sua mente. Uma noite escura, chuvosa e sombria. Pináculos e torres. Uma dor dentro dela. Uma noite longa como prisioneira no palácio do Senhor Soberano.

Kelsier, o Sobrevivente de Hathsin, morrendo nas ruas de Luthadel.

Vin queimou electrum, que criava uma nuvem de imagens ao seu redor, sombras de possibilidades para o futuro. Electrum, o complemento alomântico do ouro. Elend começara a chamá-lo de “atium dos pobres”. Não teria muito efeito sobre a batalha além de torná-la imune ao atium, caso o Inquisidor queimasse algum.

Vin cerrou os dentes, avançando enquanto o exército koloss subjugava as poucas criaturas roubadas que lhe haviam sobrado. Ela saltou, *empurrando* levemente uma espada caída e deixando o impulso levá-la na direção do Inquisidor. O espectro ergueu os machados, golpeando, mas no último momento

Vin *puxou-se* para o lado. Seu *puxão* arrancou uma espada das mãos de um koloss surpreso, e ela a agarrou quando girou no ar, *empurrando-a* na direção do Inquisidor.

Ele *empurrou* o volume enorme da arma para o lado com facilidade. Kelsier conseguira derrotar um Inquisidor, mas apenas depois de muito esforço. Ele mesmo morrera momentos depois, derrubado pelo Senhor Soberano.

Sem mais lembranças!, Vin disse a si mesma, com firmeza. *Concentre-se no momento*.

As cinzas passavam voando por Vin conforme ela girava no ar, ainda no impulso de seu *empurrão* contra a espada. Aterrissou, o pé deslizando em sangue koloss, e partiu para cima do Inquisidor. Ela o atraíra de propósito, matando e controlando seus koloss para forçá-lo a se revelar. Agora precisava lidar com ele.

Ela puxou uma adaga de vidro — o Inquisidor conseguiria *empurrar* para longe uma espada koloss — e avivou peltre. Velocidade, força e equilíbrio fluíram por seu corpo. Infelizmente, o Inquisidor também devia ter peltre, igualando-os nesse aspecto.

Exceto por uma coisa. O Inquisidor tinha uma fraqueza. Vin desviou de um golpe de machado, *puxando* uma espada koloss para aproveitar o impulso e sair do caminho. Em seguida, *empurrou* a mesma arma, lançando-se para frente enquanto investia para o pescoço do oponente. Ele a desviou com um giro de mão, bloqueando o braço que segurava a adaga. Mas, com a outra mão, Vin agarrou a lateral da túnica.

Na sequência, avivou ferro e *puxou* para trás, sacudindo uma dúzia de diferentes espadas koloss de uma vez. O *puxão* repentino a impulsionou para trás. *Empurrões* de aço e *puxões* de ferro causavam sacudidas bruscas que tinham muito mais força que sutileza. Com peltre avivado, Vin segurou a túnica, e o Inquisidor obviamente se estabilizou *puxando* as armas koloss à sua frente.

A túnica cedeu, rasgando na lateral e deixando Vin com uma tira larga de pano nas mãos. As costas do Inquisidor ficaram expostas, e ela deveria ter visto uma única estaca — semelhante àquela dos olhos — saindo das costas da criatura. No entanto, a estaca estava escondida atrás de um escudo de metal que cobria as costas do Inquisidor e corria por baixo dos braços até a frente do corpo. Como um peitoral justo, cobria-lhe as costas como um casco de tartaruga liso.

O Inquisidor se virou, sorrindo, e Vin praguejou. Aquela estaca dorsal — enterrada diretamente entre as omoplatas de cada Inquisidor — era seu ponto mais fraco. Arrancá-la o mataria. Claro que era por isso que ele usava aquela

placa — algo que Vin suspeitava ter sido proibido pelo Senhor Soberano. Ele *queria* que os servos tivessem fraquezas para que pudesse controlá-los.

Vin não tinha muito tempo para pensar, pois os koloss ainda estavam atacando. Assim que aterrissou, lançando longe o tecido rasgado, um grande monstro de pele azul tentou golpeá-la. Vin saltou, subindo na espada que era brandida em sua direção, e em seguida se *empurrou* contra ela para se elevar um pouco.

O Inquisidor seguiu, agora na ofensiva. As cinzas rodopiavam nas correntes de ar ao redor de Vin, que saltava através do campo de batalha, tentando raciocinar. A outra maneira que ela conhecia de matar um Inquisidor era pela decapitação — um ato mais facilmente imaginado que executado, considerando que o inimigo estava fortalecido pelo peltre.

Ela se deixou cair sobre uma colina deserta nas cercanias do campo de batalha. O Inquisidor aterrissou atrás dela com um estampido sobre a terra tomada por cinzas. Vin desviou da lâmina de um machado, tentando se aproximar o bastante para golpear. Mas o Inquisidor rodou o outro machado, e Vin ganhou um talho no braço ao desviar da arma com sua adaga.

Sangue morno escorreu pelo seu pulso. Sangue da cor do sol vermelho. Ela grunhiu, encarando o oponente inumano. Sorrisos de Inquisidor a perturbavam. Ela se lançou para a frente para golpear outra vez.

Algo reluziu no ar.

Linhas azuis movendo-se rapidamente — a indicação alomântica de pedaços de metal próximos. Vin mal teve tempo de terminar seu ataque e desviar quando um punhado de moedas surpreendeu o Inquisidor pelas costas, ferindo seu corpo em uma dúzia de pontos diferentes.

A criatura gritou, girando e lançando gotas de sangue quando Elend aterrissou no alto da colina. O uniforme branco brilhante estava imundo com cinzas e sangue, mas o rosto estava limpo e os olhos brilhavam. Ele carregava um bastão de duelo em uma das mãos; a outra descansava na terra, equilibrando-o após seu salto de aço. Sua Alomancia física ainda precisava ser aprimorada.

Ainda assim, ele era um Nascido da Bruma, como Vin. E agora o Inquisidor estava ferido. Os koloss estavam se apinhando ao redor da colina, escalando-a com as garras, mas Vin e Elend ainda tinham alguns momentos. Ela avançou, erguendo a faca, e Elend também atacou. O Inquisidor tentou olhar para os dois de uma vez, o sorriso finalmente desaparecendo. Ele se moveu para saltar.

Elend lançou uma moeda no ar. Um único pedaço brilhante de cobre girou

entre os flocos de cinza. O Inquisidor viu aquilo e sorriu de novo, obviamente antecipando o *empurrão* de Elend. Supôs que seu peso se transferiria pela moeda e poderia atingir o peso de Elend, pois ele também estaria *empurrando*. Dois alomânticos de peso semelhante, empurrando-se um contra o outro. Os dois seriam lançados para trás — o Inquisidor para atacar Vin, Elend sobre uma pilha de koloss.

O Inquisidor, porém, não previu a força alomântica de Elend. Como poderia? Elend cambaleou, mas o Inquisidor foi lançado longe com um *empurrão* repentino, violento.

Ele é tão poderoso!, pensou Vin, observando o Inquisidor cair, surpreso. Elend não era um alomântico comum. Talvez ainda não tivesse aprendido a controlar a Alomancia com perfeição, mas, quando avivava seus metais e *empurrava*, conseguia *empurrar* para valer.

Vin avançou para atacar enquanto o Inquisidor tentava se reorientar. Ele conseguiu agarrar o braço dela, e sua faca caiu, sua pegada poderosa lançando uma onda de dor sobre o braço já ferido. Vin gritou quando ele a atirou para o lado.

Ela atingiu o chão e rolou, rapidamente colocando-se de pé outra vez. O mundo girou, e ela viu Elend brandindo o bastão de duelo na direção do Inquisidor. A criatura bloqueou o golpe com o braço, estilhaçando a madeira e, em seguida, agachou-se e acertou o cotovelo no peito de Elend. O imperador grunhiu.

Vin *empurrou* contra os koloss que estavam agora a poucos metros de distância, lançando-se outra vez na direção do Inquisidor. Tinha soltado a faca, mas, por outro lado, ele também perdera os machados. Conseguia vê-lo olhando para o lado, na direção em que as armas haviam caído, mas ela não lhe deu a chance de correr até elas. Jogou-se contra ele, tentando derrubá-lo. Infelizmente, o Inquisidor era muito maior — e muito mais forte — que ela. Derrubou-a diante de si, arrancando-lhe o fôlego.

Os koloss estavam sobre eles. Mas Elend havia agarrado um dos machados, e o brandiu na direção do Inquisidor.

A criatura se moveu com uma velocidade repentina. Sua silhueta se tornou um borrão, e o imperador acertou apenas o ar. Elend girou, o choque estampado no rosto enquanto o Inquisidor avançava empunhando não um machado, mas — estranhamente — uma estaca de metal, como aquelas em seu próprio corpo, só que mais lisa e longa. A criatura ergueu a estaca, movendo-se com rapidez sobre-

humana, mais rápido do que qualquer alomântico conseguiria.

Não é uma corrida de peltre, Vin pensou. *Não é nem mesmo duralumínio*. Ela cambaleou até ficar em pé, observando o Inquisidor. A velocidade estranha da criatura arrefeceu, mas ainda estava em posição de atingir Elend diretamente nas costas com a estaca. Vin estava longe demais para ajudar.

Mas os koloss, não. Estavam alcançando o topo da colina, a poucos metros de Elend e de seu oponente. Desesperada, Vin avivou latão e se apossou das emoções dos monstros mais próximos do Inquisidor. Quando o inimigo se moveu para atacar Elend, o koloss de Vin girou, golpeando com a espada rústica e atingindo o Inquisidor direto no rosto.

O golpe não separou a cabeça do corpo; apenas esmagou completamente o crânio. Pelo visto, aquilo bastava, pois o Inquisidor caiu, imóvel, sem emitir som algum.

Um choque correu através do exército dos koloss.

— Elend! — Vin falou. — Agora!

O imperador se afastou do Inquisidor moribundo, e ela percebeu o olhar de concentração em seu rosto. No passado, Vin assistira ao Senhor Soberano afetar uma praça inteira, abarrotada de pessoas, com sua Alomancia emocional. Ele fora mais forte que ela; muito mais forte até mesmo que Kelsier.

Ela não viu Elend queimar duralumínio e em seguida latão, mas sentiu. Sentiu Elend pressionar suas emoções conforme emitia uma onda de poder geral, *abrandando* milhares de koloss de uma vez. Todos pararam de lutar. Ao longe, Vin observou os exaustos remanescentes do exército camponês, em pé num círculo esgotado. As cinzas continuaram a cair. Raramente paravam, naqueles dias.

Os koloss baixaram as armas. Elend havia vencido.

Foi isso o que realmente aconteceu com Rashek, acredito. Ele empurrou demais. Tentou queimar as brumas, movendo o planeta para mais perto do sol, mas o moveu demais, tornando tudo muito quente para as pessoas que o habitavam.

As montanhas de cinzas foram sua solução. Aprendeu que empurrar um planeta de um lado para o outro exigia bastante precisão, então, em vez disso, fez com que as montanhas entrassem em erupção, lançando cinzas e fumaça no ar. A atmosfera mais espessa tornou o mundo mais frio, e o sol se avermelhou.

4

Sazed, embaixador-chefe do novo império, estudava a folha de papel à sua frente. *Dogmas do povo canzi*, estava escrito. *Sobre a beleza da mortalidade, a importância da morte e a função vital do corpo humano como participante do todo divino.*

Estava escrito em sua própria letra, copiado de uma de suas mentes feruquêmicas de metal — em que armazenava literalmente milhares de livros. Abaixo do título, preenchendo a maior parte da folha em uma letra apertada, relacionara as crenças básicas dos canzi e de sua religião.

Sazed se recostou na cadeira, erguendo o papel e repassando as notas mais uma vez. Estava se dedicando àquela religião já fazia um dia e queria tomar uma decisão a respeito. Mesmo antes de passar aquele dia estudando, já sabia muito sobre a fé canzi, pois a pesquisara — junto com todas as outras religiões pré-Ascensão — grande parte de sua vida. Tais religiões haviam sido sua paixão, o foco de toda a sua pesquisa.

E, então, chegou o dia em que percebeu como todo o seu aprendizado não servia para nada.

A religião canzi se contradiz, concluiu, fazendo uma anotação com sua pena na lateral do papel. *Explica que todas as criaturas são partes de um "todo divino" e implica que cada corpo é uma obra de arte criada por cada espírito que decide viver neste mundo*.

No entanto, uma de suas crenças é que as pessoas malvadas são punidas com corpos que não funcionam corretamente. Uma doutrina de mau gosto, na opinião de Sazed. Aqueles que nasciam com deficiências mentais ou físicas mereciam compaixão, talvez pena, mas não desdém. Além disso, quais ideais da religião eram verdadeiros? Que os espíritos escolhiam e modelavam seus corpos como desejavam ou que eram punidos com o corpo escolhido para eles? E o que dizer da influência da linhagem nas feições e no temperamento de uma criança?

Ele assentiu para si mesmo, fez uma anotação no fim da página. *Inconsistência lógica. Obviamente inverídica.*

— O que tem aí? — Brisa perguntou.

Sazed ergueu os olhos. Brisa estava sentado ao lado em uma pequena mesa, bebericando vinho e comendo uvas. Usava um de seus habituais trajes de nobre — um casaco escuro, um colete vermelho brilhante e um bastão de duelo, com o qual gostava de gesticular enquanto falava. Tinha recuperado a maior parte do peso que perdera durante o cerco de Luthadel e os acontecimentos que o sucederam, já podendo ser razoavelmente descrito como "corpulento" outra vez.

Sazed baixou os olhos. Cuidadosamente devolveu a página à sua pasta, junto com outras centenas, e fechou a capa recoberta com tecido, amarrando os laços em seguida.

— Nada de importante, Lorde Brisa — respondeu.

Brisa deu um gole silencioso no vinho.

— Nada de importante? Você parece sempre estar mexendo com essas suas folhas. Sempre que tem um momento livre, puxa uma delas.

Sazed deixou a pasta ao lado da cadeira. Como explicar? Cada uma das folhas na grossa pasta descrevia uma das trezentas diferentes religiões que os Guardadores haviam catalogado. Cada uma delas estava efetivamente "morta" naquele momento, pois o Senhor Soberano as havia reprimido no início de seu reinado, alguns milhares de anos antes.

A mulher que Sazed amava tinha falecido havia um ano. Então, ele quis saber… não, *precisava* saber… se as religiões do mundo tinham respostas para ele. Encontraria a verdade ou eliminaria toda e qualquer fé.

Brisa ainda o encarava.

— Preferiria não falar sobre isso, Lorde Brisa — Sazed respondeu.

— Como quiser — disse Brisa, erguendo a taça. — Talvez possa usar seus poderes de feruquemista para ouvir a conversa que está acontecendo na sala ao lado.

— Não acho que seria educado.

Brisa sorriu.

— Meu caro terrisano… apenas você para vir conquistar uma cidade e se preocupar em ser "educado" com o ditador que planeja usurpar.

Sazed desviou os olhos, sentindo-se um pouco envergonhado. Porém, não podia negar as observações de Brisa. Embora nenhum deles tivesse levado exército para a Cidade de Lekal, tinham vindo de fato para conquistar. Só que pretendiam fazê-lo simplesmente com um pedaço de papel em vez de uma

espada.

Tudo dependia do que estava acontecendo na sala ao lado. O rei assinaria o tratado ou não? Tudo que Brisa e Sazed podiam fazer era esperar. Ele ansiava por pegar sua pasta, examinar a próxima religião da pilha. Estivera considerando a religião dos canzi por mais de um dia e, agora que havia tomado uma decisão sobre ela, desejava seguir para a próxima folha. Durante o ano anterior, repassara cerca de dois terços das religiões. Faltavam umas cem, ou talvez duzentas, caso considerasse todas as subseitas e denominações.

Estava chegando lá. Nos próximos meses, poderia repassar o restante das religiões. Queria considerar cada uma com cuidado e justiça. Com certeza, uma das que restavam o surpreenderia ao ter a essência da verdade pela qual ele procurava. Certamente, uma delas lhe diria o que havia acontecido com o espírito de Tindwyl sem se contradizer em meia dúzia de pontos diferentes.

Mas, por ora, sentia vergonha de ler na frente de Brisa. Então, forçou-se a sentar e esperar pacientemente.

A sala ao redor era ornamentada, segundo a moda da antiga nobreza imperial. Sazed não estava acostumado a essa sofisticação, não mais. Elend havia vendido ou queimado a maior parte dos enfeites luxuosos — seu povo precisava de comida e calor durante o inverno. Ao que parecia, o rei Lekal não fizera o mesmo, embora talvez fosse porque os invernos eram menos rigorosos ali no Sul.

Sazed olhou pela janela ao lado da cadeira. A Cidade de Lekal não tinha um palácio de verdade — fora apenas uma propriedade rural até cerca de dois anos antes. A mansão, no entanto, tinha uma bela vista da cidade crescente — que era mais um grande assentamento do que uma cidade de fato.

Ainda assim, aquele lugar controlava terras que estavam perigosamente dentro do perímetro de defesa de Elend. Eles precisavam da garantia de lealdade do rei Lekal. Então Elend enviara um contingente — que incluía Sazed, seu embaixador-chefe — para garantir a lealdade do rei, que deliberava na sala ao lado com seus assessores, tentando decidir se aceitava ou não o tratado que os tornaria súditos de Elend Venture.

Embaixador-chefe do Novo Império…

Sazed não apreciava muito o título, pois implicava em ser, de fato, um cidadão do império. Seu povo, o povo de Terris, havia jurado não chamar nenhum homem de mestre novamente. Foram mil anos sendo oprimidos, forçados a procriar como animais e se transformarem em servos dóceis e

perfeitos. Apenas com a queda do Império Final, os terrisanos ficaram livres para governar a si mesmos.

Até o momento, o povo de Terris não havia feito um trabalho muito bom. Claro, dificultava bastante o fato de que os Inquisidores de Aço tinham chacinado o conselho governante, deixando o povo de Sazed sem um norte ou sequer liderança.

Em certo ponto, somos hipócritas de qualquer forma, pensou. *O próprio Senhor Soberano era um terrisano, mas ninguém sabia. Foi um de nós a fazer todas aquelas coisas terríveis ao próprio povo. Que direito temos de insistir em não chamar um estrangeiro de mestre? Não foi um estrangeiro que destruiu nosso povo, nossa cultura e nossa religião.*

Por isso Sazed atuava como embaixador-chefe de Elend Venture. Elend era um amigo — um homem que Sazed respeitava como poucos. Na opinião do embaixador, nem mesmo o próprio Sobrevivente tinha o caráter de Elend Venture. O imperador não havia tentado assumir a autoridade sobre o povo de Terris, mesmo depois de aceitar refugiados em suas terras. Sazed não sabia ao certo se seu povo estava livre ou não, mas os terrisanos deviam muito a Elend Venture. Sazed assumia o cargo de embaixador desse homem de bom grado.

Mesmo que sentisse que precisava se ocupar de outras coisas. Como liderar seu povo.

Não, Sazed pensou, olhando para a pasta. *Não. Um homem sem fé não pode liderá-los. Preciso encontrar a minha verdade primeiro. Se tal coisa existir.*

— Com certeza estão levando muito tempo — Brisa disse, mastigando uma uva. — Seria de se pensar que, após toda a conversa que tivemos para chegar a este ponto, já saberiam se pretendem assinar a coisa ou não.

Sazed olhou para a porta bem esculpida do outro lado da sala. O que o rei Lekal decidiria? Tinha realmente escolha?

— Acha que fizemos a coisa certa aqui, Lorde Brisa? — Sazed flagrou-se perguntando.

Brisa bufou.

— Se foi certo ou errado não vem ao caso. Se *nós* não tivéssemos vindo intimidar o rei, outra pessoa teria. No fim das contas, é necessidade estratégica básica. Ou é como eu vejo; talvez eu apenas seja mais calculista que os outros.

Sazed olhou o homem parrudo. Brisa era um Abrandador — de fato, era o Abrandador mais insolente e descarado que Sazed já havia conhecido. A maioria

dos Abrandadores usava seus poderes com discrição e sutileza, instigando emoções apenas nos momentos mais oportunos. Brisa, no entanto, brincava com as emoções de *todos*. Sazed conseguia sentir o toque do homem em seus sentimentos naquele momento — embora apenas porque sabia o que perceber.

— Se me perdoa pela observação, Lorde Brisa — Sazed disse —, o senhor não me engana tão facilmente como acredita.

Brisa ergueu uma sobrancelha.

— Sei que é um bom homem — Sazed continuou. — Esforça-se muito para esconder isso. Faz questão de parecer insensível e egoísta, mas, ao observar o que o senhor faz, e não apenas o que diz, percebo que acaba ficando bem mais transparente.

Brisa fez uma careta, e Sazed sentiu uma pequena pontada de prazer ao surpreender o Abrandador. Obviamente ele não esperava que Sazed fosse tão direto.

— Meu caro — Brisa disse, bebericando o vinho —, que decepção a minha. Não estávamos falando sobre ser educados? Bem, não é *nada* educado apontar o segredo íntimo de um pessimista velho e rabugento.

— Segredo íntimo? — perguntou Sazed. — Que o senhor tem um bom coração?

— É um atributo que venho me esforçando muito para desestimular — Brisa explicou. — Infelizmente, sou fraco demais. Agora, para sair totalmente desse assunto, que eu acho *muito* desagradável, voltarei à sua primeira pergunta. Você me questionou se estamos fazendo a coisa certa. Que coisa certa? Forçar o rei Lekal a se tornar um vassalo de Elend?

Sazed assentiu.

— Bem, eu teria de dizer que sim, fizemos a coisa certa. Nosso tratado dará a Lekal a proteção dos exércitos de Elend.

— À custa de sua liberdade de governar.

— Oras — Brisa disse com um aceno. — Sabemos que Elend é um governante muito melhor que Lekal poderia sequer sonhar ser. A maioria das pessoas está vivendo em barracos mal-acabados, pelo amor do Senhor Soberano!

— Sim, mas você precisa reconhecer que o intimidamos.

Brisa franziu a testa.

— Tudo na política é assim. Sazed, o sobrinho deste homem enviou um exército de koloss para destruir Luthadel! Tem sorte que Elend não

simplesmente chegou e varreu a cidade do mapa em retaliação. Temos exércitos maiores, mais recursos e alomânticos melhores. Esse povo ficará muito melhor assim que Lekal assinar aquele tratado. O que tem de errado com você, meu caro? Não faz nem dois dias que discutiu todos esses mesmos pontos na mesa de negociação.

— Perdoe-me, Lorde Brisa — Sazed disse. — Eu… aparentemente estou um pouco confuso, nos últimos tempos.

Brisa não respondeu de imediato.

— Ainda dói, não é?

Esse homem é muito bom em compreender as emoções alheias, Sazed pensou.

— Dói — sussurrou, por fim.

— Vai passar. Um dia.

Vai mesmo?, Sazed se perguntou, desviando o olhar. Já fazia um ano. Ainda se sentia… como se nada fosse entrar nos eixos. Às vezes, ele questionava se sua imersão nas religiões não seria simplesmente uma maneira de esconder-se da dor.

Se fosse assim, então havia escolhido uma maneira infeliz de lidar com a situação, pois a dor estava sempre lá à espera. Ele havia falhado. Não, sua *fé* havia falhado com *ele*. Não lhe restava nada.

Tudo. Tinha. Acabado.

— Olha só — Brisa disse, atraindo sua atenção. — Ficar aqui sentados, esperando Lekal tomar sua decisão, obviamente está nos deixando ansiosos. Por que não conversamos sobre outra coisa? Que tal me contar sobre uma dessas religiões que você memorizou? Faz meses que não tenta me converter!

— Parei de usar minhas mentes de cobre há quase um ano, Brisa.

— Mas com certeza se lembra de algumas coisas — Brisa insistiu. — Por que não tenta me converter? Sabe, pelos velhos tempos e tudo mais.

— Acho que não, Brisa.

Parecia uma traição. Como um Guardador — um feruquemista terrisano —, conseguia armazenar lembranças dentro de pedaços de cobre para recuperá-las mais tarde. Durante o período do Império Final, a raça de Sazed passara por maus bocados para reunir seus vastos acervos de informações — e não apenas sobre religião. Tinham reunido cada fragmento de informação que conseguiram encontrar sobre os tempos anteriores ao Senhor Soberano. Memorizaram tudo e

passaram para outros, dependendo de sua Feruquemia, para manter a precisão.

Ainda assim, nunca encontraram a única coisa que buscavam com maior urgência, a coisa que dera início à busca: a religião do povo de Terris, extinta pelo Senhor Soberano durante o primeiro século de reinado.

Muitos morreram, trabalharam e sangraram para que Sazed pudesse ter os acervos vastos que herdara. E ele os deixara de lado. Após recuperar suas notas sobre cada religião, anotando-as em páginas que ele agora carregava em sua pasta, removera todas as suas mentes de metal e as guardara.

Elas simplesmente… não pareciam importar mais. Às vezes, nada importava. Tentou não remoer demais isso. Mas o pensamento espreitava em sua mente, terrível e impossível de bloquear. Ele se sentia deslegitimado, indigno. Pelo que Sazed sabia, era o último feruquemista vivo. Eles não tinham recursos para procurar, no momento, mas, durante um ano, nenhum refugiado Guardador entrara nos domínios de Elend. Sazed era o único. E, como todos os mordomos terrisanos, fora castrado quando criança. O poder hereditário da Feruquemia talvez morresse com ele. Deveria haver um pequeno traço do poder no povo de Terris, mas, considerando os esforços do Senhor Soberano de expurgá-lo das gerações, e as mortes do Sínodo… as chances não eram boas.

As mentes de metal permaneciam na bagagem, carregadas para onde ele ia, mas nunca eram usadas. Ele duvidava que as usaria novamente.

— E então? — Brisa perguntou, levantando-se e caminhando até a janela para se recostar nela ao lado de Sazed. — Não vai me falar sobre uma religião? Qual será agora? Aquela em que as pessoas faziam mapas, talvez? Aquela que venerava plantas? Certamente você deve ter uma que adora vinho. Essa seria adequada para mim.

— Por favor, Lorde Brisa — Sazed disse, olhando para a cidade. As cinzas caíam. Sempre caíam, nos últimos tempos. — Não quero falar dessas coisas.

— Quê? Como pode?

— Se houvesse um Deus, Brisa, teria ele permitido que tantas pessoas fossem mortas pelo Senhor Soberano? Acha que teria deixado o mundo se tornar o que é agora? Não vou ensiná-lo, nem a qualquer pessoa, uma religião que não pode responder às minhas perguntas. Nunca mais.

Brisa ficou em silêncio.

Sazed baixou a mão, tocando a barriga. Os comentários de Brisa haviam-lhe causado dor. Levaram sua mente de volta ao terrível momento, um ano antes, em

que Tindwyl fora morta. Quando Sazed combatera Marsh no Poço da Ascensão e quase morreu também. Mesmo por cima das roupas, conseguia sentir as cicatrizes no abdômen, onde Marsh o golpeara com uma coleção de anéis de metal, perfurando a pele e quase matando-o no processo.

Havia sorvido a força feruquêmica daqueles mesmos anéis para salvar a própria vida, curando o corpo, absorvendo-os. Logo depois, no entanto, armazenou um pouco de saúde e pagou a um cirurgião para que retirasse os anéis de seu corpo. Apesar dos protestos de Vin de que tê-los no organismo seria uma vantagem, Sazed se preocupou com a possibilidade de que fosse danoso mantê-los incorporados à própria carne. Além disso, ele apenas os queria longe de si.

Brisa se virou para olhar pela janela.

— Você sempre foi o melhor de nós, Sazed — ele disse, baixinho. — Pois acreditava em alguma coisa.

— Desculpe, Lorde Brisa — Sazed respondeu. — Não quis decepcioná-lo.

— Ah, você não me decepciona. Pois não acredito no que disse. Você não é ateu, Sazed. Tenho a sensação de que não seria bom nisso… não é do seu feitio. Você vai se recuperar algum dia.

Sazed olhou de volta para a janela. Era ousado para um terrisano, mas não queria continuar a discussão.

— Eu nunca lhe agradeci — disse Brisa.

— Pelo quê, Lorde Brisa?

— Por me tirar do ostracismo. Por me forçar a levantar, um ano atrás, e continuar. Se não tivesse me ajudado, não sei se eu teria superado… o que aconteceu.

Sazed assentiu. Por um lado, no entanto, seus pensamentos ficaram mais amargos. *Sim, você viu destruição e morte, meu amigo. Mas a mulher que ama ainda está viva. Eu poderia ter me reerguido também, se não a tivesse perdido. Poderia ter me recuperado, como você fez.*

A porta se abriu.

Sazed e Brisa viraram-se juntos. Um assessor solitário entrou, trazendo um pergaminho enfeitado. O rei Lekal havia assinado o tratado. Sua assinatura era pequena, quase apertada, no grande espaço destinado a ela. Sabia que havia sido derrotado.

O assessor deixou o tratado na mesa e, em seguida, se retirou.

Cada vez que Rashek tentava consertar as coisas, ele as piorava. Precisava mudar as plantas do mundo para que fossem capazes de sobreviver a esse ambiente novo e inóspito. Ainda assim, a mudança deixou as plantas menos nutritivas para a humanidade. De fato, as cinzas que choviam deixavam os homens doentes, fazendo-os tossir como aqueles que passavam muito tempo nas minas sob a terra. Então Rashek também mudou a própria humanidade, alterando-a para que pudesse sobreviver.

5

Elend se ajoelhou ao lado do inquisidor caído, tentando ignorar o que havia restado de sua cabeça. Vin se aproximou, e ele percebeu o ferimento no braço dela. Como de costume, ela mal percebia o machucado.

O exército koloss estava parado e silencioso no campo de batalha ao redor. Elend ainda não estava à vontade com a ideia de controlar as criaturas. Ele se sentia… maculado por sequer associar-se a eles. E, no entanto, era a única maneira.

— Há algo errado, Elend — Vin comentou.

Ele ergueu os olhos do corpo.

— O quê? Acha que pode haver outro por aí?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não é isso. O Inquisidor se moveu rápido demais antes de morrer. Nunca vi uma pessoa, alomântico ou não, com aquela velocidade.

— Devia ter duralumínio — Elend comentou, olhando para baixo. Por um tempo, ele e Vin mantiveram uma vantagem, pois contavam com o poder de um metal alomântico que os Inquisidores não conheciam. Relatórios recentes indicavam que tal vantagem não existia mais.

Felizmente, ainda tinham electrum. Graças ao Senhor Soberano, na verdade. O atium dos pobres. Normalmente, um alomântico que estivesse queimando atium era praticamente invencível — apenas outro alomântico que também queimasse o metal poderia enfrentá-lo. A menos, claro, que tivesse electrum. O metal não concedia a mesma invencibilidade que o atium — que permitia a um alomântico ver alguns segundos do futuro —, mas *dava* imunidade ao atium.

— Elend — Vin falou, ajoelhando-se —, não era duralumínio. O Inquisidor estava se movendo rápido demais até mesmo para isso.

Elend franziu o cenho. Ele vira o Inquisidor se mover apenas de soslaio, mas certamente não fora *tão* rápido. Vin tinha uma tendência a ficar paranoica e supor o pior.

Claro, também tinha o hábito de estar certa.

Ela estendeu a mão e agarrou a frente da túnica do cadáver, rasgando-o. Elend se virou.

— Vin! Respeite o morto!

— Não tenho respeito por essas coisas e nunca terei. Você viu como ele tentou usar uma das estacas para matar você?

— Aquilo *foi* estranho. Talvez tivesse sentido que não conseguiria pegar os machados a tempo.

— Aqui, veja.

Elend se voltou para o corpo. O Inquisidor tinha as estacas comuns — três enterradas entre as costelas de cada lado do peito. Mas… havia mais uma — uma que Elend nunca tinha visto em outro cadáver de Inquisidor — espetada diretamente através do peito da criatura.

Senhor Soberano!, Elend pensou. *Essa deve ter atravessado o coração. Como sobreviveu?* Claro, se duas estacas que atravessavam o cérebro não o matavam, uma perfurando o coração tampouco o faria.

Vin agarrou a estaca e a arrancou. Elend se encolheu. Ela a ergueu, franzindo a testa.

— Peltre — disse ela.

— É mesmo?

Ela assentiu.

— Isso completa dez estacas. Duas nos olhos e uma entre os ombros: todas de aço. Seis atravessadas nas costelas: duas de aço, quatro de bronze. Agora esta, de peltre. Sem mencionar aquela que ele tentou usar em você, que parece ser de aço.

Elend examinou a estaca na mão de Vin. Em Alomancia e Feruquemia, metais diferentes tinham efeitos diferentes — ele supunha que, para Inquisidores, o tipo de metal usado nas diversas estacas também tinha sua importância.

— Talvez eles não usem Alomancia de verdade, mas algum… terceiro poder.

— Talvez — Vin disse, agarrando a estaca e se levantando. — Precisamos abrir a barriga para ver se tinha atium.

— Talvez tenha um pouco neste, enfim.

Eles sempre queimavam electrum como precaução; até então, nenhum dos Inquisidores que haviam encontrado de fato tinha atium.

Vin sacudiu a cabeça, encarando o campo de batalha coberto de cinzas.

— Estamos deixando alguma coisa passar, Elend. Somos como crianças jogando um jogo que vimos nossos pais jogarem, sem realmente conhecer regra nenhuma. E… para começar, nosso oponente criou o jogo.

Elend contornou o cadáver, indo até ela.

— Vin, mal sabemos o que há lá fora. O que vimos um ano atrás no Poço… talvez tenha desaparecido. Talvez tenha ido embora, agora que está livre. Talvez fosse tudo que ela queria.

Vin olhou para ele. Elend podia ler em seus olhos que ela não acreditava naquilo. Talvez visse que ele também não acreditava de fato.

— A coisa está lá fora, Elend — ela sussurrou. — Está controlando os Inquisidores. Sabe o que estamos fazendo. Por isso os koloss sempre avançam contra as mesmas cidades que nós. Tem poder sobre o mundo, pode mudar texto já escrito, dificultar a comunicação e criar confusão. Sabe sobre nossos planos.

Elend pousou a mão no ombro de Vin.

— Mas hoje nós vencemos… e ela nos enviou esse exército koloss muito útil.

— E quantos seres humanos perdemos tentando capturar esse exército? Elend não precisava responder. *Muitos*. Os números estavam diminuindo. As brumas — as Profundezas — estavam ficando mais poderosas, sufocando a vida de pessoas aleatórias, matando as safras do restante. Os Domínios Longínquos eram terras devastadas — apenas aquelas mais próximas da capital, Luthadel, ainda tinham luz solar o bastante para o cultivo. E mesmo essa área habitável estava diminuindo.

Esperança, Elend obrigou-se a pensar. *É do que ela precisa em mim; é do que sempre precisou em mim.* Apertou o ombro de Vin e, em seguida, puxou-a para um abraço.

— Vamos vencê-la, Vin. Vamos encontrar uma maneira.

Ela não argumentou, mas obviamente não estava convencida. Ainda assim, deixou-se abraçar, fechou os olhos e descansou a cabeça contra seu peito. Estavam no campo de batalha, diante de seu inimigo caído, mas mesmo Elend precisava admitir que aquilo não parecia uma vitória. Não com o mundo em colapso ao redor.

Esperança!, pensou novamente. *Sou membro da Igreja do Sobrevivente agora. Tem apenas um mandamento primordial.*

Sobreviva.

— Dê um dos koloss para mim — Vin disse por fim, saindo do abraço.

Elend libertou uma das criaturas de tamanho médio, deixando Vin assumir o controle. Ele ainda não entendia como dominavam as criaturas. Assim que tomava controle de um koloss, podia comandá-la indefinidamente — estivesse dormindo ou acordado, queimando metais ou não. Havia muitas coisas que não compreendia sobre a Alomancia. Tivera apenas um ano para usar os poderes e fora distraído pelo comando de um império e a necessidade de alimentar seu povo, sem mencionar as guerras. Tivera pouco tempo para praticar.

Claro, Vin teve ainda menos tempo que isso para praticar antes de assassinar o Senhor Soberano. Vin, no entanto, era um caso especial. Para ela, usar Alomancia era tão fácil quanto respirar era para o restante das pessoas. Era menos uma habilidade do que uma extensão de sua personalidade. Elend talvez fosse mais poderoso — como ela sempre insistia em dizer —, mas ela era a verdadeira mestra.

O koloss solitário de Vin caminhou até eles e ergueu o Inquisidor caído e a estaca. Em seguida, Elend e Vin desceram a colina — o serviçal koloss em seu encalço — na direção do exército humano. As tropas de koloss se abriram e deram passagem ao comando de Elend. Ele reprimiu um arrepio, embora os estivesse controlando.

Fatren, o homem imundo que governava a cidade, havia formado uma unidade de emergência — embora Elend não estivesse muito confiante nas capacidades de um grupo de cirurgiões skaa.

— Por que eles pararam? — Fatren perguntou, colocando-se diante de seus homens enquanto Vin e Elend se aproximavam pelo terreno manchado de cinzas.

— Prometi a você um segundo exército, Lorde Fatren — Elend respondeu. — Bem, aqui está.

— Os koloss?

Elend assentiu.

— Mas eles são o exército que veio nos destruir.

— E agora são nossos. Seus homens lutaram muito bem. Faça com que entendam que esta vitória foi deles. Tivemos que forçar aquele Inquisidor a sair do esconderijo, e a única maneira de fazer isso foi virar seu exército contra si mesmo. Os koloss ficaram com medo quando viram algo pequeno derrotando algo grande. Seus homens lutaram com bravura. Por causa deles, esses koloss

são nossos.

Fatren coçou o queixo.

— Então — ele disse lentamente —, eles ficaram com medo de nós e por isso mudaram de lado?

— Mais ou menos isso — disse Elend, olhando para os soldados. Mentalmente ordenou que alguns koloss dessem um passo à frente. — Essas criaturas obedecerão às ordens dos homens deste grupo. Faça com que carreguem seus feridos de volta para a cidade. Mas não deixe seus homens atacarem ou punirem os koloss. Eles são nossos criados agora, entendido?

Fatren assentiu.

— Vamos — Vin falou, ansiedade transparecendo em sua voz enquanto olhava para a cidadezinha.

— Lorde Fatren, quer vir conosco ou deseja supervisionar seus homens? — Elend perguntou.

Os olhos de Fatren estreitaram-se.

— O que vão fazer?

— Há algo na sua cidade que precisamos reivindicar.

Fatren hesitou.

— Eu vou, então. — Ele deu algumas ordens para seus homens, enquanto Vin esperava com impaciência. Elend sorriu para ela; então, finalmente, Fatren juntou-se a eles, e os três voltaram para o portão de Vetitan.

— Lorde Fatren — Elend disse, enquanto caminhavam —, o senhor deve se dirigir a mim como “milorde” a partir de agora.

Fatren ergueu os olhos de seu exame ansioso dos koloss ao redor deles.

— Entendido? — Elend questionou, fitando os olhos do homem.

— Hum… entendido. Milorde.

Elend assentiu, e Fatren ficou um pouco atrás dele e de Vin, como se mostrasse uma deferência inconsciente. Não parecia rebelde — naquele momento, provavelmente estava feliz por ter sobrevivido. Talvez acabasse se ressentindo de Elend por tomar o comando de sua cidade, mas, quando chegasse àquele ponto, haveria pouco que pudesse fazer. O povo de Fatren se acostumaria com a segurança de ser parte de um império maior, e a força das histórias do misterioso comando de Elend sobre os koloss — e, portanto, da salvação da cidade — seria grande demais. Fatren jamais governaria de novo.

Comando com muita facilidade, Elend pensou. *Apenas dois anos atrás, eu cometia mais erros que este homem. Ao menos ele conseguiu manter o povo de sua cidade unido em um momento de crise. Eu perdi meu trono até Vin reconquistá-lo para mim.*

— Estou preocupada com você — Vin falou. — Precisou começar a batalha sem mim?

Elend olhou para o lado. Não havia repreensão em sua voz. Apenas preocupação.

— Não sabia quando, ou mesmo *se*, você chegaria. A oportunidade era simplesmente boa demais. Os koloss haviam marchado um dia inteiro. Acho que matamos uns quinhentos antes sequer de eles decidirem começar a atacar.

— E o Inquisidor? — Vin perguntou. — Achou que poderia cuidar dele sozinho?

— Você achou? — Elend devolveu a pergunta. — Lutou com ele por uns bons cinco minutos antes de eu conseguir me aproximar e ajudar.

Vin não usou o argumento óbvio — que era uma Nascida da Bruma muito mais refinada. Em vez disso, apenas caminhou em silêncio. Ainda se preocupava com ele, embora não tentasse mais protegê-lo de todos os perigos. Sua preocupação e a disposição para deixá-lo assumir riscos eram parte de seu amor. E ele, sinceramente, apreciava ambos os sentimentos.

Os dois tentavam ficar juntos o máximo possível, mas não era viável — como quando Elend descobriu um exército de koloss marchando na direção de uma cidade indefensável, enquanto Vin estava longe, levando ordens para Penrod em Luthadel. Elend esperara que ela voltasse ao acampamento a tempo de descobrir sua partida e em seguida fosse a seu auxílio, mas não pudera esperar. Não com milhares de vidas em jogo.

Milhares de vidas… e mais.

Depois de um tempo, alcançaram os portões. Uma multidão de soldados que, ou haviam chegado tarde para a batalha ou tiveram medo demais para atacar, estavam sobre a fortificação, olhando para baixo com reverência. Vários milhares de koloss tinham passado pelos homens de Elend e tentado atacar a cidade. Agora estavam imóveis — pelo comando silencioso dele —, esperando do lado de fora da fortificação.

Os soldados abriram os portões, deixando Vin, Elend, Fatren e o koloss de Vin entrarem. A maioria deles olhava o koloss de Vin com desconfiança —

como deveria ser. Ela ordenou que ele abaixasse o Inquisidor morto, em seguida o fez segui-los enquanto os três caminhavam pela rua coberta de cinzas da cidade. Vin tinha uma filosofia: quanto mais pessoas vissem e se acostumassem com as criaturas, melhor. Deixavam-nas menos temerosas frente às feras e tornava mais fácil a luta, caso tivessem de enfrentar os koloss em combate.

Logo se aproximaram do prédio do Ministério que Elend inspecionara antes, ao entrar na cidade. O koloss de Vin avançou e começou a arrancar as tábuas das portas.

— O prédio do Ministério? — Fatren perguntou. — O que tem de bom nele? Já vasculhamos o lugar.

Elend o encarou.

— Milorde — Fatren disse, atrasado.

— O Ministério do Aço era ligado diretamente ao Senhor Soberano — Elend explicou. — Os obrigadores eram seus olhos em todo o império, e através deles o tirano controlava a nobreza, observava o comércio e garantia que a ortodoxia fosse mantida.

O koloss puxou a porta até abri-la. Adentrando o lugar, Elend queimou estanho, aumentando o poder de visão para que conseguisse ver à pouca luz. Vin, obviamente fazendo o mesmo, teve dificuldade de se locomover por entre as placas quebradas e o mobiliário espalhado pelo chão. Aparentemente, o povo de Fatren não tinha apenas “vasculhado” o lugar — tinha-o pilhado.

— Sim, sei sobre os obrigadores — Fatren disse. — Não havia nenhum deles aqui, milorde. Partiram com a nobreza.

— Os obrigadores cuidavam de alguns projetos muito importantes, Fatren. Coisas como tentar descobrir como usar novos metais alomânticos ou buscar linhagens de sangue terrisano que conseguiam se reproduzir. Um de seus projetos é de particular interesse para nós.

— Aqui — Vin falou, chamando-os ao lado de algo no chão. Um alçapão oculto.

Fatren olhou de volta para a luz do sol, talvez desejando que tivesse trazido alguns soldados consigo. Ao lado do alçapão, Vin acendeu um lampião que havia retirado de algum lugar. Em um porão escuro, nem mesmo o estanho conseguiria oferecer visão. Vin abriu o alçapão, e eles desceram a escada, que terminava em uma adega de vinhos.

Elend foi até o centro da pequena adega, examinando-a enquanto Vin

começava a verificar as paredes.

— Achei — ela disse um segundo depois, batendo o punho em uma certa área da parede de pedra.

Elend avançou, juntando-se a ela. De fato, havia uma fenda fina nas pedras, quase invisível. Queimando aço, Elend conseguiu ver duas linhas azuis tênues apontando para placas de metal escondidas atrás da pedra. Duas linhas mais fortes apontavam para trás dele, na direção de uma grande placa de metal engastada na parede, afixada firmemente com parafusos enormes rosqueados na pedra.

— Pronto? — Vin perguntou.

Elend assentiu, avivando o ferro. Os dois *puxaram* a placa enterrada na parede de pedra, firmando-se com um *puxão* contra as placas na parede ao fundo.

Não era a primeira vez que a perspicácia do Ministério impressionava Elend. Como poderiam saber que, um dia, um grupo de skaa tomaria o controle desta cidade? E, ainda por cima, a porta não estava apenas escondida — fora feita de forma que apenas alguém com Alomancia pudesse abri-la. Elend continuou a *puxar* nas duas direções de uma vez, sentindo como se o corpo estivesse sendo esticado por dois cavalos. Mas, felizmente, tinha o peltre para fortalecê-lo e impedir que se rasgasse ao meio. Vin grunhiu pelo esforço, e logo uma parte do muro começou a deslizar e se abrir na direção deles. Nenhuma força física teria sido capaz de arrancar as pedras grossas, e apenas um esforço contínuo e árduo teria sido suficiente para quebrá-las. Com Alomancia, porém, eles abriram a porta em uma questão de segundos.

Por fim, soltaram. Vin suspirou, exausta, e era visível para Elend que o esforço fora mais difícil para ela do que para ele. Às vezes, ele não se sentia no direito de ter mais força que ela — afinal, era alomântico havia bem menos tempo.

Vin ergueu o lampião, e eles seguiram para o recinto agora aberto. Como as outras duas que Elend tinha visto, aquela caverna era enorme. Estendia-se ao longe, a luz do lampião abrindo apenas um rasgo insignificante na escuridão. Fatren arfou, surpreso, quando se aproximou deles na entrada. A sala era cheia de prateleiras. Centenas. Milhares delas.

— O que é isso? — Fatren perguntou.

— Comida — Elend respondeu. — E suprimentos básicos. Remédios, roupas, água.

— Tanto assim — Fatren falou. — Aqui, o tempo todo…

— Vá buscar mais homens — Elend disse. — Soldados. Precisaremos deles para guardar a entrada, impedir que as pessoas invadam e roubem as coisas.

O rosto de Fatren ficou sério.

— Este lugar pertence ao meu povo.

— *Meu* povo, Fatren — Elend falou, observando Vin caminhar pela sala, levando a luz consigo. — Esta cidade é minha agora, como tudo que há nela.

— O senhor veio para nos roubar — Fatren acusou. — Como os bandoleiros que tentaram tomar a cidade no ano passado.

— Não — Elend disse, virando-se para o homem manchado de fuligem. — Vim para conquistá-los. Há uma diferença.

— Não vejo nenhuma.

Elend cerrou os dentes para não gritar com o homem — a fadiga, o efeito exaustivo de liderar um império que parecia condenado vinham deixando seus nervos à flor da pele com cada vez mais frequência. *Não,* ele disse a si mesmo. *Homens como Fatren precisam de mais que outro tirano. Precisam de alguém para admirar.*

Elend se aproximou do homem e, intencionalmente, não usou Alomancia emocional nele. Abrandamento era eficaz em muitas situações, mas se desgastava com rapidez. Não era um meio de se fazer aliados permanentes.

— Lorde Fatren, quero que o senhor pense cuidadosamente no que está querendo. O que aconteceria se eu *deixasse* vocês? Com esse tanto de comida, toda essa riqueza aqui embaixo? O senhor pode confiar que seu povo não invadirá, seus soldados não tentarão vender um pouco disso aqui para outras cidades? O que acontecerá quando o segredo de seu estoque de comida vazar? Vai receber de braços abertos os milhares de refugiados que virão? Vai protegê-los, e a esta caverna, contra os invasores e bandoleiros que chegarão?

Fatren ficou em silêncio.

Elend pousou a mão no ombro do homem.

— Eu fui sincero no que disse lá em cima, Lorde Fatren. Seu povo lutou bem… fiquei muito impressionado. Eles devem a sobrevivência de hoje ao senhor… sua perspicácia, seu treinamento. Poucas horas atrás, achavam todos que seriam massacrados pelos koloss. Agora, estão não apenas seguros, mas sob a proteção de um exército muito maior.

“Não lute contra isso. Vocês resistiram muito bem, mas é hora de ter aliados.

Não vou mentir para o senhor: vou levar o conteúdo desta caverna, resista o senhor ou não. Contudo, pretendo lhe dar a proteção dos meus exércitos, a estabilidade dos meus estoques de comida e minha palavra de honra de que o senhor poderá continuar a governar seu povo como meu súdito. Precisamos trabalhar juntos, Lorde Fatren. É a única maneira pela qual poderemos sobreviver aos próximos anos."

Fatren ergueu os olhos.

— O senhor está certo, claro — ele disse. — Vou buscar os homens que o senhor pediu, milorde.

— Obrigado. E, se o senhor tiver alguém que saiba escrever, mande-o até mim. Precisaremos catalogar o que há aqui embaixo.

Fatren assentiu e, em seguida, se retirou.

— No passado, você não conseguia fazer coisas como essa — Vin disse a uma curta distância, sua voz ecoando na grande caverna.

— Como o quê?

— Dar a um homem comandos tão rigorosos. Tirar o controle dele. Você iria querer dar a essas pessoas o direito de votar se deveriam ou não se juntar ao império.

Elend olhou para a entrada. Ficou em silêncio por um momento. Não havia usado a Alomancia emocional e, ainda assim, sentia como se tivesse coagido Fatren.

— Às vezes eu me sinto uma fraude, Vin. Deve haver outra maneira.

— Não há, não agora — Vin afirmou, indo até ele, pousando a mão em seu braço. — Eles precisam de você, Elend. Sabe disso.

Ele assentiu.

— Eu sei. Só não consigo parar de pensar que um homem melhor teria encontrado uma maneira de fazer a vontade do povo funcionar junto com o próprio governo.

— Você encontrou. Sua assembleia parlamentar ainda governa em Luthadel, e os reinos que você domina mantêm os direitos e privilégios básicos para os skaa.

— Concessões — Elend retrucou. — Eles só podem fazer o que querem caso eu não discorde.

— É o bastante. Você precisa ser realista, Elend.

— Quando meus amigos e eu nos encontrávamos, eu era quem falava dos sonhos perfeitos, das grandes coisas que conquistaríamos. Sempre fui o idealista.

— Imperadores não têm esse luxo — Vin disse baixinho.

Elend olhou para ela, suspirou e se afastou.

Vin ficou observando Elend à luz fria do lampião na caverna. Odiava ver esse arrependimento, essa… desilusão nele. De certa forma, os atuais problemas dele pareciam ainda piores do que a insegurança com a qual lutara no passado. Parecia ver a si mesmo como um fracasso, apesar do que havia conquistado.

E, ainda assim, Elend não se permitia remoer aquele fracasso. Continuava trabalhando, apesar do arrependimento. Era um homem mais duro do que fora antes, o que não era necessariamente algo ruim. O velho Elend era um homem facilmente desprezado por muitos — um gênio com ideias maravilhosas, mas pouca capacidade de liderar. Ainda assim, Vin sentia falta de partes do que desaparecera. O idealismo simples. Elend ainda era um otimista, ainda era um erudito, mas os dois atributos pareciam temperados pelo que ele fora forçado a suportar.

Ela o observou caminhando ao longo das prateleiras do armazém, passando um dedo na poeira. Ele ergueu o dedo, olhou-o por um momento e então o estalou, lançando uma pequena explosão de poeira no ar. A barba o fazia parecer mais rude — como o comandante em tempos de guerra que havia se tornado. Um ano de treinamento firme com Alomancia e espada havia fortalecido seu corpo, e ele precisava reajustar seus uniformes para um caimento adequado. Aquele que vestia ainda estava manchado da batalha.

— Este lugar é inacreditável, não é? — Elend perguntou.

Vin se virou, olhando para a escuridão da caverna de estoque.

— Acho que sim.

— Ele sabia, Vin. O Senhor Soberano. Ele desconfiava que este dia viria, um dia em que as brumas voltariam e a comida ficaria escassa. Então, preparou esses depósitos de alimentos.

Vin se juntou a Elend ao lado de uma estante. Por conta das cavernas anteriores, sabia que a comida ainda estaria boa. Muito daquilo fora processado em uma das fábricas de conserva do Senhor Soberano, e permaneceria assim por muito tempo. A quantidade de mantimentos ali poderia alimentar a cidade acima por anos. Infelizmente, Vin e Elend tinham mais com que se preocupar do que

com uma única cidadezinha.

— Imagine o esforço que deve ter custado — Elend disse, virando uma lata de carne cozida na mão. — Ele precisava renovar o estoque de comida a cada poucos anos, constantemente produzindo e armazenando novos suprimentos. E fez isso por séculos, sem ninguém saber.

Vin deu de ombros.

— Não é tão difícil manter segredos quando se é um deus-imperador com um sacerdócio fanático.

— Sim, mas o esforço… a simples abrangência disso tudo… — Elend hesitou, olhando para Vin. — Sabe o que isso significa?

— O quê?

— O Senhor Soberano pensou que ela poderia ser derrotada. As Profundezas, a coisa que libertamos. O Senhor Soberano pensou que poderia vencer, no fim das contas.

Vin bufou.

— Não precisa necessariamente ter sido isso, Elend.

— Então, por que passar por tudo isso? Ele deve ter pensado que lutar não era inútil.

— As pessoas lutam, Elend. Mesmo um animal agonizante ainda continua lutando; fará qualquer coisa para se manter vivo.

— Mas você precisa admitir que essas cavernas são um bom sinal — ele insistiu.

— Um bom sinal? — Vin perguntou em voz baixa, aproximando-se. — Elend, sei que você está tentando encontrar esperança nisso tudo, mas para mim é difícil ver “bons sinais” em qualquer lugar ultimamente. Você precisa admitir que o sol está escurecendo. Cada vez mais vermelho. É ainda pior aqui embaixo, no Sul.

— Na verdade, duvido que o sol tenha mudado. Deve ser toda essa fumaça e as cinzas no ar.

— Que são outro problema. As cinzas caem quase sem parar agora. As pessoas não estão conseguindo tirá-las das ruas. Elas tampam a luz, tornam tudo mais escuro. Mesmo se as brumas *não* matarem as safras do próximo ano, as cinzas matarão. Dois invernos atrás, quando lutamos com os koloss em Luthadel, foi a primeira vez que vi neve no Domínio Central, e o último inverno foi ainda pior. Essas são coisas contra as quais não podemos lutar, Elend, não importa o

tamanho do nosso exército!

— O que você espera que eu faça, Vin? — Elend perguntou, batendo uma lata de guisado na estante. — Os koloss estão se reunindo nos Domínios Longínquos. Se não formarmos nossas defesas, o povo não *durará* o bastante para morrer de fome.

Vin meneou a cabeça.

— Exércitos são para curto prazo. Isso aqui… — ela disse, acenando na direção da caverna. — *Isso aqui* é para curto prazo. O que estamos fazendo aqui?

— Estamos sobrevivendo. Kelsier dizia…

— Kelsier está *morto*, Elend! — Vin disse, irritada. — Sou a única que vê ironia nisso tudo? Nós o chamamos de Sobrevivente, mas foi ele quem não sobreviveu! Ele *se fez* mártir. Ele se suicidou. Desde quando isso é sobreviver?

Vin se calou por um momento, olhando para Elend, respirando fundo. Ele a encarou de volta, aparentemente inabalado por sua explosão.

O que estou fazendo?, Vin pensou. *Acabei de pensar no quanto admirava a esperança de Elend. Por que estou brigando com ele agora?*

Eles estavam muito tensos. Os dois.

— Não tenho como responder, Vin — Elend disse, na escuridão da caverna. — Não consigo nem começar a entender como combater algo como as brumas. Mas posso lidar com exércitos. Ou, ao menos, estou aprendendo a lidar.

— Desculpe — Vin disse, afastando-se. — Não quis brigar de novo. Mas é tão frustrante.

— Estamos progredindo. Encontraremos uma saída, Vin. Vamos sobreviver.

— Acha mesmo que podemos? — Vin questionou, virando-se para fitar seus olhos.

— Acho.

E ela acreditou. Ele tinha esperanças, e sempre teria. Era uma das grandes razões pelas quais o amava tanto.

— Vamos — Elend disse, pegando no ombro de Vin. — Vamos encontrar o que viemos buscar.

Vin se juntou a ele, deixando o koloss para trás e adentrando as profundezas da caverna enquanto ouviam passos lá fora. Havia mais de um motivo pelo qual tinham ido àquele lugar. A comida e os suprimentos — que enchiam estantes

aparentemente infinitas — eram importantes. No entanto, havia mais.

Uma grande placa de metal estava embutida na parede ao fundo da caverna mal-acabada. Vin leu as palavras inscritas nela:

“Este é o último metal sobre o qual vou lhes falar. Estou com dificuldades em decidir seu objetivo. De certo modo, ele permite ver o passado. O que uma pessoa poderia ter sido e quem ela talvez tivesse se tornado, caso tivesse feito escolhas diferentes. Parecido com o ouro, mas para outrem.

“Agora, as brumas provavelmente já voltaram. Uma coisa repugnante, odiosa. Detestem-na. Não saiam sob ela. A bruma busca destruir a todos nós. Se houver problema, saiba que podem controlar os koloss e os kandra com várias pessoas *empurrando* suas emoções de uma vez. Embuti essa fraqueza neles. Mantenham esse segredo sabiamente.”

Embaixo disso havia uma lista de um composto alomântico de metais, um que já era familiar para Vin. Era a liga de atium que chamavam de malatium — o Décimo Primeiro Metal de Kelsier. Então o Senhor Soberano *soubera* dele. Apenas ignorava seu propósito, como todos os outros.

O Senhor Soberano escreveu a placa, claro. Ou, ao menos, ordenou que fosse escrita daquela forma. Cada depósito anterior também contivera informações gravadas em aço. Em Urteau, por exemplo, ela havia aprendido sobre o electrum. No do oriente, tinham encontrado uma descrição de alumínio — embora já conhecessem aquele metal.

— Nada de muito novo aqui — Elend comentou, soando decepcionado. — Já conhecíamos o malatium e o controle dos koloss. Mas nunca pensei em ter vários Abrandadores *empurrando* ao mesmo tempo. Talvez seja útil.

Antes, pensavam que fosse necessário um Nascido da Bruma queimando duralumínio para tomar o controle das criaturas.

— Não importa — Vin falou, apontando para o outro lado da placa. — Temos *isso*.

A outra metade da placa continha um mapa talhado no aço, como os que haviam encontrado nas outras três cavernas-depósito. Ele retratava o Império Final, dividido em domínios. Luthadel era um quadrado no centro. Um “X” a leste marcava o principal objetivo de suas buscas: a localização da última caverna.

Eles pensavam que havia cinco. Tinham encontrado a primeira sob Luthadel, perto do Poço da Ascensão. Lá acharam a localização da segunda, a leste. A

terceira estivera em Urteau — Vin conseguiu esgueirar-se para dentro dela, mas ainda não haviam conseguido reaver a comida. Aquela os havia levado até ali, a sul.

Cada mapa possuía dois números — um cinco e um outro algarismo menor. Luthadel fora a número um. Aquela era a número quatro.

— Aqui está — Vin apontou, correndo os dedos pelas inscrições talhadas na placa. — No Domínio Ocidental, como você imaginou. Em algum lugar perto de Chardees?

— Cidade de Fadrex — Elend respondeu.

— O lar de Cett?

Elend assentiu. Ele conhecia muito mais sobre geografia que ela.

— Então, este é o lugar. O lugar onde *aquilo* está.

Elend fitou seus olhos, e Vin sabia que ele compreendia o que queria dizer. Os depósitos ficavam cada vez maiores e mais valiosos. Cada um tinha um aspecto específico também — o primeiro contivera armas, além de outros suprimentos, enquanto o segundo contara com grandes quantidades de lenha, por exemplo. Enquanto investigavam cada depósito, ficavam cada vez mais empolgados com o que o último poderia conter. Algo espetacular, com certeza. Talvez até mesmo *aquilo*.

O depósito de atium do Senhor Soberano.

Era o tesouro mais valioso do Império Final. Apesar de anos de busca, ninguém o localizara. Alguns diziam que nem mesmo existia. Mas Vin sentia que sim, que tinha de existir. Apesar dos mil anos controlando a única mina que produzia o metal extremamente raro, o Senhor Soberano permitira que apenas uma pequena porção de atium adentrasse a economia. Ninguém sabia o que o tirano havia feito com a porção maior que mantivera consigo por todos aqueles séculos.

— Agora, não se empolgue demais — Elend disse. — Não temos nenhuma prova de que encontraremos atium na última caverna.

— Tem que estar lá. Faz todo o sentido. Onde mais o Senhor Soberano armazenaria o atium dele?

— Se eu pudesse responder a essa pergunta, já teríamos encontrado.

Vin sacudiu a cabeça.

— Ele o colocou em algum lugar seguro, mas em algum lugar onde seria encontrado, no fim das contas. Ele deixou esses mapas como pistas para seus

seguidores, caso ele, de alguma forma, fosse derrotado. Não queria que um inimigo que se apossasse de uma das cavernas fosse capaz de encontrar a todas de uma vez só.

Uma trilha de pistas que levava a um depósito final. O mais importante. Fazia sentido. *Tinha* de fazer. Elend não parecia convencido. Coçou o queixo barbudo, examinando a placa que cintilava sob a luz do lampião.

— Mesmo que o encontremos, não sei como isso nos ajudará. De que adianta dinheiro para nós agora?

— É mais que dinheiro — ela respondeu. — É poder. Uma arma que podemos usar na luta.

— A luta contra as brumas?

Vin ficou em silêncio.

— Talvez não — disse, finalmente. — Mas contra os koloss e os outros exércitos. Com esse atium, seu império ficará seguro… Além disso, atium é parte de tudo isso, Elend. Só é valioso por causa da Alomancia, mas não existia Alomancia até a Ascensão.

— Outra pergunta sem resposta — Elend comentou. — Por que aquele pedaço de metal que ingeri me transformou em um Nascido da Bruma? De onde ele veio? Por que foi colocado no Poço da Ascensão, e por quem? Por que restava apenas um, e o que aconteceu com os outros?

— Talvez encontremos a resposta assim que chegarmos a Fadrex.

Elend assentiu. Ela percebia que ele considerava as informações contidas nos depósitos o motivo mais importante para rastreá-los, seguido de perto pelos suprimentos. Para ele, a possibilidade de encontrar atium era relativamente desimportante. Vin não conseguia explicar por que sentia que Elend estava tão errado nesse sentido. O atium *era* importante; ela simplesmente sabia. O desespero de mais cedo se suavizou enquanto olhava para o mapa. Precisavam ir para Fadrex.

As respostas estariam lá.

— Não vai ser fácil chegar a Fadrex — Elend observou. — Os inimigos de Cett se estabeleceram firmemente lá. Soube que um ex-ministro obrigador está no comando.

— Vai valer a pena, pelo atium.

— Se ele estiver lá.

Ela lançou a Elend um olhar severo.

Ele ergueu a mão.

— Estou apenas tentando fazer o que você me disse, Vin… tentando ser realista. Mas concordo que Fadrex valerá a pena. Mesmo que o atium não esteja lá, precisaremos dos suprimentos naquele depósito. Precisamos saber o que o Senhor Soberano nos deixou.

Vin assentiu. Ela mesma já não tinha mais atium algum. Havia queimado o último pedacinho um ano e meio antes e não se acostumava com a sensação indefesa que tinha sem ele. O electrum suavizava aquele medo de alguma forma, mas não completamente.

Vozes ecoaram na outra extremidade da caverna e Elend girou o corpo.

— Eu deveria ir falar com eles. Vamos precisar organizar as coisas aqui depressa.

— Você já comentou que precisaremos levá-los para Luthadel?

Elend negou com a cabeça.

— Eles não vão gostar. Estão se tornando independentes, como sempre esperei que fizessem.

— É necessário, Elend — Vin retrucou. — Esta cidade está bem fora de nosso perímetro defensivo. Além disso, talvez não tenham mais que poucas horas de luz do dia sem brumas aqui, a essa distância. As safras já estão condenadas.

Elend assentiu, mas continuou a encarar a escuridão.

— Eu venho, tomo o controle da cidade, levo seu tesouro e, em seguida, os forço a abandonar suas casas. E, daqui, vamos para Fadrex conquistar outra.

— Elend…

Ele ergueu uma das mãos.

— Eu sei, Vin. É necessário. — Ele se virou, deixando o lampião e se dirigindo à saída. Enquanto caminhava, empertigou a postura, o rosto adquirindo mais firmeza.

Vin voltou a olhar a placa, relendo as palavras do Senhor Soberano. Em outra placa, muito parecida com aquela, Sazed encontrara as palavras de Kwaan, o terrisano, morto há muito tempo, que mudara o mundo ao alegar ter descoberto o Herói das Eras. Kwaan havia deixado suas palavras como uma confissão de seus erros, alertando que alguma força estava trabalhando para mudar as histórias e religiões da humanidade. Sua preocupação era de que aquela força tivesse manipulado a religião de Terris para fazer com que um “Herói” fosse

para o norte e a libertasse.

Fora exatamente o que Vin acabara fazendo. Havia tomado o papel de heroína e libertado o inimigo — pensando o tempo todo que estava sacrificando as próprias necessidades pelo bem do mundo.

Ela correu os dedos pela grande placa.

Temos que fazer mais que apenas guerrear!, pensou, irritada com o Senhor Soberano. *Se sabia tanto, por que não nos deixou mais que isso? Alguns mapas em salões espalhados cheios de suprimentos? Alguns parágrafos com informações sobre metais quase inúteis? De que adianta uma caverna cheia de comida, quando temos um império inteiro para alimentar?*

Vin parou. Seus dedos — tornados mais sensíveis pelo estanho que queimava para ajudar a visão na caverna escura — resvalou contra as ranhuras na superfície da placa. Ela se ajoelhou, inclinando-se para mais perto, e encontrou uma inscrição curta talhada no metal, na parte inferior da placa, as letras muito menores do que as que estavam em cima.

Tenha cuidado com o que fala, estava escrito. *Ela pode ouvir o que você diz. Pode ler o que escrever. Apenas seus pensamentos estão a salvo*.

Vin estremeceu.

Apenas seus pensamentos estão a salvo.

Do que o Senhor Soberano ficara sabendo, em seus momentos de transcendência? Que coisas mantivera na mente para sempre, sem nunca escrever por medo de revelar seu conhecimento, sempre esperando que no fim fosse ele a tomar o poder quando a força ressurgisse? Teria planejado, talvez, usar aquele poder para destruir a coisa libertada por Vin?

Estarão condenando a si mesmos… As últimas palavras do Senhor Soberano, faladas pouco antes de Vin empalar seu coração com uma lança. Ele soubera. Mesmo naquela época — antes de as brumas terem começado a aparecer durante o dia, antes de ela ter começado a ouvir as batidas estranhas que a levaram ao Poço da Ascensão —, mesmo naquela época ele se preocupara.

Tenha cuidado com o que fala… Apenas seus pensamentos estão a salvo.

Preciso entender tudo isso. Preciso ligar os pontos e encontrar uma maneira de derrotar, ou enganar, essa coisa que libertei.

E não posso falar disso com ninguém, ou ela saberá o que estou planejando.

Logo Rashek encontrou um equilíbrio nas mudanças que havia feito no mundo — felizmente, pois seu poder se extinguiu bem depressa. Embora o poder que tinha parecesse imenso para ele, era na verdade apenas uma fração mínima de algo muito maior.

Claro, ele acabou se designando o "Fragmento do Infinito" em sua religião. Talvez entendesse mais do que eu imaginava.

De qualquer forma, devíamos a ele um mundo sem flores, onde as plantas cresciam amarronzadas, não verdes, e as pessoas conseguiam sobreviver em um ambiente onde cinzas caíam regularmente do céu.

6

Estou fraco demais, Marsh pensou.

A lucidez lhe acometeu de repente, como sempre acontecia quando Ruína não o observava de perto. Era como acordar de um pesadelo, totalmente ciente do que estivera acontecendo no sonho, mas ainda confuso quanto ao motivo por trás de suas ações.

Ele continuou a caminhar através do acampamento koloss. Ruína ainda o controlava, como sempre. Mesmo assim, quando não pressionava demais a mente de Marsh — quando não se concentrava nele — às vezes, seus pensamentos voltavam.

Não posso combatê-lo, pensou. Ruína não conseguia ler seus pensamentos, disso ele tinha razoável certeza. E, ainda assim, Marsh não conseguia lutar ou resistir de forma alguma. Quando tentava, Ruína imediatamente reestabelecia o controle, o que fora provado a Marsh uma dúzia de vezes. Às vezes, ele conseguia mover um dedo, talvez impedir um passo, mas era tudo que podia fazer antes de perder o controle.

Era deprimente. Porém, Marsh sempre se considerou um homem prático, e se forçou a reconhecer a verdade. Ele nunca retomaria controle suficiente sobre seu corpo para se suicidar.

Cinzas caíam enquanto ele caminhava pelo acampamento. Haviam parado de cair alguma vez nos dias anteriores? Quase desejou que Ruína nunca mais soltasse sua mente. Quando a mente era dele, Marsh via apenas dor e destruição. Porém, quando Ruína o controlava, as cinzas caindo se tornavam algo belo, o sol vermelho, um triunfo maravilhoso, o mundo moribundo, um lugar de doçura.

Loucura, Marsh pensou, aproximando-se do centro do acampamento. *Preciso ficar louco. Então não precisarei mais lidar com isso tudo*.

Outros Inquisidores se juntaram a ele no centro do acampamento, caminhando com as túnicas farfalhando suavemente. Não falavam. Nunca falavam — Ruína controlava a todos, então para que se dar ao trabalho de conversar? Os colegas de Marsh tinham as estacas normais na cabeça,

atravessadas no crânio. Ainda assim, ele também via os sinais reveladores de novas estacas saindo do peito e das costas. Marsh havia ele mesmo cravado muitas delas, matando os terrisanos capturados no norte ou encontrados e perseguidos pela terra.

O próprio Marsh tinha um novo conjunto de estacas, algumas enterradas entre as costelas, outras no peito. Eram belas. Não entendia por quê, mas elas o entusiasmavam. As estacas tinham vindo através da morte, o que já era agradável o bastante, mas havia mais. Ele sabia, de alguma forma, que os Inquisidores tinham estado incompletos até então — o Senhor Soberano lhes negara algumas capacidades para torná-los mais dependentes. Para garantir que não pudessem ameaçá-lo. Mas agora, o que ele havia guardado estava sendo fornecido.

Que belo mundo, Marsh pensou, erguendo a cabeça para fitar a chuva de cinzas, sentindo os flocos leves e reconfortantes sobre a pele.

Falo de todos como “nós”. O grupo. Aqueles que estávamos tentando descobrir e derrotar Ruína. Talvez meus pensamentos estejam maculados agora, mas gosto de olhar para trás e ver tudo o que estávamos fazendo como uma investida única e unida, embora estivéssemos envolvidos todos em diferentes processos e planos.

Éramos um só. Não foi o bastante para impedir que o mundo acabasse, mas isso não é algo necessariamente ruim.

7

Eles lhe deram ossos.

TenSoon fluiu ao redor deles, dissolvendo músculos e os moldando em forma de órgãos, tendões e pele. Construiu um corpo ao redor do esqueleto, empregando as competências obtidas durante séculos ingerindo e digerindo seres humanos. Cadáveres apenas, claro — nunca havia matado um homem. O Contrato proibia esse tipo de coisa.

Após um ano no fosso, era como se tivesse se esquecido de como usar um corpo. Como era tocar o mundo com dedos rígidos, em vez de um organismo que fluía contra o confinamento de pedra? Como era sentir gosto e cheiro com apenas língua e narinas, em vez de com cada pedaço de pele exposto ao ar? Como era…

Ver. Ele abriu os olhos e arfou, puxando o primeiro fôlego com seus pulmões totalmente refeitos. O mundo era composto por maravilhas e… luz. Havia se esquecido dela durante os meses à beira da loucura. Ele se ergueu sobre os joelhos, olhando para os braços. Levantou-os em seguida, sentindo o rosto com a mão hesitante.

Seu corpo não era de ninguém específico— teria precisado de um modelo para produzir tal réplica. Em vez disso, tinha coberto os ossos com músculos e pele o melhor que pôde. Era velho o bastante para saber como criar uma aproximação razoável de um ser humano. As feições não seriam bonitas; talvez fossem até um pouco grotescas. Contudo, isso mais que bastava para o momento. Ele se sentia… real de novo.

Ainda de quatro, ele olhou para seu captor. A caverna era iluminada apenas por uma pedra brilhante — uma rocha grande e porosa posta sobre uma coluna grossa. O fungo azulado que crescia na rocha produzia brilho suficiente para que se enxergasse os arredores… especialmente se alguém produzisse especificamente olhos bons em enxergarem em luz azul difusa.

TenSoon conhecia seu captor. Conhecia a maioria dos kandra, ao menos até a Sexta e Sétima Gerações. O nome daquele kandra era VarSell. Na Terra Natal, VarSell não usava ossos de animal ou humanos, mas sim um Corpo Verdadeiro

— um conjunto de ossos falsos, em formato humano, fabricado por um artesão kandra. O Corpo Verdadeiro de VarSell era de quartzo, e ele deixava a pele translúcida, permitindo que a pedra reluzisse levemente à luz do fungo enquanto examinava TenSoon.

Fiz meu corpo opaco, TenSoon percebeu. *Como o de um ser humano, com pele castanha para obscurecer os músculos sob ela.* Por que aquilo tinha lhe ocorrido de forma tão natural? No passado, ele amaldiçoara os anos passados entre seres humanos, usando seus ossos em vez de um Corpo Verdadeiro. Talvez tivesse recaído naquele mesmo velho padrão por não ter recebido um Corpo Verdadeiro de seus captores. Ossos humanos. Era como um insulto.

TenSoon se levantou.

— O que foi? — perguntou ao fitar os olhos de VarSell.

— Eu só peguei um conjunto aleatório de ossos no depósito — VarSell disse. — É irônico o fato de eu ter lhe dado um com o qual você originalmente contribuiu.

TenSoon franziu o cenho. *O quê?*

E então ele ligou os pontos. O corpo que TenSoon havia criado ao redor dos ossos devia parecer convincente — como se fosse o original ao qual pertenceram aqueles ossos. VarSell havia suposto que TenSoon fora capaz de criar uma aproximação tão realista porque originalmente digerira o cadáver humano e, portanto, sabia como criar o corpo certo ao redor da ossada.

TenSoon sorriu.

— Nunca usei esses ossos antes.

VarSell o encarou. Era da Quinta Geração — dois séculos mais jovem que TenSoon. De fato, até mesmo entre a Terceira Geração, poucos kandra tinham tanta experiência com o mundo externo como TenSoon.

— Entendo — VarSell disse, por fim.

TenSoon se virou, passando os olhos pela pequena câmara. Outros três da Quinta Geração estavam postados perto da porta, observando-o. Como VarSell, poucos deles usavam roupas — e aqueles que o faziam vestiam apenas túnicas de frente aberta. Os kandra tendiam a usar poucas vestes na Terra Natal, pois assim podiam exibir melhor seus Corpos Verdadeiros.

TenSoon viu duas varetas brilhantes de metal incorporadas aos músculos transparentes dos ombros de cada kandra da Quinta Geração — todos os três tinham a Bênção da Potência. A Segunda Geração não queria correr o risco de

ele escapar. Aquilo era, claro, outro insulto. TenSoon viera enfrentar seu destino por vontade própria.

— Bem? — disse ele, voltando-se para VarSell. — Devemos ir?

VarSell olhou para um dos companheiros.

— Esperávamos que você levasse mais tempo formando o corpo.

TenSoon bufou.

— A Segunda Geração não se exercita. Eles presumem que, como ainda levam muitas horas para criar um corpo, os outros precisam da mesma quantidade de tempo.

— Eles são a geração anterior à sua — VarSell disse. — Deveria mostrar mais respeito.

— A Segunda Geração está enclausurada nessas cavernas há séculos — TenSoon retrucou —, mandando o restante de nós servir os Contratos enquanto permanecem ociosos. Superei as habilidades deles há muito tempo.

VarSell chiou e, por um momento, TenSoon pensou que o kandra mais jovem fosse estapeá-lo. Ele se controlou com visível dificuldade, para a diversão de TenSoon. Afinal, como membro da Terceira Geração, era superior a VarSell, da mesma forma que os da Segunda Geração eram superiores a ele.

Ainda assim, a Terceira era um caso especial. Sempre fora. Por isso a Segunda a mantinha longe da Terra Natal em tantos Contratos — não seria bom ter seus subordinados imediatos por perto o tempo todo, perturbando sua pequena utopia kandra.

— Vamos, então — VarSell finalmente decidiu, assentindo para que dois de sua escolta os conduzissem. O terceiro se juntou a VarSell, caminhando atrás de TenSoon. Como VarSell, esses três tinham Corpos Verdadeiros de pedra. Eram populares entre a Quinta Geração, que tinha tempo para solicitar — e usar — Corpos Verdadeiros luxuosos. Eram os pupilos favoritos dos da Segunda e tendiam a passar mais tempo do que a maioria na Terra Natal.

Não deram roupas a TenSoon; então, enquanto caminhavam, ele dissolveu os genitais e recriou uma parte lisa entre as pernas, como era comum entre os kandra. Tentou caminhar com orgulho e confiança, mas sabia que aquele corpo não pareceria muito intimidador a ninguém. Era um tanto mirrado — perdera muita massa durante o cárcere e mais ainda para o ácido, e não fora capaz de formar músculos muito grandes.

O túnel de rochas planas provavelmente fora no passado uma formação

natural, mas com o passar dos séculos as gerações mais jovens foram usadas durante a infância para alisar a pedra com seus sucos digestivos. TenSoon não via muitos outros kandra. VarSell o guiava em corredores mais desertos, obviamente sem querer chamar muita atenção.

Estive fora por tanto tempo, pensou TenSoon. *A Décima Primeira Geração já deve ter sido escolhida. Ainda não conheço a maioria da Oitava, sem falar na Nona ou na Décima.*

Estava começando a suspeitar que não haveria uma Décima Segunda Geração. Mesmo que houvesse, as coisas não poderiam continuar como outrora. O Pai estava morto. Então, o que seria do Primeiro Contrato? Seu povo tinha passado dez séculos escravizado pela humanidade, servindo os Contratos em um esforço para se manter a salvo. A maioria dos kandra odiava os homens por essa situação. Até recentemente, TenSoon fora um deles.

É irônico, pensou. *Mas, mesmo quando usamos Corpos Verdadeiros, nós os usamos na forma humana. Dois braços, duas pernas, até mesmo o rosto moldado à moda da humanidade.*

Às vezes, ele se perguntava se os não nascidos — as criaturas que os seres humanos chamavam de espectros das brumas — não eram mais honestos que seus irmãos, os kandra. Os espectros das brumas formavam corpos como desejavam, ligando ossos em arranjos estranhos, fazendo desenhos quase artísticos de ossos humanos e animais. Por outro lado, os kandra criavam corpos que pareciam humanos. Mesmo que amaldiçoassem a humanidade por mantê-los escravizados.

Que povo estranho, os kandra. Mas era seu povo. Mesmo que ele os tivesse traído.

E agora preciso convencer a Primeira Geração de que eu estava certo naquela traição. Não por mim. Por eles. Por todos nós.

Eles passaram por corredores e câmaras, chegando, por fim, às partes da Terra Natal que eram mais familiares a TenSoon.

Logo percebeu que seu destino devia ser a Gruta da Confiança. Ele se defenderia no lugar mais sagrado para seu povo. Deveria ter imaginado.

Um ano de cárcere agonizante lhe rendera um julgamento diante da Primeira Geração. Ele havia tido um ano para pensar sobre o que dizer. E, se falhasse agora, teria uma eternidade para pensar sobre o que fizera de errado.

É fácil demais para as pessoas caracterizarem Ruína como simplesmente uma força de destruição. Não; pense em Ruína como decadência inteligente. Não apenas caos, mas uma força que buscava uma maneira racional — e perigosa — de decompor tudo a suas formas mais básicas.

Ruína era capaz de planejar e tramar cuidadosamente, sabendo que, se construísse uma coisa, poderia usá-la para derrubar duas outras. A natureza do mundo opera de forma que, quando criamos algo, não raro destruímos outra coisa no processo.

8

No primeiro dia fora de Vetitan, Vin e Elend assassinaram uma centena dos aldeões. Ou, ao menos, foi assim que Vin se sentiu.

Ela estava sentada em um tronco pútrido no centro do acampamento, observando o sol se aproximar do horizonte distante, sabendo o que estava prestes a acontecer. As cinzas caíam silenciosamente ao seu redor. E as brumas apareceram.

Houve uma época — não tão distante assim —, em que as brumas vinham apenas à noite. Durante o ano seguinte à morte do Senhor Soberano, no entanto, isso havia mudado. Como se mil anos de confinamento à escuridão tivesse deixado as brumas inquietas.

E assim elas começaram a surgir durante o dia. Às vezes, vinham em grandes ondas, aparecendo do nada, desaparecendo da mesma forma. O mais comum, no entanto, era elas surgirem no ar como milhares de fantasmas, girando e crescendo em conjunto. Tentáculos de bruma que brotavam, esgueirando-se pelo céu. A cada dia desapareciam um pouco mais tarde, a cada noite surgiam mais cedo. Logo — talvez antes do fim do ano —, elas cobririam e sufocariam a terra permanentemente. E isso era um problema, pois, desde aquela noite, quando Vin tomara a força do Poço da Ascensão, as brumas haviam passado a matar.

Elend achara difícil acreditar nas histórias de Sazed, dois anos antes, quando o terrisano chegara a Luthadel com relatos horríveis de aldeões apavorados e brumas assassinas. Vin também tinha pensado que Sazed estava enganado. Uma parte dela desejava poder continuar naquela ilusão enquanto agora observava os aldeões a espera, encolhidos juntos na planície aberta e cercados por soldados e koloss.

As mortes começaram assim que as brumas apareceram. Embora deixassem a maioria em paz, elas escolhiam algumas pessoas aleatórias, fazendo com que começassem a tremer. Os desafortunados caíam, sofrendo convulsões, enquanto amigos e família assistiam em choque e horror.

Horror ainda era a reação de Vin. Horror e frustração. Kelsier havia prometido a ela que as brumas eram aliadas — que a protegeriam e lhe dariam

força. Ela acreditara nisso até as brumas começarem a lhe parecer estranhas, ocultando fantasmas sombrios e intenções assassinas.

— Eu odeio vocês — ela sussurrou enquanto as brumas continuavam seu trabalho lúgubre.

Era como assistir a um velho parente querido pegar estranhos em uma multidão e, um por vez, cortar sua garganta. E não havia nada que pudesse fazer. Os estudiosos de Elend tinham tentado de tudo — capuzes para impedir que as brumas fossem aspiradas, esperar para sair apenas quando elas já estivessem formadas e assentadas, correr com as pessoas para dentro de casa no momento em que começavam a tremer. Por alguma razão, animais eram imunes, mas todo ser humano era potencialmente suscetível. Se alguém saísse nas brumas, corria o risco de morrer, e não havia nada que pudesse impedir esse desfecho.

Logo acabou. As brumas causaram ataques em pouco menos de um sexto dos aldeões, e apenas uma pequena fração destes morreu. Além disso, era preciso se arriscar nessas novas brumas uma vez — uma aposta, e então se estava imune. A maioria que caía doente se recuperava. Isso, porém, não era consolo para as famílias daqueles que morriam.

Vin ficou sentada naquele tronco, encarando as brumas ainda iluminadas pelo sol poente. Ironicamente, era mais difícil para ela enxergar naquelas condições do que teria sido se estivesse escuro. Não podia queimar muito estanho devido ao risco de ser cegada pela luz do sol, mas sem ele não conseguia ver através das brumas.

O resultado era uma cena que lhe lembrava de por que temera as brumas no passado. Com a visibilidade reduzida a menos de três metros adiante enxergava pouco mais que sombras. Figuras amorfas corriam de um lado para outro, chamando umas pelas outras. Silhuetas se ajoelhavam ou permaneciam paradas de pé, aterrorizadas. O som era traiçoeiro, ecoando em objetos invisíveis, gritos vindos de fontes fantasmagóricas.

Vin se manteve entre eles, cinzas chovendo ao seu redor como lágrimas queimadas, e abaixou a cabeça.

— Lorde Fatren! — Ouviu a voz de Elend chamar, fazendo com que erguesse os olhos. Em tempos passados, aquela voz não tinha tanta autoridade. Parecia fazer tanto tempo.

Ele surgiu das brumas, vestido com seu segundo uniforme branco — o que ainda estava limpo —, e com o rosto endurecido pelas baixas. Ela podia sentir o toque alomântico nos que estavam ao redor dele enquanto Elend se aproximava.

O Abrandamento de Elend suavizava a dor das pessoas, mas ele não *empurrava* com toda a força que tinha. Ela sabia, pelas conversas que haviam tido, que ele não achava correto remover toda a dor de uma pessoa pela morte de um ente querido.

— Milorde! — Ela ouviu Fatren dizer e o viu se aproximar. — Isso é um desastre!

— Parece muito pior do que é, Lorde Fatren — Elend falou. — Como expliquei, a maioria daqueles que caíram vai se recuperar.

Fatren parou ao lado do tronco de Vin. Em seguida, virou e encarou as brumas, ouvindo o choro e a dor de seu povo.

— Não posso acreditar que fizemos isso. Não posso… não posso acreditar que vocês me convenceram a fazer com que saíssem nas brumas.

— Seu povo precisava ser inoculado, Fatren — Elend afirmou.

Era verdade. Eles não tinham tendas para todo o povo da cidade, e aquilo os deixava com duas opções. Deixá-los para trás na vila moribunda ou forçá-los a ir para o norte — fazê-los sair nas brumas e ver quem morria. Era terrível e brutal, mas acabaria acontecendo de qualquer maneira. Ainda assim, embora soubesse da lógica do que haviam feito, Vin se sentia terrível por ter parte naquilo.

— Que tipo de monstros nós somos? — Fatren perguntou aos sussurros.

— O tipo que precisamos ser — Elend falou. — Vá fazer a contagem. Descubra quantos morreram. Acalme os sobreviventes e prometa que a bruma não os perturbará mais.

— Sim, milorde — disse Fatren, afastando-se.

Vin o observou partir.

— Nós os assassinamos, Elend — sussurrou. — Dissemos a eles que tudo ficaria bem. Forçamos todos a sair do vilarejo e vir aqui para morrer.

— Vai ficar tudo bem — disse Elend, pousando a mão no ombro dela. — Melhor do que uma morte lenta naquela vila.

— Poderíamos ter dado a eles a escolha.

Elend negou com a cabeça.

— Não havia escolha. Em poucos meses, a cidade será coberta pelas brumas permanentemente. Teriam a opção de ficar dentro de casa e morrer de fome ou sair para as brumas. Melhor que os levemos para o Domínio Central, onde o dia ainda tem luz sem brumas o bastante para plantar.

— A verdade não torna as coisas mais fáceis.

Elend ficou parado em meio às brumas, cinzas caindo ao seu redor.

— Não. Não torna. Vou reunir os koloss para que possam enterrar os mortos.

— E os feridos?

Aqueles que as brumas atacaram, mas não mataram, se sentiriam doentes e doloridos por vários dias, talvez até mais. Se aquela ocasião seguisse os percentuais costumeiros, então quase mil aldeões se encaixariam nessa categoria.

— Quando formos embora amanhã, usaremos os koloss para os carregarem. Se pudermos chegar ao canal, provavelmente poderemos colocar a maioria deles nas barcaças.

Vin não gostava de se sentir exposta. Passara a infância escondendo-se nos cantos, a adolescência bancando a assassina noturna silenciosa. Por isso, era incrivelmente difícil *não* se sentir exposta enquanto viajava com cinco mil aldeões exaustos por uma das rotas mais óbvias do Domínio Sul.

Ela caminhava a uma pequena distância dos aldeões — jamais cavalgava — e tentava encontrar algo com que se distrair e não pensar nas mortes da noite anterior. Infelizmente, Elend estava cavalgando com Fatren e outros líderes da cidade, ocupado tentando amenizar a situação. Assim, estava sozinha.

Exceto por seu koloss.

A fera gigantesca arrastava-se ao lado dela. Ela o mantinha por perto em parte por conveniência; sabia que manteria os aldeões a distância. Por mais que quisesse se distrair, não queria lidar com aqueles olhos assustados e traídos. Não naquele momento.

Ninguém entendia os koloss, Vin menos ainda. Ela descobrira como controlá-los, usando o gatilho alomântico oculto. Ainda assim, durante os mil anos do reinado do Senhor Soberano, ele mantivera os koloss separados da humanidade, deixando que muito pouco se soubesse sobre eles além de suas proezas brutais em batalha e sua simples natureza bestial.

Mesmo agora, Vin conseguia sentir o koloss se revolvendo, tentando se libertar. Ele não gostava de ser controlado — queria atacá-la. Felizmente, não podia; ela o controlava e continuaria a fazê-lo, durante o sono ou acordada, queimando ou não metais, a menos que alguém o roubasse.

Mesmo ligados como estavam, Vin entendia muito pouco sobre a criatura. Ela ergueu os olhos e se deparou com ele encarando-a com olhos injetados. A

pele estava esticada sobre o rosto, o nariz completamente aplanado. A pele estava rasgada perto do olho direito, e uma fenda irregular corria até o canto da boca, deixando uma aba de pele azul solta e expondo os músculos vermelhos, além dos dentes sujos de sangue abaixo.

— Não olhe para mim — a criatura disse numa voz embargada. O koloss pronunciava as palavras de forma arrastada e indistinta, parcialmente devido à maneira como seus lábios estavam repuxados.

— O quê? — Vin perguntou.

— Você não acha que sou humano — o koloss disse, falando lenta e pausadamente, como outros que ela já tinha ouvido. Era como se ele tivesse que pensar muito entre uma palavra outra.

— Você *não é* humano. Você é outra coisa.

— Eu serei humano — o koloss retrucou. — Vamos matar vocês. Tomar suas cidades. Então seremos humanos.

Vin estremeceu. Era um tema comum entre a espécie. Tinha ouvido outros fazendo comentários semelhantes. Havia algo muito inquietante na maneira fria, desapaixonada como os koloss falavam sobre massacrar pessoas.

Eles foram criados pelo Senhor Soberano, pensou. *Claro que são deturpados. Deturpados como seu criador.*

— Qual é seu nome? — ela perguntou ao koloss.

Ele continuava a se arrastar ao lado dela. Por fim a olhou.

— Humano.

— Sei que você quer ser humano. Qual é seu nome?

— Este é meu nome. Humano. Você me chama de Humano.

Vin franziu o cenho enquanto caminhavam. *Isso quase me pareceu… inteligente*. Ela nunca tivera a oportunidade de conversar com um koloss antes. Sempre acreditara que tinham uma mentalidade homogênea — que fossem a mesma fera estúpida repetida várias vezes.

— Tudo bem, Humano — ela cedeu, curiosa. — Há quanto tempo você está vivo?

O koloss apenas continuou caminhando, por um tempo tão longo que Vin achou que ele havia esquecido a pergunta. Por fim, a criatura respondeu:

— Não vê minha grandeza?

— Sua grandeza? Seu tamanho?

Humano continuou a caminhar.

— Então, todos vocês crescem no mesmo ritmo?

Silêncio. Vin balançou a cabeça, desconfiando que a pergunta era abstrata demais para ele.

— Sou maior que alguns — Humano disse. — Menor que alguns… mas não muitos. Significa que sou velho.

Outro sinal de inteligência, ela pensou, erguendo uma sobrancelha. Do que já tinha visto de outros koloss, a lógica de Humano era impressionante.

— Eu te odeio — Humano disse depois de um tempo curto caminhando. — Quero matar você. Mas não posso matar você.

— Não — Vin confirmou. — Não vou permitir.

— Você é grande por dentro. Muito grande.

— Sim. Humano, onde estão as garotas koloss?

A criatura caminhou em silêncio por vários instantes.

— Garota?

— Como eu — Vin respondeu.

— Não somos como você. Somos grandes só por fora.

— Não. Não do meu tamanho. Do meu…

Como se poderia descrever gênero? Vin não conseguia pensar em qualquer método além de tirar a roupa. Então, decidiu tentar uma tática diferente.

— Existem bebês koloss?

— Bebês?

— Pequenos — Vin respondeu.

O koloss apontou para o exército de criaturas em marcha.

— Pequenos — ele falou, apontando para alguns koloss de um metro e meio.

— Menores.

— Não tem menores.

A reprodução dos koloss era um mistério que, pelo que Vin sabia, ninguém havia solucionado. Mesmo depois de um ano lutando com as feras, ela nunca descobrira de onde novos vinham. Sempre que os exércitos koloss de Elend ficavam pequenos demais, eles roubavam mais dos Inquisidores.

Ainda assim, era ridículo supor que os koloss não se reproduziam. Ela já vira acampamentos koloss não controlados por um alomântico, e as criaturas se

matavam com regularidade temerosa. Àquele ritmo, toda a espécie já teria se exterminado. E, ainda assim, já duravam dez séculos.

Isso implicava um crescimento muito rápido de criança a adulto, ou assim Sazed e Elend pareciam pensar. Eles não haviam sido capazes de confirmar suas teorias, e ela sabia que essa ignorância frustrava Elend demais — especialmente porque suas funções como imperador deixavam pouco tempo para os estudos de que ele um dia tanto gostara.

— Se não existem menores, então de onde vêm novos koloss?

— Novos koloss vêm de nós — Humano finalmente respondeu.

— De vocês? — Vin questionou, franzindo a testa enquanto caminhava. — Isso não me diz muita coisa.

Humano não falou mais nada. Sua eloquência aparentemente havia acabado.

De nós, Vin pensou. *Eles brotam um do outro, talvez?* Ela já tinha ouvido falar de certas criaturas que, quando cortadas ao meio, faziam brotar um animal completo de cada metade. Mas não podia ser o caso dos koloss — Vin já havia visto campos de batalha repletos de cadáveres das criaturas, e nenhum pedaço formara um novo koloss. Mas ela também nunca havia visto uma fêmea da espécie. Embora a maioria usasse tangas rústicas, eles eram — pelo que sabia — todos machos.

Suas especulações foram interrompidas ao perceber que a fila adiante estava se aglomerando; a multidão diminuíra o passo. Curiosa, Vin jogou uma moeda e deixou Humano para trás, lançando-se sobre as pessoas. As brumas haviam desaparecido horas antes e, embora a noite estivesse prestes a chegar, por ora ainda estava claro.

Portanto, quando se lançou através das cinzas cadentes, identificou com facilidade o canal adiante. Ele cortava a terra de modo artificial, muito mais reto que qualquer rio. Elend especulava que a queda constante de cinzas logo exterminaria a maioria dos sistemas de canais. Sem trabalhadores skaa para escavá-los regularmente, eles se encheriam de sedimento cinzento, entupindo até ficarem inutilizáveis.

Vin se ergueu no ar, concluindo o arco na direção de um grande aglomerado de tendas erguidas ao lado do canal. Milhares de fogueiras exalavam fumaça no ar vespertino, e os homens se moviam para todos os lados, treinando, trabalhando ou se preparando para alguma coisa. Quase cinquenta mil soldados acampavam ali, usando a rota do canal como uma linha de suprimentos até Luthadel.

Vin soltou outra moeda, lançando-se novamente no ar. Alcançou sem demora o pequeno grupo de cavalos que estava separado da fila de skaa cansados de Elend. Ela aterrissou — soltando uma moeda e *empurrando-a* com suavidade para amortecer a descida, erguendo uma nuvem de cinzas ao atingir o solo.

Elend puxou as rédeas do cavalo, sorrindo ao examinar o acampamento. A expressão era tão rara em seus lábios nos últimos tempos que Vin se flagrou sorrindo também. Lá adiante, um grupo de homens esperava por eles — batedores já deviam tê-los informado sobre a aproximação dos aldeões.

— Lorde Elend! — um homem à frente do contingente militar disse. — O senhor chegou mais cedo que o previsto!

— Suponho que o senhor esteja pronto de qualquer forma, general — respondeu Elend, apeando.

— Bem, o senhor me conhece — Demoux disse, sorrindo ao se aproximar.

O general trajava uma armadura gasta de couro e aço. Seu rosto trazia uma cicatriz de um lado, e faltava um grande tufo de cabelos na parte direita do escalpo, onde uma lâmina koloss quase lhe arrancara a cabeça. Sempre formal, o homem grisalho se curvou diante de Elend, que simplesmente lhe deu tapinhas afetuosos no ombro.

O sorriso de Vin perdurou. *Lembro-me de quando esse homem era pouco mais que um recruta novato, todo assustado no interior de um túnel.* Demoux não era muito mais velho que ela, na verdade, mesmo que seu rosto bronzeado e mãos calejadas dessem essa impressão.

— Defendemos a posição, milorde — Demoux disse quando Fatren e seu irmão apearam e se juntaram ao grupo. — Não que houvesse muito contra o que defender. Ainda assim, foi bom para os meus homens praticarem a fortificação de um acampamento.

De fato, o acampamento ao lado do canal estava cercado por terra empilhada e estacas — um feito considerável, levando-se em conta o tamanho do exército.

— Você fez bem, Demoux — Elend disse, virando-se para o olhar para os aldeões. — Nossa missão foi um sucesso.

— Dá para ver, milorde — Demoux confirmou, sorrindo. — O senhor pegou uma matilha e tanto de koloss. Espero que o Inquisidor que os comandava não tenha ficado *muito* triste por vê-los partir.

— Ele não deve ter se incomodado tanto, já que estava morto quando aconteceu. Também encontramos a caverna-armazém.

— Louvado seja o Sobrevivente! — disse Demoux.

Vin franziu o cenho. Em seu pescoço, pendurado para fora da roupa, Demoux usava um colar que trazia uma pequena lança de prata: o símbolo cada vez mais popular da Igreja do Sobrevivente. Parecia estranho para ela que a arma que matara Kelsier se transformasse no símbolo de seus seguidores.

Claro, não gostava de pensar na alternativa — que a lança não representasse aquela que matara Kelsier. Poderia muito bem representar o objeto que ela própria havia usado para matar o Senhor Soberano. Nunca perguntara a Demoux qual era a resposta certa. Apesar dos três anos de poder crescente da Igreja, Vin nunca se sentira confortável de fazer parte de sua doutrina.

— Louvado seja o Sobrevivente mesmo — Elend afirmou, olhando para as barcaças de suprimento do exército. — E como foi o seu projeto?

— De escavar a curva do sul? Foi bem; houve bem pouco a fazer enquanto esperávamos, muito felizmente. O senhor deve conseguir passar com as barcaças por lá, agora.

— Ótimo. Forme duas forças-tarefa de quinhentos homens. Mande-os com barcaças de volta a Vetitan para buscar os suprimentos que deixamos no armazém. Eles devem transferir os suprimentos para as barcaças e enviá-los a Luthadel.

— Sim, milorde.

— Envie o segundo grupo de soldados para norte até Luthadel com esses refugiados — Elend falou, assentindo para Fatren. — Este é Lorde Fatren. Ele está no comando dos aldeões. Que seus homens obedeçam seus desejos, contanto que sejam razoáveis, e o apresentem a Lorde Penrod.

No passado, não muito tempo antes, Fatren provavelmente teria reclamado por ser repassado daquela forma. No entanto, seu período com Elend o havia transformado com rapidez surpreendente. O líder sujo assentiu com gratidão para a escolta.

— Então, o senhor… não vem conosco, milorde?

Elend negou com a cabeça.

— Tenho outro trabalho fazer, e seu povo precisa chegar a Luthadel, onde podem começar a plantar e cultivar. Mas se alguns de seus homens quiserem se juntar ao meu exército, serão bem-vindos. Estamos sempre precisando de boas tropas, e, mesmo com todos os reveses, você conseguiu treinar uma força útil.

— Milorde… por que o senhor não os obriga? Perdoe-me, mas foi o que o

senhor veio fazendo até agora.

— Obriguei seu povo a ficar em segurança, Fatren — Elend respondeu. — Às vezes, mesmo um homem se afogando pode lutar contra aqueles que tentam salvá-lo, e deve ser obrigado. Meu exército é uma questão diferente. Homens que não querem lutar não são confiáveis em combate, e não quero nenhum desses em meu exército. Já você precisa ir para Luthadel, pois seu povo precisa de você; mas, por favor, informe a seus soldados que ficarei feliz em recebê-los em nossas fileiras.

Fatren assentiu.

— Tudo bem. E… obrigado, milorde.

— Não há de quê. Agora, general Demoux: Sazed e Brisa já voltaram?

— Devem chegar a qualquer momento esta noite, milorde. Um dos homens deles veio na frente, a cavalo, para nos informar.

— Ótimo. Suponho que minha tenda esteja pronta.

— Está, milorde — Demoux confirmou.

Elend assentiu, parecendo subitamente muito cansado aos olhos de Vin.

— Milorde? — Demoux perguntou, ansioso. — O senhor encontrou… a outra coisa? A localização do depósito final?

Elend assentiu.

— Está em Fadrex.

— A cidade de Cett? — Demoux perguntou, rindo. — Bem, ele ficará feliz em saber. Está reclamando há mais de um ano que não fomos até lá reconquistá-la para ele.

Elend sorriu, exausto.

— Tenho quase certeza de que, se fizéssemos isso, Cett decidiria que ele e seus soldados não precisavam mais de nós.

— Ele vai ficar conosco, milorde. Depois do susto que Lady Vin lhe deu no ano passado…

Demoux olhou para Vin, tentando sorrir, mas ela viu outro sentimento em seus olhos. Respeito, respeito até demais. Ele não brincava com ela do jeito que fazia com Elend. E ela ainda não conseguia acreditar que Elend ingressara naquela religião tola deles. As intenções de Elend haviam sido políticas — ao ingressar na fé skaa, forjara um elo com o povo comum. Mas, mesmo assim, a jogada a deixava desconfortável.

Um ano de casamento lhe havia ensinado, porém, que havia algumas coisas que deviam simplesmente ser ignoradas. Amava Elend por seu desejo de fazer a coisa certa, mesmo quando pensava que ele havia feito o contrário.

— Convoque uma reunião esta noite, Demoux — Elend solicitou. — Temos muito a discutir. E me avise quando Sazed chegar.

— Devo informar a Lorde Hammond e aos outros sobre a pauta da reunião, milorde?

Elend hesitou, olhando para o céu cinzento.

— Conquistar o mundo, Demoux — disse, por fim. — Ou, ao menos, o que restou dele.

A Alomancia, de fato, nasceu com as brumas. Ou, ao menos, ela começou ao mesmo tempo em que as brumas apareceram. Quando Rashek tomou a força no Poço da Ascensão, ficou ciente de algumas coisas. Algumas foram sussurradas por Ruína, outras lhe foram concedidas como parte instintiva da força.

Uma delas foi a compreensão das Três Artes Metálicas. Ele soube, por exemplo, que os pedaços de metal na Câmara da Ascensão transformariam aqueles que os ingerissem em Nascidos da Bruma. Eram, no fim das contas, fragmentos do mesmo poder contido no Poço.

9

Tensoon já havia visitado a Gruta da Confiança antes. Era da Terceira Geração: havia nascido sete séculos antes, quando os kandra ainda eram novos — mesmo que, na época, a Primeira Geração já houvesse incumbido a criação dos novos kandra à Segunda Geração.

A Segunda não se saíra muito bem com a geração de TenSoon — ou, ao menos, foi como se sentiu. Queria formar uma sociedade de indivíduos que seguissem regras estritas de respeito e senioridade. Um povo “perfeito” que viveria para cumprir seus Contratos — e, claro, servir aos membros da Segunda Geração.

Até seu retorno, TenSoon fora em geral considerado um dos kandra menos problemáticos da Terceira Geração. Fora conhecido como alguém que pouco se importava com a política da Terra Natal e que simplesmente cumpria seus Contratos, contente em manter-se o mais longe possível da Segunda Geração e suas tramoias. Era irônico, na verdade, que TenSoon tivesse terminado em um julgamento pelos mais hediondo dos crimes kandra.

Os guardas o conduziram ao centro da Gruta da Confiança — até a plataforma em si. TenSoon não sabia ao certo se deveria se sentir honrado ou envergonhado. Mesmo sendo um membro da Terceira Geração, raramente tivera permissão de chegar assim tão perto da Confiança.

A sala era grande e circular, com paredes de metal. A plataforma era um imenso disco de aço embutido no chão de pedra. Não era muito alta — devia ter, talvez, trinta centímetros de altura —, mas contava com três metros de diâmetro. Os pés de TenSoon sentiram frio ao tocar a superfície escorregadia, e ele foi lembrado novamente de sua nudez. Não tivera as mãos atadas; teria sido ofensivo demais até mesmo para ele. Os kandra obedeciam ao Contrato, mesmo aqueles da Terceira Geração. Ele não correria e atacaria um de sua própria espécie. Não se rebaixaria a tal nível.

O recinto era iluminado por lampiões e não por pedra brilhante, embora cada lampião fosse encoberto por uma cúpula de vidro azul. Era difícil conseguir óleo — a Segunda Geração, por um bom motivo, não queria depender dos

suprimentos do mundo dos homens. O povo de cima, até mesmo os servos do Pai, não sabia que havia um governo kandra centralizado. E era muito melhor assim.

À luz azul, TenSoon conseguia facilmente ver os membros da Segunda Geração — todos os vinte, atrás de seus púlpitos, ordenados em camadas até o fundo do recinto. Estavam perto o bastante para que vissem, examinassem e falassem, mas longe o bastante para que TenSoon se sentisse isolado, sozinho no meio da plataforma. Seus pés estavam frios. Ele olhou para baixo e percebeu um buraquinho no chão perto de seus dedos. Era cortado no disco de aço da plataforma.

A Confiança, ele pensou. Estava bem embaixo dele.

— TenSoon da Terceira Geração — uma voz disse.

TenSoon ergueu os olhos. Era KanPaar, claro. Era um kandra alto — ou, melhor, preferia usar um Corpo Verdadeiro alto. Como todos os da Segunda, seus ossos eram feitos de cristal puro, o dele de uma tonalidade escura de vermelho. Era um corpo pouco prático, de muitas formas. Aqueles ossos não aguentariam muita pressão. Ainda assim, para a vida de um administrador na Terra Natal, a fraqueza dos ossos era aparentemente aceitável em troca de sua beleza reluzente.

— Estou aqui — TenSoon respondeu.

— Você insiste em forçar este julgamento? — KanPaar disse, mantendo a voz elevada, reforçando seu sotaque carregado. Ao ficar longe dos humanos por tanto tempo, sua fala não fora corrompida pelos dialetos deles. O sotaque da Segunda Geração era supostamente semelhante ao do Pai.

— Sim — TenSoon voltou a responder.

KanPaar suspirou num tom audível por trás de seu púlpito de pedra refinada. Por fim, curvou a cabeça para as fileiras superiores do recinto. A Primeira Geração observava do alto. Estavam sentados em alcovas individuais que corriam o perímetro do espaço superior, obscurecidos ao ponto de serem pouco mais que amontoados humanoides. Eles não falavam. Isso cabia aos da Segunda.

As portas atrás de TenSoon se abriram.Vozes sussurradas soaram junto ao som de pés se arrastando. Ele se virou, sorrindo consigo mesmo ao observá-los entrar. Eram kandra de vários tamanhos e idades. Os mais jovens não tinham permissão para participar de um evento de tamanha importância, mas não se podia negar acesso aos kandra das gerações adultas — todos até a Nona. Essa era sua vitória; talvez a única que teria durante todo o julgamento.

Se tivesse que ser condenado à prisão perpétua, queria que seu povo soubesse a verdade. Mais importante ainda, queria que ouvissem aquele julgamento para saber o que ele tinha a dizer. Ele não convenceria a Segunda Geração, e quem sabia o que os da Primeira pensariam em silêncio, sentados em suas alcovas escuras? Os kandra mais jovens, no entanto… Talvez eles o ouvissem. Talvez fizessem algo assim que TenSoon fosse embora. Ele os observou entrarem em fila, ocupando os bancos de pedra. Havia centenas. As gerações mais antigas — Primeira, Segunda, Terceira — eram menores em número, pois muitos haviam sido mortos, no passado, quando os seres humanos os temiam. No entanto, gerações mais recentes eram numerosas — a Décima Geração contava com cem indivíduos. Os bancos da Gruta da Confiança, que haviam sido construídos para comportar a população kandra inteira, estavam preenchidos até o fim tão somente por quem por acaso estava livre de obrigações e Contratos.

TenSoon havia torcido para que MeLaan não estivesse naquele grupo. E, no entanto, ela foi praticamente a primeira a entrar. Por um momento, temeu que ela corresse pela câmara e subisse na plataforma, onde apenas os mais abençoados ou amaldiçoados tinham permissão de subir. Em vez disso, ela ficou paralisada assim que passou pela entrada, forçando os outros a se espremerem, irritados, para ultrapassá-la enquanto encontravam lugares para ocupar.

Ele não a teria reconhecido. Estava com um novo Corpo Verdadeiro — um excêntrico, com ossos feitos de madeira. Eram finos e flexíveis, de uma maneira exagerada e nada natural: o crânio de madeira era longo, com um queixo triangular pronunciado; os olhos eram grandes demais; pedaços torcidos de pano brotavam da cabeça como cabelos. As gerações mais jovens estavam ampliando as fronteiras do que era próprio, irritando a Segunda. No passado, TenSoon provavelmente teria concordado com eles — mesmo agora, era um tanto tradicionalista. No entanto, naquele dia, o corpo rebelde dela simplesmente o fez sorrir.

Aquilo pareceu confortá-la, e ela encontrou um lugar bem à frente, com um grupo de outros kandra da Sétima Geração. Todos tinham Corpos Verdadeiros deformados — um muito parecido com um bloco, outro com quatro braços atléticos.

— TenSoon da Terceira Geração — KanPaar disse, formalmente, silenciando a plateia kandra. — Você exigiu de forma obstinada um julgamento perante a Primeira Geração. Pelo Primeiro Contrato, não podemos condená-lo sem

primeiro lhe conceder a oportunidade de se defender diante dos Primeiros. Caso considerem adequado poupá-lo de punição, você será libertado. Do contrário, deverá aceitar o destino que o Conselho de Segundos lhe atribuir.

— Entendo — TenSoon disse.

— Então — KanPaar falou, inclinando-se para a frente sobre seu púlpito. — Vamos dar início aos trabalhos.

Ele não está nem um pouco preocupado, TenSoon percebeu. *Está falando como se na verdade gostasse disso tudo.*

E por que não? Depois de séculos discursando que a Terceira Geração é cheia de canalhas? Tentaram todo esse tempo superar seus erros conosco — erros como nos dar liberdade demais, deixar que pensemos que somos tão bons quanto eles. Ao provar que eu, o mais "moderado" dos Terceiros, sou um perigo, KanPaar vencerá uma batalha que vem travando por grande parte de sua vida.

TenSoon sempre achara estranho como os Segundos se sentiam ameaçados pelos Terceiros. Bastara apenas uma geração para entender seus erros — os Quartos eram quase tão leais quanto os Quintos, com apenas alguns membros dissidentes.

E, ainda assim, com algumas das gerações mais jovens — MeLaan e seus amigos, por exemplo — agindo como agiam… Bem, talvez os Segundos tivessem direito de se sentir ameaçados. E TenSoon devia ser o bode expiatório. Era sua maneira de restaurar a ordem e a ortodoxia.

Certamente teriam uma surpresa.

Pepitas de pura Alomancia, o poder de Preservação. Por que Rashek deixou uma daquelas pepitas no Poço da Ascensão, eu não sei. Talvez ele não a tenha visto, talvez pretendesse guardá-la para que mais tarde a repassasse a um servo afortunado.

Talvez temesse que, algum dia, perdesse os poderes e precisasse daquela pepita para lhe dar Alomancia. De qualquer forma, agradeço a Rashek por seu descuido, pois, sem aquela pepita, Elend teria morrido naquele dia ao lado do Poço.

10

Para Sazed, era difícil avaliar o larstaísmo. A religião parecia inocente. Sabia-se muito sobre ela, graças a um Guardador que, durante o século IV, conseguira desvelar uma coleção inteira de materiais de oração, escrituras, anotações e escritos pertencentes a um membro de alto escalão da religião.

E, ainda assim, a religião em si não parecia muito… bem, religiosa. Tinha seu foco na arte, não em coisas sagradas, no sentido costumeiro, e concentrava-se na doação de dinheiro para custear monges e permitir que compusessem poesia, pintassem e esculpissem obras de arte. Isso, na verdade, obstruía as tentativas de Sazed de desconsiderá-la, pois ele não conseguia encontrar quaisquer contradições nas doutrinas. Não havia o suficiente delas para que entrassem em conflito umas com as outras.

Ele segurou o papel diante de si, balançando a cabeça, lendo novamente a página. Estava presa na frente da pasta para que não fosse levada pelo vento, e um guarda-sol amarrado à sela impedia que a maior parte das cinzas manchasse a folha. Uma vez, ouvira Vin reclamar que não sabia como as pessoas conseguiam ler enquanto cavalgavam, mas aquele método facilitava bastante a tarefa.

Ele não precisava virar páginas. Simplesmente lia as mesmas palavras repetidamente, revirando-as na própria mente, brincando com elas. Tentando decidir. Esta aqui tinha a verdade? Era aquela em que Mare, a esposa de Kelsier, acreditara. Ela fora uma das poucas pessoas que Sazed conhecera que escolhera acreditar em uma das antigas religiões que ele havia pregado.

Os larsta acreditavam que a vida consistia em buscar o divino, leu. *Ensinavam que a arte nos aproxima da compreensão do divino. Como nem todos os homens conseguem gastar seu tempo com a arte, é benéfico para a sociedade como um todo apoiar um grupo de artistas dedicados a criar grandes obras, que depois elevarão aqueles que as apreciarem.*

Na opinião de Sazed, isso era muito legal e interessante, mas e as questões de vida e morte? E o espírito? O que *era* o divino, e como coisas terríveis podiam acontecer no mundo, se a divindade existia?

— Sabe — falou Brisa, montado em seu cavalo —, há algo incrível em tudo isso.

O comentário rompeu a concentração de Sazed. Ele suspirou e ergueu os olhos de sua leitura. O cavalo continuava a galopar.

— Incrível no quê, Lorde Brisa?

— As cinzas. Digo, olhe para elas. Cobrindo tudo, fazendo a terra parecer tão preta. É mesmo surpreendente como a paisagem se tornou *desoladora*. No reinado do Senhor Soberano, tudo era marrom, e a maioria das plantas cultivadas a céu aberto parecia estar à beira de uma morte por doença. Eu pensava que *isso* era deprimente. Mas as cinzas caindo todos os dias, soterrando o mundo inteiro… — O Abrandador meneou a cabeça, sorrindo. — Eu não teria pensado que fosse possível as coisas ficarem realmente piores sem o Senhor Soberano. Mas, bem, certamente fizemos uma bagunça! Destruímos o mundo. Não foi pouca coisa, se pensarmos bem. Eu me pergunto se deveríamos ficar impressionados com nós mesmos.

Sazed torceu o nariz. Flocos ocasionais pairavam no céu, a atmosfera superior escurecida por sua costumeira névoa. A chuva de cinzas era leve, mesmo que persistente, caindo sem cessar por quase dois meses. Os cavalos seguiam pisoteando uns bons quinze centímetros de cinzas conforme eles se deslocavam para o sul, acompanhados por uma centena de soldados de Elend. Quanto tempo levaria para as cinzas se acumularem a ponto de ser impossível viajar? Ela já se empilhava por mais de um metro em alguns lugares.

Tudo estava preto — as colinas, a estrada, os campos. Árvores caíam sob o peso das cinzas nas folhas e galhos. Grande parte do mato estava provavelmente morto; levar dois cavalos com eles na viagem até a Cidade de Lekal fora difícil, pois não havia nada para pastarem. Os soldados foram obrigados a carregar a comida deles.

— Tenho que dizer, no entanto — Brisa continuou, falando casualmente, protegido das cinzas por um guarda-sol preso às costas de sua sela —, que as cinzas *são* um pouco sem imaginação.

— Sem imaginação?

— Ora, sim. Embora, por acaso, eu goste do preto como cor para meus ternos, acho um tom um tanto sem graça.

— Que mais a cinza poderia ser?

Brisa deu de ombros.

— Bem, Vin diz que existe algo por trás de tudo isso, certo? Alguma força maligna de destruição ou algo do gênero? Ora, se *eu* fosse essa tal força da destruição, certamente não teria usado meus poderes para deixar a terra preta. Simplesmente falta elegância. Vermelho. Veja, *essa* seria uma cor interessante. Pense nas possibilidades… Se as cinzas fossem vermelhas, os rios correriam como sangue. O preto é tão monótono que é possível se esquecer dele, mas vermelho? Sempre estaríamos pensando: "Ora, veja só. Aquela colina é vermelha. A força maligna da destruição que está tentando me destruir certamente tem estilo."

— Não estou convencido de que haja uma "força maligna da destruição", Brisa — Sazed comentou.

— Ah, é?

Sazed negou com a cabeça.

— As montanhas de cinza *sempre* cuspiram cinzas. Será muito exagero supor que elas se tornaram mais ativas do que antes? Talvez seja tudo o resultado de processos naturais.

— E as brumas?

— Os padrões climáticos mudam, Lorde Brisa. Talvez fosse simplesmente quente demais durante o dia para elas surgirem antes. Agora que as montanhas de cinza estão emitindo mais cinzas, faria sentido supor que os dias estejam cada vez mais frios e, dessa forma, as brumas se assentem por mais tempo.

— Sério? E se esse fosse o caso, meu caro, então por que as brumas não surgiam durante o dia nos invernos? Era mais frio que o verão, mas as brumas sempre desapareciam ao raiar do dia.

Sazed ficou em silêncio. Brisa tinha razão. Mesmo assim, a cada nova religião que Sazed retirava de sua lista, ele se perguntava mais e mais se não estavam simplesmente *criando* um inimigo nessa "força" que Vin sentira. Ele não sabia mais. Não acreditava, por um momento sequer, que ela havia inventado as histórias. No entanto, se não houvesse verdade nas religiões, seria exagero inferir que o mundo estava acabando porque era sua hora de acabar?

— Verde — Brisa disse por fim.

Sazed se virou.

— Ora, essa seria uma cor com estilo — Brisa continuou. — Diferente. Não se pode ver o verde e se esquecer dele… não como se esquece do preto ou do marrom. Kelsier não falava sempre sobre as plantas terem sido verdes no

passado? Antes da Ascensão do Senhor Soberano, antes da primeira vez que as Profundezas cobriram a terra?

— Isso é o que as histórias dizem.

Brisa assentiu, pensativo.

— Estilo de verdade. Seria lindo, eu acho.

— Sério? — Sazed perguntou com surpresa genuína. — A maioria das pessoas com quem falei acha o conceito de plantas verdes bem estranho.

— Eu também pensava assim, mas agora, depois de ver preto o dia todo, todos os dias… bem, acho que um pouco de variedade seria legal. Campos verdes… pequenas manchas coloridas… como Kelsier chamava aquelas coisas?

— Flores — Sazed respondeu. Os larsta haviam escrito poemas sobre elas.

— Isso — Brisa confirmou. — Será bom quando elas voltarem.

— Voltarem?

Brisa deu de ombros.

— Ora, a Igreja do Sobrevivente ensina que, um dia, Vin vai limpar o céu das cinzas e o ar das brumas. Imagino que, enquanto ela estiver fazendo isso, pode trazer de volta também as plantas e as flores. Parece uma coisa bem feminina a se fazer, por algum motivo.

Sazed suspirou, negando com a cabeça.

— Lorde Brisa, percebo que está simplesmente tentando me animar. No entanto, tenho sérios problemas em acreditar que *você* aceite os ensinamentos da Igreja do Sobrevivente.

Brisa hesitou. Em seguida, sorriu.

— Exagerei um pouco, não?

— Um pouquinho.

— É difícil de medir a dose com você, meu caro. Sempre está tão ciente do meu toque em suas emoções que não posso usar muita Alomancia; além disso, tem andado tão… bem, diferente, nesses últimos tempos. — A voz de Brisa ficou melancólica. — Ainda assim, seria legal ver essas plantas verdes das quais nosso Kelsier sempre falava. Depois de seis meses de cinzas… bem, isso faz um homem ao menos *querer* acreditar. Talvez seja o bastante para um velho hipócrita como eu.

O desespero no íntimo de Sazed queria gritar que simplesmente *acreditar* não bastava. Desejar e acreditar não o tinham levado a lugar algum. Não

mudariam o fato de que as plantas estavam morrendo, e o mundo, terminando.

Não valia a pena lutar, pois nada significava coisa nenhuma.

Sazed se forçou a interromper aquela linha de pensamento, mas foi difícil. Às vezes, sua própria melancolia o deixava preocupado. Infelizmente, na maior parte do tempo tinha dificuldades em fazer até mesmo o esforço de se importar com sua tendência pessimista.

Os larsta, disse a si mesmo. *Concentre-se nessa religião. Precisa tomar uma decisão.*

Os comentários de Brisa haviam-no deixado pensativo. Os larsta se concentravam muito na beleza e na arte como sendo "divinas". Bem, se a divindade estava de alguma forma relacionada à arte, então um deus *não poderia* de modo algum ter envolvimento naquilo que estava acontecendo no mundo atualmente. As cinzas, a paisagem lúgubre e opressiva… era mais que apenas "sem imaginação", como Brisa comentara. Era completamente insípida. Tediosa. Monótona.

Religião falsa, Sazed escreveu no rodapé da página. *Ensinamentos diretamente contrários aos eventos observados.*

Ele abriu a pasta e guardou a folha, um passo mais próximo de repassar todas as religiões em seu interior. Via Brisa o observando de soslaio; o Abrandador amava segredos. Sazed duvidava que o homem ficaria tão impressionado se descobrisse sobre o que realmente era aquele trabalho. De qualquer forma, desejava apenas que Brisa o deixasse em paz em relação a seus estudos.

Mas eu não deveria ser rude com ele, Sazed pensou. Sabia que o Abrandador, com sua maneira peculiar, estava apenas tentando ajudar. Brisa havia mudado desde que se conheceram. No início, apesar dos lampejos de compaixão, Brisa fora realmente o manipulador egoísta e insensível que agora apenas fingia ser. Sazed suspeitava que o lorde havia se juntado ao grupo de Kelsier não pelo desejo de ajudar os skaa, mas pelo desafio que o esquema apresentava, sem mencionar na rica recompensa que Kelsier havia prometido.

Essa recompensa — o depósito de atium do Senhor Soberano — se provara não passar de um mito. Brisa descobrira outras recompensas em seu lugar.

Bem adiante, Sazed percebeu alguém se movendo pelas cinzas. A figura vestia preto, mas contra o campo de cinzas era fácil discernir até mesmo um fraco indício colorido de pele. Parecia ser um dos batedores. O Capitão Goradel ordenou que a fileira parasse e mandou um homem adiante para encontrar o batedor. Sazed e Brisa esperaram pacientemente.

— Relato do batedor, Lorde Embaixador — Capitão Goradel disse, aproximando-se do cavalo de Sazed pouco tempo depois. — O exército do imperador está a poucas colinas de distância; a menos de uma hora de viagem.

— Ótimo — Sazed respondeu, contente com o pensamento de ver algo além de colinas tristes e pretas.

— Parece que eles nos viram, Lorde Embaixador — Goradel prosseguiu. — Cavaleiros estão se aproximando. Na verdade, eles estão…

— Aqui — Sazed completou, meneando a cabeça para um ponto nas proximidades, onde viu um cavaleiro subindo a colina.

Esse estava facilmente identificável contra o preto. Não apenas se movia com grande velocidade — chegando a galopar com o pobre cavalo pela estrada —, como também era cor-de-rosa.

— Ah, meus sais — Brisa disse com um suspiro.

Conforme se aproximava, a figura sacolejante se revelou uma jovem com cabelos dourados usando um vestido rosa brilhante — que a fazia parecer mais nova que seus vinte e poucos anos. Allrianne gostava de rendas e franjas e tendia a usar cores que a destacassem. Sazed pensava que alguém como ela daria uma amazona deplorável, e, no entanto, Allrianne cavalgava com maestria — algo necessário para permanecer no lombo de um cavalo galopante usando um vestido tão frívolo.

A jovem empinou o animal diante dos soldados de Sazed, girando-o em um alvoroço de tecidos e cabelos dourados. Prestes a apear, ela hesitou, encarando a camada de quinze centímetros de cinzas no chão.

— Allrianne? — Brisa chamou após um momento de silêncio.

— Quieto — ela disse. — Estou tentando decidir se vale a pena sujar o meu vestido para correr e te abraçar.

— Poderíamos esperar até voltarmos ao acampamento…

— Eu não quero te constranger assim na frente de seus soldados.

— Tecnicamente, minha querida, não são *meus* soldados, mas de Sazed.

Relembrada da presença de Sazed, Allrianne ergueu os olhos. Abriu um belo sorriso para o terrisano e se inclinou numa versão montada de uma reverência.

— Lorde Embaixador — disse, e Sazed sentiu uma ternura repentina, além de anormal, pela jovem. Ela o estava *tumultuando*. Se havia alguém mais insolente que Brisa com seus poderes alomânticos, era Allrianne.

— Princesa — Sazed falou, meneando a cabeça para ela.

Por fim, Allrianne se decidiu e deslizou de cima do cavalo. Ela não chegou a correr, mas ergueu o vestido de um modo que em nada lembrava uma lady. Teria sido vulgar se não estivesse vestindo o que pareciam ser várias camadas de anáguas rendadas por baixo.

Por fim, capitão Goradel se aproximou e a ajudou a subir no cavalo de Brisa de forma que ela ficasse sentada na sela diante dele. Os dois nunca haviam se casado oficialmente — em parte, talvez, porque Brisa se sentia envergonhado de estar num relacionamento com uma mulher muito mais jovem que ele. Quando pressionado sobre a questão, Brisa explicava que não queria deixá-la viúva quando morresse — algo que ele parecia supor que aconteceria em muito pouco tempo, embora tivesse apenas 45 anos.

Todos morreremos em breve, do jeito que as coisas estão indo, Sazed pensou. *Nossa idade não importa.*

Talvez isso fosse também parte da razão pela qual Brisa finalmente havia aceitado ter um relacionamento com Allrianne. Ficava óbvio, de qualquer forma, pela maneira como ele a olhava — pela maneira como a segurava com um toque delicado, quase reverente —, que ele a amava muito.

A estrutura da nossa sociedade está ruindo, pensava Sazed enquanto a coluna retomava a marcha. *No passado, o carimbo oficial de um casamento teria sido essencial, especialmente num relacionamento que envolvesse uma jovem com o status dela.*

E, ainda assim, quem estava lá para "oficializar", por ora? Os obrigadores estavam quase extintos. O governo de Elend e Vin surgira da necessidade dos tempos de guerra — uma aliança pragmática, marcialmente organizada, de cidades. E, assomando-se sobre tudo e todos, havia a consciência crescente de que algo estava muito errado com o mundo.

Por que se importar com casamento quando se esperava que o mundo terminasse antes do fim do ano?

Sazed balançou a cabeça. Aquele era um tempo no qual as pessoas precisavam de estrutura — precisavam de *fé* — para perseverar. Ele deveria ter a pessoa a dar tal fé para o povo. A Igreja do Sobrevivente estava tentando, mas ela era muito nova, e seus adeptos, inexperientes demais nos assuntos religiosos. Já havia cismas e discussões sobre doutrina e metodologia, e cada cidade do Novo Império já desenvolvia sua própria variação mutante do credo.

No passado, Sazed havia ensinado religiões sem sentir necessidade de acreditar em todas. Aceitava cada uma como sendo especial à sua maneira e as

oferecia aos demais, como um garçom poderia servir um aperitivo que ele próprio não gostaria de comer.

Fazê-lo agora parecia hipócrita para Sazed. Se esse povo precisava de fé, não seria ele a oferecê-la. Ele não ensinaria mentiras; não mais.

Sazed lavou o rosto na água fria da bacia, apreciando o choque agradável. A água escorreu por seu rosto e seu queixo, carregando consigo manchas de cinzas. Ele secou as faces com uma toalha limpa e, em seguida, pegou uma lâmina e um espelho para que pudesse raspar a cabeça adequadamente.

— Por que continua fazendo isso? — uma voz inesperada perguntou.

Sazed se virou. A tenda no acampamento estivera vazia poucos momentos antes. Contudo, naquele instante, havia alguém atrás dele. Sazed sorriu.

— Lady Vin.

Ela cruzou os braços, erguendo a sobrancelha. Sempre se movera furtivamente, mas estava ficando tão boa naquilo que até mesmo Sazed se surpreendia. Mal movera a porta da tenda com sua entrada. Vestia a camisa e as calças padrão, como um homem, embora durante os dois últimos anos tivesse deixado crescer seus cabelos pretos até o ombro, de forma que assumira um comprimento mais feminino. Houvera um tempo em que Vin parecia estar sempre encolhida, sempre tentando se esconder, raramente fitando os outros nos olhos. Aquilo havia mudado. Ainda passava despercebida com facilidade, devido a suas maneiras silenciosas, sua figura esguia e estatura pequena. No entanto, agora sempre olhava as pessoas nos olhos.

E isso fazia uma grande diferença.

— O General Demoux disse que você estava descansando, Lady Vin — Sazed comentou.

— Demoux não é bobo de me deixar dormindo durante a sua chegada.

Sazed sorriu internamente e apontou uma cadeira para que ela pudesse se sentar.

— Pode continuar a se raspar. Não tem problema.

— Por favor — ele disse, apontando novamente.

Vin suspirou e se sentou.

— Você não respondeu à minha pergunta, Sazed. Por que continua usando essas túnicas de mordomo? Por que mantém a cabeça raspada como um serviçal

terrisano? Por que se preocupa com me desrespeitar ao raspar a cabeça na minha presença? Você não é mais um serviçal.

Ele suspirou, sentando-se devagar na cadeira diante de Vin.

— Não sei mais muito bem *o que* eu sou, Lady Vin.

As paredes da tenda ondularam numa brisa leve, um pouco de cinza invadindo o interior pela entrada que Vin não havia fechado atrás de si. Ela fez uma careta ao ouvir o comentário.

— Você é Sazed.

— Embaixador-chefe do imperador Venture.

— Não. Isso talvez seja o que você *faz*, mas não o que você *é*.

— E o que sou, então?

— Sazed — ela repetiu. — Guardador de Terris.

— Um Guardador que não usa mais suas mentes de cobre?

Vin olhou para o canto, na direção da arca onde ele as mantinha. Suas mentes de cobre, os bancos feruquêmicos que continham as religiões, histórias e lendas de povos mortos havia muito tempo. Estava tudo li, esperando para ser ensinado, esperando para ser ampliado.

— Temo ter me tornado um homem muito egoísta, Lady Vin — Sazed falou, baixinho.

— Que bobagem. Você passou a vida toda servindo a outros. Não conheço ninguém mais altruísta.

— Aprecio esse sentimento — disse ele —, mas temo que precise discordar. Lady Vin, não somos pessoas que desconhecem a tristeza. Você conhece melhor do que qualquer um aqui, creio eu, as agruras da vida no Império Final. Todos perdemos pessoas pelas quais tínhamos carinho. E, ainda assim, pareço ser o único incapaz de superar minha perda. Sinto-me infantil. Sim, Tindwyl está morta. Com toda a honestidade, não passei muito tempo com ela antes de seu falecimento. Não tenho motivos para me sentir deste jeito.

“Ainda assim, não consigo acordar pela manhã sem enxergar escuridão diante de mim. Quando encaixo as mentes de metal nos meus braços, minha pele parece fria, e eu me lembro do tempo que passei com ela. A esperança da vida se exauriu. Preciso seguir em frente, mas não consigo. Creio que me falta determinação.”

— Isso não é verdade, Sazed.

— Devo discordar.

— Ah, é? Se você não tivesse mesmo determinação, seria capaz de discordar de mim?

Sazed hesitou, então sorriu.

— Quando ficou tão boa em lógica?

— Vivendo com Elend — Vin disse com um suspiro. — Se prefere argumentos irracionais, não se case com um estudioso.

Quase me casei. O pensamento ocorreu a Sazed a contragosto, mas de qualquer forma bastou para fazer morrer seu sorriso. Vin devia ter percebido, pois ficou levemente mais séria.

— Desculpe — ela disse, desviando o olhar.

— Tudo bem, Lady Vin. — Sazed a tranquilizou. — Eu só… me sinto tão fraco. Não consigo ser o homem que o meu povo deseja que eu seja. Talvez eu seja o último dos Guardadores. Faz um ano desde que os Inquisidores atacaram minha terra natal, matando até mesmo as crianças feruquemistas, e não temos indícios de que outros da minha seita tenham sobrevivido. Alguns estavam fora da cidade, com certeza, mas ou os Inquisidores os encontraram ou outra tragédia deu cabo deles. Sem dúvida, um acontecimento comum nos últimos tempos, creio eu.

Vin permaneceu sentada com as mãos no colo, em silêncio, parecendo estranhamente frágil à luz turva. Sazed franziu o cenho para a expressão pesarosa no rosto dela.

— Lady Vin?

— Desculpe. É que… você sempre foi aquele a nos aconselhar, Sazed. Mas, agora, os conselhos de que preciso são sobre você.

— Não há conselho a dar, temo eu.

Ficaram em silêncio por alguns momentos.

— Encontramos o estoque — Vin disse, quebrando o silêncio. — Na penúltima caverna. Fiz para você uma cópia das palavras, talhando-as em uma placa fina de aço para que ficassem protegidas.

— Obrigado.

Vin permaneceu sentada, parecendo hesitante.

— Você não vai olhá-la, vai?

Sazed hesitou, então negou com a cabeça.

— Não sei.

— Não posso fazer isso sozinha, Sazed — Vin sussurrou. — Não posso combater aquilo sozinha. *Preciso* de você.

A tenda ficou mais silenciosa.

— Eu… estou fazendo o que posso, Lady Vin — Sazed disse por fim. — À minha maneira. Preciso encontrar respostas para mim antes de poder oferecê-las a qualquer outra pessoa. De qualquer modo, peça que me tragam a placa. Prometo que vou ao menos dar uma olhada.

Vin assentiu e, em seguida, se levantou.

— Elend convocou uma reunião para hoje à noite. Para planejar nossos próximos passos. Ele quer sua presença. — Ela deixou um rastro suave de perfume ao fazer menção de sair. Parou, contudo, ao lado da cadeira dele. — Por um tempo, depois de eu ter tomado a força no Poço da Ascensão, pensei que Elend morreria.

— Mas não morreu. Elend ainda vive.

— Não importa. Pensei que estivesse morto. Sabia que ele estava morrendo… Eu detinha aquele poder, Sazed, um poder que você *mal pode imaginar*. Poder que você jamais será capaz de imaginar. Poder para destruir mundos e reconstruí-los. Poder para enxergar e entender. Eu o vi e sabia que ele morreria. E sabia que eu detinha o poder em minhas mãos para salvá-lo.

Sazed ergueu os olhos.

— Mas eu não o salvei — Vin confessou. — Eu o deixei sangrar e libertei a força. Eu o entreguei à morte.

— Como? Como pôde fazer uma coisa dessas?

— Porque olhei nos olhos dele e soube que era o que ele queria que eu fizesse. Você me ensinou isso, Sazed. Me ensinou a amá-lo o suficiente para deixá-lo morrer.

Vin o deixou sozinho na tenda. Poucos momentos depois, ele voltou a raspar a cabeça e encontrou algo ao lado da bacia. Um pedaço pequeno de papel dobrado.

Continha um desenho antigo e já desbotado de uma planta estranha. Uma flor. A imagem havia pertencido a Mare. Passara dela para Kelsier e dele para Vin.

Sazed a ergueu, perguntando-se o que Vin pretendia deixando o desenho para ele. Por fim, ele o dobrou e o guardou em sua manga, para então voltar a raspar a

cabeça.

O Primeiro Contrato, mencionado frequentemente pelos kandra, era originalmente apenas uma série de promessas feitas pela Primeira Geração ao Senhor Soberano. Eles escreveram essas promessas e, ao fazê-lo, codificaram as primeiras leis dos kandra. Estavam preocupados em se autogovernar, independentes do Senhor Soberano e de seu império. Então, levaram o que haviam escrito para ele, pedindo aprovação.

Ele ordenou que fosse gravado em aço e em seguida rabiscou pessoalmente sua assinatura no final. Esse código era a primeira coisa que um kandra aprendia ao despertar de sua vida de espectro das brumas. Continha mandamentos para que se respeitasse as gerações anteriores, direitos jurídicos simples concedidos a cada kandra, disposições para a criação de novos kandra e a exigência de dedicação fundamental ao Senhor Soberano.

O mais perturbador era que o Primeiro Contrato continha uma cláusula que, se invocada, exigia o suicídio em massa de todo o povo kandra.

11

KanPaar se inclinou para a frente em seu púlpito, os ossos vermelhos e cristalinos cintilando à luz do lampião.

— Muito bem, então, TenSoon, traidor do povo kandra. Você exigiu este julgamento. Faça sua defesa.

TenSoon respirou fundo — era tão bom poder fazer isso novamente — e abriu a boca para falar.

— Diga para eles — KanPaar continuou, desdenhoso. — Explique, se puder, por que matou um dos nossos. Outro kandra.

TenSoon ficou paralisado. A Gruta da Confiança estava em silêncio — as gerações de kandra eram comportadas demais para agitar-se e fazer barulho como uma multidão de seres humanos. Estavam sentados com seus ossos de pedra, madeira ou até mesmo metal, esperando a resposta de TenSoon.

A pergunta de KanPaar não era uma pela qual ele estivesse esperando.

— Sim, eu matei um kandra — TenSoon confessou, nu e com frio na plataforma. — O que não é proibido.

— Precisa ser? — KanPaar questionou, apontando para ele. — Seres humanos matam uns aos outros. Koloss matam uns aos outros. Mas eles são de Ruína. *Nós* somos de Preservação, os escolhidos do próprio Pai. Não matamos os nossos!

TenSoon fez uma careta. Era uma linha estranha de questionamento. *Por que perguntar isso?*, indagou-se. *Minha traição de* todo *o nosso povo certamente é um pecado mais grave que o assassinato de* um *de nosso povo.*

— Fui obrigado pelo meu Contrato — TenSoon disse com franqueza. — Você deve saber, KanPaar. Foi *você* quem me designou para o homem Straff Venture. Todos sabemos que tipo de pessoa ele era.

— Não era diferente de qualquer outro homem — um Segundo soltou.

No passado, TenSoon teria concordado. Ainda assim, ele sabia que havia alguns seres humanos, ao menos, que *eram* diferentes. Havia traído Vin e, mesmo assim, ela não o odiara por isso. Ela entendera e fora clemente. Mesmo

que já não fossem amigos, mesmo que ele não tivesse cultivado um imenso respeito por ela, aquele momento teria bastado para que ela merecesse sua lealdade devota.

Ela contava com ele, mesmo que não soubesse disso. TenSoon se empertigou um pouco, encarando KanPaar nos olhos.

— Fui designado ao homem Straff Venture por Contrato pago — continuou. — Ele me entregou aos caprichos de seu filho deturpado, Zane. Foi Zane quem ordenou que eu matasse o kandra OreSeur e tomasse seu lugar para que eu pudesse espionar a mulher Vin.

Houve alguns sussurros à menção do nome. *Sim, vocês ouviram falar dela. Aquela que assassinou o Pai.*

— Então você fez o que esse Zane ordenou? — KanPaar perguntou em voz alta. — Matou outro kandra. Assassinou um *membro de sua geração*!

— Acha que gostei de fazer isso? OreSeur era meu irmão de geração… um kandra que eu conhecia há setecentos anos! Mas… o Contrato…

— Proíbe assassinato — KanPaar completou.

— Proíbe assassinato de seres humanos.

— E a vida de um kandra não vale mais que a de um homem?

— As palavras são específicas, KanPaar — TenSoon respondeu com rispidez. — Eu as conheço muito bem; ajudei a escrevê-las! Nós dois estávamos lá quando esses Contratos de serviço foram criados, usando o Primeiro Contrato como modelo! Eles nos proíbem de matar seres humanos, mas não uns aos outros.

KanPaar se inclinou para a frente outra vez.

— Você tentou discutir com o tal Zane? Sugerir talvez que ele mesmo deveria executar o assassinato? Ao menos tentou se eximir da morte de um dos nossos?

— Não discuto com meus mestres. E, certamente, não queria dizer ao homem Zane como matar um kandra. A instabilidade dele era bem conhecida.

— Então, não discutiu — KanPaar confirmou. — Simplesmente matou OreSeur. E, em seguida, tomou seu lugar, fingindo ser ele.

— É o que fazemos — TenSoon disse, frustrado. — Tomamos o lugar dos outros, agindo como espiões. Esse é o *objetivo* central do Contrato!

— Fazemos essas coisas a *seres humanos* — retrucou outro da Segunda Geração. — Este é o primeiro caso em que um kandra foi usado para imitar

outro. É um precedente perturbador que você abriu.

Foi brilhante, TenSoon pensou. *Odeio Zane por me obrigar a fazer isso, mas ainda posso ver a genialidade na ideia. Vin nunca suspeitou. Quem suspeitaria?*

— Você deveria ter se recusado a executar tal ato — KanPaar insistiu. — Deveria ter requerido o esclarecimento de seu Contrato. Se mais humanos começarem a nos usar dessa maneira, para matar uns aos outros, poderíamos ser extintos em uma questão de anos!

— Você traiu a nós todos com sua imprudência — outro comentou.

Ah, TenSoon pensou. *Então, esse é o plano deles. Eles me estabelecem como traidor primeiro para tirar a credibilidade do que eu disser depois*. Ele sorriu. Era um kandra da Terceira Geração; era hora de começar a agir de acordo.

— Eu nos traí com minha imprudência? — TenSoon questionou. — E quanto a vocês, gloriosos kandra da Segunda? Quem foi que permitiu que um Contrato fosse designado ao próprio Kelsier? Vocês deram um servo kandra *exatamente para o homem que estava planejando matar o Pai*!

KanPaar enrijeceu como se tivesse sido estapeado, o rosto translúcido contorcido de fúria à luz azul do lampião.

— Não cabe a você fazer acusações, Terceiro!

— Parece que mais nada cabe a mim — TenSoon disse. — A nenhum de nós, agora que o Pai está morto. E não temos direito de reclamar, pois ajudamos para que isso acontecesse.

— Como saberíamos que esse homem teria êxito quando outros não tiveram? — bradou um kandra da Segunda Geração. — Ele pagou tão bem que…

KanPaar interrompeu o outro com um aceno firme. Não era bom que os Segundos ficassem na defensiva. No entanto, HunFoor — o kandra que havia falado —, não se encaixava de fato com os outros de sua geração. Era um pouco mais… estúpido.

— Você não deve mais falar disso, Terceiro — KanPaar disse, apontando para TenSoon.

— Como posso me defender se não puder…

— Você *não está* aqui para se defender — KanPaar interrompeu. — Isso não é uma audiência; você já admitiu sua culpa. É um julgamento. Explique seus atos e deixe que os da Primeira Geração anunciem seu destino!

TenSoon ficou em silêncio. Não era hora de forçar os limites. Ainda não.

— Agora, isso que você fez ao tomar o lugar de um de seus irmãos é ruim o

bastante. Precisamos continuar a falar, ou você já aceita seu julgamento?

— Nós dois sabemos que a morte de OreSeur pouco tem a ver com o motivo de eu estar aqui.

— Muito bem. Vamos prosseguir, então. Por que você não diz aos da Primeira Geração por que, se é um kandra tão obediente, *rompeu* o Contrato com seu mestre, desobedecendo a seus interesses e ajudando sua inimiga?

A acusação de KanPaar ecoou no salão. TenSoon fechou os olhos, pensando naquele dia, há mais de um ano. Lembrou-se de se sentar em silêncio no chão da Fortaleza Venture, assistindo à luta de Zane e Vin.

Não. Não fora uma luta. Zane estava queimando atium, que o tornava praticamente invencível. Zane estivera brincando com Vin, jogando com ela e zombando.

Vin não era mestra de TenSoon — TenSoon havia matado o kandra dela e tomado seu lugar, espionando-a por ordem de Zane. Zane. *Ele* havia sido o mestre de TenSoon. *Ele* detivera seu Contrato.

Mas, contrário a todo o seu treinamento, TenSoon ajudara Vin. E, ao fazê-lo, revelara para ela o grande Segredo dos kandra. Sua fraqueza: que um alomântico podia usar seus poderes para tomar completo controle do corpo de um kandra. Os kandra serviam seus Contratos para manter esse Segredo; tornavam-se serviçais para não acabarem escravos. TenSoon abriu os olhos para a câmara silenciosa. Era o momento para o qual havia se planejado.

— Eu não rompi meu Contrato.

KanPaar bufou.

— Não foi o que disse quando veio a nós um ano atrás, Terceiro.

— Eu contei o que aconteceu — TenSoon retrucou, empertigando-se. — O que eu disse não foi mentira. Ajudei Vin em vez de Zane. Em parte por conta de meus atos, meu mestre acabou morto aos pés dela. Mas não rompi meu Contrato.

— Você está insinuando que Zane *quis* que você ajudasse a inimiga?

— Não — TenSoon afirmou. — Eu não rompi meu Contrato porque decidi cumprir um Contrato maior. O Primeiro Contrato!

— O Pai está morto! — um dos da Segunda esbravejou. — Como poderia cumprir nosso Contrato com ele?

— Ele está morto. É verdade. Mas o Primeiro Contrato não morreu com ele! Vin, a Herdeira do Sobrevivente, foi quem matou o Senhor Soberano. *Ela* é nossa Mãe agora. Nosso Primeiro Contrato é com ela!

Ele esperava clamores de blasfêmia e condenação. Em vez disso, recebeu um silêncio chocado. KanPaar, estupefato, ficou paralisado atrás de seu púlpito de pedra. Os membros da Primeira Geração continuaram em silêncio, como de costume, sentados em suas alcovas sombrias.

Bem, TenSoon pensou, *acredito que isso significa que eu devo continuar.*

— Eu *tive* de ajudar a mulher Vin. Não podia deixar Zane matá-la, pois tinha uma obrigação para com ela… uma obrigação que começou no momento em que ela tomou o lugar do Pai.

KanPaar finalmente retomou a voz.

— *Ela*? Nossa Mãe? Ela matou o Senhor Soberano!

— E tomou seu lugar — TenSoon afirmou. — Ela é uma de nós, de certa forma.

— Que disparate! Eu esperava justificativas, TenSoon; talvez até mentiras. Mas essas fantasias? Essas blasfêmias?

— Você viu o mundo recentemente, KanPaar? — TenSoon questionou. — Chegou a deixar a Terra Natal no último século? Entende o que está acontecendo? O Pai está *morto*. A terra está revoltosa. Enquanto retornava para a Terra Natal, um ano atrás, vi as mudanças nas brumas. Elas não se comportam mais como antes. Não podemos continuar como estamos. A Segunda Geração pode ainda não ter percebido, mas Ruína chegou! A vida vai terminar. O tempo que os Portadores do Mundo anunciaram… talvez o tempo da Resolução… chegou!

— Você está delirando, TenSoon. Esteve entre os seres humanos por tempo…

— Diga a eles o porquê de tudo isso, KanPaar — TenSoon interrompeu, levantando a voz. — Por acaso não deseja que meu *verdadeiro* pecado seja conhecido? Não quer que os outros ouçam?

— Não force isso, TenSoon — KanPaar disse, apontando novamente. — O que você fez já é ruim o suficiente. Não…

— Eu contei para ela — TenSoon interrompeu novamente. — Contei nosso *Segredo*. No final, ela me usou. Como os alomânticos do passado. Ela tomou o controle do meu corpo, usando a Falha, e me fez lutar contra Zane! Foi *isso* o que fiz. Traí a todos nós. Ela sabe… e tenho certeza de que contou a outros. Logo todos eles saberão como nos controlar. E sabem *por que* fiz isso? Não é o objetivo deste julgamento eu falar sobre meus motivos?

TenSoon continuava a falar, apesar de KanPaar tentar sobrepor-se a ele e interromper seu discurso.

— Fiz isso porque ela tem o *direito* de saber nosso Segredo — TenSoon gritou. — Ela é a Mãe! Ela herdou tudo que o Senhor Soberano tinha. Sem ela, não temos nada. Não podemos criar Bênçãos nem novos kandra sozinhos! A Confiança é dela agora! Deveríamos ir a ela. Se é realmente o fim de todas as coisas, então a Resolução logo virá. Ela vai…

— Chega! — KanPaar urrou.

A câmara ficou em silêncio novamente.

TenSoon se empertigou, ofegante. Por um ano, preso em seu fosso, ele planejou como anunciar aquela informação. Seu povo passara mil anos, dez gerações, seguindo os ensinamentos do Primeiro Contrato. Mereciam ouvir o que havia acontecido com ele.

E, ainda assim, parecia tão… inadequado simplesmente berrar a verdade como um ser humano enfurecido. Alguém de seu povo realmente acreditaria nele? Aquilo faria alguma diferença, no fim das contas?

— Você, como acabou de confessar, nos traiu — KanPaar disse. — Rompeu o Contrato, assassinou um membro de sua geração e contou a um ser humano como nos dominar. Você exigiu um julgamento. Que ele venha.

TenSoon se virou em silêncio, erguendo os olhos na direção das alcovas onde os membros da Primeira Geração observavam.

Talvez… talvez eles vejam a verdade no que digo. Talvez minhas palavras os choquem, e eles percebam que precisamos oferecer nossos préstimos a Vin em vez de simplesmente ficar nestas cavernas e esperar, enquanto o mundo acaba ao nosso redor.

Mas nada aconteceu. Nenhum movimento, nenhum som. Às vezes, TenSoon se perguntava se alguém ainda vivia lá em cima. Fazia séculos que não se dirigia a um membro da Primeira Geração — eles limitavam as comunicações estritamente aos da Segunda.

Se ainda estavam vivos, nenhum deles aproveitou a oportunidade para oferecer clemência a TenSoon. KanPaar sorriu.

— A Primeira Geração ignorou sua defesa, Terceiro. Portanto, como seus servos, nós, da Segunda Geração, faremos o julgamento em nome deles. Sua sentença será proferida em um mês.

TenSoon franziu a testa. *Um mês? Para que esperar?*

De qualquer forma, estava tudo acabado. Ele inclinou a cabeça, suspirando. Dissera o que precisava. Os kandra agora sabiam que seu Segredo havia sido revelado — os Segundos não mais podiam esconder esse fato. Talvez suas palavras inspirassem seu povo a fazer algo.

TenSoon provavelmente jamais saberia.

Obviamente, Rashek mudou o Poço da Ascensão de lugar.

Foi muito inteligente de sua parte — talvez a coisa mais sagaz que tenha feito. Ele sabia que o poder retornaria ao Poço um dia, pois uma força como aquela — a força fundamental pela qual o próprio mundo se formou — não se extingue simplesmente. Pode ser usada e, portanto, espalhada, mas sempre se renovará.

Então, sabendo que os rumores e histórias persistiriam, Rashek mudou a própria paisagem do mundo. Pôs montanhas no que se tornaria o Norte e chamou o lugar de Terris. Em seguida, aplainou sua verdadeira terra natal e construiu ali a capital de seus domínios.

Construiu seu palácio ao redor daquela sala, no coração dela — a sala onde meditaria, a sala que era uma réplica de sua antiga cabana em Terris. Um refúgio criado nos últimos momentos que lhe restavam antes de seu poder se esgotar.

12

— Estou preocupada com ele, Elend — Vin disse, sentando-se em seu saco de dormir.

— Com quem? — Elend perguntou, tirando os olhos do espelho. — Com Sazed?

Vin assentiu. Quando Elend acordou do seu cochilo, ela já estava em pé, de banho tomado e vestida. Elend se preocupava com *ela* às vezes, pois Vin exigia demais de si mesma. Ele se preocupava mais agora, porque também era um Nascido da Bruma e sabia das limitações do peltre. O metal fortalecia o corpo, permitindo que se postergasse a fadiga, mas isso tinha um preço. Quando o peltre se exauria ou era desativado, a fadiga voltava, caindo sobre a pessoa como o despencar das pedras de um muro.

Ainda assim, Vin não esmorecia. Elend também estava queimando peltre, levando o próprio corpo ao limite, mas ela parecia dormir duas vezes menos. Era mais resistente que ele — forte de maneiras que Elend nunca sonharia em ser.

— Sazed vai superar seus problemas — falou, enfim, voltando a se vestir. — Não deve ser a primeira vez que ele perde pessoas queridas.

— É diferente — Vin retorquiu.

Conseguia vê-la no reflexo, sentada atrás dele com as pernas cruzadas em suas vestes simples. O uniforme branquíssimo de Elend era o extremo oposto. Reluzia com seus botões de madeira pintados de dourado, intencionalmente feitos com o mínimo de metal neles para que não fossem afetados por Alomancia. O traje em si fora feito com um tecido especial que tornava mais fácil a tarefa de escovar para tirar cinzas. Às vezes, ele se sentia culpado por todo o trabalho que dava para parecer régio. Era necessário, porém. Não por vaidade, mas pela imagem que precisava passar. A imagem pela qual seus homens marchavam para a guerra. Em uma terra de escuridão, Elend vestia branco — e se tornava um símbolo.

— Diferente? — questionou, abotoando as mangas do casaco. — O que há de diferente na morte de Tindwyl? Ela pereceu durante o ataque a Luthadel.

Como Trevo e Dockson. Você matou meu pai naquela batalha, e eu decapitei meu melhor amigo pouco antes. Todos nós perdemos pessoas.

— Ele mesmo disse algo parecido — Vin comentou. — Mas é mais que apenas uma morte, para ele. Acho que Sazed vê uma espécie de traição na morte de Tindwyl… ele sempre foi o único de nós que tinha fé. De alguma forma, perdeu isso quando ela morreu.

— O único de nós que tinha fé? — Elend perguntou, pegando da mesa um broche de madeira pintado de prata e prendendo-o ao casaco. — O que acha disso?

— Você pertence à Igreja do Sobrevivente, Elend, mas não tem fé. Não como Sazed tinha. Era como… se ele *soubesse* que tudo acabaria bem. Ele confiava que havia algo olhando pelo mundo.

— Ele vai superar.

— Não é apenas ele, Elend. Brisa está exagerando nas tentativas.

— Como assim, "exagerando"? — o imperador perguntou, parecendo entretido.

— Ele vem *empurrando* as emoções de todo mundo. *Empurrando* demais, tentando deixar os outros felizes, e rindo com exagero. Está com medo, preocupado. Tenta compensar isso e exagera.

Elend sorriu.

— Você está ficando pior que ele, lendo emoções alheias e dizendo a eles como estão se sentindo.

— São meus amigos, Elend. Eu os *conheço*. E ouça o que eu digo: eles estão desistindo. Um a um, estão começando a pensar que não podemos vencer essa.

Elend fechou o último botão e em seguida se olhou no espelho. Às vezes, ele ainda se perguntava se o traje ornado lhe caía bem, com sua brancura ofuscante e realeza implícita. Encarou os próprios olhos, ignorando a barba curta, o corpo de guerreiro e a pele marcada de cicatrizes. Olhou naqueles olhos, buscando o rei por trás deles. Como sempre, não ficou realmente impressionado com o que viu.

Ele prosseguiu, de qualquer forma, pois era o melhor que eles tinham. Tindwyl lhe ensinara isso.

— Muito bem. Acredito que você esteja certa sobre os outros. Vou fazer algo para resolver isso.

Aquele, no fim das contas, era seu trabalho. O título de imperador trazia consigo apenas uma única obrigação.

Tornar tudo melhor.

— Tudo bem — Elend disse, apontando para um mapa do império pendurado na parede da tenda de reuniões. — Registramos os horários de chegada e desaparecimento das brumas a cada dia, e Noorden e seus escribas os analisaram. Eles nos deram esses perímetros como um guia.

O grupo se inclinou para a frente, analisando o mapa. Vin estava sentada no fundo da tenda, como ainda preferia. Mais perto das sombras. Mais perto da saída. Ela havia adquirido mais confiança, era verdade, mas aquilo não baixava sua guarda. Ela gostava de poder olhar para todos na sala, mesmo que confiasse neles.

E confiava mesmo. Exceto, talvez, em Cett. O homem obstinado sentava-se à frente do grupo, seu filho adolescente e silencioso ao lado como sempre. Cett — ou *Rei* Cett, um dos monarcas que juraram lealdade a Elend — tinha uma barba deselegante, uma boca ainda mais deselegante e duas pernas que não funcionavam. Isso não o impedira de quase conquistar Luthadel, mais de um ano antes.

— Que inferno — Cett resmungou. — Você espera que consigamos ler essa coisa?

Elend tocou o mapa com o dedo. Era um esboço grosseiro do império, semelhante àquele que encontraram na caverna, porém atualizado. Tinha vários círculos concêntricos gravados nele.

— O círculo mais externo é o lugar onde as brumas tomaram completamente a terra, sem mais desaparecer durante o dia. — Elend moveu o dedo para outro círculo. — Este círculo passa pelo vilarejo que acabamos de visitar, onde encontramos o depósito. Aqui temos quatro horas de luz do dia. Tudo dentro do círculo tem mais de quatro horas. Tudo fora dele tem menos.

— E o último círculo? — Brisa perguntou. Estava sentado com Allrianne o mais longe de Cett que a tenda permitia. O rei ainda tinha o hábito de lançar coisas em Brisa: insultos, na maior parte do tempo, e, às vezes, facas.

Elend examinou o mapa.

— Supondo que as brumas continuem avançando para Luthadel à mesma velocidade que vêm fazendo, esse círculo representa a área em que os escribas acham que haverá luz do sol o bastante neste verão para manter as safras.

O recinto ficou em silêncio.

Esperança é para os tolos, a voz de Reen pareceu sussurrar no fundo da mente de Vin. Ela sacudiu a cabeça. Seu irmão, Reen, a treinara para a vida nas ruas e no submundo, ensinando-a a ser desconfiada e paranoica. Ao fazer isso, também lhe ensinou como sobreviver. Fora apenas Kelsier que conseguira lhe mostrar que era possível tanto confiar quanto sobreviver — e essa fora uma lição difícil. Mesmo assim, ela ainda ouvia com frequência a voz de Reen no fundo da mente — mais uma lembrança que qualquer outra coisa —, sussurrando suas inseguranças, trazendo de volta as coisas brutais que havia lhe ensinado.

— É um círculo bem pequeno, El. — Ham se pronunciou, ainda estudando o mapa.

O homem corpulento estava sentado com o General Demoux, entre Cett e Brisa. Sazed, ao lado, mantinha-se em silêncio. Vin olhou para ele, tentando notar, sem conseguir, algum sinal que indicasse se a conversa de antes havia aliviado ou não a depressão do amigo.

Formavam um grupo pequeno: apenas nove, se contassem o filho de Cett, Gneorndin. Mas reunia todos que restaram do bando de Kelsier. Faltava apenas Fantasma, que estava no norte, em missão de reconhecimento. Todos estavam concentrados no mapa. O círculo final era, de fato, muito pequeno — pouco menor que o próprio Domínio Central, onde ficava a capital imperial de Luthadel. O que o mapa dizia, e Elend deixava implícito, era que mais de noventa por cento do império não conseguiria manter as safras do verão.

— Nem mesmo essa pequena bolha durará até o próximo inverno — Elend concluiu.

Vin observou como os outros contemplavam e percebiam — se já não tivessem percebido antes — o horror do que estava acontecendo. *É como o diário de Alendi dizia*, ela pensou. *Não conseguiam combater as Profundezas com exércitos. Ela destruía cidades, trazendo uma morte lenta e terrível. Estavam todos indefesos.*

As Profundezas. Era como haviam chamado as brumas — ou, ao menos, era como os registros posteriores as chamavam. Talvez a coisa que eles combatiam, a principal força que Vin libertara, estivesse por trás da escuridão. Realmente não havia maneira de saber ao certo o que acontecera no passado, pois a entidade tinha o poder de mudar os registros.

— Tudo bem, pessoal — Elend disse, cruzando os braços. — Precisamos de opções. Kelsier recrutou vocês porque podiam fazer o impossível. Bem, nossa situação é bastante impossível.

— Ele não me recrutou — Cett enfatizou. — Fui puxado pelas bolas para dentro desse pequeno fiasco.

— Se eu realmente me importasse, pediria desculpas — Elend disse, encarando sua plateia. — Vamos lá. Sei que vocês têm ideias.

— Bem, meu caro — Brisa disse —, a opção mais óbvia parece ser o Poço da Ascensão. Parece que aquele poder foi feito para combater as brumas.

— Ou para libertar a coisa que se esconde nelas — Cett completou.

— Não importa — Vin falou, fazendo pescoços virarem. — Não há força no Poço. Ela se foi. Acabou. Se voltar, desconfio que seja daqui a outros mil anos.

— Tempo um pouco longo demais para fazer durar os suprimentos naqueles depósitos — Elend disse.

— E se cultivarmos plantas que precisam de pouca luz? — Ham perguntou. Como sempre, usava calças simples e um colete. Era um Brutamontes, capaz de queimar peltre, o que o deixava resistente tanto ao calor quanto ao frio. Ele andava alegremente sem mangas num dia que faria a maioria dos homens procurar desesperadamente por um abrigo aquecido.

Bem, talvez não alegremente. Ham não havia mudado da noite para o dia, como Sazed, mas ainda assim *havia* perdido um pouco de sua jovialidade. Tendia a ficar sentado quieto, com um olhar de consternação no rosto, como se estivesse ponderando as coisas com muito, muito cuidado — sem gostar das respostas que obtinha.

— Existem plantas que não precisam de luz? — Allrianne perguntou, inclinando a cabeça.

— Cogumelos e coisas assim — Ham respondeu.

— Duvido que possamos alimentar um império inteiro com cogumelos — falou Elend. — Mas é uma boa ideia.

— Deve haver outras plantas também — Ham continuou. — Mesmo se as brumas vierem o dia tudo, vai haver um pouco de luz que as atravesse. Algumas plantas devem ser capazes de viver assim.

— Plantas que não podemos comer, meu caro — Brisa apontou.

— Sim, mas que talvez os animais possam — Ham retrucou.

Elend assentiu, pensativo.

— Temos muito pouco tempo para horticultura agora — Cett observou. — Deveríamos ter trabalhado nesse tipo de coisa há anos.

— Não sabíamos da maioria das coisas que estão acontecendo até poucos meses atrás — Ham protestou.

— É verdade — Elend confirmou. — Mas o Senhor Soberano teve mil anos para se preparar. Por isso fez os depósitos nas cavernas… e ainda não sabemos o que a última contém.

— Não gosto da ideia de depender do Senhor Soberano, Elend — Brisa disse, com um meneio de cabeça. — Ele deve ter preparado os depósitos sabendo que estaria morto se qualquer um tivesse que usá-los.

Cett assentiu.

— O Abrandador idiota tem razão. Se eu fosse o Senhor Soberano, teria enfiado comida envenenada e água mijada naqueles depósitos. Se eu morresse, então que todo mundo morresse também.

— Felizmente, Cett — Elend disse com a sobrancelha erguida —, o Senhor Soberano se provou mais altruísta do que esperávamos.

— Aí está algo que não pensei que escutaria — Ham observou.

— Ele era um imperador — Elend disse. — Podemos não ter gostado de seu governo, mas, de certa forma, consigo entendê-lo. Ele não era maldoso… não era sequer exatamente mau. Ele simplesmente… deixou que tudo lhe subisse à cabeça. Além disso, resistiu a essa coisa que estamos combatendo.

— Essa coisa? — Cett questionou. — As brumas?

— Não. A coisa que estava presa no Poço da Ascensão — Elend respondeu.

Chama-se Ruína, Vin pensou de repente. *E vai destruir tudo.*

— É por isso que decidi que precisamos salvar aquele último depósito — Elend disse. — O Senhor Soberano passou por isso no passado… Sabia como se preparar. Talvez encontremos plantas que possam crescer sem a luz do sol. Cada um dos depósitos até agora tinha as mesmas coisas, estoques de comida e água, mas cada um trouxe algo novo também. Em Vetitan, encontramos grandes estoques dos primeiros oito metais alomânticos. O que houver na última caverna talvez seja exatamente do que precisamos para sobreviver.

— Então, é isso! — Cett disse, abrindo um largo sorriso em meio à barba. — *Estamos* marchando para Fadrex, não é?

Elend assentiu rapidamente.

— Exato. O grosso do exército marchará para o Domínio Ocidental assim que erguermos acampamento.

— Ahá! — Cett falou. — Penrod e Janarle podem engolir *essa*.

Vin abriu um leve sorriso. Penrod e Janarle eram os outros dois reis de maior importância no governo imperial de Elend. Penrod cuidava de Luthadel, de forma que não estava com eles naquele momento, e Janarle reinava no Domínio do Norte, onde se situavam as terras hereditárias da Casa Venture.

A maior cidade ao norte, no entanto, fora tomada em uma revolta enquanto Janarle — com o pai de Elend, Straff Venture — estava longe, sitiando Luthadel. Até aquele momento, Elend não havia conseguido destacar um número de tropas suficiente para retomar Urteau dos dissidentes, então Janarle governava no exílio, sua força menor usada para manter a ordem na cidade que ele *de fato* controlava.

Tanto Janarle quanto Penrod haviam feito questão de encontrar motivos para que o exército principal não marchasse para a terra natal de Cett.

— Aqueles desgraçados não vão ficar felizes quando souberem disso — o rei comentou.

Elend fez que não com a cabeça.

— Tudo que você fala precisa conter uma vulgaridade ou outra?

Cett deu de ombros.

— De que adianta falar se não se pode dizer algo interessante?

— Ofensas não são interessantes — Elend retrucou.

— Essa é sua maldita opinião — Cett disse, sorrindo. — E você não deveria estar reclamando, imperador. Se acha que as coisas que *eu* digo são vulgares, é porque viveu em Luthadel por tempo demais. De onde venho, as pessoas ficam envergonhadas ao usar palavras bonitas como “maldita”.

Elend suspirou.

— De qualquer forma, eu…

Ele foi interrompido quando o chão começou a tremer. Vin se ergueu de um pulo, buscando uma fonte de perigo enquanto os outros xingavam e tentavam se equilibrar. Ela abriu a tenda com violência, espreitando por entre as brumas. Entretanto, o tremor parou rapidamente e, no geral, causou muito pouco caos no acampamento. Patrulhas — oficiais e alomânticos sob comando de Elend — corriam para lá e para cá, verificando a existência de problemas. A maioria dos soldados, contudo, apenas permaneceu nas próprias barracas.

Vin se voltou para os outros na tenda. Algumas cadeiras haviam caído, a mobília de viagem fora bagunçada pelo terremoto. Os outros voltavam lentamente aos lugares.

— Certamente têm acontecido muitos desses nos últimos tempos — Ham comentou. Vin fitou os olhos de Elend e pôde perceber certa preocupação neles.

Podemos combater exércitos, podemos tomar cidades, mas e as cinzas, as brumas e os terremotos? E se o mundo se partir ao nosso redor?

— De qualquer forma — Elend continuou, apesar das preocupações que Vin sabia pesar em sua consciência —, Fadrex deve ser nosso próximo objetivo. Não podemos arriscar perder o depósito e tudo que ele pode guardar.

Como o atium, Reen sussurrava na cabeça de Vin enquanto ela voltava a se sentar.

— Atium — disse em voz alta.

Cett mostrou interesse.

— Acha que estará lá?

— Há teorias — Elend falou, olhando de lado para ela. — Mas não temos provas.

— Vai estar lá — insistiu Vin. *Tem de estar. Não sei por que, mas temos de pegá-lo.*

— Espero que não esteja — Cett disse. — Marchei de um lado a outro deste maldito império para encontrar e roubar aquele atium… Se descobrirmos que eu o deixei embaixo da minha própria cidade…

— Acho que estamos esquecendo algo importante, El — Ham interrompeu. — Você está falando em *conquistar* a Cidade de Fadrex?

A sala ficou em silêncio. Até aquele momento, os exércitos de Elend haviam sido usados de forma defensiva, atacando guarnições de koloss ou acampamentos de pequenos senhores da guerra e bandoleiros. Tinham obrigado algumas cidades a se juntarem a eles, mas nunca haviam, de fato, atacado uma e a tomado à força.

Elend se virou, olhando para o mapa novamente. Mesmo de lado, Vin conseguia ver seus olhos — os olhos de um homem calejado por dois anos de guerra quase perpétua.

— Nosso primeiro objetivo será tomar a cidade através da diplomacia — Elend declarou.

— Diplomacia? — Cett perguntou. — Fadrex é *minha*. Aquele maldito obrigador a roubou de mim! Não precisa ter vergonha ou culpa de atacá-lo, Elend.

— Não preciso? — Elend questionou, virando-se. — Cett, seria o seu povo,

seus soldados, que teríamos de matar para entrar naquela cidade.

— Pessoas morrem na guerra. Sentir-se mal sobre isso não lava o sangue de suas mãos, então por que se importar? Aqueles soldados se voltaram contra mim, merecem ser castigados.

— Não é tão simples — Ham interveio. — Se não houve maneira de os soldados combaterem esse usurpador, então por que deveríamos esperar que eles entregassem a própria vida?

— Especialmente por um homem que foi ele próprio um usurpador — Elend disse.

— De qualquer forma — Ham completou —, relatos descrevem a cidade como muito bem defendida. Será um obstáculo difícil de superar, El.

Elend ficou em silêncio por um instante antes de olhar para Cett, que ainda aparentava estar feliz demais consigo mesmo. Os dois pareciam compartilhar algo — um entendimento. Elend era mestre na teoria, tendo provavelmente lido mais sobre guerra que qualquer outra pessoa. Cett, por sua vez, parecia ter um sexto sentido para guerra e estratégia, tendo substituído Trevo como principal estrategista militar do império.

— Cerco — Cett falou.

Elend assentiu.

— Se o rei Yomen não responder à diplomacia, então a única maneira de entrarmos naquela cidade sem matar metade de nossos homens será armando um cerco e deixando-o desesperado.

— Temos tempo para isso? — Ham perguntou, franzindo o cenho.

— Além de Urteau, a Cidade de Fadrex e as áreas adjacentes são as únicas maiores seções dos Domínios Internos que mantêm uma força militar grande o suficiente para representar ameaça. Isso, mais o depósito, significa que não podemos simplesmente deixá-los para lá.

— De qualquer forma, o tempo meio que está do nosso lado neste caso — Cett apontou, coçando a barba. — Não se ataca uma cidade como Fadrex do nada, Ham. Ela tem fortificações; é uma das poucas cidades além de Luthadel capaz de repelir um exército. Mas, como está fora do Domínio Central, provavelmente já anseia por comida.

Elend assentiu.

— Enquanto isso, temos conosco todos os suprimentos que encontramos nos depósitos. Se bloquearmos a via principal e em seguida tomarmos o canal, eles

terão de entregar a cidade, mais cedo ou mais tarde. Mesmo se encontrarem o depósito, o que eu duvido, conseguiremos durar mais que eles num cerco.

Ham franziu a testa.

— Eu acho…

— Além disso — Elend acrescentou —, se as coisas ficarem difíceis, temos cerca de vinte mil koloss que podemos mobilizar.

Ham ergueu uma sobrancelha, mas nada disse. A implicação era clara. *Você usaria koloss contra outras pessoas?*

— Há outro elemento complicador — Sazed disse baixinho. — Algo que, até agora, não discutimos.

Várias pessoas se viraram, como se tivessem se esquecido da presença dele.

— As brumas — Sazed disse. — A Cidade de Fadrex fica bem além do perímetro das brumas, imperador Venture. Vai submeter seu exército a quinze por cento de baixas antes mesmo de chegar à cidade?

Elend ficou em silêncio. Até agora, havia conseguido manter a maioria dos soldados longe das brumas. Parecia errado para Vin que o exército fosse protegido da doença enquanto os aldeões eram forçados a sair nas brumas. E, ainda assim, onde acamparam, havia ainda uma porção significativa de luz do dia sem elas. Tinham tendas o suficiente, ademais, para comportar todos os soldados — algo com que não contavam quando deslocavam aldeões.

As brumas raramente entravam em edificações ou abrigos, mesmo os de pano. Não houvera motivo, até então, para arriscar a morte de alguns soldados, já que era possível evitar tal situação. Parecia hipócrita para Vin, mas, no momento, ainda via sentido naquilo.

Elend fitou os olhos de Sazed.

— Você tem razão. Não podemos proteger os soldados das brumas para sempre. Forcei os aldeões de Vetitan a se imunizarem. Desconfio que terei de fazer o mesmo com meu exército, pelos mesmos motivos.

Vin se recostou no assento em silêncio. Ela frequentemente ansiava pelos dias em que não teria nada a ver com decisões como aquela… ou, melhor ainda, dias em que Elend não seria forçado a tomá-las.

— Marcharemos para Fadrex — Elend repetiu, afastando-se do grupo. Apontou para o mapa. — Se nós vamos sobreviver a isso… e, quando digo "nós", quero dizer todas as pessoas do Novo Império… precisaremos nos reunir e concentrar nossa população nos arredores do Domínio Central. Será o único

lugar onde poderemos cultivar alimentos neste verão, e toda a força de trabalho que pudermos juntar será necessária para limpar as cinzas e preparar os campos para o plantio. Isso significa colocar o povo de Fadrex sob a nossa proteção.

Elend apontou para a parte nordeste do mapa.

— Isso também significa que precisaremos reprimir a rebelião em Urteau. Não apenas porque essa cidade contém um depósito, com grãos de que precisamos desesperadamente para um segundo plantio no Domínio Central, mas também porque os novos governantes estão reunindo um exército. Urteau está à distância de uma marcha de Luthadel, como descobrimos quando meu pai investiu contra nós. Eu *não* vou deixar que isso se repita.

— Não temos tropas o bastante para marchar de uma vez nas duas frentes, El — Ham alertou.

Elend assentiu.

— Eu sei. Na verdade, prefiro evitar investir contra Urteau. Era a capital de meu pai, e as pessoas de lá sempre tiveram bons motivos para se rebelar contra ele. Demoux, relatório?

Demoux se levantou.

— Recebemos uma mensagem inscrita em aço de Fantasma enquanto Vossa Majestade estava fora — disse ele. — Ele informa que a facção no controle de Urteau é composta por rebeldes skaa.

— Soa promissor — Brisa observou. — É o nosso tipo de gente.

— Eles são… bem hostis em relação a nobres, Lorde Brisa — Demoux disse. — E isso inclui qualquer um com pais nobres.

— Um pouco extremo, acho — Ham disse.

— Muitos consideravam Kelsier extremo, também — Brisa respondeu. — Estou certo de que podemos argumentar com esses rebeldes.

— Ótimo — Elend disse —, pois estou contando com você e Sazed para trazer Urteau ao nosso controle sem uso da força. Há apenas cinco desses depósitos, e não podemos perder nenhum. Quem sabe o que encontraremos em Fadrex? Talvez exija que voltemos aos outros depósitos para encontrar algo que deixamos passar.

Ele se virou, olhando para Brisa e depois para Sazed.

— Não poderemos simplesmente contrabandear a comida para fora de Urteau — acrescentou. — Se a rebelião naquela cidade se espalhar, isso pode fazer o império inteiro se esfacelar. *Temos* que trazer os homens de lá para o

nosso lado.

Todos os presentes assentiram, inclusive Vin. Sabiam por experiência própria quanto poder uma pequena rebelião podia exercer sobre um império.

— O cerco de Fadrex talvez leve um tempo — Elend prosseguiu. — Quero que vocês tenham garantido aquele depósito do norte e suprimido a rebelião muito antes de o verão chegar. Enviem o estoque de sementes para as plantações do Domínio Central.

— Não se preocupe — Brisa disse. — Eu vi o tipo de governantes que os skaa colocam no poder. Quando chegarmos lá, a cidade provavelmente já estará à beira do colapso. Ora, provavelmente até ficarão aliviados por receber uma oferta para se juntar ao Novo Império!

— Cuidado. Os relatórios de Fantasma foram escassos, mas parece que as tensões na cidade estão em plena ebulição. Enviaremos algumas centenas de soldados com você por precaução. — Ele voltou a olhar para o mapa, os olhos estreitando-se levemente. — Cinco depósitos, cinco cidades. De alguma forma, Urteau é parte disso tudo. Não podemos deixá-la escapar.

— Majestade — Sazed disse. — Minha presença é necessária nessa viagem?

Elend franziu o cenho, olhando para Sazed.

— Tem algo mais importante que você precise fazer, Sazed?

— Tenho pesquisas a fazer — o Guardador respondeu.

— Respeito seus desejos, como sempre. Se considera essa pesquisa importante…

— São de natureza pessoal, Majestade — Sazed confessou.

— Não poderia fazê-las enquanto ajuda em Urteau? Você é terrisano, o que lhe dá uma credibilidade que nenhum de nós pode reivindicar. Além disso, as pessoas respeitam e confiam em você, Sazed… com bons motivos. Brisa, por outro lado, tem certa… reputação.

— Trabalhei duro para construí-la, você sabe — Brisa comentou.

— Eu realmente gostaria que você liderasse essa equipe, Sazed — Elend afirmou. — Não consigo pensar em um embaixador melhor que a própria Testemunha Sagrada.

A expressão de Sazed era indecifrável.

— Muito bem — ele disse por fim. — Farei o meu melhor.

— Ótimo — Elend disse, virando-se para olhar o restante do grupo. —

Então, há uma última coisa que preciso pedir a todos vocês.

— E que seria? — Cett questionou.

Elend manteve o silêncio por alguns momentos, olhando para um ponto indefinido sobre a cabeça de todos e parecendo pensativo. Finalmente, ele disse:

— Quero que me contem coisas sobre o Sobrevivente.

— Ele era o Lorde das Brumas — Demoux disse imediatamente.

— Não a retórica — Elend falou. — Quero saber sobre o homem Kelsier. Não o conheci, vocês sabem. Eu o vi uma vez, pouco antes de sua morte, mas nunca o conheci de fato.

— Por que isso? — Cett inquiriu. — Todos nós ouvimos as histórias. Ele é praticamente um deus, segundo os skaa.

— Só façam o que eu pedi.

A tenda ficou em silêncio por alguns momentos. Por fim, Ham tomou a palavra:

— Kell era… grandioso. Não era apenas um homem, era maior que isso. Tudo que fazia era grandioso: seus sonhos, o jeito como falava, a maneira de pensar…

— E não era falso — Brisa acrescentou. — Posso dizer quando um homem está fingindo. Por isso comecei meu primeiro trabalho com Kelsier, na verdade. Em meio a todos os impostores e fingidores, ele era genuíno. Todos queriam ser os melhores. Kelsier, de fato, era.

— Ele era um homem — Vin disse, baixinho. — Apenas um homem. Ainda assim, sempre sabíamos que teria sucesso. Fazia você ser o que ele quisesse.

— De forma que pudesse usar você — Brisa observou.

— Mas você era alguém melhor, quando ele terminava — Ham acrescentou.

Elend assentiu lentamente.

— Gostaria de tê-lo conhecido. No início da minha carreira, sempre me inspirei nele. Quando cheguei a ouvir falar de Kelsier, ele já estava se tornando uma lenda. Era injusto me forçar a tentar ser ele, mas eu me preocupava mesmo assim. De qualquer forma, aqueles de vocês que o conheceram talvez possam responder outra pergunta minha. O que acham que ele diria se nos visse agora?

— Ficaria orgulhoso — Ham disse de pronto. — Digo, derrotamos o Senhor Soberano e formamos um governo skaa.

— E se ele nos visse nesta reunião? — Elend perguntou.

A tenda ficou em silêncio novamente. E, quando alguém enfim falou o que todos estavam pensando, foi alguém inesperado para Vin.

— Ele diria para rirmos mais — Sazed sussurrou.

Brisa deu uma risadinha.

— Ele era totalmente insano, sabe? Quanto pior ficavam as coisas, mais ele fazia piada. Eu me lembro de como ficou animado no dia seguinte a uma das nossas piores derrotas, quando perdemos a maior parte de nosso exército skaa para aquele idiota do Yeden. Kell entrou, saltitante, fazendo uma de suas piadas infames.

— Parece insensível — Allrianne disse.

Ham negou com a cabeça.

— Não. Ele era apenas determinado. Sempre dizia que o riso era algo que o Senhor Soberano não poderia tirar dele. Planejou e executou a derrubada de um império de mil anos, fazendo isso como uma espécie de… penitência por ter deixado a própria esposa morrer pensando que ele a odiava. Mas fez tudo isso com um sorriso nos lábios. Como se toda piada fosse sua maneira de dar um tapa na cara do destino.

— Precisamos do que ele tinha — disse Elend.

Os olhos dos presentes se voltaram para ele.

— Não podemos continuar assim — Elend declarou. — Temos discussões idiotas uns com os outros e nos deixamos levar pela melancolia, assistindo às cinzas caírem, convencidos de que estamos condenados.

Brisa riu novamente.

— Não sei se você notou o terremoto poucos minutos atrás, meu caro, mas o mundo parece estar acabando. É incontestável que esse é um acontecimento deprimente.

Elend meneou a cabeça.

— Podemos sobreviver. Mas a única maneira de isso acontecer é não deixando o nosso povo desistir. Ele precisa de líderes que riam, líderes que sintam que essa luta *pode* ser vencida. Então, é o que peço de vocês. Não me importo se vocês são otimistas ou pessimistas, não me importo se secretamente pensam que todos estaremos mortos antes do fim do mês. Por fora, quero vê-los sorrindo. Façam como um desafio, se precisarem. Se o fim realmente vier, quero que este grupo o enfrente sorrindo. Como o Sobrevivente nos ensinou.

Lentamente, os membros do antigo bando assentiram— até mesmo Sazed,

embora parecesse um tanto perturbado.

Cett apenas sacudiu a cabeça.

— Vocês são malucos. Nunca vou saber como vim parar aqui neste meio.

Brisa gargalhou.

— Mas que mentira, Cett. Você sabe *exatamente* como veio parar aqui conosco. Nós ameaçamos te matar caso não viesse!

Elend estava olhando para Vin. Ela encontrou seus olhos e assentiu. Fora um bom discurso. Ela não sabia ao certo se as palavras dele mudariam alguma coisa — não havia mais como o bando ser do jeito que era no início, só risadas ao redor da mesa de Trevo durante noites sem fim. Se eles mantivessem o sorriso de Kelsier na mente, no entanto, talvez fosse menos provável que esquecessem o motivo principal pelo qual estavam lutando.

— Tudo bem, pessoal — Elend disse por fim. — Vamos começar os preparativos. Brisa, Sazed, Allrianne, precisarei que vocês falem com os escribas sobre as estimativas de suprimento para a viagem. Ham, envie uma mensagem a Luthadel e diga a Penrod para reunir os estudiosos para investigar o cultivo de plantas que possam crescer com pouca luz do sol. Demoux, espalhe a notícia para os homens. Partiremos amanhã.

A Hemalurgia recebeu esse nome devido à sua ligação com o sangue. Não é coincidência, creio eu, que a morte esteja sempre envolvida na transferência de poderes via Hemalurgia. Marsh a descreveu certa vez como um processo "sujo". Eu não teria escolhido esse adjetivo. Não é perturbador o bastante.

13

Tem algo que estou deixando passar, Marsh pensou.

Ele estava sentado no acampamento koloss. Parado. Estava imóvel há horas. As cinzas o cobriam como a uma estátua. A atenção de Ruína estivera concentrada em outro lugar nos últimos tempos, permitindo a Marsh cada vez mais tempo de consciência.

Ele ainda não lutava. Lutar apenas chamava a atenção de Ruína.

Não é o que quero?, pensou. *Ser controlado?* Quando Ruína o forçava a ver as coisas da sua maneira, o mundo moribundo parecia maravilhoso. Aquela felicidade era muito superior ao medo que sentia sentado naquele tronco, sendo gradualmente enterrado pelas cinzas.

Não. Não, não é isso que quero! Era felicidade, sim, mas era falsa. Como antes lutara contra Ruína, agora lutava contra sua própria noção de inevitabilidade.

O que estou deixando passar?, ele pensou novamente, distraído. O exército koloss — uma força de trezentos mil — não se movia há semanas. Seus membros estavam se matando de forma lenta, porém contínua. Parecia um desperdício de recursos deixar o exército estagnado, mesmo que as criaturas pudessem aparentemente comer até mesmo as plantas mortas enterradas sob as cinzas para sobreviver.

Não podem viver tanto tempo, podem? Ele não sabia muito sobre os koloss, apesar de ter passado a maior parte do último ano com eles. Pareciam ser capazes de comer quase qualquer coisa, como se apenas encher o estômago fosse mais importante do que, de fato, se nutrir.

O que Ruína estava esperando? Por que não tomar aquele exército e atacar? Marsh conhecia o suficiente da geografia do Império Final para reconhecer que estava estacionado a norte, próximo de Terris. Por que não descer e atacar Luthadel?

Não havia outros Inquisidores no acampamento. Ruína os convocara para outras tarefas, deixando Marsh sozinho. De todos os Inquisidores, Marsh

recebera o maior número de novas estacas — tivera mais dez cravadas em diversos pontos do corpo. Aquilo parecia fazer dele o mais poderoso dos Inquisidores. Por que deixá-lo para trás?

Ainda assim… de que isso importa?, ele se perguntou. *O fim chegou. Não há como derrotar Ruína. O mundo vai acabar.*

Ele se sentiu culpado pelo pensamento. Se conseguisse baixar os olhos de vergonha, teria baixado. Houvera um tempo em que ele conduzira toda a rebelião skaa. Milhares haviam contado com sua liderança. E então… Kelsier fora capturado. Assim como Mare, a mulher que Kelsier e Marsh amavam.

Quando Kelsier e Mare foram lançados nas Minas de Hathsin, Marsh abandonara a rebelião. Sua justificativa fora simples: se o Senhor Soberano podia pegar Kelsier — o ladrão mais brilhante do seu tempo —, então também acabaria pegando-o. Não fora o medo a impulsionar sua retirada, mas o simples realismo. Marsh sempre fora pragmático. Lutar havia se mostrado inútil. Então, por que fazê-lo?

E aí Kelsier voltara e fizera o que inúmeras gerações de skaa rebeldes não tinham conseguido: derrubou o império, facilitando a morte do próprio Senhor Soberano.

Devia ter sido eu, Marsh pensou. *Eu servi à rebelião minha vida toda, só para desistir pouco antes de eles finalmente vencerem.*

Era trágico, tornado pior pelo fato de que Marsh estava repetindo seus atos. Ele estava desistindo.

Maldito seja, Kelsier!, pensou com frustração. *Não consegue me deixar em paz nem na morte?*

Um fato angustiante e inegável permanecia, porém. Mare estivera certa. Ela escolhera Kelsier em seu lugar. E então, quando os dois homens foram forçados a lidar com a morte dela, um acabara desistindo.

O outro fez os sonhos dela virarem realidade.

Marsh sabia por que Kelsier havia decidido derrubar o Império Final. Não fora por dinheiro, fama ou mesmo, como a maioria desconfiava, por vingança. Kelsier conhecia o coração de Mare. Sabia que ela sonhava com os dias em que as plantas floresceriam e o céu não seria vermelho. Sempre carregava consigo uma pequena imagem de uma flor, uma cópia de uma cópia — uma gravura de algo que se perdera no Império Final, muito tempo antes.

Mas, Marsh pensou com amargura, *você não realizou os sonhos dela,*

Kelsier. Você falhou. Assassinou o Senhor Soberano, mas não consertou nada. Só piorou as coisas!

As cinzas continuaram a cair, soprando em uma brisa preguiçosa ao redor de Marsh. Koloss grunhiam, e, nas proximidades, um deles gritou ao ser morto por um companheiro.

Kelsier estava morto. Mas tinha morrido pelo sonho dela. Mare estivera certa ao escolhê-lo, mas estava morta também. Marsh não. Ainda não. *Ainda posso lutar*, ele disse a si mesmo. *Mas como?* Mover um dedo sequer atrairia a atenção de Ruína.

Embora, durante as últimas semanas, ele não tivesse nem chegado a lutar. Talvez fosse por isso que Ruína decidira deixá-lo sozinho por tanto tempo. A criatura — ou a força, o que quer que fosse — não era onipotente. Marsh desconfiava, no entanto, de que ela podia se mover livremente, observando o mundo e vendo o que estava acontecendo em diversas regiões e pontos espalhados por ele. Nenhuma parede podia bloquear sua visão — ela parecia ser capaz de enxergar qualquer coisa.

Exceto a mente de um homem.

Talvez… talvez se eu parar de lutar por tempo o bastante, serei capaz de surpreendê-la quando eu finalmente decidir atacar.

Parecia um plano tão bom quanto qualquer outro. E Marsh sabia exatamente o que faria quando chegasse o momento. Ele removeria a ferramenta mais útil de Ruína. Puxaria a estaca de suas costas e se suicidaria. Não por frustração, tampouco por desespero. Sabia que tinha uma parte importante a desempenhar nos planos daquela força. Caso pudesse se retirar no momento certo, talvez desse aos outros a chance de que precisavam.

Era tudo que podia dar. Ainda assim, parecia adequado, e sua confiança renovada o fez desejar poder levantar-se e encarar o mundo com orgulho. Kelsier havia se matado para garantir a liberdade dos skaa. Marsh faria o mesmo — esperando ajudar a salvar o mundo da destruição no processo.

Segunda parte

Tecido e Vidro

A consciência de Ruína estava aprisionada no Poço da Ascensão, mantida em grande parte impotente. Naquela noite, quando descobrimos o Poço, encontramos algo que não entendemos. Uma fumaça preta, preenchendo um dos aposentos.

Apesar de termos discutido a respeito, depois, não conseguimos resolver o que era. Como poderíamos ter sabido?

O corpo de um deus — ou, antes, o poder de um deus, pois os dois são na verdade a mesma coisa. Ruína e Preservação residiam no poder e na energia, da mesma forma que uma pessoa reside em sua carne e sangue.

14

Fantasma avivou estanho.

Deixou que o metal queimasse dentro de si, brilhante, poderoso. Ele nunca o desativava, nos últimos tempos. Simplesmente o deixava queimando, permitindo que rugisse um fogo dentro dele. O estanho era um dos metais de queima mais lenta, além de não ser difícil de obter nas quantidades necessárias para a Alomancia.

Ele desceu a rua em silêncio. Mesmo com os agora famosos discursos de Kelsier de que os skaa não precisavam temer as brumas, poucas pessoas saíam à noite. Pois era quando as brumas se assentavam. Profundas e misteriosas, escuras e onipresentes, as brumas eram uma das grandes constantes do Império Final, surgindo todas as noites. Mais espessas que uma simples névoa, rodopiavam em padrões definidos — quase como se os diversos bancos, correntezas e frontões de brumas fossem criaturas vivas. Quase brincalhonas, ainda que enigmáticas.

Para Fantasma, no entanto, quase não eram mais um obstáculo. Sempre lhe falavam para não avivar demais seu estanho, alertavam-no para não ficar dependente dele. Podia provocar reações perigosas no corpo, segundo diziam. E a verdade era que estavam certos. Ele avivara estanho sem parar por um ano — sem trégua, mantendo o corpo em estado constante de supersensibilidade — e isso o *havia* mudado. Preocupava-se com a possibilidade de que as mudanças fossem, de fato, perigosas.

Mas precisava delas, pois o povo de Urteau precisava dele.

As estrelas reluziam no céu acima como um milhão de pequenos sóis. Brilhavam através da bruma que, durante o último ano, havia se tornado diáfana e fraca. No início, Fantasma pensara que o mundo em si estava mudando. Então, percebera que era apenas sua percepção. De alguma forma, ao avivar estanho por tanto tempo, ele havia ampliado permanentemente seus sentidos a um ponto além do que outros alomânticos conseguiam atingir.

Ele quase parou. Avivar estanho começara como reação à morte de Trevo. Ele ainda se sentia horrível pela maneira como escapara de Luthadel, deixando o

tio para morrer. Durante aquelas primeiras semanas, Fantasma avivara seus metais quase como uma penitência — ele queria *sentir* tudo ao redor, absorver tudo, mesmo que fosse doloroso. Talvez justamente porque era doloroso.

Mas então começara a mudar, e aquilo o havia preocupado. Mas a gangue sempre falava sobre como Vin exigia demais de si. Raramente dormia, usando peltre para se manter acordada e alerta. Fantasma não sabia como aquilo funcionava — não era um Nascido da Bruma e podia queimar apenas um metal —, mas imaginou que, se queimar seu único metal lhe desse uma vantagem, era melhor usá-la, pois precisariam de toda vantagem que pudessem conseguir.

A luz das estrelas era como a luz do sol para ele. Já durante o dia, ele precisava usar um pano amarrado sobre os olhos para proteger a vista, e mesmo assim sair na rua era às vezes uma experiência ofuscante. Sua pele se tornara tão sensível que cada seixo no chão — cada rachadura, cada pedacinho de pedra — parecia uma faca atravessando a sola de seus sapatos. O ar fresco primaveril parecia congelante, de forma que agora usava uma capa grossa.

No entanto, ele havia chegado à conclusão de que tais incômodos eram um preço módico a pagar pela oportunidade de se transformar em… fosse lá em que havia se transformado. Enquanto caminhava pela rua, conseguia ouvir as pessoas arrastando os pés e se virando nas camas, mesmo através das paredes. Conseguia sentir um passo a muitos metros de distância. Conseguia enxergar em uma noite escura como nenhum outro ser humano jamais conseguira.

Talvez assim encontrasse uma maneira de se tornar útil aos outros. Antes, era sempre considerado o membro menos importante do grupo. O garoto dispensável que entregava recados ou montava guarda enquanto os outros faziam planos. Ele não se ressentia por isso — estavam certos em lhe dar essas tarefas simples. Por causa de seu dialeto das ruas, fora difícil entendê-lo e, enquanto todos os outros membros da equipe haviam sido escolhidos a dedo por Kelsier, Fantasma tinha se juntado como parte de um pacote, sendo sobrinho de Trevo.

Fantasma suspirou, enfiando as mãos nos bolsos da calça enquanto caminhava pela rua brilhante demais. Conseguia sentir cada fio do tecido.

Ele sabia que coisas perigosas estavam acontecendo: a maneira como as brumas perduravam durante o dia, a maneira como o chão tremia periodicamente fingindo ser um homem adormecido tendo um pesadelo terrível. Fantasma temia que não fosse de grande ajuda nos dias críticos que estavam por vir. Pouco mais de um ano antes, seu tio tinha morrido após o sobrinho fugir da cidade. Ele fugira por medo, mas talvez por ter plena consciência de sua própria

incapacidade de fazer qualquer coisa. Não fora capaz de ajudar durante o cerco.

Não queria ser posto naquela situação de novo. Queria poder ajudar de alguma forma. Não correria para a floresta, escondendo-se enquanto o mundo acabava ao seu redor. Elend e Vin haviam-no mandado para Urteau para que reunisse o máximo de informações que pudesse sobre o Cidadão e o governo dele na cidade, e Fantasma pretendia fazer seu melhor. Se isso significasse levar seu corpo além dos limites seguros, que assim fosse.

Aproximou-se de um grande cruzamento. Olhou para as duas ruas que se cruzavam — a visão clara como o dia para seus olhos. *Posso não ser um Nascido da Bruma e posso não ser imperador*, pensou. *Mas sou alguma coisa. Algo novo. Algo que orgulharia Kelsier.*

Talvez, dessa vez, eu possa ajudar.

Não viu movimento em nenhuma das direções, então seguiu para o norte. Às vezes, parecia estranho se esgueirar em silêncio por uma rua aparentemente tão iluminada. Sabia, porém, que para os outros estava escuro, com apenas a luz das estrelas para ajudar a enxergar, as brumas bloqueando e obscurecendo, como sempre. Estanho ajudava um alomântico a romper as brumas, e os olhos mais e mais sensíveis de Fantasma ficavam cada vez melhores nisso. Ele cruzava as brumas, mal percebendo-as.

Ouviu a patrulha bem antes de enxergá-la. Como seria possível alguém *não* ouvir aquele tilintar de armaduras, não sentir aquele estalar de pés nos paralelepípedos? Ele estacou, parado com as costas no muro de terra que ladeava a rua, observando a patrulha.

Traziam uma tocha — para os olhos aguçados de Fantasma, parecia um feixe incandescente de brilho quase ofuscante. A tocha denunciava a tolice deles. Sua luz não ajudava, ao contrário. Ela refletia nas brumas, envolvendo os guardas em uma pequena bolha de luz que arruinava a visão noturna deles.

Fantasma permaneceu no lugar, imóvel. A patrulha avançou, retinindo ao percorrer a rua. Passaram a poucos metros dele, mas não o perceberam. Havia algo de… revigorante em poder observar, sentindo-se ao mesmo tempo totalmente exposto e perfeitamente invisível, o que o levava a se perguntar por que o novo governo de Urteau se dava ao trabalho de montar patrulhas. Claro, os oficiais skaa do governo tinham pouquíssima experiência com as brumas.

Quando a patrulha desapareceu na esquina, levando consigo a tocha, Fantasma voltou à tarefa. O Cidadão se reuniria com seus assessores naquela noite, caso a agenda fosse mantida. Fantasma pretendia espionar aquela

conversa. Ele prosseguiu cuidadosamente pela rua.

Nenhuma cidade se comparava a Luthadel em tamanho, mas Urteau fazia um esforço respeitável. Como lar hereditário da linhagem Venture, já fora uma cidade muito mais importante — e mais bem mantida — do que era naquele momento. O declínio tivera início mesmo antes da morte do Senhor Soberano. O sinal mais óbvio disso era a via na qual Fantasma caminhava. No passado, a cidade fora cortada por canais que funcionavam como vias fluviais. Esses canais haviam secado algum tempo antes, deixando a cidade riscada por valas fundas e poeirentas que acumulavam lama quando chovia. Em vez de enchê-los, as pessoas simplesmente começaram a usar os leitos vazios como ruas.

A rua que Fantasma usava naquele instante fora uma larga via fluvial capaz de acomodar até mesmo barcaças grandes. Muros de três metros se erguiam de cada lado da rua afundada e edifícios se agigantavam acima, construídos às margens do canal. Ninguém até então fora capaz de dar a Fantasma uma resposta definitiva ou coerente sobre o motivo da seca dos canais — alguns culpavam terremotos; outros, as secas. No entanto, restava o fato de que, nos cem anos desde que os canais haviam perdido a água, ninguém encontrara uma maneira econômica de enchê-los novamente.

Então Fantasma continuou a percorrer a “rua”, sentindo como se caminhasse numa fenda profunda. Diversas escadas de mão — e ocasionais rampas ou lances de escada — levavam às calçadas e aos prédios acima, mas poucas pessoas caminhavam por lá. As ruas-canal — como os cidadãos as chamavam — haviam simplesmente se tornado comuns.

Fantasma sentiu cheiro de fumaça enquanto caminhava. Ergueu os olhos e percebeu uma lacuna no horizonte de prédios. Havia pouco tempo, um prédio naquela rua fora incendiado e desmoronara. A casa de um nobre. O olfato de Fantasma, como todos os outros sentidos, estava incrivelmente sensível. Era possível que estivesse farejando fumaça de muito tempo antes, do tempo das revoltas após a morte de Straff Venture, quando os prédios foram queimados. O cheiro parecia forte demais, porém. Recente demais.

Fantasma se apressou. Urteau estava morrendo aos poucos, decaindo, e muito da culpa poderia ser atribuída ao seu governante, o Cidadão. Muito tempo antes, Elend fizera um discurso para o povo de Luthadel, na noite em que o Senhor Soberano morrera, na noite da rebelião de Kelsier. Fantasma lembrava-se bem das palavras, pois Elend falara sobre ódio, rebelião e os perigos associados a eles. Alertou que, se as pessoas fundassem seu novo governo baseado em ódio

e derramamento de sangue, ele ruiria em medo, inveja e caos.

Fantasma estivera na plateia, ouvindo. Via agora que Elend estava certo. Os skaa de Urteau tinham derrubado seus governantes nobres e, de certa forma, Fantasma se orgulhava deles por isso. Sentia um carinho crescente pela cidade, em parte por ver quão devotamente tentavam seguir os ensinamentos do Sobrevivente. Mas a rebelião não havia terminado com a expulsão da nobreza. Como Elend previra, a cidade se tornara um lugar de medo e morte.

A questão não era *por que* isso havia acontecido, mas como impedir que continuasse.

Por ora, aquele não era o trabalho de Fantasma. Devia somente reunir informações. Apenas a familiaridade — adquirida durante as semanas gastas investigando a cidade — permitiu que ele soubesse quando estava se aproximando, pois era irritantemente difícil saber onde se estava ao andar lá embaixo nas ruas-canal. No início, ele tentara ficar fora delas, esgueirando-se por becos menores no lado de cima. Infelizmente, os canais ligavam a cidade inteira, e ele passava tanto tempo subindo e descendo que acabou percebendo que eles realmente eram a única maneira viável de circular por ali.

A menos que se fosse Nascido da Bruma, claro. Infelizmente, Fantasma não podia pular de prédio em prédio com seu poder alomântico. Ele estava preso aos canais. Então as usava da melhor forma que podia.

Escolhendo uma escada, agarrou-se a ela e começou a subir. Embora calçasse luvas de couro, conseguia sentir a granulação da madeira. Lá em cima, uma pequena calçada seguia ao lado da rua-canal. Um beco se estendia à frente de Fantasma, levando a um grupo de casas. Um prédio no fim da ruazinha era seu objetivo, mas ele não foi até lá. Em vez disso, esperou em silêncio, buscando sinais que sabia estarem lá. Como havia imaginado, logo captou um farfalhar em uma janela poucos prédios adiante. Seus ouvidos captaram sons de passos em outro prédio. A rua estava sendo vigiada.

Fantasma se virou. Embora as sentinelas parecessem vigiar o beco com cautela, sem querer deixaram outra via aberta ao fazer isso: os próprios prédios. Fantasma se esgueirou à direita, movendo pés que sentiam cada seixo sob eles, escutando com ouvidos capazes de detectar o mais leve ofegar de um homem que identificava algo estranho. Ele contornou o lado externo de um prédio, afastando-se dos olhos vigilantes, e entrou num beco sem saída do outro lado. Lá, apoiou uma das mãos na parede da construção.

Havia vibrações dentro do aposento; estava ocupado, então ele foi para o

seguinte. Este o alertou de imediato da presença de pessoas. Vozes sussurradas conversavam lá dentro. No terceiro cômodo, contudo, não percebeu nada. Nenhuma vibração de movimento. Nenhum sussurro. Nem mesmo o palpitar mudo de um coração batendo — algo que às vezes conseguia ouvir, se o ar estivesse bem parado. Respirando fundo, Fantasma arrombou a tranca da janela e deslizou para dentro.

Era um dormitório, vazio como antecipara. Nunca antes havia entrado naquele aposento em particular. O coração de Fantasma bateu forte enquanto ele fechava a janela e atravessava o assoalho. Apesar da escuridão quase total, ele não tinha problemas em enxergar. Aquilo mal lhe parecia penumbra.

Fora do aposento, deparou-se com um corredor mais familiar. Com facilidade, passou sorrateiro por duas salas de guardas, onde homens vigiavam a rua. Era de certa forma emocionante infiltrar-se daquele jeito. Fantasma estava em uma das casas da guarda do próprio Cidadão, a poucos passos de grandes quantidades de soldados armados. Eles deveriam ter tido a cautela de proteger melhor o próprio prédio.

Ele deslizou escada acima, seguindo para uma sala pequena, raramente usada, no terceiro andar. Verificou as vibrações e então se esgueirou para dentro. A câmara austera estava abarrotada de sacos de dormir extras e uma pilha empoeirada de uniformes. Fantasma sorriu ao se mover pelo aposento, pisando com cuidado e silenciosamente, seus dedos do pé muito sensíveis, capazes de sentir tábuas soltas, rangentes ou deformadas. Ele se sentou no caixilho da janela, confiante de que ninguém lá fora enxergaria bem o suficiente para flagrá-lo.

A casa do Cidadão ficava a poucos metros de distância. Quellion condenava ostentação e havia escolhido para seu quartel-general uma estrutura de tamanho modesto — provavelmente o lar de um nobre menor. Tinha um pequeno quintal, que Fantasma conseguia ver facilmente de seu lugar privilegiado. O prédio em si brilhava, sua luz vazando de cada fresta e janela. Era como se o prédio estivesse repleto de algum poder incrível, prestes a estourar.

Por outro lado, aquilo era apenas como a queima de estanho exagerada o fazia ver qualquer prédio que tivesse luzes acesas no interior.

Fantasma se apoiou no batente, as pernas sobre o caixilho da janela, que não tinha vidro nem cortinas, embora buracos de prego na lateral da madeira indicassem que houvera algo ali antes. O motivo pelo qual as cortinas haviam sido removidas não importava para Fantasma — a falta delas significava que era

improvável que alguém entrasse naquele aposento à noite. As brumas já haviam dominado o recinto, mas eram tão fracas aos olhos de Fantasma que ele tinha dificuldade em enxergá-las.

Por um momento, nada aconteceu. O prédio e os terrenos abaixo permaneceram silenciosos e tranquilos no ar noturno. Após certo tempo, porém, ela acabou aparecendo.

Fantasma se empertigou, observando a jovem sair da casa e entrar no jardim. Trajava um vestido de skaa marrom-claro — uma veste que de alguma forma caía nela com impressionante elegância. Seus cabelos eram mais escuros que o vestido, mas não muito. Fantasma havia visto pouquíssimas pessoas com aquele escuro tom castanho-avermelhado — ao menos pouquíssimas pessoas que conseguiam mantê-lo limpo de cinza e fuligem.

Todos na cidade conheciam Beldre, a irmã de Cidadão, embora poucos a tivessem visto. Diziam que era bela — e, neste caso, os rumores eram verdadeiros. No entanto, ninguém mencionava sua tristeza. Com o estanho tão avivado, Fantasma se sentia ao lado dela. Conseguia ver olhos profundos, tristes, refletindo a luz do prédio reluzente às suas costas.

Havia um banco no quintal, em frente a um pequeno arbusto. Era a única planta que restava no jardim; o restante havia sido arrancado e jogado fora, deixando para trás a terra marrom-escura. Pelo que Fantasma ouvira, o Cidadão havia declarado que jardins ornamentais eram coisa de nobre. Alegava que tais lugares tinham sido possíveis apenas por meio de suor de escravos skaa — apenas outra maneira pela qual a nobreza havia conseguido altos níveis de luxo e criado simultaneamente altos níveis de trabalho para seus servos.

Quando o povo de Urteau caiou os muros da cidade e quebrou os vitrais das janelas, também arrancou todos os jardins ornamentais.

Beldre sentou-se no banco, as mãos imóveis no colo, olhando para o arbusto triste. Fantasma tentava se convencer de que ela não era o motivo de ele sempre fazer questão de invadir e espionar as conferências noturnas do Cidadão — e na maioria das vezes conseguia. Aquelas eram algumas de suas melhores oportunidades de espionar. Poder ver Beldre era simplesmente um bônus. Nada com que se importasse *muito,* claro. Ele nem mesmo a conhecia.

Estava pensando nisso enquanto ficava lá, sentado, encarando-a, desejando que tivesse uma maneira de falar com ela.

Mas não era hora para aquilo. O exílio de Beldre ao jardim significava que a reunião do irmão estava prestes a começar. Ele sempre a mantinha por perto,

mas aparentemente não queria que ouvisse segredos de Estado. Infelizmente para o Cidadão, sua janela se abria na direção do ponto de observação de Fantasma. Nenhum homem normal — nem mesmo um Olho de Estanho ou Nascido da Bruma comum — conseguiria ter ouvido o que estava sendo dito lá dentro. Mas Fantasma não era normal, mesmo em qualquer definição ampliada da palavra.

Não serei mais inútil, ele pensou com determinação enquanto ouvia as palavras proferidas em sigilo. Elas atravessavam as paredes, cruzavam o curto espaço e chegavam aos seus ouvidos.

— Tudo bem, Olid — uma voz disse. — Quais são as novidades?

A voz já era familiar para Fantasma. Quellion, o Cidadão de Urteau.

— Elend Venture conquistou outra cidade — uma segunda voz disse, a de Olid, o ministro do exterior.

— Onde? — Quellion questionou. — Que cidade?

— Uma desimportante — Olid respondeu. — Ao sul. Mal tinha cinco mil pessoas.

— Não faz sentido algum — uma terceira voz comentou. — Ele abandonou imediatamente a cidade, levando os habitantes consigo.

— Mas de alguma forma colocou as mãos em mais um exército koloss — Olid acrescentou.

Ótimo, Fantasma pensou. A quarta caverna era deles. Luthadel não morreria de fome por um tempo. Dessa forma, restavam apenas duas para reivindicar — aquela de Urteau e a última, onde quer que estivesse.

— Um tirano não precisa de motivo real para o que faz — Quellion disse. Era jovem, mas não tolo. Às vezes, soava como outros homens que Fantasma havia conhecido. Homens sábios. A diferença, portanto, era uma questão de extremismo.

Ou, talvez, de momento?

— Um tirano simplesmente conquista pelo desejo de controle — Quellion continuou. — Venture não está satisfeito com as terras que tomou… nunca ficará. Ele vai continuar conquistando. Até chegar a nós.

O recinto ficou em silêncio.

— Relatos dizem que ele está enviando um embaixador para Urteau — a terceira voz disse. — Um membro do grupo do próprio Sobrevivente.

Fantasma ficou interessado.

Quellion bufou.

— Um dos mentirosos? Vindo para cá?

— Para nos oferecer um tratado, dizem os rumores — Olid disse.

— E daí? — Quellion perguntou. — Por que menciona isso, Olid? Acha que deveríamos fazer um pacto com o tirano?

— Não temos como combatê-lo.

— O Sobrevivente não tinha como combater o Senhor Soberano, mas combateu, mesmo assim. Morreu, mas ainda assim venceu, dando aos skaa coragem para se rebelar e derrubar a nobreza.

— Até aquele desgraçado do Venture tomar o controle — a terceira voz observou.

O aposento voltou a cair no silêncio.

— Não podemos nos render a Venture — Quellion disse por fim. — Não vou entregar esta cidade a um nobre, não depois do que o Sobrevivente fez por nós. De todo o Império Final, apenas Urteau atingiu o objetivo de Kelsier de estabelecer uma nação governada pelos skaa. Apenas nós queimamos as casas da nobreza. Apenas nós limpamos nossa cidade e nossa sociedade. Apenas nós obedecemos. O Sobrevivente olhará por nós.

Fantasma sentiu um arrepio. Parecia muito estranho ouvir homens que ele não conhecia falando de Kelsier nesse tom. Fantasma caminhara com Kelsier, aprendera com ele. Que direito tinham esses homens de falar como se tivessem conhecido o homem que se transformara no Sobrevivente?

A conversa passou para assuntos mais triviais. Discutiram novas leis que proibiriam certos tipos de roupas anteriormente preferidas pela nobreza e, em seguida, tomaram a decisão de aplicar mais recursos no comitê de pesquisa genealógica. Precisavam revelar qualquer um na cidade que estivesse escondendo traços de linhagem nobre. Fantasma tomou notas para que pudesse enviar as informações aos outros. No entanto, encontrou dificuldade em impedir que seus olhos se voltassem para a jovem no jardim.

O que lhe traz tanta tristeza?, perguntou-se. Parte dele queria descer e perguntar — ser ousado, como o Sobrevivente teria sido, pular lá embaixo para indagar àquela garota séria e solitária por que encarava a planta com tal melancolia. Na verdade, ele quase chegou a se erguer antes de controlar o impulso.

Podia ser único, podia ser poderoso, mas — como precisou lembrar-se de

novo — não era um Nascido da Bruma. Sua força estava no silêncio e na discrição.

Então, ele se recostou. Contente, por ora, em inclinar-se e observá-la, sentindo que de alguma forma — apesar da distância, apesar de sua ignorância —, entendia aquele sentimento nos olhos da moça.

As cinzas.

Não acho que as pessoas realmente entendiam como eram afortunadas. Durante os mil anos antes do Colapso, elas empurravam cinzas para dentro dos rios, empilhavam-nas fora das cidades e, em geral, deixavam-nas lá. Nunca entenderam que, sem os micróbios e as plantas que Rashek havia desenvolvido para decompor as partículas das cinzas, a terra teria sido rapidamente enterrada.

Mas, é claro, isso acabou acontecendo de qualquer maneira.

15

As brumas queimavam. Brilhantes, exuberantes e iluminadas pela luz solar vermelha, pareciam um incêndio a envolvendo.

Era um acontecimento incomum ter brumas durante o dia. Mas mesmo as brumas noturnas não pareciam ser mais as de Vin. Antes, elas a cobriam e protegiam. Agora, pareciam cada vez mais estranhas a ela. Quando usava Alomancia, parecia afastar levemente as brumas — como uma fera selvagem desconfiada que se afasta de uma luz forte.

Ela estava sozinha diante do acampamento, silencioso apesar de o sol ter se erguido horas antes. Até então, Elend continuava a manter seu exército protegido das brumas, ordenando que ficassem nas tendas. Ham alegou ser desnecessário expor suas tropas, mas o instinto de Vin dizia que Elend se ateria ao plano de colocar os soldados em contato com a bruma. Eles precisavam ser imunizados.

Por quê?, pensou Vin, olhando para cima, através das brumas iluminadas pelo sol. *Por que você mudou? O que há de diferente?* Elas dançavam ao seu redor, movendo-se em seu padrão habitual e estranho de correntes e espirais inquietas. Para Vin, parecia que tinham começado a se mover mais rapidamente. Estremecendo. Vibrando.

Quando o sol pareceu ficar mais quente, as brumas finalmente se retraíram, desaparecendo como água evaporando em uma panela aquecida. A luz a atingiu como uma onda, e Vin se virou, observando a partida das brumas, sua morte como um grito ecoando pelas planícies.

Não são naturais, Vin pensou quando os guardas avisaram que era seguro sair. O acampamento imediatamente começou a aquecer e a se mover, homens saindo a passos largos das tendas, dando início às atividades matutinas com um arroubo de urgência. Vin permaneceu à cabeceira do acampamento, com a estrada empoeirada aos seus pés, o canal imóvel à sua direita. Ambos pareciam mais *reais* agora que as brumas haviam desaparecido.

Perguntara a Sazed e a Elend suas opiniões sobre as brumas — se eram naturais ou… algo mais. E os dois, como bons eruditos que eram, mencionaram teorias apoiando *ambos* os lados da discussão. Sazed, ao menos, acabara

chegando a uma decisão — concluíra que as brumas eram naturais.

Mesmo a maneira que as brumas sufocam algumas pessoas, deixando outras vivas, poderia ser explicada, Lady Vin, ele dissera. *Afinal, picadas de inseto matam algumas pessoas, enquanto mal incomodam outras.*

Vin não estava muito interessada em teorias e discussões. Havia passado a maior parte da vida pensando nas brumas como qualquer outro padrão climático. Reen e os outros ladrões costumavam zombar de histórias que descreviam as brumas como sobrenaturais. Ainda assim, quando Vin se tornou uma alomântica, começou a conhecer as brumas. Ela as *sentia*, algo que pareceu ficar ainda mais potente no dia em que tocou o poder do Poço da Ascensão.

Elas desapareciam rápido demais. Quando evaporavam à luz do sol, retiravam-se como uma pessoa fugindo em busca de abrigo. Como… um homem que, após usar toda a força para lutar, por fim desistia e batia em retirada. Além disso, as brumas não apareciam em lugares fechados. Uma simples tenda bastava para proteger os homens em seu interior. Era como se entendessem, de alguma forma, que ali estavam excluídas, que ali não eram bem-vindas.

Vin voltou os olhos para o sol, brilhante como uma brasa escarlate por trás da névoa escura da atmosfera superior. Ela desejava que TenSoon estivesse ali para poder discutir com ele suas preocupações. Sentia muita falta do kandra, mais do que jamais pensara que iria sentir. Sua franqueza simples fazia um belo par com a dela. Ela ainda não sabia o que havia acontecido com ele após voltar ao seu povo; tinha tentado encontrar outro kandra para que lhe entregasse uma mensagem, mas as criaturas haviam rareado bastante recentemente.

Ela suspirou e se virou, caminhando em silêncio de volta ao acampamento.

Era impressionante como os homens conseguiam colocar o exército rapidamente em marcha. Passavam as manhãs aprisionados em suas tendas, cuidando de armaduras e armas, os cozinheiros preparando o que podiam. Quando Vin havia atravessado uma pequena distância, as fogueiras já crepitavam, e as tendas começavam a se desmanchar conforme os soldados trabalhavam com agilidade para preparar a partida.

Ao passar, alguns homens a saudaram. Outros baixaram a cabeça em reverência. Outros ainda viraram o rosto, aparentando insegurança. Vin não os culpava. Mesmo *ela* não sabia ao certo qual era seu lugar naquele exército. Como esposa de Elend, era tecnicamente sua imperatriz, embora não usasse trajes reais. Para muitos, ela era uma figura religiosa, a Herdeira do Sobrevivente. E, na verdade, também não queria aquele título.

Ela encontrou Elend e Ham conversando do lado de fora da tenda imperial, que estava em estágio inicial de desmontagem. Embora estivessem ao ar livre, seus gestos totalmente descontraídos, Vin percebeu de imediato como os dois estavam longe dos trabalhadores, como se não quisessem que os homens os ouvissem. Queimando estanho, ela conseguiu divisar o que estavam dizendo muito antes de alcançá-los.

— Ham — Elend disse em voz baixa —, você sabe que tenho razão. Não podemos continuar fazendo isso. Quanto mais penetrarmos no Domínio Ocidental, mais perderemos luz do dia para as brumas.

Ham negou com a cabeça.

— Você realmente ficaria lá parado, vendo seus próprios soldados morrerem, El?

O rosto de Elend se enrijeceu, e ele encontrou os olhos de Vin quando ela se juntou a eles.

— Não podemos esperar as brumas irem embora toda manhã.

— Mesmo se isso salvar vidas? — Ham inquiriu.

— Reduzir a velocidade *custa* vidas — Elend respondeu. — Cada hora que passamos aqui, traz as brumas para mais perto do Domínio Central. Estamos planejando ficar em cerco por algum tempo, Ham… e isso significa que precisamos chegar a Fadrex o mais rápido possível.

Ham olhou para Vin, buscando apoio. Ela negou com a cabeça.

— Desculpe, Ham. Elend está certo. Não podemos ter um exército inteiro dependente dos caprichos das brumas. Ficaríamos expostos: se alguém nos atacasse pela manhã, nossos homens teriam que reagir e ser derrubados pelas brumas ou se esconder nas tendas e esperar.

Ham fez uma careta e então pediu licença, saindo com passos pesados em meio às cinzas caídas para ajudar um grupo de soldados a arrumar suas tendas. Vin caminhou até Elend, observando o grande soldado partir.

— Kelsier estava errado sobre ele — disse por fim.

— Sobre quem? — Elend perguntou. — Ham?

Vin assentiu.

— No fim, após a morte de Kelsier, encontramos um último bilhete dele. Dizia que havia escolhido os membros da gangue para serem líderes em seu novo governo. Brisa para ser embaixador, Dockson, um burocrata, e Ham, o general. Os outros dois se encaixaram perfeitamente em seus papéis, mas Ham…

— Ele se envolve demais — Elend concluiu. — Precisa conhecer cada homem que comanda pessoalmente ou não fica à vontade. E, quando conhece todos eles bem, acaba se afeiçoando.

Vin assentiu, em silêncio, observando Ham começar a gargalhar e trabalhar com os soldados.

— Ouça como falamos friamente da vida daqueles que nos acompanham — Elend disse. — Talvez fosse melhor se afeiçoar, como Ham. Talvez assim eu não fosse tão rápido em mandar pessoas para a morte.

Vin olhou Elend de soslaio, preocupada com a amargura na voz do marido. Ele sorriu, tentando ocultá-la, e desviou o olhar em seguida.

— Você precisa fazer alguma coisa com aquele seu koloss. Ele está perambulando pelo acampamento, assustando os homens.

Vin franziu o cenho. Assim que pensou na criatura, tomou ciência de onde ela estava — perto das margens do acampamento. Não saía nunca do controle de Vin, mas ela só o dominava plena e diretamente quando se concentrava. Do contrário, ele seguia apenas suas ordens gerais — ficar na área, não matar.

— Preciso verificar se as barcaças estão prontas para seguir — Elend disse. Ele olhou para Vin e, quando ela não indicou que o seguiria, deu-lhe um beijo rápido e se afastou.

Vin atravessou novamente o acampamento. A maioria das tendas estava desmontada e guardada, e os soldados estavam comendo rapidamente. Ela deixou o perímetro e encontrou Humano sentado em silêncio, as cinzas pairando levemente sobre suas pernas. Ele observava o acampamento com olhos vermelhos, o rosto partido pela pele rasgada que pendia de seu olho direito até o canto da boca.

— Humano — ela falou, cruzando os braços.

O koloss olhou para ela e se levantou, as cinzas caindo de sua figura azul e exageradamente musculosa de quase três metros e meio. Mesmo com a quantidade de criaturas que Vin já havia matado, mesmo sabendo que controlava totalmente aquela, ela teve um reflexo de medo ao ficar diante da fera gigantesca de pele esticada e rasgos ensanguentados.

— Por que você veio ao acampamento? — perguntou, dissipando o próprio pânico.

— Sou humano — ele disse com seu tom lento, deliberado.

— Você é um koloss. E sabe disso.

— Eu deveria ter uma casa — Humano disse. — Como aquelas.

— Aquelas são tendas, não casas — Vin retrucou. — Não pode vir ao acampamento desse jeito. Precisa ficar com os outros koloss.

Humano se virou, olhando para o sul, onde o exército koloss aguardava, separado dos seres humanos. Eles permaneciam sob o controle de Elend, vinte mil criaturas, agora que haviam recolhido os dez mil que tinham aguardado com o grosso do exército. Fazia mais sentido deixá-los sob o controle de Elend, pois — em termos de puro poder — ele era um alomântico muito mais forte que Vin.

Humano olhou de volta para ela.

— Por quê?

— Por que você precisa ficar com os outros? — Vin questionou. — Porque você deixa as pessoas no acampamento desconfortáveis.

— Então elas deveriam me atacar.

— Por isso você não é um ser humano. Não atacamos as pessoas apenas porque nos deixam desconfortáveis.

— Não. Você *nos* faz matar elas no seu lugar.

Vin hesitou, inclinando a cabeça. No entanto, Humano apenas virou o rosto, encarando o acampamento outra vez. Seus olhos brilhantes e vermelhos dificultavam adivinhar o que estava pensando, mas Vin quase sentiu um… anseio, um desejo em sua expressão.

— Você é uma de nós — Humano disse.

Vin ergueu os olhos.

— Eu?

— Você é como nós. Não como eles.

— Por que diz isso?

Humano baixou os olhos para ela.

— Bruma — ele disse.

Vin sentiu um calafrio momentâneo, embora não tivesse ideia do motivo.

— Como assim?

Humano não respondeu.

— Humano — ela disse, tentando outra tática. — O que você acha das brumas?

— Elas vêm à noite.

Vin assentiu.

— Sim, mas o que você acha delas? Seu povo. Eles temem as brumas? Elas já mataram algum de vocês?

— Espadas matam. Chuva não mata. Cinzas não matam. Bruma não mata.

Lógica razoavelmente boa, Vin pensou. *Um ano atrás, eu teria concordado*. Ela estava prestes a desistir dessa linha de pensamento quando Humano prosseguiu:

— Odeio a bruma.

Vin esperou.

— Odeio a bruma porque a bruma me odeia — Humano falou. Olhou para ela. — *Você* sente isso.

— Sim — Vin respondeu, surpresa consigo mesma. — Sinto.

Humano a encarou, uma risca de sangue escorrendo da pele rasgada ao lado do olho, correndo pela pele azulada, misturando-se aos flocos de cinza. Por fim, ele assentiu, como se aprovasse a resposta honesta dela.

Vin estremeceu. *A bruma não está viva*, pensou. *Ela não pode me odiar. Estou imaginando coisas.*

Mas… no passado, anos antes, ela havia usado as brumas. Enquanto combatia o Senhor Soberano, de alguma forma ganhara um poder sobre elas. Fora como se usasse as brumas para abastecer sua Alomancia, em vez de metais. Apenas com esse poder conseguiu derrotar o Senhor Soberano.

Aquilo acontecera muito tempo antes, e ela nunca se vira capaz de repetir aquele feito. Havia tentado várias vezes com o passar dos anos e, depois de muitos fracassos, começou a pensar que talvez pudesse ter se enganado. Certamente, em tempos mais recentes, as brumas haviam ficado pouco amistosas. Tentava se convencer de que não havia nada de sobrenatural naquilo, mas sabia que não era verdade. O que dizer daquele espírito da bruma, a coisa que tentara matar Elend e, depois, o salvara ao mostrar a Vin como transformá-lo em um alomântico? Era real, disso ela estava certa, mesmo que não o tivesse visto no último ano.

O que dizer da hesitação que sentia diante das brumas, a maneira como elas se afastavam? A maneira como ficavam fora dos prédios e a maneira como matavam. Tudo parecia apontar para o que Humano havia dito. As brumas — as Profundezas — a odiavam. E, finalmente, ela reconheceu o que resistira em admitir por tanto tempo.

As brumas eram suas inimigas.

Eles são chamados de prodígios alomânticos. Homens ou mulheres que avivam seus metais por tanto tempo e tão forte que o influxo constante de poder alomântico transforma sua própria fisiologia.

Na maioria dos casos, com a maioria dos metais, os efeitos são muito leves. Queimadores de bronze, por exemplo, frequentemente se tornam prodígios do bronze sem saber. Seu alcance é expandido por queimarem o metal por longos períodos. Tornar-se um prodígio de peltre é perigoso, pois exige manter demais o corpo em um estado no qual não é possível sentir exaustão ou dor. A maioria acidentalmente se mata antes de o processo terminar, e, em minha opinião, o benefício não vale o esforço.

Prodígios de estanho, no entanto… bem, são um tanto especiais. Dotados de sentidos além do que qualquer alomântico normal poderia precisar — ou mesmo desejar —, eles se transformam em escravos do que tocam, ouvem, veem, cheiram ou provam. Ainda assim, o poder anormal desses sentidos lhes dá uma vantagem distinta e interessante.

Pode-se argumentar que, como um Inquisidor que foi transformado por uma estaca hemalúrgica, o prodígio alomântico não chega sequer a ser humano.

16

Fantasma despertou para a escuridão.

Isso vinha acontecendo com cada vez menos frequência nos últimos tempos. Conseguia sentir a venda no rosto, apertada sobre olhos e ouvidos. Estava enterrada em sua pele extremamente sensível, mas, ainda assim, usá-la era muito melhor que estar sem ela. A luz das estrelas era tão brilhante aos seus olhos quanto o sol, e os passos no corredor atrás da porta do quarto podiam soar como trovoadas. Mesmo com o tecido grosso sobre os olhos, mesmo com os ouvidos tapados com cera, mesmo com as persianas bem fechadas e amarradas com um pano, às vezes ele tinha dificuldade para dormir.

O abafamento era perigoso. Deixava-o vulnerável. E, ainda assim, a falta de sono seria ainda pior. Talvez tudo o que havia feito ao próprio corpo com a queima de estanho o matasse. E, no entanto, quanto mais tempo passava entre o povo de Urteau, mais sentia que as pessoas dali precisariam de sua ajuda para sobreviver aos perigos que se aproximavam. Ele precisava de uma vantagem. Apesar de se preocupar com a possibilidade de ter tomado a decisão errada, ao menos havia tomado alguma. Continuaria com ela, esperando que fosse o suficiente.

Ele grunhiu baixinho, sentando-se, tirando o tecido e puxando a cera dos ouvidos. O quarto estava escuro, mas mesmo a luz fraca que atravessava a janela — as lacunas preenchidas com tecido — bastava para que enxergasse.

O estanho se avivava confortavelmente em seu estômago. A reserva estava quase no fim, exaurida durante a noite. O corpo de Fantasma agora a usava por instinto, seu consumo havia se tornado inconsciente, como a respiração ou o piscar dos olhos. Ouvira falar de Brutamontes que podiam queimar peltre para curar o corpo mesmo sem consciência dos ferimentos. O corpo entendia do que precisava.

Ele estendeu a mão para um frasco ao lado da cama, tirando dele um pequeno punhado de pó de estanho. Trouxera bastante consigo de Luthadel, aumentando seu estoque com compras posteriores no mercado negro. Felizmente, estanho era relativamente barato. Ele jogou o punhado em uma

caneca sobre o criado-mudo e em seguida foi até a porta. O quarto era pequeno e atulhado, mas ele não precisava dividi-lo com mais ninguém. Aquilo era um luxo para os padrões dos skaa.

Ele estreitou os olhos e abriu a porta. A luminosidade do corredor banhado de sol o atingiu. Cerrando os dentes devido à luz intensa, apesar de continuar com as pálpebras fechadas, tateou o chão. Logo descobriu a jarra de água fresca — tirada do poço para ele pelos criados da estalagem —, puxou-a para dentro e fechou a porta.

Ele piscou, atravessando o quarto para encher a caneca. Bebeu de um gole só com o estanho. Seria o bastante para o dia. Pegou um punhado extra e colocou numa bolsinha, só para garantir.

Poucos minutos depois, estava pronto. Sentou-se na cama, fechando os olhos e se preparando para o dia. Se os espiões do Cidadão estivessem certos, outros membros do grupo de Elend estavam a caminho de Urteau. Provavelmente tinham ordens para capturar o depósito e reprimir a rebelião; Fantasma precisaria recolher o máximo de informações que pudesse antes que chegassem.

Ele se sentou, repassando planos e refletindo. Conseguia sentir pés batendo nos quartos ao redor — a estrutura de madeira parecia sacudir e tremer como uma enorme colmeia cheia de operários ocupados. Lá fora, ouvia vozes chamando, gritando, falando. Sinos soavam ao longe. Ainda era cedo, mal passando do meio-dia, mas as brumas já haviam desaparecido — Urteau tinha cerca de seis ou sete horas de luz do dia sem brumas; ou seja, um lugar onde as safras ainda podiam crescer e seres humanos ainda podiam prosperar.

Normalmente, Fantasma teria dormido durante as horas do dia. No entanto, havia coisas que precisava fazer. Abriu os olhos, em seguida foi até o criado-mudo, tirando dele um par de óculos. Haviam sido feitos sob medida, com lentes que não corrigiam sua visão. Tinham apenas vidros normais.

Ele colocou os óculos e, em seguida, amarrou novamente a venda ao redor da cabeça, cobrindo a frente e a lateral das lentes. Mesmo com os sentidos aguçados, não conseguia ver através das pálpebras. No entanto, com os óculos, ele conseguia abrir os olhos e usar o tecido ao mesmo tempo. Tateou seu caminho até a janela, em seguida tirou os panos e abriu as cortinas que a cobriam.

A luz quente, quase escaldante, do sol o banhou. A venda se enterrava na pele de sua cabeça, pinicando. Mas ele conseguia enxergar. O pano bloqueava apenas o suficiente da luz para impedir que cegasse, mas era translúcido o

bastante para permitir sua visão. Era como as brumas, na verdade — o tecido era quase invisível para ele, pois seus olhos eram extremamente aguçados. Sua mente apenas filtrava a interferência do tecido.

Fantasma assentiu consigo mesmo. Em seguida, pegou seu bastão de duelo e saiu do quarto.

— Sei que você é quieto — falou Durn, batendo suavemente no chão à sua frente com um par de varetas. — Mas até mesmo você precisa admitir que isso é melhor do que viver sob o jugo dos lordes.

Fantasma estava sentado em uma rua-canal as costas apoiadas em uma parede de pedra que havia sustentado o canal e a cabeça levemente inclinada. O Fosso do Mercado era a rua-canal mais larga de Urteau. No passado, fora um curso d'água tão amplo que três barcos podiam atracar lado a lado no meio e ainda sobrava espaço dos dois lados para passagem de outros em qualquer direção. Agora havia se tornado a principal alameda da cidade e também a principal localização para comerciantes e pedintes.

Pedintes como Fantasma e Durn. Sentavam-se bem na lateral da fenda, edificações se assomando sobre eles como muralhas de uma fortaleza. Poucos passantes prestavam atenção nos homens maltrapilhos. Ninguém parava para observar que um deles parecia estar analisando a multidão com cuidado, apesar do tecido escuro sobre os olhos, enquanto o outro falava de um jeito articulado demais para ter crescido na sarjeta.

Fantasma não respondeu à pergunta de Durn. Em sua juventude, a forma como falava — com um sotaque carregado, a língua cheia de gírias — fora sua marca, o que fazia com que geralmente fosse desprezado. Mesmo agora, ele não tinha a loquacidade ou as maneiras charmosas de Kelsier. Então simplesmente tentava falar o mínimo possível. Menos chance de se meter em encrencas.

Estranhamente, em vez de considerarem *mais fácil* desprezá-lo quando não falava, isso parecia fazer com que prestassem mais atenção nele. Durn continuava a fazer seu batuque com os gravetos, como um artista de rua sem público. As batidas no chão de terra eram leves demais para alguém ouvir — exceto por Fantasma.

O ritmo de Durn era perfeito. Qualquer menestrel o teria invejado.

— Quero dizer, olhe para o mercado — o outro continuou. — Com o Senhor Soberano, a maioria dos skaa jamais poderia fazer comércio abertamente. Temos

algo belo aqui. Skaa governando skaa. Estamos felizes.

Fantasma conseguia ver o mercado. Pensava que se as pessoas estivessem realmente felizes, estariam sorrindo, não com carrancas no rosto. Estariam comprando e passeando, não pegando rapidamente o que queriam e seguindo em frente. Além disso, se a cidade fosse a utopia feliz que deveria ser, não haveria necessidade das dúzias de soldados que vigiavam a multidão. Fantasma negou com a cabeça. Todo mundo usava exatamente as mesmas roupas — cores e estilos ditados pelo Cidadão. Mesmo a mendicância era extremamente regulamentada. Os homens logo chegariam para contar as esmolas de Fantasma, calcular quanto havia ganhado e retirar a parte do Cidadão.

— Olha só — Durn disse —, você vê alguém sendo espancado ou morto na rua? Com certeza, algumas restrições valem a pena se é isso que temos em troca.

— Agora as mortes acontecem em becos silenciosos — Fantasma disse baixinho. — Ao menos o Senhor Soberano nos matava abertamente.

Durn franziu o cenho, recostou-se, batendo no chão com suas varetas. Era um padrão complexo. Fantasma sentia as vibrações pelo chão e as considerava calmantes. As pessoas sabiam do talento pelo qual passavam, batendo calmamente no chão que percorriam? Durn poderia ter sido um músico magistral. Infelizmente, sob as leis do Senhor Soberano, os skaa não podiam tocar música. E sob as do Cidadão… bem, em geral não era bom chamar a atenção para si, não importava por qual método.

— Aí está — Durn falou, de repente. — Conforme prometido.

Fantasma ergueu os olhos. Através dos murmúrios, dos sons, dos lampejos de cor e do aroma forte de detritos, pessoas e produtos à venda, Fantasma viu um grupo de prisioneiros sendo escoltado por soldados em trajes marrons. Às vezes, a inundação de sensações quase o sobrecarregava. No entanto, como já dissera a Vin antes, queimar estanho não era sobre o que se poderia sentir, mas sobre o que se conseguia ignorar. E ele havia aprendido muito bem a se concentrar nos sentidos de que precisava, pondo de lado as distrações.

Os clientes do mercado abriram caminho para o grupo de soldados e seus prisioneiros. As pessoas baixavam a cabeça, observando com seriedade.

— Você ainda quer acompanhar? — Durn perguntou.

Fantasma se levantou.

Durn assentiu. Em seguida, se levantou e agarrou Fantasma pelo ombro. Sabia que ele conseguia enxergar — ou, ao menos, Fantasma havia presumido

que Durn era perceptivo o bastante para ter notado aquilo. Contudo, os dois mantinham a farsa. Era comum entre os mendigos adotar uma encenação de sofrimento numa tentativa de angariar mais moedas. O próprio Durn caminhava com um perfeito coxear falso e arrancava os cabelos, deixando na cabeça trechos vazios com aparência doentia. Ainda assim, Fantasma conseguia sentir o cheiro de sabonete na pele do homem e do vinho fino em seu hálito. Era um lorde gatuno; havia poucos mais poderosos que ele na cidade. De qualquer forma, sua maestria com disfarces lhe permitia caminhar nas ruas sem ser percebido.

Eles não eram os únicos a seguir os soldados e seus prisioneiros. Skaa vestindo o cinza aprovado acompanhavam o grupo como espectros — uma massa silenciosa arrastando os pés em meio às cinzas cadentes. Os soldados seguiram até uma rampa que saía das ruas-canal, guiando as pessoas para uma parte mais abastada da cidade, onde alguns canais haviam sido ocupados e calçados com pedras.

Logo, os pontos mortos começaram a aparecer. Cicatrizes carbonizadas — ruínas que, no passado, haviam sido lares. O cheiro de fumaça era quase esmagador para Fantasma, que precisou começar a respirar pela boca. Não precisaram caminhar muito mais para chegar ao destino. O Cidadão em pessoa estava presente. Ele não andava a cavalo — haviam sido todos enviados para as fazendas, pois apenas nobres estúpidos eram bons demais para andar com os próprios pés. No entanto, vestia vermelho.

— O que é isso que ele está vestindo? — Fantasma perguntou num sussurro enquanto Durn o guiava pela lateral da multidão.

O Cidadão e seu séquito estavam nos degraus de uma mansão especialmente grandiosa, skaa apinhados ao seu redor. Durn levou Fantasma a um lugar onde um grupo de valentões reservara para si uma parte exclusiva da rua, com boa vista do Cidadão. Eles assentiram para Durn, deixando-o passar sem comentários.

— Como assim? — Durn perguntou. — O Cidadão está vestindo o que sempre veste… calças skaa e uma camisa de trabalho.

— São vermelhas — Fantasma sussurrou. — Não é uma cor aprovada.

— Ficou sendo esta manhã. Oficiais do governo podem usar. Desse jeito, eles se destacam, e as pessoas em apuros podem encontrá-los. Ou, ao menos, essa é a explicação oficial.

Fantasma franziu a testa. Porém, outra coisa chamou sua atenção.

Ela estava lá.

Era natural que estivesse, claro — acompanhava o irmão aonde quer que ele fosse. O Cidadão se preocupava muito com sua segurança e raramente a deixava longe de suas vistas. Trazia a mesma feição de sempre: olhos tristonhos emoldurados por cabelos castanho-avermelhados.

— Grupo triste, o de hoje — Durn comentou, e, em um primeiro momento, Fantasma pensou que ele se referia a Beldre. No entanto, Durn acenou com a cabeça para o grupo de prisioneiros. Tinham um aspecto igual ao das demais pessoas na cidade — roupas cinzentas, rostos manchados de cinzas, posturas subservientes. O Cidadão, no entanto, avançou para explicar as diferenças.

— Um dos primeiros anúncios que este governo fez — ele declarou — foi um de solidariedade. Somos um povo skaa. Os "nobres" escolhidos pelo Senhor Soberano nos oprimiram por dez séculos. Decidimos que Urteau se tornaria um lugar de liberdade. Surgiria um lugar como o que o próprio Sobrevivente profetizou.

— Você os contou? — Durn sussurrou para Fantasma, que assentiu.

— Dez — disse, contando os prisioneiros. — Aqueles que esperávamos. Você não ganhou sua moeda, Durn.

— Observe.

— Estes — o Cidadão disse, a careca brilhando à luz vermelha do sol enquanto apontava para os prisioneiros. — Estes não atentaram ao nosso alerta. Sabiam, como todos sabem, que qualquer nobre que ficasse na cidade perderia a vida! Esta é nossa vontade. *Toda* a nossa vontade.

"Mas, como todos de sua espécie, estes foram arrogantes demais para nos dar ouvidos. Tentaram se esconder. Eles se consideram acima de nós. Assim será sempre. E isso os expõe."

Ele fez uma pausa e, então, continuou:

— E por isso fazemos o que devemos.

Acenou para que seus soldados avançassem. Eles empurraram os prisioneiros degraus acima. Fantasma conseguia sentir o cheiro de óleo no ar quando os soldados abriram as portas da casa e jogaram as pessoas para dentro. Em seguida, bloquearam a porta por fora e se afastaram. Cada soldado acendeu uma tocha e a jogou no prédio. Não eram necessários sentidos sobre-humanos para notar o calor que logo se espalhou, e a multidão se retraiu — revoltada e apavorada, mas fascinada.

As janelas haviam sido pregadas com tábuas. Fantasma conseguia ver os

dedos tentando arrancar a madeira, conseguia ouvir pessoas gritando. E conseguia ouvi-las batendo na porta trancada, tentando abrir caminho, chorando, tomadas pelo terror.

Ele queria fazer alguma coisa. Porém, mesmo com estanho, não tinha como combater um esquadrão inteiro de soldados por conta própria. Elend e Vin o tinham enviado para colher informações, não para agir. Ainda assim, ele se encolheu, chamando-se de covarde ao dar as costas para o edifício em chamas.

— Não devia ser assim — Fantasma sussurrou, ríspido.

— Eram nobres — Durn comentou.

— Não, não eram! Os pais talvez fossem, mas eles eram skaa. Pessoas normais, Durn.

— Têm sangue nobre.

— Todos nós temos, se você voltar bastante no passado — Fantasma falou.

Durn negou com a cabeça.

— É assim que tem que ser. Este é o desejo do Sobrevivente…

— *Não* associe o nome dele a esta barbaridade — Fantasma sibilou.

Durn ficou em silêncio por um momento, apenas os sons das chamas e daqueles que morriam lá dentro se sobressaindo no ambiente. Por fim, ele falou:

— Sei que é difícil ver, e talvez o Cidadão seja um tanto ansioso demais. Mas… eu ouvi *ele* falar uma vez. O Sobrevivente. Esse é o tipo de coisa que ele ensinava. Morte aos nobres, governo pelos skaa. Se você tivesse ouvido, entenderia. Às vezes, é preciso destruir uma coisa para construir algo melhor.

Fantasma fechou os olhos. O calor do incêndio parecia queimar sua pele. Ele *tinha* ouvido Kelsier falar para multidões de skaa. E Kelsier dissera as coisas que Durn agora mencionava. Na época, o Sobrevivente fora uma voz de esperança, de coragem. As mesmas palavras repetidas agora, no entanto, haviam se transformado em palavras de ódio e destruição. Fantasma se sentia enojado.

— De novo, Durn — falou, erguendo os olhos, sentindo-se especialmente rude —, eu não pago para você fazer propaganda do Cidadão. Me fale o que preciso ou não verá mais nenhuma moeda minha.

O enorme mendigo se virou, encontrando os olhos dele por trás da venda.

— Conte os crânios — disse em voz baixa. Em seguida, tirou a mão do ombro de Fantasma e se embrenhou na multidão.

Fantasma não seguiu. O cheiro da fumaça e de carne queimando estavam

ficando fortes demais para ele. Virou-se, abrindo caminho pela multidão, buscando ar fresco. Cambaleou até recostar-se a um edifício, respirando fundo, sentindo a granulação grosseira da madeira contra seu flanco. Parecia que a chuva de cinzas era parte da pira lá atrás, lascas de morte lançadas ao vento.

Ele ouviu vozes. Virou-se, notando que o Cidadão e seus guardas haviam se afastado do incêndio. Quellion estava discursando para a multidão, incentivando-a a ser vigilante. Fantasma assistiu por um tempo e, finalmente, a multidão começou a se dispersar, seguindo o Cidadão enquanto ele voltava para o Fosso do Mercado.

Ele os puniu, agora precisa abençoá-los. Com frequência, especialmente após execuções, o Cidadão visitava pessoalmente o povo, movendo-se entre as barracas no mercado, cumprimentando com apertos de mão e incentivando-as a continuar perseverando.

Fantasma desceu por uma rua lateral. Logo saiu da parte mais abastada da cidade, chegando a um lugar onde a rua se estreitava diante dele. Escolheu um ponto onde a parede de retenção havia desmoronado, formando uma rampa para dentro do canal seco, e pulou, deslizando até o fundo. Puxou o capuz da capa, obscurecendo os olhos cobertos, e abriu caminho pela rua agitada com a destreza de quem havia crescido como um moleque de rua.

Mesmo tomando uma rota alternativa, chegou ao Fosso do Mercado antes do Cidadão e de seu séquito. Fantasma observou através da chuva de cinzas o homem descer uma larga rampa de terra, seguido por um grupo de centenas de pessoas.

Você quer ser ele, Fantasma pensou, agachando-se ao lado da barraca de um mercador. *Kelsier morreu para dar esperança a este povo, e agora você pensa em roubar seu legado.*

Aquele homem não era Kelsier. Aquele homem nem era digno de proferir o nome do Sobrevivente.

O Cidadão caminhava pela rua, mantendo um ar paternal, conversando com as pessoas do mercado. Tocava-as nos ombros, apertava suas mãos e sorria com benevolência.

— O Sobrevivente ficaria orgulhoso de vocês. — Fantasma ouvira a voz dele através da barulheira da multidão. — As cinzas que caem são um sinal dele. Representam a queda do império, as cinzas da tirania. Dessas cinzas faremos uma nova nação! Uma nação liderada pelos skaa.

Fantasma avançou, puxando o capuz para trás e apalpando com as mãos à

frente do corpo como se fosse cego. Carregava seu bastão de duelo nas costas em uma tira escondida pelas dobras de sua larga camisa cinzenta. Tinha bastante habilidade para se mover no meio de multidões. Enquanto Vin sempre se esforçara para permanecer obscura e invisível, Fantasma conseguira as duas coisas sem nem tentar. De fato, estava sempre tentando justamente o oposto. Tinha sonhado em ser um homem como Kelsier — pois, mesmo antes de ter conhecido o Sobrevivente, Fantasma já ouvira histórias sobre o homem. O maior ladrão skaa de seu tempo, um homem ousado o bastante para ameaçar o próprio Senhor Soberano.

E, contudo, por mais que tentasse, Fantasma nunca foi capaz de se destacar. Era fácil demais ignorar um garoto com rosto sujo de cinzas, especialmente se não conseguia entender seu palavreado do Leste. Fora necessário conhecer Kelsier de fato — ver como ele podia tocar as pessoas com a fala — para que finalmente se convencesse a abandonar o dialeto. Foi quando começou a entender que havia poder nas palavras.

Fantasma sutilmente abriu caminho até a frente da multidão que assistia ao Cidadão. Foi chacoalhado e empurrado, mas ninguém gritou com ele. Um homem cego levado pelo turbilhão de pessoas era fácil de ignorar — e o que era ignorado podia chegar aonde não devia estar. Com um posicionamento cuidadoso, Fantasma logo se pôs diante do grupo, a um braço de distância do Cidadão.

O homem cheirava a fumaça.

— Entendo, minha boa mulher. — O Cidadão estava dizendo enquanto segurava as mãos de uma anciã. — Mas seu neto é necessário onde está, trabalhando nos campos. Sem ele e seus companheiros, não teríamos o que comer! Uma nação governada pelos skaa também precisa ser *cultivada* pelos skaa.

— Mas… ele não pode voltar, nem um pouco? — a mulher perguntou.

— No tempo certo, minha boa mulher — o Cidadão respondeu. — No tempo certo.

Seu uniforme carmesim transformava-o no único ponto de cor da rua, e Fantasma se flagrou encarando-o. Desviou os olhos do homem e continuou a manobrar pelas pessoas, pois o Cidadão não era seu objetivo.

Beldre estava ao lado, como de costume. Sempre observando, mas nunca interagindo. O Cidadão era tão enérgico que a irmã era facilmente esquecida. Fantasma entendia muito bem aquela sensação. Ele deixou que um soldado o

empurrasse, tirando-o do caminho do Cidadão. Aquele empurrão levou Fantasma para o lado de Beldre. Ele sentiu, bem fraco, um aroma de perfume.

Pensei que fosse proibido.

O que Kelsier teria feito? Teria atacado, talvez, matando o Cidadão. Ou teria encontrado outra maneira de atingi-lo. Kelsier não teria deixado essas coisas terríveis acontecerem, teria agido.

Talvez tivesse tentado se aliar a alguém de confiança do Cidadão?

Fantasma sentiu o coração — sempre muito mais alto para ele, agora — bater mais rápido. A multidão voltou a se mover, e ele se deixou empurrar contra Beldre. Os guardas não estavam vigiando, concentrados no Cidadão e em mantê-lo seguro com tantos desconhecidos ao redor.

— Seu irmão… — Fantasma sussurrou no ouvido dela. — Você aprova os assassinatos dele?

Ela se virou, e ele percebeu pela primeira vez que os olhos dela eram verdes. Fantasma ficou parado em meio à multidão, deixando-se ser levado enquanto ela procurava, tentando descobrir quem havia falado. A multidão que seguia o Cidadão a carregou para longe dele.

Fantasma esperou, sendo sacudido por um mar de cotovelos, por um curto momento. Em seguida, começou a manobrar de novo, abrindo caminho entre as pessoas com cuidado até estar ao lado de Beldre outra vez.

— Acha que é diferente do que o Senhor Soberano fazia? — questionou num sussurro. — Eu o vi uma vez, reunindo pessoas aleatórias e as executando na praça da cidade de Luthadel.

Ela se virou de novo, finalmente identificando Fantasma entre a multidão inquieta. Ele ficou parado, encarando os olhos dela apesar da venda. As pessoas se moveram entre eles, e ela foi levada para longe.

Sua boca se moveu. Apenas alguém com sentidos aguçados pelo estanho poderiam ter visto detalhes suficientes para divisar as palavras naqueles lábios.

— Quem é você?

Ele abriu caminho na multidão mais uma vez. Aparentemente, o Cidadão planejava fazer um grande discurso lá adiante, aproveitando a aglomeração cada vez maior. Pessoas se apinhavam ao redor do pódio localizado no meio do mercado; estava ficando mais difícil se mover entre elas.

Fantasma a alcançou, mas sentiu a multidão o afastar novamente. Então, ele estendeu a mão por entre alguns corpos e agarrou a dela, puxando o pulso

conforme se movia com as ondas de movimento da aglomeração. Ela se virou, claro, mas não gritou. A multidão se remexia ao redor deles, e ela se moveu para fitar seus olhos vendados em meio à turba.

— Quem é você? — Beldre perguntou novamente. Embora estivesse perto o bastante para ouvir o que ela havia dito, nenhum som escapou de seus lábios. Ela apenas movia a boca em silêncio. Atrás dela, no pódio, seu irmão começou o discurso.

— O homem que vai matar seu irmão — disse Fantasma baixinho.

De novo, ele esperou uma reação dela — um grito, talvez. Uma acusação. Suas ações ali haviam sido impulsivas, nascidas da frustração por não ter sido capaz de ajudar os executados. Se ela *gritasse*, ele percebeu, poderia levá-lo à morte.

Ainda assim, Beldre permaneceu em silêncio, flocos de cinza caindo entre eles.

— Outros já disseram o mesmo — ela falou, sem emitir som nenhum.

— Os outros não eram eu.

— E quem é você? — ela perguntou pela terceira vez.

— O companheiro de um deus. Um homem que pode ver sussurros e sentir gritos.

— Um homem que acha que sabe o que é melhor para este povo, mais do que o governante que escolheram? — disse ela, sem som. — Sempre haverá dissidentes que temem o que precisa ser feito.

Fantasma ainda segurava a mão da mulher. Ele a apertou com força, puxando-a para perto. A multidão lotava a frente do pódio, deixando os dois nos fundos, como conchas abandonadas em uma praia de ondas que se retraíram.

— Eu *conheci* o Sobrevivente, Beldre — ele sussurrou. — Ele me deu um nome, me chamou de amigo. O que vocês fizeram nesta cidade o deixaria horrorizado… e eu *não* vou deixar seu irmão continuar a distorcer o legado de Kelsier. Se precisar, leve a ele o meu aviso. Diga a Quellion que estou chegando para pegá-lo.

O Cidadão havia parado de falar. Fantasma ergueu os olhos na direção do púlpito. Quellion estava lá, observando de cima a multidão de seguidores. Olhando para Fantasma e Beldre, em pé, juntos, ao fundo. Fantasma não havia percebido o quanto estava exposto.

— Você, aí! — o Cidadão gritou. — O que está fazendo com a minha irmã?

Maldição!, Fantasma pensou, soltando a garota e partindo em disparada. Uma das principais inconveniências das ruas-canal, no entanto, eram seus muros altos e íngremes. Havia poucas maneiras de escapar do mercado, e todas estavam sendo vigiadas pelos membros das forças de segurança de Quellion. Ao comando do Cidadão, soldados começaram a avançar de seus postos, vestindo couro e carregando aço.

Ótimo, Fantasma pensou, avançando para o grupo mais próximo de soldados. Se conseguisse passar por eles, poderia chegar até uma rampa, quem sabe desaparecer nos becos entre os prédios acima.

Espadas saíram das bainhas. Atrás de Fantasma, pessoas gritavam, apavoradas. Ele enfiou a mão nos rasgos de sua capa e puxou seu bastão de duelo.

E, em seguida, estava no meio deles.

Fantasma não era um guerreiro, não de verdade. Treinara com Ham, claro — Trevo insistira que o sobrinho precisava saber se defender. No entanto, os verdadeiros guerreiros do bando sempre haviam sido os Nascidos da Bruma, Vin e Kelsier, com Ham — como um Braço de Peltre —, oferecendo força bruta caso fosse necessário.

Mas Fantasma havia passado muito tempo treinando, ultimamente, e descobrira algo interessante. Tinha uma coisa que Vin e Kelsier nunca poderiam ter tido: uma série ofuscante de conhecimentos sensoriais que seu corpo poderia usar instintivamente. Conseguia sentir perturbações no ar e tremores no chão, e era capaz de saber onde as pessoas estavam simplesmente pela proximidade das batidas de seus corações.

Podia não ser um Nascido da Bruma, mas ainda assim representava um grande perigo. Sentiu um vento suave e soube que uma espada estava rumando em sua direção. Ele se esquivou. Sentiu um passo no chão e soube que alguém investia pela lateral. Afastou-se. Era quase como queimar atium.

O suor voou de sua testa quando Fantasma girou, e ele golpeou a nuca de um soldado com o bastão de duelo. O homem tombou — a arma de Fantasma era feita da mais fina madeira maciça. Mas, apenas por via das dúvidas, bateu com a ponta do bastão na têmpora do homem caído, tirando-o de combate de uma vez por todas.

Então ouviu um grunhido ao lado, baixinho, porém revelador. Fantasma lançou a arma na direção do som e golpeou o antebraço de um soldado. Os ossos quebraram, e o soldado gritou, soltando a arma. Fantasma o atingiu na cabeça.

Em seguida girou, erguendo o bastão para bloquear o golpe do terceiro soldado.

Aço encontrou madeira, e o aço venceu, quebrando a arma de Fantasma. No entanto, o bastão parara o golpe de espada, dando tempo para ele se esquivar e agarrar a espada de um soldado caído. Era diferente das espadas com as quais havia praticado — os homens de Urteau preferiam lâminas longas e finas. Ainda assim, Fantasma tinha apenas um soldado para enfrentar — se pudesse derrubar o homem, estaria livre.

O oponente de Fantasma pareceu perceber que tinha a vantagem. Se Fantasma corresse, deixaria as costas expostas para o ataque. Porém, se ficasse, ele logo seria dominado. O soldado circulou, cuidadoso, tentando ganhar tempo.

Então, Fantasma atacou. Ergueu a lâmina, confiando em seus sentidos aguçados para compensar a diferença no treinamento. O soldado ergueu sua arma para se defender.

E a espada de Fantasma ficou paralisada no ar.

Cambaleou, tentando forçar a arma para frente, mas foi estranhamente mantido no lugar — como se tentasse empurrá-la através de algo sólido e não pelo ar. Era como se…

Alguém estava *empurrando*. Alomancia. Fantasma olhou desesperadamente ao redor e imediatamente encontrou a fonte do poder. A pessoa *empurrando* precisava estar bem diante de Fantasma, pois os alomânticos podiam apenas *empurrar* para longe de si.

Quellion, o Cidadão, estava ao lado da irmã. O Cidadão encontrou o olhar de Fantasma, que viu o esforço nos olhos do homem enquanto ele apertava a irmã, usando o peso dela para se apoiar enquanto *empurrava* a espada do outro, interferindo na batalha como Kelsier fizera, muito tempo antes, durante uma visita às cavernas nas quais seu exército treinava.

Fantasma soltou a arma, deixando-a voar para longe de suas mãos, em seguida se lançou ao chão. Ele sentiu o vento de uma espada inimiga brandindo acima de sua cabeça, errando por pouco. A arma bateu no chão a uma curta distância, o retinir alto em seus ouvidos.

Não havia tempo para recobrar o fôlego; conseguiu apenas se erguer para fugir do golpe seguinte do soldado. Felizmente, Fantasma não estava usando nenhum metal que Quellion pudesse empurrar para influenciar ainda mais a luta. Aquele era um hábito que Fantasma ficou feliz de nunca ter abandonado.

A única opção era correr. Não podia lutar; não com um alomântico

interferindo. Ele se virou enquanto o soldado preparava outro golpe. Então Fantasma lançou-se para a frente, avançando na área de guarda do soldado. Ele se abaixou sob o braço do homem e se esquivou de lado, esperando passar e deixar o soldado confuso.

Algo prendeu seu pé.

Fantasma se virou. Em um primeiro momento, supôs que Quellion estivesse *puxando-o,* de alguma forma. Em seguida, viu aquele soldado no chão — o primeiro que ele derrubara — agarrando seu pé.

Bati neste homem duas vezes na cabeça!, Fantasma pensou, frustrado. *Não tem como ele ainda estar consciente!*

A mão apertou seu pé, puxando Fantasma para baixo com força sobre-humana. Com uma força daquelas, o homem tinha de ser um Brutamontes — um queimador de peltre, como Ham.

Fantasma estava seriamente encrencado.

Ele chutou, conseguindo se soltar, e cambaleou até recuperar o equilíbrio. Porém, um Brutamontes teria o poder do peltre — poderia correr mais rápido e mais longe que Fantasma.

Dois alomânticos, contando o próprio Cidadão, Fantasma pensou. *Alguém não desdenha tanto do sangue nobre quanto alega!*

Os dois soldados avançaram sobre ele. Gritando de frustração — ouvindo o próprio coração martelar como um tambor —, Fantasma se lançou para cima do Brutamontes e agarrou o homem, pegando-o de surpresa. Naquele momento de confusão, Fantasma girou, usando o corpo do Brutamontes como um escudo para se proteger do terceiro soldado.

Mas não havia contado com o treinamento brutal do Cidadão. Quellion sempre falava de sacrifício e necessidade. Aparentemente, essa filosofia se estendia aos soldados, pois o homem com a espada avançou e atravessou a arma direto nas costas do amigo, perfurando o coração e dirigindo a arma para o peito de Fantasma. Era um golpe que apenas um homem com a força e a precisão de um Brutamontes poderia ter executado.

Três alomânticos, Fantasma pensou, zonzo, quando o soldado tentou libertar a espada dos dois corpos. O corpo do homem morto foi um peso que, por fim, quebrou a lâmina.

Como cheguei a sobreviver tanto tempo? Eles deviam estar tentando não revelar seus poderes. Tentando permanecer ocultos da população…

Fantasma cambaleou para trás, sentindo o sangue no peito. Estranhamente, não sentia dor. Seus sentidos aguçados deveriam ter causado uma dor tão poderosa que…

A dor veio. E tudo ficou escuro.

A sutileza demonstrada nos micróbios comedores de cinzas e nas plantas melhoradas revela que Rashek ficou cada vez melhor no uso do poder. Ele se esgotou numa questão de minutos, mas, para um deus, minutos podem passar como horas. Durante esse tempo, Rashek começou como uma criança ignorante empurrando o planeta para perto demais do sol, tornou-se um adulto capaz de criar montes de cinza para resfriar o ar e, em seguida, tornou-se um artesão maduro, capaz de desenvolver plantas e criaturas para objetivos específicos.

Também mostra sua mentalidade durante o período que passou com o poder de Preservação. Sob influência desse poder, estava obviamente em um modo protetor. Em vez de nivelar as montanhas de cinzas e tentar empurrar o planeta de volta para o lugar, ele foi reativo, trabalhando furiosamente para consertar os problemas que ele próprio havia causado.

17

Elend cavalgou diante de seus homens, montado em um garanhão branco brilhante que fora escovado até estar livre de cinzas. Ele virou a montaria, passando os olhos pelas fileiras de soldados nervosos. Eles esperavam sob a luz do fim da tarde, e Elend via o terror que lhes dominava. Tinham ouvido rumores, que foram confirmados por seu imperador no dia anterior. Naquela noite, o exército seria imunizado em relação às brumas.

Elend cavalgou pelas fileiras, o General Demoux montado em um cavalo ruão ao seu lado. Os dois cavalos eram grandes corcéis de batalha, trazidos na viagem mais para impressionar do que por sua utilidade. Elend e os outros oficiais passariam a maior parte do caminho em barcos no canal, não no lombo de animais.

Não se preocupava com a moralidade da decisão de expor as tropas às brumas — ao menos, não naquele momento. Elend havia aprendido algo muito importante sobre si mesmo: ele era honesto. Talvez honesto demais. Se estivesse inseguro, o sentimento ficaria estampado no rosto. Os soldados sentiriam sua hesitação. Então, aprendeu a confinar suas preocupações e considerações para momentos em que estava apenas com seus confidentes mais próximos. Aquilo significava que Vin via muito de seus conflitos. Por outro lado, ficava livre em outros momentos para projetar confiança.

Movia-se com rapidez, fazendo as ferraduras do cavalo baterem como trovoadas para que os homens ouvissem. Às vezes, escutava os capitães gritando para que os homens ficassem firmes. Mesmo assim, Elend via a ansiedade nos olhos deles. E podia culpá-los? Naquele dia, enfrentariam um inimigo com o qual não podiam lutar e ao qual não tinham como resistir. Dentro de uma hora, setecentos deles cairiam mortos. Cerca de um a cada cinquenta. Não eram probabilidades ruins em uma grande escala, mas isso pouco significava para um homem de pé, sentindo as brumas se esgueirando ao seu redor.

Os homens se mantiveram firmes. Elend estava orgulhoso deles. Havia concedido àqueles que desejassem a oportunidade de retornar a Luthadel em vez de enfrentar as brumas. Ele ainda precisava de tropas na capital e preferia não

marchar com homens que não estivessem dispostos a entrar nas brumas. Quase nenhum foi embora. Em vez disso, a maioria se alinhou em fileiras cheias, sem precisar de ordens, vestindo o conjunto completo de batalha, com a armadura polida e azeitada e uniformes que pareciam tão limpos quanto possível no ermo terreno manchado de cinzas. Parecia correto para Elend que estivessem de armadura. Fazia parecer que seguiam para a batalha — e, em certo sentido, realmente seguiam.

Os homens confiavam nele. Sabiam que as brumas avançavam na direção de Luthadel e entendiam a importância de capturar as cidades com cavernas de depósito. Acreditavam na capacidade de Elend de fazer algo para salvar suas famílias.

A confiança o deixava ainda mais determinado. Ele puxou as rédeas do cavalo, virando o animal gigantesco ao lado de uma fileira de soldados. Avivou peltre, deixando o corpo mais forte, dando mais potência aos pulmões, e em seguida *tumultuou* as emoções dos homens para deixá-los mais corajosos.

— Sejam fortes! — gritou. Cabeças se viraram em sua direção, e o retinir das armaduras aquietou. Sua voz ficou tão alta aos ouvidos que ele precisou amortecer seu estanho. — Essas brumas vão derrubar alguns de nós. No entanto, a maioria permanecerá intocada… e a maioria dos que caírem se recuperará! Após isso, nenhum de nós precisará temer as brumas de novo. *Não podemos* chegar à Cidade de Fadrex sem termos sido imunizados! Se fizéssemos isso, estaríamos correndo o risco de ser atacados pela manhã, enquanto estivéssemos sob as tendas. Nossos inimigos forçariam nossa saída para as brumas de qualquer forma, e teríamos de lutar com um sexto de nossos homens convulsionando ao chão!

Ele virou o cavalo. Demoux seguiu atrás dele e cavalgou pelas fileiras.

— Não sei por que as brumas matam. Mas confio no Sobrevivente! Ele chamava a si mesmo de Lorde das Brumas. Se alguns de nós morrerem, esta será a vontade dele. Fiquem firmes!

Seus lembretes pareceram ter algum efeito. Os soldados ficaram um pouco mais empertigados, olhando para o ocidente, na direção do sol poente. Elend puxou outra vez as rédeas do cavalo, aprumando a postura e ficando à vista de todos.

— Eles parecem fortes, milorde — Demoux disse em voz baixa, movendo o cavalo até Elend. — Foi um bom discurso.

Elend assentiu.

— Milorde… o que o senhor disse sobre o Sobrevivente foi para valer?

— Claro.

— Desculpe, milorde. Não quis questionar sua fé, é que… bem, o senhor não precisa manter a farsa da crença, se não quiser.

— Dei minha palavra, Demoux — Elend disse, franzindo a testa e olhando para o general cheio de cicatrizes. — Sempre cumpro minha palavra.

— Eu acredito no senhor, milorde. O senhor é um homem honrado.

— Mas…

Demoux hesitou.

— Mas… se o senhor não acredita de verdade no Sobrevivente, não acho que ele gostaria que o senhor falasse em seu nome.

Elend abriu a boca para repreender Demoux por sua falta de respeito, mas se refreou. O homem falava com honestidade, de coração. Não era o tipo de coisa a se punir.

Além disso, talvez ele tivesse razão.

— Não sei no que acredito, Demoux — Elend disse, olhando para o campo de soldados lá atrás. — Com certeza não é no Senhor Soberano. As religiões de Sazed foram extintas séculos atrás, e mesmo ele parou de falar sobre elas. Parece que me resta a Igreja do Sobrevivente como única opção real.

— Com todo o respeito, milorde — Demoux disse. — Essa não é uma demonstração de fé muito forte.

— Venho tendo problemas com a fé ultimamente, Demoux — respondeu Elend, erguendo os olhos para observar flocos de cinzas pairando pelo ar. — Meu último deus foi morto pela mulher com quem acabei me casando… uma mulher que vocês dizem ser uma figura religiosa, mas que rejeita sua devoção.

Demoux assentiu em silêncio.

— Não rejeito seu deus, Demoux. O que eu disse foi real. Acredito que ter fé em Kelsier seja a melhor das opções. E, considerando o que virá nos próximos meses, prefiro acreditar que alguma coisa, qualquer coisa, esteja lá fora para nos ajudar.

Ficaram em silêncio por alguns instantes.

— Sei que a Lady Herdeira contesta nossa adoração ao Sobrevivente, milorde — disse Demoux, por fim. — Ela o conheceu, como eu conheci. O que ela não entende é que o Sobrevivente se tornou muito mais do que apenas o

homem chamado Kelsier.

Elend franziu o cenho.

— Parece que vocês fizeram dele um deus de forma calculada, Demoux… que vocês acreditam nele apenas como um símbolo.

Demoux negou com a cabeça.

— Estou dizendo que Kelsier era um homem, mas um homem que ganhou algo… um manto maior, uma porção de algo eterno e imortal. Quando morreu, não era apenas Kelsier, o líder do bando. O senhor não acha estranho que ele não fosse um Nascido da Bruma antes de ir às Minas?

— É assim que a Alomancia funciona, Demoux. Você não ganha poderes até o *estalo*… até enfrentar algo traumático, algo que quase o mata.

— E o senhor não acha que Kelsier possa ter vivenciado esse tipo de coisa antes das Minas? Milorde, ele foi um ladrão que roubava de obrigadores e nobres. Levava uma vida muito perigosa. Não acha que poderia ter evitado espancamentos, riscos de morte e angústias emocionais?

Elend parou.

— Ele ganhou seus poderes nas Minas — disse em voz baixa — porque algo mais o acometeu. As pessoas que o conheciam falam de como mudou quando voltou de lá. Tinha um propósito; era impulsionado para concluir algo que o restante do mundo acreditava ser impossível.

Demoux sacudiu a cabeça.

— Não, milorde. Kelsier, o homem, morreu naquelas Minas, e Kelsier, o Sobrevivente, nasceu. Ele recebeu um grande poder, além de grande sabedoria, de uma força que está acima de todos nós. *Por isso* conseguiu fazer o que fez. *Por isso* nós o adoramos. Ele ainda tinha as tolices de um homem, mas tinha as esperanças de uma divindade.

Elend se virou para o outro lado. Sua parte racional e erudita entendia exatamente o que estava acontecendo. Kelsier estava sendo gradualmente deificado, e sua vida, cada vez mais mistificada por aqueles que o seguiam. Kelsier precisava ser coberto por um poder celestial, pois a Igreja não podia continuar a reverenciar um simples homem.

E, ainda assim, outra parte de Elend ficava feliz por aquelas justificativas, mesmo que apenas porque tornavam aquela história muito mais crível. Afinal, Demoux estava certo. *Como* um homem que vivia nas ruas demorara tanto para sofrer o *estalo*?

Alguém gritou.

Elend ergueu os olhos, examinando as fileiras. Homens começaram a se remexer quando as brumas apareceram, erguendo-se no ar como plantas em crescimento. Ele não conseguia ver o soldado que havia caído. Logo, encontrá-lo se tornou irrelevante, pois outros passavam a gritar.

O sol começou a ser obscurecido, reluzindo vermelho conforme se aproximava do horizonte. O cavalo de Elend arrastava as patas com nervosismo. Os capitães ordenavam que os homens permanecessem firmes, mas Elend ainda conseguia ver movimento. No grupo à sua frente, bolsões apareciam nas fileiras à medida que homens caíam aleatoriamente no chão, como marionetes cujos fios haviam sido cortados. Estremeciam na terra enquanto os outros soldados se afastavam, horrorizados, a bruma movendo-se em todos os lugares.

Eles precisam de mim, Elend pensou, agarrando as rédeas, *puxando* as emoções daqueles ao seu redor.

— Demoux, vamos cavalgar.

Virou o cavalo. Demoux não seguiu.

Elend voltou-se.

— Demoux? O que…

Imediatamente ele ficou sem fôlego. Demoux estava em meio às brumas, tremendo de forma horrível. Sob as vistas de Elend, o general deslizou da sela, caindo sobre as camadas de cinza no chão.

— Demoux! — Elend gritou, apeando, sentindo-se um tolo. Jamais havia parado para se perguntar se Demoux era suscetível. Simplesmente supusera que o general, como Vin e os outros, já estava imune. Elend se ajoelhou ao lado de Demoux, suas pernas nas cinzas, ouvindo os soldados gritando e os capitães berrando para manter a ordem. Seu amigo se sacudia e se retorcia, arfando de dor.

E as cinzas continuavam a cair.

Rashek não resolveu todos os problemas do mundo. Na verdade, a cada coisa que ele de fato conseguia consertar, novos problemas surgiam. No entanto, era esperto o bastante para que cada problema subsequente fosse menor do que os anteriores. Então, em vez de plantas que morriam pelo sol distorcido e pelo chão cheio de cinzas, acabamos com plantas que não ofereciam nutrição o bastante.

Ele salvou o mundo. É verdade que a quase destruição dele foi sua culpa, para começar, mas, considerando todas as coisas, fez um trabalho admirável. Ao menos não libertou Ruína como nós fizemos.

18

Sazed deu uma palmada no lombo do cavalo, fazendo-o sair a galope. Os cascos do animal chutavam montinhos de cinzas compactadas enquanto ele corria. Sua pelagem fora muito branca no passado; agora exibia um tom sujo de cinza. Suas costelas começavam a aparecer — estava malnutrido ao ponto de não ser mais razoável esperar que carregasse um cavaleiro, e eles não tinham mais como separar comida para o animal.

— Bem, essa é uma visão triste — Brisa observou, em pé ao lado de Sazed na estrada coberta de cinzas. Sua guarda de duzentos soldados esperava em silêncio, observando o animal correr. Sazed não conseguia evitar o sentimento de que a soltura daquele último cavalo era um símbolo. — Acha que ele vai sobreviver?

— Acredito que ele ainda poderá fuçar embaixo das cinzas e encontrar alimento por um tempo — Sazed falou. — Mas será difícil.

Brisa grunhiu.

— Viver vem sendo difícil para todos nós, ultimamente. Bem, desejo a melhor das sortes para o animal. Você vai se juntar a Allrianne e a mim na carruagem?

Sazed olhou para o veículo atrás dele, que fora tornado mais leve e modificado para que pudesse ser puxado por soldados. Haviam removido as portas e pendurado cortinas no lugar, além de também terem retirado partes da traseira. Com o peso menor e duzentos homens para se revezar, o veículo não seria um grande fardo. Ainda assim, Sazed sabia que se sentiria culpado por ser puxado por outros. Seu antigo instinto de serviçal era forte demais.

— Não — Sazed respondeu. — Vou andar um pouco. Obrigado.

Brisa assentiu, caminhando até a carruagem para sentar-se com Allrianne, um soldado segurando um guarda-sol sobre sua cabeça até que entrasse. Agora, exposto às cinzas, Sazed puxou o capuz da túnica de viagem, ergueu a pasta no braço e caminhou a passos largos até a frente da fileira de soldados.

— Capitão Goradel, o senhor pode continuar a marcha.

E assim fizeram. Era uma jornada árdua — as cinzas estavam ficando mais espessas, escorregadias, e era exaustivo caminhar nelas. Moviam-se e mudavam de lugar sob seus pés, tornando a marcha quase tão difícil quanto andar na areia. Por pior que fosse, porém, não era o bastante para distrair Sazed de seus sentimentos atribulados. Esperara que encontrar o exército, encontrar Elend e Vin, trouxesse algum alívio. Os dois eram amigos queridos, e sua afeição um pelo outro tendia a fortalecê-lo. Afinal, fora ele quem oficializara seu casamento.

Ainda assim, o encontro o deixara ainda mais perturbado. *Vin deixou que Elend morresse*, ele pensou. *E o fez pelos ensinamentos que dei a ela.*

Ele carregava a imagem de uma flor no bolso de sua manga, tentando encontrar a lógica em sua conversa com Vin. Como Sazed havia se tornado aquele a quem as pessoas traziam seus problemas? Elas não percebiam que ele era simplesmente um hipócrita, capaz de formular respostas bonitas, mas incapaz de seguir os próprios conselhos? Sentia-se perdido. Um peso o esmagava, instruindo-o a simplesmente desistir.

Elend falava facilmente de esperança e humor, como se ser feliz fosse simplesmente uma decisão a ser tomada. Alguns acreditavam nisso. No passado, Sazed talvez tivesse concordado. Já naquele momento, seu estômago simplesmente se revirava, e ele sentia náuseas ao meramente cogitar em tomar qualquer atitude. Seus pensamentos eram invadidos o tempo todo por dúvidas.

É para isso que serve a religião, Sazed pensou enquanto pisava firme sobre as cinzas à frente, carregando sua bolsa nos ombros. *Ajudar as pessoas a passarem por tempos como estes.*

Olhou para a pasta. Em seguida, ele a abriu e a folheou enquanto caminhava. Centenas terminadas, e nem uma única religião oferecera as respostas que buscava. Talvez simplesmente as conhecesse bem demais. A maioria do bando tinha dificuldades em adorar Kelsier como os outros skaa, pois sabiam de suas falhas e peculiaridades. Conheceram-no como homem primeiro e apenas depois como deus. Talvez esse fosse o problema das religiões para Sazed. Ele as conhecia tão bem que conseguia enxergar suas falhas com grande facilidade.

Sazed não menosprezava as pessoas que haviam seguido as religiões, mas, até então, encontrara apenas contradições e hipocrisia em cada uma que estudava. A divindade devia ser perfeita. A divindade não deixava seus seguidores serem massacrados e, com certeza, não permitia que o mundo fosse destruído por bons homens que estavam apenas tentando salvá-lo.

Uma das remanescentes ofereceria uma resposta. *Tinha* de existir ali uma

verdade que ele pudesse descobrir. Quando pareceu que ia sufocar em angústia, Sazed mergulhou nos estudos, pegando a próxima página da fila e amarrando-a ao lado de fora da pasta. Estudava enquanto caminhava, carregando a pasta com a folha para baixo quando não estava lendo, para mantê-la a salvo das cinzas.

Ele encontraria as respostas. Não ousava pensar no que faria se nenhuma surgisse.

Enfim passaram pelo Domínio Central, entrando em terras onde os homens ainda conseguiam lutar por alimentos e pela vida. Brisa e Allrianne ficaram na carruagem, mas Sazed gostou de caminhar, mesmo que isso dificultasse o estudo das religiões.

Ele não sabia ao certo o que pensar dos campos cultivados. Passaram por dezenas deles — Elend havia atulhado o máximo de pessoas possível no Domínio Central e ordenado que todas cultivassem alimentos para o inverno. Mesmo os skaa que viviam nas cidades estavam acostumados a trabalhar duro, e rapidamente fizeram o que lhes fora ordenado. Sazed não sabia se as pessoas entendiam como sua situação era precária ou se apenas estavam felizes em ter alguém para lhes dizer o que fazer.

As margens da estrada estavam cada vez mais apinhadas com altas pilhas de cinzas. Todos os dias, os trabalhadores skaa precisavam limpar os montantes que haviam caído durante a noite. Tal tarefa interminável — juntamente com a necessidade de se carregar água para a maioria dos campos novos e não irrigados — criava um sistema de agricultura dependente de muita mão de obra.

No entanto, as plantas cresciam. A tropa de Sazed passava de campo em campo, cada qual com plantas amarronzadas brotando. A visão devia ter trazido esperança. Porém, era difícil olhar para os caules em botão e não sentir um desespero ainda maior. Pareciam muito fracos e mirrados ao lado das gigantescas pilhas de cinzas. Mesmo esquecendo as brumas, como Elend alimentaria um império nessas condições? Quanto tempo levaria até que houvesse cinzas demais para remover? Os skaa trabalhavam nos campos com uma postura muito parecida com a que tinham durante os dias do Senhor Soberano. O que realmente mudara para eles?

— Olhe para eles — disse uma voz. Sazed se virou para ver Capitão Goradel caminhando ao seu lado. Careca e de feições rudes, o homem tinha uma disposição amigável; um traço comum nos soldados que Ham havia promovido.

— Eu sei — Sazed disse em voz baixa.

— Mesmo com as cinzas e a bruma, vê-los me traz esperança.

Sazed olhou para ele com interesse.

— É mesmo?

— Claro — Goradel respondeu. — Minha família é de camponeses, mestre terrisano. Vivíamos em Luthadel, mas trabalhávamos nos campos externos.

— Mas o senhor era soldado. Não foi o senhor quem levou Lady Vin para dentro do palácio na noite em que ela assassinou o Senhor Soberano?

Goradel assentiu.

— Na verdade, levei Lorde Elend palácio adentro para resgatar Lady Vin, embora, no final das contas, ela não tenha precisado muito da nossa ajuda. De qualquer forma, o senhor tem razão. Fui soldado no palácio do Senhor Soberano. Meus pais me deserdaram quando ingressei na guarda. Mas eu não consegui enfrentar a perspectiva de trabalhar no campo a vida inteira.

— É um trabalho árduo.

— Não, não por causa disso — Goradel disse. — Não o trabalho em si, mas a… desesperança. Não conseguia aguentar um trabalho de um dia todo para plantar algo que eu sabia pertencer a outra pessoa. Por isso deixei os campos para me tornar um soldado, e por isso ver essas fazendas me traz esperança.

Goradel meneou a cabeça na direção de um campo pelo qual passavam. Alguns skaa ergueram os olhos e acenaram ao ver o estandarte de Elend.

— Essas pessoas trabalham porque querem — o capitão disse.

— Trabalham porque, se não o fizerem, morrerão de fome.

— Claro. Acho que o senhor está certo. Mas não estão trabalhando porque alguém vai espancá-los se não trabalharem… estão trabalhando para que sua família e amigos não morram. Para um camponês isso é diferente. O senhor pode ver na postura deles.

Sazed franziu o cenho enquanto caminhavam, mas não disse mais nada.

— De qualquer forma, mestre terrisano, vim sugerir que fizéssemos uma parada em Luthadel para buscar suprimentos.

Sazed assentiu.

— Imaginei que faríamos isso. No entanto, precisarei deixá-los por alguns dias enquanto vocês seguem para Luthadel. Lorde Brisa pode assumir o comando. Encontrarei vocês na estrada a norte.

Goradel concordou com a cabeça, voltando para fazer os preparativos. Ele não perguntou por que Sazed queria deixar o grupo nem qual seria seu destino.

Vários dias depois, Sazed chegou, sozinho, às Minas de Hathsin. Havia pouco que distinguisse a área, agora que as cinzas haviam tomado tudo. Os pés de Sazed chutavam punhados delas conforme avançava para o topo de uma colina. Ele olhou para o vale que abrigava as Minas — o lugar onde a esposa de Kelsier fora assassinada. O lugar onde o Sobrevivente havia nascido.

Era agora o lar do povo terrisano.

Restavam poucos deles. Nunca tinham sido uma população muito grande, e a vinda das brumas e a jornada difícil até o Domínio Central ceifara muitas vidas. Talvez restassem quarenta mil. E uma grande parte dos homens eram eunucos, como Sazed.

Ele desceu o declive na direção do vale. Aquele lugar fora uma escolha natural para acomodar o povo de Terris. Durante os dias do Senhor Soberano, centenas de escravos haviam trabalhado ali, vigiados por mais centenas de soldados, o que terminara quando Kelsier voltou para as Minas e destruiu sua capacidade de produzir atium. No entanto, as Minas ainda tinham os edifícios e a infraestrutura que as sustentara durante seus dias de labuta. Havia muita água fresca e algum abrigo. O povo de Terris havia feito melhorias, construindo outras estruturas pelo vale, transformando o que no passado eram os mais terríveis campos prisionais em um grupo pastoral de vilarejos.

Mesmo enquanto descia a encosta, Sazed conseguia ver pessoas varrendo as cinzas do chão, deixando as plantas surgirem para oferecer pasto aos animais. Os arbustos que formavam a folhagem predominante no Domínio Central eram de um grupo resiliente e resistente de plantas adaptadas às cinzas e não precisavam de muita água como as safras das fazendas. Aquilo significava que os terrisanos na verdade levavam uma vida mais tranquila que a maioria. Eram pastores, como haviam sido durante os séculos antes da Ascensão do Senhor Soberano. Uma criação saudável de ovelhas de pernas curtas ruminava nas colinas, mastigando os talos descobertos de arbustos.

O povo de Terris, Sazed pensou, *levando uma vida mais tranquila que a maioria. Que mundo estranho este se tornou.*

Sua aproximação logo atraiu atenção. Crianças correram para seus pais, e cabeças despontaram das cabanas. Ovelhas começaram a se juntar ao redor de

Sazed conforme ele caminhava, como se esperassem que o recém-chegado viesse trazendo alguma espécie de petisco.

Vários idosos correram para a encosta, movendo-se o mais rápido que suas pernas arqueadas permitiam. Eles — como Sazed — ainda usavam túnicas de mordomo. E, como Sazed, mantinham-nas limpas de cinzas, ostentando os padrões coloridos em V que corriam na frente das vestes. No passado, esses padrões haviam indicado a casa nobre à qual o mordomo servia.

— Lorde Sazed! — um dos homens disse, ansioso.

— Majestade! — outro disse.

Majestade.

— Por favor — Sazed falou, erguendo as mãos. — Não me chamem assim.

Os dois mordomos idosos trocaram olhares.

— Por favor, Mestre Guardador. Permita-nos trazer algo quente para o senhor comer.

Sim, as cinzas são pretas. Não, não deveriam ter sido. A maior parte das cinzas tem um componente escuro, mas é tão cinza ou branca quanto preta.

As cinzas das Montanhas de Cinzas… eram diferentes. Como as brumas, as cinzas que cobriam nossa terra não eram realmente naturais. Talvez fosse a influência do poder de Ruína — tão escuro quanto Preservação era alvo. Ou, talvez, fosse simplesmente a natureza das Montanhas de Cinzas, que foram projetadas e criadas especificamente para soltar cinzas e fumaça no céu.

19

— Levante!

Tudo estava escuro.

— *Levante!*

Fantasma abriu os olhos. Tudo parecia embotado, mudo. Mal conseguia enxergar. O mundo era um borrão escuro. E… ele se sentia dormente. Morto. Por que não conseguia sentir?

— Fantasma, você precisa se levantar!

A voz, ao menos, era clara. Ainda assim, todo o restante parecia turvo. Mal conseguia pensar. Piscou, grunhindo baixinho. O que havia de errado com ele? Seus óculos e a venda haviam desaparecido, o que deveria deixá-lo livre para enxergar, mas estava tudo muito escuro.

Acabara seu estanho.

Não havia nada queimando em seu estômago. A chama familiar, uma vela reconfortante no interior de seu corpo, não estava mais lá. Fora sua companheira por mais de um ano, sempre presente. Temera o que esteve fazendo, mas nunca a deixara morrer. E agora ela havia desaparecido.

Por isso tudo parecia tão embotado. Era assim que as outras pessoas viviam? Como ele costumava viver? Conseguia enxergar — mas o detalhamento rico, nítido ao qual ele se acostumara havia sumido. As cores vibrantes e as linhas marcadas. Em vez disso, tudo era insípido e vago.

Seus ouvidos pareciam tampados. O nariz… ele não conseguia sentir o cheiro das tábuas abaixo, não conseguia discernir a espécie de madeira pelo aroma. Não conseguia farejar os corpos que haviam passado por ali. Não conseguia sentir os passos e movimentos de pessoas em outros aposentos.

E… ele *estava* em um aposento. Sacudiu a cabeça, sentando-se, tentando pensar. Na mesma hora, uma dor no ombro o fez arfar. O ferimento não fora tratado. Ele se lembrou da espada perfurando-o perto do ombro. Não era um machucado do qual alguém se recuperava com facilidade — de fato, seu braço direito não parecia estar funcionando corretamente. Um dos motivos pelos quais

parecia ter tanta dificuldade para se erguer.

— Você perdeu muito sangue — a voz disse. — Vai morrer logo, mesmo se as chamas não o pegarem. Nem precisa procurar a bolsa de estanho no cinto. Eles a levaram.

— Chamas? — Fantasma grunhiu, piscando. Como as pessoas sobreviviam num mundo assim tão escuro?

— Não consegue senti-las, Fantasma? Estão próximas.

Havia uma luz nas proximidades, no fim de um corredor. Fantasma sacudiu a cabeça, tentando limpar a mente. *Estou numa casa*, ele pensou. *Bonita. A casa de um nobre.*

E eles a estão incendiando.

Aquilo enfim lhe deu motivação para se erguer, mas ele caiu novamente, o corpo fraco demais — a mente muito confusa — para se manter em pé.

— Não ande — a voz ordenou. Onde ouvira aquela voz antes? Inspirava-lhe confiança. — Rasteje.

Fantasma fez conforme ordenado, rastejando para a frente.

— Não, não *na direção* das chamas! Precisa sair para poder castigar aqueles que fizeram isso com você. Pense, Fantasma!

— Janela — Fantasma grasnou, virando-se para o lado, rastejando na direção de uma delas.

— Pregadas com tábuas — a voz informou. — Você já viu isso antes, lá do lado de fora. Há apenas uma maneira de sobreviver. Precisa me ouvir.

Fantasma assentiu lentamente.

— Saia pela outra porta do quarto. Rasteje na direção das escadas que levam ao segundo andar.

Fantasma obedeceu, forçando-se a permanecer em movimento. Os braços estavam dormentes a ponto de parecer que tinha pesos amarrados aos ombros. Estivera queimando estanho por tanto tempo que os sentidos normais simplesmente não pareciam mais bastar. Encontrou as escadas, mas já estava tossindo quando as alcançou. *Por causa da fumaça*, parte de sua mente lhe disse. Provavelmente fora uma boa ideia rastejar.

Já podia sentir o calor enquanto escalava os degraus. As chamas pareciam lhe perseguir, tomando o aposento logo atrás enquanto ele subia nos degraus, ainda zonzo. Fantasma chegou ao topo e em seguida escorregou no próprio sangue, tombando contra a lateral da parede, grunhindo.

— Levante! — exigiu a voz.

Onde ouvi essa voz antes?, voltou a pensar. *Por que quero fazer o que ela diz?* Estava tão perto. Ele já teria lembrado caso não estivesse com a mente tão confusa. Mesmo assim obedeceu, forçando-se a engatinhar novamente.

— Segundo quarto à esquerda — a voz ordenou.

Fantasma se arrastou sem pensar. As chamas se esgueiraram escada acima, lambendo as paredes. Seu olfato estava fraco, assim como os outros sentidos, mas ele desconfiava que a casa houvesse sido encharcada com óleo, de forma a causar um incêndio mais rápido, mais dramático.

— Pare. Este é o quarto.

Fantasma virou à direita, rastejando para dentro do aposento. Era um escritório bem mobiliado. Os ladrões da cidade reclamavam que saquear lugares como aquele não valia o esforço. O Cidadão proibia a ostentação, de forma que mobília cara assim não poderia ser vendida, mesmo no mercado negro. Ninguém queria ser flagrado em posse de luxos, a menos que quisesse terminar queimado em uma das execuções do Cidadão.

— Fantasma!

Fantasma ouvira falar daquelas execuções. Nunca tinha visto uma. Então pagou a Durn para ficar de olho e descobrir quando fosse a próxima. Seu dinheiro valeu ser avisado com antecedência, bem como uma boa posição para assistir ao prédio ser incendiado. Além disso, Durn jurava que haveria outra coisa, algo pelo que Fantasma se interessaria. Algo que faria valer a moeda que pagara.

Conte os crânios.

— Fantasma!

Fantasma abriu os olhos. Havia caído no chão e começado a devanear. As chamas já estavam queimando o teto. O prédio estava agonizando. Não havia maneira de escapar… Não naquelas condições.

— Vá até a escrivaninha — a voz ordenou.

— Estou morto — Fantasma sussurrou.

— Não está, não. Vá até a escrivaninha.

Fantasma virou a cabeça, olhando para as chamas. Uma figura estava em pé dentro delas, uma silhueta escura. As paredes pingavam, borbulhavam e chiavam, o gesso e a pintura enegrecendo. Ainda assim, aquela sombra não parecia se importar com o fogo. Parecia familiar. Alta. Imponente.

— Você…? — Fantasma murmurou.

— Vá até a escrivaninha!

Fantasma ficou de joelhos. Rastejou, arrastando o braço inerte, movendo-se até a lateral do móvel.

— Gaveta da direita.

Fantasma a abriu e em seguida se recostou à lateral, apoiando-se. Havia algo lá dentro.

Frascos?

Ele os agarrou com avidez. Eram os tipos de frascos usados por alomânticos para armazenar raspas de metais. Com dedos trêmulos, Fantasma pegou um, que se soltou dos dedos dormentes. Estilhaçou-se. Ele encarou o líquido que havia dentro — uma solução de álcool que impedia os flocos de metal de se corroerem e ajudava o alomântico a tomá-los.

— Fantasma! — a voz disse.

Lento, Fantasma pegou outro frasco. Tirou a tampa com os dentes, sentindo o incêndio arder ao seu redor. A parede ao fundo estava quase destruída. As chamas avançavam até ele.

Tomou o conteúdo do frasco e buscou estanho dentro de si. Mas não havia. Fantasma gritou em desespero, deixando o frasco cair. Não era estanho o que havia nele. Como estanho o teria salvado, de qualquer forma? Teria feito com que sentisse as chamas e os ferimentos que causariam de forma mais aguda.

— Fantasma! — a voz ordenou. — Queime!

— Não tem estanho! — Fantasma gritou.

— Não é estranho! O dono desta casa não era um Olho de Estanho!

Não era estanho. Fantasma piscou. Então, vasculhando dentro de si, ele encontrou algo completamente inesperado. Algo que nunca pensara em ver, algo que não deveria ter existido.

Uma nova reserva de metal. Ele a queimou.

Seu corpo se avivou com nova força. Os braços trêmulos ficaram firmes. A fraqueza pareceu fugir, jogada de lado como a escuridão antes do nascer do sol. Sentiu tensão e poder, e os músculos ficaram rígidos de expectativa.

— Levante!

Sua cabeça se ergueu de um estalo. Ele ficou em pé num salto e, dessa vez, a tontura desapareceu. A mente ainda parecia dormente, mas algo estava claro para

ele. Apenas um metal poderia ter mudado seu corpo, tornando-o forte o suficiente para funcionar apesar do ferimento terrível e da perda de sangue.

Fantasma estava queimando peltre.

A figura em pé nas chamas estava obscura, quase impossível de divisar.

— Eu lhe dei a bênção do peltre, Fantasma — a voz disse. — Use-a para escapar deste lugar. Pode atravessar as tábuas no fim do corredor, sair pelo telhado do prédio ao lado. Os soldados não estarão de olho em você. Já estão ocupados demais controlando o incêndio para impedir que ele se espalhe.

Fantasma assentiu. O calor não o incomodava mais.

— Obrigado.

A figura avançou, tornando-se mais que uma simples silhueta. As chamas reluziam no rosto firme do homem, e as desconfianças de Fantasma se confirmaram. Havia um motivo para confiar naquela voz, um motivo pelo qual fizera o que a voz lhe ordenara.

Ele faria qualquer coisa que esse homem ordenasse.

— Não lhe dei peltre apenas para que você pudesse viver, Fantasma — Kelsier disse, apontando. — Eu lhe dei para que você pudesse se vingar. Agora, vá!

Algumas pessoas relataram sentir um ódio consciente vindo das brumas. Isso, no entanto, não está necessariamente relacionado às mortes das pessoas por elas. Para a maioria — mesmo para aqueles atingidos —, as brumas pareciam apenas um fenômeno climático, não mais consciente ou vingativo que uma doença terrível.

Para alguns poucos, contudo, havia mais. Aqueles a quem favorecia, ela circundava. Daqueles a quem era hostil, ela se afastava. Alguns sentiam paz dentro dela; outros, ódio. Tudo se resumia ao toque sutil de Ruína e a quanto alguém reagia a seus estímulos.

20

Tensoon estava sentado em sua jaula.

A mera existência da jaula era um insulto. Os kandra não eram como os homens — mesmo que não estivesse aprisionado, TenSoon não teria fugido ou tentado escapar. Ele viera de livre e espontânea vontade ao encontro do próprio destino.

E, ainda assim, eles o trancaram. Não sabia ao certo onde haviam conseguido a jaula, que certamente não era algo de que os kandra normalmente precisassem. Ainda assim, os Segundos a tinham encontrado e instalado em uma das principais cavernas da Terra Natal. Era feita de placas de ferro e barras de aço, com uma tela de arame forte estendida em todos os quatro lados para impedir que ele reduzisse seu corpo a músculos básicos e se espremesse entre elas. Outro insulto.

TenSoon estava sentado lá dentro, nu no chão frio de ferro. Havia conseguido alguma coisa além da própria condenação? Suas palavras na Gruta da Confiança haviam tido algum valor?

Fora da jaula, as cavernas brilhavam com a luz de musgos cultivados, e os kandra cuidavam de suas obrigações. Muitos paravam para examiná-lo. Aquele era o objetivo do longo período entre o julgamento e a sentença. Os da Segunda Geração não precisavam de semanas para ponderar sobre o que fariam com ele. No entanto, TenSoon os forçara a deixarem-no dar sua opinião, e os Segundos queriam garantir que ele fosse devidamente castigado. Colocaram-no à mostra, como um ser humano na berlinda. Em toda a história do povo kandra, nenhum outro fora tratado dessa maneira. Seu nome seria sinônimo de vergonha por séculos.

Mas não duraremos séculos, pensou, raivoso. *Meu discurso todo foi sobre isso*.

Porém, ele não o proferira muito bem. Como poderia explicar às pessoas o que sentia? Que suas tradições estavam convergindo, que sua vida — por tanto tempo estável — precisava drasticamente de mudanças?

O que aconteceu lá em cima? Vin chegou ao Poço da Ascensão? E quanto a Ruína, a Preservação? Os deuses do povo kandra estavam em guerra novamente, e os únicos que sabiam deles fingiam que nada acontecia.

Fora de sua jaula, os outros kandra tocavam a vida. Alguns treinavam membros das gerações mais novas — podia ver os da Décima Primeira se movendo, pouco mais que bolhas com alguns ossos brilhantes. A transformação de espectros das brumas para kandra era difícil. Assim que a Bênção era dada, o espectro perdia a maioria de seus instintos à medida que ganhava consciência, tendo de reaprender como formar músculos e corpos. Era um processo que levava muitos, muitos anos.

Outros kandra adultos cuidavam da preparação da comida. Eles cozinhavam uma mistura de algas e fungos dentro de fossos de pedra muito parecidos com aquele no qual TenSoon passaria a eternidade. Apesar de seu antigo ódio contra a humanidade, TenSoon sempre encontrara oportunidades para desfrutar da comida de fora — em especial carne envelhecida —, uma consolação muito tentadora para quem saía por um Contrato.

Naquele momento, mal tinha o bastante para beber, sem falar no que comer. Ele suspirou, olhando por entre as barras para a vasta caverna. As cavernas da Terra Natal eram enormes, grandes demais para que fossem cheias pelos kandra. Mas era aquilo que muitos do seu povo gostavam nelas. Após passar anos em um Contrato — servindo aos caprichos de um mestre, com frequência por décadas a fio —, um lugar que oferecesse a opção de solidão era bem precioso.

Solidão, TenSoon pensou. *Em breve, terei muito disso.* Contemplar a eternidade em uma prisão o deixava um pouco menos irritado com os kandra que vinham observá-lo. Seriam os últimos que ele veria. Reconhecia muitos deles. Os Quartos e Quintos vinham para cuspir no chão diante dele, mostrando sua devoção aos Segundos. Os Sextos e Sétimos — que formavam a massa dos cumpridores de Contratos — vinham por piedade e balançavam a cabeça, lamentando por um amigo perdido. Os Oitavos e Nonos vinham por curiosidade, espantados que um kandra tão velho pudesse ter decaído tanto.

E, então, viu um rosto especialmente familiar em meio aos grupos de observadores. TenSoon se virou de lado, com vergonha, quando MeLaan se aproximou, a dor estampada em seus olhos exageradamente grandes.

— TenSoon?

— Vá embora, MeLaan — ele pediu em voz baixa, as costas para as barras, que apenas fazia com que ficasse de frente a outro grupo de kandra, que o

observava do outro lado.

— TenSoon…

— Você não precisa me ver assim, MeLaan. Vá, por favor.

— Eles não deviam poder fazer isso com você — ela falou, e ele conseguiu ouvir a raiva em sua voz. — Você é quase tão velho quanto eles e muito mais sábio.

— Eles são da Segunda Geração — TenSoon lembrou. — São escolhidos por aqueles da Primeira. Eles nos lideram.

— Eles não *têm* que nos liderar.

— MeLaan! — ele disse, finalmente virando-se para ela. A maioria dos espectadores ficava afastado, como se o crime de TenSoon fosse uma doença que eles pudessem pegar. MeLaan agachava-se sozinha ao lado da jaula, seu Corpo Verdadeiro de ossos retorcidos de madeira fazendo-a parecer estranhamente magra.

— Você poderia desafiá-los — MeLaan sugeriu, em voz baixa.

— O que você pensa que somos? — TenSoon perguntou. — Seres humanos, com suas rebeliões e revoltas? Somos kandra. Somos de Preservação. Seguimos a ordem.

— Você ainda se curva diante deles? — MeLaan sibilou, apertando o rosto fino contra as barras. — Depois do que você disse… com o que está acontecendo lá em cima?

TenSoon hesitou.

— Lá em cima?

— Você tinha razão, TenSoon. As cinzas cobrem a terra como um manto negro. As brumas vêm durante o dia, matando safras e pessoas. Homens marcham para a guerra. Ruína voltou.

TenSoon fechou os olhos.

— Eles farão alguma coisa — disse, por fim. — A Primeira Geração.

— Estão velhos — MeLaan retrucou. — Velhos, esquecidos, impotentes.

TenSoon abriu os olhos.

— Você mudou muito.

Ela sorriu.

— Eles nunca deveriam ter dado filhos de uma nova geração para serem criados por um Terceiro. Há muitos de nós, os mais jovens, que lutariam. Os

Segundos não podem governar para sempre. O que podemos fazer, TenSoon? Como podemos ajudá-lo?

Ah, criança, ele pensou. *Não acha que eles já sabem sobre vocês?*

Os da Segunda Geração não eram tolos. Talvez fossem preguiçosos, mas eram velhos e astutos — TenSoon entendia aquilo, porque conhecia cada um deles muito bem. Eles teriam algum kandra à escuta, esperando para saber o que era dito em sua jaula. Um da Quarta ou da Quinta Geração que tivesse a Bênção da Percepção poderia ficar a certa distância e ainda assim ouvir cada palavra dita ali.

TenSoon era um kandra. Havia retornado para receber sua punição porque era o certo a se fazer. Era mais que honra, mais que Contrato. Era quem ele era.

Mas se as coisas que MeLaan dizia fossem verdade…

Ruína voltou.

— Como você pode ficar aqui, sentado? — MeLaan quis saber. — Você é mais forte que eles, TenSoon.

TenSoon negou com a cabeça.

— Rompi um Contrato, MeLaan.

— Pelo bem maior.

Ao menos eu a convenci.

— É verdade, TenSoon? — ela perguntou com voz muito baixa.

— O quê?

— OreSeur. Ele tinha a Bênção da Potência. Você deve ter herdado, quando o matou. Ainda assim, eles não a encontraram em seu corpo quando o pegaram. Então, o que você fez com ela? Posso buscá-la para você? Trazê-la para que você possa lutar?

— Não vou lutar contra meu próprio povo, MeLaan — TenSoon disse. — Sou um kandra.

— Alguém precisa nos liderar!

Aquela declaração, pelo menos, era verdadeira. Mas não era direito de TenSoon. Nem, realmente, direito da Segunda Geração, ou sequer da Primeira. Era o direito daquele que os havia criado. Aquele que estava morto. Mas outra havia tomado o seu lugar.

MeLaan ficou em silêncio por um tempo, ainda ajoelhada ao lado da jaula. Talvez ela esperasse que ele oferecesse encorajamento ou, talvez, se tornasse o

líder que ela buscava. Ele não falou nada.

— Então, você veio apenas para morrer — ela disse por fim.

— Para explicar o que descobri. O que senti.

— E então? Você vem, anuncia notícias terríveis e nos deixa resolver os problemas sozinhos?

— Não é justo, MeLaan. Vim para ser o melhor kandra que sei ser.

— Então, lute!

Ele negou com a cabeça.

— É verdade, então — ela disse. — Os outros da minha geração dizem que você foi subjugado por seu último mestre. O ser humano Zane.

— Ele não me subjugou — TenSoon retrucou.

— Ah, não? Então por que você voltou à Terra Natal naquele… corpo que estava usando?

— Os ossos de cão? Não foi Zane quem me deu, mas Vin.

— Então *ela* o subjugou.

TenSoon exalou baixinho. Como poderia explicar? Por um lado, parecia irônico para ele que MeLaan, que intencionalmente usava um Corpo Verdadeiro não humano, achasse o uso do corpo de um cão tão desagradável. Ainda assim, entendia. Levara algum tempo até que aprendesse a apreciar as vantagens daqueles ossos.

Ele hesitou.

Mas não. Ele não viera trazer revolução. Viera explicar, servir aos interesses de seu povo. Fizera aquilo aceitando sua punição, como um kandra deveria fazer.

E, ainda assim…

Havia uma chance. Mínima. Ele não sabia se queria escapar, mas, se houvesse uma oportunidade…

— Aqueles ossos que usei… Sabe onde estão? — TenSoon se flagrou perguntando.

MeLaan fez uma careta.

— Não. Por que você iria querê-los?

TenSoon negou com a cabeça.

— Não quero — respondeu, escolhendo as palavras com cuidado. — Eles são vergonhosos! Fui obrigado a usá-los por mais de um ano, forçado ao papel humilhante de um cão. Eu os teria descartado, mas não tinha um cadáver para

digerir e assumir, de modo que precisei voltar para cá usando aquele corpo horrendo.

— Você está evitando o problema real, TenSoon.

— Não há problema real, MeLaan — ele retrucou, afastando-se dela. Seu plano funcionando ou não, não queria que os Segundos a castigassem por se associar a ele. — Não vou me rebelar contra meu povo. Por favor, se quiser mesmo me ajudar, apenas me deixe em paz.

MeLaan soltou o ar em um chiado baixo, e ele a ouviu se levantar.

— Você já foi o maior entre nós.

TenSoon suspirou quando ela se afastou. *Não, MeLaan. Nunca fui grande. Até pouco tempo atrás, eu fui o mais ortodoxo da minha geração, um conservador distinto apenas por seu ódio aos seres humanos. Agora, eu me tornei o maior criminoso de nossa história, mas em grande parte eu alcancei tal proeza por acidente.*

Isso não é grandeza. É apenas tolice.

Não deveria ser surpresa que Elend tenha se tornado um alomântico tão poderoso. É um fato bem documentado — embora tal documentação não estivesse disponível à maioria das pessoas — que alomânticos eram muitos mais fortes durante os primeiros dias do Império Final.

Naqueles dias, um alomântico não precisava de duralumínio para controlar um kandra ou um koloss. Um simples empurrão *ou* puxão *nas emoções bastava. De fato, essa capacidade foi um dos principais motivos pelos quais os kandra criaram os Contratos com os seres humanos, pois naquela época não apenas os Nascidos da Bruma, mas também Abrandadores e Tumultuadores, podiam controlá-los a seu bel-prazer.*

21

Demoux sobreviveu.

Era parte de um grupo maior, os quinze por cento que ficaram doentes, mas não morreram. Vin se sentou no topo da cabine de seu barco estreito, o braço descansando em um peitoril de madeira, brincando indolentemente com o brinco da mãe — que, como sempre, estava usando. Os maiores dos koloss se arrastavam ao longo das margens, puxando barcaças e barcos pelo canal. Muitas das barcaças ainda carregavam suprimentos — tendas, alimentos, água potável —, mas várias haviam sido esvaziadas, seu conteúdo levado nas costas dos soldados sobreviventes para abrir espaço para os feridos.

Vin desviou o rosto das barcaças, olhando para a frente do barco estreito. Elend estava na proa, como sempre, encarando o ocidente. Não parecia abatido. Parecia um rei, as costas aprumadas, encarando com determinação o objetivo. Muito diferente do homem que fora no passado, com a barba cheia, os cabelos mais longos, o uniforme escovado até recuperar a brancura. Estava ficando puído. Não esfarrapado… Ainda era limpo e bem passado, tão branco quanto as coisas conseguiam ficar no estado atual do mundo. Apenas não eram mais novos. Era o uniforme de um homem que estivera em guerra por dois anos ininterruptos.

Vin o conhecia o bastante para sentir que nem tudo estava bem. Contudo, também o conhecia o suficiente para sentir que ele não queria falar sobre isso no momento.

Ela se levantou e desceu, queimando peltre inconscientemente para aumentar seu equilíbrio. Tirou um livro de um banco ao lado da beira do barco e se sentou em silêncio. Elend acabaria falando com ela — sempre falava. Por ora, tinha outra coisa a fazer.

Abriu o livro na página marcada e releu um parágrafo específico. *As Profundezas devem ser destruídas,* as palavras registravam. *Eu a vi e a senti. O nome que lhe demos é fraco demais, creio eu. Sim, é profundo e insondável, mas também é terrível. Muitos não percebem que tem consciência, mas eu senti sua mente, como ela é, nas poucas vezes em que a confrontei diretamente.*

Ela encarou a página por um momento, recostando-se no banco. Ao seu lado, as águas do canal passavam, cobertas por uma espuma de cinzas flutuantes.

O livro era o diário de Alendi. Havia sido escrito mil anos antes por um homem que pensara ser o Herói das Eras. Alendi não concluíra sua jornada; fora morto por um de seus criados — Rashek —, que assumira o poder no Poço da Ascensão e se tornara o Senhor Soberano.

A história de Alendi era assustadoramente parecida com a de Vin. Ela também havia pensado ser o Herói das Eras. Viajara até o Poço e fora traída. No entanto, não fora traída por um de seus criados, mas, em vez disso, pela força aprisionada no Poço. Aquela força estava, ela supunha, por trás das profecias sobre o Herói das Eras, para início de conversa.

Por que continuo voltando a este parágrafo?, ela pensou, encarando-o de novo. Talvez fosse pelo que Humano havia lhe dito — que as brumas a odiavam. Ela sentira aquele ódio desde o início, e parecia que Alendi também.

Mas Vin poderia confiar nas palavras do diário? A força que ela havia soltado, que chamava de Ruína, provara ser capaz de mudar as coisas no mundo. Coisas pequenas, ainda que importantes. Como o texto de um livro, motivo pelo qual os oficiais de Elend eram instruídos a enviar todas as mensagens oralmente ou talhadas em metal.

Independentemente disso, se houvesse quaisquer pistas a serem obtidas com a leitura do diário, Ruína as teria removido tempos antes. Vin sentia como se tivesse passado os últimos três anos sendo manipulada, puxadas por fios invisíveis. Ela pensara estar tendo revelações e fazendo grandes descobertas, mas tudo que realmente estivera fazendo era seguir as vontades de Ruína.

Ainda assim, ele não é onipotente, Vin pensou. *Se fosse, não haveria luta. Não teria necessidade de me enganar para soltá-lo.*

Ele não pode saber meus pensamentos…

Isso ainda era frustrante. De que adiantavam seus pensamentos? No passado, sempre tivera Sazed, Elend ou TenSoon para conversar sobre problemas desse tipo. Aquela não era uma tarefa para Vin; ela não era uma erudita. Mas Sazed havia virado as costas para seus estudos, TenSoon voltara para seu povo e Elend estava ocupado demais nos últimos tempos para se preocupar com qualquer coisa que não fosse seu exército e sua política. Restava Vin. E ela ainda achava as leituras e a erudição algo enfadonho e entediante.

Porém, ficava também cada vez mais resignada com a ideia de fazer o que era necessário, por mais que achasse desagradável. Não estava mais sozinha.

Pertencia ao Novo Império. Tinha sido sua faca — agora era hora de experimentar um papel diferente.

Preciso fazer isso, ela pensou, sentada à luz do sol vermelho. *Existe um quebra-cabeças aqui, algo a ser resolvido. O que é que Kelsier vivia dizendo?*

Sempre há outro segredo.

Ela se lembrou de Kelsier encarando com astúcia um pequeno grupo de ladrões, proclamando que derrubariam o Senhor Soberano e libertariam o império. *Nós somos ladrões, cavalheiros,* ele havia dito. *E somos ladrões extraordinariamente bons. Podemos roubar o impossível e enganar o impassível. Sabemos como pegar uma tarefa colossal,dividi-la em pedaços administráveis e depois lidar com cada um desses pedaços.*

Naquele dia, vendo-o escrever os objetivos e planos da equipe em um pequeno quadro, Vin se encantara com a forma como ele fazia parecer possível uma tarefa impossível. Naquele dia, um pouco dela começou a acreditar que Kelsier podia de fato derrubar o Império Final.

Tudo bem, Vin pensou. *Começarei como Kelsier, listando as coisas de que tenho certeza.*

Houvera uma força no Poço da Ascensão, de forma que aquela parte das histórias era verdadeira. Também houvera algo vivo, aprisionado no Poço ou nos seus arredores. Havia ludibriado Vin e a feito usar o poder para destruir suas amarras. Ela talvez pudesse ter usado esse mesmo poder para destruir Ruína em vez disso, mas abrira mão dele.

Ela ficou sentada, pensativa, batendo com o dedo no verso do diário. Ainda conseguia se lembrar um pouco do que havia sentido ao ter aquele poder em mãos. Ele a deixara apavorada ao mesmo tempo em que parecia natural, correto. De fato, enquanto o detinha, *tudo* parecia natural. O funcionamento do mundo, os costumes da humanidade… Como se o poder fosse mais do que simples capacidades. Fora também compreensão.

Estava divagando. Precisava concentrar-se naquilo que sabia antes de começar a filosofar sobre o que precisava fazer. O poder era real, e Ruína era real. Ruína havia retido alguma habilidade de mudar o mundo durante seu confinamento; Sazed confirmara que seus textos haviam sido alterados para se adequar ao objetivo dela. Agora, Ruína estava livre, e Vin tinha a intuição de que estava por trás das chuvas de cinzas e mortes violentas causadas pela bruma.

Mas não tenho certeza disso. O que de fato sabia sobre Ruína? Vin havia tocado, sentido Ruína naquele momento em que o libertara. Tinha uma

necessidade de destruir, mas não era uma força de simples caos. Não agia aleatoriamente. Planejava e pensava. E não parecia capaz de fazer tudo que quisesse. Quase como se seguisse regras específicas…

Ela hesitou.

— Elend? — chamou.

O imperador se virou de seu lugar à proa.

— Qual é a primeira regra da Alomancia? — Vin perguntou. — A primeira coisa que ensinei a você?

— Consequência — Elend respondeu. — Toda ação tem consequências. Quando se *empurra* algo pesado, ele vai empurrá-lo de volta. Caso se *empurre* algo leve, ele vai voar para longe.

Fora a primeira lição que Kelsier ensinara a Vin, assim como, ela supôs, havia sido a primeira lição que o mestre dele, por sua vez, lhe ensinara.

— É uma boa regra — Elend disse, voltando à sua contemplação do horizonte. — Funciona com todas as coisas da vida. Se você joga algo no ar, esse algo vai cair. Se levar um exército para o reino de um homem, o homem vai reagir…

Consequência, ela pensou, franzindo a testa. *Como todas as coisas que caem quando são lançadas para o céu. É a impressão que tenho das ações de Ruína. Consequências.* Talvez fosse um resto do toque da força, ou talvez alguma racionalização proporcionada pelo seu inconsciente. Ela sentia, porém, uma lógica em Ruína. Não entendia aquela lógica, mas conseguia reconhecê-la.

Elend se virou de novo para ela.

— É por isso que eu gosto da Alomancia, na verdade. Ou, ao menos, da teoria. Os skaa cochicham sobre ela, dizem que é mística, quando na verdade é algo muito racional. Você pode dizer o que um *empurrão* alomântico vai fazer com tanta certeza quanto pode dizer o que acontecerá quando joga uma rocha pela lateral do barco. Para cada *empurrão*, há um *puxão*. Não há exceções. Há um sentido lógico, simples, diferente da mentalidade e das ações dos homens, que são cheios de falhas, irregularidades e duplos sentidos. Alomancia é uma coisa da natureza.

Uma coisa da natureza.

Para cada empurrão*, há um* puxão*. Uma consequência.*

— Isso é importante — Vin sussurrou.

— Quê?

Uma consequência.

Fosse lá o que sentira no Poço da Ascensão fora algo de destruição, como Alendi descrevera em seu diário. Mas não era uma criatura, nem era similar a uma pessoa. Era uma força — uma força pensante, mas uma força mesmo assim. E forças tinham regras. Alomancia, clima, mesmo a atração do solo. O mundo era um lugar que tinha sentido. Um lugar de lógica. Cada *empurrão* tinha um *puxão*. Cada força tinha uma consequência.

Ela precisava descobrir, então, as leis relacionadas à coisa com a qual estava lutando. Essa descoberta lhe diria como derrotá-la.

— Vin? — Elend chamou, examinando o rosto da mulher.

Vin virou o rosto.

— Não é nada, Elend. Ao menos, nada que eu possa falar.

Ele a observou por um momento. *Ele acha que você está tramando contra ele*, Reen sussurrou no fundo de sua mente. Felizmente, os dias em que dera ouvido às palavras de Reen haviam ficado para trás. Quando olhou para Elend, ela o viu assentir lentamente, aceitando sua explicação e, em seguida, voltar às próprias contemplações.

Vin se levantou, caminhou até a proa e pousou a mão no braço do marido. Ele suspirou, erguendo o braço e o passando ao redor dos ombros dela, puxando-a para perto. Aquele braço, antes o braço fraco de um erudito, agora era musculoso e firme.

— Em que estava pensando? — Vin quis saber.

— Você sabe — Elend respondeu.

— Foi necessário, Elend. Os soldados precisavam ser expostos às brumas, mais cedo ou mais tarde.

— Verdade. Mas tem mais uma coisa, Vin. Temo estar ficando como *ele.*

— Quem?

— O Senhor Soberano.

Vin bufou em silêncio, puxando-o para mais perto.

— É algo que ele teria feito — Elend disse. — Sacrificar seus homens por uma vantagem tática.

— Você explicou isso para Ham. Não podemos perder tempo.

— Ainda assim, é inclemente. O problema não é que aqueles homens morreram, mas que eu tive tamanha disposição em fazer isso acontecer. Eu me

senti… *brutal*, Vin. Até que ponto irei para ver meus objetivos conquistados? Estou marchando para o reino de outro homem para tomá-lo dele.

— Pelo bem maior.

— Essa tem sido a desculpa de inúmeros tiranos no passar das eras. Eu sei disso. Mesmo assim, continuo trilhando esse caminho. *Por isso* eu não queria ser imperador. Por isso deixei Penrod assumir meu trono durante o cerco. Não queria ser o tipo de líder que tem de fazer coisas como essa. Quero proteger, não montar cercos e assassinar soldados! Mas há outro jeito? Tudo que faço dá a impressão de que *precisa* ser feito. Como expor meus homens às brumas. Como marchar para a Cidade de Fadrex. Temos que tomar posse daquele depósito; é a única direção que talvez possa nos dar alguma pista quanto ao que devemos fazer! Tudo faz tanto sentido. Um sentido impiedoso e brutal.

Inclemência é a mais prática das emoções, a voz de Reen sussurrou. Ela a ignorou.

— Você tem dado muito ouvido a Cett.

— Talvez — Elend disse. — Mesmo assim, acho difícil ignorar a lógica dele. Cresci como um idealista, Vin… nós sabemos que é verdade. Cett traz uma espécie de equilíbrio. As coisas que ele diz são muito parecidas com o que Tindwyl costumava dizer.

Ele fez uma pausa e meneou a cabeça.

— Pouco tempo atrás, estava falando com Cett sobre o Estalo Alomântico. Sabe o que as casas nobres faziam para ter certeza de que encontrariam alomânticos entre seus filhos?

— Os espancavam — Vin sussurrou. Os poderes alomânticos de uma pessoa sempre ficavam latentes até que algo traumático os trouxesse à tona. Uma pessoa precisava ser levada à beira da morte e sobreviver. Apenas assim seus poderes eram despertados. Era chamado de Estalo.

Elend assentiu.

— Era um dos grandes segredos sujos da vida supostamente nobre. Famílias perdiam frequentemente filhos nos espancamentos. As surras precisavam ser brutais para evocarem as capacidades alomânticas. Cada casa era diferente, mas geralmente especificavam uma idade antes da adolescência. Quando um garoto ou garota atingia essa idade, eram levados e espancados quase até a morte.

Vin teve um leve arrepio.

— Lembro o meu como se fosse hoje — Elend disse. — Meu pai não me

bateu pessoalmente, mas assistiu. A coisa mais triste sobre os espancamentos era que a maioria deles era inútil. Apenas um punhado de crianças, até mesmo nobres, tornavam-se alomânticos. Eu não me tornei. Apanhei por nada.

— Você fez esses espancamentos pararem, Elend — Vin disse com suavidade. Ele havia baixado um decreto logo após se tornar rei. Uma pessoa poderia escolher passar por um espancamento supervisionado quando chegasse à maioridade, mas Elend impedira que acontecesse com crianças.

— E eu estava errado — Elend comentou num tom tranquilo.

Vin olhou para ele.

— Os alomânticos são nosso recurso mais poderoso, Vin — ele disse, assistindo à marcha dos soldados. — Cett perdeu o reino e quase a vida por não ter conseguido reunir alomânticos o suficiente para protegê-lo. E eu tornei ilegal a busca de alomânticos na minha população.

— Elend, você impediu o *espancamento de crianças*.

— E se aqueles espancamentos pudessem salvar vidas? Assim como expor meus soldados? E Kelsier? Ele só ganhou seus poderes de Nascido da Bruma *depois* de ter sido preso nas Minas de Hathsin. O que teria acontecido se ele tivesse apanhado como devia, quando criança? Sempre teria sido um Nascido da Bruma. Poderia ter salvado a esposa.

— E não teria tido coragem ou motivação para derrubar o Império Final.

— E isso que temos é melhor? — Elend perguntou. — Quanto mais me mantenho nesse trono, Vin, mais percebo que algumas das coisas que o Senhor Soberano fazia não eram maldosas, mas simplesmente eficazes. Certo ou errado, ele mantinha a ordem no reino.

Vin o encarou, olhando em seus olhos, obrigando-o a olhar de volta.

— Não gosto dessa frieza em você, Elend.

Ele olhou para as águas escurecidas do canal.

— Ela não me controla, Vin. Não concordo com a maioria das coisas que o Senhor Soberano fez. Apenas o compreendo, e essa compreensão me preocupa.

Ela enxergou dúvidas em seus olhos, mas também força. Ele encontrou o olhar dela.

— Posso manter esse trono apenas porque sei que, em algum momento, tive a disposição de abandoná-lo em nome do que estava correto. Se eu alguma vez perder isso, Vin, você precisa me dizer. Tudo bem?

Vin concordou com a cabeça.

Elend voltou a olhar o horizonte. *O que ele espera ver?*, Vin se perguntou.

— Precisa haver equilíbrio, Vin. Vamos encontrá-lo de algum jeito. O equilíbrio entre quem desejamos ser e quem precisamos ser. — Ele suspirou. — Mas, por ora — ele disse, meneando a cabeça —, precisamos apenas estar satisfeitos com quem somos.

Vin olhou para o lado quando um pequeno esquife mensageiro de um dos outros barcos encostou ao lado do deles. Um homem de túnica marrom simples estava em pé nele. Usava óculos grandes, como se tentasse esconder as tatuagens intrincadas do Ministério ao redor dos olhos, e sorria alegremente.

Vin também sorriu. No passado, costumava pensar que um obrigador feliz era *sempre* um mau sinal. Isso foi antes de conhecer Noorden. Mesmo durante os dias do Senhor Soberano, o erudito contente provavelmente vivera a maior parte da vida em seu próprio mundinho. Oferecia uma prova estranha de que, mesmo no confinamento do que ela acreditara ser a organização mais maléfica do império, era possível encontrar bons homens.

— Excelência — Noorden disse, saindo do esquife e curvando-se. Dois escribas assistentes juntaram-se a ele no convés, carregando livros e cadernos.

— Noorden — Elend disse, juntando-se ao homem no convés de proa. Vin acompanhou. — Fez as contas que pedi?

— Fiz, Excelência — Noorden respondeu enquanto um ajudante abria um livro sobre uma pilha de caixas. — Devo dizer, foi uma tarefa difícil, com o exército em marcha e tudo o mais.

— Tenho certeza de que você foi caprichoso como sempre, Noorden — Elend disse. Deu uma olhada no caderno, que parecia fazer sentido para ele, embora tudo que Vin enxergasse fosse um monte de números aleatórios.

— O que diz aí? — ela perguntou.

— Uma relação do número de doentes e mortos — Elend respondeu. — Dos nossos trinta e oito mil, quase seis mil foram tomados pela doença. Perdemos cerca de quinhentos e cinquenta.

— Inclusive um dos meus escribas — Noorden comentou, balançando a cabeça.

Vin franziu o cenho. Não para a morte, mas para outra coisa, algo a incomodava no fundo da mente…

— Menos mortos do que esperávamos — Elend disse, coçando a barba em meio a pensamentos.

— Sim, Excelência — Noorden respondeu. — Acho que os soldados são mais robustos que a média da população skaa. A doença, seja lá qual for, não se abate sobre eles com tanta gravidade.

— Como sabe? — Vin perguntou, erguendo os olhos. — Como sabe quantos *deveriam* ter morrido?

— Experiência prévia, milady — Noorden disse com seu jeito loquaz. — Viemos registrando essas mortes com algum interesse, recentemente. Como a doença é nova, estamos tentando determinar exatamente o que a causa. Talvez isso nos leve a uma maneira de tratá-la. Meus escribas estão lendo todo o possível, tentando encontrar pistas de outras doenças parecidas. Parece um pouco com as convulsões, embora em geral ela seja causada por…

— Noorden — Vin interrompeu com a testa franzida. — Você tem as quantidades, então? Números exatos?

— Foi o que Sua Excelência pediu, milady.

— Quantos adoeceram? Exatamente?

— Bem, deixe-me ver… — Noorden falou, afastando o escriba e conferindo o caderno. — Cinco mil duzentos e quarenta e três.

— Qual percentual? — Vin perguntou.

Noorden hesitou, em seguida acenou para um escriba e fez alguns cálculos.

— Cerca de treze e meio por cento, milady — disse por fim, ajustando os óculos.

Vin torceu o nariz.

— Você incluiu os homens que morreram em seus cálculos?

— Na verdade, não.

— E qual total você usou? O número de homens no exército ou o número que não esteve nas brumas antes?

— O primeiro.

— Você teria uma contagem do segundo número? — Vin perguntou.

— Sim, milady. O imperador queria uma conta precisa de quantos soldados seriam afetados.

— Então, use esse número — Vin pediu, olhando para Elend.

Ele parecia interessado.

— Por que isso, Vin? — questionou, enquanto Noorden e seus homens trabalhavam.

— Não… sei bem.

— Números são importantes para generalizações — Elend comentou. — Mas não vejo como…

Ele se interrompeu quando Noorden ergueu os olhos dos cálculos e em seguida inclinou a cabeça, dizendo algo baixinho para si mesmo.

— O quê? — Vin perguntou.

— Desculpe, milady — Noorden disse. — Fiquei apenas um pouco surpreso. O cálculo acabou sendo exato… precisamente dezesseis por cento dos soldados adoeceram. Sem tirar nem pôr.

— Uma coincidência, Noorden — Elend disse. — Não é *tão* notável assim os cálculos saírem exatos.

As cinzas sopraram sobre o convés.

— Não, não, Vossa Excelência tem razão. Uma simples coincidência.

— Verifique seus registros — Vin disse. — Encontre percentuais baseados em outros grupos de pessoas que pegaram essa doença.

— Vin — Elend interveio —, não sou estatístico, mas trabalhei com números em minha pesquisa. Às vezes, fenômenos naturais produzem resultados aparentemente estranhos, mas o caos da estatística de fato resulta em normalização. Talvez pareça estranho que as contas tenham resultado um percentual exato, mas é simplesmente porque assim funcionam as estatísticas.

— Dezesseis — Noorden disse. Ele ergueu os olhos. — Outro percentual exato.

Elend franziu a testa, aproximando-se do caderno.

— Este terceiro aqui não é exato — Noorden disse —, mas apenas porque o número base não é um múltiplo de vinte e cinco. Uma fração de uma pessoa não pode realmente ficar doente, afinal. Mesmo assim, a doença nessa população aqui está a uma pessoa de dar exatamente dezesseis por cento.

Elend se ajoelhou, sem se importar com as cinzas que haviam coberto o convés desde a última vez que fora varrido. Vin olhou sobre o ombro dele, espiando os números.

— Não importa a idade da média dos membros da população — Noorden disse, escrevendo algo. — Nem importa onde vivem. Cada caso mostra *exatamente* o mesmo percentual de pessoas caindo doentes.

— Como não percebemos isso antes? — Elend questionou.

— Bem… de certa forma, percebemos — Noorden respondeu. — Sabíamos que *cerca de* quatro em cada vinte e cinco pessoas pegavam a doença. No entanto, eu não havia percebido o quanto esses números eram exatos. Isso é mesmo estranho, Excelência. Não conheço nenhuma outra doença que funcione dessa forma. Olhe, aqui está um registro de quando cem batedores foram enviados para as brumas e *precisamente* dezesseis deles caíram doentes!

Elend parecia perturbado.

— O quê? — perguntou Vin.

— Isso está errado — Elend respondeu. — Muito errado.

— É como se o caos das estatísticas aleatórias normais tivesse sido rompido — Noorden disse. — Uma população nunca deveria reagir com *essa* precisão… Deveria haver uma curva de probabilidade, com populações menores refletindo os percentuais esperados com menor precisão.

— No mínimo — Elend disse —, a doença deveria afetar idosos em proporções diferentes das de pessoas saudáveis.

— De certa forma, afeta — Noorden falou quando um dos assistentes lhe entregou um papel com mais cálculos. — As *mortes* respondem desse jeito, como seria de se esperar. Mas o número total de quem adoece é sempre de dezesseis por cento! Estivemos prestando tanta atenção em quantos morreram que não percebemos como eram estranhos os percentuais dos afetados em geral.

Elend se levantou.

— Verifique isso, Noorden — ele disse, apontando para o livro de registro. — Faça entrevistas, certifique-se de que os dados não foram alterados por Ruína e descubra se essa tendência se mantém. Não podemos tirar conclusões precipitadas com apenas quatro ou cinco exemplos, pois poderia ser tudo apenas uma grande coincidência.

— Sim, Excelência — Noorden respondeu, parecendo um pouco abalado. — Mas… e se não for? O que isso significa?

— Não sei.

Significa consequência, Vin pensou. *Significa que existem leis, mesmo que não as entendamos.*

Dezesseis. Por que dezesseis por cento?

As contas de metal encontradas no Poço — contas que transformavam homens em Nascidos da Bruma — eram a razão pela qual alomânticos costumavam ser mais poderosos. Aqueles primeiros Nascidos da Bruma eram como o alomântico em que Elend se transformou: detentores de um poder primordial, que foi então passado pelas linhagens da nobreza e um pouco enfraquecido a cada geração.

O Senhor Soberano era um desses antigos alomânticos, seu poder puro e inalterado pelo tempo e pelas linhagens. Isso é parte do motivo pelo qual ele era tão poderoso se comparado a outro Nascido da Bruma, embora seja bem verdade que sua capacidade de misturar Feruquemia e Alomancia fosse o que produzia muitas de suas habilidades espetaculares. Ainda assim, acho interessante que um de seus poderes "divinos", sua força alomântica essencial, fosse algo que cada um dos nove alomânticos originais possuía.

22

Sazed estava sentado dentro de um dos prédios mais bonitos das Minas de Hathsin — uma antiga casa da guarda —, segurando uma caneca de chá quente. Os anciãos de Terris sentavam-se em cadeiras à sua frente, um pequeno fogareiro aquecendo o ambiente. No dia seguinte, Sazed teria de partir para alcançar Goradel e Brisa, que naquele momento já estariam quase chegando a Urteau.

A luz do sol estava minguando. As brumas já haviam chegado e se assentavam lá fora diante da janela de vidro. Sazed mal conseguia divisar as depressões no terreno escuro — fendas na terra. Havia dúzias de fendas; o povo de Terris tinha levantado cercas para marcá-las. Poucos anos antes, quando Kelsier ainda não havia destruído os cristais de atium, homens tinham sido forçados a rastejar por essas fendas, buscando pequenos geodos com contas de atium no centro.

Cada escravo que não conseguisse encontrar ao menos um geodo por semana era executado. Provavelmente ainda havia centenas, talvez milhares de cadáveres presos sob a terra, perdidos em cavernas profundas, mortos sem ninguém saber ou se importar.

Que lugar terrível era este, Sazed pensou, virando-se para longe da janela enquanto uma jovem terrisana fechava as cortininhas. Diante dele, na mesa, estavam vários livros que discriminavam os recursos, despesas e necessidades do povo de Terris.

— Acredito que sugeri manter esses números em metal — Sazed disse.

— Sim, Mestre Guardador — um dos mordomos anciãos disse. — Copiamos os números importantes em uma folha de metal toda noite e verificamos semanalmente com os cadernos para garantir que nada mudou.

— Isso é bom — Sazed disse, escolhendo um dos livros de registro e pousando-o no colo. — E o saneamento? Cuidaram desses problemas desde a minha última visita?

— Sim, Mestre Guardador — disse outro homem. — Preparamos muito mais latrinas, como o senhor ordenou… embora não precisemos delas.

— Pode haver refugiados — Sazed explicou. — Quero que vocês possam cuidar de uma população maior, caso isso seja necessário. Mas, por favor. São apenas sugestões, não ordens. Não tenho autoridade sobre os senhores.

O grupo de mordomos se entreolhou. Sazed se mantivera ocupado durante seu tempo com eles, o que o impedira de remoer pensamentos melancólicos. Havia garantido que tivessem suprimentos suficientes, que mantivessem uma boa comunicação com Penrod, em Luthadel, e que tivessem estabelecido um sistema para resolver controvérsias entre eles.

— Mestre Guardador — um dos anciãos finalmente disse. — Quanto tempo o senhor ficará?

— Devo partir pela manhã, temo eu. Vim simplesmente verificar se precisavam de algo. São tempos difíceis para se viver, e acredito que os senhores possam ser facilmente esquecidos por quem está em Luthadel.

— Estamos bem, Mestre Guardador — um dos outros tranquilizou. Era o mais jovem dos anciãos, com apenas poucos anos a menos que Sazed. A maioria dos homens ali era muito mais velha e de longe mais sábia que ele. O fato de dependerem dele parecia errado.

— O senhor não poderá reconsiderar seu lugar conosco, Mestre Guardador? — outro deles perguntou. — Não necessitamos de comida ou terras. O que nos falta é um líder.

— Creio que o povo de Terris tenha sido oprimido por tempo demais — Sazed respondeu. — Não precisam de outro rei tirano.

— Não um tirano — um deles disse. — Um dos nossos.

— O Senhor Soberano era um dos nossos — Sazed comentou em voz baixa.

O grupo de homens baixou os olhos. O fato de o Senhor Soberano ter se provado um terrisano era uma vergonha para todo o povo.

— Precisamos de alguém que nos guie — um dos homens afirmou. — Mesmo durante os dias do Senhor Soberano, ele não era nosso líder. Dependíamos do Sínodo de Guardadores.

O Sínodo de Guardadores, os líderes clandestinos da seita de Sazed. Tinham liderado do povo de Terris por séculos, trabalhando secretamente para garantir que a Feruquemia continuasse, apesar das tentativas do Senhor Soberano de tirar o poder dos terrisanos por meio de procriação controlada.

— Mestre Guardador. — Mestre Vedlew, o mais velho dos anciãos, se pronunciou.

— Sim, Mestre Vedlew?

— O senhor não está com suas mentes de cobre.

Sazed baixou os olhos. Não havia percebido que era possível notar, embaixo das túnicas, que não estava usando os braceletes de metal.

— Estão na minha bolsa.

— Parece-me estranho — Vedlew disse —, que o senhor tivesse que se esforçar tanto durante os tempos do Senhor Soberano, sempre usando suas mentes de metal em segredo, apesar do perigo. E, porém, agora que tem liberdade de fazer o que deseja, carrega em sua bolsa.

Sazed balançou a cabeça.

— Não posso ser o homem que os senhores desejam que eu seja. Não no momento.

— O senhor é um Guardador.

— Eu era o menor deles — Sazed disse. — Um rebelde e um renegado. Eles me expulsaram de sua presença. A última vez que deixei Tathingdwen, foi em desgraça. O povo me amaldiçoava no seio de seus lares.

— Agora eles o abençoam, Mestre Sazed — um dos homens disse.

— Não mereço essas bênçãos.

— Merecendo ou não, o senhor é tudo que nos restou.

— Então, somos um povo mais desconsolado do que parece.

O silêncio tomou o aposento.

— Havia outro motivo para eu ter vindo para cá, Mestre Vedlew — falou Sazed, erguendo os olhos. — Diga-me: alguém de seu povo morreu recentemente em… circunstâncias estranhas?

— Do que o senhor está falando? — o velho terrisano perguntou.

— Mortes pelas brumas — Sazed respondeu. — Homens que são mortos apenas por sair em meio às brumas durante o dia.

— Essa é uma lenda dos skaa — um dos homens disse com desdém. — As brumas não são perigosas.

— De fato — Sazed disse, cauteloso. — Vocês enviam pessoas para trabalhar nelas durante as horas do dia, quando as brumas ainda não se retiraram?

— Claro que sim — respondeu o terrisano mais jovem. — Ora, seria tolice desperdiçar essas horas de trabalho.

Sazed achou difícil não deixar sua curiosidade ser provocada por aquele fato. Terrisanos não morriam com as brumas.

Qual seria a relação?

Ele tentou invocar a energia mental necessária para pensar no assunto, mas sentiu uma indiferença traidora. Queria apenas se esconder em algum lugar onde ninguém esperasse nada dele. Onde não precisasse resolver os problemas do mundo ou mesmo lidar com sua própria crise religiosa.

Quase fez isso. Uma pequena parte dele, porém — uma centelha de seu eu anterior —, recusou-se a simplesmente desistir. Ao menos continuaria sua pesquisa e faria o que Elend e Vin pedissem. Não era *tudo* que podia fazer, e isso não satisfaria os terrisanos que estavam ali sentados, olhando para ele com expressões necessitadas.

Mas, por ora, era tudo que Sazed podia oferecer. Ficar nas Minas seria se entregar, ele sabia. Precisava continuar avançando, continuar trabalhando.

— Desculpem — ele disse para os homens, deixando o livro de registro de lado. — Mas é assim que as coisas devem ser.

Durante os primeiros dias do plano original de Kelsier, lembro-me de como ele nos confundia com seu misterioso "Décimo Primeiro Metal". Ele alegava que existiam lendas de um metal místico que possibilitaria o assassinato do Senhor Soberano — e que o próprio Kelsier havia localizado o metal depois de uma intensa pesquisa.

Ninguém realmente soube o que Kelsier fez nos anos entre sua fuga das Minas de Hathsin e seu retorno a Luthadel. Quando pressionado, simplesmente dizia que estivera "no Ocidente". De alguma forma, em suas peregrinações, tinha descoberto histórias que nenhum Guardador jamais havia ouvido. A maior parte do bando não sabia o que fazer com as lendas das quais ele falava. Talvez tivesse sido a primeira semente que fez até mesmo seus mais antigos amigos começarem a questionar sua liderança.

23

Nas terras do leste, próximo aos desertos de saibro e areia, um jovem foi ao chão dentro de uma cabana skaa. Foi muitos anos antes do Colapso, e o Senhor Soberano ainda vivia. Não que o garoto soubesse disso. Era uma coisa suja, maltrapilha, como a maioria das outras crianças skaa no Império Final. Jovem demais para ser mandado para trabalhar nas minas, passava os dias fugindo dos cuidados da mãe e correndo com grupos de crianças que buscavam comida nas ruas secas e empoeiradas.

Fantasma não era aquele garoto havia bons dez anos. De alguma forma, tinha ciência de que estava delirando — que a febre causada por suas feridas estava fazendo com que apagasse e voltasse, sonhos do passado preenchendo sua mente. Ele os deixou correr soltos. Manter a concentração exigia energia demais.

Então ele se lembrou do que sentiu ao atingir o chão. Um homem grande — todos os homens eram grandes se comparados a Fantasma — estava sobre ele, a pele empoeirada e suja de um mineiro. O homem cuspiu no chão ao lado de Fantasma e virou-se em seguida para os outros skaa no cômodo. Havia muitos. Um chorava, as lágrimas deixando linhas de limpeza nas bochechas, lavando a poeira.

— Tudo bem — o homenzarrão disse. — Pegamos ele. E agora?

As pessoas se entreolharam. Uma fechou a porta da cabana em silêncio, bloqueando a luz vermelha do sol.

— Há apenas uma coisa a ser feita — outro homem disse. — Vamos entregá-lo.

Fantasma ergueu o rosto e encontrou os olhos de uma mulher chorando. Ela afastou o olhar.

— Onde sendo do que fui? — Fantasma questionou.

O homem grande cuspiu novamente, encaixando a bota no pescoço de Fantasma e o empurrando de volta à madeira rústica.

— Não deveria ter deixado ele correr por aí com aquelas gangues de rua, Margel. O maldito garoto quase não fala coisa com coisa.

— O que vai acontecer se o entregarmos? — um dos outros homens perguntou. — Digo, e se decidirem que somos como ele? Eles poderiam *nos* executar! Eu já vi isso antes. Você entrega alguém, e aquelas… coisas vêm procurar todo mundo que o conhecia.

— Problemas como os dele correm na família, isso sim — outro homem disse.

A sala ficou em silêncio. Todos sabiam da família de Fantasma.

— Eles vão nos matar — o homem disse assustado. — Vocês sabem que vão! Eu vi, estavam com aquelas estacas nos olhos. Espíritos da morte, são sim.

— Não podemos simplesmente soltar o garoto — outro homem falou. — Vão descobrir o que ele é.

— Tem apenas uma coisa a ser feita — o homenzarrão disse, apertando o pescoço de Fantasma com mais força.

Os ocupantes do cômodo — os que Fantasma conseguia ver — assentiram com seriedade. Não podiam entregá-lo. Não podiam soltá-lo. Mas ninguém sentiria falta de um órfão skaa. Nenhum Inquisidor ou obrigador perguntaria duas vezes sobre uma criança morta encontrada nas ruas. Skaa morriam o tempo todo.

O Império Final era assim.

— Pai — Fantasma sussurrou.

O salto da bota pressionou com mais força.

— Você não é meu filho! Meu filho saiu nas brumas e nunca mais voltou. Você deve ser um espectro das brumas.

Fantasma tentou contestar, mas o peso sobre o pescoço era demais. Não conseguia respirar, muito menos falar. O cômodo começou a escurecer. E, ainda assim, seus ouvidos — incrivelmente sensíveis, aprimorados por poderes que ele mal entendia — ouviram alguma coisa.

Moedas.

A pressão em seu pescoço cedeu. Ele conseguiu tomar fôlego, sua visão começou a voltar. E lá, caídas no chão diante dele, estavam lindas moedas de cobre. Skaa não recebiam por seu trabalho — os mineiros recebiam mercadorias em troca, quase insuficientes para sobreviver. Ainda assim, Fantasma às vezes vira moedas passando entre mãos nobres. Uma vez conhecera um garoto que tinha encontrado uma moeda, perdida em meio à sujeira das ruas.

Um garoto maior o matara por ela. Então, um nobre matou esse outro garoto

quando ele tentou gastá-la. Parecia a Fantasma que nenhum skaa queria moedas — eram valiosas demais, perigosas demais. Ainda assim, todos os olhos no quarto encararam aquela riqueza esparramada.

— A bolsa em troca do garoto — uma voz disse.

Corpos abriram caminho até onde um homem estava sentado, a uma mesa no fundo do cômodo. Ele não olhava para Fantasma. Apenas ficou lá, em silêncio, enfiando colheradas de mingau na boca. Tinha um rosto retorcido e deformado, como couro que havia ficado tempo demais no sol.

— Então? — o homem retorcido perguntou entre colheradas.

— Onde conseguiu esse tanto de dinheiro? — o pai de Fantasma inquiriu.

— Não é da sua conta.

— Não podemos soltar o garoto — um dos skaa disse. — Ele vai nos trair! Assim que o pegarem, vai contar que sabíamos!

— Eles não vão pegá-lo — o homem retorcido falou, dando outra colherada no mingau. — Ele vai comigo para Luthadel. Além disso, se *não* o soltarem, vou embora e falo aos obrigadores sobre todos vocês. — Ele fez uma pausa, abaixando a colher, passando o olhar rabugento pela multidão. — A menos que pretendam me matar também.

O pai de Fantasma finalmente tirou o calcanhar do pescoço do menino, fazendo menção de ir até o estranho retorcido. No entanto, a mãe de Fantasma agarrou o marido pelo braço.

— Não, Jedal — ela disse baixinho, mas não tão baixo para os ouvidos aguçados de Fantasma. — Ele vai te matar.

— Ele é um traidor — o pai de Fantasma cuspiu. — Serviçal no exército do Senhor Soberano.

— Ele nos trouxe moedas. Com certeza ficar com o dinheiro dele é melhor que simplesmente matar o garoto.

O pai de Fantasma olhou para a mulher.

— *Você* fez isso! Mandou buscar seu irmão. Sabia que ele queria ficar com o garoto!

A mãe de Fantasma afastou-se.

O homem retorcido finalmente ele já tinha feito isso se levantou. As pessoas afastaram-se de sua cadeira, apreensivas. Ele caminhou com um coxear considerável, cruzando o cômodo.

— Venha, garoto — disse, sem olhar para Fantasma enquanto abria a porta.

Fantasma levantou-se devagar, hesitante. Olhou para a mãe e para o pai ao se afastar. Jedal inclinou-se, juntando as moedas, no fim das contas. Margel encontrou os olhos de Fantasma, mas virou o rosto em seguida. *É tudo que posso lhe dar*, sua postura parecia dizer.

Fantasma virou-se, esfregando o pescoço, e se apressou atrás do estranho sob o sol quente e vermelho. O homem mais velho manquejava, andando com um cajado. Ele olhou para Fantasma durante a caminhada.

— Você tem nome, garoto?

Fantasma abriu a boca, em seguida parou. Seu antigo nome não parecia mais funcionar.

— Lestibournes — ele disse, por fim.

O velho nem sequer piscou, mas Kelsier decidiria mais tarde que Lestibournes era difícil demais de pronunciar e o chamaria de “Fantasma”. Fantasma nunca descobriu se Trevo sabia ou não falar a gíria do Leste. Mesmo que soubesse, Fantasma duvidava que ele entendesse a referência.

Lestibournes. *Levando estivem’bora deles.*

Corruptela da gíria para “Fui abandonado”.

Agora, acredito que as histórias, lendas e profecias de Kelsier sobre o "Décimo Primeiro Metal" tenham sido criadas por Ruína. Kelsier estava buscando uma maneira de matar o Senhor Soberano, e Ruína — mesmo que sutilmente — a ofereceu.

De fato, esse segredo foi crucial. O Décimo Primeiro Metal de Kelsier trouxe a pista necessária que precisávamos para derrotar o Senhor Soberano. No entanto, mesmo aí fomos manipulados. O Senhor Soberano conhecia os objetivos de Ruína e nunca a teria libertado do Poço da Ascensão. Assim, Ruína necessitava de outros peões — e para isso acontecer, o Senhor Soberano precisava morrer. Mesmo nossa maior vitória foi modelada pelos dedos sutis de Ruína.

24

Dias depois, as palavras de Melaan ainda cutucavam a consciência de TenSoon.

Você vem, anuncia notícias terríveis e nos deixa resolver os problemas sozinhos? Durante seu ano de cárcere, parecera simples. Ele faria suas acusações, daria suas informações e, depois, aceitaria a punição que merecia.

Mas agora, estranhamente, uma eternidade de cárcere parecia uma fuga fácil. Se ele se deixasse levar de tal maneira, seria melhor que a Primeira Geração? Estaria evitando os problemas, contente em ser trancafiado, sabendo que o mundo lá fora não era mais problema seu.

Tolo, ele pensou. *Você será encarcerado pela eternidade — ou, no mínimo, até os próprios kandra serem destruídos e você morrer de fome. Não é uma fuga fácil! Ao aceitar sua punição, estará fazendo o que há de honrado e ordeiro.*

E, ao fazê-lo, deixaria MeLaan e os outros serem destruídos enquanto seus líderes se recusavam a tomar uma atitude. Além disso, deixaria Vin sem as informações de que ela precisava. Mesmo de dentro da Terra Natal, ele sentia os estrondos na rocha. Os terremotos ainda eram distantes, e os outros provavelmente os ignoravam. Mas TenSoon se preocupava.

O fim poderia estar se aproximando. Se estivesse, então Vin precisava saber as verdades sobre os kandra. Suas origens, suas crenças. Talvez ela mesma pudesse usar a Confiança. Se ele dissesse qualquer coisa a mais para Vin, porém, seria uma traição ainda maior ao seu povo. Talvez um ser humano tivesse achado ridículo que ele ainda hesitasse. No entanto, até aquele momento, seus verdadeiros pecados haviam sido impulsivos, e ele apenas racionalizou mais tarde o que havia feito. Se lutasse para se livrar da prisão, seria diferente. Decidido e deliberado.

Fechou os olhos, sentindo o frio da gaiola, ainda solitária na grande caverna — o lugar ficava praticamente abandonado durante as horas de sono. Qual era o objetivo? Mesmo com a Bênção da Presença — que permitia a TenSoon se concentrar, apesar do confinamento desconfortável —, ele não conseguia pensar em maneiras de escapar da gaiola e dos guardas da Quinta Geração, que tinham a Bênção da Potência. Mesmo se conseguisse sair da gaiola, teria de passar por

dezenas de pequenas cavernas. Com sua massa corporal tão baixa, não tinha músculos para lutar e não teria como fugir de um kandra que tivesse a Bênção da Potência. Estava acuado.

De certa forma, aquilo era reconfortante. Fugir não era algo que ele gostava de considerar — simplesmente não era o jeito kandra de agir. Ele havia rompido um Contrato e merecia punição. Havia honra no enfrentamento das consequências de suas ações.

Não havia?

Ele mudou de posição na jaula. Diferente da de um ser humano real, a pele de seu corpo nu não ficava dolorida ou rachada pela exposição, pois era capaz de moldar a carne para remover ferimentos. No entanto, havia pouco a fazer quanto à sensação de limitação que tinha por ser forçado a ficar naquela pequena jaula por tanto tempo.

Um movimento chamou sua atenção. TenSoon virou-se, surpreso em ver VarSell e vários outros kandra grandes da Quinta Geração aproximando-se da jaula, seu Corpo Verdadeiro de quartzito ameaçador em tamanho e coloração.

Já é hora?, TenSoon se perguntou. Com a Bênção da Presença, ele conseguia recontar mentalmente os dias de sua prisão. Não estava nem perto da hora. Ele franziu o cenho, observando que um dos Quintos carregava um grande saco. Por um momento, TenSoon teve um lampejo de pânico quando os imaginou arrastando-o para fora dentro daquele saco.

No entanto, o recipiente já parecia cheio.

Ousava ter esperança? Dias haviam passado desde a conversa com MeLaan e, embora ela tivesse retornado várias vezes para olhá-lo, não mais se falaram. Ele quase se esquecera do que dissera a ela, na esperança de que fossem ouvidos pelos capatazes da Segunda Geração. VarSell abriu a jaula e jogou o saco lá dentro. Fez um som familiar. Ossos.

— Você deve usá-los durante a punição — VarSell falou, inclinando-se e colocando o rosto translúcido perto das barras de TenSoon. — Ordens da Segunda Geração.

— O que há de errado com os ossos que estou usando? — TenSoon perguntou com cuidado, puxando para perto o saco, sem saber ao certo se ficava empolgado ou envergonhado.

— Pretendem quebrar seus ossos como parte da punição — VarSell disse, sorrindo. — Algo como uma execução pública, mas com a sobrevivência do

prisioneiro no processo. É coisa simples, eu sei, mas o ato deve deixar… uma impressão para alguns das gerações mais jovens.

O estômago de TenSoon se revirou. Os kandra conseguiam reconstituir corpos, verdade, mas sentiam dor de forma tão aguda quanto qualquer ser humano. Seria necessário um espancamento bem severo para romper seus ossos e, com a Bênção da Presença, não haveria o alívio da inconsciência para ele.

— Ainda não vejo necessidade de outro corpo — TenSoon falou, tirando um dos ossos.

— Não achamos necessário desperdiçar um conjunto de bons ossos humanos, em perfeitas condições, Terceiro — VarSell disse, fechando a porta da jaula com tudo. — Volto para buscar os atuais em algumas horas.

O osso da perna que ele tirou não era de um ser humano, mas de um cão. Um cão de caça grande. Do mesmo corpo que TenSoon estivera usando ao voltar à Terra natal, um ano antes. Ele fechou os olhos, segurando o osso liso entre os dedos.

Uma semana antes, tinha falado do quanto desprezava aqueles ossos, esperando que os espiões da Segunda Geração levassem a informação até seus mestres. A Segunda Geração era muito mais tradicional que MeLaan, e mesmo ela achara o pensamento de usar um corpo canino algo de mau gosto. Para os Segundos, forçar TenSoon a usar um corpo animal seria uma degradação das maiores.

E era exatamente com isso que TenSoon estivera contando.

— Você vai ficar bem usando isso aí — VarSell disse, levantando-se para sair. — Quando seu castigo vier, todos poderão ver você pelo que realmente é. Nenhum *kandra* quebra o próprio Contrato.

TenSoon esfregou o osso da coxa solenemente, ouvindo a gargalhada de VarSell. O Quinto não tinha como saber que acabara de dar a TenSoon os meios de que precisava para escapar.

O Equilíbrio. É real?

Quase esquecemos esse singelo folclore. Os skaa costumavam falar disso antes do Colapso. Filósofos discutiram muito a respeito no terceiro e quarto séculos, mas, na época de Kelsier, já era um tema esquecido por quase todos.

Mas era real. Havia uma diferença fisiológica entre os skaa e a nobreza. Quando o Senhor Soberano alterou a humanidade para torná-la mais capaz de lidar com as cinzas, ele mudou outras coisas também. Alguns grupos de pessoas — os nobres — foram criados para ser menos férteis, porém mais altos, mais fortes e mais inteligentes. Outros — os skaa — foram feitos menores, mais robustos e para ter muitos filhos.

No entanto, as diferenças eram sutis e, após mil anos de procriação entre os dois, foram em grande parte apagadas.

25

— Cidade de Fadrex — Elend disse, em pé no seu lugar de costume, próximo à proa do barco estreito. Adiante, o amplo Canal Conway, o principal canal para o ocidente, continuava ao longe, virando para noroeste. À esquerda de Elend, o chão se elevava em uma rampa esboroada, moldando um conjunto de formações rochosas íngremes, que se erguia muito mais alto ao longe.

Mais perto do Canal, no entanto, uma ampla cidade se aninhava no centro de um grande grupo de formações rochosas. O vermelho e o laranja profundos das rochas eram o tipo que restava quando vento e chuva desgastavam seções mais frágeis de pedra, e muitas dela eram altas, formando pináculos. Outras formavam barreiras irregulares, como um cercado — pilhas de blocos enormes que haviam se fundido, erguendo-se de nove a doze metros no ar.

Elend mal conseguia enxergar o topo dos prédios da cidade sobre as formações. Fadrex não tinha uma muralha formal, claro — apenas Luthadel tinha permissão para aquilo —, mas as rochas elevadas que a rodeavam formavam um conjunto de fortificações naturais similares a terraços.

Ele já estivera na cidade antes. Seu pai fizera questão de apresentá-lo a todos os principais centros culturais do Império Final. Fadrex não fora um desses, mas estava no caminho de Tremredare, no passado conhecida como a capital do Ocidente. Ao forjar seu novo reino, porém, Cett havia ignorado Tremredare, estabelecendo sua capital em Fadrex em vez disso. Um movimento inteligente, na opinião de Elend — Fadrex era menor e mais defensável, além de ter sido uma das maiores estações de suprimentos para diversas rotas de canal.

— A cidade parece diferente da última vez que estive aqui — Elend disse.

— Árvores — Ham respondeu, em pé ao lado. — Fadrex costumava ter árvores crescendo nas plataformas e platôs rochosos. — Ham olhou para o imperador. — Estão prontos para nossa chegada. Derrubaram as árvores para ter um campo de massacre melhor e impedir que nos aproximemos despercebidos.

Elend assentiu.

— Olhe lá embaixo.

Ham estreitou os olhos, embora obviamente tenha levado um momento para discernir o que os olhos aguçados pelo estanho de Elend haviam percebido. Ao norte da cidade, na parte mais próxima da principal rota de canal, terraços e plataformas de pedra formavam um cânion natural. Com mais ou menos seis metros de largura, era o único caminho para entrar na cidade, e os defensores haviam cavado valas no chão. Estavam cobertas naquele momento, claro, mas passar por aquela entrada estreita, com fossos diante do exército e arqueiros possivelmente atirando das plataformas rochosas lá em cima, com um portão no fim…

— Nada mau — Ham falou. — Só estou feliz por terem decidido não drenar o canal por nossa causa.

Enquanto se moviam para o oeste, a terra havia se erguido — exigindo que o comboio passasse por vários mecanismos gigantescos de comporta. Os últimos quatro haviam sido intencionalmente travados, exigindo horas de esforços para fazê-los funcionar novamente.

— Eles dependem demais do canal — Elend falou. — Se sobreviverem ao nosso cerco, precisarão receber suprimentos por barco. Supondo que consigam algum suprimento.

Ham ficou em silêncio. Por fim, virou-se, olhando de volta para o canal escuro às suas costas.

— El, não acho que muito mais coisa vá passar por este canal. Os barcos mal conseguiam chegar até aqui; há muita cinza entupindo a via. Se formos para casa, teremos que ir a pé.

— “Se” formos para casa?

Ham deu de ombros. Apesar do clima ocidental mais frio, ele ainda usava apenas um colete. Como Elend era um alomântico agora, finalmente conseguia entender o hábito. Enquanto queimava peltre, mal sentia frio, mesmo que vários dos soldados houvessem reclamado do clima pela manhã.

— Não sei, El — Ham respondeu por fim. — É só que tudo isso me parece um mau agouro. Nosso canal fechando atrás de nós enquanto viajamos. Como se o destino estivesse tentando nos encalhar aqui.

— Ham — Elend disse —, *tudo* parece agourento para você. Vamos ficar bem.

Ham deu de ombros.

— Organize nossas forças — Elend ordenou, apontando. — Ancore naquela

baía adiante e monte acampamento naquela plataforma.

Ham assentiu. Ainda estava olhando por cima do ombro, contudo. Na direção de Luthadel, que eles haviam deixado para trás.

Eles não temem as brumas, Elend pensou, olhando através da escuridão para as formações rochosas que marcavam a entrada da Cidade de Fadrex. Fogueiras crepitavam em seu horizonte, iluminando a noite. Com frequência, luzes assim eram fúteis — apenas mostravam o medo que o homem tinha das brumas. De alguma forma, porém, aquelas fogueiras eram diferentes. Pareciam um alerta, uma declaração ousada de confiança. Queimavam brilhantes e altas, como se flutuassem no céu.

Elend se virou, entrando na tenda de comando iluminada, onde um pequeno grupo de pessoas estava à espera dele. Ham, Cett e Vin. Demoux não estava com eles, pois ainda se recuperava da doença das brumas.

Estamos espalhados, pensou Elend. *Fantasma e Brisa no Norte, Penrod lá em Luthadel, Felt vigiando o depósito no Leste…*

— Tudo bem — Elend disse, deixando as abas da tenda se fecharem ao passar. — Parece que eles se aconchegaram muito bem lá em cima.

— Chegaram os relatórios iniciais dos batedores, El — Ham informou. — Estimamos cerca de vinte e cinco mil soldados.

— Menos do que eu esperava — Elend comentou.

— Aquele maldito Yomen precisa manter o controle do restante do meu reino — Cett falou. — Se ele chamasse todas as tropas para a capital, as outras cidades o derrubariam.

— Quê? — Vin perguntou num tom divertido. — Acha que eles se rebelariam e passariam para o seu lado?

— Não, eles se rebelariam e tentariam tomar o reino para eles! — Cett respondeu. — É como as coisas funcionam. Agora que o Senhor Soberano se foi, cada pequeno lorde ou obrigadorzinho com um pouco de gosto pelo poder acha que pode governar um reino. Diabos, eu mesmo tentei… e vocês também.

— E conseguimos — Ham enfatizou.

— Assim como Lorde Yomen — Elend disse, cruzando os braços. — Ele tem mantido o reino desde que Cett marchou para Luthadel.

— Ele praticamente me expulsou — admitiu Cett. — Tinha voltado metade

da nobreza contra mim antes de eu sequer partir para Luthadel. Disse que o deixei no comando, mas nós sabemos a verdade. Ele é esperto, esperto o bastante para saber que pode manter a cidade contra uma força maior, espalhar suas tropas para manter o reino e resistir a um cerco mais longo sem esgotar seus suprimentos.

— Infelizmente, é provável que Cett esteja certo — Ham falou. — Nossos relatórios iniciais estimavam as forças de Yomen em torno de oitenta mil homens. Seria um tolo se não tivesse algumas unidades a uma distância de assalto do nosso acampamento. Temos que estar atentos a possíveis investidas.

— Dobre as sentinelas e triplique as patrulhas de batedores — Elend disse —, especialmente durante as primeiras horas da manhã, quando a bruma do dia vem para obscurecer, mas o sol está alto para iluminar.

Ham assentiu. Pensativo, Elend continuou:

— Ordene também que os homens fiquem nas tendas durante as brumas, mas diga para ficarem prontos para um ataque. Se Yomen pensar que estamos com medo de sair, talvez possamos atrair um de seus ataques "surpresa" contra nós.

— Inteligente — Ham disse.

— Mas isso não vai fazer com que atravessemos aquelas muralhas naturais — Elend admitiu, cruzando os braços. — Cett, o que você tem a nos dizer?

— Tome o canal. Ponha sentinelas ao redor daquelas formações rochosas superiores para garantir que Yomen não reabasteça a cidade por vias ocultas. Em seguida, avance.

— Quê? — Ham perguntou, surpreso.

Elend encarou Cett, tentando decifrar o que o homem queria dizer.

— Atacar as cidades dos arredores? Deixar uma força aqui que seja grande o bastante para bloquear um rompimento de cerco enquanto capturamos outras partes do território?

Cett assentiu.

— As cidades nas redondezas, em sua maioria, não são fortificadas. Desmoronariam sem apresentar resistência.

— Boa sugestão — Elend confirmou. — Mas não faremos isso.

— Por que não? — Cett inquiriu.

— Não se trata apenas de reconquistar sua terra natal, Cett. Nosso principal objetivo aqui é capturar aquele depósito, e eu espero fazer isso sem recorrer a pilhagem pelo interior do país.

Cett bufou.

— O que você espera encontrar lá? Alguma maneira mágica de parar as cinzas? Nem o atium é capaz de fazer isso.

— Tem alguma coisa lá — Elend respondeu. — É a única esperança que temos.

Cett negou com a cabeça.

— Você vem buscando solucionar um quebra-cabeças deixado pelo Senhor Soberano há quase um ano, Elend. Nunca lhe ocorreu que o homem era um sádico? Não há segredos. Não há maneira mágica de sair desta situação. Se queremos sobreviver aos próximos anos, teremos que fazê-lo por conta própria… E isso significa reivindicar o Domínio Ocidental. Os platôs desta área representam algumas das terras cultiváveis mais elevadas do império, e altitudes maiores significam mais proximidade com o sol. Se encontrar plantas que sobrevivam mesmo com as brumas do dia, terá que cultivá-las aqui.

Eram bons argumentos. *Mas não posso desistir*, Elend pensou. *Não ainda.* Elend havia lido os relatórios de suprimentos que vinham de Luthadel e examinado as projeções. As cinzas estavam matando as safras muito mais que as brumas. Mais terra não salvaria seu povo — eles precisavam de algo mais. Algo que, ele esperava, o Senhor Soberano havia deixado.

O Senhor Soberano não odiava seu povo e não queria que ele se extinguisse, mesmo que fosse derrotado. Deixou comida, água, suprimentos. E, se soubesse de segredos, ele os esconderia nos depósitos. Vai haver algo lá.

Tem de haver.

— O depósito continua sendo nosso alvo primário — Elend disse. De soslaio, conseguiu ver o sorriso de Vin.

— Ótimo — Cett disse com um suspiro. — Então, você sabe o que temos de fazer. Esse cerco pode durar um tempo.

Elend assentiu.

— Ham, envie nossos engenheiros ainda sob as brumas. Veja se eles podem encontrar uma maneira de fazer nossas tropas cruzarem aquelas valas. Mande batedores buscarem riachos que possam correr para dentro da cidade. Cett, você provavelmente poderá nos ajudar a localizar alguns deles. E, assim que conseguirmos espiões dentro da cidade, ordene que busquem estoques de comida que possamos estragar.

— Um bom começo — Cett comentou. — Claro, tem uma maneira fácil de

instalar o caos naquela cidade, talvez fazer com que se rendam sem lutar…

— Não vamos assassinar o rei Yomen — Elend interrompeu.

— Por que não? — Cett questionou. — Temos *dois* Nascidos da Bruma. Não teríamos dificuldade para matar a liderança de Fadrex.

— Não trabalhamos desse jeito — disse Ham, seu rosto ficando sombrio.

— Ah é? Isso não impediu Vin de abrir um buraco no meu exército e *me* atacar antes de formarmos uma aliança.

— Aquilo foi diferente — Ham retrucou.

— Não — Elend interrompeu. — Não foi. O motivo pelo qual não vamos assassinar Yomen, Cett, é porque queremos tentar a diplomacia primeiro.

— Diplomacia? Não acabamos de marchar para cima da cidade dele com um exército de quarenta mil soldados? Esse não é um movimento diplomático.

— É verdade — Elend concordou, meneando a cabeça. — Mas não atacaremos; ainda não. Agora que estou aqui pessoalmente, não temos nada a perder conversando antes de enviarmos nossas facas noite adentro. Talvez consigamos persuadir Lorde Yomen de que uma aliança o beneficiará mais que uma guerra.

— Se fizermos uma aliança — Cett falou, inclinando-se para a frente em sua cadeira —, eu não conseguirei minha cidade de volta.

— Eu sei.

Cett franziu o cenho.

— Você parece estar se esquecendo, Cett — Elend disse. — Você não "formou uma aliança" comigo. Você se ajoelhou perante a mim, oferecendo juras de serviços em troca de não ser executado. Agora, eu aprecio sua lealdade e *irei* recompensá-lo com um reino para ser governado sob minha autoridade. No entanto, você não escolherá onde será esse reio, nem quando eu concederei esse governo.

Cett se calou, sentado em sua cadeira, um braço descansando sobre suas pernas inúteis, paralisadas. Por fim, ele sorriu.

— Que inferno, garoto. Você mudou muito desde que o conheci.

— É o que todos estão me dizendo. Vin. Acha que consegue entrar na cidade?

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Espero que essa tenha sido uma pergunta retórica.

— Foi uma tentativa de ser educado — Elend disse. — Preciso que você faça um reconhecimento. Não sabemos quase nada sobre o que tem acontecido neste domínio nos últimos tempos, pois concentramos todos os nossos esforços recentes em Urteau e no Sul.

Vin deu de ombros.

— Posso sondar um pouco. Não sei o que espera que eu encontre.

— Cett — Elend disse, virando-se. — Preciso de nomes. Informantes ou talvez alguns nobres que ainda possam ser leais a você.

— Nobres? — Cett perguntou com um sorrisinho. — Leais?

Elend revirou os olhos.

— Que tal alguns que possam ser subornados para nos dar algumas informações?

— Claro. Vou listar alguns nomes e locais. Supondo que eles ainda morem na cidade. Inferno, supondo que ainda estejam vivos. Não se pode confiar muito nisso ultimamente.

Elend assentiu.

— Não vamos dar mais nenhum passo até termos mais informações. Ham, cuide para que os soldados cavem direito; use as fortificações de campo que Demoux os ensinou a fazer. Cett, mande aprontar aquelas patrulhas e faça com que nossos Olhos de Estanho fiquem alertas, de vigia. Vin vai sondar e ver se consegue infiltrar-se no depósito como fez em Urteau. Caso descubramos o que tem lá, poderemos decidir melhor se arriscamos tentar a conquista da cidade ou não.

Os diversos membros do grupo assentiram, compreendendo que a reunião estava encerrada. Quando saíram, Elend voltou para as brumas no exterior, olhando para as fogueiras distantes que crepitavam nas alturas rochosas.

Quieta como um suspiro, Vin se pôs ao lado dele, seguindo seu olhar. Ficou ali por alguns momentos. Em seguida, olhou para o lado, onde dois soldados estavam entrando na tenda para buscar e carregar Cett. Seus olhos estreitaram-se com desgosto.

— Eu sei — Elend disse em voz baixa, sabendo que ela estava pensando em Cett novamente e em sua influência sobre ele.

— Você não vetou a ideia de apelar para o assassinato — Vin disse, também baixinho.

— Espero que não chegue a esse ponto.

— E se chegar?

— Então tomaremos a decisão que for melhor para o império.

Vin ficou em silêncio por um instante. Em seguida, olhou para as fogueiras no alto.

— Eu poderia ir com você. — Elend se ofereceu.

Ela sorriu e, em seguida, o beijou.

— Desculpe, mas você é barulhento.

— Admita, eu não sou *tão* ruim assim.

— Ah, você é — Vin falou. — E tem um cheiro forte.

— Ah, é? — ele perguntou, divertindo-se. — Cheiro de quê?

— De imperador. Um Olho de Estanho pegaria você em segundos.

Elend ergueu as sobrancelhas.

— Entendi. E você não tem um aroma imperial também?

— Claro que tenho — Vin falou, franzindo o nariz. — Mas eu sei como escondê-lo. De qualquer forma, você não é bom o suficiente para vir comigo, Elend. Desculpe.

Elend sorriu. *Vin, querida e direta.*

Atrás dele, os soldados saíram da tenda carregando Cett. Um ajudante foi até eles, entregando para Elend uma pequena lista de informantes e nobres que talvez estivessem dispostos a falar. Ele a passou para Vin.

— Divirta-se.

Ela soltou uma moeda entre eles, beijou-o de novo e saltou noite adentro.

Estou apenas começando a entender a genialidade da síntese cultural do Senhor Soberano. Um dos benefícios que tinha por ser imortal e, para todos os fins relevantes, onipotente, era uma influência direta e eficaz sobre a evolução do Império Final.

Foi capaz de tomar elementos de uma dúzia de diferentes culturas e aplicá-las a sua nova sociedade "perfeita". Por exemplo, a virtuosidade arquitetônica dos construtores khlenni é manifestada nas fortalezas construídas pela alta nobreza. A noção de moda khlenni — ternos para cavalheiros, vestidos para senhoras — é outra coisa da qual o Senhor Soberano resolveu se apropriar.

Desconfio de que, apesar de seu ódio pelo povo khlenni — do qual Alendi era membro —, Rashek também tinha uma inveja entranhada deles. Os terrisanos da época eram pastores, enquanto os khlenni se mostravam cosmopolitas cultos. Por mais irônico que seja, faz sentido que o novo império de Rashek tenha imitado a alta cultura do povo que ele odiava.

26

Fantasma estava em seu pequeno esconderijo de um cômodo, um aposento que era, claro, ilegal. O Cidadão havia proibido tais lugares, lugares onde um homem podia viver sem ser percebido, vigiado. Felizmente, proibir esses lugares não os tinha eliminado.

Apenas os deixara mais caros.

Fantasma era um rapaz de sorte. Mal se lembrava de ter pulado do prédio em chamas com seis frascos alomânticos nas mãos, tossindo e sangrando. Não se lembrava de ter voltado ao seu esconderijo. Devia provavelmente estar morto àquela altura. Mesmo tendo sobrevivido ao incêndio, deveria ter sido entregue — se o proprietário de seu pequeno cômodo ilegal tivesse percebido quem era Fantasma e do que havia escapado, a promessa de recompensa sem dúvida teria sido irresistível.

Mas Fantasma sobreviveu. Talvez os outros ladrões no esconderijo pensassem que ele havia se dado mal em um assalto. Ou, talvez, simplesmente não se importassem. De qualquer forma, ele agora estava de frente para o pequeno espelho do cômodo, sem camisa, olhando, surpreso, para o ferimento.

Estou vivo, ele pensou. *E… me sinto muito bem.*

Ele se alongou, girando o braço. O ferimento doía muito menos do que deveria. À luz muito turva, ele conseguia ver o corte, coberto de casquinhas e se curando. Peltre queimava em seu estômago — um belo complemento à familiar chama de estanho.

Ele era algo que não deveria existir. Em Alomancia, as pessoas ou tinham um dos oito poderes básicos ou tinham todos os catorze existentes. Um ou todos. Nunca dois. Ainda assim, Fantasma tentara queimar outros metais, sem sucesso. De alguma forma, ele recebera apenas peltre para complementar o estanho. Por mais incrível que isso fosse, era ofuscado por um deslumbramento ainda maior.

Ele vira o espírito de Kelsier. O Sobrevivente havia voltado e se mostrado para Fantasma.

O rapaz não tinha ideia de como reagir àquilo. Não era especialmente

religioso, mas… bem, um homem morto — que alguns chamavam de deus — havia aparecido para ele e salvado sua vida. Ele se preocupava com a possibilidade de ter sido uma alucinação. Mas, se assim fosse, como ele teria ganhado o poder do peltre?

Sacudiu a cabeça, tocando as bandagens, mas hesitou quando algo brilhou no reflexo do espelho. Ele se aproximou, confiando — como sempre — na luz das estrelas lá fora para oferecer iluminação. Com seus sentidos exagerados pelo estanho, foi fácil ver o pedaço de metal saindo do ombro, embora fosse apenas uma fração mínima, com pouco mais de dois centímetros.

A ponta da espada daquele homem, Fantasma percebeu, *daquele que me apunhalou*. *Ela quebrou — a ponta deve ter cicatrizado na minha pele*. Ele cerrou os dentes, fazendo menção de arrancá-la.

— Não — Kelsier disse. — Deixe-a aí. Como o ferimento que carrega, ela é um sinal de sua sobrevivência.

Fantasma pulou de susto. Olhou ao redor, mas não havia aparição desta vez. Apenas a voz. Ainda assim, estava certo do que a havia ouvido.

— Kelsier? — perguntou, hesitante.

Não houve resposta.

Estou ficando maluco?, Fantasma se perguntou. *Ou… é como a Igreja do Sobrevivente ensina?* Seria verdade que Kelsier se transformara em algo maior, algo que olhava por seus seguidores? E, se assim fosse, teria Kelsier *sempre* olhado por ele? Aquilo parecia um pouco… perturbador. No entanto, se aquilo lhe havia trazido o poder do peltre, quem era ele para reclamar?

Fantasma se virou e vestiu sua camisa, estendendo o braço novamente. Precisava de mais informações. Quanto tempo passara delirante? O que Quellion estava fazendo? Os outros do bando já teriam chegado?

Tirando da mente aquelas estranhas visões, por ora, ele saiu do quarto e partiu para a rua escura. Comparado a outros esconderijos, o seu não parecia tão impressionante — um quarto atrás de uma porta oculta na parede de um beco de bairro pobre. Ainda assim, era melhor que os barracos pelos quais passava enquanto atravessava a cidade escura e coberta de brumas.

O Cidadão gostava de fingir que tudo estava perfeito em sua pequena utopia, mas Fantasma não ficou surpreso ao descobrir que havia bairros miseráveis, como em todas as outras cidades que havia visitado. Tinha muita gente em Urteau que, por uma razão ou outra, não gostava de viver nas partes da cidade

onde o Cidadão podia ficar de olho nelas. Haviam se apinhado em um lugar conhecido como Tormentos, um canal especialmente atulhado, longe das trincheiras principais.

Tormentos era atulhado por uma malha desordenada de madeira, roupas e corpos. Cabanas recostavam-se umas nas outras, prédios recostavam-se precariamente em terra e rocha, e a bagunça toda se empilhava, subindo pelas paredes do canal na direção do céu escuro. Aqui e ali, havia gente dormindo sob nada mais que um lençol sujo esticado entre dois pedaços de destroços urbanos — o medo milenar das brumas cedendo diante da simples necessidade.

Fantasma desceu o canal apinhado. Algumas das pilhas de edifícios inacabados chegavam tão alto e se estendiam tanto que o céu se estreitava até virar uma simples fenda a distância, refletindo sua luz da meia-noite, obscura demais para servir a quaisquer olhos que não fossem os de Fantasma.

Talvez tal caos fosse o motivo pelo qual o Cidadão decidira não visitar Tormentos. Ou, talvez, ele estivesse simplesmente esperando para esvaziá-lo quando tivesse um controle mais estabelecido sobre o reino. De qualquer forma, sua sociedade estrita, misturada à pobreza que estava criando, formava uma cultura noturna curiosamente aberta. O Senhor Soberano havia mandado patrulhar as ruas. O Cidadão, no entanto, pregava que as brumas eram de Kelsier — e, assim, não podia proibir as pessoas de saírem à noite. Na experiência de Fantasma, Urteau era o primeiro lugar onde uma pessoa podia passar por uma rua à meia-noite e encontrar uma pequena taverna aberta servindo bebidas. Ele entrou com a capa bem fechada. Não havia um balcão propriamente dito; apenas um grupo de homens imundos sentados ao redor de uma fogueira em um buraco no chão. Outros estavam sentados em banquinhos ou caixas nos cantos. Fantasma encontrou uma caixa desocupada e se sentou.

Fechou os olhos e ouviu, filtrando as conversas. Conseguia ouvir todas, claro — mesmo com os tampões de ouvido. Muito da importância de ser um Olho de Estanho não estava no que se podia ouvir, mas no que se conseguia ignorar.

Passos soaram ao seu lado, e ele abriu os olhos. Um homem de calças cerzidas com uma dúzia diferente de fivelas e correntes parou à frente de Fantasma e bateu com uma garrafa no chão.

— Todo mundo bebe — o homem falou. — Preciso pagar para manter esse lugar aquecido. Ninguém fica sentado de graça aqui.

— O que você tem? — Fantasma perguntou.

O atendente chutou a garrafa.

— Vinho fino especial da Casa Venture. Envelhecido cinquenta anos. Costumava custar seiscentos boxes a garrafa.

Fantasma sorriu, pegando uma pek — uma moeda cunhada pelo Cidadão para valer uma fração de um tostão de cobre. Uma combinação de colapso econômico e a desaprovação do Cidadão frente ao luxo significava que uma garrafa de vinho que no passado custara centenas de boxes agora valia praticamente nada.

— Três por garrafa — o atendente disse, estendendo a mão.

Fantasma tirou mais duas moedas. O atendente deixou a garrafa no chão, e Fantasma a pegou. Ninguém lhe ofereceu um saca-rolhas ou taça — provavelmente custava um dinheiro extra, embora aquele vinho fino tivesse um rolha que estava puxada alguns centímetros do gargalo da garrafa. Fantasma a encarou.

Será que…?

Ele estava com o peltre queimando baixo, não avivado como o estanho. Apenas o bastante para ajudar com a fadiga e a dor. De fato, ele cumpria tão bem seu papel que quase havia se esquecido do ferimento durante a caminhada até o bar. Atiçou um pouco o peltre e o resto da dor da ferida desapareceu. Em seguida, Fantasma pegou a rolha e a arrancou com um puxão rápido. Ela se soltou da garrafa quase sem oferecer resistência.

Fantasma jogou a rolha de lado. *Acho que vou gostar disso,* pensou com um sorriso.

Deu um gole no vinho direto da garrafa, procurando ouvir conversas interessantes. Havia sido enviado a Urteau para reunir informações; não seria de grande utilidade para Elend ou para os outros se ficasse deitado na cama. Dezenas de conversas abafadas ecoavam no estabelecimento, a maioria delas grosseira. Não era o tipo de lugar onde se encontrava homens leais ao governo local — e isso era exatamente por que Fantasma seguira para Tormentos em primeiro lugar.

— Dizem que ele vai acabar com as moedas — um homem sussurrou na fogueira principal. — Está planejando reunir todas elas e mantê-las nos próprios cofres.

— Que bobagem — outra voz retrucou. — Ele cunhou as próprias moedas. Por que tirá-las agora?

— É verdade — a primeira voz afirmou. — Eu o vi falando disso com os

meus próprios olhos. Diz que os homens não deveriam confiar nas moedas; que deveriam ter tudo em conjunto, sem precisar comprar e vender.

— O Senhor Soberano também não deixava os skaa terem moedas — outra voz murmurou. — Parece que, quanto mais o velho Quellion fica no poder, mais parecido ele fica com o rato que o Sobrevivente matou.

Fantasma ergueu uma sobrancelha, tomando outro gole de vinho. Fora Vin, não Kelsier, quem havia matado o Senhor Soberano. Urteau estava a uma distância significativa de Luthadel, porém. Provavelmente nem ficaram sabendo da queda do Senhor Soberano até semanas depois do acontecido. Fantasma avançou para outra conversa, buscando aqueles que falavam em sussurros furtivos. Encontrou exatamente o que buscava ouvir vindo de dois homens que dividiam uma garrafa de vinho fino sentados no chão, num dos cantos.

— Agora, ele tem a maioria das pessoas catalogada — o homem sussurrou. — Mas não vai parar por aí. Tem aqueles escribas dele, os genealogistas. Estão fazendo perguntas, interrogando vizinhos e amigos, tentando rastrear todo mundo por cinco gerações, buscando sangue nobre.

— Mas vai matar apenas aqueles que tiverem nobreza até duas gerações.

— Vai haver uma divisão — a outra voz murmurou. — Todo homem que for puro por cinco gerações poderá trabalhar no governo. Todo o resto será proibido. Um bom momento para se fazer muito dinheiro, se puder ajudar pessoas a esconder certos eventos do passado.

Hum, Fantasma pensou, dando um gole no vinho. Estranhamente, o álcool não parecia estar fazendo muito efeito. *O peltre*, percebeu. *Ele fortalece o corpo, deixa-o mais resistente a dores e ferimentos. E, talvez, ajude a evitar a embriaguez?*

Ele sorriu. A capacidade de beber e não se embebedar — uma vantagem do peltre que ninguém havia comentado com ele. Tinha de haver uma maneira de usar essa habilidade a seu favor.

Ele voltou sua atenção para outros clientes do bar, buscando informações úteis. Em outra conversa, falavam do trabalho nas minas. Fantasma sentiu um calafrio e um lampejo de lembrança. Os homens falavam de uma mina de carvão, não de ouro, mas os resmungos eram os mesmos. Desmoronamentos. Gases perigosos. Ar abafado e capatazes inclementes.

Essa teria sido a minha vida, Fantasma pensou. *Se Trevo não tivesse me buscado.*

Ele nunca entenderia. Por que Trevo havia viajado para tão longe, visitando as terras distantes a leste do Império Final, para resgatar um sobrinho que ele nunca havia conhecido? Certamente, houvera jovens alomânticos em Luthadel igualmente merecedores de sua proteção.

Trevo gastara uma fortuna, viajara uma longa distância em um império onde os skaa eram proibidos de deixar suas cidades natais e arriscara ser traído pelo pai de Fantasma. Por isso, Trevo havia ganhado a lealdade de um garoto de rua revoltado, que, antes dessa época, fugira de qualquer figura de autoridade que tentasse controlá-lo.

Como teria sido?, Fantasma pensou. *Se Trevo não tivesse me buscado, eu nunca teria entrado no bando de Kelsier. Talvez eu tivesse escondido minha Alomancia e me recusado a usá-la. Talvez eu tivesse ido para as minas, levado minha vida como qualquer outro skaa.*

Os homens se condoíam com a morte de vários colegas num desabamento. Parecia que, para eles, pouco havia mudado desde os dias do Senhor Soberano. A vida de Fantasma teria sido como a deles. Sairia para os desertos do Leste, vivendo na areia fervilhante quando no lado de fora, trabalhando confinado em espaços apertadíssimos o restante do tempo.

Em grande parte de sua vida, parecia que ele fora como um floco de cinza, empurrado para lá e para cá por qualquer vento forte que atravessasse seu caminho. Tinha ido aonde as pessoas lhe diziam para ir, feito o que queriam que fizesse. Mesmo sendo um alomântico, Fantasma levara sua vida como um ninguém. Os outros haviam se mostrado pessoas grandiosas. Kelsier organizara uma revolução impossível. Vin derrubara o Senhor Soberano. Trevo liderara os exércitos da revolução, tornando-se o principal general de Elend. Sazed era um Guardador e carregava o conhecimento de séculos. Brisa movia ondas de pessoas com sua língua afiada e seu Abrandamento poderoso, e Ham era um soldado temível. Mas Fantasma, por sua vez, tinha simplesmente observado, sem realmente fazer nada.

Até o dia em que fugiu, deixando Trevo morrer.

Fantasma suspirou, erguendo os olhos.

— Eu só quero poder ajudar — ele sussurrou.

— Você pode — a voz de Kelsier disse. — Pode ser grande. Como eu fui.

Fantasma teve um sobressalto, olhando ao redor. Mas ninguém mais parecia ter ouvido a voz. Fantasma se recostou, pouco à vontade. No entanto, as palavras faziam sentido. Por que ele sempre se censurava tanto? Verdade que Kelsier não

o escolhera para o bando, mas agora o próprio Sobrevivente havia aparecido e lhe dado o poder do peltre.

Eu poderia ajudar o povo desta cidade, ele pensou. *Como Kelsier ajudou o de Luthadel. Poderia fazer algo importante: levar Urteau para o império de Elend, entregar o depósito e também a lealdade do povo.*

Eu fugi uma vez. Não preciso fazer isso de novo. Não vou *fazer isso de novo!* O cheiro de vinho, suor, cinzas e mofo pairava no ar. Fantasma conseguia sentir as ranhuras da banqueta embaixo dele apesar das roupas, os movimentos das pessoas em toda a construção, arrastando os pés e fazendo vibrar o chão. E, com tudo isso, o peltre queimava dentro dele. Ele o avivou, deixando-o forte como o estanho. A garrafa estalou na mão, os dedos pressionando forte demais, embora tivesse soltado rapidamente para não a estilhaçar. Ela caiu em direção ao chão, e ele a agarrou no ar com a outra mão, o braço movendo-se numa velocidade incrível.

Fantasma piscou, assustado pela rapidez dos próprios movimentos. Em seguida, sorriu. *Vou precisar de mais peltre*, pensou.

— É ele.

Fantasma ficou paralisado. Várias conversas na sala tinham parado, e aos seus ouvidos — acostumados a uma cacofonia —, o silêncio crescente era apavorante. Ele olhou para o lado. Os homens que estavam falando das minas olhavam em sua direção, falando tão baixo que provavelmente acreditavam que ele não poderia ouvi-los.

— Estou dizendo a você que eu o vi *passar a toda velocidade* pelos guardas. Todos pensaram que estava morto mesmo antes de ser queimado.

Isso não é bom, pensou Fantasma. Ele não pensara que seria especial o bastante para as pessoas notarem. Mas… por outro lado, atacara um grupo de soldados no meio do mercado mais agitado da cidade.

— Durn vem falando dele — a voz continuou. — Disse que ele era do bando do Sobrevivente…

Durn, Fantasma pensou. *Então ele sabe quem eu realmente sou. Por que está contando meus segredos para as pessoas? Pensei que fosse mais cuidadoso.*

Fantasma se levantou da forma mais casual que pôde e, em seguida, fugiu noite adentro.

Sim, Rashek fez bom uso da cultura de seu inimigo para desenvolver o Império Final. Outros elementos da cultura imperial, porém, contrastavam totalmente com Khlennium e sua sociedade. A vida dos skaa foi modelada segundo os povos escravos dos Canzi. Os mordomos terrisanos lembravam a classe de serviçais de Urtan, que Rashek conquistou relativamente tarde em seu primeiro século de vida.

A religião imperial, com seus obrigadores, de fato parece ter surgido do sistema mercantil burocrático dos hallant, um povo que se concentrava muito em pesos, medidas e permissões. O fato de o Senhor Soberano basear sua Igreja em uma instituição financeira mostra, na minha opinião, que ele se preocupava menos com a verdadeira fé de seus seguidores e mais com a estabilidade, lealdade e medidas quantificáveis de devoção.

27

Vin atravessou o ar escuro da noite. A bruma girava ao redor dela, uma tempestade rodopiante e fervilhante de branco sobre preto, lançando-se junto ao corpo dela, como se tentasse abocanhá-la, sem nunca, no entanto, se aproximar mais que alguns poucos centímetros — como se empurrada para trás por alguma corrente de ar. Vin se lembrou de um tempo quando a bruma roçava sua pele, em vez de ser repelida. A mudança foi gradual; levou meses até que ela a percebesse.

Ela não usava capa de bruma. Parecia estranho saltar pelas brumas sem uma das roupas, mas, na verdade, era mais silencioso dessa forma. No passado, a capa de bruma fora útil para fazer guardas ou ladrões afastarem-se quando ela passava. No entanto, como a era das brumas amigáveis, essa também havia passado. Então, em vez disso, vestia apenas camisa e calças pretas, ambas bem justas ao corpo para manter o som de tecido em movimento o menor possível. Como sempre, não se adornava com nenhum metal fora as moedas na bolsa e um frasco extra de metais no cinto. Ela retirou uma moeda — o peso familiar envolvido em uma camada de tecido — e jogou-a para baixo. Um *empurrão* contra o metal lançou a moeda nas pedras lá embaixo, mas o tecido abafou o ruído do tilintar. Vin usou o *empurrão* para diminuir a velocidade da queda, fazendo-a pairar levemente no ar.

Ela aterrissou com cuidado em uma saliência de rocha, em seguida *puxou* a moeda de volta para a mão. Esgueirou-se pela plataforma rochosa, as cinzas macias sob seus dedos dos pés. A uma curta distância, um pequeno grupo de guardas estava sentado na escuridão, sussurrando baixo, observando o acampamento militar de Elend — naquele momento pouco mais que um vapor de fogueira nas brumas. Os guardas falavam do frio da primavera, comentando que parecia mais gelado naquele ano que nos anteriores. Embora Vin estivesse descalça, mal notava aquilo. Um dom do peltre.

Ela queimou bronze e não ouviu pulsações. Nenhum dos homens estava queimando metais. Um dos motivos pelos quais Cett fora até Luthadel era porque não havia conseguido criar alomânticos o suficiente para se proteger de

assassinos Nascidos da Bruma. Sem dúvida, Lorde Yomen havia tido problemas semelhantes para recrutar alomânticos; provavelmente não teria enviado os que tinha para observar o acampamento inimigo no frio.

Vin passou furtiva pelo posto de vigilância. Não precisava de Alomancia para se manter em silêncio — ela e o irmão, Reen, tinham vez ou outra arrombado e invadido casas, nos velhos tempos. Vin tivera uma vida inteira de treinamento que Elend nunca teria ou entenderia. Ele poderia praticar com peltre como quisesse — e realmente estava melhorando —, mas nunca conseguiria replicar os instintos aguçados por uma infância esgueirando-se para sobreviver.

Assim que passou pelo posto de vigilância, saltou nas brumas novamente, usando as moedas amortecidas como âncoras. Manteve considerável distância das fogueiras na frente da cidade, circundando a parte de trás de Fadrex. A maioria das patrulhas estaria na frente da cidade, pois os fundos eram protegidos por paredões íngremes de altas formações rochosas. Claro, aquilo não era nenhum inconveniente para Vin, e ela logo se viu despencando várias centenas de metros pelo ar ao lado de um rochedo antes de aterrissar em um beco bem ao fundo da cidade.

Ela subiu nos telhados e fez uma rápida verificação dos arredores, pulando de rua em rua com amplos saltos alomânticos. Ficou impressionada com o tamanho de Fadrex. Elend havia chamado a cidade de “provinciana”, e Vin imaginou uma cidadezinha pouco maior que um vilarejo. Depois de terem chegado, ela começou a imaginar uma cidade protegida e modesta, mais parecida com um forte. Fadrex não era nada disso.

Ela devia ter percebido que Elend — que fora criado na metrópole agigantada de Luthadel — teria um conceito deturpado do que constituiria uma grande cidade. Fadrex era bem grande. Vin contou vários guetos skaa, um punhado de mansões nobres e até duas fortalezas ao estilo de Luthadel. As grandiosas estruturas de pedra ostentavam a típica construção com vitrais e muralhas altas escoradas. Sem dúvida eram os lares dos nobres mais importantes da cidade.

Ela aterrissou em um telhado próximo a uma das fortalezas. A maioria dos edifícios da cidade tinha apenas um andar ou dois — uma baita mudança das construções altas de Luthadel. Eram um pouco mais espaçadas e tendiam a ser planas e achatadas, em vez de altas e pontudas. Aquilo apenas fazia a imensa fortaleza parecer ainda maior em comparação. O edifício era retangular, com uma fileira de três torres pontudas erguendo-se de cada extremidade. Pedras de

cantaria brancas ornamentadas corriam por todo o perímetro do topo.

E as muralhas, claro, exibiam belos vitrais iluminados por dentro. Vin se agachou em um telhado baixo, olhando para a beleza colorida das brumas rodopiantes. Por um momento, ela voltou três anos no tempo, quando participava de bailes em fortalezas como aquela em Luthadel — parte do plano de Kelsier para derrubar o Império Final. Ela fora uma menina insegura e nervosa na época, com medo de que o mundo recém-descoberto de um bando confiável e festas belíssimas logo desmoronasse ao seu redor. E, de certa forma, desmoronou — pois aquele mundo havia acabado. Ela havia ajudado a destruí-lo.

Mesmo assim, durante aqueles meses, ela foi feliz. Talvez mais feliz que em qualquer outra época da vida. Amava Elend e era grata pela vida ter avançado ao ponto em que ela podia chamá-lo de marido, mas houvera uma inocência deliciosa naqueles primeiros dias com o bando. Danças passadas com Elend lendo à mesa, fingindo ignorá-la. Noites aprendendo os segredos da Alomancia. Fins de tarde sentada em uma mesa na oficina de Trevo, gargalhando com o bando. Haviam enfrentado o desafio de planejar algo colossal como a queda de um império sem sentir o fardo da liderança ou o peso da responsabilidade pelo futuro.

De alguma forma, ela se tornara uma mulher feita entre a queda dos reis e o colapso dos mundos. Houve um tempo em que ficara aterrorizada com a mudança. Então, ficara apavorada com a perda de Elend. Agora, seus temores eram mais nebulosos — preocupações do que viria depois que ela tivesse partido, preocupações do que aconteceria ao povo do império se ela falhasse em descobrir os segredos que buscava.

Vin parou de contemplar a fortaleza grande, com jeito de castelo, *empurrando-se* noite adentro a partir de uma estrutura de chaminé. Participar daqueles bailes em Luthadel havia mudado Vin drasticamente, deixando um efeito residual do qual ela nunca conseguiu se livrar. Algo dentro dela reagia instantaneamente a danças e festas. Por muito tempo, lutara para entender como aquela parte de si mesma se encaixava no restante da vida. Ainda não tinha certeza se sabia a resposta. Seria Valette Renoux — a garota que fingira ser nos bailes — realmente uma parte de Vin ou apenas uma invenção criada para servir ao esquema de Kelsier?

Vin ricocheteou pela cidade, tomando notas apressadas das fortificações e da localização das tropas. Ham e Demoux provavelmente encontrariam uma maneira de infiltrar espiões militares de verdade na cidade, mas queriam ouvir as

informações preliminares de Vin. Ela também tomou notas das condições de vida. Elend esperava que a cidade estivesse em dificuldades — um fator que seu cerco exacerbaria, deixando Lorde Yomen mais propenso a ceder.

Ela não encontrou nenhum sinal óbvio de fome ou ruína em massa, embora fosse difícil perceber grande coisa à noite. Ainda assim, as cinzas nas ruas da cidade eram varridas, e um número notável de casas nobres parecia ocupado. Ela esperaria que a população nobre fosse a primeira a fugir com a notícia de um exército se aproximando.

Endurecendo rosto, pensativa, Vin concluiu sua volta na cidade, aterrissando em uma praça específica sugerida por Cett. As mansões ali eram separadas umas das outras por grandes terrenos e árvores cultivadas; ela caminhou pela rua, contando-as. Na quarta mansão, ela saltou acima do portão e subiu o outeiro até a casa.

Não sabia bem o que esperava encontrar — no fim das contas, Cett estava fora da cidade havia dois anos. Ainda assim, ele indicara que esse informante seria o mais propenso a ajudar. Como de fato constava nas instruções, a sacada dos fundos da mansão estava iluminada. Desconfiada, Vin esperou na escuridão, a bruma fria e inamistosa ainda oferecendo cobertura. Ela não confiava em Cett — temia que ele ainda alimentasse um rancor pelo ataque à sua fortaleza em Luthadel, um ano antes. Com cuidado, Vin soltou uma moeda e se lançou no ar.

A figura solitária sentada na sacada se encaixava na descrição dada por Cett. Aquela mesma descrição dava a este informante o apelido de Slowswift. O velho parecia estar lendo à luz de um lampião. Vin franziu a testa, mas, conforme instruído, aterrissou no parapeito da sacada, agachando-se ao lado da escada que teria permitido que um visitante mais comum se aproximasse.

O velho não ergueu os olhos do livro. Ele fumava um cachimbo em silêncio, um grosso cobertor de lã sobre os joelhos. Vin não sabia se ele havia percebido sua presença ou não. Ela pigarreou.

— Sim, sim — o velho disse com calma. — Atendo você num instante.

Ela inclinou a cabeça, olhando para o estranho com sobrancelhas cheias e cabelos grisalhos como neve. Vestia um terno de nobre com um cachecol e um sobretudo que trazia um colarinho de pele grande demais. Parecia não estar nem um pouco preocupado que uma Nascida da Bruma estivesse agachada em seu parapeito. Passado um tempo, o velho fechou o livro e se voltou para ela.

— Gosta de histórias, minha jovem?

— Que tipo de histórias?

— Das melhores, claro — Slowswift disse, dando tapinhas no livro. — Daquelas com monstros e mitos. Contos Longos, alguns os chamam… histórias contadas pelos skaa ao redor da fogueira, sussurrando sobre espectros das brumas, duendes e brollins, essas coisas.

— Não tenho tempo para histórias — Vin respondeu.

— Parece que cada vez menos pessoas têm, ultimamente. — Um toldo afastava as cinzas, mas ele parecia despreocupado com as brumas. — Eu me pergunto o que há de tão atraente no mundo real que faz com que tenham todo esse fetiche por ele. Não vem sendo um lugar muito bom.

Vin fez uma rápida verificação com bronze, mas o homem não queimava nada. Quem seria, de fato?

— Disseram que o senhor poderia me dar informações — falou com cuidado.

— Isso eu posso fazer, com certeza — o homem disse. Em seguida, sorriu, olhando para ela. — Tenho uma abundância de informações… embora desconfie que você possa achar a maioria delas inútil.

— Eu ouço uma história, se esse for o preço.

O homem deu uma risadinha.

— Não há jeito mais certeiro de matar uma história do que transformá-la em um "preço", minha jovem. Qual é seu nome e quem a enviou?

— Vin Venture — ela disse. — Cett me deu seu nome.

— Ah! Aquele cretino ainda está vivo?

— Sim.

— Bem, suponho que posso conversar com alguém enviado por um velho amigo de escrita. Desça do parapeito; você está me dando vertigens.

Vin desceu, desconfiada.

— Amigo de escrita?

— Cett é um dos poetas mais refinados que conheço, menina — Slowswift disse, apontando para uma cadeira. — Trocávamos nossas obras, o que durou uma boa década antes de a política roubá-lo. Ele não gostava de histórias também. Para ele, tudo precisava ser áspero e "real", até mesmo a própria poesia. Parece uma atitude com a qual você concordaria.

Vin deu de ombros, sentando-se na cadeira indicada.

— Suponho que sim.

— Acho irônico de uma maneira que vocês nunca entenderão — o velho disse, sorrindo. — Agora, o que deseja de mim?

— Preciso saber sobre Yomen, o rei obrigador.

— É um bom homem.

Vin franziu o cenho.

— Ah — Slowswift disse —, você não esperava isso? Todos que são seus inimigos precisam também ser maléficos?

— Não — Vin disse, pensando nos dias anteriores à queda do Império Final. — Acabei me casando com alguém que meus amigos teriam chamado de inimigo.

— Ah. Bem, Yomen é um homem ótimo e um rei decente. Diria que um rei bem melhor do que Cett foi. Meu velho amigo pegava pesado em suas tentativas de governar, e isso fazia dele um rei brutal. Ele não tem o toque sutil de que um líder precisa.

— O que Yomen fez de tão bom, então? — Vin perguntou.

— Impediu que a cidade ruísse — Slowswift disse, baforando com seu cachimbo. A fumaça mesclou-se às brumas rodopiantes. — Além disso, ele deu tanto à nobreza quanto aos skaa o que eles queriam.

— Que era?

— Estabilidade, menina. Por um tempo, o mundo ficou turbulento; nem os skaa, nem os nobres sabiam seu lugar. A sociedade estava entrando em colapso, e as pessoas, morrendo de fome. Cett fez pouco para impedir, pois estava lutando o tempo todo para manter o que havia matado para conseguir. Foi quando Yomen entrou em cena. As pessoas viram autoridade nele. Antes do Colapso, o Ministério do Senhor Soberano havia tomado o poder, e as pessoas estavam prontas para aceitar um obrigador como líder. Yomen imediatamente assumiu o controle das plantações e trouxe comida ao povo; em seguida, reativou as fábricas e as minas de Fadrex e deu à nobreza uma impressão de normalidade.

Vin ficou quieta. No passado, talvez parecesse incrível para ela que — após mil anos de opressão — as pessoas voltassem voluntariamente à escravidão. Mas algo semelhante acontecera em Luthadel. Eles tinham expulsado Elend, que lhes havia concedido grandes liberdades, e colocado Penrod no comando — tudo porque ele lhes prometera devolver o que haviam perdido.

— Yomen é um obrigador — ela disse.

— Pessoas gostam do que é familiar, menina.

— Elas são oprimidas.

— Alguém precisa liderar — disse o velho. — E alguém precisa seguir. É como as coisas são. Yomen deu às pessoas algo pelo que elas imploravam desde o Colapso: identidade. Os skaa podem trabalhar, podem ser espancados, podem ser escravizados, mas sabem o seu lugar. A nobreza pode gastar seu tempo indo a bailes, mas há novamente uma ordem para a vida.

— Bailes? — Vin questionou. — O mundo está acabando, e Yomen está dando *bailes*?

— Claro — Slowswift disse, dando uma baforada longa e lenta no cachimbo. — Yomen governa mantendo o que é familiar. Ele dá às pessoas o que tinham antes… e os bailes eram uma grande parte da vida antes do Colapso, mesmo em uma cidade menor como Fadrex. Ora, há um acontecendo hoje à noite, na Fortaleza Orielle.

— No mesmo dia em que um exército chega para lançar um cerco à cidade?

— Você acabou de enfatizar que o mundo parece muito próximo de um desastre — o idoso disse, apontando para ela com o cachimbo. — Diante disso, um exército não significa muita coisa. Além disso, Yomen entende algo que nem o Senhor Soberano entendia: sempre comparece aos bailes dados pelos súditos. Ao fazê-lo, ele os reconforta e tranquiliza. Isso faz de um dia como este, o dia da chegada de um exército, perfeito para um baile.

Vin se recostou, sem saber o que pensar. De tudo que ela esperava encontrar na cidade, bailes da corte eram os últimos da lista.

— Então, qual é a fraqueza de Yomen? Existe alguma coisa em seu passado que possamos usar? Quais pontos de personalidade o deixam vulnerável? Onde devemos atacar?

Slowswift baforou em silêncio seu cachimbo, uma brisa soprando bruma e cinzas sobre a figura envelhecida.

— Então…? — Vin insistiu.

O velho soltou um suspiro de bruma e fumaça.

— Acabei de dizer que gosto do homem, menina. O que me daria na cabeça para lhe dar informações para usar contra ele?

— O senhor é um informante. É o que o senhor faz: vende informações.

— Sou um contador de histórias — Slowswift corrigiu. — E nem toda história é destinada a todo par de ouvidos. Por que eu deveria falar com aqueles que querem atacar minha cidade e derrubar meu senhor?

— Nós lhe daríamos uma posição poderosa na cidade assim que ela for nossa.

Slowswift bufou baixinho.

— Se acha que essas coisas me interessam, então Cett obviamente lhe disse muito pouco sobre meu temperamento.

— Poderíamos pagar bem.

— Eu vendo informações, menina. Não minha alma.

— O senhor não está colaborando muito — Vin observou.

— Então me diga, cara menina — ele falou com um leve sorriso. — Por que exatamente eu deveria me importar?

Vin fechou a cara. *Este é, sem dúvida, o informante mais estranho que eu já encontrei*, pensou ela.

Slowswift soltou fumaça do cachimbo. Não parecia estar esperando que ela lhe dissesse nada. De fato, parecia acreditar que a conversa havia acabado.

Ele é um nobre, Vin pensou. *Gosta do jeito como o mundo costumava ser. Era confortável. Até os skaa temem mudanças.*

Vin se levantou.

— Vou dizer por que deveria se importar, meu senhor. Porque as cinzas estão caindo e logo vão cobrir sua linda cidadezinha por inteiro. As brumas estão matando. Terremotos sacodem a terra e as montanhas de cinzas estão cada vez mais quentes. A mudança está se assomando. No fim, nem mesmo Yomen conseguirá ignorá-la. O senhor odeia mudanças. Eu também. Mas as coisas não podem ficar como estão, e isso é bom, pois quando nada muda em sua vida, é como se você já estivesse morto.

Ela se virou para partir.

— Dizem que você vai parar as cinzas — o velho disse baixinho atrás dela. — Fará o sol ficar amarelo novamente. Chamam-na de Herdeira do Sobrevivente. A Heroína das Eras.

Vin parou, virando-se para olhar através das brumas traidoras para o homem com seu cachimbo e o livro fechado.

— Sim.

— Parece um destino e tanto para cumprir.

— É isso ou desistir de tudo.

Slowswift ficou em silêncio por um instante.

— Sente-se, menina — o idoso enfim disse, apontando para a cadeira outra vez.

Vin voltou a se sentar.

— Yomen é um bom homem, mas um líder apenas medíocre. É um burocrata, membro do Cantão de Recursos. Consegue fazer as coisas acontecerem, levar suprimentos aos lugares certos, organizar projetos de construção. Normalmente, isso teria feito dele um líder bom o bastante. No entanto…

— Não quando o mundo está acabando — Vin falou num sussurro.

— Precisamente. Se o que ouvi for verdade, então seu marido é um homem de visão e ação. Se queremos que nossa pequena cidade sobreviva, teremos de fazer parte do que vocês estão oferecendo.

— O que faremos, então?

— Yomen tem poucas fraquezas — Slowswift prosseguiu. — É um homem calmo e honrado. Porém, tem uma crença inabalável no Senhor Soberano e em sua organização.

— Mesmo agora? — Vin questionou. — O Senhor Soberano morreu!

— E daí? — Slowswift perguntou, parecendo achar graça. — E seu Sobrevivente? Da última vez que soube, ele também estava um tanto morto. Isso não pareceu impedir a revolução, não é?

— Tem razão.

— Yomen é um fiel. Isso pode ser uma fraqueza ou uma força. Fiéis em geral estão dispostos a tentar o aparentemente impossível, contando com que a providência garanta seu sucesso. — Ele hesitou, olhando para Vin. — Esse tipo de comportamento pode ser uma fraqueza *se* a crença for inadequada.

Vin se calou. A crença no Senhor Soberano *era* inadequada. Se ele tivesse sido um deus, ela não teria sido capaz de matá-lo. Em sua cabeça, era tudo bem simples.

— Se Yomen tem outra fraqueza, é sua riqueza — Slowswift continuou.

— Não consigo ver isso como fraqueza.

— Mas ela é, se você não puder explicar de onde veio. Ele conseguiu dinheiro de algum lugar; um valor suspeitosamente vasto, muito mais até mesmo que os cofres do Ministério local poderiam oferecer. Ninguém sabe de onde vem.

O depósito, Vin pensou, interessada. *Ele realmente está com o atium!*

— Você reagiu com interesse demais a essa informação — Slowswift comentou, dando uma baforada no cachimbo. — Devia tentar se entregar menos ao falar com um informante.

Vin enrubesceu.

— De qualquer forma — disse o velho, voltando para o livro —, se isso é tudo, gostaria de voltar à minha leitura. Mande meus cumprimentos a Ashweather.

Vin assentiu, erguendo-se e dirigindo-se à balaustrada. No entanto, Slowswift pigarreou.

— Em geral, há uma remuneração por atos como os meus.

Vin ergueu uma sobrancelha.

— Pensei que tinha dito que histórias não deveriam ter preço.

— Na verdade — Slowswift observou —, disse que uma história não deveria ser um custo. É muito diferente de a história em si custar alguma coisa. E, embora alguns discordem, acredito que uma história sem preço é considerada sem valor.

— Tenho certeza de que é o único motivo — Vin falou, abrindo um leve sorriso enquanto lançava sua bolsa de moedas para ele, descontando as poucas envoltas em tecido empregadas nos saltos. — Imperiais de ouro. Ainda valem aqui, creio eu?

— Se valem — o velho disse, guardando-as. — Se valem…

Vin saltou para dentro da noite, distanciando-se aos pulos, queimando bronze para ver se sentia algum pulso alomântico às suas costas. Sabia que sua natureza a deixava irracionalmente desconfiada de pessoas que pareciam fracas. Estivera convencida por um tempo de que Cett era um Nascido da Bruma simplesmente porque era paraplégico. Ainda assim, ela verificou Slowswift. Era um velho hábito que ela não sentia muita necessidade de extinguir.

Nenhum pulso veio do velho. Logo, ela continuou, seguindo as instruções de Cett e buscando um segundo informante. Confiava o bastante nas palavras de Slowswift, mas gostaria de confirmá-las. Escolheu um informante na outra ponta do espectro — um mendigo chamado Hoid, que, segundo Cett, poderia ser encontrado em uma praça específica tarde da noite.

Alguns saltos rápidos levaram-na até o local. Ela aterrissou no topo de um telhado e olhou para baixo, vasculhando a área. As cinzas não haviam sido varridas ali, empilhando-se nas esquinas e deixando a região uma enorme

bagunça. Um grupo de mendigos estava encolhido em um beco ao lado da praça. Pedintes sem casa ou emprego. Vin havia vivido daquela forma algumas vezes, dormindo em becos, tossindo cinzas, torcendo para que não chovesse. Não demorou muito para que encontrasse uma figura que não estava dormindo como as outras, mas apenas sentada em silêncio sob o leve cair das cinzas. Os ouvidos dela captaram um som suave. O homem cantarolava para si, assim como as instruções indicaram que ele talvez fizesse.

Vin hesitou.

Não conseguia concluir o motivo, mas algo a incomodava na situação. Havia algo errado. Ela não parou para pensar; simplesmente se virou e saltou para longe. Era uma das grandes diferenças entre Vin e Elend — ela nem sempre precisava de um motivo. Um pressentimento bastava. Ele sempre queria trazer as coisas à tona e descobrir um *porquê*, e ela o amava por essa lógica. No entanto, ele teria ficado muito frustrado com sua decisão de se afastar da praça como fazia naquele momento.

Talvez nada de mau tivesse acontecido, se fosse até a praça. E talvez algo terrível acontecesse. Ela nunca saberia, nem precisava saber. Como incontáveis outras vezes na vida, Vin simplesmente aceitou seus instintos e prosseguiu.

Seu caminho a levou até uma rua que Cett havia ressaltado nas instruções. Curiosa, Vin não procurou outro informante; em vez disso, seguiu pela rua, pulando de âncora para âncora em meio às brumas dominantes. Aterrissou em uma rua de pedra a uma curta distância de um prédio com as janelas iluminadas.

Maciço e utilitário, o prédio era ainda assim intimidador — mesmo que apenas por conta de seu tamanho. Cett escrevera que o Cantão de Recursos era o maior dos prédios do Ministério do Aço na cidade. Fadrex servira como uma espécie de estação intermediária entre Luthadel e as cidades mais importantes do Ocidente. Próxima de vários canais principais e bem-fortificada contra bandoleiros, a cidade era o lugar perfeito para um quartel-general regional do Cantão de Recursos. Ainda assim, Fadrex não fora importante o suficiente para atrair os Cantões da Ortodoxia ou da Inquisição — tradicionalmente os departamentos mais poderosos do Ministério.

Aquilo significava que Yomen, como obrigador-chefe no prédio de Recursos, fora a principal autoridade religiosa da área. Pelo que Slowswift havia dito, Vin supunha que Yomen era muito parecido com um obrigador de Recursos comum: seco e enfadonho, mas terrivelmente eficiente. E assim, como seria óbvio, ele escolhera transformar o antigo prédio do Cantão em palácio. Era o que Cett tinha

indicado suspeitar, e Vin podia facilmente ver que era verdade. O prédio fervilhava, apesar da hora tardia, e era vigiado por pelotões de soldados. Yomen provavelmente escolhera o prédio para lembrar a todos de onde viera originalmente sua autoridade.

Infelizmente, também era onde o depósito de suprimentos do Senhor Soberano estaria localizado. Vin suspirou, deixando de lado a contemplação do prédio. Parte dela queria se esgueirar lá para dentro e tentar descobrir um caminho até a caverna subterrânea. Em vez disso, lançou uma moeda e se lançou no ar. Mesmo Kelsier não teria tentado invadir o lugar na primeira noite de reconhecimento. Ela havia entrado no depósito de Urteau, mas o local estava abandonado. Precisava se consultar com Elend e estudar a cidade por alguns dias antes de fazer algo tão ousado quanto invadir um palácio fortificado.

Usando a luz das estrelas e estanho, Vin leu o nome do terceiro e último informante. Outro nobre, o que não era nada surpreendente, considerando a posição anterior de Cett. Ela começou a se mover na direção indicada. No entanto, enquanto se deslocava, reparou em uma coisa.

Estava sendo seguida.

Percebeu apenas pistas da outra presença atrás de si, obscurecida pelas brumas rodopiantes. Hesitante, Vin queimou bronze e recebeu em troca uma pulsação muito leve às suas costas. Um pulso alomântico dissimulado. Em geral, quando um alomântico queimava cobre — como aquele atrás dela estava fazendo —, tornava-se invisível à percepção do bronze. Ainda assim, por algum motivo que Vin nunca soubera explicar, ela conseguia contornar essa dissimulação. O Senhor Soberano fora capaz de fazer o mesmo em vida, assim como seus Inquisidores.

Vin continuou a avançar. O alomântico que a seguia obviamente acreditava estar invisível aos sentidos de Vin. Ele — ou ela — se movia com saltos hábeis e rápidos, seguindo-a a uma distância segura. Era bom, sem ser excelente, e obviamente era um Nascido da Bruma, pois apenas um poderia ter queimado cobre e aço ao mesmo tempo.

Vin não estava surpresa. Havia presumido que, caso houvesse algum Nascido da Bruma na cidade, os saltos incessantes atrairiam sua atenção. Apenas para garantir, ela não chegara a queimar cobre, deixando seus pulsos serem livremente percebidos por qualquer um — Nascido da Bruma ou Buscador — que estivesse à escuta. Melhor um inimigo às abertas que um escondido nas sombras.

Ela aumentou o ritmo, mas não de uma forma que levantasse suspeitas, e a pessoa que a seguia precisou se apressar para acompanhá-la. Vin continuou a avançar em direção à frente da cidade, como se planejasse sair. Quando chegou perto, seus sentidos alomânticos produziram linhas azuis gêmeas apontando para os gigantescos suportes de ferro que prendiam os portões da cidade às rochas na lateral. Os suportes eram fontes grandes e substanciais de metal, e as linhas que emanavam eram brilhantes e grossas.

O que significava que dariam excelentes âncoras. Avivando peltre para não ser esmagada, Vin *empurrou* os suportes, lançando-se para trás.

Imediatamente, os pulsos alomânticos atrás dela desapareceram.

Vin atravessou velozmente as cinzas e a bruma, até mesmo suas roupas coladas tremulando levemente com o vento. Ela se *puxou* rapidamente até um telhado e se agachou, tensa. O outro alomântico devia ter parado de queimar seus metais. Mas por que faria aquilo? Sabia que ela podia perfurar nuvens de cobre? Caso soubesse, por que então a havia seguido de forma tão descuidada?

Vin sentiu um calafrio. Havia algo mais que emitia pulsos alomânticos à noite. O espírito da bruma. Ela não o via fazia mais de um ano. De fato, durante seu último encontro com ele, o espírito quase matara Elend — apenas para restabelecê-lo ao torná-lo um Nascido da Bruma.

Ela ainda não sabia como o espírito se encaixava em toda aquela situação. Não era Ruína — ela sentira a presença de Ruína ao libertá-lo no Poço da Ascensão. Eram diferentes.

Nem sei se foi o espírito hoje à noite, Vin disse a si mesma. Entretanto, seu perseguidor havia desaparecido de forma tão abrupta…

Confusa e arrepiada, ela se *empurrou* para fora da cidade e voltou depressa ao acampamento de Elend.

Um aspecto final da manipulação cultural do Senhor Soberano é bem interessante: o da tecnologia.

Já mencionei que Rashek escolheu usar a arquitetura khlenni, que lhe permitiu construir grandes estruturas e lhe deu a engenharia civil necessária para erguer uma cidade grande como Luthadel. Em outras áreas, no entanto, ele suprimiu avanços tecnológicos. A pólvora, por exemplo, era tão reprovada por Rashek que o conhecimento de seu uso desapareceu quase tão rapidamente quanto o conhecimento da religião terrisana.

Aparentemente, Rashek achava alarmante que, equipados com armas de pólvora, mesmo o mais comum dos homens conseguisse ser quase tão eficaz quanto os mais treinados dos arqueiros. Dessa forma, ele optou pelos arqueiros. Quanto mais dependente de treinamento fosse a tecnologia militar, menos provável seria que a população camponesa fosse capaz de se erguer e resistir a ele. De fato, as revoltas skaa sempre falharam em parte exatamente por esse motivo.

28

— Tem certeza de que era o espírito das brumas? — Elend perguntou, de cenho franzido, com uma carta semiterminada, inscrita numa folha de metal, sobre a mesa à sua frente. Ele havia decidido dormir na cabine a bordo do barco estreito em vez de usar uma tenda. Não somente era mais confortável, como também ele se sentia mais seguro com paredes ao redor, em vez de lona.

Vin suspirou, sentando-se na cama, encolhendo as pernas e encaixando o queixo nos joelhos.

— Não sei. Fiquei um pouco assustada, então fugi.

— Fez bem — Elend disse, estremecendo ao se lembrar do que o espírito das brumas fizera com ele.

— Sazed estava convencido de que o espírito das brumas não era maligno — Vin comentou.

— Eu também. Se você lembra, fui eu quem caminhou até ele, dizendo a você que o sentia como algo amigável. Foi bem no momento em que ele me apunhalou.

Vin negou com a cabeça.

— Ele estava tentando me impedir de soltar Ruína. Pensou que, se você estivesse morrendo, eu tomaria o poder para mim e o curaria, em vez de abdicar dele.

— Você não sabe ao certo as intenções do espírito, Vin. Pode estar relacionando coincidências na mente.

— Talvez. Mas isso levou Sazed a descobrir que Ruína estava alterando o texto.

Ao menos aquilo era verdade — se, de fato, pudessem confiar no relato de Sazed. O terrisano havia ficado um pouco… contraditório desde a morte de Tindwyl. *Não,* Elend disse a si mesmo, sentindo uma pontada instantânea de culpa. *Não; Sazed é confiável. Talvez ele esteja tendo uma crise de fé, mas ainda é duas vezes mais confiável que o resto de nós.*

— Ah, Elend — Vin disse baixinho. — Há tanto que não sabemos. Nos

últimos tempos, eu sinto como se minha vida fosse um livro escrito em um idioma que não sei ler. O espírito das brumas tem relação com tudo isso, mas não posso nem começar a compreender como.

— Provavelmente está do nosso lado — Elend confirmou, embora fosse difícil suprimir as lembranças de como se sentira ao ser apunhalado, de sentir a vida se esvaindo. Morrer, saber o que isso causaria a Vin. Ele se forçou a voltar à conversa. — Você acha que o espírito da bruma tentou impedi-la de soltar Ruína, e Sazed diz que ele lhe deu informações importantes. Isso o torna o inimigo do nosso inimigo.

— Por ora — Vin falou. — Mas o espírito das brumas é muito mais fraco que Ruína. Senti os dois. Ruína era… vasto. Poderoso. Ele pode ouvir o que dizemos, ver todos os lugares ao mesmo tempo. O espírito das brumas é muito mais tênue. Mais como uma lembrança do que como uma força ou poder real.

— Você ainda acha que ele te odeia?

Vin deu de ombros.

— Faz mais de um ano que não o vejo. Ainda assim, tenho certeza de que não é o tipo de coisa que muda, e eu sempre senti ódio e animosidade vindos dele. — Ela hesitou, franzindo a testa. — Aquilo foi o começo. Na noite em que vi o espírito das brumas pela primeira vez foi quando comecei a sentir que as brumas não eram mais meu lar.

— Tem certeza de que o espírito não é o que mata as pessoas e as deixa doentes?

Vin assentiu.

— Sim, tenho certeza.

Ela era firme a esse respeito, embora Elend achasse o julgamento apressado. Algo fantasmagórico, movendo-se nas brumas? Parecia exatamente o tipo de coisa que seria relacionada a pessoas morrendo subitamente naquelas mesmas brumas.

Claro, as pessoas não eram apunhaladas pelas brumas, mas morriam devido a uma doença de convulsões. Elend suspirou, esfregando os olhos. Sua carta inacabada para Lorde Yomen estava na mesa — ele precisaria retomá-la pela manhã.

— Elend — disse Vin. — Hoje à noite, eu disse a uma pessoa que pararia a chuva de cinzas e deixaria o sol amarelo.

Elend ergueu uma sobrancelha.

— Aquele informante de quem você falou?

Vin assentiu. Os dois ficaram em silêncio.

— Nunca esperei que você admitisse algo assim — ele disse por fim.

— Eu sou o Herói das Eras, não sou? Até Sazed disse isso antes de começar a ficar estranho. É meu destino.

— O mesmo "destino" que disse para você tomar o poder do Poço da Ascensão e em seguida libertá-lo para o bem maior da humanidade?

Vin assentiu.

— Vin — Elend disse com um sorriso. — Não acho de verdade que "destino" seja o tipo de coisa com que precisamos nos preocupar agora. Digo, temos provas de que as profecias foram deturpadas por Ruína para levar as pessoas a libertá-lo.

— Alguém precisa se preocupar com as cinzas.

Não havia muito o que ele pudesse responder. O lado lógico de Elend queria argumentar, alegar que deveriam se concentrar nas coisas que poderiam fazer — criar um governo estável, descobrir os segredos do Senhor Soberano, buscar os suprimentos nos depósitos. Ainda assim, a chuva de cinzas constante parecia estar ficando cada vez mais densa. Se continuasse nesse ritmo, não demoraria até que o céu se transformasse em nada mais que uma tempestade preta e sólida.

Mas parecia tão difícil pensar que Vin — sua esposa — poderia fazer algo a respeito da cor do sol e das cinzas caindo. *Demoux tem razão*, ele pensou, tamborilando os dedos na carta metálica de Lorde Yomen. *Realmente não sou um membro exemplar da Igreja do Sobrevivente.*

Ele a observou do outro lado da cabine, sentada na cama com a expressão distante, pensando sobre coisas que não deveriam ser de sua responsabilidade. Mesmo após saltar a noite toda, mesmo após aqueles dias de viagem, mesmo com o rosto sujo de cinzas, ela era linda.

Naquele momento, Elend percebeu uma coisa. Vin não precisava de outra pessoa que a adorasse. Ela não precisava de outro fiel como Demoux, especialmente não se fosse Elend. Ele não precisava ser um bom fiel da Igreja do Sobrevivente. Precisava ser um bom marido.

— Bem, então… mãos à obra — disse.

— Quê? — Vin perguntou.

— Salvar o mundo. Parar as cinzas.

Vin bufou baixinho.

— Você faz parecer uma piada.

— Não, estou falando sério — ele disse, levantando-se. — Se você sente que devemos fazer isso, se sente que é isso o que você é, então, mãos à obra. Vou ajudá-la no que eu puder.

— E aquele seu discurso? Na última caverna de depósito… Você falou sobre divisão de trabalho. Eu, trabalhando com as brumas; você, trabalhando para unir o império.

— Eu estava errado.

Vin sorriu, e, de repente, Elend sentiu como se o mundo tivesse sido só um pouco consertado.

— Então — disse ele, sentando-se na cama ao lado dela. — O que você tem a dividir? Algum pensamento?

Vin hesitou.

— Sim… Mas não posso dizer.

Elend ficou sério.

— Não é que eu não confie em você — Vin disse. — É Ruína. No último depósito, descobri uma segunda inscrição na placa, perto do fundo. Ela alertava que qualquer coisa que eu falasse ou escrevesse seria conhecida por nosso inimigo. Então, se falarmos demais, *ele* saberá de nossos planos.

— O que dificulta um pouco isso de trabalharmos juntos para resolver o problema.

Vin pegou as mãos dele.

— Elend, sabe por que eu concordei em finalmente me casar com você?

Ele negou com a cabeça.

— Percebi que você confiava em mim — ela respondeu. — Confiava como ninguém havia confiado antes. Naquela noite, quando enfrentei Zane, concluí que eu precisava lhe dar minha confiança. Essa força que está destruindo o mundo… Nós temos algo que ela nunca vai entender. Não preciso necessariamente de sua ajuda; preciso de sua confiança. De sua esperança. É algo que nunca tive em mim mesma, e eu confio e dependo da sua.

Elend assentiu devagar.

— Você a tem.

— Obrigada.

— Sabe, naqueles dias em que você se recusava a se casar comigo, eu

frequentemente pensava em como você era estranha.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Olha, que romântico.

Elend sorriu.

— Ah, seja razoável. Você tem de admitir que é incomum, Vin. Uma mistura estranha de nobre, menina de rua e gato. Além disso, você conseguiu, em nossos parcos três anos juntos, matar não apenas o meu deus, mas meu pai, meu irmão *e* minha noiva. É como marcar três pontos num jogo homicida. Uma base estranha para um relacionamento, não acha?

Vin se limitou a revirar os olhos.

— Estou feliz por não ter mais nenhum parente próximo — Elend falou. Em seguida, encarou-a. — Exceto você, claro.

— Não estou prestes a me afogar, se é isso que você está pensando.

— Não. Desculpe. Eu só estou… bem, você sabe. De qualquer forma, eu estava explicando uma coisa. No final, parei de me preocupar sobre como você era estranha. Percebi que realmente não *importava* se eu a entendia ou não, pois eu confiava em você. Isso faz sentido? De toda forma, acho que estou dizendo que concordo. Não sei exatamente o que você está fazendo e não tenho nenhuma pista de como vai conseguir. Mas, bem, eu confio que você vá conseguir.

Vin se aproximou dele.

— Só queria que houvesse algo que eu pudesse fazer para ajudar — Elend disse.

— Então, assuma toda aquela parte dos números — Vin falou com uma careta de desgosto. Embora tivesse sido a única a pensar que havia algo estranho nos percentuais daqueles que caíram com as brumas, Elend sabia que ela achava os números problemáticos. Ela não tinha treinamento, nem prática, para lidar com eles.

— Tem certeza de que há algo neles?

— Foi você que pensou que os percentuais eram bem estranhos.

— Tem razão. Tudo bem, eu cuido disso.

— Só não me diga o que descobrir — Vin falou.

— Bem, como é que *isso* vai ajudar?

— Confie. Você pode me dizer o que fazer; só não me diga por quê. Talvez possamos ficar um passo à frente daquela coisa.

Ficar um passo à frente dela?, Elend pensou. *Ela tem o poder de enterrar o império inteiro sob cinzas, e aparentemente pode escutar cada palavra que dizemos. Como vamos " ficar à frente" de algo assim?* Mas ele havia prometido confiar em Vin, então foi o que fez.

Vin apontou para a mesa.

— Essa é sua carta para Yomen?

Elend assentiu e disse:

— Espero que ele fale comigo, agora que estou aqui de verdade.

— Slowswift parece acreditar que Yomen é um bom homem. Talvez ele ouça.

— Algo me faz duvidar disso — disse Elend. Sentou-se em silêncio por um momento; em seguida, fechou o punho, cerrando os dentes de frustração. — Falei aos outros que quero tentar a diplomacia, mas eu *sei* que Yomen vai rejeitar minha mensagem. Foi por isso que trouxe meu exército, em primeiro lugar. Eu poderia ter enviado apenas você para espionar, como fez em Urteau. Mas infiltrações não nos ajudaram muito por lá; ainda precisamos conquistar a cidade se quisermos os suprimentos.

"*Precisamos* desta cidade. Mesmo se você não se sentisse tão impelida a descobrir o que há naquele depósito, eu teria vindo aqui. A ameaça que Yomen representa para o nosso reino é grande demais, e a possibilidade de o Senhor Soberano ter deixado informações importantes naquele depósito não pode ser ignorada. Yomen tem grãos naquele depósito, mas a terra aqui não terá luz do sol o bastante para cultivá-los. Então é provável que ele vá alimentar seu povo com os grãos em si, um desperdício quando não temos o bastante para plantar e encher o Domínio Central. Temos que tomar esta cidade ou ao menos fazer dela uma aliada.

"Mas o que farei se Yomen não quiser conversar? Mando exércitos atacarem os vilarejos próximos? Enveneno os suprimentos da cidade? Se você estiver certa, então ele encontrou o depósito, o que significa que terá mais comida do que esperávamos. A menos que ele destrua tudo, poderá sobreviver ao nosso cerco. Mas, se eu o destruir, o povo dele morrerá de fome… — Elend meneou a cabeça. — Lembra quando executei Jastes?"

— Você estava no seu direito. — Vin foi rápida em dizer.

— Acredito que sim — Elend respondeu. — Mas eu o matei porque ele liderou um grupo de koloss para a minha cidade e em seguida deixou que eles

saqueassem o meu povo. Eu estou quase fazendo o mesmo aqui. Há vinte mil dessas feras lá fora.

— Você pode controlá-los.

— Jastes pensou que poderia controlá-los também — Elend disse. — Não quero perder as rédeas daquelas criaturas, Vin. Mas e se o cerco falhar e eu tiver de tentar acabar com as fortificações de Yomen? Não serei capaz de fazê-lo sem os koloss. — Ele negou com a cabeça. — Se ao menos eu pudesse *falar* com Yomen… Talvez eu pudesse chamá-lo à razão ou ao menos convencer a mim mesmo de que ele precisa cair.

Vin hesitou.

— Talvez… haja uma maneira.

Elend encontrou o olhar dela.

— Ainda há bailes lá na cidade. E o rei Yomen participa de todos.

Elend piscou. De início, supôs que talvez tivesse entendido errado. No entanto, a expressão nos olhos dela — aquela determinação desenfreada — o persuadiu do contrário. Às vezes, ele via um toque do Sobrevivente nela; ou, ao menos, do homem que as histórias diziam ter sido Kelsier. Ousada ao ponto da imprudência. Corajosa e precipitada. Ele havia influenciado Vin mais do que ela gostava de admitir.

— Vin, você acabou de sugerir que participemos de um *baile* que está sendo realizado no meio de uma cidade que estamos sitiando?

Vin deu de ombros.

— Claro. Por que não? Somos Nascidos da Bruma; podemos entrar na cidade sem muito problema.

— Sim, mas…

Eu teria um salão cheio com a nobreza que estou querendo intimidar — sem mencionar no acesso ao homem que se recusa a me receber, em uma situação na qual ele teria problemas em fugir sem parecer um covarde.

— Você acha a ideia boa — Vin concluiu, sorrindo de um jeito travesso.

— É uma ideia *maluca* — Elend retrucou. — Sou imperador; não deveria me esgueirar pela cidade inimiga para poder ir a uma festa.

Vin estreitou os olhos, encarando-o.

— Mas tenho que admitir que o conceito *tem* um charme considerável — completou ele.

— Se Yomen não vier nos encontrar, então vamos até lá e entramos de penetra na festa dele.

— Faz um tempo desde o meu último baile. Teria que desenterrar um bom material de leitura em nome dos velhos tempos.

De repente, Vin ficou pálida. Elend parou de falar, olhando para ela, sentindo que algo estava errado. Não com o que ele havia dito — era alguma outra coisa. *O que é? Assassinos? Espíritos das brumas? Koloss?*

— Acabei de perceber uma coisa — Vin disse, encarando-o com aqueles olhos marcantes. — Não posso ir a um baile. Eu não trouxe um vestido!

O Senhor Soberano não apenas proibiu certas tecnologias; ele suprimiu completamente o avanço tecnológico. Parece estranho agora que, durante mil anos de domínio, muito pouco progresso tenha sido feito. As técnicas agrícolas, os métodos arquitetônicos — mesmo a moda permaneceu notavelmente estável durante o reinado do Senhor Soberano.

Ele construiu o império perfeito e, em seguida, tentou mantê-lo como estava. Em grande parte, foi bem-sucedido. Os relógios de bolso — outra apropriação khlenni — que foram feitos no século X do império eram quase idênticos àqueles feitos durante o século I. Tudo permanecia igual.

Até tudo entrar em colapso, claro.

29

Como à maioria das cidades no império final, fora proibido a Urteau a construção de uma muralha. No início da vida de Sazed, antes de ele se rebelar, o fato de as cidades não poderem construir fortificações sempre lhe parecera um indício sutil da vulnerabilidade do Senhor Soberano. Afinal, se o tirano ficava preocupado com a possibilidade de rebeliões e cidades que podiam se voltar contra ele, talvez soubesse de algo que ninguém mais sabia: que *podia* ser derrotado.

Pensamentos como esse haviam levado Sazed até Mare e, por fim, até Kelsier. E agora, eles o levavam à cidade de Urteau — uma cidade que finalmente *havia* se rebelado contra a liderança nobre. Infelizmente, ela jogava Elend Venture no mesmo balaio que todos os outros nobres.

— Não gosto disso, Mestre Guardador — disse o Capitão Goradel, caminhando ao lado de Sazed, que, pelo bem de sua imagem, agora seguia na carruagem com Brisa e Allrianne. Após deixar o povo terrisano para trás, Sazed alcançou apressadamente Brisa e os outros, e finalmente eles entraram na cidade que era seu destino.

— As coisas devem estar meio brutais por lá — Goradel continuou. — Não acho que o senhor estará em segurança.

— Duvido que seja tão ruim quanto o senhor pensa — Sazed disse.

— E se pegarem os senhores como reféns?

— Meu caro — Brisa respondeu, inclinando-se para encarar o capitão. — É por isso que os reis *enviam* embaixadores. Dessa forma, se alguém é capturado, o rei ainda está em segurança. Nós, meu amigo, somos algo que Elend nunca poderá ser: dispensáveis.

Goradel fechou a cara para aquelas palavras.

— *Eu* não me sinto muito dispensável.

Sazed olhou para fora da carruagem, observando a cidade em meio à chuva de cinzas. Era grande; uma das cidades mais antigas do império. Ele observou com interesse que, conforme se aproximavam, a estrada fazia um declive,

entrando em uma vala de canal vazia.

— O que é isso? — Allrianne perguntou, expondo a cabeça loira do outro lado da carruagem. — Por que construíram essas estradas em fossos?

— Canais, minha querida — Brisa respondeu. — A cidade costumava ser cheia deles. Agora, eles estão vazios… um terremoto ou algo assim desviou o rio.

— É agourento — ela comentou, trazendo a cabeça de volta para dentro. — Faz os prédios parecerem duas vezes mais altos.

Quando entraram na cidade em si — seus duzentos soldados marchando ao redor deles em formação —, foram recebidos por uma delegação de soldados de Urteau em uniformes marrons. Sazed havia enviado uma mensagem antes da chegada, claro, e o rei — o Cidadão, como o chamavam — dera a Sazed permissão para levar seu pequeno contingente de tropas para dentro de Urteau.

— Eles dizem que o rei quer se encontrar com os senhores imediatamente, Mestre Terrisano — Goradel disse, voltando para a carruagem.

— O homem não perde tempo, não é? — Brisa comentou.

— Então, iremos — Sazed anunciou, assentindo para Goradel.

— Vocês não são bem-vindos aqui.

Quellion, o Cidadão, era um homem de cabelos curtos com pele áspera e uma postura quase militar. Sazed se perguntou onde aquele homem — aparentemente um simples camponês, antes do Colapso — havia adquirido tamanha habilidade de liderança.

— Entendo que o senhor não deseje ver soldados estrangeiros em sua cidade — disse Sazed, cauteloso. — No entanto, deve ter percebido que não viemos conquistar. Duzentos homens dificilmente representam uma força invasora.

Quellion estava em pé atrás de sua mesa, braços atrás das costas. Vestia o que pareciam ser calças e camisa skaa normais, embora as duas tivessem sido tingidas de vermelho-escuro, quase castanho-avermelhado. Sua “câmara de audiência” era um grande salão de conferências no que fora no passado a casa de um nobre. As paredes haviam sido caiadas, e o candelabro, retirado. Privada de mobília e refinamento, a sala lhes dava a impressão de estarem numa caixa.

Sazed, Brisa e Allrianne estavam sentados em bancos duros de madeira, o único conforto que o Cidadão lhes oferecera. Goradel se postava logo atrás, com dez de seus soldados formando a guarda.

— Não tem a ver com os soldados, terrisano — Quellion disse. — Tem a ver com o homem que os enviou.

— O imperador Venture é um monarca bom e razoável — Sazed afirmou.

Quellion bufou, virando-se para um de seus companheiros. Tinha muitos deles — talvez uns vinte —, e Sazed supôs que eram membros do governo. A maioria usava vermelho, como Quellion, embora suas roupas não tivessem sido tingidas com tons tão escuros.

— Elend Venture — Quellion falou, erguendo o dedo e voltando-se para Sazed — é um mentiroso e um tirano.

— Isso não é verdade.

— Ah, não? E como ele conquistou o trono? Derrotando Straff Venture e Ashweather Cett em guerra?

— A guerra foi…

— A guerra costuma ser a desculpa dos tiranos, terrisano — Quellion interrompeu. — Meus relatos dizem que a esposa Nascida da Bruma dele obrigou os reis a se ajoelharem naquele dia… Forçou todos a jurar lealdade a ele para que não fossem massacrados pelos koloss. Parecem ações de um homem "bom e razoável"?

Sazed não respondeu.

Quellion avançou, pousando as mãos espalmadas no tampo da mesa.

— Sabem o que fizemos aos nobres desta cidade, terrisano?

— O senhor os matou — Sazed respondeu em voz baixa.

— Como o Sobrevivente ordenou — Quellion disse. — Vocês alegam terem sido companheiros dele antes da queda. Mesmo assim, servem a uma das próprias casas nobres que ele buscou derrubar. Isso não é incoerente de sua parte, terrisano?

— Lorde Kelsier concluiu seu objetivo na morte do Senhor Soberano — Sazed respondeu. — Quando isso foi alcançado, a paz…

— Paz? Diga-me, terrisano, ouviu o Sobrevivente falar alguma vez de paz?

Sazed hesitou.

— Não — admitiu.

Quellion voltou a bufar.

— Ao menos é honesto. O único motivo pelo qual estou falando com vocês é porque Venture foi esperto o bastante para enviar um terrisano. Se tivesse

enviado um nobre, eu teria matado o patife e enviado o crânio carbonizado de volta como resposta.

O salão ficou silencioso. Tenso. Após alguns momentos de espera, Quellion virou as costas para Sazed, encarando seus companheiros.

— Sentem isso? — ele perguntou aos seus homens. — Conseguem se sentir ficando envergonhados? Olhem para suas emoções; de repente sentem uma camaradagem por esses servos de um mentiroso?

Ele se virou, encarando Brisa.

— Alertei a todos vocês sobre a Alomancia, a ferramenta obscura da nobreza. Bem, agora podem senti-la. Aquele homem sentado ao lado de nosso *distinto* terrisano é conhecido como Brisa. É um dos homens mais vis do mundo. Um Abrandador de enormes habilidades.

Quellion virou-se para falar com Brisa.

— Diga, Abrandador. Quantos amigos sua mágica fez? Quantos inimigos incitou ao suicídio? Essa bela garota ao seu lado… usou suas artes para levá-la à sua cama?

Brisa sorriu, erguendo a taça de vinho.

— Meu caro, o senhor, claro, me descobriu. No entanto, em vez de congratular-se por perceber meu toque, o senhor talvez deva se perguntar por que eu o manipulei para dizer o que acabou de proferir.

Quellion hesitou, embora, claro, Brisa estivesse blefando. Sazed suspirou. Uma reação indignada teria sido muito mais apropriada, mas, por outro lado, esse não seria o *modus operandi* de Brisa. Agora o Cidadão passaria o restante da reunião se perguntando se suas palavras estavam sendo guiadas por Brisa.

— Mestre Quellion — Sazed disse —, vivemos em tempos perigosos. Decerto o senhor já percebeu.

— Podemos nos proteger muito bem — Quellion retrucou.

— Não estou falando de exércitos ou bandoleiros, Cidadão. Estou falando de brumas e cinzas. O senhor percebeu que as brumas estão se demorando cada vez mais durante a luz do dia? O senhor percebeu que elas têm feito coisas estranhas com seu povo, causando mortes de alguns que saem em meio a elas?

Quellion não o contradisse ou chamou suas palavras de tolices, o que foi o bastante para Sazed. Pessoas haviam morrido naquela cidade.

— As cinzas caem perpetuamente, Cidadão — Sazed continuou. — As brumas são mortais, e os koloss estão à solta. Seria um momento muito bom de

ter alianças poderosas. No Domínio Central, conseguimos cultivar as melhores safras, pois temos mais luz do sol. O imperador Venture descobriu um método de controlar os koloss. Seja lá o que vier nos próximos anos, seria muito vantajoso ser amigo do imperador Venture.

Quellion balançou a cabeça com se estivesse resignado. Ele se voltou aos companheiros novamente.

— Vejam, como eu disse para vocês. Primeiro, ele nos diz que vem em paz, em seguida parte para as ameaças. Venture controla os koloss. Venture controla a comida. Em seguida vai dizer que Venture controla as brumas! — Quellion se voltou para Sazed. — De nada adiantarão ameaças aqui, terrisano. Não estamos preocupados com nosso futuro.

Sazed ergueu uma sobrancelha.

— E por quê?

— Porque *seguimos* o Sobrevivente. Desapareça da minha frente.

Sazed se levantou.

— Gostaria de ficar na cidade e, talvez, reunir-me com o senhor novamente.

— Essa reunião não acontecerá.

— De qualquer forma, eu preferiria ficar. Tem a minha palavra de que meus homens não causarão problemas. Tenho sua permissão? — Ele curvou a cabeça em deferência.

Quellion murmurou algo entre os dentes antes de acenar para ele.

— Se eu proibir, você simplesmente vai se esgueirar de qualquer jeito. Fique se precisar, terrisano, mas já aviso: siga nossas leis e não cause problemas.

Sazed se curvou ainda mais, em seguida retirou-se com seu pessoal.

— Bem — Brisa disse, acomodando-se na carruagem —, revolucionários assassinos, todos usando as mesmas roupas cinzentas, ruas-canal onde a cada dez prédios um foi incendiado até ruir… É um lugar adorável esse que Elend escolheu para visitarmos. Lembre-me de agradecê-lo quando voltarmos.

Sazed sorriu, embora não estivesse no melhor dos humores.

— Ah, não fique tão cabisbaixo, meu velho — Brisa disse, agitando seu bastão enquanto a carruagem começava a se mover com os soldados ao redor. — Algo me diz que aquele Quellion não é nem metade da ameaça que sua postura faz parecer. No fim, vamos convencê-lo.

— Não tenho tanta certeza, Lorde Brisa. Este lugar… é diferente das outras cidades que visitamos. Os líderes não estão tão desesperados, e o povo é mais subserviente. Não conseguiremos nada fácil aqui, creio eu.

Allrianne cutucou o braço de Brisa.

— Brisinha, está vendo aquilo lá?

Brisa estreitou os olhos contra a luz, e Sazed se inclinou para a frente, olhando para fora da carruagem. Um grupo de pessoas havia acendido uma fogueira no quintal. A chama gigantesca lançava um rastro rodopiante de fumaça no ar. Sazed, por reflexo, buscou uma mente de estanho para usar na melhoria da visão. Afastou o impulso e apertou os olhos contra a luz da tarde.

— Parece…

— Tapeçarias — disse um dos soldados que marchava ao lado da carruagem. — E mobília… objetos ricos que são sinais de nobreza, de acordo com o Cidadão. A queima foi preparada para as vistas dos senhores, claro. Quellion provavelmente mantém armazéns para que possa ordenar sua queima em momentos teatralmente adequados.

Sazed ficou paralisado, pois o soldado era notavelmente bem informado. Olhou mais de perto, desconfiado. Como todos os seus homens, aquele usava uma capa com capuz puxado para frente, protegendo-o das cinzas que caíam. Quando o homem virou a cabeça, o terrisano conseguiu ver que, estranhamente, usava uma venda grossa amarrada sobre os olhos, como se fosse cego. Apesar disso, Sazed reconheceu seu rosto.

— Fantasma, meu garoto! — Brisa exclamou. — Sabia que você apareceria uma hora ou outra. Por que a venda?

Fantasma não respondeu à pergunta. Em vez disso, virou-se, olhando para as chamas reluzentes da fogueira. Parecia haver uma… tensão em sua postura.

O tecido deve ser fino o bastante para enxergar através dele, Sazed pensou. Era a única explicação para a maneira hábil e graciosa com a qual Fantasma se movia, apesar da venda. Mas certamente parecia grossa o bastante para obscurecer a visão…

Fantasma se virou para Sazed.

— Vocês vão precisar de uma base de operações na cidade. Já escolheram uma?

Brisa negou com a cabeça.

— Estávamos pensando em usar uma estalagem.

— Não há estalagens de verdade na cidade — Fantasma revelou. — Quellion diz que os cidadãos devem cuidar uns dos outros, permitindo que visitantes fiquem em seus lares.

— Hum — Brisa disse. — Talvez precisemos acampar lá fora.

Fantasma fez que não com a cabeça.

— Não precisam. Sigam-me.

— O Cantão do Ministério da Inquisição? — Sazed perguntou, franzindo o cenho ao descer da carruagem.

Fantasma estava diante deles, nos degraus que levavam para dentro do grande edifício. Ele se virou, meneando a cabeça estranhamente envolta em panos.

— Quellion não tocou em nenhum dos edifícios ministeriais. Ordenou que portas e janelas fossem pregadas com tábuas, mas não pilhou ou queimou nenhum deles. Acho que ele tem medo dos Inquisidores.

— Um medo saudável e racional, meu garoto — disse Brisa, ainda sentado na carruagem.

Fantasma bufou.

— Os Inquisidores não virão nos incomodar, Brisa. Estão ocupados demais tentando matar Vin. Venham.

Ele subiu os degraus, e Sazed o seguiu. Às suas costas, ele conseguiu ouvir Brisa suspirar exageradamente, em seguida ordenar que um dos soldados trouxesse o guarda-sol para protegê-lo das cinzas.

O edifício era amplo e imponente, como a maioria das construções de Ministérios. Durante os dias do Senhor Soberano, esses prédios eram a lembrança do poderio imperial em todas as cidades do Império Final. Os sacerdotes que os ocupavam eram, em sua maioria, burocratas e funcionários — e, no entanto, aquele tinha sido o verdadeiro poder do Império Final: seu controle sobre os recursos e a administração da população.

Fantasma estava ao lado das portas amplas e pregadas com tábuas do prédio. Como a maioria das estruturas em Urteau, eram feitas de madeira, não de pedra. Ele olhou fixamente para cima, como se assistisse às cinzas caírem, enquanto esperava Sazed e Brisa. Sempre fora calado, ainda mais depois da morte do tio durante o ataque a Luthadel. Quando o terrisano chegou, Fantasma começou a arrancar as tábuas da frente do prédio.

— Estou feliz por você estar aqui, Sazed — ele disse.

Sazed se aproximou para ajudar a arrancar as tábuas. Puxou, tentando retirar os pregos — ainda assim, ele devia ter escolhido uma das tábuas mais teimosas, pois, enquanto as que Fantasma pegava pareciam se soltar com facilidade, a de Sazed se recusava sequer a se curvar.

— E por que está feliz que eu esteja aqui, Lorde Fantasma?

Fantasma bufou.

— Não sou lorde, Sazed. Elend nunca me deu um título.

Sazed sorriu.

— Ele disse que você só queria um para impressionar as mulheres.

— Claro que sim — Fantasma respondeu, sorrindo enquanto puxava outra tábua. — Que outro motivo haveria para se ter um título? De qualquer forma, me chame apenas de Fantasma. É um bom nome.

— Muito bem.

Fantasma estendeu o braço, usando apenas uma das mãos para casualmente arrancar a tábua que Sazed estivera tentando mover. *Quê?*, Sazed pensou, em choque. Ele não era de forma alguma musculoso, mas também não achava que Fantasma o fosse. O rapaz devia estar praticando com pesos.

— Seja como for — Fantasma disse, virando-se —, estou feliz que esteja aqui, pois tenho coisas a discutir com você. Coisas que outros talvez não entendam.

Sazed franziu a testa.

— Coisas de que natureza?

Fantasma sorriu, em seguida bateu com o ombro contra a porta, abrindo-a; dava em uma câmara escura e cavernosa.

— Coisas de deuses e homens, Sazed. Venha comigo.

O garoto desapareceu na escuridão. Sazed esperou do lado de fora, mas Fantasma não chegou a acender um lampião. Conseguia ouvir o jovem movendo-se lá dentro.

— Fantasma? — chamou. — Não consigo enxergar aí dentro. Você teria um lampião?

Houve um momento de silêncio.

— Ah — a voz de Fantasma disse. — Certo. — Um momento depois, houve uma faísca, e um lampião começou a brilhar.

Brisa seguiu tranquilamente atrás de Sazed.

— Diga-me, Sazed — ele falou baixinho —, sou eu, ou o garoto mudou desde que o vimos da última vez?

— Ele parece bem mais confiante — Sazed respondeu, assentindo. — Mais hábil também. Mas qual você acha que seja o objetivo daquela venda?

Brisa deu de ombros, tomando o braço de Allrianne.

— Ele sempre foi um tanto estranho. Talvez ache que isso o disfarçará e ajudará a impedir de ser reconhecido como um membro do bando de Kelsier. Considerando a melhora na disposição, e na dicção, do rapaz, não ligo de lidar com uma esquisitice ou duas.

Brisa e Allrianne entraram no edifício, e Sazed acenou para o Capitão Goradel, indicando que protegesse o perímetro lá fora. O homem assentiu, enviando um esquadrão de soldados para seguir Sazed e os demais. Por fim, o terrisano ficou sério e entrou no prédio.

Ele não sabia bem o que esperar. O prédio fora parte do Cantão da Inquisição — o mais execrável dos braços do Ministério. Não era um lugar no qual Sazed gostava de entrar. O último edifício desses no qual entrou fora o Convento de Seran, e a experiência fora realmente sinistra. Esse prédio, no entanto, mostrou-se bem diferente — era apenas outro escritório burocrático. Tinha uma mobília um pouco mais austera que a maioria dos prédios do Ministério, verdade, mas ainda ostentava tapeçarias em paredes revestidas de madeira e amplos tapetes vermelhos no chão. Os ornamentos eram de metal, e havia lareiras em cada cômodo.

Conforme seguia Brisa e Fantasma pelo prédio, Sazed era capaz de imaginar o que fora aquele lugar durante os dias do Senhor Soberano. Não deveria haver poeira na época, mas um ar de eficiência ligeira. Os administradores teriam sentado àquelas escrivaninhas, coletando e completando informações sobre casas nobres, rebeldes skaa e até mesmo sobre outros Cantões do Ministério. Houvera uma rixa duradoura entre o Cantão da Ortodoxia, que administrava o império do Senhor Soberano, e o Cantão da Inquisição, que o fiscalizava.

Aquele não era um lugar a se temer, mas um lugar de livros de registro e arquivos. Os Inquisidores provavelmente tinham muito raramente visitado o edifício. Fantasma os guiou por várias salas apinhadas de coisas até uma câmara de armazenagem menor, ao fundo. Ali, Sazed conseguiu perceber que a poeira no chão havia sido remexida.

— Você esteve aqui antes? — questionou, entrando na sala depois de Fantasma, Brisa e Allrianne.

Fantasma assentiu.

— E Vin também. Não se lembra do relatório? — Ele tateou o chão, encontrando por fim uma tranca escondida e abrindo um alçapão. Sazed espreitou a caverna escura abaixo.

— Do que ele está falando? — Allrianne sussurrou para Brisa. — Vin esteve aqui?

— Ela fez o reconhecimento da cidade, querida — O Abrandador falou. — Para encontrar…

— O depósito — Sazed interrompeu quando Fantasma começou a descer uma escada para dentro da escuridão, deixando o lampião para trás. — O depósito de suprimentos deixado pelo Senhor Soberano. Todos eles estão embaixo de prédios do Ministério.

— Bem, estamos aqui para recuperá-lo, não é? — Allrianne perguntou. — Então, conseguimos. Por que se importar com aquele tal Cidadão e seus camponeses malucos?

— Não há maneira de tirarmos esses suprimentos da cidade com o Cidadão no controle. — A voz de Fantasma pairou até eles, ecoando levemente. — Há muita coisa aqui embaixo.

— Além disso, minha querida — Brisa disse —, Elend não nos enviou aqui apenas para pegar esses suprimentos, mas também para suprimir uma rebelião. Não podemos ter uma de nossas maiores cidades em revolta e, *principalmente*, não podemos permitir que a rebelião se espalhe. No entanto, devo dizer que me é estranho estar deste lado da questão; digo, impedir uma rebelião em vez de iniciar uma.

— Talvez tenhamos que organizar uma rebelião *contra* a rebelião, Brisa. — A voz de Fantasma ecoou lá embaixo. — Se isso deixar você mais confortável. De qualquer forma, vocês três vão descer ou não?

Sazed e Brisa se entreolharam. O Abrandador apontou para o fosso escuro.

— Depois de você.

Sazed pegou o lampião e desceu a escada. Ao fundo, encontrou uma pequena câmara de pedra, cuja parede havia sido empurrada para revelar uma caverna. Entrou na caverna, Brisa alcançando o solo atrás dele e ajudando Allrianne a descer em seguida.

Sazed ergueu o lampião, encarando o espaço em silêncio.

— Pelo Senhor Soberano! — Brisa disse, entrando na caverna atrás de

Sazed. — É enorme!

— O Senhor Soberano preparou esses depósitos para o caso de um desastre — Fantasma comentou à frente deles na caverna. — Foram planejados para ajudar o império a passar pelo que estamos enfrentando. Eles não seriam muito úteis se não fossem criados em escala grandiosa.

“Grandiosa” era a palavra correta. Estavam em uma plataforma próxima ao teto da caverna, e uma vasta câmara estendia-se abaixo deles. Sazed conseguia ver fileiras e mais fileiras de estantes alinhando-se pelo chão da caverna.

— Acho que deveríamos montar nossa base aqui, Sazed — Fantasma disse, movendo-se na direção das escadas que levavam ao chão da caverna. — É o único lugar defensável da cidade. Se ocuparmos o prédio lá em cima com nossas tropas, poderemos usar os suprimentos desta caverna… e até mesmo nos retirar para cá em uma emergência. Poderíamos defender esse lugar até mesmo contra um ataque direto.

Sazed se virou, examinando a entrada de pedra da câmara. Era tão pequena que apenas um homem poderia passar por vez — o que significava que seria muito fácil de vigiar. E provavelmente havia uma maneira de fechá-la.

— De repente, me sinto muito mais seguro nesta cidade — Brisa observou.

Sazed assentiu. Ele se virou, observando a caverna novamente. À distância, conseguiu ouvir algo.

— É água?

Fantasma estava descendo os degraus. Novamente, sua voz ecoou sinistramente na câmara.

— Cada depósito tem uma especialidade; algo que contém mais que todos os outros.

Sazed desceu os degraus conforme os soldados de Goradel entravam na câmara atrás de Brisa. Embora estivessem trazendo mais lampiões, Brisa e Allrianne preferiram se manter perto de Sazed quando desceram.

O terrisano logo percebeu que conseguia ver algo cintilando à distância. Ergueu o lampião, parando nos degraus ao reparar que um tanto da escuridão à distância era plano demais para ser parte do chão da caverna.

Brisa soltou um assobio baixo enquanto eles examinavam o enorme lago subterrâneo.

— Bem — ele observou —, acho que sabemos para onde foi toda aquela água dos canais.

Originalmente, os homens acreditavam que a perseguição de Rashek à religião de Terris se originava do ódio. E, agora que sabemos que o próprio Rashek era um terrisano, sua destruição de tal religião parece estranha. Suspeito que teve algo a ver com as profecias sobre o Herói das Eras. Rashek sabia que, no fim, o poder de Preservação acabaria voltando para o Poço da Ascensão. Se permitisse que a religião de Terris sobrevivesse, talvez, algum dia, uma pessoa encontrasse o caminho até o Poço e tomasse o poder, usando-o em seguida para derrotá-lo e derrubar seu império. Então, ele suprimiu o conhecimento sobre o Herói e o que ele deveria fazer, na esperança de guardar o segredo do Poço para si.

30

— Vocês não vão nem tentar me dissuadir? — Elend perguntou num tom divertido.

Ham e Cett se entreolharam.

— Por que faríamos isso, El? — Ham questionou, parado em frente ao barco. A distância, o sol estava se pondo, e as brumas já haviam começado a se reunir. O barco balançava em silêncio, e os soldados vagueavam pelas margens do canal, preparando-se para a noite. Uma semana havia passado desde o primeiro reconhecimento de Fadrex por Vin, e ela ainda não havia conseguido invadir o depósito.

A noite do próximo baile havia chegado, e Elend e Vin estavam planejando aparecer.

— Bem, posso pensar em alguns motivos pelos quais vocês poderiam protestar — Elend disse, contando-os nos dedos. — Primeiro, não é sábio me expor a uma captura em potencial. Segundo, ao me revelar na festa, mostrarei que sou um Nascido da Bruma, confirmando certos rumores nos quais Yomen talvez não acredite. Terceiro, colocarei nossos dois Nascidos da Bruma no mesmo lugar, onde podem ser facilmente atacados… o que não pode não ser uma boa ideia. Por fim, há o fato de que ir a um baile no meio de uma guerra é simples e *absolutamente maluco.*

Ham deu de ombros, recostando-se com o cotovelo no parapeito do convés.

— Não é muito diferente de quando vocês entraram no acampamento do seu pai durante o cerco de Luthadel. Exceto que você não era um Nascido da Bruma na época e nem estava em tal posição de poder político. Yomen seria louco se fizesse um movimento contra você. Ele precisa saber que, se você estiver no mesmo lugar que ele, é ele quem estará em perigo mortal.

— Ele vai fugir — Cett disse de seu assento. — Essa festa vai terminar no momento em que vocês chegarem.

— Não, não acho que vá. — Elend olhou na direção da cabine, onde Vin ainda estava se aprontando. Ela havia pedido para os alfaiates do acampamento

modificarem um dos vestidos das cozinheiras. Ele estava preocupado. Não importava o quanto o vestido ficasse bom, pareceria deslocado se comparado aos luxuosos vestidos de baile.

Voltou a atenção para Cett e Ham.

— Não acho que Yomen fugirá. Ele deve saber que, se Vin quisesse matá-lo, atacaria seu palácio em segredo. Está tentando a todo custo fingir que nada mudou desde que o Senhor Soberano desapareceu. Nossa presença no baile fará com que ele pense que estamos dispostos a fingir com ele. Ficará e verá se pode ganhar alguma vantagem ao se encontrar conosco nos próprios termos.

— O homem é um tolo — Cett protestou. — Não consigo acreditar que ele deseja que as coisas voltem a ser como eram.

— Pelo menos está tentando dar aos súditos o que eles querem. Foi aí que você errou, Cett. Perdeu o reino no momento em que saiu porque não se deu ao trabalho de agradar ninguém.

— Um rei não precisa agradar ninguém — Cett retrucou, ríspido. — É ele quem tem o exército, o que significa que as *outras pessoas* devem agradá-lo.

— Na verdade — Ham falou, coçando o queixo —, essa teoria não pode ser verdade. Um rei precisa agradar alguém. Afinal, mesmo que pretenda *forçar* todos a fazerem o que ele diz, ainda precisa ao menos agradar o exército. Por outro lado, acho que se o exército estiver satisfeito simplesmente em poder intimidar o povo, você poderia ter um argumento…

Ham parou de falar, parecendo pensativo, e Cett o encarou com raiva.

— Para você tudo precisa ser um maldito quebra-cabeças lógico? — ele questionou. Ham se limitou a continuar coçando o queixo.

Elend sorriu, passando os olhos pela cabine mais uma vez. Era bom ouvir Ham agindo como ele mesmo. Cett contestava os comentários de Ham quase tanto quanto Brisa. Na verdade… *Talvez seja por isso que Ham não tem estado tão propenso às suas pequenas charadas lógicas nos últimos tempos,* pensou Elend. *Não havia ninguém para reclamar delas.*

— Então, Elend… — Cett disse. — Se você morrer, estarei no comando, certo?

— Vin assumirá o comando se algo acontecer comigo — Elend respondeu. — Você sabe.

— Certo — Cett continuou. — E se vocês dois morrerem?

— Sazed será o próximo na sucessão imperial depois de Vin, Cett. Já

discutimos isso.

— Sim, mas e quanto a este exército? Sazed está em Urteau. Quem vai liderar esses homens até encontramos ele?

Elend suspirou.

— Se, de algum modo, Yomen conseguir matar a mim e também a Vin, sugiro que você fuja. Porque, sim, você estaria no comando aqui e seria o próximo alvo do Nascido da Bruma que tiver nos matado.

Cett sorriu, satisfeito, enquanto Ham franzia o cenho.

— Você nunca quis títulos, Ham — Elend apontou. — E se irritou com cada posição de liderança que eu lhe dei.

— Eu sei, mas e quanto a Demoux?

— Cett tem mais experiência. Ele é um homem melhor do que finge ser, Ham. Confio nele. Terá de bastar para você. Cett, se as coisas saírem muito mal, eu o encarrego de voltar a Luthadel e procurar Sazed para lhe dizer que ele é o imperador. Agora, acho que…

Elend hesitou quando a porta da cabine se abriu. Ele se virou, abrindo seu melhor sorriso de consolação, e ficou paralisado.

Vin estava na entrada da cabine, trajando um vestido preto estonteante com adornos em prata e um corte um tanto moderno. De alguma forma, ele conseguia parecer justo, apesar da saia em forma de sino, que se abria com as anáguas. Os cabelos pretos, que ela costumava usar presos em um rabo de cavalo, estavam soltos, chegando até o início das costas, bem cortados e levemente encaracolados. A única joia que usava era seu brinco simples, que ganhara da mãe na infância.

Ele sempre a achara bonita. E, ainda assim… quanto tempo fazia desde que ele a vira de vestido, com os cabelos arrumados e maquiagem? Tentou dizer algo, fazer um elogio, mas a voz simplesmente não saiu.

Ela foi até ele com passos leves e lhe deu um beijo breve.

— Vou tomar isso como um indício de que consegui fazer tudo direitinho. Tinha me esquecido de como vestidos podiam ser *chatos*. E a maquiagem! Honestamente, Elend, você nunca mais vai poder reclamar sobre seus trajes.

Ao lado deles, Ham estava rindo. Vin se virou.

— Que foi?

— Ah, Vin — Ham falou, recostando-se e cruzando os braços musculosos —, quando você resolveu crescer assim, hein? Parece que foi na semana passada

que ainda estava tropeçando por aí, escondida nos cantos, com cabelos de menino e atitude de um ratinho.

Vin sorriu com ternura.

— Lembra a primeira vez que nos encontramos? Você pensou que eu fosse uma intermediária.

Ham assentiu.

— Brisa quase caiu duro quando descobriu que estávamos falando com uma Nascida da Bruma o tempo todo! Honestamente, Vin. Às vezes não consigo acreditar que você é aquela mesma garota assustada que Kelsier trouxe para o bando.

— *Cinco anos* se passaram, Ham. Estou com 21, agora.

— Eu sei — Ham disse, suspirando. — Você é como meus filhos, que viraram adultos antes que eu tivesse tempo de conhecê-los como crianças. Na verdade, provavelmente conheço você e El melhor do que qualquer um deles…

— Você vai voltar para seus filhos, Ham — Vin garantiu, estendendo a mão e pousando-a no ombro do amigo. — Assim que tudo isso tiver acabado.

— Ah, eu sei disso — ele falou, sorrindo, sempre otimista. — Mas a gente nunca consegue recuperar o que perdeu. Espero que tudo isso valha a pena.

Elend sacudiu a cabeça, finalmente recuperando a voz.

— Tenho apenas uma coisa a dizer. Se esse vestido é o que as cozinheiras vêm usando, estou pagando *demais* a elas.

Vin soltou uma gargalhada.

— Sério, Vin. Os alfaiates do exército são bons, mas não há como este vestido ter vindo dos materiais que tínhamos no acampamento. Onde o conseguiu?

— É um mistério — Vin disse, estreitando os olhos e sorrindo. — Nós, Nascidos da Bruma, somos incrivelmente misteriosos.

Elend hesitou.

— Hum… sou Nascido da Bruma também, Vin. Isso não faz sentido nenhum.

— Nós, Nascidos da Bruma, não precisamos fazer sentido — disse Vin. — Estamos acima dele. Vamos, o sol já está baixo. Precisamos partir.

— Divirtam-se dançando com nossos inimigos — Ham comentou quando Vin saltou do barco e em seguida se *empurrou* bruma adentro. Elend acenou um

adeus, *empurrando-se* no ar também. Enquanto partia, seus ouvidos aguçados pelo estanho ouviram a voz de Ham se dirigindo a Cett.

— Então… você não pode ir a lugar algum, a menos que alguém carregue você, certo? — o Brutamontes perguntou.

Cett grunhiu.

— Muito bem, então — Ham disse, soando muito contente. — Tenho algumas charadas filosóficas das quais acho que você vai gostar…

Saltos alomânticos *não* eram fáceis quando seu traje consistia em um vestido de baile. Todas as vezes que Vin começava a descer, a barra do vestido se inflava ao redor dela, ondulando e esvoaçando como uma revoada de pássaros assustados.

Ela não estava especialmente preocupada em exibir o que estava sob o vestido. Não apenas estava escuro demais para a maioria das pessoas ver, mas ela usava calças justas embaixo das anáguas. Infelizmente, vestidos ondulantes — e a resistência que eles criavam no ar — deixavam o controle de salto muito mais difícil, além de fazer muito barulho. Ela se perguntou o que os guardas pensavam enquanto ela passava sobre as plataformas rochosas que serviam como muralhas naturais para a cidade. Aos seus ouvidos, ela parecia uma dezena de bandeiras esvoaçantes que se debatiam no meio de uma tempestade de vento.

Ela enfim reduziu a velocidade, mirando um telhado sem cinzas. Pousou suavemente, equilibrou-se e girou com o vestido revoltoso antes de parar e esperar por Elend. Ele surgiu em seguida, aterrissando com menos leveza, sua chegada consistindo em um baque surdo e um grunhido. Não que ele fosse ruim nos *empurrões* e *puxões* — apenas não tinha tanta prática quanto Vin. Ela provavelmente fora igual a ele durante seus primeiros anos como alomântica.

Bem… talvez não tão igual assim, ela pensou com carinho enquanto Elend se aprumava. *Mas tenho certeza de que muitos alomânticos estavam no nível de Elend com apenas um ano de prática.*

— Foi uma série e tanto de saltos, Vin — Elend disse, ofegando um pouco enquanto olhava para trás na direção das formações rochosas íngremes, com fogueiras queimando alto na noite. Usava seu uniforme militar padrão branco, um dos mesmos que Tindwyl havia projetado para ele. Havia mandado escová-lo para tirar as cinzas e feito a barba.

— Não consegui aterrissar muitas vezes — Vin explicou. — Essas anáguas

brancas vão manchar facilmente com as cinzas. Vamos, precisamos entrar.

Elend se virou, sorrindo na escuridão. Ele parecia mesmo empolgado. — O vestido. Você pagou a um alfaiate de dentro da cidade para fazê-lo?

— Na verdade, paguei a um amigo de dentro da cidade para que mandasse fazê-lo para mim e me trazer a maquiagem.

Ela saltou para longe, na direção da Fortaleza Orielle — que, de acordo com Slowswift, era o local do baile daquela noite. Ela se manteve no ar, sem aterrissar. Elend a seguiu, usando as mesmas moedas.

Logo se aproximaram de uma explosão de cores nas brumas, como a aurora boreal de uma das histórias de Sazed. A bolha de luz transformou-se na imensa fortaleza que ela vira durante o reconhecimento prévio, suas janelas com vitrais reluzindo por dentro. Vin se inclinou para descer, perfurando as brumas. Considerou por um instante aterrissar no terreno fora do pátio — longe de olhos vigilantes — para que ela e Elend pudessem se aproximar das portas com sutileza. Mas decidiu fazer o contrário.

Aquela não era uma noite para sutilezas.

Então desceu diretamente nos degraus acarpetados que levavam até a entrada principal da fortaleza com ares de castelo. Sua aterrissagem fez voarem flocos de cinza, abrindo uma pequena clareira de limpeza. Elend aterrissou ao lado dela um segundo depois e em seguida se ajeitou, a capa branca brilhante revoando ao seu redor. No alto dos degraus, um par de criados uniformizados vinha cumprimentando os convidados e os conduzindo para dentro do edifício. Os dois homens ficaram paralisados, com expressões atônitas no rosto.

Elend ofereceu o braço para Vin.

— Vamos?

Vin o tomou.

— Claro. De preferência antes de esses homens conseguirem chamar os guardas.

Eles subiram os degraus com passos firmes, sons de surpresa ecoando atrás deles, onde um pequeno grupo de nobres deixava uma carruagem. Mais adiante, um dos criados avançou e interceptou Vin e Elend. Elend pousou a mão cuidadosamente contra o peito do homem, lançando-o para o lado com um empurrão impulsionado pelo peltre. O homem cambaleou até bater na parede. O outro saiu correndo para buscar os guardas.

Dentro da antecâmara, a nobreza à espera começou a sussurrar e questionar.

Vin os ouviu perguntar se alguém reconhecia aqueles recém-chegados estranhos, uma em trajes pretos, o outro de branco. Elend prosseguiu com firmeza, Vin ao seu lado, fazendo as pessoas tropeçarem umas nas outras para abrir caminho. Passaram rapidamente pela saleta, e Elend entregou um cartão com seus nomes para um servo que anunciava as chegadas no salão de baile.

Eles esperaram junto ao criado, e Vin percebeu que tinha começado a segurar o fôlego. Parecia-lhe que estava revivendo um sonho — ou seria uma lembrança querida? Por um momento, voltou a ser aquela jovem de quatro anos antes, chegando à Fortaleza Venture para seu primeiro baile, nervosa, perguntando-se se conseguiria, de fato, desempenhar seu papel.

Ainda assim, ela não sentia a mesma insegurança. Não se preocupava se a aceitariam ou acreditariam nela. Havia matado o Senhor Soberano. Casara-se com Elend Venture. E — ainda mais notável —, de alguma forma, em meio ao caos e à balbúrdia, havia descoberto quem era. Não uma menina das ruas, embora tivesse sido criada nelas. Não uma mulher da corte, embora apreciasse a beleza e a graça dos bailes. Era outra pessoa.

Alguém de quem gostava.

O criado releu o cartão de Elend e ficou pálido. Ele ergueu os olhos. Elend encarou o homem, em seguida lhe deu um pequeno meneio de cabeça, como se dissesse: “Sim, temo que seja verdade.”

O criado limpou a garganta, e Elend conduziu Vin para dentro do salão de baile.

— Sua Alteza, o imperador Lorde Elend Venture — o criado anunciou em alto e bom som. — E a Imperatriz Vin Venture, Herdeira do Sobrevivente, Heroína das Eras.

O salão de baile inteiro ficou repentinamente — e anormalmente — quieto. Vin e Elend pararam à entrada, dando à nobreza reunida a chance de vê-los. Parecia que o grandioso salão principal da Fortaleza Orielle, como o da Fortaleza Venture, também era seu salão de bailes. No entanto, em vez de ser um cômodo alto com um teto amplo e abobadado, aquele salão tinha um teto relativamente baixo e pequeno, com desenhos intrincados esculpidos na pedra. Como se o arquiteto tivesse aspirado a beleza em uma escala delicada, em vez de imponente.

A câmara inteira era revestida com mármore branco em vários tons. Embora fosse grande o bastante para abrigar centenas de pessoas — mais uma área de dança e mesas —, ainda dava uma sensação intimista. O salão era dividido por

fileiras de pilares ornamentais de mármore, e decorado com grandes vitrais que corriam do assoalho ao teto. Vin ficou impressionada — a maioria das fortalezas em Luthadel deixava seus vitrais para as paredes circundantes para que pudessem ser iluminados de fora para dentro. Mesmo que a fortaleza tivesse alguns daqueles, ela rapidamente percebeu que as verdadeiras obras de arte haviam sido postas ali, independentes, dentro do salão de baile, onde podiam ser admiradas dos dois lados.

— Pelo Senhor Soberano — sussurrou Elend, examinando as pessoas reunidas. — Eles *realmente* acham que podem simplesmente ignorar o restante do mundo, não acham?

Ouro, prata, bronze e latão reluziam sobre as figuras em vestidos de baile brilhantes e ternos distintos. Os homens em geral usavam trajes escuros, e as mulheres usavam cores. Havia um grupo de músicos de instrumentos de corda em um canto distante, sua melodia desimpedida pela atmosfera abalada. Criados esperavam, incertos, segurando bebidas e petiscos.

— Acham — Vin murmurou. — Devíamos sair da entrada. Quando os guardas vierem, é melhor estarmos misturados à multidão para deixá-los se questionando se realmente devem atacar.

Elend sorriu, e ela sabia que ele estava se lembrando da tendência dela de evitar que as costas ficassem expostas. No entanto, também sabia que Elend reconhecia sua razão. Eles desceram um curto lance de degraus de mármore, ingressando na festa.

Os skaa teriam se esquivado de um casal tão perigoso, mas Vin e Elend usavam a máscara da dignidade nobre. A aristocracia do Império Final era muito adepta do fingimento — e quando não sabiam como se comportar, voltavam ao velho padrão: maneiras civilizadas.

Lordes e ladies fizeram suas mesuras e reverências, agindo como se a presença do imperador e da imperatriz fosse completamente esperada. Vin deixou Elend conduzi-la, pois o marido tinha muito mais experiência que ela em matéria de corte. Ele assentia àqueles pelos quais passavam, exibindo apenas a quantidade certa de autoconfiança. Lá atrás, os guardas finalmente chegaram às portas. No entanto, pararam, obviamente hesitantes em perturbar a festa.

— Lá — Vin falou, meneando a cabeça para a esquerda. Através de uma partição de vitrais, ela conseguiu distinguir uma figura que estava sentada a uma mesa elevada.

— Estou vendo — Elend disse, levando-a a contornar o vidro e dando a Vin

a primeira visão de Aradan Yomen, rei do Domínio Ocidental.

Era mais jovem do que ela esperava — talvez da idade de Elend. Com um rosto redondo e olhos sérios, Yomen tinha a cabeça raspada à moda dos obrigadores. Sua túnica cinza-escura era uma marca de sua posição, assim como os padrões complicados de tatuagens ao redor dos olhos, que o proclamavam membro de alta patente do Cantão de Recursos.

Yomen se levantou à aproximação de Vin e Elend. Parecia completamente atônito. Atrás dele, soldados haviam começado a, cautelosamente, abrir caminho até o salão. Elend parou a uma distância da mesa alta, com sua toalha branca e seus utensílios, taças e pratos de cristal puro. Ele encontrou o olhar de Yomen, os outros convidados tão quietos que Vin achou que a maioria estava segurando a respiração.

Vin verificou as reservas de metal, virando-se levemente, mantendo um olho nos guardas. Então, de soslaio, ela viu Yomen erguer a mão e sutilmente refrear os guardas.

As conversas recomeçaram quase imediatamente no salão. Yomen voltou a se sentar, parecendo perturbado, sem recomeçar a comer.

Vin olhou para Elend.

— Bem — ela sussurrou —, estamos dentro. E agora?

— Preciso falar com Yomen — Elend disse. — Mas gostaria de esperar um pouco; dar a ele a chance de se acostumar com a nossa presença.

— Então, deveríamos nos misturar.

— Vamos nos separar? Podemos cobrir mais nobres desse jeito.

Vin hesitou.

— Eu posso me proteger, Vin — Elend afirmou, sorrindo. — Prometo.

— Tudo bem. — Vin assentiu, embora aquele não fosse o motivo da hesitação.

— Fale com o máximo de pessoas que puder. Estamos aqui para estilhaçar a imagem de segurança dessas pessoas. Afinal de contas, acabamos de provar que Yomen não consegue nos manter fora de Fadrex, mostrando que nos sentimos tão pouco ameaçados por ele que viemos dançar em um baile do qual ele está participando. Assim que tivermos agitado um pouco as coisas, falarei com o rei, e todos vão querer ouvir.

Vin assentiu antes de dizer:

— Quando se misturar, observe as pessoas que pareçam estar dispostas a nos

apoiar contra o atual governo. Slowswift insinuou que alguns na cidade não estão satisfeitas com o modo que o rei vem conduzindo as coisas.

Elend assentiu e a beijou no rosto; em seguida, ela estava sozinha. Vin caminhou em seu belo vestido, sentindo um momento de choque. Nos últimos dois anos, havia enfaticamente lutado para se manter fora de situações nas quais tivesse de usar vestidos e se misturar à nobreza. Usara calças e camisas com determinação, tomando para si a tarefa de semear o desconforto naqueles que considerava cheios demais de si.

E, apesar de tudo isso, foi ela quem sugeriu aquela infiltração a Elend. Por quê? Por que se colocar de volta naquela situação? Não estava insatisfeita com quem era — não precisava provar nada colocando outro vestido estúpido e encenando conversas fidalgas com um bando de nobres que ela não conhecia.

Precisava?

De nada adianta incomodar-se com isso agora, pensou, examinando a multidão. Bailes da nobreza em Luthadel — e ela podia apenas supor que ali também — eram situações muito educadas, pensadas para incentivar encontros entre a nobreza e, portanto, facilitar trocas políticas. Bailes foram no passado a principal forma de esporte para os nobres, que levavam uma vida privilegiada sob o governo do Senhor Soberano pela amizade que o tirano tivera com seus ancestrais, antes da Ascensão.

Portanto, a festa era formada por pequenos grupos — alguns casais misturados, mas muitos agrupamentos apenas de mulheres ou de homens. Não se esperava que um casal ficasse junto o tempo todo. Havia salas contíguas para onde cavalheiros podiam se retirar e beber com seus aliados, deixando as mulheres conversando no salão.

Vin avançou, pegando uma taça de vinho da bandeja de um criado que passava. Ao se separar, Elend e ela indicavam que estavam abertos a conversar com outros. Infelizmente, fazia muito, muito tempo desde que Vin estivera sozinha em uma festa como aquela. Sentia-se pouco à vontade, indecisa quanto a se aproximar de um dos grupos ou esperar para ver se alguém vinha até ela. Sentia um pouco como se fosse aquela primeira noite, quando fora à Fortaleza Venture posar de nobre solitária, Sazed como seu único guia.

Naquele dia, ela representara um papel, escondida sob a identidade de Valette Renoux. Não podia mais ser assim. Todos sabiam quem ela realmente era. Aquilo a teria incomodado no passado, mas hoje, não. Ainda assim, ela não conseguia fazer o que havia feito na época — ficar parada e esperar os outros

virem até ela. O salão inteiro parecia fitá-la.

Caminhou com passos seguros através do belo salão branco, ciente de quanto seu vestido preto se destacava das outras mulheres em suas cores. Ela se moveu pelas telas de vidro colorido que pendiam do teto como cortinas cristalinas. Dos antigos bailes, ela havia aprendido que havia uma coisa com a qual sempre poderia contar: onde quer que mulheres nobres se reunissem, uma sempre se apresentava como a mais importante.

Vin a encontrou com facilidade. A mulher tinha cabelos escuros, pele bronzeada e estava sentada a uma mesa, cercada por bajuladoras. Vin reconheceu aquele olhar arrogante, aquele jeito na voz que era apenas aguda o bastante para ser altiva, mas suave o bastante para fazer todos ouvirem atentamente.

Determinada, Vin se aproximou. Anos antes, ela fora forçada a começar de baixo. Não tinha mais tempo para aquilo. Não conhecia as sutis complexidades políticas da cidade — as alianças e as rivalidades. No entanto, havia uma coisa de que ela estava razoavelmente confiante.

Qualquer que fosse o lado que a mulher estivesse, Vin queria estar no lado oposto.

Várias bajuladoras ergueram os olhos quando Vin se aproximou, e ficaram pálidas. Sua líder teve a compostura de permanecer distante. *Ela vai tentar me ignorar*, Vin pensou. *Não posso dar-lhe essa opção*. Vin se sentou à mesa, a um lugar diretamente à frente da mulher. Em seguida, girou o corpo e se dirigiu a várias das bajuladoras mais jovens.

— Ela está planejando trair vocês — Vin disse.

As mulheres se entreolharam.

— Ela tem planos de sair da cidade — continuou. — Quando o exército atacar, ela não estará aqui. E vai deixar vocês todas morrerem. Se forem minhas aliadas, porém, farei com que sejam protegidas.

— Perdão? — a líder disse com voz indignada. — Eu a convidei para se sentar aqui?

Vin sorriu. *Foi fácil*. A base do poder do líder de um bando de ladrões era o dinheiro — se alguém o tomasse, ele cairia. Para uma mulher como aquela, seu poder estava nas pessoas que a ouviam. Para fazê-la reagir, era necessário simplesmente ameaçar tirar suas seguidoras.

Vin se virou de volta para confrontar a mulher.

— Não, você não me convidou. Eu me convidei. Alguém precisa alertar as

mulheres daqui.

A mulher torceu o nariz.

— Você espalha mentiras. Não sabe nada dos meus supostos planos.

— Não sei? Você não é do tipo que deixa um homem como Yomen determinar seu futuro, e, se as outras aqui pensarem um pouco, vão perceber que você não se deixaria pegar na Cidade de Fadrex sem um plano de fuga. Estou até surpresa de que ainda esteja aqui.

— Suas ameaças não me amedrontam — a lady disse.

— Eu não a ameacei ainda — Vin observou, bebericando o vinho. Deu um *empurrão* cuidadoso nas emoções das mulheres da mesa, deixando-as mais preocupadas. — Podemos chegar a esse ponto, se você desejar… embora, tecnicamente, eu já tenha sua cidade inteira sob ameaça.

A mulher estreitou os olhos para Vin.

— Não deem ouvidos a ela, ladies.

— Sim, Lady Patresen — uma das mulheres disse, falando um pouco rápido demais.

Patresen, Vin pensou, aliviada por alguém finalmente ter mencionado o nome da mulher. *Eu conheço esse nome?*

— Casa Patresen — Vin disse, indolente. — Não é aquela família prima da Casa Elariel?

Lady Patresen permaneceu em silêncio.

— Matei uma Elariel no passado — comentou Vin. — Foi uma boa luta. Shan era uma mulher muito esperta e uma Nascida da Bruma habilidosa. — Ela se inclinou para a frente. — Talvez você pense que as histórias sobre mim são exageros. Talvez acredite que eu não tenha matado o Senhor Soberano e que esta conversa seja apenas propaganda criada para ajudar a estabilizar o governo do meu marido.

“Pense o que quiser, Lady Patresen. Mas há uma coisa que *precisa* entender. Você não é minha adversária. Não tenho *tempo* para pessoas como você, uma mulher fútil numa cidade insignificante, parte de uma condenada cultura de nobreza. Não estou falando com você porque quero ser parte de seus esquemas; você não pode nem imaginar quão irrelevantes eles são para mim. Estou aqui apenas para dar um aviso. Vamos tomar esta cidade, e, quando o fizermos, haverá pouco espaço para pessoas que estiverem contra nós.

Patresen empalideceu levemente. No entanto, sua voz estava calma quando

ela se pronunciou.

— Duvido que seja verdade. Se pudesse tomar a cidade tão facilmente como alega, já teria tomado.

— Meu marido é um homem honrado e decidiu que desejava conversar com Yomen antes de atacar. No entanto, eu não sou tão moderada.

— Bem, *eu* acho que…

— Você não me entendeu, não é? — perguntou Vin. — Não importa o que você acha. Olhe, conheço seu tipo, deve ter contatos poderosos. Esses contatos já lhe disseram os números que trouxemos. Quarenta mil homens, vinte mil koloss e um contingente inteiro de alomânticos. Mais dois Nascidos da Bruma. Meu marido e eu não viemos a esta reunião para fazer aliados ou mesmo para fazer inimigos. Viemos para trazer um alerta. Sugiro que vocês o ouçam.

Ela pontuou o último comentário com um Abrandamento poderoso. Queria que tudo ficasse óbvio para as mulheres, que soubessem que estavam, de fato, sob sua influência. Em seguida, ela se levantou e se afastou da mesa.

O que dissera a Patresen não fora assim tão importante — o importante era que fora vista confrontando a mulher. Com sorte, aquilo posicionaria Vin em um dos lados na política da região, deixando-a menos ameaçadora a algumas facções no salão. Aquilo, por sua vez, a deixava mais acessível e…

O som de cadeiras arrastando-se soou atrás dela. Vin se virou, desconfiada, e viu a maioria da turma de Lady Patresen aproximar-se às pressas, deixando a líder sentada, praticamente sozinha à mesa, ódio estampado em seu rosto.

Vin ficou tensa.

— Lady Venture — disse uma das mulheres. — Talvez a senhora permita que… a apresentemos na festa?

Vin franziu o cenho.

— Por favor — a mulher insistiu bem baixinho.

Vin piscou, surpresa. Ela esperava que as mulheres se ressentissem dela, não que a *ouvissem*. Olhou ao redor. A maioria das mulheres parecia tão intimidada que Vin pensou que elas poderiam murchar como folhas ao sol. Sentindo-se um pouco confusa, assentiu e se deixou levar pela festa para as apresentações.

Rashek vestia tanto preto quanto branco. Acho que ele queria mostrar que era uma dualidade, Preservação e Ruína.

Isso, claro, era uma mentira. No fim das contas, ele apenas tocara um dos poderes — e apenas de forma muito sutil.

31

— Lorde Brisa pensou corretamente — Sazed disse, em pé diante de seu pequeno grupo. — Pelo que posso dizer, o desvio das águas para esse reservatório subterrâneo foi intencional. O projeto deve ter levado décadas. Exigiu o alargamento de passagens naturais para que a água, que no passado alimentava o rio e os canais lá em cima, corresse para dentro desta caverna.

— Sim, mas com qual objetivo? — Brisa perguntou. — Por que tanto esforço para mover um rio?

Três dias em Urteau haviam permitido que eles fizessem como Fantasma havia sugerido: mover as tropas para dentro do prédio do Ministério, tomando de forma ostensiva o local como residência. Não era possível que o Cidadão soubesse do depósito, ou já o teria saqueado. Aquilo significava que Sazed e sua equipe tinham uma vantagem, caso os eventos na cidade ficassem feios para eles.

Haviam tirado um pouco da mobília do prédio lá em cima e organizado tudo — com lençóis e tapeçarias criando “aposentos” — em meio às estantes da caverna. A lógica ditava que a caverna era o melhor lugar para passar o tempo, pois caso alguém atacasse o prédio do Ministério, lá era onde eles queriam estar. Estariam encurralados, de fato, mas, com os suprimentos que tinham, poderiam sobreviver indefinidamente e criar um plano de fuga.

Sazed, Brisa, Fantasma e Allrianne estavam sentados em uma dessas áreas divididas entre as estantes de comida.

— O motivo pelo qual o Senhor Soberano fez esse lago é simples, creio eu. — Sazed se virou para olhar o volume de água às suas costas. — Essa água vem de um rio subterrâneo, filtrada, muito provavelmente, pelas camadas de rocha. É água pura, como dificilmente se vê no Império Final. Sem cinzas, sem sedimentos. O objetivo dessa água é sustentar uma população, caso um desastre ocorra. Se ela ainda estivesse correndo nos canais lá em cima, rapidamente ficaria suja e poluída pela população da cidade.

— O Senhor Soberano estava olhando para o futuro — Fantasma disse, ainda vestindo aquela estranha venda nos olhos. Havia ignorado todas as perguntas e

questionamentos relacionados ao uso dela, embora Sazed já começasse a desconfiar de que tinha a ver com queima de estanho.

Sazed assentiu para o comentário do jovem.

— O Senhor Soberano não estava preocupado em causar ruína financeira em Urteau; queria apenas ter certeza de que esta caverna tivesse uma fonte constante e corrente de água fresca.

— Isso tudo não é irrelevante? — Allrianne perguntou. — Certo, temos água limpa. Mas e aquele maníaco governando a cidade?

Sazed hesitou, e os outros se viraram para olhá-lo. *Eu, infelizmente, estou no comando*.

— Bem, devemos falar sobre isso. O imperador Venture nos pediu para tomar a cidade. Como o Cidadão se mostrou indisposto a nos encontrar de novo, precisaremos discutir outras opções.

— Esse homem precisa cair — disse Fantasma. — Precisamos de assassinos.

— Temo que não vá funcionar muito bem, meu rapaz — Brisa comentou.

— Por que não? Matamos o Senhor Soberano, e isso funcionou muito bem.

— Ah — Brisa disse, erguendo um dedo —, mas o Senhor Soberano era insubstituível. Era um deus, e matá-lo criou um impacto psicológico em seus súditos.

Allrianne assentiu.

— O Cidadão não é uma força da natureza, mas um homem… e um homem pode ser substituído. Se matarmos Quellion, um de seus lacaios simplesmente tomará seu lugar.

— E seremos marcados como assassinos — Brisa acrescentou.

— Então, o que faremos? — Fantasma perguntou. — Deixamos ele para lá?

— Claro que não — Brisa respondeu. — Se quisermos tomar esta cidade, precisaremos destruí-lo e *só então* destituí-lo. Provamos que seu sistema inteiro é falho, que seu governo é, em essência, estúpido. Se conseguirmos isso, não vamos apenas impedi-lo, mas também impediremos a todos que tenham apoiado e trabalhado com ele. É a única maneira de conquistar Urteau que não seja trazer um exército para cá e tomá-la à força.

— E, como Sua Majestade fez a gentileza de nos deixar praticamente *sem* tropas… — Allrianne disse.

— Não estou convencido de que uma ação tão apressada seja necessária —

Sazed comentou. — Talvez, com mais tempo, possamos trabalhar com este homem.

— Trabalhar com *ele?* — Fantasma perguntou. — Vocês já estão aqui há três dias… não foi o bastante para verem como é Quellion?

— Eu vi — Sazed respondeu. — E, para ser totalmente honesto, não sei se posso culpar o Cidadão por suas visões.

Todos na caverna ficaram em silêncio.

— Talvez você devesse se explicar, meu caro — Brisa sugeriu, bebericando uma taça de vinho.

— As coisas que o Cidadão diz não são falsas — Sazed disse. — Não podemos culpá-lo por ensinar as mesmas coisas que Kelsier ensinou. O Sobrevivente falava de matar a nobreza; não há como negar, todos nós o vimos se dedicar a *essa* atividade com frequência. Ele falava da revolução e dos skaa se governarem.

— Ele falava de ações extremas em tempos extremos — Brisa comentou. — É isso o que se faz quando há a necessidade de motivar as pessoas. Nem Kelsier teria chegado assim tão longe.

— Talvez — Sazed disse. — Mas é mesmo surpreendente que as pessoas que ouviram Kelsier falar tenham criado esta sociedade? E que direito temos de tirá-la delas? De certa forma, eles vêm sendo mais fiéis a Kelsier que nós. Vocês conseguem realmente afirmar que ele ficaria satisfeito ao descobrir que colocamos um nobre no trono nem um dia depois de ele ter morrido?

Brisa e Fantasma se entreolharam, mas nenhum dos dois contestou.

— Mas isso não está certo — Fantasma finalmente disse. — Essas pessoas alegam conhecer Kelsier, mas não conhecem. Ele não queria um povo austero e explorado; queria um povo livre e feliz.

— Verdade. Além disso, nós *escolhemos* seguir Elend Venture, e ele nos deu uma ordem. Nosso império precisa destes suprimentos, e não podemos nos dar ao luxo de deixar uma rebelião organizada tomar e controlar uma das cidades mais importantes do império. Precisamos tomar este depósito e proteger o povo de Urteau. É pelo bem maior e tudo o mais!

Allrianne assentiu — e, como sempre, Sazed sentiu-a tocar suas emoções.

Pelo bem maior…, pensou. Sabia que Fantasma estava certo. Kelsier não iria querer que essa sociedade deturpada fosse perpetuada em seu nome. Algo precisava ser feito.

— Muito bem. Qual seria nossa linha de ação?

— Por ora, nada — Brisa disse. — Precisamos de tempo para sentir o clima da cidade. Quanto o povo está perto de se rebelar contra o caro Quellion? Quanto a cena criminosa local é ativa? O quanto são corruptíveis os homens que servem ao novo governo? Preciso de algum tempo para descobrir as respostas a essas perguntas, e então poderemos decidir o que fazer.

— Eu ainda apoio fazermos o que Kelsier fez — Fantasma disse. — Por que não podemos simplesmente derrubar o Cidadão como ele fez com o Senhor Soberano?

— Duvido que funcione — Brisa respondeu, bebericando seu vinho.

— Por que não?

— Por um motivo muito simples, meu rapaz. Não temos mais Kelsier.

Sazed assentiu. Aquilo era bem verdade, embora ele se perguntasse se em algum momento se livrariam do legado do Sobrevivente. De certa forma, a batalha naquela cidade sempre havia sido inevitável. Se Kelsier tivera um defeito, fora o ódio extremo que direcionara à nobreza. Fora um sentimento arrebatador que o movera, que lhe ajudara a conseguir o impossível. No entanto, Sazed temia que esse sentimento destruísse quem infectava.

— Leve o tempo que precisar, Brisa — ele concluiu. — Avise quando achar que estamos prontos para o próximo passo.

Brisa assentiu, e a reunião chegou ao fim. Sazed se levantou, suspirando baixinho. Quando encontrou os olhos de Brisa, o homem piscou para ele com um sorriso que parecia dizer “não será tão difícil quanto você pensa”. Sazed sorriu de volta e sentiu o toque de Brisa em suas emoções, tentando incentivá-lo.

Ainda assim, a mão do Abrandador era leve demais. Brisa não tinha como saber do conflito que ainda se revirava dentro de Sazed. Um conflito que ia além de Kelsier e dos problemas em Urteau. Estava feliz pelo tempo, mesmo que pouco, que teriam de esperar na cidade, pois ainda tinha muito trabalho com as religiões listadas, uma por folha, em sua pasta.

Estava difícil dar prosseguimento a até mesmo aquele trabalho, nos últimos tempos. Fazia o melhor para ser a liderança dos outros, como Elend havia pedido. No entanto, a escuridão perniciosa que Sazed sentia em seu íntimo recusava-se a se dissipar. Sabia que era mais perigosa para ele do que qualquer outra coisa que havia enfrentado enquanto servia ao bando, pois fazia com que sentisse que não se importava com nada.

Eu preciso *continuar trabalhando*, concluiu, afastando-se do local da reunião, cuidadosamente pegando sua pasta de uma estante próxima. *Preciso continuar pesquisando. Não devo desistir.*

No entanto, era muito difícil. No passado, lógica e pensamento haviam sido sempre seu refúgio. Suas emoções não reagiam à lógica, porém. Nenhuma quantidade de pensamento sobre o que ele *deveria* estar fazendo conseguia ajudá-lo.

Ele rangeu os dentes, caminhando, esperando que o movimento o ajudasse a desfazer os nós em seu íntimo. Parte dele queria sair e estudar o novo modelo da Igreja do Sobrevivente que havia surgido em Urteau. Porém, parecia perda de tempo. O mundo estava acabando; por que estudar mais uma religião? Ele já sabia que aquela era falsa; excluíra a Igreja do Sobrevivente de seus estudos logo de início. Tinha mais contradições do que a maioria de sua pasta.

Também era uma das mais cheias de paixão.

Todas as religiões de sua coleção eram parecidas em um aspecto: haviam fracassado. O povo que as seguiam havia morrido, sido conquistado; suas religiões, exterminadas. Aquela não era prova suficiente? Ele tentara pregá-las, mas muito, muito raramente tivera qualquer sucesso.

Nada fazia sentido. Tudo estava prestes a terminar, de qualquer forma.

Não!, Sazed pensou. *Vou encontrar as respostas. As religiões não desapareceram completamente; os Guardadores as preservaram. Deve haver respostas em uma delas. Em algum lugar.*

Ele acabou chegando à parede da caverna onde havia a placa de aço escrita pelo Senhor Soberano. Eles já tinham um registro do que estava escrito, claro, mas Sazed queria lê-la por conta própria. Olhou para o metal, que refletia a luz de um lampião próximo, lendo as palavras do homem que havia destruído tantas religiões.

O plano, assim estava escrito, *é simples. Quando a força retornar ao Poço, vou tomá-la e garantir que a coisa permaneça presa.*

E ainda assim eu me preocupo. Ela já se mostrou mais esperta do que eu havia pensado, infectando meus pensamentos, fazendo-me ver e sentir coisas que não desejo. É muito sutil, muito cuidadosa. Não consigo imaginar como ela poderia causar minha morte, mas ainda assim me preocupo.

Se eu estiver morto, então esses depósitos proverão alguma medida de proteção para o meu povo. Temo o que está para acontecer. O que será. Se você

estiver lendo isso agora, e eu estiver morto, então temo por você. Ainda assim, tentarei deixar toda ajuda que eu puder.

Há metais da Alomancia que não compartilhei com ninguém. Se você for um dos meus sacerdotes, trabalhando nesta caverna e lendo estas palavras, saiba que sofrerá com a minha ira se compartilhar este conhecimento. No entanto, se for verdade que a força voltou e eu não seja capaz de cuidar dela, talvez conhecer o electrum vá ajudá-lo de alguma forma. Meus pesquisadores descobriram que a mistura de uma liga de 45% de ouro e 55% de prata cria um novo metal alomântico. Queimá-lo não lhe dará o poder do atium, mas dará alguma ajuda contra aqueles que, por sua vez, o queimarem.

E era isso. Além das palavras havia um mapa que indicava o local do próximo depósito, aquele na pequena vila mineiradora a sul que Vin e Elend haviam conquistado pouco tempo antes. Sazed leu as palavras novamente, mas elas apenas serviam para reforçar sua sensação de desespero. Até o Senhor Soberano parecia se sentir indefeso diante da atual situação deles. Fizera planos para continuar vivo, fizera planos para que nada daquilo acontecesse. Mas sabia que talvez nada funcionasse.

Sazed se afastou, deixando a placa para trás e caminhando até a margem do lago subterrâneo. A água era como vidro preto, imperturbada pelo vento ou pelas cinzas, embora ondulasse de leve na corrente. Dois lampiões estavam às margens, queimando sem alarde, marcando a superfície. Atrás dele, a pouca distância, alguns dos soldados haviam montado acampamento — embora dois terços deles ainda estivessem lá em cima para garantir que o prédio parecesse habitado. Outros vasculhavam as paredes da caverna, na esperança de encontrar uma saída secreta. Ficariam muito mais confortáveis lá dentro se soubessem que havia um meio de escapar, caso fossem atacados.

— Sazed.

Sazed se virou, em seguida assentiu para Fantasma enquanto o jovem caminhava para se juntar a ele às margens das águas calmas e escuras. Os dois ficaram lado a lado, contemplativos.

Este tem seus próprios problemas, Sazed pensou, notando a maneira que Fantasma observava as águas. Em seguida, surpreendentemente, Fantasma ergueu as mãos e desamarrou a venda dos olhos. Tirou-a, revelando um par de óculos embaixo do pano, talvez usado para impedir que o tecido fechasse seus olhos. Fantasma retirou os óculos e piscou, estreitando os olhos, que começaram a lacrimejar, então ele se abaixou e apagou um dos lampiões, deixando Sazed

com uma luz muito turva. Fantasma suspirou ao se levantar e limpar os olhos.

Então é mesmo o estanho, Sazed pensou. Quando refletiu sobre isso, percebeu que recentemente sempre o via usando luvas, como se para proteger a pele. Suspeitava que, se observasse de perto, veria o garoto com tampões de ouvido. *Curioso*.

— Sazed — Fantasma disse —, queria falar com você sobre uma coisa.

— Por favor, fale o que desejar.

— Eu… — Fantasma hesitou, em seguida olhou de soslaio para Sazed. — Acho que Kelsier ainda está conosco.

Sazed franziu o cenho.

— Não vivo, claro — Fantasma falou rapidamente. — Mas acho que ele está olhando por nós. Nos protegendo… esse tipo de coisa.

— É um sentimento agradável, creio — Sazed comentou. *Totalmente falso, claro.*

— Não é apenas um sentimento — Fantasma retrucou. — Ele está aqui. Eu estava apenas imaginando se havia algo em qualquer daquelas religiões que você estudou que falasse sobre coisas assim.

— Claro — Sazed falou. — Muitas delas falam que mortos permanecem como espíritos para ajudar, ou amaldiçoar, os vivos.

Eles ficaram em silêncio, Fantasma obviamente esperava alguma coisa.

— Então? — Fantasma perguntou. — Não vai pregar uma religião para mim?

— Não faço mais isso.

— Ah. Por que não?

Sazed meneou a cabeça.

— Acho difícil pregar aos outros aquilo que não me ofereceu conforto, Fantasma. Estou procurando, tentando descobrir quais religiões, se é que existem, são corretas e verdadeiras. Assim que tiver esse conhecimento, ficarei feliz em compartilhar com você. Mas, por ora, acredito que nenhuma delas é e, portanto, não pregarei nenhuma.

Surpreendentemente, Fantasma não discutiu com ele. Sazed achava frustrante que seus amigos — pessoas que eram, em grande parte, ateus determinados — ficassem tão ofendidos quando ele ameaçava se juntar a eles em sua falta de fé. E, ainda assim, Fantasma não fez nenhuma objeção.

— Faz sentido — o jovem finalmente disse. — Essas religiões *não são* verdadeiras. Afinal de contas, Kelsier é quem olha por nós, não aqueles outros deuses.

Sazed fechou os olhos.

— Como pode dizer isso, Fantasma? Você conviveu com ele, o conhecia. Nós dois sabemos que Kelsier não era um deus.

— As pessoas desta cidade pensam que ele é.

— E aonde isso as levou? — Sazed questionou. — Sua crença trouxe opressão e violência. Que bem fez a fé se é *este* o resultado? Uma cidade cheia de pessoas interpretando erroneamente os mandamentos de seu deus? Um mundo de cinzas e dor, morte e tristeza? — Sazed meneou a cabeça. — É por isso que não uso mais as mentes de metal. Religiões que não podem oferecer mais do que isso não merecem ser ensinadas.

— Ah — Fantasma falou. Ele se ajoelhou, mergulhou a mão na água e em seguida estremeceu. — Isso faz sentido também, eu acho, embora eu tenha pensado que fosse por causa *dela*.

— O que quer dizer com isso?

— Sua mulher. A outra Guardadora, Tindwyl. Eu a ouvi falar sobre religião. Ela não pensava muito nisso. Achei que talvez você não falasse mais sobre religião porque poderia ser o que ela queria.

Sazed sentiu um calafrio.

— De qualquer forma — Fantasma disse, erguendo-se e secando a mão —, o povo desta cidade sabe mais do que você acha que sabe. Kelsier *está* olhando por nós.

Com isso, o rapaz se afastou. Mas Sazed não estava ouvindo. Ele se levantou, encarando as águas escuras como o ébano.

Porque poderia ser o que ela queria…

Tindwyl pensava que religião era besteira. Dizia que as pessoas que procuravam profecias ancestrais ou forças invisíveis estavam buscando desculpas. Durante suas últimas semanas com Sazed, aquele era um tópico frequente de suas conversas — até mesmo de uma leve rivalidade — entre os dois, pois a pesquisa que faziam lidava com as profecias relacionadas ao Herói das Eras.

Tal pesquisa se revelara inútil. Na melhor das hipóteses, as profecias eram esperanças vãs de homens que desejavam um mundo melhor. Na pior, foram

astuciosamente plantadas para promover os objetivos de uma força maligna. De qualquer forma, ele acreditara com firmeza em seu trabalho naquela época. E Tindwyl o havia ajudado. Tinham ambos vasculhado as mentes de metal, filtrando séculos de informações, história e mitologia, buscando referências às Profundezas, ao Herói das Eras e ao Poço da Ascensão. Ela trabalhara com ele, alegando que seu interesse era acadêmico, não religioso. Sazed desconfiava de que houvesse uma motivação diferente.

Ela queria estar com ele. Havia reprimido sua aversão à religião por um desejo de estar envolvida com o que ele achava importante. E, agora que ela estava morta, Sazed via-se fazendo o que *ela* considerava importante. Tindwyl estudara política e liderança. Amava ler biografias de grandes estadistas e generais. Teria ele inconscientemente concordado em se tornar o embaixador de Elend para se envolver nos estudos de Tindwyl, da mesma forma que ela, antes de sua morte, havia se entregado aos dele?

Não sabia ao certo. Na verdade, pensava que seus problemas eram mais profundos que isso. No entanto, o fato de que *Fantasma* fora a pessoa a fazer essa observação astuta fez Sazed parar para pensar. Era uma maneira muito esperta de ver as coisas. Em vez de contestá-lo, Fantasma oferecera uma explicação plausível.

Sazed estava impressionado. Ele se virou, olhando para além das águas por um tempo e refletindo sobre o que Fantasma havia dito. Em seguida, pegou a próxima religião da pasta e começou a examiná-la. Quanto antes vasculhasse todas, mais cedo ele poderia — assim esperava — encontrar a verdade.

Obviamente, a Alomancia é de Preservação. A mente racional verá esse fato. Pois, no caso da Alomancia, ganha-se poder oferecido por uma fonte externa: o próprio corpo de Preservação.

32

— Elend, é você mesmo?

Elend se virou, assustado. Estivera se misturando aos convidados, conversando com alguns homens que revelaram ser primos distantes seus. No entanto, a voz às suas costas lhe era mais familiar.

— Telden? O que está fazendo aqui?

— Eu moro aqui, El — Telden disse, tomando as mãos de Elend.

Ele ficou atônito. Não via Telden desde que sua casa havia escapado de Luthadel nos dias de caos que seguiram a morte do Senhor Soberano. Na época, aquele homem era um de seus melhores amigos. Ao lado, os primos de Elend bateram graciosamente em retirada.

— Pensei que estivesse em BasMardin, Tell — Elend disse.

— Não. Minha casa se instalou lá, mas achei a área muito perigosa com aqueles tumultos de koloss. Mudei-me para Fadrex assim que Lorde Yomen chegou ao poder; ele rapidamente ganhou reputação por oferecer estabilidade.

Elend sorriu. Os anos haviam mudado o amigo. Telden fora no passado a própria imagem de um galã, com seus cabelos e ternos caros arrumados de forma a chamar atenção. O Telden mais velho não havia ficado desleixado, mas estava claro que já não se importava tanto em parecer estiloso. Sempre fora um homem grande — alto, com um porte um tanto retangular —, e o peso a mais que havia ganhado nos últimos tempos o fazia parecer muito mais… comum do que já havia sido.

— Elend — Telden falou, meneando a cabeça. — Sabe que, por muito tempo, eu me recusei a acreditar que você realmente havia conseguido tomar o poder em Luthadel.

— Você esteve lá na minha coroação!

— Pensei que tinham pegado você para marionete, El — Telden falou, coçando o queixo largo. — Pensei… bem, desculpe. Acho que não tinha muita fé em você.

Elend riu.

— Você tinha razão, meu amigo. Acabei me mostrando um rei terrível.

Telden obviamente não sabia ao certo como responder.

— Eu melhorei — Elend continuou. — Precisei apenas passar por algumas confusões primeiro.

Os convidados percorriam o salão de baile dividido. Embora aqueles que observavam fizessem o melhor para parecerem desinteressados e distantes, Elend percebia que estavam fazendo o equivalente nobre a encarar. Ele olhou para o lado, onde Vin estava em seu belo vestido preto, cercada por um grupo de mulheres. Parecia estar se dando bem — ela se integrava à cena da corte muito melhor do que pensava ou admitia. Era graciosa, segura de si e o centro das atenções.

Ela também estava alerta — Elend sabia pela maneira como Vin mantinha as costas para uma parede ou divisória de vidro. Estava queimando ferro ou aço, observando movimentos repentinos de metal que poderiam indicar um Lançamoedas inimigo. Elend começou a queimar ferro também e se garantiu ao continuar queimando zinco para *abrandar* as emoções dos que estavam no salão, impedindo que se sentissem irritados ou ameaçados demais por sua intrusão. Outros alomânticos — Brisa ou mesmo Vin — teriam tido problemas em fazê-lo com um salão inteiro de uma vez. Para Elend, com seu poder desenfreado, mal precisava se concentrar.

Telden ainda estava por perto, parecendo incomodado. Elend tentou dizer algo para reiniciar a conversa, mas não conseguia pensar em algo que não soasse bizarro. Fazia quase quatro anos que Telden deixara Luthadel. Antes disso, ele fora um dos amigos com quem Elend discutia teoria política, planejando com o idealismo da juventude o dia em que lideriariam suas respectivas casas. De qualquer forma, os dias da juventude — e de suas teorias idealistas — haviam passado.

— Então… — Telden disse. — Aqui é onde encerramos a conversa, não é?

Elend assentiu.

— Você não vai… atacar a cidade de verdade, vai? — Telden perguntou. — Você só está aqui para intimidar Yomen, certo?

— Não — disse Elend com suavidade. — Conquistarei a cidade se for preciso, Telden.

Telden enrubesceu.

— O que aconteceu com você, Elend? Onde está o homem que falava sobre

direitos e legalidade?

— O mundo aconteceu, Telden. Não posso ser o homem que eu era.

— Então, você se tornou o Senhor Soberano?

Elend hesitou. Parecia estranho ter outra pessoa confrontando-o com as perguntas e argumentos que fazia a si próprio. Parte dele sentiu uma pontada de medo — se Telden estava perguntando aquelas coisas, então Elend tinha direito de se preocupar com elas. Talvez fossem verdadeiras.

Ainda assim, um impulso mais forte se avivou dentro dele. Um impulso alimentado por Tindwyl, em seguida refinado por um ano de lutas para trazer ordem aos restos estilhaçados do Império Final.

Um impulso de autoconfiança.

— Não, Telden — Elend disse com firmeza. — Não sou o Senhor Soberano. Um conselho parlamentar governa Luthadel, e há outros em cada cidade que eu trouxe para o meu império. É a primeira vez que trago meus exércitos para uma cidade por necessidade de conquistar, e não de proteger… e porque o próprio Yomen tomou a cidade de um aliado meu.

Telden bufou.

— Você se nomeou imperador.

— Porque é o que o povo *precisa*, Telden — Elend retrucou. — Eles não querem a volta dos dias do Senhor Soberano, mas preferiram isso a viver no caos. O sucesso de Yomen aqui é a prova. As pessoas querem saber que alguém está olhando por eles. Tiveram um deus-imperador por mil anos; agora não é hora de deixá-los sem um líder.

— Você está me dizendo que é apenas uma autoridade simbólica? — Telden perguntou, cruzando os braços.

— Hoje não, mas, no fim disso tudo, espero ser. Nós dois sabemos que sou um estudioso, não um rei.

Telden franziu o cenho. Não acreditava em Elend. E, ainda assim, Elend descobriu que aquele fato não o incomodava. Algo ao proferir aquelas palavras, ao confrontar o ceticismo, fez com que ele reconhecesse a validade de sua confiança. Telden não entendia — não havia passado pelo mesmo que ele. O jovem Elend não teria concordado com o que estava fazendo naquele momento. Uma parte daquela juventude ainda tinha voz dentro de sua alma — e ele nunca a silenciaria. No entanto, era hora de fazê-la parar de sobrepujá-lo.

Elend pôs a mão no ombro do amigo.

— Tudo bem, Tell. Levei anos para convencê-lo de que o Senhor Soberano era um imperador terrível. Espero mesmo que leve tanto tempo quanto para convencê-lo de que eu serei um bom.

Telden abriu um sorriso tímido.

— Não vai me dizer que mudei? — Elend perguntou. — Parece a última moda nesses tempos.

Telden riu.

— Pensei que fosse óbvio; não preciso nem falar.

— O que foi, então?

— Bem… — Telden disse. — Na verdade eu estava a ponto de dar uma bronca por você não me convidar para o seu casamento! Estou chateado, El. De verdade. Passei grande parte da minha juventude lhe dando conselhos sobre relacionamento, e, quando você finalmente consegue uma garota, nem me avisa sobre o casamento!

Elend riu, virando para seguir o olhar de Telden na direção de Vin. Confiante e poderosa, ainda que um tanto delicada e graciosa. Elend sorriu com orgulho. Mesmo durante os dias de glória dos bailes de Luthadel, ele não conseguia se lembrar de uma mulher atraindo tanta atenção como Vin. E, diferente de Elend, ela caminhava por aquele baile sem conhecer uma única pessoa.

— Eu me sinto um pouco como um pai orgulhoso — Telden disse, pousando uma das mãos no ombro de Elend. — Houve um tempo em que eu me convenci de que você era um caso perdido, El! Imaginei você um dia perambulando por uma biblioteca e simplesmente desaparecendo. Encontraríamos você vinte anos depois coberto de poeira, vasculhando algum texto de filosofia pela septingentésima vez. No entanto, aqui está, casado… e com uma mulher daquelas!

— Às vezes, eu também não entendo — Elend disse. — Não consigo nem mesmo chegar a uma razão lógica de por que ela quis ficar comigo. Eu só… tenho que confiar no julgamento dela.

— De qualquer forma, você se saiu bem.

Elend ergueu uma sobrancelha.

— Lembro que *você* uma vez tentou me dissuadir de gastar tempo com ela.

Telden corou.

— Você precisa admitir, ela *estava* agindo de forma muito suspeita quando ia para aquelas festas.

— Sim. Parecia demais com uma pessoa real para ser uma nobre. — Ele olhou para além de Telden, sorrindo. — Porém, se você me der licença, tem algo que preciso fazer.

— Claro, El — Telden falou, curvando-se um pouco quando Elend se retirou. O gesto pareceu um pouco estranho vindo de Telden. Realmente não se conheciam mais. No entanto, tinham as lembranças de uma amizade.

Não lhe contei que matei Jastes, Elend pensou enquanto atravessava o salão, os convidados abrindo facilmente caminho para ele. *Pergunto-me se ele sabe.*

A audição aguçada de Elend registrou um aumento geral na agitação das conversas sussurradas conforme as pessoas perceberam o que ele estava fazendo. Dera a Yomen tempo suficiente para lidar com a surpresa. Era hora de encarar o homem. Embora parte do objetivo de Elend ao visitar o baile fosse intimidar a nobreza da região, o principal motivo era falar com seu rei.

Yomen observou Elend aproximar-se da mesa alta — e, para seu crédito, não parecia terrivelmente assustado com a perspectiva de um encontro. No entanto, sua refeição permanecia intocada. Elend não esperou permissão para se aproximar, mas parou e esperou enquanto Yomen acenava para que os criados abrissem espaço e colocassem um lugar à mesa alta para Elend, diretamente diante dele.

Elend se sentou, confiando em Vin — além de no aço e no estanho que queimava — para alertá-lo de ataques vindos de trás. Ele era o único do seu lado da mesa, e todos os companheiros de Yomen retiraram-se quando Elend se sentou, deixando os dois governantes a sós. Em outra situação, a imagem talvez tivesse parecido ridícula: dois homens sentados um diante do outro em uma mesa vazia que se estendia longamente de cada lado. A toalha de mesa branca e a louça cristalina estavam puras e reluzentes, bem como teria sido durante os dias do Senhor Soberano.

Elend havia vendido todo o luxo que lhe pertencera, lutando para alimentar seu povo durante os últimos invernos.

Yomen cruzou os dedos diante de si na mesa — sua refeição retirada pelos criados silenciosos — e observou Elend, olhos desconfiados adornados por intrincadas tatuagens. Yomen não usava coroa, mas *usava* uma única conta de metal amarrada de forma que ficasse no centro de sua testa.

Atium.

— Há um ditado no Ministério do Aço — finalmente Yomen disse. — Sente-se para jantar com maldade e acabará a engolindo junto à sua refeição.

— É bom que não estejamos comendo, então — respondeu Elend, abrindo um leve sorriso. Yomen não sorriu de volta. — Yomen — Elend disse, ficando mais sério. — Venho até você agora não como um imperador buscando novas terras para controlar, mas como um rei desesperado buscando aliados. O mundo se tornou um lugar perigoso: a própria terra parece estar nos enfrentando ou, ao menos, abrindo-se embaixo de nós. Aceite minha amizade, e vamos terminar com as guerras.

Yomen não respondeu. Apenas ficou sentado, dedos entrelaçados, analisando o interlocutor.

— Duvida da minha sinceridade — Elend disse. — Não posso dizer que o culpo, pois vim com meu exército até sua porta. Há alguma maneira de persuadi-lo? Você estaria disposto a entrar em discussões ou negociações?

Novamente, sem resposta. Então, dessa vez, Elend apenas esperou. O salão ao redor deles ficou silencioso.

Yomen finalmente se pronunciou.

— Você é um homem descarado e espalhafatoso, Elend Venture.

Elend ficou enfurecido. Talvez fosse o cenário do baile, talvez fosse a petulância com que Yomen ignorava sua oferta. No entanto, ele se flagrou respondendo ao comentário de uma maneira que talvez tivesse feito anos antes, quando não era um rei em guerra.

— É um mau hábito que sempre tive — Elend disse. — Temo que os anos de governo, e de ser treinado com dignidade, não mudaram um fato: sou um homem terrivelmente grosseiro. Má criação, talvez.

— Acha que isso é um jogo — disse o obrigador com olhos sérios. — Vem até a minha cidade massacrar meu povo, em seguida dança no meu baile, esperando assustar a nobreza ao ponto da histeria.

— Não. Não, Yomen, este não é um jogo. O mundo parece perto do fim, e estou apenas fazendo o meu melhor para ajudar na sobrevivência do máximo possível de pessoas.

— E fazer o seu melhor inclui conquistar a minha cidade?

Elend negou com a cabeça.

— Não sou um bom mentiroso, Yomen. Então, serei franco com você. Não quero matar ninguém. Como eu disse, preferiria que declarássemos um armistício e acabássemos com as hostilidades. Dê-me as informações que busco, junte seus recursos com os meus e não vou forçá-lo a abrir mão de sua cidade.

Se me recusar, as coisas ficarão mais difíceis.

Yomen ficou em silêncio por um momento, a música ainda sendo tocada suavemente ao fundo, vibrando sobre o murmúrio de centenas de conversas educadas.

— Sabe por que eu desgosto de homens como você, Venture? — finalmente Yomen perguntou.

— Devido ao meu charme e minha inteligência insuportáveis? — Elend perguntou. — Duvido que seja pela minha boa aparência, mas, se comparada a de um obrigador, creio que até meu rosto possa ser invejável.

A expressão de Yomen ficou mais obscura.

— Como um homem como você chegou a uma mesa de negociações?

— Fui treinado por uma Nascida da Bruma ríspida, um terrisano sarcástico e um grupo de ladrões desrespeitosos — Elend disse, suspirando. — Além disso, eu já era uma pessoa insuportável mesmo antes, para começo de conversa. Mas faça a gentileza de continuar com seu insulto; não quis interrompê-lo.

— Não gosto de você — Yomen continuou —, porque tem a ousadia de acreditar que *merece* tomar esta cidade.

— Tenho. Ela pertencia a Cett. Metade dos soldados que eu trouxe comigo nesta marcha serviram a ele no passado, e esta é a terra natal deles. Viemos para libertar, não para conquistar.

— Estas pessoas parecem precisar de libertação? — Yomen perguntou, meneando a cabeça para os casais dançantes.

— Sim, para falar a verdade. Yomen, você é o arrivista aqui, não eu. Você não tem direitos sobre esta cidade e sabe disso.

— Tenho o direito concedido a mim pelo Senhor Soberano.

— Não aceitamos o direito de governar do Senhor Soberano — Elend retrucou. — Foi por isso que o matamos. Em vez disso, buscamos pelo direito *do povo* de governar.

— É mesmo? — Yomen disse, as mãos ainda entrelaçadas diante de si. — Porque, pelo que eu me lembre, as pessoas de *sua* cidade escolheram Ferson Penrod para ser seu rei.

Uma boa resposta, essa, Elend teve de admitir.

Yomen se inclinou para a frente.

— Esse é o motivo pelo qual não gosto de você, Venture. É um hipócrita da

pior espécie. Fingiu deixar as pessoas no poder, mas, quando elas o expulsaram e escolheram outro, mandou sua Nascida da Bruma reconquistar a cidade para você. Governa pela força, não pelo consentimento comum, então não me venha falar de *direitos*.

— Havia algumas… circunstâncias em Luthadel, Yomen. Penrod estava trabalhando com nossos inimigos, tendo comprado para si o trono através da manipulação da assembleia.

— Isso me parece uma falha no sistema — Yomen comentou. — Um sistema que *você* estabeleceu; um sistema que substituiu aquele da ordem que existia antes. Um povo depende de estabilidade em seu governo; precisa de alguém para cuidar dele. Um líder em quem possam confiar, um líder com real autoridade. Apenas um homem escolhido pelo Senhor Soberano pode reivindicar tal autoridade.

Elend examinou o obrigador. O frustrante era que ele quase concordava com o homem. Yomen estava dizendo coisas que o próprio Elend havia dito, mesmo que estivessem um pouco deturpadas por sua perspectiva de obrigador.

— Apenas um homem escolhido pelo Senhor Soberano pode reivindicar tal autoridade… — Elend repetiu, franzindo o cenho. A frase soava familiar. — Isso é de Durton, não é? *Chamado da Confiança*?

Yomen hesitou.

— Exato.

— Prefiro Gallingskaw, quando o assunto é direito divino.

Yomen fez um gesto seco.

— Gallingskaw era um herege.

— Isso invalida suas teorias? — Elend questionou.

— Não, mas mostra sua falta de capacidade de racionalizar corretamente. Do contrário, ele não teria acabado executado. *Isso* afeta a validade de suas teorias. Além disso, não há mandato divino no homem comum, como ele propôs.

— O Senhor Soberano era um homem comum antes de subir ao trono.

— Certo, mas o Senhor Soberano tocou a divindade no Poço da Ascensão. Aquilo imprimiu o Fragmento do Infinito nele e lhe deu o Direito de Inferência.

— Vin, minha esposa, tocou essa mesma divindade.

— Não aceito essa história. Como já foi dito, o Fragmento do Infinito foi único, não planejado, não criado.

— Não traga Urdree a este assunto — Elend falou, erguendo um dedo. — Nós dois sabemos que ele era mais poeta que um verdadeiro filósofo. Ele ignorava a convenção e nunca dava as atribuições adequadas. Ao menos me dê o benefício da dúvida e cite Hardren. Ele lhe daria uma fundamentação muito melhor.

Yomen abriu a boca, em seguida parou, fechando a cara.

— Isso é inútil — disse, enfim. — Discutir filosofia não exclui o fato de que você está com um exército acampado diante da minha cidade, nem muda o fato de que lhe considero um hipócrita, Elend Venture.

Elend suspirou. Por um momento, ele pensou que talvez fossem capazes de se respeitar como estudiosos. Porém, havia um problema. Elend via um ódio genuíno nos olhos de Yomen. E desconfiava de que havia um motivo mais profundo para isso do que sua suposta hipocrisia. No fim das contas, Elend *havia* se casado com a mulher que matara o deus do obrigador.

— Yomen — Elend disse, inclinando-se para a frente. — Percebo que temos nossas diferenças. Porém, uma coisa parece óbvia: nós dois nos importamos com o povo deste império. Nós dois ocupamos nosso tempo estudando teoria política e, aparentemente, nos concentramos nos textos que mantinham o bem do povo como principal motivo para se governar. Deveríamos ser capazes de fazer isso funcionar.

“Quero oferecer um acordo. Aceite reinar sob meu governo. Você poderia ficar no controle, com pouquíssimas mudanças em seu governo. Precisarei de acesso à cidade e a seus recursos, e teríamos de discutir a configuração de um conselho parlamentar. Tirando isso, você poderá seguir como quiser, pode até mesmo continuar dando festas e ensinando sobre o Senhor Soberano. Confiarei em seu julgamento.

Yomen não escarneceu a oferta, mas Elend achou que ele também não lhe deu muita importância. Provavelmente já imaginara o que Elend ia dizer.

— Você se engana em um ponto, Elend.

— Que é?

— Que posso ser intimidado, subornado ou influenciado.

— Você não é tolo, Yomen — Elend retrucou. — Às vezes, lutar não vale a pena. Nós dois sabemos que você não pode me vencer.

— Isso é discutível — Yomen disse. — Independentemente disso, não reajo bem a ameaças. Talvez se você não tivesse um exército acampado em frente aos

meus portões, eu poderia enxergar um caminho para uma aliança.

— Nós dois sabemos que, sem um exército aos seus portões, você sequer teria me ouvido. Você recusou todo mensageiro que enviei, mesmo antes de eu vir com o exército até aqui.

Yomen meneou a cabeça.

— Você parece mais razoável do que eu pensaria que fosse, Elend Venture, mas isso não muda os fatos. Já tem um grande império seu. Vindo aqui, trai sua arrogância. Por que precisava do meu domínio? Não era o suficiente os que você já tinha?

— Em primeiro lugar — Elend disse, com um dedo em riste —, sinto que preciso lembrá-lo outra vez de que você roubou este reino de um aliado meu. Eu precisava vir aqui, mais cedo ou mais tarde, mesmo que apenas para cumprir as promessas que fiz a Cett. No entanto, há algo muito maior em jogo aqui. — Elend hesitou e, em seguida, arriscou: — Preciso saber o que há no depósito de sua caverna.

Elend foi recompensado com um leve olhar de surpresa no rosto de Yomen, e aquela foi toda a confirmação de que precisava. O obrigador sabia sobre a caverna. Vin estava certa. E, considerando aquela conta de atium que ele exibia de forma tão ostensiva na testa, talvez também estivesse certa sobre o que ela continha.

— Veja bem, Yomen — Elend disse, falando depressa. — Não me importo com o atium, que mal tem qualquer valor atualmente. Preciso saber quais instruções o Senhor Soberano deixou naquela caverna. Que informações há para nós lá? Que suprimentos ele achava necessários para nossa sobrevivência?

— Não sei do que você está falando — Yomen falou simplesmente. Ele não era um mentiroso lá muito bom.

— Você me perguntou por que vim até aqui. Yomen, não se trata de conquistar ou tomar esta terra de você. Sei que pode achar difícil de acreditar, mas é a verdade. O Império Final está morrendo. Com certeza você já percebeu. A humanidade precisa se unir, juntar recursos, e você tem pistas vitais do que precisamos. Não me force a derrubar seus portões para consegui-las. Trabalhe comigo.

Yomen balançou a cabeça.

— Mais um erro seu, Venture. Veja, eu não me importo se você me atacar. — Ele fitou os olhos de Elend. — Seria melhor para o meu povo lutar e *morrer* do

que ser governado por um homem que derrubou nosso deus e destruiu nossa religião.

Elend encarou aqueles olhos e viu neles determinação.

— É assim que tem de ser?

— É — Yomen disse. — Posso esperar um ataque pela manhã, então?

— Claro que não — Elend disse, levantando-se. — Seus soldados não estão morrendo de fome ainda. Volto em alguns meses.

Talvez você esteja mais disposto a negociar então.

Elend fez menção de se virar para ir, então hesitou.

— Bela festa, aliás — ele disse, olhando de volta para Yomen. — A despeito de qualquer coisa em que eu acredite, acho que seu deus ficaria satisfeito com o que você tem feito aqui. Mas penso que deva reconsiderar seus preconceitos. O Senhor Soberano provavelmente não gosta muito de Vin ou de mim, mas eu diria que ele preferiria ver seu povo viver do que acabar morto à toa.

Elend assentiu respeitosamente e em seguida saiu da mesa alta, sentindo-se mais frustrado do que deixava transparecer. Sentia que estava muito próximo de Yomen, e ao mesmo tempo uma aliança parecia impossível. Ao menos enquanto o obrigador nutrisse tal ódio por ele e Vin.

Obrigou-se a relaxar durante a caminhada. Havia pouco que pudesse fazer sobre a situação naquele momento — seria necessário o cerco para fazer Yomen repensar sua posição. *Estou num baile*, Elend pensou, perambulando. *Deveria aproveitar o que puder dele, deixando que a nobreza me veja aqui, intimidando-a e fazendo-a considerar ajudar a nós em vez de Yomen…*

Um pensamento lhe ocorreu. Ele olhou para Vin de soslaio e, em seguida, acenou para um criado.

— Milorde? — o homem perguntou.

— Preciso que busque uma coisa para mim.

*

Vin era o centro das atenções. Mulheres contavam intrigas para ela, esperavam suas palavras e a olhavam como se fosse um modelo a ser seguido. Queriam saber notícias de Luthadel, ouvir sobre a moda, a política e os eventos da cidade grande. Não a rejeitavam nem pareciam se ressentir dela.

A aceitação instantânea foi a coisa mais estranha que Vin já vivenciara. Estava entre as mulheres em seus vestidos e adornos e era a principal entre elas. Sabia que era apenas por causa de seu poder, e, ainda assim, as mulheres da cidade pareciam quase desesperadas para ter alguém a quem seguir. Uma imperatriz.

E Vin se flagrou adorando tudo aquilo. Havia uma parte dela que ansiara por essa aceitação desde o primeiro dia que participara de um baile. Havia passado aquele ano sendo maltratada pela maioria das mulheres da corte — algumas permitindo que desfrutasse de sua companhia, mas sempre a relegando à posição de nobre interiorana insignificante, sem qualquer conexão ou relevância. Era uma coisa fútil, a aceitação da qual desfrutava agora, mas às vezes mesmo as coisas fúteis pareciam importantes. Além disso, havia algo mais. Enquanto sorria na direção de uma recém-chegada — uma jovem sobrinha que uma das mulheres queria que conhecesse —, Vin percebeu o que era.

Isso é parte de mim, pensou. *Não queria que fosse, talvez por não acreditar que merecia. Achei essa vida muito diferente, muito cheia de beleza e confiança. Ainda assim, eu* sou *uma nobre. Eu* realmente *me encaixo aqui.*

Nasci nas ruas, por um lado, mas nasci para este mundo por outro.

Havia passado o primeiro ano do reinado de Elend tentando protegê-lo a todo custo. Forçara-se a se concentrar apenas no lado das ruas, no lado treinado para ser impiedoso, pois aquilo, pensara, lhe daria o poder de defender quem amava. Kelsier, porém, lhe mostrara outra maneira de ser poderosa. E aquele poder tinha relação com a nobreza — com suas intrigas, sua beleza e seus esquemas astuciosos. Vin havia se afeiçoado de imediato à vida na corte, e aquilo a assustara.

É isso, ela pensou, sorrindo para outra garota reverente. *É por isso que sempre senti que estava errado. Eu não precisei trabalhar para isso, então não podia acreditar que merecia*.

Ela passara dezesseis anos nas ruas — havia conquistado aquele lado dela. Porém, mal levara um mês para se adaptar à vida de nobreza. Parecera impossível para Vin que algo que lhe vinha tão facilmente poderia ser uma parte tão importante dela quanto os anos nas ruas.

Mas era.

Preciso enfrentar essa realidade, ela percebeu. *Tindwyl tentou me fazer enfrentá-la dois anos atrás, mas eu não estava pronta*.

Vin precisava provar a si mesma que não apenas era capaz de perambular

entre a nobreza, mas que pertencia a ela. Porque aquilo provava algo muito mais importante: que o amor que recebera de Elend durante aqueles primeiros meses não fora baseado em falsidade.

É… verdade, Vin pensou. *Posso ser as duas coisas. Por que levei tanto tempo para entender isso?*

— Perdão, senhoras — uma voz disse.

Vin sorriu, virando-se enquanto as mulheres abriam caminho para Elend. Várias das mais jovens assumiram expressões sonhadoras ao examinar o imperador com seu corpo de guerreiro, sua barba áspera, seu uniforme branco. Vin refreou um bufar irritado. *Ela* o amava muito antes de ele ficar daquele jeito.

— Senhoras — Elend disse às mulheres —, como a própria Lady Vin não demorará a lhes dizer, sou bastante mal-educado. Isso, em si, seria um pecado muito pequeno. Infelizmente, também sou bem desleixado em relação à minha falta de consideração pela decência. Portanto, vou roubar minha esposa das senhoras e monopolizar seu tempo de um modo bastante egoísta. Gostaria de me desculpar, mas não é o tipo de coisas que nós, bárbaros, fazemos.

Com isso e um sorriso, Elend estendeu o braço para ela. Vin sorriu de volta, tomando o braço e permitindo que ele a conduzisse para longe das outras.

— Pensei que você talvez pudesse querer um pouco de espaço para respirar — Elend comentou. — Posso apenas imaginar como deve se sentir cercada por um exército de vestidos bufantes.

— Agradeço pelo resgate — Vin disse, embora não fosse totalmente sincera. Como Elend reagiria quando soubesse que ela de repente descobrira fazer parte daqueles vestidos bufantes? Além disso, apenas porque elas usavam franjas e maquiagem não deixavam de ser perigosas: Vin aprendera aquilo muito facilmente nos primeiros meses. O pensamento a distraiu de tal forma que ela não percebeu aonde Elend a levava até quase estarem lá.

Quando percebeu, estacou de imediato, puxando Elend para trás.

— A pista de dança?

— Pois sim — ele respondeu.

— Mas eu não danço há quase quatro anos!

— Nem eu. — Ele se aproximou. — Mas seria terrível perder a oportunidade. Afinal de contas, nós nunca conseguimos dançar.

Era verdade. Luthadel havia se revoltado antes de conseguirem uma oportunidade de dançar juntos, e, depois daquilo, não houve mais tempo para

bailes ou frivolidades. Vin notou que Elend entendia o quanto ela sentia por não ter tido essa chance. Ele a chamara para dançar na noite em que se conheceram, e ela recusara o pedido. Ainda sentia como se houvesse dispensado uma oportunidade única naquela primeira noite.

Então se deixou levar até a pista de dança levemente elevada. Casais sussurravam e, quando a música terminou, todos saíram furtivamente da pista, deixando Vin e Elend sozinhos — uma figura em linhas claras e outras em curvas escuras. Elend encaixou o braço na cintura da esposa, virando-a na sua direção, e Vin se flagrou traiçoeiramente nervosa.

É isso, ela pensou, avivando peltre para não tremer. *Finalmente está acontecendo. Finalmente vou dançar com ele!*

Naquele momento — quando a música começou — Elend enfiou a mão no bolso e puxou um livro. Ele o ergueu com uma das mãos, a outra na cintura dela, e começou a ler.

O queixo de Vin caiu, em seguida ela lhe deu um soco no braço.

— O que pensa que está fazendo? — ela questionou enquanto ele arrastava os pés nos passos de dança, ainda segurando o livro. — Elend! Estou tentando ter um momento especial aqui!

Ele se voltou para ela, abrindo um sorriso terrivelmente levado.

— Bem, quero tornar esse momento especial o mais autêntico possível. Você está dançando *comigo*, afinal.

— Pela primeira vez!

— O que torna ainda mais importante garantir que estou passando a impressão correta, srta. Valette!

— Ah, pelo amor… Você poderia, por favor, deixar esse livro de lado?

Elend abriu ainda mais o sorriso, mas encaixou o livro de volta no bolso, tomando a mão de Vin e dançando com ela da maneira adequada. Vin corou ao reparar na multidão confusa que rodeava a pista de dança. Obviamente não conseguiam entender o comportamento de Elend.

— Você *é* um bárbaro. — Vin lhe disse.

— Um bárbaro porque leio livros? — Elend perguntou, parecendo alegre. — Ham adoraria essa frase.

— Honestamente, onde você sequer conseguiu um livro aqui?

— Pedi que um dos criados de Yomen me buscasse um. Da biblioteca da fortaleza. Sabia que eles teriam este; *Ensaios do Monumento* é uma obra bem

famosa.

Vin franziu o cenho.

— Acho que reconheço esse título.

— Era o livro que eu estava lendo naquela noite, na sacada da Fortaleza Venture. Quando nos conhecemos.

— Ora, Elend! Isso é quase romântico… um romântico deturpado, do tipo "vou fazer minha esposa querer me matar".

— Pensei que você gostaria — ele disse, girando com leveza.

— Você está muito bem hoje. Não o vejo assim há algum tempo.

— Eu sei — ele disse, suspirando. — Para ser honesto, Vin, eu me sinto um pouco culpado. Estou preocupado que tenha sido muito informal durante a conversa com Yomen. Ele é tão rígido que meus antigos instintos, aqueles que sempre me fazem reagir a pessoas como ele com zombaria, vieram à tona.

Vin deixou que o marido conduzisse a dança, olhando para ele.

— Você está sendo você, só isso. É uma coisa boa.

— Meu antigo eu não era um bom rei.

— As coisas que aprendeu sobre governar não têm a ver com sua personalidade, Elend. Têm a ver com outras qualidades: confiança e determinação. Pode ter essas qualidades e ainda ser você mesmo.

Elend meneou a cabeça.

— Não sei ao certo se posso. Com certeza, hoje à noite, eu deveria ter sido mais formal. Deixei que o ambiente me fizesse relaxar.

— Não — Vin disse com firmeza. — Não, disso eu tenho *certeza*, Elend. Você vem fazendo exatamente o mesmo que eu. Está tão determinado em ser um bom rei que deixou essa determinação esmagar quem realmente é. Nossas responsabilidades não devem nos destruir.

— Elas não destruíram você — ele disse, sorrindo por trás da barba curta.

— Quase destruíram — confessou Vin. — Elend, eu tive de perceber que posso ser as duas pessoas: a Nascida da Bruma das ruas e a mulher da corte. Tive de reconhecer que a nova pessoa que estou me tornando é uma extensão válida de quem eu sou. Mas para você é o oposto! Precisa perceber que quem você era ainda é uma parte válida sua. Essa pessoa faz comentários tolos e instiga apenas para provocar uma reação. Mas também é amável e gentil. Não pode perder essas qualidades apenas porque é imperador.

Ele assumiu aquela expressão pensativa; a indicativa de que ele contestaria. Então, porém, ele hesitou.

— Vir a este lugar — disse, olhando para os lindos vitrais, para a nobreza — me lembra do que passei grande parte da vida fazendo. Antes de precisar ser rei. Mesmo naquela época, eu vinha tentando fazer as coisas do meu jeito, isolando-me e lendo durante os bailes. Mas não fazia isso na biblioteca e sim no salão. Não queria me esconder; queria expressar meu descontentamento com meu pai, e ler era a minha maneira de fazer isso.

— Você era um bom homem, Elend. Não um idiota como agora parece pensar que era. Você foi um pouco mal orientado, mas ainda assim um bom líder. Assumiu o controle de Luthadel e impediu que os skaa cometessem um massacre na rebelião.

— Mas todo o fiasco com Penrod…

— Você tinha coisas a aprender. Assim como eu. Mas, por favor, não se torne outra pessoa. Você pode ser Elend, o imperador, e Elend, o homem.

Ele abriu um grande sorriso e a puxou mais para perto, interrompendo a dança.

— Obrigado — disse, então a beijou. Dava para perceber que ele ainda não havia tomado a decisão, que ainda achava que precisava ser mais um guerreiro rígido do que um estudioso gentil. No entanto, estava pensando. Aquilo bastava por ora.

Vin o olhou nos olhos, e eles voltaram a dançar. Não falaram nada, simplesmente deixaram a maravilha do momento embalá-los. Era uma experiência surreal para Vin. Tinham um exército postado lá fora, as cinzas caíam sem descanso e as brumas tiravam vidas. Ainda assim, dentro daquele salão de mármore branco e cores reluzentes, ela dançava com o homem que amava pela primeira vez.

Os dois giravam com a graça da Alomancia, dando passos como se estivessem sobre o vento, movendo-se como se feitos de bruma. O salão ficava cada vez mais silencioso, a nobreza como um público de teatro, assistindo a alguma grande apresentação e não a duas pessoas que não dançavam fazia anos. Vin sabia que o espetáculo era maravilhoso, contudo, algo raramente visto. A maioria dos Nascidos da Bruma nobres não podia se dar ao luxo de parecer tão graciosa, para evitar revelar seus poderes secretos.

Vin e Elend não tinham tais inibições. Dançavam como se para compensar os quatro anos perdidos, como se para ostentar sua alegria a um mundo apocalíptico

e uma cidade hostil. A música deu sinais de acabar. Elend puxou a esposa contra si, e o estanho fez Vin sentir as batidas do coração dele, tão próximas. Estava batendo com mais rapidez do que uma simples dança poderia provocar.

— Estou feliz por termos feito isso — ele disse.

— Há outro baile logo mais — ela comentou. — Em poucas semanas.

— Eu sei. Se bem entendi, esse baile será realizado no Cantão de Recursos.

Vin assentiu.

— Pelo próprio Yomen.

— E, se o depósito estiver escondido em algum lugar na cidade, muito provavelmente estará embaixo daquele prédio.

— Teríamos uma desculpa, e um precedente, para entrar.

— Yomen tem um pouco de atium — Elend disse. — Está usando uma conta na testa. No entanto, ele ter uma conta não significa que tem um monte dele.

Vin assentiu.

— Imagino se ele encontrou a caverna.

— Encontrou. Tenho certeza. Arranquei uma reação dele quando a mencionei.

— Mas isso não deve nos impedir — Vin falou, sorrindo. — Vamos a este baile, entramos às escondidas na caverna, descobrimos o que o Senhor Soberano deixou lá, em seguida decidimos o que fazer com o cerco e a cidade com base no que encontrarmos?

— Parece um bom plano — Elend respondeu. — Supondo que eu não consiga trazê-lo à razão. Eu estava *perto*, Vin. Não consigo deixar de pensar que pode haver uma chance de trazê-lo para o nosso lado.

Ela assentiu.

— Tudo bem, então — ele disse. — Pronta para uma saída triunfal?

Vin sorriu e concordou com a cabeça. Quando a música terminou, Elend girou e a lançou para o lado, e ela *empurrou* o beiral metálico da pista de dança. Ela se lançou sobre a multidão, guiando-se para a saída com o vestido esvoaçante.

Atrás dela, Elend se dirigia à multidão.

— Muito obrigado por nos permitirem desfrutar de sua companhia. Qualquer um que quiser escapar da cidade terá livre passagem pelo meu exército.

Vin aterrissou e viu a multidão se virar quando Elend saltou por sobre ela,

felizmente conseguindo se guiar através do salão relativamente baixo sem quebrar nenhum vitral ou atingir o teto. Ele se juntou a ela nas portas, e ambos escaparam através da antecâmara e rumaram noite adentro.

Hemalurgia é de Ruína. Ela destrói. Ao tirar as capacidades de uma pessoa e dar-lhes a outra — em porções reduzidas —, perde-se força. De acordo com o objetivo declarado de Ruína — partir o universo em partes cada vez menores —, a Hemalurgia concede grandes dons, mas a um alto custo.

33

Seres humanos poderiam ter escarnecido de TenSoon, talvez jogando coisas nele ou gritando imprecações à sua passagem. Kandra eram ordeiros demais para esse tipo de manifestação, mas TenSoon sentia o desdém. Observaram-no ser tirado da jaula e em seguida levado à Gruta da Confiança para o julgamento. Centenas de olhos o examinavam, incrustados em corpos com ossos de aço, vidro, pedra e madeira. Os mais jovens eram mais extremos na forma, os mais velhos, mais ortodoxos.

A expressão de todos era acusatória.

Antes, na audiência, a multidão estava curiosa, talvez horrorizada, mas aquilo havia mudado. O tempo de TenSoon na jaula funcionara conforme pretendido. A Segunda Geração fora capaz de promover sua infâmia, e os kandra que, no passado, talvez tivessem sido solidários a ele, agora o observavam com nojo. Em mil anos de história, os kandra nunca haviam tido um criminoso como TenSoon.

Ele suportou os olhares e o escárnio de cabeça erguida, bamboleando através do corredor em um corpo de cão. Era estranho como aqueles ossos lhe caíam naturalmente. Passara apenas um ano usando-os, mas colocá-los novamente — descartando o corpo humano mirrado e nu — parecia mais uma volta para casa do que seu retorno à Terra Natal, um ano antes.

Então o que deveria ser uma humilhação tornou-se, em vez disso, uma espécie de triunfo. Fora uma esperança maluca, mas conseguira manipular a Segunda Geração para que lhe devolvesse o corpo do cachorro. O saco continha até mesmo os pelos e unhas daquele corpo — provavelmente haviam simplesmente recolhido toda a bagunça após forçar TenSoon a abandoná-lo e entrar na prisão, um ano antes.

Os ossos confortáveis lhe davam força. Era o corpo que Vin lhe dera. Ela era o Herói das Eras. Ele precisava acreditar naquilo.

Do contrário, estava prestes a cometer um erro muito grande.

Os guardas levaram-no para a Gruta da Confiança. Dessa vez, havia muitos

mais observadores do que cabiam na sala, de forma que os Segundos declararam que os mais jovens que a Sétima Geração deveriam esperar do lado de fora. Mesmo assim, kandra e mais kandra enchiam as fileiras de assentos de pedra. Ficaram em silêncio quando TenSoon foi levado ao disco metálico levemente elevado no centro do chão de pedra. As portas amplas foram deixadas abertas, e os jovens kandra se aglomeravam lá fora, ouvindo.

TenSoon ergueu os olhos ao subir na plataforma. As sombras amorfas da Primeira Geração esperavam lá em cima, cada uma em sua alcova separada, iluminada por um azul diáfano.

KanPaar se aproximou do púlpito. Era perceptível sua satisfação na maneira como deslizava pelo assoalho. O Segundo sentia que seu triunfo estava completo — o que acontecia àqueles que ignoravam as diretrizes da Segunda Geração não seria esquecido tão cedo. TenSoon se sentou sobre as patas traseiras, vigiado por dois kandra com a Bênção da Potência cintilando em cada ombro e carregando marretas imensas.

— TenSoon da Terceira Geração — KanPaar disse em voz alta. — Está pronto para receber a sentença de seu julgamento?

— Não haverá julgamento — TenSoon disse. Suas palavras eram quase indistintas, vindas da boca de um cachorro, mas eram claras o bastante para que fossem entendidas.

— Não haverá julgamento? — KanPaar perguntou num tom divertido. — Busca se livrar daquilo que você mesmo exigiu?

— Vim para dar informações, não ser julgado.

— Eu…

— Não estou falando com você, KanPaar — TenSoon interrompeu, virando as costas para o Segundo e olhando para cima. — Estou falando com eles.

— Eles ouviram suas palavras, Terceiro — KanPaar falou, ríspido. — Controle-se! Não permitirei que transforme este julgamento em um circo, como fez antes.

TenSoon sorriu. Apenas um kandra consideraria uma tênue discussão como sendo um “circo”. Porém, TenSoon não se desviou das alcovas da Primeira Geração.

— Agora — KanPaar continuou. — Nós…

— Vocês! — TenSoon berrou, fazendo KanPaar quase engasgar de novo. — Primeira Geração! Por quanto tempo vocês ficarão aqui, no conforto do lar,

fingindo que o mundo lá em cima não existe? Acham que, se ignorarem os problemas, eles não vão afetá-los? Ou é porque pararam de acreditar nos próprios ensinamentos?

“Os dias das brumas chegaram! As cinzas infinitas agora caem! A terra treme e chacoalha. Vocês podem me condenar, mas não devem me ignorar! O mundo vai morrer em breve! Se querem que os povos, em todas as suas formas, sobrevivam, devem agir! Devem estar prontos! Pois podem precisar em breve ordenar que nosso povo aceite a Resolução!

O salão ficou silencioso. Várias das sombras lá em cima se moveram, como se envergonhadas, embora os kandra em geral não reagissem de tal maneira. Era desordenado demais.

Então, uma voz — suave, rouca e muito cansada — falou lá de cima.

— Proceda, KanPaar.

O comentário foi tão inesperado que vários membros da plateia se sobressaltaram. A Primeira Geração nunca falava na presença de gerações inferiores. TenSoon não estava surpreso — ele os vira e falara com eles antes de ficarem arrogantes demais para lidar com qualquer um que não fosse da Segunda Geração. Não, não estava surpreso. Apenas decepcionado.

— Minha fé em vocês foi equivocada — ele disse, mais para si mesmo. — Eu não deveria ter retornado.

— TenSoon da Terceira Geração! — KanPaar disse, empertigando-se, o Corpo Verdadeiro cristalino reluzindo enquanto ele apontava para o réu. — Você foi sentenciado à prisão ritual de ChanGaar! Será espancado ao ponto da fratura e em seguida isolado por tijolos em um fosso, com apenas um buraco para sua ração diária. Permanecerá lá por dez gerações! Apenas depois disso será executado por inanição! Saiba que seu maior pecado foi o da rebelião. Se não tivesse se desgarrado dos avisos e da sabedoria deste conselho, jamais teria pensado ser correto o rompimento do Primeiro Contrato. Por sua causa, a Confiança foi posta em risco, bem como cada kandra de todas as gerações!

KanPaar deixou o pronunciamento ressoar pela câmara. TenSoon estava sentado, quieto, nas patas traseiras. KanPaar obviamente esperava algum tipo de reação dele, mas TenSoon não esboçara nenhuma. Por fim, KanPaar gesticulou para os guardas ao lado de TenSoon, que prepararam suas marretas aterradoras.

— Sabe, KanPaar — TenSoon disse. — Aprendi algumas coisas importantes enquanto usava esses ossos, um ano atrás.

KanPaar gesticulou novamente. Os guardas ergueram as armas.

— É algo que nunca parei para pensar — TenSoon disse. — Os seres humanos, se você pensar bem, não são feitos para ter velocidade. Já os cães, por outro lado, *são.*

As marretas caíram.

TenSoon saltou para frente.

As patas poderosas do cão lançaram-no em movimento. TenSoon era um membro da Terceira Geração. Ninguém havia comido e emulado corpos como ele, que sabia como moldar músculos em um corpo de forma eficiente. Além disso, passara um ano usando os ossos de um cão de caça, sendo forçado a acompanhar sua mestra Nascida da Bruma. Passara o que efetivamente fora um ano de treinamento com uma das alomânticas mais talentosas que o mundo conhecia.

Além disso, uma massa corpórea transferida de um humano mirrado formava um cão bastante substancial. Esse fato, combinado com sua habilidade para formar corpos, significava que, quando TenSoon saltava, ele realmente *saltava*. Os guardas gritaram em choque quando o condenado saltou para longe, seu pulo levando-o a no mínimo três metros pelo salão. Ele correu, mas não seguiu para a porta. Era o que estariam esperando.

Em vez disso, saltou diretamente sobre KanPaar. O chefe dos Segundos berrou, estendendo as mãos incapazes quando os mais de quarenta quilos do cão o atingiram, lançando-o ao chão de pedra. TenSoon ouviu os estalos agudos quando os ossos delicados do outro se estilhaçaram, e KanPaar gritou de uma maneira muito pouco típica de um kandra.

Parece adequado, TenSoon pensou, abrindo caminho através das fileiras de Segundos, partindo ossos alheios no processo. *Honestamente, que tipo de tolo vaidoso usa um Corpo Verdadeiro de cristal?*

Muitos dos kandra não sabiam como reagir. Outros — especialmente os mais novos —, tendo passado muito tempo com seres humanos em Contratos, estavam mais acostumados ao caos. Esses se espalharam, deixando os companheiros mais velhos sentados, atônitos, em seus bancos. TenSoon correu entre os corpos, seguindo para as portas. Os guardas ao lado do pódio — aqueles que teriam quebrado seus ossos — correram para o lado de KanPaar, seu sentimento de dever para com o Segundo sobrepujando o desejo de impedir a fuga. Além disso, deviam ter visto a multidão obstruindo a passagem e acreditaram que aquilo por conta própria retardaria o avanço do condenado.

Assim que chegou à multidão, TenSoon saltou novamente. Vin havia exigido dele a capacidade de pular alturas incríveis, e ele tinha praticado com muitas estruturas musculares diferentes. Este salto não teria impressionado Vin — TenSoon não tinha mais a Bênção da Potência que roubara de OreSeur —, mas era mais que suficiente para livrá-lo dos espectadores. Alguns gritaram, e ele aterrissou em um espaço vazio, dando em seguida outro pulo em direção à caverna aberta.

— Não! — Ele ouviu ecoar da Gruta da Confiança. — Vão atrás dele!

TenSoon partiu em uma investida galopante por um dos corredores. Corria rápido, muito mais rápido que qualquer bípede seria capaz. Com seu corpo canino, ele esperava conseguir ultrapassar até mesmo os kandra que portassem a Bênção da Potência.

Adeus, meu lar, TenSoon pensou, deixando a caverna principal para trás. *E adeus a qualquer pequena honra que eu ainda tinha.*

Terceira parte

Céus Rompidos

A Feruquemia, deve ser observado, é a força do equilíbrio. Dos três poderes, era o único conhecido pelos homens antes do conflito entre Preservação e Ruína chegar a um impasse. Na Feruquemia, o poder é armazenado, depois extraído. Não há perda de energia — apenas uma mudança do momento e do grau de uso.

34

Marsh entrou a passos largos na cidadezinha. Operários postados sobre o portão improvisado — que parecia frágil a ponto de poder ser derrubado por uma mera batida determinada — ficaram paralisados. Os varredores de cinzas perceberam sua passagem com choque, em seguida horror. Era estranho como observavam, aterrorizados demais para fugir. Ou, ao menos, aterrorizados demais para serem os primeiros a fugir.

Marsh os ignorou. A terra tremia sob ele numa bela canção — os terremotos eram comuns ali, à sombra da Montanha de Tyrian. Era a montanha de cinzas mais próxima de Luthadel. Marsh atravessava naquele momento o próprio território de Elend Venture. Mas, claro, o imperador o havia abandonado. Aquilo parecia um convite a Marsh e àquela que o controlava. Eram na verdade a mesma coisa. Marsh sorria ao caminhar.

Uma parte pequena dele ainda estava livre. Ele a deixava dormir, porém. Ruína precisava pensar que ele havia desistido. Essa era a ideia. Então Marsh mantinha aquele único pedacinho de si e não lutava. Deixava o céu cinzento tornar-se algo de beleza manchada; tratava a morte do mundo como um evento abençoado.

Esperando a hora certa. Aguardando.

O vilarejo era uma visão inspiradora. As pessoas dali morriam de fome, embora estivessem dentro do Domínio Central, a área “protegida” de Elend Venture. Tinham no rosto expressões maravilhosas, assustadas, daqueles que estavam prestes a abrir mão de toda esperança. As ruas estavam mal-cuidadas; as casas — que no passado abrigaram os nobres, mas agora estavam cheias de skaa famintos —, cobertas de cinzas; os jardins, arrancados; e as estruturas, canibalizadas para alimentar as fogueiras durante o inverno.

Aquela linda vista fez Marsh sorrir de satisfação. Atrás dele, as pessoas finalmente começaram a se mover, fugindo, portas batendo. Provavelmente havia entre seis e sete mil pessoas vivendo na cidade. Não eram assunto de Marsh. Não por enquanto.

Ele estava interessado apenas em um único e específico prédio. Não parecia

diferente dos outros, mais uma mansão em uma fileira sofisticada. A cidade, outrora um local de parada para viajantes, havia se tornado o lugar favorito para a nobreza construir segundas casas. Algumas famílias nobres viviam ali em caráter permanente, supervisionando os muitos skaa que trabalhavam nas plantações e campos nas planícies fora da cidade.

O prédio escolhido por Marsh estava um pouco mais conservado que os outros ao redor. O jardim, claro, era mais de ervas daninhas que de plantas cultivadas, e os muros externos da mansão não viam um esfregão havia anos. No entanto, poucas partes dela pareciam ter sido arrancadas para servir de lenha, e um vigia montava guarda no portão da frente.

Marsh o matou com um dos triângulos de metal afiadíssimos outrora usados nas cerimônias do Senhor Soberano. *Empurrou-o* no peito do vigia antes de o homem sequer conseguir abrir a boca para protestar. O ar ficou estranhamente silencioso quando o guarda caiu de lado na estrada. Os skaa que observavam das casas próximas não ousaram reagir, evitando qualquer movimento.

Marsh cantarolou baixinho ao se aproximar da mansão, assustando um pequeno bando de corvos que tinha vindo se empoleirar. Antes, aquele caminho teria sido uma via tranquila através dos jardins, a direção marcada pelas lajotas. Agora era simplesmente uma marcha por um campo repleto de ervas daninhas. O dono do lugar obviamente não conseguia custear nada além de um único guarda, e ninguém fez alarde com a aproximação de Marsh. Conseguiu, na verdade, simplesmente chegar andando até as portas da frente. Sorrindo, ele bateu.

Uma criada abriu as portas. Ela ficou paralisada ao ver Marsh, percebendo os olhos com estacas, a altura incomum, a túnica escura. Então, começou a tremer.

Marsh estendeu a mão com a palma para cima, outro triângulo sobre ela. Em seguida, *empurrou-o* direto no rosto da mulher, até estilhaçar a parte de trás do crânio e ela tombar. Ele passou pelo corpo e entrou na casa.

Era muito mais bonita por dentro do que o lado de fora o levara a esperar. Mobiliário sofisticado, paredes recém-pintadas, cerâmica intrincada. Marsh ergueu a sobrancelha, examinando a sala com os olhos perfurados. A maneira como sua visão funcionava dificultava a distinção de cores, mas ele já estava familiarizado o bastante com seus poderes para conseguir diferenciá-las, se quisesse. As linhas alomânticas dos metais dentro da maioria das coisas eram realmente expressivas.

Para Marsh, a mansão era um lugar de brancura imaculada e pingos

brilhantes de cores extravagantes. Ele a vasculhou, queimando peltre para aumentar as capacidades físicas, permitindo-lhe caminhar com muito mais leveza do que teria sido possível sem o metal. Matou mais dois criados no curso de sua busca e, no fim, seguiu para o segundo andar.

Ele encontrou o homem que procurava sentado a uma mesa no último andar. Calvo, vestindo um terno elaborado, tinha um bigodinho cravado no rosto redondo e estava encurvado, de olhos fechados, uma garrafa de bebida forte vazia aos pés. Marsh viu aquilo com desagrado.

— Percorri todo esse caminho até você — comentou. — E, quando finalmente o encontro, descubro que se embriagou à inconsciência?

O homem nunca o vira antes, claro. Aquilo não impedia Marsh de se sentir irritado por não ter a chance de ver a expressão de terror e surpresa nos olhos do homem quando descobrisse um Inquisidor dentro da própria casa. Marsh não poderia se fartar no medo, na expectativa da morte dele. Por um instante, ficou tentado a esperar até o homem ficar sóbrio, de forma que o assassinato pudesse ser realizado com decência.

Mas Ruína não admitiria nada daquilo. Marsh suspirou para aquela injustiça e derrubou o homem inconsciente da cadeira, enterrando uma estaca de bronze em seu coração. Não era grande ou grossa como uma estaca de Inquisidor, mas matava tão bem quanto. Marsh arrancou o coração do homem, deixando o ex-nobre morto, seu sangue formando uma poça no chão.

Em seguida, deixou o prédio. O nobre — Marsh não sabia nem seu nome — havia usado Alomancia recentemente. O homem era Esfumaçador, um Brumoso capaz de criar nuvens de cobre, e o uso dessa capacidade havia atraído a atenção de Ruína. Ele queria um alomântico para drenar.

Então Marsh fora ceifar o poder do homem e sorvê-lo pela estaca. Parecia-lhe um desperdício. Hemalurgia — principalmente a impregnada de Alomancia — era muito mais potente quando se podia atravessar a estaca no coração da vítima e diretamente no hospedeiro em espera. Muito pouco da capacidade alomântica era perdida. Já dessa forma, matando um alomântico para fazer uma estaca e em seguida viajando para outro lugar para enterrá-la, o novo hospedeiro receberia muito menos poder.

Mas não havia como escapar disso, nesse caso. Marsh negava com a cabeça enquanto passava por sobre o corpo da criada, saindo pelos jardins malcuidados. Ninguém o abordou ou mesmo olhou em sua direção enquanto ele caminhava até os portões principais. Lá, contudo, foi surpreendido por um par de homens skaa

ajoelhados no chão.

— Por favor, Vossa Graça — um deles disse quando Marsh passou. — Por favor, envie os obrigadores de volta para nós. Vamos servir melhor desta vez.

— Vocês perderam essa oportunidade — Marsh disse, encarando-os com as pontas das estacas.

— Vamos acreditar no Senhor Soberano de novo — o outro prometeu. — Ele nos alimentava. Por favor. Nossas famílias não têm comida.

— Bem, vocês não precisarão se preocupar com isso por muito tempo — Marsh respondeu.

Os homens continuaram ajoelhados, confusos, enquanto Marsh partia. Não os matou, embora parte dele desejasse. Infelizmente, Ruína queria reivindicar aquele privilégio para si.

Marsh atravessou a planície fora da cidade. Depois de cerca de uma hora ele parou, virando-se para olhar a comunidade que ficava para trás e a montanha de cinzas que se agigantava atrás dela.

Naquele momento, a metade esquerda superior do monte explodiu, cuspindo um dilúvio de poeira, cinzas e rochas. A terra tremeu e um som aterrador correu sobre Marsh. Em seguida, flamejante, quente e vermelho, um grande jorro de magma começou a correr a lateral do monte de cinza abaixo na direção do lago raso na planície e da cidadezinha às suas margens.

Marsh meneou a cabeça. Sim, comida *nem de perto* era o maior problema desta cidade. Eles realmente precisavam distinguir suas prioridades.

Hemalurgia é um poder sobre o qual eu gostaria de saber muito menos. Para Ruína, um poder deve ter custo excessivamente alto — usá-lo deve ser atraente, mas deve semear caos e destruição em sua simples implantação.

Em teoria, é uma arte muito simples. Parasítica. Sem outra pessoa de quem se roubar, a Hemalurgia seria inútil.

35

— Vocês ficarão bem aqui? — Fantasma quis saber.

Brisa virou as costas para a taverna iluminada, erguendo uma sobrancelha. Fantasma lhe havia trazido — junto com vários soldados de Goradel à paisana — para um dos maiores e mais respeitáveis estabelecimentos. Vozes ressoavam lá dentro.

— Sim, vai servir — Brisa disse, olhando para a taverna. — Skaa saindo à noite. Nunca pensei que veria isso. Talvez o mundo esteja *realmente* acabando…

— Vou para uma das áreas mais pobres da cidade — Fantasma comentou baixinho. — Há algumas coisas sobre as quais quero me informar.

— Áreas mais pobres — Brisa disse, pensativo. — Talvez eu devesse acompanhá-lo. Descobri que, quanto mais pobres são as pessoas, mais provável é que soltem a língua.

Fantasma ergueu a sobrancelha.

— Sem querer ofender, Brisa, mas eu acho que você chamaria atenção lá.

— Quê? — Brisa questionou, olhando para seus trajes marrons utilitários de operário; uma mudança e tanto de seu terno e colete habituais. — Estou vestindo essas roupas horrendas, não estou?

— Roupas não são tudo, Brisa. Você tem uma… postura. Além disso, não tem muita cinza em você.

— Eu estava me infiltrando entre os menos favorecidos antes de você sequer ter nascido, garoto — Brisa falou, sacudindo o dedo para ele.

— Tudo bem — Fantasma disse. Ele se abaixou, pegando um punhado de cinzas. — Vamos apenas esfregar isso aqui em suas roupas e no rosto…

Brisa ficou paralisado.

— Encontro você no esconderijo — ele disse por fim.

Fantasma sorriu, soltando as cinzas enquanto desaparecia em meio às brumas.

— Eu nunca gostei dele — Kelsier sussurrou.

Fantasma deixou a parte mais rica da cidade, movendo-se em ritmo acelerado. Quando chegou à rua-canal, não parou; simplesmente saltou para a lateral da estrada e despencou seis metros.

Sua capa esvoaçava atrás dele durante a queda. Aterrissou com suavidade e continuou o passo rápido. Sem peltre, com certeza teria quebrado alguns membros. Ele se movia com a mesma habilidade que no passado invejara em Vin e Kelsier. Sentia-se estimulado. Com peltre avivado, nunca se exauria — nunca sequer se cansava. Mesmo atos simples, como caminhar pela rua, faziam com que se sentisse cheio de graça e poder.

Ele se dirigia rapidamente a Tormentos, deixando para trás as ruas de homens decentes e entrando nas ruas-canal apinhadas e similares a becos, sabendo exatamente onde encontrar sua presa. Durn era uma das figuras de liderança no submundo de Urteau. Parte informante, parte senhor dos mendigos, o músico frustrado se tornara uma espécie de prefeito de Tormentos. Homens como esse precisavam estar onde as pessoas pudessem encontrá-los — e pagá-los.

Fantasma ainda se lembrava daquela primeira noite após despertar de suas febres, poucas semanas antes; a noite em que visitara a taverna e ouvira homens falando sobre ele. Nos dias que se seguiram, visitara várias outras tavernas e ouvira outros mencionarem rumores sobre ele. A chegada de Sazed e Brisa impedira que confrontasse Durn — a fonte aparente dos rumores — sobre o que vinha dizendo às pessoas. Era hora de corrigir esse equívoco.

Fantasma apertou o passo, saltando sobre as pilhas de tábuas descartadas e contornando montinhos de cinzas, até chegar ao buraco que Durn chamava de lar. Era uma seção lateral de um canal que havia sido cavada para formar uma espécie de caverna. Embora o batente de madeira ao redor da porta parecesse tão apodrecido e lascado como tudo o mais nem Tormentos, Fantasma sabia que era reforçada por trás com uma grossa barra de carvalho.

Dois capangas estavam sentados do lado de fora. Encararam Fantasma quando ele parou diante da porta, a capa tremulando ao seu redor. Era a mesma que estivera usando quando foi lançado ao fogo, ainda manchada com marcas de queimaduras e buracos provocados pelas chamas.

— O chefe não quer ver ninguém agora, rapaz — um dos homenzarrões disse, sem se levantar. — Volte mais tarde.

Fantasma chutou a porta. Ela se soltou das dobradiças, que estouraram, a barra estilhaçando seus suportes e tombando para trás.

Ficou parado por um momento, em choque. Tinha pouca experiência com peltre para medir seu uso com precisão. Mas, se ele estava em choque, os dois capangas estavam atônitos. Ficaram sentados, encarando a porta quebrada.

— Talvez você precise matá-los — Kelsier sussurrou.

Não, pensou Fantasma. *Eu só preciso ser rápido*. Ele avançou pelo corredor aberto, sem precisar de tocha ou lampião para enxergar. Tirou os óculos e a venda do bolso quando se aproximou da porta ao final, colocando-os enquanto os guardas gritavam atrás dele.

Bateu com o ombro na porta com um pouco mais de cuidado, abrindo-a sem arrombar. Entrou num aposento iluminado onde quatro homens sentados jogavam fichas numa mesa. Durn estava vencendo.

Fantasma apontou para os homens enquanto se aproximava.

— Vocês três, para fora. Durn e eu temos assuntos a tratar.

Durn ficou sentado, parecendo genuinamente surpreso. Os capangas alcançaram Fantasma, que se virou, agachando-se para pegar o bastão de duelo sob a capa.

— Tudo bem — Durn falou, erguendo-se. — Deixem-nos a sós.

Os guardas hesitaram, obviamente irritados por terem sido descartados com tamanha facilidade. Por fim, eles se retiraram, os parceiros de jogatina de Durn saindo com eles. A porta foi fechada.

— Bela entrada — Durn observou, sentando-se novamente à mesa.

— Você tem falado de mim, Durn — Fantasma disse, virando-se para ele. — Ouvi pessoas discutindo sobre mim em tavernas, mencionando o seu nome. Você tem espalhado rumores sobre minha morte, dizendo às pessoas que eu era do bando do Sobrevivente. Como sabia quem eu era e por que está usando meu nome?

— Ora, deixa disso — Durn falou de cara feia. — Achou mesmo que era anônimo aqui? Você é amigo do Sobrevivente e passou metade da vida no palácio do imperador.

— Luthadel fica bem longe daqui.

— Não tão longe a ponto de as notícias não viajarem — Durn disse. — Um Olho de Estanho vem até a cidade, espiona, gastando recursos aparentemente infinitos? Não foi muito difícil descobrir quem você era. Além disso, há a questão dos seus olhos.

— O que eles têm? — Fantasma quis saber.

O homem feioso deu de ombros.

— Todo mundo sabe que coisas estranhas acontecem com o bando do Sobrevivente.

Fantasma não sabia ao certo o que pensar disso. Ele avançou, olhando para as cartas na mesa. Pegou uma, sentindo o papel. Seus sentidos aguçados permitiram que percebesse as elevações na parte de trás.

— Cartas marcadas?

— Claro — Durn respondeu. — Praticando para ver se meus homens conseguem ler direito os padrões.

Fantasma jogou a carta na mesa.

— Você ainda não me disse por que vem espalhando rumores sobre mim.

— Não se ofenda, garoto — disse Durn. — Mas… bem, você deveria estar morto.

— Se acreditava nisso, por que se incomodou em falar sobre mim?

— Por que você acha? As pessoas amam o Sobrevivente e qualquer coisa relacionada a ele. Por isso Quellion usa tanto o nome de Kelsier. Mas, se eu conseguisse mostrar que Quellion matou um membro do bando do Sobrevivente… Bem, haveria muita gente na cidade que não gostaria disso.

— Então, você só estava tentando ajudar — Fantasma falou sem rodeios. — De pura bondade do coração.

— Você não é o único que acha que Quellion está matando esta cidade. Se é realmente do bando do Sobrevivente, sabe que, às vezes, o povo luta.

— Acho difícil pensar em você como um altruísta, Durn. No fim das contas, é um ladrão.

— E você também.

— Não sabíamos no que estávamos nos metendo. — Fantasma confessou. — Kelsier nos prometeu riquezas. E o que você ganha com tudo isso?

Durn bufou.

— O Cidadão é muito ruim para os negócios. O vinho tinto dos Venture sendo vendido por uma fração de tostão? Nosso contrabando sofreu uma queda imensa porque todos temem comprar nossos produtos. As coisas *nunca* foram assim tão ruins com o Senhor Soberano. — Ele se inclinou para a frente. — Se seus amigos que estão no antigo prédio do Ministério pensam que podem fazer algo sobre o lunático que governa esta cidade, então diga a eles que têm meu

apoio. Não resta muito de submundo nesta cidade, mas Quellion ficará surpreso com o dano que ele pode fazer se manipulado da maneira certa.

Fantasma se ergueu e ficou em silêncio por um momento.

— Há um homem coletando informações na taverna da Alameda do Riacho Ocidental. Envie alguém para contatá-lo. É um Abrandador, o melhor que já existiu, mas se destaca um pouco. Faça sua oferta para ele.

Durn assentiu.

Fantasma se virou para ir embora; voltou os olhos para Durn.

— Não mencione meu nome para ele ou o que aconteceu comigo.

Com isso, saiu pelo corredor, passando os guardas e os canalhas desalojados do jogo de cartas. Tirou a venda ao sair sob o brilho quase diurno da noite estrelada.

Caminhou por Tormentos, tentando decidir o que pensar da reunião. Durn não havia revelado nada de *muito* importante. Ainda assim, Fantasma sentia como se algo estivesse acontecendo ao redor, algo que ele não havia planejado, algo que não conseguia decifrar direito. Estava ficando mais confortável com a voz de Kelsier e com o peltre, mas ainda temia não ser capaz de fazer jus à posição que ocupava.

— Se não for logo até Quellion — Kelsier disse —, ele vai encontrar seus amigos. Já está preparando assassinos.

— Ele não vai enviá-los — Fantasma disse em voz baixa. — Especialmente se ouviu os rumores de Durn sobre mim. Todos sabem que Sazed e Brisa estavam no seu bando. Quellion não vai derrubá-los, a menos que provem ser uma ameaça que não lhe deixe outra opção.

— Quellion é um homem instável — Kelsier falou. — Não espere demais. Você não quer descobrir o quanto ele pode ser irracional.

Fantasma ficou em silêncio. Em seguida, ouviu passos aproximando-se rapidamente. Sentiu as vibrações no chão. Ele girou e abriu a capa, estendendo a mão para pegar a arma.

— Você não está em perigo — Kelsier comentou baixo.

Fantasma relaxou ao ver alguém sair correndo de um beco. Era um dos homens do jogo de fichas de Durn. O homem estava arfando, o rosto corado de exaustão.

— Milorde!

— Não sou lorde — Fantasma retrucou. — O que aconteceu? Durn está em

perigo?

— Não, senhor — o homem disse. — Eu só… eu…

Fantasma ergueu a sobrancelha.

— Eu preciso de sua ajuda — o homem disse, tomando fôlego. — Quando percebi quem era, o senhor já havia partido. Eu só…

— Ajudar com o quê? — Fantasma questionou, sucinto.

— Minha irmã, senhor — o homem disse. — Ela foi levada pelo Cidadão. Nosso… pai era um nobre. Durn me escondeu, mas Mailey foi vendida pela mulher com quem eu a deixei. Senhor, ela tem apenas sete anos. Ele vai queimá-la em poucos dias!

Fantasma franziu a testa. *O que ele espera que eu faça?* Abriu a boca para fazer exatamente essa pergunta, mas se refreou. Ele não era mais o mesmo homem. Não tinha mais os mesmos limites do antigo Fantasma. Poderia fazer alguma coisa.

O que Kelsier teria feito.

— Pode reunir dez homens? — Fantasma questionou. — Amigos seus dispostos a participar de um trabalho tarde da noite?

— Acho que posso. Isso tem a ver com o salvamento de Mailey?

— Não — Fantasma respondeu. — Tem a ver com seu pagamento por salvar Mailey. Consiga esses trabalhadores e farei o que puder para ajudar sua irmã.

O homem assentiu, ansioso.

— Faça isso agora — Fantasma disse, apontando. — Começaremos hoje.

Na Hemalurgia, o tipo de metal usado em uma estaca é importante, pois dita o posicionamento daquela estaca no corpo. Por exemplo, estacas de aço carregam poderes alomânticos físicos — a capacidade de queimar peltre, estanho, aço ou ferro — e os concedem à pessoa que nos recebem. Qual desses quatro poderes é concedido, no entanto, depende de onde a estaca é cravada.

Já as feitas de outros metais roubam capacidades feruquêmicas. Por exemplo, todos os Inquisidores originais recebiam uma estaca de peltre, que — após ter sido cravada primeiro no corpo de um feruquemista — dava ao Inquisidor a capacidade de armazenar poder de cura. (Embora eles não pudessem fazê-lo tão rapidamente quanto um feruquemista, segundo a lei da deterioração hemalúrgica.) Foi assim, obviamente, que os Inquisidores conseguiram sua infame capacidade de recuperar-se rapidamente de ferimentos, e também o motivo pelo qual precisavam descansar tanto.

36

— Vocês não deveriam ter entrado — Cett falou sem rodeios.

Elend ergueu uma sobrancelha, cavalgando seu garanhão até o centro do acampamento. Tindwyl ensinara-o que era bom ser visto pelo povo, especialmente em situações em que podia controlar a maneira como era notado. Ele concordava com essa lição em particular, e portanto cavalgava, usando uma capa preta para mascarar as manchas de cinzas, garantindo que os soldados soubessem que estava entre eles. Cett cavalgava ao seu lado, atado à sua sela especial.

— Acha que eu me expus demais ao perigo ao entrar na cidade? — Elend perguntou, assentindo para um grupo de soldados que parou os trabalhos matutinos para saudá-lo.

— Não. Nós dois sabemos que eu não dou a mínima se você vai viver ou morrer, garoto. Além disso, você é um Nascido da Bruma. Poderia ter saído de lá se as coisas ficassem perigosas.

— Por que, então? Por que teria sido um erro?

— Porque você encontrou as pessoas lá dentro. Falou com elas, dançou entre elas. Que diabos, rapaz. Não consegue enxergar por que isso é um problema? Quando chegar a hora de atacar, você vai se preocupar com as pessoas que vai ferir.

Elend cavalgou em silêncio por um momento. As brumas matutinas eram algo normal para ele agora. Obscureciam o acampamento, escondendo seu tamanho. Mesmo para olhos aguçados pelo estanho, as tendas distantes se tornavam apenas silhuetas de montinhos ao longe. Era como se cavalgasse por um mundo mítico, um lugar de sombras abafadas e ruídos longínquos.

Fora um erro entrar na cidade? Talvez. Elend conhecia as teorias às quais Cett se referia — entendia como era importante para um general enxergar os inimigos não como indivíduos, mas como números. Obstáculos.

— Estou feliz com a minha escolha — Elend disse.

— Eu sei — Cett falou, coçando a barba espessa. — É isso que me frustra,

para ser sincero. Você é um homem compassivo. Essa é uma fraqueza, mas não um problema real. O *problema* é sua incapacidade de lidar com a própria compaixão.

Elend voltou a erguer a sobrancelha.

— Você deveria evitar se afeiçoar ao inimigo, Elend — Cett disse. — Deveria saber como reagiria e se planejado para evitar essa situação! Que inferno, rapaz, todo líder tem fraquezas. Aqueles que vencem são os que aprendem como as abrandar, não as alimentar! — À falta de resposta dele, Cett simplesmente suspirou. — Tudo bem, então; vamos falar do cerco. Os engenheiros bloquearam vários riachos que corriam para dentro da cidade, mas não acham que sejam essas as fontes principais de abastecimento.

— Não são — Elend confirmou. — Vin localizou seis poços principais lá dentro.

— Deveríamos envenená-los.

Elend ficou em silêncio. As duas metades dele ainda guerreavam em seu íntimo. O homem que ele era apenas queria proteger o máximo de pessoas possível. O homem que ele estava se tornando, no entanto, era mais realista. Sabia que, às vezes, precisava matar — ou ao menos causar desconforto — para salvar.

— Muito bem — Elend disse. — Vou pedir que Vin faça isso à noite… e pedirei que ela deixe uma mensagem escrita nos poços alardeando o que fizemos.

— De que adiantará isso? — perguntou Cett, franzindo a testa.

— Não quero matar as pessoas, Cett. Quero preocupá-las. Dessa forma, elas vão até Yomen para pedir água. Com a cidade inteira fazendo exigências, ele logo precisará acessar o suprimento de água no depósito.

Cett grunhiu, mas parecia contente por Elend ter aceitado sua sugestão.

— E os vilarejos nas cercanias?

— Fique à vontade para acossá-los — Elend respondeu. — Organize uma força de dez mil e envie-na para invadir, mas não para matar. Quero que os espiões de Yomen na área enviem mensagens preocupadas para ele, escrevendo sobre o reino desmoronando.

— Você está tentando fazer esse jogo pela metade, camarada — Cett falou. — No fim das contas, terá de escolher. Se Yomen não ceder, você precisará atacar.

Elend freou o cavalo diante da tenda de comando.

— Sei disso — disse com tranquilidade.

Cett bufou, mas se manteve em silêncio enquanto os criados saíam da tenta para desamarrá-lo da sela. Quando começaram, contudo, a terra tremeu. Elend praguejou, esforçando-se para manter o controle do cavalo cada vez mais arisco. O tremor agitou as tendas, soltando postes e derrubando algumas delas, e Elend ouviu o retinir de metal de taças, espadas e outros itens sendo lançados ao chão. No fim, o tremor deu trégua, e ele olhou para o lado, checando o estado de Cett. O homem havia conseguido manter o controle da montaria, embora uma de suas pernas inúteis pendesse solta da sela e ele parecesse estar prestes a cair. Os criados correram para ajudar.

— Essas desgraças estão ficando cada vez mais frequentes — falou Cett.

Elend acalmou seu cavalo, que estava bufando nas brumas. Por todo o acampamento, homens xingavam e gritavam, lidando com as consequências do terremoto. Estavam de fato ficando mais frequentes; o último fora apenas há poucas semanas. Terremotos não deviam ser comuns no Império Final — durante sua juventude, ele nunca ouvira falar de nenhum nos domínios mais próximos ao centro.

Ele suspirou, apeando do cavalo e entregando o animal para um ajudante, e então seguiu Cett para dentro da tenda de comando. Os criados sentaram Cett numa cadeira e se retiraram, deixando-os a sós. Cett olhou para Elend, parecendo perturbado.

— Aquele tolo do Ham lhe contou das notícias de Luthadel?

— Ou da falta delas? — Elend perguntou, suspirando. — Contou.

Nem um pio tinha vindo da capital, muito menos os suprimentos que Elend ordenara que fossem trazidos pelo canal.

— Não temos *tanto* tempo assim, Elend — Cett comentou baixinho. — Alguns meses, no máximo. Tempo suficiente para enfraquecer a determinação de Yomen, talvez deixar seu povo tão sedento que comecem a desejar uma invasão. Mas, se não formos reabastecidos, não teremos como manter este cerco.

Elend olhou para o homem mais velho. Cett, sentado em sua cadeira com uma expressão arrogante, devolveu o olhar fixamente. Muito do jeito do aleijado estava na postura — Cett havia perdido o uso das pernas para uma doença muito tempo antes e não conseguia intimidar as pessoas fisicamente, de forma que precisara encontrar outras maneiras de se mostrar ameaçador.

Cett sabia como atingir para machucar. Conseguia encontrar as falhas que incomodavam as pessoas e explorar suas virtudes de maneira que Elend raramente via, mesmo em Abrandadores experientes. E fazia tudo aquilo escondendo um coração que Elend suspeitava ser mais terno do que aquele homem jamais admitiria.

Ele parecia especialmente inquieto naquele dia. Como se estivesse preocupado com algo. Algo importante para ele — algo que fora forçado a deixar para trás, talvez?

— Ela ficará bem, Cett — Elend disse. — Nada vai acontecer a Allrianne enquanto ela estiver com Sazed e Brisa.

Cett bufou, agitando a mão com indiferença, embora tivesse desviado o olhar.

— Estou bem melhor sem aquela garota tola por aqui. Deixe que o Abrandador fique com ela! De qualquer forma, não estamos falando de mim; estamos falando de você e do cerco.

— Suas sugestões foram ouvidas, Cett. Atacaremos se eu considerar necessário.

Enquanto falava, as abas da tenda se abriram, e Ham entrou tranquilamente, acompanhado por uma figura que Elend não via já havia semanas; ao menos não fora da cama.

— Demoux! — exclamou Elend, aproximando-se do general. — Você está pronto para outra!

— Mais ou menos, Majestade — Demoux disse. Ele ainda parecia pálido. — Mas recuperei minhas forças o bastante para circular um pouco.

— E os outros? — Elend perguntou.

Ham assentiu.

— A maioria pronta para outra também. Demoux está entre a última leva. Mais alguns dias e o exército estará de volta com força total.

Menos aqueles que morreram, pensou Elend.

Cett encarou Demoux.

— A maioria dos homens se recuperou semanas atrás. Um pouco mais fraco de constituição do que se esperaria, hein, Demoux? Foi o que ouvi, ao menos.

Demoux corou. Elend franziu o cenho.

— O que foi?

— Nada, Majestade.

— Nunca é “nada” no meu acampamento, Demoux — Elend retrucou. — Do que não estou sabendo?

Ham suspirou, puxando uma cadeira. Ele se sentou com o espaldar da cadeira para a frente, descansando os braços musculosos nele.

— É apenas um rumor que tem percorrido o acampamento, El.

— Soldados — Cett disse. — Todos iguais: supersticiosos como donas de casa.

Ham assentiu.

— Alguns deles botaram na cabeça que os homens que ficaram doentes com as brumas estavam sendo punidos.

— Punidos? — Elend questionou. — Pelo quê?

— Falta de fé, Majestade — respondeu Demoux.

— Que bobagem. Todos sabemos que as brumas atacam aleatoriamente.

Os outros se entreolharam, e Elend teve de parar e reconsiderar. *Não. Os ataques não foram aleatórios… ao menos, as estatísticas que os rodeiam não foram.*

— Independentemente disso — ele disse, decidindo mudar de assunto —, quais os relatórios diários?

Os três homens se revezaram para falar sobre suas várias obrigações no acampamento. Ham cuidava da moral e do treinamento, Demoux, dos suprimentos e das tarefas de acampamento, e Cett, das táticas e patrulhas. Elend permaneceu de pé, com as mãos entrelaçadas nas costas, ouvindo os relatórios, mas apenas com metade da atenção. Não eram muito diferentes dos do dia anterior, embora fosse bom ver Demoux de volta às funções. Ele era muito mais eficiente que seus assistentes.

Enquanto falavam, sua mente devaneou. O cerco estava indo relativamente bem, mas parte de Elend — a parte treinada por Cett e Tindwyl — estava irritada com o jogo da espera. Talvez ele fosse capaz de tomar a cidade de supetão. Tinha koloss, e todos os relatórios indicavam que suas tropas eram muito mais experientes do que as de Fadrex. As formações rochosas ofereceriam cobertura para os defensores, mas a posição de Elend não era ruim a ponto de não ser capaz de vencê-los.

Fazê-lo, porém, custaria muitas, muitas vidas.

Era o passo que ele rejeitava — o último passo que o levaria de defensor a

agressor. De protetor a conquistador. E se via frustrado com a própria hesitação.

Havia outro motivo pelo qual entrar na cidade fora ruim para Elend. Era melhor pensar em Yomen como um tirano maléfico, um obrigador corrupto leal ao Senhor Soberano. Agora, infelizmente, ele sabia que Yomen era um homem razoável. E com argumentos muito bons. De certa forma, a acusação que fizera era verdadeira. Elend *era* um hipócrita. Falava de democracia, mas havia tomado seu trono a força.

Ele acreditava que era o que as pessoas precisavam. Mas aquilo fazia dele um hipócrita. Ainda assim, por essa mesma lógica, sabia que deveria enviar Vin para assassinar Yomen. Mas Elend poderia ordenar a morte de um homem que não havia feito nada além de ficar em seu caminho?

Assassinar o obrigador parecia uma ação tão deturpada quanto enviar seus koloss para atacarem a cidade. *Cett tem razão*, Elend pensou. *Estou tentando jogar dos dois lados de uma vez só*. Por um momento, enquanto falava com Telden durante o baile, sentira-se muito seguro de si. E, na verdade, ainda acreditava em suas palavras. Ele *não era* o Senhor Soberano. Ele de fato *dera* às pessoas mais liberdade e mais justiça.

No entanto, percebeu que aquele cerco poderia romper o equilíbrio entre quem ele era e quem temia ter se transformado. Conseguiria realmente justificar a invasão de Fadrex, o massacre de seu exército e a pilhagem de seus recursos, tudo ostensivamente para proteger o povo do império? Poderia ousar fazer o oposto: bater em retirada de Fadrex e deixar os segredos naquela caverna — os segredos que poderiam potencialmente salvar o império inteiro — para um homem que ainda pensava que o Senhor Soberano voltaria para salvar seu povo?

Ele não estava pronto para decidir. Por ora, estava determinado a exaurir todas as outras opções. Qualquer coisa que o poupasse de precisar invadir a cidade. Isso incluía continuar o cerco para deixar Yomen mais maleável. Também incluía enviar Vin às escondidas para dentro do depósito. Os relatórios dela indicavam que o prédio estava muito protegido e que não sabia ao certo se conseguiria entrar lá em uma noite comum. No entanto, durante um baile, talvez as defesas fossem mais porosas. Seria o momento perfeito para tentar vislumbrar o que havia escondido naquela caverna.

Isso supondo que Yomen não tenha simplesmente retirado de lá a última inscrição, pensou Elend. *Ou que houvesse mesmo algo lá, para começo de conversa.*

Ainda assim, havia uma chance. A mensagem final do Senhor Soberano, a

última ajuda que ele deixara para seu povo. Se Elend pudesse descobrir uma maneira de conseguir essa ajuda sem derrubar os portões da cidade, matando milhares, ele a aproveitaria.

Os homens terminaram seus relatórios, e Elend os dispensou. Ham saiu rapidamente, querendo participar da sessão matutina de treinos. Cett os deixou alguns momentos depois, carregado de volta para sua tenda. Demoux, no entanto, ficou. Às vezes era difícil lembrar como ele era jovem — apenas pouco mais velho que Elend. O escalpo calvo e as diversas cicatrizes faziam-no parecer muito mais velho do que de fato era, bem como os efeitos ainda visíveis da doença prolongada.

Demoux parecia hesitar sobre alguma coisa. Elend esperou, e, finalmente, o homem baixou os olhos, parecendo envergonhado.

— Majestade. Sinto que preciso pedir baixa do meu posto como general.

— E por que diz isso? — Elend perguntou com cuidado.

— Não acho que seja mais digno da posição.

Elend endureceu o rosto.

— Apenas um homem de confiança do Sobrevivente deveria comandar este exército, milorde — Demoux afirmou.

— Tenho certeza de que ele confia em você, Demoux.

Demoux negou com a cabeça.

— Então, por que ele me enviou a doença? Por que me escolheu dentre todos os homens do exército?

— Já disse que foi aleatório, Demoux.

— Milorde, odeio discordar, mas nós dois sabemos que não é verdade. No fim das contas, o senhor foi quem enfatizou que os escolhidos adoeciam a critério de Kelsier.

Elend hesitou.

— Enfatizei?

Demoux assentiu.

— Naquela manhã, quando expusemos nosso exército às brumas, o senhor gritou para eles lembrarem que Kelsier é o Lorde das Brumas, e que, portanto, a doença devia ser sua vontade. Acho que o senhor estava certo. O Sobrevivente *é* o Lorde das Brumas. Ele se proclamou assim, durante as noites antes de sua morte. Ele está por trás da doença, milorde. Sei que está. Ele enxergou aqueles

que não tinham fé e os amaldiçoou.

— Não foi isso que eu quis dizer, Demoux. Concluí que Kelsier queria que sofrêssemos esse revés, não que ele tenha mirado em indivíduos específicos.

— De qualquer forma, milorde, foi o que o senhor disse.

Elend fez um gesto de desdém com a mão.

— Então, como o senhor explica os estranhos números, milorde?

— Não sei — Elend respondeu. — Vou admitir que o número de pessoas que caíram doentes produziu uma estatística estranha, mas isso não diz nada sobre você em particular, Demoux.

— Não digo esse número, milorde — Demoux disse, ainda de cabeça baixa. — Digo o número que permaneceu doente enquanto os outros se recuperavam.

Elend ficou calado por um momento.

— Espere um pouco. Como assim?

— O senhor não soube, milorde? — Demoux perguntou na tenda silenciosa. — Os escribas estavam falando sobre isso, e a notícia circulou o exército. Não acho que a maioria entenda de números e tudo o mais, mas entende ainda assim que *algo* estranho está acontecendo.

— Que números? — Elend insistiu.

— Cinco mil pessoas ficaram doentes, milorde.

Exatamente dezesseis por cento do exército, Elend pensou.

— Desses, quinhentos morreram. Dos outros, quase todos recuperaram-se em um dia.

— Mas alguns não. Você, por exemplo — Elend confirmou.

— Sim, eu — Demoux disse com tranquilidade. — Trezentos e vinte e sete de nós permaneceu doente enquanto os outros melhoraram.

— E?

— Isso é exatamente dezesseis por cento daqueles que ficaram doentes, milorde. E ficamos doentes por *exatamente* dezesseis dias. Nenhum dia a mais ou a menos.

A porta da tenda farfalhou baixinho na brisa. Elend ficou em silêncio, sem conseguir reprimir um calafrio.

— Coincidência — disse por fim. — Os estatísticos que buscam relações *sempre* conseguem encontrar coincidências estranhas e anomalias estatísticas caso se esforcem o bastante.

— Isso não parece uma simples anomalia, milorde. É exato. O mesmo número continua aparecendo sem parar. Dezesseis.

Elend fez que não com a cabeça.

— Mesmo que seja verdade, Demoux, não significa *nada.* É apenas um número.

— É o número de meses que o Sobrevivente passou nas Minas de Hathsin — Demoux lembrou.

— Coincidência.

— A idade que Lady Vin tinha quando se tornou uma Nascida da Bruma.

— De novo, coincidência — Elend insistiu.

— Parece haver um número espantoso de coincidências relacionado a este número, milorde — Demoux retrucou.

Elend franziu o cenho e cruzou os braços. Demoux tinha razão. *Minha negação não está nos levando a lugar nenhum. Preciso saber o que as pessoas estão pensando, não apenas contrariá-las.*

— Tudo bem, Demoux — Elend disse. — Digamos que nenhuma dessas coisas seja coincidência. Você parece ter uma teoria do que elas significam.

— É o que eu disse antes, milorde. As brumas são do Sobrevivente. Pegam certas pessoas e as matam; outras elas adoecem, deixando o número dezesseis como prova de que ele realmente está por trás do evento. Por isso, as pessoas que ficaram mais doentes são aquelas que o desagradaram mais.

— Bem, exceto por aqueles que *morreram* da doença — Elend observou.

— Verdade — Demoux disse, erguendo os olhos. — Então… talvez haja esperança para mim.

— Não era para ser um comentário de consolação, Demoux. Eu ainda não aceito tudo isso. Talvez *haja* coisas estranhas, mas sua interpretação se baseia em especulação. Por que o Sobrevivente estaria contrariado com você? É um dos sacerdotes mais fiéis dele.

— Eu assumi essa posição por conta própria, milorde. Ele não me escolheu. Eu apenas… comecei a ensinar o que vi, e as pessoas me ouviram. Talvez tenha sido o que o ofendeu. Se ele quisesse isso de mim, teria me escolhido em vida, não acha?

Não acho que o Sobrevivente se importava muito com isso em vida, pensou Elend. *Ele apenas queria incitar raiva o bastante nos skaa para que eles se rebelassem.*

— Demoux, você sabe que o Sobrevivente não organizou esta religião em vida. Apenas homens e mulheres como você, aqueles que se inspiraram em seus ensinamentos *depois* de ele ter morrido, que foram capazes de formar uma comunidade de fiéis.

— Verdade. Mas ele *apareceu* para algumas pessoas após a morte. Eu não estava entre essas pessoas.

— Ele não apareceu para ninguém. Era OreSeur, o kandra, usando o corpo dele. Você sabe disso, Demoux.

— Sei. Mas aquele kandra agiu a pedido do Sobrevivente. E eu não estava na lista dos que receberam a visita dele.

Elend pousou a mão no ombro de Demoux, fitando os olhos do homem. Já tinha visto aquele general, desgastado e grisalho além da idade, encarar com determinação um koloss selvagem com um metro e meio a mais que ele. Demoux não era um homem fraco, fosse em corpo ou em fé.

— Demoux, quero dizer isso da forma mais gentil possível, mas sua autopiedade está atrapalhando. Se essas brumas pegaram *você*, então precisamos usar isso como prova de que seus efeitos não têm *nada* a ver com o descontentamento de Kelsier. Não temos tempo para que você se questione agora. Nós dois sabemos que é duas vezes mais devoto que qualquer outro homem neste exército.

Demoux corou.

— Pense nisso — Elend disse, dando a Demoux um empurrãozinho alomântico extra nas emoções. — Em você, temos a prova óbvia de que a fé de uma pessoa não tem nada a ver com ela ser ou não atingida pelas brumas. Então, em vez de deixá-lo remoendo esse assunto, precisamos seguir em frente e descobrir o motivo *real* de as brumas estarem se comportando dessa forma.

Demoux não se moveu por um momento. Então, por fim, assentiu.

— Talvez o senhor tenha razão, milorde. Talvez eu esteja tirando conclusões precipitadas.

Elend sorriu. Depois refletiu sobre suas palavras. *Prova óbvia de que a fé de uma pessoa não tem nada a ver com ela ser ou não atingida pelas brumas…*

Não era exatamente verdade. Demoux era um dos maiores fiéis no acampamento. E os outros que haviam ficado doentes o mesmo tanto que ele? Seriam, talvez, homens de extrema fé também? Elend abriu a boca para fazer a pergunta a Demoux. Foi quando a gritaria começou.

A deterioração hemalúrgica era menos óbvia nos Inquisidores criados a partir de Nascidos da Bruma. Como já tinham poderes alomânticos, o acréscimo de outras habilidades os tornava incrivelmente fortes.

No entanto, na maioria dos casos, Inquisidores eram criados a partir de Brumosos. Parece que os Buscadores, como Marsh, eram os recrutas favoritos. Pois, quando um Nascido da Bruma não estava disponível, um Inquisidor com capacidades de bronze aguçadas era uma ferramenta poderosa para procurar Brumosos skaa.

37

Gritos surgiram a distância. Vin se ergueu em sua cabine, assustada. Estivera quase dormindo. Outra noite de reconhecimento na Cidade de Fadrex a havia deixado exausta.

Toda a fadiga desapareceu quando os sons de batalha soaram ao norte. *Finalmente!*, ela pensou, jogando os cobertores longe e saindo às pressas da cabine. Usava as costumeiras calças e camisa e — como sempre — carregava vários frascos de metais. Ela tomou um deles enquanto cambaleava pelo convés do barco.

— Lady Vin! — chamou um dos barqueiros através das brumas diurnas. — O acampamento está sendo atacado!

— E já não era sem tempo — disse Vin enquanto se *empurrava* dos calços do barco, lançando-se no ar. Ela cruzou as brumas matutinas, os volteios e filetes brancos fazendo com que ela se sentisse como um pássaro atravessando uma nuvem.

Com estanho, ela logo encontrou a batalha. Vários grupos de homens a cavalo haviam entrado na parte norte do acampamento, aparentemente tentando abrir caminho até as barcaças de suprimentos que flutuavam em uma curva bem protegida do canal. Um grupo de alomânticos de Elend havia coberto um perímetro de um lado, Brutamontes na frente, Lançamoedas atacando os cavaleiros por trás. Os soldados seguravam o meio, lutando bem, uma vez que os cavaleiros estavam sendo obstruídos pelas barricadas e fortificações do acampamento.

Elend tinha razão, Vin pensou com orgulho ao descer pelo ar. *Se não tivéssemos exposto os homens às brumas, estaríamos enrascados agora.*

O plano dele salvara os suprimentos e atraíra uma das forças saqueadoras de Yomen. Os cavaleiros provavelmente tinham esperado entrar com facilidade no acampamento, pegando os soldados de surpresa e emboscados pela bruma, e depois atear fogo nas barcaças de suprimentos. Em vez disso, os batedores e as patrulhas de Elend deram o alerta a tempo, e a cavalaria inimiga foi confrontada em uma luta frontal.

Os soldados de Yomen estavam tentando entrar no acampamento pelo lado sul. Embora os soldados de Elend lutassem bem, os inimigos estavam montados. Vin desceu dos céus, avivando peltre e fortalecendo o corpo. Lançou uma moeda, *empurrando* para diminuir a própria velocidade, e atingiu o chão escuro, erguendo uma grande quantidade de cinzas. O flanco sul de cavaleiros havia chegado até a terceira fileira de tendas. Vin escolheu aterrissar bem no meio deles.

Sem ferraduras, Vin pensou, conforme os soldados começaram a se voltar para ela. *E lanças com pontas de pedra em vez de espadas. Yomen é mesmo cuidadoso.*

Quase parecia um desafio. Vin sorriu, a adrenalina fazendo bem, depois de tantos dias de espera. Os comandantes de Yomen começaram a gritar, direcionando seu ataque para Vin. Em segundos, tinham uma força de trinta cavaleiros galopando na direção dela.

Vin os encarou. Em seguida, saltou. Não precisava de aço para se manter no alto — seus músculos fortalecidos pelo peltre eram suficientes. Ergueu-se sobre a lança do soldado à frente, sentindo-a passar embaixo de seu corpo. Cinzas rodopiaram nas brumas matutinas quando Vin acertou o pé no rosto do soldado, derrubando-o da sela. Ela aterrissou ao lado do corpo em queda e, em seguida, soltou uma moeda e se *empurrou* para o lado, para longe dos cascos galopantes. O infeliz cavaleiro que ela havia derrubado gritou quando os amigos o pisotearam inadvertidamente.

O *empurrão* de Vin a levou para dentro das portas abertas de uma grande tenda-dormitório de lona. Ela rolou até se erguer e — ainda em movimento — *empurrou* as estacas de metal da tenda, arrancando-as do chão.

As paredes sacudiram e ouviu-se um estalar das lonas quando a tenda voou, esticando-se quando todas as estacas foram em diferentes direções. Cinzas voaram devido ao vento provocado, e os soldados dos dois lados do conflito viraram-se para Vin. Ela deixou que a tenda caísse à sua frente, então *empurrou*. A lona subiu, inflando-se, e as estacas se soltaram da tenda, voando para empalar cavalos e cavaleiros.

Homens e animais caíram. A lona tremeu até chegar ao chão, antes de Vin. Ela sorriu e saltou sobre o emaranhado descartado enquanto os cavaleiros tentavam organizar outro ataque. Ela não lhes deu tempo. Os soldados de Elend na área haviam recuado, apoiando o centro da linha de defesa, deixando Vin livre para atacar sem medo de ferir um de seus homens.

Ela correu entre os cavaleiros, as montarias imensas impedindo que eles a acompanhassem com o olhar. Homens e cavalos giraram, e Vin *puxou*, arrancando tendas do chão e usando as estacas de metal como flechas. Dezenas caíram diante dela.

O som de galope veio de trás, e Vin girou para ver que um dos oficiais inimigos havia conseguido organizar outro ataque. Dez homens vinham direto para ela, alguns com lanças erguidas, outros puxando arcos.

Vin não gostava de matar. Mas amava a Alomancia — amava o desafio de usar suas capacidades, a força e a emoção de *empurrões* e *puxões*, a sensação eletrizante de poder que surgia apenas de um corpo avivado com peltre. Quando homens como aqueles lhe davam uma desculpa para lutar, ela não se refreava.

As flechas não tinham chance. O peltre lhe deu velocidade e equilíbrio enquanto se esquivava, *puxando* uma fonte de metal atrás de si. Saltou no ar enquanto uma tenda ondulante passava sob ela, carregada pelo *puxão* anterior. Ela aterrissou e *empurrou* várias das estacas nas extremidades da tenda, que dobrou-se como um guardanapo cujas pontas alguém puxa com força.

A tenda atingiu as pernas dos cavalos como um arame. Vin queimou duralumínio e *empurrou*. Os cavalos na frente gritaram, a arma improvisada espalhando-os pelo chão. A lona rasgou e as estacas se soltaram, mas o estrago estava feito — os cavalos tropeçaram uns nos outros e os homens tombaram ao lado de seus animais.

Vin tomou outro frasco para reabastecer o aço. Em seguida, *puxou*, atraindo outra tenda. Quando se aproximou, ela saltou, girou e empurrou a tenda na direção de outro grupo de homens montados atrás dela. As estacas da tenda atingiram um homem no peito, lançando-o para trás. Ele despencou sobre outros soldados, semeando o caos.

O homem foi ao chão, despencando sem vida nas cinzas. Ainda presa a ele pelas estacas no peito, a tenda de lona abaixou, cobrindo seu corpo como uma mortalha. Vin girou, buscando mais inimigos. Os cavaleiros estavam começando a bater em retirada, porém. Ela avançou, com a intenção de persegui-los, mas hesitou. Alguém a observava — ela conseguia sentir sua sombra na bruma. Vin queimou bronze.

A figura pulsava com o poder dos metais. Alomântico. Nascido da Bruma. Era baixo demais para ser Elend, mas ela não conseguia discernir mais que isso em meio à sombra das brumas e das cinzas. Vin não parou para pensar. Soltou uma moeda e lançou-se na direção do estranho.

Ele saltou para trás, também *empurrando-se* no ar. Vin seguiu, deixando o campo rapidamente para trás e pulando atrás do alomântico. Ele se dirigiu às pressas na direção da cidade e ela foi atrás, movendo-se em grandes saltos sobre a paisagem coberta de cinzas. Sua caça escalou as formações rochosas diante da cidade, e Vin seguiu, aterrissando apenas a poucos metros de uma patrulha surpresa, para então lançar-se sobre os penhascos e rochas ao vento para o interior de Fadrex.

O outro alomântico permanecia à frente. Não havia brincadeira em seus movimentos, como nos de Zane. Aquele homem estava realmente tentando escapar. Vin seguiu, agora saltando sobre telhados e ruas. Ela cerrou os dentes, frustrada por sua incapacidade de acompanhá-lo. Dava um ritmo perfeito a cada salto, mal parando para escolher novas âncoras e *empurrar-se* de arco para arco.

Mas ele era bom. Rodeou a cidade, fazendo-a se esforçar para acompanhar. *Ótimo!*, ela pensou, por fim, preparando o duralumínio. Estava perto o bastante da figura, que não estava mais escondida pelas brumas, de forma que ela conseguia ver que ele era real, de carne e osso, não um espírito fantasmagórico. Era cada vez maior sua certeza de que era o homem que ela sentira observando-a em sua primeira noite em Fadrex. Yomen tinha um Nascido da Bruma.

Mas para combater o homem, primeiro Vin precisava pegá-lo. Esperou o momento certo, quando ele estava começando a se erguer em um dos pulos arqueados, para exaurir os metais e queimar duralumínio. Então *empurrou*.

Um estalo soou atrás dela quando seu empurrão sobrenatural estilhaçou a porta que ela havia usado como âncora. Ela foi lançada para frente com um surto terrível de velocidade, como uma flecha lançada de um arco. Aproximou-se do oponente com velocidade assustadora.

E não encontrou nada. Xingou, reavivando seu estanho. Não podia deixá-lo queimando enquanto avivava o duralumínio, ou seu estanho queimaria num único lampejo, deixando-a cega. Mas extingui-lo teve basicamente o mesmo efeito. *Puxou* a si mesma para baixo do *empurrão* de duralumínio para aterrissar meio sem jeito em um telhado próximo. Agachou-se enquanto esquadrinhava o ar brumoso.

Para onde você foi?, pensou, queimando bronze, confiando em sua capacidade inata — mas ainda inexplicável — de perfurar nuvens de cobre para revelar seu oponente. Nenhum alomântico conseguia esconder-se de Vin a menos que extinguisse totalmente seus metais.

O que, aparentemente, o homem havia feito. Novamente. Era a segunda vez

que ele a enganava.

Aquilo indicava uma possibilidade inquietante. Vin tentara de todas as formas manter sua habilidade de perfurar nuvens de cobre em segredo, mas já fazia quase quatro anos desde que a descobrira. Zane soubera sobre ela, e Vin não tinha como saber quem mais poderia ter inferido essa informação com base nas coisas que ela era capaz de fazer. Seu segredo poderia muito bem ter vazado.

Vin permaneceu naquele telhado por alguns momentos, mas sabia que não encontraria nada. Um homem esperto o bastante para escapar no exato momento em que ela extinguira o estanho também seria esperto o suficiente para permanecer escondido até que ela fosse embora. Na verdade, aquele fato a fez imaginar por que ele teria se deixado flagrar em primeiro lugar…

Vin se levantou, empertigada, tomou um frasco de metal e se *empurrou* do telhado, saltando com ansiedade furiosa de volta para o acampamento.

Encontrou os soldados limpando a bagunça e os corpos no perímetro do acampamento. Elend caminhava entre eles dando ordens, cumprimentando os homens e, como de costume, se deixando admirar. De fato, a visão do uniforme branco trouxe a Vin uma sensação imediata de alívio.

Ela aterrissou ao lado dele.

— Elend, você foi atacado?

Ele a encarou.

— Quê? Eu? Não, estou bem.

Então, o alomântico não foi enviado para me distrair de um ataque a Elend, ela pensou, franzindo a testa. Parecera tão óbvio. Era…

Elend a puxou de lado, parecendo preocupado.

— *Eu* estou bem, Vin, mas tem uma coisa… algo aconteceu.

— O quê? — Vin perguntou.

Elend meneou a cabeça.

— Acho que tudo foi apenas uma distração… todo o ataque ao acampamento.

— Mas se não estavam atrás de você e não estavam atrás de nossos suprimentos, o que havia mais para nos distrair?

Elend fitou os olhos dela.

— Os koloss.

*

— Como não reparamos *nisso*? — Vin perguntou, soando frustrada.

Elend estava com uma tropa de soldados sobre um planalto, esperando enquanto Vin e Ham inspecionavam os equipamentos queimados do cerco. Lá embaixo, conseguia distinguir seu exército acampado do lado de fora da Cidade de Fadrex. As brumas haviam desaparecido pouco tempo antes. Era perturbador que, daquela distância, ele não conseguisse divisar o canal — as cinzas que caíam haviam obscurecido as águas e coberto a paisagem ao ponto de tudo parecer preto.

Na base dos penhascos do planalto estava o que sobrara do exército koloss. Os vinte mil haviam se tornado dez mil nos poucos momentos em que uma engenhosa armadilha lançou destruição sobre as feras enquanto as tropas de Elend estavam distraídas. As brumas matutinas impediram que os homens enxergassem o que estava acontecendo até ser tarde demais. Elend sentira as mortes, mas as interpretara equivocadamente, supondo que eram os koloss sentindo a batalha.

— Cavernas ao fundo daqueles penhascos — Ham disse, empurrando um pedaço de madeira queimada. — Yomen provavelmente tinha catapultas nas cavernas, prevendo nossa chegada, embora eu ache que tenham sido originalmente construídas para um ataque a Luthadel. De qualquer forma, esse planalto era uma área perfeita para uma barragem. Eu diria que Yomen as montou aqui pretendendo atacar nosso exército, mas quando acampamos os koloss bem embaixo do planalto…

Elend ainda conseguia ouvir os gritos na cabeça — os koloss, sedentos de sangue e fervilhando para lutar, mas incapazes de atacar seus inimigos, que estavam no topo do planalto. As rochas que caíram causaram muito dano. E, então, as criaturas tinham escapado de seu controle. A frustração fora poderosa demais e, por um tempo, ele não conseguira impedir que se voltassem uns contra os outros. Mais ou menos metade morrera nesse frenesi de combates e mortes uns nas mãos dos outros.

Perdi o controle deles, pensou Elend. Fora apenas por um breve momento, e havia acontecido apenas porque eles não haviam conseguido atacar seus inimigos. No entanto, aquilo abria um precedente perigoso.

Vin, frustrada, chutou um pedaço grande de madeira queimada, fazendo-a se

chocar contra a lateral do planalto.

— Foi um ataque *muito* bem planejado, El — Ham disse, falando num tom suave. — Yomen deve ter visto quando enviamos patrulhas extras pela manhã e inferiu corretamente que estávamos esperando um ataque durante essas horas. Então, ele nos deu esse ataque e em seguida nos atingiu no que teríamos de mais forte.

— Custou muito para ele também — Elend comentou. — Teve de queimar o próprio equipamento de cerco para impedir que caísse em nossas mãos e perdeu centenas de soldados, mais as montarias, no ataque ao nosso acampamento.

— Verdade. Mas você trocaria um punhado de armas de cerco e quinhentos homens por dez mil koloss? Além disso, Yomen deve estar preocupado em manter a cavalaria em movimento… só o Sobrevivente sabe como ele conseguiu grãos suficientes para alimentar aqueles cavalos até agora. Melhor para ele atacar agora e perdê-los em batalha do que vê-los morrer de fome.

Elend assentiu lentamente. *Isso torna as coisas mais difíceis. Com dez mil koloss a menos…* De repente, as forças ficaram muito mais niveladas. Elend poderia manter o cerco, mas atacar a cidade seria muito mais arriscado.

Ele suspirou.

— Não deveríamos ter deixado os koloss tão afastados do acampamento principal. Vamos levá-los para lá.

Ham não pareceu gostar daquela ideia.

— Eles não são perigosos — Elend afirmou. — Vin e eu podemos controlá-los.

Quase sempre.

Ham deu de ombros. Ele voltou para os escombros fumegantes, preparando-se para enviar mensageiros. Elend avançou, aproximando-se de Vin, que estava bem à beira do abismo. Estar tão alto o deixava um pouco desconfortável. Ainda assim, ela mal notava a queda abrupta diante dela.

— Eu deveria ter sido capaz de ajudar você a controlá-los — ela disse em voz baixa, olhos ao longe. — Yomen me distraiu.

— Ele distraiu a todos nós. Senti os koloss na minha cabeça, mas, mesmo assim, não consegui perceber o que estava acontecendo. Já tinha controlado quando você voltou, mas àquela altura muitos já estavam mortos.

— Yomen tem um Nascido da Bruma — Vin alertou.

— Tem certeza?

Ela assentiu.

Mais uma coisa, ele pensou, mas conteve a frustração. Seus homens precisavam vê-lo confiante.

— Estou entregando mil koloss para você — ele disse. — Devíamos tê-los dividido antes.

— Você é mais forte.

— Não o suficiente, pelo visto.

Vin suspirou e assentiu.

— Vou lá embaixo.

Haviam descoberto que a proximidade ajudava a controlar os koloss.

— Vou destacar uma seção de mais ou menos mil, então soltá-la. Fique pronta para assumi-los assim que eu soltar.

Vin assentiu e, em seguida, saltou na lateral do abismo.

Eu deveria ter percebido que estava sendo levada pela empolgação da luta, Vin pensou enquanto caía pelo ar. Parecia tão óbvio agora. E, infelizmente, os resultados do ataque deixaram-na sentindo-se ainda mais reprimida e ansiosa que antes.

Ela lançou uma moeda e aterrissou. Mesmo cair de muitas centenas de metros não a incomodava mais. Era estranho pensar nisso. Ela se lembrava de ficar em pé, timidamente, sobre a muralha de Luthadel, com medo de usar a Alomancia para saltar, apesar da persuasão de Kelsier. Agora conseguia saltar de um penhasco e refletir durante a queda.

Caminhou pelo chão poeirento. As cinzas chegavam até as panturrilhas, e teria sido difícil caminhar por ali sem peltre para lhe dar forças. As chuvas de cinzas estavam ficando cada vez mais densas.

Humano se aproximou dela quase de imediato. Ela não conseguia dizer se o koloss estava simplesmente reagindo aos laços que os uniam ou se estava de fato consciente e interessado a ponto de abordá-la. Ele tinha um ferimento novo no braço, resultado das lutas, e acompanhou seus passos enquanto Vin avançava para os outros koloss, sua forma gigantesca obviamente sem problemas com as cinzas altas.

Como de costume, havia pouca emoção no acampamento koloss. Apenas pouco tempo antes, eles estiveram gritando, sedentos de sangue, atacando uns

aos outros enquanto as pedras caíam lá de cima. Agora estavam sentados nas cinzas, reunidos em pequenos grupos, ignorando os ferimentos. Teriam feito fogueiras se houvesse madeira disponível. Alguns cavavam, encontrando punhados de terra para mascar.

— Seu povo não se importa, Humano? — Vin perguntou.

O gigante koloss baixou os olhos para ela, o rosto rasgado sangrando um pouco.

— Se importar?

— Que tantos de vocês tenham morrido — Vin disse. Ela conseguia ver os cadáveres espalhados, esquecidos nas cinzas, exceto pelo esfolamento ritual que era a forma de enterro dos koloss. Vários deles ainda trabalhavam, movendo-se entre os corpos, arrancando peles.

— Nós cuidamos deles — Humano respondeu.

— Sim. Vocês arrancam a pele. Aliás, por que fazem isso?

— Eles estão mortos — Humano respondeu, como se fosse explicação suficiente.

Ao lado deles, um grupo de koloss se levantou, comandado pelas ordens silenciosas de Elend. Eles se separaram do acampamento principal, arrastando os pés pelas cinzas. Um momento depois, começaram a olhar ao redor, sem se mover em conjunto.

Vin reagiu rapidamente. Ela extinguiu seus metais e queimou duralumínio, em seguida avivou zinco em um *empurrão* gigantesco, *tumultuando* as emoções dos koloss. Como esperado, eles foram puxados para seu controle junto a Humano.

Controlar tantos era mais difícil, mas ainda dentro de sua capacidade. Vin ordenou que se acalmassem e não matassem, então fez com que voltassem ao acampamento. A partir daquele momento, eles permaneceriam no fundo de sua mente, não mais exigindo a Alomancia para manipulá-los. Eram fáceis de ignorar, a menos que se agitassem.

Humano os observou.

— Nós somos… menos — ele disse, por fim.

Vin ficou surpresa.

— Sim. Você percebe?

— Eu… — Humano parou de falar, os olhos brilhantes e pequenos observando o acampamento. — Nós lutamos. Nós morremos. Precisamos de

mais. Temos muitas espadas. — Ele apontou à distância para uma pilha grande de metal. Espadas koloss, moldadas como porretes e agora sem dono.

Você pode controlar uma população de koloss pelas espadas, Elend havia lhe dito certa vez. *Eles lutam para ficar com espadas maiores quando crescem. Espadas sobressalentes vão para koloss menores e mais jovens.*

Mas ninguém sabe de onde eles vêm.

— Você precisa de koloss para usar essas espadas, Humano.

Humano assentiu.

— Bem — ela disse. — Então vocês precisam ter mais filhos.

— Filhos?

— Mais — Vin insistiu. — Mais koloss.

— Você precisa entregar mais para nós — Humano falou, olhando para ela.

— Eu?

— Você lutou — ele disse, apontando para a camisa de Vin. Havia sangue, mas não dela.

— Sim, lutei.

— Dê mais para nós.

— Não entendo. Por favor, me mostre como.

— Não posso — Humano disse, negando com a cabeça enquanto falava em seu tom lento. — Não é certo.

— Espere. Não é certo?

Era a primeira declaração de valores que ela ouvia de um koloss.

Humano a encarou, e ela pôde ver a consternação no rosto da fera. Então, Vin lhe deu um cutucão alomântico. Ela não sabia exatamente o que pedir para ele fazer, e aquilo deixava seu controle sobre o koloss mais fraco. Mesmo assim, ela o *empurrou* para que fizesse o que estava pensando, confiando — por algum motivo — que a mente do monstro estava em luta com seus instintos.

Ele gritou.

Vin se afastou, em choque, mas Humano não a atacou. Ele correu para dentro do acampamento, um monstro gigante e azul sobre duas pernas, chutando cinzas para o ar. Os outros se afastaram dele — não de medo, pois continuavam com sua característica expressão impassível. Simplesmente pareciam ter noção o bastante para ficar fora do caminho de um koloss enfurecido do tamanho de Humano.

Vin seguiu cautelosamente enquanto Humano aproximava-se de um dos cadáveres koloss que ainda estavam com pele. No entanto, Humano não o esfolou, mas jogou o cadáver no ombro e partiu correndo na direção do acampamento de Elend.

Ai, ai, Vin pensou, soltando uma moeda e lançando-se no ar. Ela partiu atrás de Humano, tomando o cuidado de não o ultrapassar. Considerou mandá-lo voltar, mas não o fez. Ele estava agindo de forma estranha, verdade, mas aquilo era uma coisa boa. Os koloss em geral não faziam *nada* de estranho. Eram excessivamente previsíveis.

Ela aterrissou no posto de guarda do acampamento e acenou para os soldados se afastarem. Humano continuou, entrando apressadamente no acampamento e assustando os soldados. Vin ficou ao lado dele, mantendo os soldados longe.

Humano parou no meio do acampamento, um pouco da agitação já diminuindo. Vin instigou de novo. Após olhar ao redor, Humano partiu para a parte derrubada do acampamento, onde os soldados de Yomen haviam atacado.

Vin seguiu, cada vez mais curiosa. Humano não havia sacado a espada. De fato, ele não parecia nervoso, apenas… determinado. Chegou à parte onde as tendas haviam caído, e os homens, morrido. A batalha acabara apenas algumas horas antes, e os soldados estavam andando de um lado a outro, limpando a bagunça. Tendas de emergência haviam sido erguidas ao lado do campo de batalha. Humano seguiu na direção delas.

Vin correu na frente, interpelando-o assim que ele chegou à tenda com os feridos.

— Humano — ela disse, com cuidado. — O que você está fazendo?

Ele a ignorou, jogando o cadáver koloss no chão. Por fim, arrancou a pele do cadáver. Ela saiu com facilidade — era um koloss pequeno, cuja pele pendia em dobras, grande demais para o corpo.

Humano soltou toda a pele, fazendo os vários soldados que assistiam grunhirem de nojo. Vin observava de perto, apesar da visão repugnante. Ela se sentia a ponto de entender algo muito importante.

Humano se abaixou e puxou algo do cadáver koloss.

— Espere — Vin disse, avançando. — O que era aquilo?

Humano a ignorou. Ele puxou mais uma coisa, e dessa vez Vin teve um vislumbre de metal ensanguentado. Ela seguiu os dedos enquanto ele se movia, e desta vez viu o item antes que ele o arrancasse e o escondesse na palma da mão.

Uma estaca. Uma pequena estaca de metal enterrada na lateral do koloss morto. Havia um pedaço de pele azul na estaca, como se…

Como se as estacas mantivessem a pele no lugar, Vin pensou. *Como pregos segurando um tecido numa parede.*

Estacas. Estacas como…

Humano tirou uma quarta estaca, em seguida avançou para dentro da tenda. Os homens se afastaram de medo, gritando para Vin fazer alguma coisa enquanto Humano se aproximava da cama de um soldado ferido. Humano olhou de um homem inconsciente para outro, em seguida se aproximou de um deles.

Pare!, Vin comandou em sua mente.

Humano ficou paralisado. Apenas então ela percebeu o completo horror do que estava acontecendo.

— Pelo Senhor Soberano — ela sussurrou. — Você ia transformá-los em koloss, não ia? É daí que vocês vêm. É por isso que não existem crianças koloss.

— Eu sou *humano* — a grande fera disse em voz baixa.

A Hemalurgia pode ser usada para roubar poderes alomânticos ou feruquêmicos e repassá-los a outra pessoa. No entanto, uma estaca hemalúrgica também pode ser criada matando uma pessoa normal, uma que não seja nem alomântico nem feruquemista. Nesse caso, a estaca rouba o poder de Preservação existente na alma das pessoas. (O poder que, de fato, dá consciência a todas as pessoas.) Uma estaca hemalúrgica pode extrair esse poder e em seguida transferi-lo a outro, concedendo habilidades residuais semelhantes às da Alomancia. No fim das contas, o corpo de Preservação — cujo traço mínimo cada ser humano carrega — é a mesma essência que abastece a Alomancia.

E, assim, um kandra que recebe a Bênção da Potência de fato está adquirindo um pouco da força inata semelhante àquela da queima de peltre. A Bênção da Presença concede capacidade mental de forma semelhante, enquanto a Bênção da Consciência é a capacidade de sentir com acuidade maior, e a Bênção da Estabilidade, raramente utilizada, traz fortaleza emocional.

38

Às vezes, Fantasma esquecia que as brumas estavam lá. Haviam se transformado em uma coisa pálida e translúcida para ele. Quase invisíveis. As estrelas no céu reluziam como um milhão de holofotes brilhando. Era uma beleza que apenas ele conseguia ver.

Virou-se, passando os olhos pelos restos queimados do prédio. Trabalhadores skaa vasculhavam cuidadosamente a bagunça. Era difícil para Fantasma lembrar que eles não podiam ver bem na escuridão da noite. Precisava mantê-los bem perto uns dos outros, trabalhando tanto pelo toque quanto pela visão.

O cheiro, claro, era terrível. Ainda assim, queimar peltre parecia ajudar a atenuá-lo. Talvez a força que o metal lhe dava estendesse a capacidade de evitar reações não intencionais, como ter tosses e ânsia de vômito. Durante a juventude, ele imaginou como seria juntar estanho e peltre. Outros pares alomânticos eram opostos — aço *empurrava* metais, ferro os *puxava*. Cobre escondia alomânticos, bronze os revelava. Zinco inflamava emoções, latão as reprimia. Porém, estanho e peltre não pareciam opostos — um aguçava o corpo, o outro, os sentidos.

E, por outro lado, eles *eram* opostos. Estanho tornara seu tato tão sensível que cada passo de outrora fora desconfortável. Peltre fortalecia seu corpo, tornando-o resistente à dor — de forma que caminhava agora pela ruína carbonizada sem sentir os pés doerem tanto. De forma semelhante, onde a luz antes o cegava, o peltre fazia com que aguentasse muito mais sem precisar da venda.

Os dois eram opostos, mas complementares — como os outros pares de metais alomânticos. *Parecia* certo ter um para acompanhar o outro. Como sobrevivera sem o peltre? Era um homem com apenas metade de uma capacidade. Agora, estava completo.

E, ainda assim, ele imaginava como seria ter os outros poderes também. Kelsier lhe dera peltre. Talvez também pudesse abençoar Fantasma com ferro e aço?

Um homem conduzia a fila de trabalhadores. Seu nome era Franson, o

responsável por pedir a Fantasma que resgatasse a irmã. A execução estava programada para o dia seguinte. Logo, a criança seria jogada num prédio em chamas, mas Fantasma estava trabalhando em maneiras de impedir uma tragédia. Não havia muito o que pudesse fazer no momento. Então, naquele meio-tempo, Franson e seus homens cavavam.

Fazia um tempo desde que Fantasma fora espionar o Cidadão e seus conselheiros. Havia compartilhado as informações que ouvira com Sazed e Brisa, e eles pareceram apreciar seus resultados. No entanto, com a segurança intensificada ao redor da casa do Cidadão, eles sugeriram que era ousado demais arriscar espionagem até que determinassem seus planos para a cidade. Fantasma havia aceitado a orientação, embora estivesse ficando cada vez mais ansioso. Sentia falta de ver Beldre, a garota silenciosa com olhos solitários.

Ele não a conhecia. Não podia ficar se iludindo, acreditando que sim. Mesmo assim, na ocasião em que haviam se encontrado e conversado, ela não gritara nem o traíra. Parecera intrigada com ele. Era um bom sinal, certo?

Tolo, pensou. *Ela é a irmã do Cidadão! Falar com ela quase o matou. Concentre-se na atual missão.*

Fantasma observou o trabalho por mais um tempo. Por fim, Franson — sujo e exausto à luz das estrelas — aproximou-se dele.

— Milorde, repassamos essa seção quatro vezes. Os homens no porão retiraram todos os escombros e cinzas e o vasculharam duas vezes. Tudo que tínhamos para encontrar, já encontramos.

Fantasma assentiu. Franson provavelmente estava certo. Fantasma retirou uma sacolinha do bolso, entregou-a ao outro. Ela tilintou, e o grande skaa ergueu uma sobrancelha.

— Pagamento — Fantasma disse — para os outros homens. Eles trabalharam aqui por três noites.

— São meus amigos, milorde. Só querem ver minha irmã resgatada.

— Não importa, pague-os. E diga a eles para gastar as moedas em comida e suprimentos o mais rápido que puderem, antes que Quellion decida seguir em frente com seus planos de abolir a cunhagem na cidade.

— Sim, milorde. — Franson aquiesceu. Em seguida, ele olhou para o lado, onde um corrimão bastante queimado ainda estava em pé. Era onde os trabalhadores haviam colocados os objetos localizados nas ruínas: nove crânios humanos. Lançavam uma sombra sinistra sob a luz das estrelas. Tinham um

olhar fixo, sem olhos, todos queimados e enegrecidos.

— Milorde — Franson disse. — Posso perguntar o motivo de tudo isso?

— Eu vi esse prédio queimar — Fantasma falou. — Eu estava lá quando essas pobres pessoas foram jogadas na mansão e trancadas lá dentro. Não pude fazer nada.

— Eu… sinto muito, milorde.

Fantasma meneou a cabeça.

— Isso é passado, agora. Porém, há algo que essas mortes podem nos ensinar.

— Milorde?

Fantasma estudou os crânios. No dia em que assistira àquele prédio incendiar — a primeira vez que testemunhara uma das execuções do Cidadão —, Durn lhe dissera algo. Fantasma queria informações sobre as fraquezas do Cidadão, algo que o ajudasse a derrotá-lo. Durn havia dito apenas uma coisa em resposta.

Conte os crânios.

Fantasma não havia tido a chance de investigar aquela dica. Ele sabia que Durn provavelmente se explicaria, se pressionado, mas os dois pareciam entender algo importante: Fantasma precisava ver por si mesmo. Precisava saber o que o Cidadão estava fazendo.

E agora ele sabia.

— Dez pessoas foram enviadas para morrer neste prédio, Franson — Fantasma explicou. — Dez pessoas. Nove crânios.

O homem franziu a testa.

— O que isso revela?

— Revela que há uma maneira de salvar sua irmã da execução.

*

— Não sei ao certo o que pensar disso, Lorde Brisa — Sazed disse.

Estavam sentados a uma das mesas de um dos bares skaa de Urteau. O álcool corria livremente, e operários skaa enchiam o lugar, apesar da escuridão e das brumas.

— Como assim? — Brisa perguntou. Estavam sentados a sós, embora Goradel e três de seus fortes soldados estivessem à paisana na mesa ao lado.

— É muito estranho para mim — Sazed disse. — Skaa possuindo bares já é bem esquisito. Mas skaa saindo à noite?

Brisa deu de ombros.

— Talvez seu medo da noite fosse mais um produto da influência do Senhor Soberano do que das brumas. Com as tropas dele nas ruas atrás dos ladrões, havia outros motivos que não as brumas para ficar dentro de casa à noite.

Sazed negou com a cabeça.

— Eu estudei essas coisas, Lorde Brisa. O temor que os skaa tinham das brumas era uma mentalidade supersticiosa arraigada; uma parte da vida deles. E Quellion derrubou isso em pouco mais de um ano.

— Ah, acho que quem derrubou isso provavelmente foi o vinho junto com a cerveja — Brisa observou. — Você ficaria surpreso com o que os homens são capazes de fazer para se embriagar de verdade.

Sazed olhou para a taça de Brisa — o homem estava mesmo gostando dos bares skaa, apesar de ter sido forçado a usar roupas bem ordinárias. Claro, as vestimentas simples provavelmente não eram mais necessárias. Se a cidade tivesse uma rede de rumores até meio decente, as pessoas já teriam ligado Brisa aos visitantes que haviam se reunido com Quellion poucos dias antes. E agora que Sazed havia chegado ao bar, qualquer suspeita teria sido confirmada. Não havia como esconder a identidade dele; a nacionalidade era óbvia. Era alto demais, careca demais e tinha o rosto longo com feições caídas, típico de Terris, além de lóbulos das orelhas esticados pelo uso de vários brincos.

O tempo do anonimato havia passado, embora Brisa o tivesse usado bem. Nos poucos dias em que não se sabia quem ele era, o Abrandador tinha conseguido construir tanto uma boa fama quanto uma rede de contatos no submundo local. Agora, ele e Sazed podiam se sentar e tomar uma bebida tranquilos, sem chamar muita atenção. Brisa, claro, estava *abrandando* as pessoas, só para garantir, mas, mesmo assim, Sazed estava impressionado. Para alguém tão afeito à alta sociedade, Brisa fazia um trabalho notável em criar um relacionamento com operários skaa.

Um grupo de homens gargalhava na mesa ao lado, e Brisa sorriu, levantou-se e caminhou para se juntar a eles. Sazed permaneceu no lugar, uma caneca de vinho intocada na mesa à sua frente. Em sua opinião, havia um motivo óbvio pelo qual os skaa não tinham mais medo de sair nas brumas. As superstições haviam sido superadas por algo mais forte: Kelsier. Aquele que agora chamavam de Lorde das Brumas.

A Igreja do Sobrevivente se espalhara muito mais do que Sazed havia esperado. Não era organizada da mesma forma em Urteau e em Luthadel, e o foco parecia ser diferente, mas restava o fato de que os homens estavam idolatrando Kelsier. Na verdade, as diferenças eram parte do que tornava todo o fenômeno fascinante.

O que não estou enxergando?, pensou Sazed. *Qual a relação aqui?*

As brumas matavam. Ainda assim, essas pessoas saíam nas brumas. Por que não morriam de medo delas?

Não é problema meu, Sazed disse a si mesmo. *Preciso permanecer concentrado. Deixei meus estudos das religiões na pasta*. Estava chegando ao fim, e aquilo o preocupava. Até então, todas as religiões haviam se provado cheias de incoerências, contradições e falhas lógicas. Estava ficando cada vez mais preocupado com a possibilidade de nunca encontrar a verdade, mesmo entre as centenas de religiões em suas mentes de metal.

Um aceno de Brisa o distraiu. Então, Sazed se levantou — forçando-se a não mostrar o desespero que sentia — e foi até a mesa. Os homens abriram espaço.

— Obrigado — Sazed disse, sentando-se.

— Esqueceu sua caneca, amigo terrisano — um dos homens apontou.

— Desculpe. Nunca fui muito afeito aos inebriantes. Por favor, não se ofendam. De qualquer maneira, seu agrado cuidadoso foi muito apreciado.

— Ele sempre fala desse jeito? — um dos homens perguntou, olhando para Brisa.

— Nunca viu um terrisano antes, não é? — perguntou outro.

Sazed enrubesceu, e Brisa riu ao perceber, pousando uma das mãos no ombro do amigo.

— Tudo bem, cavalheiros, eu trouxe o terrisano como pediram. Vão em frente, façam suas perguntas.

Havia seis homens na mesa — todos operários das minas, pelo que Sazed podia dizer. Um dos homens se inclinou adiante, as mãos entrelaçadas à frente, os nós dos dedos marcados por tanto raspar em pedra.

— Brisa vem dizendo muita coisa — o homem disse em voz baixa. — Mas pessoas como ele sempre fazem promessas. Quellion disse muitas das mesmas coisas um ano atrás, ao tomar o controle depois da partida de Straff Venture.

— Sim — Sazed confirmou. — Posso entender seu ceticismo.

— Mas — o homem disse, erguendo a mão — terrisanos não mentem. São

boas pessoas. Todo mundo sabe disso: lordes, skaa, ladrões e obrigadores.

— Então, queríamos falar com o senhor — outro homem disse. — Talvez seja diferente; talvez minta para nós. Mas é melhor ouvir de um terrisano que de um Abrandador.

Brisa piscou, revelando apenas um pequeno traço de surpresa. Ele, aparentemente, não havia percebido que todos estavam cientes de suas capacidades.

— Façam suas perguntas — Sazed pediu.

— Por que vocês vieram para esta cidade?

— Para tomar o controle dela.

— Por que vocês se importam? — outro homem questionou. — Por que o filho de Venture tem interesse em Urteau?

— Por dois motivos. Primeiro, pelos recursos que a região oferece. Não posso entrar em detalhes, mas basta dizer que sua cidade é muito desejável por razões econômicas. O segundo motivo é tão importante quanto. Lorde Elend Venture é um dos melhores homens que já conheci. Ele acredita que pode fazer melhor por este povo do que o atual governo.

— Não seria difícil — um dos homens murmurou.

Outro negou com a cabeça.

— Quê? Quer dar a cidade de volta para os Venture? Em um ano você já esqueceu das coisas que Straff costumava fazer por aqui?

— Elend Venture não é o pai — Sazed interrompeu. — É um homem que vale a pena seguir.

— E o povo terrisano? — um dos skaa perguntou. — Ele segue Venture?

— De certa forma. No passado, meu povo tentou se autogovernar, como seu povo faz agora. No entanto, perceberam as vantagens de uma aliança. Agora se mudaram para o Domínio Central, tendo aceitado a proteção de Elend Venture.

Claro, Sazed pensou, *eles prefeririam me seguir. Se eu aceitasse ser rei deles.*

A mesa ficou em silêncio.

— Não sei — um dos homens disse. — Por que estamos aqui falando disso? Digo, Quellion está no comando, e esses estranhos não têm um exército para tomar seu trono. De que adianta?

— Derrubamos o Senhor Soberano sem exército nenhum — Brisa enfatizou

—, e o próprio Quellion tomou o governo da nobreza. Coisas assim podem mudar.

— Não estamos tentando formar um exército ou uma rebelião. — Sazed acrescentou rapidamente. — Queremos apenas que os senhores comecem a… pensar. Falar com seus amigos. Obviamente, os senhores são homens influentes. Talvez, se Quellion ouvir sobre descontentamento entre seu povo, ele comece a mudar seu jeito de lidar com as coisas.

— Talvez — um dos homens disse.

— Não precisamos desses forasteiros — outro comentou. — O Sobrevivente das Chamas veio para cuidar de Quellion.

Sazed piscou. *Sobrevivente das Chamas?* Ele percebeu um sorriso leve nos lábios de Brisa — o Abrandador aparentemente já tinha ouvido o termo e agora parecia estar esperando uma reação de Sazed.

— O Sobrevivente não vai entrar nessa questão — um dos homens disse. — Não consigo acreditar que estamos sequer *pensando* em uma rebelião. A maior parte do mundo está um caos, se você tiver ouvido as notícias! Não deveríamos estar felizes com o que conseguimos?

O Sobrevivente?, pensou Sazed. *Kelsier? Mas eles parecem ter dado a ele um novo título. Sobrevivente das Chamas?*

— Você está começando a ficar agitado, Sazed — Brisa sussurrou. — Talvez devesse perguntar. Não faz mal perguntar, certo?

Não faz mal perguntar.

— O… Sobrevivente das Chamas? — Sazed perguntou. — Por que chamam Kelsier assim?

— Não é Kelsier — um dos homens respondeu. — O outro Sobrevivente. O novo.

— O Sobrevivente de Hathsin veio para derrubar o Senhor Soberano — outro dos homens explicou. — Então por que não podemos supor que o Sobrevivente das Chamas veio para derrubar Quellion? Talvez nós *devêssemos* ouvir esses homens.

— Se o Sobrevivente está aqui para derrubar Quellion, ele não vai precisar da ajuda desses tipos. Eles só querem a cidade para si — outro homem concluiu.

— Desculpe — Sazed disse. — Mas… podemos encontrar esse novo Sobrevivente?

O grupo de homens se entreolhou.

— Por favor. Eu era amigo do Sobrevivente de Hathsin. Gostaria muito de encontrar um homem que vocês consideram digno da estatura de Kelsier — Sazed insistiu.

— Amanhã — um dos homens disse. — Quellion está tentando manter as datas em segredo, mas elas sempre vazam. Haverá execuções perto do Fosso do Mercado. Esteja lá.

Mesmo agora, mal posso absorver a extensão de tudo isso. Os eventos que cercam o fim do mundo parecem ainda maiores do que o Império Final e as pessoas dentro dele. Sinto as lascas de algo muito antigo, uma presença fraturada, algo se espalhando pelo vazio.

Investiguei e busquei e fui capaz apenas de chegar a um único nome: Adonasium. Quem ou o que era, não sei ainda.

39

TenSoon se sentou sobre as patas traseiras. Horrorizado.

Cinzas choviam como lascas de um céu estilhaçado, flutuando, dando ao ar um aspecto manchado e doente. Mesmo onde estava, no topo de uma colina varrida pelo vento, havia uma camada de cinza sufocando a vida vegetal. Algumas árvores tinham galhos quebrados pelo peso de repetidas aglomerações de cinzas.

Como não enxergaram?, ele pensou. *Como podem se esconder em seu buraco da Terra Natal, contentes em deixar a terra acima deles morrer?*

TenSoon vivera centenas de anos, porém, e parte dele entendia a complacência cansada da Primeira e da Segunda Gerações. Às vezes, ele mesmo a sentia. Um desejo de simplesmente esperar. De passar anos em puro ócio, contente na Terra Natal. Já tinha visto o mundo exterior — mais do que qualquer ser humano ou koloss jamais veria. Que necessidade havia de mais?

Os Segundos o tinham visto como mais ortodoxo e obediente que seus irmãos, porque TenSoon sempre queria deixar a Terra Natal e cumprir Contratos. A Segunda Geração sempre o entendera mal. Não cumprira todos aqueles Contratos pelo desejo de ser obediente. Fizera tudo por medo: medo de se tornar satisfeito e apático como os da Segunda Geração e começar a pensar que o mundo lá fora não importava para o povo kandra.

Ele sacudiu a cabeça, levantou-se nas quatro patas e seguiu trotando pela lateral da colina, espalhando cinzas no ar a cada passo. Por mais que as coisas tivessem ficado assustadoras, estava feliz por um motivo: o corpo do cão de caça lhe dava uma sensação ótima. Havia um poder nele, uma capacidade de movimento, que nenhuma forma humana podia igualar. Era quase como se esta fosse a forma que ele *sempre* deveria ter usado. Que corpo seria melhor para um kandra com desejo irrefreável de viajar? Um kandra que havia deixado sua Terra Natal para trás mais vezes que qualquer outro, servindo sob as mãos odiosas de mestres humanos, tudo por causa de seu medo da complacência?

Ele seguiu até a escassa cobertura da floresta, atravessando colinas e esperando que o tapete de cinzas não dificultasse muito a localização. A chuva

de cinzas afetava o povo kandra; muito. Eles tinham lendas sobre o evento. De que adiantava o Primeiro Contrato, de que adiantava a espera, a proteção da Confiança? Para a maioria dos kandra, aparentemente, essas coisas haviam se tornado autossuficiente.

Ainda assim, essas coisas *tinham um sentido*. Tinham uma origem. Fora antes de TenSoon nascer, mas ele conhecia a Primeira Geração e fora criado pela Segunda. Crescera durante os dias em que o Primeiro Contrato — a Confiança, a Resolução — havia sido mais do que simples palavras. Fora um conjunto de instruções. Ações a serem tomadas quando o mundo começasse a ruir. Não apenas cerimônia, não apenas metáfora. Ele sabia que seu conteúdo assustava alguns kandra. Para eles, era melhor que o Primeiro Contrato fosse algo filosófico, abstrato — porque, se ainda fosse concreto, ainda relevante, exigiria grandes sacrifícios.

TenSoon parou de correr. Estava mergulhado até os joelhos caninos nas cinzas pretas. Aquele lugar lhe parecia vagamente familiar. Ele foi para o Sul, movendo-se por uma pequena depressão rochosa — as pedras agora apenas montículos escuros —, procurando um lugar onde estivera um ano antes. Um lugar que visitara após ter se voltado contra Zane, seu mestre, e deixado Luthadel para voltar à Terra Natal.

Cambaleou por algumas pedras e, em seguida, contornou a lateral de um afloramento de rochas, derrubando montinhos de cinza com sua passagem. Eles se partiam ao cair, lançando ainda mais flocos no ar.

E lá estava. O buraco na pedra, o lugar onde havia parado um ano antes. Ele lembrava, apesar da transformação sofrida pela paisagem. A Bênção da Presença servindo-lhe de novo. Como se viraria sem ela?

Não teria consciência sem ela, ele pensou, sorrindo com amargura. Era a concessão de uma Bênção a um espectro das brumas que fazia a criatura despertar e a trazia à vida verdadeira. Cada kandra tinha uma das quatro: Presença, Potência, Estabilidade ou Consciência. Não importava qual um kandra ganhava: qualquer das quatro lhe tornava racional, transformando o espectro das brumas em um kandra totalmente consciente.

Além disso, cada Bênção dava algo a mais. Um poder. Mas havia histórias de kandra que haviam ganhado mais de um ao tomá-los dos outros.

TenSoon enfiou uma pata na depressão, cavando as cinzas, trabalhando para revelar as coisas que havia escondido no ano anterior. Ele as encontrou rapidamente, rolando uma — e então a outra — para fora do ressalto de rocha à

sua frente. Duas estacas pequenas de ferro polido. Eram necessárias duas para formar uma Bênção. TenSoon não sabia por quê. Era simplesmente o jeito como as coisas funcionavam.

Ele se deitou, ordenando que a pele do ombro se abrisse, e absorveu as estacas para dentro do corpo. Ele as moveu através dos músculos e ligamentos — dissolvendo vários órgãos e, em seguida, reformando-os com as estacas enterradas neles.

Sentiu o poder tomá-lo de imediato. Seu corpo ficou mais forte. Era mais do que simplesmente acrescentar músculos — ele podia fazer aquilo remodelando o corpo. Não, aquilo dava a cada músculo mais força inata, fazendo tudo funcionar muito melhor, com muito mais poder do que músculos teriam se não fosse pelas estacas.

A Bênção da Potência. Ele havia roubado as duas estacas do corpo de OreSeur. Sem essa Bênção, TenSoon jamais teria sido capaz de seguir Vin, como fizera durante o ano que passaram juntos, pois a Bênção mais que dobrava o poder e a resistência de cada músculo. Ele não tinha como regular ou mudar o nível daquela força adicional — não se tratava de Feruquemia ou Alomancia, mas algo diferente. Hemalurgia.

Uma pessoa havia morrido para criar cada estaca. TenSoon tentava não pensar muito naquilo, assim como tentava evitar a lembrança de que apenas tinha essa Bênção porque havia matado um kandra de sua geração. O Senhor Soberano oferecia as estacas a cada século, entregando o número solicitado para que os kandra pudessem formar uma nova geração.

Agora ele tinha quatro estacas, duas Bênçãos, e era um dos kandra vivos mais poderosos no mundo. Com músculos fortalecidos, TenSoon pulou com confiança do topo de uma formação rochosa, despencando seis metros até aterrissar com segurança no chão coberto de cinzas. Ele partiu, correndo com muito mais rapidez agora. A Bênção da Potência lembrava o poder de um alomântico queimando peltre, mas não era igual. Não manteria TenSoon se movendo indefinidamente, e ele tampouco poderia avivá-la para uma explosão extra de poder. Por outro lado, não exigia metais para abastecê-lo.

Seguiu para Leste. O Primeiro Contrato era muito explícito. Quando Ruína retornasse, os kandra deviam procurar o Pai para servi-lo. Infelizmente, o Pai estava morto. O Primeiro Contrato não aventava essa possibilidade. Então — impossibilitado de ir até o Pai — TenSoon fez o melhor que podia. Saiu em busca de Vin.

Originalmente, presumíramos que um koloss era uma combinação de duas pessoas em uma. Estávamos errados. Os koloss não são a fusão de duas pessoas, mas de cinco, como comprovado pelas quatro estacas necessárias para fazê-los. Não cinco corpos, é claro, mas cinco almas.

Cada par de estacas concede o que os kandra chamaria de Bênção da Potência. No entanto, cada uma também distorce o corpo do koloss, deixando-o cada vez mais desumano. Esse é o custo da Hemalurgia.

40

— Ninguém sabe precisamente como os Inquisidores são feitos — Elend disse na frente da tenda, abordando um pequeno grupo que incluía Ham, Cett, o escriba Noorden e o quase recuperado Demoux.

Vin estava sentada ao fundo, ainda tentando digerir o que havia descoberto. Humano… todos os koloss… haviam sido pessoas no passado.

— Há muitas teorias, porém — Elend continuou. — Assim que o Senhor Soberano caiu, Sazed e eu fizemos algumas pesquisas e descobrimos alguns fatos interessantes com os obrigadores que entrevistamos. Por exemplo, Inquisidores são feitos de homens comuns, homens que se lembram de quem eram, mas que ganham novas capacidades alomânticas.

— Nossa experiência com Marsh também prova isso — Ham afirmou. — Ele se lembrava de quem era, mesmo depois de todas aquelas estacas cravadas no corpo. E ganhou os poderes de um Nascido da Bruma ao se tornar um Inquisidor.

— Desculpe — Cett interrompeu —, mas alguém pode me explicar o que essa porcaria tem a ver com nosso cerco à cidade? Não há nenhum Inquisidor aqui.

Elend cruzou os braços.

— Isso é importante, Cett, porque não estamos em guerra apenas com Yomen. É algo que não compreendemos, algo muito maior que aqueles soldados lá dentro de Fadrex.

Cett bufou.

— Você ainda acredita nessa história de perdição e deuses e tudo mais?

— Noorden — Elend disse, olhando para o escriba. — Por favor, diga a Lorde Cett o que você me disse hoje mais cedo.

O ex-obrigador assentiu.

— Bem, milorde, é o seguinte: o número relacionado ao percentual de pessoas que caem doentes nas brumas é simplesmente regular *demais* para ser natural. A natureza trabalha em caos organizado, aleatoriedade em escala

pequena com tendências na escala maior. Não consigo acreditar que qualquer evento natural poderia ter produzido resultados tão precisos.

— Como assim? — Cett perguntou.

— Bem, milorde, imagine que o senhor ouça um estalo repetitivo em algum lugar fora de sua tenda. Se ele se repete ocasionalmente, sem um padrão exato definido, então talvez seja o vento soprando uma aba solta contra um poste. No entanto, se ele se repetir com exata regularidade, o senhor sabe que deve ser uma pessoa batendo contra um poste. O senhor seria capaz de fazer a distinção imediatamente, pois aprendeu que a natureza pode ser repetitiva em um caso assim, mas não *exata*. Esses números são assim, milorde. Organizados demais, repetitivos demais, para serem obra da natureza. Precisam ter sido produzidos por alguém.

— Você está me dizendo que uma pessoa deixou os soldados doentes? — Cett questionou.

— Uma pessoa?… Não, não uma pessoa, acho eu — Noorden respondeu. — Mas *algo* inteligente deve ter feito isso. É a única conclusão que posso tirar. Algo com um projeto, algo que faz questão de ser preciso.

O recinto ficou silencioso.

— E isso tem alguma relação com os Inquisidores, milorde? — Demoux questionou com cautela.

— Tem — Elend respondeu. — Ao menos, se você pensar como eu… o que, admito, não é muito comum.

— Para o bem ou para o mal… — Ham disse, sorrindo.

— Noorden, o que você sabe sobre como os Inquisidores são feitos? — Elend perguntou.

O escriba ficou desconfortável.

— Eu estava no Cantão da Ortodoxia, como o senhor talvez saiba, não no Cantão da Inquisição.

— Com certeza havia rumores — Elend insistiu.

— Bem, claro — Noorden confessou. — Mais que rumores, na verdade. Os obrigadores superiores estavam *sempre* tentando descobrir como os Inquisidores conseguiam seu poder. Sabe, havia uma rivalidade entre os Cantões, e… bem, eu pensei que o senhor não se importasse com isso. De qualquer forma, nós *de fato* ouvíamos rumores.

— E? — Elend perguntou.

— Eles diziam… Eles diziam que um Inquisidor era uma fusão de muitas pessoas diferentes. Para fazer um Inquisidor, o Cantão da Inquisição precisava conseguir um grupo inteiro de alomânticos e combinar o poder deles em um.

Silêncio novamente no recinto. Vin encolheu as pernas, abraçando os joelhos. Ela não gostava de falar sobre Inquisidores.

— Senhor Soberano! — Ham praguejou em voz baixa. — É isso! Por *isso* os Inquisidores eram tão ferrenhos na caça aos Brumosos skaa! Não veem? Não era só porque o Senhor Soberano ordenava que mestiços fossem mortos, mas para que os Inquisidores pudessem se perpetuar! Eles precisavam de alomânticos para matar e fazer novos Inquisidores!

Elend assentiu de seu lugar.

— De alguma forma, essas estacas no corpo dos Inquisidores transferem capacidades alomânticas. Matam oito Brumosos e dão todos os poderes a um homem, como Marsh. Sazed me disse uma vez que Marsh sempre hesitava em falar sobre o dia em que se tornou Inquisidor, mas disse que foi… "sujo".

Ham assentiu.

— E quando Kelsier e Vin descobriram o quarto dele no dia em que foi levado e transformado em Inquisidor, encontraram um cadáver lá. Um que eles a princípio pensaram que fosse Marsh!

— Mais tarde, Marsh disse que mais de uma pessoa havia sido morta ali — Vin murmurou. — Só não havia restado… o suficiente delas para contar.

— Novamente, tudo isso tem algum objetivo? — Cett questionou.

— Bem, parece estar conseguindo irritá-lo bastante — Ham falou, tranquilo. — *Precisamos* de outro?

Elend lançou olhares sérios para os dois.

— O objetivo, Cett, é relacionar isso a algo Vin descobriu esta semana.

O grupo se virou para ela.

— Os koloss são feitos de seres humanos — Vin explicou.

— Quê? — Cett perguntou com uma careta. — Isso é absurdo.

— Não — Vin disse, meneando a cabeça. — Tenho certeza. Chequei em koloss vivos. Escondidos naquelas dobras e cortes de pele do corpo, eles são perfurados por estacas. Menores que as dos Inquisidores e feitas de metais diferentes, mas todos as têm.

— Ninguém até hoje foi capaz de imaginar de onde vinham os novos koloss

— Elend disse. — O Senhor Soberano guardava o segredo, e este se tornou um dos grandes mistérios do nosso tempo. Os koloss pareciam matar uns aos outros com regularidade quando ninguém os controlava ativamente. Ainda assim, sempre parece haver mais das criaturas. Como?

— Porque estão constantemente reabastecendo suas fileiras — Ham disse, assentindo devagar. — Dos vilarejos que saqueiam.

— Vocês já se perguntaram, durante o cerco a Luthadel, por que o exército koloss de Jastes atacou um vilarejo aleatório antes de vir até nós? As criaturas precisavam repor seus números — Elend acrescentou.

— Eles estão sempre por aí — Vin disse. — Vestidos, falando sobre serem humanos. Ainda assim, não conseguem lembrar como eram antes. Suas mentes foram violadas.

Elend assentiu.

— Outro dia, Vin finalmente conseguiu fazer um deles mostrar como novos koloss eram feitos. Pelo que ele fez e pelo que falou naquele momento, acreditamos que tentaria *combinar* dois homens em um, o que formaria uma criatura com a força de dois homens, mas a mente de nenhum.

— Uma terceira arte — disse Ham, erguendo os olhos. — Uma terceira maneira de usar os metais. Há Alomancia, que extrai poder dos metais em si. Há a Feruquemia, que usa os metais para extrair poder do próprio corpo, e há…

— Marsh a chamou de Hemalurgia — Vin disse em voz baixa.

— Hemalurgia… — Ham repetiu. — Que usa o metal para extrair poder do corpo de *outra pessoa*.

— Ótimo — Cett disse. — E daí?

— O Senhor Soberano criava servos para ajudá-lo — disse Elend. — Usando essa arte… essa Hemalurgia… ele fez soldados, que chamamos de koloss. Fez espiões, que chamamos de kandra. E fez sacerdotes, que chamamos de Inquisidores. Fez todos com fraquezas, para que pudesse controlá-los.

— Só aprendi como controlar os koloss por causa de TenSoon — Vin disse. — Ele, sem saber, me mostrou o segredo. Mencionou que os kandra e os koloss eram primos, e eu percebi que podia controlar tanto uns como os outros.

— Eu… ainda não vejo aonde vocês querem chegar — Demoux confessou, olhando de Vin para Elend.

— Os Inquisidores devem ter a mesma fraqueza, Demoux — Elend respondeu. — Essa Hemalurgia deixa a mente… ferida. Permite que um

alomântico entre e tome o controle. A nobreza sempre se perguntou o que fazia os Inquisidores serem tão fanaticamente devotos do Senhor Soberano. Eles não eram como obrigadores comuns… eram muito mais obedientes. Devotos em excesso.

— Aconteceu com Marsh — Vin sussurrou. — Da primeira vez que o vi depois de ter se tornado um Inquisidor, ele parecia diferente. Mas ficou ainda mais estranho durante o ano seguinte ao Colapso. Por fim, ele se voltou contra Sazed e tentou matá-lo.

— O que estamos tentando dizer — Elend continuou — é que algo está controlando os Inquisidores e os koloss. Algo está explorando a fraqueza que o Senhor Soberano embutiu nas criaturas e usando-as como peões. Os problemas que estamos sofrendo, o caos que se instalou após o Colapso… *não* é simplesmente caos. Nem os padrões de pessoas que adoecem com as brumas são caóticos. Sei que parece óbvio, mas o importante aqui é que agora sabemos o método. Entendemos por que eles podem ser controlados e como estão sendo controlados.

Elend continuou a caminhar, seus pés marcando o chão de terra da tenda.

— Quanto mais penso sobre a descoberta de Vin, mais tendo a acreditar que tudo está ligado. Os koloss, os kandra e os Inquisidores não são três aberrações separadas, mas parte de um fenômeno único e coeso. Agora, logo de cara, o conhecimento dessa terceira arte… da Hemalurgia… não parece importar tanto. Não pretendemos usá-la para fazer mais koloss, então para que serve esse conhecimento?

Cett assentiu, como se Elend tivesse dado voz aos seus pensamentos. O imperador, no entanto, havia devaneado um pouco, encarando as abas abertas da tenda, mergulhado em pensamentos. Era algo que fazia com frequência no passado, quando passava mais tempo em seus estudos. Não estava respondendo às perguntas de Cett. Estava expressando suas preocupações, seguindo a própria lógica.

— Essa guerra que estamos combatendo — Elend continuou —, não se trata apenas de soldados. Não se trata apenas de koloss ou de tomar a Cidade de Fadrex. Trata-se de uma sequência de eventos que iniciamos sem querer no momento em que derrubamos o Senhor Soberano. Hemalurgia, a origem dos koloss, é parte do padrão. Os percentuais dos que caem doentes com as brumas são também parte do padrão. Quanto menos virmos caos e mais virmos o *padrão*, melhor conseguiremos entender o que estamos combatendo e a maneira

de derrotá-lo.

Elend se voltou para o grupo.

— Noorden, quero que você mude o foco da pesquisa. Até agora, achávamos que os movimentos dos koloss eram aleatórios. Não acho mais que seja verdade. Pesquise os relatórios antigos dos batedores. Faça listas e identifique movimentos. Preste atenção especialmente aos grupos de koloss que sabemos *não estar* sob o controle de um Inquisidor. Quero ver se conseguimos descobrir por que foram aonde foram.

— Sim, milorde.

— Os outros permaneçam vigilantes. Não quero outro erro como o da semana passada. Não podemos nos dar ao luxo de perder mais tropas, mesmo as de koloss.

Eles assentiram, e a postura de Elend indicou o fim da reunião. Cett foi carregado para sua tenda, Noorden saiu às pressas para começar a nova pesquisa, e Ham foi buscar algo para comer. Demoux, porém, permaneceu. Vin levantou-se e seguiu, caminhando até Elend e tomando o braço do marido enquanto ele se voltava para falar com o general.

— Milorde… — Demoux disse, parecendo um pouco envergonhado. — Suponho que o general Hammond falou com o senhor, não foi?

O que é isso?, Vin pensou, interessada.

— Sim, Demoux — Elend respondeu com um suspiro. — Mas, de verdade, não acho que seja algo com que se preocupar.

— O quê? — Vin quis saber.

— Há certo nível de… exclusão acontecendo no acampamento, milady — Demoux respondeu. — Aqueles de nós que ficamos doentes por duas semanas em vez de poucos dias estão sendo olhados com um tanto de desconfiança.

— Desconfiança com a qual você não concorda mais, certo, Demoux? — Elend enfatizou essa observação com um olhar sério e muito régio.

Demoux assentiu.

— Confio em sua interpretação, milorde. É que… bem, é difícil liderar homens que desconfiam da gente. E é muito mais difícil para os outros como eu. Eles têm começado a comer juntos, a ficar distantes durante o tempo livre. Isso está reforçando a segregação.

— O que acha? — Elend perguntou. — Devemos tentar forçar a reintegração?

— Depende, milorde.

— De quê?

— De vários fatores. Se o senhor estiver planejando atacar logo, a reintegração seria uma má ideia. Não quero homens lutando com aqueles em quem não confiam. No entanto, se formos continuar o cerco por algum tempo, forçá-los a se unir de novo talvez faça sentido. Um grande segmento do exército teria tempo de reaprender a confiar nos Caídos da Bruma.

Caídos da Bruma, Vin pensou. *Nome interessante*.

Elend olhou para ela, e Vin soube o que ele estava pensando. O baile no Cantão de Recursos aconteceria em poucos dias. Se o plano de Elend corresse bem, talvez nem tivessem de atacar Fadrex.

Vin não tinha grandes esperanças quanto a isso. Além do mais, sem reabastecimento vindo de Luthadel, não tinham muitas certezas. Poderiam continuar o cerco conforme planejado por meses ou talvez acabassem tendo que atacar dentro de poucas semanas.

— Organize uma nova companhia — Elend disse para Demoux. — Com os Caídos da Bruma. Vamos nos preocupar em lidar com a superstição depois de tomarmos Fadrex.

— Sim, milorde — Demoux confirmou. — Acredito que…

Eles continuaram falando, mas Vin parou de prestar atenção quando ouviu vozes se aproximando da tenda de comando. Provavelmente não era nada. Mesmo assim, ela caminhou para ficar entre as pessoas que se aproximavam e Elend, verificando suas reservas de metal. Dentro de momentos, pôde determinar quem estava falando. Um deles era Ham. Ela relaxou quando a porta da tenda se abriu, revelando Ham em suas calças e colete padrão, trazendo consigo um soldado ruivo esgotado. O homem exausto estava sujo de cinzas e vestia as roupas de couro de um batedor.

— Conrad? — Demoux perguntou, surpreso.

— Conhece este homem? — Elend perguntou.

— Sim, milorde. É um dos tenentes que deixei em Luthadel com o rei Penrod.

Conrad o saudou, embora parecesse mal.

— Milorde — o homem disse —, trago notícias da capital.

— Finalmente! — disse Elend. — O que diz Penrod? Onde estão as barcaças com suprimentos que eu pedi?

— Barcaças com suprimento, milorde? Milorde, o rei Penrod me enviou para pedir que o *senhor* enviasse suprimentos. Há revoltas na cidade, e alguns dos armazéns de comida foram saqueados. O rei Penrod me enviou para buscar um contingente de tropas para ajudá-lo a restaurar a ordem.

— Tropas? — Elend perguntou. — E a guarnição que deixei com ele? Deveria ter muitos homens!

— Não são o suficiente, milorde — Conrad disse. — Não sei por quê. Posso apenas repassar a mensagem que me mandaram entregar.

Elend praguejou, batendo com o punho sobre a mesa da tenda de comando.

— Penrod não consegue fazer a *única* coisa que pedi a ele? Tudo que precisava era manter as terras que já havíamos assegurado!

O soldado saltou com a explosão, e Vin assistiu, preocupada. Elend, no entanto, conseguiu manter o temperamento sob controle. Deu um suspiro profundo, acenando para o soldado.

— Descanse, tenente Conrad, e coma um pouco. Quero conversar melhor mais tarde.

Vin encontrou Elend mais tarde naquela noite parado às margens do acampamento, olhando para as fogueiras de vigilância nos penhascos de Fadrex. Ela pousou a mão no ombro dele, e o fato de o marido não ter tido um sobressalto indicava que a tinha ouvido chegar. Ainda lhe era um pouco estranho que Elend, que sempre parecera um pouco distraído do mundo ao redor, agora fosse um Nascido da Bruma habilidoso, com estanho para aguçar os ouvidos e deixá-lo escutar até mesmo os passos mais suaves se aproximando.

— Falou com o mensageiro? — ela perguntou enquanto ele a abraçava, ainda olhando para o céu noturno. As cinzas caíam ao redor. Alguns dos soldados Olhos de Estanho de Elend faziam a patrulha sem carregar lampiões, caminhando em silêncio pelo perímetro do acampamento. A própria Vin havia acabado de voltar de uma patrulha semelhante, embora a dela tivesse sido ao redor do perímetro de Fadrex. Fazia algumas rondas toda noite, procurando qualquer atividade estranha nos arredores da cidade.

— Sim — Elend disse. — Depois que descansou, falei bastante com ele.

— Más notícias?

— Muito do que havia dito antes. Penrod aparentemente nunca chegou a receber minhas ordens para enviar comida e tropas. Conrad é um dos quatro

mensageiros que Penrod nos enviou. Não sabemos o que aconteceu aos outros três. O próprio tenente foi perseguido por um grupo de koloss, tendo conseguido fugir apenas dando seu cavalo como isca, fazendo-o correr em uma direção e escondendo-se enquanto os monstros perseguiam e despedaçavam o animal. Ele se esgueirou para longe enquanto os koloss se banqueteavam.

— Corajoso — Vin disse.

— Sortudo, também — Elend comentou. — De qualquer forma, parece improvável que Penrod consiga nos mandar ajuda. Há depósitos de comida em Luthadel, mas, se as notícias das revoltas forem verdadeiras, Penrod não conseguirá separar soldados necessários para manter os suprimentos seguros, se nos enviasse alguns.

— Então… como isso nos deixa? — Vin perguntou.

Elend olhou para Vin, e ela ficou surpresa em ver determinação, não frustração, nos olhos dele.

— Com conhecimento.

— Quê?

— Nosso inimigo se expôs, Vin. Atacando nossos mensageiros diretamente com tropas escondidas de koloss? Tentando minar nossa base de suprimentos em Luthadel? — Elend sacudiu a cabeça. — Nosso inimigo *quer* que pareça aleatório, mas eu vejo o padrão. É focado demais, inteligente demais para ser casualidade. Está tentando nos afastar de Fadrex.

Vin sentiu um calafrio. Elend fez menção de falar mais, mas ela pousou um dedo nos lábios dele, calando-o. Ele pareceu confuso, mas em seguida aparentemente entendeu, pois assentiu com a cabeça. *Seja lá o que dissermos, Ruína pode ouvir*, Vin pensou. *Não podemos revelar o que sabemos.*

Ainda assim, algo passou de um para o outro. A informação de que tinham de ficar em Fadrex, que *tinham* de descobrir o que havia naquela caverna, pois seu inimigo estava empenhado em impedir que eles o fizessem. Estaria mesmo Ruína por trás do caos em Luthadel? Um truque para atrair Elend e suas forças de volta para restaurar a ordem e, assim, abandonar Fadrex?

Era apenas especulação, mas era tudo que tinham. Vin assentiu para Elend, indicando que concordava com sua determinação em ficar. Ainda assim, estava preocupada. Luthadel era para ser a rocha em toda essa história, o porto seguro deles. Se a capital caísse, o que eles teriam?

Entendia cada vez mais que não haveria batida em retirada. Nenhum recuo

para desenvolver planos alternativos. O mundo estava desmoronando ao redor deles, e Elend havia se comprometido com Fadrex.

Se falhassem ali, não haveria aonde ir.

Por fim, Elend apertou o ombro dela, em seguida adentrou nas brumas, para verificar alguns dos postos de guarda. Vin permaneceu sozinha, encarando as fogueiras de vigilância com um pressentimento preocupante. Os pensamentos de antes, da quarta caverna-depósito, voltaram. Guerrear, fazer cercos a cidades, jogos políticos — aquilo não era o suficiente. Essas coisas não os salvariam se a terra em si morresse.

Mas o que mais poderiam fazer? A única opção que tinham era conquistar Fadrex e esperar que o Senhor Soberano tivesse deixado alguma pista para ajudá-los. Ela ainda sentia um desejo inexplicável de encontrar atium. Por que tinha tanta certeza de que ajudaria?

Fechou os olhos, pois não estava disposta a encarar as brumas, que, como sempre, afastavam-se dela, deixando alguns centímetros de ar vazio ao seu redor. Atraíra-as no passado, ao lutar contra o Senhor Soberano. Por que fora capaz de abastecer sua Alomancia com o poder das brumas apenas aquela vez?

Vin estendeu a mão para elas, tentando novamente, como já havia feito tantas vezes. Chamou-as, implorou por elas em pensamento, tentando acessar seu poder. E sentiu como se *devesse* poder fazê-lo. Havia uma força nas brumas. Presa dentro delas. Mas não se rendia a Vin. Era como se algo as mantivesse longe. Algum bloqueio, talvez? Ou um simples capricho por parte das brumas?

— Por quê? — ela sussurrou, os olhos ainda cerrados. — Por que me ajudaram daquela vez e nunca mais? Estou louca ou vocês realmente me deram poder quando eu exigi?

A noite não lhe deu respostas. Por fim, ela suspirou e se afastou, buscando refúgio dentro da tenda.

As estacas hemalúrgicas mudam fisicamente as pessoas, dependendo dos poderes que são concedidos, de onde a estaca é inserida e de quantas estacas alguém tem. Inquisidores, por exemplo, são extremamente diferentes dos seres humanos que costumavam ser. Têm o coração em outro lugar, e o cérebro se rearranja para acomodar os pedaços de metal cravados nos olhos. Os koloss são alterados de formas ainda mais drásticas.

É possível pensar que são os kandra que sofrem as maiores mudanças. No entanto, deve-se recordar que novos kandra são feitos de espectros das brumas e não de seres humanos. As estacas usadas por eles causam apenas uma pequena transformação nos hospedeiros — deixando os corpos ainda parecidos com os de um espectro das brumas, mas permitindo que sua mente comece a funcionar. Ironicamente, embora as estacas desumanizem os koloss, dão uma medida de humanidade aos kandra.

41

— Você não percebe, Brisa? — Sazed perguntou, ansioso. — Esse é um exemplo do que chamamos de ostensão, uma lenda sendo emulada na vida real. As pessoas acreditam no Sobrevivente de Hathsin e por isso fizeram para si *outro* sobrevivente para ajudá-los em seus tempos de necessidade.

Brisa ergueu uma sobrancelha. Estavam ao fundo de uma multidão reunida no distrito do mercado, esperando pela chegada do Cidadão.

— É fascinante — Sazed disse. — É uma evolução da lenda do Sobrevivente que jamais imaginei. Sabia que eles poderiam deificá-lo; que, na verdade, isso era quase inevitável. Mas como Kelsier foi uma pessoa "comum" antes, aqueles que o adoram podem imaginar *outras* pessoas alcançando essa mesma condição.

Brisa assentiu, distraído. Allrianne estava ao lado dele, parecendo bastante irritada por ter de usar as roupas desmazeladas de uma skaa.

Sazed ignorou aquela falta de entusiasmo.

— Imagino o que será no futuro. Talvez haja uma *sucessão* de Sobreviventes para este povo. Essa pode ser a fundação de uma religião com verdadeiro potencial de duração, já que poderia se reinventar para atender às necessidades do povo. Claro, novos Sobreviventes significariam novos líderes, cada um com opiniões diversas. Em vez de uma linhagem de sacerdotes promovendo uma ortodoxia, cada novo Sobrevivente buscaria se estabelecer como diferente daqueles que sucedeu. Poderia criar numerosas facções e divisões no corpo dos adoradores.

— Sazed — Brisa interrompeu. — O que houve com sua decisão de não coletar religiões?

Sazed hesitou.

— Não estou coletando essa religião. Estou apenas teorizando sobre seu potencial. — Brisa ergueu novamente a sobrancelha. — Além disso, talvez tenha a ver com nossa missão atual. Se esse novo Sobrevivente for de fato uma pessoa real, pode ser que ele nos ajude a derrubar Quellion.

— Ou — Allrianne observou — pode ser que ele seja um empecilho para a

nossa liderança na cidade assim que Quellion cair.

— Verdade — Sazed admitiu. — De qualquer forma, não vejo o porquê da reclamação, Brisa. Você não *queria* que eu voltasse a me interessar por religiões?

— Isso foi antes de eu ter percebido que você passaria a noite e a manhã seguinte inteiras falando sobre isso. Onde está Quellion, afinal? Se eu perder o almoço por causa dessas execuções, vou ficar bem irritado.

Execuções. Em meio à empolgação, Sazed quase esqueceu o que eles tinham ido ver ali. Seu entusiasmo minguou, e ele se lembrou de por que Brisa estava agindo de forma tão solene. O Abrandador falava com suavidade, mas a preocupação em seus olhos indicava que estava perturbado pela consciência de que o Cidadão estava prestes a incendiar inocentes.

— Lá — disse Allrianne, apontando para o outro lado do mercado.

Algo estava causando uma agitação: o Cidadão, vestindo um traje azul-brilhante. Era a nova "cor aprovada" — uma que apenas ele podia usar. Seus conselheiros ao redor vestiam vermelho.

— Finalmente — Brisa disse, seguindo a multidão que se apinhava ao redor do Cidadão.

Sazed seguiu, seus passos cada vez mais relutantes. Agora que pensava nisso, estava tentado a usar tropas para tentar impedir o que estava prestes a acontecer. Claro, sabia que seria tolice. Interferir para salvar poucos arruinaria as chances de salvar a cidade inteira. Com um suspiro, seguiu Brisa e Allrianne, movendo-se com a multidão. Também suspeitava que assistir aos assassinatos o lembraria da natureza urgente de suas obrigações em Urteau. Os estudos teológicos ficariam para outro momento.

*

— Você vai ter que matá-los — Kelsier disse.

Fantasma se agachou discretamente sobre um prédio na área mais abastada de Urteau. Lá embaixo, a procissão do Cidadão se aproximava. Fantasma a observou através da venda nos olhos. Foram necessárias muitas moedas — quase as últimas que havia trazido consigo de Luthadel — para se informar da localização das execuções com antecedência suficiente para que pudesse se pôr em posição.

Ele via os tristes indivíduos que Quellion havia decidido assassinar. Muitos deles eram como a irmã de Franson — pessoas que tiveram seu parentesco nobre descoberto. Vários outros, no entanto, eram apenas cônjuges daqueles que tinham sangue nobre. Fantasma também sabia que um dos homens do grupo havia falado alto demais contra Quellion. A relação do homem com a nobreza era tênue. No passado, fora um artesão que servia especificamente uma clientela nobre.

— Sei que não quer fazer isso — Kelsier disse. — Mas você não pode perder a coragem agora.

Fantasma se sentia poderoso — o peltre lhe emprestava um ar de invencibilidade que ele nunca havia imaginado. Apesar de ter dormido poucas horas nos últimos seis dias, não estava cansado. Tinha um senso de equilíbrio invejável por qualquer gato e uma força que seus músculos não deveriam conseguir produzir.

E, ainda assim, o poder não era tudo. As palmas de suas mãos suavam embaixo da capa, e ele sentia as gotículas de transpiração escorrerem pela testa. Não era um Nascido da Bruma. Não era Kelsier ou Vin. Era apenas Fantasma. O que estava pensando?

— Não consigo — ele sussurrou.

— Consegue — Kelsier afirmou. — Você praticou com o bastão; eu vi. Além disso, enfrentou aqueles soldados no mercado. Eles quase o mataram, mas você estava lutando com dois Brutamontes. Levando isso em consideração, até que se saiu muito bem.

— Eu…

— Você precisa salvar aquelas pessoas, Fantasma. Pergunte a si mesmo: o que *eu* faria se estivesse aí?

— Eu não sou você.

— Não ainda.

Não ainda.

Lá embaixo, Quellion pregava contra as pessoas que estavam prestes a ser executadas. Dava para ver Beldre, a irmã do Cidadão, ao lado dele. Fantasma se inclinou para a frente. Havia mesmo um olhar de compaixão, até de dor, nos olhos dela, enquanto observava os prisioneiros infelizes conduzidos ao prédio? Ele seguiu o olhar da moça, observando os prisioneiros. Um deles era uma criança, amedrontada e agarrada a uma mulher enquanto o grupo era empurrado

para dentro do prédio que se tornaria sua pira mortuária.

Kelsier tem razão, pensou Fantasma. *Não posso deixar que isso aconteça. Posso não ter êxito, mas preciso ao menos tentar*. Suas mãos continuaram a tremer enquanto ele entrava pela portinhola no topo do prédio em que estava e descia às pressas as escadas, a capa esvoaçando às suas costas. Entrou em um corredor, seguindo para a adega.

Nobres eram criaturas estranhas. Durante os dias do Senhor Soberano, eles com frequência temiam por suas vidas tanto quanto os ladrões skaa, pois não era raro que a intriga na corte levasse a encarceramentos ou assassinatos. Fantasma devia ter percebido desde o início o detalhe que deixara passar. Nenhum bando de ladrões construiria um esconderijo sem um alçapão para fugas emergenciais.

Por que a nobreza faria diferente?

Ele saltou, a capa agitando-se conforme descia os últimos degraus. Atingiu o chão empoeirado, e seus sentidos aguçados ouviram Quellion começar seu sermão inflamado lá em cima. As multidões de skaa murmuravam. As chamas haviam sido acesas. Ali, no porão escuro do prédio, Fantasma encontrou uma parte da parede já aberta, uma passagem secreta que levava para o prédio ao lado. Um grupo de soldados estava diante da passagem.

— Rápido — Fantasma ouviu um deles dizer —, antes que o fogo chegue aqui.

— Por favor! — outra voz gritou, suas palavras ecoando através da passagem. — Ao menos levem a criança!

Pessoas grunhiram. Os soldados se moveram para o lado oposto ao que Fantasma estava na passagem, impedindo que as pessoas no outro porão escapassem. Haviam sido enviados por Quellion para salvar um dos prisioneiros. Para o público, o Cidadão denunciava com toda pompa qualquer um com sangue nobre. Mas, na verdade, alomânticos eram valiosos demais para que os matasse. Portanto, ele escolhia os prédios com cautela e queimava apenas aqueles com saídas secretas através das quais podia retirar cuidadosamente os alomânticos.

Era a maneira perfeita de exibir ortodoxia e, ao mesmo tempo, manter o controle do recurso mais poderoso da cidade. Mas não foi essa hipocrisia que fez as mãos de Fantasma pararem de tremer ao avançar sobre os soldados.

Foi o choro da criança.

— *Mate-os!* — Kelsier gritou.

Fantasma sacou seu bastão de duelo. Um dos soldados finalmente o

percebeu, virando-se em choque.

Foi o primeiro a cair.

Fantasma não havia percebido como podia golpear com força. O capacete do soldado voou pela passagem secreta, apenas metal esmagado. Os outros soldados gritaram quando Fantasma saltou sobre o companheiro caído naquele espaço exíguo. Eles carregavam espadas, mas estavam tendo problemas para desembainhá-las.

Fantasma, por sua vez, havia trazido adagas.

Ele puxou uma, empunhando-a com um giro impulsionado pelo peltre e pela fúria, sentidos aguçados guiando seus passos. Ele passou cortando dois soldados, acotovelando os moribundos para o lado, aproveitando a vantagem. No fim da passagem, quatro soldados estavam com um skaa baixinho.

O medo brilhou nos olhos deles.

Fantasma se lançou para a frente, e os soldados assustados por fim superaram a surpresa. Eles recuaram, abrindo a porta secreta com tudo e tropeçando uns nos outros ao entrarem no porão do prédio vizinho.

A estrutura já estava a ponto de desmoronar sob as chamas. Fantasma sentiu o cheiro da fumaça. O restante dos condenados estava no recinto — provavelmente tentando chegar à passagem para seguir o amigo que havia escapado. Foram forçados a se afastar quando os soldados os empurraram para dentro do porão, por fim sacando as espadas.

Fantasma estripou o mais lento dos quatro, deixou a adaga no cadáver e puxou um segundo bastão de duelo. A extensão firme de madeira se encaixou bem em sua mão conforme girava entre civis apavorados, atacando os soldados.

— Os soldados não podem escapar — Kelsier sussurrou. — Do contrário, Quellion saberá que as pessoas foram resgatadas. Você precisa deixá-lo confuso.

A luz tremeluziu no corredor atrás do porão bem mobiliado. Luzes de chamas. Fantasma já conseguia sentir o calor. Enfurecidos, os três soldados iluminados pelo fogo ergueram as espadas. A fumaça começou a se esgueirar pelo teto, espalhando-se como uma bruma preta e espessa. Os prisioneiros se encolheram, confusos.

Fantasma avançou, girando conforme golpeava um dos soldados com os dois bastões. O homem caiu na isca, esquivando-se de lado do ataque, em seguida avançando. Em uma luta comum, Fantasma teria sido empalado.

O peltre e o estanho o salvaram, porém. Moveu-se com pés leves, sentindo o

vento da espada se aproximando e sabendo onde ela passaria. O coração palpitou no momento em que a espada cortou ao meio o tecido em seu flanco, mas não atingiu a carne. Ele abaixou o bastão, quebrando o braço do homem, e em seguida atingiu o crânio de outro.

O soldado caiu, a surpresa visível nos olhos moribundos enquanto Fantasma passava por ele.

O próximo já estava atacando. Fantasma levantou os dois bastões, cruzando-os para bloquear o golpe. A espada cortou um, mandando metade do bastão pelos ares, mas ficou presa no segundo. Fantasma puxou a arma para o lado, afastando a lâmina, e girou próximo ao homem, derrubando-o com uma cotovelada na barriga.

Fantasma socou a cabeça do homem enquanto ele caía. O som de osso com osso estalou na sala em chamas. O soldado caiu aos pés de Fantasma.

Eu posso mesmo fazer isso!, Fantasma pensou. *Sou como eles. Vin e Kelsier. Não vou mais me esconder em porões ou fugir do perigo. Posso lutar!*

Ele girou, sorrindo.

E encontrou o último soldado em pé com a adaga de Fantasma junto ao pescoço de uma garota. O soldado estava de costas para o corredor em chamas, de olho na possibilidade de fuga através da passagem oculta. Atrás dele, as chamas rodopiavam no batente de madeira, tomando o cômodo.

— O restante de vocês, saia! — Fantasma disse sem tirar os olhos do soldado. — Saiam pela porta traseira do prédio no fim do túnel. Vocês vão encontrar uns homens lá. Eles vão escondê-los e depois tirá-los da cidade. Vão!

Alguns já haviam fugido, e aqueles que permaneceram partiram ao comando do rapaz. O soldado estava parado, observando, obviamente tentando decidir o que fazer. Devia saber que estava enfrentando um alomântico — nenhum homem comum poderia ter derrubado tantos soldados com tamanha rapidez. Felizmente, parecia que Quellion não havia enviado seus próprios alomânticos para dentro do prédio. Provavelmente os havia mantido lá em cima para protegê-lo.

Fantasma parou. Ele soltou o bastão de duelo quebrado, mas segurou o outro com força para impedir que a mão tremesse. A garota choramingava baixinho.

O que Kelsier teria feito?

Atrás dele, o último dos prisioneiros estava fugindo pela passagem.

— Você! — Fantasma falou sem se virar. — Barre a porta por fora. Rápido!

— Mas…

— Vai! — Fantasma gritou.

— Não! — o soldado disse, apertando a faca no pescoço da menina. — Eu mato ela!

— Mate-a e você também morrerá — Fantasma retrucou. — Sabe disso. Olhe para mim. Você não vai passar por mim. Você…

A porta se fechou com um baque.

O soldado berrou, soltando a garota e correndo na direção da porta, obviamente tentando sair antes que a tábua fosse encaixada do outro lado.

— É a única saída! Você vai nos…

Fantasma quebrou os joelhos do homem com um único golpe do bastão de duelo. O soldado gritou e foi ao chão. As chamas queimavam três das paredes agora. O calor já era intenso.

A tábua se encaixou do outro lado da porta. Fantasma olhou para o soldado. Ainda vivo.

— Deixe-o — Kelsier disse. — Deixe-o queimar no prédio.

Fantasma hesitou.

— Ele teria deixado todos morrerem — Kelsier disse. — Deixe-o sentir o que teria feito com eles… o que já fez várias vezes por ordem de Quellion.

Fantasma deixou o homem gemendo no chão, avançando para a porta secreta. Jogou seu peso contra ela.

E parou.

Fantasma xingou baixinho, erguendo a bota e chutando a porta. No entanto, ela permaneceu imóvel.

— Essa porta foi construída por nobres que temiam ser perseguidos por assassinos — Kelsier falou. — Sabiam da Alomancia e fizeram a porta forte o bastante para resistir ao chute de um Brutamontes.

O fogo estava cada vez mais quente. A garota se agachou no chão, chorando. Fantasma rodopiou, encarando as chamas, sentindo seu calor. Ele avançou, mas seus sentidos aguçados eram tão fortes que o calor parecia incrivelmente poderoso para ele.

Ele cerrou os dentes, pegando a garota nos braços.

Tenho peltre agora, ele pensou. *Ele pode equilibrar a força dos meus sentidos.*

Vai ter que bastar.

Fumaça subia pelas janelas do prédio condenado. Sazed esperava com Brisa e Allrianne atrás da multidão solene. As pessoas se mantinham estranhamente silenciosas enquanto observavam as chamas consumirem tudo. Talvez sentissem a verdade.

Que poderiam ser levados e assassinados com a mesma facilidade que os pobres-diabos que morriam ali dentro.

— Como mudamos rápido de lado — Sazed sussurrou. — Não faz muito tempo que homens eram forçados a assistir ao Senhor Soberano cortando a cabeça de inocentes. Agora fazemos isso nós mesmos.

Silêncio. E então um som parecido com gritos surgiu de dentro do prédio. Gritos de homens morrendo.

— Kelsier estava errado — Brisa comentou.

Sazed franziu o cenho, virando-se para ele.

— Ele culpava os nobres — Brisa disse. — Pensava que, se nos livrássemos deles, esse tipo de coisa não aconteceria mais.

Sazed assentiu. Então, estranhamente, a multidão começou a ficar inquieta, a se agitar e remexer, murmurando. E Sazed sentiu que concordava com eles. Algo precisava ser feito sobre essa atrocidade. Por que ninguém lutava? Quellion estava lá, cercado por seus homens orgulhosos vestidos de vermelho. Sazed cerrou os dentes, ficando cada vez mais furioso.

— Allrianne, querida, não é hora para isso — disse Brisa.

Sazed ficou perplexo. Virou-se, olhando para a jovem. Ela estava chorando.

Pelos Deuses Esquecidos, pensou Sazed, finalmente reconhecendo o toque dela nas próprias emoções, *tumultuando-as* para deixá-lo furioso com Quellion. *Ela é tão boa nisso quanto Brisa*.

— Por que não? — ela perguntou. — Ele merece. Eu poderia fazer essa multidão parti-lo em pedaços.

— E o subcomandante tomaria o controle — Brisa disse — e executaria essas pessoas. Não estamos preparados ainda.

— Parece que você nunca para de se preparar, Brisa — ela comentou, irritada.

— Essas coisas exigem…

— Esperem — Sazed interrompeu, erguendo a mão.

Ele fixou seu olhar no prédio. Uma das janelas fechadas por tábuas do edifício, uma na protuberância do sótão no alto do telhado, parecia estar tremendo.

— Olhem! — disse Sazed. — Ali!

Brisa ergueu a sobrancelha.

— Talvez nosso Sobrevivente das Chamas esteja prestes a aparecer, hein? — Ele sorriu para o que obviamente achava uma ideia ridícula. — Imagino o que tínhamos a aprender com essa experienciazinha revoltante. Pessoalmente, acho que os homens que nos mandaram para cá não sabiam do que…

Uma das tábuas subitamente voou da janela, girando no ar e arrastando fumaça atrás de si. Em seguida, a janela explodiu para fora.

Uma figura em roupas escuras saltou em meio à confusão de estilhaços de madeira e fumaça, aterrissando no telhado. Sua longa capa parecia mesmo estar em chamas em alguns pontos, e ele carregava um pequeno embrulho nas mãos. Uma criança. A figura correu pelo alto do telhado em chamas e em seguida saltou da frente do prédio, deixando um rastro de fumaça ao despencar até o chão.

Aterrissou com a graça de um homem queimando peltre, sem sequer cambalear, apesar da queda de dois andares, sua capa fumegante lançando fumaça ao redor. As pessoas recuaram com surpresa, e Quellion se virou, assustado.

O capuz do homem caiu quando ele se ergueu. Só então Sazed o reconheceu.

Fantasma se empertigou, parecendo mais velho do que realmente era à luz do sol. Ou, talvez, fosse Sazed que nunca o tivesse enxergado como nada além de uma criança até aquele momento. De qualquer forma, o jovem encarou Quellion com orgulho, os olhos vendados, o corpo esfumaçando, a criança, que tossia, nos braços. Ele não parecia nem um pouco intimidado pela tropa de vinte soldados cercando o prédio.

Brisa praguejou baixinho.

— Allrianne, no fim das contas vamos precisar daquele *tumulto*!

Sazed de repente sentiu um peso sendo pressionado contra ele. Brisa *abrandava* as emoções que o distraíam — sua confusão, sua preocupação —, deixando Sazed, juntamente com a multidão, totalmente aberto à explosão de ódio enfurecido e concentrado de Allrianne.

A multidão estourou em um movimento, pessoas gritando o nome do Sobrevivente, correndo na direção dos guardas. Por um momento, Sazed temeu que Fantasma não aproveitasse a oportunidade para fugir. Apesar da estranha bandagem nos olhos do rapaz, Sazed sabia que ele estava olhando direto para Quellion — como se o desafiasse.

Mas, felizmente, Fantasma enfim se virou. A multidão distraiu os soldados em investida, e Fantasma correu com uma rapidez que lhe pareceu além do possível. Ele virou em um beco, carregando a garota que havia salvado, sua capa deixando um rastro de fumaça. Assim que Fantasma estava com uma vantagem segura, Brisa sufocou a vontade da multidão de se rebelar, impedindo que ela fosse derrubada pelos soldados. As pessoas recuaram, dispersando-se. Os soldados do Cidadão, no entanto, ficaram pertos do líder. Sazed conseguiu ouvir frustração na voz de Quellion enquanto ele instruía a inevitável retirada. Não podia dispensar mais que alguns homens para perseguir Fantasma; não com a possibilidade de uma revolta. Precisava garantir a própria segurança.

Enquanto os soldados marchavam para longe, Brisa olhou para Sazed de soslaio.

— Bem — observou ele —, *isso* foi um tanto inesperado.

Penso que os koloss eram mais inteligentes do que queríamos acreditar. Por exemplo, originalmente, eles usavam apenas as estacas que o Senhor Soberano lhes dera para criar novos membros. Ele oferecia o metal e os infelizes prisioneiros skaa, e os koloss criavam novos "recrutas".

Com a morte do Senhor Soberano, os koloss deveriam ter sido rapidamente extintos. Foi como ele os projetara. Esperava que, caso se livrassem de seu controle, se matariam até se extinguir na própria violência. No entanto, de alguma forma eles deduziram que as estacas nos corpos de koloss caídos podiam ser coletadas e reutilizadas.

Não precisavam mais de um suprimento novo de estacas. Sempre me pergunto qual efeito o reuso constante das estacas teria sobre a população. Uma estaca pode reter apenas um tanto de carga hemalúrgica, de forma que eles não seriam capazes de criar estacas que concedessem força infinita, não importando quantas pessoas aquelas estacas houvessem matado e quanto poder pudessem ter absorvido. No entanto, será que o reuso repetitivo das estacas teria trazido mais humanidade aos koloss criados?

42

Quando Marsh entrou em Luthadel, tomou muito mais cuidado do que quando invadira a cidade sem nome na fronteira oeste do domínio. Um Inquisidor atravessando a capital do império de Elend não passaria despercebido e talvez chamasse atenção indesejada. O imperador estava longe e havia deixado seu quintal aberto para que outros o usassem. Não havia necessidade de estragar a chance.

Assim sendo, Marsh movia-se à noite, encapuzado, queimando aço e saltando com moedas. Mesmo assim, a visão da cidade magnífica — expansiva, suja e, ainda assim, seu *lar* — era difícil para a parte espectadora dele, que continuava à espera. No passado, ele mesmo fora uma figura central na rebelião skaa naquela cidade. Sentia-se responsável por seus habitantes, e o pensamento de Ruína fazendo com eles o que ele fizera às pessoas da outra cidade, aquela onde a montanha de cinzas havia estourado…

Não havia montanha de cinzas tão próxima de Luthadel. Infelizmente, havia coisas que Ruína podia fazer com a cidade que não envolvia forças naturais. Em seu caminho para Luthadel, Marsh havia parado em no mínimo quatro vilarejos, onde se incumbira de matar secretamente os homens que guardavam os estoques de comida e em seguida atear fogo nos prédios que os mantinham. Sabia que os outros Inquisidores rodavam o mundo cometendo atrocidades semelhantes enquanto buscavam aquilo que Ruína desejava mais que tudo. Aquilo que Preservação havia tirado dele.

Ainda não encontrara.

Marsh saltou sobre uma rua e aterrissou em um telhado pontudo. Em seguida, correu pela beirada da construção em direção ao nordeste da cidade. Luthadel havia mudado durante o ano que passara longe. Os projetos de trabalhos forçados do Senhor Soberano haviam brutalizado os skaa, mas por outro lado tinham mantido o local limpo das cinzas, dando até mesmo à grande cidade uma sensação de ordem. Não havia mais nada daquilo. Cultivar alimentos era a prioridade óbvia — a limpeza da cidade poderia ficar para mais tarde, se é que houvesse um mais tarde.

Agora havia muito mais pilhas de lixo e de cinzas — que teriam outrora sido jogadas no rio no centro da cidade — acumulando-se em becos e contra os edifícios. Marsh sentiu um sorriso despontando no rosto com a beleza daquele desleixo, e sua pequena parte rebelde recuou e se escondeu.

Ele não podia lutar. Não era hora para isso.

Logo chegou à Fortaleza Venture, sede do governo de Elend. Havia sido invadida por koloss no cerco a Luthadel, as janelas baixas de vitral estilhaçadas pelas feras. Haviam sido substituídas por tábuas. Marsh sorriu e deu um salto impulsionado pelo aço até uma sacada no segundo andar. Antes de ser tomado por Ruína, havia passado muitos meses vivendo ali, ajudando o imperador a manter o controle da cidade.

Encontrou com facilidade os aposentos de Penrod. Eram os únicos ocupados e vigiados. Agachou-se alguns corredores antes, observando com olhos desumanos enquanto ponderava suas próximas ações.

Era uma perspectiva muito complicada empalar com uma estaca hemalúrgica uma vítima relutante. O tamanho da estaca, neste caso, era irrelevante. Assim como apenas uma pitada do pó de metal podia abastecer a Alomancia por um tempo ou um pequeno anel conseguia reter carga feruquêmica, um pedaço bem pequeno de metal bastava para a Hemalurgia. As estacas de Inquisidores eram grandes para serem intimidadoras, mas uma pequena agulha poderia, em muitos casos, ser tão eficaz quanto uma estaca enorme. Dependia de quanto tempo se desejava deixá-la fora do corpo de uma pessoa após usá-la para matar alguém.

Para os objetivos de Marsh naquele dia, uma pequena era preferível. Ele não queria dar poderes a Penrod, apenas espetá-lo com metal. Marsh puxou uma estaca que havia feito com o alomântico na cidade condenada, poucos dias antes. Tinha cerca de quinze centímetros — na verdade, maior do que precisava ser, estritamente falando. No entanto, Marsh precisaria enterrar a estaca a força no corpo de um homem, o que significava ser ao menos grande o bastante para não entortar. Havia duzentos ou trezentos pontos de ligação pelo corpo humano. Marsh não conhecia todos; Ruína se encarregaria de guiar sua mão quando chegasse o momento, garantindo que a estaca fosse inserida no lugar certo. A atenção direta do mestre estava concentrada em outro lugar no momento, e ela dava a Marsh os comandos gerais para se posicionar e se preparar para o ataque.

Estacas hemalúrgicas. A parte escondida de estremeceu, lembrando-se do dia em que fora inesperadamente transformado em um Inquisidor. Tinha pensado que fora descoberto, trabalhando como espião para Kelsier no Ministério do

Aço. Não imaginava que fora selecionado como um suspeito, mas não como alguém extraordinário.

Os Inquisidores foram até ele à noite, enquanto esperava nervosamente para encontrar Kelsier e repassar o que acreditara ser sua mensagem final para a rebelião. Eles irromperam porta adentro, movendo-se mais rápido do que Marsh fora capaz de reagir. Não lhe deram opção. Simplesmente prenderam-no no chão e jogaram uma mulher aos berros sobre ele.

Em seguida, enterraram uma estaca bem no coração da mulher e no olho de Marsh.

A dor era grande demais para lembrar. Aquele momento era um buraco em sua memória, preenchida com imagens vagas dos Inquisidores repetindo o processo, matando outros alomânticos infelizes e bombeando seus poderes — suas próprias almas, ao que parecia — para dentro do corpo de Marsh. Quando acabou, ele estava gemendo no chão, uma nova enxurrada de informações sensoriais dificultando até mesmo seus pensamentos. Ao redor, os outros Inquisidores dançavam para lá e para cá, esquartejando os outros corpos com machados, alegres pela inclusão de mais um membro às suas fileiras.

Aquele, de certa forma, foi o dia de seu nascimento. Que dia maravilhoso. Porém, Penrod não teria tal felicidade. Ele não seria feito um Inquisidor — receberia apenas uma única e pequena estaca. Uma que Marsh fizera dias atrás e que pôde ficar fora do corpo — vazando poder — todo esse tempo.

Marsh esperou Ruína tomá-lo. A estaca não apenas teria de ser plantada precisamente, mas Penrod teria de deixá-la no lugar tempo suficiente para Ruína começar a influenciar seus pensamentos e emoções. A estaca precisava tocar o sangue — no início, pelo menos. Depois que fosse cravada, a pele se curaria ao redor do metal, e a estaca ainda funcionaria. Mas, para começar, haveria sangue.

Como era possível fazer alguém esquecer quinze centímetros de metal projetando-se do próprio corpo? Como fazer os outros a ignorarem? Ruína tentara cravar uma estaca em Elend Venture em várias ocasiões e sempre falhara. De fato, a maioria das tentativas no geral fracassaram. As poucas pessoas adquiridas pelo processo, contudo, valiam o esforço.

Ruína veio, e ele perdeu o controle do corpo. Moveu-se sem saber o que estava fazendo, seguindo ordens diretas. *Atravesse o corredor. Não ataque os guardas. Atravesse a porta*.

Marsh empurrou para o lado dois vigias, derrubando a porta com um chute e irrompendo na antecâmara.

Certo. Vá até o dormitório.

Marsh entrou na sala em um piscar de olhos, os dois soldados atrasados gritando por ajuda do lado de fora. Penrod era um homem de meia-idade com um ar altivo. Teve a presença de espírito de saltar da cama com os ruídos, agarrando um bastão de duelo de madeira maciça sobre o criado-mudo.

Marsh sorriu. Um bastão de duelo? Contra um Inquisidor? Ele puxou o machado de obsidiana da bainha no quadril.

Lute com ele, Ruína disse, *mas não o mate. Faça com que seja uma batalha difícil, mas deixe-o sentir que está conseguindo segurá-lo.*

Era um pedido estranho, mas a mente de Marsh estava tão diretamente controlada que não conseguia nem parar para pensar. Simplesmente avançou em ataque.

Era mais difícil do que parecia. Tinha de fazer questão de sempre golpear com o machado de forma que Penrod pudesse bloquear. Várias vezes, precisou acessar a velocidade de uma de suas estacas — que também servia como uma mente de metal feruquêmica — para afastar repentinamente o machado na direção correta em milímetros para não decapitar o rei de Luthadel.

Ainda assim, Marsh conseguiu. Cortou Penrod algumas vezes, lutando o tempo todo com a pequena estaca escondida na palma da mão direita, deixando o rei pensar que estava se saindo bem. Dentro de poucos momentos, os guardas se juntaram ao combate, permitindo que Marsh mantivesse as aparências ainda melhor. Três homens normais ainda não eram páreo para um Inquisidor, mas, da perspectiva deles, talvez parecesse que fossem.

Não demorou muito para que uma tropa de dezenas de guardas irrompesse na antecâmara, vindo ao auxílio do rei.

Agora, Ruína disse. *Aja como se estivesse assustado, prepare-se para encaixar a estaca e em seguida fugir pela janela.*

Marsh acessou a velocidade e se moveu. Ruína o guiou precisamente enquanto golpeava o peito de Penrod com a mão esquerda, enterrando a estaca diretamente no coração do homem. Marsh ouviu Penrod gritar, sorriu com o som e saltou pela janela.

Pouco tempo depois, Marsh estava pendurado do lado de forma da mesma janela, invisível e despercebido, mesmo pelas numerosas patrulhas. Era habilidoso demais, cuidadoso demais para ser identificado quando escutava com

ouvidos aguçados pelo estanho, pendurado sob uma saliência de pedra próxima à janela. Lá dentro, cirurgiões confabulavam.

— Quanto tentamos puxar a estaca, o sangramento aumenta drasticamente, milorde — uma voz explicou.

— A lasca de metal chegou perigosamente perto do seu coração — outra disse.

Perigosamente perto?, pensou Marsh, com um sorriso de sua posição de cabeça para baixo. *A estaca perfurou o coração*. Mas, claro, os cirurgiões não tinham como saber. Como Penrod estava consciente, eles presumiam que a estaca havia chegado perto, mas, de alguma forma, errara o alvo por pouco.

— Estamos com medo de retirá-la — o primeiro cirurgião disse. — Como… o senhor se sente?

— Notavelmente bem, na verdade — respondeu Penrod. — Sinto dor e um pouco de desconforto. Mas eu me sinto forte.

— Então, vamos deixar a lasca, por ora — o primeiro cirurgião sugeriu, parecendo preocupado. Mas o que mais poderia fazer? Se ele *chegasse* a puxar a estaca, *de fato* mataria Penrod. Um movimento inteligente de Ruína.

Eles esperariam até Penrod retomar suas forças e tentariam remover novamente a estaca. De novo, aquilo ameaçaria a vida do rei. Assim, teriam que deixá-la. E, com Ruína agora capaz de tocar a mente do monarca — não controlá-la, apenas proporcionar pequenos empurrõezinhos nas direções certas —, Penrod logo esqueceria a estaca. O desconforto cessaria, e, com a estaca sob a roupa, ninguém estranharia.

E, então, ele seria tão vassalo de Ruína quanto qualquer Inquisidor. Marsh sorriu, soltou a saliência de pedra e caiu nas ruas escuras da cidade.

Por mais que tudo isso me enoje, não posso deixar de ficar impressionado pela Hemalurgia como uma arte.

Na Alomancia e na Feruquemia, habilidade e sutileza vêm através da aplicação dos poderes de alguém. O melhor pode não ser o mais poderoso, mas, em vez disso, o que manipula com maior maestria os empurrões *e* puxões *dos metais. O melhor feruquemista é aquele mais capaz de separar informações em suas mentes de metal ou de manipular seu peso com ferro.*

A arte que é única para a Hemalurgia, porém, é o conhecimento de onde enterrar as estacas.

43

Vin aterrissou com um farfalhar abafado de tecidos. Ela se agachou em meio à noite, erguendo o vestido para que não raspasse no telhado sujo de cinzas, e em seguida espreitou as brumas.

Elend aterrissou ao lado, caindo agachado, sem fazer perguntas. Ela sorriu, percebendo a melhora nos instintos do marido. Ele também fitava as brumas, apesar de obviamente não saber o que estava procurando.

— Ele está nos seguindo — Vin sussurrou.

— O Nascido da Bruma de Yomen?

Ela assentiu.

— Onde? — ele perguntou.

— Três casas para trás.

Elend estreitou os olhos, e ela sentiu um dos pulsos alomânticos dele repentinamente aumentar em velocidade. Estava avivando estanho.

— Aquele montinho no lado direito? — Elend perguntou.

— Bem perto — Vin disse.

— Então…

— Então ele sabe que o vimos. Do contrário, eu não teria parado. Neste momento, estamos nos observando.

Elend alcançou o cinto, desembainhando a faca de obsidiana.

— Ele não vai atacar — ela disse.

— Como sabe?

— Quando tiver a intenção de nos matar, vai tentar quando estivermos longe um do outro ou dormindo.

Aquilo pareceu deixar Elend ainda mais nervoso.

— É por isso que você tem ficado acordada até tarde da noite?

Vin assentiu. Forçar Elend a dormir sozinho era um preço pequeno a pagar para mantê-lo em segurança. *É você nos seguindo aí atrás, Yomen?*, ela se perguntou. *Na noite da sua própria festa? Seria um feito e tanto*. Não parecia

provável, mas Vin ainda desconfiava. Tinha o hábito de suspeitar que *todos* eram Nascidos da Bruma. Ela ainda pensava que era um costume saudável, mesmo se errasse mais que acertasse.

— Vamos — ela disse, erguendo-se. — Assim que chegarmos à festa, não precisaremos nos preocupar com ele.

Elend assentiu, e os dois continuaram seu caminho até o Cantão de Recursos.

O plano é simples, Elend havia dito poucas horas antes. *Vou confrontar Yomen, e a nobreza não poderá evitar se juntar ao redor e assistir de boca aberta. Nesse momento, você se esgueira para fora da festa e vê se consegue encontrar o depósito.*

Era de fato um plano simples — como em geral eram os melhores. Se Elend confrontasse Yomen, atrairia a atenção dos guardas, com sorte deixando espaço para Vin sair de fininho. Ela teria de se mover com rapidez e em silêncio, além de provavelmente ter de eliminar alguns guardas no processo — tudo sem que ninguém percebesse. Ainda assim, aquela parecia ser a única maneira. A quase fortaleza de Yomen era não apenas bem iluminada e extremamente bem vigiada, mas seu Nascido da Bruma também era habilidoso. O homem a havia detectado todas as outras vezes que ela tentara se esgueirar — sempre permanecendo a distância, sua mera presença um alerta de que ele poderia soar um alarme em um piscar de olhos.

A melhor chance deles era o tal baile. As defesas de Yomen, e seu Nascido da Bruma, estariam concentradas em manter a segurança do mestre.

Eles aterrissaram no pátio, fazendo carruagens pararem e guardas voltarem-se, assustados. Vin olhou para Elend em meio à escuridão brumosa.

— Elend — ela disse baixinho —, preciso que você me prometa uma coisa.

Ele franziu a testa.

— O quê?

— Serei flagrada mais cedo ou mais tarde — Vin disse. — Vou me esgueirar o máximo que puder, mas duvido que consigamos passar por isso sem criar uma perturbação. Quando isso acontecer, quero que você vá embora.

— Vin, não posso fazer isso. Eu tenho que…

— Não — Vin interrompeu, ríspida. — Elend, você não tem que me ajudar. Você *não pode* me ajudar. Eu te amo, mas você não é tão bom nisso quanto eu. Posso cuidar de mim mesma, mas preciso saber que não vou precisar cuidar de você também. Se qualquer coisa der errado, ou se tudo der certo, mas o prédio

entrar em alerta, quero que você vá embora. Nos encontramos no acampamento.

— E se você se meter em problemas? — Elend perguntou.

Vin sorriu.

— Confie em mim.

Ele hesitou, mas então assentiu. Acreditar nela era obviamente a única coisa que poderia fazer — algo que sempre fizera.

Os dois avançaram a passos largos. Parecia estranho estar participando de um baile em um prédio do Ministério. Vin estava acostumada aos vitrais e aos ornamentos, mas os gabinetes do Cantão em geral eram austeros — e aquele não era exceção. Tinha apenas um andar e paredes marcantes e lisas com janelas muito pequenas. Não havia holofotes iluminando o lado de fora, e, embora alguns grandes estandartes de tapeçaria tremulassem frente às paredes de pedra, a única indicação de que aquela era uma noite especial era a aglomeração de carruagens e de nobres no pátio. Os soldados na área observaram Vin e Elend, mas não fizeram nenhum movimento para impedi-los ou atrasá-los.

Os observadores, tanto da nobreza quanto da guarda, demonstraram interesse, mas quase nenhuma surpresa. Vin e Elend eram esperados. Vin teve o pressentimento confirmado quando subiu as escadas e ninguém se moveu para interceptá-los. Os guardas à porta observaram com desconfiança, mas deixaram-nos entrar.

Lá dentro, ela encontrou um longo corredor de entrada iluminado por lampiões. O fluxo de pessoas se virou à esquerda, então Vin e Elend o seguiram, serpenteando por um punhado de corredores labirínticos até se aproximarem de um dos grandes salões de reunião.

— Não parece exatamente o lugar mais impressionante para um baile, não é? — Elend comentou enquanto esperavam sua vez de serem anunciados.

Vin assentiu. A maioria das fortalezas nobres tinha entradas que davam diretamente no salão de baile. O cômodo diante deles — pelo que ela conseguia ver — havia sido adaptado de uma sala de reuniões padrão do Ministério. Rebites cobriam o chão onde antes houvera bancos, e havia um tablado do outro lado do salão, no qual os obrigadores provavelmente se posicionavam outrora para dar instruções a seus subordinados. Era onde estava montada a mesa de Yomen.

O recinto era pequeno demais para ser um salão de bailes adequado. As pessoas lá dentro não estavam exatamente apinhadas, mas não tinham o espaço

que a nobreza preferia para formar pequenos grupos separados onde pudessem fofocar.

— Parece que há outros salões de festa — Elend disse, meneando a cabeça para vários corredores que saíam do "salão de baile" principal. As pessoas entravam e saíam deles.

— Lugares para as pessoas irem, caso se sintam apertadas — Vin comentou. — Um lugar difícil de se escapar, Elend. Não permita que o encurralem. Parece que há uma saída lá adiante, à esquerda.

Elend seguiu o olhar dela enquanto caminhavam até o salão principal. Tochas tremeluzentes e rastros de bruma indicavam um pátio ou átrio.

— Vou me manter perto dali — ele disse. — E evitar ir para as salas menores ao lado.

— Ótimo — respondeu Vin.

Ela também havia observado outra coisa: duas vezes durante o percurso pelos corredores até o salão de baile, vira escadarias levando para baixo. Aquilo indicava um porão bem grande, algo incomum em Luthadel. *O prédio do Cantão desce, em vez de subir*, ela concluiu. Fazia sentido, supondo que houvesse realmente um depósito lá embaixo.

O arauto à porta os anunciou sem precisar de cartão, e os dois entraram no salão. A festa não era nem de perto tão luxuosa quanto a da Fortaleza Orielle. Havia petiscos, mas não um jantar — provavelmente porque não havia espaço para mesas. Havia música e dança, mas o salão não estava coberto por adornos refinados de tecido. Yomen optara por deixar as paredes simples e sóbrias do Ministério descobertas.

— Me pergunto por que ele sequer se dá ao trabalho de dar bailes — Vin sussurrou.

— Provavelmente precisou começá-los — comentou Elend. — Para induzir os outros nobres. Agora ele faz parte do rodízio. É esperto da parte dele, porém. Ser capaz de atrair a nobreza para sua casa e ser seu anfitrião dá a um homem um pouco de poder.

Vin concordou com um aceno de cabeça e olhou para a pista de dança.

— Uma dança antes de nos separarmos?

Elend hesitou.

— Para dizer a verdade, estou um pouco nervoso demais para isso.

Vin sorriu e o beijou com suavidade, quebrando por completo o protocolo da

nobreza.

— Me dê uma hora antes da distração. Quero sentir a festa antes de desaparecer.

Ele assentiu, e os dois se separaram, Elend seguindo direto para um grupo de homens que Vin não reconheceu. Ela, por sua vez, se manteve em movimento. Não queria ser soterrada por conversas, então evitou as mulheres que reconhecia da Fortaleza Orielle. Sabia que deveria trabalhar para reforçar seus contatos, mas a verdade era que se sentia um pouco como Elend. Não de fato nervosa, mas queria evitar atividades comuns de bailes. Ela não estava ali para se misturar. Tinha coisas mais importantes com que se preocupar.

Assim sendo, vagueou pelo salão, bebericando de uma taça de vinho e observando os guardas. Havia muitos deles, o que provavelmente era bom. Quanto mais guardas houvesse no salão de baile, menos haveria no restante do prédio. Na teoria.

Vin continuou a perambular, acenando para pessoas, mas se retirando sempre que alguém tentava conversar com ela. Se ela fosse Yomen, teria ordenado que alguns soldados específicos ficassem de olho nela apenas para garantir que não escaparia para nenhum lugar perigoso. No entanto, nenhum dos homens parecia muito concentrado em Vin. Com o passar da hora, foi ficando cada vez mais frustrada. Yomen era realmente tão incompetente que não manteria sob vigia uma Nascida da Bruma conhecida que entrava em seu quartel-general?

Irritada, Vin queimou bronze. Talvez houvesse alomânticos nas proximidades. Quase pulou de susto ao sentir os pulsos alomânticos bem ao seu lado.

Havia dois, vindos de duas mulheres com vestidos bufantes cujos nomes ela não sabia, mas que pareciam muito comuns. Essa provavelmente era a ideia. Estavam conversando com duas outras mulheres perto de Vin. Uma queimava cobre, a outra, estanho. Vin nunca as teria descoberto se não tivesse a capacidade de perfurar nuvens de cobre.

À medida que perambulava pelo salão, as duas a seguiam, movendo-se com um nível impressionante de destreza ao deslizar pelas conversas. Sempre paravam perto o bastante de Vin para estar ao alcance de audições aguçadas pelo estanho, ainda assim longe o suficiente para que Vin nunca tivesse conseguido descobri-las sem ajuda alomântica.

Interessante, pensou, recuando para as margens do salão. Ao menos Yomen não a estava subestimando. Mas agora, como se afastar dessas mulheres? Elas

não se distrairiam com a balbúrdia de Elend, e certamente não deixariam Vin se esgueirar pelo prédio sem soar o alarme.

Enquanto caminhava, pensando no problema, Vin notou uma figura familiar sentada a um canto do salão. Slowswift estava em seu terno de costume, fumando um cachimbo enquanto relaxava em uma das cadeiras postas para os idosos ou para os cansados de dançar. Ela foi até ele.

— Pensei que você não viesse a essas coisas — ela observou, sorrindo. Atrás de si, as duas sombras se posicionaram habilmente em uma roda de conversa próxima.

— Venho apenas quando é meu rei que as organiza — Slowswift respondeu.

— Ah — disse Vin, afastando-se em seguida.

De canto de olho, ela observou Slowswift franzir a testa. Obviamente esperava que ela continuasse a conversa, mas não podia arriscar que ele dissesse algo incriminador. Ao menos, não agora. Suas espiãs se afastaram da rodinha, a velocidade da partida de Vin forçando-as a fazê-lo de forma desajeitada. Após caminhar um pouco, Vin parou, dando às mulheres a chance de entrarem em outra roda de conversa.

Em seguida, Vin girou e voltou rapidamente até Slowswift, tentando fingir que havia se lembrado de algo. As perseguidoras, tentando parecer naturais, tiveram problema em seguir. Elas hesitaram, e Vin ganhou apenas alguns segundos de liberdade.

Ela se inclinou para Slowswift enquanto passava.

— Preciso de dois homens — ela disse. — Dois que você saiba estarem contra Yomen. Peça para me encontrarem em uma parte da festa que seja mais afastada, um lugar onde as pessoas possam se sentar e conversar.

— O pátio — Slowswift disse. — Atravesse o corredor à esquerda e saia.

— Ótimo. Diga aos seus homens para saírem, mas que esperem até que eu me aproxime deles. Por favor, envie também alguém a Elend. Diga que eu preciso de mais meia hora.

Slowswift assentiu, e Vin sorriu enquanto suas sombras se aproximavam.

— Espero que se recupere logo — ela disse, abrindo um sorriso carinhoso.

— Obrigado, minha querida — Slowswift disse, tossindo um pouco.

Vin se afastou novamente. Caminhou sem pressa na direção que Slowswift havia indicado, a saída que ela descobrira pouco antes. Alguns momentos depois, ela passou pelas brumas. *As brumas desaparecem dentro dos prédios em*

certo ponto, refletiu. *Todos sempre acham que tem algo a ver com o calor ou quem sabe com a falta de ar circulante…*

Em poucos segundos, ela estava em um pátio ajardinado iluminado por lampiões. Embora houvesse mesas postas para as pessoas relaxarem, o pátio estava parcamente ocupado. Criados não saíam às brumas, e a maior parte da nobreza — embora não gostassem de admitir — as achava desconcertantes. Vin caminhou até uma balaustrada ornamentada de metal e se recostou nela, erguendo os olhos para o céu, sentindo as brumas ao seu redor e mexendo tranquilamente em seu brinco.

Logo, as duas mulheres apareceram, conversando baixo, e o estanho de Vin permitiu que ela ouvisse que estavam falando sobre como o outro salão estava abafado. Vin sorriu, mantendo a postura enquanto as duas mulheres se sentavam a distância e continuavam a conversar. Depois disso, dois homens saíram e sentaram-se em outra mesa. Não agiam tão naturalmente quanto as mulheres, mas Vin esperava que não fossem suspeitos a ponto de chamar a atenção.

Então, ela esperou.

A vida como uma ladra — uma vida preparando-se para trabalhos, espreitando por portinholas e escolhendo com cuidado a oportunidade certa para roubar uma carteira — a ensinara a ter paciência. Era um atributo de garota de rua que nunca havia perdido. Estava parada, encarando o céu, sem dar indícios de que pretendia sair. Agora, simplesmente precisava esperar a distração.

Você não deveria ter confiado nele para a distração, Reen sussurrou em sua mente. *Ele vai fracassar. Nunca deixe que sua vida dependa da competência de alguém cuja vida também não esteja em risco.*

Era um dos dizeres favoritos de Reen. Ela não pensava nele com tanta frequência, não mais — na verdade, em qualquer um de sua antiga vida. Aquela vida era de dor e sofrimento. Um irmão que batia nela para mantê-la em segurança; uma mãe insana que inexplicavelmente assassinara a irmã bebê de Vin.

No entanto, aquela vida era apenas um eco distante agora. Ela sorriu para si, feliz por ter chegado aonde estava. Reen talvez a chamasse de tola, mas ela confiava em Elend — confiava que teria sucesso, confiava sua vida a ele. Era algo que nunca teria feito durante a juventude.

Após dez minutos, alguém saiu da festa e foi até as duas mulheres. Falou com elas rapidamente, em seguida voltou ao salão. Outro homem veio vinte minutos depois, fazendo o mesmo. Com sorte, as mulheres estariam passando as

informações que Vin desejava: aparentemente ela havia decidido passar um tempo indeterminado lá fora, encarando as brumas. Aqueles que estavam lá dentro não deveriam esperar sua volta tão cedo.

Poucos momentos depois de o segundo mensageiro voltar à festa, um homem correu e aproximou-se de uma das mesas.

— Vocês precisam ouvir isso! — ele sussurrou para as pessoas na mesa, os únicos que estavam no pátio naquele momento e que nada tinham a ver com Vin. O grupo saiu. Vin sorriu. A distração de Elend estava acontecendo.

Vin saltou no ar e em seguida *empurrou-se* contra a balaustrada atrás de si, lançando-se pelo pátio.

As mulheres obviamente tinham ficado entediadas, conversando distraidamente. Levou alguns momentos para perceberem seu movimento. Naqueles momentos, ela disparou através do pátio vazio, o vestido esvoaçando enquanto voava. Uma das mulheres abriu a boca para gritar.

Vin extinguiu os metais, em seguida queimou duralumínio e latão, *empurrando* as emoções das mulheres.

Ela havia feito aquilo uma vez antes, com Straff Venture. Um *empurrão* de latão abastecido por duralumínio era algo terrível: esmagava as emoções da pessoa, fazendo-a se sentir vazia, totalmente desprovida de sentimentos. As mulheres arfaram, e a que estava se levantando foi ao chão, caindo em silêncio.

Vin aterrissou com tudo, o peltre ainda desativado para que não se misturasse com o duralumínio, mas avivou-o de imediato rolando até ficar em pé. Ela acertou uma das mulheres no estômago com o cotovelo, em seguida pegou a cabeça da espiã e a bateu na mesa, fazendo-a desmaiar. A outra mulher estava sentada no chão, zonza. Vin fez uma careta, em seguida agarrou a mulher pela garganta e a sufocou.

Pareceu-lhe demasiado brutal, mas não a soltou até que a mulher ficasse inconsciente — o que foi comprovado pelo fato de ela ter deixado a nuvem de cobre alomântica se dissipar. Vin suspirou, soltando a mulher. A espiã inconsciente foi ao chão.

Vin girou o corpo. Os jovens de Slowswift se ergueram, ansiosos. Ela acenou para que se aproximassem.

— Levem as duas para os arbustos — Vin disse, rapidamente —, depois sentem-se à mesa. Se alguém perguntar por elas, digam que as viram me seguindo para dentro da festa. Se der certo, isso manterá todo mundo confuso.

Os homens coraram.

— Nós…

— Façam o que eu disse ou fujam — Vin falou, ríspida. — Não discutam comigo. Eu deixei as duas vivas, e elas não podem relatar que escapei da vigilância. Se elas se mexerem, vocês terão que apagá-las de novo.

Os homens assentiram, relutantes.

Vin desabotoou o vestido, deixando o traje cair ao chão e revelar a roupa justa e escura que usava por baixo. Ela entregou o vestido para os homens esconderem também, em seguida seguiu para dentro do prédio, longe da festa. Dentro do corredor brumoso, encontrou uma escada e desceu. A distração de Elend estaria a toda força naquele momento. Ela esperava que durasse tempo suficiente.

*

— É isso mesmo — Elend disse, braços cruzados, encarando Yomen. — Um duelo. Por que fazer exércitos lutarem pela cidade? Você e eu podemos resolver essa questão por conta própria.

Yomen não riu da ideia ridícula. Simplesmente ficou sentado à mesa, os olhos pensativos naquela cabeça careca e tatuada, a conta de atium atada à testa, reluzindo à luz dos lampiões. O restante da plateia estava reagindo exatamente como Elend esperava. As conversas tinham morrido, e as pessoas apressaram-se em se reunir, enchendo o salão principal para assistir ao confronto entre o imperador e o rei.

— Por que acha que eu consentiria a uma coisa dessas? — Yomen finalmente perguntou.

— Todos os relatos dizem que você é um homem honrado.

— Mas você não é — Yomen disse, apontando para Elend. — Essa oferta prova o fato. Você é um alomântico, não haveria disputa entre nós. Que honra haveria nisso?

Elend não se importava. Queria apenas que Yomen ficasse ocupado o máximo de tempo possível.

— Então, escolha um campeão — ele respondeu. — Assim, luto com ele.

— Apenas um Nascido da Bruma seria páreo para você — Yomen disse.

— Então, mande um para o combate.

— Infelizmente, não tenho um. Conquistei meu reino com justiça, legalidade e com a graça do Senhor Soberano, não com ameaça de assassinato, como você.

Sem Nascido da Bruma, hein?, pensou Elend, sorrindo. *Então, sua " justiça, legalidade e graça" não impedem a mentira?*

— Você deixaria mesmo seu povo morrer? — Elend disse em voz alta, estendendo a mão para o salão. Cada vez mais pessoas se juntavam à plateia. — Tudo por orgulho?

— Orgulho? — questionou Yomen, inclinando-se para frente. — Você chama de orgulho defender o próprio governo? Eu chamo de orgulho marchar com seus exércitos para atacar o reino de outro homem, buscando intimidá-lo com monstros bárbaros.

— Monstros que seu Senhor Soberano criou e usava para intimidar e conquistar também — Elend retrucou.

Yomen hesitou.

— Sim, o Senhor Soberano criou os koloss. Era prerrogativa dele determinar como eram usados. Além disso, ele os mantinha longe das cidades civilizadas, mas você os trouxe direto para nossa porta.

— Sim, e eles não atacaram, porque eu posso controlá-los, como fazia o Senhor Soberano. Isso não indicaria que herdei seu direito de governar?

Yomen franziu o cenho, talvez percebendo que os argumentos de Elend mudavam a todo momento — que ele dizia o que viesse à mente para manter a discussão viva.

— Você pode estar indisposto a salvar esta cidade — o imperador continuou —, mas há outras pessoas nela que são mais sábias. Não acha que cheguei aqui sem aliados, acha?

Yomen voltou a ficar reticente.

— Sim — Elend disse, examinando a multidão. — Você não está combatendo apenas a mim, Yomen. Está combatendo sua corte. Aquela que o trairá quando chegar a hora. Como pode confiar neles?

Yomen bufou.

— Ameaças vazias, Venture. O que você pretende dizer com isso?

No entanto, Elend percebeu que suas palavras incomodaram Yomen. Ele *não* confiava na nobreza local. Teria sido um tolo se o fizesse.

Elend sorriu, preparando seu próximo argumento. Poderia manter essa discussão por um bom tempo. Pois se havia uma coisa em especial que ele aprendera crescendo na casa de seu pai, foi isso: como importunar os outros.

Você terá sua distração, Vin, Elend pensou. *Vamos esperar que possa acabar com a luta por esta cidade antes que ela realmente comece.*

Cada estaca, posicionada com muito cuidado, pode determinar como o corpo do receptor será alterado pela Hemalurgia. Uma estaca em um lugar cria uma fera monstruosa, quase maquinal. Em outro, criará um Inquisidor astuto, ainda que homicida.

Sem o conhecimento instintivo obtido ao tomar o poder no Poço da Ascensão, Rashek nunca teria sido capaz de usá-la. Com a mente expandida e um pouco de prática, era capaz de intuir onde encaixar as estacas que criariam os servos que queria.

Poucos sabem que as câmaras de tortura dos Inquisidores eram, na verdade, laboratórios hemalúrgicos. O Senhor Soberano tentava a todo momento desenvolver novas raças de criados. É uma prova da complexidade da Hemalurgia que, apesar de mil anos de tentativa, ele nunca tenha conseguido nada além das três espécies de criaturas que desenvolveu durante aqueles breves momentos em que se manteve com o poder.

44

Vin se esgueirou pela escadaria de pedra, sons baixos ecoando de um jeito sinistro ao longe. Não tinha tocha ou lampião, e a escadaria não era iluminada, mas luz suficiente vinha lá debaixo para permitir que seus olhos aguçados pelo estanho enxergassem.

Quanto mais pensava a respeito, mais o porão imenso fazia sentido. Aquele era o Cantão de Recursos, o braço do Ministério responsável por alimentar as pessoas, manter os canais e abastecer outros Cantões. Vin acreditava que aquele porão, no passado, ficava lotado de suprimentos. Se o depósito fosse realmente ali, seria o primeiro escondido embaixo de um prédio do Cantão de Recursos. Vin esperava coisas grandiosas daquele local. Que lugar seria melhor para esconder o atium e os recursos mais importantes do que com uma organização responsável pelo transporte e armazenamento de todo o império?

A escadaria era simples, utilitária e bastante íngreme. Vin torceu o nariz para o ar com cheiro de bolor, que também parecia abafado para seu olfato aguçado pelo estanho. Ainda assim, estava feliz com a visão, sem mencionar a audição melhorada, que lhe permitiu ouvir o estalo de armaduras lá embaixo — uma indicação de que precisava avançar com muito cuidado.

Assim fez. Chegou ao fim da escadaria e espreitou pela quina da parede. Três corredores estreitos de pedra dividiam a câmara ao fim da escada, cada qual rumando em diferentes direções, em ângulos de noventa graus. Os sons vinham da direita e, quando Vin avançou um pouco mais, quase saltou ao ver um par de guardas recostados preguiçosamente contra a parede a uma pequena distância.

Guardas nos corredores, pensou Vin, voltando para a escadaria. *Yomen definitivamente quer proteger algo aqui*.

Vin se agachou na pedra fria e rústica. Peltre, aço e ferro eram pouco úteis naquele momento. Poderia derrubar os dois guardas, mas correria um risco ao fazê-lo, pois devia evitar qualquer barulho. Não sabia onde estava o depósito e, portanto, ainda não podia causar nenhuma perturbação.

Vin fechou os olhos, queimando latão e zinco. Cuidadosa e lentamente, *abrandou* as emoções dos dois soldados. Ouviu-os se recostar na lateral do

corredor. Em seguida, *tumultuou* a sensação de tédio, incitando essa única emoção. Olhou atrás da parede de novo, mantendo a pressão, aguardando.

Um dos homens bocejou. Segundos depois, o outro também. Em seguida, ambos bocejaram juntos. E Vin correu direto da escadaria até o corredor obscuro além dela. Encostou-se bem rente à parede, o coração palpitando, e esperou. Não ouviu nenhum grito, mas um dos guardas murmurou algo sobre estar cansado.

Ela sorriu, empolgada. Fazia muito tempo que não precisava realmente se esgueirar. Servira como espiã e batedora, mas havia contado com as brumas, a escuridão e sua capacidade de se mover rapidamente para protegê-la. Ali era diferente. Lembrava os dias em que ela e Reen invadiam casas para saqueá-las.

O que meu irmão diria agora?, ela se perguntou, percorrendo o corredor com um passo de leveza e quietude incomuns. *Ele acharia que eu fiquei louca, esgueirando-me em um prédio para buscar informações, não riquezas*. Para Reen, a vida significara sobrevivência — os fatos simples e severos da sobrevivência. Não confiar em ninguém. Tornar-se insubstituível para sua turma, mas não ser ameaçador demais. Ser implacável. Ficar vivo.

Ela não havia abandonado suas lições. Sempre seriam parte dela — foram o que a mantivera viva e cautelosa, mesmo durante os anos com o bando de Kelsier. Porém, Vin não dava ouvidos a elas exclusivamente, misturando-as a confiança e esperança.

Sua confiança vai matá-la qualquer dia, Reen parecia sussurrar no fundo da mente. Mas, claro, nem mesmo Reen seguira perfeitamente o próprio código. Ele morrera protegendo Vin, recusando-se a entregá-la aos Inquisidores, mesmo que entregá-la pudesse salvar a vida dele.

Vin avançou. Logo ficou claro que o porão era uma rede extensa de corredores estreitos cercando salões maiores. Ela olhou dentro de um deles, abrindo uma fresta de porta, e encontrou alguns suprimentos. Eram coisas básicas, como farinha e afins — não os suprimentos de longa duração enlatados, organizados e catalogados de um depósito.

Deve haver uma plataforma de carga em um desses corredores, Vin imaginou. *Provavelmente subindo, levando ao subcanal que corre para dentro da cidade.*

Vin continuou, mas sabia que não teria tempo de procurar em cada um dos muitos salões do porão. Aproximou-se de outra interseção de corredores e se agachou, buscando foco. A distração de Elend não duraria para sempre, e alguém descobriria que as mulheres haviam sido nocauteadas. Ela precisava chegar ao

depósito logo.

Olhou ao redor. Os corredores eram parcamente iluminados por lampiões ocasionais. Ainda assim, parecia haver mais luz vindo da esquerda. Ela avançou por aquele corredor, e os lampiões ficaram mais frequentes. Logo, ouviu vozes e continuou com mais cuidado, aproximando-se de outra interseção. Espiou a antecâmara. À esquerda, viu um par de soldados ao longe. À direita, eram quatro.

Então, é à direita, pensou. No entanto, seria um pouco mais difícil.

Ela fechou os olhos, ouvindo com cuidado. Conseguia escutar os dois grupos de soldados, mas parecia haver outra coisa. Outros grupos a distância. Vin escolheu um deles e começou um *tumulto* poderoso de emoções. Abrandamento e Tumulto não eram bloqueados por pedra ou aço — durante os dias do Império Final, o Senhor Soberano alocava Abrandadores em várias partes das favelas skaa, deixando-os *abrandar* as emoções de qualquer um nas proximidades, afetando centenas, até milhares de pessoas ao mesmo tempo.

Ela esperou, mas nada aconteceu. Estava tentando *tumultuar* as sensações de raiva e irritabilidade dos homens. No entanto, sequer sabia se estava *puxando* na direção correta. Além disso, Tumulto e Abrandamento não eram tão precisos como *empurrões* de aço. Brisa sempre explicava que a constituição emocional de uma pessoa era uma balbúrdia complexa de pensamentos, instintos e sentimentos. Um alomântico não conseguia controlar mentes ou ações. Conseguia apenas cutucar.

A menos que…

Respirando fundo, Vin extinguiu todos os metais. Em seguida, queimou zinco e duralumínio e *puxou* na direção dos guardas distantes, atingindo-os com uma explosão incrivelmente aumentada de Alomancia emocional.

De pronto, um xingamento ecoou pelo corredor. Vin se encolheu. Felizmente, o ruído não era direcionado a ela. Os guardas no corredor olharam, interessados, e a briga à distância ficou maior, mais fervorosa. Vin não precisou queimar estanho para ouvir o irromper da discussão, homens gritando uns com os outros.

Os guardas à esquerda se afastaram, seguindo para descobrir onde estava a fonte da barulheira. Os dois à sua direita, no entanto, deixaram dois homens para trás, e Vin tomou um frasco de metais para em seguida *tumultuar* suas emoções, aumentando a curiosidade ao ponto de ruptura.

Os dois correram apressados atrás dos companheiros, e Vin avançou pelo

corredor. Logo ela viu que seus instintos estiveram corretos — os quatro homens guardavam uma porta que levava a uma das salas de depósito. Ela respirou fundo antes de abrir a porta e entrar agachada. O alçapão lá dentro estava fechado, mas Vin sabia o que estava procurando. Abriu-o com um puxão e pulou para o escuro.

Ela *empurrou* uma moeda enquanto caía, usando o tilintar para saber a que distância estava do chão. Aterrissou em pedras rústicas, na completa escuridão — tudo preto como breu, além até do que o estanho permitiria que enxergasse. Ela tateou ao redor e encontrou um lampião na parede. Puxou sua pederneira e logo veio a luz.

E lá estava, a porta que levava ao depósito. O monte de pedras havia sido rompido, e a porta, forçada. A parede ainda estava lá, a porta em si estava intacta, mas abri-la certamente havia custado um bom trabalho. A passagem estava entreaberta, de forma que quase não era possível entrar uma pessoa pela fresta. Estava claro que Yomen havia se esforçado muito para chegar até ali.

Ele devia saber que estava aqui, Vin pensou, empertigando-se. *Mas… por que abri-la desse jeito? Ele tem um Nascido da Bruma que poderia ter aberto a porta com um* puxão *de aço.*

O coração palpitava de ansiedade. Vin se esgueirou pela abertura e entrou no depósito silencioso. Imediatamente saltou para o chão do depósito e começou a procurar a placa que continha as informações do Senhor Soberano. Ela precisava apenas…

Pedra raspou contra pedra atrás dela.

Vin girou, sentindo um instante de compreensão aguda e terrível.

A porta de pedra se fechou atrás dela.

— …e *por isso* — Elend disse — o sistema de governo do Senhor Soberano *precisava* cair.

Ele percebeu que não conseguia mais segurá-los — mais e mais pessoas estavam se afastando da contenda. O problema era que Yomen estava *realmente* interessado.

— Você cometeu um erro, jovem Venture — disse o obrigador, batendo com o garfo sobre a mesa. — O programa de mordomos do século VI não foi nem mesmo projetado pelo Senhor Soberano. O recém-formado Cantão da Inquisição o propôs como meio de controle populacional em Terris, e o Senhor Soberano

concordou provisoriamente.

— Essa disposição se transformou numa maneira de subjugar uma raça inteira — Elend afirmou.

— A submissão começou muito antes — Yomen retrucou. — Todos conhecem essa história, Venture. Os terrisanos eram um povo que absolutamente se recusava a submeter-se ao governo imperial e, por isso, tiveram de ser firmemente controlados. No entanto, você consegue dizer, com honestidade, que os mordomos terrisanos eram maltratados? São os criados mais honrados em todo o império!

— Mal posso chamar de recompensa justa ser transformado em escravo favorito em troca de perder a virilidade — Elend disse, erguendo uma sobrancelha e cruzando os braços.

— Há no mínimo uma dúzia de fontes que eu poderia citar sobre isso — Yomen falou com um aceno de mão. — Que tal Trendalan? Ele alegou que ter sido feito eunuco o deixou livre para perseguir pensamentos lógicos e harmônicos mais potentes, pois não tinha como se distrair com luxúrias mundanas.

— Ele não teve escolha.

— Poucos de nós tivemos escolha em nossos postos.

— Prefiro que as pessoas tenham essa opção — Elend afirmou. — Vai perceber que dei liberdade aos skaa em minhas terras e um conselho parlamentar à nobreza, pelo qual eles têm participação no governo da cidade em que vivem.

— Ideais elevados — Yomen disse —, e reconheço as palavras do próprio Trendalan nisso que você alega ter feito. Porém, mesmo ele disse que seria improvável tal sistema continuar estável por muito tempo.

Elend sorriu. Fazia muito tempo que não tinha uma boa disputa como aquela. Ham nunca se aprofundava nos assuntos — gostava de questões filosóficas, mas não de debates eruditos —, e Sazed simplesmente não gostava de discutir.

Queria poder ter conhecido Yomen alguns anos atrás, pensou Elend. *No passado, quando eu tinha tempo para me preocupar com filosofia. Ah, as discussões que poderíamos ter entabulado…*

Claro, aquelas discussões provavelmente teriam acabado com Elend nas mãos dos Inquisidores de Aço por ser um revolucionário. Ainda assim, ele precisava admitir que Yomen não era um tolo. Ele conhecia história e política; apenas tinha, por acaso, crenças totalmente errôneas. Em outra situação, Elend

teria ficado feliz em persuadi-lo.

Infelizmente, aquela discussão em especial estava ficando cada vez mais tensa para Elend. Estava falhando em segurar tanto a atenção de Yomen quanto a da plateia. Cada vez que tentava fazer algo para trazer a plateia de volta, Yomen parecia ficar desconfiado — e cada vez que Elend de fato tentava envolver o rei, a multidão ficava entediada com o debate filosófico.

Por isso, Elend ficou realmente aliviado quando gritos de surpresa finalmente ecoaram. Segundos depois, dois soldados correram para dentro do salão, carregando uma jovem tonta e ensanguentada em vestido de baile.

Pelo Senhor Soberano, Vin!, pensou Elend. *Isso foi mesmo necessário?*

Elend e Yomen se entreolharam. Então, o rei se levantou:

— Onde está a imperatriz Venture? — ele questionou.

Hora de ir, pensou Elend, lembrando-se de sua promessa a Vin. No entanto, uma ideia lhe ocorreu. *Provavelmente não terei outra chance de ficar tão perto de Yomen*, pensou Elend. *E só há uma maneira de comprovar se ele é ou não um alomântico.*

Tentando matá-lo.

Era ousado, talvez tolo, mas ele já estava quase certo de que nunca convenceria Yomen a entregar a cidade. O rei havia alegado não ser Nascido da Bruma; era muito importante saber se ele estava mentindo ou não. Então, confiando em seus instintos para tal questão, Elend soltou uma moeda e *empurrou-se* para cima do palco. Os convidados começaram a gritar, seu mundo idílico se estilhaçando quando Elend puxou um par de adagas de vidro. Yomen empalideceu e se afastou. Dois guardas, que vinham fingindo ser convidados para o jantar, ergueram-se de suas poltronas, puxando bastões de sob a mesa.

— Seu mentiroso — Yomen berrou quando Elend aterrissou na mesa de jantar. — Ladrão, carniceiro, *tirano*!

Elend deu de ombros e atirou duas moedas nos guardas, derrubando-os com facilidade. Saltou para cima de Yomen, agarrando o homem pelo pescoço, empurrando-o para trás. Gritos e exclamações vieram da multidão.

Elend apertou, sufocando Yomen. Nenhuma força invadiu os membros do homem. Nenhum *puxão* ou *empurrão* alomântico tentou livrá-lo dos braços de Elend. O obrigador mal se debateu.

Ou ele não é alomântico, Elend pensou, *ou é um excelente ator.*

Ele soltou Yomen, empurrando o rei para trás da mesa de jantar. Elend

meneou a cabeça — aquele era um mistério que estava…

Yomen saltou para a frente, puxando uma faca de vidro e golpeando. Elend se assustou, desviando para trás, mas a faca o atingiu, abrindo uma fenda em seu antebraço. O corte queimou de dor, aumentada pelo estanho, e o imperador praguejou, cambaleando para longe.

Yomen golpeou novamente, e Elend *deveria* ter sido capaz de desviar. Tinha peltre, e Yomen ainda se movia com a lentidão de um homem sem forças extraordinárias. Ainda assim, o ataque acompanhou Elend, conseguindo de alguma forma atingi-lo na lateral. O imperador grunhiu, o sangue escorrendo quente pela pele, e ele encarou os olhos de Yomen. O rei retirou a faca, desviando com facilidade do contra-ataque. Parecia até que…

Elend queimou electrum, dando-lhe uma bolha de imagens falsas de atium. Yomen hesitou de imediato, parecendo confuso.

Ele está queimando atium, pensou Elend em choque. *Significa que ele* é *Nascido da Bruma!*

Parte de Elend queria ficar e lutar, mas a estocada na lateral havia sido séria, o suficiente para ele saber que precisaria cuidar dela logo. Praguejando contra a própria estupidez, se *empurrou* no ar, pingando sangue sobre a nobreza aterrorizada lá embaixo. Deveria ter dado ouvidos a Vin — ele tomaria uma bela bronca quando chegasse ao acampamento.

Ele aterrissou e observou que Yomen escolhera não segui-lo. O rei-obrigador estava em pé atrás da mesa, segurando a faca vermelha com o sangue de Elend, observando-o com raiva.

Elend se virou, lançando um punhado de moedas e *empurrando-se* no ar sobre a cabeça dos convidados, com cuidado para não acertar nenhum. Eles se encolheram de medo, lançando-se ao chão. Assim que as moedas caíram, Elend as *empurrou* para se jogar em um salto curto e baixo até a porta e na direção da saída que Vin indicara. Em seguida, entrou no pátio externo coberto de brumas.

Olhou para o prédio, sentindo-se frustrado, embora não soubesse por quê. Tinha feito sua parte, mantendo Yomen e seus convidados distraídos por meia hora. Claro, havia sido ferido, mas *descobrira* que Yomen era um alomântico. Era uma informação preciosa.

Ele soltou uma moeda e lançou-se no ar.

Três horas depois, Elend estava sentado na tenda de comando com Ham,

esperando em silêncio.

Curativos foram feitos em seu flanco e no braço. Vin não chegou.

Ele contou aos outros o que havia acontecido. Vin não chegou.

Ham insistiu para que ele comesse algo. Elend caminhou para lá e para cá por uma hora depois disso, e Vin ainda não havia retornado.

— Vou voltar lá — Elend disse, erguendo-se.

Ham ergueu os olhos.

— El, você perdeu *muito* sangue. Acho que só o peltre o está mantendo em pé.

Era verdade. Elend conseguia sentir pontas de fadiga sob o véu do peltre.

— Eu consigo.

— Vai se matar desse jeito — Ham retrucou.

— Não importa. Eu… — Elend parou de falar quando seus ouvidos aguçados pelo estanho escutaram alguém se aproximar da tenda. Ele puxou as abas antes de o homem chegar, assustando-o.

— Milorde! — disse o homem. — Mensagem da cidade.

Elend pegou a carta e a abriu.

Venture, seu hipócrita,

Estou com ela, como talvez você já tenha adivinhado. Há uma coisa que sempre notei nos Nascidos da Bruma. Para um homem, eles são confiantes demais. Obrigado pela conversa estimulante. Fico feliz em ter distraído você por tanto tempo.

Rei Yomen.

Vin estava sentada, em silêncio, na caverna escura. Descansava as costas contra o bloco de rocha que era a porta de sua prisão. Ao lado dela, ao chão, estava o lampião quase apagado que havia trazido para dentro do gigantesco cômodo.

Ela tinha *empurrado* e *puxado*, tentando forçar saída. No entanto, logo percebera que as pedras quebradas que vira do lado de fora — o projeto que ela supusera ter sido usado para abrir a porta — tinham na verdade um propósito diferente. Yomen aparentemente havia removido as placas de metal de dentro da porta, aquelas que um alomântico podia *puxar* ou *empurrar* para abri-la. Aquilo transformava a porta em um simples bloco de pedra. Com o peltre fortalecido pelo duralumínio, ela teria conseguido empurrá-la até abrir. Infelizmente, achou difícil conseguir uma alavancagem no chão, que era inclinado a partir do bloco. Além disso, eles deviam ter feito algo com as dobradiças — ou talvez empilhado mais pedras do outro lado —, pois ela não conseguia fazer a porta se mover.

Cerrou os dentes de frustração, sentando-se com as costas para a porta de pedra. Yomen havia preparado uma armadilha para ela. Teriam ela e Elend sido assim tão previsíveis? Independentemente disso, era uma jogada brilhante. Yomen sabia que não tinha como lutar com eles. Então, em vez disso, simplesmente capturara Vin. Tinha o mesmo efeito, mas sem nenhum risco. E ela caíra direitinho na cilada.

Vin vasculhou o salão inteiro em busca de uma saída, mas não descobriu nada. Pior ainda, ela não localizou o estoque escondido de atium. Era difícil dizer com todas as latas de comida e outras fontes de metal, mas sua busca inicial não havia sido promissora.

— Claro que não vai estar aqui — ela murmurou. — Yomen não teria tido tempo de abrir todas essas latas, mas, se estava planejando me emboscar, certamente retirou o atium. Eu sou tão *idiota*!

Ela se recostou, irritada, frustrada, exausta.

Espero que Elend tenha feito o que falei, Vin pensou. Se tivesse sido capturado também…

Vin bateu a cabeça nas pedras com frustração.

Algo estalou na escuridão.

Vin paralisou por um momento, em seguida se remexeu rapidamente até ficar agachada. Verificou as reservas de metal — tinha muitas, por ora.

Provavelmente só estou…

De novo. Um passo suave. Vin estremeceu, percebendo que tinha apenas verificado apressadamente a câmara à procura de atium e uma saída. Poderia alguém ter estado escondido ali o tempo inteiro?

Ela queimou bronze e o sentiu. Um alomântico. Nascido da Bruma. Aquele

que ela havia sentido antes. O homem que perseguira.

Então é isso!, ela pensou. *Yomen queria que seu Nascido da Bruma lutasse conosco, mas sabia que precisava nos separar primeiro!* Ela sorriu, erguendo-se. Não era uma situação perfeita, mas era melhor do que pensar na porta imóvel. Um Nascido da Bruma ela poderia derrotar, então fazer de refém até que a soltassem.

Ela esperou o homem se aproximar — percebia pelas batidas dos pulsos alomânticos e esperava que ele não soubesse que ela podia sentir —, em seguida girou, chutando o lampião na direção do homem. Ela saltou para frente, guiando-se na direção do inimigo, iluminado pelas últimas fagulhas do lampião. Ele ergueu os olhos enquanto Vin subia pelos ares, as adagas desembainhadas.

E ela reconheceu o rosto do homem.

Reen.

Quarta parte

Bela Destruidora

Um homem com um determinado poder — como uma capacidade alomântica — que ganhasse uma estaca hemalúrgica que concedia o mesmo poder seria duas vezes mais forte que um alomântico natural não fortalecido.

Um Inquisidor que fosse um Buscador antes de sua transformação teria, assim, uma capacidade aumentada para usar o bronze. Esse simples fato explica como muitos Inquisidores eram capazes de perfurar nuvens de cobre.

45

Vin aterrissou, interrompendo o ataque, mas ainda tensa, com os olhos estreitados pela desconfiança. Reen estava iluminado por um lampião tremeluzente atrás de si, muito parecido com o que ela lembrava. Os quatro anos o haviam mudado, claro — estava mais alto e mais largo —, mas tinha o mesmo rosto endurecido e sem qualquer humor. A postura era semelhante à dela. Durante a infância de Vin, ele sempre ficava como estava naquele momento, de braços cruzados e expressão de reprovação no rosto.

Tudo voltou a ela. Coisas que pensava ter banido para as partes escuras e isoladas da mente: os golpes da mão de Reen, a crítica ferina de sua língua, os movimentos furtivos de cidade em cidade.

E, ainda assim, fortalecer essas lembranças deixou algo claro. Ela não era mais a garotinha que havia aguentado as pancadas em silêncio confuso. Olhando para trás, podia ver o medo que Reen havia mostrado nas coisas que fizera. Ficava aterrorizado com a possibilidade de que sua irmã mestiça alomântica fosse descoberta e assassinada pelos Inquisidores de Aço. Batia nela quando a menina se sobressaía. Gritava com ela quando era competente demais. Tirava-a de onde haviam se estabelecido quando temia que o Cantão da Inquisição tivesse captado seus rastros.

Reen havia morrido para protegê-la. Ele a ensinara sua paranoia e desconfiança por um senso deturpado de obrigação, pois acreditava que era a única maneira de ela sobreviver nas ruas do Império Final. E ela ficara ao lado dele, aguentando o tratamento. Em seu íntimo — nem tão profundamente enterrado —, sabia de algo muito importante. Reen a amara.

Ela ergueu os olhos e encontrou os do homem que estava na caverna. Em seguida, sacudiu lentamente a cabeça. *Não*, ela pensou. *Parece ele, mas esses olhos* não *são os dele.*

— Quem é você? — questionou.

— Seu irmão — a criatura disse, franzindo a testa. — Foram apenas poucos anos, Vin. Você ficou insolente… pensei que minhas lições tivessem sido boas.

Ele certamente dominou os maneirismos, pensou Vin, avançando com cautela. *Como ele os aprendeu? Ninguém ligava para Reen em vida. Eles não o teriam estudado.*

— Onde conseguiu os ossos dele? — Vin perguntou, circulando a criatura. O chão da caverna era áspero, coberto por várias estantes cheias. A escuridão se estendia em todas as direções. — E como conseguiu fazer o rosto tão perfeito? Pensei que kandra tivessem de digerir um corpo para fazerem boas cópias.

Ele tinha de ser um kandra, afinal. Quem mais conseguiria uma imitação tão perfeita? A criatura se virou, encarando-a com uma expressão confusa.

— Que bobagem é essa? Vin, sei que não somos o tipo de irmãos que se reencontram com um abraço carinhoso, mas eu esperava que você *ao menos* me reconhecesse.

Vin ignorou as reclamações. Reen e, depois dele, Brisa a haviam ensinado bem demais. Ela reconheceria Reen se o visse.

— Preciso de informações — ela disse. — Sobre um de sua espécie. Ele se chama TenSoon e voltou para sua Terra Natal um ano atrás. Disse que seria julgado. Sabe o que aconteceu? Gostaria de entrar em contato com ele, se possível.

— Vin — o falso Reen disse com firmeza. — Eu *não* sou um kandra.

Veremos, pensou Vin, avivando zinco e atingindo o impostor com uma explosão de Alomancia emocional abastecida com duralumínio.

Ele nem cambaleou. Tal ataque teria posto um kandra sob o controle de Vin, como fazia com os koloss. Vin titubeou. Estava ficando difícil ver o impostor à luz fraca do lampião, mesmo avivando estanho.

O fracasso da Alomancia emocional significava que ele não era um kandra. Mas também não era Reen. Parecia haver apenas uma atitude lógica a tomar.

Ela atacou.

Quem quer que fosse o impostor, conhecia-a bem a ponto de antecipar o movimento. Embora tivesse exclamado uma surpresa fingida, imediatamente saltou para trás, saindo do alcance dela. Movia-se com pés leves, leves o bastante para ela ter quase certeza de que estava queimando peltre. De fato, ainda conseguia sentir os pulsos alomânticos vindo dele, mas por algum motivo era difícil saber exatamente que metais estava queimando.

De qualquer forma, a Alomancia era uma confirmação adicional de suas suspeitas. Reen não era alomântico. Verdade, ele poderia ter *estalado* durante o

tempo que ficaram separados, mas Vin não acreditava que Reen tivesse sangue nobre para transmitir uma herança alomântica. Ela recebera seus poderes do pai, que não era o mesmo do irmão.

Experimentou investidas para testar a habilidade do impostor. Ele se manteve fora de seu alcance, observando com cuidado enquanto ela alternava ronda e ataques. Tentou encurralá-lo contra as prateleiras, mas ele era cuidadoso demais para se colocar nessa situação.

— Isso é inútil — o impostor disse, saltando para longe dela novamente.

Sem moedas, Vin pensou. *Ele não usa moedas para saltar*.

— Você teria de se expor demais para me atingir de verdade, Vin, e, obviamente, sou bom o bastante para ficar fora do seu alcance. Não podemos parar com isso e ir para assuntos mais importantes? Você não está nem um pouco curiosa com o que eu estive fazendo nesses últimos quatro anos?

Vin recuou até se agachar, como um gato preparando para dar o bote, e sorriu.

— Que foi? — o impostor perguntou.

Naquele momento, toda aquela enrolação compensou. Atrás dele, o lampião virado finalmente apagou, lançando a caverna na escuridão. Mas Vin, com sua capacidade de perfurar nuvens de cobre, ainda conseguia sentir o inimigo. Ela havia soltado a bolsa de moedas ao sentir alguém na caverna — não carregava metais para alertá-lo de sua aproximação.

Ela se lançou para frente com a intenção de agarrar o inimigo pelo pescoço e prendê-lo. Os pulsos alomânticos não deixavam que ela o visse, mas diziam exatamente onde ele estava, o que já era vantagem suficiente.

Ela se enganou. Ele desviou com tanta facilidade quanto tinha feito antes.

Vin caiu em silêncio. *Estanho,* ela pensou. *Ele consegue ouvir quando me aproximo.*

Então, ela chutou uma estante, em seguida atacou de novo quando o barulho do móvel em queda ecoou alto na câmara, espalhando latas pelo chão.

O impostor se esquivou dela de novo. Vin ficou paralisada. Algo estava muito errado. De alguma forma, ele sempre a sentia. A caverna ficou em silêncio. Nenhum som ricocheteava nas paredes, tampouco luz. Vin agachou-se, os dedos de uma das mãos pousados levemente na pedra fria do chão. Ela conseguia sentir o pulsar, o poder alomântico dele a alcançando em ondas. Concentrou-se nisso, tentando diferenciar os metais que produziam aquele

efeito. Ainda assim, os pulsos pareciam opacos. Confusos.

Há alguma coisa familiar neles, ela percebeu. *Quando senti esse impostor pela primeira vez, pensei… pensei que era o espectro das brumas*.

Havia um motivo para os pulsos parecerem familiares. Sem a luz para distraí-la, fazendo-a conectar a figura a Reen, ela conseguia ver o que não enxergara até então.

Seu coração começou a palpitar e, pela primeira vez naquela noite — inclusive com a prisão —, Vin sentiu medo. Os pulsos eram iguais àqueles que ela sentira um ano antes. Os pulsos que a levaram até o Poço da Ascensão.

— Por que veio até aqui? — ela sussurrou para a escuridão.

Gargalhadas. Elas soaram na caverna vazia, altas, livres. Os pulsos se aproximaram, embora nenhum passo marcasse o movimento da criatura. De repente, ficaram enormes e assoladoras. Elas se derramavam sobre Vin sem se limitar aos ecos da caverna, um som irreal que atravessava coisas vivas e mortas. Ela recuou na escuridão e quase tropeçou nas prateleiras que havia derrubado.

Eu deveria saber que você não seria enganada, uma voz gentil ecoou em sua cabeça. A voz daquela coisa. Ela a ouvira apenas uma vez, um ano antes, quando a libertou de sua prisão no Poço da Ascensão.

— O que você quer? — Vin perguntou num sussurro.

Você sabe o que quero. Sempre soube.

E sabia. Havia sentido no momento em que tocara a criatura. Ruína, como ela se chamava. Tinha desejos muito simples. Ver o mundo chegar ao fim.

— Vou impedir você — ela disse. Ainda assim, era difícil não se sentir estúpida ao dirigir essas palavras a uma força que ela não compreendia, a uma coisa que existia além dos homens e além dos mundos.

Ruína gargalhou novamente, embora dessa vez o som fosse apenas dentro da mente de Vin. Ela ainda sentia a pulsação, mas não de um lugar específico. Cercava-a completamente. Vin se esforçou para levantar.

Ah, Vin, disse Ruína, sua voz quase paternal. *Você age como se eu fosse seu inimigo.*

— Você é meu inimigo. Quer acabar com as coisas que eu amo.

E um final é sempre ruim? Todas as coisas, até mesmo os mundos, não precisam terminar um dia?

— Não há necessidade de apressar esse fim — Vin disse. — Não há motivo para forçá-lo.

Todas as coisas estão sujeitas à própria natureza, Vin, respondeu Ruína, parecendo fluir ao seu redor. Vin sentia o toque sobre ela, úmido e delicado, como as brumas. *Você não pode me culpar por ser o que sou. Sem mim, nada terminaria. Nada* poderia *terminar. E, portanto, nada poderia crescer. Eu sou a vida. Você combateria a própria vida?*

Vin ficou em silêncio.

Não lamente porque o dia do fim deste mundo chegou, disse Ruína. *Esse fim foi decretado no mesmo dia em que o mundo nasceu. Há uma beleza na morte, a beleza da finalidade, a beleza da conclusão.*

Pois nada é realmente completo até o dia em que finalmente é destruído.

— Chega — Vin interrompeu, ríspida, sentindo-se sozinha e sufocada pela escuridão fria. — Pare de zombar. Por que veio até aqui?

Vir aqui?, a coisa perguntou. *Por que pergunta?*

— O que pretende ao aparecer agora? Veio simplesmente para ficar se gabando por eu estar presa?

Eu não "simplesmente apareci", Vin, disse Ruína. *Ora, eu nunca fui embora. Sempre estive com você. Sou parte de você.*

— Que bobagem — Vin retrucou. — Você acabou de aparecer.

Eu apareci aos seus olhos, sim, Ruína disse. *Mas vejo que você não entende. Eu sempre estive com você, mesmo quando não conseguia me enxergar.*

A criatura parou; o silêncio se fez dentro e fora da cabeça de Vin.

Quando você está sozinha, ninguém pode enganá-la, uma voz sussurrou no fundo da mente. A voz de Reen. A voz que ela ouvia às vezes, quase real, como uma consciência. Ela já havia aceitado que a voz era apenas parte de sua psique, um resíduo dos ensinamentos de Reen. Um instinto.

Qualquer um vai traí-la, Vin, a voz disse, repetindo um conselho que frequentemente enunciava. Enquanto falava, passou lentamente da voz de Reen à voz de Ruína. *Qualquer um.*

Eu sempre estive com você. Você vem me ouvindo em sua mente desde os primeiros anos de vida.

A fuga de Ruína merece uma explicação. Essa é uma coisa que até mesmo eu tive problemas em entender.

Ruína não poderia ter usado o poder no Poço da Ascensão. Era de Preservação, seu oposto fundamental. De fato, um confronto direto dessas duas forças teria causado a destruição de ambas.

A prisão de Ruína, no entanto, foi fabricada a partir daquele poder. Portanto, estava sintonizada com o poder de Preservação, o poder do Poço. Quando aquele poder foi liberado e dispersado, em vez de utilizado, funcionou como uma chave. A posterior "abertura" foi o que finalmente libertou Ruína.

46

— Tudo bem — Brisa disse. — Então, alguém quer especular sobre como nosso espião acabou se tornando um pseudo-religioso vigilante combatente da liberdade?

Sazed sacudiu a cabeça. Estavam sentados em seu esconderijo na caverna embaixo do Cantão da Inquisição. Brisa, declarando estar cansado de rações de viagem, ordenou que vários dos soldados abrissem alguns dos suprimentos da caverna para preparar uma refeição mais adequada. Sazed poderia ter reclamado, mas a verdade era que a caverna estava tão cheia que mesmo se Brisa estivesse determinado a comer muito, não seria capaz de fazer nenhum estrago.

Ficaram esperando o dia todo Fantasma retornar ao esconderijo. As tensões na cidade estavam altas, e a maioria dos contatos havia desaparecido, prevendo a paranoia do Cidadão quanto a uma rebelião. Soldados caminhavam nas ruas, e um contingente considerável havia acampado bem diante do prédio do Ministério. Sazed estava preocupado com a possibilidade de o Cidadão associar Brisa e Sazed com a aparição de Fantasma nas execuções. Parecia que seus dias de perambulação livre na cidade haviam terminado.

— Por que ele não voltou? — perguntou Allrianne.

Ela e Brisa sentavam-se a uma mesa refinada, furtada da mansão vazia de um nobre. Tinham, claro, vestido de novo suas roupas bonitas: um terno em Brisa, um vestido cor de pêssego em Allrianne. Sempre se trocavam o mais rápido possível, como se ansiosos para reafirmar a si mesmos quem realmente eram.

Sazed não jantou com eles. Não estava com muito apetite. O Capitão Goradel estava recostado em uma estante de livros a uma curta distância, determinado a manter um olho em seus protegidos. Embora o homem amigável estivesse com seu sorriso habitual, Sazed tinha percebido, pelas ordens que ele dera aos soldados, que estava preocupado com a possibilidade de um ataque. Fizera questão de que Brisa, Allrianne e Sazed ficassem dentro do confinamento protetor da caverna. Antes presos do que mortos.

— Tenho certeza de que o garoto está bem, querida — Brisa comentou, respondendo por fim à pergunta de Allrianne. — Provavelmente não voltou

porque teme nos implicar no que fez hoje.

— Ou isso — Sazed disse — ou não consegue passar pelos soldados de vigília lá fora.

— Ele se esgueirou para dentro de um prédio em chamas enquanto estávamos assistindo, meu caro — Brisa falou. — Duvido que tenha problemas com um bando de soldados, especialmente agora que está escuro.

Allrianne balançou a cabeça.

— Teria sido melhor se ele também tivesse conseguido se esgueirar para *fora* daquele prédio em vez de saltar do telhado às vistas de todos.

— Talvez — Brisa respondeu. — Mas parte de ser um rebelde combatente é deixar que seus inimigos saibam que você está por aí. O efeito psicológico produzido pelo salto de um prédio em chamas carregando uma criança é bem forte. E fazer isso na frente do tirano que tentou executar a tal criança? Eu não sabia que o pequeno e querido Fantasma tinha tanto jeito para o teatro!

— Ele não é mais tão pequeno, creio — Sazed retrucou em voz baixa. — Temos o hábito de ignorar demais Fantasma.

— Hábitos vêm do reforço, meu caro — Brisa disse, agitando um garfo na direção de Sazed. — Prestamos pouca atenção no menino porque ele raramente tinha um papel importante a desempenhar. Não é culpa dele; Fantasma simplesmente era jovem demais.

— Vin era jovem também — Sazed observou.

— Vin, você tem que admitir, é meio que um caso à parte.

Sazed não tinha como discordar.

— De qualquer forma, se olharmos os fatos, o que aconteceu não é tão surpreendente assim. Fantasma passou meses se familiarizando com o submundo de Urteau, e ele é do bando do Sobrevivente. É lógico que começariam a procurá-lo como salvação, da mesma forma que Kelsier salvou Luthadel.

— Estamos nos esquecendo de uma coisa, Lorde Brisa — Sazed disse. — Ele saltou da beirada de um telhado a dois andares de altura e aterrissou em uma rua de paralelepípedos. Homens não sobrevivem a quedas como esta sem quebrar ossos.

Brisa hesitou.

— Algum artifício, você acha? Talvez tenha desenvolvido algum tipo de plataforma de pouso para suavizar a queda?

Sazed negou com a cabeça.

— Creio que seja demais assumir que Fantasma pudesse planejar e executar um resgate encenado como aquele. Ele teria precisado de ajuda do submundo, o que teria arruinado o efeito. Se soubessem que o salvamento foi um truque, não teríamos ouvido os rumores que ouvimos sobre ele.

— O que, então? — Brisa perguntou, dando uma olhada para Allrianne. — Você não está sugerindo que Fantasma tenha sido um *Nascido da Bruma* esse tempo todo, está?

— Não sei — Sazed respondeu baixinho.

Brisa sacudiu a cabeça, rindo.

— Duvido que ele pudesse ter escondido isso de nós, meu caro. Ora, ele teria passado por aquela balbúrdia toda na derrubada do Senhor Soberano, depois pela queda de Luthadel, sem sequer revelar que era qualquer coisa além de um Olho de Estanho? Eu me recuso a aceitar isso.

Ou, pensou Sazed, *você se recusa a aceitar que não tenha detectado a verdade*. Ainda assim, Brisa tinha razão. Sazed conhecia Fantasma desde jovenzinho. O garoto era desajeitado e tímido, mas não era traiçoeiro. Era realmente demais imaginá-lo como um Nascido da Bruma desde o início.

Ainda assim, Sazed vira aquela queda. Vira a graça do salto, a pose distinta e a habilidade natural de alguém queimando peltre. Sazed flagrou-se querendo estar com as mentes de cobre para poder buscar referências sobre pessoas manifestando espontaneamente poderes alomânticos. Um homem poderia ser um Brumoso no início da vida e, em seguida, se transformar em um Nascido da Bruma completo?

Era algo simples, relacionado às suas obrigações de embaixador. Talvez pudesse passar apenas um pouco de tempo procurando as memórias armazenadas, buscando exemplos…

Ele hesitou. *Não seja tolo*, pensou. *Está apenas procurando desculpas. Sabe que é impossível um alomântico ganhar novos poderes. Não vai encontrar exemplo nenhum, pois não existe.*

Ele não precisava buscar em suas mentes de metal. Ele as deixara de lado por um motivo muito bom — não podia ser um Guardador, não podia compartilhar o conhecimento que havia coletado, até ser capaz de separar a verdade das mentiras.

Eu acabei ficando distraído nos últimos tempos, pensou com determinação, levantando-se e deixando os outros para trás. Ele foi até seu “quarto” no

depósito, lençóis pendurados impedindo sua visão dos outros. Sobre a mesa estava sua pasta. No canto, perto de uma estante cheia de latas, estava sua bolsa com as mentes de metal.

Não, pensou Sazed. *Fiz uma promessa a mim mesmo e vou mantê-la. Não posso me tornar um hipócrita só porque uma nova religião qualquer aparece e acena para mim. Serei forte.*

Ele se sentou à mesa, abriu a pasta e tirou a próxima página da fila. Listava os princípios do povo Nelazan, que adorava o deus Trell. Sazed sempre fora parcial com essa religião por seu foco em aprender e estudar a matemática e o céu. Ele havia guardado a religião para o fim, mas o fizera mais por preocupação do que por outra coisa. Queria protelar o que ele sabia que aconteceria.

E de fato, conforme lia sobre a religião, via os furos nas doutrinas. Verdade que os Nelazan conheciam muito de astronomia, mas seus ensinamentos sobre a vida após a morte eram duvidosos, quase volúveis. A doutrina era propositalmente vaga, segundo ensinavam, para permitir que todos os homens descobrissem a verdade por si. No entanto, ler aquilo o deixou frustrado. Para que servia uma religião sem respostas? Por que acreditar em algo se a resposta para metade de suas questões era “Pergunte a Trell e ele responderá”?

Ele não dispensou a religião de imediato. Forçou-se a colocá-la de lado, reconhecendo que não estava com cabeça para estudar. Não estava na com cabeça para muitas coisas, na verdade.

E se Fantasma realmente tiver se tornado um Nascido da Bruma?, ele se perguntou, a mente voltando à conversa anterior. Parecia impossível. Ainda assim, muitas das coisas que eles pensavam que sabiam sobre a Alomancia — como a existência de apenas dez metais — haviam se revelado ensinamentos falsos do Senhor Soberano, difundidos para esconder alguns segredos poderosos.

Talvez *fosse* possível para um alomântico manifestar espontaneamente novos poderes. Ou, talvez, houvesse um motivo mais mundano para Fantasma ter conseguido sobreviver àquela grande queda. Talvez estivesse relacionado àquela coisa que deixava os olhos dele tão sensíveis. Drogas, talvez?

De qualquer forma, a preocupação de Sazed sobre o que estava acontecendo impediu que se concentrasse no estudo da religião dos Nelazan como deveria. Continuava sentindo que algo muito importante estava acontecendo. E Fantasma pairava no centro de tudo.

Onde estava o garoto?

— Sei por que você está triste — Fantasma falou.

Beldre se virou, o choque estampado no rosto. Ela não o viu de pronto. Ele devia estar muito embrenhado nas sombras brumosas. Estava cada vez mais difícil dizer.

Ele avançou, movendo-se pelo terreno, outrora jardim, da casa do Cidadão.

— Descobri — Fantasma disse. — De primeiro, pensava que a tristeza tinha a ver com este jardim. Deve ter sido bonito no passado. Você provavelmente o viu em sua plenitude, antes de seu irmão ordenar que todos os jardins fossem arados. Você tinha relação com a nobreza e provavelmente vivia em meio a eles.

Ela parecia surpresa.

— Sim, eu sei — Fantasma afirmou. — Seu irmão é um alomântico. É um Lançamoedas. Eu senti os *empurrões* naquele dia, no Fosso do Mercado.

Ela permaneceu em silêncio — mais linda do que o jardim jamais poderia ter sido —, embora tivesse dado um passo para trás quando seus olhos finalmente o encontraram nas brumas.

— No fim — Fantasma continuou —, concluí que eu devia estar errado. Ninguém lamenta tanto por um simples jardim, não importa quão lindo tenha sido um dia. Pensei que a tristeza em seus olhos devia vir do fato de ser proibida de participar dos conselhos de seu irmão. Ele sempre a manda para fora, para o jardim, quando se reúne com os oficiais mais importantes. Sei o que é se sentir inútil e excluído entre pessoas importantes.

Ele deu outro passo para frente. A terra áspera estendia-se revirada sob seus pés, cobertas por alguns centímetros de cinzas, os restos lúgubres do que fora no passado solo fértil. À direita havia o arbusto solitário que Beldre fitava com frequência. Ele não olhou para o arbusto; manteve os olhos nela.

— Eu estava errado. Ser proibida de participar das conferências do seu irmão levaria à frustração, mas não a essa dor. Não a essa mágoa. Conheço essa tristeza, agora. Matei pela primeira vez esta manhã. Ajudei a derrubar impérios, depois a construir novos. E nunca havia matado um homem. Até hoje.

Ele parou, então fitou os olhos dela.

— É, eu conheço essa tristeza. O que estou tentando imaginar é *por que* você a sente.

Ela se afastou.

— Você não deveria estar aqui. Há guardas vigiando…

— Não. Não mais. Quellion enviou homens demais para a cidade. Está com

medo de haver uma revolução, como aconteceu em Luthadel. Como ele mesmo inspirou aqui ao tomar o poder. Está certo em ter medo, mas errado em deixar seu palácio tão desprotegido.

— Mate-o — Kelsier sussurrou. — Quellion está lá dentro; é a chance perfeita. Ele merece, você sabe que merece.

Não, pensou Fantasma. *Não hoje. Não na frente dela.*

Beldre o encarou novamente, os olhos sérios.

— Por que veio até aqui? Para me torturar?

— Para dizer a você que entendo.

— Como pode dizer uma coisa dessas? Você não me entende… não me conhece.

— Acho que conheço. Vi seus olhos hoje, quando observava aquelas pessoas sendo levadas à morte. Sentiu culpa. Culpa pelos assassinatos de seu irmão. Fica triste porque sente que deveria impedi-lo. — Fantasma deu um passo adiante. — Você não pode, Beldre. Ele foi corrompido pelo poder. Talvez tenha sido um bom homem um dia, mas não mais. Percebe o que ele está fazendo? Seu irmão está assassinando pessoas só para conseguir alomânticos. Ele os captura, ameaça matar suas famílias a menos que façam o que ele manda. Esses são os atos de um bom homem?

— Você é um tolo simplista — Beldre sussurrou, embora não o encarasse nos olhos.

— Eu sei. O que são algumas mortes quando se trata de garantir a estabilidade de um reino? — Ele parou de falar, então sacudiu a cabeça. — Ele está matando crianças, Beldre. E está fazendo isso para encobrir o fato de que está reunindo alomânticos.

Beldre ficou em silêncio por um momento.

— Vá embora — ela pediu por fim.

— Quero que venha comigo.

Ela ergueu os olhos.

— Vou derrubar seu irmão — Fantasma disse. — Sou membro do bando do Sobrevivente. Derrubamos o Senhor Soberano; Quellion dificilmente será um desafio para nós. Você não precisa estar aqui quando ele cair.

Beldre bufou baixinho em sinal de escárnio.

— Não é apenas pela sua segurança. Se você se juntar a nós, será um grande

golpe em seu irmão. Talvez isso o convença de que está errado. Poderia haver uma maneira pacífica de fazer com que isso aconteça.

— Vou contar até três e começar a gritar — Beldre disse.

— Não tenho medo de seus guardas — Fantasma retrucou.

— Não duvido. Mas, se eles vierem, você terá que matar novamente.

Fantasma titubeou. Mas ficou onde estava, desafiando o blefe de Beldre.

E então ela começou a gritar.

— Vá matá-lo! — disse Kelsier mais alto que os gritos. — Agora, antes que seja tarde demais! Aqueles guardas que você matou estavam apenas cumprindo ordens. *Quellion* é o verdadeiro monstro.

Fantasma cerrou os dentes, frustrado, para finalmente correr, fugindo de Beldre e seus gritos, deixando Quellion vivo.

Por ora.

O grupo de anéis, pulseiras, brincos, braceletes e outros artigos de metal brilhou na mesa como um tesouro lendário. Claro, a maioria dos metais era bem mundana. Ferro, aço, estanho, cobre. Nada de ouro ou atium.

Ainda assim, para um feruquemista, os metais valiam muito mais que seu preço. Eram baterias, receptáculos que podiam ser preenchidos para uso posterior. Aquele feito de peltre, por exemplo, podia ser preenchido com força. Enchê-lo drenava as forças do feruquemista por um tempo — deixando-o tão fraco que tarefas simples tornavam-se quase impossíveis —, mas o preço valia a pena. Pois, quando necessário, ele podia lançar mão daquela energia.

Muitas daquelas mentes de metal espalhadas na mesa diante de Sazed estavam vazias naquele momento. Ele as usara pela última vez durante a horrenda batalha que terminara com a queda — e o resgate — de Luthadel, no ano anterior. Aquela batalha o deixara exausto de várias formas. Dez anéis, alinhados na lateral da mesa, foram usados contra ele e quase o mataram. Marsh os atirara em Sazed como moedas, perfurando sua pele. No entanto, permitiram que Sazed extraísse sua força e se curasse.

No centro da coleção estavam as mentes de metal mais importantes de todas. Quatro braçadeiras — para serem presas no braço ou no antebraço —, feitas do mais puro cobre, brilhavam polidas. Eram as maiores de suas mentes de metal, pois guardavam o principal. Cobre carregava memórias. Um feruquemista podia registrar imagens, pensamentos ou sons que estavam frescos na mente e

armazená-los. Enquanto estivessem lá dentro, não se degeneravam ou mudavam, como as lembranças mantidas na mente.

Quando Sazed era jovem, um feruquemista mais velho lera em voz alta todo o conteúdo de suas mentes de metal. Sazed armazenou o conhecimento em suas próprias mentes. Continham a soma do conhecimento do Guardador. O Senhor Soberano tentara com afinco sufocar as lembranças do passado dos povos. Mas os Guardadores as tinham reunido — histórias de como o mundo tinha sido antes de as cinzas chegarem e o sol ficar vermelho. Os Guardadores tinham memorizado os nomes de lugares e reinos, reunido a sabedoria daqueles agora perdidos.

E haviam memorizado as religiões proibidas pelo Senhor Soberano. Essas o tirano trabalhara com mais diligência para destruir, e os Guardadores lutaram com semelhante diligência para resgatar — para protegê-las nas mentes de metal de forma que, um dia, pudessem ser novamente ensinadas. Acima de tudo, os Guardadores haviam buscado uma coisa: conhecimentos da própria religião, das crenças do povo de Terris, que tinham sido esquecidas durante o caos destrutivo que se seguira à ascensão do Senhor Soberano. No entanto, apesar de séculos de trabalho, os Guardadores nunca foram capazes de recuperar esse conhecimento, o mais precioso de todos.

Imagino o que teria acontecido se a tivéssemos encontrado, pensou Sazed, pegando uma mente de aço e polindo-a em silêncio. *Nada, provavelmente.* Ele havia desistido de seu trabalho com as religiões da pasta, por ora, sentindo-se por demais desanimado para estudar.

Ainda havia cinquenta religiões lá dentro. Por que ele se enganava, esperando encontrar mais verdades nelas do que nas duzentos e cinquenta anteriores? Nenhuma das religiões conseguira sobreviver à passagem dos anos. Não seria melhor simplesmente deixá-las de lado? Buscá-las parecia ser parte da grande falácia no trabalho dos Guardadores. Tinham lutado para se lembrar das crenças dos homens, mas essas crenças já haviam provado por conta própria que não tinham a resiliência necessária para sobreviver. Por que trazê-las de volta? Aquilo parecia tão inútil quanto reviver um animal adoentado para que pudesse ser novamente vítima dos predadores.

Continuou a polir. De soslaio, viu como Brisa o observava. O Abrandador viera ao “quarto” de Sazed, reclamando de não conseguir dormir, não com Fantasma ainda em algum lugar lá fora. O embaixador assentira, mas continuara polindo. Não desejava conversar; só queria ficar sozinho.

Infelizmente, Brisa se levantou e se aproximou.

— Às vezes, não entendo você, Sazed.

— Não me empenho para ser misterioso, Lorde Brisa — Sazed respondeu, pegando um pequeno anel de bronze para polir.

— Por que cuidar tanto delas? Nunca mais as usou. Na verdade, mais parece rejeitá-las.

— Eu não rejeito as mentes de metal, Lorde Brisa. São, de certa forma, a única coisa sagrada que restou em minha vida.

— Mas você também não as usa.

Sazed continuou a polir.

— Não. Não uso.

— Por quê? — Brisa quis saber. — Acha que ela iria querer isso? Ela era Guardadora também… você acha honestamente que iria querer que você desistisse de suas mentes de metal?

— Este hábito particular *não* tem a ver com Tindwyl.

— É mesmo? — Brisa questionou, suspirando enquanto se sentava à mesa. — O que quer dizer? Porque, honestamente, Sazed, você está me confundindo. Entendo as pessoas. Me incomoda que não eu consiga entender você.

— Depois da morte do Senhor Soberano — Sazed disse, abaixando o anel —, você sabe com o que gastei meu tempo?

— Ensinando. Você partiu para restaurar o conhecimento perdido dos povos do Império Final.

— E eu alguma vez lhe contei como foram minhas aulas?

Brisa negou com a cabeça.

— Péssimas — Sazed disse, pegando outro anel. — As pessoas não se importavam de verdade. Não estavam interessadas nas religiões do passado. E por que estariam? Por que adorar algo em que as pessoas *costumavam* acreditar?

— As pessoas sempre se interessam pelo passado, Sazed.

— Talvez se interessem, mas interesse não é fé. Estas mentes de metal, elas são coisa de museus e velhas bibliotecas. São de pouco uso para as pessoas modernas. Durante os anos de reinado do Senhor Soberano, nós, Guardadores, fingíamos que estávamos fazendo um trabalho vital. *Acreditávamos* realizar um trabalho vital. E, ainda assim, no final das contas, nada que fizemos teve qualquer valor de verdade. Vin não precisou desse conhecimento para matar o

Senhor Soberano.

“Sou, provavelmente, o último dos Guardadores. Os pensamentos nestas mentes de metal morrerão comigo. E, às vezes, não consigo me entristecer com esse fato. Esta não é uma era de estudiosos e filósofos. Estudiosos e filósofos não ajudam a alimentar crianças famintas.”

— E, então, você não vai mais usá-las? — Brisa perguntou. — Porque acha que são inúteis?

— Mais que isso. Usar essas mentes de metal seria fingir. Estaria fingindo que encontro coisas nelas que serão úteis, e não me decidi ainda se encontro ou não. Usá-las agora pareceria uma traição. Deixo-as de lado, pois não posso fazer jus a elas. Apenas não estou pronto para acreditar, como acreditávamos antes, que reunir conhecimento e religiões seja mais importante do que agir. Quem sabe se os Guardadores tivessem lutado, em vez de apenas memorizado, o Senhor Soberano tivesse caído séculos atrás?

— Mas *você* resistiu, Sazed. Você lutou.

— Eu não me represento mais, Lorde Brisa — Sazed disse baixinho. — Represento todos os Guardadores, já que aparentemente sou o último. E, como último, não acredito nas coisas que ensinei no passado. Não posso insinuar, com consciência tranquila, que sou o Guardador que já fui.

Brisa suspirou, sacudindo a cabeça.

— Não faz sentido.

— Faz sentido para mim.

— Não; acho que você está apenas confuso. Este mundo talvez não lhe pareça adequado para estudiosos, meu caro amigo, mas acho que verá que está equivocado. Parece-me que agora, enquanto sofremos na escuridão que talvez seja o fim de tudo, é quando mais precisamos de conhecimento.

— Para quê? — questionou Sazed. — Para que eu possa ensinar a um moribundo uma religião na qual não acredito? Falar de um deus quando sei que não há esse tipo de ser?

Brisa inclinou o corpo para a frente.

— Realmente acredita nisso? Que não há nada olhando por nós?

Sazed ficou em silêncio, polindo lentamente.

— Ainda não me decidi — disse por fim. — Algumas vezes alimentei a esperança de encontrar a verdade. Hoje, porém, essa esperança me parece muito distante. Há uma escuridão sobre esta terra, Brisa, e não tenho certeza de que

podemos combatê-la. Não tenho certeza se quero combatê-la.

Isso pareceu inquietar o Abrandador. Ele abriu a boca, mas, antes que pudesse responder, um ribombar percorreu a caverna. Os anéis e as braçadeiras na mesa tremeram e tilintaram uns nos outros quando o espaço inteiro chacoalhou, e houve um ruído alto quando alguns alimentos caíram, embora não muitos, já que os homens do Capitão Goradel haviam feito um bom trabalho em tirar a maior parte do estoque das estantes e colocá-la no chão para quando viessem os terremotos.

Certo tempo depois, o tremor diminuiu. Brisa continuava sentado, pálido, olhando para o teto da caverna.

— Digo-lhe uma coisa, Sazed. Todas as vezes que um desses terremotos acontece, fico pensando se é sábio que nos escondamos em uma caverna. Não me parece o lugar mais seguro durante um tremor.

— Não temos outra opção no momento.

— Verdade, suponho. Você… você acha que os terremotos estão ficando mais frequentes?

— Sim — Sazed confirmou, pegando alguns braceletes caídos no chão. — Sim, estão.

— Talvez… esta região seja apenas mais propensa — disse Brisa, incerto. Ele se virou, olhando para o lado enquanto o Capitão Goradel contornava uma estante e se aproximava deles às pressas.

— Ah, veio ver como estávamos, não é? — Brisa brincou. — Sobrevivemos tranquilamente ao terremoto. Não precisa se apressar, caro capitão.

— Não é isso — Goradel disse, um pouco ofegante. — É Lorde Fantasma. Ele voltou.

Sazed e Brisa se entreolharam e se levantaram das cadeiras, seguindo Goradel para a frente da caverna. Encontraram Fantasma descendo as escadas. Tinha os olhos descobertos, e Sazed percebeu uma rigidez nova na expressão do jovem.

Realmente não vínhamos prestando a devida atenção no rapaz.

Os soldados recuaram. Havia sangue nas roupas de Fantasma, embora ele não parecesse ferido. Sua capa estava queimada em alguns pontos, e a barra terminava em um rasgo chamuscado.

— Ótimo — Fantasma falou, notando Brisa e Sazed —, você estão aqui. Aquele tremor causou algum dano?

— Fantasma? — Brisa perguntou. — Não, estamos todos bem aqui. Sem danos. Mas…

— Temos pouco tempo para conversa, Brisa — Fantasma interrompeu, passando por eles. — O imperador Venture quer Urteau, e nós vamos entregá-la a ele. Preciso que você comece a espalhar rumores na cidade. Deve ser fácil; alguns dos elementos mais importantes no submundo já sabem a verdade.

— Que verdade? — Brisa quis saber, juntando-se a Sazed conforme seguiam Fantasma pela caverna.

— Que Quellion está usando alomânticos — Fantasma falou, sua voz ecoando na caverna. — Confirmei agora o que suspeitava antes: Quellion recruta Brumosos entre as pessoas que prende. Ele os resgata dos incêndios e em seguida pega as famílias como reféns. Ou seja, depende exatamente daquilo contra o que prega. Toda a fundação de seu governo é uma mentira e expor isso deve fazer o sistema inteiro entrar em colapso.

— Isso é fundamental. Podemos fazer isso, claro… — Brisa comentou, olhando novamente para Sazed. Fantasma continuou caminhando, e o terrisano o seguiu, acompanhando-o em sua volta pela caverna. Brisa se afastou, provavelmente para buscar Allrianne.

Fantasma parou às margens da água. Ficou ali por um momento antes de se virar para Sazed.

— Você disse que esteve estudando a construção que trouxe a água até aqui embaixo, desviando-a dos canais.

— Estive — Sazed confirmou.

— Existe uma maneira de reverter o processo? Fazer a água voltar para as ruas?

— Talvez. Mas não sei se tenho o conhecimento de engenharia necessário para isso.

— Há informações em suas mentes de metal que ajudariam? — Fantasma quis saber.

— Bem… há.

— Então use-as.

Sazed hesitou, parecendo desconfortável.

— Sazed, não temos muito tempo — Fantasma comentou. — Temos que tomar esta cidade antes que Quellion decida atacar e nos destruir. Brisa vai espalhar os rumores e, em seguida, vou encontrar uma maneira de expor

Quellion como um mentiroso diante de seu povo. Ele mesmo é um alomântico.

— Será o suficiente?

— Será se eu der a eles outra pessoa a quem seguir — Fantasma falou, virando-se para fitar as águas. — Alguém que possa sobreviver a incêndios, que possa restaurar a água para as ruas da cidade. Daremos a eles milagres e um herói, então vamos expor seu líder como um hipócrita tirano. Confrontado com isso, o que *você* faria?

Sazed não respondeu de imediato. Fantasma tinha razão em muitas coisas — até no fato de as mentes de metal ainda serem úteis. Ainda assim, Sazed não sabia ao certo o que pensar sobre as mudanças no jovem. Ele parecia ter ficado muito mais competente, mas…

— Fantasma — Sazed chamou, aproximando-se, falando baixo o bastante para que os soldados atrás deles não pudessem ouvir. — O que é que você não nos contou ainda? Como sobreviveu àquele salto do prédio? Por que vem cobrindo os olhos com vendas?

— Eu… — Fantasma hesitou, mostrando um resquício do garoto inseguro que fora outrora. Por algum motivo, ver aquilo deixou Sazed mais à vontade. — Eu não sei se consigo explicar, Sazed — Fantasma disse, um pouco de sua pretensão evaporando. — Eu mesmo ainda estou tentando entender. Vou explicar mais cedo ou mais tarde. Por ora, pode apenas confiar em mim?

O rapaz sempre fora sincero. Sazed examinou aqueles olhos tão ávidos.

E encontrou algo importante. Fantasma se importava. Importava-se com a cidade, com a derrubada do Cidadão. Ele salvara aquelas pessoas no prédio, enquanto Sazed e Brisa ficaram do lado de fora, assistindo.

Fantasma se importava, e Sazed não. Sazed tentava — ficava cada vez mais frustrado consigo mesmo por conta de sua depressão, que estava pior naquela noite do que o normal.

Nos últimos tempos, suas emoções o traíam. Tinha dificuldade de estudar, em liderar, em ter qualquer utilidade. Mas, olhando nos olhos ávidos de Fantasma, ele quase foi capaz de esquecer os próprios problemas por um momento.

Se o rapaz queria tomar a liderança, quem era Sazed para discutir?

Ele olhou para seu quarto, onde estavam as mentes de metal. Passara muito tempo sem elas. Elas o tentavam com seus conhecimentos.

Contanto que eu não pregue as religiões que elas contêm, pensou, *não serei*

um hipócrita. Usar esse conhecimento específico que Fantasma requer trará, ao menos, um pouco de sentido ao sofrimento daqueles que trabalharam para reunir os conhecimentos de engenharia.

Parecia uma desculpa esfarrapada. Mas, diante de Fantasma assumindo a liderança e oferecendo um bom motivo para usar as mentes de metal, era suficiente.

— Muito bem — Sazed disse. — Farei o que você pede.

A prisão de Ruína não era como as que prendem os homens. A força não era retida por barras, podendo, na verdade, mover-se livremente.

Sua prisão era a da impotência. Em termos de forças e deuses, isso significava equilíbrio. Se Ruína empurrasse, a prisão empurraria de volta, tornando Ruína, para todos os fins, impotente. E como muito de seus poderes haviam sido tomados e escondidos, ele não conseguia afetar o mundo de qualquer forma, exceto das maneiras mais sutis.

Devo fazer uma pausa e esclarecer uma coisa. Falamos de Ruína ser "libertado" de sua prisão. Mas isso é um erro. Liberar o poder no Poço tombou o supracitado equilíbrio na direção de Ruína, mas ele ainda estava muito fraco para destruir o mundo num piscar de olhos como ansiava fazer. Essa fraqueza era causada pelo fato de parte de seu poder, seu próprio corpo, ter sido tirado e escondido dele.

Por isso Ruína ficou obcecado em encontrar a parte escondida do seu eu.

47

Elend estava parado em meio às brumas.

No passado, ele as considerava desconcertantes. Eram o desconhecido, algo misterioso e invasivo, algo que pertencia aos alomânticos e não aos homens comuns.

Agora ele era um alomântico, porém. Ele encarou as orlas inconstantes, rodopiantes, giratórias de vapor. Rios no céu. Sentia-se quase como se pudesse ser levado em uma correnteza fantasma. Quando exibira poderes alomânticos pela primeira vez, Vin explicara o lema agora infame de Kelsier: *As brumas são nossas amigas. Elas nos escondem. Nos protegem. Nos dão poder.*

Elend continuou olhando para cima. Três dias tinham se passado desde a captura de Vin.

Eu não devia tê-la deixado ir, pensou novamente com o coração apertado. *Não deveria ter concordado com um plano tão arriscado.*

Vin sempre fora quem o protegia. O que se faria agora, quando era ela quem estava em perigo? Elend se sentiu muito despreparado. Se a situação fosse o inverso, Vin teria encontrado uma maneira de entrar na cidade e resgatá-lo. Ela teria assassinado Yomen, teria feito *alguma coisa*.

E, ainda assim, Elend não tinha aquele mesmo instinto de determinação ousada. Era muito mais um planejador e versado demais em política. Ele *não poderia* arriscar-se a salvá-la. Já havia se colocado em perigo uma vez e, ao fazê-lo, arriscado o destino de todo o seu exército. Não poderia deixá-los para trás de novo e se colocar em risco, especialmente indo até Fadrex, onde Yomen já provara ser um manipulador habilidoso.

Nenhuma palavra mais viera do rei. Elend esperava exigências de resgate e ficou aterrorizado com o que ele poderia ser obrigado a fazer se elas chegassem. Seria capaz de trocar o destino do mundo pela vida de Vin? Não. Vin enfrentara uma decisão semelhante no Poço da Ascensão e fizera a escolha certa. Elend precisava seguir seu exemplo; precisava ser forte.

Ainda assim, o pensamento dela capturada chegava a quase paralisá-lo de

medo. Apenas as brumas rodopiantes pareciam confortá-lo de alguma forma.

Ela vai ficar bem, disse a si mesmo, não pela primeira vez. *Ela é Vin. Ela vai descobrir um jeito de escapar. Ela vai ficar bem.…*

Parecia-lhe estranho que, após uma vida inteira considerando as brumas inquietantes, agora ele se sentisse tão reconfortado entre elas. Vin não as via da mesma forma, não mais. Elend conseguia sentir sua inquietação na maneira como ela agia, nas palavras que proferia. Desconfiava das brumas. Até as odiava. E Elend não a culpava por isso. No fim das contas, elas haviam mudado de alguma forma — trazendo destruição e morte.

Ainda assim, Elend achava difícil desconfiar das brumas. Elas simplesmente lhe transmitiam uma *sensação* boa. Como poderiam ser inimigas? Giravam, rodopiando bem levemente ao seu redor quando ele queimava metais, como folhas girando em um vento brincalhão. Ali, em pé, elas pareciam aliviá-lo de suas preocupações com o sequestro de Vin, dando a ele a confiança de que ela encontraria uma forma de escapar.

Ele suspirou, balançando a cabeça. Quem era ele para confiar em seus instintos sobre as brumas e não nos de Vin? Era ela quem tinha os instintos natos de uma vida de luta pela sobrevivência. O que Elend tinha? Instintos natos de uma vida de festas e danças?

Um som veio de trás dele. Pessoas caminhando. Elend se virou, discernindo um par de servos carregando Cett em sua cadeira.

— Aquele maldito Brutamontes não está por aqui, está? — Cett perguntou enquanto os criados o baixavam.

Elend negou com a cabeça enquanto Cett dispensava os criados com um aceno.

— Não. Ele está investigando um tipo de perturbação nas fileiras.

— Que aconteceu dessa vez? — Cett perguntou.

— Uma briga — Elend disse, virando-se, olhando novamente para as fogueiras de vigilância da Cidade de Fadrex.

— Os homens estão inquietos — Cett falou. — São um pouco como os koloss, sabe? Deixe-os tempo demais sozinhos, e eles se metem em confusão.

Na verdade, os koloss são como eles, pensou Elend. *Deveríamos ter percebido isso antes. São homens; apenas homens reduzidos às suas emoções mais primais.*

Cett se manteve em silêncio em meio às brumas por um tempo, enquanto

Elend continuava com suas contemplações.

Por fim, Cett falou, sua voz estranhamente suave:

— Para todos os fins ela está morta, filho. Você sabe disso.

— Não, não sei.

— Ela não é invencível. É uma alomântica boa à beça, sim. Mas, se tirar os metais…

Você ficaria surpreso, Cett.

— Você nem parece preocupado — Cett comentou.

— Claro que estou preocupado — Elend disse, com cada vez mais certeza. — Eu só… bem, eu confio nela. Se alguém pode sair de lá, esse alguém é Vin.

— Você está em negação.

— Talvez.

— Vamos atacar? — Cett perguntou. — Tentar trazê-la de volta?

— Isso é um cerco, Cett. A questão é *não* atacar.

— E nossos suprimentos? Demoux precisou deixar os soldados com meia ração hoje. Teremos sorte se nós próprios não morremos de forme antes de conseguirmos fazer Yomen ceder.

— Ainda temos tempo.

— Não muito. Não com Luthadel em revolta. — Cett ficou em silêncio por um momento, então continuou: — Outro dos meus grupos de incursão voltaram hoje. Relataram as mesmas coisas.

As mesmas notícias que todos os outros. Elend havia autorizado Cett a enviar soldados a vilarejos próximos, assustar o povo, talvez saquear alguns suprimentos. No entanto, cada um dos grupos de ataque voltou de mãos vazias e com a mesma história.

O povo de Yomen estava morrendo de fome. Os vilarejos mal sobreviviam. Os soldados não tiveram coragem de massacrá-los ainda mais, e não havia nada para trazer.

Elend se virou para Cett.

— Você me acha um líder ruim, não é?

Cett ergueu os olhos, em seguida coçou a barba.

— Acho. Mas, bem… Elend, você tem uma coisa a seu favor, como rei, que eu nunca tive.

— Que é?

Cett deu de ombros.

— As pessoas gostam de você. Seus soldados confiam em você, e sabem que tem um coração bom até demais. Tem um efeito estranho sobre eles. Rapazes como aqueles deveriam estar ávidos para roubar vilarejos, mesmo os pobres. Especialmente considerando como nossos homens estão ansiosos e quantas brigas têm havido no acampamento. E, ainda assim, não roubaram. Maldição, um dos grupos ficou tão condoído com os aldeões que ficou no vilarejo alguns dias e ajudou a aguar os campos e consertar algumas casas! — Cett suspirou, balançando a cabeça. — Alguns anos atrás, eu teria rido de qualquer um que escolhesse a lealdade como base para governar. Mas, bem… com o mundo desmoronando como está, acho que até *eu* iria preferir alguém para confiar em vez de alguém para temer. Acho que por isso os soldados agem desse jeito.

Elend assentiu.

— Pensei que o cerco fosse uma boa ideia — Cett disse. — Mas não acho mais que vá funcionar, filho. As cinzas estão caindo com mais intensidade agora, e não temos suprimentos. Essa questão toda está virando uma grande bagunça. Precisamos atacar e tomar o que pudermos de Fadrex, depois temos que nos retirar para Luthadel e tentar aguentar até o verão, enquanto nosso povo cuida das plantações.

Elend ficou em silêncio, em seguida se virou, olhando para o lado, como se tivesse ouvido algo nas brumas. Gritos e xingamentos. Era muito baixo; Cett provavelmente não conseguia escutar. Elend saiu, apressando-se na direção do som e deixando seu interlocutor para trás.

Outra briga, percebeu conforme se aproximava de uma das fogueiras. Ouvia gritos, ameaças e sons de homens lutando. *Cett tem razão. Benevolentes ou não, nossos homens estão ficando inquietos demais. Preciso…*

— Parem com isso imediatamente! — uma nova voz gritou. Bem adiante, através das brumas escuras, Elend conseguiu ver as figuras movendo-se ao redor da fogueira. Reconheceu a voz. O General Demoux havia chegado na cena.

Elend reduziu o passo. Melhor deixar que ele lidasse com a balbúrdia. Havia uma grande diferença entre ser disciplinado por um superior militar e por um imperador. Seria melhor se fosse Demoux a puni-los.

Porém, a briga não parou.

— Parem com isso! — Demoux gritou novamente, entrando no conflito. Uns poucos brigões ouviram-no, retirando-se. Mas o restante continuava a lutar, simplesmente. Demoux forçou a entrada na peleja, separando os dois

combatentes.

E um deles o esmurrou. Bem no rosto, jogando o general no chão.

Elend praguejou, soltando uma moeda no chão e lançando-se para a frente. Caiu bem no meio da luz da fogueira, *empurrando* um *abrandamento* para atenuar as emoções daqueles que brigavam.

— Chega! — Urrou.

Eles se interromperam, ficando paralisados, um dos soldados em pé sobre o caído General Demoux.

— O que está havendo aqui? — questionou Elend, furioso. Os soldados baixaram a cabeça. — Então? — ele insistiu, virando-se para o homem que havia socado Demoux.

— Perdão, milorde — o homem grunhiu. — Estávamos apenas…

— Fale, soldado — Elend disse, apontando, *abrandando* as emoções do homem, deixando-o submisso e dócil.

— Bem, milorde. Esses aí estão amaldiçoados, sabe? Por isso Lady Vin foi capturada. Estavam falando do Sobrevivente e das bênçãos dele, e isso me pareceu hipocrisia, sabe? Então, *claro*, o líder deles apareceu, exigindo que parássemos. Eu só… bem, estou cansado de ouvi-los, é isso.

Elend franziu o cenho, furioso. Um grupo dos Brumosos do exército — com Ham à frente — adentrou a aglomeração. Ham olhou para Elend, e o imperador meneou a cabeça para os homens que estavam lutando. Ham trabalhou rapidamente, ajuntando-os para uma reprimenda. Elend foi até Demoux e ajudou o general a se erguer. O homem grisalho parecia mais atônito que qualquer outra coisa.

— Desculpe, milorde — Demoux disse em voz baixa. — Eu deveria ter previsto isso… deveria estar preparado.

Elend apenas sacudiu a cabeça. Os dois observaram em silêncio até Ham se juntar a eles, seus homens empurrando os agitadores para longe. O restante da multidão se dispersou, voltando aos afazeres. A fogueira queimava solitária na noite, renegada como símbolo de má sorte.

— Reconheci alguns daqueles homens — Ham falou, juntando-se a Elend e Demoux enquanto os agitadores eram levados. — Caídos da bruma.

Caídos da bruma. Os homens que, como Demoux, haviam ficado adoentados pelas brumas por semanas e não por um único dia.

— Isso é *ridículo* — Elend disse. — E daí que ficaram doentes um pouco

mais tempo? Isso não os torna amaldiçoados!

— O senhor não entende de superstição, milorde — Demoux falou, meneando a cabeça e coçando o queixo. — Os homens *procuram* alguém para culpar por sua má sorte. E… bem, é fácil ver por que estão sentindo que a sorte anda mal nos últimos tempos. Têm sido duros com *qualquer um* que tenha ficado doente com as brumas, e mais duros ainda conosco, que ficamos acamados por mais tempo.

— Eu me recuso a aceitar essa imbecilidade no meu exército — Elend declarou. — Ham, você viu um daqueles homens bater em Demoux?

— Bateram? — Ham perguntou, surpreso. — No general deles?

Elend assentiu.

— O homem grande com que eu estava falando. Seu nome é Brill, eu acho. Você sabe o que terá de ser feito.

Ham praguejou, desviando o olhar.

Demoux parecia desconfortável.

— Talvez possamos apenas… jogá-lo na solitária ou algo assim.

— Não — Elend disse entre dentes. — Não, vamos nos ater à lei. Se ele tivesse batido em seu comandante, poderíamos deixar passar. Mas acertar deliberadamente um dos meus generais? O homem terá de ser executado. A disciplina já está desmoronando do jeito que está.

Ham não o encarava.

— A outra briga que tive de interromper foi também entre um grupo de soldados normais e um grupo de Caídos da Bruma.

Elend cerrou os dentes em frustração. Demoux, no entanto, fitou seus olhos. *O senhor sabe o que precisa ser feito,* ele parecia dizer.

Ser um rei não é sempre fazer o que você quer, Tindwyl sempre dizia. *É fazer o que precisa ser feito*.

— Demoux — Elend disse. — Acho que os problemas em Luthadel são ainda mais sérios do que nossas dificuldades com a disciplina. Penrod anseia pelo nosso apoio. Quero que você reúna um grupo e leve de volta pelo canal com o mensageiro, Conrad. Ajude Penrod a retomar o controle da cidade.

— Sim, milorde — Demoux falou. — Quantos soldados devo levar?

Elend fitou seus olhos.

— Cerca de trezentos devem bastar.

Era o número dos caídos da bruma. Demoux assentiu, em seguida retirou-se para dentro da noite.

— É a coisa certa a fazer, El — Ham disse em voz baixa.

— Não, não é. Assim como não é certo mandar executar um soldado por um simples lapso de julgamento. Mas precisamos manter este exército unido.

— Estou de acordo — Ham afirmou.

Elend se virou, erguendo os olhos para as brumas. Na direção da Cidade de Fadrex.

— Cett tem razão — ele disse, por fim. — Não podemos continuar aqui parados, não enquanto o mundo está morrendo.

— Então, o que faremos? — Ham perguntou.

Elend titubeou. O que fazer, de fato? Bater em retirada e deixar Vin — e provavelmente o império inteiro — entregues ao próprio destino? Atacar, causando a morte de milhares, tornando-se o conquistador que ele temia virar? Não haveria outra maneira de tomar a cidade?

Elend se virou e caminhou noite adentro. Foi até a tenda de Noorden, enquanto Ham o seguia, curioso. O ex-obrigador estava acordado, claro. Noorden tinha horários estranhos. Ergueu-se depressa quando Elend entrou na tenda, curvando-se respeitosamente.

Na mesa de Noorden, Elend encontrou o que queria. Aquilo que havia ordenado que o homem fizesse. Mapas. Movimentos de tropas.

A localização de bandos de koloss.

Yomen se recusa a se intimidar com as minhas forças, pensou. *Bem, vamos ver se posso virar o jogo contra ele novamente.*

Após ser "libertado", Ruína se tornou capaz de afetar o mundo mais diretamente. A maneira mais óbvia foi fazendo as montanhas de cinzas emitirem mais cinzas e a terra começar a se despedaçar. Na realidade, acredito que grande parte da energia de Ruína durante aqueles últimos dias tenha sido dedicada a essas tarefas.

Também foi capaz de afetar e controlar mais pessoas que antes. Se anteriormente havia influenciado apenas alguns indivíduos seletos, pôde então controlar exércitos inteiros de koloss.

48

Conforme dias começaram a passar na caverna, Vin se arrependeu de ter chutado o lampião. Tentou resgatá-lo, tateando com dedos cegos à sua procura. No entanto, o óleo havia se derramado. Estava presa na escuridão.

Com uma coisa que queria destruir o mundo.

Às vezes podia senti-la pulsando ao seu lado, observando em silêncio — como um patrocinador fascinado observando uma apresentação de festival. Outras vezes, ela desaparecia. Obviamente, as paredes não lhe serviam de empecilho. A primeira vez que a coisa desapareceu, Vin teve uma sensação de alívio. No entanto, momentos depois, ouviu a voz de Reen na mente. *Eu não fui embora*, dizia. *Estou sempre aqui*.

As palavras a deixaram arrepiada, e ela pensou, apenas por um breve momento, que a coisa lera sua mente. Porém, logo concluiu que seus pensamentos teriam sido fáceis de adivinhar. Olhando para seu passado, percebeu que Ruína não poderia ter falado todas as vezes que ouvira a voz de Reen na cabeça. Em várias ocasiões que ouvira o irmão, fora em resposta a coisas que estivera pensando e não sobre o que estivera fazendo. Como Ruína não podia ler mentes, aqueles comentários não poderiam ter vindo dele.

Ruína vinha falando com Vin havia tanto tempo que era difícil separar as próprias lembranças da influência dele. Ainda assim, confiava na certeza do Senhor Soberano de que Ruína não podia ler mentes. Do contrário, teria de abandonar qualquer esperança, e não faria aquilo. Todas as vezes que Ruína falava com ela, dava-lhe pistas sobre sua natureza. Aquelas pistas talvez lhe oferecessem meios de derrotá-la.

Derrotá-la?, Vin pensou, recostando-se à parede rústica de pedra da caverna. *É uma força da natureza, não um homem. Como eu poderia pensar em derrotar algo assim?*

Era muito difícil de imaginar que horário seria, naquela escuridão perpétua, mas Vin deduziu, pelos próprios padrões de sono, que já haviam passado entre três ou quatro dias desde seu confinamento.

Todos chamavam o Senhor Soberano de deus, Vin lembrou. *Eu o matei.*

Ruína fora aprisionado uma vez. Significava que *podia* ser derrotado ou ao menos controlado. Mas como seria prender uma abstração — uma força — como Ruína? Ela fora capaz de falar com Vin enquanto estava presa. Mas suas palavras pareciam menos potentes na época. Menos… direcionadas. Ruína agira mais como uma influência, dando à Vin criança impressões que se manifestavam através das lembranças de Reen. Quase como se… influenciasse suas emoções. Significava que ele usava a Alomancia? De fato ele pulsava com poder alomântico.

Zane ouvia vozes, Vin se lembrou. *Pouco antes de morrer, parecia estar falando com alguém.* Ela sentiu um calafrio quando recostou a cabeça de volta à parede.

Zane estivera louco. Talvez não houvesse relação entre as vozes que ouvia e Ruína. Ainda assim, parecia muita coincidência. O homem tinha tentado levá-la com ele à busca pela fonte das pulsações — as pulsações que no final a levaram a libertar Ruína.

Então, pensou Vin, *Ruína pode me influenciar não importa a distância ou métodos de contenção. Porém, agora que está livre, pode se manifestar diretamente. Isso traz à tona outra questão. Por que ele já não destruiu a todos nós? Por que fazer joguetes com exércitos?*

A resposta àquela pergunta, ao menos, parecia óbvia. Ela sentia o desejo ilimitado de Ruína por destruição. Sentia como se conhecesse sua mente. Uma vontade. Um impulso. Ruína. Então, se não havia concluído seu objetivo ainda, significava que não podia. Que estava impedida. Limitada a meios indiretos e graduais de destruição — como as chuvas de cinzas e as brumas obscuras.

Ainda assim, no final das contas, aqueles métodos *seriam* eficazes. A menos que Ruína fosse impedido. Mas como?

Ele foi aprisionado antes… mas o que o aprisionou? No passado, tinha acreditado que fora o Senhor Soberano quem aprisionara Ruína. Mas estava errada. Ruína *já* estava aprisionado quando o Senhor Soberano viajou ao Poço da Ascensão. O Senhor Soberano, então conhecido como Rashek, partira na busca com Alendi, querendo assassinar o suposto Herói das Eras. O objetivo de Rashek fora *impedir* Alendi de fazer o que Vin acabara fazendo: soltar acidentalmente Ruína.

Que ironia. Fora *melhor* que um homem egoísta como Rashek tivesse tomado o poder. Pois um homem egoísta havia mantido o poder para si, em vez

de abrir mão dele e libertar Ruína.

De qualquer jeito, Ruína já estava aprisionado antes mesmo de a busca ter começado. Aquilo significava que as Profundezas — as brumas — não tinham relação com Ruína. Ou, ao menos, a relação não era tão simples como ela havia suposto. Soltar Ruína não havia sido o que induziu as brumas começarem a vir durante o dia e matar as pessoas. De fato, as brumas vespertinas haviam começado a aparecer mais de um ano *antes* de ela ter libertado Ruína, começado a matar pessoas algumas horas antes de Vin ter encontrado o caminho até o Poço.

Então… o que sei? Que Ruína foi aprisionado há muito tempo. Aprisionado por algo que, talvez, eu possa encontrar e usar novamente?

Ela se levantou. Ficar sentada demais, pensando demais, a havia deixado inquieta. E começou a caminhar, tateando a parede.

Durante seu primeiro dia de cárcere, ela tinha começado, aos toques, a fazer um reconhecimento da caverna. Era imensa, como os outros depósitos, e o processo demorou vários dias. Por outro lado, não tinha nada mais a fazer. Diferente do depósito de Urteau, aquele não tinha lago ou fonte d'água. E, enquanto Vin a investigava, descobriu que Yomen havia removido todos os barris d'água do que ela assumia ser o lugar deles, no canto direito mais ao fundo. Ele deixara comida enlatada e outros suprimentos — a caverna era tão enorme que ele teria problemas em encontrar tempo para retirar tudo, sem contar em descobrir um lugar para armazená-lo —, mas havia tirado toda a água.

O que deixava Vin com um problema. Ela tateou a parede, localizando uma estante onde havia deixado aberta uma lata de ensopado. Mesmo com peltre e uma pedra, levava um tempo terrivelmente longo para abri-la. Yomen tivera a astúcia de remover as ferramentas que ela poderia ter usado para abrir os estoques de comida, e Vin tinha apenas o equivalente a um frasco de peltre restante. Ao abrir umas dez latas de comida no primeiro dia, exaurira o peltre que tinha dentro de si. Aquela comida já estava minguando, e ela sentia a necessidade de água — o ensopado de pouco adiantava para saciar a sede.

Ela ergueu a lata, comendo com cautela apenas uma bocada. Já estava quase no fim. O gosto a lembrava da fome que era um complemento cada vez maior da sede. Ela tentou esquecer a sensação. Havia lidado com a fome a infância inteira. Não era novidade nenhuma, mesmo que não a sentisse há anos.

Ela continuou, correndo os dedos na parede para manter o equilíbrio. Parecia uma maneira inteligente de matar um Nascido da Bruma. Yomen não podia

derrotá-la, então, em vez disso, a aprisionou. Agora, poderia simplesmente esperar que ela morresse desidratada. Simples, eficaz.

Talvez Ruína esteja falando com Yomen, também, ela pensou. *Minha prisão talvez seja parte do plano dele.*

Seja ele qual for.

Por que Ruína a teria escolhido? Por que não levar outra pessoa ao Poço da Ascensão? Alguém mais fácil de controlar? Ela conseguia entender por que escolhera Alendi, todos aqueles anos antes. Durante o tempo dele, o Poço fora isolado no alto das montanhas. Teria sido uma viagem bem difícil, e Ruína teria precisado da pessoa certa para planejar e então sobreviver à expedição.

No entanto, durante os tempos de Vin, o Poço de alguma forma havia sido movido para Luthadel. Ou, talvez, Luthadel tivesse sido construída sobre o Poço. De qualquer forma, estava lá, bem embaixo do palácio do Senhor Soberano. Por que Ruína teria esperado tanto tempo para se libertar? E, de todas as pessoas que poderia ter escolhido como marionete, por que Vin?

Ela sacudiu a cabeça quando chegou ao seu destino — a única outra coisa que interessava na vasta caverna. Uma placa de metal na parede. Ela estendeu a mão, trilhando os dedos sobre o metal polido. Nunca fora uma leitora excelente e, no último ano — passado em guerra e viagem — não tivera muito tempo de aperfeiçoar suas habilidades. Portanto, demorara um pouco, tateando cada sulco talhado no metal, para discernir o que estava escrito na placa.

Não havia mapa. Ou, ao menos, não como aqueles das cavernas-depósitos anteriores. Em vez disso, havia um círculo simples com um ponto no centro. Vin não sabia ao certo o que significava. O texto era igualmente frustrante. Vin correu os dedos pelos sulcos, embora já tivesse memorizado aquelas palavras muito antes.

Eu falhei com vocês.

Planejei essas cavernas, sabendo que a calamidade estava a caminho, esperando que pudesse encontrar algum segredo que talvez fosse útil, caso eu caísse devido às maquinações daquela coisa. Nada tenho, porém. Não sei como derrotá-la. A única coisa em que posso pensar é mantê-lo sob controle tomando o poder do Poço para mim quando ele retornar.

Se estiverem lendo isso, contudo, eu falhei. Ou seja, estou morto. Enquanto escrevo isso, acredito que a perspectiva seja menos trágica do que eu

considerava antes. Prefiro não lidar com a coisa. Ele tem sido meu companheiro constante, a voz que sempre sussurra em meus ouvidos, dizendo-me para destruir, implorando para que eu lhe dê liberdade.

Temo que ele tenha corrompido meus pensamentos. Não consegue sentir o que penso, mas pode falar dentro da minha cabeça. Oitocentos anos assim tornam difícil para mim confiar na minha própria mente. Às vezes, ouço vozes e simplesmente acho que estou louco.

O que certamente seria preferível.

Sei que essas palavras devem ser escritas em aço para que sejam preservadas. Escrevi-as em uma folha de aço, então ordenei que fossem talhadas em uma placa, sabendo que, ao fazê-lo, revelo minha fraqueza aos meus próprios sacerdotes. A coisa sussurrou para mim que sou um tolo de me expor, escrevendo isso e deixando que os outros vejam.

Por isso decidi recorrer à criação desta placa. Fazê-lo pareceu deixar a coisa irritada. Só tal motivo basta, creio eu. É bom que alguns poucos sacerdotes leais saibam da minha fraqueza, nem que seja pelo bem do império, caso eu caia de alguma forma.

Tentei ser um bom governante. No início, eu era jovem demais, irritadiço demais. Cometi erros. Ainda assim, me esforcei. Quase destruí o mundo com minha arrogância e, ainda assim, temo que quase o destruí novamente com meu governo. Posso fazer melhor. Farei melhor. Criarei uma terra de ordem.

Porém, meus pensamentos me fazem imaginar o quanto do que faço terá sido desviado das minhas intenções originais. Às vezes, meu império parece um local de paz e justiça. Porém, se assim é, por que não consigo impedir as rebeliões? Elas não podem me derrotar, e eu preciso ordenar que sejam massacradas a cada vez que se amotinam. Não conseguem enxergar a perfeição do meu sistema?

De qualquer forma, este não é lugar para justificativa. Não preciso de justificativa, pois eu sou — de certa forma — Deus. Mesmo assim, sei que há algo maior que eu. Se posso ser destruído, ele será a causa da minha destruição.

Não tenho conselhos para dar. Ele é mais poderoso que eu. É mais poderoso que este mundo. Ele alega ter criado este mundo, na verdade. E, no fim, vai nos destruir a todos.

Talvez esses estoques permitam que a humanidade sobreviva um pouco mais. Talvez não. Estou morto. Duvido que precise me importar.

Ainda assim, me importo. Pois vocês são o meu povo. Eu sou o Herói das Eras. É isso que deve significar: Herói das Eras, um herói que vive através das eras, como eu vivo.

Sei que o poder da coisa não está completo. Felizmente, escondi muito bem seu corpo.

E esse era o fim. Vin bateu na placa com irritação. Tudo naquelas palavras parecia tramado para frustrá-la. O Senhor Soberano os tinha levado nesta grande caçada para não oferecer nenhuma esperança no final? Elend estava apostando muito no conteúdo daquela placa, mas era praticamente inútil. Ao menos as outras continham algumas informações relevantes sobre um novo metal ou algo parecido.

Eu falhei com vocês. Era algo de enfurecer — era quase devastador — percorrer todo esse caminho para descobrir que o Senhor Soberano havia ficado tão desconcertado quanto eles. E, se sabia mais, como as palavras insinuavam, por que não *dividir* esse fato na placa? Ela sentia a instabilidade dele através daquelas palavras, porém, como oscilava entre o remorso e a arrogância. Talvez fosse Ruína o influenciando. Ou, talvez, ele tivesse sido assim desde sempre. De qualquer forma, Vin suspeitava que o Senhor Soberano não poderia ter lhe dito muito mais coisas úteis. Ele fizera o que podia, controlando Ruína por mil anos, e a coisa o havia corrompido; talvez até o deixado maluco.

Isso não impediu que ela sentisse uma forte decepção pelo conteúdo da placa. O Senhor Soberano tivera mil anos para se preocupar com o que aconteceria na terra se ele fosse morto antes de o poder retornar ao Poço e não fora capaz de pensar em uma maneira de evitar o problema.

Ela ergueu os olhos para a placa, mesmo que, na escuridão, não conseguisse vê-la.

Tem de haver um jeito!, pensou, recusando-se a aceitar a insinuação do Senhor Soberano de que estavam condenados. *O que foi isso que você escreveu no fim? "Escondi muito bem seu corpo."?*

Aquela parte parecia importante. No entanto, ela não estava…

Um som ecoou na escuridão.

Vin se virou de pronto, ficando tensa, tocando seu último frasco de metais. A proximidade com Ruína a deixara sobressaltada, e ela sentiu o coração palpitar com ansiedade ao ouvir o eco de sons — sons de pedra rangendo contra pedra.

A porta da caverna estava se abrindo.

Talvez alguém se pergunte por que Ruína não poderia ter usado os Inquisidores para se libertar. A resposta é muito simples, se entendermos o funcionamento do poder.

Antes da morte do Senhor Soberano, ele mantinha um controle rígido demais sobre os Inquisidores para que Ruína os pudesse controlar diretamente. Mesmo após a morte do Senhor Soberano, porém, um servo de Ruína jamais poderia tê-lo resgatado. O poder no Poço era de Preservação, e um Inquisidor poderia tomá-lo apenas depois de remover suas estacas hemalúrgicas, o que, claro, o teria matado.

Portanto, Ruína precisava de uma maneira muito mais indireta de chegar ao seu objetivo. Precisava de alguém que ele não tivesse maculado tanto, mas que ainda assim pudesse controlar, manipular cuidadosamente.

49

Sazed fez uma pequena anotação em seu diagrama, comparando medidas do canal. Pelo que podia dizer, o Senhor Soberano não havia precisado de muito para criar o lago subterrâneo. A água já costumava fluir naturalmente para dentro da caverna. Os engenheiros do Senhor Soberano apenas alargaram as passagens, trazendo um fluxo mais contínuo e seguro que ultrapassava a drenagem natural.

O resultado foi um aquífero de bom tamanho. Algumas máquinas em uma caverna lateral provaram ser na verdade um mecanismo para tampar os drenos no fundo — possivelmente para impedir que a reserva d'água escapasse, caso algo acontecesse ao fluxo de abastecimento. Infelizmente, não havia maneira de bloquear esses condutos que davam para dentro da reserva.

Antes da criação do reservatório, apenas uma pequena quantidade de água passava para dentro da caverna. O restante fluía para o que agora eram as ruas, enchendo os canais. Então, Sazed supôs, se ele pudesse impedir que a água entrasse na caverna, os canais se encheriam novamente.

Preciso saber mais sobre pressão d'água, ele pensou, *para poder oferecer peso suficiente para tampar aqueles condutos*. Achou ter visto um livro sobre o assunto dentro da mente de metal.

Recostou-se na cadeira, tocando a mente de metal. As lembranças floresciam conforme ele retirava um trecho: um índice que havia feito com a relação dos títulos armazenados. Assim que puxou o texto, as palavras ficaram claras para ele, como se as tivesse acabado de ler e memorizar. Percorreu rapidamente a lista, buscando o título de que precisava. Quando o encontrou, rabiscou-o num pedaço de papel. Em seguida, recolocou a lista na mente de cobre.

A experiência era peculiar. Após recolocar a lista, ele conseguia lembrar-se de ter extraído material, mas não guardava memória alguma do conteúdo do índice em si. Ficava um branco na mente. Apenas as palavras rabiscadas no papel explicavam coisas que soubera apenas segundos antes. Com aquele título, ele conseguia buscar o livro adequado completo na mente. Selecionou os capítulos que queria e guardou o restante de volta na mente de cobre para que não se deteriorasse.

E, com aqueles capítulos, seu conhecimento de engenharia se mostrava recente como se ele tivesse acabado de ler e estudar o livro. Descobriu com facilidade os pesos e oscilações de que precisava para criar as barreiras que, segundo esperava, devolveriam a água para as ruas acima.

Ele trabalhava sozinho, sentado em uma bela escrivaninha roubada, um lampião iluminando a caverna ao redor. Mesmo com o conhecimento fornecido pelas mentes de cobre, aquele era um trabalho difícil, com muitos cálculos — não exatamente o tipo de pesquisa com que estava acostumado. Felizmente, as mentes de cobre de um Guardador não se limitavam aos seus interesses. Cada Guardador preservava todo o conhecimento. Sazed lembrava-se vagamente dos anos que passara ouvindo e memorizando. Ele apenas precisava conhecer bem as informações a ponto de lembrá-las por um curto período, então podia despejá-las em uma mente de cobre. Dessa forma, era ao mesmo tempo um dos homens mais inteligentes e mais ignorantes que jamais existiu — havia memorizado muito, mas intencionalmente esquecido tudo.

De qualquer forma, Sazed tinha acesso a textos tanto sobre engenharia como sobre religião. Saber essas coisas não fazia dele um matemático ou arquiteto brilhante, mas lhe dava competência o bastante para ser muito melhor que um leigo.

E, enquanto trabalhava, descobriu que ficava cada vez mais difícil negar que a erudição era algo em que se sobressaía. Não era um líder. Não era um embaixador. Embora atuasse como embaixador-chefe de Elend, tinha passado a maior parte do tempo examinando suas religiões. Naquele momento, enquanto deveria estar liderando a equipe em Urteau, mais e mais ele se via passando a liderança para Fantasma.

Sazed era um homem das pesquisas e das letras. Contentava-se em seus estudos. Mesmo que a engenharia não fosse uma área da qual realmente gostasse, a verdade era que preferia estudar — o assunto que fosse — a fazer qualquer outra coisa. *É algo tão vergonhoso assim*, ele pensou, *ser o homem que gosta de oferecer informações aos outros em vez de ser aquele que precisa aplicá-las?*

O estalo de uma bengala no chão anunciou a chegada de Brisa. O Abrandador não precisava de bengala para caminhar; apenas preferia carregar uma para parecer ainda mais cavalheiresco. De todos os ladrões skaa que Sazed conhecera, Brisa era de longe o que melhor imitava um nobre.

O terrisano rabiscou com agilidade mais algumas anotações e devolveu os

capítulos sobre pressão da água à mente de cobre. Não precisava deixá-los se deteriorarem durante a conversa com Brisa. Pois, claro, Brisa viera conversar. E, de fato, ao sentar-se à mesa de Sazed, o Abrandador examinou os diagramas e ergueu uma sobrancelha.

— Isso está ficando excelente, meu caro. Acho que perseguiu a vocação errada.

Sazed sorriu.

— É muito gentil, Lorde Brisa, embora temo que um engenheiro achasse esse esboço feio. Ainda assim, creio que seja suficiente.

— Acha mesmo que pode fazer isso? — Brisa perguntou. — Fazer as águas fluírem como o rapaz pediu? É possível?

— Ah, é bem possível. Minha experiência, não a viabilidade da tarefa, é o item em questão. As águas enchiam aqueles canais no passado e podem voltar a enchê-los. Na verdade, acredito que o retorno será muito mais espetacular que a corrente original. Antes, muito da água já era desviada para dentro dessas cavernas. Eu poderia bloquear a maior parte dela e devolver as águas lá para cima à força. Claro, se Lorde Fantasma desejar manter os canais fluindo, então teremos de deixar um pouco de água escapar aqui para baixo. As obras de canal em geral não têm muita corrente, especialmente em uma área onde existem muitas comportas.

Brisa ergueu ainda mais a sobrancelha.

— Na verdade — Sazed continuou —, os canais são muito mais fascinantes do que se costuma imaginar. Pegue, por exemplo, os métodos de transformar um rio natural em um canal, possibilitando o que chamam de navegação, ou veja os métodos de escavação usados para remover lodo e cinzas do fundo. Tenho um livro específico do infame Lorde Fedre, que, apesar de sua reputação, era um gênio absoluto quando o assunto era a arquitetura de canais. Ora, eu teria que… — Sazed parou, em seguida abriu um sorriso sem graça. — Desculpe. Não está interessado nisso, está?

— Não — Brisa confessou —, mas é suficiente que *você* esteja, Sazed. É bom vê-lo novamente entusiasmado com seus estudos. Não sei no que esteve trabalhando antes, mas sempre me incomodou que não compartilhasse com ninguém. Parecia que estava quase envergonhado de fazer o que estava fazendo. Agora, por outro lado, parece o Sazed que eu conheço!

Sazed baixou os olhos para as notas e diagramas rabiscados. Era verdade. A última vez que ficara tão empolgado com uma linha de estudos fora…

Quando estava com ela. Trabalhando na coleção de mitos e referências relacionada ao Herói das Eras.

— Na verdade, Lorde Brisa, eu me sinto um tanto culpado.

Brisa revirou os olhos.

— Sazed. Você *sempre* precisa sentir culpa sobre alguma coisa? Na época do bando original, você sentia que não estava fazendo o bastante para nos ajudar a derrubar o Senhor Soberano. Depois, quando matamos o sujeito, você ficava perturbado porque não estava fazendo o que os outros Guardadores lhe disseram. Quer me dizer exatamente por que você se sente culpado por *estudar*, por mais incrível que isso pareça?

— Porque eu gosto.

— Isso é maravilhoso, meu caro. Por que ficar envergonhado desse prazer? Não é como gostar de matar filhotinhos ou algo assim. Claro, eu acho que você é um pouco maluco, mas se gosta de algo tão especialmente esotérico, sinta-se livre para fazê-lo. Deixa mais espaço para aqueles de nós que preferem prazeres mais mundanos, como nos embriagar com os vinhos mais finos de Straff Venture.

Sazed sorriu. Sabia que Brisa estava *empurrando* suas emoções, fazendo-o se sentir melhor, mas não se rebelou contra esses sentimentos. A verdade era que ele se *sentia* bem. Melhor do que em muito tempo.

Mesmo que…

— Não é tão simples, Lorde Brisa — Sazed disse, pondo a pena de lado. — Eu fico feliz por poder simplesmente me sentar e ler, sem ter de estar no comando. É por isso que me sinto culpado.

— Nem todo mundo nasceu para ser líder, Sazed.

— Não. Mas Lorde Elend me encarregou de tomar esta cidade. Eu deveria estar planejando a derrubada do Cidadão, não deixar Lorde Fantasma fazê-lo.

— Meu caro! — Brisa disse, inclinando-se. — Eu não lhe ensinei nada? Estar encarregado de algo não significa *fazer* algo, mas sim garantir que outras pessoas façam o que devem! Delegar, meu amigo. Sem delegar, teríamos de assar nosso pão e limpar nossas latrinas! — Brisa se inclinou um pouco mais. — E, confie em mim, você não gostaria de experimentar nada que eu assasse com as minhas próprias mãos. Nunca. Especialmente depois que eu tenha limpado uma latrina.

Sazed sacudiu a cabeça.

— Não é o que Tindwyl teria desejado de mim. Ela respeitava líderes e políticos.

— Corrija-me se eu estiver errado, mas ela se apaixonou por *você*, não por um rei ou príncipe, certo?

— Bem, o amor talvez seja…

— Não comece, Sazed. Você ficava sonhando acordado como um menino com um brinquedo novo. E, embora Tindwyl fosse um pouco mais reservada, ela o amava. Ninguém precisava ser um Abrandador para enxergar isso.

Sazed suspirou e baixou os olhos.

— É isso que ela iria desejar para você, Sazed? — Brisa perguntou. — Que ficasse negando quem você é? Que se tornasse outro político limitado?

— Não sei, Lorde Brisa — disse Sazed, baixinho. — Eu… eu não a tenho mais. E, talvez, eu consiga me lembrar dela estando envolvido naquilo que ela amava.

— Sazed, como você consegue ser tão sábio em muitas áreas e completamente *estúpido* neste assunto?

— Eu…

— Um homem *é* a sua paixão — Brisa interrompeu. — Eu descobri que se você desistir do que mais deseja e trocar pelo que *acha* que mais deveria desejar, vai acabar simplesmente infeliz.

— E se o que eu quero não for do que a sociedade precisa? Às vezes, precisamos fazer o que não gostamos. É um fato simples da vida, creio.

Brisa deu de ombros.

— Eu não me preocupo com isso. Faço apenas aquilo em que sou bom. No meu caso, é fazer com que outras pessoas façam coisas que elas não querem. No fim das contas, tudo se encaixa.

Sazed negou com a cabeça. Não era tão simples, e sua depressão nos últimos tempos não estava *apenas* ligada à Tindwyl e sua morte. Ele deixara de lado o estudo das religiões, mas sabia que seria induzido a voltar para elas. O trabalho com os canais era uma distração bem-vinda, mas, mesmo assim, Sazed sentia seus trabalhos e conclusões de antes assomando sobre si.

Ele não *queria* descobrir que as últimas religiões no grupo não continham as respostas. Parcialmente, era o motivo pelo qual era tão relaxante estudar outra coisa; a engenharia não ameaçava sua visão de mundo. No entanto, não podia se distrair para sempre. No fim das contas, encontraria as respostas ou a falta delas.

Sua pasta estava embaixo da mesa, encostada à bolsa de mentes de metal.

Por ora, no entanto, ele se permitia um descanso. Mas mesmo com a preocupação sobre as religiões apaziguada no momento, havia outras que precisavam ser abordadas. Ele acenou a cabeça na direção do lago. Fantasma, quase invisível, estava em pé às margens, falando com Goradel e alguns dos soldados.

— E o que dizer sobre ele, Lorde Brisa? — Sazed perguntou num sussurro, tão baixo que nem mesmo Fantasma seria capaz de ouvir. — Como eu disse, o imperador Venture me incumbiu dessa questão. E se eu deixar Fantasma assumir o controle e ele falhar? Temo que o jovem não seja… experiente o bastante para essa tarefa.

Brisa deu de ombros.

— Ele parece estar se saindo bem até agora. Lembre-se de como era a jovem Vin quando matou o Senhor Soberano.

— Sim, mas esta situação é diferente. Fantasma parece… estranho ultimamente. Com certeza está escondendo algo de nós. Por que está tão determinado a tomar esta cidade?

— Acho que é bom para o garoto mostrar um pouco de determinação — Brisa comentou, recostando-se na cadeira. — O rapaz foi retraído demais durante grande parte da vida.

— Não se preocupa com o plano dele? Poderia facilmente desmoronar sobre todos nós.

— Sazed, você se lembra da nossa reunião poucas semanas atrás? Fantasma me perguntou por que não poderíamos simplesmente derrubar Quellion como fizemos com o Senhor Soberano.

— Eu lembro — Sazed disse. — Você lhe disse que era porque não tínhamos mais Kelsier ao nosso lado.

Brisa assentiu.

— Bem — ele falou em voz baixa, apontando a bengala para Fantasma —, minha opinião mudou. Não temos mais Kelsier, mas cada vez mais parece que temos algo semelhante.

Sazed franziu o cenho.

— Não estou dizendo que o garoto tem a força de personalidade de Kelsier. Sua… presença. No entanto, você viu a reputação que ele está ganhando entre o povo. Kelsier foi bem-sucedido não por quem ele era, mas por quem o povo

pensava que ele era. É algo que eu não acreditava que poderíamos replicar. Estou começando a achar que estava errado.

Sazed não se convencia tão fácil. Ainda assim, manteve suas reservas para si e voltou para sua pesquisa. Fantasma devia ter percebido que olhavam para ele, pois alguns minutos depois foi até a mesa de Sazed. O garoto piscou diante da luz do lampião, por mais suave que fosse, e puxou uma cadeira. A mobília refinada parecia estranha a Sazed, contrastando com as fileiras de estantes empoeiradas e utilitárias.

Fantasma parecia fatigado. *Há quanto tempo ele não dorme?*, pensou Sazed. S*empre está de pé quando me deito e acordado quando me levanto.*

— Há algo errado aqui — Fantasma disse.

— Ah, é? — Brisa perguntou. — Tirando o fato de que estamos conversando ao lado de um lago subterrâneo em um depósito construído pelo Senhor Soberano embaixo de uma fortaleza de Inquisidores?

Fantasma lançou um olhar irritado para o Abrandador antes de fitar Sazed.

— Sinto que já deveríamos ter sido atacados.

— O que o faz pensar assim? — Sazed quis saber.

— Eu conheço Quellion, Sazed. O homem é um típico valentão. Conquistou o poder à força e o mantém dando às pessoas muito álcool e pequenas liberdades, como deixar que frequentem bares à noite. Ao mesmo tempo, mantém todo mundo amedrontado.

— Como ele *assumiu* o comando, aliás? — Brisa perguntou. — Como conseguiu tomar o controle antes de um nobre com um bom conjunto de guardas fazê-lo?

— Brumas — respondeu Fantasma. — Ele saiu nas brumas e declarou que qualquer um que fosse fiel ao Sobrevivente estaria seguro em meio a elas. Quando as brumas começaram a matar, deram uma confirmação útil do que ele tinha dito. Quellion fez um escarcéu sobre as brumas matarem aqueles que tinham maldade no coração. As pessoas estavam tão assustadas com o que estava acontecendo que deram ouvidos. Ele conseguiu fazer uma lei que obrigou todos a saírem nas brumas para que pudessem ver quem morria e quem sobrevivia. Aqueles que sobreviveram eram, segundo declarou, puros. Ele lhes disse que poderiam criar uma bela utopia. Foi então que começou a assassinar a nobreza.

— Ah — Brisa disse. — Esperto.

— É mesmo — Fantasma disse. — Ele solenemente ignorou o fato de que a nobreza sobreviveu às brumas.

— Espere aí. *O quê?* — Sazed perguntou.

Fantasma deu de ombros.

— É difícil confirmar agora, mas é o que as histórias dizem. A nobreza parecia imune à doença das brumas. Não os skaa que tinham sangue nobre, mas a nobreza de fato.

— Que esquisito — Brisa observou.

Mais que esquisito, pensou Sazed. *Totalmente estranho. Será que Elend sabe dessa conexão?* Enquanto Sazed considerava, parecia improvável que Elend soubesse. Seu exército e aliados eram todos formados por skaa. A única nobreza que conheciam era aquela que estava em Luthadel, e todos escolheram ficar dentro de casa à noite em vez de arriscar sair nas brumas.

— De qualquer forma — Fantasma disse —, Quellion é um valentão. E valentões não gostam de ninguém em seu território que possa desafiá-los. Por isso, já deveríamos ter sofrido um atentado a essa altura.

— O garoto tem razão — Brisa comentou. — Gente como Quellion não mata apenas em execuções elaboradas. Aposto que, para cada pessoa que ele joga em um daqueles prédios, três são mortas em um beco em algum lugar e deixadas para ser enterradas sob as cinzas.

— Falei com Goradel e seus homens para tomar um cuidado especial e rastreei nosso perímetro — Fantasma avisou. — No entanto, não encontrei assassinos nos espiando. As tropas de Quellion estão lá fora, observando, mas sem fazer nada.

Brisa coçou o queixo.

— Talvez Quellion tenha mais medo da gente do que você acredita.

— Talvez — Fantasma disse, suspirando e esfregando a testa.

— Lorde Fantasma — Sazed falou com cuidado —, você deveria dormir.

— Estou bem.

Se eu não soubesse ser impossível, diria que ele está queimando peltre para ficar acordado, pensou Sazed. *Ou estou apenas buscando sinais para confirmar a minha preocupação de antes?*

Nunca questionamos quando Vin ou Kelsier manifestaram poderes além do que até alomânticos normais eram capazes. Por que deveria suspeitar de Fantasma? Simplesmente porque o conheço muito bem? Estou me concentrando

nas lembranças do garoto quando obviamente ele se tornou um homem?

— Mas enfim — Fantasma continuou —, como vai a pesquisa?

— Na verdade, muito bem — Sazed respondeu, virando vários diagramas para que o outro pudesse vê-los. — Estou quase pronto para começar o trabalho na construção.

— Quanto tempo acha que levará?

— Algumas semanas, talvez — Sazed respondeu. — Considerando tudo, um tempo bem curto. Felizmente, as pessoas que drenaram os canais deixaram para trás uma grande quantidade de entulho que posso usar. Além disso, o Senhor Soberano estocou muito bem este depósito. Há madeira, bem como alguns suprimentos básicos de carpintaria e até algumas redes de polias.

— O que a criatura estava preparando? — Brisa perguntou. — Comida e água eu entendo. Mas cobertores? Madeira? *Polias*?

— Desastre, Lorde Brisa — Sazed comentou. — Ele incluiu tudo que uma pessoa precisaria no caso de a cidade em si ter sido destruída. Pôs até mesmo sacos de dormir e suprimentos para enfermaria. Talvez temesse ataques de koloss.

— Não — Fantasma disse. — Ele se preparava exatamente para o que está acontecendo. Agora, você vai construir algo para obstruir a água? Tinha pensado que era só questão de destruir os túneis.

— Ah, pelos deuses, não — Sazed comentou. — Não temos força de trabalho ou equipamentos para causar um desmoronamento. Também não gostaria de fazer nada que arriscasse derrubar a caverna sobre nós. Meus planos são construir um mecanismo de bloqueio de madeira que possa ser abaixado dentro da corrente. Peso suficiente, junto com a estrutura adequada, deve fornecer reforço o bastante para impedir o fluxo. Na verdade, não é diferente dos mecanismos usados nas eclusas de canais.

— Cujo funcionamento — Brisa acrescentou — ele ficará feliz em explicar. Detalhadamente.

Sazed sorriu.

— Acho que…

Ele foi interrompido quando o Capitão Goradel chegou, parecendo um pouco mais solene que o normal.

— Lorde Fantasma — Goradel disse —, há uma pessoa esperando pelo senhor lá em cima.

— Quem? — Fantasma perguntou, tirando os óculos e as bandagens de um bolso. — Durn?

— Não, milorde. Ela diz que é a irmã do Cidadão.

— Não estou aqui para me juntar a vocês — Beldre disse.

Estavam sentados em uma câmara de audiências austera no prédio da Inquisição, acima da caverna. As cadeiras do salão não tinham nenhum estofamento, e somente placas de aço pendendo das paredes de madeira serviam como decoração — para Sazed, eram lembretes desconfortáveis do que vira ao visitar o Convento de Seran.

Beldre era uma jovem de cabelos castanho-avermelhados. Trajava um vestido simples, aprovado pelo Cidadão, tingido de vermelho. Estava com as mãos sobre o colo e, embora olhasse seus interlocutores nos olhos, havia uma apreensão nervosa nela que enfraquecia consideravelmente sua posição.

— Então, por que está aqui, minha cara? — Brisa perguntou com cautela. Estava sentado em uma cadeira diante de Beldre. Allrianne estava ao lado, observando a garota com um ar de desaprovação. Fantasma caminhava ao fundo, às vezes lançando olhares para a janela.

Ele acha que é um estratagema, percebeu Sazed. *Que a garota é uma distração para nos confundir antes de sermos atacados.* O garoto tinha os bastões de duelo amarrados à cintura como espadas. Quão bem Fantasma sabia lutar?

— Estou aqui… — Beldre disse, baixando o olhar. — Estou aqui porque vocês vão matar o meu irmão.

— Ora, de onde você tirou uma ideia dessas? — Brisa questionou. — Estamos na cidade para fechar um acordo com seu irmão, não para assassiná-lo! Parecemos pessoas boas nesse tipo de coisa?

Beldre lançou um olhar para Fantasma.

— Muito menos ele — Brisa disse. — Fantasma é inofensivo. Sério, você não deveria…

— Brisa — o rapaz interrompeu, olhando com seus estranhos olhos vendados, os óculos escondidos embaixo e um pouco salientes sob o tecido. — Já chega. Você está nos fazendo parecer idiotas. Beldre sabe por que estamos aqui; todos na cidade sabem por que estamos aqui.

Fez-se silêncio no salão.

Ele… se parece um pouco com um Inquisidor, usando esses óculos sob as bandagens, pensou Sazed com um arrepio.

— Beldre — Fantasma falou. — Você honestamente espera que pensemos que você veio até aqui simplesmente para implorar pela vida de seu irmão?

Ela olhou para Fantasma, fitando em desafio seus olhos… ou a falta deles.

— Pode tentar soar ríspido, mas sei que não vai me ferir. Você é do bando do Sobrevivente.

Fantasma cruzou os braços.

— Por favor — Beldre disse —, Quellion é um bom homem, como vocês. Precisam dar mais tempo a ele. Não o matem.

— O que faz você pensar que vamos matá-lo, menina? — Sazed perguntou. — Acabou de dizer que acha que jamais machucaríamos você. Por que seria diferente com seu irmão?

Beldre abaixou a cabeça.

— Foram vocês que mataram o Senhor Soberano. Derrubaram todo o império. Meu irmão não acredita nisso; ele acha que estão se aproveitando da popularidade do Sobrevivente, alegando ter sido seus amigos depois de ele ter se sacrificado.

Fantasma bufou.

— Não sei de onde seu irmão tirou essa ideia. Talvez ele conheça alguém mais que alegue ter a bênção do Sobrevivente, *matando* pessoas em nome dele…

Beldre enrubesceu.

— Seu irmão não confia em nós — Sazed comentou. — Por que você confia?

Ela deu de ombros.

— Não sei — respondeu em voz baixa. — Acho… que homens que mentem não salvam crianças de prédios em chamas.

Sazed olhou para Fantasma, mas não conseguia vislumbrar nada na expressão enrijecida do jovem. Por fim, o rapaz se pronunciou:

— Brisa, Sazed, Allrianne, venham para fora comigo. Goradel, vigie a mulher.

Fantasma abriu caminho para o corredor, e Sazed o seguiu com os outros. Assim que a porta se fechou, Fantasma se virou para encarar os outros.

— E então?

— Eu não gosto dela — Allrianne assumiu, cruzando os braços.

— Claro que não, querida — Brisa retrucou. — Nunca gostou de concorrência.

— Concorrência? — Allrianne bufou de raiva. — De uma coisinha tímida daquelas? Francamente…

— O que acha, Brisa? — Fantasma perguntou.

— Sobre a garota ou sobre você ter me insultado lá dentro?

— A primeira opção — Fantasma disse —, seu orgulho não é importante agora.

— Meu estimado colega, meu orgulho *sempre* é importante. Quanto à garota, vou lhe dizer uma coisa: ela está apavorada. Apesar do que diz, está muito, muito assustada, o que significa que ela não faz esse tipo de coisa com muita frequência. Meu palpite é que ela é nobre.

Allrianne assentiu.

— Sem dúvida. Olhe para as mãos; quando não estão tremendo de medo, dá para ver que são limpas e macias. Ela cresceu sendo mimada.

— Obviamente é um pouco ingênua — Sazed constatou. — Do contrário, não teria vindo aqui, esperando que simplesmente a ouvíssemos e a deixássemos partir.

Fantasma assentiu. Ele inclinou a cabeça, como se ouvisse algo. Depois avançou, abrindo a porta do salão com um empurrão.

— Então? — Beldre perguntou, mantendo seu falso ar determinado. — Decidiram me dar ouvidos?

— De certa forma — Fantasma respondeu. — Vou lhe dar mais tempo para explicar o que quer dizer. Muito tempo, na verdade.

— Eu… não tenho muito tempo — Beldre disse. — Preciso voltar ao meu irmão. Eu não lhe disse que estava saindo e… — Ela parou de falar, aparentemente percebendo algo na expressão de Fantasma. — Vocês vão me manter prisioneira, não vão?

— Brisa — Fantasma disse, virando-se —, como você acha que as pessoas vão reagir se eu começar a espalhar o rumor de que a própria irmã do Cidadão se voltou contra ele, procurando proteção em nossa embaixada?

Brisa sorriu.

— Ora essa. Isso é sagaz! Quase me faz perdoar o jeito como me tratou. Já

mencionei como foi rude?

— Você não pode! — Beldre falou, levantando-se e encarando Fantasma. — Ninguém vai acreditar que desertei!

— Ah, é? Você falou com os soldados lá fora antes de entrar aqui?

— Claro que não. Eles teriam tentado me impedir. Eu corri pelas escadas antes que pudessem fazer qualquer coisa.

— Então, eles podem confirmar que você entrou no prédio por livre e espontânea vontade — Fantasma observou. — Esgueirando-se por um posto da guarda.

— Não me parece bom — Brisa concordou.

Beldre esmoreceu levemente, voltando a se sentar. *Pelos Deuses Esquecidos*, pensou Sazed. *Ela é realmente ingênua*. *O Cidadão deve ter se esforçado muito para mantê-la protegida assim.*

Claro; pelo que Sazed tinha ouvido, Quellion raramente deixava a garota sair de suas vistas. Estava sempre com ele, sendo vigiada. *Como ele reagirá?*, pensou Sazed, um arrepio percorrendo sua espinha. *O que ele fará quando souber que estamos com ela? Atacará?*

Talvez fosse esse o plano. Se Fantasma pudesse forçar um ataque direto por parte do Cidadão, pegaria mal. Pior ainda se Quellion fosse contido por apenas um punhado de soldados — ele não poderia saber o quanto a posição deles era fortificada

Quando Fantasma ficou tão esperto?

Beldre ergueu os olhos, algumas lágrimas de frustração brilhavam no rosto.

— Não podem fazer isso. É traiçoeiro! O que o Sobrevivente diria se soubesse o que estão planejando?

— O Sobrevivente? — Fantasma perguntou, rindo baixinho. — Tenho a sensação de que ele aprovaria. Se estivesse aqui, na verdade, tenho a impressão de que ele sugeriria exatamente o que estamos fazendo…

É possível ver a astúcia de Ruína na meticulosidade de seus planos. Ele conseguiu orquestrar a queda do Senhor Soberano apenas pouco tempo antes do poder de Preservação retornar ao Poço da Ascensão. E, então, poucos anos depois daquele evento, ele se libertou.

Na escala de tempo de deuses e seus poderes, essa sincronia bem tramada foi tão precisa quanto uma incisão feita pelo mais talentoso dos cirurgiões.

50

A porta da caverna se abriu.

Vin tomou imediatamente o último frasco de metais.

Ela saltou, lançando uma moeda atrás de si e pulando para cima de uma das estantes. A caverna ecoou com o som de pedra contra pedra conforme a porta se abria. Vin se lançou para a frente, *empurrando* a moeda, para voar na direção da entrada da caverna. Um feixe de luz delineou a porta, e mesmo aquela quantidade parca de iluminação feriu seus olhos.

Ela cerrou os dentes para a luz, piscando enquanto aterrissava. Lançou-se para cima contra a parede bem ao lado da porta, puxando as facas e avivando peltre para ajudar a lidar com a dor repentina da luz. Lágrimas corriam pelo seu rosto.

A porta parou de se mover. Um homem solitário entrou na caverna, erguendo um lampião. Vestia um terno preto fino e um chapéu de cavalheiro.

Vin o ignorou.

Ela se esgueirou ao redor do homem e passou pela porta, entrando na pequena câmara ao lado. Um grupo de trabalhadores assustados recuou, soltando as cordas conectadas ao mecanismo de abertura da porta. Vin ignorou esses homens também, abrindo caminho entre eles aos empurrões. Soltando uma moeda, ela se *empurrou* para cima. Os degraus da escada de madeira viraram um borrão ao seu lado conforme ela subia e ia de encontro ao alçapão que ficava no teto.

Para então ricochetear com um grunhido de dor.

Ela agarrou desesperadamente os degraus da escada ao começar a cair, ignorando a pontada repentina no ombro por ter batido com tanta força. Avivou peltre e deu impulso em um degrau, em seguida batendo de volta no alçapão e tentando abri-lo à força.

Empurrou. O degrau embaixo de seus pés quebrou, fazendo-a despencar novamente. Ela praguejou, *empurrando* a moeda para segurar a queda, então chegou ao chão e se agachou.

Os trabalhadores se encolheram, sem saber se queriam se aventurar na caverna escura ou se preferiam permanecer naquela pequena câmara com uma Nascida da Bruma. O nobre de terno havia se virado. Ele mantinha a lanterna erguida, iluminando Vin. Um pedaço da escada quebrada se soltou e caiu no chão de pedra ao lado dela com um estrépito.

— O alçapão está bem seguro com uma pedra muito grande sobre ele, Lady Venture — o nobre disse. Vin o reconheceu vagamente. Estava um pouco acima do peso, mas bem arrumado, com cabelos muito curtos e um rosto pensativo.

— Diga aos homens lá em cima para retirarem a pedra — Vin ordenou em voz baixa, erguendo uma adaga.

— Temo que isso não vá acontecer.

— Eu posso fazer acontecer — Vin retrucou, avançando. Os trabalhadores afastaram-se ainda mais.

O nobre sorriu.

— Lady Venture, deixe-me garantir várias coisas para a senhora. A primeira delas é que a senhora é a única alomântica entre nós, por isso não tenho dúvida de que poderia nos massacrar sem o mínimo esforço. A segunda é que a pedra lá em cima não vai se mover tão cedo, então seria melhor nos sentarmos e termos uma conversa agradável, em vez de brandirmos armas e ameaçarmos uns aos outros.

Havia algo de… afável naquele homem. Vin verificou o bronze, mas ele não estava queimando metais. Apenas para garantir, ela *puxou* um pouco suas emoções, deixando-o mais confiável e amigável, em seguida tentou *abrandar* qualquer sensação de astúcia que ele pudesse ter sentido.

— Vejo que está ao menos considerando minha oferta — o nobre disse, acenando para um dos trabalhadores. Ele rapidamente abriu sua bolsa, puxando duas cadeiras dobráveis e em seguida as abrindo no chão diante da porta de pedra aberta. O nobre deixou o lampião de lado e se sentou.

Vin se aproximou um pouco mais.

— Por que tenho a impressão de conhecê-lo?

— Sou amigo de seu marido — o nobre respondeu.

— Telden — Vin disse, lembrando-se. — Telden Hasting.

Telden assentiu. Ela o vira em um baile poucas semanas antes, o primeiro do qual tinham participado. Mas ela o conhecia de algum lugar antes disso. Ele fora um dos amigos de Elend em Luthadel, antes do Colapso.

Desconfiada, Vin aceitou a cadeira oferecida, tentando deduzir qual era o jogo de Yomen. Ele achava que ela não mataria Telden apenas porque era amigo de Elend?

O homem se reclinou na cadeira, um tanto menos empertigado que um nobre comum. Acenou para um trabalhador adiante, e o homem apresentou duas garrafas.

— Vinho — Telden disse. — Um é puro, e o outro contém um sedativo extremamente poderoso.

Vin ergueu a sobrancelha.

— É algum tipo de jogo de adivinhação?

— Não — Telden respondeu, abrindo uma das garrafas. — Estou com muita sede, e, pelo que ouvi falar, a senhora não faz o tipo que tem demasiada paciência para jogos.

Vin inclinou a cabeça quando Telden aceitou duas taças de um criado e serviu um pouco de vinho cor de rubi em cada uma. Enquanto observava, entendeu por que ele era tão afável. Lembrava-a de Elend — o Elend antigo e despreocupado. Pelo que parecia, Telden ainda era genuinamente assim.

Tenho que dar o braço a torcer para Yomen nesse sentido, ela pensou. *Sua cidade pode não ser perfeita, mas ele criou um lugar onde homens como Telden podem manter um pouco da própria inocência.*

Telden tomou um gole do vinho, oferecendo a outra taça para Vin. Ela devolveu uma das facas para o estojo e pegou a taça. Não bebeu e não tinha nenhuma intenção de fazê-lo.

— Este é o vinho sem sedativo — Telden explicou. — Uma boa safra, também. Yomen é mesmo um cavalheiro: se vai enviar um dos amigos para a morte, ao menos oferece um vinho caro para abrandar o golpe.

— Quer que eu acredite que está aqui como prisioneiro também? — Vin perguntou sem rodeios.

— Claro que não. Embora muitos considerem minha missão vã.

— E essa missão é?

— Fazer com que você tome um pouco do vinho batizado para que possa ser transportada em segurança lá para cima.

Vin bufou.

— Vejo que concorda com meus detratores.

— Você simplesmente se entregou. Acabou de dizer que eu deveria beber o vinho e cair inconsciente. Isso significa que tem uma maneira de sinalizar para quem está lá em cima que eu caí na armadilha para que possam remover a pedra e deixá-lo sair. Você tem o poder de nos libertar. E eu tenho poder de fazer com que você faça o que eu quiser.

— Alomancia emocional não pode me controlar a esse ponto. Não sou alomântico, mas conheço um pouco da arte. Suspeito que a senhora esteja manipulando minhas emoções neste momento, aliás, o que não é de fato necessário, já que estou sendo totalmente franco.

— Não preciso de Alomancia para fazê-lo falar — Vin disse, olhando para a faca ainda em sua outra mão.

Telden riu.

— Acha que o rei Yomen… sim, ele está lá em cima… não será capaz de adivinhar se eu estiver falando sob coerção? Não tenho dúvida de que a senhora poderia me fazer ceder, mas não vou trair minha palavra somente com ameaças, então a senhora teria de cortar alguns dedos ou algo assim antes de eu fazer o que me pede. Tenho certeza de que Yomen e os outros me ouviriam gritar.

— Posso matar seus criados. Um por vez até você concordar em dizer a Yomen que estou inconsciente e fazê-lo abrir a porta.

Telden sorriu.

— Acha que eu me importo se matá-los?

— Você é um dos amigos de Elend. Um daqueles que discutiam filosofia com ele.

— Filosofia e política. Mas era só Elend que se interessava pelos skaa. Garanto que nós outros jamais entendemos de onde ele tirava aquela fascinação. — Ele deu de ombros. — Porém, não sou um homem desnaturado. Se matar o bastante deles, quem sabe eu *acabe* cedendo e fazendo que me pede. É melhor que comece logo, então.

Vin olhou para os criados. Pareciam apavorados, e as palavras de Telden não tinham ajudado. Após alguns momentos de silêncio, o nobre deu uma risadinha.

— A senhora é esposa de Elend. Yomen está ciente disso, sabe? Está quase que totalmente convencido de que você não mataria nenhum de nós, apesar de sua reputação amedrontadora. Pelo que ouvimos, a senhora tem o hábito de matar reis e deuses, talvez um soldado de vez em quando. Criados skaa, por outro lado…

Vin desviou os olhos dos criados, mas não fitou os de Telden, temendo que ele visse a confirmação neles. Ele estava errado; Vin mataria aqueles criados se achasse que aquilo a tiraria dali. No entanto, não tinha certeza disso. Se Yomen ouvisse os gritos, seria improvável que abrisse o alçapão, e Vin teria massacrado inocentes sem motivo nenhum.

— Então, estamos num impasse — comentou Telden, terminando o vinho. — Supomos que a senhora estivesse com pouca comida aqui embaixo, a menos que tenha encontrado uma maneira de abrir aquelas latas. Mesmo se encontrou, não há nada que possa fazer aqui embaixo para ajudar lá em cima. Meu palpite é que, a menos que a senhora tome o vinho, vamos todos acabar morrendo de fome nesta caverna.

Vin descansou as costas na cadeira. *Tem de haver uma maneira de sair — uma chance de tirar proveito desta situação.*

No entanto, era incrivelmente improvável que ela conseguisse atravessar aquele alçapão. *Talvez* pudesse usar o duralumínio e aço para atravessar. No entanto, seu aço e peltre acabariam, e ela estava sem frascos de metal.

As palavras de Telden, infelizmente, tinham uma grande parcela de verdade. Mesmo se Vin pudesse sobreviver na caverna, ela estaria inerte e inútil. O cerco continuaria lá em cima — ela nem sabia como estava indo — e o mundo continuaria a morrer pelas maquinações de Ruína.

Ela precisava sair. Mesmo que isso significasse parar nas mãos de Yomen. Encarou a garrafa de vinho com sedativo.

Maldição, pensou. *Aquele obrigador é muito mais esperto do que esperávamos.* O vinho certamente havia sido preparado com força suficiente para derrubar um alomântico.

No entanto…

O peltre deixava o corpo resistente a todos os tipos de drogas. Se ela avivasse peltre com duralumínio após beber o vinho, será que ele queimaria o sedativo e a deixaria acordada? Ela poderia fingir estar inconsciente, em seguida escapar lá em cima.

Parecia um risco. E, ainda assim, o que mais poderia fazer? A comida estava prestes a terminar, e suas chances de escapar eram mínimas. Ela não sabia o que Yomen queria dela — e era improvável que Telden falasse —, mas ele não a queria morta. Se fosse o caso, simplesmente a teria deixado morrer de fome.

Vin tinha uma escolha. Esperar mais tempo na caverna ou arriscar uma

chance melhor de escapar lá em cima. Ela pensou por um momento, então decidiu. Pegou a garrafa. Mesmo se seu truque com peltre não funcionasse, ela preferia apostar em uma situação melhor lá em cima.

Telden deu uma risadinha.

— Disseram que a senhora era muito decidida. É muito revigorante; tenho passado tempo demais com nobres enfadonhos que levam anos para tomar qualquer decisão firme.

Vin o ignorou. Tirou com facilidade a rolha da garrafa, ergueu-a e tomou um gole. O sedativo começou a fazer efeito quase imediatamente. Ela se recostou na cadeira, deixando os olhos baixarem, tentando dar a impressão de que estava caindo no sono. De fato, estava muito difícil permanecer acordada. Sua mente estava nebulosa apesar do peltre avivado.

Ela se curvou, sentindo-se à deriva. *Lá vai*, ela pensou e queimou duralumínio. Seu corpo despertou com peltre hiperativado. Imediatamente, a sensação de cansaço desapareceu. Ela quase pulou de pé pela explosão repentina de energia. Telden estava rindo.

— Nossa — ele disse para um dos criados. — Ela realmente tomou.

— O senhor estaria morto se não tivesse, milorde — o criado comentou. — Todos nós estaríamos.

E então o duralumínio se esgotou. O peltre desapareceu com um sopro, e com ele sua imunidade à droga, que não havia se esgotado. Bem, fora mesmo um grande risco.

Ela mal ouviu sua arma fazer um estrépito ao deslizar de seus dedos e atingir o chão. Em seguida, perdeu a consciência.

Assim que Ruína se viu livre da prisão, foi capaz de influenciar as pessoas com mais força, mas empalar alguém com uma estaca hemalúrgica era difícil, não importava quais as circunstâncias.

Para conseguir, ele aparentemente começou com pessoas que já tinham uma compreensão tênue da realidade. Sua insanidade as tornava mais abertas ao seu toque, e ele conseguia usá-las para inserir estacas em pessoas mais estáveis. De qualquer forma, é impressionante quantas pessoas importantes Ruína conseguiu espetar. Rei Penrod, que governava Luthadel à época, é um bom exemplo.

51

Elend voou através das Brumas. Nunca fora capaz de imitar o truque das ferraduras de Vin. De alguma forma, ela conseguia se manter no ar, saltando de *empurrão* em *empurrão*, *puxando* em seguida cada ferradura atrás dela depois de tê-la usado. Para Elend, o processo parecia um ciclone de pedaços de metal potencialmente letais com Vin no centro.

Ele soltou uma moeda e se *empurrou* num salto poderoso. Havia desistido do método da ferradura depois de quatro ou cinco tentativas fracassadas. Vin parecia confusa por ele não conseguir — ela aparentemente descobrira aquilo por conta própria, precisando apenas de meia hora de prática para dominar a técnica.

Mas, bem, ela era Vin.

Elend se virava com as moedas, que carregava em uma bolsa bem grande. Tostões de cobre, a menor das moedas imperiais antigas, funcionavam perfeitamente para seus objetivos, em especial por ele aparentemente ser muito mais poderoso que outros Nascidos da Bruma. Cada *empurrão* o levava para mais longe do que qualquer outro iria, e assim ele realmente não usava tantas moedas, mesmo quando atravessava longas distâncias.

Era bom estar longe. Sentia-se livre enquanto despencava do salto, caindo através da escuridão, para então avivar peltre e aterrissar com um baque abafado. O chão naquele vale em especial estava quase despido de cinzas em comparação a outros lugares — ela havia pairado para longe, deixando um pequeno corredor onde chegava apenas até metade da panturrilha. Então ele correu por alguns minutos, para variar.

Uma capa de bruma revoava atrás dele. Usava roupas escuras em vez de um de seus uniformes brancos. Parecia adequado. Além disso, nunca tivera a chance de ser um verdadeiro Nascido da Bruma. Desde a descoberta de seus poderes, passara a vida na guerra. Não havia muita necessidade de sair em ronda na escuridão, especialmente não com Vin por perto, que fazia isso muito melhor.

Posso ver por que Vin acha isso tão inebriante, ele pensou, soltando outra moeda e saltando sobre dois topos de colina. Mesmo com o estresse da captura

de Vin e a ameaça ao império, havia uma liberdade revigorante em cruzar as brumas. Quase fazia com que esquecesse as guerras, a destruição e a responsabilidade.

Ele aterrissou, as cinzas chegando quase até a cintura. Ficou parado por alguns momentos, olhando para o pó preto macio. Ele não tinha como escapar. Vin estava em perigo, o império estava em colapso e seu povo morria de fome. Era sua função consertar essas coisas — aquele era o fardo que assumira ao se tornar imperador.

Elend se *empurrou* no ar, deixando uma trilha de cinzas flutuando nas brumas atrás de si.

Espero, de verdade, que Sazed e Brisa estejam melhor em Urteau, pensou. Estava preocupado com seus possíveis resultados em Fadrex, e o Domínio Central precisaria dos grãos no depósito de Urteau se quisesse plantar comida o bastante para durar o inverno.

Ele não podia se preocupar com aquilo no momento. Simplesmente precisava contar com a eficiência de seus amigos. O trabalho de Elend era fazer algo para ajudar Vin. Não podia simplesmente ficar sentado e esperar no acampamento, deixando Yomen controlar todo o restante. E, ainda assim, ele não ousava tentar assassinar Yomen — não depois de o homem ter enganado os dois com tanta destreza.

Então Elend corria a nordeste, na direção da última localização conhecida de um exército koloss. O tempo da sutileza e da diplomacia havia acabado. Elend precisava de uma ameaça — algo que pudesse usar para coagir Yomen e, se necessário, derrubá-lo. E nada era melhor do que koloss para derrubar uma cidade. Talvez fosse um tolo por ir atrás daqueles brutos por conta própria. Talvez fosse errado desistir da diplomacia. A decisão estava tomada, porém. Parecia que havia fracassado em muitas coisas nos últimos tempos: em proteger Vin, em manter Luthadel segura, em defender seu povo. Ele simplesmente *precisava* agir.

Lá adiante, ele viu uma luz nas brumas. Aterrissou, correndo através de um campo de cinzas na altura dos joelhos. Apenas o peltre avivado lhe dava força para conseguir correr. Quando se aproximou, viu um vilarejo. Ouviu gritos. Viu sombras cambaleando, aterrorizadas.

Ele saltou, soltando uma moeda e avivando seus metais. Passou pelas brumas rodopiantes, pairando sobre a vila e seus ocupantes assustados, sua capa de bruma revoando. Várias casas estavam em chamas. E, por aquela luz, conseguiu

enxergar as formas gigantes e escuras dos koloss movendo-se pelas ruas. Elend escolheu uma fera que estava erguendo a arma para golpear e *puxou*. Lá embaixo, ouviu o koloss grunhir, mas conseguir manter a arma na mão. No entanto, o koloss não era muito mais pesado que Elend, então foi *puxado* para o ar por um braço, enquanto Elend despencava. O imperador *puxou* uma dobradiça de porta enquanto caía, esquivando-se para desviar do confuso koloss voador. Ele o atingiu com várias moedas ao passar.

Monstro e arma giraram no ar. Elend aterrissou na rua diante de um grupo encolhido de skaa. A arma do koloss voador atingiu a terra cheia de cinzas ao lado dele. O koloss caiu morto do outro lado da rua.

Um grande grupo das feras se virou, olhos injetados reluzindo à luz do fogo, o furor deixando-os entusiasmados com a perspectiva de uma disputa. Ele teria de assustá-los antes de conseguir controlá-los. Daquela vez, estava ansioso por esse momento.

Como puderam ter sido pessoas no passado?, Elend se perguntou, avançando e arrancando a espada koloss do chão ao passar por ela, erguendo pedaços de solo preto. O Senhor Soberano havia feito as criaturas. Era isso que acontecia com aqueles que se opunham a ele? Transformavam-se em koloss para formar seu exército? As criaturas tinham grande força e resistência e podiam sobreviver com o mínimo de recursos. Ainda assim, transformar homens, mesmo seus inimigos, em monstros como aqueles?

Elend investiu, agachando-se e derrubando uma das feras ao decepar suas pernas na altura dos joelhos. Em seguida saltou, arrancando o braço de outro. Girou, acertando a espada rústica no peito de um terceiro. Não sentia remorso em matar o que antes foram homens inocentes. Aquelas pessoas estavam mortas. As criaturas que permaneceram se propagariam usando outros seres humanos, a menos que fossem eliminadas.

Ou controladas.

Elend gritou, girando através do grupo de koloss, empunhando uma espada que deveria ser pesada demais para ele. Cada vez mais criaturas o percebiam, virando-se para partir com passos pesados pelas ruas iluminadas pelos prédios em chamas. Era um grupo muito grande, segundo os relatórios de batedores — cerca de trinta mil em número. Aquele tanto derrubaria um pequeno vilarejo em pouquíssimo tempo, aniquilando-o como uma pequena pilha de cinzas diante de ventos tempestuosos.

Elend não deixaria aquilo acontecer. Ele lutou, matando fera após fera. Viera

para conquistar para si um novo exército, mas, com o passar do tempo, se viu lutando por outro motivo. Quantos vilarejos como esse teriam sido destruídos sem que ninguém em Luthadel sequer parasse para pensar naquilo? Quantos súditos — reclamados por Elend, mesmo que não soubessem — ele havia perdido para os koloss? Quantos já havia deixado de proteger?

Elend decepou a cabeça de um koloss e girou, *empurrando* duas feras menores para longe das espadas. Um gigante de mais de três metros e meio avançava com a arma em riste. Elend cerrou os dentes e ergueu a própria espada, avivando peltre.

As armas se chocaram em meio à vila incendiada, o metal retinindo como ferro sob o martelo de um ferreiro. E Elend ficou firme, medindo forças com um monstro com o dobro de sua altura.

O koloss ficou atônito.

Sou mais forte do que deveria ser, Elend pensou, girando e arrancando o braço da criatura surpresa. *Por que essa força não pode proteger o povo que governo?*

Ele gritou, partindo o koloss ao meio pela cintura, como se apenas para mostrar que podia. A fera caiu em duas partes sangrentas.

Por quê?, pensou Elend, enfurecido. *Que força preciso possuir, o que preciso fazer para protegê-los?*

As palavras de Vin, faladas meses antes na cidade de Vetitan, voltaram aos seus ouvidos. Ela dissera que tudo que ele fazia era de curto prazo. Mas o que mais poderia fazer? Não era um assassino de deuses nem um herói divino de profecias. Era apenas um homem.

E, naqueles dias, parecia que homens comuns, mesmo alomânticos, não valiam muita coisa. Ele gritava enquanto matava, retalhando outro grupo de koloss. Mas, como seus esforços em Fadrex, tudo aquilo não parecia suficiente.

Ao redor dele, a vila ainda queimava. Lutando, ele conseguia ouvir mulheres aos prantos, gritos de crianças, homens agonizantes. Mesmos os esforços de um Nascido da Bruma tinham um efeito mínimo. Ele podia matar, matar, mas aquilo não salvaria as pessoas da vila. Elend berrava, *empurrando* com um Abrandamento, mas os koloss ainda resistiam. Ele não havia conseguido controlar nenhum. Significava que um Inquisidor os controlava? Ou que não estavam assustados o suficiente?

Continuou a lutar. E, enquanto o fazia, a prevalência da morte ao seu redor

parecia uma metáfora de tudo que havia feito nos últimos três anos. Deveria ter sido capaz de proteger as pessoas; empenhara-se *tanto* para isso. Impedira exércitos, derrubara tiranos, retrabalhara leis e resgatara suprimentos. Ainda assim, tudo aquilo era uma gotícula de salvação em um oceano imenso de morte, caos e dor. Não conseguiria salvar o império protegendo um canto dele, como não poderia salvar a vila matando uma pequena fração dos koloss.

Do que adiantava matar outro monstro se este era substituído por mais dois? Do que adiantava a comida para alimentar o povo, se as cinzas simplesmente sufocavam tudo? Do que adiantava ele, um imperador que não conseguia nem defender o povo de um único vilarejo?

Elend nunca fora sedento por poder. Ele era um teórico e um estudioso — governar um império lhe fora em grande parte um exercício acadêmico. Ainda assim, enquanto lutava naquela noite escura em meio às brumas flamejantes e sob a chuva de cinzas, ele começou a compreender. Enquanto as pessoas morriam ao seu redor e apesar de seus esforços mais frenéticos, ele conseguia ver o que movia os homens em busca de cada vez mais poder.

Poder para proteger. Naquele momento, ele teria aceitado os poderes da divindade, se isso significasse ter força para salvar as pessoas ao seu redor.

Derrubou outro koloss, em seguida girou ao ouvir um grito. Uma jovem estava sendo puxada de uma casa próxima, apesar de um homem mais velho estar agarrado ao braço da moça, ambos gritando por ajuda. Elend puxou a bolsa de moedas. Jogou-a no ar, em seguida *empurrou* algumas das moedas lá dentro e *puxou* outras. A bolsa explodiu em pedacinhos brilhantes de metal, e Elend atirou algumas para frente no corpo do koloss que puxava a mulher.

Ele grunhiu, mas não parou. Moedas raramente funcionavam contra koloss. Era necessário acertá-los com precisão para matá-los. Vin conseguia.

Elend não estava com humor para tal sutileza, mesmo se a tivesse. Berrou em desafio, acertando a fera com mais moedas. Ele as pegou do chão, jogando-as para frente, acertando os projéteis brilhantes no corpo azul da criatura. As costas dela se transformaram numa massa reluzente de sangue muito vermelho, e, finalmente, o bicho caiu.

Elend girou o corpo, virando-se de pai e filha aliviados para enfrentar outro koloss, que erguia a arma para golpear. A criatura enfrentou um grito enfurecido de Elend.

Eu deveria ser capaz de protegê-los!, pensou. Precisava assumir o controle do grupo inteiro, não perder tempo combatendo-os um a um. Mas eles resistiam

à sua Alomancia, mesmo quando ele *empurrou* novamente suas emoções. Onde estava o guardião Inquisidor?

Quando o koloss girou a arma, Elend avivou peltre e lançou-se de lado, em seguida arrancou a mão da criatura na altura do pulso. Enquanto a fera gritava de dor, Elend voltou à batalha. Os aldeões começaram a se reunir ao redor dele. Obviamente não tinham treinamento de guerra — provavelmente estavam sob a proteção de Yomen e não precisavam se preocupar com bandidos ou exércitos dissidentes. Ainda assim, apesar de sua falta de habilidade, obviamente sabiam que era melhor ficar próximos do Nascido da Bruma. Seus olhos desesperados e suplicantes incentivavam Elend, levavam-no a derrubar koloss atrás de koloss.

Naquele momento, ele não precisava se preocupar com certo ou errado. Podia simplesmente *lutar*. O desejo de batalha queimava dentro dele como metal, incluindo o desejo de matar. Então continuou a luta, pela surpresa nos olhos dos aldeões, pela esperança que cada um de seus golpes parecia inspirar. Eles já tinham dado a vida por perdida quando um homem caiu do céu para defendê-los.

Dois anos antes, durante o cerco de Luthadel, Vin atacara a fortaleza de Cett, massacrando trezentos de seus soldados. Elend confiara que tivesse bons motivos para o ataque, mas nunca entendera como ela fora capaz de fazer aquilo. Ao menos, não até aquela noite, lutando em um vilarejo sem nome, com tanta cinza no céu escuro, as brumas em chamas, os koloss morrendo em fileiras à sua frente.

O Inquisidor não aparecia. Frustrado, Elend se afastou de um grupo de koloss, deixando um morrendo em sua trilha e em seguida extinguiu os metais. As criaturas o cercaram, e ele queimou duralumínio, em seguida zinco, e *puxou.*

O vilarejo silenciou.

Elend parou, cambaleando de leve ao terminar seu giro. Olhou através da chuva de cinzas, virando-se para os koloss remanescentes — milhares e milhares deles — que agora, de repente, estavam imóveis e calmos ao seu redor, finalmente sob seu controle.

Não há maneira de eu ter tomado todos de uma vez, ele pensou, desconfiado. O que teria acontecido ao Inquisidor? Em geral, havia um com um grupo de koloss daquele tamanho. Havia fugido? Isso explicaria por que de repente Elend fora capaz de controlar os koloss.

Preocupado, ainda sem saber ao certo o que fazer, ele se virou para olhar o vilarejo. Algumas pessoas tinham se reunido para encará-lo. Pareciam em

choque — em vez de fazer algo sobre os prédios em chamas, simplesmente ficavam parados, paralisados em meio às brumas, observando.

Ele deveria ter se sentido triunfante. E, ainda assim, sentia sua vitória estragada pela ausência do Inquisidor. Além disso, a vila pegava fogo — nesse momento, restavam poucas estruturas livres da destruição. Elend não havia salvado a vila. Encontrara o exército koloss, conforme havia planejado, mas se sentia fracassado em uma escala ainda maior. Suspirou, deixando cair a espada de seus dedos cansados e ensanguentados, em seguida caminhou até os aldeões. Durante o trajeto, ficou perturbado com o número de corpos koloss pelos quais passou. Havia matado tantos assim?

Outra parte dele — calma, mas ainda ardente — sentia muito que o tempo da matança houvesse terminado. Ele parou diante de um grupo silencioso de aldeões.

— Você é ele, não é? — um idoso perguntou.

— Quem? — Elend devolveu a pergunta.

— O Senhor Soberano — o homem sussurrou.

Elend olhou para o uniforme preto envolvido na capa de bruma; os dois estavam recobertos de sangue.

— Quase isso — ele disse, virando-se para o leste, na direção de seu exército humano que, a muitos quilômetros de distância, esperava que ele voltasse com uma nova força koloss para auxiliá-lo. Havia apenas um motivo para ele fazer isso. Por fim, ele reconheceu o que havia decidido, inconscientemente, no momento em que partira para encontrar mais criaturas.

O tempo da matança está longe de terminar, pensou. *Ele apenas começou.*

Perto do fim, as cinzas começaram a se empilhar em quantidades assustadoras. Falei dos micróbios especiais que o Senhor Soberano desenvolveu para ajudar o mundo a lidar com as chuvas de cinzas. Eles não se "alimentavam" propriamente de cinza, mas quebravam-nas como um aspecto de suas funções metabólicas. A cinza vulcânica em si é boa para o solo, dependendo do que se deseja plantar.

No entanto, qualquer coisa em demasia é fatal. Água é necessária para a sobrevivência, mas em demasia afoga. Durante a história do Império Final, a terra se equilibrou na corda bamba do desastre por meio das cinzas. Os micróbios quebravam-nas assim que caíam, mas quando havia uma quantidade a ponto de supersaturar o solo, ficava mais difícil para as plantas sobreviverem.

No fim, o sistema inteiro ruiu. As cinzas caíam em tal constância que sufocavam e matavam, e a vida vegetal no mundo se extinguiu. Os micróbios não tiveram como acompanhar, pois necessitavam de tempo e nutrientes para se reproduzir.

52

Durante os dias do Senhor Soberano, Luthadel fora a cidade mais povoada do mundo. Cheias de edifícios de três e quatro andares, havia sido lotada por skaa que trabalhavam em suas numerosas fornalhas e forjas, por mercadores nobres que vendiam seus produtos e pela alta nobreza, que simplesmente queria estar próxima da corte imperial. TenSoon acreditava que, naquele momento, com o Senhor Soberano morto e o governo imperial estilhaçado, a população de Luthadel teria ficado muito menos densa.

Aparentemente, ele estava enganado.

Ainda usando o corpo do cão de caça, trotou maravilhado enquanto explorava as ruas. Parecia que cada canto — cada beco, cada esquina, todo e cada prédio — havia se tornado lar de uma família skaa. O cheiro da cidade era terrível, e dejetos apinhavam-se nas ruas, enterrados pelas cinzas.

O que está acontecendo?, se perguntou. Os skaa viviam na sujeira, e muitos deles pareciam doentes, tossindo penosamente nas sarjetas repletas de cinzas. TenSoon partiu para a Fortaleza Venture. Se havia respostas a encontrar, esperava que fosse lá. Às vezes, precisava soltar rosnados ameaçadores para skaa que lhe lançavam olhares famintos, e duas vezes chegou a ter de correr de gangues que ignoraram os alertas.

Com certeza, Vin e Elend não teriam deixado esta cidade chegar tão ao fundo do poço, ele pensava enquanto se escondia em um beco. Era um mal sinal. Tinha deixado Luthadel sem saber se seus amigos sequer sobreviveriam ao cerco da cidade. O estandarte de Elend — a lança e o pergaminho — tremulava na frente da cidade, mas alguém teria tomado o símbolo de Elend para si? E o que se dera do exército koloss que ameaçara destruir Luthadel no ano anterior?

Eu nunca deveria tê-la deixado, TenSoon pensou, sentindo uma pontada de ansiedade. *Meu estúpido senso de obrigação kandra. Eu deveria ter ficado aqui e dito a ela o que eu sei, por pouco que seja.*

O mundo pode acabar por causa da minha honra estúpida.

Ele pôs a cabeça para fora do beco, olhando para a Fortaleza Venture. O

coração de TenSoon ficou apertado ao ver que suas lindas janelas de vitrais haviam sido estilhaçadas. Tábuas grosseiras bloqueavam os vãos quebrados. No entanto, havia guardas nos portões principais, o que parecia um bom sinal.

TenSoon se esgueirou até lá, tentando parecer um vira-lata sarnento. Manteve-se nas sombras, margeando os muros até o portão. Então, deitou no lixo para observar os soldados. Ele expandiu os tímpanos, estendendo o pescoço para ouvir o que os homens estavam dizendo.

No fim, não era nada. Os dois guardas estavam em silêncio, parecendo entediados e um pouco desconsolados enquanto se recostavam nas lanças com ponta de obsidiana. TenSoon esperou, desejando que Vin estivesse lá para *puxar* as emoções dos guardas e deixá-los mais falantes.

Claro, se Vin estivesse aqui, eu não teria de vasculhar por aí em busca de informações, pensou TenSoon, frustrado. Então, ele aguardou. Aguardou enquanto as cinzas caíam, aguardou até mesmo o céu escurecer e as brumas chegarem. A aparição delas finalmente acendeu alguma vida nos guardas.

— Odeio turno da noite — um deles murmurou.

— Nada de errado com a noite — o outro disse. — Não para nós. As brumas não nos mataram. Estamos em segurança.

Quê?, pensou TenSoon, franzindo a testa.

— Estamos seguros, a salvo do rei? — O primeiro guarda falou, baixinho.

O companheiro lançou um olhar para ele.

— Não diga essas coisas.

O primeiro guarda deu de ombros.

— Só espero que o imperador volte logo.

— O rei Penrod tem toda a autoridade do imperador — o segundo guarda disse, sério.

Ah, TenSoon pensou. *Então Penrod conseguiu manter o trono. Mas… o que tem esse imperador?* TenSoon temia que o imperador fosse Straff Venture. Aquele homem terrível estivera prestes a tomar Luthadel quando TenSoon fora embora.

Mas e Vin? De alguma forma, TenSoon não conseguia acreditar que havia sido derrotada. Ele a vira matar Zane Venture, um homem que estava queimando atium quando ela, não. Vin fizera o impossível três vezes, na contagem de TenSoon. Assassinara o Senhor Soberano. Derrotara Zane.

E fizera amizade com um kandra determinado a odiá-la.

Os guardas ficaram quietos novamente. *Isso é tolice*, pensou TenSoon. *Não tenho tempo para me esconder pelos cantos e espreitar. O mundo está acabando!* Ele se ergueu, sacudindo as cinzas do corpo — e assustando os guardas, fazendo-os erguerem as lanças com ansiedade, como se buscassem a origem do som na escuridão da noite.

TenSoon hesitou, seu nervosismo trazendo uma ideia. Ele se virou e trotou noite adentro. Conhecera a cidade muito bem durante o ano em que servira a Vin — ela gostava de patrulhar a área, especialmente no entorno da Fortaleza Venture. Mesmo com seu conhecimento, contudo, TenSoon levou algum tempo para encontrar o caminho para onde se dirigia. Nunca havia visitado o local, mas tinha ouvido sua descrição.

Ouvira da boca de uma pessoa que TenSoon estava prestes a matar à época.

A lembrança ainda lhe trazia calafrios. Os kandra cumpriam Contratos — e nos Contratos geralmente precisavam imitar indivíduos específicos. Um mestre ofereceria um corpo adequado, pois os kandra eram proibidos de matar seres humanos para que emulassem o corpo. No entanto, antes disso acontecer, os kandra normalmente estudavam a vítima, aprendendo o máximo que podiam sobre ela.

TenSoon matara OreSeur, seu irmão de geração. OreSeur, que ajudara a derrubar o Pai. Ao comando de Kelsier, OreSeur fingira ser um nobre chamado Lorde Renoux para que Kelsier tivesse um nobre aparente como fachada para usar em seu plano de derrubada do império. Mas havia um papel mais importante para o kandra desempenhar na trama do Sobrevivente. Um papel secreto que nem mesmo os outros membros do bando sabiam até depois da morte dele.

Chegou no antigo armazém. Estava onde OreSeur disse que estaria. TenSoon estremeceu, lembrando-se dos gritos. O kandra morrera sob a tortura de TenSoon, tortura necessária, pois ele precisara aprender tudo que podia à época. Cada segredo. Tudo de que precisaria para convencer naquela imitação de seu irmão.

Naquele dia, o ódio de TenSoon pelos seres humanos — e por si mesmo por servi-los — queimara mais profundamente que nunca. Como Vin superara esse ódio, ele ainda não sabia.

O armazém diante de si agora era um lugar sagrado, ornamentado e mantido pela Igreja do Sobrevivente. Uma placa pendia diante dele, mostrando o sinal da lança — a arma que tirara a vida tanto de Kelsier quanto do Senhor Soberano —

e dando uma explicação por escrito de por que o local era importante.

TenSoon já conhecia a história. Era o lugar onde o bando havia encontrado um estoque de armas, deixado pelo Sobrevivente para armar o povo skaa para a revolução. Fora descoberto no mesmo dia da morte de Kelsier, e os rumores sussurravam que o espírito do Sobrevivente havia aparecido naquele lugar, dando orientação a seus seguidores. Aqueles rumores eram verdadeiros, de certo modo. TenSoon circulou o prédio, seguindo as instruções que OreSeur dera quando morreu. A Bênção da Presença permitiu que TenSoon lembrasse as palavras precisas, e, apesar das cinzas, ele encontrou o ponto — um local onde as pedras de cantaria estavam desarranjadas. Então, começou a cavar.

Kelsier, o Sobrevivente de Hathsin, de fato havia aparecido para seus seguidores naquela noite, anos antes. Ou, ao menos, seus ossos haviam. OreSeur recebera a ordem de assumir o corpo dele e digeri-lo, em seguida aparecer aos fiéis skaa e encorajá-los. As lendas do Sobrevivente, toda a religião que surgiu ao redor dele, tinham sido iniciadas por um kandra.

E TenSoon acabara matando aquele kandra. Mas apenas depois de conhecer seus segredos. Segredos como onde OreSeur havia enterrado os ossos do Sobrevivente e qual era a aparência do homem.

TenSoon sorriu ao desenterrar o primeiro osso. Eram antigos, e ele odiava usar ossos velhos. Além disso, não haveria cabelos, então o que ele criaria seria careca. Ainda assim, a oportunidade era valiosa demais para ignorar. Ele vira o Sobrevivente apenas uma vez, mas, com sua habilidade em imitação…

Bem, valia a pena tentar.

Wellen se recostou à lança, observando aquelas brumas novamente. Rittle — seu companheiro de guarda — dizia que não eram perigosas, mas Rittle não vira o que eram capazes de fazer. O que podiam revelar. Wellen presumia que havia sobrevivido porque as respeitava. Isso e porque não pensava demais nas coisas que tinha visto.

— Você acha que Skiff e Jaston vão se atrasar para nos render de novo? — Wellen perguntou, tentando reiniciar a conversa.

Rittle apenas grunhiu.

— Sei lá, Wells. — Rittle não se dava bem com conversa fiada.

— Acho que talvez um de nós devesse ver isso — Wellen insistiu, encarando as brumas. — Sabe, perguntar se eles vão chegar… — ele parou de falar.

Havia algo lá adiante.

Senhor Soberano!, ele pensou, encolhendo-se. *De novo, não!*

Mas nenhum ataque veio das brumas. Em vez disso, uma figura indefinida avançou. Rittle se empertigou e abaixou a lança.

— Parado aí!

Um homem saiu das brumas vestindo uma capa de um preto profundo, braços ao lado do corpo, encapuzado. Seu rosto, no entanto, estava visível. Wellen franziu a testa. Havia algo de familiar naquele homem…

Rittle arfou e caiu de joelhos, agarrando algo no pescoço — o pingente de uma lança de prata que sempre usava. Wellen franziu o cenho. Em seguida, observou as cicatrizes nos braços do recém-chegado.

Pelo Senhor Soberano!, Wellen pensou, em choque, lembrando-se de onde tinha visto o rosto daquele homem. Numa pintura, uma das muitas disponíveis na cidade, que retratava o Sobrevivente de Hathsin.

— Levante — o estranho disse com voz benevolente.

Rittle levantou-se com pernas trêmulas. Wellen recuou, indeciso entre o respeito e o terror, sentindo um pouco dos dois.

— Vim para elogiar sua fé — o Sobrevivente falou.

— Milorde… — Rittle disse com a cabeça ainda abaixada.

Erguendo um dedo, Kelsier continuou:

— Também vim para dizer a vocês que não aprovo a maneira como esta cidade está sendo governada. Meu povo está doente, passando fome, e morrerá.

— Milorde, não há comida que baste e houve revoltas para saquear o que estava estocado — Rittle observou. — Milorde, e as brumas, elas matam! Por favor, por que o senhor as enviou para nos matar?

— Eu não fiz isso — Kelsier respondeu. — Sei que a comida é escassa, mas vocês precisam dividir o que têm e ter esperança. Falem-me sobre o homem que governa esta cidade.

— Rei Penrod? — Rittle perguntou. — Ele governa pelo imperador Elend Venture, que está longe, guerreando.

— Lorde *Elend* Venture? E ele aprova o jeito que esta cidade está sendo tratada? — Kelsier parecia irritado. Wellen se encolheu.

— Não, milorde! — Rittle respondeu, tremendo. — Eu…

— Lorde Penrod está louco — Wellen se flagrou dizendo.

O Sobrevivente virou-se para ele.

— Wells, você não deveria… — Rittle começou a falar, mas parou quando o Sobrevivente lhe lançou um olhar sério.

— Fale — o Sobrevivente disse para Wellen.

— Ele fala com o ar, milorde — Wellen informou, desviando os olhos. — Fala consigo mesmo, diz que consegue ver o Senhor Soberano ao lado dele. Penrod… vem dando muitas ordens estranhas ultimamente. Forçando os skaa a lutarem entre si por comida, alegando que apenas os fortes deviam sobreviver. Matando aqueles que discordam dele. Esse tipo de coisa.

— Sei — o Sobrevivente falou.

Claro que ele já sabe, pensou Wellen. *Por que se importa em perguntar?*

— Onde está minha Herdeira? — o Sobrevivente perguntou. — A Heroína das Eras, Vin.

— A Lady Imperadora? — Wellen perguntou. — Está com o imperador.

— Onde?

— Ninguém sabe ao certo, milorde — Rittle respondeu, ainda trêmulo. — Ela não retorna há muito tempo. Meu sargento diz que ela e o imperador estão lutando no sul, combatendo os koloss. Mas ouvi outros homens dizerem que o exército rumou para o oeste.

— Essas informações não são muito úteis — Kelsier comentou.

Wellen empertigou-se, lembrando-se de algo.

— O que foi? — o Sobrevivente questionou, aparentemente percebendo a mudança de postura em Wellen.

— Uma tropa do exército passou pela cidade alguns meses atrás — Wellen falou, sentindo-se orgulhoso. — Eles não falaram muita coisa, mas eu estava no grupo que ajudou com o reabastecimento. Lorde Brisa estava com eles e falou sobre reunir-se com os outros do seu bando.

— Onde? Aonde estavam indo? — Kelsier perguntou.

— Para o norte — Wellen respondeu. — Urteau. Deve ser onde está o imperador, milorde. O Domínio do Norte está em rebelião. Devem ter levado exércitos para reprimi-la.

O Sobrevivente assentiu.

— Muito bem. — Ele virou-se como se fosse partir, mas parou, olhando para trás. — Passe as notícias que puderem. Não resta muito tempo. Diga ao povo

que, quando as brumas forem embora, eles devem encontrar abrigo imediatamente. Um lugar subterrâneo, se possível.

Wellen hesitou, em seguida assentiu.

— As cavernas — ele disse. — Onde o senhor treinou seu exército?

— Será o bastante — Kelsier falou. — Adeus.

E o Sobrevivente desapareceu nas brumas.

TenSoon deixou para trás os portões da Fortaleza Venture, correndo para dentro das brumas. Talvez pudesse ter entrado no prédio. No entanto, não sabia ao certo o quanto essa imitação do Sobrevivente resistiria a um exame mais apurado.

Ele não poderia dizer o quanto as informações dos dois guardas eram confiáveis. Porém, não tinha pistas melhores. Outras pessoas com quem falara não conseguiram oferecer nenhuma informação sobre os movimentos do exército. Era evidente que Vin e Elend estavam longe de Luthadel havia um tempo considerável.

Ele se apressou até o pedaço de terra atrás do armazém onde encontrara o corpo de Kelsier. Ajoelhou-se na escuridão, descobrindo o saco em que havia enfiado vários ossos. Precisava voltar ao corpo do cachorro e partir para norte. Felizmente, ele…

— Você aí! — uma voz disse.

TenSoon ergueu os olhos por reflexo. Um homem estava na porta do armazém, olhando para o kandra através das brumas. Um lampião foi aceso atrás dele, revelando um grupo de pessoas que aparentemente residia no lugar sagrado.

Ai, ai.… pensou TenSoon quando aqueles que estavam à sua frente adotaram expressões chocadas.

— Milorde! — o homem na dianteira gritou, ajoelhando-se rapidamente em sua túnica de dormir. — O senhor voltou!

TenSoon se levantou, posicionando-se cuidadosamente de forma a esconder o saco de ossos atrás de si.

— Voltei.

— Sabíamos que voltaria — o homem falou quando os outros começaram a sussurrar e chorar atrás dele. Muitos caíram de joelhos. — Ficamos neste lugar,

orando para o senhor vir nos aconselhar. O rei está louco, milorde! O que devemos fazer?

TenSoon ficou tentado a se expor como um kandra, mas, ao encarar aqueles olhos esperançosos, descobriu que não poderia. Além disso, talvez pudesse fazer algum bem.

— Penrod foi corrompido por Ruína — constatou. — A coisa que busca destruir o mundo. Vocês precisam reunir os fiéis e fugir desta cidade antes que Penrod mate-os todos.

— Milorde, aonde devemos ir?

TenSoon hesitou. Aonde?

— Há dois soldados na frente da Fortaleza Venture. Eles sabem de um lugar. Ouçam-nos. Vocês *precisam* encontrar um lugar nos subterrâneos. Entenderam?

— Sim, milorde — o homem respondeu. Atrás dele, mais e mais pessoas estavam avançando, esforçando-se para ter um vislumbre de TenSoon, que ficou um pouco nervoso com os olhares examinadores. Por fim, ele disse para terem cuidado e fugiu noite adentro.

Encontrou um prédio vazio e rapidamente voltou para os ossos do cachorro antes que mais alguém pudesse vê-lo. Quando terminou, encarou os ossos do Sobrevivente, sentindo uma estranha… reverência.

Não seja tolo, disse a si mesmo. *São apenas ossos, como centenas de outros que você já usou*. Ainda assim, parecia uma tolice deixar essa ferramenta potencialmente poderosa para trás. Com cuidado, ele as embalou no saco que havia roubado e, usando as patas que havia criado para ter mais destreza que aquelas de um cão de caça real, amarrou o saco nas costas.

Depois disso, TenSoon deixou a cidade pelo portão norte, correndo à toda velocidade do cão de caça. Iria para Urteau, na esperança de estar no caminho certo.

O pacto entre Preservação e Ruína é uma coisa de deuses e difícil de explicar em termos humanos. De fato, no início, houve um impasse entre eles. Por um lado, cada qual sabia que apenas trabalhando juntos poderiam criar. Por outro, os dois sabiam que nunca teriam satisfação completa naquilo que criavam. Preservação não poderia manter as coisas perfeitas e imutáveis, e Ruína não poderia destruir completamente.

Ruína, claro, adquiriu por fim a capacidade de acabar com o mundo e teve a satisfação que queria. Porém, isso não era originalmente parte do acordo.

53

Fantasma a encontrou sentada às margens de pedra do lago, olhando para as águas escuras e profundas, imóvel no ar parado da caverna. A pouca distância, podia ouvir Sazed, com um grande contingente de homens de Goradel, trabalhando no projeto para estancar o fluxo de água para dentro da caverna.

Fantasma se aproximou silenciosamente de Beldre, carregando uma caneca de chá quente. Quase parecia queimar sua pele, o que significava que estaria apenas na temperatura ideal para pessoas normais. Ele deixava sua própria comida e bebidas esfriarem à temperatura ambiente antes de consumi-las.

Não estava usando as vendas nos olhos. Com peltre, descobriu que poderia aguentar uma luz baixa de lampião. Ela não se virou quando ele se aproximou, então Fantasma pigarreou. Beldre teve um leve sobressalto. Não era surpresa que Quellion se esforçasse tanto para proteger a garota — ninguém conseguiria fingir o nível de inocência de Beldre. Ela não sobreviveria a um minuto no submundo. Mesmo Allrianne, que se esforçava para parecer mimada, evidenciava a capacidade de ser dura quando necessário para sobreviver. Beldre, por sua vez…

Ela é normal, pensou Fantasma. *É como as pessoas seriam se não tivessem que lidar com Inquisidores, exércitos e assassinos.* Por isso, ele na verdade a invejava. Era uma sensação estranha, depois de tantos anos desejando ser alguém mais importante.

Ela voltou a olhar para as águas, e ele se aproximou e se sentou ao lado dela.

— Tome — disse, entregando a caneca. — Sei que fica um pouco frio aqui embaixo com toda essa água.

Ela hesitou antes de, enfim, pegar a caneca.

— Obrigada — sussurrou.

Fantasma a deixava andar desimpedida pela caverna. Havia pouco que pudesse sabotar, embora ele tivesse alertado os homens de Goradel para ficarem de olho. De qualquer forma, não havia como Beldre escapar. Fantasma mantinha duas dúzias de homens vigiando a saída e ordenara que a escada até o alçapão

fosse removida e recolocada apenas com devida autorização.

— É difícil acreditar que este lugar estivesse embaixo da cidade todo o tempo, não é? — Fantasma comentou, tentando puxar conversa. Estranhamente, parecera mais fácil falar com ela quando a confrontava nos jardins, cercado de perigos.

Beldre assentiu.

— Meu irmão teria amado encontrar este lugar. Ele se preocupa com o abastecimento de comida. Os lagos do norte estão dando cada vez menos peixe. E as plantações… bem, ouvi dizer que não estão indo muito bem.

— As brumas — Fantasma falou. — Elas não deixam luz do sol suficiente passar para a maioria das plantas.

Beldre concordou com a cabeça, olhando para a caneca. Ela ainda não dera um gole sequer.

— Beldre, me desculpe. Na verdade, já tinha pensado em sequestrar você daqueles jardins, mas acabei desistindo. Entretanto, quando você apareceu aqui, sozinha…

— Foi uma oportunidade boa demais para desperdiçar — ela completou com amargura. — Eu entendo. Foi minha culpa. Meu irmão sempre diz que confio demais nas pessoas.

— Há tempos em que isso é uma vantagem.

Beldre fungou baixinho.

— Nunca conheci esses tempos. Parece que, durante toda a minha vida, só confiei e fui enganada. Aqui não é diferente.

Fantasma ficou quieto, sentindo-se frustrado consigo mesmo. *Kelsier, me fale o que dizer!*, ele pensou. Ainda assim, Deus permaneceu em silêncio. O Sobrevivente não parecia ter muitos conselhos sobre coisas que não tinham relação com a conquista da cidade.

Parecera tudo tão simples quando Fantasma dera a ordem de capturá-la. Por que então, naquele momento, estava sentado ali sentindo tanto frio na barriga?

— Eu acreditava nele, sabe — Beldre disse.

— No seu irmão?

— Não — ela falou, com um leve menear de cabeça. — No Senhor Soberano. Eu era uma boa nobrezinha. Sempre pagava aos obrigadores, até mais do que o necessário, e os convocava para testemunhar mesmo as coisas menores. Também pagava para me ensinarem a história do império. Pensei que tudo estava

perfeito. Tão bom, tão pacífico. E, então, tentaram me matar. Descobriram que eu era meio skaa. Meu pai queria desesperadamente uma filha, e minha mãe era infértil. Teve dois filhos com uma das criadas, inclusive com aprovação da minha mãe.

Ela balançou a cabeça.

— Por que alguém faria isso? — continuou. — Digo, por que não escolher uma nobre? Não. Meu pai escolheu uma criada. Acho que ele gostava dela ou algo assim… — Ela baixou os olhos.

— No meu caso, foi o meu avô — Fantasma disse. — Nunca o conheci. Cresci nas ruas.

— Já desejei que *eu* tivesse crescido nas ruas — Beldre comentou. — Quem sabe então tudo isso fizesse sentido. O que você faz quando os sacerdotes a quem você pagava para serem seus tutores desde criança, homens em quem você confiava mais que em seus próprios pais, levam você para ser executado? Eu teria morrido, aliás. Simplesmente fui com eles. Então…

— Então, o quê? — Fantasma perguntou.

— Vocês me salvaram — ela sussurrou. — O bando do Sobrevivente. Vocês derrubaram o Senhor Soberano e, no caos, todos se esqueceram de gente como eu. Os obrigadores estavam ocupados demais tentando agradar Straff.

— E, então, seu irmão assumiu a cidade.

Ela assentiu com a cabeça, em silêncio.

— Pensei que ele seria um bom governante. Ele é um bom homem, de verdade! Só quer que tudo seja estável e seguro. Paz para todos. Mas, às vezes, as coisas que ele *faz* com o povo… as coisas que ele *pede* para o povo…

— Sinto muito — Fantasma disse.

Ela balançou a cabeça.

— Daí você chegou. Resgatou aquela criança, bem na frente de Quellion e eu. Você veio até meus jardins e nem me ameaçou. Pensei… talvez ele seja realmente como as histórias dizem. Talvez ele vá ajudar. E, como a idiota que sempre fui, eu vim.

— Eu queria que as coisas fossem simples, Beldre — Fantasma disse. — Queria poder deixar você partir. Mas é pelo bem maior.

— É o que Quellion sempre diz, sabe?

Fantasma ficou em silêncio.

— Vocês são muito parecidos, os dois. Rigorosos. Controladores.

Fantasma soltou uma risadinha.

— Você não me conhece muito bem, não é?

Ela corou.

— Você é o Sobrevivente das Chamas. Não pense que não ouvi os rumores. Meu irmão não consegue me manter fora de *todas* as reuniões.

— Rumores raramente são confiáveis.

— Você é membro do bando do Sobrevivente.

Fantasma deu de ombros.

— É verdade. Mas eu me tornei membro por acidente.

Ela franziu o cenho, olhando para ele.

— Kelsier escolheu os outros a dedo — Fantasma comentou. — Ham, Brisa, Sazed… até mesmo Vin. Ele escolheu meu tio também. E me levou de brinde. Eu… eu nunca fui realmente parte disso tudo, Beldre. Era uma espécie de observador. Eles me colocavam para vigiar e coisas assim. Eu participava das reuniões de planejamento, e todos me tratavam como um garoto de recados. Devo ter enchido a taça de Brisa uma centena de vezes durante aquele primeiro ano!

Um traço de diversão apareceu no rosto da mulher.

— Faz parecer que você era um criado.

— Era bem isso — Fantasma falou, sorrindo. — Eu não conseguia falar muito bem; fui criado falando na gíria de rua do Leste, e tudo que eu dizia parecia confuso. Eu ainda tenho um sotaque, eles dizem. Então só ficava quieto a maior parte do tempo, envergonhado. O bando foi gentil comigo, mas eu sabia que era largamente ignorado.

— E agora você está no comando deles todos.

Fantasma deu uma gargalhada.

— Não. Sazed é quem está no comando de verdade. Brisa também está acima de mim, mas me deixa dar ordens porque é preguiçoso demais para fazer isso por conta própria. Ele gosta de fazer as pessoas botarem a mão na massa sem que saibam. Metade do tempo tenho certeza de que as coisas que digo são apenas ideias que de alguma forma ele enfiou na minha cabeça.

Beldre sacudiu a cabeça.

— O terrisano está no comando? Mas ele parece lhe obedecer!

— Ele apenas me deixa fazer qualquer coisa à qual não esteja disposto — Fantasma confessou. — Sazed é um grande homem, um dos melhores que já conheci. Mas, bem, ele é um estudioso. É muito melhor estudando um projeto e fazendo anotações do que dando ordens. Então, resta apenas eu. Estou fazendo o trabalho que todos os outros estão ocupados demais para fazer.

Beldre ficou em silêncio por um momento, em seguida tomou um gole do chá.

— Ah, é gostoso!

— Pelo que sabemos, preparado pelo próprio Senhor Soberano. Encontramos aqui embaixo junto com o resto das coisas.

— Foi por isso que vocês vieram, não foi? — perguntou Beldre, meneando a cabeça para a caverna. — Fiquei pensando por que seu imperador se importaria com Urteau. Não somos uma força realmente importante no mundo desde que a linhagem dos Venture levou seu centro de poder para Luthadel.

Fantasma assentiu.

— Em parte é isso, embora Elend também esteja preocupado com a rebelião. É perigoso ter um inimigo massacrando nobres e controlando uma das maiores cidades a uma distância tão pequena de Luthadel. Mas isso é tudo que eu posso dizer. A maior parte do tempo, sinto como se eu *ainda* fosse apenas um espectador. Vin e Elend são os que sabem de verdade tudo o que está acontecendo. Para eles, sou o cara que pode poupar meses de espionagem em Urteau enquanto eles fazem o trabalho importante no sul.

— Eles não deviam tratar você assim.

— Não, tudo bem. Eu meio que gosto de estar aqui. Sinto como se finalmente fosse capaz de fazer a diferença.

Ela assentiu. Depois de um tempo, deixou a caneca de lado e abraçou os joelhos.

— Como eles são? — perguntou. — Ouvi tantas histórias. Dizem que o imperador Venture sempre usa branco, e que as cinzas se recusam a grudar nele! Que consegue conter um exército apenas olhando para ele. E a mulher dele, a herdeira do Sobrevivente. Uma Nascida da Bruma…

Fantasma sorriu.

— Elend é um estudioso distraído, duas vezes pior do que Sazed. Se perde nos livros e esquece as reuniões que ele mesmo convocou. Só se veste com alguma noção de moda porque uma terrisana comprou um novo guarda-roupa

para ele. A guerra o mudou um pouco, mas por dentro, acho que continua sendo um sonhador preso num mundo violento demais.

"E Vin… bem, ela realmente é *diferente*. Nunca soube ao certo como enxergá-la. Às vezes, parece frágil como uma criança. E aí ela vai e mata um Inquisidor. Consegue ser fascinante e assustadora ao mesmo tempo. Tentei cortejar ela uma vez."

— Sério? — Beldre quis saber, interessada.

Fantasma sorriu.

— Eu lhe dei um lenço. Ouvi dizer que é como se faz na alta sociedade.

— Apenas se você for um romântico — Beldre disse, sorrindo com tristeza.

— Bem, eu lhe dei um lenço. Mas não acho que ela tenha entendido o que quis dizer. E, claro, assim que ela *descobriu*, me rejeitou. Não sei onde eu estava na cabeça. Digo, eu sou apenas o Fantasma. O Fantasma quieto, incompreensível, esquecível.

Ele fechou os olhos. *O que estou dizendo?* Mulheres não queriam ouvir homens falarem o quanto eram insignificantes. Ele tinha ouvido falar daquilo. *Eu não deveria ter vindo falar com ela. Deveria estar por aí, dando ordens. Parecendo que estou no comando.*

Porém, o estrago já estava feito. Ela já sabia a verdade. Ele suspirou, abrindo os olhos.

— Não acho que você é esquecível. Claro, provavelmente eu gostaria *mais* de você se me deixasse ir embora.

Fantasma sorriu.

— Quando isso acabar. Eu prometo.

— Vocês vão me usar contra ele? Ameaçar me matar se ele não ceder?

— Ameaças como essa são vazias se você sabe que nunca vai fazer o que diz. Honestamente, Beldre, não vou machucá-la. Na verdade, tenho a sensação de que você estará mais segura aqui do que no palácio do seu irmão.

— Por favor, não o mate, Fantasma. Talvez… talvez você possa ajudá-lo de alguma forma, ajudá-lo a enxergar que está sendo extremo demais.

Fantasma assentiu.

— Eu vou… tentar.

— Promete?

— Tudo bem. Prometo ao menos tentar salvar seu irmão. Se eu puder.

— E a cidade também.

— E cidade também. Confie em mim. Já fizemos isso antes… a transição vai ser bem tranquila.

Beldre meneou a cabeça, parecendo de fato acreditar nele. *Que tipo de mulher ainda é capaz de acreditar nas pessoas depois de tudo pelo que passou?* Se fosse Vin, ela o teria apunhalado pelas costas na primeira oportunidade, e aquilo provavelmente teria sido a coisa certa a fazer. Ainda assim, aquela garota simplesmente continuava a acreditar. Era como encontrar uma bela planta crescendo sozinha em um campo de cinzas queimadas.

— Assim que terminarmos, talvez você possa me apresentar para o imperador e a imperatriz — Beldre disse. — Eles parecem pessoas interessantes.

— Nunca vou negar isso. Elend e Vin… Bem, eles são mesmo *interessantes*. Pessoas interessantes com fardos pesados. Às vezes, eu queria ser poderoso o bastante para fazer coisas importantes como eles.

Beldre pousou a mão no braço de Fantasma, e ele olhou para baixo, um pouco surpreso. *Quê?*

— Às vezes, o poder é uma coisa terrível, Fantasma — ela falou, baixinho. — Eu… não fico contente com o que ele fez ao meu irmão. Não o deseje com tanto ardor.

Fantasma fitou seus olhos, meneou a cabeça e se levantou.

— Se precisar de alguma coisa, peça a Sazed. Ele vai poder te ajudar.

Ela ergueu os olhos.

— Aonde você vai?

— Ser visto.

— Quero contratos comerciais sobre todos os canais — disse Durn. — E um título do imperador.

— Você? — Fantasma perguntou. — Um título? Acha que um “lorde” na frente do seu nome vai fazer essa sua cara menos feia?

Durn ergueu a sobrancelha.

Fantasma deu uma risadinha.

— Consigo os dois. Aprovei isso com Sazed e Brisa. Eles vão até preparar um contrato, se você quiser.

Durn meneou a cabeça, agradecido.

— Eu quero. Lordes prestam atenção nesse tipo de coisa.

Estavam sentados em uma das muitas câmaras dos fundos — não na casa dele, mas em um anexo de uma estalagem específica. Um velho conjunto de tambores pendia da parede.

Fantasma quase não tivera problemas para se esgueirar pelos soldados de Quellion que montavam guarda na frente do prédio do Ministério. Mesmo antes de ganhar capacidades aprimoradas com o estanho e muito antes de ser capaz de queimar peltre, ele aprendera a se esgueirar pela noite e espionar. Um grupo de soldados não era obstáculo. Não podia permanecer engaiolado na caverna como os outros. Tinha muito trabalho a fazer.

— Quero Tormentos represado — Fantasma falou. — Vamos inundar os canais durante a noite, quando os mercados estiverem vazios. Ninguém vive nas ruas-canal exceto por aqueles que estão nos guetos. Se quiser impedir que esse lugar inunde, vai precisar providenciar um bom bloqueio *à prova d'água*.

— Já cuidamos disso — Durn afirmou. — Quando Tormentos era novo, arrancamos o sistema de eclusas da entrada, mas sei onde está. Vai se encaixar no lugar certo para manter a água lá fora, desde que possamos instalá-lo corretamente.

— Melhor que consigam — Fantasma observou. — Não quero a morte de metade da população de mendigos da cidade pesando na minha consciência. Vou avisar no dia em que pretendemos realizar o feito. Veja se consegue tirar alguns dos produtos do mercado e manter as pessoas fora das ruas-canal. Isso, além do que você está fazendo pela minha reputação, vai garantir os títulos que você quer.

Durn assentiu, levantando-se.

— Bem, vamos trabalhar nessa reputação, então.

Ele saiu na frente do quarto, levando Fantasma para as áreas comuns do bar. Como sempre, o rapaz usava sua capa chamuscada, que havia se tornado uma espécie de símbolo para ele. Nunca vestira uma capa de bruma, mas, de alguma forma, aquela parecia ainda melhor.

As pessoas se levantaram quando ele entrou. Ele sorriu, acenando para os homens mostrarem seus odres de vinho — roubados da caverna-depósito e levados por Fantasma conforme ele escapava por várias noites seguidas

— Hoje à noite, vocês não precisam pagar pela bebida roubada de Quellion. É como ele mantém vocês felizes e amistosos.

E aquele foi o único discurso que ele fez. Não era Kelsier, capaz de impressionar as pessoas com as palavras. Em vez disso — por sugestão de Brisa — mantinha-se em silêncio. Passava nas mesas, tentando não ficar distante, mas também falava pouco. Parecia pensativo e perguntava às pessoas sobre os problemas que enfrentavam. Ouvia as histórias de perda e dificuldades e bebia com eles em memória daqueles que Quellion havia assassinado. E, com o peltre, nunca ficava bêbado. Já tinha uma reputação por isso — as pessoas observavam esse feito como algo místico, como faziam com sua capacidade de sobreviver ao fogo.

Depois do bar, eles visitaram outro, e mais um, Durn tomando cuidado para mantê-lo nos locais mais seguros — e mais cheios. Alguns ficavam em Tormentos, outros em cima. Ao passar por tudo, Fantasma sentiu uma coisa incrível: sua confiança crescia. Ele era *realmente* um pouco como Kelsier. Vin talvez tenha sido treinada pelo Sobrevivente, mas Fantasma era aquele que estava fazendo exatamente o que ele fizera — incentivando as pessoas, levando-as a lutar pelo próprio bem.

Enquanto a noite passava, os diversos bares se transformaram em um borrão. Fantasma praguejava baixinho contra Quellion, falando dos assassinatos e dos alomânticos que o Cidadão recrutava. Não espalhava os rumores de que o próprio Quellion era um alomântico — deixou Brisa fazê-lo com mais cuidado. Dessa forma, não pareceria que Fantasma estava ansioso demais para derrubar o homem.

— Ao Sobrevivente!

Fantasma olhou para cima, segurando sua caneca de vinho, sorrindo enquanto os clientes do bar comemoravam.

— Ao Sobrevivente! — outro disse, apontando para Fantasma. — Ao Sobrevivente das Chamas!

— À morte do Cidadão! — Durn falou, erguendo sua caneca, embora raramente bebesse dela. — Abaixo ao homem que disse que nos deixaria governar e tomou tudo para si!

Fantasma sorriu, pegando uma bebida. Não havia percebido como poderia ser exaustivo simplesmente sentar e falar com as pessoas. Seu peltre avivado mantinha o cansaço físico sob controle, mas não podia impedir a fadiga mental.

O que Beldre pensaria se visse isso?, pensou. *Os homens me brindando.*

Ficaria impressionada, não? Esqueceria como resmunguei sobre o quanto eu era inútil.

Talvez as visitas aos bares fossem fatigantes porque tinha outra coisa que ele preferia estar fazendo. Aquilo era tolice; ela era sua prisioneira. Ele traíra sua confiança. Beldre obviamente estava sendo simpática apenas em um esforço para convencê-lo a deixá-la partir. Ainda assim, ele não conseguia parar de pensar na conversa que tiveram mais cedo, repassada repetidas vezes em sua mente. Apesar das coisas estúpidas que dissera, ela havia pousado a mão em seu braço. Aquilo significava alguma coisa, não?

— Você está bem? — Durn perguntou, inclinando-se para ele. — É sua décima caneca hoje.

— Estou bem — Fantasma respondeu.

— Parece um pouco distante.

— Muita coisa na cabeça.

Durn se recostou de volta, franzindo o cenho, mas não falou de novo.

Algumas coisas sobre a conversa com Beldre incomodavam Fantasma, ainda mais por conta dos comentários estúpidos que fizera. Ela parecia realmente preocupada com as coisas que o irmão tinha feito. Quando Fantasma estivesse no poder, será que ela o veria como via Quellion? Aquilo seria bom ou ruim? Ela já havia dito que eles eram parecidos.

O poder pode ser uma coisa terrível…

Ergueu os olhos, vendo as pessoas do bar brindarem a ele de novo, exatamente como os homens tinham feito nos outros bares. Kelsier conseguia lidar com esse tipo de adulação. Se Fantasma queria ser como Kelsier, também precisaria fazê-lo, certo?

Não era bom ser amado? Ter as pessoas dispostas a segui-lo? Finalmente poderia romper com o antigo Fantasma. Poderia deixar de ser aquele garoto insignificante e esquecível. Poderia deixar aquela criança para trás e se tornar um homem respeitado. E por que não seria respeitado? Ele *não era* mais aquele garoto. Usava as vendas nos olhos, o que aumentava a reputação mística como um homem que não precisava de luz para ver. Alguns até diziam que, em qualquer lugar em que o fogo queimasse, Fantasma poderia enxergar.

— Eles amam você — Kelsier sussurrou. — Você merece.

Fantasma sorriu. Era a confirmação de que precisava. Ele se levantou, erguendo os braços diante da multidão, que respondeu com vivas.

Demorou muito para que chegasse até ali. E tudo parecia ainda mais doce pela espera.

O desejo de Preservação de criar vida consciente foi o que acabou rompendo o impasse. Para dar aos homens consciência e pensamento independente, ele sabia que teria de abrir mão de parte de si mesmo — de sua própria alma — para conviver com a humanidade. Aquilo o deixou apenas um pouco mais fraco que seu oposto, Ruína.

Esse pouco parecia irrisório se comparado às vastas quantidades totais de poder. No entanto, com o passar dos éons, essa pequenina falha permitiu que Ruína sobrepujasse Preservação, trazendo assim o fim do mundo.

Esse, então, foi o acordo. Preservação ficou com a humanidade, as únicas criações que tinham mais Preservação que Ruína nelas, em vez de puro equilíbrio. Era vida independente que podia pensar e sentir. Em troca, Ruína recebeu uma promessa, e uma prova, de que poderia dar fim a tudo que haviam criado juntas. Foi este o pacto.

Que Preservação acabou rompendo.

54

Quando Vin acordou, não ficou surpresa por se ver presa. Mas *ficou* surpresa ao sentir que estava usando algemas de *metal.*

A primeira coisa que fez — mesmo antes de abrir os olhos — foi buscar os metais dentro de si. Com aço e ferro, talvez ela pudesse usar as algemas como armas. Com peltre…

Seus metais haviam se esgotado.

Ela manteve os olhos fechados, tentando não demonstrar o pânico que sentia, pensando em tudo que havia acontecido. Estivera na caverna, presa com Ruína. O amigo de Elend havia entrado, lhe dado o vinho e ela aceitara. Arriscara.

Quanto tempo havia passado desde que ficara inconsciente?

— Sua respiração mudou — uma voz comentou. — Está obviamente acordada.

Vin praguejou em silêncio. Havia uma maneira muito fácil de esgotar os poderes de um alomântico — mais fácil até do que fazê-lo queimar duralumínio. Bastava mantê-lo drogado tempo suficiente para que os metais se dissolvessem no corpo. Ao pensar nisso, a mente afastando os efeitos do sono prolongado, ela percebeu que fora provavelmente aquilo o que sucedera.

O silêncio se prolongou. Por fim, Vin abriu os olhos. Esperava ver barras e uma cela. Em vez disso, deparou-se com um quarto utilitário, parcamente mobiliado. Estava deitada em um banco, a cabeça acomodada em um travesseiro duro. As algemas estavam presas a uma corrente de vários metros, que, por sua vez, estava amarrada à base do banco. Ela puxou a corrente com cautela e concluiu que estava muito bem afixada.

O movimento chamou a atenção dos dois guardas que estavam ao lado do banco. Eles tiveram um leve sobressalto, erguendo os bastões e olhando-a com cautela. Vin sorriu para si mesma. Parte dela estava orgulhosa de poder evocar uma reação dessas mesmo acorrentada e sem metais.

— A senhora, Lady Venture, representa um belo problema.

A voz vinha de seu lado. Vin se ergueu com um cotovelo, olhando por sobre

o descanso de braço do banco. Na lateral da sala, a pouco menos de cinco metros de distância, uma figura careca de túnica estava de costas para ela. Encarava a grande janela voltada para o oeste, o sol poente uma violenta chama vermelha demarcando sua silhueta.

— O que faço? — Yomen perguntou, ainda sem se virar para ela. — Um único floco de aço e a senhora poderia massacrar meus guardas com os botões das camisas deles. Uma raspa de peltre e a senhora poderia erguer esse banco e arrebentar tudo até sair desta sala. A coisa lógica a fazer seria amordaçá-la, mantê-la drogada constantemente ou matá-la.

Vin abriu a boca para responder, mas tudo que saiu foi uma tosse. Imediatamente tentou queimar peltre para fortalecer o corpo. A falta de metais era como estar sem um membro. Quando se sentou, tossindo mais e ficando cada vez mais zonza, ela se viu ansiando por eles mais do que imaginava ser possível. A Alomancia não deveria ser viciante, não como certas ervas e poções. No entanto, naquele momento, ela poderia jurar que todos os cientistas e filósofos estavam completamente equivocados.

Yomen fez um gesto rápido com o braço, sem se desviar do sol. Um criado se aproximou, levando uma caneca para Vin. Ela a encarou com hesitação.

— Se eu quisesse envenená-la, Lady Venture, eu poderia fazê-lo sem joguetes — Yomen disse, ainda de costas.

Ele tem razão, ela pensou com amargura, aceitando a caneca d'água e bebendo.

— Água — Yomen comentou. — Coletada da chuva, filtrada e purificada. Não encontrará vestígios de metais para queimar. Ordenei especificamente que a mantivessem somente em barris de madeira.

Esperto, pensou Vin. Anos antes de ela tomar ciência de seus poderes alomânticos, queimava pedacinhos de metal que conseguia por acaso das águas dos lençóis freáticos e de talheres.

A água matou a sede e aliviou a tosse.

— Então — ela disse por fim —, se está preocupado comigo comendo metais, por que me deixar sem mordaça?

Yomen se manteve em silêncio por um momento. Por fim, ele se virou, e ela pôde ver as tatuagens nos olhos e no rosto, a pele refletindo as cores profundas do sol poente lá fora. Na testa, usava uma conta única e prateada de atium.

— Por vários motivos — o rei-obrigador respondeu.

Vin o examinou, em seguida ergueu a caneca para outro gole. O movimento provocou um ruído das algemas, que ela encarou incomodada quando a restringiram novamente.

— São feitas de prata — Yomen disse. — Um metal especialmente frustrante para um Nascido da Bruma, pelo que me dizem.

Prata era inútil. Não queimava. Como chumbo, era um dos metais que não ofereciam nenhum poder alomântico.

— De fato, um metal nada popular… — Yomen continuou, assentindo para alguém ao lado. Um criado se aproximou de Vin, trazendo algo em um pequeno prato. O brinco de sua mãe. Era algo alomanticamente obtuso, feito de bronze com laminação em prata. Muito do revestimento havia se desgastado com o passar dos anos, e o bronze amarronzado já se mostrava, fazendo o brinco parecer a bugiganga barata que era. — E por isso fiquei muito curioso para saber por que você se incomodava em usar um ornamento como este. Mandei que o testassem. Prata por fora, bronze por dentro. Por que esses metais? Um inútil para alomânticos, o outro com o poder alomântico considerado mais fraco entre todos. Não faria mais sentido usar um brinco de aço ou peltre?

Vin encarou o brinco. Seus dedos queriam tocá-lo, apenas para sentir o metal entre os dedos. Se tivesse aço, poderia ter *empurrado* o brinco, usando-o como arma. Kelsier uma vez lhe dissera para continuar usando aquele brinco por esse simples motivo. De qualquer forma, fora um presente de sua mãe. Uma mulher que Vin não chegara a conhecer. Uma mulher que tentara matá-la.

Vin agarrou o brinco. Yomen observou, curioso, enquanto ela o encaixava na orelha. Ele parecia… desconfiado. Como se à espera de algo.

Se eu tivesse realmente algum truque planejado, ela pensou, *ele estaria morto num instante. Como pode aparentar tanta calma? Por que me dar o brinco? Mesmo que não seja feito de metais úteis, eu poderia encontrar uma maneira de usá-lo contra ele.*

Seus instintos lhe disseram que ele estava tentando empregar uma antiga tática das ruas: lançar uma adaga ao inimigo para fazê-lo atacar. Yomen queria provocar as armadilhas que ela tivesse planejadas. Parecia um movimento tolo. Como ele esperava poder superar um Nascido da Bruma?

A menos que ele seja um Nascido da Bruma, pensou Vin. *Ele sente que consegue me derrotar.*

Ele tem atium e está pronto para queimá-lo se eu tentar qualquer coisa.

Vin não fez nada. Não atacou. Ela não sabia se seus instintos quanto a Yomen estavam certos, mas aquilo não importava. Não podia atacar, pois o brinco não escondia nenhum segredo. A verdade era que o queria de volta simplesmente porque se sentia confortável com ele na orelha. Estava acostumada a usá-lo.

— Interessante. De qualquer forma, você está prestes a descobrir um dos motivos pelos quais a deixei sem mordaça… — Com isso, Yomen ergueu a mão na direção da porta. Depois levou os braços para trás do corpo quando um criado abriu a passagem, mostrando um soldado desarmado com o uniforme branco e marrom do exército Elend.

Você deveria matá-lo, Ruína sussurrou em sua mente. *Todos eles.*

— Lady Venture — Yomen falou sem olhar para ela. — Peço para que não fale com este homem, exceto quando eu indicar, e responda apenas quando eu solicitar. Do contrário, ele terá de ser executado, e um novo mensageiro terá de ser enviado de seu exército.

O soldado empalideceu. Vin apenas franziu a testa, encarando o rei-obrigador. Yomen era obviamente um homem calmo e queria parecer duro. Quanto disso era encenação?

— Você pode ver que ela está viva, conforme prometido — Yomen disse ao soldado.

— Como saberemos que não é um kandra disfarçado? — o soldado perguntou.

— Pode fazer sua pergunta — Yomen permitiu.

— Lady Venture, o que a senhora jantou na noite antes de vir para a festa dentro da cidade?

Era uma boa pergunta. Um kandra a teria interrogado sobre momentos importantes, como o primeiro encontro com Elend. Algo como uma refeição, por outro lado, era tão aleatório que nenhum kandra teria pensado em perguntar. Agora, se Vin conseguisse lembrar…

Ela olhou para Yomen. Ele assentiu; ela podia responder.

— Ovos — ela disse. — Ovos frescos que comprei na cidade durante uma das minhas incursões de espionagem.

O homem assentiu.

— Tem sua resposta, soldado — Yomen falou. — Diga ao seu rei que a esposa dele ainda está viva.

O soldado se retirou, e os criados fecharam a porta. Vin se recostou no banco, esperando uma mordaça.

Yomen permaneceu onde estava, olhando para ela.

Vin o encarou. Por fim, disse:

— Quanto tempo o senhor acha que pode refrear Elend? Se conhecesse o mínimo dele, perceberia que ele é primeiro rei, depois homem. Fará o que for necessário, mesmo que isso traga a minha morte.

— No fim das contas, talvez — Yomen comentou. — Mas, por ora, esse bloqueio está se mostrando eficaz. Dizem que senhora é uma mulher direta e gosta da brevidade. Portanto, serei direto. Meu objetivo em capturá-la não era usar a senhora como vantagem contra seu marido.

— É mesmo? *Por que* me capturou, então?

— É simples, Lady Venture. Eu a capturei para poder executá-la.

Se ele esperava alguma surpresa, ficou desapontado. Vin apenas deu de ombros.

— Parece um termo formal desnecessário. Por que não simplesmente cortar minha garganta enquanto eu estava drogada?

— A cidade é um lugar da lei. Não matamos indiscriminadamente.

— Estamos em guerra — Vin disse. — Se esperar uma "discriminação" antes de matar, terá muitos soldados infelizes.

— Seu crime não é de guerra, Lady Venture.

— Ah é? E eu posso saber qual é o crime?

— O mais simples de todos. Assassinato.

Vin ergueu uma sobrancelha. Ela havia matado alguém próximo a este homem? Talvez um dos soldados nobres no séquito de Cett, no ano anterior, durante o ataque à Fortaleza Hasting?

Yomen fitou seus olhos, e ela viu algo neles. Um ódio que ele mantinha escondido por trás da fachada calma. Não; ela não havia matado um de seus amigos ou parentes. Ela havia assassinado alguém muito mais importante.

— O Senhor Soberano — ela falou.

Yomen deu-lhe as costas novamente.

— O senhor não pode querer honestamente me julgar por *isso.* É ridículo.

— Não haverá julgamento — Yomen retrucou. — Sou a autoridade nesta cidade e não preciso de cerimônia para me dar instruções ou permissão.

Vin bufou.

— Pensei que tinha dito que era um lugar da lei.

— E eu sou a lei. Acredito na retidão de deixar uma pessoa falar por si antes de tomar minha decisão. Darei tempo para que a senhora organize seus pensamentos. No entanto, os homens que estão vigiando a senhora têm ordens para matá-la se sequer parecer que está colocando algo não aprovado na boca.

Yomen olhou de novo para ela.

— Eu teria muito cuidado ao comer ou beber, se fosse a senhora. Os guardas foram instruídos a pecar por excesso, e eles sabem que eu não os punirei caso um deles a mate por acidente.

Vin ficou em silêncio, com a caneca d'água ainda presa levemente nos dedos.

Mate-o, sussurrou a voz de Ruína. *Você pode fazê-lo. Pegue a arma de um dos soldados e a use contra Yomen.*

Vin franziu o cenho. Ruína ainda estava usando a voz de Reen. Era familiar; algo que sempre parecera parte dela. Descobrir que ela pertencia àquela *coisa*… era como descobrir que seu reflexo na verdade pertencia a outra pessoa e que ela nunca tinha se visto de verdade.

Ignorou a voz. Não sabia ao certo por que Ruína queria que ela tentasse matar Yomen. No fim das contas, ele a havia capturado — o rei-obrigador estava trabalhando para Ruína. Além disso, Vin duvidava de sua capacidade de causar algum dano no homem. Acorrentada, sem seus metais ofensivos… seria tola se atacasse.

Ela também não confiava nos comentários de Yomen sobre mantê-la viva para que pudesse "se defender" da execução. Ele estava armando alguma coisa. Ainda assim, Vin não imaginava o que poderia ser. Por que deixá-la viva? Ele era esperto demais para não ter um motivo.

Sem dar nenhuma pista de suas motivações, Yomen se virou de costas novamente, olhando pela janela.

— Levem-na.

Sacrificando a maior parte de sua consciência, Preservação criou a prisão de Ruína, rompendo seu acordo e tentando impedir que a outra destruísse o que haviam criado. Esse evento deixou seus poderes quase equilibrados novamente — Ruína aprisionado, apenas um leve vestígio seu capaz de vazar. Preservação, por sua vez, tornou-se um mero traço do que fora no passado, mal capaz de pensar e agir.

Essas duas mentes eram, claro, independentes da força pura de seus poderes. Na verdade, não sei ao certo como pensamentos e personalidades se aliam a forças, para começar, mas acredito que eles não existiam originalmente. Pois as duas forças podiam ser separadas das mentes que as governavam.

55

Elend demorou muito mais para voltar do vilarejo do que para chegar até lá. Para começar, havia deixado muitas de suas moedas com os aldeões. Não sabia ao certo como dinheiro ajudaria nas próximas semanas, mas sentia que precisava fazer alguma coisa. Teriam tempos difíceis a enfrentar nos próximos meses. Os estoques de comida estavam quase vazios, as casas, queimadas pelos koloss, as fontes de água contaminadas pelas cinzas, sua capital — e seu rei — sitiadas pelo próprio Elend…

Preciso me concentrar, disse a si mesmo, caminhando através das cinzas cadentes. *Não posso ajudar cada vilarejo. Preciso me ocupar com o cenário maior.*

Um cenário que incluía usar uma força de koloss para destruir a cidade de outro homem. Elend cerrou os dentes e continuou sua caminhada. O sol rastejava em direção ao horizonte, e as brumas já começavam a aparecer, iluminadas pela luz chamejante do astro vermelho. Atrás dele, cerca de trinta mil koloss caminhavam pesadamente. Seu novo exército.

Esse foi outro motivo que o fez demorar mais para voltar. Queria caminhar com o exército koloss em vez de saltar diante dele, caso seu Inquisidor aparecesse para tomá-los de volta. Ele ainda não conseguia acreditar que um grupo tão grande não estivera sob nenhum tipo de controle.

Ataquei um exército koloss sozinho, pensou enquanto abria caminho por um terreno tomado de cinzas até a altura da coxa. *Consegui sem a ajuda de Vin, determinado a derrotar seu Inquisidor por conta própria.*

Como pensara em lutar com um Inquisidor sozinho? O próprio Kelsier mal conseguira derrotar uma dessas coisas.

Vin matou três até agora, ele pensou. *Nós os abordamos juntos, mas foi ela quem matou cada um.*

Ele não se ressentia das habilidades de Vin, mas sentia indícios leves de inveja ocasional. Aquilo o divertia. Nunca o incomodara quando era um homem comum, mas agora que era um Nascido da Bruma também, ele se via invejando

as habilidades dela.

E, mesmo com toda aquela habilidade, ela fora capturada. Elend andava com passos fortes, sentindo um peso do qual não conseguia se livrar. Tudo lhe parecia *errado*. Vin aprisionada, enquanto ele estava livre. Bruma e cinzas sufocando a terra. Elend, apesar de seus poderes, era incapaz de fazer qualquer coisa para proteger o povo — e a mulher que amava.

E esse era o terceiro motivo pelo qual caminhava lentamente com os koloss em vez de retornar de imediato para o acampamento. Precisava de tempo para pensar. Um tempo sozinho. Talvez tivesse sido isso a fazê-lo partir, em primeiro lugar.

Ele sabia que seu trabalho era perigoso, mas nunca pensou *realmente* que poderia perdê-la. Era Vin. Sempre escapava. Sobrevivia.

Mas e se, dessa vez, não sobrevivesse?

Ele sempre fora o vulnerável, a pessoa comum em um mundo de Nascidos da Bruma e koloss. O estudioso incapaz de lutar, dependente da proteção de Vin. Mesmo durante o último ano de lutas, ela se mantivera perto. Quando ela passara por perigos, ele também estivera junto, de forma que nunca houve tempo para pensar sobre o que aconteceria se ele sobrevivesse e ela não.

Elend sacudiu a cabeça, abrindo caminho pelas cinzas. Poderia ter usado os koloss para abrir uma trilha. No entanto, por ora, queria estar longe até mesmo deles. Então, caminhava na frente, uma figura solitária de preto em um campo de coberto de cinzas, iluminado pelo sol poente e vermelho.

A chuva de cinzas estava cada vez pior. Antes de ter deixado o vilarejo para trás, passara um dia fazendo os koloss limparem as ruas e reconstruírem algumas casas. Ainda assim, com a quantidade de cinzas que caíam, as brumas e até mesmo a possibilidade de outros koloss perdidos se tornavam problemas secundários. As cinzas. *Elas* sozinhas os matariam. Já enterrava árvores e montes. Chegava à cintura em alguns lugares.

Talvez se eu tivesse ficado em Luthadel, ele pensou, *trabalhando com meus estudiosos, poderíamos ter descoberto uma maneira de parar isso…*

Não; aquilo era bobagem. O que fariam? Tampariam as montanhas de cinzas? Encontrariam uma maneira de varrer toda aquela cinza para dentro do mar? Na paisagem diante dele, através das brumas noturnas, conseguia ver um brilho vermelho no céu, embora o sol tivesse se posto no horizonte contrário. Podia apenas supor que a luz à leste vinha do fogo e da lava que se erguiam das montanhas de cinzas.

O que faria a respeito de um céu moribundo, de cinzas tão espessas que ele mal conseguia se mover em meio a elas, de vulcões em erupção? Até aquele momento, seu jeito de lidar com essas coisas havia sido ignorá-las.

Ou, na verdade, deixar que Vin se preocupasse com elas.

É isso o que realmente me preocupa, ele pensou. *Perder a mulher que amo é muito ruim. Mas perder aquela em quem eu confiei para resolver tudo isso… é realmente apavorante.*

Era uma percepção estranha. A grande verdade era que ele *de fato* enxergava em Vin mais do que uma pessoa. Era uma força. Quase uma deusa, quem sabe? Parecia tolo pensar dessa forma. Era sua esposa. Mesmo se fosse membro da Igreja do Sobrevivente, parecia errado adorá-la, pensar nela como algo divino.

E não pensava, não de verdade. Mas confiava nela. Vin era uma pessoa de instintos, enquanto Elend era de lógica e pensamentos. Às vezes, parecia que ela podia fazer o impossível simplesmente porque não parava para *pensar* sobre como aquilo era mesmo inalcançável. Quando Elend chegava a um abismo, parava para medir a distância até o outro lado. Vin simplesmente pulava.

O que aconteceria no dia em que ela não chegasse ao outro lado? E se os acontecimentos nos quais estavam envolvidos fossem maiores do que duas pessoas poderiam esperar resolver, mesmo que uma delas fosse Vin? Ao pensar a respeito, mesmo a possibilidade de descobrir informações úteis no depósito em Fadrex era uma esperança mínima.

Precisamos de ajuda, pensou Elend, frustrado. Parou em meio às cinzas, a escuridão fechando-se ao redor dele com a chegada da noite. As brumas rodopiavam.

Ajuda. Então, o que isso significava? Ajuda de algum deus misterioso como aqueles sobre os quais Sazed pregava no passado? Elend nunca conhecera um deus que não fosse o Senhor Soberano. E nunca tivera fé de verdade na criatura, embora o encontro com Yomen tivesse mudado sua perspectiva sobre como algumas pessoas adoravam o Senhor Soberano.

Elend parou, olhando para o céu, observando a queda dos flocos de cinza. Continuando sua chuva silenciosa, mas incessante, contra a terra. Como as penas de corvo de um travesseiro suave usado para sufocar uma vítima adormecida.

Estamos condenados, ele pensou. Atrás dele, os koloss pararam sua marcha, esperando sua ordem silenciosa. *É isso, tudo vai acabar.*

Aquela ideia não era esmagadora. Era gentil, como um filete final de fumaça

de uma vela que se apagava. De súbito, ele entendeu que não tinham como lutar — que tudo que haviam feito no último ano era inútil.

Elend caiu de joelhos. As cinzas chegaram ao seu peito. Talvez aquela fosse a razão final pela qual queria caminhar de volta sozinho. Quando os outros estavam por perto, sentia como se precisasse ser otimista. Mas, sozinho, podia enfrentar a verdade.

E ali, nas cinzas, ele finalmente desistiu.

Alguém ajoelhou ao seu lado.

Elend saltou para trás, cambaleando para ficar em pé e espalhando as cinzas. Ele avivou peltre com atraso, dando a si mesmo a força tensa de um Nascido da Bruma prestes a atacar. Mas não havia ninguém ali. Ele ficou paralisado, perguntando-se se estava imaginando coisas. E, então, queimando estanho e estreitando os olhos para enxergar na escuridão da noite cinzenta, finalmente viu. Uma criatura de bruma.

Não era *composta* de brumas. Era, na verdade, delineada por elas. Curvas aleatórias insinuavam sua figura, que era mais ou menos a de um homem. Elend vira a criatura duas vezes antes. A primeira vez, aparecera para ele nas terras isoladas do Domínio do Norte.

A segunda, ela o apunhalara na barriga, deixando-o sangrar até a morte.

Mesmo assim, aquela fora uma tentativa de fazer Vin tomar o poder no Poço da Ascensão e usá-lo para curar Elend. As intenções da coisa haviam sido boas, mesmo tendo quase o matado. Além do mais, Vin tinha lhe contado que aquela criatura levara para ela o pedaço de metal que, de alguma forma, transformara Elend em alomântico.

O espectro das brumas o fitava, sua figura mal distinguível nos padrões das brumas flutuantes.

— O quê? — Elend perguntou. — O que você quer de mim?

O espectro das brumas ergueu o braço e apontou para nordeste

Foi o que ele fez da primeira vez que me encontrou. Apenas apontou, como se tentasse me levar a algum lugar. Também não entendi o que queria na época.

— Olha só — Elend disse, de repente se sentindo exausto. — Se quer dizer algo, por que não diz?

O espectro das brumas ficou parado em meio a elas.

— Ao menos escreva — Elend insistiu. — Apontar não está funcionando. — Ele sabia que a criatura, fosse o que fosse, tinha alguma corporeidade. Afinal,

havia conseguido apunhalar Elend facilmente.

Ele esperava que a criatura fosse continuar parada. No entanto, para surpresa de Elend, ela obedeceu seu comando, ajoelhando-se nas cinzas. Ela estendeu a mão brumosa e começou a riscar as cinzas. Elend deu um passo adiante, inclinando a cabeça para ver o que a coisa estava escrevendo.

Vou matá-lo, eram as palavras. *Morte, morte, morte.*

— Bem… que agradável — Elend comentou, sentindo um arrepio sinistro.

O espectro das brumas parecia se encurvar. Ajoelhou-se nas cinzas, sem deixar marcas no chão.

Palavras estranhas de se escrever, Elend pensou, *quando parecia que estava tentando me fazer confiar nele…*

— Ela pode mudar suas palavras, não é? — Elend perguntou. — A outra força. Ela pode reescrever pedaços de texto em papel, então por que não mudaria coisas riscadas nas cinzas?

O espectro das brumas olhou para cima.

— É por isso que você arrancou pedaços dos papéis de Sazed — Elend disse. — Não podia escrever uma nota para ele, pois as palavras seriam alteradas. Então, você precisou fazer outras coisas. Coisas mais diretas e simples, como apontar.

A criatura se levantou.

— Então, escreva mais lentamente — Elend falou. — Use movimentos exagerados. Vou observar os movimentos do seu braço e formar as letras na minha mente.

O espectro das brumas começou imediatamente, brandindo os braços. Elend inclinou a cabeça, observando os movimentos. Não conseguia concatenar seus sentidos, muito menos formar letras com eles.

— Espere — pediu, erguendo a mão. — Não está funcionando. Ou ela está mudando as coisas, ou você não conhece as letras.

Silêncio.

Espere, pensou Elend, olhando para o texto no chão. *Se o texto mudou…*

— Ela está aqui, não é? — perguntou, sentindo um calafrio. — Está aqui conosco, agora.

O espectro continuou parado.

— Gire para dizer sim — Elend falou.

O espírito das brumas começou a agitar os braços como havia feito antes.

— Isso serve — Elend comentou, sentindo um arrepio. Olhou ao redor, mas não conseguia ver nada mais nas brumas. Se a coisa que Vin libertara estivesse ali, não dava nenhum indício. Ainda assim, Elend pensou *poder* sentir algo diferente. Um aumento leve no vento, um toque de gelo no ar, as brumas movendo-se com mais agitação. Talvez estivesse apenas imaginando coisas.

Ele concentrou a atenção no espectro das brumas.

— Você… não está tão sólido como antes.

A criatura permaneceu parada.

— Isso é um não? — Elend perguntou, frustrado. A criatura permaneceu parada.

Elend fechou os olhos, forçando-se a se concentrar, relembrando os quebra-cabeças lógicos de sua juventude. *Preciso abordar a questão mais diretamente. Usando perguntas que podem ser respondidas com um simples sim ou não.* Por que estava mais difícil enxergar o espectro das brumas do que antes? Elend abriu os olhos.

— Você está mais fraco que antes? — perguntou.

A criatura abanou os braços.

Sim, pensou Elend.

— É porque o mundo está acabando?

Mais acenos.

— Você é mais fraco que a outra coisa? A coisa que Vin libertou?

Acenos.

— *Muito* mais fraco?

Ele acenou, embora parecesse um pouco desconsolado dessa vez.

Ótimo, pensou Elend. Claro; deveria ter imaginado. O que quer que fosse o espectro das brumas, não era uma resposta mágica aos seus problemas. Se fosse, ele já os teria salvado.

O que mais falta é informação, pensou. *Preciso descobrir o que puder dessa coisa*.

— Você tem relação com as cinzas?

Sem movimentos.

— Você está causando as chuvas de cinza?

Sem movimentos.

— A outra coisa as está causando?

Dessa vez, ela acenou os braços.

Certo.

— Ela está fazendo as brumas virem durante do dia também?

Sem movimentos.

— Você está fazendo as brumas virem durante o dia?

O espectro pareceu refletir sobre aquilo, então acenou com menos vigor que antes.

Isso é um "talvez"?, ponderou Elend. *Ou um "mais ou menos"?*

A criatura ficou parada. Estava ficando cada vez mais difícil vê-la nas brumas. Elend avivou estanho, mas a criatura não ficou mais distinta por isso. Parecia estar… desaparecendo.

— Aonde você quer que eu vá? — perguntou Elend, mais para si do que esperando resposta. — Você apontou para… o leste? Quer que eu volte para Luthadel?

Ele acenou novamente com pouco entusiasmo.

— Quer que eu ataque a Cidade de Fadrex?

Não se moveu.

— Quer que eu *não* ataque a Cidade de Fadrex?

Ele acenou com vigor.

Interessante, pensou Elend.

— As brumas. Elas têm relação com tudo isso, não têm?

Acenos.

— Elas estão matando meus homens.

A criatura avançou, depois parou, parecendo pressionada de alguma forma.

Elend franziu a testa.

— Você reagiu a essa pergunta. Quer dizer que elas *não* estão matando meus homens?

Ela acenou.

— Isso é ridículo. Eu *vi* os homens caindo mortos.

O espectro avançou, apontando para Elend. Ele olhou para o cinturão.

— As moedas? — ele perguntou, erguendo os olhos.

O espectro apontou outra vez. Elend segurou o cinturão. Tudo que havia ali

eram seus frascos de metais. Tirou um do cinturão.

— Metais?

O espectro se agitou vigorosamente. E continuou a acenar e acenar. Elend olhou para o frasco.

— Não estou entendendo.

A criatura parou. Estava ficando cada vez mais translúcida, como se evaporasse.

— Espere! — Elend disse, avançando. — Tenho outra pergunta. Mais uma antes de você partir!

O espectro parecia encará-lo.

— Podemos vencê-la? — perguntou baixinho. — Podemos sobreviver?

Silêncio. Então, a criatura acenou com rapidez. Não um aceno vigoroso; um hesitante. Incerto. E evaporou, mantendo aquele mesmo aceno, as brumas ficando indistintas, sem deixar sinal de que a criatura estivera ali.

Elend ficou em silêncio na escuridão. Ele se virou e olhou para o exército koloss, que esperava como troncos de árvores obscuras à distância. Em seguida, olhou ao redor, tentando encontrar outros sinais do espectro das brumas. Por fim, ele girou o corpo novamente e partiu com passos pesados de volta para Fadrex. E os koloss o seguiram.

Ele se sentia… mais forte. Era uma tolice — o espírito das brumas não lhe dera nenhuma informação útil. Era quase como uma criança. As coisas que havia dito eram em sua maioria confirmações do que ele já suspeitava.

Ainda assim, ele avançou, movendo-se com mais determinação. Mesmo que fosse porque sabia que havia coisas no mundo que não entendia e, talvez, isso significasse que havia possibilidades que não via. Possibilidades de sobrevivência.

Possibilidades de aterrissar em segurança do outro lado do abismo, mesmo quando a lógica lhe dizia para não saltar.

Não sei por que Preservação decidiu usar seu último suspiro de vida para se mostrar a Elend durante sua viagem de volta a Fadrex. Pelo que entendo, ele acabou não descobrindo muitas coisas naquele encontro. Na época, claro, Preservação era apenas uma sombra do que já fora — e aquela sombra estava sob uma imensa pressão destrutiva de Ruína.

Talvez Preservação — ou o que havia restado dele — quisesse abordar Elend sozinho. Ou talvez o tivesse visto caindo de joelhos naquele campo e entendido que o imperador dos homens estava a ponto de simplesmente deitar-se nas cinzas e nunca mais se levantar. De qualquer forma, Preservação apareceu e, ao fazê-lo, se expôs aos ataques de Ruína. Já haviam ficado para trás os dias em que Preservação podia despachar um Inquisidor apenas com um simples gesto, até mesmo os dias em que podia golpear um homem de forma que sangrasse até morrer.

Quando Elend viu o "espectro das brumas", Preservação mal devia ter estado coerente. Imagino o que Elend teria feito, caso soubesse que estava na presença de um deus moribundo — que, naquela noite, foi a última testemunha da morte de Preservação. Se tivesse esperado apenas alguns minutos a mais naquele campo de cinzas, teria visto um corpo, de estatura baixa, cabelos pretos e nariz avantajado, caindo das brumas, morto sobre as cinzas.

Mas, como não o fez, o cadáver foi deixado sozinho para ser enterrado nas cinzas. O mundo estava morrendo. Seus deuses precisavam morrer com ele.

56

Fantasma estava na caverna escura, olhando para a lousa e o papel. Ele havia montado a lousa como uma tela sobre um cavalete, mas não estava rabiscando imagens e sim ideias. Kelsier tivera o hábito de esboçar seus planos para o bando em uma lousa com carvão. Parecia uma boa ideia, embora Fantasma não estivesse explicando os planos para uma gangue e sim somente tentando organizá-las para si mesmo.

O truque seria levar Quellion a se expor como alomântico diante do povo. Durn espalhara o que precisavam, e as multidões estariam prontas, esperando a confirmação do que tinham sido informados. No entanto, para o plano de Fantasma funcionar, ele teria de pegar o Cidadão em um local público e levar o homem a usar seus poderes de forma que fosse óbvia para quem assistisse.

Não posso simplesmente deixá-lo empurrar *um metal distante*, pensou, rabiscando uma anotação para si na lousa de carvão. *Precisarei que ele voe pelos ares ou talvez lance algumas moedas. Algo visível, algo que possamos dizer a todos para observar.*

Seria difícil, mas Fantasma estava confiante. Tinha muitas ideias esboçadas no quadro, desde atacar Quellion em um discurso até fazê-lo usar seus poderes quando achasse que ninguém estava olhando. Lentamente, os pensamentos iam tomando a forma de um plano coeso.

Eu posso mesmo fazer isso, pensou Fantasma, sorrindo. *Sempre senti muita admiração pelas capacidades de liderança de Kelsier. Mas não é tão difícil quanto pensei que fosse.*

Ou, ao menos, era o que ele dizia a si mesmo. Evitava pensar sobre as consequências, caso fracassasse. Evitava pensar no fato de que ainda mantinha Beldre como refém. Evitava se preocupar com o fato de que, quando acordava em algumas manhãs, o estanho tendo queimado durante a noite, seu corpo ficava completamente dormente, incapaz de sentir qualquer coisa até conseguir mais metal como combustível. Evitava se concentrar nas revoltas e incidentes que suas aparições, discursos e trabalho entre o povo estavam provocando.

Kelsier continuava dizendo para ele não se preocupar. Isso deveria bastar.

Certo?

Após alguns minutos, ele ouviu alguém se aproximar, os passos silenciosos nas pedras, mas não tão silenciosos para ele. O farfalhar de um vestido, mesmo que sem perfume, informava para ele exatamente quem era.

— Fantasma?

Ele abaixou o carvão e se virou. Beldre estava do outro lado do “quarto”. Ele fizera uma alcova para si mesmo entre as várias estantes do estoque, dividindo-a com lençóis — seu escritório pessoal. A irmã do Cidadão usava um belo vestido de nobre verde e branco.

Fantasma sorriu.

— Gostou dos vestidos?

Ela baixou os olhos, corando levemente.

— Eu… não vestia algo assim há anos.

— Você e ninguém na cidade — Fantasma comentou, soltando o carvão e limpando os dedos em um trapo. — Mas, por outro lado, isso torna mais fácil consegui-los, caso se saiba quais prédios saquear. Parece que acertei seu tamanho direitinho, não?

— Sim — ela disse baixinho, avançando. O vestido realmente havia ficado muito bem na moça, e Fantasma sentiu um pouco de dificuldade em se concentrar quando ela chegou perto. Beldre olhou para a lousa de carvão e franziu a testa. — Isso… deveria fazer algum sentido?

Fantasma saiu do transe. O quadro de carvão era uma bagunça de riscos e anotações. Só aquilo teria dificultado a leitura. Porém, havia algo além que o deixava ainda mais incompreensível.

— A maioria está escrito na gíria de rua do Leste — Fantasma comentou.

— A linguagem que você cresceu falando? — ela perguntou, correndo o dedo pelas margens da lousa, com cuidado para não tocar os escritos em si e acabar borrando-os. — Até as palavras são diferentes. Estavando?

— Meio que significa “estava fazendo” — Fantasma explicou. — Você começa frases com ela. “Estavando o correr de lá” significa “Eu estava correndo para aquele lugar”.

— Estavando o onde de como dos encontros — Beldre falou, sorrindo levemente para si mesma enquanto lia o quadro. — Parece uma falação sem sentido!

— Estavando como de querendo o fazer — Fantasma disse, sorrindo,

entrando no dialeto por inteiro. Em seguida, corou e se afastou.

— Como? — ela perguntou.

Por que sempre ajo como um tolo perto dela?, pensou. *Os outros sempre tiravam sarro da minha gíria; até mesmo Kelsier pensava que era um tanto bobo. E agora eu começo a falar na frente dela?*

Ele estivera se sentindo confiante, enquanto estudava os planos, antes de ela ter chegado. Por que aquela garota sempre conseguia fazê-lo sair do papel de liderança e voltar a ser o velho Fantasma? O Fantasma que nunca fora importante.

— Não deveria ter vergonha do dialeto — Beldre disse. — Acho que tem seu charme.

— Acabou de dizer que parece falação sem sentido — Fantasma retrucou, virando-se para ela.

— Mas essa é a melhor parte! É uma falação sem sentido de *propósito*, certo?

Fantasma se lembrou com carinho de como os pais haviam reagido quando ele adotara a gíria. Era uma espécie de poder ser capaz de dizer coisas que apenas seus amigos entendiam. Claro, começara a falar nela com tamanha frequência que mais tarde fora difícil voltar ao normal.

— Então — Beldre falou, olhando o quadro. — O que quer dizer?

Fantasma hesitou.

— Apenas pensamentos aleatórios — ele comentou. Ela era sua inimiga; precisava se lembrar disso.

— Ah — disse ela. Algo ilegível passou pelo rosto da garota, que então se afastou do quadro.

Seu irmão sempre a bania de suas reuniões, pensou Fantasma. *Nunca lhe disse nada importante. Fazia com que ela se sentisse inútil…*

— Preciso que você faça seu irmão usar a Alomancia na frente do povo. — Fantasma se flagrou dizendo. — Deixar que eles vejam que é um hipócrita.

Beldre olhou para trás.

— O quadro está cheio de ideias minhas — Fantasma disse. — A maioria delas não é muito boa. Eu meio que estou tentado a simplesmente atacá-lo, fazendo-o se defender.

— Não vai funcionar — Beldre concluiu.

— Por que não?

— Ele não vai usar a Alomancia contra você. Não se exporia assim.

— Se eu ameaçá-lo o suficiente, ele vai.

Beldre negou com a cabeça.

— Você prometeu não feri-lo. Lembra?

— Não — Fantasma respondeu, erguendo um dedo. — Prometi *tentar* encontrar outra maneira. E não pretendo matá-lo. Preciso apenas fazer com que ele *pense* que vou matá-lo.

Beldre ficou em silêncio novamente. O coração de Fantasma palpitou.

— Não vou fazer isso, Beldre. Não vou matá-lo.

— É uma promessa?

Fantasma assentiu.

Ela ergueu os olhos para ele e sorriu.

— Quero escrever uma carta para ele. Talvez eu possa convencê-lo a te ouvir. Poderíamos evitar a necessidade disso tudo.

— Tudo bem… — Fantasma disse. — Mas você sabe que terei de ler a carta para ter certeza de que não vai revelar nada que possa prejudicar minha posição.

Beldre assentiu.

Claro, Fantasma faria mais que somente ler. Ele a reescreveria em outra folha, mudando a ordem das linhas, e, em seguida, acrescentaria algumas poucas palavras desimportantes. Trabalhara em muitos bandos de ladrões para ignorar a possibilidade de mensagens cifradas. Mas, supondo que Beldre estivesse sendo honesta com ele, uma carta dela para Quellion era uma boa ideia. Poderia não ajudar, mas fortaleceria a posição de Fantasma.

Ele abriu a boca para perguntar se as acomodações dela estavam aceitáveis, mas se refreou ao ouvir alguém se aproximar. Passos pesados dessa vez. *Capitão Goradel*, pensou.

E, como imaginado, o capitão apareceu no “quarto” de Fantasma instantes depois.

— Milorde — disse. — O senhor precisa ver isso.

Os soldados haviam partido.

Sazed olhou pela janela com os outros, inspecionando o terreno vazio no

qual as tropas de Quellion tinham ficado acampadas pelas últimas semanas, vigiando o prédio do Ministério.

— Quando foram embora? — Brisa perguntou, coçando o queixo, pensativo.

— Agora mesmo — Goradel explicou.

Por algum motivo, o movimento pareceu agourento a Sazed. Estava ao lado de Fantasma, Brisa e Goradel, embora os outros parecessem ver bons indícios na retirada dos soldados.

— Bem, assim ficará mais fácil de se esgueirar para fora — Goradel observou.

— Mais que isso. Significa que posso incorporar nossos soldados ao plano contra Quellion. Nunca os tiraríamos do prédio secretamente com metade de um exército na nossa porta, mas agora…

— Exato — o Capitão disse. — Mas para onde foram? Acreditam que Quellion suspeita de nós?

Brisa bufou.

— Isso, meu caro, parece uma questão para seus batedores. Por que não faz com que se informem da localização daquele exército?

Goradel assentiu. Mas o que surpreendeu um pouco Sazed foi que o soldado olhou para Fantasma, buscando confirmação. O rapaz assentiu, e o capitão saiu para distribuir as ordens.

Ele obedece mais ao garoto que a Brisa e a mim, pensou Sazed. Não deveria estar surpreso. O próprio Sazed concordara em deixar Fantasma assumir a liderança, e para Goradel, todos os três — Sazed, Brisa e Fantasma — provavelmente estavam no mesmo nível hierárquico. Todos eram do círculo íntimo de Elend, e, dos três, Fantasma era o melhor guerreiro. Fazia sentido buscá-lo como fonte de autoridade.

Mas era estranho ver Fantasma dando ordens aos soldados. O rapaz sempre fora tão quieto durante os dias do bando original. E, ainda assim, Sazed estava começando a respeitá-lo também. Fantasma sabia como dar ordens de forma que Sazed não conseguia, além de ter mostrado perspicácia em seus preparativos em Urteau, bem como em seus planos para derrubar Quellion. Tinha um talento para as encenações que Brisa dizia o tempo todo ser notável.

E, no entanto, havia aquela venda nos olhos do garoto e as outras coisas que ele não havia explicado. Sazed sabia que deveria tê-lo pressionado mais em busca de respostas, mas a verdade era que confiava em Fantasma. Conhecia-o

desde que o jovem era adolescente, quando ele mal era capaz de se comunicar com os outros.

Quando Goradel se afastou, Fantasma olhou para Sazed e Brisa.

— O que acham?

— Quellion está planejando alguma coisa — Brisa disse. — Mas me parece cedo demais para tirar conclusões.

— Concordo. Por ora, seguimos com o plano — Fantasma respondeu.

Com isso, eles se separaram. Sazed se virou, voltando à parte mais distante da caverna — onde um grupo considerável de soldados trabalhava na área bem iluminada com lampiões. Nos braços, sentia o peso familiar das mentes de cobre — duas nos braços, duas nos antebraços. Nelas repousava o conhecimento de engenharia de que precisava para concluir a tarefa de que Fantasma lhe havia incumbido.

Ultimamente, Sazed não sabia o que pensar. Cada vez que subia as escadas e olhava para a cidade, via sinais piores. As chuvas de cinzas estavam mais pesadas. Os terremotos ficavam cada vez mais frequentes e violentos. As brumas se demoravam mais e mais durante o dia. O céu estava escuro, e o sol vermelho, mais parecido com uma vasta ferida do que com uma fonte de luz e vida. As montanhas de cinzas deixavam o horizonte vermelho até durante a noite.

Para ele, parecia que o fim do mundo deveria ser um tempo em que os homens *encontravam* fé, não um tempo em que a perdiam. Ainda assim, o pouco que ele havia dedicado a estudar religiões em sua pasta não foi encorajador. Mais vinte religiões eliminadas, deixando apenas trinta potenciais candidatas.

Ele sacudiu a cabeça, movendo-se entre os soldados ocupados. Vários grupos trabalhavam em dispositivos de madeira cheios de pedras — sistemas de peso que cairiam para bloquear a água que corria para a caverna. Outros trabalhavam no sistema de polias que abaixaria o mecanismo. Depois de mais ou menos meia hora, Sazed considerou que estavam todos cumprindo bem suas tarefas e voltou aos cálculos. No entanto, enquanto se dirigia à mesa, viu Fantasma aproximando-se.

— Revoltas — o rapaz disse, passando a caminhar ao lado de Sazed.

— Como, Lorde Fantasma?

— É para onde os soldados foram. Algumas pessoas começaram um incêndio, e os soldados que estavam nos vigiando foram chamados para apagá-lo antes que a cidade toda ardesse em chamas. Há muito mais madeira aqui do que

nas cidades do Domínio Central.

Sazed franziu o cenho.

— Nossos atos aqui estão se tornando perigosos, creio eu.

Fantasma deu de ombros.

— Parece uma coisa boa para mim. Esta cidade está à beira de estourar, Sazed. Como Luthadel, quando assumimos o controle.

— Apenas a presença de Elend Venture impediu que a cidade se destruísse — Sazed disse em voz baixa. — A revolução de Kelsier poderia facilmente ter se transformado em um desastre.

— Vai ficar tudo bem — Fantasma garantiu.

Sazed encarou o jovem enquanto os dois caminhavam pela caverna. Fantasma parecia estar se esforçando bastante para projetar um ar de confiança. Talvez Sazed estivesse apenas ficando cético, mas achava difícil ser tão otimista quanto ele.

— Você não acredita em mim — Fantasma concluiu.

— Desculpe, Lorde Fantasma. Não é que… é só que parece que ando tendo problemas em ter fé em qualquer coisa ultimamente.

— Ah.

Eles caminharam em silêncio por um tempo, vendo-se por fim à beira da superfície vítrea do lago subterrâneo. Sazed parou à margem das águas, as preocupações o corroendo por dentro. Ficou em silêncio por um longo tempo, sentindo-se frustrado, mas sem ter de fato uma válvula de escape.

— Você nem se preocupa, Fantasma? — finalmente Sazed perguntou. — Com a possibilidade de falharmos?

— Não sei — Fantasma disse, arrastando os pés.

— E é muito mais que *isso* — Sazed comentou, brandindo a mão em direção às equipes de trabalho. — O próprio céu parece estar nos hostilizando. A terra está morrendo. Você não se pergunta de que vai adiantar tudo isso? Para que lutamos? Estamos todos condenados, de qualquer forma!

Fantasma enrubesceu. Em seguida, finalmente, baixou a cabeça.

— Não sei — repetiu. — Eu… eu entendo o que você está fazendo, Sazed. Está tentando descobrir se duvido de mim mesmo. Acho que você consegue enxergar por trás da minha máscara.

Sazed fez uma careta, mas Fantasma não estava olhando.

— Você tem razão — o jovem falou, esfregando a testa. — Eu *de fato* me preocupo com a possibilidade de falharmos. Acho que Tindwyl ficaria chateada comigo, não? Ela achava que líderes não deveriam duvidar de si mesmos.

Aquilo fez Sazed hesitar. *O que estou fazendo?*, pensou, horrorizado com seu surto. *Foi isso que me tornei? Durante a maior parte da minha vida, resisti ao Sínodo, rebelando-me contra meu próprio povo. Ainda assim, eu me mantive em paz interior, confiante de que estava fazendo a coisa certa.*

Agora, venho aqui, onde as pessoas mais precisam de mim e fico sentado, repreendendo meus amigos, dizendo para eles que estamos prestes a morrer?

— Mas, mesmo que eu duvide de mim mesmo — Fantasma disse, erguendo os olhos —, ainda acho que tudo vai ficar bem.

Sazed ficou surpreso com a esperança que viu nos olhos do garoto. *Foi isso que eu perdi*.

— Como pode dizer isso? — Sazed perguntou.

— Não sei, de verdade. Eu só… Bem, lembra a pergunta que você me fez assim que chegou aqui? Estávamos ao lado do lago, bem ali. Você me perguntou sobre fé. Perguntou do que adiantava, se levava as pessoas a ferirem umas às outras, como a fé de Quellion no Sobrevivente tem feito.

Sazed olhou para o lago.

— Sim — falou com suavidade. — Me lembro.

— Tenho pensado nisso desde aquele dia — Fantasma disse. — E… acho que talvez eu tenha uma resposta.

— Por favor.

— Fé — Fantasma começou a falar — significa que não importa o que aconteça. Você pode confiar que alguém está olhando. Confiar que alguém fará tudo dar certo.

Sazed fez uma cara estranha.

— Significa que sempre haverá um caminho — Fantasma sussurrou, olhando fixamente para a frente, os olhos vidrados como se visse coisas que Sazed não conseguia enxergar.

Sim, pensou Sazed. *Foi isso que eu perdi. E é isso que preciso recuperar.*

Entendi que cada poder tem três aspectos: um físico, que pode ser visto nas criações de Ruína e de Preservação; um espiritual, na energia invisível que permeia tudo que há no mundo; e um cognitivo, nas mentes que controlam essa energia.

Há muito mais além disso. Muito mais que nem mesmo eu ainda pude compreender.

57

Você deveria matá-los.

Vin ergueu os olhos ao ouvir dois guardas passarem pela porta da cela. Havia uma coisa boa sobre a voz de Ruína — acabava alertando-a da presença de pessoas próximas, mesmo que sempre dissesse para matá-las.

Uma parte dela se perguntava se, na verdade, estava louca. No fim das contas, vira e ouvira coisas que ninguém mais conseguia ver e ouvir. No entanto, se estivesse louca, não havia maneira de perceber. Então, decidiu simplesmente aceitar o que ouvia e seguir em frente.

Na verdade, estava grata pela voz de Ruína que aparecia às vezes. Além dessa voz, estava sozinha na cela. A quietude era total. Nem os soldados conversavam, provavelmente por ordem de Yomen. Além disso, cada vez que Ruína falava, ela sentia como se aprendesse alguma coisa. Por exemplo, aprendera que Ruína podia se manifestar em pessoa ou afetá-la à distância. Quando a presença real não estava com ela na cela, as palavras eram muito mais simples e vagas.

Por exemplo, a ordem de Ruína de matar os guardas. Ela não poderia seguir aquela sugestão, não de dentro da cela. Não era bem uma ordem específica, mas mais uma tentativa de mudar suas inclinações. Novamente, aquilo a lembrava da Alomancia, que podia exercer uma influência geral sobre as emoções de uma pessoa.

Influência geral…

Algo de repente lhe ocorreu. Ela expandiu sua procura e, de fato, ainda conseguia sentir os milhares de koloss que Elend lhe dera. Ainda estavam sob seu controle, distantes, obedecendo às ordens gerais que ela lhes dera antes.

Poderia usá-los de alguma forma? Para entregar uma mensagem a Elend, talvez? Levá-los a atacar a cidade e libertá-la? Quando ela ponderou seriamente, os dois planos pareceram ruins. Trazê-los a Fadrex apenas os mataria, além de arriscar a frustração dos planos que Elend tivesse para um ataque em potencial. Ela poderia enviá-los para encontrar Elend, mas provavelmente também seriam

mortos pelos guardas do acampamento, que teriam medo de que estivessem em furor de sangue. E o que ela ordenaria que fizessem, caso o encontrassem? Podia ordenar que tomassem atitudes, como atacar ou pegar alguém, mas ninguém tentara antes algo tão delicado como ordenar que falassem palavras específicas.

Ela tentou formar essas palavras na cabeça e levá-las até os koloss, mas tudo que recebeu de volta foi confusão. Precisava trabalhar naquilo um pouco mais. E, enquanto ponderava, imaginou se levar uma mensagem a Elend realmente seria a melhor maneira de usá-los. Revelaria à Ruína uma ferramenta em potencial que tinha e que, talvez, ela ainda não tivesse percebido.

— Vejo que finalmente ele encontrou uma cela para você — uma voz disse.

Vin ergueu os olhos, e ele estava lá. Ainda usando a forma de Reen, Ruína estava na pequena cela com ela. Mantinha uma postura empertigada, assomando-se quase benevolente sobre ela. Vin se sentou no catre. Nunca pensou que, de todos os seus metais, sentiria tanta falta do bronze. Quando Ruína voltava para visitá-la "pessoalmente", queimar bronze permitia que a sentisse por meio de pulsos de bronze e ficasse alerta para sua presença, mesmo que não se manifestasse.

— Tenho de admitir que estou desapontado com você, Vin — Ruína falou.

Usou a voz de Reen, mas a imbuía com uma carga de… idade. De sabedoria silenciosa. A natureza paternal daquela voz, misturada ao rosto de Reen e à consciência do desejo que a coisa tinha de destruir, era perturbadora.

— Da última vez que foi capturada e trancafiada sem metais — Ruína continuou —, não passou nem uma noite até que você matasse o Senhor Soberano e derrubasse o império. Agora você está trancafiada pelo quê… uma semana, já?

Vin não respondeu. *Por que você vem me perturbar? Espera que eu aprenda algo?*

Ruína sacudiu a cabeça.

— Eu pensaria, no mínimo, que você já teria matado Yomen.

— Por que está tão preocupado com a morte dele? — Vin perguntou. — Parece que ele está do seu lado.

Ruína negou com a cabeça, permanecendo com as mãos entrelaçadas às costas.

— Vejo que você ainda não entende. Vocês *todos* estão do meu lado, Vin. Eu criei vocês. São minha ferramenta, cada um. Zane, Yomen, você, seu querido

imperador Venture…

— Não. Zane era seu, e Yomen obviamente está sendo enganado. Mas Elend… ele vai lutar contra você.

— Mas ele não pode. É isso que você se recusa a entender, criança. Vocês *não podem* me combater, pois com o mero ato de lutar vocês adiantam meus objetivos.

— Homens malignos, talvez, o ajudem — disse Vin. — Mas não Elend. Ele é uma boa pessoa, e nem você pode negar isso.

— Vin, Vin. *Por que* você não enxerga? Não tem nada a ver com bem e mal. A moralidade nem mesmo entra nessa história. Homens bons matarão tão rápido pelo que eles desejam quanto homens maus; a única diferença é o que eles querem.

Vin ficou em silêncio. Ruína balançou a cabeça.

— Eu continuo tentando explicar. Esse processo no qual estamos envolvidos, o fim de todas as coisas… não é uma *luta*, mas a simples culminação da inevitabilidade. Consegue imaginar um homem que faça um relógio de bolso que não acabe perdendo a corda? Consegue imaginar um lampião que não acabe se apagando? Todas as coisas terminam. Pense em mim como um cuidador, que vigia a loja e garante que as luzes sejam apagadas, que tudo seja limpo assim que chega o horário de fechar.

Por um momento, Ruína fez Vin hesitar. Havia um tanto de verdade naquelas palavras, e ver as mudanças na terra durante os últimos anos, mudanças começadas mesmo antes da libertação de Ruína, de fato a fez se questionar.

Ainda assim, algo naquela conversa a incomodava. Se o que Ruína havia dito era inteiramente verdade, então por que ele se importava com Vin? Por que voltar e falar com ela?

— Acho que você venceu, então — ela disse baixinho.

— Vencer? — Ruína questionou. — Você não entende? Não há nada para eu vencer, criança. As coisas acontecem como precisam acontecer.

— Entendo.

— Sim, talvez entenda — Ruína disse. — Acho que *você* talvez seja capaz. — Ele se virou e começou a andar de um lado da cela para outro. — Você é parte de mim, sabia? Bela destruidora. Direta e eficaz. De todos aqueles que recrutei durante esses breves mil anos, você é a única que acredito ser capaz de me entender.

Ora, pensou Vin, *Ruína está se gabando! Por isso está aqui: quer ter certeza de que alguém entende o que conseguiu fazer!* Havia um sentimento de orgulho e vitória nos olhos de Ruína. Eram emoções humanas; emoções que Vin conseguia entender.

Naquele momento, Ruína parou de ser uma *coisa* em sua mente e passou a ser algo *humano*.

Vin começou a pensar, pela primeira vez, que poderia encontrar uma maneira de derrotar Ruína. Ele era poderoso, talvez até mesmo incompreensível. Mas Vin havia visto humanidade nele, e essa humanidade podia ser enganada, manipulada e dobrada. Talvez fosse a mesma conclusão alcançada por Kelsier após fitar os olhos do Senhor Soberano na noite fatídica em que fora capturado. Ela finalmente sentia como se o entendesse, como se entendesse como devia ter sido empreitar algo tão ousado quanto a derrota do Senhor Soberano.

Mas Kelsier teve anos para planejar, pensou Vin. *Eu… eu nem sei quanto tempo tenho. Não muito, creio.* Enquanto ela pensava, outro terremoto começou. As paredes tremeram, e Vin ouviu os guardas praguejando no corredor quando algo caiu e quebrou. E Ruína… ele parecia estar num estado de êxtase, os olhos fechados, a boca levemente aberta e um prazer estampado no rosto enquanto o prédio e a cidade chacoalhavam.

Passado algum tempo, tudo ficou em silêncio. Ruína abriu os olhos, encarando Vin.

— Esse trabalho que faço, isso diz respeito a *paixão*, Vin. São eventos dinâmicos, mudanças! Por isso você e seu Elend são tão importantes para mim. Pessoas com paixão são as que destroem, pois a paixão de um homem não é *verdadeira* até ele provar o quanto está disposto a sacrificar por ela. Chegará a matar? A ir para a guerra? A quebrar e descartar aquilo que tem, em nome do que ele *precisa*?

Ruína não sente apenas que conseguiu realizar algo, pensou Vin, *ele sente que foi além. Apesar do que alega, sente que venceu… que derrotou algo… mas quem ou o quê? Nós? Não seríamos páreos para uma força como ele.*

Uma voz pareceu sussurrar para ela de um passado distante. *Qual é a primeira regra da Alomancia, Vin?*

Consequência. Ação e reação. Se Ruína tinha o poder para destruir, então havia algo que o opunha. Tinha de haver. Ruína tinha um oposto, um oponente. Ou tivera no passado.

— O que você fez com ele? — Vin perguntou.

Ruína hesitou, franzindo a testa ao se virar para a mulher.

— Seu oposto — Vin disse. — Aquele que o impediu de destruir o mundo no passado.

Ruína ficou em silêncio por um bom tempo. Em seguida sorriu, e Vin enxergou algo arrepiante naquele sorriso. Uma noção de que ele estava certo. Vin *era* parte dele, a entendia.

— Preservação está morto — Ruína disse.

— Você o matou?

Ruína deu de ombros.

— Sim, mas não. Ele se entregou para produzir uma prisão. Embora seus espasmos de agonia tenham durado vários milhares de anos, agora, finalmente, se foi. E o acordo se tornou realidade.

Preservação, pensou Vin, uma peça de um todo gigantesco finalmente se encaixando. *O oposto de Ruína. Uma força como essa não poderia ter* destruído *seu inimigo, pois representava o oposto da destruição. Prisão, por outro lado, estaria dentro de seus poderes.*

Prisão que terminou quando eu abri mão do poder no Poço.

— E assim você vê a inevitabilidade — Ruína falou com suavidade.

— Você não poderia ter criado sozinho, não é? — Vin perguntou. — O mundo, a vida? Você não pode criar, só destruir.

— Ele também não podia criar — Ruína respondeu. — Ele só podia preservar. Preservação não é criação.

— Então, vocês trabalharam juntos.

— Os dois com uma promessa — Ruína concordou. — Minha promessa foi trabalhar com ele para criar vocês: a vida que pensa, a vida que ama.

— E a promessa dele? — Vin perguntou, temendo já saber a resposta.

— Que, no fim, eu poderia destruir tudo — Ruína contou. — E eu vim reivindicar o que me foi prometido. A única razão para se criar algo é observá-lo morrer. Como uma história que precisa chegar a um clímax, o que eu fiz não será completo até o fim ter chegado.

Não pode ser verdade, pensou Vin. *Preservação. Se ele realmente representa um poder no universo, então não poderia ter sido destruído de verdade, certo?*

— Sei o que está pensando — Ruína comentou. — Você não pode recorrer ao poder de Preservação. Ele está morto. Não podia me matar, entende? Era

capaz apenas de me aprisionar.

Sim, eu já entendi essa parte. Você realmente não pode ler minha mente, não é?

Ruína continuou.

— Foi um ato abominável, devo dizer. Preservação tentou romper o nosso acordo. Não chamaria isso de um ato maldoso? É como eu disse antes: bem e mal têm pouco a ver com ruína ou preservação. Um homem mau protegerá aquilo que deseja com tanta determinação quanto um homem bom.

Mas algo ainda impede Ruína de destruir o mundo agora, ela pensou. *Com todas essas palavras sobre histórias e finais, ele não é uma força que esperaria um momento "apropriado". Há algo mais aí, algo que ainda não entendi.*

O que a está refreando?

— Vim até você — Ruína disse —, pois quero que, no mínimo, observe e veja. Saiba. Pois ele chegou.

Vin mostrou interesse.

— O quê? O fim?

Ruína assentiu.

— Quanto tempo falta? — Vin perguntou.

— Dias. Mas não semanas — Ruína respondeu.

Vin sentiu um calafrio, percebendo algo. Ruína tinha vindo até ela, finalmente se revelando, pois Vin fora capturada. Ruína pensava que não havia mais chance para a humanidade. Já presumia que havia vencido.

O que significa que existe uma maneira de derrotá-lo, pensou Vin com determinação. *E isso envolve a mim. Mas não posso fazer nada aqui, ou ele não teria vindo se gabar.*

O que significava que ela precisava se libertar. E rápido.

Uma vez que você começa a entender essas coisas, consegue enxergar como Ruína estava aprisionado, mesmo que a mente de Preservação tivesse se dissipado, sacrificada na criação da prisão. Embora a consciência de Preservação tivesse sido em grande parte destruída, seu espírito e seu corpo ainda estavam em vigor. E, como uma força oposta a Ruína, ainda podia impedir a destruição que o outro queria causar.

Ou, ao menos, impedir que ele destruísse as coisas muito rapidamente. Assim que a mente dele se "libertou" da prisão, a destruição se acelerou às pressas.

58

— Jogue seu peso aqui — Sazed disse, apontando para uma alavanca de madeira. — Os contrapesos vão cair, abaixando as quatro comportas e obstruindo o fluxo para dentro da caverna. Porém, aviso a vocês, a explosão de água lá em cima será bem espetacular. Acredito que seremos capazes de encher os canais da cidade em questão de horas, e suspeito que a parte norte da cidade será inundada.

— Em níveis perigosos? — Fantasma perguntou.

— Não creio — Sazed respondeu. — A água vai sair pelos condutos na construção de alternação acima de nós. Inspecionei os equipamentos de lá, e me parecem sólidos. A água *deve* fluir diretamente para os canais e, então, sair para a cidade. De qualquer forma, eu não gostaria de estar naquelas ruas-canal quando a água chegar. As correntes serão bem rápidas.

— Já cuidei disso — Fantasma avisou. — Durn vai garantir que as pessoas saiam do caminho das águas.

Sazed assentiu. Fantasma ficou mesmo impressionado. A estrutura de madeira, engrenagens e fios parecia ter levado meses para ser construída, não semanas. Grandes redes de pedras baixavam quatro comportas que, no momento, estavam suspensas e prontas para bloquear o rio.

— Isso é incrível, Sazed — disse, enfim. — Com um sinal tão espetacular quanto o reaparecimento das águas, as pessoas *com certeza* vão nos escutar e parar de dar ouvidos ao Cidadão.

Brisa e os homens de Durn estavam trabalhando com afinco nas últimas semanas, sussurrando às pessoas para ficarem atentas a um milagre do Sobrevivente das Chamas. Algo extraordinário, algo que provaria, de uma vez por todas, quem era o mestre da cidade por direito.

— É o melhor que pude fazer — Sazed disse com uma modesta reverência. — As tampas não ficarão perfeitamente cerradas, claro. Mas isso não deve influenciar muito.

— Homens — Fantasma comentou, virando-se para os quatro soldados de

Goradel. — Entenderam o que devem fazer?

— Sim, senhor — o líder dos soldados respondeu. — Aguardaremos o mensageiro e, em seguida, abaixaremos a alavanca.

— Se o mensageiro não vier, abaixem a alavanca ao anoitecer — Fantasma ordenou.

— E — Sazed começou a falar, erguendo o indicador — não se esqueçam de girar o mecanismo de selagem na outra sala, impedindo o fluxo d'água para *fora* desta câmara. Do contrário, o lago vai se esvaziar. Melhor mantermos este reservatório cheio, só para garantir.

— Sim, senhor — o soldado disse, com um aceno de cabeça.

Fantasma se virou e olhou para a caverna. Soldados corriam para lá e para cá com os preparativos. Ele precisaria da maioria deles para as atividades daquela noite. Pareciam ávidos; haviam passado tempo demais entocados na caverna e no prédio acima dela. Ao lado, Beldre observava o aparelho de Sazed com interesse. Fantasma se separou dos soldados, aproximando-se dela com passos rápidos.

— Você vai mesmo fazer isso? — ela perguntou. — Devolver a água para os canais?

Fantasma concordou com um aceno de cabeça.

— Às vezes eu imaginava como seria ter as águas de volta — ela comentou. — A cidade não pareceria tão seca; seria importante, como durante o início do Império Final. Todos aqueles lindos canais. Sem aquelas valas feias no chão.

— Será uma bela visão — Fantasma disse, sorrindo.

Beldre apenas meneou a cabeça.

— Me surpreende… que você possa ser tantas pessoas diferentes ao mesmo tempo. Como o homem que fez uma coisa tão bela para a minha cidade também planeja tal destruição?

— Beldre, não estou planejando destruir sua cidade.

— Apenas o governo dela.

— Estou fazendo o que precisa ser feito.

— Os homens dizem isso com tanta leviandade — Beldre falou. — Ainda assim, todos parecem ter uma opinião diferente do que "precisa ser feito".

— Seu irmão teve a chance dele — Fantasma retrucou.

Beldre baixou os olhos. Ainda carregava consigo a carta que havia recebido

mais cedo — uma resposta de Quellion. O pedido de Beldre fora sincero, mas o Cidadão respondera com insultos, insinuando que ela fora forçada a escrever aquelas palavras devido ao cativeiro.

Não temo o usurpador, dizia a carta. *Sou protegido pelo Sobrevivente. Você não terá esta cidade, tirano.*

Beldre ergueu os olhos.

— Não faça isso — ela sussurrou. — Dê mais tempo a ele. Por favor.

Fantasma hesitou.

— Não há mais tempo — Kelsier sussurrou. — Faça o que precisa ser feito.

— Desculpe — Fantasma disse, afastando-se dela. — Fique com os soldados. Deixarei quatro homens para vigiá-la. Não para impedir que você fuja, embora eles tenham ordens para fazer isso. Quero você dentro desta caverna. Não posso prometer que as ruas ficarão seguras.

Ele a ouviu suspirar baixinho atrás de si. Deixou-a para trás e caminhou até um grupo de soldados que se reunia. Um homem lhe trouxe os bastões de duelo e a capa chamuscada. Goradel estava à frente dos soldados, ostentando um ar orgulhoso.

— Estamos prontos, milorde.

Brisa parou ao lado dele, meneando a cabeça e batendo o bastão de duelo no chão, depois suspirou.

— Bem, lá vamos nós de novo…

O evento da noite era um discurso que Quellion vinha anunciando já fazia um tempo. Havia parado com as execuções pouco antes, como se finalmente tivesse percebido que as mortes contribuíam para a instabilidade de seu governo. Aparentemente pretendia voltar para a atitude benevolente, realizando discursos, enfatizando as coisas maravilhosas que estava fazendo pela cidade.

Fantasma caminhou sozinho, um pouco à frente de Brisa, Allrianne e Sazed, que conversavam atrás. Alguns dos soldados de Goradel também seguiam, usando os trajes comuns de Urteau. Fantasma dividiu a força, enviando-a por caminhos diferentes. Não havia escurecido ainda — para Fantasma o sol poente estava reluzente, forçando-o a usar a venda e os óculos. Quellion gostava de fazer seus discursos à noite, para que as brumas chegassem durante eles. Gostava de insinuar relações com o Sobrevivente.

Uma figura saiu caminhando pesadamente de uma rua-canal lateral próxima a Fantasma. Durn caminhava com uma postura inclinada, uma capa obscurecendo sua silhueta. Fantasma respeitava a insistência deturpada do sujeito em deixar a segurança de Tormentos, saindo para realizar trabalhos sozinho. Talvez fosse por isso que acabara se tornando o líder do submundo da cidade.

— As pessoas estão se reunindo conforme esperado — Durn disse, tossindo baixo. — Alguns dos seus soldados já estão lá.

Fantasma assentiu.

— As coisas estão… agitadas na cidade — Durn contou. — Isso me preocupa. Segmentos que não posso controlar já começaram a saquear algumas das mansões nobres proibidas. Meus homens estão todos ocupados tentando tirar as pessoas das ruas-canal.

— Vai ficar tudo bem — Fantasma disse. — A maioria do povo estará no discurso.

Durn ficou em silêncio por um momento.

— Corre o boato de que Quellion usará o discurso para denunciar você e, em seguida, ordenar um ataque ao prédio do Ministério em que vocês estão.

— Que bom que não estamos lá, então — Fantasma comentou. — Ele não deveria ter retirado os soldados, mesmo que *precisasse* deles para manter a ordem na cidade.

Durn assentiu.

— O que foi? — Fantasma perguntou.

— Só espero que você consiga lidar com isso, rapaz. Quando esta noite terminar, a cidade será sua. Trate-a melhor do que Quellion.

— Conte com isso — Fantasma garantiu.

— Meus homens vão criar perturbações para você na reunião. Adeus.

Durn virou na próxima à esquerda, desaparecendo em outro beco da rua-canal.

Lá adiante, as pessoas já estavam se reunindo. Fantasma puxou o capuz da capa, mantendo os olhos escondidos enquanto ziguezagueava pela multidão. Rapidamente deixou Sazed e os outros para trás, abrindo caminho até uma rampa que dava na antiga praça da cidade — o lugar que Quellion havia escolhido para o discurso. Seus homens haviam erguido um palco de madeira, de onde o Cidadão poderia encarar o povo. O discurso já estava em andamento.

Fantasma parou a uma curta distância de uma patrulha. Muitos dos soldados de Quellion cercavam o palco, encarando a multidão.

Minutos se passaram, e Fantasma ouviu o tom da voz de Quellion, ainda que não prestasse atenção às palavras. As cinzas caíam ao redor, cobrindo a multidão. As brumas começaram a rodopiar pelo ar.

Ele escutou, escutou com ouvidos que nenhum outro homem tinha. Aplicou a estranha capacidade alomântica de filtrar e ignorar — ouvir através de conversas e sussurros, pés arrastando e tosses, bem como, de alguma forma, ele conseguia enxergar através das brumas turvas. Fantasma ouvia a cidade. Gritos a distância.

Estava começando.

— Rápido demais! — uma voz sussurrou, um mendigo que caminhava ao lado de Fantasma. — Durn mandou avisar. Revoltas nas ruas, revoltas que ele não começou! Durn não consegue controlar. Milorde, a cidade está começando a ferver!

— Era uma noite parecida com esta — outra voz sussurrou. A voz de Kelsier. — Uma noite gloriosa. Quando tomei a cidade de Luthadel e ela foi minha.

Uma perturbação começou ao fundo da multidão. Os homens de Durn estavam causando a distração. Alguns guardas de Quellion se separaram da aglomeração para abafar a revolta próxima. O Cidadão continuava a gritar suas acusações. Fantasma ouviu o próprio nome nas palavras, mas o contexto era apenas ruído.

Ele inclinou a cabeça para trás, erguendo os olhos para o céu. As cinzas caíam até ele, como se o próprio rapaz estivesse à deriva entre elas no ar. Como um Nascido da Bruma.

O capuz caiu. Os homens ao seu redor sussurraram, surpresos.

Um relógio soou a distância. Os soldados de Goradel se apressaram até o palco. Fantasma conseguia sentir um brilho se erguendo nos arredores. Os fogos da rebelião, ardendo pela cidade. Como na noite em que ele derrubara o Senhor Soberano. As tochas da revolução. Em seguida, o povo colocou Elend no trono.

Dessa vez, seria Fantasma quem eles elevariam.

Fraco, nunca mais, ele pensou. *Nunca serei fraco de novo!*

Os últimos soldados de Quellion correram para longe do palco, avançando para combater os homens de Goradel. A multidão se afastou da batalha, mas ninguém correu. O povo tinha sido bem preparado para os eventos daquela noite.

Muitos esperariam, à procura dos sinais que Fantasma e Durn haviam prometido — sinais revelados apenas poucas horas antes para minimizar o risco de espiões de Quellion saberem dos planos de Fantasma. Um milagre nos canais, e a prova de que Quellion era um alomântico.

Se o Cidadão — ou mesmo qualquer de seus guardas no palco — lançasse moedas ou usasse a Alomancia para saltar no ar, as pessoas veriam. Saberiam que tinham sido enganaram. E aquilo seria o fim. A multidão avançou para longe dos soldados, e seu afastamento deixou Fantasma sozinho. A voz de Quellion finalmente se interrompeu. Alguns dos soldados estavam correndo para tirá-lo do palco.

Os olhos de Quellion encontraram Fantasma. Apenas então revelaram medo.

Fantasma saltou. Podia não ser capaz de *empurrar* aço, mas suas pernas estavam abastecidas pelo poder do peltre avivado. Ele se ergueu, escalando com facilidade a ponta do palco, aterrissando agachado. Puxou um bastão de duelo e, em seguida, correu para o Cidadão.

Atrás dele, as pessoas começaram a gritar. Fantasma ouviu seu nome, Sobrevivente das Chamas. Sobrevivente. Ele não simplesmente mataria Quellion, mas o destruiria. Minando seu governo, como Brisa sugeriu. Naquele momento, o Abrandador e Allrianne estariam manipulando a multidão, impedindo que fugisse em pânico. Mantendo-a no lugar.

Para que pudessem assistir ao show que Fantasma estava prestes a apresentar.

Os guardas ao lado de Quellion viram sua aproximação tarde demais. Ele derrubou o primeiro com facilidade, esmagando o crânio do homem dentro do capacete. Quellion gritou, pedindo mais ajuda.

Fantasma lançou um golpe em outro homem, mas o alvo se esquivou com velocidade incrível. Fantasma desviou a tempo de não ser atingido por uma pancada, a arma raspando a lateral do rosto. O homem era um alomântico — um queimador de peltre. O grandalhão que não carregava espada, mas, em vez disso, um bastão afiado de obsidiana.

O peltre não é espetacular o bastante, pensou Fantasma. *As pessoas não sabem discernir um homem que golpeia rápido demais ou aguenta golpes demais. Preciso fazer Quellion lançar moedas.*

O Brutamontes se afastou, obviamente notando a velocidade aumentada de Fantasma. Ele manteve a arma em riste com desconfiança, mas não atacou. Apenas precisava servir de impedimento, deixando o companheiro levar

Quellion para longe. Não seria fácil derrubar o Brutamontes; ele era mais habilidoso que Fantasma e ainda mais forte.

— Sua família está livre — Fantasma mentiu, em voz baixa. — Nós a salvamos mais cedo. Ajude-nos a capturar Quellion; ele não terá mais controle sobre vocês.

O Brutamontes parou, abaixando a arma.

— Mate-o! — Kelsier disse, brusco.

Não era o plano de Fantasma, mas ele reagiu à ordem. Avançou para dentro do alcance do Brutamontes. O homem virou-se em choque e, quando o fez, Fantasma deu um golpe de costas no crânio dele. O bastão de duelo se estilhaçou. O Brutamontes tombou ao chão, e Fantasma agarrou a arma do homem caído, o bastão de obsidiana afiado.

Quellion estava na beirada do palco. Fantasma saltou, atravessando a plataforma de madeira. Tudo bem para ele usar a Alomancia; não havia pregado contra ela. Apenas Quellion, o hipócrita, precisava temer o uso de seus poderes.

Fantasma derrubou o outro guarda ao aterrissar — as lascas dentadas de obsidiana rasgando a carne. O soldado caiu, e Quellion girou.

— Não tenho medo de você! — disse o Cidadão, com voz trêmula. — Sou protegido!

— Mate-o! — Kelsier ordenou, aparecendo no palco a uma curta distância. Em geral, o Sobrevivente apenas falava em sua mente; nunca havia aparecido de verdade desde aquele dia no prédio em chamas. Significava que coisas importantes estavam acontecendo.

Fantasma agarrou o Cidadão pela frente da camisa, puxando-o para si. Ele ergueu o cabo de madeira, o sangue pingando das pontas de obsidiana na lateral da mão.

— *Não!*

Fantasma ficou paralisado com a voz, em seguida olhou para o lado. Ela estava lá, abrindo caminho pela multidão, aproximando-se do espaço aberto diante do palco.

— *Beldre*? — Fantasma perguntou. — Como você saiu da caverna?

Mas, claro, ela não conseguia ouvi-lo. Apenas a audição sobre-humana de Fantasma permitia que ele ouvisse a voz da moça entre os ruídos de medo e de batalha. Ele encontrou os olhos dela à distância, e mais viu do que ouviu as palavras sussurradas:

— *Por favor. Você prometeu.*

— Mate-o!

Quellion escolheu aquele momento para tentar se safar. Fantasma se virou, puxando-o de volta, mais forte dessa vez, quase rasgando a camisa dele enquanto jogava o homem para baixo da plataforma de madeira. O Cidadão gritou de dor, e Fantasma ergueu a arma brutal com as duas mãos.

Algo brilhou à luz dos incêndios. Fantasma mal sentiu o impacto, embora o tivesse balançado. Ele tombou, olhando para baixo, vendo o sangue na lateral. Algo havia perfurado a carne de seu braço esquerdo e ombro. Não uma flecha, embora tivesse se movido como uma. O braço caiu e, embora ele não pudesse sentir a dor, parecia que seus músculos não estavam funcionando direito.

Algo me atingiu. Uma… moeda.

Ele se virou. Beldre estava na frente da multidão, chorando, a mão erguida na sua direção.

Ela estava lá no dia em que fui capturado, pensou Fantasma, atordoado, *ao lado do irmão. Ele sempre a mantinha por perto. Para protegê-la, segundo o que pensamos.*

Ou teria sido o contrário?

Fantasma se empertigou, Quellion choramingando diante dele. O braço de Fantasma pingava sangue onde a moeda de Beldre havia atingido, mas ele ignorou o ferimento, encarando-a.

— Foi sempre você a alomântica — ele sussurrou. — Não seu irmão.

E, nesse instante, a multidão começou a gritar, provavelmente incitada por Brisa.

— A irmã do Cidadão é uma alomântica!

— Hipócrita!

— Mentiroso!

— Ele matou meu tio e deixou a própria irmã viva!

Beldre gritou quando as pessoas, cuidadosamente preparadas e provocadas, viram a prova que Fantasma havia lhes prometido. Não era o alvo que ele pretendia, mas a máquina que ele pusera em movimento não poderia ser parada agora. As pessoas juntaram-se ao redor de Beldre, gritando furiosas, empurrando-a entre eles.

Fantasma avançou, erguendo o braço ferido. Então, uma sombra caiu sobre

ele.

— Ela sempre planejou traí-lo, Fantasma — Kelsier disse.

Fantasma se virou, olhando para o Sobrevivente. Ele se postava alto e orgulhoso, como no dia em que enfrentara o Senhor Soberano.

— Você ficou esperando um assassino — Kelsier continuou — e não percebeu que Quellion já havia mandado um. A irmã dele. Não pareceu estranho que a tenha deixado fugir das suas vistas e entrar na base inimiga? Ela foi enviada para matá-lo. Você, Sazed e Brisa. O problema é que ela foi criada como uma garota rica e mimada. Não está acostumada a matar. Nunca esteve. Vocês nunca estiveram em perigo real.

A multidão se agitou, e Fantasma virou, preocupado com Beldre. No entanto, ele se acalmou um pouco quando percebeu que as pessoas apenas a estavam empurrando ao palco.

— Sobrevivente! — as pessoas entoavam. — Sobrevivente das Chamas!

— Rei!

Eles jogaram Beldre diante dele, empurrando-a para cima da plataforma. Sua roupa escarlate estava rasgada; sua figura, surrada; os cabelos castanho-avermelhados, desgrenhados. Ao lado dela, Quellion grunhiu. Fantasma parecia ter quebrado o braço do homem sem perceber.

Fantasma avançou para ajudar Beldre, que sangrava de vários pequenos cortes, mas estava viva. E chorando.

— Ela era a guarda-costas — Kelsier disse, aproximando-se de Beldre. — Por isso sempre estava com ele. Quellion não é um alomântico. Nunca foi.

Fantasma se ajoelhou ao lado da garota, curvando-se sobre a moça escoriada.

— Agora, você precisa matá-la — Kelsier sugeriu.

Fantasma ergueu os olhos, o sangue que escorria do corte no rosto onde o Brutamontes o acertara de raspão pingou de seu queixo.

— *O quê*?

— Você quer poder, Fantasma? — Kelsier perguntou, dando um passo à frente. — Você quer ser um alomântico melhor? Bem, esse poder deve vir de algum lugar. Nunca é gratuito. Esta mulher é uma Lançamoedas. Mate-a e poderá ter a capacidade dela. Eu lhe darei.

Fantasma baixou os olhos para a mulher em prantos. Parecia surreal, como se ele não estivesse ali. Sua própria respiração era difícil, cada suspiro, ofegante, o corpo trêmulo apesar do peltre. As pessoas entoavam seu nome. Quellion estava

murmurando algo, e Beldre continuou a chorar.

Fantasma estendeu a mão ensanguentada, arrancando a venda, os óculos caindo sem impedimento. Ele cambaleou, olhando para a cidade.

E a viu queimando.

Os sons da revolta ecoavam pelas ruas. Chamas incendiavam a cidade em dezenas de locais diferentes, iluminando as brumas, lançando uma neblina infernal sobre a cidade. Não eram incêndios da rebelião. Eram chamas de destruição.

— Está errado… — Fantasma sussurrou.

— Você vai tomar a cidade, Fantasma — Kelsier falou. — Terá o que sempre quis! Será como Elend, como Vin. Melhor que os dois! Terá os títulos de Elend e o poder de Vin! Será como um deus!

Fantasma virou de costas para a cidade em chamas quando algo chamou sua atenção. Quellion estava erguendo o braço bom, estendendo a mão para…

Para Kelsier.

— Por favor — Quellion sussurrou. Parecia capaz de *ver* o Sobrevivente, embora ninguém mais ao redor deles pudesse. — Milorde Kelsier, por que o senhor me abandonou?

— Eu lhe dei peltre, Fantasma — Kelsier disse, agora com irritação, sem olhar para Quellion. — E você me renega agora? Tem que arrancar uma das estacas de aço que seguram este palco. Em seguida, deve pegar a garota e cravar a estaca no peito dela. Mate-a com a estaca e enterre-a em seu próprio corpo. É a única maneira!

Matá-la com a estaca… pensou Fantasma, sentindo-se atordoado. *Tudo começou naquele dia, quando eu quase morri. Eu estava lutando com um Brutamontes no mercado. Eu o usei como escudo. Mas… o outro soldado atacou ainda assim, atravessando o amigo e me perfurando.*

Fantasma se afastou de Beldre, ajoelhando-se ao lado de Quellion. O homem gritou quando Fantasma o forçou contra as tábuas.

— Isso, mate-o primeiro — Kelsier disse.

Mas Fantasma não estava ouvindo. Ele arrancou a camisa de Quellion, olhando para o ombro e o peito. Não havia nada de estranho nos dois. O braço do Cidadão, no entanto, tinha um pedaço de metal que o perfurava. Parecia ser bronze. Com a mão trêmula, Fantasma puxou o metal. Quellion gritou.

Mas Kelsier também.

Fantasma se virou, a estaca de bronze ensanguentada na mão. Kelsier ficou enfurecido, mãos em forma de garras, avançando.

— O que *é* você? — Fantasma perguntou.

A coisa gritou, mas Fantasma a ignorou, olhando para o próprio peito. Ele arrancou a camisa, expondo a ferida, quase completamente cicatrizada, no ombro. Um brilho de metal ainda brilhava ali: a ponta da espada. A espada que atravessara um alomântico, matando o homem e em seguida perfurando o corpo de Fantasma. Kelsier lhe dissera para manter a lasca quebrada ali. Como um símbolo do que Fantasma sofrera.

A ponta da lasca saía da pele de Fantasma. Como tinha esquecido aquilo? Como ignorara um pedaço relativamente grande de metal dentro do próprio corpo? Fantasma estendeu a mão para pegá-lo.

— Não! — Kelsier falou. — Fantasma, quer voltar a ser normal? Quer voltar a ser inútil de novo? Vai perder seu peltre e voltar a ser fraco, como era quando deixou seu tio morrer!

Fantasma hesitou.

Não, pensou Fantasma. *Tem algo errado. Eu deveria expor Quellion, fazê-lo usar sua Alomancia, mas eu apenas ataquei. Quis matar. Esqueci os planos e os preparativos. Trouxe destruição para a cidade.*

Isso não está certo!

Ele puxou a adaga de vidro da bota. Kelsier soltou um grito terrível em seus ouvidos, mas Fantasma ainda assim ergueu a mão, cortando a carne do próprio peito. Enfiou os dedos fortalecidos pelo peltre na ferida e agarrou a lasca de aço que estava lá dentro.

Em seguida, arrancou o pedaço de metal, jogando-o no palco e soltando um berro pela dor que sentiu. Kelsier desapareceu de imediato. E a capacidade de Fantasma de queimar peltre se foi com ele.

Fantasma foi atingido de uma vez: a fadiga do esforço exagerado durante seu tempo em Urteau. Os ferimentos que vinha ignorando. A repentina explosão de luz, som, cheiros e sensações que o peltre ajudava a segurar. Tudo isso o sacudiu como uma força física, esmagando-o. Ele caiu na plataforma.

Gemeu, incapaz de pensar. Conseguiu apenas deixar a escuridão tomá-lo…

A cidade está queimando.

Escuridão…

Milhares morrerão nas chamas.

As brumas faziam cócegas em suas bochechas. Em meio à balbúrdia, Fantasma tinha reduzido o estanho, aliviando as sensações, deixando-o sentir aquele glorioso atordoamento. Era melhor daquele jeito.

Você quer ser como Kelsier? Realmente como Kelsier? Então lute quando estiver derrotado.

— Lorde Fantasma! — A voz era distante.

Sobreviva!

Com um grito de dor, Fantasma avivou estanho. Como o metal sempre fazia, trouxe uma onda de sensações — milhares delas, abatendo-se sobre ele de uma vez. Dor. Sentimentos. Audição. Sons, cheiros, luzes.

E lucidez.

Fantasma se esforçou para ficar de joelhos, tossindo. O sangue ainda corria de seu braço. Ele ergueu os olhos. Sazed corria até ele na plataforma.

— Lorde Fantasma! — o terrisano disse, ofegando ao chegar. — Lorde Brisa está tentando abafar as revoltas, mas acho que provocamos a cidade demais! As pessoas vão destruí-la em sua fúria.

— As chamas — Fantasma gemeu. — Temos que apagar os incêndios. A cidade é seca demais, tem madeira demais. Ela vai queimar com todo mundo dentro dela.

Sazed olhou com seriedade.

— Não há como. Precisamos ir embora! A revolta vai nos destruir.

Fantasma olhou para o lado. Beldre estava ajoelhada ao lado do irmão. Havia atado seu ferimento e em seguida feito uma tipoia improvisada para o braço. Quellion olhou para Fantasma, parecendo zonzo. Como se tivesse acabado de acordar de um sonho.

Fantasma cambaleou até ficar em pé.

— Não vamos abandonar a cidade, Sazed.

— Mas…

— *Não!* — Fantasma gritou. — Fugi de Luthadel e deixei Trevo morrer. Não vou fugir novamente! Podemos parar as chamas. Precisamos apenas de água.

Sazed hesitou.

— Água — Beldre disse, erguendo-se.

— Os canais logo se encherão — Fantasma constatou. — Podemos organizar brigadas de incêndio… usar a enchente para impedir as chamas.

Beldre ergueu os olhos.

— Não vai haver enchente, Fantasma. Os guardas que você deixou… eu os ataquei com moedas.

Fantasma sentiu um calafrio.

— Estão mortos?

Ela sacudiu a cabeça, os cabelos desgrenhados, o rosto arranhado.

— Não sei — ela disse, baixinho. — Não olhei.

— As águas não vieram ainda — Sazed falou. — Elas… já deveriam ter sido liberadas.

— Então, nós as traremos! — Fantasma respondeu num repente. Ele se virou para Quellion e cambaleou, sentindo-se zonzo. — Você! — Ele apontou para o Cidadão. — Você queria ser rei desta cidade? Bem, lidere o povo, então. Tome o controle deles e prepare-os para apagar os incêndios.

— Não posso — Quellion disse. — Eles vão me matar pelo que fiz.

Fantasma bambeou com a tontura. Apoiou-se em uma viga, segurando a cabeça. Beldre deu um passo na direção dele.

Fantasma ergueu os olhos, encontrando os de Quellion. Os incêndios da cidade eram tão brilhantes que seu estanho avivado dificultava a visão. Ainda assim, ele não ousou soltar o metal — apenas o poder do ruído, do calor e da dor o mantinha consciente.

— Você *vai* até eles — Fantasma falou. — Não quero saber se vão rasgá-lo ao meio, Quellion. Você vai tentar salvar esta cidade. Do contrário, eu vou matá-lo com as minhas próprias mãos. *Entendeu?*

O Cidadão ficou paralisado, em seguida assentiu.

— Sazed — Fantasma disse —, leve-o até Brisa e Allrianne. Vou até o depósito. Vou trazer as águas para o canal, de um jeito ou de outro. Peça para Brisa e os outros formarem brigadas para apagar as chamas assim que houver água.

Sazed assentiu.

— É um bom plano. Mas Goradel vai levar o Cidadão. Eu vou com você.

Fantasma assentiu, exausto. Em seguida, quando Sazed se afastou para buscar o capitão da guarda, que aparentemente havia estabelecido um perímetro defensivo ao redor da praça, Fantasma desceu do palco e se esforçou para rumar de volta à caverna.

Não demorou para perceber que alguém o alcançava. Depois de alguns momentos, a pessoa o ultrapassou e começou a correr. Parte de sua mente sabia que era uma coisa boa Sazed ter decidido seguir na frente — o terrisano havia criado o mecanismo que inundaria a cidade. Ele puxaria a alavanca. Fantasma não era mais necessário.

Continue a se mover.

Foi o que fez, continuou a andar, como se cada passo fosse em penitência pelo que havia feito à cidade. Depois de um tempo, percebeu que alguém estava ao seu lado, atando uma bandagem ao seu braço.

Ele piscou.

— Beldre?

— Eu traí você — ela falou, baixando os olhos. — Mas não tive escolha. Eu não poderia deixar que você o matasse. Eu…

— Você fez a coisa certa — Fantasma disse. — Algo… algo estava interferindo, Beldre. Estava dominando o seu irmão. Quase me dominou. Não sei. Temos que continuar andando. O esconderijo está próximo. Logo acima da rampa.

Ela o apoiou enquanto eles caminhavam. Fantasma sentiu o cheiro de fumaça antes de chegar lá. Viu a luz e sentiu o calor. Ele e Beldre foram até o alto da rampa, praticamente rastejando, pois ela estava quase tão surrada quanto ele. No entanto, Fantasma sabia o que encontraria.

O prédio do Ministério, como grande parte da cidade, estava em chamas. Sazed estava parado diante dele, a mão erguida diante dos olhos. Para os sentidos aguçados de Fantasma, o brilho das chamas era tão intenso que ele precisava desviar o olhar. O calor o fazia sentir como se estivesse a poucos centímetros do próprio sol.

Sazed tentou se aproximar do prédio, mas teve de se afastar. Virou-se para Fantasma, cobrindo o rosto.

— Está quente demais! — comentou. — Precisamos encontrar um pouco d’água ou talvez areia. Apagar o incêndio antes que ele se espalhe lá para baixo.

— Tarde demais… — Fantasma sussurrou. — Vai demorar muito.

Beldre se virou, olhando para a cidade. Aos olhos de Fantasma, a fumaça parecia girar e se erguer por todo o lado no céu brilhante, alçando-se para cima como se para encontrar as chuvas de cinzas.

Ele cerrou os dentes e tombou para frente, na direção do fogo.

— Fantasma! — Beldre gritou. Mas não precisava se preocupar. As chamas eram quentes demais. A dor foi tão forte que ele recuou antes que pudesse cruzar metade da distância. Cambaleou para longe, juntando-se a Beldre e Sazed, arfando baixinho, piscando com olhos marejados. Seus sentidos aguçados dificultavam ainda mais a aproximação das chamas.

— Não há nada que possamos fazer aqui — Sazed disse. — Precisamos juntar equipes e voltar.

— Eu falhei — Fantasma sussurrou.

— Não mais que qualquer um de nós — Sazed falou. — É minha culpa. O imperador me colocou no comando.

— Deveríamos ter trazido segurança à cidade — Fantasma comentou. — Não destruição. Eu deveria ter sido capaz de impedir esses incêndios. Mas dói muito.

Sazed sacudiu a cabeça.

— Ah, Lorde Fantasma. Você não é deus para comandar o fogo segundo sua vontade. É um homem, como nós. Somos todos apenas… homens.

Fantasma deixou que eles o levassem. Sazed estava certo, claro. Era apenas um homem. Apenas Fantasma. Kelsier escolhera seu bando com cuidado. Deixara uma nota para eles quando morreu. Listara os outros — Vin, Brisa, Dockson, Trevo e Ham. Falara deles e do motivo pelo qual os escolhera.

Mas não Fantasma. O único que não se encaixava.

Eu lhe dei um nome, Fantasma. Você era meu amigo.

Isso não basta?

Fantasma paralisou, forçando os outros a pararem. Sazed e Beldre olharam para ele. Fantasma encarou a noite. Uma noite que era brilhante demais. O fogo queimava. A fumaça era pungente.

— Não — Fantasma sussurrou, sentindo lucidez plena pela primeira vez desde que a violência da noite havia começado. Ele se soltou das mãos de Sazed e correu de volta para o prédio em chamas.

— Fantasma! — Duas vozes gritaram na noite.

Fantasma se aproximou das chamas. Sua respiração ficou cada vez mais difícil, e a pele, cada vez mais quente. O fogo era brilhante, devorador, e Fantasma avançou direto para ele. Em seguida, no momento em que a dor ficou forte demais, ele extinguiu o estanho.

E ficou entorpecido.

Aconteceu como antes, quando ele foi aprisionado no prédio sem nenhum metal. Avivar estanho por tanto tempo havia expandido seus sentidos, mas então, no momento em que parava de queimar tudo, aqueles mesmos sentidos se embotavam. O corpo inteiro ficava amortecido, sem sentidos ou sensações.

Ele irrompeu pela porta do prédio, as chamas chovendo ao redor.

Seu corpo queimava. Mas ele não conseguia sentir as chamas, e a dor não o impedia de avançar. O fogo era brilhante a ponto de até seus olhos enfraquecidos conseguirem enxergar. Ele continuou, ignorando fogo, calor e fumaça.

Sobrevivente das Chamas.

Sabia que as chamas o estavam matando. Ainda assim, ele se forçou a seguir adiante, continuando a correr mesmo muito depois do limiar da dor. Ele chegou à sala aos fundos, patinando e deslizando pela escada quebrada.

A caverna estava escura. Ele tropeçou através dela, abrindo caminho por estantes e móveis, passando pela parede, movendo-se com um desespero que alertava que o tempo era curto. O corpo não estava mais funcionando direito — ele exigira demais de si e não tinha mais peltre.

Ficou grato pela escuridão. Quando finalmente tropeçou na máquina de Sazed, soube que ele ficaria horrorizado ao ver o que as chamas haviam feito com seus braços.

Gemendo baixo, ele tateou e encontrou a alavanca — ou, com as mãos entorpecidas, o que ele esperava que fosse a alavanca. Os dedos não funcionavam mais. Então, ele simplesmente jogou o próprio peso contra ela, movendo as engrenagens conforme necessário.

Em seguida, foi ao chão, sentindo apenas o frio e a escuridão.

Quinta parte

Confiança

Não sei o que passava pela mente dos koloss — quais lembranças retinham, quais emoções humanas eles ainda vivenciavam. Sei que nossa descoberta daquela criatura, que chamava a si mesma de Humano, foi tremendamente afortunada. Sem sua luta para se tornar um ser humano novamente, talvez nunca tivéssemos entendido a relação entre os koloss, a Hemalurgia e os Inquisidores.

Claro, havia outra parte na qual ele atuaria. Verdade que não era grande, mas foi ainda assim importante, se levarmos tudo o mais em consideração.

59

Urteau já tinha visto dias melhores.

Vin certamente fez bem seu trabalho aqui, TenSoon pensou enquanto atravessava a cidade, chocado com a destruição. Cerca de dois anos atrás, antes mesmo de ser enviado para espionar Vin, ele fora o kandra de Straff Venture e visitara Urteau com frequência. Embora nunca tivesse sido páreo para a majestade nobre ou a pobreza disseminada de Luthadel, fora uma bela cidade, digna de ser a sede de uma Grande Casa.

Agora, boa parte da cidade era uma ruína carbonizada. Os prédios que não haviam queimado estavam abandonados ou lotados — uma mistura estranha, na opinião de TenSoon. Aparentemente, as casas dos nobres eram evitadas, enquanto os edifícios skaa abrigavam verdadeiras aglomerações.

No entanto, o mais notável eram os canais. Estavam cheios novamente. TenSoon se sentou sob as patas traseiras, observando um barco improvisado ocasional percorrer o canal, deslocando a pátina de cinzas que cobria a água. Aqui e acolá, escombros e dejetos se acumulavam, mas os canais continuavam navegáveis na maioria dos lugares.

Ele se ergueu, sacudindo a cabeça canina e continuando seu caminho. Enterrou os ossos de Kelsier do lado de fora antes de entrar, pois não queria parecer estranho carregando uma bolsa nas costas.

Qual fora o objetivo de queimar a cidade e em seguida restaurar seus canais? Provavelmente teria que esperar para encontrar a resposta. Não havia visto nenhum exército acampado do lado de fora. Se Vin passara por ali, já havia se deslocado para outra localidade. O objetivo de TenSoon agora era encontrar quem havia assumido a liderança dos restos da cidade, para então continuar seu caminho em busca do Herói das Eras.

Enquanto caminhava, ouviu o povo conversar, falar sobre como conseguiram sobreviver aos incêndios que derrubaram muito da cidade. Pareciam até felizes. Havia desespero também, mas muitos aparentavam uma estranha felicidade. Não era uma cidade cujo povo fora conquistado.

Eles sentem que derrotaram o fogo, TenSoon pensou, caminhando por uma rua mais movimentada. *Não veem a perda de um terço da cidade como um desastre; veem salvar dois terços dela como um milagre*.

Ele seguiu o fluxo do tráfego na direção do centro da cidade, onde finalmente encontrou os soldados que esperava. Eram definitivamente de Elend, com a lança e o pergaminho no brasão dos uniformes. No entanto, defendiam um local improvável: um prédio do Ministério.

TenSoon se sentou novamente, inclinando a cabeça. O prédio era obviamente um centro de operações. As pessoas entravam e saíam sob os olhos de soldados vigilantes. Se quisesse respostas, precisaria entrar lá. Considerou por um momento buscar os ossos de Kelsier fora da cidade. Porém, descartou o pensamento. Não sabia se queria lidar com os desdobramentos de fazer o Sobrevivente aparecer mais uma vez. Havia outra maneira de entrar, no entanto — igualmente chocante, talvez, mas muito menos teologicamente perturbadora.

Ele foi até a frente do prédio e subiu as escadas, atraindo alguns olhares assustados. Quando se aproximou das portas, um dos guardas gritou com ele, sacudindo o cabo da lança na sua direção.

— Fora! — o homem gritou. — Aqui não é lugar para cães. De quem é esse cachorro?

TenSoon se sentou.

— Não pertenço a homem nenhum — disse.

O guarda saltou para trás em choque, e TenSoon teve uma sensação deturpada de prazer. Imediatamente desaprovou a própria conduta. O mundo estava acabando, e ele estava andando por aí assustando soldados aleatórios. Ainda assim, aquela *era* uma vantagem de usar o corpo de um cão que ele nunca havia parado para considerar…

— Quê…? — o soldado perguntou, olhando ao redor para verificar se não havia sido vítima de uma piada.

— Eu disse que não pertenço a homem nenhum. Sou meu próprio mestre.

Era um conceito estranho, cujo peso o soldado sem dúvida nunca conseguiria compreender. TenSoon, um kandra, estava fora da Terra Natal sem um Contrato. Pelo que sabia, era o primeiro de seu povo a fazer algo assim em sete séculos. Parecia-lhe estranhamente… gratificante.

Várias pessoas o encaravam agora. Outros guardas se aproximaram, olhando para o camarada e esperando uma explicação.

TenSoon arriscou.

— Vim em nome do imperador Venture — ele disse. — Trago uma mensagem para seus líderes aqui.

Para satisfação de TenSoon, vários dos outros guardas tiveram um sobressalto. O primeiro, porém, agora já um veterano em conversar com cães, ergueu um dedo hesitante, apontando para o prédio.

— Lá dentro.

— Obrigado — TenSoon falou, erguendo-se e atravessando uma multidão agora silenciosa conforme caminhava para dentro dos gabinetes do Ministério.

Ouviu comentários sobre "truque" e "bem treinado" atrás dele, e percebeu vários guardas correndo ao redor, os rostos indicando pressa. Abriu caminho por grupos e filas de pessoas, todas ignorantes da estranha ocorrência na entrada do prédio. No fim das filas, TenSoon encontrou…

Brisa. O Abrandador estava sentado em uma cadeira similar a um trono, segurando uma taça de vinho e parecendo muito satisfeito consigo mesmo enquanto fazia declarações e colocava fim a contendas. Tinha quase a mesma aparência da época em que TenSoon havia servido a Vin. Um dos guardas estava sussurrando algo para ele. Os dois olharam TenSoon enquanto ele se punha à frente da fila. O guarda empalideceu um pouco, mas Brisa apenas inclinou-se para a frente, sorrindo.

— Então… — ele disse, batendo levemente o bastão no assoalho de mármore — você sempre foi kandra ou só comeu os ossos do cão de Vin há pouco tempo?

TenSoon se sentou.

— Sempre fui kandra.

Brisa assentiu.

— Eu sabia que havia algo de estranho em você… comportado demais para ser um cão de caça comum. — Ele sorriu, bebericando o vinho. — Lorde Renoux, presumo? Já faz um tempo.

— Não sou ele, na verdade — TenSoon comentou. — Sou outro kandra. É… complicado.

Aquilo fez Brisa hesitar. Ele encarou TenSoon, e o kandra sentiu um curto momento de pânico. Brisa era um Abrandador e, como todos os Abrandadores, tinha o poder de controlar o corpo de TenSoon. O Segredo.

Não, disse TenSoon a si mesmo com vigor. *Alomânticos são mais fracos do*

que eram no passado. Apenas com duralumínio eles poderiam controlar um kandra, e Brisa é apenas um Brumoso… não pode queimar duralumínio.

— Bebendo em serviço, Brisa? — perguntou, erguendo uma sobrancelha canina.

— Claro — disse Brisa, erguendo a taça. — Do que adianta estar no comando se não pudesse estabelecer minhas próprias condições de trabalho?

TenSoon bufou. Ele nunca chegara realmente a gostar de Brisa, mas talvez o sentimento viesse de seu preconceito contra Abrandadores. Ou, talvez, de seu preconceito contra todos os seres humanos. Independentemente de tudo, não estava ali para conversa fiada.

— Onde está Vin? — ele quis saber.

Brisa franziu a testa.

— Pensei que tivesse trazido uma mensagem dela.

— Menti para os guardas — TenSoon disse. — Na verdade, vim procurá-la. Trago notícias que ela precisa ouvir; notícias relacionadas às brumas e às cinzas.

— Bem, meu caro rapaz… hm… suponho que eu deva dizer meu caro *cachorrinho*. De qualquer forma, vamos para um local reservado. Assim você poderá falar com Sazed. Ele é muito mais útil que eu nesse tipo de coisa.

— …e com Fantasma mal tendo sobrevivido à provação — o terrisano falou —, pensei que seria melhor deixar Lorde Brisa assumir o comando. Montamos o gabinete em outro prédio do Ministério, que parecia ser melhor equipado para ser um centro burocrático, e Brisa começou a ouvir as petições. Creio que ele é melhor lidando com pessoas do que eu, e parece gostar de cuidar dos assuntos do dia a dia da população.

O terrisano estava sentado em uma cadeira, uma pasta aberta na mesa diante dele, uma pilha de anotações ao lado. Por algum motivo que não conseguia divisar, Sazed parecia diferente para TenSoon. O Guardador usava as mesmas túnicas e tinha os mesmos braceletes feruquêmicos nos braços. No entanto, havia algo faltando.

Aquele, porém, era o menor dos problemas de TenSoon.

— *Cidade de Fadrex?* — perguntou, sentado numa cadeira. Estavam em um dos cômodos menores no prédio do Ministério, um que fora no passado os aposentos de um obrigador. Agora, contava apenas com uma mesa e cadeiras, as paredes e o assoalho, tão austero quanto se poderia esperar da mobília do

Ministério.

Sazed assentiu.

— Ela e o imperador esperavam encontrar outra dessas cavernas-depósito lá.

TenSoon se curvou em derrota. Fadrex ficava do outro lado do império. Mesmo com a Bênção da Potência, levaria semanas para chegar até lá. Tinha uma caminhada muito, muito longa à sua frente.

— Posso perguntar que tipo de negócio você teria com Lady Vin, kandra? — Sazed perguntou.

TenSoon hesitou. Parecia estranho, de certa forma, falar tão abertamente com Brisa e então com Sazed. Ambos foram homens que TenSoon observara por meses enquanto agia como cachorro. Eles nunca o tinham conhecido, embora ele sentisse como se os conhecesse.

Sabia, por exemplo, que Sazed era perigoso. O terrisano era um Guardador — um grupo que TenSoon e seus irmãos foram treinados a evitar. Guardadores sempre estavam fuçando em busca de rumores, lendas e histórias. Os kandra tinham muitos segredos; se os Guardadores chegassem algum dia a descobrir a riqueza da cultura kandra, o resultado poderia ser desastroso. Eles sempre queriam estudar, fazer perguntas e registrar o que encontravam.

TenSoon abriu a boca para dizer “Nada”. Porém, impediu-se. Não *queria* alguém para ajudá-lo com a cultura kandra? Alguém que se concentrasse em religiões e que, talvez, soubesse muito de teologia? Alguém que conhecesse as lendas do Herói das Eras? De todos os membros do bando, além de Vin, Sazed era o que ele mais estimava.

— Tem a ver com o Herói das Eras — TenSoon falou com cuidado. — E o advento do fim do mundo.

— Ah — Sazed disse, erguendo-se. — Muito bem, então. Darei a você todas as provisões que precisar. Vai partir imediatamente? Ou ficará aqui para descansar um pouco?

Quê?, pensou TenSoon. Sazed não havia movido nenhum dedo para mencionar questões religiosas. Aquilo não era do feitio dele.

Ainda assim, Sazed continuou a falar, como se TenSoon não tivesse acabado de indicar ter consigo um dos maiores segredos religiosos de sua era.

Nunca entenderei os seres humanos, ele pensou, sacudindo novamente a cabeça.

A prisão que Preservação criou para Ruína não foi feita a partir de seu poder, embora pertencesse a Preservação. Em vez disso, Preservação sacrificou sua consciência — poderíamos dizer sua mente — para fabricar essa prisão. Deixou uma sombra de si, mas Ruína, assim que escapou, começou a sufocar e isolar este pequeno vestígio remanescente do rival. Pergunto-me se Ruína alguma vez estranhou Preservação ter limado a própria força, abdicando dela e deixando-a no mundo para ser reunida e usada pelos homens.

Nessa aposta de Preservação, vejo nobreza, inteligência e desespero. Ele sabia que não tinha como derrotar Ruína. Dera muito de si e, além disso, era a incorporação da estase e da estabilidade. Não podia destruir, nem mesmo proteger. Era contra sua natureza. Por isso a prisão.

A humanidade, no entanto, havia sido criada por Ruína e Preservação juntos — com um traço da própria alma de Preservação para dar-lhe consciência e honra. Para que o mundo sobrevivesse, Preservação sabia que dependia de suas criaturas. Tinha que depositar sua confiança nelas.

Imagino o que Preservação pensou quando essas criaturas falharam repetidamente com ele.

60

A melhor maneira de enganar alguém, na opinião de Vin, era dar o que esse alguém queria. Ou, no mínimo, o que esperava. Contando que o rival pensasse que estava um passo adiante, não olharia para trás para ver se havia algum passo que ignorava completamente.

Yomen havia projetado bem sua prisão. Todos os metais usados na construção de seu catre ou instalações eram alomanticamente inúteis. Prata, embora cara, parecia o metal favorecido ali — e havia muito pouco até dele. Apenas alguns parafusos no catre que Vin conseguira soltar com as unhas.

Suas refeições — um mingau gorduroso e sem gosto — eram servidas em tigelas de madeira com colheres de madeira. Os guardas eram matabrumas: homens usando bastões e absolutamente nada de metal, treinados para combater alomânticos. A cela era uma construção simples de pedra com um assoalho de madeira sólida e parafusos e dobradiças de prata.

Pelo comportamento dos guardas, ela sabia que esperavam uma tentativa de fuga. Yomen os preparara bem, de forma que, quando deslizavam sua comida pelo vão da porta, ela percebia a tensão no corpo e a velocidade com que recuavam. Era como se estivessem alimentando uma víbora.

Então, na vez seguinte em que a levaram até Yomen, ela atacou.

Vin se moveu assim que a porta foi aberta, usando uma perna de madeira que tirara do catre. Derrubou o primeiro guarda com um golpe no braço e uma segunda pancada na nuca. Os golpes lhe pareceram fracos sem o peltre, mas era o melhor que podia fazer. Ela passou pelo segundo guarda na fila com um esbarrão e bateu com o cotovelo na barriga do terceiro. Não estava pesando muito, mas o golpe foi suficiente para fazê-lo soltar o bastão — que ela agarrou de imediato.

Ham passara um bom tempo treinando-a com o bastão e sempre a fazia lutar sem Alomancia. Mesmo com toda a preparação, os guardas ficaram obviamente surpresos em ver uma alomântica sem metais causar tanto alvoroço, e ela derrubou mais dois durante a corrida para escapar.

Infelizmente, Yomen não era tolo. Enviara tantos guardas para levá-la que derrubar quatro deles fez pouca diferença. Devia haver no mínimo vinte homens no corredor fora da cela, apinhados na saída. Serviam, pelo menos, para obstruir completamente a passagem.

Seu objetivo era lhes dar o que esperavam, não ser morta. Então, assim que confirmou que sua "tentativa de fuga" estava realmente condenada, ela deixou um dos soldados atingi-la no ombro e soltou o bastão com um grunhido. Desarmada, ela ergueu as mãos e se afastou de costas. Os soldados, claro, deram uma rasteira em Vin e pularam sobre ela, segurando-a enquanto um deles a algemava.

Vin aguentou o tratamento com o ombro pulsando de dor. Quanto tempo teria que ficar sem metais antes de parar de tentar instintivamente queimar peltre? Esperava que nunca chegasse a descobrir.

No fim, os soldados colocaram-na em pé e empurraram-na pelo corredor. Os três que tinha derrubado — sem mencionar aquele que chegara a desarmar — grunhiram um pouco, esfregando os ferimentos. Todos os vinte homens a encararam com ainda mais desconfiança, como se isso fosse possível.

Ela não causou mais nenhum problema até chegarem à câmara de audiência de Yomen. Quando se moveram para acorrentar as algemas ao banco, ela se contorceu um pouco, ganhando uma joelhada na barriga. Soltou o ar de uma vez, depois caiu no chão ao lado do banco. Ali, gemendo, ela esfregou as mãos e os pulsos com a pasta de mingau com que ela havia empapado a camiseta. Era fedida e suja, mas muito viscosa — e os guardas, distraídos pela tentativa de fuga, tinham se esquecido completamente de revistá-la.

— Certamente a senhora não pensou em escapar sem metais para queimar, não é? — Yomen perguntou.

Vin ergueu a cabeça. Ele estava em pé, de costas para ela novamente, embora dessa vez estivesse olhando por uma janela escura. Vin achou muito estranho ver as brumas rodopiando contra o vidro. A maioria dos skaa não tinha como comprar vidro, e a maioria dos nobres preferiam vitrais. A escuridão diante da janela de Yomen parecia uma fera à espreita, as brumas, seus pelos raspando no vidro conforme ela se movia.

— Acreditei que a senhora ficaria lisonjeada — Yomen continuou. — Não sabia se era realmente tão perigosa quanto relataram, mas decidi presumir que fosse. Entende, eu…

Vin não lhe deu mais tempo. Havia apenas duas maneiras de escapar da

cidade: a primeira, encontrando metais; a segunda, tomando Yomen como refém. Planejava tentar ambas.

Ela puxou as mãos meladas das algemas, que haviam sido presas aos seus pulsos quando eles estavam retorcidos e flexionados. Ignorou a dor e o sangue das algemas raspando em suas mãos e pulou em pé, tirando de uma dobra na camisa os parafusos de prata que pegara do catre e lançando-os na direção dos soldados.

Os homens, claro, gritaram surpresos e se jogaram no chão, desviando de um suposto *empurrão* de aço. Sua preparação e a preocupação tiveram um efeito indesejado, pois Vin não tinha aço. Os parafusos bateram na parede, ineficazes, e os guardas ficaram caídos e confusos com seu truque. Só quando ela já estava na metade do caminho até Yomen o primeiro deles pensou em se erguer.

Yomen se virou. Como sempre, usava a pequena conta de atium na testa. Vin avançou nela.

Yomen saiu do caminho casualmente. Vin avançou de novo, dessa vez fazendo uma finta, em seguida tentou dar uma cotovelada na barriga do homem. Seu ataque não deu certo, pois Yomen, com as mãos ainda cruzadas nas costas, esquivou-se dela de novo.

Ela conhecia aquele olhar no rosto dele: o olhar de controle completo, de poder. Yomen obviamente tinha pouco treinamento de batalha, mas se desviava dela mesmo assim.

Estava queimando atium.

Vin parou.

Não surpreende que ele use aquela conta na testa, ela pensou. *É para emergências.* Ela via em seu sorriso que ele de fato havia antecipado aquilo. Sabia que ela tentaria algo e jogara a isca, deixando-a se aproximar. Mas nunca esteve realmente em perigo.

Os guardas finalmente a agarraram, mas Yomen ergueu a mão, fazendo-os se afastar. Em seguida, apontou para o banco. Em silêncio, Vin voltou e se sentou. Precisava pensar e certamente não chegaria a lugar nenhum com Yomen queimando atium.

Quando se sentou, Ruína apareceu ao seu lado — materializando-se como se viesse de uma fumaça escura, usando o corpo de Reen. Ninguém reagiu; obviamente, não podiam vê-lo.

— Que pena — Ruína disse. — De certa forma, você quase conseguiu.

Mas… por outro lado, nunca esteve nem perto.

Ela ignorou Ruína, erguendo os olhos para Yomen.

— Você é um Nascido da Bruma.

— Não — ele falou, sacudindo a cabeça, mas sem voltar a olhar a janela. Ele a encarou, desconfiado. Provavelmente havia extinguido o atium; era valioso demais para mantê-lo queimando. Tinha-o em reserva, porém, atento cuidadosamente a sinais de outro ataque.

— Não? — Vin questionou, erguendo a sobrancelha com ceticismo. — Você estava queimando atium, Yomen. Eu vi.

— Acredite no que quiser — Yomen retrucou. — Mas saiba de uma coisa, mulher: eu não minto. Nunca precisei de mentiras e acho que isso é especialmente importante agora, quando o mundo inteiro está mergulhado no caos. As pessoas precisam de verdade daqueles que seguem.

Vin franziu a testa.

— Independentemente disso, chegou o momento — Yomen concluiu.

— Momento?

Yomen assentiu.

— Sim. Perdoe-me por deixá-la tanto tempo em sua cela. Eu me… distraí.

Elend, pensou Vin. *O que ele vem fazendo? Eu me sinto tão cega!*

Ela olhou para Ruína, que estava do outro lado do banco, balançando a cabeça como se soubesse muito mais do que dizia. Ela se voltou para Yomen.

— Ainda não entendi. Momento para quê?

Yomen fitou seus olhos.

— Momento para eu tomar uma decisão sobre sua execução, Lady Vin.

Ah, ela pensou. *Certo.* Entre as conversas com Ruína e os planos para fugir, ela quase se esquecera da declaração de Yomen sobre sua intenção de deixá-la "se defender" antes de executá-la.

Ruína percorreu a sala, circulando Yomen com passos calmos. O rei-obrigador ainda encarava Vin. Se podia ver Ruína, não demonstrava. Em vez disso, acenou para um guarda, que abriu uma porta lateral, deixando entrar vários obrigadores em túnicas cinzas. Eles se sentaram em um banco diante de Vin.

— Diga, Lady Venture — Yomen disse, voltando-se para ela —, por que vieram à Cidade de Fadrex?

Vin inclinou a cabeça.

— Pensei que não haveria um julgamento. Você disse não precisar desse tipo de coisa.

— Pensei que a senhora poderia gostar de qualquer postergação no processo — Yomen retrucou.

Uma postergação significava mais tempo para pensar; mais tempo para uma possível fuga.

— Por que viemos? — Vin perguntou. — Sabíamos que vocês tinham um dos depósitos de suprimento do Senhor Soberano embaixo da cidade.

Yomen ergueu uma sobrancelha.

— Como sabiam disso?

— Encontramos outro. Tinha indicações de Fadrex.

Yomen assentiu para si mesmo. Ela notou que ele acreditava, mas havia algo… mais. Ele parecia estar fazendo ligações que ela não entendia e provavelmente não tinha informações suficientes para entender.

— E o perigo que meu reino apresentava ao seu? — Yomen perguntou. — Não tem nada a ver com sua invasão às minhas terras?

— Eu não diria isso — Vin respondeu. — Há um tempo Cett vem forçando Elend a avançar sobre este domínio.

Os obrigadores discutiram em voz baixa esse comentário, embora Yomen estivesse distante, braços cruzados enquanto a observava. Vin achou a experiência enervante. Fazia anos, desde os dias do bando de Camon, que ela não se sentia tão completamente sob o poder de outra pessoa. Mesmo quando enfrentara o Senhor Soberano, a sensação fora diferente. Yomen parecia vê-la como um instrumento.

Mas um instrumento para quê? E como ela poderia manipular essas necessidades de forma que a mantivesse viva tempo o suficiente para que fugisse?

Torne-se indispensável, Reen sempre ensinara. *Então, um líder de bando não conseguirá se livrar de você sem perder força.* Mesmo naquele momento, a voz do irmão ainda parecia sussurrar palavras em sua mente. Seriam lembranças, interpretações de sua sabedoria ou efeitos da influência de Ruína? De qualquer forma, parecia um bom conselho para aquele momento.

— Então, vocês vieram com o objetivo expresso de invadir? — Yomen perguntou.

— Elend pretendia tentar a diplomacia primeiro — Vin disse com cautela. — No entanto, nós sabíamos que seria um pouco difícil bancar o diplomata com um exército acampado nos portões.

— Você admite serem conquistadores, então. A senhora *é* mais honesta que seu marido.

— Elend é mais sincero que nós dois juntos, Yomen — Vin retrucou. — Só porque ele interpreta as coisas de forma diferente de você ou de mim não significa que seja um homem desonesto ao expressar seu ponto de vista.

Yomen ergueu a sobrancelha, talvez pela prontidão da resposta.

— Um argumento válido.

Vin se recostou no banco, enrolando as mãos cortadas em um pedaço de tecido limpo da camisa. Yomen estava ao lado das janelas da sala grande e austera. Era uma sensação muito peculiar estar conversando com ele. Por um lado, os dois aparentavam muitas diferenças. Ele era um obrigador burocrata cuja falta de músculos ou de ar guerreiro indicava uma vida passada em preocupações com formulários e registros. Ela fora uma menina de rua e era uma adulta treinada para guerras e assassinatos.

Ainda assim, seus maneirismos, seu jeito de falar, faziam com que Vin se lembrasse de si mesma. *Será que é assim que eu teria ficado se não tivesse nascido skaa? Uma burocrata direta, brusca, em vez de uma guerreira sem papas na língua?*

Enquanto Yomen a observava, Ruína lentamente rodeava o rei-obrigador.

— Esse aqui é uma decepção — disse em voz baixa.

Vin olhou de relance para Ruína, que balançou a cabeça.

— Tanta destruição que poderia ter causado se tivesse atacado em vez de ficar encolhido nesta cidadezinha, orando para seu deus morto. Homens o teriam seguido. Eu nunca consegui atingi-lo no longo prazo, infelizmente. Nem toda trama pode ser bem-sucedida, especialmente quando a vontade de tolos como ele deve ser levada em conta.

— Então — Yomen falou, chamando a atenção de volta para si —, vocês vieram tomar minha cidade porque ouviram falar do meu depósito e porque temiam uma volta do poder do Senhor Soberano.

— Eu não disse isso — Vin retorquiu de cara fechada.

— A senhora disse que vocês me temiam.

— Como uma força estrangeira com capacidade comprovada de minar um

governo e usurpá-lo.

— Não usurpei. Devolvi esta cidade, e o domínio, ao seu governo de direito. Mas isso não faz parte desta discussão. Quero que me fale sobre a religião que seu povo prega.

— A Igreja do Sobrevivente?

— Exato. A senhora é uma das líderes, correto?

— Não. Eles me reverenciam. Mas eu nunca me senti parte da religião. Em grande parte, ela se concentra em Kelsier.

— O Sobrevivente de Hathsin — Yomen disse. — Ele morreu. Como esse povo pode adorá-lo?

Vin deu de ombros.

— Era costume dos antigos adorarem deuses que não podiam ver.

— Talvez. Eu… li essas coisas, embora ache difícil entendê-las. Fé num deus invisível; que sentido isso faz? Por que rejeitar o deus com quem viveram por tanto tempo, aquele que podiam ver e sentir, em prol de um que morreu? Um que o próprio Senhor Soberano matou?

— Você faz isso. Ainda adora o Senhor Soberano.

— Ele não morreu.

Vin hesitou.

— Não — Yomen falou, aparentemente percebendo a confusão de Vin. — Eu não o vi ou ouvi falar dele desde seu desaparecimento. No entanto, também não acredito nos relatos de sua morte.

— Ele estava bem morto. Acredite em mim.

— Temo que não acredite em você. Conte-me daquela noite. Diga-me precisamente o que aconteceu.

E Vin contou. Contou sobre a prisão e sua fuga com Sazed. Contou de sua decisão de combater o Senhor Soberano e da sua confiança no Décimo Primeiro Metal. Deixou de fora a capacidade de extrair poder das brumas, mas explicou todo o restante, inclusive a teoria de que o Senhor Soberano alcançara a imortalidade por uma manipulação inteligente de uma combinação de Feruquemia e Alomancia.

E Yomen realmente ouviu. O respeito pelo homem crescia enquanto ela falava, pois ele não a interrompia. Ele queria ouvir a história, mesmo que não acreditasse nela. Era um homem que aceitava as informações pelo que eram:

outro instrumento a ser usado, embora não confiasse nela mais do que em qualquer outro instrumento.

— E, assim — Vin terminou —, ele morreu. Eu mesma o empalei no coração. Sua fé nele é admirável, mas não tem como mudar o que aconteceu.

Yomen ficou em silêncio. Os obrigadores mais velhos, que ainda estavam nos bancos, ficaram pálidos. Vin sabia que seu testemunho talvez a tivesse condenado, mas, por algum motivo, ela sentiu que aquela honestidade pura, direta, lhe serviria melhor que a astúcia. Era como geralmente se sentia.

Uma convicção estranha para alguém que cresceu em bandos de ladrões, ela pensou. Ruína aparentemente tinha ficado entediado com o relato e ido até a janela para observar as brumas.

— O que preciso descobrir — Yomen disse, finalmente — é por que o Senhor Soberano pensou ser necessário fazer com que você *acreditasse* que o assassinou.

— Não ouviu o que acabei de contar? — Vin questionou.

— Ouvi — Yomen disse com calma. — E não se esqueça de que a senhora é prisioneira aqui; uma prisioneira que está muito perto da morte.

Vin se esforçou para ficar calada.

— Acha minhas palavras ridículas? — Yomen perguntou. — Mais ridículas que as suas próprias? Pense em como eu a vejo, alegando ter assassinado um homem que eu *sei* ser Deus. Não é plausível que ele tenha querido que isso acontecesse? Que ele ainda esteja lá fora, olhando por nós, esperando…

É isso, ela percebeu. *Por isso ele me capturou, por isso está tão ávido para conversar. Ele está convencido de que o Senhor Soberano ainda está vivo. Apenas quer descobrir onde me encaixar nessa história toda. Ele quer que eu lhe dê a prova que tanto deseja.*

— Por que não acha que deveria fazer parte da religião skaa, Vin? — Ruína perguntou num sussurro.

Vin se virou, tentando não olhar diretamente para ele, não deixar que Yomen a visse encarar o ar.

— Por quê? — Ruína perguntou. — Por que não quer que eles a adorem? Todos aqueles skaa felizes? Vendo em você um símbolo de esperança?

— O Senhor Soberano *deve* estar por trás de tudo isso. — Yomen refletia em voz alta. — Significa que ele desejou que o mundo a visse como sua assassina. Queria que os skaa a adorassem.

— Por quê? — Ruína repetiu. — Por que ficar tão pouco à vontade? É porque você sabe que *não pode* lhes oferecer esperança? Como eles o chamam, aquele que você deveria ter substituído? O Sobrevivente? Uma palavra de Preservação, creio eu…

— Talvez ele pretenda voltar num ato dramático — Yomen ponderou. — Para destituí-la e derrubá-la, provar que a fé nele é a única fé verdadeira.

Por que não se encaixa?, Ruína sussurrou na mente de Vin.

— Por que mais ele desejaria que a adorassem? — Yomen perguntou.

— *Eles estão errados!* — Vin disse com rispidez, levando as mãos à cabeça, tentando refrear aqueles pensamentos. Tentando refrear a culpa.

Yomen hesitou.

— Estão errados sobre mim — Vin disse. — Eles não me adoram; adoram o que acham que eu deveria ser. Mas eu não sou a Herdeira do Sobrevivente. Eu não fiz o que Kelsier fez. Ele os libertou.

Você os conquistou, sussurrou Ruína.

— Sim — Vin disse, erguendo o olhar. — Você está olhando na direção errada, Yomen. O Senhor Soberano não vai voltar.

— Eu lhe disse que…

— Não — Vin falou, levantando-se. — Não, ele não vai voltar. Ele não precisa. *Eu* tomei o lugar dele.

Elend se preocupava com o fato de estar se tornando outro Senhor Soberano, mas tal preocupação sempre parecera equivocada para Vin. Não fora ele que conquistara e reforjara um império, mas ela. Fora ela quem fizera os outros reis se submeterem.

Fizera exatamente como o Senhor Soberano. Um Herói surgiu, e o Senhor Soberano o matou e em seguida tomou o poder do Poço da Ascensão. Vin matou o Senhor Soberano e depois tomou o mesmo poder. Abriu mão dele, verdade, mas desempenhou o mesmo papel.

Tudo se encaixou. O motivo pelo qual parecia muito errado os skaa a adorarem e a chamarem de sua salvadora. De repente, seu verdadeiro papel em toda aquela história pareceu se encaixar.

— Não sou a Herdeira do Sobrevivente, Yomen — ela disse, enojada. — Sou a Herdeira do Senhor Soberano.

Ele balançou a cabeça com desdém.

— Quando você me capturou, eu me perguntei por que teria me mantido viva. Uma inimiga Nascida da Bruma? Por que não apenas me matar e acabar com isso? Você alegou querer me dar um julgamento, mas enxerguei a fachada. Sabia que tinha outro motivo. E agora eu sei qual é. — Ela fitou seus olhos. — Você disse antes que planejava me executar por ter matado o Senhor Soberano, mas admitiu acreditar que ele está vivo. Diz que ele vai voltar para me derrubar, então você não pode me matar, a não ser que queira interferir nos planos do seu deus.

Yomen se afastou dela.

— Você *não pode* me matar — ela repetiu. — Não até ter certeza do meu lugar na sua teologia. Por isso me mantém viva e por isso arrisca me trazer aqui para falar. Precisa das informações que apenas eu posso dar, precisa tomar meu depoimento em uma espécie de julgamento, porque quer saber o que aconteceu naquela noite. Para poder tentar se convencer de que seu deus ainda vive.

Yomen não reagiu.

— Admita. Não estou em perigo aqui. — Ela avançou.

E Yomen se moveu. Seus passos de repente ficaram mais fluidos. Ele não tinha a graça do peltre ou o conhecimento de um guerreiro, mas se movia *corretamente*. Ela se esquivou por instinto, mas o atium fez com que ele se antecipasse e, antes que ela pudesse pensar, Yomen a jogou no chão, mantendo-a presa com o joelho nas costas de Vin.

— Não posso matá-la ainda — ele disse calmamente —, mas isso não significa que não esteja em perigo, Lady Venture.

Vin grunhiu.

— Quero algo de você. Algo além de tudo isso que discutimos. Quero que diga ao seu marido para mandar embora o exército.

— Por que eu faria isso? — perguntou Vin, com o rosto pressionado na pedra fria do chão.

— Porque vocês alegam querer meu depósito, mas também dizem ser bons. Sabem que usarei a comida do depósito com sabedoria para alimentar o meu povo. Se seu Elend realmente é tão altruísta quanto a senhora diz, certamente não será egoísta a ponto de descartar inúmeras vidas em uma guerra apenas para que possam roubar nossa comida e usá-la para alimentar os seus.

— Podemos plantar — Vin disse. — Temos luz suficiente no Domínio Central, e vocês não. O estoque de sementes será inútil para você!

— Então negociem comigo.

— Você sequer *fala* conosco!

Yomen recuou, soltando a pressão nas costas de Vin. Ela esfregou o pescoço e se sentou, sentindo-se frustrada.

— É mais que uma questão de comida, Yomen. Os outros depósitos estão sob nosso controle. O Senhor Soberano deixou pistas neles. Existe algo em todos juntos que pode nos salvar.

Yomen bufou.

— Você ficou lá embaixo por todo aquele tempo e não leu a placa deixada pelo Senhor Soberano?

— Claro que li.

— Então sabe que não há *nada* mais naqueles depósitos — Yomen falou. — Eles são todos parte do plano dele, claro. E, por algum motivo, esse plano precisa que os homens pensem que está morto. Bem, você sabe agora o que ele disse. Então por que tomar a cidade de mim?

Por que tomar a cidade de mim? Vin ansiava por dizer seu motivo real. Elend sempre achara aquilo desimportante, mas, para ela, tinha um apelo poderoso.

— Você sabe muito bem por que temos de tomar a cidade. Enquanto você o tiver, teremos motivo para conquistá-los.

— Tiver o quê?

Ruína avançou, curioso.

— Você sabe do que estou falando. O atium. O estoque do Senhor Soberano.

— É isso? — Yomen perguntou, rindo. — Tudo isso pelo atium? Atium não tem valor nenhum!

Vin franziu a testa.

— Valor nenhum? É a mercadoria mais valiosa no Império Final!

— É mesmo? — Yomen perguntou. — E quantas pessoas existem por aí que podem queimá-lo? Quantas casas nobres restaram para fazer o jogo das pequenezas políticas e competir pelo poder mostrando quanto atium podem conseguir do Senhor Soberano? O valor do atium se baseava na economia de um império, Lady Vin. Sem as retenções de um sistema de reserva e uma classe superior dando ao metal seu valor implícito, o atium não tem valor real. — Yomen sacudiu a cabeça. — Para um homem faminto, o que é mais importante?

Um filão de pão ou um jarro inteiro de atium que ele não poderá usar, comer ou vender?

Ele acenou para os guardas levarem-na. Os homens a colocaram em pé, e ela se debateu, mantendo os olhos nos de Yomen.

O rei virou as costas para ela.

— Aqueles pedaços inúteis de metal não me servem de nada; exceto, talvez, para mantê-la sob controle. Não, a comida era o recurso real. O Senhor Soberano me deixou as riquezas necessárias para restabelecer seu poder. Apenas preciso descobrir o que ele quer que eu faça em seguida.

Por fim, os soldados conseguiram arrastá-la para fora.

Não fico surpreso por termos nos concentrado tanto nas brumas durante aqueles dias. Mas, pelo que hoje sei de luz do sol e desenvolvimento de plantas, percebo que nossas safras não estavam tão ameaçadas naquelas dias brumosos quanto temíamos. Poderíamos muito bem ter encontrado plantas para comer que não precisassem de tanta luz para sobreviver.

Sim, as brumas também causaram a morte de alguns que foram às ruas na presença delas, mas o número de mortos não era um percentual tão grande da população a ponto de ameaçar nossa sobrevivência como espécie. As cinzas, por outro lado, eram nosso problema real. A fumaça enchendo a atmosfera, os flocos pretos cobrindo tudo, as erupções das montanhas de cinzas vulcânicas… Era isso que mataria o mundo.

61

— Elend! — Ham gritou, correndo até ele. — Você voltou!

— Surpreso? — Elend perguntou, percebendo a expressão do amigo.

— Claro que não — Ham respondeu, um pouco rápido demais. — Os batedores relataram sua aproximação.

Minha chegada pode não o surpreender, pensou Elend, exausto, *mas o fato de que ainda estou vivo, sim. Será que pensou que eu havia fugido para me matar ou que simplesmente vagaria para longe e os abandonaria?*

Não era uma linha de raciocínio na qual ele queria insistir. Então apenas sorriu, pousando a mão no ombro de Ham e olhando para o acampamento. Parecia estranho, enterrado como estava, as cinzas empilhando-se do lado de fora. Era um pouco como se estivesse enterrado a vários metros no chão. Havia tanta cinza…

Não posso me preocupar com tudo ao mesmo tempo, pensou Elend com determinação. *Eu tenho de ter confiança. Tenho que acreditar em mim mesmo e continuar.*

Ele havia refletido sobre o espectro das brumas no restante da viagem. Realmente havia lhe dito para não atacar Fadrex ou Elend estava apenas interpretando mal seus gestos? O que estivera querendo informar ao apontar para os frascos de metais?

Ao lado dele, Ham observava a massa de novos koloss. Ao lado do exército estavam os outros koloss, ainda sob controle. Embora tivesse se tornado muito hábil em manter controle sobre as criaturas, ainda era bom estar perto deles. Fazia com que se sentisse mais à vontade.

Ham soltou um assobio baixinho.

— Vinte e oito mil? — ele perguntou. — Ou, ao menos, foi o que os batedores disseram.

Elend assentiu.

— Eu não havia percebido como o grupo era grande. Com esse tanto…

Trinta e sete mil no total, pensou Elend. *Mais que suficiente para arrasar*

Fadrex.

Ele começou a descer a rampa na direção do acampamento. Embora não precisasse de muito peltre para ajudá-lo com a caminhada, ainda estava cansado.

— Alguma notícia de Vin? — perguntou, esperançoso, ainda que soubesse que, se ela tivesse escapado, já o teria encontrado.

— Enviamos um mensageiro para a cidade enquanto você esteve fora — Ham disse quando começaram a caminhar. — Yomen disse que um soldado poderia ir e confirmar que ela ainda estava viva. Concordamos em seu nome, pensando que seria melhor ele pensar que você estava aqui.

— Fez bem.

— Já faz um tempo — Ham comentou. — Não soubemos mais nada dela desde então.

— Ela ainda está viva — Elend falou.

Ham assentiu.

— Também acredito nisso.

Elend sorriu.

— Não é apenas fé, Ham — ele falou, meneando a cabeça para os koloss que haviam ficado para trás. — Antes de ela ser capturada, eu lhe dei alguns desses. Se ela morresse, eles teriam saído de controle. Enquanto ela viver, tenha ou não metais, permanecerá ligada às criaturas.

Ham fez uma pausa.

— Seria… bom ter nos dito isso antes, El.

— Eu sei — Elend disse. — É fácil demais esquecer quantos estou controlando; nem me lembrei de que nem todos são meus. Deixe batedores aqui de olho neles. Eu os tomo de volta caso se revoltem.

Ham assentiu.

— Você pode entrar em contato com ela através deles?

Elend negou com a cabeça. Como explicar? Controlar os koloss não era sutil; as mentes deles eram rústicas demais para qualquer coisa além de comandos simples. Ele podia ordenar um ataque ou que ficassem parados, segui-lo ou carregar coisas. Mas não podia direcioná-los precisamente, não podia instruí-los a enunciar uma mensagem nem *como* atingir um objetivo. Ele podia dizer apenas “faça isso” e observá-los fazendo.

— Temos relatos de batedores do Domínio Central, El — Ham disse, um tom

perturbado na voz.

Elend o encarou.

— A maioria dos batedores não retornou. Ninguém sabe o que aconteceu a Demoux e aos homens que você enviou. Esperamos que eles tenham chegado a Luthadel, mas a capital está em um estado deplorável. Os batedores que voltaram trouxeram notícias bem frustrantes. Perdemos muitas das cidades que você conquistou no ano passado. As pessoas estão morrendo de fome, e muitos vilarejos estão vazios, exceto pelos cadáveres. Aqueles que puderam fugir para Luthadel deixaram trilhas de corpos na estrada, enterrados sob as cinzas.

Elend fechou os olhos. Mas Ham ainda não havia acabado.

— Há histórias de cidades engolidas pelos terremotos — ele falou, a voz quase um sussurro. — O rei Lekal e sua cidade foram tomados pela lava de uma das montanhas de cinzas. Não ouvimos falar de Janarle há semanas; seus seguidores todos parecem ter desaparecido, e o Domínio do Norte está um caos. Dizem que todo o Domínio do Sul está em chamas… Elend, o que faremos?

Elend continuou a avançar, caminhando por uma trilha sem cinzas e adentrando o acampamento. Soldados estavam se reunindo ao redor dele, sussurrando, olhando. Ele não sabia como responder à pergunta de Ham. O que faria? O que *poderia* fazer?

— Vamos ajudar, Ham — ele disse. — Não vamos desistir.

Ham assentiu, parecendo levemente mais animado.

— Mas, antes de qualquer coisa, você deveria trocar essas roupas…

Elend olhou para si mesmo, lembrando-se de que ainda usava o uniforme preto, ensanguentado pelo massacre de koloss e manchado de cinzas. Sua aparência estava causando uma agitação nos homens. *Eles só me viram no uniforme branco, imaculado. Muitos nunca me viram lutar, nunca me viram ensanguentado, nunca me viram sujo de cinzas.*

Ele não sabia bem o que o incomodava naquilo.

Lá adiante, Elend pôde ver uma figura barbada, sentada em uma cadeira ao lado da trilha, como se estivesse ali fora para o repasto da tarde. Cett o encarou quando passou

— Mais koloss?

Elend assentiu.

— Vamos atacar, então?

Elend parou.

O espectro das brumas aparentemente não queria que atacasse. Mas ele não tinha certeza do que aquela força queria que soubesse ou pensasse; nem mesmo sabia se deveria confiar no espectro. Poderia basear o futuro do império em impressões vagas recebidas de um fantasma nas brumas?

Precisava entrar naquele depósito e não podia mais esperar no cerco; não mais. Além disso, atacar parecia a melhor maneira de trazer Vin de volta. Yomen jamais a devolveria — ou Elend se sentaria e esperaria ou atacaria, torcendo para que, no caos da batalha, Yomen a deixasse em alguma masmorra. Sim, um ataque arriscava a execução dela, mas deixar Yomen usá-la como moeda de troca parecia igualmente perigoso para Vin.

Preciso ser o homem que toma decisões difíceis, ele disse a si mesmo. *É o que Vin estava tentando me ensinar no baile: que posso ser tanto Elend, o homem, quanto Elend, o rei. Busquei esses koloss por um objetivo. Agora preciso usá-los.*

— Informe os soldados — Elend disse. — Mas não diga para formarem fileiras. Atacaremos pela manhã, mas faremos de surpresa: koloss primeiro, rompendo com as defesas. Os homens podem entrar em formação depois disso, então avançar e tomar o controle.

Vamos resgatar Vin, entrar naquela caverna, depois voltar para Luthadel com os suprimentos.

E sobreviver o máximo possível.

Suspeito que Alendi, o homem que Rashek assassinou, tenha sido um Brumoso — um Buscador. A Alomancia, no entanto, era uma coisa diferente naqueles dias, e muito mais rara. Os alomânticos vivos em nossos dias são descendentes dos homens que comeram aquelas poucas contas do poder de Preservação. Eles formaram a fundação da nobreza e foram os primeiros a nomeá-lo imperador.

O poder daquelas poucas contas era tão concentrado que duraram dez séculos de procriação e hereditariedade.

62

Sazed estava do lado de fora do quarto, olhando para dentro. Fantasma estava deitado na cama, ainda enrolado em bandagens. O garoto não havia acordado desde a provação pela qual passara, e Sazed não sabia se ele acordaria. Mesmo se vivesse, ficaria com cicatrizes horrendas pelo resto da vida.

Porém, pensou Sazed, *isso prova uma coisa. O garoto não tem peltre.* Se Fantasma *fosse* capaz de queimar peltre, teria se curado com muito mais rapidez. Sazed havia administrado um frasco de peltre só para garantir, mas não fizera diferença nenhuma. O garoto não havia misticamente se tornado um Brutamontes.

De certa forma, aquilo era reconfortante. Significava que o mundo de Sazed ainda fazia sentido.

Dentro do quarto, a garota — Beldre — estava sentada ao lado de Fantasma. Ela vinha todos os dias para passar um tempo com o rapaz. Mais tempo até do que passava com o irmão, Quellion. O Cidadão estava com o braço quebrado e alguns outros ferimentos, mas nada letal. Embora Brisa governasse Urteau, Quellion ainda era uma autoridade, e parecia ficar cada vez mais… gentil. Agora ele parecia disposto a considerar uma aliança com Elend.

Parecia estranho para Sazed que Quellion tivesse ficado tão transigente. Eles haviam entrado na cidade, semeado o caos e quase o matado. Agora ele ouvia suas ofertas de paz? Sazed nutria certa desconfiança, claro. O tempo diria se estava certo.

Lá dentro, Beldre se virou um pouco, finalmente percebendo a presença de Sazed à porta. Ela sorriu e se levantou.

— Por favor, Lady Beldre — ele disse, já entrando. — Não precisa se levantar.

A moça voltou a se sentar enquanto Sazed avançava. Ele examinou as ataduras em Fantasma, verificando a condição do jovem, e comparando observações dos textos médicos nas mentes de cobre. Beldre observava em silêncio.

Assim que terminou, Sazed virou-se para sair.

— Obrigada — Beldre falou, às suas costas.

Sazed parou.

Ela olhou para Fantasma e perguntou:

— Acha… digo, a situação dele mudou?

— Temo que não, Lady Beldre. Não posso prometer nada no que tange à recuperação dele.

Ela abriu um leve sorriso, voltando-se para o rapaz ferido.

— Ele vai conseguir.

Sazed franziu a testa.

— Ele não é apenas um homem — Beldre comentou. — É algo especial. Não sei o que Fantasma fez para trazer meu irmão de volta, mas ele parece ter voltado a ser o antigo Quellion… o homem que era antes de toda essa insanidade começar. E a cidade… As pessoas têm esperança de novo. Era isso que Fantasma queria.

Esperança… pensou Sazed, observando os olhos da garota. *Ela realmente o ama*.

De certa forma, aquilo parecia estúpido para Sazed. Quanto tempo fazia que ela conhecia o garoto? Poucas semanas? Naquele curto espaço de tempo, Fantasma não apenas ganhara o amor de Beldre, mas se transformara em um herói para o povo de toda uma cidade.

Ela fica sentada, esperando, com fé na recuperação de Fantasma, pensou Sazed. *Ainda assim, ao vê-lo, a primeira coisa que pensei foi em como estava aliviado por ele não ser um Braço de Peltre*. Teria ele realmente ficado assim tão insensível? Apenas dois anos antes, estivera disposto a se apaixonar desesperadamente por uma mulher que passara a maior parte da vida punindo-o. Uma mulher com quem tivera apenas poucos preciosos dias.

Ele se virou e saiu da sala.

Sazed caminhou até seus aposentos na mansão nobre que haviam tomado, seu novo lar, tendo a antiga residência deles se tornado uma ruína queimada. Era ótimo ter paredes normais e degraus novamente, em vez de estantes infinitas cercadas pelas paredes de uma caverna.

Na mesa estava a pasta aberta, sua capa de tecido manchada de cinzas. Uma pilha de páginas à sua esquerda, outra à direita. Havia apenas dez restantes na pilha à direita.

Tomando fôlego, Sazed se aproximou e se sentou. Era hora de pôr fim àquilo.

Já era fim da manhã do dia seguinte quando ele pousou a última folha no topo da pilha esquerda. Havia passado rapidamente por essas últimas dez, mas fora capaz dar a elas atenção total, sem ser distraído por passeios enquanto trabalhava ou outras preocupações. Ele sentia ter dado a cada uma a devida consideração.

Ficou sentado por um tempo, sentindo-se fatigado e não apenas pela falta de sono. Sentia-se… entorpecido. Sua tarefa estava terminada. Após o trabalho de um ano, ele havia examinado cada religião em seu estoque. E eliminado todas.

Era estranho quantas características comuns elas tinham. A maioria alegava ter a autoridade definitiva, denunciando as outras fés. A maioria ensinava a existência de uma vida após a morte, mas não conseguia oferecer provas. A maioria falava sobre deus ou deuses, mas ainda assim — de novo — tinham poucas justificativas para os próprios ensinamentos. E cada uma delas era coalhada de incoerências e falácias lógicas.

Como os homens acreditavam em algo que pregava o amor de um lado e a destruição de infiéis do outro? Como alguém racionalizava a crença sem provas? Como poderiam honestamente esperar fé em algo que falava sobre milagres e maravilhas no passado remoto, mas dava desculpas cuidadosas para essas coisas não ocorrerem nos dias atuais?

E, então, claro, havia o floco final de cinza na pilha — o fato de que todas as fés não tinham, em sua opinião, conseguido se provar. Todas ensinavam que os fiéis seriam abençoados. E nenhuma delas tinha resposta do motivo pelo qual seus deuses teriam permitido que fossem capturados, aprisionados, escravizados e massacrados por um herege conhecido como Rashek, o Senhor Soberano.

A pilha de páginas jazia virada para baixo na mesa diante dele. Significava que não havia verdade. Nenhuma fé que trouxesse Tindwyl de volta. Nada que olhasse pelos homens, ao contrário do que Fantasma havia afirmado com tanta firmeza. Sazed correu os dedos pela página final e, então, a depressão que ele combatia — mal controlada por tanto tempo —, se mostrou forte demais para ser superada. A pasta havia sido sua última linha de defesa.

Dor. Era como ele sentia a perda. Dor e entorpecimento, ao mesmo tempo. Um fio de arame farpado enrolado no peito combinado com a incapacidade absoluta de fazer qualquer coisa a respeito. Ele queria se encolher em um canto,

chorar e apenas se deixar morrer.

Não!, ele pensou. *Deve haver algo.…*

Ele estendeu a mão sob a mesa, os dedos trêmulos em busca da bolsa de mentes de metal. Não puxou uma delas, no entanto, mas em vez disso um tomo grande e grosso. Colocou-o na mesa ao lado da pasta e o abriu em uma página aleatória. As palavras escritas em duas caligrafias diferentes o confrontaram. Uma era cuidadosa e fluida. A dele. A outra era concisa e determinada. A de Tindwyl.

Ele descansou os dedos na página. Ele e Tindwyl haviam compilado aquele livro juntos, decifrando a história, as profecias e os significados que delineavam o Herói das Eras. Antes de Sazed parar de se importar.

É uma mentira, ele pensou, fechando o punho. *Por que eu minto para mim mesmo? Eu ainda me importo. Nunca parei de me importar. Se tivesse parado, não continuaria buscando. Se eu não me importasse tanto, ser traído não seria tão doloroso.*

Kelsier havia falado disso. E Vin também. Sazed nunca esperara ter sentimentos semelhantes. Quem podia feri-lo de forma tão profunda a ponto de ele se sentir traído? Não era como os outros homens. Reconhecia isso não por arrogância, mas por uma noção de autoconhecimento. Ele perdoava as pessoas, talvez até demais para seu próprio bem. Simplesmente não era do tipo que se amargurava.

Portanto, havia presumido que jamais teria de lidar com tais emoções. Por isso ele estava tão despreparado para ser traído pela única coisa que não conseguia aceitar como imperfeita.

Não podia acreditar. Se acreditasse, significaria que Deus — ou o universo ou o que quer que olhasse pelos homens — havia falhado. Melhor acreditar que não havia nada, absolutamente nada. Então, todos os defeitos do mundo seriam mero acaso, não causados por um deus que falhara com eles.

Sazed olhou para o tomo aberto, observando um pequeno pedaço de papel se projetando entre as páginas. Ele o puxou, surpreso por encontrar a imagem de flor que Vin havia lhe dado, aquela outrora carregada pela esposa de Kelsier. Que ela usara para se dar esperança. Para lembrá-la de um mundo que existia antes da chegada do Senhor Soberano.

Ele ergueu os olhos. O teto era de madeira, mas a luz do sol vermelho, refratada pela janela, espalhava-se por ele.

— Por quê? — ele sussurrou. — Por que me deixar assim? Estudei tudo sobre você. Aprendi as crenças de *quinhentos* povos e seitas diferentes. Ensinei sobre você quando outros homens haviam desistido mil anos antes.

"Por que *me* deixar sem esperança, quando os outros ainda podem tê-la? Por que *me* deixar com essas dúvidas? Não deveria ser eu o mais seguro de todos? Meu conhecimento não deveria ter me protegido?"

E, mesmo assim, sua fé apenas o tornara ainda mais suscetível. *Isso é confiança*, pensou Sazed. *É dar a alguém poder sobre você. Poder para feri-lo.* Por isso havia desistido das mentes de metal. Por isso havia decidido examinar as religiões uma por vez, tentando encontrar aquela que não tivesse falhas. Nada que o desapontasse.

Aquilo fazia sentido. Antes ser um cético do que ver que estava errado. Sazed baixou os olhos. Por que estava falando com os céus? Não havia nada lá.

Nunca houvera.

Lá fora, no corredor, pôde ouvir vozes.

— Meu caro cãozinho — Brisa disse —, claro que você ficará mais um dia.

— Não — TenSoon falou, o kandra, falando em sua voz rosnada. — Preciso encontrar Vin o mais rápido possível.

Até o kandra, pensou Sazed. *Até uma criatura não humana tem mais fé que eu.*

Mas como eles poderiam entender? Sazed fechou os olhos com força, sentindo algumas lágrimas escorrerem pelos cantos. Como alguém poderia entender a dor de uma fé traída? Ele *acreditara*. E, ainda assim, quando mais precisava de esperança, encontrara apenas o vazio.

Ele pegou o livro, em seguida fechou a pasta, trancando os resumos falhos dentro dela. Virou-se para a lareira. Era melhor simplesmente queimar tudo isso.

Crença… Ele se lembrou de uma voz do passado. Sua própria voz, falando com Vin naquele dia terrível após a morte de Kelsier. *A crença não é simplesmente uma coisa para os momentos felizes e dias brilhantes, creio. O que é a crença, o que é a fé, se você não continuar com ela após o fracasso?*

Como ele fora inocente.

Melhor confiar e ser traído, Kelsier parecia sussurrar. Fora um dos lemas do Sobrevivente. *Melhor amar e ser ferido.*

Sazed agarrou o tomo. Era uma coisa sem sentido. Aquele texto poderia ser alterado por Ruína a qualquer momento. *E eu acredito nisso?*, pensou Sazed

com frustração. *Tenho mesmo fé em Ruína, mas não em algo melhor*?

Ele ficou em silêncio no quarto, segurando o livro, ouvindo Brisa e TenSoon lá fora. O livro era um símbolo para ele. Representava o que ele fora no passado. Representava o fracasso. Ergueu os olhos novamente. *Por favor*, pensou. *Eu quero acreditar. Realmente quero. Eu só… só preciso de algo. Algo além de sombras e lembranças. Algo real*.

Algo verdadeiro. Por favor?

— Adeus, Abrandador — TenSoon disse. — Deixe meus cumprimentos ao Arauto.

Em seguida, Sazed ouviu Brisa se afastar a passos pesados. TenSoon atravessou o corredor com os pés silenciosos de cachorro.

Arauto…

Sazed ficou paralisado.

Aquela palavra.…

Sazed se levantou, perplexo por um momento. Depois abriu a porta com tudo e irrompeu pelo corredor. A porta bateu contra a parede, fazendo Brisa ter um sobressalto. TenSoon parou no final do corredor, próximo às escadas. Ele se virou, olhando para Sazed.

— Do que me chamou? — Sazed perguntou.

— De Arauto — TenSoon disse. — Foi o senhor, não foi, aquele que nomeou Lady Vin como Heroína das Eras? Então, esse é seu título.

Sazed caiu de joelhos, batendo com o livro, aquele que havia escrito com Tindwyl, no chão diante de si. Ele folheou as páginas, localizando uma em especial, escrita de próprio punho. *Pensei em mim mesmo como a Testemunha Sagrada*, constava na página, *o profeta destinado a descobrir o Herói das Eras.* Eram as palavras de Kwaan, o homem que originalmente indicara Alendi como o Herói. Daqueles escritos, que eram as únicas pistas sobre a religião terrisana original, Sazed e os outros haviam juntado o pouco que sabiam das profecias sobre o Herói das Eras.

— O que é isso? — Brisa perguntou, abaixando-se e examinando as palavras. — Parece que você usou o termo errado, meu caro cãozinho. Não é “Arauto”, é “Testemunha Sagrada”.

Sazed ergueu os olhos.

— É uma das passagens que Ruína mudou, Brisa — ele disse em silêncio. — Quando escrevi, era diferente, mas Ruína a alterou, tentando fazer eu e Vin

cumprirmos suas profecias. Os skaa haviam começado a me chamar de Testemunha Sagrada, o termo que eles usam. Então, Ruína mudou os escritos de Kwaan retroativamente para que parecessem proféticos e fizessem referência a mim.

— É mesmo? — Brisa perguntou, coçando o queixo. — O que dizia antes?

Sazed ignorou a pergunta, fitando em vez disso os olhos caninos de TenSoon.

— Como você sabia? Como você sabe das palavras das antigas profecias terrisanas?

TenSoon se sentou sobre as patas traseiras.

— Que coisa estranha, terrisano. Há uma grande incoerência nisso tudo, um problema que *ninguém* jamais pensou em enfatizar. O que aconteceu com os carregadores que viajaram com Rashek e Alendi até o Poço da Ascensão?

Rashek. O homem que se transformara no Senhor Soberano.

Brisa se empertigou.

— Essa é fácil, kandra — disse, agitando o bastão. — Todos sabem que, quando o Senhor Soberano assumiu o trono de Khlennium, transformou seus amigos de confiança em nobres. Por isso a nobreza do Império Final era tão mimada; eram descendentes dos bons amigos de Rashek.

TenSoon ficou em silêncio.

Não, pensou Sazed, espantado. *Não… não pode ser!*

— Ele *não* poderia ter transformado aqueles carregadores em nobres.

— Por que não? — Brisa questionou.

— Porque a nobreza ganhou a Alomancia — Sazed respondeu, erguendo-se. — Os amigos de Rashek eram *feruquemistas*. Se ele os transformasse em nobres, então…

— Eles poderiam tê-lo desafiado — TenSoon disse. — Poderiam ter se transformado em alomânticos e feruquemistas como ele e ter os mesmos poderes.

— Exato — Sazed confirmou. — Ele passou dez séculos tentando *extirpar* a Feruquemia da população terrisana pelo medo de algum dia alguém nascer com Feruquemia e Alomancia! Seus amigos, que foram ao Poço com ele, seriam perigosos, pois eram obviamente feruquemistas poderosos e sabiam o que Rashek fizera com Alendi. Rashek teria que ter feito outra coisa com eles. Como sequestrá-los, talvez até matá-los…

— Não — TenSoon retrucou. — Ele não os matou. Vocês chamam o Pai de monstro, mas ele não era um homem ruim. Ele não matou seus amigos, embora reconhecesse a ameaça que seus poderes representavam para ele. Então, forjou um acordo, falando diretamente com suas mentes enquanto estava com o poder da criação.

— Que acordo? — Brisa perguntou, obviamente confuso.

— Imortalidade — TenSoon disse em voz baixa. — Em troca da Feruquemia. Eles abriram mão dela e de mais uma coisa.

Sazed encarou a criatura no corredor, uma criatura que pensava como um homem, mas tinha a forma de um animal.

— Eles abriram mão da humanidade — Sazed sussurrou.

TenSoon assentiu.

— Eles continuam vivos? — Sazed perguntou, avançando. — Os companheiros do Senhor Soberano? Os mesmos terrisanos que escalaram até o Poço com ele?

— Nós os chamamos de Primeira Geração — TenSoon disse. — Os fundadores do povo kandra. O Pai transformou todo feruquemista vivo em espectro das brumas, dando início àquela raça. Seus bons amigos, no entanto, ele devolveu à consciência com algumas estacas hemalúrgicas. O senhor fez um trabalho fraco, Guardador. Eu esperava que já tivesse tirado essa informação de mim *muito* antes de eu precisar partir.

Eu fui um tolo, pensou Sazed, deixando lágrimas escorrerem pelo rosto. *Um tolo*.

— Quê? — Brisa perguntou, franzindo a testa. — O que está acontecendo? Sazed? Meu caro, por que está tão agitado? O que significam as palavras desta criatura?

— Significam esperança — Sazed disse, correndo para seu quarto e apressadamente jogando roupas em sua bolsa de viagem.

— Esperança? — Brisa perguntou, espiando o cômodo.

Sazed olhou para trás, na direção de Brisa. O kandra havia se aproximado e estava atrás dele no corredor.

— A religião de Terris, Brisa — Sazed falou. — Aquilo para que minha seita foi fundada, aquilo que meu povo passou gerações buscando descobrir. Está viva. Não em palavras escritas que podem ser corrompidas e alteradas. Mas na mente dos homens que de fato a praticaram no passado. *A fé terrisana não está*

morta!

Havia mais uma religião para acrescentar em sua lista. Sua busca ainda não estava encerrada.

— Rápido, Guardador — TenSoon disse. — Eu estava pronto para ir sem o senhor, pois todos haviam me dito que já não se importava com essas coisas. Mas, se vier, vou mostrar a estrada para a minha Terra Natal, que fica no caminho que preciso percorrer para encontrar Vin. Espero que consiga convencer a Primeira Geração daquilo que eu não consegui.

— Que é? — Sazed perguntou, ainda se arrumando.

— De que o fim chegou.

Ruína tentou muitas vezes cravar estacas em outros membros do bando. Embora um pouco do que aconteceu faça parecer fácil para ele conseguir tomar controle das pessoas, na verdade não era.

Enterrar o metal no lugar certo, no momento correto, era incrivelmente difícil, mesmo para uma criatura sutil como Ruína. Por exemplo, tentou com muito afinco cravar estacas em Elend e Yomen. Elend conseguiu evitá-la todas as vezes, como fizera no campo fora do pequeno vilarejo que continha o penúltimo depósito.

Ruína, na verdade, chegou a conseguir cravar uma estaca em Yomen, certa vez. O rei-obrigador, porém, a removeu antes de Ruína tomar firme controle sobre ele. Era muito mais fácil controlar pessoas que eram passionais e impulsivas em vez das que eram lógicas e tendiam a repassar e trabalhar mentalmente as próprias ações.

63

— O que não entendo — Vin disse — é por que você me escolheu. Teve mil anos e centenas de milhares de pessoas para escolher. Por que *me* levar ao Poço da Ascensão para te libertar?

Ela estava na cela, sentada no catre — que agora ficava no chão, sem pernas, pois havia despencado quando ela removera os parafusos. Vin pedira um novo e fora ignorada.

Ruína se voltou para ela. Vinha com frequência, usando o corpo de Reen, ainda se dando ao luxo do que Vin poderia apenas supor ser uma espécie de autocongratulação. Porém, como frequentemente fazia, ele ignorou a pergunta. Em vez disso, virou-se para o leste, os olhos parecendo poder enxergar diretamente através da parede da cela.

— Queria que você pudesse ver — ele disse. — As chuvas de cinzas estão lindas e profundas, como se o próprio céu tivesse se estilhaçado, lançando lascas de seu cadáver na forma de flocos escuros. Está sentindo o chão tremer?

Vin não respondeu.

— Aqueles terremotos são os suspiros finais da terra — Ruína falou. — Como um velho, gemendo enquanto morre, chamando os filhos para poder transmitir seus últimos sábios conselhos. O solo está se partindo ao meio. O Senhor Soberano é responsável por muito disso. Pode culpá-lo, se quiser.

Vin ficou interessada. Não chamou atenção para si fazendo mais perguntas, mas, em vez disso, deixou Ruína tagarelar. Novamente, observou como alguns maneirismos dele pareciam *humanos*.

— Ele pensou que poderia resolver sozinho os problemas — Ruína continuou. — E me rejeitou, sabe?

Isso aconteceu exatamente mil anos atrás, pensou Vin. *Mil anos se passaram desde que Alendi fracassou em sua busca. Mil anos desde que Rashek tomou o poder para si e se transformou no Senhor Soberano. Essa é parte da resposta à minha pergunta. O líquido brilhante no Poço da Ascensão desapareceu no momento em que terminei de libertar Ruína. Deve ter desaparecido após Rashek*

usá-lo também.

Mil anos. Tempo para o Poço regenerar seu poder? Mas o que era aquele poder? De onde vinha?

— O Senhor Soberano não salvou o mundo de verdade. Ele apenas postergou sua destruição e, ao fazer isso, me ajudou. É a maneira como sempre deve ser, como eu lhe disse. Quando homens acham que estão ajudando o mundo, na verdade fazem mais mal que bem. Assim como você. Tentou ajudar, mas acabou me libertando.

Ruína olhou para ela, então sorriu paternalmente. Vin não reagiu.

— As montanhas de cinzas — Ruína continuou —, a paisagem agonizante, as pessoas submissas… tudo foi obra de Rashek. A deturpação dos homens para se tornarem koloss, kandra e Inquisidores, tudo obra dele…

— Mas você o odiava — Vin disse. — Ele não libertou você, então você precisou esperar mais mil anos.

— Verdade — Ruína concordou. — Mas mil anos não é muito tempo. Não é muito tempo mesmo. Além disso, eu não podia recusar ajudar Rashek. Eu ajudo a todos, pois meu poder é um instrumento; o único através do qual as coisas podem mudar.

Está tudo acabando, pensou Vin. *Está mesmo. Não tenho tempo para ficar aqui à espera. Preciso fazer alguma coisa.* Vin se levantou, fazendo Ruína olhar em sua direção enquanto ela caminhava para a porta da cela.

— Guardas! — chamou. Sua voz ecoou pela câmara. — Guardas!

Passado algum tempo, ouviu um ruído lá fora.

— O que foi? — uma voz ríspida inquiriu.

— Diga a Yomen que quero negociar.

Houve uma pausa.

— Negociar? — o guarda finalmente perguntou.

— Sim — respondeu Vin. — Diga a ele que tenho informações que quero lhe dar.

Ela não sabia como interpretar a reação do guarda, pois não houve resposta. Pensou tê-lo ouvido se afastar, mas sem estanho não tinha como saber ao certo.

O guarda acabou retornando, porém. Ruína observou Vin, curioso, quando a porta se destrancou e abriu. A tropa costumeira de soldados estava lá fora.

— Venha conosco.

Quando entrou na câmara de audiência de Yomen, Vin ficou surpresa com as diferenças no sujeito. Parecia muito mais cansado do que da última vez que tinham se encontrado, como se tivesse passado muito tempo sem dormir.

Mas… ele é um Nascido da Bruma, pensou Vin, confusa. *Significa que ele poderia queimar peltre para manter controle da fadiga.*

Por que ele não queima? A menos que… ele não possa queimar. A menos que haja apenas um metal disponível para ele.

Vin sempre ouvira dizer que não existia Brumoso de atium. Mas cada vez mais ela percebia que o Senhor Soberano perpetuava muita desinformação para se manter no controle e no poder. Ela tinha de aprender a parar de confiar no que lhe *disseram* ser verdade e se concentrar nos fatos que descobria.

Yomen a observou entrar, guardas ao seu redor. Ela via a expectativa de uma enganação nos olhos dele. Mesmo assim, como sempre, o rei-obrigador esperava que ela agisse primeiro. Pairar muito próximo do perigo parecia ser seu *modus operandi*. Os guardas se postaram às portas, deixando-a em pé no meio da sala.

— Sem algemas? — ela perguntou.

— Sim. Não espero que se demore muito aqui. Os guardas me disseram que ofereceu informações.

— Sim.

— Bem — Yomen falou com os braços para trás. — Eu lhes disse para trazê-la, mesmo se suspeitassem que era um truque. Aparentemente, eles não acreditam em seu pedido de negociação. Imagino por quê. — Ele ergueu uma sobrancelha.

— Faça uma pergunta — Vin disse. Ao lado, Ruína atravessou a parede num passo tranquilo, despreocupado.

— Muito bem — Yomen começou. — Como Elend controla os koloss?

— Alomancia. Alomancia emocional, quando usada em um koloss, deixa-os sob controle do alomântico.

— Acho isso difícil de acreditar. Se fosse tão simples, alguém já teria descoberto.

— A maioria dos alomânticos é muito fraca para conseguir. É preciso usar um metal que aumente seu poder.

— Tal metal não existe.

— Conhece alumínio?

Yomen hesitou, mas Vin percebeu nos olhos dele que sabia do que estava falando.

— Duralumínio é a liga alomântica do alumínio — Vin revelou. — Enquanto o alumínio amortece o poder de outros metais, o duralumínio os aumenta. Misture duralumínio e zinco ou latão, em seguida *puxe* as emoções de um koloss e ele será seu.

Yomen não descartou os comentários como mentiras. Ruína, no entanto, avançou, espreitando Vin em círculos.

— Vin, Vin. Qual é o seu jogo agora? — ele perguntou, provocando. — Dar migalhas para ele e depois traí-lo?

Yomen aparentemente chegou à mesma conclusão.

— Seus fatos são interessantes, imperatriz, mas completamente inverificáveis na minha atual situação. Portanto, eles são…

— Há cinco dessas cavernas-depósito — Vin disse, avançando um passo. — Encontramos as outras. Elas nos trouxeram aqui.

Yomen balançou a cabeça.

— E? Por que eu me importaria?

— Seu Senhor Soberano planejou algo para elas; dá para ver na própria placa que deixou nesta. Ele diz que não encontrou maneira de combater o que está acontecendo conosco no mundo, mas você acredita nisso? Sinto que deve haver mais, alguma pista escondida nos textos de todas as cinco placas.

— Espera que eu acredite que *a senhora* se importa com o que o Senhor Soberano escreveu? — Yomen perguntou. — A senhora, a suposta assassina dele?

— Eu não poderia me importar menos com ele — Vin admitiu. — Mas, Yomen, *precisa* acreditar que eu me importo com o que acontece com o povo do império! Se juntou informações sobre Elend ou sobre mim, sabe que é verdade.

— Seu Elend é um homem que se dá muita importância. Leu muitos livros e acha que seu conhecimento o capacita a ser um rei. A senhora… eu ainda não sei o que pensar da senhora. — Seus olhos mostraram um pouco do ódio que ela vira durante o último encontro. — Alega ter matado do Senhor Soberano. Ainda assim… ele não pode ter morrido. A senhora é parte de tudo isso, de alguma forma.

É isso, pensou Vin. *É assim que vou fisgá-lo.*

— Ele queria que nos encontrássemos — Vin disse. Ela não acreditava

naquilo, mas Yomen acreditaria.

O rei ergueu a sobrancelha.

— Não percebe? Elend e eu descobrimos outras cavernas, a primeira sob a própria Luthadel. Em seguida, viemos para cá. Esta era a *última* das cinco. O fim da trilha. Por algum motivo, o Senhor Soberano quis nos trazer até aqui. Até você.

Yomen ficou em silêncio por alguns momentos. Ao lado, Ruína fingia aplausos.

— Busquem Lellin — Yomen disse, virando-se para um dos soldados. — Diga para que traga os mapas.

Os soldados bateram continência e saíram. Yomen se virou para Vin, desconfiança ainda nas feições.

— Isso não será uma troca. A senhora me dará as informações que peço, e eu decidirei o que fazer com elas.

— Que seja. Mas você mesmo disse que eu estava ligada a tudo isso. Está *tudo* conectado, Yomen. As brumas, os koloss, eu, você, as cavernas-depósito, as cinzas…

Ele se encolheu levemente quando Vin mencionou as últimas palavras.

— As cinzas estão piorando, não é? — ela perguntou. — Caindo cada vez mais espessas?

Yomen assentiu.

— Sempre nos preocupamos com as brumas — Vin disse. — Mas são as cinzas que vão nos matar. Vão bloquear a luz do sol, enterrar nossas cidades, cobrir as ruas, sufocar os campos…

— O Senhor Soberano não permitirá que isso aconteça.

— E se ele estiver realmente morto?

Yomen a encarou.

— Nesse caso, a senhora condenou a todos nós.

Condenou… O Senhor Soberano havia dito algo semelhante pouco antes de Vin assassiná-lo. Ela estremeceu, esperando no silêncio incômodo, suportando a face sorridente de Ruína até um escriba entrar na sala, segurando vários mapas enrolados.

Yomen pegou um dos mapas, acenando para dispensar o homem. Ele o estendeu sobre a mesa e acenou para Vin se aproximar.

— Mostre-me — ele pediu, recuando para se manter fora do alcance dela.

Ela pegou um pedaço de carvão e começou a marcar as localizações das cavernas-depósitos. Luthadel. Satren. Vetitan. Urteau. Todas as cinco que encontrou: todas próximas ao Domínio Central; uma no meio, as outras quatro formando um quadrado ao redor dele. Ela pôs o último "X" ao lado da Cidade de Fadrex.

Em seguida, com o carvão entre os dedos, ela percebeu uma coisa. *Claro que há muitas minas indicadas no mapa nos arredores de Fadrex,* pensou ela. *Muito metal na área.*

— Afaste-se — Yomen disse.

Vin recuou. Ele se aproximou, examinando o mapa. Vin ficou em silêncio, pensando. *Os escribas de Elend nunca conseguiram encontrar um padrão para as localizações dos depósitos. Dois estavam em cidades pequenas, duas em cidades grandes. Algumas próximas a canais, outras não. Os escribas alegavam que não tinham uma amostra grande o bastante para discernir padrões.*

— Parece completamente aleatório — Yomen falou, ecoando os pensamentos de Vin.

— Eu não inventei essas localizações, Yomen — ela respondeu, cruzando os braços. — Seus espiões podem confirmar aonde Elend levou seus exércitos e enviou emissários.

— Nem todos nós temos recursos para extensas redes de espiões, imperatriz — Yomen retorquiu, olhando de volta para o mapa. — Deveria haver algum padrão…

Vetitan, pensou Vin. *O lugar onde encontramos a caverna logo antes de Fadrex. Era uma cidade de mineração também. Urteau também.*

— Yomen? — ela questionou, erguendo os olhos. — Um desses mapas relaciona depósitos de minerais?

— Claro — ele confirmou, distraído. — *Somos* o Cantão de Recursos, afinal.

— Mostre.

Yomen levantou uma sobrancelha, indicando o que achava de receber ordens dela. No entanto, acenou para o escriba fazer o que ela havia pedido. Um segundo mapa cobriu o primeiro, e Vin avançou. Yomen imediatamente recuou, mantendo-se fora de alcance.

Ele tem bons instintos para um burocrata, ela pensou, tirando o carvão de debaixo do mapa. Rapidamente fez as cinco marcas novamente. A cada uma, sua

mão ficava mais tensa. Cada caverna ficava em área rochosa, próxima de minas de metais. Mesmo Luthadel tinha ricos depósitos minerais. Rezava a lenda que o Senhor Soberano havia construído a capital naquela localização *devido* aos minerais contidos na região, especialmente nos lençóis freáticos. Muito melhor para alomânticos.

— O que está tentando insinuar? — Yomen perguntou. Aproximara-se o bastante para ver o que ela havia marcado.

— Essa é a relação — Vin respondeu. — Ele construiu os depósitos perto de fontes de metal.

— Ou foi um simples acaso.

— Não — Vin disse, erguendo os olhos de relance para Ruína. — Não, metal quer dizer Alomancia, Yomen. Há um padrão aqui.

Yomen acenou para ela se afastar novamente, aproximando-se do mapa. Ele bufou.

— Você incluiu marcas perto das minas mais produtivas do império central. Espera que eu acredite que não está apenas me ludibriando, oferecendo uma "evidência" falsa de que essas são realmente as localizações das cavernas-depósito?

Vin o ignorou. *Metal. As palavras de Kwaan eram escritas em metal, porque ele disse que estariam a salvo. A salvo. A salvo de serem alteradas, foi o que acreditamos.*

Ou ele quis dizer a salvo de serem lidas?

O Senhor Soberano desenhara os mapas em placas de metal.

E se Ruína não pudesse encontrar os depósitos sozinho porque o metal os protegia? Ele precisaria de alguém para levá-lo até eles. Alguém para visitar cada um, ler o mapa que continha, em seguida levá-lo até a próxima…

Senhor Soberano! Cometemos o mesmo erro! Fizemos exatamente o que ele queria. Por isso nos deixou viver!

No entanto, em vez de se sentir envergonhada, dessa vez Vin ficou furiosa. Ela olhou para Ruína, que estava lá com seu ar de sabedoria cósmica. Os olhos de quem sabia demais, o tom paternal e a arrogância divina.

De novo não, pensou Vin, cerrando os dentes. *Dessa vez, sei o que pretende. Significa que posso enganá-lo. Mas… preciso saber por quê. Por que está tão interessado nos depósitos? Do que precisa para vencer esta batalha? Por que esperou tanto tempo?*

De repente, a resposta lhe pareceu óbvia. Conforme investigava os próprios sentimentos, percebia que uma das principais razões pelas quais ela buscava os depósitos havia sido descreditada de novo e de novo por Elend. Mesmo assim, Vin continuara a procurá-los, buscando por essa única coisa. Ela *sentia*, por motivos que não conseguia explicar, que era importante.

A coisa que impulsionara a economia imperial por mil anos. O mais poderoso dos metais alomânticos.

Atium.

Por que estivera tão encantada por ele? Elend e Yomen tinham razão: o atium era irrelevante no mundo atual. Mas seus sentimentos negavam essa noção. Por quê? Seria porque *Ruína* o desejava, e Vin tinha alguma relação inexplicável com ela?

O Senhor Soberano dissera que Ruína não podia ler mentes. Mas Vin sabia que ele podia afetar suas emoções. Mudar a forma como ponderava as coisas, impulsioná-la. Levá-la a buscar aquilo que *ele* desejava.

Ao examinar as emoções que a tinham afetado, Vin conseguia enxergar o plano de Ruína, a maneira como havia manipulado ela e seus pensamentos. Ruína queria o atium! E, com um calafrio de terror, Vin percebeu que o tinha levado direto até a fonte. *Por isso estava tão convencido antes!*, pensou Vin. *Por isso supôs que já havia vencido!*

Por que uma força divina estaria tão interessada em uma coisa simples como um metal alomântico? A pergunta fez com que duvidasse um pouco de suas conclusões. Mas, naquele momento, as portas da câmara se abriram com um estrondo.

Revelando um Inquisidor.

Imediatamente, Yomen e os soldados todos caíram de joelhos. Vin deu um passo involuntário para trás. A criatura era alta, como era comum em sua espécie, e ainda vestia as túnicas cinza de seu cargo de antes do Colapso. A cabeça lisa era riscada com tatuagens intrincadas, a maioria delas preta, uma de um vermelho forte. E, claro, havia as estacas cravada nos olhos. Uma delas fora enterrada mais que a outra, destruindo a órbita ao redor da cabeça da estaca. O rosto da criatura, retorcido por um olhar de desdém desumano, era familiar para Vin.

— Marsh? — Vin sussurrou, horrorizada.

— Milorde — Yomen disse, estendendo as mãos. — O senhor finalmente

chegou! Enviei mensageiros, buscando…

— Silêncio — disse Marsh com voz áspera, avançando. — Levante-se, obrigador.

Yomen se pôs rapidamente de pé. O Inquisidor olhou para Vin e sorriu de leve, mas em seguida a ignorou ostensivamente. No entanto, olhou diretamente para Ruína e curvou a cabeça, subserviente.

Vin estremeceu. As feições de Marsh, mesmo deformadas como estavam, lembravam-na do irmão dele. Kelsier.

— Você está prestes a ser atacado, obrigador — o Inquisidor disse, avançando, abrindo bruscamente a grande janela do outro lado da sala. Através dela, Vin pôde ver as plataformas de rocha onde o exército de Elend havia acampado, ao lado do canal.

Exceto que não havia canal. Não havia plataformas rochosas. Tudo era preto e uniforme. Cinzas enchiam o céu, densas como uma tempestade de neve.

Senhor Soberano!, pensou Vin. *As coisas estão muito feias!*

Yomen se apressou até a janela.

— Atacado, milorde? Mas eles nem mesmo levantaram acampamento!

— Os koloss atacarão de surpresa — o Inquisidor disse. — Não precisam formar fileiras; eles simplesmente atacam.

Yomen ficou paralisado por um segundo antes de se dirigir aos soldados.

— Apressem as defesas. Reúnam os homens nas elevações frontais!

Os soldados correram da sala. Vin estava em silêncio. *O homem que conheço como Marsh está morto*, pensou. *Ele tentou matar Sazed e agora faz parte deles. Ruína…*

…assumiu o controle sobre ele…

Uma ideia começou a faiscar em sua mente.

— Rápido, obrigador — Marsh disse. — Não vim proteger sua cidadezinha estúpida. Vim pela coisa que você descobriu naquele depósito.

— Milorde? — Yomen perguntou, surpreso.

— Seu atium, Yomen — o Inquisidor falou. — Dê-me o atium. Ele *não pode* ficar nesta cidade quando o ataque vier, para o caso de vocês caírem. Vou levar para algum lugar seguro.

Vin fechou os olhos.

— Mi… lorde? — Yomen disse, por fim. — Claro que o senhor tem direito a

tudo que possuo. Mas não há atium na caverna-depósito. Apenas as sete contas que eu reuni, como uma reserva para o Cantão de Recursos.

Vin abriu os olhos.

— *O quê?*

— Impossível! — Marsh rugiu. — Mas você disse à garota que o tinha!

Yomen empalideceu.

— Foi desinformação, milorde. Ela parecia convencida de que eu tinha uma abundância em atium, então deixei que pensasse que estava certa.

— NÃO!

Vin teve um sobressalto com o grito repentino. No entanto, Yomen nem mesmo se encolheu. E, um segundo depois, ela percebeu por quê. Fora Ruína que havia gritado. Tornara-se indistinto, perdendo a forma de Reen, sua figura florescendo em uma espécie de tempestade de escuridão rodopiante. Quase como a bruma; apenas muito, muito mais escura.

Ela vira aquela escuridão antes. Caminhara por ela, na caverna sob Luthadel, no seu caminho até o Poço da Ascensão.

Um segundo depois, Ruína estava de volta. Parecia Reen novamente. Cruzou os braços atrás e não olhou para ela, como se tentasse fingir que não havia perdido o controle. Em seus olhos, porém, Vin conseguia ver a frustração. A raiva. Vin se afastou dela, chegando *mais perto* de Marsh.

— Seu tolo! — Marsh disse, afastando-se dela para falar com Yomen. — Seu idiota!

Droga, pensou Vin, irritada.

— Eu… — disse Yomen, confuso. — Milorde, por que o senhor se importa com o atium? Não vale nada sem alomânticos e políticos que paguem por ele.

— Você não sabe de nada — Marsh rebateu, ríspido. Em seguida, sorriu. — Mas você está condenado. Sim… condenado…

Lá fora, ela percebeu que o exército de Elend estava levantando acampamento. Yomen se virou para a janela, e Vin se aproximou, aparentemente para olhar melhor. As forças de Elend estavam se reunindo, homens e koloss. Haviam provavelmente percebido o aumento das defesas da cidade e deduzido que qualquer oportunidade de fazer um ataque surpresa fora perdida.

— Ele vai arrasar com esta cidade — Ruína disse, aproximando-se de Vin. — Seu Elend é um bom servo, criança. Um dos meus melhores. Deveria se orgulhar dele.

— Tantos koloss… — Ela ouviu Yomen sussurrar. — Milorde, não temos como enfrentar tantos. Precisamos de sua ajuda.

— Por que eu deveria ajudá-lo? — Marsh perguntou. — Você não entregou o que eu preciso.

— Mas permaneci fiel — Yomen disse. — Quando todos os outros abandonaram o Senhor Soberano, eu continuei a servi-lo.

— O Senhor Soberano está morto — Marsh falou, bufando. — Era um servo inútil também.

Yomen empalideceu.

— Que esta cidade queime diante da fúria de quarenta mil koloss — Marsh disse.

Quarenta mil koloss, pensou Vin. Ele encontrara mais em algum lugar. Atacar parecia a coisa lógica a se fazer; finalmente poderia capturar a cidade, talvez dando a Vin a chance de escapar em meio ao caos. Muito lógico, muito inteligente. E, de repente, Vin teve certeza de uma coisa.

— Elend não atacará — ela anunciou.

Seis olhos — dois de aço, dois de carne e dois incorpóreos — se voltaram para ela.

— Elend não vai soltar tantos koloss na cidade. Ele está tentando intimidá-lo, Yomen. E você deveria prestar atenção. Ainda obedece a esta criatura, este Inquisidor? Ele desdenha de você. Quer que você morra. Junte-se a nós em vez disso.

Yomen franziu a testa.

— Poderia combatê-lo comigo — Vin disse. — Você é um alomântico. Esses monstros *podem* ser derrotados.

Marsh sorriu.

— Idealismo, vindo de você, Vin?

— Idealismo? — ela perguntou, encarando a criatura. — Acha que é idealismo acreditar que posso matar um Inquisidor? Você sabe que já consegui antes.

Marsh acenou com desprezo.

— Não estou aqui para falar de suas ameaças tolas. Estou falando sobre *ele*. — Indicou o exército com a cabeça. — Seu Elend pertence à Ruína, como eu… como você. Todos resistimos, mas, no final, nos curvamos diante dela. Apenas

então entendemos a beleza que há na destruição.

— Seu deus não controla Elend — Vin disse. — Vive tentando dizer que sim, mas isso apenas faz dele um mentiroso. Ou, talvez, um idealista.

Yomen observou, confuso.

— E se ele *de fato* atacar? — perguntou Marsh com uma voz baixa e ansiosa. — O que isso significaria, Vin? E se ele enviar seus koloss contra esta cidade em um furor de sangue, enviar todos para massacrar e matar, tudo para conseguir ter o que ele *acha* que precisa tanto? Atium e comida poderiam falhar em fazê-lo vir… mas você? Como você se sentiria? Matou por ele. O que a faz pensar que Elend não fará o mesmo por você?

Vin fechou os olhos. Lembranças do ataque à torre de Cett voltaram à sua mente. Lembranças da matança desumana ao lado de Zane. Lembranças de fogo, de morte e de um alomântico desenfreado.

Ela nunca mais havia matado daquele jeito.

Vin abriu os olhos. Por que Elend não atacaria? Atacar fazia muito sentido. Ele sabia que poderia tomar a cidade com facilidade. No entanto, também sabia que teria problema em controlar os koloss se eles chegassem a um furor muito intenso…

— Elend não vai atacar — ela repetiu em voz baixa. — Porque ele é uma pessoa melhor do que eu.

Nota-se que Ruína só enviou seus Inquisidores a Fadrex depois de Yomen ter aparentemente confirmado que o atium estava na cidade. Por que não os enviou assim que o depósito final foi localizado? Onde estavam seus lacaios durante todo esse tempo?

Talvez seja preciso entender que, na mente de Ruína, todos os homens eram seus lacaios, especialmente aqueles que ele conseguia manipular diretamente. Ele não enviou um Inquisidor porque eles estavam ocupados cumprindo outras tarefas. Em vez disso, enviou alguém que, na sua opinião, era exatamente a mesma coisa.

Tentou cravar uma estaca em Yomen, falhou e, nessa época, o exército de Elend chegou. Então, usou um peão diferente para investigar o depósito e descobrir se o atium realmente estava lá ou não. Não delegou muitos recursos à cidade no início, temendo uma isca falsa do Senhor Soberano. Como ele, ainda me pergunto se os depósitos tinham, em parte, aquela intenção — distrair Ruína e mantê-lo ocupado.

64

— …e por isso você *precisa* de qualquer jeito enviar essa mensagem, Fantasma. As peças dessa coisa estão todas girando, lançadas ao vento. Você tem uma pista que ninguém mais tem. Passe ela adiante.

Fantasma assentiu, sentindo-se zonzo. Onde estava? O que estava acontecendo? E por que, de repente, tudo doía tanto?

— Bom rapaz. Você foi muito bem, Fantasma. Estou orgulhoso.

Ele tentou menear a cabeça novamente, mas tudo era confuso e escuro. Ele tossiu, causando alguns sobressaltos distantes. Ele gemeu. Partes dele doíam bastante, outras apenas formigavam. Outras ainda… bem, essas ele não conseguia sentir de forma alguma, embora achasse que *deveria*.

Eu estava sonhando, ele percebeu enquanto lentamente voltava à consciência. *Por que eu estava dormindo? Eu estava no turno? Deveria estar no turno? A loja…*

Aquela linha de pensamento desapareceu quando ele abriu os olhos. Havia alguém em pé diante dele. Um rosto. Um rosto… bem mais feio do que o que tinha esperado ver.

— Brisa? — Ele tentou dizer, mas a palavra saiu como um grasnado.

— Há! — Brisa disse com lágrimas atípicas escorrendo. — Ele *está* acordando!

Outro rosto pairou sobre ele, e Fantasma sorriu. *Esse* era o que estava esperando ver. Beldre.

— O que está acontecendo? — sussurrou.

Mãos levaram algo a seus lábios: um odre d’água. Eles a verteram com cuidado, dando-lhe um gole. Fantasma tossiu, mas engoliu.

— Por que… por que não consigo me mexer? — perguntou. A única coisa que parecia conseguir mexer era a mão esquerda.

— Seu corpo está coberto por gesso e bandagens, Fantasma — Beldre respondeu. — Ordens de Sazed.

— As queimaduras — Brisa disse. — Bem, elas não são assim *tão* ruins, mas…

— Para o inferno com as queimaduras. Estou vivo. Já é mais do que eu esperava — Fantasma grasnou.

Brisa ergueu os olhos para Beldre, sorrindo.

Passe ela adiante…

— Onde está Sazed? — Fantasma perguntou.

— Você precisa descansar — Beldre disse, tocando a bochecha do rapaz com suavidade. — Passou por muita coisa.

— E dormi enquanto muito mais coisa ainda acontecia, imagino — Fantasma disse. — Sazed?

— Partiu, meu caro — Brisa disse. — Foi para sul com o kandra de Vin.

Vin.

Passos ressoaram no assoalho e, um segundo depois, o rosto do Capitão Goradel apareceu ao lado dos outros dois. O soldado de queixo quadrado abriu um largo sorriso.

— E bota “Sobrevivente das Chamas” nisso!

Você tem uma pista que ninguém mais tem…

— Como está a cidade? — Fantasma perguntou.

— Em grande parte, segura — respondeu Beldre. — Os canais encheram, e meu irmão organizou brigadas de incêndio. A maioria dos prédios incendiados não estavam habitados, de toda forma.

— Você salvou a cidade, milorde — Goradel disse.

Estou orgulhoso…

— As cinzas estão caindo ainda mais forte, não é? — perguntou Fantasma.

Os três se entreolharam. As expressões perturbadas eram confirmação suficiente.

— Estamos recebendo muitos refugiados na cidade — Beldre disse. — Das cidades e dos vilarejos próximos, alguns vindo até de Luthadel…

— Preciso enviar uma mensagem — Fantasma disse. — Para Vin.

— Tudo bem — Brisa concordou, tentando acalmá-lo. — Faremos isso assim que você estiver melhor.

— Ouça, Brisa — Fantasma falou, olhando para o teto, incapaz de fazer mais que uma contração muscular. — Algo estava controlando a mim e ao Cidadão.

Eu a *vi*; a coisa que Vin libertou no Poço da Ascensão. A coisa que está trazendo as cinzas para nos destruir. Ela queria esta cidade, mas nós a expulsamos. Agora preciso alertar Vin.

Por isso fora enviado a Urteau. Descobrir informações e mandá-las de volta para Vin e Elend. Apenas naquele momento estava começando a entender o quanto essa tarefa podia ser importante.

— Viajar será bem difícil agora, meu rapaz — Brisa comentou. — Não são exatamente as melhores condições para enviar mensagens.

— Descanse um pouco mais — Beldre disse. — Vamos nos preocupar com isso quando você estiver curado.

Fantasma rangeu os dentes, frustrado.

Você precisa *enviar essa mensagem, Fantasma…*

— Eu levo — Goradel disse em voz baixa.

Fantasma olhou para o lado. Às vezes, era fácil ignorar o soldado, com suas maneiras simples e diretas e sua conduta agradável. No entanto, a determinação em sua voz fez Fantasma sorrir.

— Lady Vin salvou a minha vida — Goradel continuou. — Na noite da rebelião do Sobrevivente, ela poderia ter me deixado para morrer nas mãos da multidão. Poderia ter me matado ela mesma. Mas parou para dizer que entendia pelo que eu havia passado e me convenceu a mudar de lado. Se essas informações são necessárias, Sobrevivente, então eu *vou* levá-las até ela ou morrer tentando.

Fantasma tentou assentir, mas a cabeça estava bem presa por bandagens e curativos. Ele dobrou a mão. Pareceu funcionar… ou, ao menos, o suficiente.

Ele olhou para Goradel.

— Vá até o arsenal e pegue uma chapa de metal bem fina. Em seguida, volte aqui com algo para poder riscar o metal. Essas palavras devem ser escritas em aço, e não posso dizê-las em voz alta.

Naqueles momentos em que o Senhor Soberano tinha o poder do Poço e sentia que tal poder estava sendo drenado dele, entendeu muitas coisas. Viu o poder da Feruquemia e o temeu com razão. Ele sabia que muitos dos terrisanos o rejeitariam como Herói, pois ele não se encaixava nas profecias. Eles o veriam como um usurpador que assassinara o Herói que haviam enviado. O que, na verdade, ele de fato era.

Acredito que, com o passar dos anos, Ruína o tenha sutilmente deturpado, feito com que ele praticasse atos terríveis contra seu povo. Mas, no início, suspeito que sua decisão contra os feruquemistas foi motivada mais pela lógica que pela emoção. Ele estava prestes a revelar um grande poder, na forma dos Nascidos da Bruma.

Suponho que ele poderia ter mantido a Alomancia em segredo e usado os feruquemistas como seus guerreiros e assassinos primários. No entanto, acredito que Rashek tenha sido sagaz em sua escolha. Os feruquemistas, pela própria natureza de seus poderes, têm uma tendência à erudição. Com memórias incríveis, teriam sido muito difíceis de controlar por séculos. De fato, eram *difíceis de controlar, mesmo quando estavam oprimidos. A Alomancia não apenas ofereceu uma nova e espetacular habilidade sem esse inconveniente; ofereceu um poder místico que ele poderia usar para subornar os reis a ficarem do seu lado.*

65

Elend estava em pé sobre um pequeno ressalto de rocha, observando suas tropas. Lá embaixo, os koloss avançavam, abrindo um caminho nas cinzas que os seres humanos poderiam usar após o ataque inicial das criaturas.

Elend esperou, Ham a apenas poucos passos abaixo.

Eu visto branco, pensou. *A cor da pureza. Tento representar o que é bom e direito. Para os meus homens.*

— Os koloss não terão problemas com aquelas fortificações — Ham disse em voz baixa. — Eles podem subir ao topo das muralhas da cidade. Vão conseguir escalar aquelas reentrâncias de pedras quebradas.

Elend assentiu. Provavelmente não haveria necessidade de os soldados humanos atacarem. Apenas com seus koloss, tinha vantagem numérica, e era improvável que os soldados de Yomen tivessem combatido as criaturas antes.

Os koloss pressentiam uma luta se aproximando. Elend conseguia senti-los entusiasmados. Eles o pressionavam, desejando atacar.

— Ham — ele disse, olhando para baixo. — Estamos fazendo a coisa certa?

Ham deu de ombros.

— O movimento faz sentido, El — ele respondeu, coçando o queixo. — Atacar é nossa única chance real de salvar Vin. E não podemos manter o cerco, não por muito mais tempo. — Ham hesitou, em seguida sacudiu a cabeça, seu tom de voz assumindo a incerteza que sempre surgia quando ponderava um de seus problemas lógicos. — Ainda assim, soltar um grupo de koloss em uma cidade me parece imoral. Será que você vai conseguir manter o controle sobre eles assim que começarem a enlouquecer? Salvar Vin vale a possibilidade de matar sequer uma criança inocente? Não sei. Por outro lado, talvez salvemos mais crianças ao trazê-las para o nosso império…

Eu não devia ter me dado ao trabalho de perguntar para Ham, pensou Elend. *Ele nunca foi capaz de dar uma resposta direta*. Ele olhou para o campo, os koloss azuis se destacando contra uma planície negra. Com estanho, ele conseguia ver os homens agachando-se no topo das encostas da Cidade de

Fadrex.

— Não — Ham falou.

Elend olhou para o Brutamontes.

— Não — Ham repetiu. — Não devemos atacar.

— Ham? — Elend disse, achando uma graça surreal na coisa toda. — Você realmente chegou a uma *conclusão*?

Ham assentiu.

— Sim. — Ele não ofereceu explicação ou justificativa.

Elend ergueu os olhos. *O que Vin faria?* Seu primeiro instinto foi pensar que ela atacaria. Porém, ele se lembrou de quando a encontrara, anos antes, após seu ataque à torre de Cett. Estivera encolhida em um canto, chorando.

Não, pensou. *Não, ela não faria isso. Não para me proteger. Ela aprendeu essa lição.*

— Ham — ele disse, surpreendendo-se. — Diga aos homens para recuar e levantar acampamento. Estamos voltando para Luthadel.

Ham olhou para trás, surpreso — como se não esperasse que Elend fosse chegar à mesma conclusão que ele.

— E Vin?

— Não vou atacar esta cidade, Ham — Elend disse. — Não vou conquistar essas pessoas, nem que seja para seu próprio bem. Descobriremos outra maneira de libertar Vin.

Ham sorriu.

— Cett vai ficar furioso.

Elend deu de ombros.

— Ele é paraplégico. O que vai fazer? Nos morder? Venha, vamos descer desta pedra e lidar com Luthadel.

— Estão recuando, milorde — o soldado avisou.

Vin suspirou, aliviada. Ruína estava parado, sem expressão, as mãos às costas. Marsh estava com a mão pousada como uma garra no ombro de Yomen, os dois observando a janela.

Ruína trouxe um Inquisidor, ela pensou. *Deve ter ficado cansado dos meus esforços de tirar a verdade de Yomen e trouxe, portanto, alguém que sabia que o*

obrigador obedeceria.

— Isso é muito estranho — Ruína disse, por fim.

Vin suspirou e, em seguida, arriscou.

— Não percebe? — ela perguntou em voz baixa.

Ruína se virou para ela.

Vin sorriu.

— Você realmente não entende, não é?

Dessa vez, Marsh também se virou.

— Acha que eu não percebi? — Vin perguntou. — Acha que não sei que você está atrás do atium desde o início? Que vinha nos seguindo de caverna em caverna, *empurrando* minhas emoções, forçando-me a procurá-lo para você? Foi tão óbvio. Seus koloss sempre se aproximando de uma cidade apenas *depois* de descobrirmos que aquela era a próxima. Você fazia movimentos para nos ameaçar, obrigando-nos a avançar mais rápido, mas sem nunca levar seus koloss rápido *demais* até lá. O fato é que sabíamos desde o início.

— Impossível — Ruína sussurrou.

— Não, é bem possível. Atium é metal, Ruína. Você não consegue enxergá-lo. Sua visão fica confusa quanto há muito dele por perto, não é? Metal é seu poder, usado para criar Inquisidores, mas é como a luz para você: ofuscante. Nem viu quando de fato descobrimos o atium. Apenas seguiu nosso ardil.

Marsh soltou Yomen e correu pela sala, agarrando Vin pelos braços.

— ONDE ESTÁ*?* — o Inquisidor exigiu, erguendo-a, sacudindo-a.

Ela riu, distraindo Marsh enquanto estendia a mão cuidadosamente até seu cinturão. Porém, o Inquisidor a sacudiu demais, e seus dedos não conseguiam encontrar o que procuravam.

— Vai me dizer onde o atium está, menina — Ruína disse calmamente. — Eu já não expliquei? Não há como lutar contra mim. Você se acha esperta, mas na verdade não entende. Nunca soube o que é aquele atium.

Vin sacudiu a cabeça.

— Acha mesmo que eu o levaria até ele?

Marsh a sacudiu novamente, chacoalhando, fazendo-a cerrar os dentes. Quando parou, a visão de Vin estava turva. Ao lado, ela mal conseguia divisar Yomen observando com o cenho franzido.

— Yomen — ela disse. — Seu povo está seguro, agora. É capaz de

finalmente confiar que Elend é um bom homem?

Marsh a jogou de lado. Ela caiu com tudo e rolou no chão.

— Ah, criança — Ruína falou, ajoelhando-se ao lado dela. — Preciso *provar* que você não é capaz de me combater?

— Yomen! — Marsh gritou, virando-se. — Prepare seus homens. Quero que você ordene um ataque!

— Quê? — Yomen perguntou. — Um ataque, milorde?

— Sim. Quero que você reúna todos os soldados e os mande atacar a posição de Elend Venture.

Yomen empalideceu.

— Deixar para trás nossas fortificações? Marchar com meu exército contra os *koloss*?

— Essa é minha ordem — Marsh disse.

O rei-obrigador se manteve em silêncio por um instante.

— Yomen… — Vin disse, engatinhando. — Não vê que ele está manipulando você?

Yomen não respondeu. Parecia perturbado. *O que o faria sequer considerar uma ordem dessas?*

— Vê? — Ruína sussurrou. — Vê meu poder? Vê como manipulo até mesmo a fé?

— Dê a ordem — Yomen disse, virando as costas para Vin e encarando os comandantes dos soldados. — Mande-os atacar. Diga a eles que o Senhor Soberano os protegerá.

— Bem — Ham disse, ao lado de Elend no acampamento. — Por essa eu não esperava.

Elend assentiu devagar, observando a multidão atravessando os portões de Fadrex. Alguns tropeçavam nas cinzas altas enquanto outros abriam caminho nelas, sua investida reduzida a um lento rastejar.

— Alguns ficaram para trás — Elend disse, apontando para o alto das muralhas. Sem estanho, Ham não era capaz de ver os homens que se alinhavam nas muralhas, mas ainda assim confiava nas palavras de Elend. Ao redor deles, seus soldados humanos estavam levantando acampamento. Os koloss ainda esperavam em silêncio nas posições, cercando o local.

— O que Yomen está pensando? — Ham perguntou. — Está jogando uma força inferior contra um exército de koloss?

Como eu fiz, atacando o acampamento koloss em Vetitan. Algo naquilo deixava Elend muito pouco à vontade.

— Bater em retirada — Elend ordenou.

— Hein? — Ham questionou.

— Eu disse para soar o toque de retirada! — Elend disse. — Abandonar posição. Recuar com os soldados!

Ao seu comando silencioso, os koloss começaram a avançar para longe da cidade. Os soldados de Yomen ainda estavam abrindo caminho entre as cinzas. No entanto, os koloss de Elend abririam caminho para seus homens. Deviam ser capazes de se manter afastados.

— Essa é a recuada mais estranha que *eu* já vi — Ham observou, colocando-se em movimento para instruir os soldados e retransmitir as ordens.

É isso, Elend pensou, contrariado. *É hora de descobrir que diabos está acontecendo naquela cidade*.

Yomen estava chorando. Eram lágrimas pequenas, silenciosas. Ele estava empertigado, sem encarar a janela.

Ele teme ter lançado seus homens para a morte, pensou Vin. Ela foi até ele, mancando devido ao seu impacto com o chão mais cedo. Marsh observava pela janela. Ruína a encarou, curioso.

— Yomen — Vin disse.

Yomen se voltou para ela.

— É uma provação — ele falou. — Os Inquisidores são os principais sacerdotes sagrados do Senhor Soberano. Farei o que me mandarem, e o Senhor Soberano vai proteger meus homens e esta cidade. E, então, você verá.

Vin cerrou os dentes. Em seguida, afastou-se e se forçou a caminhar até Marsh. Olhou pela janela e ficou surpresa ao ver que o exército de Elend estava recuando para longe dos soldados de Fadrex. A força de Yomen não estava correndo com muita convicção. Obviamente, estavam contentes em deixar o inimigo superior fugir diante deles. O sol finalmente se punha.

Marsh não pareceu se divertir com a retirada de Elend. Foi o bastante para fazer Vin sorrir, o que fez o Inquisidor agarrá-la novamente.

— Acha que venceu? — Marsh perguntou, inclinando-se, a cabeça das estacas pendendo bem diante do rosto de Vin.

Vin estendeu a mão para o cinturão. *Só mais um pouco…*

— Você diz que está jogando comigo, criança — Ruína disse, caminhando até perto dela. — Mas é você que está sendo controlada neste jogo. Os koloss que a servem tiram sua força do *meu* poder. Acha que eu deixaria você controlá-los se não fosse para o meu eventual benefício?

Vin sentiu um calafrio.

Ai, não…

Elend sentiu uma sensação terrível de *rompimento*. Era como se uma parte de suas vísceras tivesse sido repentina e forçosamente arrancada dele. Arfou, soltando seu *empurrão* de aço. Sentiu-se atravessar o céu cheio de cinzas e aterrissou cambaleando sobre uma plataforma rochosa do lado de fora da Cidade de Fadrex.

Ele arfou, ofegante, trêmulo.

Que diabos foi isso?, pensou ele, erguendo-se, segurando a própria cabeça, que pulsava.

E, em seguida, percebeu. Não conseguia mais sentir os koloss. A distância, as criaturas azuis gigantescas pararam de correr. E, em seguida, para horror de Elend, ele assistiu aos monstros se virarem.

E começarem a correr até seus homens.

Marsh a segurou.

— Hemalurgia é o poder *dele*, Vin! — ele disse. — O Senhor Soberano a usou de forma inconsciente! Aquele tolo! Cada vez que criava um Inquisidor ou um koloss, fazia outro servo para o próprio inimigo! Ruína esperou com paciência, sabendo que, quando finalmente fosse libertado, teria um exército inteiro esperando por ele!

Yomen estava em frente a outra janela. Ele arfou em silêncio, observando.

— Você salvou mesmo meus homens! — o rei-obrigador falou. — Os koloss se viraram para atacar o próprio exército!

— Eles virão atrás de seus homens logo em seguida, Yomen — Vin disse, zonza. — Então, destruirão sua cidade.

— Está acabando — Ruína sussurrou. — Tudo precisa entrar no lugar. Onde está o atium? Ele é a última peça.

Marsh sacudiu Vin. Finalmente ela conseguiu alcançar o cinturão do Inquisidor, então deslizou os dedos nele. Dedos treinados pelo irmão e por uma vida inteira nas ruas.

Dedos de uma ladra.

— Você não pode me enganar, Vin — Ruína disse. — Eu sou Deus.

Marsh ergueu uma das mãos, soltando o braço de Vin, em seguida ergueu o punho como se fosse atingi-la. Moveu-se com força, o peltre obviamente queimando dentro dele. Era um alomântico, como todos os Inquisidores. Significava que tendia a manter metais junto a si. Vin girou a mão para cima e engoliu o conteúdo do frasco de metais que havia roubado do cinturão.

Marsh ficou paralisado, e Ruína em silêncio.

Vin sorriu.

O peltre se avivou em seu estômago, devolvendo-a à vida. Marsh avançou para completar o golpe, mas ela saiu do caminho e em seguida tirou o equilíbrio do Inquisidor puxando o outro braço — que ele ainda segurava — para o lado. Ele mal se segurou, mas, quando se virou para encarar Vin, viu-a segurando seu brinco em uma das mãos.

E ela o *empurrou* com duralumínio direto na testa de Marsh. Era um pedacinho de metal, mas tirou uma gota de sangue quando bateu, atravessando a cabeça e saindo pelo outro lado.

Marsh caiu, e Vin foi lançada para trás com o próprio *empurrão*. Bateu na parede, fazendo os soldados se afastarem aos gritos, erguendo armas. Yomen se virou para ela, surpreso.

— Yomen! — ela chamou. — Traga seus homens de volta! Fortifique a cidade!

Ruína havia desaparecido em meio ao caos de sua fuga. Talvez estivesse inspecionando o controle dos koloss.

Yomen parecia indeciso.

— Eu… Não. Não perderei a minha fé. Preciso ser forte.

Vin cerrou os dentes, erguendo-se. *Quase tão frustrante quanto Elend é, às vezes*, ela pensou, cambaleando até o corpo de Marsh. Foi até o cinturão e pegou o segundo — e último — frasco que ele tinha armazenado. Ela o tomou, restaurando os metais extintos com o duralumínio.

Então saltou no peitoril da janela. As brumas rodopiavam ao redor dela — o sol ainda estava alto, mas as brumas chegavam cada vez mais cedo. Lá fora, ela conseguia ver as forças de Elend cercadas por koloss enfurecidos de um lado, pelos homens de Yomen sem atacar — mas ainda bloqueando o recuo — do outro. Ela se aprontou para saltar e juntar-se à batalha, mas percebeu algo.

Um pequeno grupo de koloss. Mil, aparentemente pequeno o bastante para ser ignorado pelas forças de Elend e Yomen. Mesmo Ruína parecia não ter prestado atenção neles, pois estavam parados nas cinzas, parcialmente enterrados, como uma coleção de pedras silenciosas.

Os koloss de Vin. Aqueles que Elend lhe dera, Humano à frente. Com um sorriso malicioso, ela ordenou que avançassem.

Para atacar os homens de Yomen.

— Estou lhe dizendo, Yomen — ela falou, saltando do peitoril para dentro da sala novamente. — Aqueles koloss não se importam de que lado os seres humanos estão; vão matar todos. Os Inquisidores enlouqueceram, agora que o Senhor Soberano está morto. Não prestou atenção no que aquele disse?

Yomen parecia pensativo.

— Ele mesmo admitiu que o Senhor Soberano estava morto, Yomen — Vin disse, exasperada. — Sua fé é notável, mas, às vezes, é preciso saber quando *desistir e seguir em frente!*

Um dos comandantes dos soldados gritou alto, e Yomen se voltou para a janela novamente e praguejou.

Imediatamente, Vin sentiu algo. Algo *puxando* seus koloss. Ela gritou quando foram arrancados dela, mas o dano que queria já estava feito. Yomen parecia perturbado. Vira os koloss atacarem seus soldados. Encarou Vin, em silêncio por um instante.

— Recuem para a cidade! — ele finalmente gritou, virando-se para os mensageiros. — E ordenem que os homens permitam que os soldados de Venture se refugiem aqui também!

Vin suspirou, aliviada. E, em seguida, algo agarrou sua perna. Ela olhou para baixo, em choque, vendo Marsh se erguer de joelhos. Ela havia fatiado seu cérebro, mas os incríveis poderes de cura do Inquisidor pareciam ser capazes de lidar até mesmo com aquilo.

— Tola — Marsh disse, erguendo-se. — Mesmo se Yomen se voltar contra mim, posso matá-lo, e seus soldados me obedecerão. Ele lhes deu a crença no

Senhor Soberano, e eu mantenho essa crença por direito de herança.

Vin respirou fundo, em seguida atingiu Marsh com um *abrandamento* com duralumínio. Se funcionava com koloss e kandra, por que não com Inquisidores?

Marsh cambaleou. O *empurrão* de Vin durou somente um breve momento, mas nesse tempo ela *sentiu* algo. Uma muralha, como sentira da primeira vez que tentara controlar TenSoon ou da primeira vez que tomara um grupo de koloss.

Ela *empurrou*, *empurrou* com tudo que tinha. Em uma explosão de poder, chegou perto de tomar o controle do corpo de Marsh, mas não o bastante. As muralhas dentro de sua mente eram fortes demais, e Vin tinha apenas um frasco de metais para usar. A muralha a empurrou para trás. Ela gritou, frustrada.

Marsh estendeu a mão, rosnando, e agarrou o pescoço dela. Vin arfou, os olhos arregalando-se conforme Marsh começava a crescer. Ficar mais forte, como…

Um feruquemista, ela percebeu. *Estou seriamente encrencada.*

As pessoas na sala estavam berrando, mas ela não conseguia ouvi-las. A mão de Marsh — agora grande e musculosa — agarrava sua garganta, estrangulando-a. Apenas o peltre queimando a mantinha viva. Ela se lembrou daquele dia, muitos anos antes, quando fora agarrada por outro Inquisidor. Na sala do trono do Senhor Soberano.

Naquele dia, fora o próprio Marsh quem salvara sua vida. Parecia uma ironia deturpada que ela agora se exaurisse, sendo estrangulada por ele.

Ainda. Não.

As brumas começaram a rodopiar ao redor dela.

Marsh teve um sobressalto, mas continuou a segurá-la.

Vin extraiu força das brumas.

Aconteceu novamente. Ela não saiba como ou por quê, mas simplesmente *aconteceu*. Ela inspirou as brumas para dentro do corpo como fizera naquele dia, tanto tempo antes, ao assassinar o Senhor Soberano. De alguma forma, ela as puxava para si e as usava para abastecer seu corpo com uma incrível onda alomântica de poder.

E, com esse poder, ela *empurrou* as emoções de Marsh.

As muralhas dentro dele racharam e desmoronaram. Por um momento, Vin sentiu um surto de vertigem. Viu coisas através dos olhos de Marsh — de fato, sentiu como se o *compreendesse.* Seu amor pela destruição, seu ódio por si

mesmo. E, através dele, teve um vislumbre de algo. Uma coisa odiosa e destrutiva que se escondia atrás de uma máscara de civilidade.

Ruína *não* era a mesma coisa que as brumas.

Marsh berrou, soltando-a. A estranha explosão de poder dela se dissipara, mas não importava, pois Marsh fugiu pela janela e se *empurrou* para longe através das brumas. Vin se ergueu, tossindo.

Consegui. Extraí poderes das brumas de novo. Mas por que agora? Por que, após tentar de tudo, aconteceu justo agora?

Não era hora de pensar naquilo; não com os koloss atacando. Ela se virou para o perplexo Yomen.

— Continue a retirada para a cidade! — ela disse. — Vou lá ajudá-los.

Elend lutava desesperadamente, derrubando koloss atrás de koloss. Era um trabalho difícil e perigoso, até mesmo para ele. Esses koloss não podiam ser controlados — não importava o quanto ele *empurrasse* ou *puxasse* as emoções, não era capaz de trazer nenhum para o seu controle.

A única coisa que restava era lutar. E seus homens não estavam preparados para a batalha. Ele os forçara a abandonar o acampamento rápido demais.

Um koloss golpeou, a espada zunindo perigosamente próxima da cabeça de Elend. Ele praguejou, lançando uma moeda e *empurrando-se* para trás pelo ar, por sobre os homens lutando e de volta ao acampamento. Eles haviam conseguido recuar para a posição de sua fortificação original; ou seja, tinham uma pequena colina para defesa e não precisavam lutar nas cinzas. Um grupo de Lança-moedas — tinha apenas dez — atirava onda atrás de onda de moedas no grupo principal de koloss, e arqueiros lançavam saraivadas semelhantes. A frente principal de soldados era apoiada por Atraidores lá atrás, que *puxavam* as armas koloss e os desequilibravam, dando novas aberturas aos homens normais. Brutamontes corriam ao redor do perímetro em grupos de dois ou três, apoiando pontos fracos e agindo como reservas.

Mesmo com tudo isso, eles estavam encrencados. Seu exército não poderia enfrentar tantos koloss com mais facilidade do que Fadrex conseguiria. Elend aterrissou no meio do acampamento meio desmantelado, ofegante, coberto de sangue koloss. Homens berravam enquanto lutavam a uma curta distância, mantendo o perímetro do acampamento com a ajuda dos alomânticos de Elend. Grande parte do exército koloss ainda estava agrupado ao redor da seção norte

do acampamento, mas Elend não conseguiria levar seus homens de volta a Fadrex sem expô-los aos arqueiros de Yomen.

Elend tentou tomar fôlego quando um servo correu com uma caneca d'água para ele. Cett estava sentado a uma curta distância, coordenando as táticas de batalha. Elend jogou para o lado a caneca vazia e avançou até o general, sentado a uma pequena mesa. Nela havia um mapa da área, mas nada de marcações. Os koloss estavam muito próximos, a batalha acontecendo a poucos metros de distância, e não havia necessidade de manter um mapa abstrato dela.

— Nunca gostei de ter essas coisas no exército — Cett disse, tomando de uma vez a água de uma caneca. Um criado se aproximou, trazendo um cirurgião com uma atadura para começar a trabalhar no braço de Elend — que, até aquele momento, não havia percebido o sangramento.

— Bem — Cett observou—, ao menos morreremos em batalha e não de fome!

Elend riu, tomando a espada novamente. O céu estava quase escuro. Eles não tinham muito tempo antes que…

Uma figura aterrissou sobre a mesa diante de Cett.

— Elend! — Vin disse. — Recue para a cidade. Yomen permitirá sua entrada.

Elend teve um sobressalto.

— Vin! — Em seguida, ele sorriu. — Por que demorou tanto?

— Um Inquisidor e um deus obscuro me atrasaram — ela respondeu. — Agora, rápido. Veremos se posso distrair alguns daqueles koloss.

Os Inquisidores tinham pouca chance de resistir à Ruína. Tinham mais estacas que qualquer outra de suas criações hemalúrgicas, e isso os colocava totalmente sob seu domínio.

Sim, seria necessário um homem de suprema força de vontade para resistir a Ruína, mesmo que levemente, enquanto usava as estacas de um Inquisidor.

66

Sazed tentou não pensar em como estavam escuras as cinzas no céu ou em quão terrível estava o aspecto da terra.

Fui tão tolo, pensou, montado sobre a sela. *De todos os tempos em que o mundo precisou de algo para acreditar, este é o principal. E eu não estava lá para lhe dar isso.*

Já estava dolorido de tanto cavalgar, mas ainda assim se agarrava à sela, um tanto surpreso com a criatura que corria sob ele. Quando decidira ir com TenSoon para o sul, desesperou-se com a viagem. As cinzas caíam como nevasca e se empilhavam de modo horrendo na maioria dos lugares. Sazed soubera que a viagem seria difícil e temera atrasar TenSoon, que obviamente poderia viajar muito mais rapidamente como o cão de caça que era.

TenSoon ponderou esse problema e pediu que lhe trouxessem um cavalo e um grande porco. Primeiro ingeriu o porco para lhe dar massa extra, em seguida moldou a carne gelatinosa ao redor do cavalo para digeri-lo também. Dentro de uma hora, havia transformado seu corpo em uma réplica do cavalo — mas um com peso e músculos fortalecidos, criando a maravilha enorme e superforte que Sazed cavalgava naquele momento.

Vinham correndo sem parar desde então. Felizmente, Sazed tinha um pouco de prontidão que havia armazenado em uma mente de metal um ano antes, depois do cerco a Luthadel. Estava-a empregando para impedir que dormisse. Ainda surpreendia que TenSoon pudesse fortalecer um corpo de cavalo tão bem. Movia-se com facilidade através das brumas espessas, onde um cavalo real — e certamente um ser humano — teriam enfrentado certa dificuldade. *Outra coisa em que fui tolo. Nesses últimos dias, eu poderia ter interrogado TenSoon sobre seus poderes. Quanto ainda há que eu não saiba?*

No entanto, apesar de sua vergonha, Sazed sentia um pouco de paz. Se tivesse continuado a ensinar religiões quando não mais acreditava nelas, teria sido um verdadeiro hipócrita. Tindwyl acreditara em dar esperança às pessoas, mesmo se fosse necessário mentir. Esse era o crédito que ela dava à religião: as mentiras que faziam as pessoas se sentirem melhor.

Sazed não podia ter agido da mesma maneira, não permanecendo a pessoa que queria ser. No entanto, ele agora tinha esperança. A religião terrisana era a que havia pregado sobre o Herói das Eras, em primeiro lugar. Se alguma tivesse a verdade, seria ela. Sazed precisava interrogar a Primeira Geração de kandra e descobrir o que sabiam.

Mas, se eu encontrar a verdade, o que farei com ela?

As árvores pelas quais passavam estavam despidas de folhas. A paisagem estava coberta por quase um metro e meio de cinza.

— Como você consegue continuar avançando assim? — Sazed perguntou enquanto o kandra galopava para o topo de uma colina, jogando cinzas para o lado e ignorando os obstáculos.

— Meu povo é criado a partir de espectros das brumas — TenSoon explicou, sem nem ofegar. — O Senhor Soberano transformou os feruquemistas em espectros das brumas, e eles começaram a se reproduzir como uma espécie. Você adiciona uma Bênção a um espectro das brumas, e eles despertam, transformando-se em um kandra. Um como eu, criado séculos após a Ascensão, nasci como espectro das brumas, mas despertei ao receber minha Bênção.

— Bênção? — perguntou Sazed.

— Duas pequenas estacas de metal, Guardador — TenSoon disse. — Somos criados como Inquisidores ou koloss. No entanto, somos criações mais sutis do que esses dois. Fomos feitos por último, quando o poder do Senhor Soberano já minguava.

Sazed franziu a testa, inclinando-se conforme o cavalo corria por baixo dos galhos esqueléticos de uma árvore.

— Qual é a diferença em vocês?

— Temos mais independência de vontade do que os outros dois — TenSoon falou. — Podemos ter apenas duas estacas em nós, enquanto os outros têm mais. Um alomântico ainda pode nos tomar o controle, mas, quando livres, continuamos com a mente mais independente do que os koloss ou os Inquisidores, que são afetados pelos impulsos de Ruína mesmo quando ele não os controla diretamente. Nunca imaginou por que os dois têm uma pulsão tão poderosa por matar?

— Isso não explica como você consegue carregar a mim e a toda a nossa bagagem e ainda correr através dessas cinzas.

— As estacas de metal que carregamos nos dão habilidades — TenSoon

explicou. — Da mesma forma que a Feruquemia lhe dá força, ou a Alomancia dá força a Vin, minha Bênção me dá força. Ela nunca se esgota, mas não é tão espetacular como as explosões de poder que vocês podem provocar. Ainda assim, minha Bênção, misturada com minha capacidade de formar meu corpo da forma como eu desejar, me permite um alto nível de resistência.

Sazed ficou em silêncio. Eles continuaram a galopar.

— Não resta muito tempo — TenSoon observou.

— Estou vendo — Sazed comentou. — Fico me perguntando o que podemos fazer.

— Este é o único momento em que podemos ter sucesso. Precisamos estar a postos, prontos para atacar. Pronto para ajudar a Heroína das Eras quando ela vier.

— Vier?

— Ela vai liderar um exército de alomânticos para a Terra Natal — TenSoon disse — e lá salvará a todos nós: kandra, seres humanos, koloss e Inquisidores.

Um exército de alomânticos?

— Então… o que devo fazer?

— Precisa convencer os kandra de como nossa situação está lúgubre — TenSoon explicou, reduzindo a velocidade até parar nas cinzas. — Pois tem… algo que eles precisam estar preparados para fazer. Algo muito difícil, mas necessário. Meu povo vai resistir, mas talvez você possa lhes mostrar o caminho.

Sazed assentiu, então desceu do kandra para esticar as pernas.

— Reconhece este local? — TenSoon perguntou, virando-se para olhá-lo com a cabeça equina.

— Não — Sazed respondeu. — Com as cinzas… bem, há dias eu não venho conseguindo discernir nosso trajeto.

— Lá naquela encosta, vai encontrar o lugar onde o povo terrisano ergueu o acampamento de refugiados deles.

Sazed se virou, surpreso.

— As Minas de Hathsin?

TenSoon assentiu.

— Nós a chamamos de Terra Natal.

— As *Minas*? — Sazed perguntou, chocado. — Mas…

— Bem, não as Minas propriamente ditas — TenSoon disse. — Sabe que

esta área inteira tem complexos de cavernas sob ela?

Sazed assentiu. O local onde Kelsier havia treinado seu exército original de soldados skaa ficava apenas um pouco mais a norte.

— Bem, um desses complexos de cavernas é a Terra Natal dos kandra. Fica ao lado das Minas de Hathsin. Na verdade, várias das passagens kandra desembocam nas Minas e precisavam ser mantidas fechadas, para que os trabalhadores de lá não acabem encontrando um jeito de entrar na Terra Natal.

— Sua Terra Natal produz atium? — Sazed perguntou.

— Produzir? Não, não produz. Isso é, eu suponho, o que separar a Terra Natal das Minas de Hathsin. De qualquer forma, a entrada para a caverna do meu povo é bem ali.

Sazed se virou, sobressaltado.

— Onde?

— Naquela depressão nas cinzas — TenSoon falou, indicando o local com a grande cabeça. — Boa sorte, Guardador. Tenho minhas próprias obrigações a cumprir.

Sazed assentiu, em choque por terem viajado tão rápido para tão longe, e desatou sua bagagem das costas do kandra. Deixou a bagagem que continha os ossos do cão de guarda e outro conjunto que parecia humano. Provavelmente um corpo que TenSoon carregava em caso de necessidade.

O enorme cavalo se virou para partir.

— Espere! — Sazed pediu, erguendo a mão. TenSoon olhou para trás. — Boa sorte. Que… nosso deus o proteja.

O kandra sorriu com uma expressão equina estranha e partiu, galopando entre as cinzas.

Sazed se virou para a depressão no solo. Em seguida, ergueu a bolsa — cheia de mentes de metal e um livro solitário — e avançou. Mesmo aquela curta distância era difícil de cruzar nas cinzas. Ele chegou à depressão e, tomando fôlego, começou a cavar as cinzas.

Não demorou muito até ele deslizar para dentro de um túnel. A passagem não se abria de uma vez, felizmente, e ele não caiu muito. A caverna ao redor dele era inclinada, abrindo-se para o exterior em um buraco que parecia um fosso. Sazed se pôs de pé na caverna, pegou a bolsa e puxou uma mente de estanho. Com ela, acionou a visão, melhorando-a enquanto caminhava no escuro.

Uma mente de estanho não funcionava tão bem quanto estanho alomântico;

ou melhor, não funcionava da mesma maneira. Permitia que se enxergasse a distâncias muito longas, mas era menos útil com iluminação fraca. Logo, mesmo com sua mente de estanho, Sazed caminhava na escuridão, tateando pelo túnel.

E, então, ele viu a luz.

— Parado aí! — uma voz gritou. — Quem retorna do Contrato?

Sazed continuou caminhando. Parte dele estava assustada, mas outra parte apenas curiosa. Sabia de um fato muito importante.

Os kandra não podiam matar seres humanos.

Sazed entrou na luz, cuja fonte se revelou uma rocha do tamanho de um melão sobre um poste, seu material poroso coberto com algum tipo de fungo brilhante. Dois kandra bloqueavam seu caminho. Eram facilmente identificáveis, pois não usavam roupas e sua pele era translúcida. Pareciam ter ossos esculpidos a partir de alguma rocha.

Fascinante!, pensou Sazed. *Eles fazem os próprios ossos. Tenho de fato uma nova cultura a explorar. Uma sociedade totalmente nova: arte, religião, hábitos sociais, interações entre gêneros…*

A perspectiva era tão empolgante que, por um momento, até o fim do mundo lhe pareceu banal em comparação. Ele teve de se lembrar de manter o foco. Precisava investigar a religião primeiro. Outras coisas eram secundárias.

— Kandra, quem é você? Que ossos você usa?

— Vocês vão se surpreender, creio eu — Sazed disse, da forma mais gentil que pôde. — Pois não sou kandra. Meu nome é Sazed, Guardador de Terris, e fui enviado para falar com a Primeira Geração.

Os dois guardas kandra se sobressaltaram.

— Não precisam me deixar passar — Sazed continuou. — Claro, se não me levarem até sua Terra Natal, eu terei de ir embora e dizer a todos lá fora onde fica…

Os guardas se entreolharam.

— Venha conosco — um deles disse, por fim.

Os koloss também tinham pouca chance de se libertar. Quatro estacas e uma capacidade mental diminuída faziam com que fossem relativamente fáceis de dominar. Apenas em seus ataques de furor sangrento eles tinham alguma forma de autonomia.

Quatro estacas também faziam deles alvo fácil para o controle de alomânticos. Em nossa época, exigia um empurrão *de duralumínio para controlar um kandra. Os koloss, no entanto, podiam ser tomados por um* empurrão *normal determinado, especialmente quando estavam no furor.*

67

Elend e Vin estavam sobre as fortificações da Cidade de Fadrex. A plataforma de rocha no passado mantivera as fogueiras que costumavam observar no céu noturno — ela percebeu a cicatriz enegrecida de uma delas bem à sua esquerda.

Era bom ser abraçada por Elend de novo. Seu calor era um conforto, especialmente ao olhar para fora da cidade, sobre o campo que o exército deles ocupara antes. As fileiras de koloss estavam crescendo. Mantinham-se parados e silenciosos sob a tempestade de cinzas, uma força de milhares. Mais e mais criaturas chegavam a cada dia, reunindo um exército avassalador.

— Por que não simplesmente atacam? — Yomen perguntou com irritação. Ele era a única outra pessoa de vigia com eles. Ham e Cett estavam lá embaixo, preparando o exército. Precisavam estar prontos para montar a defesa no momento em que os koloss atacassem a cidade.

— Ela quer que conheçamos a força com a qual vai nos atingir — Vin disse. *Além disso*, acrescentou em pensamento, *ela está esperando. Esperando pela última informação.*

Onde está o atium?

Ela havia enganado Ruína; provara a si mesma que era possível. De qualquer forma, ainda estava frustrada. Sentia como se tivesse gastado os últimos anos da vida reagindo a cada movimento dos dedos de Ruína. Cada vez que pensara estar sendo esperta, sábia ou abnegada, descobria que simplesmente estava atendendo ao desejo de Ruína o tempo todo. Aquilo a deixava furiosa.

Mas o que poderia fazer?

Preciso fazer Ruína abrir o jogo, ela pensou. *Fazê-lo agir, se expor.*

Por um breve momento, na sala do trono de Yomen, Vin sentira algo incrível. Com o estranho poder que ganhara das brumas, ela tocara a mente do próprio Ruína, através de Marsh, e vira algo lá dentro.

Medo. Ela se lembrava dele, distinto e puro. Naquele momento, Ruína estava com medo dela. E, por isso, Marsh fugira.

De alguma forma, ela tinha extraído o poder das brumas e o usado para

executar Alomancia de força inigualável. Havia feito isso antes, ao combater o Senhor Soberano em seu palácio. Por que conseguia retirar aquele poder em momentos aleatórios e imprevisíveis? Ela quisera usá-lo contra Zane, sem sucesso. Tentara dezenas de vezes durante os últimos dias, assim como tentara durante os dias que se seguiram à morte do Senhor Soberano. Nunca fora capaz de acessar nem um traço daquela força.

Um som rugiu com a força de um trovão.

Um terremoto gigantesco e esmagador sacudiu a terra. As plataformas de pedra ao redor de Fadrex se romperam, algumas delas indo ao chão. Vin permaneceu em pé, mas apenas com a ajuda do peltre, e quase não conseguiu agarrar Yomen pelo colarinho de sua túnica de obrigador quando ele tombou, prestes a cair da plataforma. Elend agarrou o braço de Vin, equilibrando-a quando o terremoto repentino chacoalhou a terra. Dentro das muralhas, na cidade atrás deles, vários prédios desmoronaram.

Em seguida, tudo ficou em silêncio. Vin ofegava, a testa coberta de suor, a túnica de Yomen enrolada nas mãos. Ela olhou para Elend.

— Esse foi pior do que os anteriores — ele disse, praguejando em voz baixa.

— Estamos condenados — Yomen concluiu em um sussurro, esforçando-se para ficar em pé. — Se as coisas que vocês dizem forem verdade, não só o Senhor Soberano está morto, mas a coisa que ele passou a vida combatendo agora veio para destruir o mundo.

— Sobrevivemos até aqui — Elend respondeu com firmeza. — Vamos conseguir. Terremotos podem nos ferir, mas ferem os koloss também. Olhe e verá que alguns deles foram esmagados pelas rochas que tombaram. Se as coisas ficarem difíceis aqui, podemos nos abrigar na caverna.

— E ela aguentará terremotos como este? — Yomen perguntou.

— Melhor do que os prédios aqui em cima. Nada aqui foi construído para suportar terremotos, mas, se conheço o Senhor Soberano, ele previu os tremores e escolheu cavernas que fossem sólidas e capazes de aguentá-los.

Yomen não parecia encontrar muito consolo naquelas palavras, mas Vin sorriu. Não pelo que Elend havia dito, mas pelo jeito como dissera. Algo nele havia mudado. Parecia confiante de uma maneira que nunca fora antes. Tinha um pouco do mesmo ar idealista que ostentava quando era um jovem na corte e, ao mesmo tempo, a solidez do homem que liderara seu povo em guerra.

Ele enfim havia encontrado o equilíbrio. E, por mais estanho que parecesse,

tinha vindo da decisão de bater em retirada.

— Mas ele tem razão numa coisa, Vin — Elend disse, em um tom mais suave. — Precisamos pensar em nosso próximo passo. Ruína obviamente pretende nos derrotar aqui, mas ele foi afastado, ao menos por um tempo. E agora?

Temos de enganá-lo, ela pensou. *Talvez… usar a mesma estratégia que Yomen usou comigo?*

Ela ficou em silêncio, considerando a ideia. Ergueu a mão, mexendo no brinco. Havia se entortado depois da viagem através da cabeça de Marsh, claro, mas fora simplesmente questão de pedir a um ferreiro que o desentortasse.

A primeira vez que ela se encontrara com Yomen no cativeiro, ele lhe devolvera o brinco. Parecera um gesto estranho, dar um metal a uma alomântica. Ainda assim, em um ambiente controlado, fora muito inteligente. Ele havia sido assim capaz de testá-la, ver se tinha metais escondidos, ao mesmo tempo em que ele próprio podia queimar atium para se proteger.

Mais tarde, ele fora capaz de fazer com que ela abrisse o jogo, atacasse e lhe mostrasse o que estava planejando para que ele pudesse neutralizá-la em uma situação em que estava no comando. Teria ela como fazer o mesmo com Ruína?

Aquele pensamento misturou-se a outro. Em ambas as situações em que as brumas a ajudaram, o momento era de puro desespero. Era como se elas reagissem a uma necessidade. Então, haveria uma maneira de se colocar em uma situação em que sua necessidade fosse ainda maior que antes? Havia uma esperança ínfima, mas, junto com o desejo de forçar Ruína a abrir o jogo, ela formou um plano na cabeça.

Colocar-se em perigo. Fazer Ruína trazer seus Inquisidores, pôr Vin em uma situação em que as brumas *teriam* de ajudá-la. Se não funcionasse, talvez ela pudesse fazer Ruína abrir o jogo ou desarmar quaisquer armadilhas escondidas que ele tivesse à espera de Vin.

Era incrivelmente arriscado, mas Vin sentia que não tinha muito tempo. Ruína venceria muito em breve, a menos que ela fizesse *alguma coisa*. E isso era tudo que podia pensar em fazer. Mas como ela poderia fazer tudo acontecer sem explicar a Elend? Não poderia falar do plano sem revelar a Ruína o que pretendia.

Ela olhou para Elend, um homem que parecia conhecer melhor que a si mesma. Ele não havia precisado lhe dizer que tinha se reconciliado com suas duas metades; ela simplesmente fora capaz de perceber olhando para ele. Com

uma pessoa assim, ela realmente precisava contar seus planos? Talvez…

— Elend, acho que há apenas uma maneira de salvar esta cidade.

— Que é…? — ele perguntou lentamente.

— Eu preciso ir buscar *aquilo*.

Elend franziu o cenho e abriu a boca. Ela olhou fundo nos olhos dele, torcendo. Ele hesitou.

— O… atium? — perguntou.

Vin sorriu.

— Sim. Ruína sabe que o temos. Vai descobri-lo, mesmo se não o usarmos. Mas, se o trouxermos para cá, poderemos ao menos lutar.

— Ele estaria mais seguro aqui de qualquer forma — Elend disse devagar, olhos confusos, mas confiando nela. — Eu me sentiria melhor com um exército entre aquelas riquezas e nossos inimigos. Talvez possamos usar o metal para subornar alguns senhores da guerra locais para nos ajudarem.

Parecia-lhe um ardil frágil, mas sabia que era porque pôde ver a confusão de Elend, pôde ler as mentiras nos olhos dele. Ela o entendia, como ele a entendia. Era uma compreensão vinda do amor.

E ela suspeitava que isso era algo que Ruína nunca seria capaz de entender.

— Preciso ir, então — ela disse, abraçando-o forte e fechando os olhos.

— Eu sei.

Ela o manteve bem perto por mais alguns momentos, sentindo as cinzas caírem ao seu redor, soprando contra a pele e o rosto. Sentindo o coração de Elend bater sob o ouvido. Ela se empertigou e o beijou. Por fim, afastou-se e verificou seus metais. Olhou nos olhos de Elend, que assentiu, e saltou para dentro da cidade para reunir algumas ferraduras.

Alguns momentos depois, ela estava pairando no ar cheio de cinzas na direção de Luthadel, um redemoinho de metal ao seu redor. Elend ficou para trás, em silêncio sobre a plataforma de rocha, observando sua partida.

Agora, ela pensou em Ruína, que ela sabia estar lhe vigiando cuidadosamente, embora não se revelasse desde que ela extraíra a força das brumas. *Vamos encenar uma caçada, você e eu.*

Quando o Senhor Soberano propôs seu plano a seus amigos feruquemistas — o plano de transformá-los em espectros das brumas —, fez com que falassem em nome de todos os feruquemistas da terra. Embora tivesse transformado seus amigos em kandra para restaurar sua mente e lembranças, o restante ele deixou como espectros das brumas inconscientes. Eles criaram mais de sua espécie, vivendo e morrendo, tornando-se uma raça em si. Dos filhos dos espectros originais, ele fez a geração seguinte de kandra.

No entanto, aprendi que até os deuses podem cometer erros. Rashek, o Senhor Soberano, pensou em transformar todos os feruquemistas vivos em espectros das brumas. Porém, ele não pensou na herança genética deixada no restante do povo terrisano, que ele deixou vivo. Por isso, feruquemistas continuaram a nascer, mesmo que raramente.

Esse descuido lhe custou muito, mas proporcionou ao mundo muito mais.

68

Sazed caminhava maravilhado, conduzido pelos guardas. Via kandra após kandra, cada um com um corpo mais interessante que o anterior. Alguns eram altos e esguios, com ossos feitos de madeira branca. Outros eram parrudos, com ossos mais grossos que os de qualquer ser humano. Todos, porém, mantinham o formato do corpo humano em linhas gerais.

Eles costumavam ser *humanos*, ele lembrou. *Ou, ao menos, seus ancestrais eram.*

As cavernas ao redor pareciam estranhas. Os caminhos haviam sido gastos até ficarem lisos, e, embora não houvesse "edifícios" reais, Sazed passou por muitas cavernas menores, com cortinas diversas penduradas em suas aberturas. Havia uma noção de habilidade artesanal sofisticada em tudo aquilo, dos postes esculpidos que mantinham as luzes de fundo até os ossos dos kandra à sua volta. Não era a ornamentação detalhada de uma fortaleza nobre, pois não havia padrões, folhas ou nós esculpidos nas pedras ou nos ossos. Em vez disso, as coisas eram polidas, esculpidas com lados arredondados ou tramadas em amplas linhas e formas.

Os kandra pareciam temê-lo. Era uma experiência estranha para Sazed. Tinha sido muitas coisas na vida: rebelde, servo, amigo, estudioso. Nunca antes, no entanto, fora visto como objeto de temor. Os kandra espiavam-no dos cantos. Outros ficavam paralisados, em choque, observando-o passar. Obviamente, as notícias de sua chegada tinham se espalhado rapidamente; do contrário, teriam apenas presumido que ele era um kandra usando ossos humanos.

Os guardas o levaram até uma porta de aço embutida em uma grande parede da caverna. Um deles entrou, enquanto o outro ficou para vigiar o terrisano. Sazed observou lascas de metal brilhando nos ombros do kandra. Pareciam ser estacas, uma em cada ombro.

Menores que as de Inquisidor, pensou Sazed. *Mas ainda muito eficazes. Interessante.*

— O que você faria se eu tentasse correr? — perguntou.

O kandra se assustou.

— Hm…

— Posso supor pela hesitação que vocês ainda são proibidos de ferir ou ao menos de matar um ser humano? — Sazed questionou.

— Seguimos o Primeiro Contrato.

— Ah — Sazed disse. — Muito interessante. E com quem vocês fizeram o Primeiro Contrato?

— Com o Pai.

— O Senhor Soberano?

O kandra assentiu.

— Infeliz e verdadeiramente, ele morreu. Nesse caso, seu Contrato continua válido?

— Não sei — o kandra disse, desviando o olhar.

Então, pensou Sazed, *nem todos têm a personalidade forte de TenSoon. Mesmo quando estava se fazendo passar por um simples cão de caça, eu já o achava intenso*.

O outro soldado retornou.

— Venha comigo — ele disse.

Levaram Sazed através das portas de metal. O salão além delas tinha um grande pedestal de metal a poucos metros de altura. Os guardas não subiram nele, mas levaram Sazed ao redor da plataforma até um local diante de um punhado de púlpitos de pedra. Muitos estavam vazios, embora kandra com ossos brilhantes estivessem atrás de dois deles. Aquelas criaturas eram altas — ou, ao menos, usavam ossos altos — e tinham feições muito finas.

Aristocratas, pensou Sazed. Ele achava muito fácil identificar classes em diferentes povos, não importando qual cultura ou, aparentemente, espécie.

Os guardas de Sazed gesticularam para que ficasse diante dos púlpitos. Sazed ignorou os gestos, caminhando em círculo pelo salão. Como esperava, os guardas não sabiam o que fazer: seguiram-no, mas evitaram encostar nele.

— Há placas de metal ao redor da câmara inteira — Sazed observou. — São ornamentais ou têm uma função?

— Nós que faremos as perguntas aqui, terrisano! — um dos kandra aristocratas disse.

Sazed parou, virando-se.

— Não. Não, não farão. Sou Sazed, Guardador de Terris. No entanto, entre o seu povo, tenho outro nome. Arauto Sagrado.

O outro líder kandra bufou.

— O que um forasteiro sabe sobre essas coisas?

— Forasteiro? — Sazed perguntou. — Deviam conhecer melhor sua própria doutrina, creio eu. — Ele começou a avançar. — Sou terrisano, como vocês. Sim, eu sei de suas origens. Sei como foram criados e a herança que carregam consigo.

Ele parou diante dos púlpitos.

— Anuncio a vocês que descobri o Herói. Ou melhor, Heroína. Vivi com ela, trabalhei com ela e olhei por ela. Entreguei a própria lança que ela usou para assassinar o Senhor Soberano. Eu a vi subjugar reis, derrotar exércitos de homens e de koloss. Vim anunciar isso para que se preparem.

Ele fez uma pausa, os encarou e acrescentou:

— Pois o fim chegou.

Os dois kandra ficaram em silêncio por alguns minutos.

— Vá buscar os outros — um disse por fim, com voz trêmula.

Sazed sorriu. Quando um dos guardas partiu correndo, Sazed se virou para encarar o segundo.

— Por favor, traga-me uma mesa e uma cadeira. E também algo com que eu possa escrever.

Minutos depois, tudo estava pronto. Seus espectadores kandra haviam aumentado de quatro para mais de vinte — doze deles sendo aristocratas com ossos brilhantes. Alguns espectadores haviam alojado uma pequena mesa para Sazed, e ele se sentou enquanto os nobres kandra conversavam em sussurros ansiosos.

Com cuidado, Sazed deixou a bolsa sobre a mesa e começou a remover as mentes de metal. Pequenos anéis, brincos menores e braceletes volumosos logo estavam alinhados sobre a mesa. Ele dobrou as mangas da túnica e prendeu as mentes de cobre — dois grandes braceletes nos braços e dois nos antebraços. Por fim, retirou o livro da bolsa e o pousou na mesa. Alguns kandra se aproximaram com placas finas de metal. Sazed observou com curiosidade quando as entregaram a ele, junto com o que parecia uma pena de aço que podia fazer entalhes em metal suave de escrita. Os criados kandra se curvaram e se retiraram.

Excelente, pensou Sazed, pegando a pena de metal e pigarreando. Os líderes se viraram para ele.

— Suponho que vocês sejam a Primeira Geração, correto?

— Somos a Segunda Geração, terrisano — um dos kandra respondeu.

— Bem, peço desculpas por tomar seu tempo. Onde posso encontrar seus superiores?

O líder kandra bufou.

— Não ache que nos dominou apenas por ter sido capaz de nos reunir. Não vejo motivo pelo qual você precise falar com a Primeira Geração, mesmo que possa blasfemar com tanta precisão.

Sazed ergueu uma sobrancelha.

— Blasfemar?

— Você não é o Arauto — o kandra disse. — Este não é o fim.

— Já viram as cinzas lá em cima? — Sazed perguntou. — Ou elas pararam na entrada do complexo de cavernas de forma tão sólida que ninguém é capaz de escapar para ver que o mundo está se desfazendo?

— Já vivemos muito tempo, terrisano — outro kandra disse. — Vimos períodos em que as cinzas caíram mais copiosamente que em outros.

— Ah, é? E vocês, talvez, tenham visto o Senhor Soberano morrer antes também?

Alguns kandra ficaram desconfortáveis com essas palavras, embora aquele que os liderava somente balançasse a cabeça.

— TenSoon o enviou?

— Sim — Sazed admitiu.

— Você não pode apresentar argumentos diferentes dos dele — o kandra disse. — Por que ele acreditou que você, um estrangeiro, poderia nos persuadir, se ele não conseguiu?

— Talvez porque ele tenha entendido algo sobre mim — Sazed respondeu, tocando o livro com a pena. — Vocês têm familiaridade com os costumes dos Guardadores, kandra?

— Meu nome é KanPaar. E, claro, entendo o que os Guardadores fazem, ou, ao menos, o que faziam antes de o Pai ser morto.

— Então talvez saibam que cada Guardador tem uma área de especialidade. A intenção era que, quando o Senhor Soberano finalmente caísse, fôssemos

divididos em especialistas que poderiam transmitir conhecimento ao povo.

— Sim — KanPaar disse.

— Muito bem — Sazed falou, esfregando os dedos sobre o livro. — Minha especialidade era a religião. Sabem quantas religiões havia antes da Ascensão do Senhor Soberano?

— Não sei. Centenas.

— Registramos quinhentas e sessenta e três. Embora inclua seitas da mesma religião. Em uma contagem mais estrita, há cerca de trezentas.

— E daí? — KanPaar questionou.

— Sabem quantas dessas sobreviveram até os dias de hoje?

— Nenhuma?

— Uma — Sazed disse, erguendo o dedo indicador. — A sua. A religião terrisana. Vocês acreditam ser coincidência que a religião que vocês seguem não só ainda exista, como também preveja exatamente a chegada deste dia?

KanPaar bufou de novo.

— Você não diz nenhuma novidade. Então, minha religião é real, enquanto as outras eram mentiras. O que isso explica?

— Que vocês deveriam ouvir, talvez, os membros de sua fé que lhe trazem notícias. — Sazed começou a folhear o livro. — No mínimo, pensei que vocês teriam interesse neste livro, pois ele contém uma compilação de todas as informações sobre o Herói das Eras que eu consegui descobrir. Como pouco sabia sobre a verdadeira religião de Terris, tive de extrair minhas informações de relatos de segunda mão, de contos e histórias e de textos escritos durante o período intermediário. Infelizmente, muitos desses textos foram alterados por Ruína em sua tentativa de persuadir o Herói a visitar o Poço da Ascensão e libertá-lo. Portanto, estão bem corrompidos e maculados pelo toque dele.

— E por que eu me interessaria? — KanPaar perguntou. — Você acabou de me dizer que suas informações estão corrompidas e são inúteis.

— Inúteis? — Sazed retrucou. — Não, não são inúteis. Corrompidas, sim. Alteradas por Ruína. Meu amigo, tenho um livro aqui cheio das mentiras de Ruína. Você tem a mente cheia com as verdades originais. Isolados, sabemos muito pouco. No entanto, se formos *comparar* nossas informações e descobrirmos precisamente quais itens Ruína alterou, isso não nos contaria exatamente o que ele planeja? No mínimo, nos contaria o que ele não quer que vejamos, acredito.

O salão ficou em silêncio.

— Bem — KanPaar falou, por fim —, eu…

— Já chega, KanPaar — uma voz disse.

Sazed hesitou, inclinando a cabeça. A voz não tinha vindo de nenhum daqueles que estavam nos púlpitos. Sazed passou os olhos pela sala, tentando descobrir quem havia falado.

— Podem sair, Segundos — outra voz disse.

Um membro da Segunda Geração arfou.

— Sair? Deixá-los com este homem, um estrangeiro?

— Um descendente — uma das vozes respondeu. — Um Portador do Mundo. Vamos ouvi-lo.

— Saiam — outra voz disse.

Sazed ergueu a sobrancelha e se sentou enquanto os kandra da Segunda Geração, parecendo agitados, saíam dos púlpitos e silenciosamente se retiravam da sala. Dois guardas fecharam as portas, bloqueando a visão dos kandra que estiveram observando de fora. Sazed foi deixado sozinho na sala com os fantasmas que falavam.

Ouviu um som de arranhões. O ruído ecoou pela sala de paredes de aço, e então uma porta ao fundo se abriu. Dela vieram o que ele supôs serem os da Primeira Geração. Pareciam… velhos. A carne kandra literalmente pendia dos corpos, descaída, como musgos translúcidos pingando de galhos ósseos. Eram curvados e pareciam mais velhos que todos os outros kandra que ele já vira. Não caminhavam, se arrastavam.

Usavam túnicas simples, sem mangas, mas os trajes ainda caíam de forma estranha neles. Além disso, embaixo da pele translúcida, ele conseguia ver que tinham esqueletos brancos e normais.

— Ossos humanos? — Sazed perguntou enquanto as criaturas anciãs avançavam, caminhando com o apoio de cajados.

— Nossos próprios ossos — um deles disse, falando com uma voz cansada, quase um sussurro. — Não tínhamos habilidade ou conhecimento para formar Corpos Verdadeiros quando tudo isso começou, então retomamos nossos ossos originais quando o Senhor Soberano os entregou para nós.

A Primeira Geração parecia ter apenas dez membros. Acomodaram-se nos bancos. E, por respeito, Sazed moveu sua mesa para ficar diante deles, como um apresentador diante de sua plateia.

— Agora — falou, erguendo a pena de metal —, vamos começar. Temos muito trabalho a fazer.

A questão permanece: de onde vieram as profecias originais sobre o Herói das Eras? Agora sei que Ruína as alterou, mas não as fabricou. Quem primeiro disse que um Herói viria, um que seria imperador de toda a humanidade, ainda que fosse rejeitado por seu próprio povo? Quem primeiro declarou que ele carregaria o futuro do mundo nos braços ou que repararia o que fora quebrado?

E quem decidiu usar pronomes neutros, na língua original de Terris, para que não soubéssemos se o Herói seria mulher ou homem?

69

Marsh se ajoelhou em uma pilha de cinzas, odiando a si mesmo e ao mundo. As cinzas caíam sem cessar, pairando sobre suas costas, cobrindo-o, e, ainda assim, ele não se moveu.

Fora deixado de lado, obrigado a sentar-se e esperar. Como uma ferramenta esquecida no jardim, sendo lentamente coberta de neve.

Eu estava lá, ele pensou. *Com Vin. Ainda assim… não consegui falar com ela. Não consegui lhe dizer nada.*

Pior… ele não quisera. Durante toda a conversa com ela, seu corpo e mente pertenceram totalmente à Ruína. Marsh não fora capaz de resistir, não pudera fazer nada que permitisse que Vin o matasse.

Exceto em um momento. Um momento próximo ao fim, quando ela quase conseguira tomar controle dele. Um momento em que ele vira algo dentro de seu mestre, seu deus, seu *eu*, que lhe dera esperança.

Naquele momento, Ruína temera Vin.

E, então, forçara Marsh a fugir, deixando para trás seu exército de koloss, o exército que Marsh fora obrigado a deixar Elend Venture roubar e levar para Fadrex. O exército que Ruína acabara roubando de volta.

E agora Marsh esperava nas cinzas.

Por quê?, ele pensou. Seu mestre queria algo… precisava de algo… e temia Vin. Aquelas duas coisas davam esperança a Marsh, mas o que ele poderia fazer? Mesmo no momento de fraqueza de Ruína, ele se vira incapaz de assumir o controle.

O plano de Marsh — esperar, manter a nesga rebelde de si mesmo escondida até o momento certo, para então puxar a estaca das costas e se matar — parecia cada vez mais estúpido. Como poderia esperar se libertar, mesmo depois de tanto tempo?

Levante.

O comando veio sem palavras, mas Marsh reagiu instantaneamente. E Ruína estava de volta, controlando seu corpo. Com esforço, Marsh reteve um pequeno

controle da mente, embora apenas por que Ruína parecia distraído. Começou a soltar moedas, a *empurrá-las*, usando e reusando da mesma maneira que Vin usava as ferraduras. Ferraduras — que tinham muito mais metal — teriam sido melhores, pois permitiriam *empurrões* maiores com cada uma. Mas conseguia se virar com as moedas.

Ele se lançou através do céu de fim de tarde. O ar vermelho estava desagradavelmente abrasivo, atolado de cinzas. Marsh o observou, tentando se impedir de ver beleza na destruição sem alertar Ruína de que não estava totalmente dominado.

Era difícil.

Passado algum tempo — depois que a noite já havia caído —, Ruína ordenou que Marsh fosse para o chão. Ele desceu rapidamente, sua túnica revoando, e aterrissou sobre uma pequena colina. As cinzas chegavam à altura da cintura, e mesmo seus pés provavelmente já estavam sobre alguns metros de cinzas compactadas no chão.

A distância, no declive, uma figura solitária estava determinada em abrir caminho pelas cinzas. O homem trazia uma bolsa e puxava um cavalo exausto.

Quem é esse?, pensou Marsh, examinando com mais cuidado. O homem tinha a constituição de um soldado, com rosto quadrado, barba de muitos dias e uma careca. Quem quer que fosse, tinha uma determinação impressionante. Poucas pessoas enfrentariam as brumas, e ainda assim aquele homem não apenas andava por elas, como também abria seu caminho por cinzas que chegavam à altura do peito. O uniforme estava manchado de preto, como sua pele. Escuro… cinzento…

Belo.

Marsh se lançou do topo da colina, atravessando as brumas e as cinzas com um *empurrão* de aço. O homem lá embaixo devia tê-lo ouvido se aproximar, pois girou, pegando a espada com nervosismo.

Marsh aterrissou sobre as costas do cavalo. A criatura berrou e se inclinou para trás. O Inquisidor saltou, encaixando um pé no rosto do animal, dando uma cambalhota sobre ele e aterrissando nas brumas. O soldado havia aberto um caminho bem adiante, e Marsh se sentiu olhando para um corredor estreito e preto.

O homem desembainhou a espada. O cavalo relinchou nervosamente, batendo os cascos nas cinzas.

Marsh sorriu e puxou um machado de obsidiana da bainha lateral. O soldado se afastou, tentando abrir espaço nas cinzas para lutar. Marsh viu a preocupação nos olhos do homem, a ansiedade aterrorizada.

O cavalo relinchou novamente. Marsh girou e cortou as pernas dianteiras do animal, fazendo-o berrar de dor. Atrás dele, o soldado se moveu. E, surpreendentemente, em vez de correr, ele atacou.

O homem bateu a espada nas costas de Marsh, atingindo uma estaca e se desviando para o lado, mas ainda o empalou. Marsh se virou, sorrindo, e acionou sua cura para se manter em pé.

O homem continuou a se mover, estendendo o braço para as costas de Marsh, obviamente com a intenção de tentar puxar a estaca dali. O Inquisidor queimou peltre, contudo, e saiu do caminho com um giro, arrancando a arma do soldado.

Devia ter deixado que agarrasse a estaca.… a parte livre disse, relutando, ainda que de forma inútil.

Marsh golpeou na direção da cabeça do homem, querendo arrancá-la com uma machadada, mas o soldado rolou nas cinzas, puxando uma adaga da bota e tentando golpear e cortar a perna do Inquisidor. Um movimento inteligente, que teria deixado Marsh no chão, com ou sem poder curativo.

No entanto, Marsh acionou sua velocidade. De repente, estava se movendo várias vezes mais rápido do que uma pessoa normal e se esquivou com facilidade do corte, encaixando um chute no peito do soldado.

O homem grunhiu quando suas costelas estalaram. Ele foi ao chão, rolando e tossindo com sangue nos lábios. Então parou, coberto de cinzas. Fraco, levou a mão ao bolso.

Outra adaga?, pensou Marsh. No entanto, o homem puxou uma chapa dobrada. Metal?

Marsh teve um desejo repentino e dominante de agarrar a chapa de metal. O soldado lutou para esmagar a chapa fina, destruir seu conteúdo, mas Marsh gritou e desceu o machado, cortando o braço do homem. O machado se ergueu de novo e, dessa vez, decapitou o soldado.

Porém, ele não parou, a fúria sangrenta levando-o a acertar o machado no cadáver várias vezes. No fundo da mente, conseguia sentir Ruína regozijando-se com a morte, ainda que pudesse também sentir a frustração que ecoava dele. Ruína tentou afastá-lo do assassinato, fazer com que pegasse a chapa de metal, mas durante a sede de sangue, Marsh não podia ser controlado. Como um koloss.

Não podia ser controlado… Isso é…

Ele ficou paralisado, e Ruína reassumiu o controle. Marsh sacudiu a cabeça, o sangue do homem escorrendo em seu rosto, pingando do queixo. Ele se virou e olhou para o cavalo agonizante, que berrava na noite silenciosa. Marsh cambaleou e pegou o braço cortado, puxando a chapa de metal que o soldado tentara destruir com suas últimas forças.

Leia!

As palavras soaram diferente na mente de Marsh. Raramente Ruína se dignava a falar com ele — quase sempre o usava apenas como uma marionete.

Leia em voz alta!

Marsh franziu a testa, desdobrando com cuidado a carta, tentando ganhar tempo para pensar. Por que Ruína precisaria que ele lesse? A menos que… Ruína não pudesse ler. Mas não fazia sentido. A criatura podia mudar as palavras nos livros.

Ele podia ler. Então, seria o metal que o impedia?

Ele desdobrara a aba de metal. Havia de fato palavras talhadas na superfície interna. Marsh tentou resistir à leitura. Na verdade, ele ansiava em agarrar o machado onde havia caído, pingando sangue nas cinzas, e usá-lo para se matar. Mas não conseguia. Não tinha nem liberdade o bastante para soltar a carta. Ruína *empurrava* e *puxava*, manipulando as emoções de Marsh, deixando-o de tal forma que…

Sim. Por que ele se importaria em discordar? Por que discutir com seu deus, seu senhor, seu eu? Marsh ergueu a chapa, avivando estanho para enxergar melhor seu conteúdo na escuridão.

— “Vin” — ele leu. — “Minha mente está confusa. Parte de mim se pergunta o que é real. Ainda assim, uma coisa parece me pressionar cada vez mais. Preciso contar uma coisa. Não sei se importa, mas preciso dizê-la de qualquer forma.

“‘A coisa que combatemos é real. Eu a vi. Tentou me destruir e tentou acabar com o povo de Urteau. Ela me controlou através de um método que eu não esperava. Metal. Uma lasca de metal perfurando meu corpo. Com isso, foi capaz de deturpar meus pensamentos. Não conseguiu me controlar por completo, como você controla os koloss, mas fez algo semelhante, creio eu. Talvez o pedaço de metal não fosse grande o bastante, sei lá.

“‘De qualquer forma, ela apareceu para mim na forma de Kelsier. Fez o

mesmo com o rei daqui de Urteau. Ela é esperta. É sutil.

“‘Tenha cuidado, vin. Não confie em ninguém perfurado por metal! Mesmo o menor pedaço pode macular um homem.

“‘Fantasma.’”

Marsh, novamente controlado por Ruína, esmagou a chapa de metal até seus escritos ficarem ilegíveis. Em seguida, jogou-o nas cinzas e usou-a como âncora para *empurrar-se* através dos ares. Para Luthadel.

Ele deixou os cadáveres do cavalo, do homem e a mensagem jazerem nas cinzas, sendo lentamente enterrados.

Como ferramentas esquecidas.

Na verdade, Quellion cravou a estaca em si mesmo, pelo que entendi. O sujeito nunca foi totalmente estável. Seu fervor em seguir Kelsier e matar a nobreza foi alimentado por Ruína, mas Quellion já tinha os impulsos. Às vezes, sua paranoia passional beirava a insanidade, e Ruína foi capaz de influenciá-lo a ponto de enterrar aquela estaca crucial.

A estaca de Quellion era de bronze, e ele a fez de um dos primeiros alomânticos que capturou. Aquela estaca fez dele um Buscador, que foi uma das maneiras pelas quais foi capaz de encontrar e chantagear tantos alomânticos durante seu governo em Urteau.

No entanto, a questão é que as pessoas com personalidade instável eram mais suscetíveis à influência de Ruína, mesmo se não tivessem estaca nenhuma cravadas. De fato, é provável que tenha sido assim que Zane conseguiu a estaca dele.

70

— Ainda não entendo do que isso adianta — Yomen disse, caminhando ao lado de Elend, enquanto passavam pelo portão de Fadrex.

Elend ignorou o comentário, acenando para um grupo de soldados. Parou ao lado de outro grupo — não dele, mas de Yomen — e inspecionou suas armas. Ofereceu algumas palavras de incentivo e continuou. Yomen observou em silêncio, caminhando ao lado de Elend como um igual, não como um rei cativo.

Os dois haviam chegado a uma trégua frágil, mas o campo de koloss lá fora era motivação mais que suficiente para mantê-los trabalhando em conjunto. Elend tinha o maior exército dos dois, mas por pouco — e as forças de ambos pareciam cada vez menores frente aos koloss que não paravam de chegar.

— Deveríamos estar trabalhando no problema de saneamento — Yomen continuou assim que estavam longe do alcance auditivo dos homens. — Um exército existe baseado em dois princípios: saúde e alimentação. Forneça ambas e terá a vitória.

Elend sorriu, reconhecendo a referência. *Abastecimento em escala*, de Trentison. Poucos anos antes, ele teria concordado com Yomen, e os dois provavelmente passariam a tarde discutindo a filosofia de liderança no palácio do rei-obrigador. No entanto, Elend aprendera coisas nos últimos anos que simplesmente não teria sido capaz de extrair dos estudos.

Infelizmente, isso significava que ele não era capaz de simplesmente explicá-las a Yomen, não no período que tinham. Então, em vez disso, ele assentiu para a rua.

— Podemos seguir para o hospital agora, se quiser, Lorde Yomen.

Yomen assentiu, e os dois se dirigiram a outra área da cidade. O obrigador tinha uma abordagem pragmática para tudo. Problemas deviam ser enfrentados de forma rápida e direta. Tinha uma mente boa, apesar de sua tendência a fazer julgamentos precipitados.

Enquanto caminhavam, Elend tomou o cuidado de prestar atenção nos soldados nas ruas, em serviço e fora dele. Assentiu para as continências,

olhando-os nos olhos. Muitos trabalhavam para reparar os danos causados pelos terremotos cada vez mais poderosos. Talvez fosse apenas impressão de Elend, mas parecia que os soldados caminhavam um pouco mais eretos depois que ele passava.

Yomen franziu levemente o cenho ao observar Elend fazendo aquilo. O obrigador ainda usava a túnica de seu posto, apesar da pequena conta de atium na testa que marcava sua posição de rei. As tatuagens na cabeça do homem quase pareciam se curvar na direção da conta, como se tivessem sido feitas considerando o metal.

— Você não sabe muito como liderar soldados, não é, Yomen? — Elend perguntou.

O obrigador ergueu uma sobrancelha.

— Sei mais do que você jamais saberá sobre tática, linhas de abastecimento e direcionamento de soldados entre pontos distintos.

— Ah, é? — Elend disse suavemente. — Então você leu *Exércitos em movimento*, de Bennitson, não foi?

Os “pontos distintos” revelavam a origem da referência.

As rugas na testa de Yomen se aprofundaram.

— Uma coisa que nós, estudiosos, tendemos a esquecer, Yomen, é o impacto que as *emoções* podem ter em uma batalha. Não se trata apenas de comida, sapatos e água limpa, por mais necessários que sejam. Trata-se de esperança, coragem e vontade de viver. Soldados precisam saber que seu líder estará na luta, se não matando inimigos, dando instruções pessoalmente atrás das fileiras. Eles não podem pensar nele como uma força abstrata no alto de uma torre distante, olhando tudo por uma janela e ponderando sobre as profundezas do universo.

Yomen não disse nada enquanto caminhavam pelas ruas que, apesar de estarem limpas das cinzas, estavam abandonadas. A maioria da população havia se retirado para os fundos da cidade, onde os koloss chegariam por último caso invadissem. Estavam acampados ao léu, pois, com os terremotos, os edifícios se mostravam cada vez menos seguros.

— Você é um homem… interessante, Elend Venture — Yomen falou por fim.

— Sou um bastardo.

Yomen ergueu a sobrancelha.

— Em composição, não em temperamento ou nascimento — Elend disse

com um sorriso. — Sou uma amálgama do que precisei ser. Parte estudioso, parte rebelde, parte nobre, parte Nascido da Bruma e parte soldado. Às vezes, nem eu sei quem sou. Foi um verdadeiro inferno fazer todas as peças funcionarem juntas. E, bem quando eu estou começando a entender tudo isso, o mundo vai e desmorona nas minhas costas. Ah, chegamos.

O hospital de Yomen era um prédio do Ministério convertido, o que, na opinião de Elend, mostrava que Yomen estava disposto a ser flexível. Seus prédios religiosos não eram sagrados a ponto de ele não conseguir reconhecer que eram as melhores instalações para cuidar de doentes e feridos. Lá dentro, encontraram médicos atendendo àqueles que haviam sobrevivido ao embate inicial com os koloss. Yomen saiu às pressas para falar com os burocratas do hospital. Aparentemente, estava preocupado com o número de infecções com que os homens tinham sofrido. Elend foi até a ala de casos mais sérios e começou a visitá-los, oferecendo palavras de incentivo.

Era um trabalho difícil olhar para os soldados que sofriam por conta de sua tolice. Como ele pôde ter ignorado a possibilidade de Ruína tirar os koloss dele? Fazia muito sentido. E, ainda assim, Ruína o havia manipulado bem, fazendo-o pensar que os Inquisidores controlavam os koloss. Fazendo-o sentir que podia contar com as criaturas.

O que teria acontecido, ele pensou, *se eu tivesse atacado esta cidade com eles, como originalmente planejado?* Ruína teria saqueado Fadrex, massacrando todos ali e *depois* virado os koloss contra os soldados de Elend. Agora, as fortificações defendidas pelos homens de Elend e de Yomen haviam-na feito parar por tempo suficiente para que precisasse reunir suas forças antes de atacar.

Condenei esta cidade, pensou Elend, sentado ao lado do leito de um homem que havia perdido o braço para a lâmina de um koloss.

Aquilo o frustrava. Ele sabia que havia tomado a decisão correta. E, na verdade, preferia estar dentro da cidade — quase certo de sua condenação — a estar lá fora em um cerco vencedor. Pois sabia que o lado vencedor nem sempre era o certo.

Ainda assim, aquilo o levava de volta à frustração contínua pela incapacidade de proteger seu povo. E, apesar do governo de Yomen em Fadrex, Elend considerava aquele povo seu também. Assumira o trono do Senhor Soberano, nomeando-se imperador. O Império Final inteiro estava sob seus cuidados. Do que adiantava um governante que não conseguia proteger sequer uma cidade, quanto mais um império cheio delas?

Uma agitação em frente ao hospital chamou sua atenção. Ele deixou os pensamentos obscuros de lado e se despediu do soldado. Correu para a entrada, onde Yomen já havia aparecido para ver o que acontecia. Uma mulher segurava um garoto, que tremia descontroladamente com convulsões.

Um dos médicos correu, pegando o menino.

— Doença das brumas? — ele perguntou.

A mulher assentiu, chorando.

— Eu o mantive dentro de casa até hoje. Eu sabia! Sabia que elas o queriam! Ai, por favor…

Yomen sacudiu a cabeça enquanto o médico levava o garoto para um leito.

— Deveria ter me ouvido, mulher — ele disse com firmeza. — Todos na cidade deviam ter sido expostos às brumas. Agora seu filho tomará um leito de que podemos precisar para soldados feridos.

A mulher se encolheu, ainda chorando. Yomen suspirou, mas Elend podia ver a preocupação nos olhos dele. Yomen não era insensível, apenas pragmático. Além disso, suas palavras faziam sentido. Não tinha lógica esconder alguém dentro de casa a vida toda, apenas pela possibilidade de ele cair nas brumas.

Cair nas brumas… pensou Elend, sem motivo, olhando para o garoto no leito. Ele havia parado de convulsionar, mas o rosto ainda se contorcia numa expressão de dor. Parecia estar sofrendo muito. Elend havia sentido dor assim apenas uma vez na vida.

Nunca descobrimos o que causa a doença das brumas, ele pensou. O espectro das brumas jamais voltara. Mas, talvez, Yomen soubesse alguma coisa.

— Yomen — ele disse, caminhando até o sujeito, tirando-o de sua discussão com cirurgiões. — Alguém por aqui descobriu a razão para a doença das brumas?

— Razão? Precisa haver razão para uma doença?

— Deve haver para uma tão estranha. Você percebeu que ela atinge exatamente dezesseis por cento da população? Dezesseis por cento, exatamente.

Em vez de se surpreender, Yomen apenas deu de ombros.

— Faz sentido.

— Faz?

— Dezesseis é um número poderoso, Venture — Yomen disse, olhando para os relatórios. — Foi o número de dias que o Senhor Soberano levou para chegar

ao Poço da Ascensão, por exemplo. Tem certo destaque na doutrina da Igreja.

Claro, pensou Elend. *Yomen não ficaria surpreso ao descobrir ordem na natureza — ele acredita em um deus que a ordenou.*

— Dezesseis… — Elend disse, olhando para o garoto doente.

— O número dos Inquisidores originais — Yomen comentou. — O número de Preceitos em cada carta de Cantão. O número de metais alomânticos. O…

— Espere — Elend disse, erguendo os olhos. — Como é?

— Metais alomânticos — Yomen disse.

— Há apenas catorze metais.

Yomen negou com a cabeça.

— Catorze que conhecemos, supondo que sua lady esteja certa sobre o metal ligado ao alumínio. No entanto, catorze não é um número de poder. Os metais alomânticos vêm em duplas, com agrupamentos em quartetos. Parece que há mais dois que ainda não descobrimos, o que leva o número a dezesseis. Dois vezes dois vezes dois vezes dois. Quatro metais físicos, quatro metais mentais, quatro metais fortalecedores e quatro metais temporais.

Dezesseis metais…

Elend olhou para o garoto novamente. Dor. Elend sentira aquela dor uma vez — no dia em que seu pai ordenara que lhe batessem. Batessem para lhe causar dor tamanha a ponto de ele pensar que poderia morrer. Batessem para levar seu corpo às raias da morte, para que ele *estalasse*.

Batessem para descobrir se ele era um alomântico.

Senhor Soberano!, pensou Elend em choque. Ele correu para longe de Yomen, voltando à ala de soldados do hospital.

— Quem aqui foi atingido pelas brumas? — Elend questionou.

Os feridos o olharam com expressões desconfiadas.

— Algum de vocês ficou doente? — Elend perguntou. — Quando eu os expus às brumas? Por favor, preciso saber!

Lentamente, o homem com um braço ergueu a mão remanescente.

— Fui atingido, milorde. Desculpe. Este ferimento provavelmente foi uma punição por…

Elend o interrompeu, correndo até ele, puxando o frasco de metal sobressalente.

— Beba isto — ele ordenou.

O homem hesitou, em seguida fez como ordenado. Elend ajoelhou-se ao lado do leito, ansioso, à espreita. O coração palpitava no peito.

— Então? — ele finalmente perguntou.

— Então… o quê, milorde? — O soldado devolveu a pergunta.

— Sente alguma coisa? — Elend questionou.

O soldado deu de ombros.

— Cansaço, milorde?

Elend fechou os olhos, suspirando. *Era uma ideia tola…*

— Bem, isso é estranho — o soldado disse de repente. Elend abriu os olhos, arregalando-os. — É… — o soldado continuou, parecendo um pouco distraído. — Eu… não sei o que fazer com *isso*.

— Queime — Elend disse, acionando o bronze. — Seu corpo saberá como, se você permitir.

O soldado franziu a testa ainda mais e inclinou a cabeça. Em seguida, começou a pulsar com poder alomântico.

Elend fechou os olhos novamente, exalando de leve.

Yomen veio atrás dele.

— O que foi?

— As brumas nunca foram nossas inimigas, Yomen — Elend disse, os olhos ainda fechados. — Estavam apenas tentando ajudar.

— Ajudar? Ajudar como? Do que você está falando?

Elend abriu os olhos, virando-se.

— Elas não estavam nos matando, Yomen. Não estavam nos deixando doentes. Estavam nos *estalando*. Trazendo poder. Capacitando-nos para lutar.

— Milorde! — uma voz chamou de repente. Elend se virou quando um soldado exausto entrou aos tropeços na sala. — Milordes! Os koloss estão atacando! Estão avançando sobre a cidade!

Elend sentiu um calafrio. *Ruína. Ele sabe o que acabei de descobrir; sabe que precisa atacar agora em vez de aguardar mais tropas.*

Porque eu sei do segredo!

— Yomen, junte cada pitada de metal em pó que puder encontrar nesta cidade! — Elend gritou. — Peltre, estanho, aço e ferro! Leve-os para todos que foram atingidos pelas brumas! Façam-nos beber!

— Por quê? — Yomen perguntou, ainda confuso.

Elend se virou, sorrindo.

— Porque agora eles são alomânticos. Esta cidade não vai cair tão facilmente como todos achavam. Se precisar de mim, estarei na frente de batalha!

Havia algo de especial no número dezesseis. Em primeiro lugar, era o sinal da Preservação para a humanidade.

Preservação sabia, mesmo antes de ter aprisionado Ruína, que não conseguiria se comunicar com a humanidade assim que tivesse se diminuído. Então, deixou pistas — pistas que não poderiam ser alteradas por Ruína. Pistas que se relacionavam com as leis fundamentais do universo. O número tinha como objetivo ser a prova de que algo não natural estava acontecendo e que ajuda podia ser encontrada.

Pode ter levado muito tempo para descobrirmos, mas, quando finalmente entendemos a pista — por mais tarde que fosse —, ela forneceu um impulso mais que necessário.

Quanto aos outros aspectos do número… bem, ainda estou investigando. Basta dizer que tem grandes ramificações relacionadas a como o mundo e o universo em si funcionam.

71

Sazed bateu a pena contra a página de metal, franzindo a testa de leve.

— Muito pouco desta última parte é diferente do que eu já sabia. Ruína mudou poucas coisas, talvez para impedir que eu percebesse as alterações. É óbvio que ele quis me fazer perceber que Vin era o Herói das Eras.

— Ele quis que Vin o libertasse — Haddek disse, líder da Primeira Geração. Seus companheiros assentiram.

— Talvez ela nunca tenha sido o Herói — um dos outros comentou.

Sazed negou com a cabeça.

— Acredito que seja. Essas profecias ainda se referem a ela, mesmo as inalteradas que os senhores expuseram. Elas falam de alguém separado do povo de Terris, um rei dos homens, um rebelde preso entre dois mundos. Ruína *enfatizou* que Vin era a escolhida, pois queria que ela fosse até lá e o libertasse.

— Sempre acreditamos que o Herói seria um homem — Haddek falou com sua voz ofegante.

— Todos acreditavam — Sazed respondeu. — Mas o senhor mesmo disse que todas as profecias usavam pronomes neutros. Deve ter sido intencional, pois não se usa essa linguagem na velha Terris por acidente. O caso neutro foi escolhido para que não soubéssemos se o Herói seria homem ou mulher.

Vários dos terrisanos anciãos assentiram. Eles trabalhavam à luz azul serena das pedras brilhantes, ainda sentados na câmara com paredes de metal que, pelo que Sazed fora capaz de perceber, era uma espécie de lugar sagrado para os kandra.

Ele bateu a pena, franzindo o cenho. O que o incomodava? *Dizem que tenho o futuro do mundo inteiro nos braços…* As palavras de Alendi, de seu diário escrito tanto tempo antes. As palavras da Primeira Geração confirmavam que era verdade.

Ainda havia algo para Vin fazer. No entanto, o poder no Poço da Ascensão havia desaparecido. Esgotado. Como ela poderia lutar sem ele? Sazed olhou para seu público de kandra anciãos.

— Aliás, o que *era* o poder no Poço da Ascensão?

— Mesmo nós não temos certeza do que era, jovem — Haddek disse. — Na época em que vivíamos como homens, nossos deuses já haviam partido deste mundo, deixando Terris apenas com a esperança do Herói.

— Contem-me — Sazed pediu, inclinando-se para frente. — Como seus deuses partiram deste mundo?

— Ruína e Preservação — outro respondeu. — Eles criaram nosso mundo e nosso povo.

— Nenhum deles poderia criar sozinho — Haddek explicou. — Não, não poderia. Pois preservar algo não é criá-lo, e nem se pode criar apenas com a destruição.

Era um tema comum na mitologia — Sazed lera isso em dezenas das religiões que havia estudado. O mundo sendo criado por um embate entre duas forças, às vezes mencionadas como caos e ordem, às vezes chamadas de destruição e proteção. Aquilo o incomodava um pouco. Esperava descobrir algo *novo* nas coisas que os homens lhe diziam.

E, ainda assim… apenas porque algo era comum, isso o tornava falso? Ou todas essas mitologias poderiam ter uma raiz compartilhada e verdadeira?

— Eles criaram o mundo — Sazed disse — e então partiram?

— Não imediatamente — Haddek respondeu. — Mas, eis o truque, jovem: elas tinham um acordo, os dois. Preservação queria criar homens; vida capaz de sentir emoções. Conseguiu que Ruína prometesse ajudá-lo a fazê-los.

— Mas a um custo — um dos outros sussurrou.

— Que custo? — Sazed perguntou.

— Que Ruína pudesse destruir o mundo um dia — Haddek respondeu.

A câmara circular silenciou.

— Daí a traição — Haddek comentou. — Preservação deu a própria vida para aprisionar Ruína e impedi-lo de destruir o mundo.

Outro tema mitológico comum — o deus mártir. Foi um que Sazed vira nascer com a Igreja do Sobrevivente.

Ainda assim… dessa vez é a minha própria religião, ele pensou. Franziu a testa, recostando-se na cadeira, tentando decidir como se sentia a esse respeito. Por algum motivo, supusera que a verdade seria *diferente*. O lado erudito dele contestava o desejo de acreditar. Como poderia crer em algo tão repleto de clichês mitológicos?

Ele viera até ali acreditando que receberia a última chance de encontrar a verdade. Porém, agora que a estudava, estava descobrindo que era incrivelmente semelhante às religiões que havia refutado como falsas.

— Parece perturbado, rapaz — Haddek constatou. — Está preocupado com as coisas que dissemos?

— Peço desculpas — Sazed disse. — É um problema pessoal não relacionado ao destino do Herói das Eras

— Fale, por favor — um dos anciãos pediu.

— É complicado. Por algum tempo, eu venho pesquisando religiões da humanidade, tentando decidir quais de seus ensinamentos eram verdadeiros. Comecei a me desesperar com a possibilidade de não encontrar uma religião que oferecesse as respostas que eu buscava. Então, soube que minha religião ainda existia, protegida pelos kandra. Vim aqui esperando encontrar a verdade.

— Esta é a verdade — um dos kandra disse.

— É o que *toda* religião ensina — Sazed respondeu, sua frustração ainda maior. — Ainda assim, em cada uma delas encontro incoerências, saltos lógicos e exigências de fé que acho impossíveis de aceitar.

— Para mim, jovem, parece que você está buscando algo que não pode ser encontrado — Haddek disse.

— A verdade?

— Não. Uma religião que não exija a fé de seus fiéis.

Outros dos anciões kandra assentiram.

— Seguimos o Pai e o Primeiro Contrato, mas nossa fé não está nele. Está em… algo maior. Confiamos que Preservação tenha planejado este dia e que seu desejo de proteger se provará mais poderoso que o desejo de Ruína de destruir.

— Mas os senhores não têm como saber — Sazed disse. — Os senhores recebem prova apenas quando acreditam, mas, se acreditam, podem encontrar provas em qualquer coisa. É um dilema lógico.

— A fé não tem relação com a lógica, filho — Haddek comentou. — Talvez seja este o seu problema. Você não tem como “desprovar” as coisas que estuda assim como não podemos provar que o Herói nos salvará. Simplesmente devemos acreditar e aceitar as coisas que Preservação nos ensinou.

Não era suficiente para Sazed. No entanto, por ora, decidiu seguir em frente. Não tinha todos os fatos sobre a religião terrisana ainda. Talvez, assim que tivesse, pudesse organizar tudo aquilo.

— Os senhores falaram de prisão de Ruína — Sazed falou. — Contem-me como isso se relaciona ao poder que Lady Vin utilizou.

— Os deuses não têm corpos como os dos homens — Haddek começou. — São… forças. Poderes. A mente de Preservação partiu, mas deixou seu poder para trás.

— Na forma de um poço de líquido? — Sazed perguntou.

Os membros da Primeira Geração assentiram.

— E a fumaça escura do lado de fora? — Sazed questionou.

— Ruína — Haddek explicou. — Esperando, observando durante seu cativeiro.

Sazed fez cara de dúvida.

— A caverna de fumaça era muito maior do que o Poço da Ascensão. Por que a disparidade? Ruína era *tão* mais poderoso assim?

Haddek bufou baixo.

— Eram igualmente poderosos, jovem. Eram *forças*, não homens. Dois aspectos de um único poder. Um lado da moeda é mais "poderoso" que o outro? Eles influenciaram o mundo ao redor com a mesma intensidade.

— Mas — outro acrescentou — existe uma história de que Preservação doou muito de si para fazer a humanidade, para criar algo que tivesse *mais* de Preservação em si do que Ruína. Ainda assim, seria apenas uma pequena quantidade em cada indivíduo. Mínima… fácil de perder de vista, exceto se observando por um longo, longo período…

— Então, por que a diferença em tamanho? — Sazed perguntou.

— Você não está entendendo, jovem — Haddek disse. — O poder naquele poço não era Preservação.

— Mas o senhor acabou de dizer…

— Era *parte* de Preservação, com certeza — Haddek continuou. — Mas ele era uma força; sua influência está em todo lugar. Um pouco dela, talvez, concentrada naquele poço. O restante está… em outros lugares e em todos os lugares.

— Mas Ruína tinha a mente concentrada lá — outro kandra disse. — E, assim, seu poder tendia a se reunir naquele local. Muito mais dele, ao menos, do que de Preservação.

— Mas não ele inteiro — outro disse, rindo.

Sazed inclinou a cabeça.

— Não ele inteiro? Ele também estava espalhado pelo mundo, suponho?

— De certa forma — Haddek respondeu.

— Agora, vamos falar das coisas do Primeiro Contrato — outro kandra alertou.

Haddek hesitou, em seguida se virou, analisando os olhos de Sazed.

— Se o que este homem diz é verdade, então Ruína escapou. Significa que ele virá buscar seu corpo. Seu… poder.

Sazed sentiu um calafrio.

— Está aqui? — perguntou baixinho.

Haddek assentiu.

— Nós o recolhemos. O Primeiro Contrato, como o Senhor Soberano o nomeou… nosso fardo neste mundo.

— Os outros Filhos tinham um objetivo — outro kandra acrescentou. — Os koloss foram criados para lutar. Os Inquisidores, para serem sacerdotes. Nossa tarefa era outra.

— Reunir o poder — Haddek disse. — E protegê-lo. Escondê-lo. Mantê-lo. Pois o Pai sabia que Ruína escaparia um dia. E, nesse dia, ele começaria a buscar o próprio corpo.

O grupo de kandra envelhecidos olhou para além de Sazed. Ele franziu o cenho, virando-se para seguir seus olhos. Encaravam a plataforma de metal.

Lentamente, Sazed se levantou, caminhando pelo chão de pedra. A plataforma era grande — talvez seis metros de comprimento —, mas não muito alta. Ele subiu nela, fazendo um dos kandra arfar. Nenhum ergueu a voz para impedi-lo, porém.

Havia uma fresta bem no meio da plataforma circular, um buraco — talvez do tamanho de uma moeda grande — no centro. Sazed espiou através do buraco, mas era escuro demais para ver qualquer coisa.

Ele se afastou.

Talvez eu ainda tenha um pouco sobrando, pensou, olhando para a mesa com suas mentes de metal. *Eu enchi aquele anel por alguns meses antes de parar de usar minhas mentes de metal.*

Ele foi até a mesa rapidamente e escolheu um pequeno anel de peltre, que encaixou no dedo. Olhou, então, para os membros da Primeira Geração. Eles se

desviaram do olhar inquiridor.

— Faça o que precisa fazer, rapaz — Haddek disse, sua voz envelhecida ecoando na sala. — Não poderíamos impedi-lo, mesmo que quiséssemos.

Sazed voltou para a plataforma e acionou na mente de peltre a força que havia armazenado um ano antes. Seu corpo imediatamente ficou várias vezes maior que o tamanho normal, e suas túnicas de repente ficaram apertadas. Com as mãos grossas e musculosas, ele se abaixou, apoiando-se contra o chão rústico, e empurrou um dos lados do disco.

O metal raspou contra a pedra ao se mover, revelando um grande fosso. Algo reluzia lá embaixo.

Sazed ficou paralisado, sua força — e corpo — voltando ao normal conforme liberava a mente de peltre. As túnicas ficaram largas novamente. Fez-se silêncio na sala. Sazed encarou o fosso meio coberto e a enorme pilha de pepitas escondidas no chão.

— A Confiança, como a chamamos — Haddek falou com voz suave. — Entregue pelo Pai para que a guardássemos.

Atium. Milhares e milhares de contas. Sazed arfou.

— O estoque de atium do Senhor Soberano… estava aqui o tempo todo.

— A maior parte nunca saiu das Minas de Hathsin — Haddek disse. — Havia obrigadores na equipe o tempo todo, mas nunca Inquisidores, pois o Pai sabia que podiam ser corrompidos. Os obrigadores quebravam os geodos em segredo, dentro de uma sala metálica construída para esse fim e em seguida tiravam o atium. A família nobre então transportava os geodos vazios para Luthadel, sem saber que não tinham atium nenhum em sua posse. Todo atium que o Senhor Soberano de fato tinha e distribuía à nobreza era trazido pelos obrigadores. Eles disfarçavam o atium como recursos do Ministério e escondiam as contas em pilhas de moedas para que Ruína não as visse quando eram transportadas em comboios cheios de novos acólitos para Luthadel.

Sazed ficou em silêncio, abismado. *Aqui… o tempo todo. A uma curta distância das mesmas cavernas onde Kelsier formou seu exército. A uma curta jornada de Luthadel, completamente desprotegido por todos esses anos.*

Ainda assim, tão bem escondido.

— Vocês trabalhavam por atium — disse Sazed, erguendo os olhos. — Os Contratos dos kandra eram pagos em atium.

Haddek assentiu.

— Devíamos reunir tudo o que conseguíssemos. O que não acabava em nossas mãos, os Nascidos da Bruma queimavam. Algumas das casas guardavam pequenos estoques, mas os impostos e taxas do Pai mantinham a maior parte do atium correndo de volta para ele através de pagamentos. E, no fim, quase tudo acabou aqui.

Sazed olhou para baixo. *Que fortuna*, pensou ele. *Que… poder*. O atium nunca havia se encaixado com os outros metais. Cada um deles, até mesmo o alumínio e o duralumínio, podia ser minerado ou criado através de processos naturais. No entanto, o atium sempre viera apenas de um lugar, seu aparecimento misterioso e estranho. Seu poder permitia que se fizesse algo totalmente diferente de qualquer outra coisa em Alomancia e Feruquemia.

Permitia a previsão do futuro. Não uma coisa dos homens; era mais… uma coisa de deuses.

Era mais que apenas um metal. Era poder condensado, concentrado.

Poder que Ruína queria. E muito.

TenSoon avançava até o cume da colina, movendo-se através das cinzas tão altas que o deixavam grato por ter trocado para o corpo do cavalo, pois um cão de caça jamais conseguiria se mover por camadas tão profundas.

As cinzas caíam forte onde ele estava, limitando sua visibilidade. *Nunca chegarei a Fadrex nessa velocidade*, pensou, furioso. Mesmo se esforçando, movendo o corpo gigantesco do cavalo, avançava muito lentamente para se afastar da Terra Natal.

Quando finalmente venceu a colina, seu fôlego vinha em bufadas pelo focinho do cavalo.

No cume, porém, ele ficou paralisado, em choque. A paisagem adiante estava ardendo em chamas.

Tyrian, a montanha de cinzas mais próxima de Luthadel, tinha o topo arrancado por alguma erupção violenta. O próprio ar parecia queimar com as línguas das chamas, e a planície aberta diante de TenSoon estava coberta por um fluxo de lava. Era de um vermelho profundo, poderoso. Mesmo à distância, ele conseguia sentir o calor bafejando até seu corpo.

Ficou por um bom tempo afundado nas cinzas, fitando uma paisagem que um dia contivera vilarejos, florestas e estradas. Tudo coisa do passado, incendiado como estava. A terra havia rachado à distância, e mais lava parecia

ser cuspida da fenda.

Pelo Primeiro Contrato, ele pensou em desespero. Poderia voltar para o sul, continuar até Fadrex como se viesse em linha reta de Luthadel, mas, por algum motivo, ele achou difícil reunir a motivação para tanto.

Era tarde demais.

Sim, há dezesseis metais. Acredito que seja muito improvável que o Senhor Soberano não tivesse conhecimento de todos eles. O fato de ele ter falado de vários nas placas dos depósitos significava que ele conhecia ao menos aqueles.

Devo supor que não tenha contado deles para a humanidade antes por um motivo. Talvez os mantivesse escondidos para ter uma vantagem secreta, bem como guardara aquela única pepita do corpo da Preservação capaz de transformar homens em Nascidos da Bruma.

Ou, talvez, ele tenha simplesmente decidido que a humanidade já tinha poder demais nos dez metais que conhecia. Algumas coisas nunca saberemos. Parte de mim ainda acha o que ele fez lamentável. Durante o reinado de mil anos do Senhor Soberano, quantas pessoas nasceram, estalaram*, viveram e morreram sem saber que eram Brumosos, simplesmente porque seus metais eram desconhecidos?*

Claro, isso nos deu uma pequena vantagem, no fim das contas. Ruína teve muita dificuldade em dar duralumínio a seus Inquisidores, pois eles precisavam de um alomântico que pudesse queimá-lo para matar, antes que pudessem usá-lo. E, como nenhum dos Brumosos de duralumínio no mundo sabia sobre seu poder, eles não o queimavam e não se revelavam para Ruína. Aquilo deixou a maioria dos Inquisidores sem duralumínio, exceto em poucos casos importantes — como Marsh —, que os tomaram de Nascidos da Bruma. Em geral, era considerado um desperdício, pois, se um Nascido da Bruma fosse morto por Hemalurgia, era possível extrair apenas um dos dezesseis poderes e se perdia o restante. Ruína considerava uma barganha muito melhor tentar corrompê-los e ter acesso a todos os poderes.

72

Começou a chover pouco antes de Vin chegar a Luthadel. Uma garoa silenciosa e fria que umedecia a noite, mas não bania as brumas.

Ela avivou bronze. A distância, conseguia sentir os alomânticos. Nascidos da Bruma. Perseguindo-a. Havia no mínimo uma dúzia deles, dirigindo-se até onde estava.

Ela aterrissou na muralha da cidade, pés descalços escorregando de leve nas pedras. Além, Luthadel se estendia, mesmo agora orgulhosa em sua paisagem. Fundada mil anos antes pelo Senhor Soberano, fora construída sobre o próprio Poço da Ascensão. Durante os dez séculos de seu reinado, Luthadel floresceu, tornando-se o lugar mais importante — e mais populoso — em todo o império.

E estava morrendo.

Vin se empertigou, olhando para a vasta cidade. Bolsões de chamas brilhavam onde prédios haviam incendiado. O fogo desafiava a chuva, iluminando os diversos guetos e outras vizinhanças como tochas de vigilância na noite escura. À sua luz, ela conseguia ver que a cidade estava em frangalhos. Trechos inteiros haviam se partido, os prédios em ruínas ou queimados. As ruas estavam assustadoramente vazias; ninguém combatia os incêndios, ninguém se aglomerava nas sarjetas.

A capital, no passado lar de centenas de milhares, parecia deserta. O vento soprou pelos cabelos molhados de chuva de Vin, e ela sentiu um arrepio. As brumas, como sempre, mantinham-se longe — empurradas pela Alomancia. Ela estava sozinha na maior cidade do mundo.

Não. Não sozinha. Conseguia senti-los se aproximar: os asseclas de Ruína. Ela os levara até ali, fizera com que supusessem que os guiaria ao atium. Haveria muito mais deles do que ela conseguiria combater. Estava condenada.

Aquela era a ideia.

Ela se lançou da muralha, cruzando as brumas, as cinzas e a chuva. Vestia sua capa de bruma, mais por nostalgia que por utilidade. Era a mesma de sempre, aquela que Kelsier lhe dera em sua primeira noite de treinamento.

Ela aterrissou com um ruído d’água no alto de um prédio e saltou novamente, ricocheteando pela cidade. Não sabia ao certo se era poético ou nefasto que estivesse chovendo aquela noite. Houvera outra noite em que visitara Kredik Shaw na chuva. Parte dela ainda achava que deveria ter morrido na época.

Vin aterrissou na rua e se levantou, sua capa de bruma franjada caindo ao redor, escondendo braços e peito. Ficou em silêncio, olhando para Kredik Shaw, a Colina das Mil Torres. O palácio do Senhor Soberano, o local do Poço da Ascensão.

O prédio era um conjunto de várias alas baixas com dúzias de torres, pináculos e mastros. A quase simetria terrível daquela amálgama ficava apenas mais perturbadora pela presença das brumas e das cinzas. A edificação havia ficado abandonada desde a morte do Senhor Soberano: as portas estavam quebradas, e ela podia ver as janelas estilhaçadas. Kredik Shaw estava tão morto quanto a cidade sobre a qual no passado havia se assomado.

Uma figura se aproximou dela.

— Aqui? — Ruína perguntou. — É para cá que você me traz? Já vasculhamos este lugar.

Vin permaneceu em silêncio, fitando os pináculos. Dedos escuros de metal erguendo-se para o céu ainda mais escuro.

— Meus Inquisidores estão a caminho — Ruína sussurrou.

— Não deveria ter se revelado — Vin disse, sem olhar para ele. — Deveria ter esperado até eu ter buscado o atium. Nunca vou fazer agora.

— Ah, mas eu não acredito mais que você o *tenha* — Ruína respondeu, empregando aquele tom paternal. — Filha… filha. Acreditei em você no início… de fato, cheguei a reunir meus poderes, pronto para enfrentá-la. Mas quando você se dirigiu para cá, entendi que havia me enganado.

— Você não tem certeza disso — Vin falou suavemente, a voz complementada pela chuva baixinha.

Silêncio.

— Não — Ruína disse finalmente.

— Então terá de tentar me fazer falar.

— *Tentar?* Você percebe as forças que posso trazer para atacá-la, criança? Percebe o poder que tenho, a destruição que represento? Sou as montanhas que esmagam. Sou as ondas que avassalam. Sou as tempestades que estilhaçam. Sou

o fim.

Vin continuou a observar o cair da chuva. Não questionou o próprio plano; não era do seu feitio. Havia decidido o que fazer. Era hora de desarmar a armadilha de Ruína.

Estava cansada de ser manipulada.

— Nunca vai tê-lo — Vin disse. — Não enquanto eu viver.

Ruína berrou, um som de fúria primitiva, de algo que *precisava* destruir. Em seguida, desapareceu. Raios brilharam, sua luz uma onda de poder que atravessou as brumas. Ao fazê-lo, iluminou as figuras de túnica na chuva sombria, que caminhavam em sua direção. Cercando-a.

Vin se virou para um prédio arruinado a uma curta distância, observando uma figura escalar os escombros. Agora iluminada apenas levemente pela luz das estrelas, a figura estava com o peito nu, revelando um peitoral forte e músculos rígidos. A chuva corria por sua pele, pingando das estacas que se projetavam do peito. Uma entre cada par de costelas. O rosto trazia estacas nos olhos — uma das quais atravessava o crânio, rachando a órbita.

Inquisidores normais tinham nove estacas. Aquele que ela matara com Elend tinha dez. Marsh parecia ter mais de vinte. Ele rosnou baixinho.

E a luta começou.

Vin jogou a capa para trás, esguichando a água acumulada nas franjas, e *empurrou-se* para a frente. Treze Inquisidores voaram violentamente pelo céu noturno na direção dela. Vin se esquivou de uma saraivada de golpes de machado e em seguida *empurrou* na direção de dois Inquisidores, queimando duralumínio. As criaturas foram lançadas para trás pelas estacas, e Vin acelerou em uma guinada repentina para o lado.

Atingiu outro Inquisidor, pés contra o peito. A água se espalhou, manchada pelas cinzas, quando Vin estendeu a mão e agarrou uma das estacas no olho do Inquisidor. Em seguida, ela se *puxou* para trás e avivou peltre.

Quando recuou, a estaca se soltou. O Inquisidor gritou, mas não caiu morto. Olhou para ela, um lado da cabeça esburacado, e sibilou. Retirar uma estaca de olho, aparentemente, não era o bastante para matar.

Ruína riu dentro de sua mente.

O Inquisidor sem a estaca avançou, e Vin se *puxou* para o céu usando um dos pináculos de metal de Kredik Shaw. Tomou um frasco de metal enquanto voava, restaurando o aço.

Uma dúzia de figuras em túnicas pretas saltaram pela chuva para segui-la. Marsh permaneceu lá embaixo, assistindo.

Vin cerrou os dentes e sacou um par de adagas; *empurrou-se* para baixo, diretamente na direção dos Inquisidores. Passou entre eles, surpreendendo vários, que provavelmente tinham esperado que ela fugisse aos saltos. Atingiu diretamente a criatura da qual havia puxado a estaca, girando-a no ar e enterrando as adagas no peito. O Inquisidor cerrou os dentes, rindo, abriu os braços de Vin e a chutou de volta para o chão.

Ela caiu junto com a chuva.

Vin atingiu o solo com tudo, mas conseguiu aterrissar de pé. O Inquisidor bateu nos paralelepípedos de costas, as adagas ainda no peito. Mas ele se levantou facilmente, jogando as lâminas de lado e estilhaçando-as no chão.

Então ele se moveu repentinamente. Rápido *demais*. Vin não teve tempo de pensar enquanto ele corria pela chuva brumosa e a agarrava pela garganta.

Já vi essa velocidade antes, ela pensou enquanto lutava para sair daquele aperto. *Não dos Inquisidores. De Sazed. É um poder feruquêmico. Como a força que Marsh usou antes.*

Aquele era o motivo para as novas estacas. Os outros Inquisidores não tinham tantas quanto Marsh, mas obviamente contavam com novos poderes. Força. Velocidade. Cada uma daquelas criaturas era, em essência, outro Senhor Soberano.

Está entendendo?, Ruína perguntou.

Vin gritou, *empurrando* o Inquisidor com duralumínio, soltando-se daquele abraço. O movimento deixou seu pescoço arranhado e sangrando devido às unhas do monstro, e ela precisou tomar outro frasco de metais — o último — para restaurar o aço enquanto deslizava pelo chão molhado.

Depósitos feruquêmicos acabam, ela disse a si mesma. *Até mesmo alomânticos cometem erros. Eu tenho como vencer.*

Ainda assim, ela hesitou, ofegando ao parar para descansar, uma das mãos no chão, água fria da chuva até o pulso. Kelsier tivera dificuldades em combater um Inquisidor. O que ela estava fazendo ao lutar com treze?

Figuras com túnicas encharcadas aterrissaram ao redor dela. Vin chutou, batendo o pé no peito de um Inquisidor e se *puxando* em um giro para longe de outro, logo em seguida. Rolou pelos paralelepípedos escorregadios, um machado de obsidiana quase acertando sua cabeça quando ela se ergueu e deu com dois

pés fortalecidos pelo peltre nos joelhos de um oponente.

Ossos estalaram. O Inquisidor berrou e caiu. Apenas com uma das mãos Vin deu impulso para ficar de pé, em seguida *puxou* os pináculos lá em cima, lançando-se a cerca de três metros para se esquivar dos múltiplos golpes que desciam sobre ela.

Aterrissou no chão novamente, agarrando o cabo do machado caído de um Inquisidor. Golpeou para cima, espirrando água, manchando a pele com cinzas úmidas ao bloquear uma machadada.

Você não pode lutar, Vin, Ruína disse. *Cada golpe apenas me ajuda. Sou Ruína.*

Ela gritou, avançando em um ataque descuidado, usando o ombro para afastar para o lado um Inquisidor, em seguida batendo com o machado no flanco de outro. Eles rosnavam e golpeavam, mas ela continuava um passo à frente, mal se desviando dos ataques. Aquele que ela havia derrubado já estava em pé, os joelhos curados. Ele sorria.

Uma pancada imprevista a acertou no ombro, jogando-a para frente. Sentiu o sangue morno correr pelas costas, mas o peltre amorteceu a dor. Lançou-se para o lado, recuperando o equilíbrio e agarrando o machado.

Os Inquisidores continuaram avançando. Marsh assistia em silêncio, a chuva pingando do rosto, estacas projetando-se do seu corpo como as torres de Kredik Shaw. Ele não se juntou à luta.

Vin rosnou, em seguida alçou-se ao céu novamente. Partiu à frente dos inimigos e ricocheteou de torre em torre, usando o metal delas como âncoras. Os doze Inquisidores a seguiram como uma revoada de corvos, saltando entre os pináculos, túnicas esvoaçando, tomando caminhos diferentes do dela. Vin se balançava através das brumas, que continuava a rodopiar ao seu redor, desafiando a chuva.

Um Inquisidor aterrissou em uma torre que ela estava mirando. Vin gritou, golpeando com o machado para cima quando pousou, mas ele se *empurrou* para longe, esquivando-se do golpe, em seguida *puxou-se* de volta. Ela chutou os pés dele, mandando a si e ao oponente pelos ares. Em seguida, agarrou a túnica da criatura enquanto caíam.

O Inquisidor ergueu os olhos, dentes cerrados num sorriso, tirando o machado das mãos de Vin com um golpe de força sobre-humana. Seu corpo começou a inchar, ganhando o volume anormal de um feruquemista acionando sua força. Ele riu para Vin, agarrando o pescoço dela. Nem percebeu Vin

puxando os dois levemente para o lado em sua queda pelo ar.

Atingiram um dos pináculos menores, o metal perfurando o peito do Inquisidor surpreso. Vin se contorceu para o lado, para fora do caminho, mas se pendurou na cabeça do inimigo. Não assistiu à ponta do pináculo rasgar-lhe o corpo, mas, quando chegou ao chão, estava segurando apenas uma cabeça. Uma estaca solta caiu em uma poça cinzenta ao lado dela, e Vin soltou a cabeça da criatura morta ao lado da arma.

Marsh berrou, furioso. Quatro outros Inquisidores aterrissaram ao redor dela. Vin chutou um, mas ele se moveu com rapidez feruquêmica, agarrando seus pés. Outro a agarrou pelo braço, torcendo-o. Ela berrou, tentando se soltar aos chutes, mas um terceiro a segurou, seu aperto fortalecido por força alomântica e feruquêmica. Os outros três seguiram, prendendo-a com dedos em forma de garras.

Inspirando profundamente, Vin extinguiu o estanho, queimou duralumínio, aço e peltre. *Empurrou* os arredores com uma onda repentina de poder. Os Inquisidores foram lançados para trás pelas estacas. Eles se esparramaram, indo ao chão e praguejando.

Vin atingiu os paralelepípedos. De repente, a dor nas costas e na garganta parecia forte demais. Ela avivou estanho para clarear a mente, mas ainda assim cambaleou, zonza, para se erguer. Havia consumido todo o peltre naquela explosão.

Fez menção de correr e se deparou com uma figura diante de si. Marsh estava em silêncio, embora outra onda de raios iluminasse as brumas.

O peltre havia terminado. Ela sangrava de um ferimento que provavelmente teria matado qualquer outra pessoa. Estava desesperada.

Tudo bem. Agora!, ela pensou quando Marsh a estapeou. O golpe a lançou no chão.

Nada aconteceu.

Vamos lá!, pensou Vin, tentando extrair força das brumas. O terror se retorcia dentro dela conforme Marsh avançava, uma figura obscura na noite. *Por favor!*

Toda vez que as brumas a tinham ajudado, foi quando ela estava mais desesperada. Aquele era seu plano, por mais frágil que parecesse: colocar-se em mais perigo do que jamais estivera antes e, em seguida, contar com as brumas para ajudá-la. Como haviam feito duas vezes antes.

Marsh ajoelhou sobre ela. Imagens se iluminavam como estouros de

relâmpago em sua mente cansada.

Camon, erguendo a mão gorducha para espancá-la. A chuva caindo, ela encolhida num canto escuro, o flanco ardendo de um corte profundo. Zane se virando para ela enquanto estavam no topo da Fortaleza Hasting, uma de suas mãos pingando um fio lento de sangue.

Vin tentou cambalear para longe nas pedras frias e escorregadias, mas seu corpo não funcionava direito. Ela mal conseguia rastejar. Marsh desferiu um soco na perna de Vin, estilhaçando os ossos, e ela berrou em choque com a dor penetrante. Nenhum peltre atenuou o golpe. Ela tentou se erguer para agarrar uma das estacas de Marsh, mas ele puxou a perna da mulher — a quebrada — e o próprio esforço a fez gritar de agonia.

Agora, Ruína disse com voz gentil, *vamos começar. Onde está o atium, Vin? O que sabe sobre ele?*

— Por favor… — Vin sussurrou, estendendo a mão para as brumas. — Por favor, por favor, por favor…

Mas elas permaneciam distantes. No passado, elas costumavam girar alegres ao redor de seu corpo, mas agora se afastavam. Como fizeram durante todo o ano que passara. Vin chorava, esticando as mãos, mas elas se distanciavam. Evitando-a como a uma vítima da praga.

Era como as brumas tratavam os Inquisidores.

As criaturas se ergueram; silhuetas na noite escura cercaram-na. Marsh a puxou para perto e tomou seu braço. Ela ouviu o osso estalar antes de sentir a dor. Porém, ela veio, e Vin berrou.

Fazia muito tempo que ela não sabia o que era tortura. As ruas não haviam sido gentis, mas durante os últimos anos, conseguira reprimir a maioria dessas experiências. Transformara-se numa Nascida da Bruma. Poderosa. Protegida.

Não desta vez, ela percebeu através das névoas de agonia. *Sazed não virá me ajudar desta vez. Kelsier não me salvará. Até as brumas me abandonaram. Estou sozinha*.

Seus dentes começaram a bater, e Marsh ergueu o outro braço. Ele a encarou com os olhos de estaca, a expressão impávida. Em seguida, partiu o osso.

Vin gritou, mais pelo terror que pela dor.

Marsh observou o grito, ouvindo sua doçura. Ele sorriu, em seguida alcançou a perna ainda intacta. Se Ruína não o estivesse refreando, ele a mataria. O

Inquisidor se debatia contra as amarras, desejando causar mais dor.

Não…, um pedaço mínimo dele pensou.

A chuva caía, acentuando a beleza da noite. A cidade de Luthadel estava coberta com sua melhor mortalha, ardendo, algumas partes ainda queimando apesar da noite úmida. Como ele desejou ter chegado a tempo para ver as revoltas e a morte… Sorriu, o amor apaixonado de uma morte fresca aumentando dentro dele.

Não, pensou.

Sabia, de alguma forma, que o fim estava muito próximo. O chão tremeu embaixo dos pés, e ele precisou se equilibrar com uma das mãos antes de continuar seu trabalho: quebrar a outra perna de Vin. O dia final havia chegado. O mundo não sobreviveria àquela noite. Ele riu com alegria, imerso nos espasmos de um furor de sangue, mal sendo controlado enquanto partia o corpo de Vin.

NÃO!

Marsh despertou. Embora suas mãos ainda se movessem conforme ordenado, a mente se rebelou. Ela absorveu as cinzas, e a chuva, o sangue e a fuligem, e teve nojo. Vin jazia quase morta.

Kelsier a tratava como uma filha, ele pensou enquanto quebrava os dedos dela, um por vez. Ela berrava. *A filha que ele nunca teve com Mare.*

Eu desisti. Como fiz com a rebelião.

Foi a grande vergonha de sua vida. Anos atrás, antes do Colapso, ele liderara a rebelião skaa. Mas a abandonara. Recuara, abrindo mão da liderança do grupo. E o fizera apenas um ano antes de a rebelião, com ajuda de Kelsier, finalmente derrubar o Império Final. Marsh fora o líder, mas desistira. Pouco antes da vitória.

Não, ele pensou enquanto quebrava os dedos da outra mão. *De novo não. Desistir, de novo, não!*

Suas mãos moveram-se para a clavícula. E, então, ele enxergou. Um pedacinho de metal, brilhando na orelha de Vin. O brinco. Ela o explicara para ele uma vez.

Não me lembro dela, a voz de Vin sussurrou para ele do passado. Uma lembrança de quando o próprio Marsh estivera sentado com ela em uma varanda silenciosa na Mansão Renoux, vendo Kelsier organizar uma caravana lá embaixo, pouco antes de Marsh partir para se infiltrar nas fileiras do Sacerdócio

de Aço.

Vin falara da mãe insana. *Reen disse que chegou um dia e encontrou minha mãe coberta de sangue. Ela matara minha irmãzinha. Em mim, no entanto, não tocou… exceto para dar o brinco…*

Não confie em ninguém perfurado por metal. A carta de Fantasma. *Mesmo o menor pedaço pode macular um homem.*

O menor pedaço.

Quando olhou de perto, o brinco, embora estivesse retorcido e lascado, parecia quase uma pequenina estaca.

Ele não pensou. Não deu à Ruína tempo de reagir. Em meio ao furor de matar o Herói das Eras, o controle dele estava mais fraco do que jamais havia sido. Reunindo toda a vontade que ainda lhe restava, Marsh estendeu a mão.

E arrancou o brinco da orelha de Vin.

Vin abriu os olhos de uma vez.

Cinzas e água caíam sobre ela. O corpo queimava de dor, e os gritos das exigências de Ruína ainda reverberavam em sua cabeça.

Mas a voz não falava mais. Fora reprimida na metade de uma frase.

O quê?

As brumas voltaram para ela num estalo. Flutuavam ao seu redor, sentindo a Alomancia do estanho, que ela ainda queimava de leve. Elas giravam ao redor de Vin, como haviam feito no passado: brincalhonas, amigáveis.

Ela estava morrendo. Sabia disso. Marsh acabara com seus ossos, e obviamente sua impaciência crescia. Ele gritou, segurando a própria cabeça. Em seguida, agarrou o machado da poça ao lado. Vin não poderia correr, nem mesmo se quisesse.

Felizmente, a dor diminuía. Tudo estava diminuindo. Ficando escuro.

Por favor, ela pensou, erguendo os braços para as brumas com um apelo final. De repente, elas ficaram muito familiares. Onde tivera aquela sensação antes? De onde as conhecia?

Do Poço da Ascensão, claro, uma voz sussurrou em seu ouvido. *É o mesmo poder, afinal. Sólido no metal que você deu para Elend. Líquido no poço que você queimou. E vapor no ar, confinado à noite. Escondendo você. Protegendo você.*

Dando poder!

Vin arfou, puxando o ar — um fôlego que inspirou as brumas. De repente, sentiu calor, as brumas crescendo dentro dela, dando-lhe força. Seu corpo inteiro queimou como metal, e a dor desapareceu de súbito.

Marsh brandiu o machado na direção da cabeça de Vin, espalhando água.

E ela o segurou pelo braço.

Falei de Inquisidores e de sua capacidade de perfurar nuvens de cobre. Como eu disse, esse poder é facilmente compreendido quando se percebe que muitos Inquisidores eram Buscadores antes da transformação e que, portanto, tinham o bronze duas vezes mais forte.

Existe ao menos um outro caso de pessoa que podia perfurar nuvens de bronze. No caso dela, entretanto, a situação era um pouco diferente. Era uma Nascida da Bruma de nascença, e sua irmã era a Buscadora. A morte daquela irmã — e a herança subsequente do poder dela através de estaca hemalúrgica usada para matá-la — a deixou duas vezes melhor em queimar bronze do que um Nascido da Bruma normal. E aquilo permitia que ela enxergasse através das nuvens de cobre de alomânticos mais fracos.

73

As Brumas mudaram.

TenSoon olhou através das cinzas. Estava deitado, exausto e entorpecido, sobre a colina diante do campo de lava que barrava seu caminho para leste. Seus músculos pareciam letárgicos — sinais de que havia forçado demais o corpo. Mesmo a Bênção da Potência tinha seus limites.

Ele se levantou, forçando o corpo do cavalo a se erguer, encarando seus arredores noturnos. Campos de cinzas sem fim se estendiam atrás dele. Mesmo a trilha que havia aberto até o topo da colina estava começando a ser preenchida. A lava queimava à sua frente. No entanto, algo parecia diferente. O quê?

As brumas fluíam, flutuavam, rodopiavam. Em geral, tinham um padrão muito caótico. Algumas partes fluíam de um jeito, enquanto outras giravam em outras direções. Havia frequentemente rios de movimento, mas elas nunca se conformavam a um ou outro. Na maior parte das vezes, seguiam o vento. Naquela noite, não havia nenhum.

E, ainda assim, as brumas pareciam fluir para uma direção. Assim que percebeu isso, TenSoon descobriu uma das visões mais singularmente peculiares que já tivera. Em vez de giros ou rodopios, as brumas se moviam juntas em um fluxo aparentemente intencional. Passavam ao largo dele, e o kandra se sentiu como uma pedra em um rio imenso e incorpóreo.

As brumas fluíam na direção de Luthadel. *Talvez eu não esteja atrasado!*, ele pensou, retomando um pouco de esperança. Sacudiu-se para se livrar do estupor e partiu em um galope de volta pelo caminho que tinha trilhado.

— Brisinha, venha ver isso aqui.

Brisa esfregou os olhos, buscando pelo quarto o local onde Allrianne estava sentada em sua camisola, olhando pela janela. Era tarde; muito tarde. Ele já deveria estar dormindo.

Olhou para a mesa, para o tratado no qual estava trabalhando. Era o tipo de coisa que Sazed ou Elend deveria ter escrito, não ele.

— Sabe, lembro-me muito bem de dizer a Kelsier que eu *não* queria terminar a cargo de nada importante. Governar reinos e cidades é trabalho para tolos, não para ladrões! Governar é ineficiente demais para fornecer uma renda adequada.

— Brisinha! — Allrianne insistiu, *puxando* as emoções dele de forma bastante descarada.

Ele suspirou, erguendo-se.

— Muito bem — grunhiu. *Honestamente*, pensou. *Como acontece de, todas as pessoas qualificadas no pequeno bando de Kelsier, logo* eu *terminar aqui, dirigindo uma cidade?*

Ele se juntou a Allrianne à janela, espiando o lado de fora.

— O que eu tenho exatamente de ver, querida? Eu não…

Ele parou de falar e franziu a testa. Ao lado dele, Allrianne tocou seu braço, parecendo preocupada enquanto olhava para o exterior.

— Ora, isso *é* estranho — ele disse. As brumas fluíam, movendo-se como um rio, e pareciam estar acelerando.

A porta do quarto se abriu de uma vez. Brisa teve um sobressalto, e Allrianne soltou um gritinho. Eles giraram e viram Fantasma em pé na soleira, ainda coberto parcialmente por curativos.

— Reúna o povo — o garoto crocitou, segurando o batente para não despencar. — Precisamos partir.

— Meu caro garoto — Brisa falou, perturbado. Allrianne pegou o braço dele, segurando-o em silêncio, mas com firmeza. — Meu caro garoto, o que foi? Deveria estar na cama!

— Reúna o povo, Brisa! — Fantasma ordenou, de repente soando muito autoritário. — Leve todos para a caverna. Enfie todos lá! Rápido! Não temos muito tempo!

*

— O que acha disso? — Ham perguntou, limpando a testa. O sangue imediatamente vazou do corte novamente, correndo rosto abaixo.

Elend balançou a cabeça, suspirando profundamente — quase em soluços — enquanto se recostava na lateral de uma rocha irregular. Fechou os olhos, a fadiga fazendo o corpo tremer, apesar do peltre.

— Eu não ligo para as brumas agora, Ham — sussurrou. — Mal consigo pensar direito.

Ham grunhiu, concordando. Ao redor deles, homens berravam e morriam, lutando as ondas infinitas de koloss. Eles tinham conseguido engarrafar algumas das criaturas no corredor natural de pedra que levava a Fadrex, mas as lutas reais estavam acontecendo nas formações irregulares de pedra que cercavam a cidade. Muitos koloss, cansados de esperar lá foram, haviam começado a escalar para atacar das laterais.

Era um campo de batalha precário, um que sempre exigia a atenção de Elend. Tinham um grande número de alomânticos, mas a maioria deles era inexperiente — nem sequer sabiam de seus poderes até aquele dia. Elend era uma força reserva de um homem só, saltando pelas linhas de defesa, tampando buracos enquanto Cett direcionava a tática lá embaixo.

Mais gritos. Mais mortes. Mais metal contra metal, pedra e carne. *Por quê?*, pensou Elend com frustração. *Por que não consigo protegê-los?* Ele avivou peltre, dando um suspiro profundo e levantando-se.

As brumas fluíam lá em cima, como se puxadas por alguma força invisível. Por um momento, mesmo exausto como estava, ele estacou no lugar.

— Lorde Venture! — alguém gritou. Elend se virou, olhando para a direção do som. Um jovem mensageiro cambaleava ao lado do afloramento de rocha, de olhos arregalados.

Ah, não…, pensou Elend, ficando tenso.

— Milorde, eles estão recuando! — o garoto disse, tropeçando até parar diante de Elend.

— Como? — Ham perguntou, levantando-se.

— É verdade, milorde. Estão recuando pelos portões da cidade! Estão indo embora.

Elend imediatamente soltou uma moeda, lançando-se para o céu. As brumas fluíam ao seu redor, seus tentáculos como um milhão de pequenas correntes sendo puxadas para leste. Lá embaixo, ele viu as formas escuras e gigantescas dos koloss fugindo noite adentro.

Tantos deles, pensou, aterrissando em uma formação rochosa. *Nunca teríamos derrubado essa força. Nem mesmo com alomânticos.*

Mas estavam partindo. Correndo a uma velocidade sobre-humana. Em direção…

A Luthadel.

Vin lutava como uma tempestade, espalhando água da chuva através da noite escura enquanto derrubava Inquisidor após Inquisidor.

Ela não deveria estar viva. Havia ficado sem peltre, mas o sentia se avivando dentro de si, queimando mais forte do que nunca. Sentia como se o próprio sol de sangue queimasse em seu interior correndo como lava por suas veias.

Cada *empurrão* de aço ou *puxão* de ferro batia contra ela como se fosse executado com a força do duralumínio. Ainda assim, suas reservas internas de metal não desapareciam. Em vez disso, aumentavam. Ficavam mais vastas. Ela não sabia o que estava acontecendo. No entanto, *sabia* de uma coisa.

De repente, lutar com doze Inquisidores de uma vez não parecia uma tarefa impossível.

Ela urrou, lançando um Inquisidor para o lado, então se esquivou de dois machados. Agachou e saltou, descrevendo um arco através da chuva e caindo ao lado de Marsh, que ainda estava deitado, em estado de choque, no lugar onde ela o jogara depois de ter "renascido".

Ele ergueu os olhos, finalmente parecendo se concentrar nela, praguejou e rolou para longe quando Vin desferiu um soco em sua direção. O punho estilhaçou um paralelepípedo, esguichando uma onda de água da chuva que lavou seus braços e rosto, deixando manchas de cinzas pretas para trás.

Vin ergueu os olhos para Marsh. Ele estava em pé, peito nu, as estacas reluzindo na escuridão.

Ela sorriu e girou para encarar os Inquisidores que a perseguiam. Gritou, desviando de um golpe de machado. Já tinham essas criaturas parecido rápidas para ela antes? Dentro de seu abraço de peltre ilimitado, Vin parecia se mover como a própria bruma. Leve. Rápida.

Em total liberdade.

O céu rodopiava em sua própria tempestade enquanto ela atacava, movendo-se em um frenesi serpenteante. As brumas giravam ao redor do braço de Vin, em um vórtice, conforme ela esmurrava um Inquisidor no rosto, lançando-o para trás. As brumas dançavam à sua frente enquanto agarrava o machado do Inquisidor caído e arrancava o braço de outro. Tirou-lhe a cabeça em seguida, deixando os demais surpresos com a velocidade de seus movimentos.

São dois mortos.

Atacaram de novo. Vin saltou para trás, *puxando-se* na direção dos pináculos. O bando de corvos avançou atrás dela, as túnicas se debatendo na escuridão úmida. Ela atingiu um pináculo com os pés, em seguida se lançou para cima e *puxou* as estacas de um Inquisidor, algo fácil de se fazer com todo aquele novo poder. Sua presa escolhida voou à frente dos companheiros.

Vin se lançou para baixo, encontrando o Inquisidor no ar. Ela o agarrou pelas estacas dos olhos e as puxou, arrancando-as de uma vez com a força recém-descoberta. Em seguida, chutou a criatura para longe e a *empurrou* contra as estacas no peito.

Ela subiu pelos ares; um cadáver caindo e girando sob ela, buracos imensos na cabeça onde antes estiveram as estacas. Eles poderiam perder algumas e sobreviver, ela sabia, mas a remoção de outras era fatal. Perder as duas dos olhos parecia bastar para matá-los.

Três.

Inquisidores atingiram o pináculo do qual ela havia se *empurrado* e saltaram para segui-la. Vin sorriu e jogou as estacas que ainda carregava, acertando um dos Inquisidores no peito com elas. Em seguida, *empurrou*. O Inquisidor infeliz foi lançado para baixo e atingiu um telhado reto de forma tão violenta que várias estacas foram arrancadas do corpo. Elas reluziram e giraram no ar, então caíram ao lado do cadáver imóvel.

Quatro.

A capa de bruma de Vin esvoaçou quando ela se lançou para cima. Oito Inquisidores ainda a perseguiam, estendendo os braços para ela. Aos gritos, Vin ergueu as mãos na direção das criaturas quando começou a cair. Em seguida, *empurrou*.

Ela não havia percebido como eram fortes seus novos poderes. Eram claramente semelhantes ao duralumínio, pois ela conseguia afetar as estacas dentro do corpo de um Inquisidor. Seu *empurrão* avassalador forçou o bando inteiro para baixo, como se tivessem sido todos golpeados. Na verdade, seu *empurrão* também atingiu o pináculo de metal bem abaixo dela.

A estrutura de pedra que segurava o pináculo explodiu, espalhando lascas e poeira quando o pináculo esmagou o prédio abaixo. E Vin foi lançada para cima.

Muito rápido.

Ela cruzou o céu, as brumas deixando uma trilha atrás dela, a força do *empurrão* forçando até mesmo seu corpo fortalecido pelas brumas com a

resistência à aceleração repentina.

E, então, quando percebeu, estava fora das brumas. Emergiu no ar aberto como um peixe saltando da água. Abaixo dela, as brumas cobriam a terra escurecida como um enorme cobertor branco. Ao redor, havia apenas o ar aberto. Perturbador, estranho. Sobre ela, um milhão de estrelas — normalmente visíveis apenas para alomânticos — a observava como os olhos dos que haviam morrido havia muito tempo.

O impulso se esgotou, e ela girou em silêncio, brancura abaixo, luz acima. Percebeu que havia deixado uma rastro de bruma para fora da nuvem principal, pendendo como uma corda pronta para puxá-la de volta. Na verdade, todas as brumas giravam levemente no que parecia um enorme padrão climático. Um redemoinho branco.

O coração do redemoinho estava bem embaixo dela.

Vin caiu, mergulhando de volta à terra. Entrou nas brumas, atraindo-as em seu encalço, respirando-as. Enquanto caía, pôde senti-las investindo ao seu redor em uma espiral gigantesca que cobria todo o império. Ela as recebia em si, e o vórtice de brumas à sua volta aumentava com crescente violência.

Instantes depois, Luthadel apareceu, uma gigantesca marca escura na terra. Vin caiu, rumando para Kredik Shaw e seus pináculos, que pareciam apontar para ela. Os Inquisidores ainda estavam lá — conseguia vê-los em pé no telhado reto entre as torres, olhando para cima. Esperando. Havia apenas oito, sem contar Marsh. Um estava empalado em um pináculo próximo do último empurrão. O golpe parecia ter arrancado a estaca central das costas.

Cinco, pensou Vin, aterrissando a uma curta distância dos Inquisidores. Se um único *empurrão* podia lançá-la tão alto que ela atravessou as brumas, então o que aconteceria se *empurrasse* para fora?

Esperou calmamente os Inquisidores atacarem. Ela percebeu o desespero nos movimentos deles. Algo estava acontecendo com Vin, e Ruína aparentemente estava disposto a arriscar todas as criaturas na esperança de que a matassem antes que tal acontecimento se completasse. As brumas seguiam na direção dela, movendo-se com rapidez cada vez maior, atraídas para dentro de Vin como água sugada por um ralo.

Quando os Inquisidores estavam prestes a alcançá-la, ela *empurrou* para fora novamente, jogando qualquer metal para longe de si com toda a força que conseguiu reunir, ao mesmo tempo fortalecendo o corpo com um avivamento gigantesco de peltre. Pedras racharam. Inquisidores berraram.

E Kredik Shaw explodiu.

As torres tombaram das fundações. Portas foram arrancadas dos batentes. Janelas se estilhaçaram. Blocos estouraram, a estrutura inteira partindo-se em pedaços conforme seus metais se desalojavam. Vin gritou enquanto *empurrava*, o chão tremendo abaixo dela. Tudo — mesmo pedra e rocha, que obviamente continham traços residuais de minério metálico — foi violentamente lançado para trás.

Ela arfou, cessando o *empurrão*. Respirou fundo, sentindo a chuva cair contra o corpo. O edifício que fora o palácio do Senhor Soberano tinha desaparecido, esmagado até virar escombros que se espalhavam ao redor dela como uma cratera.

Um Inquisidor saiu dos escombros, o rosto sangrando do lugar onde uma das estacas havia sido arrancada. Vin ergueu a mão, *puxando* e se equilibrando com um apoio atrás. A cabeça do Inquisidor se lançou à frente, e a outra estaca de olho se soltou. Ele tombou para frente, e Vin agarrou a estaca, *empurrando-a* na direção de outro Inquisidor que corria em sua direção. Ele ergueu a mão para *empurrá-la* de volta.

E Vin continuou *empurrando*, ignorando o gesto dele com um rápido *empurrão* para trás para se estabilizar. A criatura foi lançada para longe e bateu nos restos de uma parede. A estaca continuou a avançar, empurrada como um peixe nadando à toda através da água, ignorando a corrente. Acertou o rosto do Inquisidor, esmagando-o, pregando a cabeça contra o granito.

Seis e sete.

Vin atravessou os escombros, as brumas rodopiando tempestuosas. No céu, giravam com fúria, formando uma nuvem afunilada com ela no centro. Era como um tornado, mas sem correntes de vento. Apenas brumas impalpáveis, como se pintadas no ar. Girando, rodopiando, aproximando-se ao seu comando silencioso.

Ela foi até o corpo de um Inquisidor que havia sido esmagado pelos escombros. Chutou a cabeça dele para longe para ter certeza de que estava morto.

Oito.

Três correram para ela de uma vez. Vin gritou, virando-se, *puxando* um pináculo caído. A peça gigantesca de metal — quase tão grande quanto o prédio em si — sacudiu-se no ar, girando ao seu comando. Ela golpeou os Inquisidores como se usasse um bastão, esmagando-os. Então se virou, deixando o enorme

pilar de ferro caído sobre os cadáveres.

Nove. Dez. Onze.

A tempestade parou, embora as brumas continuassem a girar. A chuva deu uma trégua enquanto Vin caminhava pelo edifício em ruínas, os olhos buscando linhas azuis alomânticas em movimento. Encontrou uma trêmula à frente, seguiu-a e jogou de lado um enorme disco de mármore. Um Inquisidor grunhiu embaixo dele. Ela estendeu o braço e percebeu que sua mão estava vazando bruma, que não apenas rodopiava ao redor dela, mas vinha dela, soltando-se pelos poros. Vin exalou, e brumas saíram de seu fôlego, entrando imediatamente no vórtice e voltando para ela.

Agarrou o Inquisidor, erguendo-o. A pele dele começou a se curar com seus poderes feruquêmicos, e ele se debateu, ficando mais forte. Ainda assim, mesmo a força impressionante da Feruquemia fazia pouca diferença contra Vin. Ela arrancou as estacas dos olhos, jogou-as de lado e deixou o cadáver cair sobre os escombros.

Doze.

Encontrou o último Inquisidor encolhido em uma poça d'água. Era Marsh. Seu corpo estava quebrado em vários pontos, e uma das estacas havia saído da lateral. O buraco da estaca sangrava, mas aparentemente não bastava para matá-lo. Ele virou o par de estacas de olho para encará-la, sua expressão rígida.

Vin hesitou, respirou fundo, sentindo a água da chuva escorrer pelos braços e pingar dos dedos. Ainda queimando por dentro, olhou para cima, encarando o vórtice de brumas. Estavam girando com muita força, rodopiando para baixo. Vin teve dificuldade para pensar com toda a energia que percorria seu corpo.

Baixou os olhos novamente.

Este não é Marsh, ela pensou. *O irmão de Kelsier está morto há muito tempo. É algo diferente. Ruína.*

As brumas rodopiaram em uma tormenta final, o movimento circular ficando mais rápido, ainda que mais estreito, conforme seus últimos traços giravam e entravam no corpo de Vin.

Então, elas desapareceram. A luz das estrelas brilhava e os flocos de cinzas caíam pelo ar. A paisagem noturna era assustadora em seu silêncio, escuridão e transparência. Mesmo com estanho — que a permitia ver à noite muito melhor que pessoas normais —, as brumas sempre estiveram lá. Ver a paisagem noturna sem elas era… errado.

Vin começou a tremer. Ela arfou, sentindo o fogo dentro de si queimar cada vez mais. Era Alomancia como nunca conhecera antes. Sentia como se nunca a houvesse entendido. O poder era muito maior que metais, meros *empurrões* e *puxões*. Era algo incrivelmente mais vasto. Um poder que homens tinham usado, ainda que nunca verdadeiramente compreendido.

Ela se forçou a abrir os olhos. Ainda havia um Inquisidor a derrotar. Ela os atraíra até Luthadel, forçara-os a se expor, montando uma armadilha para alguém muito mais poderoso que ela. E as brumas tinham reagido.

Era hora de terminar o que fora fazer.

*

Marsh observou Vin se ajoelhar. Trêmula, ela estendeu a mão para uma de suas estacas de olho.

Não havia nada que pudesse fazer. Havia exaurido a maior parte da cura em sua mente de metal, e o restante não adiantaria de nada. Cura armazenada funcionava pela velocidade. Poderia se curar um pouco muito rápido ou esperar para se curar lenta, mas completamente. De qualquer forma, estaria morto assim que Vin puxasse as duas estacas.

Finalmente, ele pensou com alívio quando ela agarrou a primeira estaca. *Seja lá o que eu tenha feito… funcionou. De alguma forma.*

Ele sentiu a raiva de Ruína, sentiu o mestre percebendo o erro. No final, Marsh importara. No final, Marsh não havia desistido. Deixara Mare orgulhosa.

Vin arrancou a estaca. Doeu, claro, muito mais do que Marsh pensaria ser possível. Ele berrou, com dor e alegria, quando Vin estendeu a mão para a outra estaca.

Então ela hesitou. Marsh aguardou com ansiedade. Ela tremeu, tossiu e se contorceu. Cerrou os dentes, estendendo a mão para ele. Os dedos tocaram a estaca.

E, então, ela desapareceu.

Deixou para trás o contorno brumoso de uma jovem, que se dissipou e logo desapareceu também, deixando Marsh sozinho nos escombros de um palácio, a cabeça queimando de dor, o corpo coberto de cinzas nojentas e encharcadas.

Uma vez, ela perguntou à Ruína por que a havia escolhido. A resposta principal é simples. Tinha pouco a ver com personalidade, atitudes ou mesmo com habilidades alomânticas.

Ela era simplesmente a única criança que Ruína pôde encontrar que tinha condições de ganhar a estaca hemalúrgica certa — uma que aumentaria seu poder com bronze, que permitiria que ela pressentisse o local do Poço da Ascensão. Tinha uma mãe insana, uma irmã Buscadora e era, ela mesma, uma Nascida da Bruma. Era precisamente a combinação de que Ruína precisava.

Havia outros motivos, claro. Mas esses nem mesmo Ruína conhecia.

74

O dia nasceu sem Brumas.

Elend estava no topo das rochas diante da Cidade de Fadrex, vigiando. Sentia-se muito melhor com uma noite de descanso, embora o corpo estivesse dolorido pelas lutas, o braço latejasse onde havia sido ferido, e o peito doesse onde, por um descuido, permitira que um koloss o golpeasse. A imensa escoriação teria aleijado outro homem.

Os cadáveres das feras se amontoavam no terreno diante da cidade, em pilhas especialmente altas no corredor que levava para dentro de Fadrex. Toda a área cheirava a morte e sangue seco. Com muito mais frequência do que Elend gostaria, o campo de corpos azuis era salpicado pela pele mais clara de seres humanos. Ainda assim, Fadrex havia sobrevivido, mesmo que apenas pelo acréscimo de vários milhares de alomânticos de última hora e a retirada dos koloss no final.

Por que partiram?, imaginou Elend, agradecido, ainda que frustrado. *E, talvez ainda mais importante, para onde estavam indo?*

Elend se virou ao ouvir os passos na pedra e viu Yomen escalando os degraus grosseiramente esculpidos para se juntar a ele, ofegando um pouco e ainda impecável na túnica de obrigador. Ninguém havia esperado que lutasse. Era, no fim das contas, um estudioso, não um guerreiro.

Como eu, pensou Elend, sorrindo de lado.

— As brumas desapareceram — Yomen disse.

Elend assentiu.

— De dia e à noite.

— Os skaa correram para dentro de casa quando as brumas sumiram. Alguns ainda se recusam a sair. Por séculos, eles temeram sair por causa das brumas. Agora que desapareceram, eles acham tão estranho que se escondem novamente.

Elend se afastou, olhando novamente ao longe. As brumas foram embora, mas as cinzas ainda caíam. E caíam com força. Os cadáveres deixados durante a noite já estavam quase enterrados.

— O sol sempre foi quente assim? — Yomen perguntou, limpando a testa.

Elend franziu o cenho, percebendo pela primeira vez que *estava* quente de fato. Ainda era cedo, mas já parecia quase fim da manhã.

Algo ainda está errado, ele pensou. *Muito errado. Pior até.* As cinzas sufocavam o ar, pairando na brisa, cobrindo tudo. E o calor… não deveria estar ficando mais *frio* à medida que mais cinza voava no ar, bloqueando a luz do sol?

— Forme equipes, Yomen — Elend disse. — Mande que procurem entre os corpos e busquem feridos na bagunça lá embaixo. Depois, reúna as pessoas e comece a movê-las para a caverna-depósito. Diga aos soldados para estarem prontos para… para alguma coisa. Não sei o que ainda.

Yomen franziu a testa.

— Está falando como se você não fosse estar aqui para me ajudar.

Elend se voltou para leste.

— Não estarei.

Vin ainda estava fora, em algum lugar por lá. Ele não entendia por que ela dissera o que dissera sobre o atium, mas confiava na esposa. Talvez pretendesse distrair Ruína com mentiras. Elend suspeitava que, de alguma forma, as pessoas em Fadrex deviam a vida a ela. Tinha atraído os koloss para longe — tinha descoberto algo, algo que ele não conseguia sequer imaginar.

Ela sempre reclama que não é estudiosa, pensou ele, sorrindo para si mesmo. *Mas isso é apenas porque lhe falta educação formal. Ela é duas vezes mais astuta que metade dos "gênios" que conheci durante meus dias na corte.*

Ele não podia deixá-la sozinha. Precisava encontrá-la. Então… Bem, não sabia o que fazer em seguida. Encontrar Sazed, talvez? De qualquer forma, não havia mais nada que pudesse fazer em Fadrex. Ele caminhou até os degraus para descê-los, com a intenção de encontrar Ham e Cett. No entanto, Yomen pousou a mão em seu ombro.

Elend se virou.

— Eu estava errado sobre você, Venture. As coisas que disse, você não as merecia.

— Você me deixou entrar em sua cidade quando meus homens foram cercados pelos koloss — Elend disse. — Não me importa *o que* disse sobre mim. Você é um bom homem e tem a minha estima.

— Mas você está errado sobre o Senhor Soberano. Ele está guiando tudo isso.

Elend apenas sorriu.

— Não me incomodo que não acredite — Yomen continuou, tocando a própria testa. — Aprendi uma coisa. O Senhor Soberano usa os infiéis e os fiéis. Somos todos parte de seu plano. Aqui.

Yomen tirou a conta de atium da testa.

— Minha última conta. Caso você precise.

Elend aceitou o pedacinho de metal, rolando-o nos dedos. Nunca havia queimado atium. Por anos, sua família havia supervisionado a mineração, mas, na época em que Elend se tornara um Nascido da Bruma, já havia gastado o que conseguira obter ou entregado a Vin para ser queimado.

— Como fez isso, Yomen? — ele perguntou. — Como fez parecer que era um alomântico?

— Eu *sou* um alomântico, Venture.

— Não um Nascido da Bruma.

— Não — Yomen disse. — Um Vidente: um Brumoso de atium.

Elend assentiu. Sempre supusera ser impossível, mas era difícil confiar nas suposições sobre *qualquer coisa* nos últimos tempos.

— O Senhor Soberano sabia do seu poder?

Yomen sorriu.

— Ele se esforçava muito para guardar certos segredos.

Brumosos de atium, pensou Elend. *Isso significa que também há outros… Brumosos de ouro, Brumosos de electrum…* Embora pensasse que alguns deles, como Brumosos de alumínio ou de duralumínio, seriam impossíveis de encontrar, pois não teriam como usar esses metais sem a capacidade de queimar outro.

— De qualquer forma, o atium era valioso demais para testar pessoas quanto aos poderes alomânticos — Yomen comentou, virando-se. — Nunca achei, de verdade, o poder muito útil. Com que frequência alguém tem atium e o desejo de esgotá-lo em alguns segundos? Pegue esse pedaço e vá encontrar sua esposa.

Elend hesitou por um instante e guardou a conta de atium, descendo para dar a Ham algumas instruções. Alguns minutos mais tarde, estava atravessando a terra, fazendo seu melhor para voar com ferraduras, como Vin havia lhe ensinado.

Cada estaca hemalúrgica fincada no corpo de uma pessoa dava a Ruína um pouco de capacidade de influenciá-la. Isso era atenuado, porém, pela força mental daquele que estava sendo controlado.

Na maioria dos casos — dependendo do tamanho da estaca e do tempo de uso —, uma única estaca dava a Ruína poderes mínimos sobre a pessoa. Podia aparecer para ela e deturpar seus pensamentos levemente, fazendo-a ignorar algumas estranhezas — como, por exemplo, sua compulsão em manter e usar um simples brinco.

75

Sazed juntou suas anotações, empilhando cuidadosamente as folhas finas de metal. Embora o metal servisse para a importante função de impedir que Ruína modificasse ou talvez até mesmo lesse seu conteúdo, Sazed as considerava um pouco frustrantes. As placas riscavam com facilidade e não podiam ser dobradas ou encadernadas.

Os anciãos kandra lhe deram um lugar para ficar, e era uma caverna surpreendentemente luxuosa. Os kandra, pelo visto, gostavam de confortos humanos — cobertores, almofadas, colchões. Alguns até preferiam usar roupas, embora aqueles que não usavam acabassem por dispensar genitais para seus Corpos Verdadeiros, o que para Sazed suscitava várias questões de natureza acadêmica. Eles se reproduziam transformando espectros das brumas em kandra, então genitália seria redundante. Ainda assim, os kandra identificavam-se por gênero — cada qual definido absolutamente como “ele” ou “ela”. Então, como sabiam? Escolhiam arbitrariamente ou realmente sabiam o que teriam sido, caso tivessem nascido seres humanos em vez de espectros das brumas?

Ele desejava ter mais tempo para estudar aquela sociedade. Até então, tudo que fizera na Terra Natal se concentrara em saber mais do Herói das Eras e da religião de Terris. Fizera uma página de anotações sobre o que havia descoberto e a deixara sobre sua pilha metálica. Parecia surpreendente ou deprimentemente semelhante a quaisquer outras páginas em sua pasta.

A religião de Terris, como seria esperado, concentrava-se muito no conhecimento e na erudição. Os Portadores do Mundo — a expressão deles para Guardadores — eram homens e mulheres sagrados que transmitiam conhecimento, mas também escreviam sobre seu deus, Terr. Era a palavra antiga para “preservar”. O enfoque central da religião eram as histórias de como Preservação — ou Terr — e Ruína interagiam, o que incluía várias profecias sobre o Herói das Eras, que era visto como o sucessor de Preservação.

Mas, além das profecias, os Portadores do Mundo ensinavam a modéstia, a fé e a compreensão ao seu povo. Ensinavam que era melhor construir que destruir, um princípio que estava no âmago dos ensinamentos. Claro, havia

rituais, ritos, iniciações e tradições. Havia também líderes religiosos menores, oferendas exigidas e códigos de conduta. Tudo parecia bom, mas não muito original. Até o enfoque na erudição era algo compartilhado por várias dezenas de outras religiões que Sazed havia estudado.

O que, por algum motivo, o deprimia. Era apenas outra religião.

O que havia esperado? Alguma doutrina surpreendente que provaria de uma vez por todas que havia um deus? Sazed se sentia um tolo. Por outro lado, também se sentia traído. Fora isso que viera descobrir após atravessar exultante e ansiosamente meio império? Eram apenas mais palavras. Agradáveis, como a maioria em sua pasta, mas pouco convincentes. Ele devia acreditar nelas apenas porque foi a religião seguida pelo seu povo?

Naquela religião não havia promessas de que Tindwyl ainda vivia. Por que, afinal, as pessoas seguiam esta ou qualquer das religiões? Frustrado, Sazed mergulhou em suas mentes de metal, despejando um monte de relatos na própria cabeça. Escritos que os Guardadores haviam descoberto: diários, cartas, outras fontes das quais estudiosos haviam reunido o que no passado fora digno de crença. Ele os vasculhou, pensou neles, leu.

O que deixava essas pessoas tão dispostas a aceitar suas religiões? Eram simples produtos da sociedade, críveis porque era tradição? Ele leu sobre a vida delas e tentou se persuadir de que as pessoas eram ingênuas, de que nunca haviam realmente questionado as próprias crenças. Certamente teriam visto falhas e incoerências se tivessem tirado um tempo para racionalizar e discernir.

Sazed ficou sentado com olhos fechados, uma abundância de informações vindas de diários e cartas na mente, buscando pelo que esperava encontrar. No entanto, com o passar do tempo, ele não descobriu o que procurava. As pessoas não pareciam tolas para ele. Então, algo lhe ocorreu. Algo sobre as palavras e os sentimentos de todos que acreditavam.

Antes, Sazed examinara as doutrinas em si. Dessa vez, viu-se estudando as pessoas que tinham acreditado, ou ao menos as que conseguia encontrar. Enquanto lia suas palavras novamente, dentro da cabeça, começou a enxergar algo. As fés que ele examinara não podiam ser dissociadas das pessoas que tinham aderido a elas. No campo do abstrato, aquelas religiões eram insípidas. Porém, conforme lia as palavras das pessoas — realmente as *lia* — começava a discernir padrões.

Por que elas acreditavam? Porque viam milagres. As coisas que um homem via como acaso, um homem de fé via como sinal. Um ente querido recuperando-

se de uma doença, um negócio bem-sucedido, um encontro oportuno com um amigo com quem perdera o contato. Não eram as grandes doutrinas ou os ideais ambiciosos que pareciam transformar homens em fiéis. Era a simples mágica do mundo ao redor.

O que foi que Fantasma disse?, pensou Sazed, sentado em uma caverna kandra obscura. *Que a fé significava confiança. Confiar que alguém está olhando. Confiar que alguém fará tudo dar certo no final, mesmo que as coisas parecessem terríveis no momento.*

Aparentemente, para acreditar era necessário *querer* acreditar. Era um problema lógico com o qual Sazed havia lutado. Queria que algo ou alguém o forçasse a ter fé. Queria ter de acreditar pelas provas que lhe apresentassem.

Mesmo assim, os fiéis cujas palavras agora enchiam sua mente teriam dito que ele já tivera sua prova. Em seu momento de desespero, ele não havia recebido uma resposta? Quando estava prestes a desistir, TenSoon falara. Sazed implorara por um sinal e o recebera.

Teria sido acaso? Teria sido a providência?

No fim, ao que parecia, cabia a ele decidir. Aos poucos, devolveu as cartas e diários às mentes de metal, esvaziando a memória específica deles, mas retendo as sensações que tinham provocado. O que seria ele? Fiel ou cético? Naquele momento, nenhum dos caminhos parecia evidentemente estúpido.

Quero mesmo *crer*, pensou ele. *Por isso passei tanto tempo à procura. Não posso seguir os dois caminhos. Simplesmente preciso decidir.*

Qual seria? Ficou parado por alguns momentos, pensando, sentindo e — o mais importante — recordando.

Eu busquei ajuda, pensou Sazed. *E algo respondeu.*

Sazed sorriu, e tudo lhe pareceu um pouco mais vivo, mais claro. *Brisa estava certo*, pensou ele, erguendo-se e organizando suas coisas enquanto se preparava para partir. *Eu não sirvo para ser ateu.*

O pensamento parecia um pouco irreverente demais para o que acabara de acontecer com ele. Quando pegou as chapas de metal e se preparou para se encontrar com a Primeira Geração, percebeu que kandra passavam do lado de fora de sua humilde caverna, completamente alheios à decisão importante que acabara de tomar.

Mas era como as coisas geralmente funcionavam, pelo visto. Algumas decisões importantes eram feitas em um campo de batalha ou em uma sala de

reuniões. Mas outras aconteciam sem alarde, invisíveis aos outros. O que não a tornava menos importante para Sazed. Ele acreditaria. Não porque algo fora provado para ele além de sua capacidade de negar. Mas porque escolhera crer.

Assim como, percebeu, Vin no passado decidira acreditar e confiar no bando. Devido ao que Kelsier a ensinara. *Você me ensinou também, Sobrevivente*, pensou Sazed, seguindo pelo túnel de pedra para se encontrar com os líderes kandra. *Obrigado.*

Sazed atravessou os corredores da caverna, repentinamente ávido pela perspectiva de outro dia entrevistando os membros da Primeira Geração. Agora que havia tratado da maior parte da religião, planejava descobrir mais sobre o Primeiro Contrato.

Pelo que sabia, era o único ser humano além do Senhor Soberano a ter lido as palavras do Primeiro Contrato. Os membros da Primeira Geração tratavam o metal que continha o contrato com perceptível menos reverência do que outros kandra. Aquilo o havia surpreendido.

Claro, pensou Sazed, fazendo uma curva, *tem sentido. Para os membros da Primeira Geração, o Senhor Soberano era um amigo. Lembram a escalada de montanha com ele — seu líder, sim, mas não um deus. Como os membros do bando, de certa forma, que têm dificuldade em ver Kelsier como uma figura religiosa.*

Ainda perdido em pensamentos, Sazed caminhou até a Gruta da Confiança, cujas portas metálicas amplas estavam abertas. No entanto, ele parou logo na entrada. A Primeira Geração esperava em suas alcovas, como era normal. Não desceram até Sazed fechar as portas. Mas, estranhamente, os membros da Segunda Geração estavam nos púlpitos, dirigindo-se a multidões de kandra — que, apesar de serem muito mais reservados do que seria um grupo semelhante de seres humanos, ainda demonstravam um ar de ansiedade.

— …significa, KanPaar? — Um kandra menor estava perguntando. — Por favor, estamos confusos. Pergunte à Primeira Geração.

— Já falamos desse assunto — disse KanPaar, líder da Segunda Geração. — Não há motivo para ficarem alarmados. Olhem para vocês, apinhados, murmurando e fuxicando como se fossem seres humanos!

Sazed foi até um dos kandra mais jovens, posicionado ao lado de fora da Gruta da Confiança.

— Com licença — sussurrou. — Qual é o motivo dessa agitação?

— As brumas, Sagrado Portador do Mundo — a kandra, uma fêmea, supôs ele, sussurrou de volta.

— O que tem elas? — Sazed perguntou. — O fato de estarem ficando até cada vez mais tarde durante o dia?

— Não — a garota kandra respondeu. — O fato de elas terem *desaparecido*.

Sazed teve um sobressalto.

— *Quê?*

A kandra assentiu.

— Ninguém percebeu até hoje pela manhã. Ainda estava escuro lá fora, e um guarda saiu para verificar uma das saídas. Ele diz que não havia brumas lá fora, apesar de ser noite! Outros saíram também. Todos comprovaram.

— É uma questão simples — KanPaar disse para os kandra aglomerados. — Sabemos que estava chovendo a noite passada, e, às vezes, a chuva dispersa as brumas por um curto período. Elas voltarão amanhã.

— Mas não está chovendo agora — um dos kandra disse. — E não estava chovendo quando TarKavv saiu em patrulha. Há meses as brumas têm aparecido pela manhã. Para onde foram?

— Bobagem — KanPaar disse, acenando. — Ficaram preocupados quando as brumas começaram a permanecer pela manhã e agora reclamam que elas se foram? Somos *kandra*. Somos eternos; sobreviveremos a tudo. Não nos juntamos em multidões ruidosas. Voltem para os seus afazeres. Isso não significa nada.

— Não — uma voz sussurrou na caverna.

Cabeças se voltaram para cima, e o grupo todo silenciou.

— Não — Haddek, líder da Primeira Geração, repetiu de sua alcova oculta. — É importante, sim. Estávamos errados, KanPaar. Muito… muito errados. Deixem a Gruta da Confiança. Deixem apenas o Guardador. E espalhem a notícia. O dia da Resolução pode ter chegado.

Esse comentário apenas serviu para agitar ainda mais os kandra. Sazed ficou paralisado com a surpresa; jamais tinha visto tal reação naquelas criaturas, em geral muito calmas. Obedeceram à ordem — os kandra pareciam muito bons nisso — e saíram do recinto, mas houve sussurros e debates. Os da Segunda Geração se esgueiraram para fora por último, parecendo humilhados. Sazed observou sua saída, pensando nas palavras de KanPaar.

Somos eternos; sobreviveremos a tudo. De repente, os kandra começaram a

fazer mais sentido para ele. Como seria fácil ignorar o mundo lá fora, caso se fosse imortal. Eles haviam sobrevivido a tantos problemas e situações difíceis, motins e revoltas, que qualquer coisa que ocorresse lá fora devia parecer trivial.

Tão trivial, de fato, que era até possível ignorar as profecias da própria religião quando elas começavam a se concretizar. No fim das contas, o salão estava vazio, e um par de membros parrudos da Quinta Geração empurrou as portas até que se fechassem pelo lado de fora, deixando Sazed sozinho na parte de baixo do salão. Esperou pacientemente, arrumando as anotações na mesa, enquanto os membros da Primeira Geração se arrastavam de suas escadarias ocultas e se juntavam a ele no térreo da Gruta da Confiança.

— Diga-me, Guardador — Haddek disse enquanto seus irmãos se sentavam —, o que você pensa a respeito deste evento?

— O desaparecimento das brumas? — Sazed perguntou. — Parece algo calamitoso, embora eu tenha que admitir que não posso identificar um motivo específico para tanto.

— Isso porque há coisas que ainda não explicamos a você — Haddek respondeu, olhando para os outros. Eles pareciam muito perturbados. — Coisas relacionadas ao Primeiro Contrato e às promessas dos kandra.

Sazed preparou uma placa de metal.

— Por favor, prossiga.

— Devo pedir que não registre estas palavras — Haddek disse.

Sazed hesitou e abaixou a pena.

— Muito bem; mas devo alertar os senhores: a memória de um Guardador, mesmo sem suas mentes de metal, é muito longa.

— É algo que não se pode evitar — um dos outros falou. — Precisamos do seu conselho, Guardador. Como estrangeiro.

— Como um filho — outro sussurrou.

— Quando o Pai nos fez — Haddek disse. — Ele… nos deu uma obrigação. Algo diferente do Primeiro Contrato.

— Para ele, foi quase um pensamento de última hora — outro acrescentou. — Mesmo que, ao mencioná-lo, ele tenha deixado claro que era algo muito importante.

— Ele nos fez prometer… Cada um de nós… Ele nos disse que, um dia, poderia ser necessário que removêssemos nossas Bênçãos — explicou Haddek.

— Que as tirássemos de nosso corpo — outro comentou.

— Que nos matássemos — Haddek afirmou.

O salão ficou em silêncio.

— Têm certeza de que isso os mataria? — perguntou Sazed.

— Nos devolveria à forma de espectros das brumas — Haddek respondeu. — É essencialmente a mesma coisa.

— O Pai disse que teríamos de fazer isso — outro disse. — Não havia um "talvez". Disse que teríamos de garantir que os outros kandra soubessem dessa obrigação.

— Nós a chamamos de Resolução — Haddek explicou. — Cada kandra fica sabendo disso quando ele ou ela nasce. Recebem a obrigação, jurada e arraigada, de arrancar as próprias Bênçãos, caso a Primeira Geração assim ordene. Nunca a invocamos, até hoje.

— Mas os senhores estão considerando isso agora? — Sazed perguntou, franzindo o cenho. — Eu não entendo. Apenas pela maneira como as brumas estão se comportando?

— As brumas são o corpo de Preservação, Guardador — Haddek disse. — É um evento *muito* grave.

— Ouvimos nossos filhos discutirem a respeito disso a manhã toda — outro falou. — E isso nos perturba. Eles não sabem tudo o que as brumas representam, mas têm ciência de sua importância.

— Rashek disse que saberíamos — outro falou. — Foi o que nos disse. "Chegará o dia em que vocês terão de remover suas Bênçãos. E vocês saberão quando ele chegar".

Haddek assentiu.

— Ele disse que saberíamos. E… estamos muito preocupados.

— Como podemos ordenar a morte de todo o nosso povo? — outro perguntou. — A Resolução sempre me incomodou.

— Rashek viu o futuro — Haddek disse, virando-se. — Ele tinha o poder de Preservação e o utilizou. É o único homem a ter feito isso! Mesmo a garota de quem o Guardador fala não *usou* o poder. Apenas Rashek! O Pai.

— Onde, então, estão as brumas? — outro perguntou.

O salão ficou em silêncio novamente. Sazed ainda segurava a pena, mas não escreveu nada. Ele se inclinou para a frente.

— As brumas são o corpo de Preservação?

Os outros assentiram.

— E… elas desapareceram?

Novamente um assentimento.

— Isso não significa portanto que Preservação retornou?

— Isso é impossível — Haddek respondeu. — O poder de Preservação continua, pois o poder não pode ser destruído. No entanto, sua mente foi quase destruída, tendo sido o sacrifício que ele fez para aprisionar Ruína.

— A nesga continua — outro relembrou. — A sombra do eu.

— Sim — Haddek disse. — Mas não é Preservação; apenas uma imagem, um vestígio. Agora que Ruína escapou, acho que podemos supor que até mesmo isso foi destruído.

— Acho que é mais — outro começou. — Poderíamos…

Sazed ergueu as mãos, pedindo atenção.

— Se Preservação não retornou, talvez outra pessoa tenha assumido seu poder para usar nesta batalha. Não é o que seus ensinamentos dizem que acontecerá? Que aquilo que foi partido deve recomeçar a descobrir seu todo?

Silêncio.

— Talvez — Haddek disse.

Vin, pensou Sazed, cada vez mais entusiasmado. *É isso que significa ser o Herói das Eras! Estou certo em acreditar. Ela* pode *nos salvar!*

Sazed pegou parte da chapa de metal e começou a anotar seus pensamentos. Mas, naquele instante, as portas da Gruta da Confiança abriram-se com um estrondo.

Sazed hesitou, virando-se de cara fechada. Um grupo de membros da Quinta Geração com ossos de pedra adentraram a sala com passos pesados, seguidos pelos membros esguios da Segunda Geração. Lá fora, o corredor da caverna não abrigava a multidão de antes.

— Levem-nos — KanPaar disse furtivamente, apontando.

— O que significa isso?! — questionou Haddek.

Sazed ficou onde estava, ainda segurando a pena. Reconheceu a postura apressada e tensa nas figuras da Segunda Geração. Alguns pareciam assustados; outros determinados. Os da Quinta Geração avançaram rapidamente, seus movimentos fortalecidos pela Bênção da Potência.

— KanPaar! O que significa isso? — Haddek repetiu.

Lentamente, Sazed se levantou. Quatro kandra da Quinta Geração cercaram-no, com martelos nas mãos.

— É um golpe — Sazed disse.

— Os senhores não podem mais liderar — KanPaar disse à Primeira Geração. — Os senhores destruiriam o que temos aqui, poluindo nossa terra com estrangeiros, deixando que a fala de revolucionários turve a sabedoria kandra.

— Não é hora para isso, KanPaar — Haddek respondeu, os membros da Primeira Geração gritando ao serem empurrados e agarrados.

— Não é hora? — KanPaar perguntou, furioso. — O senhor falou da Resolução! Não tem ideia do pânico que isso causou? Os senhores iriam destruir *tudo* que temos.

Sazed se virou com calma, olhando para KanPaar. Apesar do tom raivoso, o kandra estava sorrindo levemente pelos lábios translúcidos.

Ele precisa dar o golpe agora, pensou Sazed, *antes que a Primeira Geração revele mais ao povo, tornando os da Segunda Geração obsoletos. KanPaar pode enfiar todos eles em algum lugar e colocar bonecos nas alcovas.*

Sazed estendeu o braço para pegar a mente de peltre. Um dos membros da Quinta Geração o afastou rapidamente, e dois outros pegaram Sazed pelos braços. Ele se debateu, mas os captores kandra tinham força sobre-humana.

— KanPaar! — Haddek gritou. A voz do kandra da Primeira era surpreendentemente forte. — Você é da Segunda Geração. Deve obediência a mim. Nós os criamos!

KanPaar o ignorou, instruindo seus kandra a prender os membros da Primeira Geração. Os outros Segundos estavam apinhados atrás dele, parecendo cada vez mais apreensivos e chocados com o que estavam fazendo.

— O tempo da Resolução pode ter mesmo chegado! — Haddek disse. — Precisamos… — Ele foi interrompido quando um da Quinta Geração o amordaçou.

— É exatamente por isso que devo tomar a liderança — KanPaar disse, balançando a cabeça. — Você está muito instável, velho. Não confiarei o futuro do nosso povo a uma criatura que poderia, em um ímpeto, ordenar que ele se mate.

— Você teme mudanças — Sazed disse, encarando os olhos do kandra.

— Temo instabilidade — KanPaar respondeu. — Vou garantir que os kandra tenham uma liderança firme e imutável.

— Esse é o mesmo argumento de muitos revolucionários — Sazed apontou. — E posso ver sua preocupação. Porém, você não *deve* fazer isso. Suas profecias estão chegando a um ponto crucial. Agora eu entendo! Sem a parte que os kandra devem desempenhar, você poderia causar inadvertidamente o fim de todas as coisas. Deixe-me continuar a minha pesquisa, tranque-nos nesta sala se precisar, mas não…

— Amordacem-no! — KanPaar ordenou, dando as costas.

Sazed lutou, sem sucesso, enquanto era amordaçado e empurrado para fora da Gruta da Confiança, deixando o atium — o corpo de um deus — para trás, nas mãos de traidores.

Sempre me perguntei sobre a estranha capacidade que os alomânticos têm de perfurar as brumas. Quando um deles queimava estanho, conseguia ver mais longe à noite, através das brumas. Para leigos, isso talvez parecesse ter uma relação lógica; afinal, o estanho amplifica os sentidos.

Porém, a mente lógica pode achar essa capacidade desconcertante. Como, exatamente, o estanho deixava alguém ver através das brumas? Como uma obstrução, elas não têm relação com a qualidade da visão de uma pessoa. Tanto um erudito míope como um batedor de excelente visão teriam o mesmo problema em enxergar a distância se houvesse uma parede no meio do caminho.

Essa, então, deveria ter sido nossa primeira pista. Alomânticos podiam ver através das brumas porque as brumas eram, de fato, compostas do mesmo poder que a Alomancia. Quando sintonizado pela queima de estanho, o alomântico era quase parte das brumas. E, portanto, elas ficavam translúcidas para ele.

76

Vin… flutuava. Não estava adormecida, mas tampouco se sentia exatamente acordada. Estava desorientada, confusa. Ainda estava caída no pátio arrasado de Kredik Shaw? Dormindo na cabine a bordo do barco com Elend? Em seus aposentos do palácio em Luthadel, a cidade sitiada? Na oficina de Trevo, preocupada e confusa com a gentileza daquele novo bando estranho?

Encolhida em um beco, chorando, com as costas doloridas devido a mais um dos espancamentos de Reen?

Ela tateou, tentando discernir seus arredores. Seus braços e pernas pareciam não funcionar. De fato, não conseguia sequer se concentrar neles. No entanto, quanto mais flutuava, mais sua mente ficava clara. Ela estava… em Luthadel. Após matar os Inquisidores.

Por que não conseguia sentir nada? Tentou se abaixar, ficar de joelhos, mas o chão parecia estranhamente distante. E ela não via os braços diante de si. Apenas continuava a flutuar.

Estou morta, pensou.

Assim que aquilo lhe ocorreu, ela acordou um pouco mais. Conseguia ver, mas era como se olhasse através de um vidro muito embaçado, destorcido. Sentia… uma força zumbindo em si. Uma força diferente da dos membros, mas de alguma forma mais versátil.

Conseguiu se virar e ter uma visão ampla da cidade. E, em pleno giro, sabia deparou-se com algo escuro.

Não dizer o quanto estava distante. Parecia próximo e longínquo ao mesmo tempo. Conseguia vê-lo em detalhes, muito mais detalhes do que via no mundo real, mas não podia tocá-lo. Sabia, instintivamente, o que era.

Ruína não mais parecia Reen. Em vez disso, manifestava-se como um grande amontoado de fumaça preta em movimento. Algo sem corpo, mas com uma consciência maior do que um simples ser humano.

Isso… é o que me tornei, percebeu Vin, os pensamentos ficando mais claros.

Vin, falou Ruína. Sua voz não era a de Reen, mas algo um tanto mais…

gutural. Era uma vibração que atravessava seu corpo, como um pulso alomântico.

Bem-vinda, disse Ruína, *ao lado dos deuses.*

Vin permaneceu em silêncio, embora vasculhasse seu poder, tentando entender o que podia fazer. A compreensão pareceu vir a ela. Era como antes, quando tomara o poder no Poço da Ascenção. Ela imediatamente *soube* das coisas. Só que, dessa vez, o poder era tão vasto — a compreensão, tão grande — que parecia ter deixado sua mente atordoada. Felizmente, aquela mente estava se expandindo, e Vin crescia.

Despertava.

Vin se ergueu sobre a cidade, sabendo que o poder que girava através dela, o âmago de sua existência, era simplesmente um eixo central. Um foco para a força que se estendia sobre o mundo inteiro. Ela conseguia estar em qualquer lugar que desejasse. De fato, parte dela estava em todos os lugares de uma vez. Conseguia ver o mundo como um todo.

E o mundo estava morrendo. Vin sentia os tremores, via a vida declinar. A maior parte da vida vegetal no planeta já estava morta. Os animais seriam os próximos; os sobreviventes até então eram aqueles que tinham conseguido encontrar uma maneira de mastigar as folhagens mortas, agora cobertas de cinzas. Os seres humanos não ficariam para trás, embora Vin achasse interessante observar que um percentual surpreendente deles havia descoberto caminhos para uma ou outra caverna-depósito.

Não são cavernas-depósitos…, pensou Vin, finalmente entendendo o propósito do Senhor Soberano. *Abrigos. Por isso são tão vastos. São como fortalezas para as pessoas se esconderem. Esperar, sobreviver um pouco mais.*

Bem, ela consertaria aquilo. Sentia-se energizada pelo poder. Estendeu a mão e tampou as montanhas de cinzas. Ela as acalmou, amorteceu, abafou sua capacidade de espalhar cinzas e lava. Em seguida, estendeu a mão para o céu e limpou a fumaça e a escuridão da atmosfera, como uma criada limpando a fuligem de uma janela suja. Fez tudo isso em uma questão de minutos; não mais que cinco haviam se passado no mundo lá embaixo.

Imediatamente, a terra começou a queimar.

O sol era incrivelmente poderoso — Vin não havia percebido quão intensamente as cinzas e a fumaça protegiam a terra. Ela gritou, girando o mundo tão rapidamente que o sol se moveu para o outro lado. A escuridão se fez. E, assim que isso aconteceu, tempestades começaram a varrer a paisagem.

Padrões climáticos foram perturbados pelo movimento, e, no mar, uma onda repentina apareceu, imensa. Ela avançou em direção à costa, ameaçando destruir várias cidades.

Vin gritou novamente, estendendo a mão para impedir a onda. E algo a bloqueou.

Ouviu risadas. Virou-se no ar, olhando na direção onde Ruína repousava como uma nuvem tempestuosa em movimentos ondulantes.

Vin, Vin… ele disse. *Percebe como é parecida com o Senhor Soberano? Quando ele assumiu o poder, tentou resolver tudo. Todas as agruras do homem.*

Vin compreendeu. Não era onisciente — não conseguia ver o passado por inteiro. No entanto, *era* capaz de ver o histórico do poder que tinha em mãos. Pôde ver Rashek o tomando e, frustrado, tentando levar o planeta a uma órbita adequada. Ainda assim, havia puxado exageradamente, deixando o mundo frio, congelante. Empurrara de volta, mas o poder era vasto demais, terrível demais para que o controlasse adequadamente naquele momento. Então, acabara deixando o mundo novamente muito quente. Toda a vida teria perecido.

Ele abriu as montanhas de cinzas, cobrindo a atmosfera, deixando o sol vermelho. E, ao fazê-lo, salvou o planeta, mas também o condenou.

Você é tão impetuosa, pensou Ruína. *Tive este poder por mais tempo do que você pode sequer imaginar. É preciso cuidado e precisão para usá-lo corretamente.*

A menos, é claro, que você queira somente destruir.

Ruína se estendeu com um poder que Vin pôde sentir. Imediatamente, sem saber como ou por quê, Vin o bloqueou. Lançou o próprio poder contra Ruína, e ele parou, incapaz de agir.

Lá embaixo, a onda gigantesca se abateu sobre a costa. Ainda havia pessoas pelo local. Pessoas que haviam se escondido dos koloss, sobrevivido da pesca no mar quando as safras fracassaram. Vin sentiu sua dor, seu terror, e gritou ao se estender para protegê-las.

E, novamente, foi impedida.

Agora você conhece a frustração, disse Ruína quando a onda gigantesca destruiu vilarejos. *O que seu Elend dizia? Para cada* empurrão*, há um* puxão*. Lance algo para cima, e ele voltará para baixo. Oposição.*

Para Ruína, há Preservação. Tempo imemorial! Eternidade! E cada vez que eu empurro, VOCÊ empurra de volta. Mesmo morta, você me impediu, pois somos

forças. Não posso fazer nada! E você não pode fazer nada! Equilíbrio! A maldição da nossa existência.

Vin sofreu ao ver as pessoas lá embaixo sendo esmagadas, arrastadas e afogadas. *Por favor,* disse ela. *Por favor, deixe-me apenas salvá-las.*

Por quê?, perguntou Ruína. *O que eu disse antes? Tudo que você faz serve a mim. É por gentileza que eu a impeço. Pois, mesmo se você estendesse a mão para eles, destruiria mais do que preservaria.*

É sempre assim.

Vin parou, ouvindo os gritos. E, ainda assim, parte de sua mente — agora tão vasta, capaz de muitos pensamentos simultâneos — dissecaram as palavras de Ruína.

Não eram verdade. Ele dizia que todas as coisas destruíam, mas reclamava do equilíbrio. Alertava que Vin apenas destruiria mais, mas ela não conseguia acreditar que Ruína a impedia por gentileza. Ruína *queria* que ela destruísse.

Não podia ser de um jeito e de outro. Vin sabia que era o oposto daquela força. *Podia* ter salvado aquelas pessoas, se Ruína não a tivesse impedido. Claro que provavelmente não tinha a precisão para fazê-lo ainda. Porém, não era uma falha de seu poder, mas dela. Ruína precisava impedi-la para que não aprendesse, como o Senhor Soberano aprendera, e se tornasse mais capaz de manusear o poder.

Vin se afastou de Ruína, voltando-se para Luthadel. Sua consciência ainda estava se expandindo, mas ela ficou confusa com algo que viu. Pontos brilhantes de luz, salpicando a paisagem, brilhando como chamas. Ela se aproximou, tentando descobrir o que eram. Porém, tão difícil quanto olhar diretamente para um lampião brilhante e ver o que emitia luz, era discernir a fonte daquele poder.

Entendeu conforme se aproximava de Luthadel. Um brilho enorme vinha do palácio arrasado. Muito da luz tinha o formado vago de…

Pináculos. Metal. Era *isso* que causava o poder reluzente. *Eu estava certa. Metal é poder, e é por isso que Ruína não podia ler coisas escritas em aço.* Vin se afastou de um pináculo brilhante. Ruína estava lá, como sempre, observando.

Fiquei surpresa quando Preservação disse que queria criar vocês, disse Ruína, um traço de curiosidade na voz. *O restante da vida é ordenado pelas leis da natureza. Equilibrado. Mas Preservação… queria criar algo intencionalmente desequilibrado. Algo que pudesse escolher preservar em alguns momentos, mas arruinar em outros. Algo na forma daquilo que vimos*

antes. Era intrigante.

Acho estranho que ele tenha gastado tanto de si para criar vocês. Por que se enfraquecer, no fim das contas me dando força para destruir o mundo, simplesmente para colocar seres humanos nele? Sei que outros dizem que sua morte para me aprisionar foi um sacrifício, mas aquilo *não foi o sacrifício. O sacrifício veio muito antes.*

Sim, ele ainda tentou me trair, me aprisionar. Mas não podia me parar. Apenas conseguiu reduzir minha velocidade. Evitar. Atrasar. Desde o dia em que criamos vocês, houve um desequilíbrio. Eu era mais forte. E Preservação sabia disso.

Vin franziu o cenho, ou ao menos sentiu como se estivesse franzindo, embora não tivesse mais um corpo. As palavras de Ruína…

Ele diz que é mais forte, pensou Vin. *Ainda assim, estamos empatados aqui. Estará ele mentindo de novo?*

Não… não era mentira. Olhando para tudo o que se passara, com sua mente cada vez mais expandida, viu que Ruína *acreditava* em tudo que dizia. Realmente achava que qualquer coisa que Vin fizesse a ajudaria. Via o mundo através das lentes da destruição.

Ele não estava mentindo quando disse que era mais forte. Ainda assim, naquele momento, eram obviamente iguais. O que significava…

Há outra parte de Ruína por aí, pensou Vin. *Preservação está mais fraco porque abriu mão de uma parte de si para criar a humanidade. Não sua consciência — que ele usou para abastecer a prisão de Ruína —, mas uma parte verdadeira de seu poder.*

O que ela suspeitava antes, agora sabia com certeza. O poder de Ruína estava concentrado, escondido em algum lugar por Preservação. *O atium*. Ruína *era* mais forte. Ou seria, assim que recuperasse a última parte do seu eu. Então, seria capaz de destruir completamente — eles não estariam mais equilibradas.

Ela se debateu, frustrada, uma aura branca e brilhante de brumas com tentáculos finos expandindo-se pelo mundo todo. *Há tanta coisa que ainda não sei*, pensou Vin.

Era algo estranho de se admitir, com a mente se ampliando para incluir tanta informação. Ainda assim, sua ignorância não era mais de uma pessoa comum. Sua ignorância tinha a ver com experiência. Ruína tinha uma vantagem imensa sobre ela. Havia criado servos para si que podiam agir sem instruções, e,

portanto, Vin não podia bloqueá-los.

Ela viu o plano de Ruína manifesto no mundo. Viu como sutilmente influenciou o Senhor Soberano, mil anos antes. Embora Rashek tivesse o poder de Preservação, Ruína sussurrara em seus ouvidos, dando-lhe uma compreensão da Hemalurgia. E Rashek obedecera sem perceber, criando asseclas, exércitos, para Ruína assumir quando fosse o momento certo.

Vin conseguia vê-los, os koloss, convergindo para Luthadel.

Vou lhe dar crédito, Vin, disse Ruína, pairando ali perto. *Você destruiu meus Inquisidores. Todos menos um, ao menos. Foram muito difíceis de criar. Eu…*

Vin parou de se concentrar nele, ao menos com a maior parte da mente. Outra coisa chamava sua atenção. Algo que se movia para Luthadel, voando em lanças de luz.

Elend.

Em retrospecto, deveríamos ter sido capazes de ver a relação entre as brumas, a Alomancia e o poder no Poço da Ascensão. A visão dos alomânticos não apenas conseguia perfurar as brumas, mas tinha o fato de que elas rodopiavam levemente ao redor do corpo de uma pessoa que usasse qualquer tipo de Alomancia.

Mais relevador, talvez, fosse o fato de que, quando um hemalúrgico usava suas capacidades, ele afastava as brumas. Quanto mais perto se chegava de Ruína, quanto mais se ficava sob sua influência, e quanto mais estacas se tinha no corpo, mais as brumas eram repelidas.

77

Elend estava sobre os escombros de Kredik Shaw, atônito, observando a destruição.

Parecia… impossível. Que força poderia ter derrubado uma construção tão enorme e majestosa? O que poderia ter causado tamanha destruição, fazendo ruir as construções e lançando escombros a várias ruas de distância? Além disso, toda a destruição estava concentrada ali, no que fora o centro do poder do Senhor Soberano.

Elend deslizou por alguns escombros, aproximando-se do centro do que parecia uma cratera. Ele deu um giro, olhando para os blocos e pináculos caídos.

— Senhor Soberano… — ele praguejou sem querer. Teria aquilo a ver com o Poço da Ascensão? Ele explodira?

Elend se virou, olhando para a cidade. Parecia vazia. Luthadel, a maior metrópole do Império Final, sede de seu governo. Vazia. Muito dela em ruínas, um bom terço incendiado, e o próprio Kredik Shaw derrubado como se esmurrado pelo punho de um deus.

Elend soltou uma moeda e partiu, seguindo seu caminho original para a área nordeste da cidade. Viera a Luthadel na esperança de encontrar Vin, mas fora forçado a fazer um pequeno desvio para sul de modo a evitar uma extensão especialmente grande de lava que queimava nas planícies ao redor da montanha Tyrian. Aquela paisagem, com a visão de Luthadel em ruínas, o deixou muito perturbado.

Onde estava Vin?

Ele saltou de prédio em prédio. Chutou cinzas a cada salto. Coisas estavam acontecendo. As cinzas diminuíam aos poucos. Na verdade, quase haviam parado de cair. Aquilo era bom, mas ele se lembrava bem de quando, pouco tempo antes, o sol brilhou de repente com uma intensidade incrível. Aqueles poucos momentos o queimaram de tal forma que seu rosto ainda ardia.

Então, o sol… se pôs. Caiu abaixo do horizonte em menos de um segundo, o chão sacudindo sob os pés de Elend. Parte dele supôs que estivesse

enlouquecendo. Ainda assim, não podia negar que houvesse anoitecido, mesmo que seu corpo — e um dos relógios da cidade que vira — indicassem que deveriam estar na parte da tarde.

Ele aterrissou sobre um prédio e saltou dele, *empurrando-se* contra a maçaneta de uma porta quebrada. Estremeceu ao atravessar o ar limpo na escuridão. Era noite, e as estrelas reluziam de maneira desconcertante — não havia bruma. Vin lhe dissera que as brumas o protegeriam. O que seria sua proteção agora que haviam desaparecido?

Partiu para a Fortaleza Venture, seu palácio. Encontrou o prédio como uma carcaça incendiada. Aterrissou no pátio, fitando seu lar — o lugar onde havia crescido —, tentando compreender aquela destruição. Vários guardas em uniformes marrons jaziam em decomposição sobre as pedras. Tudo estava silencioso.

Que diabos aconteceu aqui?, pensou, frustrado. Vasculhou o prédio, mas não encontrou pistas. Tudo havia sido queimado. Saiu por uma janela quebrada no andar superior, então parou por algo que viu no pátio dos fundos.

Deixou-se descer ao chão. E lá, embaixo de um baldaquino que segurava muito das cinzas, encontrou um cadáver, em roupas finas de cavalheiro, caído nas pedras. Elend virou o corpo, observando a espada enfiada na barriga e a postura de um suicida. Os dedos do cadáver ainda seguravam o cabo. *Penrod*, pensou ele, reconhecendo o rosto. Morto, provavelmente, pela própria mão.

Algo fora rabiscado com carvão no chão do pátio. Elend tirou as cinzas, borrando as letras. Felizmente, ainda conseguia lê-las. *Desculpe*, estava escrito. *Algo tomou conta de mim… desta cidade. Estou lúcido só em parte do tempo. Melhor me matar do que causar mais destruição. Procure seu povo no Domínio de Terris.*

Elend se virou para norte. Terris? Parecia um lugar muito estranho para buscar refúgio. Se o povo da cidade havia fugido, então por que teriam deixado o Domínio Central, onde as brumas eram mais fracas?

Ele encarou os escritos.

Ruína… uma voz pareceu sussurrar. *Mentiras.*…

Ruína podia mudar textos. Palavras como as de Penrod não podiam ser levadas em conta. Elend deu adeus silencioso ao corpo, desejando que tivesse tempo para enterrar o velho político, e lançou uma moeda para se *empurrar* pelo ar.

O povo de Luthadel tinha partido para *algum lugar.* Se Ruína tivesse descoberto uma maneira de matá-lo, Elend teria encontrado mais cadáveres. Suspeitava que, caso gastasse seu tempo para procurar, talvez encontrasse pessoas ainda escondidas na cidade. Provavelmente, o desparecimento das brumas e a mudança repentina de dia para noite os fizera se esconder. Talvez tivessem seguido para a caverna-depósito embaixo de Kredik Shaw. Elend esperava que não houvesse muitos lá, considerando a destruição causada no palácio. Se houvesse pessoas no local, estariam presas.

Oeste… o vento parecia sussurrar. *Minas.*…

Ruína em geral muda textos de modo que ainda pareçam bastante com o que eram antes, pensou Elend. *Então… Penrod provavelmente escreveu a maioria daquelas palavras, tentando me dizer para onde ir e encontrar meu povo. Ruína fez parecer que tinham ido para o Domínio de Terris, mas e se Penrod originalmente escreveu que eles foram até o povo de Terris?*

Fazia muito sentido. Se ele fosse fugir de Luthadel, iria para lá — era um lugar onde já havia um grupo estabelecido de refugiados; um grupo com rebanhos, plantações e comida.

Elend se voltou para o ocidente, deixando a cidade, a capa esvoaçando a cada salto alomântico.

De repente, a frustração de Ruína fez ainda mais sentido para Vin. Ele sentia que detinha o poder de toda a criação. Porém, fora necessário todo seu esforço para levar poucas palavras a Elend.

Sequer tinha certeza se ele a ouvira ou não. Mas Vin o conhecia tão bem que sentiu uma… ligação. Apesar dos esforços de Ruína para bloqueá-la, sentiu como se parte dela fosse capaz de alcançar alguma parte de Elend. Talvez da mesma maneira que Ruína era capaz de se comunicar com os Inquisidores e seus seguidores?

Ainda assim, sua quase impotência era muito irritante.

Equilíbrio, vociferou Ruína. *O equilíbrio me aprisionou. O sacrifício de Preservação… foi para drenar a parte de mim que era mais forte, trancá-la, deixar-me igual a ele novamente. Por um tempo.*

Apenas por um tempo. E o que é tempo para nós, Vin?

Nada.

Pode parecer estranho àqueles lendo isso que o atium fosse parte do corpo de um deus. No entanto, é necessário entender que, quando dizemos "corpo", em geral queremos dizer "poder". Conforme minha mente se expandia, percebi que objetos e energia são, na verdade, compostos das mesmas coisas e podem mudar o estado um do outro. Faz todo o sentido para mim que o poder da divindade se manifestasse dentro do mundo em forma física. Ruína e Preservação não eram abstrações nebulosas. Eram partes integrantes da existência. De certa forma, todo objeto que existia no mundo era composto pelo poder delas.

O atium, portanto, era um objeto unilateral. Em vez de ser composto metade por Ruína e metade por Preservação — como, digamos, seria uma rocha —, ele era totalmente de Ruína. As Minas de Hathsin foram criadas por Preservação como um esconderijo para a parte do corpo de Ruína que ele roubara durante a traição e a prisão. Kelsier não destruiu de verdade o lugar ao estilhaçar aqueles cristais, pois eles teriam crescido novamente — em algumas centenas de anos — e continuado a depositar atium, sendo o local um escape natural para o poder represado de Ruína.

Quando as pessoas queimavam atium, exploravam o poder de Ruína — o que pode ser, talvez, o motivo pelo qual este metal transformava as pessoas em máquinas de matar tão eficazes. Porém, não esgotavam esse poder, apenas faziam uso dele. Assim que uma pepita de atium era consumida, o poder voltava às Minas e começava a se aglutinar novamente — assim como o poder no Poço da Ascensão voltaria para lá mais cedo ou mais tarde após ter sido usado.

78

Esta é, sem dúvida, a masmorra mais estranha em que já estive, Sazed pensou.

Era apenas a segunda vez que fora aprisionado na vida, mas, ainda assim, havia observado várias prisões ao longo dos anos e lera sobre outras. A maioria era como jaulas. Esta, por sua vez, consistia apenas em um buraco no chão com uma grade de ferro cobrindo a entrada. Sazed estava encolhido lá dentro, sem suas mentes de metal e com as pernas cheias de cãibras.

Provavelmente foi construída para um kandra, ele pensou. *Alguém sem ossos, talvez?* Como seria um kandra sem ossos? Uma pilha de gosma? Ou, talvez, uma pilha de músculos?

De qualquer forma, aquela prisão não fora feita para comportar um homem — especialmente não um tão alto quanto Sazed. Ele mal conseguia se mover. Estendeu a mão, empurrando a grade, mas estava bem presa. Um cadeado grande a mantinha no lugar.

Ele não sabia ao certo quanto tempo fazia desde que entrara no fosso. Horas? Talvez até dias. Ainda não lhe tinham dado nada para comer, embora um kandra da Terceira Geração tivesse jogado um pouco de água sobre ele. Sazed ainda estava molhado, tendo que chupar o tecido da túnica para aliviar a sede.

Isso é ridículo, pensou, não pela primeira vez. *O mundo está acabando, e eu estou na prisão?* Era o último Guardador, o Arauto. Devia estar lá em cima, registrando os eventos.

Porque, verdade fosse dita, estava começando a acreditar que o mundo não acabaria. Ele havia aceitado que algo, talvez o próprio Preservação, estava olhando pela humanidade, protegendo-a. Ficava cada vez mais determinado a seguir a religião de Terris, não porque era perfeita, mas porque preferia acreditar e ter esperança.

O Herói *era* real. Sazed acreditava nisso. E tinha fé nela.

Ele vivera com Kelsier e ajudara o homem. Havia registrado o surgimento da Igreja do Sobrevivente durante os primeiros anos de seu desenvolvimento. Havia pesquisado sobre o Herói das Eras com Tindwyl e recebido a responsabilidade

de anunciar Vin como aquela que cumpria as profecias. Mas apenas recentemente havia começado a ter fé nela. Talvez fosse sua decisão de ser alguém que via milagres. Talvez fosse o medo assombroso do fim que parecia se assomar logo adiante. Talvez fosse a tensão e a ansiedade. Independentemente, de alguma forma, do caos ele extraía paz.

Ela viria. Preservaria o mundo. No entanto, Sazed precisava estar pronto para ajudar. E aquilo significava escapar.

Ele encarou a grade de metal. O cadeado era de um bom aço, e a grade em si, de ferro. Sazed estendeu a mão com hesitação, tocando as barras, drenando um pouco de seu peso e jogando-o no ferro. Imediatamente, seu corpo ficou mais leve. Na Feruquemia, o ferro armazenava peso físico, e a grade era pura o bastante para manter uma carga feruquêmica. Ia contra os seus instintos usar a grade como uma mente de metal — não era portátil e, se precisasse fugir, deixaria para trás toda a força que havia armazenado. Ainda assim, de que adiantaria simplesmente ficar sentado no fosso e esperar?

Ele ergueu a outra mão, tocando o cadeado de aço com o dedo. Em seguida, começou a preenchê-lo também, drenando a velocidade do corpo. Instantaneamente começou a se sentir letárgico, como se cada movimento — até mesmo a respiração — ficasse mais difícil. Era como se tivesse que abrir caminho por alguma substância viscosa a cada movimento que fazia.

Ficou daquele jeito. Havia aprendido a entrar em uma espécie de transe meditativo quando preenchia as mentes de metal. Com frequência, preenchia muitas de uma vez, ficando adoentado, fraco, lento e obtuso. Quando podia, era melhor simplesmente…

Pairar.

Sazed não sabia quanto tempo a meditação havia durado. De vez em quando, o guarda vinha jogar água sobre ele. Ao ouvir o som, Sazed se soltava e encolhia, fingindo dormir. Mas, assim que o guarda se retirava, ele estendia a mão de volta e continuava a preencher as mentes de metal.

Mais tempo passou. Então, ele ouviu sons. Sazed se agachou de novo, em seguida esperou, ansioso pelo banho.

— Quando mandei você de volta para salvar meu povo — rosnou uma voz —, isso não era exatamente o que eu tinha em mente.

Sazed abriu os olhos, ergueu-os e ficou surpreso em ver um rosto canino olhando através das grades.

— TenSoon? — Sazed perguntou.

O kandra grunhiu e se afastou. Sazed ficou furioso quando outro kandra apareceu. Usava um Corpo Verdadeiro delicado, feito de madeira, esguio e quase alheio às formas humanas. E ela estava com algumas chaves.

— Rápido, MeLaan — TenSoon grunhiu com a voz de cachorro. Aparentemente havia voltado à forma de cão de caça, o que fazia sentido. Mover-se como um cavalo pelos túneis às vezes íngremes e estreitos da Terra Natal teria sido difícil.

A fêmea kandra destrancou a grade, em seguida a puxou para trás. Sazed escalou para fora do fosso, ansioso. Na sala, encontrou vários outros kandra usando Corpos Verdadeiros exóticos. No canto, o guarda da prisão estava deitado, amarrado e amordaçado.

— Fui visto ao entrar na Terra Natal, terrisano — TenSoon disse. — Então, temos pouco tempo. O que aconteceu aqui? MeLaan me contou sobre sua prisão. KanPaar anunciou que a Primeira Geração ordenou que o levassem. O que fez para contrariá-los?

— Não foi ela — Sazed disse, esticando as pernas doloridas. — Foi a Segunda Geração. Eles levaram os Primeiros como prisioneiros e planejam governar em seu lugar.

A garota, MeLaan, arfou.

— Eles nunca fariam isso!

— Pois fizeram — Sazed disse, erguendo-se. — Temo pela segurança da Primeira Geração. KanPaar talvez tenha medo de me matar porque sou humano. No entanto, os Primeiros…

— Mas, os da Segunda Geração são kandra. Eles não fariam uma coisa dessas! Não somos esse tipo de povo — MeLaan interrompeu.

TenSoon e Sazed entreolharam-se. *Todas as sociedades têm pessoas que rompem as regras, criança,* pensou Sazed. *Especialmente quando poder está em jogo.*

— Temos de encontrar a Primeira Geração — TenSoon disse. — E recuperar a Gruta da Confiança.

— Vamos lutar ao seu lado, TenSoon — outro kandra disse.

— Finalmente vamos derrubá-los! — mais um disse. — Os Segundos e sua insistência de que devemos servir aos seres humanos!

Sazed franziu o cenho para esta frase. O que os seres humanos tinham a ver

com este conflito? Mas, então, percebeu como os outros olhavam para TenSoon. *O corpo de cão,* ele percebeu. *Para eles, TenSoon é um revolucionário da mais alta ordem, tudo por algo que Vin ordenou que ele fizesse.*

O kandra fitou os olhos de Sazed, abrindo a boca para falar. Mas hesitou.

— Estão vindo — ele disse e praguejou, as orelhas caninas murchando.

Sazed se virou, preocupado, observando as sombras na parede de rocha do corredor que levava até a câmara da prisão. A câmara era pequena, com mais ou menos seis fossos-celas no chão. Não havia outras saídas.

Apesar das palavras corajosas, os companheiros de TenSoon imediatamente recuaram, encolhendo-se contra a parede. Obviamente não estavam acostumados a conflitos, especialmente com os da mesma espécie. TenSoon não tinha aquela timidez. Ele avançou assim que o grupo de membros da Quinta Geração entrou no recinto, batendo com o ombro no peito de um deles, uivando e arranhando outro.

Eis um kandra que se parece tão pouco com seu povo quanto eu me pareço com o meu, pensou Sazed, sorrindo. Ele deu um passo para trás, movendo-se até a grade da prisão, tocando os metais com os pés descalços.

Os da Quinta Geração estavam tendo problemas em combater TenSoon — ele treinara com Vin e aparentemente tinha muita confiança no corpo canino. Ele se manteve em movimento, atacando-os. No entanto, havia cinco deles, e apenas um TenSoon. Foi forçado a recuar.

Os ferimentos no corpo fecham-se quando ele ordena, percebeu Sazed. *Por isso, em geral, esses guardas carregam martelos.*

O que tornava razoavelmente óbvio como se devia combater um kandra. TenSoon recuou até o lado de Sazed.

— Peço desculpas — o cão grunhiu. — Não foi exatamente um resgate.

— Ah, não sei — Sazed disse com um sorriso. Os Quintos os cercaram. — Não precisa desistir tão cedo, creio eu.

Os Quintos avançaram, e Sazed acionou o ferro da grade embaixo dos pés descalços. Imediatamente, seu corpo cresceu várias vezes mais que o normal, e ele agarrou um guarda kandra pelos braços.

Em seguida, pulou sobre ele.

Sazed sempre dizia que não era um guerreiro. No entanto, o número de vezes que disse isso para em seguida ser forçado a lutar fazia com que pensasse que estava prestes a perder essa desculpa. A verdade era que estivera em muito mais

batalhas nos últimos anos do que sentia ter direito de ter sobrevivido.

De qualquer forma, conhecia alguns movimentos rudimentares — e, com a Feruquemia e a surpresa a seu favor, aquilo era tudo que precisava. Acionar peso aumentava a densidade do corpo e dos ossos, impedindo que ele se ferisse no pulo sobre o soldado. Sazed sentiu um estalo gratificante quando eles atingiram a grade, seu peso imensamente aumentado esmagando os ossos do guarda kandra. Eles usavam Corpos Verdadeiros de pedra, mas nem isso era o bastante para suportá-lo.

Sazed liberou a mente de metal e começou a preenchê-la, em vez disso, deixando seu corpo incrivelmente leve. Tocou o pé no cadeado de aço e acionou a velocidade. De repente, ficou mais rápido que qualquer homem tinha o direito de ser. Ele se ergueu enquanto os outros quatro guardas se viravam para fitá-lo, surpresos.

Parou de preencher a mente de ferro, retomando o peso normal, e estendeu a mão com velocidade impressionante para pegar o martelo do soldado caído. Não tinha mais força aumentada, mas estava veloz. Ele bateu o martelo no ombro de um kandra, ficando mais pesado para adicionar impulso ao golpe.

Os ossos do kandra se estilhaçaram. Sazed tocou o pé no cadeado e acionou toda a velocidade restante. Ele agachou, girando, e bateu o martelo nos joelhos dos dois kandra que estavam tentando atacá-lo com suas armas.

Eles berraram, caindo, enquanto a velocidade de Sazed se esgotava.

Ele se levantou. TenSoon estava sentado sobre o último guarda, prendendo-o ao chão.

— Pensei que você fosse um estudioso — o cão observou, seu prisioneiro se contorcendo.

Sazed jogou o martelo de lado.

— E sou — ele disse. — Vin teria saído desta prisão dias atrás. Agora, acredito que devemos lidar com esses… — Ele apontou para os Quintos caídos, que pareciam ter certa dificuldade de se mover com os ossos quebrados.

TenSoon assentiu. Ele chamou alguns dos amigos para ajudá-lo com aquele que estava segurando. Seguraram o prisioneiro com hesitação, mas havia o bastante deles para mantê-lo quieto.

— O que vocês fizeram aqui, FhorKood? — TenSoon perguntou ao prisioneiro. Sazed manteve os olhos nos outros Quintos, sendo forçado a bater um martelo contra um deles, quebrando mais ossos para impedir uma tentativa

de fuga.

FhorKood rosnou.

— Terceiro imundo — ele murmurou.

— *Você* é o traidor dessa vez — TenSoon disse com um sorriso tenso. — KanPaar me rotula como rompedor de Contrato e, em seguida, derruba a Primeira Geração? Se o mundo não estivesse acabando, acharia bastante engraçado. Agora, fale!

Sazed hesitou ao perceber uma coisa. As outras celas no chão estavam ocupadas. Ele se inclinou, reconhecendo algo nos músculos que viu lá dentro. Eram… descoloridos e um pouco deformados. Como… musgo pendurado.

— TenSoon! — ele disse, erguendo os olhos. — Talvez a Primeira Geração ainda *esteja* viva. Venha até aqui.

TenSoon foi até ele, em seguida olhou para um fosso, franzindo o rosto com lábios caninos.

— MeLaan! As chaves!

Ela correu até eles, destrancando a grade. Com alguma consternação, Sazed conseguiu determinar que havia vários conjuntos de músculos contorcidos no fosso, cada um de uma cor um pouco diferente.

— Precisamos de ossos — TenSoon disse, erguendo-se.

MeLaan assentiu, correndo para fora do recinto. Sazed olhou para o cão.

— Devem ter matado os outros kandra dessas celas — TenSoon falou, baixinho. — Traidores da nossa espécie, aprisionados pela eternidade. Era para ter sido meu destino. De qualquer forma, é esperto; todos pensam que essas celas mantêm criminosos perigosos. Não seria estranho para os Quintos continuarem alimentando-os, e ninguém suspeitaria de que os ocupantes tivessem sido substituídos pela Primeira Geração, supondo que não prestassem atenção na cor dos músculos.

— Precisamos seguir em frente — Sazed disse. — Chegar a KanPaar.

TenSoon sacudiu a cabeça.

— Não vamos muito longe sem os Primeiros para contar nossa história, terrisano. Vá e armazene mais de sua Feruquemia. Podemos precisar dela.

Com isso, TenSoon se afastou, aproximando-se do prisioneiro.

— Você tem duas opções, FhorKood — ele disse. — Ou abre mão de seus ossos, ou vou digerir seu corpo e matá-lo, como fiz com OreSeur.

Sazed franziu o cenho, observando. O kandra capturado parecia morrer de medo de TenSoon. O corpo do Quinto se liquefez, e ele se moveu como uma lesma para longe dos ossos de granito. TenSoon sorriu.

— Para que isso? — Sazed perguntou.

— Algo que Zane me ensinou — TenSoon disse, o corpo de cão começando a derreter, seus pelos caindo. — Ninguém espera que um *kandra* seja um impostor. Daqui a pouco, FhorKood aqui voltará até os da Segunda Geração e dirá que o traidor TenSoon foi capturado. Só preciso enrolá-los o suficiente para os da Primeira Geração se regenerarem. Eles vão levar muito mais tempo do que eu para fazer os corpos.

Sazed assentiu. MeLaan voltou um tempo depois com um grande saco cheio de ossos, e TenSoon — tendo recriado o corpo de FhorKood com incrível velocidade — saiu da câmara em sua missão.

Em seguida, Sazed se sentou, removendo o cadeado e segurando-o para usá-lo como uma mente de metal, usando um martelo de ferro na outra mão para armazenar peso. Parecia estranho ficar ali, sentado, mas aparentemente os Primeiros precisariam de algumas horas para regenerar os corpos.

Realmente não há pressa, não é?, pensou Sazed. *Tenho a Primeira Geração aqui — é deles que preciso. Posso continuar a entrevistá-los, aprender o que quero. TenSoon distrairá KanPaar. Não importa que os Segundos fiquem no poder por mais algumas horas.*

Que mal poderiam fazer?

Acredito que as brumas estavam buscando alguém para se tornar um novo hospedeiro para elas. O poder necessitava de uma consciência para direcioná-lo. Nessa questão, ainda estou bastante confuso. Por que um poder usado para criar e destruir precisaria de uma mente para supervisioná-lo? E, por outro lado, ele parece ter uma vaga vontade própria, ligada à determinação de suas capacidades. Sem uma consciência para direcioná-lo, nada poderia de fato ser criado ou destruído. É como se o poder de Preservação entendesse que sua tendência de reforçar a estabilidade não fosse suficiente. Se nada mudasse, nada jamais viria a existir.

O que me faz me perguntar quem ou o que eram as mentes de Preservação e de Ruína.

De qualquer forma, as brumas — o poder de Preservação — escolheram alguém para se tornar seu hospedeiro muito antes de tudo o que aconteceu. Esse alguém, no entanto, foi imediatamente sequestrado por Ruína e usado como seu joguete. Ele devia estar ciente de que, ao lhe dar uma estaca hemalúrgica disfarçada, impediria que as brumas entrassem nele como desejavam.

As três vezes que Vin extraiu poder das brumas, portanto, foram as três vezes em que o brinco havia sido removido de seu corpo. Quando lutou com o Senhor Soberano, a Alomancia dele fez com que o brinco caísse. Quando combateu Marsh, em Fadrex, ela usou o brinco como arma. E, no final, Marsh o tirou, libertando-a e permitindo que as brumas — que no momento estavam desesperadas por uma hospedeira, tendo o último traço de Preservação desaparecido — pudessem finalmente despejar-se nela.

79

Algo mudou.

Vin despertou de sua contemplação do mundo. Algo importante estava acontecendo. Ela não tinha experiência suficiente para dizer de imediato o que era, mas viu a conexão de Ruína se afastar de repente.

Vin a seguiu. Velocidade não era um problema. De fato, ela nem mesmo sentia que estava se movendo. “Seguiu” porque era como sua mente interpretava a experiência de instantaneamente mover sua consciência para o local onde Ruína havia concentrado a dela.

Reconheceu a área. As Minas de Hathsin, ou um lugar próximo. Como parte de sua mente percebera antes, as Minas em si haviam se transformado em um gigantesco campo de refugiados, as pessoas dali consumindo depressa os recursos que o povo de Terris havia cuidadosamente armazenado. Parte dela sorriu. O povo de Terris entregara suas mercadorias de boa vontade, ajudando aqueles que fugiram de Luthadel. O Senhor Soberano trabalhara para criar terrisanos que fossem dóceis. No entanto, será que esperara que, ao criar servos perfeitos, também criaria um povo gentil e atencioso que cederia seus últimos rebanhos para ajudar aqueles que morriam de fome?

O fato que ela observara antes não tinha a ver com os terrisanos ou seus novos hóspedes. Ela o viu quando se aproximou. Um brilho reluzente de… algo. Poderoso, mais poderoso que o próprio sol aos olhos de Vin. Ela se concentrou naquilo, mas pouco enxergava. O que poderia brilhar de forma tão magnífica?

— Pegue isso — uma voz disse. — Encontre os seres humanos e troque por armas e suprimentos.

— Sim, Lorde KanPaar — uma segunda voz concordou. Estavam vindo do centro da área brilhante. Era ao lado das Minas, apenas a poucos minutos de viagem do campo de refugiados.

Ah, não…, pensou Vin, sentindo um terror repentino.

— Os tolos da Primeira Geração ficaram sentados sobre esse tesouro tempo demais — KanPaar comentou. — Com essa riqueza, poderíamos estar

governando, não servindo à humanidade.

— Eu… pensei que não quiséssemos mudar as coisas — a segunda voz falou.

— Ah, não vamos. Não tão rapidamente, ao menos. Por ora, apenas essa pequena quantidade precisa ser vendida…

Escondido embaixo da terra, pensou Vin, sua mente elevada fazendo as conexões. *Em um lugar que já brilha pelo grande número de depósitos metálicos. Ruína nunca teria sido capaz de saber onde o atium estava.*

A profundidade das estratégias do Senhor Soberano a surpreendeu. Ele aguentara por mil anos, guardando esse segredo incrível, mantendo o atium seguro. Ela imaginou os obrigadores comunicando-se apenas por placas de metal, dando instruções para as operações nas Minas. Imaginou caravanas viajando dali, carregando atium misturado com ouro e moedas de forma a esconder para onde estava indo e o que exatamente estava acontecendo.

Você não sabe o que eu faço pela humanidade, dissera o Senhor Soberano.

E eu não sabia, pensou Vin. *Obrigada.*

Ela sentiu a força de Ruína crescer e a bloqueou. Mas da mesma forma que foi capaz de levar um traço de poder até Elend através de Ruína, Ruína conseguiu atravessá-la com um fio ínfimo. Foi suficiente, pois um dos que falava estava maculado pela Hemalurgia. Uma estaca em cada ombro atraiu o poder de Ruína e permitiu que ele falasse ao seu portador.

Um kandra?, pensou Vin, seus sentidos finalmente conseguindo enxergar através do brilho do atium para ver a criatura de corpo translúcido em uma caverna, bem abaixo da superfície. Outro kandra estava saindo de um buraco nas proximidades, carregando uma pequena bolsa de atium.

Ruína tomou o controle do kandra KanPaar. A criatura enrijeceu, suas estacas de metal traindo-o.

Fale, disse Ruína para KanPaar; Vin sentia as palavras pulsarem para dentro do kandra. *Quanto atium existe aí?*

— Que… quem é você? — KanPaar quis saber. — Por que está na minha cabeça?

Sou Deus, disse a voz. *E você é meu.*

Todos vocês são meus.

Elend aterrissou diante das Minas de Hathsin, erguendo uma nuvem de cinzas. Estranhamente, alguns de seus soldados estavam lá, guardando o perímetro. Eles avançaram, segurando ansiosamente as lanças, em seguida ficaram paralisados ao reconhecê-lo.

— Lorde *Venture*? — um dos homens perguntou, assustado.

— Eu o conheço — Elend disse, franzindo o cenho. — Do meu exército em Fadrex.

— O senhor nos enviou de volta, milorde — o outro soldado falou. — Com o general Demoux. Para ajudar Lorde Penrod em Luthadel.

Elend ergueu os olhos para o céu noturno, salpicado de estrelas. Algum tempo se passara durante sua viagem de Luthadel até as Minas. Se o tempo estivesse passando normalmente, estariam no meio da noite. O que aconteceria quando o sol nascesse de novo?

— Rápido — Elend disse. — Preciso falar com os líderes do acampamento.

A volta da Primeira Geração foi realizada com tanto estilo quanto Sazed esperava. Os velhos kandra, agora usando corpos maiores, ainda usavam as cores peculiares e a pele envelhecida de sua geração. Ele temia que os kandra comuns não os reconhecessem. No entanto, não contava com os longos períodos de vida daquele povo. Mesmo que os da Primeira Geração só surgissem uma vez a cada século, a maioria dos kandra os teria visto várias vezes.

Sazed sorriu quando o grupo de Primeiros entrou na câmara principal, avançando para causar choque e surpresa nos outros. Eles anunciaram que KanPaar os traíra e aprisionara, em seguida convocaram o povo kandra para uma reunião. Sazed ficou atrás de MeLaan e dos outros, observando os obstáculos em seus planos.

Ao lado, viu um kandra familiar se aproximando.

— Guardador — TenSoon disse, ainda usando o corpo de um membro da Quinta Geração. — Precisamos ter cuidado. Coisas estranhas estão acontecendo.

— Por exemplo? — Sazed perguntou.

Então, TenSoon o atacou.

Sazed se assustou, e esse momento de confusão teve um custo grande. TenSoon — ou quem quer que fosse — pegou Sazed pela garganta e começou a esganá-lo. Eles caíram para trás, chamando a atenção dos kandra ao redor. O agressor de Sazed — usando ossos de pedra — pesava muito mais que o

terrisano e conseguiu facilmente rolar por cima dele, ainda com as mãos em seu pescoço.

— TenSoon? — MeLaan perguntou, soando aterrorizada.

Não é ele, pensou Sazed. *Não pode ser.*

— Guardador — o agressor disse entre dentes. — Algo está muito errado.

Não me diga!

Sazed tentou tomar fôlego, estendendo a mão para o bolso da túnica, lutando para pegar o cadeado mente de metal lá dentro.

— Mal estou conseguindo conter meu impulso de esmagar sua garganta agora — o kandra continuou. — Algo está me controlando e quer que eu mate você.

E você está indo muito bem!, pensou Sazed.

— Desculpe — TenSoon disse.

Os da Primeira Geração se juntaram ao redor deles. Sazed mal conseguia se concentrar, o pânico controlando-o enquanto lutava com um inimigo muito mais forte, muito mais pesado. Ele agarrou sua mente de aço improvisada, mas só então percebeu que velocidade de pouco serviria estando preso daquela forma.

— Ela chegou — Haddek sussurrou, líder da Primeira Geração. Sazed mal percebeu quando outro Primeiro começou a tremer. As pessoas choravam e se lamentavam, mas o sangue pulsando nos ouvidos de Sazed impedia que ouvisse o que diziam.

Haddek se afastou de Sazed, que estava sendo enforcado. E, então, em voz alta, ele gritou:

— A Resolução chegou!

Sobre ele, TenSoon estremeceu. Algo dentro do kandra parecia estar lutando — tradição e uma vida inteira de treinamento guerreavam contra o controle de uma força externa. TenSoon soltou uma das mãos de Sazed, mas continuou apertando com a outra. Em seguida, com a mão livre, o kandra estendeu a mão para o próprio ombro.

E Sazed desmaiou.

O povo kandra sempre disse que era de Preservação, enquanto os koloss e os Inquisidores eram de Ruína. Porém, os kandra usavam estacas hemalúrgicas como os outros. Era tal alegação, portanto, simplesmente um engano?

Não, acho que não. Foram criados pelo Senhor Soberano para serem espiões. Quando diziam isso, a maioria de nós interpretava que ele havia planejado usá-los como espiões em seu novo governo, pela sua capacidade de imitar outras pessoas. De fato, foram usados para esse fim.

Mas vejo um propósito muito maior em sua existência. Eram os agentes duplos do Senhor Soberano, criados com estacas hemalúrgicas, mas incumbidos — ensinados, obrigados — de retirá-las quando Ruína tentasse tomá-los. No momento de triunfo de Ruína, quando ele supôs que os kandra ficariam entregues aos seus caprichos, uma esmagadora maioria deles imediatamente trocou de lado e o deixou incapaz de receber seu prêmio.

Desde o início, eles eram *de Preservação.*

80

— Os terrisanos fizeram um bom trabalho neste lugar, milorde — Demoux disse.

Elend assentiu, caminhando pelo silêncio noturno do acampamento com as mãos para trás. Estava contente por ter posto um uniforme branco e limpo antes de sair de Fadrex. Como era de se esperar, as roupas chamaram atenção. As pessoas pareceram criar esperança simplesmente ao vê-lo. Suas vidas foram lançadas no caos — precisavam saber que seu líder estava ciente da situação.

— O acampamento é enorme, como o senhor pode ver — Demoux continuou. — Várias centenas de milhares de pessoas estão vivendo aqui. Sem os terrisanos, duvido que os refugiados tivessem sobrevivido. Do jeito que está, conseguem manter as doenças a um mínimo, organizam equipes para filtrar e trazer água fresca para o acampamento e distribuem comida e cobertores.

Demoux hesitou, olhando para Elend.

— Mas a comida está acabando — o general disse em voz baixa. Aparentemente, ao descobrir que Penrod estava morto e que a maior parte da população de Luthadel estava nas Minas, Demoux decidiu manter seus homens lá para ajudar.

Eles passaram por outra fogueira, e as pessoas se levantaram. Observaram Elend e seu general com esperança. Naquela fogueira, Demoux parou quando uma jovem terrisana se aproximou e entregou a ele e a Elend um pouco de chá morno para beber. Os olhos dela se demoraram em Demoux com um traço de carinho, e ele a agradeceu pelo nome. O povo de Terris nutria muita afeição por ele — eram gratos por trazer soldados e ajudar a organizar e policiar a massa de refugiados.

As pessoas precisavam de liderança e ordem em períodos assim.

— Eu não deveria ter saído de Luthadel — Elend disse, baixinho.

Demoux não respondeu de imediato. Os dois terminaram o chá e seguiram em frente, caminhando com uma guarda de honra de cerca de dez soldados, todos do grupo de Demoux. O general enviara várias mensagens para Elend. Nunca haviam chegado. Talvez não tivessem sido capazes de contornar o campo

de lava, ou talvez tivessem entrado em conflito com o mesmo exército de koloss pelo qual Elend havia passado no caminho para Luthadel.

Aqueles koloss…, pensou Elend. *Aqueles que levamos para longe de Fadrex e muitos outros estão vindo bem para esta direção. Há muito mais pessoas aqui do que havia em Fadrex. E elas não têm uma muralha, ou mesmo muitos soldados para protegê-las.*

— Você conseguiu entender o que aconteceu em Luthadel, Demoux? — Elend perguntou em voz baixa, parando em uma área escurecida entre as fogueiras. Ainda parecia muito estranho estar ao ar livre sem brumas para obscurecer a noite. Ele conseguia enxergar muito adiante, mas, estranhamente, a noite não parecia tão brilhante.

— Penrod, milorde — Demoux disse suavemente. — Disseram que ele enlouqueceu. Começou a encontrar traidores na nobreza, mesmo dentro do próprio exército. Dividiu a cidade, que acabou entrando em uma guerra interna. Quase todos os soldados mataram uns aos outros, e metade da cidade foi incendiada. A maioria das pessoas escapou, mas tinham muito pouca proteção. Qualquer grupo de bandoleiros provavelmente teria sido capaz de destruir o povo inteiro.

Elend ficou em silêncio. *Guerra interna*, ele pensou com frustração. *Ruína, usando nossos truques contra nós. É o mesmo método que Kelsier usou para tomar a cidade.*

— Milorde… — Demoux disse, hesitante.

— Fale.

— O senhor fez o certo ao mandar a mim e aos meus homens de volta. O Sobrevivente está por trás disso, milorde. Ele nos queria aqui por algum motivo.

Elend franziu a testa.

— Por que diz isso?

— Essas pessoas, elas fugiram de Luthadel por causa de Kelsier. Ele apareceu para dois soldados, então para um grupo de pessoas na cidade. Contaram que ele lhes disse para se aprontarem para o desastre e para levarem o povo para fora da cidade. Por causa deles que tantos escaparam. Esses dois soldados e seus amigos prepararam os suprimentos e tiveram a presença de espírito de rumar para cá.

O franzir de testa de Elend aumentou. Ainda assim, ele vira coisas demais para rejeitar uma história dessas, por mais estranha que fosse.

— Traga esses homens — pediu.

Demoux assentiu, acenando para um soldado.

— Confira também — Elend disse, lembrando-se de que Demoux e seus homens tinham ficado doentes com as brumas — se alguém aqui tem metais alomânticos. Passe-os para seus soldados e faça com que ingiram.

— Milorde? — Demoux disse, confuso, enquanto se virava.

— É uma longa história, Demoux — Elend comentou. — Basta dizer que seu deus, ou alguém, transformou você e seus homens em alomânticos. Divida seus homens pelo metal que eles puderem queimar. Vamos precisar de todos os Lança-moedas, Brutamontes e Atraidores que pudermos reunir.

Sazed piscou até abrir os olhos, e ele balançou a cabeça, gemendo. Quanto tempo ficara desmaiado? Não muito, provavelmente. Foi o que percebeu ao clarear de sua visão. Ele desmaiara por falta de ar, o que deixava a pessoa inconsciente apenas por um curto período.

Se a pessoa acordasse.

E acordei, ele pensou, tossindo, esfregando a garganta e sentando-se. A caverna kandra brilhava com a luz calma dos lampiões azul-fosforescentes. Àquela luz, conseguiu ver que estava cercado por algo estranho.

Espectros das brumas. Os primos dos kandra, os saprófagos que caçavam à noite e alimentavam-se de cadáveres. Eles se moviam ao redor de Sazed, massas de músculo, carne e osso, mas com os ossos combinados de formas estranhas e não naturais. Pés pendurados, cabeças ligadas a braços. Costelas usadas como pernas.

Exceto que esses ossos não eram de verdade, mas de pedra, metal ou madeira. Sazed se ergueu solenemente, olhando para o que sobrara do povo kandra. Espalhadas no chão, entre a massa confusa de espectros das brumas — que escorriam como lesmas gigantes e translúcidas — estavam as estacas descartadas. As Bênçãos dos Kandra. As coisas que lhes tinham trazido a consciência.

Eles haviam feito o necessário. Mantiveram seu juramento e removeram as estacas para que não fossem tomados por Ruína. Sazed os fitou com pena, espanto e respeito.

O atium, pensou ele. *Eles fizeram isso para impedir Ruína de chegar ao atium. Preciso protegê-lo!*

Ele saiu aos tropeços da câmara principal, recuperando sua força enquanto seguia para a Gruta da Confiança. No entanto, parou quando se aproximou, notando os sons. Espiou em uma curva, olhando o corredor através da entrada aberta da Gruta. Lá dentro, encontrou um grupo de kandra — talvez vinte — esforçando-se para empurrar a placa no chão que cobria o atium.

Claro que nem todos se transformaram em espectros das brumas, ele pensou. Alguns estavam longe do alcance dos Primeiros ou não tiveram coragem de arrancar as estacas. De fato, ao pensar a respeito, ficou ainda mais impressionado que tantos *tivessem* obedecido ao comando da Primeira Geração.

Sazed reconheceu KanPaar facilmente, coordenando o trabalho lá dentro. Os kandra levariam o atium e o entregaria à Ruína. Sazed tinha de impedi-los. Mas eram vinte contra um — com Sazed tendo apenas uma pequena mente de metal. As perspectivas não lhe pareciam boas.

No entanto, naquele momento Sazed percebeu algo fora das portas da Gruta da Confiança. Um saco de tecido simples, que não chamaria atenção, exceto pelo fato de Sazed tê-lo reconhecido. Fora onde que carregara suas mentes de metal por anos. Deviam tê-lo jogado ali depois de sua prisão. Estava a cerca de seis metros dele no corredor, bem ao lado da entrada da Gruta.

Na outra sala, KanPaar ergueu os olhos diretamente para a posição de Sazed. Ruína havia percebido sua presença.

Sazed não parou para pensar. Enfiou a mão no bolso, pegou o cadeado de aço e acionou. Ele correu em velocidade sobre-humana, agarrando a bolsa do chão no momento em que os kandra começaram a gritar.

Sazed abriu a bolsa e encontrou uma coleção de braceletes, anéis e braçadeiras lá dentro. Ele as jogou no chão, espalhando as preciosas mentes de metal, e pegou duas. Depois, ainda se movendo em velocidade incrível, desviou para o lado.

Sua mente de aço se esgotou. Um dos anéis que havia pegado era de peltre. Acionou a força, crescendo em tamanho e volume. Em seguida, fechou as portas da Gruta da Confiança com tudo, fazendo aqueles que estavam lá dentro berrarem, chocados. Por fim, ele acionou outro anel — este de ferro. Ficou várias vezes mais pesado, aplicando tal peso para manter as gigantescas portas de metal da Gruta da Confiança fechadas.

Era uma tática de postergação. Ele se levantou, mantendo as portas fechadas, as mentes de metal esvaziando-se em ritmo alarmante. Eram os mesmos anéis que usara no cerco de Luthadel, aqueles que haviam sido incorporados nele.

Sazed os encheu após o cerco, antes de abrir mão da Feruquemia. Não durariam muito. O que faria quando os kandra arrebentassem a porta? Ele procurou desesperadamente uma maneira de barrar ou bloquear a passagem, mas não conseguiu encontrar nada. E, se soltasse, mesmo que por um momento, os kandra lá dentro se libertariam.

— Por favor — ele sussurrou, esperando que, como antes, a coisa que ouvia lhe mandasse um milagre. — Vou precisar de ajuda…

— Juro que era ele, milorde — o soldado chamado Rittle disse. — Eu acredito na Igreja do Sobrevivente desde o dia da morte de Kelsier, milorde. Ele pregou para mim, me converteu à rebelião. Eu estava lá quando ele visitou as cavernas e Lorde Demoux lutou por sua honra. Reconheceria Kelsier como reconheceria meu próprio pai. *Era* o Sobrevivente.

Elend se virou para o outro soldado, que assentia em concordância.

— Eu não o conheci, milorde. Mas ele casava com as descrições. Acho que era realmente ele, acho mesmo.

Elend se virou para Demoux, que assentiu.

— Eles descreveram de forma muito precisa Lorde Kelsier, milorde. Ele *está* olhando por nós.

Elend…

Um mensageiro chegou e sussurrou algo para Demoux. A noite estava escura e, à luz das tochas, Elend virou-se para observar os dois soldados que tinham visto Kelsier. Não pareciam testemunhas altamente confiáveis — Elend não havia deixado exatamente os melhores soldados para trás ao sair em campanha. Ainda assim, outros aparentemente tinham visto o Sobrevivente também. Queria falar com eles.

Elend sacudiu a cabeça. Afinal, onde estaria Vin agora?

Elend…

— Milorde — Demoux disse, tocando seu braço, aparentemente preocupado. Elend dispensou os dois soldados testemunhas. Precisos ou não, devia muito a eles; salvaram muitas vidas com sua organização.

— Relatos de batedores, milorde — Demoux disse com o rosto iluminado por uma tocha que tremeluzia à brisa noturna. — Aqueles koloss que o senhor viu estão vindo *nesta* direção. Movendo-se rapidamente. Batedores em uma colina viram as criaturas se aproximando a distância. Eles… talvez estejam aqui

antes do fim da noite.

Elend praguejou em voz baixa.

Elend…

Ele franziu o cenho. Por que estava ouvindo seu nome no vento? Ele se virou, olhando para a escuridão. Algo o atraía, o guiava, sussurrando para ele. Tentou ignorar, voltando a olhar Demoux. E, mesmo assim, a voz estava lá, no seu coração.

Venha…

Parecia a voz de Vin.

— Reúna uma guarda de honra — Elend disse, agarrando a tocha pelo cabo, vestindo uma capa de cinzas e a abotoando até os joelhos. Em seguida, virou-se para a escuridão.

— Milorde?

— Só faça o que mandei — Elend ordenou, caminhando a passos largos escuridão adentro.

Demoux chamou os soldados, seguindo às pressas.

O que estou fazendo?, pensou Elend, abrindo caminho através das cinzas que chegavam até a altura da cintura, usando a capa para manter o uniforme limpo. *Perseguindo sonhos? Talvez eu esteja enlouquecendo.*

Via algo em sua mente. Uma encosta com uma caverna. Uma lembrança, talvez? Ele já passara por ali antes? Demoux e os soldados seguiram-no em silêncio, parecendo apreensivos.

Elend continuou avançando. Estava quase…

Ele parou. Lá estava a encosta. Teria sido indistinta das outras ao redor, exceto que havia trilhas levando até ela. Elend franziu a testa, abrindo caminho pelas cinzas altas, movendo-se até o ponto onde a trilha terminava. Lá, encontrou um buraco no chão que levava para dentro da terra.

Uma caverna, ele pensou. *Talvez… um lugar para o meu povo se esconder?* Provavelmente não era grande o bastante. As cavernas que Kelsier usara para sua rebelião haviam sido grandes o suficiente para abrigar dez mil homens, porém. Curioso, Elend seguiu caverna adentro, descendo a inclinação íngreme e despindo a capa. Demoux e seus homens o seguiram com curiosidade.

O túnel avançou um tanto, e Elend ficou surpreso em descobrir que havia luz mais adiante. Imediatamente, ele queimou peltre, ficando mais tenso. Jogou a tocha de lado e queimou estanho, aumentando a visão. Conseguia ver vários

postes com brilhos azuis na ponta. Pareciam feitos de rocha.

O que é isso…?

Ele avançava com rapidez, acenando para Demoux e seus homens seguirem. O túnel levou a uma caverna vasta. Elend parou. Era tão grande quanto uma das cavernas-depósitos. Maior, talvez. Lá embaixo, algo se moveu.

Espectros das brumas?, ele percebeu, surpreso. *É aqui que se escondem? Em cavernas subterrâneas?*

Soltou uma moeda, lançando-se através da caverna mal-iluminada para aterrissar em um piso de pedra, distante de Demoux e dos outros. Os espectros não eram tão grandes quanto outros que tinha visto. E… por que estavam usando pedras e madeira no lugar de ossos?

Ouviu um som. Apenas seus ouvidos aguçados pelo estanho permitiram que o ouvisse, mas parecia muito diferente do som que um espectro das brumas faria. Pedra contra metal. Ele acenou para Demoux e seguiu com cuidado para um corredor lateral.

No fim do corredor, parou, surpreso. Uma figura familiar estava em pé, recostada a um par de grandes portas de metal, grunhindo, aparentemente tentando mantê-las fechadas.

— *Sazed?* — Elend perguntou, empertigando-se.

Sazed ergueu os olhos, viu Elend e ficou tão surpreso que perdeu o controle das portas. Elas se abriram de uma vez, jogando o terrisano para o lado, revelando um grupo de kandra furiosos e de pele translúcida.

— Majestade! — Sazed disse. — Não deixe que escapem!

Demoux e seus soldados correram para se posicionar atrás de Elend. *Este é Sazed ou um kandra que comeu seus ossos?*, pensou Elend. Tomou uma decisão rápida. Confiaria na voz em seus ouvidos. Confiaria que aquele era Sazed.

O grupo tentou passar pelos soldados de Demoux. As criaturas não eram bons guerreiros, no entanto, e suas armas eram feitas de metal. Bastaram dois minutos para Elend e Demoux subjugarem o grupo, quebrando seus ossos para impedir que se curassem e escapassem.

Feito isso, Elend foi até Sazed, que havia se levantado e estava se limpando.

— Como me encontrou, Majestade?

— Honestamente, não sei — Elend disse. — Sazed, que lugar é este?

— A Terra Natal do povo kandra, Majestade — o terrisano respondeu. — E o esconderijo da reserva de atium do Senhor Soberano.

Elend ergueu a sobrancelha, seguindo o dedo apontado de Sazed. Havia um salão além das portas e um fosso no chão.

Que ótimo, pensou Elend, irônico. *Agora o encontramos.*

— Não parece muito entusiasmado, Majestade — Sazed observou. — Reis, exércitos, Nascidos da Bruma e até o próprio Kelsier vêm procurando por esse depósito há anos.

— É inútil — Elend disse. — Meu povo está morrendo de fome e não pode comer metal. Mas esta caverna… talvez seja útil. O que acha, Demoux? — Se houver outras câmaras como esta primeira, milorde, poderia abrigar uma quantidade substancial do nosso povo.

— Há quatro grandes cavernas — Sazed disse. — E quatro entradas, pelo que eu saiba.

Elend se virou para Demoux. Ele já estava dando ordens aos soldados. *Precisamos trazer o povo para cá antes do nascer do sol*, pensou Elend, lembrando-se do calor. *No mínimo, antes de os koloss chegarem.*

Depois disso… bem, eles teriam de ver. Por ora, Elend tinha apenas um objetivo.

Sobreviver.

O estalo sempre foi o lado sombrio da Alomancia. A carga genética de uma pessoa pode torná-la um alomântico em potencial, mas para o poder se manifestar, o corpo precisa passar por um trauma extraordinário. Embora Elend falasse de como seu espancamento havia sido terrível, durante os nossos dias, desencadear a Alomancia em uma pessoa era mais fácil do que fora no passado, pois tínhamos a infusão do poder de Preservação nas linhagens humanas através das pepitas concedidas à nobreza pelo Senhor Soberano.

Quando Preservação criou as brumas, estava temeroso de que Ruína escapasse da prisão. Naqueles dias, antes da Ascensão, as brumas começaram a estalar *as pessoas como fazíamos durante o nosso tempo, mas essa ação das brumas era um dos únicos meios de despertar a Alomancia em uma pessoa, pois os atributos genéticos estavam enterrados muito profundamente para ser trazidos à tona por um simples espancamento. As brumas daqueles dias criavam apenas Brumosos, claro — não havia Nascidos da Bruma até o Senhor Soberano fazer uso das pepitas.*

O povo interpretava mal a intenção das brumas, pois o processo de estalar *alomânticos causava algumas mortes — especialmente de jovens e velhos. Esse não era o desejo de Preservação, mas ele havia aberto mão de grande parte de sua consciência para formar a prisão de Ruína, e as brumas tiveram de trabalhar o melhor que podiam sem direcionamento específico.*

Ruína, sutil como sempre, sabia que não poderia impedir as brumas de fazer seu trabalho. No entanto, podia fazer o inesperado e incentivá-las. *E, assim, ajudou a fortalecê-las mais, o que trouxe a morte das plantas do mundo e criou a ameaça que ficou conhecida como as Profundezas.*

81

Vin olhou para Ruína, projetando um sorriso. A nuvem de bruma escura e inquieta parecia agitada.

Então, você pode influenciar um único assecla, vociferou Ruína, girando e erguendo-se no ar. Vin seguiu, subindo para pairar sobre todo o Domínio Central. Lá embaixo, conseguiu ver os soldados de Demoux correndo para ao acampamento, acordando as pessoas, organizando sua fuga. Alguns deles já estavam seguindo a trilha na cinza até a segurança das cavernas.

Ela conseguia sentir o sol e estava ciente de que o planeta estava perto demais dele. Porém, não podia fazer mais nada. Não apenas Ruína a teria impedido, como também havia o fato de que ela ainda não entendia o poder. Sentia-se como o Senhor Soberano devia ter se sentido — poderoso, mas desajeitado. Se tentasse mover o mundo, apenas pioraria as coisas.

Mas havia conseguido algo. Ruína tinha seus koloss avançando na direção deles a uma velocidade vertiginosa, mas não chegariam às Minas antes de muitas horas. Tempo suficiente para levar as pessoas às cavernas.

Ruína percebeu o que ela estava examinando ou, talvez, tenha sentido sua presunção. *Acha que venceu?*, ele perguntou em tom de zombaria. *Ora, só porque conseguiu impedir alguns kandra? Sempre foram os mais fracos dos asseclas que o Senhor Soberano criou para mim. Era um hábito meu ignorá-los. De qualquer forma, Vin, você não pode achar de fato que me venceu.*

Vin esperou, observando o povo fugir para a segurança relativa das cavernas. Mesmo enquanto o grosso das pessoas chegava — soldados separando-os em grupos, fazendo-os passar por diferentes entradas —, seu bom humor já começava a definhar. Ela conseguira chegar a Elend e, embora tivesse parecido uma grande vitória naquele momento, agora ela podia ver que era pouco mais do que outra tática de postergação.

Você contou os koloss em meu exército, Vin?, perguntou Ruína. *Eles são feitos com seu povo, como sabe. Reuni centenas de milhares.*

Vin se concentrou, contando instantaneamente. Ela estava dizendo a verdade.

Esta é a força que eu poderia ter lançado contra vocês a qualquer momento, disse Ruína. *A maior parte dela mantida nos Domínios Longínquos, mas eu passei um bom tempo os trazendo para dentro dos domínios, marchando com eles para Luthadel. Quantas vezes preciso lhe dizer, Vin? Não podem vencer. Nunca puderam. Estive apenas brincando com vocês.*

Vin se afastou, ignorando as mentiras. Ruína não estivera brincando com eles — estivera tentando descobrir os segredos deixados por Preservação, o segredo mantido pelo Senhor Soberano. Ainda assim, os números que Ruína finalmente conseguira aglomerar eram assustadores. Havia muito mais koloss do que havia pessoas descendo para as cavernas. Com uma força como essa, Ruína poderia atacar até mesmo uma posição bem fortificada. E, pelas contas de Vin, Elend tinha pouco menos que mil homens com qualquer treinamento.

Além disso, havia o sol e seu calor destrutivo, a morte das plantações do mundo, as águas e a terra poluídas por vários metros de cinzas… mesmo os rios de lava, que ela havia impedido, haviam recomeçado, seu tampar de montanhas de cinzas tendo sido apenas uma solução temporária. E ruim, aliás. Agora que as montanhas não podiam entrar em erupção, grandes rachaduras surgiam na terra, e o magma, o sangue ardente da terra, estava transbordando.

Estamos em grande desvantagem!, pensou Vin. *Ruína teve séculos para planejar tudo isso. Mesmo quando pensávamos que estávamos sendo espertos, caímos em sua trama. De que adianta levar meu povo para baixo da terra, se eles vão acabar morrendo de fome?*

Ela se voltou para Ruína, que formava vagalhões e redemoinhos de fumaça enquanto observava o exército koloss. Sentiu um ódio que parecia incompatível com o poder que detinha. Aquele ódio a deixava enjoada, mas ela não o dispersou.

Aquela coisa diante dela… destruiria tudo que conhecia, tudo que amava. Não conseguia entender o amor. Construía apenas para que pudesse destruir. Naquele momento, Vin abriu mão de sua decisão anterior. Nunca mais trataria Ruína como se fosse um ser humano. Humanizar a criatura era lhe prestar respeito demais.

Comovida, assistindo a tudo acontecer, ela não sabia mais o que fazer. Assim sendo, atacou.

Não sabia ao certo como fazer aquilo. Lançou-se contra Ruína, forçando seu poder contra o poder da coisa. Houve um atrito entre as duas, um embate de energias, que perturbou seu corpo divino. Ruína gritou e — mesclada a ele —,

Vin conheceu sua mente.

Ruína ficou surpresa. Não esperava que Preservação fosse capaz de atacar. O movimento de Vin tinha muito de destruição. Ruína não soube como reagir, mas lançou seu poder de volta em um reflexo protetor. Seus “eus” se chocaram, ameaçando se dissolver. Por fim, Vin recuou, dilacerada, refutada.

O poder de ambas era acirrado demais. Opostos, ainda que similares. Como a Alomancia.

Oposição, sussurrou Ruína. *Equilíbrio. Desconfio que você aprenderá a odiá-lo, embora Preservação nunca tenha conseguido.*

— Então, *este* é o corpo de um deus? — Elend perguntou, rolando a conta de atium na palma da mão. Ele a ergueu próxima da que Yomen lhe dera.

— Exato, Majestade — Sazed disse.

O terrisano parecia animado. Não entendia como a situação era perigosa? Os batedores de Demoux — os que conseguiram retornar — relataram que os koloss estavam apenas a minutos de distância. Elend ordenara que as tropas ficassem nas entradas da Terra Natal, mas sua esperança — de que os koloss não soubessem onde encontrar seu povo — era ínfima, considerando o que Sazed lhe dissera sobre Ruína.

— Ruína não tem escolha a não ser vir buscá-lo — Sazed explicou. Estavam na caverna com paredes de metal chamada Gruta da Confiança, o lugar onde os kandra haviam passado os últimos mil anos reunindo e protegendo o atium. — Este atium é *parte* dele. É o que tem buscado todo esse tempo.

— O que, por sua vez, quer dizer que teremos algumas centenas de milhares de koloss tentando pular nas nossas gargantas, Sazed — Elend disse, devolvendo a conta de atium. — Sou a favor de entregarmos o atium para ele.

Sazed empalideceu.

— Entregar para ele? Majestade, desculpe, mas isso traria o fim do mundo. Instantaneamente. Tenho certeza disso.

Que ótimo, pensou Elend.

— Tudo vai ficar bem, Elend — Sazed disse.

Elend franziu a testa para o terrisano, que parecia tranquilo ali de pé em sua túnica.

— Vin virá — Sazed explicou. — Ela é Heroína das Eras e virá para salvar

este povo. Não vê a perfeição de tudo isso? É arranjado, planejado. O fato de você ter vindo até aqui, me encontrar, neste exato momento… Que tenha conseguido trazer o povo para a segurança destas cavernas… Bem, tudo se encaixa. Ela virá.

Momento interessante para ele recuperar a fé, pensou Elend. Rolou a conta de Yomen entre os dedos, pensativo. Fora do salão, pôde ouvir sussurros. Pessoas — mordomos terrisanos, líderes skaa, até mesmo alguns soldados — estavam escutando. Elend conseguiu sentir a ansiedade nas vozes. Eles tinham ouvido sobre o exército que se aproximava. Enquanto Elend observava, viu Demoux abrindo caminho para entrar no salão.

— Soldados a postos, milorde — o general disse.

— Quantos temos? — Elend perguntou.

Demoux parecia desgostoso.

— Os duzentos e oitenta que trouxe comigo — ele respondeu. — Mais quinhentos da cidade. Cerca de cem cidadãos comuns que armamos com os martelos dos kandra ou armas sobressalentes de nossos soldados. E temos quatro entradas diferentes para este complexo de cavernas que precisamos vigiar.

Elend fechou os olhos.

— Ela virá — Sazed disse.

— Milorde — Demoux disse, puxando Elend para o lado. — A situação é ruim.

— Eu sei — Elend disse, exalando suavemente. — Deu os metais aos homens?

— O que consegui encontrar — Demoux disse em voz baixa. — As pessoas não pensaram em trazer metal em pó quando fugiram de Luthadel. Encontramos alguns nobres alomânticos entre os refugiados, mas eram apenas Nuvens de Cobre ou Buscadores.

Elend assentiu. Já havia subornado ou pressionado os alomânticos nobres úteis para ingressar em seu exército.

— Demos esses metais aos meus soldados — Demoux disse. — Mas nenhum deles conseguiu queimá-los. Mesmo se tivéssemos alomânticos, não podemos guardar este local, milorde! Não com tão poucos soldados, não contra tantos koloss. Vamos atrasá-los no início, pois as entradas são estreitas. Mas… bem…

— Eu já sei disso, Demoux — Elend disse, frustrado. — Mas você teria

outras opções?

Demoux ficou em silêncio.

— Estava esperando que o senhor tivesse alguma, milorde.

— Aqui, nenhuma — Elend disse.

Demoux ficou mais desesperado.

— Então, vamos morrer.

— E sua fé, Demoux? — Elend perguntou.

— Acredito no Sobrevivente, milorde. Mas… bem, tudo isso me parece muito ruim. Estou me sentindo como um homem esperando sua vez diante do carrasco assim que vimos aqueles koloss. Talvez o Sobrevivente não queira que tenhamos sucesso aqui. Às vezes, as pessoas precisam morrer.

Elend se afastou, frustrado, abrindo e fechando o punho ao redor da conta de atium. Era o mesmo problema, o mesmo problema que sempre tivera. Falhara durante o cerco de Luthadel — acabara dependendo de Vin para proteger a cidade. Falhara com a Cidade de Fadrex — apenas os koloss recuando o resgataram de lá.

A função mais básica de um governante era proteger seu povo. Nessa área, Elend se sentia continuamente impotente. Inútil.

Por que não consigo?, pensou com frustração. *Passei um ano buscando cavernas-depósitos para oferecer comida apenas para terminar emboscado, com meu povo morrendo de fome. Todo esse tempo busquei o atium, esperando usá-lo para comprar a segurança do meu povo, e, quando o encontro, é tarde demais para gastá-lo em qualquer coisa.*

Tarde demais…

Ele hesitou, olhando para a placa de metal no chão.

Anos procurando… atium.

Nenhum dos metais que Demoux dera aos soldados havia suscitado reações. Elend estivera trabalhando sob a suposição de que o grupo de Demoux seria como os outros caídos das brumas de Fadrex — que seria composto de todos os tipos de Brumosos. Ainda assim, havia algo *diferente* no grupo de Demoux. Eles tinham ficado doentes por muito mais tempo que os outros.

Elend correu, passando por Sazed às pressas, agarrando um punhado de contas. Um tesouro vasto, diferente de qualquer coisa que qualquer homem já possuíra. Valioso por sua raridade. Valioso por seu poder econômico. Valioso por sua *Alomancia*.

— Demoux — disse de súbito, erguendo e jogando a conta para ele. — Coma isso.

Demoux franziu a testa.

— Milorde?

— Coma — Elend insistiu.

Demoux obedeceu. Ficou em silêncio por um momento.

Duzentos e oitenta homens, pensou Elend. *Enviados para longe do meu exército porque, de todos os que ficaram doentes, ficaram* mais *doentes. Por dezesseis dias.*

Duzentos e oitenta homens. Um dezesseis-avos daqueles que caíram doentes. Um dos dezesseis metais alomânticos.

Yomen comprovara que existiam Brumosos de atium. Se Elend não estivesse tão distraído, teria feito a ligação antes. Se um a cada dezesseis que caíram doentes permaneceu assim por mais tempo, isso não significaria que tinham ganhado a mais poderosa das dezesseis habilidades?

Demoux ergueu a cabeça, seus olhos arregalados.

E Elend sorriu.

Vin pairava do lado de fora da caverna, observando com horror os koloss se aproximando. Já estavam em furor de sangue — Ruína chegava a ter esse nível de controle sobre eles. Havia milhares e milhares. O massacre estava prestes a começar.

Vin gritou quando eles se aproximaram mais, lançando-se novamente contra Ruína, tentando fazer seu poder destruir a coisa. Como antes, foi rechaçada. Sentia-se gritar e tremer ao pensar nas mortes iminentes lá embaixo. Seria como as mortes da onda gigante na costa, apenas pior.

Pois dessa vez as vítimas seriam pessoas que ela conhecia. Pessoas que amava.

Ela se virou para a entrada. Não queria assistir, mas não conseguia fazer outra coisa. Seu eu estava em todos os lugares. Mesmo se ela empurrasse seu centro de poder para longe, sabia que ainda sentiria as mortes — que elas a fariam tremer e chorar.

De dentro da caverna, ecoando, ela sentiu uma voz familiar.

— Hoje, homens, eu lhes peço a sua vida.

Vin pairou baixo, ouvindo, embora não pudesse enxergar dentro da caverna por causa dos metais na rocha. Podia ouvir, porém. Ela sabia que, se tivesse olhos, estaria chorando.

— Peço-lhes a sua vida — Elend disse, a voz ecoando — e a sua coragem. Peço-lhes sua fé e sua honra, sua força e sua compaixão. Pois, hoje, eu os lidero para a morte. Não vou pedir que recebam de bom grado esse evento. Não vou insultá-los chamando-o de bom ou justo, ou até mesmo glorioso. Mas direi o seguinte: cada momento em que vocês lutarem será um presente àqueles nesta caverna. Cada segundo que lutarmos será um segundo a mais que milhares de pessoas poderão respirar. Cada golpe de espada, cada koloss derrubado, cada suspiro merecido será uma vitória! É uma pessoa protegida por um momento a mais, uma vida estendida, um inimigo frustrado!

Houve uma breve pausa.

— No final, eles vão nos matar — Elend disse, a voz alta, ressoando na caverna. — Mas, primeiro, eles vão nos *temer*!

Os homens gritaram, e a mente expandida de Vin pôde perceber cerca de duzentas e cinquenta vozes distintas. Ouviu-as se dividir, correndo na direção de diferentes entradas da caverna. Um momento depois, alguém apareceu na entrada próxima a ela.

Uma figura de branco lentamente saiu para as cinzas, a capa branca brilhante esvoaçando. Segurava a espada em uma das mãos.

Elend!, ela tentou gritar para ele. *Não! Volte! Atacá-los é loucura! Vocês serão mortos!*

Elend estava empertigado, observando as ondas de koloss que se aproximavam e pisoteavam as cinzas pretas, um mar infinito de morte com pele azul e olhos vermelhos. Muitos carregavam espadas, enquanto outros apenas portavam pedras e pedaços de madeira. Elend era uma mancha branca e mínima diante deles, um ponto único em uma tela de um azul infindo.

Ele ergueu a espada e avançou.

ELEND!

De repente, Elend irrompeu com uma energia brilhante, tão reluzente que Vin arfou. Ele confrontou o primeiro koloss de frente, esquivando-se embaixo da espada do monstro e decapitando a criatura com um golpe. Em seguida, em vez de saltar para longe, ele girou para o lado, investindo. Outro koloss caiu. Três espadas surgiram ao redor dele, mas todas erraram por um suspiro. Elend se

desviou para o lado, acertando um koloss na barriga, em seguida rodou a espada — a cabeça passando de raspão em outro golpe — e arrancou o braço de uma criatura.

Ele ainda não havia se *empurrado* para longe. Vin ficou paralisada, observando-o derrubar outro koloss e decapitar mais um em um golpe único, fluido. Elend movia-se com uma elegância que ela nunca vira antes. Ela sempre fora a melhor guerreira, mas, naquele momento, ele a deixava para trás. Ziguezagueava entre as lâminas koloss como se participasse de uma luta ensaiada, corpo após corpo caindo diante de sua espada deslizante.

Um grupo de soldados nas cores de Elend irrompeu da entrada da caverna, atacando. Como uma onda de luz, suas forças explodiam com poder. Eles também se moviam pelas fileiras de koloss, atacando com precisão incrível. Nenhum sequer caiu enquanto Vin assistia. Lutavam com habilidade e sorte milagrosas, cada lâmina koloss golpeando com apenas um pouco de atraso. Corpos azuis começaram a se empilhar ao redor da força reluzente dos homens.

De alguma forma, Elend encontrara um exército inteiro capaz de queimar atium.

Elend era um deus.

Nunca havia queimado atium antes, e sua primeira experiência com o metal o enchia de assombro. Os koloss ao redor emitiam sombras de atium, imagens que se moviam antes deles, mostrando a Elend exatamente o que fariam. Ele conseguia ver o futuro, mesmo que poucos segundos adiante. Em uma batalha, era todo o necessário.

Conseguia sentir o atium ampliando sua mente, tornando-o capaz de ler e usar todas as novas informações. Ele sequer parava para pensar. Os braços se moviam por vontade própria, brandindo sua espada com precisão incrível.

Ele girou em meio a uma nuvem de imagens fantasma, acertando carne, sentindo-se quase como se estivesse novamente nas brumas. Nenhum koloss conseguia se impor a ele. Sentia-se energizado, sentia-se incrível. Por um tempo, era invencível. Ele engolira tantas contas de atium que parecia que ia vomitar. Por toda sua história, o atium fora uma coisa que homens precisavam economizar e acumular. Queimá-lo parecia um desperdício tão grande que ele era usado apenas com parcimônia, apenas em momentos de grande necessidade.

Elend não precisava mais se preocupar com aquilo. Queimava o quanto

quisesse. E aquilo o transformava em um desastre para os koloss — um redemoinho de golpes exatos e esquivas impossíveis, sempre uns passos à frente de seus oponentes. Inimigo após inimigo caía diante dele. E, quando começou a ficar sem atium, se *empurrou* a partir de uma espada caída de volta à entrada. Lá, com muita água para engoli-lo, Sazed esperava com outra bolsa do metal.

Elend engoliu as contas rapidamente e voltou para a batalha.

Ruína se encolerizou e rodopiou, tentando impedir o massacre. Porém, dessa vez, Vin foi a força do equilíbrio. Bloqueou toda tentativa de Ruína de destruir Elend e os outros, mantendo a coisa sob controle.

Não consigo concluir se você é um tolo, Vin falou para Ruína, *ou se na sua existência não existe a capacidade de considerar certas coisas.*

Ruína berrava, debatendo-se contra Vin, tentando destruí-la como tentara antes. No entanto, novamente, suas forças eram semelhantes demais. Ruína foi forçado a recuar.

Vida, disse Vin. *Você disse que o único motivo para criar algo era para que você pudesse destruí-lo.*

Pairou ao lado de Elend, observando-o lutar. As mortes dos koloss deveriam causar dor a ela. Porém, Vin não pensava na morte. Talvez fosse influência da força de Preservação, mas ela via apenas um homem batalhando, lutando, mesmo quando não parecia haver esperança. Ela não via morte; via vida. Via fé.

Criamos coisas para observá-las crescer, Ruína, Vin disse. *Para ter prazer em ver o que amamos se tornar mais do que antes. Você disse que era invencível — que todas as coisas são destruídas. Que todas as coisas são arruinadas. Mas existem coisas que lutam contra você — e a parte irônica é que você não consegue nem entender essas coisas. Vida. Amor. Crescimento.*

A vida de uma pessoa é mais do que o caos de sua passagem. Emoção, Ruína. Essa é a sua derrota.

Sazed assistia com ansiedade, da boca da caverna. Um pequeno grupo de homens se aglomerava ao redor dele. Garv, líder da Igreja do Sobrevivente em Luthadel. Harathdal, o primeiro dos mordomos de Terris. Lorde Dedri Vasting, um dos membros sobreviventes da Assembleia do governo da cidade. Aslydin, a jovem por quem Demoux aparentemente havia se apaixonado durante aquelas poucas semanas nas Minas de Hathsin. Um punhado de outros, importantes —

ou fiéis — o bastante para chegar perto da ponta da multidão e assistir.

— Onde ela está, Mestre Terrisano? — Garv perguntou.

— Ela virá — Sazed prometeu, a mão descansando na parede de pedra.

Os homens ficaram em silêncio. Soldados — aqueles sem a bênção do atium — esperavam com nervosismo ao lado, sabendo que eram a próxima linha de defesa, caso o ataque de Elend falhasse.

Ela tem de vir, pensou Sazed. *Tudo aponta para a sua chegada.*

— A Heroína *virá* — ele repetiu.

Elend cortou duas cabeças de uma vez, derrubando os koloss. Girou a lâmina, arrancando um braço, em seguida apunhalou outro no pescoço. Não vira aquele se aproximando, mas sua mente enxergara e interpretara a sombra de atium antes que o ataque real viesse.

Ele já estava sobre um tapete de cadáveres azuis. E não havia sequer cambaleado. Com atium, cada passo era exato, a lâmina guiada, a mente aguçada. Ele derrubou um koloss especialmente grande e em seguida recuou, parando por um momento.

O sol se erguia no horizonte a leste. Começava a ficar mais quente.

Eles estavam lutando há horas, mas ainda assim o exército de koloss parecia infinito. Elend matou outro, mas seus movimentos já estavam começando a ficar lentos. O atium aguçava a mente, mas não estimulava o corpo, e ele começou a depender do peltre para continuar. Quem imaginaria que alguém pudesse ficar cansado — até mesmo exausto — durante a queima de atium? Ninguém havia usado tanto o metal quanto Elend.

Mas precisava continuar. Seu atium já estava baixo. Ele voltou para a boca da caverna, a tempo de ver um de seus soldados alomânticos cair num jorro de sangue.

Elend praguejou, girando quando uma sombra de atium passou através dele. Desviou do golpe que seguiu e arrancou o braço da criatura. Decapitou outra logo depois, então cortou a perna de outro por baixo dela. Em grande parte da batalha, não havia usado saltos ou ataques alomânticos sofisticados, só golpes de espada diretos. Mas os braços estavam ficando cansados, e ele foi forçado a começar a *empurrar* koloss para longe para administrar o campo de batalha. A reserva de atium — de *vida* — dentro dele estava minguando. Atium queimava rápido demais.

Outro homem gritou. Outro soldado morto.

Elend começou a voltar para a caverna. Simplesmente havia koloss *demais*. Seu grupo de duzentos e oitenta havia massacrado milhares, mas os koloss não se importavam. Continuavam atacando, uma onda brutal de determinação sem fim, contida apenas pelos bolsões de Brumosos de atium protegendo cada uma das entradas da Terra Natal.

Outro homem morreu. Estavam ficando sem atium.

Elend gritou, brandindo a espada ao seu redor, derrubando três koloss em uma manobra que nunca devia ter funcionado. Avivou aço e *empurrou* o restante para longe.

O corpo de um deus, queimando dentro de mim, ele pensou. Cerrou os dentes, atacando enquanto mais de seus homens caíam. Ele cambaleou sobre uma pilha de koloss, arrancando braços, pernas, cabeças. Apunhalando peitos, pescoços, barrigas. Continuou a lutar, sozinho, sua roupa branca havia muito tornada vermelha.

Algo se moveu atrás dele, e Elend girou, erguendo a lâmina, deixando o atium conduzi-lo. Mas ficou paralisado, indeciso. A criatura atrás dele não era um koloss. Vestia uma túnica preta e tinha uma órbita do olho vazia e sangrando, a outra com uma estaca atravessada pelo crânio até sair na parte de trás. Elend conseguia enxergar pela órbita vazia, através da cabeça da criatura até o outro lado.

Marsh. Tinha uma nuvem de sombras de atium ao seu redor — também estava queimando o metal e era imune ao atium de Elend.

Humano liderava seus soldados koloss através dos túneis. Matavam qualquer pessoa no caminho.

Alguns resistiram na entrada. Eles haviam lutado muito. Foram fortes. Agora estavam mortos.

Algo fazia Humano continuar. Algo mais forte do que qualquer coisa que o havia controlado antes. Mais forte que a mulherzinha de cabelos pretos, embora ela fosse muito forte. Aquela coisa era mais. Era Ruína. Humano sabia disso.

Ele não conseguia resistir. Conseguia apenas matar. Derrubou outro ser humano.

Humano irrompeu na grande câmara aberta cheia de outras pessoinhas. Controlando-o, Ruína o fez se afastar e não matá-las. Não que Ruína não

quisesse matá-las. Apenas queria algo ainda *mais.*

Humano avançou. Engatinhou sobre rochas e pedras caídas. Empurrou para o lado seres humanos berrando. Outros koloss o seguiram. Naquele momento, todos os seus desejos foram esquecidos. Havia apenas o desejo avassalador de chegar a…

Uma pequena sala. Lá. Bem à sua frente. Humano abriu a porta de uma vez. Ruína gritou de prazer quando ele entrou no local. Lá estava o que Ruína queria.

*

— Adivinhe o que eu achei — Marsh rosnou, avançando, empurrando a espada de Elend. A arma foi arrancada de seus dedos e voou longe. — Atium. Um kandra o estava carregando, querendo vendê-lo. Criatura tola.

Elend praguejou, desviando do caminho de um golpe de koloss, puxando a adaga de obsidiana da bainha na perna.

Marsh avançou. Homens gritavam — xingando, caindo — conforme seu atium se extinguia. Os soldados de Elend estavam sendo massacrados. Os gritos diminuíram até que o último dos homens que guardavam a entrada morreu. Ele duvidava que os outros durariam muito mais.

O atium de Elend o alertou dos ataques dos koloss, fazendo-o desviar — quase não conseguiu —, mas não podia matá-los com tanta eficácia com a adaga. E, quando o koloss chamou sua atenção, Marsh golpeou com um machado de obsidiana. A lâmina caiu, e Elend saltou para longe, mas a esquiva tirou seu equilíbrio.

Elend tentou se recuperar, mas seus metais estavam muito baixos — não apenas o atium, mas os metais básicos. Ferro, aço, peltre. Ele não havia prestado muita atenção neles, pois tinha atium, mas estava lutando há muito tempo. Se Marsh tivesse atium, então estavam em pé de igualdade — e, sem os metais básicos, Elend morreria.

Um ataque do Inquisidor o forçou a avivar peltre para escapar. Ele cortou três koloss com facilidade, seu atium ainda ajudando, mas a imunidade de Marsh era um desafio e tanto. O Inquisidor se arrastrou sobre os corpos caídos dos koloss, cambaleando na direção de Elend, sua única estaca na cabeça refletindo, brilhante demais, à luz do sol.

O peltre de Elend se esgotou.

— Não pode me vencer, Elend Venture — Marsh disse em uma voz áspera como cascalho. — Nós matamos sua esposa. Eu vou matá-lo.

Vin. Elend não acreditou nele. *Vin virá*, pensou. *Ela vai nos salvar.*

Fé. Era uma coisa estranha de se sentir naquele momento. Marsh golpeou.

Elend sentiu peltre e ferro se avivando dentro dele. Não tinha tempo para pensar na estranheza daquilo; simplesmente reagiu, *puxando* sua espada, fincada no chão a certa distância. Ela rodopiou pelo ar e ele a agarrou, girando em um movimento muito rápido, bloqueando o machado de Marsh. O corpo de Elend parecia pulsar, poderoso e vasto. Ele golpeou adiante, por instinto, forçando Marsh a recuar pelo campo de cinzas. Os koloss se afastaram por um momento, desconfiados de Elend, como se assustados. Ou admirados.

Marsh ergueu a mão para *empurrar* sua espada, mas nada aconteceu. Era… como se algo desviasse o ataque. Elend gritou, avançando, revidando os golpes de Marsh com sua espada prateada. O Inquisidor parecia assustado enquanto bloqueava com o machado de obsidiana, seus movimentos rápidos demais até mesmo para a Alomancia explicar. Mas Elend ainda o forçou a recuar pelos cadáveres azuis, as cinzas agitando-se sob o céu vermelho.

Uma paz poderosa se assomava dentro de Elend. Sua Alomancia avivava-se, brilhante, embora ele soubesse que seus metais já deveriam ter se esgotado. Apenas o atium permanecia, e sua força estranha não lhe dava — não podia lhe dar — os outros metais. Mas não importava. Por um instante, ele foi abraçado por algo maior. Ergueu os olhos na direção do sol.

E viu — apenas por um momento — uma figura enorme no ar bem acima dele. Uma imagem cambiante, brilhante de um branco puro. As mãos seguravam seus ombros com a cabeça lançada para trás, os cabelos brancos revoando, as brumas reluzindo atrás dela como asas estendidas pelo céu.

Vin, ele pensou com um sorriso.

Elend olhou para trás quando Marsh gritou e saltou à frente, atacando com o machado em uma das mãos, parecendo deixar um rastro imenso e preto como uma capa em seu encalço. A outra mão estava erguida em frente ao rosto, como se para proteger os olhos mortos da figura no ar acima de Elend.

Elend queimou o restante de atium, avivando-o no estômago. Ergueu a espada com as duas mãos e esperou Marsh se aproximar. O Inquisidor era mais forte, além de um guerreiro melhor. Tinha poderes da Alomancia e da Feruquemia, fazendo dele outro Senhor Soberano. Não era uma batalha que Elend tinha como vencer. Não com uma espada.

Marsh chegou, e Elend pensou entender como foi para Kelsier enfrentar o Senhor Soberano naquela praça em Luthadel, todos aqueles anos antes. Marsh golpeou com o machado. Elend ergueu a espada e se preparou para golpear.

Então queimou duralumínio com seu atium.

Visão, Som, Força, Poder, Glória, Velocidade!

Linhas azuis saíram de seu peito como raios de luz. Mas foram todas ofuscadas por uma coisa. Atium mais duralumínio. Em um estalo de conhecimento, Elend sentiu uma quantidade imensa e atordoante de informações. Tudo ficou branco ao redor dele conforme o conhecimento saturava sua mente.

— Agora entendo — ele sussurrou quando a visão desapareceu e, junto com ela, seus metais remanescentes. O campo de batalha retornou. Ele estava bem no meio, a espada atravessada no pescoço de Marsh. Havia ficado presa na cabeça da estaca que saía nas costas do Inquisidor, entre as omoplatas.

O machado de Marsh estava enterrado em seu peito.

Os metais fantasmas que Vin lhe dera avivaram-se dentro de Elend novamente. Afastaram a dor. No entanto, havia pouco que o peltre pudesse fazer, não importava o quanto o avivasse. Marsh arrancou o machado, e Elend caiu para trás, sangrando, soltando a espada. O Inquisidor puxou a lâmina do pescoço, e o ferimento desapareceu, curado pelos poderes da Feruquemia.

Elend tombou sobre uma pilha de corpos de koloss. Ele já estaria morto, se não fosse pelo peltre. Marsh se aproximou, sorrindo. Sua órbita ocular vazia estava envolta em tatuagens, a marca que Marsh fizera em si próprio. O preço que pagara para derrubar o Império Final.

Marsh agarrou Elend pela garganta, colocando-o em pé.

— Seus soldados estão mortos, Elend Venture — a criatura sussurrou. — Nossos koloss estão investindo pelas cavernas dos kandra. Seus metais acabaram. Você perdeu.

Elend sentiu a vida se esvair, a última gota de um copo vazio. Já estivera assim antes, na caverna do Poço da Ascensão. Deveria ter morrido na época e ficara aterrorizado. Estranhamente, daquela vez, não estava. Não havia arrependimento. Apenas satisfação.

Elend ergueu os olhos para o Inquisidor. Vin, como um fantasma brilhante, ainda pairava sobre os dois.

— Perdi? — Elend sussurrou. — Nós vencemos, Marsh.

— Ah, é? E como? — Marsh perguntou com desdém.

Humano estava em pé ao lado do fosso no centro da caverna. O fosso onde o corpo de Ruína estivera. O lugar da vitória.

Humano se ergueu, espantado. Um grupo de outros koloss foi até ele, parecendo igualmente confusos.

O fosso estava vazio.

— Atium — Elend sussurrou, sentindo o gosto do sangue. — Onde está o atium, Marsh? De onde você acha que tiramos poder para lutar? Veio atrás do atium? Bem, ele *se foi*. Diga ao seu mestre! Acha mesmo que meus homens e eu acreditávamos que poderíamos matar todos aqueles koloss? Há dezenas de milhares deles! Não era esse o nosso objetivo.

O sorriso de Elend se alargou.

— O corpo de Ruína se foi, Marsh. Nós o queimamos todo, os outros e eu. Talvez você possa me matar, mas *nunca* vai conseguir o que veio buscar. E é por isso que vencemos.

Marsh gritou, enfurecido, exigindo a verdade, mas Elend já havia falado. A morte dos outros significa que haviam esgotado o atium. Seus homens lutaram até o metal acabar, como Elend havia ordenado, queimando até a última conta.

O corpo de um deus. O poder de um deus. Elend o tivera dentro de si por um momento. E, mais importante, ele o destruíra. Felizmente, aquilo manteria seu povo a salvo.

Depende de você agora, Vin, ele pensou, ainda sentindo a paz de seu toque na alma. *Eu fiz o que pude.*

Ele sorriu para Marsh novamente, desafiador, enquanto o Inquisidor erguia o machado.

O machado arrancou a cabeça de Elend.

Ruína urrava e se debatia, enfurecido e destrutivo. Vin apenas observou, em silêncio, o corpo decapitado de Elend tombando de volta na pilha de corpos azuis.

O que acha disso?!, gritou Ruína. *Eu o matei! Arruinei tudo que você ama!*

Eu o tirei de você!

Vin flutuou sobre o corpo de Elend, olhando para baixo. Estendeu dedos incorpóreos, tocando a cabeça, lembrando como fora usar seu poder para abastecer a Alomancia dele. Não sabia o que havia feito. Algo parecido com o que Ruína fazia ao controlar os koloss, talvez. Mas oposto. Libertador. Sereno.

Elend estava morto. Ela sabia disso; sabia que não havia nada que pudesse fazer. Aquilo trazia dor, era verdade, mas não a dor que ela havia esperado. *Eu o deixei partir há muito tempo*, ela pensou, acariciando o rosto dele. *No Poço da Ascensão. A Alomancia o trouxe de volta para mim por um tempo*.

Ela não sentiu a dor ou o terror que conhecera antes ao pensar que Elend estava morto. Dessa vez, sentiu apenas paz. Esses últimos anos haviam sido uma bênção; uma prorrogação. Ela abrira mão dele para que Elend pudesse ser independente, arriscar-se como desejasse e, talvez, morrer. Ela sempre o amaria. Mas não deixaria de funcionar porque ele havia partido.

Muito pelo contrário, talvez. Ruína flutuava bem acima dela, lançando insultos, dizendo como mataria os outros. Sazed. Brisa. Ham. Fantasma.

Tão pouco restou do bando original, ela pensou. *Kelsier, morto há muito tempo. Dockson e Trevo, assassinados na Batalha de Luthadel. Yeden, morto com seus soldados. OreSeur, derrubado por ordem de Zane. Marsh, caído para se tornar um Inquisidor. E os outros que se juntaram a nós, agora mortos também. Tindwyl, TenSoon, Elend…*

Ruína achava que ela deixaria que esses sacrifícios tivessem sido em vão? Vin se ergueu, reunindo seu poder. Forçou-o contra o poder de Ruína, como fizera das outras vezes. Porém, dessa vez, foi diferente. Quando Ruína revidou, ela não recuou. Não se preservou. Ela continuou pressionando.

O confronto fez seu corpo divino tremer de dor. Era a dor de um encontro de frio e calor, a dor de duas rochas sendo esmagadas uma contra a outra, friccionadas até virar poeira. As formas deles ondulavam em uma tempestade de poder.

E Vin avançou.

Preservação nunca pôde destruir você!, ela pensou, quase gritando de agonia. *Ele podia apenas proteger. Por isso precisou criar a humanidade. Desde o início, Ruína, isso foi parte do plano de Preservação!*

Ele não abriu mão de parte de si, tornando-se mais fraco, simplesmente para poder criar vida inteligente! Ele sabia que precisaria de algo de Preservação e

de Ruína. Algo que pudesse proteger e destruir. Algo que pudesse destruir para proteger.

Ele abriu mão de seu poder no Poço e nas brumas, entregando-o para que nós pudéssemos assumi-lo. Sempre quis que isso acontecesse. Você acha que esse plano era seu? Pois era dele. Dele o tempo todo.

Ruína gritou. Vin continuou avançando.

Você criou a coisa que pode te matar, Ruína, disse ela. *E cometeu um último gigantesco erro. Não deveria ter matado Elend.*

Sabe, ele era a única razão que me restava para viver.

Ela não recuou, embora o conflito dos opostos a dilacerasse. Ruína gritou, aterrorizado, quando a força do poder de Vin se fundiu completamente com a do dele.

A consciência de Vin — agora formada e saturada de Preservação — se moveu para tocar a de Ruína. Nenhuma delas cedeu. E, com uma explosão de poder, Vin deu adeus ao mundo e puxou Ruína para dentro do abismo com ela.

As duas mentes desapareceram, como brumas sob um sol quente.

Assim que Vin morreu, o fim veio rapidamente. Não estávamos preparados para ele; nem todo o planejamento do Senhor Soberano poderia ter nos preparado para aquilo. Como alguém se prepara para o fim do mundo?

82

Sazed observava em silêncio, da entrada da caverna. Lá fora, os koloss estavam enfurecidos, andando pesadamente, parecendo confusos. A maioria dos homens que estiveram observando com Sazed havia fugido. Mesmo a maioria dos soldados havia batido em retirada para as cavernas, chamando-o de tolo por esperar. Somente o General Demoux, que havia conseguido voltar engatinhando para a caverna após seu atium se esgotar, havia ficado, apenas a poucos passos túnel adentro. O corpo do homem estava ensanguentado, com o braço decepado em um torniquete e uma das pernas esmagada. Ele tossiu baixo, esperando Aslydin voltar com mais bandagens.

Lá fora, o sol se ergueu no céu. O calor era incrível, como um forno. Gritos de dor ecoaram do fundo da caverna atrás de Sazed. Os koloss estavam lá dentro.

— Ela virá — Sazed sussurrou.

Ele conseguia ver dali o corpo de Elend. Havia caído para trás sobre a pilha de cadáveres dos koloss. Brilhava forte em branco e vermelho contra o preto e azul dos koloss e das cinzas.

— Vin virá — Sazed insistia.

Demoux parecia zonzo. Perdera muito sangue. Caiu para trás, fechando os olhos. Os koloss começaram a avançar para a entrada da caverna, embora não tivessem a determinação ou o furor que mostravam antes.

— A Heroína virá! — Sazed disse.

Lá fora, algo apareceu, como se vindo de brumas, em seguida despencou sobre os corpos ao lado do cadáver de Elend. Foi seguido imediatamente por outra coisa, uma segunda figura, que também caiu, inerte.

Lá!, pensou Sazed, cambaleando para fora da caverna. Passou correndo por vários koloss, que tentaram golpeá-lo. Sazed, porém, estava com suas mentes de metal. Pensou que devia estar com suas mentes de cobre, para o caso de precisar registrar algo importante. Usava os dez anéis, os mesmos que usara para lutar durante o cerco de Luthadel, pois sabia que talvez lhe fossem necessários.

Acionou um pouco de aço e se esquivou dos ataques dos koloss. Movia-se

rapidamente através da massa de feras confusas, passando por cima de corpos, movendo-se em direção ao farrapo de capa branca que marcava o local onde jazia Elend. Seu corpo estava lá, decapitado.

Um pequeno corpo jazia ao lado do dele. Sazed caiu de joelhos, agarrando Vin pelos ombros. Ao lado dele, no topo da pilha de koloss mortos, estava outro corpo. Era de um homem de cabelos vermelhos, que Sazed não reconheceu e ignorou.

Pois Vin não estava se movendo.

Não!, ele pensou, verificando o pulso. Não havia nenhum. Os olhos estavam fechados. Ela parecia em paz, mas morta. Definitivamente morta.

— Não pode ser! — ele gritou, sacudindo novamente o corpo da mulher. Vários koloss se arrastaram em sua direção.

Sazed ergueu os olhos. O sol estava se erguendo. Era difícil respirar com todo aquele calor. Sentia a pele queimar. Quando o sol alcançasse o zênite, provavelmente ficaria tão quente que a terra arderia em chamas.

— É assim que vai terminar? — Sazed berrou para o céu. — Seu Herói está morto! O poder de Ruína pode estar partido, os koloss podem estar perdidos para ela como exército, mas *o mundo ainda morrerá!*

A cinza havia matado as plantas. O sol queimaria todo o restante. Não havia comida. Sazed piscou entre lágrimas, mas elas secaram em seu rosto.

— É assim que você nos abandonará? — ele sussurrou.

E, então, sentiu algo. Olhou para baixo. O corpo de Vin esfumaçava levemente. Não devido ao calor. Parecia estar vazando algo… não… Estava ligado a algo. Os fios de bruma que ele viu levavam a uma luz branca e vasta. Ele mal conseguia enxergá-la.

Sazed estendeu a mão e tocou a bruma, sentindo um poder assombroso. Um poder de estabilidade. Ao lado, o outro cadáver, aquele que não reconhecia, também estava soltando algo. Uma fumaça preta e profunda. Sazed estendeu a outra mão, tocando a fumaça, e sentiu um poder diferente — mais violento. O poder da mudança.

Ficou ajoelhado, pasmo, entre os dois corpos. E, apenas então, as coisas começaram a fazer sentido.

As profecias sempre usaram o gênero neutro, pensou ele. *Para que pudessem se referir tanto a uma mulher quanto a um homem, segundo o que pensávamos. Ou… talvez porque elas se referissem a um Herói que não era de fato nem um*

nem outro?

Ele se levantou. O poder do sol parecia insignificante se comparado aos poderes gêmeos, ainda que opostos, que o cercavam.

O Herói seria rejeitado pelo seu povo, pensou Sazed. *Ainda assim, ele os salvaria. Não um guerreiro, embora lutasse. Não nascido como rei, mas se tornaria um, de toda forma.*

Ele olhou para cima novamente.

É isso o que havia planejado desde o início?

Ele sentiu o poder, mas recuou, assustado. Como poderia usar uma coisa assim? Era apenas um homem. No breve vislumbre das forças que havia tocado, soube que não teria como usá-las. Ele não tinha o treinamento necessário.

— Não posso fazer isso — disse entre lábios rachados, erguendo as mãos para o céu. — Não sei como. Não posso fazer o mundo como era; nunca o vi antes. Se eu tomar este poder, farei como o Senhor Soberano, e as coisas apenas piorarão com a minha tentativa. Sou apenas um homem.

Os koloss gritavam de dor com as queimaduras. O calor era terrível, e, ao redor de Sazed, as árvores começaram a estalar e se incendiar. Seu toque nos poderes gêmeos o mantinha vivo, ele sabia, mas ainda assim não os abraçou.

— Eu não sou um Herói — sussurrou, ainda com as mãos para o alto.

Seus braços brilharam, dourados. As mentes de cobre nos antebraços refletiam a luz do sol. Estiveram com ele por muito tempo, como suas companheiras. Seu conhecimento.

Conhecimento…

As palavras da profecia eram muito precisas, pensou de repente. *Elas dizem… elas dizem que o Herói levará o futuro do mundo nos braços.*

Não nos ombros. Não nas mãos. Nos braços.

Pelos Deuses Esquecidos!

Sazed enterrou os braços nas brumas gêmeas e tomou os poderes a ele oferecidos. Absorveu-os, sentindo-os se impregnarem em seu corpo e fazerem-no queimar. Sua carne e ossos evaporaram, mas, enquanto isso acontecia, ele acionou sua mente de cobre, lançando todo o conteúdo em sua consciência em expansão.

As mentes de cobre, agora vazias, caíram com os anéis sobre a pilha de corpos azuis ao lado dos corpos de Vin, de Elend e do corpo anônimo de Ruína. Sazed abriu os olhos, grandes como o próprio mundo, atraindo um poder que

envolvia toda a criação.

O Herói terá o poder para salvar o mundo. Mas terá também o poder para o destruir.

Nunca entendemos. Ele não portaria apenas o poder de Preservação. Ele precisaria do poder de Ruína também.

Os poderes eram opostos. Quando os absorveu, os dois ameaçaram se aniquilar mutuamente. No entanto, por saber como usá-los, ele conseguia mantê-los separados. Podiam se tocar *sem* se destruir, se Sazed assim desejasse. Pois esses dois poderes haviam sido usados para criar todas as coisas. Se lutassem, destruíam. Se fossem usados juntos, criavam.

A compreensão cresceu dentro dele. Por mais de mil anos, os Guardadores haviam coletado o conhecimento da humanidade e o armazenado em suas mentes de cobre. Haviam passado de Guardador para Guardador, cada homem ou mulher carregando o volume inteiro de conhecimento para que pudesse passá-lo adiante quando necessário. Sazed o continha por inteiro.

E, em um momento de transcendência, compreendeu tudo. Viu os padrões, as pistas, os segredos. Os homens haviam acreditado e adorado por toda a existência, e, dentro daquelas crenças, Sazed encontrou as respostas de que precisava. Preciosidades, escondidas de Ruína em todas as religiões da humanidade.

Houvera um povo chamado bennett. Tinham considerado a criação de mapas um dever solene; Sazed certa vez pregara essa religião para o próprio Kelsier. A partir de mapas e cartas detalhadas, Sazed descobriu como o mundo fora no passado. Usou seus poderes para restaurar os continentes e oceanos, as ilhas e linhas costeiras, as montanhas e os rios.

Houvera um povo conhecido como nelazan. Tinham venerado as estrelas, chamando-as de Mil Olhos de seu deus, Trell, olhando por eles. Sazed lembrou-se bem de ter apresentado a religião à jovem Vin, enquanto ela, cativa, passava por seu primeiro corte de cabelo com o bando. Dos nelazan, os Guardadores haviam recuperado as cartas astronômicas e as registrado como era seu dever — embora os estudiosos dissessem que eram inúteis, pois não eram atualizadas desde os dias antes da Ascensão. No entanto, a partir daquelas cartas astronômicas e dos padrões e movimentos de outros planetas no sistema solar que elas delineavam, Sazed conseguiu determinar exatamente onde o mundo devia orbitar. Ele levou o planeta de volta a seu antigo lugar — sem empurrar demais, como fizera o Senhor Soberano, pois tinha uma grade de referência pela

qual medir.

Houvera um povo chamado canzi, que venerara a morte. Haviam deixado observações detalhadas sobre o corpo humano. Sazed fizera uma de suas preces sobre os corpos que encontraram no esconderijo do antigo bando de Vin, quando Kelsier ainda estava vivo. Dos ensinamentos dos canzi sobre o corpo, Sazed determinou que a fisiologia da humanidade havia mudado, por intenção do Senhor Soberano ou por simples evolução, para se adaptar a respirar com as cinzas e comer plantas marrons. Em uma onda de poder, Sazed restaurou os corpos dos homens a como eram antigamente, deixando cada pessoa como era antes, mas consertando os problemas que viver mil anos em um mundo agonizante havia causado. Não destruiu os homens, deturpando-os e revirando-os como o Senhor Soberano fizera ao criar os kandra, pois Sazed tinha um guia segundo o qual trabalhar.

Ele aprendeu outras coisas também. Dezenas de segredos. Uma religião adorara os animais, e dela Sazed extraiu figuras, explicações e referências com relação à vida que *deveria* viver na terra. Ele a restaurou. De outra — Dadradah, a religião que pregara a Trevo antes de ele morrer —, Sazed aprendeu sobre cores e tonalidades. Foi a última religião ensinada por ele e, com seus poemas sobre cor e natureza, foi capaz de restaurar as plantas, o céu e a paisagem à forma que haviam sido antes. Cada religião tinha suas pistas, pois as crenças dos homens continham esperanças, amores, desejos e vidas do povo que haviam acreditado nelas.

Por fim, Sazed tomou a religião dos larsta, a religião em que a esposa de Kelsier, Mare, havia acreditado. Seus sacerdotes tinham o costume de compor poesia em seus momentos de meditação. Desses poemas — e de um pedaço de papel que Mare dera a Kelsier, que o dera a Vin, que, por sua vez, o presenteara a Sazed —, ele aprendeu sobre as coisas belas que o mundo tivera no passado.

E restaurou as flores das plantas que antes as carregaram.

As religiões na minha pasta não eram inúteis, afinal, ele pensou, o poder fluindo e refazendo o mundo. *Nenhuma delas era. Não eram todas verdadeiras.*

Mas todas continham verdade.

Sazed pairou sobre o mundo, mudando as coisas conforme sentia necessidade. Embalou com cuidado os esconderijos da humanidade, mantendo as cavernas seguras — mesmo enquanto as mudava de lugar —, conforme retrabalhava a configuração das placas tectônicas do mundo. Por fim, exalou suavemente, seu trabalho terminado. E, no entanto, o poder não se evaporou

dele, como Sazed esperava que acontecesse.

Rashek e Vin tocaram apenas pequenas partes desse poder no Poço da Ascensão, ele percebeu. *Eu tenho algo a mais. Algo infinito.*

Ruína e Preservação estavam mortos, e seus poderes haviam sido unidos. De fato, pertenciam ali, juntas uma à outra. Como sequer haviam se separado? Algum dia, talvez, ele descobrisse a resposta a essa pergunta.

Alguém precisava vigiar o mundo, cuidar dele, agora que seus deuses haviam partido. Foi somente então que Sazed entendeu o significado do termo Herói das Eras. Não um Herói que vinha uma vez entre as eras.

Mas um Herói que perduraria pelas eras. Um Herói que preservaria a humanidade em toda a sua existência. Nem Preservação nem Ruína, mas os dois.

Deus.

Vin era especial.

Preservação a escolhera em tenra idade, como já mencionei. Acredito que a estivesse preparando aos poucos para assumir seu poder. Ainda assim, a mente de Preservação estava muito fraca naquele momento, reduzida apenas ao fragmento que conhecíamos como o espírito da bruma.

O que o fez escolher essa garota? Porque era uma Nascida da Bruma? Porque ela vivenciou o estalo *muito cedo na vida, recebendo seus poderes ao sofrer as dores do parto estranhamente difícil que sua mãe teve para dar-lhe à luz?*

Vin teve um talento e uma força incomuns com a Alomancia desde o início. Acredito que ela deva ter absorvido um pouco das brumas ainda criança, naqueles breves períodos em que não estava usando o brinco. Preservação já tinha feito com que ela parasse de usá-lo quando Kelsier a recrutou, embora Vin o tenha colocado de novo pouco antes de entrar para o bando. Daquele momento em diante, ela o deixou lá por sugestão de Kelsier.

Ninguém mais era capaz de extrair forças das brumas. Eu determinei isso. Por que estavam abertas a Vin e não aos outros? Desconfio de que ela não fosse capaz de absorvê-las por inteiro até tocar o poder no Poço da Ascensão, que, sempre foi, acredito eu, para ser uma força de harmonia. Algo que, assim que tocado, ajustaria o corpo da pessoa para torná-lo capaz de aceitar as brumas.

No entanto, ela fez *uso de uma migalha do poder de Preservação ao derrotar o Senhor Soberano, um ano antes de sequer começar a ouvir a pulsação que indicava o retorno do poder ao Poço.*

Há muito mais neste mistério. Talvez eu o traga à tona no fim das contas, quando minha mente se acostumar mais e mais com sua natureza expandida. Talvez eu descubra por que eu mesmo fui capaz de tomar os poderes. Por ora, desejo apenas fazer um simples agradecimento à mulher que deteve o poder pouco antes de mim.

De todos nós que o tocamos, sinto que ela foi a mais merecedora.

EPÍLOGO

Fantasma despertou do pesadelo, então se sentou. A caverna ao seu redor estava escura, iluminada apenas por velas e lampiões.

Ele se ergueu e se espreguiçou. À sua volta, as pessoas arfavam. Ele passou por elas, procurando seus amigos. A caverna estava lotada — abrigando todos de Urteau que estiveram dispostos a vir se esconder. Dessa forma, era difícil para Fantasma abrir caminho pelos corpos que se arrastavam, tossiam e conversavam. Enquanto o fazia, os sussurros aumentavam, e as pessoas se levantavam para acompanhá-lo.

Beldre veio correndo até ele, usando um vestido branco.

— Fantasma? — ela perguntou com espanto. — O que… o que aconteceu?

Ele apenas sorriu, envolvendo-a com o braço. Eles caminharam até a entrada da caverna. Brisa estava sentado a uma mesa — claro, *ele* tinha mobília à disposição, enquanto praticamente todo o restante do pessoal estava sentado no chão de pedra. Fantasma sorriu, e o Abrandador ergueu a sobrancelha.

— Você está com uma aparência ótima, meu rapaz — Brisa disse, tomando um gole de seu vinho.

— Acho que sim — Fantasma respondeu.

— É tudo que você vai falar? — Beldre disse para Brisa. — Olhe para ele! Está curado!

Brisa deu de ombros, servindo-se de mais vinho e se erguendo.

— Minha cara, com todas as coisas estranhas que vêm acontecendo ultimamente, a aparência do jovem Fantasma é algo bem básico na lista. Uma simples cura? Ora, se me permite dizer, isso é um tanto comum.

Brisa sorriu, fitando os olhos de Fantasma.

— Vamos? — Fantasma perguntou.

Brisa voltou a dar de ombros.

— Por que não? O que acha que vamos encontrar?

— Não tenho certeza — o rapaz admitiu, caminhando para a antecâmara além da caverna. Começou a subir as escadas.

— Fantasma — Beldre disse, desconfiada. — Sabe o que os batedores

disseram. A cidade inteira estava em chamas devido ao calor do sol.

Fantasma ergueu os olhos, observando a luz brilhando entre as frestas do alçapão. Ele sorriu e o empurrou para abrir.

Não havia cidade lá fora. Apenas um campo de grama. Grama verde. Fantasma piscou para a estranha visão e, em seguida, se alçou à terra fofa, abrindo espaço para Brisa. A cabeça do Abrandador se ergueu ao exterior e se inclinou.

— Ora, *isso* sim é uma visão — disse, erguendo-se para sair ao lado de Fantasma.

O rapaz ficou em pé na grama. Chegava até a altura das coxas. Verde. Uma cor tão estranha para plantas.

— E… o céu — Brisa disse, cobrindo os olhos. — Azul. Nem um vestígio de cinza ou fumaça. Muito estranho. Muito estranho mesmo. Aposto que Vin tem algo a ver com essa bagunça. A garota *nunca* conseguiu fazer as coisas direito.

Fantasma ouviu um ofegar lá atrás e se virou para ver Beldre saindo da caverna. Ele a ajudou a sair, e, em seguida, os três caminharam em assombro silencioso pela grama alta. O sol brilhava lá em cima, mas seu calor não era desconfortável.

— O que aconteceu com a cidade? — Beldre sussurrou, segurando o braço de Fantasma.

Ele balançou a cabeça. Mas, então, ouviu alguma coisa. Virou-se, pensando ter visto um movimento no horizonte. Caminhou com Beldre ao seu lado, Brisa chamando Allrianne para que subisse e visse o que havia acontecido.

— Aquelas são… pessoas? — Beldre perguntou, finalmente vendo o que Fantasma vira. As pessoas a distância os tinham visto também, e, assim que se aproximaram, Fantasma sorriu e acenou para uma delas.

— Fantasma? — Ham gritou. — Rapaz, é você?

Fantasma e Beldre correram. Ham estava lá com outros, e, atrás deles, conseguiu ver outro alçapão no meio do prado verdejante. Pessoas que ele não reconhecia, algumas usando uniformes do exército de Elend, estavam saindo. Ham correu, usando colete e calças, e agarrou Fantasma num abraço.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Ham perguntou depois de soltá-lo.

— Não faço ideia — Fantasma admitiu. — Da última vez que vi, eu estava em Urteau.

Ham olhou para o céu.

— Eu estava em Fadrex! O que aconteceu?

Fantasma sacudiu a cabeça.

— Não sei se os lugares que costumávamos conhecer têm importância agora, Ham…

Ham assentiu, virando-se quando um dos soldados apontou. Outra turma de pessoas emergia de um buraco a uma curta distância. Fantasma e Ham avançaram — ao menos até Ham discernir outro grupo. Fantasma reconheceu vagamente a esposa de Ham, que havia ficado em Luthadel. O Brutamontes soltou um grito de entusiasmo, correndo para cumprimentar sua família.

Fantasma foi de alçapão em alçapão. Parecia haver seis deles, alguns bem ocupados, outros nem tanto. Um se destacava. Não era um alçapão, como os outros, mas uma entrada inclinada de caverna. Ali, ele encontrou o general Demoux falando com um pequeno grupo de pessoas, uma bela mulher terrisana segurando seu braço.

— Eu estava apagando e acordando durante todo o acontecido — dizia Demoux — mas eu o vi. O Sobrevivente. *Tinha* de ser ele, pairando no céu, brilhando. Ondas de cor se moviam pelo ar e o chão tremia, e a terra girava e se movia. Ele veio. Como Sazed disse que viria.

— Sazed? — Fantasma intrometeu-se, e apenas então Demoux notou que ele estava ali. — Onde ele está?

O general meneou a cabeça.

— Não sei, Lorde Fantasma. — Então, ele hesitou. — Aliás, de onde o senhor veio?

O rapaz ignorou a pergunta. As aberturas e buracos formavam um padrão. Fantasma andou pela grama espessa, levando Beldre, abrindo caminho para o centro do padrão. O vento soprava suave, curvando as folhas de relva em leves ondulações. Ham e Brisa correram para alcançá-lo, já discutindo sobre algo trivial, Ham com um filho em um braço e o outro ao redor dos ombros da esposa.

Fantasma estacou no lugar ao avistar um pouco de cor na grama. Ele ergueu a mão e acenou para os demais, que avançaram mais rapidamente. Lá, no centro da grama, havia um campo de… coisas. Coisas coloridas, crescendo do chão, o topo exibindo folhas brilhantes e com muita cor. Tinham formas de sinos de cabeça para baixo, com longos caules, as pétalas no topo abertas para o sol. Como se abrissem os braços para a luz e a boca para sorvê-lo.

— Que lindo… — Beldre sussurrou.

Fantasma seguiu em frente, movendo-se entre as plantas. *Flores*, ele pensou, reconhecendo-as da figura que Vin carregara consigo. *O sonho de Kelsier finalmente se realizou.*

No centro das flores, ele encontrou duas pessoas. Vin estava deitada, usando seus trajes costumeiros: capa de bruma, camisa e calças. Elend trajava um brilhante uniforme branco, completo com capa. Estavam de mãos dadas, deitados no meio das flores.

E estavam ambos mortos.

Fantasma se ajoelhou ao lado deles, ouvindo Ham e Brisa gritarem. Examinaram os corpos, verificando os sinais vitais, mas Fantasma se concentrou em outra coisa, quase escondida na grama. Ele ergueu o objeto — um livro grande de couro.

Fantasma abriu e leu a primeira página.

Infelizmente, sou o Herói das Eras, estava escrito em letras cuidadosas e delicadas. Fantasma achou que reconhecia a caligrafia. Enquanto folheava o livro, uma página se soltou. Fantasma a pegou — de um lado um desenho apagado de uma flor, a mesma figura em que estivera pensando momentos antes. Do outro lado, uma carta escrita na mesma caligrafia do livro.

Fantasma, a carta começava. *Tentei trazê-los de volta, mas aparentemente consertar os corpos não lhes devolve a alma. Espero ficar melhor nisso com o tempo. No entanto, quero que saiba que falei com nossos amigos, e eles estão muito felizes onde estão. Creio que merecem um descanso.*

O livro contém um breve registro dos eventos que levaram o mundo a morrer e renascer, junto com algumas reflexões que fiz sobre a história, filosofia e ciência dos acontecimentos recentes. Se olhar à sua direita, encontrará um grupo muito maior de livros na grama. Eles contêm todo o conhecimento, reproduzido palavra por palavra, previamente contido nas minhas mentes de metal. Faça com que o conhecimento do passado não seja esquecido.

A reconstrução será difícil, creio eu, mas provavelmente muito mais fácil que viver sob o jugo do Senhor Soberano ou sobreviver à tentativa de Ruína de destruir o mundo. Acredito que ficará surpreso com o número de pessoas que fugiram para as cavernas-depósitos. Rashek se planejou muito bem para este dia. Sofreu muito nas mãos de Ruína, mas era um bom homem, que no fim das contas tinha intenções honradas.

Você fez bem. Saiba que a mensagem que enviou através do capitão Goradel acabou nos salvando a todos. As pessoas precisarão de liderança nos anos vindouros. Provavelmente vão buscá-la em você. Desculpe por não poder estar pessoalmente aí para ajudá-lo, mas saiba que estou… por perto.

Fiz de você um Nascido da Bruma e curei os danos que infligiu ao seu corpo por avivar tanto estanho. Espero que não se importe. Foi um pedido de Kelsier, na verdade. Considere-o um presente de despedida por parte dele.

Cuide deles por mim.

P.S.: Há ainda dois metais que ninguém conhece. Talvez você queira investigar e ver se consegue descobrir quais são. Acho que serão interessantes para você.

Fantasma ergueu os olhos, encarando o céu azul estranhamente vazio. Beldre foi até ele e se ajoelhou ao seu lado, olhando para o papel e em seguida lhe lançando uma expressão perplexa.

— Você parece preocupado — ela disse.

Fantasma sacudiu a cabeça.

— Não — ele disse, dobrando a carta e enfiando-a no bolso. — Não, não estou preocupado. Na verdade, acho de verdade que tudo vai ficar bem. Finalmente.

Ars Arcanum

Encontre extensas anotações do autor sobre cada um dos capítulos deste livro, juntamente com algumas cenas excluídas e informações detalhadas sobre o mundo do Império Final, em www.brandonsanderson.com (em inglês).

Tabela alomântica de referência rápida

Metal	Poder Alomântico	Poder Feruquêmico	Poder Hemalúrgico
Ferro	Puxa fontes de metais próximas	Armazena peso físico	Rouba força humana
Aço	Empurra fontes de metais próximas	Armazena velocidade física	Rouba poderes alomânticos físicos
Estanho	Amplia sentidos	Armazena sentidos	Rouba sentidos humanos
Peltre	Amplia habilidades físicas	Armazena força física	Rouba poderes feruquêmicos físicos
Latão	Abranda (atenua) emoções	Armazena calor	Rouba atributos mentais feruquêmicos
Zinco	Tumultua (inflama) emoções	Armazena velocidade mental	Rouba força emocional humana
Cobre	Esconde pulsos alomânticos	Armazena memórias	Rouba força mental humana
Bronze	Permite que se ouçam pulsos alomânticos	Armazena prontidão	Rouba poderes mentais alomânticos
Alumínio	Destrói todas as reservas alomânticas	Desconhecido	Rouba poderes de fortalecimento alomântico
Duralumínio	Fortalece o próximo metal queimado	Desconhecido	Desconhecido
Atium	Vê o futuro de outras pessoas	Armazena idade	Rouba poderes temporais alomânticos
Malatium	Vê o passado de outras pessoas	Desconhecido	Desconhecido
Ouro	Vê o próprio passado	Armazena saúde	Desconhecido
Electrum	Vê o próprio futuro	Desconhecido	Desconhecido

NOMES E TERMOS

Abrandador (alomântico): Um Brumoso que pode queimar latão.

Acionar (Feruquemia): Extrair poder de dentro das mentes de metal de um feruquemista. Faz paralelo com o termo “queimar” usado por alomânticos.

Alendi: Um homem que conquistou o mundo mil anos atrás, antes da Ascensão do Senhor Soberano. Vin encontrou seu diário no palácio do Senhor Soberano e pensou — a princípio — que ele havia se tornado o Senhor Soberano. Mais tarde foi descoberto que seu servo, Rashek, matou-o e tomou o seu lugar. Alendi era amigo e protegido de Kwaan, um estudioso de Terris que pensou que ele fosse o Herói das Eras.

Allrianne: Única filha do Lorde Ashweather Cett. Tem um envolvimento romântico com Brisa.

Alomancia: Um poder hereditário místico que permite a queima de metais dentro do corpo para ganhar habilidades especiais.

Alumínio: No passado conhecido apenas pelos Inquisidores de Aço, esse metal, quando queimado, esgota todas as outras reservas de metal de um alomântico.

Âncora (alomântica): Um termo usado para referir-se a um pedaço de metal que um alomântico usa para *Puxões* e *Empurrões* quando está queimando aço ou ferro.

Ascensão (do Senhor Soberano): A Ascensão é o termo usado para descrever o que aconteceu a Rashek quando ele tomou o poder no Poço da Ascensão e se tornou o Senhor Soberano. Às vezes também é usada com relação a Vin, quando ela fez algo semelhante ao tomar o poder, embora o tenha liberado em vez de usá-lo.

Ashweather: O primeiro nome de Lorde Cett.

Atium: Um metal estranho produzido no passado dentro das Minas de Hathsin. Era condensado dentro de pequenos geodos que se formavam em bolsões cristalinos nas cavernas subterrâneas.

Atraidor: Um Brumoso que pode queimar aço.

Avivar (alomântico): Retirar um pouco de poder extra de um metal alomântico, fazendo com que ele queime mais rápido.

Beldre: Irmã de Quellion.

Bênção dos Kandra: Cada kandra recebeu um de quatro poderes do Senhor Soberano. São eles a Bênção da Potência, a Bênção da Presença, a Bênção da Consciência e a Bênção da Estabilidade.

Boxe: Gíria para uma moeda de ouro imperial. O nome vem da imagem no verso de Kredik Shaw, o palácio do Senhor Soberano — ou o “box” no qual ele vive.

Braço de Peltre: Outro termo para Brutamontes, um Brumoso que pode queimar peltre.

Brisa: Um Abrandador da gangue de Kelsier, depois um dos principais conselheiros e diplomatas de Elend. O bando pensa que ele era um skaa mestiço, como todos eles, mas na verdade ele é um nobre autêntico que foi forçado a se esconder no submundo durante a juventude. Tem um envolvimento romântico com Allrianne Cett.

Bruma: A névoa estranha, onipresente, que invade o Império Final toda noite. Mais espessa que a névoa comum, ela gira e rodopia, quase como se estivesse viva. Pouco antes de Vin assumir o poder no Poço da Ascensão, as brumas mudaram e começaram a matar aleatoriamente as pessoas que saíam às ruas em meio a elas.

Brumoso: Um alomântico que consegue queimar apenas um metal. São muito mais comuns que os Nascidos da Bruma. (Observação: em Alomancia, um alomântico tem um poder ou todos eles. Não há alomântico com dois ou três poderes.) O Senhor Soberano e seus sacerdotes sempre ensinaram que havia apenas oito tipos de Brumosos, baseados nos primeiros oito metais alomânticos.

Brutamontes (alomântico): Um Brumoso que pode queimar peltre.

Buscador (alomântico): Um Brumoso que pode queimar bronze.

Camon: O antigo líder da gangue de Vin. Um homem duro que batia nela com frequência. Camon foi expulso por Kelsier. No fim, os Inquisidores o mataram.

Cantão: Um departamento dentro do Ministério do Aço.

Capa de bruma: Um traje vestido por muitos Nascidos da Bruma como marca de sua condição. É feita com dúzias de fitas grossas de tecido que são costuradas no alto, mas que podem se espalhar ombro abaixo livremente.

Cavernas-depósito: O Senhor Soberano deixou cinco estoques de suprimentos escondidos em cavernas embaixo de certas cidades. Cada uma contém uma placa de metal que dá a localização da próxima caverna e conselhos do Senhor Soberano. A primeira caverna descoberta estava embaixo de Luthadel.

Cerco de Luthadel: O termo é usado para se referir ao ataque de um mês ao Domínio Central por Ashweather Cett, Straff Venture e Jastes Lekal. Terminou com Jastes perdendo o controle de seu exército koloss, que atacou Luthadel. Vin conseguiu parar esse exército e, em seguida, virou-o contra Straff. No último minuto, Cett juntou-se a ela.

Cett: Lorde Ashweather Cett marchou para o Domínio Central durante o cerco de Luthadel. Ele temia que Straff Venture capturasse a cidade e seu atium, além

de também estar sofrendo rebeliões em sua terra natal. Escapou de Fadrex com um exército e fez uma tentativa desesperada de tomar a capital. Acabou se unindo às forças de Elend no final do cerco, ajudando Vin a combater Straff Venture e conseguindo um lugar de confiança como um dos conselheiros do novo imperador. Embora seja conhecido como “rei” Cett, não governa nenhuma terra, pois elas ainda estão em rebelião (*ver também* Yomen).

Channerel: O rio que atravessa Luthadel.

Chuva de cinzas: As cinzas caem com frequência do céu do Império Final em virtude das montanhas de cinzas.

Cidadão, O: Título de Quellion (*ver também* Quellion).

Cladent: O nome real de Trevo.

Clipe (cunhagem): O apelido de uma moeda de cobre no Império Final. Em geral usada pelos Nascidos da Bruma e Lançamoedas para saltar e atacar.

Colapso, O: Termo usado para se referir à morte do Senhor Soberano e à queda do Império Final.

Conventículo de Seran: Uma fortaleza dos Inquisidores, onde Sazed e Marsh descobriram as últimas palavras de Kwaan.

Demoux, general: Oficial do exército de Elend, conhecido por sua fé no Sobrevivente.

Dockson: Antigo braço direito de Kelsier, membro do bando original. Foi morto durante o cerco de Luthadel.

Doença das brumas: O nome usado para a estranha enfermidade que atinge as pessoas que saem nas brumas. Embora a maioria que o faça não sofra nada, uma quantidade considerável tem espasmos e fica doente. Essa doença pode durar alguns dias ou mais de duas semanas, e às vezes é fatal. É preciso sair nas brumas apenas uma vez para ficar inoculado — e imune. Ninguém sabe por que começou, embora os primeiros relatos venham de uma época pouco antes de Vin tomar o poder no Poço da Ascenção.

Domínio (Império Final): Uma província do Império Final. Luthadel fica no Domínio Central. Os quatro domínios ao redor são chamados de Domínios Internos, e incluem a maior parte da população e da cultura do Império Final. Após o Colapso, o Império Final dividiu-se, e diferentes reis tomaram o poder, tentando reivindicar a liderança dos vários domínios, efetivamente transformando cada um em um reino separado. Elend governava o Domínio Central com grande parte do Domínio do Norte e partes dos Domínios do Leste e do Sul.

Dox: Apelido de Dockson.

Duralumínio: A liga alomântica de alumínio, duralumínio, é uma mistura de alumínio, cobre, manganês e magnésio. Se um alomântico queima duralumínio, o próximo metal (ou metais) que estiver queimando recebe um poder explosivo, ao custo de extinguir de uma vez o metal dentro do corpo.

Elend Venture: Imperador do Novo Império, marido de Vin Venture, Nascido da Bruma e estudioso.

Empurrão (alomântico): Usar a Alomancia para *empurrar* algo — as emoções das pessoas com latão, ou metais com aço.

Esfumaçador (alomântico): Um Brumoso que pode queimar cobre. Também conhecido como Nuvem de Cobre.

Espectro das brumas: Um parente sem consciência do povo kandra. Os espectros das brumas são massas de carne sem ossos que vasculham a terra à noite, comendo os corpos que encontram, em seguida usando os esqueletos dos cadáveres. Na verdade, os kandra são feitos de espectros das brumas, a quem chamam de “não nascidos”.

Extinguir (alomântico): Cessar a queima de um metal alomântico.

Fadrex: Uma cidade de tamanho moderado bem fortificada no Domínio Ocidental. No passado, lar e capital de Ashweather Cett, era um centro importante de armazenamento e distribuição para o Cantão de Recursos. Quando Cett partiu, foi tomada pelo obrigador conhecido como Lorde Yomen.

Fantasma: Um Olho de Estanho da gangue de Kelsier. O membro mais jovem da gangue, Fantasma tinha apenas quinze anos quando o Senhor Soberano foi derrubado. É sobrinho de Trevo e, no passado, era conhecido por seu uso de confusas gírias de rua. Por ordem de outros membros do bando, ele fugiu de Luthadel antes de sua queda, mas se sentiu terrivelmente culpado por fazer isso. Atuou como batedor e espião de Elend, foi alocado em Urteau, onde reuniu informações sobre os rebeldes de lá.

Fatren: Também conhecido como Fats. O skaa que comanda a cidade de Vetitan.

Fedre, Lorde: Um nobre infame e canalha que viveu no oitavo século do reinado do Senhor Soberano. Conhecido por sua paixão por gatos e canais.

Felt: No passado, um dos espiões de Straff, o homem foi (como a maioria dos empregados de Straff) deixado para trás na queda de Luthadel. Ele prestou lealdade a Elend, e serviu como oficial no exército dele.

Gerações de Kandra: O povo kandra é dividido em gerações com base em quando foram criados. A Primeira Geração é formada pelos kandra originais e

ainda sobrevive. A cada século, o Senhor Soberano permitiu a criação de outro grupo de kandra, nomeados como Segunda Geração, Terceira Geração e assim por diante.

Gneorndin: Único filho de Ashweather Cett.

Goradel, Capitão: No passado, soldado da Guarnição de Luthadel, Goradel estava guardando o palácio quando Vin decidiu infiltrar-se e matar o Senhor Soberano. Vin convenceu-o a trocar de lado e, mais tarde, a levar Elend através do palácio para tentar resgatá-la. Foi oficial do exército de Elend.

Gruta da Confiança: O local mais sagrado na Terra Natal dos kandra.

Guardador (Terris): "Guardador" com frequência é usado de forma imprecisa como outro termo para feruquemista. Os Guardadores, na verdade, eram uma organização de feruquemistas dedicada a descobrir, em seguida memorizar todo o conhecimento e religiões que existiam antes da Ascensão. O Senhor Soberano caçou-os até quase a extinção, forçando-os a permanecer escondidos. Após o Colapso, começaram a ensinar e revelar seu conhecimento. No entanto, foram atacados pelos Inquisidores no momento do cerco de Luthadel e todos estão supostamente mortos, exceto Sazed.

Haddek: Líder da Primeira Geração de kandra.

Ham: Um Brutamontes da gangue de Kelsier, depois capitão da guarda palaciana de Elend. Conhecido por gostar de enigmas filosóficos e por usar apenas um colete, não importa qual temperatura esteja fazendo.

Hammond: Nome real de Ham.

Hathsin: *Veja* Minas de Hathsin.

Herói das Eras, O: O salvador profetizado do povo de Terris. Foi vaticinado que ele viria, tomaria o poder do Poço da Ascensão, em seguida seria altruísta o suficiente para abrir mão dele para salvar o mundo das Profundezas. Pensava-se que Alendi era o Herói das Eras, mas ele foi morto antes que pudesse concluir sua busca. Vin seguiu seus passos e foi além, assumindo o poder, mas desistindo dele. No entanto, as profecias se provaram falsas, uma tramoia para permitir que a força chamada Ruína escapasse de sua prisão. (*Ver também* Ruína.)

Hoid: Um mistério ainda a ser resolvido.

Império Final: O império estabelecido pelo Senhor Soberano. O nome veio de sua certeza de que, sendo imortal, seria o último império que o mundo conheceria.

Inquisidores de Aço: Um grupo de estranhos sacerdotes que serviam ao Senhor Soberano. Têm estacas cravadas em suas cabeças, com as pontas atravessando os olhos, embora continuem a viver. Eram devotos fanáticos do Senhor Soberano e foram usados principalmente para caçar e assassinar skaa com poderes alomânticos. Eles têm as capacidades de Nascidos da Bruma concedidas via Hemalurgia, e outros poderes também adquiridos por essa arte.

Janarle, rei: No passado, subcomandante de Straff Venture, Janarle foi forçado a jurar lealdade a Elend Venture. Governou o Domínio do Norte em nome de Elend.

Jastes Lekal: Herdeiro do título da Casa Lekal e um dos antigos amigos de Elend. Ele e Elend discutiam com frequência sobre política e filosofia, junto com Telden. Jastes reuniu um exército de koloss e marchou para Luthadel durante o cerco iniciado por Straff e Cett, depois perdeu o controle desse exército. Elend executou Jastes pela morte e destruição que ele causou.

Kandra: Uma raça de estranhos seres que conseguem ingerir o cadáver de uma pessoa ou criatura, em seguida reproduzir o corpo com a própria carne. Como

parentes dos espectros das brumas, kandra não têm ossos, então mantém os ossos do ser que imitam. Espiões natos, cumprem Contratos

com a humanidade — que devem ser comprados com atium. Os kandra são imortais. (*Ver também* Terra Natal *e* Gerações de Kandra.)

KanPaar: Líder da Segunda Geração de kandra.

Kell: O apelido de Kelsier.

Kelsier: O líder de gangue de ladrões mais famoso do Império Final, Kelsier incitou uma rebelião de skaa e derrubou o Senhor Soberano, mas foi morto no processo. Era Nascido da Bruma e foi o professor de Vin. Sua morte fez surgir uma religião conhecida como Igreja do Sobrevivente.

Khlennium: Um reino ancestral que existiu antes da ascensão do Império Final. Era a terra natal de Alendi.

Koloss: Uma raça de guerreiros bestiais criada pelo Senhor Soberano durante a Ascensão, em seguida usada por ele para conquistar o mundo.

Kredik Shaw: O palácio do Senhor Soberano em Luthadel. Significa “a Colina das Mil Torres”, na antiga língua de Terris.

Kwaan: Um erudito terrisano de antes do Colapso. Era um Portador do Mundo e foi o primeiro a pensar, erroneamente, que Alendi era o Herói das Eras. Mais tarde mudou de ideia, traindo seu antigo amigo ao recrutar Rashek para impedi-lo.

Ladrian: O nome verdadeiro de Brisa.

Lekal, rei: Um parente distante de Jastes Lekal, o rei Audil Lekal assumiu o poder sobre o reino de Jastes após o cerco de Luthadel. Ele lentamente perdeu a maioria do reino para bandoleiros e incursões de koloss.

Lançamoedas: Um Brumoso que pode queimar aço.

Lestibournes: O nome verdadeiro de Fantasma.

Liberação (Feruquemia): Quando um feruquemista para de acionar a mente de metal, interrompendo a extração de seu poder.

Llamas, Mistborn: O ex-grupo de escrita de Brandon, que ajudou e aconselhou nos três livros Mistborn. Os Mistborn Llamas mastigam vários tipos de plantas para ganhar poderes de super-llama. Camisetas podem ser encontradas no website, se souber onde procurar.

Luthadel: Capital do Império Final, e a maior cidade da terra. Luthadel é conhecida pelas suas tecelagens, forjas e fortalezas nobres majestosas. Quase foi destruída durante o cerco de Luthadel por koloss enfurecidos e depois governada pelo rei Penrod, um dos reis-súditos de Elend.

Malatium: O metal descoberto por Kelsier, com frequência chamado de Décimo Primeiro Metal. Ninguém sabe onde ele o encontrou, ou por que pensava que poderia matar o Senhor Soberano com ele, mas é uma liga de atium e ouro. No fim, contudo, o malatium deu a Vin a pista de que precisava para derrotar o imperador, pois permite que um alomântico veja a sombra do passado de outra pessoa.

Mare: Esposa de Kelsier, amiga de Sazed que era muito ativa na rebelião dos skaa antes de sua morte nas Minas de Hathsin.

Matabruma: Um soldado sem poderes alomânticos ou feruquêmicos que é

treinado para lutar e matar alomânticos.

MeLaan: Uma kandra da Sétima Geração. Foi treinada e “criada” por TenSoon.

Mente de Metal: Um pedaço de metal que um feruquemista usa como uma espécie de bateria, enchendo-o com certos atributos que ele ou ela pode extrair mais tarde. Mentes de metal específicas são nomeadas segundo diferentes metais dos quais são feitas: mente de estanho, mente de aço *etc.*

Metais alomânticos: Há oito metais alomânticos básicos. Eles vêm em pares, compreendendo um metal básico e sua liga. Podem ser divididos em dois grupos de quatro metais, os metais internos (estanho, peltre, cobre e bronze) e os metais externos (ferro, aço, zinco, latão). Durante muito tempo acreditou-se que havia apenas dez metais alomânticos: os oito metais básicos mais ouro e atium. No entanto, a descoberta de ligas ativas de ouro e atium expandiu o número de metais para doze. A descoberta do alumínio e do duralumínio aumentou este número para catorze.

Minas de Hathsin, As: Uma rede de cavernas e fendas que no passado era o único lugar no Império Final que produzia atium. O Senhor Soberano usava prisioneiros para trabalhar para ele. Kelsier destruiu sua capacidade de produzir atium pouco antes de morrer. Virou lar para refugiados de Terris.

Ministério do Aço: O clero do Senhor Soberano, consistindo num pequeno número de Inquisidores de Aço e um corpo maior de sacerdotes chamados obrigadores. O Ministério do Aço era mais que apenas uma organização religiosa; era também a estrutura cívica do Império Final.

Montanhas de Cinzas: Sete grandes vulcões de cinzas que apareceram no Império Final durante a Ascensão. Elas soltam principalmente cinzas, mais que magma.

Não nascidos: *Ver* espectros das brumas.

Nascido da Bruma: Um alomântico que consegue queimar todos os metais alomânticos.

Noorden: Um dos únicos obrigadores que escolheu ficar em Luthadel e servir a Elend.

Novo Império: O nome que Elend deu ao seu reino após assumir o poder de Cett e Straff no final do cerco de Luthadel. Inclui o Domínio Central e o Domínio do Norte, com partes dos Domínios do Leste e do Sul também.

Nuvem de cobre: O campo invisível, escurecedor, criado por alguém que queima cobre. Se um alomântico queima metais enquanto estiver dentro de uma nuvem de cobre, seus pulsos alomânticos são escondidos daqueles que queimam bronze. O termo “Nuvem de Cobre” também é usado para se referir a um Esfumaçador (um Brumoso que pode queimar cobre).

Obrigador: Um membro do clero do Senhor Soberano. No entanto, os obrigadores eram mais que apenas figuras religiosas, eram burocratas civis e compunham até mesmo uma rede de espionagem. Um negócio ou promessa não testemunhado por um obrigador não era considerada jurídica ou moralmente vinculativa.

Olho de Estanho: Um Brumoso que pode queimar estanho.

Olhos de Ferro: O apelido de Marsh quando era membro do bando, antes de se tornar um Inquisidor.

OreSeur: Um kandra contratado por Kelsier. No passado, fez o papel de Lorde Renoux, o tio de Vin. Foi morto por TenSoon, que o personificou para se aproximar de Vin.

Patresen, Lady: Uma nobre em Fadrex conhecida por suas capacidades de revisora.

Penrod, Ferson: Um dos nobres mais importantes que ficaram em Luthadel após o Colapso. Penrod deu um golpe para tomar o trono, o que acabou conseguindo via processo democrático contra Elend. Mais tarde, aceitou Elend como seu imperador e governou Luthadel.

Poço da Ascensão: Historicamente um local de grande poder, o Poço da Ascensão foi o lugar para onde o Herói das Eras viajaria, segundo as profecias, para ganhar o poder necessário e derrotar as Profundezas. Vin localizou-o embaixo de Kredik Shaw, em Luthadel (embora se acreditasse que ele estava nas Montanhas de Terris). Era uma depressão dentro de uma grande caverna cheia com suprimentos e comidas. (*Ver também* Caverna-depósito.)

Portadores do Mundo: Uma seita de feruquemistas estudiosos terrisanos de antes do Colapso, da qual Kwaan era membro. A posterior Ordem dos Guardadores baseou-se nos Portadores do Mundo.

Preservação: Um deus da antiga Terris, Preservação era o oposto de Ruína — a força de estabilidade, estase e continuidade. Abriu mão da maioria de sua força mental para aprisionar Ruína no Poço da Ascensão.

Profundezas, As: Monstro ou poder misterioso que ameaçou o mundo pouco antes da ascensão do Senhor Soberano e do Império Final. O Senhor Soberano diz tê-las derrotado quando ascendeu, mas foi revelado mais tarde que as Profundezas eram as brumas, e que o Senhor Soberano não as derrotou, nem mesmo as deteve. As Profundezas voltaram a atacar, as brumas cobrindo cada vez mais a terra durante o dia, fazendo com que as colheitas fracassassem.

Pulso alomântico: O sinal emitido por um alomântico que está queimando metais. Apenas alguém que estiver queimando bronze pode “ouvir” um pulso alomântico.

Pulso de bronze: Outro termo para pulso alomântico.

Puxão (alomântico): Usar a Alomancia para *puxar* algo — as emoções das pessoas com zinco, ou metais com ferro.

Puxão de Ferro: *Puxar* um metal quando se está queimando alomanticamente ferro. Esse *puxão* exerce uma força no objeto de metal, atraindo-o diretamente para o alomântico. Se o objeto metálico, conhecido como âncora, for mais pesado que o alomântico, ele ou ela será puxado na direção da fonte de metal.

Queimar (Alomancia): Alomânticos usando ou despendendo metais no estômago estão "queimando" metais. Precisam engolir um metal, em geral usando uma suspensão alcoólica, em seguida metabolizá-lo alomanticamente para ter acesso ao poder.

Quellion: Governante de Urteau, Quellion considerava-se um seguidor puro do Sobrevivente e tenta preservar as ordens de Kelsier de derrubar e executar a nobreza. Beldre é sua irmã.

Rashek: Um carregador de Terris antes da Ascensão. Rashek fora contratado por Alendi para ajudá-lo a fazer o percurso até o Poço da Ascensão. Rashek ressentia-se profundamente de Alendi e, no fim das contas, matou-o. Ele tomou o poder do Poço para si e se tornou o Senhor Soberano.

Reen: O meio-irmão de Vin, aquele que a protegia e a treinou como ladra. Reen era brutal e inclemente, mas salvou Vin de sua mãe insana e protegeu-a durante a infância. Foi morto por Inquisidores quando se recusou a revelar o paradeiro de Vin. Às vezes, Vin ouve palavras de seus ensinamentos nas lembranças, e ele vem representar o lado mais brutal da vida na mente dela.

Renoux, Lorde: Um nobre que Kelsier matou, então contratou o kandra OreSeur para imitar. Antes do Colapso, Vin fez o papel de sua sobrinha, Valette Renoux.

Ruas-canal: O nome das ruas baixas de Urteau. Na verdade, são apenas canais drenados. Em vez de enchê-los, o povo da cidade anda em seu leito.

Ruína: Um deus da antiga Terris, Ruína é a força da destruição, entropia e decadência do mundo. Aprisionado no passado ao lado do Poço da Ascensão, foi acidentalmente libertado por Vin. O poder de Ruína ainda não é completo, e em geral afeta o mundo sutilmente, sussurrando nos ouvidos de seus servos e mudando o texto de documentos. Ele não consegue mudar coisas escritas em metal.

Satren: Uma cidade a Leste que tinha uma caverna-depósito.

Saze: Apelido de Sazed na gangue.

Sazed: Um Guardador terrisano que se juntou à gangue de Kelsier contra a vontade de seu povo e ajudou a derrubar o Império Final. Tinha um envolvimento romântico com Tindwyl, cuja morte o levou a um longo acesso de depressão. Atuou como embaixador-chefe no império de Elend, e foi nomeado por ele como terceiro na linha de sucessão do trono, caso Elend e Vin morressem.

Senhor Soberano: O imperador que governou o Império Final por mil anos. No passado, seu nome era Rashek, e era um servo terrisano que foi contratado por Alendi. No entanto, matou Alendi e seguiu para o Poço da Ascensão no seu lugar, e lá tomou o poder e ascendeu. No fim, foi morto por Vin, mas não antes de alertá-la de que ela estava cometendo um erro terrível.

Shan Elariel: Ex-noiva de Elend, uma Nascida da Bruma que Vin assassinou.

Sínodo (Terris): No passado, líderes de elite da organização de Guardadores de Terris, o Sínodo foi atacado e exterminado pelos Inquisidores. Todos os membros estão supostamente mortos.

Skaa: O campesinato do Império Final. No passado eram de raças e nacionalidades diferentes. Durante os mil anos do império, o Senhor Soberano trabalhou duro para extirpar qualquer noção de identidade no povo, conseguindo por fim criar uma raça única e homogênea de trabalhadores escravos. Elend os libertou quando assumiu Luthadel. Muitos deles entraram para a Igreja do Sobrevivente.

Slowswift: O apelido de certo nobre em Fadrex. Ele tem uma semelhança incrível com um contador de histórias bem conhecido.

Sobrevivente de Hathsin: Codinome de Kelsier que alude ao fato de que ele é o único prisioneiro conhecido que escapou dos campos de trabalho nas Minas de Hathsin.

Straff Venture: Pai de Elend, rei do Domínio do Norte. Ele foi assassinado por Vin no clímax do cerco de Luthadel.

Tathingdwen: No passado capital do Domínio de Terris, Tathingdwen foi queimada pelos Inquisidores durante seu ataque aos Guardadores.

Telden: Um dos antigos amigos de Elend, com quem ele conversava sobre política e filosofia. Conhecido por ser um pouco almofadinhas e dândi.

TenSoon: No passado, kandra de Straff Venture, TenSoon foi emprestado a Zane para ser usado em espionagem contra Vin. TenSoon matou OreSeur e tomou seu lugar, agindo como companheiro de Vin. Ele acabou gostando dela, apesar de sua inclinação natural de odiar todos os seres humanos, e no fim traiu Zane — rompendo seu Contrato — para ajudá-la. Em consequência de seus atos, ele voltou à Terra Natal para aceitar a punição de seu povo. Ele tem a Bênção da Presença, além da Bênção da Potência, que roubou de OreSeur.

Terra Natal dos kandra: O complexo de cavernas que os kandra usam como seu

lar secreto. Não era conhecida por nenhum ser humano além do Senhor Soberano. Kandra que servem bem aos Contratos recebem permissão para períodos de descanso na Terra Natal.

Terras Queimadas: Os desertos nas bordas do Império Final.

Terris: O domínio no extremo norte do Império Final. Durante os dias do Senhor Soberano, foi o único domínio a manter o nome do reino que costumava ter, talvez um sinal da predileção do Senhor Soberano por sua terra natal. (Embora tenha se descoberto que o Domínio de Terris não era realmente onde o antigo reino ficava.) O povo de Terris abandonou sua terra natal após o ataque de Inquisidores, fugindo para o Domínio Central, onde Elend os abrigou. Refizeram seu lar nos vales que cercavam as Minas de Hathsin.

Tindwyl: Guardadora terrisana e membro do Sínodo. Teve envolvimento romântico com Sazed e foi morta durante o cerco de Luthadel. Foi uma das principais professoras de Elend na arte da liderança.

Trevo: Um Esfumaçador da gangue de Kelsier, tio de Fantasma, no passado general dos exércitos de Elend. Foi morto pelos koloss durante o cerco de Luthadel.

Tumultuador (alomântico): Um Brumoso que pode queimar zinco.

Tumultuar (alomântico): Quando um alomântico queima zinco e puxa as emoções das pessoas, inflamando-as.

Tyrian, montanha de: A montanha de cinzas mais próxima de Luthadel.

Urteau: Capital do Domínio do Norte e no passado sede da Casa Venture. Depois, em rebelião, foi governada por um homem conhecido como Quellion, o Cidadão. Local de uma caverna-depósito.

Valette Renoux: Pseudônimo que Vin usou quando estava infiltrada na sociedade nobre durante os dias antes do Colapso.

Wellen: Também conhecido como Wells. Um dos soldados de Cett trazidos com ele a Luthadel durante o cerco. Wells foi o único sobrevivente de um grande grupo de soldados que estiveram de vigia na noite em que Vin e Zane investiram na posição de Cett.

Vedlew: Um ancião do povo de Terris.

Yeden: Um membro da gangue de Kelsier e da rebelião skaa. Ele foi morto durante a luta contra o Senhor Soberano.

Yomen, Lorde Aradan: Um obrigador em Urteau que era opositor político de Cett. Membro do Cantão de Recursos, Yomen assumiu o controle de Fadrex — o reino de Cett — quando Cett partiu para o cerco de Luthadel.

BRANDON SANDERSON cresceu em Lincoln, Nebraska. Atualmente, mora em Utah com a esposa e os filhos e dá aulas de escrita criativa na Universidade de Brigham Young. Além de ter concluído a série "A Roda do Tempo", de Robert Jordan, ele é o autor de best-sellers como a trilogia "Mistborn", *Coração de Aço*, *Warbreaker*, *The Alloy of Law* e *The Rithmatist*. Em 2013, Sanderson ganhou o Hugo Award por "The Emperor's Soul", um conto passado no mundo de *Elantris*, seu aclamado primeiro livro – também publicado pela editora LeYa.

Quem é o Herói das Eras?

Ao abdicar do poder contido no Poço da Ascensão, Vin libertou um poderoso ser, Ruína, que deseja a destruição do mundo. Onipresente e com a habilidade de alterar escritos e controlar indivíduos, ele promete ser um oponente impiedoso.

Agora, Vin e o imperador Elend Venture correm contra o tempo para desvendar as pistas deixadas pelo Senhor Soberano e derrotar Ruína, antes que os terremotos e a chuva de cinzas transformem o planeta num deserto sem vida.

“Uma conclusão dramática e surpreendente. A saga de Sanderson oferece personagens complexos e um tema interessante, sempre abordando questões como lealdade, fé e responsabilidade.”

– Publishers Weekly



omelete.com.br